OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

GRANDE EDIÇÃO POPULAR, ILLUSTRADA

PREFACIADA, REVISTA, COORDENADA E DIRIGIDA

POR

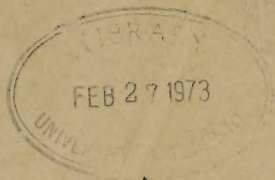
THEOPHILO BRAGA

VOLUME II — PROSAS

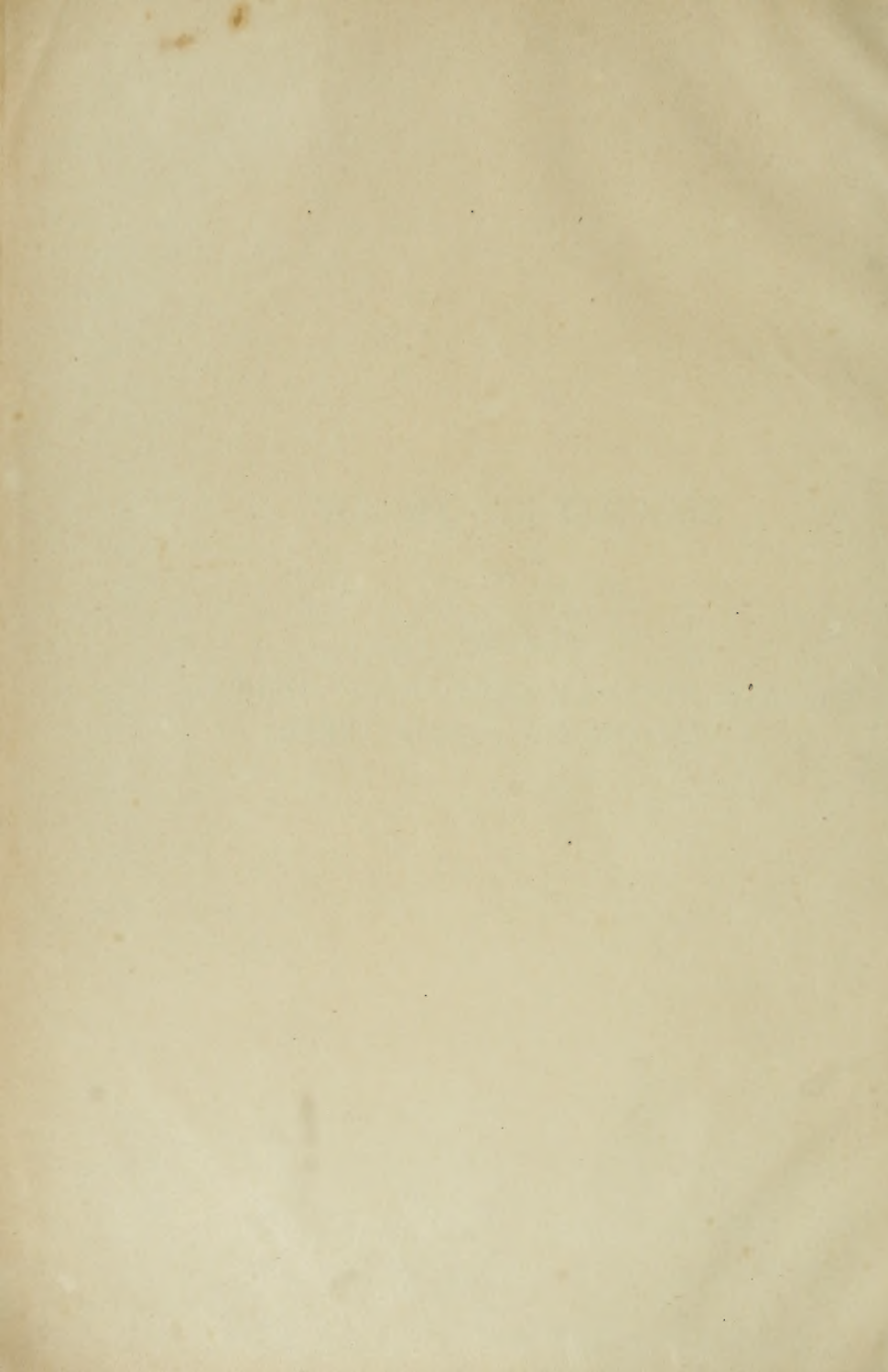
H. ANTUNES

LIVRARIA EDITORA

145, Rua Buenos Ayres, 145 — RIO DE JANEIRO

9, Travessa da Espera, 11 — LISBOA

SECÇÃO III — PROSA

PARTE I

ROMANCES: ARCO DE SANT'ANNA — HELENA — VIAGENS NA MINHA TERRA

ARCO DE SANT'ANNA

O ARCO DE SANT'ANNA

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Contra a minha expectação e bem mais ainda contra as prophecias dos amaveis criticos a quem tocou 'executar alta justiça' sobre o pobre, triste primeiro volume d'este romancito, elle entra já em segunda edição.

O que posso asseverar sobre minha honra e palavra áquelles senhores criticos do primeiro volume, assim como aos do segundo e aos de ambos elles, é que nunca houve escripto menos pretencioso desde que ha escriptos; e que portanto empregaram bem mal o seu tempo os que se incommodaram a julgál-o doutoralmente, afferindo-o pelas severas regras do romance historico professo e confesso.

Quem desenhou e pintou este quadro nunca pensou fazer senão um esboceto, um estudo, um capricho. Painel de historia! Ora, senhores, por caridade, mas não o lêram todo então! Ou veriam em cada capitulo repetida a formal protestação do auctor.

Pois nem sequer lhe querem fazer o favor de imaginar, de comprehender, de vêr que acintemente commetteu os clamantes anachronismos que por ahi pôs?

Valha-me Deus!

Quando quiz ser fiel á verdade historica, aos costumes, foi-o. Erudição archeologica não a quiz ostentar porque lhe repugna em romances, e entende que uma obra de imaginação e de espirito é o mais improprio logar de tratar d'isso.

Para satisfazer porém aos escrupulosos, aqui se juntam, nas notas d'esta segunda edição, alguns documentos indisputaveis que provam haver no presente romance toda quanta verdade historica um romance póde supportar sem cahir em pedante e massador.

Estes curiosos e interessantes documentos foram-me communicados pelo illustre reformador da nossa historia durante a maior força e calor da composição do romance, em tempos e expansões de boa amisade.

Juntos lêmos grande parte dos capitulos, e se emendavam aqui, alli, e se consultavam alfarrabios.—Tenho verdadeira satisfação de o dizer aqui.

Belem, Setembro 1851.

ADVERTENCIA [1]

O auctor aborreceu-se muito com as allusões politicas pessoaes que inimigos e máos amigos se empenharam em achar no primeiro volume d'este romance. Tem a consciencia de ter dado bastantes e bem solemnes próvas de que nunca lhe faltou coragem para atacar frente a frente, e como nobre homem que é, os seus contrarios. Se peccou alguma vez n'este ponto, foi por excesso de lealdade e franqueza. Esconder-se como Phedro, o escravo, detraz de seus apologos para satirisar os mandões, é covardia que deshonra o homem publico n'um governo livre.

Ninguem ha menos capaz d'isso do que elle; e protesta portanto contra todas essas allusões. Não lhe importa com o desfavor que d'ellas possa resultar: o favor é que o rejeita com desdem e desprezo.

O romance é d'este seculo: se tirou o seu argumento do decimo quarto, foi escripto sob as impressões do decimo-nono; e não o póde nem o quer negar o auctor. Todas as cousas humanas têem o seu lado torpe, ou feio, ou ridiculo. E' permittido á arte viralas de um ou de outro lado quando quer 'rir castigando.' Mas d'ahi ás VESPAS da comedia antiga vae muito. Deboamente imitára Cervantes se podesse, Aristophanes jámais.

Pena é que sejam precisos estes protestos e declarações; mas a terra é pequena, e a gente d'ella não é grande.

Outubro de 1849.

DOS EDITORES [2]

Está prompto para imprensa o segundo volume d'este romance desde os fins do anno passado 1849. Sobrevieram difficuldades, extranhas aos editores, que retardaram a sua publicação. Mas não será por nenhum modo demorado a segunda do primeiro volume que já se reclama.

[1] Na edição de 1850.
[2] 1.ª ed. do 2.º vol. de 1850.

AO LEITOR BENEVOLO (NA PRIMEIRA EDIÇÃO)

Estamos na éra da renascença dos prefacios, das dedicatorias, e avisos ao leitor. Esta cortezia antiga, que proscreveram as modas e modos republicanos do fim do seculo passado, voltou, ainda bem! como vae voltando tudo o que merecia voltar, e muita coisa tambem que nem sequer nunca devia ter existido. Não é decerto d'estas ultimas o prefacio cortez, a dedicatoria palaciana, amenos e apraziveis *rococós* tam innocentes no principio de um livro, como no meio da sala a larga cadeira de espaldar alto e estôfo molle, a banca de pé torneado em spiral, ou qualquer d'ess'outras mil bugiarias que a rotação dos caprichos humanos tornou a appetecer, fez desejada, e quasi consagrou em necessidade tam indispensavel como elegante.

Aqui te estou eu escrevendo a uma banca, amigo leitor, e sentado n'uma cadeira que, pelo menos, são do tempo dos Filipes... e seguro-te que não ha mais leal portuguez que eu. Aqui tenho á roda da casa não sei quantas reliquias feudaes de todas as côres e datas... e que me fallem a mim na restituição dos direitos banaes, dos dizimos, ou sequer ao menos do Voto de Sanctiago!

E todavia, confessemos a verdade: estas modas de 'renascença', esta paixão do gothico em litteratura e architectura, este horror ao classico, inspirado pela eschola romantica, tem, sim, tem ajudado mais do que se cuida nas funestas tentativas de reacção e retrocesso social que, ha trinta annos a esta parte, andam ensaiando as oligarchias anans do nosso seculo para se substituirem ás gigantesças aristocracias dos tempos antigos.

E um pobre rapaz de calça de xadrez, collete polka, e bengalinha de cahoutchou, que se sentou na sua cadeira *moyen-age*, e sonhou que vinha da Palestina... elle chegou agora de San Carlos.

E assim: mas foi assim que elles sonharam em França ha quinze annos, os restauradores; é assim que sonham em Portugal quinze annos depois; e assim é ainda tambem que em França, em Portugal e em toda a parte está sonhando acordada, mas querendo que nós sonhemos a dormir, a mais perigosa e perniciosa de todas as oligarchias, a ecclesiastica.

Mas como e em que tem concorrido para isso a eschola romantica, a joven litteratura e a joven arte-renascença do nosso seculo?

Muito e por muitos modos; innocentemente,—porém muito.

Walter Scott resuscitou a poesia dos tempos feudaes, e nos enthusiasmou por ella: Lamartine fez-nos chorar sobre as ruinas dos mosteiros: Victor Hugo fez-nos carpir a soledade das nossas quasi abandonadas cathedraes. As artes do desenho acudiram ao reclamo da poesia e lhe prestaram todos os seus prestigios. Fez-se uma grande revolução, nos sentidos primeiro, depois nos sentimentos, depois nas opiniões. O feudalismo, que não inspirava senão horror ao homem do seculo dezenove, começou a excitar-lhe a admiração; o monachismo, que era aborrecido e desprezado, obteve dó e compaixão. E atéqui a revolução era salutar: ganhava a tolerancia, ganhava a moral, ganhava a religião com ella; porque em verdade o philosophismo do seculo passado tinha derrancado tudo á força de corrigir e aperfeiçoar.

A reacção, como ella se fez naturalmente, nos corações e nos animos, como a inspiração dos grandes poetas,—grandes prophetas e grandes missionarios do seculo—era salutar e benefica. Mas os myopes e pygmeus da oligarchia, exagerando o elasterio verdadeiro, quizeram leval-a onde ella não póde ir, torcer-lhe a direcção e grangeal-a em sordido proveito de seus interêsses.

Eis aqui como os Jesuitas queriam obscurantizar a França á sombra de Chateaubriand, o immortal defensor da liberdade da imprensa; eis aqui como alli vinha a lei dos morgados, como alli veiu a lei do sacrilegio —e como ainda hoje, de novo, as pretenções clericaes, por lá e por cá, por toda a parte vão levantando uma cabeça que ninguem diria senão que esta gente vem dos antipodas —ou que são os 'sette dormentes das Grecia' que acordam agora e não sabem o que por cá foi, n'este ultimo seculo sobre tudo.

Ora, a reacção poetica e religiosa—é uma só, e a mesma—é outra e mui differente do que a elles querem ou suppõem, os taes senhores: hãode-se ir desenganando. Mas emquanto se não desenganam, molestam e fatigam os povos com as suas tentativas, desmoralizam a sociedade, atrazam a civilisação, compromettem a causa da religião e a da humanidade.

E tudo isto, a maior parte d'isto pelo menos, fizemol-o nós, sem querer, com a paixão do gothico. A arte moça, a poesia do seculo dezenove está responsavel para com duas gerações. A que nos precede, a que destruiu as obsoletas instituições dos nossos maiores, accusa-nos de ingratidão e inconstancia, queixa-se de que desacreditamos e deshonramos a sua missão, de que sophismamos e annullamos os resultados d'ella. A geração que vem atraz de nós hade-nos arguir altamente de havermos atrazado o progresso, de termos feito perigar a causa da humanidade.

E ambas nos accusarão com justiça se,

conhecido o abuso que de nossa innoçencia querem fazer, não sahirmos já a protestar por ella, e nos não extremarmos com tempo dos falsos prophetas e dos falsos apostolos que veem atraz de nós, lançando no sulco que nós abrimos e semeámos de bom trigo, o joio máo de suas pretenções e interesses. A obra do espirito que se não confunda com a corrupção da materia!

Do meio d'este lodo de utilitarios e agiotas em que patinha e chafurda o corpo da sociedade - o pensamento d'ella tende a elevar-se a Deus, ao ideal da verdade e da formosura eterna, ao sublime do christianismo. É um facto; é um facto incontestavel. O altar está mais seguro do que nunca esteve: mas os seus ministros esperam em vão tornar a devorar a grossura da terra, muito mais ainda tornar a dominar a terra.

E os que mais trabalharam na reacção religiosa e poetica, mais obrigação têem agora de lh'o dizer a elles, e de fazer sentir aos povos esta verdade. Poupar-se-ha muita fadiga inutil, muita desgraça — quem sabe se muito sangue tambem?

Quando ao cabo d'estas grandes considerações eu concluir que por isso vou publicar um romance, uma novella — que dirão os leves de cabeça e mais leves de lingua? *Parturient montes.* Pois dizem uma sandice, uma necedade - em portuguez mais vulgar, mas não menos classico, uma tolice.

Com romances e com versos fez Chateaubriand, Walter Scott, fez Lamartine, fez Schiller, e fizeram os nossos tambem, esse movimento reaccionario, que hoje querem sophismar e grangear para si os prosistas e calculistas da oligarchia.

Com romances e com versos lhe havemos de desfazer pois o villão artificio.

E sim, é por isto e para isto que hoje publico um romance, traçado e meio escripto ha dôze annos sob impressões e inspirações mui diversas. Então, reflecti que a natureza do assumpto me havia levado forçosamente onde eu não queria ir nem levar ninguem. Suspendi a obra, e addiei a sua publicação para um termo que, agora confessarei com toda a lizura, nunca suppuz que houvesse de ser tam proximo. Imaginei-me: o 'dia e a condição' chegaram mais cedo do que ninguem os podia esperar.

Ha dôze annos, ha dez, ha cinco, ha tres, era inconveniente, era impolitico, não era generoso que é peior—recordar a memoria de D. Pedro o Cru açoitando por suas mãos um máo bispo.

De repente, em dous annos, a oligarchia ecclesiastica levantou a cabeça. Pode-se dizer d'elles o que em mui diverso sentido dizia o eloquente panegyrista dos primitivos christãos: São de *hontem* e ja invadem tudo, o palacio, a curia, o conselho do principe e as assembleias da nação.' Ja pretendem com uma exigencia, ja dispõem com uma arrogancia!... Ja, na imaginação, atiçam as fogueiras do Rocio, e benzem a corda das forcas do campo de Sant'Anna. E emquanto não chega esse dia de gloria e de bençam, vão aconselhando e approvando quanta crueldade e perseguição podem contra os liberaes, contra os mesmos que suscitaram e dirigiram essa reacção de opinião *sem a qual* nem reis nem papas lhes faziam suster nas mãos o baculo e a purpura nos hombros.

Hoje não é ja só conveniente, é necessaria a recordação d'aquelle severo exemplo da crua justiça real.

Hoje é util e proveitoso lembrar como os povos e os reis se uniram para debellar a aristocracia sacerdotal e feudal.

Não ha medo, repito, que ella volte; mas ha *certeza* que tenta voltar: e essa tentativa só por si, e só em si é uma revolução terrivel.

Eisaqui porque hoje se publica e depouco se concluiu o romance que aqui vae.

Grande parte d'elle foi escripto, como ja disse, durante o cêrco do Porto. Começado a folgar, e sem mais designio que o de entreter o tempo e distrahir o espirito, converteu-se depois em coisa mais séria do que elle queria ser, por pouco que seja — e é. Recordações da infancia, saudades das primeiras pessoas que se conheceram na vida, amor aos primeiros objectos que se viram — aos primeiros campos em que se brincou, ás primeiras arvores que se viram florescer, ás primeiras aguas que se navegaram, ás ruas em que primeiro se andou - pintaram o fundo do quadro, os accessorios, o pouco bom que elle terá, se alguma tal coisa tiver.

Apêgo ás primeiras ideas historicas da meninice — que são sempre as adulteradas tradições populares da terra em que nascemos, resumbram talvez de sua côr, aqui, alli anachronico, em um quadro que podia ser mais rigorosamente fiel á historia sem perder nenhum infeite do romance. Mas de tudo prescindirei eu, em tudo cederei á critica, menos em lhe sacrificar isso que mais amo, e quasi unicamente amo já, as lembranças da minha ditosa infancia e as doces recordações dos primeiros annos da casa paterna.

Ora eu nasci no Porto e criei-me em Gaia.

Fique porém certo o leitor amigo e benevolo que a verdade chamada historica, isto é, a dos livros, vae guardada e salva.

Quem sabe se essa verdade é mais verdade que a outra? Não importa.

Algumas palavras, muitas phrases, bastan-

tes allusões não serão talvez perfeitamente entendidas senão pelo leitor portuense. Pensei explical-as em notas, ou modificar o texto. Mas reflecti que, se adoptasse o primeiro modo, ficavam mais as notas que o texto; e que, se empregasse o segundo, ia descorar o meu quadro, agorental-o, tirar-lhe talvez o unico merito que elle tenha, o sabor forte e picante da localidade.

O coelho magro e de pouca vista que se caça ás ribeiras do mar é delicioso no prato porque sabe ao perrexil e outras hervas acres da salsugem da marinha em que elle se repasta. O coelho manso, criado no mais mimoso das verduras da horta, é bello á vista —comido cheira a gato, e não creio que saiba muito melhor.

Dezembro, 14, 1844.

AO ILL.MO SR. CORONEL

J. P. S. LUNA

COMMANDANTE DO CORPO ACADEMICO

DURANTE O CERCO DO PORTO

ETC. ETC. ETC.

Meu Commandante!

Faça V. S. idea que, do fundo d'esta provincia d'onde lhe escrevo, me perfilo devidamente e faço a continencia militar, de que ainda me não esqueci, apesar de que as ordens do dia de hoje mandam esquecer todo o serviço d'aquelle nosso tempo. Deixál-os! Eu ca não sou ingrato: e viva o meu commandante que sempre nos tratou tam bem, e foi, e é, e hade ser um honrado soldado da Liberdade.

Animo, meu commandante! As preterições a quem deshonram é a quem as faz por injustiça e parcialidade. Diz-se que, em certa promoção de Roma, sendo ministro da guerra ou não sei que auctoridade grande um tal Caligula, sahiu consul um cavallo do dito ministro. Consul, quer-me parecer que não seria mais, nem teria mais estrellas nas dragonas, do que brigadeiro, ou marechal-de-campo quando muito. Mas fôsse como fôsse: quem é que foi o preterido devéras n'aquelle acinte sem vergonha? Está claro que o auctor da promoção.

Pois eu, meu commandante, a esses consules que ahi andam aos coices por ésta nossa terra de Portugal, que V. S., e os outros bravos libertaram, para viver escravos n'ella, e senhores os taes meliantes que nada fizeram, senão forragear quanto poderam em quanto os mais se batiam — a esses não quero eu, nem quiz nunca, por maiores que elles sejam, ou em taes se tenham, offerecer coisa minha... e mais, outro gallo me cantára se o fizera.

Por isso dedico ésta obra ao meu commandante: e a minha pena é que elle não seja tal que eternize o seu nome, e fique recordando a sua despremiada honra e modesta lealdade a todas as gerações que hãode vir, para perpetuo labeo d'estes espertalhões que nos comeram a isca etc...

Eu ja não sou tropa viva — nem morta sequer: tenho aqui umas couves gallegas que vou depennando para o caldo de todos os dias com que Deus ainda acode á gente. Em a décima m'o levando... a décima e o quinto, e o subsidio litterario (oh meu commandante, subsidio litterario para ésta gente que abhorrece e persegue as lettras!) e a camara municipal, e o administrador do concelho, e os enjeitados, e a congrua do parocho, e o crusado para as estradas... Paciencia, morrerei aqui a um canto, mas não lhe heide pedir nada a elles: heide seguir o nobre exemplo do meu commandante.

Digo eu que ja não sou tropa nem nada. E não sou; vivo aqui n'esta aldeia do nosso Minho que V. S. sabe, e é milagre quando por ca apparece um periodico. Mas oiço dizer ao barbeiro da terra, homem curioso de novidades e que as rapa e escanhoa muito melhor — novidades e barbas — do que o barbeiro dos Pobres do Porto, oiço-lhe contar que essa paizanada que tudo lo manda lá por Lisboa, diz que é que salvou a Carta e que elles é que são os defensores da Carta, e que a Carta para aqui e a Carta para alli... Ainda bem que eu lá não estou para tal ouvir, meu commandante, que me deitava a perder decerto...

Leva rumor, e á primeira fórma! Assim, que aqui está o livro, meu commandante. Escrevi-o estando ás ordens de V. S., que tantas vezes me dispensou do serviço da peça e do fuzil para me deixar rabiscar com a penna. Dizia V. S. que não era menos util o serviço que eu fazia... Creio que se enganou por bondade sua. Os que nem d'este nem d'outros serviços nunca fizeram, ou o fizeram com os seus narizes, ou se pagaram logo d'elles por suas mãos, ahi andam fartos e honrados... e eu com as minhas berças.

Pois o livro, não o offerecia a nenhum conde, nem duque, nem secretario d'estado... Eu sim! Muito mais alto que isso me quizeram fazer pendurar uma dedicatoria...E eu nada: meia volta á direita, e marcha para o caldo d'unto da santa independencia. Offereço-lh'o, meu commandante, porque sou

De V. S.

Camarada e amigo,

Um fraco mas fiel soldado da patria

O NUMERO 72.

O ARCO DE SANT'ANNA

CAPITULO I

O arco da Santa

Mal pensa o voluntario academico, quando descendo rua de Sant'Anna abaixo, o braço no armão da peça, e os olhos na alta janella d'onde, entre o festivo azul e branco, lhe sorri constitucional beldade; e elle vae misturando, no alvoroçado pensamento, conquistas bellicas e amorosas, as damas que hade render e as guerrilhas que hade espatifar, — e mais que tudo, as historias que sobre isso se hãode contar á noite no refeitorio dos Grillos — hoje, oh impiedade! convertido em casa de tripúdio e bambochata de maganos estudantes — mal pensa elle que terreno classico vae pisando, por que veneraveis padrões historicos vae passando, sem os conhecer, que interessantissima scena romantica é essa em que, depois de tantos seculos, novo e não menos interessante actor, lhe coube vir figurar.

Falta-te, é verdade, ó nobre e historica rua de Sant'Anna, falta-te já aquelle teu respeitavel e devoto arco, precioso monumento da religião de nossos antepassados, e que, certo é, mais te vedava a pouca luz do ceu 'material' que tuas augustas dimensões deixam penetrar, mas era, elle em si mesmo, fóco da espiritual luz de devoção que ardia no bemdito nicho consagrado á gloriosa santa do teu nome.

Cahiste pois tu, ó arco de Sant'Anna, como, em nossos tristes e minguados dias, vae cahindo quanto ha nobre e antigo ás mãos de innovadores plebeus, para quem nobiliarchias são chimeras, e os veneraveis caracteres heraldicos de rei d'armas-Portugal lingua morta e esquecida que nossa ignorancia despreza, hieroglyphicos da terra dos Pharaós antes de descoberta a inscripção de Damieta! — Assentaram os miseraveis reformadores que uma pouca de luz mais e uma pouca de immundicie menos, em rua já de si tam escura e mal enchuta, era preferivel á conservação d'aquelle monumento em todos os sentidos respeitavel!

Com que 'desapontamento' d'este meu coração, depois de tantos annos de ausencia, não andei eu procurando, em vão!.. na rua de Sant'Anna, uma das primeiras que a minha infancia conheceu, as gothicas feições d'aquelle arco?... e a alampada que lhe ardia continua, e os milagres de cera que lhe pendiam á roda, e toda aquella associação de coisas que me trazia á memoria os felizes dias de minha descuidada meninice! — Meninice que passou, sem mocidade, a esta tam trabalhosa, tam árida, tam despegada virilidade, em que não tardam as cans e as rugas a visitar-me com mais precoce velhice ainda!

Ai, rua de Sant'Anna, rua de Sant'Anna! qu'é do teu arco e da tua festa, quando se lhe armava aquelle palanque com que ficava uma egreja improvisada, e um choreto e um pulpito, aonde grasnava a musica, berrava o frade, e toda a visinhança tinha um dia de folgar?... E muito se resava e muito se namorava e muito se comia, e todos iam para o céo. — Ora que o façam hoje!

Foi o celebre fracasso de José U que acabou com a devota festa e com o meu querido arco tambem.

José U, para illustração da presente historia seja dito, era um curioso figurão da minha terra, uma das notabilidades,— como se dizia em França, e hoje por cá se diz tambem já nos botequins — uma das notabilidades d'esta muito nobre e sempre leal cidade.

Insigne mestre de capella, trazia arrematadas todas as festas e oragos menores do Porto e seus suburbios, sem exceptuar os tres San Joões rivaes; a saber: San João o velho ou o republicano de Cedofeita, — San João o malhado da Lapa — San João o realista, do Bomfim.

Com effeito, San João, que da fama de pedreiro se não livra!... não me faltava ver mais nada.

Era o sr. José U homem bem apessoado, e de tal capacidade e rotundidade nas fórmas posteriores, que, por elegante e popular metonymia, lhe chamaram a parte pelo todo, e foi apellidado José U, ou José outra coisa que a gravidade da minha historia me não deixa pôr aqui mais clara.

Andava, entre outras, de immemorial posse, na sua correição e jurisdicção harmonica, a parte musica instrumental e vocal da festa de Sant'Anna do arco. Corria o anno de 182..., chegou o dia da santa, armou-se o palanque, treparam os menestreis ao choreto, sahiram os padres detraz d'uma janella, principiou a missa cantada, sóbe garraio capucho ao pulpito, começa José U com a sua gente o moteto de rigor... e eis senão quando, o travejamento de toda aquella caranguejola que dá de si, rende, casca — e zás por alli abaixo desanda tudo á rua. José U com o rôlo de solfa na mão — o sceptro e o bastão de general Colchêa! — cae com todo o peso do seu nome n'um rabecão já estatelado.

Foram dentro com tremendo som os tampos do bojudo instrumento; e foi tremendo o diapasão que no violento contacto se fez...

Em tal estado e posição ficou o bemaventurado, que, á primeira sensação de desgosto e terror geral, succedeu o riso e turbulenta cachinada. Acabou-se a festa da santa, poupou-se ao capucho muita berraria e muita sandice e os festeiros jantaram mais cedo.

E assim terminou a ultima funcção da senhora Sant'Anna do arco. E o arco foi demolido d'ahi a pouco tempo para minha eterna saudade e de todos os amadores e veneradores de arcos antigos e de similhantes preciosidades.

Fôra fatidica, fôra fatal ao bemdito arco a agoireira quéda de José U!

CAPITULO II

A conversa das visinhas

Pois bons quinhentos annos antes d'este fatal acontecimento, fora esse arco de Sant'Anna testemunha e proprio logar de scena, da interessantissima historia que vou relatar, e que extrahi, com escrupulosa fidelidade, do precioso manuscripto achado na livraria reservada do reverendo Prior dos Grillos, a quem Deus perdoe não ter deixado na sua cella, quando fugiu, nem uma caixa de doce, nem uma garrafa de vinho potavel, nem gulosice de nenhuma especie, das que eram de esperar n'aquelle devoto aposento, e que bem contavamos achar n'elle os pobres estudantes, quando alli chegámos mortos de sêde e de cançasso. Por mim, bem contente fiquei com ésta unica parte do espolio que me coube, e — salvo o doce, que a esse não perdoava eu — não tomaria outra, apesar da legislação e pratica então vigente, e que não sei se ainda hoje vige e viça, mas conheço muita gente que viçou, floreou e fructificou por ella e com ella. — Vamos adeante! Eu, se, por leis de guerra, não estou em boa posse do que assim houve e hoje dou por meu na presente chronica, sincera e publicamente me accuso, e farei plena restituição a quem compettir. Não é costume entre os nossos irmãos escrevedores de historias, contos e similhantes; mas não importa.

Seriam dez horas da noite, horas mortas para aquellas boas éras em que nossos temporãos avoengos jantavam de dia ás dez para as onze, e ceavam quasi com dia, ao pôr do sol. A noite era de luar, mas o estreito da rua e a proximidade das muralhas da cidade, que então corriam pouco além d'aquellas immediações, mal deixavam penetrar um baço reflexo de seu clarão pela obscuridade permanente. Apenas a alampada do arco dava tenue e raro vislumbre de claridade, tam frouxo e tibio que mal indicava o sitio em que jazia, mas em nada quebrava as trévas circumstantes. Era a estas horas e n'este logar, que de uma gelosia á esquerda do arco surdiu uma voz baixa e como de quem teme e deseja ao mesmo tempo que a oiçam. Dizia a voz:

— Anninhas, mana, Anninhas!... — Menina, mana ouves? Sou eu: ouves?

Cada uma d'estas palavras era dita com grandes intervallos uma da outra, e crescendo progressivamente de tom, por modo que a ultima já se devia de ouvir sem difficuldade em pequena distancia. Mas, se alguem ouviu, ninguem respondeu.

Seguiu-se um bom minuto de silencio.

Logo, da mesma gelosia d'onde pareceu sahir a voz, sahiu tambem uma mãosinha, delicada e alva que, de tam alva, resplandeceu com a pequena luz da alampada que toda reflectia sobre ella.. A mãosinha bateu mansinho nos vidros do arco, repetindo outra vez:

— Anninhas, psiu! ouves?

Não tardou a escutar-se o pé-ante-pé de quem acudia áquelle chamado; foi um vulto escuro e, ao parecer, feminino, que, pelo postigo que da casa fronteira abria para o interior do arco, entrou d'aquelle modo cauteloso e sorrateiro. Encaminhou-se até ao extremo canto opposto, onde o arco pegava com as casas da esquerda, e rés-vés com a janella d'onde surdira a primeira voz.

Sentiu-se então algum rumor debaixo do arco, e um murmurar de voz masculina que dizia:

— Bem digo eu que a moça é um anjo! É a santa que lhe vem fallar: querem ver?

— Mana, mana! exclamou de cima do arco o vulto que ahi tinha apparecido: não ouviste uma voz de homem aqui por baixo?

— Não. E, d'aqui onde eu estou, até lhe veria a sombra se ahi estivesse alguem. Não tenhas medo: toda a vizinhança dorme já; e, a não ser o bispo ou Pero-Cão, não creio que ninguem mais vele em toda a cidade.

— Logo te lembraram esses phariseus... Que a Virgem Maria os confunda, mais a senhora Sant'Anna!

— Amen! E justiça d'el-rei D. Pedro que sobre elles cáia!

— Ai Gertrudinhas! que se Deus e seus santos me não valem, não sei que será de mim. Justiça de el-rei D. Pedro, dizes tu. E d'onde hade ella vir a esta terra, onde nem rei nem povo nunca poderam nada contra seus tyrannos e oppressores?... El-rei, filha, tam longe, e tam fóra de eu nunca o poder ver... E os meus inimigos tam poderosos e tam perto... El-rei D. Pedro! O caso que elles fazem d'elle, e o que lh'a elles importa com sua justiça e suas leis! Elles sim!... Que n'esta cidade mais reis são elles que nenhum rei: dizem os traidores; e dizem-n'o, e fazem n'o; e que outro rei farão, em vez d'elle, se lhe não catar seus privilegios como já fizeram ao bisavô que se chamava...

— Ao irmão de seu bisavô, queres dizer; el-rei D. Sancho.

— Pois sim, será; que d'isso nada sei, nem sou lida e sabida como tu... Tambem não tenho tio physico que traz annel no dedo e gualdrapa na mula, e anda atraz d'el-rei c'os alforges cheios de drogas. Cá eu, sou a pobre mulher de um ourives, que não sei senão governar a minha casa, deitar as minhas teias...

— E ser o exemplo das mulheres honradas. Que assim foram todas, e já estes clerigos de má morte, mais estes frades trapaceiros não fariam o que fazem.

A resposta de Gertrudes produziu o seu effeito, abrandando o tom picado que visivelmente transparecia na falla antecedente da que, já agora claro se vê, era a sua intima amiga, a boa Anna, Annicas, ou *Anninhas*, como ella, pelo engraçado diminutivo minhoto, lhe chamava.

Tornou-lhe a sincera Anna com a primeira suavidade e mavioso accento:

— Minha querida Gertrudinhas, olha que t'o digo hoje aqui, na presença da senhora Sant'Anna que nos ouve... E eu que lhe accendo todos os dias a sua alampada, que é legado de meu pae, que bem ditto o deixou no seu testamento, que antes faltasse o unto no caldo de sua filha unica, do que o azeite na alampada do arco da Santa. E assim vê lá se eu lh'a accenderei todos os dias ou não! E quando estou doente, é meu marido... Coitado! o que será feito d'elle? quem n'o mandou ir para Lisboa, a troco de arrecadar essas dividas que Deus sabe se elle nunca as haverá? Mas para lá foi, e por lá anda; e, com mal um anno de casada, eu fiquei só, com o meu Fernando, que já diz 'Pae' a pobre criança!... Mas nunca o pae lh'o ouviu dizer, nem Deus sabe se ouvirá! Diz-me cá uma coisa negra no coração que não...

E as lagrimas fio a fio, a correr pelas faces da pobre noiva, que mais interessante e linda a faziam.

E deve saber o leitor que ella era linda, como eu seguramente creio, e em poucas linhas se verá porquê.

As lagrimas porém da boa Anna, com serem mui sentidas e sinceras, não lhe interromperam o discurso nem por meio segundo; continuou logo:

— Sim, sim; e bem n'o digo eu. Tenho coisa cá dentro que me agoira grande mal a mim e aos meus: e não me vem senão d'aquelle bispo, que é a perdição e ruina d'esta cidade, elle e os seus conegos e os seus portageiros e os seus archeiros e toda essa gente da Sé.

— E mette na conta o reverendo padre Fr. João de Arrifana, que é boa peça. Mas não ha de ser assim, Anninhas, que Deus nos hade accudir, e a justiça d'el-rei D. Pedro.

— E d'onde hade ella vir, menina? Não sabes que desde o interdicto grande e das excommunhões que houve n'esta terra por causa do alvoroto do povo contra a tyrannia do bispo D. Pedro, e que depois se accordou tudo com el-rei e o papa, nunca mais as justiças d'el-rei se quizeram metter com a nossa terra, nem catar-nos fóros, nem ser por nós, e nos deixaram á mercê do bispo e da sua gente? Como hade el-rei D. Pedro agora?...

— Sei tudo isso, sei; mas olha que hade vir quando elles menos o esperarem. com aquella espada na sua real mão, que Deus

temperou para destruição de tyrannos e avexadores do povo.

— Que cedo faça Deus esse milagre, Gertrudinhas. Senão mal estou; que ainda hoje aqui veiu o almudeiro do bispo, aquelle esconjurado leva-e-traz, que de manhan rouba o povo na casinha da portagem e de tarde faz o officio do demonio tentador, desinquietar quanta rapariga e mulher honesta tem o Porto ..

— Para serviço e augmento da egreja de Deus!... dizem elles.

— Não, filha, quem tal bispo nos deu... tambem!

— Foi el-rei defuncto que cá o pôs. No fim da sua vida faziam d'elle quanto queriam, principalmente frades e clerigos e gente de guerra, a quem parece que Deus deu este reino por seu... Deus não, que é peccado tal dizer: deu-lh'o o démo por nossas culpas. Mas que te disse o almudeiro?

— Esconjurado seja elle! veiu com os mesmos recados do costume: 'Que tivesse 'eu mais juizo e prudencia; que fosse onde 'me diziam, ou désse hora em que o bispo 'cá viesse; que não escorraçasse a fortuna 'que á porta me batia... Que meu marido, 'se eu teimasse, nunca mais o veria; que nas 'covas dos paços da Sé m'o haviam de enterrar vivo, d'onde sol nem lua veria, e pão 'e agua comeria como um forçado das ga-'lés d'el-rei.' E trazia-me presentes de ricas pedras e de oiro fino que me lançou no regaço, e teimou até que...

— Até o quê, menina?...

— Que lh'as arremecei á cara com quanta força tinha. E bem arranhada lhe ficou: inda bem!

— Inda bem, querida Anninhas! E o ladrão do almudeiro?...

— Fez-se negro de raiva com o insulto; e, sem dizer palavra, começou a ajuntar o que estava pelo chão, perolas, oiro... joias, bem lindas eram ellas! e metteu tudo nos golpes do saio, e foi-se sem mais Deus-te-salve do que um sumido *Tu m'o pagarás*, que ia rosnando pela escada abaixo.

— Tens razão para ter medo, filha; agora o vejo eu: mas ainda lhe havemos de dar remedio.

— Quem?

— Eu... nós, se Deus quizer; nós e a nossa boa fortuna.

— Nós! Tu com dezeseis annos e eu com vinte, teu tio na côrte, meu marido em Lisboa, que havemos nós de fazer, mulheres, nós e sem ninguem?

— Sem ninguem!

— Sem ninguem não, que aqui tenho a minha madrinha e padroeira, a minha senhora Sant'Anna.

— E eu o meu Vasco, que hade fazer o milagre sem ser santo.

— O teu Vasco! que se hade elle atrever contra o bispo cujo é?

— Do bispo, elle! como eu sou do mouro de Granada. E' estudante, mas não quer ser clerigo; e, em tendo edade que lhe não possa pegar o tio, hade ir para Salamanca.

— As covas de Salamanca! Apéllo eu, filha! bruxo queres o moço?

— Bruxo! que bruxo é meu tio, que tantos annos lá esteve, e sahiu curado de toda a molestia e enfermidades com suas drogas e mésinhas? que por isso anda na côrte com el-rei D. Pedro que Deus guarde, e nunca d'aopé de si fóra o quer, que outro physico o não trata!

— E que hade fazer o teu Vasco no meu apertado caso?

— Hade partir logo para onde está el-rei D. Pedro, e dar-lhe de tudo parte, que nos valha com a sua justiça, e venha açoitar este malvado bispo, e enforcar os seus conegos, os seus frades e portageiros.

— Bem simples sou eu; mas não sou tam simples como tu, Gertrudes. Com que el-rei D. Pedro hade attender a duas pobres raparigas, e sobretudo a uma do povo como eu, para castigar fidalgos e senhores que todo lo podem, e sempre, desde que ha sempre, fizeram o que quizeram? E clerigos então! Se eu tal via na nossa terra, dizia que andava o mundo ás avéssas.

— Pois hasde ver, hasde ver! — replicou a enthusiasta Gertrudes, com um accento que nem a mais exaltada malhada ou septembrista dos nossos dias saberia imitar — com uma firmeza e confiança que a fariam admittir sem mais provas na republica de... em qualquer das republicas com que nos mimoseia de vez em quando a Policia para maior gloria sua e descanço nosso.

— Hasde ver, disse ella, e antes de muito; que ainda ha Deus no céo, e justiça na terra; nem hade clamar em vão tanto sangue que brada d'esses patibulos, tanto suspiro que sobe á presença divina, d'esses calabouços; tanta lagrima que se chora por essa terra com as violencias e maldades dos nossos algozes. Hasde ver el-rei D. Pedro n'esta cidade, e os malvados a tremer e a fugir deante d'elle; mas sem lhes valer fugir, que os hade alcançar a espada de sua justiça.

— São capazes de lhe resistir, filha, de lhe negar a obediencia que lhe devem, de se alevantarem contra elle, e desnegal-o de seu rei e senhor que é.

— São, são; e de o excommungar tambem, e appellidal-o de herege ou mouro. Mas tanto peior para elles, que mais crú será Pedro Crú com quem assim o offender.

O ARCO DE SANTANNA, PAG. 11

Morrer por mi dama,
Morrer, morrerei;

— Mas, dizem que é tam brando e generoso, tam facil de perdoar a traidores!

— É sim, é; mas quem perdoa tambem cança; e elle já tem cançado muitas vezes, nem hade esperar agora para mais cançar.

— Deus te ouvira, querida Gertrudes; que eu muito medo tenho de ir para as covas dos paços do bispo, e nunca mais...

— Não hasde, não. E agora vae-te deitar, Anninhas, que é tarde. Amanhan saberás boas novas, e que não dormi no teu caso.

— Adeus, Gertrudes, adeus, querida visinha! Deus te pague as consolações que me dás: que já tinha morrido de puro desalento sem ti, ou algum máo anjo me tentaria a perder-me. . Mas isso não! isso, nem sem ti. Adeus!

— Adeus!

E pelo mesmo modo e caminho por que viera, se retirou a sincera Anninhas para o interior da sua casa.

Gertrudes, apenas a viu entrar, tirou um lenço branco e acenou com elle para debaixo do arco.

CAPITULO III

O senhor estudante

—Gertrudes!—disse uma voz de homem, mal reluziu nas trévas o lenço branco da linda enthusiasta.

— Vasco! lhe respondeu da gelosia.

— Dorme teu pae? Temos ainda um instante para fallar?

— Temos; e precisamos muito. Ouviste a minha conversa com Anninhas?

— Ouvi.

— Pois vae-te; e corre a bom correr. Não comas nem bebas, nem tua cabeça descances, até chegares a el-rei D. Pedro e lhe dizeres o apêrto em que estamos. Falla com meu tio: por elle entrarás logo a el-rei. E vae-te, que nem mais uma falla te quero ouvir.

— Gertrudes, Gertrudinhas, pois assim com esse despêgo e desamor! Ha tres dias que te não vêjo, e ha boas tres horas que aqui estou ao relento a esperar que essa interminavel conferencia acabasse...

— E nunca mais me verás se ja, ja não partes.

— Vou, vou; e custe o que custar, morra eu na empreza, que lá diz a copla:

Morrer por mi dama,
Morrer, morrerei;
Que viver sem ella
Eu viver não sei.

— Boa escolheste a hora para versos e coplas, estudante!

— Estudante, estudante,
Que ponte é aquella?
'Minha dama bella
Por ella
Passeia;
E eu, longe d'ella,
Me estou mofinando
N'estes livros velhos,
Velhos, relhos,
Que os lêam francêlhos,
Trebelhos;
Não eu que morro, que me estou finando.
Finando!
Finando e matando
Por quem de meu mal, meu mal vae zombando.'

— Ora acabaste de cantar? *(á parte)* E que linda voz elle tem! *(alto)*. Em má hora acabaste! Pois vae ja e corre.

— Corro, corro; assim não corresse commigo a pena de te ver cada dia mais ingrata e desabrida.

— Requebros? Boa estou para tal!

— Não estás, não. A quem o dizes?... O diacho é a môça. Não ha senão obedecer-lhe...

Foi rosnando e subindo a rua acima, andando e olhando para traz, até que sentiu fechar-se a gelosia. Parou, affirmou-se, e dizendo – 'Foi-se de véras' - começou a caminhar mais depressa.

— O diacho é a môça! — continuou depois o nosso estudante, como quem atava, em soliloquio, o dialogo interrompido. – Com aquella carinha de alfenim, aquella figurinha de alcorce, tem uma alma, um coração n'aquelle peito, que se fosse mister de uma Judith.. Mas cabeças de bispos nã ose cortam como as de capitães e generaes de exercitos. E então sua Reverencia que toma umas cautelas, e põe taes vigias em seus paços namorados, que se a metade tivera o pobre lapuz de Holophernes, nunca judia o mandava em peccado mortal para o outro mundo. Mas deixemo'-nos de graças, e vamos ao que é sério. Em boa estou eu mettido. Se D. Pedro não é o homem que dizem, a trôco de uma môça de mais, cedo me vejo com uma cabeça de menos. *Quid nunc*, Sr. estudante? Uma môça de mais, disse eu!... Gertrudes não é das que se contam assim n'um rol de fieira em que muita gente entra. Se ha filha de Eva por quem descendente de Adão deva arriscar a vida, é a minha Gertrudes. E o odio que eu tenho áquelle maroto de Pero-Cão, e áquelle hypocrita d'aquelle bispo! ..Estou resolvido. A elles!

E com esta boa folha,
Por minha dama lo juro,
Que não fica moiro vivo
Nem alcaide n'esse muro.

— Mude *moiro* em *bispo*, e fica certa a copla por mais que me digam.

Dizendo isto, e tirando meia espada, como para vêr se a tinha prompta e corredia na bainha, foi apressando o passo, no trepar em que ia pelas empinadas ruas d'aquelle ingreme bairro, que a essa hora ainda estavam solitarias e quedas como o resto da cidade.

Deixal-o seguir o seu caminho; não nos mettamos a adivinhar o que se ia revolvendo em seu pensamento em que tam oppostas ideas combatiam... Elle estudante, elle valido e protegido do bispo, seu senhor... elle namorado, elle querido de Gertrudinhas sua dama!... Deixal-o, deixal-o e transportemo-nos nós, amigo leitor, para mui diverso, posto que não mui apartado logar. Façamos, com a rapidez com que em um theatro britannico se faz, a nossa mutação de scena; e deixar gemer as unidades de Aristoteles, que ninguem d'esta vez lhe acode.

Vamos, d'aqui da banda do rio, d'onde te estou escrevendo, leitor benevolo, vamos pelas Congostas acima, nome que (em parenthesis seja dito) bem pouco tem de poetico e romantico. Passemos o veneravel San Crispim, que tam solemnemente desmentiu o dito do pagão Horacio — *ne sutor ultra crepidam* —, e encommendando-nos de passagem á sua benta e milagrosa sovella, deixando á direita as hortas em que seculos depois se abriu a bella rua nova de San João – tornemos a passar pelo nosso primeiro logar de scena, saudemos, de memoria, a devota alampada que ardia no milagroso arco, e tomemos Banharia acima.

Cá estamos juntos á veneranda estatua do velho Porto que, rodeado de assopradas tripas, olha, como de proprio throno, para sobre os dominios da sua jurisdicção. Não tinha ainda, n'aquelle tempo, iconoclastica broxa ousado assarapantar de vulgar e rabujenta óca, nem arrebicar de crasso vermelhão aquelle primor do cinzel portuense, que então resplandecia em toda a nitidez do primitivo granito. Commettamos, pois, o desculpavel anachronismo, se o é, de saudar o respeitavel emblema da nossa illustre cidade, e vamos direitinhos, sem mais cumprimento nem misura, aos paços da Sé, ou paços do bispo, como hoje se diz e talvez se dissesse já. Creio que dizia. O precioso manuscripto d'onde tiro esta veridica historia lê ' paços do bispo': na sua fé vá como elle quer.

E bem podéra eu agora, amigo leitor, fazer-te aqui pomposa resenha dos pergaminhos que revolvi no cartorio da nossa camara, do *Censual* do cabido de cuja letra quadrada soletrei, e dar-te mil outras provas de facil erudição com que te seccaria de morte, sem nenhum proveito meu nem teu, e o que mais é, da nossa historia. Contenta-te pois, assim como eu me contento, com a auctoridade irrefragavel do nosso manuscripto dos Grillos, que é tam authentico como qualquer outro manuscripto. E que se livre alguem de o atacar, porque ja temos apalavradas para uma tremenda defesa as eruditas columnas de tres jornaes litterarios que ninguem lê, e de outros tantos jornaes politicos que todos lêem—quando lhes faz conta.

Que não era o paço do bispo do Porto, no tempo d'el-rei D. Pedro em que isto se passa, o que hoje é no tempo do duque D. Pedro em que se conta, ja o leitor está esperando ouvir. E mais esperará elle decerto, que é uma descripção em todas as regras d'arte, do palacio como elle era, com uma sapiente dissertação sobre os diversos generos de architectura gothica, a alguns dos quaes forçosamente havia de pertencer—que é gothico por força todo o palacio de romance ou novella antiga — inda que o construissem os Abencerrages de Granada ou el-rei Almansor de Villa-nova. Mais uma questão incidente sobre o flórido e o mixto, e o cannellado das columnas, o lavrado e lançaria dos capiteis, e outras coisas de egual interesse e aproveitamento...

Mas frustrada, por não dizer *desappontada*, ja que tanto m'o criticam, ficará a esperança do amavel leitor; porque eu, sem reparar na architectura do paço episcopal, vou entrando por elle dentro, tam sem ceremonia e com tanta pressa como por elle fóra sahiu o outro dia o pobre bispo João [1], a quem saudades dos seus livros matarão decerto... Coitado do pobre velho! E coitados dos pobres livros! ..

Contentando-me pois de dizer que a residencia pontifical da Séde portugallense ainda conservava importantes restos da antiga fortaleza sueva que ja fôra, e que bem lhe cumpria aos bispos manter pelo estado de guerra em que ha tantos annos andavam com o povo da sua boa cidade, subamos a escada, entremos na sala vaga ou sala dos homens d'armas... e espreitemos áquella porta d'onde se ouve um rumor de vozes abafado e indistincto.

CAPITULO IV

Os paços do bispo

A porta é no fim da camara, uma tremenda porta de castanho ja quasi negro e defumado, toda repregada de cravos de ferro de cabeça pontaguda, que a ouriçam como de espinhos, e lhe dão um aspecto melancholico

[1] Veja a nota no fim.

e terrivel. E mais terrivel a faz ainda a athletica figura de um homem de armas, que a está guardando de morrião na cabeça, e na mão a meia lança que diziam ascuma ou azevan: valha a verdade!

Por sobre uns bancos rudemente lavrados de esculptura sueva, ou mais barbara ainda, se é possivel conceber coisa mais barbara, jazem meio dormidos, meio sopitos de pesada fadiga da ociosidade, os benemeritos defensores do throno e do altar... d'esse tempo — que são os mesmos d'agora—as saias pretas do *prête* ou padre, e os vermelhos saios do saião-soldado. Mais, um ou dous frades garraios cuja pouca importancia os não deixava passar da antecamara episcopal e cuja estada alli denotava o que hoje denota a presença de uma ordenança em qualquer antecamara ou portão; isto é, que se acha dentro a importante personagem a quem está de ordens.

Rumor de passos á entrada...Quem será? É o nosso proprio estudante de inda agora. Por aqui elle a estas horas! Vejamos o que faz.

De uma vista de olhos, Vasco percorreu todo o largo aposento; e, como quem trilhava sitios conhecidos e costumados, foi direito á formidavel porta do tôpo da sala.

—Boas noites vos dê Deus, Ruy-Vaz! disse Vasco ao homem d'armas, que, por esta saudação e pelo ár familiar com que ella foi recebida, mostrava ser conhecido velho.

— Bem vindo sejaes, Sr. Vasco... e mais devia de dizer D. Vasco; mas não tarda quem vem.

— Com essas coisas vindes sempre, Ruy. E, por minha vida que não entendo vossos meios dizeres e palavras surdas! Não fallareis claro um dia, homem?

— Assim Deus falle á minha alma como eu fallarei claro e alto, e boa verdade, em havendo quem me solte a lingua. Mas por ora está mais sêcca e pêrra que essa negra porta.

Dizendo isto, apontou com um gesto significativo para a tremenda *janua inferi* a que estava de guarda, benzeu-se, e continuou:

— Mas que nos não oiçam elles, Sr. Vasco! Estas não são paredes para se lhes contarem segredos. Vindes cedo hoje.

— Cedo de mais sempre eu venho. Quem está cá?

— Quem hade estar? Vosso tio Fr. João, os outros amigos, e aquelle grande cachorro de Pero-Cão: os do costume, os do costume.

— Posso entrar? Não ha ordem nenhuma de novo?

— Nenhuma.

— Então adeus, Ruy-Vaz, que tenho pressa: vou-me lá dentro.

— Olhae, Vasco, mancebo; quereis um conselho? Sabeis que sou vosso amigo de véras, que vos tendes sempre dado bem com os meus avisos... Tomae o que ora vos dou: não vades lá dentro.

— Porquê?

— Porque...

E deitando a mão ao estudante, chegou-o ao pé de si o archeiro; e ao ouvido, abaixando a voz, continuou:

— Porque se faz hoje alli alguma maldade muito grande... Adivinha-m'o o coração, leio-lh'o nas caras, que andam com um sorriso diabolico... e tam aforismados todos! alguma traça infernal andam tecendo.

— Bem sei que andam; e por isso ca venho.

— Vós!

— Eu... para lh'a desfazer.

— Criança!

— Nem tam criança que... Adeus, Ruy-Vaz: até logo, que ja volto.

E não esperou mais; e, deixando o bom do homem d'armas á sua porta grande, foi-se, como quem sabia os cantos da casa, a uma portinha pequena que estava meia encuberta a um lado, e que mal distinguiria da parede quem não estivesse na posse e uso das *petites entrées* do paço episcopal.

CAPITULO V

Vasco

Vasco tinha os seus dezenove annos, e ha cinco que estava no Porto — para conego dizia o tio em cujo poder estava — para ir depois a Salamanca e ser physico, dizia elle. O seu grande desejo, as suas aspirações de gloria eram vir a ser o successor d'aquelle typo, como elle o cria, de toda a sciencia humana, Mestre Simão, o physico d'el-rei.

A sotaina de Mestre Simão, as gualdrapas da mula de Mestre Simão... e a sobrinha de Mestre Simão, a bella e espirituosa Gertrudinhas, eram todos os seus enlevos.

— Se eu chego a levar com a borla amarella, dizia elle nos seus sonhos d'ambição, estou um homem estabelecido, caso com Gertrudinhas; toma-me o tio para seu ajudante, deito logo mula com gualdrapa, ando atraz d'el-rei, porque ando atraz de Mestre Simão... E todos a perguntar logo: Quem é este physico tam môço que vae no cortejo d'el-rei? — É Mestre Vasco, o sobrinho de Mestre Simão, que casou com a bella Gertrudinhas do arco de Sant'Anna...

Ora o tio — não este tio futuro, porém o

tio presente — deitava-lhe outras contas muito diversas: queria-o ordenado, e conego prebendado da santa Sé episcopal do Porto: e tinha suas boas razões o tio.

Era este não menor pessoa e personagem que Fr. João da Arrifana, um franciscano gordo, espadaúdo, pessoa de grande auctoridade e influencia na ordem, e fóra da ordem, não por suas letras, que eram gordas como elle, mas por tretas, que taes as tinha e tantas que os chronistas modernos da Seraphica lhe chamam o Passarolla do seculo XIV.

Era além d'isso Fr. João da Arrifana... Mas não cansemos o pincel a retratar nem este nem os outros importantes caracteres da nossa historia: deixemol-os *daguerreotyparem se* aos olhos mesmos do leitor, e á luz dos seus proprios *ditos e gestos*, segundo lh'os vamos contando.

Do nosso estudante fallemos um pouco mais. Estudante era elle; e quem dizia estudante n'aquellas éras, quasi que dizia clerigo, que andava pelo mesmo. O seu trajar era meio da egreja meio de secular, e participava da natureza indecisa ainda da sua profissão. Mais forte em esgrimir, em manejar a bésta, em andar á gineta e em todos os exercicios de cavalleiro, não lhe faltava todavia certa instrucção, nem desapproveitára inteiramente o tempo que assás constrangido — confessemos a verdade — tinha dado e continuava a dar á eschola de Paio-Guterres, o arcediago de Oliveira, famoso escholar d'aquelles tempos, cujo valido era o diabrete do rapaz apezar da sua pouca e intermittente applicação.

Digo intermitente, porque tinha semanas inteiras de ser o melhor estudante e o mais applicado de quantos entravam nos claustros da Sé, e ora queria ser physico e ser doutor, ora ser conego e até ser papa, se possivel fosse. Mas derepente dava-lhe a veneta e jurava por San Barrabás que ou havia de ganhar as esporas de oiro e o cinto de cavalleiro, ou então queria antes ser homem de officio, burguez pansudo e massudo — que assim melhor o deixariam casar com Gertrudinhas, que, no fim de contas, era a unica ideia fixa ou semi-fixa do seu mobil espirito.

Como todos os caracteres vehementes, em que o sentimento domina muito mais que o pensamento, Vasco não andava senão pelos extremos. A sua ambição saltava em zigzag das distincções aristocraticas para a illustração litteraria, d'ahi para a popularidade; e tam depressa aspirava a ser conde ou rico-homem, bispo, physico ou doutor, como a erguer-se em caudilho das turbas, tribuno de communaes, e a abater com a foice revolucionaria todas essas mesmas preeminencias que mais o seduziam.

N'este ponto da nossa historia a mania dominante era, como disse, a de ser physico, e obter assim a mão de Gertrudinhas. Mas Gertrudinhas era sobretudo patriota, partidaria d'el-rei D. Pedro, inimiga portanto do bispo; e o pobre Vasco, o melhor coração de rapaz que jamais se viu entalado em taes apêrtos, era todo elle homem do bispo, seu dependente e seu protegido.

Andava afflicto o bom do mancebo, coitado!

Diziam que em seus apuros e difficuldades elle tinha sempre valedor seguro em não sei que mysteriosa protecção que sob differentes fórmas lhe apparecia.

O que quer que era, era da outra banda do rio, nos tortuosos bêcos de Gaia que elle o ia buscar.

Mas quem, mas como, mas o que era?

Sigamos por agora ao interior dos paços episcopaes, por onde elle se sumiu.

CAPITULO VI

Palestra de moral

Disse que o nosso estudante se sumira da antecamara do bispo por uma portinha escusa; mas não disse ainda onde essa portinha ia ter. Vamos a isso. Entrou Vasco pela dita porta, fechou-a cautellosamente, e foi, em pés de lan, por um corredor estreito e escuro, andando sem o apalpar, como homem que o conhecia d'ha muito, e parou aopé de outra porta, de d'onde se ouviam distinctamente vozes claras e como de quem ou não resguardava a segredo, ou estava seguro de não ser ouvido.

Dizia uma d'ellas:

— Assim nos ajude nosso seraphico padre, e a abundancia da colheita nas comarcas do Sul dê animo á caridade dos fieis, para nos chegar ao convento alguma coisa melhor que este vinho verde que por cá temos, e que, a dizer a verdade, nem a minha goela franciscana póde com elle.

—E que dizeis a este, meu padre?

E sentiu-se um som como de vinho que se emborca do pichel no cópo.

— D'este rara vez se bebe nos tinellos dos bispos, que são prelados seculares e principes da egreja.. quanto mais no refeitorio de pobres frades! Mas, dizia eu, que assim me acudisse aquella benção do céo; como é verdade o que vos contava, meu santo e generoso prelado. El-rei sahiu de Coimbra ha dois dias e vem caminho do Porto.

Sabemos o contrario, veneravel irmão, por cartas que de lá nos mandaram ainda hoje: el-rei sahiu a montear, tomou o caminho do campo, e não virá por agora a nossa boa cidade. Mas que viesse... pouco se me dava.

— Inda assim!

— Pouco se me dava por elle e pelo seu podêr. Tam senhor sou eu em meu feudo como elle em seu reino. Mas verdade seja, melhor é que se deixe estar por lá. É assás mexeriqueiro o nosso senhor e rei e intrometido em vidas alheias... E este rapaz, este Vasco dá-me que entender. Não sei o que elle traz na cabeça, mas boa coisa não é. Ja não folga nem brinca tanto, nem quer ir ao monte, nem me estafa quantos cavallos tenho, como d'antes fazia... Esta maldita bruxa de Gaia... se ella lhe terá dito? Mas é impossivel. Bem mal fiz não a queimar n'uma boa fogueira...

— Vós, senhor, farieis queimar a bruxa de Gaia?

— E porque não? Se não fôra aquelle excommungado de Paio-Guterres... Mas tenho medo d'elle, confesso. Se foi o hypocrita quem me perdeu o rapaz? Ah! que se tal venho a crer...

— Vasco não sabe nada, senhor: descançae e deixae o mancebo commigo.

— Sois o meu braço direito, Fr. João. O esquerdo é este gentil pagem, meu almudeiro. Oh lá, Pero-Cão, está tudo prompto, homem? Fiel e zeloso rafeiro, entra ésta noite no redil a ovelha bravia e alfeira que recusa nossos pastoraes affagos e cuidados?

— Tudo está prompto, meu senhor: e vão sendo horas.

— Então, primeiro a obrigação que a devoção.

Ouviu-se rumor e tropeada como de umas poucas de pessoas que ao mesmo tempo se levantam e põem em movimento. Vasco não esperou mais; provavelmente tinha escutado quanto queria: bateu tres pancadas á porta por certo modo mysterioso que parecia de signal dado. Immediatamente cessou o reboliço, e uma voz sobresaltada exclamou:

— Oh! é Vasco!

E abriu-se a porta. Vasco entrou

— Seja bem vindo o Sr. estudante! Ja cuidava que o não veriamos hoje. Faz se desejado n'esta casa o nosso futuro conego.

E caminhou para elle o bispo, que assim dizia, com uma expressão de contentamento em todo o rosto, que bem mostrava a particular affeição que lhe tinha.

Vasco, segundo usam de fazer rapazes estragados de mimo, deu pouca attenção áquellas demonstrações; e, sem responder á alta personagem ecclesiastica que assim se dignava festejal-o, nem fazer caso dos que o rodeiavam, chegando-se á mesa:

— Oh! a ceia foi esplendida hoje. Se estarão quentes ainda, que se comam, estes pasteis?

E sentou-se, sem mais ceremonia, em uma das ponderosas cadeiras que estavam á roda da mesa; e começou a tasquinhar n'aquellas preciosas tortas e covilhetes de picado que ainda hoje são a glória dos pasteleiros da 'cidade eterna,' e cuja veneranda origem, por ésta mui veridica historia se vem agora a descubrir, foi nada menos que de invenção episcopal.

Bem o desconfiava eu: que tam bom boccado — e realmente é uma das melhores e mais saborosas golosinas que n'esta boa terra de Portugal se comem! — devia de ter sido inventado pela sapiencia culinaria de algum grande homem dos bons tempos da monarchia.

Aqui se hãode de rir decerto os nossos extrangeirados, estes viajantes do *Palais Royal* que deante das vidraças de *M.^me Chevete* estiveram embasbacados a papar moscas, jurando que não havia mais India que aquella... mas, feito o juramento, iam jantar por vinte soldos um arlequim requentado de segunda mão. .

Pois saibam, meus desdenhosos e elegantes senhores, que eu ja comi jantares feitos por M. Pigeon, o Paracelso da Restauração, que, por sua maravilhosa alchimia, dominou bons seis annos o mundo, de entre os fogões de M. de Villele. Tive, sim, a honra de adorar no seu occaso essa estrella flammejante da gastronomia e da politica: admirei o novo Vatel, maior e melhor diplomatico do que o antigo... e todavia não esteve no poder da sua arte fazer-me esquecer os caseiros e modestos pasteis da minha terra...

Está-me parecendo que sou um grande pateta.

Tornemos á nossa historia.

O moço comia desenfastiadamente como n'aquella feliz edade se come; e o bispo, com o riso na bôcca e nos olhos, o contemplava em grande complacencia.

— Abusaes um tanto, Vasco, disse um frade gordo e vermelho que não parecia ver a familiaridade do mancebo com a mesma indulgencia excessiva; abusaes um tanto, Vasco, das bondades do nosso santo prelado para comvosco.

— Á vossa saude, tio Fr. João!

E, com duas gargalaçadas do pichel no cópo, o encheu a derramar: d'ahi, empinou o possante vaso a mais de meio, e, dando aquelle estalido com a lingua no céo da bôcca, que os inglezes, por mui feliz onoma-

topêa, chamam *smak*, disse pausadamente o Sr. estudante:

— Bom vinho! Se o haverá tam maduro e tam cerceal em Salamanca?

— Não quero ouvir fallar mais em Salamanca': atalhou o bispo de máu humor. Não irás lá, por minha vida! que nem eu, nem teu tio damos licença. Para um bom e honrado conego te queremos... que não é para sangrador de mulas e villões, quem vem do teu sangue.

— Ah! com que assim venho eu de um sangue que?... E os rapazes do côro aqui na Sé que me motejam de filho das hervas... de um que senão sabe de d'onde veiu! Bem: saibamos, pois, quem é a minha grande e fidalga pessoa.

O bispo, que visivelmente se deixara levar da paixão a dizer mais do que queria, cuidou em se retirar com melhor ordem do que avançara:

— Bem sabeis que vos soffro muitas demasias, Vasco: e que de mim fazeis quanto quereis... Menos n'uma coisa será: estaes para clerigo, clerigo sereis, e conego prebendado na nossa santa Sé, com a mercê de Deus. Levareis vida folgada e solta, que felizmente ja lá vae o tempo da egreja militante... e ainda bem! nós os de hoje somos da triumphante. E a vontade de vosso tio Fr. João a quem vossa mãe á hora da morte vos encommendou, Vasco .. e é a minha, porque vosso pae... vosso pae foi um nobre senhor de Riba-Dão .. o maior amigo que nunca tive... lá ficou em Tarifa das lançadas dos Mouros... e... e...

— E tudo será assim. Mas, senhor meu tio, e senhor meu bispo, o caso é que eu estou guapamente ceiado; e agora, tenho uns mancebos, meus particulares amigos e matalotes, que moram para Val d'Amores, guapos companheiros que estão á minha espera para irmos d'além Douro esperar as rôllas bem cedo nos pinhaes... E eu não tenho nem maravedi que levar na bolça, nem cavallo que me leve a mim. E se não heide pensar mais em Salamanca, ao menos...

— Pero-Cão, dae tres doblas a este máo filho, ja que assim o querem não sei que máos feitiços que me elle deu... E dizei que lhe apparelhem, os estribeiros, aquelle alazão que me mandou de Cuenca meu veneravel irmão. E' a mais linda estampa e os mais seguros quatro pés de cavallo que quero que haja em toda a Hespanha.

— *Jube, Domine, benedicere!* disse, em tom e corda coral, o maganão do Vasco, pondo as mãos e inclinando-se ao prelado com ridicula gravidade, como clerigo em côro antes de ir cantar sua lição.

— Birbante!

— Viva o meu santo prelado! E venha a benção, que ja não falta mais nada. E dois trincos para Salamanca e para as suas Cóvas, que não ha mais alchimia que esta. Seraphico tio, encommende-me ás vossas penitentes orações. E vós vinde, Pero-Cão, que não posso aguardar mais: vamos.

—Que cavallos são aquelles
Que além ouço relinchar?
'Vossos são, dom cavalleiro,
Que se enfadam de esperar.

E com esta cantarola, partiu empurrando deante de si a malazada figura de Pero-Cão, o almudeiro do bispo, que tambem cumulava as duas altas dignidades e carregos de seu mordomo ostensivo e de seu mercurio secreto.

Pero-Cão ria contrafeito, que não queria bem ao rapaz; mas voltava a desdentada bôcca para o bispo, para que elle o visse rir... rir d'aquelle alvar riso máo dos tolos velhacos — que é o mais detestavel riso que ha na natureza.

O pouco austero prelado, esse ria de gosto, e de véras; e seguindo com os olhos o mancebo:

— Dá-lhe rédea ao alazão, rapaz, e não o piques, que é de sangue generoso, não soffre castigo. E espera, Vasco, filho: que te dem da armaria a melhor bésta de garrucha que lá houver... a propria com que eu fui ás caçadas d'el-rei quando...

Mas já o não ouvia o rapaz, que se fôra correndo, se bem corrêra, com Pero-Cão agarrado, e como quem não podia soffrer mais delongas.

— Bem se vê o sangue que tem! montear e cavalgar é o seu deleite. Havemos de fazer d'elle um bom conego... E agora, amigos e fieis meus, cada qual a seus cuidados! .. Inda bem que o rapaz teve esta vontadinha de se ir ao monte tam aproposito e de feição: escusamos de o ter por aqui n'esta conjunctura...

— Parece-me, se me daes liberdade, que o deixaes senhorear-se demais de vossa affeição, e que lhe não podereis ir á mão quando quizerdes.

— Não tenhaes medo; a raça é boa, e hade acudir por quem é. Asperezas, nem elle as supportava nem as podiamos nós ter com elle. Cuidaes que é possivel fingir com aquella criança? Conhece-nos por dentro e por fóra... *Intus et in cute*: creio eu que é o latim da sentença, se ainda bem me lembra do meu pobre latim... Boas noites, reverendo irmão. Amanhan conversaremos mais de espaço.

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 15

Á vossa saude, tio Fr. João !

CAPITULO VII

O Alazão

Com as suas doblas na algibeira, boas doblas de D. Pedro, que era o melhor e mais leal dinheiro de oiro que n'esta terra se cunhou até aos tempos verdadeiramente dourados das dobras e dobrões de D. João V, chegou Vasco ás cavalharices episcopaes acompanhado do reluctante Pero-Cão:

— Onde está, aonde está elle, este querido alazão?

E sem esperar resposta, foi, por entre muares e cavallares, procurando o appetecido e gabado ginete que lhe tardava de sentir já entre os joelhos a devorar com elle o espaço...

— Eil-o aqui, eil-o aqui!... E deitou-se aos peitos do generoso animal que parecia entender e responder aos affagos do mancebo, relinchando com sympathica intelligencia, como por esse magnetismo animal que estabelece aquella inexplicavel, mas inquestionavel correspondencia entre as affinidades de duas naturezas similhantes.

Atrevidos, generosos ambos, actuados ambos pelo vago desejo de se lançar ao incommensuravel espaço, imprudentes, desprevenidos, o joven cavalleiro e o joven cavallo sentiam que eram feitos um para o outro, que a um e a outro os chamava o palpitante interesse de correr impensadas aventuras.

Sellaram, embridaram o cavallo, que os cavalheriços pasmavam de ver tam manso. Vasco ficou de um pulo sobre elle, tam consubstanciadas as duas fórmas e naturezas como se as duas partes de um antigo Centauro, que estivessem divididas, se tornassem a reunir para viverem sua vida natural e primitiva.

Partiram trotando largo e seguro por aquelles despenhadeiros escorregadios e mal calçados que nossos avós, de tam bom contento, tinham a indulgencia de chamar ruas.

Vasco tomou pelo arco da Vandoma, onde os Gascos e seu bispo Nonego collocaram a milagrosa imagem da Virgem, protecção e armas da nossa cidade; veiu sahir ao que hoje é de San'Sebastião, e d'ahi outra vez rua de Sant'Anna abaixo. Parou junto d'esse arco, viu erguer-se logo um postigo de gelosia, e ouviu que lhe diziam em voz baixa mas clara:

— Bem. Correr sempre! Agora nem mais palavra.

E viu um lenço branco que lhe acenava. O lenço deixou-se cahir: colheu-o no ár, beijou-o com devoção, e o metteu nas prégas do seio. A gelosia fechou-se, e elle partiu.

Já chegava á porta da cidade, que áquella hora se não abriria decerto a qualquer outro: mas a quem vinha dos paços da Sé, montado n'aquella rica e bem conhecida estampa de cavallo, ao sobrinho do mestre Fr. João da Arrifana, o valido do bispo, quem lhe havia de duvidar de cousa alguma? Abriram-lhe a porta, foram-lhe acordar barqueiros que o passassem d'além Douro ..

Vasco ficou só na praia, aguardando que viessem passal-o á outra margem do rio: os pés na arêa humida, os olhos fitos na corrente do Douro que murmurava, encostado ao seu alazão tam immovel como elle, e que ambos pareciam meditar. Triste e melancholica era a attitude do nosso estudante, tristes e melancholicas as suas meditações. Onde ia elle? Que ia elle fazer? Qual seria o resultado d'estas perigosas aventuras em que, rindo e folgando, se começára a enredar, de que não podia desprender-se j'agora, que o levavam em seu remoinho rapido, irresistivel a não sei que abysmos que nunca sondára, que nem imaginára — que se lhe abriam tremendamente agora para o tragar talvez, para devorar quem sabe, talvez o que lhe é mais caro, o que mais junto está e deve estar de seu coração?

Este cego amor seu pela bella Gertrudes, este exaltado enthusiasmo pela causa dos communaes, que é a d'ella e a d'elle tambem — este odio que tem aos oppressores da sua terra, e a occulta voz do coração que ao mesmo tempo lhe clama por aquelle máo bispo e máo senhor, que para elle Vasco é todavia a bondade, a indulgencia mesma, sempre, sempre, e sem jámais se desmentir! ..

Como hade a singeleza de um coração joven e não callejado ainda pelo trilhar das injustiças do mundo, metter-se a conciliar, a abrigar dentro do mesmo peito affectos e sentimentos tam oppostos? Virá o tempo, virão os desenganos, virão as perfidias do amor, as traições da amisade e as brutaes lições do egoismo universal, virão todos e tolherão essa alma, que não será ja a imagem do Creador que a formou — senão o disforme e aleijado espirito de máo demonio que a contorceu.

Virão: mas não vieram ainda. Vasco está na sua primeira tortura. Agora o sentaram no pôtro; inda não começaram bem os algozes o seu officio...

— Quem é lá? bradou Vasco a um vulto que se encaminhava para elle d'entre umas casinhas terreas junto á muralha.

— Sou eu, Vasco.

— Vós aqui, Ruy-Vaz! Inda agora, vos deixei de sentinella no paço!

— Achei um bom camarada que lá ficasse por mim; e eu vim a toda a pressa para

vos encontrar, que não partisseis sem vos eu dizer...

— O quê?

— Que bem sei onde ides. Tratado está entre os nossos que fosseis; e lá onde ides achareis novas nossas. Mas, senhor Vasco, mancebo, não vos ponhaes a caminho para Grijó sem fallar primeiro com ella.

— Ella! Quem?

— Quem hade ser? A bruxa de Gaia.

— Tal não farei. Tenho jurado que não heide parar nem repousar sem cumprir o que prometti. A Grijó heide ir primeiro, depois...

— Depois?... Seja. Á volta de Grijó, entrae na capella de San'Marcos, e lá encontrareis quem vos diga o que ora não posso eu aqui.

— Será assim, e...

Mas n'isto chegaram os barqueiros; Ruy-Vaz desappareceu como uma sombra, e Vasco entrou com o seu alazão no saveiro que os transportou ao burgo-novo.

E tudo isto que levámos contado, e acharse o nosso estudante nas praias de Villa-Nova, e d'ahi galopando a toda brida para o alto agora dito da Bandeira, tudo isso foi obra de poucos quartos de hora. Ainda era noite, noite de véras e escura fechada, quando chegava a esse alto hoje tam célebre por nossas sanguinosas luctas civis.

Deixal-o ir seu caminnho o senhor estudante: caminho que eu fiz tantas vezes, em muito menos generosas cavalgaduras e em mais moderna andadura, quando, morto de saudades pelo meu patrio Douro, ia choitando no proverbial macho de arrieiro para as doces margens do Mondego que tanto praguejava este ingrato coração, como se em toda a minha vida n'este mundo eu houvesse nunca de ter dias mais felizes do que tantos, tantos que alli passei na innocente e descuidada seguridade da vida de estudante.

CAPITULO VIII

Parlamento, discussão

Deixemo-lo pois ir o senhor estudante; e voltemos nós com a nossa historia ao sitio d'onde ella começou e aonde está o fóco, o interesse todo d'esta mui veridica narração.

Soavam talvez ainda na rua de Sant'Anna, e por baixo do seu bemdito arco, as estridentes patadas do alazão episcopal que tam folgado ia descendo com o leve pêso de seu joven cavalleiro, quando um vulto, dois vultos, depois tres, seis - eram ja bem doze ou quinze, - começaram a surdir das várias ruas e viellas que alli iam dar: vinham, manso e manso, como ladrões que espreitam occasião de chegar sem ser vistos, ao prazo dado de sua nocturna empreza, que d'antemão e com todo o artificio fôra traçada.

Vinham tão rebuçados todos em longas capas escuras, que nas espessas trevas da noite era quasi impossivel distinguir o movimento surrateiro com que se mechiam. Juntaram-se a pouca distancia do arco; e, trocando certo signal que manifestamente viera pactuado, disse então uma voz:

— Estão todos?

— Todos, Pero-Cão.

— Leva rumor! Aqui não ha Pero nem Paio. Quem traz a gazua?

— Eu: e ainda vem quente da lima, por signal. E mais, escaldei os dedos a forjal-a.

— Não te enfades; é a amostra do panno de Belzebuth. Melhor t'o fará elle quando te pingar a consciencia, ferreiro de maldição...

— Quando eu para lá for... E não digo que não... á boa companhia em que ando, e as boas bullas que heide levar da Sé e dos seus paços...

— Não te callarás, excommungado?

— E quem me hade excommungar a mim?... Estou vendo que será o nosso bispo.

Aqui houve gargalhada geral, que mal se abafava nas capas dos embuçados: tam popular foi a observação que a excitou.

Pero-Cão — ja está visto que era elle, e os outros, portageiros e esbirros menores, que eram o resto da infame caterva que alli se reunia — fizeram todos, como por simultaneo impulso, um *pschiu!...* que foi assoviando surdamente pela rua abaixo. Seguiu-se breve calada.

— Leva rumor agora! disse então Pero-Cão: logo no paço, e depois da fazenda feita, devisaremos d'essas cousas todas; e cada um dirá, qual mais e melhor, o que tiver que dizer. Lá está um odre dos que hontem chegaram da dizima, almudado por mim á consciencia — bem o heisde crêr - para aguçar a lingua ao que a tiver mais romba. Agora vamos ao que temos que fazer, que são horas, e o... o... pastor está impaciente pela ovelha. Avança, meus rafeiros!

— Pastor, pastor... E quem é lobo então?

— Que te vae a ti se é lobo ou pastor, comtanto que te elle pague?

— Isso paga elle como um senhor que é.

— E guapo senhor!

— Lembra-me uma cousa, Pero-Cão...

— Ja te disse que aqui não ha Pero nem Pelaio.

— Sim a cousa é arriscada. Quando ámanhan se souber em toda a cidade do Por-

to o villão feito que ésta noite se vae fazer aopé do arco de Sant-Anna... estou vendo que hade haver duas opiniões sobre saber quem fez o tal feito. Não hade ser logo uma voz só entre maiores e communaes: *Aquillo só Pero-Cão, só o damnado de Pero-Cão!*

— Pela Senhora da Silva, que é maior santa e está em mais alto logar do que ésta Sant'Anna — com quem agora não quero nada pela má vizinhança que lhe vamos fazer!... e por quantos santos de vulto e de roca, em osso e em páo, quantos tem a bemdita egreja da Sé!... que ésta faca de mato vae pela bôcca dentro do primeiro que deitar por ella fóra o meu nome.

Ninguem tugiu nem mugiu; sabiam que Pero-Cão era homem de palavra... e de obra tambem.

Mas o rezingueiro, com quem andava o dialogo que vamos contando, sempre tornou d'ahi a pouco:

— Pois não se falla mais em nome tam melindroso. Não quero ter que descozer com a tua faca de mato... nem tu quererás .. nem tu hasde de ter muita vontade tambem de fazer conhecimento com ésta choupa, que é forjada, temperada e amolada por minha mão .. e não n'as costumo fazer das que torcem o fio no melhor peito d'armas de Milão, ou bufalo pespontado de Veneza... Vá! deixemos isso. O que eu queria saber era: se quando nós, bons populares, que em má hora leve Belzebuth como se foramos fidalgos!... quando nós, desastrados populares, vendemos a nossa alma a teu senhor... e ao diabo, que tudo foi no mesmo escripto, e ambos lá o têem para nos fazerem pagar cada um a seu tempo... quero eu saber se quando assim lhes vendêmos a alma para apoquentarmos e roubarmos o povo nas casinhas da portagem, se tambem ficámos obrigados a andar, por noite velha, pelas casas de nossos parceiros e communaes da mesma terra, a roubar-lhes as mulheres e as filhas para serviço do mesmo diabo, ou do mesmo...

-Não batas mais n'esse ferro, ferreiro: bem sei onde queres ir ter. Este serviço é de fóra parte, e tem seu soldo e comedorias que vão com elle. Não tenhas dúvida. Comprámos-te a alma mais caro do que ella vale. Medo tenho eu que o diabo me não dê quitação por tamanha paga.

O rezingueiro resmungou, disse não sei que meias palavras sobre a sua consciencia, sobre a razão que tinham os populares descontentes, e o que devia fazer qualquer burguez e home'honrado que quizesse salvar sua alma e arrepender-se.

Pero-Cão, habil politico e homem quasi parlamentar, viu que a discussão se ia tornando séria de mais, e podia desmoralisar a maioria. Metteu o caso á bulha com o vulgar ridiculo de uma torpe blasphemia; e, por esta tam sabida e tam immoral estrategia, despegou do serio aquellas almas grosseiras: almas como as ha sempre em todas as cathegorias da sociedade, capazes de rir e mofar no meio das maiores atrocidades.

Em mui similhantes discussões, preparatorias de não menores infamias, outros parlamentos, sem ser o do arco de Sant'Anna do Porto, têem visto levantar-se um truão homem d'estado a aconselhar, com villeza e crueldade, os maiores flagicios, dizendo sandios gracejos e torcendo-se em visagens de bobo para fazer rir, nos solemnes momentos de angustia pública, outros cumplices tam grosseiros e vendidos como os de Pero-Cão ha quatrocentos annos.

Pero viu, nos comprimidos e forçados risos dos *nobres* collegas a quem fallava, que tinha conseguido o seu fim parlamentar: e, aproveitando o momento favoravel e supremo, fechou a discussão, resumiu os votos, e disse:

— Vamos a isto, que é tempo de obrar, não de fallar. Vós (e separou seis da sua quadrilha) ide por detraz da casa, não se nos escape d'ahi a ovelha. Nós aqui, callados e quedos como marcos de estrada. Dá cá a chave.

Tomou a chave, embuçou-se mais apertado: e d'alli a dez ou dôze minutos de medonho silencio e espectação, investiu derepente para ao pé do arco, metteu a gazua na porta da casa que pegava com elle da esquerda... A porta abriu-se... e Pero subiu, com mais dois, pela escada acima, deixando o resto de sentinella e refôrço á porta.

CAPITULO IX

Motim e assuada

Amanheceu o dia seguinte, bello e puro como um dia d'abril que era; o tôldo de névoa, que a madrugada costuma estender sôbre o Doiro, tinha levantado mais cedo. Desde o nascer do sol, as mais escuras e tristonhas viellas do Porto se inundavam de claridade. A nossa rua de Sant'Anna não foi das últimas que, em sua estreita e cava sinuosidade, viram penetrar a luz aviventadora d'aquelle dia. Seriam sete horas da manhan: os postigos da gelosia á direita do arco da santa ja por vezes se tinham agitado, já os vivos e ardentes olhos da animada Gertrudes foram vistos fixar-se com ancie-

dade nas janellas ainda fechadas da casa fronteira.

Gertrudes está inquieta, não sabe bem porquê; dá-lhe que entender, hoje mais que nunca, o silencio d'aquella casa, que todavia não é das mais temporans a dar signaes de movimento e de vida exterior logo de manhan. Anna bem se ergue cedo, com a aurora, de seu viuvo e desconsolado leito; mas lida muitas horas no interior da casa para satisfazer a seus tantos cuidados domesticos, primeiro que appareça ás duas queridas vizinhas que sempre lhe têm valido, a boa santa que a protege e a boa amiga que a conforta.

Mas dão sete, mas dão oito, mas são quasi nove horas... e as janellas de Anninhas não se movem. A impaciencia, os temores de Gertrudes sobem de ponto... Alguma cousa succedeu... e é preciso saber o que foi.

O honrado Martim Rodrigues, honesto e pansudo caldeireiro da rua de Sant'Anna, pae da nossa Gertrudes, typo e véra effigie de um abastado burguez d'esta burguezissima cidade, sahira, ha muito, para as casas do concelho onde occupava a primeira cadeira curúl, como digno juiz da terra que era. Gertrudes está só. A velha dueña que, desde que seu pae enviuvára, lhe fazia companhia e a ajudava na labutação da casa, sahira para a missa das almas ainda lusco-fusco, e n'uma serie de missas, jaculatorias, novenas e trezenas que trazia promettidas e em bom caminho andado de satisfazer, se tinha ficado pelas capellas da Sé, onde está San'-Gonsalo e San'-Thiago, e a Senhora da Silva e a Senhora do O, com varios outros santos todos de sua particular devoção; com o quê, se lhe costumava ir a manhan até ás dez horas pelo menos: hora a que ella ainda não começa para a dorminhoca progenie que hoje vive.

Gertrudes não pôde esperar mais: desce, a correr, aquellas precipitosas escadas de que ainda ha tantos modelos-monstros na nossa boa terra, e vem á logea onde os officiaes e aprendizes de seu pae martellavam em sonora dissonancia, os arames roxos e amarellos que são a gloria e o timbre... timbre que bem retinia!... de mestre Martim Rodrigues.

Gertrudes era a valida, a admiração e o amor de todos os cyclopes da rua de Sant'-Anna e da vizinha Banharia. Os de seu pae adoravam-n'a. Boa, officiosa para todos, impunha-lhes, de mais a mais, por um certo ár de superioridade, e para assim dizer (perdôem-me a aristocracia da phrase) de fidalguia natural, que é a mais rara, a mais preciosa e a mais verdadeira, postoque não tenha assentamento na casa nem ande nos livros da mordomia mór.

Pararam os martellos suspensos no ár, cessou a infernal musica dos caldeireiros de mestre Martim, apenas viram as roupas brancas, e a quasi mais branca mão de sua linda filha acenar-lhes silencio.

— Quem viu hoje entrar ou sahir alguem da porta aqui defronte? Ninguem sentiu por ahi rumor ainda hoje?

— Da porta defronte? Da casa do ourives?

— Sim.

— Elle... hoje... Eu parece-me... A gente não reparou. Mas é verdade... que ainda está tudo fechado.

— Vá já um ver, bata á porta, empurre-a... entre já por força...

Não foi um, foram os martelladores todos. E Gertrudes, á porta da sua logea, aguardava, em espectação anciosa, o resultado da diligencia.

Bateram: nada. Martellaram com seus amotinadores martellos: nada.

— Arrombem essa porta! bradou Gertrudes.

Não foi preciso repetir a ordem; o ferrolho era fraco ou estava mal corrido: a porta foi dentro com pequeno esforço.

D'alli a dois segundos, um dos cyclopes abria a janella do primeiro piso, e com uma cara espantadiça e esgaziada, com uma verdadeira 'cara de caso', disse para baixo:

— Cá não está ninguem.

— Ninguem!... repetiu a atterrada Gertrudes. Bem m'o adivinhava o coração... Oh pobre Anninhas! Levaram-n'a, levaram-n'a os malditos..

E atravessou a rua, e entrou na casa da sua amiga, e correu-a de baixo a cima n'um instante. No primeiro piso não viu ninguem... subiu ao segundo. Com que espectaculo foram dar os olhos da boa Gertrudes!

Uma criancinha de dois annos, ainda núa, e como quem tinha sahido por seu pé do berço em que dormira, brincava descuidadamente com um gato valido, que parecia adivinhar o abandono do innocente, e, com o redobrar dos saltos e folguedos, querer intertel-o que se não carpisse.

Gertrudes tomou a criança nos braços, involveu-a á pressa em algumas roupas que achou á mão, e disse para a sua gente:

— Um fique a tomar conta n'esta casa; outros vão já chamar meu pae. Oh Anninhas, Anninhas! E não poude conter mais as lagrimas.

— Mas que foi isto senhora?

— Que foi? O que havia de ser? Não conheceis vós Pero-Cão?

— Ah! Pero-Cão, Pero-Cão... o excom-

mungado bem rondava por aqui estes dias atraz. Foi o desalmado do bispo que a mandou furtar: querem ver? Não foi outra cousa. Foi, foi; nem ha mais que ver, nem que dizer.

— Oh vergonha para a nossa rua!

— Para a nossa cidade!

— Para ésta terra toda!

— Isto não hade ficar assim.

— Não, não!

— A elles, aos cães, aos Pero-cães! E aos conegos, aos bispos, aos portageiros e malsins, e a toda esta cambada de Belzebuth!

— Por menos entrámos nós ha dez annos nos paços do bispo e lhe matámos dous máos criados seus.

— Aqui d'el-rei, aqui d'el-rei, que furtaram a mulher de Affonso de Campanham, a boa Anninhas, a honrada Anninhas!

Um vae buscar o mais sonoro arame que achou na logea, e a golpes repetidos de martello começa de soar um rebate tam tangido e tam apressurado, que, de mistura com os gritos, exclamações e imprecações dos companheiros, em breve juntou ao pé do arco da gloriosa Sant'Anna a mais tremenda *emeute* — alvoroço de populares que ainda se vira desde as guerras do principe D. Pedro com seu pae, ou do último levante em que o povo se desenganara a fazer justiça por suas mãos no bispo seu senhor e seu excommungador.

Gertrudes tinha voltado para casa com o desvalido filho da sua amiga nos braços. E mostrando-o da janella ao povo, concitava aquelle generoso enthusiasmo que a indignação contra os actos de prepotencia excita sempre nas classes menos corrompidas da sociedade... a que chamam as infimas: e o são decerto na ordem da villania, e do egoismo sem paixões, porque todo é interêsses...

O povo ia-se juntando, e uns contavam aos outros o estranho successo, e a indignação crescia com o recordar as tantas torpezas e abominações que se tinham feito e soffrido n'estes ultimos tempos... E vinham as queixas dos tributos, e o tam geral quanto desegual das vexações, e tudo o que, nas breves horas da ascendencia popular, costuma vir sempre á collação, porque o instincto diz aos perpetuamente opprimidos que é preciso aproveitar a hora da vingança e do castigo, que a oppressão dura seculos, e a liberdade é de instantes.

A maior parte das crueldades e injustiças demagogicas — não menos crueldades nem menos injustiças comtudo — explicam-se por ésta theoria do terrivel instincto dos povos, que os não engana, postoque os desvaire.

CAPITULO X

Os legitimos representantes

No mais alto da effervescencia e do tumulto, chegava á sua boa rua de Sant'Anna mestre Martim Rodrigues acompanhado de seu collega e alter-ego, o segundo juiz popular. Eram os dous que no dia de San'João antecedente, na fórma da concordata ou sentença que servia de foral á cidade, tinham sido escolhidos pelo bispo d'entre os oito eleitos do povo.

Os bons e prudentes magistrados resolveram emfim vir ver e provêr ao que acontecia.

— Viva o nosso juiz! rompeu de toda a multidão: que é outro instincto da multidão ter sempre alguem a quem acclamar e victoriar... embora o apedrejem depois.

Os dous collegas passaram gravemente por entre as alas de povo, que se dilatou pela estreita rua abaixo, a fazer-lhes praça, e entraram em casa de Martim Rodrigues para ouvirem e consultarem do caso maduramente.

— Ainda bem que chegastes, senhor pae! Era uma vergonha: todo esse povo ahi junto a bradar por justiça, e o seu juiz sem lhe apparecer!

— Praz-me de vos ouvir, filha: sois atilada e appertinente. Mas tomae tento, Gertrudes, que sois minha filha, e não de qualquer do povo! A filha de um official do concelho, d'um cidadão a quem os seus communaes entregaram o cuidado e a guarda de seus fóros e liberdades, não hade falar assim soltamente. O povo brada?.. Deixal-o bradar.

— Deixal-o bradar, meu pae!

— Quero dizer: o povo não póde bradar nem deve bradar; nós é que somos os seus bradadores.

O veneravel collega de mestre Martim deu um meditabundo signal de assentimento, meneando sua municipal e respeitavel cabeça.

Ésta theoria constitucional, que se considerava eminentemente conservativa no seculo XIV, seria hoje havida por completamente demagogica e subversiva, considerado o immenso adeantamento das luzes, os progressos de civilisação que temos feito, e os habitos de liberdade que ultimamente havemos adquirido...

— Mas se os ferem a elles, senhor, se nos ferem a nós todos, meu pae, esperaremos, para nos queixar, que?...

— Que em virtude dos poderes que nos confiaram, e dos direitos que em nós renunciaram *todos* por eleição de alguns *poucos*

nós sintâmos o seu mal, nos doâmos por elles... e meditemos, em nossa sabedoria e pausadamente, a queixa que se deve fazer.

— Oh senhor meu pae! e se este innocente alli morresse ao desamparo, quem lhe havia de acudir, com toda essa prudencia tam pausada?

E mostrava-lhe a enthusiasta oradora de Gertrudes, o innocente que tinha nos braços e que, com os olhos fitos nos d'ella, parecia implora-l-a como seu unico refúgio e protecção.

— Cujo filho é esse, Gertrudes? E' um cherubim! Vêde-m'o bem, compadre Gil-Eanes. De quem é tam lindo garção, Gertrudes?

— Ai! o cherubim da minha alma! exclamou d'alli outra voz muito conhecida na casa, mas que não conhece ainda o amavel leitor. Não era menos nem de menor pessoa que da tia Briolanja Gomes, a boa dona encostada da viuva casa de mestre Martim, a indulgente dueña da nossa Gertrudes, que voltava emfim das suas devoções.

— Ai! o cherubim da minha alma! repetiu ella: Não o conheceis, mestre Martim Rodrigues? Olha quem! E a perguntar cujo é! Cujo hade ser o anjo do céo, rico seraphim da tribuna do Deus-menino! Cujo hade ser, homem, senão d'aquella santa em corpo e alma, digna afilhada da mais santa madrinha que tem o céo, depois da Virgem nossa senhora... e não desmerecendo na bemaventurada senhora Santa Izabel, mãe do Bautista, que a propria Virgem a foi visitar a sua casa, e ambas com os seus bemditos ventres para cada hora... que o percursor se poz de joelhos (lá o diz o Evangelho) dentro das entranhas de sua benta mãe, e disse: 'Eu te adoro e te arreverenceio, porque és o Verbo: *Verbum caro fato es*...'

— Oh! mulher, oh! mulher, por quantos santos ha no céo, e na Sé, callae-vos já, em nome de Deus, que me mata e ensurdece, e falta o folego... de ouvir o folego que tendes. Que criança é ésta, Gertrudes?

— E' filha da Anninhas, da triste mulher do ourives alli defronte.

— Ah! E então como dizem que esta noite?... Não póde ser. Já lá foram a casa da vizinha?

— Não haviam de ir? Foram, e o que lá se achou de cousa viva, foi este innocente sósinho e desamparado, e o gato branco de Anninhas que folgava com elle.

— Então é verdade?...

— E verdade, sim, meu pae. E foi elle, foi elle: vou metter as mãos no fogo porque foi elle, o infame, aquelle amaldiçoado de Deus, que em nome de Deus, nos anda deitando bençoas pelas ruas, como se... e Jesus!... não houvesse raio de Deus para estes malvados, nem...

— Gertrudes, Gertrudes, lembra-te o que ainda agora te disse, filha. Bom é ser a gente boa, bom é sentir as injurias do proximo... Mas primeiro está a prudencia, filha, que senhores e prelados podem muito.

— Oh meu pae, quem tanto quer viver no temor e respeito dos maioraes, não devia acceitar o cárrego de punir e zelar pelos pequenos!

As theorias sociaes de mestre Martim Rodrigues e do seu digno collega cahiram deante d'esta singular argumentação da candida Gertrudes. Como quasi todas as theorias sophisticadas do nosso tempo, e de todos os tempos, ellas são feitas á similhança do gigante assyrio: uma pedra, lançada da funda do innocente que peleja em lisura e verdade deante de Deus, as prostra mortas e estateladas no chão.

Os dous graves senadores callaram-se: não sabiam, não tinham que responder.

E Martim Rodrigues bemdisse a palradora lingua de Briolanja que o veiu tirar d'apertos com a sua perpétua serra-madeira-de-carapinteira, que, em a deixando, era de nunca mais acabar.

— Ai! filha, appéllo eu! pelo que vejo e vos oiço, quer-me parecer que tambem vós... Ai! nome de Deus! Jesus venha á minha alma!... Vae-te para as areias gordas, tentação de máo demonio praguento!... Tambem vós, Gertrudinhas! Elle era o que faltava. Não ouvirei eu ora mais com estes ouvidos peccadores que a terra hade comer!... e na capella seja da Senhora da Silva, e alli fique eu quieta e descançada, sem que me toquem n'um cabello da cabeça até o dia da resurreição da carne em que lhes farei figas a todos os démos tentadores... eu e tu, filha, e mestre Martim tambem, e todos nós, todos os remidos d'aquelle sangue que é sangue e é vida eterna, ámen Jesus!... Mas tal me não direis vós, filha Gertrudes; não me digaes tal, que já estive para esgadanhar a cara a um excommungado de um aprendiz de caldeireiro... ou latoeiro seria, que é mais ruim raça aquella... os nossos caldeireiros são gente de outra criação e mais brandura. Pois não me quiz dizer o malditto... Abrenuncio de Satanaz! vai-te para as profundezas de tu'terra maldita!... Pois não me quiz dizer que era... ai Senhor ..que era cousa do paço...

— E d'ahi é, tia Briolanja, em mal que pêze a Deus... que Satanaz folgará, por mais que o praguejeis vós ahi. Esta noite teve elle folgança e festança de missa nova...antes velha; que o desamparado de Deus bem velho é já para se metter com raparigas da sorte e primor da minha Anninhas... Ai pobre Anninhas!

— Pois sempre elle será verdade? Ai terra

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 21. Metteu a gazúa na porta. .

que me não cobres, ai ouvidos que vos não fechaes para tal não ouvir, ai olhos que não cegaes para tal não ver! Santo Deus de Israel, que deve estar perto o dia de Juizo! Anninhas... Anninhas, a afilhada da minha senhora Sant' Anna, que lhe accendia a alampada todas as noites, que lhe rezava todos os dias!... Anninhas, aquelle anjo de lindeza e de bondade!... Ai, o que hade ser de nós peccadoras! Ai, mestre Martim Rodrigues, que ámanhan são capazes de me vir buscar a mim tambem!...

Com toda a sua official gravidade, e no meio da sua grande intallação, mestre Martim não teve em si que se não risse; a seriedade do collega desmanchou-se a acompanhal-o na mesma risada; e a propria Gertrudes mal poude apertar os seus pudibundos beiços de donzella para não soltar uma boa gargalhada com os receios da timida Briolanja.

CAPITULO XI

Votos, votos!

Mas já n'estas desultorias conversações se tinha passado muito tempo, tanto tempo como leva uma d'aquellas proverbiaes questões de ordem em San Bento, que engolem o espaço sem tocar na materia .. e o ministerio pede votos, votos! e acabou-se. Resolveu-se tudo sem se decidir nada.

A differença esteve agora em que d'esta vez quem pediu os votos foi... o povo; coisa que elle raramente faz, mas quando o faz, tem que se lhe diga...

A *émeute* tinha esperado pacientemente que os magistrados consultassem, á sua vontade e puridade, do negocio que a todos interessava. Mas esperou, esperou; e não vendo resolução, enfadou-se.

— Aos paços da Sé, aos paços da Sé! E o nosso juiz que nos venha capitanear, como é de sua honra e obrigação.

— Aos paços da Sé!

— Queremos que nos entreguem Anninhas, e já.

— Já, sem mais detença.

— E Pero-Cão para o enforcarmos n'uma figueira de Judas.

— Não: no arco da portagem.

— Ah! ah! ah!

— Bem dito! E com a bréca todas as portagens e portageiros.

— Não queremos mais portagem, nem dizima.

— Não queremos.

— Não queremos pagar mais.

— Nada! Não se paga aqui mais nada: não queremos.

— Os conegos que trabalhem, se querem comer.

— E o bispo que vá para Roma, a vêr se o padre santo lhe pode dar absolvição, que o não queremos nós cá.

— Os burguezes do Porto querem bispos com temor de Deus e amor do seu povo.

— El-rei que nos dê outro.

— Ainda que seja preto como o bom de D. Soleima, que D. Affonso Henriques deu aos de Coimbra.

— E mais, foi bem bom bispo o negro: dizem.

— Está bem de vêr: bispo negro, missa branca.

— Ah! ah! ah!

— Este é branco, e diz missa negra.

— Como negra tem a alma, o cão.

— Cão de bispo! tu e teu Pero-Cão hoje o pagarão.

— A elle! vamos a elle!

E os caldeireiros batiam nos arames estridentes seu infernal rebate. A algazarra, a vozearia, as rizadas ferozes e descompostas, a alegria terrivel da multidão que se prepara para o festim da carnagem... o profundo revolver das tremendas iras populares, formava tudo medonha consonancia: era uma sequencia infernal cantada pelas vozes discordantes dos Demonios... *dies irae* que se hade entoar no abysmo á vespera do terrivel dia do Juizo final.

— Que lhe diremos, que lhe faremos nós? dizia, titubeando, o atterrado Martim Rodrigues para o outro conscripto do senado portuense.

— Que assoceguem, que esperem: que nós vamos ao paço, e veremos... e faremos por que sejam desaggravados.

— Sim, sim; esse é aviso de acêrto e de prudencia.

— Porque lh'o não ides dizer, compadre Gil-Eanes, vós que sois o mais bem falante homem da communa?

— Eu, compadre! Eu, verdade seja, devia ter sobre esta desattentada gente a influencia que os meus serviços, os meus... Ide vós porém, ide que eu ..

— Vós tendes medo.

— Não é medo, é que n'estas occasiões de disturbio...

Sorriu-se e chegou á janella o honesto Martim, e começou perorando ás *virtuosas massas* como homem que não sabia bem o que dizia, nem porquê, nem a quem. O que elle sabia bem era o que fazia... que era coisa nenhuma.

Emfim lá lhe foi acudindo a musa e por entre as anfractuosidades oratorias, como de um secretario d'Estado defendendo as verbas do orçamento que elle bem sabe que se

comem, mas não sabe quem, nem para quê, lá foi conseguindo o digno magistrado fazer entender ás turbas que ia descer abaixo, tomar informações... e que, se preciso fosse, iria ao paço.

—Pois abaixo, abaixo, e vamos! respondeu a vozearia das turbas.

E os dous varões senatorios desceram as escadas de Martim Rodrigues com a mesma vontade e appetite com que subiriam as da forca.

CAPITULO XII

Os conegos

Em quanto, desde a primeira manhan, se iam passando estas coisas junto ao memoravel arco de Sant'Anna, onde o forte braço popular se levantava em convulsiva energia, apezar da tibieza, da prudencia, ou da fraqueza dos seus magistrados e escolhidos defensores... outras mui diversas e extraordinarias scenas se passavam entre os representantes da oligarchia ecclesiastica, a quem, para salvação de sua alma, a boa rainha D. Tareja tinha entregue para todo o sempre a muito nobre e sempre leal cidade do Porto.

De uma das altas grimpas do antigo templo, o sino tocava preguiçosamente a laudes: e os conegos, mal descançados do primeiro trabalho das matinas, que os havia despertado antes d'alva, acudiam mais preguiçosamente ainda ás segundas preces do dia.

— Se não fosse o rabujento do ponteiro, dizia um conego moço com um bocejo que lhe abriu a bôcca até ás orelhas: má hora que eu viesse aqui hoje outra vez! E o nosso bispo a dormir regaladamente nas suas almofadas de pluma, em quanto a gente..

— Deixae-o, deixae-o: não lhe queiraes o descanço que elle hoje hade ter: tornava um pobre velho capitular que ia arrastando, com quanta pressa podia, o trambôlho de uma perna rheumatica.

— Poisquê! permittirá Deus emfim que alguma vez lhe cheguem os incommodos d'este mundo! Que sabeis vós d'elle, vós que tudo sabeis, arcediago Paio-Guterres?

— Não sei nada, não sei nada, Affonso Peres. O que for soará, o que for soará. Vamos que hoje é dia de San'Marcos, e o caminho da procissão tem de ser comprido.

— Se virá o bispo á mais antiga e mais respeitavel festividade da nossa egreja?

— Pois não hade vir, homem? Dia de San'Marcos, do fundador d'esta nossa egreja Portugallense — que foi o santo evangelista — deixae falar de Basilios e Basileus, e da sua Sé de Miragaia. Miragaia era um triste burgo, quando já Gaia era cidade romana, e n'ella foi nossa primeira Sé. Por memoria d'isso lá vamos hoje além do rio á capella do santo onde essa era. Vêdes vós? E alli incensâmos o bom povo da antiga Calle e lhe dizemos: *Boa gente, Boa gente!*

— Assim será. Mas boa gente os de Gaia e Villa Nova que são os inimigos naturaes da nossa santa Sé, e nos roubam meio rio pelo menos!

— Deixae isso, deixae.

— Deixo, deixo; mais é heresia pensar o contrario. Lá estão as bullas no Censual. Vamos adeante. Bem sei que homem sois, a indulgencia christan em pessoa, meu bom Paio Guterres. Mal vos escolheram para nosso vigario e penitenciario: sereis um passa culpas..

— Folguemos com o que é de folgar, mancebo!... Dizei-me cá: se nos terão posto um jantar que se coma, a boa gente da banda d'além, ou se teremos de ir escorregando por esse Codeçal abaixo, passar o rio, visitar o bom San'Marcos em jejum, cantar-lhe o *Boa gente, Boa gente*, e se ainda emcima nos darão jantar de azevias e caramujos os mestres barqueiros de Gaia, que hão-de guardar para si o savel, o capatão...

— Capazes são elles d'isso e de mais. Não sabeis as figas que nos fazem os pescadores da outra banda, que não são sujeitos ao Foral da cidade? — Mas vêde lá: no paço ainda tudo fechado!

— Deixae o paço, homem, e vamos á sachristia, que ja dão as ultimas badaladas do sino.

E soavam com effeito as ultimas badaladas n'aquelle don-don expirante e prolongado, que é como o derradeiro e moribundo arranco do bronze na agonia da momentanea vida que lhe imprimiu o movimento.

CAPITULO XIII

Frade e soldado

Eram em verdade sete horas bem dadas, e não se ouvia nem via rumor de vida na parte alta ou nobre dos paços da Sé. Cavalheriços e estribeiros pençavam mullas e ginetes no largo alpendre; as vastas cozinhas recendiam com o cheiro confortativo da succulenta comezana que volteava no espeto, ou palpitava no fervedoiro das amplas marmitas. Mas nem Pero-Cão apparecera ainda para fazer conduzir o substancial almôço ao refeitorio privado do pouco abstinente principe da egreja, nem antes d'isso se atreveria ninguem a servir no tinello commum o inferior,

mas não menos substancial, alimento dos famulos e clerigos de seu estado.

Dous franciscanos chegavam á porta do palacio; um, gordo, anafado e vermelhão, com um sorriso malicioso e contente que lhe brincava nas roscas da barba e das bochechas; o outro, cabisbaixo e humilde, verdadeiro typo de leigarraz estupido e servil: é Fr. João da Arrifana e o seu companheiro. Desbarretaram-se moços e escudeiros ao valido e amigo intimo do prelado.

— A paz de Deus comvosco, rapazes! Já por aqui appareceu hoje Pero-Cão, o nosso digno mordomo?

— Inda ninguem lhe viu hoje a cara bemdita, nosso padre. — O focinho excommungado: emendou, á parte, o estribeiro que respondera.

Fr. João impelliu, com o possante galgar das robustas pernas, a enorme barriga pela escada acima, apparentemente sem grande esforço nem canceira. Era a mais desembaraçada e valente gordura que ainda se desenvolveu debaixo do burel seraphico: não havia alli banha nem toucinho; era tudo musculo tuchado, de febra elastica, potente e cheia de vida: ha gorduras assim. Picheis da Bairrada e canastras de Lamego tinham muita parte na construcção d'aquella solida e bem arcada machina que podia servir de modello ao Hercules Farnesio.

Seguia-o a custo seu mais leve e desembaraçado companheiro.

Chegavam á antecamara, agora só e sem mais habitantes que o nosso antigo conhecido Ruy-Vaz o archeiro. Este tinha arrumado a ascuma a um canto, e passeava a largas passadas deante da ponderosa e repregada porta de castanho, murmurando entre dentes o que mais tinha sabor e geito de juras e imprecações que das rezas devotas da manhan.

Fr. João não ouvia, ou fez que não ouvia, o praguejar do archeiro, e disse com suavidade franciscana:

— Paz seja n'esta casa, e a benção de nosso padre San Francisco a todos os morantes n'ella.. muito particularmente ao nosso bom Ruy-Vaz...

— Paz n'esta casa? Seja; e em quem a póde ter aqui. Amen. Namja eu; que Satanaz seja á minha alma, se d'esta hora já me não vou d'aqui para onde nunca mais me appareçam frades nem clerigos, nem .. nem o proprio Satanaz na figura d'elles. Amen, e re-amen para sempre!

— Que ruim bicho vos mordeu, Ruy-Vaz? Maus trasgos ha n'esta santa casa?

— Santa!

— Ou duendes malignos que vos andaram de noite com a cabeça ás voltas? Precisaes bento.

— Bento preciso; e a excommunhão levantada com boas varas de marmello e estolla preta... E agua da pia qu'o farte, ao démo que eu tenho em mim! Tenho, tenho!

— Abrenuncio, homem!

— Dizei, dizei; e vade rètro, vae-te para as profundezas!... a vêr se me sae Belzebuth d'esta casa.

— Pois que succedeu homem? Falae já, que me tendes em susto.

— Em susto vós, mestre Fr. João! Elle póde ser... Deus fale á minha alma!... elle póde ser que vós não saibaes nem sejaes parte nas malezas d'inferno que por aqui vão. . Ah excommungado Pero-Cão! no focinho d'aquelle maldito alão negro anda a maldade toda! não duvido. Ora sabei, padre Fr. João, que eu bem n'o suppunha, bem n'o esperava; mas parecia-me impossivel, sempre me parecia impossivel que viesse a acontecer. Pois aconteceu... e foi esta noite.

O frade mudou de côr e de tom: e como homem que deseja e teme saber, mas quasi que sabe já, a novidade que lhe vão dar, disse:

— Então o que succedeu esta noite?

— Que a trouxeram aqui em braços, presa e com mordaças na bôcca... Jesus, senhor Deus! e paraquê? a coitada não via nem sentia, vinha desmaiada dos tratos dos phariseus.

— Quaes phariseus, homem? Estaes sonhando Ruy-Vaz.

— Phariseus! Mais phariseus que os dos fogareos na procissão de quinta feira maior. Oh santo Christo! e lá a levaram a pobre da Anninhas. .

— Anninhas!

— Sim, Anninhas, a mulher de Affonso de Campanhan, a Anninhas do arco de Sant'-Anna.

— Ah! prenderam uma mulher, pelo que vejo, ao aljube a levariam. Não admira: ha tantas mulheres más n'esta terra em dias de hoje...

— Má aquella, Mestre Fr. João? Tam boa fôra a minha alma! — Por não dizer a tua, frade maldito!

A última parte da jaculatoria foi dita em *áparte*, que, segundo é sabido e acceito, fica em segredo entre o actor que o diz, e os espectadores que o ouvem; e não o póde ouvir ninguem mais que esteja em scena... tirado o ponto no seu buraco.

Fr. João respondeu pois á primeira parte da fala antecedente como bom actor que não ouviu o *áparte*, e conforme as leis scenicas:

— Ora vamos vêr o que isso é, Ruy-Vaz. Deus o fará por melhor.

— E o diabo, cujo és, te ampare! disse

o bom do archeiro nas costas do frade, que penetrou, sem mais cerimonia, nos secretos penetraes do Dalailama tripeiro.

CAPITULO XIV

O gabinete de sua excellencia

Deixemos o honesto Ruy-Vaz exhalar em inuteis imprecações a sua santa colera, e sigamos Padre Mestre Arrifana ao refeitorio particular onde entrou, e d'ahi a outra camara, e outra, até chegar á propria parte do gabinete que nós diremos em phrase vulgar, e traduzindo na lingua corrente de hoje, o gabinete particular de sua excellencia.

A um toque symbolico, e dado por mão de iniciado que penetra em recinto defeso a profanos, respondeu de dentro uma voz conhecida:

Entrae, Fr. João, entrae.

Fr. João entrou.

O bispo em toda a majestade de seus habitos pontificios, estava deante d'elle.

Sobre o longo manto de purpura, que arrastava no pavimento sua cauda immensa, assentava a murça de arminhos quasi regaes. A cruz de pedraria resplandecente que lhe ornava o peito, as luvas bordadas, o annel brilhante, o barrete na mão, tudo indicava que o principe da egreja se preparava a ir apparecer como tal, em todas as pompas do solio, deante do seu povo.

Fr. João pasmava e mirava o bispo dos pés á cabeça, como homem que lhe custa a crêr o que vê, e se não atreve a dizer o que sente.

O prelado sorriu com um ár digno e reservado:

—Diriam que nunca nos vistes em nossos habitos episcopaes, Mestre Fr. João, ao espanto com que nos estaes contemplando. E todavia, veneravel irmão, isto é o nosso mais proprio vestir, segundo a apostolica missão que temos do divino Pastor e de seu vigario na terra, por cuja mercê temos o baculo e o annel para reger e governar, não por investidura profana de nenhum poder secular que não reconhecêmos, e havemos por vazio e nenhum em quanto a nós e á nossa auctoridade é tocante.

— Certamente, certamente...

—E assim vamos hoje á nossa festa e ladainhas de San'Marcos, e appareceremos, na plenitude da suprema auctoridade ecclesiastica, ao nosso bom povo, que ha muito não vê o seu pastor revestido assim das insignias d'esta auctoridade que não tem superior na terra, se não é a santa cadeira de Pedro em Roma, deante da qual nos inclinâmos, e a outro podêr não...

Mal proferira o orgulhoso e ultramontano prelado estas ultimas palavras, ouviu-se um confuso, mas tremendo som de muitos brados que estallou de repente, — e tornava, e recrescia, e se approximava, e não parecia já muito longe.

Era o podêr popular que proclamava, na rua de Sant'Anna, a sua curta sempre, mas sempre terrivel e incontrastavel investidura.

— Que será isto?...

—Motim do povo? Não póde ser. Porquê?... Só se... Agora o saberemos, que sinto os passos de Pero-Cão. — Sahi vós, André Furtado, continuou o bispo para o camareiro que o vestira: deixae-nos em paz, que não preciso mais de vós aqui. Os archeiros que estejam promptos; e os fâmulos que vão avisar o nosso capitulo que nos venha buscar segundo é tehudo.

Ficaram sós um momento o bispo e o frade; e os olhos com que se olharam, as perguntas e respostas que n'aquelle só olhar se deram e fizeram em menos d'um momento .. não ha lingua que as descreva.

Pero-Cão entrou logo.

O terror, o susto, um reflexo das angustiadas desesperações do inferno crispava medonhamente as ignobeis feições do almudeiro.

—O povo... exclamou Pero-Cão... o povo.

—Que tem o povo?

—Está .. está levantado.

— Porque? Que lhe fizeram?... Alguma das vossas, Pero-Cão ..

—Das minhas, senhor!

—Das vossas. Pois que outra cousa amotinaria este leal, paciente e bom povo da nossa cidade, se não fôr alguma vexação nova que lhe vós fizestes? Apertaes demais, muito demais ás vezes, o torniquete fiscal, meu pobre Pero. Os pescadores queixam-se, as regateiras ralham, até ja os flamengos furtam ao peso dos queijos com medo da portagem... Olhae, Pero-Cão, mugis-me muito a vacca, muito demais.. e eu não quero sangue no tarro.

— Senhor, senhor!... Eu mujo a vacca... e os flamengos .. E o tarro com sangue!... Sangue! E o meu sangue é o que elles querem, os desmandados, o ruim populacho que ahi se está a juntar mais basto do que bando de sardinhas em Ovar. Mas, fale Deus á minha alma .. ou o diabo, cuja ella é j'ágora... Dae-me perdão que não sei o que digo.

— Não sabeis, não.

—Não sei, não sei; é verdade: mas sei que não é a sisa nem a dizima, nem a por-

tagem que amotinou ahi esse povo agora. É que souberam... é que adivinharam... ou o diabo, que me ajudou, lh'o disse...

— O quê, Pero-Cão?

— O que eu fiz ésta noite por vossa ordem.

— Ah! disse o bispo, e olhou para Fr. João, que se fez verde, vermelho, amarello, negro.. um arco-iris vacillante e cambiante de todas as côres do medo.

Seguiu-se um silencio breve mas profundo.

Um estampido de brados, mais feroz e mais perto já, detonou no ár como trovão de tempestade que se approxima.

— Onde está a malaventurada? balbuciou Fr. João: Póde ser que ainda tenhamos tempo de...

O bispo revestiu-se de uma gravidade tam serena que espantou e confundiu os seus tremulos agentes e conselheiros; e respondeu friamente:

— A mulher que fizemos conduzir a noite passada ao nosso aljube, por boas e fundadas razões que para isso houvemos, veiu esta manhan a perguntas, e está na camara particular do nosso despacho. D'alli voltará para onde veiu. Tomae as chaves, Fr. João, e tornae essa mulher ás enxovias, d'onde não sahirá senão quando á nossa justiça prouver. Ireis pela passagem secreta.

— Justiça! Justiça! Justiça d'el-rei D. Pedro!

— E a do povo!

— Morra Pero-Cão!

— Anninhas, Anninhas!

— Ao diabo portagens e portageiros!

— O nosso foral, o foral da sentença de San'Jorge!

— Que dizem elles?

— Bradam por...

— Por el-rei?... coitados!... e por essa parvoa sentença que lá deram no mosteiro de San'Jorge e que meus antecessores tiveram a fraqueza de acceitar?... Ora pois: é um negocio de poucos maravedis que depressa se póde compôr. Ide vós, Fr. João, e fazei como vos hei dito. Pero-Cão, os meus archeiros, os meus clerigos. Que venham e me sigam; o reverendo cabido hade estar á porta.

CAPITULO XV

Ecce sacerdos magnus

O bispo sahiu: na immediata camara estava a familia e séquito episcopal. O caudatario tomou a longa cauda de purpura no braço; e o prelado marchou alto e direito pela longa fieira de camaras e salões da vasta residencia. Mudos e pasmados seguiam os clerigos; os archeiros caminhavam adeante. Assim desceram gravemente a escada, e pararam no vestibulo da porta principal.

Um espectaculo grandioso se offerecia n'aquelle momento á vista em o pequeno largo, ou plaçuella, que fecham d'um lado o frontespicio da antiga Sé, á sua esquerda os paços do bispo, defronte da cathedral as pequenas casas, occupadas provavelmente então, assim como hoje, por varios membros do seu clero, e á direita o elevado terrasso d'onde descem as escadarias que levam a San'Sebastião e a todo o segundo socalco, para assim dizer, da antiga e empinada cidade, cujas ruas e casas direis que se precipitaram desde o alto pinaculo da Sé até onde hoje é a Porta Nobre e últimas abas do monte ao pé do rio.

O espectaculo era verdadeiramente grandioso e magnifico, e digno dos pinceis de Claudio-Coelho ou de outro grande eternisador das fastuosas grandezas do culto.

Á porta do bispo os archeiros, tendo tomado a deanteira do cortejo, formavam duas alas cerradas que se estendiam n'uma curva quasi diagonal, e iam tocar nos degráos do adro da Sé. O prelado, em toda a altivez e sumptuosa grandeza da purpura, a frente alta, a grande estatura direita, era rodeado de seus clerigos e ovençaes, de um immenso acompanhamento secular e ecclesiastico. Da egreja, ao som estridente e solemne do orgam, sahia o magestoso clamor da antiphona: *Ecce sacerdos magnus secundum ordinem Melchisedech*, e o cabido, presidido pelo deão com o bento hyssope na dextra, desfilava em longa e grave columna, com seus capellos roxos e mantos pretos, arrastando as longas caudas pelas lages sepulchraes do adro.

O deão chegava aopé do bispo, e inclinava-se a beijar-lhe o annel antes de lhe entregar o hyssope, quando pela pequena rua que vem dos antigos paços do concelho desemboccar defronte da porta principal da Sé, um tropel immenso de passos, de gritos, de tinir de armas, um estupendo *charivari* de caldeiras e de toda a sorte de vasos de arame, rebentou descompassadamente no pequeno largo... E logo um golpe de muitos centenares de homens do povo, de regateiras da Fóz, de padeiras d'Avintes e de Vallongo, correndo vozeando com estupenda grita:

— Justiça, justiça d'el-rei D. Pedro!

— O nosso foral!... queremos o nosso foral! A sentença de San'Jorge!

— Anninhas, Anninhas!

— Morra Pero-Cão!

Todos estes brados que aqui explicâmos distinctamente, soavam confusos no ár, e tam implicados como, se é licita a expressão, as emmaranhadas madeixas de uma trança de furia — como as diversas linguas de uma mesma flamma que só se farpam na extremidade, mas sobem em um corpo aos áres.

Os conegos recuaram em desordem; o deão largou o hyssope bento no meio do chão .. quiz erguer-se... cahiu de joelhos deante do bispo, e ficou como um deus egypcio, sentado sobre os proprios tallares; mas em vez de collocar gravemente as mãos nos joelhos, como o seu typo hieroglyphico, ficaram-lhe esbandalhadas para traz e pendentes. Os archeiros desordenadamente romperam a fórma; tal houve que largou a ascuma e fugiu para o sagrado da Sé...

O bispo ficou impassivel, erecto, grande e quieto, no meio do alvorôto e desmaio geral!

A torrente da plebe enfurecida parou, involuntariamente respeitosa, deante d'aquella impassibilidade.

Fez-se um grande silencio.

Os populares olharam uns para os outros inquietos: a vista direita e segura do bispo fascinava-os. Foi um allivio vêrem chegar os seus magistrados que, impellidos pela multidão, não tinham emfim remedio senão apparecer na presença do bispo.

— Mestre Martim Rodrigues, Mestre Martim Rodrigues! o nosso juiz, o nosso juiz!

— Mestre Martim que fale por nós!

Os dous edis portugallenses desbarretados, cossando a cabeça, mettendo as mãos pelo barrete e o barrete pelas mangas... e, ôlho no povo, ôlho no bispo, ôlho no chão, não sabiam o que fazer de si, muito menos o que dizer.

Estavam no que a moderna lingua de hoje diz, 'uma falsa posição'; em que se não póde estar muito tempo, e de que o mais acanhado e lerdo procura sahir quanto antes e seja como fôr, porque emfim não é posição em que se esteja.

Os padres conscriptos caminharam para o prelado em passo desmanchado e lento: e, sem saber mais nem melhor que fazer, ajoelharam... O bispo estendeu tranquillamente a mão e offereceu o annel ao devoto ósculo municipal.

Todavia os orgãos legitimos da opinião popular não davam o mais leve ronquido .. E não era falta de folle! assaz lhe tinha assoprado ás orelhas o bradar do povo justamente enfurecido.

Um sorriso quasi imperceptivel mas de expressão immensa... vislumbrou rapidamente nas feições do altivo principe da egreja.

— Erguei-vos! disse o bispo com affectada complacencia, erguei-vos, senhores juizes. O que quer, o que deseja ésta boa gente em cujo nome me parece que vindes?

— Trazidos... obrigados por elles, senhor bispo: acudiu anciosamente Martim Rodrigues, e repetiu Gil-Eanes com não menos ancia.

— Bem, bem: para falardes por elles e procurar por suas coisas, vos nomeou e elegeu este bom povo. É vossa obrigação fazel-o. Praz-me de os vêr guardar e usar tam bom termo. O que se pretende de nós, e que quer o nosso povo, senhor juiz?

— Saberá vossa illustre reverencia, que este povo está... está amotinado...

— Não vejo eu isso, homem. Antes bem pacificos e quedos os vejo, aguardando que ponhaes vós por elles seu pleito, e exponhaes o aggravo... se é que o têm ..

— Senhor, começou isto com a má vontade que ha na terra contra um official vosso, senhor..

— Pero-Cão? Sei que aggravou o povo. Hade ser castigado: merece-o. Tem feito demazias na portagem, e abusado da nossa auctoridade, que é toda paternal, e menos de senhor para vassallos, que de pastor que somos e queremos ser para nossas ovelhas. Justiça será feita no villão.

— Viva o nosso bispo! gritou uma voz.

— Viva o nosso bispo! responderam umas cem vozes talvez.

Mas um sussurro duvidoso e dubitativo fez ecco a ésta primeira expressão de *reviramento* .. da reacção que, nas grandes crises, tantas vezes desanda derepente do climax da irritação popular para os mais oppostos e inesperaveis sentimentos.

O bispo continuou:

— D'isto ficae certos; e segurae-o, em nosso nome, a esta boa gente. Mas, vêdes, o nosso capitulo espera: e temos de ir longe. como sabeis, com as ladainhas á egreja do Evangelista. Voltae pela sésta, e falaremos. — Vamos, meus reverendos irmãos. Porteiro da maça, guiae o préstito. Archeiros, fazei o vosso officio.

E o porteiro levantou a maça, e marchou; os archeiros, já mais compostos, arredaram com tento a multidão, que cedeu sem violencia: e o bispo precedido do seu cabido caminhou a passo grave mas seguro para a porta da cathedral. Os sinos tangeram, o orgam levantou a sua voz solemne... e as abobadas antigas do vasto templo eccoaram de novo com o — *Ecce sacerdos magnus secundum ordinem Melchisedech.*

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 32. Saberá vossa illustre reverencia...

CAPITULO XVI

As ladainhas

E o povo e a sua tremenda furia e o seu podêr irresistivel e formidavel?

Parecia ter-se evaporado tudo com a primeira e terrivel explosão de brados em que o tumulto se declarára. Ouvia-se apenas um murmurar disperso aqui e alli por alguns grupos. No geral, uns passavam sem dizer nada, outros desciam surrateiramente pelas escadas de San Sebastião, outros tomavam pelas portas lateraes para entrar na Sé; o maior numero estava immovel, sem acção; cahira n'aquelle estado paralytico que succede ás grandes irritações. Não se podia dizer dissipado, mas era quebrado o tumulto.

De repente umavoz aguda e estridente rompeu da multidão:

— Anninhas, Anninhas!

Um rufar de caldeiras e de arames de toda a sorte, tim, tim, tim, respondeu com infernal dissonancia áquelle grito agudo: a assoada recobrou toda a vida febril e temulenta de sua primeira nascença.

Brados, uivos, imprecações, clamores e gritos espantosos deram fé que o braço popular, entorpecido um momento pelo magnetismo da auctoridade e sangue frio do bispo, tornava a levantar-se mais irritado e tremendo.

Tudo isto foi obra de um instante. E o bispo, álerta sempre e sem perder a compostura do ânimo e do corpo, viu o perigo em que estava, apressou o passo, deu ordens rapidamente aos seus, e entrou na egreja. Ao mesmo tempo as portas da Sé e as do paço se fecharam sobre o povo.

Mestre Martim Rodrigues e seus dignos collegas tinham entrado com o préstito na egreja.

O povo ficou só, unico senhor e possuidor do pequeno largo da Sé, e de o estrugir com seus clamores e berreiros á vontade.

O povo gritava e bradava, e fazia uma bulha insupportavel: o motim renascia e recrudescia... de repente a janella de alta empena e vidros multicôres que está sobre a porta principal, e olha, como em todas as cathedraes antigas, para o occidente, abriu-se de par em par: Martim Rodrigues e o seu collega, enfiados, tremulos, os olhos esgaseados, appareceram no grande balcão de d'onde se publicavam e liam ao povo bullas, indulgencias, excommunhões e todos os grandes actos do poder ecclesiastico e civil que na nossa terra do Porto era um quasi e indistincto, como todos sabem.

— Silencio! bradou uma voz sôbre todas as outras d'entre a multidão. Silencio! oiçamos o que diz o nosso juiz.

Fez-se profundo silencio nas turbas.

Gil-Eanes deu signal que ia falar. O povo assustou-se e tremeu com a ameaça d'aquella *avalancha* de palavras que o esperava. O nobre orador, segundo hoje se chama ao maior villão ruim e mais ludroso calça de coiro que se atreve a abrir a bôcca deante de gente, o nobre orador disse:

—Meus bons amigos e honrados compatriotas...

— Bom, bom? Isso é outro modo de falar.

— Ah, ah! já nos tratam de honrados ..

— Silencio! Oiçam.

Tornou-se a fazer grande silencio.

— Ouvi-me, bom povo, e sabereis grandes coisas, amigos. O nosso veneravel prelado e pastor, o nosso senhor e bispo ..

— Barrabás, Barrabás!

— Não sou, meus amigos, não sou. Escutae-me.

— Pedras ao traidor! Acabemos com o Judas que nos vendeu!

— Ouvi-me, ouvi-me, por Deus que está no ceo, e ficareis satisfeitos.

— Oiçam, oiçam.

— O nosso bispo e o nosso cabido têm de ir hoje a San Marcos d'alêm do Douro.

— Não, não em quanto justiça não for feita.

— Não: San Marcos é pelo povo.

— Grande santo San Marcos evangelista! Nós estamos pela lei de Deus; queremos que se cumpra a lei de Deus. E justiça d'el-rei D. Pedro nos valha!... Que antes San Marcos fique sem festa nem procissão, do que lh'a façam em peccado mortal esses Iscariotas.

— Justiça tereis boa gente: ouvide. Pero-Cão...

—Enforcado Pero-Cão!

—Morra, Pero-Cão!

—Morra, morra.

—Não morra: queremos comel-o vivo.

—Vivo não; é muito duro.

— Assado e de môlho de villão, o villão!... como el-rei comeu o coelho ..

—O coelho que lhe matou a amiga.

—Dobra a lingua, bruto: a mulher.

—Pois a mulher: seja. Comtanto que o cão vá pelo caminho do coelho.

—O cão atraz do coelho é razão natural.

—Ah! ah! ah!

—Tem razão! bem dito. Venha o cão, morra o cão!

—Morra Pero-Cão!

— Morra, morra.

O aturdido orador do alto da sua tribuna emparvecia de susto e confusão. Martim Rodrigues, que não estava muito melhor, mas que, porquanto não era tão papelão como elle, não perdia tam completamente a tramontana, Martim Rodrigues deu-lhe ânimo o excesso do medo, empurrou da varanda o estonteado collega, e bradou agitado da mesma agitação que o rodeava:

— Seja feito como quereis. Pero-Cão é um enredador, um tredor. O nosso bom prelado o manda entregar nas vossas mãos para que façaes n'elle segundo vossa vontade.

— Viva o nosso bispo e morra Pero-Cão!

Outra vez se abrandava o tumulto; e outra vez surdiu, d'entre as turbas quasi aquietadas, a mesma voz estridente e magnetica:

— E Anninhas, Anninhas?

Começava-se a irritar denovo a sanha popular; Martim Rodrigues perdeu de todo a cabeça. Como homem que não sabe o que hade responder, e que vê todavia a necessidade de uma resposta peremptoria, olhava para todos os lados, engulia em sêcco, fazia gesto de quem ia falar... mas ficava.

Em que pararia ésta pasmosa scena do povo portuense com os seus magistrados, não é possivel imaginál-o: grandes desgraças iam acontecer talvez se, ao pé das rotundas e apatetadas figuras de Martim Rodrigues e de seu collega, não fôsse visto apparecer ao mesmo balcão o homem mais popular e o mais respeitado clerigo que havia na cidade por aquelles tempos. Era um ancião venerando, um d'aquelles raros homens que, no meio da maior corrupção, a providencia conserva sempre no mundo para que se não apague nunca de todo na terra a crença na virtude e a fé no podêr do céo. Paio-Guterres o arcediago de Oliveira, vigario e penitenciario do bispado, verdadeiro ministro do altar, devoto sem hypocrisia, austero com suavidade, grave sem fasto, era honrado de todos, do proprio bispo que o detestava, do povo que o amava.

Apenas appareceu no balcão Paio-Guterres, foi saudado por uma acclamação geral e enthusiastica da multidão.

— Meus filhos, socegae, e ouvi-me.

Não se ouviu o menor susurro. Elle continuou:

— Anninhas foi preza ésta noite... á minha ordem.

Um rumor de espanto e de indizivel assombro soou por toda aquella multidão.

— Sim, á minha ordem. Está accusada de graves culpas... Deus permittirá que falsamente.

— Falso!... é falso. Anninhas é uma santa.

— É, é, uma santa, Anninhas

— Será: assim o espero. E hoje mesmo hade ser absolvida e posta em liberdade se assim for. Tende confiança em mim. Seu feito está em meu podêr; sou eu que o heide julgar. E eu... respondo da sua pessoa.

— Ah! então...

— Ide, meus filhos: socegae. São horas de sahir a nossa procissão. Mostrae-vos bons christãos e tementes a Deus; deixae-nos cumprir com os preceitos da egreja. Retirae-vos, meus filhos, com a benção de Deus.

— E a vossa. Queremos a vossa benção.

— Em nome do senhor de toda a justiça, do premiador e castigador eterno, do que julga os povos e os reis, do que morreu por todos nós, e não mais por uns do que por outros, meus filhos, eu vos abençôo: ide em paz.

A força de uma voz respeitada, no meio da effervescencia popular, é um dos continuos milagres que attestam o podêr de Deus, e justificam da sua glória.

O tumulto socegou e dissipou-se.

D'alli a pouco as portas da cathedral estavam abertas, e a procissão sahia gravemente, entoando as ladainhas e preces públicas. O bispo, em todo o esplendor da pompa catholica, seguia no coice da procissão. A mitra resplandecente carregava-lhe nas altivas rugas da testa; o braço parecia agitado de leve tremor quando se abordava no baculo de oiro; mas o pé caminhava firme, e os olhos iam serenos no livro do cantor que o precedia.

Tomaram para a porta do Sol, desceram o ingreme Codeçal abaixo, e chegaram á escura margem do rio, cantando, rezando e invocando os martyres e os apostolos, os confessores e as virgens que rogassem por nós.

CAPITULO XVII

A procissão

N'estes prosaicos e minguados tempos em que nós vivemos, sabe Deus o que lhe custa á excellentissima camara municipal de Lisboa a ir a casa de Sant'Antonio no seu dia, e á illustrissima camara municipal de Coimbra a ir pela festa da Rainha-Santa visitar a sua padroeira d'alem da ponte. O codigo administrativo não beatificou mais santos que Santa Urna, e os espiritos-fortes do concelho são iconoclastas decididos, que fazem guerra a todas as velhas superstições d'aquellas desgraçadas e vergonhosas éras em que Portugal estava tam atrazado que apenas descubria a India, circumnavegava e civilisava a Africa, povoava a America, escrevia as

Decadas de Barros, compunha os *Lusiadas* de Camões, edificava Belem, e fazia outras soézes ninharias do mesmo jaez.

Pobre Portugal velho e relho, que não tinha agiotas nem lords do thesouro, nem pontes pensis, nem garantias pensis, nem barões, nem pedreiros-livres, e eras o escarneo da Europa que hoje pasma de te vêr correr como um caranguejo por essa estrada da civilisação fóra!

Dancemos a polka, e viva o progresso!

Inda assim: o *progresso* do nosso *regresso*, como diz aquelle grande e coruscante orador nosso, cuja eloquencia, de parenthesis seja dito, tambem dança a polka.

Dançar, dançavam os conegos do Porto, ainda em tempo de minha avó que o viu, e m'o contava quando eu era pequeno: dançavam sim deante do altar de San'Gonsalo no seu dia. E era uma devota dança hieratica, segundo agora se diz em grego — que nós démos furiosamente em falar grego desde que o não sabemos. Quando mandavamos os Teives e os Gouvêas ensinal-o a Paris, falavamos portuguez.

Pois dançavam, é certo, dançavam os conegos do Porto deante de San'Gonsalo de Amarante, e em trinta prestitos e procissões em que iam a muitos oragos e festas de varios santos e santas. E assim mesmo iam os outros cabidos e collegiadas do reino, que hoje nem ao côro vão; e mais, não têm nem sequer o codigo administrativo a que se apegar.

Entre as muitas festas processionaes da nossa boa Sé — me dizia um beneficiado velho que andou commigo ao collo, e era a mais santa alma de beneficiado que ainda houve — foi talvez a primeira a de San'Marcos Evangelista que os de Gaia ou Calle pretendiam ser o fundador da santa egreja portucallense, em opposição aos de Miragaia, que a queriam fundada por San'Basileu na sua freguezia de San'Pedro extramuros.

Já na minha infancia porém, e quando o meu velho beneficiado me enriquecia o espirito e a memoria com estas tam interessantes e romanescas archeologias, já a procissão das ladainhas de San'Marcos não passava de San'João-novo, e d'alli d'aopé da ermidinha da Esperança é que os conegos, incensando para Gaia, cantavam o *Boa gente, Boa gente!* antiphona em vulgar de que nunca pude saber a explicação nem pelo meu beneficiado nem por nenhum outro chronista oral ou escripto, dos muitos que tenho consultado.

O caso é que a cerimonia ainda assim se praticava em nossos dias, e que em éras mais remotas a procissão passava, como a descrevi, d'alêm do Douro, e ia á propria capellinha do santo, cujas ruinas ainda hoje estão a meia encosta das ribanceiras de Gaia.

E devia de ser razão bem ponderosa a que obrigava bispo e conegos, os senhores da terra do Porto, a passar o rio, e a visitar essa gente de Gaia e de Villa Nova que lhes não obedeciam nem pagavam tributo, e que, fortes da protecção real, lhes faziam mil acintes com a sua pesca livre, o seu commercio franco, e até com o monopolio do sal que tantas vezes lhes dava el-rei só para apoquentar os vassallos e homens do bispo, que eram todos os da cidade.

Fôsse ella qual fôsse a tal razão, e durasse a prática desde quando e até quando durasse, que o não sabemos ao certo; o certo é, e o sabemos, que ainda durava no tempo d'esta nossa historia, pois ahi vae chegando á margem do rio a solemne procissão das ladainhas, e resoando pelos cavos alcantis que lhe emparedam os precipitosos caudaes, o sublime e plangente responsar do côro:

> Ut nos exaudias!
> Te rogamus, audi nos.

Uma flotilha de saveiros com seus toldos embandeirados e ornados de festões de flores, seus convezes juncados de espadanas, está prolongada com a praia, e recebe a procissão a seu bôrdo.

As ladainhas não pararam, o canto não cessou: acompanha-o agora o remar certo e compassado dos barqueiros cujas vozes, roucas mas afinadas, se juntavam tambem ao clamor geral do côro, e bradavam com elle:

> Te rogamus, audi nos!

É impossivel imaginar espectaculo mais solemne e grandioso, do que esse que então offereciam as aguas e as margens do Douro.

Toda a divina poesia da religião e da natureza, todo o picturesco dos costumes feudaes, toda a animação dos grandes ajuntamentos populares, se reuniam e se harmonisavam n'esse quadro.

Um sol de primavera batia a prumo sôbre aguas, rochas e verduras. O ár estava sereno e tépido, o céo azul e transparente, a agua corria mansa; de um lado e outro do rio a população da cidade e da villa, prolongada pelos brancos areaes que se espelhavam com o sol, contemplava em religioso silencio a maritima procissão que, em longa diagonal, ia cruzando o rio quasi como se o descesse, pois é consideravel a distancia que vae d'onde hoje é a porta Nobre, em que embarcára, até o desembarcadoiro de Gaia onde foi ter.

Rio acima, as varzeas de Campanhan, de

Ramalde e de Avintes resplandeciam com as esmeraldas da joven primavera; para a banda da Foz os ceiceiraes de Val-d'Amores descahiam sôbre a agua como se ainda estivessem acoitando os traidores e vingativos barcos d'el-rei Ramiro quando veiu desde Galliza em busca da mulher que lhe tinha o mouro, porque lhe elle tinha a irman.

Esse Val-d'Amores, que depois foi Val-de Piedade quando os Capuchos ahi fizeram seu convento e o beatificaram com o devoto nome que ainda tem — hoje... oh tristes, tristes tempos nossos! é Val de tanoeiros ou Val não sei de quê, porque lhe fizeram da egreja um armazem, e da cêrca tam viçosa e tam fresca, algum máo campo de milho talvez.

Eu, ainda me lembra, e era bem pequeno, das tardes da trezena do santo em que aquella linda cêrca parecia o jardim de Kensington ou o das Tuilherias, de povoada que se fazia pelas mais bellas e elegantes damas da cidade, por um concurso immenso de todas as classes e edades: n'aquelles treze dias o Val-de-Piedade tornava a ser o Val-d'Amores.

Seria o melhor passeio público que o Porto podia ter, e rivalisaria com os primeiros do mundo, se n'isso o tivessem convertido. Venderam tudo por não sei quantos mil réis, mas poucos — e em titulos azues, havia de ser.

Ex digito gigas: ninguem faz melhor a sua transição do antigo para o novo estado social, do que nós a fizemos. Juizo, gosto, proveito, tudo se juntou.

Tornemos á nossa historia.

A procissão cantava:

Exaudi nos, Domine!

e os saveiros abicavam nas praias de Gaia. Desembarcando e cantando proseguiam nas ladainhas; e assim foram subindo até o principio da encosta que leva ao castello, e onde a egreja ou ermida do santo era situada.

Todo o povo da villa e suas vizinhanças acompanhava como em triumpho, e recebia, quasi como homenagem á sua independencia, a visita do senhor bispo e do senhor cabido, tam senhores do outro lado do Douro, — alli hospedes, respeitados sim por seu caracter sagrado de ecclesiasticos, mas sem auctoridade nem poder civil de nenhuma especie.

E comtudo ajoelhavam, e o bispo abençoava; e o clero proseguia cantando e o povo respondendo aos versetos da ladainha... A religião do Crucificado é a religião da liberdade e da tolerancia, não faz partido com nenhuns odios e discordias civis: os que dizem *racca* a seu irmão desobedecem aos preceitos do Christo.

Via-se porém nas physionomias dos Villanovezes não sei que expressão mais altiva do que o costume, mais animada — ao que parecia — pela consciencia de sua liberdade e independencia. Olhavam para o bispo com certo ár, seguiam os conegos com tal desgarre, respondiam ás preces com uma voz tam segura e folgada, que um amigo de similhanças classicas não duvidaria comparal-os aos jovens e altivos concidadãos do filho de Rhea-Silvia recebendo nos infantes muros de Roma uma procissão de sacerdotes albanezes que lhe trouxesse, em vassallagem, e para futuro paladio de sua grandeza, a captiva imagem de Vesta que ja não tem que fazer em Alba-Longa.

A clerezia do Porto eram os *albani patres*, Gaia affectava as soberbas de *alta moenia Romæ*.

Perdoae-me porém, ó veneraveis irmãos romanticos, perdoae-me, que eu prometto não tornar a fazer nem a mais leve allusão ás proscriptas reminiscencias do meu pobre velho latim...

Mas havia sim, havia o que quer que fôsse extraordinario, que animava os independentes populares de Gaia e Villa Nova. Elles seguiam todavia quietos e devotos a procissão; e assim chegaram todos á capella do santo onde entraram.

O bispo subiu ao seu throno; á volta d'elle, em circulo, os conegos; e logo começou a missa com que se ia concluir a festa e rogações d'aquelle dia.

Chegava já a missa ao offertorio, e a congregação de joelhos e inclinada communicava devotamente no augusto mysterio do Sacrificio que nos regenerou e fez livres, quando um mancebo elegantemente vestido mas todo coberto de pó, e affadigado ainda, ao que parecia, de caminhar longo e pressuroso, entrava, com algum disfarce, na egreja. Deitou um relance de olhos prescrutador pela variada multidão que alli se juntara, e foi ajoelhar-se a um canto da egreja, detraz de dous homens de madura edade, cujo modo e trajo os inculcava pertencentes a uma como meia gradação entre burguezes e homens da plebe.

É essa especie que os modernos Rabelais designam hoje pela tam caracteristica denominação — *l'épicier:* especie rara d'antes mas que actualmente constitue a maioria das grandes cidades, dos grandes fócos de população civilizada.

Molle como a sua manteiga, estupido como os seus macarrões, pateta como os seus chouriços, e rançoso como o toicinho que vende, o mercieiro — *l'épicier* — é o typo

d'essa bastarda aristocracia da plebe que se propagou e cresceu tam numerosa, e cuja missão politica é unicamente engulir as petas de todas as proclamações, dar consummo ás sandices das gazetas dos governos, acreditar no 'systema que felizmente nos rege', e pôr luminarias nos dias de gala.

Quando eram poucos, tinham a energia e as grandes aspirações de todas as classes que precisam viver fortemente para viverem, porque se não fiam na bruta segurança do numero.

O recemchegado ajoelhou, benzeu-se, e depois de breve oração, que provavelmente foi mental porque lhe não boliam os beiços, com a ponta da vara que trazia na mão, tócou levemente no hombro de um dos dous homens que lhe ficávam adeante. O homem voltou-se rapidamente, e encarando com o mancebo que assim o interpellava, exclamou em voz baixa:

— Oh! vós aqui!... já?

— Bem tarde me parece a mim. Vinde: saiâmos para fóra, que temos que falar.

— Deixae acabar a missa.

— Não: já. Viva Deus! que entre a hostia e o caliz, na propria presença d'Aquelle que está no altar, te quizera eu dizer o que tenho a dizer-te... Mas não póde ser; vem.

— Vamos. Meu irmão tambem?

— Teu irmão?... Eu sei? não tenho fé em teu irmão. Elle não era?...

— Era sim; e eu tambem, por meus peccados, pouco melhor que elle. Accudiu-nos Deus a ambos. Agora podeis falar deante d'êlle como deante de mim.

— Pois que venha.

Esta conversação breve, rapida, cochichada a ouvido e ouvido, não foi percebida de ninguem mais na egreja. Os dous populares e o joven cavalleiro sahiram, sem ser vistos, por uma porta lateral.

É tam fino e perspicaz o amavel leitor, que, estou certo, já adivinhou quem era o mancebo...

Era sim, senhor, era o nosso estudante, o nosso Vasco. Os dous populares é que não adivinhou seguramente quem seriam.

Tenha a bondade de lêr o capitulo seguinte, e lá lh'o diremos.

CAPITULO XVIII

Coalisão

O mancebo caminhava silencioso adeante; no mesmo silencio o seguiam os dous companheiros. De rua em rua, se aquillo são ruas, — antes, de becco em becco, ou, mais exactamente, de socalco em socalco, iam saltando pelos informes gradins do pouco esplendido amphitheatro em que se encastella o triste logarejo de Gaia.

Chegavam aopé da romanesca fonte d'el-rei Ramiro que, em seu garrulo correr, vae ainda repetindo o palrear incessante da faladora Peronella, quando alli vinha do castello buscar agua para sua ama — e tardava, tardava, pela tréla que dava, emquanto a infusa enchia e a senhora esperava... deixal-a esperar.

Passam essa fonte tam celebrada na tradição popular, passam a antiga casa que o povo apellida tambem 'paços d'el-rei Ramiro', mas que visivelmente é uma construcção do décimo quarto seculo, e que talvez fosse n'aquelle tempo a residencia dos ciosos reis de Portugal quando alli vinham quasi occultamente — *afforrados*, diria um purista — conspirar com o povo contra os bispos seus senhores. Conspiração permanente por mais de quatro seculos, que os reis foram demagogos, porque precisavam do povo, para resistir primeiro, para destruir depois, a aristocracia ecclesiastica e secular que tanto nos pejava.

É comparativamente moderna a desintelligencia dos reis com os povos. Foi necessaria muita má fé, muita traição de coroados tribunos para desenganar o pobre do povo que tantos annos combateu por elles e quasi só para elles, cuidando que para si combatia.

Depois da victoria, o leão fez a partilha do costume; e ainda emcima pôz-se a devorar o sendeiro que o auxiliára ..

Sendeiro que briga com um leão, mas que se deixa albardar depois como quem é...

Vasco, o nosso estudante, pois não ha mister de mais mysterios e perdôem-me o 'mister' que aqui veiu mais pela graça da *alitteração* do que por outra coisa: tam safado e çáfaro o trazem por ahi os periodicos e os dramatistas, que ninguem ja póde com elle! — Vasco, digo, o nosso estudante, tomou por uma estreita viella á esquerda da fonte; e, a poucos passos n'ella andados, entrou por uma porta baixa e aberta de que pendia tristemente o escuro e emblematico ramo de pinheiro.

Os outros dous entraram após elle.

Era uma taberna de pescadores, de marujos e azemeis. A taberna estava só, as estreitas e mal compostas mesas desertas. Sentaram-se os tres a uma d'ellas.

— Um pichel do melhor! disse Vasco.

E uma velha, com mais traça de bruxa que de taberneira, ergueu, da baixa lareira onde estava acocorada, a mal-azada cabeça, e tornou logo a descahir no que podia ser somno ou lethargo.

— Um pichel, bruxa excommungada! Não ouves?

— Bruxa, bruxa!... Jã houve bruxas em Gaia, que era a terra d'ellas e sempre o foi. Hoje não ha bruxas que valham, onde estão benzedeiras e rezandeiras que todo lo levam e todo lo comem... Má eira as colha!... Que bruxas? hum!

Rosnando assim, vinha a bruxa, arrastando-se nos decrepitos tamancos (lea 'soccos' no mais alatinado dialecto portuense) e chegando aonde estavam sentados os tres, estacou derepente. Com olhos que não pareciam já feitos para o vêr da vista exterior, se pôz a contemplál-os n'uma attitude de indefinivel expressão.

Disseras de um cadaver que reconhece um vivo... de um esqueleto em cuja caveira se illuminasse derepente o vazio das orbitas descarnadas para vos olhar e saudar.

Os tres homens estavam fascinados; a velha parecia ter o poder de fixar sôbre todos tres ao mesmo tempo, e com egual e não dividido alcance, aquelles olhos tam mortos... e tam vivos.

Um sorriso infernal correu mais para um lado, e sem as desfranzer, as asquerosas rugas d'aquella bocca sumida; e a velha disse:

— Com quê são hoje as ladainhas de Marcos evangelista? Devem de ser. E bem as canta quem as canta. São os conegos na Sé. Dizei-me vós a mim quem é.

E riu-se, riu-se de bruxa: uma risada tossida e para dentro, d'estas que fazem arripiar e estremecer.

D'ahi, com uma pieira rouca e desafinada, se pôz a cantar, ou antes a regougar estas tróvas de má mente e máo esconjuro, que lhe sahiam trepidando dos beiços como espuma de feitiços que fervem n'um lar maldito em caldeirão de tres pés, manco, rachado e ao lume de figueira verde:

O bispo com sua bispança,
Bem lhe praz fazer folgança,
Mais os padres de Santa Maria,
E mais a raposa que fia.

Bem fia a raposa, bem ella fiava,
Rezava a Senhora, rezava e cantava:
Cahiu a raposa no laço que armava.

Foi o raposinho
Que aventou o ninho.
Entraram os lobos... elles hãode entrar...
Oh, se hãode entrar!
E o bispo, a raposa e o seu raposinho,
Tudo hade dançar.

Dansar, dansar, meu SanGonçalinho!
Bebei do meu vinho.

E com uns saltos tropegos, como de dança de entrevados, a velha bailava em cadencia com o seu arripiado cantar. Parou derepente, fitou os olhos no mancebo, e, soltando uma longa gargalhada infernal, virou-lhe as costas. Arrastando, arrastando, foi buscar um bom pichel de mais de canada, encheu-o de vinho, e voltou a pôr-lh'o sôbre a mesa.

Os tres pasmavam e não diziam palavra, ainda fascinados do estranho olhar, do mais estranho cantar, e das arrastadas evoluções da dança da bruxa.

Ella tornou para o seu canto na lareira, acocorou-se, e descahiu a cabeça no mesmo lethargo ou somnolencia de que tam extraordinariamente despertára.

— A que má cova de Satanaz nos trouxestes, mancebo? disse um dos tres por fim: Peçonha terá este vinho, por mais que me digam.

— Tem, tem, e da peior, que é verde como agraço, o cão: respondeu Vasco depois de vasar a meio um d'aquelles immensos copos minhotos que fariam espanto e metteriam respeito até á mesma bibula progenie britannica. E continuou logo: Como um cão o maldito! E para quem está costumado a fazer penitencia no tinello de certo prelado apostolico...

— Á porta Santa de Roma farei eu penitencia sete annos... sete annos e um dia bem contados, se com tal me perdoasse Deus o mal-amassado pão que lá comi, o agro vinho que lá bebi, o proprio ár empestado que lá respirei...

— Não haveis mister de ir a Roma, que perto tendes a absolvição. Esta noite resgatareis a alma se quizerdes.

— Esta noite?

— Sim. As ordens que trago são para que esta noite se levante tudo, e acabemos por uma vez com a insupportavel tyrannia que nos opprime e nos deshonra. El-rei está em... Podemos falar seguramente aqui?

— Se não receiais da bruxa... Mas d'ella bem sabemos que nada ha que temer!... cá por nós dous...

— Teu irmão largou com-effeito o serviço do diabo e do almudeiro?

— O almudeiro não, não o largou de todo, respondeu o terceiro interlocutor que até alli estivera em profundo silencio: não o largou de todo, não, que ainda tem de ajustar com elle um resto de contas. O almudeiro almuda bem, mas precisa afferido. E ha de ser pela minha mão: não cedo esse encargo a ninguem.

— Bem está. Pois agora sabei ambos .. mas que se não diga por emquanto na cidade .. sabei que el-rei veiu afforrado ao mosteiro de Grijó, que ahi está desde esta madrugada, e d'ahi sahirá á bocca da noite para entrar no Porto sem ser visto. E pre-

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 28. Pois abaixo, abaixo e vamos...

ciso. que nós seguremos as portas com tempo, e primeiro que tudo a Sé, que é o mais forte de toda a cidade. De que ânimo está o povo?

— De se pagar por suas mãos, que é o unico pagamento seguro que tem.

— E que farão os nossos juizes e vereadores?

— O costume: dar vivas a quem vencer.

— Estareis vós de vigia no paço esta noite, Ruy-Vaz?

— Por quem me tomaes vós, senhor Vasco? Eu era homem do bispo, servia-o com lealdade: pezava-me na consciencia, é certo, mas servia-o, porque fé e lealdade estão primeiro que tudo... Desde hoje não sou homem seu, nem como seu pão, nem bebo seu vinho; posso fazer-lhe guerra por conta d'elrei, e do povo cujo sou, e por minha conta tambem, e mais... mais de uma outra pessoa, senhor Vasco...

— Falastes com Gertrudes, vós? Falastes com ella, Ruy, meu amigo?

— Falei sim: e não ha falar com aquelle anjo que se a gente não sinta virar para melhor, como de dentro para fóra. Aqui tendes a meu irmão Garci-Vaz que ella converteu tambem.

— A ti! pois tambem a ti! disse o estudante voltando-se para o ex-portageiro... ex-cabo-de-policia traduziriamos hoje... Esperemos em Deus, para salvação da sua alma e bom fim da nossa historia, que a verdadeira traducção seja — ex-tratante.

— A mim, sim senhor, respondeu elle: a mim, que de a ouvir falar ao povo com aquelle innocentinho nos braços... o filho da pobre Anninhas que eu ajudei a .. E o mais culpado de todos fui eu, porque ja o coração me dizia que o era antes de fazer o que fiz. Era, era. O coração bem me dizia que, em vez de dar a Pero-Cão a gazúa que forjei para elle abrir a porta, com ésta choupa lhe devia eu ter aberto a barriga a elle... sahisse o que sahisse... que não havia de sahir cousa boa. Mas é verdade que de a ouvir falar ao povo com aquelle innocente nos braços, e dizer-lhe o que ella disse, toda ésta alma se me voltou; jurei por quantas juras ha, más e boas, que o mal que eu lhe fiz alguem m'o havia de pagar.

— Pois bem, homem! agora o mal está feito, e o que devemos tratar é do remedio. Paio-Guterres é certo que respondeu de Anninhas?

— Certo: ouvi-lh'o dizer eu deante do povo todo; e d'ahi seguros estamos que lhe não póde succeder nenhum mal. Mas...

— Mas, interrompeu Garci-Vaz, tambem o bispo prometteu que nos entregava Pero-Cão para o enforcarmos, e elle ainda está dentro do paço, rindo e zombando dos gritos do povo... que por fim é povo, não sabe senão gritar.

Vasco ficou pensativo e abstracto, sem dar attenção ao que diziam os dous irmãos, que continuaram a conversar entre si pelo mesmo teor. Elle permanecia como fechado dentro de suas meditações.

Passado algum tempo, levantou-se da mesa derepente e disse:

— Parti já: quero as portas da cidade seguras. A Sé fica por minha conta.

— Vós, Vasco! vós, senhor, fareis essa... essa?...

— Essa traição: é o que queres dizer. Farei. E sei o que faço.

— Não sabeis, não, mancebo. Oh senhor Vasco, eu pesa-me na consciencia... É verdade que jurei não vol-o dizer, mas agora, mas n'esta occasião...

— Não vos pêze, nem péze nada amigo. Sei tudo, e sei o que faço, sôbre tudo. Parti já ambos sem mais detença. E o povo que não assocegue nem durma no seu caso. Povo que dorme, tyrannia que desperta. El-rei é por nós, mas não basta: os grandes não são pelos pequenos senão em quanto os pequenos podem. Adeus! Parti já. Eu não tardo no mesmo caminho.

— E vós?... Já falastes com ella, vós?...

— Com a velha? Com esta velha que cuida que é bruxa? Deixae-a por minha conta, que a conheço d'ha muito, e sei... que nenhum perigo corremos com ella.

— Bem o sei, mas ..

— Ide n'hora boa, ide já, ide!

— Vou. E ella virá?

— Virá.

O ex-archeiro e o ex-portageiro sahiram emfim.

Mas Ruy, o nosso antigo amigo, tornou logo atraz, como apertado de um escrupulo interior que não podia vencer, e baixo ao ouvido de Vasco, lhe disse:

— Lembraes-vos do que hontem á noite vos disse n'aquella negra sala d'armas do paço?

— Lembro, sim.

— Sabeis, Vasco, filho, mancebo?... O bispo... bom bispo não é elle... mas sabeis vós tudo... tudo o que lhe deveis?

— Ide em paz, honrado homem; ide e deixae-me, que tudo sei.

— E apezar d'isso?:...

— E apezar d'isso e por isso mesmo... Deus será juiz entre nós, Ruy-Vaz. Ide, que se faz tarde.

O archeiro encarou o mancebo como quem lhe queria lêr a alma no semblante. Vasco sorriu com um sorriso mysterioso e descorado que se não deixou interpretar.

— Adeus! disse o homem do povo: senhores lá o sabem e o entendem. Tendes sangue e criação para tudo, mancebo. Mas olhae que o que Deus mandou, mandou-o para todos.

— Assim é, meu amigo: ide.

— Vou, vou: e a Sua vontade seja feita sôbre tudo! Falae bem com a bruxa; que vos diga, que vos ponha em claro...

Vasco já não ouviu éstas ultimas palavras: passeava a largas passadas no chão desegual e humido da taberna, que não era senão terra batida. Ruy-Vaz sahiu sem elle vêr, nem interromper seu distrahido e agitado passeio.

As puas verdes e resinosas das folhas de pinheiro, que juncavam o chão, rangiam melancholicamente debaixo dos pés do mancebo; e por alguns minutos não se ouviu n'aquella desolada estancia mais som que este triste som. Via-se, nas expressivas e caracterisadas feições do joven, que o seu espirito e o seu coração luctavam alguma lucta tremenda; mas tudo se passava lá dentro, não veiu nem um suspiro á flor dos labios.

Que tempo seria, não sei; mas foi muito tempo que se passou assim.

Derepente Vasco foi-se á porta da rua, fechou-a, e levantando a tranca enorme que atraz lhe jazia, atravessou-a e firmou-a nos grosseiros encaixes que para isso estavam esburacados nos informes alizares de bruto granito. D'ahi, ás apalpadellas, porque a casa ficou quasi ás escuras, caminhou para a larga e enfumada lareira onde ardia um resto de tronção de pinheiro, e de d'onde agora faiscavam, mais do que elles, os olhos da velha que parecia ter acordado do seu habitual lethargo.

Os olhos da velha luziam, luziam como carvões accesos... o mancebo caminhava lento mas certo para aquella luz terrivel.. a velha ergueu-se em pé, direita, alta e forte, como se o asqueroso sapo que ainda agora se arrastava disforme pelo torpe lodo d'aquelle chão, subitamente se transformasse n'um dos genios máos da miraculosa lampada de Aladin.

CAPITULO XIX

Tornemos ao Arco

Dez annos esteve Cervantes para fazer trasladar e pôr em ordem os manuscriptos de Cid-Hamete Ben-Enjeli, e nos dar emfim a última parte da historia do Cavalleiro da Mancha. Eu não te fiz esperar senão cinco, leitor amigo e benevolo, por este segundo e derradeiro tômo do bemdito Arco de Sant'Anna. E tive de fazer eu tudo, eu só por minha mão, decifrar a enrevezada lettra do codice dos Grillos, que, entre palavras safadas, linhas inteiras illegiveis, folhas rôtas e outras difficuldades similhantes, me deu mais que fazer do que um verdadeiro palimpsestes.

Não tive n'este intervallo, é verdade que não tive, quem me fizesse uma segunda parte subrepticia e calumniosa, como lhe fizeram ao pobre do Miguel Cervantes, que o obrigou a dar tantas satisfações, e a torcer até o rumo de sua historia. Mas criticos e censores não me faltaram, pragas e praguentos me vieram de toda a parte; e chegaram a accusar-me de Quixotismo, que sonhei gigantes em moinhos de vento para ter com quem brigar, e degolei exercitos de innocentes cordeiros como se foram a pugnaz moirisma d'el-rei Almançor, o de arregaçado braço.

E tudo isto porquê, leitor amigo? Porque ameacei com a ponta do azorrague d'el-rei D. Pedro as pretenções absurdas e anti-evangelicas de certos agiotas do catholicismo que abusaram da boa fé da presente geração e pretenderam grangear em proveito seu, de suas pessoas, o espirito mais religioso da epoca.

Ha cinco annos chamaram-me visionario. Que dizem hoje, senhores censores? Vejam a Inglaterra, onde á sombra do Pusseismo e de outras fórmas de transição e transacção, o catholicismo entrava já nas mais fortes cidadellas da fé lutherana, vejam como por lá se tem abusado, e como o governo se começa a arrepender de sua tolerancia. Vejam na Italia como se está suicidando o papado, e prégando-se *urbi et orbi* o schisma, a heresia, a dispersão da Egreja universal. Vejam emfim, na nossa pequena e pobre terra, a ignorancia, a crápula, a simonia, o servilismo politico andar deshonrando a estolla e a mitra, entregando-as ao desprezo e ao odio popular.

E com tudo isto, querem dominar, e são ferozes e atraiçoados inimigos da liberdade, que, filha do Evangelho, só póde e só hade sustentar o Evangelho; que, tendendo á universalidade, como a Egreja, é a sua mais poderosa auxiliar, a sua unica verdadeira esperança na terra. Porque hoje, se não ha Dioclecianos perseguidores nem Julianos apostatas, tambem não ha Constantinos protectores. Os principes querem para si: tomára o throno que lhe acudisse o altar, quanto mais amparal-o elle! A Egreja, quem lhe resta é a Liberdade; é pela Liberdade que se hade cumprir a promessa divina de que não prevalecerão contra ella as portas do inferno.

Dizia o meu amigo R.: 'Tu não chegas a imprimir nunca o segundo volume do Arco?

— Imprimo, imprimo, respondi eu, em me

chegando outra vez a mostarda ao nariz com estes padrecas ingratos. Valemos-lhes nós, nós os rapazes do meu tempo, que entrámos a prégar a favor d'elles, em verso e prosa, contra os formidaveis adversarios da epoca: a economia politica d'este seculo e a philosophia do seculo passado. Ambas os proscreviam; todos os homens graves e serios, de quarenta annos para cima, votavam por ellas, a rapaziada é que se metteu no meio e não deixou. Vêm elles depois e voltam-se contra nós porque julgam que já nos não precisam .. Agora o veremos.

Inda assim, meia duzia de padrecas soezes, um que outro bispo ignorante e depravado não são o Clero nem a Egreja. Por esta somos nós como sempre fomos e seremos. Aos máos sacerdotes havemos de penduralos do Arco abaixo. Que préguem d'ahi os seus sermões para os gaiatos se rirem; que excommunguem d'ahi os que não crêem nos milagres que elles inventam; e os que forem academicos que escrevam d'ahi as suas memorias. Não lhes damos outro castigo, nem queremos outro divertimento para nós.

Ahi os deixo pendurados como ex-votos de cêra, com serem bem cebentos alguns d'elles.

E nós vamos, leitor amigo, em busca do nosso estudante, do nosso Vasco. Vamos vêr o que elle faz mettido ha tanto tempo n'aquella taberna de Gaia, só alli fechado com aquella bruxa tam feia. E vamos saber de Anninhas e da sua amiga Gertrudes. E se a bernarda dos caldeireiros gorou ou foi por deante, e conseguiu acclamar o *Senatus Populusque Portucallensis* sobre as ruinas do throno episcopal. Se a seraphica pansa de Fr. João da Arrifana ou o municipal abdomen de Mestre Martim Rodrigues, mettidos cadaqual em sua cuia da balança, conseguiram restabelecer o equilibrio do estado, e fazer reinar, com o braço e baraço de Pero Cão, a *ordem de Varsovia* n'aquella inquieta terra do Porto. Se no meio d'isso, veiu el-rei D. Pedro e se comeu a polpa da ostra, dando ametade da casca a cada um dos litigantes. Vamos vêr tudo isso, que é tempo.

E, sem mais preambulo, amigo leitor, entremos no amago da historia, que agora te vou contar muito direitinha e enfiada desde o principio do capitulo seguinte, para o qual te peço que voltes a folha.

CAPITULO XX

A Bruxa de Gaia

Deixámos o nosso Vasco na presença da velha bruxa que se erguêra do seu lethargo e crescia deante d'elle como um espectro tremendo.

—Estamos sós, Guiomar, disse o mancebo com voz que queria ser firme, mas que vibrava descompassadamente para não tremer.

—Emfim! respondeu a velha.

—Emfim! Ha muito que temo e desejo esta hora, tornou o mancebo: ha muito que lucto entre a necessidade e o terror de te ouvir, Guiomar, de ouvir o tremendo segredo que não sei se adivinhei já... que Deus queira, oh! faça Deus em sua misericordia que eu não adivinhasse!

—Palavras de homem! Bem, mancebo! Essas são palavras de homem, as primeiras que te ouvem pronunciar estes ouvidos que latejam com a surdez da velhice e da enfermidade, e onde só retinem claros e distinctos os sons que pronunciam os teus beiços, Vasco. Porque eu morri para tudo e para todos, menos para ti, menos para ti que és... és...

— O que sou eu?

—Hoje és um homem: o teu falar é de homem. Hontem eras uma criança. Que revolução se fez no teu espirito! Bemdito seja Deus que me deixou vêr este dia. Mas vi-o, oiço-te e vejo-te. Inda bem! Estás um homem. Acabaram-se as levezas e as leviandades de rapaz, entraste serio na vida. Já me não importa morrer. Nem morrerei, não . . . (quel-o Deus assim, bem o sei) emquanto o meu filho, o filho de meu coração...

—Mulher, mulher, e sou eu teu filho? Sou eu esse filho por quem tanto tens padecido e chorado, por quem tens levado essa vida de martyrios, incrivel de abnegação e paciencia que me tens contado? Prova-m'o, prova-m'o, e não hesito mais um instante, fecharei os olhos e correrei cegamente aonde me mandas.

—Oh filho, filho! quem, se não fôra mãe, faria o que eu tenho feito, soffreria o que eu tenho soffrido?

Vasco deu um profundo suspiro, os olhos que levantou para o céo, ao arrancál-o do intimo peito, lhe descahiram desanimadamente no chão tristes e mortaes.

—Tua mãe sou, Vasco. D'estas entranhas nasceste, estes peitos te criaram. Olha, olha bem para mim, filho, que para tua mãe olhas! Não te dê asco esta miseria, não tenhas vergonha d'estes farrapos. Eram ricas telas, eram sedas e oiro, eram finas hollandas as que me vestiam quando tu vieste ao mundo, filho. E nenhuma dama da côrte, das mais soberbas e preciosas, as vestia assim; nem houve infante de Portugal ou Castella que fôsse envolvido em tam ricos pannos em seu berço, como tu foste, meu Vasco, meu só amor e minha vida, porque outros não os tive, outra vida não a gosei, outro amor não o cri nem o quiz. Deu-me o demonio em má hora a um

homem... a um monstro que me perdeu... Mas não o amei, santo Deus! não; nem me amou elle. Duas vezes me reputariam a infame e perdida, que sou, se o meu coração tivesse sido cumplice nas vilezas de meu corpo e na deshonra de meu nome. Ai filho! a minha pobreza não é falta de oiro, nem a minha velhice sobejidão de annos. Terás ouvido nomear o sabio e opulento rabi de Leiria, Abraham Zacuto. Sua filha sou; e tu és neto do mais rico e venerado homem que houve nas nossas Hespanhas pela sciencia do grande Avicena, que elle egualou, se não excedeu e aperfeiçoou em muitos pontos. Reis e principes lhe requeriam por grande favor sua amizade; e derramavam a seus pés thesoiros e mercês para obterem uma visita, uma palavra do grande homem...

— Judeu sou então?

— És hebreu por tua mãe: do mais nobre sangue de minha tribu: nobreza já velha e incontestada quando os avós d'esses fidalguetes que ahi vão tam soberbos de seus brazões de ha tres dias, d'esses que mais presumem de seu puro sangue godo — seus avós selvagens e brutos andavam meios nús pelas matas e tremedaes da Allemanha, comendo estreme a glande de suas enzinhas, devorando a carne crua de seus cavallos, e adorando um cêpo ou uma pedra por seu deus. Nobres os miseraveis! Fidalgos, filhos de algo, de alguem! De quem? O derradeiro da minha tribu tem mais nobre sangue que os seus reis.

— Mas elles reinam, e nós servimos.

— Nós fingimos servir. Mas reinâmos sobre elles pela intelligencia, pela industria, pela riqueza do saber, e pela riqueza do haver. A quem vêm elles pedir a saude que estragam por sua ignorancia e brutalidade? A nós, aos nossos medicos. A quem vêm pedir o oiro que desperdiçam por sua indolencia, e por mesquinho orgulho não sabem grangear nem fazer produzir? A nós, aos nossos negociantes. Elles têm a fôrça bruta, porque brutos são; nós a que a domina, a da sciencia, a da riqueza, que em seculos e seculos por vir não passará tam cedo para elles que a desconhecem e a desprezam. Assim fôra a da belleza! Mas oh! a da belleza... essa nol-a roubam elles, e se apossam d'ella misturando-se com a nossa raça abençoada... que, onde vires fuzilar uns olhos, brilhar um rosto, onde vires graça, gentileza e garbo entre as mulheres d'essa gente, crê que ahi anda sangue nosso, ou de nossos irmãos por Ismael, os moiros que elles perseguem como nos perseguem a nós. O que vale um homem, uma mulher de Hespanha, pelo que tem de arabe o vale, ou lhe venha do moiro ou do judeu. E elles dizem — Moiro! e — Judeu! com desdem e desprêzo, os monstros, os barbaros... Que odio tenho a esta gente vil! Odio, cegueira de rancor profundo, immenso, que todo concentrei sobre uma cabeça votada, execranda, em que heide descarregál-o como golpe de raio que a anniquile, e desparza suas torpes cinzas pela superficie das terras. Que passe o viajante e diga: «Já o não vi.» Que o peregrino pergunte: «Onde está elle?» E ninguem lhe saiba responder.

— Mas esse homem que tanto odeias e em quem concentraste todo o teu rancor á raça christan, porque é que o detestas? E porque estou eu em seu poder? Como me deixaste criar a seu bafo? Porque sou eu de sua religião? Porque adoro nos altares em que elle ministra? Como me deixaste crêr no Deus que é seu Deus, viver em sua lei que para mim é santa? Emfim, para que deixaste fazer de mim o homem que hoje sou, se tam differente, tam estranho me querias, se tam outro me precisavam as tuas vinganças?

— Assim te queria, e assim te preciso. Como és, devias ser. O neto de Abrahan Zacuto, manejando as drogas e os simples, podia, servindo uma obscura vingança, metter nas veias do cruel algoz de tua mãe os mais subtis e enfeitiçados venenos da Phrygia. Mas para essa vingança bastava eu, se ella me bastasse a mim. Não a quiz. Quero-a nobre, alta e clara, de perpétua deshonra e ignominia para o criminoso, de ostentosa reparação para a victima. Um nobre infanção, como elles dizem, um joven fidalgo, segundo a crença d'elles, vestido assim, assim collocado no mundo, é o que devia ser o meu filho para me vingar. E assim és, e assim me vingarás. Por esse homem me veiu todo o mal, toda a deshonra: por suas infamias e violencias fui obrigada a fugir da casa de meus paes; a dar-me por morta para que elles não moressem de vergonha sabendo-me viva; a esmolar pelas portas o pão da miseria; a servir, como escrava, nos mais baixos e vis misteres; a separar-me de ti, de ti, meu filho, minha unica vida e meu só amor; a ter de seguir-te disfarçada n'estes farrapos; a vêr-te de longe, sem ousar mostrar-me tremendo sempre que me descobrissem como se eu fôra a maior criminosa da terra. Flho, filho, dezoito annos padeci o que ainda ninguem padeceu; e dezoito annos tenho vivido a suspirar, tremendo, por este dia em que te abro meus braços descarnados e te supplico, filho, filho de minhas entranhas, um primeiro - mas que seja o derradeiro — abraço... oh! um abraço a tua mãe...

A bruxa, a torpe e asquerosa velha desapparecêra; uma mulher bella ainda, no vigor da edade, que não podia passar muito de quarenta annos, descarnada mas fortemente constituida, um profil de Agar no deserto, os

olhos rutilantes, a bôcca entreaberta, os dentes alvissimos, a figura erecta e nobre — tal estava a mãe de Vasco, a mãe que o reclamava, que o attrahia, o fascinava, e em cujos braços o mancebo se lançou clamando:

— Mãe, mãe! oh! tu és minha mãe, porque eu te quero e o meu coração vae para ti, mãe.

Abraçaram-se, abraçaram-se n'um longo e estreito abraço.

O céo tinha-se toldado no emtanto, a pouca luz que havia na obscura estancia desapparecêra, o fogo na lareira amortecia. Só os relampagos da trovoada, que bramia nos áres, mettiam, de vez em quando, por uma estreita fresta de alto, uns clarões amarellos que deixavam depois ainda mais cerradas as trevas feias que alli reinavam. Sem vento, a chuva cahia perpendicular, teimosa, esparralhada, sobre o tecto mal-escoante da casa, por onde em pouco, se imphiltrava, e cahia pinga a pinga, avivando aqui e alli o verde lustroso das ramas de pinheiro que tapeçavam o chão.

CAPITULO XXI

E meu pae?

Foi longo o abraço, estreito e longo, acompanhado dos soluços e das lagrimas da pobre mãe, que emfim o tinha alli para si todo aquelle filho, que o chamava pelo querido nome de filho, e se revolvia á vontade na fartura d'essas almejadas delicias, que ainda lhe parecia impossivel serem todas suas.

Não estavam seccos os olhos de Vasco, nem batia menos apressado o seu coração; mas n'elle não era, não podia ser unico e exclusivo o sentimento que dominava o da mãe. Tantos pensamentos, tantas recordações encontradas lh'o combatiam. Aquella mulher era sua mãe: não o duvidava já. Durante annos a vira, a sentira como a sua sombra que por toda a parte o seguia. Em suas pequenas difficuldades da vida de mancebo, ella derepente, e como se bastára o pensamento para a chamar, ella lhe apparecia prompta sempre e fôsse onde fôsse com o aviso importante, com a informação necessaria, com o dinheiro desejado. De d'onde e como o havia ella? Não sabe. Mas desde o primeiro dia que, pequenino ainda, fôra á eschola de Paio-Guterres, o bom arcediago de Oliveira, lhe apparecêra essa velha, e o acariciára, e lhe déra sempre bonitos, prendas, quanto elle queria e desejava, recommendando-lhe muito o segredo, que o rapaz guardava de todos escrupulosamente. Queria muito á velha, mas tinha medo e terror d'ella ao mesmo tempo, porque ella tinha fama de bruxa, era a Bruxa de Gaia que todos lhe chamavam: o nome de Guiomar, se esse era o seu devéras, até poucos lh'o sabiam. Sua mãe será, sua mãe é; não o duvida pois já'gora. Fizeram-lhe sempre mysterio de seu nascimento os que o criaram; mais facil lhe foi portanto acceitar esta explicação que achava ecco nas sympathias de sua alma, e na poderosa voz de seu sangue... Sangue que é judeu!... Todos os preconceitos da educação se lhe rebellavam com a idéa. E soffre, e pêza-lhe da mãe que achou... Mas ella quer-lhe, ella ama-o tanto!... ella é tam feliz de lhe chamar filho!

Que odio porém tem essa mulher ao bispo que o criou, e como a filho o trata tambem? odio que a seu joven coração tem sempre querido fazer passar por quantos modos pôde, mas em vão sempre. Os erros, os vicios, os crimes do prelado, bem os conhece e os detesta Vasco, mas a elle não póde. Enthusiasta na causa popular que é a da sua Gertrudes, quizera ser o tribuno audaz, o valente caudilho que á frente do povo do Porto triumphasse da tyrannia sacerdotal, e estabelecesse o livre regimen da 'communa' na sua querida terra do Porto. Para isso andava em negociações e conspirações com burguezes e populares, para isso tinha ido ter com el-rei e se fizera homem seu. Se com isso se contentassem as vinganças da mãe, estava prompto a dar sangue e vida por ellas. O senhorio, o dominio, o direito e poder de opprimir e fazer mal, não hesitava, era justo, era nobre querer tiral-o a esse máo bispo. Mas tocar em um cabello de sua cabeça... jámais. Nem o odio da mãe, nem o empenho da amante, nem o recente desacato de Anninhas — de que já Ruy-Vaz o informára — nada podia fazel-o detestar o homem que para elle, só para elle, sempre fôra bom, generoso, indulgente, carinhoso como um pae.

Chegára a pensar alguma vez se com effeito seria elle seu pae, e que lh'o encubrissem. Mas porque era tam commum n'aquelles tempos terem e manterem publicamente seus filhos os mais respeitados dignitarios ecclesiasticos, era tam vulgar e recebido esse costume, que se não podia crêr do pouco austero bispo do Porto, — o que furtava, sem ceremonia nem escrupulo, as mulheres e as filhas aos seus burguezes — lhe désse agora para estar com esses recatos e hypocrisias a respeito de um filho de dezoito annos, que antes de ser bispo, quando ainda secular e cavalleiro, podia ter havido, porque ha menos que isso tinha entrado em ordens e fôra sagrado bispo.

Que lhe era elle pois? Porque assim lhe queria, e porque assim o detestava a mulher que era sua mãe, e que tamanhas injúrias dizia ter d'elle!

Estes mysterios o confundiam, estas considerações lhe andavam de tropel no espirito; e agora, passada a primeira explosão do affecto filial, o tinham insensivelmente feito cahir n'um abatimento de tristeza que mal podia dissimular.

Estavam mãe e filho sentados n'um escabello ao pé do lár; a mãe sem tirar os olhos d'elle, elle com os olhos no lume quasi apagado, e nas cinzas brancas raiadas de algum brazido tenue que ainda avermelhava por entre ellas.

O tremendo estampido de um trovão que pareceu estalar sobre o tecto mesmo da casa, o tirou d'aquella distracção.

—Que tempestade vae no céo, minha mãe!

—Maiores me têm esbravejado no coração, filho. Ah! tu não sabes!...

—E tu vives n'este pardieiro, n'estas ruinas?!

—Vivo. Ha quatro annos, desde que me foi impossivel habitar dentro dos muros da cidade, para aqui vim; e aqui faço o vil mister de taberneira... e outro mais vil ainda, o de espia d'el-rei.

—Como! pois el-rei?...

—Aqui tem vindo afforrado, disfarçado muitas vezes, para saber o que vae pela cidade e pelo Burgo-novo. A'quellas toscas bancas se tem sentado muita vez, comido da faneca frita, bebido do máo vinho que aqui se aquartilha. Ahi tem ajustado suas contas com os estanqueiros do sal, que o roubam, como elle rouba o povo.

—El-rei D. Pedro, roubar o povo!

—E o bispo que elle quer defraudar, mas é o povo quem o paga. Entre senhores, a disputa sempre é sobre quem hade receber; pagar nunca é nenhum d'elles, senão só o povo.

—Ah! e querem que me eu enrede em suas disputas! Que nos destruamos por suas questões! que me importa a mim?...

—Importa-me a mim. Faremos como elles: cubriremos com a capa do publico interesse o nosso privado empenho. El-rei invoca a liberdade do povo, e são as suas proprias ganancias que grangeia. O povo invoca o nome do principe, mas não é senão o amor do lucro que o move. Nós invocaremos tudo o que elles quizerem, comtanto que me eu vingue, que seja atroz e infamante o castigo de esse malvado...

—Educou-me, minha mãe! interrompeu o mancebo com irresistivel impeto que lhe vinha de dentro d'alma; manteve-me por seu tantos annos, tratou-me como a filho!

—Filho! exclamou a bruxa trémula e roxa de colera: Filho a ti!

—Como a filho, sim, e como tal me quer: respondeu Vasco tranquillamente com aquella serenidade que domina de alto e quebra o impeto das mais furiosas paixões.

Guiomar acovardou-se deante d'ella, abandonou as exclamações, e se deitou a persuadir em tom moderado e quieto.

—Não o creias, disse ella, meu filho. Esse homem é aleijado do coração; não ama senão os seus vicios.

—Devo-lhe muito.

—Nada lhe deves. Nós somos os credores ainda.

—Foi meu pae quem á hora da morte me encommendou a seu cuidado. Em vez d'elle está.

—Teu pae... ah!

—E quem era elle, meu pae? Por lá não me dizem senão que era um nobre senhor de Riba-Dão, que acabou em Tarifa pelejando com os mouros; mas o seu nome nunca o ouvi. Já desconfiei se seria aquelle irmão do bispo que lá morreu n'essa batalha... Tu callas, e pões os olhos no chão!... Porque não queres, porque não hasde dizer o nome de seu pae a teu filho?

—Para que queres tu sabel-o, o nome de teu pae? Os meus labios não podem proferil-o: estão sellados por um juramento terrivel, filho!... Assim era, como te dizem: nobre, rico, poderoso, senhor e cavalleiro era teu pae... Porém foi mais poderoso que elle o bispo, a sua ambição, a sua maldade. Ella me fez a desgraçada que estás vendo; da opulencia e da grandeza me precipitou na miseria e na ignominia. Teu berço de oiro foi embalado no opprobrio e na infamia. Tua infancia tam bella, de que eu não gosei... ah de que me privaram com indignas ameaças e temores — foi entregue a estranhos... E eu consenti, meu Deus! eu quasi que agradeci ao monstro que te arrancasse de meus braços; tal foi a sua aleivosia, taes os medos que me metteu! Levaram-te, deram-te a frades e a clerigos para viveres em obscura dependencia, tu, aonde devias mandar e ser senhor, e...

Guiomar tinha ferido a corda sensivel no coração do filho. A ambição, que estava no fundo, ferveu e trasbordou. Levantou-se alto e grande, e exclamou com enthusiasmo:

—Tens razão, minha mãe: eu não nasci para esta vida. A cavallo rodeado de minhas lanças, ou em meu castello defendido por meus homens de armas, ahi é o meu logar. Para clerigo não sou: ao diabo o latim! não quero ser conego. E tambem já não quero tam pouco ser physico; as gualdrapas da mula de mestre Simão andam muito baixas para mim. Quero pendão e caldeira, e gente da minha beira. E um cavallo que salte, e que me leve á guerra. Queimados sejam os livros, e malditas sejam as horas que tenho

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 46 Que odio tenho a esta gente vil!

perdido a aturar aquelle seccante de Paio-Guterres!

— Que te faz elle, filho, o santo homem?

— Latim e mais latim, solfas de clerigos, e todas as suas crendices e pequices, quem teve a habilidade de m'as metter na cabeça senão elle? Santo é: só o que me elle tem aturado! Mas é que eu tambem a outro não lh'o soffria. Senão fôra aquella bondade, aquella paciencia de anjo do arcediago, parece-me que nem lêr saberia.

Um suave sorriso, uma expressão de ternura quasi angelica illuminou as duras feições de Guiomar; parou-lhe o faiscar dos olhos, e se lhe converteu em raiar sereno de luz branda e pura, doce como de manhan de abril. E tambem orvalhada como ella, porque lhe cahiam, fio e fio, as lagrimas bellas: lagrimas que vêm do contentamento d'alma, que a gratidão, que os mais puros affectos de nossa natureza fazem correr de um manancial abençoado. Quando chora assim a mulher, é um anjo que chora.

— Vasco, disse a mãe, com aquelle accento que vem do coração, e que vae direito ao coração: Vasco, meu filho, não cuidei que já tivesse lagrimas senão para ti — ou para as chorar de raiva nos paroxysmos do meu odio; mas a bondade d'esse homem fel-as rebentar n'estes olhos seccos: foi a vara do propheta que feriu a pedra árida do deserto. Nem tu sabes tudo o que é de bom e santo esse homem de Deus. Elle era o anjo bom de tua mãe, filho... E eu perdi-o por culpa do outro demonio... Esse devia ser teu pae. Mas o fatal inimigo de minha vida... Oh! E é então Paio-Guterres quem sempre te ensina?

—Sim, com o mesmo amor sempre, a mesma paciencia.

— Homem admiravel! E o bispo sabe, consente que tu vivas tanto com elle?

— O bispo não gosta d'elle; mas tem-lhe respeito e medo, porque o arcediago é dos nossos, o homem mais bemquisto do povo, e o mais poderoso pela influencia que tem na cidade. E d'ahi, sabe que eu me não sujeitava a outro, porque elle é o confessor de Gertrudes...

— Gertrudes! Quem é Gertrudes?

— Quem é Gertrudes! (A outra corda no coração do mancebo que vibrava). Quem é Gertrudes! Mas é a minha Gertrudes, a flor de quantas donzellas tem o Porto, a Gertrudinhas do Arco... E ai, meus peccados! a proposito do Arco, a pobre Anninhas, que me esqueci d'ella, e do que a Gertrudes tanto me encommendou que voltasse cedo e lhe levasse resposta do que passava com el-rei! E eu aqui pôsto sem tal pensar! Vou-me embora, vou-me, Guiomar. Perdôa, minha mãe; mas se soubesses, a pobre Anninhas o que lhe succedeu!

— Sei tudo; e que o povo está indignado e ancioso de vingança. Deves ir; é tempo que vás, filho. Que o Deus de Sansão e de Gedeão cinja os teus rins com a espada vingadora! Eu tomarei em minhas mãos o cutello de Judith; e na hora do castigo eu tirarei do sacco a cabeça de Holophernes e a mostrarei ao povo.

— Mãe, mãe, exclamou o mancebo horrorisado: mas que queres tu que eu faça, que esperas tu de mim?

— O que vaes fazer: vingar-me, vingar-nos.

— Sim, eu prometti a el-rei que lhe faria abrir, esta noite, as portas da cidade, e que o castello da Sé ficava por nossa conta. Já não sei se fiz bem ou mal, já não quero sabel-o: prometti, heide cumpril-o. Sejam os seus motivos quaes forem, el-rei protege as nossas liberdades, o povo é por elle, e os homens do Porto querem ser homens seus, não do bispo. Esses dous, que d'aqui foram agora, vão dar aviso a todos os de nossa facção, que não são poucos na cidade. O popular não precisa muito excitado, porque o jugo d'estes padres é insupportavel; a sua corrupção descarada nem já toma o trabalho de ser hypocrita; é um opprobrio soffrel-a. Sem escrupulo me ponho da parte dos opprimidos. Fiz-me homem d'el-rei, que por seu me tomou, sirvo-o a elle e aos meus communaes. Tudo isto faço, tudo isto farei; mas levantar eu a mão para!... Oh! jámais. E este Fr. João, este Fr. João da Arrifana, diz-me, tio é meu esse frade? Tio por onde? Irmão teu?

— Não me é nada, filho; mas não lhe quero mal. Nunca m'o fez a mim, e tamalavez algum bem, póde ser.

— Pois será irmão de meu pae? E serão estes por fim os grandes segredos de minha progenie, que venho da nobre stirpe dos Arrifanas, de algum moço de mulas ou recoveiro moirisco?

— Oxalá, filho, que o teu sangue não fôra do que elles chamam tam nobre!... Fr. João da Arrifana não te é nada tampouco. Criou-te de pequeno, mas... Saberás tudo, meu filho, quando for tempo.

Vasco já não estava em si: excitado, contrariado pelas reticencias e mysterios que lhe faziam, exclamou com grande impeto.

— O meu nome, o meu nome, Guiomar... o nome de meu pae! Quero sabel-o. Se tu és em verdade minha mãe, se me tens esse amor que dizes, o nome de meu pae, revela-m'o. Guardarei o segredo que quizeres: mas sabel-o heide... Ou então...

— Vasco, lhe respondeu a mãe, abraçando-o com ternura e fazendo-lhe mil caricias:

Vasco, tu estás um homem; e eu renasci, recobrei a vida, e a força e a vontade de viver, desde que te vi tal: mas só de hontem és homem, filho; e eu ha dezoito annos que sou mãe. Ha dezoito annos que não existo senão por ti e para ti: vê se terei pensado no que te convém. Não é hoje ainda, não chegou ainda a hora em que deves conhecer a nobre, nobilissima origem de teu sangue segundo os christãos.

— Pois bem: fica-te com os teus segredos, eu ficarei com as minhas dúvidas, com os meus presentimentos. E busca outro instrumento para as tuas vinganças, porque eu...

— Tu...

— Eu sou o pobre estudante Vasco, sem familia, sem nome... sem mais protecção nem arrimo n'este mundo do que a d'esse homem que me tem servido de pae. E fôsse elle o maior criminoso da terra... é meu pae...

Guiomar saltou de um pulo a pés juntos para o ár, como se lhe cahisse derepente uma formidavel descarga electrica. Seu rosto moreno, cujas feições pronunciadas resplandeciam ind'agora de um sangue rico e cheio de vida, descomposto subitamente, pallido, amarello como o de uma defunta, tremia de todos os musculos, e se desencaixava medonhamente, como se a tomasse um repentino ataque de cholera asiatica.

— Que tens tu? bradou Vasco aterrado e cheio de espanto.

— Nada, respondeu ella com voz sepulchral.

Depois, falando só comsigo, pronunciando com os labios lividos os pensamentos que lhe davam pezadêllo n'alma, começou a murmurar como em tom de prece ou de esconjuro:

— Os filhos de Deus tomaram para si mulheres d'entre as filhas dos homens... Sara, filha de Rachel, sete maridos lhe matou o demonio Asmodeu que se namorou da sua belleza... Porque não hade morrer elle, e viver eu?... Meu não foi o peccado, e minha só tem sido a penitencia .. Eu tomei tedio á vida... E resignei-me a ella, poupei-a para chegar a vêr o meu filho, para chegar a vêr este dia em que os meus braços se enlaçassem nos seus braços, os meus beijos se confundissem com os seus beijos, e que eu apertasse a sua cabeça a este seio e lhe dissesse: Filho, vem, vê a miseria de tua mãe, vê a sua vergonha e o seu opprobrio. Vê como, tantos annos, foram cuspidas estas faces, escarnecidas estas rugas de sua precoce velhice. Arrastada, corrida, apedrejada tua mãe de bruxa, de judia, de prostituta, de velha torpe e infame!... Vê tudo isto, filho, vê-o escripto n'esta cara que deseccou ao vento das injurias, n'este corpo que mirrou com os açoites do vilipendio .. Vê-o, meu filho, e vinga-me, vinga tua mãe, filho!...

— Serás vingada! exclamou Vasco arrebatado, dominado pela poderosa influencia da bruxa: Serás vingada. Oh! eu t'o juro, mãe. Serás, minha mãe, vingada. Minha infeliz, minha pobre mãe, e eu heide vingar-te. E é elle, elle só o auctor das tuas desgraças?

— Elle só, respondeu Guiomar resplandecente já de esperança e de jubilo.

— E meu pae, que te abandonou, que te trahiu! . . . Como foi, dize-me, e que parte teve n'isso o teu inimigo, o homem que!...

— D'elle me vem tudo, d'elle só. Não me perguntes como, não me obrigues a quebrar o tremendo juramento que dei por Jehovah e pelos livros de sua lei. Que morra a morte elle, que o seu nome fique deshonrado e infame! Que lhe cuspam na face como a mim me cuspiram! Que assim como eu fui açoitada... fui, Vasco; tua mãe, filho, foi açoitada pela mão do algoz em público patibulo... por bruxa, por meretriz, por mulher de enredos e de infamias... E esperava-me a fogueira se me não envolvesse n'estes andrajos, se me não chagasse o corpo com estas úlceras asquerosas, e me não arrastasse de porta em porta, de adro em adro de seus templos, fazendo a idolatria de me ajoelhar deante de suas imagens, de rezar suas rezas e de passar pelos dedos estas ridiculas contas de invenção mahometana, que a superstição dos christãos adoptou... Porque tudo quanto é superstição adoptam de todas as religiões — nem o seu culto é mais do que a remendada mistura dos varios cultos da terra.

— Basta, mãe; eu vou. El-rei D. Pedro entrará esta noite na cidade. E tu, minha mãe, tu serás vingada: eu t'o juro.

— Que Deus arme de força a tua mão direita, e ponha em tua alma a colera de suas vinganças! Porque em verdade, filho, tu só podes, e tu só deves ser o instrumento de suas iras, e o braço de sua justiça. Toma, aqui tens oiro, meu filho: gasta, despende, desperdiça, que é teu. Sem oiro não se faz nada no mundo: e tu farás o que quizeres, que tens milhões.

A velha agachou-se, e abrindo um escondrijo que tinha ao pé da lareira, sacou muitas bolsas cheias de dinheiro, com que lhe foi estofando o saio, o corpo do tabardo, e todo elle o recozeu em oiro.

— Outro abraço, meu filho, e vae. A trovoada passou, apenas chove miudo e pouco. Esta noite eu serei comtigo e te abençoarei, porque tu és bom e forte como a vara de boa stirpe.

CAPITULO XXII

Conspiração e programma

Vasco abraçou a mãe, deixou-se abraçar, beijar e amimar por ella, e sahiu emfim da embruxada taberna. O tempo já estava limpo e quasi sereno. Foi-se o joven estudante a uma especie de arribana que pegava cóm o grosseiro e primitivo estabelecimento — ou antes fazia parte d'elle, porque alli recolhiam os almocreves as suas récuas,—e tirou para a rua o impaciente alazão, que pasmado da villan hospedágem que lhe deram, se devorava de ancia mal soffrida por voltar ás nobres estrebarias de palacio. Falou-lhe Vasco, e o generoso e intelligente animal, conhecendo-lhe a voz, socegou e amansou logo. Obediente, humilde, mal sentiu a mão na clina e o pé no estribo, se abaixou como dromedario para receber a carga. A trote firme, e admiravel de certeza, foi descendo as ingremes ladeiras de Gaia, sem que as pedras que saltavam, os seixos que rolavam por aquelles despenhadeiros, o fizessem vacillar de um pé, escorregar de uma mão.

Em breves minutos estavam em baixo, á margem do rio. Apeou-se o cavalleiro, e tomando da rédea o cavallo, o fez entrar, sem receio nem sobresalto, para o primeiro saveiro que alli achou. Cruzaram as negras correntes do Douro, desembarcaram á Porta-Nobre, e, cavalgando outra vez, o mancebo tomou para as alturas da Sé.

O povo quieto, mas animado ainda, andava aos magotes por aquellas Cangostas, Banharia e rua dos Caldeireiros. Vasco popular e bemquisto apezar de suas intimidades no paço, ia tranquillo pelo meio d'elles, desbarretando-se aos mais velhos, acenando com affectuoso movimento de cabeça aos mais jovens, saudando a todos, e recebendo de todos não equivocos signaes d'aquella benevolencia e quasi enthusiasmo que as classes inferiores têm sempre por quem as corteja e considera sem se familiarizar com ellas; por quem, no seu ár e nos seus modos, não parece dizer-lhes, como os nossos modernos demagogos: 'Eu sou tam bom, tam liberal, que desço até vós'; — mas antes: 'Não vivo comvosco, porque a nossa educação, as nossas idéas da vida são muito differentes. Mas comvosco sou de alma e coração, de braço e de cabeça, porque vosso irmão sou deante de Deus e do Evangelho, das leis da natureza e das leis da razão.'

Além d'isto, os dous irmão, Ruy-Vaz e Garci-Vaz, tinham precedido o nosso estudante na sua volta para a cidade, e não tinham perdido o seu tempo. Poucas horas lhes haviam bastado para dar á agitada e confusa effervescencia do povo a direcção que elles queriam, e que os outros acceitavam com ancia e enthusiasmo.

Ha um vazio sempre, um ôcco de incerteza em todas as commoções populares de que é facil aproveitar-se qualquer com mediana habilidade, uma vez que esteja de sangue frio, e lhe lance a tempo, um nome, uma palavra, uma phrase, seja qual for. E não importa idéa; o que se quer é o symbolo. Da coisa symbolizada não é tempo de tratar agora, não ha socêgo para a examinar: depois verêmos. Toma-se a palavra, o nome, a bandeirola - um chapéo de tres ventos que seja, como o outro dia succedeu em França — e vae-se para deante.

Fica, é verdade, o direito salvo para chorar depois o êrro, lamentar a precipitação do momento, e conspirar cada um contra a sua propria obra; mas é tudo o que fica.

E não obstante isso, assim se fez sempre, assim se hade sempre fazer: porque o povo nunca se excita fortemente pelo *bom* do que hade vir, senão pelo *máo* e insupportavel do que é:

Por outras palavras: nenhum demagogo fez nunca uma revolução com os seus programmas, por mais artigos que elles tenham; todas as fazem os governos, todas as concita o poder por seus abusos e insolencias.

Nem o tremendo brado das iras de uma nação diz nunca, senão: 'Destruam'. A sentença de seu tribunal sem recurso é sempre: 'Morra'.

Mas quem hade viver depois?—porque alguem e alguma coisa é preciso que viva; o que se hade edificar sobre essa destruição? — porque ruinas não se habitam. Ahi começa o officio do demagogo: e Deus lhe perdôe, que rara vez começa, e mais rara vez acaba em bem!

Ora os dous irmãos Vaz, como eu ia dizendo, tam ardentes e zelosos agora na causa da liberdade e dos aggravos populares, quanto o tinham sido antes em defender os direitos e os tortos do bispo, cujos eram, metteram-se cada um por seu seu lado, entre os grupos dos artezãos e dos burguezes; e pouco a pouco tinham ido dando direcção áquella immensa força, a que só ella faltava, applicando aquelle vapor, que se desperdiçava em gritarias e exclamações, á tremenda máchina da revolução que iam fazer trabalhar.

Dizia-lhe Garci-Vaz em ár de confidencia, com a lástima nos olhos, e a compuncção na voz:

— Que nem elles sabiam todo o máo que o bispo era, as atrocidades que fazia, as novas tyrannias que meditava. Que era neces-

sario acudir com remedio e já. Mas que o povo precisava de protecção, de chefes, e que só el-rei podia dar-lh'os. Que para fazer justiça inteira e crua, como tantas maldades careciam, só D. Pedro, o justiceiro e o cru, que tanto lhe dava mandar enforcar ou queimar um bispo, como a qualquer servo ou malato que lh'o merecesse. Que para as excommunhões e interdictos de Roma, elle rei lá se haveria com elles, que podia.

— Mas nós queremos matar o bispo por nossas mãos, respondiam os populares: que nos violenta as filhas e nos rouba as mulheres. Queremos enforcal-o com as tripas de Pero-Cão seu alcoviteiro: e faremos bispo o arcediago de Oliveira, que é um santo homem que nos não hade roubar nem excommungar. Vamos buscar Paio-Guterres, o nosso arcediago. Vamos!...

— Paio-Guterres, tornava o agitador, é um santo velho de quem não havereis mais do que sermões e prégações, palavras de paz e de misericordia. Não é elle que nunca se ha de pôr á vossa frente, que puche pela espada e vos capitaneie para ir contra o paço, e tomar aquellas torres da Sé, tão fortes como as de um castello roqueiro. Nada! Precisamos de um homem môço e resoluto, que seja homem d'el-rei e homem do povo, mas bastante senhor para se pôr á nossa frente, ir buscar o estandarte da Virgem aos paços do concelho, e marchar com elle adeante de nós. E a falar a verdade, n'esta terra onde não ha fidalgos, que o foral os não deixa morar cá, não temos senão um homem para isto que é .. é o nosso estudante.

— Qual estudante?

— Um que foi todo do bispo como eu fui, e que hoje o detesta como eu o detesto.

— Mas quem?

— A flor dos mancebos, a joia dos escholares, o noivo da nossa Gertrudinhas.

— Vasco!

— Esse é.

— O sobrinho de Fr. João da Arrifana!

— O proprio

— Mas se elle é do bispo!. .

— De Satanaz quizera elle antes ser. Mas é d'el-rei: d'el-rei é, meus amigos. E sabei um grande segredo...

Chegaram-se todos para Garci-Vaz, que, em tom mysterioso de secretario d'Estado communicando gravemente uma frioleira á papalva reunião da sua maioria parlamentar, lhes disse:

— Sabei, honrados amigos, que o nosso Vasco esteve hoje com el-rei, o qual veiu afforrado a Grijó para lhe falar.

— El-rei em Grijó! exclamaram todos em alto brado.

— Psciu! que deitam tudo a perder. Está sim, mas chiu! E não lhes digo mais nada, se me não juram todos de guardar segredo.

— Jurâmos.

— Bem. Agora não o digam a ninguem.

— Eu só o digo á mulher, que lá essa...

— Eu só se fôr a meu compadre Bonifacio.

— Eu...

— Bonito modo de guardar segredo e juramento! Digo-lhes que deitam tudo a perder assim.

— É verdade; é verdade; é preciso guardar o segredo. E até quando, Garci-Vaz? A gente tambem não póde ..

— Até esta noite á meia noite.

— Bom, bom: até á meia-noite,

— Vasco é o nosso homem, continuou o orador das turbas: elle é quem nos traz as ordens d'el rei, de cuja propria bôcca as recebeu. D'aqui a pouco, em sendo noite bem fechada, que se arme cada um com as melhores armas que tiver, e aqui ao pé do Arco nos juntaremos para ir aos paços do concelho buscar a nossa bandeira. Lá falaremos e accordaremos no que se hade fazer.

— Eu cá a minha coisa é que morra o bispo, e que nada de sizas nem de portagens.

— Eu, não é tanto por isso; mas que Gil-Eannes não seja mais juiz; que é um asno e um tratante.

— Pois eu não senhor, eu o que quero é que...

— Para lá, para lá, meus amigos: agora nada mais. Silencio! e trate cada qual de se preparar para ésta noite.

Assim interrompeu Garci-Vaz a torrente de programmas que já começava a formar-se, que promettia engrossar, e que em breve se despenharia, como a cataracta de Niagára, por cima da intentada revolução, deixando talvez incolume, debaixo da immensa curva de sua projecção, aquellas mesmas coisas que mais pretendia, mais desejava, e porventura mais devêra destruir.

O programma é coisa muito antiga, já vêem, não é pecha de nossos dias.

Ora pois, se assim fazia Garci-Vaz por um lado, outro tanto fazia seu mano Ruy por outro lado. De maneira que, quando o nosso Vasco assomou pelas agora tam concorridas ruas da Banharia e de Sant'Anna, não encontrou senão rostos amigos, signaes de intelligencia, um como enthusiasmo comprimido que não rompia em vivas porque não era ainda tempo, mas que os dava já com os olhos e com a expressão da physionomia.

Vasco bem percebia o que andava no ár, e pôsto que o amor proprio lhe folgava – como era natural na sua edade, e na virginal ignorancia em que ainda estava das coisas politicas — todavia sua alma escolhida e superior sentia aquella invencivel melancholia que dei-

xam todos os triumphos d'este mundo, sejam elles do forum ou da academia, da tribuna ou do salão.

Vanitas vanitatum, et omnia vanitas!

Vasco não sabia isso, nem o sabe ninguem antes de experimental-o; mas sentia-o, presentia-o, adivinhava o. Fatal privilegio das organisações bellas e elevadas, que em tudo até n'este funesto adivinhar, tam caro pagam sua tam mal invejada superioridade sobre o vulgar dos homens!

Vasco ia triste e pensativo; e o generoso alazão parecia resentir o estado de animo do seu cavalleiro, balançando as orelhas baixas e cahidas, emquanto subia, a passo lento e grave, a tortuosa rua de Sant'Anna.

Iam quasi chegando ao Arco, quando um estribeiro do bispo montado em poderosa mula vinha trotando largo e rasgado na mesma direcção. Conheceu-o Vasco ao passar por pé d'elle, e fazendo-o parar, saltou do cavallo e lhe atirou com as rédeas:

Leva-o ás cavalhariças; e que o pencem bem, que o precisa.

O estribeiro seguiu seu caminho, levando de rédea o alazão; e Vasco entrou em casa da nossa boa Gertrudinhas, de quem te confesso, amigo leitor, que já tenho saudades. Se te succederá a ti o mesmo?

A ser assim, perto estamos todos de as matar, as taes saudades, porque no seguinte capitulo vamos entrar em sua casa tambem nós, ou para falar mais correctamente, na de seu pae, Mestre Martim Rodrigues, caldeireiro de seu officio, juiz e magistrado municipal da muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto, á qual eu fiz dar e confirmar todos esses titulos, eu que copío esta chronica do Manuscripto dos Grillos.

Fiz sim, em um decreto por mim lavrado no mais retumbante estylo de proclamação patriotica, recta pronuncia e phrase de brazão. N'esse decreto, que o meu amigo M. P. [1] propoz á régia approvação, e a obteve, lhe reformámos as Armas, lhe démos a insignia da Torre-e-Espada, lhe collocámos, em escudo de honra, no meio, o coração de D. Pedro... Mas dizem os barões do Porto que nem um nem outro honrâmos a memoria de D. Pedro, que somos demagogos e não sei que mais...

Os barões da minha querida terra parece-me que são como os mais barões de Portugal e ilhas adjacentes: convém a saber...

Isto é, são barões, e tudo está dito.

[1] Manuel Passos (Da Ed.)

CAPITULO XXIII

Gertrudes

Era já no fim da tarde quando o sr. Vasco subia as precipitosas escadas de Mestre Martim, e batia as palmas junto á porta do primeiro andar. Uma voz bem conhecida, cujo trémulo trilo, uma vez ouvido, nunca mais esquecia, perguntou de dentro:

— Em nome de Deus, amen! Quem está ahi, e a quem é que procura?

—De paz é, respondeu o nosso estudante.

— Paz, paz... Bom dia de paz vae este em que tudo é guerra, alvorôto e perdição; em que se roubam as mulheres a seus maridos, ás proprias barbas da senhora Sant'Anna e do seu arco milagroso; em que o popular anda tam mechido e altanado, que Deus nos acuda!

— Tia Briolanja, sou eu.

— Sou eu... e tia Briolanja! .. E tam requebrado que elle fala! Má hora, que me eu deixe enganar de teus requebros, miliante, quem quer que tu sejas. Á boa porta vens bater. Olha quem, eu! Uma casa de duas donzellas... Pois não? E seu pae fóra! Que lá estão nas casas do concelho todos ainda, e lá lhe foi seu jantar a Mestre Martim, coitado! que bem pouco lhe havia de prestar com tantos cuidados que lhe cahiram em cima. Jantar, jantar... E pelo que estou vendo, lá lhe tem de ir a cêa tambem...

— Mas, tia Briolanja, abri-me por quem sois, que preciso falar com Gertrudinhas.

— Nem Gertrudinhas fala agora a ninguem, nem Briolanjinha lhe abre a porta. Estamos em camara, salvando a patria; talvez nem dormir venhamos a casa: não falâmos a ninguem.

— Mas por isso mesmo, tia Briolanja, por isso mesmo é que é preciso que eu fale já com Gertrudes. Olhae que sou eu Vasco.

Mas a velha, surda a rogos e expostulações, surda de seu natural, e mais surda ainda do palrear incessante com que a si mesma se aturdia os ouvidos, a velha Briolanja, doida com a ideia de que a viessem roubar a ella...
— E aqui applicará talvez algum maganão o verso de Bocage:

Doida por vêl-o e doida por não vêl-o;

isto é, doida com o susto de que *sim* e de que *não* lhe succedesse a fatal aventura —a velha, digo eu, não queria abrir, não reconhecia a voz de Vasco. O mancebo, despeitado e impaciente, já estava resolvido a empregar os meios extremos, quando Gertrudes, que no andar de cima pençava e acalentava o filho

de Anninhas, adivinhando-lhe o coração que aquelle parlamentar de Briolanja podia ser com o seu estudante, desceu rapidamente a escada interior, e chegando-se á velha:

— E Jesus, Briolanja! com que medo estaes, mulher! Irei eu á porta, que me não temo, seja de quem for.

— Menina, menina, que estaes perdida! São elles, menina, gente do popular que anda por ahi de porta em porta roubando matronas e donzellas, fazendo mil desaccordos e desaguizados para pôrem depois bôcca... Deus me perdôe, que não quero dizer em quem. Não abra, menina...

Mas Gertrudes já tinha destrancado a porta, corrido o ferrôlho, e já Vasco estava de um pullo dentro da casa, e nos braços quasi da linda caldeireira, quando a velha, persignando-se, e repetindo jaculatorias e abrenuncios, tratava ainda de defender a cidadella... que já era tomada.

Quando digo tomada, inda assim, entenda o conspicuo leitor que quero falar das obras exteriores; porque Gertrudinhas era môça de brio e honra; e, o que não é mais decerto, mas faz talvez mais ao caso, Vasco solettrava ainda o innocente Abc dos seus primeiros amores.

Os dous já não viam nem ouviam senão um ao outro.

— Vasco!

— Gertrudes!

— Quanto me tardaste.

— Sim?

— E o que por cá tem ido desde que partiste!

— Já tudo sei.

— E o remedio?

— Esta noite.

— Esta noite! Mas Anninhas ainda está em poder do bispo...

— Que lhe não tocará n'um cabello de sua cabeça.

— Porquê?

— Porque a metteu no aljube; e no aljube quem governa é Paio-Gutterres, que responde por ella.

— Ai! não a dou por segura nem assim: o bispo não tem respeito a nada, e Pero-Cão tem unhas e garras de vivo demonio que é, para a sacar pelas mesmas grades do aljube.

— Descança; nenhum mal lhe succederá d'esta vez. E nunca mais, se as coisas correrem como eu espero. Ouve.

E começaram a cochichar baixinho n'uma longa conferencia, em que, de vez em quando, lá surdia mais alto uma palavra que outra. Gertrudes principalmente, que era mulher, filha e amante, não podia já conter a voz que se não levantasse:

— E meu pae, se lhe succede alguma coisa! E tu... ai! tu, Vasco, se n'esses tumultos... Toma bem cuidado n'elle e em ti. Jesus! se te atraiçôa essa gente? Atraiçoar, não; não são dados a isso. Mas são tam sujeitos a desanimar, os populares e a variar de intento. Têm toda a mesma inconstancia de que nos accusam a nós mulheres... Mas reparo n'uma coisa, Vasco: estás triste, pensativo, tam fóra de teu natural! Que tens tu?

— Não sou feliz, Gertrudes.

— Porque? Duvidas do meu amor?

— Oh! não. Duvidaria antes do sol que me allumia, da terra que me sustêm.

— E d'antes dizias tu que eras tam feliz só com essa segurança! Davas-te por tam venturoso só na ideia de te livrares do podêr de Fr. João e do bispo, para não seres conego, e para que meu pae consentisse... Ai Vasco! agora que tens a el-rei por ti, e a meu tio, e que tudo nos corre como nunca nos atrevêmos a imaginal-o, agora estás tu triste, agora me dizes que não és feliz!

— E para maior desgraça, nem te posso contar minhas tristezas, nem te posso dizer... Ao menos por agora, não posso.

Ambos pozeram os olhos no chão, ambos cahiram no desanimado silencio da melancholia, que tam facil se communica de um coração ao outro, entre dous que se amam.

Porque estará elle triste, que segredos tem elle para mim? — Dizei-me, leitoras bellas, se não ha n'este só pensamento com que fazer pensativos os mais levianos e adoidados dezeseis annos; descorar as faces de Hebe; pôr jaças de feia tristeza na mais alegre esmeralda, névoas de melancholia na mais risonha saphira que se engastem em pestanas de oiro ou de castanho.

A nossa Gertrudes porém não era loira nem castanha, não eram de saphyra nem de esmeralda os seus bellos olhos, senão tristemente negros—negros e longos, como uma longa noite de inverno, tristes como ella, sujeitos, como ella, a variar de uma intensa e inquieta vivacidade, para a languidez da molleza que a alterna.

Não vão agora pensar por isto que era morena a minha Gertrudes. Eu não sou forte em morenas; professo a regra de que — Mulher branca, e homem preto... Emfim, Gertrudes era alva e fina, negra de olhos e negra de cabellos; e podéra chamar-se Isaure, Mathilde, Urraca ou Mumadona se vivesse em um castello com ameias e ponte levadiça, porque tinha fidalguia no corpo, no rosto e n'alma para mais do que isso. Chamou-se porém Gertrudinhas, e morava na rua de Sant'Anna, nasceu burgueza porque assim tinha de ser. Não é minha culpa. Todos os dias se vêem maiores desacertos que este por esse mundo.

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 62.

Beo, beo, beo ! tira o chapeo,
Que aqui vae dom Pero-Cão !

Já disse lord Byrou que a verdade era muito mais estranha que a ficção. E é. Sei de princezas fregonas que trezandam á logea de mercearia; e tenho visto sylphos aérios balançar-se vaporosamente n'um balcão de quinto andar perto do céo.

A aristocracia — não falo aqui do nosso sexo feio, senão do bello sómente — a aristocracia era uma instituição admiravel, se houvesse todos os annos um jury selecto e imparcial para regular quem havia de entrar para ella e sair d'ella. Peço para ser vogal do jury... mas declaro desde já que não voto em gordas, nem tolas, nem beatas — mas devotas sim — nem nas donzellonas que affectam quinze annos, nem nas invejosas, nem nas mexeriqueiras, nem nas que vão ao banho de calcinhas e jozezinho curto... nem nas que polkam depois dos trinta bem feitos, nas que cantam a *Saloia*, que lêem o Visconde de Arlincourt ou versos de... Alto! de versos não falo por causa d'aquelle telhado de vidro que todos sabem.

Pobre da minha Gertrudes! que alli está tam triste, e triste o seu Vasco... e eu a entreter-me em similhantes frioleiras sem lhe acudir! Bem podéra o sabio Artemidoro, supremo juiz dos andantes historiadores, castigar-me severamente pelo máo chroniqueiro que sou, que abandono os meus heroes em meio de suas aventuras e me vou *flanar* por essa perpétua feira das vaidades humanas que tanto me diverte.

Tristes estavam os dous, e nem falavam, nem se olhavam, nem sei se muito pensavam; mas sentiam doer-lhes a alma d'aquella dor surda e molle que móe, móe e não mata — ou se chega a matar, é já tam depois, que nem se sabe de que morreu esse que d' ella morre. E os medicos dizem: 'molestias de coração!' ou: 'apoplexia fulminante no cerebro, no bofe!' — Morreu de penas, Dr. Tirteafuera, morreu de pezares, Dr. Sangrado, morreu de afflicções e desgostos, Dr. Syntaxe; mas vós não pescaes d'isso, não curaes d'isso; e ametade dos que morrem, mal d'alma os mata, não do corpo.

Gertrudes, como mulher que era, e com mais elasticidade de ânimo portanto, foi a primeira que sacudiu fortemente o seu espirito d'aquelle torpor doloroso, e levantando-se em pé, disse:

— Vasco, vae, que são horas. Salva Anninhas e toma cuidado em meu pae.

— Gertrudes, adeus! disse o estudante ainda melancolico e pensativo. Mas com a subita revulsão de espirito, que é tam facil e prompta n'aquellas edades, e tam natural era o seu genio alegre, e ao temperamento saltitante de seus nervos, já da porta onde estava com a mão no ferrolho, voltou atraz, e sorrindo-lhe os olhos, desannuviada a face, exclamou:

— Gertrudes, isto são bruxas más que andam entre nós. Leve a breca feitiços e máos olhados, cachopa! E dous trincos para o démo das tristezas, que eu não posso viver sem ti, e sem te vêr risonha e alegre como um céo aberto!

— Meu Vasco!

— Minha Gertrudes!

— Querido!

— Sabes tu, Gertrudes de minha alma, que me tomára eu vêr outra vez o descuidado e insignificante estudantinho que eu era? Que me pésa a minha importante pessoa? Que reis e bispos, senhores e communaes, todos elles juntos não valem a pena de se cortar a gente o coração, viver fóra de si, e correr após de phantasmas, a qual mais vão, mais falso, mais enganador! Se a gloria é assim, se a grandeza não é mais que isto...

— Querido Vasco, tens razão: mas é da honra da nossa terra que se trata, da sua liberdade, de salvar uma innocente da vergonha e do opprobrio. Desaffrontar os opprimidos, castigar o orgulho dos oppressores, esta é a gloria que não póde ser falsa nem van. Animo Vasco, e a elles!

— A elles me vou, a elles me vou!

E saltando e pullando, e rindo e folgando, pela escada abaixo se foi cantando:

> E com esta boa folha,
> Por minha dama o juro,
> Que não fica moiro vivo,
> Nem alcaide no seu muro.

Vasco, todo inteiro o nosso estudante Vasco, reverdeceu e reanimou n'aquelle instante, e se foi voando nas descuidadas azas de sua feliz juventude.

Gertrudes foi á janella para o vêr sahir e lhe dizer ainda mais um adeus com os olhos, vêl-o voltar a esquina, e d'ahi outro adeus ainda... o ultimo: postscriptum de longa carta d'amores, que esperdiçou paginas e paginas inutilmente... — peço perdão, minhas senhoras, inutilmente não, mas em repetir e repisar o já sabido e resabido — e approveita agora o derradeiro cantinho do papel para dizer, o que mais queria, o que só queria dizer, e não disse, em todo o estirado corpo do immenso e recruzado cartapacio.

CAPITULO XXIV

Briolanja

Admirado estarás, leitor benevolo, se, com a attenção que ella merece, tens seguido o fio de minha interessante historia, admirado e

pasmado deves estar de que no precedente dialogo, assás prolixo e demorado como foi, não viesse intrometter-se nunca terceiro interlocultor, achando-se ahi presente em propria pessoa não menos poderosa e palrante criatura do que tia Briolanja-Gomes, o vocabulario ambulante, a verdadeira prosodia do bairro e de toda a cidade do Porto. Mas o facto é que ahi estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete annos de sua palrada existencia, consentiu em estar em scena como pessoa muda.

Muda! Como? Impossivel. A terra segue a sua rotação ordinaria, giram os astros em sua orbita prefixa, os rios correm para o mar, em coisa alguma se transtornou a ordem da natureza, as immortaes leis do universo continuam a regel-o: é pois inexplicavel, impossivel a mudez de Briolanja-Gomes. Briolanja Gomes respira, Briolanja Gomes é viva: logo Briolanja-Gomes articula, Briolanja-Gomes fala: a sua lingua, os seus labios, todo o seu apparelho parlatorio não podem existir sem funccionar.

E assim era. Com uma enorme almofada de renda no collo, encruzada no estrado ao canto da casa, discriminando bilro de bilro, pregando alfinete contra alfinete, Briolanja fazia renda e rezava: rezava sua interminavel serie de rezas e jaculatorias, que só ella sabia tantas, tam variadas, e tam efficazes tambem — porque as havia em seu receituario para todos os casos emergentes, para todos os santos possiveis, para todos os dias do anno, e para todas as horas de cada dia, de cada anno.

N'aquella especie de orgam-de-berberia, havia registos e cylindros para tudo, nem elle podia cessar jámais, senão parando-lhe a manivella porque cessasse a vida.

Briolanja pois vivia e rezava: e o que ella rezava agora era um longo e potente esconjuro contra bruxas, feiticeiras, máos olhados e quebrantos, floreado de seu latim de abrenuncios e vade-rétros, não sem algumas pinceladas de grego tambem em Kirieeleisons, Christeeleisons, Agios o theos, e outros hellenismos de breviario, que a douta Briolanja pronunciava de modo que nem Oxford nem Cambridge são capazes de mais arripiar a lingua de Homero e de Virgilio.

Não tardou Gertrudes em reparar no que nós mesmos estamos reparando, leitor amigo, porque apenas voltou da janella e deu com os olhos na sua dueña:

— Ahi estaveis vós, Briolanja?... e sem ninguem vos ouvir a fala! Que succederia n'este mundo?

— Não falo eu, filha? Não, não falo!... mas com quem devo e posso e mister é que eu fale. Que nos entrou quebranto em casa; e ou eu não sou quem sou, nem sei o que sei, ou a poder que eu possa, o heide desfazer. E já elle vae talhado, que esse môço... outro sahiu d'aqui agora do que entrou.

— Que quereis dizer?

— Que Vasco, de donde quer que vinha, vinha quebrantado de máo olhar que lhe deram. Renego eu de bruxas e de seus feitiços! San Bento as tolha por máos aranhiços peçonhentos que são, e más teias que tecem! Amen! Mas o rapaz viu a bruxa, isso viu elle; e chupado vinha d'ellas como das carôchas. Kirieeleison! Deus fale á minha alma?!... Vae-te e não tornes, e no tornar te affundas. Olha o inimigo o que havia de enredar! Se lh'o conhecerá Fr. João da Arrifana, que o benza e vareje logo com boas varas bentas que lhe sacudam o demo bem sacudido!

— Jesus, Briolanja, que dizeis? Embruxado o meu pobre Vasco!

— Embruxado vinha; sou eu que vol-o digo: na cara lh'o conheci mal que entrou, e no olhar despartido que trazia. Não são meus olhos que em tal se enganem; e por isso lhe puz logo o remedio, que as moí e as ralei aqui as excommungadas.

— 'A quem moêstes vós, mulher?

— As bruxas, filha, as bruxas, que as martellei a bom martellar. Podéra não! Com tres da cova de San'Patricio de Irlanda, tres do buraco de San'Thiago de Compostella, tres da Santa-Casa do Loreto, são nove esconjuros que lhe arrumei, a qual mais forte. Vêde-me a cara com que se elle d'aqui foi, e dizei-me se era a mesma com que entrou.

— Verdade é que elle...

— Outro foi, melhor foi. E se em chegando a casa, Fr. João lhe cumprir com o que deve, grande mal não haverá, porque o rapaz é bom e temente a Deus. Só aquelle bem máo séstro que tem, é que...

— Tem máo séstro! Qual, mulher?

— Aquella scisma de querer ir ás Covas de Salamanca. Ai menina! tirae-lh'o da cabeça; que é tentação visivel de bruxaria, e mostra geito para as más artes do demonio.

— Briolanja, Briolanja!... exclamou de repente Gertrudes, interrompendo-a: que ruido é este? Tanto tropel de povo! Que teremos agora? Ai; se? Mas já!...

Era na verdade tremendo o estampido que subitamente estallou e foi eccoando pela sinuosa rua, como um rebôo de vozes, de acclamações tumultuarias, que faziam tremer os velhos edificios.

Acudiram ambas á janella. O tumulto era grande; mas distinctamente se ouvia, por entre o confuso alarido das gentes, um brado quasi regular de:

— Viva o nosso capitão! Este queremos, e não outro.

Depois outras vozes, que tambem pareciam concertadas, gritavam:

— O estendarte da Virgem, o nosso estendarte que o tome elle!

— Vamos buscal-o. Vamos tiral-o áquelles potrosos dos juizes, áquelles capões sem honra nem vergonha!

— Que beijaram a mão ao bispo!...

— Em vez de o emprazar para que nos fizesse justiça.

— Abaixo com elles, e viva o nosso capitão!

— Viva el-rei D. Pedro!

— Viva, viva, viva!

Aqui os vivas foram estrondosos e furibundos. Bem se via que eram dados a quem tinha poder para os acceitar e retribuir.

Depois dos vivas, os morras: é do ritual.

— Morra Pero-Cão!

— Morra.

— E o bispo enforcado.

— Com a cabeça para baixo, por causa dos santos oleos.

— Isso, rapazes. Respeito á santa madre Egreja; não tocar na cabeça do bispo, que é sagrada.

— No pescoço, sim. Ah, ah, ah!

Ia crescendo o tumulto, e iam-se ouvindo, mais claros e distinctos, os brados da multidão, porque ella se ia approximando do Arco, o bemdito Arco da Senhora Sant'Anna, onde parece que todo o movimento d'aquelle dia tinha de concentrar-se: como se a santa, offendida pelo inaudito desacato que alli se tinha commettido, alli quizesse ver rebentar os tremendos effeitos da sua justa indignação.

— Ao Arco! bradou uma voz de stentor: ao Arco da santa! Alli o havemos de alevantar e jurar por nosso caudilho e capitão.

— Ao Arco! respondeu a multidão.

E os arames estridentes dos caldeireiros, que de novo se tinham insurgido, retiniram desaccordemente; as padeiras de Avintes e de Vallongo traçaram as capas e bateram os sóccos; e os gaiatos, raça heteroclita de todos os tempos e de todos os paizes, uivavam, assoviavam e tripudiavam, adeante, atraz, em deredor da bernarda, suas delicias.

A chusma, entallada nas estreitas ruas por onde vinha, redobrava de impeto e refervia no apêrto; como rio caudaloso que, opprimido em acanhado leito de rochedos, muge e brada turbulento, apressurando sua corrente para o plaino, onde possa espreguiçar as aguas á vontade, e folgar desaffrontado com as areias da campina.

CAPITULO XXV

Revolução

No intervallo de socêgo ou de reflexão que a revolta tinha tido desde que se aquietára ás portas da Sé com as promessas de Paio-Guterres, era bem visivel agora que ella se tinha estado organisando — quanto é organisavel uma revolta — e que se tinha convertido em revolução.

Nascida como todas as revoluções verdadeiras e conscienciosas, de uma forte, legitima e justa indignação popular, nascida sem parteiras nem comadres, pelo mero e espontaneo impulso da natureza, — tinham depois tido tempo as ditas comadres e parteiras de a pençar e enfaixar a seu modo. Não tinha mais fôrça agora do que quando nascêra; bem visto, menor seria talvez. Mas então sem objecto distincto, sem direcção bem applicada, as suas forças originaes derramavam-se e perdiam-se como as de um grande rio no areal que o sorve. Agora, por menores que fossem vinham concentradas e dirigidas a um ponto dado, o poder de sua pressão era immenso, capaz de mover montanhas.

Os irmãos Vaz tinham trabalhado bem; o nome d'el-rei valia muito, as suas promessas eram formaes e positivas; emfim, repito, a revolta estava feita revolução.

Já a mesma marcha e compostura da multidão mostrava outro aspecto, os gritos e acclamações tinham certo regulamento; e as proprias vozes do arame agitador, que de manhan retiniam cada uma para seu lado, e se misturavam, sem tom nem som, sem compasso nem harmonia, com o vozear do povo, agora tinham seu tal ou qual concertante, tocavam mais fortes nos cheios, nos córos, mais pianno quando, para assim dizer, acompanhavam alguma jaculatoria revolucionaria de poucas vozes; e faziam emfim silencio, tinham seus compassos de espera, quando algum orador popular executava um solo que devia ser bem distinctamente ouvido.

Á frente do tumulto marchava uma especie de San'Christovam, homem alto e membrudo, de grenha embaraçada e ruiva, as mangas da camiza arregaçadas e manchadas de sangue, nú de braços e pernas, e o cutello pendente ao lado. Este era Braz-Marchante, o carniceiro e fressureiro de ao pé da Sé, que levava hasteada em alto poste a cabeça ensanguentada de um enorme dogue ou cão de fila, coroada de uma mitra de cartão bastante bem feita, e d'ahi fluctuando, em guisa de pendão, muitas varas de assopradas tripas, antigo symbolo de alcunha e de glória, de chacota e de

presumpção, para a nossa boa terra. O meio horrivel, meio burlesco estandarte, vinha rodeado de uma multidão de gaiatos, que eram como os tiples d'aquelle côro infernal, as requintas d'aquella orchestra diabolica: todos elles, uns ganiam, outros uivavam, outros ladravam e latiam, e logo dirigiam mil injúrias, chufas e vituperios á mitrada cabeça do dogue. Alguns eram ditos graciosos, não faltos de espirito, e que mereceriam nozes e confeitos em um triumpho romano: outros, pragas horriveis que faziam arripiar as carnes. De vez em quando a solta massa d'esta ladainha de chufas e maldições se reunia e concentrava n'uma trova, grosseira sim mas feia de arte, e que bem mostrava não ser inteiramente espontanea aquella demonstração popular, senão que já tinha sua direcção e contraregra.

Eil-a aqui a trova — ou hymno, para falar em lingua revolucionaria moderna:

Beo, beo, beo! tira o chapeo,
Que aqui vae dom Pero-Cão!
Hão, hão, hão! sô canzarrão!
Tam ladrão é o bispo como o Pero-Cão.

Cahin, cahin, cahin!
Diz-lhe o bispo assim:
— Porque ganes tu, meu fiel mastim?
São os caldeireiros que vém sobre mim.
— Deixa-os, deixa os, Pero-Cão,
Disse o bispo ao máo ladrão:
Que eu te deito esta benção,
E te faço bispo cão.
Se eu sou bispo barregão,
Bispo moiro e máo christão,
Que importa que o seja um cão?

Hão, hão, hão!
Bispo temos barregão:
Que importa que o seja um cão?

Beo, beo, beo! tira o chapeo,
Que aqui vem dom Pero-Cão!
Hão, hão, hão, sô canzarrão!
Tam ladrão é o bispo como o Pero-Cão.

E aqui um martellar de arames e latões capaz de encher as medidas, de saciar a sêde d'estes metaes, bem pouco preciosos, que devora as entranhas do nosso amigo Meyerbeer, cujo tympano escaldado e gretado, creio que nem já o carrilhão de Mafra era capaz de fazer vibrar.

Atraz dos gaiatos, cantores d'estas lôas, marchavam, como de razão, os menestreis caldeireiros. Estes, como digo, acompanhavam e fundamentavam com seus instrumentos a musica vocal da revolta.

Bem sabes, amigo leitor, que nós não fazemos revoluções, contrarevoluções ou coisa que o valha, sem hymno. Somos uma nação harmonica, essencialmente harmonica, harmonica a ponto que, tanto mais se acha tudo em desharmonia e desaccordo entre nós, tanto mais precisâmos de nos mover ao som e compasso de patrioticas cadencias.

Nenhum povo do mundo se póde gabar de possuir tam rica e vasta collecção de hymnos patrioticos: tam bellos todos, tam originaes, tam excitantes, que dariam inveja ao proprio Tirteu, ao demagogo Alceu, e cujas palavras — não somenos das notas — deviam passar á posteridade gravadas nas nadegas das sereias do Passeio-público de Lisboa, ou na fachada do theatro Agrião, ou embrechadas — que mais seguro era ainda — pela mais bella das Bellas-artes Eusebias, no mosaico do Rocio. Seja onde for, mas quero vêl-as consubstanciadas, associadas por qualquer modo, a um dos grandes monumentos de arte contemporanea que hãode immortalizar o seculo dos nossos Pericles.

Seguia-se a turbamulta do povo armado; uns de cotta e cellada, outros só de morrião. Foice este, lança aquelle, espada est'outro; d'aqui alabarda, d'além vinha a ascuma ou azevan.

Barbeiro houve que, sem esperar tres seculos por D. Quixote, tinha descoberto que a sua bacia era o elmo de Mambrino, e a encaixára na cabeça. Tal taberneiro levava no mesmo sitio um funil; panellas muita gente. Havia um sem numero de tachos servindo de rodellas. O typo caldeireiro da revolta dominava e predominava em tudo visivelmente. No meio d'este labyrintho de gente armada, mal armada de suas armas exteriores, fortemente armada da energia interna de sua alma, do seu rancor, e para dizer toda a verdade, da immensa justiça de sua causa — claramente se distinguia um grupo mais saliente e luzido que os outros todos, pela formalidade e elegancia do traje em uns, pela regularidade da armadura em outros. Era quasi toda a companhia dos alabardeiros do bispo, que Ruy-Vaz e Garci-Vaz tinham feito desertar para as fileiras populares.

E á frente d'estes iam os dous irmãos, levando entre si um mancebo guapamente vestido, mas de um traje meio de galan meio de clerigo, o traje de um elegante escholar d'aquelles tempos — traduzamos em lingua de hoje: um estudante leão.

Para logo o conheceu Gertrudes, que estava vendo passar tudo isto da sua janella, e um grande susto a tomou ao vêr realisado o concêrto de seus planos: como sempre succede aos maiores enthusiastas quando, chegado o momento decisivo, vêem, no perigo até alli buscado e desejado, aquelles a quem mais querem.

Tambem não tardou a reconhecel-o Briolanja; e accelerando nos dedos o movimento das contas, quasi sem interrupção das ave-

marias e padrenossos que ao mesmo tempo rosnava, ia misturando ralhos e rezas, como era seu modo.

— Que estaes no céo, santificado... Não n'o disse eu, menina? Seja o vosso nome... Elle é, Vasco!... Venha a nós o vosso reino... Gertrudinhas filha... Seja feita a vossa vontade... Fr. João da Arrifana que o não benzeu... Assim na terra como no céo... Pobre rapaz! cahir no poder d'essa gente?... Gloria patri et filio .. Ai filho, quem te hade tirar das mãos d'esses phariseus! ..

E assim continuou em seus parenthesis a tia Briolanja, sem quebrar o fio da corôa que rezava, nem deixar as coisas d'este mundo que tam fortemente a preoccupavam sempre, apezar do outro.

Estava a rua toda apinhada de gente. Defronte do arco e para o lado de que está o altar da Santa, os archeiros fizeram alto e conseguiram arredar a espessura da multidão.

Ruy-Vaz correu o ferrôlho da porta de Anninhas, e subiu com Vasco ao primeiro andar, chegou á janella com elle, e fazendo d'ahi rostrum ou tribuna de suas arengas:

— Aqui, bradou, aqui, meus amigos, deante d'este bemdito arco, na presença da santa mãe da mãe de Deus, aqui onde o aggravo foi feito, aqui juremos a vingança d'elle, e aqui dêmos preito e homenagem ao caudilho que escolhermos para nos dirigir e capitanear.

— Bem, bem! isto é falar.

— Bons amigos e vizinhos, juremos obedecer-lhe em tudo e por tudo.

— Isso agora muito é, disse uma voz resmungona d'entre as turbas.

— Em tudo, em tudo! clamou a multidão enthusiasmada e sem saber o que clamava.

— Em quanto elle for por nós, continuou o dos escrupulos; e tratar de nossa fazenda como cumprir...

— Está visto: podéra!

— E senão, não.

— E senão, não.

— Alto lá, acudiu Ruy-Vaz, que viu começar a sacudirem-se pelos áres as resoantes bexigas da Doudice popular: Alto lá! Se já começam as desconfianças e ciumes que sempre damnaram e perderam quanto é do povo, e porfim o entregam fraco, dividido e exhausto, em mãos dos poderosos, que não precisam mais trabalho para dominar sobre nós, senão esperar-lhe a vez, que nunca vem tarde .. então deixemo-nos d'isto. Pero-Cão que nos roube quanto quizer, o bispo que nos leve quantas mulheres e filhas se lhe antolharem... Anninhas que se deixe estar no paço ou no aljube ou onde quer que está... e Affonso de Campanhan *que se los coma com pan*, como diz o castelhano... ou que os doire e os traga por fóra do barrete, como fazem senhores quando el-rei lh'os prega... Cada um por si e Deus por todos. Quem lhe comer que se coce; e a quem lhe armarem a testa, que marre onde quizer e em quem quizer; que eu, por mim, já me não quero meter em dansas que hão de acabar em certo baile de tres páos que eu sei, e Pero-Cão batendo o compasso no meu cachaço, para mais sabor lhe dar.

Um murmurio geral de descontentamento correu pela multidão.

— Nada, meus amigos, continuou o singelo orador, singelo mas arteiro ou artista bastante para conhecer o effeito que tinha produzido: — Nada, nada, aqui não ha senão pegar ou largar. Precisâmos de quem nos acaudilhe n'esta arriscada empreza em que nos metemos. Os nossos juizes e vereadores são o que sabeis. Fidalgos não os queremos, nem aqui os ha. Os nossos não são para isso. Sabeis o que esta tarde vos disse?... o segredo?...

— É verdade, o segredo... Que vem ahi...

— Quem é que vem, quem é que vem?

— Silencio! que ainda não deu meia noite.

Mas de ouvido em ouvido, e no maior segredo, foi passando a grande nova de que el-rei D. Pedro estava em Grijó, e de que aquella noite entraria disfarçado na cidade, se o povo se apoderasse do castello da Sé.

Pois bem, continuou Ruy-Vaz: minha tenção era que escolhessemos um mancebo capaz, amigo d'el-rei, com animo e coração para se pôr á nossa frente, e puchar pela espada ou pela lingua, segundo for mister. Mas como o não querem...

— Queremos, queremos.

— Pois, se o quereis, e se elle nos hade guiar e governar em quanto durar esta pendencia, é preciso que tenha podêr, e que lhe obedeçâmos todos. Jurâmos, ou não jurâmos obedecer-lhe?

— Jurâmos, sim, jurâmos.

— E que por dá cá aquella palha, porque se foi assim ou se foi assado, não havemos de entrar em questões e parlamentos, e a esgrimir de lingua e de parola, quando é preciso esgrimir co'a espada?

— Sim, tambem jurâmos. Tem razão Ruy-Vaz! Viva o nosso capitão!

Qual outro Marco-Antonio, Ruy-Vaz vinha preparado para esta scena da investidura. Mais feliz porém ou mais prudente que o romano orador, elle não offendeu, com o symbolo do podêr que queria conferir, a ciosa magestade das turbas soberanas. Saccou de um panno, em que a trazia envolta, uma formidavel espada de cavalleiro, cingiu-a á cintura de Vasco, desembainhou-a, depois poz-

lh'a na mão; e inclinando-se como quem lhe fazia preito, disse para elle:

— Tomae esta espada, senhor Vasco, e jurae pela sua benta cruz, pela Virgem padroeira da nossa cidade, e pela bemaventurada Sant'Anna que nos ouve, jurae de vingar nossa affronta e de punir por nossos direitos.

O que n'este momento passava pelo ânimo de Vasco, não é facil dizel-o: tantos eram e tanto se lhe atropelavam os pensamentos encontrados de seu espirito! Gertrudes porém, Gertrudes que estava defronte, cujos olhos animados, cuja physionomia resplandecente, diziam o quanto ella triumphava n'aquella ovação popular do seu amante — Gertrudes dominava tudo, o seu amor vencia todo outro sentimento.

Vêr-se elle, estudantinho sem nome ainda, elevado de repente a tanta auctoridade e podêr na presença d'aquella mesma a cujos olhos mais queria brilhar!... Esta grande realidade têem os fatuos sonhos da ambição; este é verdadeiro e certo gôso que vale bem a pena descontar depois por dias e annos de crueis desappontamentos.

O nosso estudante sentiu por todo o seu corpo aquelle estremeção nervoso que dá a faisca electrica da ambição, quando é a nobreza, quando é a poesia dos sentimentos elevados que sobre nós a descarrega. Os olhos ardentes, o rosto affogueado, o coração batendo-lhe forte na arca do peito, levantou o braço da espada e erguendo-a acima da cabeça, pronunciou com voz sonora e vibrante:

— Que me oiça Deus e me ajude! Assim juro aqui, onde a nossa cidade foi deshonrada e insultada, deante da santa imagem que nos ouve... aqui onde está o melhor de meu coração, e onde eu quizera ter mil vidas para assellar com ellas a minha fé e o meu juramento—juro que heide levar a cabo esta emprêza, desaffrontar os nossos vizinhos e amigos, vingar a nossa injúria, e restituir a liberdade ao povo opprimido.

O gesto, o som de voz, o ár inspirado e commovido do joven orador — mais ainda que as suas palavras — enthusiasmaram a multidão. Uma torrente de vivas, de applausos furiosos rebentou do seio das turbas, e foi a solemne acceitação do juramento com que o tomaram por seu caudilho e capitão.

— Agora á casa do concelho! disse Ruy-Vaz: Vamos buscar o nosso pendão, o estandarte da Virgem.

— Vamos! bradaram todos.

— E de caminho, disse um d'aquelles salvadores da patria que nunca faltam para dar alvitres infames quando lhes parece que o podem fazer sem risco de suas pessoas: de caminho deitaremos das janellas abaixo os nossos potrosos juizes.

— Quem foi esse que falou? bradou Vasco: quero vêr-lhe a cara, e que saia bem a claro com a sua infamia.

— Este foi, disseram tres robustos caldeireiros, que para logo filaram e sacaram a terreiro a ingoiada e mal roupida figura de um alfaiate remendão que todos conheciam por viver das migalhas do tinello do bispo, e por ser quem mais se curvava e cahia de ambos os joelhos no chão para receber a apostolica benção quando o despotico prelado succedia de passar. Tambem logo alli se soube — o que é que se não sabe n'este mundo! — que morava n'umas casinhas de Rio-de-Vila que lhe dava a caridade de Mestre Martim, um dos taes juizes por elle condemnados á Rocha-Tarpeia, á troco de um máo chapeirão que alguma vez lhe fazia, de algum ferragoulo, velho que por acaso lhe concertava.

— Que me desarmem esse máo homem, disse Vasco, e m'o prendam. O povo não quer taes defensores.

— Bem dito! E viva o nosso capitão!

Se todos os chefes populares soubessem e ousassem reprimir assim os aduladores das más paixões, os sycophantas do povo — que os ha nas praças como nos paços, e onde quer que está o podêr, estão elles — ha muito que o despotismo não existia na terra. Bem nasce em todos os climas a semente da liberdade: mas desque lhe germinam as folhas seminaes, ha de haver um Washington que a monde, a ampare, ou os espinhos são tantos logo, tantos os cardos e abrolhos, que a affogam.

Gertrudes, a nossa enthusiasta Gertrudes, cahiam-lhe as lagrimas de satisfação ao vêr como o seu Vasco sabia usar generoso de um podêr de que tam natural é sempre abusar-se.

Sorriu-se para ella o amante, e fazendo-lhe um signal de adeus que só dos dous foi percebido, alçou a voz para as turbas e clamou:

Marchemos, amigos. Ordem! e que não haja desmando, nem se faça desaguizado a ninguem.

—Viva, viva! Marchemos! respondeu a multidão enthusiasmada. Vasco desceu rapidamente a escada da casa de Anninhas; qual foi a sua admiração, ao chegar á porta da rua, de encontrar alli apparelhado e prompto, o seu nobre, o seu querido alazão que ainda ha pouco entregára ao palafreneiro do bispo, e que tam longe estava de o tornar a vêr tam cedo!

Não foi porcerto maior a alegria de *Palmeirim* ou de *Amadiz* ou do proprio *Florismarte de Hyrcania*, quando, ao sahir de longo encantamento, ao desemboccar de alguma caverna de leões, de algum antro de ogres polyphemos, davam com seus queridos ginetes

que tinham deixado d'alli umas duas ou tres mil leguas, e agora lhes appareciam sellados, embridados e promptos, batendo o pé de contentamento, e sacudindo as fluctuantes clinas com o prazer de tornarem a vêr seus donos.

— Como aqui, meu nobre alazão! dizia Vasco amimando-o, correndo-lhe a mão pelo assedado collo: meu destemido, meu valente! Quem tornou a minhas mãos em tam boa hora e quando mais te desejava e te preciso?

— Eu, que o não deixei levar para o paço, respondeu Garci-Vaz: Podéra! Em tempo de guerra, cavallos são munições e bastimento de guerra, não se deixam passar para o inimigo. O nosso capitão não nos havia de commandar a pé; e outro pôtro como este não o ha em toda a cidade, nem talvez em toda a commarca d'Entre-Douro e-Minho. Sabemos da affeição que lhe tendes... E assim, boa prêza! — Largue-lhe as rédeas, tia.

Vasco, enlevado em mirar o seu querido alazão, não havia atélli attentado no estranho pagem que lhe tinha a rédea. Era uma velha muito velha, mais velha que o seu recozido mantéo, encolhida, corcovada, e com a cabeça toda envolvida n'um capuz enorme, cuja extremidade lhe cahia pelas costas, como capuz de dó: e ella, abordoada n'um cajado retorcido e enverrugado como ella; uma verdadeira bruxa em pelle e osso não posso dizer em carne, porque não tinha.

— Sim, sim, regougou a velha: as rédeas lhe largo e em bem as sôlto a quem tam bem as sabe tomar e governar! Benza o Deus! E que gentil môço que elle é, o nosso capitão!

Mal tinha dito a velha as primeiras palavras, que já o bom do estudante, suspenso, tomado como de um assombramento repentino, punha n'ella os olhos espantados, e nem já o alazão, nem mais nada já via de quanto o cercava.

— Tomae, tomae as rédeas, disse a velha com uma certa inflexão significativa na voz, que o advertiu de pôr tento em si: tomae, e cavalgae, que são horas.

Ninguem mais percebeu esta intelligencia que passava entre a velha mendiga e o caudilho da revolta. Elle caiu em si com effeito, montou rapidamente a cavallo, e tomando a frente de seu pouco ordenado exercito, se pôz em marcha para as antigas casas do Senado portucalense.

— Bemdito sejas e bemdito vás, ficou murmurando a velha, que assim enches de luz e de alegria os olhos da mãe que te criou!

E sumiu-se entre a multidão, e por alguma viella bem esconsa se escapou, não sei por onde nem para donde, que ninguem mais a tornou a vêr.

CAPITULO XXVI

E Anninhas?

E Anninhas? E a pobre Anninhas que está no aljube? Que é feito d'ella, senhor historiador? Deixa-se assim por tanto tempo nas asquerosas enxovias de uma prisão a uma bella rapariga tam interessante, tam boa, a amiga da nossa Gertrudes, a Helena emfim d'esta Troia, por cujo roubo arde já a invicta cidade nas labaredas da revolta, da guerra civil quasi? E passam-se capitulos e capitulos - a qual mais pequeno, é verdade, mas são muitos - sem nos dizer o descuidado chronista o que é feito d'ella?

Contesto, amigo leitor: a culpa não é minha. Cervantes não podia ser responsavel dos descuidos e lapsos de Cid-Hame-Ben Enjeli. Se Dulcinéa está mal encantada, e tam depressa a vêmos trotando na sua burra pelos campos de Toboso, como passeiando com suas donzellas nos deliciosos jardins da Cova de Montezinhos; se o nosso amigo Sancho apparece aqui montado no seu ruço, que duas páginas antes lhe subtrahira tam subtilmente d'entre os calções o honrado Ginez de Passamonte - é o chronista moiro, não o seu orthodoxo editor, quem tem a culpa d'esses lapsos.

O mesmo me succede a mim com esta veridica historia do meu Arco. Traduzo umas vezes, copio outras, segundo a vetustade da linguagem o pede, no precioso Manuscripto que tive a fortuna de achar. E se alguma reflexão ou ponderação minha lhe ajunto em fórma de glosa, nunca me metti a alterar a ordem da historia, e sigo fielmente o douto Grillo a quem devemos estas incomparaveis memorias que tanto illustram e engrandecem a nossa cidade e a historia do senado e o povo portucalense.

Tenha, pois, paciencia a bella Anninhas; por ella e com ella a tenha o leitor benevolo, que antes de corrermos os ferrôlhos e de abrirmos os cadeados do aljube episcopal, temos de subir outra vez as escadas do paço; de atravessar suas longas salas, e de tornar a entrar n'aquelle mysterioso e recatado gabinete onde, pouco ha vimos, revestir-se da purpura e arminhos, adornar-se de todas as faustosas insignias da auctoridade ecclesiastica e feudal o arrogante senhor da nossa terra.

Antes que, nas vizinhas ruas de Sant'Anna e Banharia, se passassem os estrepitosos acontecimentos que n'estes ultimos capitulos foram relatados tinha acabado em Gaya, na antiga capella de San'Marcos, da outra banda do rio, a solemnidade religiosa do dia: e conegos, capellães, cantores, ministros supe-

riores e inferiores, cada qual como pôde, e fóra de toda a fórma de procissão, como é de uso, tinham voltado para a cidade. Nem esperaram pelo costumado jantar que as auctoridades do Burgo-novo eram teudas de dar, senão por fôro escripto, ao menos por usança e vêzo antigo: jantar que lhe valia talvez os tres ductos de thuribulo e a jaculatoria, de *Boa gente*, *Boa gente*, que na primeira parte d'esta historia mencionámos, e que ainda em nossos dias se davam e rezavam, como ahi refiro. Pois d'esta vez a *Boa gente* de Villa-nova ou Burgo-novo, lá se comeria as suas fanecas e azevias, porque nem um menino do-côro, nem o maceiro do cabido lhe quiz fazer honra ao seu jantar das ladainhas: tam assaralhopados andavam todos, e tanta pressa tinham de vir metter-se em suas casas.

O bispo fôra dos primeiros a retirar-se. Cavalgando sua mula branca, de rica gualdrapa de velludo cramezim com passamanes e franjas de oiro, acompanhado de seu alcaide-mór que trazia á direita, seguido de muitos ovençaes familiares e mais pessoas de seu trem e estado secular, todos armados—e elle com todos - entrára senhor timido e poderoso na sua boa cidade do Porto, de donde, ha pouco, sahira pastor de povos e apostolico prelado. Passou o rio na sua grande barca, dita a 'barca da Sé', subiu até o paço, deu ordem ao alcaide-mór para que tivesse tudo em armas e em som de guerra, mas caladamente e que o não suspeitassem na cidade: e elle tornou para o seu gabinete.

—Que me chamem Fr. João; que me avisem em voltando Vasco, e por agora que me deixem só. Ficae vós, Pero-Cão.

Assim disse o bispo, entrando para o seu gabinete: e assim fizeram todos como elle disse.

Só, está o principe da egreja. Só com o seu primeiro ministro, e esperando o seu principal conselheiro. O prelado parece alegre e de bom ânimo, Pero-Cão menos triste que esta manhan. Talvez ainda na face patibular do ministro, se possa divisar uma tentativa de sorriso: amarello sempre, é verdade, e torcido de ruim torcer... mas não entravam de outros sorrisos n'aquella cara.

—Com quê, disse o amo, reclinando-se a goso no alto espaldar de sua cadeira confortavel... tam confortavel quanto cadeira o podia ser no décimo quarto seculo: Com quê, estás melhor, Pero-Cão com menos medo?

—Agora vamos andando: a arraia miuda[1] socegou. Mas esteve damnada!

—Se lhe tinhas mordido tu!

—Morderia, morderia, mas se fui eu que os damnei, alguem me damnou a mim primeiro.

—Não desatines, Pero. Estás por saber ainda que ha alimarias ferozes e cervaes, de tam ruim sangue e tam perversos humores, que, sem que a baba de outro nenhum animal as toque, com sua propria maldade enraivecem e se damnam?

—Hum!

—Hum! Isso mesmo; rosnas como dogue velho e comido de tua má rabuje peçonhenta. Eu, é verdade, que te digo: 'Fila!' e tu filas: cão és, para isso te comprei. Mas não te digo: 'Rasga, fere, despedaça!' como tu fazes. Por tua conta e risco o fazes, á lei da tua má e perversa natureza que nunca pude domar nem ensinar. E olha que disse: 'por tua conta e risco.' Risco disse, Pero-Cão; e desejo que saibas que eu te não tórno a livrar das garras do povo, como hoje o fiz. Para outra vez lá te avirás com elles. Que te enforquem á sua guiza e que me deixem.

—Enforcar!

—Enforcar. Pois que pensas tu, homem? Entre esse pescoço e a corda d'esparto ha uma attracção tam visivel e poderosa, que, mais dia menos dia, Pero, não te vêjo outro remedio senão ires bailar onde tens feito bailar a tantos.

—Tendes um modo de gracejar!... E quando estaes de bom humor, dizeis coisas que de verdade fazem rir a gente!

E riu... Pero-Cão riu. Mas que riso! Se a bôcca do inferno rir, como eu espero e creio, quando por ella entrarem certos maganões que nós sabemos, hade ser assim que ella hade rir.

—Não gracejo, tornou o bispo, falo serio e de muitas véras. Faze por ter amigos no povo, porque se elles me vêem outra vez pedir essa feia cabeça... ella é tam feia, Pero, que te juro..

—Para me eu fazer amigos no povo... é a coisa mais facil que ha.

—Como assim?

—É fazer-me eu inimigo de...

—De quem?

—Inimigo vosso.

—Ah!

—Como fez Ruy-Vaz e seu irmão Garci-Vaz, que fugiram do paço, como sabeis, e se desquitaram de homens vossos; e não queria senão que visseis as palminhas em que os traz o povo por essa cidade.

—Os traidores! exclamou o bispo, levantando-se e passeando a grandes passos, a colera que o fazia saltar: Os traidores!... Olho n'elles, meu Pero-Cão: E em sendo tempo, e que te eu diga: «Fila»!

—Não filarei.

—Como? não filarás!

[1] O populacho

— Hum!
— Ah! tambem tu?...
— Eu não quero ser enforcado.
— Não? Pois o teu querer faz pouco ao caso: porque seja o povo que te pendure, como Judas, no cano[1] de alguma figueira; ou eu que te mande baloiçar em certa arvore secca de tres páos — a coisa não faz muita differença para ti, creio eu. E de um modo ou de outro, a doença de que hasde morrer, já o sabes tu. Assenta a tua alma n'isso, deixa-a nas mãos do demo, cuja é desde que nasceste; e vamos a outro conto.

Pero-Cão tornou a sorrir de seu verdadeiro sorriso de enforcado: por modo que lhe quadrou o dilemma do bispo, e o deixou tranquillo. O prelado fixou n'elle o seu ôlho prescrutador, e sentando-se outra vez mais socegado, disse:

— Toma esta chave, abre aquella porta, e vae, pela passagem occulta que sabes, ás enxovias do aljube.

— E a quem quereis que?... tornou o monstro, esbugalhando-se-lhe os olhos de hyena, e completando a reticencia com um accionado horrivel que significava estrangular; o sonho constante, o ideal sempre desejado de sua negra vida.

— A ninguem, magarefe, respondeu o bispo assustado: A ninguem! E sobre tua cabeça, que te não atrevas a tocar um só cabello da sua.

— Ah! já entendo, tornou o cannibál, adoçando — que adoçar! — n'uma expressão de malicia crapulosa os enrijados musculos d'aquella cara de leopardo: Já entendo. E piscou obscenamente um ôlho injectado de sangue que fazia mal vêr assim. Oh! antes vêl-o arder com a sanha da carnificina, do que amolgar e derreter-se asquerosamente na torpe e brutal lascivia que ahi chammeja agora... Já entendo: quereis que a traga com boas palavras, que lhe diga...

— Não quero que lhe digas nada, senão que mando eu que venha á minha presença.

— E se não quizer por bem, já se sabe...

— Nada de violencias, dogue! Nem são precisas. Virá logo: sei que o deseja.

— Ah! ah! se tendes um geito, uma labia para as levar...

— Silencio, bufão, e andar.

A má bêsta descahiu o focinho e a orelha com esta rebutada do dono; e levantando o panno-de-raz no sitio que elle bem conhecia, abriu a porta secreta e desappareceu nas trevas da obscura escada de caracol que levava dos subterraneos do paço, ás enxovias do aljube e aos outros cryptos episcopaes, só d'elle sabidos e de seu amo, que a ninguem mais confiava aquella chave nem revelava os negros mysterios que ella fechava.

[1] Ramo horizontal de arvore, no dialecto minhoto.

CAPITULO XXVII

Peccados velhos

Só ficou o bispo, só com seus máos—e porque não tambem com algum de seus bons pensamentos? Rara é a alma perdida que, na solidão e longe do ôlho do mundo, não sente, quando menos, picar-lhe o remorso n'uma aza do coração, e dizer-lhe: Que fazes! .. — ou: Que fizeste!... O remorso é o bom pensamento dos máos; é o ultimo dom que á despedida nos deixa, quando se vê obrigado a desamparar-nos, o anjo que desde o berço tomou conta de nossa vida. E jámais o instincto, o desejo do bem se chega a apagar de todo no homem: é o fogo santo que até o derradeiro instante o alimenta. Se amortiça com a cinza das maldades, se não vêmos a sua luz com o negrume dos vicios, elle lá está comtudo sempre vivo no fundo do coração. Um sôpro que de longe lhe dê o anjo que de nós fugiu, e que do céo nos contempla com lagrimas de dó e de entranhavel piedade, um sôpro só basta para o reanimar e avivar.

Oh! e na solidão é que mais sentimos o sôpro celeste avivar a santa luz de nossa alma. Pena do mal feito, temor do mal que se intenta fazer, saudades da perdida innocencia, fastio dos tristes gósos do vicio, travor amargo dos criminosos deleites, suaves recordações da infancia, lembranças dos conselhos paternos... e vós, mais que tudo, queridas memorias da mãe que nos teve nos braços, o que sois vós todos, pensamentos que acudis nas horas da solidão? Oh! que sois senão o lampejar que se anima, o luzir que se revive da celeste luz do Bem que Deus pôz inextinguivel em nossa alma?

Este homem, que deshonra o augusto caracter de sacerdote e de prelado, que enxovalha a mitra do apostolado evangelico nas torpezas de Babylonia, e com a mesma mão com que toma, no calix, o sangue de Christo para o beber no altar, empunha a taça das prostituições do Egypto, para a sorver nas temulentas orgias dos lupanares — este homem sagrado aopé da cruz no alto do Calvario, e que desceu aos valles de Sodoma e Gomorrha, a banhar-se no lago de betume ardente, queimando em suas mãos excommungadas o oleo santo com que o ungiram em pontifice do Crucificado, este grande criminal, este peccador escandaloso não era

comtudo um monstro: era um homem perdido do vicio, cego do podêr, corrupto pela riqueza, gaffo da má lepra que, n'aquelles tempos de soltura e prepotencia, lavrava tam geral pelos poderosos da terra, seculares e ecclesiasticos, a lepra era a mesma. Peiores foram depois os Borgias, e sentaram-se na cadeira de San Pedro; a Sé portucallense não chegou a vêr, como a romana, Nero e Heliogabalo com a cruz ao peito, a mitra — ou a thiara — na cabeça, e os fieis prostrados aos seus pés.

Não. E d'esta mesma devassidão que tanto nos escandaliza, e ainda hoje faz execrar a memoria d'este máo bispo, raros, rarissimos exemplos houve na nossa terra. O que será d'aqui em deante não sei, desde que o episcopado se tornou electivo — dizem as revelações do mano Lycurgo — o conclave nocturno, e que os cardeaes d'elle são o *irmão terrivel*, e os irmãos mais ou menos *vigilantes*, que têm o exclusivo de velar pela salvação e salvaterio da egreja e do estado. Não sei, não sei; e não sou eu que o digo, são elles. Mas se estamos condemnados a ter bispos feitos assim, que vão Suas Excellencias Reverendissimas prégar aos peixinhos do mano Affonso-d'Albuquerque, porque as homilias d'elles acho que será peccado mortal ouvil-as a gente.

Pois, nem máo homem sequer era aquelle máo bispo; perdôem-me dizel-o, mas com o proprio démo se deve ser justo. Sua mocidade leviana e sôlta tinha-se passado nos campos tumultuosos e indisciplinados da guerra civil, palestra a mais desmoralizadora de quantas ha. A oppressão, a violencia, o latrocinio e o homicidio são virtudes ás vezes, no credo faccioso, são acções indifferentes, quando menos se praticadas contra os do partido contrario. Vizinhos, amigos, parentes que sejam, quanto mais perto de nosso coração está a victima, tanto mais se exalta por virtude o crime, porque mais desnatural é.

Vem depois o descanso da paz — que não é descanço, mas o cançasso da guerra — e são os homens criados n'essa eschola os que têm de ir exercer os cargos todos da republica, sentar-se nas cadeiras curues do senado, julgar nos tribunaes, ministrar nos altares... Santo Deus!

Tal fôra feito este bispo, só porque da facção dominante, filho de uma familia poderosa, e elle menos ignorante que o resto de sua illustre familia. Elevaram-n'o ao episcopado as intrigas dos nobres, tam omnipotentes então como as dos mercieiros hoje. A cruz que trazia ao peito, não a tinha porém no coração. O Evangelho, que lhe pozeram ás costas, não lhe pesava porque o não entendia nem o sentia. Acreditava piedosamente que nascêra para mandar e gastar, os povos para *servir* e pagar. A el-rei, seu senhor suzerano, estava prompto a *servir* com tantas lanças e béstas, quantas lhe eram devidas: em nada mais se julgava teudo de obedecer-lhe, elle, principe da Egreja, e só dependente do papa. De suas devassidões e orgias brutaes, tinha um pequeno, um tal remorso, porque emfim era ecclesiastico, era prelado: mas bestialmente pensava que uma absolvição de Fr. João da Arrifana, ou de outro frade seu cumplice nas mesmas torpezas, bastava para o remir d'esses peccadilhos, porque emfim, emfim, não eram condessas nem ricas-donnas as que elle tinha roubado — seduzido ou comprado pela maior parte... Violencia não a fizera a nenhuma.

Oh! sim fizera... e com vil traição, com perfida aleivosia!... e uma vez, ha muito, e não era bispo ainda, mas simples cavalleiro, soldado, commandando uma partida de facinorosos, com o titulo de aventureiros, ou de voluntarios, ou do que quer que então se chamava a essa peste. Eram uns bons patriotas (estylo de todos os tempos) que pelos verdes campos de entre Liz e Lena, faziam a guerra, em nome d'el-rei, e contra o infante, mas por sua propria conta d'elles, contra os porcos, as gallinhas, as vaccas e as searas dos lavradores.

Uma noite escura, que não havia lua nem estrellas no céo, iam soltos e em grande algazarra pela campina e perto já dos antigos pinhaes que por alli entestam. Senão quando, ao chegar-se mais a elles, foram cahir n'uma emboscada de homens do infante — outros que taes facinorosos como elles, — que os destroçaram e retalharam sem dó nem piedade, e que, tendo feito o seu feito, fugiram. Quasi toda a alcateia ou a guerrilha, do que hoje é bispo, ficou estendida debaixo dos pinheiros; os poucos escapos deitaram a bom correr para bem longe; e entre os mortos e moribundos ficou o proprio capitão. Estava elle ainda com vida, mas já quasi sem alento, e derramando de muitas e largas feridas o último sangue das veias golpeadas. Vinha alvorecendo a manhan que elle já não via, e despontando de traz das collinas o sol que não tornaria a alumial-o, se áquelle tempo alli não passasse um homem ancião de longas barbas e longas vestes, calva a frente, mas cuberta de uma touca alva e alaranjada que bem denunciava sua origem oriental. Abordoava-se n'um bordão branco, trazia pendentes ao peito uns rolos de pergaminho, e á cinta uma larga bolsa de coiro em que tiniam redômas, utensilios de vidro e de metal, ao que parecia.

Voltava o velho de uma aldeia perto, onde fôra acudir a um seu parente que se morria

de febres malignas, e recolhia agora aos suburbios de Leiria, sua ordinaria residencia. Parou ao vêr aquelles homens mortos á beira do pinhal; e se, parecia um levita veneravel no trajo e ademan, um velho doutor da lei — o seu coração era o do Samaritano caritativo; porque não pensou, não hesitou, nem se poz a rezar, senão que, um por um, se foi percorrendo aquelles mutilados cadaveres, ou que taes pareciam, a vêr se algum podia salvar ainda, administrando-lhe o vinho e o oleo da parabola do Evangelho — em que elle não cria porque era israelita o velho, sincero e estrenuo professor da lei antiga.

Tudo achou morto; só vivia ainda o cavalleiro, mas proximo a finar-se de exhausto e abandonado. Conheceu porém o velho que havia esperança e remedio possivel, tirou da sua bolsa fios e balsamos com que lhe pençou as feridas: depois um elixir milagroso de que lhe deu algumas gôttas a beber; e reanimado assim, o levou comsigo, meio de rastos, meio ás costas, porque mais não podia o velho.

Felizmente que não morava longe: era á outra beira do pinhal, perto dos muros de Leiria, n'uns barracões baixos, sem apparencia alguma exterior, mas que por dentro tinham mais cómmodo e confôrto, mais luxo, mais elegancia e riqueza, respiravam mais civilisação e mais gôsto do que nenhum palacio de rei christão em toda a peninsula das Hespanhas.

Sahiram a recebel-o seus criados e familia que o estavam esperando e que de longe o viram vir. Veiu a velha Sara, sua espôsa, e Esther a sua querida, a sua unica e adorada filha. Quando o viram assim curvado sob o enorme pêso d'aquelle homem meio-morto, vestido de ferro, e ambos escorrendo em sangue:

— Bemdito seja o Deus de Abraham! exclamou Sara: porque tu não vens assim, amado de minha alma, senão porque algum bom anjo te deparou a occasião de fazeres bem a teus irmãos. Salvaste esse homem da morte?

— Ainda não; mas espero.

Já n'isto lh'o tinham tomado os criados em braços, e o levavam para o melhor quarto da casa sem esperar ordens do amo: era sabido e costumado aquillo. O velho acompanhou o moribundo, e o viu deitar na cama, e ajudou a collocal-o na posição mais conveniente, e de novo e com mais tento lhe visitou e pençou melhor as feridas, duas das quaes pareciam mortaes.

Mas a Caridade é uma virtude que não desacompanham jámais suas duas irmãs, a Fé que dá o ânimo, e a Esperança que alenta o coração.

— Verêmos, verêmos ao levantar do apparelho. Deus nos acudirá.

E o ancião e a sua velha espôsa e a sua joven filha entre si repartiram logo as horas da vigia em que haviam de revezar-se junto ao leito do homem... E nenhum sabia, e nenhum perguntou que homem era.

Em poucas horas se declarou uma febre tremenda, e o velho desanimou. Assustou-se, digo, não desanimou; mas assustou-se muito. Junto ao leito do infeliz que, de olhos fechados, prostrado, exânime, apenas soltava uns gemidos surdos e abafados — elle com a mão no pulso do enfêrmo, e os olhos ora no rosto que lhe afilava, ora no livro que folheava inquieto, parecia disputar com a morte que lh'o queria roubar, e affugental-a com o podêr sobrenatural da sciencia, com a fé ardente da religião.

E venceu o velho; venceu ao cabo de horas e horas, de dias e de noites de susto e de incessante desvêlo, em que um só instante não deixou o doente, ministrando elle por sua mão os varios remedios que ia applicando; e ora a mulher, ora a filha o ajudavam, que de seu lado não sahiram. Declarou-se uma crise subitamente, a febre cedeu, e o moribundo escapou á morte.

Abraham Zacuto, que este era o nome do velho, prostrou a sua face por terra; Sara e Esther se prostraram ao pé d'elle, e juntos clamaram:

— Bemdito seja o senhor nosso Deus, porque salvou o homem estrangeiro, e deu gloria e honra á casa de seus servos!

Passam dias, semanas, as feridas vão se fechando, as dores calmando-se; e quasi não havia já no enfêrmo outro mal senão uma debilidade extrema. E Abraham disse a Esther:

— Filha, o nosso hospede está curado. Eu tenho de ir a Granada, porque os nossos irmãos precisam de mim alli. Tu velarás n'elle, e dirigirás sua convalescença, que ha-de ser longa e difficil. Tua mãe precisa descanço, porque os seus dias são muitos e o seu corpo está debil e enfraquecido. Adeus, e que o Senhor te abençôe!

O velho partiu, e Esther ficou á cabeceira do enfermo.

CAPITULO XXVIII

Mais peccados

As horas do dia são longas para quem jaz prostrado n'um leito de dores. Mais longas as da noite que alli se velam. Que seria do cavalleiro se não fôsse a companhia de Esther?

E ella era bella, de uma belleza toda judaica, toda arabe. A figura alta e esbelta, as fórmas severas, sem molleza nenhuma nos contornos, o rosto oval, a tez morena, os olhos negros, faiscantes, a testa breve, mas perfeitamente desenhada, os sobrôlhos um tanto juntos, o cabello longo, preto, fino — fino de uma fartura e formosura suprehendente. Uma tunica alvissima de linho orlada e cingida de cramezim era o seu trajo habitual e unico.

Imaginem esta visão arrebatadora entrando a cada instante no quarto do convalescente, volteando n'elle para mil coisas, dando-lhe os remedios, os alimentos, trazendo-lhe ora flôres para lhe refrescar o olfacto, lendo-lhe ora para o distrahir, outras vezes cantando-he d'aquellas cantigas simples e magoadas, quaes lh'as ensinara sua mãe, e a sua mãe a d'ella, e assim, de geração, tinham vindo desde seculos remotissimos; eccos perdidos das velhas memorias d'aquella patria para sempre perdida, d'aquella Sion santa de que o Israelita foi expulso, e que terá de chorar em perpetuo exilio até á consummação dos tempos.

O cavalleiro bebia a longos tragos n'este philtro que o embriagava, e lhe tinha em continua excitação os sentidos que ia recobrando com a saude. Esther não o percebia, nem lh'o dizia elle. Seus olhos fuzilavam de desejos; e os d'ella ficavam tranquillos e innocentes como se aquelle homem que alli estava fôsse seu irmão. Algumas noites, que lhe elle parecia mais agitado, não queria descançar ella, nem deixal-o entregue á vigilancia, todavia bem cuidadosa, dos servos; mandava pôr no chão uma camilha, e alli se recostava vestida para lhe acudir, a suas horas bem certas, com as bebidas calmantes que o pae deixára prescriptas.

Foi n'uma d'essas noites que lhe elle pareceu mais agitado do que nunca, e que ella mais quiz velal-o... A noite era de calma, o dia tinha sido affadigado, pesava no ár uma electricidade oppressora... Esther cahiu em profundo somno.

E sonhou, sonhou — era uma oppressão, um pezadêllo!... Depois uma dor agudissima... misturada de inexplicaveis deleites ..

Esther despertou fatigada, moida, meia-morta. Veiu a razão, veiu a reflexão, o instincto, veiu a recordação confusa do que lêra e mal entendêra nos livros de seu pae... Pouco a pouco rompeu e se fez em seu espirito um clarão medonho, espantoso, que dissipou todas as dúvidas, allumiou todas as mysteriosas sensações d'essa noite. Santo Deus!

Era dia claro. A desgraçada não disse uma palavra, não deitou um volver de olhos para o cavalleiro que dormia tranquillamente em seu leito. Concentrou em si aquella dor infinita, aquelle opprobrio sem nome.

Sahiu do quarto, e foi dizer a Sara:

— Minha mãe, eu estou doente, e o estrangeiro não tem já nada. Deixae-me ir deitar, e despedi-o, se vos praz.

N'aquelle dia sahiu o futuro sacerdote de Christo da deshonrada casa do medico israelita. E desde aquelle dia Esther nunca mais riu nem folgou nem viveu como d'antes. Enfêrma do corpo, a razão fugindo-lhe a espaços, não sabia a mãe que lhe fizesse; e Abraham tardava em voltar de Granada, tardava e não acabava de chegar.

Passaram muitos meses. Esther ia a peior; Sara escreveu ao marido que voltasse, que viesse salvar sua filha que lhes morria. Elle cortou por tudo, partiu logo e veiu, trazido por aquelle amor que não tem egual na natureza. Mas, á vespera de sua chegada, Esther desappareceu de casa, e nunca mais poderam saber d'ella.

Dias depois Abraham-Zacuto dormia com seus paes, e Sara junto a seu marido para sempre.

Um parente arredado, mas unico que ahi havia, tomou conta dos immensos bens e riquezas da familia, como curador da ausente. Era esse um honrado judeu que administrou a herança com fidelidade e consciencia, que não queria acreditar na morte de Esther, e que protestou que havia de esperar por ella em quanto não tivesse plena certeza de que era fallecida.

A morte de Zacuto foi sentida por toda a parte, e até sinceramente chorada na côrte de Affonso IV. Queria-lhe el-rei de sympathia e de obrigação; e poucos alli havia que lhe não devessem muito: a saude que lhes elle recobrára, os dinheiros que lhes emprestára. Mas a morte de que morrera, ninguem n'a sabia.

Ao chegar á côrte aquella nova, um fidalgo dos que ahi andavam pareceu mais impressionado com ella do que nenhum; e mais que nenhum perguntava, queria saber a causa de tam inesperada e sentida morte. A côrte estava em Coimbra, elle montou uma noite a cavallo e tomou o caminho de Leiria, só, sem escudeiro nem homens d'armas, e ia triste, pensativo, carregado de profunda melancholia. E comtudo esse era o mais leviano e descuidado de quantos calçavam esporas de oiro e cingiam cinto de cavalleiro n'aquella côrte.

Sete dias andou por lá; mas a Leiria não chegou. E dizem que, pouco alêm de Condeixa, pernoitando em casa de um lavrador abastado, por nome Gil-Guterres, que ahi tinha suas grangearias — dera com uma mulher meia-morta n'um palheiro, onde por carida-

de lhe haviam dado poisada; que se doêra de seu desamparo e a tratára com desvello, mas que fechado com ella estivera toda a noite e todo o dia seguinte, sem consentir que ninguem mais lá entrasse. Ao cabo do outro dia houve longa e animada conversação entre o cavalleiro e o filho da casa, Paio Guterres, môço de prol e grande escholar, isto é, grande estudante, a quem todos queriam muito por alli. E d'essa conversação veiu a sahir que a mulher do palheiro foi transportada para uma casinha mui linda que ficava na encosta do outeiro, muito para lá da egreja, ao pé dos sycomoros e quasi á beira do regato. A casa era do filho, que lh'a tinha dado o pae, para elle alli fazer sua estudaria, e ter seus livros, por onde lhe chamavam a Estudaria da Granja.

O cavalleiro voltou para a côrte; e a pobre mulher ficou na Estudaria, só ella, com uma criancinha linda como um anjo, que em pouco tempo cresceu em fôrça e em graças, e era o amor e o encanto de toda a gente. Quando digo a pobre mulher, é de lástima e dó que tenho de a vêr tam só, tam triste e desconsolada sempre; que pobreza era o unico mal que ella não tinha. O seu trajar era singelo e de pesado luto; mas não havia galas nem riquezas que se não esperdiçassem no berço e no vestir de seu filho. Filho de rei nunca teve taes mantilhas. E demais, ella dava — dava tudo e a todos quantos necessitavam e lhe pediam, dava com mãos largas, perdidas, como quem não deitava conta ao dinheiro ou lhe não sabia o valor.

Parentes, amigos, nem visitas nenhumas parecia não n'as ter. Em dous annos que alli morou, só duas vezes lá foi um judeu velho que vinha das bandas de Leiria; e esse ia e vinha, não parava. Tambem uma ou duas vezes por semana ia passar meia hora com ella o dono da casinha, o estudante Paio-Guterres, que lhe tomára grande affeição — outros diziam que a conhecia de ha muito. Fôsse como fôsse, elle ia vêl-a de quando em quando, como digo, levava-lhe brincos e gulosices para o pequeno, chorava como ella de seus males que parecia conhecer, folgava com a criança que ambos amavam ternamente, e elle quasi tanto como a mãe. E assim se passava aquella vida isolada, e como apagada do mundo, senão só que accesa á animadora luz do amor maternal por cuja virtude unicamente existia.

Passaram, como digo, dous annos assim; mas as cabo d'elles, sendo já fallecido Gil-Guterres, e seu filho ausente por negocio a que fôra a Lisboa, uma noite feia e negra de dezembro, que chovia, fuzilava, e o vento gemia e bradava nos pinhaes que metia susto, appareceu á porta da Estudaria o mesmo cavalleiro da outra vez. Não lhe queriam abrir, elle arrombou a porta e entrou. E no outro dia foram achar a boa mulher desmaiada no chão; a criança faltava; e durante um mez de febre e delirio, ninguem pensou que a mãe escapasse.

Trataram-n'a com muito amor e caridade as criadas da granja que para lá foram, e que sabiam quanto seu amo lhe queria. E a doente recobrou a saúde do corpo; a do espirito não lhe voltou nunca mais de todo. E tanto que, apezar da maior vigilancia, um dia desappareceu; e por mais que a buscaram, não tornou a haver novas d'ella.

Disseram d'ahi a tempos, que para as bandas do Porto fôra vista em trajos de mendiga. E até não faltou quem jurasse que se tinha feito bruxa e que por tal a mandára queimar o senhor bispo do Porto; mas que lhe perdoaram porfim, se contentaram de a açoitar no peloirinho. Tambem outros disseram que ella sempre fora judia ou moira ou coisa assim, e mulher má e de ruins artes, e que por isso lhe tiraram o filho, em donde se volvêra louca, de máo olhado e feiticeira. Tudo diziam da pobre mulher desque ella desappareceu d'alli. Mas Paio-Guterres, quando soube de taes murmurações, fez uma fala ao povo e lhe protestou que a mulher da Estudaria era uma santa, e martyr de peiores tyrannos que o miramulim de Marrocos. E d'ahi, ninguem mais falou d'ella, porque Paio-Guterres, esse é que era um santo verdadeiro, de bom, de sabio, de temente a Deus; tanto que, d'ahi a pouco se ordenou e se fez grande prégador, e que o fizeram arcediago de Oliveira, no Porto, em mal que pezasse ao bispo que por então veiu a ser; o qual bispo lhe tinha muito má sanha e peior vontade; mas, não se sabe porquê, tambem lhe tinha medo.

Ora o tal senhor bispo, quem havia de elle ser? O mesmo dito cavalleiro que aquella noite descubriu a mulher meia-morta no palheiro da granja, que tam caridosamente a soccorrêra e salvára de morrer, a ella e ao filho que trazia em seu ventre, e que dous annos depois — caso estranho e inexplicavel! — lhe roubára esse mesmo filho, e fôra causa de que a pobre mulher perdesse a razão, ou se perdesse na má vida que ora diziam que tinha.

Fôsse elle como fôsse, o que era certo e sabido é que esse cavalleiro nunca mais foi o que d'antes era. Pezado, triste, melancholico e como possesso de um negro pensamento que o avexava, nem as festas nem as batalhas o viram mais. Tinha estudado em criança os rudimentos das sciencias d'aquelle tempo com os monges de Alcobaça; deu-se agora de novo aos livros e

abandonou todo o trato e exercicios de cavalleiro.

Seria vocação divina? Seria remorso de algum máo feito que o pungia para melhor vida? — Mas elle não era nem mais austero em seus costumes, nem mais temperado em seus appetites. Desgostoso da vida parecia, — disposto a emendál-a, não.

Sem embargo d'isso, pensaram seus parentes que alli estava um bom bispo para a santa Sé portucalense, porque elle tinha deixado as armas, affectava querer seguir as lettras, era seu parente, e emfim porque o bispado do Porto, pingue, de muita dignidade e podêr, era mais proprio para um senhor que condescendia em se fazer clerigo, do que para algum frade villão que pertendesse ser bispo por suas doutorices e santidades — de pouco preço em villões a quem nada custam.

Assim o entenderam os do conselho d'el-rei; e ou o entendesse ou não, assim o aconselharam a el-rei. E o fidalgo, atéalli pobre cavalleiro de poucas lanças, foi feito grande senhor, poderoso e rico, bispo do Porto — que é dizer tudo — nadou na opulencia e se fartou de mandar, de satisfazer suas vontades e appetites.

Era feliz então? Não era. No amago d'aquelle coração tinha-se cravado um espinho agudo, que lh'o mordia incessante, que por accessos o desesperava e o fazia mais máo, mais sobranceiro, mais despota e eruel do que elle por natureza era.

Na solidão sobretudo, quando o não via ninguem senão a sua consciencia, aquelle espinho era farpão envenenado que lhe dilacerava as entranhas com uma dor que oh!... deve ser a peior dor da vida e mil vezes mais acerba qus a da morte.

Dêmos graças ao anjo protector da nossa existencia os que temos a fortuna de não conhecer essa dor.

CAPITULO XXIX

Pobre Anninhas

N'um dos seus mais horriveis, mais tenebrosos momentos estava agora o poderoso bispo do Porto, esperando que o algoz de Pero-Cão lhe trouxesse a infeliz victima de seus embotados appetites.

Lançaria sôbre elle do céo, n'este feio momento, um derradeiro olhar de compaixão, o fugido anjo de sua guarda? Veria na mão do Eterno cheia a medida das maldades d'esse homem, e lhe doeria não clamar um último brado á sua consciencia? Devia ser assim, porque o remorso, o remorso hoje mais salutar, menos acerbo, porém mais pungente que nunca, lhe estava recortando na memoria as feições d'aquelle homem velho de alvas barbas que o salvára da morte, que o levára ás costas moribundo para sua casa, que o velára noite e dia, que o entregára a sua filha... Sua filha tam bella!... de uma belleza estranha... mas tam sublime, tam espiritual, tam pouco para ter excitado n'elle o bruto appetite da sensualidade! Appetite infame, e com que infame villania satisfeito!

Oh! e aquella mulher que embalava uma criança tam linda n'um berço dourado!...E a quem elle tirou o filho, e o criou, e logo lhe tomou tanto amor, e que era o unico sêr, o unico objecto n'esta vida que elle soubera e podéra amar!...

Arrasaram-se-lhe os olhos com este pensamento, levantou-se inquieto, abriu a porta que dava para as salas exteriores, chamou por seus fâmulos, um depois do outro, e a todos e a cadaqual perguntou sobresaltado:

— Vasco, Vasco? não o viram voltar ainda? Tornem-me a chamar Fr. João; perguntem-lhe se sabe d'elle... Vão-me á ribeira saber se ha novas de Vasco. Que monte um estribeiro a cavallo, que siga para os altos de além Doiro, e que se informe de uns caçadores... Oh? e o alazão!... Que desacêrto deixal-o ir n'aquelle pôtro tam!... Quem montou já ahi o alazão? Ninguem, estou vendo. É que ninguem mais se atreve com elle. E o alazão conhece-o: é um nobre animal!... E Vasco é cavalleiro para elle.

E mais socegado com ésta reflexão, veiu-lhe o arrependimento de ter dito tanto, de ter mostrado tanto interesse. E despediu os fâmulos, e tornou a encerrar-se em seu gabinete.

Apparentemente estava tranquillo agora, mas o ânimo revolvia-se-lhe de sobresalto em sobresalto.

— Se lhe succede alguma ao rapaz? Se me tomam vingança n'elle os excommungados burguezes? Oh! mas não se atrevem. Malditas mulheres! E que me importa a mim com a tal Anninhas? Uma semsaborona, uma D. Lagrimosa sem sal nem graça! Mas os tontos fizeram tanto, excitaram-me por tal modo os ditos soêzes d'esse vulgacho de tendeiros, tanto me irritou hoje essa canalha com suas altanarias, e tanto farão ainda, estou vendo, que me hãode parecer divinos os olhos pretos da tal Anninhas do Arco... Mas a pobre rapariga que culpa tem?... Pois não! Dó d'ella agora! Era o que faltava. A honesta dama que me diz a mim que não, sem duvida porque está farta de dizer que sim a algum aprendiz do

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 76. E deitando-lhe as mãos ás mãos...

marido... algum d'esses que ahi andaram na assuada d'esta manhan. Pois voto a Satanaz...

N'isto bateram com tento á porta secreta detraz da tapeçaria; e o bispo respondeu com impaciencia:

— Entre!

Pero-Cão entrou sorrindo de seu infernal sorriso, e pondo-se a um lado, afastou com muito acatamento o panno-de-raz, e se inclinou — que nem sumilher de cortina a prinpe — a uma pallida e desgrenhada figura de mulher que vinha detraz d'elle.

Era Anninhas.

Quanto se póde imaginar de gracioso, de mollemente feminino e suave, tudo isso era Anninhas. As feições pouco pronunciadas de seu rosto, as fórmas arredondadas mas debeis de seu corpo alto, fino, e dobradiço como uma vergontea de primavera, tudo n'ella caracterizava aquella debilidade quasi infantina, aquella dependencia, aquella franqueza, que são a maior fôrça de um sexo nascido para obedecer e ser guiado, mas que é elle quem manda e governa — quando quer, quando sabe... quando a mulher é verdadeira mulher, e de seu proprio desvalimento tira o valor immenso que tem.

N'aquelle estado agora, no desalinho do seu trajo, no susto que a descora, na afflicção que a perturba. Anninhas está mais bella ainda. O genero de sua belleza é dos que se não transtornam com estas âncias mortaes: antes n'ellas se apura, se affina a suave, e por assim dizer, lenta fascinação de seus encantos. O cabello castanho-ondado cahia-lhe desentrançado e longo pelas espaduas mal cobertas de uma tunica listada de branco e de roxo vivo, que era o seu unico vestido. Os olhos pardos, grandes, lustrosos, mas sem muita vivacidade, pareciam mais os de uma virgem consagrada ao altar. Ninguem pediria paixão áquelles olhos, elles não tinham senão piedade, indulgencia, uma expressão de bondade que vinha d'alma. Branca era, mas como é branca a prata fosca: um branco puro sem brilho.

Belleza para a cubiçar a grave, a pezada, a calculada sensualidade de um turco. A quem lhe nascem os desejos n'alma, a quem não sabe gosar, sentir, senão porque se lhe resolve, se lhe reflecte nos orgãos da vida o que lhe vem lá do intimo do pensamento — a esses não creio que os podesse inflammar muito.

— Senhor, disse Anninhas, cruzando quasi devotamente os braços sôbre o seio branco e sereno: Senhor, vim a vosso mandado; e venho mais tranquilla agora, porque as últimas palavras que esta manhan vos ouvi foram quasi de paz e de esperança. Que vos mantenha Deus assim, e me deixeis ir para o meu filhinho, que bem sei que está seguro e a bom recado... mas falto-lhe eu, senhor! Vós não sabeis o que é faltar a mãe a seu filho. A pobre creança é capaz de morrer de saudades.

— Retira-te, Pero-Cão.

Foi-se a bêsta feroz, deitando de esguelha, á sahida, uns olhos de riso incredulo á pobre supplicante, uns olhos de grosseira obscenidade que diziam: — Ora basta de pieguices!

O bispo, sentado, com a testa nas mãos, e os cotovellos sôbre uma banca deante de si, não parecia ouvir, e decerto não podia vêr Anninhas. Estiveram assim algum tempo, sem mais fazer nem dizer.

— Não me respondeis, senhor? insistiu a desgraçada.

— Callae-vos, mulher: eu não creio uma syllaba de quanto dizeis. Paraque é tanta palavra? O que quereis de mim? Oiro, joias, riquezas, galanices? Tereis tudo isso. E que mais? Ah! sim: vosso marido... Affonso de?... Affonso de Campanhan creio que se chama — dar-lhe-hei um bom emprêgo. Fal-o-hemos nosso almudeiro, se tanto é preciso. Pero Cão é um bruto, compromette a minha auctoridade, e...

— Senhor, eu não quero nada, senão que me solteis, que me deixeis ir livre para meu filho, cuidar da minha casa. E rezarei por vós á bemdita santa, minha padroeira...

Com um gesto de soberano enfado e fastio, o prelado levantou o rosto das mãos, e pondo na supplice Anninhas uns olhos ainda mal assombrados dos dolorosos pensamentos que o tinham estado consumindo:

— Ah!... disse: És bonita com effeito. És, és bonita devéras. Não se fez para burguezes rancios tam fina flor de formosura. É que te não vi bem esta manhan... és bonita.

— Senhor!

— Eu gósto de ti, e te farei quanto quizeres. Sabes? Mas assenta o coração n'uma coisa: que has de ser minha, e que sem isso, não saes d'aqui. Toda a burguezia e populares do Porto que se armem para te vir buscar, el-rei D. Pedro que venha em pessoa pôr-me cêrco a meu castello... jurei-o, jurei-o a este demonio negro que trago em meu peito... Porque o trago, Anninhas; um demonio negro, implacavel, que me destroe as entranhas...

— Misericordia, meu Deus! bradou a desgraçada arrojando-se de joelhos deante do indigno pontifice: Misericordia, piedade, meu senhor. Oh! deixae-me ir, deixae-me ir, e Deus vos perdoará, e vos livrará d'esse máo demonio que dizeis. Fazei esta boa acção e

vereis. Alguma coisa bem mal feita farieis, que deu podêr ao inimigo para vos atormentar. Ponde-o fóra de vós assim.

— Calla-te, mulher, que não sabes o que dizes; calla-te, que me exasperas ainda mais recordando-me... ah!

Anninhas chorava, e as suas lagrimas afflictas, mas serenas como a innocencia de sua alma. cahiam aos pés do bispo e lh'os regavam abundantemente. Elle parecia amolgar-se-lhe o coração: pondo-lhe a mão por debaixo da barba, levantou-lhe a cara, e se pôz a contemplar aquellas feições tam suaves, banhadas n'aquelle pranto tam sentido, e tanto mais lindas, tanto mais interessantes assim.

— Que bella és! que bella estás! Não posso renunciar a ti; bem o vês, Anninhas. É impossivel. E para que? Para que venha outro...

— Outro, senhor, outro! Em que vos mereço que me affronteis assim? O meu pobre Affonso mais justiça me faz: bem sabe elle..

— Sabe, sabe, o que todos os maridos sabem. Mas que seja elle esse portento de nunca vista felicidade conjugal... e que até hoje... vamos! que até hoje mais ninguem tocasse n'um thesoiro tão difficil de guardar, achas tu que elle, por ser marido, deixa de ser *outro* para mim? E eu heide ser tam parvo? Ora vamos, Anninhas, juizo!

— Senhor, disse a attribulada innocente, pondo as mãos como se fôra fazer alguma devota oração a um santo: eu vos prometto e dou solemne palavra que, se me deixaes ir livre e sem mancha... Oh! sim, deixaeme, senhor, e eu vos prometto - ainda que não sei se é peccado o que vos prometto — mas prometto que me votarei a Deus e á bem aventurada Sant'Anna do meu Arco, e viverei até o último dia de minha vida. não como mulher casada — pobre de meu Affonso coitado! mas emfim — não como mulher casada, senão como se me emparedára viva, e tam só para servir a Deus, e nada mais haver com o mundo!

— Estás louca, mulher!

— Não estou, senhor. Juro...

— Não jures sandices. Vamos, levanta-te.

— Não me levanto em quanto me não prometterdes...

— Pois levanta-te d'ahi dos meus pés... Não te quero ahi, mulher, anjo ou demonio ou o quer que tu sejas, levanta-te: não te quero ahi... não é ahi o teu logar... Levanta-te, ou nada prometto.

Anninhas levantou-se. O seu ár composto e virginal... Porque não virginal? Não chamou Virgilio *infelix virgo* á outra que d'isso não tinha nem?... E a minha Anninhas, quanto é n'alma e no coração — o mais raro e difficil de achar — pura e inteiramente estava como baixára do céo a este-mundo trazida pela mão do seu anjo-da-guarda. Digo e redigo, o seu ár composto e virginal impunha ao bispo, acanhava-o. Aquella promessa de se votar a Deus, coisa commum n'esses tempos; aquella idéa de se emparedar uma rapariga tam bonita, tam innocente, como se fôra uma velha feia e peccadora — o que todos os dias se via — rompeu-lhe a crusta viciosa e endurecida em que trazia envolto o coração, e entrou-lhe pela febra san, viva e sensivel que ficára lá dentro, e que, tanto mais desaffeita de sentir, mais profundamente sentia agora.

Olhou para ella com olhos quasi enternecidos, quasi paternaes, e por momentos lhe esteve a escapar da bôcca: — Vae-te, anjo, vae-te em paz; e que por amor teu, por tua intercessão me perdoe Deus a mim!

Mas o demonio — o tal demonio negro de que era possessa a sua alma, que lh'a distorcia e arredava de todo bom pensamento, o demonio vencido aqui, foi chamar a batalha para terreno mais de sua vantagem. Tocou-lhe no orgulho, no amor proprio e o feriu com uma recordação que lh'os pungia no mais vivo.

— Mas é verdade, disse o bispo, ferido subitamente da idéa diabolica: Tu, esta manhan, não me falavas assim. Eram violencias, eram brados, eram desconcertos que me irritavam, me exasperavam, e me fizeram jurar que nem anjos nem demonios te haviam de tirar de meu podêr. Como é que tu soubeste, como adivinhaste que esse artificio agora era mais poderoso commigo?

— Artificios eu, senhor!

— Pois não seja artificio. Mas tu mudaste de tom, de modos; e alguem t'o insinuou... Oh, oh! já caio em quem foi. Aqui anda San' Paio-Guterres, o meu bemaventurado, o meu beatificado penitenciario.

— É verdade, senhor, que é um santo, um homem de Deus, e que as suas devotas práticas me consolaram e animaram n'aquelles carceres tam medonhos.

— Ah sim?. . O hypocrita, o impostor é que te ensinou essa cantilena? Pois voto ao diabo, cujo sou já'gora, que...

E remettendo á indefesa victima, a tomou de repellão nos vigorosos braços, e ia leval-a...

Derepente o panno-de-raz estremeceu, e se arredou com o empuxar violento da porta secreta que se abriu de par em par; um clerigo velho, curvado e macilento entrou no gabinete do bispo, e deitando-lhe as mãos ás mãos, conseguiu, pelo inesperado do ataque, vencer a força com que as apertava, e desprender Anninhas, que desatinada, con-

fusa, espavorida, deitou a fugir para o fundo do aposento, e se foi esconder, como uma criança, detraz de umas cortinas onde havia um grande Crucifixo, com o qual se abraçou chorando de alegria a pobre, e dizendo: — Milagre, meu Deus!

E porque não seria milagre aquelle? Não é grande sacrificio para a razão humana acreditar na interferencia divina, quando a Providencia apparece tanto a tempo a proteger o desvalido e a salval-o da brutalidade do podêr.

Toda a Tôrre-do-Tombo fica desafiada em pêso para me disputar a authenticidade d'este milagre da minha chronica.

O bispo, trémulo de colera e despeito, apenas pôde balbuciar:

— Vós aqui... vós aqui!... Que atrevimento é este?

— O do vigario e penitenciario d'esta diocese, senhor bispo, que entrou no aljube quando acabavam de lhe roubar um prêso seu, que suspeitou, que adivinhou quem lh' o roubava, e veiu por esses obscuros subterraneos...

— Vós! vós só! Impossivel. Alguem vos encaminhou por esse labyrintho em que eu mesmo talvez me perderia... Quem foi o traidor? dizei-m'o.

Bem sabeis que eu não sou homem de traições, que me não sei servir de traidores.

— Não ha senão Pero-Cão que saiba .. ou a bruxa... Foi a bruxa? Dizei.

— Bruxas, eu!

— Aquella mulher que... Ah, morte de minha vida! Vós e ella, Paio-Guterres, jurastes perder-me: bem o sei. Mas eu juro que hoje d'aqui não haveis de sahir, e que...

— Podeis acabar hoje o que ha alguns annos começastes. Eu não tenho senão quarenta e bem vêdes que me pesa o dôbro n'esta cabeça. Que mãos me quebraram, me curvaram, me trouxeram á decrepitude tam cedo, vós o sabeis. E pouco vos custará agora extinguir um resto de vida que está por tam pouco. Mas em quanto o não fizerdes, eu hei-de...

— Que fareis vós?

— Luctar com o meu prelado para lhe tirar das mãos esta victima, para o salvar.

— A mim me quereis vós salvar! E de quê?

— De maiores perigos do que pensaes.

— Deixae-me com os meus perigos.

— E de novos remorsos... Tambem quereis que vos deixem com elles? Não tendes já bastantes nos que tendes?

— Paio-Guterres, disse o bispo, começando a abater-lhe a espuma da colera: vós sabeis toda a fatal historia da minha vida, tivestes não pequena parte n'ella; e permitte Deus que eu seja obrigado a aturar a vossa presença na minha cathedral, no meu palacio, como a de um remorso vivo e excruciante que me persegue sem cessar. Mas que não abuseis da permissão divina, ou juro a Annás e á Caiphás...

— Não jureis tanto, senhor bispo: lembrae-vos que jurastes, pelos mais tremendos juramentos de imprecações, na minha pobre Estudaria da granja, a uma infeliz mulher que se finava, jurastes de lhe restituir o seu filho...

— Arcediago, essa mulher era uma judia; e eu sou maldito de Deus porque a conheci.

— Era judia, sim, como foram muitos santos patriarchas que nós christãos venerâmos e invocâmos. Era judia ella, e seu santo pae que vos salvou da morte, e sua boa mãe que velou á vossa cabeceira, e que ambos morreram de pura mágoa de a perderem... Era judia, oh sim! mas um anjo, uma creatura celeste e sublime. Eu, que a conheci, que a admirei, que amei e adorei n'ella a mais perfeita creatura que ainda me appareceu na terra, eu cuidei de morrer quando a vi perdida, arrastada por vós na infamia e na villeza. Não morri de pezar porque me acudiu Deus. Não morri ás vossas mãos quando vol-o exprobrei com tanta vehemencia n'aquella fatal noite na granja, porque .. porque tambem Deus vos acudiu a vós e vos livrou de mais esse crime... E eu voltei-me a Elle, e para o santo ministerio de seus altares a que me consagrei. Mas vós, senhor, para que seguistes vós a mesma verêda com tam outros fins e com tam outro propósito? Oh! vós sois meu senhor, meu superior e meu prelado: mas perdoae-me que vos fale assim; relevae-me, que é por vós, é por honra d'este altar em que ambos ministrâmos, eu humilde presbytero, vós principe da egreja e successor dos apostolos, mas ambos servimos o mesmo Deus, ambos no mesmo altar tomâmos em nossas mãos o seu corpo e o seu sangue... Oh senhor, senhor, acudi, que ainda é tempo, acudi por vós, salvae-vos, e salvae-nos a todos de um grande escandalo, de uma perdição horrivel. Entregae-me ésta pobre mulher, deixae-me que a vá restituir ao povo e cumprir a promessa que ésta manhan lhe fiz na vossa cathedral, no templo do Senhor, na presença de Deus, onde tomei o seu santo nome em vão, e menti... menti por vós, por vos salvar de um desacato e acudir por vossa honra, pela do episcopado e da egreja... menti... oh! fazei que não seja inutil o meu peccado, que me eu glorie n'elle. Oh! que em memoria d'aquella infeliz que não podeis ter esquecido... Impossivel!... que em sua memoria façaes este sacrificio de vossa vaidade — que outro não póde ser. Deixae-me ir re-

parar o mal feito; que eu possa ir dizer a essa gente inquieta: O vosso bispo é incapaz das infamias que lhe attribuem. Anninhas ahi está livre e pura. Eu velei e eu velarei por ella e por sua honra.

O bispo vacillou, seus melhores instinctos tomavam-o decima. Razão, sentimento, o proprio interêsse, tudo pelejava pelo bom arcediago. Sua eloquencia, toda de alma e coração, dobrou o orgulho do altivo prelado que outras paixões não as havia a debellar alli.

— Paio-Guterres, disse elle, vós sois um virtuoso clerigo, e um honrado homem. Abracemo-nos, arcediago, e... perdoae-me.

O conego ajoelhou suffocado em lagrimas:

— E a vossos pés, senhor, que me eu heide prostrar; vós que tendes de perdoar-me, porque sois meu senhor e meu prelado.

CAPITULO XXX

O dito por não dito

O bispo estava com os braços abertos para o seu vigario; uma lagrima, esquecida ha tantos annos n'aquelles olhos que desapprenderam de chorar, tremia-lhe entre as palpebras sêccas e desacostumadas.

E o bom do arcediago, sem se levantar dos pés do seu superior, pelos joelhos o abraçava, regando-lh'os do copioso pranto de sua alegria, na satisfação jubilosa de sua santa alma.

E' quadro para enternecer anjos e converter demonios vêr a humildade da virtude prostrada aos pés do orgulho criminoso, que por fim não póde mais senão deixar-se vencer e dominar por ella.

— Abraçae-me e perdoae-me! clamava o bispo: Oh perdoae-me! E que Deus se compadeça de mim, e por vossa intercessão me perdôe tambem, homem santo e virtuoso!

— Elle sim, Elle sim, respondia o arcediago: nós somos peccadores ambos; mas Elle vos bemdirá, senhor, porque vos vencestes a vós mesmo e triumphastes de vosso maior inimigo.

N'este momento, n'este proprio momento um clamor furioso e destemperado rebentou do lado dos paços do concelho, e d'entre o confuso estampido das vozes se discriminaram logo os grisos de:

— Morra Pero-Cão!... Pero-Cão, e o cão do bispo!

— Viva el-rei D. Pedro! Viva o nosso capitão!

— Venha o nosso pendão!... O pendão da Virgem!

— Liberdade, liberdade!... Abaixo com todos estes cães!

Os braços abertos do bispo estacaram; seu corpo, que se inclinava na deferencia e na compuncção, resurgiu alto e se retezou duro e firme. Esses brados refizeram de repente n'elle o homem velho e lhe retemperaram o coração na primitiva dureza de seu máo natural.

Paio-Guterres cahiu debruços no chão e soluçou amargamente:

— Meu Deus, meu Deus! é tarde, Senhor... e a vossa hora não espera por ninguem.

— Ouvis? clamou o bispo, roxo e pallido de despeito, mas a voz segura e mordente de amarga ironia: ouvis, senhor arcediago de Oliveira? São os vossos amigos. Ide para elles, bom clerigo. Tirae a mascara da santidade, arrojae a garnacha [1] e ide tomar o chuço dos amotinados, cujo sois. Mas dirigi melhor essa canalha desattentada, porque, se os tendes mandado vir dez minutos depois, a vossa obra de traição estava feita, e essa mulher... Que a venham buscar agora, vós ou elles... vós com vossas hypocrisias, elles com suas insolencias: que eu voto a San'Judas-Iscariote... hãode leval-a feita em postas.

Uma gargalhada diabolica, sêcca, fria, uma verdadeira gargalhada de bruxas retiniu (de entre os pannos-de-raz, parecia) por todo o aposento.

— Ah! disse o bispo, e correu a casa toda com os olhos turbados. E não viu ninguem.

— Onde está ella, essa maldita?

Paio-Gutterres levantou-se, e, os braços cruzados sôbre o peito, os olhos tristemente postos no céo, não ouvia, senão um rumor vago, as desatinadas palavras do bispo. Mas quando o sentiu, depois de recobrado da primeira surpreza, ir direito onde Anninhas ainda ha pouco se escondêra como uma criança, toda a energia de sua alma acordou e segurando-o pelas vestes pontificias, com um brado que não parecia ser o de sua debil voz:

— Que fazeis, homem perdido? Tremei!

O bispo tremeu com effeito, porque a voz de Paio-Guterres parecia a trombeta de um anjo repetindo as coleras do Senhor que o mandou á terra. O arcediago, deitando a mão ás cortinas, correu-as, e patenteou aos olhos do indigno prelado o que era para fazer ajoelhar impios e bater nos peitos á propria incredulidade.

Cravada n'uma alta cruz negra e sem mais ornatos, estava a imagem do Christo, de grandeza natural, não perfeita segundo a arte, mas devota e impressiva imagem que ti-

[1] Sottana, beca, antigo vestido dos clerigos em Portugal.

nha não sei quê de divino e de augusto, e reflectia a immensa piedade do Deus de misericordias que vem morrer pelos homens. Aos pés da cruz, não a Magdalena arrependida que se debulha no pranto dos seus remorsos, mas uma pobre creatura, bella, simples, e sem peccados para os chorar, mas que tranzida de medo se abraça com o santo signal da Redempção e põe sua ultima esperança no amparo do Salvador.

Era Anninhas que alli se occultára, que alli acabava de dar graças a Deus por ver apiedado o seu perseguidor, que alli se encastellára agora de novo como em cidadella inexpugnavel, quando outra vez o ouviu jurar a sua ruina:

— Pontifice de Jesus-Christo! bradou o arcediago: ousareis arrancal-a d'alli?

O bispo devia de ter dentro de si n'aquella hora o demonio negro que elle dizia, porque tremeu como o demonio treme da cruz. Mas depressa se recobrou, e sacudindo de si a debil compulsão do arcediago, assim como de sua alma todo o temor salutar de Deus:

— Basta, disse, de hypocrisias e de jogos de creanças. Esta mulher não sae d'aqui; e vós sahi quanto antes, senhor arcediago. Assim vol-o ordeno, eu vosso bispo e senhor vosso. Parti.

E chegando á porta que dava para as salas de fóra, chamou alto:

— Oh lá, Pero-Cão!

O dogue appareceu. Mas não ria agora Tão livido e verdenegro como esta manhan, trémulo de raiva e de susto pelos brados que ouvia, vinha como rafeiro apedrejado chegando-se para o dono que o chamava.

— Tirae-me d'ahi essa mulher, e levae-a aos carceres reservados do subterraneo. Não ao aljube: entendeis?

Pero-Cão deu um ronquido surdo de intelligencia.

— Para egual sitio vos devia mandar a vós, senhor arcediago; mas .

O clerigo inclinou-se e não respondeu mais. O bispo sem olhar para elle nem para ninguem, sahiu do aposento, e tomou para a sala d'armas onde estavam muitos dos seus homens e officiaes de sua casa e estado. E Anninhas, depois de uma ultima fervorosa oração áquella bemdita imagem que, dizia ella, a salvára, tomando a benção de Paio-Guterres, que lhe recommendou de ter bom ânimo e confiança em Deus, seguiu resignadamente o seu carcereiro para a profundez das masmorras episcopaes.

O pobre arcediago, desanimado, aterrado, meditando sôbre as calamidades que de tão perto via já cahir sôbre aquella casa de maldição, sacudiu suas sandalias do pó infecto que alli se calcava — d'esse lixo de torpezas em que tão inutilmente fôra enxovalhar-se.

E levantou o panno-de-raz, e foi pela mesma escada dos subterraneos... Elle só, como? Quem lhe dá o fio d'esse labyrintho?

Alguem alli havia escondido, que o tomou pela mão e lhe disse baixo:

— Sou eu, vinde.

Quem era? Seria a bruxa da sêcca gargalhada de indagora? Quem era ella, que fazia alli, que lhe importava?...

A historia não diz senão que a dita bruxa ou não bruxa, levou muito direitamente o arcediago até ao seu aljube; seu, porque elle era, como já disse, o penitenciario e o vigario do bispado. D'alli sahiram logo os dois: mas para onde foram não se sabe .. por agora ao menos.

Deixal-os ir; e vamos nós ver o que fazia no emtanto a revolta.

CAPITULO XXXI

Senatus populus que portucallensis

Não longe das feudaes torres da Sé e de seus paços, estavam, como tantas vezes temos indicado, os do concelho: ahi desde manhan a vereação se tinha reunido no que hoje diriamos 'sessão permanente.' O estado agitado da população, o receio de a vêr romper de novo em aberta revolta, conservava alli reunidos, vigilantes e consultando da salvação da patria, os veneraveis membros do senado portucallense.

Ao reverso, porêm, do senado de Roma, este é que tinha abandonado a plebe e feito o seu Aventino no monte da Sé. E por mais penas, nem lhe appareceu um Valerio Publicola que soubesse salvar a patria com um conto da carochinha, restabelecer com um apologo a harmonia entre os poderes do Estado. E quando apparecesse, tinha de lhe suar o topete ao Publicola tripeiro para arranjar uma historia que fosse bem o reverso d'aquell'outra; pois não eram agora os braços e as pernas que recusavam trabalhar para o ventre; senão que trabalhar e muito trabalhar queriam, mas por sua conta e risco, e sem lhes importar, em coisa alguma, com a sua municipal e senatoria barriga, porquanto era ella barriga quem os tinha abandonado, deixando a bernarda á sôlta nas ruas, e indo-se fechar e barricadar elles senadores nos paços do concelho.

Estavam porêm alli; e consultando e deliberando estavam. Mas o resultado de todas as suas consultações e deliberações tinha sido aquelle tam legitimo, tam classico e proverbial portuguez de: AMANHAN VEREMOS.

Assente e acceite este grande ultimatum da politica portugueza, que mais ha que fazer? Os ministros adormecem nos seus gabinetes dourados, os senadores nas suas curues de marfim, e os proprios tribunos — quando os ha — roncam nos seus escanos de pinho, porque tudo está dito e tudo está feito. Boas noites, amada patria, e até amanhan.

Muitas vezes chega a dita manhan, o ministro almoça, mette-se na sege de aluguel, vae para a sua secretaria mui tranquillamente, seguido do seu lictor posterior, que choita ministerialmante no rocim official detraz do curriculo excellentissimo, — chega ao Terreiro-do-Paço e acha a bernarda acampada alli com outros ministros já feitos, que lhe tiram a pasta debaixo do braço, e lhe dão dois pontapés no trazeiro — sem lhe acudir nem o lictor do chimplim, porque immediatamente o abandonou e se foi postar detraz da outra sege de aluguel do outro ministro.

O senador, como ordinariamente vae a pé, sempre encontra no caminho alguma alma bemfazeja que lhe diga: 'Esconda-se, olhe que o prendem.' E elle sóme-se na trapeira, e apella para o seu fiel ámanhan, que lhe é muitas vezes infidelissimo, e não chega tam cedo.

Quanto ao tribuno, esse resta-lhe accusar os outros de traidores e de patetas, e ir tramar outra revolução para a tornar a perder.

Amanhan, santo ámanhan de Portugal, que bons somnos deixas dormir á gente! Que nos importa a nós que as outras nações andem porque aproveitam o dia de *hoje*, se nós, por ti, dormimos e somos felizes como uns lazaroni sem cuidados!

O senado portuense estava pois firme n'estes bons principios. E demais, como durante a procissão das ladainhas, e muitas horas depois ainda, a revolução cochichava sómente pelas esquinas, pelas tendas e pelas tabernas, não gritava nem fazia resoar os anarchicos arames dos terriveis caldeireiros, naturalmente se tinha ido aquietando a solicitude dos padres conscriptos, e adormecendo a sua vigilancia.

Referem até alguns chronistas, porém somente como boato a que se não póde dar credito implicito, que sentindo-se exhaustos de deliberar — e o deliberar é verdade que exhaure — quando foi alli pela tarde, tinham mandado vir da proxima bodéga um alentado prato de saborosas tripas, e que em honra da invicta cidade o tinham alojado todo em seus capacissimos abdomens, diluindo a espessa e glutinosa decocção em sendos [1] picheis de vinho maduro. O que de tal modo acabou de serenar em seus animos os cuidados da republica, que, inclinando as veneraveis frentes sobre a banca da vereação, ou recostando para traz as respeitaveis nucas ao espaldar das curues, unanimemente e sem discrepancia de um só voto... adormeceram.

Reinava a santa paz — e se affinavam em deliciosa harmonia os compassados roncos dos nossos padres-conscriptos. Desde o assoviado falsete de Rubini, até ao baixo azabumbado da Lablache, todos os sons alli se ouviam e se harmonizavam em melodia e consonancia.

Ingrato povo! E como tivestes ânimo, gente soez e malandrina, filhos desnaturados e malnascidos, para vir, com estes berreiros e matinadas, acordar vossos paternaes representantes de um somno tam bemaventurado e patriotico?

Estavam elles porventura tecendo alguma réste de posturas, como hoje se tecem réstes de leis, para vos avexar e esmagar? Estavam elles votando sem escrupulo nem exame, nem remorso, alguns milhões de contos de indemnizações para as pagardes vós e as repartirem elles? Estavam talvez dando votos de confiança aos almotacés para vos cardarem a seu talante?

Não, oh! não. Os paes da patria dormiam, os paes da patria resonavam; e os unicos momentos em que a patria folga é quando os seus caros papás resonam.

Dormiam os nossos conscriptos o somno da innocencia tranquilla e da gula satisfeita, quando subitamente cahiu sôbre o Capitolio tripeiro a trovoada de vivas e de morras com que o assaltou a plebe insurgida.

Despertaram temulentos e anxiosos. Se algum Brenno gallego os virá assassinar em suas poltronas, que não eram de marfim por certo, mas de seguro e patrio castanho? Morre-se porêm no castanho como no marfim: e morrer, de todos os modos, deitado, sentado ou em pé, é sempre seccante.

Se será o povo levantado outra vez? Mas o povo estava tam quieto indagora, e parecia descançar tanto na vigilancia dos seus magistrados! E elles tinham em discussão, estavam em decocção nas suas meditabundas cabeças, uns planos tam maravilhosos de salvar a patria!

Não póde ser o povo; ou se é elle, não é contra funccionarios tam dignos e tam bemquistos que hade estar levantado.

Serenou-os um pouco ésta reflexão; e emfim o menos medroso d'entre elles, o nosso Martim-Rodrigues resolveu assomar-se á janella a ver o que era.

Começava a fechar-se a noite, e os muitos magarefes que accudiam ao tumulto, tinham accendido seus classicos fogaréos, — uns

[1] Um por cadaum, por cabeça.

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 89. — Esta bandeira, senhor, não a conheceis?

como cestos de arcos de ferro, seguros na ponta de uma lança, e cheios de estôpas breadas a que punham lume, e ardiam de uma luz feia e vermelhassa. Muitos d'estes fogaréos rodeavam o asqueroso pendão da revolta, e muitos outros volteavam entre as massas do povo, como linguas de fogo infernal que lhes andavam inspirando seu deso mpassado ardor.

Com este quadro deram os olhos do nosso magistrado. Seus ouvidos estavam surdos do vozear confuso; mas uma voz forte se levantou por cima de todas e bradou distinctamente:

— Leva rumor, e oiçam o nosso capitão que vae falar.

Vasco rompeu com o cavallo para aopé das casas do concelho, e dirigindo-se ao vulto bem visivel do attribulado senador, disse:

— Em nome do povo vos requeiro: mandae abrir as portas d'essa casa, senhores juizes e vereadores, porque nós queremos entrar. E que se tanja o sino da cidade, por que vamos deliberar sobre coisas do bem commum que a todos nos importam.

Já os collegas de Martim-Rodrigues estavam todos atraz d'elle para ouvir, sem serem vistos; e todos á uma lhe disseram com a voz e com o gesto:

— Respondei-lhe que sim, que sim, que já se abre a porta, e o sino se tangerá.

Assim o disse Martim; e Vasco lhe tornou logo:

— Muito bem: melhor é.

– Quando não!... começaram algumas vozes a rosnar: ia tudo com seiscentos mil ..

— Silencio! bradou Vasco n'um tom que atalha sempre estes symptomas de anarchia descabellada, quando o brado sae de uma bôcca respeitada e não suspeita.

Aquietou-se tudo, a porta abriu-se de par em par, o sino da cidade começou a dobrar; e o povo contente de vêr sanccionada, ou, mais exactamente, regularizada com este formulario legal, a desordenada obra de sua insurreição, foi entrando para a salla das conferencias emquanto coube; e aguardou tranquillo, tanto os de fóra como os de dentro, que se seguisse o ritual usado em eguaes circumstancias, que lhe fôsse proposta devidamente e em fórma a questão que iam resolver — que já estava resolvida, mas que elles alli e por aquelles trâmites queriam ver passar.

CAPITULO XXXII

Bill-de-indemnidade

Entremos nós, amigo leitor, para a galeria, vamos assistir a esta grande sessão. Já que a urna severa fez dura justiça a nosso pouco merito e nos não deu n'esse augusto recinto onde poisar legalmente nosso assento, — e que nós, escrupulosos pasteleiros legalistas, não vamos com as turbas conquistal-o á fôrça viva, e constituir-nos a nós mesmo em curia. vamos, leitor benevolo, vamos modestamente para a galeria. Gosa-se mais, e no ponto de vista artistico, é muito melhor funcção.

Não quero dizer n'isto que acho melhor direito ao que se mette, por cabala e tranquibernia, onde o não chamam nem virtudes, nem talentos, nem serviços, nem a confiança pública: digo só que nem de um nem de outro direito quero usar eu, e que os tenho ambos por tortos.

Cá estamos na galeria: Vejamos.

Ao tôpo da larga mesa onde inda ha pouco fumava a succulenta merenda dos nossos magistrados, estava Martim-Rodrigues, o mais velho e o mais respeitavel d'elles. Seguiam os outros á direita e á esquerda. Vasco, os dous irmãos Ruy-Vaz e Garci-Vaz com mais alguns dos principaes d'entre o povo, tomaram assento entre elles. O resto ficou para áquem da teia. A turba-multa estendida pela antecamara, pelas escadas, pelo portal, e pelas ruas circumvizinhas, communicava, como dizem os theologos, pela intenção, com os que celebravam no interior do sanctuario municipal.

Socegado o primeiro arruido, e installada segundo hoje dizemos, a assembléa, Vasco, sem esperar mais formalidades, tomou a palavra:

— Senhores juizes, vereadores e homens bons da nossa terra, aqui tendes o honrado povo que vos escolheu para o julgardes e guiardes, e que ao som da campa tangida, segundo nossos estylos e foral, aqui foi chamado, e entrou a deliberar e a tratar comvosco, de um negocio e fazenda grave que a todos nos importa, e sobre o qual estamos tambem todos resolvidos que hoje se lhe hade pôr termo e acabamento, como cumpre.

— Sim, hoje, hoje! bradou a multidão.

— Silencio, amigos! estas coisas querem tratadas mansamente. Socegae.

Pasmado estava Martim-Rodrigues, pasmado Gil Eanes, pasmados todos os collegas da vereação com vêrem a Vasco, o estudantinho, o protegido do bispo, alçado em orador do povo, em seu tribuno. E mais pasmavam elles ainda de vêr um rapazola, sem auctori-

dade nem substancia, exercer tam efficaz imperio sôbre a multidão. Não sabiam que entender nem que pensar. E depois de cochicharem entre si breves momentos, Martim-Rodrigues, na sua qualidade de presidente, de juiz ou vereador mais velho, segundo melhor queiram chamar-lhe, disse gravemente, e cobrindo com o accento auctoritativo da palavra o tremor nervoso que o agitava:

— Pois sois vós, senhor, Vasco o orador escolhido d'este bom povo... conforme vemos...

— E sim, bradaram algumas vozes: para tudo lhe démos podêr, e por tudo o que elle ajustar estamos.

— Assim nos praz, responderam todos.

— Poisque assim é, continuou mestre Martim: dizei vós, senhor Vasco, de sua justiça, e proponde vosso caso para que venhamos no que melhor fôr.

Tomadas as oratorias precauções de tossir e de se pôr em conveniente attitude, Vasco recorreu por todo o seu saber, que se limitava a algumas reminiscencias de Sallustio ou de Cicero. Acudiu o *Quousque tandem,* estafado exordio de muito orador noviço, e invertendo-o, para se dar algum ár de originalidade, como tantos fazem, começou assim:

— Assáz têm abusado da nossa paciencia, ó juizes, os Catilinas d'esta mal estreada terra. As oppressões e os flagicios crescem de dia para dia. A nossa substancia é devorada, os nossos direitos são calcados aos pés, o foral de San Jorge é uma lettra morta, uma carta van e falsa, de que estão rotos os sellos. Nossas mulheres e nossas filhas são roubadas. Os traficantes francezes e flamengos fogem do nosso porto e vão enriquecer de seu trafico o Burgo-novo da outra banda. Falta-nos o sal para as nossas pescarias...

— E verdade que falta o sal, está pela hora da morte o sal! interrompeu a multidão, excitada no ponto mais doloroso de seus aggravos. Um gesto impaciente de Vasco os conteve. O orador continuou:

— A auctoridade pública está toda concentrada no indigno almudeiro, um que é tirado da escoria mais vil e soez, que nem é da nossa terra, é d'essa gente de ganhar que nas comarcas do Sul do reino chamam ratinhos...

Hilaridade geral. E faltam os *apoiados* nas notas tachygraphicas, porque se não usavam ainda então: estavamos, bem vêem, muito atrazados.

— Que antes fôsse elle rato que só roêsse, e não o cão enraivecido e damnado que nos morde e dilacera! Nomeando Pero-Cão, tenho dito tudo; recordando-vos o desacato d'esta noite passada, commettido em casa do nosso communal e amigo, Affonso de Campanhan, não tenho mais que recordar-vos. A honra da nossa cidade está empenhada, pedem-nos desafronta a sua gloria, os seus interêsses, a sua salvação. É preciso que o foral *seja uma verdade*. Estamos resolvidos a tirar-nos do preito e vassallagem de um senhor que nos não ampara nem cata nossos privilegios. De el-rei queremos ser, e de ninguem mais, esta é a nossa proposta, ouviremos agora vosso conselho.

— Bem, bem! assim é, bradou o povo todo: A el-rei queremos por senhor, e a ninguem mais.

Burguezes d'aquelle bom tempo innocente, em que tendeiro nem especieiro não sonhava ainda com os baronatos, os viscondados e as grãs-cruzes — nem com a mão encebada de pesar manteiga aspirava a tomar a pasta de secretario, ou a assentar a nadega lustrosa da calça de coiro no velludo das cadeiras do conselho d'estado — burguezes legitimos ainda, como eram aquelles pobres pançudos senadores da nossa terra — é evidente que no fundo de suas entranhas — ou, para dar mais côr local á phrase, no fundo de suas tripas — achavam ecco de sympathia aquellas altaneiras e democraticas palavras do mancebo. Democraticas, porque n'essas éras feudáes a democracia e a corôa tinham os mesmos interesses, a sua causa era commum.

Estou pensando... e não se arrepiem os meus amigos liberaes!... que pelo geito que as coisas hoje levam, antes de muito, o povo terá outra vez de estreitar mais fortemente a sua alliança com a monarchia, para se defender do omni-absorvente despotismo dos senhores das burras, dos alcaides-móres dos bancos e de todo este feudalismo agiota, que é a fatal lepra da democracia, que a róe e a carcome, e que não vejo fôrças nem meios — na democracia só — para os combater. As vagas theorias do socialismo, os sonhos do communismo não me parecem provar senão a impotencia da fórma contra o poder da materia.

Olharam uns para os outros os conscriptos padres, e cada um viu nos olhos do outro que seus intimos sentimentos e opiniões estavam de accordo.

— Sim! lhes dizia o coração: é justo.

— Não... suggeria a pança: é arriscado.

E n'esta lucta de pança e coração os eleitos defensores dos interesses publicos, coitados! viam-se parvos. A egreja é tam poderosa.. Senhores toda a demanda vencem ao cabo... Valha-nos Deus!... E a pança pesava, pesava... que ella pésa mais que o coração, a maldita.

Gil-Eanes, uma especie de europeu d'aquelles tempos e d'aquelle senado, conhecido

pelo maior massador da cidade invicta, e por possuir no mais alto gráo a difficil arte de moer palavras em sêcco, sem lhes espremer o mais leve chorume de sentido, Gil-Eanes, costumado a triumphar de puro cançasso, em muitos casos difficeis, estafando, moendo, adormecendo e fazendo fugir o seu auditorio, Gil-Eanes entendeu que n'aquelles apêrtos só elle. Entendeu bem; e tomando venia do presidente, assim começou:

— Não posso nem pretendo, honrados juizes e meus bons communaes, não pretendo nem posso nem tenho intenção ou possibilidade de negar e de pôr em duvida que a proposta ou proposito do benemerito orador que acaba de falar seria d'aquellas que, dadas as condições, e admittida a possibilidade e conveniencia das circumstancias, era talvez, e porventura se apresentaria de um modo, e por tal deducção de causas e effeitos, que eu poderia, e todos nós de commum accordo estariamos dispostos e inclinados a que, admittidos os principios que são a base e fundamento essencial de toda a doutrina, consultada sómente a suprema e supina consideração das razões abstractas, e taes que o entendimento, a norma, a lei geral das mais elementares regras da boa administração e da recta congruencia dos elementos mais vitaes — ou antes d'aquelles que progridem por certa e invariavel marcha desde o seu ponto de partida até o mais culminante; e bem assim firmados n'aquelles dados estatisticos por mim colhidos e que foram elaborados pela confrontação dos factos — e os factos são tudo na sciencia! — Sciencia que eu posso dizer com alguma vaidade, que peço me seja permittida, tenho levado desde o cáhos em que o achei, até outro cáhos... quero dizer, até onde são os limites confinantes da racionalidade bem entendida; pois se não póde negar que entre os dois maximos perigos do ser e do não ser — como d'aqui a alguns seculos tem de dizer um grande poeta inglez: *To be, or no to be;* o que então ha de significar traduzido em romance: [1]

Ou ser capitão-mór ou não ser nada...

E citando estas futuras trovas, eu homem de alta sciencia que desprezo trovadores e juglares, sacrifico ás musas como Socrates... O conselho sabe quem é Socrates e quem são as musas; mas quando não soubesse, bastaria dizer-lh'o eu...

O effeito narcotico d'esta eloquencia admiravel começava a manifestar-se na assembleia dos paços do concelho do Porto pelo mesmo modo que, tantas vezes depois, vimos e sentimos nos paços de San Bento em Lisboa. Os vereadores cabeceavam todos; Vasco sentia um pezadêlo mortal que o opprimia e adormentava como n'um máo sonho de febre; os mais exaltados chefes da multidão bocejavam atrozmente. E alli se acabaria toda a disputa, como acabou aquella briga dos borrachos,

Porque em vez de brigar, adormeceram...

Mas os irmãos Vaz, que se estavam abrindo, um para outro, cada bôcca de orelha a orelha que faria espanto á de Sacavem, assustados de vêr tudo cabeceando e bocejando, e o orador sem a mais remota idéa de sahir de seu labyrintho de palavras, e surdir com alguma coisa que se entendesse — disseram entre si:

— Isto não póde ser; este sandeu de Gil-Eanes está mofando de nós... E é tarde, e nós temos que fazer.

— Abaixo o palavreado! gritou Garci-Vaz.

— Abaixo! respondeu a assembléa despertando.

— Fóra com elle! bradou tudo; e se repetiu, de ecco em ecco, pelas escadas, pelas ruas e viellas dos arredores que atulhava a multidão, e por onde se tinha estendido o choque electrico de torpor que partia do admiravel fóco de eloquencia do nosso orador insigne.

— Oiçam, senhores! bradou elle desesperado e desappontado: oiçam-me, porque eu tenho direito a ser ouvido, eu devo ser ouvido...

— Abaixo!

— Oiçam, que vou dizer maravilhas.

— Fóra, fóra o impostor!

E tal foi a reacção contra a pesadez da magnetizadora eloquencia do digno membro, que a vozeria não cessava. Gil-Eanes sómente se via gesticular furioso e despeitado; mas os palavrões, não conseguiu que lhe ouvissem nem mais um.

Sentou-se... fatigado, como sempre, da lucta; mas contente, como sempre, de si. Ralhou e protestou á sua vontade, falando com os infelizes que lhe ficavam ao pé; mas o tumulto cessou. E Vasco, levantando a voz, disse:

— Nós estamos resolvidos. E agora, se os nossos juizes querem vir á nossa frente, que venham: é o seu logar. Senão, nós iremos por nós. Que nos dem o estendarte da nossa cidade, o estendarte da Virgem, porque o queremos levar de guião deante de nós, e por balsão da nossa emprêza

[1] Em vulgar.

Não esperou Garci-Vaz por mais nada; deu por despachado o requerimento de Vasco, a opção dos juizes por feita, e tomando nas mãos o estendarte da cidade, que estava a um canto da sala, deu, sem nenhuma ceremonia, um salto para cima da mesa da vereação, e pondo-se em pé sobre ella, tres vezes o volteou no ár, bradando em alto brado:

—Pela santa Virgem, nossa padroeira, por el-rei nosso unico senhor e defensor... e pelo nosso capitão! viva, viva, viva!

E entregou o estendarte a Vasco. O povo gritou viva! sahiu de rondão pela casa fóra, atroando os áres com suas acclamações.

E assim foi passado o bill-de indemnidade sôbre a revólta. E assim passam todos os que querem passar: o caso está que ella tenha força, a revólta.

Vasco montou a cavallo com o estendarte na mão. Os padres conscriptos mirraram-se, cada um para sua trapeira, como é de uso. E a Bernada triumphante n'este primeiro recontro, ganhou força e consciencia de seu podêr; e com grande enthusiasmo se encaminhou para os paços do bispo, tripudiando e saltando, deitando suas lôas, e cantando seus hymnos, sem esquecer, de quando em quando, o bordão obrigado dos 'morras e passa-fóra-cães,' jaculatorias dirigidas ao estimavel almudeiro, cuja popularidade não decrescia jámais, nem esquecia por coisa nenhuma.

CAPITULO XXIII

Guerra civil

Antes porém que as fôrças populares se tivessem apossado do estendarte da communa, e que, mais fortes agora com esse paladio, e com a presumpção da legalidade que n'elle tinham, marchassem ávante contra seu natural senhor e não menos natural inimigo, já este se tinha apercebido para a defeza. Todas as portas do palacio e da cathedral estavam fechadas, e pareciam desafiar, com suas grossas barras de ferro, seus poderosos trancões de carvalho, tudo quanto não fôsse artilheria.... E não a tinham ainda os reis, a artilheria; quanto mais os povos! As ameias da Sé estavam coroadas de besteiros, de archeiros; e assim mesmo as do acastellado palacio. O silencio, a ordem, a disciplina, podêr immenso com o qual os poucos resistem, e vencem quasi sempre, aos muitos, reinava nos precinctos episcopaes. O prelado em pessoa, arrojadas as longas vestes pontificias, e meio armado já, como quem esperava combater, dava tranquillamente as ordens, provia a tudo, e mostrava a alacridade serena do homem forte, que forte se sente em seu direito e na sua força, e que espera pausadamente o ataque para castigar com justa severidade os que se lhe atrevem.

Tal parecia no gesto, no ademan e nas palavras, o antigo cavalleiro de Affonso IV. Mas era esse em verdade o estado do seu animo? Batia com effeito tranquillo, sob a couraça militar, aquelle inquieto e altivo coração que debaixo da cimarra de purpura não socegava jámais? Oh! não.

Seriam remorsos das tyrannias e exacções com que vexava duramente os pobres vassallos, entregando-os de pura e despiedosa indifferença, ao cruel governo de um truão carniceiro?... Não, porcerto. E já o disse: o Evangelho de que era ministro, não o comprehendia nem o sentia; das leis sociaes, outras não sabia senão a suprema: que o senhor manda e o vassallo obedece. O que era, era um presentimento confuso, um terror indefinido, um agoiro vago — tardio ás vezes, mas infallivel verdugo dos máos — que se tinha apossado do seu coração.

Sem se temer dos sublevados, seguro de que haveria a melhor d'elles e de sua desmandada arrogancia, dizia-lhe todavia não sei quê no fundo d'alma que aquella noite lhe havia de ser fatal, e que um grande castigo ia cahir sobre elle. Mas porque? Anninhas, bem a tinha feito roubar... — E era guapa môça Anninhas, e valia a pena! — mas que mal lhe tinha elle feito? Violenta não a queria... E se realmente ella era... ella fôsse... virtuosa, vamos virtuosa... pois deixal-a. Que se vá para o seu arco accender a alampada da sua Santa: e bom proveito lhe faça! — Mas tem muito tempo para isso. Entregal-a a essa canalha da arraia miuda... ou grossa que seja... que por ahi anda a gritar, que falta ao respeito a seu senhor natural, que lhe vem á porta dar morras a seus officiaes, vivas a el-rei — e este é o desacato que mais o pica em sua vaidade e orgulho feudal — isso não! isso é o qúe elle nunca fará. Já não por senhor que é, nem pela purpura de principe que veste, senão só pelo pundonor de simples cavalleiro lhe ha de resistir. Ha-de-lhe resistir á canalha, e a el-rei que se encanalhe com elles.

Mas ai!... aquella mulher de ha tantos annos, a filha do seu bemfeitor, aquella que elle covardemente injuriou, perdeu... e toda uma familia assassinou... esssa, oh! essa mulher é que elle vê agora presente a seus olhos... Esther, Esther! – Mas já não é a Esther debulhada em lagrimas, sumida no opprobrio; é uma Judith inspirada, brandindo na mão o cutello vingador e prestes a decepar com elle a orgulhosa cabeça de

Holophernes. E junto d'essa visão terrivel, ess'outra figura, mal distinta ao principio, mais clara pouco e pouco, agora clara de todo... quem é? Vasco! Vasco, o joven estudante, o seu predilecto, a coisa unica n'este mundo que elle jámais amou!... Como, porque? que faz elle ahi? Que significa elle ahi n'essa visão?

O que significa, homem desnaturado e perdido? Lembra-te!...

Mas elle não se lembra: o seu coração não tem memoria; e o seu espirito se confunde n'esse disparatado sonho de acordado, vendo a risonha, a petulante figura do seu Vasco surgir na mesma evocação com o terrivel phantasma d'aquella mulher de vinganças.

Chimeras! desvarios de um pezadêllo... É sacudil-o e despertar.—Mas onde está Vasco todavia? Não voltou ainda .. E é tão noite já! E o povo n'esses tumultos! E se elle cae nas mãos dos populares? Esse é real e palpavel perigo... Que fará?—Fr. João não veiu; os criados, que foram por elle, voltaram sem resposta nem recado, porque todas as portarias dos conventos estão fechadas. São uma canalha estes frades, franciscanos e dominicos, e elles todos que se querem fazer neutraes na pendencia, e temem de se malquistar com os burguezes!—Se Vasco lá estará ao menos no convento? Ahi estava elle seguro, e seria uma fortuna...

Tornou a chamar officiaes e criados; é de perguntas em perguntas se veiu a acclarar, pelo estribeiro a quem o mancebo tinha entregado o alazão junto ao arco de Sant'Anna, que elle desde a tarde voltára á cidade e que entrára logo para casa de Martim-Rodrigues.

—Que vae elle fazer a casa do juiz? perguntou o bispo admirado.

—O que vae fazer? Mestre Martim tem uma filha discreta e formosa que...

—Pois Vasco? Oh! eu lhe porei o remedio. Que vá já alguem a casa de Mestre Martim, e que...

—Senhor, o paço está todo cercado: não ha porta nem postigo por onde se possa já sahir.

—Os bésteiros que joguem rijo sobre elles da torre de menagem, e que ao mesmo tempo rompam da porta quatro homens de lança bem montados; que se abram caminho, e que vão saber...

Um clarão repentino que illuminou os áres um estampido tremendo de vozes misturado com o furibundo repicar dos arâmes dos insurgidos, lhe atalhou subitamente a fala, e o fez correr á janella, com o alcaide-mór, com todos quantos alli estavam. O que viram era para assustar. O proprio bispo estremeceu. os demais desanimaram. As duas principaes portas do palacio, minadas surdamente por um fogo pertinaz e lento que até alli tinham tido encuberto, e que seria alimentado com carvão talvez, para não fazer chamma, estavam já abrazadas. Deram-lhe de repente os golpes de muitos vae-vens, e os velhos pranchões de carvalho se desfaziam n'um granizo miudo de centelhas, que punha medo ver saltar e chispar pelos áres.

Mas não foi senão de um momento o sobresalto do bispo; o tremor que lhe sacudiu os membros vinha mais dos pensamentos que o tinham estado agitando no espirito; o perigo retemperou-lhe nervos e alma.

—Ah! sim? disse elle com um sorriso amargo, mas sereno o rosto, e frio na cólera que o endurecia já: Ah! sim? Pois agora o veremos.

Atirou com o barrete, cubriu o murrião, e empunhando a espada deitou, sem mais proferir, para as escadarias do palacio.

Ao vêl-o assim, com os olhos ardentes, cans as barbas, a cruz ao peito, a espada na mão, dirieis que é Sanctiago remettendo aos moiros... Não é porém o apostolo, senão o indigno successor dos apostolos que vae terçando o ferro contra os de Christo: é o máo pastor que investe com o seu rebanho para o degolar.

O alcaide-mór e seus officiaes desembainharam as espadas e seguiram; os homens d'armas, o resto dos archeiros que não tinham desertado, a guarnição toda do castello, e digamos assim, toda a casa militar do bispo, que era numerosa, acorreu a seu senhor. Desceram de rondão as escadas, e no atrio para onde davam as portas ameaçadas, tomaram posição e ordenança de guerra.

O prelado cavalleiro, á frente de seu batalhão *d'elite*, parecia reviver de sua vida antiga, saudar alegre os perigos da peleja, a turbulenta ebriedade dos combates em que fôra criado.

Mas só nos olhos, só no palpitar violento dos seios, estava toda a excitação. Mudos, quedos, fixos, elle e todos os seus, a vista cravada nas portas que chammejavam e tremiam, provavam que a sua coragem era reflectida e segura, aguardando assim tranquillos o momento decisivo e supremo.

Não tardou elle muito. Uma das portas cahiu em mil pedaços ardentes, centelhando em faiscas... e os sitiantes de levantar um tremendo clamor de:—'Victoria victoria!' que atroou toda a cidade.

No mesmo instante, por entre a chuva de brazido que ainda cahia, por cima dos montes de carvão escaldando que recheavam na humidade do chão, rompeu sem mais ordem,

cega, louca e amouca de seu furor e enthusiasmo, uma immensa massa de povo, que, ao som dos vivas e dos morras, entrou pelo atrio densa, confusa, apertada e empuchada das muito maiores massas que atraz e atraz vinham sem solução de continuidade... E vinham e vinham, e de seu proprio peso se precipitavam, abatendo e prostrando quanto se lhes punha de deante.

Mas não era nem a furia d'este oceano para romper assim os diques de ferro sôbre que foi rebentar suas ondas. Gente toda mal armada, sem commando nem disciplina, deram comsigo aturdidos contra o bem disposto batalhão dos episcopaes que alli não contavam achar; nem o viram, de cegos e estonteados que vinham. Tudo se foi cravar pelos peitos nas lanças e halabardas que os esperavam firmes; ou cahiram porfendidos dos tremendos talhos de espada que lhes assentava o bispo, e dos que seus officiaes repartiam sem poupança... nem piedade.

Quasi toda a primeira testa da revolta alli ficou morta ou moribunda, e assando meia viva nos carvões abrazados que juncavam a entrada do páteo.

Os gritos, as maldições, as blasphemias... as chammas que ardiam e crepitavam... os olhos do bispo que flammejavam, e luziam mesmo entre o fôgo como os de Lucifer... Pero-Cão que ria o seu riso de demonio... tudo dava áquella scena ferocissima o aspecto de uma scena de inferno.

A torrente popular parou, e oscillou com um movimento quasi retrogrado, como tronco de serpente quando lhe decepam a cabeça.

Afasta, afasta! que, em soccorro já não, mas a vingar a sua vanguarda de amoucos, ahi vem avançando, mais regular e pausada, outra sorte de batalha e de combatentes.

Esta não grita desatinada, nem se desordena gritando; mas o seu brado de guerra é tremendo e solemne!

—Virgem santa, sêde por nós! Vingae os nossos irmãos!

E um homem a cavallo vinha no meio da hoste e volteava o estendarte que trazia... E o estendarte era o da Virgem padroeira da cidade.

A voz de:—Cerra, cerra! por Santa Maria e por sua terra! investiram como leões furiosos. Mas é furia que traz regra e commando: e entre elles e os do bispo trava a peleja mais egual — não menos sanguinolenta. De ambos os lados cahiam, de ambos os lados corria o sangue. Dos populares era mais todavia, porque entre elles só vinham bem armados os archeiros transfugas. Assim os episcopaes tinham grande vantagem sôbre os da communa.

Ia-se dissipando o fumo que ao principio envolvia tudo, e os golpes eram mais certeiros e fataes... começava a ceder o povo... Quando o seu joven capitão, sollevando o estendarte na esquerda e brandindo a espada com a direita:

— Amigos, bradou, que é isto? A elles por nossa honra e pela liberdade da nossa terra!

A este brado, ao som d'esta voz, os populares alentaram, e entrou a desordem e a confusão nas fileiras inimigas, porque o seu chefe cahiu de repente como ferido de golpe mortal no coração.

Tomaram-n'o em braços, levaram-n'o para a retaguarda; e em quanto o alcaide-mór, com alguns de mais animo, defendia sem grande custo a vanguarda, outros carregavam com o bispo — que já nem respirava quasi — pelas escadarias acima do palacio.

CAPITULO XXXIV

Armisticio

Todos julgaram o bispo mortalmente ferido, o combate esfriou, parecia não haver já por que pelejar. A sorte das armas declarava-se pelos populares; mas esses mesmos estavam espantados da victoria, não sabiam que fazer d'ella, e começavam a ter medo, a ter 'horror ao vacuo' de seu triumpho.

Assustaram-se porém antes de tempo: o caso era estranho e de pasmar; mas o bispo não morria, e nem levemente estava ferido; foi uma vertigem que o derrubou. Tornou a si transformado, demudado, afflicto; e com duas grossas lagrimas nos olhos, os braços alçados, e elle em pé sobre os degráos da escada, bradou de uma voz de agonia tam dolorosa que partia os corações:

— Vasco, Vasco!... és tu, Vasco?...Tu!

Vasco ficou immovel, suspenso; e o bispo, arrojando a espada, que nem o desmaio lhe fizera soltar da mão:

—A mim! clamou; a mim, Vasco! A mim só os teus golpes. Aqui tens desarmado este peito; fere...

E desprendia a couraça, e rasgava a tunica de purpura que debaixo trazia, e expunha nua aos imprecados golpes a forte arca do peito que lhe batia audivelmente, em que se lhe ouriçavam como espinhos os pêlos grizalhos, longos e bastos que a povoavam.

O inesperado do caso, a estranhez d'aquellas palavras acabou de suspender as iras dos combatentes. Todos pasmaram, todos ficaram attonitos e cortados.

O clarão do incendio dava luz sanguinea

e abrazada a esse tremendo quadro de guerra civil. Todo o horror, todo o palpitante interesse da terrivel scena se exaltou.

Vasco, o pobre Vasco não pôde mais ser senhor seu, sentiu que lhe fugia a luz dos olhos: por um derradeiro esfôrço do ânimo —vencido já do coração - ainda apertou com a esquerda sobre o peito a bandeira da cidade; mas os estribos faltaram-lhe dos pés, a espada cahiu-lhe da outra mão, as rédeas foram sobre o pescoço do cavallo, a cabeça inclinou-se-lhe...e, se não fôra que o generoso alazão estacou logo dos quatro pés, como se alli se fundira em bronze — ao menor movimento que fizera o cavallo, em terra estava o cavalleiro.

Isto porêm ninguem n'o percebeu, só os penetrantes olhos do bispo viram o que succedia...Desatinado, começou a gritar:

— Acudam-lhe, acudam-lhe! cesse o combate, deixem tudo o mais, e acudam-lhe! Salvem-n'o. E nem mais um golpe! Salvem-n'o. Eu farei tudo o que quizerdes, boa gente. Sim, eu tratarei com elle, com Vasco, pois que esse é o vosso chefe... Bem, bem! assim, amigos, assim. Apeae-o com geito. O cavallo é um nobre animal, não meche com um pêlo do corpo. Parece o meu alazão... E é elle! Como foi isto? Não importa. Não o larguem, que não está firme nos pés ainda. Desabrochem-lhe o peito das armas. Criança! Esta criança com um peito de ferro! Meus Deus!...

E assim se ia fazendo tudo como o bispo dizia; e nas duas hostes quasi confundidas mandava elle só. Tal podêr tem a voz do coração, e taes estranhezas tem a guerra civil!

Mas já o nosso chefe popular estava em si, recobrado de ânimo e de corpo: firmando-se na lança da sua bandeira, deu alguns passos para o bispo, que o estava contemplando com admiração e lhe sorria de puro gôsto; inclinou-se com reverencia, e em tom grave, modesto, mas firme, lhe falou assim:

— Senhor, eu sou uma criança, é verdade; mas Deus serve-se dos pequenos contra os grandes, para os combater muitas vezes, e para os admoestar não poucas. Que a minha voz fraca e humilde chegue ao vosso coração e o embrandeça...

— Sempre, sempre vem [ao meu coração a tua voz! clamou o bispo interrompendo-o e estendendo-lhe os braços. Mas... e aqui se retrahiu como picado subitamente de um aspide: Mas, que queres tu? Que fazes aqui tu? A que vieste? Que armas, que bandeiras, que discursos são estes?

— Esta bandeira, senhor, não a conheceis? É a da Santa Virgem, protectora da nossa cidade, defensora dos nossos direitos e liberdades. E eu...

— E tu?

— Eu sou o escolhido por esta boa gente para...

— Para quê?

— Para vos dizer em seu nome que elles não podem supportar mais esse jugo d'escravidão em que os tendes, com que os deixaes governar por homens tam indignos de vossa confiança, como de reger um povo christão, livre, fiel e honrado.

Os olhos do prelado começavam a faiscar, o rosto, indagora pallido com o susto de vêr morto ou ferido o seu Vasco, ia-se-lhe inflammando de ira, principiava a tingir-lh'o o orgulho do seu mal-assombrado roxo-terra. Mordeu os labios para se conter, e sorrindo com amarga ironia:

— E esse honrado, esse fiel povo vem armado de todas as armas requerer por sua justiça? Hasteou em tuas mãos a bandeira da Virgem da paz...e sem mais declaração de guerra, deita fogo ao meu palacio, arromba as portas, entra queimando e devastando na propria morada do seu senhor! ..Vasco, tu és uma criança com effeito, e a tua innocencia te desculpa. Deixa essa gente que te illudiu, vem commigo, que eu...

— Uma creança sou; mas deu-me Deus razão inteira para vêr donde está a justiça e o direito. Senhor, vós sabeis a causa fatal do alvorôto d'esta manhan... O povo, indignado mas respeitoso, veiu com seus juizes á frente, veiu a vossos pés pedir justiça e reparação. Prometteram-lh'a mas não lh'a cumpriram. Os vossos ministros riram das súpplicas do povo, intimidaram os seus juizes e magistrados, e mofaram da indignação pública, porque nos julgaram fracos, porque suppozeram extincto, evaporado o fôgo de palha das iras populares. Então o povo armou-se, ordenou suas fileiras, escolheu chefes que o não abandonassem, e agora... já não pede...

— Que faz então?

Vasco enguliu como em sêcco um som que lhe vinha mal formado do peito; mas tomando outra vez o folego e respirando largamente, disse com voz solemne:

— Exige.

— Ah!... E a ti te escolheram por chefe, a ti para capitão dos rebeldes amotinados?

— A mim, senhor, escolheram-me para chefe do povo... Rebeldes ou leaes, vós nos fareis.

— E que pretende de mim o povo?

— O que lhes tendes jurado, o que em bom e santo direito lhe deveis: castigo e desaggravo pelo passado, cumprimento de seus fóros pelo futuro. Que separeis de vós a má gente que vos rodeia, e que chameis os honrados de quem o povo confia.

— E se eu, quaesquer que sejam esses aggravos verdadeiros ou sonhados, entender que não devo pactuar com os meus vassallos sublevados, e exigir – exigir tambem eu por minha parte, que, primeiro que tudo, deponham as armas da rebellião!

— Não as deporão. Estão escarmentados, senhor; a sua boa fé tem sido escarnecida. A todas as promessas lhe têm faltado, e por cada desaggravo promettido, têm vindo os vexames aos centos. Se a sua ultima razão são as armas, é porque lhe não deixaram outra. Culpae a quem lhe tirou todas as mais.

— E que farão, que querem fazer porfim com essas armas? Não as tenho eu tambem? Não os posso combater e destruir?

— Maior calamidade, senhor: Deus será juiz entre nós, e a victoria decidirá da pendencia. Mas em todo o caso, elles retirarão de vós seu preito e vassallagem, deixarão de ser homens vossos, e se darão a el-rei, e o tomarão por senhor natural...

— El-rei! Ah! el-rei! .. Aqui andam artes suas: bem o vêjo. Não ousava tanto essa gente se não tivessem as costas quentes com elle. Bem: eu pensarei, e... Que se chamem os juizes. E virás tu com elles... Vireis vós com elles, senhor capitão. D'aqui a uma hora, em pública audiencia na nossa cathedral, ouviremos dos aggravos do povo, e veremos de concertar o que fôr razão. Senhor alcaide-mór, a suspensão d'armas está proclamada. Que me guardem porêm estas portas. As da Sé vão abrir-se: que entre o povo para lá e ahi me achará para ouvil-o. Os juizes da cidade, o meu vigario, todos os de minha côrte e desembargo que sejam chamados. E tu, Vasco... Não, tu virás commigo agora.

E tomando pela mão o estudante, subiu com elle as largas escadas do palacio.

Iam a meio já, quando Vasco foi conhecido do povo, e uma voz se levantou d'entre as turbas:

— Traição, traição! querem-nos tirar o nosso chefe!

– Não consentimos, não consentimos, responderam outras vozes.

— Não, não! clamaram todos.

— Que nos entreguem arrefens, disse um mais precatado e doutor: sem isso não vae.

— Queremos arrefens.

— Venha Pero-Cão.

— Para o enforcarmos antes de tudo.

— Morra Pero-Cão.

— Morra!

E já recrudescia de novo a sanha popular, e os episcopaes se preparavam para a defeza. Os dous chefes das facções contrárias, que amigavelmente subiam as escadas em signal de paz, e em penhor das recem nadas esperanças de concordia, pararam, e não ousaram subir nem descer.

Assustou-se Ruy-Vaz, que tinha os seus planos, e não queria transtornado aquelle principio de concêrto. Por uma d'essas inspirações que tantas vezes salvam a patria com uma caturrice, o ex-archeiro destampou n'uma grande gargalhada e disse:

– Quem é o grandecissimo traidor de bufão que veiu com esse estupido alvitre? Nem Pero-Cão, nem outros que taes cães como elle, são arrefens que se peçam. Um cabello da cabeça do nosso capitão vale mais que todas as gargantas d'elles. E as gargantas d'elles, para que as queremos *nós* senão for para os *nóz* da corda?. . e iça!

Desatou tudo a rir.

– Bem dito! exclamou um caldeireiro poeta que adorava o consoante e idolatrava o calimburgo: Bem dito!

> Para que os queremos nós,
> Senão para dar-lhe os nóz
> Que lhe machuquem a noz
> Da garganta excommungada
> Para mais nada, mais nada.

Consigno o importante documento d'este memoravel improviso nas duradoiras paginas da minha chronica, porque illustra um grave ponto de historia litteraria; a saber: que não é invenção da moderna escola poetica, segundo ella bazofeia, este insartar de consoantes como ave-marias n'um terço — perolas n'um fio, dizia Hafiz, e os orientaes todos, ha mil annos — Não, senhor, é muito antigo, já no decimo-quarto seculo se usava, e antes. Verdade seja, que os insartadores eram menos, e o zum-zum não cançava tanto – portanto.

D'este precioso documento se vê tambem quanto é antigo e popular entre nós o uso do 'calimburgo': palavra que facilmente adopto apezar de gaffa de malfrancez; mas antes isso, antes naturalisal-a mesmo assim doentita, e dar-lhe terminação portugueza, accordando-a de boamente a nossos modos e aos sons habituaes de nossa lingua, do que dizer pretenciosa e espevitadamente: *calembourg!* som inhospito, difficil, que resalta hybrido e rispido, no meio de nossas palavras redondas e cheias, como um guincho dissonante que repugna.

Calimburgo foi — e não me tornem a dizer *calembourg!* – calimburgo foi o de Ruy-Vaz, o que poetisou e desenvolveu depois o Tyrteu caldeireiro, e que tanto deu no gôto á multidão — como sempre succede em os ella entendendo... o que nem sempre lhe succede.

Riu-se o povo: e quando o povo ri, bem vae ella.

Ruy Vaz jogou no chorrilho e continuou:

— Arrefens por arrefens, que nos dêm o Arrifana: e bem lhe quadra o nome, fr. João da Arrifana, venha esse de arrefens!

Outra gargalhada approvadora que deu o povo, e outro documento de que a aliteração não é exclusivamente saxonia, como pretendem os amigos inglezes, antes mui usada e querida dos nossos, e que está em seus instinctos poeticos, não menos do que o toante ou assonante, o consoante e o calimburgo.

— Pois venha Fr. João, clamaram: Fr. João queremos. Venha o Arrifana de arrefens.

— De arrefens o Arrifana!

Venceu a chacota, serenaram as turbas outra vez; o bispo assentiu, e foram buscar a Fr. João, que bem reluctante deixou o asylo de seu convento. Mas não havia remedio: mandava o senhor e mandava o povo; a neutralidade era impossivel.

Solemnemente foi proclamado o armisticio; e o prelado, com o chefe dos insurgidos, com poucos mais de uma e de outra facção, subiu emfim o ultimo lance das escadas e entrou no palacio.

Dava n'este ponto meia-noite; Garci-Vaz, que ficára para conter e suster os populares inquieto e cuidadoso chamou por seu irmão e lhe perguntou com anciedade:

— Ouviste que é meia noite?

— Ouvi, sim; e então?

— Então, vem elle ou não vem? Se não vem, isto acaba mal. Povo é povo: em o demorando com qualquer pretexto, em lhe fazendo passar mal uma noite, começa a esfriarlhe a cólera; e quem fica nos cornos do toiro somos nós.

— Mais medo tenho eu que lhe ella ferva demais, e que entrem por ahi a fazer desatinos que el rei desapprove e castigue depois, e que nós tenhamos de pagar tambem. Atégora tudo vae de maravilha; e se o mantemos assim mais uma hora...

— Mas elle, elle? Elle é que não sei...

— Elle!... Elle já cá está.

— Que dizes! É possivel!

— Fui eu em pessoa, com o arcediago e com a bruxa de Gaia - aquella velha que sabe tudo, e que conhece quantos alçapões, quantas covas e cavernas ha no castello e na cidade — fui eu com elles ambos abrir-lhe o postigo secreto que dá nos subterraneos do paço e que tambem vae á capella da Senhora da Silva na Sé. La está...

— Só está? Que perigo!

— Só: pois é homem elle que tenha medo? E quem se lhe ha de atrever?

— Quem? Qualquer d'esses rufiães que ha n'esta maldita casa, e que o não conhecem pela maior parte.

— Não tem dúvida. É homem para mais: deixa-o. E além d'isso, Paio Guterres lá sabe onde o embrechou nos esconderijos da Sé. Ninguem o verá, e elle verá tudo, e se deixará vêr quando for tempo. Socega: isto vae de vencida, e nós havemos de ser...

— O quê, Ruy?

— Que sei eu, Garcia? Mais alguma coisa havemos de ser. Depois de tantos trabalhos...

— Não sei, não sei. A gente mette-se n'ellas, e o lucro...

E' para os que vêm depois .. Assim tem sido sempre, e creio que assim ha de sempre ser. Verêmos.

— Homem, mas isso não tira que a gente que tem razão.

— E justiça.

— Pois então adeante! E Deus será comnosco.

CAPITULO XXXV

Está aberta a sessão

Era passante já da meia noite quando das altas torres da Sé começou a reboar lenta, grave e compassada a tremenda voz de seu grande sino, que só em mui raras occasiões se tange e sempre annuncia grande festa, grande pranto, ou muito extraordinario acontecimento público.

Quanto na terra havia que não tivesse entrado no alvorôto, acudiu agora ao chamamento do bronze sagrado que parecia dizer a toda a cidade: 'Vinde, vinde todos, e grandes coisas vereis.'

Com effeito, dentro em pouco tempo revoltosos e pacificos, armados e desarmados, toda a população do Porto se concentrava no largo da Sé, nas ruas, viellas e passagens circumvizinhas. A noite era bella mas sem lua, e as altas janellas, as estreitas frestas da cathedral começavam a mostrar as variegadas côres de seus vidros com as luzes que dentro se accendiam e que ia debuxando, aqui um santo mitrado com o seu báculo na mão, lá a cabeça de um seraphim entre duas azas, além uma passagem da Biblia, acolá uma legenda do Flos-Sanctorum. Não tardou a voz do orgam a juntar-se a estes annuncios de grande e não esperada solemnidade, preludiando nas cordas coraes, e correndo por todas as escalas com seus magnificos e impressivos effeitos.

Logo, abrindo-se as portas de par em par, uma torrente de luz rompeu dos sagrados precinctos e inundou todo o largo apinhado de gente. E a multidão rompeu pela egreja

dentro, derramando-se pela immensa capacidade de suas vastas naves, atulhando-a, sem deixar senão a capella-mór e o côro, porque lh'o defendiam os altos cancellos que do corpo da egreja os separavam.

Magnifico era o espectaculo; e elle só per si, prescindindo do interesse da grande questão popular que ia debater-se, bastaria para attrahir as turbas. Os conegos com suas murças occupavam as cadeiras capitulares; o bispo, trocada a armadura profana pela purpura sagrada, a mitra em vez de murrião e no logar da espada o báculo de oiro, parecia um antigo e homerico 'pastor de povos' que deixou no campo os seus atavios de guerra, e reveste no templo as *infulas* sacramentaes para ministrar no altar do seu deus.

Mas o seu deus é o Deus da paz e da misericordia, que as proprias mãos innocentes as manda lavar primeiro, antes que circumdem seu altar os que a elle chegam. Como receberá elle das mãos ensanguentadas d'esse máo pontifice o holocausto incruento que só é permittido offerecer-lhe com o coração mondado de toda a soberba, contricto, humilhado e nu de todo o máo pensamento?

Ahi estava elle porêm, esse bispo em toda a pompa do principado e da purpura, sentado em seu throno, rodeado de seus clerigos e de seus officiaes, de seus ministros ecclesiasticos e civis – á direita o arcediágo de seu báculo, á esquerda o alcaide-mór de seu castello – porque elle era senhor e apostolo, carniceiro e pastor do mesmo rebanho: anomália repugnante das edades barbaras que tanto esplendor deu á Egreja, tanta luz tirou á Fé!

Sôbre o altar-mór, que decorava um painel byzantino representando a Virgem padroeira da nossa cidade, estava aberto um grande livro doirado, resplendente de illuminuras, e com suas lettras gothicas enredadas de brilhantes arabescos. Eram os Evangelhos. E o livro estava encostado a uma almofada de brocado de oiro.

No baixo do côro, junto aos cancellos, sentados em tamboretes razos, os juizes e vereadores da cidade, os desembargadores da mitra, o arcediago de Oliveira como vigario que era; e distincto entre todos o nosso Vasco, sem largar o pendão da cidade que nobremente e com dignidade conservava na mão. A esquerda uma banca, sôbre ella os implementos d'escrever, e junto d'ella com a penna na mão e o ouvido álerta, o escrivão da cidade, o que hoje diriamos escrivão da camara.

Todos calavam, todos aguardavam em solemne silencio a abertura d'aquella grave e pomposa conferencia em que se ia decidir-se a segunda cidade do reino, a mais livre e independente pelo caracter e propensões de seus habitantes, tinha de continuar a ser feudo do seu bispo e do seu cabido, ou havia de recobrar os fóros de cidade livre e real que a doação de D. Thereza lhe tinha feito perder, e que a dureza do dominio ecclesiastico lhe fazia desejar cada vez mais.

O povo, a quem a magestade das ceremonias catholicas impunha respeito e commedimento, ao vêr o seu bispo alli rodeado dos prestigios do culto, sentia acalmar-se-lhe a colera e despeito com que indagora investira o castello de seu senhor. Pero-Cão não estava presente; Vasco, o chefe por elles escolhido, Paio-Guterres o ecclesiastico d'elles respeitado e querido, ambos alli eram, sentados n'aquelle conclave em que se ia tratar de seus negocios. Socegavam e esperavam: meio caminho andado para desencruar as mais duras paixões.

O aspecto mesmo do prelado não tinha já aquelle ár de sobranceria provocante, não respirava aquelle habitual desdem e desapegado desprêzo que mais desafiava a malquerença pública. Suas barbas pareciam mais alvas e venerandas, seu rosto mais profundado das rugas, seus olhos com menos lume e mais embrandecidos, todo o ademan de sua pessoa menos erecto e soberbo, mais descahido, mais sympathico emfim, e mais para se vêr n'um homem collocado no fastigio das honras ecclesiasticas.

O bispo tinha a cabeça um tanto inclinada sobre o peito, mas os olhos fixos n'um ponto unico d'onde os não arredava: era no commissario popular, no elegante e joven tribuno, que solemnemente sentado com o seu pendão na esquerda, e a direita gravemente collocada no peito, semelhava a estatua do santo campeão de Inglaterra que Portugal depois adoptou por seu, quando o odio a Castella fez exonerar a Dom Santiago do antigo cargo de padroeiro d'este reino, que elle sempre reunira ao de Castella e depois ao padroado geral das Hespanhas, e de que nunca pensou vêr-se esbulhado o bom do santo.

Não tirava os olhos d'elle, e parecia não os ter, olhos nem attenção para mais nada, o bispo, senão para aquelle mancebo.

Durou o silencio, durou a espectação bastante tempo; e começava a sentir-se uma ondulação de impaciencia correr pelo auditorio, quando Paio-Gutterres, attento ao que passava, e temeroso de que alguma imprudencia não viesse quebrar aquellas esperanças tam bem agoiradas de paz, levantou-se, chegou ao meio do côro, ajoelhou e curvou-se profundamente ao retabulo da Virgem, depois tornou-se a erguer, e inclinando-se ao prelado, fazendo venia a um lado e outro

dos capitulares, volveu-se direito ao throno episcopal e disse:

— Com permissão vossa, meu senhor e meu prelado, proporei deante d'esta respeitavel assembléa a grave questão que aqui nos reune, e cujas difficuldades ninguem mais que eu deseja vêr resolvidas; pois, dando, como dou, justo valor aos aggravos de que o povo se queixa, quizera vêl-os reparar sem quebra na dignidade da Santa Egreja, sem mais perdição de vidas, de honras, de fazendas, e ainda... se possivel fôsse... sem recorrer á suprema auctoridade da Corôa a quem todos devemos respeito e vassallagem: mas... nem para com a Egreja nem para com o povo, não costuma — seja-me licito dizel-o, porque sou franco e leal — não costuma exercer-se jámais a sua tutela sem que o tenham de pagar caro os tutelados.

Houve um quasi murmurio de meia approvação para um lado da assembléa, e um meio rumor de improbação para o outro. Paio-Guterres proseguiu, levantando mais a voz e parecendo accentuál-a com certo propósito:

— Digo-o sim, porque sou leal, e como se estivera na presença d'el-rei o digo. Que attente bem o povo n'isto, e se não deixe embahir de esperanças demasiado lisongeiras e quasi sempre vans — não sempre por falta de fé e de vontade de as realisar quem as deu, quem as prometteu; mas porque muitas vezes na pratica dos melhores alvitres surgem difficuldades e opposições insuperaveis.

— Que diacho nos préga lá o arcediago? disse um do auditorio para o seu visinho.

— Elle ou é trova, ou latim muito enrevezado, que eu não n'o entendo.

— Oh! e vós, proseguiu o orador, que tendes na mão o cajado para nos pastorear e reger, oh não appelleis tanto para a espada. Reflecti quanto importa á saude de vossa alma, e á prosperidade mesma de vossa vida e estado temporal, o attender ás súpplicas e reclamações de um povo que, se n'este momento levanta a voz desesperada, annos e annos soffreu com paciencia os vexames de máos governadores, de ministros crueis e sem piedade, que vos mentem de continuo, calumniando o povo, e para com o povo vos calumniam a vós, pondo em vosso nome e á vossa conta as tyrannias de que elles são auctores — e muitas das quaes, confio em Deus que até de vós são ignoradas.

— Hypocrita, disse o bispo estremecendo de colera e voltando para o alcaide-mór que tinha á esquerda: A mim me detesta, e a mim me quer perder o malvado, apparentando querer salvar-me. Tu m'o pagarás, máo clerigo... a seu tempo que não tarda.

E o pobre innocente doutrinario, especie de *ordeiro fossil* que sonhava metter razão e justiça entre duas facções apaixonadas e violentas, o pobre homem, com as mãos erguidas para o bispo, continuava:

— Senhor, senhor, esta hora é suprema e não tereis talvez outra em vossa vida: lembrae-vos que sois grande e poderoso, senhor para castigar, pobre e humilde pastor para perdoar. Oh! que por um só não padeçam todos!...

— Palavras de Barrabás! disse o bispo ao ouvido do alcaide: Não posso mais com elle. Dae o signal.

O alcaide mór, que não cessára um momento de percorrer o templo com os olhos, e que provavelmente viu tudo disposto segundo lhe convinha, levântou sôbre a cabeça e volteou no ár a espada que tinha na mão como condestavel.

Immediatamente, muitos homens d'armas, bésteiros, halebardeiros e outros dependentes do bispo que, ao entrar do povo pela porta principal, tinham ido, pelas do claustro, collocar-se em varios pontos assignalados da egreja e ahi pareciam confundir-se com os populares, immediatamente, digo, se deitaram á uma sobre elles desprevenidos; e desarmando-os de suas más armas, feriram uns, seguraram outros e se assenhorearam de todos. Quatro robustos halebardeiros se apossaram, sem lhe fazer mal, do joven chefe da rebellião. Todas as portas se fecharam derepente; surgiu gente armada e bem adestrada de todas as capellas lateraes, dos cryptos: e até parecia que das sepulturas se levantavam os mortos.

O povo espantado, aterrado succumbiu, e nem ousava resistir. Tudo isto foi n'um abrir e fechar de olhos.

A revolta estava ferida mortalmente no coração e na cabeça: tudo o que n'ella havia de mais decidido e efficaz era dentro do templo; fóra havia uma cauda immensa, mas inerte e incapaz de vida per si só

— A mim esse mancebo! clamou o bispo erguendo-se em pé no throno: Trazei-m'o aqui. Não toqueis n'um cabello de sua cabeça; mas atae-o se for preciso, que está louco: endoudeceram-n'o os desvarios d'essa gente. Bem! Assim. Trazei-m'o cá.

D'esta sorte clamava o bispo, sem attender a mais nada, porque mais nada via em toda aquella multidão, nada mais o interessava já no meio d'aquelles agitados conflictos de tantos interesses, senão o seu estudante Vasco, o mancebo que elle criára no seu seio, e que esses malvados lhe queriam converter em serpente que lh'o devorasse.

———

CAPITULO XXXVI

Intervenção

A gente assoldadada do bispo, como toda a gente de egual profissão, tinha os instinctos ferinos do dogue. Açulae-os, elles investem; depois mordem e dilaceram — sem outro motivo nem causa, senão que para morder e dilacerar lhes apurou a educação o que no homem ha de máo e brutal, como em todos ha.

Os do bispo começaram por segurar a sua prêsa... Vinha-lhes já crescendo a vontade de a espedaçar —e o pavimento do templo ia ser lavado no sangue das victimas, se no meio da geral confusão, um pobre homem d'entre os populares envolto n'uma ruím capa, e de tam mesquinha e fraca figura que nem os soldados fizeram caso d'elle, repentinamente não causasse a mais inesperada diversão que alli podia sobrevir.

Estava o homem muito encolhido, e quasi agachado junto aos cancellos e em frente do porta-maça do cabido que os guardava... Senão quando, alevantando-se alto e sobranceiro, arrojou de si com desusada fôrça os halebardeiros que pretenderam contêl-o, e pronunciando não sei que palavras, que deviam de ser magicas pelo effeito que fizeram, todos em deredor se lhe prostraram aos pés, os cancellos abriram-se de par em par, o homem da ruím capa entrou para dentro dos precinctos capitulares, e levantando do chão a bandeira da cidade, que Vasco tinha sido obrigado a largar na lucta:

— Sou eu que o levanto agora, este pendão, bradou elle com grande voz: eu que defendo a cidade da Virgem e a tomo na minha protecção.

Tudo calou, tudo tremeu, tudo cahiu de joelhos em terra.

O homem era el-rei dom Pedro—el-rei dom Pedro, o crú, o justiceiro.

Os episcopaes arrojaram as armas ao chão, os populares deram grandes vivas: Vasco, solto das mãos de seus guardas, foi ajoelhar deante d'elle e beijar-lhe a mão. Só o bispo ficou immovel. Aterrado, não subjugado, pela inesperada presença do soberano, affirmou mais a mão no baculo, segurou mais a esquerda no pomo da cadeira pontificia, e tomando a attitude serena de um homem que se não julga obrigado a dar contas nem explicações de seu procedimento a ninguem—sentado estava, sentado ficou, observando impassivel as extraordinarias mutações d'aquella scena.

Dom Pedro, olhando a um lado e outro, e recebendo com visivel enfado as homenagens de clerigos e seculares que lhe ajoelhavam, subiu, acompanhado sómente de Vasco, os degráos da capella-mór. Tomou para a direita, e sentando-se, em frente do bispo, n'um tamborete raso que alli achou, ficou algum tempo meditando em silencio. Vasco estava aopé d'elle e o contemplava com submisso enthusiasmo.

El-rei levantou alto a voz, que distinctamente se ouviu por toda a egreja, tam profundo era o silencio que reinava:

— Tomae a bandeira da vossa cidade, Vasco: dignamente a hasteastes, e como homem de prol que sois.

— Senhor, eu...

— Tomae, sou eu que vol-a entrego.

E pôz-lhe o pendão nas mãos. Vasco ia a falar; Dom Pedro o interrompeu:

— Não me digaes nada. Eu sei tudo, porque tudo vi: não preciso informações de ninguem. O prémio e o castigo hão de cahir direitos de minha mão sobre quem os mereceu.

Depois, tornando a meditar um pouco, e pela primeira vez, deitando ao bispo seus olhos de açor:

— Senhor bispo, eu estou aqui — e ainda não tenho em minhas mãos as chaves do vosso castello...

— Chaves e castello, feudo e senhorio não são meus, senão da Virgem. Alcaide, ponde no altar de Nossa-Senhora as chaves que são suas. D'alli as tome el-rei, se quizer, não de minhas nem de vossas mãos.

O alcaide foi ao meio do altar, ajoelhou, e collocou sôbre elle as chaves da cidade.

Suspensos ficaram todos a vêr o que fazia el-rei. Tirar a investidura de um feudo a qualquer máo vassallo, ecclesiastico ou secular, não era nada para el-rei Dom Pedro. Mas tomar do altar da Virgem as chaves da sua cidade, era audacia que nem d'elle se esperava. Nunca tal fizera um rei de Portugal: se o faria este?

O alcaide, virando-se para o povo, pronunciou em ár de formula:

— A façanha é feita, de meu preito me absolvo; as chaves do castello estão em podêr da Virgem, senhora sua e nossa.

— E a Virgem as guardará, que bem póde, disse el-rei levantando-se e cravando os olhos ardentes no bispo: Não vós, que de tudo sois indigno; d'esses habitos que vestis, do báculo que empunhaes, da mitra que tendes na cabeça. Deponde-me tudo isso tambem sôbre aquelle altar. A Virgem, que guarda as chaves da sua cidade, guardará essas insignias para quem seja digno de as trazer. Mandae tocar a Sé vaga, senhores do cabido. E emquanto não provemos de outro que mereça occupar aquella cadeira, despi-me já esse cadaver de bispo que ahi está corrompendo o

ár d'esta egreja com a podridão que exhala. Vamos! Sou eu que mando.

Os conegos aterrados e cabisbaixos olhavam uns para os outros, olhavam para o bispo, olhavam para el-rei, e não ousavam nem obedecer, nem desobedecer. Desauthorar o seu prelado, elles simples presbyteros! E sem mais formalidades que a ordem do soberano! .. Mas o soberano chamava-se Pedro Cru, e não havia decretaes que valéssem contra seus decretos sempre instantaneos e preremptorios.

— Eu disse, tornou el-rei para os conegos; fui eu que disse. Não ouvistes?

Os capitulares desceram lentos de suas cadeiras, enfiaram para o altar-mór, e foram, com passo tardio e reluctante, mas chegaram emfim ao pé do bispo. Elle, como se quizesse fazer boa a palavra d'el-rei, fechou os olhos, não pronunciou uma palavra, e sem offerecer a menor resistencia, se deixou despojar, uma por uma, de todas as insignias pontificias. Tiraram-lhe a mitra, o báculo, a cruz, despiram-lhe as vestes do sacerdocio; e só lhe sentiram um estremecimento nervoso na mão quando lhe sacaram do dedo o annel, symbolo da investidura e do podêr.

Dom Pedro observava miudamente o ritual com que o iam fazendo, e respondia aos versetos e antiphonas com que os padres acompanhavam a tremenda cerimonia da desauthoração episcopal.

— Agora, disse el-rei quando tudo foi concluido: agora bispo, senhor e cavalleiro, tudo se foi. O que ahi está é um villão como os outros. Que o levem dois d'esses homens para onde elle encarcerava a gente de bem, e punha a ferros as mulheres dos seus burguezes que lhes não cediam ás torpes requestas.

Vieram dois homens para o levar . . Vasco partiu-se-lhe o coração; as lagrimas que ha muito lhe estavam reprêzas nos olhos, rebentaram sem mais podêr: affogado em soluços, veis-lo que se prostra aos pés do rei, clamando:

— Senhor, senhor, piedade, misericordia! Tende compaixão de mim, senhor, que fui o instrumento da ruina de meu bemfeitor, d'esse homem que me creou, que eu não posso detestar, que, máo grado meu, apezar de quanto me pêse, sinto que sou forçado a amar. As suas culpas são grandes .. seja maior a vossa piedade, que sois rei e sois pae. Oh? meu Deus, quem me diria!... Nunca pensei que chegasse a isto. Oh! nunca. Eu tambem tenho espantosos aggravos d'elle: dizem... Não sei. Mas isto!... Vêl o assim eu... com aquellas cans deshonradas, aquelles olhos baixos de vergonha .. Senhor, senhor, piedade! Assim Deus a tenha de vossa alma.

El rei pasmado, interdicto de vêr a ancia e affôgo do mancebo que lhe abraçava os pés, que lh'os beijava, que parecia louco, perdido de afflicção e de angustia, el-rei não sabia que pensar d'esta violenta explosão de um affecto que tam inesperadamente o surprehendia.

Mas o exauthorado pontifice, que a tudo o mais ficou insensivel, agora via, agora ouvia... e oh! esse comprehendeu bem as lagrimas, as súpplicas do afflicto Vasco. Nem a crua severidade d'el-rei, nem a triumphadora insolencia da plebe, nem o vêr-se renegado e cuspido de amigos e inimigos, nada d'isso lhe dera o golpe de morte que o prostrára e reduzira ao insensivel cadaver que alli estava que tudo soffrêra e nada sentira. De outro lado viera o golpe, e mais certeiro lhe fôra ao coração. Vasco, Vasco! o seu Vasco á frente d'elles! Esse que unicamente amára! esse, instrumento de sua ignominia, esse feito homem d'el-rei e conspirando com el-rei para a sua perda! Merecia-o, Deus era justo: mas essa tremenda, essa horrivel e sobrenatural justiça o abysmava. Morto d'alma, seu coração se endureceu para tudo, e a adversidade o encontrou forte na indifferença. Agora porém, oh! agora com esta prova de affecto, com estas lagrimas do seu Vasco a cahirem-lhe no peito, com aquelles soluços a revolver-lhe as entranhas, ai! todo o endurecimento d'alma se confundiu. Gemeu profundamente do peito; ao impeto dos suspiros que rebentavam, descerraram-se-lhe os dentes cravados; e dos olhos saltavam, como granizo de trovoada, grossas gottas espessas, meio coalhadas ainda no gêlo de morte que todo o tomára por dentro. O sangue acordou á voz do sangue, e a sua vida despertou em Deus. Os joelhos dobraram-lhe, cahiu debruços deante d'aquelle altar a que d'antes subia — não na humildade, mas na soberba de seu coração empedernido — e ferindo no peito com ambas as mãos, exclamou:

— Pêza-me, meu Deus, pêza-me do que tanto vos tenho offendido! E acceitae, oh Senhor, as lagrimas e a afflicção d'aquelle innocente em remissão de meus grandes peccados.

Depois virando se para o pobre estudante que chorava ainda:

— Vasco, meu filho, meu querido Vasco, socega: o meu castigo é merecido. Deus é justo, e el-rei o é por Elle. Mas, oh meu filho! Deus te pagará esta última consolação que recebo de tua piedade, esta derradeira lição em meu infortunio. Oh! se d'estas mãos malditas podessem sahir bençãos... se o chrysma santo que as ungiu se não tivesse convertido aqui em peçonha corrupta, oh como te abençoaria eu!

Alçou as mãos ao céo, estendeu-as depois ao joven; mas não ousou bemdizel-o, porque o remorso lhe bradava dentro d'alma: Amaldiçoado és tú, e amaldiçoados quantos tu benzeres!

Tornou a cahir debruços, e a regar de suas lagrimas silenciosas e envergonhadas o pavimento sagrado do templo.

CAPITULO XXXVII

As tres mulheres

El-rei estava attonito, confuso: olhava para uns, olhava para outros, como pedindo a todos a explicação de tam indecifraveis enigmas. E o seu coração duro — crú, como era — já parecia dar assômos de querer mover-se com o espectaculo d'esta dor, d'este arrependimento. E Vasco não o deixava, não cessava de bradar: Piedade, misericordia, senhor!

Talvez ia amercear-se, talvez ia perdoar Dom Pedro. Dom Pedro perdoar! Pois ia; ia decerto. Nem sempre fôra cru o amante de Ignez. Se a podêr de injustiças o tinham feito justiceiro e duro, se á força de crueldades tinham obliterado n'aquelle coração o caminho da piedade; não fôra tanto que lh'o não achasse ainda a penetrante impressão de tamanho padecer.

Todo aquelle immenso concurso, indagora tam clamoroso e agitado, estáva suspenso pela anciedade palpitante do momento. Inimigos e amigos - e amigos... oh! quam poucos, se alguns eram—todos contemplavam sem odio já, compassivos já quasi, a supplicante figura do proscripto pontifice rojando-se quasi nú e só bem cuberto de sua infamia, deante do altar em que ha pouco era supremo sacerdote — alli agora miseravel e torpe, revolvendo-se na immundicie dos opprobrios . Oh, que espectaculo! Ninguem já podia com elle. El-rei não pôde, quebrou-lhe o ânimo. Tomou a mão do mancebo, fel-o erguer de seus pés, e:

— Vasco! disse, Vasco!... eu quizera...

N'este momento se abriram de par em par os altos cancellos de uma capella obscura e lateral; tres bellas figuras de mulher assomaram aos olhos da multidão admirada, e converteram para novo interesse a absorta attenção da assembléa.

Eram tres, e todas tres bellas essas figuras; porêm tão diversas uma da outra, que bem se caracterisavam n'ellas os tres distinctos typos das raças portuguezas que então eram. — Eram tres então; sangue de cafre nem de malaio ou de tapuia não tinha ainda adulterado o nosso sangue, nem desenvolvido no sexo, bello por excellencia, esse variado luxo de fealdade desgraciosa que, nas cidades maritimas especialmente, é de uma opulencia desperdiçada.

Era, digo, cada uma d'aquellas mulheres era um typo. Romano-celta a mais baixa, a mais viva. Sua physionomia fortemente *accusada* salta de energia; em seus olhos negros surri a luz da alegria ou resplandece o fogo do enthusiasmo; suas fórmas ageis, flexiveis, rapidas de movimentos são o sonho do homem de espirito; é a Venus mystica, é a Psychis do amor ideal que se reflecte da alma nos sentidos, que os sublima, que os põe em extase e lhes dá na terra o gosar dos céos.

Mais suave e mais doce a outra, mais alta e menos direita, mais debil, mais feminina toda, denuncia o puro sangue da raça germanica que ou se não misturára com outros, ou por singular capricho da natureza se extremou ao formar d'esse ente no seio materno.

Mas puro, purissimo sangue da Arabia é a terceira, que, atravéz de um véo que lhe cobre o rosto, respira o queimor ardente do dezerto, e nas sós fórmas de seu corpo, no seu geito, no seu ár, revela todo o Oriente e faz perguntar: Será ésta Deborah, será Judith, será a mãe dos Machabeus?

Não houve porêm tempo de as comparar, as tres mulheres: o grupo que formavam ao abrir dos cancellos, desfez-se immediatamente, porque a do véo que estava entre as outras duas, e que ellas buscavam retêr em vão, facilmente se soltou de seus braços debeis, rompeu pelo corpo da egreja, abriu caminho por entre as turbas admiradas, e chegando onde estava el-rei:

— Senhor, senhor, clamou: esse joven innocente não sabe o que vos pede; e esse velho criminoso, nem vós sabeis tudo o que elle merece. A morte lenta, a infamia perpétua, todos os tormentos d'alma e corpo são poucos. Que me veja elle, o perverso, que me reconheça... e principie aqui o seu castigo.

Dizendo isto, levantou o véo, e patenteando as feições inda bellas, mas fortemente accentuadas de sua raça claramente hebrêa, voltou-se para o prostrado sacerdote e cravou n'elle os olhos que faiscavam... dois olhos como dois punhaes ardentes.

O miseravel levantou as mãos para ella e clamou:

— Esther, Esther!... Oh! venha, venha a morte agora, que os meus peccados já não pódem ter perdão na terra.

— Quem és tu, mulher? disse el-rei surprehendido: quem és, e o que és tu?

ARCO DE SANT'ANNA, PAG. 95. Agora, disse El-rei, tudo se foi...

— Judia sou, respondeu ella: sou uma judia, eu!... E esse mancebo é meu filho. Meu filho, e filho d'esse homem que me violentou. Manda accender a fogueira, rei dos Christãos, porque elle e eu, nós ambos, por tuas leis devemos ser queimados.

— Que novos espantos são estes! E como te heide eu crêr, mulher?

— Que responda o malvado. Que o negue elle, se póde.

Supplicante deante d'ella, os olhos ora na mãe ora no filho, para si não, mas para elle só parecia pedir misericordia o desgraçado. E a judia cega, embriagada com os primeiros deliciosos tragos d'aquella vingança ha tantos annos cubiçada, que tantos annos tardou, a judia não tinha olhos nem alma para mais nada.

Dom Pedro, o proprio Dom Pedro Cru, se aterrou d'aquelle espectaculo, e volvendo-se ao mancebo:

— Que dizes tu, Vasco!... Esta mulher...

— E' minha mãe, senhor.

— Tua mãe... Pobre Vasco!... E este máo homem?...

— Oh! esse... ha muito me suspeitava o coração... Piedade, senhor! tende piedade de mim e d'elle. Foi só esta manhan, á volta de Grijó, que ella me disse... Mas não me disse tudo. Oh! não, crêde-me: aliás nunca fôra eu que levantára minha mão para... Não, senhor, não disse: antes pelo contrario me negou. E ou mente agora, ou...

— Menti então. Porque a tua existencia é filha do negro crime d'esse homem; tua vida foi a minha deshonra e o meu opprobrio; e era forçoso que fosses tu, não outro, o instrumento do meu desaggravo, e do castigo infamante d'esse monstro, que é... oh! é teu pae. Se te eu dissera a verdade toda, não eras tu filho, meu filho... tu bom, tu generoso, tu innocente, que jámais commetterias o que a teus olhos havia de parecer...

— Um crime atroz. Jámais! E Deus te perdôe, mulher... o parricidio que fizeste commetter a teu filho... se tal sou eu, se...

— Meu filho, meu filho, lembra-te que é a redempção de tua mãe!

Vasco abaixou os olhos e chorou amargamente.

El-rei chegou-se ao pé do prostrado bispo e lhe perguntou baixo:

— A verdade de tudo isto?

— É esta; e eu mereço mil mortes.

— Viverás.

— Senhor!...

— Será o teu castigo. Viverás.

Depois levantando-se alto e digno, como juiz que vae sentenciar um grande pleito:

— Mulher, como te chamas?

— Esther.

— Teu pae?

— Abraham Zacuto.

— Abraham Zacuto. Vae em paz mulher. O teu crime foi involuntario, e o nome de teu pae é uma acclamação de virtude. Vae-te em paz. Ah! mas agora te reconheço eu: tu eras aquella bruxa de Gaia, que...

— Que elle mandou queimar: respondeu Esther apontando para o bispo.

— Sabendo quem eras?

— Porque o sabia, e para que o não soubessem outros.

— Santo Deus, que homem!... E quem te livrou?

— Paio-Guterres.

— Ah!... Vae-te em paz, mulher. Christã ou israelita, Esther ou Guiomar, vae-te em paz. Teus aggravos são muitos, as tuas injúrias atrozes: eu te vingarei. Mas vae-te d'aqui tu, e leva comtigo esse mancebo. Que te sirvas em bem das immensas riquezas de tua familia...

— Eu não tenho nada, e nada quero porque nada sou. Na miseria a que me condemnei, heide morrer. Tudo é de meu filho.

— Bem fizeste... Oh! e... é verdade, que me esquecia. Antes de castigar, premiar. Eu sou o Justiceiro; e justiça que não sabe senão punir, é só meia justiça. Martim-Rodrigues!

— Senhor!

— Onde está vossa filha?

— Acolá está, senhor, á entrada d'esta capella, com sua amiga Anninhas.

— A Anninhas do Arco?

— A do Arco, meu senhor.

— Que venham ambas.

O honesto magistrado, com as duas lindas raparigas uma de cada mão, atravessou a egreja no meio do susurro da acclamação e admiração geral. Era o dia e a noite, era o sol e a lua, era a rosa e o jasmim, eram quantos nomes ha que dizem formosura, e que emparelhados faziam melhor antithese; tudo lhes chamava o povo, cobrindo-as de bençãos, porque dava gôsto e alegria vêl-as tam gentís ambas, tam diversas e tam amigas.

El-rei fez como o povo; e fez melhor, porque as beijou a ambas. Boa coisa é ser rei... Mas a chronica diz que os beijos não podiam ser mais paternaes; e fiquemos n'isso.

— Anninhas, disse Dom Pedro, tomando-a pela mão e apresentando-a ao povo: não córes, bella Anninhas, mostra-te sem pejo, mulher honesta e virtuosa. Que te admirem e conheçam todos! E que o teu nome fique de perpétua memoria n'esta terra, venerado e respeitado para sempre como o bemdito Arco da tua Santa.

O povo deu muitos vivas.

— E agora, continuou el-rei, a outra minha bella enthusiasta. Tu a dos olhos negros, que me fazes guerreiros os estudantes, e amotinaste toda uma cidade por...

— Por pouco seria? disse Gertrudes, sorrindo.

— Não, cachópa; d'esta vez!... Mas agora basta. Sim!.. Ella aqui está, senhor capitão; Vasco, toma a tua Gertrudes e descança. Mestre Martim dá todas as bençãos e approvações necessarias. Não daes, homem?

— Meu senhor vós mandaes; mas...

— Mas, o que? Rachada tendes a caldeira do miollo. Pois não sabes, homem, que todos os arames e latões da tua logea, ainda não pezam ametade do oiro que tem o rapaz?

— Senhor, vós mandaes e eu obedeço. Mas diz meu compadre Gil-Eanes que a affronta de lhe não deixarem acabar o seu discurso que foi tal... e como elle é padrinho de Gertrudes...

— Gil-Eanes é um asno. E o padrinho de Gertrudes agora sou eu, que o heide ser do seu casamento, e dançar na voda. Estás satisfeito?

— Senhor!

— Adeante! e estas mulheres d'aqui para fóra. Vós tambem, sim, vós, dona Guiomar ou dona bruxa, dona pêrra judia, ou o que quer que sois. Tudo fóra d'aqui. Ide com ellas, Martim-Rodrigues: e tu, Vasco, tambem.

— Matae-me, Senhor, mas não vou.

El-rei olhou para o mancebo, tôrvo do cenho, e espantado de palavras que não era usado a ouvir. Mas calou-se; e fazendo signal a mestre Martim, o bom do juiz sahiu levando comsigo as tres mulheres.

CAPITULO XXXVIII

Conclusão

Sahiram as tres mulheres; a judia com tardo pé e descontente, porque lhe ficavam os olhos na sua vingança. Mas as paixões más são covardes: Esther cedeu ao temor d'el-rei. O filho dominavam-n'o bem differentes sentimentos; d'aquelles com que não póde o medo: Vasco ficou. O inexoravel juiz tornou a pôr n'elle os olhos, já tanto mais brandos, porém... que de outro que não fôra Dom Pedro, se podiam dizer compassivos. Quasi... quasi que a propria voz lhe fraquejava da natural severidade, quando, voltando-se para o prostrado criminoso, lhe disse:

— A ti por fim, homem perdido! Máo bispo e máo homem... A ti, para quem é pouca ainda toda a crueza da justiça humana. Ás mãos do algoz devia entregar-te, para que te atasse vivo aos póstes da fogueira e te queimasse n'essas carnes a lascivia endemoninhada que te devora, o orgulho de Satanaz que em teu damnado sangue se ateou. Mas... por teu filho viverás. Por elle te perdôo: por elle viverás. Para expiação de teus crimes e para a penitencia dos teus enormes peccados, te deixo esse resto de vida. Que a aproveites no cilicio e nas lagrimas, na vergonha e no remorso, penitente deante d'esse altar que profanaste, que...

O bispo soluçava e gemia como se lhe estivessem dando os mais excruciantes tratos de tortura. Seus gemidos enchiam a vasta egreja; e o silencio e a compuncção reinavam no immenso auditorio. Vasco foi de bruços ao chão, e, prostrado com a face nas lages do pavimento, bebia até ás fezes os longos tragos d'aquelle calyx de amargura: tomára elle, victima innocente e piedosa, podêr expiar alli, remir até ao derradeiro, os peccados d'esse criminoso... que o era, oh! sim era— mas tambem era seu pae!

— A morte e a fogueira te perdôo, disse el-rei; a ignominia não posso, nem devo.

Tirou do cinto o fatal azorrague, de que sempre andava munido, e tres vezes lhe tocou nas costas com o vil instrumento do castigo. Depois, dando-lhe do pé:

— Com este signal de reprovação te despeço de meus olhos para sempre. E que ninguem mais te vêja em terras de Portugal: ou, por alma de Dona Ignez, que nem papa nem imperador te saccarão vivo de minhas mãos.

O infeliz, precipitado como Nabuchodonosor, do alto da sua soberba, como elle, ficou submergido e se embrutêceu no opprobrio; como elle se sentiu vil alimaria da terra, e não teve mais face que levantar para o céo. Assim se arrastou por detraz d'aquelle altar de donde o fulminava a justiça de Deus, sem ousar, nem ao menos, volver os olhos áquelle filho, que era o seu unico amor n'este mundo, a derradeira luz que lhe ficára n'esse abysmo de trevas em que está sepultado.

Mas o filho é que não quiz obedecer a ninguem, a nada mais que ao seu coração. Seguiu-o, amparou-o, foi com elle e cobrindo-o com a sua capa, atravessou os desertos claustros, e pelos secretos passadiços do castello, o levou até á margem do rio, a uma náo flamenga que ahi estava prestes a seguir viagem para Bruges. Ahi se ficou com elle toda aquella noite, consolando-o, animando o, fallando-lhe de Deus e das suas misericordias.

Os anjos... os anjos sorriam; e a cada oração do mancebo se iam attenuando e des-

contando, um a um, no livro da vida, que deante do Eterno está aberto, os crimes enormes do velho peccador.

No emtanto el-rei fez repicar os sinos da Sé como em grande festividade: Os conegos cantaram o Te-Deum: e o povo sahiu contente da egreja, dando vivas e vivas a el-rei. Tudo socegou, a bernarda acabou-se, e, por alguns annos ao menos, a nossa terra viveu em paz, porque os seus fóros foram guardados, e ninguem teve mais razão nem pretexto para se amotinar.

D'onde veiu dizer-se que a grande receita para acabar com as revoluções era fazer justiça direita a todos, grandes e pequenos, como fazia el-rei Dom Pedro. Deus lhe fale n'alma!

O bispo foi para Flandres. Quizera seguil-o Vasco; mas não lh'o consentiu elle por nenhum modo. — A minha penitencia era nulla; seria premio, não castigo o meu desterro, dizia o arrependido velho; se me acompanhasses tu, meu filho. Deixa-me, deixa-me: é a vontade de Deus. E que te abençoe Elle, já que eu não posso.

Assim se despediram, e assim se foi só o desterrado: dizem que lá se fizera monge e acabára em santa vida.

O governo do bispado deram-n'o a Paio-Guterres, que de joelhos e com muitas lagrimas pediu ser excusado. Mas el-rei foi inexoravel; e bispo desde logo o quizera vêr feito e sagrado, se tanto podesse.

Esther abjurou o judaismo, e com elle seus implacaveis e vingativos odios. E foi Paio-Guterres, o homem que em sua juventude a amára com toda a pureza do mais requintado amor platonico, foi o pobre velho, não velho de annos, mas velho de penas e desgostos — foi elle quem a lavou agora de toda a mancha nas regeneradoras aguas do baptismo.

Ruy-Vaz e Garci-Vaz obtiveram bons empregos; um no sal; outro na portagem. Ralharam os amigos; mas não passou d'ahi!

E Pero-Cão?... Pero-Cão esquecido quasi, no meio de tantos e tam vívidos interêsses — foram-no achar pendurado de uma figueira alvar que nascêra ao canto de um revelim do castello, e que nunca dera outro fructo... senão este. Justiça se fez por suas mãos o Judas, imitando na morte, assim como na vida, o Iscariotes seu padroeiro.

Assim o observou a piedosa e douta Briolanja-Gomes, da qual só me resta dizer que continuou a falar como sempre e sem intermittencia. É fama que a historia de Anninhas e do bispo contada por ella, era de nunca acabar. A ponto que, passando assim em tradição lhe tomaram medo os chronistas, e por inevitavel reacção a escreveram tam succintamente que mal se entende, e nem os nomes das pessoas nos conservaram. Se não fôsse descubrir eu o precioso Manuscripto dos Grillos, nem o menor particular saberiamos d'ella.

Gil-Eanes custou-lhe a fazer as pazes com Vasco. Foi preciso interceder Gertrudinhas, intervir formalmente el-rei, e lavrar-se e assignar-se protocollo em que ficou estipulado que na primeira sessão da camara, toda a familia iria ouvir e applaudir com enthusiasmo um discurso monumental que elle andava preparando para encovar os seus detractores, e em que a obra superava por tal modo a materia, que ninguem era capaz de lhe adivinhar o assumpto.

Fr. João da Arrifana, apezar dos sustos e cuidados que teve, continuou a engordar; e veiu a morrer, pouco depois, de um fleimão ardente que lhe nasceu, salvo seja! entre os quadriz, e que abafado na massa enorme das substancias adiposas, lhe ateou um febrão que o levou.

El-rei quiz ser padrinho do casamento de Vasco e da bella Gertrudinhas. Celebrou-se a cerimonia na capella do Arco. Armou-se o palanque, vieram muitos pannos de oiro e de prata, de seda e de arraz, da guarda-roupa d'el-rei; com que se fez a mais brilhante festa que até então se vira, e de d'onde ficou na nossa terra o gentil costume de entrapar as egrejas de alto abaixo quando ha funcção de arromba.

A festa durou todo o dia e toda a noite, com muitas illuminações, muitas dansas e representações, barcas, loas e chacotas que enchiam toda a rua. Por ella andou el-rei, que era grande bailarino, bailando toda a noite á luz das tochas e ao som de suas favoritas chirimias de prata.

Anninhas, chegou-lhe o marido no dia seguinte: e foi preciso tudo isto para que não chegasse tarde... Conheceu o seu êrro, e promette não viajar mais. Que tome sentido! Nem sempre ha reis que nos acudam — e nem sempre são bispos velhos os que nos perseguem.

NOTAS

Nota A

Refeitorio dos Grillos .... pag. 5

No memoravel dia 9 de julho de 1832 em que o exercito Libertador entrou no Porto, foi destinado o convento dos Grillos, vulgarmente dito «o Collegio», para quartel do Corpo academico; e ahi permaneceu muito tempo. Ahi foi começado e muito adeantado este escripto. *Prim. ed.*

Nota B

José U... arco de Sant'Anna ...... pag 5

E' historico o figurão, historico o monumento, a festa, e a anecdota que aqui se refere. Não ha talvez no Porto homem ou mulher de trinta annos para cima que o não testimunhe de vista e ouvida. *Prim. ed.*

Nota C

Veneranda estatua do velho Porto pag. 12

Talvez não exista hoje esse precioso monumento que eu conheci muito bem na minha infancia, e admirei muitas vezes, sarapintado, como no texto se descreve, de óca e vermelhão. Demorava por uma d'aquellas ruas estreitas d'aopé da Sé, e estava rodeado de açougues, onde se vendia muita tripa assoprada e por assoprar. O que aquella tosca estatua era, não sei: o povo chamava-lhe o *Porto velho;* e eu tenho mais fé no livro da tradição popular que em todos os livros dos chronistas, archeologos, e seus commentadores quantos ha. *Prim. ed.*

Nota D

Almudeiro do bispo............ pag. 16

Era cargo notavel e indispensavel na organisação financeira que os bispos, senhores feudaes do Porto, tinham dado ao paiz de sua jurisdição espiritual e temporal. O nome designa sufficientemente a natureza do cargo e seu mister na percepção do imposto. Vej. *Flor.*, *España Sagr.* *Prim. ed.*

No interessante documento que ajunto agora, se vê mais claramente quam grave e importante devia de ser o officio de almudeiro:

Foral do Porto

Publica fórma de 1519—*Corpo Chronol.*

P. 2. Ms. 88, n.º 9

Ego Hildefonsus D. G. licet indignus portugallensis episcopus per hujus scripturae firmitatem tam presentibus quam futuris notum fieri volo quod hominibus in portugallensi burgo habitantibus vel qui habitare venerint, dono et consensu clericorum meorum et concilio proborum virorum tam et tam bonos foros quam habent in S. Facundo. Id est ut die cenae Domini reddat unusquisque et unaquaque domo unum solidum, et qui voluerit domum burgo facere dabit ei maiorinus ville locum et accipiet inde unum solidum. Et qui voluerit domum suam vendere vendat cuicumque burgensi voluerit cum consilio et licentia episcopi vel maiorini sui. Et si aliquis fuerit oppressus aliqua temporis (?) necessitate et voluerit exire de burgo cum pace episcopi et maiorini sui, habeat inde potestatem vendere domum suam vel dare. Et si episcopus comprare voluerit vel suus maiorinus, habeat prius pro precio quod homines ville laudarent. Maiorinus vero non pignoret aliquem burguensem in domum suam quandiu extra domum poterit invenire quod pignoret, nec ingrediatur ad pignorandam alicujus domum sine duobus aut tribus ville bonis hominibus et ipsi eant cum eo. Si aliter intraverit, quiquid ex domo extraxerit violenter, duplet et careat maiorinitate sua. Quicumque panem ad stam villam duxerit ad vendendum nullum portaticum inde (solvat) et mensura panis sit una per quam vendatur et comparetur per totam villam et de vino similiter, sed de vino accipiatur portaticum sicut forum est, et qui per aliam mensuram vendiderit vel compraverit quinque solidos solvat. Et de salle similiter per unam mensuram vendatur, sicut de vino compraretur. De omnibus calumnis decima pars reddatur nisi fuerit raussum vel homicidium. Et maiorinium (*talvez* maiorino) pectet, qui vendiderit cavallum unum solidum, de aequa sex denarios, de asino quatuor denarios, de bove duos denarios, et de porco unum denarium, de carnario unam menalia. Et siquis extraneus mataverit vacam aut porcum reddat inde lumbos. Si aliquis advena vendiderit duos bragales pro villa non det portaticum. De trovelo (?) unum solidum, de 1 raposa 1 den de 1 ducena 2 den de 1 corio 1 den. de 1 saya 1 den. de 1 capa 2 den. de 1 manto 2. den. de una corda de panno 2 den. de 1 capud de fustan 2 den. Quicumque extra murum vineam plantaverit per illa loca quae maiorinus dederit det inde 5ªᵐ de vino ad cellaria Sedis portugallensis, et de quanto laboraverit in vinea postquam plantata fuerit non det inde nisi decimam pro anima sua donec vinea det vinum. Et quandoque ruperit rutella per illos montes aut per valles det 6ªᵐ partem et habeat in perpetuum, et quicumque portaticum cellaverit incurrat inimicitia episcopi illud de evictione... duo den. de predone (?) 1 den. Hanc autem cartullam fecimus ut Deus omnipotens concedat domine mee regine Tarasie remissionem omnium peccatorum suorum et det ei vitam eternam et suis parentibus et amicis... 2 idus julii, era 1261.

Nota E

Homem quasi parlamentar....... pag. 21

Esta e outras varias allusões a coisas parlamentares, e similhantes, não é possivel que estivessem no texto da primitiva composição d'esta obra: talvez se introduziram nas copias ultimamente feitas, por abe-

lhudice dos amanuenses O certo é que se não podiam agora tirar sem grande trabalho, e porventura desconcerto e menos perspicuidade para o estylo. Façam de conta que é uma edição *ad usum aelphini*, em que, por engano do compositor, se misturou com o velho texto classico alguma nota hodierna e macarronica. *Prim. ed.*

Nota F

Na fórma da concordata ou sentença que servia de foral á cidade....pag. 23

Este era comparativamente o direito novo. O antigo, o que os bispos unicamente reconheciam por legitimo—embora se sujeitassem, por mais não poder, a essoutro, era o que se deprehende do documento seguinte:

Livro segundo da Chancellaria de D. Affonso IV, fl. 7, v.

Na demanda com Affonso IV allegava o bispo e cabido os antigos direitos da igreja sobre a cidade serem os seguintes:

Direitos e costumes em que o rei os aggravava;

1.º—Que o bispo nomeava os juizes, e estes não eram eleitos pelo concelho;
2.º—Que o alcaide e os tabelliães eram nomeados pelo bispo;
3.º—Que o bispo tinha o senhorio directo dos terrenos da cidade;
4.º—Que as causas maritimas corriam perante os juizes postos pelo bispo;
5.º—Que as execuções, até por dividas reaes, eram feitas pelos mordomos do bispo e não por porteiros do rei, com a excepção de não levar o bispo os direitos do stylo nas execuções fiscaes;
6.º—Que o alcaide do bispo é que fazia as prisões na cidade, não entrando lá as justiças reaes; mas quando os presos eram de fóra e os reclamavam, o alcaide os vinha entregar fóra da cidade;
7.º—Que só pagava a egreja do Porto de colheita a el-rei 85 maravedis velhos;
8.º—O rei entrando no Porto só se podia demorar um dia;
9.º—Quando as barcas *chegavam de França á cidade do Porto* o almoxarife d'el-rei punha ahi um homem em cada barca e o bispo e cabido outro, e estes homens guardavam os pannos e outras coisas que ahi andavam, até que eram todas dezimadas; e dezimavam as barcas, e davam logo o seu direito á egreja.

Direitos e costumes em que os aggravava o concelho:

1.º—Que todos os actos judiciaes se praticavam pelos magistrados postos pelo bispo, ou perante elle ou seus vigarios. e a elle iam as apellações;
2.º—Que antigamente era o bispo e o cabido quem nomeava o provedor da gaffaria da cidade;
3.º—Que o cabido nomeava cada mez um almotacé ou dous *d'entre si* que iam almotaçar com os que nomeava o concelho, e *trazia balanças para pezar o pão e fazia justiça a tudo o mais que pertencia ao officio d'almotacé e mandava lançar pregão pelos pregoeiros sôbre materias d'almotaceria;*
4.º—Que para morar na cidade mouro ou judeu era necessario licença do bispo;
5.º—Os pezos e ressios da cidade pertenciam á egreja, *d'onde se provava o senhorio;*
6.º—A egreja recebia um almude de cada carga de besta de vinho ou vinagre que entrava na cidade, não sendo de vizinhos;
7.º—O muro velho que *passava ao pé do adro da Sé* era do bispo.

Pelas respostas do rei e do concelho se vê que muitas d'essas cousas não se fundavam senão no uso ou talvez abuso. Vejam-se as respostas até fl. 20.

Nota G

Boa gente os de Gaia e Villanova que são os inimigos naturaes da nossa santa Sé e nos roubam meio rio pelo menos .... pag. 28

Eram antiquissimas e incessantes as disputas do Porto e de seu bispo e conegos com a gente de Villanova, que, fortes da protecção régia, se não contentavam já com a metade do commercio do Douro, e queriam mais. Deveu de subir de ponto a exigencia dos de Gaia, pois vemos a propria auctoridade real obrigada a intervir por vezes a favor do mesmo bispo e cabido.

Livro segundo da Chancellaria de Affonso IV fl. 33 v. e 34

Carta de D. Diniz em que diz que o bispo D. Vicente se queixava de que—cum olim nobilis memoriae D. Alfonsus pater noster illustris *insupradictorum regnorum* rex, juxta castrum de Gaya noviter popularet, predecessorem suum episc. D. Julianum ut consentiret quod naves et universe barce magne et parve que de mari cum mercis seu aliis rebus venalibus intrarent per faucem Dorii ripis venirent, merces seu res venales adportantes dividerentur inter civitatem et populum antedictum: quod episcopus videns et intelligens esse contra jus commune et consuetudinem approbatam nec non ecclesiam et civitatem suam si annueret postulatis, noluit consentire; et tunc dictus pater noster episcopo irrequisito fecit et precepit fieri divisionem navium et barcorum inter civitatem et populum secundum sui motum animi et intentionem proprie voluntatis etc.—*A carta de D. Diniz é da era de 1320.*

Mais abaixo no mesmo diploma. Mandamus ad currant vende inter civitatem Portus et Gayam sicut currebant tempore patris, avi et proavi nostri, quando burgus seu villa que ducta fuit ad Gayam superioris erat facta. Et hoc etiam precepit fieri pater noster.

Livro segundo da Chancellaria de D. Affonso IV. fl 38

Carta de D. Affonso III a João Martins Cabanella e Martin Stevaniz:

O cabido e o Vigario do Porto queixaram-se-me que vos filharades as torres e as fortalezas da villa e que faziades justiça, onde vos eu mando que entreguedes essas torres ao cabido e ao Vigayro do Porto e non travedes en al senon en tirardes as dereituras bispado e deyxedelos huzar dessa justiça asi como ante husavam. Lisboa 25 de Fevereiro de 1316.

Nota H

E a outro poder não .... pag. 30

O seguinte documento provará bem claro que não ha a minima exaggeração nas palavras que o romancista pôz na bocca do bispo.

Chancellaria de D. Affonso IV, volume. I fl. 46 v.

Extracto da carta do bispo do Porto D. Vicente em resposta a outra de D. Diniz em que lhe ordenava lhe mandasse o seu alcaide do Porto e alguns homens bons do concelho com procuração d'este para *virem fazer menagem á Infanta D. Constança assi como é huzado e costumado no reyno de Portugal*, para guardar aquelle senhorio que nós e os outros bispos que ante nós foram e o concelho guardaram a vós e *áquelles reys qve ante vós* foram. (E ahi notavelmente, o seguinte:) E, senhor, nós atendiamos o *vosso porteiro* que tornasse pera nós e que por el vos enviassemos

esta carta. E pois que vimos que tardaria enviamo-vo-la por este nosso homem. E por verdade sabede senhor, que o alcayde do Porto nom póde fazer menagem a vós nem a vossa filha por nós, mas faze-a a nós quando o fazemos alcayde. E logo em essa hora lhy mandamos que cada vez que vós vierdes á cidade do Porto pagado ou irado, unde vos Deus sempre guarde, que vos abram as portas do castello e das torres e que vos recebam com quantos vos quizerdes entrar. E se vós pedissedes as chaves do castello e das torres, que volas non dem, mays que as ponha em cima do altar de Santa Maria e vós fazede entom como vos prouguer (*Parece portanto que a historia de se não demorar o rei no Porto mais de 24 horas foi uma fabula inventada pelo bom D. Pedro no reinado seguinte*). E este *fezerom já a vosso padre em tempo do bispo* D. Juyaão quando levou d'elle 5600 libras que nos ora vós devedes. E outrossi o concelho nom pode fazer menagem, cá todos som vassallos do bispo, nem póde hi homem morar que seu vassallo non seria: mays *sempre* elles e nós os bispos que foram ante nós mandamos que façam paz e guerra por vos contra quantos no mundo som e que vam em oste com vosso corpo *assi come o sempre fezerom*. E, senhor, nós que somos bispo do Porto e senhor da cidade em quanto prouguer a J. C. fazemos menagem per nós e per os bispos que verram depos nós a vós e vossa filha D. Constança e a todos vossos filhos e netos que forem reys depos vós, que vos guardemos e façamos guardar aquel senhorio que nós e os bispos que foram ante nós e o nosso alcayde e o nosso concelho guardamos a vos e a áquelles *reys que foram ante* vós, assi como na vossa carta nos enviastes dezer e rogamos a Deus que seja treedor a Deus e a vós o que ende al fazer etc.

Nota I

Residencia dos ciosos reis de Portugal, quando alli vinham quasi occultamente... conspirar com o povo contra os bispos.. pag. 39

Eisaqui o foral de Gaia:

Extractos do Foral de Gaia

Livro primeiro de Affonso III, fl. 12

In nomine etc. Ego Alf. etc. volens et intendens facere utilitatem meam et regni mei populo, meam villam de Gaía et do et concedo et omnibus populatoribus de mea villa de Gaia presentibus et futuris bonum forum quod inferius continetur, et do vobis istos terminos: in primo do et concedo vobis pro terminis totum meum *regalengum de Gaia* pro vestra hereditate in perpetuum quo modo dividit cum termino de Coliabrianos et deinde quo modo intrat in Dorium et cassale quod fuit de sedis portugallensis quod est in Gaia et S. Martinium si illum habere potuero (*Da-lhes tudo, reguengo e herdades com termos etc. para que vendam e deem etc. salvo a cavalleiro, clerigo ou homem d'ordem*). Do etiam et concedo vobis *populatoribus qui morabamini in meo burgo veteri de Portu omnes vestras hereditates quas habebatis in ipso meo burgo de quibus* non faciebatis mihi forum, quod habeatis eas prout ante habebatis. It, do et concedo vobis õibus populatoribus de mea villa de Gaia presentibus et futuris pro foro quod detis mihi annuatim de unoquoque foco sex denarios, ubi *moraverit homo casatus* cum sua mulier, et de paradonario (*choupana de mancebo?*) 3 den. et mulier vidua cum suis filiis que non fuerit casata, 3 den. et hoc modo *soltarius* vicinus qui per se in ipsa mea villa vixerit. Et si maiordomus de villa de Gaia demandaverit vestrum vicinum pro voce aut pro calunía *vicinus* demanda tus det sibi fidejussorem in 5 sol. proad directum judicis de Gaia et mando quod valeat sibi fidejussor; et si maiordomus noluerit de eo recipere fidejussorem tunc ipse demandatus testimoniet hoc coram bonis hominibus et non valeat maiordomo *sua filiada* quam sibi filiaverit. Item si maiordomus demandaverit vestrum vicinum pro homicidio mando quod ipse vester vicinus det fidejussorem in 3.ª parte homicidii et *mallevatorem* in quanto sibi tenuerit filiatum. Et sciendum est quod homicidium de ipsa villa de Gaia et de terminis suis est in tercentos solidos, et homicidium de *terra devassa* est in 100 *morabitinos* minus 1 morabitinum. Et si maiordomus demandaverit hominem de terra devassa pro homicidio, mando quod maiordomus stet in casa ipsius de terra devassa quem demandaverit quodque det sibi fidejussorem proad *directum* de judice de ipsa villa de Gaia. Item quod calumnie de ipsa villa de Gaia sint tales et de terminis suis scilicet quod omnis homo qui sacaverit cultellum in Gaia extra casam per mentem malam pro dare cum eo alicui, sive det sive non det, mando quod pectet maiordomo sexaginta solidos si sibi hoc maiordomus potuerit probare per bonos homines, et licet det multa vulnera cum eo alicui, si homo de eis non fuerit mortuus, mando quod non pectat maiordomo magis quam dictos 60 solidos. Qui ruperit casam pectet maiordomo 60 solidos. Et si aliquis *dederit vocem* coram judice de aliquo alio, et non potuerit eam sibi probare mando quod ille qui eam dat pectet maiordomo 60 sol. et si sibi eam probare potuerit mando quod ipse de quo est data ipsa vox pectat maiordomo 60 sol. Et si homo de terra devassa fuerit demandatus pro calumnia mando quod valeat sibi fidejussor *in 5 modiis autin* 1 *morab.* proad directum de judice de Gaia. Et si aliquis britaverit filadam de maiordomo quam ipse filiet per manum suam et fuerit sibi probatum, mando quod pectat maiordomo 60 solidos et si britaverit maiordomo defensam suam quam ponat per linguam suam et fuerit sibi probatum, mando quod pectat maiordomo 5 solidos; et si maiordomus sive portarinus signoraverit sive filiaverit navigium de rivo aut de mari, mando quod dons de navigio sine achat (*achat, compra do francez?*) custodiat illum de perta de boius que ad villar, et maiordomus debet habere suum directum Item do et concedo vobis quod quando duo homines aut due mulieres banalaverint levet sanamentum ille qui fuerit percussus sive percussa, quod maiordomus consueverat levare et non levet illud maiordomus, (*logo havia já foral ou costume e habitantes em Gaia: o que não havia era municipio.*) Item si aliquis extraneus voluerit facere vobis malum aut foraciam sive tortum in ipsa villa de Gaia et in terminis suis, et in defendendo vos et vestras res sacaveritis arma, et vulneraveritis sive mactaveritis aliquem *non?* pectetis calumnia unum vas de aqua. Item mando quod piscatores dent maiordomo de unaquaque *caravella* 1 piscim post quam fuerint 3 pisces, et piscatores eligant primo meliorem piscem et post quam elegerint filiet maiordomus alium piscem et hoc debet esse de congruis et de peixotis et rubeis, et de pargos. Item mando quod maior domus habeat medietatem de largo de tunia et dè dulfino, et quartam partem de evo et de yrz et de solio. Item mando quod qui habuerit tramalium det maiordomo unum savel in principio et alium in fine. Item qdod mei piscatores de mea villa de Gaia pesquent in meis varguis de Furada et de Arinio et de quanto piscaverint in mea varga de Furada dent maiordomo quintam partem et de Arino sextam...

Nota J

A dispersão da Egreja universal.. pag. 44

A mais incontestavel prova da divina instituição do catholicismo é resistir elle, como tantas vezes resistiu e continúa a resistir, aos mortaes golpes de seus máos amigos, de seus ambiciosos e interesseiros defensores.

Nota K

A Economia politica d'este seculo pag. 45

Depois de Adam Smith, que foi do seculo passado, a Economia-politica, desde o principio d'este, degenerou, exaggerou-se, fez-se toda material e materialista. Ella fez da agiotagem elemento politico, instituiu o systema feudal dos capitalistas, condemnou o espirito a servo da gleba, annullou a intelligencia, a moral, a religião, e reduziu tudo n'este mundo a ciphras. O socialismo e o communismo são a reacção, são a protestação — violenta quanto quizerem, — não mais exagerada porcerto do que a acção que tiveram sobre a sociedade as perniciosas doutrinas da malaventurada Economia politica.

Nota L

Extranho me querias........ pag. 46

Perdão por uma impertinencia orthographica. Já que não temos quem fixe a lingua n'este ponto, vamos trabalhando, cada um como póde, pela tirar da anarchia. Aqui vae escripto *extranho* com *x;* e n'outras partes com *s;* mas deproposito. Distinguir bem os sons, e pelos sons idéas, é o objecto principal da orthographia. *Extranho* é o que vem do exterior em relação ao paiz e outras circumstancias externas; *estranho* o que nos surprehende, e que nós estranhâmos por desusado, inesperado, etc. Se alguma vez appareceu confusão n'isto, foi involuntaria e descuido da imprensa.

Nota M

Eschola de Paio-Gutterres, o bom arcediago pag. 47

O conego que nas cathedraes cuidava do ensino dos meninos era o Mestre-Eschola, como o diz ainda o nome da dignidade que sobreviveu ao officio. Mas ao romance fez-lhe conta tomar aquella pequena liberdade.

Nota N

Burgo-novo..................... pag. 48

O que hoje se chama Villa-nova, fundação protegida sempre dos reis, em odio e opposição aos bispos senhores da cidade.

Nota O

Qualquer servo ou malato....... pag. 54

Malato era o homem livre que cahia em dependencia e abjecção quasi de servo, sem o ser por nascimento. É talvez o leproso, o que tinha molestia hereditaria e havida por vil.

Nota P

N'esta terra onde não ha fidalgos pag. 54

Ninguem ignora este privilegio que tinham os burguezes do Porto, de não poderem morar fidalgos na sua cidade.

Nota Q

Sereias do Passeio-publico!.. fachada do theatro Agrião... mosaico do Rocio..... pag. 62

Depois de escripto este paragrapho desappareceu a primeira das tres maravilhas da arte moderna que ornavam a nossa capital. Quando chegará emfim o governo portuguez a comprehender que a honra, o credito nacional, a sua reputação, o seu decoro são altamente interessados em que a arte, o senso commum, o gôsto e a intelligencia presidam ás obras públicas e embellezamento da metropole? É o reino todo, é a nação, não é só a communa de Lisboa, que devem velar por coisas que a todos os Portuguezes interessam. Nada têm com isto as liberdades e exempções municipaes. A capital de um paiz não pertence exclusivamente ao seu municipio como qualquer outra cidade ou villa. Todo o reino lhe acode com subsidio e contribuições, e todo o reino tem direito a que pelos mais distinctos artistas e architectos, por seus cidadãos mais intelligentes e experimentados, sejam dirigidos os trabalhos que todos pagam. A de Londres é a mais ciosa municipalidade do mundo; e todavia as obras públicas da capital do reino britannico são dirigidas por uma commissão escolhida d'entre os homens de mais gôsto, e das especialidades mais distinctas.

Nota R

Revelações do mano Lycurgo.... pag. 68
Mano Affonso d'Albuquerque.... pag. 68

A explicação d'estas allusões vem n'um livro bem conhecido, para o qual remetto o leitor, se tem ânimo de o consultar. Não respondo por essas coisas nem me metto n'ellas: repito sómente o que toda a gente sabe e diz

Nota S

Como se me emparedára viva.. . pag. 76

Eram communs n'esse tempo as *Deo-votas* que, sem pertencer a nenhuma ordem religiosa, professavam mais austeros votos do que as freiras, vivendo todavia no mundo. E d'ellas, por maior abnegação e penitencia, se emparedavam algumas, isto é, se enclausuravam entre quatro paredes sem porta nem sahida, e ahi viviam da caridade publica, macerando-se com as mais austeras penitencias.

Nota T

Ponde no altar de Nossa-Senhora as chaves que são suas. D'alli as tome el-rei, se quizer pag. 94

Assim faziam com effeito os bispos senhores do Porto quando el-rei, o senhor suzerano, entrava na cidade.

Nota U

A façanha é feita, de meu preito me absolvo.................. pag. 94

Veja o que fez Martim-de-Freitas na sepultura de D. Sancho em Toledo; a façanha de Celorico, etc.

Nota V

D. Pedro observava miudadamente o ritual. pag. 95

Ha no ceremonial romano, ainda hoje, o ritual da exauthoração e degradação de ordens dos bispos e sacerdotes que por grandes crimes incorreram n'essa pena, a maior que a Egreja inflige antes de os entregar ao braço secular. Bem sabemos que nem el-rei por sua sentença podia impôr tal pena, nem o cabido executal-a no seu bispo; mas tambem sabemos que em taes tempos e com tal rei não era impossivel que acontecesse, nem inverosimil

HELENA

(FRAGMENTO DE UM ROMANCE)

HELENA

CAPITULO I

O viajante

Acabava de passar uma d'aquellas trovoadas espantosas que nos paizes tropicaes repentinamente se formam, estalam, e de repente se dissipam tambem, deixando o ár mais puro, o céo mais azul, e toda a natureza respirando uma frescura, um viço, uma lasciva animação de todo o sêr que não parece senão que alli foi agora a creação e começa a vida pela primeira vez.

Era a algumas leguas da Bahia, não longe do semicirculo do Reconcavo, mas sertão dentro e nas estremas do paiz cultivado. Já raros os cannaviaes de assucar, longe os engenhos, perto a solidão immensa do deserto, e a impenetravel espessura dos mattos virgens, que não desflorára ainda o machado do colono e que projectavam suas sombras altas e negras sobre as terras adjacentes.

Cahia o sol, a tarde não era calmosa, e o rio que alli corria molle e priguiçoso, parecia descançar das altas quédas que pouco acima déra nas precipitadas cachoeiras, cujo estampido alli não chegava senão como um sussurro. Cantava o sabiá n'um massiço de palmeiras, resplandecentes com os ultimos raios do sol e que indicavam os derradeiros confins do dominio do homem. Para o interior dos mattos caminhava lentamente o tocâno imperial, grave em seu andar, fastoso e soberbo de sua dalmatica doirada como um rei d'armas em prestito solemne. Silvavam os bugios saltando de ramo em ramo d'arvore; e o papagaio selvagem, ignorante de que tinha uma lingua como o homem e o podia arremedar, chalrava soltamente em seus informes grasnidos, que ainda assim, tem não sei que de intelligente, de malicioso e de petulante.

Toda a immensa variedade de aves, de reptis, de quadrupedes e de quadrumanos, que povoam aquellas terras maravilhosas, começava a acudir ao mais cerrado da espessura; uns pensando na noite proxima para descançar e se abrigar em arvore ou tóca, outros para a velar á solta e livres do ardor intenso e da luz chammejante do dia que aborrecem.

Só o homem alli não apparecia; o homem d'esses bosques, o Adam d'aquelles Edens, afugentado e perseguido pelo invasor europeu, emigrára para longe, muito longe. E o colono rara vez se internava tanto, áquella hora sobretudo, em que branco e negro se encaminhavam para a roça.

Era a estação do fabrico do assucar; as colheitas estavam adiantadas, as fornalhas ardiam e o liquido precioso corria em torrentes dos vastos lagares. Homens e gados, senhores e escravos, tudo vivia no engenho, tudo o rodeava; seus cuidados, sua alegria, todas as suas occupações e preoccupações estavam n'elle. Quem havia de vir a taes horas aos confins de terras apenas exploradas?

No meio d'esta solidão todavia, e quando o sol já baixava mais e mais no horisonte, um viajante, manifestamente estrangeiro, montado n'um pequeno cavallo do paiz, seguia não sei que trilho, que o cavallo mostrava conhecer e distinguir melhor que o cavalleiro, e caminhava para a margem do rio. Era o instincto da sêde que lhe fazia presentir a agua perto? Seria, porque alli não havia nem ponte nem váo que o cavallo podesse estar costumado a passar; e elle todavia seguia, seguia direito para a margem do rio, sem desviar nem hesitar.

O cavalleiro era um homem velho, mas verde. Magro, alto, delicado de fórmas, po-

rèm terso de musculos. e postoque um tanto encurvado, mostrava robustez e saudè em toda a sua pessoa. Queimada do sol e do ár do deserto. a sua tez via-se comtudo que era alva, da brancura dos homens do norte da Europa. Um nariz, decididamente aquilino, descia de entre dous olhos castanho-claros, pequenos mas vivos, serenos mas penetrantes. No rosto inteiramente rapado nenhumas barbas cresciam que encobrissem as rugas fortemente sulcadas que o cruzavam. Só o labio superior se revestia de um espesso bigode alvo de neve. O cabello, que se percebia ser pouco, tinha um resto de mistura grisalha, desvanecida e terna como a mais pura cinza dos sarmentos. Uma larga pantalona de xadrez branco e preto, e uma ampla mas curta levita azul de estofo ligeiro deixavam perceber as magras fórmas que vestiam. Na casa superior da levita azul brilhava uma rosêta de fita encarnada, signal de distincção jámais esquecido ou descuidado, nem por aquelles desertos. Na cabeça um chapéo branco. Á garupa do cavallo uma pequena malêta de campanha.

Tal era o viajante que assim se deixava guiar pelo seu cavallo n'aquellas paragens solitarias. O cavallo chegou á beira-d'agua; e n'uma aberta que faziam os cipós, os martyrios e outras liannas e trepadeiras que se enredavam pelos troncos e ramagem das arvores e arbustos, parou deliberadamente, como para annunciar ao seu cavalleiro que alli era o termo da jornada.

O cavalleiro sorriu, e tranquillamente se apeou, como quem estava acostumado ou resolvido a deixar-se governar em tudo pelo seu conductor. Tirou a sella ao cavallo, desembridou-o; e o animalito, sem mais hesitação nem detenção virou a garupa e partiu a galope, pelo mesmo caminho por onde viera: breve desappareceu.

Seguia-o dos olhos o viajante com a mesma expressão placida e risonha do semblante, e tranquillamente se pôz a desafivellar do selim a sua mala. Abriu-a depois, e sacou d'ella uns cadernos de papel cuidadosamente dobrados, e que eram manifestamente um herbario. Sentou-se na relva macia e avelludada que alli se fazia na vizinhança e frescura do rio, e quietamente se pôz a examinar o seu ***hortus siccus***. Era um botanico; visivelmente era um cultor fanatico da bella sciencia de Linneu, que peregrinava nas solidões do Novo mundo em busca de alguma nova especie com que enriquecer a sciencia, e legar immortalmente o seu nome a alguma bella familia vegetal que descobrisse.

CAPITULO II

A passiflora

Correu tempo; e não devia de ser pouco porque os cadernos do herbario foram sahindo, um a um, da malêta; e depois de profundamente examinados, comparados, revistos e concertados com amor, se iam estendendo em largo circulo ao derredor do viajante.

No apaixonado repassar de seus thesoiros, tinha chegado a um cartão, marcado por fóra da lettra H, acompanhado d'aquelles asteriscos significativos que são como os sustenidos da silenciosa musica do espirito quando lhe faltam palavras e lettras com que expressar uma admiração que sóbe de ponto.

— Ah! exclamou elle, cá estás tu, minha bella Helena, minha flor unica! Descobri-te eu, e te dei este gentil nome que tam proprio te está, que tam dolorosas scenas me recorda, que tantas saudades aviva na minha alma. Helena, Helena!... Helena serás, minha bella flor, não a impúdica Helena que abrazou Troia, mas a virtuosa Helena que nos revelou a cruz do Salvador.

Era com effeito um prodigio de belleza, a flor que elle contemplava, e que, visivelmente colhida d'aquelle dia, não tinha murchado ainda, e conservava todo o viço de suas lustrosas folhas, todo o brilho de suas côres vivissimas, toda a elegancia de uma fórma exquisitamente graciosa e gentil. Uma Passiflora era; e a mais perfeita certamente, a mais admiravel de sua rica familia. As pétalas de viva purpura régia «e mais que régia», dizia o nosso enthusiasta, porque era imperial a sua Helena; branca de leite a corolla, e o pistillo, que distinctamente se affeiçoava em cima n'uma cruz perfeitissima, resplandecia do oiro mais puro e cendrado.

Era com effeito um prodigio de belleza e de perfeição aquella flor; e não precisava ser botanico ou florista para a admirar com enthusiasmo. O nosso viajante parecia um namorado nos requebros e afagos que lhe fazia. Vinham-lhe as lagrimas aos olhos, beijava-a e lhe dizia palavras de ternura. Era um amante apaixonado fazendo loucuras com o retrato da sua amada.

— Passiflora! dizia, flor de amor e de paixão!... E ai! de que paixão, de que triste paixão és tu, flor! Que nome foram pôr os missionarios a esta rainha das flores americanas! E bem posto. N'estes orgãos cuidou vêr a sua devoção representados os instrumentos da paixão de Christo. Nas outras variedades com effeito a similhança não é pequena. Mas n'esta não vejo senão a cruz que

é de oiro, e a corôa que é de espinhos. E' alva como perolas, alvissima! Bem dado foi o nome que lhe dei, da minha Helena, da minha perola da Grecia. Aqui está a nobre purpura do regio sangue de suas veias; aqui está a alvura de sua innocencia infantil; aqui a cruz de oiro que symbolisa o seu nome christão. Passiflora! flor da paixão! Que não sejas tu victima das fataes paixões a que deves o sêr... A raça de que vens, a mãe de quem nasceste me fazem tremer... Já estou quasi arrependido de ter posto o teu nome a esta flor. Não seja elle agoiro!.. E os Portuguezes que lhe chamam martyrio!... Se t'os prepara o destino, os martyrios da paixão, Helena?... Como preciso de velar por ti, de consagrar o resto dos meus dias ao cumprimento da sagrada promessa que fiz á cabeceira d'aquelle leito de agonia, de te servir de pae... Oh! pae, pae!...

E cahiu-lhe da mão a flor admirada; e a face lhe descahiu sobre o peito; e entregue todo ás intimas recordações que faziam o mysterio da sua vida, ficou absorto, e como perdidas e annulladas todas as relações exteriores da sua existencia.

CAPITULO III

Spiridião Cassiano di Mello i Mattôss

Tam absorto, tam dormido de por fóra estava o nosso viajante, que não sentiu vir descendo pelo rio abaixo uma d'aquellas longas e affiladas canôas que fazem a navegação interna de quasi todos os rios da America; leves, inconsuteis, cavadas n'um immenso, unico madeiro inteiriço, e taes ainda hoje, como as engenhára na infancia d'arte a singela industria dos indios.

E quatro indios eram os que vinham tripulando esta primitiva embarcação; nús de meio corpo, as curtas bragas de riscado vermelho e branco da cintura ao joelho, e armados de longas varas com que iam arribando ou orçando das margens a canôa, afastando aqui os ramos das arvores que pendiam na agua, além firmando-se n'alguma pedra do meio da corrente para se não deixarem levar do rápido violento do caudal.

Ao leme e dirigindo a manobra toda, vinha o mais estranho arraes que, em tal barco e com tal companha, era possivel imaginar: um preto velho e gordo que andava pelos sessenta e tantos, segundo, atravéz do apolvilhado, se percebia na carapinha que lhe começava a dar em grisalha; negro retinto da cara, e escrupulosamente vestido de negro na mais apurada e fastuosa elegancia de um *buttler* do West-End de Londres, ou de um *maître d'hotel* da chaussée d'Antin de Paris. Preto, ainda assim, não era tudo n'elle; porque a gravata fina, sem gomma, e brandamente enroscada á volta do pescoço luzia de uma brancura irreprehensivel, e completava o seu trajo de elegante mordomo do seculo dezenove. O calção curto, a tibia infiel e descarnada coberta de luzente meia de seda; e o sapato—o proprio sapato...—quem tal pensaria vêr em tal sitio e em tal pé?—o sapato desenháva no espelhado verniz os pronunciados e classicos joanetes de um verdadeiro e legitimo pé modêlo de um negro velho.

O ár do preto era importante, precioso e cheio de sua auctoridade; mas não austero, antes placido e risonho como o de uma ambição satisfeita.

Abicavam juntos á margem onde o contemplativo botanico parecia ter adormecido; e os indios cravando as varas na areia, contra a corrente, atravessaram uma prancha para a terra. O preto deixou gravemente o seu logar de ré para desembarcar; pôz o pé na prancha, e observando para a praia, antes de descer, disse: «Sió stá dórmido: é priciso acórdá eri, que fassi táde.»

Mas não foi preciso «acórdá eri» como dissera o negro, porque não dormia. Desconcentrou-se d'aquelles intimos pensamentos que o absorviam, lançou os olhos ao rio, viu á margem a canôa, e reconhecendo n'ella o que sem duvida esperava, porque nenhuma estranheza lhe fez, saudou com a mão o importante paesinho, que já punha pé em terra, e pondo-se a recolher os cartões do seu herbario, os depositou cuidadosamente na malêta; fechou-a por sua mão, e tomando-a debaixo do braço, caminhou alegremente a encontrar-se com o negro que vinha direito a elle desfazendo-se em respeitosas zumbaias.

—Sua Esserença, é Sió Générá Brissá? disse elle em sua meia lingua.

—«A mim chamam-me De Bréssac» respondeu o viajante em bom portuguez, cuja recta-pronuncia era comtudo accentuada de um modo que sabia fortemente a francezia.

—Trago éste carta a Sió Générá; e o nosso canôa que stá á sua disposição de Vosserença.

—E quanto tempo gastaremos nós d'aqui lá, meu pae Cazuza, ou pae Thomé, ou como quer que és que te chamas?

—Não cháma Cazuza, não. Cháma Spiridião Cássiáno di Mello i Matôss, pa sérvi Sió Générá, respondeu o aristocratico mordomo, não sem um leve tom de despeito na voz.

—Mil perdões, amigo Spiridião! não tinha reparado no seu ár grave e importante, sr. Cassiano; não sabia com quem falava...

disse o General, observando attentamente e com visivel admiração a escrupulosa e irreprehensivel *toilette* do negro.

— Spiridão Cássiáno, mordomo do Sió Visconde veiu por orde d'eri fazê discurpa a Sua Esserença di não podê vi, por está assi mesmo.

— Assim mesmo! Como assim mesmo?

— Stá quasi di cáma, como quem diz, stá di rêde.

— Ah! está doente?

— Doente, meu sió, não stá. Sinhá é que stá doente. Sió Visconde com muito cuidado. Na carta diz, si fá favô di lê. E eu pede licença a Générá para lembrar eri que fassi táde, pa não chigá muito di noite; rio tem pouca agua.

— Pois partamos, meu amigo.

E abrindo o bilhete, leu que era do Visconde de Itahé, o mais poderoso colono da provincia, a quem fôra especialmente recommendado, e que o mandava buscar na sua canôa, áquelle sitio previamente indicado, pedindo-lhe mil desculpas de não vir elle em pessoa, por se achar sua mulher bastante mal. O bilhete era polido, e respirava toda a elegante simplicidade europêa: o que menos esperava encontrar o nosso viajante nos sertões do Brazil. Já com o fashionavel trajar do mordomo preto, se tinha elle admirado não pouco. O estylo do bilhete o preparou para ir encontrar um castello de Monte-Christo no meio das florestas virgens da America.

Nem se enganava em seu imaginar.

O negro tomou conta do selim e arreios do cavallo que jaziam no chão, e teimou por desapossar o General da sua malêta de viagem: mas não conseguiu, porque elle se defendeu com o valor e perseverança da insistente officiosidade do sr. Spiridião, dizendo que era o seu thesoiro e a ninguem o confiava nem a elle proprio, honesto Spiridião, pôstoque o tivesse na conta do mais honrado de todos os Spiridiões, e do mais fiel e seguro de todos os Cassianos.

Cedeu Cássiáno di Mello, ja reconciliado com a jovial urbanidade do viajante; entrou na canôa: e os indios, pondo o peito ás varas, começaram a luctar efficazmente contra a corrente, impellindo a canôa com um vigor e destreza admiravel.

CAPITULO IV

A canôa

Navegaram assim obra de uma legua, já debaixo de um docel de mangueiras que nasciam de dentro d'agua e iam juntar emcima as verdes e lustrosas cópas, já entre as margens arrelvadas de capim e de outras viçosas gramineas, esmaltadas de flores bellas, entre as quaes a begonia com suas folhas verde-brilhantes intermeiadas de roxo, seus corymbos côr-de-rosa, sobresahia mais, ou dava mais nos olhos do apaixonado devoto de Jussieu e Tournefort.

Andando rio acima, crescia o sussuro das cachoeiras que iam ficando menos longe, e pouco a pouco se fez tamanho e tam forte que os ensurdecia. As perguntas do inquisitivo General a pae Cássiáno, e as respostas d'este precisavam já de portavoz, que reciprocamente se faziam com o ouco da mão, e approximando-se do ouvido um do outro para serem entendidos.

Todos os signaes da civilisação, ou — como diria um discipulo de João-Jacques — da devastação do homem social, iam desapparecendo a mais e mais. Algum resto raro, algum vestigio duvidoso que podesse descortinar ainda o ôlho experto exercitado de um habitante do paiz, era imperceptivel ao do viajante europeu.

Esse sentia-se em plena floresta virgem, em pleno sertão immaculado, a sós com a natureza em seus mais reservados e mysteriosos penetraes. E abstrahindo dos quatro mudos e silenciosos remeiros indios que, ainda que o não fossem, pouco desdiziam do quadro selvagem e primitivo d'essa abysmadora paizagem; esquecendo-se de pae Cássiáno, de suas meias de seda e sapatos de verniz, e ainda até de sua apolvilhada carapinha, o nosso velho General, todo olhos para aquella opulencia esperdiçada, para aquelle luxo fastoso da natureza, nada mais via nem sentia.

Algum silvo de cobra, algum tinir de cascavel da serpente d'este nome, o grunhido de algum tátú acobertado, ou o lamentoso gemido da priguiça, apenas o advertia, de quando em quando, que não era elle o Adam nem aquelle o Eden das primeiras horas do mundo recem-creado.

Não o digo pela serpente; que essa entrou no primeiro, e entrará em todos os paraisos terreaes que em velho ou novo mundo, em qualquer dos mundos possiveis, tenha havido ou venha a haver.

A noite tinha carregado no emtanto, e os raios da lua, que penetravam por alguma rara falha do arvoredo, ja davam na espuma branca e refervida das cataractas e se reflectiam na espelhada curva de sua quéda, que não tinha, por certo, a grandiosa e tremenda magestade do Niagára; mas cahiam com uma graça, rodeiavam-se de uma amenidade tal, que áquella hora, sôbretudo, era fascinante.

Os indios arribaram a canôa, toda de en-

HELENA, PAG. 111 — Sua Esserença, é Sió Génerá Brissá!

côntro á margem direita do rio ; o Europeu e o Africano desembarcaram ; e os quatro aborigenes, mettendo-se n'agua, vararam a canôa n'uma especie de arealsito que mais para um lado se fazia, e tomando-a ás costas, deitaram a caminhar ribeira acima, como se levassem umas andas.

Atraz d'elle o General com o seu conductor, que lhe ia explicando o motivo d'aquella manobra, aliás não difficil de comprehender.

A ligeireza das canôas permitte aos navegantes do interior levarem-n'as por terra, a braços, para salvarem as cachoeiras na subida a descida dos rios, e tornando a entrar com ellas n'agua e distancia conveniente, seguirem directamente sua viagem, até encontrarem outro obstaculo similhante, que similhantemente hão de evitar.

É o que não tardaram a fazer os quatro indios, que d'alli a pouco já tinham outra vez a sua canôa fluctuando nas aguas do rio, elles dentro com suas varas, e a prancha deitada á ribeira para tornarem a embarcar o viajante branco e o seu negro conductor.

Embarcaram ; e a canôa seguia cada vez com menos difficuldade e trabalho para os que a impelliam, porque o rio se ia fazendo mais plácido, espraiando mais, e tambem rareando mais para o lado direito a espessura do arvoredo, que mostrava não sei quê de menos selvagem, e parecia de espaço a espaço deixar entrevêr certos indicios de alinho, a que não podia ser extranho o homem, e que não desfigurava todavia a natureza.

Andando assim mansamente, ao montar de um cabo em que a sinuosidade do rio toda se torcia para o outro lado, houveram vista de muitos fachos de luz que se moviam no interior das terras e se dirigiam para a margem do rio.

— Stá acábádo nosso viage, disse o preto.

— Pois quê ?! e que luzes são estas ? perguntou o General.

— O palacio é alli, respondeu o negro, apontando para a esquerda, que era a margem direita do rio, e de donde as luzes vinham : E esse é scavos e cárruáge de meu Sió, que vem buscá Sua Essserença.

D'alli a poucos momentos com effeito a canôa tinha parado ; e, quasi ao mesmo tempo o General distinctamente viu rodar até quasi á beira d'agua uma elegante caleche ingleza com suas lanternas accesas, tirada por dois nobres russos rodados ; volantes adiante, estribeiros ao lado, archotes na mão.

Um luar brilhante illuminava, alêm d'isso, a paizagem que offerecia o mais estranho e inesperado quadro que, no meio das mattas do novo mundo poderia imaginar se.

CAPITULO V

A chegada

Era em verdade para surprehender o quadro magnifico que se desenrolou diante dos olhos do General: um immenso parque inglez, cortado de sinuosas e bem saibradas ruas, com lagos e pontes, kiosques e estátuas, templos e ruinas, com todos os varios e disparatados accidentes e ornamentos que são de rigor em taes casos, e que a arte europea imitou dos caprichos da chineza.

O francez pasmava do que via: — e a idea de se vêr transportado, por um golpe de varinha de condão, de pleno Brazil para Windsor, para Eagley-park ou para Sionhouse, ia-lhe parecendo menos absurda de momento para momento. Sonho, visão, illusão dos sentidos ! . . . deixou-se ir com ella, fôsse qual fôsse, e como fôsse. Saltou da canôa em terra, e logo para o estribo da caleche que o *fullo automedonte* boleára até quasi rente d'agua. Um lacaio mulato abriu a portinhola e logo a fechou e levantou o estribo. Spiridião Cássiáno subiu para a almofada, e a caleche partiu a todo o trote por uma das largas ruas do parque. Galopavam ao lado os dois estribeiros, adiante os volantes, todos com archotes de cera nas mãos, que parecia um prestito e cortejo real.

Foram andando, andando, como dizem as historias de fadas e princezas encantadas: mas palacio, casa ou coisa que com ella se parecesse não a via o nosso General. Estava já a ponto de sahir de sua habitual reserva de bom gosto e polidez, e quasi descendo, como um bom burguez, a interpellar directamente o prognóstico e pospontado Spiridião, quando a carruagem, passando por um massiço de árvores altissimas, desemboccou n'uma especie de largo d'onde clara e distinctamente se via, situada a pouca distancia, a meio de uma suave ondulação do terreno, abrigada de tres oiteiritos que a rodeavam, uma verdadeira aldeia de Suissa. Muitas casas pequenas, e, ao parecer, destacadas, com os seus tectos de cólmo, suas balaustradas exteriores de troncos rusticos, formavam o logarejo, que, para de todo se caracterisar, tinha no meio sua egreja com alto campanario e adro plantado de araucárias, e pinheiros de tam alpino aspecto, que fariam cantar o *ranz des-vaches* a qualquer emigrado do Monte-Branco ou do San'Bernardo. Por entre as árvores, as sepulturas com suas cruzes á cabeceira, seus rusticos monumentos de singela piedade.

A carruagem subiu por umas alamedas

tortuosas, que melhor se poderiam chamar um lacete bordado de árvores até ás primeiras habitações da aldeia, e parou á porta da que parecia a maior d'ellas. Immediatamente se abriram ambos os batentes da porta da que exteriormente figurava uma grande choupana, mas que em seu interior agora patente, mostrava um magnifico vestibulo, esplendidamente illuminado, e no qual se perfilavam duas alas de lacaios, elegante e ricamente vestidos; calção e meia branca, farda escarlate agaloada de oiro, as mãos alvissimas, porque todos as tinham dentro de luvas escrupulosamente brancas, não menos alvas as cabeças porque estavam artisticamente apolvilhadas, branco o dente e branco tudo o mais: o que singularmente augmentava o effeito das retintas negras caras, que outra estranheza não tinham senão a côr; pois não eram disformes as feições; — de negros, só tinham ser negros.

No momento em que o respeitavel Cássiáno di Mello i Matôss, com o chapeu pendente da mão esquerda, offerecia o braço direito ao General para se apear da caleche, atravessava á pressa por entre as filas dos lacaios e se dirigia para a porta um homem, não velho, antes moço do que velho, mas n'aquella duvidosa tempera dos quarenta aos quarenta e tantos, em que um desgosto de mais que venha, uma enfermidade que por pouco se aggrave, de repente se cae na velhice: isto é, os que caem, porque outros ha que deitam âncora n'essa perigosoa enseada e por tal modo se economisam, se cuidam e se acautelam, que antes dos setenta não chegam a velhice. E fazem muito bem!

Este homem vinha simplesmente vestido: pantalona branca, meia de seda e sapato, a gravata e o fraque pretos, as mãos calçadas de legitimas *Boivins* espelhentas e perfumadas: — Mil perdões, meu General! — disse elle arredando o braço de Cassiano e substituindo-o por sua propria mão que deu ao viajante para descer — mil perdões de o não ir receber á entrada de nossas fronteiras, e de o esperar aqui com esta apparente semcerimonia. Mas tive hoje um dia tão amargurado! Passei-o em sustos ao pé de minha mulher; e só agora... Mas a sua chegada traz-nos alegria e esperança. Vamos festejal-a com dobrado prazer, porque minha mulher está boa, inteiramente boa; melhorou como por encanto.

— Senhor visconde, não tenho palavras com que agradecer tantos extremos. Nem as minhas ideias, a falar a verdade, estão ainda bem claras, porque tenho vindo de maravilha em maravilha.

— Estranhou o nosso parque inglez no meio d'estes mattos selvagens? ou talvez estes meus cottages aqui? Estas são maravilhas bem simples, General. Foi um innocente capricho de minha mulher, a que accedi com muito gôsto, porque tambem a mim me seduz o casto esplendor da elegancia britannica... E, se é que não offendo alguma susceptibilidade nacional...

— Como assim, visconde?! em Paris, bem sabe, as nossas casas, as nossas carruagens, os nossos cavallos, até o nosso trajo, tudo é inglez.

— Verdade é, que para os confortos da vida...

— Material...

— Póde ser; não questiono mais agora. Mas não deserto o meu posto; hei de entregal-o a minha mulher para o convencer.

— Oh! então já me dou por vencido e convencido.

Tinham atravessado quatro salas, todas mais sumptuosas e elegantes umas que as outras, e providas com profusão de tudo o que, obedecendo aos variaveis caprichos da moda, inventa cada dia a imaginação dos primeiros artistas de Londres e de Paris para regalo dos sentidos e satisfação da vaidade humana. Cassiano seguia a respeitosa distancia, levando a malêta do General, que alli emfim se vira obrigado a confiar-lhe.

Chegavam onde parecia o mais interior da casa:

— Abre essa porta, disse o visconde ao negro, e acompanha o General ao seu quarto. Tomaremos chá quando o General estiver prompto e nos queira fazer companhia.

Despediu-se com uma cortezia elegante o visconde, mas acompanhada de uma expressão de physionomia tam aberta e cordial, que o francez entrou já fascinado para o seu quarto.

CAPITULO VI

A sala

Não sabia o General que pensar de quanto via e ouvia: tudo o enchia de admiração, e tudo excitava as mais fortes sympathias de sua alma. Já estava ancioso por conhecer intimamente uma familia cujo chefe o recebêra por tal modo, e que vivia n'um sertão da America, rodeada de todas as elegancias dàs primeiras capitaes da Europa, misturando uma opulencia de principes com uma simpleza e cordealidade de patriarchas.

Mas era preciso vestir-se. Abriu a sua mala, saccou primeiro e depositou cuidadosamente na gaveta de uma secretaria, o seu querido *hortus siccus*. Depois fez tirar o

fato que lhe era preciso; e com o auxilio do honesto Cassiano, que se mostrou como era, um intelligentissimo guarda-roupa, vestiu a rigorosa calça branca, o collete de casimira acamurçada e o fraque preto com a rozêta obrigada do inevitavel *cordon rouge* — San'Luiz ou Legião-d'honra, ordens ainda então quasi confundidas, porque os Bourbons tinham resuscitado uma, sem se atreverem a destruirem a outra, e os mais acerrimos bonapartistas não cobiçavam menos a cruz do rei santo, do que os legitimistas mais puros intrigavam para obter a estrella do imperador proscripto.

Está vestido e prompto o nosso General; precede-o Cassiano para o guiar ao salão; e um creado branco que está na sala anterior, abrindo ambos os batentes da porta, annuncia:

— Sua Excellencia, o Sr. General, Conde de Bréssac!

Se os varios aposentos por que tinha passado o viajante competiam uns com outros, em esplendor e magnificencia, este era o modelo da elegancia, da simplicidade e do gôsto. Oiros nem sedas não as havia alli; e á primeira vista, toda a sua mobilia e adereços pareciam de pouco preço, porque a sumptuosidade e a riqueza se escondiam sob as formas mais modestas; recatava-se o luxo como uma timidez que lhe dobrava as graças e a seducção.

Eram de fina escaiolla brunida as paredes e o tecto, tudo de um branco-matte azulado, aljofarado, tendendo a côr de cinza, e realçado por estreitas cintas de vivo escarlate; as cortinas, de cima, de cachemira da India da mesma côr, apanhadas por largos torçaes de seda branca, e assentado sobre outras cortinas de finissima Brussellas, que, todas cahidas, deixavam penetrar a viração da noite, tam necessaria n'aquelles climas. Dous esplendidos Ticiannos, varios Tenniers com dous bellos retratos de homem, dous de mulher, e outro de uma menina que mostrava de nove a dez annos, tudo encaixilhado em primorosas mas singelas molduras inglezas, eram os principaes ornatos das paredes. Postos como á sombra d'elles, pendiam varios desenhos, aquarellas, esbocêtos a oleo, mais ou menos acabados e modestamente enquadrados em papel. O chão pintado á Flamenga e por mão de mestre, representava um estranho capricho do pintor ou do dono da sala: parecia juncado das mais raras flores e folhas — umas inteiras outras desfolhadas; e não se diria senão que os jardins das quatro partes do mundo tinham sido postos a saque pelos gnomos, pelas fadas, sylphos, duendes, e toda a mais côrte e casa da Rainha Mab, que alli as tinha vindo espalhar, para dansar sôbre esse tapête phantastico suas aérias danças.

No meio da sala um *paté*, ou divan redondo, egualmente forrado de cachemira, coroado por um elegante vaso de Sévres em que viçavam e rescendiam bellas e variadas flores.

Sophás e cadeiras de todos os feitios e prestando-se a todas as posturas que póde imaginar a phantasia do confôrto; um excellente piano de Erard, caixa de boule; mesas de todas as qualidades, esta de bronze com mosaico, aquella de boule, outra com panno de velludo, est'outra de xarão preto realçado pelas vivas côres de quanto ha mais raro e brilhante na flóra siamense, ou cochinchinense.

Sobre todas essas bancas, livros preciosamente encadernados, gravuras, annuarios, as Illustrações de Londres e de Paris, a escolha dos jornaes litterarias de quasi todas as linguas, brochuras, folhetos, estatuetas, modelos em bronze e em jaspe dos principaes monumentos da Europa, bustos, ao sério ou em caricaturas, dos principaes personagens do mundo civilsado, tudo disperso, confuso, na bella e poetica desordem da ode de Boileau. E como a reserva d'este exercito de brik-á-brak, duas largas prateleiras, — étagères — de ébano, marchetadas de madreperola, continham, em não menor desordem nem menos pitturesca disposição, mais livros, e uma infinidade de non-descriptums; como raras petrificações, curiosos fosseis, infinitos monstros e caprichos do reino vegetal e animal; — antiguidades, rococós, prodigios da moderna e da antiga Sévres, raridades da velha e da nova Saxonia, maravilhas da escultura florentina, reliquias da arte egypcia, grega, etrusca, romana, — misturadas com os feios e laboriosos partos da imaginação chineza.

Dois massiços candelabros de prata carregados de velas de cera illuminavam todas estas elegancias; e apezar da brisa, que entrava no aposento por todas as janellas, abertas de par em par, ardiam tranquillamente, abrigadas por largas mangas de cristal que protegiam e augmentavam suas luzes.

Levantou-se o Visconde ao vêr entrar o seu hospede, e indo-lhe ao encontro, o tomou pela mão e o conduziu ao pé de uma joven senhora que na Europa mostraria ter de dezoito a dezenove annos, mas que não tinha mais de quinze; tam precoce é a natureza n'aquelles climas.

— General, minha filha Izabel. Filha, apresento-te o General Conde de Bréssac, particular amigo do nosso Fernando, e que o ha-de ser nosso, porque já lhe queremos e o estimamos muito.

—E ha bem tempo o estamos esperando Sr. General! já nos tardava,

O velho francez, com á sua habitual galanteria d'antigo regime, tomou a mão que lhe offerecia Izabel; mas em vez de a sacudir inglezmente, se inclinou com respeito e a levou aos labios.

Sentaram-se os dois junto d'onde estava Izabel, abrindo e folheando não sei que nova brochura recemchegada da Europa,—alguma coisa de Lamartine seria, que era o favorito,—e começaram a entreter-se dos ultimos acontecimentos do velho mundo, dos destinos e das esperanças do novo; falaram das coisas e dos homens, e por fim vieram a falar de Fernando, do tal primo Fernando, a que ainda-agora tinha alludido o Visconde quando apresentára a sua filha o General, que por elle viera recommendado.

Mr. de Bréssac tinha conhecido em Allemanha este Fernando, sobrinho do Visconde unico sobrinho que tinha, e filho tambem unico de uma irmã adorada, querida e venerada como mãe, que o criára a elle, orphão desde o berço.

Apezar da differença de edade, porque o General tinha mais de sessenta, e Fernando não passava de trinta e cinco, tinha-os ligado a conformidade de gostos e uma sympathia poderosa na mais estreita amisade. O joven portuguez viajava desde a edade de vinte-quatro annos, com auctorisação e a largas expensas do tio do Brasil, que o habilitavam a viver na elegancia e a frequntar a primeira sociedade em toda a parte onde se achava.

Em 1827, de Bréssac, legitimista de opinião e liberal de sentimento, tinha ido offerecer a sua espada, ociosa na Europa, á irdependencia dos Hellenos, Fernando de Almeida enthusiasta como joven e como poeta,—que tinha esse deffeito—o acompanhou na qualidade de ajudante d'ordens. Ambos foram feridos defendendo a bandeira da cruz e da liberdade contra a bruteza do Al-Koran e do despotismo. Mas desgostosos das intrigas politicas, das mesquinhezas ridiculas, das torpezas feias que viram chover de toda a parte para annullar e deturpar o mais bello esforço do seculo XIX,—a resurreição da Grecia,—ambos se despediram do serviço e voltaram a França. Ahi se separaram.

O portuguez foi visitar a Italia, e comparar outro povo adormecido á sombra do Colyseu e da Columna de Trajano, com o que vira entristecido nas ruinas do Hypodromo e do templo de Diana.

O velho francez escandalisado da revolução de 1830, que por então occorrêra, profundamente indignado com o que elle chamava a ingrata perfidia de Luiz Philippe, que trahira a legitimidade, e falsificára em todo o sentido o que podia ter havido de justo ou resultar de proveitoso d'aquella revolução, deixou o seu paiz e resolveu ir entregar-se, nas solidões da America, á sua occupação mais querida e predilecto estudo,—a Botanica.

Corrêra já grande parte do Brasil, e atravessando agora por terra, da Bahia para Pernambuco, mandou ao Visconde de Itahé, antes de emprehender o difficil trajecto, a carta em que Fernando tanto o recommendava a seu tio. A resposta foi um pedido da maior instancia para que viesse passar alguns dias com a sua familia, que o receberia como um amigo intimo e quasi parente, e indicou-lhe como e aonde devia achar-se afim de ser conduzido até a sua habitação. O General foi, por dias contados de terra em terra, de engenho em engenho, até que na ultima aldeia o accommodaram com aquelle cavallinho costumado ao transito, em que vimos dirigir-se á margem do rio, onde sabia que havia de vir buscal-o a canôa do Visconde.

CAPITULO VII

Intimidade

Todas as circumstancias que acabam de referir-se, eram de ha muito sabidas dos tres: mas explicadas e comparadas agora, deram assumpto á conversação que entre elles se estabeleceu e que mais e mais se foi tornando intima e cordial, e tam suavemente expansiva, que pareciam amigos de infancia, individuos de uma mesma familia que ha muito se não encontram, e que reciprocamente se estão dando conta de sua vida e aventuras, se repetem as saudades que tiveram e o prazer que sentem em se tornar a vêr reunidos.

O General falava com enthusiasmo do seu joven ajudante d'ordens, da sua bravura, da sua elegancia, de seu muito e ornado espirito, do bem formado de sua alma. Izabel escutava com vivo interêsse; o Visconde, vinham-lhe as lagrimas aos olhos. E ora o pae, ora a filha repetiam ao velho amigo as expressões de affecto, de admiração apaixonada com que Fernando falava em suas cartas do seu querido e amado chefe.

—Por estes dois annos aqui o teremos,—dizia o Visconde, saltando-lhe os olhos de alegria:—estarão concluidas as suas viagens e será tempo de se recolher, vir viver emfim no seio de sua familia. Fernando não teve outra, de pequeno foi orpham como eu fui; e nós somos hoje os unicos parentes chega-

dos que tem. Eu não sou muito mais velho que elle, mas servi-lhe de pae: e comtudo póde-se dizer que o não conheço, só o vi em criança.

— Assim me disse elle, que fôra muito pequeno para o collegio em Inglaterra.

—Mandei-o, não tinha elle treze annos, e já eu estava no Brasil. E quando fui de visita a Portugal haverá dois annos, não chegámos a vêr-nos, porque... Mas isso é mais comprido, e toca na politica do meu desgraçado paiz natal... de que tomára eu esquecer-me para sempre... Não, esquecer-me não, d'essa pobre terra, que a amo com toda a profunda ternura de minha alma. No meio d'estas opulentas regiões, parece que avivam e pungem mais as saudades que d'ella tenho. Não, General, esquecel-a, jámais! mas esquecer-me d'essas miserias, d'essas torpezas, d'essas mesquinhezas vís, d'essas intrigas baixas, invejosas que lá chamam politica, e a que tudo sacrificam grandes e pequenos, altos e baixos, tudo, tudo. Lá tudo é assim; e a quem não é assim detestam-n'o e perseguem-n'o. Morrerei sem a tornara vêr, a minha terra! morrerei desconsolado e antes do meu tempo talvez! Os meus ossos aqui ficarão no exilio!...

— Papá, papá! exclamou Izabel tomando-lhe a mão.

— Perdoa, filha; tens razão de me arguir: é feia ingratidão chamar exilio á tua terra, á da tua boa mãe... Como está ella, tua mãe, agora?

— A maman ficou-se vestindo para vir para a sala, e não póde tardar. Passou-lhe de todo: o papá bem sabe o costume. Não sente senão aquella debilidade extrema. Mas hoje nem isso: está animada, contente.

— E' um mal inexplicavel o seu, os medicos não falam senão em nervos. O costume, quando não entendem. Mas eu vejo-a consumir de dia para dia. Vae tu lá, Izabel, vae vêr como ella está agora; e se a vires melhor, explica-lhe quem cá temos, e...

— Ella sabe, papá e não tarda ahi. Mas eu vou.

Izabel levantou-se, e atravessou rapidamente a sala, mas com certa molleza graciosa, que deixou o General encantado de sua figura, a qual se tinha algum deffeito era o de uma leve inclinação a arredondar-se, a suavisarem-se de mais as linhas de sua perfeita symetria. A cintura de vêspa, o collo alto, os dedos afilados, largos e fortes os hombros, o seio tumido e os braços torneados. Era branca por extremo, mas pallida; os olhos castanhos claros, de grande brilho mas pouca vivacidade. O cabello da mesma côr, porém com um reflexo tam doirado que á primeira vista podia passar por loiro, cahia-lhe em longas espiraes que naturalmente se annelavam sem se encrespar, e lhe cahiam em vasta profusão pelos hombros e pelo seio.

Uma tunica azul, ligeira e transparente, realçava a belleza e —permitta-se dizêl-o no mais innocente sentido — a morbidez lasciva d'aquellas fórmas seductoras que, se as animasse mais alguma rosa, se as não velasse o casto véo de uma palidez melancholica, arrebatariam mais desejos do que admirações e sentimento.

Não era uma belleza romantica: pêza-me confessal-o. Sylpha de Walter Scott, não era; fada de Shakespeare não podia ser; mas tal como as plasmava Homero, como as metrificava Ovidio ou Tibullo. Não lhe posso valer, era assim. Bem sei que a deusa da moda se chama Magreza; que as Giselas e as Undinas expulsaram Venus e as Graças, e reinam transparentes e diaphanas nos corações asceticos dos nossos macilentos Antonys. Mas, não lhe posso valer, repito. Era assim Izabel: e eu escrevo uma historia não faço versos á lua, debruçado nos balcões ideaes de uma creação caprichosa e imaginario estylo... devorado pelo verme roedor dos negros pensamentos que baloiçam tristemente ao vento da solidão no crepusculo da noite... etc., etc., com tres versos na mesma rima seguida, e um agudo depois em *ão*, coração, desesperação ou similhantes... e embasbacado fica o Gremio Litterario, o Centro Commercial e não sei se a propria Academia tambem — depois de regenerada.

Os olhos dos dois recemfeitos amigos seguiam com prazer a graciosa fórma de Izabel; que, levantando um reposteiro no fim da sala, ia summir-se no interior da casa, quando volvendo atraz e tornando a levantar a cortina, disse, voltando-se para elles, com angelica expressão de alegria.

— Ahi vem a maman! ahi vem a maman!

E segurando bem alto as prégas da cachemira que tinha na mão, se pôz de lado em attitude de quem dá logar a outrem para que passe.

CAPITULO VIII

A doente

Sentiu-se na sala o rodar lento de uma cadeira de braços no proximo corredor, e logo appareceu no limiar da porta e entrou effectivamente no aposento uma vasta poltrona amplamente estofada, e n'ella languidamente recumbente a figura extenuada, mas bella, da invalida viscondessa.

Um roupão, *peignoir* — de finissima

cambraia de linho, bordado de ramos soltos, guarnecido profusamente de Mallines, e froixamente cingido de um cinto de seda côr de hortensia, assentava sobre uma tunica da mesma côr. Laços do mesmo no pescoço; e uma touca que scientificamente lhe enquadrava o rosto alongado pelo padecer, mas interessante quanto ser podia. Os olhos pretos, scintillantes de toda a vida que alli se tinha concentrado... alli, e no coração, por onde só vivia. Assim, trazia o rosto animado, a bocca risonha e expressiva, — e só as mãos magrissimas, côr de cera, descahidas froixamente no regaço, e que pareciam as de um defunto.

Duas mulatas — genealogicamente falando, mas brancas em toda a apparencia — vestidas com a mais apurada coquetteria de uma *soubrette* franceza, a coifa de rigor dissimulando o excessivo riçado dos cabellos, o avental e todas as outras denguices do appetitoso costume, eram as que vinham rodando a cadeira de sua senhora; e com verdadeiro cuidado o faziam porque deveras a amavam.

Ao entrar porém na sala, foi o marido e foi a filha que tomaram conta da cadeira e de a dirigir para o sitio favorito e costumado que era ao pé de uma larga janella de arco, sahida e coberta, de donde se respirava a brisa perfumada e suave que vinha dos jardins, e que não havia aroma nem fragrancia que não trouxesse para a reanimar.

Alli a collocaram e lhe puzeram sua almofada aos pés, e lhe arranjaram, como ella gostava, as cortinas da janella, e dispozeram os candelabros de modo que lhe não désse luz de mais. E emquanto um e outro se occupavam á porfia em torno d'ella:

— Como te sentes agora, Maria — disse o visconde — estás melhor?

— Tam bem, que me parece impossivel o mal que estive todo o dia. O calor é o meu inimigo; sinto-me renascer com a fresquidão da noite.

— E o General, — acrescentou olhando para o hospede — escusas de m'o apresentar; reconheci-o logo pelos retratos que temos d'elle. E verdade, sr. General, as cartas de meu sobrinho Fernando, ha annos a esta parte, quasi que não contêem outra coisa: as suas feições, as suas qualidades, tudo já antes de o vêr, sabiamos de cór.

— E a sua lingua d'elle, *par coeur*.

— E' verdade, filho.

O General respondeu, como bom francez e francez de boa companhia, a estes cumprimentos affectuosos que lhe iam direitos ao coração, e prendiam áquella familia que apenas começava a tratar, como se nascêra no meio d'ella e tivera parte em seu sangue.

A admiração de encontrar gente assim, com uma casa assim, n'um trato de vida como aquelle, entre colonos americanos do sul, não tinha pouca parte na fascinação que sôbre elle exercia quanto o rodeava. Não o surprehendia a riqueza, o fasto de gente que sem dúvida contava por milhões seus haveres immensos. O visconde de Itahé era conhecido e nomeado em toda a parte por ser talvez o mais rico proprietario do Brasil, senhor de innumeraveis engenhos, de minas de brilhantes ultimamente descobertas em suas vastas possessões; e capitalista cujos immensos fundos estavam espalhados por todos os bancos da Europa e da America, cuja firma em qualquer parte do mundo valia como oiro em barra. O que o confundia era a elegancia, eram as maneiras, era o bom gôsto com que, em meio d'essa profusão de riquezas quasi fabulosas, apparecia uma simplicidade de gran'senhor, familiarisado com a opulencia e superior a ella. As suas idéas e prejuizos de fidalgo velho transtornavam-se; os *parvenus* que vira em toda a parte não eram assim.

E' que ha uma fidalguia de alma que nem sempre falta ao que chegou por si á grandeza, assim como nem sempre vem aos que a herdaram de seus antepassados.

Veiu o chá. Izabel fez as honras d'elle com sua graça indolente e mesurada. A noite passou-se n'uma conversação intima, cheia de encanto e abandôno, porque todos procuravam agradar, nenhum brilhar. O espirito vinha, quando vinha, trazido pela mão das Graças, sem estudo, sem pretenção nem trabalho, como verdadeiro filho de boa familia, que sabe entrar n'uma sala sem pisar os pés á gente, rasgar os vestidos ás senhoras, e acotovellar a companhia para que o admirem e applaudam, como faz o espirito bastardo e *parvenu*, que se não contenta do sorriso, do gesto agradavel que ao outro basta — quer a gargalhada das turbas, os pontos de admiração pasmada das nescias preciosas, que a cada sandice pedante exclamam — *du Grec, ma soeur!*

Fez-se tarde. Vieram criados com bandejas de fiambres, vinhos finos e todos os restaurantes usados. O General não quiz tomar nada, como homem que só comia duas vezes ao dia.

A doente trouxeram-lhe uma chicara de caldo que ella pareceu beber com gosto. E o Visconde e a filha trocaram sorrisos de satisfação e de esperança vendo-a, pela primeira vez ha tantos mezes, tomar com visivel prazer aquelle alimento de que, só á força de rogos e com manifesta repugnancia, raro conseguiam fazer-lhe engulir algumas enfastiadas colhéres.

Deram-se as boas noites, separaram-se, e foi cada um ao seu quarto: a familia brasileira positivamente namorada do velho General; elle jurando, por quantos santos azues e cinzentos tem a ladainha das *juras* francezas, que em toda a Europa não havia gente como aquella, nem tam amavel, nem tam alegre, e que tam bem soubesse reunir, no trato da vida, o *comme il faut* de gran'senhor com a affectuosa expansão das classes menos elevadas e mais singelas.

CAPITULO IX

De madrugada

Ainda não eram as cinco da manhan no outro dia, já o hospede francez estava de pé, já se fazia suas abluções escrupulosas, e se vestia com a singela elegancia de uma toilette matinal. Sentiu baterem-lhe mansinho á porta.

— Entre! disse. E entrou, já todo, áquella hora, de ponto em branco, ou mais exactamente de ponto em negro, o nosso respeitavel amigo Spiridião, que tinha sido expressamente detalhado para o serviço do General, em attenção á sua conhecida capacidade como guarda-roupa, barbeiro, cabelleireiro, e — o que elle mais presumia — a ter estado um anno em França em companhia de *Sió móço*, o qual *Sió móço* era Fernando d'Almeida, a quem fôra levar a Paris certos papeis importantes que lhe mandára o tio, que só de Cassiano os fiára. E dito *Sió móço* tinha gostado tanto da caturra importancia e das outras muito sérias e excellentes qualidades de pae Cassiano, que não quizera largar de si, nem deixar voltar á America o negro: em triumpho o queria passeiar por todo esse norte da Europa no pescante de sua sége de posto. De puro frio e de puras saudades adoeceu em Paris; que foi preciso tratal-o a caldos de papagaio, e embarcal-o a toda a pressa para a Bahia, onde chegou ainda doente, mas tam seccante com o que vira em Paris, com as suas descripções dos Boulevards, do Palais-Royal, das Tuilherias que ninguem o podia aturar.

Os áres do Brasil, sua segunda patria, a primeira fôra Cabinda, breve o curaram da nostalgia, mas da seccancia nada o curou. O mesmo ficou sempre: aquelle mal francez, — mal moral se entende — tornou-se constitucional e inextirpavel em Spiridião.

Oiçâmol-o falar ao nosso viajante.

— Peço perdão, Générá. Sió mandá dizer qué si qué dá um passéo com êri no páqui anti d'amoçá. E si qué i a cávállo ou de cabriólla.

— Cabrióllas? meu amigo! Deus me livre! estou muito velho para isso. Irei antes a pé se... se teu amo não cansa....

— Cançá não cança não. Sió Visconde é caçadô. Más êri dizê si qué antes caréche ou cabriólla.

— Nem carecha nem cabriolla, não, disse o bom do General, imitando a meia lingua do negro. O que tanto lisongeou o pae Cassiano e tam agradavelmente lhe titilou os nervos que rompeu com a gravidade de seu caracter, abriu uma dentuça que chegava de orelha a orelha, e desatou uma immensa gargalhada que degenerou por fim n'uma trovoada de tosse accompanhada de crebros e crepitantes espirros.

O francez ria que chorava. Spiridião voltou pouco a pouco, mas com frequentes recahidas, á sua habitual e respeitosa gravidade.

— Péço perdão, Générá: não pódi contê. Más tem um modo de dizê tam ingráçádo, que um homi não pódi... E engulindo outro ataque de riso e de tosse que lhe sobrevinha, cortejou profundamente, e foi levar a resposta a seu amo.

No emtanto o General sahiu do quarto, dirigiu-se ás salas e foi encontrar o Visconde, que o vinha buscar em verdadeiro trage de colono: o chapéo de palha desabado, a calça de riscas, e a véstia de abas — ou se preferem — a quinzena do mesmo.

— General, disse o Visconde apertando-lhe alegre e affectuosamente a mão: General, decididamente a sua vinda trouxe-me ventura. Minha mulher passou a noite admiravelmente: e eu sinto-me outro homem de a vêr melhor.

— Se bastasse a força de vontade para obrar prodigios, não haveria milagre que eu não fizesse n'esta casa, Visconde.

— Bem o creio, meu amigo.

E apertou-lhe cordialmente as mãos ambas com a sincera expressão de uma amisade que por momentos crescia e os ia estreitando cada vez mais.

O Visconde abriu uma janella rasgada, ou porta de vidros que dava para o parque, e sahiram.

CAPITULO X

O parque

A admiração do General, ao vêr claro agora e illuminado pelos raios do sol nascente o grandioso espectaculo apenas entrevisto na vespera á noite, não achava palavras em que se expressar, nem as tenho eu para as reproduzir.

Ficou immovel, extatico, absorto na contemplação de bellezas, que a arte e a natureza se não deram ainda assim as mãos para crearem outro sitio da terra

O terreno descia em volta da casa n'um declive suave, todo arrelvado e florido, mas florido n'uma variedade de côres e de fórmas que não alcança a imaginação de um europeu. Á proporção que se alongava o terreno, cresciam os arbustos em ramalhetes, em pequenas moitas; depois em massiços mais espêssos, até dar em arvores altas e copadas, cheias de fructos e de flores; mas onde as arvores eram maiores, e rareavam mais, deixavam extender a vista por avenidas immensas, umas direitas que se perdiam por ellas os olhos, outras sinuosas, mas que todas iam sumir-se longe e muito longe na impenetravel escuridão das mattas virgens do interior. Algumas eram largas estradas que levavam aos engenhos, ás róças, aos cannaviaes immensos, aos cafetáes, ás vastas plantações de tabaco, de mandioca, de algodão. Obra de duas leguas quadradas em redor da habitação, girava um fósso profundo, intransitavel para os animaes ferozes, e que de dia se passava em pontes moveis, sempre guardadas, e á noite cuidadosamente fechadas.

No centro quasi do terreno um vasto lago natural, aperfeiçoado e embellezado, todavia, de continuo se renovava com um riacho consideravel que alli vinha ter, e com a sahida de muitos regatos que iam serpeando por todo o parque levar a frescura e o principal alimento a toda essa pasmosa vegetação, correndo por entre o viço das flores e das relvas. As grandes massas de arvores eram indigenas, primitivas; eram as mesmas das florestas selvagens, mas desassombradas em grupos isolados, e mais bellas assim. As menores e muitos dos arbustos eram da Europa, da Africa, da Asia, da Oceania. Flores e relvas por entre isto tudo e estatuas e templos.

Os kiosques turcos, as ruinas italianas, torres gothicas, pagodes indios, ermidas portuguezas, porticos mexicanos, agulhas egypcias, mirantes chinezes, e palhoças das varias nações da Africa e da America: cada coisa tinha sido collocada na disposição de um terreno que mais apropriado parecia, e ao pé das arvores e das flores naturaes dos paizes que representavam.

— Vejo que admira o nosso parque, General: disse o visconde.

— É um prodigio, é a cousa mais bella que tenho visto.

— Ha ahi muita coisa bella com effeito. Mas eu não tenho aqui outro mérito senão o de ter mondado com alguma arte, e sinceramente digo que me parece com algum gosto tambem, das demazias da vegetação natural. Cortei por onde fazia geito, deixei todas as arvores mais bellas, até os proprios arbustos; as lianas e o matto baixo, deixei-o em muita parte. Fiz sangrar o rio proximo, e derivar d'elle essa ribeira que ahi vem ter, porque a agua da lagôa era quasi estagnada. E com um pouco de capim que por ahi se plantou, umas socas de bananeiras que por ahi se metteram, umas laranjeiras e uns limoeiros, que se dispozeram com algum gosto, e um bom jardineiro que mandei vir de Scocia, e que ao principio fazia tudo atravessado mas que por fim calhou com os descontos do clima, — tudo ficou feito em menos de dois annos.

Os outros dixes de estatuas, pontes, ruinas e mais accessorios do parque inglez, são coisas da minha pobre Maria Thereza... Coitada! que tam brasileira é no coração, mas tem a cabeça anglo galla; meia em Londres que ella admira, meia em Paris que é a sua segunda patria. Foi educada alli de muito pequena.

— Ah? foi educada em Paris?

— Sim, no Sacré-Coeur.

— No Sacré-Coeur! É possivel?

— De nove annos para allí foi.

— Nove annos! A mesma edade de minha filha.

— Pois tem uma filha, General?

— Filha.. quando digo filha, é porque o meu coração a adoptou. E se me nascera em casa, nos meus joelhos, não a adoptára, não a estremecia mais. Quanto dera para que a visse, Visconde, a minha bella, a minha divina Helena! Como tem estampada no rosto e na figura a grande raça de seus maiores!... Mas são contos largos, meu amigo; é uma historia para se contar devagar, o como eu herdei esta orphã de uma familia que pereceu toda inteira n'uma d'essas tremendas hecatombas da guerra da Grecia .. Toda, sem ficar senão esta creancinha de nove annos então... Funestas recordações! Dolorosas saudades de um tempo que passou — coroado de mais espinhos do que rosas... mas que lembra, apezar d'isso! lembra e ha de lembrar até o derradeiro dia da existencia.

O General entristeceu. Deante d'aquellas saudades que lhe annuviavam os olhos, a natureza já não sorria, o matiz dos prados, o aroma das flores tinha perdido o seu encanto. Caminhava lentamente em silencio pela silenciosa fresquidão d'aquellas ruas, acompanhava-o o portuguez sem dizer palavra, e assim chegaram á borda da lagôa.

Alli eram tantos os passaros aquaticos e tal a bulha que fizeram ao chegar dos dois,

que forçoso foi ao velho viajante sahir do seu pezadello acordado, e deixar-se distrair pela folgazan alegria da natureza.

—Meu amigo,—disse elle, voltando-se para o Visconde e appertando-lhe affectuosamente a mão:—É preciso ser indulgente com os velhos, que já não vivem senão do passado... Mas estas são palavras oucas e de tarifa, e no meu caso falsas. Eu tenho mais futuro do que passado .. e um futuro que me occupa muito, que me faz desejar e appreciar a vida. É a minha Helena, de quem tenho que cuidar, de quem preciso ser pae e ser mãe, porque ella não tem senão a mim n'este mundo .. Animo e alegria! que de tristezas morre a metade da gente que morre. Que bonito está isto! que viçoso, que admiravel!

E com a elasticidade das grandes organizações superiores repelliu de si a melancholia e desalento que o prostravam, e ganhou seu natural equilibrio de bom humor, de jovialidade, que fazia d'elle o mais amavel e seductor general velho que ser podia.

CAPITULO XI

O palacio encantado

Iam assim os dois pelo parque, tal como vão os homens pela vida; ora alegres, ora tristes, ora rindo, ora chorando; ora attentos a graves meditações, ora tropeçando em observações insignificantes, pedras soltas do caminho intellectual em que topâmos, folgando ou desesperando segundo o animo vem disposto.

—Mas como é isto! disse de repente o General, voltando-se para o lado das habitações: Estamos nós nos Jardins d'Armida ou na Ilha de Calypso? Hontem á noite entrei pelo vestibulo magnifico de um palacio... fui de sala em sala, a qual mais sumptuosa... Inda ha pouco tornei a passar por algumas d'ellas... E agora volto-me para o sitio d'onde vim, e não vejo senão uma graciosa aldeia da Suissa, um grupo de choupanas inglezas, que lhes não faltam nem os pinheiros alpinos para completarem a illusão! Valham-me estas bananeiras, estes coqueiros, e aquelles imperiaes ananazes que alli estão doirando com os primeiros raios do sol dos tropicos, senão... aquella mesma pitangueira em flôr que alli está, a tomára por um pé de murta ou por outra planta ainda mais europêa. Que é do palacio d'onde eu sahi, que se fez da grandiosa residencia onde me hospedaram esta noite? Que varinha de condão sumiu o castello e o transformou n'uma duzia de choupanas irregulares, destacadas, formando, verdade seja, um lindo accidente na paizagem?

Surriu-se o portuguez com visivel satisfação e disse:

—Foi uma fada sem duvida a que creou esta illusão. Pobre fada, que differente está do que então era! Foi minha mulher que imaginou e desenhou essas choupanas. Vistas assim a distancia, parecem uma aldeia suissa ou de Scocia, é verdade: mas estão collocadas umas de encontro ás outras por tal modo, que se communicam ao redor, e por dentro não parecem, nem de facto são, senão uma só e a mesma casa.

—Veja: aquella maiorsita á esquerda é a sala onde hontem tomámos chá: estas outras tres choupanas mais para o centro, as outras salas por onde passou. Essa o vestibulo. N'aquella está a camara de minha mulher, os seus quartos e os de minha filha; n'esta os meus. Para est'outro lado ficam os dos hospedes. Aquelle onde dormiu, só tem vista para um pateo interior; alli o pozemos de proposito para que, levantando-se cedo, não descobrisse o nosso innocente engano, antes de lh'o explicarmos. Pieguice! confesso; mas desculpavel em solitarios como nós, que as unicas festas e divertimentos que temos são estas de fazer as honras do nosso eremiterio aos viajantes, que por acaso succede termos a fortuna de hospedar. O que parece a egreja e o presbyterio, effectivamente o é, porque alli móra o nosso capellão e alli é a ermida onde se diz missa e onde, com permissão do bispo, se administram todos os sacramentos á populaçãoque nos rodeia e que é consideravel. As officinas da casa, abegoarias, cocheira, cozinha e o mais de lavor que precisa tamanho estabelecimento, são no interior da aldeia, com portas e serviço para o lado opposto. De modo, diz minha mulher, que se provê ás necessidades materiaes da vida, e não sômos obrigados a presenciar a prosaica elaboração a que é forçoso proceder para isso.

—Que gentil capricho! Bem se vê que é de mulher... mas não de qualquer mulher!

—Não por certo, Maria é um anjo... mas agora, um anjo que está cansado da terra. Já a não entretem nada d'isto que d'antes era sua vida.

Assim foram passeiando, e a pé andaram horas, discorrendo preguiçosamente de rua em rua, de bosque em bosque, e colhendo o general aqui uma flor, observando acolá uma arvore, herborisando sempre e poetisando tudo, que os espiritos contemplativos da natureza, insensivelmente se elevam das obras d'ella para o infinito da Belleza Eterna, que são as regiões da poesia.

Linneu foi um grande poeta; e Camões seria um grande botanico se tivesse lidado mais

com o seu amigo Garcia da Horta e se a sciencia estivesse já melhor formulada, mais transcendente dos aphorismos officinaes que então a envolviam como em suas faixas infantis.

CAPITULO XII

O almoço

Do mais alto a que se remonta o espirito do homem, breve o reclamam as necessidades materiaes da vida; e é força obedecer-lhes como aos assovios do falcoeiro obedece o falcão no ár.

Ouviram tocar uma sineta:

— É possivel, exclamou o Visconde,—que já sejam nove horas?

— São, respondeu o General, olhando para o seu relogio.

— Ás nove e meia almoçâmos. Voltemos a casa.

Apressaram o passo, e cada um foi para o seu quarto. D'alli a meia hora estavam na livraria confortavelmente sentadas as duas senhoras, o General e o Visconde, á roda de uma mesa coberta dos mais luxuosos manjares que o ritual gastronomico manda servir a este primeiro repasto da manhan.

A livraria era toda fechada em circulo, truncada apenas em um segmento occupado pela vasta janella em varanda d'onde lhe vinha a luz e ár, e agora a frescura matinal que dava melhor sabor ao almôço. As mesmas portas eram estantes suspensas em gonzos faceis que se moviam para abrir e para fechar. Gothico o estylo, ricas as madeiras, os crystaes preciosos, a collecção dos livros feita com o discernimento e gôsto com que a faria Nodier se fôra rico.

Quasi no fim do almôco veiu o chá, o café, o matte. Izabel, mais gentil ainda se é possivel, no seu roupão de manhan, de um côr de rosa pallido e amortecido, que menos pallida a fazia, mandou retirar os criados, e ella só preparava tudo, servia tudo e a todos; sem perder de vista a mãe que apenas tocava no seu carimá, especie de fécula gelatinosa, e que a pobre senhora fingia quanto podia que engulia, mas a repugnancia era muita e mal encobria o fingimento.

Agora que a via á luz do dia conheceu bem o General quanto era fundado o terror d'aquella familia e que aéreas eram as esperanças que ainda alentavam o Visconde e a filha.

Toda reclinada na sua poltrona, mortal na côr e na attitude, só vivos os olhos mas de uma vida turbulenta e febril, envolvida em uma capa de velludo roxo, os pés em borzeguins de arminhos, e achando ainda fria a manhan aquella hora e n'aquelle clima, não podia duvidar-se que a infeliz senhora no ultimo periodo de uma consumpção lenta, — que tinha sido lenta, mas que agora fazia desesperados progressos de dia para dia, de hora para hora.

Sabiam-n'o os medicos, sabiam-n'o todos, menos o marido e a filha, a quem dizel-o era matal-os sem nenhum proveito. Se o sabia ou não a mesma doente, era duvidoso: umas vezes parecia ter a consciencia da sua proxima dissolução, outras falava como quem contava de viver ainda annos de annos. De Izabel porém e do Visconde occultava ella sempre, quanto podia, o seu estado verdadeiro; não se queixava nunca do peito; dizia, como os medicos, que tudo eram nervos, e pedia a estes que o seu mal verdadeiro o encobrissem aos seus. E como d'esta piedosa fraude se não seguia damno algum á doente, os doutores diziam que sim, e sustentavam até á ultima a illusão d'aquelles dois entes que sonhavam ainda felicidade e prazeres, quando já toda a sua alegria tinha a cova aberta para se enterrar no meio d'aquellas solidões para sempre.

Acabou-se o almoço. O General, triste de suas proprias recordações, triste da proxima desolação em que já via sepultada aquella familia tam merecedora de melhor ventura, porém mais triste ainda da sua descuidada alegria por tam falsas melhoras, alegria traidora que fazia mal vêr, quiz sahir d'alli a todo o custo; pretextou que precisava aproveitar o seu tempo, e que desejava ir herborisar nos contornos. Declarou o Visconde que o havia de acompanhar; as senhoras approvaram. E os dois novos amigos sahiram armados e equipados como convinha, na companhia de dois negros fieis e experimentados, resolvidos a internarem-se pela solidão do deserto até onde podessem, tomando rasoavel tempo para voltarem ás horas de jantar, que eram as seis da tarde.

CAPITULO XIII

A mãe

Ficaram sós a mãe e a filha.

— Fecha aquella porta por dentro, Izabel. Tenho que falar comtigo, e não queria que me ouvisse ninguem.

Izabel desconfiada, com um presentimento de terror, d'aquelles que batem no coração de repente, sem se saber porquê nem donde vêem, levantou-se trémula, agitada, foi fechar a porta, e voltou sentar-se aos pés da

mãe, onde estava, porém mais chegada a ella, com as mãos mais apertadas nas suas, e sem ousar erguer os olhos para o rosto querido, e tremendo de lhe vêr sahir da bocca não sei que fatal sentença que a ia aniquilar.

Era o coração que adivinhava.

—Izabel,—disse a mãe com um accento de suavidade celeste na voz,—olha bem para mim, filha.

Izabel olhou, e tremeu de todos os membros.

— Não tremas, filha; que me fazes mal, muito mal.

— Que tem, maman?... que tem?

—Pois tu não vês o que eu tenho, filha? Pois tu não vês que estou a morrer?

—Morrer, maman!

— Morrer, filha. Já não posso, já não devo occultar-t'o mais.

—Mas os doutores...

—Os doutores não tornam cá. Pedi-lhes eu encarecidamente que não voltassem para que teu pae lhes não lêsse nas caras a sentença irrevogavel que agora vae cumprir-se, e que elles ha quatro dias me deram. Animo, filha! Põe o coração em Deus. E lembra-te que n'estes ultimos momentos tua mãe que te adora, que te ama com tanto extremo, tua mãe precisa de ti, e que não tem mais ninguem para a confortar. Se tu lhe faltas, se tu succumbes ao desalento, é a tua mãe que abandonas... e lhe redobras as amarguras d'esta hora fatal.

—Maman, maman! articulou pausadamente Izabel apertando os dentes e engullindo os soluços que a afogavam. Maman, não vê que eu não chóro?... Pois a sua filha não ha de ter fôrça para a acompanhar?

—Filha, tu és um anjo e tens a energia do bem na tua alma. Morro mais tranquilla com saber que te deixo em dote o que a poucas mulheres é dado, uma serena mas invencivel fôrça de animo que sempre o que quer póde. Tu és criança, filha, és formosa, e serás immensamente rica. Ainda quando teu pae casasse outra vez.

—Meu pae casar!...

—Teu pae é homem, filha, e moço ainda...

—Maman!

—Tu não conheces os homens, nem o mundo, Izabel. Houve um tempo em que me dava isso cuidado. Tenho pensado melhor e já o não temo. A ignorancia na mulher é a innocencia—e a innocencia tem muita fôrça. É condição das filhas de Eva que quanto mais sabem mais erram. Sim, filha: ainda que teu pae casasse outra vez, a maior parte d'essa immensa fortuna que juntou teu avô era tua sem partilha. Não cases senão com o homem de quem gostares e de quem tenhas próvas que o coração é nobre e o espirito elevado. São grandes consolações para os desgostos da vida—que vida sem elles não ha... Eu casei com o homem da minha escolha; e as suas grandes qualidades de espirito e de coração me deram toda a felicidade que tive na vida—toda a que me não veiu de ti—; ainda agora me ajudam a levar com paciencia a morte. Que a alta idéa que formares do homem a quem deres tua alma, não busques diminuil-a nunca!... Erro fatal de muitas mulheres que por vaidade o fazem para exaltar-se, cuidando engrandecer-se a si com depreciarem aquelles a quem se deram. Loucas! Humilham-se, abatem-se, arrastam-se. É a maior desgraça que póde succeder a uma mulher, e d'ella nascem todas. Antes fechar os olhos aos deffeitos, negál-os a si propria, porque em nós chegando a vêr o primeiro defeito grave no homem que amâmos nunca mais vêmos n'elle senão miserias: e n'esse momento a nossa felicidade acabou. O que o vulgo chama impropriamente *illusões*, e que não é senão a exaltação do espirito ao ideal da Suprema Belleza, desapparece. Fica o amor brutal, grosseiro, degradante, que nos annivela com os outros animaes todos,—porque os ha que sentem do coração—mas com os derradeiros e mais vis da creação. Oh! se os teus olhos se abrirem a alguma fatal realidade, se a exaltação da tua alma se abater se as tuas illusões—como lhe chamam—por qualquer motivo começarem a dissipar-se, recúa, foge, morre antes: mas não te dês. Porque a humilhação da tua alma é certa... E mais vale mil vezes morrer do que sentir-se humilhada a seus proprios olhos. Teu pae, bem o sabes, o seu grande desejo, a sua maior felicidade n'este mundo é vêr-te unida com Fernando, teu primo, o seu sobrinho valido. Não oiço senão bens d'elle ...Mas, não sei porquê tenho no fundo d'alma o receio instinctivo de que não seja homem para ti. É um homem do mundo, elle, do grande mundo; e tu, filha da soledade, criada n'este deserto. Teu pae não te obrigará; nem tu és para isso, que eu bem te conheço, filha. Assim a tua escolha fica livre. Pensa, examina, conhece-o; e não ames senão a quem conheceres; não te dês senão a quem amares. Este velho General, este amigo intimo de Fernando... sympathiso com elle, com a sua figura, com as suas maneiras, com o seu espirito realmente superior... Mas...

—Mas que, maman?... Eu tambem sinto a respeito d'elle...

—Mas porque me dirá o coração, porque vejo eu não sei em que phantasticas estrellas, que a d'esse velho é opposta á tua, á de teu pae, e que?... Loucuras? Visões d'uma

cabeça esvaecida!... Não faças caso d'isto, filha. O conde de Bressac é um homem respeitavel, um amigo certo e provado do que naturalmente ha de ser teu marido. Não te deves prevenir e preconceituar contra elle por minhas irreflectidas palavras. E mais te não digo, filha, que não precisas. Teu pae é um homem de valente juizo; e em tudo quanto um homem póde dirigir uma mulher — que é muito menos do que se cuida — ninguem te ha de aconselhar tão bem como elle. Não te incumbo legados, não te encarrego deixas, não te imponho mandados de nenhuma especie. Todos os nossos escravos são bons, porque nós temos sido bons com elles. Sei que o teu desejo é libertal-os a todos....

— Oh! sim, maman.

— Tal não faças, minha filha. Não dês alforria senão aos que tiverem juizo e industria para usar da sua liberdade. As beatas, e os hypocritas inglezes têm causado tantos desgraçados com as suas declamações contra o trafico dos negros, tantos, pelo, menos, como os que mercadejam no infame negocio. A emigração de Africa para a America é uma necessidade absoluta e inevitavel que convinha regular, fiscalisar no sentido do evangelho e da civilisação, mas não proscrevel a absurdamente. Teu pae te instruirá sôbre este ponto. As suas idêas e os seus planos são mais christãos e mais justos de que os de todos os philonegros da Europa, que a respeito d'Africa e d'America tanto sabem e entendem como dos paizes da lua. Não fiz, nem faço testamento: sei o que me fica no teu coração, e no de teu pae. Só uma coisa te deixo encommendada: é que tenhas muita indulgencia com Fr. João Indio. Elle custa a soffrer; é como todos os de sua desgraçada raça, molle no bem e no mal. Mas é honrado, fiel, sacerdote exemplar... e de suas mãos hei de receber a ultima benção para o meu transito...

— Maman! Oh! minha querida mãe!

— Tem dó d'elle, Izabel, e atura-o com paciencia. As suas desconfianças visionarias, as suas superstições absurdas, nem sempre são para despresar. Sabes tu? Aquelle espirito habitualmente obscurecido pelos vapores crassos de sua indolencia e de uma especie de estagnação de todas as faculdades, illumina-se ás vezes do instincto de um grande amor, de uma dedicação por esta nossa familia, que é o unico affecto de sua alma n'este mundo!

— Maman, bem sabe que eu tambem quero muito a Fr. João Indio.

— Sei, filha, e descanço em ti n'este ponto, bem como nos outros todos. Teu pae não gosta d'elle; mas ha de toleral-o por amor de ti, como o tem tolerado por amor de mim. E agora, querida Izabel, saberás que me sinto melhor, mais alliviada com ter aberto o meu coração á minha filha. Era um pêso que me opprimia, e que apressava e amargurava a minha morte. Estou melhor... mas muito exhausta; preciso descançar. Chama para que me levem ao meu quarto. Despir-me-has tu, e me metterás na cama, porque estou melhor despida, e não sairás de aopé de mim.

— Maman, maman! — ia rompendo a soluçar a pobre de Izabel.

— Vamos, vamos! Animo, filha! estarás ao pé de mim, e me darás o meu jantar. E has de me lêr esses versos novos de Lamartine, que tu achas tam bonitos, a vêr se me convertes á tua fé, se fazem com que eu goste mais do teu poeta francez do que do meu Walter-Scott e do meu Shakespeare. E eu farei por adormecer quando fôr hora de irem para a meza; que então irás tu tambem, não desconfie teu pae. E depois, quem sabe? Eu para a noite, quando refresca o ár, estou sempre outra, revivo como as plantas com a frescura do orvalho.

— Se Deus quizesse, maman, eu ainda tenho fé...

— Tem sempre fé em Deus, que hade querer o que fôr melhor para nós.

Izabel abriu a porta, puchou o cordão da campainha, vieram as escravas, levaram a enferma ao seu quarto; e a filha a despiu, a deitou, conchegou-lhe a roupa, e a ageitou entre almofadas para lhe achar a menos dolorosa posição que em seu estado podia dar-se. Depois leu-lhe um pouco, falou-lhe outro pouco das coisas que sabia interessarem-n'a mais, — das suas flores favoritas, do seu collegio de Indios que ella protegia, do seu hospital de negros velhos que ella amparava. Fêl-a rir com as elegancias do nosso amigo Spiridião, e com as disputas que sempre andavam travadas entre elle e Fr. João Indio, de cuja missa o atrevido negro duvidava se era «missa inteira» e tal que chegasse para cumprir o preceito em dia santificado. Com isto e com dois caldos que lhe fez tomar aos golos, se passou o dia á enfêrma. A febre não recresceu, e quando estavam a dar as seis horas, que os herborisantes voltaram e se foram vestir para jantar, estava ella sensivelmente melhor, e tanto melhor se sentia, que se quiz levantar e vir para a meza. Oppoz-se Izabel, instou e conseguiu que o não fizesse.

Havia em casa uma criada velha de grande confiança, minhôta cerrada ainda depois de quarenta annos de ausencia da santa terrinha do *Nun-bou lá*, aguentando sob a ampla saia de baeta e as roupinhas atacadas, o calor infernal dos tropicos; testuda por-

tanto, já se vê, mas fiel, zelosa e amante de seu amo, que não quiz deixar nunca, nem depois de rica, independente e senhora sua, como era. Ficou esta Gertrudes, que assim se chamava a minhôta, no quarto com a doente; e Izabel se foi vestir para presidir á meza, forcejando por se illudir com a idéa de que os presentimentos da mãe eram falsos, que ella estava melhor, e ainda havia de escapar d'esta crise, como tinha escapado das outras que ha seis mezes se tinham repetido tam frequentes.

CAPITULO XIV

Izabel

Tocou para o jantar: Izabel que no seu quarto desafogava a soluçar e a chorar emquanto suas aias a vestiam, mirava machinalmente o espelho em que se não via com a força das lagrimas: mas ouvindo aquelle som que a despertou, estremeceu, voltou a si, e se firmou na resolução de obedecer a sua mãe e de encobrir ao pae a impendente calamidade que estava a cahir sobre elles. Feito este grande esforço de animo, compoz o semblante, enxugou os olhos, e com um d'aquelles sorrisos que a mais innocente mulher tem sempre no meio das maiores dores, quando é preciso occultal-as, veiu para a sala em que era costume juntarem-se antes de ir para a meza.

Tinham dito ao Visconde que sua mulher estava melhor e dormia; pelo que, não quiz entrar na camara e se foi direito ao seu quarto vestir muito socegado.

Tanto elle como o General estavam já na sala á espera de Izabel, e lhe vieram ao encontro alegres e satisfeitos de a vêrem.

A belleza de Izabel era d'aquella especie, não digo a mais fina, porém certamente a menos commum, que brilha mais de dia que de noite. Extremamente pallida mas de uma tez purissima, a sua compleição não tinha que pedir segredo ás luzes artificiaes da noite. Demais era botão de flor que abria; todo o sol lhe era pouco. Flores que já brilharam em muita e muita manhan clara, são as que pendem para a tarde, que se arrugam com o ardor da calma, e que precisam da meia luz do crepusculo para se reanimarem.

O pae quando a viu entrar sentiu jubilar-lhe o coração e jurou que nunca a vira mais bella.—Ah! se a visse agora Fernando! disse comsigo.

O General cortejou, dandinando-se das reminiscencias dos seus tempos, e suspirou meia duzia de madrigaes *fadeurs* que lhe acudiram á stereotypada memoria.

Um magnifico vestido de glacé côr de pecego, com tres largos folhos, os hombros e os braços nús, o cabello solto e ondado, sem uma pulseira, sem um laço, sem um unico dixe: os pés calçados de estreita chinella de setim preto, estreita mas facil e naturalmente justa, que lhe deixava toda a elasticidade e morbideza do pisar: a luva da mesma côr do vestido abotoava no punho com tres rubis, que pareciam tres gotas de sangue crystalisado; tal era a toilette de Izabel; toilette que, em sua dolorosa preoccupação, na ausencia de todo o estudo, sahira por acaso tam perfeita, qual a não conseguiria talvez em occasião mais requerida com horas e horas de consultação ao toucador.

—Querida Izabel,— disse o pae abraçando-a — tua mãe não está muito boa?... Ella que se deitou...

—Não está, não, papá.

—Mas nunca tam mal como hontem?

Izabel não respondeu. O pae não fez reparo e continuou:

—Oh! como hontem! Aquillo sim, que foram transes! Cuidei que me ficava nos braços. É que tambem o dia está melhor hoje, menos quente, menos abafado. E tu, filha? mas tu estás sempre boa. É a minha grande felicidade n'este mundo, General, a saude d'esta filha, que nunca teve a menor coisa. De criança de peito nunca fez passar uma noite má a sua mãe. Que bulhas, que disputas não tive eu com miss Mac'Drugg, a sua aia ingleza — creio que a moda é dizer governante — que por força lhe queria imbutir saes e pilulas e toda aquella pestilencia que viaja com uma ingleza sempre, na pulida e envernisada bocêta de Pandora, primeiro e indispensavel artigo de sua bagagem. É verdade, que novas ha de miss Mac'Drugg? Não te tem escripto? ha tres mezes que está na Bahia, por *um corto visito,* como ella diz ás suas amigas, as taes misses...

—Mac-Flirts.

—Pois Marc-Flirts, sejam. Mas é preciso que lhe escrevas, que dê por feito o *seu córto visito*, e que volte quanto antes.

—Porque, papá?

—Porque tu já não falas inglez, e...

—Ora, papá!

—Não é ora papá; é que esta senhora, General, fala inglez perfeitamente: e, ficando assim muito tempo sem ter com quem praticar, esquece-o.

—Tem razão o papá: era uma pena, disse o General sorrindo.

—Bem, bem, General! venha em meu auxilio! clamou o pae.

— Mas se eu não gósto de Inglezes, continuou Izabel felicissima de lhe ter apparecido um assumpto de discussão que arredava do pensamento, não do seu, que era impossivel, mas do seu pobre e descuidado pae, as penosas ideas que o preoccupavam : — Se eu não gósto de Inglezes nem da sua lingua! Estudei-a por fazer a vonta de ao papá...

— E a tua mãe, filha, a tua pobre mãe, que é a sua lingua predilecta.

— Pois sim... mas a falar a verdade, eu não gósto senão só da nossa boa velha lingua portugueza. Não se offenda, General, eu tambem sou muito parcial do francez, mas é só do francez de Lamartine e de Chateaubriand...

— Nem sequer chega a Molière a amnistia?

— Sim, tambem chega.

— A Racine?

— Não.

— A Voltaire?

— Nada.

— Que capricho!

— Não é capricho. Nem pretendo saber d'estas coisas, General, entender de auctores e de litteraturas. Sempre ouvi a minha mãe, e o creio e o comprehendo bem, porque o sinto, que uma mulher litterata deve ser a coisa mais ridicula e abortiva do mundo. Mas eu não conheço o mundo e facilmente cahirei, talvez, em seus ridiculos sem o saber. Digo o que sinto, digo as impressões que me faz um livro, como digo as que me faz uma bella paizagem, uma pintura, uma estátua. Isto não é entender, nem julgar, é sentir. E entrar-me pelos ouvidos de modo que me traga ideas perfeitas, naturaes, sentimentos verdadeiros ao espirito, só a lingua da terra de meus paes. Fui criada aqui: não vê? Se eu fôra de pequena para um collegio estrangeiro, não sei...

— Tens razão, filha, disse o pae tomando lhe a mão e beijando-a: — tens razão; e tambem a tive em te não querer educar para franceza ou ingleza.

O General admirava no emtanto a pureza de coração e a solidez de espirito de uma menina nascida no fasto e na grandeza, rodeada de escravos e dependentes e saudada desde o berço por herdeira de milhões. — Se será com effeito, pensava elle, a nossa tam gabada educação do mundo a que tudo falseia e corrompe?

CAPITULO XV

O jantar

Abriu-se n'isto a porta, e Spiridião Cássiáno di Mello i Mátoss, a carapinha apolvilhada de fresco, as luvas saltando de brancas, fez a sua apparição official e inclinando-se gravemente a Izabel, lhe intimou, por esta fórma sacramental, que o jantar estava na meza.

O General deu o braço á interessante brasileira; e seguidos do Visconde se encaminharam á sala do jantar.

É impossivel imaginar nada mais elegante, mais commodo, nem mais confortavel segundo o clima, do que aquella casa de jantar. Bastantemente comprida e larga em proporção, tinha, de um dos lados maiores, tres portas espaçosas com só dois largos crystaes inglezes, um em cada batente. Do lado opposto um magnifico apparador corrido todo de canto a canto, resplandecia de prataria, procelanas e crystaes de diversas côres e feitios, e exhalava, com o cheiro appetitoso das viandas, o perfume das flores dispostas em grandes jarras de Sèvres.

Sôbre a meza um plateau de vermeil, cuja peça central, digna de Benevenuto-Cellini, representava, oh horror! oh escandalo das artes progressivas e fomentadoras! o classico grupo das tres deusas litigantes no Ida, e do juiz-pastor deixando-se peitar pela que mais lhe désse, e entregando a maçan fatal á que melhor soube peital-o. Á direita e esquerda do grupo se elevavam, como de entre uma rica e viçosa folhagem de oiro, dois elegantes vasos de crystal verde e tam puro que parecia solida esmeralda, com as bordas patentes e debruçadas como as do calix de um elegante convolvulus, contendo uma quantidade de fructas escolhidas, misturadas de folhas e de flores. Era o ananaz com a rosa, a gardenia com a anôna, a laranja com a sua propria flor, a magnolia com a goiaba, o arassá com a passiflora, o cajú rodeado de begonias côr de sangue, as uvas com a fructa do conde, e as mangas côr de cêra com as roseas grinaldas da bouganvilea. D'aqui se estendia por toda a meza um variado mosaico de outras fructas, doces e conservas: o côco verde com sua nata deliciosa e refrigerante, a melancia que degenerou da Europa, curcubitando tortuosa e aleijada, porém muito mais doce e

«melhor tornada no terreno alheio;»

o melão com a polpa côr de sangue, as bana-

HELENA, PAG. 119 E logo appareceu no aposento uma vasta poltrona

nas emfim que são a mais vulgar porém a mais util producção da Pomona tropical.

O forte das viandas foi cortado e servido dos bufetes por um bem disciplinado regimento de criados, que debaixo do commando do seu illustre chefe, o grande Cassiano, manobrou com uma pontualidade, intelligencia e ordem admiraveis.

Monsieur de Bréssac pensaria assistir a um jantar imperial do palacio d'estio em San'Petersburgo, se o fasto gigantesco, se as desperdiçadas galas da nobreza americana se lhe não estivessem mettendo por todos os sentidos e triumphando de luxo sobre o mais refinado das elegancias do velho mundo.

A mesa era oval, Izabel occupava o centro de um dos lados mais extensos, tinha o pae á direita, o General á esquerda, e em frente as tres largas janellas ou portadas, agora abertas de par em par.

Os ultimos raios do sol davam nas longas, assetinadas folhas das bananeiras que viçavam junto da casa, e as faziam resplandecer de uma mistura de oiro e verde, arraiado de purpura nos caules mais tenros; mas por entre grupo e grupo dos gigantescos herbaceos, artisticamente dispostos, penetrava e se estendia largamente a vista a espraiar-se nos vastos jardins do parque, na lagoa, até a cinta verdenegra dos circumstantes mattos virgens.

O General falava pouco, comia menos, mas todos os seus sentidos se banqueteavam. E não ha para que negál-o: com toda a simplicidade de seu caracter, apezar de toda a ingenua facilidade com que o Visconde e sua filha naturalmente usavam, que não gosavam, de sua extraordinaria opulencia, era todavia visivel que o seu amor proprio se banhava com deleite na admiração do surprehendido estrangeiro. Um habitante do nobre faubourg, um homem da velha côrte de França, que em seus primeiros annos tinha saudado ainda os derradeiros esplendores de Versailles, e as mais livres, porém mais finas etiquetas do grande e pequeno Trianon, — que durante a republica se refugiára nos tepidos salões de Vienna e de San'Petersburgo, — que depois, meio-reconciliado com o imperio, vira nas Tuilherias as pompas quasi byzantinas da côrte do usurpador, — que nas ruinas de Athenas e de Roma estudára as reliquias da antiga civilisação, do antigo fasto dos Cesares, e das elegancias de Pericles! — vêl-o, a esse homem, já enfastiado, já gasto e cançado das maravilhas do velho mundo, rejuvenescer agora para admirar de todos os seus olhos, reviver para gosar de todos os seus sentidos, essa obra de suas mãos d'elles, esse Elyseu de sua creação, — revestir-se com elles de gloria e de prazer supremo n'esse Thabor de sua transfiguração, desejando, como Pedro, um tabernaculo para alli ficar, porque alli estava bem, era na verdade para lisonjear a solitaria familia de Itahé.

CAPITULO XVI

Interrupção

E com effeito, adiantada já a sobremeza, tomava o General algumas colhéres da fresca nata de côco verde, quando exaltado por um irresistivel pensamento: — Oh! uma cabana aqui com a minha Helena, e juro a Deus que todo o mundo velho se podia afundir, quanto para mim, perecer como a Atlantida do meu amigo Nepomuceno Lemercier, sem me ficarem a mim mais saudades do que ficaram os versos do illustre academico na memoria de alguem que tivesse a fatalidadde de os lêr.

— Veja o que diz, General ! Somos capazes de o tomar pela palavra, de o fazer registar o seu temerario juramento.

— Vejo e sinto; de mais sinto o que digo: porque a lembrança d'estes sitios encantados, porque as saudades, *saudades* é a palavra aqui, não outra de nenhuma lingua, as saudades da angelica familia que ahi soube plantar suas tendas, não me hão deixar nunca mais, e me farão aborrecer o resto do mundo. Que palacios, que jardins, que bosques poderão j'agora contentar olhos que se fartaram n'isto? Como me não hão de parecer hortas de couves e de alface os mais cuidados parterres de Londres? Em que estufas acanhadas poderei eu mais com paciencia, vêr florescer a bouganvilea ou fructificar a bananeira, — colher um ananaz de um vaso de barro, apanhar um ramo de flores de larangeira de um caixão de tabuas pintado de verde? Que ridicula parodia me não hão de parecer os nossos jardins! E o que digo das plantas, oh! se não estivesse aqui uma senhora, Visconde, se eu podesse falar com a mesma liberdade d'essas flores contrafeitas que brilham á luz da cera e do azeite na escaldada atmosphera das estufas de nossos bailes ou meneam suas frontes cahidas por entre a nevoa grisalha de uma fria manhan nas ruas macadamisadas de nossos jardins empoeirados, de nossos parques rachiticos, por entre as nossas árvores recortadas á tezoira...

— Vamos, vamos, General! isso agora tambem é demais. Izabel, sentido com a galanteria franceza! Não vês como te lisongeia e

sacrifica sem misericordia todas as formo suras do outro hemispherio?

Izabel sorriu tristemente e disse:

— A mim, sim! Como eu me tenho por tam bella! E como não sei o que é a graça, o irresistivel encanto das parisienses!

— Coquetteria tudo, artificio, disfarce, impostura, falsidade, mentira! Encantos comprados á modista, graças á costureira, figura ao espartilheiro. Tudo comprado, até as caras e o cheiro, as côres e a morbidez da pelle, que vêm da logea do perfumista. A symetria das fórmas é balêa e algodão; o espirito, os ditos agudos são estôfo de vaudeville; e o mesmo sentimento, extracto sublimado de novellas, facticio, mentiroso e postiço como ellas: nada que fizesse a natureza, tudo a arte; nada que venha do coração, que gire com o sangue n'essas veias, que saia d'alma... Aquellas almas estão todas como a do Licenciado... enterradas na *Bourse*, onde suas altas e suas baixas são regularmente cotadas... almas que já estão ardendo nas caldeiras de Pero Botelho dos caminhos de ferro, penando por oiro, oiro e oiro, que é a mania unica da Europa desde o palacio dos reis até o phalansterio dos communistas!

— E a da America tambem, meus amigos, disse o Visconde.

— O mundo foi sempre assim; quando tinha só tres, depois que tem quatro, e assim será sempre quando tenha cinco partes, como já querem contar-lhe: foi, é e hade ser o mesmo. Aqui está ainda a riqueza em poucas mãos; e algum que tem consciencia e pudor póde ainda affastar-se, como eu aqui fiz, para longe das asquerosas officinas onde se trituram as carnes e as vidas humanas, brancas e negras segundo os paizes, para fazer d'ellas o oiro, o podêr, as riquezas, e que sob a fórma de engenhos de assucar, de minas, de manufacfuras, de fabricas, de batalhas, são todos o mesmo: feudos de milhares de escravos, sujeitos pela miseria ao podêr de um homem que a sorte fez rico, poderoso e senhor. Tenho a infelicidade de crêr que este destino da especie humana é fatal, inevitavel, irremediavel: que se lhe podem mudar as fórmas e os nomes, outra coisa não. Moderál-o, suavisál-o podia o christianismo, e especialmente, a sua mais pura, mais velha e mais perfeita communhão, a catholica. Parece que o não quer Deus... pois permitte que por um lado a philosophia regeneradora do seculo renegue da cruz, seu unico estandarte, sua força, sua legitimação e seu podêr immenso, e por outro que os sacerdotes de Christo tomassem medo á Civilisação e ao Progresso, á Liberdade que nasceu á sombra dos altares e tarde ou cedo hade voltar a elles... O dia de Deus ainda não chegou, hade chegar; mas antes que chegue presinto grandes calamidades...

Interrompeu-o, n'estas palavras, um murmurio surdo que se levantou entre os criados e escravos que occupavam o fundo da sala. E quando ia a perguntar com gesto imperativo o que significava aquella falta de disciplina, tam desusada e inaudita, viu abrirem-se as largas portas do fundo, prostrarem-se todos de joelhos, e ouviu-se uma voz bem conhecida pronunciar grave e tristemente a saudação latina:

— *Pax huic domui*!

A que responderam muitas vozes de crianças:

— *Et omnibus habitantibus in ea.*

— Frei João Indio e os seus rapazes!!? Que significa isto, Izabel?

— Ai meu pae! significa... não sei... mas presinto... Eu vou .. É, é... oh meu querido pae! é o que eu esperava.

E deitou a correr, atropellando os que estavam de joelhos e rompendo para a porta da sala, conseguiu assim passar adeante á inesperada procissão que lenta e pausadamente ia entrando pelo immediato aposento e se dirigia ao interior da casa.

Eram umas vinte crianças de nove a treze annos, indias todas, grosseira mas limpamente vestidas, com suas opas encarnadas, vulgarmente ditas—capas do Santissimo:—suas tochas accesas nas mãos, e atraz d'elles um padre de sobrepelliz e estola, o véo sobre os hombros, e cobrindo com elle a pyxide ou ambula em que se continha o viatico.

O Visconde espantado, a lingua prêsa, ficou immovel, olhando com uns olhos fixos que não viam, ouvindo com uns ouvidos que lhe não mandavam som distincto nem idéa precisa ao espirito. No meio de toda aquella gente prostrada, batendo nos peitos, elle só ficou de pé, como a estátua da Impiedade, o symbolo da Impenitencia que parecia insultar a compuncção geral.

A procissão passou; todos a seguiram... menos elle que, immovel, impassivel, ficou no mesmo sitio.

CAPITULO XVII

Sympathia

Emquanto o Visconde tolhido de susto e de pasmo, tinha ficado só na deserta casa de jantar, rodeado das reliquias das iguarias, do fasto e da sumptuosidade, que alli pareciam agora as do naufragio de todas as alegrias e prazeres humanos, e causavam asco

e dó vendo-as dispersas em tôrno d'esse homem prostrado e ferido de uma dôr mortal, o viajante seguia, com os demais, o Viatico. A' porta da camara da Viscondessa lhe explicaram o que, n'aquella casa, só Izabel ignorava, o pae, e elle hospede recem-chegado: que a dona d'ella, a senhora de toda aquella immensa riqueza, ha muitos dias abandonada dos medicos, estava no derradeiro periodo de uma consumpção lenta, e que a cada instante receiavam vêl-a expirar. Emquanto estavam á mesa, tinha-lhe sobrevindo um paroxismo mortal; e a criada de confiança que a velava, a pontual Gertrudes, não tratou senão de fazer o que sua ama com a maior instancia lhe encommendára: correu a chamar o capellão que ha muito estava de sobre aviso e que immediatamente acudiu com os sacramentos. Tudo isto se tinha passado em poucos minutos, não houve tempo nem reflexão para mais; e as ordens estrictas da enfêrma tinham sido que por nenhum modo sobresaltassem sua filha ou o Visconde. Izabel presentida pela conferencia da manhan, adivinhou logo tudo, e sem mais perguntar, correu direita ao quarto da mãe que achou moribunda. Ao pae tudo tinha escondido temendo os excessos de sua dor. Ninguem ousava dar-lhe o golpe, ninguem tinha animo para o prevenir; e á força de precauções lhe deixaram cahir repentino o raio direito e desapiedado, com que o assombraram e mataram n'alma para sempre.

Da porta da camara da moribunda o General deitava os olhos para vêr os que a cercavam. Viu a filha meia ajoelhada meia deitada no leito, que a sustinha nos braços; viu muitos homens, muitas mulheres de joelhos que soluçavam e choravam; viu muitos mais na antecamara que faziam o mesmo; viu que só o Visconde não estava, e que ninguem dava por sua falta! Sahiu á pressa, e veiu encontrar o desgraçado marido tal como o deixára, só, pasmado, em pé ainda, os braços cahidos, os olhos fixos no vago, ausente de toda a razão, toda a consciencia da vida. Tomou-o fortemente dos braços, sacudiu-o com violencia, e com aquella severidade na voz que é preciso usar com os alienados ou fracos de espirito para lhes despertar algum resto de razão:

— Que é isso, senhor Visconde! a nossa amisade é de hontem; mas instantes d'estes valem seculos; e eu revisto-me de toda a auctoridade de um amigo velho, para exigir, para mandar se é preciso —, que não dê a sua filha um espectaculo de covardia e de vergonha!

Os sons d'estas ultimas palavras tiveram uma como acção voltaica sobre os nervos do portuguez. Covardia, elle!.. vergonha, elle! Estremeceu, e as suas faces pallidas ficaram de purpura.

O General continuou:

— Vamos. A vontade de Deus está sobre tudo. Fizeram mal em n'o enganar assim até á última: é verdade. Mas o mal está feito, e agora é preciso ser homem. Sua filha não hade ficar só ao pé do leito da moribunda.

Este ultimo argumento foi o verdadeiro choque electrico na paralysia d'alma; ouviu dentro em si aquellas palavras como se lhe despertassem um ecco surdo que lá estava abafado; reviveu para sentir, e pareceu reanimar-se. Apertou ambas as mãos do General, que lhe tinham as suas, correu-lhe um violento estremeção todo o corpo, e, levantando os olhos ao céo, como quem o tomava por testemunha de um voto intimamente pronunciado, exclamou:

— Meu amigo, meu verdadeiro, meu unico amigo, que me não desampare n'esta hora!... Oh! e nunca mais até que chegue a minha...

E desde essa hora, um poder sobrenatural pareceu vincular aquellas duas almas e sellar de eterno sêllo inviolavel a dependencia de um e a auctoridade do outro. Desde aquella hora a alma do portuguez morta, extincta, não pareceu resuscitar senão em obediencia á voz poderosa que a ficou dominando como sua. Via, ouvia, sentia, mas não julgava por si. Não perdeu a memoria de nenhum sentimento ou affecto. Ficou-lhe inteira a intelligencia para pensar e gosar, para amar e aborrecer; tudo o mais da vida lhe ficou, menos a vontade e a força de querer; essa não a tornou a recobrar; tomou-a para si o hospede francez.

CAPITULO XVIII

Ultima communhão

Poucos instantes tinham decorrido desde que o General sahira a buscar o seu amigo. O derradeiro e augusto acto da vida christan não tinha começado ainda.

O toucador da Viscondessa, despojado de seus adornos e elegancias, tinha sido convertido em altar, e collocado junto a um grande quadro que pendia defronte do leito, em cujo fundo de velludo rôxo assentava uma singela cruz de ebano com a imagem de Christo. No altar, toalhas e luzes, e sobre elle o Viatico. De joelhos, inclinado deante do santo dos santos, estava o parocho indio, o capellão do Visconde. Em derredor e com tochas accesas, servindo-lhe de acolytos, os educandos do Collegio de indios,

que elle dirigia, fundação a mais querida e patrocinada da moribunda. Um recolhimento santo e solemne tinha pendentes todas as cabeças, submissa a dor e mudo o pranto.

Entraram os dois amigos, e apenas foram vistos, ajoelharam junto do leito, e ninguem se occupou d'elles.

O sacerdote orava baixo, e pareeia esperar com resignada confiança que Deus acudisse á agonisante com um momento de lucida consciencia em que podesse administrar-lhe os derradeiros auxilios do seu ministerio.

A enferma abriu os olhos serena, e sorriu de um sorriso angelico e suave. Pôz a mão sobre o peito como quem se queria inclinar deante da augusta presença do Redemptor que vinha a visital-a. Depois sentiu a filha que a amparava e com a outra mão apertou a d'ella. Girou os olhos pelo aposento, viu o marido debruçado ao pé do leito, e mais se animou de o vêr. Deu com os olhos no General... e estremecendo involuntariamente arredou d'elle a vista: mas vencendo logo com a reflexão um vago sentimento de repugnancia que lhe inspirava o estrangeiro, o saudou com os olhos.

Todos os tinham fitos n'ella, e retinham os soluços que queriam rebentar, mas ninguem chorava porque a serenidade do seu rosto era tanta que parecia inspirar contênto e alegria, condemnar a tristeza e reprovar toda a expressão de pezar.

O sacerdote levantou se, veiu ao pé do leito da enferma e lhe perguntou se estava disposta a receber a Eucharistia.

Respondeu distinctamente que sim. Confessada e commungada tres dias antes, a moribunda quiz todavia reconciliar-se.

Sahiram todos da camara; Izabel a ultima e com marcada reluctancia; foi necessario que a mãe lh'o pedisse instantemente:

— Minha filha, é um momento: e eu não fico só: está Deus aqui. E é sómente ao seu ministro — a elle só, Izabel, que eu quero, que preciso dizer duas palavras.

Izabel sahiu e foi abraçar-se com o pae. Ambos e todos ficaram esperando com anciedade que os ultimos segredos d'essa alma piedosa se exhalassem no seio d'aquelle que a consolava e confortava na derradeira angustia.

Durou poucos minutos a reconciliação. O padre fez signal para que entrassem.

Ajoelhou a filha a um lado da cabeceira, o marido ao outro: e ambos mudos, ambos concentrados em sua dôr, e sem mais expressão no semblante que a das lagrimas, a ouviram pedir perdão a todos, — a elles, tambem! rogar-lhes que encommendassem sua alma a Deus: e não lhe esqueceu no perdão e na rogativa, esse proprio amigo de hontem, a quem dirigiu, como por distinção, estas palavras memoraveis:

— E ao senhor General que de tam longe veiu vêr morrer uma pobre americana — no fundo d'este deserto — que tambem peça a Deus por mim! Que se lembre de mim, que me vou... que morro, nas suas orações! Que se lembre dos outros que ficam... em cujo amor e saudade me custaria dobrado morrer!

O velho cortezão de Luiz XVIII inclinou a cabeça profundamente, apertou a mão do Visconde junto de quem estava, e rebentaram-lhe as lagrimas dos olhos.

Toda a familia reunida n'aquella suprema e dolorosa scena testemunhou e celebrou assim a adopção do extranho, a posse que d'ella tomava um velho desconhecido que nenhum podia amar ainda, estimar ainda, porque o não conheciam, mas que todos queriam já propiciar como ao seu destinado, como a um fado que lhes apparecia de repente, e do qual procurava adivinhar cada um se lhe seria adverso ou favoravel. Criados, escravos, chefes e subalternos dos diversos estabelecimentos dependentes d'aquella poderosa casa, ficaram olhando para o conde de Bréssac como para quem ficava de ora em deante n'aquella familia com toda a absoluta potestade do bem e do mal.

Porque pensaram elles isso? Porque o imaginaram? O que era para elles esse homem? O intimo amigo de Fernando, a sombra, o reflexo d'esse parente nunca visto, menos conhecido que elle ainda! Nada. Razões não as havia; eram presentimentos tudo. Não acerta a razão explicar muitas vezes, a maior parte das vezes, os nossos presentimentos. Mas alguma coisa ha mais do que a razão no homem; alguma coisa que vê, que sente, que presente o que ella não alcança.

A enferma commungou com muita serenidade e devoção; seus membros extenuados receberam a uncção extrema da Egreja. A procissão retirou-se murmurando seus canticos melancholicos. Os homens foram todos acompanhar o Sacramento que voltava á ermida da povoação. As criadas e escravas vieram para a antecamara da Viscondessa por ordem de Izabel; ella ficou só com a mãe.

— Sabes que estou melhor, filha? — disse a moribunda com um derradeiro sorriso de anjo que se despede: Estou e mais confortada. Alentou-se-me este último sôpro de vida que ainda aqui está.

— Maman, maman, se Deus ainda quizesse?

— Quer sim, filha, adorada filha da mi-

nha alma, quer usar da sua immensa misericordia commigo, adoçando-me estes últimos momentos que tam amargos devem ser a quem n'elle não crêa, e não possa esperar em sua infinita indulgencia. Ai que horrivel será! Eu heide reclinar-me no teu collo, e com esta mão nas tuas, com est'outra nas de teu pae, com os olhos n'aquella cruz, n'aquelle Senhor que expirou n'ella por mim, acabarei a minha pobre vida n'este mundo, e vos irei esperar socegadamente na Eternidade... socegada, se tu me promettes de guardar o que esta manhan te pedi...

— Juro-lh'o, minha mãe.

Bem, minha filha; estou socegada. Agora só mais uma palavra sobre o meu protegido. Frei João Indio, bem sabes, quando acabaram os conventos em Portugal, veiu para aqui, para ao pé d'esse resto de aldeia em que nasceu e á qual tem esse estupido e irracional amor dos da sua raça. Para convento do Brazil não quiz ir, nem da sua ordem os ha cá: elle é Camillo. De modo que ahi ficou. Tu eras mûito criança e mal te lembrará que andava comtigo ao collo, que te cuidava e te aturava mais que eu, e do que teu pae. Bem vês se lhe heide querer: a sua dedicação por ti entroume no coração. Eu tenho um dó, uma compaixão d'elle infinita, e ao mesmo tempo uma confiança, uma fé na amizade d'aquella natureza selvagem, que te asseguro morro descançada se me promettes de o não separar nunca de ti, succeda o que succeder.

— Pois prometto, maman, socegue.

— Deus t'o pague, filha, porque bem sei que não gostas d'elle... e tens razão.

— Gósto, gosto, maman: que idéa!

— Elle é bruto e teimoso, incapaz de toda a occupação e trabalho. Só se fôr cuidar dos doentes, servil-os, que era a sua vocação e o seu instituto. Para tudo o mais, é nullo. Tem todos os defeitos da sua raça desaventurada, mas é christão sincero, amigo verdadeiro, e a ti quer-te, ama-te como se fosses sua filha, e tem por ti uma veneração e respeito que só póde ter-se por um ente de natureza superior. A mim, bem sabes. que o pobre homem quasi que me réza, cuida que sou santa...

— E eu não lhe heide querer, maman, não lhe heide perdoar todas as suas tolices!

— Não são tolices sómente, são demasias brutaes ás vezes. Mas, querida filha, eu não sei porquê, será porque nasci n'estes desertos, porque bebi d'este ar selvagem, e mamei leite selvagem tambem; será porque de tam livre e tam feliz que me eu cria em minha ditosa infancia, me levaram a um collegio d'Europa, um carcere para mim, a soffrer todos os martyrios da civilisação com que me transformaram, será d'isso talvez ou não sei de quê; mas é certo que eu tenho mais medo da polida e affectuosa urbanidade com que me entram pelo coração de surpreza e parecem querer roubar-m'o á traição, do que...

N'estas palavras entreabriram a porta da camara: era o Visconde que parecia duvidoso de entrar. Um signal da doente o chamou para ao pé de si. Elle olhava para traz como quem lhe pezava de entrar só; mas o velho General, que esse era com quem elle vinha, lhe fez por sua parte outro mui decisivo signal de que devia entrar só. Entrou.

CAPITULO XIX

Religião, poesia, morte

Monsieur de Bréssac, tomando o primeiro livro que achou sobre o bufete da ante-camara, foi sentar-se no vão de uma janella, abriu o livro á ventura e começou a lêr á toa; mas dentro em pouco estava absorvido na leitura.

O livro eram *Os Martyres* de Chateaubriand. As sortes virgilianas com que deparou eram o episodio de Cymódoce; a fascinadora descripção da primitiva christandade em Lacedemonia, aquella inimitavel simplicidade evangelica, aquella não menos admiravel singeleza homerica.

Oh! se o auctor d'esse livro sublime, que assim occupava a attenção do viajante, passasse aquella porta que alli está cerrada e contemplasse a enternecida scena que ahi vae! Mais poesia ha na sincera expressão d'essa dor, nas singelas palavras de consolação, de saudade e de esperança que esses tres se estam dizendo com os labios, com os olhos, do que em todos os livros de quantos poetas houve e hade haver.

Crêr e amar — é a unica religião verdadeira; crêr e amar — a unica poesia verdadeira: uma não está sem a outra. O poeta de ambas se inspira: mas não ha escripto humano que possa chegar a mais do que a reflectir pallidamente os divinos clarões que d'ellas reverberam.

Que veja alguem romper a aurora, nascer o sol, abrir a flor do casullo, ondear a seara com o vento; agitar-se o mar na tempestade, trovejar no céo a tormenta, espriguiçar-se o arroio pelo prado, morrer o justo no seu leito, o criminoso no patibulo, o soldado na batalha, sorrir a criança no seu primeiro sorriso nos braços da mãe, nascer o amor verdadeiro nos olhos da mulher, ge-

mer a dor no coração do pae que perdeu o filho, estrellar-se o firmamento azul por noite serena — que as contemple alguem, essas ou outras das immensas maravilhas e bellezas de que está cheio o universo, e que são o culto, a religião, a poesia dos que crêem — e vejam depois se ha Homeros que lh'as possam dizer á alma com a mesma fôrça, com a mesma graça!

Passou-se a maior parte da noite assim: vinha de vez em quando Izabel buscar um caldo, ou o pae preparar um remedio; e não vinham mais tristes, porque a querida enferma não peiorava.

Diminuiam-lhe as fôrças, mas a febre não augmentava; e a dissolução d'aquella fina existencia ia-se operando lenta e gradualmente, em sobresaltos.

Era manhan clara; já o sol rompia no oriente, e:

— Oh! eu não quero morrer aqui, disse a doente, sem vêr o sol, sem regalar os meus olhos pela última vez com o magnifico espectaculo da natureza. Que me levem onde eu veja resplandecer á luz do dia, todas essas bellezas de Deus que me cercaram na vida, essas arvores, essas fontes, esses sitios encantados onde fui tam feliz, onde tam amada fui, onde tanto amei... O ár d'esta camara afoga-me, está gasto, não o posso respirar. Quero refrescar-me na brisa pura da manhan perfumada como ella vem das nossas florestas virgens, das flores selvagens do deserto. Oh! não posso estar aqui.

Foi preciso obedecer lhe.

Envolta em cachemiras e pellissas, em veludos e arminhos a passaram do leito para uma cadeira estofada que levaram quatro escravas, como quem leva umas andas; e na sua sala favorita a poseram, aquella onde estava o piano, as pinturas, os retratos e todos esses frageis mas queridos monumentos de uma vida de familia: o desenho acabado um tal dia, o presente recebido em tal occasião... Pura e celeste religião dos penates, que não tem coração, nem Deus o que não professa. A mulher especialmente, a mulher que a escarnece, que a despresa ou lhe é indifferente... cuidado com tal mulher; não ha que fiar n'ella.

Collocaram-na bem no vão da janella de arco que está no meio da sala: janella ingleza com sacada saliente e coberta, por onde a luz entra larga a jôrros a inundar todo esse aposento.

— Que dia, que céo, que belleza! exclamou a enferma. Que embalsamado está o ár! Acolá, Izabel; vês acolá Rodrigo? Onde eu fiz plantar aquella cruz tosca de madeira, entre aquellas pitangas floridas, tam bonitas... alli desejo eu ficar. Sabes? a pitangueira é a murta da nossa terra. Eu não fiz senão amar na minha vida: quero na morte abrigar-me entre essas ramas de que se corôa o amor. Uma pedra simples com o meu nome de baptismo sómente: «Maria» e nada mais...

E agora assim... dá cá a mão, Izabel; a tua mão, Rodrigo... Assim, assim... sustenta-me a cabeça... E é trovoada isto, que se escurece tudo?... Não, são as sombras da Eternidade que vêm sobre mim, Izabel, filha! Marido da minha alma! Adeus! Senhor Jesu-Christo, Virgem Santissima, sêde commigo.

— Maman! clamou Izabel, fóra de si, e perdida toda a força com que atélli tinha resistido.

— Filha! pronunciou a mãe com difficuldade já...

E não disse mais nada. O último suspiro ainda sahiu articulado n'aquella palavra querida.

CAPITULO XX *

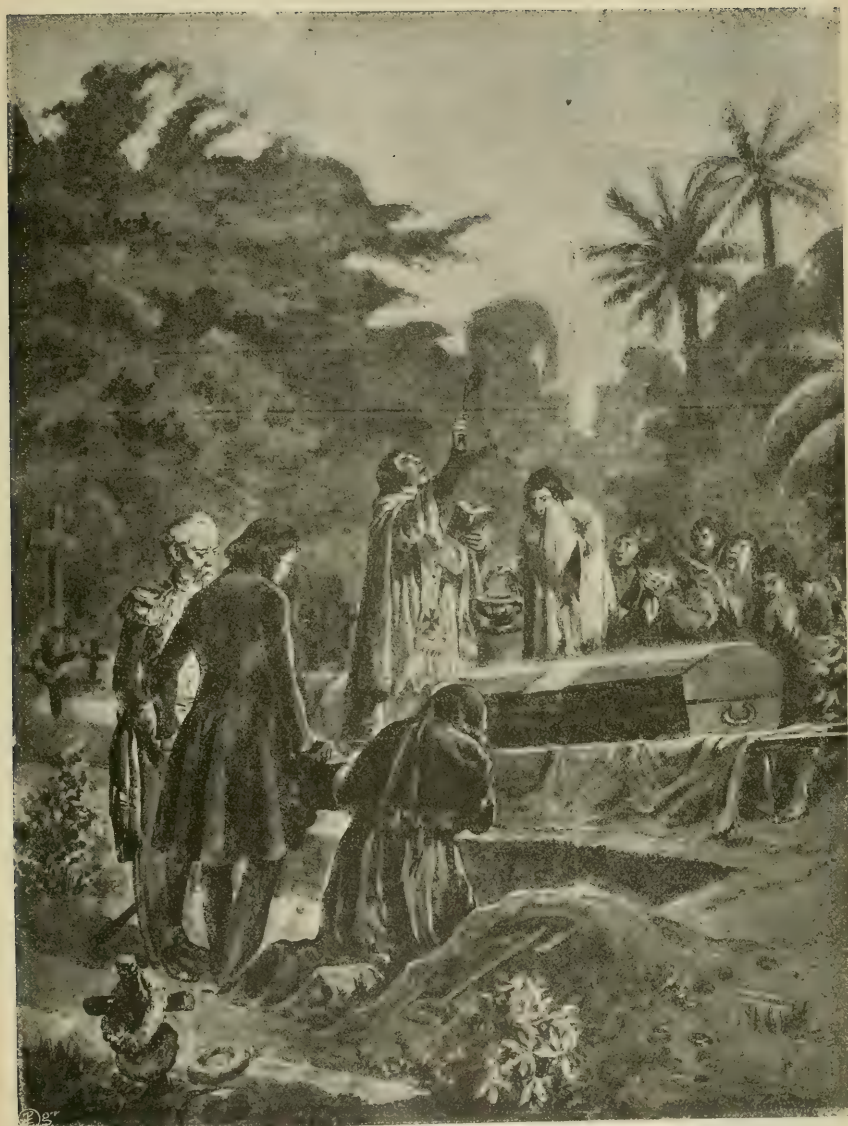
São passados dous dias: a manhan está triste e humida, o céo feio e nublado, cáe uma chuva miuda que ensópa as ervas, faz prender as flores e tine com som baço e melancholico nas cópas altas das árvores.

Além sobre um oiteiro, rodeado de viçosos myrthos brazileiros está uma cruz tosca, e ao pé d'ella uma cova aberta; um pequeno grupo de homens de differentes côres e raças a rodêa. Junto de um caixão negro aspado de uma cruz de prata, um clerigo de sobrepelliz e estola recita lentamente o officio da sepultura. Ao pé d'elle um homem moço, mas debil e extenuado pelo soffrimento, ouve com attenção os versêtos melancholicos dos psalmos responsorios; mais a um lado, outro homem mais velho e mais forte, alto, magro, em grande uniforme de General; e entre estes uma joven senhora coberta de rigoroso luto.

Nenhum chorava; todos tinham as lagrimas estanques nos olhos inflammados, túmidos.

Os tres eram os senhores, o resto do grupo servos e dependentes. E alli estava toda a familia do poderoso Visconde de Itahé dizendo o último adeus á sua boa Senhora que aopé d'aquella cruz vae enterrar-se.

As orações terminaram, o caixão desceu ao fundo da cova; e o som baço da terra, cahindo sobre as pranchas do atahúde, foi diminuindo, foi emmudecendo mais e mais até que morreu de todo, e a cova ficou cheia

* No manuscripto este capitulo e os subsequentes não têem titulo.

HELENA, PAG. 136 Os tres eram os senhores...

e a terra se annivelou com a terra. Pozeram-lhe em cima um grande penedo tôsco sem nenhum modo de feição ou lavor senão só o nome de — MARIA — gravado no mais alto em letras fundas.

— Tudo está consummado: — murmurou o clérigo, inclinando-se deante da cruz.

— Adeus, maman! disse Izabel.

O Visconde ajoelhou sobre a terra, encharcada e molle, e abraçando-se com o rustico monumento da esposa, beijou o nome de Maria. D'ahi levantou-se, e tomando o braço da filha, sem mais lagrimas nem palavras caminhou para casa. No mesmo silencio o seguiram todos.

O tempo levantou. O sol brilhante e poderoso appareceu de repente no céo, afugentando os densos vapores que o enegreciam; toda a natureza sorriu. Os capins dos prados reluziram de seu verde transparente; as flores mais bellas, mais viçosas de côr e arôma levantaram a corolla pendente, as árvores estremeciam vibrando como de prazer em seus ramos. Sahiam de seus ninhos myriadas de pintadas aves, cantando as poucas a que a natureza alli deu o rarissimo dom da melodia. Resurgiu toda a natureza e se vestiu de gala e de alegria.

A morte não assusta, não entristece senão ao homem, porque só elle comprehende a magoa sem fim e a dor sem remedio.

CAPITULO XXI

É noite, e n'aquelle céo,

Onde raras estrellas pasce o polo,

todas scintillavam espargidas pela abobada celeste.

Em toda a aldeia suissa, chamada Nova Itahé, elegante e caprichosa residencia do visconde do mesmo titulo, já dormem todos, menos os que a dor tinha despertos para velar saudades que nunca se hão de apagar n'esta vida.

Na livraria estão os dois inconsolaveis anojados — o pae e a filha; vestidos de rigoroso luto e sentados um defronte do outro, sem pronunciarem uma syllaba, sem outro signal de vida mais do que o pranto de seus olhos que não cessa. Entre os dois está o General, tão carregado de luto como elles, quasi tão triste e talvez mais pensativo. Para os dois, ha aquella dor immensa, mas unica; deixam-se embrutecer, esmagar por ella; as do francez são tantas, deixaram tantos cuidados apoz si, quem sabe de remorsos?... Não ha magoa tranquilla, ha um padecer excruciante para os corações que têm de se repartir assim entre muitas penas.

Com um immenso numero do *Times* aberto deante si, a luneta cravada nos olhos, monsieur de Bréssac forceja para fixar a attenção e distrahir-se dos internos pensamentos que o devoram. Impossivel!

O visconde não tirava d'elle os olhos, senão para os pôr na filha. Parece que só amparado entre os dois se lhe sustem a vida.

Deixemol-os: dê-se á dor o que é da dor, e á humanidade o que é seu. Deixal-os desgastar no pranto e embotar no padecimento o gume da espada que os está lacerando. E' condição do homem, soffrer e repousar depois no cançasso do soffrimento. Deixal-os e vejamos se por essa população, que toda parece dormir, alguem véla todavia ainda.

Não se vê luz senão na Capella; será a perpetua luz da alampada que arde silenciosa no sanctuario? Não: — Ouve-se o murmurio de um orar fervente, e não de quem recíta fórmulas banaes e sabidas, mas communga mentalmente com o mundo dos espiritos. — Vejamos, oiçamos.

Ajoelhado nos primeiros degráos do altar está um vulto negro. Sôbre suas vestes pretas e talares, como as de um simples, uma cruz vermelha lhe assignála o peito; — côr de cobre e mal assombrado o rosto, onde não ha signal de barba, e que tem não sei que de afeminado e de feroz ao mesmo tempo. O cabello hirto e mal semeado em roda da larga tonsura clerical. E' Frei João Indio; as feições de sua casta e os habitos de seu instituto o denunciam.

E' Frei João o que está deante do altar, abrindo o seu coração de selvagem ao Deus dos christãos que elle adora; que é Deus dos brancos infelizmente, gente má e opressora, e dos negros tambem, que ainda é peior, raça abjecta e despresivel, nascida para a escravidão sómente. Mas emfim, Deus é Deus de todos, pensava tristemente o frade. Se fosse dos Indios só, não se veriam elles tam desamparados e opprimidos, como andam! Embora: o grande Espirito de seus paes, é elle, é o Deus grande, o Deus dos christãos. Frei João é christão sincero, e as suas mesmas superstições selvagens se convertem n'elle em fundamento de crença e de piedade.

—Meu Deus, dizia o frade, vós bem sabeis que sou indio, e que o meu sangue nem o meu coração não podem mudar. Consagreime ao vosso altar e fugi da minha desgraçada terra para viver e morrer na Europa, onde não chegasse o ár de nossos montes e o cheiro embriagante das plantas do deserto, porque eu temia a minha natureza bruta e

não queria ser senão vosso, meu Deus. Não o permittistes, Senhor, assim. Deixastes que os impios expulsassem os vossos servos de suas casas, que vossas eram; que os roubassem, que os proscrevessem, que os obrigassem a despir seus habitos, e a trajar mundanamente como elles! Não lhes quiz obedecer: —fugi, e aqui vim outra vez para viver e para morrer com os meus e na minha terra. Mas onde estão os meus? E que tenho eu n'esta terra, que ainda chamo minha, não sei porque? A nossa última esperança foi-se... — esse anjo em figura de mulher que tinha vindo do céo para nos consolar, voltou á sua patria, deixou-nos! Hontem démos á terra os seus despojos mortaes, seu eterno espirito, vôou ao céo, e nós ficámos orphãos e desamparados. Este miseravel resto de uma nação, tam poderosa — que tudo quanto os olhos vêem d'estes montes era seu, que hoje todo o seu dominio são essas poucas choupanas arruinadas da velha Itahé — quem o hade defender do Branco e do Negro, nossos inimigos capitaes? A joven Senhora é boa e santa, quasi como sua mãe, — mas o resto de sangue indio que gira em suas véias já não tem o instincto da sua raça. Póde ser que nos detestasse ainda mais se soubesse que participa da nossa origem. Eu que a amo como filha, e que, apezar das odiosas misturas de sangue, ainda distingo, ainda respeito n'ella o de nossos antigos caciques, eu sou para ella um objecto de escarneo e de aborrecimento, bem o conheço. Que será, meu Deus, quando chegar esse portuguez com quem a casam, esse pobretão do reino velho a quem vae dar todas estas riquezas, que vós não consentistes decerto que se perdessem n'esta familia senão porque n'ella se conservou o sangue, embora degenerado, dos primeiros e verdadeiros senhores d'estas terras escolhidas, e para que o seu amparo se podesse estender sobre nós, seus verdadeiros filhos. Oh! isto não póde ser assim, nem vós podeis permittil-o, meu Deus. Inspirae-me, Senhor, o que devo fazer, e confortae a minha alma que succumbe. Dá-me tu luz do céo, minha irman, e não me abandones agora, que eras a minha guia, a minha protectora n'este mundo. Não póde ser! Izabel não póde ficar orphan e abandonada n'este mundo, escrava da vontade de seu pae, que não é, que não póde ser bom pae, porque todo o seu amor o dá a esse sobrinho, para quem cubiça tudo, a quem tudo sacrifica. Não, Izabel não hade ser sacrificada, nem a hão de levar de nossas terras esses estrangeiros cubiçosos e egoistas, que não vêm cá senão para nos zombar.

Estas últimas palavras foram já ditas de pé, sem tom, nem ár de supplica ou de oração. Já se não humilhava nas preces e nos rogos aquella alma selvagem. As paixões do indio excitadas pela desconfiança, ja estavam desgovernadas e sôltas, não respiravam senão vingança.

Sahiu da capella, entrou no presbyterio; tomando o seu bordão seguiu em direcção aos matos, caminhando á borda do canal que vinha dar á lagôa do parque, para o sitio onde o rio se desangrava n'elle e onde, não longe, era situada a já florescente e hoje quasi arruinada aldeia velha de Itahé.

Esta aldeia velha de Itahé que, segundo as tradições dos indios, tinha sido a capital de uma nação poderosa, que occupára aquellas terras em epocas remotas, perfeitamente representava hoje o estado de uma raça votada a perecer, a extinguir-se e a morrer ás mãos da civilisação que a invadira; e que lhe levára todos os seus vicios e corrupções sem que nenhuma de suas vantagens tivesse podido dar-lhe.

Durante alguns annos e sob o regimen dos missionarios jesuitas, pareceu animar-se; mas com a expulsão dos padres recahiu na consumpção que a devora, e que a indolencia natural augmentou. Muitos, dos indios, emigraram para o interior a unirem-se a outras tribus selvagens, que mais sertão adentro conservam sua feroz independencia, ou vieram entregar-se á crapulosa civilisação das cidades; outros, mas poucos, se conservaram em suas choupanas, dependentes do antigo colono Ayres Leite, fundador da immensa riqueza e vasto patrimonio da Viscondessa de Itahé

Era Maria Thereza a ultima descendente d'aquella familia, cuja origem os indios attribuiam a seus antigos Caciques, e esta tradição explicava sua adhesão aos Senhores da Nova Itahé.

Tinha sido sua ama de leite uma india da aldeia velha, por nome Mohema; bella como não é raro que o sejam as de sua raça e notavel por sua supersticiosa adherencia ás praticas e crenças dos antigos aborigines, e por ser como archivo de todas as antigas memorias e tradições, que em tudo e por toda a parte se obliteram.

Mohema era mãe de Frei João Indio, que assim veiu a ser criado na residencia dos paes de Maria Thereza, onde desde seus primeiros annos se affeiçoara á religião dos invasores, como sua mãe lhes chamava.

Apezar do seu natural eminentemente selvagem, adquiriu por sua irman de leite aquelle amor e devoção sincera que foi a paixão de toda a sua vida; e que por morte d'ella se reportava agora todo a sua unica filha Izabel, não obstante a especie de ciume, malquerença e odio de raça que professava a

seu pae, a quem detestava porque era europeu, e porque aos habitos, á educação e ás práticas europêas, attribuia a prematura morte de sua adorada irman.

Frei João, protegido pela poderosa familia da sua collaça, estudara no Seminario da Bahia, onde se ordenou sacerdote. Estivera como capellão alguns annos em casa de seus protectores, mas tal e tam odiosa impressão lhe fez o casamento de Maria Thereza, com o que elle chamava um aventureiro do reino velho, que, por faminto e não por emigrado, viera para o Brasil, que resolvera elle emigrar para a Europa, vindo professar em Lisboa no Instituto dos Camillos.

Os annos que viveu em Portugal, isolado do mundo e entregue todo exteriormente ao escrupuloso desempenho da regra em que professava, tinha-os interiormente passado em chorar por sua terra, e em rogar a Deus que o levasse para si, a esperar por sua irman, que lá iria ter um dia, e junto da qual seria feliz por toda a eternidade.

Já se disse como a revolução e a extincção das Ordens religiosas o fez voltar inesperadamente ao Brasil, onde tomou o seu antigo cargo de capellão.

A sua repugnancia, o seu odio contra o marido de sua irman, definhara e diminuira bastante, vendo-o cooperar com sua mulher nos beneficios que ella liberalisava á raça, india, fundando no presbyterio o collegio da educação, e provendo por mil actos a protecção d'aquelle malventurado povo.

Maria Thereza bebera com o leite e com as praticas de seus primeiros annos um entranhavel affecto áquella proscrita raça, cujas ligações de sangue com o seu proprio, Mohema lhe exagerara e profundamente gravára em seu tenro ainda e compassivo coração; exaltando-lhe tambem a infantil imaginação com legendas mysteriosas, em que a sua razão descobriu depois absurdas fabulas mas não chegou nunca a deter de todo a impressão supersticiosa que haviam feito.

Senhora elegante, de um espirito solido e cultivado, com uma alta e superior intelligencia, a sua imaginação comtudo era india, era selvagem, e corria desregrada e solta, sem obedecer a nenhumas leis.

Assim, conhecia a bruteza e nullidade de seu collaço; não lhe dava importancia alguma como homem social, tinha comtudo uma fé supersticiosa e cega no filho de Mohema, que era forte e sabido n'aquelles mythos e historias absurdas da raça indigena. O indio detestava o preto, Maria Thereza, só por via da sua religião, se curvou a amar o negro e affeiçoar-se por pae Cassiano. O indio vive sempre em desconfiança do branco, e ella adorando seu marido, não podia vencer o seu coração e confiar inteiramente n'aquelle que amava mais que a si propria.

Habituada aos gosos do luxo e da elegancia europêa, não podia viver sem elles; sentia comtudo uma especie de remorso d'esta necessidade, e se accusava d'ella como de um crime.

A idéa d'aquelle sobrinho, d'aquelle Fernando, a quem seu marido destinava a filha, desde o berço, era uma idéa de terror, que a perseguia como uma sombra má.

A sua razão e a sua religião sublime condemnavam todas estas superstições, mas ellas estavam arreigadas em sua alma pelo instincto.

E da lucta continua em que viveu, travada em seu instincto selvagem e a sua razão civilisada, morreu victima aquella boa e santa creatura, legando á sua adorada e unica filha os mesmos germens de infelicidade e destruição.

Tudo isto sabia e conhecia Frei João, como amigo que era, confessor, e irmão de leite e de crenças — antes de instinctos — da malfadada Viscondessa, cuja morte era para elle, para Mohema, e para todos os poucos indios, que ainda conservavam a fé da sua raça, o maior dos infortunios que podia acontecer-lhes, e que comparavam ás duas grandes calamidades da sua historia: a descoberta do Brasil pelos Portuguezes, e a expulsão dos Jesuitas.

CAPITULO XXII

Caminhando ao longo do canal, ia frei João reflectindo em todas estas coisas que rapidamente ficaram esboçadas no capitulo antecedente; e ora apressava desordenadamente o passo com a violencia e impetuosidade do pensamento e das tenções que formara, ora ia lento e pausado, com a indolencia do desalento e desesperança que lhe travava do espirito e o desanimava.

Chegou onde o canal sangrava o caudaloso rio, que, nos principios d'esta historia, vimos subir pela agil e ligeira canôa, que tripulavam quatro indios, e que, governada por nosso excellente amigo Spiridião, conduzia o General de Bréssac aos dominios de Itahé.

Chegado ao extremo angulo formado pela derivação e pelo rio, Frei João parou, e soltando um d'aquelles longos e evidentes assovios, que só um indio sabe dar, immediatamente lhe respondeu outro mais discordante e complicado; e não tardou a sentir-se n'agua o splachar de remos e o mover

de uma embarcação, que não podia ser senão uma canôa.

E com effeito a mesma canôa dos quatro indios, mas sem arraes preto, branco, nem vermelho abicou perto de Frei João. Poucas palavras e todas em sua lingua se trocaram entre os indios e o frade, que embarcou e seguiu com elles para a margem opposta.

Desembarcaram d'ahi a poucos minutos e os indios remeiros tendo varado a canoa na praia, acompanharam, no mesmo silencio em que até alli tinham vindo, o taciturno Frei João, que, sem olhar para elles, sem dar a menor demonstração de se importar da sua companheira, foi por vestigios de choupanas e cavas destruidas, de campos n'outro tempo lavrados, de hortas abandonadas, até chegar a uma das cabanas, que, não longe de outras que ainda tinham apparencia de ser habitadas, parecia a maior e a mais bem conservada.

Era o que ainda restava da aldeia da velha Itahé.

Frei João entrou na cabana, cuja porta estava aberta, e com elle os quatro indios.

Sentados no chão em semi-circulo, á roda de uma india velha que parecia presidir ao synedrio, estavam uns poucos de homens velhos, alguns moços, e todos, excepto um, mais ou menos marcados no rosto e nas feições de evidente origem dos indigenas, Aquelle era um homem moço ainda, mas obéso, posto que agil e robusto, de compleição sanguinea, pescoço apoplectico; as feições européas mas desfiguradas pelas bexigas que se percebia ter tido não havia muito tempo. O seu vestuario era o usado da cidade, limpo, mas desalinhado; sem ár grosseiro e vulgar. Todos os indios, maltrapilhos, meios nús; um d'elles, com o trajo e ademanes livres de verdadeiro selvagem.

A velha, que bem mostrava ainda o que fôra, o mais bello typo da sua raça, alta, esbelta, de vigorosas e pronunciadas fórmas — era Mohema. Viu entrar o filho e os homens que o seguiam, e sem surpreza nem sobresalto, disse-lhes: — Já vos estava esperando ha muito; meus filhos, alli é o vosso logar.

Sentaram-se em continuação do semi-circulo, e Mohema disse: — O espirito de nossos paes nos acompanha: bem vêdes que a velha Mohema não engana, que tudo sae certo quanto ella vos diz. Não disse eu que o padre christão era indio como nós? Aqui o tendes. Eu tinha consultado as prophecias dos nossos antepassados, e em verdade vos digo que os Espiritos são por nós, e que a filha dos Caciques não ha-de casar com o estrangeiro. E' a vontade de seu pae, mas não é a nossa nem a dos Espiritos.

Essa gente da aldeia nova quer acabar com a nossa raça, fazer alliança com os negros, libertal-os e fazer-nos trabalhar a nós: o indio nasceu para ser livre e não para o trabalho, nasceu para a caça e para a guerra. O branco e o preto que façam o assucar, que cavem a terra, e que levem o oiro das nossas minas, que nós lh'o damos, e nos deixem a nossa liberdade e os nossos bosques.

— Mohema, disse um velho, as tuas palavras fazem saltar o meu coração. Se o indio já não é o que era, e nós não podemos senão viver em paz com o europeu, que é mais forte que nós, que tem por si o negro, nosso inimigo! E nem podemos fugir d'elles, porque precisamos d'elles e das suas artes, que nos importa que a filha do Visconde caze com este ou com aquelle? Não será com algum de nós.

— E porque não? — replicou Mohema. E' ella nobre, rica e poderosa pelo sangue portuguez que tem ou pelo que lhe vem de nós? Aqui está o joven Acaiba, filho do Senhor do engenho de Sorocaba, que não despreza de descender da nossa origem, de usar do nome indio da sua raça.

Frei João, que até ahi tinha ouvido taciturno e cabisbaixo as declamações de Mohema, levantou a cabeça e disse:

— Basta, mãe! Os tres Espiritos enganam-te. Os teus discursos não são inspirados como d'antes eram. Esse homem não é nosso, a parte do sangue de suas vêas que não é portuguez, é tambem estrangeiro porque é negro; as suas feições o dizem. Pôz-se o nome de Acaiba para se fazer grande e independente, renegou o portuguez que era o melhor que tinha. Anda n'esses enredos e embustes para nos trazer ao seu partido, para vêr se alcança a mão de Isabel, de cuja immensa riqueza está namorado. Não o hade conseguir emquanto Frei João, este pobre frade que aqui está, tiver o olho aberto.

— Filho! Filho! assim nos quereis atraiçoar! Mudaram-te com esses habitos!

— A mim ninguem me mudou. Indio nasci e indio heide morrer. E tambem sou frade, e de frade não heide renegar. Minha irman morreu ha tres dias, e eu prometti em seu leito de morte que velaria sempre por sua filha. Seu pae quer casal a com um sobrinho, outro portuguez como elle; mas fiae-vos no que vos digo, não o hade conseguir. Izabel hade escolher por si, que são os votos de sua mãe: Não deis ouvidos ao falso Acaiba e tende bom animo.

— Mas, filho, querem libertar os negros, e os negros em sendo livres hãode devorar-nos.

— Os pretos são homens como nós. Libertou-os e remiu-os o mesmo sangue precioso que remiu os homens todos.

— Tu blasphêmas! Comparar o escravo com o homem livre das florestas!

— Minha mãe, eu sou christão e sacerdote de Christo. Deante do Deus dos christãos, não ha indio, nem portuguez, nem africano, ha homens. Não sabes tu que, pelas antigas prophecias, os peccados de nossos paes haviam de trazer sobre nós os castigos que estamos soffrendo?

— Sim, mas as prophecias tambem falam de um vingador, que hade vir de longe.

— O vingador é Jesus Christo, e d'elle só é o premio e o castigo das obras dos homens. Eu sou indio, mas indio christão: Creio, como vós, que a terra e os céos, as plantas e os animaes têm espirito que nos prediz o futuro, mas é porque Deus o permitte e manda. E não é aos que se embriagam e efeminam todo o dia e dormem toda a noite, que os espiritos do ár ou da terra falam das coisas que estão por succeder, sim aos que oram e crêem e fazem penitencia de seus máos feitos.

....[1]

....

— Tu, mãe, vem commigo.

— Onde?

— A' aldeia nova. Ficarás esta noite em minha casa; ámanhan irás ter com Izabel que quer ver-te e consultar.

— A mim!

— Encarregou-me de te procurar.

— Irei.

— Traze comtigo aquellas drogas e simples que ninguem sabe conhecer nem colher n'estes sitios senão tu, nem empregal-os devidamente. Vós, ide cada um para vossas choupanas e socegae.

Os indios sahiram: Mohema, depois de ter escolhido umas hervas, fructos seccos, sementes e raizes que pendiam do tecto da choupana, pôz-se a caminho com Frei João, que de volta com os remeiros entraram na canôa, atravessaram o rio e a grandes passos, sós os dois, seguindo o longo do canal, chegaram á nova aldeia e se recolheram ao presbyterio.

CAPITULO XXIII[2]

No dia seguinte, pela manhan, o General, fechado no seu quarto, escrevia e classificava em novos cadernos, as suas herborisações; o Visconde meditava no seu em descahida melancholia, sem saber nem poder occupar-se em cousa alguma, tal era a prostração de espirito e corpo, a que mais e mais succumbia de dia para dia.

Izabel tocou á porta do quarto do pae, que lhe conheceu a voz e languidamente lhe disse: — Entre, minha filha.

O elegante faustoso senhor de todos aquelles immensos dominios, prostrado e abatido pela dôr e pelo que ainda é peior que ella, a desanimação e desalento que lhe succede, estava tristemente descahido sobre um sophá, escondendo em uma das mãos o rosto, para vedar de seus olhos a luz que lh'os offendia, debeis, e cançados de chorar.

— Meu pae, disse Izabel, sentando-se ao pé d'elle, — meu querido pae, então? onde está o seu grande animo?

— O meu animo, filha, respondeu elle, abraçando-se com ella e beijando-a muitas vezes, — o meu animo está enterrado acolá no parque, debaixo d'aquella cruz.

— E a sua filha?

— Ah! a minha filha está aqui nos meus braços, e esta não só m'a hão de tirar, porque primeiramente me heide ir eu, e não tardará.

— Sim! E a sua filha só, só n'este mundo, no meio d'este deserto! Vamos, lembre-se do que diria a maman se o ouvisse dizer similhantes coisas. Do que estará dizendo agora no céo, vendo-nos faltar ás promessas que ambos lhe fizemos, de viver unidos e resignados com a sua falta, de vivermos por amor d'ella.

— Mas que heide fazer, filha? Eu não tenho força nem animo para viver. Deus é testemunha.

— Ha quatro dias que não toma coisa alguma, e que se alimenta com esse café que ahi vejo sobre a meza. Fechado n'este quarto, agora ultimamente nem conversa com o General.

— O General é meu amigo, não o duvido, mas a sua conversa cança-me; os seus conselhos não os posso seguir.

— Pois que lhe aconselha elle?

— Que saia d'aqui, que vá para a Europa. Eu! eu abandonar estes logares onde fui tão feliz, que todos me recordam a minha ventura. Que abandone a supultura de minha mulher, de tua mãe, Izabel!

— E porque não meu pae? Ninguem quer mais a estes sitios do que eu, nem sente a sua vida mais prêza a elles do que eu, que aqui nasci, e que não conheço outros. Mas aqui perdi minha mãe, e não quero perder meu pae, moço ainda, e cheio de saude e de futuro. Não, meu pae, a sua estada aqui é a sua morte, e nem Deus, nem minha mãe,

[1] Seguem-se a estas, no manuscripto, umas linhas inintelligiveis e incompletas.

[2] No manuscripto, este capitulo está datado, no alto da primeira pagina: 7.bro 29-53.

nem eu podemos consentir em tal. Precisamos da sua vida para muito.

— Que dizes, filha?

— Digo o que é, o que deve ser.

— Pois tambem, tu! Tambem és da opinião d'elle?

— Certamente, porque nem meu pae, nem eu nos devemos enterrar n'este deserto, tão sós. Emquanto minha mãe foi viva nunca senti a solidão porque ella nol-a povoava de seu espirito, de sua graça e do seu amor. Agora é differente. Todas estas flores da nossa existencia aqui se convertem em espinhos que nos dilaceram, ou fructificam em bagas amargas e venenosas que nos empeçonham.

— Meu pae, está alli a velha Mohema.

— Mohema! Que tem que ver aqui, a velha bruxa india.

— Mandei-a eu chamar.

— Tu!

— Eu, sim. Ninguem conhece como ella as ervas que restauram a saude e os nervos; nenhum medico as sabe applicar tam bem. As suas fumigacões e beberagens, conheço eu de que são feitas não fazem mal: hade tomal-as o papá, e hade experimentar as suas benzeduras e feitiços e verá como torna a si, como a sua razão se vigora para reflectir na nossa situação e deliberar seguramente o que nos convém.

— Ó filha, tu não sabes a repugnancia que eu tenho a indios.

— Olhe o que diz! E eu e minha mãe não temos sangue indio? Ignora a nossa alta genealogia, que descendemos em linha recta do poderoso Cacique, não sei quantos, e não sei que?

— Tolices e superstições e mal entendida vaidade da familia de tua mãe.

— Sim, que meu pae não tem o seu orgulho minhoto de vir de não sei que Ferrabrazes de Alexandria, que foram ás Cruzadas á India, e não sei aonde mais.

— Os Souzas, que vem dos Soutzos da Grecia, não ha duvida. Teus avós são do Paço de Sousa. Os verdadeiros Souzas de Portugal. O caso é bem parecido!

— Não é, de certo. Que os seus avós vestiam de ferro e os meus de pennas. As terras que elles deixaram dão couve gallega e as que ficaram d'estas apenas produzem oiro e diamantes. Ora vamos, ria-se, que todas estas nossas genealogias são tão ridiculas umas como as outras, como todas.

— Tem razão, filha; muita razão.

— Pois se tenho razão ria-se.

— Filha, da minha alma!

E abraçou a filha e riram ambos abraçados; e se o riso era ainda amargo, tambem as lagrimas já eram mais doces.

— Agora vou buscar um caldo?

— Pois sim, rapariga.

— E trago Mohema?

— Tenho-lhe zanga.

— A' ama de minha mãe?

— Venha Mohema.

E ria a pobre criança, para sustêr as lagrimas que resplandeciam da luz de seus olhos, animada com esta victoria, como o iris depois da tempestade. E saltando e correndo foi buscar a velha feiticeira india.

CAPITULO XXIV

As drogas de Mohema, ou talvez melhor os solicitos cuidados de Izabel, foram com effeito milagrosos: o Visconde melhorou: e sem tornar a ser o que era, porque a alegria, a serenidade de espirito, a amenidade de seu caracter e trato familiar, não volveram mais, comtudo recobrou bastante de si e de seus grandes poderes intellectuaes, para ainda fazer honra ao seu nome, e occupar na sociedade o logar que elle e a sorte lhe haviam dado.

Estavam uma noite todos tres, — elle, a filha e o General, — na preferida sala da janella ingleza, e depois da refeição do chá, que Izabel tinha servido com a sua graça habitual, realçada certamente agora pela doce melancholia que a saudade da querida mãe dava a toda a sua pessoa, Mr. de Bréssac como preoccupado de uma idéa que o entristecia deixára esmorecer a conversação que a final descahira em tristonho silencio.

— Em que pensa General? — perguntou o Visconde.

— Penso em que devo partir, mas despeço-me com outro ânimo, porque o vejo mais confortado e porque levo a grande consolação de conhecer o solicito anjo da guarda a quem o deixo confiado. Está um navio a largar da Bahia para o Havre. É forçoso partir depois de ámanhan.

— Não, não parte, eu lh'o prometto.

— A minha Odyssea está feita, só me resta ver o fumo do lar paterno e morrer. Morrer para tudo que não seja a minha Helena e o seu estabelecimento no mundo. Esta carta, — leia Visconde — que é de M.^me de Abrantes, insta pelo meu regresso a França, porque Helena está crescida, bella, prendada, e é preciso ir cuidar do seu futuro e não tenho tempo a perder. Acabo pois a minha Odyssea; só se a minha bella Cyrce á força de encantos...

— Cyrce e Calypso reunidas ambas na minha augusta pessoa, disse Izabel, nem transformam o General de Bréssac em cerdo fe-

roz, nem lhe mandam queimar as náos — para que não parta.

— Beijo as mãos a Cyrce e a Calypso.

— Mas el-rei Alcinous é que não deixa partir Ulysses.

— E porque, real senhor?

— Porque partirá com elle. E a infanta Nausicaa tambem.

— É possivel?

— É possivel e é certo. Tenho no Recife, em Pernambuco, continuou o Visconde, uma galera, minha, esplendido navio, bom veleiro, bem tripulado e costumado ás viagens da Europa. Partiremos juntos, se o General...

— Oh! mas eu não ousava desejar, nem mesmo sonhar tanta felicidade. Agora, sim, agora posso jurar-lhes que a minha Odyssea está acabada. Findou aqui, porque onde poderei encontrar mais delicada e benevola affeição do que a que encontrei aqui, Visconde?

— Nem no Sacré-Coeur? Preveni-o, General, que sou muito ciosa, como verdadeira portugueza, ou verdadeira brasileira, que ainda é peior.

— *Il y a avec le ciel des accommodements.*

— No meu céo, nada; não entram lá essas transacções — ou tudo ou nada. Coração que não fôr meu todo, absoluta, exclusivamente,

Não no quero para meu,

diz um poeta portuguez que não vale Molière, que me parece que não é menos cioso do que elle, porque se ri dos ciosos.

— E isso é razão?

— Oh, infalivel. Quem muito escarnece e mófa de um defeito, é para encobrir o que tem.

— Já vejo que não é Nausicaa, nem Calypso com quem tenho de fazer viagem, mas uma Cyrce feiticeira que adivinha. Calypso não sabia senão chorar, e não podia consolar-se, diz o texto.

— O francez de Fénélon não é o grego de Homero.

— Jesus! Helenista tambem, D. Izabel!

— Por favor a meu hospede, que é todo heleno...

— Misericordia! Parece-me, com o devido respeito, que V. Ex.ª commette...

— O quê?

— Um calembourg.

— General!

— Vamos, disse o Visconde revendo-se na filha, a discussão vae-se exaltando; intervenho com a auctoridade paterna e presidencial. Está fechada a discussão, e não ha votos, porque não ha projecto sobre a mesa, como dizem por todas essas assembléas e parlamentos em que hoje vivemos. A'manhan vamos fazer, como sabem, a *Cabana do Pae Thomaz*, edição brazileira em prosa possivel. Não é o original philadelphico e tal como o poetisa aquella bella dama dos Estados-Unidos, que, se não estivesse aqui Izabel, diria que sempre tem as meias de uma côr!

— Azul, não, papá: que ninguem escreve com menos pretenção, mais singelamente, e com mais simplicidade evangelica.

— Então se as meias não são azues, has de permittir ao menos que te diga, que a touca, bonet ou o que quer que traz na cabeça, é incommodo.

— Não sei.

— Mas sabe todo o mundo, filha, que as suas declamações são *rouges*, são mais vermelhas que a bandeira de um phalansterio socialista.

— Se o Evangelho é socialista... Se o Evangelho é o livro de Deus, que manda aos homens que se amem como irmãos e como eguaes.

....

VIAGENS NA MINHA TERRA

VIAGENS NA MINHA TERRA

PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO (1846)

Os editores d'esta obra, vendo a popularidade extraordinaria que ella tinha alcançado quando publicada em fragmentos na *Revista*, [1] entendera fazer um serviço ás lettras e á gloria do seu paiz, imprimindo-a agora reunida em um livro. Para melhor se poder avaliar a variedade, a riqueza e a originalidade de seu estylo inimitavel, da philosophia profunda que encerra, e sobretudo o grande e transcendente pensamento moral a que sempre tende, já quando folga e ri com as mais graves coisas da vida, já quando seriamente discute por suas leviandades e pequenezas. As VIAGENS NA MINHA TERRA, são um d'aquelles livros raros que só podiam ser escriptos por quem, como o autor de *Camões* e de *Catão*, de *D. Branca* e do *Portugal na Balança da Europa,* do *Auto de Gil-Vicente* e do *Tratado de Educação,* do *Alfageme* e de *Frei Luiz de Sousa,* do *Arco de Sant'Anna*, da *Historia Litteraria de Portugal*, de *Adozinda* e das *Leituras historicas* e de tantas producções de tam variado genero, possue todos os estylos e, dominando uma lingua de immenso podêr, a costumou a servir-lhe e obedecer-lhe; — por quem com a mesma facilidade sobe a orar na tribuna, entra no gabinete nas graves discussões e demonstrações da sciencia — vôa ás mais altas regiões da lyrica, da epopêa e da tragedia, lida com as fortes paixões do drama, e baixa ás não menos difficeis trivialidades da comedia; — por quem ao mesmo tempo, e como que mudando de natureza, póde dar-se todo ás mais áridas e materiaes ponderações da administração e da politica, e redigir com admiravel precisão, com uma exacção ideologica que talvez ninguem mais tenha entre nós, uma Lei administrativa ou de Instrucção publica, uma Constituição politica ou um Tratado de commercio,

Orador e poeta, historiador e philosopho, critico e artista, jurisconsulto e administrador, erudito e homem d'Estado, religioso cultor da sua lingua e falando correctamente as extranhas — educado na pureza classica da Antiguidade, e versado depois em todas as outras litteraturas — da Meia Edade, da Renascença e contemporanea — o auctor das VIAGENS NA MINHA TERRA é egualmente familiar com Homero e com o Dante, com Platão e com Rousseau, com Thucydides e com Thiers, com Guizot e com Xenophonte, com Horacio e com Lamartine, com Machiavel e com Chateaubriand, com Shakespeare e Euripides, com Camões e Calderon, com Goethe e Virgilio, Schiller e Sá-de-Miranda, Sterne e Cervantes, Fénelon e Vieira, Rabelais e Gil-Vicente, Addison e Bayle, Kant e Voltaire, Herder e Smith, Bentham e Cormenin, com os Encyclopedistas e com os Santos Padres, com a Biblia e com as tradições sanscritas, com tudo o que a arte e a sciencia antiga, com tudo o que a arte emfim e a sciencia moderna têm produzido. Vê-se isto dos seus escriptos, e especialmente se vê d'este que agora publicâmos apezar de composto bem claramente ao correr da penna.

Mas ainda assim, e com isto sómente, elle não faria o que faz se não juntasse a tudo isto o profundo conhecimento dos homens e das coisas, do coração humano e da razão humana; se não fosse, além de tudo o mais, um verdadeiro homem do mundo, que tem vivido nas côrtes com os principes, no campo com os homens de guerra, no gabinete com os diplo-

[1] *Revista universal lisbonense.* (Da revisão.)

maticos e homens d'Estado, no parlamento, nos tribunaes, nas academias, com todas as notabilidades de muitos paizes — e nos salões emfim com as mulheres e com os frivolos do mundo, com as elegancias e com as fatuidades do seculo.

De tantas obras de tam variado genero com que, em sua vida ainda tam curta, este fecundo escriptor tem enriquecido a nossa lingua, é esta talvez, tornâmos a dizer, a que elle mais descuidadamente escreveu: mas é tambem a que, em nossa opinião, mais mostra os seus immensos podêres intellectuaes, a sua erudição vastissima, a sua flexibilidade de estylo espantosa, uma philosophia transcedente, e por fim de tudo, o natural indulgente e bom de um coração recto, puro, amigo da justiça, adorador da verdade, e inimigo declarado de todo o sophisma.

Tem sido accusado de sceptico: é a accusação mais absurda e que só denuncia, em quem a faz, ou grande ignorancia ou grande má fé. Quando o nosso auctor lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que elle maneja com tanta força e dextridade, e que talvez por isso mesmo, conscio de seu podêr, elle rara vez toma nas mãos,—veja-se que é sempre contra a hypocrisia, contra os sophismas, e contra os hypocritas e sophistas *de todas as côres*, que elle o faz. Crenças, opiniões, sentimentos, respeita-os sempre. As mesmas suas ironias que tanto ferem, não as dirige nunca sôbre individuos; vê-se que despreza a facil vingança, que, com tam poderosas armas, podia tomar de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e a quem por cada dicterio insulso e ephemero com que o têm pretendido injuriar, elle podia condemnar ao eterno approbrio de um pelourinho immortal como as suas obras. Ainda bem que o não faz! mais immortaes são as suas obras, e quanto a nós, mais punidos ficam os seus émulos com esse desprêzo do homem superior que se não apercebe de sua malignidade insulsa e insignificante.

Voltando á accusação de scepticismo, ainda dizemos que não pode ser sceptico o espirito que concebeu e em si achou côres com que pintar tam vivos caracteres de crenças tam fortes como o de Catão, de Camões, de Frei Luiz de Sousa, —e aqui n'esta nossa obra, os de Frei Diniz, de Joanninha, da Irman Francisca.

Não analysâmos agora as VIAGENS NA MINHA TERRA: a obra não está ainda completa e não podia completar-se portanto o juizo: dizemos sómente o que todos dizem e o que todos podem julgar já.

A nosso rôgo, e por fazer mais digna da sua reputação esta segunda publicação da obra, o auctor prestou-se a dirigil-a elle mesmo, corrigiu-a, additou-a, alterou-a em muitas partes, e a illustrou com as notas mais indispensaveis para a geral intelligencia do texto: de modo que sahirá muito melhorada agora do que primeiro se imprimiu.

VIAGENS NA MINHA TERRA

> Qu'il est glorieux d'ouvrir une nouvelle carrière, et de paraître tout-à-coup dans le monde savant un livre de découvertes à la main, comme une comète inattendue étincelle dans l'espace!
>
> X. DE MAISTRE.

CAPITULO I

De como o auctor d'este erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu immortalizar-se escrevendo estas suas Viagens. Parte para Santarem. Chega ao Terreiro do Paço, embarca no vapor de Villa nova; e o que ahi lhe succede. A *Deducção Chronologica* e a Baixa de Lisboa. Lord Byron e um bom charuto. Travam-se de razões os Ilhavos e os Bordas d'agua: os da calça larga levam a melhor.

Que viage á roda do seu quarto quem está á beira dos Alpes, de inverno, em Turim, que é quasi tam frio como San'Petersburgo — entende-se. Mas com este clima, com este ár que Deus nos deu, onde a larangeira cresce na horta, e o mato é de murta, o proprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, n'estas suffocadas noites d'estio, viajo até á minha janella para vêr uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me enganar com uns verdes de arvores que alli vegetam sua laboriosa infancia nos entulhos do Caes-do-Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas impressões; pois tinham muito que vêr! Foi sempre ambiciosa a minha penna: pobre e soberba, quer assumpto mais largo. Pois hei de dar-lh'o. Vou nada menos que a Santarem: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se hade fazer chronica.

Era uma idéa vaga; mais desejo que tenção, que eu tinha ha muito de ir conhecer as ricas varzeas d'esse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais historica e monumental das nossas villas. Abalam-me as instancias de um amigo, decidem-me as tonteiras de um jornal, que por mexeriquice quiz encabeçar em designio politico determinando a minha visita.

Pois por isso mesmo vou: —*pronunciei-me.*

São 17 d'este mez de julho, anno de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estrêa. Seis horas da manhan a dar em San'Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro-do-Paço. Chego muito a horas, envergonhei os mais madrugadores dos meus companheiros de viagem, que todos se prezam de mais matutinos homens que eu. Já vou quasi no fim da praça quando oiço o rodar grave mas pressuroso de uma carroça d'*ancien régime:* é o nosso chefe e commandante, o capitão da empreza, o Sr. C. da T. [1] que chega em estado.

Tambem são chegados os outros companheiros: o sino dá o último rebate. Partimos.

N'uma *regata* de vapores o nosso barco não ganhava decerto o premio. E se, no andar do progresso, se chegarem a instituir alguns isthmicos ou olympicos para este genero de carreiras — e se para ellas houver algum Pindaro ancioso de correr, em estrophes e antistrophes, atraz do vencedor que vae coroar de seus hymnos immortaes — não cabe nem um triste minguado épodo a este cançado corredor de Villa-nova. E' um barco sério e sisudo que se não mette n'essas andanças.

Assim vamos de todo o nosso vagar contemplando este magestoso e pittoresco amphitheatro de Lisboa oriental, que é, vista de fóra, a mais bella e grandiosa parte da cidade, a mais caracteristica, e onde, aqui e alli, algumas raras feições se percebem, ou mais exactamente se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das chronicas. Da Fundição para baixo tudo é prosaico e burguez, chato, vulgar e semsabor como um periodo da *Deducção Chronologica,* aqui e alli assoprado n'uma tentativa ao grandioso do máo

[1] Conde da Taipa. (*Da revisão*).

gôsto, como alguma oitava menos rasteira do *Oriente*.

Assim o povo, que tem sempre melhor gôsto e mais puro do que essa escuma descórada que anda ao de cima das populações, e que se chama a si mesma por excellencia a *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre-de-Deus e o Beato e Xabregas e Marvilla e as hortas de Chellas. A um lado a immensa magestade do Tejo em sua maior extensão e poder, que alli mais parece um pequeno mar mediteraneo; do outro a frescura das hortas e a sombra das arvores, palacios, mosteiros, sitios consagrados a recordações grandes ou queridas. Que outra sahida tem Lisboa que se compare em belleza com esta? Tirado Belem, nenhuma. E ainda assim, Belem é mais árido.

Já saudámos Alhandra, a toireira; Villafranca a que foi de Xira, e depois da Restauração, e depois outra vez de Xira, quando a tal Restauração cahiu, como a todas as restaurações sempre succede e hade succeder, em odio e execração tal que nem uma pobre villa a quiz para sobrenome.

— A questão não era de restaurar nem de não restaurar, mas de se livrar a gente de um govêrno de patuscos, que é o mais odioso e engulhoso dos governos possiveis.

É a reflexão com que um dos nossos companheiros de viagem acudiu ao principio de ponderação que eu ia involuntariamente fazendo a respeito de Villa-franca.

Mas eu não tenho odio nenhum a Villafranca, nem a esse famoso Cirio que lá foi fazer a velha monarchia. Era uma coisa que estava na ordem das coisas, e que por fôrça havia de succeder. Este necessario e inevitavel reviramento por que vae passando o mundo, hade levar muito tempo, hade ser contrastado por muita reacção antes de completar-se...

No entretanto, vamos accender os nossos charutos, e deixemos os precintos aristocraticos da ré: á prôa, que é o paiz de cigarro livre.

Não me lembra que lord Byron celebrasse nunca o prazer de fumar a bordo. E' notavel esquecimento no poeta mais embarcadiço, mais marujo que ainda houve, e que até cantou o enjôo, a mais prosaica e nauseante das miserias da vida! Pois n'um dia d'estes, sentir na face e nos cabellos a brisa refrigerante que passou por cima da agua emquanto se aspiram mollemente as narcoticas exhalações de um bom cigarro da Havana, é uma das poucas coisas sinceramente boas que ha n'este mundo.

Fumemos!

Aqui está um campino fumando gravemente o seu cigarro de papel, que me vae emprestar lume.

— Dou-lh'o eu senhor... acode cortezmente outra figura mui diversa, cujas feições trajo e modos singularmente contrastam com os do *mosarabe* ribatejano.

Accenderam-se os charutos, e attentámos mais de vagar na companhia em que estavamos.

Era com effeito notavel e interessante o grupo a que nos tinhamos chegado, e destacava pittorescamente do resto dos passageiros, mistura hybrida de trajos e feições descaracterizadas e vulgares — que abunda nos arredores de uma grande cidade maritima e commercial. — Não assim este grupo mais separado com que fômos topar. Constava elle de uns dôze homens; cinco eram d'esses famosos athletas de Alhandra, que vão todos os domingos colher o *pulverem olympicum* da praça de Sant'Anna, e que á vóz soberana e irresistivel de: *á unha, á unha, á cernelha!*... correm a arcar com mais generosos, não mais possantes, animaes que elles, ao som das immensas palmas, e a trôco dos raros pintos por que se manifesta o sempre clamoroso e sempre vazio enthusiasmo das multidões. Voltavam á sua terra os meus cinco luctadores ainda em trajo de praça, ainda esmurrados e cheios de glória da contenda da vespera. Mas ao pé d'estes cinco e de altercação com elles — lá direi porquê — estavam seis ou sete homens que em tudo pareciam os seus antipodas.

Em vez do calção amarello e da jaqueta de ramagem que caracterizam o homem do forcado, estes vestiam o amplo saiote grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de panno de varas. O campino, assim como o saloio, tem o cunho da raça africana; estes são da familia pelasga: feições regulares e moveis, a forma agil.

Ora os homens do norte estavam disputando com os homens do sul: a questão fôra interrompida com a nossa chegada á prôa do barco. Mas um dos ilhavos — bella e poetica figura de homem — voltando-se para nós, disse n'aquelle seu tom accentuado:

— Ora aqui está quem hade decidir: vejam-n'os senhores. Elles, por agarrar um toiro, cuidam que são mais que ninguem, que não ha quem lhes chegue. E os senhores, a serem cá de Lisboa, hãode dizer que sim. Mas nós...

— Nenhum de nós é de Lisboa: só este senhor que aqui vem agora.

Era o C. da T. [1] que chegava.

— Este conheço eu: este é dos nossos (bradou um homem de forcado, assim que o viu). Isto é um fidalgo como se quer. Nunca o vi

[1] Conde da Taipa. (*Da revisão.*)

VIAGENS DA MINHA TERRA, PAG. 155. — Qual é que tem mais força...

n'uma ferra, isso é verdade; mas aqui de Vallada a Almeirim ninguem corre mais do que elle por sol e por chuva, e hade saber o que é um boi de lei, e o que é lidar com gado.

— Pois oiçamos lá a questão.

— Não é questão, tornou o ilhavo: mas se este senhor fidalgo anda por Almeirim, para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia, e hoje é um jardim, benza-o Deus! — mas não foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o fez o que é, e fez terra das areias da charneca.

— Lá isso é verdade.

— Não, não é! Que está forte habilidade fazer dar trigo aqui aos nateiros do Tejo, que é como quem semeia em manteiga. É uma lavoira que a faz Deus por sua mão, regar e adubar e tudo: e o que Deus não faz, não fazem elles, que nem sabem ter mão n'esses mouchões c'o plantio das arvores: só lá por cima é que algumas têm mettido, e é bem pouco para o rio que é, e as ricas terras que lhes levam as enchentes. — Mas nós, pé no barco, pé na terra, tam depressa estamos a sachar o milho na charneca, como vimos por ahi abaixo com a vara no peito, e o sáveiro a pegar n'areia por não haver agua... mas sempre labutando pela vida.

— A fôrça é que se fala, tornou o campino para estabelecer a questão em terreno que lhe convinha. — A força é que se fala: um homem do campo que se deita alli á cernelha de um toiro que uma companhia inteira de varinos lhe não pegava, com perdão dos senhores, pelo rabo!...

E reforçou o argumento com uma gargalhada triumphante que achou ecco nos interessados circumstantes que já se tinham apinhado a ouvir os debates.

Os ilhavos ficaram um tanto abatidos: sem perderem a consciencia da sua superioridade, mas acanhados pela algazarra.

Parecia a esquerda de um parlamento quando vê sumir-se, no borborinho acintoso das turbas ministeriaes, as melhores phrases e as mais fortes razões dos seus oradores.

Mas o orador ilhavo não era homem de se dar assim por derrotado. Olhou para os seus como quem os consultava e animava, com um gesto expressivo, e voltando se a nós, com a direita estendida aos seus antagonistas:

— Então agora como é de força, quero eu saber, e estes senhores que digam, qual é que tem mais força, se é um toiro ou se é o mar?

— Essa agora!...

— Queriamos saber.

— É o mar.

— Pois nós que brigâmos com o mar, oito e dez dias a fio n'uma tormenta, de Aveiro a Lisboa, e estes que brigam uma tarde com um toiro, qual é que tem mais força?

Os campinos ficaram cabisbaixos; o publico imparcial applaudiu por esta vez a opposição, e o Vouga triumphou do Tejo.

CAPITULO II

Declaram-se typicas, symbolicas e mythicas estas viagens. Faz o A. modestamente o seu proprio elogio. Da marcha da civilisação: e mostra se como ella é dirigida pelo Cavalleiro da Mancha D. Quixote, e por seu escudeiro Sancho Pança — Chegada a Villa-Nova-da-Rainha. Supplicio de Tantalo. — A virtude galardão de si mesma e sophisma de Jeremias Bentham. — Azambuja.

Éstas minhas interessantes viagens hãode ser uma obra prima, erudita, brilhante, de pensamentos novos, uma coisa digna do seculo. Preciso de o dizer ao leitor, para que elle esteja prevenido; não cuide que são quaesquer d'essas rabiscaduras da moda que, com o titulo de *Impressões de Viagem,* ou outro que tal, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da sciencia e do adiantamento da especie.

Primeiro que tudo, a minha obra é um symbolo... é um mytho, palavra grega, e de moda germanica, que se mette hoje em tudo e com que se explica tudo... quanto se não sabe explicar.

É um mytho porque — porque... Já agora rasgo o véo, e declaro abertamente ao benevolo leitor a profunda idéa que está occulta debaixo d'esta ligeira apparencia de uma viagemsita que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada como um livro novo da feira de Leipsick, não das taes brochurinhas dos *boulevards* de Paris.

Houve aqui ha annos um profundo e cavo philosopho d'alem-Rheno, que escreveu uma obra sôbre a marcha da civilisação, do intellecto — o que diriamos, para nos entenderem todos melhor, o *Progresso*. Descobriu elle que ha dois principios no mundo: o *espiritualista* que marcha sem attender á parte material e terrena d'esta vida, com os olhos fitos em suas grandes e abstractas theorias, hirto, sêcco, duro, inflexivel, e que póde bem personalisar-se symbolisar-se pelo famoso mytho do Cavalleiro de Mancha, D. Quixote; — o *materialista* que, sem fazer caso nem cabedal d'essas theorias, em que não crê, e cujas impossiveis applicações declara todas utopias, póde bem representar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança.

Mas como na historia do malicioso Cer-

vantes, estes dois principios tam avêssos, tam desencontrados, andam comtudo juntos sempre; ora um mais atraz, ora outro mais adiante, empecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas *progredindo* sempre.

E aqui está o que é possivel ao progresso humano.

E eis aqui a chronica do passado, a historia do presente, o programma do futuro.

Hoje o mundo é uma vasta Baratária, em que domina elrei Sancho.

Depois hade vir D. Quixote.

O senso commum virá para o millenio: reinado dos filhos de Deus! Está promettido nas divinas promessas... como elrei de Prussia prometteu uma constituição: e não faltou ainda, porque — porque o contracto não tem dia; prometteu, mas não disse quando.

Ora n'esta minha viagem Tejo-a-riba está symbolisada a marca do nosso progresso social: espero que o leitor entendesse agora. Tomarei cuidado de lh'o lembrar de vez em quando, porque receio muito que se esqueça.

Somos chegados ao triste desembarcadoiro de Villa-Nova-da-Rainha, que é o mais feio pedaço de terra alluvial em que ainda poisei os meus pés. O sol arde como ainda não ardeu este anno.

Um immenso arraial de caleças, de machinhos, de burros e arrieiros, nos espera n'aquelle descampado africano. E forçoso optar entre os dois martyrios da caleça ou do macho. Do mal o menos... seja este.

E acolá — oh supplicio de Tantalo! vêjo duas possantes e nedias mulas castelhanas jungidas a um vehiculo que, n'estas paragens ao pé d'aquell'outros me parece mais esplendido do que um landau de Hyde-Park, mais elegante que um caleche de Longchamps, mais commodo e elastico do que o mais aério briska da princeza Helena. E comtudo — oh magico podêr das situações! — elle não é senão uma substancial e bem appessoada traquitana de cortinas.

Togados manes dos antigos desembargadores, venerandas cabelleiras de anneis e castanhola, que direis, ó respeitadas sombras, se d'esse limbo onde estaes esperando pela resurreição do Pêgas... e do Livro quinto — vèdes este degenerado e espurio successor vosso, em calças largas, frak verde, chapéo branco, gravata de côr, chicotinho de caoutchouc na mão, prompto a cavalgar em mulinha de *Palito Metrico* como um garraio estudantinho do segundo anno e deitando olhos invejosos para esse natural, e adscripticio modo de conducção desembargatoria? Oh que direis vós! Com que justo desprêzo não olhareis para tanta degradação e derogação!

Eu commungava silenciosamente commigo n'estas graves meditações, e revolvia incertamente no animo a ponderosa duvida — se o administrar justiça direita aos povos valia a pena de andar um desembargador a pé!... Luctava no meu sêr o Sancho Pança da carne com o D. Quixote do espirito — quando a Providencia, que nos maiores apertos e tentações nos não abandona nunca, me trouxe a generosa offerta de um amigo e companheiro do vapor, o Sr. L. S. [1]: era sua a invejada carroça, e n'ella me deu logar até á Azambuja,

A virtude é o galardão de si mesma, disse um philosopho antigo; e eu não creio no famoso dito de Bentham, que sabedoria antiga seja um sophisma. O mais moderno é o mais velho não ha dúvida; mas o antigo que dura ainda, é porque tem achado na experiencia confirmação que o moderno não tem. Jeremias Bentham tambem fazia o seu sophisma como qualquer outro.

Vamos percorrendo lentamente aquelle mal-composto marachão que poucos palmos se eleva do nivel baixo e salgadiço do solo; de inverno não se passará sem perigo; ainda agora se não anda sem incómmodo e receio. Estamos em Villa-nova e ás portas do nojento caravanseray, unico asylo do viajante n'esta, hoje, a mais frequentada das estradas do reino.

Parece-me estar mais deserto e sujo, mais abandonado e em ruinas este asqueroso logarejo, desde que alli ao pé tem a estação dos vapores, que são a commodidade, a vida, a alma do Ribatejo. Imagino que uma aldeia de Alarves nas faldas do Atlas deve ser mais limpa e commoda.

Oh! Sancho, Sancho, nem sequer tu reinarás entre nós! Cahiu o carunchoso throno de teu predecessor, antagonista e ás vezes amo; açoitaram-te essas nadegas para desencantar a formosa *del Toboso*, proclamaram-te depois rei em *Barataria*, e n'esta tua provincia lusitana nem o paternal govêrno de teu estupido materialismo póde estabelecer-se para commodo e salvação de corpo, já que a alma... oh! a alma!..

Falemos n'outra coisa.

Fujamos depressa d'este monturo. - E' monotona, arida e sem frescura de árvores a estrada: apenas alguma rara oliveira malmedrada, a longos e desegaaes espaços, mostra o seu tronco rachitico e braços contorcidos, ornados de ramusculos doentes, em que o natural verde-alvo das folhas é mais alvacento e desbotado que o costume. O sólo porém, com raras excepções, é opti-

[1] Luiz Teixeira de Sampaio, primeiro Visconde do Cartaxo. (*Da revisão.*)

mo, e a trôco de pouco trabalho e insignificante despeza, daria uma estrada tam boa como as melhores da Europa.

Dizia um secretario d'Estado meu amigo, que para se repartir com egualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro todos os tres mezes. Quando se fizer a lei de responsabilidade ministerial, para as kalendas gregas, eu heide propôr que cada ministro seja obrigado a viajar por este seu reino de Portugal ao menos uma vez cada anno, como a desobriga.

Ahi está a Azambuja, pequena mas não triste povoação, com visiveis signaes de vida, aceadas e com ár de confôrto as suas casas. É a primeira povoação que dá indicio de estarmos nas ferteis margens do Nilo portuguez.

Corrêmos a apear-nos no elegante estabelecimento que ao mesmo tempo cumula as tres distinctas funcções, de *hotel*, de *restaurant* e de *café* da terra.

Santo Deus! que bruxa que está á porta! que antro lá dentro!... Cáe-me a penna da mão.

CAPITULO III

Acha-se desappontado o leitor com a prosaica sinceridade do A. d'estas Viagens O que devia ser uma estalagem nas nossas éras de litteratura romantica. —Suspende-se o exame d'esta grave questão para tratar, em prosa e verso, um mui difficil ponto de Economia-politica e de moral social.— Quantas almas é preciso dar ao diabo e quantos corpos se têm de entregar no cemiterio para fazer um rico n'este mundo.—Como se veiu a descobrir que a sciencia d'este seculo era uma grandessissima tola. —Rei de facto e rei de direito —Belleza e mentira não cabem n'um sacco.—Põe-se o A. a caminho para o pinhal da Azambuja.

Vou *desappontar* decerto o leitor benevolo; vou perder, pela minha fatal sinceridade, quanto em seu conceito tinha adquirido nos dois primeiros capitulos d'esta interessante viagem.

Pois que esperava elle de mim agora, de mim que ousei declarar-me escriptor n'estas éras de romantismo, seculo das fortes sensações, das descripções a traços largos e *incisivos* que se entalham n'alma e entram com sangue no coração?

No fim do capitulo precedente parámos á porta de uma estalagem: que estalagem deve ser esta, hoje no anno de 1843 ás barbas de Victor Hugo, com o Doutor Fausto a trotar na cabeça da gente, com os *Mysterios de Paris* nas mãos de todo o mundo?

Ha paladar que supporte hoje a classica *posada* do Cervantes com seu *mesonero* gordo e grave, as pulhas dos seus arrieiros, e o mantear de algum pobre lorpa de algum Sancho! Sancho, o invisivel rei do seculo, aquelle *por quem hoje os reis reinam e os fazedores de leis decretam e afferem o justo!* Sancho manteado por vis muleteiros! Não é da epoca.

> Eu coroarei de trevo a minha espada,
> De cenoiras, luzerna e beterrava,
> Para cantar Harmódios e Aristógitons,
> Que do tyranno jugo vos livraram
> Da sciencia velha, inutil, carunchosa,
> Que elevava da terra, erguia, alçava
> O que no homem ha de sêr divino,
> E para os grandes feitos e virtudes
> Lhe despegava o espirito da carne...

Não: plantae batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, macadamisae estradas, fazei caminhos de ferro, construi passarolas de Icaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, massuda e grossa como tendes feito esta que Deus nos deu tam differente do que a hoje vivemos. Andae, ganha-pães, andae; reduzi tudo a cifras, todas as considerações d'este mundo a equações de interesse corporal, comprae, vendei, agiotae.—No fim de tudo isto, o que lucrou a especie humana? Que ha mais umas poucas de duzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas-politicos, aos moralistas, se já calcularam o número de individuos que é forçoso condemnar á miseria, ao trabalho desproporcionado, á desmoralisação, á infamia, á ignorancia crapulosa, á desgraça invencivel, á penuria absoluta, para produzir um rico?—Que lh'o digam no Parlamento inglez, onde, depois de tantas commissões de inquerito já deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender ao diabo, o número de corpos que se tem de entregar antes de tempo ao cemiterio para fazer um tecelão rico e fidalgo como sir Roberto Peel, um mineiro, um banqueiro, um grangeeiro—seja o que fôr: cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseraveis.

Logo a nação mais feliz, não é a mais rica. Logo o principio utilitario é a *mamona* da injustiça e da reprovação. Logo...

> There are moret hings in heaven and earth, Horatio,
> Than are dreamt of in your philosophy.

A sciencia d'este seculo é uma grandessissima tola.

E como tal, presumpçosa, e cheia de orgulho dos nescios.

....
....
....

Vamos á descripção da estalagem. Não póde ser classica; assoviam-n e todos esses rapa-

zes de pêra, bigode e charuto, que fazem litteratura cava e funda desde a porta do Marrare até ao café de Moscow...

Mas aqui é que me apparece uma incoherencia inexplicavel. A sociedade é materialista; e a litteratura, que é a expressão da sociedade, é toda excessivamente e absurdamente e despropositadamente espiritualista! Sancho rei de facto, Quixote rei de direito.

Pois é assim; e explica-se. E' a litteratura que é uma hypocrita; tem religião nos versos, caridade nos romances, fé nos artigos de jornal — como os que dão esmolas para pôr no *Diario*, que amparam orphans na *Gazeta*, e sustentam viuvas nos cartazes dos theatros.

E falam no Evangelho! Deve ser por escarneo. Se o lêem, hãode vêr lá que nem a esquerda deve saber o que faz a direita...

Vamos á descripção da estalagem; e acabemos com tanta digressão.

Não póde ser classica, está visto, a tal descripção. — Seja romantica. — Tambem não póde ser. Porque não? E' pôr-lhe lá um *Chourineur* a amolar um facão de palmo e meio para espatifar rez e homem, quanto encontrar, — uma *Fleur de Marie* para dizer e fazer pieguices com uma rozeirinha pequenina, bonitinha, que morreu, coitadinha! — e um principe allemão encoberto, forte no sôcco britannico, immenso em libras sterlinas, profundo em giria de cegos e ladrões... e ahi fica a Azambuja com uma estalagem que não tem que invejar á mais pintada e da moda n'este seculo elegante, delicado, verdadeiro, natural!

E' como eu devia fazer a descripção: bem o sei. Mas ha um impedimento fatal, invencivel — egual ao d'aquella famosa salva que se não deu... é que nada d'isso lá havia.

E eu não quero calumniar a boa gente da Azambuja. Que me não lêam os taes, porque eu heide viver e morrer na fé de Boileau

Rien n'est beau que le vrai.

Já se diz ha muito anno que honra e proveito não cabem n'um sacco; eu digo que belleza e mentira tambem lá não cabem: e é a mais portugueza traducção que creio que se possa fazer d'aquelle immortal e evangelico hemistychio. A maior parte das bellezas da litteratura actual fazem-me lembrar aquellas formosuras que tentavam os santos eremitas na Thebaida. O pobre de Santo Antão ou de S. Pacomio (Pacomio é melhor aqui) ficavam embabascados ao principio; mas dava-lhe o coração uma pancada, olhavam-lhe para os pés .. Cruzes, maldito! Os pés não podia elle encobrir. E ao primeiro *abrenuntio* do santo, dissipava-se a belleza em muito fumo de enxofre, e ficava o diabo negro, feio e cabrum como quem é, e sempre foi o pae da mentira.

Nada, nada, verdade e mais verdade. Na estalagem da Azambuja o que havia era uma pobre velha a quem eu chamei bruxa, porque emfim que havia de eu chamar á velha suja e maltrapida que estava á porta d'aquella asquerosa casa?

Havia lá esta velha, com a sua môça mais môça mas não menos nojenta de vêr que ella e um velho meio paralytico, meio demente que alli estava para um canto com todo o geito e traça de quem vem folgar agora na taverna porque já bebeu o que havia de beber n'ella.

Matava-nos a sêde; mas a agua alli é beber quartans. O vinho era atroz. Limonada? Não ha limões nem assucar. — Mandou-se um proprio á tenda no fim da villa. Vieram tres limões que me pareceram de uns que pendiam, quando eu vinha a férias, á porta do famoso botequim de Leiria.

O assucar podia servir na última scena de M. de Pourceaugnac muito melhor que n'uma limonada. Mas misturou-se tudo com a agua das sezões, bebêmos, pozemo-nos em marcha e até agora não nos fez mal, com o ser a mais abominavel, antipathica e suja beberagem que se póde imaginar.

Caminhámos na mesma ordem até chegar ao famoso pinhal da Azambuja.

CAPITULO IV

De como o A. foi passando e divagando, e em que pensava e divagava elle, no caminho da villa da Azambuja até o famoso pinhal do mesmo nome — Do poeta grego e philosopho Démades, e do poeta e philosopho inglez Addison, da casaca de peneiros e do palio atheniense, e de outros importantes assumptos em que o A. quiz mostrar a sua profunda erudição. — Discute-se a materia gravissima se é necessario que um ministro d'estado seja ignorante e leigarraz. — Admiraveis reflexões de zig-zag em que se trata De re politica e De re amatoria. — Descobre-se por fim que o A. estivera a sonhar em todo este capitulo, e pede-se ao leitor benevolo que volte a folha e passe ao seguinte.

Eu darei sempre o primeiro logar á modestia entre todas as bellas qualidades. — Ainda sobre a innocencia? — Ainda, sim. A innocencia basta uma falta para a perder; da modestia só culpas graves, só crimes verdadeiros podem privar. Um accidente, um acaso podem destruir aquella, a ésta só uma acção propria, determinada e voluntaria.

Bem me lembra ainda os dois versos do poeta Démades que são forte argumento de auctoridade contra a minha theoria; cuidei que tinha mais infeliz memoria. Heide pôl-os

aqui para que não falte a esta grande obra das minhas viagens o merito da erudição, e lhe não chamem livrinho da moda: estou resolvido a fazer a minha reputação com este livro,

> Αἰδὼς τε κάλλεος καὶ ἀρετῆς πόλις,
> Πρῶτον ἀγαθὴ ἀναμαρτησία, δεύτερον δὲ αἰσχύνη.

> Da belleza e virtude é a cidadella
> A innocencia primeiro — e depois ella.

Mas a auctoridade responde-se com auctoridade, e a texto com texto. E eu trago aqui na algibeira o meu Addison — um dos poucos livros que não largo nunca — e atiro com o philosopho grego e fica triumphante: porque Addison não põe nada acima da modestia; e Addison, apezar da sua casaca de peneiros, é muito maior philosopho do que foi Démades com a sua tunica e o seu palio atheniense.

O erudito e amavel leitor escapará d'esta vez a mais citações: compre um *Spectator*, que é livro sem que se não póde estar, e veja *passim*.

Eu gósto, bem se vê, de ir ao encontro das objecções que me podem fazer; lembro-as eu mesmo para que depois me não digam: —Ah, ah? vinha a ver se pegava! — Não senhor, não é o meu genero esse.

Francamente pois... eis ahi o que poderão dizer: — Addison foi secretario d'Estado, e então... — Então o quê? Não concebem um secretario d'Estado philosopho, um ministro poeta, escriptor elegante cheio de graça e de fixa de que um ministro de Estado hade ser por força algum semsaborão, malcriado e petu talento? Não, bem vejo que não: têm a idéa lante. Mas isto é nos paizes adiantados em que já é indifferente para a coisa-publica, em que povo nem principe lhes não importa já, em que mãos se entregam, a que cabeças se confiam. Em Inglaterra não é assim, nem era assim no tempo de Addison. Fossem lá á rainha Anna que deixasse entrar no seu gabinete quatro calças de coiro sem criação nem instrucção e não mais senão só porque este sabia jogar nos fundos, aquelle tinha boas tretas para o *canvassing* de umas eleições, o outro era figura importante no *Freemason's hall*!

Já se vê que em nada d'isto ha minima allusão ao feliz systema que nos rege: estou falando de modestia, e nós vivemos em Portugal.

A modestia comtudo quando é excessiva e se approxima do acanhamento, ao que no mundo se chama *falta de uso* — póde ser n'um homem quasi defeito inteiro. Na mulher é sempre virtude, realce de belleza ás formosas, disfarce de fealdade ás que o não são.

Por mim, não conheço objecto mais lindo em toda a natureza, mais feiticeiro, mais capaz de arrebatar o espirito e inflammar o coração do que é uma joven donzella quando a modestia lhe faz subir o rubor ás faces, e o pejo lhe carrega brandamente nas palpebras... Pouco lume que tenha nos olhos, pouco regular que seja o semblante, menos airosa que seja a figura, parecer-vos-ha n'esse momento um anjo e anjo é a virgem modesta, que traz no rosto debuxado sempre um céo de virtudes... — De alguma belleza sei eu cujos olhos *côr da noite* ou de *saphira*, (*dialec. poet. vet.*) cujas faces de *leite de rosas*, dentes de *perolas*, collo de *marfim*, trança de *ebano* (a allusão é surtida, ha onde escolher) davam larga materia a boas grozas de sonetos — no antigo regimen dos sonetos, e hoje inspirariam myriadas de canções descabelladas e vaporosas, choradas na harpa ou gemidas no alahude. Comtanto que não seja lyra, que é classico, todo o instrumento, inclusivamente a bandurra, é egual deante da lei romantica.

Ora pois, mas a tal belleza, por certo ár alamoda, certo não sei-quê de atrevido nos olhos, de deslavado na cara, e de descomposto nos ademanes, perde toda a graça e quasi a propria formosura de que a dotara a natureza...

Vêde-me aquelles labios de carmim. Ha maio florido que tam lindo botão de rosa apresente ao alvorecer da madrugada?... Mas olhae agora como o riso da malicia lh'o desfolha tam feiamente n'uma desconcertada risada...

Desvaneceu-se o prestigio.

Não havia moço nem velho, homem do mundo ou sabio de gabinete que não désse metade dos seus prazeres, dos seus livros, da sua vida por um só beijo d'aquella bocca. Agora talvez nem repetidos *avances* lhe façam obter um namorante de profissão e officio... E hade pagal-o adeantado, e por que preço!...

....

....

Mas o que terá tudo isto com a jornada da Azambuja ao Cartaxo? A mais intima e verdadeira relação que é possivel. E' que a pensar ou a sonhar n'estas coisas fui eu todo o caminho, até me achar no meio do pinhal da Azambuja.

Ahi parámos, e acordei eu.

Sou sujeito a estas distracções, a este sonhar acordado. Que lhe heide eu fazer? Andando, escrevendo: sonho e ando, sonho e falo, sonho e escrevo. Francamente me confesso de somnambulo, de somniloquo, de... Não, fica melhor com seu ár de grego (hoje tenho a bóssa hellenica n'um estado de tumescencia pasmosa!); digamos somnilogo, somnigrapho...

A minha opinião sincera e *consciencioss* é que o leitor deve saltar estas folhas, e passar ao capitulo seguinte, que é outra casta de capitulo.

CAPITULO V

Chega o A. ao pinhal da Azambuja e não o acha. Trabalha-se por explicar este phenomeno pasmoso. Bello rasgo de estylo romantico.—Receita para fazer litteratura original com pouco trabalho.—Transição classica: Orpheu e o bosque de Menalto—Desce o A. d'estas grandes e sublimes considerações para as realidades materiaes da vida: é desamparado pela hospitaleira traquitana e tem de cavalgar na triste mula de arrieiro.—Admiravel choito do animal. Memorias do marquez do F. que adorava o choito.

Este é que é o pinhal da Azambuja?

Não póde ser.

Esta, aquella antiga selva temida quasi religiosamente como um bosque druidico? E eu que, em pequeno, nunca ouvia contar historia de Pedro de Malas-Artes, que logo, em imaginação lhe não pozesse a scena aqui perto!... Eu que esperava topar a cada passo com a Cova do capitão Roldão e da dama Leonarda!... Oh! que ainda me faltava perder mais esta illusão...

Por quantas maldicões e infernos adornam o estylo d'um verdadeiro escriptor romantico, digam-me, digam me: onde estão os arvoredos fechados, os sitios medonhos d'esta espessura? Pois isto é possivel, pois o pinhal da Azambuja é isto?... Eu que os trazia promptos e *recortados* para os collocar aqui todos os amaveis *Salteadores* de Schiller, e os elegantes faccinorosos do *Auberge des-Adrets* eu heide perder os meus chefes d'obra? Que é perdel-os isto—não ter onde os pôr!...

Sim, leitor benevolo, e por esta occasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa litteratura. Já me não importa guardar segredo; depois d'esta desgraça não me importa já nada. Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos lêr.

Trata se de um romance, de um drama—cuidas que vamos estudar a historia, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulchros, os edificios, as memorias da epoca? Não seja pateta, senhor leitor, nem cuide que nós o somos. Desenhar caracteres e situações do *vivo* da natureza, coloril-os das côres verdadeiras da historia... isso é trabalho difficil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e sobretudo um tacto!... Não senhor: a coisa faz-se muito mais facilmente. Eu lhe explico.

Todo o drama e todo o romance precisa de:

Uma ou duas damas,

Um pae,

Dois ou tres filhos de dezanove a trinta annos,

Um criado velho,

Um monstro, encarregado de fazer as maldades,

Varios tratantes, e algumas pessoas capazes para intermedios.

Ora bom; vae-se aos figurinos francezes de Dumas, de Eug. Sue, de Victor-Hugo, e *recorta* a gente, de cada um d'elles, as figuras que precisa, gruda-as sobre uma folha de papel de côr da moda, verde, pardo, azul—como fazem as raparigas inglezas aos seus albuns e scrapbooks; fórma com ellas os grupos e situações que lhe parece; não importa que sejam mais ou menos disparatados. Depois vae-se ás chronicas, tiram-se uns poucos de nomes e palavrões velhos; com os nomes chrismam-se os figurões, com os palavrões *illuminam se*... (estylo de pintor pinta-monos).—E aqui está como nós fazemos a nossa litteratura original.

E aqui está o precioso trabalho que eu agora perdi!

Isto não póde ser! Uns poucos de pinheiros raros e infezados através dos quaes se estão quasi vendo as vinhas e olivedos circumstantes!... É o desappontamento mais chapado e solemne que nunca tive na minha vida—uma verdadeira logração em boa e antiga phrase portugueza.

E comtudo aqui é que devia ser, aqui é que é, geographica e topographicamente fa lando, o bem conhecido e confrontado sitio do pinhal da Azambuja...

Passaria por aqui algum Orpheu que, pelos magicos poderes da sua lyra, levasse atraz de si as arvores d'este antigo e classico Ménalo dos salteadores lusitanos?

Eu não sou muito difficil em admittir pro digios quando não sei explicar os phenomenos por outro modo. O pinhal da Azambuja mudou-se. Qual de entre tantos Orpheus que a gente por ahi vê e ouve, foi o que obrou a maravilha, isso é mais difficil de dizer. Elles são tantos e cantam todos tam bem! Quem sabe? Juntar-se-hiam, fariam uma companhia por acções, e negociariam um emprestimo harmonico com que facilmente se obraria então o milagre? É como hoje se faz tudo; é como se passou o thezouro para o banco, o banco para as compa nhias de confiança... porque se não faria o mesmo com o pinhal da Azambuja?

Mas aonde está elle então? faz favor de me dizer...

Sim senhor, digo: *está consolidado*. E se não sabe o que isto quer dizer, leia os orçamentos, veja a lista dos tributos, passe pelos olhos os votos de confiança; e se de-

VIAGENS NA MINHA TERRA — Vejo duas possantes e nedias mulas... PAG. 156.

pois d'isto, não souber aonde e como *se consolidou* o pinhal d'Azambuja, abandone a geographia que visivelmente não é a sua especialidade, e deite-se a finanças, que tem bossa; — fazemol-o eleger ahi por Arcozello ou pela cidade eterna — é o mesmo — vae para a commissão de fazenda — depois lord do thesoiro, ministro: é *escalla*, não offendia nem a rabujenta Constituição de 38, quanto mais a Carta ....

....

....

O peior é que no meio d'estes campos onde Troia fôra, no meio d'estas areias onde se acoitavam d'antes os pallidos medos do pinhal da Azambuja, a minha querida bemfazeja traquitana abandonou-me; fiquei como o bom *Xavier de Maistre* quando, a meia jornada de seu quarto, lhe perdeu a cadeira o equilibrio, e elle cahiu — ou ia caindo, já me não lembro bem — estatelado no chão.

Ao chão estive eu para me atirar como criança amuada, quando vi voltar para a Azambuja o nosso commodo vehiculo, e deante de mim a enfezada mulinha asneira que — ai triste! - tinha de ser o meu transporte d'alli até Santarem.

Emfim o que hade ser, hade ser, e tem muita força. Consolado com este tam verdadeiro quanto *elegante* proverbio, levantei o animo á altura da situação e resolvi fazer próva de homem forte e supportador de trabalhos. Bifurquei-me resignadamente sobre o cilicio do esfarrapado albardão, tomei na esquerda as impermiaveis rédeas de coiro cru, e lancei o animalejo ao seu mais largo trote, que era um confortavel e amenissimo choito, digno de fazer as delicias do meu respeitavel e excentrico amigo, o marquez do F.[1]

Tinha a bossa,a paixão, a mania,a furia de choitar aquelle notavel fidalgo — o último fidalgo homem de lettras que deu esta terra. Mas adorava o choito o nobre marquez. Conheci-o em Paris nos ultimos tempos da sua vida, já octogenario ou perto d'isso: deixava a sua carruagem ingleza toda mollas e confôrtos para ir passear n'um certo cabriolet de praça que elle tinha marcado pelo sêcco e duro movimento vertical com que sacudia a gente. Obrigou-me um dia a experimental-o: era admiravel. Communicava-se da velha horsa normanda aos varaes, e dos varaes á concha do carro, tam inteiro e tam sem diminuição o choito do execravel Babiéca! Nunca vi coisa assim. O marquez achava-lhe propriedades toni-purgativas, eu classifiquei-o de violentissimo drastico.

[1] Marquez do Funchal, D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho. *(Da revisão.)*

Foi um dos homens mais extraordinarios e o portuguez mais notavel que tenho conhecido, aquelle fidalgo.

Era feio como o peccado, elegante como um bugio, e as mulheres adoravam-n'o. Filho segundo, vivia dos seus ordenados nas misssões por que sempre andou, tratava-se grandiosamente, legou valores consideraveis por sua morte. Imprimia uma obra sua, mandava tirar um unico exemplar, guardava-o e desmanchava as fôrmas... — Não acabo se começo a contar historias do marquez do F.

Piquêmos para o Cartaxo, que são horas.

CAPITULO VI

Próva se como o velho Camões não teve outro remedio senão misturar o maravilhoso da Mythologia com o do Christianismo.—Dá-se razão, e tira-se depois ao padre José Agostinho. — No meio d'estas dissertações academico-litterarias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé n'este mundo. Diz-se n'este mundo, porque, quanto ao outro já era sabido. — Os *Lusiadas Fausto* e a *Divina Comedia.* — Desgraça do Camões em ter nascido antes do romantismo. — Mostra-se como a Styge e o Cocyto sempre são melhores sitios que o Inferno e o Purgatorio.— Vae o A. em procura do marquez de Pombal, e dá com elle nas Ilhas Beatas do poeta Alceu. — Partida de Whist entre os illustres finados. — Compaixão do marquez pelos pobres homens de Ricardo, Smith e J. B. Say. — Resposta d'elle e da sua luneta ás perguntas peralvilhas do A. — Chegada a este mundo e ao Cartaxo.

O mais notavel, e não sei se diga, se continuarei ao menos a dizer, o mais indesculpavel defeito que ate aqui esgravataram criticos e zoilos na *Iliada* dos povos modernos, os immortaes *Lusiadas*, é sem dúvida a heterogenia e heterodoxa mistura da theologia com a mythologia, do maravilhoso allegorico do paganismo, com os graves symbolos do christianismo. A falar a verdade, e por mais figas que a gente queira fazer ao padre José Agostinho — ainda assim! vêr o padre Baccho revestido *in pontificalibus* deante de um retabulo, não me lembra de que santo, dizendo o seu *Dominus vobiscum* provavelmente a algum acolyto bacchante ou corybante,que lhe responde o *Et cum spiritu tuo!*.. não se póde; é uma que realmente...E então aquelle famoso conceito com que elle acaba, digno da *Phenix-Renascida:*

O falso Deus adora o verdadeiro!

Desde que entendo, que leio, que admiro os *Lusiadas*, enterneço-me, choro, ensuberbeço-me com a maior obra de engenho que ainda appareceu no mundo, desde a *Divina Comedia* até ao *Fausto*...

O italiano tinha fé em Deus, o allemão

no scepticismo, o portuguez na sua patria. É preciso crêr em alguma coisa para ser grande—não só poeta—grande seja no que for. Uma Brizida velha que eu tive, quando era pequeno, era famosa chronista de historias da carochinha, porque sinceramente cria em bruxas. Napoleão cria na sua estrella, Lafayette ereu na republica-rei de Luiz-Filippe; e, para que ousemos tambem *celebrare domestica facta*, todos os nossos grandes homens ainda hoje crêem, um na Junta do Credito, outro nas Classes inactivas, outro no mestre Adonirão, outro finalmente na belleza e realidade do systema constitucional que felizmente nos rege.

Mas essas crenças são para os que se fizeram grandes com ellas. A um pobre homem o que lhe fica para crêr? Eu, apezar dos criticos, ainda creio no nosso Camões; sempre cri.

E comtudo, desde a edade da innocencia em que tanto me divertiam aquellas batalhas, aquellas aventuras, aquellas historias d'amores, aquellas scenas todas, tam naturaes, tam bem pintadas—até esta fatal edade da experiencia, edade prosaica em que as mais bellas creações do espirito parecem macaquices deante das realidades do mundo, e os nobres movimentos do coração chimeras de enthusiastas—até esta edade de saudades do passado e esperanças no futuro, mas sem gosos no presente—em que o amor da patria (tambem isto será phantasmagoria?) e o sentimento intimo do *bello* me dão na leitura dos *Lusiadas* outro deleite diverso, mas não inferior ao que n'outro tempo me deram—eu senti sempre aquelle grande defeito do nosso grande poema: e nunca pude, por mais que buscasse, achar-lhe, justificação não digo—nem sequer desculpa.

Mas até morrer aprender, diz o adagio: e assim é. E tambem é aphorismo de moral, applicavel outrosim a coisas litterarias: que para a gente achar a desculpa aos defeitos alheios, é considerar—é pôr-se uma pessoa nas mesmas circumstancias, vêr-se envolvido nas mesmas difficuldades.

Aqui estou eu agora dando toda a desculpa ao pobre Camões, com vontade de o justificar, e prompto (assim são as caridades d'este mundo) a sahir a campo de lança em riste e a quebral-a com todo o antagonista que por aquelle fraco o atacar.—E porque será isto! Porque chegou a minha honra; e—*si parva licet componere magnis* (a bóssa proeminente hoje é a latina), aqui me acho eu com este meu capitulo nas mesmas difficuldades em que o nosso bardo se viu com o seu poema.

Já preveni as observações com o texto acima: bem sei quem era Camões, e quem sou eu; mas trata-se da *entalação*, que é a mesma apezar da differença dos entalados. O auctor dos *Lusiadas* viu-se entalado entre a crença do seu paiz e as brilhantes tradições da poesia classica que tinha por mestra e modêlo.

Não havia ainda então romanticos e um romantismo, o seculo estava muito atrazado. As Odes de Victor-Hugo não tinham ainda desbancado as de Horacio; achavam-se mais lyricos e mais poeticos os esconjuros de Canidia, do que os pezadellos de um enforcado no oratorio; chorava-se com os *Tristes* de Ovidio, porque se não lagrimejava com as *Meditações* de Lamartine. Andromaca despedindo se de Heitor ás portas de Troia, Priamo supplicante aos pés do matador do seu filho, Helena luctando entre o remorso do seu crime e o amor de Páris, não tinham ainda sido eclipsados pelas declamações da mãe Eva ás grades do paraizo terreal. O combate de Achilles e Heitor, das hostes argivas com as troyanas, não tinha sido mettido n'um chinello pelas batalhas campaes dos anjos bons e dos anjos maus á metralhada por essas nuvens. Dido chorando por Eneas não tinha sido reduzida a donzella choramingas d'Alfama carpindo pelo seu *Manel* que vae para a India...

Realmente o seculo estava muito atrazado: Milton não se tinha ainda sentado no logar de Homero, Shakespeare no de Euripedes, e lord Byron acima de todos: emfim não estava ainda anglizado o mundo, portanto a *marcha do intellecto* no mesmo terreno, é tudo uma miseria.

Ora pois, o nosso Camões, creador da epopéa, e—depois do Dante—da poesia moderna, viu-se atrapalhado; misturou a sua crença religiosa com o seu credo poetico e fez, *tranchons le mot*, uma semsaboria.

E aqui direi eu com o vate Elmano:

> Camões, grande Camões, quam similhante
> Acho teu fado ao meu quando os cotejo!

Vou fazer outra semsaboria eu, n'este bello capitulo da minha obra-prima. Que remedio! Preciso falar com um illustre finado, preciso de evocar a sombra de um grande genio que hoje habita com os mortos. E onde irei eu? Ao inferno? Espero que a divina justiça se apiedasse d'elle na hora dos ultimos arrependimentos. Ao purgatorio, ao empyreo? Apezar do exemplo da *Divina Comedia*, não me atrevo a fazer comedias com taes logares de scena,—e não sei, não gósto de brincar com essas coisas.

Não lhe vejo remedio senão recorrer ao bem parado dos Elysios, da Styge, do Cocyto e seu termo: são terrenos neutros em que se

póde parlamentar com os mortos sem compromettimento serio e...

Eis-me ahi no êrro de Camões — e nas unhas dos criticos: e as zagunchadas a ferver em cima de mim, que fiz, que aconteci...

Mas, senhores, ponderem, venham cá: o que hade um homem fazer? O Dante não sei que giria teve que baptisou Publio Virgilio Marão para lhe servir de cicerone nas regiões do Inferno, do Paraiso, e do Purgatorio christão, e teve tam boa fortuna que nem o queimou a Inquisição nem o descompoz a Crusca, nem sequer o mutilaram os censores, nem o perseguiram delegados por abuso de liberdade de imprensa, nem o mandaram para os dignos pares... Não se tinham ainda descoberto as mangações liberaes que se usam hoje: e as Cartas que o povo tinha era a liberdade ganha e sustentada á ponta da espada, com muito coração e poucas palavras, muito patriotismo, poucas leis... e menos relatorios. Não havia em Florença nem gazeta para louvar as tolices das ministros, nem ministros para pagar as tolices da gazeta.

O Dante foi proscripto e exilado, mas não se ficou a escrever, deu catanada que se regalou nos inimigos da liberdade da sua patria.

Quem dera cá um batalhão de poetas como aquelle!

Que fosse porém um triste vate de hoje escrever no seculo das luzes o que escrevia o Dante no seculo das trevas! os proprios philosophos gritavam: Que escandalo! Atheus professos clamavam contra a irreverencia; gentes que não têm religião, nem a de Mafoma, bradavam pela religião: entravam a pôr carapuças nas cabeças uns dos outros, cahiam depois todos sobre o poeta, e — se o não podessem enforcar, pelo menos declaravam-n'o republicano, que dizem elles que é uma injúria muito grande.

Nada! viva o nosso Camões e o seu maravilhoso mistiforio; é a mais commoda invenção d'este mundo: vou-me com ella, e ralhe a critica quando quizer.

Quero procurar no reino das sombras não menor pessoa que o marquez de Pombal: tenho que lhe fazer uma pergunta séria antes de chegar ao Cartaxo. E nós já vamos por entre as ricas vinhas que o circumdam com uma zona de verdura e alegria. Depressa o ramo de oiro, que me abra ao pensamento as portas fataes,—depressa a unctuosa sopetarra com que heide atirar ás tres gargantas do canzarrão. Vamos...

Mas em que districto d'aquellas regiões acharei eu o primeiro ministro d'el-rei D. José? Por onde está Ixion e Tantalo, por onde demora Sysipho e outros maganões que taes? Não: esse é um bairro muito triste, e arrisca-se a ter por administrador algum escandecido que me atice as orelhas.

Nos Elysios com o pae Anchises e outros barbaças classicos do mesmo jaez? Eu sei? tambem isso não. Ha de ser n'aquellas ilhas bemaventuradas de que fala o poeta Alceu e onde elle poz a passear, por eternas verduras as almas tyrannicidas de Harmódio e Aristógiton...

Oh! ésta agora!... Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal, de companhia com os seus inimigos politicos?... Ahi é que se enganam; não ha amigos nem inimigos politicos em se largando o mando e as pretenções a elle. Ora passados os umbraes da eternidade, é de fé que se não pensa mais n'isso. C. J. X,[1] que morreu a assignar uma portaria, já tinha largado a penna quando chegou alli pelos *Prazeres;* quanto mais!...

O homem hade estar nas ilhas *beatas.* Vamos lá...

E eil o alli; lá está o bom do marquez a jogar o whist com o barão de Bidefeld, com o imperador Leopoldo e com o poeta Diniz. A partida deve de ser interessante: talvez aposta essa gente toda — esses manes todos que estão á roda. Que cara que fez o marquez a um finadinho que lhe foi metter o nariz nas cartas! Quem havia de ser! O intromettido de Mr. de Talleyrand. Estava-lhe cahindo. Mas não viu nada: o nobre marquez sempre soube esconder o seu jogo.

A mim é que elle já me viu.

— Que diz! Ah!... Sim senhor, sou portuguez; e venho fazer uma pergunta a V. Ex.ª, esclarecer-me sobre um ponto importante.

Deitou-me a tremenda luneta.

— Para que mandou V. Ex.ª arrancar as vinhas do Ribatejo?

Apertou a luneta no sobrôlho e sorriu-se.

— Ellas ahi estão centuplicadas, que até já invadiram o pinhal de Azambuja. Fez V. Ex.ª um despotismo inutil, e agora...

— Agora quem bebe por lá todo esse vinho?

Não sabia o que lhe havia de responder. Elle sacudiu a cabelleira de anneis, virou-me as costas, deu o braço a Colbert, passou por-pé de Ricardo, Smith e de J. Baptista Say, que estavam a disputar, encolheu os hombros em ár de compaixão, e foi-se por uma alamêda muito viçosa que ia por aquelles deliciosos jardins dentro, e sumiu-se da nossa vista.

Eu surdi cá n'este mundo, e achei-me em cima da azémola, ao pé do grande café do Cartaxo.

[1] Candido José Xavier. *(Da revisão.)*

CAPITULO VII

Reflexões importantes sobre o Bois-de-Boulogne, as carruagens de mollas, Tortoni, e o café do Cartaxo. — Dos cafés em geral, e de como são o caracteristico da civilisação de um paiz — O *Alfageme*. — Hecatombe involuntaria immolada pelo A. — Historia do Cartaxo. — Demonstra-se como a Gran' Bretanha deveu sempre toda a sua fôrça e toda a sua glória a Portugal. — Shakespeare e Laffitte, Milton e Chateaumargot, Nelson e o principe de Joinville. — Próva-se evidentemente que M. Guizot é a ruina de Albion e do Cartaxo.

Voltar á meia noite do *Bois-de-Boulogne* — o bosque por excellencia, descer, entre nuvens de poeira, o longo stadio dos Campos-Elysios, entrevêr, na rapida carreira, o obelisco de Luxor, as árvores das Tulherias a Columna da praça Vandomma, a magnificencia heteroclyta da Magdalena, e emfim sentir parar, de uma soffreada magistral, os dois possantes inglezes que nos trouxeram quasi de um folego até ao boulevard de Gand; ahi entreabrir mollemente os olhos, levantando meio corpo dos regalados cochins de seda, e dizer: Ah! estamos em Tortoni... que delicia um sorvete com este calor! — é seguramente, é dos prazeres maiores d'este mundo, sente-se a gente viver; é meia hora de existencia que vale dez annos de ser rei em qualquer outra parte do mundo.

Pois acredite-me o leitor amigo, que sei alguma coisa dos sabores e dissabores d'este mundo, fie-se na minha palavra, que é de homem experimentado: o prazer de chegar por aquelle modo a Tortoni, o apear da elegante caleche balançada nas mais suaves mollas que fabricasse arte ingleza do puro aço de Suecia, não alcança, não se compara ao prazer e consolação de alma e corpo que eu senti ao apear-me de minha choiteira mulla á porta do grande café do Cartaxo.

Fazem ideia do que é o café do Cartaxo? Não fazem. Se não viajam, se não sahem, se não vêem mundo esta gente de Lisboa! E passam a sua vida entre o Chiado, a rua do Oiro e o theatro de San'Carlos, como hãode alargar a esphera de seus conhecimentos, desenvolver o espirito, chegar á altúra do seculo!

Coroae-vos de alface, e ide jogar o bilhar, ou fazer sonetos á dama nova, ide, que não prestaes para mais nada, meus queridos Lisboetas; ou discuti os deslavados horrores de algum melodrama que fugiu assoviado da Porte Saint Martin e veiu esconder-se na Rua dos-Condes. Tambem podeis ir aos Toiros — estão embolados não ha perigo...

Viajar?... qual viajar! até á Cova-da-Piedade, quando muito, em dia que lá haja cavallinhos. Pois ficareis alfacinhas para sempre, cuidando que todas as praças d'este mundo são como a do Terreiro-do-Paço, todas as ruas como a rua Augusta, todos os cafés como o do Marrare.

Pois não são, não: e o do Cartaxo menos que nenhum.

O café é uma das feições mais caracteristicas de uma terra. O viajante experimentado e fino chega a qualquer parte, entra no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o paiz em que está, o seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião.

Levem-me de olhos tapados onde quizerem, não me desvendem senão no café; e protesto-lhes que em menos de dez minutos lhes digo a terra em que estou se for paiz sublunar.

Nós entrámos no café do Cartaxo, o grande café do Cartaxo; e nunca se encruzou turco em divan de seda do mais esplendido café de Constantinopla com tanto goso de alma e satisfação de corpo, como nós nos sentámos nas duras e asperas tábuas das esguias banquetas mal sarapintadas que ornam o magnifico estabelecimento bordalengo.

Em poucas linhas se descreve a sua simplicidade classica: será um parallelogrammo pouco maior que a minha alcôva; á esquerda duas mezas de pinho, á direita o mostrador envidraçado onde campeam as garrafas obrigadas de liquor de amendoa, de canella, de cravo. Pendem do tecto, laboriosamente arrendados por não vulgar tesoira, os pingentes de papel, convidando a lascivo repouso a inquieta raça das moscas. Reina uma frescura admiravel n'aquelle recinto.

Sentámo'-nos, respirámos largo, e entrámos em conversa com o dono da casa, homem de trinta a quarenta annos, de physionomia experta e sympathica, e sem nada de repugnante villão-ruim que é tam usual de encontrar por similhantes logares da nossa terra.

— Então que novidades ha cá pelo Cartaxo, patrão?

— Novidades! Por aqui não temos senão o que vem de Lisboa. — Ahi está a *Revolução* de hontem...

— Jornaes, meu caro amigo! Vimos fartos d'isso. Diga nos alguma coisa da terra. Que faz por cá o...

— O mestre J. P., o Alfageme?[1]

— Como assim o Alfageme?

— Chamam-lhe o Alfageme ao mestre J. P.: pois então! Uns senhores de Lisboa que

[1] Joaquim Pedro, ferreiro da localidade e influente politico. *(Da revisão)*

ahi estiveram em casa do Sr. D. [1] pozeram-lhe esse nome, que a gente bem sabe o que é; e ficou-lhe, que agora já ninguem lhe chama senão o Alfageme. Mas quanto a mim, ou elle não é Alfageme, ou não o hade ser muito tempo. Não é aquelle, não. Eu bem me entendo.

A conversação tornava-se interessante, especialmente para mim: quizemos profundar o caso.

— Muito me conta, sr. patrão! Com que isto de ser Alfageme, parece-lhe que é coisa de?...

— Parece-me o que é, e o que hade parecer a todo o mundo. E alguma coisa sabemos, cá no Cartaxo, do que vae por elle. O verdadeiro Alfageme diz que era um espadeiro ou armeiro, cutileiro ou coisa que o valha, na Ribeira de Santarem; e que foi um homem capaz, e que tinha pelo povo, e que não queria saber de partidos, e que dizia elle: Rei que nos enforque e papa que nos excommungue, nunca hade faltar. Assim, deixar os outros brigar, trabalhemos nós e ganhemos a nossa vida. Mas que estrangeiros que não queria, que esta terra que era nossa e co' a nossa gente se devia de governar. E mais coisas assim : e que por fim o deram por traidor e lhe tiraram quanto tinha. — Mas que lhe valeu o Condestavel e o não deixou arrazar, porque era homem de bem e fidalgo ás direitas. Pois não é assim que foi?

— É assim meu amigo. Mas então d'ahi?

— Então d'ahi o que se tira, é que quando havia fidalgos como o santo Condestavel tambem havia Alfagemes como o de Santarem. E mais nada.

— Perfeitamente. Mas porque chamaram ao mestre P. [2] o Alfageme do Cartaxo?

— Eu lhe digo aos senhores; o homem nem era assim nem era assado. Falava bem, tinha sua lábia com o povo. D'ahi fez-se juiz, pôz por ahi suas coisas a direito—Deus sabe as que elle entortou tambem!.. ganhou nome no povo, e agora faz d'elle o que quer. Se lhe der sempre para bem, bem será.— Os senhores não tomam nada?

O bom do homem visivelmente não queria falar mais: e não deviamos importunál-o. Fizemos o sacrificio de bom número de limões que expremêmos em profundas taças — vulgo, cópos de canada — e com agua de assucar, offerecemos as devidas libações ao genio do logar.

Infelizmente o sacrificio não foi de todo incruento. Muitas hecatombes de myrmidões cahiram no holocausto, e lhe deram um cheiro e sabor que não sei se agradou á divindade, mas que enjôou terrivelmente aos sacerdotes.

Sahimos a visitar o nosso bom amigo, o velho D., [1] a honra e a alegria do Ribatejo. Já elle sabia da nossa chegada, e vinha no caminho para nos abraçar.

Vamos dar, juntos, uma volta pela terra.

E' das povoações mais bonitas de Portugal, o Cartaxo, aceada, alegre; parece o bairro suburbano de uma cidade.

Não aqui ha monumentos,não ha aqui historia antiga: a terra é nova, e a sua prosperidade e crescimento datam de trinta ou quarenta annos, desde que o seu vinho começou a ter fama. Já descahida do que foi, pela estagnação d'aquelle commercio, ainda é comtudo a melhor coisa da Borda-d'Agua.

Não tem historia antiga, disse; mas tem-n'a moderna e importantissima.

Que memorias aqui não ficaram da Guerra peninsular! Que espantosas borracheiras aqui não tomaram os mais famosos generaes, os mais distinctos militares da nossa *antiga e fiel* alliada, que ainda então, ao menos, nos bebia o vinho!

Hoje nem isso!... hoje bebe a jacobina zurrapa de Bordeos, e as acerbas limonadas de Borgonha. Quem tal diria da conservativa Albion! Como póde uma leal guella britannica, rascada pelos acidos anarchicos d'aquellas vinagretas francezas, entoar devidamente o *God-save-the-King* em um *toast* nacional! Como sem Porto ou Madeira, sem Lisboa, sem Cartaxo, ousa um subdito britannico erguer a voz, n'aquella harmoniosa desafinação insular que lhe é propria e que faz parte do seu respeitavel caracter nacional — faz; não se riam: o inglez não canta senão quando bebe...aliás quando está BEBIDO. *Nisi potus ad armas ruisse* Inverta: *Nisi potus in cantum prorumpisse*... E pois, como hade elle assim bebido erguer a voz n'aquelle sublime popular e tremendo hymno popular *Rulle-Britannia!*

Bebei, bebei bem zurrapa franceza, meus amigos inglezes; bebei, bebei a pêzo de oiro, essas limonadas dos burgraves e margraves de Allemanha; chamae-lhe para vos illudir, chamae-lhe o *hic hæc hoc* todo, se vos dá gôsto...que em poucos annos verêmos o estado de *acetato* a que hade ficar reduzido o vosso caracter nacional.

Oh gente cega a quem Deus quer perder! pois não vêdes que não sois nada sem nós, que sem o nosso alcool, d'onde vos vinha espirito, sciencia, valor, ides cahir infalivel-

[1] Damaso Xavier dos Santos, proprietario abastado. *(Idem.)*

[2] Joaquim Pedro. *(Idem.)*

[1] Damaso Xavier dos Santos. (*Id.*)

mente na antiga e priguiçosa rudeza saxonia!

D'essas traidoras praias de França donde vos vae hoje o veneno corrosivo da sua indole e da vossa força, não tardará que tambem vos chegue outro Guilherme bastardo que vos conquiste e vos castigue, que vos faça arrepender, mas tarde, do criminoso êrro que hoje commetteis, ó insulares sem fé, em abandonar a nossa alliança. A nossa alliança, sim, a nossa poderosa alliança sem a qual não sois nada.

O que é um inglez sem Porto ou Madeira... sem Carcavellos ou Cartaxo?

Que se inspirasse Shakespeare com Lafitte, Milton com Chateaumargot — o chanceller Bacon que se dilluisse no melhor Borgonha... e veriamos os acidulos versinhos, os destemperados raciocininhos que faziam.

Com todas as suas dietas, Newton nunca se lembrou de beber Johannisberg: Byron antes beberia *gin*, antes agua do Tamisa, ou do Pamiso, do que essas escorreduras das areias de Bordeos.

Tirae-lhe o Porto aos vossos almirantes, e ninguem mais teme que torneis a ter outro Nelson. Entra nos planos do principe de Joinville fazer-vos beber da sua zurrapa: são tantos pontos de partido que lhe daes no seu jôgo.

E' M. Guizot quem perde a Inglaterra com a sua alliança; e tambem perde o Cartaxo. Por isso eu já não quero nada com os doutrinarios.

....

Ha dôze annos tornou o Cartaxo a figurar conspicuamente na historia de Portugal. Aqui, nas longas e terriveis luctas da ultima guerra de *successão*, esteve muito tempo o quartel-general do marquez de Saldanha.

Alguns dithyrambos se fizeram; alguns eccos das antigas canções bacchicas do tempo da Guerra peninsular ainda acordaram ao som dos hymnos constitucionaes.

Mas o systema liberal, tirada a epoca das eleições, não é grande coisa para a industria vinhateira, dizem. Eu não o creio porêm; e tenho minhas boas razões, que ficam para outra vez.

CAPITULO VIII

Sahida do Cartaxo.—A charneca. Perigo imminente em que o A. se acha de dar em poeta e fazer versos.— Ultima revista do imperador D. Pedro ao exercito liberal.—Batalha de Almoster.—Waterloo. — Declara o A. solemnemente que não é o philosopho, e chega á ponte da Asseca.

Eram dadas cinco horas da tarde, a calma declinava; montámos a cavallo, e cortámos por entre os viçosos pampanos que são a gloria e a belleza do Cartaxo; as mulinhas tinham refrescado e tomado ânimo: breve nos achámos em plena charneca.

Bella e vasta planicie! Desafogada dos raios do sol, como ella se desenha ahi no horisonte tam suavemente! que delicioso aroma selvagem que exhalam estas plantas, acres e tenazes de vida, que a cobrem, e que resistem verdes e viçosas a um sol portuguez de julho!

A doçura que mette n'alma a vista refrigerante de uma joven seara do Ribatejo nos primeiros dias de abril, ondulando lascivamente com a brisa temperada da primavera, — a amenidade bucolica de um campo minhoto de milho, á hora da rega, por meados de agosto, a vêr-se-lhe pular os caules com a agua que lhe anda por pé, e á roda as carvalheiras classicamente desposadas com a vide coberta de racimos pretos — são ambos esses quadros de uma poesia tão graciosa e cheia de mimo, que nunca a dei por bem traduzida nos melhores versos de Theocrito ou de Virgilio, nas melhores prosas de Gessner ou de Rodrigues-Lobo.

A magestade sombria e solemne de um bosque antigo e copado, o silencio e escuridão de suas moitas mais fechadas, o abrigo solitario de suas clareiras, tudo é grandioso, sublime, inspirador de elevados pensamentos. Medita-se alli por força; isola-se a alma dos sentidos pelo suave adormecimento em que elles cahem... e Deus, a eternidade—as primitivas e innatas idéas do homem — ficam unicas no seu pensamento...

E' assim. Mas um rochedo em que me eu sente ao pôr do sol na gandra erma e selvagem, vestida apenas de pastio bravo, baixo, e tosqueado rente da bôcca do gado — diz-me coisas da terra e do céo que nenhum outro espectaculo me diz na natureza. Ha um vago, um indeciso, um vaporoso n'aquelle quadro que não tem nenhum outro.

Não é o sublime da montanha, nem o augusto do bosque, nem o ameno do valle. Não ha ahi nada que se determine bem, que possa definir positivamente. Ha a solidão que é uma ideia negativa...

Eu amo a charneca.

Eu não sou romanesco. Romantico, Deus me livre de o ser – ao menos, o que na algaravia de hoje se entende por essa palavra.

Ora a charneca d'entre Cartaxo e Santarem, áquella hora que a passámos, começava a ter esse tom, e achar-lhe eu esse encanto indifinivel.

Sentia-me disposto a fazer versos... a quê? Não sei.

Felizmente que não estava só, e escapei de mais essa caturrice.

Mas como se os fizesse, os versos, como

VIAGENS NA MINHA TERRA — Agora quem bebe por lá todo esse vinho? PAG. 165

se os estivesse fazendo, porque me deixei cahir n'um verdadeiro estado poetico de distracção, de mudez — cessou-me a vida toda de *relação* e não me sentia existir senão por dentro.

De repente acordou-me do lethargo uma voz que bradou: — Foi aqui!... aqui é que foi, não ha duvida.

— Foi aqui o quê?

— A ultima revista do imperador.

— A ultima revista! Como assim a ultima revista! Quando? Pois?

Então cahi completamente em mim, e recordei-me, com amargura e desconsolação, dos tremendos sacrificios a que foi condemnada esta geração, Deus sabe para quê — Deus sabe se para expiar as faltas de nossos passados, se para comprar a felicidade dos nossos vindouros...

O certo é que alli com effeito passára o imperador D. Pedro a sua ultima revista ao exercito liberal. Foi depois da batalha d'Almostér, uma das mais lidadas e das mais ensanguentadas d'aquella triste guerra.

Toda a guerra civil é triste.

E é difficil dizer para quem mais triste, se para o vencedor ou para o vencido.

Ponham de parte questões individuaes, e examinem de boa fé: verão que, na totalidade de cada facção em que a nação se dividiu, os ganhos, se os houve para quem venceu, não balançam os padecimentos, os sacrificios do passado, e, menos que tudo, a responsabilidade pelo futuro...

Eu não sou philosopho. Aos olhos do philosopho a guerra civil e a guerra estrangeira, tudo são guerras que elle condemna — e não mais uma do que a outra... a não ser Hobbes o dito philosopho, o que é coisa muito differente.

Mas não sou philosopho, eu: estive no campo de Waterloo, sentei-me ao pé do Leão de bronze sobre aquelle monte de terra amassado com o sangue de tantos mil, vi — e eram passados vinte annos — vi luzir ainda pela campina os ossos brancos das victimas que alli se immolaram a não sei quê... Os povos disseram que á liberdade, os reis que á realeza... Nenhuma d'ellas ganhou muito, nem para muito tempo com a tal victoria...

Mas deixemos isso. Estive alli, e senti bater-me o coração com essas recordações, com essas memorias dos grandes feitos e gentilezas que alli se obraram.

Porque será que aqui não sinto senão tristeza?

Porque luctas fratricidas não podem inspirar outro sentimento e porque...

Eu moía commigo só estas amargas reflexões, e toda a belleza da charneca desappareceu deante de mim

N'esta desagradavel disposição de animo chegámos á ponte de Asseca.

CAPITULO IX

Prolegomenos dramatico-litterarios, que muito naturalmente levam, apezar de alguns rodeios, ao retrospecto e reconsideração do capitulo antecedente. — Livros que não deviam ter titulo, e titulos que não deviam ter livro. Dos poetas d'este seculo. Bonaparte, Rotschild e Silvio Pellico. — Chega-se ao fim d'estas reflexões e á ponte da Asseca. — Traducção portugueza de um grande poeta. — Origem de um dictado. — Junot na ponte de Asseca. — De como o A. d'este livro foi jacobino desde pequeno. — Inguiço que lhe deram. — A duqueza de Abrantes. — Chega-se emfim ao valle de Santarem.

Vivia aqui ha coisa de cincoenta para sessenta annos, n'esta boa terra de Portugal, um figurão exquisitissimo que tinha inquestionavelmente o instincto de descobrir assumptos dramaticos nacionaes — ainda, ás vezes, a arte de desenhar bem o seu quadro, de lhe grupar, não sem merito, as figuras: mas ao pôl-as em acção, ao coloril-as, ao fazel-as falar... boas noites! era semsaboria irremediavel.

Deixou uma collecção immensa de peças de theatro que ninguem conhece, ou quasi ninguem, e que nenhuma soffreria, talvez, representação; mas rara é a que não poderia ser arranjada e appropriada á scena.

Que mina tão rica e fertil para qualquer mediano talento dramatico! Que bellas e portuguezas coisas se não podem extrahir dos treze volumes — são treze volumes e grandes! — do theatro de *Ennio* Manuel de Figueiredo! Algumas d'essas peças, com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, um estylo mais animado, fariam comedias excellentes.

Estão-me a lembrar estas:

O casamento da cadêa — ou talvez se chame outra coisa, mas o assumpto é este; comedia cujos caracteres são habilmente esboçados, funda-se n'aquella nossa antiga lei que fazia casar da prisão os que assim se suppunha poderem reparar certos damnos de reputação feminina.

O Fidalgo de sua casa, satira mui graciosa de um tam commun ridiculo nosso.

As duas educações, bello quadro de costumes: são dois rapazes, ambos extrangeiramente educados, um francez, outro inglez, nenhum portuguez. É eminentemente comico, frisante, ou, segundo agora se diz á moda, «palpitante de actualidade».

O Cioso, comedia já remoçada da antiga comedia de Ferreira e que em si tem os germens todos da mais rica e original composição.

O Avaro dissipador, cujo só titulo mostra o engenho e invenção de quem tal assumpto concebeu: assumpto ainda não tratado por nenhum de tantos escriptores dramaticos de nação alguma, e que é todavia um vulgar ridiculo, todos os dias encontrado no mundo.

São muitas mais, não fica n'estas, as composições do fertilissimo escriptor que, passadas pelo crivo de melhor gosto, e animadas sobretudo no estylo, fariam um razoavel reportorio para accudir á mingua dos nossos theatros.

Uma das mais semsabores porém, a que vulgarmente se haverá talvez pela mais semsabor, mas que a mim mais me diverte pela ingenuidade familiar e sympathica de seu tom maguado e melancholicamente chôcho, é a que tem por titulo *Poeta em annos de prosa*.

E foi por esta, foi por amor d'esta que me eu deixei descahir na digressão dramatico-litteraria do principio d'este capitulo; pegou-se-me á penna porque se me tinha pregado na cabeça; e ou o capitulo não sahia, ou ella havia de sahir primeiro.

Poeta em annos de prosa! Oh Figueiredo, Figueiredo, que grande homem não foste tu, pois imaginaste esse titulo que só elle em si é um volume! Ha livros, e conheço muitos, que não deviam ter titulo, nem o titulo é nada n'elles.

Faz favor de me dizer o de que serve, o que significa o *Judeu errante* posto no frontispicio d'esse interminavel e mercatorio romance que ahi anda pelo mundo, mais errante, mais sem fim, mais immorredoiro que o seu prototypo?

E ha titulos tambem que não deviam ter livro, porque nenhum livro é possivel escrever que os desempenhe como elles merecem.

Poeta em annos de prosa é um d'esses.

Eu não leio nenhuma das raras coisas que hoje se escrevem verdadeiramente bellas, isto é, simples, verdadeiras, e por consequencia sublimes, que não exclame com sincero pesadume cá de dentro: *Poeta em annos de prosa!*

Pois este é seculo para poetas? ou temos nós poetas para este seculo?...

Temos sim, eu conheço tres: Bonaparte, Silvio-Péllico e o barão de Rotschild.

O primeiro fez a sua Iliada com a espada, o segundo com a paciencia, o último com o dinheiro.

São os tres agentes, as tres entidades, as tres divindades da epoca.

Ou cortar com Bonaparte, ou comprar com Rotschild, ou soffrer e ter paciencia com Silvio-Pellico.

Todo o que fizer d'outra poesia e d'outra prosa tambem — é tolo...

Vieram-me estas mui judiciosas reflexões a proposito do capitulo antecedente d'esta minha obra prima; e lancei-as aqui para instrucção e edificação do leitor benevolo.

Acabei com ellas quando chegámos á ponte da Asseca.

Esquecia-me dizer que d'aquelles tres grandes poetas só um está traduzido em portuguez — o Rotschild: não é litteral a traducção, agallegou-se, e ficou muito suja de erros de imprensa, mas como não ha outra...

Ora d'onde veiu este nome de Asseca? Algures d'aqui perto deve de haver sitio, logar ou coisa que o valha, com o nome de Meca; e d'ahi talvez o admiravel rifão portuguez que ainda não foi bem examinado como devia ser, e que decerto encerra algum grande dictame de moral primitiva: andou por Secca (Asseca?) e Meca e olivaes de Santarem. — Os taes Olivaes ficam logo adiante. E' uma etymologia como qualquer outra.

A ponte da Asseca corta uma varzea immensa que hade ser um vasto paúl de inverno: ainda agora está a desangrar-se em agua por toda a parte.

E' notavel na historia moderna este sitio. Aqui n'um recontro com os nossos foi Junot gravemente ferido, ferido na cara. *Il ne sera plus beau garçon*, disse o parlamentario francez que veiu, depois da acção, tratar, creio eu, de troca de prisioneiros ou de coisa similhante. Mas enganou-se o parlamentario; Junot ainda ficou muito guapo e gentil homem depois d'isso.

Tenho pena de nunca ter visto o Junot nem o Maneta, [1] as duas primeiras notabilidades que ouvi acclamar como taes e cujos nomes conheci .. Engano-me: conheci primeiro o nome de Bonaparte. E lembra-me muito bem que nunca me persuadi que elle fosse o monstro disforme e horroroso que nos pintavam frades e velhas n'aquelle tempo. Imaginei sempre que para excitar tantos odios e malquerenças, era necessario que fosse um bem grande homem.

Desde pequeno que fui jacobino: já se vê: e de pequeno me custou caro. Levei bons puchões de orelhas de meu pae por comprar na feira de San'Lazaro, no Porto, em vez das gaitinhas ou de registos de santos ou das outras bugigangas que os mais rapazes compravam... não imaginam o quê .. um retrato de Bonaparte.

Foi inguiço, diria uma senhora do meu conhecimento que acredita n'elles; foi inguiço que ainda se não desfez e que toda a vida me tem perseguido.

Quem me diria quando, por esse primeiro peccado politico da minha infancia,

[1] Chamavam assim por escarneo, em Portugal, ao general Loison, a quem faltava um braço.

por esse primeiro tratamento duro, e—perdôe-me a respeitada memoria de meu santo pae!—injustissimo, que me trouxe o mero instincto das ideas liberaes, quem me diria que eu havia de ser perseguido por ellas toda a vida! que apenas sahido da puberdade havia de ir a essa mesma França, á patria d'esses homens e d'essas ideas com que a minha natureza sympatisava sem saber porquê, buscar asylo e guarida?

Não vi já quasi nenhum d'aquelles que tanto desejára conhecer: as ruinas do grande Imperio estavam dispersas; os seus generaes mortos, desterrados, ou trajavam interesseiros e cobardes as librés do vencedor...

De todas as grandes figuras d'essa época, a que melhor conheci e tratei foi uma senhora, typo de graça, de amabilidade e de talento. Pouco foi o nosso trato, mas quanto bastou para me encantar, para me formar no espirito um modêlo de valor e merecimento feminino que me veiu a fazer muito mal.

Custa depois a encher aquella altura que se marcou...

Eis aqui como eu fiz esse conhecimento. Inda o estou vendo, coitado! o pobre C. do S., [1] nobre, espirituoso, cavalheiro, fazendo-se perdoar todos os seus prejuizos de casta, que tinha como ninguem, por aquella polidez superior e affabilidade elegante que distingue o verdadeiro fidalgo (estylo antigo); inda o estou vendo, já sexagenario, já mais que *ci-devant jeun'homme*, o pescoço entallado na inflexivel gravata, os pés pegando-se-lhe, como os de Ovidio, ao limiar da porta —não que lh'os prendessem saudades, senão que lh'os paralysava a cachexia incipiente—mas o espirito joven a reagir e a teimar.

—Vamos! disse elle, hoje estou bom, sinto-me outro: quero apresental-o a madame de Abrantes. Está tam velha! Isto de mulheres não são como nós, passam muito depressa.

E o desgraçado tremiam-lhe as pernas, e suffocava-o a tosse.

Tomamos uma *citadine*, e fomos com effeito á nova e elegante rua chamada, não impropriamente, a rua de Londres, onde achámos rodeada de todo o esplendor do seu occaso aquella formosa estrella do Imperio.

Não quero dizer que era uma belleza, longe d'isso. Nem bella, nem moça, nem airosa de fazer impressão era a duqueza d'Abrantes. Mas em meia hora de conversação, de trato, descobriam-se-lhe tantas graças, tanto natural, tanta amabilidade, um complexo tam verdadeiro e perfeito da mulher franceza, a mulher mais seductora do mundo, que involuntariamente se dizia a gente no seu coração:—Como se está bem aqui!

Falámos de Portugal, de Lisboa, do Imperio—da Restauração, da revolução de julho (isto era em 1831), de M. de Lafayette, de Luiz-Filippe, de Chateaubriand—o seu grande amigo d'ella— do *Sacré-Cœur* e das suas elegantes devotas — falámos artes, poesia, politica... e eu não tinha ânimo para acabar de conversar...

Benevolo e paciente leitor, o que eu tenho decerto ainda é consciencia, um resto de consciencia: acabemos com estas digressões e perennaes divagações minhas. Bem vejo que te deixei parado á minha espera no meio da ponte da Asseca. Perdoa-me por quem és, dêmos d'espora ás mulinhas, e vamos que são horas.

Cá estâmos n'um dos mais lindos e deliciosos sitios da terra: o valle de Santarem, patria dos rouxinoes e das madresilvas, cincta de faias bellas e de loureiros viçosos. D'isto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do occidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas, tantas coisas que nos faltam.

CAPITULO X

Valle de Santarem.—Namora-se o A. de uma janella que vê por entre umas arvores.—Conjecturas varias a respeito da dita janella.—Similhança do poeta com a mulher namorada, e inquestionavel inferioridade do homem que não é poeta.—Os rouxinoes. Reminiscencias de Bernardim-Ribeiro e das suas *Saudades*.—De como o A. tinha quasi completo o seu romance, menos um vestido branco e uns olhos pretos.—Sáem verdes os olhos com grande admiração e pasmo seu.—Verificam-se as conjecturas sobre a mysteriosa janella.—Da Menina dos rouxinoes.—Censura das damas muito para temer, critica dos elegantes muito para rir.—Começa o primeiro episodio d'esta Odyssea.

O valle de Santarem é um d'estes logares privilegiados pela natureza, sitios amenos e deleitosos em que as plantas, o ár, a situação, tudo está n'uma harmonia suavissima e perfeita: não ha alli nada grandioso nem sublime, mas ha uma como symetria de côres, de tons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente que não parece senão que a paz, a saude, o socego do espirito e o repouso do coração devem viver alli, reinar alli um reinado de amor e benevolencia. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pezares e as villezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Eden que o primeiro homem habitou com a sua innocencia e com a virgindade do seu coração.

A' esquerda do valle, e abrigado do norte

[1] Conde do Sobral. (*Da revisão.*)

pela montanha que alli se corta quasi a pique, está um massiço de verdura do mais bello viço e variedade. A faia, o freixo, o álamo entrelaçam os ramos amigos; a madresilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões; a congossa, os fettos, a malvarosa do vallado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar a belleza do quadro, vê-se por entre um claro das arvores a janella meia aberta de uma habitação antiga mas não delapidada — com certo ár de confôrto grosseiro, e carregada na côr pelo tempo e pelos vendavaes do sul a que está exposta. A janella é larga e baixa: parece mais ornada e tambem mais antiga que o resto do edificio que todavia mal se vê...

Interessou-me aquella janella.

Quem terá o bom gosto e a fortuna de morar alli?

Parei e puz-me a namorar a janella.

Encantava-me, tinha-me alli como n'um feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca .. e um vulto por detraz... Imaginação de certo! Se o vulto fosse feminino!... era completo o romance.

Como hade ser bello vêr pôr o sol d'aquella janella!...

E ouvir cantar os rouxinoes!

E vêr raiar uma alvorada de maio!...

Se haverá alli quem approveite, a deliciosa janella?... quem apprecie e saiba gosar todo o prazer tranquillo, todos os santos gosos de alma que parece que lhe andavam esvoaçando em tôrno?

Se fôr homem é poeta; se é mulher está namorada.

São os dois entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada; vêem, sentem, pensam, falam como a outra gente não vê, não sente, não pensa nem fala.

Na maior paixão, no mais acrysolado affecto do homem que não é poeta, entra sempre o seu tanto de vil prosa humana: é liga sem que se não lavra o mais fino de seu oiro. A mulher não; a mulher apaixonada deveras sublima-se, idealisa-se logo, toda ella é poesia, e não ha dor physica, interesse material, nem deleites sensuaes que a façam descer ao positivo da existencia prosaica.

Estava eu n'estas meditações, começou um rouxinol a mais linda e desgarrada cantiga que ha muito tempo me lembra de ouvir

Era ao pé da dita janella!

E respondeu lhe logo outro do lado opposto; e travou-se entre ambos um desafio tam regular em estrophes alternadas tam bem medidas, tam accentuadas e perfeitas, que eu fiquei todo dentro do meu romance, esqueci-me de tudo mais.

Lembrou-me o rouxinol de Bernardim Ribeiro, o que se deixou cahir n'agua de cançado.

O arvoredo, a janella, os rouxinoes... áquella hora, o fim da tarde... que faltava para completar o romance?

Um vulto feminino que viesse sentar-se áquelle balcão—vestido de branco... oh! branco por força... a frente descahida sôbre a mão esquerda, o braço direito pendente, os olhos alçados ao céo... De que côr os olhos? Não sei, que importa! é amiudar muito demais a pintura, qúe deve ser a grandes e largos traços para ser romantica, vaporosa, desenhar-se no vago da idealidade poetica...

—Os olhos, os olhos... disse eu, pensando já alto, e todo no meu extasi, os olhos... pretos.

– Pois eram verdes!

—Verdes os olhos... d'ella, do vulto da janella?

—Verdes como duas esmeraldas orientaes, transparentes, brilhantes, sem preço.

—Quê! pois realmente?... E gracejo isso, ou realmente ha alli uma mulher bonita e?...

—Alli não ha ninguem – ninguem que se nomeie hoje, mas houve... oh! houve um anjo, um anjo, que deve estar no céo.

—Bem dizia eu, que aquella janella...

—E' a janella dos rouxinoes.

—Que lá estão a cantar.

—Estão, esses lá estão ainda como ha dez annos—os mesmos ou outros, mas a *Menina dos rouxinoes* foi-se e não voltou.

—A Menina dos rouxinoes! que historia é essa? Pois devéras tem uma historia aquella janella?

—E' um romance todo inteiro, *todo feito* como dizem os francezes, e conta-se em duas palavras.

—Vamos a elle. A Menina dos rouxinoes. menina com olhos verdes! Deve ser interessantissimo. Vamos á historia já.

—Pois vamos. Apeêmo-nos e descancemos um bocado.

Já se vê que este dialogo passava entre mim e outro dos nossos companheiros de viagem.

Apeámo nos com effeito; sentámo-nos; e eis-aqui a historia da *Menina dos rouxinoes* como ella se contou.

E' o primeiro episodio da minha Odyssea: estou com medo de entrar n'elle, porque dizem as damas e os elegantes da nossa terra que o portuguez não é bom para isto, que em francez que ha outro não sei quê...

Eu creio que as damas que estão mal informadas, e sei que os elegantes que são uns tolos: mas sempre tenho muito receio, porque emfim, emfim, d'elles me rio eu: mas

poesia ou romance, musica ou drama de que as mulheres não gostem, é porque não presta.

Ainda assim, bellas e amaveis leitoras, entendamo-nos: o que eu vou contar não é um romance, não tem aventuras enredadas, peripecias, situações e incidentes raros; é uma historia simples e singela, sinceramente contada e sem pretenção.

Acabemos aqui o capitulo em fórma de prologo; e a materia do meu conto para o seguinte.

CAPITULO XI

Trata-se do unico privilegio dos poetas que tambem os philosophos quizeram tirar, mas não lhes foi concedido; aos romancistas sim. — Exemplo de Aristoteles e Anacreonte. — O A., tendo declarado no capitulo nono d'esta obra que não era philosopho, agora confessa, quasi solemnemente, que é poeta, e pretende manter-se, como tal, em seu direito. — De como S. M. el rei de Dinamarca tinha menos juizo do que Yorick, seu bobo. — Doutrina d'este. Funda n'ella o A. o seu admiravel systema de physiologia e pathologia transcendente do coração. Por uma deducção apertada e cerrada da mais constrangente logica vem a dar-se no motivo por que foi concedido aos poetas o direito indefinido de andarem sempre namorados. — Applicam-se todas estas grandes theorias á posição actual do A. no momento de entrar no episodio promettido no capitulo antecedente. — Modestia e reserva delicada o obrigam a duvidar da sua qualificação para o desempenho: pede votos ás amaveis leitoras. Decide-se que a votação não seja nominal, e porque. — Dido e a mana Annica. — Entra-se emfim na promettida historia. — De como a velha estava á porta a dobar, e embaraçando-se-lhe a meada, chamou por Joanninha, sua neta.

Este é o unico privilegio dos poetas: que até morrer podem estar namorados; tambem não lhes conheço outro. A mais gente tem as suas epocas na vida, fóra das quaes lhes não é permittido apaixonarem-se. Pretenderam accolher-se ao mesmo beneficio os philosophos, mas não lhes foi consentido pela rainha Opinião, que é soberana absoluta e juiz supremo de que se não appella nem aggrava ninguem.

Anacreonte cantou, de cabellos brancos, os seus amores, e não se estranhou. Aristoteles mal teria a barba russa quando foi d'aquelle seu ultimo namôro porque ainda hoje lhe apoquentam a fama.

Ora eu philosopho seguramente não sou, já o disse; de poeta tenho o meu pouco, padeci, a falar a verdade, meus ataques assáz agudos d'essa molestia, e bem podéra desculpar-me com elles de certas fragilidades de coração... Mas, não senhor, não quero desculpar-me como quem tem culpa, senão defender-me como quem tem razão e justiça por si.

Estou com o meu amigo Yorick, o ajuizadissimo bobo d'el-rei de Dinamarca, o que alguns annos depois, resuscitou em Sterne com tam elegante penna, estou sim. «Toda a minha vida, diz elle, tenho andado apaixonado já por esta já por aquella princesa, e assim heide ir, espero, até morrer, firmemente persuadido que se algum dia fizer uma acção baixa, mesquinha nunca hade ser senão no intervallo de uma paixão á outra: n'esses interregnos sinto fechar-se-me o coração, esfria-me o sentimento, não acho dez réis que dar a um pobre... por isso fujo ás carreiras de similhante estado; e mal me sinto acceso de novo, sou todo generosidade e benevolencia outra vez.»

Yorick tem razão, tinha muito mais razão e juizo que seu augusto amo, el-rei de Dinamarca. Por pouco mais que se generalise o principio, fica indisputavel, inexcepcionavel para sempre e para tudo. O coração humano é como o estomago humano, não póde estar vazio, preciza de alimento sempre: são e generoso só as affeições lh'o podem dar: o odio, a inveja e toda a outra paixão má é estimulo que só irrita mas não sustenta. Se a razão e a moral nos mandam abster d'estas paixões, se as chimeras philosophicas, ou outras, nos vedarem aquellas, que alimento dareis ao coração, que hade elle fazer? Gastar-se sôbre si mesmo, consummir-se. . Altera-se a vida, appressa se a dissolução moral da existencia, a saude d'alma é impossivel.

O que póde viver assim, vive para fazer mal ou para não fazer nada.

Ora o que não ama, que não ama apaixonadamente, seu filho se o tem, sua mãe se a conserva, ou a mulher que prefere a todas, esse homem é o tal, e Deus me livre d'elle.

Sôbretudo que não escreva: hade ser um massador terrivel: Talvez seja este o motivo da indefinida permissão que é dada aos poetas de andarem namorados sempre.

O romancista gosa do mesmo fôro e tem as mesmas obrigações. E' como o privilegio de desembargador que tiravam d'antes os fidalgos, quando ser desembargador valia alguma coisa... e tanta coisa!

Como heide eu então, eu que n'esta grave Odyssea das minhas viagens tenho de inserir o mais interessante e mysterioso episodio d'amor que ainda foi contado, ou cantado, como heide eu fazel-o, eu que já não tenho que amar n'este mundo senão uma saudade e uma esperança — um filho no berço e uma mulher na cova?...

Será isto bastante? dizei-o vós, ó benevolas leitoras, pode com isto só alimentar-se a vida do coração?

—Póde sim.

— Não póde, não.
— Estão divididos os suffragios: peço votação.
— Nominal?
— Não, não.
— Porquê?
— Porque ha muita coisa que a gente pensa, e crê e diz assim a conversar, mas que não ousa confessar publicamente, professar aberta e nomeadamente no mundo...
Ah! sim... elle é isso! Bem as entendo, minhas senhoras: reservêmos sempre uma sahida para os casos difficeis, para as circumstancias extraordinarias. Não é assim?
Pois o mesmo farei eu.
E pôstoque hoje, faz hoje um mez, em tal dia como hoje, dia para sempre assignalado na minha vida, me apparecesse uma visão, uma visão celeste que me surprehendeu a alma por um modo novo e estranho, e do qual não podia dizer decerto como a rainha Dido á mana Annica:

> Reconheço o queimar da chamma antiga.
> *Agnosco veteris vestigia flammae*

pôstoque a visão passou e desappareceu... mas deixou gravada n'alma a certeza de que... Pôstoque seja assim tudo isto, a confidencia não passará d'aqui, minhas senhoras; tanto basta para se saber que estou sufficientemente habilitado para chronista da minha historia, e a minha historia é ésta.

Era no anno de 1832, uma tarde de verão como hoje calmosa, sêcca, mas o céo puro e desabafado. A' porta d'essa casa entre o arvoredo, estava sentada uma velhinha bem passante dos setenta, mas que o não mostrava. Vestia uma especie de tunica roxa que apertava na cintura com um largo cinto de coiro preto, e que fazia resahir a alvura da cara e das mãos longas, descarnadas, mas não ossudas como usam de ser mãos de velhas; toucava-se com um lenço da mais escrupulosa brancura, e posto de um geito particular a modo de toalha de freira; um mandil da mesma brancura, que tinha no peito e que affectava, não menos, a fórma de um escapulario de monja, completava o estranho vestuario da velha. Estava sentada n'uma cadeira baixa do mais classico feitio: textualmente parecia a que serviu de modêlo a Raphael para o seu bello quadro da *Madonna della Sedia*.

Como nota historica e illustração artistica seja-me permittido juntar aqui em parenthesis que, não ha muito, vi em casa de um sapateiro remendão, em Lisboa, no Bairro-alto, uma cadeira tal e qual; torneados pyramidaes, simples, sem nobreza, mas elegantes.

Tornemos á velhinha.

Estava ella alli sentada na dita cadeira, e deante de si tinha uma dobadoira que se movia regularmente com o tirar do fio que lhe vinha ter ás mãos a enrolar-se no já crescido novêllo.

Era o unico signal de vida que havia em todo esse quadro. Sem isso, velha, cadeira, dobadoira, tudo pareceria uma graciosa esculptura de Antonio Ferreira ou um d'aquelles quadros tam verdadeiros do Morgado de Setubal.

O movimento bem visivel da dobadoira era regular, e respondia ao movimento quasi imperceptivel das mãos da velha. Era regular o movimento, mas durava um minuto e parava, depois ia seguindo outros dois, tres minutos, tornava a parar: e n'esta regularidade de intermittencias se ia alternando como um pulso de um que treme sezões.

Mas a velha não tremia, antes se tinha muito direita e aprumada: o parar do seu lavor era porque o trabalho interior do espirito dobrava, de vez em quando, de intensidade, e lhe suspendia todo o movimento externo. Mas a suspensão era curta e mesurada: reagia a vontade, e a dobadoira tornava a andar.

Os olhos da velha é que tinham uma expressão singular: voltada para o poente não os tirou d'essa direcção nem os inclinava de modo algum para a dobadoira que lhe ficava um pouco mais á esquerda. Não pestanejavam, e o azul de suas pupillas, que devia de ter sido brilhante como o das saphyras, parecia desbotado e sem lume.

O movimento da dobadoira estacou agora de repente, a velha poisou tranquillamente as mãos e o novêllo no regaço, e chamou para dentro de casa:

— Joanninha!

Uma voz doce, pura, mas vibrante, d'estas vozes que se ouvem rara vez, que retinem dentro d'alma e que não esquecem nunca mais, respondeu de dentro:

— Senhora? Eu vou, minha avó, eu vou.
— Querida filha!... como ella me ouviu logo! Deixa, deixa: vem quando podéres. E a meada que se me embaraçou.

A velha era cega, cega de gotta serena, e paciente, resignada como a providencia misericordiosa de Deus permitte quasi sempre que sejam os que n'este mundo destinou á dura provança de tam desconsolado martyrio.

VIAGENS NA MINHA TERRA — Os senhores não tomam nada? PAG. 167.

CAPITULO XII

De como Joanninha desembaraçou a meada da avó, e do mais que aconteceu. — Que casta de rapariga era Joanninha. — Dá o A. insigne prova de ingenuidade e boa fé confessando um grave senão do seu Ideal. Insiste porém que é um adoravel defeito — Em que se parece uma mulher desannellada com um Sansão tosquiado. — Pasmosas monstruosidades da natureza que desmentem o credo velho dos peralvilhos. — Os olhos verdes de Joanninha. — Religião dos olhos pretos strenuamente professada pelo A.— Perigo em que ella se acha á vista de uns olhos verdes — De como estando a avó e a neta, a conversar muito de mano a mano, chega Frei Diniz e se interrompe a conversação. — Quem era Frei Diniz.

— Aqui estou, minha avó: é a sua meada?... eu lh'a endireito: — disse Joanninha sahindo de dentro, e com os braços abertos para a velha. Apertou-a n'elles com ineffavel ternura, beijou-a muitas vezes, e tomando-lhe o novêllo das mãos n'um instante desembaraçou o fio e lh'o tornou a entregar.

A velha sorria com aquelle sorriso satisfeito que exprime os tranquillos gosos de alma, e que parecia dizer:

— Como eu sou feliz ainda, apezar de velha e de cega! Bemdito sejaes, meu Deus.

Esta ultima phrase, esta bençam de um coração agradecido, que espira suavemente para o céo como sobe do altar o fumo do incenso consagrado, esta ultima phrase trasbordou-lhe e sahiu articulada dos labios:

— Bemdito seja Deus, minha filha, minha Joanninha, minha querida neta. E Elle te abençôe tambem, filha!

— Sabe que mais, minha avó? Basta de trabalhar hoje; são horas de merendar.

— Pois merendemos.

Joanninha foi dentro da casa, trouxe uma banquinha redonda, cobriu-a com uma toalha alvissima, pôz em cima fructa, pão, queijo, vinho, chegou-a para ao pé da velha, tiroulhe o novêllo da mão e arredou a dobadoira. A velha comeu alguns bagos de um cacho doirado que a neta lhe escolheu e pôz nas mãos, bebeu um trago de vinho, e ficou callada e quieta, mas já sem a mesma expressão de felicidade e contentamento socegado que ainda agora lhe luzia no rosto.

As animadas feições de Joanninha reflectiam sympathicamente a mesma alteração.

Joanninha não era bella, talvez nem galante sequer no sentido popular e expressivo que a palavra tem em portuguez, mas era o typo da gentileza, o ideal da espiritualidade. N'aquelle rosto, n'aquelle corpo de dezeseis annos, havia por dom natural e por uma admiravel symetria de proporções toda a elegancia nobre, todo o desembaraço modesto, toda a flexibilidade graciosa que a arte, o uso e a conversação da côrte e da mais escolhida companhia vem a dar a algumas raras e privilegiadas creaturas no mundo.

Mas n'esta foi a natureza que fez tudo, ou quasi tudo, e a educação nada ou quasi nada.

Poucas mulheres são muito mais baixas, e ella parecia alta: tam delicada, tam *élancée* era a fórma airosa do seu corpo.

E não era o garbo tezo e aprumado da perpendicular *miss* ingleza que parece fundida de uma só péça; não, mas flexivel e ondulante como a hastea joven da arvore que é direita mas dobradiça, forte da vida de toda a seiva com que nasceu, e tenra que a estalla qualquer vento forte.

Era branca, mas não d'esse branco importuno das loiras, nem do branco terso, duro, marmoreo das ruivas — sim d'aquella modesta alvura da cêra que se illumina de um pallido reflexo de rosa de Bengala.

E d'outras rosas, d'estas rosas-rosas que denunciam toda a franqueza de um sangue que passa livre pelo coração e corre á sua vontade por arterias em que os nervos não dominam, d'essas não as havia n'aquelle rosto: rosto sereno como é sereno o mar em dia de calma, porque dorme o vento... Alli dormiam as paixões.

Quando se levanta a mais ligeira brisa, basta o seu macio bafejo para encrespar a superficie espelhada do mar.

Sussurre o mais ingenuo e suave movimento d'alma no primeiro acordar das paixões, e verão como sobresaltam os musculos agora tam quietos d'aquella face tranquilla.

O nariz ligeiramente aquilino: a bôcca pequena e delgada não cortejava nem desdenhava o sorriso, mas a sua expressão natural e habitual era uma gravidade singela que não tinha a menor aspereza nem doutorice.

Ha umas certas boquinhas gravesinhas e espremidinhas pela doutorice que são a mais aborrecidinha coisa e a mais pequinha que Deus permitte fazer ás suas creaturas femeas.

Em perfeita harmonia de côr, de fórma e de tom com a fina gentileza d'estas feições, os cabellos de um castanho tam escuro que tocava em preto, cahiam de um lado e outro da face, em tres longos, deseguaes e mal enrolados canudos, cuja ondada espiral se ia relaxando e diminuindo para a extremidade, até lhe tocarem no collo quasi lisos.

Em estylo de arte — no estylo da primeira e da mais bella das bellas artes, a *toilette* — este é um defeito, bem sei.

Que votos, que novenas se não fazem a

San'Barometro nas vésperas de um baile para lhe pedir uma atmosphera sêcca e benigna que deixe conservar, até á quarta contradança ao menos, a preciosa obra de carrapito e ferro quente, de macassar e mandolina que tanto trabalho e tanto tempo, tantos sustos e cuidados custou!

Bem sei pois que é defeito, é, será...mas que adoravel defeito! Que deliciosas imagens que excita de abandono — passe o gallicismo — de confiança, de absoluta e generosa renuncia a todo o capricho, de perfeita e completa abdicação de toda a vontade propria!

Em geral, as mulheres parecem ter no cabello a mesma fé que tinha Sansão: o que n'elle se ia em lh'os cortando, cuidam ellas se lhes vae em lh'os desannellando? Talvez: e eu não estou longe de o crêr: canudo inflexivel, mulher inflexivel.

Os peralvilhos negam a existencia do tal canudo *in rerum natura*, dizem que é como a ave phenix que nasceu de nossos avós não saberem grego. Eu não digo tal, porque tenho visto descuidar-se a natureza em pasmosas monstruosidades.

Emfim suspendâmos sem o terminar, o exame d'esta profunda e interessante questão. Fica addiada para um capitulo *ad hoc*, e voltemos á minha Joanninha.

Cahiam d'um lado e de outro da sua face gentil aquelles graciosos anneis; e o resto do cabello, que era muito, a entrançar-se e enrolar-se com a singela elegancia abaixo da corôa de uma cabeça pequena, estreita e do mais perfeito modêlo.

As sobrancêlhas, quasi pretas tambem, desenhavam-se n'uma longa curva de extrema pureza, as pestanas longas e assedadas faziam sombra na alvura da face.

Os olhos porêm — singular capricho da natureza, que no meio de toda esta harmonia quiz lançar uma nota de admiravel discordancia! Como poderoso e ousado *maestro* que, no meio das phrases mais classicas e deduzidas da sua composição,atira de repente com um som agudo e estridulo que ninguem espera e que parece lançar a anarchia no meio do rythmo musical... os dillettantes arrepiam-se, os professores benzem-se; mas aquelles cujos ouvidos lhes levam ao coração a musica, e não á cabça, esses estremecem de admiração e enthusiasmo...Os olhos de Joanninha eram verdes...não d'aquelle verde descórado e traidor da raça felina, não d'aquelle verde máo e destingido que não é senão azul imperfeito, não; eram verdes-verdes, puros e brilhantes como esmeraldas do mais subido quilate.

São os mais raros e os mais fascinantes olhos que ha.

Eu, que professo a religião dos olhos pretos, que n'ella nasci e n'ella espero morrer... que alguma rara vez que me deixei inclinar para a heretica pravidade do olho azul, soffri o que é muito bem feito que soffra todo o renegado... eu firme e inabalavel, hoje mais do que nunca, nos meus principios, sinceramente persuadido que fóra d'elles não ha salvação, eu confesso todavia que uma vez, uma unica vez que vi dos taes olhos verdes, fiquei allucinado, senti abalar-se pelos fundamentos o meu catholicismo, fugi escandalisado de mim mesmo, e fui retemperar a minha fé vacillante, na contemplação das eternas verdades, que só e unicamente se encontram aonde está toda a fé e toda a crença... n'uns olhos sincera e lealmente pretos.

Joanninha porêm tinha os olhos verdes; e o effeito d'esta rara feição n'aquella physionomia á primeira vista tam discordante—era em verdade pasmoso. Primeiro fascinava, allucinava, depois fazia uma sensação inexplicavel e indecisa que doía e dava prazer ao mesmo tempo: porfim pouco a pouco, estabelecia-se a corrente magnetica tam poderosa, tam carregada, tam incapaz de solução de continuidade, que toda a lembrança de outra coisa desapparecia, e toda a intelligencia e toda a vontade eram absorvidas.

Resta só accrescentar — e fica o retrato completo, um simples vestido azul escuro, cinto e avental preto, e uns sapatinhos com as fitas traçadas em cothurno. O pé breve e estreito, o que se adivinhava da perna, admiravel.

Tal era a ideal e espiritualissima figura que em pé, encostada á banca onde acabava de comer a boa da velha, contemplava, n'aquelle rosto macerado e apagado, a indizivel expressão de tristeza que elle pouco a pouco ia tomando e que toda se reflectia, como disse, no semblante da contempladora.

A velha suspirou profundamente, e fazendo como um esforço para se distrahir de pensamentos que a affligiam, buscou incertamente com as mãos o novêllo da sua meada:

— O meu novêllo, filha; não posso estar sem fazer nada, faz-me mal.

— Conversemos, avó.

— Pois conversemos: mas dá-me o meu novêllo. Não sei o que é, mas quando não trabalho eu, trabalha não sei o que em mim que me cansa ainda mais. Bem dizem que a ociosidade é o peior lavor.

Joanninha deu-lhe o novêllo e pôz-lhe a dobadoira a geito.

A velha sentiu o quer que fosse na mão, levou-a á bocca e pareceu beijal-a, depois disse:

— Bem vi, Joanninha!

— O quê, minha avó? que viu?

— Vi, filha, vi... sem ser com os olhos que Deus me cerrou para sempre — louvado seja Elle por tudo! — vi, sentindo esta lagrima tua que me cahiu na mão, e já cá está no peito por que a bebi, Joanna. Oh filha, já! é muito cedo para começar, deixa isso para mim que estou costumada: mas tu, tu com dezeseis annos e nenhum desgosto!

— Nenhum, avó! E estamos sósinhas nós duas n'este mundo, minha avó n'esse estado, eu n'esta edade, e...

— E Deus no céo para tomar conta de nós... Mas que é? olha, Joanna: eu sinto passos na estrada, vê o que é.

— Não vejo ninguem.

— Mas oiço eu... Espera é Frei Diniz; conheço-lhe os passos.

Mal a velha acabou de pronunciar este nome, surdiu, de traz de umas oliveiras que ficavam na volta da estrada, da banda de Santarem, a figura sêcca, alta e um tanto curvada de um religioso franciscano que, abordoado em seu páo tosco, arrastando as suas sandalias amarellas e tremendo-lhe na cabeça o seu chapéo alvadio, vinha em direcção para ellas.

Era Frei Diniz com effeito, o austero guardião de San'Francisco de Santarem.

CAPITULO XIII

Dos frades em geral. — O frade moralmente considerado, socialmente e artisticamente. — Prova-se que é muito mais poetico o frade que o barão. — Outra vez D. Quixote e Sancho-Pansa. — Do que seja o barão, sua classificação e descripção-linneana. — Historia do Castello do Chuchurumello. Erro palmar de Eugenio Sue: mostra-se que os jesuitas não são a cholera-morbus e que é preciso refazer o *Judeu Errante*. — De como o frade não entendeu o nosso seculo nem o nosso seculo ao frade. — De como o barão ficou em logar do frade, e do muito que n'isso perdemos. — Unica voz que se ouve no actual deserto da sociedade: os barões a gritar contos de réis — Como se contam e como se pagam os taes contos. — Predilecção artistica do A. pelo frade: confessa-se e explica-se esta predilecção.

Frades... Frades... Eu não gosto de frades. Como nós os vimos ainda os d'este seculo, como nós os entendemos hoje, não gosto d'elles, não os quero para nada, moral e socialmente falando.

No ponto de vista artistico porém o frade faz muita falta.

Nas cidades, aquellas figuras graves e sérias com os seus habitos talares, quasi todos picturescos e alguns elegantes, atravessando as multidões de macacos e bonecas de casaquinha esguia e chapelinho de alcatruz que distinguem a peralvilha raça européa — cortavam a monotonia do ridiculo e davam physionomia á população.

Nos campos o effeito era ainda maior: elles caracterisavam a paizagem, poetisavam a situação mais prosaica de monte ou de valle; e tam necessarias, tam obrigadas figuras eram em muitos d'esses quadros, que sem ellas o painel já não é o mesmo.

Além d'isso o convento no povoado e o mosteiro no êrmo animavam, amenisavam, davam alma e grandeza a tudo: elles protegiam as arvores, sanctificavam as fontes, enchiam a terra de poesia e de solemnidade.

O que não sabem nem podem fazer os agiotas barões que os substituiram.

E' muito mais poetico o frade que o barão.

O frade era, até certo ponto Dom Quixote da sociedade velha.

O barão é, em quasi todos os pontos, o Sancho-Pansa da sociedade nova.

Menos na graça...

Porque o barão é o mais desgracioso e estupido animal da creação.

Sem exceptuar a familia asinina que se illustra com individualidades tam distinctas como o Ruço do nosso amigo Sancho, o asno da Poncella de Orleans e outros.

O barão (*Onagrus baronius*, de Linn., *l'âne baron* de Buf.) é uma variedade monstruosa engendrada na burra de Balaam, pela parte essencialmente judaica e usuraria de sua natureza, em coito damnado com o urso Martinho do Jardim das Plantas,[1] pela parte franchinotica e sordidamente revolucionaria do seu caracter.

O barão é pois usurariamente revolucionario e revolucionariamente usurario.

Por isso é *zebrado* de riscas monarchico-democraticas por todo o pêllo.

Este é o barão verdadeiro e puro-sangue; o que não tem estes caracteres é especie differente, de que aqui se não trata.

Ora sem sahir dos barões e tornando aos frades, eu digo: que nem elles comprehenderam o nosso seculo, nem nós os comprehendêmos a elles...

Por isso brigámos muito tempo, a final vencemos nós, e mandámos os barões a expulsal-os da terra. No que fizemos uma sandice como nunca se fez outra. O barão mordeu no frade, devorou-o... e escouceou-nos a nós depois.

Como havemos agora de matar o barão?

Porque este mundo e a sua historia é a historia do Castello do Chuchurumello. Aqui está o cão, que mordeu no gato, que matou o rato, que roeu a corda, etc., etc.: vae sempre assim seguindo...

[1] Celebre urso do jardim das Plantas, em Paris.

Mas o frade não nos comprehendeu a nós por isso morreu, e nós não comprehendêmos o frade, por isso fizemos os barões de que havemos de morrer.

São a molestia d'este seculo; são elles, não os jesuitas, a cholera-morbus da sociedade actual, os barões. O nosso amigo Eugenio Sue errou de meio a meio no *Judeu Errante* que precisa refeito.

Ora o frade foi quem errou primeiro em nos não comprehender, a nós, ao nosso seculo, ás nossas inspirações e aspirações; com o que falsificou a sua posição, isolou-se da vida social, fez da sua morte uma necessidade, uma coisa infallivel e sem remedio. Assustou-se com a liberdade que era sua amiga, mas que o havia de reformar, e uniu-se ao despotismo que o não amava senão relaxado e vicioso, porque de outro modo não lhe servia nem o servia.

Nós tambem errámos em não entender o desculpavel erro do frade, em lhe não dar outra direcção social, e evitar assim os barões, que é muito mais damninho bicho e mais roedor.

Porque, desenganem-se, o mundo sempre assim foi e hade ser. Por mais bellas theorias que se façam, por mais perfeitas Constituições com que se comece, o *status in statu* forma-se logo: ou com frades ou com barões, ou com pedreiros-livres se vae pouco e pouco organizando uma influencia distincta, quando não contraria, ás influencias manifestas e apparentes do grande corpo social. Esta é a opposição natural do Progresso, o qual tem a sua opposição como todas as coisas sublunares e superlunares; esta corrige saudavelmente, ás vezes, e modera sua velocidade, outras a empece com demasia e abuso: mas emfim é uma necessidade.

Ora eu, que sou ministerial do Progresso, antes queria a opposição dos frades que a dos barões. O caso estava em a saber conter e aproveitar.

O progresso e a liberdade perdeu, não ganhou.

Quando me lembra tudo isto, quando vejo os conventos em ruinas, os egressos a pedir esmola e os barões de berlinda, tenho saudade dos frades — não dos frades que foram, mas dos que podiam ser.

E sei que me não enganam poesias: que eu reajo fortemente com uma logica inflexivel contra as illusões poeticas em se tratando de coisas graves.

E sei que me não namoro de paradoxos, nem sou d'estes espiritos de contradicção desinquieta que suspiram sempre pelo que foi, e nunca estão contentes com o que é.

Não, senhor: o frade, que é patriota e liberal na Irlanda, na Polonia, no Brasil, podia e devia sel-o entre nós, e nós ficavamos muito melhor do que estamos com meia duzia de clerigos de *requiem* para nos dizer missa, e com duas grozas de barões, não para a tal opposição salutar, mas para exercer toda a influencia moral e intellectual da sociedade — porque não ha de outra cá.

E senão diga-me: onde estão as Universidades, e o que faz essa que ha, senão dar o seu graosito de bacharel em leis e em medicina? O que escreve ella, o que discute, que principios tem, que doutrinas professa, quem sabe ou ouve d'ella senão algum ecco timido e acanhado do que n'outra parte se faz ou diz?

Onde estão as Academias?

Que palavra poderosa retine nos pulpitos?

Onde está a força da tribuna?

Que poeta canta tão alto que o oiçam as pedras brutas e os robres duros d'esta selva materialista a que os utilitarios nos reduziram?

Se exceptuarmos o debil clamor da imprensa liberal já meio esganada da policia, não se ouve no vasto silencio d'este ermo senão a voz dos barões gritando contos de reis.

Dez contos de reis por um leitor!

Mais duzentos contos pelo tabaco!

Tres mil contos para a conversão de um amphigouri!

Cinco mil contos para as estradas dos aereonautas!

Seis mil contos para isto, dez mil contos para aquillo!

Não tardam a contar por centenas de milhares.

Contar a elles não lhes custa nada.

A quem custa é a quem paga para todos esses balões de papel — a terra e a industria. . . . .

. . . .

. . . .

Este capitulo deve ser considerado como introducção ao capitulo seguinte, em que entra em scena Frei Diniz, o guardião de San' Francisco de Santarem.

Já me disseram que eu tinha o genio frade, que não podia fazer conto, drama, romance sem lhe metter o meu fradinho.

O *Camões* tem um frade, Frei José Indio;

A *Dona Branca* tres, Frei Soeiro, Frei Lopo e San-Frei Gil — faz quatro;

A *Adozinha* tem um ermitão, especie de frade — cinco;

Gil-Vicente tem outro — isto é verdadeiramente não tem senão meio frade, que é André de Resende, demais a mais, pessoa muda — cinco e meio;

O *Alfageme* tres quartos de frade, Froilão-Dias, chibato da ordem de Malta — seis frades e um quarto;

Em *Frei Luiz de Souza* tudo são frades: vale bem n'esta computação, os seus tres, quatro, meia duzia de frades — são já doze e quarto.

Alguns, não eu, querem metter n'esta conta o *Arco de Sant'Anna*, em que ha bem dous frades e um leigo:

E aqui tenho eu ás costas nada menos de quinze frades e quarto.

Com este Frei Diniz é um convento inteiro.

Pois senhores, não sei que lhes faça; a culpa não é minha. Desde mil cento e tantos que começou Portugal, até mil oitocentos e trinta e tantos que uns dizem que elle se restaurou, outros que o levou a breca, não sei que se passasse ou podesse passar n'esta terra coisa alguma pública ou particular, em que o frade não entrasse.

Para evitar isto não ha senão usar da receita que vem formulada no capitulo V d'esta obra.

Faça-o quem gostar; eu não, que não quero, nem sei.

CAPITULO XIV

Emendado emfim de suas tradições e divagações prosegue o A. direitamente com a historia promettida. — De como Frei Diniz deu a manga a beijar á avó e á neta e do mais que entre elles se passou. — Ralha o frade com a velha, e começa a descobrir-se onde a historia vae ter.

Este capitulo não tem divagações, nem reflexões, nem considerações de nenhuma especie, vae direito e sem se distrahir, pela sua historia adeante.

Frei Diniz chegava ao pé das duas mulheres, e disse:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

Joanna adeantou-se alguns passos a beijar-lhe a manga. Elle accrescentou:

— A benção de Deus te cubra, filha, e a de nosso padre San'Francisco!

— Benidicite, padre guardião: disse a velha inclinando-se meia levantada da cadeira.

— Em nome do Senhor! amen, — respondeu o frade approximando se, e chegando o braço a alcance de lh'o ella beijar.

— Ora aqui estou, minha irman: que me quer? E como vae isto por cá? Vamo-nos confortando, tendo paciencia, e soffrendo com os olhos no Senhor?

— Já os não tenho senão para elle, padre!

— Ah, ah, irman Francisca, sempre esse pensamento, sempre essa queixa! Tenho-a reprehendido tanta vez e não se emenda.

— Eu não me queixei, meu padre. Deus sabe que me não queixo... ao menos por mim.

— Pois por quem?

— Oh padre!

— Irman Francisca, tenho medo de a entender. Eu não conheço as affeições da carne nem lido com os fracos pensamentos do mundo. Sou frade, minha irman, sou um que já não é do numero dos vivos, que vesti esta mortalha para não ser d'elles, que a vesti n'um tempo em que a mofa e o desprezo são o unico patrimonio do frade, em que o escarneo, a derisão, o insulto — o peior e o mais cruel de todos os martyrios — são a nossa unica esperança. Eu quiz ser frade, fiz-me frade, sabendo e vendo tudo isto, fiz-me frade no meio de tudo isto: já velho e experimentado no mundo, farto de o conhecer, e certo do que me espera — a mim e á profissão que abracei. Que quer de um homem que assim se resolveu a cortar por quanto prende a humanidade a esta miseravel vida da terra, para não viver senão das esperanças da outra? Eu vesti este habito para isso. O seu, irman, o seu para que o vestiu? E' um divertimento, é um capricho, é uma comedia com Deus. Rasgue-o depressa, vista-se das galas do mundo, não aperte com a paciencia divina, trajando por fóra o sacco da penitencia e trazendo o coração por dentro desapertado de todo o cilicio e mortificação.

A velha com as mãos postas, a face alevantada e os apagados olhos para o céo, offerecia a Deus todo o amargor d'aquella austeridade que não cuidava merecer nem lhe parecia entender. Joanninha, que insensivelmente se fôra approximando da avó e a tinha como amparada portraz com um de seus braços, firmava a outra mão nas costas, da cadeira e cravava fita no frade a vista penetrante e cheia de luz. A expressão do seu rosto era indefinivel: irisava-lh'o, distincta mas promiscuamente, um mixto inextricavel de enthusiasmo e desanimação, de fé e de incredulidade, de sympathia e aversão.

Disseras que n'aquelles olhos verdes e n'aquelle rosto mal córado estava o typo e o symbolo das vacillações do seculo.

— Padre! tornou a velha com sincera humildade na voz e no gesto: — se o mereci, castigae-me. Deus que me vê e me ouve, bem sabe o que eu digo em toda a verdade do meu coração, e hade perdoar-me porque eu sou fraca e mulher.

— Pois aos fracos não é que elle disse: *Toma a tua cruz e segue-me?* Quem a obrigou a fazer os votos que fez?

— E' verdade, padre, é verdade: bem sei o que prometti, que me votei a Deus d'alma e corpo, que me não pertenço, que nem das minhas affeições posso dispôr mas ...

— Mas o quê? Irman Francisca, a Deus

não se engana. Os seus votos não foram feitos n'um mosteiro, nem proferidos n'um altar no meio das solemnidades da egreja. Mas já lh'o tenho dito, no fôro da consciencia, na presença de Deus, ligam-n'a tanto ou mais do que se o fossem. Abjure-os se quizer; nenhuma lei, nenhuma força humana a constrange. Diga-m'o por uma vez, desengane-me e eu não torno aqui.

— Oh, por compaixão, padre! pelas chagas de Christo! Mas uma pergunta só, uma só, e eu prometto não pensar, não falar mais em... Onde está elle?'

— Joanna, retire-se.

Joanninha apertou a avó com ambos os braços; e sem dizer uma palavra, sem fazer um só gesto, lentamente e silenciosamente se retirou para dentro de casa.

— E esta, padre? disse a velha sem esperar a resposta á primeira pergunta que com tanta ancia fizera—e esta, tambem d'ella me heide separar, tambem heide renunciar a ella?

— Esta é uma innocente, e emquanto o for...

— Emquanto o for! A minha Joanna é um anjo.

— Blasphemia, blasphemia! E o Senhor a não castigue por ella. Joanna é boa e temente a Deus: esperemos que Elle a conserve da sua mão. O outro...

— Que é feito d'elle, padre? Oh! diga-m'o e eu prometto...

— Não prometta senão o que póde cumprir. Seu neto está com esses desgraçados que vieram das ilhas, é dos que desembarcaram no Porto...

— Oh filho da minha alma! que não torno a abraçar-te...

— Não decerto; vencedores ou vencidos, toda a communhão, toda a possibilidade de união acabou entre nós e estes homens. Nós temos obrigação de os destruir, elles o seu unico desejo é exterminar-nos.

— Meu Deus! meu Deus! pois a isto somos chegados! Pois já não ha misericordia no céo nem na terra!

— A misericordia de Deus cansou-se; a da terra não sei onde está nem onde esteve nunca. Os fracos dão sacrilegamente esse nome á sua relaxação.

— Pois é relaxação desejar a paz, querer a união, supplicar a indulgencia? Não nos manda Deus perdoar todas as nossas dividas, amar os nossos inimigos?

— Os nossos sim, os d'Elle não.

— Tende compaixão, de mim, Senhor!

— Se as suas afflicções são as da carne e do sangue, se são pensamentos da terra, como desgraçadamente vejo que são, mulher fraca e de pouco ânimo, console-se, que para mim é claro e seguro que estes homens hão de vencer.

— Quaes homens?

— Esses inimigos do altar e da verdade, esses homens desvairados pelas speciosas doutrinas do seculo. Esperam muito, promettem muito, estão em todo o vigor das suas illusões. E nós, nós carregâmos com o desengano de muitos seculos, com os peccados de trinta gerações que passaram, e com a inaudita corrupção do presente... nós havemos de succumbir. Os templos hão de ser destruidos, os seus ministros proscriptos, o nome de Deus blasphemado á vontade n'esta terra maldita.

— Pois tam perdidos, tam abandonados da mão de Deus são elles todos...?

— Todos. E que cuida, irman? que são melhores os nossos, esses que se dizem nossos? que ha mais fé na sua crença, mais verdade em sua religião? Oh santo Deus!

— Faz-me tremer, padre!

— E para tremer é. A impiedade e a cubiça entraram em todos os corações. *Duvidar* é o unico principio, *enriquecer,* o unico objecto de toda essa gente. Liberaes e realistas, nenhum tem fé: os liberaes ainda têm esperança; não lhe hade durar muito. Deixem-n'os vencer e verão.

— E hãode vencer elles?

— Decerto.

— Ninguem mais diz isso.

— Digo-o eu.

— Tantos mil soldados que o govêrno tem por si!

— E tantos milhões de peccados contra. Não póde ser, não póde ser: a misericordia divina está exhausta, e o dia desejado dos impios vem a chegar. A sua missão é facil e prompta: não é para elles, não têm com quê, não crêem em nada. O symbolo christão não é só uma verdade religiosa, é um principio eterno e universal, *Fé, esperança e caridade.* Sem crêr, sem esperar...

— E sem amar!

— Mulher, mulher! o amor é a ultima virtude...

— Mas por ella, por ella se chega ás outras.

— Não, mulher fraca, não. E de uma vez para sempre, irman Francisca, desenganemonos. Entre mim, entre o Deus que eu sirvo, não ha transacção com os seus inimigos. Indulgencia n'esse ponto não sei o que é. Vêjo a sorte que me espera n'este mundo, e não tremo deante d'ella. Quem teme, siga outro caminho; eu nunca.

— Padre, eu não temo nem receio por mim. Sou fraca e mulher, e em toda a tribulação e desgraça heide glorificar o meu Deus e dar testemunho da minha fé. Mas... mas o meu

VIAGENS NA MINHA TERRA — A janella meia aberta de uma habitação antiga... — PAG. 174

neto é o meu sangue, a minha vida, é o filho querido da minha unica e tam amada filha, elle não conheceu outra mãe senão a mim, quero-lhe por elle e por ella. Abandonal-o não posso, tirar d'elle o pensamento não sei. A vontade de Deus...

— A vontade de Deus é que o justo se aparte do impio, é que os cordeiros da benção vão para um lado, e os cabritos da maldição para outro. Esse rapaz... oh! minha irman, eu não sou de pedra, não, não sou, e tambem o coração se me parte de o dizer... mas esse rapaz é maldito, e entre nós e elle está o abysmo de todo o inferno.

— Misericordia, meu Deus!

Pallido, enfiado, mais descorado e mais amarello de que era sempre aquelle rosto, Frei Diniz pronunciou, tremendo mas com fôrça, as suas ultimas e terriveis palavras. Os olhos, habitualmente sumidos e cavos, recuaram-lhe ainda mais para dentro das orbitas descarnadas; o bordão tremia-lhe na esquerda; e a direita suspensa no ár parecia intimar ao culpado a terrivel imprecação que lhe sahia dos labios.

— Maldito! maldito sejas tu! proseguiu o frade, filho ingrato, coração derrancado e perverso!

— Meu Deus não o escuteis! bradou a velha cahindo de joelhos no chão e prostrandose na terra dura: Meu Deus, não confirmeis aquellas palavras tremendas. Não o ouçaes, Senhor, e valha o sangue precioso de vosso filho, as dores bemditas de sua mãe, oh meu Deus! para arredar da cabeça de meu pobre filho as crueis palavras d'este homem sem piedade, sem amor...

A velha queria dizer mais; as angustias que se tinham estado juntando n'aquella alma, que por fim não podia mais e transbordava queriam sahir todas, queriam derramar-se alli em lagrimas e soluços na presença do seu Deus que ella via sempre no throno das misericordias, que não podia acabar comsigo que visse o inflexivel, o terrivel Deus das vinganças que lhe annunciava o frade. Mas a carne não pôde com o espirito, as forças do corpo cederam: tomou-a um mortal deliquio, emmudeceu, e... suspendeu-se a vida.

Frei Diniz contemplou-a alguns momentos n'esse estado e pareceu commover-se; mas aquelles nervos eram fios de ferro temperado que não vibravam a nenhuma suave percussão! deu dous passos para a porta da casa, bateu com o bordão e disse com voz firme e segura:

— Joanna, acuda a sua avó que não está boa.

D'ahi tomou por onde viera, e, sem voltar uma vez a cabeça, caminhou apressado; breve se escondeu para lá das oliveiras da estrada.

CAPITULO XV

Retrato de um frade franciscano que não foi para o depósito da Terra-Santa, nem consta que esteja na Academia das Bellas-Artes. — Vê-se que a logica de Frei Diniz se não parecia nada com a de Condillac. — Suas opiniões sobre o liberalismo e os liberaes. — Que o poder vem de Deus, mas como e para que. — Que os liberaes não entendem o que é liberdade e egualdade; e o para que eram os frades, se fossem — Próva-se, pelo texto, que o homem não vive só de pão, e pergunta-se o de que vivia então Frei Diniz.

Quem era Frei Diniz?

Disse-o elle: — um homem que se fizera frade, já velho e cansado do mundo, que vestira o habito n'um tempo em que a mofa, o escarneo e o desprêzo seguiram aquella profissão; que o sabia, que o conhecia e por isso mesmo o affrontára.

D'estes raros e fortes caracteres apparecem sempre na agonia das grandes instituições para que nenhuma pereça sem protesto, para que de nenhum pensamento duravel e consagrado pelo tempo se possa dizer que lhe faltou quem o honrasse na hora derradeira por uma devoção nobre, gloriosa e digna do alto espirito do homem: — que o homem é uma grande e sublime creatura por mais que digam philosophos.

Tal era Frei Diniz, homem de principios austeros, de crenças rigidas, e de uma logica inflexivel e teimosa: logica porém que regeitava toda a analyse, e que forte nas grandes verdades intellectuaes e moraes em que fixára o seu espirito, descia d'ellas com o tremendo pêso de uma synthese asperrima e oppressora que esmagava todo o argumento, destruia todo o raciocinio que se lhe punha de deante.

Condillac chamou á synthese methodo de trevas: Frei Diniz ria-se de Condillac... e eu parece-me que tenho vontade de fazer o mesmo.

O despotismo, detestava-o como nenhum liberal é capaz de o aborrecer: mas as theorias philosophicas dos liberaes, escarnecia-as como absurdas, rejeitava-as como perversoras de toda a idéa san, de todo o sentimento justo, de toda a bondade praticavel. Para o homem em qualquer estado, para a sociedade em qualquer forma não havia mais leis que as do Decalogo, nem se precisavam mais constituições que o Evangelho: dizia elle. Reforçal-as é superfluo, melhoral-as impossivel, desviar d'ellas monstruoso. Desde o mais alto da perfeição evangelica, que é o estado monastico, ha regras para todos alli; e não falta senão observal-as.

Não sei se esta doutrina não tem o quer que seja de um certo sabor independente e livre,

se não cheira o seu tanto á confiança heretica dos reformistas evangelicos. O que sei é que Frei Diniz a professava de boa fé que era catholico, sincero, e frade no coração.

Segundo os seus principios, poder de homem sôbre homem, era usurpação sempre e de qualquer modo que fosse constituido. Todo o poder estava em Deus — que o delegava ao pae sôbre o filho, d'ahi ao chefe da familia sôbre a familia, d'ahi a um d'esses sôbre todo o Estado; mas para o reger segundo o Evangelho e em toda a austeridade republicana dos primitivos principios christãos.

Assim fôra ungido Saul, e n'elle todos os reis da terra — sem o quê, não eram reis.

Tudo o mais, anarchia, usurpação, tyrannia, peccado — absurdo insustentavel e impossivel.

E sôbre isto tambem não disputava, que não concebia como: era dogma.

Nas applicações sim questionava, ou antes, arguia, com sua logica de ferro. As antigas leis, os antigos usos, os antigos homens, não os poupava mais do que aos novos. A tyrannia dos reis, a cubiça e a soberba dos grandes, a corrupção e a ignorancia dos sacerdotes, nunca houve tribuno popular que as açoitasse mais sem dó nem caridade.

O principio porém da monarchia antiga, defendia-o, já se vê, por verdadeiro, embora fossem mentirosos e hypocritas os que o invocavam.

Quanto ás doutrinas constitucionaes, não as entendia, e protestava que os seus mais zelosos apostolos as não entendiam tampouco: não tinham senso-commum, eram abstracções de eschola.

Agora, do frade é que me eu queria rir... mas não sei como.

O chamado liberalismo, esse entendia elle: «Reduz-se, dizia, a duas coisas: *duvidar* e *destruir* por principio, *adquirir* e *enriquecer* por fim; é uma seita toda material em que a carne domina e o espirito serve; tem uma força para o mal; bem verdadeiro, real e perduravel, não o póde fazer. Curar com uma revolução liberal um paiz estragado, como são todos os da Europa, é sangrar um tysico: a falta de sangue diminue as ancias do pulmão por algum tempo, mas as forças vão-se, e a morte é mais certa.

Dos grandes e eternos principios da Egualdade e da Liberdade dizia: «Em elles os praticando devéras, os liberaes, faço-me eu liberal tambem. Mas não ha perigo: se os não entendem! Para entender a liberdade é preciso crêr em Deus, para acreditar na egualdade é preciso ter o Evangelho no coração.»

As instituições monasticas, eram, no seu entender e no seu systema, condição essencial de existencia para a sociedade civil — para uma sociedade normal. Não paliava os abusos dos conventos, não cobria os defeitos dos monges, accusava mais severamente que ninguem a sua relaxação; mas sustentava que, removido aquelle typo da perfeição evangelica, toda a vida christan ficava sem norma, toda a harmonia se destruia, e a sociedade ia, mais depressa e mais sem remedio precipitar-se no golphão do materialismo estupido e brutal em que todos os vinculos sociaes apodreciam e cahiam e em que mais e mais se isolava e estreitava o individualismo egoista — ultima phase da civilisação exagerada que vae tocar no outro extremo da vida selvagem,

Taes eram os principios d'este homem extraordinario, que juntava a uma erudição immensa o profundo conhecimento dos homens e do mundo em que tinha vivido até a edade de cincoenta annos.

Como e por que deixára elle o mundo? Como e por que, um espirito tam activo e superior se occupava apenas do obscuro encargo de guardião do seu convento — e quasi que limitava as suas relações fóra do claustro áquella casa do valle onde não havia senão aquella velha e aquella creança?

Apezar da sua rigidez ascetica, prendia esse espirito por alguma coisa a este mundo? Aquelle coração macerado do cilicio dos pensamentos austeros e terriveis do eterno futuro, consummido na abstinencia de todo o gôso, de todo o desejo no presente, teria acaso viva ainda bastante alguma fibra que vibrasse com recordações, com saudades, com remorsos do passado?

No seu convento elle não tinha senão uma cella nua com um crucifixo por todo o adorno, um breviario por unico livro. N'aquella só familia que conversava, havia, já o disse, a velha cega e decrepita, Joanninha com quem apenas falava, e um ausente, um rapaz de quem ha dous annos quasi que se não sabia. Em intrigas politicas, em negocios ecclesiasticos, em coisa mais nenhuma d'este mundo, não tinha parte. De que vivia pois este homem - homem que certo não era d'aquelles que vivem só de pão?

E este era dos poucos textos latinos que elle repetia, este o thema predilecto dos raros sermões que prègava: *Non solo pane vivit homo*. Nem só de pão vive o homem.

Vivia então de alguma coisa este homem; e a meditação e a oração não lhe bastavam, porque elle sahia do seu convento e não ia prègar nem rezar... todas as sextas-feiras era certo na casa do valle á mesma hora, do mesmo modo...

Alli estava pois alguma parte da vida do frade que todo se não desprendera da terra

e que, por mais que elle diga, lhe faltava *castrar* ainda por amor do céo.

E' que meio seculo de viver no mundo deixa muita raiz, que não morre assim. E talvez é uma só a raiz, mas funda, e rija de febra e de seiva, que as folhas morrem, os ramos seccam, o tronco apodrece, e ella teima a viver.

Saibamos alguma coisa d'esta vida.

CAPITULO XVI

Saibamos da vida do frade — Era franciscano porquê? — Dos antigos e dos novos martyres — Alguns particulares de Frei Diniz antes e depois de ser frade.—Emigração—Explicação incompleta. — De como a velha tinha perdido a vista e Joanninha o riso. — Sexta-feira dia aziago.

Saibamos alguma coisa da vida do frade, na sua vida no seculo, porque a do claustro, era núa e nulla, monotona e singela como a temos visto.

Chamava-se elle no seculo Diniz de Athaide, e seguira a carreira das armas primeiro, depois a das lettras. Com distincção, e quasi com paixão, tomára parte na campanha da Peninsula e a fizera quasi toda; mas desgostoso do serviço ou despreoccupado da glória militar, entrou na magistratura para que estava habilitado, e em 1825, do logar de corregedor do Ribatejo, em que já fôra reconduzido, devia passar á casa do Porto.

Foi a Lisboa receber o seu despacho, beijou a mão a el-rei, e d'ahi tomou um dia o caminho de Santarem, chegou áquella villa, deixou criados e cavallos na estalagem, e foi tocar á campa da portaria de San'Francisco.

Os criados esperaram em vão muitos dias: elle não voltou.

Desappareceu do mundo Diniz de Athaide, e d'alli a dois annos appareceu Frei Diniz da Cruz, o frade mais austéro e o prégador mais eloquente d'aquelle tempo. Raro prègava, e só de doutrina; mas era uma torrente de vehemencia, uma uncção, uma fôrça...

Dois institutos monasticos já então bem decahidos todos de esplendor e reputação, a ordem de San'Francisco era talvez a que mais descêra no conceito público. Quanto mais austera é a regra, tanto mais se nota qualquer relaxação nos que a professam; a dos franciscanos tinha-se feito proverbial e popular. Elles eram tantos por toda a parte e tam conversantes com todas as classes; familiarisára-se por tal modo o povo com o aspecto d'aquellas mortalhas negras — aspecto já não severo, e apenas deixou de o ser... ridiculo — e ellas appareciam em taes logares, a taes horas, por tal modo... que todo o respeito, toda a estima, toda a consideração se lhe perdêra. Escriptores, já os não tinham, prègadores poucos e sem reputação, era em todo o sentido a religião mais humilhada na geral decadencias das ordens.

Frei Diniz procurou-a por isso mesmo. Queria ser frade, o frade desprezado e apupado do seculo dezenove.

Em certos animos é preciso muito mais valor e enthusiasmo para affrontar este martyrio, do que fôra nos antigos tempos para ir ao encontro das nobres perseguições do sangue e do fogo.

Luctava-se com honra então, cahia-se com gloria, vencia-se muitas vezes morrendo...

Agora é soffrer só.

O mundo applaudia aquelles grandes sacrificios, e assistia com interêsse, com admiração com espanto áquelles combates gigantescos E o tyranno tremia deante da sua victima .. quando lhe não cahia aos pés vencido, convertido e penitente...

Hoje o povo passa e ri, os reis cuidam de outra coisa, e a mesma Egreja não sabe que tem martyres.

«Pois tem-n'os, dizia Frei Diniz, e precisa mais d'elles para se regenerar, do que já precisou para fundar-se.

Eisaqui porque Diniz d'Athaide não quiz ser bento, nem jeronymo, nem cartucho, e se foi metter padre franciscano.

De todos os seus bens, que eram consideraveis, tirou apenas modica somma de dinheiro que era necessaria para pagar o dote e piso de sua entrada no convento. Do resto fez doação inteira a D. Francisca Joanna — a velha hoje cega e decrepita, que no principio d'esta historia encontrámos dobando á sua porta na casa do valle.

A velha não tinha mais familia que um neto e uma neta.

A neta era Joanninha, filha unica de seu unico filho varão, e já orphan de pae e de mãe.

O neto, orphão tambem, nascêra posthumo, e custára a vida a sua mãe, filha querida e predilecta da velha.

Antes da esplendida doação de Frei Diniz, a familia, que era de boa e honrada descendencia, podia dizer se pobre; depois viviam remediadamente. Mas a velha não quiz nunca sahir do modesto estado em que atélli vivêra. Tinham fartura de pão, azeite e vinho de suas lavras; corria-lhe com ellas um criado velho de confiança; trajavam e tratavam-se como gente mean, mas independente.

Em tempos mais antigos e em vida dos dois filhos de D. Francisca, Frei Diniz, então Diniz d'Athaide e corregedor da co-

marca, frequentára bastante aquella casa. Desde a morte do filho e do genro, que ambos pereceram desastradamente n'um dia cruzando o Tejo n'um saveiro em occasião de grande cheia, elle nunca mais lá tornára.

Até que se metteu frade, e que passaram annos e que o fizeram guardião do seu convento.

Já a nora e a filha da velha tinham morrido tambem.

E foi notavel que na mesma hora em que Frei Diniz professava em San'Francisco de Santarem, vestia D. Francisca aquella tunica roxa que nunca mais largou.

Mas um dia, chegou Frei Diniz á porta da casa do valle e disse:

— Deus seja n'esta casa!

A velha estremeceu, mas tornou logo a si, fez sahir as crianças que brincavam ao pé d'ella, fechou-se com o frade, e falaram baixo um dia inteiro. Rezaram e choraram, que tudo se ouviu; mas o que disseram e conversaram nunca se soube.

O frade foi-se ao anoitecer, a velha ficou rezando e chorando, e rezou e chorou toda a noite.

Isto fôra n'uma sexta-feira; d'ahi por deante todas as sextas-feiras de cada semana, Frei Diniz vinha passar algumas horas com a velha.

Não era seu confessor, mas dirigiu-a como se o fôsse, em tudo e por tudo, menos no que respeitava a Joanninha.

Havia no frade uma affectação visivel, um systema premeditado e inalteravel de se abster completamente de tudo o que podesse intervir, por mais remotamente que fôsse, com aquella interessante criança

Joanninha não lhe tinha medo, mas o respeito que lhe elle inspirava era misturado de uma aversão instinctiva, que, por contradição inaudita e inexplicavel, a deixava sympathisar com tudo quanto elle dizia e professava: doutrinas, opiniões, sentimentos, tudo lhe agradava no frade, menos a pessoa.

Não assim Carlos, o primo, o companheiro, o unico amigo da nossa Joanninha, o outro neto da velha por sua filha. Andava elle já no ultimo anno de Coimbra e ia formar-se em leis, quando Frei Diniz da Cruz começou de novo a frequentar a casa que Diniz de Athaide tinha abandonado.

Sobre esse a inspecção do frade era minuciosa vigilante, inquieta. Os livros que ella lia, os amigos com quem vivia, as ideias que abraçava, as inclinações para que pendia — de tudo se occupava Frei Diniz, tudo lhe dava cuidado. A elle directamente pouco lhe dizia, mas com a avó tinha longas conferencias a esse respeito.

Ultimamente parecia satisfazer-se com o geito que o mancebo indicava tomar.

— E' temente a Deus, não tem o animo cubiçoso nem servil, não é hypocrita, a mania do liberalismo não o mordeu ainda... hade ser um homem de prestimo: dizia o frade a D. Francisca com verdadeira satisfação e interesse

Passára porém do seu meio o memoravel anno de 1830, e Carlos, que se formara no principio d'aquelle verão, tinha ficado por Coimbra e por Lisboa, e só por fins d'agosto voltara para a sua familia. E veiu triste, melancholico, pensativo, inteiramente outro do que sempre fôra, porque era de genio alegre e naturalmente amigo de folgar o mancebo.

O dia em que elle chegou era uma sexta-feira, dia de Frei Diniz vir ao valle.

Passaram as primeiras saudações e abraços, ficaram sós os dois, e:

— Não gosto de te vêr: disse o frade.

— Pois quê? que tenho eu?

— Tens que vens outro que foste, Carlos.

— Outro venho, é verdade; mas não se enfadem de me vêr, que o enfado hade durar pouco.

— Que queres tu dizer?

— Que estou resolvido a emigrar.

— A emigrar, tu!... Por quê? para quê? Que loucura é essa?

— Nunca estive tanto em meu juizo.

— Carlos, Carlos! nem mais uma palavra a similhante respeito. Em que más companhias andaste tu, que máos livros lêste, tu que eras um rapaz?... Carlos, prohibo-te de pensar n'esses desvarios.

— Prohibe-me... a mim... de pensar!... Ora; senhor...

— Prohibo de pensar, sim. Lê no teu Horacio se estás cansado das pandectas. Vae para a eira com o teu Virgilio... ou passeia, caça, monta a cavallo, faze o que quizeres, mas não penses. Cá estou eu para pensar por ti.

— Porquê? eu hei-de sempre ser criança? a minha vida hade ser esta? Horacio! tenho bom animo para ler Horacio agora... e a bella occupação para um homem de vinte e um annos, scandar jambos e trocheus.

— Pois lê na tua Biblia; que é poesia medida n'alma e que respace o espirito e o coração.

— Eu não quero ser frade: sabe?

— Nem te eu quero para frade.

— Graças a Deus! Cuidei que... Mas emfim no seculo em que estamos...

— O seculo em que estamos é o da presumpção e o da immoralidade: e eu quero-te livrar de uma e de outra, Carlos. Tua avó sabe as minhas tenções a teu respeito, approva-as...

— Minha avó... approva muita coisa que eu reprovo.
— Como assim, Carlos? que queres tu dizer?
— Isto mesmo, senhor, — e que ámanhã que vou para Lisboa, embarcar para Inglaterra.
— Carlos!
— E' uma resolução meditada e inalteravel. Não quero nada com esta terra nem com esta...
— Com esta o quê, Carlos?...
— Pois quer ouvil-o, digo-lh'o; com esta casa.
O frade suffocava, e balbuciou entre colerico e aterrado:
— Dir-me-has porquê?...
— Porque me aborrece e me humilha este mando de um extranho aqui... porque sempre desconfiei, porque sei emfim...
— Sabes o quê?
— Sei, padre Frei Diniz, mas não me pergunte o que eu sei.
Amarello, roxo, pallido, negro, o frade tremia; sumiram-se-lhe mais os olhos e faiscavam lá de dentro como duas brazas; fez um esforço sobre si mesmo para falar, e disse com uma voz cava e cavernosa como de sepulchro:
— Pois pergunto, sim; e permitta Deus!...
— Padre, não jure nem pragueje, interrompeu Carlos com firmeza e serenidade, as suas intenções serão boas talvez... creio que são boas, filhas de um remorso salutar...
— Que dizes tu, Carlos... que disseste?... Oh meu Deus!
As scenas tinham mudado: Frei Diniz parecia o pupillo, a sua voz tinha o som da súpplica, já não tremia de ira mas de anciedade; Carlos, pelo contrario, falava no tom austero e grave de um homem que está forte na sua razão e que é generoso com a sua offensa. As palavras do mancebo eram agras, via-se que elle o sentia e que procurava adoçal-as na inflexão, que lhes dava.
— O que eu digo, padre Frei Diniz, o que eu sou obrigado a dizer-lhe é isto. Minha avó consentiu por fraqueza de mulher, no que eu não posso nem devo consentir. O que ha n'esta casa não é... não é meu: o pão que aqui se come... é comprado por um preço... Padre! já vê que não podemos falar mais n'este assumpto. Eu parto ámanhan para Lisboa. — Minha avó! accrescentou Carlos, mudando de voz e chamando para dentro, minha avó!
A velha acudiu, elle disse-lhe a sua tenção, motivou-a em opiniões politicas, declamou contra D. Miguel, mostrou-se enthusiasta da causa liberal, e protestou que n'aquelle anno, de tal modo se tinha pronunciado em Coimbra e ainda em Lisboa, que só uma prompta fuga o podia salvar.
A velha chorou, pediu, rogou... inutilmente, em vão.
Frei Diniz assistiu a tudo isto sem dizer palavra.
E aquella tarde voltou mais cedo para o convento.
No outro dia de manhan muito cedo, abraçado com a avó e com a priminha que se desfaziam em lagrimas, Carlos dizia o ultimo adeus áquella querida casa, áquelle amado valle em que fôra criado... N'essa noite estava em Lisboa, d'ahi a poucos dias em Inglaterra, e d'ahi a alguns mezes na ilha Terceira.
Na sexta-feira depois da partida de Carlos, Frei Diniz veiu ao valle e teve larga conferencia com a avó.
Os tres dias seguintes a velha levou fechada no seu quarto a chorar... no fim do terceiro dia estava cega.
Joanninha era uma criança a esse tempo, parecia não entender nada do que se passava. Mas quem a observasse com attenção, veria que ella dobrou de carinho e de amor para com a avó, e que se não tornou a rir para o frade...
Elle, o frade, envelheceu de dez annos n'aquelle dia. Os olhos sumidos, que era a feição dominante n'aquelle rosto ascetico, sumiram-se mais a mais; a estatura alta e erecta curvou-se-lhe; o tremor nervoso, que o tomava por accessos, tornou-se-lhe habitual; os tendões enrijaram-lhe, os musculos da cara descarnaram-se, e a pelle já sulcada de fundos cuidados, arrugou-se e franziu-se toda em rugas cruzadas e confusas como que lh'a torrassem n'uma grelha.
Nunca mais houve um dia de alegria no valle. A sexta-feira porêm era o dia fatal e aziago. Frei Diniz já não vinha senão no fim da tarde e demorava-se pouco; mas tanto bastava. Suspirava-se por aquella hora e tremia-se d'ella. As noticias que consolavam, e os terrores que matavam, o frade é que os trazia. O resto da semana levava-se a chorar e a esperar.
E assim se tinham passado dois annos até á sexta-feira em que primeiro vimos juntas á porta da casa aquellas tres criaturas; assim se passou até d'ahi a oito dias que a nossa historia volta a encontral-os.

CAPITULO XVII

De como, chegando outra sexta-feira e estando a avó e a neta á espera do frade, este lhe appareceu contra o seu costume, da banda de Lisboa. — Porque razão muitas vezes a mais animada conversação é a que mais facilmente para e quebra de repente. — Nova demonstração de dois grandes axiomas dos nossos velhos, a saber: Que o hábito não faz o monge; e que ralhando as comadres se descobrem as verdades. — No ralhar da velha com o frade, levanta-se uma ponta do véo que cobre os mysterios da nossa historia.

Passaram-se aquelles oito dias no valle, não já como se tinham passado tantas outras semanas em vagas tristezas, em desconsolação e desconfôrto, mas em positiva anciedade e aguda afflicção pela certeza que trouxera o frade de se achar Carlos no Porto fazendo parte do pequeno exercito de D. Pedro.

Incertos rumores, d'aquelles que percorrem um paiz em tempos similhantes e que augmentam e exageram, confundem todos os successos, tinham chegado até ás pacificas solidões do valle com as noticias de combates sanguinarios, de commoções violentas, de desacatados sacrilegios, de vinganças e represalias atrozes tomadas pelos aggressores, retribuidas pelos que se defendiam.

Chegou a sexta-feira; e as horas d'esse dia, sempre desejado e sempre temido, foram contadas minuto a minuto — a qual mais pezado e lento de volver, quanto mais se approximava o derradeiro.

O sol declinava já... e Frei Diniz sem apparecer!

No seu poiso ordinario ao pé da porta da casa, Joanninha com os olhos estendidos, a velha com os olhos álerta, devoravam o espaço na direcção do nascente, esperando a cada momento, temendo a cada instante vêr apparecer o conhecido vulto, ouvir o som familiar dos passos do frade.

E tam attentas, tam absortas estavam ainda n'este cuidado, que não deram fé d'um religioso que pelo lado opposto, isto é, da banda de Lisboa para alli se encaminhava a passos arrastados mas pressurosos.

Chegou rente d'ellas sem o sentirem; e uma voz conhecida, porém mais cava e funda do que nunca a ouviram, pronunciou a fórmula de saudação costumada:

— Deus seja n'esta casa!

— Amen! responderam ambas machinalmente, com um estremeção involuntario, e voltando de repente a cara para o lado d'onde vinha a voz.

— Jesus! disse depois a velha tornando a si, Padre Frei Diniz de d'onde vem tam tarde?

— Chego de Lisboa.

— De Lisboa? Deus lh'o pague!... Foi saber?...

— Fui, fui saber novas d'esta horrivel guerra, d'esta tremenda visitação do Senhor á condemnada terra de Portugal...

— E então, diga...

— Boas novas, boas novas trago!

— Sente-se padre, sente-se. Joanninha chega uma cadeira: descanse.

— Não é tempo de descansar este, mas de vigiar e de orar.

— Pois que succedeu, padre? Não me tenha n'esta horrivel suspensão. Diga: onde está elle? Alguma desgraça grande lhe aconteceu, oh meu Deus...

— E que me importa a mim, o que aconteceu ou podia acontecer a mais um de tantos perdidos? Encherá a sua medida, irá após dos outros... caminha nas trevas com elles, e como elles, só hade parar no abysmo.

A estas derradeiras palavras do frade asperamente pronunciadas e em tom de indifferença e desprêzo, seguiu se aquelle silencio comprimido, aquella pausa de toda a conversação grave e intima em que os pensamentos são tantos que se atropellam e não acham sahida na voz.

Frei Diniz mentia... na dureza d'aquellas expressões mentia ao seu coração—não mentia ao seu espirito. Como o caustico se applica á epiderme para deslocar a inflammação interior, elle roçava o peito com as asperidões de sua doutrina e de seus principios rigidos para amortecer dentro a viva dor d'alma que o consummia.

O frade estava por fóra, o homem por dentro.

O observador vulgar não via senão o burel e a corda que amortalhavam o cadaver. O que attentasse bem n'aquelles olhos, o que reparasse bem nas inflexões d'aquella voz, diria: «Frade, tu mentes; mentes sem saberes que mentes: és sincero na tua fé, na tua austeridade, na tua abnegação; mas o teu sacrificio é como o de Abraham, na montanha, e Deus sabe que tu não tens força para o cumprir.»

Não o percebeu assim a pobre velha a quem os rigores de Frei Diniz faziam tremer, e que para toda a affeição, para todo o sentimento humano julgava morto o coração do cenobita.

Ella que no silencio de duas noites sempre veladas, na perpetua escuridão de seus dias sempre tristes luctava ha tanto tempo, luctava debalde para desprender das affeições do mundo aquelle seu pobre coração, que queria immolar ao Senhor, ella via com santa inveja e admiração as sobrehumanas forças que imaginava no frade; e desanima-

VIAGENS NA MINHA TERRA —Bemdito seja Deus, minha filha... PAG. 179

da de o poder seguir n'essas alturas da perfeição evangelica, recahia, mais desalentada e mais miseravel que nunca, em toda a sua fraqueza de mulher e de mãe.

Oh! não sabe o que é tormento, o que é inferno n'este mundo, o que não soffreu d'estas angustias!

Mas permitte Deus que as padeça quem não tem grandes culpas, grandes e irreparaveis erros que expiar n'este mundo?

Eu creio firmemente que não.

....

Cansada e exhausta já de tam porfiada lucta, a velha perdeu de todo a razão com as derradeiras palavras do frade, e n'um paroxismo de chôro exclamou:

— Diniz!... Frei Diniz, por aquelle penhor sagrado que eu tenho em meu podêr, por aquella preciosa cruz sobre a qual se derramaram as ultimas lagrimas da minha desgraçada filha, Diniz!...

— Silencio! bradou o frade, arrancando um brado de dentro do peito que fez gemer os eccos todos do valle: — Silencio, mulher! não conjure o demonio que eu trago encarcerado n'este seio, que á força de penitencias mal pude domar ainda... que só a morte poderá talvez expellir. Mulher, mulher! este cadaver que já morreu, que já apodreceu em tudo o mais, que já o comem, sem o elle sentir, os bichos todos da destruição... este cadaver tem um unico ponto vivo no coração... e o dedo do teu egoismo ahi foi tocar, oh, mulher!... Peccado que estás sempre contra mim! Justiça eterna de Deus quando serás satisfeita?

Rompêra na maior violencia a voz do frade, mas descahiu n'um tom baixo e medonho ao fazer esta ultima imprecação mysteriosa. As derradeiras syllabas quasi que lhe morreram nos beiços convulsos, e ao balbucial-as deixou-se cahir, exhausto e como quem mais não podia, na cadeira que Joanninha lhe chegára.

A velha, aterrada e confusa, tremia do que fizera, como deante do espirito immundo, que seus maleficios evocaram, treme a maga assustada de seu proprio poder.

Passaram alguns segundos que nenhumas palavras podem descrever.

O frade levantou o rosto, olhou para ella, olhou para Joanninha... e, como quem emerge, por grande esforço, de um peso enorme d'aguas que o submergiam, sacudiu a cabeça, sorveu um longo trago de ár, e disse na sua voz ordinaria, só mais debil:

— Carlos, senhora... minha irman, Carlos está vivo; e eis aqui, vinda pelo Consul de França, uma carta d'elle.

Tirou uma carta da manga e a entregou a Joanninha.

CAPITULO XVIII

Descobre-se que ha grandes e espantosos segredos entre o frade e a velha — Piedosa fraude de Joanninha. — Lucta entre o habito e o monge.

O frade entregou a carta a Joanninha, que, lançando os olhos ao sobrescripto, ficou indecisa e inquieta como quem receia e deseja e teme de saber alguma coisa. Elle com voz trémula e sobresaltada accrescentou:

— Adeus, que são horas!... Leiam, e sexta-feira que vem... me dirão.

— Pois que, disse timidamente a velha, não quer ouvir o que elle nos escreve?

— Sexta-feira que vem, continuou Frei Diniz, sem ouvir ou sem attender a pergunta: sexta-feira que vem eu tomarei conta da resposta, e lh'a farei chegar pela mesma via... Só uma coisa! nem palavra a meu respeito: eu para Carlos... morri.

— Diniz! exclamou a velha fóra de si, Diniz!...

O frade tornou de repente ao seu tom austero, e respondeu gravemente: O quê, minha irmã?

— Era, disse ella timida e submissa outra vez, era se, era que... Pois não hade ouvir lêr a carta d'elle?

Frei Diniz não respondeu, mas ficou sentado: descahiu lhe a cabeça sobre o peito, e abraçando-se com o bordão, não deu mais signal de si.

A velha escutou em silencio alguns segundos, e com aquelle ouvido agudissimo — penetrante vista dos cegos — percebeu sem duvida o que se passava, e com mais confôrto e serenidade na voz disse:

— Abre, Joanna; lê, minha filha.

Joanninha abriu a carta, e percorreu com avidez as poucas linhas que ella encerrava.

— Não lês? acudiu a avó com impaciencia: Lê, lê alto, Joanna.

— E' para mim só a carta, disse ella friamente.

— Para ti só, como? tornou a outra.

— E' para mim só esta carta... não diz nada, que...

— Não diz nada! replicou a avó. Pois!... Lê, lê alto; seja como fôr, lê, e oiçamos.

Joanninha parecia hesitar ainda: lançou os olhos ao frade, achou-o na mesma attitude impassivel; voltou-se para a avó, viu-a anciada e anciosa... leu.

A carta era com effeito para ella só, e carta bem singela, não continha senão as ingenuas expressões de um amor fraterno nunca esquecido, longas saudades do passado, poucas esperanças no futuro, quasi nenhumas de se tórnarem a ver tão cedo. Tudo isto porém

era com a prima: para a desconsolada avó, para ninguem mais... nem uma palavra.

Joanninha ia lendo, lendo... e a voz a descahir-lhe; no fim ajuntou uns abraços, umas saudosas lembranças, e não sei que phrase incompleta e mal articulada em que se pedia a benção da avó.

A velha abanou a cabeça tristemente e disse: Ora pois... bemditto seja Deus!

Joanninha córou até o branco dos olhos... Inda bem que a não podia ver a avó! Mas viu-a Frei Diniz, e com a mão trémula e os olhos arrazados d'agua lhe fez um mudo e expressivo signal de approvação e agradecimento. Joanninha córou outra vez, e logo se fez pallida como a morte: era a primeira vez que mentia... e Frei Diniz, o austero Frei Diniz approvava-a!

O frade levantou-se, e, sem dizer palavra, tomou o caminho de Santarem.

Ouviu-se ao longe o arquejar de uns soluços suffocados... Seriam d'elle?

A avó e a neta abraçaram-se e choraram.

Nenhuma d'ellas disse palavra sobre a carta: a velha tinha percebido a piedosa fraude de Joanninha...

Oh! que existencias que eram aquellas quatro! Esse frade, essa velha e essas duas creanças! E a maior parte da gente que é *gente*, vive assim... E querem, querem-n'a assim mesmo, a vida, têm lhe apêgo! Oh que enigma é o homem!

Tornou a passar outra semana, e o frade tornou a vir no práso costumado, e levou a resposta da carta — que a Joanninha só escreveu e só viu e dirigiu a em Lisboa pela via segura que indicára.

Soube se que fôra entregue; mas semanas e semanas decorreram, passaram de anno... e outra carta não veiu.

No entretanto a guerra civil progredia; e depois de suas tremendas peripecias, o grande drama da Restauração, e chegava rapidamente ao fim. Eram meiados do anno de 33, a operação do Algarve succedêra milagrosamente aos constitucionaes, a esquadra de D. Miguel fôra tomada, Lisboa estava em podêr d'elles. Os tardios e inuteis esforços dos realistas para retomar a capital tinham occupado o resto do verão. Já outubro se descoroava de seus ultimos fructos; e as folhas começavam a empallidecer e a cahir, quando uma sexta-feira, ao pôr do sol, Frei Diniz apparecia no valle mais curvado e mais trémulo que nunca. Vinha do exercito realista, que então cercava Lisboa.

Joanninha não era alli, a velha estava só.

— Que nos traz, padre? clamou ella mal que o sentiu: Soube d'elle? Tem escapado a estas desgraças, a esses combates mortaes?

— Não sei nada. minha irman: ha tres dias que de Lisboa se não póde obter a menor informação. As linhas estão fechadas e guarnecidas como nunca: tudo indica havermos de ter cedo algum combate decisivo.

— Deus seja com...

— Com quem, minha irman?

— Com quem tiver justiça.

— Nenhum a tem. De um lado e de outro está a ambição e a cubiça, de um lado e de outro a immoralidade, a perdição e o desprêzo da palavra de Deus. Por isso, vença quem vencer, nenhum hade triumphar.

— Ai, o meu pobre filho, o meu Carlos!

— Isso, irman Francisca, isso! Péça a Deus que dê a victoria a seu neto, e á impiedade por que elle combate. Peça a Deus que vençam os inimigos declarados do seu nome, os destruidores de seus altares, os profanadores de seus templos... Oh! que dia e grande não hade ser esse, quando Carlos. . o seu Carlos, vier expulsar, ás baionetadas, do pobre convento de San'Francisco, o velho guardião — que lhe não hade fugir, minha irman!... d'elle menos que de nenhum outro... que ajoelhado deante do altar inclinará a cabeça como os antigos martyres para cahir na presença do seu Deus ás mãos do seu .

— Diniz!... Padre!... Padre Frei Diniz, que horrorosas palavras sáem da sua bocca!... Meu neto, o meu Carlos não é capaz .. oh meu Deus!...

— Seu neto detesta-me . e tem... tem razão.

— Não sabe a verdade elle... Carlos está enganado, cuida... não sabe senão meia verdade: e eu, eu heide — custe o que me custar — eu heide...

— Hade o quê?

— Heide desenganál o, heide-lhe dizer a verdade toda. Heide prostrar-me na sua presença, heide humilhar-me deante do filho da minha filha, heide arrastar na poeira de seus pés estas cans e estas rugas .. morrerei de vergonha e de remorsos deante do meu filho, mas elle hade saber a verdade.

Sahiam com tal impeto e com tam desacostumada energia estas mysteriosas e tremendas palavras da bocca da velha, que Frei Diniz não ousou contêl a; ouviu até ao fim, deixou quebrar o impeto da torrente, e erguendo então a sua voz austera mas pausada, disse n'aquelle tom friamente decisivo que tanto impõe aos animoa apaixonados:

— Se tal fizesse, mulher, a minha maldicção, a maldicção eterna de Deus sobre a sua cabeça para sempre!... Oh mulher, pois não lhe basta que elle me aborreça — não lhe basta que seu neto lhe perdesse o amor... quer... quer tambem que nos despreze?

A velha gemeu profundamente, e, por um geito de antiga reminiscencia, levou as mãos

—Padre, não jure nem pragueje...

aos olhos como se os tapasse para não vêr. Então disse com desconsoladas lagrimas na voz:

— A vontade de Deus seja feita!

CAPITULO XIX

Guerra de postos avançados. Joanninha no bivac — De como os rouxinoes do valle se disciplinaram a ponto de tocar a alvorada e a retreta. — Quem era a 'Menina dos rouxinoes', e por que lhe poseram este nome. — A sentinella perdida e achada.

A velha disse aquellas ultimas palavras com uma expressão de dor tam resignada, mas tam desconsolada, que o frade olhou para ella commovido, e sentiu as lagrimas escurecerem-lhe a vista.

N'este momento, Joanninha que passeiava a alguma distancia da casa na direcção de Lisboa, acudiu sobresaltada bradando:

— Avó, avó!... tanta gente que ahi vem! soldados e povo... homens e mulheres... tanta gente!

Era a retirada de 11 de outubro.

— Deus tenha compaixão de nós! disse a velha. O que será, padre?

— O que hade ser! respondeu Frei Diniz, o meu presentimento que se verifica; o combate foi decisivo, os constitucionaes vencem.

Com effeito foram apparecendo as tropas que se retiravam, as gentes que fugiam, e todo aquelle confuso e doloroso espectaculo de uma retirada em guerra civil...

Alguns feridos, que não podiam mais, ficavam na casa do valle entregues á piedosa guarda e cuidado de Joanninha; dos outros tomou conta Frei Diniz e os acompanhóu a Santarem.

As tropas constitucionaes vinham em seguimento dos realistas, e d'alli a poucos dias tinham o seu quartel general no Cartaxo; D. Miguel fortificava-se em Santarem, e a casa da velha era o ultimo posto militar occupado pelo seu exercito.

Não tardou muito que a força toda, todo o interêsse da guerra se não concentrasse n'aquelle, já tam pacifico e ameno, agora tam desolado e turbulento valle.

Eram os derradeiros dias do outomno, a natureza parecia tomar dó pelo homem — dar triste e lugubre decoração de scena ao sangrento drama de destruição e de miseria que alli se ia concluir. As ultimas folhas das árvores cahiam, o céo nublado e negro vertia sobre a terra apaulada torrentes grossas d'agua, a cheia alagava os baixos, e as terras altas cobriam-se de hervas maninhas, os trabalhos da lavoira cessavam, o gado e os pastores fugíam, e os soldados de um e do outro campo cortavam as oliveiras seculares...

Tudo estava feio e torpe, tudo era ruina, desolação e morte em tôrno da casa do valle, agora transformada em quartel e reducto militar.

E que era feito, no meio d'esta desordem, que era feito da nossa pobre velha, da nossa interessante Joanninha?

Apenas se estabeleceu a posição dos dous exercitos, Frei Diniz queria leval-as para Santarem; mas não foi possivel. Instancias, rogos, ordem positiva, tudo foi em vão. Pela primeira vez na sua vida, aquella mulher timida, fraca e irresoluta, soube ter vontade firme, e propria.

— Aqui nasci, dizia ella, aqui vivi, aqui heide morrer. Que importa como?... Aqui as curtas alegrias, aqui as longas dores da minha vida têm passado: onde heide eu ir que possa viver ou morrer senão aqui? Esta casa sei-a de cór, estas árvores conhecem-me, estes sitios são os ultimos que vi, os unicos de que me lembra: como heide eu, velha e cega, ir fazer conhecimento com outros para viver n'elles?...

— E Joanninha n'essa edade... no meio d'essa soldadesca! suggeria o frade.

— Joanninha, tornava ella, Joanninha é uma criança, e tem mais juizo, mais energia d'alma, mais saude e mais força do que — mulheres não falemos — do que a maior parte dos homens. Ficaremos aqui, padre, ficaremos aqui, melhor do que em Santarem podêmos estar. Deus nos defenderá...

Frei Diniz cedeu: a mesma vaga e indeterminada esperança que animava a velha, e que a prendia tão fortemente alli, não era estranha ao coração do frade. Ella não ousava nem alludir de longe a essa esperança, mas sentia-se que lá a tinha anninhada e escondida a um canto d'alma... Aquelle neto, aquelle filho da filha querida havia de vir ter á casa em que nascêra... por alli havia de passar, e mais dia menos dia... A velha, repito, nem alludia a tal esperança, mas sentia-se que a tinha: percebeu-lh'a Frei Diniz, e ou a partilhasse tambem ou não se atrevesse a contrariar razões que lhe não davam, cedeu e callou-se.

O seu principal temor era a licenciosa soltura dos costumes militares; mas estava Joanninha menos exposta por se accolher a uma praça de guerra como Santarem era agora?

Brevemente se viu que a avó tinha acertado. A franca e ingenua dignidade de Joanninha, o ár grave, a melancholia serena e bondosa da velha impozeram tal respeito aos soldados, que — graças tambem á cooperação efficaz do commandante do pôsto, um bom e honrado cavalheiro transmontano — ellas viviam tam seguras e quietas na pequena porção da casa que para si reservaram,

quanto em taes circumstancias era possivel viver. Frei Diniz vinha regularmente ao valle todas as sextas-feiras, e nenhum outro habito de suas vidas se interrompeu.

E pouco a pouco, os combates, as escaramuças, o som e a vista do fogo, o aspecto do sangue, os ais dos feridos, o semblante desfigurado dos mortos—a guerra emfim em todas as suas fórmas, com todo o seu palpitante interêsse, com todos os terrores, com todas as esperanças que a acompanham, se lhes tornou uma coisa familiar, ordinaria...

A tudo se habitúa o homem, a todo o estado se affaz; e não ha vida, por mais estranha que o tempo e a repetição dos actos lhe não faça natural.

Todavia, Carlos nem mais uma linha... Pobre velha.

Assim passaram mezes, assim correu o inverno quasi todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvissimas flores de esperança, já uma depois outra, iam renascendo as plantas, iam abrolhando as arvores; logo vieram as aves trinando seus amores pelos ramos .. insensivelmente era chegado o mez d'Abril, estavamos em plena e bella primavera.

A guerra parecia cansada, o furor dos combatentes quebrado; rumores de intentadas transacções giravam por toda a parte.

No nosso valle as sentinellas dos dois campos oppostos, costumadas já a verem-se todos os dias, começavam a vêr-se sem odio; principiaram por se dizer dos pesados gracejos de guerra, acabaram por conversar quasi amigavelmente. Muita vez foi curioso ouvil-os, os soldados, discorrer sobre as altas questões d'Estado que dividiam o reino e o traziam revolto ha tantos annos. Se as tratavam melhor os do conselho em seus gabinetes!

Joanninha que, pouco a pouco, se habituára áquelle viver de perigos e incertezas, de dia para dia lhe ia crescendo o ânimo, aguerrindo-se. Tudo se affazia áquelle estado: até os rouxinoes tinham voltado aos loureiros d'ao pé da casa, e como que disciplinados obedeciam aos toques d'alvorada e de retreta, acompanhando-os de seu cantar animado e vibrante.

A essas horas Joanninha era certa em sua janella — n'aquella antiga e elegante janella *renascença* de que primeiro nos namorámos, leitor amigo, ainda antes de a conhecer a ella. Alli a viam as vedetas de ambos os exercitos. alli se acostumaram a vêl-a com o nascer e o pôr do sol: alli, muda e quêda horas esquecidas, escutava ella o vago cantar dos seus rouxinoes, talvez absorta em mais vagos pensamentos ainda...

E d'alli lhe pozeram o nome de Menina dos rouxinoes, pelo qual era conhecida em ambos os campos; significante e poetico appellido com que a saudavam os soldados de ambas as bandeiras!

E uns e outros respeitavam e adoravam a menina dos rouxinoes. Entre uns e outros por tacita covenção parecia estipulado que aquella suave e angelica figura podesse andar livremente no meio das armas inimigas, como a pomba doméstica e valida a que nenhum caçador se lembra de mirar.

Os costumes de guerra são menos soltos do que se cuida; no ânimo do soldado ha mais sentimentos delicados, nas suas fórmas ha menos rudeza do que se pensa. A farda é sim vaidosa e presumida, crê muito nos seus podêres de seducção, mas não é brutal senão no primeiro impeto.

Joanninha pençava os feridos, velava os enfermos, tinha palavra de consolação para todos, e em tudo quanto dizia e fazia era tam senhora, tinha tam grave gentileza, um donaire tam nobre, que a amavam todos muito, mas respeitavam-n'a ainda mais.

Fiada já n'este respeito e estima geral, Joanninha fôra estendendo, de dia a dia, as suas excursões pelo valle. Ultimamente costumava ir, pelo fim da tarde, até um pequeno grupo de álamos e oliveiras que ficava mais para o sul e perto do logar d'onde, á noite, se collocavam as derradeiras vedetas dos constitucionaes.

Um dia, já quasi posto o sol, a tarde quente e serena ou fosse que adormeceu ou que suas meditações a distrahiram — o certo é que os rouxinoes gorgeavam ha muito nos loureiros da janella, e Joanninha não voltava.

Estabeleceram-se as vedetas de um lado e outro, deram-se todas as disposições costumadas para a noite.

O official dos constitucionaes, que andava collocando as suas sentinellas, tinha vindo essa mesma tarde de Lisboa com um reforço de tropa. Poz-se em marcha com a sua gente, foi-a dispondo nos logares convenientes, e chegava emfim ao pé d'aquelle grupo de arvores:

— Silencio! disse elle. Alto! alli está um vulto.

— Não é ninguem, respondeu um soldado que era dos antigos no posto: ninguem que importe; é a Menina dos rouxinoes. Estou vendo que adormeceu no seu poiso costumado.

— A Menina dos rouxinoes! Que cantiga é essa que me cantas tu lá?

O soldado deu a explicação popular do seu dito, mostrou a casa do valle, e continuava encarecendo sobre os meritos e virtudes de Joanninha...

O official não o deixou acabar:

VIAGENS NA MINHA TERRA

Joanninha pençava os feridos...

PAG. 100

— Para a retaguarda, e silencio!

Foi rapidamente postar, a alguma distancia d'alli, as duas sentinellas que lhe faltavam; e elle entrou no pequeno grupo d'arvores.

Era Joanninha que estava alli, Joanninha que effectivamente dormia a somno solto.

CAPITULO XX

Joanninha adormecida. — O *demi-jour* da *coquette*. — Poesia do *Flos-Sancto um* — De como os rouxinoes acompanhavam sempre a menina do seu nome; e do bem que um d'elles cantava no bivac. — Retrato esquissado á pressa para satisfazer ás amaveis leitoras. — Pondera-se o triste e pessimo gosto dos nossos governantes em tirarem as honras militares ao mais elegante e mais nacional uniforme do exercito portuguez. — Em que se parece o auctor da presente obra com um pintor da Edade média — De como os abraços, por mais apertados que sejam, e os beijos, por mais intermina veis que pareçam, sempre têm de acabar por fim.

Sobre uma especie de banco rustico de verdura, tapeçada de grammas e de macella brava, Joanninha, meio recostada, meio deitada, dormia profundamente.

A luz baça do crepusculo, coada ainda pelos ramos das arvores, illuminava tibiamente as expressivas feições da donzella: e as fórmas graciosas de seu corpo se desenhavam molle e voluptuosamente no fundo vaporoso e vago das exhalações da terra, com uma incerteza e indecisão de contornos que redobrava o encanto do quadro, e permittia á imaginação exaltada percorrer toda a escalla d'harmonia das graças femininas.

Era um ideal de *demi-jour* da *coquette* parisiense: sem arte nem estudo, lh'o preparára a natureza em seu *boudoir* de folhagem perfumada da brisa recendente dos prados.

Como n'essas poeticas e populares legendas de um dos mais poeticos livros que se tem escripto, o *Flos Sanctorum*, em que a ave querida e fadada acompanha sempre a amavel santa de sua affeição — Joanninha não estava alli sem o seu mavioso companheiro. Do mais espêsso da ramagem, que fazia sobrecéo áquelle leito de verdura sahia uma torrente de melodias vagas e ondulantes como a selva com o vento, fortes, bravas e admiraveis de irregularidade e invenção como as barbaras endeixas de um poeta selvagem das montanhas. . Era um rouxinol, um dos queridos rouxinoes do valle que alli ficara de vella e companhia á sua protectora, á menina do seu nome.

Com o approximar dos soldados, e o cochichar do curto dialogo que no fim do ultimo capitulo se referiu, cessára por alguns momentos o delicioso canto da avesinha; mas quando o official, postadas as sentinellas a distancia, voltou pé ante pé e entrou cautellosamente para debaixo das arvores, já o rouxinol tinha tornado ao seu canto, e não o suspendeu outra vez agora, antes redobrou de trillos e gorgeios, e do mais alto de sua voz agudissima veiu descahindo depois em uns suspiros tam magoados, tam sentidos, que não disseras senão que preludiava a mais terna e maviosa scena d'amor que esse valle tivesse visto.

O official... — Mas certo que as amaveis leitoras querem saber com quem tratam, e exigem, pelo menos, uma esquissa rapida e a largos traços do novo actor que lhes vou apresentar em scena.

Têm razão as amaveis leitoras, é um dever de romancista a que se não póde faltar.

O official era moço, talvez não tinha trinta annos; posto que o trato das armas, o rigor das estações, e o sêllo visivel dos cuidados que trazia estampado no rosto, accentuassem já mais fortemente, em feições de homem feito as que ainda devia arredondar a juventude.

A sua estatura era mediana, o corpo delgado, mas o peito largo e forte como precisa um coração de homem para pulsar livre; seu porte gentil e decidido de homem de guerra desenhava-se perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar — especie de *great-coat* inglez, que a imitação das modas britannicas tinha tornado familiar dos nossos *bivacs*. Trazia-o desabotoado e descahido para traz, porque a noite não era fria; e via-se por baixo elegantemente cingida ao corpo a fardeta parda dos caçadores, realçada de seus caracteristicos alamares pretos e avivada de encarnado...

Uniforme tam militar, tam nacional, tam caro a nossas recordações — que essas gentes, prostituidoras de quanto havia nobre, popular e respeitado n'esta terra, proscreveram do exercito... por muito portuguez demais talvez! deram-lhe baixa para os beleguins da alfandega, reformaram-n'o em uniforme da bicha!

Não pude resistir a esta reflexão: as amaveis leitoras me perdôem por interromper com ella o meu retrato.

Mas quando pinto, quando vou riscando e colorindo as minhas figuras, sou como aquelles pintores da Edade-média que entrelaçavam nos seus paineis distichos de sentenças, fitas cravadas de moralidades e conceitos... talvez porque não sabiam dar aos gestos e attitudes expressão bastante para dizer por elles o que assim escreviam, e servia a penna de supplemento e illustração ao pincel... Talvez: e talvez pelo mesmo motivo caio eu no mesmo defeito...

Será; mas em mim é irremediavel, não sei pintar de outro modo.

Voltemos ao nosso retrato.

Os olhos pardos e não muito grandes, mas de uma luz e viveza immensa denunciavam o talento, a mobilidade do espirito — talvez a irreflexão... mas tambem a nobre singeleza de um caracter franco, leal e generoso, facil na ira, facil no perdão, incapaz de se offender de leve, mas impossivel de esquecer uma injuria verdadeira.

A bôcca, pequena e desdenhosa, não indicava comtudo soberba, e muito menos vaidade, mas sorria na consciencia de uma superioridade inquestionavel e não disputada.

O rosto, mais pallido que trigueiro, parecia comprido pela barba preta e longa que trazia ao uso do tempo. Tambem o cabello era preto; a testa alta e desaffogada.

Quando callado e serio, aquella physionomia podia se dizer dura; a mais pequena animação, o mais leve sorriso a fazia alegre e prazenteira, porque a mobilidade e a gravidade eram os dous polos d'esse caracter pouco vulgar e difficilmente bem entendido.

D'aquelle busto classico e verdadeiramente moldado pelos typos da arte antiga, podia o estatuario fazer um philosopho, um poeta, um homem de estudo, ou um homem do mundo, segundo as leves inflexões d'expressão que lhe désse.

N'este momento agora, e ao entrar na pequena espessura d'aquellas árvores animava-o uma viva e inquieta expressão de interêsse — quebrado comtudo, sustido, e para assim dizer, *soffreado*, de um temor occulto, de um pensamento reservado e doloroso que lhe ia e vinha resumbrando na face, como a antiga e desbotada côr de um estôfo que se tingiu de novo — que é outro agora, mas que não deixou de ser inteiramente o que era...

Alegra se assim um triste dia de novembro com o raio do sol transiente e inesperado que lhe rompeu a cerração n'um canto do céo...

Tal era, e tal estava deante de Joanninha adormecida, o que não direi mancebo porque o não parecia — o homem singular a quem o nome, a historia e as circumstancias da donzella pareciam ter feito tamanha impressão.

— Joanninha; murmurou elle apenas a viu á luz ainda bastante do crepusculo. Joanninha! disse outra vez, contendo a violencia da exclamação: E' ella sem duvida. Mas que differente! .. Quem tal diria! Que graça! que gentileza! Será possivel que a criança que ha dois annos?...

Dizendo isto, por um movimento quasi involuntario lhe tomou a mão adormecida e a levou aos labios.

Joanninha estremeceu e acordou.

— Carlos, Carlos! balbuciou ella, com os olhos ainda meio fechados. Carlos, meu primo... meu irmão! era falso, dize? era falso? Foi um sonho, não foi, meu Carlos?...

E progressivamente abria os olhos mais e mais até se lhe espantarem e os cravar n'elle arregallados de pasmo e de alegria.

— Foi, foi, continuou ella; foi sonho, foi um sonho máo que eu tive. Tu não morreste... Fala á tua irmã, á tua Joanna; dize-lhe que estás vivo, que não és a sombra d'elle... Não és, não, que eu sinto a tua mão quente na minha que queima, sinto-a estremecer como a minha... Carlos! meu Carlos! dize, fala-me: tu estás vivo e são? E és... és o meu Carlos? Tu proprio, não é já o sonho, és tu?...

— Pois tu sonhavas? tu, Joanna, tu sonhavas commigo?

— Sonhava como sonho sempre que durmo... e o mais do tempo que estou acordada .. sonhava com aquillo em que só penso... em ti.

— Joanna... prima... minha irmã!

E caiu nos braços d'ella e abraçaram-se n'um longo, longo abraço — com um longo, interminavel beijo... longo, longo, e interminavel como um primeiro beijo d'amantes...

O abraço desfez-se, e o beijo terminou emfim, porque os reflexos do céo na terra são limitados e imperfeitos como as incompletas existencias que a habitam.

Senão... invejariam os anjos a vida da terra.

Joanninha, tornada a si d'aquelle quasi paroxismo, abria e fechava os olhos para se affirmar se estava bem acordada, tocava as mãos, o rosto, e o peito, os braços do primo, palpava se depois a si mesma como quem duvidava de sua propria existencia e dizia em palavras cortadas e sem nexo:

— E' Carlos... Carlos: foi falso. E meu primo...Minha avó tambem sonhou o mesmo sonho, mas foi falso. Frei Diniz não é que o disse, nem ninguem: eu e a avó é que o sonhámos. Mas elle aqui está, vivo... vivo! é nosso, nosso todo outra vez... Mas como vieste tu aqui, Carlos? Como estava eu aqui comtigo?... E sós, sósinhos aqui a esta hora! Não deve ser isto... Valha-me Deus! E que dirão? E Jesus:—Lá isso não me importa; deixál-os dizer! mas não deve ser. Vamos, Carlos, vamos ter com ella, vamos para a avó!... Que n'isto não ha mal nenhum... Meu primo!... um primo com quem eu fui criada!...Mas quem não souber, póde dizer... Vamos, Carlos.—Oh! minha avó morre de alegria, coitada!.. E verdade: vou adeante prevenil-a, preparal a .. heide-lhe ir assim dizendo pouco a pouco... Segue-me tu, Carlos, e vamos. —Mas, oh meu Deus! não é

preciso; para quê? Ella é cega, coitadinha, não sabes?

— Cega, que dizes? minha avó está cega?

— Pois não sabias? Ai! é verdade, não sabias. Tantas coisas que tu não sabes, meu Carlos! Mas eu te contarei tudo, tudo. Olhá, cegou quando... Mas não falemos agora n'essas tristezas que já lá vão. Em ella te sentindo ao pé de si, é o mesmo que tornar-lhe a vista. Tem-m'o ella dito muitas vezes, e eu bem sei que é assim. Mas ouve: um dia havemos de falar — nós dois sós — á vontade: tenho tanto que te dizer... nem tu sabes... Agora vamos, Carlos.

E falando assim, tomou-o pela mão e sahiu para o valle aberto, froixamente acclarado já de myriades de estrellas scintillantes no céo azul.

CAPITULO XXI

Quem vem lá! — Como entre dois litigantes nem sempre gosa o terceiro. — Carlos e Joanninha n'uma especie de situação (ordeira), a mais perigosa e falsa das situações.

As estrellas luziam no céo azul e diaphano, a brisa temperada da primavera suspirava brandamente; na larga solidão e no vasto silencio do valle distinctamente se ouvia o doce murmurio da voz de Joanninha, claramente se via o vulto da sua figura e da do companheiro que ella levava pela mão e que machinalmente a seguia como sem vontade propria, obedecendo ao poder de um magnetismo superior e irresistivel.

Passavam, sem as vêr e sem reflectir onde estavam, por entre as vedetas de ambos os campos... e ao mesmo tempo de umas e outras lhes bradou a voz breve e estridente das sentinellas: — Quem vem lá?

Estremeceram involuntariamente ambos com o som repentino de guerra e de alarma que os chamava á esquecida realidade do sitio, da hora, das circumstancias em que se achavam... D'aquelle sonho encantado que os transportára ao Éden querido de sua infancia, acordaram sobresaltados... viram-se na terra erma e bruta, viram a espada flammejante da guerra civil que os perseguia, que os desunia, que os expulsava para sempre do paraizo de delicias em que tinham nascido...

Oh! que imagem eram esses dois, no meio d'aquelle valle nú e aberto, á luz das estrellas scintillantes, entre duas linhas de vultos negros, aqui alli dispersos e luzindo acaso do transiente reflexo que fazia brilhar uma baioneta, um fuzil... que imagem não eram dos verdadeiros e mais santos sentimentos da natureza expostos e sacrificados sempre no meio das luctas barbaras e estupidas, no conflicto de falsos principios em que se estorce continuamente o que os homens chamaram *sociedade!*

Joanninha abraçou-se com o primo; elle parou de repente e foi com a mão ao punho da espada.

— Quem vem lá? tornaram a bradar as sentinellas.

— Ouves, Joanna? disse Carlos, em voz baixa e sentida: Ouves estes brados? E' o grito da guerra, que nos manda separar; é o clamor cioso e vigilante dos partidos que não tolera a nossa intimidade, que separa o irmão da irmã, o pae do filho!...

— Quem vêm lá? bradaram ainda mais forte as sentinellas; e ouviu-se aquelle stridor baço e breve que tam froixo é e tam forte impressão faz nos mais bravos animos... era o som dos gatilhos que se armavam nas espingardas.

O momento era supremo, o perigo imminente e já inevitavel... alli podiam ficar ambos transpassados das balas oppostas dos dois campos contendores.

Como esses que, fiados em sua innocencia e abnegação, cuidam podêr passar por entre as discordias civis sem tomar parte n'ellas, e que são, por isso mesmo, objecto de todas as desconfianças, alvo de todos os tiros — assim estavam alli os dois primos na mais arriscada e falsa posição que têm as revoluções.

Joanninha conheceu o perigo que os ameaçava; e com aquella rapidez de resolução que a mulher tem mais prompta e segura nas grandes occasiões, disse para Carlos:

— Fala aos teus, faze-te conhecer e põe-te a salvo. A'manhan nos tornaremos a vêr: eu te avisarei! Adeus!

— E tu, tu?... E as sentinellas dos realistas!...

— Não tenhas cuidado em mim. D'esta banda todos me conhecem.

Deu alguns passos para o lado da sua casa e levantou a voz:

— Joanninha! Sou eu, camaradas, sou eu!

Immediatamente se ouviu o som retinido das coronhas no chão, e o riso contente dos soldados que reconheciam a bemquista e bem vinda voz de Joanninha.... da Menina dos rouxinoes.

— Vês, Carlos?... Adeus! até ámanhan, disse ella baixo.

— Até ámanhan, se...

— Se!... Pois tu?...

— Ouve: não digas a tua avó que me viste, que estou aqui: é forçoso, é indispensavel, exijo-o de ti...

— E ámanhan me dirás?...

— Sim.

—Prometto: não direi nada... Mas, oh! Carlos.

—Adeus!

Carlos deu dois passos para a banda das suas vedetas. Joanna correu para o lado opposto. Mas elle parou e não tirou os olhos d'aquella fórma gentil que deslisava como uma sombra pelo horisonte do valle, até que desappareceu de todo.

E elle immovel ainda!

Faiscaram de repente como relampagos um dois, tres... e as detonações que os seguiram, e o assovio das ballas que vinham depóz ellas... Eram as sentinellas constitucionaes que faziam fogo sôbre o seu commandante que não conheciam, cujo silencio e immobilidade o fazia suspeito.

Uma das balas ainda o feriu levemente no braço esquerdo.

—Bem, camaradas! bradou Carlos, caminhando rapidamente para elles, e erguendo a voz forte e cheia que tam conhecida era nas fileiras: Bem! Fizeram a sua obrigação. Um de vocês que me aperte aqui o braço com este lenço.

—Carlos! gritou ao longe uma voz fina, aguda, vibrante de terror pelo espaço; Carlos! fala-me, responde: não te succedeu nada?

—Nada, nada! Socega.

E tornou a cahir tudo no silencio. Carlos retirou-se ao seu quartel n'uma choupana proxima. Os soldados olharam-se entre si e sorriram.

Um mais doutor disse para os outros:

—O nosso capitão não se descuida; ainda hoje chegou, e já nós lá vamos, hein.

—O nosso capitão é d'aqui: não sabes?

—Hun! tenho percebido. E ainda lhe dura? O homem é capaz!

—Silencio! Eu te direi logo a historia toda: é uma prima.

—Ah? prima. Então não ha nada que dizer.

—É a que elles chamam aqui...

—A Menina dos rouxinoes? Essa é maluca.

—Gosta d'ellas assim, que elle tambem o é.

—Pois a freira de San'Gonsalo, na Terceira?

—Maluca.

—E a Lady ingleza, que?...

—Maluquissima essa! Não me hade admirar se a vir cahir do ár um dia por ahi como bomba. E não hade dar máo estalo!

—Podera! E encontrando se com a prima então!...

—Mas ella é prima ou irmã?

—É uma tal parentella enrevezada a d'essa gente da casa do valle!... dizem coisas por ahi, que se eu as entendo!... E ha um frade no caso, já se sabe...

—Oh! elle ha frade no caso?

—Ha, e que frade! Um *apostolico* ás direitas! Tam feio, tam magro! apparece por ahi ás vezes. Eu já o lobriguei um dia: e que famoso tiro que era? Quasi que me arrependo de não ter...

—Isso! hoje iamos matando o nosso capitão por instantes. Ora agora se lhe matas o tio, ou pae, ou o que quer que é...

—Um frade!

—Um frade não é gente?

—Não senhor.

—Está bom: basta de conversar por hoje. O que me eu parece é que nós temos cedo muita pancada rija.

—Venha ella, que isto já me aborrece.

Accenderam os cigarros e fumaram.

Com o mesmo socêgo d'espirito... santo Deus! accendem os homens a guerra civil, que altera e confunde por este modo todas as idéas, todos os sentimentos da natureza.

CAPITULO XXII

Bilhete de manhã da prima ao primo. Enganam a pobre da velha. —Noite mal dormida. —Da conversa que teve Carlos com os seus botões —A Joanninha que elle deixára, e a Joanninha que achou. —Obrigações d'amor, triste palavra. —A mulher que elle amava, e se elle a amava ainda. —Quesitos do A. aos seus benevolos leitores. Declara que com os hypocritas não fala. —Quem hade levantar a primeira pedra! —Dois modos differentes de acudir uma coisa ao pensamento.

No dia seguinte, mal rompia a manhã um paizano, que dizia trazer communicações importantes para o commandante do pôsto avançado, foi conduzido á presença de Carlos e lhe entregou uma carta: era da Joanninha.

Fiel á sua promessa, ella não tinha dito nada do encontro da véspera: dizia a carta. E que a avó estava doente e afflicta; que para a animar e consolar, lhe dera noticias do primo, como vindas por pessoa que o vira e estivera com elle. Que ficava mais contente e socegada: mas que aquelle estado de anciedade não podia prolongar-se. Que a saude da pobre velha declinava de dia a dia; que se lhe ia a vida, que era matal a não lhe dizer a verdade... Joanninha concluia com mil affectos e saudades e aprazava por fim o mesmo sitio da véspera para se tornarem a ver, e para concertarem o que haviam de fazer. Todas as precauções estavam tomadas, e o consentimento dado pelo commandante do posto contrário para haver toda a segurança n'aquella entrevista.

Carlos tinha velado toda a noite; uma excitação extraordinaria lhe amotinára o san-

gue, lhe desaffinára os nervos. Bem tinha desejado vir para aquelle pôsto, bem contava, bem esperava elle, estando alli saber de mais perto da sua familia, vêl-os talvez, mais dia menos dia, encontrar-se com algum d'elles... e de todos elles a innocente e graciosa criança com quem vivêra como irmão desde os seus primeiros annos, era quem elle mais esperava, mais desejava ver decerto.

Mas uma criança era a que elle tinha deixado, uma criança a brincar, a colher as boninas, a correr atraz das borboletas do valle... uma criança que sim o amava ternamente, cuja suave imagem o não tinha deixado nunca em sua longa peregrinação, cuja saudade o acompanhára sempre, de quem se não esquecera um momento, nem nos mais alegres, nem nos mais occupados, nem nos mais difficeis, nem nos mais perigosos da sua vida...

Mas era uma criança!... era a imagem d'uma criança.

E' certo, sim: e nas batalhas, em presença da morte... no longo cêrco do Porto entre os flagellos da cholera e da fome, nas horas de mais viva esperança, no descoroçoamento dos mais tristes dias, a doce imagem de Joanninha, d'aquella Joanninha com quem elle andava ao colo, que levantava em seus hombros para ella chegar aos ninhos dos passaros no verão, aos medronhos maduros no outomno, que elle suspendia nos braços para passar no inverno os alagadiços do valle, — essa querida imagem não o abandonára nunca.

Nunca!... nem quando as penas d'amor, nem quando as suas glorias — mais esquecidiças ainda — pareciam absorver-lhe todos os sentidos, e todo o sentimento do seu coração.

A saudade, a memoria de Joanninha, suavemente impressa no mais puro e no mais santo da sua alma, resplandecia no meio de todas as sombras que lh'a obscurecessem, sobreluzia no meio de qualquer fogo que lh'a allumiasse.

Uma luz quieta, limpida, serena como a tocha na mão do anjo que ajoelha em innocencia e piedade deante do throno do Eterno!

Mas, no mesmo dia em que chegou ao valle, quasi na mesma hora, cheio d'aquella luz mais viva e animada agora pela proximidade do fóco d'onde sahia... n'essa mesma hora, ir encontrar alli, n'aquella solidão, entre aquellas árvores, á tibia e seductora claridade do crepusculo... a quem, santo Deus! Não já a mesma Joanninha de ha tres annos, não a mesma imagem que elle trazia, como a levára, no coração; mas uma gentil e airosa donzella, uma mulher feita e perfeita, e que nada perdêra, comtudo, da graça, do encanto, do suave e delicioso perfume da innocencia infantil em que a deixára!

Não esperava, não estava preparado para a impressão que recebeu, foi uma surpreza, um choque, um reviramento confuso de todas as suas idéas e sentimentos.

Qual fosse porêm a precisa e verdadeira impressão que recebeu, nem elle a si proprio o podéra explicar: era de um genero novo, unico, na historia de suas sensações: não a conhecia, estranhava-a e quasi que tinha medo de a analysar.

Seria annuncio d'amor?

Mas elle tinha amado, amado, muito e devéras... e cuidava amar ainda, e devia amar; por quanto ha sagrado e santo nos deveres do coração, era obrigado a amar ainda.

Oh obrigações d'amor, obrigações d'amor! se vós não sois, se vós já não sois senão obrigações!...

Não o pensava Carlos, não o cria elle assim: leal e sincero tinha entregue o seu coração á mulher que o amava, que tantas próvas lhe dera d'amor e devoção, que descançava em sua fé, que não existia senão para elle: mulher môça, bella, cheia de prendas e de encantos, mulher de um espirito, de uma educação superior, que atravessára, desprezando-as, turbas de adoradores nobres, ricos, poderosos, para descer até elle, para se entregar ao foragido, pobre, extrangeiro, desprezado.

Quem era essa mulher?

Aonde, como obtivera elle a posse d'essa joia, d'esse talisman com o qual se tinha por tam seguro para não vêr na graciosa prima senão? ..

Senão, o quê?

A innocente criança que alli deixára?

Mas não é verdade isso: outra era a impressão que Joanninha lhe fizera, fosse ella qual fosse.

O que era então?

E sobretudo, quem era ess'outra mulher que elle amava?

E amava-a elle ainda?

Amava.

E Joanninha?

Joanninha era... nem eu sei o que lhe era Joanninha .. o que lhe estava sendo n'aquelle momento.

O que lhe ella fôra, assás t'o tenho explicado, leitor amigo e benevolo: o que lhe ella será... Pódes tu, leitor, candido e sincero, —aos hypocritas não falo eu—pódes tu dizer me o que hade ser ámanhan no teu coração a mulher que hoje sómente achas bella, ou gentil, ou interessante?

Pódes responder-me da parte que tomará ámanhan na tua existencia a imagem da donzella que hoje contemplas apenas com olhos

de artista, e lhe estás notando, como em quadro gracioso, os finos contornos, a pureza das linhas, a expressão verdadeira e animada?

E quando vier, se vier, esse fatal dia de ámanhan, responder-me-has tambem da parte que ficará tendo em tua alma ess'outra imagem que lá estava d'antes e que, ao reflexo d'esta agora, d'aqui observo que vae empallidecendo, descorando... já lhe não vejo senão os lineamentos vagos... já é uma sombra do que foi... Ai! o que será ella ámanhan!

Leitor amigo e benevolo, caro leitor meu indulgente, não accuses, não julgues á pressa o meu pobre Carlos; e lembra-te d'aquella pedra que o Filho de Deus mandou levantar á primeira mão que se achasse innocente... A adultera foi-se em paz, e ninguem a apedrejou.

Pois é verdade; Carlos tinha amado, amado muito, e amava ainda a mulher a quem promettêra, a quem estava resolvido a guardar fé. E essa mulher era bella, nobre, rica, admirada, occupava uma alta posição no mundo... e tudo lhe sacrificára a elle exilado, desconhecido.

E Carlos estava seguro que nenhuma mulher o havia de amar como ella; que os longos e ondados anneis de loiro cendrado, que os languidos olhos de gazella, que o ár magestoso e altivo, que a tez d'uma alvura celeste, que o espirito, o talento, a delicadeza de Georgina... Chamava-se Georgina; e é tudo quanto por agora póde dizer-vos, ó curiosas leitoras, o discreto historiador d'este mui veridico successo; não lhe pergunteis mais, por quem sois. Carlos estava seguro, dizia eu, que todas essas perfeições, que o seu amor, sem limites, que a sua confiança sem reserva, não podiam ter rival, nem a haviam de ter.

Mas aquelle beijo, aquelle abraço de Joanninha... oh! que lhe tinha elle feito? Como o sentira elle? Como lhe guardára o seu talisman o coração e a alma?

Não. Carlos estava certo de si, certo do seu antigo amor, lembrado de quanto lhe devia: e n'isso reflectiu toda aquella noite que se fôra em claro.

A imagem de Joanninha lá apparecia, de vez em quando, como um raio de luz transiente e magica, no meio d'ess'outras visões do passado que a reflexão lhe acordava. Ai! essas era a reflexão que as acordava... aquella vinha espontanea; era repellida, e tornava, e tornava ..

Ha sua notavel differença n'estes dois modos de acudir ao pensamento.

A manhã veiu emfim: Carlos respirou o ár puro e vivo da madrugada, sentiu-se outro.

Quando chegou a carta de Joanninha leu a e reflectiu n'ella sem sobresalto. Certo e seguro de si, resolveu ir ao prazo dado para a tarde.

CAPITULO XXIII

Continúa a acudir muita coisa vaga e encontrada ao pensamento de Carlos — Dansa de fadas e duendes. — Frei Diniz o fado-máo da familia. — Veremos, é a grande resolução nas grandes difficuldades. — Carlos poeta romantico. — Olhos verdes. — Desafio a todos os poetas *moyen-age* do nosso tempo.

Não ha nada como tomar uma resolução.

Mas hade tomar-se e executar-se: aliás, se o caso é difficil e complicado, pouco a pouco as duvidas solvidas começam a enliar-se outra vez, a enredar-se... a surgir outras novas, a apresentarem-se faces ainda não vistas da questão... emfim, seu intervallo é largo, quando a resolução tomada chega a executar-se a maior das vezes, já não é por fôrça de razão e convicção que se faz, mas por capricho, ponto d'honra, teima.

Carlos tinha resolvido ir ao prazo dado no fim do dia. Mas o dia era longo, custou-lhe a passar. Todas as ponderações da noite lhe occorreram ao pensamento, todas as imagens que lhe tinham fluctuado no espirito se avivaram, se animaram, e lhe começaram a dansar n'alma aquella dansa de fadas e duendes que faz a delicia e os tormentos d'estes sonhadores acordados que andam pelo mundo e a quem a douta faculdade chama *nervosos*; em estylo de romance *sensiveis*, na phrase popular *malucos*.

Carlos era tudo isso: para que o heide eu negar?

Entre aquellas imagens que assim lhe bailavam no pensamento, vinha uma agora... talvez a que elle via mais distincta entre todas, a da avó que tanto amára, em cujo maternal coração elle bem sabia que tinha a primeira, a maior parte... da avó que tam carinhosa mãe lhe tinha sido! Pobre velhinha, hoje decrepita e cega... Cega, coitada? Como e por que cegaria ella?

Havia ahi mysterio, que Joanninha indicára, mas que não explicou.

Atraz da paciencia e humilhada figura d'aquella mulher de dores e desgraças, se erguia um vulto austero e duro, um homem armado da cabeça aos pés de ascetica insensibilidade, um homem que parecia o fado-máo d'aquella velha, de toda a sua familia... o cumplice e o verdugo de um grande crime... um sêr de mysterio e de terror.

Era Frei Diniz aquelle homem; homem que elle desejava, que elle cuidava detestar, mas por quem, no fundo d'alma, lhe chamava uma voz mystica e intima, uma voz que

VIAGENS NA MINHA TERRA —Joanninha! Sou eu, camaradas, sou eu! PAG. 205

lhe dizia: Assim será tudo, mas tu não pódes aborrecer esse homem.

Sim, mas sobre Frei Diniz pesava uma accusação tremenda, que o fizera, a elle Carlos, abandonar a casa de seus paes! Accusação horrivel que tambem comprehendia a póbre velha, aquella avó que o adorava, e que elle, ainda criminosa como a suppunha, não podia deixar de amar...

E d'estes medonhos segredos sabia Joanninha alguma coisa?

Esperava em Deus que não.

Desconfiaria alguma coisa? .. o quê?

E iria elle polluir o pensamento, desflorar os ouvidos, corromper os labios da innocente creança com o esclarecimento de taes horrores?

Havia de lhe falar na infamia dos seus? Havia de lhe explicar o motivo por que fugira da casa paterna?

Havia de?...

Não. Se Joanninha tivesse suspeitas, havia de destruil-as, antes; se ella soubesse alguma coisa, negar-lh'a.

Mentiria, juraria falso, se fosse preciso.

E não havia de ir vêr a avó, não havia de entrar na casa dos seus a consolar a infeliz que só vivia d'uma esperança, a de vêr o filho de sua filha?

Não, nunca... O limiar d'aquella porta, que elle julgava contaminado, infame, manchado de sangue e cuspido de opprobrios e deshonras, tinha-o passado sacudindo o pó de seus sapatos, promettendo a Deus e á sua honra de o não tornar a cruzar mais.

Mas que diria então elle a Joanninha? Como havia de explicar-lhe um proceder tam estranho, e apparentemente tam cruel, tam ingrato?

Por emquanto as impossibilidades materiaes da guerra serviriam de desculpa, depois o tempo daria conselho.

Verêmos! — é a grande resolução que se toma nas grandes difficuldades da vida, sempre que é possivel espaçál-as.

Carlos disse: *Veremos*!

Tomou todas as disposições para poder estar seguro e socegado no sitio onde ia encontrar a prima: e o resto do dia, ancioso mas contente, occupou-se de seus deveres militares, fatigou o corpo para descançar o espirito, em parte e por bastantes horas o conseguiu.

Mas um dia de abril é immenso, interminavel. E as ultimas horas pareciam as mais compridas. Nunca houve horas tamanhas! Carlos já não tinha que inventar para fazer: pôz-se a pensar.

Que remedio!

Pensou n'isto, pensou n'aquillo... uma ideia lhe vinha, outra se lhe ia. A imaginação, tanto tempo comprimida, tomava o freio nos dentes e corria á rédea sôlta pelo espaço...

Anneis dourados, tranças de ebano, faces de leite e rosas como de cherubins, outras pallidas, transparentes, diaphanas como de princezas encantadas, olhos pretos azues, verdes... os de Joanninha em fim... todas estas feições, confusas e indistinctas mas de estremada belleza todas, lhe passavam deante da vista, e todas o enfeitiçavam. O desgraçado... — por que não heide eu dizer a verdade? — o desgraçado era poeta.

Inda assim! não me esconjurem já o rapaz... Poeta, entendamo-nos: não é que fizesse versos: n'essa não cahiu elle nunca, mais tinha aquelle fino sentimento d'arte, aquelle sexto sentido do *bello*, do *ideal* que só têm certas organisações privilegiadas de que se fazem os poetas e os artistas.

Eis aqui um fragmento de suas aspirações poeticas. Vejam as amaveis leitoras que não têm metro, nem rima — nem razão... Mas emfim, versos não são:

«Olhos verdes!!...

«Joanninha tem os olhos verdes.

«Não se reflecte n'elles a pura luz do céo, como nos olhos azues.

«Nem o fogo e o fumo das paixões, como nos pretos.

«Mas o viço do prado, a frescura e animação do bosque, a fluctuação e transparencia do mar...

«Tudo está n'aquelles olhos verdes.

«Joanninha, por que tens tu os olhos verdes?

«Nos olhos azues de Georgina arde, em sereno e modesto brilho, a luz tranquilla de um amor provado, seguro, que deu quanto havia de dar, quanto tinha que dar.

«Os olhos azues de Georgina não dizem senão uma só phrase d'amor, sempre a mesma e sempre bella: *Amo-te, sou tua!*

«Nos olhos negros e inquietos de Soledade nunca li mais que estas palavras: *Ama-me, que és meu!*

«Os olhos de Joanninha são um livro immenso, escripto em caracteres moveis, cujas combinações infinitas excedem a minha comprehensão

«Que querem dizer os teus olhos, Joanninha?

«Que lingua falam elles?

«Oh! para que tens tu os olhos verdes, Joanninha?

«A assucena e o jasmim são brancos, a rosa vermelha, o alecrim azul...

«Roxa é a violeta, e o junquilho côr de ouro.

«Mas todas as côres da natureza vêm de uma só, o verde.

«No verde está a origem e o primeiro typo de toda a belleza.

«As outras côres são parte d'ella; no verde está o todo, a unidade da formosura creada.

«Os olhos do primeiro homem deviam ser verdes.

«O céo é azul...

«A noite é negra...

«A terra e o mar são verdes...

«A noite é negra mas bella, e os teus olhos, Soledade, eram negros e bellos como a noite.

«Nas trevas da noite luzem as estrellas que são tam lindas... mas no fim de uma longa noite quem não suspira pelo dia?

«E que se vão... oh que se vão emfim as estrellas!...

«Vem o dia... o céo é azul e formoso: mas a vista fatiga-se de olhar para elle.

«Oh! o céo é azul como os teus olhos, Georgina...

«Mas a terra é verde: e a vista repousa-se n'ella, e não se cansa na variedade infinita de seus matizes tam suaves.

«O mar é verde e fluctuante... Mas oh! esse é triste como a terra é alegre.

«A vida compõe-se de alegrias e tristezas...

«O verde é triste e alegre como as felicidades da vida!

Joanninha, Joanninha, por que tens tu os olhos verdes?...»

Já se vê que o nosso doutor de bivac, o soldado que lhe chamou *maluco* ao pensador de taes extravagancias, tinha razão e sabia o que dizia.

Infelizmente não se formulavam em palavras estes pensamentos poeticos tam sublimes. Por um processo milagroso de photographia mental, apenas se póde obter o fragmento que deixo transcripto.

Que honra e gloria para a eschola romantica se podessemos ter a collecção completa!

Fazia-se-lhe um prefacio incisivo, palpitante, *britante*...

Punha-se-lhe um titulo vaporoso, phosphorescente... por exemplo: — *Eccos surdos do coração* — ou — *Reflexos d'alma* — ou — *Hymnos invisiveis* — ou — *Pesadellos poeticos* — ou qualquer outro d'este genero, que se não soubesse bem o que era, nem tivesse senso commum.

E que viesse cá algum menestrel de frak e chapéo redondo, algum trovador renascença de collete á Joinville, luctar com o meu Carlos em pontos de romantismo vago, descabellado, vaporoso, e nebuloso!

Se algum d'elles era capaz de escrever com menos logica, — (com menos grammatica sim) e com mais triumphante desprezo das absurdas e escravisantes regras d'essa pateta d'essa eschola classica que não produziu nunca senão Homero e Virgilio, Sophocles e Horacio, Camões e o Tasso, Corneille e Racine, Pope e Molière, e mais algumas duzias de outros nomes tam obscuros como estes?

CAPITULO XXIV

Novo Genesis. — O Adam social muito differente do Adam natural. — Carlos sempre um por seus bons instinctos, sempre outro por suas más reflexões. — De como Joanninha recebeu o primo com os braços abertos, e do mais que entre elles se passou. — Dor meia dor, meio prazer.

Formou Deus o homem, e o pôz n'um paraizo de delicias; tornou a formál-o a sociedade, e o pôz n'um inferno de tolices.

O homem — não o homem que Deus fez, mas o homem que a sociedade tem contrafeito, apertando e forçando em seus moldes de ferro aquella pasta de limo que no paraiso terreal se afeiçoára á imagem da divindade — o homem assim aleijado como nós o conhecemos, é o animal mais absurdo, o mais disparatado e incongruente que habita na terra.

Rei nascido de todo o creado, perdeu a realeza: principe desherdado e proscripto, hoje vaga foragido no meio dos seus antigos estados; altivo ainda e soberbo com as recordações do passado, baixo, vil e miseravel pela desgraça do presente.

D'estas duas tam oppostas actuações constantes, que já per si sós o tornariam ridiculo, formou a sociedade, em sua van sabedoria, um systema chimerico, desarrasoado e impossivel, complicado de regras a qual mais desvairada, encontrado de repugnancias a qual mais opposta. E vasado este perfeito modêlo de sua arte pretenciosa, metteu dentro d'elle o homem, desfigurou-o, contorceu-o, fêl-o o tal ente absurdo e disparatado, doente, fraco, rachitico; collocou o no meio do Eden phantastico de sua creação, — verdadeiro inferno de tolices — e disse-lhe, invertendo com blasphêmo arremêdo as palavras de Deus creador:

«De nenhuma arvore da horta comendo comerás.

«Porém da arvore da sciencia do bem e do mal, d'ella só comerás se quizeres viver».

Indigestão de sciencia que não commutou seu máo estomago, presumpção e vaidade que d'ella se originaram — tal foi o resultado d'aquelle preceito a que o homem não desobedeceu como ao outro: tal é o seu estado habitual.

E quando as memorias da primeira existencia lhe fazem nascer o desejo de sahir d'esta outra, lhe influem alguma aspiração

de voltar á natureza e a Deus, a sociedade, armada de suas barras de ferro, vem sobre elle, e o prende, e o esmaga, e o contorce de novo, e o aperta no equleo doloroso de suas fórmas.

Ou hade morrer ou ficar monstruoso e aleijão.................................

....

....

Poucos filhos do Adam social tinham tantas reminiscencias da outra patria mais antiga, e tendiam tanto a approximar-se do primitivo typo que sahira das mãos do Eterno, forcejavam tanto por sacudir de si o pesado apêrto das constricções sociaes, e regenerar-se na santa liberdade da natureza, como era o nosso Carlos.

Mas o melhor e o mais generoso dos homens segundo a sociedade, é ainda mais fraco, falso e acanhado.

Demais, cada tentativa nobre, cada aspiração elevada de sua alma lhe tinha custado duros castigos, severas e injustas condemnações d'esse grande juiz hypocrita, mentiroso e venal... o mundo.

Carlos estava quasi como os mais homens... ainda era bom e verdadeiro no primeiro impulso de sua natureza excepcional; mas a reflexão descia-o á vulgaridade da fraqueza, da hypocrisia, da mentira commum.

Dos melhores era, mas era homem.

Os seus pensamentos, as suas considerações em toda aquella noite, em todo o dia que a seguira, na hora mesmo em que ia encontrar-se com o objecto que mais lhe prendia agora o espirito, senão é que tambem o coração, todas participavam d'aquella fluctuação inquieta e doentia de seu sêr d'homem social, em quem o tibio reflexo do homem natural apenas relampejava por acaso.

Dúvida, incerteza, vaidade, mentira, deslocavam e annullavam a bella organisação d'aquella alma.

Assim chegou ao pé de Joanninha que o esperava de braços abertos, que o apertou n'elles, que o beijou sem nenhum falso recato de maliciosa modestia, e com o riso da alegria no coração e na bôcca lhe disse...

— Ora pois, meu Carlos, sentemo-nos aqui bem juntos ao pé um do outro e conversemos, que temos muito que falar. Dá cá a tua mão. Aqui na minha... Está fria a tua mão hoje! E hontem tão quente estava!... Oh! agora vae aquecendo... tanto, tanto... é demais! terás tu febre?

— Não tenho.

— Não tens, não: a cara é de saude. E como tu estás forte, grande, um homem como eu sempre imaginei que um homem devia ser, como sempre te via nos meus sonhos!... Que é estranho isto, Carlos: quando sonhava comtigo, não te via como tu d'aqui foste, magro, triste e doente; via-te como vens agora, forte, são, alegre... Mas tu não estás alegre hoje, como hontem; não estás... Que tens tu?

— Nada, querida Joanninha, não tenho nada. Pensava...

— Em que pensas tu? dize me.

— Pensava na differença dos nossos sonhos: que eu tambem sonhava comtigo.

— Sonhavas, Carlos! E como sonhavas tu? como me vias nos teus sonhos?

— Tudo pelo contrario do que tu. Via-te aquella Joanninha pequena, desinquieta, travêssa, correndo por essas terras, saltando essas vallas, trepando a essas arvores... aquella Joanninha com quem eu andava ao collo, que trazia ás cavalleiras, que me fazia ser tam doido e tam criança como ella, apezar de eu ter quinze annos mais. Via-te alegre, cantando...

— Sonhos de homem! Creiam n'elles! Eu que nunca mais ri nem brinquei desde o dia que tu partiste... E oh que dia, Carlos!... E os que vieram depois! Não houve nunca mais um só dia de alegria n'esta casa. Oh! deixa-me te dizer: Frei Diniz .. Sabes que não gosto d'elle?

— Não gostas?

— Nada: tenho-lhe aversão. E Deus me perdôe! parece-me que é injusta a minha antipathia.

— Por quê?

— Porque elle é teu amigo devéras. Um pae, Carlos, um pae não tem maior ternura e desvellos por seu filho, do que elle tem por ti.

— Deus lhe perdôe!

— Deus lhe perdôe a quem... e que lhe hade perdoar? O amor que te tem?

— Não, mas..

— Bem sei o que queres dizer: e tens razão.

— Tenho razão!

— Tens: o que elle bem precisa que Deus lhe perdôe é um grande peccado.

— Que dizes tu, Joanna! E como sabes?

— Sei, sei tudo.

— Tu!

— Eu. Sei que foi elle quem fez cegar minha avó... a nossa boa, a nossa santa avó, Carlos!... quem a cegou á fôrça de lagrimas que lhe fez chorar áquelles pobres olhos que, de puro cansados, se apagaram para sempre... Minha rica avó! — E por quê, meu Deus, por quê!

— Por quê?

— Por amor de ti, por escrupulos que lhe metteu na cabeça de tu seres máo christão, inimigo de Deus, que te não podias salvar... tu meu Carlos! Vê que cegueira a do triste frade.

— Bem triste!

— Mas olha que o diz de boa fé, e pelo muito amor que te tem... que é um amor que eu não entendo: e o mesmo é com minha avó, que treme deante d'elle. E mais elle estimava, estou certa que dava a vida por ella... e por vós todos... por mim não tanto; mas por ti e por ella dava decerto. Mas o seu amor é dos que ralam, que apoquentam... quasi que estou em dizer que matam.

— Matam, matam.

— Nossa avó é elle que a mata decerto. Sempre a metter-lhe medos, sempre escrupulos! O seu Deus d'elle é um Deus de terrores, de vinganças, de castigos, e sem nenhuma misericordia. Oh! que homem! para elle tudo é peccado, maldade... Não o posso vêr.

Carlos respirava como desopprimido de um grande pêso, ouvindo as explicações da prima, que bem claro lhe mostravam a sua perfeita ignorancia dos fataes segredos da familia

— E comtigo, disse elle já n'outra voz mais desaffogada, comtigo, Joanninha, como se avêm elle, como te trata?

— Commigo não se mette, e rara vez me fala. Mas oh, se elle soubesse que estava aqui comtigo, santo Deus! o que ouviria a pobre da minha avó! Inda bem que hoje não é sexta-feira, se não não vinha eu cá.

— Porquê? Ainda vem todas as sextas feiras?!

— Sempre o mesmo. Amanhã cá o temos por peccado, que é sexta-feira.

— Não te vêjo então ámanhã aqui?

— Não decerto aqui. Mas vamos, que a isso é que eu venho cá hoje, para te falar n'isso... e para te vêr, para falar comtigo, para estar com o meu Carlos... e ao mesmo tempo tambem para ajustarmos como isto hade ser. Quando hasde ir tu vêr a avó?... a nossa mãe; que ella é nossa mãe, Carlos, não conhecêmos nunca outra, nem eu nem tu. Quando lhe heide eu dizer que estás aqui? A pobre velhinha está tam doente! Ha quinze dias que se não levanta da cama.

— Coitada da minha pobre mãe!... Oh se não fosse!... Deixa estar, Joanninha; um dia será. Por agora não pode ser: bem vês. Como heide eu atravessar as sentinellas dos realistas, ir a um pôsto inimigo? A minha vida... isso pouco importa, mas a minha honra ficava em perigo: por todos os modos a perdia, e talvez...

—Não senhor, Sr. Carlos, essa desculpa não basta. Vae n'um anno que aqui temos a guerra á porta de casa, e já sabemos como isso é, como as coisas se fazem. O commandante do nosso posto é um homem de bem, um cavalheiro perfeito. Em lhe eu dizendo quem tu és e a que cá vens... elle sabe o estado da minha avó, e tem-lhe muita amisade, dános decerto licença para tu vires em toda a segurança. Pensas que elle não sabe que estou comtigo aqui? Pois disse-lh'o eu; só lhe não expliquei quem tu eras; disse-lhe que eras um parente nosso que nos trazia noticias de outros e que precisava falar-te. Não pôz difficuldade alguma; é uma pessoa excellente, bom, bom devéras.

— E môço o teu commandante?

— Moço elle? coitado! Tem bons cincoenta annos, e creio que outros tantos filhos. Mas porque perguntas tu isso? E arqueaste as sobrancelhas com aquelle teu ár de antes quando te zangavas! Por que foi isso, Carlos?

— Nada, criança, foi uma pergunta á toa.

— Pois será; mas não me franzas nunca mais a testa assim, que te pareces todo... é que nunca te vi tal parecença...

— Com quem?

— Com Frei Diniz.

— Eu com elle!

— Tal e qual quando fazes essa cara. Olha: ahi estás tu na mesma. Vamos! ria-se e esteja contente se se quer parecer commigo, que todos dizem que nos parecemos tanto.

— Querida innocente!

E beijou-lhe a mão que tinha apertada na sua, beijou lh'a uma e muitas vezes com um sentimento de ternura misturada de não sei que vaga compaixão, vindo de lá de dentro d'alma com não sei que dor, meia dor meia prazer, que entre ambos se communicou e a ambos humedeceu os olhos.

CAPITULO XXV

O excesso de felicidade que aterra e confunde tambem—Pasmosa contradicção da nossa natureza.—De como os olhos verdes de Joanninha se enturvaram e perderam todo o brilho — Que o coração da mulher que ama, sempre adivinha certo.

Carlos tinha a mão de Joanninha apertada na sua; e os olhos humidos de lagrimas cravados nos olhos d'ella, de cujo verde transparente e diaphano sahiam raios de ineffavel ternura.

Dizer tudo o que elle sentia é impossivel: tam encontrados lhe andavam os pensamentos, em tam confuso tumulto se lhe alvorotavam todos os sentidos.

Por muito tempo não proferiram palavra, nem um nem outro: mas falaram assim longos discursos.

Emfim, Joanninha voltou á sua primeira insistencia e disse para o primo:

— Olha, Carlos, ámanhã é sexta-feira. Já te disse, vem Frei Diniz: quando haja a menor difficuldade do commandante, a elle não lhe recusa nada...

— Por quanto ha no céo, Joanninha, pela tua vida, pela de nossa avó, nem uma palavra ao frade da minha estada aqui! A elle, oh! a elle jurei eu não tornar a vêr. E se minha avó...

— Basta: não lhe direi nada. Mas á nossa avó quando lh'o heide dizer, e quando hasde tu ir vel-a?

— Por ora não: preciso licença de Lisboa, ou do quartel general quando menos, para fazer uma coisa que todas as leis da guerra prohibem, que nas actuaes circumstancias e em similhante guerra ainda é mais defeza. E sem isso — tu bem sabes que as minhas resoluções não se mudam — sem isso não o faço. Em todo o caso, que Frei Diniz nem sonhe!...

— E quanto tempo, quantos dias se hão de passar?

— Eu sei? oito, quinze dias talvez, talvez mais.

—E a minha pobre avó, coitadinha! a morrer de saudades...

— Consola-a tu, Joanninha: dize-lhe que tiveste novas minhas, que estou bom, que me não falta nada, que tenho esperança de vos vêr muito cedo.

— E eu... eu posso, eu heide vêr-te todos os dias: não, Carlos?

— A'manhã é sexta-feira...

— A'manhã é o dia negro... nem eu queria: ámanhã não pode ser, bem sei. Mas, tirado ámanhã, meu Carlos, oh! todos os dias!

— Sim, querido anjo, sim.

— Promettes?

— Juro-t'o.

— Succeda o que succeder?

— Succeda o que... Só ha uma cousa que... Mas essa não... não é possivel.

— O que é, Carlos? que póde haver, que póde succeder que te impeça de?

Carlos estremeceu... hesitou, córou, fez-se pallido... quiz dizer-lhe a verdade e não ousou...

Por quê... E que verdade era essa? Não a direi eu, já que elle a não disse: fiel e discreto historiador, imitarei a discrição do meu heroe.

Pois era discrição a d'elle?

Não... em verdade, era outra coisa.

Era um pensamento reservado?

Não.

Era tenção má, engano premeditado, era?...

Não, tambem não.

O que era pois?

Era a dúvida, era a fraqueza, era a vaidade, a mentira congenial e obrigada, a necessaria falsidade do homem social.

Carlos mentiu e disse:

— Só se m'o prohibirem expressamente... os meus chefes.

Mas não era isso o que elle receiava; não era esse aquelle motivo unico e superior que elle temia podesse vir um dia de repente cortar as doces relações de convivencia a que tam prestes se habituára, que já lhe pareciam parte necessaria, indispensavel da sua vida. Não era, não; e Carlos tinha mentido...

Joanninha olhou para elle fixa... Carlos córou de novo. Ella fez-se pallida... d'ahi córou tambem.

— Carlos, tu não és capaz de mentir...

— Joanninha!

— Tu és o meu Carlos... tu queres-me como me querias d'antes...

— Sou... oh! sou. E amo-te...

— Como d'antes?

— Mais.

— Pois olha, Carlos: eu nunca amei, nunca heide amar a nenhum homem senão a ti.

— Joanna!

— Carlos!

Iam a cahir nos braços um do outro... A singela confissão da innocencia ia ser acceita por quem, e como, santo Deus! Aquella palavra de oiro, aquella doce palavra que tanto custa a pronunciar á mulher menos arteira; que adivinhada, sabida, ouvida ha muito pelo coração, dita mil vezes com os olhos, nenhum homem descansa nem se tem por feliz, por certo de sua felicidade emquanto a não ouve proferir pelos labios — essa palavra celeste que explica o passado, que responde do futuro, que é a ultima e irrevocavel sentença de um longo pleito de anciedades, de incertezas e de sustos — essa final e fatal palavra *Amo-te*, Joanninha a pronunciára tam naturalmente, tam sincera, tam sem difficuldades nem hesitações, como se aquelle fosse — e era decerto — como se aquelle tivesse sido sempre o pensamento unico, a idea constante e habitual de sua vida.

O excesso da felicidade aterra e confunde tambem. Um momento antes, Carlos dera a sua vida por ouvir aquella palavra... um momento depois - oh pasmosa contradicção de nossa duplice natureza! um momento depois dera a vida pela não ter ouvido. No primeiro instante ia lançar-se nos braços da innocente que lh'os abria n'um santo extasi do mais apaixonado amor; no segundo, tremeu e teve horror da sua felicidade.

— Joanna, exclamou elle, Joanna querida, sabes tu se eu mereço... sabes tu se deves?...

— Sei. Desde que me entendo, não pensei n'outra coisa; desde que d'aqui foste, come-

cei a entender o que pensava... disse-o a minha avó, e ella...

—E ella?...

—Ella abençôou-me, chamou-me a sua querida filha, abraçou-me, beijou-me, e disse-me que aquella era a primeira hora de felicidade e de alegria que ha muitos annos tinha tido.

Carlos não respondeu nada e olhou para Joanninha com uma indizivel expressão de affecto e de tristeza. Os raios de alegria que resplandeciam n'aquelle semblante — agora bello de toda a belleza com que um verdadeiro amor illumina as mais desgraciosas feições—os raios d'essa alegria começaram a amortecer, a apagar-se. A lucida transparencia d'aquelles olhos verdes turvou-se: nem a clara luz da agua-marinha, nem o brilho fundo da esmeralda resplandecia já n'elles: tinham o lustro baço e morto, o polido mate e silicioso de uma d'essas pedras sem agua nem brilho que a arte antiga engastava nos collares de suas estátuas.

—Adeus, Joanna! disse, Carlos perturbado e confuso.

—Adeus, Carlos, respondeu ella machinalmente.

—Até depois de ámanhã, Joanna.

—Pois sim.

—Depois de ámanhã te direi...

—Não digas.

—Por quê?

—Porque é escusado: já sei tudo.

—Sabes!

—Sei.

—O quê?

—O que tu não tens ânimo para me dizer, Carlos; mas que o meu coração adivinhou. Tu não me amas, Carlos.

—Não te amo! eu! .. Santo Deus! eu não a amo...

—Não. Tu amas outra mulher.

—Eu! Joanna, oh! se tu soubesses...

—Sei tudo.

—Não sabes.

—Sei: amas outra mulher, outra mulher que te ama, que tu não pódes, que tu não deves abandonar, e que eu...

—Tu?

—Eu sei que é bella, prendada, cheia de graças e de encantos, porque... porque tu, meu Carlos, porque o teu amor não era para se dar por menos.

—Joanna, Joanninha!

—Não digas nada, não me digas nada hoje... hoje sobretudo, não me digas nada. Amanhã...

—Amanhã é sexta-feira.

—Inda bem! terei mais tempo para reflectir, para considerar antes de tornar a vêr-te. Adeus, Carlos!

—Uma palavra só, Joanna. Cuidas que sou capaz de te enganar!

—Não; estou certa que não.

—Até ámanhã... até depois de ámanhã.

—Adeus!

Abraçaram-se, e d'esta vez froixamente; beijaram-se de um osculo timido e recatado... os beiços de ambos estavam frios, as mãos trémulas; e o coração comprimido batia-lhes forte que se ouvia.

Retirou-se cada um por seu lado. A noite estava pura e serena como na vespera, as estrellas luziam no céo azul com o mesmo brilho; o silencio, a magestade, a belleza toda da natureza era a mesma... só elles eram outros... outros, tam outros e differentes do que foram!

Tinham-se dado cuidadosamente as providencias; ambos chegaram, sem nenhum accidente, ao seu destino.

CAPITULO XXVI

Modo de lêr os auctores antigos, e os modernos tambem. — Horacio na sacra-via. — Duarte Nunes iconoclasta da nossa historia. — A policia e os barcos de vapor. — Os vandalos do feliz systema que nos rege.— Shakespeare lido em Inglaterra a um bom fogo, com um copo de «oldsack» sobre a banca.— Sir John Falstaff se foi maior homem que Sancho Pansa?— Grande e importante descoberta archeologica sôbre San'Thiago, San'Jorge e sir John Falstaff—Próva-se a vinda d'este ultimo a Portugal. — O enthusiasta britannico no tumulo de Heloisa e Abeilard no Père-la-Chaise. — Bentham e Camões. — Chega o auctor á sua janella, e pasmosa «miragem» poetica produzida por umas oitavas dos *Lusiadas*. — De como emfim proseguem estas viagens para Santarem, e que feito será de Joanninha.

Se eu for algum dia a Roma, hei de entrar na Cidade eterna com o meu Tito-Livio e o meu Tacito nas algibeiras do meu paletó de viagem. Alli, sentado n'aquellas ruinas immortaes, sei que heide entender melhor a sua historia, que o texto dos grandes escriptores se me hade illustrar com os monumentos d'arte que os viram escrever, e que uns recordam, outros presenciaram os feitos memoraveis, o progresso e a decadencia d'aquella civilisação pasmosa.

—E Juvenal e Horacio? o meu Horacio, o meu velho e fiel amigo Horacio!... Deve ser um prazer regio ir lendo pela sacra-via fóra aquella deliciosa Satira, creio que a nona do Livro I,

> Iban forte sacra via, sicut meus et mos,
> Nescio quid meditans nugarum. .

Deve ser maior prazer ainda, muito maior do que beijar o pé ao papa. Parece-me a mim, mas como eu nunca fui a Roma...

À noite com os pés no *fender*...

PAG. 219

E não é preciso. Pegue qualquer na bella *Chronica d'el-rei D. Fernando*, a que Duarte Nunes menos estragou...

O Duarte Nunes foi um reformador iconoclasta das nossas chronicas antigas, truncou todas as imagens, raspou toda a poesia d'aquellas venerandas e deliciosas *Sagas* portuguezas... Em ponto historico pouco mais eram do que *Sagas*, verdade seja, mas como taes lindas. E o Duarte Nunes, que era um pobre grammaticão sem gôsto nem graça, foi-se ás filagranas e arrendados de finissimo lavor gothico d'aquelles monumentos, quebrou-lh'os; ficaram só os traços historicos que eram muito pouca e muito incerta coisa; e cuidou que tinha arranjado uma historia, tendo apenas destruido um poema. Ficámos sem *Niebelungen*, podendo o ter, e não obtivemos historia porque se não podia obter assim.

Pois digo: pegue qualquer na bella *Chronica d'el-rei D. Fernando*, obedeça á lei concorrendo com o seu cruzado-novo para o augmento e gloria da benemerita companhia que tem o exclusivo d'esses caranguejos de vapor que andam e desandam no rio, entre n'um dos referidos caranguejos, em que, além da porcaria e máo cheiro, não ha perigo nenhum senão o de rebentar toda aquella camara-optica que anda por arames, e que em qualquer paiz civilisado onde a policia fizesse alguma coisa mais do que imaginar conspirações, ha muito estaria condemnada a ir alli caranguejar para as Lamas á sua vontade. Mas emfim cá não ha d'outros nem haverá tam cedo, graças ao muito que agora, diz que, se cuida nos interesses materiaes do paiz: e portanto tome o seu logar, passe o mesmo que eu passei: chegue-me a Santarem, descance e ponha-se-me a lêr a *Chronica:* verá se não é outra coisa, verá se deante d'aquellas preciosas reliquias, ainda mutiladas, deformadas como ellas estão por tantos e tão successivos barbaros, estragadas emfim pelos peiores e mais vandalos de todos os vandalos, as auctoridades administrativas e municipaes do feliz systema que nos rege, ainda assim mesmo não vê erguer-se deante de seus olhos os homens, as scenas dos tempos que foram: se não ouve falar as pedras, bradar as inscripções, levantar-se as estátuas dos tumulos: e reviver-lhe a pintura toda, reverdecer-lhe toda a poesia d'aquellas edades maravilhosas!

Tenho-o experimentado muitas vezes: é infallivel. Nunca tinha entendido Shakespeare em quanto o não li em Warwick ao pé do Avon, debaixo de um carvalho secular, á luz d'aquelle sol baço e branco do nublado céo d'Albion... ou á noite com os pés no *fender*, a chaleira a ferver no fogão, e sobre a banca o crystal antigo de um bom cópo lapidado a luzir-me alambreado com os doces e perfumados resplendores do *old sack;* em quanto o fogão e os ponderosos castiçaes de cobre brunido projectam no antigo tecto almofadado, nos pardos compartimentos de carvalho que forram o aposento, aquellas fortes sombras vacillantes de que as velhas fazem visões e almas-do-outro mundo, de que os poetas - poetas como Shakespeare - fazem sombras de *Banquo*, bruxas de *Machbeth*, e até a rotunda pansa e o arrastante espadagão do meu particular amigo Sir John Falstaff, o inventor das legitimas consequencias, o fundador da grande escola dos restauradores caturras, dos poltrões pugnazes que salvam a patria de parolla e que ninguem os atura em tendo as costas quentes.

Oh Falstaff, Falstaff! eu não sei se tu és maior homem que Sancho Pansa. Creio que não. Mas maior pansa tens, mais capacidade na pansa tens. Quando nossos avós renegaram de San'Thiago por castelhano perro, e invocaram a San'Jorge, tu vieste, ó Falstaff, em sua comitiva de Inglaterra e aqui tomaste assento, aqui ficaste, e foste o patriarcha d'essa immensa progenie de Falstaffs que por ahi anda.

Este importante ponto da nossa historia, da demissão de San'Thiago e da vinda de San'Jorge de Inglaterra com Sir John Falstaff por seu *homem de ferro* — esta grande descoberta archeologica que tanta coisa moderna explica, como a fiz eu? Indo aos sitios mesmos, estudando alli os antigos exemplares: que é a minha doutrina.

Em tudo, para tudo é assim. Chegou um dia um inglez a Paris: um inglez legitimo e *cru*, virgem de toda a corrupção continental; calça de ganga, sapato grosso, cabello de cenoira, chapéo filado na cova-do-ladrão. Era enthusiasta de Heloisa e Abeilard, foi-se ao Père-la-Chaise, chegou ao tumulo dos dois amantes, tirou um livrinho da algibeira, pôz-se a lêr, aquellas Cartas do Paracleto que têm endoidecido muito menos excentricas cabeças que a do meu inglez puro-sangue. Não é nada; excitou-se a tal ponto que entrou a correr como um perdido, bradando por um conego da sé que lhe acudisse, que se queria identificar com o seu modêlo, purificar a sua paixão, ser emfim um completo — ou um incompleto Abeillard.

Eu não sou susceptivel de tamanho enthusiasmo, sôbretudo desde que foi a minha demissão de poeta e cahi na prosa. Mas aqui tem o que me succedeu o outro dia. Tinha estado ás voltas com o meu Bentham, que é um grande homem por fim de contas o tal quaker, e são grandes livros os que elle escreveu: cançou-me a cabeça, peguei no Camões e fui para a janella. As minhas janel-

las agora são as primeiras janellas de Lisboa, dão em cheio por todo esse Tejo. Era uma d'essas brilhantes manhans de inverno, como as não ha senão em Lisboa. Abri os *Lusiadas* á ventura, deparei com o canto IV e puz-me a lêr aquellas bellissimas estancias

E já no Porto da inclyta Ulyssea...

Pouco a pouco amotinou-se-me o sangue, senti baterem me as arterias da fronte... as lettras fugiam-me do livro, levantei os olhos, dei com elles na pobre náo Vasco da Gama que ahi está em monumento-caricatura da nossa gloria naval... E eu não vi nada d'isso, vi o Tejo, vi a bandeira portugueza fluctuando com a brisa da manhan, a torre de Belem ao longe... e sonhei, sonhei que era portuguez, que Portugal era outra vez Portugal.

Tal força deu o prestigio da scena ás imagens que aquelles versos evocavam!

Senão quando, a náo que salva a uns escaleres que chegam... Era o ministro da marinha que ia a bórdo.

Fechei o livro, accendi o meu charuto, e fui tratar das minhas camelias.

Andei tres dias com odio á lettra redonda.

Mas de tudo isto o que se tira, a que vem tudo isto para as minhas viagens ou para o episodio do valle de Santarem, em que ha tantos capitulos nos temos demorado?

Vem e vem muito: vem para mostrar que a historia, lida ou contada nos proprios sitios em que se passou, tem outra graça e outra força; vem para te eu dar o motivo porque n'estas minhas viagens, leitor amigo, me fiquei parado n'aquelle valle a ouvir do meu companheiro de jornada, e a escrever para teu aproveitamento, a interessante historia da Menina dos rouxinoes, da menina dos olhos verdes, da nossa boa Joanninha.

Sim, aqui tenho estado estendido no chão, as mulinhas pastando na relva, os arrieiros fumando tranquillamente sentados, e as ultimas horas de uma longa e calmosa tarde de julho a cahir e a refrescar com a aragem percursora da noite.

Mas basta de valle, que é tarde. Oh lá! venham as mulinhas e montemos. Picar para Santarem, que no inclyto alcaçar d'el-rei D. Affonso-Henriques nos espera um bom jantar de amigo—e não só a *vacca e riso* de Fr. Bartholomeu dos Martyres, mas um verdadeiro jantar de amigo, muito menos austero e muito mais risonho.

—Porquê? já se acabou a historia de Carlos e de Joanninha? diz talvez a amavel leitora.

—Não, minha senhora, responde o auctor mui lisongeado da pergunta: não, minha senhora, a historia não acabou, quasi se póde dizer que ainda ella agora começa; mas houve mutação de scena. Vamos a Santarem, que lá se passa o segundo acto.

CAPITULO XXVII

Chegada a Santarem. — Olivaes de Santarem. — Fóra-de-Villa. — Symetria que não é para os olhos. —Modo de medir os versos da Biblia.—Architectura pedante do seculo XVII. — Entrada na Alcaçova.

Eram as últimas horas do dia quando chegámos ao principio da calçada que leva ao alto de Santarem. A pouca frequencia do povo, as hortas e pomares mal cultivados, as casas de campo arruinadas, tudo indicava as vizinhanças de uma grande povoação descahida e desamparada. O mais bello comtudo de seus ornatos e glórias suburbanas, ainda o possue a nobre villa, não lh'o destruiram de todo: são os seus olivaes. Os olivaes de Santarem, cuja riqueza e formosura proverbial é uma das nossas crenças populares mais geraes e mais queridas!... os olivaes de Santarem lá estão ainda. Reconheceu-os o meu coração e alegrou-se de os vêr; saudei n'elles o symbolo patriarchal da nossa antiga existencia. N'aquelles troncos velhos e coroados de verdura, figurou-se-me vêr, como nas selvas encantadas do Tasso, as venerandas imagens de nossos passados; e no murmurio das folhas que o vento agitava a espaços, ouvir o triste suspirar de seus lamentos pela vergonhosa degeneração dos netos...

Estragado como os outros, profanado como todos, o olival de Santarem é ainda um monumento.

Os povos do meio-dia, infelizmente, não professam com o mesmo respeito e austeridade aquella religião dos bosques, tam sagradas para as nações do norte. Os olivaes de Santarem são excepção: ha muito pouco entre nós o culto das árvores.

Subimos, a bom trotar das mulinhas, a empinada ladeira—eu alvoroçado e impaciente por me achar face a face com aquella profusão de monumentos e de ruinas que a imaginação me tinha figurado e que ora temia, ora desejava comparar com a realidade.

Chegámos emfim ao alto; a magestosa entrada da grande villa está deante de mim. Não me enganou a imaginação, grandiosa e magnifica scena!

Fóra-de-villa é um vasto largo, irregular e caprichoso como um poema romantico; ao primeiro aspecto, áquella hora tardia e de pouca luz, é de um effeito admiravel e sublime. Palacios, conventos, egrejas occupam gravemente e tristemente os seus antigos logares, enfileirados sem ordem aos lados d'a-

quella immensa praça, em que a vista dos olhos não acha symetria alguma; mas sente-se n'alma. E' como o rythmo e medição dos grandes versos biblicos que se não cadenceiam por pés nem por syllabas, mas cahem certos no espirito e na *audição interior* com uma regularidade admiravel.

E tudo deserto, tudo silencioso, mudo, morto! Cuida-se entrar na grande metropole de um povo extincto, de uma nação que foi poderosa e celebrada mas que desappareceu da face da terra e só deixou o monumento de suas construcções gigantescas.

A' esquerda o immenso convento do Sitio ou de Jesus, logo o das Donas, depois o de San' Domingos, celebre pelo jazigo do nosso Fausto portuguez — seja dito sem irreverencia, á memoria de San Frei Gil que, é verdade, veiu a ser grande santo, mas que primeiro foi grande bruxo. — Defronte o antiquissimo mosteiro das Claras, e ao pé as baixas arcadas gothicas de San' Francisco... de cujo ultimo guardião, o austero Frei Diniz, tanta coisa te contei, amigo leitor, e tantas mais tenho ainda para te contar! A' direita o grandioso edificio philippino, perfeito exemplar da massiça e pedante architectura reaccionaria do seculo dezesete, o Collegio, typo largo e bello no seu genero e quanto o seu genero póde ser, das construcções jesuiticas...

Não ha alma, não ha genio, não ha espirito n'aquellas massas pezadas, sem elegancia nem simplicidade; mas ha uma certa grandeza que impõe, uma solidez travada, uma symetria de calculo, umas proporções frias, mas bem assentadas e esquadriadas com methodo, que revelam o pensamento do seculo e do instituto que tanto o caracterisou.

Não são as fortes crenças da Meia-edade que se elevam no arco agudo da ogiva; não é a relaxação florida do seculo quinze e dezeseis que já vacilla entre o byzantino e o classico entre o mystico ideal do christianismo que arrefece e os symbolos materiaes do paganismo que acorda; não, aqui a *Renascença* triumphou e depois de triumphar, degenerou. E' a Inquisição são os Jesuitas, são os Philipes, é a reacção catholica edificando templos *para que* se creia e se ore, não *porque* se crê e se ora.

Até aqui o mosteiro e a cathedral, a ermida e o convento era a expressão da idéa popular, agora são a fórmula do pensamento governativo.

Alli estão — olhae para elles — defronte uns dos outros, os monumentos das duas religiões, o qual mais expressivo e loquaz, dizendo mais claro que os livros, que os escriptos, que as tradições, o pensamento das edades que os ergueram, e que alli os deixaram gravados sem saber o que faziam.

Mais em baixo, e no fundo d'esse declive, aquella massa negra é o resto ainda soberbo do já immenso palacio dos condes de Unhão.

Rodeámos o largo e fômos entrar em Marvilla pelo lado do norte. Estamos dentro dos muros da antiga Santarem. Tam magnifica é a entrada, tam mesquinho é agora tudo cá dentro, a maior parte d'estas casas velhas sem serem antigas, d'estas ruas moirescas sem nada de arabe, sem o menor vestigio de sua origem mais que a estreiteza e pouco aceio.

As egrejas quasi todas porém, as muralhas e os bastiões, algumas das portas, e poucas babitações particulares, conservam bastante da physionomia antiga e fazem esquecer a vulgaridade do resto.

Seguimos a triste e pobre rua Direita, centro do debil commercio que ainda aqui ha: poucas e mal providas logeas, quasi nenhum movimento. Cá está a curiosa torre das Cabaças, a velha egreja de San'João-de-Alpiarça. A'manhã iremos vêr tudo isso de nosso vagar. Agora vamos á Alcaçova!

Entrámos a porta da antiga cidadella. — Que espantosa e desgraciosa confusão de entulhos, de pedras, de montes de terra e caliça! Não ha ruas, não ha caminhos, é um labyrintho de ruinas feias e torpes. O nosso destino, a casa do nosso amigo é ao pé mesmo da famosa e historica egreja de Santa Maria de Alcáçova. — Hade custar a achar em tanta confusão.

CAPITULO XXVIII

Depois de muito procurar acha emfim o auctor a egreja de Santa-Maria d'Alcaçova. — Estylo da architectura nacional perdido. — O terremoto de 1755, o marquez de Pombal e o chafariz do Passeio-Publico de Lisboa. — O chefe do partido progressista portuguez no alcaçar de D. Affonso Henriques. — Deliciosa vista dos arredores de Santarem observada de uma janella da Alcaçova, de manhã — E' tomado o auctor de ideas vagas, poeticas, phantasticas como um sonho — Introducção do *Fausto*. — Difficuldade de traduzir os versos germanicos nos nossos dialectos romanos.

Depois de muito procurar entre pardieiros e entulhos, achámol-a emfim a egreja de Santa Maria d'Alcaçova. Achámos, não é exacto: ao medos eu, por mim, nunca a achava, nem queria acreditar que fosse ella quando m'a mostraram. A real collegiada de Affonso Henriqnes, a quasi-cathedral da primeira villa do reino, um dos principaes, dos mais antigos, dos mais historicos templos de Portugal, isto?... esse egrejorio insignifi-

cante de capuchos! mesquinha e ridicula massa de alvenaria, sem nenhuma architectura, sem nenhum gôsto! risco, execução e trabalho de um mestre pedreiro de aldeia e do seu aprendiz! E' impossivel.

Mas era, era essa. A antiga capella-real, a veneranda egreja da Alcaçova foi passando por successivos reparos e transformações até que chegou a esta miseria.

Perverteu-se por tal arte o gosto entre nós desde o meio do seculo passado especialmente, os estragos do terramoto grande, quebraram por tal modo o fio de todas as tradições da architectura nacional, que na Europa, no mundo todo talvez se não ache um paiz onde, a par de tam bellos monumentos antigos como os nossos, se encontrem tam villans, tam ridiculas e absurdas construcções públicas como essas quasi todas que ha um seculo se fazem em Portugal.

Nos reparos e reconstruções dos templos antigos é que este pessimo estylo, esta ausencia de todo o estylo, de toda a arte mais offende e escandalisa.

Olhem aquella empena classica posta de remate ao frontispicio todo renascença da Conceição-velha em Lisboa. Vejam a emplastagem de gesso com que estão mascarados os elegantes feixes de columnas gothicas da nossa sé.

Não se póde cahir mais baixo em architectura do que nós cahimos quando, depois que o marquez de Pombal nos *traduziu*, em vulgar e arrastada prosa, os *rococós* de Luiz XV, que no original, pelo menos, eram floridos, recortados, caprichosos e galantes como um madrigal, esse estylo bastardo, hybrido, degenerando progressivamente e tomando presumpções de classico, chegou nos nossos dias até ao chafariz do passeio-publico!

Mas deixar tudo isso, e deixar a egreja da Alcaçova tambem; entremos nos palacios de D. Affonso Henriques.

Aqui, pegado com o pardieiro rebocado da capella hão de ser. Por onde se entra?

Por esta portinha estreita e baixa, rasgada, bem se vê que ha poucos annos, no que parece muro de um quintal ou de um páteo.

E' com effeito aqui; apeêmo-nos.

Recebeu-nos com os braços abertos o nosso bom e sincero amigo, actual possuidor e habitante do regio alcaçar, o Sr. M. P. [1]

Notavel combinação do acaso! Que o illustre e venerando chefe do partido progressista em Portugal, que o homem de mais sinceras convicções democraticas e que mais sinceramente as combina com o respeito e adhesão ás formas monarchicas, esse homem, vindo do Minho, do berço da dynastia e da nação, viesse fixar aqui a sua residencia no alcaçar do nosso primeiro rei, conquistado pela sua espada n'um dos feitos mais insignes d'aquella éra de prodigios!

Entrámos na pequena horta em fórma de claustro que une a antiga casa dos reis com a sua capella. Assim foi sem duvida n'outro tempo: a parede oriental da egreja é o muro do quintal de um lado, mas as communicações foram vedadas provavelmente quando a corôa alienou o palacio e o separou assim perpetuamente do templo.

Plantada de larangeiras antigas, os muros forrados de limoeiros e parreiras, aquella pequena cêrca, apezar de muitos canteiros e alegretes de alvenaria com que está moirescamente entulhada, é amena e graciosa á vista.

Appresentou-nos o nosso amigo a sua mulher, senhora de porte gentil e grave: beijámos seus lindos filhos, e fomos fazer as abluções indispensaveis depois de tal jornada para nos podermos sentar á mesa.

O palacio de Affonso Henriques está como a sua capella; nem o mais leve, nem o mais apagado vestigio da antiga origem. Sabe-se que é alli pela bem confrontada e inquestionavel topographia dos logares, por mais nada...

E que me importam a mim agora as antiguidades, as ruinas e as demolições, quando eu sinto demolir-me cá por dentro por uma fome exasperada e destruidora, uma fome vandalica insaciavel!

Vamos a jantar.

Comêmos, conversámos, tomámos chá, tornámos a conversar e tornámos a comer. Vieram visitas, falou-se politica, falou-se litteratura, falou-se de Santarem sobretudo, das suas ruinas, da sua grandeza antiga, da sua desgraça presente. Emfim, fômo-nos deitar.

Nunca dormi tam regalado somno em minha vida. Acordei no outro dia ao repicar incessante e appressurado dos sinos da Alcaçova. Saltei da cama, fui á janella, e dei com o mais bello, o mais grandioso, e ao mesmo tempo, mais ameno quadro em que ainda puz os meus olhos.

No fundo de um largo valle aprazivel e sereno, está o socegado leito do Tejo, cuja areia ruiva e resplandecente apenas se cobre d'agua junto ás margens, d'onde se debruçam verdes e frescos ainda os salgueiros que as ornam e defendem. D'além do rio, com os pés no pingue nateiro d'aquellas terras alluviaes, os ricos olivedos d'Alpiarça e Almeirim; depois a villa de D. Manuel, e a sua charneca e as suas vinhas. D'aquem a immensa planicie dita do Rocio, semeada de casas, de aldeias, de hortas, de grupos de arvores sylvestres, de pomares. Mais para

[1] Manuel Passos. (*Da revisão.*)

a raiz do monte em cujo cimo estou, o picturesco bairro da Ribeira com as suas casas e as suas egrejas, tam graciosas vistas d'aqui, a sua cruz de Santa Iria e as memorias romanescas do seu Alfageme.

Com os olhos vagando por este quadro immenso e formosissimo, a imaginação tomava-me azas e fugia pelo vago infinito das regiões ideaes. Recordações de todos os tempos, pensamentos de todo o genero me affluiam ao espirito, e me tinham como n'um sonho em que as imagens mais discordantes e disparatadas se succedem umas ás outras.

Mas eram todas melancholicas, todas de saudade, nenhuma de esperança!...

Lembram-me aquelles versos de Gœthe, aquelles sublimes e inimitaveis versos da introducção do *Fausto*:

> Resurgi outra vez, vagas figuras,
> Vacillantes imagens que á turbada
> Vista accudieis d'antes. E heide agora
> Retêr-vos firme? Sinto eu ainda
> O coração propenso a illusões d'essas?
> E apertais tanto!... Pois embora! seja:
> Dominae, já que em nevoa e vapor leve
> Emtôrno a mim surgis. Sinto o meu seio
> Juvenilmente trépido agitar-se
> Co'a maga exhalação que vos circumda.
> Trazeis-me a imagem de ditosos dias,
> E d'ahi se ergue muita sombra amada:
> Como um velho cantar meio esquecido,
> Vêm os primeiros simplices amores
> E a amizade com elles. Reverdece
> A mágoa, lamentando o errado curso
> Dos labyrinthos da perdida vida;
> E me está nomeando os que trahidos
> Em horas bellas por falaz ventura
> Antes de mim na estrada se sumiram.
> ....
> ....

Não me atrevo a pôr aqui o resto da minha infeliz traducção: fiel é ella, mas não tem outro merito. Quem póde traduzir taes versos, quem de uma lingua tam vasta e livre hade passal-os para os nossos apertados e severos dialectos romanos? [1]

[1] Transcrevemos aqui o original allemão, para se avaliar o que fica dito no texto:

> Ihr naht euch wieder, schwankende Gestalten,
> Die fruh sich einst dem truben Blick gezeigt.
> Versuch ich wobl euch diesmal fest zu halten?
> Fuht' ich mein Herz noch jenem Wahn geneigt?
> Ihr drangt euch zu! nun gut, so mogt ihr walten,
> Wie ihr aus Dunst und Nebel um mich steigt;
> Mein Busen fuhlt sich jugendlich erschuttert
> Vom Zauberhauch, der eureu Zug umwittert.
> Ihr bringt mit euch die Bilder froher Tage,
> Und manche liebe Schatten steigen auf;
> Gleich einer halbverklungen Sage
> Commt erste Lieb 'und Freundichaft mit herauf'
> Der Schmerz wird neu, es wiederholt die klage
> Des lebens labyrintisch irren Lauf,
> Und nennt die Guten, die. um schone Stunden
> Vom Gluck getauscht, vor mir himveggeschwunden.

CAPITULO XXIX

Doçuras da vida.—Imaginação e sentimento.—Poetas que morreram moços e poetas que morreram velhos.—Como são escriptas estas viagens.—Livro de pedra. Criança que brinca com elle.—Ruinas e reparações.—Idéa fixa do A. em coisas de arte e litterarias.—Santa Iria ou Irene, e Santarem.—Romance de Santa Iria. Quantas santas ha em Portugal d'este nome?

Este sonhar acordado, este scismar poetico deante dos sublimes espectaculos da natureza, é dos prazeres grandes que Deus concedeu ás almas de certa têmpera. Doce é gosar assim... mas em que doçuras da vida não predomina sempre o acido poderoso que estimula! Tirae-lh'o, fica a insipidez; deixae-lh'o, ulcéra porfim os orgãos: o gôso é mais vivo, porque a acção do estimulo é mais sentida... mas a ulceração cresce, o coração está em carne-viva... agora o prazer é martyrio.

Infeliz do que chegou a esse estado!

Bemaventurado o que póde graduar, como Goethe, a dóse d'amphião que quer tomar, que poupa as sensações e a vida, e economisa as potencias de sua alma! N'esses porém é a imaginação que domina, não o sentimento. Byron, Schiller, Camões, o Tasso morreram moços; matou-os o coração, Homero e Goethe, Sophocles e Voltaire acabaram de velhos: sustinha-os a imaginação, que não despende vida porque não gasta sensibilidade.

Imaginar é sonhar, dorme e repousa a vida no entretanto; sentir é viver activamente, cansa-a e consomme-a.

Isto é o que eu pensava—porque não pensava em nada, divagava — emquanto aquelles versos do *Fausto* me estavam na memoria, e aquella saudosa vista do Tejo e das suas margens deante dos olhos.

Isto pensava, isto escrevo; isto tinha n'alma; isto vae no papel: que de outro modo não sei escrever.

Muito me pêsa, leitor amigo, se outra coisa esperavas das minhas VIAGENS, se te falto, sem o querer, a promessas que julgaste ver n'esse titulo, mas que eu não fiz decerto. Querias talvez que te contasse, marco a marco, as leguas da estrada? palmo a palmo, as alturas e larguras dos edificios? algarismo por algarismo, as datas da sua fundação? que te resumisse a historia de cada pedra, de cada ruina?

Vae-te ao padre Vasconcellos; e quanto ha de Santarem, peta e verdade, ahi o acharás em amplo folio e gorda lettra: eu não sei compôr d'esses livros, e quando soubesse, tenho mais que fazer.

Só tenho pena de uma coisa, é de ser tam desastrado com o lapis na mão; porque em dois traços d'elle te dizia muito mais e melhor do que em tanta palavra que porfim tam pouco diz e tam mal pinta.

Santarem é um livro de pedra em que a mais interessante e mais poetica parte das nossas chronicas está escripta. Rico de illuminuras, de recortados, de florões, de imagens, de arabescos e arrendados primorosos, o livro era o mais bello e o mais precioso de Portugal. Encadernado em esmalte de verde e prata pelo Tejo e por suas ribeiras, fechado a broches de bronze por suas fortes muralhas gothicas, o magnifico livro devia durar sempre em quanto a mão do Creador se não estendesse para apagar as memorias da creatura.

Mas esta Ninive não foi destruida, esta Pompeia não foi submergida por nenhuma catastrophe grandiosa. O povo de cuja hist ria ella é o livro, ainda existe; mas esse povo cahiu em infancia, deram-lhe o livro para brincar, rasgou-o, mutilou-o, arrancou-lhe folha a folha, e fez papagaios e bonecas, fez carapuços com ellas.

Não se descreve por outro modo o que esta gente chamada govêrno, chamada administração, está fazendo e deixando fazer ha mais de seculo em Santarem.

As ruinas do tempo são tristes mas bellas, as que as revoluções trazem, ficam marcadas com o cunho solemne da historia. Mas as brutas degradações e as mais brutas reparações da ignorancia, os mesquinhos concertos da arte parasita, esses profanam, tiram todo o prestigio.

Tal é a geral impressão que me faz esta terra. Almocemos, que já oiço chamar para isso, e iremos vêr depois se me enganei.

Ao almoço a conversação veiu naturalmente a cahir no seu objecto mais óbvio, Santarem. D. Affonso Henriques e os seus bravos, San'-Frei Gil e o Santo Milagre, o Alfageme e o Condestavel, el-rei D. Fernando, e a Rainha D. Leonor, Camões desterrado aqui, Frei Luiz de Sousa aqui nascido, Pedr'alvares Cabral, os Docems, quasito das as grandes figuras da nossa historia passaram em revista. Porfim veiu Santa Iria tambem, a madrinha e padroeira d'esta terra, cujo nome aqui fez esquecer o de romanos e celtas.

Quem tem uma idéa fixa em tudo a mette. A minha idéa fixa em coisas de arte e litterarias da nossa peninsula são xácaras e romances populares. Ha um de Santa Iria.

Porque é a Santa Iria da trova popular tam differente da Santa Iria das legendas monasticas?

A trova é esta, segundo agora a rectifiquei e apurei pela collação de muitas e várias versões provinciaes com a ribatejana ou bordalenga, que em geral é a que mais se deve seguir. [1]

Estando eu á janella co'a minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata;

Passa um Cavalleiro, pedia pousada:
Meu pae lh'a negou: quanto me custava!

—Já vem vindo a noite, é tam só a estrada..
Senhor pae, não digam tal da nossa casa,

Que a um Cavalleiro que pede pousada,
Se fecha esta porta á noite cerrada.—

Roguei e pedi; muito lhe pesava!
Mas eu tanto fiz, que porfim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava;
Ao lar o levei, logo se assentava.

A's mãos lhe dei agua, elle se lavava:
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.

Poucas as palavras, que mal me falava:
Mas eu bem sentia que elle me mirava.

Fui a erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus lindos olhos na terra os pregava.

Fui-lhe pôr a cêa, muito bem ceava;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava:
Tam má cortezia nunca a vi usada!

Lá por meia noite, que me eu suffocava;
Sinto que me levam co'a bocca tapada..

Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,
Correndo, correndo sempre á desfilada.

Sem abrir os olhos, vi quem me roubava;
Calei-me e chorei; elle não falava.

D'alli muito longe, que me perguntava:
Eu na minha terra como me chamava.

— Chamavam-me Iria, Iria a Fidalga;
Por aqui agora Iria, a casada. — [2]

Andando, andando, toda a noite andava;
Lá por madrugada que me attentava..

Horas esquecidas commigo luctava:
Nem força nem rogos, tudo lhe mancava

Tirou do alfange... alli me matava,
Abriu uma cova onde me enterrava.

No fim de sete annos passa o cavalleiro
Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro.

"Minha Santa Iria, meu amor primeiro.
Se me perdoares, serei teu romeiro."

— Perdoar não te heide, ladrão carniceiro,
Que me degollaste que nem um cordeiro

[1] Nas notas á Adozinha, vol. I do *Romanceiro*, nota N. citei differentemente esta copia pela imperfeita lição de um Ms. do Minho, unico que tinha á mão.
[2] Outra lição, e talvez melhor, diz a *coitada*.

A Sancta resiste, elle mata-a...

PAG. 224

Ou houve duas santas d'este nome, ambas de aventurosa vida e que ambas deixassem longa e profunda memoria de sua belleza e martyrio—o de que não tenho a menor idéa, — ou nos escriptos dos frades ha muita fabula de sua unica invenção d'elles que o povo não quiz acreditar: aliás é inexplicavel a singeleza d'esta tradição oral.

Tam simples, tam natural é a narração poetica do romance popular, quanto é complicada e cheia de maravilhas a que se auctorisa nas recordações ecclesiasticas.

O caso é grave, fique para novo capitulo.

CAPITULO XXX

Historia de Santa Iria, segundo os chronistas e segundo o romance popular.

A milagrosa Santa Iria — Santa Irene — que deu o seu nome a Santarem, donzella nobre, natural da antiga Nabancia, [1] e freira no convento duplex [2] benedictino que pastoreava o santo abbade Celio, floreceu pelos meados do septimo seculo. Namorou-se d'ella extremosamente o joven Britaldo, filho do conde ou consul Castinaldo que governava aquellas terras, e não podendo conseguir nada de sua virtude, cahiu enfêrmo de molestia que nenhum physico acertava a conhecer, quanto mais a curar.

É sabido que a mais santa lhe não pêsa de que estejam a morrer por ella; e, mais ou menos, sempre sympathisa com as victimas que faz.

Santa Iria resolveu consolar o pobre Britaldo; e já que não podia por sua muita virtude, quiz vêr se lhe tirava aquella louca paixão e o convertia. Sahiu, uma bonita manhã, do seu convento — que não guardavam ainda as freiras tam absoluta e estreita clausura — e foi-se a casa do namorado Britaldo.

Consolou como mulher e ralhou como santa, por fim, impondo lhe na cabeça as lindas e bemditas mãos, n'um instante o sarou de todo achaque do corpo: e se lhe não curou o d'alma tambem, pelos menos lh'o adormentou, que parecia acabado.

Mas como o demo, em chegando a entrar n'um corpo humano, parece que não sáe d'elle senão para se ir metter n'outro: tam depressa o inimigo deixou ao pobre Britaldo, como logo se foi encaixar em não menor personagem do que o monge Remigio, que era o mestre e director da bella Iria.

Arde o frade em concupiscencia, e não obtendo nada com rogos e lamentos, jurou vingar-se. Disfarçou, porém, fingiu-se emendado, e deu-lhe, quando ella menos cuidava, uma bebida de sua diabolica preparação, que apenas a santa a havia tomado, lhe appareceram logo e continuaram a crescer todos os signaes da mais apparente maternidade.

Corre a fama do supposto estado da donzella, chovem as injúrias e os insultos dos que mais a tinham respeitado até então. E Britaldo que se julga escarnecido pela hypocrisia d'aquella mulher artificiosa, em vez de a esquecer com desprêso —sente reviver-lhe, senão tam pura, muito mais ardente, toda a antiga paixão.

Tam mysterioso é o coração do homem!— tam vil! dirão os asceticos — tam inexplicavel! direi eu com os mais tolerantes.

Novas tentativas, promessas, ameaças do furioso amante... A santa resiste a tudo, forte na sua virtude.

Costumava a devota donzella ir todas as noites a uma occulta lapa que jazia no fim da cêrca e junto do rio Nabão, para alli estar mais só com Deus, e desabafar com Elle á sua vontade. Soube-o Britaldo, espreitou a occasião e alli a fez apunhalar por um seu criado, cujo nome a legenda nos conservou para maior testemunho de verdade: chamava-se Banam.

Banam! é um verdadeiro nome de mellodrama.

Morta a innocente, Banam despiu-lhe o habito e lançou o corpo ao rio, que depressa a levou ás arrebatadas correntes do Zezere em que desagua: e logo este ao Tejo—que defronte da antiga Scalabiscastro que lhe deu sepultura em suas louras areias, para maior gloria da santa e perpétua honra da nobilissima villa que hoje tem o seu nome.

Mas emquanto ia navegando o corpo da santa, teve Celio, o abbade do convento, uma revelação que lhe descobriu a verdade e os milagres do caso: e communicando-a logo aos monges e ao povo de Nabancia, sahiu com todos de cruz alçada, e foi por esses campos da Golegan fóra, até chegar á Ribeira de Santarem. Ahi, benzendo as aguas do rio, estas se retiraram cortezes e deixaram vêr o sepulchro que era de fino alabastro, obrado á maravilha pelas mãos dos anjos.

Chegaram ao pé do tumulo, abriram-n'o, viram e tocaram o corpo da santa, mas não o podem tirar, por mais diligencias que fizeram. Conheceu-se que era milagre; e contentando-se de levar reliquias dos cabellos e da tunica voltaram todos para a sua terra.

As aguas tornaram a juntar-se e a correr como d'antes, e nunca mais se abriram senão d'ahi a seis seculos e meio, quando a boa rainha santa Isabel, mulher d'el-rei D. Diniz, tam ferverosas orações fez ao pé do

[1] Thomar.
[2] De frades e de freiras.

rio pedindo á santa que lhe apparecesse, que o rio tornou a abrir-se como o Mar Vermelho á voz de Moysés, dizem os devotos chronistas, e patenteou o bemdito sepulchro.

Entrou a rainha a pé enchuto pelo rio dentro, seguida de seu real esposo e de toda a sua côrte; mas por mais que rezasse ella, e que trabalhassem os outros com todas as fôrças humanas, não poderam abrir o tumulo; quebraram todas as ferramentas, era impossivel. Desenganado el rei de que um podêr sobrehumano não permittia que elle se abrisse, mandou a toda á pressa levantar um padrão muito alto sobre o mesmo tumulo, e tam alto que o rio na maior enchente o não podesse cubrir.

O rio esperou com toda a paciencia que os pedreiros acabassem, e quando viu que podia continuar a correr, deu aviso, retiraram-se todos, tornaram-se a juntar as aguas e o padrão ficou sobresaindo por cima d'ellas.

Passaram mais tres seculos e meio; e no anno de 1644 a camara de Santarem mandou refazer de cantaria lavrada o dito marco ou pedestal, que não era senão de alvenaria, e pôr-lhe em cima a imagem da santa.

Ainda lá está, assás mal cuidado comtudo: lá o vi com estes olhos peccadores no corrente mez de julho de 1843. Mas, sem milagre nem orações, o rio tinha-se retirado havia muito, para um cantinho do seu leito, e o padrão estava perfeitamente em sêcco, e em sêcco está todo o anno até começarem as cheias.

Tal é, em fidelissimo resumo, a historia da Santa Iria dos livros.

A das cantigas é como já disse, muito outra e muito mais simples, conta-se em duas palavras. A santa está em casa de seus paes: um cavalleiro desconhecido, a quem dão pousada uma noite, levanta-se por horas mortas, rouba a descuidada e innocente donzella, foge a todo o correr de seu cavallo, e chegado a um descampado d'alli muito longe, pretende fazer-lhe violencia... A santa resiste, elle mata-a. D'alli a annos passa por ahi o indigno cavalleiro, vê uma linda ermida levantada no proprio sitio onde commetteu o crime, pergunta de que santa é, dizem-lhe que é de Santa Iria. Elle cae de joelhos a pedir perdão á santa, que lhe lança em rosto o seu peccado e o amaldiçoa.

E acabou a historia.

Seria o povo que se esqueceu nas suas tradições, ou os frades que augmentaram nas suas escripturas? Pois a legenda monastica é realmente bella e cheia de poesia e romance, coisas que o povo não costuma desprezar.

É difficil de explicar-se este phenomeno, interessantissimo para qualquer observador não vulgar, que n'estas crenças do commum, n'estas antigualhas, desprezadas pela soberba philosophia dos nescios, quer estudar os homens e as nações e as edades onde elles mais sinceramente se mostram e se deixam conhecer.

A extrema simplicidade do romance ou xácara de Santa Iria, o ser elle, d'entre todos os que andam na memoria do nosso povo, o mais geralmente sabido e mais uniformemente repetido em todos os districtos do reino, e com poucas variantes nas palavras, nenhuma no contexto, me faz crer que esta seja das mais antigas composições não só da nossa lingua, mas de toda a peninsula. A phase tem pouco sabor antigo: este é um d'aquellas poemas quasi aborigines que a tradição tem vindo entregando, e ao mesmo tempo traduzindo, de paes a filhos insensivelmente; e tambem não é por certo dos que desceram do palacio ás choupanas e fugiram da cidade para as aldeias, como em muitos outros se conhece; este visivelmente nasceu nos arraiaes, nos oragos dos campos, e por lá tem vivido até agora.

A fórma metrica da composição é a que a phrase didactica das Hespanhas chamou *romance em endechas*. Eu, adoptando para elle, mais que para a fórma ordinaria do metro octosyllabo, a theoria do engenhoso philologo allemão, Depping, tam benemerito da nossa litteratura peninsular, creio que estes são verdadeiros versos de dôze syllabas, e que as coplas não constam senão de dous versos cada uma, segundo óbvia significação da palavra. O povo cantando não separa os hemistichios d'estes versos como fazem os que os escrevem: e ao contrário nos romances da medida mais commum, o canto popular reparte distinctamente cada membro de oito syllabas sôbre si.

Não sei se me engano, mas desconfio que as quatro coplas últimas, em que muda completamente a rima, sejam additamento posterior feito á cantiga original. Todavia estes oito versos apparecem, com ligeiras variantes, em toda a parte.

CAPITULO XXXI

Quommodo sedet sola civitas. — Santarem, Portugal em verso e Portugal em prosa — Exquisito lavor de umas portas e janellas de architectura mosárabe. — Busto de D. Affonso Henriques. — As salgadeiras de Africa. — Porta do Sol. — Muralhas de Santarem. — Voltemos á historia de Fr. Diniz e da Menina dos olhos verdes.

Eram mais de dez horas da manhã quando sahimos a começar a longa via-sacra de reliquias, templos e monumentos que são hoje toda Santarem.

A vida palpitante e actual acabou aqui inteiramente; hoje é um livro que só recorda o que foi. Entre a historia maravilhosa do passado que todas estas pedras recordam, e as prophecias tremendas do futuro que parecem gravadas n'ellas em caracteres mysteriosos, não ha mais nada; o presente não é, ou é como se não fosse; tam pequeno, tam mesquinho, tam insignificante, tam desproporcinado parece a tudo isto.

Dá vontade de entoar com o poeta inspirado de Jerusalem: *Quommodo sedet sola civitas!* Portugal é, foi sempre uma nação de milagre, de poesia. Desfizeram o prestigio; veremos como elle vive em *prosa*. Morrer, não morre a terra, nem a familia, nem as raças: mas as nações deixam de existir. — Pois embora, já que assim o querem. A mim não me fica escrupulo.

Passámos á egreja da Alcaçova, que achámos já fechada; e tomando sempre sobre a esquerda, fomos pelo que hoje parece uma azinhaga de entre quintas, mas que visivelmente foi n'outras eras a rua mais *fashionavel* d'esta villa cortezan. Aqui estão quasi ao pé da egreja umas portas e janellas do mais fino lavor e gosto mosarabe que me lembra de ter visto.

E a proposito, porque se não hade adoptar na nossa peninsula esta designação de *mosarabe* para caracterizar e classificar o genero architectonico especial nosso, em que o severo pensamento christão da architectura da Meia Edade se sente relaxar pelo contacto e exemplo dos habitos sensuaes moirescos, e de sua luxuosa e redundante elegancia?

De que palacio encantado foram estas portas tam primorosamente lavradas? Que bellezas se debruçaram d'essas arrendadas janellas para vêr passar o cavalleiro escolhido do seu coração? São tam lindas, tam elegantes ainda estas pedras desconjuntadas, e mal sustidas de um muro ensosso e grosseiro que as facea, que naturalmente despertam a mais adormecida imaginação a quanto sonho de fadas e trovadores a poesia fez nascer dos mysterios da Edade-média.

Pouco mais adeante está, em um máo nicho escalavrado e feio, um pretendido busto de D. Affonso Henriques, a que attribuem grande antiguidade. Não me fez esse effeito a mim.

Chegámos á porta do Sol; sentámo-nos alli a gosar da magestosa vista. E' magestosa mas triste. A ribanceira que d'alli corta a baixo, até ao rio, é arida e quasi calva: cobrem-n'a apenas, como a mal povoada nuca de um velho, alguns tufos de verdura cinzenta e grisalha de um arbusto rasteiro, meio *frutex* meio herbaceo que aqui chamam «Salgadeira», e que a tradição diz ter vindo de Africa para segurar a terra d'estes taludes e precipicios. O aspecto e habito da planta é realmente africano e oriental, não tem nada de europeu. Mas esta derradeira e occidental parte da nossa Hespanha é, geologicamente falando, já tam Africa, tam pouco Europa, que não seria necessaria a transplantação talvez; e porventura ficou esta memoria entre o povo do uso que os moiros faziam da planta para esse fim.

Esta porta do Sol dizem que é onde se faziam as execuções em tempos antigos. Foi bem escolhido o sitio; não o ha mais triste e melancholico. Ao pé está um torreão quadrado da muralha que ahi fórma canto para seguir depois na direcção de sul a norte. D'este lado as fortificações e lanços de muro estão todas pouco estragadas; e do mirante a que subimos, póde-se formar perfeita ideia do que era uma antiga cidade murada.

Seja, respondemos nós.

Entraremos portanto em novo capitulo, leitor amigo; e agora não tenhas medo das minhas digressões fataes, nem das interrupções a que sou sujeito. Irá direita e corrente a historia da nossa Joanninha até que a terminemos... em bem ou em mal? D'antes um romance, um drama em que não morria ninguem era havido por semsabor; hoje ha um certo horror ao tragico, ao funesto que perfeitamente quadra ao seculo das commodidades materiaes em que vivemos.

Pois, amigo e benevolo leitor, eu nem em principios nem em fins tenho eschola a que esteja sujeito, e hei de contar o caso como elle foi.

Escuta.

CAPITULO XXXII

Tornamos á historia de Joanninha.— Preparativos de guerra. — A morte.—Carlos ferido e prisioneiro. — O hospital.—O enfermeiro.—Georgina.

Escuta! disse eu ao leitor benevolo no fim do ultimo capitulo. Mas não basta que escute, é preciso que tenha a bondade de se recordar do que ouviu no capitulo XXV e da situação em que ahi deixámos os dous primos, Carlos e Joanninha.

N'este despropositado e inclassificavel livro das minhas Viagens, não é que se quebre, mas enreda-se o fio das historias e das observações por tal modo, que, bem o vejo e o sinto, só com muita paciencia se póde deslindar e seguir em tam embaraçada meada.

Vamos pois com paciencia, caro leitor; farei por ser breve e ir direito quanto eu poder.

Lembra-te como n'uma noite pura, sere-

na e estrellada, aquelles dous se despediram um do outro no meio do valle, como se despediram tristes, duvidosos, infelizes, e já outros, tam outros do que d'antes foram.

N'essa mesma noite, a ordenada confusão de um grande movimento de guerra reinava nos postos dos constitucionaes. A' longa apathia de tantos mezes succedia uma inesperada actividade. Preparavam-se os sanguinolentos combates de Pernes e de Almoster, que não foram decisivos logo, mas que tanto appressaram o termo da contenda.

Carlos achou ordem de se appresentar no quartel-general, partiu immediatamente. O pensamento absorvido por idéas tam differentes, tam confuso, tam alheado de si mesmo, seguiu machinalmente o corpo. Foi, chegou, recebeu as instrucções que lhe deram, e voltou mais satisfeito, mais tranquillo.

Tratava-se de morrer. Não sabe o que é verdadeira angustia d'alma o que ainda não abençôou a morte que viu deante de si, o que a não invocou ainda como unico remedio de seu mal, ou, o que é mais desesperado, como unica sahida de suas fataes perplexidades.

Estes momentos são raros na vida, é certo; mas quando occorrem, não ha exageração nenhuma em dizer que antes, muito antes a morte do que elles.

Oh! e se a morte que se contempla é de honra e gloria, se o enthusiasmo, tirando fortemente a corda dos nervos, os faz vibrar n'aquelles tons secretos e mysteriosos que arrebatam, e elevam o coração do homem á sublime abnegação de si, e de tudo o que é pequeno, baixo e vil na sua natureza—oh então a morte parece um triumpho, uma bemaventurança por certo!

Carlos esqueceu-se de tudo, menos da sua espada, que affiou com escrupuloso cuidado, e das suas boas e seguras pistolas inglezas que limpou minuciosamente, carregou e escorvou com um verdadeiro amor de artista que se compraz no ultimo acabamento de um trabalho predilecto.

O pouco da noite que lhe restava passou-se n'isto, a marcha começou antes do dia. E os primeiros raios do sol foram saudados pelo fuzilar das espingardas e pelo trovejar dos canhões.

Combateu-se larga e encarniçadamente—como entre irmãos que se odeiam de todo o odio que já foi amor,—o mais cruel odio que tem a natureza!

O dia declinava já, quando n'um hospital em Santarem entravam muitas macas de feridos, e entre elles, um todo crivado de balas e coberto de sangue que, assim pelos restos do uniforme como por certo ár bem conhecido — e caracteristico então se via claramente ser do exercito constitucional.

Eram muitas e perigosas as feridas d'esse homem; estenderam-n'o n'uma especie de tarimba sobre que havia alguma palha, e quando lhe chegou a sua vez foi examinado e pençado como os outros. Não dava signal de padecer, tinha os olhos fechados, o pulso forte mas não agitado de febre; não proferia uma syllaba, não soltava um ai, e prestava-se a tudo o que lhe diziam e faziam, menos a soltar da mão esquerda, que apertava contra o peito, o que quer que fosse que alli tinha seguro e que lhe pendia ao pescoço de uma estreita fita preta.

Assim o deixaram largo tempo: elle adormeceu. Não seria largo, mas foi profundo o seu dormir. Quando acordou já se não viu no vasto caravanseray d'aquelle confuso hospital, mas n'um pequeno quarto arejado, limpo, e quasi confortavel que em tudo parecia cella de convento, menos na boa cama em que jazia o doente, e extremada elegancia do enfermeiro que o velava.

O quarto era com effeito uma cella do convento de San'Francisco em Santarem, o doente o nosso Carlos; e o enfermeiro que o velava, uma bella mulher de estatura não acima de ordinaria mas nem uma linha menos, envolvido nas amplissimas pregas de um longo roupão de seda d'aquella acertada côr que em dialecto da rua Vivienne, se diz *scabieuse;* a cabeça toucada de finissima Bruxellas, com uns laços de preto e côr de granada que realçavam a transparencia das rendas, a infinita graça dos longos e ondados anneis louros do cabello, e a pureza symetrica de um rosto oval, classico, perfeito, sem grande mobilidade de expressão mas bello, bello, quanto pode ser bello um rosto em que pouco d'alma se reflecte, e em que a serena languidez de uns olhos azues entibia e modera a energia do sentimento, que não é menos profundo talvez, mas certamente se expande menos.

De joelhos junto ao leito de Carlos, com a mão direita d'elle nas suas, os olhos seccos mas fixos nas descahidas palpebras do soldado, aquella mulher estava alli como a estátua da dor e da anciedade. A uma porta interior e que abria para uma especie de alcova obscura, em pé, os braços cruzados e mettidos nas mangas, o capuz na cabeça, estava um frade velho, alto mas curvado do peso dos annos ou dos soffrimentos.

O frade contemplava o enfermo e a enfermeira, mas visivelmente não queria ser visto n'essa occupação, porque ao menor estremecimento do doente recuava apressado e como assustado para o interior da sua alcova.

Uma só vela de cera illuminava este quadro, accidentando-o de fortes sombras, e

dando-lhe um tom de solemnidade verdadeiramente magica e sublime.

Carlos segurava ainda na esquerda com o mesmo affêrro o relicario ou talisman, o que quer que era que não queria desprender de seu coração. A bella enfermeira beijava de vez em quando aquella mão tenaz que estremecia a cada beijo, por mais suave e mimoso que fosse o leve contacto d'esses labios delicados.

A outra mão estava nas mãos d'ella, mas era insensivel a tudo, essa.

O silencio era o do sepulchro: só se ouvia o respirar incerto e descompassado do enfermo.

De repente Carlos entreabriu as palpebras e exclamou em inglez: *Oh Georgina, Georgina, I love you stil.*— (Georgina, Georgina, eu ainda te amo.)

Duas lagrimas — duas perolas, d'estas que se criam com tanta dor no coração e que ás vezes sahem com tanto prazer dos olhos — romperam do celeste azul dos olhos da dama e suavemente correram por aquellas faces de uma alvura pallida e mortal.

Carlos acordou de todo, abriu os olhos e cravou-os fixamente no rosto angelico d'essa mulher.

Esteve assim minutos: ella não dizia nada nem de voz nem de gesto: falavam-lhe só as lagrimas que corriam quietas, quietas, como corre uma fonte perenne e nativa d'agua que mana sem esforço nem impeto, por um declive natural e facil.

— Onde estou eu, Georgina?

— Nos meus braços.

— Que me succedeu?

— Que não podes ser feliz senão n'elles: bem sabes.

— Sei... devia saber.

— Hasde sabel-o agora. O passado. .

— O passado! qual?

— O passado deixou de existir.

— E o futuro?

— Eu não creio no futuro.

— Porquê?

— Porque tu me disseste que não crêsse.

— Eu!... Eu sou um...

— Um homem.

— Oh!

— Basta e descança. A'manhã falaremos.

— Estou ferido, muito; e doe-me agora... não me doía.

— Estás, mas sem perigo: e estou eu aqui. Dorme.

— Não posso. Que casa é esta?

— San'Francisco de Santarem.

— Deus de misericordia!

— E's prisioneiro: sára e eu te livrarei.

— Tu? — E tu aqui, como?

— Vim buscar-te, e achei-te assim.

— Georgina!

— Que tens tu ahi tam seguro na mão esquerda?

— Vê: a medalha com o teu cabello.

— Então amas-me tu ainda?

— Se te amo! Como no primeiro...

— Não mintas, Carlos... E dorme.

— Oh meu Deus, meu Deus! Georgina aqui, eu n'este estado e... E a minha gente?

— A tua gente está salva.

— Aonde?

— Aqui mesmo, em Santarem.

— Quero... não quero... Oh sim, quero mas é morrer. Tende misericordia de mim, meu Deus!

— Socega, Carlos.

Mas Carlos não socegava: emmudeceu por que a torrente de seus pensamentos, e encontrado d'elles, e o inesperado d'aquella situação lhe embargavam a voz, e o quebrantamento das forças lhe tolhia os movimentos do corpo: mas o espirito inquieto e alvoroçado revolvia-se dentro com um phrenesi louco. Era pasmar o que elle soffria.

A força de bebidas calmantes o accesso diminuiu, a noite passou mais tranquilla; e pela manhã o doente não dava cuidado ao facultativo que o veiu vêr.

Prohibiram-lhe falar; e Georgina tinha a coragem de lhe resistir, de lhe não responder todas as vezes que elle tentava quebrar o preceito de que dependia a sua vida... e a d'ella, porque a infeliz amava-o... oh! amava-o como se não ama senão uma vez n'este mundo.

Passaram dias, semanas. Carlos estava melhor, estava salvo: Georgina pôde dizer-lhe um dia:

— Carlos, meu Carlos, tu estás livre de perigo, vou restituir-te aos teus.

— Os meus!

— Os teus. Tua avó, tua prima...

— Joanninha! oh! Joanninha...

— Tua avó, que tambem tem estado a morrer, mas que emfim está escapa, ignora que tu estejas aqui. Ocultámol-o egualmente a tua prima.

— Ah!

— Sim, assentámos de lh'o não dizer a uma nem a outra até que tivessemos certeza da tua melhora. Hoje porém vaes vêl-as. E eu. .

— Tu!

— Eu não tenho aqui mais nada que fazer.

— Georgina!

— Carlos!

— Tu já me não amas?

— Não.

Seguiu-se um silencio torvo e abafado como o da calma que precede as grandes tempestades. O rosto de Georgina estava

impassivel. Carlos estorcia-se debaixo de uma compressão horrivel e incapaz de descrever.

CAPITULO XXXIII

Carlos e Georgina. Explicação. — Já te não amo! Palavra terrivel. — Que o amor verdadeiro não é cego. — Frade no caso outra vez. *Ecce iterum Crispinus;* cá está o nosso Fr. Diniz comnosco

— Tu ja me não amas, Georgina, tu! exclamou Carlos depois de uma longa e penosa lucta comsigo mesmo. Já me não amas tu, Georgina? Já não sou nada para ti n'este mundo? Aquelle amor cego, louco, infinito, que derramavas em torrentes sobre a minha alma em que trasbordava o teu coração; aquelle amor que eu cheguei a persuadir-me que era o maior, o mais sincero, talvez o unico verdadeiro amor de mulher que ainda houve no mundo, esse amor acabou, Georgina? Seccou-se no teu peito a fonte celeste d'onde manava? Nem as recordações de nossa passada felicidade, nem as memorias dos crueis lances que nos custou, dos sacrificios tremendos que por mim fizeste, nada, nada póde acordar na tua alma um ecco, um ecco sumido que fosse, da antiga harmonia de nossas vidas — da nossa vida, Georgina, porque nós chegámos a confundir n'um só os dois sêres da nossa existencia. — Oh! porque vivi eu até este dia? E tu que refinada crueldade te inspirou o salvar uma vida que tinhas condemnado, que tinhas sacrificado quando a separaste da tua?

— Carlos, respondeu Georgina com a fria mas compassiva piedade que mais o desesperava: — Carlos, não abuses da pouca saude que ainda tens. O esfôrço d'alma que estás fazendo póde-te ser prejudicial. Socega. Tu illudes-te, e sem querer, procuras illudir-me tambem a mim. Entra em ti, Carlos, e discorramos pausadamente sobre a nossa situação, que não é agradavel por certo nem para um nem para outro, mas que póde supportar se se tivermos juizo para a encarar toda e sem medo, e para nos convencer com lealdade e franqueza do que ella realmente é. Ouve-me, Carlos; tu amaste muito...

— Oh como! oh quanto! nenhum homem...

— Poucos homens, é certo, amaram ainda como tu... quem sabe! talvez nenhum. — Não quero perder esta ultima illusão... já não tenho outra... Talvez nenhum amou como tu me amaste ou... ou cuidaste amar-me. Eu... oh! eu quiz-te... pelo eterno Deus que me ouve! eu quiz-te com uma cegueira d'alma, n'uma singeleza do coração, com um abandono tam completo, uma abnegação tam inteira de mim mesma, que realmente creio, este é o amor que só a Deus se deve, que só ao Creador a creatura póde consagrar licitamente. Bem castigada estou: mereci-o.

— Georgina, Georgina!

— Deixa-me; quero desabafar eu tambem agora. Ouve-me, tens obrigação de me ouvir.

— Se te dei provas d'este amor, tu o sabes; se desde que te amei, uma palavra, um gesto, um pensamento unico, um só e o mais leve relampejar da imaginação desmentiu em mim d'esta absoluta e exclusiva dedicação de todo o meu sêr... dize-o tu.

— Não, minha alma, não, minha vida, não; tu és um anjo, tu és...

— Sou uma mulher que te amava como creio que ordinariamente se não ama.

— Não, certo, não.

— Fomos felizes, é verdade; e creio que poucos amantes ainda foram tam felizes como nós nos breves dias que isto durou. — Tu partiste para a tua ilha; era forçoso partir, conheci-o e resignei-me. Consolavam-me as tuas cartas, as tuas cartas de fogo, escriptas; oh se o eram! escriptas com o mais puro sangue do teu coração. Nunca duvidei do que me ellas diziam: não se mente assim, tu não mentias então. E' falso que o amor seja cego; o amor vulgar póde sel-o, amor como o meu, o amor verdadeiro tem olhos de lynce: eu bem via que era amada. Nunca me escreveste a protestar fidelidade, e eu sabia, eu via que tu me eras fiel. — Assim passaram mezes, annos. Na ilha e no Porto foste o mesmo. Eu padecia muito, mas confortava-me, vivia de esperanças... triste viver mas doce! Emfim, vieste para Lisboa, para aqui... e as tuas cartas que não eram menos ternas nem menos apaixonadas...

— Se eu nunca deixei, nem um momento...

Com um gesto expressivo, e de suave mas resoluta denegação, Georgina poz a mão na bôcca do pobre Carlos, como para o impedir de dizer uma blasphemia. Elle segurou-a com as suas ambas e lh'a beijou mil vezes com um arrebatamento, uma furia, n'um paroxismo de lagrimas e de soluços, que partiriam o coração ao mais indifferente. Commoveu-se, vacillou a inalteravel rigidez do bello rosto da dama, abaixaram-se as longas palpebras de seus olhos; mas se chegou até elles alguma lagrima mais rebelde, prompta refluiu para o coração, porque ao levantal-os outra vez e ao fixal-os tranquillamente nos do seu amante, aquelles olhos puros, celestes e austeros como os de um anjo offendido, estavam seccos.

Ella continuou:

— As tuas cartas, que não eram menos

VIAGENS NA MINHA TERRA — O frade contemplava o enfermo e a enfermeira — PAG. 230

ternas nem menos apaixonadas, começaram todavia a ser menos naturaes, mais encarecidas... eram menos verdadeiras por força. Senti-o, vi-o e cuidei morrer. Uma familia da minha amizade vinha então para Portugal, acompanhei-a. Apenas cheguei, procurei e obtive os meios seguros de transitar pelos dois campos contendores: presagiava-me o coração que me havia de ser preciso. E foi; cheguei ao valle no dia em que tu o deixavas para aquella fatal acção que te ia custando a vida. Vim-te encontrar prisioneiro e meio morto no hospital dos feridos. Ao pé de ti estava um frade...

— Um frade! Meu Deus, se seria elle?

— Era elle.

— Pois tu sabes? ..

— Sei! eu disse-lhe quem era e o que tu me eras...

— Tu a elle. . disseste?

— Disse. Não sei se fiz mal ou bem, sei que me não importava o que fazia. Vi depois que me não enganára na confiança que puzera n'elle. Trouxemos-te para este convento, tratámos de ti, conseguimos salvar-te a vida... E emquanto esse cuidado me livrava de outros, fui... fui feliz. A tua gente... a tua familia do valle tambem veiu para Santarem... tua avó e tua prima, Carlos...

— Joanninha! Joanninha está aqui?

—Está, socega: e já t'o disse, logo a verás.

— Eu! eu para quê? E não quero...

— Quero eu: hasde vêl-a. Já sabes que sei tudo.

— Tudo o quê, Georgina?

— Queres que t'o repita? Repetirei. Que tu amas tua prima, que ella te adora. E por Deus, Carlos, eu já lhe quero como se fôra minha irmã. Entendes bem agora que tudo acabou entre nós, e que não vejo, não posso vêr em ti já senão o esposo, o marido da innocente criança que tomei debaixo da minha protecção, e a quem juro que hasde pertencer tu?

— Juras falso.

— Como assim! Pois queres mais victimas? Não estás satisfeito com a minha ruina? Eu ao menos não sou do teu sangue E essa velha decrepita que é tua avó, que duas vezes foi em verdade tua mãe porque te creou — essa innocente que te ama na singeleza do seu coração... e esse pobre frade velho...

— Oh! aqui anda elle, bem o vejo, aqui anda o genio máo da minha familia. Maldito sejas tu, frade!

O desgraçado não acabára bem de pronunciar estas palavras, quando a porta da alcôva se abriu de par em par, e a rigida, ascetica figura de Fr. Diniz estava deante d'elle.

CAPITULO XXXIV

Carlos, Georgina e Fr. Diniz.—A peripecia do drama.

Carlos estava meio sentado n'uma longa cadeira de recôsto: Georgina em pé, com os braços cruzados e na attitude de reflexiva tranquillidade. Um sol brilhante e ardente, um sol de maio, feria os estreitos vidros da pequena janella que só dava luz áquelle quarto: a excessiva claridade era velada por uma longa e ampla cortina.

Carlos lançou de repente a mão a essa cortina e a affastou para avivar a luz do aposento. Um raio agudissimo de sol foi bater direito no macerado rosto do frade, e reflectiu de seus olhos encovados um como relampago de ira celeste, que fez estremecer os dous amantes.

Não foi porém senão relampago; sumiu-se, apagou-se logo. Aquelles olhos ficaram mortaes, mudos, fixos, envidraçados como os do homem que acabou de expirar e a quem não cerraram ainda as palpebras.

E assim mesmo, aquelles olhos tinham o podêr magnetico de fixar os outros, de os não deixar nem pestanejar.

Curvo, encostado a um bordão grosseiro, o seu chapéo alvadio debaixo do braço, o frade deu alguns passos tremulos para onde estavam os dous, arrastando a custo as sôltas alpercatas que davam um som baço e batido, e faziam—não sei por que nem como—estremecer a quem as sentia.

Parou a pouca distancia, e tirando a voz fraca e tenue, mas vibrante e solemne, do intimo do peito, disse para Carlos:

— Tu maldisseste-me, filho, e eu venho perdoar-te. Tu detestas-me, Carlos, de todos os poderes da tua alma, com toda a energia de teu coração; e eu venho-te dizer que te amo, que tomára dar a minha vida por ti, que do fundo das entranhas se ergue este immenso amor que não tem outro egual, a pedir-te misericordia, a clamar-te em nome de Deus e da natureza, a pedir-te, por quanto ha santo no céo e de respeito na terra, que levantes essa maldição, filho, de cima da cabeça de um moribundo

Eram ditas em tal som estas vozes, vinham pronunciadas lá de dentro d'alma com tal vehemencia, que não lh'as articulavam os labios, rompiam-n'os ellas e sahiam.

O soldado parecia desaccordado, confuso e sem intelligencia do que ouvia. Georgina impassivel até alli, rigida e inabalavel com o seu amante, sentia-se commover-se agora d'aquella angustia do velho. E' que partia

pedras a dôr que vinha n'aquellas falas sepulchraes, que transudava d'aquelle rosto cadaverico.

Ao mesmo tempo, um som confuso, um tumulto vago e abafado de mil sons que pareciam arredar-se, encontrando-se, tornando, indo e vindo, e dispersando-se para se tornar a unir, e tornando a dispersar-se emfim, reboava ao longe pela villa, estendia-se nas praças, concentrava-se nas ruas, e mandava áquella solitaria e remota cella do convento uns eccos surdos, como os do mar ao longe quando se retira da praia no murmurio melancholico que precede um temporal de equinoxio

— Ouves esse borburinho confuso, Carlos. E' a tua causa que triumpha, é a d'estes loucos que succumbe, é a de Deus que a si mesmo se desamparou. A hora está chegada, escreveram-se as letras de Balthasar; a confusão e a morte reinam sós e senhoras na face da terra. Eu quero ir morrer onde haja Deus... Perdoae-me, Senhor, a blasphemia!... onde o seu nome não seja profanado e maldito... Ao canto de uma pedra debaixo de uma arvore hade ser, n'algum logar escuso d'essas charnecas, onde me não rasguem ao menos esta mortalha, m'a não insultem aos ultimos instantes, porque eu sou frade, frade, frade... o maldito frade! Mas frade quero morrer, e heide morrer. Oh! assim tivera eu vivido!

— Mas que foi, que succedeu?

— O resto do exercito realista evacua n'este momento Santarem; vão em fuga para o Alemtejo. Os constitucionaes venceram na Asseiceira, e tudo está dito para nós. Para mim, Carlos, falta uma palavra só: quererás tu dizel-a?

— Eu?

— Sim tu, Carlos. Revoca as palavras terriveis que proferiste, e em nome de Deus, filho, perdôa a teu...

A Carlos revolvia-se-lhe no peito uma grande lucta. O horror, a compaixão, o odio, a piedade iam e vinham-lhe alternadamente do coração ás faces, e tornavam do rosto para o peito. Uma exclamação involuntaria lhe rebentou dos labios em meio d'este combate:

— Padre, padre? e quem assassinou meu pae, quem cegou minha avó, e quem cobriu de infamia a minha... a toda a minha familia?

— Tens razão, Carlos, fui eu; eu fiz tudo isso: mata-me. Mas oh! mata-me, mata-me por tuas mãos, e não me maldigas. Matame, mata-me. E' decreto da divina justiça que seja assim. Oh! assim, meu Deus! ás mãos d'elle, Senhor! Seja, e a vossa vontade se faça...

O frade cahiu de bruços no chão, e com as mãos postas e estendidas para o mancebo, clamava:

— Mata me, mata-me! aqui ha pouca vida já: basta que me ponhas o pé sobre o pescoço; esmaga assim o reptil venenoso que mordeu na tua familia e que fez a tua desgraça e a de quantos o amaram. Sim, Carlos, sê tu o executor das iras divinas. Mata-me. Tantos annos de penitencia e de remorsos nada fizeram; mata-me, livra-me de mim e da ira de Deus que me persegue.

CAPITULO XXXV

Reunião de toda a familia. — Explicação dos mysterios. — O coração da mulher. — Parricidio. — Carlos beija emfim a mão a Frei Diniz e abraça a pobre da avó.

Georgina disse para Carlos:

— Dá a mão a esse homem, levanta-o e dize-lhe as palavras de perdão que te pede.

Carlos fez um gesto expressivo de horror e de repugnancia. Georgina ajoelhou ao pé do frade, tomou as mãos d'elle nas suas, e lh'as afagou com piedade; depois levantou-lhe o rosto, e encostou-o a si e gradualmente o foi acalmando. O velho parecia uma criança mimada e sentida que se vae acalantando nos braços da mãe: agora só murmurava de vez em quando alguns soluços, a mais e a mais raros.

Estavam de joelhos ambos, o frade e a dama: elle mal se tinha, ella amparava em seus braços e contra seu peito o amortecido corpo do velho. E Georgina disse com aquelle som de voz irresistivel que as filhas de Eva herdaram de sua primeira mãe, e que a ella ou lh'o tinham antes ensinado os anjos, ou o aprendeu depois da serpente, — um som de vóz que é a ultima e a mais decisiva das seducções femininas — disse:

— Este homem vae morrer, Carlos; e tu hasde-o deixar morrer assim, *meu Carlos?*

Todo o odio, todas as offensas, se calaram, desappareceram deante d'aquellas palavras do anjo supplicante — *meu Carlos* — dito assim, não o ouvira elle ha muito tempo, não lhe pôde resistir: estendeu os braços para o frade, cahiu de joelhos ao pé d'elle, e um só abraço uniu a todos tres.

Como no eterno grupo de Laocoonte, o velho e os dous mancebos sentiam estreitar-se das cobras da mesma dôr e affogavam juntos da mesma angustia.

Assim estiveram longamente; e não se ouvia entre elles se não algum gemido sôlto, e aquelle sussurrar sumido das lagrimas que

mais se ouve com o coração do que com os ouvidos.

O frade disse emfim com uma voz apenas perceptivel de timida e de fraca:

— Carlos, meu Carlos, perdôa tambem... oh! perdôa á memoria de tua desgraçada mãe!

O mancebo saltou convulsamente como o cadaver na pilha galvanica. Em pé, hirto, horrivel, tremendo, exclamou com um brado de trovão:

— Demonio! demonio encarnado em figura de homem, que vieste recordar-me? Dirias bem ind'agora, monstro: só ás minhas mãos deves morrer. E hasde!

Lançou-se a um enorme velador de páo santo que lhe jazia ao pé, massa terrivel de Hercules, e bastante a fender craneos de ferro, quanto mais a descarnada caveira do frade! De ambas as mãos a levava no ár: e o velho estendeu para elle a cabeça como na ancia de morrer... Georgina fechou involuntariamente os olhos, e um grande e medonho crime ia consumar-se...

Dous gritos agudissimos, dous gritos de desespero e de terror, d'aquelles que só sahem da bocca do homem quando suspenso entre a morte e a vida — soaram repentinamento no aposento; uma velha decrépita e meia morta, arrastada por uma creança de pouco mais de dezeseis annos, estava deante de Carlos, e ambas cobriram com os seus debeis corpos a fragil e extremada figura da sua victima.

— Filho, meu filho! arrancou a velha com estertor do peito: é teu pae, meu filho. Este homem é teu pae, Carlos.

O ponderoso velador cahiu inerte das mãos do mancebo, e rolou pesado e baço pelo pavimento. Carlos cahiu por terra sem sentidos. De um pulo Georgina estava ao pé d'elle, e o fez encostar na longa cadeira de braços. Estava lavado em sangue; era uma ferida do pescoço que o excesso da commoção lhe fizera rebentar. Os dous velhos vieram ajoelhar-se ao pé d'elle. As duas mulheres moças lidavam pelo restaurar e lhe estancar o sangue. A cambraia dos lenços, as rendas do collo e das cabeças, tudo se fez em ataduras e compressas: o sangue parou emfim.

Admiravel belleza do coração feminino, generosa qualidade que todos seus infinitos defeitos faz esquecer e perdoar! Essas duas mulheres amavam esse homem. Esse homem não merecia tal amor: não, por Deus! o monstro amava-as a ambas: está tudo dito. E ellas que o sabiam, ellas que o sentiam, e que o julgavam digno de mil mortes, ellas rivalisavam de cuidados e de ancia para o salvarem.

De tanto não somos capazes nós.

E por isso admiramos; tanto.

E perdoamos tanto.

E esquecemos tanto.

Mas amar tanto, não sabemos; verdade, verdade...

Amamos *melhor;* sim, isso sim: *tanto* não.

O mancebo permanecia em deliquio. Frei Diniz e a velha rezavam. Georgina e Joanninha — já vereis que era Joanninha — olharam uma para a outra, córaram e ficaram suspensas. A ingleza estendeu a mão á amavel criança, estremeceu involuntariamente, mas disse-lhe com firmeza:

— O dito dito, Joanninha! Eu já o não amo; prometto.

— Eu amo-o cada vez mais, Georgina: elle é tam feliz!

— Juras-me tu de o não deixar, de velar por elle sempre, de o defender de si mesmo, que é o peior inimigo que tem?

— Se juro!

— Então, adeus, Joanninha! Eu estou demais aqui. Já tenho ouvido o que não devia ouvir. Os segredos de tua familia não me pertencem. O coração d'esse homem não é meu, nem o quero. E um nobre e grande coração, Joanninha, mas... Não te deixes dominar por elle, se o queres segurar. Adeus! — Santarem está desamparada pelos realistas; eu vou para Lisboa. Consola a tua boa avó, e esse pobre velho. Elle não é tam criminoso, estou certa...

— Oh não! Carlos cuida-o assassino de seu pae: e é falso. Minha avó já me disse tudo.

— Falso! murmurou Carlos sem abrir os olhos: é falso? Pois não foi elle quem matou meu pae?

— Não, filho, clamou a velha: não, meu filho; teu pae é este infeliz.

— E minha mãe?

— Tua mãe... e eu somos duas desgraçadas. Que mais queres saber? Tua mãe amou esse homem...

— Ah! disse Carlos: ah! e abriu os olhos pasmados para a avó e para o frade, que cravaram os seus no chão, e ficaram como dous réos na presença do seu inflexivel juiz.

— Mas esse homem que é... que por força querem que seja meu... meu pae... Santo Deus! elle matou o outro.

— Defendi-me, foi defendendo esta vida miseravel... Oh nunca eu o fizera! E para quê? Para que quiz eu viver? Para isto?

— E meu tio, o pae de Joanninha? Tambem esse era preciso que morresse?

— Ambos se juntaram para me assassinar e me accommetteram atraiçoadamente na charneca. Não os conheci; foi de noite escura e cerrada. Defendi-me sem saber de quem: tive a desgraça de salvar a minha vida á cus-

ta da d'elles. Filho, filho, não queiras nunca sentir o que eu senti, quando pegando, um a um, n'esses cadaveres para os lançar ao rio conheci as minhas victimas... Era inverno, a cheia ia de valle a monte: quando abateu e se acharam os corpos já meios desfeitos, ninguem conheceu a morte de que morreram; passaram por se terem afogado. Ninguem mais soube a verdade senão eu — e tua infeliz mãe a quem o disse para meu castigo, a quem vi morrer de pesar e remorsos, que expirou nos meus braços chorando por elle, e maldizendo-me a mim. Não seria bastante castigo, meu filho? — Não foi, não. Este burel que ha tantos annos me roça no corpo, estes cilicios que m'o desfazem, os jejuns, as vigilias, as orações nada obtiveram ainda de Deus. A sua ira não me deixa, a sua cólera vae até á sepultura sôbre mim... Se me perseguirá além d'ella!

Fez-se aqui um silencio horroroso: ninguem respirava: o frade proseguiu:

— Não me dei por bastante castigado com a agonia de tua mãe, a mais horrorosa e desesperada agonia que ainda presenciei, oh meu Deus! Tive o cruel ânimo de explicar a tua avó as negras circumstancias d'aquella morte, e de lhe patentear toda a fealdade e hediondez do meu crime. Rasguei-lhe o coração, e vi-lhe sahir sangue e agua pelos olhos, até que lhe cegaram. Que mais queres? Cuidei que podia morrer sem passar por esta derradeira expiação. Deus o não quiz. Aqui está o assassino de tua mãe, de seu marido, de teu tio.. o algoz e a deshonra de tua familia toda. — Faze de mim como fôr da tua vontade. Sou teu pae...

— Meu pae!... Misericordia, meu Deus!

— Misericordia, filho, e perdão para teu pae!

Carlos levantou-se deliberadamente, veiu ao velho, tomou-o a pêzo nos braços, foi sental-o na cadeira que acabava de deixar e pondo-se de joelhos, beijou-lhe a mão em silencio. Depois foi abraçar-se com a avó, que o apalpava soffregamente com as mãos tremulas, e murmurava baixo:

— Agora sim, já posso morrer porque o abracei, porque o senti junto a mim, o meu filho, o filho da minha filha querida..

Carlos é que não proferiu mais palavra; tinha-se-lhe rompido corda no coração, que ou lhe quebrára o sentimento ou lh' não deixava expressar. Sahiu da cella fazendo signal que vinha logo: mas esperaram-n'o em vão.. não tornou.

D'ahi a tres dias veiu uma carta d'elle, de junto d'Evora, onde estava com o exército constitucional.

CAPITULO XXXVI

Que não se acabou a historia de Joanninha.—Processo ao coração de Carlos. — Immoralidade — Defeito de organisação não é immoralidade. — Horror, horror, maldição! — Um barão que não pertence á familia linneana dos barões propriamente ditos—Porta de Atamarma.—Senatus-consulto santareno. — Nossa Senhora da Victoria «afforada». —Threnos sôbre Santarem.

— Pois já se acabou a historia de Joanninha?

— Não, de todo ainda não.

— Falta muito?

— Tambem não é muito.

— Seja o que fôr, acabemos; que está a gente impaciente por saber como se concluiu tudo isso, o que fez o frade, o que foi feito da ingleza, Joanninha e a avó que caminho levaram, e o pobre Carlos se...

— Pois interessam-se por Carlos, um homem immoral, sem principios, sem coração, que fazia a côrte — fazer a côrte ainda não é nada — que amava duas mulheres ao mesmo tempo? Horror, horror! como dizem os dramaticos romanticos: horror e maldição!

— Horror seja, horror será... e horror é sem dúvida. E maldição que deitaram ao pobre homem. Mas immoralidade! Immoralidade é enganar, é mentir, é atraiçoar: e elle não o fez. Desgraça grande ter um coração assim: mas não me digam que é prova de o não ter. Eu digo que elle tinha coração de mais: o que é um defeito e grande, é um estado pathologico e anormal. Physicamente produz a morte; e moralmente pode matar tambem o sentimento. Bem o creio: mas é molestia commum e com que vae vivendo muita gente, até que um dia...

— Um dia, o orgão, que progressivamente se foi dilatando, não póde funccionar mais, cessa a circulação e a vida. Deve ser horrivel morte!

— Falam physicamente?

— Physicamente. Mas no moral anda pelo mesmo. E se esse é o defeito de Carlos...

— Sentir muito?

— Não; ter sentido muito: que o coração, como orgão moral, não se dilata a esse ponto senão pelo demasiado excesso e violencia de sensações que o gastaram e relaxaram. Se esse é o defeito, a molestia de Carlos, digo que já sei o fim da sua historia sem a ouvir.

— Então qual foi?

— Que um bello dia cahiu no indifferentismo absoluto, que se fez o que chama sceptico, que lhe morreu o coração para todo o

affecto generoso, e que deu em homem politico ou em agiota.

— Póde ser.

— Mas qual das duas foi, deputado ou barão? queremos saber.

— Saberão.

— Queremos já.

— E se fossem ambas?

— Oh horror, horror, maldição, inferno! Ferros em braza, demonios pretos, vermelhos, azues, de todas as côres! Aqui sim que toda a artilharia grossa do romantismo deve cahir em massa sobre esse monstro, esse...

— Esse quê? Pois em se acabando o coração á gente...

— Eu não creio n'isso. Acaba-se lá o coração a ninguem!...

Houve gargalhada geral á custa do pobre incredulo, e levantamo nos para ir ver o Santo-milagre, que era a hora aprazada, e estava o prior á nossa espera.

Amanhã o fim da historia da menina dos olhos verdes.

No caminho encontrámos o nosso antigo amigo, o barão de P. [1] —barão de outro genero, e que não pertence á familia linneana que n'esta obra procurámos classificar para a illustração do seculo —cavalheiro generoso, e typo bem raro já hoje da antiga nobreza das nossas provincias, com todos os seus brios e com toda a sua cortezia d'outro tempo, em que tanto relêvo destaca da grossèria villan d'essas notabilidades improvisadas...

Vinha em nossa procura para nos guiar. Seguimol-o.

Fomos de passagem observando algumas das mais interessantes coisas d'aquella terra em que se não póde dar um passo sem que a reflexão ou a imaginação encontre objecto para se entretêr. Inclinando um pouco á direita, démos na celebrada porta de Atamarma.

Por aqui entrou D. Affonso Henriques; por aqui foi aquella destemida surpreza que lhe entregou Santarem, e acabou para sempre com o dominio arabe n'esta terra.

Os illustrados municipes Santarenos têm tido por vezes o nobre e generoso pensamento de demolir esta porta! o arco de triumpho de Affonso Henriques, o mais nobre monumento de Portugal!

A idea é digna da epoca.

Felizmente parece que tem faltado dinheiro para a demolição; e o senatus-consulto dos dignos padres-conscriptos não pôde ainda executar-se.

Não que eu creia este arco o genuino arco moiresco por onde entraram os bravos de D. Affonso; mas creio que essa porta da antiga villa se foi reparando, concertando e conservando em suas successivas alterações, até chegar ao que hoje está: e ainda assim como está, é um monumento de respeito que só barbaros pensariam desacatar e destruir.

Por cima d'ella está uma capellinha de N. S. da Victoria: quer a tradição que fosse erguida e consagrada á Virgem pelo heroico fundador da monarchia e da independencia portugueza. Este é um dos muitos pontos em que a religião das tradições deve ser respeitada e crida sem grandes exames, porque nada ganha a critica em pôr dúvidas, e o espirito nacional perde muito em as acceitar.

Deixal-a estar a Virgem da Victoria sôbre o arco de Affonso Henriques. Prostremo-nos e adoremos, como bons portuguezes, o symbolo da fé christã e da fé patriotica levantado pelas mãos ensanguentadas do triumphador!

Mas seria elle ou não que levantou essa capellinha? os documentos faltam, os escriptores contemporaneos guardam silencio; a historia deve ser rigorosa e verdadeira...

Deve; e os grandes factos importantes que fazem epoca são as balizas da historia de uma nação; tambem eu os regeitarei sem dó quando lhes faltarem essas authenticas indispensaveis. Agora as circumstancias, para assim dizer, episodicas de um grande feito sabido e provado, quem as conservará senão forem os poetas, as tradições, e o grande poeta de todos, o grande guardador de tradições, o povo?

Eu creio na Senhora da Victoria de Santarem, e em muitos outros santos e santas, que a religião do povo tem por esses nichos e por essas capellas e por esses cruzeiros de Portugal, a recordar memorias de que se não lavrou outro auto, não se escreveu outra escriptura, de que não ha outro documento, e que os frades chroniqueiros não julgaram dever escrever no livro de terça ou de noa em nenhum livro preto nem encarnado, porque o tinham por melhor escripto e mais bem guardado nos livros de pedra em que estava.

Coitados! não contaram com os aperfeiçoadores, reparadores e demolidores das futuras civilisações que, para pôr as coisas em ordem tiram primeiro tudo do seu logar.

A camara de Santarem, não podendo demolir o arco, tomou um meio termo que apósto que ninguem é capaz de adivinhar. Afforou a capella por cima d'elle com altar, com santos e tudo: e assim esteve afforada alguns annos, não sei para-quê nem porquê; o caso é que esteve.

O anno passado porêm (1842) começou a manifestar-se esta reacção religiosa que os especuladores quizeram logo converter em

[1] Barão de Pombalinho. (*Da revisão.*)

ganancia pessoal, descontando-a no mercado das agiotagens facciosas, mas perdem o seu tempo, inda bem! Veiu, digo, esta reacção nas ideas das gentes; e a capella da Senhora da Victoria sôbre o arco, não sei tambem como nem porquê, foi *desafforada*, e restituida ao culto popular.

Subimos a vêr a capella por dentro: é um rifacimento ridiculo e miseravel, sem nenhuma das solemnidades do antigo, sem elegancia moderna alguma.

Desappontou-me tristemente. Vamos ao Santo-Milagre depressa, que me quero reconciliar com Santarem; e já começa a ser difficil.

Mas é injustiça minha. Que culpa tem ella, coitada?

Ai Santarem, Santarem! abandonaram te, mataram-te, e agora cospem-te no cadaver.

Santarem, Santarem! levanta a tua cabeça coroada de torres e de mosteiros, de palacios e de templos!

Mira-te no Tejo: princeza das nossas villas: e verás como eras bella e grande, rica e poderosa entre todas as terras portuguezas.

Ergue-te, esqueleto colossal da nossa grandeza, e mira-te no Tejo: verás como ainda são grandes e fortes esses ossos desconjuntados que te restam.

Ergue-te, esqueleto de morte; levanta a tua foice, sacode os vermes que te polluem, esmaga os reptis que te corróem, as osgas torpes que te babam, as lagartixas peçonhentas que se passeiam atrevidas por teu sepulchro deshonrado.

Ergue te Santarem, e dize ao ingrato Portugal, que te deixe em paz ao menos nas tuas ruinas, mirrar tranquillamente os teus ossos gloriosos; que te deixe em seus cofres de marmore, sagrados pelos annos e pela veneração antiga, as cinzas dos teus capitães, dos teus letrados e grandes homens.

Dize-lhes que te não vendam as pedras de teus templos, que não façam palheiros e estrebarias de tuas egrejas; que não mandem os soldados jogar a pella com as caveiras dos teus reis, e a bilharda com as canellas dos teus santos.

Tiraram-te os teus magistrados, os teus mestres, os teus seminarios... tudo, menos o entulho, e a caliça, as immundices, e os monturos que deixaram accumular em tuas ruas, que espalharam por tuas praças

Santarem, nobre Santarem! a Liberdade não é inimiga da religião do céo nem da religião da terra. Sem ambas não vive, degenera, corrompe-se, e em seus proprios desvarios se suicida.

A religião do Christo é a mãe da Liberdade, a religião do Patriotismo a sua companheira. O que não respeita os templos, os monumentos de uma e outra, é máo amigo da Liberdade, deshonra-a, deixa-a em desamparo, entrega-a á irrisão e ao odio do povo..............................

....

Vamos ao Santo-Milagre.

CAPITULO XXXVII

A Graça e sua bella fachada gothica. — Sepultura de Pedr'alvares Cabral. — Outro barão que não é dos assignalados. — Egreja do Santo-Milagre. — Bellos medalhões mosarabes.—De como, chegando o prior e o juiz, houve o A. vista do Santo-Milagre, e com que solemnidades. — Monumento da muito alta e poderosa princeza a infanta D. Maria da Assumpção —Casa onde succedeu o milagre convertida em capella de estylo philipino.—O homem das botas, e o que tem elle que haver com o Santo-Milagre de Santarem. —Admiravel e graciosa esperteza da regencia do Rocio.—Aaroun el-Arraschid: e theoria dos governos folgasões, os melhores governos possiveis. — Volta o paladio scalabitano de Lisboa para Santarem.

Inclinámos o nosso caminho para a esquerda, e fomos passar deante do arrendado e elegante frontispicio gothico da Graça. A ausencia não sei de que regedor, ou insignificante personagem de egual importancia que tem as chaves da egreja e convento, nos fez perder toda a esperança de visitar a sepultura de Pedr'alvares Cabral que alli jaz, assim como outras bellas e interessantes antiguidades de não menor preço.

Fomos seguindo até casa do barão d'A. [1] outro illegitimo, porque não pertence aos barões assignalados

> Que, sem passar além da Taprobana.
> No velho Portugal edificaram
> Novo reino que tanto sublimaram.

Encontrâmol-o prompto a acompanhar-nos e a presidir, como juiz da irmandade que é, á grande cerimonia da exposição e ostensão do Santo-Milagre.

Juntos descemos á egreja, que é perto.

A egreja pequena é do peior gôsto moderno por dentro e por fóra. Notavel não tem nada se não uns quatro medalhões de pedra lavrada com bustos de homens e mulheres em relêvo, que visivelmente pertenceram a edificação antiga, e que actualmente estão incrustadas na tosca alvenaria do cruzeiro.

Os bustos são de puro e finissimo lavor gothico, altos de relêvo e desenhados com uma franqueza que se não encontra em esculpturas muito posteriores.

São talvez reliquias da primitiva egreja do Santo-Milagre, que nas successivas reedificações se têem ido conservando. Abençoado seja

[1] Barão de Almeirim. *(Da revisão.)*

VIAGENS NA MINHA TERRA — Mata-me, mata-me! aqui ha pouca vida já .. PAG. 237

o escrupuloso que as salvou d'este último *melhoramento* que houve no desgraçado e desgracioso templo: o que não foi ha muitos annos por certo.

Chamo gothico ao lavor d'aquellas cabeças, porque é a phrase vulgar e impropria usada de toda a gente: segundo já observei n'outra parte, com mais exacção se devêra dizer *mosarabe*.

Chegou o prior, o sr. juiz deu as suas ordens, vieram uns poucos de irmãos com tochas, distribuiram-nos a cada um de nós a sua, e processionalmente nos dirigimos á porta lateral do altar-mór, da qual se sobe por uma escada assás larga e commoda, á especie de camarim que está parallelo com o mais alto do throno em que perpetuamente se conserva o grande paladio santareno.

Subimos, acompanhados do prior em sobre-peliz e estola: chegando ao alto, ajoelhámos em roda d'elle que subiu a uns degráosinhos, abriu, com a chave dourada que trazia pendente ao pescoço, uma como porta de sacrario, depois ajoelhou, incensou, tornou a ajoelhar, disse alguns versetos a que respondeu o sacristão, e finalmente tirou de seu repositorio uma especie de ambula de ouro de fabrica antiga, mas não mais antiga que o decimo sexto, ou decimo quinto seculo, quando muito.

Depois de nos inclinarmos e receber a benção que o padre nos deitou com a reliquia, foi-nos permittido erguer-nos, e chegar perto para vêr e observar.

Entre uns cristaes já bem velhos e embaciados se descobre com effeito o pequeno vulto amarellado-escuro que piedosamente se crê ser o resto da particula consagrada que a judia roubára para seus feitiços.

Excuso contar a historia do Santo-Milagre de Santarem que toda a gente sabe. O bom do prior, ex-frade trino gordo e bem conservado, não nos perdoou o menor ponto d'ella, que tivemos de ouvir com a maior compuncção.

Encerrada outra vez a ambula com as mesmas solemnidades, entrámos em conversação com o prior.

N'aquelle mesmo camarim junto á devota reliquia se conservaram, por espaço de cinco ou seis annos, se bem me recordo do que o bom do parocho nos contou, os restos mortaes da senhora infanta D. Maria da Assumpção, que falecêra em Santarem nos ultimos mezes da occupação d'aquella villa pelas forças realistas. O cadaver, mal embalsamado e com más drogas, foi mettido n'um caixão de folha de Flandres. Em pouco tempo a corrupção estragou e rompeu a folha, e uma infecção terrivel apestava a egreja. Soffreu-se isto annos, representou-se ao governo por vezes, mas nenhuma resolução se pôde obter. Até que afinal, declarando o prior que, se não mandavam tomar conta d'aquelles tristes restos da pobre princeza, elle se via obrigado a mettêl-os na terra, foi-lhe respondido que fizesse como entendesse; e elle entendeu que os devia sepultar no cruzeiro da egreja, como fez, do lado da epistola, isto é, á direita.

E ahi jáz em sepultura raza, sem mais distincção nem epitaphio, a muito alta e poderosa princeza de D. Maria, filha de muito alto e poderoso principe D. João o VI, rei de Portugal, imperador do Brasil, e da conquista e navegação, etc.

Assim é o mundo, as suas grandezas e as suas glorias!

A visita ao Santo Milagre não é completa sem se ir vêr a casa onde elle se operou. Conservou-se ella por alguns seculos em grande veneração, e em mil seiscentos e tantos se converteu por fim em capella. Hoje está abandonada, chove em toda ella, e apenas tem uma má porta que a defende das incursões dos animaes. Pena e desleixo grande, porque é elegante e graciosa a capellinha, lavrada de bons marmores, no melhor gôsto do decimo-sexto seculo, de renascença já muito adeantada no classico: é um verdadeiro typo de estylo philippino, que tanto predomina n'essa epoca em toda a peninsula.

A historia do Santo Milagre de Santarem muitas vezes tem andado ligada com a historia do reino; e já n'este seculo, no tempo da guerra da independencia... veiu prender com um dos factos mais importantes, e tambem com a mais curiosa e comica aventura de que em Lisboa ha memoria.

Alludo nada menos que ao *homem das botas*. E perdôem-me as senhoras beatas não ser eu de motejar com as coisas sérias e santas. Mas o facto é que a historia do Santo-Milagre está ligada com a célebre historia do *homem das botas*.

Saiba pois o leitor contemporaneo, e saiba a posteridade, para cuja instrucção principalmente escrevo este douto livro, que pela invasão de Massena, o grande paladio scalabitano foi mandado recolher a Lisboa e ahi se conservou alguns annos até muito depois da completa retirada dos Francezes.

Passado todo o perigo de que o exército invasor roubasse — ou profanasse — que era o mais provavel — a santa reliquia, começou a reclamal-a o senado e povo santareno, e a mostrar muito pouca vontade de lh'a restituir o senado e povo ulyssiponense. Era uma questão d'entre Alba e Rôma, que dava serio cuidado aos reflectidos Numas da regencia do Rocio.

Em poucas perplexidades tam graves se

via aquelle pobre governo que tantas teve, e de quasi todas se sahiu tam mal.

Não assim d'esta que a evitou com o mais inesperado e admiravel estratagema, digno de ornar os maravilhosos fastos do grande Aroun-el-Raschid, ou de qualquer outro principe de bom humor, d'esses poucos felizes que em felizes tempos reinaram a brincar, e zombaram com seu povo, mas fazendo-o rir.

Pois, senhores, apertada se via a regencia d'estes reinos com a restituição do Santo-Milagre que era de justiça fazer-se a Santarem, mas que Lisboa recusava, e ameaçava impedir. Temia-se alborôto no povo.

Não sei de quem foi o alvitre, mas foi de maganão de bom gosto; e bom gosto teve tambem o govêrno em o acceitar e aproveitar. Para o dia em que o Santo-Milagre devia sair de Lisboa Tejo acima, e que se esperava fosse com grande solemnidade e pompa ecclesiastica, — fez-se annunciar por cartazes que um fulano de tal passaria o rio, de Lisboa a Almada, em umas botas de cortiça nas quaes se teria direito e enxuto navegando a pé sem mais embarcação, vela nem remo.

A logração era gorda e grande; melhor e mais depressa foi engulida. No dia aprazado despovoou se a capital, e uns em barcos outros por navios, outros por essas praias abaixo, tudo se encheu de gente de todas as classes, e todos passaram o melhor do dia á espera do *homem das botas*

No emtanto, muito sorrateiramente embarcava o Santo-Milagre no seu barco de agua arriba, e navegava com vento e maré para as ditosas ribeiras de Santarem.

Ninguem o viu sahir, nem soube novas d'elle em Lisboa senão quando constou da sua chegada a Santarem, e das grandes festas que lhe fizeram aquelles saudosos e devotos povos ribatejanos.

Os Arouns-el-Raschids do Rocio riram de soccapa: e nunca tam innocentemente se riu governo algum de ter enganado o povo.

Nós celebrámos a historia como ella merecia, e fomos jantar á Alcaçova, para irmos de tarde vêr a Ribeira, e procurar os vestigios do seu inclyto Alfageme.

CAPITULO XXXVIII

Jantar nos reaes paços de Affonso Henriques.—Sautés e salmis —Desce o A. á Ribeira de Santarem em busca da tenda do Alfageme. A espada do Condestavel. — Desapontamento. — O salão elegante. Dissipam-se as ideas archeologicas. Os fosseis. — Tudo melhor quando visto de longe.—O baile publico.—Soirée de piano obrigado.—Theatro. Desafinações da prima dona. Syphlis incuravel das traducções. Destempêro dos originaes.—A xácara de rigor, o subterraneo e o cemiterio —Sublime gallimathias do ridiculo.—A bella e necessaria palavra gallimathias.'—Se as saudades matam.—Perigo de applicar o escalpello ou a lente ao mais perfeito das coisas humanas.—De como a logica é a mais perniciosa de todas as incoherencias.

Esperava-nos com effeito em casa do nosso bom hospede, nos regios paços de Affonso Henriques, um esplendido jantar a que assistiram quasi todos os cavalheiros da terra. — Não quero dizer as notabilidades, por ser palavra peralvilha a que tenho invencivel zanga — As iguarias de legitima escola portugueza, não menos saborosas e delicadas por apparecerem estremes de *sautés e salmis* extrangeirados. Brilharam sobre tudo os productos das duas grandes vendimas rivaes, do Ribatejo e Ribadouro. Foi largo e alegre o jantar.

Acabámos tarde, montámos logo a cavallo, e pela porta de Atamarma descêmos á Ribeira; era quasi sol pôsto quando chegámos.

É o suburbio democratico da nobre villa, hoje o rico e o forte d'ella. Faz lembrar aquellas aldeas que se criaram á sombra dos castellos feudaes e que, libertas, depois da oppressora protecção, cresceram e engrossaram em substancia e força: o castello, esse está vazio e em ruinas.

Por aqui se faz quasi todo o commercio da Extremadura e Beira com o Alemtejo. Os habitantes laboriosos e activos conservam os antigos brios e independencia do caracter primitivo: é a unica parte viva de Santarem.

Cruzámos a povoação em todos os sentidos procurando rastrear algum vestigio, confrontarmos algum sitio onde podessemos collocar, pela mais atrevida supposição que fosse, a tenda do nosso Alfageme com as suas espadas bem «corregidas», as suas armaduras luzentes e bem postas — e o joven Nun'alvares passeando alli por pé, ao longo do rio — como diz a Chronica — namorado d'aquella perfeição de trabalho, e dando a correger a bella espada velha de seu pae ao rustico propheta que tantos vaticinios de grandeza lhe fez, que o saudou Condestavel, Conde d'Ourem e salvador da sua patria.

Nada podémos descubrir com que a ima-

A porta de Atamarma — Santarem

ginação se illudisse sequer, que nos désse, com mais ou menos anachronismo, uma leve base tam sómente para reconstruirmos a gothica morada do celebre cuteleiro propheta que a historia herdou das chronicas romanescas, e hoje o romance outra vez reclama da historia,

Em Santarem ha poucas casas particulares que se possam dizer verdadeiramente antigas; na Ribeira, nenhuma. As emplastagens e replastagens successivas têm anachronizado tudo. É uma feliz expressão do Sr. Conde de Raczynski bem applicada por elle ao estado de quasi todos os nossos monumentos, esta de anachronismo.

Mas alli, na villa alta ou Marvilla, no Santarem propriamente dito, ha os templos, os conventos, a cêrca das muralhas que todavia conservam a physionomia historica da terra; aqui nem isso ha.

Voltei completamente desappontado da Ribeira, isto é da sua pedra e cal: gósto immenso da sua gente.

Outra surpreza de mui differente genero nos esperava á noite em Marvilla, no elegante salão da B. d'A. [1] com quem fômos tomar chá.

Em meio das ruinas e desconfôrto d'aquelles desertos e mortos pardieiros circumstantes, ir encontrar uma casa em plena florescencia de civilisação e de vida: vêr a amabilidade e a elegancia fazendo graciosamente as honras d'ella - por mais que se devesse esperar — sempre espanta á primeira vista: parecia golpe da varinha de condão.

Em tam agradavel e joven companhia todas as idéas archeologicas se desvaneceram, apezar de dous ou tres fosseis que alli appareciam para se não perder de todo a côr local talvez.

Largamente se conversou, de Lisboa principalmente, dos nossos mutuos amigos, das festas do ultimo inverno, das probabilidades que se deviam esperar do futuro.

Ralhámos muito da sociedade portugueza; exaltámos Paris e Londres e não sei se Pekim e Nankim tambem, e concluimos que antes Timbokotuo do que a seccante capital do nosso pobre reino. E comtudo estavamos com saudades d'ella; e concessão d'aqui, concessão d'alli, viemos a que não era tam má terra como isso.

Admiravel condição da natureza humana, que tudo nos parece melhor e menos feio quando visto de longe!

O baile público mais semsabor, detestavel de barulho e confusão, em que, para repousar os olhos n'um rosto conhecido e agradavel, foi preciso furar por entre centenas de cotovellos barbaros que se não sabe d'onde vieram, levar desalmadas pisadellas do dançante noviço, do deputado recemchegado, e das botas novas do novo director da Galocha —e, mais horrivel que tudo! —vêr as absurdas toiletes, os penteados fabulosos, as caras incriveis e as antediluvianas figuras de tanta mulher feia e desastrada... pois esse mesmo baile, quando já não é senão reminiscencia que acorda no meio do enfado ronceiro de uma terra de provincia, parece outro. As luzes, as flores, a musica, toda aquella animação lembra com prazer, o mais esquece, e involuntariamente se descae um pobre homem a suspirar por elle.

A soirée mais massante, de piano obrigado com dueto das manas, polka das primas e casino das tias velhas — recordada em eguaes circumstancias, tambem já não accode á memoria como uma reunião escolhida e intima, de facil e doce trato... oh! o verdadeiro prazer da sociedade.

Pois o theatro... Que se lembre, alguem na provincia dos martyrios que soffreu o ouvido com os berros da prima-dona, as desafinações do tenor, ou com o enfadonho resonar d'aquella adormecida orchestra de San Carlos!

A enjoativa traducção de uma comedia da Rua-dos- Condes roida de incuravel syphlis, figura-se avelludada de todas as graças do estylo de Scribe.

É o destempêro original de um drama plusquam romantico, laureado das immarcessiveis palmas do Conservatorio para eterno abrimento das nossas bôccas! Lá de longe applaude-o a gente com furor, e esquece-se que fumou todo o primeiro acto cá fóra, que dormiu no segundo, e conversou nos outros, até á infallivel scena da xácara, do subterraneo, do cemiterio, ou quejanda; em que a dama, soltos os cabellos e em penteador branco, endoudece de rigor, — o galan, passando a mão pela testa, tira do profundo thorax os tres *ahs!* do estylo, e promette matar seu proprio pae que lhe appareça, — o centro perde o centro de gravidade, o barbas arrepella as barbas... e maldição maldição, inferno!... «Ah mulher indigna, tu não sabes «que n'este peito ha um coração, que d'este coração saem umas arterias, d'estas arte«rias umas veias — e que n'estas veias corre «sangue... sangue, sangue! Eu quero sangue, «porque eu tenho sêde, e é de sangue... «Ah! pois tu cuidavas? Ajoelha, mulher, «que te quero matar... esquartejar, chacinar!» — E a mulher ajoelha, e não ha remedio senão applaudir...

E applaude-se sempre.

E não é de mim que falo, que eu gósto d'isto; os outros é que se enfastiam e can-

[1] Baroneza d'Almeirim. (*Da Revisão.*)

sam de tanta barafusta, sempre a mesma...

Mas emfim o que digo é que na provincia não ha tal fastio, que esquece a canceira e, que nem o sublime gallimathias do ridiculo d'alli se percebe.

Peço aos illustres puritanos que á força de sublimado quinhentista, têm conseguido levar a lingua á decrepitude para a curar de suas enfermidades francezas, peço-lhe que me perdôem o *gallimathias*, porque elle é muito mais portuguez que outra coisa. A celebre oração *Pro gallo Mathiae* deu origem a esta bella e expressiva palavra, que sim foi procreada em francez, mas hoje precisâmos cá muito mais d'ella que em parte nenhuma.

Volto já da digressão philologica: tornemos á optica e á catoptrica.

Grande coisa é a distancia!

E dizem que saudades que matam! Saudades dão vida; são a salvação de muita coisa que em seu pleno gôso e posse pacifica, pereceria de inanição ou morreria da oppressora molestia da sociedade.

Por isso eu não gósto de metter o escalpello no mais perfeito da construcção humana, nem de applicar a lente ao mais fino e delicado do seu funccionar...

Vamos usando d'estas palavras que herdámos, sem metter louvados na herança; não succeda descobrirmos que estamos mais pobres do que se cuidava... vamos repetindo estas phrases que nos formularam nossos antepassados sem as analysar com muito rigor; não succeda vêrmos claro demais que temos passado a vida a mentir.

Detesto a philosophia, detesto a razão; e sinceramente creio que n'um mundo tam deschavado como este, n'uma sociedade tam falsa, n'uma vida tam absurda como a que nos fazem as leis, os costumes, as instituições, as conveniencias d'ella, affectar nas palavras a exactidão, a logica, a rectidão que não ha nas coisas, é a maior e mais perniciosa de todas as incoherencias.

Não falemos mais n'isto, que faz mal, e acabemos aqui este capitulo.

CAPITULO XXXIX

Processo de scepticismo em que está o auctor.—Moralistas de *Requiem*.—O maior sonho d'esta vida, a logica.—Differença do poeta ao philosopho.—O coração de Horacio.—O Collegio de Santarem.—Jesuitas e templarios.—O alliado natural dos reis.—Ficar na gazeta, phrase muito mais exata hoje do que Ficar no tinteiro.—San Frei Gil e o Doutor Fausto.—De como o A. foi ao tumulo do santo bruxo e o achou vazio.—Quem o roubaria?

O final do capitulo antecedente é, bem o sei, um terrivel documento para este processo de scepticismo em que me mandaram metter certos moralistas de *Requiem* de quem tenho a audacia de me rir, d'elles e da sua querella e do seu processo, protestando não me aggravar nem appellar, nem por nenhum modo recorrer da mirifica sentença que suas excellentissimas hypocrisias se dignarem proferir contra mim.

Feita esta declaração solemne, procedamos.

E quanto a ti, leitor benevolo, a quem só desejo dar satisfação, a ti, se ainda te canças com essas chimeras, dou-te de conselho que voltes a pagina obnoxia, porque essas reflexões do ultimo capitulo são tam deslocadas no meu livro como tudo o mais n'este mundo. Dorme pois, e não despertes do bello-ideal da tua logica.

É uma descoberta minha de que estou vaidoso e presumido esta de ser a logica e a exacção nas coisas da vida muito mais sonho e muito mais ideal do que o mais phantastico sonho e o mais requintado ideal da poesia.

É que os philosophos são muito mais loucos do que os poetas; e de mais a mais, tontos: o que est'outros não são.

Voltemos, voltemos a pagina com effeito, que é melhor.

Amanheceu hoje um bello dia, puro e sublime. Dorme nas cavernas do padre Eolo aquelle vento sêcco e duro, flagello dos estios portuguezes. Suspira no ár uma viração branda e suave que regenera e dá vida. Mal empregado dia para o passar a vêr ruinas! No seio da sempre joven natureza, sob a remoçada espessura das árvores, sobre a alcatifa sempre renovada das grammas verdes e variegadas boninas, queria eu que me corresse este dia em ocio bemaventurado de corpo e d'alma, sentindo pulsar lento e compassado o coração livre e sôlto de todo empenho, o verdadeiro coração de Horacio,

Solutus omni foenore!

Tomára-me eu no valle outra vez, com a irman Francisca a dobar á porta, a nossa Joanninha a deslindar-lhe a meada: e embora venha o terrivel espectro de Fr. Diniz projectar sua funesta e tragica sombra no idylio d'este quadro suave, que não póde destruir-lhe toda a amenidade bucolica, por mais que faça.

Lá voltaremos ao nosso valle, amigo leitor, e lá concluiremos, como é de rasão, a historia da Menina dos rouxinoes. Por agora almocemos, que é tarde, e terminemos os nossos estudos archeologicos em Marvilla ou Santarem.

Cá estamos no Collegio, edificio grandioso,

VIAGENS NA MINHA TERRA — O joven Nun'Alvares e o Alfageme — PAG. 244

vasto, magnifico, propria habitação da Companhia-rei que o mandou construir para educar os infantes seus filhos.

Creio que esta e a de Coimbra eram as duas principaes casas que para isto tinham os Jesuitas em Portugal.

Foram os Templarios dos seculos modernos, os Jesuitas. A potencia formidavel e quasi régia que aquelles levantaram com a espada, tinham estes fundado com a doutrina. Riquezas, poder, influencia, uns e outros as tiveram com applauso e acquiescencia geral; uns e outros as perderam do mesmo modo.

Extinctas e perseguidas, ambas as ordens renasceram no mysterio, e se converteram em associações secretas para conspirarem: ambas tomaram diversos nomes e variadas máscaras para o fazerem mais seguramente.

Ambas em vão!

O predominio, crescente ha seculos, do elemento democratico, annulla todas essas conspirações. Sós e sem elle, os reis tinham succumbido... É a alliada natural dos reis a democracia.

O edificio do Collegio é todo philipino, já o disse: a egreja dos mais bellos specimens d'esse estylo, que em geral sêcco, duro e sem poesia, não deixa comtudo de ser grandioso.

Aqui esteve depois muitos annos o seminario patriachal, cujas aulas frequentava a mocidade do districto. Hoje lêem-se alli outras palestras da cathedra administrativa. E' a séde do governo civil chamado: corromper a moral do povo, sophismar o systema representativo é o thema das lições.

Todo outro ensino se tirou de Santarem. Fala-se n'um lyceu e não sei em que mais "que ficou na gazeta:" phrase portugueza moderna que deve supprir a antiga e antiquada de —"ficou no tinteiro"— por muitas rasões, até porque hoje não fica nada no tinteiro senão o senso commum, tudo o mais de lá sae, tudo. E muitas graças a Deus quando não passa ás balas do impressor para dar a volta do mundo.

Santarem é das terras de Portugal a melhor situada e qualificada para um grande estabelecimento de instrucção e de educação pública. Porque não hade estar aqui o Collegio-militar ou a Casa-Pia, ou outra grande eschola, seja qual for? Porque hade ser esta centralisação de ensino em Lisboa? Em que se funda um privilegio dado á capital em prejuizo e á custa das provincias?

Sahimos do Collegio, fomos direitos a San'Domingos, um dos mais antigos estabelecimentos monasticos do reino e que eu tanto desejava visitar. Não sei descrever o que senti quando a enferrujada chave deu a volta na porta da egreja e o velho templo se patenteou aos nossos olhos. Acabára de servir, não imaginam de quê... de palheiro!

A derradeira camada de palha que apodrecêra, adheria ainda ao lagedo humido, e exhalava um forte vapor mephitico que nos suffocava. Mal podémos vêr os tumulos dos Docems e tantos outros interessantes monumentos que abundam na parte superior do templo. A inferior, ou corpo da egreja como dizem, é de um miseravel e moderno anachronismo.

Respirando a custo aquelle ár infecto, todo o tempo que lhe pudesse resistir, quiz aproveital-o em examinar a principal e mais interessante reliquia da profanada egreja — a capella e jazigo do grande bruxo e grande santo, San'Frei Gil.

Algures lhe chamei já o nosso Doutor Fausto: e é com effeito. Não lhe falta senão o seu Gœthe,

> Vixere fortes ante Agamemnona multi.

Houve fortes homens antes de Agamenão, e fortes bruxos antes e depois do Doutor Fausto. Mas sem Homero ou Gœthe é que se não chega á reputação e fama que alcançaram aquelles senhores. Nós precisamos de quem nos cante as admiraveis luctas — ora comicas, ora tremendas — do nosso Frei Gil de Santarem com o diabo. O que eu fiz na *Dona Branca* é pouco e mal esboçado á pressa. O grande mago lusitano não apparece alli senão episodicamente; e é necessario que appareça como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro.

Então o seu ardente e anciado desejo de saber, os seus vastos estudos, os reconditos, mysterios da natureza que descobriu até penetrar no mundo invisivel —a sêde de oiro, de prazer e de podêr que o perseguia e o fez cahir nas garras do espirito maligno—o fastio e saciedade que o desencantaram depois —o seu arrependimento emfim, e a regeneração de sua alma pela penitencia, pela oração e pelo desprêzo da van sciencia humana—então essas variadas phases de uma existencia tam extraordinaria, tam poetica, devem mostrar-se como ainda não foram vistas, porque ainda não olhou para ellas ninguem com os olhos de grande moralista e de grande poeta que são precisos para as observar e entender.

Lembra-me que sempre entrevi isto desde pequeno, quando me faziam lêr a *Historia de San'Domingos*, tam rabujenta e semsabor ás vezes, apezar do encantado estylo do nosso melhor prosador; e que eu deixava os outros capitulos para lêr e relêr sómente as

aventuras do santo feiticeiro, que tanto me interessavam.

Com todas estas reminiscencias que me reviviam n'alma, com os admiraveis versos do *Fausto* a acudir-me á memoria, e com uma infinidade de associações que essas ideas me traziam, caminhei direito á capella do santo, cheio de alvorôço, e como tocado, para assim dizer, da sua magica vara de condão.

A capella — oh desappontamento! — a capella de San'Frei Gil é um mesquinho rifacimento moderno, do lado esquerdo da egreja, sem nenhum vestigio de antiguidade, nenhum ornato caracteristico, pesada, grosseira — velha sem ser antiga — um verdadeiro *non-descriptum* de máo gôsto e semsaboria. Quem tal dissera?

O tumulo do santo está elevado do altar n'uma especie de máo throno. Subi acima da degradada e profanada credencia para o examinar de perto.

E' de pedra o jazigo; mas ultimamente vê-se que tinham pintado a pedra; não tem lavor algum. — E estava vasio, a loisa levantada e quebrada!...

Quem me roubou o meu santo?

Quem foi o anathema que se atreveu a tal sacrilegio?...

CAPITULO XL

As Claras. — Aventura nocturna. — Se as freiras mettem medo aos liberaes. — O Psalmo. — Tres frades. — Pratica do franciscano. — O corpo de San'Fr. Gil. — Que se hade fazer das freiras. — Mal do governo que deixar comer mais aos barões.

Era de noite, reinava a confusão, a desordem, o susto e a anciedade nos muros de Santarem, tres homens chegavam por horas mortas, ao antigo mosteiro das Claras, davam á portaria um signal surdo e mysterioso; respondiam-lhe de dentro com outro egual; e d'ahi a pouco sem rumor e com as mais escrupulosas precauções se abria quietamente a porta da clausura.

Os tres homens entraram, a porta fechou-se sobre elles do mesmo modo precatado.

Que será?

Os homens levavam uma especie de cofre que parecia conter preciosidades de grande valor: tal era o desvello com que o resguardavam.

Ha um mysterio que se figura criminoso n'esta aventura. Mas os tempos são para tudo.

Era no anno de 1834.

Entremos n'esse convento das pobres Claras, tam afflictas e desconsoladas agora que as ameaçam de dissolução como aos frades. Não será assim: aquellas instituições não mettem medo aos verdadeiros liberaes, e os outros lá têm o espolio dos frades para devorar; então entretidos: as freiras salvam-se por ora.

Taes eram as esperanças dos tres homens que entravam a essas deshoras nos vedados precinctos do mosteiro. Sigamol-os, porém, que é tempo.

Chegavam elles a uma pequena capella do claustro das freiras, foram depôr sobre o altar o cofre que traziam, e ajoelharam devotamente deante d'elle. Logo se ouviu ao longe o psalmear baixo e sumido de vozes femininas; e d'ahi a pouco, toda a communidade das Claras de tochas na mão em duas alas, e a abbadessa com o seu baculo atraz, entravam processionalmente no claustro e se dirigiam á mesma capella.

O psalmo que cantavam era este:

* «Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas herdades, polluiram o teu santo templo, pozeram Jerusalem como um granel de fructos.

«Pozeram os cadaveres de teus filhos de cevo ás áves do céo: as carnes de teus santos ás alimarias da terra.

«O sangue d'elles derramaram-n'o como agua nos valles de Jerusalem; já não havia quem sepultasse.

«Estamos feitos o opprobrio dos nossos vizinhos: o escarneo e a zombaria dos que vivem por nossos arredores.

«Até aonde, ó Senhor, te hasde irar emfim; e se hade accender o teu zêlo com o fogo?

«Vérte a tua ira sobre as gentes que te não conheceram, contra os reinos que não invocaram o teu nome:

«Que devoraram a Jacob; e desolaram suas terras.

«Não te lembres de nossas iniquidades passadas, e depressa nos alcancem as tuas misericordias; já que tam pobres de mais estamos.

«Ajuda-nos Deus, salvador nosso; e pela gloria do teu nome livra-nos, Senhor, amerceia-te de nossos pecados por causa do teu nome.»

Cantavam assim as pobres das freiras, cantavam em latim que ellas mal entendiam; mas dizia-lhes o instincto do coração, dizia-lhes a tam excitavel imaginação feminina, que era chegada a hora de se cumprir a seus olhos, e sobre ellas mesmas tambem, a tremenda prophecia do psalmo que entovam.

Havia pois lagrimas n'aquellas vozes que assim cantavam; saiam d'alma aquelles sons

* Deus, venerunt gentes inhereditatem tuam, Ps. 78.

e n'alma vibravam tambem com profunda e solemne melancholia.

Chegadas junto á capella, aonde estava o cofre, as freiras pararam conservando as mesmas duas alas da procissão e continuando no accentuado murmurio do seu psalmo.

Os tres vultos de homem permaneceram de joelhos curvados deante do altar.

Findou o psalmo e seguiu-se breve intervallo de silencio. Depois, os tres homens levantaram-se, e cahindo-lhes para os lados as longas capas em que vinham envoltos, viu-se que o do meio era um frade velho, magro, curvado e sêcco, trajando ainda, apezar da lei, o burel preto dos franciscanos e cingido com sua corda. Os outros dous eram dominicos e vestiam de preto e branco segundo as côres de seu tambem proscripto instituto.

O velho franciscano subiu com passo trémulo os degráos do altar, beijou o cofre que estava sobre elle, e voltando-se para a communidade que o contemplava em religioso silencio, disse com uma voz cava que parecia vir do sepulchro mas accentuada e forte:

— Irmãs, vimos entregar-vos este deposito precioso. Deus não quer que os cadaveres dos seus santos fiquem expostos ás aves do céo e ás alimarias da terra. Este é o santo corpo de um dos maiores santos que produziu esta terra de Portugal quando era abençoada. Hoje é maldita e não devia conservar as suas reliquias. Os filhos de San'Domingos foram expulsos de sua casa, assim como nós fomos, nós os filhos de Francisco, encontrámo-nos sem tecto nem abrigo uns e outros e juntámos as nossas miserias para as chorarmos como irmãos que somos, como filhos de paes que tanto se amaram e ajudaram. Peregrinaremos juntos por essas solidões da terra, e juntos iremos bater por essas portas que cerrou a impiedade e a indifferença, a pedir o pão de cada dia porque temos fome. Que importa! não professamos nós, não nos honramos nós de ser mendigos? De que vivêmos nós sempre senão de esmola? Não choreis, irmãs, não choreis sobre nós. Deus que o permittiu bem sabe o que fez. Louvado seja elle sempre! Nós tinhamos peccados para mais! Ainda foi misericordioso comnosco o Senhor da justiça e do castigo. A nós tiraram-nos tudo, tudo! Até estas mortalhas que tinhamos escolhido em vida e que nem a morte ousava roubar-nos. A furto e como quem se esconde para um acto criminoso, nós as vestimos esta noite para commetter o que elles chamarão um furto, e que era uma obrigação sagrada nossa. Fomos á antiga casa de nossos irmãos e roubámos o corpo do bemaventurado San'Frei Gil. Aqui vol-o entregamos; guardae-o. Emquanto estes muros estiverem em pé, que o abriguem dos desacatos d'essa gente sem Deus nem lei. A vós não ousarão expulsar-vos d'aqui: talvez vos matem á fome... Não póde ser: Deus não hade permittil-o. Mas qualquer que seja a sua vontade, resignae-vos a ella, minhas irmãs. Só elle sabe como nos ama e como nos castiga. Louvemol-o por tudo.

Aqui foi um chorar e um supplicar fervente como só se ouve na hora da angustia.

As afflictas monjas estavam prostradas nas lages humidas do claustro, sobre as sepulturas de suas irmãs, sobre seus proprios jazigos que haviam de ser. O frade com os braços estendidos pronunciou as solemnes palavras de benção, descrevendo com a direita o augusto symbolo da redempção:

— Bemdiga-vos Deus omnipotente, Pae, Filho e Espirito-santo!

— Amen! respondeu o côro; e os tres proscriptos se retiraram, deixando a salvo o seu thesouro.

Assim desappareceu do tumulo o corpo de San'Frei Gil de Santarem.

Ninguem sabia d'elle; soube eu e guardei o segredo religiosamente.

Os tempos são outros hoje: os liberaes já conhecem que devem ser tolerantes, e que precisam de ser religiosos. Não ha perigo em dizer-lh'o onde elle está.

Quando houver em Portugal um governo que saiba ser governo, hade regular e consolidar a existencia das freiras, hade aproveital-a para as piedosas instituições do ensino da mocidade, da cura dos enfermos, e do amparo dos invalidos.

Os barões andam-lhe com o cheiro nos poucos bens que lhes restam ás pobres das freiras. Mal do governo que deixar comer mais aos barões!

CAPITULO XLI

O roubador do corpo do Santo descoberto pela arguta perspicacia do leitor benevolo.—Grande lacuna da nossa historia.—Porque se não preenche. — Pagina preta na historia de *Tristão Shandy*. — Novellas e romances, livros insignificantes.— O adro de San'Francisco e as suas acacias. — Que será feito de Joanninha. — O peito da mulher do norte. —Vamos embora: já me enfada Santarem e as suas ruinas. — A corneta do soldado e a trombeta do juizo final. — Eheu, Portugal, eheu!

Por certo, leitor amigo, no franciscano velho que vae de noite roubar os ossos do santo ao seu tumulo, e os vem esconder na clausura das freiras, por certo, digo, reconhe-

ceu já a tua natural perspicacia ao nosso Frei Diniz, o frade por teima e acinte.

Pois esse era, não ha duvida.

Assim se passou aquella scena e assim m'a contaram. Do que mediára entre ella e o acontecido com o frade, Carlos, Joanninha, a avó e a ingleza, d'isso é que nada pude saber.

E' uma grande lacuna na nossa historia; mas antes fique assim do que enchel-a de imaginação.

Oh! eu detesto a imaginação.

Onde a chronica se cala e a tradição não falla, antes quero uma pagina inteira de pontinhos, ou toda branca — ou toda preta, como na veneravel historia do nosso particular e respeitavel amigo *Tristão Shandy*, do que uma só linha da invenção do chroniqueiro.

Isso é bom para novellas e romances, livros insignificantes que todos lêem todavia, ainda os mesmos que o negam.

Eu tambem me pareee que os leio, mas vou sempre dizendo que não...

Emfim, tornemos ao frade, e tornemos ás minhas viagens.

Cheio d'elle e da sua memoria, palpitando com a recordação das tremendas scenas que, havia tam poucos annos, se tinham passado em seu antigo mosteiro, eu me approximei emfim do real convento de San'Francisco de Santarem.

Dei pouca attenção ao bello adro e á solemne vista que d'elle se descobre — e menos ainda ás doentias acacias que ahi vejetam infezadas e rachiticas, como plantadas de má mão e em má hora — porque moças são ellas, é visivel: pozeram-n'as ahi depois de extincto o convento. São triste mas verdadeiro symbolo da apagada e facticia vida que se quiz dar ao que era morto.

Vamos dentro, e vejamos pelas baixas e aguçadas arcadas do claustro, pelas altas naves do templo se descobrimos algum vestigio do ultimo guardião d'esta casa, e d'essa fadada familia cujo destino, em hora aziaga tam estreitamente se ligou com o d'elle.

Já me interessa isto mais, confesso, ai! muito mais, do que todos esses tumulos e inscripções que por ahi estão, e que tanto caracterisam este um dos mais antigos e mais historicos edificios do reino.

Mas em vão interrogo pedra a pedra, lage a lage: o ecco morto da solidão responde tristemente ás minhas perguntas, responde que nada sabe, que esqueceu tudo, que aqui reina a desolação e o abandono, e que se apagaram todas as lembranças do outro estado...

Que foi feito de ti, Joanninha, e dos teus amores? Que será feito d'esse homem que ousou amar-te amando a outra? E essa outra onde está? Resignou-se ella devéras? Sepultou com effeito, sob o gelo apparente que veste triplice mas falsa armadura o peito da mulher do norte, todo aquelle fogo intenso e intimo que solapadamente lhe devora o coração?

Não tenho esperanças de saber nada d'isso aqui.

Só pude descobrir que, no dia immediato á scena nocturna das Claras, Frei Diniz sahiu de Santarem, não se sabe em que direcção — que n'esse mesmo dia Georgina sahira tambem pela estrada de Lisboa, levando em sua carruagem a avó e a neta, ambas meias mortas e ambas meias loucas — que não houvera mais novas de Carlos — e que a sua ultima carta, aquella que escrevera de junto de Evora, Joanninha a levava apertada nas mãos convulsas quando partira.

Pois tambem eu me quero partir, me quero ir embora. Já me enfada Santarem, já me cansam estas perpetuas ruinas, estes pardieiros interminaveis, o aspecto desgracioso d'estes entulhos, a tristeza d'estas ruas desertas. Vou-me embora.

E comtudo San'Francisco é uma bella ruina, que merecia examinada de vagar, com outra paciencia que eu já não tenho.

Se tudo me impacienta aqui!

Da bella egreja gothica fizeram uma arrecadação militar; andou a mão destruidora do soldado quebrando e abolando esses monumentos preciosos, riscando com a bayoneta pelo verniz mais polido e mais respeitado d'esses jazigos antiquissimos; os lavores mais delicados esmoucou-os, degradou os. Levantaram as lages dos sepulchros, e ao som da corneta militar acordaram os mortos de seculos, cuidando ouvir a trombeta final...

Decididamente vou-me embora, não posso estar aqui, não quero vêr isto. Não é horror que me faz, é nausea, é asco, é zanga.

Malditas sejam as mãos que te profanaram, Santarem... que te deshonraram, Portugal... que te envileceram e degradaram, nação que tudo perdeste, até os padrões da tua historia!...

Eheu, eheu, Portugal!

CAPITULO XLII

Protesto do auctor. — Desaffinação dos nervos. — O que é preciso para que as ruinas sejam solemnes e sublimes. — Que Deus está no Colyseu como em San' Pedro. — Quer-se o auctor ir embora de Santarem. — Como, sem ver o tumulo d'el-rei D. Fernando? — Em que estado se acha este. — Exemplar de estylo byzantino. — Corôa real sobre a caveira. — O rei d'espadas e o symbolo do imperio. — Quem nunca viu o rei cuida que é de oiro. — Brutalidades da soldadesca n'um tumulo real. — O que se acha nas sepulturas dos reis. — A phrenologia. — Vindicta publica, tardia mas ultrajante. — Camões e Duarte Pacheco — A sombra falsa da religião. — Regimen dos barões e da materia. — A prosa e a poesia do povo. — Synthese e analyse. — O senso intimo. — Se o auctor é demagogo ou Jesuita. — Jesus Christo e os barões.

Não chamem exagerado ao que vae escripto no fim do ultimo capitulo; senti o que escrevi, senti muito mais do que escrevi. O que poderá haver é desacêrto nas palavras, porque em verdade não sei explicar a impressão que me faz uma ruina n'este estado. Desaffinam-me os nervos, vibram-me n'uma discordancia e dissonancia insupportavel. Queria vêr antes estes altares expostos ás chuvas e aos ventos do céo, — que o sol os queimasse de dia, — que á noite, á luz branca da lua, ou ao tibio reflexo das estrellas, piasse o môcho e sussurrasse a coruja sobre seus arcos meio cahidos.

Não me parecia profanado o templo assim, nem descahido de magestade o monumento. Podia ajoelhar-me no meio das pedras soltas, entre as hervas humidas, e levantar o meu pensamento a Deus, o meu coração á gloria, á grandeza, o meu espirito ás sublimes aspirações da idealidade. O material, o grosseiro, o pesado da vida não me vinham affligir ahi.

Deus, a idéa grande do mundo — Deus a Rasão eterna — Deus, o amor — Deus a glória — Deus, a força, a poesia e a nobreza d'alma — Deus está nas ruinas esclavradas do Colyseu, como nos zimborios de bronze e marmore de San' Pedro.

Mas aqui!... nos pardieiros de um convento velho, concertado pelas Obras-públicas para servir de quartel de soldados — aqui não habita espirito nenhum.

Quero-me ir embora d'aqui!

E como? sem vêr o tumulo d'el-rei Fernando? Não póde ser, é verdade.

Onde está elle?

No côro alto.

Subamos ao côro alto.

Oh! que não sei de nôjo, como o conte!

O bello jazigo do rei formoso e frivolo, tam dada ás delicias do prazer como foi seu pae ás austeridades da justiça em que estado elle está!

Oh nação de barbaros! Oh maldito povo de iconoclastas que é este!

O tumulo do segundo marido de D. Leonor Telles é um sarcophago de pedra branca, fina e friavel, elegante e simplesmente cortada, com mais sobriedade de ornatos do que tem de ordinario os monumentos do seculo XIV, mas de uma acabada esculptura, casta e continente, como o não foi a vida do rei que ahi encerraram depois de morto.

Percebem-se ainda vestigios das vivas côres em que foram induzidos os relêvos da pedra branca: — estylo byzantino de que não sei outro exemplar em Portugal. Este é – ou antes, era — precioso.

Era: porque a brutalidade da soldadesca o deturpou a um ponto incrivel. Imaginou a estupida cubiça d'estes Alanos modernos que devia de estar alli dentro algum grande haver de riquezas encantadas, — talvez cuidaram achar sôbre a caveira do rei a corôa real marchetada de perolas e rubis com que fosse enterrado, — talvez pensaram encontrar apertado ainda entre as sêccas phalanges dos dedos myrrhados, aquelle globo de oiro macisso que lhes figura o rei d'espadas do sujo baralho de sua tarimba, e que elles têm pela indisputavel e infallivel insignia do supremo imperio: — talvez suppozeram que mesmo depois de morto, um rei devia de ser de oiro... Emfim quem sabe o que elles cuidaram e pensaram? O que se sabe, porque se vê, é que quizeram abrir e arrombar o tumulo. Tentaram, primeiro, levantar a campa; não poderam: tam solidamente está soldada a pedra de cima ao corpo ou caixão do jazigo, que o todo parece macisso e inconsutil. Mas n'este empenho quebraram e estalaram os lavores finos dos cantos, os caireis delicados da orlas; e a campa não cedeu: parece chumbada pelo anjo dos ultimos julgamentos com o sêllo tremendo que só se hade quebrar no dia derradeiro do mundo.

A cubiça estolida dos soldados não se aterrou com a religião do sepulchro nem lhe causou attrição, ao menos, esta resistencia quasi sobrenatural das pedras do moimento. Vê-se que trabalhou alli, de alavanca e de ariete, algum possante e ponderoso pé-de-cabra: mas que trabalhou em vão muito tempo.

Desenganaram-se emfim com a tampa; e resolveram atacar, mais brutalmente mas com mais vantagem, as paredes do sarcophago, que justamente suspeitaram de menos espessas. Assim era; e conseguiram na parede da frente abrir um rombo grosseiro por onde entra facil um braço todo e póde explorar o interior do tumulo á vontade.

Assim o fiz eu, que metti o meu braço por essa abertura barrada, e achei terra, pó, alguns ossos de vertebras, e duas caveiras, uma de homem, outra de criança.

Não me lembra que haja memoria alguma de infante que ahi fosse sepultado tambem, segundo faziam os antigos muitas vezes que punham os cadaveres das crianças nos jazigos dos paes dos parentes, até de meros amigos de suas familias.

Tive, confesso, uma especie de prazer maligno em imaginar a estupida compridez de cara com que deviam de ficar os brutaes profanadores, quando achassem no tumulo do rei o que só têm os tumulos — de reis ou de mendigos — ossos, terra, cinza, nada!

Por mim, estive tentado a furtar a caveira d'elrei D. Fernando. Se acreditasse na phrenelogia, parece-me que não tinha resistido. Não creio na sciencia, felizmente—n'esse caso —para a minha consciencia. Tambem não sei o que faria se a caveira fosse de outro homem. Mas *o fraco rei* que *fez fraca a forte gente* não são reliquias as suas que se guardem.

Oh! e quem sabe? Esta profanação, este abandono; este desacato do tumulo de um rei, alli na sua terra predilecta — D. Fernando era santareno de affeição — não será elle o juizo severo da posteridade, a vindicta pública dos seculos, que tardia mas ultrajante, cae emfim sobre a memoria reprovada do máo principe, e lhe deshonra as cinzas como ja lhe deshonrára o nome?

Quero acreditar que tal não podia succeder aos tumulos de D. Diniz, de D. Pedro I, dos dois Joannes I e II, de...

Sim: e aonde está o de Camões? O de Duarte Pacheco aonde *esteve*? que ainda é mais vergonhosa pergunta esta última.

Em Portugal não ha religião de nenhuma especie. Até a sua falsa sombra, que é a hypocrisia, desappareceu. Ficou o materialismo estupido, alvar, ignorante, devasso e desfaçado, a fazer gala de sua hedionda nudez cynica no meio das ruinas profanadas de tudo o que elevava o espirito...

Uma nação grande ainda poderá ir vivendo e esperar por melhor tempo, apezar d'esta paralysia que lhe pasma a vida d'alma na mais nobre parte de seu corpo. Mas uma nação pequena, é impossivel; hade morrer.

Mais dez annos de barões e de regimem da materia, e infalivelmente nos foge d'este corpo agonisante de Portugal o derradeiro suspiro do espirito.

Creio isto firmemente.

Mas ainda espero melhor todavia, porque o povo, o povo povo, está são: os corruptos somos nós, os que cuidamos saber e ignoramos tudo.

Nós, que somos a prosa vil da nação, nós não entendemos a poesia do povo: nós, que só comprehendemos o tangivel dos sentidos, nós somos extranhos ás aspirações sublimes do senso-intimo que despreza as nossas theorias presumpçosas, porque todas vêm de uma acanhada anályse que procede curta e mesquinha dos dados materiaes, significantes e imperfeitos; — em quanto elle, aquelle senso-intimo do povo, vem da rasão divina, e procede da synthese transcendente, superior, e inspirada pelas grandes e eternas verdades que se não demonstram porque se sentem.

E eu que descrevo isto serei eu demagogo? Não sou.

Serei fanatico, jesuita, hypocrita? Não sou.

Que sou eu, então?

Quem não entender o que eu sou, não vale a pena que lh'o diga...

Perdoa-me, leitor amigo, uma reflexão última no fim d'este capitulo já tam seccante, e prometto não reflectir nunca mais.

Jesu Christo, que foi o modêlo da paciencia, da tolerancia, o verdadeiro e unico fundador da liberdade e da egualdade entre os homens, Jesu Christo soffreu com resignação e humildade quantas injustiças, quantos insultos lhe fizeram a elle e á sua missão divina; perdoou ao matador, á adúltera, ao blasphêmo, ao impio. Mas quando viu os barões a agiotar dentro do templo, não se pôde conter, pegou n'um azorrague e zurziu-os sem dor.

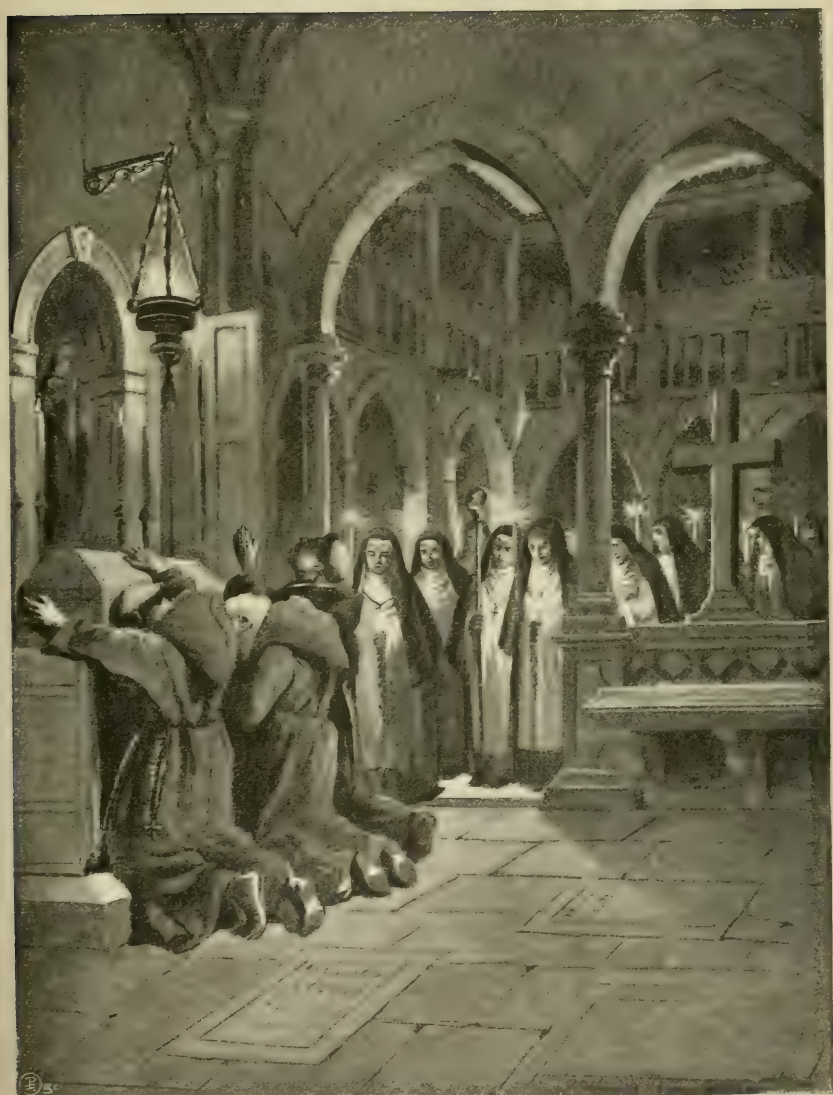
CAPITULO XLIII

Partida de Santarem. — Pinacotheca. — Impaciencia e saudades. — Sexta-feira. — Martyrio obscuro. — A figura do peccado — Estamos no valle outra vez. — Evocação de encanto. — A irman Francisca e Fr. Diniz. — A teia de Penelope. — E Joanninha ?— Joanninha está no céo — A mulher morta a dobar esperando que a enterrem. — A esperança virtude do christianismo. —Uma carta.

Estou devéras fatigado de Santarem; vou-me embora.

Despedimo-nos saudosos d'aquella boa e leal familia que nos hospedára com tanto carinho, com toda a velha cordialidade portugueza; partimos.

Apenas comecei a respirar o ár fresco da manhã dos olivaes, senti desaffogar-se-me alma d'aquella constricção cansada que se experimenta na longa visita a um museu de antiguidades, a uma galeria de pinturas.

Perdôem-me que não diga pinacotheca; bem sei que é moda, e que a palavra é adoptavel segundo as mais strictas regras de Horacio, pois cae da fonte grega direitamente e sem mistura: mas sôa-me tam mal em portuguez que não posso com ella.

VIAGENS NA MINHA TERRA — Os tres vultos de homem... — PAG. 253

Santarem fatigou-me o espirito, como todas as coisas que fazem pensar muito. Deixo-a porém com saudade, e não me heide esquecer nunca dos dias que aqui passei.

De quê e como sou eu feito, que não posso estar muito tempo n'um logar, e não posso sahir d'elle sem pena?

Já me está custando ter deixado Santarem. Porque não haviamos de partir ámanhã, e ter ficado ainda hoje alli?

E hoje que é sexta-feira?... Máo dia para começar viagem!

Sexta-feira! Era o dia aziago do nosso valle, da pobre velha cega que ahi vivia sua triste vida de dores, de remorsos e desconfôrto, esperando porêm em Deus, conformada com seu martyrio: martyrio obscuro, mas tam ensanguentado d'aquelle sangue que mana gotta a gotta e dolorosamente do coração rasgado, devorado em silencio pelo abutre invisivel de uma dor que se não revela, que não tem prantos nem ais.

Era na sexta-feira que o terrivel frade, o demonio vivo d'aquella mulher de angustias, lhe apparecia tremendo e espantoso deante de seus olhos cegos, elevado pela imaginação ás proporções descommunaes e gigantescas de um vingador sobre-natural.

Era a figura tangivel, e visivel á vista de sua alma, do enorme peccado que contra ella estava sempre.

Creio que excuso dizer que não tenho eu esta superstição dos dias aziagos que tinha a desgraçada velha, que a sua Joanninha partilhava. Mas confesso que, recordando as fatalidades d'aquella familia e d'aquelle dia, não gostei de voltar n'elle ao valle de Santarem.

Estavamos porém no valle; e já eu via de longe aquellas arvores e aquella janella, que tanto me impressionaram, quando estas reflexões me acudiam ao espirito e m'o contristavam.

Affrouxei insensivelmente o passo, deixei tomar larga deanteira os meus companheiros de viagem; e quando chegava perto da casa, tinha-os perdido de vista.

Involuntariamente parei defronte da janella; mordia-me um interesse, uma curiosidade irresistivel .. Nem viva alma por aquelles arredores: apeei-me e fui direito para a casa.

Apenas passei as arvores, um espectaculo inesperado, uma evocação como de encanto me veiu ferir os olhos.

No mesmo sitio, do mesmo modo, com os mesmos trajos e na mesma attitude em que a descrevi nos primeiros capitulos d'esta historia, estava a nossa velha irmã Francisca...

Ella era, e não podia ser outra; sentada na sua antiga cadeira, dobando como Penelope, tecia a sua interminavel meada. Não havia outra differença agora senão que a dobadoira não parava, e que o fio seguia, seguia, enrolando-se, enrolando-se contínuo e compassado no novêlo; e que os braços da velha lidavam lentamente, mas sem cessar, no seu movimento de automato que fazia mal vêr.

Defronte d'ella, sentada n'uma pedra, a cabeça baixa, e os olhos fixos n'um grosso livro velho, que sustinha nos joelhos, estava um homem sêcco e magro, descarnado como um esqueleto, livido como um cadaver, como uma estátua. Trajava um *non-descriptum* negro, que podia ser sotaina de clerigo ou tunica de frade, mas descingida, sôlta e pendente em grossas e largas prégas do extenuado pescoço do homem.

Tambem não podia ser senão Frei Diniz.

Cheguei junto d'elles; não me sentiu nenhum dos dois; nem me viu elle, o que só via dos dois.

Sem mais reflexão, e continuando alto na serie de pensamentos que me vinham correndo pelo espirito, exclamei:

— E Joanninha?

— Joanninha está no céo: — respondeu sem sobresalto, sem erguer os olhos do seu livro, a sombra do frade — que outra coisa não parecia.

— Joanninha, pobre Joanninha! Pois como foi, como acabou a infeliz?

— Joanninha não é infeliz: foi ser anjo na presença de Deus.

— E... e... Carlos? balbuciei eu hesitando, porque temia a susceptibilidade do frade.

— Carlos! respondeu elle, erguendo emfim os olhos e cravando-os em mim...

E oh que nunca vi olhos como aquelles, nem os heide vêr!

— Carlos!... E quem é que m'o pergunta? quem é que tanto sabe de mim e dos meus? Eu não tenho meus; sou só.

— Só! Não está aqui, que eu vejo!...

— Vê essa mulher morta que ahi ficou, que eu matei, e que aqui está á espera que dê a hora de eu a enterrar, mais nada. Eu estou só e quero estar só. Morreu tudo. Que mais quer saber?

— Venho de Santarem...

— Santarem tambem morreu; e morreu Portugal. Aqui não vive senão o meu peccado, que Deus não perdoou ainda, nem espero...

— A nossa religião fez uma virtude da esperança.

— Fez.

— E n'isso se distingue das outras todas.

— Pois ainda ha quem o saiba n'esta terra?

— Ha mais do que não houve nunca — pelo menos ha mais quem o saiba melhor.

—Póde ser: os juizos de Deus são incomprehensiveis.

—E infinita a sua misericordia.

—Mas a sua colera implacavel, a sua justiça tremenda.

—A misericordia é maior.

—Quem lhe ensinou tudo isso?

—O Evangelho, o coração e minha mãe que m'os explicou ambos.

—Sente-se aqui... aopé de mim.

Sentei-me. O frade pegou-me na mão com as suas ambas, e pôz-me os olhos com uma expressão que nenhuma lingua póde dizer, nem nenhum pincel pintar.

Esteve assim algum tempo, como quem me observava. Vi-lhe apontar claramente uma lagrima, vi-lh'a retroceder, e ficaram-lhe enchutos os olhos. Senti-lhe estrangular um suspiro que lhe vinha á garganta; percebi distinctamente o estremeção que lhe correu o corpo; mas observei que todo se serenou depois.

Disse-me então com voz magoada, mas placida, e sem aspereza já nenhuma:

—Sabe a historia do valle?

—Sei tudo até á partida de Carlos para Evora.

—Aqui tem a carta que elle escreveu.

Tirou do breviario um papel dobrado, amarello do tempo e manchado, bem se via, de muitas lagrimas, algumas recentes ainda.

—Leia.

Li.

Esta era a carta de Carlos.

CAPITULO XLIV

Carta de Carlos a Joanninha

Evora-Monte...
de maio de 1834.

É a ti que escrevo, Joanna, minha irman, minha prima, a ti só.

Com nenhum outro dos meus não posso nem ouso falar.

Nem eu já sei quem são os meus: confunde-se, perde-se-me esta cabeça nos desvarios do coração. Errei com elle, perdeu-me elle.. Oh! bem sei que estou perdido.

Perdido para todos, e para ti tambem. Não me digas que não: tens generosidade para o dizer, mas não o digas. Tens generosidade para o pensar, mas não pódes evitar de o sentir.

Eu estou perdido.

E sem remedio, Joanna, porque a minha natureza é incorrigivel. Tenho energia de mais, tenho podêres de mais no coração. Estes excessos d'elle me mataram... e me matam!

Tu não comprehendes isto Joanninha, não me entendes decerto; e é difficil.

E's mulher, e as mulheres não entendem os homens. Sempre o entrevi, hoje sei-o perfeitamente. A mulher não póde nem deve comprehender o homem. Triste da que chega a sabêl-o!

E d'ahi .. quando se tem de morrer, antes saber a morte de que se morre do que expirar na ignorancia do mal que nos matou.

Tu és joven e inexperiente, a tua alma está cheia de illusões doces; vou dissipar t'as em quanto se não condensam, que te offusquem a razão e te deixem para sempre escrava cega do maior inimigo que temos — o coração.

Quero contar-te a minha historia: verás n'ella o que vale um homem.

Sabe que os não ha melhores que eu; e tam bons, poucos. Olha o que será o resto!

Tu não ignoras já hoje o porque fugi da casa materna: sabia-a manchada de um gran de peccado, e imaginei-a polluida de um enorme crime.

Esse homem que é meu pae, não o podia vêr; hoje que sei o que elle me é... Deus me perdôe, que ainda o posso vêr menos!

Minha avó, julguei-a cumplice no crime; ella só o era no peccado. Perdôe-lhe Deus; e bem póde e bem deve, já que a fez tam fraca. Minha pobre mãe succumbiu por sua culpa, por sua irremissivel complacencia...

Deus póde e deve, repito... mas eu, como lhe hei de perdoar eu este rubor que sinto nas faces ao nomear minha mãe?

Tem padecido e soffrido muito... coitada! A sua penitencia é um martyrio, a sua velhice uma longa paixão, e esse homem que a perdeu um verdugo sem piedade. Mas tudo isso é com Deus, não é commigo.

Eu sou filho; minha mãe morreu sem perdoar — não posso perdoar eu.

E quem me hade perdoar a mim? Ninguem, nem quero.

Não serás tu, minha irmã: não, que não deves. Porque eu amei-te com um coração que já não era meu; acceitei o teu amor sem o merecer, sem o poder possuir, trahi quando te amava, menti quando t'o disse, menti-te a ti, menti-me a mim, e não guardei verdade a ninguem.

Mas espera, ouve; deixa-me vêr se posso atar o fio d'esta minha incrivel historia —incrivel para ti, bem simples para quem conheça o coração do homem.

Sahi de Portugal, e posso dizer que não tinha amado ainda. Inclinações de creança, galanteios de sociedade, ligações que nasce-

ram da vaidade, ou que só os sentidos alimentam, não merecem o nome de amor.

Eu não tinha amado.

Ha tres especies de mulheres n'este mundo: a mulher que se admira, a mulher que se deseja, e a mulher que se ama.

A belleza, o espirito, a graça, os dotes d'alma e do corpo geram a admiração.

Certas fórmas, certo ár voluptuoso criam o desejo.

O que produz o amor não se sabe; é tudo isto ás vezes, é mais do que isto, não é nada d'isto.

Não sei o que é; mas sei que se póde admirar uma mulher sem a desejar, que se póde desejar sem a amar.

O amor não está definido, não o póde ser nunca. O amor verdadeiro; que as outras coisas não são isso.

Eu vivi poucos mezes em Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino — a minha estrella, porque eu ainda creio nas estrellas, e em pouco mais d'este mundo creio já — levou-me ao interior de uma familia elegante, rica de tudo o que póde dar distincção n'este mundo.

Extranhei aquelles habitos de civilisação, que me agradavam comtudo; moldei-me facilmente por elles, affiz-me a vegetar docemente na branda atmosphera artificial d'aquella estufa sem perder a minha natureza de planta estrangeira. Agradei: e não o merecia. No fundo d'alma e de caracter eu não era aquillo por que me tomavam. Menti: o homem não faz outra cousa. Eu detesto a mentira, voluntariamente nunca o fiz, e todavia tenho levado a vida a mentir.

Menti pois, e agradei porque mentia. Santo Deus! para que sahiria a verdade da tua bôcca, e para que a mandaste ao mundo, Senhor?

Havia tres meninas n'aquella familia. Dizer que eram as tres graças é uma vulgaridade cansada, e tam banal que não dá idéa de cousa alguma. Tres anjos seriam; tres anjos posso dizer com mais propriedade. E quando em nossos longos passeios solitarios, por aquelles campos sempre verdes, por aquellas collinas coroadas de arvoredo, tapessadas de relva macia, os seus vestidos brancos, singelos, simples, trajados sem arte, fluctuavam com a brisa da tarde... e os longos anneis de seus cabellos — os de uma eram loiros, os de outra castanhos, não ha nome para a indefinida côr dos da terceira — quando esses longos anneis descahiam de sua ondada spiral com o orvalho humido do crepusculo — e que a essa luz vaga e mysteriosa eu as contemplava todas tres com adoração e recolhimento devoto d'alma — sinceramente exclamava: São tres anjos celestes que é forçoso adorar!...

E assim é que os adorava os tres anjos, todos tres, e não podia adorar um sem os outros.

Que me queriam ellas, é certo; que insensivelmente se habituaram á minha companhia e já não podiam viver sem ella... ai! era preciso ser um monstro para o não confessar com lagrimas de gratidão e de remorso.

Os mais difficeis e delicados apices da perfeição de sua tam caprichosa e tam expressiva lingua, as bellezas mais sentidas de seus auctores queridos, o espirito e tom difficil de sua sociedade tam desdenhosa e fastienta, mas tam completa e tam calculada para sublimar a vida e a desmaterialisar — isso tudo, e um indefinivel sentimento do *gentil*, que só com natural tacto se adquire, é verdade, mas que se não alcança com elle só — isso tudo o aprendi alli das suaves lições que insensivelmente recebia a cada instante.

Se valho alguma cousa, tudo valho por ellas: se tenho merecido alguma consideração no mundo, toda lh'a devo.

Vês que confesso a divida, verás como a paguei.

O tom perfeito da sociedade ingleza inventou uma palavra que não ha nem pode haver n'outras linguas emquanto a civilisação as não apurar. *To flirt*, é um verbo innocente que se conjuga alli entre os dois sexos, e não significa *namorar*—palavra grossa e absurda que eu detesto — não significa «fazer a côrte»; é mais do que esta amavel, é menos do que galantear, não obriga a nada, não tem consequencias, começa-se, acaba-se, interrompe-se, addia-se, continua-se ou descontinua-se á vontade e sem comprometimento.

Eu *flartava*, nós *flartavamos*, ellas *flartavam*...

E não ha mais doce nem mais suave entretenimento d'espirito do que o *flartar* com uma elegante e graciosa menina ingleza; com duas é prazer angelico, e com tres é divino.

Para quem nasceu n'aquillo, não é perigoso; para mim degenerou, breve, aquella placida sensação em mais profundo sentimento.

Veiu a admiração primeiro.

E como as eu admirava todas tres, as minhas gentis fascinadoras!

E ellas conheciam-n'o, riam, folgavam e estavam encantadas de me encantar.

Fizeram nascer os desejos!

Julguei-me perdido, e quiz fugir.

Não me deixaram e zombaram de mim, da ardencia do meu sangue hespanhol, da vehemencia das minhas sensações...

Em breve eu amava perdidamente uma d'ellas — queria muito ás outras duas; mas amar, amar devéras, d'alma cuidava eu, do coração ia jural-o, era a segunda — Laura, a mais gentil, mais nobre, mais elegante e radiosa figura de mulher que creio que Deus moldasse n'uma hora de verdadeiro amor de artista que se dignou tomar por esse pouco de greda que tinha nas mãos ao formal-a.

CAPITULO XLV

Carta de Carlos a Joanninha: continúa

Laura não era alta nem baixa, era forte sem ser gorda, e delicada sem magreza. Os olhos de um côr-de-avelan diaphano, puro, avelludado, grandes, vivos, cheios de tal majestade quando se iravam, de tal doçura quando se abrandavam, que é difficil dizer quando eram mais bellos. O cabello quasi da mesma côr tinha, demais, um reflexo dourado, vacillante, que ao sol resplandecia, ou antes, relampejava, — mas a espaços, não era sempre, nem em todas as posições da cabeça: —cabeça pequena, modelada no mais classico da estatuaria antiga, poisada sobre um collo de immensa nobreza, que harmonisava com a perfeição das linhas dos hombros.

A cintura breve e estreita, mas sem exageração, via-se que o era assim por natureza e sem a menor contrafeição d'arte. O pé não tinha as exiguidades fabulosas da nossa peninsula, era proporcionado como o da Venus de Medicis.

Tenho visto muita mulher mais bella, algumas mais adoraveis, nenhuma tam fascinante.

Fascinante é a palavra para ella.

O rosto oval e perfeitamente symetrico, pallido; só os beiços eram vermelhos como a rosa de côr mais viva.

A expressão de toda esta figura é que se não descreve. A bôcca breve e fina sorria pouco; mas quando sorria, oh!...

Vêl-a n'um baile, vestida e calçada de branco, cingida com um cinto de vidrilhos pretos — toilette inalteravel para ella desde certa epoca — sem mais ornato, sem mais flores, apenas um farto fio de perolas derramando-se-lhe pelo collo — era vêr alguma cousa de superior, de mais sublime que uma simples mulher.

Tal era Laura, Laura que eu amei quanto podia e sabia amar. Era pouco, sei-o agora; então parecia-me infinito.

Disse-lh'o a ella, disse-lh'o um dia que passeavamos sós, e depois de andarmos horas e horas esquecidas, sem trocar uma phrase. Pensavamos, eu n'ella, ella não sei em quê.

Seria em mim?

Seria, mas não m'o confessou.

E ouviu-me sem dizer palavra, sem olhar para mim uma só vez, sem fugir com a mão que eu lhe apertava, que lhe beijava, e que sentia fria e humida nas minhas que escaldavam.

Era tarde, dirigimo-nos para casa. A' porta disse-me: —Não entre; e vi-a banhada em lagrimas. Quiz seguil-a, fez-me um gesto imperioso que me confundiu. Pela primeira vez, depois de tanto tempo, fui só, triste e melancolico para a minha pobre habitação, onde passei a noite.

Quando era madrugada quiz-me deitar. Não dormi.

No dia seguinte recebi uma carta de Julia: assim se chamava a mais velha, a mais sensivel e a mais carinhosa das tres irmãs.

O bilhete parecia indifferente; não continha senão palavras usuaes, pedia-me que fosse almoçar com ella... não falava nas irmãs.

Senti que era chegada a minha hora, pareceu-me que ia ser expulso d'aquelle éden de innocencia em que tinha vivido. A lettra de Julia, uma lettra linda, perfeita, natural, figurava-se-me um aggregado de signaes cabalisticos terriveis que encerravam o mysterio da minha condemnação.

Vesti-me, fui, achei-me só com Julia no *parlour* elegante de seu exclusivo uso.

Era um pequeno gabinete de estudo, ornado sómente de umas *étagères* com livros e musicas, uma harpa e um cavallete.

Sobre o cavallete estava o meu retrato esboçado, na estante da harpa uma romança franceza a que eu tinh afeito letras portuguezas...

A urna assoviava sobre a mesa, Julia fazia o chá e não parecia attender a mais nada.

E' preciso que eu te descreva a pequena Julia — Julietta como nós lhe chamavamos — nós, as duas irmãs e eu que rivalisavamos a qual lhe havia de querer mais...

Oh! que saudade e que remorso para toda a minha vida n'estas recordações de fraternal intimidade!

Julia era pequena, delicadissima, propriamente infantina no rosto, na figura, na expressão e no habito de toda a sua encantadora e diminutiva pessoa.

Nenhuma ingleza, desde o tempo da rainha Bess, teve pé e *ancle* mais delicado. Nenhuma, desde o rei Alfredo, se occupou tam elegantemente dos elegantes cuidados de um interior britannico — gentil quadro *de genero* como não ha outro.

Lady Julia R. [1] era a mais pequena e a mais bonita subdita britannica que eu creio que tenha existido.

Vista á lua, no meio do seu parque, volteiando por entre os raros exoticos que no curto verão inglez se expõem ao ár livre, facilmente se tomava pela bella soberana das fadas realisando aquella preciosa visão de Shakespeare, o *Midsumer night's dream*.

Seus olhos de azul celeste, sempre humidos e sempre doces, os cabellos de um claro e assedado castanho todos soltos em anneis á roda da cabeça e cahindo pelos hombros, espalhando-se pelo rosto, que era uma lida continua para os tirar dos olhos, um corpo airoso, uma bocca de beijar, os dentes miudos, alvissimos e apertados, a mão pequena, estreita, e de cêra — tudo isto fazia de Julia um typo ideal de bondade, de candura, de innocencia angelica.

E era um anjo... oh se era!

Contemplei-a muito tempo em silencio: ella sorria me tristemente de vez em quando, mas não falava. Emfim almoçámos, levaram o trem.

Ella disse á sua aia:

— Phebe, eu estou só com Carlos; e quero estar só. Em casa para ninguem.

— Sim, minha senhora. Resposta obrigada do criado inglez a tudo.

E ficámos sós completamente.

CAPITULO XLVI

Carta de Carlos a Joanninha: continúa

Julia levantou finalmente para mim os seus olhos humidos, assombrados das mais longas e assedadas pestanas que ainda vi em olhos de mulher, e disse-me:

— Carlos, eu estou triste. Devia consolar-me; diga-me alguma cousa que me console. Fale-me.

— Que heide eu dizer?...

— E' um cavalheiro, Carlos: diga-me que o é, e desassombre-me d'este terror em que estou.

— Pois duvída, Julia?...

— Não duvido Queremos lhe todos muito aqui... muito demais... receio: como havemos de duvidar?

— Oh Julia, perdoe-me! exclamei eu lançando-me a seus pés, tomando-lhe as mãos ambas nas minhas, e beijando-lh'as mil vezes n'um paroxysmo de verdadeira contricção. Perdôe-me, Julia: bem sei que fiz mal, e prometto...

[1] Julia Robinson. (*Da revisão.*)

— Não prometta nada, senão que hade ser cavalheiro. Isso sei eu e sinto que o póde cumprir.

— Juro por... por ella.

— Ella!... Ella ama-o, Carlos. E' melhor dizer a verdade de uma vez, e encarar todas as consequencias de uma posição difficil, do que illudir-se a gente sem as evitar. Laura ama-o, mas não deve nem póde amal-o. Se fosse livre, não sei o que diria — não sei o que faria eu... Mas não se trata de mim — proseguiu com volubilidade febril — não se trata de mim, Carlos, trata-se d'ella. Laura não o póde amar, está comprommettida. Hade partir em tres mezes para a India.

— Para a India!

— Sim: é verdade: vel-o-ha. O seu noivo é capitão ao serviço da Companhia, e parte em casando.

Eu sentia-me morrer o coração dentro do peito; foi a primeira dôr verdadeira d'alma que soffri... Aquelle era o primeiro amor sincero da minha vida, e aquella foi tambem a primeira excruciante pena d'amor por que passei.

Eu que de taes penas zombára sempre, que as desterrava da realidade para os romances, eu!... Ai! que poeta ou que novellista soube nunca pintar um padecer como eu experimentei n'aquella hora?

Não sei o que fiz nem o que disse; não me recordo senão que senti as lagrimas de Julia cahirem-me sobre a face e misturarem-se com as minhas que corriam em abundancia. Levantei os olhos para ella, e a expressão que vi nos seus... oh! como a heide esquecer nunca?

Quanto ha de piedade e compaixão no thesouro infinito de um coração feminino se derramava d'aquelles olhos celestes para me consolar. Lá não ficava senão uma tristeza profunda, desanimada e mortal...

Não sei que vago pensamento, que ideia louca... ou antes, que presentimento indeterminavel e confuso me atravessou pelo espirito — ou seria pelo coração? — n'aquelle momento...

Se Julia?...

Mas não póde ser.

— Julia, Julia! bradei eu, quero vêl-a; hei de vêl-a uma vez ao menos. Não me negue este ultimo favor. Sei que devo, que preciso, que é forçoso fugir d'ella. Mas antes heide dizer-lhe ..

— O quê?...

— Que a amo como nunca amei, como nunca mais heide amar...

— Ai Carlos!

— Que para sempre, sempre...

Julia levantou-se sem dizer palavra, e lan-

çando sobre mim um olhar de ineffavel compaixão, sahiu rapidamente do quarto.

Achei-me só, não sei o que pensei nem se pensei. Sentia-me aturdido da cabeça, exhausto do coração—n'uma depressão d'espirito que tocava na estupidez. Se me apontassem uma pistola aos peitos, não levantava o braço para a arredar... Já não sentia pena nem desejo. Parecia-me que começava a morrer; e não achava que morrer custasse muito.

N'este estado fiquei não sei que tempo; muito não foi. Percebi que se abria a porta, não tive força para levantar os olhos. Até que senti uma doce e querida mão na minha... era Julia... e era Laura tambem... santo Deus! que estavam aopé de mim ambas.

Julia tinha a minha mão na sua: e Laura encostada ao hombro da irmã, deixava cahir sobre mim aquelles olhos em que a severidade habitual se tinha relaxado n'uma indulgencia tão doce, n'uma compaixão tão celeste que, juro por Deus, n'aquella hora acreditei firmemente que tinha deante de mim dous anjos seus, baixados nas azas da piedade divina para me trazer todo o perdão, toda a misericordia do céo á minha alma.

Como te direi eu, Joanna, querida Joanninha, como te direi a ti que me amas, a ti que eu amo — porque te amo, e Deus me castigue que deve! porque te amo, cegamente te amo com este infame e abominavel coração que elle me deu—como te heide eu dizer a ti, e para quê, as palavras que alli dissemos, os protestos que alli fiz, os juramentos que alli se deram, as promessas que alli foram trocadas?

Julia foi para a janella – indulgente chaperão que nos não via e fingia não nos ouvir. O dia passou-se assim, um longo dia de junho que tam curto e rapido nos pareceu. Era noite quando fomos jantar.

A' mesa Laura appareceu em trajos de viagem: partia n'aquella noite para o paiz de Galles onde tinha uma amiga, com quem ia estar até o dia terrivel, e preparar-se para elle, me disse, longe de mim, no seio da amisade.

Imagine-se aquelle jantar. Nem comer fingiamos. Ao sahir da mesa achámos á porta da casa a caleche posta, o cocheiro na almofada, e o creado á portinhola. Montamos, as tres irmans e eu.

Eram duas milhas d'alli á estalagem onde tocava a mala-posta e onde Laura devia encontral-a. Fizemol-as sem proferir palavra nenhum dos quatro.

A lua ia grande e bella com sua luz triste e fria por um céo sem nuvens. Era uma d'aquellas noites raras, mas admiraveis de breve estio britannico.

A areia que rangia com o attrito das rodas da carruagem nas lisas ruas do parque, os ramos descahidos das arvores por que roçavamos levemente ao passar, os veados mansos que se levantavam para nos vêr — os faisões que erguiam seu rasteiro vôo de moita para moita ao sentir o estalido do chicote, com que o cocheiro mais moderava do que excitava os seus cavallos, tudo para mim eram impressões de nunca sentida e inexplicavel tristeza. Ficava-me a alma apoz tudo aquillo, sentia fugir-me a felicidade para sempre, e que era eu que a afugentava, e que me ia encontrar só, desamparado e proscripto no deserto da vida.

Não me sentia força para blasphemar, para maldizer de Deus, senão tinha-o feito.

Tinha: e outras ancias mais angustiadas e mortaes me tem afflicto na vida; em nenhuma me senti tam capaz de renegar Deus e descrêr d'elle como n'esta.

Seria effeito da sua inexhaurivel piedade que talvez quiz acudir á minha alma antes que se perdesse, seria por certo — pois n'esse mesmo instante distinctamente me appareceu deante dos olhos da alma a unica imagem que podia chamal-o do abysmo: era a tua, Joanna! Era a minha Joanninha pequena, innocente, aquelle anjinho de criança, tam viva, tam alegre, tam graciosa que eu tinha deixado a brincar no nosso valle: o nosso valle rustico, tam grosseiro e tam inculto! oh como as saudades d'elle me foram alcançar no meio d'aquellas alinhadas e perfeitas bellezas da cultura britannica! Os raios verdes de teus olhos, faiscantes como esmeraldas, atravessaram o espaço e foram luzir no meio d'aquell'outros lumes que me cegavam. A estêva brava, o tojo aspero da nossa charneca mandavam-me ao longe as exhalações de seu perfume agreste, e matavam o suave cheiro de feno macio d'essas relvas sempre verdes que me rodeavam. As folhas crêspas, sêccas, alvacentas das nossas oliveiras como que me luziam por entre a espessura cerrada da luxuriante vegetação do norte, promettendo-me paz ao coração, annunciando-me o fim de uma peleja em que m'o dilaceravam as paixões.

E tu, Joanna, tu, pobre innocente, e desvalida criancinha, tu apparecias-me no meio de tudo isso, estendendo para mim os teus bracinhos amantes como no dia que me despedira de ti n'esse fatal, n'esse querido, n'esse doce e amargo valle das minhas lagrimas e dos meus risos, onde só me tinham de correr os poucos minutos de felicidade verdadeira da minha vida, onde as verdadeiras dores da minha alma tinham de m'a cortar e destruir para sempre...

Oh! de quê e como é feito o homem, pa-

VIAGENS NA MINHA TERRA — Georgina sahira tambem .. — PAG. 254

ra quê e porque vive elle? Que vim eu, que vimos nós todos fazer a este mundo?

Eu sentado alli nas almofadas de seda d'aquella esplendida e macia carruagem, rodeado de tres mulheres divinas que me queriam todas, que eu confundia n'uma adoração mysteriosa e mystica, cego, louco d'amores por uma d'ellas, no momento de lhe dizer adeus para sempre...eu tinha o pensamento fixo n'uma criança que ainda andava ao collo! —Revendo me nos olhos pardos de Laura que eu adorava, eram os teus olhos verdes que eu tinha n'alma! Os sentidos todos embriagados d'aquelle perfume de luxo e civilisação que me cercava, — era o nosso valle rustico e selvagem o que eu tinha no coração...

Oh! eu sou monstro, um aleijão moral devéras, ou não sei o que sou.

Se todos os homens serão assim?

Talvez, e que o não digam.

Joanna, minha Joanna, minha Joanninha querida, anjo adorado da minha alma, tem compaixão de mim, não me maldigas. Não quero que me perdôes, nem tu nem ninguem, que o não mereço: mas que tenhas dó e lástima de mim.

Ai! que isso mereço eu, oh sim.

Deixa-me parar aqui. Falta-me o ânimo para me estar vendo a este terrivel espelho moral em que jurei mirar-me para meu castigo, d'onde estou copiando o horroroso retrato de minha alma que te desenho n'este papel.

Sabia que era monstro, não tinha examinado por partes toda a hediondez das feições que me reconheço agora.

Tenho espanto e horror de mim mesmo.

CAPITULO XLVII

Carta de Carlos a Joanninha: continúa

Chegámos ao Inn (estalagem), triste casa solitaria no meio dos campos á borda da estrada. A mala chegava ao mesmo tempo quasi.

Eu dei a mão a Laura para saír da caleche e entrar no coche; e apenas tivemos tempo para um convulsivo shake-hands e para nos dizer adeus! adeus! com a affectada seccura que exige a lei das conveniencias britannicas.

A mala partiu ao grande trote... E dir-te-hei a verdade ou queres que minta? Não, heide dizer te a verdade. Pois senti como um alivio desesperado, uma consolação cruel em a vêr partir. Senti o que imagino que deve sentir um enfêrmo depois da operação dolorosa em que lhe amputaram parte do corpo com que já não podia viver o que era forçoso perder ou perder a vida.

Tambem deve ser assim a morte: um descanço apathico e nullo depois de inexplicavel padecer.

Era como morto que eu estava: não soffria pois.

E já não pensava em ti, já te não via na minha alma: eu não existia, estava alli.

Voltámos ao parque; apeei silenciosamente as minhas duas gentis companheiras, e eu fui só, a pé, com passo firme e resoluto para a minha habitação. Nenhuma d'ellas me procurou retêr, nem me disse nada, nem tentou consolar-me. Para quê?

L. William R.[1] chegava, na manhã seguinte, de uma de suas habituaes excursões a Londres. Veiu vêr-me assim que chegou, e trazer-me cartas de Portugal que eu esperava ha muito. — Disse-me que partia no outro dia para Swansea, a terra de Galles para onde Laura fôra; e que me encarregava de fazer companhia ás duas filhas que ficavam sós.

A mim!...

Estive tres dias sem as vêr: em todos tres não fiz mais do que escrever a Laura.

No quarto dia foi ao parque. Julia deu um grito de alegria quando me viu: raro exemplo de excepção ás formuladas regras que tyrannisam a vida ingleza, que prescrevem até á cara com que se hade morrer, e têm graduado o tom em que se deve exhalar o ultimo suspiro.

Mas a natureza chega a triumphar ás vezes até da propria etiqueta britannica.

Julia cuidava que eu não queria voltar áquella casa, tinha-se resignado a não tornar a vêr-me, não pôde reprimir a alegria que lhe causou a minha inesperada apparição.

Passámos todo o dia juntos e sós: quasi todo se nos foi passeando no parque, ou sentados á sombra de seus espessos arvoredos, ou mirando-nos nas crystallinas aguas de uma vasta repreza povoada de aves aquaticas e rodeada d'aquelles immensos mantos de velludo verde de que perpetuamente se enfeita a terra ingleza e que só desapparecem quando vem o inverno estender-lhe por cima seus lençóes de neve.

Quiz vêr o que escrevia á irmã; dei-lhe a carta, leu-a, meditou a, restituiu-m'a sem dizer palavra.

Que horas passámos n'este silencio, n'esta eloquente mudez que não vem senão do muito de mais que a alma sente, do muito de mais que diria se falasse;

A' despedida, essa noite, deu-me uma bol-

[1] Robinson. *(Da revisão.)*

sa de rêde que Laura tinha estado fazendo para mim e que lhe deixara para me entregar. Senti que tinha dentro o que quer que fosse a bolsa, não quiz examinar. Achei, quando voltei a casa, que era o *fadado cinto* de vidrilhos pretos que eu tanto tinha admido em certo baile onde fôramos juntos, e que Laura não deixara de pôr nunca mais em se vestindo de branco e que fizesse alguma toilette.

Ainda o conservo aquelle cinto precioso, Joanna; ainda o tenho, no meu thesouro mais guardado, aquella joia, aquella reliquia. E amo-te, e amo te a ti só como realmente nunca amei nem poderei tornar a amar. Mas aquelle cinto é uma sorte, um talisman, um amuleto em que está o meu destino.

Amei... isto é, amei... pois sim, amei, já que não ha outra palavra n'estas estupidas linguas que falam os homens; pois amei outras mulheres, e nos dias de maior enthusiasmo por ellas, não deixei nunca de beijar devotamente aquelle cinto, de o apertar sobre o meu coração, de me encommendar a elle—como o salteador napolitano se encommenda ao escapulario da Madona que traz ao peito, com as mãos ensanguentadas de matar, ou carregado do roubo que acaba de fazer.

Ai, Joanna, não te digo eu que estou perdido, sem remedio, e que para mim não ha, não póde haver salvação nunca?

Vivi assim dois mezes. Laura não me escrevia: recebia as minhas cartas e respondia a Julia: por este modo nos correspondiamos. Julia era parte de nós, era uma porção do nosso amor, viviamos n'ella a nossa vida. E já as confundia ambas por tal modo no meu coração que me surprehendia o não saber a qual queria mais. Julia parecia feliz d'este estado: eu era-o. Insensivelmente me habituei a elle, já não tinha saudades do passado. E quando se approximou o casamento de Laura, que ella tinha de voltar de Galles, e que eu, fiel ao que promettera, devia protestar negocio urgentissimo em Londres que me obrigasse a ausentar-me até á sua partida para a India, eu tive uma pena, uma difficuldade em cumprir o que promettera que me envergonhava.

Parti porém, e alli me demorei um mez. Julia escrevia-me todos os dias e eu a ella. Na vespera do dia fatal em que Laura ia ser de outro homem, Julia escreveu-me estas palavras sós: — «O nosso romance acabou; começa uma historia seria. Laura manda-lhe o seu ultimo adeus.»

E nunca mais se escreveu nem se pronunciou o nome de Laura entre nós dous.

O galeão que me levava para o Oriente as ruinas de toda a minha esperança ha muito que navegava; entrava outubro e o inverno inglez com suas mais asperas, e n'este anno tam precoces severidades. Eu sentia-me morrer de tristeza e de isolamento no meio da populosa e turbulenta Londres, Julia percebeu-o, e mandou-me voltar a — shire. [1] Voltei.

CAPITULO XLVIII

Carta de Carlos a Joanninha: continúa

O que eu senti quando, apezar de tam desfigurados pelos tres-altos de neve que os cobriam, comecei a reconhecer aquelles sitios da visinhança do parque, e a confrontar as arvores, os pastios, os casaes d'aquelles arredores!

Era outra a expressão de physionomia da paisagem, mas as queridas feições eram as mesmas, e uma a uma lh'as ia estremando.

Emfim o meu *stage* parou á entrada do parque, e eu tomei a pé pela longa avenida. Eram nove horas da manhã, e a manhã brumosa, fria, mas o tempo macio, não estava *cru*, segundo a expressiva phrase do paiz.

Por entre a nevoa que me encubria a antiga mansão e envolvia as arvores circunstantes n'um sudario cinzento e melancholico, fui caminhando, quasi pelo tacto, até meia alameda talvez.

Parei a reflectir na minha posição e no que eu ia ser n'aquella casa que de novo me abria suas portas hospitaleiras, quando, através da neblina brancacenta e onde ella era mais rara, descubri um vulto que vinha a mim de entre as arvores do parque.

O vulto era de mulher e parecia uma sombra, uma apparição phantastica em meio d'aquella scena mysteriosa, só, triste.

Na distancia figurava-se-me alto em demasia: Julia não era nem podia ser; Julia a mais diminuta e delicada de quantas fadas bonitas e graciosas têm trazido varinha do condão, Laura... ai! Laura tam longe estava d'alli... Quem seria pois? Só se fosse!... Quem?

Aquella elegancia, aquelle cabello solto e annellado, aquelle ár gentil não podia ser senão d'ella...

D'ella, quem?

Ainda te não falei, quasi, da ultima das tres bellas irmãs que me encantavam, não t'a descrevi, não t'a nomeei pelo seu nome. Repugnava-me fazel-o. Mas é preciso: custa-me, não ha remedio.

Era Georgina...

Georgina, que tu conheces, Georgina que...

[1] Warwickshire: *(Da revisão.)*

era Georgina a que vinha a mim n'aquella — fatal ou feliz? — manhã; Georgina que de todas tres era a que menos me falava, que eu verdadeiramente menos conhecia.

Este meu coração, á força de ferido e de mal curado que tem sido, presente e adivinha as mudanças de tempo com uma dôr chronica que me dá. Presenti não sei quê ao vêr approximar-se Georgina...

— Como foi bom em vir! Estou realmente feliz de o ver. E Julia, a pobre Julia, que alegria que vae ter, hade cural-a de todo.

— Pois quê! Julia está doente?

— Não o sabia!... Ai! não, bem sei que não: ella não lh'o quiz dizer. Julia está doente: mas não é de cuidado. Eu sempre quiz advertil-o antes que a visse, por isso calculei as horas do coche e vim para aqui esperal o.

Estas palavras eram simples, não tinham nada que me devesse impressionar extraordinariamente, e todavia eu sentia-me agitado como nunca me sentira. Olhava para Georgina como se a visse a primeira vez, e pasmava de a vêr tam bella, tam interessante.

E' uma situação d'alma esta que não sei que a descrevessem ainda poetas nem romancistas: desprezam-n'a talvez, ou não a conhecem. Está recebido que as subitas impressões causadas por um primeiro encontro sejam as mais interessantes, as mais poeticas.

Eu não nego o effeito theatral d'essas primeiras e repentinas sensações; mas sustento que interessa mais ess'outra inesperada e estranha impressão que nos faz um objecto já conhecido, que viramos com indifferença até alli, e que de repente se nos mostra tam outro do que sempre o tinhamos considerado...

Mas esta mulher é bella realmente! E eu que nunca o vi! Mas aquelles olhos são divinos! Onde tinha eu os meus atégora? Mas este ár, mas esta graça onde os tinha ella escondidos? etc. etc.

Vão-se gradualmente, vão se pouco a pouco descubrindo perfeições, encantos; o sentimento que resulta é mil vezes mais profundo, mais fundado, sobretudo, que o das taes primeiras impressões tam cantadas e decantadas.

Que mais te direi depois d'isto? Entrámos em casa, vi Julia, falámos de Laura muito e muito. Mas eu já o não fiz com o enthusiasmo, com a admiração exclusiva com que d'antes o fazia...

Julia recobrou, breve, a saude, e com ella o equilibrio do espirito. Renovou-se toda a alegria, todo o encanto das nossas conversações intimas, dos nossos longos passeios. Laura lembrava com saudade; mas suavisava-se, enbrandecia gradualmente aquella saudade.

Georgina, que até alli parecia empenhar-se em se deixar ecclipsar pela irmã, agora, ausente ella, brilhava de toda a sua luz, em graça, em espirito, por um natural singelo e franco, por uma exquisita doçura de maneiras, de voz, de expressão, de tudo.

Julia revia-se n'ella, e eu acabei pela adorar. Vergonha eterna sobre mim! mas é a verdade: quiz-lhe mais do que a Laura, ou pareceu-me querer-lhe mais..... que tanto vale.

Eu sei?... Não, não lhe queria tanto. Mas amei-a.

Amei, sim, e fui amado!

Tres mezes durou a minha felicidade. E' o mais longo periodo de ventura que posso contar na vida. Falsa ventura, mas era.

A imperiosa lei da honra exigiu que nos separassemos, que partisse para os Açores. Fui. Ninguem sacrificou mais, ninguem deu tanto como eu para aquella expedição. A historia falará de muitos serviços, de muitas dedicações. Quem saberá nunca d'esta?

A historia é uma tola.

Eu não posso abrir um livro de historia que me não ria. Sobretudo as ponderações e adivinhações dos historiadores acho-as de um comico irresistivel. O que sabem elles das causas, dos motivos, do valor e importancia de quasi todos os factos que recontam?

Ainda não sei como parti, como cheguei, como vivi os primeiros tempos da minha estada n'aquelle escôlho no meio do mar chamado a ilha Terceira, onde se tinham refugiado as pobres reliquias do partido constitucional.

Habituei-me por fim. A que se não affaz o homem?

Levaram-me uma tarde á grade de um convento de freiras que ahi havia. O meu ár triste, distrahido, indifferente excitou a piedade das boas monjas. Uma d'ellas, joven, ardente, apaixonada, quiz tomar a empreza de me consolar. Não o conseguiu, coitada! O meu coração estava em shire em Inglaterra, estava na India, estava no valle de Santarem,

> Pelo mundo em pedaços repartido;

estava em toda a parte, menos alli, que nada d'elle estava nem podia estar.

Era Soledade que se chamava a freirinha e como o seu nome ficou. Disseram o que quizeram os faladores que nunca faltam, mas mentiram como mentem quasi sempre, enganaram-se como se enganam sempre.

Eu não amei a Soledade.

E comtudo lembro-me d'ella com pena, com sympathia... Se eu sou feito assim, meu Deus, e assim heide morrer!

Viemos para Portugal; e o resto agora da minha historia sabes tu.

Cheguei por fim ao nosso valle, todo o passado me esqueceu assim que te vi. Ameite... não, não é verdade assim. Conheci, mal que te vi entre aquellas árvores, á luz das estrellas, conheci que era a ti só que eu tinha amado sempre, que para ti nascêra, que teu só devia ser, se eu ainda tivera coração para te dar, se a minha alma fosse capaz, fosse digna de juntar-se com essa alma d'anjo que em ti habita.

Não é Joanna: bem o vês, bem o sentes, como eu o sinto e o vejo.

Eu sim tinha nascido para gosar as doçuras da paz e da felicidade doméstica; fui creado, estou certo, para a glória tranquilla, para as delicias modestas de um bom pae de familia.

Mas não o quiz a minha estrella. Embriagou-se de poesia a minha imaginação e perdeu-se: não me recobro mais. A mulher que me amar hade ser infeliz por fôrça, a que me entregar o seu destino, hade vêl-o perdido.

Não quero, não posso, não devo animar a ninguem mais.

A desolação e o oppróbrio entraram no seio da nossa familia. Eu renuncio para sempre ao lár doméstico, a tudo quanto quiz, a tudo quanto posso querer. Deus que me castigue, se ousa fazer uma injustiça, porque eu não me fiz o que sou, não me talhei a minha sorte, e a fatalidade que me persegue não é obra minha.

Adeus Joanna, adeus prima querida, adeus irmã da minha alma! Tu acompanha nossa avó, tu consola esse enfeliz que é o auctor da sua e das nossas desgraças. Tu, sim, que podes, e esquece-me.

Eu, que nem morrer já posso, que vejo, terminar desgraçadamente esta guerra no unico momento em que a podia abençoar, em que ella podia felicitar-me com uma bala que me mandasse aqui, bem direita ao coração, eu que farei?

Creio que me vou fazer homem politico, falar muito na patria com que me não importa, ralhar dos ministros que não sei quem são, palrar dos meus serviços que nunca fiz por vontade; e quem sabe?... talvez darei por fim em agiota, que é a unica vida de emoções para quem já não póde ter outras.

Adeus, minha Joanna, minha adorada Joanna, pela última vez, adeus!

CAPITULO XLIX

De como Carlos se fez barão.—Fim da historia de Joanninha. Georgina abbadessa.—Juiso de Frei Diniz sobre a questão dos frades e dos barões.—Que não póde tornar a ser o que foi, mas muito menos póde ser o que é. O que hade ser, Deus o sabe e proverá.—Vae o A. dormir ao Cartaxo.—Sonho que ahi tem.—Volta a Lisboa.—Caminhos de ferro e de papel.—Conclusão da viagem e d'este livro.

Acabei de lêr a carta de Carlos, entreguei-a a Fr. Diniz em silencio. Elle tornou-me:

—Leu?

—Li.

—Que mais quer saber? Sinto que lhe posso dizer tudo: não o conheço, mas..

—Mas deve conhecer-me por um homem que se interessa vivamente...

—Em que? nas eleições, na agiotagem, nos bens nacionaes?

—Não, senhor. Fui camarada de Carlos, não o vejo ha muitos annos e...

—Nem o conhecia se o visse agora; engordou, enriqueceu e é barão...

—Barão!

—É barão, e vae ser deputado qualquer dia.

—Que transformação! Como se fez isso, santo Deus! E Joanninha? e Georgina?

—Joanninha enlouqueceu e morreu. Georgina é a abbadessa de um convento em Inglaterra.

—Abbadessa?

—Sim. Converteu-se á communhão catholica; era rica, fundou um convento em *shire*, e lá está servindo a Deus.

—E esta pobre senhora, a avó de Joanninha?

—Ahi está como a vê, morta de alma para tudo. Não vê, não ouve, não fala e não conhece ninguem. Joanninha veiu morrer aqui n'esta fatal casa do valle, eu estava ausente, expirou nos braços d'ella e de Georgina. Desde esse instante a avó cahiu n'aquelle estado. Está morta, e não espero aqui senão a dissolução do corpo para o enterrar, se eu não fôr primeiro e Deus queira que não! quem hade tomar conta d'ella, ter caridade com a pobre da demente? Mas depois... oh! depois... espero no Senhor que se compadeça emfim de tanto soffrer e me leve para si.

—Mas Carlos?!

—Carlos é barão: não lhe disse já?

—Mas por ser barão?...

—Não sabe o que é ser barão?

—Oh, se sei! Tam poucos temos nós?

—Pois barão é o succedaneo dos...

— Dos frades... Ruim substituição!

— Vi um dos taes papeis liberaes em que isso vinha: e é a unica coisa que leio d'essas ha muitos annos. Mas fizeram-m'o lêr.

— E que lhe pareceu?

— Bem escripto e com verdade. Tivemos culpa nós, é certo; mas os liberaes não tiveram menos.

— Errámos ambos.

— Errámos e sem remedio. A sociedade já não é o que foi, não póde tornar a ser o que era: – mas muito menos ainda póde ser o que é. O que hade ser não sei. Deus proverá.

Dito isto, o frade benzeu-se, pegou no seu breviario e poz-se a rezar. A velha dobava sempre, sempre. Eu levantei-me, contemplei-os ambos alguns segundos. Nenhum me deu mais attenção nem pareceu conscio da minha estada alli.

Senti-me como na presença da morte e aterrei-me.

Fiz um esfôrço sobre mim mesmo, fui deliberadamente ao meu cavallo, montei, piquei desesperadamente d'esporas, e não parei senão no Cartaxo.

Encontrei alli os meus companheiros; era tarde, fomos ficar fóra da villa á hospedeira casa do Sr. L. S. [1]

Rimos e folgámos até alta noite: o resto dormimos a somno solto.

Mas eu sonhei com o frade, com a velha — e com uma enorme constellação de barões que luzia n'um céo de papel, d'onde choviam, como farrapos de neve, n'uma noite polar, notas azues, verdes, brancas, amarellas, de todas as côres e matizes possiveis. Eram milhões e milhões e milhões...

Nunca vi tanto milhão, nem ouvi falar de tanta riqueza senão nas *Mil e uma noites*.

Acordei no outro dia e não vi nada... só uns pobres que pediam esmola á porta.

Metti a mão na algibeira e não achei senão notas... papeis!

Parti para Lisboa cheio de agoiros, de enguiços e de tristes presentimentos.

O vapor vinha quasi vasio, mas nem por isso andou mais depressa.

Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcámos no Terreiro do Paço.

Assim terminou a minha viagem a Santarem; e assim termina este livro.

Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre, foram as viagens na minha terra.

Se assim pensares, leitor benevolo, quem sabe? póde ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fóra, em busca de historias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar.

Escusado é a jura, porém.

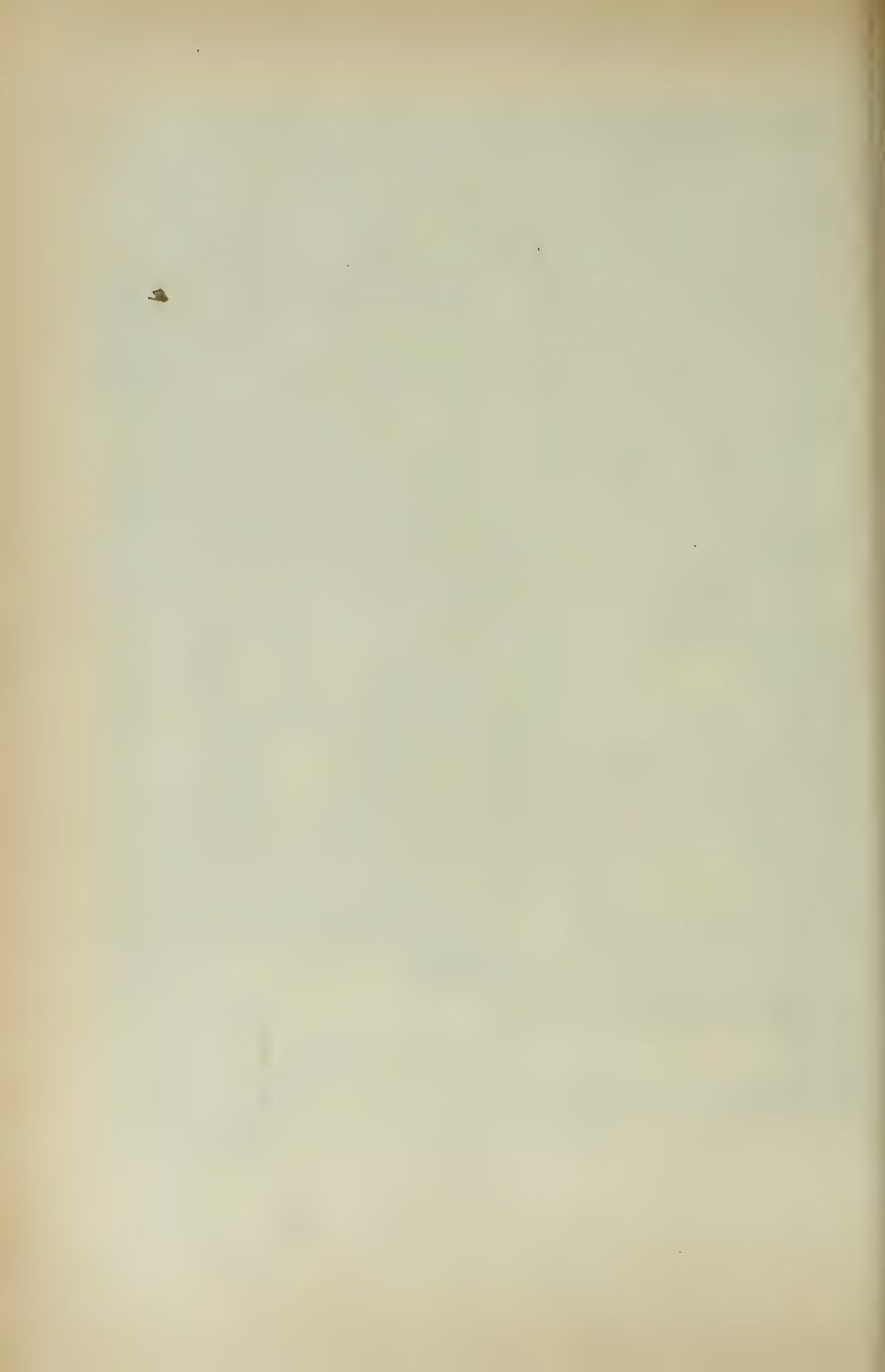
Se as estradas fossem de papel, fal-as-hiam, não digo que não.

Mas de metal!

Que tenha o govêrno juizo, que as faça de pedra, que póde, e viajaremos com muita prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra.

---

[1] Luiz Teixeira de Sampaio. (*Da revisão.*)

VIAGENS NA MINHA TERRA — Leia!... — PAG. 260

NOTAS

Nota A

Que viage á róda do seu quarto quem está á beira dos Alpes... pag. 151

É visivel allusão ao popular e inimitavel opusculo de Xavier de Maistre, *Voyage autour de ma chambre*, que decerto foi principiado a escrever em Turim, e que muitos suppoem que fôsse concluido em San'Petersburgo.

Nota B

Designio politico determinando a minha visita (a Santarem)... pag. 151

É puramente historico isto; e tambem é verdade que em grande parte d'aqui se originou a perseguição brutal que soffreu o A. d'ahi a poucos mezes.

Nota C

N'uma «regata» de vapores...........pag. 151

Regata chamavam e não sei se chamam ainda, em Veneza ás carreiras de barcos appostados ao desafio. A palavra e a coisa introduziu-se em Inglaterra, onde é moda e popularissima.

Nota D

Eu coroarei de trêvo a minha espada, pag 157

Estes versos são uma especie de parodia dos famosos fragmentos de Alceu, de que só existe memoria nos scholios que nos conservou Eustachio. Nas *Flores sem fructo*, vem a traducção d'aquelle bello fragmento.

Nota E

Depois de tantas commissões de inquerito, já deve de andar orçado o numero de almas pag. 157

Os protocollos das commissões de inquerito de ha oito para dez annos a esta parte, sobre o estado das classes trabalhadoras e indigentes em Inglaterra, é a prova real dos grandes calculos da Economia politica, sciencia que eu espero em Deus que se hade desacreditar muito cedo.

Nota F

There are more things, etc..........pag 157

A traducção chegada d'estes memoraveis versos de Shakespeare é:

Ha mais coisas no céo, ha mais na terra,
Do que sonha a tua van philosophia.

Nota G

Um «Chourineur»... uma «Fleur-de-Marie», pag. 158

Personagens, bem conhecidos geralmente, do romance tam popular de Eug. Sue, *Os Mysterios de Paris*.

Nota H

Fossem lá á rainha Anna............pag 159

Addison, o poeta, foi ministro da rainha Anna de Inglaterra, e membro do celebre gabinete chamado de *All isits*.

Nota J

Quando chegou alli pelos Prazeres... pag 165

Um dos dous cemiterios de Lisboa — seja dito para intelligencia do leitor provinciano — chama-se *dos Prazeres*, por uma ermida de N. S.ª que alli existia com esta invocação desde antes do terreno ter o presente destino. É notavel a coincidencia do nome.

Nota K

O verdadeiro Alfageme... tinha pelo povo e não queria saber de partidos...pag 167

É facil de vêr que o interlocutor d'este dialogo conhecia esse curioso personagem da historia do Condestavel, não pelas chronicas, mas pelo drama que tem o seu nome.

Nota L

Do *Sacré Coeur* e das suas elegantes devotas...pag. 173

O convento que tem este nome em Paris, é casa de educação de meninas nobres, e recolhimento de senhoras tambem.

Nota M

Graciosa esculptura de Antonio Ferreira... pag. 176

Antonio Ferreira, que viveu no fim do seculo passado, principio d'este, modelava em barro com a mesma graça e naturalidade flamenga, com que pintava o Morgado de Setubal: as suas pequenas figurinhas são tão estimadas pelos entendedores como os melhores biscuits de Sèvres e de Saxonia antiga.

Nota N

Ave phenix que nasceu de nossos avós não saberem grego. ..pag. 180

A fabula d'aquella ave immortal teve origem nas

edades obscuras da Europa quando o grego era ignorado. O que os antigos diziam da *phenix*, palmeira em grego, tomaram nossos barbaros avós por dito de uma passarola com que os outros nunca sonharam.

Nota O

Ficámos sem *Niebelungen*... ... ... .pag. 219

Collecção de antigas rhapsodias germanicas contendo o maravilhoso e poetico de suas origens historicas e que é para os povos teutonicos o que era a *Iliada* para os hellenos. Só se não sabe o nome do Homero allemão que as redigiu e uniformisou como hoje se acham.

Nota P

Caranguejar para as Lamas..........pag. 219

Fundo baixo do Tejo, ao longo da praia de Santos, que tem este nome, e é onde vão apodrecer as carcassas dos navios velhos e já inuteis.

Nota Q

Os pés no *fender*. .. ..pag. 219

Fender se chama em inglez a pequena e baixa tea de metal que defende o fogão nas salas, para que não caiam brazas nos sobrados. Descançam n'elle os pés naturalmente quando a gente se está confortavelmente aquecendo em liberdade.

Nota R

Perfumados resplendores do *Old sack*, pag. 219

Tem-se disputado muito sobre qual seja a bebida espirituosa celebrada por Shakespeare tantas vezes com este nome. A opinião mais acceita é que fosse boa e velha aguardente de França.

Nota S

Renegaram San'Thiago por castelhano...pag. 219

O grito de guerra commum a todas as nações christans hespanholas: era Sant'Thiago! Quando na accessão da casa de Aviz nos alliámos intimamente com a Inglaterra contra Castella, começámos a invocar San'Jorge.

Nota T

Vacca e riso de Fr. Bartholomeu dos Martyres
pag. 220

Singela e original expressão do santo arcebispo n'uma carta de convite a um seu amigo. Fez-se, como devia ser, proverbial esta phrase.

Nota U

Feliz expressão do Sr. Conde de Raczinsky
pag. ...247

Na sua obra intitulada *Les Arts en Portugal*, Paris 1845.

Nota V

O centro perde o centro de gravidade, o barbas arrepella as barbas....pag. 247

Centro e barbas são qualificações e nomes de empregos theatraes.

III — PROSA

PARTE I

Estudos pedagogicos, politicos, litterarios,
Memorias biographicas

TRATADO DE EDUCAÇÃO

CARTAS DIRIGIDAS A UMA SENHORA ILLUSTRE ENCARREGADA DA INSTITUIÇÃO DE UMA JOVEN PRINCEZA

TRATADO DE EDUCAÇÃO

AO LEITOR

Antes de dar uma idéa succinta do meu systema e do methodo que segui na redacção d'esta obra, pareceu me necessario dizer alguma coisa sobre a fórma, estylo e outras circumstancias, que supposto não sejam as primeiras, não são todavia insignificantes nem para desprezar.

Quanto á fórma, dei a este corpo de reflexões a epistolar, que por mais singela e desataviada, mais se dá com a facilidade do estylo e sinceridade da expressão, e melhor quadra ao natural pouco dogmatico de um auctor despresumido de si, que antes propõe como quem duvida, do que assevera como quem sabe.

Suppõem-se estas Cartas [1] dirigidas a uma Senhora illustre encarregada da educação de uma joven Soberana, porque sendo este o apice da educação, tanto pelo vasto como pelo difficil, deu-me assim maior latitude, e veiu a comprehender todas as especies desde a mais alta e difficultosa.

Ainda que fugi quanto pude a toda a allusão politica, [2] devo todavia observar aqui que nas mui particulares circumstancias em que se acha Portugal, era impossivel a qualquer portuguez que de educação escrevesse, não se lembrar de que o maior e o mais importante negocio de sua patria era hoje essa mesma educação, pois que da educação de nossa augusta Soberana pendem em grande parte os destinos futuros da nação. Certo, esta idéa fixa e constante me acompanhou em toda a redacção de meu trabalho, e foi ponto para onde convergiram todas as linhas de meu plano. Julgo comtudo que nem por isso desattendi as outras especies de educação que elle abrange. O meu livro não é um tratado de educação de principes, é um tratado de educação geral, que em sua generalidade até essa especie comprehende.

Do estylo e phrase só direi que puz todo o peito em a fazer natural e fluente, casta portugueza sem barbarismos nem archaismos; que tam viciosa me parece uma coisa como outra, pois se aquella é desmazêlo vergonhoso, esta é affectação ridicula. Onde um ou outro neologismo me fazia feição para expressar bem minha idéa, não duvidei adoptal-o, comtanto que se accommodasse ao genio e sympathias da lingua, porque sem isso excusado é «dar-lhe a cidade», jámais se naturalizam. Fugi, como digo, de palavras antiquadas, mas não desprezei as antigas, nem hesitei nunca, *cæteris paribus*, em as preferir ás modernissimas. A nossa lingua é de natureza mui aristocratica, attende muito á fidalguia dos termos; e em egualdade de circumstancias, dá sempre a precedencia aos que mais filhamentos apresentam. E tanto assim é que para conceder o fôro a uma palavra estrangeira, por muito nobre que ella em sua terra seja, é preciso que se vá entroncar em alguma das familias conhecidas e distinctas em o nosso idioma.

Não fiz servir a idéa á phrase, que é vicio de ignorantes e impostores, os quaes primeiro escolhem as palavras depois buscam o pensamento: — como pintor que fizera um re-

[1] As do 1.º Livro.

[2] Permitta-se-me aproveitar esta occasião para declarar que nem sou auctor de nenhum dos opusculos sobre questões politicas de Portugal que ha um anno a esta parte têm apparecido tanto em Inglaterra como em França e outros paizes, nem tomei a minima parte em nenhum d'elles. Faço esta solemne declaração por motivos que me são particulares e que pouco importa saber, mas de nenhum modo porque se me dê das injúrias com que me têm honrado alguns follicularios de Lisboa.

trato antes de vêr o original: — como poeta dos que primeiro acertam as consoantes depois fazem os versos; — como épico da eschola de Bossu compondo uma epopêa com todas as suas partes antes de escolher heroe e acção. Mas tambem não desprezei o estylo, antes o poli quanto sube e procurei fazer portuguez de lei.

E' lástima ter que dar satisfações sobre orthographia: a ninguem mais succede isto senão a nós, que tendo uma lingua formada ha seculos, ainda não podémos sahir da anarchia orthographica em que vivêmos. Em orthographia não póde haver senão dous systemas: o que segue a etymologia, e o que se cinge á pronuncia: mas nenhuma das linguas civilisadas da Europa adoptou nenhum d'elles absolutamente e estreme. Em umas predomina o principio etymologico modificado pela pronuncia, como na ingleza, na franceza, etc.; em outras prevalece a pronúncia, como na castelhana e na italiana. Actualmente em Portugal (e pouco mais ou menos, assim tem sido sempre) nem se segue pronúncia nem etymologia, e cada um orthographa como bem lhe parece e praz, sem mais regra que o capricho, antes o acaso, e sem ao menos seguir com uniformidade qualquer methodo por errado que fosse em seu principio, comtanto que não seja vário e errado nas applicações.

Eu cuido que em portuguez não temos já opção sobre systemas de orthographia, porque pelos mestres da lingua foi já determinada. Não pareça paradoxo. Todas as edições que temos dos Classicos, estão cegas de erros, e cheias de incoherencias e anomalias typographicas; mas o principio que elles adoptaram vê-se bem qual é. Certo, ou se desmandaram na applicação, ou os desfiguraram copistas e editores ignorantes e descuidados, ou tudo junto: mas o principio não deixa por isso de subsistir intacto. Este principio é visivelmente a etymologia modificada pela pronuncia, é o mesmo que seguem as mais illustradas nações da Europa.

Parece-me pois que não podêmos deixar de nos cingir a este principio, não só pelas razões allegadas, mas por ser o que mais quadra ao genio de nossa lingua toda latina. E portanto segui n'esta obra as mesmas regras que para a do *Parnaso Lusitano* tinha estabelecido.[1]

São éstas:

I. Conservar fielmente a etymologia quando se lhe não oppõe a pronuncia.

II. Combinal-a com a pronuncia quando esta se oppõe á inteira conservação d'aquella.

III. Nas palavras de raiz incognita seguir o uso geral.

IV. Nas diversas modificações dos verbos conservar sempre a figurativa quando a pronuncia não obsta.

V. Não pôr accentos (agudo e circumflexo, que são os unicos portuguezes) senão onde a palavra sem elles se confundiria com outra.

Resolvi-me demais adoptar a diérese (¨) para dois casos em que a supponho indispensavel: Primeiro, para desunir as duas vogaes que pela regra da lingua se deveriam juntar em diphthongo, como em «r*ai*nha, *ai*nda, p*ai*z s*au*de, jes*ui*ta, m*iu*do» etc. que naturalmente se deveriam pronunciar «*rai*-nha, *ain*-da, p*ai*-z, s*au* de, jes*ui*-ta, m*iu*-do»; mas que escriptos «r*aï*nha, *aï*nda, p*aï*z, s*aü*de, jes*uï*ta, m*iü*do», se lêem como por excepção devem lêr-se «r*a i*nha, *a i*nda, p*a i*z, s*a*-*u*de, jes*u*-*i*ta, m *i u*do. Além de já adoptada pelos Francezes e Castelhanos, não é esta innovação feita por mim; seu introductor em Portugal foi o nosso Moraes, a quem tanto deve a lingua. Verdade é que atégora se não tem generalizado, mas tambem é certo que se não pode escrever correctamente sem ella. As vogaes *ae*, *ai*, *au*, *ei*, *eo*, *eu*, *iu*, *oe*, *oi*, *ou*, *ui*, toda a vez que assim se encontram, confundem-se em um terceiro som que d'ambas participa e a que chamâmos diphthongo: e assim escrevemos e lemos «p*ae*, c*ai*o, n*au*, d*ei*, c*eo*, s*eu*, vest*iu*, d*oe*, f*oi*, am*ou*, f*ui*.»[1]

Tem porêm esta regra muitas excepções; pois tambem escrevemos do mesmo modo— «b*ae*ta, b*ai*nha, s*au*de, d*ei*ficar, g*eo*metria,

[1] Já em outra parte protestei que nada meu tinha no *Parnaso Lusitano* que publicou o sr. Aillaud, livreiro em Paris, senão o Resumo da Historia litteraria de Portugal que vem no principio do primeiro tomo d'aquella collecção. E' certo que arranjei o systema e plano da obra, que escolhi os auctores e peças; mas ausentando-me de Paris, antes de completa a impressão do primeiro volume, um homem por nome Fonseca, a quem de minha algibeira paguei para revêr as próvas, tomou a liberdade de alterar tudo, introduzindo na collecção producções ridiculas de gente desconhecida, e que eu nunca vira, omitindo muitas das que eu escolhêra, enxovalhando tudo com notas pueris e indecentes, errando vergonhosamente até o indice de materias que eu preparára para cada volume, e introduzindo uma orthographia gallega que faz rir a gente e que está em contradição com as regras que eu na prefação estabelecêra e aqui vão transcriptas. — Repito ésta declaração para que me não attribuam as grossas tolices e grossas má criações que emporcalnam aquella obra, que tam bella podia ser.

[1] Com grande impropriedade escrevem alguns com *ao* as palavras *pau*, *mau* e similhantes: as vogaes *a o* não produzem o som d'aquellas palavras nem fazem diphthongo senão o nasal — se é que diphthongo se lhe póde chamar.

mant*eu*do, p*iu*ga, d*oe*r, C*oi*mbra, jes*ui*ta; » e pronunciâmos — b*a* eta, b*a* *i*nha, s*a* *u*de, de-*i*ficar, g*e* ometria, mant*e* *u*do, p*i* *u*ga, d*o* *e*r, C*o* *i*mbra, jes*u* *i*ta. Em diversas epocas buscaram os nossos escriptores marcar por algum signal a excepção, para a distinguir da regra. E para este fim em muitas palavras introduziram o *h* entre as duas vogaes que tendiam a confundir-se; e assim escreveram — «at*ahu*de, al*ahu*de: b*ahi*a, c*ahi*r» etc.; mas não se estendeu a todas as que o precisavam, e ficámos pronunciando o *ai* de — p*ai*z, *ai*nda, b*ai*nha» e de muitas outras, o *au* de «s*au*de, gr*au*do etc.», do mesmo modo que aquell'outros, apezar de o escrevermos differentemente, isto é, conforme a regra e não conforme a excepção. Outros quizeram depois remediar esse inconveniente com o accento agudo, sobre a ultima vogal escrevendo *saúde*; outros com o grave (que de passagem direi que nem proprio nem necessario é á nossa lingua) pondo *baèta*; e até alguns com o circumflexo, accentuando *paûl*.

Mas o unico officio dos accentos é marcar o predominante da palavra que a extrema de outra: assim o agudo nos faz dizer *amámos* no preterito, e o circumflexo *amâmos* no presente; o agudo sobre o *ó* de *glória* nos mostra o substantivo, e sobre o *i* o verbo: e assim no *é* ou *á* da palavra *esta* que a faz ser verbo ou pronome, e em mil outras.

O segundo caso em que julgo indispensavel a diérese é quando occorrem excepções a outra regra geral, a da liquidação do *u* precedido das consoantes *q* ou *g* e seguido das vogaes *e* e *i*. E regra na nossa lingua, e em todas as outras de que tenho noticia, que a lettra *q* não póde ferir directamente vogal, nenhuma senão o *u*. Portanto nos sons de *ke* e *ki* que não podêmos obter com o c, e usando como usamos rarissima vez o *k* empregamos o *qu* liquidando o *u* e escrevemos *quero*, *quinto*, etc., para pronunciarmos *kero* e *kinto*. Mas como todavia algumas vezes escrevemos *que* e *qui* para lermos *ku e* e *ku i* é forçoso que algum signal marque onde a excepção prevalece á regra, como em eloqüente, liqüidar, qüinquagesima, antiqüissimo, qüirites, eqüitação», — que se pronunciam «elo*ku*-ente, li*ku*-*i*dar, *ku*-*i*nquagesima, anti*ku*-*i*ssimo, *ku*-*i*rites, e*ku*-*i*tação:» o que só com a dierese (..) se póde fazer.

O *g* tambem no portuguez e outras linguas não póde ferir, com o som natural de gamma, o *e* e *i*, e por isso usâmos da intervenção do *u* para escrevermos *guia*, *guerra* etc. Mas ha egualmente casos em que escrevendo *gue* e *gui*, pronunciâmos *gu e*-*gu-i*, como em g*ü*ela, ling*ü*eta, ling*ü*inha, ling*ü*ista.» A dierese é egualmente necessaria n'este caso.

Verá outrosim o leitor que segui a pontuação usada hoje dos doutos em todos os paizes, e que só em Portugal se não pratica; e que não fui pela rotina velha e irracional de pôr virgulas antes de todas as conjunções, de todos os relativos; mas que sómente as ponho onde o sentido as pede e o não embaraçam ellas. Seria longo e intempestivo discutir aqui este ponto aliás importante: contento-me com remetter os curiosos ao excellente opusculo sobre Pontuação de Mr. Frey, que em 1823-24 foi adoptado e mandado seguir nas escholas pela Universidade de França.

Assim n'isto como em tudo o mais, o leitor dará indulgente desconto a quem escreve fóra de sua patria, quasi sem livros, com escassos meios, em amarguras de coração e sem remanso de espirito, — que são tristes condições para o escriptor: e sobretudo attenderá a éstas palavras da minha primeira carta, que aqui repito, porque n'ellas se encerra a minha profissão de fé litteraria: «Julgue-me razão recta e corações direitos, não me examinem sabios e grandes homens.»

INTRODUCÇÃO

Entre os muitos livros que em portuguez nos falecem, um *Tratado completo de Educação* é, quanto a mim, o que mais preciso se faz, cuja falta sentimos todos os dias, e a qual mais convem remediar.

Exceptuadas algumas memorias sobre educação physica, não sei que tenhamos nada escripto nem de Educação publica nem da particular: só do celebre Diogo de Teive nos ficaram poucos versos latinos sobre Instituição de principes, cujo principal merito todavia me parece consistir na casta latinidade d'aquelle illustre professor.

Abundam, é certo, nas linguas franceza e ingleza tratados d'estes; e aos portuguezes, que tam familiares são hoje com esses idiomas, não é difficil consultal-os. Professo porém n'este ponto uma opinião muito singular, que talvez não parecerá bastante philosophica, mas da qual todavia hade ser mui custoso mover-me. Eu tenho que *nenhuma educação póde ser boa se não for eminentemente nacional*. Nem o proprio «cidadão de Genebra» era capaz de educar bem um cidadão estrangeiro. Devemos examinar as escolas, estudar os systemas de educação dos

paizes mais civilisados, não para mandar a ellas nossos filhos, — que os não queremos para francezes, inglezes, ou allemães, senão para portuguezes, — mas para melhorarmos e aperfeiçoarmos nossas escolas por essas. De tantos centos de mancebos que de Portugal vieram educar a França e Inglaterra, quantos grandes varões têm sahido? De tantos homens que têm illustrado a nação portugueza, quantos foram educados fóra do reino? As viagens fazem parte da boa e nobre educação, mas só no fim e complemento d'ella: os rudimentos, as bases hãode ser nacionaes.

Pois educar por livros estrangeiros é o mesmo que mandar educar a paizes estrangeiros: não são traduziveis estes livros nem de seguir por extranhos: é preciso imital-os, mas appropriando-os a nossos costumes e circumstancias. Por isto me não resolvi a traduzir nenhuma das excellentes obras de educação que tenho lido; e apezar da intima convicção em que estou de que o meu trabalho hade sempre ficar muito áquem de todos esses, decidi-me a fazêl-o proprio. Estudei, aprendi, extrahi tudo o que me pareceu bom n'essoutros; mas procurei digeril-o e convertel-o em substancia minha. Além dos livros e tratados dos melhores auctores, e para melhor ajuizar de suas theorias, estudei praticamente a educação dos mais nomeados collegios de França e de Inglaterra, comparei os methodos diversos, observei os resultados, e procurei por este modo fazer, não um livro especulativo, não uma memoria de gabinete, mas um tratado util e praticavel.

Tratei pois de reunir n'esta obra, como em um quadro, o melhor do que por tantos volumes anda disperso, juntei-lhe minhas proprias observações, e arranjei-o á portugueza e para portuguezes.

Tal é a idea da presente obra, ou, para assim dizer, o *pensamento* d'ella. Do methodo que segui, das circumstancias que m'o fizeram escolher e de algumas outras particularidades julgo conveniente — talvez necessario — informar o leitor.

E primeiro do methodo. Era forçoso seguir um systema de divisão, fosse qual fosse: e por muito tempo hesitei se devia classificar as materias por sua ordem methodica, i. é, segundo a natureza d'ellas, ou pela chronologica, i. é, pela dos tempos ou epocas da educação em que vae cada uma tendo cabimento. O primeiro arbitrio tem a vantagem de offerecer ao leitor um systema seguido, compacto e de mais facil concepção, mas não é menor a do segundo em guiar pela mão o pupillo passo a passo no caminho da educação, começando para assim dizer pelo emballar no berço, e acabando pelo collocar no meio da sociedade, membro e parte integrante d'ella. Convidava-me o exemplo do *Emilio* a seguir este, pelo interêsse que naturalmente excita aquelle como fio de romance com que o elegante escriptor, não menos que profundo philosopho, atou seu variegado ramilhete de flores e fructos. Mas dissuadia-me por outro lado o temor da comparação, e já tambem a idéa da maior difficuldade para o leitor em formar noção clara e precisa do systema do auctor, de o conceber bem distinctamente tanto em seu pensamento geral como nas applicações especiaes.

O meu fim, segundo na primeira Carta digo, não era gloria nem renome, senão utilidade commum e pública. Assentei pois de attender só a ella, e de procurar combinar os dous systemas, o methodico e o chronologico, e me servir de ambos. Assim o fiz, co meçando pelo primeiro para dar idéa simples, e facil de comprehender, do meu plano, das diversas partes d'elle, do modo por que entendia o meu assumpto, e de meus principios e opiniões sobre a generalidade d'elle. Segui depois com o segundo, pelos periodos da educação, applicando aquelles principios geraes, já expostos, a cada especie e circumstancia que em seu respectivo periodo occorria.

Conformando me com este plano, dividi a educação em suas tres especies capitaes, do corpo, do coração e do espirito.

Na educação do corpo ou physica, compilei e simplifiquei as regras geraes da boa hygiene e da gymnastica.

Procurei reduzir a educação moral, ou do coração a um principio unico, simples e facil: e fui com elle pelos deveres naturaes e da familia, aos da sociedade, da *cidade*, do Estado, da religião.

Na intellectual, ou do espirito, fiz por marcar as differenças do sexo, e da posição social e futuros destinos do educando: expuz os generos de disciplina ou ornamento que convem ensinar, e o methodo pelo qual, desde o alphabeto levei o meu pupillo pelo estudo da grammatica, da ideologia, da arithmetica, da geometria, das linguas scientificas, das vivas, da materna especialmente; — da historia, da geographia, dos elementos astronomicos mais precisos, da legislação, da economia politica. Classifiquei as Sciencias propriamente ditas physicas em tres familias ou generos, *descriptivas, analyticas, praticas*; e d'ellas marquei o que é necessario, util ou de ornamento na educação, segundo a classe ou destino do educando: e assim da zoologia, da botanica, da mineralogia, da geologia, da physica, da chimica, etc.

Não tratei das artes como profissão, mas como gentil ornato da educação nobre ou necessario elemento (que algumas são) de toda a educação: e assim da musica, do desenho, da dansa, — da equitação, da esgrima, etc.

E por este modo me servi da ordem methodica para bem determinar e fazer conceber meus principios.

Feito isto, procurei marcar distinctamente as quatro primeiras epocas da vida votadas á educação e me esforcei por determinar qual era o principal officio da educação em cada uma d'essas epocas, ou por outras palavras, qual era a especie de educação que mais designadamente devia predominar em cada uma d'ellas. Digo predominar, porque sendo, em minha opinião, inseparaveis a educação physica, a moral e a intellectual, em nenhum periodo da instituição é uma excluida pela outra, mas cada qual por sua vez obtem a precedencia segundo o estado do educando na respectiva epoca.

E cuido que me não enganei em estabelecer que na infancia a primeira é a educação physica, logo a moral, e só remota e indirectamente a intellectual: pois a primeira coisa de que devemos tratar é de formar um bom corpo robusto e sadio, e firmar n'esta educação a base solida, que só ella póde ser, das outras duas.

Na puericia dei o primeiro logar á educação moral, o segundo á physica, e conservei a intellectual no terceiro. Supposta em bom caminho a formação do corpo, naturalmente se dirige o immediato cuidado a moldar um bom coração, sem o qual nem as forças do corpo serão bem applicadas, nem a illustração do espirito hade aproveitar.

A adolescencia parece me principalmente consagrada aos exercicios intellectuaes: forte o corpo, regulado o coração, resta illuminar o espirito; antes, fôra cedo de mais, depois, será tarde para muita coisa em que se quer a frescura da memoria, e, se é licita a expressão, a virgindade do cerebro. Cumpre todavia aperfeiçoar ainda muito a instituição moral, e logo immediata a poremos. Fica terceira a physica.

Na puberdade, ou nubilidade, que é o último periodo da educação, antes de o soltarmos no mundo, a tantos perigos e tentações, o que nos dá mais cuidado em nosso educando é forçosamente o coração. D'aqui ponho n'esta epoca a educação moral no primeiro logar, a quasi completa intellectual no segundo, e a physica, que por pouco está perfeita, no último.

Rara vez desci a miudezas e pormenores, porque entendi que a economia, propriamente dita, da educação devia pela maior parte ficar a arbitrio do mentor, que prudentemente a regule segundo a indole, o temperamento, a graduação do educando.

Os paes são os mentores e educadores naturaes de seus filhos. Esta regra é tam geral como a de serem as mães as suas amas naturaes. Tam culpada e criminosa é para com Deus, para com a natureza e para com a sociedade, a mãe que abandona o fructo do seu ventre ao leite mercenario de uma extranha, como o pae e a mãe que apenas criado, o entregam ao cuidado não menos mercenario de um pedagogo, de um director de collegio. Ambas éstas regras porém têm excepções e modificações necessarias e forçosas. Assim como a muitas mães é impossivel criar seus filhos, tambem a muitos paes é impossivel educal los; n'esse caso não ha remedio senão delegar a paternidade, bem como n'aquelle se delega a maternidade.

De certa epoca por diante é impraticavel á maxima parte dos paes o serem os instituidores de seus filhos: ésta é antes modificação do que excepção da regra.

Nas duas primeiras epocas da vida, a infancia e a puericia, poucos casos ha, geralmente falando, em que os paes não devam ser os educadores de seus filhos, quer de um quer de outro sexo; e as poucas excepções que ha apenas apparecerão nas duas extremidades sociaes, a infima e a altissima.

Mas no fim d'estas duas epocas, a educação atéqui commum aos dois sexos, tem de dividir-se: e em nossos actuaes costumes e fórmas sociaes, os varões devem ir para o collegio, fóra do regaço maternal e mimos da casa paterna, acostumar-se á regularidade severa de educadores extranhos, e ao commercio e conversação dos homens com quem têm de viver: as meninas devem ficar no gyneceu sob a vigilancia da mãe e a seu cuidado sómente.

Nem todas as mães sabem tudo ou têm tempo para tudo ensinar; mas todas devem e podem saber o que é necessario para tudo dirigir, inspeccionar e superintender na educação de suas filhas. As posses, a classe social graduarão a extensão da educação, o número de mestres e prendas que a sua filha deve dar; mas em toda e qualquer classe, em todo estado de fortuna, a mãe é sua unica educadora, e a ninguem póde, em regra, ceder esse direito e obrigação.

Mas tambem esta regra tem excepções; e é necessario que um tratado geral de educação com ellas conte. Não só a morte priva muitos innocentes do abrigo maternal: os vicios, a leviandade das mães exigem muitas vezes que lhes sejam suspensos ou coarctados os direitos maternos. N'esses casos amiúdo é preciso começar mais cedo a edu-

cação do collegio para os rapazes, e entregar a ella a das meninas.

Assentei, por estas razões, que não devia, como o auctor do *Emilio*, dar o exclusivo da educação a um unico modo, e proscrever ou abandonar os outros todos: julguei mais util classifical-os e gradual-os bem para os diversos casos em que cada um d'elles é mais conveniente.

Firme n'esses principios, tratei da educação nas duas primeiras epocas em commum para ambos os sexos, considerando-a domestica, ainda quando a auctoridade paterna e materna fossem delegadas, pois n'este principio da vida, não se concebe educação pública de modo algum razoavel, excepto para os infelizes innocentes a quem a morte ou a devassidão ou a miseria absolutamente privaram de paes e tutores naturaes.

D'aqui por deante extremei a educação masculina da feminina, supponde aquella no collegio, esta na casa paterna e sob a inspecção maternal. Como porém ha muitos casos, em os quaes, segundo já disse, é forçoso fazer excepção da regra geral, i. é, em que as mães não podem ou não devem educar suas filhas, tratei tambem da educação feminina no collegio.

Finalmente vim á educação publica propriamente dita. Comprehendi sob esta rúbrica muitas especies: —I A dos que o Estado adopta por necessidade, como natural tutor dos desamparados, engeitados e orfãos indigentes. E a este proposito fallei dos collegios e estabelecimentos que a caridade nacional tem instituido para estes infelizes. Comparei o que em nosso paiz existe com o que tenho observado nas mais civilizadas nações da Europa; e fiz por indicar os meios de melhoramento que me pareceram possiveis e convenientes.—II. A educação dos que foram adoptados pelo Estado em remuneração de serviços paternos. D'esta especie (ou que d'ella devia ser) não temos em Portugal senão dois estabelecimentos, o *Collegio dos Nobres* e o *da Luz*, instituições que podem ser utilissimas, e que não convem destruir nem alterar, porém melhorar. —III. A educação das classes infimas em que ao Estado cumpre entender por conveniencia e por justiça; por justiça, porque em seu favor se estabeleceu a desegualdade de fortunas e de classes, e lhe imcumbe portanto, em retribuição melhorar a sorte dos menos favorecidos. N'esta secção tratei das escolas e geraes publicos, dos mestres regios, de nossa legislação n'esta parte, e do que n'ella me parece de conservar ou de emendar.—IV. Em derradeiro logar, e como complemento geral de toda a obra, tratei da instituição professional, isto é, da que a lei exige para admittir a certos empregos publicos ou consentir no exercicio de certas profissões. N'este capitulo entram os Lyceus, os Seminarios, Universidades e similhantes.

Nos dois annos que dirigi, como chefe de repartição, a do Ensino publico no ministerio dos negocios do Reino, tive occasião de obter muitos dados e adquirir muita informação sobre os diversos estabelecimentos nacionaes que temos, de observar o bom e máo dos systemas e leis que os regulam. Tenho depois amadurecido, com a comparação dos institutos extranhos, as reflexões que então fiz; e muitas se me têm despertado com que antes não sonhava. Procurei ruminar e dirigir tudo na melhor ordem que sei, rematando, com esta parte tam essencial e importante o meu tratado geral de educação.

Dividi portanto a presente obra em quatro livros, e cada livro em suas respectivas partes, pelo seguinte modo;

LIVRO PRIMEIRO: EDUCAÇÃO DOMÉSTICA OU PATERNAL, COMMUM DE AMBOS OS SEXOS.

PARTE I. *Systema geral. — Infancia á puericia.*

PARTE II. *Puericia á adolescencia.*

LIVRO SEGUNDO: EDUCAÇÃO DO GYMNASIO DITA PUBLICA, PARA O SEXO MASCULINO.

PARTE I. *Adolescencia á puberdade.*

PARTE II. *Puberdade á virilidade.*

LIVRO TERCEIRO: EDUCAÇÃO MATERNAL OU DO GYNECEU PARA O SEXO FEMININO.

PARTE I. *Adolescencia á nubilidade.*

PARTE II. *Nubilidade á maturidade.*

LIVRO QUARTO: EDUCAÇÃO PUBLICA PROPRIAMENTE DITA.

PARTE I. *Educação de orfãos e desamparados.*

PARTE II. *Educação de privilegiádos.*

PARTE III. *Educação das classes inferiores.*

PARTE IV. *Educação academica e profissional.*

Tal é a idea e o plano geral circumstanciado d'este escripto. Não chega minha presumpção a crêr que suppro com elle a falta que de taes obras temos em nossa lingua; fiz de minha parte; outros virão e farão melhor. —E quando mais não consiga do que despertar os bons engenhos portuguezes para que appliquem suas doutas vigilias a objecto de tanta monta, inda assim não fiz pouco,— e já me darei por bem pago da insana e improba tarefa em que ha sete annos lido, e em cuja redacção, só para este primeiro volume, tenho gasto, além de uma somma consideravel para minhas posses, o melhor de seis mezes de continua applicação e trabalho.

LIVRO PRIMEIRO

Educação domestica ou paternal commum para ambos os sexos

PARTE I

SYSTEMA GERAL DA INFANCIA Á PUERICIA

CARTA PRIMEIRA

Systema geral e plano d'este livro. Da educação em geral. Natural divisão da educação em *physica* ou do corpo, *moral* ou do coração, *intellectual* ou do espirito.—Da educação physica.—Da educação moral.—Da educação intellectual.

Minha Senhora [1]

O vivo interesse que todos os bons portuguezes tomâmos na muito honrada tarefa de que V. Ex.ª foi incumbida, confio que me hade desculpar na liberdade de me dirigir assim a V. Ex.ª O assumpto sobre que ouso escrever-lhe é público e nacional; as altas funcções a que V. Ex.ª foi chamada são públicas e nacionaes,— e de tam importante transcendencia, que, apezar de minha obscuridade, em certo modo me julgo auctorizado a expressar sôbre ellas meus sentimentos,— e do que em tal materia tenho estudado e observado: a contribuir com meu escasso quinhão de luzes para onde todas ellas são poucas, para onde não ha experiencia que sóbre, talento que sobeje ou illustração que seja demaziada.

V. Ex.ª chamada a dirigir e superintender a educação da nossa Augusta Soberana, não se deve offender de que um cidadão ignorado, mas leal e zeloso subdito, tome a confiança de lhe communicar seus pensamentos sôbre esta educação tam importante, de cujos resultados dependerá a felicidade, talvez a existencia,—os futuros todos de uma nação inteira,—de uma nação atéqui tam infeliz.

As preciosas qualidadas de espirito e coração, que todos em V. Ex.ª reconhecem, me foram, não só esperança de que não seria desprezado meu trabalho, mas estimulo para o aperfeiçoar porque não seria perdido. Nada estranho lhe direi de certo, nada novo apprenderá d'aqui: V. Ex.ª conhece e sabe avaliar o bom e o máo dos melhores livros de educação que mais crédito obtiveram pela Europa. Nem eu pretendo senão reunir em um quadro e presentar em synopse, com minhas proprias observações, o que por tanto volume anda disperso, e que assim reunido póde ser de mais prestimo e serviço.

De V. Ex.ª sei que a anima o amor de sua patria e a devoção por seus Soberanos, que, a exemplo de seus antepassados, sempre lealmente serviu: de mim posso dizer em meu tanto que lhe não cedo em sentimentos, e que, contentando-me de ajudar de longe com meu pouco a tam gloriosa empreza, sem pretenções e sem vaidade, me darei por muito feliz e pago se este meu serviço for de algum proveito, por insignificante, por minimo que seja.

Eu tive a boa fortuna de receber uma educação *portugueza velha* sólida de bons principios de religião, de moral, de sãos elementos de instrucção, e, comquanto fosse malaproveitada, das melhores que se dão, não direi em Portugal, mas pela Europa. Quasi dos primeiros annos de razão comecei a reflectir sobre minha educação e a comparal-a com a que via dar a outros; e senti sempre, não sei por que instinto, uma predilecção inexplicavel por ésta *arte de formar homens*, arte a mais sublime e util de todas as d'elles, a que mais nos assemelha á Divindade, a que mais approxima a creatura do Creador. Escreveu um philosopho [1] romano que não havia espectaculo mais digno de Deus que a do varão forte luctando só e braço a braço

[1] D. Leonor da Camara, Marqueza de Ponta Delgada. (*Da revisão.*)

[1] Seneca.

com a adversidade. Outro conheço eu mais digno ainda da Divindade e em que melhor se espelha sua imagem; é o do parente, do educador desvelado formando a alma tenra e o coração innocente de seu pupilo, moldando-os para a virtude e para a razão, e preparando-o para a felicidade; — que ninguem foi ainda infeliz com a virtude, nem para ser infelizes nós creou Deus, que só para ella nos creou.

E um dos primeiros fins por que vimos ao mundo a continuação da especie; e por innata consequencia e instincto, a educação da prole o *mais natural* e ingénito cuidado do homem. A natureza, que pôz os gozos ao pé das obrigações, nos faz achar um prazer indefinivel na educação dos renovos da nossa especie. Por aqui explico eu o muito que sempre me foi grato este estudo e o deleite moral que senti sempre em me occupar das observações e indagações que n'elle eonstanmente tenho feito.

E' facil tarefa a de citar auctoridades e nomear escriptores; nem muito mais difficil a de notar defeitos de uns, excellencias de outros. De criticas e criticos está cheio o mundo. Eu não pretendo examinar, um por um, os systemas e os tratados de Aristoteles e Plutarcho, de Fénelon e Rollin, de Rousseau e Helvecio, de Loke e Condillac, de Genlis e de tantos outros emfim antigos e modernos que da materia trataram, — por que não vou escrever uma obrá de controversia, nem batalhar uma guerra de theorias philosophicas, de pouca glória para quem as briga, de nenhum proveito para quem as lê, e prejuizo certo para quem n'ellas quer aprender. Direi n'este ponto e do plano d'estas Cartas o que de sua galante obra da *Guia de Casados* escrevia o nosso D. Francisco Manuel de Mello.

Do que li, do que vi, do que estudei, do que reflecti em mim e nos outros, do que observei nos meios empregados e resultados obtidos de diversas educações, formei para mim um systema, um encadeamento de ideas e principios, que singela e chanmente explorei sem a linguagem hirsuta das cadeiras, sem presumpções de originalidade, bem como sem servilismo de escola. Julgue-me razão recta e corações direitos, não me examinem sabios e grandes homens. De theorias sei pouco ou me esqueci d'ellas; de auctoridades não fiz cabedal; de escolas, não a tenho; e não quero gloria nem renome porque só fito a utilidade.

Educar um principe não é o mesmo que educar um simples cidadão: educar um principe que hade ser soberano é mais transcendente ainda; educar uma joven princeza que por si e por seu direito proprio hade reinar, tresdobra de difficuldade: mas educar uma joven rainha nas circumstancias extraordinarias unicas da nossa Augusta Soberana, uma soberana que já reina, que reina em tam calamitosos tempos, e difficeis na éra em que vivêmos, com os olhos dos reis e dos povos cravados todos sobre ella, é certamente das mais arduas emprezas com que ainda se carregaram hombros humanos.

Mas estas gradações progressivas, estas distincções crescentes na complicação do alto objecto de que se trata, não tiram que as bases da geral educação não sejam as mesmas para todos os entes racionaes. Estas diversas circumstancias restringem aqui alargam acolá o circulo da educação, porém o circulo é o mesmo; nada lhe varia a fórma, nada lhe altera a essencia. A educação é uma só: o sexo, a posição social, os destinos futuros do educando a modificam de mil modos, mas sua natureza permanece a mesma. Não podêmos portanto tratar immediatamente da educação de uma joven princeza sem fallar primeiro da educação em geral: não se conhece bem a especie sem primeiro conhecer o genero. E, se é licito seguir na metaphora zoologica ou botanica, temos forçosamente de vir da classe ao genero, do genero á especie, da especie emfim á variedade.

O fim geral da educação é fazer um membro util e feliz da sociedade. O objecto da educação é formar o corpo, o coração, e o espirito do educando.

D'aqui as tres divisões naturaes da educação physica, moral e intellectual. Fazem-se estas divisões para clareza da materia e facilidade do plano educador, porque as não fez a natureza nem as comporta a prática. Todas tres estão ligadas, são objectos que junctos se devem obter, em que ao mesmo tempo se deve trabalhar, e que sem mútua destruição de todos se não podem separar. Como a carroça que um só quadriga modera, que a um unico ponto se dirige, e que simultaneamente tirada por tres ginetes, jámais chegaria ao ponto dado, nem se moveria para elle a distancia de uma linha, se cada um dos tres ginetes puchasse desencontrado, e não fossem unifornes seus — todavia distinctos — movimentos.

Um máo corpo, mal formado e doentio, com máo estomago e máos nervos, raro e quasi impossivelmente terá um coração bem formado, forte, aberto, generoso.[1] Com máos nervos e máo coração, máo hade ser o cerebro. E vice-versa, o máo coração des-

[1] Ésta regra não é sem excepções: de algumas extraordinarias sei eu; são porém excepções que mais confirmam a regra gerál.

arranjará tarde ou cedo a flexibilidade e *justa tensão* dos nervos, e perfeição do cerebro, [1] —e o cerebro a um d'elles e a todos; e mútua e simultaneamente assim.

Não é preciso fazer gala de leitura de Cabanis nem adoptar seus principios, perigosos, ou ser Helveciano, ou fazer seita emfim com qualquer dos suspeitos de materialismo [2] para entender e receber ésta theoria simples, que não é mais do que o resultado experimental do que todos os dias se vê, do que todos os dias nos mette pelos olhos a observação constante e a inalteravel ordem das coisas.

Sem as separar nem dividir pois, já que inseparaveis e indivisiveis são, distinguiremos, para clareza e facilidade, as tres educações *physica* ou do corpo, — *moral* ou do coração, — *intellectual* ou do espirito.

Facil me fôra aqui dar mostras de saber que custa pouco e de erudição de barato estudo; e não pouparia agora uma longa dissertação de hygiene sobre os modos de conservar, de melhorar e de formar a robustez e a saude dos infantes. Mas além de razões que já dei, eu creio pouco em toda a medicina preventiva que não for — regularidade, e se é licita a expressão, *generosa parcimonia* de comida e somno, exercicio (principalmente passeio), estudo não excessivo, e o *nequid nimis*, a moderação em tudo. Onde não ha lesão ou imperfeição organica nem tendencia morbida muito determinada, sobeja esta medicina e hygiene. No caso contrário não ha regras que dar porque devem ellas variar segundo a immensa variedade dos casos possiveis.

D. MARIA II

Mas só as coisas meramente physicas influem na educação physica, ou educação e perfeição do corpo: tambem as moraes e intellectuaes, e muito e muito mais do que á primeira vista parece. A alegria ou a tristeza, — a suavidade ou a rispidez dos mestres e educadores, as sensações moraes de qualquer natureza demasiado fortes têm uma influencia extraordinaria nos orgãos tenros e por extremo sensiveis de uma creança.

Geralmente se deve conservar o espirito do educando em um estado de alegria moderada e suave, que lhe distende brandamente os nervos, e mais que nenhuma outra coisa lhe conserva a saude e avigora o corpo. A brandura dos mestres, a serenidade dos educadores deve ser constante:— se algùma vez ella relaxar a attenção ou diminuir a

[1] Quando os anatomicos e physiologistas tiverem decidido se o cerebro é a origem ou o remate dos nervos, saberemos talvez quaes são os mais influidos ou o mais influente : contentemo-nos de saber porora que reciprocamente se affectam

[2] Nunca me seduziram sophismas especiosos dos materialistas propriamente ditos: mas é certo que se chama materialismo e materialista a muita coisa e a muita gente que nunca o foi. Erros e incoherencias são de todas as escolas e systemas; toda a vez que se pretende sujeitar a razão a um principio, seja qual for, e forçar os factos e as experiencias a *metter-se em batalha* debaixo de uma ordem *dada*, hão-de apparecer os defeitos e as inconsistencias, e descobrir-se a imperfeição de todos os systemas do homem. No physico e no moral não ha já hoje sciencia verdadeira senão a experimental. Kant e os espiritualistas não disseram por seu lado menos absurdos e coisas inintelligiveis com todas as suas *transcendencias* e *sentimento*, lindos por certo em *verso*, lindissimos quando os descreve a poetica penna de Madame de Staël, ou quando os imita seu illustre rival Mr. de Chateaubriand, mas que, pela maior parte, não sei o que querem dizer—em prosa.

pontualidade do discipulo, hade porfim gerar aquella docilidade filha da convicção e do amor respeitoso, que só nasce da estima, e a qual não só fórma o coração e rectifica o entendimento, mas produz uma satisfação habitual e perenne no ânimo do educando, que toda lhe expande a vida e lhe facilita as funcções d'ella. Tenho visto sempre que a rigidez dos mestres e mentores intimida e tolhe as creanças, e acanhando lhes o espirito e fechando-lhes o coração, gera um humor acre que estimula e corroe as partes mais vitaes do corpo, para eterno tormento, amofinação e desconsôlo do infeliz pupillo e de todos que com elle têm de ter relação no decurso de sua triste vida.

Sensações muito fortes, o espectaculo das enfermidades e calamidades da vida devem não só em relação á educação moral, mas em relação á do corpo, ser poupados na tenra edade. Não tanto porém que ao sahir da infancia, o véo demaziado espesso com que até alli se lhe encubria o quadro das miserias humanas, caia de repente e produza um effeito theatral de mais funestas consequencias ainda. Mas vá-se gradualmente desdobrando e a prudente arbitrio do educador, mostrando do mundo o que os olhos do tenro espectador comportarem segundo lhe fôr crescendo a edade, a força e a razão. Para a alma e para o corpo é desgraçadamente um *veneno* a experiencia do mundo: mas é forçoso — inda mal!— tomar-se este veneno; e para que não venha de golpe, tal que mate e arruine de uma vez, dê-se em dóses progressivas, — acostume-se a elle o estomago com a receita de Mithridates.

Disse, e não me canço de repetir, que a educação physica, a moral e a intellectual são connexas e inseparaveis. Mas pela ordem natural da divisão, segue a do coração á do corpo.

A educação intellectual ou do espirito subdivide-se em necessaria, util e de ornamento; e as linhas divisorias que marcam as raias d'estas tres provincias variam de posição segundo varía o sexo, a aptidão, o estado, os destinos futuros do educando. Porém a educação moral é uma e a mesma, e apenas sujeita a certas modificações que o sexo e a posição social requerem.

Não sei se me engano, mas parece-me que a educação moral se póde reduzir, tanto em theoria como em prática, a um unico principio.

— Explico-me. Eu quizera que como base de toda a moral se estabelecesse e firmasse no coração do educando uma unica virtude primordial em que todas as outras se contivessem e da qual elle formasse uma noção perfeita e clara. Esta virtude não póde ser senão a *Justiça*. Justiça é tudo, justiça é as virtudes todas, justiça é religião, justiça é caridade, justiça é sociabilidade, é respeito ás leis, é lealdade, é honra, é tudo emfim. Acaso parecerá absurda ésta proposição assim enunciada e sêcca. Meditemol-a, desenvolvamol-a e appliquemol-a; talvez o não pareça então.

Para que se educa um ente racional? Em relação á natureza, para *filho*, *esposo* e *pae;* —em relação á sociedade civil e ao Estado, para *cidadão*, *subdito* ou *soberano;*— em relação a Deus, para *religioso*, determinadamente nós para *christão*.

Ora da justiça, não no restricto sentido em que vulgarmente se toma, porém na ampla accepção philosophica, - da justiça, digo, derivam todos os deveres que para qualquer d'estes estados se requerem, todos os direitos que essas obrigações acompanham por que d'ellas resultam. [1] Vejamos. Eu diria a meu filho - e não lh'o diria de uma vez, mas ir-lh'o ia gradualmente dizendo e mostrando: [2]—«Meu filho, deves a teus paes, depois de Deus, a existencia; pouco deves n'esse dom, mas deves muito pelas dores e padecimentos com que penaste as entranhas de tua mãe antes de vêres o dia: para o vêres, para appareceres no mundo e gosares da vida, arriscaste [3] a d'ella e lhe causaste inexplicaveis tormentos. Nasceste chorando: e o teu pranto logo começou rasgando os seios d'alma de teus paes. Quizeste alimento, e nem o podias procurar nem o sabias pedir, nós provêmos a teu sustento, deu-t'o tua mãe do sangue de suas veias. [4] Dias affadigosos, noites não dormidas, vigilias, penas, cuidados, tudo soffrêmos por ti quando tu nem tinhas um sorriso com que nos pagar tanto. Molestou-te a doença, e tu não podias queixar-te, nem dizer-nos a causa —

[1] Não sei se é superfluo observar que deveres (ou obrigações) e direitos são correlativos. De toda a obrigação resulta direito: sem esta reciprocidade não haveria leis nem justiça.

[2] Creio que ninguem vae imaginar d'aqui que um pae ou educador se deva pôr a fazer d'estes sermões a seus proprios filhos ou pupillos. O *como* e o *quando* é a grande sciencia do mentor.

[3] Conheci uma creança de indole imperiosa e má (que as ha más de natureza, deixar falar o auctor do *Emilio*) cuja nascença custára a vida a sua mãe, Mimos e castigos pouco podiam com elle; mas em lhe falando na mãe e no que lhe custara para lhe dar a vida, o infeliz que nunca a vira, enternecia-se. abrandava e cedia a tudo. Expliquem o phenomeno os que negam o *sexto sentido*, que eu não sei.

[4] Quando não houvesse outra razão para que as mães devessem crear seus filhos, esta seria bastante. Quem renunciará voluntariamente ao direito de falar assim a seu filho? Digo *voluntariamente*, porque sendo regra que este é o primeiro (em ordem) dos deveres maternaes, ha forçosas excepções a ella. — Veja-se o que a este respeito se diz adeante, Cart. II.

nem sequer o sitio do mal que te affligia: e nós lidámos e endoudecemos de cuidados para o adivinhar, para te alliviar e sarar. Balbuciaste emfim, e os sons informes que te deu a natureza, nós os convertêmos em articulações regulares, que te pozeram desde logo em relação com a sociedade, [1] te constituiram membro d'ella e te fizeram participante de todos seus bens e confortos. Deu-te Deus o amor da vida, o instincto da virtude e a luz da razão; mas nós formámos teu corpo para os gosos da existencia, moldámos teu coração para o prazer da virtude e illustrámos teu entendimento para dirigir teu coração e teu corpo, para viveres e seres feliz.

«Tudo o mais que te podémos dar e fazer, bens, fortuna, consideração, é accidental e não depende de nós;—mas aquelles são beneficios que só de nós te vieram: deves-nos por elles amor, obediencia e respeito; é *justiça* que nos pagues assim.»

E eis aqui a justiça para todos os deveres filiaes.

Cresceu a edade e a razão, e já poderei dizer a meu filho:— «Tu hasde ser esposo: Deus te creou, e a sociedade em que vives, pedem que sejas esposo um dia. [2] Escolherás mulher que te ame e que tu ames, hasde consideral-a e tratal a sempre como a companheira de tua existencia e mãe de teus filhos. [3] Tens direito a exigir d'ella o mesmo, e portanto obrigação de lh'o prestar: fôra injusto o contrario.»—E da justiça nascem tambem estes deveres e direitos.

Continuemos.—«És filho, serás esposo, e provavelmente pae. Lembra-te das obrigações que para comtigo preenchêmos, e verás que por necessaria justiça outro tanto como nos deveste, a teus filhos deves.»

E eis aqui todos os deveres da natureza derivados do unico principio da justiça. Veremos que os da sociedade tambem o são.

«Nasceste na sociedade e para a sociedade: vives no meio dos homens, com quem communicas, de cuja experiencia aproveitaste; gosas dos bens da civilisação, que ha seculos se aperfeiçôa para ti; tens direito a exigir dos outros membros da sociedade que não offendam tua pessoa e que respeitem a tua propriedade:—é obrigação de justiça que outro tanto faças para com elles. Criou-te ésta sociedade, que chamâmos patria, dá-te meios de subsistencia, protege-te com suas leis:—tens de justiça obrigação de a defender, de a servir, de concorrer para suas despezas communs.—E estes são os deveres de cidadão.—Tens obrigação de obedecer a essas leis que te protegem, ás ordens do soberano que as mantem e as guarda, de o respeitar e honrar como chefe do estado:—e eis aqui os deveres do subdito.—E ambos os de cidadão e de subdito derivados da unica fonte da justiça.

Trata-se de um soberano, de um principe que o hade ser?—É facil a inversão. O soberano não é subdito, mas é cidadão. Como cidadão, os deveres do principe são os mesmos—porém mais extensos, mais fortes, mais amplos, mais obrigatorios, mais directamente nascidos da justiça; porque de mais forçosa justiça é o retribuir á sociedade favores e gosos mais amplos, e confiança e honra, elevação maior e sem par. Como soberano, os deveres do principe, esses estão absolutamente na justiça. É justiça governar segundo as leis, justiça respeital-as e fazêl-as respeitar, promover o bem publico, e o particular de cada individuo, justiça *até* ser indulgente quando convém á causa pública, magnanimo quando ella não é lezada. Pois que maior *justiça* do que ser indulgente com homens governados o homem que governa e que, só porque é *homem*, a todos os momentos carecerá da d'elles para que o respeitem, o amem e o honrem apezar de seus defeitos e miserias, porque como a *homem* lhe não faltarão!—e nem toda a purpura e arminhos do manto real as podem sempre e efficazmente encubrir.

Venhamos emfim ao mais alto assumpto de que podem falar homens: falemos de Deus e de nossos deveres para com elle. Em que assenta toda a religião senão em justiça?

Como homens, i. é, creaturas, os nossos deveres religiosos são devidos ao Creador: como christãos ao Redemptor. Éstas duas coisas não se separam nem são separaveis, que assim o ensina a fé: mas dividem-se aqui por hypothese necessaria. A homenagem de respeito, de gratidão, de amor e adoração que as creaturas devêmos ao Creador, o que é senão justiça, e retribuição?—Particularmente em nossa religião, os deveres do christão para com o Redemptor, o que são elles? Justiça em seu mais amplo, em seu mais sublime sentido e accepção. Piedade e caridade são as bases da religião natural, reforçadas e sanctificadas pela revelação, mas em nada alteradas. Piedade é amar a Deus sobre todas as coisas;—sublime justiça de amar sobre todas as coisas o que sobre todas as

[1] A maior prova da sociabilidade do homem que em sua natureza acho, é a faculdade de communicar suas ideias e pensamentos pelos signaes d'elles as palavras. Este argumento da *loquella* é tal, em meu sentir, que dispensa todos os outros.

[2] Será preciso demonstar que o homem nasceu para ser pae, e que o cidadão não é sustentado e protegido pela sociedade e pelo Estado para os deixar orfãos e desherdados de sua prole?

[3] São óbvias as inversões que a differença do sexo deve fazer n'este arrazoado.

coisas mais nos ama e a quem mais devêmos. Caridade é amar o proximo como a nós mesmos: [1] — dever que, sendo mútuo e reciproco para todos os homens, é portanto da mais escrupulosa e equilibradora justiça.

Firmemente creio que, assim reduzida a educação moral ao unico principio da justiça, o educador achará mais facilidade, e menos tropeços em a dirigir sem desvio, e o educando em a receber.

Não supponham todavia que n'estas ou em qualquer outra parte da educação eu pretenda que se adopte o methodo synthetico, i. é, o de estabelecer categorica e dogmaticamente um principio (que por tal modo nunca póde ser bem entendido) para sugeitar a elle todas as especies, e ir derivando todas as consequencias que n'elle se contêm ou se pretende que contenham. Condillac chama á synthese «methodo de trevas»; e, se alguma vez o epitheto severo de Condillac perfeitamente quadra a este methodo é quando o applicam á educação.

O bom mentor afastará para longe de seu pupillo similhante systema. Tudo quanto dogmaticamente lhe ensinar pela synthese, por mais pura e incontestavel verdade que seja — ainda da mais simples intuição — corre grande risco de se perder. A analyse é o methodo da natureza; hade vir com a força da razão e da experiencia; embora lh'o não ensinem, a natureza lh'o ensinará: — quando o pupillo, seguindo *por si* o methodo inverso do de seu mestre, proceder de *singulares* para *universaes*, a minima discrepancia entre suas observações, e as consequencias e principios que lhe ensinaram, o fará desconfiado; a dúvida entrará em seu espirito, logo apóz o scepticismo, e apóz elle a incredulidade perfeita.

Assim se têm perdido muitas educações intellectuaes e quasi todas as moraes. [2]

Nem é este o inconveniente unico, mas que seja o principal, do methodo synthetico em materias de educação: não faltará occasião de voltarmos ao assumpto no decurso d'estas cartas, e a tempo e proposito ponderaremos os outros.

Tanto na educação moral como na intellectual, a analyse é o methodo que o educador e os mestres devem seguir. Nem tudo é ensinavel por synthese, tudo por analyse. Em religião, das obras da creação se deve ir subindo até o Creador, dos beneficios da redempção ao Redemptor. E só quando assim gradualmente preparado o espirito e o coração, é que os dogmas pódem achar verdadeiro credito e solida base no animo do joven.

Assim nos deveres para com os homens, para com a sociedade, para com o Estado.

Quando se desenvolverem estes principios no circumstanciado e — se é licita a expressão forasteira — no *detalhado* das applicações d'elles á educação moral e intellectual, veremos que não ha sciencia moral em que não tenha cabimento, estudo intellectual ou arte, a que não seja applicavel o luminoso methodo da analyse — i. é, aquelle em que o educando é o artifice de suas proprias idéas e principios, em que, dirigido mas não levado, guiado mas não forçado, no caminho da virtude ou da sciencia, que elle mesmo acha por si as verdades que lhe convem saber, obra sua, terá, porque o é, taes raizes e tal força que nada o abalará no espirito ou desarraigará do coração.

Falemos agora da educação intellectual, que é a corôa de todas as outras. Esta corôa deve ser de fructos e de flôres: de fructos para as necessidades e utilidades da vida, de flôres para encanto e ornato d'ella.

Em qualquer gráo da sociedade [1] que nos ponha a sorte, todos carecemos de educação intellectual, mas nem todos *egualmente*. Na educação do corpo não ha quasi modificação alguma senão a que a diversidade do sexo póde requerer, — e essa mesma variedade é só quanto aos meios; na do coração tambem algumas pequenas modificações pede o sexo, que o estado de familia e a supremacia da virilidade exigem: mas na educação intellectual muitas mais e muito mais variadas são as differenças que o sexo, a posição social, a indole, as propensões do educando estabelecem. A humilde cabana do pastor não se deve fechar mais ás bençãos da educação intellectual do que o palacio dos reis: mas dos simples rudimentos das artes, que os obscuros misteres da vida precisam, a orbita d'ella se vae estendendo em ambito, e

[1] Eu podia pôr aqui uma expressão mais philosophica e que soasse por isso mais acceita aos ouvidos do intolerante philosophismo (que o philosophismo — não a philosophia — é tão intolerante como o fanatismo); mas eu não cortejo d'essa gente, escrevo para homens de bem, que prezam *coisas* e não curam de *palavras*.

[2] Ainda não conheci um homem soffrivelmente educado que ou se esquecesse dos elementos de saber que lhe ensinaram, ou renegasse dos principios de moral em que o imbuiram, senão por esta causa. D'estes exemplos estão cheios os livros, e mais cheio ainda o grande livro da experiencia, que nos abre quotidianamente a constante observação.

[1] O maior e mais saliente defeito que acho em quasi todos os tratados de educação que tenho visto é não legislarem senão para a alta educação Até o «cidadão de Genebra» *aristocratizou* n'esse ponto. Este corpo de observações, que ousei chamar tratado geral, comprehende até a mais alta especie d'ella, a educação do principe; mas certamente o auctor se julgará mui tristemente «desappontado» se elle não for egualmente util ao menor de seus concidadãos.

alargando como as linhas da parabola até o infinito. Este *infinito* porêm não é o mathematico, é o infinito social, é o throno: [1] *infinito*, porque todas as virtudes, todas as luzes, todos os ornatos e perfeições são poucos para o ente destinado ao tam difficil, tão arduo, tam sublime encargo de presidir aos destinos das nações, de *moderar* [2] a grande machina social, em cujas mãos está a felicidade de milhares, de milhões de individuos.

De toda a educação do espirito a grammatica é a base. A grammatica é a sciencia das palavras, i. é, dos signaes de nossas idéas: e entre estas e aquellas, — pela construcção physica do homem, por suas relações com os outros e com o resto do mundo visivel, por sua educação, por sua natureza, — é tam intima a connexão, tão estreita e quasi indivisivel, que jámais conhecerá bem as coisas o que não conhecer bem as palavras, jámais adquirirá idéas exactas, ou formará juizos distinctos o que das palavras, suas combinações e ligações, não tiver noção exacta, clara, — e no modo de as empregar e usar não for egualmente correcto e habil.

Com a boa e bem entendida grammatica está connexa (e talvez mais exactamente, á grammatica está inherente) a ideologia e a logica ou as artes de formar as idéas de que são signaes as palavras.

Não se concebe, na organização que ao Creador aprouve dar á especie humana, não se concebe como sem palavras [3] se podessem formar muitas das idéas, combinar outras muitas e formar juizos. Não ha um só facto que prove [1] que os sentidos, a experiencia de um homem que nascesse e vivesse isolado, bastassem para isso. A mutua communicação das sensações que os homens receberam e experiencias que fizeram na sociedade — seu estado natural — é que os fez discorrer, pensar e ser logicos. Sem palavras, signaes de suas ideas, e meio de permutação e communhão d'ellas, não se chegára nunca a este resultado.

A grammatica pois, que é a sciencia das palavras, — se a não comprehende — está inseparavel da sciencia das idéas e do raciocinio.

Estou portanto persuadido que os dois estudos [2], de «formar e combinar idéas», e «de expressar estas formações e combinações», se não devem nem podem separar. São operações promiscuas do espirito e dos orgãos do corpo, e que promiscuamente se devem analysar, estudar e dirigir. [3]

Não falo agora nem do methodo pratico d'este ensino, nem dos livros que se devem escolher, nem de nenhuma coisa circumstanciadamente. Estou dando o esboço, o plano geral do meu edificio: depois examinaremos a construcção e ornamentos de suas differentes partes.

A arithmetica é o rudimento immediato da educação elementar. A arithmetica é mais vasta sciencia do que vulgarmente se cuida. Todas as mathematicas puras estão n'ella. A extensão com que esta importante parte dos conhecimentos humanos deve ser ensinada [4] depende das circumstancias do educando. O que sobeja a um não bastará a outro, mas decerto a nenhum póde dispensar absolutamente de a aprender, nem sexo, nem posição social, nem aptidão.

[1] Se acharem que me demazio em similes mathematicos, respondo que, ao menos n'este caso, não achei outro que me servisse. A theoria social é de pura abstracçao como a mathematica, e por isso tem mais pontos de contacto entre si do que nenhumas outras sciencias. A combinação mais perfeita dos homens em fórmas governativas é a monarchia representativa bem entendida, que segundo outra comparação, tambem do mesmo genero, de eminentes publicistas, é como uma pyramide, cuja base é o povo e cujo o vertice o soberano.

[2] A alguns pensadores levianos já pareceu, e por alguns foi dito, que na monarchia temperada o rei nao precisava de illustrações e virtudes, como na absoluta em que elle só é tudo. Qualquer reflexão mostrará o contrario. O governo representativo é muito mais difficil e complicado porque é mais perfeito: de todas suas diversas rodas e mechanismo geral o principe é o *regulador*. Seja ou não expresso e distincto na lei politica escripta do Estado, como positivamente o é na Carta portugueza, ao rei compete *moderar* a grande machina social. Estas funcções moderadoras, que por sua propria natureza são distinctas das executivas, como as exercerá elle sem grande cabedal de luzes e virtudes? — Bastará porventura que oiça seu conselho quem não souber discernir nas opiniões dos conselheiros? Enfada insistir em coisas taes, e gastar tempo em demonstrar o que é de simplissima intuição.

[3] Que ideas tem o surdo e o mudo de nascença? Quasi nenhumas e imperfeitissimas, nem a arte sublime que, a tanto esforço e custo, os restitue *em parte* á sociedade, os póde inda assim mesmo, fazer completos participantes e membros d'ella.

[1] Em todo o homem que tem apparecido n'esse estado, apparece mais um documento de que a idéa de homem envolve a de animal social. Todos quantos exemplos se citam confirmam a minha asserção.

[2] Logica, ideologia, psychologia, etc., são palavras diversas, são divisões artificiaes das escolas: na natureza não ha senão — formar idéas e juizos, — expressar idéas e juizos.

[3] A orthographia e a pontuação fazem parte da grammatica «artificial». Eu não creio em nenhuma orthographia senão na etgymologica por ser aquella em que póde haver menos questões, schismas e heresias. Nao cabe n'este logar expôr as razões do que digo. Os inglezes ensinam a orthographar quando ensinam a ler, por um methodo muito simples, que devêra ser geralmente adoptado.

[4] Raro é o homem não pertencente á classe mechanica, (e ainda d'essas), que não precise de saber, pelo menos, as primeiras e capitaes operações algebricas.

Apezar de que, sem sahir dos meios arithmeticos, se póde ensinar a geometria, não approvarei comtudo que a nenhum educando se ensinasse senão pelo methodo ideologico e abstracto [1] de Euclides. A geometria está para todos os conhecimentos physicos como a logica para todos os intellectuaes e moraes. E alêm d'isso, nenhum estudo exercita, fórma, rectifica a razão como este.

As linguas occupam um logar eminente entre os elementos da educação nobre: (e aqui entendo por educação nobre, e entenderei onde quer que repetir a expressão, a de todo o educando não destinado a officios ou empregos mechanicos.) [2] Nem todos os individuos da sociedade precisam d'ellas; mas de certa altura para cima quasi todos, — e porque não direi, sem excepção, todos?

O Grego e Latim são necessarios elementos d'esta educação nobre. Deixar falar modernos e modernices, petimetres neologistas de toda a especie: o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação publica, [3] não póde sem vergonha ignorar as bellas lettras e os classicos. Saiba elle mais mathematica do que Laplace, mais chimica do que Lavoisier, mais botanica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia politica do que Smith e Say, mais philosophia de legislação do que Montesquieu e Bentham; se elle não for o que os Inglezes chamam a *good scholar*, triste figura hade fazer falando, ou seja na barra, na tribuna, no pulpito — tristissima escrevendo, seja qual for a materia, porque não ha assumpto em que as graças do estylo e a correcção da phrase e belleza da dicção não sejam necessarios e indispensaveis. Ponham-me Demosthenes, Cicero — e Canning tambem, — com seus grandes talentos, fortes de chimicas e economias politicas, e com todos os codigos de suas respectivas nações na cabeça, mas desprovidos de suas immensas riquezas litterarias, do irresistivel feitiço de sua linguagem classica — ponham-m'os no Areopago de Athenas, no senado de Roma, e na camara de Londres, e veremos se são os mesmos homens, os mesmos estadistas, os mesmos oradores omnipotentes, deante de quem tremem os Philippes, os Catilinas, e as Santas Allianças. Escreva alguem com dobrada erudição e engenho o *Espirito das Leis*, mas sem os encantos do estylo classico de Montesquieu, e veja quantos lh'o lêem. Traduzam em lingua de tarellos as obras de Plutarcho, de Cicero, de Buffon, de Laplace, e veremos quantos leitores têm.

Ora é tam impossivel escrever bem em Portuguez, em Castelhano, em Inglez, em qualquer das linguas do occidente da Europa sem saber Grego, e principalmente Latim como era impossivel aos escriptores de Roma fazel-o bem na sua sem conhecerem a de Athenas; ou ainda hoje ao poeta ou orador de Ispahan ou de Stamboul o escrever bom Turco ou bom Persiano sem saber o Arabe antigo, a lingua do *Koran* e de Hafiz, agora tam morta para elles como o Grego e Latim para nós, como o Sanscrito para Indios e Mogoes.

Das linguas vivas é egualmente preciso o estudo; — por necessidade para as transacções da vida, que no estado de relações em que se acha o mundo é quasi indispensavel á maxima parte das classes da sociedade; — por utilidade, para o conhecimento de muitos e excellentes auctores que n'ellas escreveram; — para ornamento, porque não só é signal de boa educação, mas familiarisa com as litteraturas, costumes e maneiras dos povos, aos quaes a civilisação todos os dias estreita e fraterniza a mais e mais.

Ninguem ignora que para nós habitantes do sul o Francez, o Inglez e o Allemão são as linguas mais necessarias. Castelhanos, Portuguezes e Italianos com pouco trabalho se entendem e lêem.

Porém o estudo do proprio idioma é mais necessario que o de nenhum dos outros. Somos desgraçados n'isto os Portuguezes, homens para quem não são mysterios os de Pindaro e Persio, [1] muitos a quem não mettem medo as mais abstrusas difficuldades da lingua santa, [2] orientalistas e hellenistas consummados não sabem, nunca estudaram sua propria, sua tam rica e tam formosa linguagem.

Mas para estudar a lingua materna e aperfeiçoar nas extranhas não ha senão um meio, que é o estudo das litteraturas respectivas. Quem saberá portuguez sem meditar e profundar nos thesouros de Camões, de Vieira,

[1] Rousseau gaba o methodo physico e sensivel de figuras tangiveis e moviveis para aprender a geometria. Mais facil é para começar, mas não aguça e rectifica tanto o espirito.

[2] Ainda agora disse que o capital defeito dos livros de educação é não tratarem senão da que só póde ser dada a pessoas opulentas. Mas não póde deixar de ser assim; o menos comprehende-se no mais; e está da parte dos paes e educadores moderar e applicar os preceitos e regras a suas possibilidades e circumstancias.

[3] Em um paiz governado pelo systema representativo, todo o cidadão que está em goso dos direitos politicos é mais ou menos chamado a «vocações publicas.»

[1] Aponto estes por serem os dois classicos reputados mais difficeis nas classes de grego e latim.

[2] O hebraico.

de Sousa, de Lucena? — Quem pretenderá conhecer o idioma francez sem haver estudado Boileau, Racine, Fénelon, Lafontaine, Massillon? — Que inglez saberá o que não souber Addison, Shakespeare, Pope, Blaire? — Que castelhano se póde saber sem Cervantes, Garcilasso e Solis? — Que allemão sem Schiller, Klopstock e Goëthe? — Que italiano sem Dante e Ariosto, sem Machiavel e Alfieri? — A que sciencia de latim e grego poderão emfim pretender os que não tiverem versado com mão *nocturna e diurna* os exemplares de Livio e Xenophonte, de Cicero e Demosthenes, de Terencio e Euripedes, de Virgilio e Homero, e de Pindaro e Horacio?

Porém mais essencial ainda á educação é o estudo da historia. Nenhum tam necessario, nenhum mais util, nenhum menos dispensavel. Anda-lhe annexo e o precede em parte, mas *pari passu* o deve acompanhar o da geographia.

Ideas geraes do systema solar e das mais precisas noções astronomicas devem preceder o estudo da geographia propriamente dita.

Mas a historia não é só necessario elemento da educação intellectual, tambem o é da moral; que a historia bem ensinada tanto illustra o entendimento como fórma o coração. Para o moral e intellectual do homem a historia é o meio *analytico* de seus mais seguros conhecimentos e principios, é a «base experimental» de suas ideas mais certas e mais rectos juizos. A maior parte dos livros de historia peccam em ser chronicas de guerra e feitos de armas, ou memorias privadas de reis e imperadores, e grandes capitães. As variações da legislação, os progressos das sciencias, das artes, das lettras, os costumes, os usos dos povos occupam rara vez a penna do historiador; e d'esta falta vem que o estudo da historia é menos proveitoso do que devia ser. Mas o bom mestre póde supprir muitos defeitos do máo livro: — além de que, o numero dos bons livros de historia tem modernamente crescido muito.

A historia geral antiga e moderna, mas principalmente a do proprio paiz, é certatamente indispensavel.

Tambem entra na educação elementar o estudo do direito, não o direito de lettrados e desembargadores, que nem todos fazem profissão das leis, mas aquelles rudimentos necessarios para que o homem não ignore quaes são as obrigações que lhe impoz, e os direitos que lhe deu a natureza, — o cidadão os que lhe assegura e d'elle exige a sociedade civil, — o subdito ou soberano os que lhe outorga ou d'elle requer o Estado. E como o homem, humanamente falando, não póde ser considerado senão n'estas tres relações quanto á natureza, quanto á sociedade e quanto ao Estado, claro é que as noções mais essenciaes e simples do direito natural, do civil, e do publico ou constitucional, são as absolutamente necessarias.

A economia-politica, sciencia — nova não — mas novamente tirada do embryão das sciencias politicas, e chamada a particular e *independente* existencia, fórma o remate ou, com mais exacção, o complemento dos conhecimentos do educando no que diz respeito á coisa-publica. E, a não ser as infimas classes da plebe, é raro o estado social a que esta tam importante sciencia não seja de summo proveito — em um paiz de governo representativo a quasi todos indispensavel.

Todos estes que tenho ennumerado são elementos da educação intellectual que se podem chamar necessarios e uteis, e que entram mais ou menos em uma ou outra d'estas qualificações, segundo — como já disse e repisei — for mais ou menos elevada, mais d'este ou d'aquelle modo circumstanciada a posição social do educando.

Para uns será absolutamente necessario o que para outros apenas póde ser util; e até do necessario e do util fugirá para coisa de simples ornamento; — taes serão as circumstancias do pupilo. Para estas delicadas gradações, poucas ou nenhumas regras se podem dar: fica ao arbitrio do educador descriminál-as com juizo e prudencia segundo a variedade das hypotheses. Assim como ao discreto magistrado a lei tem de deixar muitas e muitas vezes que supra com sua equidade e descernimento ao que ella não proveu, porque nem a tudo se póde prover e prevêr.

O que me resta porém a dizer, na generalidade do meu plano, dos complementos da educação intellectual, é tamsómente de ornato e perfeição. Mas note-se, ainda assim, que em certas posições sociaes o ornato e a perfeição vêm a ser de necessidade tambem.

O geral das sciencias physicas e das artes para todos os que d'ellas não fazem profissão, póde considerar-se como ornato e *gentil* aperfeiçoamento de educação, mas não como base d'ella.

Todás as sciencias physicas se dividem, segundo entendo, em tres grandes classes:

I *Sciencias que descrevem os objectos da natureza.*;

II *Sciencias que analyzam suas propriedades.*

III. *Sciencias que as applicam aos usos, commodos e gosos da vida.*

A geologia ou descripção da terra, a zoologia ou descripção do reino animal, a botanica ou descripção do reino vegetal, a mineralogia ou descripção do reino mineral, a anatomia ou descripção das partes do corpo animal, etc., pertencem á primeira classe.

A segunda classe comprehende a physica propriamente dita ou analyse das leis mechanicas, a chimica ou analyse pela composição e decomposição, das propriedades dos corpos, a physiologia ou analyse das leis organicas e funções vitaes dos corpos animados, etc.

A terceira classe comprehende as applicações diversas d'estas sciencias ás artes, que vêm a formar a medicina, a architectura, a agricultura, etc.

A applicação da mathematica a muitas d'estas sciencias produziu divisões e denominações novas, que fôra longo e ocioso de ennumerar: bem como a reciproca mutuação meios que nas sciencias naturaes se tem ultimamente estabelecido, lhes alargou e *confundiu* as raias, e creou ramificações novas tambem, mas que todavia não são mais que subdivisões d'aquell'outras e que facilmente entram em cada uma das grandes provincias dos conhecimentos naturaes

A seu tempo e logar trataremos de quaes d'estas sciencias e do que d'ellas é essencial apprender.

Todas as artes nasceram primeiro que as sciencias, mas todas foram ou vão sendo por ellas aperfeiçoadas. Houve architectura antes de se conhecerem as leis da gravidade ou de se haverem medido os gráos de qualquer angulo; pintura antes de se saberem as leis da perspectiva, ou as da refracção da luz; agricultura antes de se examinarem os mais simples phenomenos botanicos; tinturaria e muitas outras manipulações chimicas praticas antes ainda de alchimia, dos sonhos de Paracelso e das phantasmagorias dos Rosascruzes; os astros serviram de bussola aos navegantes, de relojo e até de barometro aos pastores antes que se calculasse a ellipse de nenhuma de suas orbitas, ou se soubesse, — nem sequer se questionasse — da differença entre fixas, planetas, constellações e cometas.

Mas a quem não faz profissão de artes, convem-lhe, no estado actual dos conhecimentos humanos, descer do estudo das sciencias para o das artes.

As artes são mechanicas propriamente ditas ou liberaes e ditas bellas artes. Das primeiras pouco tem que apprender o pupillo nobre; [1] das segundas, todas deve estudar mais ou menos, e algumas praticar.

[1] Parece-me um tanto exagerada a doutrina contraria ensinada por J. J. Rousseau e outros modernos. Em seu logar o examinaremos.

A musica, o desenho (incluindo n'este a pintura) e a dansa, póde-se dizer que fica mal a uma pessoa de bem não as saber, e até certo ponto, não as praticar. [1] Naturalmente porém nos chama a inclinação mais para uma ou outra d'estas prendas; e n'isso a indulgencia do educardor deve ceder facil á vontade do pupillo, e deixar lhe dar preferencia áquella que mais o attrahir, comtanto que não despreze as outras.

Eisaqui, minha Senhora, o mappa geral de todas as partes que entram em uma educação perfeita, classificadas pela ordem e geração das ideas segundo as eu concebo, e conforme julgo que as deve conceber o educador para poder dirigir com acêrto a instituição de seu pupillo. Mas não certamente esta a ordem pela qual se devem ensinar. E não sei se é superfluo accrescentar aqui que em tudo o que tenho dito não fiz mais que «debuxar os contornos do meu quadro» para appresentar um systema compacto, seguido e, creio que, encadeado. Nem tratei dos modos como, nem do methodo pelo qual se deve ensinar cada uma das coisas que ennumerei. Tampouco não fiz quasi applicação nenhuma das generalidades e theses da educação á especie da educação de um principe, e menos á particularissima hypothese da educação de nossa Augusta Soberana. Era indispensavel, como disse, fazel-o assim: e agora que a idea geral está completa, as divisões, subdivisões e applicações se virão naturalmente presentando como de per si, com maior clareza, methodo e facilidade.

Se a V Ex.ª, minha Senhora, completamente não desagradar o systema exposto n'esta primeira carta, espero que estenderá sua indulgencia a observar nas seguintes o desenvolvimento e applicação dos principios e doutrina que n'ella expuz.

Deus guarde a V. Ex.ª etc.

---

[1] A equitação, a esgrima, a arte da veação (a caça), por alguns até a natação, vêm contadas entre as artes liberaes. Não questionarei se todas estas artes têm ou não o «foro grande»; mas creio que todas ellas formam parte (maior ou menor segundo as circumstancias do pupillo) da educação complementar; algumas até são mui necessarias á boa educação physica.

Não creio que nenhum homem bem criado se deva fazer eminente e formoso em nenhuma d'estas prendas, que são mui nobres emquanto são «só prendas», mas baixam tristemente apenas degeneram em occupações. Toda a Europa ri dos *gentlemen* inglezes que degeneram de cavalleiros em picadores; e não conheço nada tam ridiculo como um cavalheiro n'um salão de baile, fazendo passos e difficuldades de dançarino de opera.

CARTA SEGUNDA

Divisão dos periodos da educação pelas quatro primeiras epocas da vida — 1.º periodo da infancia, até a puericia: educação physica: primeiras sementes da educação moral.

MINHA SENHORA.

Tive a honra de pôr deante dos olhos de V. Ex.ª o meu quadro de educação em grandes traços. Lançámos a vista pelo mappa geral de sua universalidade e notámos apenas as divisões capitaes e mais salientes da natureza — como em uma carta geral e «projectada» do globo terrestre poderiamos vêr as grandes secções do nosso planeta, que a interposição dos máres e a elevação das cordilheiras apresentam logo ao primeiro olhar. As subdivisões da natureza formadas pelos rios caudalosos e menores serranias, as convencionaes da politica observam-se melhor nos mappas parciaes. Creio que o mesmo devemos fazer para o mais miudo exame de nossa materia.

A juventude, que é a edade da educação, divide-se em quatro epocas ou periodos certos, e constantes em todos os individuos, posto que o clima, a constituição organica, e ainda os habitos ou outras circumstancias, lhes encurtem ou alarguem a duração e façam mais serodias ou temporans essas estações da vida humana.

Conta-se a infancia desde o primeiro *ai* por que principia a vida até o crepusculo da razão e sufficiente uso dos membros, da voz,— até começar a simiperfeita vida de relação. A puericia desde essa epoca até despontarem os primeiros signaes apparentes da tendencia do sexo, no arredondado ou musculoso das fórmas, na visivel inclinação moral a certos habitos e gostos, no maior desenvolvimento da razão e agudeza do instincto. N'esse estado começa a adolescencia, que dura até á sensivel demonstração do sexo, manifesta alteração de fórmas, voz, — de todo o modo de ser, e já descobre propensões moraes, caracter, engenho, indole. N'este ponto a estrada commum acaba, os parallelos, mas distinctos, caminhos dos dous sexos começam, e até a lingua varía de termos para chamar a tal periodo da edade masculina «puberdade» e ao da feminina «nubilidade».

Abstractamente se poderia dizer que a respeito da mulher os fins da natureza estão preenchidos e completos: já póde ser esposa e mãe: que mais lhe resta na natureza e na sociedade? Nem as linguagens humanas têm mais vocabulo para marcar outro periodo de sua edade. É nubil?—está perfeita a mulher. Na puberdade o homem é ainda incompleto, a perfeição só lhe chega com a virilidade.

Porém eu tenho gran'medo de abstrações e quanto mais delicadas e finas são, mais me temo que sejam «concetti» da razão, tam damnosos á solidez moral quanto o são os do espirito ao bom gôsto da litteratura. Se no nosso presente objecto se póde dizer que a educação acaba quando o educando está perfeito, não creio que em nenhum dos sexos se verifique perfeição senão quando o corpo, o coração e o espirito estão completamente desenvolvidos e formados. Então o homem de lettras póde continúar a estudar e a enriquecer seu espirito, o homem do mundo a aperfeiçoar-se em prendas, e cada um a dar-se todo á sua respectiva profissão; mas a educação acabou: antes d'isso não.— Bem considerados pois os fins da natureza, estou persuadido que os cuidados da educação começam com o primeiro vagido da infancia e acabam quando o homem e a mulher estão habeis não só para gerar e conceber, mas para se dirigir a si e educar a prole. N'este ponto se verifica a virilidade do varão e a nubilidade *perfeita*, i. é, a maturidade da femea.

D. LEONOR DA CAMARA

Consideremos pois as duas porções da especie humana em relação ás tres educações, physica, moral e intellectual, nos quatro differentes periodos de sua formação e desenvolvimento:

PERIODOS COMMUNS A AMBOS OS SEXOS	I	*Da infancia á puericia.*
	II	*Da puericia á adolescencia.*

PERIODOS DISTINCTOS NOS DOIS SEXOS		
	III	*Da adolescencia á puberdade.*
		Da adolescencia á nubilidade.
	IV	*Da puberdade á virilidade.*
		Da nubilidade á maturidade.

Levemos o nosso educando por estes differentes periodos, desde o berço até o leito nupcial, onde só a educação se devêra despedir d'elle.

Pelos fins que na educação do corpo nos propômos, sem mais demonstração se vê que ella começa com a vida; [1] pela natureza da educação moral vemos que propriamente não póde começar antes da segunda edade do homem, a puericia:—veremos a seu tempo que a intellectual só deve ter principio na adolescencia ou terceira epoca da vida. É todavia tam intima e estreita a ligação «quasi mysteriosa» em que se unem o corpo, o coração e o espirito,—tam intimo, por consequencia, e estreito o vinculo em que se unem as tres educações respectivas [2], que suas raias e limites se confundem insensivelmente, e mutuamente se invadem sem prejuizo de sua independencia. Assim teremos de observar que já na infancia se empregam meios indirectos da educação moral, e que na puericia havemos de lançar as primeiras sementes da intellectual.

Já não vivêmos, felizmente, em tempos em que seja preciso declamar contra o desnatural e desamorado costume de engeitarem as mães desde a nascença o fructo de suas entranhas, e lhe negarem o proprio e unico alimento que em seus peitos lhe preparára a natureza, para o abandonarem a cuidados e leite mercenario, com que se lhes derranca a miudo a constituição e a saude, póde ser que o coração e todos os germes da moral e virtude. Graças á irresistivel eloquencia do educador de *Emilio*, passaram esses tempos. Aos que hoje escrevêmos de taes materias, incumbe-nos tarefa de menos glória. Hoje é preciso moderar os effeitos d'aquella seductora eloquencia e chamar aos limites da razão o que se transviou pelas demazias do sentimento: venha a fria mas prudente experiencia lançar agua na generosa fervura do enthusiasmo.

[1] Em rigor a educação physica deve ter principio com a existencia (antes da vida) do feto no ventre da mãe. Os cuidados e immensos desvelos e precauções que exige o estado da prenhez, particularmente em nossas derrancadas e attenuadas constituições, são já parte, e importantissima parte, da educação do corpo.

[2] Já enfadará talvez a repetição d'este principio: acho-o tam importante, que tomára que o educador o tivesse sempre deante dos olhos e se não esquecesse um momento (segundo é tam facil e todos os dias succede) de que nem o corpo nem o coração nem o espirito são «educaveis» *um sem outro*, ou em separado.

Rousseau insistiu que todas as mães deviam crear seus filhos: [1] M.^me de Genlis e outros, parece que por systema de opposição, o contradisseram. Eu adoptarei o preceito de Rousseau como *regra;* mas insistirei tambem em que é regra que tem muitas e forçosas excepções. Em *regra* a transcendente chimica da natureza tem preparado nos peitos da mãe o unico alimento que convem ao recemnascido; porém muitas e muitas vezes as circumstancias da mãe ou do infante tornam esse alimento improprio, ás vezes arriscado, a miudo damnoso. Molestias chronicas ou accidentaes da mãe, tendencia morbida do filho, extrema fraqueza de um ou de outro, exigem peitos auxiliares.—E ha muitos exemplos de creanças sadias e robustas a quem aleitaram cabras e outros animaes, de muitas que nenhum peito mammaram e a quem a arte subministrou os primeiros alimentos, que a natureza ou lhes negára ou lhes não deu força para receberem pelo modo commum.

Onde aos paes faltar discernimento para conhecer como e quando tem logar a regra ou as excepções, de nada serve estender este arrazoado: são tantos e tam variegados de matizes diversos os casos que occorrem que não é possivel senão dizer estas generalidades e deixar a applicação ao bom juizo dos que têm de a fazer.

É preciso cautella com o êrro vulgar de que a unica circumstancia attendivel na escolha da ama é a saude e robustez. Roguemos em nome da humanidade a todos os paes que se virem na crua precisão de tomar amas para seus filhos que attendam primeiro que tudo a que estes «procuradores maternos» se assemelhem, quanto possivel for, a seus constituintes Lembrem-se que nove mezes andou o infante no ventre da mãe, que noves mezes lhe foi commum com ella a existencia, a vida, o nutrimento, os humores, o sangue; e que a subita mudança, ainda que para melhor, bastará, se muito forte e positiva, para o matar ou o arruinar sem cura.

Quasi proscripto está tambem hoje o costume de ligar e precintar as creanças, que muita vez as faz disformes e rachiticas. Mas observe-se porém que raro abuso apparece que não tenha seu principio em bom uso. As creanças precisam de estar conchegadas; e assim se fez primeiro: ha casos em que de-

[1] Rousseau faz alguma excepção; mas não parece admittir que as faça a natureza.

vem até estar um tanto ligadas, como quando a tendencia a roturas ou excessivo chôro, para as prevenir, o fazem necessario. [1]

O embalar os infantes para os adormecer e calar, esse é vicio que ainda predomina muito e que não teve outro principio senão a commodidade das amas, que se enfadam dos choros do innocente e de velar em quanto elle não dorme. O embalar adormenta a creança porque a põe n'um estado de estupor, e tem o effeito dos narcoticos, que são momentaneamente sedativos mas sempre irritantes. Desarranja-se a digestão e se entorpece o cerebro, mas ao sahir d'esse torpor, a irritação hade augmentar; e á proporção que se tornar habitual este pernicioso meio a irritabilidade do estomago e dos nervos se tornará chronica e talvez incuravel.

É perigoso appressar ou retardar o tempo da criação e o periodo da desmmamação; porém quem dará regras para determinar? Quem ousará fixal-o? A uma creança forte é preciso ás vezes prorogál-o, a um fraco limitál-o, ou porque seja necessario dar tom ao estomago debil com alimentos solidos postoque levissimos, ou por mil outras circumstancias. [2]

É tambem regra que o vestido das creanças deve ser ligeiro, não só porque é pernicioso em si mesmo o excessivo calor artificial, mas porque dá mais azos a constipações, defluxos e affecções rheumaticas de toda a especie, que a subita variação da temperatura produz. Mas tambem esta regra tem excepções. Por doente e enfermo que lhe nasça, nenhum pae perde a esperança de que seu filho recobre, e venha a ser sadio e robusto. Não rara vez tem acontecido vingarem e gosarem saude as mais anazadas creanças, e morrerem ou enfermarem para sempre as mais sadias. Mas quando assim não succeda ou de que não succeda estejamos convencidos, abandonaremos a infeliz creatura no rigorismo dos principios e regras geraes, quer morra quer viva, nem será a educação physica senão uma experiencia pela qual se façam passar os innocentes desvalidos para escolher os que poderem sustentar essa próva difficil e rejeitar os que a não supportarem? Se esses são os principios e os fins da economia politica e philosophia moderna, declaro que solemnemente os abjuro e detesto, e que antes quero accolher-me á ignorancia das edades barbaras, que sim vendava a razão para que não visse, mas não entalava o coração para que não batesse [1].

Se é regra que não devem enroupar-se muito as creanças nem augmentar-se demaziado o calor artificial, é regra que tambem tem grandes excepções. Muitas creanças nascem antes de tempo e vivem e avigoram; mas quando nascem, vem acanhado e mal desenvolvido o feto. N'esse caso é necessario dobrado calor artificial, e por certo tempo em um gráo de temperatura muito proximo ao do ventre materno, que antes de tempo o lançou de si. Mas ainda nos casos ordinarios é preciso muito calor nos primeiros dias, e excessiva cautela no modo de o ir gradualmente diminuindo.

Proporcionando o estado da atmosphera ao estado do infante, tendo se cuidado com as digestões, sem as accelerar por estimulos artificiaes, nem as retardar por excesso de alimento, ou as perturbar por desregrado d'elle ou por qualquer outro modo,—no resto deixar trabalhar a natureza, que sabe mais do que todos os sabedores da terra.

Postoque, segundo observei, a educação moral não póde propriamente começar antes do segundo periodo da vida, a puericia, ha coisas todavia que já devem da primeira infancia ir se dispondo. Não ha ainda crepusculo de razão no infante, mas já ha instincto: e já sobre o instincto se deve ir, não edificando, nem sequer abrindo os alicerces da educação moral,—mas «riscando o plano da futura construcção». Logo do berço se manifestam ás vezes indoles imperiosas e duras, ainda no berço se estragam com «vontadinhas» e nimias condescendencias, ou se irritam com máos modos e asperezas, que a razão ainda não pesa, mas que já o instincto sente. Ha creanças de quatro e cinco mezes que já «choram de más», segundo phrase de amas,—ja se torcem e gritam de voluntaria.

O tratamento uniforme, a egualdade no humor, nos modos, até na expressão do rosto, (linguagem que tanto e tam bem entendem os olhos das creanças, quasi apenas abertos) da mãe ou da ama,—não caricias interpoladas de ralhos e até de ameaças—como eu já vi a muitas muitas mães loucas—mas uma brandura inalteravel, perenne, e que seja como o «ambiente moral» do coração do infante, tam constante e regulado, como para o corpo deve ser o ambiente moral da atmosphera—sempre no mesmo gráo do thermometro; n'estes sós preceitos se contém toda a lei.

[1] O modo por que hoje se amantilham as creanças em Portugal é geralmente bom.

[2] Uma regra póde estabelecer-se n'este ponto; e é que antes de passada a crise da dentição, nenhuma creança deve ser desmammada.

[1] Porque razão se tomou como postulado que *Emilio* fosse sadio e robusto? Eu queria-o enfermo e debil para o vêr restaurar ao vigor e á saude pelos esforços da boa educação O livro ficava mais difficil de escrever, mas quanto mais util não seria.

O auctor do *Emilio* não julgou abaixar-se em fallar de coisas tam pequenas como dos brincos e joguetes que se dão ás crianças no berço: — porque o julgaria eu? Elle prefere ramos de arvores floridos ou fructescentes aos guisos de ouro ou de prata; a tudo quanto é artificial o natural: e estou que tem razão. Eu porei n'este capitulo os relicarios, os signos-saimões, as figas e todas essas bruxarias idólatras, com que do berço se acostumam os meninos á superstição, que, ou arrraigada depois os fará fanaticos, ou confundida por sua joven razão — quando lhes vier — com as verdadeiras práticas religiosas os fará descridos e atheus. A um d'estes dois perniciosos resultados — não sei qual peior — vão de tam cedo encaminhando taes ridicularias absurdas.

Ha quem diga e quem escrevesse que o banho é necessidade artificial de que se não póde dispensar o corpo logo que a elle se acostumou, mas á qual podia muito bem deixar de se affazer. Eu tenho para mim que o banho é necessidade natural. E assim como Rousseau clamando contra o desnatural costume de ligar os infantes, invoca o instincto dos irracionaes contra a razão transviada do homem, eu interpellarei tambem esse instincto e perguntarei quem vae ensinar os animaes ao meio das selvas e dos desertos a banharem-se tam frequentemente. Será arte ou natureza, a que lhes cria ou faz sentir essa necessidade? E observe-se que os animaes menos villosos ou pelludos, cuja epiderme semelha mais á nossa, são os que mais sentem a precisão do banho, e que mais o buscam. [1]

Por outro lado é certo que o costume, infelizmente mui vulgar, de ir diminuindo a frequencia dos banhos com o crescimento da edade, e até de os cessar absolutamente [2] em annos mais feitos, é perniciosissimo, e causa de muitas molestias e achaques aos quaes se ignora e em vão se buscará outra. Não sei se, mal por mal, seria melhor nunca os haver banhado: fôra anabaptismo — se não é irreverente a metaphora — menos prejudicial talvez.

A infancia é estado de incessante padecimento para as creanças e de anciedade continua para os paes. Apenas os primeiros riscos vão passados eis ahi a dentição, crise perigosa quasi sempre, a qual raro infante, por sadio e robusto que seja, vence sem muito cuidado, sem mais ou menos auxilio da arte. Tenho ouvido a clamadores, d'estes que «saudaram da porta» a philosophia e a sciencia, e se crêem já, admittidos a seu intimo sacrario, [1] tratar de preoccupação affonsina tudo quanto não é deixar ir as creanças á revelia da natureza, «da pura, da simples natureza». A arte dos homens, dizem, estraga, derranea, perverte tudo; as doenças, causa-lh'as ella, os defeitos ella; nem ha outro systema de educação senão reverter á natureza, restituir ao estado primevo, etc. — E não se lembram que nós ja não nascemos no meio dos bosques, que ja nos não da a enzinha o espontaneo sustento d'essas eras «tam felizes,» — que as nossas mulheres não vão, como as da ribeira do Ganges, do Amazonas ou do Cuanza, lavar-se nas bentas aguas d'esses rios logo sobre o parto, — que ja nascidos de uma raça em coisas melhorada, em coisas empeiorada pela civilização, — revertermos agora ao estudo primitivo e reduzirmos a educação ás simplicidades da natureza, fôra um anachronismo pernicioso, uma utopia ridicula que não poderia ter outro effeito senão o de ermar as cidades e desvastar gerações inteiras. Bem ou mal, estamos; bons ou máos, somos o que somos; aonde e como achámos a humanidade, ahi e assim a havemos de tomar, d'esse ponto havemos de partir. Melhoremos, reformemos o que podermos, cortemos até metter no são, mas nem de subito nem para além do possivel. Se tam mal está o enfêrmo como dizem, não seja o remedio tal que ja com elle não possa o doente.

A infancia termina com a semi-perfeita vida de relação: o que se não verifica antes de estar o homem no uso de seus membros para andar, mover-se, ministrar se o alimento, — e da maxima parte de seus orgãos para ouvir, fallar, sentir, etc. Mui cego e louco é o desvêlo dos paes que não tratam senão de antecipar este termo por todos os meios possiveis. Custa tanto a trazer um filho até o fim d'essa primeira epoca da vida, é tamanho o alvorôço com que já de longe se olha para ella como para a primeira meta, o primeiro posto de descanço na viagem do mundo, — que não admira ésta cegueira dos paes. Mas ella é perniciosissima. Nem para fallar nem para andar se deve forçar a natureza, sob pena de arruinar, de assassinar talvez a innocente victima de tam cruel pre-

[1] O elephante, cuja pelle nua é tam propensa á terrivel molestia que entre os homens obteve o nome d'aquelle animal, o elephante sente mais que nenhum irracional a necessidade de banho, e chega a fazer grandes caminhos no deserto para procurar esse remedio ou preventivo.

[2] Em Portugal é mui vulgar este sobre todos perniciosissimo costume. Muitas das lepras e outras doenças de pelle que grassam pela Beira, particularmente, e outras partes são devidas a elle

[1] Estou persuadido que nunca houve no mundo tanta sciencia como em nossos dias; mas tambem creio firme que nunca abundou mais em «sabios de mez e meio».

conceito. Os sons indistinctos com que a loquella vem espontanea se irão distinguindo e formando com o só ouvir as articulações das pessoas grandes; e comtanto que haja cuidado de lh'os articular bem perfeita e claramente, a creança os imitará por seu unico instincto. Quasi todas as pessoas de falla viciosa, que não podem pronunciar, certos sons, como o do *r*, do *t*, etc., tartamudos ou gagos ou ciosos ou pevidosos, foram em creanças forçados a articular antes de tempo, ou mal ensinados com as momices costumeiras das amas ou das mães.

Mais damnoso todavia é o tam geral abuso de forçar os infantes a andar antes do tempo. Quando seus musculos estiverem bem fornecidos, e sufficientemente endurecidos os ossos, e desentorpecidos os tendões e juntas, elle andará per si; começará engatinhando, logo pondo-se em pé, depois aventurando um passo, logo outro, até que ande. Os carrinhos, as rodas, os cestos, as andadeiras, toda a especie de meios artificiaes que o êrro vulgar costuma, não servem senão para estragar e arruinar o corpo. De um modo lhe entortam as pernas porque as obrigaram a suster um pêso com que ainda não podiam; de outro lhe comprimem o peito e offendem muitas vezes uma viscera tenra, que vem a ser de prompto ou pelo tempo adeante a causa de sua morte. Em summa, por algumas semanas (que importa que mezes sejam?) que a infeliz creança ande mais cedo, fica enfêrma ou defeituosa para toda a sua vida, que talvez não será mui longa.

Não fallarei dos muitos e mui sabidos auctores que n'estes pontos insistiram e que tam energicamente declamaram contra esses abusos communs; mas citarei ao concluir d'esta carta dous escriptores nossos que em linguagem nos deram talvez os melhores tratados praticos de educação physica que existam, e que reuniram com prudente escolha o optimo de quanto na materia se escrevêra em todas as linguas da Europa. Os dois breves, simples e excellentes tratados dos D. D. Mello Franco e F. J. d'Almeida[1] devem andar nas mãos de todos os paes e educadores: e não faria pequeno serviço á humanidade em Portugal quem d'elles extrahisse uma especie de cathecismo em phrase bem chan e intelligivel para que a todos chegasse, e podesse utilizar á larga.[2] Assim se salvariam muitas victimas das invencionices das amas, comadres, parteiras e benzedeiras e mezinheiras, e até de máos medicos e cirurgiões — de toda essa hoste de praguentas harpias, que desde o ventre materno votam á infelicidade, á miseria e á morte os eivados renovos de nossa população.

PARTE II

SEGUNDO PERIODO DA EDUCAÇÃO. — DA PUERICIA Á ADOLESCENCIA

CARTA TERCEIRA

II.º Periodo da educação, da puericia á adolescencia: educação moral: primeiros e leves principios da educação intellectual; alphabeto, zoologia, botanica, chronologia,— linguas,— geographia; educação moral; habitos de ordem e aceio,—mimos e caricias maternaes:—complementos da educação physica; gymnastica.

Minha Senhora

Agita-se-me nas mãos a penna de malsoffrida impaciencia, e quizera voar bem ligeira sobre estes preliminares de meu assumpto: tarda-me chegar ao ponto em que já V. Ex.ª se acha da sua gloriosa tarefa. Ha muito que a sua Augusta educanda passou os limites da primeira epoca da vida; ja vae deixando após si os da segunda; e entrada agora na esperançosa adolescencia, rica de saude, de excellente indole e não commum engenho, offerece aos talentos e zêlo do educador um terreno fertil para a mais bella cultura. Esse é o periodo que em menos enfada, porque mais promette, a educação. Mas é forçoso conter o desejo e a vontade; e para que possa chegar bem e directamente ao presente, não tenho remedio senão demorar-me ainda pelo passado. Além de quê, póde haver defeitos no que já está feito, e acaso por aqui se emendará algum d'elles.

[1] Estes tratados foram mandados publicar pela Academia de Lisboa, o primeiro em 1790, o segundo em 1791.

[2] Algumas pequenas coisas seria necessario accrescentar dos auctores mais modernos.

Deixámos o nosso pupillo nos ultimos dias da infancia: já anda, já se alimenta, já articula sons, já os liga em palavras, já começa a formal-as em phrases e a ensaiar orações. Desde esse momento a infancia acabou: quem fórma uma phrase, formou antes um juizo; e á primeira operação do entendimento o infante entrou na puericia.

Eil-o na segunda epoca da vida; e já a educação moral dando o braço á do corpo, e ambas procurando accelerar o periodo em que entre sua poderosa auxiliar, a intellectual, que perto vem, de perto as segue, mas não ousa inda mostrar-se porque não seja atempado e perdido o fructo do que antes de sazão floresceu.

Ao livre exercicio, á continuação dos habitos regrados, aos jogos e brincos que a educação physica prescreve para desenvolvimento do corpo e boa formação de todas suas partes, já a educação moral vem manso e manso e sem ostentação juntando seus preceitos e estabelecendo seus principios no coração tenro e limpo do educando.

Esta é a edade das perguntas; edade tam galante, de tanta graça! Quasi que não ha creança feia n'esta edade. Mas em que apêrtos, em que cêrco nos não põe ás vezes essa dialectica infantil com suas perguntas e reperguntas, e as razões que querem saber de tudo, e as razões das razões?[1] É preciso formar um systema simples e claro do modo de lhes responder e de raciocinar com elles; não lhes dando nunca senão muito exactas e verdadeiras noções das coisas, pois que no minimo que d'aqui se discrepe, taes illações e consequencias elles irão tirando, que nos trarão a ponto em que ja não seja possivel responder-lhes, porque a primeira resposta que lhes démos não era exacta e verdadeira, e todo o artificio da edade experiente não resiste á ingenua mas valente simplicidade de um argumento de creança, que é todo natureza e verdade.

Folgando e conversando,—que n'esta edade o palrar não é pequeno divertimento para elles — se deve ir ensinando tudo o que em tal epoca da vida se ensina. Não ha inda lições, nem horas para ellas; o dia todo é uma lição. O educador esteja sempre alerta, e não deixe escapar uma occasião de ensinar alguma coisa ou de rectificar outra; mas não a force elle essa occasião, e quando a faça nascer porque muito convenha, seja com tanta naturalidade que pareça puro acaso: porém melhor será que a deixe presentar de si, que lhe não fuja quando vier, mas que a não obrigue a que venha.

Até nos approximarmos do fim d'este periodo e já quasi ás raias da adolescencia, eu limitaria toda a educação moral e os leves principios da intellectual a ir ensinando éstas idéas simplices, e noções bem claras das coisas e suas relações. Assim se iriam combinando com os pricipios moraes gravados no coração as sementes primeiras do ensino lançadas ao espirito sem apparato,—e, para assim dizer, instruindo-se o pupillo sem o elle saber. Se o corpo já não é infantil, o espirito inda o é: já anda o menino livremente, mas seu entendimento ainda engatinha; não lh'o façamos rachitico, forçando-o antes de tempo a exercicio com que inda não póde; ganhe força e elasticidade, e suas operações, embora mais tardas, serão mais perfeitas.

Não sou grande apaixonado de um methodo de ensino que ultimamente tem prevalecido pela Europa e que tanto recommendou Madame de Genlis, — falo do ensino primario por meio de brincos e bonitos. Digo que não sou apaixonado do excesso a que se tem levado, porque usado com moderação e prudencia, póde ter bons resultados. Um menino deve conhecer o alphabeto aos tres annos, ligar as letras e solettrar bem aos quatro, e lêr correntemente aos cinco para seis annos. Não ha hypothese nenhuma em que se devam accelerar estes periodos, ha muitas em que devem retardar um e mais annos, principalmente quando se leze com esta, ainda que levissima applicação, a saude do menino, por mui pouco, por mui tenuemente que seja. N'esta edade é conveniente methodo de ensino aquelle de que falei.[1] Ha uns jogos para fazer conhecer e ligar as letras e as syllabas, folgando; outros para a chronologia, etc. Com eguaes brincos em estampas se deve ir ensinando a zoologia e botanica vulgares, sem mais idea de classes, generos ou especies que a de lhe ir fazendo notar os pontos de similhança mais salientes que ha entre animal e animal, entre flor e flor, para que na edade conveniente o methodo das classificações ache noções dispersas que reunir, e sufficiente base para seu systema.

[1] Veja-se sobre este ponto o excellente e precioso livro de Madame Campan, *De l'Education* (l. II, c. 4). Creio que nunca se escreveu na materia obra mais util e acabada. Madame Campan foi muitos annos superintendente ou directora da célebre casa de educação d'Ecouen; e especialmente sobre a educação feminina, suas observações praticas, seu systema n'ellas fundado, deixa pouco a desejar, principalmente na parte physica e moral.

[1] Este methodo é quasi ignorado em Portugal, mas creio que só la. Em todas as coisas que não requerem senão memoria este meio de a formar artificial é preferivel para creanças. Consulte-se sobre o ponto a Mesdames de Genlis e Campan. A primeira exagerou acaso as utilidades de um methodo, que todavia se não deve desprezar porém usar com prudencia.

Na puericia começará tambem o estudo das linguas vivas, não por livros ou grammaticas, — Deus nos livre de tal methodo! — mas pelo natural e mechanico de lhes ensinar palavras e phrases, de falar com elles, de os fazer falar. Todos aquelles a quem para isso chegam meios não se devem poupar á despeza de uma aia ou ama, ou ainda criada a quem seja natural a lingua que se pretende ensinar: boa pronuncia e accento só assim se podem adquirir em paiz extranho.

Para um portuguez aconselharia que a primeira lingua que se lhe ensinasse fosse a allemã. Sua construcção é difficil, mas a pronuncia não o é tanto, nem tam caprichosa como a ingleza; e um habitante do Sul que souber o Allemão [1] está habil para apprender com pouco estudo todos os dialectos teutonicos, e mais facilmente adquirirá todas as linguas do Oeste que do teutonico e do latim principalmente são formadas, como a ingleza, etc. [2]

Na edade de que falamos tam difficil é apprender o allemão como o inglez ou francez; e porque se não hade approveitar ésta epoca *unica* para ensinar o que no futuro causaria muita pena e trabalho, e que, apprendido agora quasi sem custo, hade servir de tanto? Por este methodo poderá um mancebo falar aos dezoito annos muitas linguas e entender muitas mais com perfeição tal que só para uma d'ellas lhe levaria muitos annos de estudo. [3]

Em França prevalece hoje muito o costume de ter aias *(bonnes)* inglezas para ensinar sem trabalho ás creanças esta lingua difficilima. Quanto melhor não seria têl-as allemães? Os resultados fôram dobrado vantajosos.

Não deve tampouco esquecer ir dando já n'esta edade as primeiras noções geographicas, mas sem livros, sem estudar de cór. A geographia é uma das coisas que precisa saber-se bem e estudar-se com muitos principios; mas isso virá a tempo: agora não se trata de fazer um cosmographo perfeito com bons fundamentos astronomicos, que tanto precisa para o ser; pretende-se ir ajuntando cabedal de ideas simples e precisas ainda que não methodicas, adquirindo dados e bases sobre que venha a repousar a analyse futura, que por bem entendido methodo levará depois o educando á formação de um systema regular de cada um dos diversos ramos dos conhecimentos humanos. [1] Assim mesmo estas primeiras noções devem todavia ser exactas: e n'este caso da geographia é indispensavel que o primeiro objecto que se offereça aos olhos do menino seja um globo de sufficiente diametro para que elle conceba bem a fórma do nosso planeta e a maneira por que os mappas o representam todo ou secções d'elle. Pouco a pouco se lhe fará comprehender sem custo como o mappa descripto no globo se póde «projectar» em uma carta plana; — e assim progressivamente, até que venha edade em que elle possa e deva lêr e entender os livros de geographia, e estudar pelos mappas parciaes e mais circumstanciados. [2]

Á proporção que este periodo da edade se adeanta vão crescendo os cuidados da educação e multiplicando-se os objectos que ella tem de zelar porque mais e mais se vão complicando, e entrançando a parte moral e intellectual d'ella sem comtudo acabar, postoque dê menos solicitude a parte physica.

Agora vae apparecendo mais a indole e temperamento do educando, agora é preciso começar a reprimir os de caracter vivo e fogoso e a excitar os de natureza pesada e inerte. O habito do aceio, da ordem, da regularidade, só n'estes annos tenrissimos póde bem imprimir-se. Deitae o vosso pupillo, levantae-o á mesma hora; seja uma sempre e certa a hora do banho, do passeio da comida, da oração; — e não temais que

[1] Todas as linguas cultas da Europa pertencem a quatro grandes familias, a grega, a latina, a esclavonia, a teutonica. De cada uma d'estas familias descendem *por varonia* os idiomas que se falam pelos povos que inda formam nação. Porém os diversos casamentos e allianças de cada uma d'aquellas quatro entre si, e como o Celta e o Arabe, produziram as diversas modificações que hoje falamos, de portuguez, castelhano, italiano,— talvez o francez— na familia latina; de allemão, hollandez, sueco, etc, na teutonica; de russo, polaco, etc., na esclavonia: e finalmente dos dialectos cultos do grego-moderno na familia grega.

[2] De todos estes idiomas o que tem feições e caracter menos *pronunciado* e do qual se póde mais duvidar e questionar de que varonía descenda, é o inglez; tantos elementos entram em sua composição, derivados por tantos canaes, e conservando cada-um d'elles ainda hoje sua forma primeira, ou a do molde por onde passou antes de vir á lingua britanica. Todavia creio com Madame Staël que a physionomia teutonica, ou saxonia, é a mais distincta e positiva no ainda não bem moldado resto do dialecto inglez.

[3] É manifesto que quem quizer apprender o inglez, o hollandez, o sueco, etc., hade levar n'isso muitos annos: mas bem sabido o allemão, estas diversas modificações se adquirirão facil e brevemente.

[1] Começar ensinando ás creanças os elementos das sciencias por compendios methodicos e regulares com todo o apparato da phraseologia de cada sciencia, tem entre outros inconvenientes, o de os fazer pedantes e impostores, e mais desejosos de alardear sabença que de adquirir sciencia.

[2] Todo o rigor do methodo analytico deve ser applicado ao ensino da geographia. Os livros, os compendios, os dialogos que vulgarmente se usam, não ensinam senão por synthese e deviam ser inteiramente proscriptos, isto é, do primario ensino.

elle perca em annos feitos o costume da regularidade em tudo. Mães que educaes vossos filhos, não os beijeis, não os acariciei̧s quando por desmazêlo e incuria vos apparecerem sujos e desamanhados; e sem ralhos nem asperezas nem outros castigos elles contrahirão o habito da limpeza.

Se bem conhecessem as mães quanto valem as caricias maternas, quanto as apreciam os tenros corações de seus filhos, se ellas as soubessem graduar e empregar sem capricho nem cegueira, nenhum meio mais forte e seguro para pena ou premio teria a educação. A mãe que amimalha seu filho sem razão nem juizo porque lhe deu na phantasia e se acha de humor de brincar com a creança — como uma creança póde fazer com a sua boneca, — essa infeliz está perdendo o filho, e esperdiçando os dons de Deus e da naturaza, que para tam differente fim orvalharam nas caricias maternas o manná salutar do deserto, e puzeram nos beijos de seus labios o mel da suavidade e o balsamo de todas as feridas do coração. A mãe que n'um momento de capricho ou de máo genio repulsa o innocente com colera ou fastio, que fatal, que irremediavel golpe não deu na moral de seu filho! — Perguntem-lhe d'ahi a meio seculo, se lhe esqueceu essa injustiça cruel — e por entre as rugas da fronte crespa de annos e trabalhos ainda apparecerão as que primeiro lhe franziu na liza e descuidada testa aquella primeira e tam sentida injustiça.

Ah! quam differente a mãe que ameiga e acaricia seu filho quando elle o merece, — que sem ira nem genio o afasta sisudamente de seus abraços quando é preciso corrigil-o, assim! Com só essa recompensa ou privação, ensina-lhe mais, educa-o melhor do que os pedagogos do mundo desde Aristoteles até J. Jacques.

Não esqueça porém, tórno a repetir, no meio de todos estes cuidados do intellectual e moral da educação, que ainda está incompleto e imperfeito o physico. É meio d'esse complemento, e corôa d'essa perfeição a gymnastica. N'esta mesma edade deve ella já começar, mas começar por suas mais naturaes e faceis especies. Desde a simples carreira, a lucta, etc., até a equitação e esgrima comprehendo tudo na generalidade de gymnastica: porém seus exercicios principiam na puericia e acabam, isto é, aperfeiçoam-se na virilidade. A carreira vem na puericia; antes de bem vigorosa adolescencia não deve começar a natação ou a lucta e que taes; só na puberdade deve ter principio a equitação, só na virilidade a esgrima.

Todas éstas prendas corporaes são uteis e necessarias no decurso da vida, são elegantes e a ornam, mas sobretudo formam, desenvolvem e avigoram os diversos musculos e partes mais nobres do corpo, se praticadas em proprio tempo e quando o corpo estiver maduro para ellas.

Na edade em que estamos, a puericia, é por ora a carreira o unico exercicio gymnastico que se deve permittir ao educando; para o fim do periodo, os jogos do volante e eguaes: tudo o que for mais violento será perigoso sempre e contra indicado.

Mas já com o adiantamento d'este periodo se vae alargando tanto o meu assumpto que não cabe nos limites d'esta carta. É principalmente consagrado este periodo aos fundamentos da educação moral:[1] hei mister subdividil-a em seus diversos ramos, e tratál-os separadamente.

CARTA QUARTA

Continua o II.º periodo da educação, da puericia até á adolescencia: — educação moral; religião, perigos que se devem evitar n'este ensino, — idea de Deus, — como se deve fazer sentir, — primeira oração, — culto — religião revelada, ceremonias religiosas, — moral da religião, como ensinada, — caridade, tolerancia, etc.

Minha Senhora

Temos o homem physico em bom caminho de perfeição; apenas está gerado o homem intellectual, e só recemnascido o homem moral. Deixemos por agora os dois primeiros, e analysemos com alguma ordem o ultimo.

Disse, e creio que provei, que todas as virtudes se deviam reduzir a uma só, primeira e capital, para simplificar a difficil tarefa da educação moral. Bem comprehendida do espirito e bem arraigada no coração do educando a justiça como principio unico e geral, ficará mui simples e facil trazel-o ao conhecimento e amor de todas as outras virtudes, que não são, em rigor, mais do que especies d'ella, — antes, denominações diversas que á justiça damos em suas variadas especies, ou segundo os diversos objectos a que applicamos aquella virtude.

Do modo de fazer esta deducção, e do como é perfeitamente praticavel este systema, creio ter sufficientemente dito, em geral, na minha primeira carta.[2] Porei todavia aqui mais um exemplo, isto é accrescentarei mais uma demonstração.

Todos os objectos, todas as circumstan-

[1] Não esqueça que digo *principalmente* e não absolutamente, porque a educação é uma e indivisivel.
[2] Veja Cart. I. Parte primeira, pag. 287 a 290.

cias, todas as occorrencias devem servir ao educador de thema para suas lições, e especialmente para as moraes. Passeia n'um jardim alheio com o seu pupillo, vê o querer lançar a mão a um fructo, a uma flor que seja; e eis ahi a occasião opportuna de lhe fazer conceber uma idéa da propriedade e do respeito que se lhe deve, por outras palavras, de lhe ensinar a applicação da justiça a este dever social.

— «Não colhas essa flor.» — «Porquê?... se ella é tam bonita!» — «Porque não é tua.» — «Mas em eu a apanhando...» — «Não fica mais tua por isso.» — «Porquê?» — «Porque o dono d'este jardim cultiva as suas flores para si e não para nós. Se elle fosse ao nosso jardim e nos apanhasse as nossas, de sorte que quando fossemos passear as não achassemos, gostarias d'isso.» — «Não.» — «Pois o mesmo diz elle, e o que não queremos que nos façam, não devemos fazer aos outros.»

Lições d'estas convencem, e porque convencem nunca esquecem.

Por estes e similhantes meios, e approveitando eguaes occasiões se deve ensinar toda a moral prática, e applicar o grande principio da justiça a toda a extensão e variedade do que se comprehende nos chamados «tres officios.» [1]

Todas essas coisas porém são faceis de ensinar com qualquer mediocre geito, uma vez que haja boa vontade e zêlo da parte de quem ensina. Mas tocamos agora n'um periodo d'esta edade em que o mais difficil ponto da educação se appresenta deante dos olhos do educador, — estreito perigoso e cheio de syrtes, que elle anceia por ver passado, e todavia estremece no momento de se lhe approximar.

Tratamos de religião.

Paes, mães, educadores, que amaes vossos filhos e pupillos, tremei de perder agora todo o bem que fizestes, de arruinar e destruir desde já todo o que podereis fazer. Agora é a crise, agora ides lançar na massa asma da educação o fermento que a levedará em saudavel e saboroso pão da vida, ou azedará para sempre em alimento de corrupção e veneno.

Procedei com tento, e com prumo na mão como avisado mareante em costa mal segura e de baixios.

Guardae-vos de ensinar práticas religiosás, orações, a minima idea de culto, antes de ensinardes, de fazerdes «sentir» — não direi «conceber» [1] — a do objecto d'esse culto. Superstição e incredulidade são os dois precipicios que se cavam ao longo do estreito e fragoso caminho que subis com vosso educando. Ai d'elle se lhe deixaes deslizar um pé! Ai d'elle se lhe apressaes o passo e o fazeis tropeçar! A queda — e queda para não levantar — é infalivel.

Mas nem por isso deve tambem ser lenta de mais, e priguiçosa a viagem n'este caminho difficil.

FENÉLON

A idéa de um Deus Creador, que toda a natureza nos brada e proclama com tantas boccas quantos são os objectos da creação, ésta idea primordial de todas as religiões, corôa e chave de toda a moral, deve o mais cedo que for possivel, ser inspirada á innocencia; — ou, mais exactamente, deve para ella ser guiado seu tenro coração.

Tenho para mim que a consciencia de que existimos (a qual, se não é innata, é idea comnata do homem) traz annexa esta outra idea, — de que alguma coisa nos fez existir. As primeiras sensações que recebemos e de que nossos sentidos nos dão parte, são as da existencia dos diversos objectos que nos cercam e com que nos vamos achando em contacto. [2] Após este *facto*, que nós palpámos, da existencia nossa e alheia, vem

[1] O que nas escolas chamam *tres officios*, é, como todos sabem, as tres divisões do codigo moral: deveres do homem para comsigo, para com os outros, e para com Deus.

[1] Ha muitas coisas que a alma sente e que o juizo não concebe: em que peze aos materialistas puros, n'isto tem razão a escola de Kant.

[2] Examinae um infante apenas começa a cobrar uso de seus membros, vereis como repara, como observa e examina tudo: o tempo que d'ahi levam até raciocinar e falar, estão colligindo ideas e fazendo cabedal de experiencias e observações.

logo o desejo de indagar o como existimos e como existiu o que nos cérca.

Uma das primeiras perguntas que faz toda a creança é de —«Como veiu ao mundo, de donde nasceu elle?» As costumadas respostas que —«o menino veiu do norte, sahiu de traz da orelha» [1] e outras quejandas ridicularias, é o com que vulgarmente se illude uma pergunta que forçosamente embaraça; mas são estas mentiras habituaes as com que se acostumam do principio os homens a olhar a falsidade sem horror, e a considerar a verdade como uma obrigação com a qual se póde — com que talvez se deve transigir. Antes não lhe responder de modo nenhum do que responder-lhe com mentira. Antes dizer-lhe abertamente que são coisas que meninos não entendem. Além de quê, nenhuma creança acredita ou acredita por muitos dias n'aquellas petas insulsas. Deve se-lhe dizer a verdade: no «como» e no «até onde» vae a prudencia. Copiarei aqui o que a este propósito escreve Madame Campan: [2] «É preciso saber responder (ás creanças) de modo que lhes accalme a imaginação em vez de lh'a excitar. O que mais as occupa, apenas reflectem, é querer saber como vieram ao mundo. Não se póde contentar muito tempo esta curiosidade com lhes dizer que se acham os rapazes nos repolhos do quintal, e as meninas entre as roseiras. [3] Não tinha mais que seis annos quando uma pequenita viva e esperta respondeu a sua mãe: «Eu já bem sei pela *Ave-Maria* onde é que estão as creanças antes de nascer.» — Eu (Madame Campan) achei-me sempre bem com responder áquella pergunta, que o parto era uma operação cirurgica mui dolorosa, e que as mães quasi todas chegavam a perigos de perder a vida para a dar a seus filhos: estas palavras de *operação* e *cirurgia* aterram-os e lhes accalmam a imaginação. Elles sabem muito bem que se lhes não explica o modo por que se faz a amputação de um braço ou de uma perna, coisa de que a miudo ouvem falar; de modo que não insistem em mais perguntas, e a idea de que seu nascimento ia custando a vida a sua mãe os enternece, etc.»

A excellente educadora, que citei, ensina esta resposta como meio seguro de corrigir ou reprimir a curiosidade importuna das creanças: eu inda a avalio mais como unico meio possivel de lhes fazer conceber decentemente a successão da creação, a idea de uma primeira creatura e, por consequencia, a de um Creador.

Sentida a idea de um Deus Creador, que facil é fazer sentir o amor e respeito ao Ente supremo, cuja expressão é a religião e seu culto!

Mostrae-lhe o grande templo da natureza, em que toda reverbera a imagem d'esse Deus. Levae-o pelos campos ao alvorecer da madrugada: admirem seus olhos o matiz, respire seu olfacto o aroma das flores, gose seu ouvido o gorgeio das aves e o murmurio das aguas, regale seu paladar o sabor dos fructos e a frescura das fontes; contemple da altura dos montes o espectaculo risonho d'esses prados e d'esses bosques, do fundo dos valles o aspecto sublime d'essas magnificas serranias; — olhe para esse orbe de luz e magestade que vem pelo firmamento espalhando a vida e a alegria do universo!... Ou levae-o pelo silencio da noite talvez mais eloquente ainda: mostrae-lhe esse brilhante recamo d'estrellas sobre o azul do céo, esses planetas regulares volvendo-se sobre seu eixo, ou movendo-se em sua orbita, ess'outros astros brilhando fixos pela vastidão da esphera... E dizei-lhe: tudo isto creou o teu Creador, de todas éstas bellezas e commodos adornou o mundo em que te collocou: — e o sentimento d'esse Deus Creador e bemfazejo trasbordará em teu coração agradecido, suas mãos se erguerão naturalmente para o ceo, e a primeira oração, muda — mas, que fervorosa e ungida! — deixará uma impressão religiosa tam profunda em sua alma que nem toda a devassidão do mundo, nem toda a dialectica dos sophistas, — delirá, não digo, — mas nem sequer escurecerá por um momento.

Se n'este estado de exaltação, em que seu coração se abre a todos os sentimentos de amor e adoração, a sua imaginação se eleva da contemplação das maravilhas da natureza até ás grandezas do seu auctor, lhe ensinardes então pela primeira vez, aquella tam simples e tam eloquente oração dominical, aprendel-a-ha seu coração, primeiro que sua memoria, [1] e quando a repetirem seus labios, não será com a distração e mechanica indifferença com que, da infancia em que a não entendem, até á velhice em que o longo habito a fez já indifferente, a repete a maxima parte dos homens.

Fortifiquemos bem no coração do nosso pupillo a religião natural, a que os sentidos

[1] E tambem de «veiu n'uma condecinha de Inglaterra:» taes são as respostas communs da nossa terra.

[2] V. *De l'Education*, por Madame Campan, Liv. II, cap. IV.

[3] Allusão ás respostas communs em França.

[1] A oração dominical ou o *Padre nosso*, além dos motivos de crença que a fazem veneranda, é em si mesma a oração mais sublime e perfeita que ha em todas as religiões e cultos do mundo. Por ella só, bem explicada, se podia ensinar todo o christianismo e sua moral.

sentem, que a razão facil concebe; e o mysterioso e difficil da religião revelada achará muito mais base. Façamol-o primeiramente religioso, depois o faremos christão: tentae ambas as coisas a um tempo; não será nem uma nem outra.

Não o leveis de pequenino á egreja assistir a longas ceremonias religiosas, que se o não enfadam, só lhe divertem os sentidos, em vez de lhe edificar a alma: [1] guardae-vos muito d'esse erro e de afogar por tal modo a religião nascente no coração do vosso educando. Fazei-lhe antes considerar como uma prerogativa o assistir á celebração dos actos do culto e communicar na congregação dos fieis, — como uma prerogativa antes que com uma obrigação, como um direito antes que como um dever. Fazei-lhe desejar o gôso d'esse direito, pintae-lh'o (e não o enganaes) como um premio que elle deve conseguir por seu bom procedimento, e de que deve ser excluido quando por suas más acções for d'elle indigno. E como vos parecer que o podeis admttir a esse que elle certamente considerará distincto favor, não hesiteis em o privar, todavia d'elle quando por faltas graves for necessario grave castigo. A importancia, alta consideração que por este meio se ligará aos actos do culto, lhe imprimirá um respeito e veneração religiosa que por nenhum outro meio se consegue; salvo pela superstição e fanatismo, — os quaes certamente o farão grande respeitador e zelador das ceremonias religiosas, porém, *nada mais* lhe hãode deixar de religião.

Da superstição, mais que de nenhum outro perigo, deve tremer o educador, que se lhe não envolva no manto da religião e usurpe o logar d'ella no coração do seu pupillo. Se chegar a occupal-o, difficilmente a farão sahir, ou quando saia, lh'o deixará ella em estado que a religião o possa tornar a habitar. Nunca! A superstição é cancro pertinaz e de profundissimas raizes, que só arranca a mão desalmada e crua da impiedade. A miudo se vae de supersticioso a incredulo, a verdadeiro religioso jámais.

Porém de que serve a piedade sem a caridade? ou antes, póde aquella existir sem esta? — A religião consta de ambas, e a religião de Christo especialmente, essencialmente. Quereis que vosso filho seja um bom e verdadeiro christão? Não lhe ensineis categoricamente os principios d'essa religião, não lhe digaes que ella é boa porque é divina, mas que é divina porque é boa. O methodo que seguiu o illustre Chateaubriand para a controversia, [1] adoptemol-o nós para a educação, que ainda melhor lhe quadra.

Não lhe digaes, por exemplo, que o christão deve soffrer com resignação e paciencia os trabalhos da vida porque lh'o manda sua religião.—Não! difficil ouvido e crédito heis de encontrar com esse preceito. Mas levae-o aos sotãos da indigencia, ao leito da dor, á camara do annojo e padecimento, fazei-lhe observar o conforto unico d'esses varios infelizes, —como seus olhos se alevantam para o céo, e encontram no refúgio da religião consolações que tudo o mais lhe nega; - veja elle como na resignação em Deus, na paciencia com que por elle soffrem, acham seu unico allivio, — e dizei-lhe então que a religião manda soffrer com resignação e paciencia, porque é mãe amorosa e desvelada que nunca manda nem aconselha senão para bem nosso.

A quem por este methodo se ensinarem os mandamentos da lei, nunca os hade esquecer nem descrêr.

Eu não posso demorar-me sobre cada um d'estes pontos, como em alguns desejava, porque não é meu plano descer a miudezas, mas talhar por grande. Não escrevo para os educandos mas para os educadores; e para esses é melhor indicar muitas especies do que desenvolver muito algumas poucas: e se estas cartas poderem servir de reportorio ou index geral da educação, darei por conseguido meu fim capital e presupposto.

Não enumero cada uma das virtudes christãs que no coração do pupillo se devem gravar; apontei aquella para exemplo do methodo, e agora especialisarei tambem outra, da qual, por sua excellencia, particular menção deve ser feita.

A caridade é a primeira virtude christan; e a primeira especie das muitas em que a caridade se divide, é a tolerancia. Máos servidores do altar a que se consagraram, máos zeladores do culto que pretendem defender, quizeram desherdar o christianismo d'esta virtude toda sua. Para si a reclamou a philosophia moderna; mas — sem falarmos no mal que a exerceram a maxima parte d'esses philosophos — ella tampouco é sua. A tolerancia faz parte essencial do christianismo; a seita que a eliminar do seu credo é tam christan como será mahometana a que prescrever a intolerancia. Quando o Evangelho se parecer com o Al-Koran, então será christão o intolerante, ou mahometano o tolerante. Christo mandou prégar sua lei e conven-

[1] Não direi que sempre e infalivelmente assim acontece, mas é tantas e tantas vezes, que a applicação não seria grande.

[1] V. o que a este respeito diz e como desenvolve este principio Mr. de Chateaubriand em sua obra do —*Genie du Christianisme.*

cer com palavras de paz; Mahomet mandou-a impôr com o alfange. Christo disse aos seus discipulos: «Ide e prégae aos homens para que crêam e sejam salvos». Mahomet disse aos seus: «Ide e passae á espada todos os que não quizerem crêr». Se os discipulos do propheta de Meca relaxaram de seu mandato e foram algum hora tolerantes, e quizeram prégar sem sabre foram máos e falsos mussulmanos: os que professam a lei de Christo e a prégam com a espada, o que serão?...

Ser christão e ser tolerante são ideas correlativas e coisas inseparaveis. E tenha bem cuidado o educador que lhe não escape a occasião de inculcar, de fazer sentir estes principios ao seu pupillo. Mamme-os com o primeiro leite do christianismo porque d'elle são. Nem aguarde o mentor descuidado que venha a philosophia ensinar-lh'os depois, e fazer-se gala d'essa virtude que não é sua. O indifferentismo religioso, e até a impiedade, de que tanto se queixam em nossos dias, nasce d'aqui: homens a quem não ensinaram esta e outras virtudes christans, ou a quem as não ensinaram como taes, ou (que peior e não raro é) a quem por christans virtudes ensinaram os contrarios vicios — chegam a edade mais feita em que a philosophia lhes préga contra esses abusos e lh'os confunde, ou os confundem elles, com a propria religião, homens taes como não hão de voltar-se incredulos, e quando menos, indifferentistas? Tivesse-lhes a religião prégado essas virtudes como suas que são, — e que viesse o philosophismo reclamal-as depois, ou declamar-lhe contra ella.

Mr. de Chateaubriand diz em sua obra immortal do *Génie du Christianisme*, que nada tinha em commum com os philosophos senão a tolerancia. O sentimento é louvavel e christão, mas a expressão é inexacta. A tolerancia do christão é muito mais sublime e philanthropica do que a do philosopho; a do christão faz parte de sua caridade, a do philosopho de sua indifferença. A tolerancia philosophica consiste em não perseguir os que pensam ou obram de differente modo; a christan vae muito mais alêm, porque os deve servir, amar e guiar se possivel fôr. Amar o proximo é caridade e é philanthropia, e portanto commum ao philosopho e ao christão; mas amar ainda os proprios inimigos é tolerancia transcendente que só tem o christão e que o philosopho desconhece. [1]

[1] O christão póde ser philosopho, e o philosopho christão: não se excluem as duas coisas: mas consideram-se em abstracto para se entenderem bem e como se distinguem.

CARTA QUINTA

Continuação da mesma materia; religião do principe. Maiores perigos que ha e maiores cautellas que se devem tomar na educação religiosa de um principe; exemplos na historia de Portugal.

Minha Senhora.

Vamos pela primeira vez fazer applicação particular de nossas generalidades á especie da augusta educação que me fez lançar mão da penna para pôr em algum arranjo os apontamentos diversos que na materia tenho feito e que por essas cartas distribui.

Do que temos tratado quasi tudo convem aos dous sexos, e tudo ás duas absolutamente distinctas posições sociaes de subdito e Soberano.

Porém n'este alto e transcendente objecto de religião não posso contentar-me com dizer a respeito da educação do principe o que certamente bastaria á do subdito.

Minha Senhora, a esphera em que nós subditos nos movêmos é mui differente da em que se hade mover a sua Real pupilla. Tanto cahiremos nós como ella, é certo, se mal dirigidos; mas a nossa quéda não tem as consequencias que a sua hade ter.

Um Soberano irreligioso é a maior calamidade que póde desabar sobre um povo. Mas a superstição e o fanatismo são tam negativos de religião como a impiedade, — ou, por outras palavras, tam irreligioso é o atheu que na soberba de seu coração descrê de seu Deus, como o supersticioso que o insulta com seu culto de idolatria, ou o fanatico que o offende com seu zêlo criminoso. Se isto assim é em geral, que diremos da religião christan, que é uma religião toda de coração e de espirito, toda de paz e de amor.

Os erros e crimes dos reis em materia de religião têm causado mais desgraças á humanidade do que nenhuns outros. Sem folhearmos volumes de fastos e chronicas antigas, temos por essas paginas ainda abertas da moderna historia abundancia de fatalissimos exemplos para escarmento e terror. As *Saint-Barthélemy* e *Dragonnades* em França, as crueis perseguições de Inglaterra, as guerras civis de Hollanda e de toda a Allemanha, os horrores da Inquisição pelo sul da Europa, são todas memorias vivas e frescas de que ainda estremece a humanidade, e a religião se corre.

Mas é nosso proprio Portugal tam feliz nos primeiros seculos de sua existencia, tam infeliz depois, um documento mais authentico, e para nós mais sensivel que todos os da alheia historia, do quanto a desvairada e mal entendida religião dos soberanos é o maior flagello e perdição da republica.

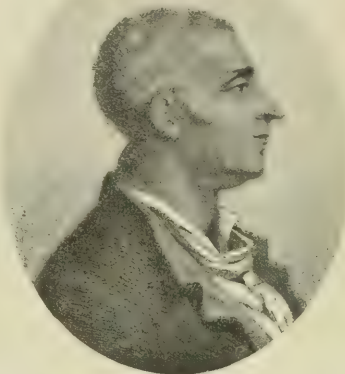
Desde Affonso Henriques, o grande fundador da monarchia, de quem ainda hoje crê piedoso nosso patriotismo que de um Deus recebêra as Quinas do seu nobre escudo, até o afortunado Manuel, que as fez arvorar com a cruz da Redempção nos mais remotos confins do globo, — quem negará a esta série quasi ininterrompida de reis, heroes e cavalleiros muita e mui zelosa religião? Mas sua religião era discreta e sem desvarios apezar da ignorancia dos tempos: e Portugal cresceu, medrou e floresceu. Affonso Henriques soube contêr as pretenções exageradas de Roma com a mesma mão com que fundava e dotava Alcobaça; Affonso terceiro resistir ás censuras ecclesiasticas e negar-se á cruzada da Terra-Santa com uma solidez de principios e força de razões, que oxalá vissemos nós tanta franqueza e deliberação em nossos estadistas do decimo nono seculo. Para que citarei mais exemplos, quando são de achar em cada pagina da nossa historia?

Mas veiu D. João III, cujo espirito timorato subjugaram confessores arteiros, e antes sanguinarios sacrificadores dos altares de Baal do que ministros de um Deus de paz, — e a Inquisição vôou com seu facho exterminador desde o ultimo occidente de Lisboa até o ultimo oriente de Gôa, assolando e despovoando o vasto imperio dos Lusitanos, e accendendo no animo dos povos conquistados um odio e horror ao nome portuguez, que inda hoje não apagaram tantos seculos de liberdade d'elles e de opprobrio e nullidade nossa.

Aos acenos do fanatismo, que se trajou das alvas roupas da religião, lá foi enterrar nas areias de Africa o malfadado Sebastião todo o resto da nossa gloria, independencia e fortunas. Por escrupulos adrede fomentados por quem muito lhe importava, deixou o Cardeal-rei indecisa a questão da successão do reino, com o que abriu mais larga porta á usurpação castelhana.

Reconquistámos a independencia e dynastia legitima: mas quando iamos com alguma paz começando a recobrar de tanta perda, eis ahi os supersticiosos conselheiros do bom rei D. João V, que o cegaram para proveito d'elles e ruina nossa, desmoralisando-se a nação, perdendo-se o melhor e mais puro da antiga religião, e convertendo-se esta quasi toda na pompa exagerada das fórmas exteriores e n'um zêlo fanatico de perseguição, sem que nos sobrasse da verdadeira piedade e moral antiga, mais que o reflexo ou sombra.

Sangraram e doeram cruelmente as sarjas e cauterios com que mui rudemente nos quiz curar da quasi gangrena o poderoso e voluntario ministro d'el rei D. José: mas ao menos a corrupção moral e religiosa não progrediu; e, se não foi curada, atalhou-se-lhe o desenvolvimento e a forçosa consequente dissolução que de tanta podridão devia seguir-se.

Deus sabe que nunca me lembrei de desattender a memoria dos augustos predecessores da nossa Soberana: mas são homens os reis e têm defeitos como homens que são. Triste do que se arreceia de dizel-os; mais triste do soberano que não tem quem lh'os diga. Um rei de Portugal está em posse de ouvir a verdade, e os portuguezes de lh'a falarmos. E pois, diriamos a um principe portuguez, quando lhe citassemos por exemplares de valor a seu avoengo Affonso IV, e de justiça a Pedro I — que ambos foram modelos de piedade filial? Apar das virtudes de D. João I e Duarte, não teriamos pejo de louvar as de Fernando ou Affonso VI? De todas as lisonjas com que aos principes derrancam o coração e toldam a cabeça, seria esta a peior e a mais damnosa. Em uma arvore de geração tam nobre como a dos reis de Portugal, tam coberta de flôres e tam carregada de fructos, não duvidemos apontar a flôr que murchou e não granou, ou o fructo que pecou e não chegou a sazonar: a fragrancia e belleza dos outros apparecerá maior e mais sensivel. O effeito dos bons exemplos dos passados no coração e espirito de seu descendente será mais proveitoso e seguro se com mão reverente mas sincera lhe apontarmos as máculas com que alguns d'elles mancharam as boas qualidades herdadas e outras as escureceram de todo. Quando se

MONTESQUIEU

estuda o moral da historia não se devem sómente dar exemplares para seguir mas tambem escarmentos para fugir.

Que piloto seria o que sabendo mui bem d'onde ha portos seguros e abrigados, com remanso de aguas e protecção de curvas angras e interpostos recifes, ignorasse onde jazem cachopos e baixios, onde a corrente das aguas, o ésto das marés, o difficil dos cabos e o tormentoso dos golphãos?

Diga-se pois a verdade; e n'este sublime assumpto de religião, em que todas as grandezas dos homens desapparecem deante da grandeza de Deus, não hesitemos em a dizer franca, sincera e toda.

Não se esconda portanto á joven rainha de Portugal, á esperançosa e desejada Maria II, que sua augusta bisavó, Maria tambem, e que tambem tanto amaram os portuguezes, foi victima da falsa religião com que lhe cegaram os olhos d'alma os embusteiros e traidores que a rodearam para seu e nosso mal; — que á força de escrupulos e superstições a impediram de fazer o bem e a fizeram instrumento de muito mal: — que a desmoralisação religiosa, apenas contida no reinado de D. José, desde então progrediu com mais força até nossos calamitosos dias, em que o desgraçado Portugal vê os sagrados objectos de seu culto sacrilegamente convertidos pelos indignos ministros d'elle em instrumentos de sua perdição e morte, servindo os cancellos do altar de alavanca para derribar o throno, e o thuribulo do sacerdote convertido em facho incendiario para queimar indistinctamente o antigo e o novo pacto, o foral das liberdades do povo e o codigo dos direitos do soberano.

Muita e mui verdadeira religião deve ter o principe; a falta d'esta qualidade daria mate em toda as outras: e tambem n'essa posse estamos os portuguezes de termos soberanos religiosos e tementes a Deus. Não se descuide pois a educação de lh'a inspirar por todos os meios, de lh'a ensinar em toda sua pureza, de lh'a fazer amar com todo o ardor de seu coração. Mas seja dobrado o desvelo e solicitude em evitar os dois precipicios horriveis que ás bordas de seu caminho se profundam: rei impio ou rei fanatico .. — Deus nos livre da abominosa escolha.

E aqui vem uma das mais essenciaes modificações que o sexo exige nos meios da edução. A natureza fez mais timida e fraca a mulher, porque a creou para um estado de dependencia, subordinação, e como «perpetua tutella»: [1] e a educação deve conformar-se com a natureza. Mas uma princeza que tem de reinar por si e seu proprio direito: é femea de facto e varão de direito: e a educação tem n'este caso de contrastar a natureza e diminuir, quanto é possivel, a *mulher* para que só fique a *rainha*. Muito tento e prudencia é necesssario para fazer esta metamorphose: e em materia de religião, a consciencia timorata de uma senhora, para que nem endureça até á insensibilidade, nem amolgue até ficar sujeita a qualquer leve impressão, é talvez a coisa a mais delicada e a parte mais difficil da educação de uma joven soberana.

[1] Segundo a phrase e decisão do direito romano.

Alta é vossa missão, educadores dos principes; vós sois os deputados de todo um povo que tacitamente vos dá procuração para vigiar no palladio de sua felicidade e de suas esperanças. Sobre vossas cabeças choverão as maldições das gentes se lhes derdes um máo principe e «devorador de povos,» em vez do «pastor» [1] e guarda que se promettiam. Por muito que o tyrannisem e opprimam, facil e prompto é sempre o povo em desculpar os principes e lançar para carga de seus conselheiros todo o mal que lhes fazem. E a nenhum culparão tanto, a nenhum maldirão tanto como ao conselheiro de sua infancia, ao que o trouxe pela mão desde o berço até o solio. Oh! que os mentores dos reis tivessem sempre deante dos olhos este quadro! Que da elevação em que ao pé de seu pupillo estão collocados, lançassem continuamente a vista para os que sobre elles a tem cravada — gerações presentes e futuras!... e que todos hão de ser victimas, accusadores e juizes de suas faltas e erros! Mas se algum, hora mais que outra, essa idea tremenda deve estar viva e faiscante em seus olhos, é n'aquella em que desempenham a difficil tarefa da educação religiosa. Oh! não se esqueçam que o principe christão não é somente um simples fiel, não é um membro ordinario da egreja — que não lhe basta entrar na communhão com outros fieis e cumprir com a lei. Não! O principe tem de velar no cumprimento d'essa lei; o principe tem de vigiar [2] sobre os sacerdotes, que não excedam sua auctoridade toda espiritual, que não invadam a jurisdição civil e entrem pela republica com o bago de pastor voltado em bastão de magistrado usurpando funções que a sociedade lhes nega e a religião lhes prohibe. Forçoso é que tenha claras e distinc-

[1] Éstas são duas expressões da sublime poesia da Homero, que tomei a liberdade de usar em minha chan prosa, Homero appellida commumente a um rei ποιμένα λαῶν pastor de povos; mas quando pela bocca de Achilles ou de outro apoda algum de tyranno e oppressor, chama-lhe δημοβόρον devorador de povo.

[2] Estes são os que na escholas se chamam direitos *circa sacra*.

tas idéas da religião e da egreja o que tal auctoridade a respeito d'ella tem de exercer e que forte em seus principios não mude com todo o vento de doutrina, nem vacille no desempenho de seu dever e exercicio de seu direito.

Confiemos que na primaria educação religiosa da nossa Augusta Rainha se tem tomado todos esses delicadissimos cuidados e satisfeito a todas essas miudas attenções, — e que seu complemento será egualmente perfeito e zelado.

A caridade inseparavel da piedade, a tolerancia parte essencial da caridade, o horror á perseguição, o amor da justiça e da verdade, um santo medo do fanatismo e da superstição, uma avisada desconfiança e discreto receio da hypocrisia — com vontade e deliberação firme de se não arredar d'este caminho e de fazer entrar n'elle os outros: — eis ahi em summa as condições de um principe christão, e o para que tem de formál-o a educação religiosa,

Quanto por mim creio seguro que aos vigilantes olhos de V. Ex.ª não escaparão os defeitos se os houve, no passado, nem fale cerá emenda d'elles no que de futuro resta para cempletar essa de todas mais importante parte da educação.

Com tam esperançosa pupilla, com tam zeloso e illustrado mentor, nada se hade esquecer nem perder.

CARTA SEXTA

Fim do II.º periodo da educação: a historia considerada como complemento moral d'ella; — primeiro livro que se deve dar aos meninos, inconvenientes das Fabulas, preferencia dada a um livro de Historia.—Como feito este livro — exemplo de historia romana; — vantagens e inconvenientes da historia romana e grega ensinadas antes da nossa: — opinião de Rousseau.

Minha Senhora

Não avistamos já de mui longe o termo em que vae fenecer este periodo da educação. Perto vem a adolescencia, a formosa edade das esperanças em que florece, como em sua primavera, a vida: cuidemos com tempo de lhe preparar terreno e amadurar a seiva, para que bem floreça, e com boa promessa de fructo que sazone. Dêmos complemento á educação da puericia com um meio de perfeição moral, que, participando tambem do intellectual, terá effeito promiscuo sobre o coração e sobre o espirito, e será o élo que prenda a educação principalmente moral d'esta epoca com a da epoca immediata, que tambem principalmente deve ser intellectual.

Este meio de perfeição é a historia; a historia entendo, considerada como elemento ou antes complemento da educação moral, estudada como um curso experimental da sciencia da vida, sem chronologia, sem politica propriamente dita, sem nenhuma das outras condições que a fazem elemento de instrucção intellectual.

Termina a puericia, pouco mais ou menos, dos nove aos doze annos [1] segundo o sexo, constituição, clima e outras circumstancias. Está quasi ao pé d'esta edade, e inda não leu um livro [2] o nosso pupilllo. Dêmos-lhe os parabens: o que sabe, sabe-o sem impostura. Conhece globos, mappas, estampas de animaes, de flores etc.: os seus tratados, os compendios d'estas sciencias, de que já tem bons rudimentos, fel-os elle, não os decorou com improbo estudo, e trabalho damnoso á saude pelas palavras e pensamentos, dos outros, que as escreveram em seu gabinete como mestres que eram, e nem sempre são tam boas, rara vez melhores que as do discipulo.

Vamos-lhe dar agora o primeiro livro. Faça-se esta dadiva com solemnidade: tenha-se-lhe promettido d'antemão como recompensa de bom proceder, — tenha-se-lhe feito desejar; receba-a elle como um signal da confiança de seu mestre, que já o avalia e conceitua em muito, já o trata como um homemzinho [3] — que até lhe dá «um livro».

Em muitas partes é costume, especialmente em França, o ser um livro de Fabulas ou Apologos o primeiro que se dá ás creanças; *Maître Corbeau* é o primeiro personagem historico com quem fazem conhecimento os meninos francezes. — Mas ainda que o «apresentador» seja tam elegante e donairoso como o engraçado João Lafontaine, ainda assim *Maître Corbeau sur son arbre perché* não é sujeito que se escolha para «primeira amisade» de uma creança. «*Il n'appartient qu'aux hommes de s'instruire dans les fables*» diz Rousseau com muita razão. Confirma diariamente a experiencia o que ella assevera, que nunca se vê tirarem as creanças uma

[1] É tamanha a variação n'este ponto, que nada se póde dizer ao certo nem proximo d'elle: a verdadeira regra é examinar os symptomas da natureza e inferir d'elles a revolução das edades. V a proposito a Cart. II. Part. I. pag 207, d'esta obra.

[2] Não posso chamar livro a algum quaderno de syllabarios, ou collecção de estampas zoologicas, botanicas ou chronologicas; que é toda quanta livraria elle deve ter visto.

[3] Ainda não fizemos separação de educação para os dois sexos: tudo isto é commum; e claro é que não só de rapazes mas tambem de meninas se trata por ora.

illação moral do seu apologo; gostam porque é conto e faz rir, e acham nos versos de Phedro ou Lafontaine repetidos pelo lobo e pelo cordeiro a mesma graça que no «Tó carocho; quem passa? el Rei que vae á caça» — do seu papagaio. Nunca pude descobrir o porquê rasoavel d'este costume, e vejo-lhe mil inconvenientes. Será que aprendam melhor os meninos a moral prègada com as visagens do «macaco desembargador» ou nos dialogos da formiga e da cigarra, e similhantes *eglogas* de alimarias? Não o creio; nem acho senso commum em suppôr que a ficção instrua melhor que a verdade. No prologo das *Fabulas* de Phedro [1] está bem indicada a origem e fim d'estas composições allegoricas: é a mesma quartada que dá o Tasso:

> E che'l vero conditto in molli versi
> I piu schiavi alletando ha persuaso [2]

Inventaram-se para as pessoas grandes, para os grandes que não queriam ouvir, que se offendiam de vêr a verdade nua e crua, e só a toleravam com alguma indulgencia quando assim condimentada, [3] e disfarçada em parabolas. [4] Inventou as a obnoxia servidão; inventou-as o servilismo do escravo para não desprazer ao devasso orgulho do senhor. E só por este modo supportava alguma rara lição de moral a profligada aristocracia grega e romana, bem como em posteriores tempos o orgulhoso e sybarita feudalismo só tolerava alguma rara lição moral na bocca dos seus bobos e anões. [5]

E por este modo, e como escravos romanos ou bobos senhoriaes, é que nos havemos de presentar ás portas da vida a receber o nosso pupillo para o guiar no caminho da experiencia com subterfugios de fábulas e contos da carochinha? Havemos nós, que professamos uma religião de razão e de verdade, que vivemos n'um seculo «experimental», de exacção e illustração, que habitamos esta nossa Europa de hoje, christan, livre, illustrada, — havemos de ensinar os nossos filhos, educar os nossos cidadãos com allegorias de pagãos e de escravos?

Um bom livro que contivesse — primeiro, historias verdadeiras, bem escolhidas e tiradas das antigas e modernas chronicas, — segundo, vidas de homens celebres, uma especie de Valerio-Maximo e Plutarcho da mocidade, [1] em que se achassem, não gregos e romanos sómente, mas Varões illustres de todos os povos, e principalmente nossos, — um livro tal preencheria todas as condições que em vão se buscam nas fábulas. Epaminondas, Aristides, Socrates, Alcibiades, Annibal, Mithridates, Bruto, Fabricio, Catão, Tito, — o proprio Nero, — Atila, Theodorico, Rodrigo, Belisario, Alfredo, Henrique, IV Affonso-Sabio, Affonso Henriques, Egas Moniz, Nun'Alvares, Las Casas, Bartholomeu dos Martyres, Martim de Freitas, João de Castro, Albuquerque, Pacheco, o Infante-Santo, Howard, Turenne, Fénelon, e mil outros de todos os tempos e nações, ensinarão pelo menos, tam boa moral como a *«comadre cegonha, o compadre rato»* e outras distinctas personagens das chronicas de Esopo e seus discipulos. De mais, Fábula quer dizer fingimento; e fingimento é mentira; e mentira nem zombando se deve ensinar ás creanças: é máo divertimento, não se lhes deve deixar folgar com elle; é como brincos de lume, que a mais descuidada ama sêcca lhes não permitte. *No tempo que os bichos falavam*: começam os apologos de tradição oral [2] que se contam aos meninos: bem sabemos que ainda quando crêam n'isso, não podem crêr muito tempo; mas para que é essa idéa falsa, por pouco que dure? Sempre é máo, — é pessimo; faz-lhes perder o horror á falsidade, ensina-lhes a «contar contos» e a não olhar a verdade como uma coisa santa, com a qual não é licito, não é possivel brincar, — que nem se deve nem se póde saber dissimular, ou alterar no minimo ponto.

Deve ser pois um livro de historia o primeiro que aos meninos se dê; não historia methodica e seguida, mas, conforme disse, uma collecção de factos e ditos, e de vidas de Varões celebres, bem e singelamente contados em linguagem casta e fluente.

Sei que não temos este livro em portuguez, mas sei que não podemos passar sem elle. Não faltam livros parecidos em francez, inglez e allemão: nem seria longa ou difficil tarefa compôr um em nosso idioma, imitando, sem traduzir, [3] aquelles. Eis ahi como a

[1] Servitus obnoxia etc...Phoedr., lib. I.

[2] *Gerusal.*, cant. I.

[3] Na phrase de Tasso.

[4] Na phrase de Phoedro.

[5] Poucos documentos tam notaveis e positivos da infamcia d'aquellas edades nos legou a historia como o d'este costume dos bobos, anões e outras disformes ou degradadas creaturas que faziam parte do séquito ou familia de um grande senhor. Em Portugal ainda vive gente que viu e conheceu muitos em pleno exercicio de suas funcções.

[1] Mais exacta e especificadamente, um Plutarcho da puericia.

[2] Os Apologos chamados de Esopo, quasi todos, os quaes Phoedro versificou em latim e Lafontaine depois em francez, assim como muitos dos de Pilpay, são tradições oraes antiquissimas que em todos os tempos e nações se encontram conservadas pela memoria das classes mais rudes e menos instruidas.

[3] Rara vez uma tradução enriquece a litteratura nacional; e obras d'estas não se traduzem, imitam-se. A traduzir estamos nós portuguezes ha seculo e meio, e desde então inda não temos um livro.

mim me parece que se deveria arranjar este livrinho.

Nas historias dos povos da antiguidade, cuja collecção compõe o que hoje chamamos «Historia antiga», ha d'ellas que nós consideramos como nossas, como historias de antepassados nossos, pois todos quantos somos os povos da Europa [1] d'aquelles derivamos usos, costumes, lettras, conhecimentos, linguagem, leis, religião, quasi tudo o que somos e a maxima parte do que cremos e sabemos. Como a de nossos paes temos a historia dos Judeus, de quem pela religião e crença descendemos; nem com menos interesse e respeito, se não com tanta veneração, lêmos a dos Egypcios, Romanos e Gregos, de quem por successão herdámos a civilisação, as lettras, as sciencias, a legislação e parte das linguagens que falamos, — e dos quaes nos vangloriamos de descender, se não por legitima varonia, ao menos por directa linha. Não se lisongeia tanto nosso amor proprio, principalmente o dos povos meridionaes, [2] com parentesco arabe e gothico; e todavia mais seguro é serem nossos progenitores «segundo a carne e o sangue» esses barbaros, do que aquell'outros povos civilisados, com quem nosso aristocracismo nacional quer ir entroncar-se; é certo porém que é menos carnal do que espiritual o parentesco que geralmente pretendemos ter com estes ultimos.

Dos annaes d'esses povos todos, dos das nações vivas, e sobre todas, da nossa propria devemos escolher pois aquella collecção de breves historias, anecdotas ou contos moraes, que arranjados e classificados sob diversas rubricas serão a primeira parte do nosso livro historico, e formarão um como curso de moral pratica. [3]

A linguagem deve ser pura, simples, casta, [4] legitima portugueza, porém fluente e solta dos enviusados hyperbatons e palavras descommunaes com que a arrevessa a ignorancia que pretende de sabida; — legitima sim deve ser e expurgada dos barbarismos extrangeiros e *gazetices* [1] com que a empobrece e deturpa o desmazello e incuria dos que entendem saber portuguez sem o estudarem. É este o primeiro livro que damos ao nosso pupillo, dêmos-lh'o na sua lingua, não na de Vasco de Lobeira, [2] ainda de Ruy de Pina ou de Gil Vicente, que já não é tam portuguez como no seculo de Boileau era francez o francez de S. Bernardo [3] e o muito mais moderno de Rabelais, ainda de Marot; — mas

BERNARDIN DE SAINT PIERRE

não seja tambem n'est'outra algaravia de tarelos, que não é mais portuguez tampouco, gafa de barbarismos e solecismos, gallici-

[1] Europa n'este sentido quer dizer «mundo civilisado.»

[2] Porque nós meridionaes, geralmente falando, fômos os conquistados.

[3] Consulte para exemplar, a obra franceza moderna intitulada *La Morale en action.*

[4] Esta condição de *simples* é uma das em que mais se deve insistir, porque o vicio contrario é um dos que mais prevalece hoje entre nós. Dizer estylo guindado e dizer bom estylo, estylo sublime, parece a mesma coisa aos nossos escriptores e oradores. Lembra-me um deputado nosso que, seguindo o *de se parce et modestè* de Quintiliano, começou o seu discurso: «Eu não poderei falar em um estylo tam sublime e guindado etc.» Logo suppunha o sr. deputado que estylo guindado era coisa excellente. Assim nos tem posto a educação litteraria que temos.

[1] Perdôem-me o neologismo, que não ha termo que expresse este — *non descriptum* em vicios de estylo.

[2] Auctor do celebre romance de cavallaria, o primeiro que em linguas modernas se escreveu, *Amadiz de Gaula*, que hoje só existe em francez e inglez, e completamente se perdeu na lingua em que originalmente foi escripto. É curioso vêr o que a este proposito diz Mr. Southey, que ultimamente o traduziu em inglez. «Se assim vamos, o mesmo succederá breve ao excellente *Curso elementar de Mathematicas puras* do nosso José Anastacio da Cunha, que já se não acha senão na traducção franceza.»

[3] Entre as obras de S. Bernardo, que geralmente escreveu em latim, apparecem todavia algumas coisas, como cartas, etc. em francez, as quaes, inda assim, differem muito mais do francez de hoje, do que escriptos portuguezes da mesma epoca differem do portuguez que ora falamos. A razão é obvia; o portuguez formou-se e aperfeiçoou-se primeiro que o francez.

N'este logar cabe uma anecdota curiosa. Conversava eu com um portuguez de grandes presumpções de saber e de escrever bem sua lingua e que d'isso levava, e não sei se leva, grandes gabos; e vindo a falar-se do estudo do nosso bello idioma, perguntei-lhe acaso se tinha uma boa collecção de classicos. «Não, nem me mato a lêl-os, me respondeu elle, estudo portuguez pelos livros de francez velho; e digo-lhe que não ha melhores mestres.»

parla [1] de cartazes de theatro, de columnas de gazeta, ou de sermão de prégador de fama, na qual, pelo commum, é hoje escripto o mais do que em portuguez se escreve. Não seja náda d'isso, seja portuguez; a lingua dos *Lusiadas*, da *Vida do Arcebispo*, de Lucena, de Vieira, de D. Francisco Manuel de Mello, a qual, á excepção de raro termo obsoleto, é a propria lingua que hoje falamos e escrevemos — que falam, digo, e escrevem os que ainda o sabem fazer. [2]

A seu tempo ensinaremos ao nosso pupillo a sua lingua, far lh'a-hemos estudar pelos classicos: não comecemos agora a ensinar-lhe o que então seja preciso desapprender, não gravemos já em sua memoria o que tenhamos de obliterar depois.

Falei em classificação e rubricas: aqui está como as entendo. Estes «tractos moraes historicos,» se lhes chamo bem assim, devem ser dispostos sem nenhuma attenção á chronologia, em categorias moraes; classificadas pelas virtudes e vicios do coração humano, com que é abundante a historia em documentos para seguir e fugir — que tanto se apprende dos bons como dos máos exemplos, [3] quando á mocidade inexperta não falece mentor que lh'os distinga.

Repito que estes exemplares historicos, este curso de moral pratica e experimental, deve ser tirado da historia geral, porém especialmente da nossa propria, a qual por tam variada que é em scenas e actores, estendendo-se da Europa por toda essa Africa [4] e gram parte da America até aos confins ultimos d'Asia — tam fertil em grandes acções de virtude, em feitos de valor e heroismo de todo o genero, e tambem de crimes e vicios e faltas — quasi que só por si daria materia para muitos volumes de Valerios-Maximos, Cornelios-Nepotes e Plutarchos. Não levemos porém este principio a excessos de solipsismo francez, que desaproveitemos a vasta seara que no campo da alheia historia nos loureja — pela vaidade louca de aproveitarmos até á ultima espiga mal granada, a derradeira pavêa de respigo que por cegueira queiramos enfaixar, só porque é de terra nossa.

Ora, já vimos — e inda mal! bem visto é — que não temos um livro d'estes em portuguez. Vejamos como se faria: vamos a fazer um capitulo. Experimentemos; e seja, por exemplo, a justiça a rubrica d'este capitulo ou secção, ou como lhe queiram mais chamar. Supponhamos que abriamos acaso um livro d'estes que em portuguez existisse, e a paginas tantas, capitulo tal, dizia:

JUSTIÇA

Lucio Junio Bruto juiz de seus filhos

«Lucio Junio Bruto era consul ou primeiro magistrado de Roma; e em occasião que a cidade era sitiada por um poderoso exercito inimigo, foi descoberta uma conspiração de traidores que tentava entregar-lh'a. Entrava n'esta conspiração grande numero dos principaes do Estado e com elles os filhos do consul. Foram todos presos e processados por tam horrivel crime; que o não ha maior nem mais atroz.

«Chegou a hora tremenda em que os réos deviam ser a final julgados. Appareceu o consul L. J. Bruto em seu tribunal no fóro ou praça publica de Roma, rodeado do senado, que era o conselho dos anciãos e homens bons do Estado, e deante de todo o povo, — porque em Roma foram sempre publicos os processos, para que nem as paixões dos julgadores nem as peitas dos culpados os podessem torcer, mas se fizesse sempre justiça direita e lisa.

«Compareceram os accusados deante do consul; entre estes, seus proprios filhos. Todo o povo tinha os olhos n'elles e no pae, e pareciam duvidar que o sangue e a natureza não movessem da justiça o animo do magistrado. Mas o consul interrogou seus filhos com a mesma tranquilidade e firmeza com que aos outros o fez. O crime foi provado: elles confessaram: e não restava senão pronunciar o juiz a sentença.

«Hoje dá-se aos condemnados tempo sufficiente para se prepararem a apparecer na presença de seu Deus, tribunal mais terrivel porque são eternas suas decisões, porém mais indulgente porque lhe cabe perdoar crimes provados e confessados quando d'elles ha verdadeiro arrependimento. Mas n'esses tempos a religião christã, que é toda humanidade e brandura, não tinha ainda adoçado os costumes d'aquelles honrados mas ferozes republicanos. Os réos convencidos e julgados iam ser para logo executados.

[1] Termo de F. Manuel do Nascimento, imitado do Latiniparla de Quebedo o castelhano

[2] Em todos os *Lusiadas*, acaso se topa com um termo que toda a gente não entenda, raro em Vieira, Fr. Luiz de Sousa, Thomé de Jesus, e nos melhores mestres. Para que havemos nós fazer hoje portuguez mais antigo que o d'elles?

[3] O espectaculo *vivo* dos máos exemplos é sempre damnoso, o *pintado* pela Historia póde ser mui proficuo. O vicio tem cevos e engodos que no bulicio do mundo encobrem o farpado de seu anzol; mas na téla da boa historia o engano desapparece e não póde tentar o feitiço.

[4] Toda a Africa não, que inda hoje ninguem a conhece toda apezar dos Belzonis, Mungo Parks, etc; mas toda a que então se conhecia ou que nós fizemos conhecida.

«L. Junio Bruto rodeado de lictores, — officiaes publicos a quem incumbia pôr em continente por obra os mandatos do consul, — pronuncia a fatal sentença: «O crime está provado; os accusados são réos d'alta traição; lictores feri, executae a sentença da republica.»

«A natureza não podia com mais: o consul cobriu-se o rosto com a toga... e as cabeças dos filhos rolaram a seus pés.

«Mas Roma foi salva, a rebellião affogou-se; e Junio Bruto, orfão de seus filhos, não o foi da patria. Tal é um dos maiores exemplos de justiça que ainda se deram no mundo.»

Não tirará naturalmente o nosso pupillo a moralidade d'esta historia? E não é facil conduzil-o a tiral-a bem, ainda transcendentemente? [1]

Porém nós vivemos e temos de viver em uma monarchia. Os exemplos d'aquellas almas de dura tempera [2] que, mammando o leite da liberdade, bebiam n'elle o amor da justiça, de uma justiça rude com quanto saudavel, são todavia crus e asperos em si; nosso estomago derrancado já não está para esse alimento tam forte: não temos digestão que, a tomal-o assim puro, o converta em bom chylo, de saude, — antes sahirá humor acre e corrosivo, com que venha febre e não força ao sangue, agitação mas não vida ao coração: cumpre misturar esse alimento com outro que o desencrue e embrandeça, que o faça digerivel para nós, commutavel de nosso estomago. Todos sabem em medicina que padece e morre mais gente de excesso e desordem que de falta de alimento; cuidam que não é o mesmo em moral? julgam que as funções do coração [3] e do espirito não são, a seu modo, eguaes ás do corpo do homem?

[1] Com pouco auxilio do mentor forçosamente concluirá o educando que a justiça é a mãe de todas as virtudes; que todas n'ella se contêm; que o homem que não é justo póde fazer acaso um bom feito, mas não lhe veiu do coração, cedeu a uma circumstancia a um motivo extranho á sua alma, não obrou uma virtude; que o homem justo corta por todos os motivos, não attende a circumstancia nenhuma, e obra a virtude porque em seu coração tem a justiça que lh'a manda obrar; nem perigos de vida, nem respeitos humanos, nem amor, nem odio o impedem de fazer o que elle tem por justiça e que é dever seu.

Nem mais tardia ou difficil virá a illação de que não ha maior crime que o parricidio da patria, a traição ao Estado em que nascemos e vivemos, por quem somos na paz mantidos e sustentados com leis que nos protegem, cujas armas nos defendem na guerra, e cuja auctoridade nos faz respeitar de visinhos, querer de amigos e temer por inimigos.

[2] O *feroces animæ* de Horacio, d'estes foi dito.

[3] Julgará alguem que este coração de que falo aqui é o musculo nobre do corpo a que damos esse nome?

E aqui, sem cortarmos o fio do assumpto, observemos que errado é o costume de apprenderem os meninos nas classes de latim [1] a historia dos romanos e gregos antes da sua propria, e virem familiares com os heroes e virtudes d'estes povos antes de saberem das nossas e dos nossos. Mas d'este ponto, em melhor occasião.

Vivemos na Europa christã, monarchica e civilisada. As nossas virtudes são as mesmas que as dos romanos e gregos porém mais enlaçadas umas com outras, de modo que a justiça se abraça com a clemencia, e a caridade filha da justiça abranda os rigores da mãe, sem todavia lhe cortar de sua salutar severidade. A nossa liberdade é a mesma tambem; o amor d'esse dom precioso, primeira dádiva do Creador á sua feitura mais querida, existe tanto em nossos corações como em corações de Sparta e Roma; os nossos principios de moral social não mudaram nem podiam mudar, [2] mas as nossas ideas da sociedade mudaram: não amamos, não desejamos differentemente a liberdade, mas concebemol-a differentemente; ella é ainda para nós a mesma divindade tutelar que foi para os povos da Achaia e do Lacio, porém seu templo é outro, seu culto diverso entre nós.

Não fizeram os antigos um Deus de cada virtude, e não a veneravam em separado? Nós temos um Deus com todas as virtudes, e todas adoramos n'elle. Amavam os antigos menos as virtudes do que nós? Não: concebiam-n'as diversamente.

Assim nós a respeito d'elles com a liberdade e com todas as virtudes civicas, não diversas mas diversamente cultivadas por nós. Nós concebemos liberdade sem expulsar os reis, como Bruto, nem os anivelar com os outros cidadãos, como Lycurgo; as nossas leis tiram a vida ao criminoso, mas só quando outro remedio não ha; [3] nas nossas assembleas, nos nossos comicios discutem-se leis da primeira transcendencia politica sem o ferro dos Gracchos: não temos casca de ostra para premiar o cidadão mais excellente. [4] Nem tam pouco é possivel il-os despegar da rabiça do arado para lhes dar uma pasta de ministro ou commando de general,

[1] Que é quasi a unica que se lhes ensina bem, se não por bom methodo.

[2] E não mudaram porque não podiam mudar.

[3] As horriveis excepções d'esta regra que fazem as revoluções, e as que, além d'essas, fazem os abusos do poder ou a corrupção dos magistrados, não tolhem que a regra constitucional não seja aquella.

[4] Temos ás vezes peior, um hospital, um degredo, uma forca, uma fogueira: mas para esta ingratidão publica, entre nós calca-se a lei, em Athenas cumpria-se com ella: n'isto vae a differença constitucional.

como então um bastão de dictador: os nossos homens de Estado não querem ir para a aldeia; e não ha nem triste official de secretaria que saiba plantar uma cebola.

E pois necessario que a educação forme homens de hoje; sirva-se embora de exemplos de outros tempos e costumes, porém não deixe de lhes dar, com esses, outros documentos não menos illustres e mais proficuos, os de nossa historia e da dos povos com quem estamos em contacto, e com cujas instituições se parecem as nossas. E quem emprehender essa util obra de formar um livrinho d'estes para os meninos portuguezes, no que muito e bem merecerá da patria, deverá nacionalisal-o o mais possivel, preferindo os exemplos domesticos aos alheios, ou pelo menos, comparando sempre uns com outros. Ao pé de Codro votando-se pelos seus da batalha fadada do oraculo, eu poria o infante D. Fernando sacrificando sua liberdade nos carceres de Fez em resgate dos dilacerados restos de seu exercito,[1] junto dos nobres modelos de amisade de David e Jonathas, de Castor e Pollux, etc. o do infante D. Pedro e Alvaro Vaz no desastroso recontro de Alfarrobeira; com a devoção heroica de Horacio Cocles e dos Fabios, compararia a do honrado mercador algarvio Garcia Rodrigues, de Egas Moniz e de muitos outros em que abundam as chronicas e historias nossas. Com Fabricio torrando seus legumes no fóro de Roma em presença dos embaixadores de Pyrrho que lhe vinham a offerecer ouro e grandezas, faria comparação de Duarte Pacheco mandando pisar no gral o dente do bugio pelo qual offerecia a superstição dos idólatras haveres infinitos,—e de D. João de Castro empenhando os pêlos de suas barbas aos negociantes de Goa para segurança de um emprestimo publico. Com as vinganças de Tito contaria as de João I. Nem deixaria tam pouco de apontar com os exemplos de ingratidão publica em Themistocles, Scipião, Cicero, etc., os de Albuquerque e Pacheco.

Pacheco expirando enfermo n'um hospital—talvez o mesmo a que foi morrer o vate que celebrou despeitoso a infamia de tam indigno feito!—não ficará mal ao pé do Homero esmolando pela Achaia. E o obulo que tinia no elmo de Belisario ás portas de Byzancio, não soará mais n'alma do innocente pupillo do que o ceitil chorado, que mal se ouvia cahir na andrajosa gôrra de Jáo Antonio. A virtude republicana da mãe dos Gracchos não parecerá mais sublime que a devoção monarchica da matrona portugueza, armando com suas mãos os tenros filhos para a tam arriscada quanto gloriosa Restauração de 1640. E até a culpada mas nobre vingança de Sertorio e Coriolano, se não vae de par, é porque não é tão nobre [1] como a de Magalhães.

De virtudes publicas, de virtudes privadas, de devoção filial, de amor paterno, de vicios, de crimes, de tudo ha exemplos e documentos na historia, que moralmente considerada é uma collecção de observações e experiencias feitas pelo decurso de seculos sobre a natureza do homem e o estado social, e das quaes por simples analyse se podem tirar as mais seguras regras da vida e os mais solidos preceitos de moral.

Não posso deixar de transcrever n'este ponto de minhas reflexões, algumas linhas (que as documentam) de um livro em que certamente ha grandes erros, como em todos os livros dos homens, grandes e perniciosas exagerações, mas em que tambem ha muita e sublime verdade: quero falar do *Emilio*, de Rousseau, e não me pejo nem me arreceio de dizer que é um dos melhores e dos peiores livros que jámais foram escriptos. Eis aqui a passagem citada:—«Cumpre estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade: quem se metter a tratar em separado a moral e a politica jamais entenderá de nenhuma d'ellas. Limitando-se primeiro ás relações primitivas vê-se como ellas *affectam* os homens, e que paixões d'ahi nascem; vê-se que reciprocamente e pelos progressos das paixões é que estas relações se multiplicam e estreitam. E' menos a força do braço que a moderação do coração a que faz os homens independentes e livres. Quem deseja pouco, depende de poucos: mas confundindo sempre nossos vãos desejos com nossas precisões physicas, os que puzeram n'estas ultimas os fundamentos da sociedade humana, tomaram sempre os effeitos pela causas e não fizeram mais que enredar-se em seus proprios raciocinios...

[1] D. Fernando não ficou passando «a vida de senhora feita escrava» nem preferiu morrer nos carceres de Fez para se não entregar aos Mouros a «forte Ceuta,» segundo d'elle cantou a poesia. Pela Historia sabemos que muito desejou ser resgatado a todo preço, e que muito o quiz resgatar seu irmão D Duarte ainda a troco de Ceuta: as côrtes—que agora dizem nenhum poder tinham—e que não quizeram. Mas isso em nada diminue a valia e nobreza do sacrificio do infante quando generosamente se offereceu para ser arrefens por seu irmão D. Henrique e pelo resto do exercito que ia perecer, e que só elle com essa generosidade salvou.

[1] Quanto mais nobre é o despique de quem se vae immortalisar para longe de uma patria que o não quer, do que a vingança do que vem com armas civis ou estrangeiras punil-a do que elle tomou por offensa! Camões foi muito injusto com o infeliz Magalhães.

«Se não tratassemos senão de mostrar á juventude o homem por sua máscara, nem mostrar-lh'o era preciso, elles o veriam de sobejo: mas pois que a máscara não é o homem, e que não convem que os seduza seu verniz; quando lhe pintardes os homens, pintae-lh'os como elles são, não para que os aborreçam, mas para que se condôam d'elles e não queiram assimilhar-se-lhes. E' quanto a mim, o mais bem entendido sentimento que o homem póde ter a respeito de sua especie.

«Com esta mira, importa agora tomar opposta vereda á que até aqui seguimos, e é «a de instruir antes o educando pela experiencia alheia que pela sua propria.»

Havendo considerado os inconvenientes de observar o homem na sociedade *viva*, e por seus proprios olhos, accrescenta mui judiciosamente: — ... «Para pôr o coração humano a alcance do pupillo sem risco de estragar elle o seu, quizera mostrar-lhe os homens de longe, mostrar-lh'os em outros tempos ou em outros logares, de sorte que elle podesse vêr a scena sem nunca poder ser actor n'ella. Eis aqui o momento da historia: por ella é que hade lêr em corações sem haver mister das lições da philosophia; por ella os verá como simples espectador, sem interesse e sem paixão, como seu juiz e não como seu cumplice nem accusador.» [1]

Depois d'estas e de algumas outras fortemente pensadas reflexões, o educador de *Emilio* passa em rapida resenha os historiadores antigos, e excluindo absolutamente por inutil e prejudicial toda a historia moderna, [2] parece escolher [3] d'entre aquell'outros para primeiro livro do seu pupillo a Plutarcho. — Prefiro antes, diz elle, a leitura de vidas particulares para começar o estudo do coração humano; porque ahi, embora se occulte o homem, o historiador o segue e alcança sempre; não lhe deixa um momento de repouso, nem canto onde se esconda, para evitar os olhos penetrantes do espectador; e quando elle melhor escondido se julga, então mais e melhor o faz conheeer o outro. — Os que escrevem Vidas, diz Montaigne, porquanto mais se deleitam e entretêm a contar dos conselhos que se tiveram em casa, que dos successos que passaram por fóra; assim me são esses mais proprios e serviçaes; e eis ahi porque o meu homem, cá para mim é Plutarcho.» [1]

[1] *Emil.*, Lib. IV

[2] Ibidem.

[3] *Parece*, digo: Rousseau é sempre sceptico, e entre muitas opiniões que dá, rara vez se colhe qual elle adopta. N'este caso parece seguir o voto de Montaigne que cita.

E eu por mim creio que nem Plutarcho, que é só biographo da Antiguidade, nem um Plutarcho moderno, em que se juntassem com os Varões illustres d'então os dos tempos d'agora, devia ser o primeiro livro do educando. Factos memoraveis soltos, é que

FRANCISCO DE LUCENA

devem compôr a primeira parte d'esta nossa anthologia moral; na segunda virão mui propriamente as vidas inteiras, mas resumidas, de Homens celebres, antigos e modernos: essa sim, essa deve ser um *Plutarcho da mocidade*, se permittem a expressão, no qual em vez de factos de historia destacados, tenhamos já a narração seguida de um vida toda.

Procedendo n'este systema e trabalhando ao mesmo tempo na perfeição do moral e rudimentos do intellectual, viremos a ensinar-lhe a historia pelo methodo mais natural, o experimental e analytico, o que indica mas não explica Rousseau, o methodo por que a Historia se foi colligindo e escrevendo desde o principio. E certo, primeiro recordou ella

[1] Affeitei este stylo mais antiquado e redundante para o assimilhar com o dos nossos moralistas velhos do tempo e tempera de Montaigne.

um acontecimento notavel, [1]—depois a vida de um individuo celebre,—d'ahi as memorias de uma familia,—logo a chronica de uma cidade,—então os fastos de um povo ou districto, [2]—emfim a historia de uma nação.

Será todavia mais proveitoso ainda, se n'este estudo combinarmos os dois methodos; [3] o que nem impossivel nem difficil é. Já nos primeiros annos da puericia aprendeu o nosso pupillo, folgando e brincando, [4] os principaes pontos chronologicos: ao lêr agora estes factos dispersos e biographias, podêmos, sem grande trabalho, ir-lhe classificando uns e outros pelas epocas geraes que elle já sabe; e por este systema composto, no immediato periodo da edade, [5] com os seus mappas, e com as explicações geographicas e chronologicas que então lhe daremos, ficará habil para lêr e entender qualquer livro de historia.

Com este fito, combinando as inseparaveis, mas distinctas, educações do coração e do espirito, devemos ensinar todos os primeiros rudimentos historicos que na presente epoca têm de ensinar-se.

CARTA SEPTIMA

Continuação do mesmo assumpto—Modificação e ampliação que se deve fazer no estudo da Historia, considerada como complemento da educação moral: applicação que requer a educação do principe.

MINHA SENHORA:

A historia é perfeição e complemento da educação moral porque nos serve como de

[1] O primeiro passo que deu a Historia foi levantar padrões ou monumentos rudos e hieroglyphicos taes como inda hoje se vêem no Egypto, e se acharam no Peru e em paizes muito menos civilisados.

A biographia de um heroe, como Hercules por exemplo, foi certamente o segundo passo da historia, legendas de familia notaveis, como a dos Atridas ou dos Heráclidas, o terceiro : antes das *Musas* de Herodoto já a historia tinha dado o quarto e quinto passo em chronicas de cidades e fastos dos povos: V. Κλειώ, H. I—V. Se recorrermos aos codices sagrados, acharemos na collecção dos livros hebraicos quasi a mesma progressão.

[2] Povo ou districto vale o mesmo na phrase e acepção dos escriptores antigos. *Populus* era como divisão de nação : assim vemos Turdulos, Turdetanos, Vetões etc., comprehendidos sob a designação generica de Lusitanos. Mais exactamente: Povos eram *familias* que tendo crescido até *tribus*, e occupando já um districto consideravel, tinham cada uma nome seu proprio, e o ficaram conservando apezar de se aglomerarem em *Nações*.

[3] Analytico e synthetico.

[4] Com os jogos mencionados a pag. 302, Carta III. Part. II, d'esta obra.

[5] A adolescencia.

espelho em que nos estudamos a nós, estudando os nossos similhantes, e fielmente nos retrata a fealdade de nossos vicios e a belleza de nossas boas qualidades. Assim vemos, segundo a expressão de um auctor celebre, [1] a scena do mundo sem precisarmos de ser actores n'ella: isolados [2] da electricidade das paixões, as podemos observar em todos os periodos de sua effervescencia e analysar-lhe os progressos, como o alchimista com sua mascara de vidro manipulava tranquillamente os mais subtis beneficios do segredo «maximo». [3] N'este sentido lhe chamaram mestra da vida, corôa de toda a sciencia, e tantos outros epithetos de distincção e apreço os mais profundos moralistas e consummados philosophos de todas as seitas e religiões. [4]

E por esta mesma idea que da Historia, considerada como estudo moral, foi sempre feita, se vê que alguma differença deve haver no modo de a ensinar, segundo differe a posição do que a estuda. Se é licito atar outra vez a linha da metaphora que acima usei desenvolvel-a mais, ou antes convertel-a em mais circumstanciado simile, comparei a Historia [5] ao espelho em que nos miramos e cuja posição está em nosso poder variar,—a moral que pela Historia estudâmos, á luz que é constante e que em nossa mão não está alterar, - e a posição social em que nascêmos ou temos de viver, á posição physica, em que nos achamos quando tomamos o espelho da qual mil circumstancias nos podem impedir de nos movermos. Fixa pois de sua natureza a luz, a moral,—fixa pelo acaso e circumstancias nossa posição, a classe social em que nascemos,—não nos resta liberdade de movimento senão para o espelho, a Historia: a esta moveremos e collocaremos de maneira que fique em justa-posição para a luz e para o raio visual.

Quererá dizer isto que em nosso poder esteja alterar a Historia? Mas ella deixaria de ser historia desde que essa possibilidade existisse! —Quererá dizer que o devamos fazer tão pouco? Mas ninguem tirará nenhuma d'estas conclusões; e é ocioso, se não ridiculo, refutal-as. Quer dizer que nem para todos os pupillos indistinctamente devemos

[1] Rousseau no *Emilio*, laud. loc.

[2] *Isolados* em technologia de physicos e chimicos.

[3] Assim designavam os alchimistas, os Rosa-cruzes e todos os outros impostores e fanaticos da sciencia occulta, o segredo da cabala, a pedra philosophal, e todas as operações mysteriosas que com ella tinham connexão.

[4] Basta para contraste citar dois tão celebres como Cicero e S. Agostinho.

[5] Moralmente considerada.

sempre abrir a mesma pagina da historia; que em tal posição social estará um, que mais sobre este genero historico lhe cumpra demorar a attenção; em tal outro, que por aquelle ponto devamos passar rapidos para o fixarmos todo sobre est'outro.

Mas nem se cuide que tantas e tão variadas sejam estas diversas posições que demandam variedade de ensino historico. As relações de familia são eguaes para todo o homem: egual portanto é a posição natural ou social absoluta; [1] todo o homem é filho, ha de ser esposo e tem de ser pae. Identicas são as relações religiosas; [2] todo o homem está para com Deus na mesma posição. As relações sociaes são pela maxima parte as mesmas tambem; mas nem todas: e aqui vae a principal distincção; todos os cidadãos estão na mesma posição para com a *cidade* mas a respeito do Estado o grande numero é subdito, e um é o soberano. [3] E esta é a capital diversidade de posição que, assim como em outras coisas, exige diversidade no ensino da Historia.

O sexo requererá a seu tempo e quando mais declarado estiver, certas modificações não alterações: por ora a futura posição social é a unica variação positiva e bem marcada que temos.

Esta diversidade porém não exige (bem fóra está d'isso) que seja inteiramente diverso o methodo por que se ensine a historia moral. O soberano é cidadão como o subdito, e só differe moralmente d'elle em ter maior numero de obrigações e por consequencia maior numero de direitos [4] em serem mais restrictas aquellas e por consequencia mais fortes estes. A diversidade é numerica e não de qualidade, —ou, em mais rigor de phrase, o principe moralmente não *differe*, em nada, e *excede* em muito ao subdito.

Se vou direito em meus raciocinios e não concebo erradas estas noções moraes e sociaes, ou não erro em seu desenvolvimento e applicação ao ponto em que estamos, —a

[1] Natural ou social-absoluta é-a mesma coisa. Podemos abstrahir o homem do estado social-relativo ou positivo, e consideral-o no social absoluto ou no natural n'esse sentido: mas abstrahir para um estado pretendido natural que é contra a natureza do homem ao homem essencialmente social consideral-o abstractamente da sociedade—é theoria inutil e que póde ser perigosa.

[2] Em quanto pura e absolutamente religiosas.

[3] Nos governos em que o chefe do Estado não é só um individuo, aquelles que exercem a soberania não são individualmente senão simples cidadãos, pois o soberano é o corpo collectivo e não as pessoas que o formam.

[4] Todo o direito nasce ou resulta de uma obrigação, e vice-versa

Historia [1] deve ser uniformemente ensinada a todos pelo methodo que expuz. [2]

Esta regra não tem excepção nenhuma, mas tem uma ampliação e uma modificação: ampliada deve ser na educação do soberano, modificada na educação feminina. [3] E quando em uma mesma pessoa concorrerem as circumstancias da ampliação e da modificação, teremos de combinar uma terceira especie em que ponhamos as duas primeiras em harmonia uma com outra, e as equilibremos para que se não destruam mutuas.

São talvez abstractas de mais estas linhas; não podiam deixar de sel-o: tratemos de as contrahir e de as tornar mais claras e faceis pela applicação.

Ficou estabelecida na carta precedente a regra do ensino historico moral, como complemento que é da educação do coração. Não se exceptua d'esta regra a instituição do principe, porém deve amplial-a. O principe é *tudo* o que é o subdito; e como elle deve estudar o coração humano, ver em pratica os effeitos da virtude para a amar, e as consequencias do vicio para o aborrecer. Mas o principe é *mais* do que o subdito; e por tanto é mais amplo e circumstanciado o quadro de experiencias que tem de se lhe mostrar, e mais appropriado á sua posição.

Carece pois o nosso livro historico uma ampliação; pôr lhe-hemos uma terceira parte para a educação do soberano. Esta será um *Plutarcho de Principes*, uma collecção de vidas de reis, imperadores e chefes de Estado, que extrahiremos de toda a historia antiga e moderna, mas especialmente da nossa. As virtudes e vicios dos bons e dos máos reis, os crimes dos tyrannos, as fortunas de uns e a infelicidade dos outros, tudo será de proficua lição.

Diga-lhe a historia dos Judeus os primeiros felices dias do reinado de Saul contados por actos de justiça e clemencia; diga-lhe seus derradeiros amargurados dias de perseguição, de remorso, de guerra civil, terminados em violenta e desastrosa morte. Conte-lhe as virtudes e os crimes de David, a sabedoria e desvarios de Salomão, o reino dividido e perdido pela fraqueza e vicios de Roboão, as tyrannias e o castigo de Achab e Jezabel.

Não lhe mostrará a historia dos Egypcios as legendas de Isis e Osiris nem os contos da Menes, [4] nem as confusas memorias dos

[1] A Historia como elemento moral, repito.

[2] Na carta antecedente, VI. Parte II.

[3] Veja a carta IX. Parte II.

[4] Desde este até Psamnitico se contam os tempos *heroicos*, isto é, semi-fabulosos da historia egypcia,

«Reis pastores», ou do fastoso e literatto [1] Osymandias ou da cruel Nitocris, —que todos esses pouco mais sabe ella hoje que os nomes: mas já em Sesostris, apezar das fábulas que lhe envolvem a chronica, póde mostrar o conquistador e o civilisador. D'ahi passando pela anarchia dos «doze reis», pelas astucias de Apries, pela involuntaria elevação de Amasis e o tragico fim de seu filho, até á dominação persa, — depois envolvido nas conquistas de Alexandre, chamado a independente existencia pelos Ptolemeus, e absorvido a final no golphão da dominação romana, e de então até hoje passando de conquista a conquista, de senhorio a senhorio, — o Egypto offerecerá ao nosso pupillo um dos mais ferteis campos da historia antiga que póde arar a moral.

Da historia dos Babylonios pouco mais temos que uma árida nomenclatura. A ruina de Nebonedio ou Nabonit, que a Escriptura chama Baltazar, é o derradeiro e o mais interessante facto d'ella que nos chegou.

Dos Medas seus conquistadores não escapou mais ao tempo. De Astiages ou Assuero ou Ahasuero, o mais que sabemos é por uma chronica destacada nos livros historicos do *Velho Testamento*. [2] Pelo mesmo anda o que temos de Syrios, Assyrios, Phenicios, etc.

A todos estes e a outros menos importantes povos do Oriente reuniram os Persas sob sua dominação. E aqui já temos grandes documentos nos Cyros, nos Cambyses, nos Darios, nos Xerxes e Artaxerxes, e em toda essa longa serie de soberanos que a Grecia designava pelo nome pomposo de Grandes-reis.

D'essa rica e variada historia da Grecia e Roma, d'essa historia por excellencia, em que não ha virtude nem vicio do coração humano que não tenha seu exemplar, está já quasi toda feita a escolha nas *Vidas* de Plutarcho [3]: e com este e com Cornelio-Nepote será leve nossa tarefa, que toda consistirá em cortarmos onde é longo para a attenção de tão poucos, ou em lançar mais espesso véo onde o muito nú da pintura offenderia olhos tão innocentes, ou em rectificar uma e outra opinião fabulosa [4] que a cegueira dos tempos e o supersticioso da religião, a despeito da philosophia, deixou passar.

Os *Parallelos* de Plutarcho não são inda para esta edade, e não trataremos de os accommodar por ora ao uso e comprehensão do nosso educando [1].

A historia do Baixo Imperio, que é a da decadencia romana e aviltamento grego, não é talvez menos rica seara para nossas colheitas: com Gibbon e Montesquieu na mão, palparemos por essas trevas de vicio e atrocidades, em busca de raras virtudes que todavia por ahi luzem, como por noite tenebrosa brilham as mal-semeadas estrellas em céo negro e feio. E desde Constantino, que (justa ou injusta) a posteridade chamou o grande, até o derradeiro Constantino — (quasi brinco do fado que tambem no Occidente acabou em Augustulo, o que em Augusto começára) o que ahi vae de exemplos e de lições para reis e principes! Que theatro para dissecar todos esses cadaveres historicos e anatomisar o coração humano! Que autopsias em Juliano, em Justiniano, em Theodosio! Já não é Roma, mas ainda é sua grande sombra. Não cheguemos até os Paleologos, aos derradeiros tempos de prostituição e infamia, á força de repetidas abominações e horrores, essa historia é monotona e aborrecida. De tudo isso nada ha que apprender, são as agonias de um grande povo cansado de viver, fatigado de vicios e deboche, suicidando-se sem coragem, e luctando nas ancias do passamento sem resolução para voltar á vida, nem animo para affrontar com a morte.

A mão vigorosa dos barbaros dá por terra com esses dois imperios d'Occidente e Oriente, mas no Occidente meio conquistados os vencedores da civilisação dos vencidos, no Oriente destruindo o escaso resto d'ella que ainda acharam, estes abraçando a religião dos seus escravos, [2] aquelles impondo-lhes a sua [3] — appresentam quadro novo e cheio de nobres e interessantes figuras, das quaes não poucas devemos copiar para o nosso *album*, de moral, e enriquecer com ellas o «exemplar historico para principes». Desde Attila, o açoite de Deus, até Rodrigo, o derradeiro dos godos, por toda a Europa e muita da Africa e Asia nos apparecerão os grandes homens d'este povo extraordinario, barbaro até na civilisação, barbaro em suas proprias

Em Psamnitico começa o que já designâmos «tempo verdadeiro», 2339 annos depois do diluvio — se taes chronologias são certas.

[1] Sôbre o portal de uma bibliotheca que edificára em Memphis, Osymandias mandou gravar esta inscripção ψυχης ιατρειον, *remedio d'alma*

[2] O livro d'Esther.

[3] Nas Vidas de Plutarcho temos, além d'essas as de muitos barbaros tambem.

[4] Que não são raras no proprio Plutarcho; tanto os maiores homens são sempre tocados de preconceitos do seu seculo.

[1] Em seu logar conveniente falaremos mais d'espaço d'estes celebrados *Parallelos* de Plutarcho.

[2] Os Godos, Hunnos etc. que avassallaram o Occidente.

[3] Os Arabes, Turcos, etc. que subjugaram o Oriente.

virtudes. Desde o propheta de Meca até o ultimo hassan[1] de Granada que exemplares n'esses califas de Bagdad, que heroes n'esses soldões no Egypto, que documentos para a moral em toda essa longa historia de conquistadores sanguinarios, de reis pacificos, de monstros de intolerancia e crimes, de modelos de virtude e arte de reinar!

Todas essas historias porém somente são nossas por serem as das nações nossas progenitoras, ou se enlaçarem com a nossa. Mas a historia nossa propria, e da qual mais cumpre tirar bons documentos para a educação de um principe, é a dos povos que hoje vivemos e que todos, por similhança de instituições,[2] communhão de religião, parentesco de sangue e affinidade de linguagem, todos nos parecemos mais ou menos uns com os outros. Os Carlos e Luizes de França, os Alfredos e Henriques de Inglaterra, os Maximilianos e Sigismundos e Leopoldos de Allemanha, os Gustavos de Suecia, os Erics e Christiernos de Dinamarca, os Fredericos de Prussia, os Guilhermes de Hollanda, os Wenceslaus de Polonia, os Ladislaus de Hungria e Bohemia, os Iwens e Pedros da Russia, os Fernandes e Philipes de Castella, os Affonsos e Joões de Portugal são em geral os melhores exemplares para um principe moderno; especialmente para cada um, os de seus antecessores; e individualmente em nosso caso, os de nossos reis portuguezes, que em oito seculos de monarchia por variadas fortunas, em tempos de grandeza e de miseria, de gloria e de vergonha nacional, nos deixaram documentos para toda a lição de moral experiencia, em virtudes e vicios domesticos, em virtudes e vicios de reis, em tudo quanto para modelo ou escarmento precisa de apontar a educação de um principe.

Não ha discipilina que mais aproveite a um soberano do que esta. Quando não fosse mister ensinar a historia a todos os homens, sempre devera ensinar-se aos principes; disse o eloquente Bossuet. Ella lhe formará melhor o coração do que todos os tratados de moral, fal-o-ha mais religioso que todos os livros mysticos, ensinar-lhe-ha mais politica e arte de reinar[3] do que todas as institutas de direito publico. E observe-se que o laço intimo que prende a educação moral á do espirito aqui é mais estreito e arrochado: com as reflexões moraes, que é officio principal do mentor fazer no ensino da historia n'esta epoca da educação,—agora já deve ir manso e manso juntando suas observações politicas sobre as instituições dos povos, suas leis, costumes e caracter. Diz Rousseau, no logar que já citei, ser o estudo da moral inseparavel do da politica: se isso é alguma vez rigorosamente exacto, é quando se trata da educação de um principe. N'essa todavia,

MADAME DE STAEL

bem como em qualquer outra educação, cumpre tomar tento com a historia antiga e seus exemplos, que a não «traduzam á lettra» e queiram ser cegos imitadores do que para nossos habitos e modo de ser hodierno é impraticavel: não tenhamos Carlos XII querendo fazer de Alexandre Magno em nossos tempos prosaicos. A historia tem seu romance como as novellas; e a exaltação do maravilhoso verdadeiro póde fazer Quixotes como o fingido.

Assim deverá caminhar o real pupillo pelo variado campo da historia, colhendo as flores e os fructos, arrancando os espinhos e abrolhos, evitando a relva enganosa em que se esconde a serpente, fugindo a varzea florida em que viça a *cicuta*, não desprezando o arido sequeiro por onde cresce a mandragora, e examinando tanto a encosta cultivada onde loureja a espiga ou purpureia o racimo para alimento e gôso da vida, como o alcantil bravo e fragoso onde se acha o musgo medicinal para remedio da saude. Caminhe assim n'esta viagem á volta do mundo,

[1] Muley Aben Hassan expulso por Fernando e Izabel em 1481.

[2] As instituições politicas de todos os povos que se elevaram das ruinas do imperio romano no Occidente são quasi homogeneas. Veja, entre outros, a Robertson na introducção á historia de Carlos V., talvez o mais elegante e profundo trato de historia que modernamente se tem escripto.

[3] Nos commentarios aos primeiros livros de Tito Livio por Machiavelo, ha mais profunda e fina politica do que no seu *Principe*

e venha acabal-a em seu paiz: venha rematar o estudo moral da historia com a historia da sua nação, a qual mais que todas as outras lhe hade aproveitar.

CARTA OITAVA

Continuação do mesmo assumpto. Applicação dos principios estabelecidos á educação de um principe portuguez;—como se lhe deve ensinar a historia de seus avós.

Minha Senhora:

Não me deterei mais em generalidades, nem examinarei agora como em cada paiz deveriam ensinar a seus principes os primeiros elementos da historia nacional; mas virei direito á minha especie. A um principe portuguez temos de ensinar rudimento de historia portugueza, como elementos e para complemento de sua educação moral: d'essa trataremos sómente.

O methodo certamente vicioso com que pelo geral está escripto o mais que de nossas historias temos, é n'este caso o proprio e recto. Por vidas de reis e chronicas de seus feitos foram escrevendo nossos historiadores, em vez de marcar suas epochas e divisões pelos acontecimentos notaveis que alteraram o «modo de ser» da nação; fizeram a chronica de uma familia em vez da historia de um povo. Mas para nosso fim presente, a chronica convem mais que a historia: o plano de Suetonio, de Tacito e de Plutarcho serve-nos melhor que o de Thucidides e Tito-Livio. E se todas as nossas chronicas fossem tam miudas e privadas como a de Gomes de Azurara, Fernão Lopes e Rezende, ainda mais nos conviriam.

Deixaremos portanto n'este caso todos os periodos obscuros e mal investigados da nossa historia, deixaremos o *antiquissimo* e contentar-nos-hemos de começar pelo *antigo*; será a historia portugueza, sem nada da lusitana, a que nos dará materia para formarmos o nosso livro.

Mas, posto que seja todo moral o nosso fim, não ha motivo para que não dêmos alguma attenção á chronologia, com que já iremos ajudando a educação do espirito sem prejudicarmos a do coração.

Começaremos pois dizendo-lhe esse pouco que sabe a historia do nobre e valoroso cavalleiro D. Henrique, tronco illustre da real casa portugueza.

Contaremos de Affonso Henriques, o heroico fundador de Portugal, que já coroado pela victoria e não satisfeito do suffragio e eleição do exercito, se rodeou dos magnates e representantes do povo para lançarem os fundamentos á monarchia mais legitimamente [1] constitucional e representativa de toda a Europa, pois que da sua primeira origem e creação o foi. Diremos a firmeza do grande Affonso em manter a supremacia do poder civil e não tolerar usurpações ecclesiasticas, seu zêlo pela independencia nacional, sua constancia no captiveiro, sua religião sincera. [2] Mas tambem não deixaremos de notar a falta de piedade para com sua mãe, que a politica desculpou talvez, mas que nunca hade justificar a moral. E quem nomeará Affonso Henriques, sem falar de Egas Moniz, d'esse primeiro illustre exemplar da lealdade portugueza? Chegámos — em mal! —a tempos de ser escassa entre nós a virtude que já nos caracterizou no mundo:— memoremos com gloria e com vergonha seus documentos.

Em D. Sancho I veremos unidas com as virtudes guerreiras, as virtudes pacificas do pae-de-familias, do pae do seu povo, que em sua prosperidade e dilatação vigiou sempre e mereceu da posteridade agradecida o nome de «Povoador».

Máo irmão, cubiçoso e duro, D. Affonso II apparece todavia na historia, como esforçado cavalleiro, cioso mantenedor da auctoridade civil, pela qual tão nobremente resistiu ás pretenções do clero e de Roma.

Com o desventurado Sancho (Capello) II, foi injustissima a historia. Pintam o rei indigno, froixo e cobarde: D. Sancho não o foi; de seu pae herdou as desavenças com o clero, e as disputas com a usurpadora côrte de Roma,— sustentou-as como filho e como rei: a tenção era nobre, mas demaziada para as forças d'elle. Seu caracter brando e pacifico, seu amor das letras e do estudo, o entregaram desarmado nas mãos da tyrannia papal e do orgulho dos seus vassalos [3] analphabeticos, que mais queriam um rei cavalleiro e capitão, por tyranno que fosse, do que um principe bom e humano, que só sabia de livros e sciencias, imbelle mester de clerigos e monges que por esses tempos era fidalgo desprezar. D Sancho, ameaçado pelo ambicioso Innocencio IV, abandonado e perseguido dos seus, resistiu ainda

[1] Se é que as palavras legitimidade e legitimo ainda significam alguma coisa *hoje*.

[2] D'elle referem chronistas que da Biblia fazia sua ordinaria leitura. Talvez *hoje*, no XIX seculo se não reputasse tam orthodoxa esta pratica como no XI.

[3] Digo *vassalos* no sentido d'aquelle tempo, grandes feudatarios, senhores poderosos que rendiam vassalagem á Corôa, mas com suas riquezas e poder coarctavam, quando não dominavam, a auctoridade real.

assim nobremente, mas afinal foi expulso e esbulhado do throno pela prepotencia do papa. Exule na terra estranha, resignado emfim, tranquillo e satisfeito, e, como outro Diniz de Syracusa — mas sem os remorsos do tyranno da Sicilia — consolando-se na conversação das lettras da perda de uma corôa que tanto lhe magoára a fronte... D. Sancho Capello é verdadeiramente um espectaculo de mostrar a principes.

Oh! se a côr do despeito e nobre indignação não afoguear a face do joven Soberano portuguez ao lêr as affrontas d'este seu illustre avoengo... ou não tem coração, ou não o tem para principe. Mas se ao vêr a nobre constancia e heroica devoção de Martim de Freitas, d'esse modêlo de lealdade, se ao ouvir tinir as chaves do castello de Coimbra sobre a loisa sepulchral de Toledo, seus olhos se não arrazarem de lagrimas, seu coração não bater de gratidão e respeito [1] por tal subdito, por tanta fé... esse coração nem é de homem nem de rei, — e ai do povo a quem tal rei se prepara!

Homem e rei foi Affonso III, que honrou e recompensou essa fidelidade que tanto em seu proprio damno se illustrára. Rodeado de leaes conselheiros mas sem valido, justo, activo, vigilante, — a posteridade lhe chamou grande monarcha. Mas dispensa o solio das obrigações do thalamo, ou servem as virtudes do soberano de compensação para os crimes do homem? Não. D. Affonso foi máo e ingrato esposo: as lagrimas da desamparada Mathilde ahi lhe estão ressumbrando ainda com indeleveis nodoas nas paginas mais brilhantes de sua historia.

O maior elogio de D. Diniz, a mais lisongeira chronica que de seu reinado se podia dizer, fel-a a posteridade no appellido que lhe deu. DINIZ O LAVRADOR: — não ha eloquencia de Plinio que faça melhor panegyrico, nem virtudes de Trajando que o mereçam egual.

De Affonso IV e seus conselheiros não sei qual é mais illustre e de louvar — se o nobre e memoravel SENÃO d'aquelles honrados velhos, se a generosidade do moço rei, que ouvindo-o ao principio com despeito, soube depois reflectir e tomál-o por bom serviço, e de leaes animos que era. [2]

Quem tal ouviu e tal fez, não podia deixar de ser grande rei: foi-o D. Affonso. O sangue innocente da bella Ignez de Castro inda lhe chama cruel e tyranno; chama-lh-o nosso coração quando lê, entre indignado e enternecido, o canto dos vates [1] que celebraram e choraram tam lastimoso fado. Mas D. Affonso não era cruel: cedeu por velho e abatido, cedeu a escrupulos de religião, cedeu a crueis razões d'Estado.

Pedro *crú* ou Pedro *justiceiro* chamaremos nós ao primeiro d'este nome sempre illustre em Portugal? Chamemos-lhe ambos, que ambos foi, *cruel* não, que o não sabemos de seu animo ou acções: acaso demaziou a severidade até á crueza, mas não a embruteceu até á crueldade. Só no castigo de Pacheco talvez degenerou n'essa ultima; — mas se para taes acções ha desculpa, quanta não tinha o amante de Ignez! [2]

A chronica de D. Fernando, cuja leviandade de cabeça e devassidão d'alma trouxeram Portugal á ultima ruina, — é um dos mais interessantes quadros moraes de nossa historia. O duplice adulterio de Leonor, o aleivoso assassinio de Maria Telles, as desgraças de Beatriz, o memorando castigo do conde Andeiro, são terriveis documentos das funestas consequencias d'um reinado immoral e dissoluto.

[1] Respeito sim: subditos d'estes, até o soberano os deve respeitar.

[2] Citarei, apezar de mui sabida e citada, esta passagem de Duarte Nunes na Chronica d'aquelle rei: é das que nunca se repetem e recordam de sobejo:

«E nos começos de seu reinado, como elle (Affonso IV) era muito inclinado a caça & a monte, & o cargo de gouernar tam trabalhoso, descuidauase algum tanto do gouerno, & de ouuir as partes de que hauia algus queixumes. Pelo que indo el-Rei de Lisboa ao termo de Sintra a caça, onde esteue perto de hum mes, a tempo que tratava em conselho negocios de importancia, sobre o regimento do reino, uendo os do conselho quam mal se hauia naquelles começos por húa liuiandade, quando veo e tornou ao conselho, despois que elle fallou o que passara na caça, hum dos conselheiros, por accordo de todos lhe dixe: Senhor, deueis de emendar a ordem que leuais, & lembraruos que nos sois dado por Rei para nos regerdes, & por isso vos damos nossos tributos, & mantemos na honra em que staes, & vos tomais a caça por officio, & o gouerno de vosso reino por passatempo, sendo certo que Deus não vos hade pedir conta dos porcos, ou veados que não matastes senão das partes que não ouuistes, & dos negocios de vossa obrigação que não despachastes, como agora fizestes, que stando no meo de cousa tam importante aa Republica, deixastes o conselho, em que ereis tam necessario, & fostes aa caça per tantos dias, e nós aqui ociosos sperando por vós. Leuai outro caminho & senão ... El-Rei que de sua condição era agastado e brauo, como tinha por sobrenome, ouuindo palaura tam insolente respondeu mui indignado: Senão? Ao que todos os do conselho responderão: Senão buscaremos Rei que nos gouerne em justiça. & não deixe de gouernar seus vassallos por andar apos as bestas feras. A isto respondeu el-Rei mais indignado: Os meus me hão dizer a mi senão? a mi senão? A vós (dixerão elles) todaslas vezes que fizerdes o que não deveis. El-Rei se saio do conselho mui irado, & suspenso do que faria. Mas cuidando de pois, que lho dizião por seu serviço & por o que lhe conuinha, teueos por boõs seruidores. D'esta maneira usauão os conselheiros daquelles tempos passados, liures da auareza, ambição & luxo dos tempos presentes. Por que se contentauão comhúa vida simples, & santa sobriedade. Pelo que como comião, vestião, & edificauão com pouco, não tinhão necessidade de muito: nem trazião com seus Reis continuos requerimentos per que perdessem a liberdade, que é o fundamento & a alma dos conselhos.»

Duarte Nunes de Leão. Part. I das Chron., Chronica de D. Aff. IV. pag. 80 e 81, ediç. de Lisboa de 1774.

[1] A posteridade associou para sempre o nome de Camões ao de Ignez de Castro. Tem ella sido justa em não pôr, ao menos a par, o de Ferreira que primeiro cantou de seu triste fado?

[2] Uma das mais delicadas graduações ou matizes synonimicos da bella lingua portugueza é a distincção entre cru e cruel, etc. A crueza é um excesso vicioso de severidade, a qual envolve justiça; mas a crueldade, é essencialmente injusta. Aquella é a demasia de uma virtude que já o não é; esta é um requinte de maldade que sempre o foi.

Com a raça Joannina, que no mestre d'Aviz teve principio, começam as fortunas e gloria de Portugal, e sua verdadeira edade de ouro. Na vida de João I, esforçado, generoso, magnanimo, o Tito e Henrique IV dos portuguezes, na de sua excellente esposa e leaes amigos Nun'alv'res Pereira, e João das Regras, temos vasta e variada licção de todas as virtudes.

Nenhum rei de Portugal, talvez nenhum rei da terra, deixou seu throno rodeado de prole tam excellente e generosa. Apezar do breve reinado de Duarte, os portuguezes tiveram ampla vista de seu coração angelico onde morou toda a virtude. E que exemplares para a educação de um principe na resignação e patriotismo de Fernando o martyr da patria, no civismo e fortalaza de João o prudente, nos talentos varonis da politica Isabel, no vasto e profundo engenho de Henrique o pae da civilização moderna, e em fim nas virtudes sem par de Pedro o legislador, o patriota, o symbolo da honra, da lealdade, da amizade!

Affonso V foi ás ruinas de Carthago colher os louros de Scipião. Chamaram-lhe africano por essas victorias; deviam chamar-lhe carthaginez por sua fé toda punica, e desleal ingratidão. O sangue civil de Alfarrobeira, o sangue de seu tio, de seu sogro, de seu mentor, de seu bemfeitor, de seu pae (que tudo e mais lhe era o Duque de Coimbra) clamará por toda a posteridade contra a gloria de Affonso. Seu coração não era máo, porém facil e inconstante, — que peior deffeito não póde ter um rei. Nem melhor era sua cabeça: as guerras da Excellente Senhora, a louca visita ao Nero da França, a intentada peregrinação á Terra Santa, sua abdicação e reassumpção da corôa, — tudo mostra o homem vario, leviano, — máo rei alfim.

D. João II, a quem chamaram o principe perfeito, e de quem cantou o maior dos poetas modernos

> Quem ensinou a ser reis os reis do mundo

foi certamente um «grande monarcha»; mas foi elle «um bom rei»? — Muita vez foi justo, muita protegeu o povo e o desoppressou das vexações da nobreza e usurpações do clero: mas não deu elle o primeiro golpe fatal na antiga constituição do Estado? — em vez de a emendar, não a destruiu?

A D. Manuel disseram o affortunado: deviam appellidal-o o feliz: a fortuna não depende de nós, a felicidade sim. D. Manuel, ajudou o muito a fortuna; mas a sua felicidade não a deveu ao acaso, sim á madureza de seus conselhos, á constancia e firmeza de sua resolução, á sua vasta instrucção, á sua generosidade, á boa fé dos seus tractados, á agudeza com que sempre discerniu os homens de talento, á sua justa e temperada severidade, a seu amor e protecção das sciencias, sua religião verdadeira e san. [1] E que homens não teve Portugal n'este reinado! E que paiz não terá grandes homens com tal rei!

D. João III protegeu as sciencias e as lettras; e sob seu reinado os portuguezes foram a mais instruida e litterata nação da Europa. Mas a inquisição, a terrivel inquisição, é a nodoa... — nodoa de sangue e fogo! — de sua chronica brilhante.

De seu irmão D. Henrique, depois Cardeal-rei, veiu a morte a Portugal, pela fanatica educação que deu ao seu pupillo e sobrinho, o desgraçado D. Sebastião. Que escarmento para um joven soberano não é esse infeliz mancebo, sentado sobre o throno de uma das maiores e mais florentes monarchias que então tinha a terra, rico, forte, poderoso, obedecido, amado — e por um louco amor de falsa gloria, por cegueira de fanatismo, precipitado, n'um dia, da alteza d'esse throno, — do throno que tambem não tardou a desabar sobre elle, e foi a lousa sepulchral do seu incerto jazigo!

Que diremos do velho sacerdote affogado ao pé da cóva sob a duplice purpura de rei e cardeal, que se vem sentar nas ruinas de um throno derribado, a presidir á agonia... (Não: o infeliz povo já havia expirado!) — ao amortalhamento, ao saimento e enterro de uma nação em cuja morte o malfadado não fôra pequeno causador? — Louvemos sua piedade, que a piedade é sempre de louvar; mas observemos que, de mal entendida, o cegou e desvairou para ruina de sua familia e perdição de um povo inteiro.

Sessenta annos de escravidão, de vituperio e affrontas, pagou a nação os delirios de seus reis. [2] Mas ainda durante esse mesmo captiveiro ha grandes memorias de virtude, — bem como tristes exemplos de cobardia e vergonha. Voltemos a face para não vermos a João Mascarenhas ensopando no baixo lodo da traição a opa do triumpho que em Dio se tingira de tão nobre purpura. Não vejamos esse, não vejamos outros de cujo nomes se peja ainda a nossa historia, — historia que sempre foi a da lealdade e da honra — até... até estes dias de vergonha em que vivemos.

Cheguemos depressa ao nobre feito de João

[1] A expulsão dos infelizes portuguezes que professavam a lei antiga, sem mais crime que esse, é a mancha escura da gloria d'El-Rei D. Manuel: inclino-me porém a crer que este foi mais erro de politica mal avisada, do que intolerancia do fanatismo.

[2] Quidquid delirante reges plectuntur Achivi.
HORAT.

Pinto Ribeiro, e da flôr da nobreza de Portugal que o ajudou a lavar n'um só dia os sessenta annos de opprobrio. Agora já teremos animo, e (permitta se uma phrase rasteira) já teremos cara para falar nos crimes e castigo de Vasconcellos. Agora recobrados nossos antigos reis e leis, estudemos na bondade e prudencia de D. João IV, (excellentes qualidades, talvez mareadas de timidez e descuido, mas predominantes comtudo em seu coração); e aprendamos fortaleza e animo varonil da grande alma de sua heroica esposa.

Mereceu o malfadado Affonso VI seu triste fim? Não é este proprio logar do exame: mas se elle foi, como muitos crêem, mais desgraçado que vicioso, — mais para ferir é seu exemplo, mais alto brada aos principes e lhes mostra o perigo de se entregarem a validos, de se alienarem a estima publica e o amor do povo que governam.

Não levantemos, que não é proprio ensejo, o véo raro que cobre as transacções da regencia de D. Pedro II, do casamento e divorcio da princeza de Nemours, e as outras occorrencias d'esta epocha memoravel. Como rei, D. Pedro foi justo e amado. A politica o accusará talvez do muito que cedeu á predominação ingleza: não sei ou não posso examinar agora a justiça da accusação.

D. João V protegeu as lettras e as artes; D. José restaurou as sciencias... Paremos aqui: não estamos ainda em distancia de julgar de acontecimentos tam proximos — de pessoas apenas citadas perante o tribuual da posteridade, mas que ainda não teem juizes competentes e imparciaes na geração presente. [1]

CARTA NONA

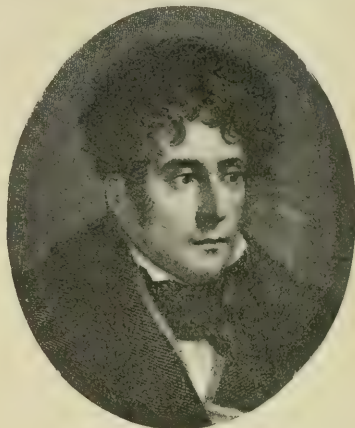
Primeira distincção da educação feminina da masculina—deduzida da differença dos sexos.—Modificação no livro historico.—Outras modificações no physico e moral da educação feminina, antes de completamente separada da masculina.

Minha Senhora:

Descrevi o meu livro de historia tal como eu supponho que deve ser o primeiro livro dos meninos para lhes haver de dar um curso de experiencias por onde, sem abstracções nem metaphysicas, se lhes ensinem todos os principios de moral. Por este livro aprenderá a ler o nosso pupillo.

[1] Na Carta V d'esta II Parte aventurei algumas reflexões sobre o mesmo periodo que agora receio tocar: levou-me a transcendencia da matéria d'aquella carta a correr um risco, que aqui julgo desnecessario affrontar.

A *ler* digo: não a conhecer as lettras, a solettrál-as em syllabas ou a ligar estas em palavras [1]; mas a ler, isto é, a recitar orações e periodos, a graduar as inflexões da voz, as pausas, a entender emfim um discurso, um livro,—a *ler* na lata accepção do termo. E n'este ponto, como em tantos outros, temos a educação intellectual intimamente ligada com a moral, e caminhando a passo.

Ampliámos este livro para nos servir ao mais amplo fim da educação do principe; temos de o modificar para a educação feminina.

CHATEAUBRIAND

Não ha certamente para o bello sexo outra moral differente da nossa; deu-lhe a natureza os mesmos direitos, impôz-lhe as mesmas obrigações: o que fez a natureza não alterou a religião; e o que a religião e e a natureza estabeleceram, nem a sociedade civil tinha jus para mudar, nem actualmente e de facto o alterou. Mas para o exercicio dos mesmos direitos, para o cumprimento das mesmas obrigações, a natureza deu á mulher meios differentes dos que deu ao homem. A força que Deus poz no braço do homem, está nos labios e nos olhos da mulher. A fortaleza e decisão são o vigor do caracter masculino; a generosa resignação, a gentil deferencia, a constancia no soffrimento e nas privações, são o vigor não menos poderoso e efficaz, da indole femenina. Nós presumimos de concepção mais vasta e aguda; ellas têem um sentimento mais fino e apurado, uma sensibilidade mais viva e delicada. Nas transacções mais ordinarias da

[1] Esse trabalho deve estar feito desde o principio d'esta época.

vida, nas questões mais transcendentes, na collisão moral mais difficil, no ponto litterario mais melindroso, no mais mimoso objecto d'artes, rara vez a *exquisita* sensibilidade da mulher não julgará melhor que a profunda reflexão do homem.

Um dos preconceitos communs que obtiveram assenso geral e usurparam logar de axioma, é o da fraqueza da mulher. «A mulher é fraca e o homem forte», estabeleceu o nosso orgulho; «a mulher tem de servir e o homem de mandar» concluiu o nosso egoismo. Estava por nós a força physica, que nos deu razão no *principio;* deu-nos mais, a apparencia de justiça na *consequencia*.

Mas o principio é falso completamente, a consequencia não.

Leitores vulgares, não riaes do meu paradoxo; reflecti, e vereis que o não é. Uma consequencia póde ser errada ou certa a respeito do principio de que se pretende tirar; póde caducar em relação a elle porque elle caduca, e ser comtudo absolutamente certa e verdadeira em si, porque outro principio a fez, ou porque ella em si mesma é um principio. O viandante que se transviou da estrada direita e real, e se embrenhou por baldios cégos, ou caminhou por fragosos precipicios e ingremes veredas,—se chegou, embora tarde e mal, á poisada da noite,—não chegou *menos*, do que esse outro mais avizado ou mais feliz, que se não desviou do caminho trilhado e plano. O mareante que perdeu seu rumo, e descahiu talvez á contra-costa do porto que buscava, mas que por força de ventos e mares ou correntias, a não sabidas suas lá foi dar ao cabo, não chegou *menos*, que o certeiro piloto que, oitante e carta na mão, o foi demandar em regulares singraduras.

Assim nós por um principio falso chegámos a uma consequencia que o não é. Não que a mulher dêva servir ao homem: o termo nem é galante, nem polido, nem justo. Mas que a mulher deve estar em certa sujeição ao homem porque depende d'elle. Não porque a mulher seja fraca: «fraqueza» quer dizer «desegualdade entre as necessidades e o desejo que d'ellas nasce, e os meios de o satisfazer:» e a natureza tanto proveu a mulher como o homem, dos meios proporcionados ás necessidades que lhe deu. Não porque ella o seja relativamente ao homem, porque se houveramos de regular na sociedade a supremacia pela exacta proporção das forças physicas, teriamos de brigar cada anno, talvez cada dia, para saber quem tinha melhores musculos de governo. Não por isso, mas porque a sociedade, para a qual nos creou a natureza e fóra da qual não podemos viver, exige uma actividade e quantidade de serviços com que a mulher não póde porque essencialmente foi moldada pela natureza para mãe. Tirae a circumstancia da gravidação, e todas as outras consequencias que acompanham a maternidade,e a mulher fica perfeitamente egual ao homem. [1]

Quanto mais perfeito é o estado de civilisação, tanto é mais sensivel e marcada esta unica differença moral dos sexos. Observae a sociedade em seu estado mais rudo e imperfeito; vereis quam pouco a mulher se distingue do homem, na força muscular, no uso dos trabalhos mais pesados e grosseiros, na propria guerra, nos exercicios todos, até nos desvarios e excessos. Observae a sociedade em seu estado de decadencia; e vereis nos paizes em que a civilisação degenerou já em dissolução e se corrompeu — o homem assimilhado á mulher pela timidez e domesticidade, a mulher abandonando a domesticidade e o recato para se misturar nos prazeres tumultuarios do outro sexo;—e a pretendida supremacia varonil reduzida a um nome vão e ridiculo.

A mulher deixa de ser mãe, para o que a natureza a formou; é erudita, é auctora, é estadista, é tudo menos *mulher*: com todos os vicios do nosso, não tem nenhuma das virtudes do seu sexo. Começae nas manadas selvagens da Terra do Natal ou dos *Esquimaus*, segui os progresssos da civilisação em sua ascendente e decrescente até os dias de Heliogabalo em Roma, dos Paleologos em Constantinopla, da revolução em França; achareis a mulher em todos esses estados: dizei-me qual é natural.

Homem, que és todo excessos, homem que a natureza fez moderado e racional, e que tuas paixões loucas [2] levam de exageração á exageração, sempre para aquem ou para além da verdade,—homem que não sabes ser senão Diogenes ou Aristippo, Heraclito ou Democrito, Mario ou Sylla, avaro ou perdulario, austero ou devasso, ignorante ou treslido, escravo ou tyranno, demagogo ou sycophanta, fanatico ou atheu — homem! sê uma vez homem e racional, sê uma vez o que a natureza te fez e o Creador te formou. A mulher é porção de tua especie, creou-a quem te creou. O Auctor de tudo, que reservou para si o mysterio de teu destino, tambem reservou o d'ella. No que vês e no que sentes não achas mais differença

[1] As Amazonas, de que fabularam antigos e modernos, para pretenderem a egualdade com os homens, renunciavam ás nupcias e á maternidade.

[2] As paixões são da natureza do homem, nem fôra possivel despil-o d'ellas sem lh'a alterar; mas assim como a ausencia de paixões alteraria a natureza do ente racional, tambem seu excesso e desvario a corrompe.

senão que nasces para pae tu, para mãe ella.

Por estes unicos dados que tens, te hasde regular: commettes para ti um erro, para ella uma injustiça, para o Creador uma offensa se te desvias d'este norte, que te foi dado para dirigir tua estrada, e determinar as raias das reciprocas obrigações e direitos que entre o homem e a mulher se mutuam.

Por mim, não conheço outra differença entre os dois sexos da humanidade. Tudo o mais que dizem os philosophos e os seus livros, não o entendo; tudo o mais que mandam leis e estabelecem usanças, me parece injustiça e usurpação, contra a qual se rebellam a um tempo meu coração e meu espirito.

O que me diz a natureza, diz-m'o a educação, que a não póde nem deve contrastar. Eu não sei como se possa educar um homem senão para ser pae, uma mulher senão para ser mãe. As leis dos homens que teem outros fins, que lhe dêem, como entenderem, suas regras para essa educação facticia: eu não as acho nem na natureza da humanidade nem na da sociedade; e além d'essas não sei outras fontes. [1]

A natureza n'esta epoca em que estamos[2] inda não marcou o sexo do educando pelo exercicio a que o destina; já o indicou para o conhecermos: e a arte, que é a educação, não contraria, mas só precede a natureza.

Comecemos pois desde já, não a ensinar ao nosso pupillo do sexo feminino moral differente da que ensinámos ao do outro, mas a modificar e acommodar nossas lições ás differentes posições em que na sociedade absoluta os collocou a lei natural, e na bem ordenada sociedade civil os deve constituir a lei positiva.

Sujeitando a esta regra generalissima a especie do nosso livro historico, trataremos de fazer a modificação que mencionei,[3] escolhendo, para formar outra parte d'elle, exemplares de amor filial, de lealdade e devoção conjugal, de desvelo e abnegação materna. As fontes estão indicadas; o modo de as derivar exposto; o resto é facil de conceber e executar.

Tórno a repetir que a natureza inda não marcou n'este periodo da edade em que estamos as essenciaes differenças do sexo; mas que a educação, que a prevê e antecede, já desde o meado d'esta epoca se começa a preparar para a futura. [1]

A mãe confunde ainda em seu regaço ameigador o filho e a filha; ambos vão inda folgar os mesmos folguedos em tôrno d'ella, ambos ouvem as mesmas lições: e nem a ligeira tunica, em tanto gosto lavrada pelos dedos maternos, é quasi differente para um e para outro. O educando que não tem a desgraça de ser orphão[2] não tem — ou não deve ter ainda outro mentor senão essa mãe querida e ciosa, que só abdicará o natural imperio da sua tutella, quando no vigor da adolescencia for necessario separar, da donzellinha que deve ficar no seio materno e sob a vigilancia d'aquelles olhos que nenhuns olhos supprem, o moço forte e robusto que deve ir endurecer de coração e corpo, e desembaraçar do espirito e cabeça para companhia de homens, para a educação do collegio e da escola publica. [3]

Não tarda o momento em que o coração da mãe hade fazer esse sacrificio á necessidade: por'ora inda o não fez nem deve fazer; por'ora é ella a tutora natural, a mestra unica, a educadora absoluta de seus filhos todos. Mas a prudente e avisada mãe (ou quem suas funcções exerce) vae preparando os seus queridos pupillos para esta separação forçosa, vae já prevenindo a distincção dos sexos. N'esses dois innocentes, em cujos rostos lisos nem Hermes nem Aphrodite se distinguem ainda, em cujas fórmas arredondadas se vê ainda a egualdade e indecisão do sexo, a previdente mãe já distingue n'um os lineamentos robustos e musculares que hão-de fazer a belleza de seu querido filho, — já anticipa n'outro os contornos delicados e as graças modestas que hão-de ser a formosura da sua adorada filha. N'aquelle já vê, com orgulho da mãe, o futuro amparo de seu pae velho, o protector de sua irmã orphã, o pae-de-familias vigilante e trabalhador, o cidadão zeloso e activo, o soldado forte e endurecido a trabalhos e privações. N'esta já descobre, com vaidade e complacencia de mãe e educadora, a intima amiga de seu peito, a donzella prendada e honesta, objecto disputado pelo honrado galanteio da mais nobre[4] juventude, a esposa feliz e ado-

[1] Considerada a natureza do homem, e a da sociedade para a qual elle foi feito, todos temos obrigação de ser esposos e paes. Taes podem ser todavia as circumstancias da sociedade positiva em que vivemos, que essa obrigação cesse para muitos: assim se explica o celibato religioso, o militar, e em muitos casos o voluntario. O que nunca é explicavel nem desculpavel é o celibato da libertinagem, que faz mais damno aos Estados do que todos os outros.

[2] No fim do periodo que vae da puericia á adolescencia.

[3] Carta VII. Part. II. do Liv. I.

[1] Da adolescencia á puberdade nos homens, e da adolescencia á nubilidade nas mulheres.

[2] De mãe.

[3] Vej. ao deante no Liv. II. Quanto ao modo, a educação feminina principalmente se distingue da masculina, em que esta deve ser publica e em commum, aquella privada e domestica.

[4] Não digo «nobre» somente em relação a gerarchia sangue.

rada, a mãe carinhosa e querida, a matrona respeitada, emfim, e citada como exemplar e modelo por mães a filhas.

Portanto já d'antemão ella irá moldando com prudencia e tento esses dois corações e esses dois corpos para seus distinctos destinos,— não por uma educação diversa, que a não ha inda, mas por avisadas modificações na mesma educação.

Vêde-a n'esse passeio onde acompanham, saltando e folgando em tôrno d'ella, seus dois filhinhos, n'esse jardim, n'esse bosque, n'esse prado onde se assentou a vêl os folgar de repoiso e á larga. Emilio correrá montes e valles, disputará na carreira, nos saltos e cabriolas com esse galgo manso e valido, fiel companheiro de todos os seus brincos, e voltará cançado, afogueado, e queimado do sol, as mãosinhas e rosto arranhado das silvas e das pedras: e a mãe, satisfeita de não ver perigo, não se assustará do incommodo e fadiga, a que é preciso acostumal-o. Sophia não ficará inerte e ajoijada ao pé da mãe, correrá tambem, quererá disputar tambem de agilidade com os dois contendores: mas cançou mais depressa; e a prudente mãe a reterá ao pé de si, que não se fatigue demais no exercicio nem se queime do sol: sua tez deve ser mimosa e fina. Emilio seja robusto e trigueiro: Sophia deve ser alva e delicada, agil e desembaraçada de porte como senhora, mas não desenvolta e ardida como amazona e virago. Seja Porcia de constancia, Polixena de resignação, mas não Isiphile nem Clorinda mata-mouros. Para nossos tempos de hoje não queremos mulheres em verso, mas em prosa; não queremos Sanchas ou Maritornes, mas tambem não queremos Dulcineas ou Bradamantes.

Onde estão os encantos e as graças da mulher sem a modestia?[1] diz uma mulher celebre. A modestia é tão essencial á belleza feminina, que as desgraçadas que a não têem são obrigadas a fingil-a. A mulher mais depravada, mas que ainda conserva lampejo de razão, conhece tanto a necessidade d'esta virtude, que não só a affecta para illudir os outros, mas para se illudir a si. A mulher que se dispensa de modestia não o faz por depravação e vicio em si, mas por loucura e embriaguez a que elles a levaram.

São pois os ademans e termos (sem ser palavras) modestos tam essenciaes e naturaes á mulher, como o porte desembaraçado e aberto ao homem. E até — para falar a linguagem da moda esse proprio dialecto da corrupção—ficará menos mal a uma senhora, a uma dama de côrte que seja a *gaucherie* e acanhamento que denotam a impolidez do homem rasteiro, do que a desenvoltura e segurança que marcam o ar cavalheiro do cortezão.

Não digo que uma senhora, e particularmente uma senhora do mundo, seja *a blushing school miss* com os olhos sempre no chão, córando a todos os bons-dias e *how do you do* dos homens, porém, mal por mal, antes isso que o ôlho fixo da demoiselle republicana das extravagancias francezas, cuja face imperturbavel e decidida, cujo desgarre vos enjoará e desgostará para sempre do sexo que nascemos para amar.

Mas não é só pela modestia, modificada em pudor na mulher, não é só pelo ademan sisudo e moderado que a mãe prudente irá distinguindo a educação de sua filha. Além d'isso, além de modificar a virtude geral de constancia em fortaleza no homem, e resignação na mulher; e a brandura em suavidade n'um, e submissão na outra; — cumpre-lhe ainda vigiar n'uma especial modificação da educação do corpo no sexo feminino — a belleza de sua filha.

A mulher deve ser bella, deve ter graças e encantos. Nem todas podem ser lindas, que a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva; mas todas podem ser bellas. Belleza não é formosura [1] nem lindeza: belleza é o resultado das graças; e toda a mulher bem educada póde ter graças; póde-lh'as dar a educação, póde supprir até defeitos do corpo, póde substituir a formosura, e fazer a fealdade linda.

Mães cegas que vos enlevaes na formosura de vossas filhas, e cuidaes que não precisam mais encantos,—mães que choraes sôbre a fealdade das vossas, e julgaes que nenhuns attractivos pódem ter — voltae d'esse êrro fatal a ambas, e tam funesto a umas como a outras. Se a natureza foi liberal com tua filha, não desprezes essa vantagem, cuida de sua formosura, preserva essa tez delicada, conserva essas mãos finas, cultiva essas rosas de saude, nutre esse cabello ondado, molda esse talhe airoso, concerta esse porte elegante. Tua filha será formosa: tanto melhor para ella; com virtude, instrucção e formusura, hade ser feliz em todo o estado. Foi com a tua escassa ou madrasta a natureza?—não a creias infeliz por isso: em tua

[1] Em rigor a *modestia* é virtude commum aos dois sexos, e o *pudor* uma especie mais delicada que é privativa da mulher.

[1] Formosura que é palavra só portugueza (e castelhana com differente figurativa) unica e privativamente designa belleza de fórmas, belleza physica, tangivel, material. Os latinos diziam *forma* por antonomasia para dizer fórma bella, diziam *formosus* tambem só das fórmas do corpo; nós, que d'ahi trouxemos formosura, não lhe devemos dar outro sentido.

mão não está fazêl-a formosa,—bella sim. A educação embrandece pelles duras, amacia mãos asperas, dá graça e doçura a olhos de pouca luz, faz interessante a face pallida, e affaveis os labios descórados, põe a candura da bondade do coração na frente que não é alva, faz elegante o corpo que não é airoso, amavel o que não é lindo, engraçado o que não é formoso. Tua filha hade ser bella: consola-te, mãe angustiada; cuida da sua educação, vêl-a-has adorada, feliz e preferida a muita formosura.

CARTA DECIMA

Educação physica e intellectual; exercicios preparatorios do corpo e do cerebro.—1.º Do corpo: artes fabris; opinião de Rousseau; — especialidades da educação feminina;—educação antiga e moderna; —opinião de Madame Campan.—2.º Do cerebro; memoria e juizo; — arithmetica, geometria, lições de cór; calligraphia.

Minha Senhora:

Agora somos chegados a um dos mais criticos e arriscados pontos da educação. A leitura e estudo moral da historia, pelo modo que a introduzimos, não é inda estudo mas deleite para o educando; o que lhe ensinâmos ou vamos ensinando do intellectual é por tal methodo que tambem não é occupação mas recreio; e até os exercicios a que habituámos seus membros, por espontaneos e naturaes que são, nunca foram tarefa, senão divertimento.

Mas na epocha immediata, na adolescencia, que ahi vem tão proxima, é que a sufficiente fôrça do corpo já hade dar logar a maior exercicio dos membros e a muito do cerebro. E todavia não devêmos saltar a pés junctos de uma epocha para outra; cumpre que a passagem se faça insensivel. Vamol-a pois preparando.

Temos sobejamente cuidado do coração do nosso pupillo; comecemos agora a lhe exercitar o corpo e o cerebro, mas só tanto quanto baste para o dispor aos trabalhos do futuro periodo.

Já na primeira d'éstas Cartas, [1] ao delinear o meu systema geral de educação, dei a entender que me parecia um tanto exagerada a doutrina de Rousseau sôbre a necessidade de apprender todo homem um officio.[2] Digo exagerada, porque a mim sómente me parece *util* o que elle tracta de *essencial*.

«O officio de um homem» quer dizer a profissão especial a que elle se destina na sociedade. E' mau cidadão o que, n'este sentido, não tem um officio, e má educacão dá a seus filhos o pae que lhes não faz ensinar um, seja qual for, segundo suas posses, jerarchia e inclinação. Mas tanto tem seu officio o carpinteiro, o pedreiro, o pintor, o architecto, como o lavrador, o advogado, o militar, o medico, o mathematico, o chimico, [1] etc. Seja pois qual for sua posição social, todo o homem deve ter, e por consequencia saber, um officio: mas que forçosamente este officio deva ser mechanico é o que não vejo provado. De todas as razões que se dão, a mais

MONTAIGNE

plausivel é decerto a das vicissitudes da fortuna. «Estamos perto de uma crise e do seculo das revoluções, diz o eloquente auctor do *Emilio*, [2] quem sabe o que inda vireis a ser? Tudo o que os homens fizeram, podem n'o destruir homens: não ha characteres indeleveis senão os que imprime a natureza; e a natureza não fez nem principes, nem ricos nem magnatas. Que fará pois na miseria esse satrapa a quem não educastes senão para a grandeza? Que fará na pobreza esse publicano que não sabia viver senão de ouro? Que fará na penuria esse fastoso imbecil que nem sabia usar de si, e que não existia senão no que era estranho a seu ser? Feliz o que em taes lances sabe deixar o estado que o deixa a elle, e permanecer homem a despeito da sorte.»

[1] Vej. Cart. I. Part. I. Liv. I. d'este volume.
[2] Emilio Liv. III.

[1] Em geral todas as sciencias que se applicam ás artes uteis e que augmentam e melhoram a indústria são, além de nobres profissões, um *modo de vida* para os que habilmente os cultivam.
[2] Emil. log. cit. Liv. III.

Viemos nós em tempos de vermos cumprir á lettra a prophecia de Rousseau; vimos as victimas da revolução franceza, pessoas do mais nobre sangue, principes nascidos nos degraus do throno, ganhando com o suor do seu rosto o pão de cada dia.[1] Victimas d'outras revoluções, não menos illustres victimas, já pela mesma causa da lealdade, já pela do patriotismo que não é somenos em nobreza, por ahi os vemos exules, foragidos, um semnumero de individuos, de familias, que por nascimentos ou riquezas ou talentos, ou por todas essas qualidades, occupavam em sua patria as eminencias sociaes.

Vimos; vimos e vendo estamos com nossos proprios olhos o maior desengano das vaidades do mundo e da instabilidade de suas coisas. Não ha portanto precauções que uma desvelada educação não deva tomar para premunir o seu pupillo contra taes golpes de fortuna. E além dos motivos de obrigação social, accrescem estes de conveniencia propria. De todos elles concluiremos que não ha homem que não deva ter uma profissão: mas de nenhum se póde inferir que indispensavelmente haja de ser mechanica. Não é forçoso que seja marceneiro como Emilio: se a inclinação o chama ás sciencias especulativas, o bom phoronomico hade achar pão em toda a parte do mundo, se o convida a bemfazeja sciencia de Hippocrates, em paiz nenhum hade morrer á mingua; se a chimica, se tantas outras sciencias uteis, que são artes e sciencias ao mesmo tempo, o chamam, — em todas essas hade obter proveitoso emprego sem precisar matricular-se na casa dos vinte-e-quatro, que nem só e exclusivamente se ganha a vida por officio embandeirado.

As boas artes tambem não são esteril profissão; a musica, a gravura, a pintura a esculptura (e porque não metterei n'este numero a imprensa?)[2] dão proveitosa occupação sem condemnarem os que as professam a duro ou sujo trabalho, que — (seja embora preconceito)[3] no mundo prevaleceu reputar baixo e vil. Sei o que diz a philosophia e a razão, conheço que nada é vil senão o crime; porém sei tambem e conheço que não é para um só homem contrastar a torrente da opinião dos homens, e arcar de frente com prejuisos inveterados que obtiveram fôro de razão e de regras recebidas.

Se eu possuira um campo, tambem como Roussaau diria a meu filho: «Fica em casa e cultiva as geiras paternas,[1] nem cobices os empregos das cidades, que nenhum é tam util, tam sadio, tam nobre como o teu.» Mas a não ter terras que lhe legar, a minha philosophia não chegava a dizer-lhe: «Faze-te carpinteiro, alfaiate, marceneiro, ou de qualquer outro mester[2], porque deves ser superior a prejuizos vulgares, e todo o officio que não é embandeirado tira a independencia ao homem da natureza, e o faz escravo da sorte e dos caprichos do mundo.»

Não quero dizer tampouco que absolutamente não convenha ensinar alguma coisa das artes fabris. Se para alguma tem propensão o educando, aprenda-a embora. Siga quem quizer á risca os ditames de J. Jacques, n'este ponto; não perderá com elles o seu pupillo: modere os por este modo quem o achar mais racionavel; tambem o não infelicitará com isso.

Mas aprenda ou não aprenda o nosso Emilio um officio, comtanto que tenha uma profissão, que saiba exercer uma arte util; Sophia, essa hade acostumar-se desde já ao exercicio fabril que é proprio do seu sexo. Nascesse ella no paço ou na choupana, a agulha é o emprego natural da mulher: não ha prendas nem estudos que d'elle a dispensem ou o substituam.

N'este logar permitta-se-me copiar por inteiro um capitulo da obra de Madame Campan, d'esse excellente curso de educação que tantas vezes tenho citado, que a todo o instante consulto, e que nunca me cansarei de consultar e citar.

«Convem, diz ella, que as meninas se occupem quanto antes com trabalhos de agulha; mas até á edade de doze annos e ainda depois, sejam quaes forem as posses de sua familia, não é conveniente permittir-lhes nenhuma d'essas obras de phantasia com que se entreteem as mulheres ricas: basta ter gosto para ser perfeita n'essas coisas, quando aliás é essencial começar de pequenina a exercitar-se n'aquelle genero de trabalho que mais tarde se não pode aprender. Precisam

[1] Un petit fils de Henri IV a professé noblement en Suisse la science qui'il avait apprise dans le palais de ses pères; et des semblables exemples sont trop récens pour être effacés sitôt de la mémoire.

Mad. Camp. De l'éducat, Liv. VI.

[2] A arte dos Elseviros e dos Didots não póde deixar de ser uma bella arte.

[3] Preconceito é mais antigo portuguez, prejuizo, n'este sentido, mais moderno. Preconceito tem demais a superioridade de não admittir a amphibologia que o prejuizo admitte. Mas o uso commum chama mais por este, e como que receia d'aquelle por velho: eu usarei de ambos, que ambos expressam bem a idéa, e «nem sequer em palavras» gosto do exclusivo dos partidos.

[1] *Paterna jugera bobus exercet suis.* — HORAT.

[2] São profissões muito honradas nem d'ellas se devem deshonrar os que as exercem, menos aconselhar seus filhos que as não sigam Os que nascerem, em classe superior, e superior educação podem ter podem abraçar outras profissões não menos independentes, nem menos uteis á sociedade.

habituar-se as meninas, desde a mais tenra edade, a um ademan tranquillo, a um modo assente que fica bem á modestia e realça ao mesmo tempo as graças. E' necessario que para logo adquiram habitos que as façam sedentarias. Julgo portanto que desde a edade de seis annos, sentada ao pé de sua mãe, uma menina deve começar a servir-se da sua agulha, uma hora por dia, e por duas vezes differentes; porque é preciso cuidado em lhes não criar antôjo e aversão á mais constante e mais preciosa occupação do seu sexo. Bainhas, pontos de marca em talagassa mui grossa, um boccado de tapeçaria, uma renda grossa, devem ser os primeiros trabalhos. Tambem é muito pequena: é talvez demasiado exclusivo o que as senhoras allemãs se occupam d'isto, mas desprezam n'o demais na edudação das francezas;[1] não se faz meia bem e depressa, se a gente, para assim dizer não brincou com as agulhas desde os sete annos. Porque se não hade cuidar no futuro das creanças, porque se não hade pensar que essa linda filhinha de dez annos hade vir a ser um dia avó de sessenta? sua vista fraca já não hade poder contar os fios da cambraia ou da talagassa fina; e a meia que serve para fazer tantas coisas bonitas ou uteis, faz se com a maior perfeição e presteza sem precisar de estar applicando os olhos; o mesmo é com o fiar: estas duas especies de trabalho não se podem aprender senão de muito creança, e preparam consolações para a velhice. A costura de roupa branca, o talhar dos vestidos, tudo o que a isso diz respeito, egualmente se deve ensinar com muito cuidado; quanto mais se adextra a mão n'este genero de obras, tanto maior prazer se acha em trabalhar n'ellas.

«Cumpre dirigir o emprego da agulha para as coisas mais simples: essas são as mais uteis n'uma casa. Esse é o talento, a prenda que caracterisa a sabedoria de um plano de educação e que mais directamente responde a essas continuas invectivas contra a mais extensa instrucção que hoje se dá ás meninas. Em quanto seus ensaios de costura não permittem que se lhes confiem objectos de valor, podem fazel-as trabalhar para os pobres: a seus olhos se realça o merito das obras mais simples em lhes fazendo interessar e tomar parte n'ellas o coração e a piedade.»

Assim discorre esta senhora illustre, que nascida e creada no meio da pompa e divertimentos da mais brilhante côrte do mundo, arrojada depois pela torrente revolucionaria a tam diversa fortuna, soube estudar pelas differentes condições da vida com a melhor mestra d'ella, a experiencia.

[1] Veja-se a applicação que ao deante se faz a Portugal.

A educação feminina moderna geralmente se esmera demaziado em prendas e estudos; o nosso seculo philosophico exagerou-se n'este ponto bem como em outros. Com effeito a mulher não foi creada para fazer meia e arrumar bahus, como se dizia no tempo dos nossos bisavós, mas tambem não nasceu para frequentar a palestra, o fôro ou a tribuna. *Domum mansit, lanam fecit* é o maior elogio da matrona honrada. O excesso todavia que em França, e principalmente em Inglaterra, se nota hoje e e ao qual Madame Campan allude no logar citado, é pouco sentido ainda em Portugal; falta na nossa terra o que n'estas sobeja a esse respeito. Está comtudo muito melhorada entre nós a educação feminina, e em bom caminho de adeantamento: agora seria a opportuna occasião de lhe dar bom e salutar impulso, prevenindo os excessos a que o espirito de reforma sempre tende, e as recahidas em antigos abusos que por vezes traz a reacção de habitos e preconceitos velhos, quando por aquelle espirito é estimulada.

A mulher que no seio de sua familia e longe dos applausos do mundo dirigiu a educação de seus filhos, velou no pae decrepito, cuidou no marido enfermo, governou sua casa com honra e com arranjo, foi auctora de maiores obras do que as Daciers e as Staëls.

Nem ao geral do bello sexo se deve vedar a conveniente instrucção de lettras e sciencias, nem aos talentos extraordinarios, que tanto n'elle apparece como no nosso, a faculdade de nos disputar (e ganhar que a miudo o farão) a palma litteraria e scientifica a que todos podemos pretender. Haja embora Corinnas, para vencer Pindaros: de seu sexo é Minerva, são as musas; e a douta antiguidade, que não fez varões esses numes, alguma coisa quiz dizer em sua allegoria. Mas eu falo da regra geral, da prosaica regra da natureza e das conveniencias sociaes: este é meu officio; não faltará quem trate das excepções das quaes por mim sou e quero ser parco.

Não antecipemos porém datas: em seu tempo e logar voltarei mais de espaço a este ponto. Agora vamos ainda com a educação commum dos dois sexos.

Preparámos o corpo aos exercicios da futura epoca; precisâmos tambem de preparar o cerebro para elles, porque na adolescencia hade vir a força da educação intellectual, já per si, já para auxilio das outras.

As faculdades que por esta preparação queremos desenvolver são a memoria e o entendimento. Aquella vem mais temporã que este; mas quasi se cultivam ao mesmo tempo e por meios simultaneos. Já o nosso pupillo aprendeu a ler; quasi ao mesmo passo deve ter aprendido a escrever. Não

falo da calligraphia, para a qual temos um excellente methodo[1] em Portugal; e somos talvez, geralmente falando, a nação que melhor escreve. Assim poderamos nós dizer o mesmo de outras coisas. Não trato porém aqui do mechanico da escripta, da formação e ligação dos caracteres; trato do intellectual d'ella. Comecemos a fazer transcrever e decorar pelo nosso educando alguns trechos escolhidos, faceis, simples, dos melhores auctores:[2] e apenas virmos que, chamada da memoria, já vem acudindo a reflexão, tratemos de affazer o espirito á exacção e recta deducção das ideas, que em verdade é mais um habito que de tenros contrahem os que o têem, do que fructo de longo estudo para os que mais duros o desejam adquirir, —o que rara vez conseguem. [3] Para isto nada ha como os rudimentos mathematicos. Chamemos pois já a arithmetica em nosso auxilio: e sejam as primeiras noções que d'ella lhe dermos adquiridas pelo methodo que eu a tudo quizera applicar, o de ser quem apprende o artifice de suas proprias ideas, o mestre de si mesmo.

A taboada é um dos martyrios das creanças: pode-se-lhes fazer decorar mui suavemente indo pouco a pouco formando com elles o quadrado de Pythagoras. Eis-aqui como cumpre fazer. Dá-se-lhes o quadrado descripto e repartido, e enchem se as casas só nos primeiros algarismos: no outro dia, sabidas estas, vão-se enchendo mais e assim por deante, de modo que n'uma semana apprenderá uma criança o que por qualquer outro methodo lhe levaria mezes.

Aélm das primeiras tres, quando muito quatro, especies simples, não devemos caminhar por ora; nem se nos dê que as operações se façam mechanicamente; elles lhe acharão a razão a seu tempo.

A geometria das crianças é a arte de bem usar da regra e do compasso: diz Rousseau, e não duvido que se deva começar assim para lhes fazer conceber exactas as primeiras idéas. Ja falei do methodo das figuras tangiveis[1]: não me parece bom, porque é facil de induzir em êrro dando corpo e solidez ás abstracções geometricas, que, é certo, são difficeis de conceber por crianças, mas que mais difficeis virão a ser depois se o espirito estiver, por aquelle modo, enganado pelos sentidos. Vamos antes devagar com regra e compasso tirando rectas, descrevendo curvas, cruzando angulos, formando figuras, apprendendo nomes e definições que d'este modo serão bem entendidas; e preparemos assim, que não fazemos pouco, para mais formal estudo d'esta essencialissima disciplina.

Tambem já começaremos com a grammatica; e será conjugando os verbos regulares, e fazendo o melhor que podér ser, a difficilima explicação dos irregulares[2]. Tudo quanto é syntaxe não é para agora: fiquem por aqui as nossas lições grammaticaes; teremos tempo de sobejo para o mais.

[1] Alludo ao tratado de *Ventura*, que talvez é a mais perfeita e admiravel obra de seu genero.

[2] Na suposição de termos um livro historioco, um Plutarcho segundo o descrevi nas cartas antecedentes, deveria ser d'elle; á mingua d'isso lembra-me aconselhar a *Vida do Infante D. Henrique* do padre Freire (Candido Luzitano), alguns bem escolhidos pedaços da *Vida do arcebispo* de Fr. Luiz de Souza, de *Vida de S. Francisco Xavier* de Lucena, da *Asia* da Barros, das *Chronicas* de Rezende e Duarte Nunes. Com estes livros antigos é preciso todavia muito cuidado na escolha, porque estão cheios de ideas falsas; e assim como nos novos ha o perigo de habituar ao feio neologismo, tambem n'esses o ha de tomar gosto ao archaismo, que é quasi egualmente ridiculo, e de certo é vicio como aquell'outro.

[3] O methodo mathematico, que no seculo passado prevaleceu em todas as escholas, e que até nos compendios das sciencias moraes e positivas se adoptou, tem, certo, muitos inconvenientes; mas a grande vantagem de habituar o espirito a uma deducção seguida e severa é de transcendentes resultados. Os livros elementares de Heinecio fazem mais bem nas aulas de direito pelo methodo por que ensinam do que pela materia que n'elles se aprende. Na universidade de Coimbra inutiliza-se muito d'este beneficio com o abuso das cadernetas, que os estatutos proscreveram em vão: mas observei constantemente que os estudantes que tinham bastante senso para fazer mais caso do seu compendio que da farragem da explicação do lente, quando não sahissem com muito cabedal de idéas, as que tinham estavam no seu logar e em ordem recta.

A mais sabia lei da universidade é a que obriga os estudantes de todas as faculdades, quer positivas quer naturaes, a frequentar e fazer acto do primeiro anno mathematico (os de algumas tambem do segundo e até do terceiro): ésta lei pecca por defeito, que as mathematicas puras deviam ser preparatorio indispensavel sem o qual nenhum candidato devia ser admittido a graus em nenhuma faculdade. Mas como ésta era a melhor lei do estatuto, é a que se não cumpre geralmente e que em parte foi derrogada.

[1] Carta I. Part. I. Liv. I.

[2] Ha muitos verbos que não são irregulares senão em mui poucos tempos e que facilmente se fazem entrar nas conjugações regulares. O verdadeiro systema de grammatica devêra ser o de simplificar, mas parece que acintemente não tractam senão de augméntar entidades e fazer difficultoso o que é simples e facil, multiplicando termos, e cathegorias de divisões e subdivisões em coisas que as não precisam. Que quer dizer por exemplo, *verbo reciproco?* É um verbo activo, nem mais nem menos, com um pronome no objectivo, assim como podia ter um nome. — Para que é o apparato dos casos em linguas que os não têem, como a nossa? — Se não é para augmentar difficuldades sem precisão, não sei para quê. Já que não temos em portuguez um só livro de grammatica com senso commum, pediria aos nossos mestres e mentores que lessem e estudassem a insigne e transcendente obra do americano Lindley Murray, cuja applicação do Inglez para qualquer das linguas do Occidente não é mui difficil Ella não é certamente applicavel em tudo e por tudo á nossa lingua; mas em muitas coisas o é; e quando só em poucas se faça, sempre ha de ser incalculavel o proveito.

CARTA UNDECIMA

Continuam os exercicios preparatorios. Ornamentos da educação:—prendas; musica,—desenho,—dansa.

Minha Senhora:

Seja qual for a condição do meu pupillo, quero que elle seja prendado. Sêl-o-ha mais ou menos segundo as posses de seus paes, seu natural talento e inclinação, e muitas outras circumstancias; mas a nenhum hei de privar da consolação e allivio que as bellas-artes preparam para a velhice, para a doença, para os revezes da sorte. E de certa altura social para cima nem a um nem a outro sexo devem faltar os meios de agradar, e de honesto passatempo que elles dão.

Comecemos já com os primeiros elementos das boas-artes, despertemos nos sentidos do nosso pupillo o innato sentimento do *bello*, que é seu objecto e principio.

Ensaiemos sua voz e ouvido, não pelas regras musicaes, não pelos principios abstractos d'esta sciencia difficilima, porém fazendo-o decorar entoações simples, cuja melodia, singela como a do cantor dos bosques, lhe toque o coração, e cuja harmonia natural seja facil de conceber.

A musica moderna tem chegado com modulações estranhas e abruptas e com artificios semitonicos onde nunca os antigos chegaram, onde em muitos casos se pejariam de chegar, e em muitos não saberiam. Se por vezes ella é abstrusa e excentrica, e mais rapida e phantastica do que apaixonada e bella; tambem outras sobe a pontos de elegancia e expressão de que ha um seculo os mais famosos professores não tinham a minima idéa. Falha talvez em grandeza e sublimidade, mas sobreexcede em energia e animação: suas melodias não são tam fortemente marcadas, nem com tanta analogia deduzidas; mas a facilidade, a suavidade, o gôsto que tanto lisongeia o ouvido, o engenhoso e apropriado dos acompanhamentos, que tanto avivam e tanta alma dão á expressão da poesia, e combinados movem e penetram o coração - de certo resgatam aquella falta.

Para podêr todavia gosar a musica actual, para que o ouvido lhe entenda as harmonias, é preciso hábito e costume. Não as distingue a orelha nem as leva ao coração sem isso. E pois, tambem na musica seguiremos para instituição do nosso educando o methodo analytico, passando do simples para o composto e subindo pelas experiencias da práctica até aos arcanos da theoria.

Todo o ouvido sente a melodia da musica, nem todos, nem em todos os estados, a harmonia d'ella. Quasi o mesmo diremos da poesia e da eloquencia, que lhe são mui proximas. Tambem se póde dizer que todos sentem a melodia da poesia, a energia da eloquencia; mas nem todos nem de repente podem sentir as harmonias regulares do metro, e as numerosas cadencias da linguagem sôlta. Quer-se ouvido feito a ellas, e quer se feito de tenro. Não me irei pôr a explicar Quintiliano, ou a *Poetica* de Horacio a uma creança de oito a dez annos, nem a analisar-lhe a oração *Pro Millone* ou o *Edipo tyranno* [1]; mas heide accostumal-o a ler alto, e com a devida accentuação, entonação de voz, e rythmo, um ou outro trecho escolhido de eloquencia portugueza, de poesia facil e sim-

MADAME DE GENLIS

[1] *Edipo tyranno*, i. é, *Edipo rei*, tragedia de Sophocles, a mais perfeita que nos ficou da antiguidade.

ples, mas bem notada [1]; e por este modo lhe despertarei o orgam metrico para o ter prompto e disposto a futuros estudos e analyse.

Tambem lhe não heide ainda ensinar o desenho, mas heide preparal-o para isso. Não me porei a fazer caretas e rabiscos, a titulo de desenhar *d'après nature*, como Rousseau com o seu *Emilio*; [2] mas tampouco lhe heide dar estampas a copiar, que é o meio mais seguro de elle nunca saber nada senão copiar. Parece-me máo este segundo methodo, que é o commum, — e ridiculo o primeiro. Nada ha mais absurdo do que principiar o estudo do desenho, apresentando a uma creança o que chamam «estudos», uma cara cortada com várias linhas e graduada em proporções geometricas, uma orelha egualmente, que é das coisas mais difficeis para desenhar; — e dizer-lhe: «Copia isso». Essas regras artificiaes são as que para sempre lhe hão de ficar na cabeça, e, á excepção d'algum talento transcendente, que por fôrça de engenho consiga esquecer a arte, e fazer-se outra para si com a natureza quando a conhecer,—por este methodo nunca sahirão senão tristes copistas e amaneirados [3] imitadores. Mas pegar n'um objecto natural e artificial, seja qual for, e dizer-lhe simplesmente: «Desenha isso:» é mandar-lhe fazer garatujas de parede d'eschola, que, a não ser o pupillo outro extraordinario talento, e se não dar todo a isso, tambem de nada aproveitará.

Não evitemos um erro para cahir no contrario; é preciso combinar a arte com a natureza; por outra, é necessario ajudar esta com aquella. Eu colheria, por exemplo, uma flôr bella, simples e de que soubesse que elle gostava. Far-lh'a hia admirar, desejar: o que não é difficil com crianças. «Pois toma-a; dou-t'a; mas d'aqui a meia hora teml'-a desbotada e murcha.» — «Que pena!» — «Depois desfolha-se, e acabou.» A idéa de destruição, apezar do que elles são damninhos e amigos de destruir, tem comtudo não sei quê com a nossa natureza, que os magôa quasi por instincto. — «Mas nós podiamos conserval-a (continúa o meu dialogo) para sempre... se tu quizesses.» — «Eu! oh se quero!» — «Está na tua mão.» E agora é elle quem me importuna para lhe ensinar a conservar e flôrsinha tam bonita para sempre. Tenho-me prevenido com uma boa estampa, bem colorida, bem exactamente desenhada, da mesma flôr; mostro-lh'a, e explico lhe como por este modo se conserva em retrato fiel o que é sujeito a perecer e queremos salvar da destruição quanto em nós cabe. É natural que me peça elle a minha estampa, e lhe pareça mais simples dar-lh'a eu do que ter elle o trabalho de copiar a flôr, coisa que nunca fez. Mas além de lh'o negar positivamente (e o meu pupillo está certo que quando lhe nego alguma coisa, é irrevogavelmente, porque nunca o faço senão com razão e justiça), far-lhe-hei conceber a utilidade que lhe resulta de poder elle fazer o mesmo a qualquer outra coisa do seu gosto, etc.

Rousseau, no logar que citei, quer que absolutamente se comece desenhando do vivo. Madame de Genlis nega essa possibilidade, e insiste em que infallivelmente é forçoso começar «imitando imitações», para poder chegar a imitar originaes. Eu assento que o melhor methodo é apresentar ao mesmo tempo cópia e original, fazer observar a verdade de uma e a fidelidade da outra, e o modo pelo qual se consegue fingir a natureza; e estou que este é o modo de andar mais depressa e mais seguro.

Assim conseguirei que seja elle quem combine a arte com a natureza, e que copiando, ao mesmo tempo, do vivo e do pintado, simultaneamente aprenda uma pela outra, observando na cópia como por ella se imita o original, e no original como o imita a copia.

A dança é prenda elegante, necessaria a quem tem de viver no mundo, e de mais a mais, exercicio proveitoso. Embora pois a exclua de seu gymnasio o cidadão de Genebra: não era menos auctorisado legislador o que de sua republica bania a poesia, — e mais, ninguem lhe obedeceu: o philosopho suisso não hade ser mais respeitado em seu decreto de proscripção do que o atheniense. A patria de Washington vae produzindo excellentes poetas,[1] e é mais bem constituida republica do que nunca havia de ser a de Platão: nem faltam hoje mancebos melhor educados do que Emilio,[2] apezar de dançarem perfeitamente.

Ensinemos a dança que é linda e engraçada prenda, dá elegancia ao ademan, liberdade aos movimentos, desembaraço ao corpo. Ensinemo'l-a desde os primeiros annos,

[1] Quero dizer, bem medida, de bem accentuado metro.

[2] Vej. *Emil.* Lib. III

[3] Diz-se «pintor amaneirado» o que sempre faz certas coisas do mesmo modo e como logar commum.

[1] Mr. Cooper e Washington Irving, quando outros não conte, são tão poetas como sir Walter Scott e Mr. de Chateaubriand.

[2] Pelo menos, melhor educado para este mundo em que nos achamos. Se não fosse vergonha citar romances, pediria ao leitor que visse a este respeito as varias e interessantes historias do celebre novellista prussiano A. Lafontaine, em que se mostram os effeitos praticos das theorias do *Emilio*.

que só então se adquire o habito de o fazer com graça, e se acostuma o ouvido a seguir regularmente o tempo. Dançar com graça e a tempo, são as condições necessarias: difficuldades é para bailarinos, e não sómente são inuteis, mas não as devem aprender meninos de bem.

Tudo isto é commum aos dois sexos, e não ha que extremar regras ou principios. Quasi tudo convem tambem á educação geral de todas as classes. Algumas pequenas modificações teremos que fazer tanto em razão das distincções naturaes como das sociaes; mas segundo entendo, nenhuma tem logar por ora, nenhuma é propria d'esta epoca, em que tudo é commum e mal distincto ainda.

CARTA DUODECIMA

Condições especialissimas da educação de uma joven Soberana: — Na parte moral, collisão de deveres; — Na physica, exercicios corporaes; — Na intellectual, preparação para a cultura de sciencias e artes.

Minha Senhora:

Preparámos a educação, atégora commum de um e outro sexo para a separação que em breve temos de fazer. Vamos ainda com ambos pela mesma estrada, mas já com a mira no trivio onde ella se divide em duas distinctas, encaminhando os nossos pupillos de maneira, que a separação se não faça abruptamente e com perigo.

Por entre essas duas estradas ha uma terceira, com ambas confinante, mas que a nenhuma é parallela, cheia de rodeios, e ora entrando mais por uma ora mais por outra, sobre-maneira difficil portanto, mais invia e perigosa que as outras duas. Por essa estrada raro pupillo e tutor tem passado; menos trilhada está, menos sabida é; maiores difficuldades e riscos hão de encontrar os que forçosamente a têem de seguir.

É por essa estrada vae, minha senhora, agora caminhando a sua real educanda: é a da mui agra e difficultosa educação de uma joven soberana. Cumpre que n'ella se combinem as oppostas condições da instituição dos dois sexos, e que d'elles se forme uma nova especie, não participante de ambas, mas ella propria uma peculiar e de genero seu.

A moral como disse, é a mesma para o varão e para a femea, para o subdito e para o soberano. Mas sua pratica e ensino, seus meios modificados pelo sexo, ampliados pela posição social, n'este caso especialissimo, teem de confundir-se e neutralizar-se para formar nova substancia e entidade.

Assim vimos[1] como a educação religiosa de uma soberana se devia regular por este principio; assim observámos que o ensino da historia, como curso de experimentos moraes, devia ser moderado pela qualidade de principe e pela circumstancia do sexo[2].

Nas futuras epocas da educação em que os dois sexos se distinguem e separam, ha-de ser mais dificil esta combinação: por agora não o é tanto. Em mui poucas coisas se extrema ainda a educação feminina da masculina; em mui poucas ha portanto que as combinar para o especialissimo caso da instituição de uma joven soberana. Algumas ha todavia; e já a essas mesmas se deve ir attendendo.

A modestia é o primeiro ornato de uma senhora: que será de uma rainha? Mas a timidez que a miudo acompanha aquella virtude, o acanhamento que muitas vezes só é excesso d'ella, não fica mal nem dá quebra nas boas qualidades de uma donzella honesta. Ha indoles, ha naturaes a quem esse defeito (se jámais o póde ser n'uma mulher) fica bem; até ha physionomias a quem dá mais expressão de candura e singeleza; — mas uma soberana não póde nem deve ser timida. Que fará pois o educador? Corrigir-se a isso o achar propenso, o natural que a esse lado se inclina, fortifical-o, dar-lhe desembaraço e energia. Nas ordinarias posições da vida a mulher é feita para obedecer, no throno para mandar; n'aquellas os cuidados domesticos são tudo, n'esta o Estado, é o primeiro. A esposa do mais distincto cidadão, do mais influente, do proprio soberano não está em relação com a republica senão directamente; a que é rainha por direito proprio, faz parte directa e activa do Estado,

O Estado sou eu, dizia Luiz XIV, e dizia mal; porém na mais limitada monarchia o rei póde com exacção dizer: «O Estado está em mim»; porque elle e o Estado são uma só entidade, porque os interesses do soberano e da republica são inseparaveis e em commum. Ora o sexo não póde alterar estes principios: e a soberana é portanto mais soberana do que filha, do que esposa, do que mãe.

N'esta epoca da educação não estamos de certo ensinando ainda directamente os dois ultimos deveres; mas já ensinámos o primeiro e de longe prevenimos para os outros. Previnamos pois seu ensino com esta modificação essencial; acostumemos seu animo a conhecer que os deveres de soberano estão primeiro que todos, e de longe preparemos seu coração para resistir ás provas difficeis em que talvez se tenha de ver pela collisão das

[1] Carta V, Parte II. Livr. I.
[2] Carta VIII, Parte II. Livr. I.

obrigações da natureza com as do Estado. A mais natural e obvia d'estas collisões, a que mais facil e mais amiudo hade occorrer, e que portanto mais necessario é prevenir, é a do thalamo com o throno. Creado pela natureza para os doces deveres da maternidade, chamada pela sociedade para os pesados encargos da realeza, varão pela lei, femea pelo facto, — é preciso que seja uma e outra coisa, que o interior do palacio real a veja esposa submissa e attenta, mãe desvelada e carinhosa; e que sobre a elevação do throno, nem esposa senão do Estado, nem mãe senão da patria, seu braço delicado se transforme em braço musculoso e varonil, capaz de equilibrar um sceptro — e sua alva frente carregada com o pêso da corôa a sustente sem se inclinar.

Não tocarei no delicado assumpto da escolha de esposo para uma soberana: fôra intempestivo aqui. Mas seja elle o melhor e mais bem escolhido, hade por força ter defeitos como homem, tão proximo do apice das grandezas humanas, hade ter ambições, que não é anjo: tam perto da origem de todas as honras e mercês, hade ter clientella, hãode cercal-o de adulações, affrontal-o com pedidos, hãode pôl-o em assedio de lisonjarias e adulações. E a esposa attenta, respeitosa, complacente, mas esposa que é soberana, para tudo isso deve estar precavida. Nem se fiem em ministros e conselheiros; se o seu caracter não estiver formado, premunido e averiguado de ante mão, a rainha hade ceder á mulher, a soberana á esposa; e as intrigas e enredos naturaes das côrtes terão mais um fomento inextinguivel. E quem fará isso, quem prevenirá tanto mal se não fôr a educação? Torno a repetir, não é a educação da puericia que o hade fazer, mas é ella que o hade preparar.

E esta preparação é importantissima e todo o desvelo merece. Quando uma princeza tem de occupar o throno, é fortuna para a nação o saber-se de sua tenra edade: n'esse caso sobra o tempo para estes cuidados e precauções que nem sempre se podem tomar de tam longa mão.

A educação physica é, bem como a moral, a mesma[1] para todos os sexos e para todas as classes. Mas em muitas e não insignificantes coisas requer o sexo modificações essenciaes. Ha exercicios varonis que eu não aconsalharia ao geral das mulheres, mas que certo convem indicar para a educação de uma joven princeza. Taes serão n'outro periodo a equitação e a caça: — para taes se deve preparar tambem já de agora a educação d'este periodo. É preciso a uma soberana o animo, o desembaraço, a coragem que a nenhuma outra mulher hãode nunca ser necessarios: tem de achar-se em circumstancias, talvez em crises, em que só ella do seu sexo poderá ver-se. Cumpre portanto dispor-lhe o corpo assim como o coração; deve habituar-se a exercicios e fadigas bem differentes dos que na ordem natural de nossas sociedades cabem á mulher.

Até á adolescencia convem-nos ser mui parcos de todo o ensino intellectual. A grande sciencia da educação, no periodo em que estamos, não consiste em aproveitar o tempo mas em o saber perder: diz Rousseau: opinião que só é exacta quanto á instituição intellectual. E nem essa mesma se deve abandonar, pois sendo, segundo meus expostos principios que tenho por infalliveis, simultaneas e inseparaveis na pratica as tres educações, nenhuma d'ellas póde bem progredir sem as outras.

N'essa instituição intellectual pouco ha que distinguir ainda entre os dois sexos; mas a este mesmo pouco attenda o educador solicito: taes são os rudimentos de varias artes e sciencias, que desde já se vão lançando ao espirito, como sementes que se deitam á terra, não por esperança de colheita que ellas produzam, mas para adubo do solo que hãode fertilizar.

Já n'essas mesmas coisas um tanto se extremam os dois sexos: porque mais ligeiramente basta preparar com ellas a educação feminina do que a masculina. Mas na da soberana todas essas distincções desapparecem; a classe suppre o sexo, a posição social a natureza: a educação intellectual de uma rainha é de varão e não de mulher.

[1] No seu principio e bases geraes.

NOTAS

A

Educação portugueza velha........ *pag. 287*

A nossa educação antiga peccava certamente em muitas coisas nas quaes a moderna a excede, porêm em muitas lhe era superior. Hoje ha sem dúvida em todos os paizes muito maior número de pessoas bem educadas do que em qualquer outro tempo; e esta não é pequena vantagem: hoje ensina-se nos collegios muito rudimento de conhecimentos uteis que outro tempo se não ensinavam; mas tambem d'elles sahem muitos mais tarellos presumidos. Não se creia porêm que dou preferencia á educação antiga; antes creio que n'este ponto, apezar d'esses defeitos, estamos comtudo muito melhorados.

B

É um dos primeiros fins por que vimos ao mundo, a continuação da especie...*pag. 288*

São-nos escondidos os fins da creação; e este é sem dúvida um dos mysterios que Deus reservou para si. Quando digo pois, que um dos primeiros fins por que vimos ao mundo é a continuação da especie, falo dos individuos em particular e não da humanidade em geral. Não póde questionar-se que a conservação propria e a conservação da especie são instincto de todos os animaes: n'esta parte entrâmos, com os outros, na regra universal.

C

Um máo corpo, mal formado e doentio, com máo estomago etc. *pag. 288*

«Cumpre que o corpo tenha vigor para obedecer á alma: um criado, para ser bom, hade ser robusto». — *Emil.* Liv. I.

D

Kant e os espiritualistas... *nota a pag. 289*

A seita philosophica dita, por seus principios dos *espiritualistas*, foi uma reacção sôbre a dos *materialistas*, que ia prevalecendo quasi unica. Segundo acontece a todas as reacções, cahiu na exageração. Kant, o corypheu d'esta philosophia, tambem chamada *transcendente* ou *transcendental*, é abstruso e incomprehensivel como a maior parte dos philosophos germanicos. De mim confesso que nem em Degerando o entendi, e que só na *Allemanha* de Madame de Stael vim a fazer alguma ideia de seu systema.

E

Generosa parcimonia de comida... *pag. 289*

«Não basta que vedeis ao vosso pupillo toda a comida que não é sadia: cumpre fazel-o sobrio tambem, e ensinar-lhe a conhecer bem as propriedades dos alimentos, ou os que são saudaveis e os que são nocivos, sem o quê, prestes hade alterar e destruir essa boa saude que lhe dais, apenas se vir senhor seu.» *Leçons d'une gouvernante à ses élèves*, tom. II.

J. LAFONTAINE

F

A prudente arbitrio do educador, mostrando do mundo o que os olhos de tenro espectador comportarem... *pag. 290.*

Veja e consulte o que a este respeito escreveu Madame de Genlis nos *Serões do Castello* e em *Adèle et Théodore.*

G

Eu quizera que, como base de toda a moral, se estabelecesse e firmasse no coração do educando uma unica virtude etc... *pag. 290.*

Rousseau não quer que se raciocine com as crianças, e mofa d'este systema: (*Emil.*, L. II.) «Si les enfants entendoient raison, diz elle, ils n'auroient pas besoin d'être élevés.» — Mas a razão que basta

para comprehender alguns principios simplices, não póde ser a razão desenvolvida que já não precisa de educação. Além de quê, estes primeiros principios moraes mais se devem gravar no coração do que na cabeça: é o *sentimento* que deve ser tocado, e não a razão convencida. Esta é a essencial distincção que cumpre fazer para bem rectificar a doutrina do *Emilio.*

H

Deus que te creou, e a sociedade em que vives, pedem que sejas esposo um dia.. *pag. 291.*

A regra da lei natural é esta, e não precisa demonstrada. As excepções da lei positiva podem ter fundamento em circumstancias especiaes, mas que não são da Natureza. Na carta IX. Parte II. d'este Liv. I, se expõe o verdadeiro sentido em que esta proposição é enunciada.

I

O luminoso methodo da anályse isto é, aquelle em que o educando é o artifice de suas proprias ideas... *pag. 292.*

«A nossa mania ensinante e pedantesca nos faz ensinar ás crianças o que ellas apprenderiam muito melhor por si sós, e esquecer de lhes ensinarmos o que só nós podemos fazer.» *Emil.*, L. II.

K

Tristemente desapontado... *nota a pag. 292.*

«Desapontado» é neologismo, creio porém que é necessario. Os francezes, que bem escrupulosos são, adoptaram dos inglezes esta palavra, que ou não tinha ou havia perdido sua lingua. Se os francezes,

Qui musas colunt severiores,

o fizeram, porque o não faremos nós? Temos, é certo, *lôgro* e *lograr*, que em muitos casos vale o *disappointment* e *disappoint* inglez; mas, além da amphibologia que aquelles termos têem na nossa lingua, em muitas occasiões não vertem nem supprem a palavra britannica.

L

Os inglezes ensinam a orthographar quando ensinam a ler... *nota a pag. 293.*

Veja o excellente tractadinho inglez de Bearcroft, intitulado *Practical orthography, or the art of teaching spelling by writing.*

M

Ou seja na barra... *pag. 294.*

«Bar» em inglez e «barre» (e «barreau») em francez, é a divisão, a *tea*, ou o sitio marcado por essa divisão, de donde falam nos tribunaes as partes e seus advogados. Não temos em portuguez o termo porque não temos a idéa, pelo secreto inquisitorial dos nossos tribunaes. *Foro*, em sua significação primitiva, envolvia a idéa de publicidade, e poderia suppril-o; mas hoje o não traduz, pela accepção em que vulgarmente se toma.

N

Idéas geraes do systema solar e das mais precisas noções astronomicas... *pag. 295.*

O mentor portuguez poderá approveitar muito do uso das seguintes obras, geralmente adoptadas nas escholas inglezas: Dr. C. Irving's *Catechism of Astronomy.* Guy's *Elements of Astronomy*, Gregory's *Lessons on Astronomy and Philosophy*

O

A economia-politica, sciencia nova, *pag.*. 295.

A' falta de mais proprios compendios, seria conveniente que se traduzissem para as primeiras escolas, os excellentes compendios de sciencias uteis pelo methodo socratico, universalmente usados em Inglaterra, muitos dos quaes teem sido traduzidos ou imitados pelos francezes para suas aulas. Cito aqui o seguinte: *Conversations on Political economy, by the author of Conversations on Chemistry.* Fifth edit. 12.º

P

A geologia ou descripção da terra...*pag. 296*

Para ensinar os rudimentos de todas estas sciencias, convém formar compendios, que em portuguez não temos bons, ou traduzindo ou imitando estes inglezes que tenho citado. Consulte os trabalhos de Hart, Helme, Guy, J. Goldsmith, Buttar, Bingley, Irving, Hutton, etc.

Q

Houve agricultura antes de se examinarem os mais simples phenomenos botanicos. . *pag. 296*

De se examinarem *botanicamente*, i. é, de se explicarem ou de servirem para explicação, classificação, etc.

R

Conta-se a infancia, etc............. *pag. 297*

Pelo commum, se divide a vida do homem em sete epochas: infancia, puericia, adolescencia, puberdade, virilidade, senectude e decrepitude. A quarta e quinta epocha diz-se nas mulheres nubilidade e maturidade. Alguns d'estes termos são alatinados de mais, porém da maior parte d'elles não temos correspondentes mais portuguezes: Infancia quer dizer edade em que se não fala, infante (infans) o que não fala. Criança, á lettra tambem, quer dizer o que se está criando, menino de peito (*suckling* em inglez; *nourrisson* em francez); mas fez-se termo mais vago pelo uso e não significa só e limitadamente o menino n'esse periodo. Mas quando se podesse dizer *criança* para significar infante, *criancice* não se podia dizer para designar infancia. Puericia traduzimos nós bem meninice; é porem mais lato, porque comprehende a infancia e a puericia; por outro lado, a lingua não comporta que digamos *puer*: de maneira que n'este caso ficâmos com o substantivo que designa a epocha, em latim e com o que designa a pessoa, em portuguez (de origem provençal ou franceza). Môço e mocidade designam as primeiras epochas da vida, em geral; assim como velho e velhice as ultimas, indeterminadamente. *Juventus* e *juvenis*, e d'elles, juventude e joven, tambem são indeterminados em sexo e periodo. *Adolescentia* não tem outro correspondente, senão adolescencia á lettra, *adolescens* póde ser rapaz; mas este termo é vulgar e rasteiro, e não temos remedio senão dizer adolescente. *Pubes* só pode ser puberdade; *puber* é pubere, mas tambem pode ser mancebo, postoque mancebo seja mais vago. Virilidade e varão não têem synonymos menos latinos. Senectude é pouco usado, mas velhice menos determinado: dizemos velho que não é latim, mas é porque *senex* não quadra em portuguez. Temos egualmente ancião, mas além de vaga tambem, esta palavra envolve idéas de dignidade e respeito, é mais como o πρεσβυτερ dos Gregos. Decrepito e decrepitudes são unicos. Nubil poder-se-hia dizer casadoira; para nubilidade não achamos outra palavra. Maturidade creio que ainda não se usou n'este sentido, mas é indispensavel.

A tabella seguinte apresenta uma divisão mais miuda, e parece-me digna da attenção do leitor curioso. N'ella está dividida a vida em quatro grandes termos, com suas gradações de epochas e calculo approximado de annos.

DIVISÃO CLIMATERICA DA VIDA HUMANA

Tempo crescente	Educação propria	I epocha, infancia.	Meninice	1 a 7	Edade de accidentes, penas, precisões.
		II epocha, puericia.			
		III epocha.........	Adolescencia	8 a 14	» » esperanças, descuidos, curiosidade e impaciencia.
		IV epocha.	Puberdade (Nubilidade)	15 a 21	» » triumphos, desejos, amor proprio, independencia, vaidade.
			Mocidade	22 a 28	» » prazer, amor, sensibilidade, inconstancia e enthusiasmo.
Tempo estacionario	Educação da prole	....	Virilidade (Maturidade)	29 a 35	» » gosar, ambição, paixões.
			Meia-edade	36 a 42	» » consistencia, desejo de fortuna e glória.
			Edade madura	43 a 49	» » possuir, sabedoria, razão, amor da propriedade.
Termo decrescente	Estabelecimento dos filhos	... .	Declinação da edade	50 a 56	» » reflexão, amor da tranquillidade, previdencia.
			Principio da velhice	57 a 63	» » prazeres, cuidados, inquietação, máo humor, desejo de governar.
			Velhice	64 a 70	» » enfermidades, exigencias, amor de auctoridade.
Termo extraordinario		....	Decrepitude	71 a 77	» » avareza, ciume, inveja.
			Edade caduca	78 a 84	» » desconfianças, suspeitas, falta de sentimento.
			Edade de favor	85 a 91	» » insensibilidade, amor da lisonja e de attenções e indulgencia
			Edade de maravilha	92 a 98	» » indifferença, amor de louvores.
			Phenomeno	99 a 105	» » insensibilidade e esperanças.

JEAN JACQUES ROUSSEAU

Não será tampouco inutil trasladar aqui a seguinte escala que vem com o nome de *andrometro*, em uma mui curiosa publicação de 1824.

O ANDROMETRO

O Andrometro de que faz menção Lady Spencer e que diz fôra inventado por Mr. (depois Sir William) Jones, dá uma notavel amostra do modo porque este sabio tinha graduado a escala das acquisições intellectuaes. Podemos definil o escala das acquisições e gosos humanos. Elle tomou a edade de setenta annos por termo derradeiro de todo trabalho e gôso; e afim de marcar a progressão do adeantamento, appropria cada anno d'estes setenta a um estudo ou occupação particular. A distribuição do que se tem de apprender ou praticar durante este periodo admitte uma divisão quadruplice. A primeira, que comprehende trinta annos, é assignada á acquisição de conhecimentos como preparatorios para occupação activa.

A segunda, de vinte annos, é principalmente dedicada a empregos publicos e profissionaes

Da terceira, que contém dez annos, são adjudicados os primeiros cinco a composições litterarias e scientificas e o resto á continuação dos primeiros empenhos.

Os ultimos dez annos, que constituem a quarta divisão, são consagrados a gosar o fructo do trabalho; — e a conclusão de tudo á preparação para a eternidade

Deve-se considerar o *Andrometro* como um rascunho que nunca foi destinado a publicar-se e em cuja construcção Sir W. Jones, provavelmente tinha em vista os objectos que a esse tempo tractava de adquirir. Nem tambem vamos concluir que a preparação para a eternidade seja para differir até o septuagesimo anno de vida; consideremol-a antes como o objecto que elle perpetuamente tinha deante dos olhos toda a sua vida, mas que exclusivamente abarcava toda a attenção de seus ultimos annos. Com estas explicações o apresento pois ao leitor, invertendo, para maior commodidade, a ordem da escala.

ANDROMETRO

ANNO	
1 ..	Recepção de ideas pelos sentidos. / Voz e loquella.
.	Conhecimento de alphabeto e soletrar.
..	Retenção de ideas na memoria.
..	Ler e decorar.
5 .	Grammatica e lingua vernacula.
.	Exercitar a memoria.
	Lições moraes e religiosas.
..	Historia natural e experiencias.
..	Dança, musica, desenho.
10 ..	Historia patria.
..	Latim.
..	Grego.
.	Francez e italiano.
..	Traducções.
15 .	Composições em verso e prosa.
.	Rhetorica e declamação.
..	Historia e direito
..	Logica e mathematica.
..	Exercicios rhetoricos.
20 ..	Philosophia e politica.
.	Composições na lingua materna.
..	Continuação no estudo da declamação.
..	Estudo dos oradores antigos
..	Viagens e conversação.
25 ..	Discursos no fôro e na tribuna.
.	Negocios d'Estado.
..	Continuação de estudos historicos.
.	Direito e eloquencia.
..	Vida publica.
30 ..	Virtudes domesticas e sociaes.
..	Habito de eloquencia adeantada.
.	Volta com vagar á philosophia.

ANNO	
..	Orações publicadas.
..	Trabalhos no Estado e na tribuna.
35 ..	Amadurecem os conhecimentos politicos.
..	Eloquencia aperfeiçoada.
..	Defeza de direitos naturaes.
.	Protecção a sabios.
.	Amparo a virtuosos.
40 .	Composições publicadas.
.	Sciencia augmentada.
.	Trabalhos legislativos.
...	Confecção ou discussão de leis.
..	Bellas-artes patrocinadas.
45 ..	Governo de casa e familia.
..	Educação dos filhos.
..	Vigilancia como magistrado.
..	Firmeza como patriota.
..	Virtudes como cidadão-
50 .	Obras historicas.
..	Obras oratorias.
..	Obras philosophicas.
..	Obras politicas.
..	Obras mathematicas
55	Continuação das mesmas occupações.
60 ..	Gosa-se o fructo dos trabalhos.
.	Retiro glorioso.
.	Familia amavel.
..	Respeito geral.
..	Consciencia de uma vida virtuosa.
65	Perfeição da felicidade terrestre.
70 ..	Preparação para a eternidade.

S

Desde o berço até ao leito nupcial. *pag. 298*

Veja a nota H, e a marginal a pag. *238* da carta IX, Parte II. Os romanos chamavam *pater-familias* ao homem *sui juris* ao maior, senhor seu, e na posse e administração de suas coisas,—como que confundindo, por inseparaveis, a idéa de pae com a de homem feito,— como querendo sig[illegible]nda a tutela paterna, e acabada a educação, forçosamente se seguia o matrimonio; que do momento que o patrio poder cessava sobre o filho, devia elle começar a ser pae.

T

Hoje á preciso moderar os effeitos d'aquella seductora eloquencia e chamar aos limites da razão o que se transviou pelas demasias do sentimento...... *pag. 298.*

«A mãe que cria, deve renunciar a funcções e vigilias; deve fugir á cidade e ir respirar o ar vivificante do campo. Cumpre que seja sobria e que renove suas fôrças com exercicio diario, que regule as desegualdades de seu genio, que se conserve emfim, não já por amor de si nem para si, mas para o filho que alimenta a seu peito.

«Não é tão commum encontrar hoje (em França) mulheres que, encarregando-se de criar seus filhos, ignorem a importancia d'este sagrado encargo; mas quando appareceu o *Emilio*, as idéas novas e preciosas que espalhou este livro, foram adoptadas com tanta exageração quanta leviandade; foi a moda, com suas doidices todas, que trouxe as mulheres aos deveres da natureza: tornou-se geral o uso das *barcelonnettes*, exerceu-se o engenho dos artifices a enfeital-as: era um traste indispensavel do toucador, e não estou longe de crer que até houve doidas que as traziam vazias adeante das carruagens para irem ao *Bois-de-Boulogne* fazer a interessante figura de joven mamã.

«N'esta occasião todas as mães quizeram criar seus filhos: pouco lhes importava saber se tinham leite ou não, o caso era criar porque assim o pedia o capricho e a moda. Por egual capricho apartavam as crianças fóra de tempo e abandonavam a creação para se ir divertir. São incalculaveis as loucuras criminosas que este furor de maternidade fez fazer ás parisienses. No rigoroso inverno de 1783 veiu, á sahida de um baile, uma amiga minha offerecer-se para me trazer a casa; eram quatro horas da manhã: entrei precipitadamente na carruagem e fiquei espantada de ouvir chorar uma criança de peito, e de vêr á luz dos archotes uma ama sêcca a dormir dentro da sége com o filho da minha amiga no collo. Ralhei e clamei, porque o frio estava em 12 graus, mas a carinhosa mãe para me descançar me mostrou um grande apparato de *rolhas* e outros implementos, e contou-me que duas vezes tinha sahido do baile para vir dar de mammar á sua filha. Era com effeito uma menina, que depois morreu tysica aos cinco annos.»

Madame Campan, Liv. I.

U

E' perigoso apressar ou retardar o tempo da criação............... *pag. 299*

Geralmente se apartam muito cedo as crianças. A epocha de as desmammar é indicada pela erupção dos dentes». *Emil.*, Liv. I.

Consulte sobre este ponto os dois tractados de educação physica publicados pela Academia das Sciencias de Lisboa, citados na carta II, Part. I, Livro I.

X

Antes quero acolher-me á ignorancia das edades barbaras.. *pag. 299*

«Je ne me chargerais pas d'un enfant maladif et cacochyme, dût-il vivre quatre-vingts ans... Je ne sais point apprendre à vivre, à s'empêcher de mourir.» Diz Rousseau (*Emil.* L. I.) com uma dureza philosophica do coração que faz estremecer. Mas compare-se isto com as declamações que occupam as primeiras paginas do II livro contra a «barbaridade da educação que sacrifica o presente a um provir incerto, e começa fazendo o educando desgraçado, para lhe preparar no futuro longinquo, não sei que pretendida felicidade, de que é muito de crer, elle não ha de gosar nunca.» Se assim é, se, conforme á sua mesma asserção «das crianças que nascem, a metade, quando muito, chega a adolescencia» — se tão humanos devemos ser com as crianças, *porque* talvez elles morrerão sem mais gosar da vida do que esse tempo que a educação lhes torna amargo: porque, razão, a mesma *incerteza* nos não hade fazer humanos tambem com os que nascem doentes ou defeituosos e que talvez possam vir, pelos cuidados da educação, a tornar-se robustos e sadios?

A natureza e a religião anathematizam taes doutrinas: a philosophia, cujo primeiro empenho é trazer o homem para o mais perto da natureza que elle póde vir, traga-o sem crueldade, que é o unico meio seguro de lhe fazer amar a refórma e perseverar na emenda

Y

Deixar trabalhar a natureza, que sabe mais que todos os sabedores da terra... *pag. 299.*

Locke, no logar cit. por J.J. Rousseau no *Emilio*, L. I., recommenda que não estejam a medicar sempre as crianças nem por precaução, nem por quaesquer leves incommodos.

E' regra excellente e de seguir; mas tem excepções na criança doente, filha de paes que padecem molestias chronicas, nas que tiverem a desgraça de ter amas com ellas, e que nem por isso se hão de abandonar nem deixar de educar.

Z

Já sobre o instincto se deve ir, não edificando, nem sequer abrindo os alicerces... mas riscando o plano ..*pag. 299.*

«Quando se tracta de emprezas ou construcções, ha todo o cuidado de examinar as bases e fundamentos do que se projecta; e então a infancia é entregue ao sabor dos caprichos de paes e de creados, pela louca idéa de que esses primeiros annos são pouco importantes, e que haverá tempo de sobejo para reparar os defeitos da indole, quando a razão se começar a desenvolver. Esquecem-se que a nascença das paixões precede a da razão, e que lhe estão dando tempo a ellas de se fortalecerem e medrarem.» — Madame Campan, *De l'Education*, Liv. II. Cap. II.

A a

Logo do berço se manifestam, ás vezes, indoles imperiosas e duras... *pag. 299.*

«Je trouve (diz Montaigne em sua antiquada mas galante linguagem, que me não metterei a traduzir) que nos plus grands vices prennent leur ply dez nostre plus tendre enfance, et que nostre principal gouvernement est entre les mains des nourrices... Il faut apprendre soigneusement aux enfants de hair les vices de leur propre contexcture, et leur en fault apprendre la naturelle difformité, à ce qu'ils les fuyent, non en leur action seulement, mas surtout en leur cœur...» — Montaigne, *Ess.*, Tom. I.

B b

Ha creanças de quatro e cinco mezes que já choram de más... *pag. 299.*

«Observae como desde a mais tenra edade as creanças se chegam para quem as lisongeia e fogem de quem as constrange; como sabem chorar ou calar-se para ter o que desejam; que artificios, que inveja já têem. Vi uma vez, diz S. Agostinho, uma creança invejosa; ainda não sabia falar; e já olhava com o rosto pallido e os olhos irritados para outro que mammava com elle.» — Fénélon, *De l'Education des filles.*

C c

O costume, infelizmente mui vulgar, de ir diminuindo a frequencia dos banhos.... *pag. 300.*

«Uma vez estabelecido o uso do banho, nunca mais deve ser interrompido, e convem conserval-o toda a vida.» — *Emil.*, L. I.

D d

Forçar os infantes a andar antes do tempo *pag. 301*

«O modo mais simples de fazer andar as creanças é o que eu vi praticar a uma mulher do campo; amarrar a duas cadeiras duas varas compridas parallelas, e metter a creança no meio. Começa a firmar as mãos á direita e á esquerda em cima das varas, e passeia entre ellas como n'uma galeria, de modo que aprende ao mesmo tempo a ter-se em pé e a andar.» — Bernardin de St. Pierre, *Harmonies de la Nature.*

E e

Quem forma uma phrase; formou antes um juizo; e á primeira operação do entendimento, o infante entrou na puericia... *pag. 302.*

«As palavras *infans* e *puer* não são synonimas. A primeira comprehende-se na segunda, e significa o que não póde falar, d'onde vem que em Valerio Maximo se le *puerum infantem* » — *Emil.*, L. II.

F f

Esta é a edade das perguntas... *pag. 302*

«A curiosidade das creanças é uma propensão da natureza que vem como ao encontro da instrucção: não deixeis nunca de a aproveitar... Não vos enfadeis de suas perguntas; são confidencias (ouvertures) que vos faz a natureza para facilitar a instrucção: mostrae que n'isso tendes prazer e folgais.» — Fenélon, *De l'éducation des filles.*

G g

Melhor será que a deixe presentar-se de s'. *pag. 302*

Citarei a este proposito uma notavel passagem de Montaigne, que não traduzirei para lhe não tirar o pico e sal de seu falar velho mas engraçadissimo.

«On ne cesse de criailler á nos aureilles, comme qui verseroit dans un entonnoir; et nostre charge, ce n'est que redire ce qu'on nous a dict. Je vouldrois qu'il (o mentor) corrigeast cette partie; et que de belle arrivée, selon la portée de l'ame qu'il a en main, il commenceast á la mettre sur la nostre, lu faisant gouster les choses, les choisir et discerne d'elle mesme, quelquesfois lui ouvrant chemin, quel quesfois le lui laissant ouvrir. Je ne veulx pas qu'il in vente et parle seul; le veulx qu'il escoute son disc ple parler à son tour.» — Mont., *Ess.*

H h

Estudo das linguas vivas, não por livros ou gramm ticas... mas pelo natural e mechanico... *pag. 30*

Consulte sobre isto, além de Hamilton, as seguintes obras de relevante merito: J. Blak — *Paidophilean system of Education applied to the French language*, Duflef — *Nature displayed in her mode of teaching Languages to Man* — 2 vol.

I i

Não deve tampouco esquecer ir dando já n'esta edade as primeiras noções geographicas... *pag. 303.*

Usam em Inglaterra (e se vendem já preparados) o que alli chamam «outline maps» que são umas cartas com as linhas de latitude e longitude, os gráos marcados, e os contornos lineares dos respectivos

CANDIDO LUSITANO

paizes, — e exactamente eguaes a outros completos Com ambos á vista, o educando se exercita com o agradavel e instructivo divertimento de completar o mappa imperfeito, collocando no devido logar as cidades, rios, florestas, montes e seus nomes; com o que aprende, melhor e mais depressa que por nenhum outro methodo.

Para começar porém, depois de lhes mostrar e fazer conceber o globo, o melhor systema, e mais proprio para creanças é o dos mappas dissecados (ou dissectados, segundo mais queiram dizer.) Recorta-se delicadamente uma carta pelas divisões naturaes dos rios, montes etc., ou pelas extremas artificiaes dos reinos, cidades etc, tendo-a primeiramente collocado bem adherente a uma folha de madeira. Vende-se isto em Inglaterra em umas caixinhas mui lindas, e são bem inventados e engenhosos *bonitos*, com que os meninos folgam instruindo-se. — Tambem ha coisas similhantes para os primeiros rudimentos da chronologia. São de recommendar para este fim as excellentes obras elementares do Dr. S. Butter, que são: *Sketch of Modern and Ancient Geography for the use of the schools;—Atlas of modern Geography*, com 21 mappas do mesmo modo; — *Outline geographical copy-books*, correspondendo com aquelles pelo methodo exposto.

K k

E' preciso começar a reprimir os de caracter vivo e fogoso, e a excitar os de natureza p ada e inerte.. *pag. 303.*

«A criança com quem se falar muito, a de adean-

tar-se mais que a que passa a sua vida com pessoas silenciosas: mas advirta-se que, assim como convem excitar as creanças taciturnas a falar, tambem cumpre acostumar ao silencio as palreiras.» *Mar. Edgeworth.*

L l

Se bem conhecessem as mães quanto valem as caricias maternas... *pag*..... *304*

«Os beijos da mãe e do pae, são ao mesmo tempo affago e recompensa.» *Mad. Camp.* Liv. III. cap. IV.

M m

Perguntem-lhe d'ahi a meio seculo se lhe esqueceu essa injustiça cruel... *pag.304*

E que diremos dos castigos corporaes com que ainda alguns miseraveis embrutecem seus filhos e se alienam seu amor? Não chamem a esta doutrina *modernice*: citarei um auctor bem antigo e que nada tem commum com a chamada philosophia do tempo: «Os castigos (de pancadas) embrutecem a miudo o espirito e endurecem no mal; pois que uma criança que tem tão pouca honra que não sinta a reprehensão, faz se malhadiço como um escravo, torna-se obstinado e insensivel ao castigo.» *Rollin, trait. des études.*

Não tão antiga, mas não menos respeitavel por sua experiencia e prudente moderação, é a auctoridade de Madame Campan. — «Em breve (diz ella) o desgraçado pae não poderá approximar-se de seu filho, nem para o animar, sem o ver ir tremendo com a mãosinha ao rosto para guardar a face. . que lhe iam beijar.» Madame Campan, *De l'éducat.* Liv. II, Cap. III.

N n

É meio.. d'essa perfeição, a gymnastica... *pag. 304*

Vej. *Instructions en Gymnastics as followed in Germany.* Lond. 1824 — e Clios, *Elementary course of Gymnastic Exercises.*

O o

Mostrae-lhe o grande templo da natureza, em que toda reverbera a imagem d'esse Deus... *pag. 306.*

«Eu quizera que o sentimento da Divindade, que é innato no homem, lhe fosse desenvolvido, não por um perceptor, mas por sua propria mãe. O Deus de uma mãe é sempre indulgente e bom como o da natureza: um preceptor ensina, a mãe faz amar. Eu quizera que esta désse as suas primeiras lições, não n'uma cidade, mas no campo; não na nave de uma egreja, mas sob a abobada dos ceos; não pelos livros, mas pelas flores e pelos fructos.» Bernardin de St. Pierre, *Harmonies de la Nature.*

P p

Levae-o aos sotãos da indigencia, ao leito da dor... *pag. 307*

Para ensinar bem a caridade é preciso fazêl-a practicar. Não duvideis pois de apresentar ao vosso pupillo o quadro da miseria e da indigencia, fazei-lhe sentir e saborear o goso da beneficencia: dê do seu, dê do que vós lhe daes; mas acostume-se a dar e a achar prazer em dar. A caridade, ou pelo menos a philanthropia, que é a caridade imperfeita, é sentimento natural do homem, é um como instincto moral. Mostrae-lhe esse velho nu e faminto que pede tão lamentosamente um boccado de pão: o natural movimento da creança será voltar-se para vós e pedir-vos para lhe dar a elle.

Madame Campan, que me eu não canso de citar, diz: «Quando o vosso pupillo dá esmola a um velho, fazei que elle acompanhe esse dom de um signal de respeito: *Dae esmola a esse velhinho porque é pobre; e cortejae-o porque é velho:* os mais uteis preceitos contêem-se em muito poucas palavras.»

Esta illustre educadora cita e segue a opinião de Locke de que as crianças costumadas a dar contrahem o habito da liberalidade. Rousseau quer que os paes se limitem a dar-lhes o exemplo da caridade, e accrescenta que as creanças não devem dar dinheiro, que é preciso preparar-lhes occasiões em que elles façam aos mendigos o sacrificio da sua fatia de pão ou do seu bolo. Certo, é muito de empregar-se este meio que do mais directo modo faz sentir ao educando a lei imposta aos que teem, de repartir com os que não teem. Esta caridade é de preferir; mas não vejo tambem que seja muito difficil o fazer conceber a uma criança que o pobre, com o dinheiro que lhe dão, vae a casa d'um padeiro e compra pão para comer. Não alarguemos nem restrinjamos demais a idéa que fazemos da intelligencia das creanças. E' excellente o methodo de Rousseau, mas nem sempre é practicavel: não ha impossibilidade nenhuma (segundo observa Madame Campan) em fazer comprehender a uma creança o valor do dinheiro, e o modo por que o pobre a quem se deu a esmola se vae servir d'elle para remediar a sua necessidade. *Vej. Émil.*, Liv. I, e *Mad. Campan*, Liv. III, cap. I.

Q q

Mahomet disse aos seus: — «Ide e passae á espada os que não quizerem crer... *pag. 308*

Ou fazei-os escravos: esta é a unica modificação tolerante da religião do Koran. O Christianismo, pelo contrario, é o amigo e protector natural da liberdade. Vej. a este proposito o que diz Montesquieu sobre a escravidão, e influencia do Christianismo n'esta parte, no *Espir. das Leis.*

R r

D. João III, cujo espirito timorato subjugaram confessores arteiros... *pag. 309*

Não pareça vaga asserção: fundo-a na auctoridade *irrecusavel* da curia romana. Nas *Instrucções dadas ao Nuncio de S. S. que passava a Portugal no reinado do Sr. Rei D. João III*, fielmente traduzidas do MS. que se acha na Bibliotheca Ricardina, i. é, na do Marquez Ricardi em Florença, publicadas em Londres em 1821, se lêem, a pag. 14, as seguintes memoraveis palavras: — «O rei, e ao seu exemplo, *toda a nobreza* que o cérca, dá grandissimo credito aos frades; e, ou seja pela *sua diligencia e ambição immensa*, ou pela negligencia dos prelados, ou descuido seu, tem-se convertido em *tyrannos d'aquelle rei*, já por via *da confissão* e já por via da prédica. O que parece que se deve dizer, se dirá, quando se falar do que o nuncio deve fazer em Portugal...»

Todo este curioso folheto é digno de se lêr com a maior attenção, e tirará todas as duvidas aos mais escrupulosos e difficeis de convencer.

S s

Aos acenos do fanatismo lá foi enterrar nas areias d'Africa o malfadado Sebastião... *pag. 309*

Vej. a *Deducção chronologica.*

T t

Sarjas e cauterios com que mui rudemente nos quiz curar... o poderoso e voluntario ministro d'El-Rei D. José....... *pag. 309.*

A mais profunda e energica sentença que sobre o ministerio de Pombal foi passada, está n'estas elegantes palavras de um illustre portuguez, o cavalheiro de L-a: «Le ciel avait décrété qu'il ne resterait de ce

ministre célèbre, que les traces sanglantes de son despotisme et de ses violences.» Vêem no folheto intitulado *La Légitimité et le Portugal*, que talvez é a mais bem pensada e mais elegantemente escripta coisa que n'esta questão appareceu.

U u

Um livro tal, preencheria todas as condições que em vão se buscam nas fábulas.... ... *pag 312*

Madame Campan é de opinião differente, mas não dá a razão d'ella, nem a eu descubro.

X x

Já nos primeiros annos da puericia apprendeu o nosso pupillo folgando e brincando .... .*pag. 318*

«Façamos-lhes (aos meninos), agradavel o estudo escondamos-lh'o sob a apparencia de liberdade e de prazer; consintamos que o interrompam de vez em quando com seu folguedo; precisam se de todas estas distracções para lhes repoisar o espirito. Fénelon, *De l'educ. des filles.*

Z z

Vemos a scena do mundo sem precisarmos de ser actores n'ella... *pag. 318*

Depois de estar impressa esta carta e a passagem citada, deparei acaso, folheando, na livraria do Museu Britannico, um curioso exemplar de Maximo Tyrio, com o seguinte paragrapho, que por vir tanto ao proprio ao que eu tinha dito, traduzi o melhor que pude do original grego em que elegantemente está escripto, e aqui o transcrevo:

«Com o discurso se dá pasto ás almas honradas, não porém discursos forenses[1]. Com quaes pois? Aquelles que as levam á cogitação dos antigos tempos; e que diante dos olhos lhes põem as coisas outrora passadas. Nada é mais deleitoso do que ser versado na historia, viajar sem fadiga alguma a cada momento, e estar vendo ao mesmo tempo todos os paizes; assistir sem risco a todas as batalhas, concentrar um infinito espaço de tempo, e infinitas coisas passadas, observál-as todas de uma vez; o que pelos Assyrios, o que pelos Egypcios, o que pelos Persas, o que pelos Medos, o que pelos Gregos feito. Parecer-lhe que agora se acha n'uma batalha campal, logo n'uma naval, depois no meio d'uma assembleia em suas deliberações. Pelejar no mar com Themistocles, na terra com Leónidas, perecer com Agesilau, voltar incolume com Xenophónte: amar com Pantheia, caçar com Cyro, reinar com Cyaxares. Pois se a Ulysses chamam sabio, só porque era homem experimentado (*polytropon*) e

De muitos homens terras e usos vira,
Salvando anxioso a vida e a volta aos socios[2]

muito mais sabio é o que a salvo de todo o perigo se instrue pela historia. Verá Charybdsis, mas sem naufragio, ouvirá as Sirenes, mas sem precisar atado. Tratará com o Cyclópe, mas pacifico e manso. E se Perseu é tido por feliz porque com a ajuda das azas vagava a todo o instante por toda a terra e todos os paizes via: muito mais ligeira e sublime deve de ser reputada a historia, que por toda a parte nos leva o espirito e nem só lhe mostra as coisas nuas e singelas, mas as origens dos homens, etc.

Max. Tyr. Diss. XII.

O leitor que estiver em termos de julgar entre a minha traducção e o original, verá que sacrifiquei a elegancia da phrase á fidelidade da versão.

Y y

Fatigado de vicios e deboche..... *pag. 320*

Deboche tem a auctoridade do padre Antonio Pereira, que não sei porque hade ser menos classico do que tanto padre e frade que viveu cem ou duzentos annos antes, e sabia cem ou duzentas vezes menos que o nosso illustre theologo.

B c

Pedro o legislador........... ...*pag. 324*

Quem não sabe que as *ordenações affonsinas* foram mandadas compilar e coordenar pelo infante D. Pedro durante a sua regencia e minoridade de Affonso V?

D e

A mulher deve estar em certa sujeição ao homem porque depende d'elle..... . *pag. 326.*

«A's mulheres em particular é mui util o saber obedecer. Ahi está a verdadeira origem de sua felicidade; pae, mãe e marido hão de dispôr de sua vida inteira, e ellas teem de mais a mais que carregar com o pesado jugo dos respeitos humanos (*bienséaces.*) *de l'Educ.* par Madame Campan, *liv. II, cap. III*

F g

O educando que não tem a desgraça de ser orpham não tem, ou não deve ter, ainda outro mentor senão essa mãe querida.. .. . *pag. 3.7.*

«As mães não teem que se desculpar com as suas occupações, porque sempre lhes sobeja tempo. O cuidado e superintendencia da educação até essa edade (a adolescencia) principalmente lhes incumbe a ellas, e faz parte d'esse pequeno imperio doméstico que a Providencia lhes marcou. Sua natural suavidade, seu modo acariciador, só com isso ellas sabem unir uma auctoridade branda mas firme, faz com que sejam as melhores e as mais proprias instituidoras de seus filhos.» Rolin, *Traité des Études.*

H i

Por ora é ella a tutora natural a mestra unica... *pag. 327*

«O fructo dos primeiros annos nunca se perde; o homem feito volta sempre á sua primeira amiga, toda a sua vida folgará de a tomar por guia, e por entre os desvios do mundo achar lhe-heis ainda para ouvir sua mãe a docilidade dos primeiros annos. E' facil a bom observador o descobrir nos homens cuja primeira educação dirigiu mãe prudente e instruida, uma urbanidade particular, mais tendencia para ouvir a razão e aquelle certo respeito, aquellas attenções para com o sexo, que mostram sempre o homem de boa companhia. Madame Campan. *de l'Education*, L. II, cap. I.

[1] Traduzi *forenses*: o texto diz δικανικοὺς, no que se comprehende tanto o que hoje entendemos por forense propriamente, como o de toda a assemblea, deliberativa ou legislativa ou governativa; é como se dissesse, em nossa phrase moderna, discursos da tribuna e da barra.

[2] Estes celebrados versos da «Odyssea»,

Πολλων δ'ἀνθρωπων ιδεν αστεα, και νοον εγνω...
'Αζνυμενος ην τε ψυχην και νοστον εταιζων ..

que Horacio, traduziu não, mas imitou na art poet. e na epist. ii do Lib. I.

Qui mores hominum multorum vidit et urbes.—(art. poet.)
Dum sibi, dum sociis reditum parat.—(Ep. L. I. ii.)

talvez se não possam bem verter em lingua nenhuma (que eu saiba) senão na portugueza, em razão da palavra 'Αζνυμενος que sem o *anxioso* não é traduzivel

BOSQUEJO

DA

HISTORIA DA POESIA E LINGUA PORTUGUEZA

OUTROS ESCRIPTOS LITTERARIOS

BOSQUEJO

DA

HISTORIA DA POESIA E LINGUA PORTUGUEZA

Julgo haver prestado algum serviço á litteratura nacional em offerecer aos estudiosos de sua lingua e poesia um rapido bosquejo da historia de ambas. Quem sabe que tive de encetar materia nova, que portuguez nenhum d'ella escreveu, e os dois estrangeiros Bouterweck e Sismondi incorrectissimamente e de tal modo, que mais confundem do que ajudam, a conceber e ajuizar da historia litteraria de Portugal, — avaliará decerto o grande e quasi indizivel trabalho que me custou esse ensaio. Não quero dál-o por cabal e perfeito; mas é o primeiro, não podia sêl-o. Além de que, a maior parte das idéas vão apenas tocadas, porque, não havia espaço em obra de taes limites para lhe dar o necessario desenvolvimento.

I

Origem de nossa lingua e poesia

A LINGUA e a poesia portugueza (bem como as outras todas) nasceram gemeas, e se criaram ao mesmo tempo. Erro é commum, e geral mesmo entre nacionaes, pela maior parte pouco versados em nossas coisas, o pensar que a lingua portugueza é um dialecto da castelhana, ou hespanhola segundo hoje inexactamente se diz.

Das variadas combinações das primitivas linguagens das Hespanhas com o Grego, o Latim, e com os barbaros idiomas dos invasores do norte, e emfim com o Arabigo, nasceram em diversas partes da Peninsula diversissimas linguas que nem dialectos se podem chamar geralmente, porque, além de não haver uma commum, de muitos d'elles é tão distincta a indole e tão opposta que se lhes não colhe similhança.

Ninguem ignora hoje que o Provençal foi a primeira que entre as linguas modernas se cultivou, mas que por sua breve dura não chegou nunca á perfeição. Das nações da

D. DINIZ

Hespanha, as mais visinhas áquelle crepusculo de civilisação primeiro melhoraram a sua linguagem: mas tambem lhes coube egual sorte; nunca de todo se puliram. O Castelhano e Portuguez, que mais tarde se cultivaram, permaneceram pelo sabido motivo da conservação da independencia nacional, e vieram a completo estado de perfeição, e ca-

racter cabal de linguas cultas e civilisadas. O Biscainho, Catalão, Gallego, Aragonez, Castelhano, Portuguez e outras mais, foram e são ainda alguns distinctos idiomas: porém só os dois ultimos tiveram litteratura propria e perfeita, linguagem commum e scientifica, tudo emfim quanto constitue e caracterisa (se é licita a expressão) a *independencia* de uma lingua.

Grande similhança ha entre o Portuguez e o Castelhano; nem podia ser menos, quando suas capitaes origens são as mesmas e communs: porém tão parecidas como são, pelas raizes de derivação; no modo, no systema d'essas mesmas derivações, na combinação e amalgama de identicas substancias e principios se vê todavia, que diversos agentes entraram, e que mui variado foi o resultado que a cada uma proveiu. Filhas dos mesmos paes, diversamente educadas, distinctas feições, vario genio, porte e ademan tiveram: ha comtudo nas feições de ambas aquelle *ar de familia* que á primeira vista se colhe.

Este ar de familia enganou os estrangeiros, que, sem mais profundar, decidiram logo que o Portuguez não era lingua propria. Esse achaque de decidir afoitamente de tudo é velho; sobretudo entre francezes, que são o povo do mundo entre o qual (por philaucia decerto) menos conhecimento ha das alheias coisas.

Sem duvida é que a lingua portugueza começou com seus trovadores, unicos no meio do estrepito das armas que algum tal qual cultivo lhe podiam dar; e provavel é que assim fosse com pouco melhoramento até os tempos d'el-rei D. Diniz, que no remanso da paz do seu reinado protegeu e animou as lettras, que elle proprio cultivou tambem.

II

Primeira epocha litteraria; fins do XIII seculo até aos principios do XVI seculo

D. João I o eleito do povo, e o mais racional de todos os nossos reis, deu ao idioma patrio valente impulso, mandando usar d'elle em todos os actos e instrumentos publicos, que até então se faziam em Latim. Foi esta lei, carta de alforria e de cidade para a lingua que até alli vivêra escrava da dominação latina, a qual sobrevivera não só ao imperio romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tão desvairados povos.

Aqui se deve pôr a data da verdadeira aurora das lettras em Portugal, que, por singular phenomeno pouco visto entre outros povos, raiou ao mesmo tempo com a das sciencias; por maneira que quando o romantico alaude de nossas musas começava a dar mais afinados sons, e a subir mais alto que o atélli conhecido, as sciencias e as artes cresciam a ponto de espantar a Europa, mudar a face do mundo, e alterar o systema do univèrso.

Desde então até á morte d'el-rei D. Manuel, tudo foi crescer em Portugal: artes, sciencias, commercio, riqueza, virtudes, espirito nacional.

Muitas foram as producções de nossa litteratura n'aquelle seculo de gloria em que Gil Vicente abriu os fundamentos ao theatro das linguas vivas; Bernardim Ribeiro puliu e adereçou com alguns mimos da antiguidade o genero inculto dos romances [1], e seguiu (quasi o segundo) o caminho encetado pelo nosso Vasco de Lobeira nas composições romanescas; e ao cabo mostrou aos rusticos pastores do Tejo alguns dos suaves modos da frauta de Cicilia, que nenhuma lingua viva até então ouvira soar.

A natural suavidade do idioma portuguez, a melancolia saudosa de seus numeros nos levaram á cultura d'este genero pastoril, em que raro poeta nosso deixou de escrever, quasi todos bem, porque a lingua os ajudava; nenhum perfeitamente, porque (inda mal) deram ás cegas em imitar Sannazaro, depois Boscan e Garcilasso, e copiaram pouco do *vivo* da natureza, que tão bella, tão rica, tão variada se lhes apresentava por todas as quatro partes de que em breve constou o mundo portuguez, e das quaes todas ou assumpto ou logar de scena tiraram nossos bucolicos. Nem d'este geral defeito [2] (o maximo que porventura se lhes nota) póde fazer-se excepção, se não fôr alguma rara em favor de Camões e de Rodrigues Lobo. O Tejo, o Mondego, os montes, os sitios conhecidos de nosso paiz e dos que nos deu a conquista, figuram em seus poemas; porém raro se vê descripção que recorde alguns d'estes sitios que já vimos, que nos lembre os costumes, as usanças, os preconceitos mesmo populares; que d'ahi vem á poesia o aspecto e feições nacionaes, que são sua maior belleza.

Bernardim Ribeiro foi um tanto mais original em sua simplicidade, o que lhe falta de sublime e culto sobeja-lhe em brandura, e n'uma ingenua ternura que faz suspirar de saudade, d'aquella saudade cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tão longo padeceu, e tão bem pintou.

Foi seu contemporaneo Gil-Vicente, fun-

[1] Não no sentido de *novellas;* mas no que então se lhe dava.

[2] Commum tambem nos outros generos de poesia, onde quer que entra o descriptivo.

dador do theatro moderno, de cujas obras imitaram os Castelhanos; e d'ellas se espalhou pela Europa o máo e o bom d'essa irregular e caprichosa scena, que ainda assim suas bellezas tem.

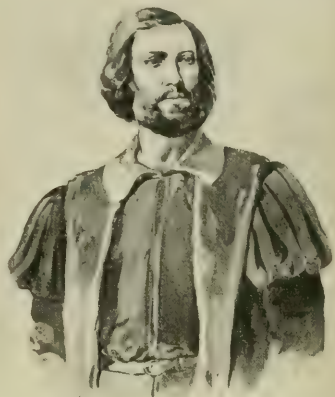
O proprio Gil Vicente não deixa de ter seu comico sal, e entre muita extravagancia muita coisa boa; Bouterweck e Sismondi parece que escolheram o peior para citar; muito melhores coisas tem, particularmente nos autos, superiores sem comparação ás comedias. A soltura da phrase, e a falta de gôsto são os defeitos do seculo: o engenho que d'ahi transparece é do homem grande e de todas as épocas. [1]

III

Segunda epocha litteraria; edade de ouro da poesia e da lingua desde os principios do XVI até os do XVII sec.

Com a morte d'el-rei D. Manuel declinou visivelmente a fortuna portugueza: certo é que as artes progrediam, que a lingua se aperfeiçoou; porém esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e já não promettia longa dura. Assim succedeu. D. João III colheu os fructos do que D. Manuel havia semeado; mas de lavras suas, nem elle, nem seus successores viram colheita.

Uma coisa todavia que muita influencia teve sobre a lingua e litteratura portugueza e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das linguas classicas, que na reformação da Universidade de Coimbra augmentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeiçoou-se a lingua, enriqueceu-se, adquiriu aquella solemnidade classica que a distingue de todas as outras vivas, seus periodos se arredondaram ao modo latino, suas vozes tomaram muito da euphonia grega; d'um e d'outro d'esses idiomas lhe vieram as muitas figuras, e principalmente da grega os muitos hyperbatos: com o que vae rica, livre e magestosa por todas as provincias da litteratura, que tem decorrido; não havendo alli genero de composição, para o qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria, — ou por mui aspera e guindada como o Castelhano, se não adapte, — por curta como o Francez, não chegue, — por inflexivel e rispida como o Allemão e Inglez, se não amolde.

Claro é que a historia, a oratoria, todas as artes do discurso deviam de florescer com tal augmento. Com ellas todas, medrou e cresceu a poesia na delicadeza, na harmonia, no gosto; porém desmereceu muito, demasiado, na originalidade, no caracter proprio, que perdeu quasi todo, em a *nacionalidade*, que por mui pouco se lhe ia. Todos os deuses gregos tomaram posse do maravilhoso poetico, todas as imagens, todas as idéas; todas as allusões do tempo de Augusto occuparam as mais partes da poesia; e mui pouco ficou para o que era nacional, para o que já tinhamos, para o que podiamos adquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa archeologia, do aspecto de nosso paiz, de nossas crenças populares, e emfim de nossa religião.

GIL VICENTE

Sá de Miranda, verdadeiro pae da nossa poesia, um dos maiores homens de seu seculo, foi o poeta da razão e da virtude, philosophou com as musas e poetisou com a philosophia. Seu muito saber, sua experiencia, seu tracto affavel, e até a nobreza do seu nascimento, lhe deram indisputada superioridade a todos os escriptores d'aquelle tempo, dos quaes era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os

[1] Reservo-me para uma edição que pretendo publicar do nosso Plauto, fructo de longo e penoso trabalho, para examinar melhor este ponto, e demonstrar o que aqui enuncio.

poetas d'aquella época a mesma especie de imperio que veiu a ter Boileau em França, e mais modernamente Francisco Manuel entre nós. Introduziu na poesia os metros italianos, e os modos, versos e combinações de rimas de Dante e Petrarca : e desd'ahi quasi se abandonaram inteiramente (excepto nas voltas e glosas) os nossos antigos versos de redondilha, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim mui proprios são para certos assumptos, segundo com feliz exemplo nol-o mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda egualou nunca em composições endecasyllabas a pureza, a correcção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas, que hoje são seu maior e quasi unico titulo de gloria.

São de admirar suas comedias, e são notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto. Porém o theatro portuguez creado pela musa negligente e travêssa de Gil-Vicente e Antonio Prestes, carecia de reforma, mas não podia supportar uma revolução. As comedias de Sá de Miranda sem caracter nacional, mui classicas de mais, não eram para reformal-o: o mesmo direi, e o mesmo succedeu ás de Ferreira, a algumas poucas mais que depois vieram. O effeito d'estas composições, aliás preciosas, foi funesto: os litteratos enjoaram-se (e com razão) do theatro nacional, e não se deram a corrigil-o e melhoral-o : o publico preferia (e com razão tambem) o com que fôra creado, o que o interessava, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares, que bocejar e adormecer-se com as finuras d'arte e correcções d'essas comedias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo o espirito havia, menos o nacional.

Se houveram Sá de Miranda e Ferreira escolhido assumptos portuguezes, se houveram pintado os costumes nacionaes, e apresentado ao publico, em vez de quadros italianos, um espelho em que se elle visse a si e aos seus usos, e se risse de seus proprios defeitos; fico em que houveram reformado o theatro em vez de lhe empecer: e acaso gosariamos ainda hoje em uma scena rica e abastada dos resultados d'esse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivermos, sobre o theatro das migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio de traducções, que (as dramaticas sobre tudo) nunca podem ser boas.

Sá de Miranda escreveu além d'isto algumas eclogas bastante frias, varios sonetos geralmente de pouca monta. Um d'elles, á morte de Leandro e Hero, é excellente, mas castelhano [1]; e por esse achaque o não inclui na escolha [2].

Não posso deixar de querer mal a tão illustre portuguez pelo muito que escreveu n'essa lingua estranha; com que não se privou a natural do fructo de suas tarefas, mas fez maior damno ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos cerceou a litteratura, que nos defraudou d'uma *Diana* de Monte-maior, de tantas boas coisas mais, e ao cabo ia perdendo a lingua.

Mas eis ahi Antonio Ferreira para combater esse mal em sua origem: eil-o ahi esse portuguez verdadeiro, ardente amador da lingua, clamando a todos, pugnando contra todos os que não prezavam e aditavam o patrio idioma com as producções do engenho e das artes. O profundo conhecimento dos classicos gregos e latinos, o finissimo gosto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os imitou, a pureza da phrase, as riquezas com que adornou a lingua deram aos versos de Ferreira grande popularidade entre os litteratos e cortezãos (que, ao avêsso de hoje, as lettras viviam então quasi só na côrte) e fixaram determinadamente o genero classico entre nós.

Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e d'ahi, enriquecendo a lingua, empobreceu a litteratura, porque a avezou a esse habito de copista; cancro que róe o espirito creador, alma e vida da poesia nacional. Tam cega foi esta imitação, que seus mesmos versos, aos quaes hoje ninguem defende da nota de asperos e duros (e muitos direi — errados) os fazia assim de proposito por querer usar das ellipses gregas e latinas, a que repugna a indole de nossa lingua, só toleraveis em certas vozes que na prosa mesma se pronunciam e escrevem no final com *m* ou sem elle. Este desagradavel defeito dos versos de Ferreira é principalmente sensivel nas dicções que teem final no que chamamos (mal ou bem) ditongos nasaes de *ão*, e muito mais quando n'elle é o accento predominante da palavra.

Os sonetos são frios e desengraçados; nas eclogas ha bellezas muitas, e mui grandes, mas espalhadas; nenhuma d'estas composições tomada por si póde merecer o nome de bella. Porém das odes, ha d'ellas que são puramente horacianas, e se lhes fallece a elevação (que não era esse o genio de Ferreira) sobeja-lhe a graça, a elegancia e a adornada philosophia, que não agradam menos, nem

[1] A Rib. dos Santos traduziu este soneto em portuguez e (coisa inexplicavel em tal homem) o deu por seu.

[2] *Parnaso lusitano.* N. do e.

de menos valor e merito são que os extasis pindaricos, ou os requebros anacreonticos. O que é sem duvida é que nas linguas vivas Ferreira foi o primeiro imitador feliz de Horacio, e o primeiro dos modernos que pulsou a lyra classica. Das epistolas, ha algumas que podem pleitear em concisão e fino dizer com as boas do lyrico romano. Quanto á puresa da moral, ao nobre patriotismo, áquelle generoso sentimento da honrada liberdade de nossos avós, áquelle enthusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se e resplandece em todas as suas obras.

Mas, a verdadeira gloria de Ferreira é a *Castro*, producção admiravel por si mesma, pelo tempo em que a escreveu, por todos os lados por que se considere. Não é ainda liquido entre os philologos se era possivel o ter visto Ferreira a *Sophonisba* de Trissino, que mui poucos annos antes da *Castro* appareceu: mas é sem a minima questão reconhecida a superioridade da tragedia portugueza á italiana: pasma como sem ver um theatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos, podesse Ferreira tratar tam delicadamente um tal assumpto em um genero desconhecido da antiguidade. É notavel a primeira scena da *Castro*, a scena d'el rei e dos conselheiros no acto II, a do acto III, em que o côro traz á *Castro* as novas de sua cruel sentença, onde aquella pergunta de Ignez: «É morto o meu senhor, o meu infante?» rasgo de sublime, porém d'um sublime todo sensibilidade, ao qual nem o *qu'il mourût* de Corneille póde comparar-se; e finalmente os córos, que sem paixão são superiores a todos os exemplares da antiguidade, e não têem que invejar aos tam gabados da *Athalia*. Não dou a *Castro* por uma tragedia perfeita: ainda em relação ao seu tempo e aos conhecimentos da scena d'então tem ella defeitos: não haver uma scena em que se encontrem Pedro e Ignez, não haver algum esforço do infante para lhe valer, deixam a peça muito núa de acção, e lhe entibiam o interesse. A versificação (que todavia é de preferir aos versos sesquipedaes e impados com que hoje está pervertida a scena portugueza) pécca geralmente por dura; mas essa mesma é por vezes bella; e para bons entendedores muito ha que estudar; e oxalá que os nossos dramaticos lessem e relessem bem a *Castro*, e aprendessem alli, pelo menos, naturalidade e verdade de expressão, que tanto lhes fallecem.

Não estava ainda n'este auge a poesia portugueza, quando um homem pouco conhecido dos lettrados, mas já celebre por suas aventuras e valor, foi para tam longe da ingratissima patria despicar-se de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-lhe um padrão, com que não entram as edades, e que conservará ainda o nome portuguez quando já elle houver desapparecido da terra. Muita erudição (pois sabia quanto se soube em seu tempo), engenho dos que veem ao mundo de seculos a seculos se reuniram em Camões. Esse homem levantou a cabeça lá das extremidades d'Asia, e viu tudo pequeno á roda de si, todos os poetas pigmeus, todos acanhados com as linguas modernas

SÁ DE MIRANDA

ainda mal perfeitas, escravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas idéas, que o novo estado do mundo requereria. Teve animo para conceber e força para executar um rasgado e necessario atrevimento de se abrir caminho novo, de crear em fim a poesia moderna, dar não só a Portugal, mas á Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.

Não me dá espaço o acanho de meus limites para dizer de Camões o que era indispensavel; antes a celebridade de seu nome me deixará parar aqui para dar logar a tratar de menos conhecidos nomes. Só direi que a influencia de Camões na nossa poesia, e em toda a litteratura portugueza foi tal, que desde então até hoje se não deixou de sentir, mesmo nas epocas em que mais desvairados teem andado nossos poetas com as empolas do *gongorismo*, ou mais lunaticos com os es-

fusiotes do *elmanismo*. Quasi que não houve genero de poesia que não tratasse; tem sonetos admiraveis; eclogas (sobre tudo as primeiras) excellentes; mas principalmente de todas as poesias menores, são o mais sublime e perfeito as canções; genero a que deu uma nobreza e elevação desconhecida mesmo em Petrarca: sirva de prova e exemplo aquella que começa — «Junto d'um sêcco duro e esteril monte». Dos *Lusiadas*, de suas bellezas e defeitos, das controversias sobre umas e outras, está cheio o mundo litterario.

Contemporaneo de Camões e ousado tambem como elle a encetar a carreira epica foi Jeronymo Cortereal. O *Cerco de Diu*, que é notavel monumento litterario, e que decerto se teve algum exemplar foi a *Italia* do Trissino, é uma fria narração, em que ha bellas idéas áquem, álem, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral máos versos. E comtudo é talvez Cortereal o primeiro (em data) poeta descriptivo: e creou elle acaso esse genero de que tanto blasonam hoje os inglezes, allemães, e até francezes, e que todavia nós tinhamos seculos antes d'elles. Já no *Cêrco de Diu* ha muito boas descripções; mas no *Naufragio de Sepulveda* ha d'ellas sublimes.

Entre muito devaneio de imaginação e de mau gosto, entre aquelles insipidos requebros de Pan e de Protheu, apparece todavia a morte de D. Leonor, que é um trecho da mais bella poesia, da mais fina sensibilidade que se tem composto.

De todos esses poetas que então floresceram, é na minha opinião o menos poeta, esse Pero d'Andrade Caminha, a quem da amizade e celebridade de Ferreira e Bernardes vem talvez o maior renome. Ainda assim tem algumas odes boas, simplicidade com elegancia por partes de suas composições: epigrammas, são alguns excellentes.

Sobreviveu a todos estes e á patria, que não tardou em perecer, o suave cantor do *Lima*, que levado por D. Sebastião para testemunhar seus altos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se eom seu rei, e jazeu captivo em Africa. Pondo de parte a questão das eclogas (na qual decerto não andou de boa fé Faria e Sousa), a qual, ainda que proprio do logar, é mui longa para os meus limites, Bernardes foi excellente poeta; e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade do seu estylo, certa melancolia d'expressão que lh'o requebra e embrandece darão sempre a Bernardes um logar mui distincto na poesia portugueza.

Mas já a nação se perdêra nos areaes de Africa, já a gloria portugueza estava offuscada; com ella foram (como sempre vão) as boas artes. Ainda brilham a espaços faiscas do grande luzeiro que se apagára; mas já não eram senão faiscas.

Ainda Luiz Pereira deplora na *Elegiada* a ruina da patria, mas esse canto funebre é quasi o canto de cysne da poesia nacional, que parece querer fenecer com elle, e já n'elle moribunda se mostra. Ha excellentes oitavas derramadas por esse poema, algumas descripções felizes, grandissima riqueza de linguagem; mas pouco mais.

Já Fernão Alvares no *Oriente* diffuso, intrincado nos primeiros labyrinthos dos *conceitos* italianos mostra a visivel decadencia da poesia: já as musas que tão louçãs e ingenuamente bellas tinham folgado pelas varzeas do Tejo e do Mondego com Ferreira e Camões, apparecem affeitadas com arrebiques e cores falsas, como essas damas para quem se desbota a flor da edade e lhe querem ainda supprir o viço com emprestados ornamentos, gentilezas compradas e postiças. E todavia ha na *Luzitania transformada* pedaços lyricos excellentes, e alguns bucolicos soffriveis. Assim elle nos dissesse mais do seu *Oriente* do que nos disse: assim houvesse enriquecido a litteratura com mais imagens de tantas que sua Asia lhe offerecia, e com que houvera additado a mãe patria. Onde o fez, n'aquella ecloga em que conta a historia de Saladino, é elle verdadeiramente poeta; e se d'ahi tirarem alguns trocadilhos que tinha aprendido em Italia, excellente e digno de imitar-se é o resto.

IV

Terceira epocha litteraria; principia a corromper-se o gosto e a declinar a lingua. — Começo até o fim do XVII sec.

Porém os symptomas do *Gongorismo* e *Marinismo* se manifestavam já em Italia e Castella; não perfeitos ainda, não no auge a que os levaram os dois poetas, aliás engenhosos, cujo nome vieram a tomar; mas já assim mesmo a poesia moderna estava toda gafa d'essa lepra de soberba requintada.

Vasco Mousinho de Quevedo, que, sem disputar, é depois de Camões, nosso primeiro epico, ahi tem já em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia d'esse defeito, que todavia é n'elle ainda raro. Mas que bellezas tem esse tão mal avaliado *Affonso Africano*, a que a cegueira e o máo gosto tem querido preferir a *quixotica* e sesquipedal *Ulyssea*, a hyperborea e campanuda *Malaca!* Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a

acção toda não mui bem deduzida; mas que riquissimos episodics a enfeitam! A descripção de Zara, o jardim encantado onde aporta o principe D. João, e alguns outros trechos são cunhados com o sello da verdadeira poesia, e animados da luz que só dá o engenho. Quanto ao estylo, é com poucas excepções fluido e elegante; custa a achar em tão longo poema uma rhyma forçada ou má: e a mesma linguagem, supposto decline um tanto da primeira pureza, é ainda de boa lei e valiosos quilates.

D'esta epocha é tambem Rodrigues Lobo, cujo grande logar como prosista não é aqui proprio de examinar: de seu merecimento poetico a commum opinião tem com justiça decidido dando-lhe um dos primeiros (eu quizera o primeiro) logar entre os bucolicos antigos; e outro mui differente e inferior entre os epicos. E certo, o *Condestabre*, apesar de muitos e bons pedaços descriptivos, é frouxa e morna composição. Que differente era a frauta que ia soando pelas margens do Lis, a dulcissima frauta de Lobo, quando comparada com a tuba heroica, para cuja altivez lhe fallecem natureza e arte! seus pastores são verdadeiros pastores, sua linguagem é verdadeira do campo, não lhes saem pelos golpes do pellico as alfaias da cidade, tam mal encobertas pelos outros bucolicos, os quaes, sem excepção do proprio Camões, todos peccam por mui sabidos e lettrados, por discretos e galantes mais que só em ser aldeãos e pastores.

Além d'isso ha derramados pela *Primavera*, *Pastor peregrino*, etc., pedaços lyricos de summa belleza, romances excellentes e verdadeiramente dignos de admiração e estudo.

Tinhamos perdido a independencia; perdemos logo o espirito nacional, o timbre, o amor patrio (que amor da patria poderá haver em quem patria já não tem); a lisonja servil, a adulação infame levou nossos deshonrados avós a desprezar seu proprio, riquissimo e tão suave idioma, para escrever no guttural Castelhano, preferindo os sonoros hellenismos do portuguez ás aspiradas *aravias* da lingua dos tirannos. Vergonha que só tem par nas derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a lingua e a fama os tarellos, francelhos, gallici-parlas e toda a caterva dos gallo-manos!

Em Castelhano escreviam já esses degenerados portuguezes: mas pouco importava que o fizessem, que n'isso fraca perda tivemos nós: de toda essa çafra de versos castelhano-portuguezes pouco ou nada ha que espremer.

D'esta commum baixeza se levantou o honrado e douto magistrado Gabriel Pereira de Castro, que depois de ter aberto na jurisprudencia um caminho novo e n'aquelle tempo tão difficil por grandes verdades então perigosas, tomou ousado a trombeta de Homero, e não se arrojou a menos que a competir ao mesmo tempo com a *Iliada* e *Odyssea*, que tanto abraça o assumpto de seu poema. Grande é a concepção, bem distribuidas as partes, regularissimo o todo, regular e bella a acção, bem entendidos os episodios; mas o estylo... o estylo é, prototypo da *Phenix-renascida*, o requinte do gongorismo, cujo patriarcha foi entre nós, pervertendo-nos, á sombra de sua grande fama e brilhante engenho, todo o resto escasso que de gosto tinhamos ainda; intrincando a poesia (senão que tambem a prosa por máo exemplo) n'um dedalo inextricavel de conceitos, de argucias, de exagerações, de affectada sublimidade, falsa e vã grandeza; com que de todo veiu a terra a poesia nacional, e acabou a grande escola de Camões e Ferreira, que tantos e tamanhos alumnos havia produzido. E suppunha esse homem vaidoso ter sobrepujado com as quixotadas da sua *Ulyssea* as naturaes bellezas dos divinos *Lusiadas!*

LUIZ DE CAMÕES

Quasi o mesmo errado trilho, mas que menos brilhante e com inferior engenho, seguiu Sá de Menezes na *Malaca*. Esse poema, que tanto tem engrandecido o máo gos-

to, é na minha opinião um dos derradeiros titulos de gloria da litteratura portugueza. E todavia é bem regular, bem concebido, e a espaços se lhe encontram grandes rasgos de gentileza poetica. A fala de Asmodeu no conselho infernal faz lembrar muito a de Lucifer em Milton. Porém quando agitado o poeta do genio máo que avexava e endemoninhava os poetas d'então, começa a guindar-se, a transpor os derradeiros limites da naturalidade: esquece todo o deleite que algumas estancias mais descuidadas nos haviam causado, e é forçoso desamparar a du'ra tarefa de tão incommoda leitura, porque verdadeiramente incommóda e cança tal estylo, tal phrase, tanto hyperbolico luxo e destemperado alambicar.

V

Quarta epocha: edade de ferro; anniquila-se a litteratura, corrompe-se inteiramente a lingua. — Fins do XVII, até meados do XVIII sec.

Mas ainda estes tinham sua nobreza, havia não sei que grande entre todas essas *nuvens de talco*; talvez lhes viesse dos assumptos: porém seus discipulos que ainda quizeram ir ávante, deram em fazer *silvas acrosticos*, e engendraram todos os outros monstros (originarios, segundo Diniz, do *paiz das bagatellas*) e distillando mais e mais as quintas essencias dos conceitos, tanto torceram e retorceram o já delgado fio poetico, que de todo o quebraram. Só Manuel da Veiga o atou momentaneamente em uma ou duas lyras da *Laura de Amphriso*. Logo tornou a estalar: e por ahi andaram as pobres musas portuguezas jogando as cabras-cegas pelas eclogas de Polyphemo e Galatea, pelos romances endecasyllabos, e por todos os outros esconderijos de gosto depravado, de que boas amostras se conservam no precioso tombo da *Phenix renascida* e alguns outros hoje ignorados livros d'essa triste data.

E todavia já nós tinhamos recobrado tão gloriosamente nossa independencia, já o nome portuguez tornára a ser honra e nobreza, e ainda essa lepra castelhana lavrava.

Dois grandes escriptores, ambos prosistas e ambos dignos de muito louvor, concorreram para a continuação d'este mal. Quem podia deixar de admirar Vieira? Quem não iria levado pela torrente da sua eloquencia? Quem resistiria aos impetos de arrebatamento de Jacintho Freire? O grande talento de ambos, a vasta erudição e desmedido engenho de Vieira sobre tudo, fizeram grande damno á litteratura: sabiam, escreviam perfeitamente a lingua, tinham grande crédito na côrte, tractavam grandes assumptos, animava-os o nobre e sincero enthusiasmo da gloria e liberdade nacional: tudo foi após elles; imitaram-lhes vicios e virtudes. Como não distinguiam em Vieira o grande orador, o grande philosopho do gongorista affectado (quando o era); não extremavam em Jacintho Freire o historiador, o panegyrista do declamador, do academico vão: ruim e bom seguiam. E como é mais facil imitar a affectação, que a naturalidade, as argucias de má arte, que as graças de boa natureza; os imitadores foram além de seus typos no affectado, no máo d'elles, ficaram immenso áquem do que n'esses era bello e para imitar.

Nem o conde da Ericeira, que traduziu a *Arte poetica* de Boileau e d'elle levou tão immerecidos e banaes elogios, tomou d'ella triaga bastante para se curar do veneno commum: e ainda assim, melhor é sua frigida *Henriqueida* que os outros versos que por então se faziam em Portugal: porém o unico ôlho que o fez rei em terra de cegos, não lhe era bastante para vêr e acertar com a vereda da posteridade. Ahi morreu no seu seculo e ahi jaz pela poeira d'alguma livraria de bibliomaniaco.

As academias de historia, de litteratura do tempo de D. João V, as associações ridiculas de todos os nomes e descripções que então se formaram, a mais e mais empeioraram o mal, que progressivamente cresceu até o ministerio do marquez de Pombal.

VI

Quinta epocha: restauração das lettras em Portugal. — Meio do seculo XVIII até o fim

A civilisação e as luzes que a geram, tinham-se estendido do sul para o norte. A corrupção que após ellas vem em seu marcado periodo, as fôra apagando, ou ennevoando ao menos, na mesma direcção. De sorte que pelos fins do XVII seculo, o meio dia, que havia sido berço da illustração da Europa, quasi se ennoitava das trevas da ignorancia, as quaes pareciam voltar como em *reacção* para o ponto d'onde partira a primeira *acção* da luz que as dissipára.

O norte, que mais tarde se havia illuminado, progredia no entanto: as boas lettras, as artes, as sciencias floresciam na Inglaterra e por quasi toda a Allemanha. Milton, Descartes, Newton, e Linneu brilharam ao septentrião da Europa; e nós meridionaes estudavamos as *categorias* e as *summas*, aguçavamos distincções, alambicavamos conceitos, retorciamos a phrase no discurso, torciamos a razão no pensamento.

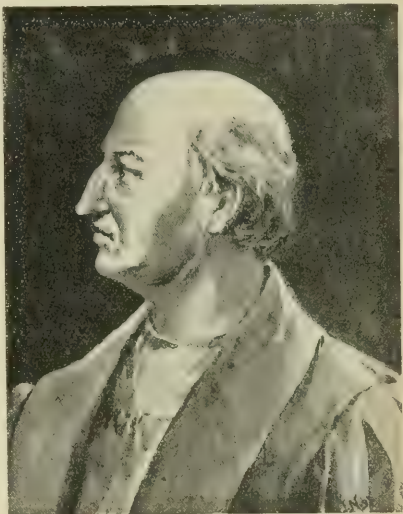
Porêm a face do mundo estava começada a mudar: as antigas barreiras que a politica e os preconceitos erguiam entre povo e povo quasi desappareciam; as mutuas necessidades, e até o mesmo luxo, faziam quasi indispensavel precisão as permutações do commercio; e o commercio fraternisou as nações.

Reciprocamente se estudaram as linguas, generalisou-se esse estudo: então é que exactamente os sabios começaram a ser de todos paizes: os bons livros pertenceram a todas as linguas; e verdadeiramente se formou dentro de todos os estados um estado que (sem os inconvenientes do *status in statu* dos ultramontanos) com justiça e exacção obteve e mereceu o nome de republica das lettras, a qual é uma, universal, e sem perigo de schismas.

Os effeitos d'esta alteração no modo de existir do universo foram sensiveis: as luzes não se reverteram (sem retrogradar) do norte para o sul, mas se diffundiram geraes. A França viu então o seculo de Luiz XIV; Italia deixou santo Thomaz e os *concetti* por melhor philosophia e melhor gosto; Hespanha teve o seu Carlos III; e Portugal no reinado d'el-rei D. José subiu á altura dos outros povos, senão é que em muitas coisas acima.

E ainda na reforma da Universidade não tinham apparecido Monteiros da Rocha e os outros portuguezes que d'alli expulsaram a barbaridade entrincheirada em Coimbra como em sua ultima cidadella da Europa, e já a razão e o gosto recobravam seu imperio na litteratura; já a odes do Garção, as obras do padre Freire e de outros illustres philologos haviam afugentado as *silvas*, os *acrosticos*, e os campanudos periodos do conde da Ericeira, regenerado a poesia e restituido a lingua.

Outra vez ainda o limitado d'este bosquejo me impede de mencionar outros engenhos que tanto mereceram da patria e da litteratura e remoçaram a perdida lingua de Camões. Exige o meu assumpto e o meu espaço que me estreite no circulo poetico.

Garção foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas póde ser legitimada portugueza) de mais *fino tacto* que entre nós appareceu até agora. Haverá n'outros mais fogo, outros ferverão em mais enthusiasmo, crearão acaso mais; porém a delicadeza de Garção só tem rival na antiguidade. A musa pura, casta, ingenua, nunca lhe desvairou: em suas composições ha d'ellas onde a mais aguçada critica não esmiuçará um defeito. Tal é a cantata de Dido, uma das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem. Todo se deu ao genero lyrico, especialmente ao Horaciano; e n'esse ninguem o excedeu, antes ninguem o egualou. A ode á virtude, a que se intitula o *Suicidio* (que pela primeira vez sae a lume n'esta collecção) [1], outras muitas que longo fôra enumerar, são d'uma belleza, d'uma correcção, de um *acabado* (como dizem os pintores) que difficilmente se imitará, tarde se chegará a egualar.

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO

Não da mesma sorte Antonio Diniz, que mais arrojado, mais pomposo, menos correcto e elegante, assim correu mais caudalosa, porém, menos pura torrente. Em quanto lyrico, tem rasgos pindaricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccam a miudo de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos consoantes, que tão desnecessariamente se impoz, o acanhou a isso. Mas nas anacreonticas é elle sem disputa o primeiro poeta portugez, e digno rival do ancião de Teios. No genero bucolico tambem nos deixou mui bonitas coisas, nenhuma perfeita. Porém a verdadeira coroa poetica do Diniz, Thalia lh'a teceu, que não outra musa. O *Hyssope* é o mais perfeito poema heroi-

[1] Referencia ao *Parnaso Lusitano*.
N. do Ed.

comico de seu genero[1], que ainda se compoz em lingua nenhuma: se no castigado da dicção o excede o *Lutrin*; no desenho da obra, na regularidade do edificio, na imaginação, foi o discipulo de Boileau muito além de seu grande mestre: e com mais exacção se diria de um e outro o que de Camões e Tasso presumpçosamente disse Voltaire: que se a imitação d'aquelle fizera este, a sua melhor obra era essa. O palacio do genio das Bagatellas, a conversa do deão na cerca dos capuchos, a resurreição e vaticinio *do gallo assado*, a caverna d'Abracadabro serão, em quanto houver gosto, estudados como exemplar pelos litteratos, lidos e relidos sempre com prazer por todos os amigos das artes.

Após estes vem o virtuoso e honrado Quita, a quem pagou a patria com miseria e fome as immensas riquezas que para a lingua e litteratura de seus versos herdou. Um pobre cabelleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes que com ellas honrou nunca tiraram do triste officio, pôde de sua baixa condição social alevantar-se ao primeiro gráo litterario, que acaso lhe disputam ignorantes ou presumpçosos, nenhum homem de gosto deixará de lh'o dar.

Este é em meu humilde conceito o nosso melhor bucolico: tomo a liberdade de contrastar a opinião commum, porque o meu dever de critico me obriga a enunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim (e fico que acharei quem me siga se de boa fé quizerem entrar no exame) que a immensa cópia de composições pastoris, as quaes não são riqueza, mas desperdicio de nossas musas, ou peccam por empoladas, por inverosimeis, por baixas, por demasiado naturaes, por sobejo elevadas. Um meio termo difficilimo de tocar, de n'elle permanecer, um estylo singelo como o campo, mas não rustico como as brenhas, são dos mais difficeis requisitos que d'um poeta se podem exigir. Se tem engenho, custa-lhe a moldar-se e a retel-o que não suba mais alto que a difficil medida, e raro deixa de a exceder, de perder-se do bosque e acabar em jardins cidadãos e conversas de damas e cavalheiros o que começára no monte ou na varzea entre pastores e serranas.

Nem Virgilio d'ahi escapou, nem Sannazaro, nem Camões; Gessner sim, e depois de Gessner, o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu genero pastoril; mas a boa e honrada critica fala em geral, louva o bom, nota o máo, porém não faz timbre em achar defeitos e erros na menor falta para se regosijar da censura. Grandes homens, grandes erros: a natureza da mediocridade é cingir-se a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez: porém de taes nunca falou posteridade. Horacio e Boileau foram atrevidos quando lhes cumpriu, e desprezaram regras e arte quando os chamou a natureza, e lhes mostrou o sublime. Filinto, que os sabia de cór, tambem se levantou acima das regras, e nunca foi tamanho. E todavia foi elle o maior poeta de seu seculo: mas os grandes engenhos não contraveem a lei, são superiores a ella, e são elles viva lei.

Mui distincto logar obteve entre os poetas d'esta epoca Claudio Manuel da Costa; o Brazil o deve contar seu primeiro poeta[1], e Portugal entre um dos melhores.

Deixou-nos alguns sonetos excellentes, e rivalizou no genero de Metastasio, com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige á lyra com sua palinodia, imitando a tão conhecida do mesmo Metastasio a Nice, *Brazil all' ingani tuoi*, póde-se apontar como excellente modêlo. Nota-se em muitas partes dos outros versos d'elle varios resquicios de *gongorismo* e affectação *seiscentista*.

E agora começa a litteratura portugueza a avultar e enriquecer-se com as producções dos engenhos brazileiros. Certo é que as magestosas e novas scenas da natureza n'aquella vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais differentes imagens, expressões e estylo, do que n'elles apparece: a educação europeia apagou-lhes o espirito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e d'ahi lhes vem uma affectação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de *Caramurú*. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobre tudo para a poesia descriptiva. O auctor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto; mas de leve o fez: só se estendeu em os menos poeticos objectos; e d'ahi esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia. Notarei por exemplo o episodio de Moêma, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas cousas da situação da amante brazileira, da do heroe, do logar, do tempo não podéra tirar o auctor, se tão de

[1] Digo de seu genero, porque o *Orlando furioso* tambem é heroi-comico, mas d'outro genero.

[1] Em antiguidade.

leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis?

O estylo é ainda por vezes affectado: lá surdem aqui alli seus *gongorismos*, mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes.

Depois de Diniz, o logar immediato nos anacreonticos pertence a outro Brazileiro.

Gonzaga, mais conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, e pela sua Marilia, cuja belleza e amores tão celebres fez n'aquellas nomeadas lyras. Tenho para mim que ha d'essas lyras algumas de perfeita e incomparavel belleza: em geral a *Marilia de Dirceu* é um dos livros a quem o publico fez immediata e boa justiça. Se houvesse por minha parte de lhe fazer alguma censura, só me queixaria, não do que fez, mas do que deixou de fazer. Explico me: quizera eu que em vez de nos debuxar no Brazil scenas da arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde os situou. Oh! e quanto não perdeu a poesia n'esse fatal êrro! se essa amavel, se essa ingenua Marilia fosse, como a Virginia de Saint-Pierre, sentar-se á sombra das palmeiras, e emquanto lhe revoavam em torno o cardeal soberbo com a purpura dos reis, o sabiá terno e melodioso, — que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatú esquamoso, — ella se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmins, porém dos rôxos martyrios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhára com sua natural graça o ingenuo pincel de Gonzaga!

Justo elogio merece o sensivel cantor da infeliz Lindoia, que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brazileiros. O *Uruguay* de José Bazilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os Brazileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. Magoa é que tão distincto poeta não limitasse mais o seu poema, lhe não désse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desappareceriam algumas incorrecções de estylo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.

Muito ha que os nossos auctores desampararam o theatro: eis-ahi o faceto Antonio José, a quem muitos quizeram appellidar Plauto portuguez, e que sem duvida alguns serviços tem a esse titulo, porém não tantos como apaixonadamente lhe decretaram. Em seus informes dramas algumas scenas ha verdadeiramente comicas, alguns dictos de summa graça; porém essa degenera a miudo em baixa e vulgar. Talvez que o *Alecrim e Mangerona* seja a melhor de todas; e de certo o assumpto é eminentemente comico e portuguez: hoje teria todo o merito de uma comedia historica: e se fora tractada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça.

PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

VII

Sexta epocha; segunda decadencia da lingua e litteratura; gallicismo e traducções

Á volta d'este tempo se formou a Academia das Sciencias de Lisboa pelos generosos esforços do duque de Lafões. Este corpo scientifico, de quem tanto bem se augurou para a lingua e litteratura nacional, nem fez tudo o que d'elle se esperava, nem uma parte mui pequena do que podia e lhe cumpria fazer: mas nem foi inutil, nem, como alguns teem querido, prejudicial. E todavia sua for-

ça moral não foi bastante para vencer um mal terrivel que já no tempo de sua creação se manifestava, mas que depois cresceu e avultou a ponto, que veiu a tornar-se quasi indestructivel.

Este mal foi a *gallo-mania*, que sobre perverter o caracter da nação, de todo perdeu e acabou com a já combalida linguagem: phrases barbaras repugnantes á indole do idioma, termos hybridos, locuções arrastadas, sem elegancia, formaram a algaravia da moda, e prestes invadiram todas as provincias das lettras. Estudar a lingua materna, como aquella em que falamos e escrevemos é dos mais difficeis estudos, ha mister longa e porfiada applicação. Que bella invenção para a ignorancia e para a preguiça não foi esta nova linguagem mascavada e de furta-côres, que todos podiam saber sem fadiga, cujas leis cada um moderava e arbitrava a seu modo, alterava a seu sabor com tão plena liberdade de consciencia! Foi a religião de Mafoma: propagou a a incontinencia, a soltura, o desenfreio do appetite. Desprezaram-se os classicos, apodaram-se de ignorantes, de rançosos; e os que não ousavam, por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cans dos nossos mestres, sahiram então com o banal e ridiculo pretexto de que ninguem podia lê-los pelas materias que tractaram: que tudo eram sermões, vidas de santos, historias de conventos, de frades. Vergonhosa desculpa! Com que as decadas de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o estylo classico na historia moderna, são chronicas de conventos? Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que escreveu uma viagem regular da China, e dos extremos d'Asia, são vidas de santos? E d'essas mesmas vidas de santos quantas d'ellas são de summo interesse, divertida e proficua leitura! A vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres tem toda a valia das mais gabadas memorias historicas, de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguem taxou ainda de pouco interessantes. Quando outra coisa não contivesse aquelle excellente livro senão a narração do concilio de Trento, a viagem e estada do arcebispo em Roma, já seria elle uma das mais curiosas e importantes obras do seculo XVI. E D. Francisco Manuel de Mello, e Rodrigues Lobo, e Camões, e grande cópia de poetas de todos os generos, — tudo isso são sermonarios, vidas de santos?

Miseria é que o geral dos portuguezes jurou nas palavras de quatro peralvilhos que essas calumnias apregoavam: passou em julgado que os classicos se não podiam ler, e ninguem mais quiz tomar o trabalho nem sequer de examinar se sim ou não assim era.

N'este estado de coisas appareceram em Portugal dois homens extraordinarios, ambos dotados pela natureza de prodigioso engenho poetico, Francisco Manuel e Bocage. Aquelle, filho da eschola de Garção e Diniz, cultivou muito tempo as musas classicas, e já imbuido no gosto da antiguidade, já imitador e rival de Horacio e Pindaro, começou a ser conhecido em edade madura. Este, quasi desde a infancia poeta, appareceu no mundo em toda a effervescencia dos primeiros annos, ardente cantor das paixões, enthusiasta, agitado, do seu proprio natural violento, rapido, insoffrido, sem cabal instrucção para poeta, com todo o talento (raro, espantoso talento!) para improvisador.

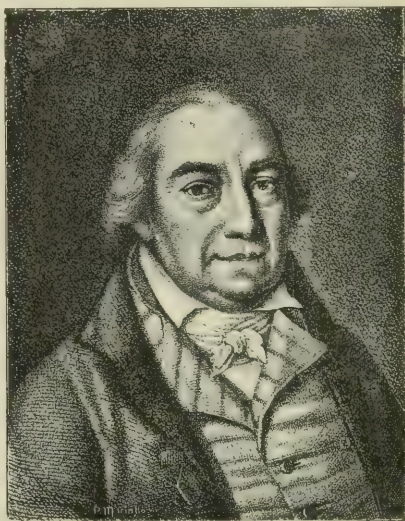
Ambos começaram imitando os grandes mestres do seu tempo, seguindo cada um em seu genero o estylo e gosto adoptado e geral desde a restauração das lettras no meado do seculo. Mas não são engenhos grandes para seguir, senão para fundar escholas: nem tardou muito que cada um, por seu lado, não sacudisse todo o jugo da imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo. Bocage a quem seu fado, por mais aventureira lhe fazer a vida, levou ao antigo theatro das glorias portuguezas, voltando d'Asia foi recebido em Lisboa entre os applausos de muitos admiradores que já tinha deixado na viril infancia de seu talento poetico. Augmentou-se esta admiração com os novos improvisos do joven poeta, com a extrema facilidade, com o mui sonoro de seus versos. O fogo de suas idéas ateiou o enthusiasmo geral; a mocidade inflammou-se com o nome de Bocage: de enthusiasmo degenerou em cegueira, em mania; não lhe viam já defeitos; menos elle em si mesmo. Ninguem duvidava que os improvisos dos cafés do Rocio eram superiores a todas as obras da antiguidade, e que um soneto de Bocage valia mais que todos esses volumes de versos do seculo de João III, e do de José I. Esta era a opinião commum da mocidade: e tão geral se fez, tantas vezes a ouviu repetir o objecto de tal idolatria, que força era que a acreditasse, que com ella se desvanecesse e desvairasse.

Isso lhe aconteceu. O temperamento irritavel e ardentissimo de Bocage o levava naturalmente ás hyperboles e exagerações: essas eram as mais admiradas de seus ouvintes; requintou n'ellas, subiu a ponto que se perdeu pelos espaços imaginarios de sua creação phantastica, abandonou a natureza, e a suppoz acanhado elemento para o *genio* Mas elle repetia *eternidades*, *mundos*, *ceos*, *espheras*, *orbes*, *furias*, *gorgonas;* mais dobrava o applauso: mais delirava elle; mais o admiravam. Ao cabo, nem elle a si, nem os outros

a elle o entendiam[1]. A par e passo que as idéas desvairavam, desvairava tambem o estylo, e emfim se reduziu a uma continuada anthithese, perpetuos trocadilhos, *tours-de-force*, pelos saltos, rumpantes, castelhanadas, com que se tornou monotono e (usarei d'uma expressão de pintor) *amaneirado*.

A metrificação de Bocage, julgam-na sua melhor qualidade: eu a peior; ao menos, a que peiores effeitos causou, Não fez elle um verso duro, mal soante, frouxo; porém não são esses os unicos defeitos dos versos. As varias idéas, as diversas paixões e affectos, as distinctas posições e circumstancias do assumpto, do objecto, de mil outras coisas, — variada medida exigem; como exige a musica varios tons e cadencias. A mesma medida sempre, embora cheia e boa, — o mesmo tom, embora afinado, — a mesma harmonia, embora perfeita, — o mesmo compasso, embora exacto, fazem monotona e insupportavel a mais bella peça de musica ou de poesia. E taes são os versos de Bocage, que nos pretendem dar para typo seus apaixonados cegos: digo *cegos*, porque muitos tem elle (e n'esse numero me conto) que o são, mas não cegos. Imitar com o som mechanico das vozes a harmonia intima da idéa, supprir com as vibrações que só podem ferir a alma pelo orgão dos ouvidos, a vida, o movimento, as côres, as formas dos quadros naturaes, eis-ahi a superioridade da poesia, a vantagem que tem sobre todas as outras bellas artes: mas quão difficil é perceber e executar esse delicadissimo ponto! Poucos o conseguiram: Francisco Manuel foi entre nós o que mais finamente o entendeu e executou, mas nem sempre, nem cabalmente.

Porém nos intervallos lucidos que a Bocage deixava o fatal desejo de brilhar, n'alguns instantes que, despossesso do demonio das hyperboles e antitheses, ficava seu grande engenho a sós com a natureza e em paz com a verdade então se via a immensidade d'essa grande alma, a fina tempera d'esse raro engenho que a aura popular estragou; perdeu-o o pouco estudo, os costumes desregrados, a miseria, a dependencia, a soltura, a fome. Muitas epistolas, varios idilios maritimos, algumas fabulas, e epigrammas, as cantatas, não são mediocres titulos de gloria. Dos sonetos ha grande copia que não teem egual nem em portuguez, nem em lingua nenhuma, de uma força, d'uma valentia, d'uma perfeição admiravel. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; ás vezes facil, mas em geral escaça. Sabia pouco a lingua; a força do grande instincto lhe arredava os erros; mas as bellezas do idioma, só as dá e ensina o estudo. As traducções de Ovidio, Delille e Castel são primorosas.

Mas de traducções estamos nós gafos: e com traducções levou o ultimo golpe a litteratura portugueza; foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros. Traduzir livros d'artes, de sciencias, é necessario, é indispensavel; obras de gosto, de engenho, raras vezes convem, é quasi impossivel fazêl-o bem, é mingua e não riqueza para a litteratura nacional. Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz. Quem assim faz acommoda-as ao caracter nacional, dá-lhes côr de proprias, e não só veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionaes (como o traductor), mas a esse corpo dá feições, gestos, modo, e indole nacional; assim fizeram os Latinos, que sempre imitaram os Gregos e nunca os traduziram; assim fizeram os nossos poetas da boa edade. Se Virgilio houvera traduzido a *Iliada*, Camões a *Eneida*, Tasso os *Lusiadas*, Milton a *Jerusalem*, Klopstock o *Paraizo perdido*; nenhum d'elles fôra tamanho poeta, nenhuma d'essas linguas se enriquecera com tam preciosos monumentos; e todavia imitaram uns dos outros, e d'essa imitação lhes veiu grande proveito.

FILINTO ELYSIO

[1] Assim lhe succedeu, principalmente em muitos los, por natureza e essencia, hyperbolicos elogios dramaticos; genero de composição extravagante e quasi sempre ridiculo.

Esta mania de traduzir subiu a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gosto do publico, que não só lhe não agradavam, mas quasi não entendia os bons originaes portuguezes: a poesia, a litteratura nacional reduziu-se a monotonos sonetos, a trovinha d'amores, a insipidas enfiadas.

De visinhos anões a anans Nerinas.

Tam baixos nos pozeram os admiradores e imitadores de Bocage, a quem justamente a critica stigmatisou com o nome de—*elmanistas*,—e de—*elmanismo*—sua affectada escola. N'elles se mostraram exagerados os defeitos todos do enthusiasta Elmano, sem nenhum dos grandes dotes, das brilhantes qualidades do poeta Bocage.

Alguns ha comtudo de quem esta asserção não deve entender-se em todo o rigor da phrase. João Baptista Gomes, auctor da *Castro*, mostrou n'ella muito talento poetico e dramatico. D'entre os bastos defeitos d'esta tragedia sobresahem grandes bellezas. Desvaira-o o *elmanismo*; derrama se por madrigaes quando a austeridade de Melpomene pedia concisão, força e naturalidade; perde-se em declamações, extravasa em logares communs, inverte a dicção com antitheses, destroe toda a illusão com versos amiudo sesquipedaes e entumecidos; mas por meio de todas essas nevoas brilha muita luz de engenho, muita sensibilidade, muita energia de coração, predicados que com o estudo da lingua que não tinha, com a experiencia que lhe fallecia, triumphariam ao cabo do máo gosto do tempo, e viriam provavelmente a fazer de João Baptista Gomes o nosso melhor tragico. Atalhou-o a morte em tam illustre carreira, e deixou orphão o theatro portuguez que de tamanho talento esperava reforma e abastança.

Mas emquanto Bocage e seus discipulos tyranizavam a poesia e estragavam o gosto, Francisco Manuel, unico *representante* da grande escola de Garção, gemia no exilio, e de lá com os olhos fitos na patria se preparava para luctar contra a enorme hydra, cujas innumeras cabeças eram o gallicismo, a ignorancia, a vaidade, todos os outros vicios que iam devorando a litteratura nacional.

A sua epistola sobre a arte poetica e lingua portugueza, póde rivalizar com a de Horacio *Aos Pisões*: força d'argumentos, eloquencia da poesia, nobre patriotismo, finissimo sal da satyra, tudo alli peleja contra o monstro multiforme.

Que direi das odes? Minha intima persuasão é que nunca lingua nenhuma subiu tam alto como a portugueza na lyra de Francisco Manuel. Que ha em Pindaro comparavel á ode a Affonso d'Albuquerque? onde ha poesia sublime, elegante, immensa como seu assumpto, na dos novos Gamas? Se o patriotismo falasse alguma hora aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia elle dizer-lhes egual áquella inestimavel ode que se intitula *Neptuno aos Portuguezes*? E quando a liberdade troa na espada de Washington, submette os raios de Jupiter ao sceptro dos tyrannos aos pés de Franklin, ou tece pelas mãos de Penna os laços da fraterna união! Que immenso, que grandioso é o cantor de tamanhos objectos! Quando nas odes a Venus, a Marfisa, a Marcia *voltando inopinada*, no hymno á noite se requebra em amoroso jubilo, ou se enternece de saudade, todo é graças e primores de linguagem, de imaginação, de estylo, de delicadeza, de inimitavel poesia. No genero Horaciano não é tam puro e perfeito como Garção, mas nem entendeu menos nem imitou peior o seu modelo.

Entre as epistolas ha muitas admiraveis: dos contos e fabulas, alguns com elegante sal e chiste. As traducções do *Oberon* de Wieland, da *Guerra Punica* de Silio Italico, mas sobre todas, a dos *Martyres* de Chateaubriand, são thesouros de linguagem e de poesia.

Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços á lingua portugueza: só por si Francisco Manuel valeu uma academia, e fez mais que ella; muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor a seu tam rico e bello, quanto desprezado idioma; e se ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, ás invenctivas do grande propugnador de seus fóros e liberdades.

Nos ultimos periodos de sua longa vida afrouxaram as energicas faculdades d'este grande poeta, e excepto a traducção dos *Martyres* (que assim mesmo tem seus altos e baixos) quasi tudo o mais que fez é tibio e morno como de um octogenario se podia esperar. O nimio temor de commetter gallicismos, a que tinha justo e santo horror, o fez cahir em archaismos, e affectação demasiada de palavras antiquadas e excessivos hyperbatos. Não são porém estas faltas, nem tantas nem tamanhas como o pregoou a inveja e a ignorancia.

Muito honrosa menção deve a historia da lingua e poesia portugueza a Domingos Maximiano Torres, cujas eclogas rivalizam com as de Quita e Gessner, cujas cançonetas são, depois dos de Claudio Manuel da Costa, as melhores que temos. Foi este muito intimo de Francisco Manuel, mas tenho por mui exagerados elogios que d'elle recebeu

Antonio Ribeiro dos Santos, honra da magistratura portugueza, foi imitador e émulo de Ferreira: poucos engenhos, poucos caracteres, poucos estylos ha tam parecidos; se não que o auctor dos coros da *Castro* era muito maior poeta, e o cantor do grande D. Henrique muito melhor metrificador. Esta ode ao infante sabio, algumas outras a varios heroes portuguezes, algumas das epistolas, e especialmente os versos que lhe ditava a amizade para o seu Almeno, são d'uma elegancia e pureza de linguagem rarissima em nossos dias.

Este Almeno é Fr. José do Coração de Jesus, missionario de Brancannes, que traduziu os primeiros livros das Metamorphoses de Ovidio em excellente, riquissimo, purissimo portuguez, mas em máos versos: e ainda assim, alguns d'elles são felizes: é de estudar, de versar com mão *diurna* e *nocturna* esse comêço de traducção para quem quizer conhecer as riquezas de uma lingua que compete, emparelha, vence ás vezes, a sua propria mãe latina.

Duas ou tres odes d'este virtuoso e erudito padre são mui bonitas.

Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu genero: Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica. E de suas satyras ninguem se póde escandalizar; começa sempre por casa, e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade, tudo é tam natural, tam verdadeiro! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de critico me tem obrigado a analysar, unico é este em cuja causa me dou por suspeito: tanta é a paixão, a cegueira que tenho pelo mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nossos escriptores. Aquelle *bilhar*, aquella *funcção de burrinhos*, aquelle *chá*, aquellas despedidas *ao cavallo deitado á margem*; o memorial ao principe, o presente do *perum*, são bellezas que só não admirarão atrabiliarios zangãos em perpetuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingenuo gosto da natureza.

De José Anastacio da Cunha, que das mathematicas puras nos deu o melhor curso que ha em toda a Europa, d'esse infeliz engenho (que talento houve já feliz em Portugal?) a quem não impediam as rectas de Euclides, nem as curvas de Archimedes de cultivar tambem as musas; de tão illustre e conhecido nome que direi eu senão o muito que me peza da raridade de suas poesias? Todas são philosophicas, ternas e repassadas d'uma tão meiga sensibilidade algumas, que deixam n'alma um como echo de harmonia interior que não vem do metro de seus versos, mas das idéas, dos pensamentos. Todavia ha mister lêl o com prevenção, porque (provavelmente estropiada de copistas) a phrase nem sempre é portugueza de lei.

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

O padre A. P. de Sousa Caldas, brazileiro, é dos melhores lyricos modernos. A poesia biblica, apenas encetada de Camões na paraphrase do psalmo *super flumina Babylonis*, foi por elle maravilhosamente tratada; e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acima n'este genero.

A Cantata de *Pygmalião*, a ode — *O homem selvagem* — são excellentes tambem.

Aqui me cae a penna das mãos: o estadio livre para a critica imparcial acabou. Nem posso continuar a exercêl-a sem temor, nem o faria ainda assim, pois não quizera ver revogadas minhas presumidas sentenças pela

severa posteridade, quasi sempre annulladora de juizos contemporaneos.

Não posso todavia fechar este breve quadro sem patentear a admiração, e o indizivel prazer que me deu o poema do *Passeio* do sr. J. M. da Costa e Silva, cuja existencia tinha a infelicidade de ignorar (tão pouco sabemos nós portuguezes das riquezas que temos em casa!) e que não sei que tenha que invejar a Thompson e Delile, se não fôr na pouca extensão e, acaso dirá mais severo juiz, em algum verso de demasiado *Elmanismo*. Quanto a mim, folgo de me lisongear com a esperança que seu auctor lhe dará a amplidão e mais (pouco mais) retoques com que ficará por ventura o melhor poema d'este genero.

Apezar dos motivos referidos, pedirei uma venia mais para mencionar, como um poema que faz summa honra ao nome portuguez, — a *Meditação* do sr. J. A. de Macedo, — que tem sido censurada por quem não é capaz de entendêl-a. Não sei eu se ella tem defeitos; é obra humana, e de certo lhes não escapou; mas sublimidade, cópia de doutrina, phrase portugueza, e grandes idéas, só lh'o negará a cegueira ou a paixão.

Cita-se com elogio o nome do sr. A. F. de Castilho, joven poeta que se despica da injuria da sorte que o privou da vista, com muita luz de engenho poetico.

Os *Dithyrambos* do sr. Curvo Semedo, as *Odes* do sr. J. Evangelista deMoraes merecem grande favor do publico: os *Apologos* do sr. J. V. Pimentel Maldonado são por certo dignos de maior estimação.

As *Georgicas* do sr. Mousinho d'Albuquerque fizeram a reputação poetica de seu benemerio auctor. Alguns lhe acharam demasiada erudição, e queriam mais poesia e menos sciencia. Eu por mim tomarei a confiança de pedir ao illustre poeta, em nome da litteratura portugueza, que na segunda edição de sua tão util obra não desdenhe de aproveitar os muitos e riquissimos ornatos que habilmente póde tirar de nossas festas ruraes, de nossas usanças (como feiras, serões, desfolhadas, etc.) das descripções do nosso formoso paiz, com que de certo fará mais nacional e interessante seu estimavel poema. Não sei tambem se alguma incorrecção typographica ou de cópia, seria origem de varias imperfeições e impurezas de linguagem, que os escrupulosos (e em tal materia é preciso sel-o) lhe notam.

Tudo isso esperamos os portuguezes que nos vangloriamos de sua excellente obra, vêl-o melhorado na proxima edição que já reclama o publico impaciente.

A litteratura portugueza não mostra presentemente grandes symptomas de vigor: mas ha muita força latente sobre essa apparencia; o menor sopro animador que da administração lhe venha, ateará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se engrandeça.[1]

[1] O *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza*, foi publicado pela primeira vez em Paris, no principio como introducção do primeiro volume do *Parnaso Lusitano*: collecção de que o sr. V. de Almeida Garrett não quiz para si as honras de auctor, pelo que se vê da seguinte nota que vem no seu livro — *Da Educação*:

«Já em outra parte protestei que nada meu tinha no *Parnaso Lusitano*, que publicou o sr. Aillaud, livreiro em Paris, senão o resumo da Historia Litteraria de Portugal que vem no principio do primeiro tomo d'aquella collecção É certo que arranjei o systema e plano da obra, que escolhi os auctores e as peças: mas ausentando-me de Paris antes de completa a impressão do primeiro volume, um homem por nome Fonseca a quem da minha algibeira paguei para rever as provas, tomou a liberdade de alterar tudo, introduzindo na collecção producções ridiculas de gente desconhecida, que eu nunca vira, ommittindo muitas das que eu escolhêra, enxovalhando tudo com pueris e indecentes notas, errando vergonhosamente até o indice de materias que eu preparara para cada volume, e introduzindo uma orthographia gallega que faz rir a gente, e que está em contradicção com as regras que eu na prefação estabelecêra.—Repito esta declaração para que me não attribuam as grossas tolices e grossas más creações que emporcalham aquella obra, que tão bella podia ser.»

CARTA AOS AUCTORES DO OPUSCULO

ACERCA DA ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA

COMPOSTO E DEDICADO AO
EX.mo SR. CONSELHEIRO J. B. DE ALMEIDA GARRETT, POR DOIS SOCIOS
DO CONSERVATORIO REAL DE LISBOA

(1844)

Ill.mos srs. — Agradeço a VV. a honra e favor que me fazem, dedicando-me a sua interessante memoria sobre a origem da lingua portugueza. Parece-me um trabalho erudito e consciencioso, que merecia melhor patrono e com mais poder de os ajudar do que eu, que não tenho senão zelo e boa vontade.

De quando se organisou academicamente o conservatorio real, de que VV. são dignos socios, queria e desejava eu muito que a nossa secção de lingua portugueza se occupasse tanto d'estes trabalhos especulativos como dos praticos, não menos interessantes. A má sorte que se põe á cabeceira de todas as nossas coisas assim que nascem, e desde logo lhes assiste, como a moribundos que todos vêem, não permittiu até agora que nada se fizesse. Ainda bem que esta memoria por dois socios do conservatorio veiu supprir a nossa negligencia, e mostrar que, ao menos, não é por falta de capacidade e de estudo que as coisas se deixam de fazer n'esta terra, senão por outras faltas que se lamentam ha muito seculo; e que, de mal em peior, hoje chegaram ao que vemos, e que em seus mais agoirantes prognosticos ninguem pensou ver.

Imaginem pois o gôsto com que, por tantos motivos, li a sua excellente memoria. E fico esperando anciosamente pela parte complementar d'ella, — a parte verdadeiramente philologica ou glossologica — que deve seguir-se a esta deducção historica que agora nos dão.

Antes d'ella apparecer, pouco me atreverei a dizer eu da opinião que tenho n'esta grande questão já tratada por dois tão distinctos escriptores contemporaneos nossos, e que pouco mais ou menos é a mesma que está occupando os mais eminentes philologos da Europa. É possivel, sómente direi, que a justa admiração pelo nosso seculo de ouro, o XVI, cegue alguma coisa os defensores da opinião latina; mas tambem é mais que possivel que a moda, o espirito reaccionario que em todas as coisas dos homens se manifesta em tempos e epochas sabidas, desvaire, não pouco tambem, os defensores da opinião contraria.

O que não é possivel porém é revocar em duvida os muitos e seguros factos que se ajuntaram e examinaram com tanto escrupulo na sua memoria, e que poderão interpretar-se talvez a outro geito, tirarem-se d'elles menos severas conclusões, mas destruir não se podem.

Já Lope de Vega observou que em Hespanha havia *Iliadas* sem Homero: devia dizer mais; que as havia antes que nascesse o cego de Scio. A Hespanha era a America do antigos: instigava-os a cuidar de suas coisas, a mesma cobiça que nos fez tão interessantes, a nós, as regiões do Mexico e do Peru. Strabão assegura-nos que os Turdetanos (Andaluzes e Lusitanos) tinham chronicas escriptas, poemas e leis de *seis mil annos* de antiguidade. E' verdade que se resalvou com a clausula «dizem»: aliás iriamos alem das primeiras semanas mosaicas com a chronologia turdetana do bom do grego. Este contar é o dos chinas nos seus annaes, e o de Plinio ácerca dos poemas de Zoroastro *sex millibus annorum:* talvez uma hyperbole popular das que nós usamos todos, e em todos os paizes, familiarmente, — um grande definido por um grande indefinido.

Santo Isidoro e os Godos todavia referiam estas cantigas ao tempo de Moysés. E Sala-

zar de Mendonça, que escrevia em o principio do seculo XVII (*Origen de las dignidades de Espana*) positivamente as attribue a Tobal, filho de Japetto e neto de Noé, que veiu a Hespanha (dizem os nossos veridicos chroniqueiros) cento e quarenta annos depois do diluvio, e 2163 antes de Christo: o qual Tobal era tão cantante e poetico de sua natureza, que *dió las leyes en coplas!*

Mas, deixando o Salazar, que de certo, e quando menos, deve estar no Purgatorio, incambado de mãos e pés com o nosso Fr. Bernardo de Brito, outra é a auctoridade de Strabão, e as leis e lettras que elle menciona provavelmente nol-as trouxessem os Phenicios, que negociavam — ou em boa phrase antiga faziam seus resgates — em Tarshish, e fundaram Cadiz, bons tres seculos e meio antes de Roma (*Heeren. histor. Research.* II 49).

Os Phenicios que tanto commerciavam e em tanta harmonia viviam com os Judeus, que falavam uma lingua similhante, cujo rei Hiram era bom alliado, e *como irmão* muito prezado d'el-rei Salomão, provavelmente conheceram os antigos escriptos do Testamento Velho e outros similhantes, que sabemos que havia d'aquellas edades e nações primitivas.

Estes versos, que eram codigo e eram chronica, resistiram á occupação romana: não ha duvida. Certo os Turdetanos adoptaram a lingua e a toga dos seus conquistadores (Strab. III). Mas os nossos Gallegos continuaram a uivar as suas canções nacionaes ao costume de seus maiores, diz Silio Ital. (liv. III). Marcial, apezar de tão romano que era, ainda conservou bastante espirito e amor hespanhol para aconselhar a Licinio, seu conterraneo, que ficasse fiel ás canções populares do seu paiz, ainda que os effeminados ouvidos da grande cidade as reputassem *rusticas* (Mart. liv. IV).

Mas os mesmos Italianos admiravam a grande eloquencia e o *pingue cuidam atque peregrinum* de Ena, um dos filhos da antiga Cordova, a patria de Lucano e tantos outros escriptores da nossa Hespanha que foram sustentar a decadente litteratura romana. (Senec. *de Suas.* I. 6).

Humboldt na sua famosa obra sobre os aborigines de Hespanha (*Prutung uber die urbbewhner hispamens* 1821) cita dezeseis estancias em biscainho que descobrira em Simancas o moderno archeologo Ibarguen. É uma canção montanheza do tempo de Augusto, composta para lamentar a morte de Lelo, um certo Agamemnon biscainho morto á volta da guerra por sua mulher, que se tinha arranjado no entretanto com um tal Zara, o Egisto d'aquelles Atridas. São em coplas de quatro versos, os tres primeiros pentasyllabos; o terceiro menor, é como o estribilho da cantiga. Tem vestigios de consoantes e toantes, e são ainda intelligiveis para os Vasconsos modernos.

O mesmo Humboldt achou tambem entre os Vasconsos, um resto de canção popular (quasi sem sentido para os que ainda a conservam na memoria) que visivelmente se refere ao cantico druidico *Hai doun is dery dau no* — «Vamos, corramos ao bosque dos carvalhos».

É certo, porém, e aqui não sei se desvio algum tanto da sua opinião mais estreme, — é certo que a decadencia do imperio e a elevação do christianismo deviam mudar muito os costumes, os usos, e portanto a lingua das Hespanhas. Não creio que o clero christão ficasse unico senhor da litteratura nacional; creio sim que exclusivamente cultivou a erudita, mas a popular não. E d'aqui a perpetua distincção de duas litteraturas, entre nós, que teem existido parallelas sem nenhuma tendencia a tocarem-se senão no fim do seculo XV para o XVI, e agora n'estes modernos tempos em que a litteratura popular parece querer regularisar-se, e tirar á sua rival a unica superioridade que tinha, a das *fórmas*. Note-se todavia que já o *Peristephanon* de Prudencio, poeta christão das nossas Hespanhas, que viveu no IV seculo, é escripto no actual metro popular octosyllabo: o dos romances e canções nacionaes em todas as linguas e dialectos da Peninsula.

D'este cancioneiro sagrado, e mais ainda, da versão do Evangelho em hexametros por Juvenco, outro poeta christão da Peninsula, diz S. Jeronymo, o severo traductor da vulgata: *Non pertinuit Evangeli majestatem sub metri leges mittere*, (Amos. 5). Tal era já então a tendencia que caracterisa a nossa poesia hespanhola, o mysticismo religioso: uma das mais bellas e mais nacionaes feições que ella tem.

Em tudo isto porém creio eu ver que a este tempo os Celtas de Hespanha escreviam já em latim, quando escreviam. Vieram os Godos e em latim escreveram, em latim faziam sua prosa e peiores versos, versos que elles mesmos chamavam *prosas*, e de que a litteratura nos conserva ainda exemplares nos missaes e breviarios. Esquecidos das leis do metro romano, substituiam-n'as pelos versos alexandrinos, pela rhyma, pela *alliteração*, pelo toante. Santo Isidoro, o mais sabio dos Godos, cança-se de erudição para desenvolver os mysterios da metrificação latina que ninguem mais sabia já então para cá dos Pyreneus. Valerio, um bispo do tempo d'el-rei Wamba, fazia versos em latim barbaro

pela medida da nossa actual redondilha maior de oito syllabas, e chama lhe — *prosas*.

Não tardaram os mouros a modificar e alterar por novo modo a litteratura e a lingua á Hespanha. Os christãos mosarabes (que viviam misturados com os arabes) — «já não sabiam» — lamenta o devoto Alvaro, cujas palavras nos conserva Flores na *Hespanha sagrada* — «já não sabiam latim, um entre mil, e faziam a sua delicia das pompas, metros e rymas chaldaicas. A mocidade christã, *Arabico eloquio sublimati*, desprezava as fontes do paraizo que manavam da santa egreja.» E o mesmo bom e devoto Alvaro tinha com santo Euloquio uma correspondencia em versos rymados que elle achava — *mele suavius, fabis jucundis*—mais doces do que favas com mel.

D'esta versificação nasceu visivelmente a lingua actual, e a sua poesia, que ainda hoje se expressa pela mesma palavra—*romance*.

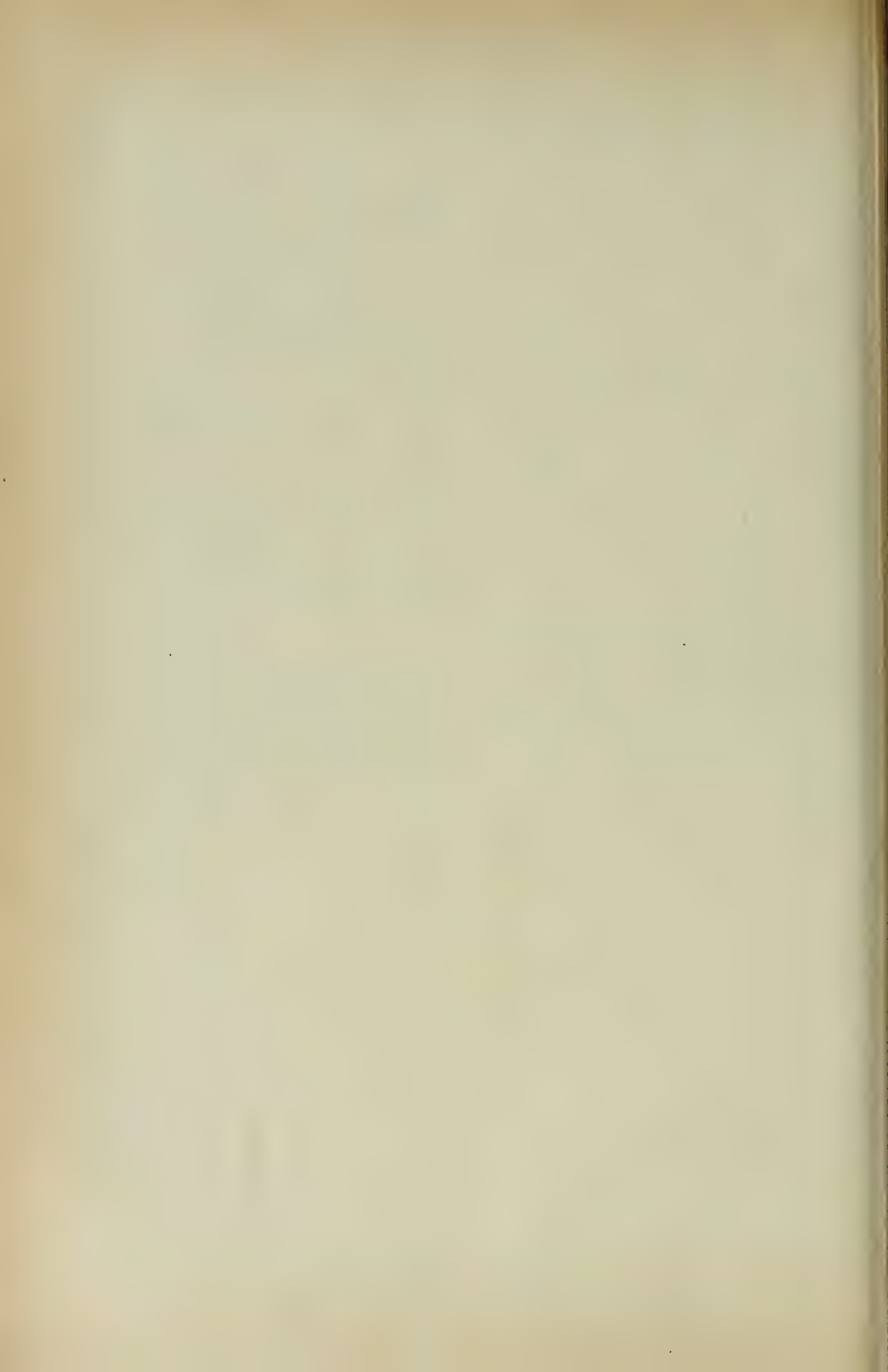
Ellis, o famoso litterato e collector de romances e balladas inglezas, define a lingua romance ou *roman*: «Todos os dialectos das provincias europeas do imperio cuja base era o latim vulgar, quaesquer que fossem os outros ingredientes que na mesma composição entrassem.» — (Leurs, *Essay on the origin of the romance language*, 1835). Esta é a opinião de Schlegel contraria a de Raynouard, que queria fazer o Provençal a lingua commum da Europa, o que de certo nunca foi. Os romances (linguas) hespanhoes são outros tantos dialectos que nasceram da conquista gothica, modificados, mais pelo celta aborigine, mais pela predominação arabe, segundo as circumstancias locaes. Isto é o que parece mais provavel. Como o latim se formou do hellenico e do toscano, o *romance* ou lingua roman da Peninsula nasceu principalmente do teutonico e do latim; mas se houvermos de crer os mesmos Godos, que não são suspeitos, principalmente do latim. Foi uma transacção entre os vencidos e os vencedores, em que cada um cedeu do seu para formarem um terceiro idioma. Entrou com mais o que mais tinha.

Primeiro a Provença, a *provincia* por antonomasia, que fôra isempta das guerras e mal tocada pela conquista, depois a reacção dos eruditos, continuada sempre—e crescente até o seculo XVI e talvez até hoje, retrotrahiram a lingua *roman* para a lingua romana: latinisaram mais e mais o degenerado romance para a sua origem; mas não foi dar-lhe um caracter que elle não tivesse, foi apurar-lhe o caracter que se lhe alterára.

Tal é, meus senhores, a opinião que eu tenho em geral sobre este tam controverso ponto da nossa questão: opinião que vae, como todas as minhas, por meio dos batalhões disputantes, sem agradar a nenhum, e havida por inimiga de todos. Não o é, a coitada; eu lh'o asseguro; mas quer talvez o impossivel, que é congraçar opiniões inimigas.

Oxalá que VV. façam esse impossivel, que a verdade e a litteratura não ganharão pouco.

Acceitem o agradecimento e o protesto de sincera estima com que sou — De VV. muito attento venerador e creado.=*J. B. de Almeida Garrett*.

Boa viagem, 18 de Setembro de 1841.

DA ANTIGA POESIA PORTUGUEZA [1]

CANTIGAS OU CANÇÕES DE EGAS MONIZ COELHO

D. Violante, segundo as tradições da poesia e do romance, foi um d'aquelles prodigios de belleza e de graças, que adoravam os trovadores antigos, de quem faziam o seu idolo, a sua vida, o seu Deus. Egas, primo do outro Egas,—o aio fiel de D. Affonso Henriques, tinha consagrado a Violante a sua alma, a sua espada e o seu alaude, com a religiosa e cega devoção de um cavalleiro e de um trovador.

Elle, primo do outro Egas Moniz, o aio fiel de D. Affonso Henriques, ella dama da rainha, deviam de ser eguaes em nobreza, e parece que o seriam nos outros dotes accidentaes de corpo e estado. Mas, ou os rendimentos do poeta somente eram acceitos por vaidade, ou as feições da nobre donzella foram violentadas por maior poder que o de sua paixão — se a tinha.

Como quer que fosse, Egas Moniz ignorava, mas presentia o seu destino, quando ao sahir da côrte de Guimarães para as bandas do Mondego, se despedia de Violante na sentida canção que é a primeira das duas que nos pretendem haver conservado—Deus sabe como—os nossos antiquarios.

O presentimento cumpriu-se: porque ou ella se esqueceu do pobre Egas ausente e se agradou de um guapo castelhano, que andava na côrte e que viera, dizem, com a rainha, ou lh'o deram por marido sem consultar o seu coração, e a fraca donzella cedeu.

De um modo ou de outro, o trovador foi abandonado; e, poeta *consciencioso* e fiel aos seus, tantas vezes *trovados* juramentos, assentou de morrer devéras despedindo-se da sua 'cruel e doce inimiga' em uma lastimada canção, que realmente tem muitas e sinceras bellezas, assim ella seja tam genuina como eu desejo, e a severa critica duvida.

A obra posthuma do nosso poeta fez mais impressão do que as que tinham apparecido em sua vida. Violante, atormentada de remorsos e de saudades, não quiz sobreviver a tanto amor, envenenou-se.

Aqui está o que nos contam, de Egas Moniz Coelho e da sua Violante, os escriptores que o numeram entre os nossos primeiros poetas. Serão com effeito d'elle estas duas canções que Miguel Leitão, Faria e Souza e A. Ribeiro dos Santos, não sei porque, chamam cartas, e piedosamente crêem que foram achadas no castello de Arouce (Louzan) quando o tomaram dos mouros? Ou serão ellas tanto de Egas Moniz como eram de Medea ou de Penelope, as que em seu nome escrevia Ovidio a Jason e a Ulysses?

Não sei: ha pensamentos verdadeiramente antigos, mais legitimamente antigos que as mesmas palavras, em que se conhece affectação ás vezes. Póde ser porém,— e não era o primeiro exemplo de piedosa fraude philologica — póde ser que o fanatismo dos archeologos receiasse dar na singeleza em que o achou o texto d'estas trovas,—ou porque no original assim o era, ou porque nas copias se tivesse ido vulgarisando — e para confundir a impiedade dos scepticos, lhes introduzisse palavras obsoletas, archaismos improprios e talvez anachronicos, só por dar, o que suppozera maior ar vetusto, ao seu achado.

O pensamento e contextura de certo não desdizem do seculo XII a que são attribuidas.

O meu texto é correcto á vista e pela confrontação das tres lições que temos; e creio que muito melhorado de qualquer d'ellas por mais racional pontuação e mais logica.

A traducção em vulgar facilitará a intelligencia prompta do sentido: o que os glossarios nem sempre conseguem.

V. Miguel Leitão de Andrade, *Miscelanea*, dialogo XVI; Faria e Sousa, *Europ.*, tom. III, p. IV, c. IX; A. R. dos Santos, *Ms.* na Bibl. publica de Lisboa.

[1] Publicado na *Revista Universal Lisbonense* no anno de 184?.

A VIOLANTE

PRIMEIRA CANÇÃO

(TEXTO ANTIGO)

Fincaredes bos embora
Taom coitada,[1]
Que ei boi-me por hi fóra
De longada.[2]

Bai-se o bulto do mei[3] corpo
Mas ei[4] nom
Que ós[5] çocos[6] bos finca morto
O coraçom

Se pensades que vom,[7]
Non no pensedes;
Que chantados[8] embos estom[9]
E nom me bedes.

Mei jazido[10] e mei amar
Em bos se acara;[11]
Grenhas tendes de espelhar
Lúzia face.

Nom farom estes meis olhos
Tal abesso[12]
Que esgravizem[13] os meis dolos[14]
Da compèço:[15]

Mas se ei for para Mondego,
Pois la vom,
Carulhas[16] me fagam cego:
Como ei som.

Se das penas do amorio[17]
Que ei retouço[18]
Me figerem tornar frio,
Como ei ouço.[19]

Amademe, se queredes,
Como luzeo;[20]
Se no torvo[21] me acharedes
A[22] muy fuseo.

Se me bos a mi leixardes...
Deis[23] me garde!
Nom as meis[24] bos de queimardes
Isto que arde!

Ora nom deixedes nom.
Ca sois garrida![25]
A sa não,[26] cristelejon
Per inha[27] bida.

PRIMEIRA CANÇÃO

(TEXTO VULGAR)

Ficae vós em boa hora
Tam chorada,
Que eu vou-me por ahi fóra
De longada.

Vai-se o vulto do meu corpo
Mas eu não,
Que aos pés vos fica morto
O coração.

E se pensaes que eu vou,
Não no pensedes;
Que unido com vosco estou
E não me vedes.

Em vós meu ser, meu amor
Que de vós nasce;
Tranças tendes do espelhar.
Lucida face.

Não quero os olhos voltar
Tam d'avesso
Que os males vá contar
Do começo:

Mas se eu for para Mondego,
Como vou,
Carochas me façam cego
Que já o sou!

Se n'estas penas d'amor
Com que lido.
Como dizeis, esfriar
O meu sentido,

Amae-me assim, se quereis
D'este modo;
Senão peior me achareis,
Cego de todo.

Se me vós a mim deixardes...
Deus me guarde!
Que fareis vós em queimardes
O que já arde?

Ora não me deixeis não,
Que sois garrida!
E se não kirieleisão
Por minha vida

SEGUNDA CANÇÃO

(TEXTO ANTIGO)

Bem satisfeita fincades[1]
Corpo d'oiro.
Alegrade a quem amades,
Que ei já moiro[2]

SEGUNDA CANÇÃO

(TEXTO VULGAR)

Bem satisfeita ficais,
Corpo de oiro.
Alegrae a quem amais
Que eu já moiro.

[1] A quem tanta conta faço, tanto chóro. [2] De longa viagem. [3] Meu. [4] Eu. [5] Aos. [6] Sapatos, borzeguins, por pés [7] Vou. [8] Pôsto, degrádo. [9] Estou. [10] Estada, ser, assento, posição. [11] Une, fixa, *ou melhor*, revê. [12] Coisa tam avêssa, errada. [13] Esmiucem contem um a um [14] Pezares, males [15] Do começo, do principio. [16] Carochas, bichos maus. [17] Penas d'amor. [18] Com que lido, em que me revolvo. [19] Como te oiço, como pareces receiar. [20] Assim com pouca vista, meio cego. [21] Cego de todo. [22] E [23] Deus [24] Tracteis, façaes diligencia; empenheis. [25] Bonita. [26] E se não [27] Miha.

Ei bos rogo bos lembredes
Que bos quige,[3]
A[4] que dolos non abedes
Que ei bos fige[5]

Cambades[6] a Pertigal
Por Castilla,
Abasmades o mei[7] mal...
Que dor me filha.[8]

Granhais-me[9] por castijanos...
Pestineque![10]
Achantais-me[11] binte enganos
Que ei me seque![12]

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante!
Longe vá a sestro[13] agoiro
Por diante!

Bos bibede hu centanario[14]
Mui garrioso[15]
Qu'ei me bou para trintario[16]
Lagrimoso

A, se a vossa emembrança[17]
Ei bier
Dizei «Egas tem folgança!»[18]
Hum xiquer.[19]

A, se ouvirdes na mortulha[20]
Os campaneiros[21]
Retouçado[22] na mormulha[23]
Os marteiros;[24]

Quando ouvirdes papear
O castejom,[25]
Membredos[26] lhe fige dar
Ja de cotom.[27]

A, que bos quije e requije
Como ber!
A, nunca em coisa bos fige
Desprazer!

Nom bos podo mais falar
Qua[28] me fallejo[29]
Ca[30] bem podedes asmar
Qual ei sejo.[31]

Tenho todo o arcaboiço[32]
Sem feison[33]
Mas ei bos bejo e oyço
No coraçom.

Bedes, me boy descahindo
Nésta hora...
Bos, amor, fincade rindo
Muito embora!

Mas peço que vos lembreis
Que vos quiz,
E que penas não haveis
Que vos eu fiz.

Trocastes a Portugal
Por Castella,
E levais-me alma — inda mal!
Que dor hei n'ella!

Deixais-me por Castelhanos.
Negra sorte!
E teceis-me mil enganos
Por me dar morte

Vêdes móiro, vêdes moiro,
Violante!
Longe vá o sestro agoiro
Por deante

Vós vivei um centenario
Mui ditoso.
Que eu me vou para o trintario
Lagrimoso.

Se um dia á vossa lembrança
Eu vier,
Dizei: «Egas, tem folgança!»
Dizei siquer.

Quando ao meu enterramento
Se tocar,
Revolvei no pensamento
O meu penar:

E quando esse castelhano
Basofiar,
Lembrae-vos que desengano
Lhe fiz já dar.

Ah! que vos quiz e requiz
Como o vêr!...
E em coisa alguma vos fiz
Desprazer!

Não vos posso mais falar
Bem me fino...
Bem podeis imaginar
Qual sou mofino

Tenho todo o arcaboiço
Sem feição.
Mas inda vos vejo e oiço
No coração.

Vêde, já vou descahindo
N'esta hora...
Vós, amor, ficae-vos rindo
Muito embora!

[1] Ficais. [2] Morro. [3] Quiz. [4] E. [5] Fiz. [6] Trocais. [7] Desprezais. [8] Toma. [9] Deixaes-me. [10] *Interjeição, e não nome proprio como imaginou A. R. dos Santos (!) Talvez*: Peste os mate, Peste n'elles! [11] Pregais-me. [12] Sêco, morto seja eu! [13] Sinistro. [14] Cento d'annos. [15] Garrido, feliz, [16] Trinta dias de preces pelos mortos. [17] Lembrança. [18] Felicidade. [19] Siquer ao menos. [20] Enterramento [21] Campanarios. [22] Revolvei [23] Memoria [24] Martyrios [25] Castelhano. [26] Lembre-vos [27] Com o coto ou couto da lança *talvez*. Ou com o coto, com a mão bofetão [28] Aqui, cá [29] Falleço. [30] Que, por que. [31] Seja. [32] Corpo. [33] Facção, vida.

O TRAGA-MOURO [1]

Gonçalo Hermigues, o Traga-mouro, é o primeiro nomeado dos nossos trovadores, d'aquelles poetas guerreiros da meia edade que faziam as suas *Iliadas* com a espada e as cantavam no alaude depois. E, seja este um verdadeiro caracter de historia litteraria, ou seja apenas um mytho em que as gerações posteriores quizessem personalisar o espirito cavalheiresco e poetico do tempo, o certo é que o seu nome e a sua imagem entraram no Walhala dos Lusitanos, d'onde os não expulsaram nunca os severos requisitorios da critica moderna. Nenhum *advogado do diabo* faz já agora revogar a sentença do consistorio popular que beatificou o nosso Traga-mouro, declarou genuinas as suas toscas e quasi inintelligiveis trovas, e como reliquias preciosas as collocou, a par da sua imagem, no altar sagrado das mais queridas recordações nacionaes.

Seja Fr. Bernardo de Brito convencido de impostor, Miguel Leitão de Andrade de trapaceiro, Faria e Sousa de credulo, fiquem Sarmiento e André desconceituados, e o nosso bom velho Antonio Ribeiro dos Santos havido por um pobre homem; tenham embora razão, contra todos estes que assim o creram, o terrivel João Pedro Ribeiro e o dr. Bellermann, que lh'o negam; tudo isso póde ser, menos deixar-se a poesia portugueza desappossar de Gonçalo Hermigues, da sua Oriana, e da sua canção ou cantar — embora mais gallego que outra coisa, é verdade; mas queremol-o e crêmol-o assim: deixem-nos com a nossa fé do carvoeiro.

Gonçalo Hermigues foi um famoso guerreiro da côrte e dos ultimos tempos de D. Affonso Henriques (rein. 1128-1185). Era filho de Hermigio Gonçalves, o Luctador, a quem mataram os mouros na batalha de Campo d'Ourique. Foi cavalleiro mui signalado nas armas — diz Antonio Ribeiro dos Santos, resumindo os historiadores antigos — e de quem no paço se fazia grande conta, por ser, além de valoroso, de alegre conversação e gentil pessoa, e de mui bons dictos e motes que fazia; teve por sobrenome o Traga-mouro, appellido que lhe deu o grande animo e valor com que se havia extremado nas batalhas e recontros de guerra contra os mouros, e nas correrias que fazia em suas terras.

Um dia, eram vinte e tres de julho do anno de graça mil cento e tantos, estava o nosso Gonçalo Hermigues com outros cavalleiros de sua banda e facção — dos que tomavam parte larga em suas galantes e arriscadas emprezas, e que por toda a parte repetiam com enthusiasmo as façanhas gloriosas que lhe viram obrar, e as trovas engenhosas em que lh'as ouviam cantar.

Divisavam os mancebos, com a solta alegria de sua edade, sobre graças de bellas damas e gentilezas de guapos cavalleiros, e engenhosos motes de espirito com que a uns e outros primores celebrava a diurna e gaia, ou alegre sciencia do trovador — que assim se chamava então a arte do poeta.

— Ha muito, disse um, que o Traga-mouro não faz uma trova que se cante.

— Nem um feito que se trove, respondeu outro.

— Vel-o-hemos cedo monge de Alcobaça pelo geito que leva; e lá trovará em francez com os frades ou em provençal, ou no quer que é que elles falam.

— Falam um romance que é differente do nosso, mas entende-se.

— Como eu entendo as trovas de Aragão e de Catalunha; e mais são bem arrevezadas. Bons trovadores são os catalães!

— E bons justadores!

— E a batalhar não dou licença que nenhum castelhano lhes ponha o pé adeante.

— Castelhanos e leonezes são mais homens a cavallo do que ninguem: vêde-m'o Cid Ruy Dias!

— Que casta de chronica é essa, que diz que fez em coplas de arte maior um tal pa-

[1] Publicado na *Revista Universal Lisbonense* no anno de 1846.

dre Ubeda, dos feitos e gestos do Cid?

— Uma coisa que parece latim, sem graça nem donaire de romance; trovas de breviario cheiram a frade. Cantigas de cavalleiros, hão de fazel-as cavalleiros. Que hão de falar clerigos de damas? Como se ha de sentir o tinir da espada no bater das coplas, se as não fizer quem está acostumado á musica das batalhas, ao sonido constante do ferro? Coplas de gente de guerra querem se feitas por este compasso, que não é tanger de sinos a matinas n'um campanario de frades.

— E viva o Traga-mouro que falou como quem sabe. Quando nos has de tu fazer uma trova por esse compasso? Já são velhas as outras como Kirieleison.

— Amanhã... esta noite...

— Aonde? vamos já afinar os instrumentos.

— E vamos que o tanger será de primor. Esta é a noite de S. João.

— Noite de amorio e de folgança.

— Para christãos e para mouros.

— Então deixal-os em paz.

— Não. Quem lhe manda aos mouros fazer festas ao nosso santo?

— Bem dito!

— Antes do romper d'alva havemos de estar ao pé de Alcaçer do Sal. A campina é formosa e florida. Mais lindas são as mouras que hão de vir apanhar as flores e as orvalhadas do santo. Nós escondidos de um bravo azinhal que ali ha; os barcos promptos no rio... Que venha a mourama toda defendel-as, havemos de trazer as melhores flores que apparecerem na campina. —E fraco trovador ha de ser o que não achar materia para quatro coplas... que nem aragonez nem provençal tenham que lhes dizer.

— A elles!

— A elles!

E embarcaram-se logo, e chegaram á cilada, a tempo. Inda mal rompia a manhã abriam-se as portas da villa e começaram de sair, em som de festa e de alegria, chusmas de donzellas mouras a qual mais linda e a qual mais descuidada do perigo que lhe estava tão perto.

Entre todas se distinguia como a açucena entre as violetas, virgem real de candura e de belleza, uma joven moura, mais delicada de forma, mais singela no trajo, e todavia mais superior no garbo... e n'aquelle não sei que mais para sentir do que para ver, que separa, do vulgo das mulheres, uma... essa uma tam rara de encontrar.

De musquetos, de madresilvas, de ouregams, de boninas e de violas, já umas levavam ás regaçadas, outras teciam capellas... Os jovens cavalleiros emboscados viam tudo e aguardavam impacientes o signal de Hermigues para romperem da cilada. Encostado ao tronco de uma arvore, que debruçando a copa até o chão permittia ver tudo aos escondidos sem os deixar ver de fóra, elle contemplava immovel o espectaculo que tinha deante dos olhos sem perceber a impaciencia dos companheiros.

— É aquella, disse de repente o Traga-mouro, voltando-se para elles, é aquella a que eu vi hontem.

— Hontem, aonde?

— No céo.

— No céo! está louco o trovador.

— No céo. Foi um sonho que tive. Mas é aquella.

E sem dizer mais, rompeu d'entre as devezas e foi direito á linda moura que tanto se avantajava ás outras todas e que sentada na alcatifa da relva parecia escolher, entre as regaçadas de flores que lhe traziam as companheiras... e não acabar de acertar com a que lhe agradava...

Seguem-n'o os outros de tropel. O espanto corta a voz e entorpece os passos das mouras. Cada qual dos cavalleiros toma a sua nos braços. Já se vê qual levaria Gonçalo Hermigues.

Corriam para os seus bateis. Levanta-se o alarido das mouras, que ficavam, acodem os paes e os irmãos .. e os bemditos maridos tambem, que vinham sahindo da villa. Cresce a chusma dos mouros. Já andam no ar as espadas e os alfanges. Trava-se renhida a peleja. Mas os christãos chegam com a sua presa aos bateis. Todos não! Gonçalo Hermigues, para salvar os companheiros, teve de largar a preciosa carga que lhe não deixava livre o jogo da espada.

— Embarcae e tende-vos com os bateis sem largar.

E, só, investe com um tropel de mouros que se lhe põe de deante, rompe-os e vae apoz um galhardo e possante mançebo que já lhe fugia com a sua Oriana.

A joven belleza ia desmaiada nos braços do seu salvador — era o esposo que lhe estava destinado, rico e poderoso senhor de muitas terras d'além Tejo. — O mouro corria, mas Hermigues voava. Já estão juntos; o arabe treme de raiva e de despeito, sobre um combro de areia que alli viu mais a geito depõe a desmaiada belleza, e começa um tremendo duello de morte em que toda a sanha de christão a mouro, todo o odio e todo o valor das duas raças inimigas pozeram o ultimo de sua terrivel potencia.

Mas o Traga mouro venceu; a estrella do destino era sua, com a ultima luz que lhe foge dos olhos, o arabe viu fugir o christão levando o premio do combate.

Ninguem se tem deante d'aquella espada;

os mouros fogem como aterrados de um poder sobre-humano, confundidos pela pasmosa audacia de um só homem contra tantos. Gonçalo Hermigues está nos bateis e os bateis a vogar.

D'alli a poucos dias, Gonçalo Hermigues estava na sua herdade de Ourem. Fatima revestida dos brancos véos de cathecumena, recebia na egreja, com o baptismo, o nome de Oriana, e logo a mão do seu roubador que perpetuamente se lhe consagrou com as santas bençãos nupciaes.

N'esse dia cantava o trovador as mais bellas e as ultimas alegres trovas que soaram alegres nas cordas do seu alaude. São as unicas de que chegaram alguns eccos até nós.

Oriana adorava o esposo e o encheu de quanta felicidade se póde ter na terra. Mas os transes e agonias d'aquella fatal manhã de San'João tinham apertado de mais com o fio de uma vida tam delicada.

A perfeição da graça feminina não se dá nunca — triste condição! — senão em existencias debilmente construidas. É flôr que não abre perfeita e mimosa em ramo de seiva forte e possante... Oriana morria-se no coração, e tinha a vida nas faces e nos olhos; vivia n'esse engano o amante, e ella ajudava-se a viver de o enganar. Mas um dia a verdade chega de repente, cortou a illusão. Oriana agonisava nos braços do infeliz que mal podia crer na funesta realidade do que estava vendo.

Na mesma capella em que renasceu por Deus ás fontes baptismaes, e em que sagrára ao pé do altar os seus romanescos amores, Oriana jaz coberta para sempre da loisa do sepulchro. E o Tragamouro em cima d'aquella cova, onde se sumira para sempre toda a sua felicidade da terra, vestiu a cogula da penitencia e de abnegação do mundo, e, com mais cinco de seus antigos companheiros nas vans glorias d'esta vida, fundou e dotou o convento da ordem de Cister que muito tempo se chamou Santa Maria dos Tamaraes.

Não passaram muitos annos, veiu outra manhã de San'João; tangia o sino para o côro, accudiam os frades todos... menos um. Era frei Gonçalo que de antes do romper d'alva fôra visto andar a colher flôres na cêrca segundo era seu costume todos os annos n'aquelle dia. Foram dar com elle estendido sobre a campa de Oriana, debruçado n'um feixe de goivos, de boninas e sobre ellas tinha acabado de perecer.

Enterraram-n'o aonde morrera, na mesma cova, e com aquella mortalha de flôres ainda rociada dos orvalhos de San'João e das ultimas lagrimas que chorou na terra.

Da sua memoria ficou saudoso monumento na tradição dos povos; das suas trovas só nos chegaram eccos imperfeitos, das que compoz para celebrar a sua romanesca e ultima aventura.

São em tam obscura e cerrada linguagem que boa razão tem Faria e Sousa de dizer que se lhe não póde achar sentido.

Depois das laboriosas interpretações e commentarios de A. Ribeiro dos Santos, atreveu-se porém a traduzil-as em allemão o dr. Bellermann. Eu tambem me pareceu mais conveniente aventurar uma traducção em portuguez vulgar, do que amontoar glosas e commentos, que por fim, enredassem mais do que aclarassem as difficuldades e obscuridades do texto.

Todos os nossos auctores, e o erudito castelhano P. Sarmiento attribuem esta composição ao seculo XII, apezar de haver documentos portuguezes da mesma epoca mais claros e intelligiveis. O abbade André quer que ella seja anterior; J. P. Ribeiro, como já disse, considera-a apocrypha. Eu, fiel ao meu systema, junto o documento, aponto os factos, cito os arrazoados dos criticos e faço tudo concluso ao publico.

Na edição que dou do texto, escolhi d'entre as varias licções, ora esta, ora aquella que melhor me pareceu.

Vej. Fr. B. de Brito, *Chron. de Cister*. L. IV; C, I. Faria e Sousa, *Europa Portug.* tom. III, P. IV, C. IX; Mig. Leitão d'Andrade, *Miscel.*; Sarmiento *Obr. Post.* tom. I, Madrid, 1775; Abb. D. J. André, *Orig progress. est. da litteratura*, tom. II; A Ribeiro dos Santos, Ms. na bibliotheca publica de Lisboa; D. J. P. Ribeiro, *Dissert. chron. e crit.* tom. I; dr. Bellermann *Die alten Liederbucher der Portug.* (Berlim, 1840.)

CANÇÃO

(TEXTO ANTIGO)

Tinhera bos, non tinhera bos [1],
Tal a tal ca assoma! [2]
Tinherades me, non tinherades me [3],
De la vinherades, de ca pilharades
Ca andabia [4], tudo em soma.

Per mil goivos trebelhando.
Oy, oy, ! vos lombrego...
Algorem se ca [5] da tolgança.
Asmei eu, perque da terrenho
Non a hi tal perchego.

Ouroana, Ouroana, oy tem [6] por certo
Que inha bida [7] do biber [7]
Se olvidrou [8] per tu álvidro [8] perque em cabo
O que ey de la chacone [9] sem referta,
Mas nom a [10] porque se ver.

(EM VULGAR)

Ora vos tenho, ora não,
E um a um elles que chegam!
Já me apanhaes e já não..
D'aqui largam, e d'alli pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Por mil goivos retoiçando
Ai, ai, que vos avistei!...
Ja sei porque ando lidando,
Que em taes terras, bem pensei
Melhor fructo não verei.

Oriana, Oriana, oh, tem por certo
Que esta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle aperto.
E o que, em trôco eu vim a haver
Não ha mais para se ver.

TRADUCÇÃO ALLEMÃ DO DR. BELLERMANN

Schon hielt ich euch, dann hielt ich euch nicht.
Hierhin und dorhin neigt sich der Kampf,
Ihr hottet, und hattet wieder mich nicht,
Von dort kamt ihr her, iher fuhrtel ihr fort.
Von allen Seiten wogte die Schaar.

Dort in tausend Scherzen spiclend
O musst'ich euch erschauen.
Etwas liebliches gewahre ich dort,
So dacht'ich bei mir,ein besser lagen
Giebt's nicht auf diesen Auen

Ouroana, Ouroana, e glaub'es sicher,
Nun erst gewann mein Leben
Des Lebens Werth durch deine Wahl, nun endlich
Halt mich gefangen, was ich dorte erkampft,
Und nimmer kaun es Snoneres geben.

[1] Assim lê.—Bellermann, Brito, lê — *Tinherabos, non tinherabos*. Cancioneiro portuense (do dr. Gaulter) *idem*. Faria e Sousa — *Tinherabos, non tinherabos*. [2] Assim lê, o Cancioneiro Portuense, Brito: *Monta!* Bellermann: *Monta*. F. e Sousa: *Monta?* [3] Assim lê, Brito, Canc. Port., Bellermann. F. e Sousa: *Tilharedes?* [4] Canc. Port., Bellermann. Brito, F. e Sousa: *Amabia*. [5] Andrade, F. e Sousa, Bellermann. Canc Port.: *De*. [6] Andr. Canc. Port. Bellermann.—F. e Sousa: *Oytem*. [7] Andr. Canc. Port. Bellermann. F. e Sousa: *Vida, viver*. [8] Brito, Bellermann —F. e Sousa, Ribeiro dos Santos: *Olvidou*. [9] Canc. Port. R. dos Santos.—Brito, F. e Sousa, Andr. Bellermann: *Chebone*. [10] F. e Sousa, Canc. Port.—Bellermann, e R. dos Santos: *Nom ha*. Brito: *Não ha*. Em gallego e portuguez antigo escreveu-se sempre: *Nom a*.

OS FIGUEIREDOS [1]

O célebre Cancioneiro, dito do Collegio dos Nobres, porque ahi estava quando Lord Stuard houve a cópia d'elle que imprimiu em Paris, é provadamente um manuscripto do seculo XIII, e contem uma collecção de poesias tam perfeitas já de metro, tam artificiosas na rhyma, de uma linguagem tam apurada que ninguem se atreverá a dizer que similhante litteratura possa ser producto e expressão de uma civilisação que principia, de uma lingua que está balbuciante. Não é aquella a poesia primitiva da nação que se declarou independente no Campo de Ourique, e que com sua mais proxima irmã, a das provincias gallegas, falava ha muito uma lingua, doce e energica, menos forte talvez, porém menos aspera tambem que a que viera das Asturias aperfeiçoar se em Leão para ir d'ahi a Castella e vir a dominar na maxima parte das Hespanhas.

Os codices contemporaneos não nos conservaram nada d'essas primeiras tentativas poeticas n'esta extremidade da peninsula iberica. A tradição oral dos povos, e alguma cousa que d'ella se colligiu nos fins do XV e XVI seculo, são as unicas reliquias que nos restam.

Nem todas serão authenticas: não pretendo pelejar sobre isso: algumas têem inteiro caracter de o serem.

Começa a historia da poesia portugueza com a mais romanesca e romantica aventura das primeiras eras da renascença christã da Peninsula. E' a que celebram as trovas dos Figueiredos, verdadeira cantiga narrativa feita em linguagem popular para commemorar um grande feito, acreditado por certo, e havido por glorioso na opinião dos povos. Taes são os caracteres distinctivos da poesia primitiva das nações; e todos elles se verificam n'esta pequena composição que tanto desconceituaram de genuina, especialmente n'estes ultimos tempos, os merecidos descreditos do primeiro historiador que a publicou, Frei Bernardo de Brito.

O bom do frade contou muita fábula, como todos os collectores das coisas primordiaes de uma nação, que se vão perder sempre em maravilhas, confusas entre a luz e as trevas do crepusculo de seus primeiros seculos. Mas parte d'essas fábulas se são fábulas, já muitos centos de annos antes d'elle, tinham obtido credito geral.

E assim foi no presente caso.

Tambem não ha razão nenhuma para duvidar de que no seculo XVI Frei Bernardo ainda achasse na tradição oral do povo um romance composto quatro ou cinco seculos antes, quando ainda hoje vemos conservadas na mesma tradição outros romances e cantares que positivamente sabemos, por documentos irrefragaveis, terem, quando menos, egual numero de seculos de existencia. E estes têem luctado com a acção incessante da civilisação, da litteratura mais pretenciosa e polida, do tracto dos estrangeiros, e da inphiltração dos usos e costumes novos que tudo o que era antigo têem oblitterado; quando do seculo XII ao XVI, sobretudo no centro do reino, não operou de certo nem a metade de egual força.

Mui adulterado achâmos sem dúvida o que se conservou na bôcca do povo; mas sempre menos do que a sua linguagem usual, porque até muitas palavras elles repetem, no cantar e recitar dos romances, que não sabem o que significam, nem as usam no tracto commum da vida.

Como querem pois os criticos achar, em coisas que só no seculo XVI passaram da tradição oral para a escriptura, todos os caracteres de linguagem dos remotissimos tempos em que foram compostas? Como se hade, em boa razão, pretender confrontar o que só foi codificado no tempo de Fr. Bernardo de Brito com o que está cuidadosamente escripto em bom pergaminho desde

[1] Publicado na *Illustração*, jornal universal, nos annos de 1845 a 1846.

el-rei D. Affonso III? E' todavia esta a confrontação que fazem os criticos modernos das *Trovas dos Figueiredos* com o *Cancioneiro do collegio dos nobres*, e com os documentos dos archivos do reino; e d'ella é que tiram o principal argumento para negar áquellas a sua prioridade.

Vamos á historia do nosso Goesto Ansur, que foi o heroe, se não é que tambem o cantor, da aventura que celebram aquellas trovas.

Portugal, e o mais de Hespanha que obedecia aos reis de Asturias e Leão, pagava aos mouros o indigno tributo das cem donzellas, que todos os annos se escolhiam d'entre as mais formosas, desde que o infame rei Mauregato se obrigára a este vergonhoso feudo para obter a protecção do rei Abderrhaman de Cordova. Faziam as auctoridades christãs a derrama pelas terras, mas os mouros é que vinham cobrar.

Quasi como na décima de hoje, que as juntas do governo fazem o lançamento, e as companhias dos agiotas a cobrança.

Á espalda da serra, na rica margem do norte do Mondego, vivia então em seus antigos paços, nobre mas chã residencia — que de nenhum modo se deve confundir com o castello torreado dos barões feudaes, que por cá não tinhamos ainda—uma antiga familia puritana, que, se não era do real sangue de Pelaio ou do ultimo Rodrigo, não pertencia a menos genuino nem menos fidalgo sangue godo.

Curvado de annos e de fadigas o velho Ramiro, digno representante de todo o orgulho e pretenções de sua antiga raça, olhava triste e desconsolado para a sepultura de seus maiores que já se abria a recebel-o; porque não via em torno de si herdeiro de seu nome que lhe fechasse os olhos com as mesmas mãos com que havia de empunhar a sua espada de guerra, e guiar o seu cavallo de batalha. De dois filhos que tivera, ambos lhe morreram na flor da edade, pelejando nas incessantes lides da reconquista. Restava-lhe uma filha, bella, carinhosa e amante, digna de encher de consolação e doçura o coração de seu velho pae.

Mas ao vazio da ambição não lhe bastava affectos tão suaves. Era sua filha, queria-lhe como a tal: herdeira de seu nome, perpetuadora de sua raça não era. Sentia-se morrer, e morrer de todo, apezar d'ella, porque o mais vantajoso casamento em que a collocasse não faria senão a continuação de outra linha, não via senão perpetuar outro nome — talvez inimigo, decerto rival da grandeza e do lustre do seu.

É preciso conhecer toda a mesquinhez, todo o egoismo da vaidade aristocratica, para conceber os ineffaveis tormentos d'aquelle infeliz que, nos accessos mais pungentes da dôr, chegava a blasphemar da bondade divina, a maldizer a sua bemaventurada paternidade. O desgraçado antes quizera ser orphão... de prole.

E a inveja, outro cancro roedor de taes corações, a inveja comia-o com dentes empeçonhados quando via passar deante de si a flor dos mancebos do logar, Goesto Ansur, o filho querido e unico do mais pobre, mas do mais honrado lavrador d'aquelles contornos.

De bom sangue christão, mas sem pretenções, nem direito conhecido de as ter, a essa nobreza convencional que se funda na tradição ou na historia, a familia de Goesto Ansur era antiga n'aquelle alfoz ou aldêa; tinham tido grande lavoura e muitas terras suas. Más colheitas, a dureza do fisco, e as desgraças da guerra, a haviam reduzido abaixo da mediocridade.

Quasi da edade de Ramiro, e eguaes de annos entre si, os paes de Goesto Ansur viviam ambos ainda, e sentiam reverdercer-se na ultima velhice, em um filho de benção, o unico, que Deus lhes dera, mas n'elle todos os thesouros de sua misericordia. Um velho monge de Lorvão, seu tio afastado, lhe tinha dado uma tal qual educação, liberalissima para aquelles tempos. Talvez o frade esperou fazer alli um successor ás grandezas e honras monasticas.. enganou se porém. O joven Goesto não deixava seus paes nem a sua granja pelo palacio dos reis em Oviedo; o seu saio pardo, mas elegantemente trajado e cingido, pela purpura do padre santo de Roma ou dos imperadores de Constantinopla, quanto mais pela cogula preta de um benedictino!

Ainda se fosse pelo arnez do cavalleiro!... Cavalgar um cavallo de batalha, sentir tinir-lhe a espada á esquerda, soppezar a lança na direita, encommendar-se a Deus e á sua dama ao investir com o pagão serraceno, cuja soberba vae castigar... Oh! sonhos d'esses ainda o tentam ás vezes, quando em dias folgados de outra occupação, discorrendo pelas solidões do monte, cançado de correr após do cervo fugidio, ou de esperar o javali furioso —ia sentar-se n'um tronco ou n'uma pedra a pensar.. em quê? Na sua vida? Não é ella feliz? Comtudo do seu pouco, sem ambição, sem desejos, de grandeza que lhe falta? Ha no seu coração algum pezar occulto?

Ha: Goesto Ansur ama; e ama sem esperança, porque o objecto do seu amor é a joven e linda filha de D. Ramiro, o orgulhoso filho de algo do seu logar, o soberbo godo que antes enterraria a espada no coração da

... fere, mata e confunde por tal modo os descuidados guardas

filha querida, — antes a dera ao collector do tributo de Mauregato para ir servir de infame ornamento aos harens de Cordova, do que dal-a, em honra e virtude, ao simples filho de um lavrador.

Bem o sabe Goesto Ansur; e por isso não sabe, não desconfia sequer de sua paixão o adorado e innocente objecto que a inspirou. Treme, não por si, mas por ella; horrorisa-se com a só idéa de lhe deixar adivinhar o que sente. Para infeliz basta elle, e menos o será se fôr só.

Tinha passado a primavera com grandes chuvas e tempestades aquelle anno; fechara o mez de S. João pouco mais suave. Mas julho vinha com todo o esplendor, com todas as iras até alli represadas e encobertas de um estio ardente e devorador.

Tambem chegava o tempo de se colher n'aquelle districto o tributo annual das donzellas. Coubera por derrama á nossa aldêa dar uma victima para o Minotáuro de Cordova. O proximo domingo era o dia aprazado para o sorteamento; os collectores mouros já estavam no logar, e no mesmo dia deviam por-se a caminho com a sua preza. O terror e a esperança luctavam no semblante de todos...

Goesto Ansur, a quem todas as fibras do coração estremeciam e estalavam de raiva e de despeito ao approximar-se aquelle dia de infamia e deshonra publica, fugiu de o presencear, segundo seu costume; e havida licença dos paes, que sympathisavam com seus generosos sentimentos, saiu do logar; e entrando pelas matas e devezas da serra com seus cães, e buscando caça, — que pouco lhe importava achar porque só queria fugir do povoado — vagou dias e noites por aquellas deliciosas e ermas solidões, que a todas as perfeições da natureza juntavam as de rara vez sentirem na sua relva o pé, reflectirem em suas aguas a figura do mais feroz dos animaes da creação — o homem.

Chegára no emtanto a vespera do fatal dia.

Ramiro sente um vago presentimento opprimir lhe o coração mais fortemente... Será receio de que a fatal sorte lhe caia na filha? Não; quando fosse tam atrevido o destino que ousasse faltar-lhe ao respeito, o povo estava costumado a ver os grandes isentarem-se dos tributos de toda a especie, nem faltavam donzellas formosas e pobres entre as quaes, por poucos bezantes, se acharia quem substituisse a donzella nobre e rica.

O temor de D. Ramiro não se fixava n'este receio, nem em nenhum... e todavia estava mais melancolico e triste do que nunca... Encaminhou-se ao adro da egreja a tomar a presidencia do tam solemne e vergonhoso acto, que lhe pertencia como a consul e alvazi, primeiro magistrado que era da terra.

A campa dobrou tristemente como em trintario de grande dó. Juntaram-se lentamente as temerosas familias. O terror está em todos os semblantes femininos, a indignação no rosto de todos os homens. Escrevem-se as sortes fataes, revolvem-se na urna. Tirou-se o votado peloiro... Que nome sahiu? O clerigo titubeou — olhou para D. Ramiro, solettrou, parecia duvidar do que via, mas, vendo a impaciencia em todos os semblantes, pronunciou alto: — Dona Mécia —.

Ouviu-se um sussurro geral, em que ao mesmo tempo se confundiam o espanto, a alegria e a compaixão.

Um sorriso despeitoso mas incredulo encrespou os beiços do filho-de-algo.

— Lêde melhor, ou, por S. Thiago, que vos farei tonsurar mais cerceamente — padre.

O clerigo tremeu, fez-se branco, fez-se vermelho, mas leu de novo e em mais distincta voz: — Dona Mécia —.

Dom Ramiro levantou-se com um estremeção de colera... mas passou-lhe. Conteve-se, e voltando-se para os arabes — até á noite por algum modo se hão de cumprir as ordens d'el-rei —.

Fez signal a todos que se retirassem, e elle tomava o caminho de seus paços. O povo não se movia. Começou a ouvir se aquelle sussurro que denota a effervescencia popular. Foi-se levantando, foi crescendo como cresce a tempestade no mar, e a sedição na praça rompeu em vozes claras e distinctas. Era uma revolução verdadeira.

— A sorte decidiu, cumpra-se a sorte!

— Pena é, pena é; mas foi a sua sorte.

— É de melhor sangue que nossas irmãs e nossas filhas? Mas a sua alma não custou mais a Jesus Christo que nos remiu a todos com o seu.

— Não: os senhores e filhos de algo que soffrem este infame tributo, que o paguem. A vergonha é toda sua, que a ajudem a pagar tambem.

E gritavam, e bradavam, e corriam, e teem cercado o paço de D. Ramiro — e Mécia aterrada, sem sentidos, é entregue aos soldados arabes, que não esperam mais, partem.

D. Ramiro estendido por morto no chão, é levado em braços de seus familiares, que em vão se esforçam pelo soccorrer.

Os olhos fechados, a voz morta, a respiração apressada e incerta, frio de todo o corpo, o coração e a cabeça, era agonia que chegava... e que agonia, meu Deus!

Como succede depois das grandes demonstrações da energia popular, o povo da aldêa,

aterrado de sua propria energia, e com tanto maior medo da vingança quanto, posto que dura e cruel, justiça era o que tinha feito, o povo recolhido a suas casas e cabanas nem dentro d'ellas ousava falar. E o dó entrou em seus corações. E as mães que já não temiam pelas filhas, choravam pela pobre D. Mécia — orphã, coitadinha, sem mãe para a carpir... ultima descendencia de tam nobre sangue! E boa... e o bem que ella fazia aos pobres!

Os homens se enterneciam tambem.

— Mas quem havia de ir em logar d'ella! minha filha, tua irmã?

— Deus nos defenda! a Virgem seja comnosco!

— E nos dê melhor rei do que temos!

— Queimado seja elle no fogo eterno para sempre, rei que reina por tal preço!...

Começavam-se a irritar outra vez os animos: mas a massa estava dispersa e cançada, não tornava a levedar.

Os mouros contentes da bella presa que levavam, corriam com ella sem descançar para o deposito que tinham n'outra terra mais forte e segura, e de onde, em caravana bem guardada, haviam de cortar direitos ao sul para entrarem em terras de puro senhorio musulmano, e em que já não havia que receiar até Cordova.

Andaram toda a noite, andaram com o sol nado até ser intensa a calma. Chegavam a um sitio ameno e delicioso pela frescura das aguas e pelo viçoso das arvores que as cobriam. Era um largo bosque de figueiras cujas amplas e grossas folhas vedavam todo o sol e convidavam ao repouso com a sua sombra — sempre traidora vulgarmente se crê.

Pararam os mouros cubiçosos de aproveitar o sitio e a hora, mas receiavam e duvidavam. Senão quando, vêem chegar outro tropel maior da sua mesma gente que conduzia egual tributo das terras circumvizinhas. Juntaram-se, assentaram descançar, e que d'alli continuariam juntos e mais seguros sua derrota.

Com D. Mécia faziam sete, as tristes e chorosas donzellas que alli se encontravam; os mouros que as guardavam, uns vinte por todos. Estes fizeram suas abluções e salemas, comeram, e em poucos minutos, prostrados da fadiga e da calma jaziam sepultados em profundissimo somno.

Não dormiam as desgraçadas virgens christãs, que aproveitando aquelles curtos momentos de precaria liberdade, começaram a carpir-se, mais soltamente ao menos, com legrimas mais folgadas e em palavras menos embargadas do medo.

Uma se lembrava da mãe que nunca mais se consolaria; outra, das irmãs que não tornava a ver; esta do pae que deixou por morto; aquella do amante que morreria de certo.

Mécia não chorava nem se carpia: a sua dor era maior que nenhuma d'essas dores.

Com os olhos no caminho por onde viera, e procurando n'aquella direcção rastear a do seu alfoz, da sua tam saudosa e querida aldêa, Mécia estava como absorta na contemplação da sua immensa desgraça. Cuidaram-n'a as outras resignada ou insensivel, deixaram-n'a.

De repente do cantinho onde estava, Mécia dá um grito, levanta-se, quer correr, mas cae sem forças no chão, e desata a chorar.

Goesto Ansur estava ao pé d'ella.

A explicação era facil e foi rapida.

Goesto Ansur não ouviu senão o seu coração, toda a razão, toda a prudencia desattendeu. O seu amor que nunca pensara declarar, disse-lh'o n'aquella hora terrivel. Mécia ouviu-o e chorou. Elle jurou salval-a e libertar as suas innocentes companheiras.

Só, sem armas como o fará?

Amor e desesperação fazem prodigios. Esgalha um forte tronco de figueira, e armado d'aquella poderosa massa, dá sobre os mouros adormecidos, fere, mata, e confunde por tal modo os descuidados guardas que, antes de bem acordados, a maior parte d'elles tinham recahido em mais profundo somno, o da morte. O resto succumbiu em breve. E elle fazendo cavalgar as jovens christãs e tomando para si um dos cavallos dos arabes, parte com ellas, a todo o correr, para a sua aldêa.

Chegam: o povo alborotado se junta em torno do libertador e das donzellas; seu pasmoso acto de valor excita os animos. Tomam as armas, juram de libertar a Hespanha christã d'aquelle vergonhoso tributo.

De terra em terra, de provincia em provincia, lavra o santo fogo d'aquella virtuosa rebellião. El-rei adopta por fim a querella nacional: a vassallagem e o feudo são negados ao mouros, que em vão querem sustentar com as armas o infame direito do vil tratado. Vencidos em muitas batalhas renunciam emfim.

E Goesto Ansur, o auctor e o sustentador d'aquelle grande movimento nacional, voltou á sua humilde situação, coberto de gloria e de bençãos, o salvador da honra nacional.

Ramiro, tornando á vida pelas caricias e pela presença da filha, ouve com espanto a historia do seu milagroso resgate.

A desgraça tinha humanisado o seu coração; ás portas da morte tinha visto o nada das grandezas; e a gratidão triumphou de todos os seus preconceitos. Restituido á feli-

cidade e á saude, elle mesmo entregou a sua Mécia nas mãos de Goesto, e viveu para ver os filhos de sua filha crescer em belleza e virtude, sem degenerar do sangue de seu nobre avô, e mais illustres ainda pelo de seu nobilissimo pae.

A nova familia tomou o nome de Figueiredos que lhe deu a honrada façanha de Goesto; nome honrado e illustrissimo, que se espalhou com ella por todos os reinos da nossa peninsula.

Seria o mesmo Goesto Ansur, como alguns pretendem, que, nas trovas ditas ainda hoje dos Figueiredos, celebrou o seu generoso feito? Não o creio, mas creio que o thema popular de sua heroica resolução viveu por muitos seculos na lembrança dos povos agradecidos; e que posto n'esse ou n'outro parecido canto pelos singelos poetas dos primeiros tempos, assim foi passando de geração em geração, traduzindo-se insensivelmente de dialecto para dialecto, segundo elles se foram alterando na successão dos tempos até o XVI seculo em que se imprimiu.

As trovas são bem conhecidas, e hoje vulgares por muitas reimpressões em varios jornaes litterarios. Eu creio que a lição elaborada que possuo, colleccionada entre todas com muito escrupulo, e devidamente glosada, é a que se deve preferir. Em logar mais opportuno, que não hão de ser as columnas de um jornal, a hei de publicar.

DECLARAÇÃO

QUE FAZ J. B. DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT, SOBRE A SUA OBRA

O RETRATO DE VENUS E CENSURAS A ELLA FEITAS

Eu vivia tranquillo no silencio das minhas occupações, e contente da minha nullidade; satisfeito de ser ignorado no mundo, sem remorsos e sem desejos, era feliz porque tinha amigos, e pouco invejado porque não tinha inimigos.

Uma educação mal dirigida porque me metteram na carreira das lettras e sciencias (origem innocente d'um grande numero de crimes e desgraças), uma educação infeliz porque me privou da bemaventurada ignorancia da natureza, e me ensinou a conhecer os livros, sem me ensinar a conhecer os homens, um natural franco e sincero fizeram constantemente a minha satisfação e os meus incommodos.

Poucos talentos e alguma applicação me fizeram amar as lettras, que a educação me começára a ensinar. Desde o começo da minha puberdade occupei as horas vagas no agradavel estudo das Bellas-artes; e a Poesia e a Pintura foram entre ellas as que mais amei sempre, e que a minha alma e o meu coração estremou com mais preferencia.

Na edade de dezesete annos compuz um pequeno e fraco ensaio da Poesia didactica, sobre Pintura, ajuntei-lhe um ensaio breve da historia d'esta boa arte; e, como o desejo de me entreter o havia produzido, a preguiça de o corrigir o conservou longo tempo no primeiro *borrão*.

Chegou o grande dia 24 de agosto, tam amargurado para tanta gente, tam festejado por mim e por todos os homens de bem, todos corações bem formados sentiram uma revolução de ventura, e todos os espiritos sãos um desenvolvimento de faculdades. Entre as muitas esperanças que todos os bons Portuguezes tivemos, entrou a de vermos restabelecida nossa litteratura, enxotados do Templo das Artes e Sciencias os zangãos de seu mel, afugentadas as trevas da nossa ignorancia e accesa a luz da verdadeira sabedoria e gosto.

Bem conhecia eu a pequenez e acanhamento do meu opusculo, mas o desejo de dar um impulso, por pequeno que fôsse, á litteratura patria me resolveu a tiral-o d'entre o pó, em que jazia já passados mais de tres annos. Quando não tivesse outras provas com que abonar a verdade d'esta confissão, e de nenhum desejo de gloria ou cubiça que me excitou, sobeja-me dizer um facto constante, e que póde ser verificado. Este foi a absoluta e *pura* doação, que do manuscripto fiz ao sr. J. Orcel, com a simples obrigação de me dar alguns exemplares para os meus amigos.

Começou a imprimir-se a obra nos prelos da Universidade pelos fins de novembro passado, quando negocios de mais importancia me levaram a Coimbra. Deixei a impressão incompleta, e voltei a Lisboa, onde mais interessantes objectos me chamavam, sem me lembrar mais tal cousa nem imaginar suas consequencias.

Sahiu finalmente á luz; e começou o meu estudo de auctor (tam desejado de tantos que o não pódem ser, tam invejado de tantos que o não sabem ser e tam pouco conhecido de todos) a acarretar-me o que necessariamente acontece em taes circumstancias. Calumnias, odios, criticas (não digo invejas porque bem louco fôra quem de tam pouca cousa as tivesse) tudo cahiu sobre mim. Porquê? Não sei. Para quê? Mui bem o conheço e claramente o digo: Para destruir todo o germen de lettras, anniquilar toda a idéa de instrucção, extinguindo todo o lume de estudo. Conheceram-me moço, viram-me algum talento descobriram-me vislumbres de applicação, e assentaram de obstar a que me eu desenvolvesse e fizesse um dia alguma cousa *util*. Urdiram nas trevas as suas machinações,

prepararam no escuro as suas calumnias, e pretenderam denegrir-me na opinião publica e enredar-me nas malhas de seus embustes.

Appareceu em um periodico da capital uma carta contra mim. Disseram-m'o algumas pessoas; ri-me e não fiz caso; appareceu segunda, li-as ambas; e não me persuadi de que era realidade o que lia. Chegou a terceira, e, apezar de meu proposito firme de não fazer caso de criticas tam azedas, eram estas tam envenenadas e cheias de fel das mais atrozes calumnias, que me resolvi a responder-lhe, e a dar ao publico por este meio uma justificação das minhas acções e uma declaração dos meus sentimentos.

Sei agora que fui denunciado ao tribunal dos Jurados de Coimbra; respeito-os muito mas não os temo. Tenho a consciencia de minha virtude, estou certo da sua inteireza e luzes, e nada receio. Tranquillamente espero a citação legal para responder á accusação se me acharem materia para processo.

No entanto, porém, julgo de minha obrigação responder ao mal intencionado auctor das *Cartas*, que ousou profanar o nome de *Catholico Romano*, com a sua assignatura, servindo-se d'elle para o crime e para a maldade, quando não devera lembrar-se de que o era (ou affectava sêl-o) senão para praticar as virtudes d'uma religião que prescreve a humanidade, a humildade e o perdão das injurias. Não direi uma só palavra no que é litterario e scientifico. Conheço o pouco que n'isso sou e não eram necessarias as suas ridiculisações e chalaças[1] para eu o saber e confessar. Se algum dia se dignar de atacar-me com politica e civilidade sobre taes objectos, responder-lhe-hei com meus poucos cabedaes e com toda a sinceridade confessarei o erro, onde m'o demonstrar. No que é calumnioso contra a minha moral; no que argue os meus deveres de homem, e de cidadão portuguez, n'isso e só n'isso versará por ora a minha resposta e justificação.

Nenhum tribunal publico, civil ou ecclesiastico, tem o direito de exigir a minha confissão religiosa. Nenhuma auctoridade sobre a face da terra póde dizer-me: Qual é tua crença? Quaes os teus sentimentos sobre dogma? Qual é a fé da tua alma? A natureza me deu a propriedade do meu coração e do meu pensar; e as sagradas bases d'uma constituição legitima me confirmaram aquelle inauferivel direito. Não faço pois aqui a minha profissão de fé, e não a faço porque me custe, ou receie fazel-o, mas por que não quero.

Como homem devo tolerar e respeitar a crença dos meus similhantes, como cidadão devo reverenciar a da sociedade e como portuguez, devo respeitar e venerar a religião Catholica Apostolica Romana. A Lei me prohibe atacal-a no mais minimo ponto; a Lei manda e eu obedeço. Estas e só estas, são as minhas obrigações em que a Lei civil e extrema póde entrar porque só n'estas obrigações pódem entrar as minhas acções externas. Das internas não conheço juizo publico; não vejo alçada que as comprehenda, nem auctoridade que as possa examinar.

Mas tu, homem perverso, tu calumniador atroz, que ousas mascarar-te catholico romano, resto impuro das fezes inquisitoriaes, membro immundo e asqueroso d'aquelle horrendo cadaver, tu me accusas de atacar a moral christã, e não dizes o dogma por que te não atreves a mentir sem hypocrisia, e não achaste no meu opusculo com que a mascarar, como pudeste valer-te d'algumas por ti entortadas phrases para córar aquella impostura?

Em que a ataquei eu, miseravel, essa moral pura que tu desmentes, e abominas, que tu envergonhas com tuas maldades? Em que insultei eu a moral do christianismo, respeitada até por seus inimigos? Em que offendi eu a moral d'uma religião que tantas vezes louvo, e engrandeço n'esse mesmo livro, porque me accusas?

Dizes que eu *forcejo*[1] *por* imitar *o coripheo do Epicureismo Lucrecio*. Porque, homem de má fé? Porque? Porque o cito algumas vezes? Porque digo no principio do meu Poema

«Doce mãe do universo, ó natureza.
«Alma origem do ser, germe da vida, etc.

Pois é epicureismo falar assim com a natureza? Camões foi impio, Epicurio e máo christão quando no canto 9 e 10 imitou o 6.º Livro da *Eneida*? Tasso foi impio, Epicurio e máo christão, quando no canto 14 e 15 faz o mesmo? Foram impios, Epicurios e máos christãos, Newton, Descartes e Leibnitz[2] quando explicaram os phenomenos da natureza physica, as leis de movimentos, e a ordem de suas forças e agentes? O *Anti-Lucrecio* do cardeal de Polignac, quando impropera o seu antagonista, nunca se lembrou

[1] Na ultima carta d'este homem que se assigna Catholico Romano, abaixa-se a jogar chufas de arrieiro, chamando-me *bacorinho* entre outras *civilidades* dignas de um homem que quer ser das lettras. Nas outras ha quasi egual politica e urbanidade.

[1] Carta I § 4

[2] Um commentou o apocalypse, o outro defendeu a religião, como é de ver na sua correspondencia com a rainha Christina da Grecia. Não tenho livros, nem tempo de ir ás bibliothecas, não posso citar, senão em geral, mas não cito faso.

de o atacar por similhante motivo. Appareces tu, e incriminas-me a mim porque imito a sua bella poesia, e adopto de seus ideaes o que é bom, exacto, puro e incontrastavel!!

Dizes que eu *censuro os preceitos formaes da lei antiga e nova*[1] e trazes para prova os versos:

«Ah! se o gosto supremo a um Deus não peja
«Porque mesquinhas leis, etc.[2]

Onde está a *Censura, e o sacrilego despejo?* Trata-se um assumpto mythologico, trata-se poeticamente, é um Deus fabuloso de quem se fala; e vem a theologia, e o christianismo entra n'estes pontos!!—a religião christã prohibe os *prazeres* entre os dois sexos: convenho: mas a natureza deu-nos inclinação, tendencia, e até necessidade d'esses prazeres. E' uma virtude pela natureza, é um crime segundo a religião.

Mas é um crime em certas circumstancias. A religião dirige e regula aquelles movimentos da natureza, para que o vicio se não macule; santamente o faz, vem em apoio da moral natural, e social. Mas, porque isto é verdade, segue se que não chamemos a essa lei religiosa uma privação? Segue-se que seja crime dizêl-o?—Todos os publicistas (mesmo os mais rançosos) asseveram que a natureza nos deu *plena*, e illimitada liberdade, que nos constituiu em *perfeita, e absoluta egualdade*. O pacto social, e as leis civis, com toda a justiça *restringem, moderam, dirigem e regulam* essa liberdade, e egualdade. É assim necessario ao bem publico, e assim precisa a felicidade geral, e a ordem social; mas deixa de ser por isso uma *privação*? Será perturbador do socego publico, será máo cidadão, e réo de lesa-Magestade o philosopho que nas suas meditações, e escriptos disser que isto é uma privação, o Poeta que nos seus cantos escreve *quatro* versos n'este objecto? Responde, homem atraiçoado.

Recresceu o *teu justo furor, quando falando de um quadro de S. João escrevendo* o apocalyse, déste com estes versos:[3]

«Na destra a penna mal segura forma
«Nunca entendidas, enredadas notas.»

Sim, calumniador, sim, disse, e não me desdigo. Era *mal segura* a penna, com que o *Evangelista propheta* escrevia suas inspirações. Em mil logares dos mesmos Prophetas te mostrarei mais atrevidas expressões poeticas.

Além de muitos outros, de que me não recordo, e que longo fôra enumerar, citarei o *Cantico dos Canticos* que sendo (como diz S. Jeronymo) tão mystico e cheio de *incomprehensivel amôr* de Christo para com a Egreja, sua esposa, e d'esta para com o esposo, parece com tudo, pelo atrevido e sublime das expressões de uma poesia oriental, uma canção de profanos amores: — *Loeva ejus sub capite meo, et dextra illius amplexabitur me. — Quam pulchræ sunt mammæ tuæ pulchrior sunt ubera tua vino — Dilectus meus misit manum suam per foramen; et venter meus intremuit ad tactum illius*[1]—*Isaias* (cuido que no principio) *Quomodo facta est meretrix civitas fidelis plena judicii* — Em *Ezechiel*, sem falar do Livro comido e da ordem de misturar o seu pão — *cum stercuore quod egredietur de homine*, lêem se entre outras estas phrases — *Fornicata es nomine tuo; exposuisti fornicationem tuam omnii transeunti fornicationes tuas. — Et fornicata es cum filiis Ægyti magnarum carnum. Et postquam fornicata es, nec sic es satiata* — etc., etc., etc. Ezechiel fala (em nome do Senhor) das idolatrias, e de vicios de Israel, e não duvida servir-se d'estes similes e allegorias.

Assim falaram homens inspirados; assim falo eu que o não sou; mas que por guardar a grande regra do — *rerum servare vices, et noscere causas* os imitei aqui de tão boa-fé, como n'outra parte imitára Lucrecio pela mesma regra. Era mal segura a penna de um escriptor, que, todo embebido em suas meditações, devia necessariamente mostrar seu extasi no alterado dos movimentos, e acções physicas, como o é em pegar em uma penna. Esta é a natureza; assim a exprimiu o pintor, assim tentei eu exprimil a, e (torno a repetil-o) não me desdigo.

São enredadas notas os vaticinios do apocalypse.— Sim, são e quem o duvida? Tu que o não entendes no mais minimo ponto, pois se em algum o entendesses, se soubesses a historia d'esse Livro na Egreja, tu não clamarias tão descôcadamente contra uma tão verdadeira, justa e legitima expressão. Os Santos Padres, que tão confusamente o interpretaram, a divagação de seus commentarios, as egualmente *divagantes interpretações* de Calmet, de Sacy, e de tantos outros Doutores não provaram que aquelles vatici-

[1] Carta I § 4, 5, e 6.

[2] A boa-fé, com que eu cito Guarini para não dar por minha uma idea, e pensamento que é d'elles, é assumpto para a censura e escandalo do auctor das cartas — Note-se que o *Pastor Fido* foi traduzido e impresso em Portugal no tempo da Meza Censoria.

[3] Carta I § 7 e 8.

[1] Póde dizer-se em estylo sagrado—***venter meus intremuit***—; e não se póde dizer em phrase que não é inspirada—***penna mal segura!!***—

nios são notas enredadas, e não entendidas?[1] Por ventura já o apocalypse foi reconhecido livro canonico ha muitos seculos pela Egreja? Não é bem moderna a determinação do Concilio que por tal o authentica?—Ou tu ignoras estas cousas (o que não creio) ou és sobre a face da terra o homem mais perverso e de mais má fé!

São *obscenidades horriveis* as passagens do meu Poema a pag. 11, 12, 82.[2] Porque, malvado? Porque pintei os prazeres e a natureza, porque fiz o que fizeram todos os poetas do mundo? Quanto menos cobertos são os quadros de Camões, Tasso, Trissino e tantos outros todos impressos em *paiz d'inquisição?* A *Italia libertada* no canto do *rendez-vous* do imperador com a imperatriz Theodora. A *Jerusalem* no dos jardins de Armida, e mil logares. Os *Lusiadas* no canto do Adamastor e de seus amores com Doris, no da Ilha de Venus, etc., etc. Ariosto, quasi sempre passaram na censura, andam nas mãos de todos desde as escolas e na infancia, até aos gabinetes e claustros na virilidade, e na velhice; e meia duzia de versos meus *fazem estremecer a tua penna como fugindo de os copiar!!!*

Dizes que eu confundo *Roma christã* com *Roma pagã.*[3] Miseravel, eu comparei-as não as confundo. Disse que o corpo da Egreja estava *invalido*, *arruinado* e *depravado* pela Curia Romana. Disse, e não me desdigo. Disse o que todos os sãos theologos têem dicto; disse o que todos os bons christãos lastimam. A Curia Romana tem arruinado e depravado a Egreja; a Curia Romana tem infringido as suas leis, tem usurpado os direitos de seus bispos, tem-se arrogado as attribuições de seus concilios, tem sido maior inimiga do catholicismo, tem feito mais ruina á christandade que todos esses *tão gritados e vozeados* Rousseaus, Voltaires, etc., etc. Eu não disse só isso; avancei mais: disse que elles só *levavam o fito em pescar para a barca do humilde S. Pedro as riquezas das nações com o sagrado anzol dos breves e reliquias.* Disse, e não me desdigo: São expressões, não minhas, mas do illustre Antonio Pereira de Figueiredo na sua *Tentativa theologica.* São os sentimentos de um homem de honra, virtudes, saber, inteireza, justiça e verdade, o deputado Borges Carneiro nos seus discursos tão singelos e eloquentes (por isso) perante o augusto congresso. São os sentimentos d'um prelado portuguez, tão honrado, quanto catholico, o immortal Bartholomeu dos Martyres. São as vozes da razão, e da verdade as inintelligiveis para ti, que fazes profissão da mentira, e do embuste; só impios para ti, que confundindo estas verdades com tuas calumnias, voltas para *injuria contra inveja* as minhas declamações contra os que a injuriam.

Achas *profissão clara de deismo*[1] n'uma nota, em que eu censuro os theologos porque attribuem a Deus suas desregradas paixões, e perniciosos effeitos.

Onde descobres essa profissão?

Na censura que eu faço aos theologos?

Não de certo, que o não podias; mas na tua maldade. Dize, homem traidor e manhoso: É o Deus do Evangelho que accendeu as fogueiras da Inquisição (por que tu suspiras), que afiou os punhaes da noite de S. Bartholomeu, que amolou os cutellos hespanhoes para as barbaridades do Mexico? Foi o Deus dos christãos quem assassinou Henrique III e IV; quem pretendeu fazel-o a José I? Ou foram os theologos que *em seu nome*, e por lhe attribuirem seus vicios e crimes, commetteram esses horrores, e os justificaram para o vulgo embaído com o nome sagrado de Deus, e de Religião? Não respondo ás tuas invectivas, com que pretendes ridicularisar-me, não tenho presumpção de litterato. Perdôo-te do coração e sem hypocrisia todas as injurias que me dizes. Chama-me maçon; chama-me o que quizeres; abaixa-te a jogar chalaça da mais vil tarimba de soldado, ou *cosinha de frade*; eu t'o perdôo. A tua vileza fica comtigo, e commigo a minha honra, que nem tu, nem todos os teus vís conluios pódem manchar; porque está no meu coração, e porque nunca saiu, nem sairá d'elle, onde o verdadeiro desejo da virtude, e horror da hypocrisia a guardam, e guardarão sempre.

Lisboa, 7 de Fevereiro, anno II (1822).

[1] Não sou impostor, nem pedante, nunca li as obras de Sacy e Calmet, mas li os commentarios do nosso Padre Antonio Pereira de Figueiredo, que os combina, expõe, e elucida, bem como a outros.

[2] Carta II, § 3.

[3] Carta II, § 5.

[1] Carta II, § 7.

PROCESSO DO «RETRATO DE VENUS»

DEFEZA DE GARRETT NO TRIBUNAL

SENHORES:

Que um réo compareça tranquillo, reasseguro na presença de seus juizes; que elle encare, sem desmaiar, o olho álerta do julgador penetrante; que fite sem sossobro o rosto severo do magistrado imparcial; que o apparato santo e magestoso de um tribunal augusto o não aterre e confunda; nem é novo na historia dos processos, nem para admirar da pouquidade humana. Tanto vale virtude e innocencia; tal seguridade e affouteza d'uma consciencia tranquilla e um coração puro que nem o receio da pena lhe offusca as pulsações, nem o descoroçoamento da culpa lh'as attenúa. Não, senhores; nos mais devassos tempos, nos mais vergonhosos para a especie humana, mais fartos de vicios, mais escassos de virtudes, ha sempre (e algum vislumbre de consolação deviam os céus á virtude!) ha sempre, mas que raros, exemplos de fortaleza honrada e de segurança nobre. A ordem compensadora da natureza, se tolera Neros julgando, tambem lhe dá Senecas para réus. Mas o que é de certo novo, o que não achareis succedido desde que o mundo depravado careceu de juizes, porque teve réus, é que á face do tribunal, que ha-de julgál-o, venha o accusado exultar de jubilo com os seus juizes, venha á barra do tribunal dar-se os parabens de se ver a ella, venha congratular-se com os que o ouvem, venha regosijar-se com os que o observam. E esse homem, senhores, esse accusado sou eu. Consenti-me este desafogo, deixae que aproveite esta occasião de saudar *pela primeira vez*, sim pela *primeira vez* a justiça, até aqui fugidia, que vem *pela primeira vez* sentar seu throno no meio de juizes portuguezes. Espancada de nossos tribunaes, acossada dos sobornos e das chicanas, seculos ha que a não vemos. Nossos paes e avós morreram sem lhe ver a face augusta; estava para os netos, entre tantas ditas nacionaes, ter mais essa ventura.

«Perdoae-me, juizes, eu fujo do assumpto; mas não deixa logar á razão a embriaguez de um grande prazer; desculpae me a effusão d'elle; recebei os meus parabens, recebei-os de todo o meu coração.

«Desafoguei a minha alma da inundação de jubilo, que a opprimia: á minha causa venho; entro na minha defeza. Tão simples será ella como é simples a minha innocencia: tão sinceros serão os meus labios em defender a obra accusada como foi sincera a penna que a escreveu. Responderei um a um aos artigos do libello do promotor fiscal d'este conselho; e sem me entreter com a generalidade da accusação, os examinarei de per si cada um. — P.—*e é o 1.º abuso— até tudo o que é creado.* Se dizer isto, senhores, é negar a existencia de Deus, oh! que de atheus cobrem a terra. Não ha sabio que o não seja, não ha philosopho em quem não assente esse nome.—Eu não conheço na natureza senão duas forças, a da attracção, e a da repulsão. Por ellas se equilibram os corpos, por ellas gravitam. As moléculas mineraes que no centro da terra se juntam por chimica affinidade, a attracção as une; o pólen que vae do pistillo ao estame fecundar a flôr, e continuar a especie de planta a que pertence, pela attracção a busca; o macho que procura a fêmea, e machinalmente prolifica, a attracção o levou a ella. Este instincto que nos impelle a tudo quanto é prazer, que nos repelle de quanto é dôr, que é senão attracção e repulsão? Unicas forças do universo, unica potencia da materia, unico movel das cousas physicas, e unico tambem das moraes. Interesse lhe chamam os moralistas, affinidade os chimicos, mineralogistas e physicos, instincto os zoologistas, mas todas estas especies se comprehendem n'um só genero—attracção. Esta attracção, este principio de vida que anima o Universo, esta força de reproducção constante que une e vivifica a grande cadeia dos seres e leva de ente a ente o impulso da

existencia por uma serie sem interrupção, este principio eterno e invariavel, eis aqui o que eu quiz poeticamente explicar nos meus versos. Personifiquei-o em Venus. É Venus a deusa de amor, amor se chama a attracção animal da especie mais nobre; amor poeticamente chamou Darwin á attracção das plantas; assim o pediu a poesia, assim o disse; não me parece dever arrepender-me. E que pretenderia o meu accusador? que expendesse friamente em um poema todo o systema das attracções de Newton? Ou quereria que como o nosso Camões no canto nono dos seus *Lusiadas* acabasse com a minha protestação de fé; e depois de ter falado em Venus, Palas e Juno, dissesse: tudo isto é fabula, nada d'isto é real, são ficções poeticas, que envolvem grandes verdades. Nenhum defeito maior que este tem o nosso poema immortal; e em nenhum logar d'aquella obra inimitavel assentou melhor a espada da critica do que n'este. Ariosto deu a allegoria do seu *Orlando*, Tasso a da sua *Gerusaleme*. O primeiro nem com ella faz intelligiveis as suas monstruosidades, o segundo tornou com ella obscura a clara intelligencia de suas brilhantes composições. Mas estes grandes genios tinham a explicar chimeras, a realisar sonhos, a tornar sensiveis objectos de pura imaginação. Eu expuz a natureza, e o principio agente de seus phenomenos, dei-lhe um nome poetico, eis aqui todo o meu crime. Sou atheu porque chamei Venus á natureza, sou atheu porque fui poeta, sou atheu porque insulsa e insipidamente não disse: a natureza move-se pela attracção, continua-se por ella. Porque não falei em Deus creador? Diz quem me accusa.......

....

Dois pretextos e uma só causa me trazem á barra d'este tribunal. Uma só causa fez a minha accusação, dois pretextos a capearam. A causa, senhores, a causa unica, juizes é porque eu sou um homem livre e o meu accusador um escravo. Espanta-vos este enunciado? Pois é tão certo como a verdade. Execração vos causou sem duvida: preparae o riso e a mofa, ides ouvir os pretextos. Eu sou, senhores, eu sou na bocca de tão estupido accusador, materialista e deista ao mesmo tempo; o que vem a dizer que nego, e reconheço a Deus; desminto e affirmo a creação; creio e não creio na força activa da materia; alfim sou e não sou o mesmo homem a um mesmo tempo. A quem se ha-de dizer que tal se disse em Portugal? Quem hade acreditar que tal se escrevesse entre nós? E mais que tudo, que tal se apresentasse em um tribunal de jurados e de jurados especialmente eleitos para causas litterarias, e de jurados eleitos e convocados em Coimbra?.......................

....

[1] «*Conselho dos juizes de facto:*—Cópia dos quesitos, da declaração dos juizes de facto em resposta aos mesmos quesitos, e da sentença do juiz de direito, sobre a denuncia do promotor fiscal, contra João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, pelos abusos da liberdade da imprensa, como auctor do poema intitulado—*Retrato de Venus*.

Quesitos

1.º O impresso denunciado contém o abuso da liberdade da imprensa declarado no artigo 10.º da lei de 12 de julho de 1821?

2.º O accusado é criminoso d'esse delicto?

3.º Em que gráo é criminoso?

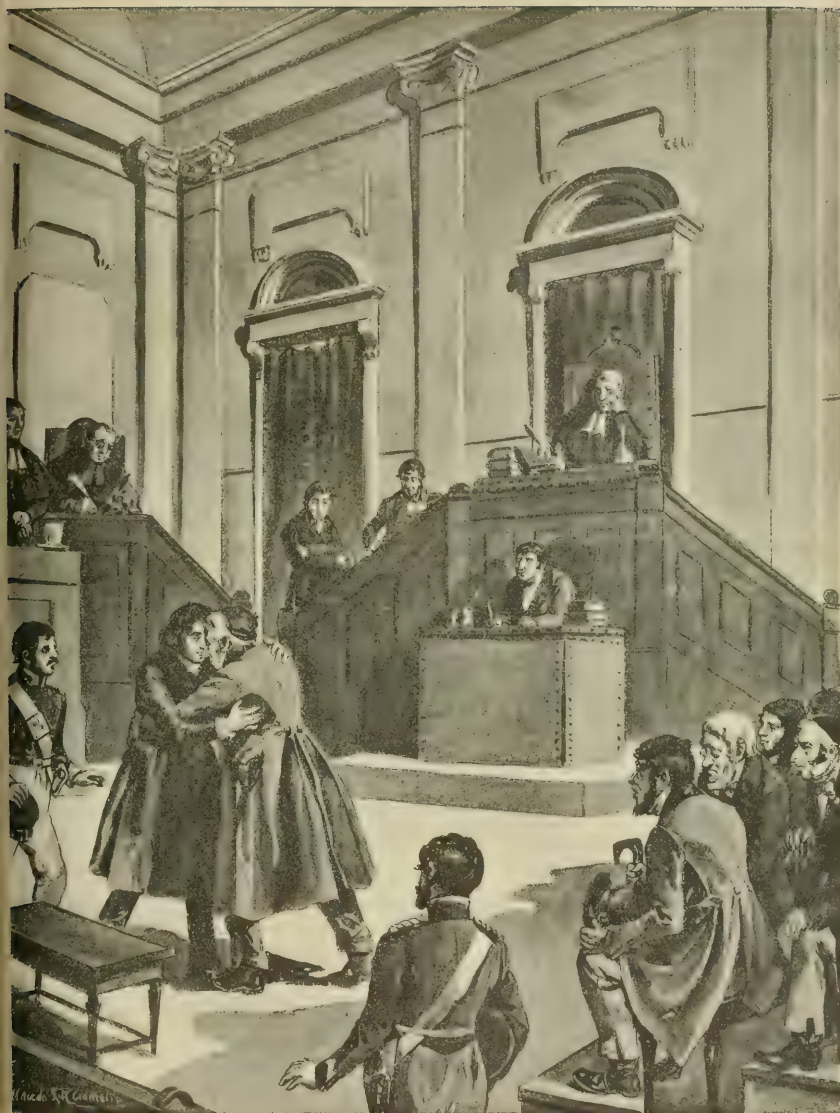
O juiz de direito—*Luiz Manuel de Moura Cabral.*

Declaração do conselho

O conselho dos juizes de facto, consultando a intima convicção da sua consciencia, julga que o impresso denunciado não contêm o abuso da liberdade de imprensa de que é arguido, nem o accusado é criminoso. Casa do conselho. 4 de outubro de 1822.—*Antonio Joaquim de Lemos Monteiro*, presidente—*Manuel Antonio Vellez Caldeira Castel-Branco—Marçal Josè Ribeiro—Antonio José Maria Campello—Antonio José Rodrigues de Almeida=Bernardo Ribeiro de Carvalho Braga—José Ignacio Andrade—Joaquim Gregorio de Alpoem—José Antonio da Fonseca—Matheus Valente do Couto—Christovão Avelino Dias—Manuel Gonçalves Ferreira*.

Sentença do juiz de direito

Em vista da declaração do conselho dos juizes de facto, absolvo o réu da accusação, e mando que se passe mandado de levantamento do sequestro feito nos exemplares, Lisboa, quatro de outubro de 1822. —*Luiz Manuel de Moura Cabral*—Está conforme os originaes, Lisboa, 15 de outubro de 1822.—O escrivão do processo, *Caetano Machado de Mattos* [1]».

[1] *Diario do governo*, de 18 de outubro de 1822.

O abbade Correia da Serra abraçando Garrett em pleno tribunal

PARECER

SOBRE O

DRAMA «TORRE DO CORVO»

Este drama, a *Torre do Corvo*, pertence xactamente áquella variedade do genero que bteve a denominação geral de melodrama la *Porte St. Martin* — : um romance muito ccidentado de ladrões, trovões, relampagos descargas de fusilaria, gente morta, meninos perdidos e achados, e o mais do estylo, em faltar o *date pueris nuces* do gracioso oltrão que se faz valente, etc., etc.

Com ser o mais vulgar, não deixa todaia de ter seu merito, esta que chamo *varidade*, porque não chega effectivamente a ompor um genero ou especie dramatica. E elativamente ás condições e dados d'esta xistencia, o presente drama tem muitissimo erecimento — um merecimento raro, rarisimo entre os nossos: — *entende-se*, tem principio, meio e fim; as gentes que aqui falam, alam, não fazem versos; conversam, não fazem dissertações. Os caracteres são assaz ulgares, é verdade; mas o do feitor Lourenço, que é o melhor, não é mal concebido nem executado. O dialogo é frouxo e pesado, arrastado ás vezes, mas ao menos é natural; e antes esta falta de vigor que a pedantaria dos conceitos espremidos. O desenho geral da fabula quadra bem na moldura historica em que foi posto; a linguagem e costumes, não: vê-se que é composição feita á pressa, e com a mira nas pasmaceiras da platéa; mas poder-se-ia fazer d'esta, com pouquissimo trabalho, uma excellente peça da sua ordem.

«Póde e deve representar-se, e desejar-se que appareçam muitos d'estes dramas, com todos os seus defeitos, para concorrer á libertação do theatro, dissipando o genero nebuloso dos grandes dramas sublimes que ainda não morreram de todo como deviam.

«Lisboa, 1 de março de 1843. — *Almeida Garrett*.

CURSO DE LEITURAS PUBLICAS DE HISTORIA

PELO CHRONISTA-MÓR DO REINO

O EX.^mo CONSELHEIRO J. B. DE ALMEIDA GARRETT [1]

EXTRACTO DA PRIMEIRA LEITURA

Na sala da *instrucção primaria*, no local do Carmo (que foi egreja dos Terceiros) é que teve logar a primeira *leitura publica* de historia. Á noite já se achava um brilhante e numeroso concurso de espectadores — senhoras, ministros de estado, ex-ministros, deputados eleitos, e ex-deputados, membros dos diversos tribunaes e academias, e finalmente pessoas escolhidas, e de differentes profissões e matizes politicos; — em tudo coisa de quatrocentas pessoas.

Pelas oito horas em ponto subiu o chronista-mór a um pequeno estrado, e sobre apontamentos que levava comsigo fez a *introducção* do seu *curso de historia*.

Principiou dizendo que sua magestade fôra servida nomeal-o para o cargo de chronista-mór, antiquissimo officio do reino, que ha muitos annos se não provia. Fez sobre os seus meios algumas modestas observações, promettendo comtudo que faria todos os esforços para justificar a escolha de sua magestade, com todo o zelo, e com a maior sinceridade e imparcialidade; de que com effeito tem dado bastas provas; falando tanto dos erros e crimes dos reis, como dos dos povos, dos do clero, da nobreza, etc.

Disse que sua magestade lhe tinha deixado a opção entre os dois modos de preencher as funcções do seu cargo — por meio de leituras, ou pelo methodo das lições; — que escolhera este anno o primeiro para dar d'elle o exemplo, por não ter tempo e por nada ter preparado para o outro, podendo já aproveitar um resto de vigor que conservava; e promettendo que trabalhará depois no gabinete.

Depois de definir o que são leituras, e fazer ver qual a differença d'ellas ás lições, passou a indicar o systema de historia que ha de seguir. Disse que dois foram os methodos adoptados pelos antigos para estudarem a historia; — que o primeiro — *o antiquissimo;* o de dividirem esta em historia ecclesiastica, profana, civil, politica, etc.; accumulando factos de cada um d'estes ramos, e do militar sobretudo, e enfiando a serie d'elles, particularmente dos exteriores, sem se importarem com os usos, leis, etc., dos povos, era muito errado, absurdo, mutilador, vicioso, e nada tinha de philosophico; que tão pouco o era philosophico, nem conveniente o 2.º, que denominou *antigo*, e que chamavam comtudo *philosophico*; que foi muito moda no fim do seculo passado, e principio d'este;— que elle o reprovava egual-

[1] «D'ahi a pouco foram dissolvidas as côrtes, e se mandou proceder a nova eleição. O sr. Garrett, que havia quasi dois annos tinha sido nomeado chronista-mór do reino, não querendo possuir um titulo vão e inutil, abriu, n'este intervallo, e para desempenho de seu eminente encargo, um curso publico de leituras sobre historia portugueza. A solemnidade da abertura, coisa inteiramente nova em Portugal, foi um verdadeiro triumpho, uma ovação litteraria e politica. A côrte, o corpo diplomatico, o ministerio, as academias, ambas as camaras do parlamento, os tribunaes, todos alli concorreram em grande maioria, que mal cabia na immensa sala da escola do Carmo; muitas senhoras a ornavam. A expectação era grande, mas foi satisfeita. Em um discurso de quasi duas horas, e que a assembléa escutou com attenção e interesse sempre crescente, o sr. Garrett, depois de manifestar o motivo e fins do curso que ia abrir, desenvolveu o plano d'elle, e já com brilhantes pensamentos, excitou sempre a attenção, e muitas vezes o enthusiasmo d'aquelle escolhido auditorio. Apenas concluiu, uma explosão de applauso e admiração retumbou na sala, e, n'aquelle momento, ao menos, a inveja ou a dissidencia dos partidos não achou voz no meio da approvação geral.»

(Da *Autobiographia*).

mente, porque consistia essencialmente em estabelecer uma these, um principio dogmaticamente dado, e examinados os factos todos com esta luz, torcidos para este objecto premeditado, desnaturava e falsificava a historia; que este era o dos encyclopedistas, e por elles, e pelos seus fautores muito preconisado.

Que adoptaria um terceiro methodo modernissimo, que é o analytico· observando-se o que dão os factos, e pelas suas series descobrindo as leis, etc.; que este é acreditado pelos grandes luminares da civilisação actual, Thierry, Guizot, etc.

Disse que a divisão da historia de um povo, em civil, politica, militar, etc., é arbitraria e absurda; que a historia deve ser encarada debaixo das suas diversas phases— religiosa, litteraria, scientifica, artistica, etc.; e que sem todos os factos reunidos de todas estas feições se não achará a historia de um povo; que no progresso das sciencias está a historia politica e militar, pois que se não póde estudar por exemplo Vasco da Gama sem se saber de Pedro Nunes.

Que na religiosa succede o mesmo, pois que se não poderá entender a historia de Affonso de Albuquerque, sem se ler S. Francisco Xavier, as aventuras de Fernão Mendes Pinto, as chronicas dos frades, as constituições dos bispados, que todavia têem sido até agora reputadas exclusivamente como historia ecclesiastica. Que o mesmo tem logar com a civil, porque nas collecções Affonsina e Manuelina, e nas das nossas outras leis se encontram mais segredos historicos que em todas as chronicas.

Que tambem se acha a historia na chamada litteraria, exemplos: Camões, Gil Vicente, Jorge Ferreira, as canções populares, etc., e na artistica; e que já os antigos faziam as suas grandes epopeias nos conventos e basilicas.

Applicando portanto o terceiro methodo apontado á historia da nossa terra, disse que devemos estudal-a em todos os seus livros, tanto os impressos como os manuscriptos, em prosa ou em verso, *nos livros de pedra*, que são os livros da memoria dos povos; nas chronicas de frades, semanarios velhos, etc.; e passou a explicar qual era o seu modo de classificar a historia.

Fez de toda a nossa historia um grande mappa ou quadro geral, que dividiu em onze secções ou epochas, não arbitrarias ou convencionaes, contadas pelas mortes dos reis; accessões de dynastias, batalhas, ou pelo que se chamam grandes successos; mas sim contadas pelas visiveis alterações no modo de existir da sociedade, nos seus progressos de civilisação, etc.; naturaes como as da geographia natural de Malte Brun.

Disse que a primeira epocha a subdividia em *anti-romana* — dos celtas, tribus, etc., e *romana*, em que a sociedade se aperfeiçoou, e em seguida se corrompeu.

A segunda foi a *barbara*, dos wisigodos, suevos, castas separadas, em que os elementos sociaes se achavam n'um perfeito cahos (d'esse tempo é a Sé velha de Coimbra, etc.) — que logo depois teve principio a nova civilisação, de que se sabe mui pouco; — que n'esta viveu S. Isidoro, tiveram logar os concilios, reinou o poder absoluto, houve pouco feudalismo, e pouca liberdade, no que differiamos do norte da Europa.

A terceira a dos *arabes*, da civilisação oriental.

A quarta a da *reacção contra os arabes*, de conquistas; n'ella principiou a resistencia das Asturias; que as nossas Asturias foram a terra da Feira, Beira, etc.; que n'esta epocha tiveram tambem logar as conquistas dos reis leonezes; que n'ella viveu o conde D. Henrique, e que acabou em D. Affonso III pela tomada do Algarve.

Que a quinta era a *da organisação, da civilisação* — desde D. Diniz até D. Fernando; que n'ella teve a aristocracia muita força; n'ella foi a nossa lingua muito melhorada.

A sexta foi a *da constituição*, da extensão do territorio, conquistas, instrucção, etc.; — desde D. João I até D. Affonso V; que a aristocracia soffreu n'ella diminuição na sua força, porque D. João I teve de appellar e dar força á democracia; mas reassumiu o seu poder no tempo de D. Affonso V.

Que a setima foi a da *civilisação progressiva*, da reacção contra a aristocracia, que começou em D. João II; que n'ella foi a constituição abalada e alterada; e teve grande augmento e desenvolvimento o braço popular, pela sua alliança com o throno; — n'ella houve alterações religiosas, a conquista do oriente no tempo de D. Manuel, etc., e que ella segue até D. Sebastião.

Que chamaria oitava epocha á *usurpação castelhana*, o periodo dos Filippes; — que este periodo estava fóra da lei geral, etc.

A nona a *da restauração*, pelo sr. D. João IV até ao sr. D. João V; que n'ella foi restaurado o reino, mas não a monarchia livre dos nossos avós; que n'ella floresceu J. Pedro Ribeiro, tivemos côrtes, foi o principio da soberania popular sanccionado n'essas côrtes, mas ficou no papel.

Que a decima era a *da nova reacção anti-aristocratica*, desde o sr. D. José até á sr.ª D. Maria I; que d'esta reacção se seguiu a maior exaltação do principio monarchico.

A decima primeira a *revolução franceza*;

— que n'ella teve logar a invasão no nosso solo pelos homens, e pelas idéas da França, emigrou a nossa dynastia para o Brazil, facto que tambem está fóra da lei geral por ser inesperado; e que ella findou com a revolução de 1820, que n'esse anno rebentou, mas que ha muito já estava feita nas idéas.

E concluiu observando que não falaria de uma ultima, que naturalmente se via que era a *contemporanea*, epocha de transição, incertezas, etc.

Feito este plano, declarou que não podendo seguil-o em uma serie de leituras este anno, nem talvez em muitos annos, elle se lançaria no meio do quadro, tomando para thema do presente curso a setima epocha, a do XVI seculo, que elle consideraria como o seu *presente*, a que chamaria ao passado ou anterior como *causa*, e as posteriores como *effeitos*, para deixar assim já desde este anno, o menos incompleto possivel, o seu raciocinio historico.

Disse que as lições hão de ser treze, e concluiu convidando as pessoas que quizerem seguir o seu curso a procurarem de novo os bilhetes para se lhes tomarem seus nomes, etc.

Esta leitura durou duas horas, e, apenas terminada, o auditorio luzido que estava, e havia assistido com religioso silencio, e attenção, rompeu em vivos applausos, e o illustre orador recebeu numerosos abraços dos muitos amigos e conhecidos seus, de todas as opiniões politicas, que o escutaram e o felicitaram pelo seu brilhante triumpho Notou o publico a singular coincidencia d'esta gloriosa ovação com o apuramento do sr Garrett como deputado pelo circulo eleitoral de Lisboa[1].

[1] No *Diario do Governo*

PROSPECTO

PARA A

EDIÇÃO DAS OBRAS COMPLETAS

(1839)

Desejosos de concorrer para a gloria e illustração da nossa epocha, emprehendemos a edição completa das obras de um contemporaneo a quem ninguem disputou ainda o distincto logar que occupa entre os nossos primeiros escriptores. Seus apaixonados e numerosos admiradores, seus proprios detractores reconhecem no auctor de *Camões*, de *Adozinda* e de *D. Branca* o genio transcendente que, fundando a nossa litteratura sobre a nossa historia, e a nossa poesia sobre as nossas crenças, nos libertou assim, no pensamento, do jugo latino e grego, como Filinto Elysio nos libertára, no estylo, do jugo francez; e se collocou d'esta sorte á testa de uma escola verdadeiramente nacional e independente; romantica nas idéas sem os desvarios grutescos de Victor Hugo, classica na linguagem sem o servilismo academico de affectados puritanos.

Ao casto e profundo escriptor do *Tratado de educação*, do *Resumo da historia litteraria de Portugal* e do *Portugal na balança da Europa* menos se póde contestar o titulo de erudito, de philosopho e de mestre da nossa bella lingua. Desde seus primeiros annos que o A. do *Retrato de Venus* e do *Catão* nos deu mostras de seu talento. Perseguido pelos seus, obrigado a fugir da patria, tomou d'esta ingratidão a vingança do genio, levantando á sua gloria o immortal monumento do poema *Camões*, composição em que as delicadezas do sentimento e as galhardias do patriotismo parecem apostadas a qual ha de produzir maior numero de bellezas poeticas. «Camões, o unico rival de Tasso, diz um escriptor, nosso coevo e compatriota, achou tambem quem lhe erguesse um monumento que, ennobrecendo ainda a fama do grande auctor dos *Lusiadas*, servirá ao mesmo passo de immortalisar o cysne que ousou cantal-o». Seguiu-se logo *D. Branca*, poema certamente mais original, e, quaesquer que sejam os seus defeitos, um dos mais nacionaes, que temos em nossa lingua. O *Resumo da historia litteraria* é a primeira tentativa d'este genero em portuguez: a imparcialidade e o gosto presidiram á sisuda critica que escreveu aquellas curtas e conceituosas paginas que o A. do *Portugal illustrated* (Londres 1828) e o *Foreign quarterly review* (1828 e 1831) citam repetidas vezes com louvor. *João minimo* é uma invenção modesta e graciosa de que o A. se serviu para nos apresentar a depurada escolha de suas melhores poesias lyricas, tanto classicas como romanticas. A *Adozinda* é o antigo e original romance da peninsula, ou mais exactamente, dos trovadores, resuscitado em toda a sua ingenuidade, porém, mais formoso e regular. Traduzindo consideraveis trechos d'esta linda composição, o *Foreign quarterly review* de 1832 faz ao A. e á obra condignos elogios. Mais de um escriptor dos nossos dias tem ido buscar á mina riquissima de nossas canções populares assumpto e tom para seus poemas. Mas, sem negar-lhes o merito, não se póde deixar de confessar que a *Adozinda* lhes franqueou o caminho. O *Catão*, reimpresso em Londres em 1830, é absolutamente uma obra nova; tanto mais largo é o desenho, tanto mais verdadeiro o colorido d'este grande quadro historico. N'esta tragedia, que tam popular tem sido em Portugal e no Brazil, a liberdade acha um poema digno d'ella, e o nosso theatro o seu regenerador.

E' breve na extensão, mas immenso na poesia, o poemeto que intitulou *A victoria da Terceira*, no qual celebrou ao mesmo tempo a terra de seus paes, a sua ilha favorita, e o glorioso feito de armas de 11 de

agosto de 1829. Chegado ao vigor da edade feita, a philosophia e as sciencias reclamaram do poeta seu quinhão de tempo e disvelos, que não deviam só pertencer á litteratura. O *Tratado da educação* é fonte de instrucção e de sciencia, e modelo de linguagem. O *Portugal na balança da Europa* tratou não só a questão portugueza, mas a européa da nossa epocha, de tal modo, que a seus outros titulos litterarios o nosso A. juntou, com esta obra, o de publicista profundo. Senhor de todas as grandezas e riquezas da lingua, os mais aridos pontos da politica são animados pela energia e vivacidade do estylo. Tão vigorosa é a sua dialectica, quando argumenta, tão solemne a exposição, quando narra ou descreve, n'este livro tão notavel, e prophetico em muitos capitulos, como era sublime e enternecido o poeta que nos chorava as desgraças de Camões, que nos contava os amores de D. Branca; como era engraçado e galante quando nos fazia rir com as bufonerias de Frei Soeiro; como foi grande e altisonante quando nos levou até a gigantesca virtude de Catão! Direis, e com verdade, que a este nosso poderoso escriptor todos os estylos obedecem. O *auto de Gil Vicente*, que ainda o outro dia fez correr toda Lisboa á rua dos Condes, veiu mostrar que nem o orador e patriota eloquente tinha quebrado nos debates da tribuna o seu grande engenho poetico, nem o diplomatico, o homem d'estado prezava mais as honrarias das côrtes e as distincções dos palacios, do que a sua corôa de poeta, o seu titulo querido de *homem de lettras*.

De quasi todas estas obras, algumas das quaes já tiveram segunda e terceira edição, muitos mil exemplares se teem esgotado; de outras já não resta um só. Especuladores brazileiros teem subrepticiamente reimpresso algumas. E constando nos, além d'isto, por amigos do A., que muitas composições ineditas jaziam na sua carteira, e talvez se viriam a perder, como durante o cêrco do Porto ouvimos que não poucas se lhe extraviaram, com grande perda da nossa litteratura, tratámos de obter, e obtivemos, o consentimento e a cooperação do A. para esta edição de todas as suas obras impressas e ineditas, que todas reviu e augmentou consideravelmente, e cuja correcção se encarregou de superintender. Por nossa parte não poupamos cuidado nem despezas para a fazermos digna do publico e do auctor.

CARTA E OFFERTA

DO

POEMA «CAMÕES» E «PARNASO»

A' INFANTA REGENTE

Sr. redactor do *Portuguez*. — Confio que não acharei em v. m. a difficuldade que encontrei na *Gazeta de Lisboa* para o favor que lhe peço de me inserir na primeira occasião de possibilidade esta minha carta e os documentos que a acompanham; os quaes desejo publicar, menos pela muita honra que me fazem, do que pela que d'ahi resulta ao meu amigo o sr. J. P. Aillaud, proprietario do *Parnaso lusitano*, por mim redigido e composto. Este benemerito portuguez, a quem já devemos a bellissima edição em 32.º dos *Lusiadas*, não tem agora poupado despeza para enriquecer a litteratura e bibliographia nacional com esta collecção do mais escolhido entre os nossos melhores poetas. A breve historia da litteratura portugueza que vem á frente do primeiro volume compul-a eu nos ultimos dias da minha residencia em Paris, e posso dizer que pela maior parte a compuz de memoria pela falta de documentos e livros que em paiz estranho (e tão estranho aquelle a nossas coisas) a cada momento me empecia, e houvera desanimado a qualquer que tivesse menos a peito o interesse e gloria de nossas lettras, já tão pouco prezadas, ainda dos nossos — porque (inda mal!) as não conhecem.

Generalisar as bellezas de nossos bons auctores, familiarisar a nação com ellas, desenganar a mocidade illudida, que sob a fé e palavra de pedantes e estrangeirados, cuida ser a nossa a derradeira litteratura da Europa, quando em muitos pontos é ella a primeira, e que nada lê, nem julga digno de ler senão o que lhe vem embonecado e doirado das officinas estrangeiras; eis ahi o fito que levei na coordenação d'esta escolha, e o que teve o meu amigo que d'ella é proprietario e que já tem desembolsado avultadas quantias para a fazer tão proxima da perfeição quanto em coisas humanas é possivel.

INFANTA D. ISABEL MARIA

O primeiro volume já publicado, além da historia da litteratura nacional, contém os epicos; o segundo já impresso os heroi-comicos, didaticos, etc.; o resto dos generos, incluindo lyricos e theatro enchem o terceiro e o quarto e ultimo da collecção.

É de esperar que o publico portuguez auxilie esta empreza, animando assim o proprietario a tomar outra talvez (e sem talvez) mais util, que é uma escolha de prosadores de que tanto necessitamos.

Serenissima senhora. — A muito honrosa mercê que vossa alteza se dignou fazer-me admittindo-me á sua presença é já subido favor, pelo qual beijo agradecido e respeitoso a mão a vossa alteza O amor dos portuguezes foi sempre o mais rico ornato de nossos reis; e mais que de nenhum o será do augusto irmão de vossa alteza. Nunca este real throno portuguez, que se levantou em Ourique sobre os alicerces da victoria, e em Lamego se firmou nas bases da lei, nunca elle brilhou com tanta gloria e virtudes como no feliz reinado do Senhor D. Pedro IV, e regencia de vossa alteza que tão dignamente o representa. Respeitosamente curvado ante esse throno, que é hoje o seguro penhor de nossa liberdade, e de nossa ventura, aos pés de vossa alteza, nossa generosa e natural protectora, venho eu depor meu pequeno tributo de amor e gratidão; pequeno e limitado na expressão d'elle, grande, immenso, no sentimento profundo que a gera. Os exemplares de duas obras portuguezas tomo a liberdade de offertar a vossa alteza. O assumpto de uma d'ellas é aquelle grande Camões, de cujo nome está cheio o mundo, de cuja gloria se honram todos os portuguezes desde o soberano até o derradeiro dos subditos. As principaes scenas d'este poema se passam n'essa bella Cintra já tão famosa na nossa historia, e que vossa alteza ha tão pouco aformoseava com todas as graças do seu sexo, e com todas as virtudes de ambos. Quando eu gemia na solidão e na saudade da minha patria, mal podia passar-me pelo espirito attribulado que um dia teria a honra de offerecer a vossa alteza uma producção mesquinha, triste filha de lagrimas e dores, e tão pouco digna da gloria e esplendor que rodeiam a vossa alteza. Mas se for agora tamanha a ventura do auctor e da obra, que algum dos preciosos momentos de vossa alteza se empregue na leitura d'estas mal compostas linhas, fico certo que vossa alteza reconhecerá em ambos, se não o engenho e talentos que me fallecem, o puro amor da patria, o religioso respeito ás instituições de nossos maiores e a mais firme lealdade ao legitimo soberano. A outra é o primeiro volume de uma escolha das melhores peças de poesia portugueza, precedida de uma breve historia da nossa litteratura. O incalculavel trabalho que esta composição me deu, sómente será pago (e amplamente o será) se elle merecer a approvação e acolhimento de vossa alteza. O editor proprietario d'esta obra, João Pedro Aillaud, pela sua parte a dedica tambem a vossa alteza e commigo a offerece. Receioso que em minha pouquidade me não tocasse tambem algum quinhão do infortunio que (inda mal!) parecia estar vinculado á profissão das lettras entre nós, não quiz em nenhuma d'estas obras estampar meu nome por não despertar invejas e odios que em circumstancias difficeis têem largo campo aberto para suas machinações. Hoje, porém, que todo o Portugal acclama a vossa alteza o anjo tutelar da patria, agora que vossa alteza se manifestou a generosa protectora das esmorecidas lettras, e que tanto se promettem estas de tal amparo e tutela, lanço do coração temor e receio, e me vangloriarei de haver escripto o que mereceu o favor de vossa alteza. Occupado por nomeação do augusto pae de vossa alteza, que em santa paz descança, e restituido por vossa alteza ao exercicio de meu publico emprego, não posso nem devo por ora recrear-me com o gostoso estudo da litteratura, dando-me a mais serios trabalhos. A nossa carta constitucional, generoso dom do augusto irmão de vossa alteza, nosso legitimo e immortal soberano; a sua comparação com os systemas constitutivos dos outros povos civilisados, sua origem e base em nossas antigas leis e usos occupam hoje todas minhas forças, quantas são. Mas com esse pouco que sou e valho advogarei até o ultimo suspiro a santa causa do rei e da legitimidade, que é a mesma e inseparavel da causa do povo e da verdadeira liberdade.

Esperançado na benigna protecção de vossa alteza até me esqueço de minha pequenez para sómente attentar na grandeza e altura do sublime objecto que me anima. A preciosa vida de vossa alteza guarde Deus Nosso Senhor os muitos annos que todos os portuguezes, e os creados de vossa alteza havemos mister. Lisboa, etc. (Assignado) *João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett.*

CRITICA

DA

VERSÃO DO POEMA «ELIEZER»

Eliezer, ou a ternura fraternal, poema de Florian, traduzido em versos portuguezes, por M. Rodrigues da Silva Abreu Braga, 1839. 1 vol., oitavo. (Communicado.) [1]

Aqui está um livrinho bonito, elegante, raro para o tempo em que vamos, e que nos dá umas poucas de novidades interessantes e de fazer gôsto.

Comecemos pelo exterior. É um volumi nho pequeno, mas nitidamente impresso, bem talhado, bem proporcionado, como uma brochura de Paris, feita para se cortar com faca de nacar no bufete avelludado do *boudoir*. E este elegante *specimen* da nossa typographia vem-nos dos prelos de Braga, cidade que não tinha *assento em côrtes de progresso!* Quem o havia de esperar d'ella? Pois deviam ir aprender com os seus modestos irmãos bracarenses os nossos presumidos Elseviros da capital. As proporções, as distancias, a distribuição dos differentes typos que se empregam segundo a natureza das diversas partes de que se compõe o livro, prefacios, corpo do poema, notas, versos, prosas, tudo está tão bem calculado e disposto! Esta sciencia do typographo, este tacto que vem do gôsto natural, aperfeiçoado pela observação e estudo dos bons modelos; a belleza que d'ella resulta, e sem a qual pouco brilha a do typo mais bem fundido, a do papel mais assetinado, esta é a que mais absolutamente ignoram os nossos impressores e que, *mirabile dictu!* pela presente obra vemos que chegou a Braga sem dar despacho nas alfandegas de Lisboa ou do Porto.

Mas o livro é bonito por dentro e por fóra; quero dizer, a parte intellectual não é somenos á material, antes a excede muito. Com os ouvidos trilhados do estylo de seu mestre, convertida a imitação em natureza, o sr. Rodrigues segue facilmente e sem esforço pelo caminho de Filinto Elysio, traduzindo em sinceros versos portuguezes a poetica prosa de Florian, como aquelle outro traduzira a de Chateaubriand. O velho poeta exilado, conscio de suas forças, mediu-se com um gigante; e na grande lucta de estylo, que em toda a traducção se trava entre o escriptor original e o traductor, Francisco Manuel deixou duvidosa, pelo menos, a victoria. O modesto e retirado auctor da presente versão antes se acolheu, com a sua timidez, ao amparo de um nome menos grande, não menos bemquisto; e como a medo foi transplantando, para o seu vergel ignorado n'um canto do Minho, as lindas flores que tambem no retiro tinham brotado de entre as mãos ao sensivel e elegante auctor de *Estella* e de *Gonçalo de Cordova*, n'esta sua derradeira e porventura mais delicada composição, o *Eliezer*.

Florian, perseguido dos tam atrozes quanto ridiculos e absurdos monstros que nas sanguinosas tragi-comedias da revolução franceza se arvoraram a si proprios, como em toda a parte, em eguaes circumstancias, fazem sempre os taes *ignes, fatui*, em *unicos e exclusivos* amigos do povo e liberdade, Florian que tam enthusiasta a cantára, essa liberdade no seu *Guilherme Tell*, Florian, cujo amor ao imperio das leis, cuja dedicação pela causa do povo tam sincera e tam real resplandecera no seu *Numa*, Florian, o discipulo valido de Voltaire, perseguido dos liberaes e dos philosophos, estava exilado em Saux quando compoz, entre dissabores e medos, este lindo poemeto em que parece quiz todas concentrar as virtudes de um bom coração e de um espirito recto, que em tempos de phrenetica e desalmada doidice popular, ou mais exactamente, de desmandada tyrannia tribunicia,

[1] *Correio de Lisboa*, n.º 382, terça-feira, 10 de setembro de 1839.

são encabeçadas em crimes capitaes e de lesa-magestade popular, como na outra não menos odiosa tyrannia real são crimes de lesa-magestade real as mesmas virtudes. E pela mesma rasão! Porque tyrannos-reis e tyrannos-tribunos, uns e outros são hypocritas a quem, mais que nenhuma coisa, offende a verdadeira virtude, o verdadeiro merito.

O sr. Rodrigues, sem ser perseguido, que por mais que façam, não vae para ahi — inda bem! — a nossa tempera portugueza, retirou-se desgostoso ao seu canto, amargurado como o seu modelo, chorando como elle sobre as discordias civis, e sonhando os consoladores sonhos das almas boas de que os homens haviam de voltar ao preceito evangelico do amor do proximo, preceito consignado em lei divina e escripta; mas já nascido com a natural. Não póde ser emquanto a *mentira* der as suas leis, a *cobiça* jogar em seus dados a sorte dos povos, e a *ignorancia* estiver prompta para só crer n'ellas ambas e as servir!

Não o accordemos, porém de seu ditoso sonhar, ao cantor portuguez de Eliezer, e transportemo-nos antes com elle a esses felizes tempos em que os homens viviam ligados.

«Pela concordia e fraternal brandura,
«Oh! renovemos o painel gracioso
«D'esses costumes maviosos, simples.

Em versos irmãos d'estes tres que cito, nos introduz o poeta á exposição do seu assumpto.

O assumpto é tirado da historia biblica, e do tempo dos juizes, edade de oiro do povo hebreu. Eis aqui a pintura da epoca:

«A arca Santa era em Silo; templo augusto
«A não guardava ainda, e só de pelles
«Se cobria modesto o tabernaculo.
«Só sangue das novilhas raro-tinto
«Era o altar do holocausto,— raro
«O incenso de Tadmôr se via ardendo
«Dos perfumes no altar;— porém respeitos,
«Cultos de um povo inteiro, e votos puros
«De pontífices santos de continuo
«Fervorosos erguendo-se ao Eterno,
«Tornavam-lhe essa estancia inda mais cara
«Que o templo de Sião tão magestoso,
«Mas tantas vezes, tantas profanado.
«Ali ás nossas festas de mais fama
«Concorriam de Israel todas as tribus.
«Ali, paes de familia acompanhados
«D'abundante progenie, vinham ledos
«Adorar o Senhor, comer a paschoa
«Em fraternal união, e o juramento
«Renovar da alliança. As mães seus filhos
«Davam mutuas a ver, por entre abraços
«E doces parabens...

Peza-me que a falta de espaço não deixe prolongar esta citação (que é do canto I), nem ajuntar outras muitas que falariam por si melhor que tudo o que do poema se póde dizer.

Continuemos a historia. Sadoc, neto de Eleazar, summo sacerdote, tem dois filhos gemeos que se amam ternamente. Um d'elles, Nephtali, adora a bella Rachel. Os paes, que ignoram esta paixão, contratam desposal a com o outro irmão, Eliezer. Eliezer vem a conhecer que faz a infelicidade de seu querido irmão, e fiado na lei mosaica, que obriga o irmão que sobrevive a casar com a viuva do que feneceu, embrenha-se no deserto e faz-se passar por morto.

A lei é cumprida; e Eliezer, que d'ahi a pouco é descoberto nas ultimas agonias a que o levou a doença, morre abençoando e abraçando a todos os que fez felizes com seu generoso e estranho sacrificio.

Peza-me ter de passar em claro por todas as circumstancias que embellezam e aviventam este singelo quadro de que só dou o esboço descarnado para não antecipar sobre o gôsto e prazer dos leitores.

O estylo é puro, a linguagem casta. Acaso algum *prelucho* notará, aqui e ali, seu Filintismo que dirão fanatico pelo muito que o A. se vê que desconfiou de si para confiar ás cegas em seu mestre.

Por mim, que não sou tam escrupuloso, regalei-me com a leitura do bom Eliezer, que foi hebreu e depois francez, mas agora é portuguez devéras; e estou que assim succederá a todos os que o lerem e souberem apreciar como esta linda composição merece. — *A. G.*

NEUTRALIDADE POLITICA EM LITTERATURA

Parecer.—Senhores: A commissão encarregada de dar seu parecer sobre o artigo do *memorandum*, thema dos nossos trabalhos, em que se trata da neutralidade litteraria, entende que este grande meio moral seria um dos mais conducentes ao fim proposto da regeneração da imprensa portugueza.

Effectivamente, e com raras, posto que bellas e generosas excepções, nós temos sido traidores á republica litteraria *una e indivisivel*, como tacitamente o jurámos todos os que, mais ou menos, temos feito por nos recensearmos cidadãos seus.

Nas mais barbaras edades da Europa, no meio do fraccionamento das nacionalidades modernas, os homens de letras, os homens de arte, não quizeram reconhecer nunca soberania de principe, nem de povo. Desde uma pobre irmandade de menestreis até á opulenta *alma mater* de uma universidade, tudo fraternisava e era commum. O trovador de Provença ou de Catalunha, e o meinesinger de Allemanha, o menestrel da Normandia, de Sicilia, ou de Inglaterra, fosse elle rei, ou pedisse pelas portas, todos eram irmãos. O doutor de Coimbra ia ler n'uma cadeira de Salamanca ou de Paris, o de Bolonha em Lovaina.

Nascidas no gremio maternal do catholicismo, a sciencia , a litteratura, a arte christã, tinham o mesmo pensamento sublime, regenerador, grande e divino — o de unir os homens pelos vinculos intellectuaes e moraes, de os fazer marchar hombro com hombro na estrada do aperfeiçoamento e da civilisação.

O protestantismo, que foi uma reacção necessaria, e permittida talvez, sinceramente o creio, nos altos juizos de Deus, para regenerar a verdadeira egreja, o protestantismo, trazendo, como todas as reacções, grandes bens á humanidade, tambem lhe causou grandes males: do schisma na republica catholica nasceu o schisma na republica litteraria.

Ás divisões em crença religiosa succederam as divisões em crença politica. D'aquellas veiu a reforma da governação da egreja, d'estas a reforma dos governos de estado. Mas uma e outra estão quasi conseguidas, e é preciso que estas divisões acabem de povo a povo, de lingua a lingua. Hão de acabar, e o principio catholico, o grande principio e pensamento da civilisação moderna, que invoca a *gloria a Deus nas alturas*, *para trazer a paz aos homens na terra*, ha de triumphar cedo, realisando pelos suaves meios da força moral o pensamento ambicioso dos Cesares. que pretendiam unir o mundo com a força bruta da espada.

Demos, pois, nós, por nossa parte, o primeiro passo n'este caminho. que é destruir, dentro dos nossos limites, todas essas mesquinhas divisões de seita. Seja a profissão e os professores das letras sagrados para os partidos, e não lhes paguem tributo como os descendentes de Harmodio e de Aristogiton entre os athenienses o não pagavam á republica.

Certo, não podemos querer que os homens de lettras se evadam ás obrigações e abdiquem os direitos que teem no estado; que renunciem ao seu quinhão na terra promettida para viver de um dizimo que lhes paguem os outros, como a tribu de Levi. É diverso o pensamento da unidade, que nos parece ainda melhor chamar-lhe assim, do que neutralidade litteraria. Consiste em que, tanto nos jornaes, como em quaesquer outras publicações, em todo o ponto de arte, de sciencia, de litteratura, trabalhem promiscuamente todos, sem distincção de côr politica, ainda que os jornaes sejam politicos, e do mais opposto partido á pessoa que escreva.

Não pareça estranho que a este *desiderandum* se junte outro que, mais intimamente do que apparenta, está ligado com elle, e cooperará efficazmente para o mesmo fim, vem a ser que todo o emprego e encargo

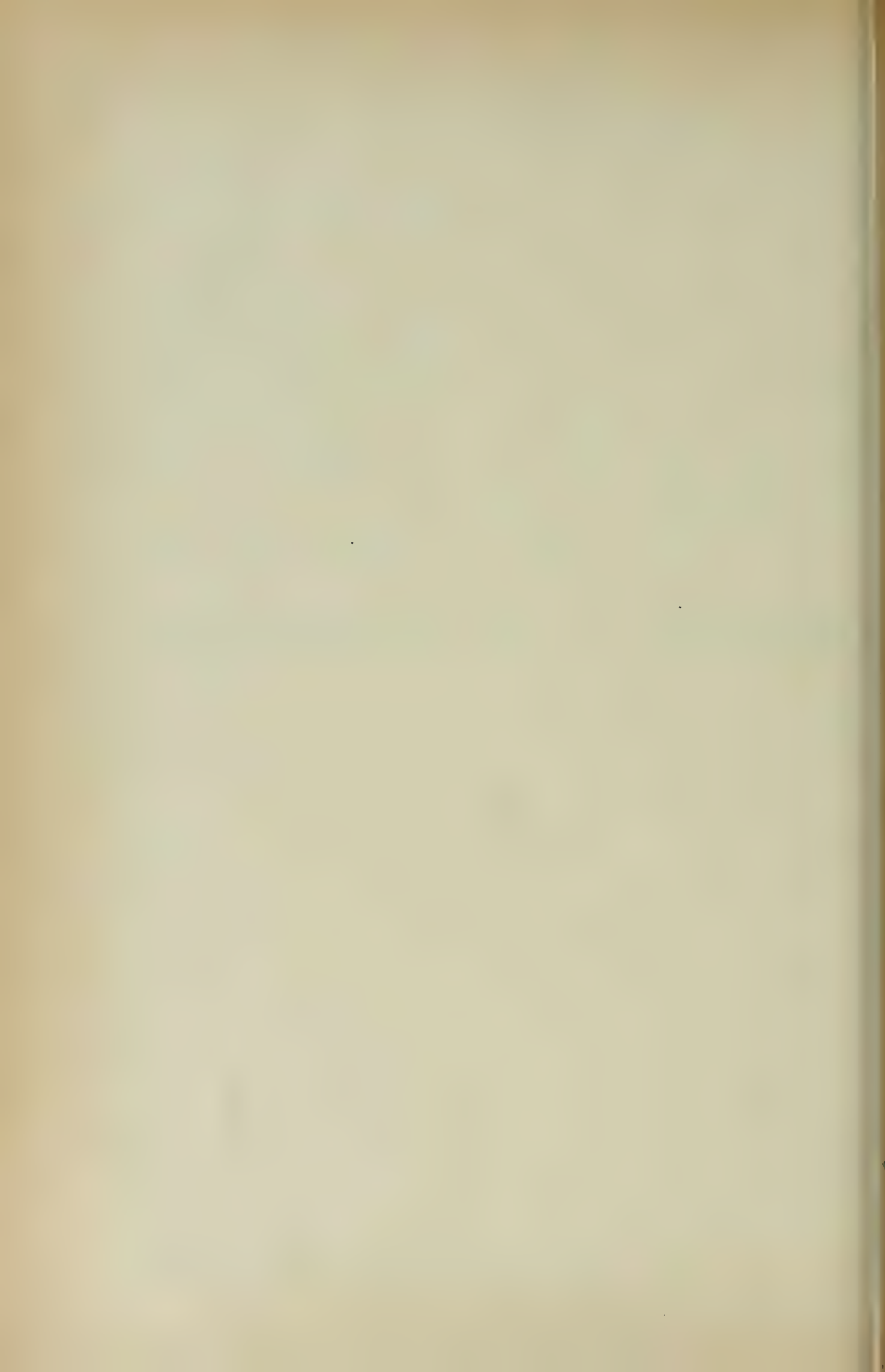
litterario, ou quasi litterario, se declare inamovivel para que não venha desunir a cubiça o que a generosidade se esforça a ligar.

Este ultimo ponto precisa de uma lei, e é parecer da commissão que se faça um requerimento ás côrtes, assignado pelo maior numero de assignaturas, e mais respeitaveis que se possa conseguir, pedindo e propondo a dita lei.

Quanto ao primeiro, julga a commissão que se poderá conseguir por uma declaração solemne feita e assignada n'este gremio por todas as pessoas mais notaveis e influentes de todos os partidos. E por aproveitar tempo e interpretar assim o seu mandato, a commissão propõe a formula annexa que vós examinareis e corrigireis na madureza de vossas deliberações. — Sala da commissão em 27 de agosto de 1846. — (Asssignados, o sr. Almeida Garrett e mais membros da commissão.)

Os abaixo assignados, escriptores publicos e homens de lettras, solemnemente declaram que entendem ser inteiramente alheio ás questões materiaes e positivas do governo da nação, e ás dos partidos em que ella se divide, o mister das lettras, das sciencias e das artes, e que por isso não reputam quebra do proprio pundonor e lealdade a livre cooperação do escriptor em qualquer publicação periodica, empreza ou sociedade, para fins puramente litterarios, embora o espirito d'essas publicações, emprezas, ou sociedades, represente idéa diversa das suas nas questões politicas da actualidade.

Declaram tambem que consideram esta nobre tolerancia como um meio adequado a proteger o desenvolvimento da civilisação, e como uma prova de animo generoso; que, finalmente, se honrarão sempre de assim pospor mesquinhas preoccupações ás conveniencias do progresso moral e intellectual do paiz, não reconhecendo em ninguem o direito de os taxar, a elles ou a outros quaesquer escriptores que se associem ao seu pensamento, de mera constancia politica. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães — Visconde de Juromenha — A. Herculano – João Baptista de Almeida Garrett.*

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

ORAÇÃO FUNEBRE

DE

MANUEL FERNANDES THOMAZ

LIDA A 27 DE NOVEMBRO DE 1822
PELO SOCIO J. B. DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT, EM SESSÃO EXTRAORDINARIA
DA «SOCIEDADE LITTERARIA PATRIOTICA»

Senhores: — Venho hoje pronunciar um grande nome; mas tam grande como elle, será a dôr de proferil-o maior nome, não, não o pronunciou bocca de homem; maior mágua não a sentiu coração vivente. Manuel Fernandes Thomaz... — morreu —. Quereis naior nome que este? Quereis maior dôr que a nossa? não. Senhores: não ha ahi portuguez ıonrado, que não clame affouto não —; e, se ılgum ha, portuguez não é esse.

Se medisse o meu dever pela bitola de ninhas forças; se regulasse o desempenho las funcções d'este logar pelas qualidades los que me ouvem; não restaria (pronuncialo tal nome) ao complemento do meu officio, senão derramar lagrimas, e prantear comvosco: mas urge o dever forçoso; e comquano se acanhe o orador na mesquinhez das suas forças, sobeja a vastidão do assumpto para dar largas ao mais limitado espirito, e lesenvolver o mais curto engenho. Penso no neu objecto, e em vez de me apoucar á fae de sua grandeza, sinto elevar-me até elle; ejo que me espraio pela immensidão do seu nfinito.

Mas não penseis que vou enfeitar-me de lôres oratorias; não julgueis que vou servirne dos atavios emprestados da arte: são posiços esses enfeites; são estranhos esses ataios; são as brilhantes roupas com que a não da eloquencia servil adorna o esqueleto la ambição, e lhe encobre o asqueroso dos ermes com a tunica da pompa; mas vem a não dos seculos (e essa, não a compra o uro, nem a desvairam honras) rasga-lhe as oupas mal seguras, e então apparece o horor do sepulchro, e o nada de uma cinza mesquinha, que não legou uma pagina á his toria das edades, nem deixou uma lettra no pequeno livro dos homens de bem.

Não, senhores, a eloquencia do homem livre é a linguagem do coração: desconhece ornatos, ignora enfeites; é simples como a natureza; singela como a sua simplicidade.

Vêde esses edificios, que nos deixaram avoengos servis; olhae essas grimpas erguidas por mãos de escravos; examinae os recortados florões d'essa architectura chamada gothica: vêdes curtas linhas; observaes acanhados traços; tudo respira a mesquinhez do engenho encuberta com os enfeites da arte. Voltae agora para os grandes monumentos dos povos livres: que differença! deparaes com altivas columnas, com esbeltos porticos, com donairosos remates: mas tudo simples, tudo singelo. Que altiva que é a liberdade, senhores! não desce a pequenas coisas; firma o compasso no ponto da grandeza, e descreve o circulo da eternidade em derredor das suas obras.

Não são as pompas do discurso, não são os atavios do ornato funebre os que honram a memoria dos desapparecidos da terra. — Breve murcham as flôres que espargiu sobre a campa a escassa mão de uma dôr fingida — sem enfeites, e sem arte corram singelas as lagrimas do amigo; rebentem verdadeiros os soluços de um coração magoado, e então dizei affoutos que a morte d'esse homem foi sentida.

Deixae que assalariadas dextras levantem mausoleus; deixae-as que ergam obeliscos; que amontoem pyramides: a solidez d'esses tumulos, o gigantesco d'esses colossos não

servem senão para encher o vasio immenso, que deixára o coração do homem entre a dôr e a verdade. Essas massas enormes, que topetam com as nuvens, e que levam, da terra aos astros, o sentimento penoso da aniquilação, são o acouto de fingidas penas; são a exageração do orgulho encubrindo mentirosas máguas.

Tal é, senhores, a vaidade do mundo, tal é a mentira dos homens, tal é a sorte do infeliz, que no fim do penoso caminho da existencia não viu os olhos do seu amigo fital-o na extremidade da vida: chegou ás bordas do sepulchro, e não sentiu uma lagrima que lhe amolgasse a dureza da campa: entrou no jazigo e não escutou um suspiro que lhe quebrase o silencio eterno da morada dos mortos; o pae, o filho, o esposo, estas classes privilegiadas pela natureza e pelo sentimento, lá viram um vislumbre de mágua: mas foi ella sincera? Homens que conheceis os homens, ousae asseverar-m'o.

Vinde, povos da terra, acudi nações do mundo: quereis conhecer a dôr, quereis ver o sentimento nú como a verdade, sincero como a natureza? Voltae os olhos sobre os poucos portuguezes; fitae os n'estes ainda mais poucos, que o amor da patria e das lettras reuniu n'este logar.

Entre mal compostas paredes, escassas alfaias, não muitos homens; mas vêde-lhe o semblante, mas lêde-lhe o coração — immoveis como um sepulchro, o silencio nos labios e a dôr no seio, só vem alguns suspiros cortar-lhe a mudez do lucto, só o correr das lagrimas altera a immobilidade do seu abatimento: ahi tendes o que é mágua, vêde ahi o que é sentir irreparaveis perdas.

E quem choramos nós: quem lamentam os portuguezes? um cidadão extremado; um homem unico; um benemerito da patria; um libertador d'um povo escravo: Manuel Fernandes Thomaz. Que nome, Senhores, que nome nos fastos da liberdade! que pregão ás edades futuras! que brado ás gerações que hão de vir! este nome será só por si a historia de muitos seculos, este nome encerra em compendio milhões de males arredados de um grande povo: bens incontaveis acarretados sobre elle.

Ah! Senhores, extasio-me, e perco o fio de um discurso, que quizera regularisar, mas que o excesso do enthusiasmo me não deixa seguir senão em desalinho: estas vozes rompem do coração, e por mais que se esforça o espirito pelas ordenar, mal podem forças do entendimento onde o peito se expande sem regra: porei animo todavia em ser mais methodico nos louvores do grande homem, a quem por ventura minha me cabe hoje elogiar, e que por desventura nossa tambem nos cabe chorar hoje.

Dois são os elementos do homem de bem: a natureza e a sociedade: por aquella é homem; por esta é cidadão: em ambos elles o hei de considerar; em ambos vereis quanto merece os nossos elogios e as nossas lagrimas.

Nascido com mediocre fortuna, de honestos mas não abastados paes, Fernandes Thomaz viu a luz do dia em 30 de julho de 1771 na villa da Figueira. Educado na moral e na virtude, seus principios foram os do homem honrado, e a sua infancia e puberdade os annuncios d'um grande genio: no decurso da edade todas as virtudes naturaes e domesticas o adornaram: bom filho, bom esposo, bom pae e bom amigo tal o viram sempre; tal se conservou inalteravel: modesto comsigo, desinteressado e franco, assim viveu e assim é morto: girae no circulo de suas relações, e apontae-me uma voz que não bem diga a sua memoria; mostrae-me olhos que o vissem, e dizei-me se a aridez da indifferença lh'os deixou seccos.

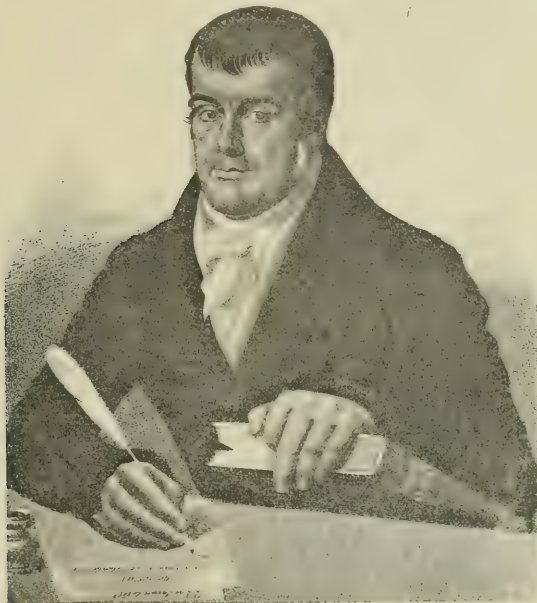
Argumento unico da existencia de um Deus, virtudes do coração humano — solitario presente dos céos á terra amargurada — qual de vós não excitou, não dirigiu os movimentos todos d'aquelle peito? Compendio de todas ellas — caracter e humanidade — vosso throno inabalavel não o assentou a constancia, não o conservou sempre dentro de tão grande alma?

Como homem, honrou a natureza: como cidadão, a patria que o diga: eu falarei por ella. Entrado, depois de distinctos estudos, na carreira da magistratura, desempenhados (admiravel e quasi incrivel feito!) seus difficeis encargos com a pontualidade d'um juiz cidadão, o patriotismo de Fernandes Thomaz não estava satisfeito ainda com a simples pratica das virtudes civicas passivas: cabia maior esforço em coração tamanho, e maior tarefa era dada a braço tam valente: olhou para a sua patria e gemeu sobre ella: a sua alma era livre, mas os seus pulsos tinham ferros; e esses ferros eram um pequeno elo do grilhão immenso que pesava sobre a patria.

Não foi só dado á Grecia e Roma ter Brutos e Thrasybulos, produzir Codros e Fabios; o pequeno Portugal tambem tem quem o liberte; tambem sabe gerar quem se vote pela sua salvação. — Fernandes Thomaz concebeu o grande projecto: concebeu-o e começou a executal-o. Eil-o que ajunta fieis amigos e vae, em silencio, tecendo o fio luminoso que o ha de guiar n'um labyrintho difficil d'uma revolução tão necessaria, quanto arriscada. Vós sabeis quanto fez, para que é

repetil-o? Foi aqui, n'esta mesma cidade que para sentar as bases d'uma acção tão arrojada, veiu elle mesmo pôr-se ás bordas do precipicio para lhe medir toda a profundidade: nem com maior perigo, nem com mais animo examinava Plinio a torrente do Vesuvio que o consumiu. O Philosopho portuguez ia a ser victima do seu amor da patria, como o fôra o romano do amor da sciencia: a amizade o salvou e os ceos o guardaram para nossa ventura.

mira na utilidade commum, e no bem da patria: vem-lhe do coração franco aos labios sinceros, por natural impulso de indefesso zelo: no estirado curso de comprida legislatura sempre o mesmo, sempre incansavel, debalde a molestia lhe abate as forças; o animo é sempre egual; nem ha poder que o mingue, nem doença que o desfalque.

Já com passos arrastados na derradeira das sessões legislativas, ainda vae animal-a com a sua presença, e pelejar ainda na ex-

MANUEL FERNANDES THOMAZ

Raiou o grande dia 24 de agosto, o primeiro da liberdade portugueza; infatigavel não descançou desde então: havia entrado na arêna, não voltava sem ter prostrado o grande inimigo com quem travara: este inimigo vós o conheceis, e bem mal que todos o conhecemos! era o Despotismo: aterrou-o, venceu-o. Portugal tornou a ver as suas côrtes, e a nação teve quem a representasse: toda a Europa admirou com respeito um congresso illustrado, e no meio d'elle o campeão da liberdade, o patriarcha da regeneração portugueza: vêde-o como alça denodado o trovão da sua voz energica para fulminar antigos abusos, e destruir arreigados vicios: a sua eloquencia despida de pompas não respira senão verdade: severa, e descarnada só põe

tremidade do circo: a causa da liberdade está lhe sobre o coração; e aquelle coração é todo d'ella; com a morte visinha ainda ergue o canto do Cysne; ainda peróra pelos interesses da sua patria: esta patria que lhe tem custado tanto, esta patria que é todo o seu disvelo, elle ha de deixal-a em breve... Ah!... pouco restava aos portuguezes, da carreira de uma existencia tão preciosa e tão necessaria! A maxima columna de seu edificio social vacillava em sua base, mas valente ainda em sua ruina, ella o sustentava com forças d'Atlante.

Guiei-vos, Senhores, com prazer pela vida do nosso libertador; satisfeito retrilhei comvosco as suas pizadas pelo caminho de sua existencia; não encontrámos vestigios de

seus pés senão na vereda da virtude, nem signal da sua passagem senão na estrada da justiça; não vimos acções suas senão na carreira da gloria: por tam consolador assumpto a minha alma se espraiou de gosto; velozes me corriam as palavras depoz o coração que as dictava; nem havia mister estudal-as, quando espontaneas me vinham aos labios: mais difficil começa agora o meu empenho; mais amargo o meu officio; vou renovar crueis memorias, abrir chagas que ainda sangram; vou cravar ferros novos em peitos apunhalados de fresco.

Sobre o leito da morte.... perdoae-me estas lagrimas.... perdoae-m'as!.... não; engrossae-as com as vossas: sobre o leito da morte, coberto de angustias, retalhado de dores, o coração eivado de amargura, eisahi onde vamos conhecêl-o, eisahi onde veremos o homem, o cidadão e o justo.

Corria já longo o azado periodo de assustadora molestia: aos amigos que o cercavam havia desaparecido a esperança, e quasi se escondia já aos olhos enturvados do enfermo: a sua constancia é inabalavel; a sua intrepidez a da ousadia honrada, dizei-o vós, homens sensiveis, que lhe assististes em seus ultimos momentos, vós, a quem honra e louvor pelo desempenho fiel dos santos deveres de homem e de amigo, vós o dizei: vistes acaso que o mais ligeiro movimento do desespero lhe enrugasse a frente; lhe desvairasse os olhos, quando fugida a esperança, quando perdido a futuro, medindo o curto espaço, que lhe restava de uma triste vida, viu a morte... e só ella? não por certo: pallidos sustos, negros horrores, espinhosos remorsos, herança do impio e do vicioso, cercae-o em quanto braceja com a morte, fazei-lhe ala no momento da despedida. O justo não vos teme; recorda sem vergonha, lembra-se sem medo das acções da sua vida; a consciencia da virtude, não receia que a sua memoria seja praguejada, nem maldito o seu nome: os amigos, e a patria... que dolorosa saudade! mas sómente saudade: e este sentimento, penoso sim, mas não amargo, é o unico do homem de bem nos derradeiros instantes da existencia.

A sua memoria e o seu nome... Oh! que memoria e que nome! gerações que heis de vir depoz nós, a historia vol-o não hade levar com manchas de ambição, nem com as nodoas de pessoal interesse: Fernandes Thomaz morreu pobre: morreu pobre... Que exemplo de gloria a muitos! Que exemplo a tantos! — Oh! seja emulação a todos: morreu pobre! pela terceira vez o repito; e os filhos do varão illustre teriam de esmolar ás portas, se homens que desempenham este nome, não prevessem seu estabelecimento: Portugal todo terá a satisfação de sustentar os filhos do seu libertador, e de pagar á viuva e orphãs escassos juros de uma divida incalculavel.

Alfim chegou a hora: os seculos que a ouviram soar, marcaram este ponto no circulo das edades: Manuel Fernandes Thomaz expira: seu cadaver ungido e embalsamado será conservado como reliquia preciosa de liberdade e de gloria, e a voracidade do sepulchro respeitará aquelles ossos honrados. Notai, Senhores, de passagem um contraste bem digno de reparo: ungem-se os despotas ao subir a erguidos thronos de oiro; unge-se o homem livre ao descer ao humilde cofre de chumbo: mas a uncção d'aquelle é veneno de morte que se espargirá sobre um povo desgraçado; mas a uncção d'este, é cheiro suave de virtude que se exhalará por compridas gerações, e lhes recordará insoluveis beneficios: o perfume do despota morre com elle, e se converte em cheiro de podridão; o do libertador respira de seu tumulo com aromas de salutar fragrancia.

Aqui fenece o meu discurso; eu o remato como hei começado: Manuel Fernandes Thomaz morreu: derramemos lagrimas de gratidão e de saudade: este é o verdadeiro elogio funebre dos grandes homens; estas lagrimas são as honras do seu funeral, são as pompas do seu enterramento: ellas terão logar na historia, ellas serão o Epitaphio eloquente que mostrará aos vindouros o jazigo das suas cinzas gloriosas: molhai com essas lagrimas a penna da verdade, e escrevei-lhe sobre a lapide sepulchral—AQUI JAZ O LIBERTADOR DOS PORTUGUEZES: SALVOU A PATRIA, E MORREU POBRE.

ELOGIO FUNEBRE

DE

CARLOS INFANTE DE LACERDA, BARÃO DE SABROZO

Carlos Infante de Lacerda, primeiro barão de Sabrozo, nasceu em Lisboa aos 18 de dezembro de 1795; foram seus paes João Infante de Lacerda, e D. Felicia de Souza Tavares, ambos de conhecida e distincta linhagem. Apenas sahido da infancia, determinou seguir a nobre carreira das armas para a qual lhe dava então glorioso campo a guerra da Peninsula, em que o valor da mocidade portugueza triumphou dos mais aguerridos exercitos que ainda vira o mundo. No anno de 1810, e contando só quinze de edade, sentou praça no regimento de cavallaria n.º 4, e n'elle serviu durante o resto da guerra, estimado de superiores e inferiores por seu valor na peleja, sua regularidade na disciplina, e pela urbanidade e elegancia de seus costumes, bemquisto de todos.

Gloriosamente terminada a guerra da Peninsula e a da independencia da Europa, voltou á patria; mas não lhe soffria o animo impaciente de fama, e devorado de nobre ambição, o socego e tranquillidade da paz. Não tardou a offerecer-se nova occasião de adquirir gloria a quem tanto a desejava. A côrte do Rio de Janeiro, por motivos que não é para aqui examinar, assentou de fazer guerra ás sublevadas colonias hespanholas que entestavam com os limites do Sul do Brazil. Formou-se em Lisboa uma divisão escolhida de todas as armas para este fim, na qual se alistaram a flôr dos jovens officiaes portuguezes. Com estes foi Carlos Infante de Lacerda já então capitão. Começou a guerra de Buenos Ayres, em que a bravura e disciplina das tropas portuguezas mais teve que luctar com a aspereza do clima e rudeza do terreno, do que com inimigos que fossem dignos da espada que vencêra as legiões de Bonaparte. Quasi toda esta guerra constou de escaramuças com guerrilhas. Uma acção consideravel appareceu porém, em que o valor e disciplina européa se mostraram o que eram e valiam. Esta foi a chamada da *India morta:* e aqui mostrou tambem o nosso official a bravura e talento militar que o distinguiam. Ahi foi promovido no campo de batalha ao posto de major. Os extraordinarios successos que restituiram D. João VI á sua antiga côrte da Europa, o trouxeram tambem á patria, depois de quasi sete annos de ausencia. Envolvido no tropel das revoluções, que desde então têem agitado a nossa infeliz patria, conhecido por seus leaes, moderados, mas firmes principios, elle mereceu emfim a D. Miguel as honras da proscripção, com a qual no memoravel dia 30 d'abril de 1824 lhe deu um titulo de gloria. Seu honrado proceder n'esta occasião, não só dos naturaes mas tambem dos estranhos foi apreciado: a côrte de França o distinguiu com a cruz da Legião d'Honra.

Sempre fiel a seus principios, não hesitou em se declarar pela causa legitima de el-rei D. Pedro IV, e da Carta Constitucional, que do coração abraçou e com sua espada defendeu, e pela qual em voluntario exilio tinha de dar vida, longe dos seus, em terra estranha, e só consolado d'aquella nobre consolação das almas grandes — *a consciencia da propria virtude!*

Já tocado da fatal molestia que tão precoce o levou, o Barão de Sabrozo foi, apezar d'isso, um dos primeiros a correr ás armas contra os rebeldes que no Alemtejo e Algarve alevantaram nos fins de 1826 o grito da rebellião contra o Soberano e contra as instituições da sua patria. N'esta primeira marcha e sob o general conde de Saldanha, commandou uma brigada de cavallaria (composta dos regimentos n.º 1, 4 e 7). Seus padecimentos augmentaram; mas tambem augmentaram as forças d'aquella alma que nenhuma agonia do corpo jamais pôde subjugar. Marchou o general conde de Villa Flor contra os rebeldes que de novo agitavam o paiz; e com elle marchou o Barão de Sabrozo commandando a brigada de cavallaria composta dos regimentos n.º 1 e 4, cujos serviços, para gloria dos leaes e castigo dos rebeldes, assás conhecidos são de todos.

Estava a patria livre de seus inimigos; e quando todo o socego de espirito lhe era necessario para restaurar sua combalida saude, eis-ahi o indigno principe com que a Providencia nos castigou em sua ira, que tudo vem destruir e subverter em Portugal. Não houve seducções nem promessas que o partido rebelde, agora completamente senhor do governo, não empregasse para chamar ás

suas fileiras o Barão de Sabrozo, cuja capacidade, valor e talentos militares todos sabiam avaliar, e muitos á sua custa tinham conhecido. Mas quanto se enganavam! Nem as lisongeiras promessas do Poder, nem sua decadente saude, nem os doces vinculos da patria o fizeram hesitar um momento na escolha. Preferiu o exilio e as privações, e a quasi certa morte que a inclemencia das regiões do norte e as afflicções moraes do seu espirito não podiam deixar de lhe pintar em mui proximo futuro.

Breve porém lhe exigiu a lealdade e o patriotismo novos sacrificios. Preparou-se em Plymouth a infeliz expedição que a 6 de janeiro de 1829 d'alli foi demandar a ilha Terceira. Apezar dos rogos e conselhos dos amigos e parentes, o Barão de Sabrozo obedeceu resignado á voz que o mandava embarcar; nem pensou quanto encurtava os seus dias, uma vez que esses dias fossem consagrados ao serviço do rei e da patria.

Escapou com a vida ao canhão dos *nossos alliados;* mas se o não feriu a metralha ingleza, moralmente o feriram os incommodos do mar e as angustias de espirito, com que sua existencia começou a tornar-se visivelmente precaria. Todavia chegado a Brest lhe foi incumbido o commando de um dos depositos portuguezes que em França se formaram; (o de Laval) onde o trabalho a que era obrigado em desempenho do seu cargo, e a aspereza do inverno d'aquelle anno, e em tão frigido paiz, acabaram de lhe arruinar a saude.

Assim continuou empeiorando a mais e mais até que, dissolvido o deposito de Laval, lhe foi permittido transportar-se a Paris, a ver se a mudança de ar e clima, ou a superioridade da arte podiam ainda atalhar os progressos do mal. Mas já era tarde! Empenhou-se a medicina com seus mais delicados esmeros, a amizade com seus mais estremecidos cuidados, o amor fraterno com tudo quanto a mais solicita vigilancia, os mais generosos sacrificios podiam fazer; mas estava na mão da morte, e nada o podia salvar.

Seus dignos irmãos Simão Infante de Lacerda, e Francisco Infante de Lacerda, um vigiando ao pé do seu leito de dôres, outro trabalhando dia e noite por lhe procurar os meios necessarios para seu dispendioso tratamento, e sacrificando se ambos a todas as privações para que nada faltasse a seu querido irmão, deram um exemplo insigne e memoravel de piedade fraterna, que n'estes nossos dias de immoralidade e egoismo, mereceu a admiração de quantos os conhecem, e augmentou a estima e respeito dos que se desvanecem com o titulo de seus amigos. Entre estes é digno de que publicamente se louve e faça conhecida a generosa e officiosa amizade de S. Ex.ª o sr. D. Thomaz de Mascarenhas, camarista de S. M. F. a cujos esforços, quasi unicos, deveram os afflictos irmãos os meios necessarios para acudirem a seu infeliz doente. A Regencia houve por bem approvar tudo quanto o sr. D. Thomaz de Mascarenhas fez a este respeito.

Não estava porém, repito, em nenhum esforço humano o obstar á inexoravel enfermidade que o consumia. A caprichosa fortuna, como que para insultar o seu misero estado, quiz que então começassem a raiar mais distinctas as esperanças de voltar á patria, e de a ver salva, quando as da vida se encobriam mais e quasi desappareciam deante dos olhos do enfermo. Os hymnos da victoria de Paris foram já nos seus ouvidos como um echo de sepulcro, que mal se ouve e longe dura!... Emfim o instante fatal approxima. Já do coração dos amigos, do inconsolavel irmão, fugira a derradeira luz de esperança. É preciso annunciar-lhe a visinhança da morte. O enfermo ouve tranquillo a sentença; e voltando-se todo para a ultima e só consolação de todos os humanos padecimentos, invocou a Religião do seu Deus, e se acostou resignado no seio de todas as misericordias e de todas as esperanças. Satisfeitos com piedade todos os deveres de christão, cumpridas com escrupuloso cuidado todas as obrigações de homem de bem, recommendando e especificando seus menores crédores, esperou socegado a morte com a mesma serenidade com que tantas vezes a desafiára no campo.

Rodeado de seus afflictos amigos, mais afflictos que elle, deu emfim o ultimo suspiro no dia 22 de setembro do corrente anno de 1830.

Seu funeral foi honrado com a presença dos mais illustres compatriotas que em Paris se achavam, de muito distinctos Francezes, e com as lagrimas de quasi todos. Foi sepultado no cemiterio do Père la Chaise. Assistiram á dolorosa cerimonia, entre outros, o Marquez de Loulé, os condes de Villa Real, de Saldanha, de Calhariz, e o coronel Pizarro, que sobre sua sepultura pronunciou (conforme o uso de França) um discurso em Portuguez, e Mr. Breton, secretario do almirante Roussin, outro em francez.

Assim desappareceu d'entre os seus compatriotas um dos mais illustres emigrados que se votaram pela causa sagrada da Rainha e da Carta. O exercito portuguez perdeu um dos seus mais habeis officiaes, o estado um de seus melhores subditos, a nação um de seus mais nobres filhos — mas quem avaliará, quem dirá a perda de seus afflictos paes, de seus inconsolaveis irmãos! J. B. S. L. A. G.[1]

[1] Impresso por R. Greenlane, 39, Chischester Place King's Cross.

NECROLOGIO DO CONSELHEIRO TRIGOSO

Hontem falleceu de um ataque de apoplexia o conselheiro Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato. Em todo o paiz, em todo o tempo a perda de um homem tão sabio e tão virtuoso seria de lamentar: para nós, hoje, é calamidade publica, é motivo de lucto nacional. Vão caindo, uma a uma, as poucas folhas morredouras que ainda mal se tinham n'essa arvore decrepita, já tão esteril em fructos de sciencia, de flores de litteratura! Pobres de nós! Em poucos annos, se nos perguntarem pelos nossos escriptores, pelos nossos sabios — teremos de mostrar as mascavadas folhas de um ou dois jornaes — e responder: «ahi estão, n'essas rhapsodias mal copiadas de outros scribleros estrangeiros — n'essas regateirices originaes (e que de certo não têem modelo nem na litteratura da Cafraria) tudo quanto hoje *sabemos* fazer e podemos ler».

Industria — não a ha hoje sem auxilio das sciencias — civilisação sem lettras — liberdade sem ambas. — Que importa! O progresso ha de caminhar. - Como, com que pés?

O conselheiro Trigoso, segundo filho de uma casa distincta da Extremadura, dedicou-se ás lettras. Educado na severa disciplina de seu tio, o illustre vice-reitor da universidade de Coimbra, recebeu ali o grau de doutor em canones, e já conhecido por suas memorias litterarias, pela acuradissima edição das obras de Diniz, era um dos mais notaveis membros da academia das sciencias de Lisboa quando foi chamado a ler na cadeira de direito ecclesiastico (segundo anno de direito) na mesma universidade de Coimbra.

O methodo, a facilidade e felicidade da expressão, os vastos e não sophisticados conhecimentos da historia patria e do direito especial da egreja portugueza, distinguiram logo o seu magisterio, que tão curto foi quanto será lembrado por todos os alumnos d'aquella academia.

Apenas (em 1821) foi consultado o voto dos portuguezes sobre a escolha de seus mandatarios, o conselheiro Trigoso obteve, entre os primeiros, o suffragio popular. E todavia seus conhecidos, e nunca trahidos, principios não eram dos que se pregoam mais populares. Inteiro e severo e portuguez dos da tempera velha, Francisco Manuel Trigoso não lisonjeou nunca nem no paço nem na praça. Não escondeu nem sophisticou nunca as suas opiniões religiosas: e teve *a coragem* de ser christão e catholico quando a moda lançava o ridiculo, e os desvarios politicos o anathema sobre todos os que não bradavam com o *insipiente: non est Deus!*

Calumniado de pouco liberal, porque não era irreligioso, a contra-revolução de 1823 achou todavia o nobre Trigoso no seu posto inalteravel, sem mudar nem fingir. Ousou ser cidadão, agora que todos queriam ou se suscitavam a ser vassallos. Na celebre junta para a formação da carta promettida em Villa Franca, — elle só — e outro não menos virtuoso nem menos calumniado cidadão, — sustentou a *obrigação* em que el-rei estava de dar a carta, apesar de todas as rasões de conveniencia e necessidade politica que se oppozeram.

Talentos armados d'esta inteireza, se eram já pouco acceitos á oligarchia tribunicia, como o seriam ao despotismo? Nem elle servia a tal governo, nem tal governo lhe servia. Viveu retirado e com os seus amigos todo aquelle interregno até á gloriosa e memoravel epoca de 1826, em que a liberdade renascida pela carta o chamou em seu auxilio. Ministro sob o regimen da senhora infanta D. Izabel, e deputado ás côrtes, trabalhou, como então trabalharam poucos, em segurar e regular o precioso dom que outorgára o senhor D. Pedro IV.

«Como todos os homens de verdadeiro e sincero amor da liberdade (que é a justiça, a rasão e a sabedoria) o sr. Trigoso temia os excessos dos que a fazem degenerar no absolutismo de muitos, não menos que as usurpações de um só ou de alguns. — Acaso

a severidade de seu caracter levou por vezes o escrupulo além das raias da prudencia—e se acanhou por timido e cauteloso em excesso onde era mister dar mais largas á expansão do enthusiasmo—deixar antes *delirar* do que *perecer*... Mas se, conforme nosso modo de ver e pensar, podêmos fazer essa censura ao seu ministerio, toda ella recáe sobre o espirito não sobre o coração do ministro patriota. Podia enganar-se, trahir nunca.

Retirado, e soffrido por velho e doente no canto de sua casa, pelo governo da usurpação, nunca dobrou o joelho ao tyranno. A restauração o viu ao pé do throno da rainha, com a mesma independencia, com a mesma abnegação – algum censor menos indulgente dirá talvez com o mesmo cortejo do ciume e de inveja com que n'esta malfadada terra foram sempre vistos os homens superiores pela vulgaridade presumida e ciosa e que entre nós pisa com pé egual (como a morte de Horacio) *pauperum tabernas*, *regumque turres*.

Um tamborete no conselho d'estado e a vice-presidencia na camara dos pares—era faltar a todas as conveniencias e decencias publicas, duvidar um momento de os dar a Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato. Mas nenhuma distincção portugueza cobriu nunca o seu peito, nem o honrado nome de seus paes se trocou por titulo vão e sem historia. Honra grande se os recusou—honra maior se, por esquecido, não precisou recusal os.

Até á revolução de 1836 esteve sempre na opposição: retirou-se dos negocios depois; e quando chamado outra vez ás côrtes pelo voto popular nas eleições d'este anno, já não sentiu forças para acceitar a missão. No dia seguinte á recusa, tinha deixado de viver um dos *derradeiros* portuguezes que tão depressa vão acabando.—A rainha perdeu n'elle um homem de conselho e firmeza, o senado um orador sem rival, a academia um de seus ultimos ornamentos, a universidade um protector zeloso, a liberdade um campeão moderado mas firme, a religião um defensor illustrado e sincero.

Escrevem-se estas linhas no primeiro abalo do sentimento e da saudade. Não faltará quem melhor faça o elogio de um de nossos melhores e mais distinctos cidadãos.—*Almeida Garrett.* [1]

[1] *O Constitucional*, n.º 272 (13 de Desembro de 1838).

NECROLOGIA

A MORTE DE D. LEOCADIA THEREZA DE LIMA E MELLO FALCÃO VAN-ZELLER

Ha familias privilegiadas pela sorte, ou — digamos com mais verdade — abençoadas por Deus, nas quaes a distincção se reune á popularidade do nome. E tal é a verdadeira nobreza, que a mais democratica republica não sabe nem póde, nem quereria abolir.

A duas d'estas illustres familias, ambas altamente estimadas entre nós, pertencia a ex.ma sr.a D. Leocadia Thereza de Lima e Mello Falcão Van-Zeller, que falleceu no dia 10 d'este mez, com 82 annos de edade, e jaz depositada no cemiterio dos Prazeres.

Filha do contador-mór do reino, e casa Lourenço Van-Zeller, e da sr.a D. Maria de Lima e Mello Falcão de Gambôa Fragoso, era irmã do benemerito e honrado José Aleixo Falcão Van-Zeller, de sempre saudosa e chorada memoria para todos os que tiveram a fortuna de o conhecer, um dos mais nobres e dos mais puros caracteres que a revolução portugueza deixará na historia, immaculado da menor sombra, sincero como o desinteresse, e verdadeiro como o patriotismo,— o patriotismo antigo dos portuguezes, cuja recordação é nosso dever gravar na memoria e apontar de exemplo.

Casada, em 31 de março de 1795, com o vice-almirante Luiz da Motta Feio, cuja nobreza e serviço, são tão conhecidos: por est'outra familia se honra e se illustra não menos o seu nome.

No governo de Parahyba do Norte, e depois no reino de Angola em que seu marido foi successivamente capitão-general, o acompanhou sempre concorrendo por suas virtudes para o fazer amar dos povos, e honrar pelo soberano.

Boa esposa, boa mãe, esmoler, generosa e com todas as qualidades que fazem amar a mulher e estimar a senhora, deixa longa saudade em muitos corações — inextinguivel no de seus filhos e netos.

Morreu tranquilla e resignadamente, recebendo os ultimos auxilios da egreja, e as bençãos e lagrimas de sua numerosa descendencia.

A amisade quasi paternal que devia a seu irmão, e a que professo — e não é menor — a outros dos seus mais proximos que estão chorando, me faz escrever estas linhas consagradas á sua memoria.

Lisboa, 22 de maio de 1848.

ALMEIDA GARRETT.

MEMORIA HISTORICA

DA EXCELLENTISSIMA

DUQUEZA DE PALMELLA

D. EUGENIA FRANCISCA XAVIER TELLES DA GAMA

Lisboa — 1848

Sei que faço um verdadeiro serviço á historia do meu paiz escrevendo estas breves memorias de uma vida illustre por tantos titulos. Circumscripta, no que era da terra, ao circulo exclusivo das affeições e interesses domesticos, consagrada em tudo o mais ás duas unicas virtudes em que o Evangelho se resume — a piedade e a caridade — esta vida, toda da sua familia e do seu Deus, foi, não obstante, e por singular destino ligada aos mais distinctos caracteres e mais notaveis factos d'este ultimo meio seculo, tão cheio de historia, tão aventuroso e tão extraordinario. E', além d'isso, um grande exemplar de moral social e christã que tanto precisam os nossos tempos, abundantes de sublimes theorias, tristemente minguados na pratica d'ellas.

A duqueza de Palmella, D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama, nasceu em Lisboa aos 4 de janeiro de 1798. Foram seus paes a marqueza de Niza e de Cascaes, condessa da Vidigueira e de Unhão D. Eugenia Xavier Telles da Gama, e D. Domingos de Lima, da casa dos marquezes de Ponte de Lima *(a)*. Com o sangue de Vasco da Gama e de João das Regras, o nosso primeiro navegador, e o nosso primeiro publicista, corria portanto em suas veias o mais illustre sangue de Potrugal.

Não se verificando, pela morte prematura do promettido esposo, o casamento que desde o berço, quasi lhe estava justo com o conde de Assumar, filho do marquez de Alorna, veiu a casar aos doze annos de sua edade com D. Pedro de Sousa e Holstein, depois conde e marquez, hoje duque de Palmella *(b)*.

O destino, que chamava D. Pedro de Sousa a preencher os postos mais eminentes da diplomacia portugueza n'esta epocha tam memoravel, começou então a manifestar-se, sendo escolhido para a difficil e importante missão de Hespanha com o caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. Partiram poucos dias depois de casados para Cadiz, onde a esse tempo se achava estabelecido o governo central d'aquelle paiz.

Os primeiros annos da vida no mundo, que costumam ser annos de divertimento e de prazeres, alli os passou pois a joven senhora no enfado e nas privações de uma cidade sitiada, no meio dos incommodos e sustos da guerra. E para que nada faltasse aos terrores da situação, veiu aggraval-a o flagello da febre amarella, que no anno de 1811 devastou Cadiz. Destinava-a Deus a ser consoladora de muitas desgraças; e de tão tenros annos lhe queria dar o espectaculo de todas as miserias humanas. Sua cunhada e intima amiga, D. Catharina de Sousa (hoje condessa de Linhares) ferida da fatal epidemia, foi por ella velada e tratada tam carinhosamente, que em breve se restabeleceu.

Ahi lhe nasceu tambem o seu primeiro filho D. Alexandre *(c)*; e no outomno do mesmo anno, tendo seu marido, já então conde de Palmella, sido transferido da missão de Hespanha para a de Inglaterra, onde o não podia acompanhar pelo adeantado estado de nova gravidez, voltou a condessa a Lisboa.

Foi longa esta primeira separação. Os negocios complicavam-se; a lucta da Europa com o imperio francez apertava cada vez mais; approximava-se a catastrophe de 1814. O nosso ministro em Londres tomou activa e não pequena parte nos negocios que occupavam todos os gabinetes. A restauração dos Bourbons o levou a França, e d'ahi ao congresso de Vienna, cujas negociações sómente vieram a terminar em Paris em 1815.

Na primavera do anno seguinte voltou o conde de Palmella a Lisboa, e abraçou pela primeira vez sua filha D. Eugenia *(d)*, que tres annos antes lhe nascera. Poucos mezes

depois tornaram a separar-se, regressando o conde a Inglaterra, e deixando outra vez sua mulher gravida em Portugal.

No principio de 1817, já mãe de outra menina, D. Izabel *(e)*, partiu com seus tres filhos para se reunir ao marido em Londres. Mas n'esta viagem a esperava a primeira desgraça grande da vida. Na vespera de chegar a Inglaterra, sua filha recemnascida lhe morreu quasi repentinamente: no dia seguinte os braços do afflicto pae tiveram de apertar o cadaver da filhinha que nunca vira e que tam anciosamente esperava.

Tres annos residiu a condessa em Inglaterra; e no centro d'aquella mais apurada e, como alli se diz, mais *fastidiosa* sociedade da Europa, grangeou a estima, o respeito e a consideração geral. Falando perfeitamente a lingua do paiz, a franceza, a hespanhola, e de um talento não vulgar, prendada pela natureza, mais nobre ainda e gentil de maneiras que de sangue, a ingenua elegancia de seu espirito e sentimentos era para ser avaliada alli, como foi.

Elevado já então o conde de Palmella á categoria de embaixador, sua alta posição na côrte fez ainda sobresahir as qualidades e virtudes da esposa, que por consenso unanime tanto contribuiu para illustrar e honrar o seu nome e lhe conciliar a estima e popularidade geral de que hoje gosa.

Entre outras, merece ser registada uma acção da jovem condessa n'aquella côrte, onde ainda se observa todo o rigor da etiqueta e *punctilio*.

Era uma festa do paço: a embaixatriz de Portugal na sua chegada não achára assento destinado para ella no logar que tinha direito de occupar. Posto que timida em razão da sua edade, e isenta de sentimentos pessoaes de orgulho, que não poderiam conciliar-se com a religiosa modestia que mostrava em todos os actos ordinarios da vida, não hesitou comtudo então em reivindicar, como podéra fazer a pessoa mais costumada a figurar em occasiões publicas, o logar que na qualidade de mulher do representante da Corôa de Portugal conhecia competir-lhe; e com uma presença de espirito que causou admiração, e mereceu alli mesmo o applauso da côrte toda de Inglaterra, arrojou uma cadeira de outro sitio da sala, e tomou o logar que lhe pertencia como quem era.

Esta altivez, que a proposito sabia ter com os grandes, e nos grandes logares e occasiões em que só lhe lembrava quem era, de quem vinha, e os encargos de honra e pundonor que tinha, não era todavia a feição dominante do seu caracter senão para aquelles que não tinham a fortuna de a observar no centro da sua familia, rodeada de seus intimos amigos, ou melhor ainda, desempenhando as modestas obrigações de uma religião que sempre foi a primeira occupação e o principal cuidado de toda a sua vida. Então era toda humildade, toda a abnegação do Evangelho, desapparecia a senhora da côrte, a fidalga puritana; e abatida na unica egualdade pratica verdadeira, a do christianismo, os mendigos eram seus irmãos, e o seu sangue não se lembrava de outro ascendente senão do pae commum, de outra illustração senão da recebida no baptismo.

Por esta epocha foi o nascimento de seus dois filhos, D. Domingos e D. Manuel *(f)*.

Chegou o anno de 1820, e já a revolução nas duas peninsulas de Hespanha e de Italia fazia presagiar graves acontecimentos em Portugal, quando o conde de Palmella, que algum tempo antes havia recebido a nomeação de ministro d'estado para o Rio de Janeiro, obedecendo a esta ordem, embarcou com toda a familia em maio do mesmo anno, n'uma fragata ingleza que para alli seguia com escala por Lisboa. Mas apenas aqui chegado, a revolução de 24 d'agosto mudou toda a face das coisas, e alterou os seus planos. Previu logo o novo ministro que a sua residencia no Brazil não podia ser de longa dura; e deixando sua mulher na Europa, partiu só para o Rio.

E' sabido como foram infructuosos, por mal ouvidos ou por mal executados, os liberaes e prudentes votos do conde de Palmella nos conselhos do senhor D. João VI. Triste e desanimado teve de acompanhar, no seu regresso á Europa, este derradeiro rei da antiga monarchia portugueza, que parecia fechar assim o circulo immenso começado a descrever por nossas grandes descobertas e conquistas, voltando a sumir-se, no pequeno ponto d'onde partira, toda aquella gloria que allumiára e dilatára o mundo.

Os sentimentos verdadeiramente patrioticos, as opiniões prudentemente liberaes do conde de Palmella, ou não foram conhecidos ou não podiam ser avaliados pelos que dominavam em Portugal á chegada de el rei. Confundido na desculpavel suspeita que inspiravam os cortezãos do infeliz monarcha, e na malquerença justissima que muitos d'elles mereciam, foi retido a bordo por ordem das côrtes, e d'ahi mandado residir em Borba no Alemtejo.

Tam contente e talvez mais orgulhosa pela immerecida desgraça do esposo do que por suas prosperidades, a condessa de Palmella o acompanhou preso, e o seguiu deportado, gosando no retiro e tranquillidade do campo aquella felicidade, por que sempre anhelara, de uma vida intima e soçegada de familia, com seus filhos e seu marido, e na pratica

suave das santas virtudes que mais enchiam seu coração, e que menos exercitava como dever do que por necessidade e satisfação de sua alma.

Augmentada a sua familia por uma filha *(g)* (D. Marianna) que pouco antes lhe nascera em Lisboa, sem mais ambições, sem nenhumas saudades da turbulencia do mundo, n'uma pequena terra de provincia onde todos a adoravam, e onde o seu nome ainda hoje é recordado com lagrimas e bençãos— alli lhe teriam passado os melhores e mais felizes annos de sua vida tam agitada sempre, se a não assaltassem umas febres intermittentes que depois, complicando-se com o nascimento prematuro da outra filha, (D. Maria) *(n)* aggravaram de caracter, e começaram talvez a predispol-a para a fatal molestia que a destruiu na força da edade e no meio de uma vida que promettia por tudo o mais ser longa e afortunada.

No entretanto, e sem que os exilados de Borba tomassem a menor parte nas intrigas e conspirações da epocha, progrediu a reacção que veiu a triumphar em junho de 1823. D. João VI reassumiu o poder absoluto com a solemne promessa de transigir e fazer concessões liberaes. E o conde de Palmella, creado então marquez, foi chamado ao gabinete como garantia d'essas opiniões que então abraçava muita da nobreza e algumas das pessoas mais influentes da situação.

Não é d'este logar explicar o fio das intrigas que enredaram e contiveram a vontade de el-rei, dos ministros e pessoas da côrte que seguiam a sua causa, e a das concessões que pedia o tempo. Basta apontar os acontecimentos de 30 de abril de 1824, e como n'elles foi proscripto o marquez de Palmella, conduzido á torre de Belem e destinado á mesma sorte de todos os que estavam marcados pelo odio da facção absolutista *(i)*.

N'este perigo terrivel, dobrou o animo, a energia e as forças á marqueza de Palmella. Os ministros d'aquelle tenebroso interregno, os embaixadores de França e de Inglaterra a viram correr de porta em porta, a ouviram, não pedir misericordia, mas bradar justiça, e clamar sem medo contra todos e perante todos os que decretavam a proscripção de seu marido ou a podiam annullar. Nem foram inuteis os seus esforços: fez-se respeitar, fez-se temer a voz de uma senhora que não perdia animo no meio do terror geral: o marquez de Palmella sahiu em breve da ominosa torre, e foi sua mulher que teve a satisfação de o ir soltar *(k)*.

Desassombrado do poder dos facciosos, mas sem alma para os comprimir como podéra e devêra, el-rei voltou tristemente do seu refugio estrangeiro para seu mais triste palacio: o marquez de Palmella foi novamente enviado para a embaixada de Londres, e partiu com toda a sua familia, accrescida n'este intervallo por mais dois filhos *(l)*, D. Thereza e D. Rodrigo, para aquella côrte em que pela terceira vez era acreditado, e onde o esperavam os mais difficeis e os mais penosos encargos de sua carreira diplomatica.

Era o anno de 1825. Começavam a cruzar-se em Londres as intrigas de Lisboa, do Rio de Janeiro, de Vienna, onde estava o infante D. Miguel, e de toda a parte. Por este tempo residiam ainda em Inglatterra alguns emigrados portuguezes, que o não tyranno, mas frouxo governo d'el-rei conservava todavia no exilio. Não ha muito por que louvar os agentes do ministerio de Lisboa a respeito d'esses foragidos liberaes que, assim pelo numero como por sua honrada pobreza e exemplar procedimento, pouca sombra podiam fazer ao meticuloso ciume das auctoridades absolutistas. N'essa ignobil falta de generosidade não incorreu a embaixada de Londres.

Naturalmente bom e indulgente o animo do embaixador foi comtudo realçado pelas zelosas diligencias e solicita efficacia de sua mulher. Gloriam-se de assim o testemunhar os emigrados que por qualquer modo tiveram a fortuna de se approximar d'ella.

Perdoe-me quem ler estas linhas, que escrevo na sincera effusão de minha alma, se aqui introduzo um parenthesis necessario a mim que as escrevo, porque tambem tive a honra precoce de ser já, creança então, emigrado n'essa epocha. Só tres annos depois, e na segunda emigração, tive a fortuna de conhecer e apreciar a illustre senhora de cujas virtudes e qualidades vi tantas provas, devi lhe a ella, devo a seu marido com cuja amizade me honro muitissimo, não pouca benevolencia e distincções, mas nem recebi nunca obsequios politicos, nem outros que possam fazer suspeitar de lisongeiras as expressões que me dicta a consciencia, e que nascem da mais desinteressada admiração.

De certos actos diz a lei divina que até a esquerda deve ignorar quando os pratica a mão direita. Mas não se lhe oppõe a lei humana da honra, que os manda apregoar por aquelle que os recebeu. Da propria bocca de um distincto emigrado que então se achava em Londres, ouvi o que muito me apraz de referir aqui, não menos em louvor de um que de outro.

O sr. José da Silva Carvalho, reduzido por sua honesta pobreza a viver escassamente em Londres, cahira em grave enfermidade de corpo e de espirito no seu desamparo. Soube-o a duqueza de Palmella, e esconden-

do a mão generosa lhe fez ministrar todos os soccorros ao seu alcance, chegando a mandar de sua propria meza os caldos para o doente, e sem se lembrar, ou talvez porque se lembrava, que o enfermo era o mesmo que annos antes governava em Portugal quando seu marido fôra exilado e proscripto.

Mas o que ella occultava pôde sabel-o o doente, e nunca cessou de o referir por gloria sua e da marqueza; e desde então foi sempre um dos seus mais sinceros amigos e devotos admiradores.

Chegou em 1826 a concessão da carta; redobravam as difficuldades politicas de Portugal com a abdicação do senhor D. Pedro e suas condições. A serie de acontecimentos que trouxeram as calamidades de 1828, seguia o seu curso. Proclamada em Portugal a reacção contra o soberano e contra a lei jurada por todos, o marquez de Palmella não duvidou declarar-se e protestar abertamente contra o que, por honra e por principios, tinha obrigação de reconhecer como usurpação e perjurio. Era mais que arriscado o passo que dava; era certo que, por largo tempo ao menos, sacrificava ao dever todas as vantagens de fortuna e de situação. Talvez jogava a sua cabeça e a herança de seus filhos. Fôra desculpavel ter hesitado, na presença de uma mulher querida e delicada, de uma familia numerosa, costumadas aos confortos da vida, affeitas á posição elevada em que tinham nascido. Não o fez, nem lh'o consentiriam os rogos e instigações da marqueza, que n'essa occasião solemne o animou denodadamente, protestando que antes queria mendigar com seus filhos do que soffrer a menor quebra de honra em seu nome.

Ainda estava de cama sôbre o parto de sua ultima filha, D. Anna (*m*), quando partiu a infeliz expedição do Porto. Começavam a acorrer a Inglaterra os emigrados, voltaram com milhares d'elles os do Porto; e para todos os que chegavam á nossa embaixada a marqueza de Palmella tinha uma palavra consoladora, para muitos, soccorros efficazes e generosos, privando-se de commodidades suas, importunando seu marido, e fazendo aquelles prodigios que só póde operar a caridade verdadeira da fé, que é multiplicar infinitamente o pouco para acudir a muitos.

No entretanto a esperança reverdecia no animo dos exilados com a chegada da rainha á Europa. Não obstante a má vontade do duque de Wellington e do seu ministerio, o marquez de Palmella contribuira para fazer mudar o destino da viagem de S. M.; e que, em vez da côrte de Vienna, fôsse em Inglaterra que se fixasse a sua residencia provisoria.

Não esqueceu, não esquecerá jamais a nenhum portuguez que a presenceasse, a scena que na manhã do dia 7 de Outubro de 1828 viram os salões do hotel *Grillion*, em Londres. Foi alli que uma creança de dez annos, proscripta de seu reino e de seu throno, esbulhada por sua avó e por seu tio da herança que lhe adjudicára seu pae, e lhe confirmava seu povo, abandonada dos soberanos seus parentes e seus alliados, forte porém da sua innocencia e do seu direito, firmado em principios, robustecido pelos direitos de todos que affiançava; representante, no meio da Europa estacionaria e retrograda, representante ella creança, mulher, fraca e sem mais recursos do que Deus, a fidelidade e o enthusiasmo dos seus — da santa causa da liberdade, do progresso e da civilisação das nações — alli essa creança coroada recebeu a primeira homenagem dos seus subditos, sem patria, como ella, pobres e proscriptos, mas ricos de constancia, fortes de consciencia, e certos de reconquistar, para quem lhe assegurava a liberdade e lhe promettia o regimen da lei, um throno que já não podia occupar o despotismo.

N'aquella ceremonia, a mais augusta e solemne que nunca celebrou rei algum de Portugal, não appareciam galas nem grandezas. Toda a pompa do cortejo a faziam os sentimentos d'alma, a commoção dos semblantes, e as lagrimas que custavam a reter. Tenho presente, como se fosse n'esta hora, a figura, o gesto, a expressão intraduzivel de alegria e de tristeza com que a marqueza de Palmella assistiu, no logar que lhe competia proxima á rainha, a esta grande ceremonia. Nos olhos que ao mesmo tempo riam e choravam brilhava toda a antiga lealdade portugueza, o respeito de vassalla á soberana augmentado pela devoção á desgraça, temperado por um como orgulhoso carinho de mãe por filha.

Estes sentimentos que dominavam todos os outros, e que sublimavam até á poesia a dedicação da velha fidelidade portugueza, nunca me pareceu vel-os expressados assim como n'aquella occasião.

O tempo que S. M. demorou em Inglaterra foi a marqueza de Palmella sua constante guia e companheira, velando com interesse e com uma anciedade verdadeiramente maternal na augusta rainha, cuja tutella lhe havia sido, por assim dizer, deparada pela Providencia, e a cujo serviço e educação ella de bom grado e inteiramente se consagrava (*n*).

Entre as recordações da emigração — que tantas são de saudade — que tantas vezes se teem feito ainda mais doces pelas subsequentes amarguras e desapontamentos

da sorte — conservo na memoria a de uma manhã na nossa embaixada de South Audley street. Junto á marqueza de Palmella, cercada de suas filhas e sobrinhas, a joven rainha de Portugal bordava a bandeira que em seu nome ia ser mandada ao leal batalhão 5 de caçadores.

Escusado é dizer de quem foi a fina lembrança, e sabido é o enthusiasmo que excitou. Serão pequenezes estas para os que pretendem de fortes pensadores; mas grandes coisas do mundo se teem obrado por similhantes pequenezes.

DUQUEZA DE PALMELLA

Essas poesias porém (chamemos-lhe assim) da emigração estavam a acabar, e a realidade material do abandono, das miserias e desesperanças do exilio vinha tremenda sobre nós. Já a expedição do general Saldanha tinha sido metralhada nas aguas da Terceira pelos navios de guerra britannicos; já o conde de Villa-flor, mais feliz, tinha conseguido illudir o bloqueio inglez e penetrar n'aquella ilha, onde governava como general; a rainha era mandada voltar por seu pae para o Rio de Janeiro; a regencia por elle nomeada tinha de ir installar-se n'aquella ilha.

No principio de 1830 partiu com effeito o marquez de Palmella com os outros membros da regencia a bordo de uma pequena escuna cujo nome comico — *Jack of the Lantern* — ficou memoravel entre nós, e terá de passar á historia. Foi este para sua mulher um dos mais terriveis lances da vida e em que mais prova deu da fortaleza da sua alma. A ilha estava bloqueada pelas fôrças navaes da usurpação, seu marido condemnado a uma morte affrontosa em Portugal: o perigo era tremendo e para assustar os mais destemidos.

A estes sacrificios, perigos e trabalhos veiu juntar-se o de faltarem a todos os meios. A marqueza, obrigada como todos á mais severa economia, teve de desfazer o

seu estabelecimento em Londres e de retirar-se para França.

Fixou a sua residencia em uma pequena casa de campo em Passy junto a Paris.

Tam limitados agora os seus recursos, não se limitava porém a sua caridade. Parentes, amigos, pessoas inteiramente estranhas eram soccorridos, consolados por sua inexhaurivel caridade.

A sua casa de Passy converteu-se em um collegio, um pensionato onde recolhia muitos filhos d'esses mesmos parentes; ahi os educava com os seus, e com egual desvello e carinho.

N'este amargoso periodo da sua vida todas as penas, todos os padecimentos humanos tinham de se lhe juntar. A commum causa da patria pouco esperançosa, o marido longe e em perigo, seus numerosos filhos privados de muitos dos confortos a que estavam acostumados, não pareceram ainda á Providencia angustias bastantes para a provar. Veiu a doença e a morte de sua cunhada tam querida, e que lhe fôra como segunda mãe, a condessa d'Alva *(o)*; a perda de dois filhos, D. Pedro *(p)* e D. Maria; e para remate de tudo a enfermidade grave e assustadora de seu mais amado e estimavel filho, o primogenito de sua casa.

O conde de Calhariz, D. Alexandre, contava então apenas 19 annos de edade; era para fazer o orgulho de qualquer mãe. De figura e physionomia insinuante e intelligentissima, cheio de talento, tam applicado e proficiente já nos mais altos estudos, que obtivera os primeiros premios na universidade de Londres *(q)*, e acompanhando tudo isto de uma modestia, de uma candura, e de uma severidade de principios admiravel em todos os tempos; ninguem o conheceu e tractou que o não estimasse: e o que mais raro é, lhe não tivesse um respeito não facil de grangear em tal edade. Em tudo, menos em seu ingenuo aspecto, parecia um homem feito em quem a experiencia já tivesse amadurecido o estudo e os principios.

Cresceram rapidamente os symptomas da doença, que era uma fatal affecção pulmonar; e com os rigores do inverno se declarou assustadora. A arte já não sabia que fazer, quando seu pae, voltando á Europa por occasião da chegada do imperador, veiu encontrar n'esse lamentavel estado a melhor esperança de sua casa, o herdeiro do seu nome que tanto lhe promettia. E assim teve de o deixar em breve para partir logo na expedição de Belle-îsle, roubando se aos cuidados proprios e de seu coração para se entregar aos da patria e da soberana a quem tudo sacrificava.

Ficou á afflicta mãe a triste incumbencia de acompanhar o filho quasi moribundo á ilha de S. Miguel para onde os medicos o mandavam tentar a mudança de ar, e mais benigna primavera.

Foram em um pequeno e desaccommodado navio; e quando aportava em S. Miguel o Imperador, a sua expedição, e com ella o marquez de Palmella, ahi encontraram recentemente chegados de França a desconsolada mãe com seu filho. Ahi, quando medravam as esperanças públicas, minguavam de hora para hora as dos afflictos paes. Situação dolorosa como se teem visto poucas! Para todos sorria o futuro, menos para elles.

A'quella ultima revista que o Imperador passou á brilhante divisão expedicionaria,— ainda assistiu n'uma sege, quasi nos braços da mãe, mas com o seu uniforme de soldado de artilheria — o moribundo conde de Calhariz. Vida, já a não tinha senão nos olhos; mas n'esses luzia ainda todo o fogo do patriotismo, todo o ardente desejo, que o não deixou senão no ultimo suspiro, de ir baptisar a sua joven espada nas guerras da liberdade santa que amava como joven sincero de crenças e de fé —, de ir ganhar. como seus passados, as esporas de cavalleiro n'uma campanha de lealdade pelo seu principe, de começar emfim a sua vida no mundo, ajudando com seu braço em uma lucta a que se votára seu pae, seu pae que elle tanto adorava.

Dos que fizemos parte d'essa revista ou assistiram a ella como espectadores ninguem tirou os olhos d'aquelle mancebo que agonisava em tam nobre mas tam falsa confiança, d'aquella pobre mãe que tão afflicta se repartia entre suas dôres e suas esperanças.

Foi a ultima vez que elle sahiu; horas depois tinha desapparecido da terra a purissima luz d'aquella alma, deixando os tristes paes, a inconsolavel mãe sobretudo, nas sombras de uma tristeza que nunca mais se dissipou.

Tenho visto penas n'este mundo, graças a Deus; tenho padecido eu mesmo — sei o que é soffrer; mas digo sem receio de exaggerar que nunca vi dôr como aquella dôr.

Nem me esquecerá jámais tam pouco a resignação forte e contida do pae n'essa hora terrivel. Parte da noite o acompanharam unicamente seu intimo amigo — que tambem já lá vae, e de bem afflicta e desconsolada morte! — Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque — e eu. Muitos têem admirado o marquez de Palmella em outros momentos da sua vida — muitos mais o terão lisongeado em diversas circumstancias. Eu lembrame muito bem que nada disse então, mas que o admirei deveras, e lhe fiquei consa-

grando uma affeição que nunca foi demonstrativa porque eu o não sou, mas que n'este logar me é impossivel não manifestar.

Partiu a expedição para Portugal, e a marqueza para França a reunir-se a seus outros filhos, e a esperar em novas ancieda des pelos resultados de uma tentativa tam nobre como arriscada — tam heroica por cer to aos olhos do enthusiasmo como parecia louca aos da razão.

Mas a razão é o espirito humano regularmente discorrendo dentro de seus estreitos limites — o enthusiasmo, a aspiração, irregular embora mas sublime, d'essa outra particula divina que ha no homem, d'isso que n'elle sente, não discorre — que não raciocina, adivinha. A alma tem instinctos como os tem o corpo; e o instincto sente, não pensa.

Sentiram, não pensaram, os que nas praias do Mindello, com [illegible]:500 homens mal armados e mal fornidos, vieram desafiar um exercito de 80:000. Todas as coisas do mundo estavam com estes. Com os foragidos era Deus e o seu enthusiasmo. No fim de um anno de lucta, a capital e a maior parte do reino era d'elles.

Duas vezes n'este intervallo foi o marquez de Palmella a Londres e a Paris para acudir, com seu valimento e influencia n'aquellas côrtes, aos apertos e difficuldades dos cercados; mas sua mulher apenas teve a consolação de o abraçar na segunda viagem.

N'essa epocha intrigas e desintelligencias, que seriam longas de referir, difficeis de explicar, e sobretudo improprias certamente d'aqui — lhe tinham preparado a costumada retribuição de injustiças e injurias com que tantas vezes são pagos os maiores serviços. O marquez de Palmella conseguiu *(r)* preparar a expedição do Algarve, fazer partir para o Porto seu particular amigo o almirante Napier; e com este soccorro poderoso appareceu de novo triumphante no Douro, o que seus contrarios, por não dizer invejosos, contavam ver humilhado e quasi proscripto.

Novos sustos, novos sacrificios, porém nova satisfação tambem para sua mulher, que assistia tam interessada a todas estas peripecias do grande drama da restauração.

Principal auctor do arriscado projecto, confiou-se lhe ao marquez a direcção politica d'elle. O resultado foi maravilhoso. A pequena esquadra de Napier e a pequenissima divisão do duque da Terceira libertaram em breves dias a capital. A rainha viu emfim o seu reino, sentou-se no seu throno; e d'ahi em deante uma serie de victorias, a qual mais decisiva, concluiu rapidamente a miraculosa obra da reconquista da liberdade em Portugal.

O marquez de Palmella foi creado duque do mesmo titulo; seu filho, mais velho agora, D. Domingos, marquez do Fayal, em memoria da tomada d'aquella ilha, primicia de nossas conquistas liberaes, que a instancias e por direcção de seu pae se fizera.

Immediatamente regressou a Lisboa a duqueza de Palmella impaciente de ver seu marido e de abraçar emfim sua mãe, de quem ha tantos annos estava separada. Foi por esta occasião nomeada dama de honor de S. M. a rainha *(s)*.

Até o verão do anno seguinte viveu a duqueza tranquillamente em Lisboa, interessada, bem como seu marido, no andamento dos negocios publicos, mas abstendo se elle de toda a acção politica, e do governo que ciosamente era guardado por pessoas, não direi de oppostos principios, mas de idéas mui diversas quanto ao modo de estabelecer, de tornar pratico, de fazer amado e popular um systema que todos queriam, assim o soubessem querer todos!

N'este estado de coisas se manifestou e cresceu rapidamente a doença do Imperador que para logo deixou pouca esperança de melhora, e em menos de tres mezes o arrebatou na flor da edade, e no principio da melhor e mais gloriosa parte de sua vida.

Apenas tomou as redeas do governo a rainha, chamou para presidente do conselho o duque de Palmella.

As oscillações do governo, as de uma opinião que em taes crises não pode deixar nunca de ser desvairada, a miudo injusta, tantas vezes ingrata, fluctuavam continuamente; e a duqueza soffria os martyrios de uma verdadeira paixão quando essas injustiças ou ingratidões a vinham ferir em seu marido.

Poucos mezes depois da morte do Imperador a rainha ficou segunda vez orphã pelo fallecimento do principe Augusto, que, em tam breves dias de desposado, lhe faltou subitamente. O ridiculo tumulto das Chagas, que por esta occasião teve logar, e tomou nome d'aquelle sitio onde então morava o duque, foi uma demonstração tam absurda como virulenta do odio de seus inimigos, que vivamente feriu o coração da duqueza, mas em que ella deu novas provas da sua força de animo.

N'aquella epocha de duvidas, os partidos, as opiniões não extremavam ainda bem os seus amigos e inimigos. Mettiam-se em meio as rivalidades e malquerenças pessoaes que desatinam o povo.

Quem tanto tinha soffrido, de tanto servido, e nem por si nem pela patria colhera fructo de tantos lavores, deitava a culpa para alguem. Esse alguem era o que as facções apontavam: e as facções nunca apontam justo.

Esta desculpa é legitimamente devida á maior parte dos erros e injustiças populares

senão que a todas. Mas pode esperar-se que a dê um coração de mulher ferido? Invoco o testemunho dos que n'esta occasião, assim como em tantas outras, ouviram a duqueza em suas mais desafogadas expansões e desabafos: nunca lhe ouvi uma d'essas palavras que tanto mais baixas são quanto vem de mais alto; nunca foi vista declamar contra a *canalha*, como é vulgar em taes occorrencias. Resentiu-se como mulher, como senhora e como esposa dos aggravos que lhe faziam — mas não accusava senão os instigadores de má fé; e toda a indulgencia christã ficava em sua alma para desculpar os que só erravam.

Nem podia ser de outro modo n'um coração que sempre ardeu de caridade, que fazia o bem por instincto, por necessidade, cujo maior prazer era dar, dar — soccorrer os necessitados, consolar os afflictos. Esta qualidade predominante do seu caracter veiu a estabelecer entre ella e as classes mais humildes da sociedade uma especie de tracto intimo, de reciproca sympathia que não permittiam, resentimento de parte a parte, e que fizeram, com que por fim os mais ciosos theoristas da democracia respeitassem e adorassem n'ella a escrupulosa pratica de principios que elles sim proclamavam, mas que ella executava na alegria e satisfação da sua alma.

Este sincero e puro liberalismo da duqueza, assim como á proporção que foi sendo conhecido a fez por extremo popular, respeitada e querida do partido liberal, assim lhe creou tambem depois os ciumes e malquerenças de outras parcialidades.

Por então, como já observei, as opiniões andavam ainda confusas e mal seguras. Na revolução de 1836 o duque de Palmella teve de emigrar outra vez e separar-se de sua mulher, que novamente ficava velando á cabeceira de outro moribundo, seu terceiro filho.

Nem teve de velar muito tempo. Em tudo parecido com seu irmão mais velho, muito na figura, muitissimo no precoce talento e capacidade, D. Manuel de Sousa promettia tanto como elle, e faltou do mesmo modo.

As crueis dores d'esta perda fizeram apparecer os primeiros symptomas da enfermidade que mais tarde se desenvolveu funestamente na duqueza. A triste mãe partiu para França a levar a seu marido o ultimo adeus de um filho tam chorado.

Estava a este tempo contractado entre os duques de Palmella e a condessa da Povoa o casamento do marquez do Fayal com a filha d'esta, que apenas contava dez annos, e cuja tutella a duqueza assumiu a instantes rogos da mãe.

Celebrara se o casamento em 1830 na capella do palacio do Rato em presença das respectivas familias, e a duqueza partiu para Paris com a sua nora. Alli casou egualmente pouco depois sua segunda filha D. Marianna com Luiz Brandão de Mello Cogominho, e nasceu o decimo-terceiro filho D. Francisco *(t)*.

No entretanto se tinham dissipado as desconfianças politicas, e o duque de Palmella foi rogado pelo governo para ir assistir, como embaixador extraordinario, á coroação da rainha Victoria de Inglaterra. Acceitou o duque, e acompanhado de sua mulher foi desempenhar a honrosa missão com que o thesouro portuguez nada dispendeu.

De volta a Paris começaram as desintelligencias sôbre o casamento do marquez do Fayal. Tinha fallecido o filho varão do conde da Povoa, e em sua irmã se accumulava toda a successão e herança d'aquella forte casa.

Fossem porém mais ou menos desinteressados os motivos que excitaram alguns membros d'aquelle familia a querer rescindir o contracto e pretender annullar o casamento, subtrahindo a joven herdeira da tutella da duqueza, e tirando-a de seu poder, é certo que só o teriam conseguido violentando as sympathias da innocente, cujo affecto para sua mãe adoptiva era como de filha verdadeira.

Segura de sua consciencia, a duqueza supportou os muitos desgostos que lhe trouxe esta desavença; mas padeceu infinitamente com elles: nem, depois de ver ratificado o casamento de seu filho, e tranquillo este com sua mulher, pôde verdadeiramente descansar, em quanto a concordia se não restabeleceu entre as duas familias pelas importantes concessões com que o marquez do Fayal a conseguiu largamente.

Serenada esta tempestade, outra muito maior para a sua alma não tardou em levantar se. Sua mãe a marqueza de Niza, D. Eugenia, que ella por tantos titulos adorava, adoeceu gravemente. A duqueza, já muito minada da fatal molestia que lhe ameaçava a vida, e adeantada em nova gravidez, não quiz todavia abandonar sua mãe enferma. Velou dia e noite ao pé d'ella, matando-se evidentemente com aquelles cuidados e penas de corpo e alma — até que lhe fechou os olhos. Nasceu prematuramente o filho (D. Thomáz) *(u)* que trazia em suas angustiadas entranhas, e a saude da mãe não fez senão declinar d'ahi em deante.

Reanimou-se um tanto com a satisfação que teve nos casamentos de suas filhas D. Eugenia com o marquez das Minas, e D. Thereza com o conde das Alcaçovas. Mas junto a estas consolações veiu logo a afflicta

morte de outro filho, D. Rodrigo, creança por extremo sympathica e intelligente, que aos quinze annos em que falleceu annunciava já qualidades e talentos não vulgares.

O anno seguinte, de 1841, veiu com mais faustos auspicios. O marquez do Fayal lhe apresentou uma neta *(v)*, primeiro fructo do seu consórcio; e pouco depois a duqueza deu felizmente á luz seu decimo-quinto e ultimo filho, D. Filippe *(x)*.

Experimentada agora em todas as alternativas da sorte, ou por falar a linguagem que ella melhor entendia porque melhor cria, tão provada por Deus em todos os grandes extremos de felicidade e de desgraça, a duqueza cada vez contrahiu mais a sua vida ao circulo domestico e á pratica das virtudes christãs com que de tudo o mais se isolava.

Os grandes cabedaes com que se tinha engrossado a súa casa e de seus filhos, não os considerava senão como meios que a Providencia lhe prestava para exercer mais largamente sua inexhaurivel caridade. A avultada pensão que todos os mezes recebia para seu bolsinho, não lhe parava dias nas mãos. Importunava seu marido, seus filhos com novos pedidos, que todos levavam o mesmo destino; e até das mezadas dos filhos menores, dos netos, conseguia persuadil-os a que cedessem uma parte para ter esse pouco que dar, para sempre dar. E assim duplicava suas boas acções, porque habituava de tenros annos os innocentes a privarem-se de algum superfluo para acudir á necessidade.

Se as grandes riquezas do mundo se houvessem de distribuir a quem melhor uso d'ellas fizesse, para se equilibrarem assim pelos divinos preceitos do Evangelho as desegualdades aliás inevitaveis da sorte — a ninguem com mais justiça se houvera adjudicado a grande fortuna de que dispoz nos ultimos annos de sua vida a duqueza de Palmella.

Diminuiam sensivelmente a saude e forças do seu corpo, mas conservava-a a paz de espirito em que vivia, quando, ao principiar o anno de 1842, lh'a vieram quebrar os novos alvorotos politicos do reino.

Começava Portugal a descançar das revoluções, e a entrar em algum principio de acêrto o complicado mechanismo do regimen constitucional, quando appareceu a revolta militar do Porto em 27 de janeiro, que, se não teve mais peccaminosos motivos, foi, pelo menos, desnecessaria desordem. A restauração da carta na sua lettra e no seu nome — porque no mais não havia quasi que restaurar — era o pretexto, ou seria o objecto (segundo a parcialidade dos que o julgarem) d'aquelle movimento politico.

Sem offensa de nenhum portuguez se póde dizer que o duque de Palmella tinha sido sempre o mais strenuo propugnador da carta; ninguem utilisava mais em preponderancia de situação politica com a sua restauração, ninguem portánto menos suspeito em declarar-se contra aquella insurreição militar.

Por esta opinião, que então sustentaram e lavraram e assignaram em publicos e espontaneos documentos as principaes pessoas do reino e da côrte — e porque seu espirito conciliador e sua incontestavel independencia o faziam acceito a ambos os partidos — o duque foi chamado á presidencia do ministerio que emfim, e depois de longas dilações, se organisou para sustentar a ordem existente.

De estudo evito renovar aqui memorias desagradaveis, e aggravar injurias reaes ou suppostas que então feriram os animos tão profundamente que a chaga ainda não sarou; aponto sómente os factos capitaes da historia commum pelo que elles se ligam com a historia de familia que reconto.

Fossem as causas quaes fossem, o movimento progrediu, e com elle as afflicções da duqueza que viu seu marido envolvido n'um insoluvel complexo de difficuldades, trahido por uns, mal servido de outros, e collocado em posição de que já começava a ser difficil sahir com honra.

Foi d'accordo com elle que se adoptou o decreto de 10 de fevereiro; pensamento altamente conciliador e politico n'aquella circumstancia; mas tão vagamente redigido, que pôde ser para logo sophismado.

Retirado da politica activa, e quasi neutral entre os partidos que agora contendiam com mais acrimonia do que nunca, passou o duque até á tentativa de revolução de Torres Novas de 1844, que desapprovou altamente, entendendo dever fazel-o pelos mesmos motivos porque antes reprovara a do Porto. Haja ou não erro na comparação, é certo que a fez, e subsequentemente se viu que da melhor fé.

Por este tempo os affligiu cruelmente a perda de sua segunda filha D. Marianna, que falleceu sôbre parto. Com esta nova dor d'alma se aggravaram os padecimentos da duqueza, cuja saude declinava cada vez mais.

Na esperança de atalhar, pelo menos, o progresso, de a distrahir e reanimar, emprehenderam então uma viagem de ha muito meditada. Toda a familia passou a França e d'ahi a Italia, que a duqueza tanto quizera sempre e nunca pudera visitar antes.

Percorreram todas as cidades, todos os pontos mais interessantes d'aquelle paiz de

maravilhas. Desde a sua propriedade e antiga casa de seus maiores no Piemonte a Milão, a Veneza, a Florença, a Napoles, emfim a Roma, viram e observaram tudo o que a historia, as artes e a religião mais tem sanctificado na terra.

Roma sobretudo, visitar Roma, a capital da christandade, assistir ás grandes solemnidades da egreja celebradas pelo seu chefe visivel na terra, devia ser, para uma senhora tão piedosa, de inapreciavel consolação. Quanto mais sentia decahirem-lhe as forças do corpo, mais se lhe elevava o espirito ás contemplações da religião e ás esperanças da eternidade. Foi como uma devota romaria a sua viagem.

No fim do anno de 1845 regressaram a Lisboa para celebrarem o casamento de sua filha D. Catharina, ha muito contractado com o conde das Galveias D. Francisco.

Não podia vir com as mãos vasias quem voltava de tão sancta romagem. Sempre piedosa, e solicita em seu animo de bem fazer, a duqueza trazia arranjado de França o estabelelecer aqui o verdadeiro instituto de S. Vicente de Paula, fundando e dotando uma congregação de irmãs da caridade.

Não quero, deliberadamente não quero, referir os estorvos acintosos que encontrou, as meticulosas e ridiculas tergiversações com que por fim lhe conseguiram annullar seu piedoso voto e santas intenções. Mas foi assim, e grande a magoa que com isso teve; nunca se consolou de tão inesperado desapontamento.

Eram principios do anno de 1846. Abertas as côrtes, o duque se declarou francamente em opposição ao ministerio que, em sua opinião, levava a extremos perigosos, de fataes e promptas consequencias, por um lado a repressão e resistencia a todas as idéias liberaes, por outro a descompassada latitude dada a operações de credito, e a relaxação e abusos de todo o genero tolerados a quantos tinham parte n'estes negocios ou nos eleitoraes—unicos de que o governo fazia cabedal.

Resumo n'estas poucas linhas os memoraveis discursos que então fez. Não os julgo, e repito que não quero encetar aqui discussão alguma politica, e nem sequer historiar, quanto mais avaliar o proceder de ninguem n'estas nossas ultimas e deploraveis luctas, em que o nome portuguez, a propria existencia da nação teem sido jogados. Indifferente quem póde sel o em taes contendas? Mas o dia da historia não chegou ainda. Nenhum partido, nenhuma facção tem os olhos feitos já para solettrar os severos caracteres com que um buril imparcial deve ir gravando em silencio os espantosos factos d'esta epocha tremenda e unica.

Póde estar escripto o livro — mas deve estar, e está, fechado a sete sêllos. Por ora, e para aqui muito menos, nem uma linha d'elle. Se menciono um facto politico, é como o algarismo de uma data: digo que em tal ministerio foi isto, que em tal revolução succedeu aquell'outro, como se dissesse na olympiada quarta ou quinta, no consulado de Manlio ou de Sempronio.

Tal era pois a situação politica do duque de Palmella, e taes as suas previsões na camara, que não tardaram a verificar-se.

A revolução popular do Minho, contida em vão pelas auctoridades, por leis exceptionaes, combatida pelo exercito, por todas as coerções moraes, physicas, ordinarias e extraordinarias que é uso empregar entre nós em similhantes casos — cresceu, exacerbou-se, e lavrou por todo o reino. O ministerio demittiu-se, e o duque de Palmella foi chamado a organisar uma nova administração.

Eram fins de Maio; toda a familia se achava na sua quinta de Calhariz, gosando os ultimos dias da primavera, que alli é deliciosa, quando a inesperada nova veiu assustar e affligir a duqueza, que n'aquelle socego, rodeada de seus filhos e de alguns amigos intimos, procurava enganar os presentimentos do mal que interiormente a consumia.

Nunca cedeu com mais violencia á voz imperiosa do dever. O duque de Palmella era o nome que estava em todas as boccas. Com mais ou menos sinceridade de uns ou de outros, ninguem havia que o não chamasse, que não declarasse ser elle o unico homem a quem podia incumbir-se o perigoso e difficil encargo de moderar e dirigir uma revolução, que pelos menos suspeitos era reconhecido não poder já combater-se.

A duqueza cedeu, fez calar os seus terrores, e impoz á sua alma este novo sacrificio, que bem antevia lhe tinha de custar mais que nenhum.

Creada e nutrida em todas as tradições, e digâmos ainda, em todos os preconceitos da sua raça, sinceramente convencida de que a origem gloriosa da sua familia, se lhe impunha maiores obrigações na sociedade, tambem lhe dava superiores a um respeito e consideração, que o ciume popular nem sempre nega, nem sempre concede — é ciume, e como tal justo e injusto ao mesmo tempo — a duqueza, como verdadeira fidalga, incommodava-se mais com que subissem até ella algumas mediocridades ambiciosas, do que lhe custava descer ella ao nivel de todos. Não ha superioridade verdadeira, aristocracia de nascimento ou de merecimento que assim não sinta. E para quem sente assim, não são as idéias de progresso

que repugnam; não é a liberdade, não é a egualdade que são odiosas: o que os offende é o falso liberalismo dos demagogos, d'esses Titans da mythologia moderna, que põem o *Pelion* sobre o *Ossa* dos ciumes e das iras populares para subirem elles, e elles sós, a um *Olimpo*, que tão somente odeiam em quanto lá não chegam.

Mas, além d'esse tam natural, e se precisa desculpa, tam desculpavel sentimento — a duqueza era sinceramente christã; e como tal, os principios de liberdade, um governo para bem de todos e no interesse de todos lhe parecia o melhor governo. Fiel á monarchia, addida ás tradições da sua classe, não comprehendia, comtudo, que as classes pobres houvessem, precisassem de ser condemnadas ao abandono por isso; acreditava que o evangelho podia ser realisado, que as leis do Crucificado podiam e deviam ser as leis do mundo.

Póde dizer-se que a duqueza de Palmella acreditou que a revolução do Minho era uma genuina effusão dos sentimentos do povo portuguez. Liberal na mais nobre accepção da palavra supportou com paciencia os infinitos desgostos que lhe trouxe o angustiado ministerio de seu marido nos quatro mezes que durou; depois na reacção de 6 de outubro; e por fim na longa serie de incommodos e de afflicções que d'essa epocha em deante teve de soffrer até o fim da vida.

Mandado sahir peremptoriamente de Portugal, deixou o duque a sua mulher já em muito máo estado de saude; mas estava longe de saber quão rapidos eram os progressos que o seu mal fazia. Quando por informação confidencial dos facultativos o veiu a conhecer, já o rogo para que se fôsse reunir a elle estava feito; já ella impaciente se tinha posto a caminho, apesar da estação que adeantava, e de seus padecimentos, que aggravavam de dia para dia.

Tinha lhe custado tanto esta separação pelas circumstancias e injustiças que a motivaram; passara-se em tantos cuidados e desgostos aquelle tempo no meio da guerra civil, com o espectaculo das miserias e desgraças, que a acompanham, deante dos olhos — vendo a morte e o sangue por toda a parte, a fome nas ruas da capital — batendo-lhe á porta sempre como á porta mais bem parada de Lisboa — tudo se juntava ás saudades do marido para desejar partir, custasse o que custasse.

Não se foi comtudo sem deixar, como sempre, os meios de acudir aos seus pobres, sem derramar muita esmola, muita caridade, muita consolação pelos necessitados de todas as classes e graduações que a ficavam chorando.

Os infelizes prisioneiros de Torres Vedras que inopinadamente, e sem nenhuns meios, tantos d'elles, eram mandados para o degredo de Angola, foram largamente providos de todo o auxilio que era possivel dar-lhes.

Nenhum espirito de partido a animou: eram infelizes e perseguidos; tanto bastava. Se alguem fosse tam barbaro — realmente o não creio — que lhe fizesse um crime da sua caridade, dar lhe-ia, verdade seja, um motivo de mais para o animo independente e mal soffrido da duqueza.

Depois do combate de Setubal mandou repartir a roupa branca da sua quinta de Calhariz pelos feridos de um e de outro lado.

Os alimentos que de continuo distribuia em sua casa; as quantias maiores e menores com que acudiu secretamente a individuos e familias, não têem numero.

Em julho partiu para Inglaterra e d'ahi passou a França. Cada vez se sentia peior e diminuiam as esperanças dos seus. Todo este tempo até principios do inverno se passou em consultações dos primeiros facultativos da Europa. Mas a arte não sabia que dizer já, e murmurava as suas ultimas desanimadas palavras de melhoria de clima, de inverno passado na ilha da Madeira.

Já a intervenção das potencias tinha comprimido a guerra civil, e foi livre ao duque voltar com sua mulher a Lisboa para d'aqui seguirem á Madeira. Sahiram com effeito de Inglaterra n'um vapor de guerra britannico, que fazia escala pelos dois pontos em sua direcção ao Mexico. Demoraram-se poucos dias em Lisboa, e foram tentar esse derradeiro recurso dos que ja não têem outro.

Sahiu feliz a viagem, e os primeiros effeitos do benefico ar da ilha pareceram animadores. Mas não era paz verdadeira, apenas treguas do atraiçoado mal, que a combatia. Acudiram e cresceram todos os peiores symptomas do ultimo periodo d'essa cruel molestia; e ao começar da primavera estavam dissipadas as derradeiras esperanças de melhora.

Vir morrer na sua casa, dar o ultimo suspiro no meio dos seus, abençoar na despedida a numerosa progenie com que Deus a abençoára, tal foi o ultimo desejo da duqueza.

Urgia o tempo e o mal, redobravam as difficuldades do transporte. Já o embarcar e desembarcar n'aquelle estado era uma operação violenta e arriscadissima. Tentou-se comtudo, e quasi moribunda a conduziram em maca ao escaler, e d'alli, com mil perigos e difficuldades, a subiram ao navio, que felizmente a pôde trazer com vida ainda a Lisboa.

Seu triste desembarque, seu caminhar lento e quasi funeral para a actual residencia da familia, ao Rato, foi um espectaculo de

compungir os mais indifferentes. Levavam a maca alguns marinheiros; o duque com sua filha mais moça (a que só pudera acompanhar e velar sua mãe n'aquella derradeira jornada) a seguiam a pé. Logo os outros filhos e parentes mais proximos e alguns amigos. O cortejo todavia era numerosissimo, porque engrossava a cada instante com todos os pobres da capital, que accorriam a ver, a lastimar, a abençoar pela ultima vez a sua mãe. A sua mãe — assim lhe chamavam, assim bradavam por ella. «E a mãe dos pobres. A nossa mãe que vamos perder! Bemdita ella seja! Em boa hora a leve Deus e se compadeça de nós!

Eram as vozes que se ouviam ao passar a melancholica procissão. E este foi o seu maior, o seu verdadeiro elogio, funebre ainda em vida, em vida ainda desapaixonado e imparcial como um julgamento da posteridade. *Bossuet*, *Massillon* ou *Lacordaire*, que subissem ao pulpito, e deante de seu fereto derramassem as mais suaves flores de consolação que podem cahir do céo sobre um ataude — ou descarnassem as mais tremendas verdades que pulverisam em cinza, rojam pelo pó da terra todas as miseraveis grandezas do mundo, suas vans pompas e ôccas fortunas — nada poderiam dizer que falasse tam alto e tam claro, que tanto dissessem ao espirito, ao coração, á propria imaginação, como diziam aquellas andas em que a duqueza de Palmella caminhava moribunda para seu palacio, aquelles parentes que a seguiam a pé, e aquelles pobres que a abençoavam e choravam.

Tres dias durou ainda; no ultimo, recebidos os sacramentos, pôde ainda achar força em seu grande animo para se despedir do marido e dos filhos, para dar a estes os seus ultimos conselhos e os abençoar.

Teve a morte do justo, serena e resignada. No dia que mais sanctifica a egreja, em uma quinta feira santa ás seis horas da tarde — que n'este anno de 1848 se contavam 20 d'abril, deu o ultimo suspiro. E porque não seria mercê divina, signal evidente da graça que ia receber, o ser chamada a contas em tal dia quem tão boas tinha que dar de si?

Esperemol-o; e que seja esta esperança a melhor consolação de todos o que a choram.

Que n'ella se abrandem as dôres dos seus até que insensivelmente se convertam n'aquella saudade, que Deus manda depois aos corações que bem amaram, não para que deixem de soffrer — seria impossivel — mas para que se tempere o padecimento, e se possa tolerar a vida.

A impressão que a sua morte causou em Lisboa foi geral e manifesta em todas as classes, e póde sem lisonja dizer-se que não houve excepção no conceito que ella deixou na memoria de todos, nem adulação na maneira com que esse conceito se expressou.

A qualidade que na opinião geral mais a distinguia era a sua excessiva caridade, caridade realmente sem limites, e que além de ser n'ella uma virtude christã, era tambem o effeito como que espontaneo e natural da generosidade do seu animo e da grandezas das suas idéas. Esta virtude portanto era exercida por ella sem custo, e talvez não fosse a mais admiravel das que a adornavam.

Se se quizer bem apreciar entre tantas qual fosse a sua mais relevante virtude, custará a chegar a uma decisão, porque no exercicio dos deveres de filha, de esposa e de mãe foi ella egualmente extremosa, e por certo nem uma só mancha deixou no seu manto de pureza. O que deve admirar mais é que ella começou a praticar successivamente estes diversos deveres sem a menor quebra nem interrupção desde a edade quasi infantil de doze annos, em que principiou a ser esposa, e de quatorze em que pela primeira vez foi mãe.

A pratica rigorosa das virtudes, não só usuaes, mas ainda das mais custosas d'estes estados, tinha sido effeito n'ella de uma especie de intuição natural e da disposição ao mesmo tempo affectuosa e rigida do seu coração, ajudada pelos sentimentos religiosos, que a primeira educação de sua mãe lhe incutiu, que o bom exemplo e bons conselhos de suas cunhadas fortificavam, e que o seu progresso sempre seguido na estrada da devoção foi augmentando successivamente até á epocha da sua morte, fazendo-a chegar a um ponto de perfeição, que raras vezes terá sido attingido por pessoas collocadas na classe elevada da sociedade em que viveu, e em que sempre occupou o logar mais distincto.

Como filha póde dizer-se que idolatrava a sua mãe, e que sacrificou sua saude e encurtou seus dias pelas afflicções e trabalhos que experimentou no ultimo anno de vida d'ella. Como esposa foi exemplar até o mais alto grão de perfeição, objecto de respeito e admiração não só em Portugal, como nos paizes estrangeiros. Como mãe consagrou-se sem limites e sem reserva aos cuidados que exigia a educação de quinze filhos, que teve com distancia de trinta annos desde o nascimento do primeiro até o ultimo. Foi exemplar e superior a todo o elogio no cumprimento d'estes deveres, e gosou a consolação de ver coroados estes esforços e correspondidos os seus disvelos pelo affectuoso caracter e procedimento de todos os seus filhos sem excepção, podendo asseverar-se com verdade, que de nenhum d'elles teve

motivo de queixa, nem a soffrer outro desgôsto mais do que a terrivel dôr que partiu o seu coração quando sobre elle se descarregaram successivamente os golpes da morte de sete filhos, quatro dos quaes já eram adultos, e uma na edade em que começa a sahir-se da infancia.

De todas as tribulações que soffreu n'esta vida, a primeira, a mais dolorosa e a maior foi sem duvida a morte de seu filho primogenito, com que Deus quiz que ella comprasse a gloria de que está gosando, e deixou o seu coração coberto de um lucto de que nunca se desassombrou. Os seus desvellos, os seus trabalhos, a sua incançavel assistencia e anciedades, fatalmente terminados na morte de cada um de seus filhos, não podia deixar de destruir por fim a robusta saude de que ella havia sido dotada pela natureza.

Accrescentem-se a estas grandes e terriveis afflicções moraes, os trabalhos de uma vida agitada por frequentes viagens, por alternativas de fortuna, mais do que é dado ao commum das pessoas da sociedade experimentar ordinariamente n'este mundo. Além d'isto os cuidados que tantas vezes teve de soffrer pela sorte de seu marido, com o qual tam terna e inteiramente se identificava, que a não distinguia da sua propria, senão para a sentir com uma vehemencia ainda maior. Todas éstas excitações, que poderão avaliar-se reflectindo sobre a serie dos acontecimentos que se acham succintamente expostos n'esta memoria, influiram tanto mais na sua saude, quanto recahiam n'uma constituição por extremo sensitiva e calorosa de sua natureza, não obstante os esforços com que a reflexão e a religião contribuiam para a reprimir, e para sujeital-a com resignação, senão com paciencia, ás injustiças d'este mundo. Os que conheceram a duqueza podem attestar que o seu caracter representava o mais singular contraste de vivacidade e de doçura, de modo tal que tomava até as desgraças de todos como se fossem suas proprias, as contrariedades mais communs da vida como desgraças pungentes, ao mesmo tempo que se sujeitava aos golpes mais terriveis, e abraçava as resoluções mais árduas com heroica disposição e com a constancia e impavidez de uma san consciencia. Outro contraste podia distinguir-se tambem n'ella, e era o da elevação das suas maneiras ao par das mais altas situações, a ponto de haver sido notada e admirada nas côrtes estrangeiras, quando por outro lado a sua humildade era natural e extrema; e o pouco conceito que fazia de si mesma não era nem affectado nem falso, de modo que ficava patente que o seu comportamento era inspirado pela convicção de que devia desempenhar uma obrigação que lhe era incumbida.

Procurei fazer justiça aos sentimentos da duqueza de Palmella apresentando em poucos traços as suas eminentes qualidades; não seria porém completo o retrato, se deixasse de fazer menção do seu engenho prompto, penetrante, guiado sempre por um senso recto, que lhe fazia entender claramente e apreciar com acêrto os objectos de que se occupava. Nem poderá esquecer jamais aos que tiveram a fortuna de viver na sua familiaridade, a amabilidade do seu tracto sempre isento de affectação, e frequentemente ornado de um brilho gracioso e improviso. Dotada de uma disposição jovial e amena, captava por isso facilmente os corações, e sarava as ligeiras offensas que a sua innocente vivacidade podia ás vezes occasionar, pela extremosa bondade com que reconhecia qualquer pequeno excesso d'esta natureza, pela evidente e limpida pureza de suas intenções que não podia desconhecer-se. As tendencias mais delicadas do caracter de senhora eram n'ella, por assim dizer, innatas, e sempre equilibradas pelo exercicio das virtudes evangelicas e pela maior austeridade de principios. Nenhum vivente prestou jamais tam religioso culto á verdade. Não consta que na sua vida ella a transgredisse uma unica vez, não só pela falsidade nem pela mais leve dissimulação. Os seus actos eram sempre praticados á luz do dia, e não careciam de véo. O seu coração era transparente, e de certo não levou n'elle pensamento ou segredo algum occulto de que tenha a dar conta perante Deus, que avalia os pensamentos e as acções humanas.

No dia 22 do mesmo mez de Abril, pelas duas horas da tarde, se fez o serviço funebre da duqueza de Palmella na freguezia da Encarnação. Os seus restos mortaes, que por feminil pudor e por humildade christã ordenou que não fossem embalsamados, estão depositados no jazigo da familia no cemiterio dos Prazeres.

Que descance em paz, e que a luz eterna sobre ella resplandeça!

NOTAS DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Nota A, *pag. 417*

Do mesmo consorcio tinham nascido: D. Francisca Telles, que casou com o marquez de Castello-Melhor D. Affonso; D. Thomaz Telles, marquez de Niza, herdeiro presumptivo da casa de sua mãe, e que casou com D. Thomazia de Mello, sendo pae do actual marquez de Niza: D. Maria Telles, casada com o conde de Sabugal, D. Manuel Mascarenhas; e D. Anna Telles. Os dous primeiros eram mais velhos do que a duqueza, e os dous segundos mais moços.

Nota B, *pag. 417*.

D. Pedro de Sousa e Holstein, filho de D. Alexandre de Sousa e Holstein, e de D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho, nasceu em Turim a 8 de maio de 1781, 1.º conde de Palmella em 11 de Abril de 1812, 1.º marquez em 3 de Julho de 1823, e primeiro duque do mesmo titulo em 3 de Junho de 1833, conde de Sanfré no Piemonte, 13.º senhor do morgado do Calhariz, Monfalim e Fonte do Anjo.

Nota C, *pag. 417*

D. Alexandre de Sousa e Holstein, conde de Calhariz, nasceu em Cadix a 21 de março de 1812.

Nota D, *pag. 417*

D. Eugenia de Sousa e Holstein, marqueza das Minas, nasceu a 6 de março de 1813.

Nota E, *pag 418*

D. Isabel de Sousa e Holstein, nasceu a 12 de novembro de 1816 e falleceu a 15 de Junho de 1817.

Nota F, *pag. 418*

D. Domingos de Sousa e Holstein, marquez do Fayal, nasceu a 28 de Junho de 1818. D. Manuel de Sousa e Holstein, nasceu a 11 de outubro de 1819 e falleceu a 2 de fevereiro de 1837.

Nota G, *pag. 419*

D. Marianna de Sousa e Holstein, nasceu a 25 de março de 1821 e falleceu a 20 de março de 1844.

Nota H, *pag. 419*

D. Maria de Sousa e Holstein, nasceu a 27 de setembro de 1822 e falleceu a 29 de agosto de 1834.

Nota I, *pag. 419*

O duque de Palmella não cooperou directa ou indirectamente para os acontecimentos que em maio de 1823 destruiram a fórma de governo constitucional, e deve-se-lhe a elle e ao conde de Subserra ter prevalecido um systema de moderação e de brandura em logar de reaccionario e violento pelo qual propugnavam alguns dos outros ministros, apoiados por uma alta personagem. Se a promessa da outhorga da carta não foi cumprida, não foi á mingua de esforços, que muitos fez o duque para o seu leal cumprimento dentro e fóra do reino. Não é este o logar nem o tempo ainda é appropriado para deslindar a historia d'esse periodo. O duque de Palmella, achando-se embaixador junto da regencia de Cadix, tinha já manifestado n'uma respeitosa representação, dirigida para o Rio de Janeiro ao principe regente as suas idéas a favor do estabelecimento do regimen constitucional entre nós. Em 1823, quando em Borba foi convidado para assistir á acclamação do governo absoluto do senhor D João VI, assignou o auto com uma referencia bem explicita á promessa da carta. Em Junho d'esse anno, sendo ministro dos negocios estrangeiros, escrevia a Mr. de Chateaubriand ministro de Luiz XVIII, o seguinte: *A carta que S M. se propõe outhorgar como um justo galardão da fidelidade e das virtudes patrioticas dos seus subditos, bastará, sem duvida para satisfazer a opinião da parte sensata da nação, para curar gradualmente as feridas que a revolução deixou, e para manter uma tranquillidade duradoura.* Ignoramos qual foi a resposta de Mr. de Chateaubriand, mas será facil adivinhal-a vendo-se o que este dizia em 12 de Julho a Mr. de La Ferronais, embaixador francez em S. Petersburgo: *Le comte de Palmella m'a écrit, il veut faire donner une constitution au Portugal... Je ne vois pas du tout dans l'etat d'effervescence où se trouve encore le Portugal, pourquoi la commission de Lisbonne se presserait de publier un code politique fait au milieu du choc des passions et des intérêts* » Infelizmente prevaleceram as intrigas arteiramente empregadas para se não publicar a Carta; e nem o diploma régio de 4 de Junho de 1824, que annunciava a convocação das antigas côrtes, e a esperança de ser fixada regularmente para o futuro essa convocação, veiu a ser executado porque o duque e o conde de Subserra deixaram de ser ministros d'el-rei.

Nota K, *pag. 419*

«Mr. Hyde de Neuville solicitou então a soltura «do marquez de Palmella, que sendo-lhe promettida «pelo infante, tirou fóra de si a Rainha que rompen-

«do n'essa occasião o silencio até alli guardado por «ella, n'uma sala proxima d'onde espreitava tudo, «exclamou: *se o soltam · stá tudo perdido*; e dizendo «isto partiu logo para Queluz»—Soriano, *Hist. do Cerco do Porto*, vol 1, 1.ª ed. pag. 168.

Nota L, *pag. 419*

D. Thereza deSouza e Holstein, condessa das Alcaçovas, nasceu a 14 de dezembro de 182[illegible]. D. Rodrigo de Sousa e Holstein, nasceu a 1[illegible] de dezembro de 1824 e falleceu a 5 de abril de 1840

Nota M, *pag 420*

D. Catharina de Sousa e Holstein, condessa das Galvêas, nasceu a 22 de agosto de 1826 D. Anna de Sousa e Holstein nasceu a 5 de Junho de 1828.

Nota N. *pag. 420*

Seria grave omissão não declarar que a sr.ª D. Leonor da Camara (hoje marqueza de Ponta Delgada) foi a pessoa a quem coube a honra de superintender regularmente a educação de S. M. de quem fôra nomeada dama: e que esta senhora, que residia em Lisboa com a sua familia, assim que lhe constou por via do marquez de Palmella a importantissima missão que lhe era destinada, não hesitou em sacrificar o seu descanço e correr o risco de uma evasão da capital para obedecer ás inspirações de seu coração e da sua lealdade.

Nota O, *pag. 422*

A condessa d'Alva falleceu em Paris a 28 da abril de 1829.

Nota P, *pag. 422*

D. Pedro de Sousa e Holstein, nasceu a 8 de janeiro de 18[illegible]0 e falleceu a 6 de março do mesmo anno.

Nota Q, *pag. 422*

Tendo oito para nove annos de edade começou o estudo do latim na aula das Necessidades sob a direcção do professor padre Fernando Garcia. Este curso foi interrompido pelo desterro do marquez de Palmella em Borba no anno de 182 . Alli cuidou o marquez pessoalmente da educação de seus filhos, e teve a satisfação de ver D. Alexandre fazer rapidos progressos no latim, em historia, em geographia, nos principios elementares das mathematicas, bem como no francez e no inglez. Desde 1823 até 18 5 frequentou novamente a aula das Necessidades. Em 1825 acompanhou seu pae a Inglaterra, e como se destinasse á carreira das armas, foi admittido no collegio militar de Sandhurst. Destinava-se a frequentar a universidade de Coimbra em 1828, tendo assentado praça n'um corpo de artilheria de Portugal; mas os successos politicos o obrigaram a embarcar no Porto a bordo do vapor *Belfast* por occasião da entrada das forças de D. Miguel n'essa cidade. O nome do joven conde (que contava então dezeseis annos) foi comprehendido na famosa sentença da alçada miguelista e comdemnado a degredo perpétuo para a India, visto (dizia a sentença) haver provas sufficientes de que, pelo desenvolvimento da sua intelligencia, estava ao facto da gravidade do crime que commetia. Desde então até o fim de 1830 seguiu os cursos da universidade de Londres; e limitâmo-nos a copiar um extracto dos honrorissimos certificados que obteve dos professores d'esse instituto, porque dão idéa cabal do seu merito.

CERTIFICADOS DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

—No exame dos estudantes de philosophia natural do curso de 1828-1829, que teve logar a 9 de julho de 1829 o conde de Calhariz foi collocado na primeira classe, e teve o primeiro premio d'esta faculdade.=(Assignados) *H. Brougham*, *Lansdowne*, menbros do conselho. = *D. Lardner*, lente da faculdade = *L. Horner*, cancellario.

—No exame dos estudantes de philosophia natural (divisão superior) do curso de 1829-1830, que teve logar a 1[illegible] de julho de 1830. o conde de Calhariz foi collocado na primeira classe = (Assignados) *H. Hallam*, *J L. Goldsmid*, membros do conselho. = *D. Lardner*, lente. etc. = *L. Horner*, cancellario.

—No exame dos estudantes de mathematicas elevadas (divisão superior) do curso de 182 - 18 0, que teve logar a 14 de julho de 1830, o conde de Calhariz foi collocado na primeira classe. = (Assignados) *H. Hallam*, *Sandon*, membros do conselho. = *A. de Morgan*, lente, etc. = *L. Horner*, cancellario.

—Certifica-se que o conde de Calhariz frequentou assiduamente o curso de chimica em 1828-1829, servindo este documento para manisfestar a nossa approvação pelo modo por que elle figurou nos exames publicos da universidade. Teve a medalha de ouro da universidade como o mais distincto estudante d'esta classe =(Assignados) *H. Brougham*, *Aukland* membros do conselho.=*E. Turner*, lente, etc.=*L. Horner*, cancellario.

—No exame dos estudantes de grego do curso de 1829-1830, que teve logar a 14 de julho de 1830, o conde de Calhariz foi collocado na primeira classe, e teve o primeiro premio. = (Assigados) *H. Hallam*, *Sandon*, membros do conselho. = *G. Long*, professor. = *L. Horner*, cancellario.

Em Paris frequentou como alumno externo varios cursos da Sorbona e do Jardim das Plantas no anno de 1831.

Estava justo a casar com sua prima D. Isabel de Sousa Botelho, filha dos condes de Villa Real; e póde dizer-se que só esta e mui innocente paixão experimentou durante a sua curta vida: pois que, bem differente da maior parte ou talvez de todos os mancebos da sua edade, conservou-se sempre immaculado, não obstante a sua livre e inteira comunicação com a sociedade, e a viveza e alegria natural do seu genio despido egualmente de hypocrisia e de aspereza.

No inverno do anno acima indicado partiu para a ilha de S. Miguel por causa da affecção pulmonar de que havia sido atacado; e aggravando-se essa infermidade, falleceu em Ponta Delgada aos 21 de junho de 1832.

O *Jornal dos Debates*, de Paris, publicou logo depois d'esta funesta perda o seguinte artigo necrologico:

«D. Alexandre de Sousa e Holstein, conde de Calhariz pirmogenito do marquez de Palmella, acaba de fallecer na ilha de S. Miguel depois de uma prolongada e dolorosa molestia. O joven conde, que apenas contava vinte annos, fazia toda a ventura da sua familia, e era já um ornamento da sua patria, tanto pela cultura de seu espirito, como pela elevação do seu caracter e bondade do seu coração

«Em 1828, tendo apenas dezeseis annos, partiu para o Porto a fim de reunir-se aos defensores da rainha D. Maria II e das liberdades portuguezas, affrontando os perigos com alegria propria da sua edade. e com os sentimentos do homem feito.

«Regressando a Londres, viu-se destituido da opulencia em que fôra educado. As privações só pareciam tocal-o por causa da familia. Foi um dos primeiros alumnos da universidade de Londres distinguindo-se entre os estudantes mais espirituosos e applicados, e grangeando os primeiros premios Tendo concluido os seus estudos na universidade de Londres veiu estabelecer-se em Paris onde cultivou as sciencias exactas e as naturaes com ardor tal que contribuiu muito para o prompto desenvolvimento da sua enfermidade.

«O empenho em ser util á sua patria suggeriu-lhe a idéa de reger um curso de physica e chimica, admittindo n'elle alguns seus amigos e compatriotas então residentes em Paris, para que mais tarde se generalisassem em Portugal estes estudos. O joven professor houve se de um modo muito distincto, exprimindo-se com muita clareza e ao mesmo tempo com uma bem rara modestia

«A molestia fazia porém rapidos progressos. O conde de Calhariz sahiu de Paris, e partiu com sua mãe para a ilha de S. Miguel, onde succumbiu apesar dos esforços de habeis facultativos e dos cuidados de seu pae e de sua mãe de quem era idolatrado. No meio dos seus padecimentos nunca se mostrava occupado de si, mas só de sua familia e do porvir da sua patria.

«Quando lhe annunciaram que devia receber os sacramentos respondeu candidamente: Já tinha pensado em cumprir esse dever, mas julguei que poderia esperar que partisse a expedição para não perturbar meu pae nas suas occupações.» Esta linguagem é na verdade tocante, e bastava para fazer o elogio do joven conde de Calhariz, cuja perda foi uma desgraca cruel para a sua familia, e objecto de terna saudade para todos os seus amigos.»

Nota R, *pag. 423*

Auxiliado pelos esforços patrioticos do seu amigo Luiz Antonio de Abreu e Lima (hoje visconde da Carreira), de Rodrigo da Fonseca Magalhães, e pelos meios pecuniarios grangeados por Henrique José da Silva (hoje barão de Lagos), e pelo barão de Quintella (hoje conde de Farrobo).

Nota S, *pag. 423*

No reinado antecedente havia sido nomeada dama de Santa Isabel, e tinha a ordem hespanhola de Maria Luiza.

Nota T, *pag. 424*

D. Francisco de Sousa e Holstein nasceu a 20 de abril de 1838.

Nota U, *pag. 424*

D. Thomaz de Sousa e Holstein nasceu a 31 de dezembro de 1839.

Nota V, *pag. 425*

D. Maria de Sousa e Holstein nasceu a 4 de agosto de 1841.

Nota X, *pag. 425*

D. Filippe de Sousa e Holstein nasceu a 16 de dezembro de 1841.

MEMORIA HISTORICA

DE

J. XAVIER MOUSINHO DA SILVEIRA

Lisboa — 1849

> Intentou egualar a republica e dar-lhe complemento: tinha-o pela mais bella coisa, e o era.
>
> PLUTARC, AGIS.

José Xavier Mousinho da Silveira, da herdade da Silveira, do conselho do sr. rei D. João VI, seu ministro da fazenda; depois secretario d'Estado da mesma repartição e da justiça, de S. M. I. o Duque regente D. Pedro durante a expedição dos Açores e no cêrco do Porto, deputado em côrtes em 1834 e 1840; nasceu em Castello-de-Vide no Alemtejo em 12 de julho de 1780, morreu em Lisboa em 4 de Abril de 1849.

Mandou por testamento que o seu corpo tivesse jazigo na ilha do Corvo, nos Açores.

N'estas palavras simples, escriptas sem nenhum apparato em um papel destinado a viver um dia — mas que Portugal e a sua historia devem gravar n'aquellas tabuas perpetuas que sobrevivem ás mesmas nações, está dita em seus principaes capitulos a existencia toda de um homem distincto, e que decerto foi muito superior a esses improvisados *grandes homens* vulgares de que a nossa epocha abunda.

Já que, n'este babel em que vivemos, tudo passa inapercebido no meio da confusão de todo o pensar e sentir; já que esta é a terra classica da ingratidão, regada pelo Lethes do Desmazello e do Não-se-me-dá da mais estupenda caducidade em que pode cahir um povo — quero eu pôr sôbre a sepultura d'este bom patriota um *memento* ao menos, dos que em tantas sepulturas tenho posto, para que no dia em que os nobres sentimentos acordarem em Portugal, não succeda procurar-se onde jaz — e não o saber já ninguem.

Menos feliz do que o pobre puritano escocez de W. Scott, que andava avivando as inscripções obliteradas dos seus martyres, eu apenas posso ir pondo estas cruzes de madeira tosca nas malassignaladas covas dos bons portuguezes que nos vão deixando. E devo de ser mais ridiculo personagem: o caso é para isso, e o paiz tambem.

Demais que nem fanatico sou: conheço os erros, discordo em doutrinas d'aquelles mesmos cuja memoria venero e a desejo ver acatada, não como proselyto ou correligionario que seja, mas como portuguez a quem doe o culposo descuido dos seus.

Seja qual fôr o juizo que d'elles se forme, e o sentimento com que se considerem os muito notaveis actos da vida publica de certos homens superiores, não é possivel deixar de reconhecer n'elles essa superioridade que lhes fez crear uma epocha transformando a sociedade, e determinando, na vida de um povo, crises graves, d'onde lhe começa nova existencia.

Mousinho da Silveira foi um d'estes homens. Primogénito de uma familia considerada na sua provincia, herdeiro de um vinculo de alguma importancia, dedicou-se ás lettras e seguiu a vida da magistratura. Depois de fazer os logares de juiz-de-fóra de Marvão (*a*) e de Setubal (*b*), onde seus ditos agudos e originaes são ainda lembrados, achava-se no anno de 1820 provedor em Portalegre (*c*).

A reputação da intelligencia e probidade que adquiriu no exercicio d'estes cargos, sua instrucção não vulgar, e a conhecida adhesão aos principios da reforma proclamada pela revolução d'aquelle anno, lhe alcançaram muito grande consideração no partido que então regia os negocios publicos, e de cujos membros mais influentes era, além d'isso, amigo pessoal e intimo.

Para logo foi chamado á capital, e lhe confiaram o importante logar de administrador geral da alfandega de Lisboa, onde então se requeria um homem de lei, magistrado experiente e consumado, que soubesse e dese-

(*a*) Nom. 1808.
(*b*) Nom. 1813.
(*c*) Nom. 1817.

jasse julgar com acerto nas continuas e difficeis pendencias que alli se movem, e que não é para homem leigo, por muito habil e zeloso que seja, decidir sem inconveniente. Juiz entre os interesses do fisco e os dos particulares, fomentador, não vexador do commercio, o chefe d'aquelle vasto estabelecimento não póde ser um mero collector de tributos, um publicano: é tambem um magistrado protector do commercio, da navegação e da industria nacional.

Assim entendia, e assim exercia Mousinho o seu cargo: e nada perdeu o fisco, antes ganhou immensamente com a sua liberal administração, que fez render mais a alfandega de Lisboa do que ha muitos annos não produzia.

Absorvido por estas graves occupações, não tomou parte nas contendas politicas em que tudo então fervia; antes, seu espirito recto e eminentemente pratico, naturalmente fugia d'aquellas supremas questões de theoria, d'aquellas luctas dogmaticas em que a revolução se gastava, tripudiando, para assim dizer, em torno da arvore dos preconceitos e dos abusos, que medrava e robustecia mais com esses tripudios, em quanto — segundo elle — era mister tomar, de ambas as mãos, o machado de reforma, decepar e extirpar.

Fôsse essa a causa ou fôssem outras com ella, os primeiros mezes do anno de 23 viram ir-se fundindo a revolução, evaporado seu calor sem nenhum effeito, e a contra-revolução levantando audazmente a cabeça por toda a parte.

Pelos fins de Maio, as côrtes pediram directamente a El-Rei a demissão do ministerio, e se improvisou novo gabinete, no qual deram a Mousinho a pasta da fazenda *(d)*. Recusou a nomeação: mas El Rei não quiz acceitar escusas, e terminantemente lhe ordenou que entrasse no exercicio de seu novo cargo.

Poucos dias, e quasi se póde dizer, poucas horas, durou aquelle gabinete, assim como a revolução que o produzira em suas ultimas agonias.

A rebellião do regimento do 23 de infanteria, a conspiração e a fuga do Infante foram em breve imitadas pelos outros corpos da guarnição de Lisboa, e em fim pelo mesmo Rei; a quem, todavia, já não restava mais opção do que entre seguir e sanccionar a revolta ou ser desthronado por ella.

Todos os outros ministros abandonaram os seus postos e as suas pastas com a ausencia d'El Rei: Mousinho entendeu que a natureza especial do ministerio que lhe fôra confiado não permittia que elle fizesse outro tanto.

Permanecer de guarda ao thesouro publico, velar porque a anarchia não desbaratasse tudo n'uma capital deixada sem governo — pareceu-lhe que era seu principal dever. No tremendo impulso de furor com que vinha a reacção, o acto foi certamente audaz.

Muitos mui variadamente teem julgado da resolução do ministro constitucional que ousava sobreviver á constituição. Como simples escrivão n'este processo, eu narro os factos: e juntando os principaes documentos, faço tudo concluso á opinião que deve julgar.

Tenho deante de mim a representação original do ministro a El Rei, e a resposta d'este, escripta á margem do proprio punho do monarcha, registado tudo na secretaria — segundo os antigos stylos de chancelleria que ainda então se usavam.

O documento pertence á historia; vou transcrevêl-o por inteiro.

Representação

Senhor, V. M. foi servido ordenar-me que acceitasse o emprego importante de ministro e secretario d'Estado dos negocios da fazenda, e foram baldadas minhas supplicas, e meus motivos de escusa. V. M. ordenou; e eu obedecei como devia.

Collocado n'esta situação, não me atrevo a largar meu posto sem receio de desagradar a V. M. e de accelerar os horrores da anarchia, e vou persistindo n'elle apezar do risco de minha vida.

Como não posso mandar coisa alguma, senão em nome de V. M., me limito a vigiar sobre a segurança e tranquillidade dos habitantes d'esta bella cidade: e fique V. M. na certeza de que nenhuma quantia sahirá do thesouro por ordem assignada por mim, ainda que a minha obrigação me exponha a perder a existencia, salvo unicamente alguma indispensavel para a conservação do todo, e da tranquillidade publica.

Não cuide V. M. por isso que eu pretenda affiançar a segurança da cidade, ou a conservação dos fundos publicos; pelo contrario julgo tudo arriscado, se tardarem as providencias do Throno. V. M. mandará o que for servido. — Lisboa, 31 de Maio de 1823. — *José Xavier Mousinho da Silveira.*

Resposta á margem do proprio punho d'El-Rei

Pela proclamação, que remetto, e que o Mousinho fará já publicar, verá os principios que tenho adoptado; e para executar as minhas ordens virá pessoalmente recebel-as de mim.

R.

Paço de Villa Franca em 31 de Maio de 1823.

Registado a folhas 80 do livro 7.° de decretos.

(d) Nom. 28 de Maio de 1823.

Partiu em obediencia a estas ordens; e cordealmente foi recebido do bom Rei, que o tratou sempre com a mais distincta benevolencia.

«Senhor, disse o Ministro ao monarcha logo nas primeiras palavras, V. M. não tem que escolher senão entre dois caminhos, ambos extremos e ambos perigosos. Ou Tito ou Nero.» Já escolhi, respondeu o Rei, quero ser Tito.— E é sem duvida que o animo bondoso e indulgente d'aquelle infeliz principe sympathisava com os que se atreviam a confortal-o em sua natural disposição. *Atrever-se* é a palavra exacta: porque nos tempos odiosos e odientos de uma reacção é preciso grande audacia para falar em generosidade e indulgencia.

Porque são tam vingativos os covardes? Porque são tam zelosos e justiceiros os indignos? A resposta é facil: e todos os dias no-l'a estão dando os factos.

Não era possivel que o partido violento e exacerbado da reacção tolerasse muito tempo no gabinete um homem cujos principios tam conhecidos eram, e que timbravam de falar verdade ao Monarcha infelicissimo cuja coroa e cuja cabeça estavam proscriptas nos conciliabulos da facção absolutista.

Accusado a El Rei de *pedreiro-livre* pelo ministro da justiça Marinho—confessou francamente que tinha pertencido a essa associação; mas sustentou que ella era innocente, e assegurou a El-Rei que, sob essa côr e pretexto, os facciosos do dia o queriam privar dos seus mais seguros amigos. Bem o conhecia o pobre do Rei: mas que valia conhecel-o? Elle nunca fôra menos Rei, nem tivera menos auctoridade do que desde que lh'a pretendiam sustentar tam absoluta.

Mousinho pediu a sua demissão, que promptamente lhe foi dada, mas com todas as considerações de fórma e de benevolencia com que o bom Rei quiz distinguir o ministro de que o privavam. O decreto por que foi acceita a demissão é de 19 de junho de 1823, que o manda voltar ao emprego de administrador geral da alfandega e lhe conserva as honras de ministro: distincção que n'aquelle tempo não era ainda banal e de tarifa.

Por esta mesma occasião lhe foi dado o titulo de conselheiro; notavel atrazo na civilisacão d'aquella epocha! No quarto de seculo ora decorrido temos andado um millenio! Pois então ainda passaram dois annos mais para lhe concederem o fôro de fidalgo cavalleiro, que tem no alvará a data de 8 de agosto de 1825.

Parecerá incrivel a qualquer dos nossos caixeiros da baixa—e da alta tambem: pois é verdade; Mousinho da Silveira morreu sem nenhuma outra distincção. E é certo que as não desprezava por principios, nem se tinha em tanto que por demazia de orgulho as não quizesse.

A sua despedida d'el rei no acto da sahida do ministerio merece commemorar-se e não posso fazel-o melhor do que transcrevendo aqui um apontamento autographo do mesmo ministro em que a descreve n'aquella phrase tam solta e original que era o seu estylo caracteristico.

Memorandum

No dia 19 por noite fui á Bemposta, levando a S. M. o decreto da mesma data creando um fundo de amortisação; e quando elle acabou de assignar, eu que sabia da minha honrosa demissão, lhe disse: «Senhor, Deus sabe tudo, os homens nada sabem: e queira o mesmo Deus que V. M. tenha sempre, nos seus tempos felizes, homens que lhe digam a verdade com a mesma coragem com que eu a disse nos seus tempos desgraçados em defeza de V. M., e dos direitos dos homens.» S. M. ouviu com agrado; e como fôsse para assignar o decreto que me demittiu, eu, que estava sentado á direita, fui andando á roda da meza para a esquerda, e quando elle acabou lhe dei muitos beijos na mão para indicar o meu agradecimento e prazer. Depois disse-lhe: «Estou sempre prompto para servir a V. M. em qualquer logar ou emprego, seja em Cabo-Verde ou na Europa, seja no mais elevado, ou em alcaide; mas como V. M. me admittiu no seu conselho, e n'elle me conserva, devo dizer a V. M. que nunca forme juizo de alguem pelo que lhe disserem, mas sim pelos factos que observar; que deixe a cada um as relações entre Deus e elle, porque só Deus póde ajuizar d'ellas; que premeie as virtudes e que puna os delitos segundo as provas. Quanto a mim, servi com zêlo nos tempos constitucionaes, servirei com zêlo n'estes tempos, porque o homem de bem não cogita tanto da pessoa que governa, como do bem publico, governe quem governar.» Então beijei a mão a S. M. e me retirei.

Nas ultimas palavras d'este memorandum está consignada a profissão de fé politica de um homem que todavia mais serviços fez do que nenhum ao seu partido. Não sei como esse partido possa censural-o. Comprehendo a accusação de revolucionario e de radical que lhe fazem outros; entendo que esses lhe chamem fanatico de liberdade e de liberalismo. E' certo que não declamava como Graccho; mas a lei agraria fel a elle sem gritaria.

Fez bem, fez mal?—Não quero responder eu, e sobre tudo aqui. Os factos falarão, e já vão falando por si e por elle.

Não antecipemos.

Mousinho voltou ao seu antigo cargo da administração da alfandega, que serviu com todo o zelo e accrescentado proveito para a fazenda. Honrado do Principe, respeitado na côrte, e geralmente estimado, ainda dos mesmos que, por mais facciosos e por adversos a seus principios politicos, o temiam, viveu tranquillamente todo o tempo que decorreu desde então até ao famoso mez de Abril de espantosa memoria.

Mas um homem que juntava, como elle, os dois imperdoaveis crimes de ser, ao mesmo tempo, liberal e amigo do Rei, não podia deixar de ser proscripto pelos facinorosos da Abrilada. Fiado em que não tinha culpas, em que se tinha reduzido á inactividade politica, elle esperava tranquillo em sua casa o desfecho da tempestade. Não tardou a apparecer-lhe um agente dos revolucionarios para o prender. E Mousinho resistiu, não se deu á prisão, protestando que sem licença do secretario d'estado não podia ser preso por seu privilegio de ministro honorario.

O magistrado que fazia a prisão hesitou, e cedeu por fim deante da energia e decisão que não esperava; mas depressa voltou armado da ordem da secretaria, porque um dos principaes conspiradores d'aquelle dia era o ministro do reino, e foi portanto facil dar em nome d'El-rei todas as ordens que os facciosos queriam contra o Rei e contra seus amigos.

Foi preso Mousinho, e permaneceu no castello até que, posto El-Rei a salvo na nau ingleza *Windsor Castle*, a conjuração deixou de ter objecto, os conjurados desanimaram; e, restabelecido o predominio da ordem legal, Mousinho obteve, com as outras victimas designadas, a liberdade.

Immediatamente se apresentou a El Rei, que o recebeu com as mais vivas demonstrações de agrado e de consideração.

No resto do seu reinado, durante a regencia da Senhora Infanta D. Izabel, viveu quietamente.

Seus modos francos e originaes, a transcendencia do seu espirito e um honrado proceder lhe grangearam a amizade dos dois embaixadores que entre si dividiam toda a influencia da epocha e da situação. Com o de França, Mr. Hyde-de-Neuville, era intima e cordial a sua amizade. Ao de Inglaterra, Sir W. Accourt (lord Heytesbury) não devia menor estima. N'este circulo diplomatico em que vivia se distinguiam tambem, entre outros, o barão de Palencia, ministro da Russia, e aquelle nosso bom, galante e de tão saudosa memoria o cavalheiro Dalborgo, tantos annos encarregado de negocios de Dinamarca na nossa côrte, hoje residente na de Madrid, onde suas amaveis qualidades lhe obtiveram a mesma estima e affeição, e onde, pela generosidade com que, n'aquelle paiz classico das proscripções, estendeu a bandeira dos antigos reis dos mares sobre tanta victima do fanatismo politico, mereceu que a Rainha catholica o saudasse do bem avindo titulo de barão do Asylo.

Merece referir-se, porque melhor faz conhecer o homem e avaliar seu caracter, que, ao mesmo tempo que assim vivia com o corpo diplomatico e com as pessoas que então se podiam chamar do partido d'El Rei ou moderado, Mousinho conservava sempre suas antigas relações de amizade com muitos dos principaes influentes no partido retrogado, das violencias, ou, para o definir melhor, do Infante. Sua velha e constante amizade com a então omnipotente familia dos Guiões nunca foi alterada. Tão pouco se mudou depois quando á fortuna a desamparou, e a maior parte dos outros amigos se lhe foi com ella.

Em fim, depois das longas e terriveis oscillações que fazem a palpitante historia dos cinco annos decorridos de 23 a 28, Mousinho teve de emigrar; e lá foi confundir-se, no exilio, com todos os diversos matizes de côres politicas que expulsava da patria a predominante e intolerantissima bandeira vermelha da facção absolutista.

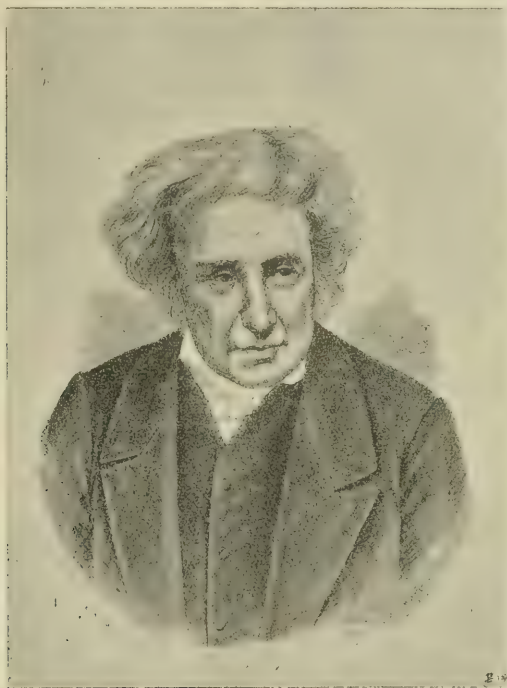
Paris, a patria commum, e a capital da Europa pela intelligencia, acolheu benignamente o illustre proscripto. Alli se fixou com sua familia, rodeado da sympathia dos muitos amigos que o souberam estimar e apreciar: sympathia que elle se fazia timbre de apregoar, lhe não foi esteril nas horas da appertura. Sobre todos principalmente se ligou com a familia Sampaio alli estabelecida, ramo da que tam conhecida e estimada é entre nós, bem como em Inglaterra. Ao chefe d'aquella familia, hoje fallecido, Antonio Sampaio, homem notavel, de conhecimentos e caracter não vulgares, deveu obrigações e favores que por toda a parte e com a sua costumada franqueza engrandecia sempre.

Assim viveu, feliz quanto um desterrado póde sel-o, na grata conversação de bons amigos, e estudando practicamente as instituições e os homens, lendo bastante, meditando mais, e fazendo, á guiza de todos os emigrados, projecto sobre projecto, plano sôbre plano. Dos seus porém deve dizer a justiça que nenhum era de engrandecimento pessoal, que todos tinham por objecto a patria que deveras amou, e a liberdade da sua terra que sinceramente tinha no coração.

O Soberano por cuja causa tanta e tam boa parte de um povo tinha sido obrigada a

emigrar, não tardou a ver-se proscripto tambem, e a vir encontrar no exilio os que tanto tinham clamado por seu nome, e clamado em vão! — por que lhes acudisse.

Mas o surdo era o Imperador do Brazil; e quem voltava á Europa era o duque de Bragança.

Este, apenas chegado, um dos primeiros portuguezes que chamou aos seus conselhos de França a organisar-se nos Açores: e Mousinho, que inteiramente se tinha apoderado do animo de D. Pedro, aproveitou esta occasião unica *certamente unica*, e é preciso, para ser justo e poder avaliar devidamente as coisas, não esquecer a circumstancia — aproveitou, digo, aquella occasião certamente unica, para fazer acceitar e converter em leis as suas reformas radicaes e tremendas.

JOSÉ XAVIER MOUSINHO DA SILVEIRA

foi Mousinho da Silveira; e apenas resolveu pôr-se á frente da causa portugueza, enviou-o á Inglaterra com amplos poderes para contrahir emprestimos, prometter recompensas, estipular e diligenciar quanto fosse a bem da expedição que meditava contra o governo de Lisboa.

D'ahi a pouco, em 3 de Março de 1832, foi nomeado ministro da fazenda de D. Pedro, que assumiu a regencia em nome de sua augusta filha, e interinamente encarregado da pasta da justiça.

A expedição, com o regente á testa, sahiu

Devemos confessál-o: tremendas. Tremendas para todo o paiz a que se appliquem, por maiores que sejam os bens que d'ellas venham ou possam vir. Porque a terra, a industria, a familia, a governação, a administração, toda em fim a constituição material e social do reino foi revolvida de alto a baixo por essas leis formidaveis, que de uns escolhos negros de basalto do meio do Atlantico arremessava sobre a velha terra de Portugal o proscripto ministro do ex-imperador do Brazil.

Admiravel concurso de circumstancias, e

que me parece não ter precedente na historia das nações! Um Rei que abdicara duas corôas, que tinha abandonado a patria natural por outra de sua adopção; expulso agora da terra adoptiva e volvendo-se á que lhe dera o ser — e onde ao pé de seu berço tinha de vir achar tão precoce sepultura — um Rei que, alterando o que se chamava a ordem legitima, tinha fundado um imperio no mundo republicano — esse mesmo Rei, nos indecisos confins do Oceano, entre a America d'onde sahia, e a Europa onde ainda não voltára, arrojava em seus decretos reaes, sobre o antigo hemispherio monarchico, tão fortes germes de democracia, que nenhum plebiscito votado nos mais turbulentos comicios populares os conteve ainda tão poderosos.

Isto fez D. Pedro, duque de Bragança, ex-rei de Portugal, ex imperador do Brasil, regente em nome da Rainha D. Maria, sua augusta filha - nos Açores, e depois no Porto.

E em quanto seus outros ministros corriam com as difficuldades da diplomacia, da guerra — luctavam com o presente uma verdadeira lucta de gigantes — Mousinho pensava no futuro, e, pela bocca do Principe, cuja confiança alcançára, dava leis ao porvir.

Seja qual for o ponto de que se considerem, forme-se o conceito que se formar d'ellas, é inquestionavel que as leis de 16 de Maio, de 30 de Julho e 13 de Agosto de 1832 são um grande monumento, são o termo onde verdadeiramente acaba o velho Portugal e de donde começa o novo.

Muito se tem feito — ou antes, muito se tem desfeito n'este paiz desde a restauração até hoje; mas os golpes cerceos no tronco velho e caduco foram aquelles. Se ha futuro para nós, hade vir por ali. N'outro não pensem, ninguem o espere que o não ha.

Amigo intimo, como fui, de Xavier Mousinho, sabido, como é, em Portugal, de toda a gente, a larga cooperação que tive em seus trabalhos; devo n'este logar ao publico, devo á sua memoria, e a mim mesmo, declarar solemnemente que muitas vezes discordámos, em muito ponto disputámos, e que no modo especialmente, nas questões de circumstancias e de tempo, nos detalhes de muita coisa eu fui quasi sempre vencido, não tanto pela auctoridade do logar, quanto pela da pessoa. A deferencia devida á edade, a serviços, a consideração tam superior me fizeram callar muitas vezes: — e d'isso me arrependo profundamente — quando era meu dever falar, insistir — principalmente com um homem com quem a razão podia tanto e que não temia a verdade.

Deus sabe, e sabe muita gente n'esta terra que ha bastantes annos eu tenho andado a fazer *versiculos* — e *prosiculas* tambem — de que nunca revendiquei nem revendicarei honras nem proveitos que outros se teem levado. Se faço aqui ésta declaração, é para que me não attribuam meritos que não tenho; e por me accusar de uma falta grave que commetti, especialmente na redacção da lei dos foraes que tantos males causou. Eu devia ter empenhado toda a amizade, toda a infinita consideração que devi ao illustre auctor d'aquelle memoravel plebiscito, para que a sua fórma e sentença fossem elaboradas com uma clareza e individuação que realmente lhe faltam.

Outra consideração — e essa mais superior — convem fazer n'este logar. Da ordem de coisas, da ordem social, administrativa e economica que a dictadura de D. Pedro instituiu em Portugal sobre as ruinas da antiga constituição do reino, aquellas leis não continham nem podiam conter senão as bases. Apenas as promulgou, Mousinho sahiu do poder, perdeu todo ascendente no animo do Principe que a ellas ligou o seu nome; e não voltou mais a ter auctoridade nem influencia politica em Portugal. A sua obra, apenas esboçada, arrebataram lhe das mãos, foi entregue a outros, que pela maior parte a não entendiam, que a detestavam alguns, que a menosprezavam muitos, que a não pôde, ou não soube ou não quiz seguir nenhum — nenhum sem excepção.

É certo, sim; hoje nos achamos entre um passado impossivel depois d'aquellas leis - entre um futuro tremendo porque é obscuro, insondavel e de nenhum modo preparado — e com um presente tam absurdo, tam desconnexo, tam incongruente, tam chymerico, tam ridiculo emfim, que se a perspectiva não viesse, como vem, tam cheia de lagrimas, seria para rir e tripudiar de gosto, ver como vivemos, como nos tributamos, como nos administramos, como somos em fim um povo, uma nação, um reino!

E vem, não ha duvida, direitamente vem d'aquellas leis o nosso estado. Sim vem, porque a abolição dos foraes, a extincção dos dizimos, porque a divisão da auctoridade fiscal, administrativa e judicial queriam outra ordem de politica, de governo, de tudo. Queriam emendas e melhoras progressivas no systema, queriam simplificadas as fórmas, queriam severidade na vigilancia, rigor nos methodos, e coherencia, sobre tudo, mais que tudo, acima de tudo, coherencia, concordancia, logica e harmonia nos diversos ramos da governação do Estado. E nós temos andado as apalpadellas na obscuridade, descrevendo o mais vicioso dos circulos, entre o velho e o novo, entre o Deu-

teronomio e o Evangelho; máos judeus e máos christãos, nem a circumcisão nem o baptismo nos salva.

Circumvagamos a aridez do deserto, corremos após miragem e miragem: — agua para ésta sêde não a ha, nem maná pára ésta fome. Aarões, de má ou de boa fé, nos tiraram os anneis dos dedos, e as arrecadas das orelhas, para fazer bezerros de ouro, deante dos quaes nos prostrámos por nosso mal. — Mas dos errores em que, por éstas causas, temos vagado no deserto das innovações, terá porventura a culpa o Moisés que nos fez sahir do Egypto do antigo regimen, onde nos era impossivel demorar mais, que nos fez atravessar a pé enchuto o mar vermelho das guerras civis, que nos deu as tabuas da lei, que nos trouxe aos confins da terra promettida, e que cahiu de fadiga e cansaço antes de completar a sua obra?

D. Pedro IV e a sua Carta, D. Pedro Regente e as suas leis não fizeram, não podiam fazer mais do que *proscrever o passado*, e *indicar* o *futuro*. Poder se-ha dizer que fizeram de mais. Alguem o sustenta; e não questiono aqui a razão, nem a sinceridade, nem o desinteresse com que o possam dizer. Que fizeram de menos: não póde dizel o ninguem de boa-fé.

Demorei-me n'estas considerações que parecerão graves e ponderosas de mais aos que esperassem ver na biographia de um homem d'Estado, as pequenezes da existencia individual envolvidas nos vãos franjados de phrases academicas. Não sei como isso se faz, nem o faria quando o soubesse.

No primeiro de Janeiro de 1833 Mousinho da Silveira foi demittido. Nas difficuldades em que se achou o thesouro do Regente, era necessario recorrer a meios que elle não queria nem sabia adoptar. A sua demissão foi necessaria. Teem querido attribuil-a a intrigas Póde ser que as houvesse: mas é certo que não era com o rigor dos principios, que elle exaggerava até os extremos da innocencia, que o Porto podia ser salvo, nem fornecida a caixa militar da expedição.

Nomeado d'ahi a poucos dias director geral de todas as alfandegas do reino, obteve licença para ir a França; e deixou o Porto em Março de 33.

Em fins do anno seguinte voltou para Lisboa a exercer seu importante cargo, e a tomar assento na camara dos deputados pela sua provincia do Alemtejo.

Mousinho não era orador; todas as partes lhe faltavam para isso. Mas um homem de coração e de intelligencia, ainda que não brilhe na tribuna, marca sempre o seu logar n'essas grandes reuniões em que geralmente tudo é pequeno. Nas duas questões verdadeiramente graves que occuparam aquella assembléa, a das indemnisações e a dos bens nacionaes, distinguiu-se pela estrenua defesa da verdade e dos interesses publicos contra a cegueira das opiniões facciosas e contra a rapacidade dos interesses pessoaes.

Na questão das indemnisações triumphou a boa razão e a politica esclarecida; alguns oradores distinctos lhe deram seu apoio: e Portugal foi salvo de uma vergonha e de um flagello.

Com a dos bens nacionaes não houve tão feliz sorte. Malbaratados em desgraçadas vendas, quasi nada produziram para o estado; e os empenhos da guerra da restauração que Mousinho queria pagar com elles, ahi teem crescido de juros em juros, de fataes em fataes operações, até chegarem a ser, como hoje são, o pesadello de ferro d'este desgraçado paiz, que o não deixa, nem deixará jamais acordar do seu torpor mortal. Porque, sue elle quanto sangue tem sob a pressão dos tributos, não dá nem pode dar bastante para pagar os juros da divida e acudir á despeza corrente.

Além de que, e essa é a maior calamidade que resultou de se não remir logo a divida extrangeira com os bens nacionaes — Portugal não enviando ao mercado exterior bastantes productos para ter alli valores com que supprir suas obrigações, é consequencia inevitavel ter de exportar numerario, com o que se desangra mais e mais, até chegar ao estado de consumpção em que o vemos, sem esperança nem quasi possibilidade de remedio.

Com serem espantosas, são nada as miserias do thesouro, comparadas com a penuria e abjecção de um paiz que não pode fazer vinte leguas de estrada; que não tem postas que não tem um canal, que não fez navegavel um só de seus rios, que não possue duas braças de carril de ferro, que não tem um barco de vapor para longa navegação.

E este paiz está na Europa, e situado, a respeito do mundo civilisado, em tal posição geographica, que podia ser o centro d'elle, — e Lisboa o emporio, a Constantinopla do mundo novo.

E que se esforça, em continuas convulsões, a miseravel ambição de tanta gente para governar uma coisa que não tem, que não póde ter, a que elles não querem, e sobretudo não sabem dar governo!

Mousinho commetteu o crime que eu não sei se commetti já tambem — o crime que os Romanos puniam com tanto rigor: desesperou da causa da patria. Comprehendo que em Roma — quando ella era aquella Roma cujo nome só ainda faz bater os corações — similhante crime fosse punido. Aqui, onde

está a mão para se levantar e accusar? E quem — quem ousará sentar se ao julgamento?

Pelos meados de 1836 a despondencia de animo em que se achava, fez com que Mousinho recusasse a nomeação de Par do reino que lhe foi offerecida pela administração Palmella. Erro ou acêrto, não acreditou que a instituição fosse util nem sustentavel no estado do paiz — no estado em que elle, com seus decretos radicaes, tinha collocado o paiz: não quiz fazer parte d'ella.

Em breve appareceu a revolução de Setembro d'esse anno. Parecia que vinha darlhe razão: mas tambem não sympathisou com ella. Demittiu-se do seu cargo; e depois dos acontecimentos de Belem, foi viver para a França, onde residiu até que em 1849 a eleição da sua provincia o tornou a chamar á camara dos deputados.

Já não era porém o mesmo homem que nos voltava. Sem edade para estar velho, a molestia do figado que padecia, os trabalhos publicos, e desgostos particulares tambem, lhe tinham summido a energia e attenuado a lucidez de sua bella razão.

Assim explicámos todos os seus amigos vel-o inconsideravelmente involvido em questões de grande mas privado interesse que não era o seu, e nas quaes, por cegueira de amizade, todavia se lançou alem dos limites de sua habitual prudencia.

Pouco permaneceu na camara. Alli disse ainda algumas altas verdades, e fez algumas tremendas prophecias que o tempo se encarregou de realisar mais promptas e mais terriveis do que as elle presagiára.

Isto succedeu em 1840: e esse foi o seu ultimo anno de vida publica. Os derradeiros nove de existencia quasi inteiramente os dedicou á sua familia e aos seus amigos: e ora em Paris ora em Lisboa, philosophando sempre, sempre occupado das mais transcendentes questões sociaes, não o mostrava todavia senão no estreito circulo de intimidade que se tinha feito, e do qual não sahia.

Os males da sua terra sentia os com verdadeiro coração de portuguez. Nenhum com mais sinceras e piedosas lagrimas assistiu a este espectaculo horrendo e vergonhoso que estamos presenceando, de ver cahir em desprezada e desprezivel caducidade a nossa infeliz terra.

A cada escarneo do estrangeiro, a cada mofa dos indifferentes, a cada uma das brutaes risadas com que celebram as pequices indecentes d'esta pobre velha patria, na estulta simplicidade de sua segunda infancia, elle sentia rasgar-se-lhe as entranhas, e toda a antiga energia de sua alma acordava do apparente lethargo. Então rompia n'aquellas exclamações tam originaes e tam vivas que tantas vezes lhe ouvimos e que recordaremos para sempre todos os seus amigos: porque realmente foi unico e admiravel este homem no modo original de expressar seus pensamentos, assim como na filiação muitas vezes obscura, mas sempre logica de suas profundas idéas. Filiação, que, se me permittem a phrase, direi que as mais das vezes era *cryptogamica*, por difficil e enredada de seguir, mas legitima sempre, e nunca hybrida, nunca abastardeada pelo sophisma nem adulterada por especiosidades seductoras.

Dias antes de fallecer, e quando todos o julgavamos no seu ordinario estado de saude, elle sentiu e guardou comsigo o aviso intimo da proximidade da morte. Fez testamento em que se despediu de sua familia e de seus amigos, mas principalmente de seu filho unico e adorado, joven das maiores esperanças a cuja perfeita educação tinha consagrado o melhor de seus cuidados e de seu haver.

N'esse testamento, original como tudo o que era seu, e obscuro por allusões de que a ninguem deu a chave, mandou que o seu corpo fosse transportado á ilha do Corvo para alli ser sepultado, e que ao parocho n'aquella ilha se désse de esmola uma peça de ouro (valor actual de 8$000 réis) com a effigie do Senhor Rei D. João VI.

A pequena ilha do Corvo, a mais occidental e a mais insignificante dos Açores é um escolho no meio do Atlantico, notavel pelas tradições fabulosas que de sua conformação se inventaram no principio de nossas viagens e descobertas em que o espirito aventureiro e romanesco de nossos avós tudo poetizava.

E que bem se sahiam, e que bem de coisas grandes faziam com suas poesias aquella gente de altos pensamentos e ousadas emprezas! A descarnada razão material dos netos faz as sordidas chatezas que vemos.

«Não vive só de pão o homem.» Hei-de morrer com esta teima: precisa de alimento o espirito, precisa o coração: e não são os *merceeiros* que lh'o podem dar; não é sob o reinado dos que compram e vendem, não é sob o regimen do covado e da balança que uma nação póde ser grande nem feliz.

Mercadora foi Carthago, e foi depois Florença e foi Veneza; mercadora é Inglaterra, e mercadores fomos nós nos tempos da nossa gloria; mas republica de chatins, nem monarchia de chatins não ha.

Que será onde tudo o que é nobre, grande, generoso, illustre, capaz de pensar alto e de sentir elevado é feito illota na sua terra, para haver de servir — povo e nobreza, illustração e saber — escravos enfeudados de meia duzia de «argentarios» obscuros que

enriqueceram da substancia publica e insultam as miserias que causaram!...

O Corvo é um pequeno rochedo de basalto, nos intersticios de cujas pedras negras crescem, pelas fendas vulcanicas, abundantes pastos verdejando sempre com a humidade da atmosphera, e na feracidade prodigiosa d'aquella pouca mas preciosissima terra vegetal que mantem a perpétua primavera dos Açores.

Alli, até 1823 viviam ignorantes do mundo, e tambem ignorados d'elle, e de tudo, senão das más leis que os opprimiam, não chega a cem colonos que pasciam seus gados, espremiam seus queijos e tosquiavam suas lans. Mas não para si o faziam os infelizes, porque em tudo e por tudo dependiam do senhor donatario cujos eram, elles e seu ganhado e suas hervas e seus rochedos. Auctoridade publica que os protegesse, não a tinham; juiz que lhes fizesse direito, não o havia em seu ilheu, recurso de qualquer vexame, só para o Juiz-de-fóra quando o havia na ilha das Flores, que o mais do tempo lá não estava. Não formavam concelho, não tinham municipalidade; não entravam na antiga constituição da monarchia; da nova se lá tinha chegado o nome, era para lhes dizer que elles eram os ultimos desherdados filhos d'esta mãe patria, sempre má e esquecida mãe.

Em fim, em 1832 houve um ministro portuguez que attentou no que era essa pobre ilhasita, que se condoeu de sua triste condição e quiz que o nome do Principe libertador ahi ficasse bemdito para sempre. A carta de alforria da ilha do Corvo foi assignada na de S. Miguel a 14 de Maio d'aquelle anno. Mousinho propoz, D. Pedro acceitou o benefico decreto da redempção da *ultima Thule* portugueza. Já os navios da expedição estavam de verga d'alto, já o vento da liberdade fazia tremular a bandeira azul e branca. Esta foi das ultimas, das menos extensivas providencias, mas não das menos bellas com que Mousinho illustrou o nome do seu Principe e o seu.

Lembra-me como se fôra hoje esse dia 14 de maio — vi-o sahir triumphante do despacho como se trouxesse para si — como outro traria para si — um ducado. O imperador sorriu de o ver tão feliz do que a outros parecia tão pouca cousa. Fazer homens, fazer cidadãos cem illotas do Corvo!

Que miseria para homens d'Estado!

D. Pedro não era d'esses homens d'Estado felizmente — nem o seu ministro.

Toda a vida Mousinho se recordou com a mais pura satisfação d'este dia em que resgatou os seus cem homens do Corvo. E quando antes de partirmos para o continente uma deputação d'aquella pequena ilha veiu agradecer ao Imperador e ao ministro o immenso beneficio que receberam, com as lagrimas nos olhos e cheio de justa ufania se deixou abraçar pelos deputados e os abraçou.

Era para ficar n'alma — de quem a tenha de homem — uma impressão d'esta ordem. Não se lhe apagou nunca a elle: e nas ultimas horas da vida lhe appareceu consoladora a imagem verdejante da sua ilha.

Creram os antigos que as sanctas almas de Harmodio e Aristogiton foram habitar a eterna primavera das ilhas afortunadas. Mousinho não podia crer que a sua alma tivesse de ir senão reunir-se a Deus na Eternidade mas quiz que o seu corpo fosse repousar na ilha do Corvo e dissolver-se alli nos elementos porque se renova a natureza.

Lá receberão e darão piedosa sepultura a seus ossos aquella boa e singela gente: e que lhe gravem n'esse ultimo rochedo, que sobreviveu á destruição da Atlantida, um sincero epitaphio de agradecimento e saudade.

Não o saberá Portugal talvez: e é melhor.

ELOGIO HISTORICO

DO

BARÃO DA RIBEIRA DE SABROSA

RECITADO EM SESSÃO DO CONSERVATORIO REAL DE LISBOA

Lisboa — 1843

Os Scipiões ajudavam a fazer as comedias de Terencio. Aquelles grandes capitães, que mereceram ser chamados os raios do imperio, não temeram deslustrar a sua gloria com o tracto familiar das musas dramaticas; aquelles patricios tam illustres, ao pé de cuja frondosa arvore de geração são planta rasteira e humilde as nossas mais antigas linhagens historicas, não tinham por quebra em sua nobreza sentar-se á banca do pobre liberto e compôr com elle aquellas scenas tam cheias de fino sal, de urbana e lépida zombaria que fizeram as delicias do povo romano e ainda hoje fazem a admiração do mundo. Triumphava no Capitolio o destruidor de Carthago; e vinha triumphar no theatro o compositor de Andria e dos Adelphos.

E mais, as preoccupações aristocraticas da sociedade romana não honravam a arte scenica como o fazia a democratica Athenas, onde um soldado de Salamina vinha receber, na corôa theatral maior applauso que o seu general Themistocles.

O maior capitão d'este seculo e o maior principe de ha muitos seculos, o imperador Napoleão, corrigia as tragedias de Arnault, e jurava que, a alcançal-o em seu tempo, teria feito Corneille seu primeiro ministro.

Por estranhas que éstas coisas nos pareçam hoje, não o pareceriam de certo a nossos avós, áquelles nobres corações de Portugal antigo, áquelles grandes Generaes, áquelles grandes homens d'estado com o reflexo de cuja gloria ainda se doira este occaso da nossa grandeza. Vêde me o condestavel estudando nos romances da Tavola-redonda, como Alexandre estudava na *Iliada* os modelos de virtude e de honra; vêde-me o bom rei trovador D. Diniz, lêde o santo rei poeta D. Duarte. E se desprezais, por singela e inculta, a sinceridade d'esses tempos d'innocencia primitiva, ahi tendes todo o fasto oriental, toda a pompa byzantina d'el-rei D. Manuel, e achareis o senhor absoluto de meio mundo conhecido, em tracto e convivencia familiar com o nosso Scribe do seculo XV, antes, para melhor rigor da expressão, o chocarreiro Plauto das Hespanhas.

A sciencia, a arte de governar, que hoje chamâmos politica, teve sempre por alliadas intimas e indispensaveis as lettras e as artes; é impotente sem ellas, são repugnantes e odiosos os seus esforços quando os não acompanham e suavisam aquellas. E preciso emendar os homens, alterar as suas instituições, corrigir os seus erros, devassar de suas malfeitorias, torcer suas propensões viciosas?... Deixae a politica só, a executar, por seus unicos meios, ésta grande tarefa, e vereis os crimes, as atrocidades que é forçada a commetter, as resistencias que acha, as difficuldades que duramente corta e tenazmente lhe renascem, os odios que suscita, e a cançada desanimação com que, por fim, gasta em suas proprias fadigas, cae desalentada e convencida de sua impotencia nas primeiras jornadas do caminho que encetou com tam nobres tenções, mas em que não podia caminhar só.

De sua natureza é dura e aspera a machina da governação, e tanto maiores são as resistencias que encontra quanto é mais recto o seu trabalhar; tende e caminha á civilisação, mas não civilisa ella. A politica exige perfeição nos homens, mas não os sabe aperfeiçoar: demanda virtudes no coração, enthusiasmo no sangue, clareza no cerebro, esfórço no braço, e nenhum d'estes predicados pode dar a sua acção directa; precisa-os, gasta-os, consome-os; devóra, como o Minotauro, estas bellezas da perfeição humana, e não as póde gerar nem cultivar ella. O seu alimento é mister que lh'o produzam, que lh'o ministrem outros. É a abelha mestra do enxame; não vive sem mel,

não governa, não reina sem mel, e não póde ir buscál-o ás flores do prado, e não o sabe fabricar ainda que lh'o tragam.

D'aqui a necessaria, a indissoluvel alliança de toda a politica com a litteratura e com as artes, sem a qual a civilização é impossivel, o progresso falso e os fins da sociedade humana frustrados.

D'aqui vem que nenhum principio ainda foi grande e glorioso, nenhuma republica feliz, nenhum povo livre deveras se esta alliança não foi perfeita — e decahiram os maiores estados, e vieram á servidão as mais livres nações onde quer que o podêr, de alliado se fez tyranno, e opprimiu, ou — o que ainda é peior — desprezou as suas auxiliares.

D'aqui, no modo de ser das nações actuaes, a formação das academias e sociedades litterarias e artisticas que todos os governos illustrados — e ainda os que só fingem sêl-o — teem sempre fomentado, protegido e honrado.

O espirito de associação, caracteristico da sociedade moderna desde que começou a reagir do feudalismo para o governo da egualdade, logo juntou na hansa da republica das letras todos os elementos, todos os meios, todos os poderes civilisadores que, mais dispersos e mais raros ao começar, por essa mesma juncção que lhes dobrou a força, se dilataram e augmentaram ao ponto que hoje vemos por toda a superficie do globo civilisado, em cujos limites nós queremos e havemos de estar legitimamente — tenho confiança em Deus! — apezar dos estorvos e difficuldades que por toda a parte encontramos.

E não quebra esta alliança na independencia da republica litteraria, antes a fortifica fertilizando-a. Como as grandes associações de riqueza material, cujos montes de oiro seriam francamente productivos se não negociassem com o governo, porque só o grande consummo do Estado póde dar emprego a tamanhos cabedaes, assim as academias: bancos de riqueza intellectual, cujos vastos depositos precisam ser explorados e negociados em grande para darem cento por um, como o talento da parabola.

Triste e mesquinha arrogancia de barbaros a d'aquelles governos, a d'aquelles pretendidos homens d'estado que desprezaram a ajuda das artes, e quizeram construir os muros de Thebas sem o auxilio da lyra d'Amphion! Triste e mesquinho ciume de falsos litteratos os que recusaram associar-se com os ministros da potencia civil, e desprezaram o auxilio do homem d'estado, do homem d'espada, do homem da industria na edificação do grande templo, em que tanto é preciso o trabalho do escriptor como o do artista e do estadista, como o do general e do industrial.

O podêr é nullo sem a intelligencia; a intelligenca é fraca sem o podêr. Reunidos, a sociedade progride; isolados, é a revolução.

É mister pois que n'estas associações se reunam todas as capacidades de todo o genero; que Richelieu não julgue descer, quando se assenta ao pé de Corneille, que Béranger não julgue subir quando vae sentar-se ao pé de Guizot.

Nenhum grande cidadão pois, nenhum principe da republica, por mais alto, deixou ainda de occupar com satisfação o tamborete academico; nenhuma academia, que merecesse nome no mundo, fechou ainda os seus conselhos a qualquer illustração social, posto que não professasse especialmente nenhum dos ramos da sciencia ou da arte. Compor livros ou ganhar batalhas, fazer descobertas nas sciencias, agitar e dirigir grandes massas de meios industriaes, ou administrar dignamente o Estado, cantar epodos ou epopéas ou dar materia a ellas, triumphar na tribuna ou no theatro, no pulpito ou no fôro, dominar nos espiritos com o pincel ou com a penna, com o cinzel ou com a lingua, com as harmonias inarticuladas da musica ou com os sons determinados da palavra, tudo são titulos academicos, porque tudo habilita esse instrumento escolhido de Deus para o progresso da civilização da especie.

Guiado de tantos illustres exemplos, forte em suas convicções esta nossa começada academia, nascida nos braços da liberdade, protegida pela illustrada benevolencia do Soberano, abjurou desde logo o exclusivo pedantesco da vaidade litteraria, e todas as illustrações, todas as capacidades, as mesmas esperanças d'ellas procurou reunir em torno do altar da civilisação, sem poder achar altura social que lhe fosse desmedida quando o principe dava o generoso exemplo de se pôr á sua frente, sem descobrir inferioridades aonde viu merito de qualquer genero, esperança de qualquer proveito.

Nenhuma vaidade, nenhum orgulho ficou satisfeito; é mister ser exclusivo para lhes agradar: tal é a miseravel natureza humana! A razão sim, o interesse da arte sim, porque ha lucro certo para a communidade aonde o individualismo se aggrava ou se descontenta.

Entre os muitos distinctos caracteres publicos que vieram gostosos associar o seu nome á nossa instituição nascente, foi o illustre socio de cuja herança intellectual hoje aqui fazemos inventario, chorando o que perdemos e contando o que ganhámos como por morte de um irmão querido choram, mas

cabeça do imperio romano e não o é, nem póde ser senão do novo imperio grego. Roma tambem já não póde ser senão um exarchado emquanto estiver dependente, ou ha de ser outra coisa nova que se não pareça com o que foi, nem é possivel adivinhar o que será.

Assim Lisboa e o Rio de Janeiro.

Meio por instincto, meio por calculo, o governo busca attrahir para a nova metropole todas as forças, todos os valores da velha. A flor da mocidade do exercito é chamada para o Brazil. Vae com elles o Sr. Rodrigo Pinto Pizarro, e serve com distincção n'essas guerras tam pequenas pelo numero dos combatentes, tamanhas pela immensidão do campo de batalha.

No entretanto o progressso das cousas anda; o novo espirito brazileiro apparece em 1817 em Pernambuco, e o novo espirito portuguez n'esse mesmo anno em Lisboa, depois e mais fortemente no de 1820 no Porto.

A antiga monarchia portugueza estava acabada; ninguem o dizia, todos o receavam, poucos o queriam; mas era inevitavel. Ficam lhe dois herdeiros: e não restava senão fazer partilhas: o maior esforço da politica seria fazel-as bem... A historia julgará como elle se houve.

Ainda acordou outra vez a velha nacionalidade portugueza, ainda se accendeu em muitos corações aquelle antigo e santo fogo do amor pela terra de nossos paes, que tanto custou sempre a abafar, que nunca se apagará n'estes peitos. Nobreza, magistratura, officialidade, velhos e moços, ricos e pobres, milhares de portuguezes, que poderam ter ficado e ser hoje dos principaes cidadãos do novo imperio, vieram após o seu Rei para este velho canto da Europa a viver de saudades e recordações, entre as ruinas da antiga patria, sem confiança no presente, sem esperanças no futuro. Voltou n'este numero e já adiantado na carreira militar o nosso socio, o Sr. Rodrigo Pinto.

Theorias mal sabidas e não experimentadas tinham, no entretanto, accelarado a crise por que necessariamente havia de passar, mais tarde ou mais cedo, o ancião e agora despido tronco da grande arvore portugueza. Fortes eram ainda as suas raizes; hoje se vê: que depois de tanto revolver de terras e ventos, não descravaram nem apodreceram ainda. Mas o decote fôra grande, e o tractamento improprio; a seiva não baixou nem subiu a tempo, e os novos rebentos que se esperavam não vieram com folha nem flores! Viram os olhos perspicazes do nosso socio o estado das coisas; conhecia que era infallivel a morte da liberdade; doia-lhe o coração de a ver morrer; cegou o o desejo de a salvar pelo unico modo que então fôra possivel certamente, se outras cegueiras maiores, menos desculpaveis e mais pertinazes, lhe não obstassem.

Já vêdes, Senhores, que alludo a uma famosa proclamação que achou echo em todas as convicções portuguezas, e que tambem só á historia compete avaliar um dia sem paixão o porque não foi cumprida. Alludo a essa nomeada proclamação, que nunca foi segredo, por quem fôra inspirada ou dictada. Dou esta interpretação generosa e justiceira a um passo arriscado e difficil na vida de um homem publico; dou-lh'a eu, que então fui consumir no exilio e na pobreza a flor da minha mocidade, porque não me soffreram os impulsos do coração accommodar o espirito ás necessidades da razão e da conveniencia.

Porque não faremos, sempre todos, e para todos a mesma justiça!...

Mas não se cumpriu a palavra real; e forçoso foi esperar em continua anciedade pela inevitavel resolução de uma crise que assim ficou prolongada, nem sequer differida, e por nenhum modo evitada.

Com effeito, e apezar de todos os remedios empiricos que as necessidades do momento forçaram a tomar, Portugal ficou, pela chorada morte do Senhor D. João VI, quasi no mesmo estado em que ficára pela do Santo Cardeal Rei: as mesmas incertezas, quasi as mesmas duvidas, as mesmas facções depois.

Quanto sangue ahi vae correr! Quantas desgraças, quanta miseria se estava preparando para vir sobre nós!

Dividiu-se a nação em dois bandos: qualifiquem-os onde quizer a politica; a nós só nos toca mencionar aqui o facto sem o avaliar.

Fiel aos seus principios, fiel ao Soberano que jurára, o Sr. Rodrigo Pinto fez então valiosos serviços á causa que seguira, trabalhando no ministerio da guerra, assidua e imperterritamente, na organisação d'aquelle exercito que teria salvado a metade da nação de emigrar e perecer, a outra metade de se despenhar n'um abysmo de impossiveis moraes e politicos, *se a má* diplomacia estrangeira, *errada pelo menos*, o não tivesse impedido, para nos deixar degladiar como os filhos de Cadmo, durante seis longos annos de calamidades, que não pagou de certo a triste gloria d'essas batalhas sem conquista, d'essas victorias sem triumpho; porque na guerra civil não ha vencedor nem vencido... Senão só os principios: e os principios podiam ter triumphado em menos cruenta, menos cara e mais geralmente applaudida victoria.

Triste gloria disse; digo. Tristes loiros os que regou o sangue civil! Perguntae a esses braços poderosos, que mais ceifaram na cruenta messe, quantas vezes lhe doeram e tremeram!

Emigrou o nosso illustre socio entre os primeiros: veiu ao Porto e tomou parte n'essa tam bem agoirada e tam mal succedida reacção, que apenas serviu de protesto ao partido por então subjugado e que pareceu perdido para sempre.

Voltou a Inglaterra, visitou a França e os Paizes Baixos; e na lingua, na litteratura, nas instituições civis e politicas d'estes povos fez estudo profundo. Ahi tomou o gosto a esta liberdade que nós não conheciamos, e não sei se conhecemos ainda, senão por esse primeiro tam difficil e tam aborrecido balbuciar de sua infancia rachitica. Ahi, com a leitura e com a observação, o seu genio ardente, ambicioso de gloria, tenaz de proposito, insoffrido de opposição, esteve enthesourando, no forçado ocio de sete annos, aquellas iras patrioticas que lhe romperam depois na tribuna, com força e valentia sempre, embora lhe faltasse alguma vez aquella suavidade no modo que os preceitos da arte recommendam, e que julgam tanto mais necessaria quanto maior seja a força do pensamento que expresse.

As horas do desterro são longas; todos nos impacientámos com ellas. Nas calamidades geraes é triste e sabido desafogo dos companheiros de desgraça o attribuirem-se mutuamente uns aos outros a culpa d'ella; que ordinariamente é de todos ou não é de ninguem, que tanto vale. Sossobrada a náo, e escapas na incerta jangada as reliquias da tripulação, cada qual dos infelizes que tem a vida por um fio, cuida que é elle o que só póde dirigir aquellas mal cozidas pranchas a porto e salvamento. Maior é a energia de coração — maior é a impaciencia do que soffre, mais amargas são as suas queixas, mais violentas as accusações que faz.

Assim nos succedeu longe da patria e no querer voltar para ella. Todos se queixavam, uns dos outros; com mais azedumes os que mais desejavam e menos esperavam.

Confessarei, Senhores, que o meu natural indulgente, incapaz de longos odios, a minha crença na superioridade das forças moraes em materias politicas, me inclinou sempre a pensar que todas estas e similhantes desavenças deviam ser afogadas pela generosidade e apagadas pelo silencio e pelo esquecimento de quem mais razão tivesse ou mais razão julgasse ter. Não sei se me enganei — não sei se me engano, pois que ainda persisto na minha theoria; mas, se assim é, hei de morrer enganado, porque até o ultimo instante da minha vida hei de crer na generosidade e na indulgencia, hei de reputar cobardia as vinganças politicas.

O facto é que houve queixosos; e que o nosso illustre socio se houve por tal, e que se queixou com amargor. Saiu-lhe excessiva aos labios essa amargura profunda? Seria excessivo o seu amargor? Desvairal-o-ia alguma vez a paixão por exagerado ou supposto aggravo? Nem eu aqui venho ser relator, nem vós juizes das faltas de ninguem. E quando o fossemos, onde está a mão que ha de levantar a pedra? Elle não poude obter logar, entre os seus camaradas e amigos, nas fileiras d'esse heroico exercito que veiu restituir a liberdade ao reino, o throno á Rainha.

A sorte da guerra foi por nós; a face do paiz é já mudada, cairam emfim todas e de todo as instituições da velha monarchia. Estava a nova fundada? Tinha solidas bases, rectamente se equilibrava sobre ellas, era justo em suas proporções o novo edificio social? Posso e preciso eu perguntal-o aqui, porque foi este em resumo o theor das duvidas e das questões com que, por espaço de cinco annos, a vehemente eloquencia do nosso socio fez retinir a tribuna dos dois corpos legislativos do Estado.

Não posso, nem preciso responder-lhe agora, porque nenhuma these, por mais geral que seja, apenas mostra a mais leve ponta de pendão politico e de partido, deve entrar em um recinto academico, muito menos em tal occasião e em tal presença.

Uma coisa posso e devo dizer que todos folgareis de ouvir, que todos applaudireis, Senhores; e é que a palavra sempre forte, sempre energica, ás vezes dura, e raro indulgente, do nosso socio tinha a eloquencia da convicção, inflammava-a o amor da sua terra, animou-a sempre a lealdade á sua Soberana, a devoção pela liberdade publica e a consciencia de uma honestidade ascetica e quasi ruda.

Sei que vos não fatigava, Senhores, se repetisse aqui, em abono do que digo, algumas d'essas phrases mais selladas do cunho da originalidade, alguns d'esses trechos mais poderosos pelo vigor de sua masculina eloquencia, em que abundam os discursos parlamentares do nosso illustre socio, os quaes são o seu mais honroso titulo academico, e nol-o qualificam de litterato, de orador e de homem d'Estado. Mas obriga-me a escassez do tempo e o tarde da hora a appellar para vossa memoria, e referir-me ás impressões ainda tam recentes que vossos animos receberam, quando as ouvistes animadas de um tom que eu não saberia reproduzir nem imitar.

Duas vezes foi eleito deputado em 1835 e 1836; tres vezes senador em 1838, 1839 e 1840.

Chamado aos conselhos de Sua Magestade em principios de 1839, e chefe d'essa administração, foi encarregado dos negocios da guerra e dos estrangeiros.

A pessoas respeitaveis de todos os partidos ouvi sempre que o exercito fôra administrado superiormente no seu ministerio, que se prepararam muitas reformas, que se tendia a uteis melhoramentos, que lhe não torceu a justiça nenhum espirito de facção, que não abusou, nem sequer usou, do podêr para satisfazer a nenhum resentimento pessoal ou malquerença partidaria.

Mas os grandes trabalhos, mas as grandes difficuldades que demandavam toda a grande energia da sua alma, que deviam experimentar toda a ferrea tenacidade de seu caracter, foram os do ministerio dos negocios estrangeiros.

Não sei se os contemporaneos as julgaram já ou se ainda vão appelladas para a suprema instancia da posteridade, as grandes e graves questões de direito internacional, que, muito antes começadas, vieram a rijo debate na sua administração.

Que a dignidade do nome portuguez, que o decoro da Casa Real, não soffreram quebra em suas mãos, é inquestionavel; nenhum partido lh'o disputou, nenhum contrario, nenhum inimigo o accusou de tal. E se alguem pensar que a ductilidade e sinuosidade das fórmas e combinações diplomaticas póde ser mais efficaz nas negociações difficeis do que a expressão rasgada e régia de uma vontade que antes é de quebrar que torcer; ninguem poderá nunca julgar nem dizer que, mais ou menos severamente moldadas, outras expressões podia haver mais portuguezas ou mais leaes do que essas, que em seus discursos e em seus diplomas escreveu o ministro da Rainha de Portugal, pronunciou o senador de Portugal.

Este merito é grande, grande politicamente, e litteraria e artisticamente grande; porque a poesia do patriotismo é a poesia das artes; e o bello, o ideal (ou como quer que lhe chame a escola antiga ou a escola moderna) é o mesmo para todas as concepções do espirito. Que o pintem, que o escrevam, que o falem, que o cantem os diversos, mas sempre similhantes, ministros da arte a quem Deus pôz no coração o sentimento, na cabeça intelligencia e nos orgãos o podêr de manifestar a sua gloria por qualquer d'essas brilhantes expressões da suprema e terna belleza, de que só as almas escolhidas podem reverberar algum reflexo na terra para illustrar e honrar a especie humana.

O Sr. Barão da Ribeira de Sabrosa entregou a administração dos negocios publicos em novembro de 1839, e continuou no corpo legislativo a sustentar os principios que o tinham impedido de continuar n'ella.

Desassocegado d'espirito, mas quieto de coração, foi procurar saude e recôbro de tantas fadigas á casa paterna na primavera de 1841. E a morte, que raras vezes deixa deduzir longo fio ás vidas agitadas pelas vicissitudes e paixões politicas, alli o surprehendeu em breve.

Seja leve a terra da patria a todos os corações que a amaram!

Disse.

MEMORIA HISTORICA

DO

CONSELHEIRO

ANTONIO MANUEL LOPES VIEIRA DE CASTRO

(Lisboa — 1843)

NECROLOGIO

Falleceu hoje (20 de setembro), em Campolide, ás oito horas da manhã, o sr. Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro.

Uma molestia, que a principio não parecia grave, mas que tomou logo um caracter maligno, privou a corôa de um leal conselheiro, muitos portuguezes de um bom e fiel amigo, o partido septembrista de um dos seus mais distinctos e virtuosos caracteres, e a nação toda de um cidadão honesto, a quem adornavam as mais relevantes qualidades, a quem incendiava o mais ardente amor pela prosperidade da sua patria.

O sr. Vieira de Castro tinha adversarios, cujas opiniões respeitava, mas não reconhecia inimigos. Sua alma grande e generosa nunca sossobrou no meio dos perigos. Egual em todas as situações da vida, na desgraça é quando brilhava mais a sua inimitavel constancia.

O nome do sr. Vieira de Castro será recordado entre nós por muito tempo como symbolo da mais escrupulosa probidade: a delicadeza das suas maneiras, que tão agradavel tornava a sua companhia, não o abandonou entre os soffrimentos de uma dolorosa molestia, e a coragem que mostrou em todas as situações da vida, acompanhou-o até os ultimos momentos d'ella.

O sr. Vieira de Castro recebeu no longo periodo da sua molestia mostras da estima e consideração em que era tido por todas as classes da sociedade d'esta capital, que manifestaram o maior interesse por uma vida, que todos julgavam util. Muitos dos que maiores receios mostraram d'esta perda, podiam considerar-se como adversarios politicos do illustre finado.

Amanhã (21) pelas onze horas da manhã terá logar na egreja de S. Sebastião da Pedreira o officio funebre, e a sepultura será no cemiterio dos Prazeres.

Os amigos, que na ausencia da familia se encarregaram do tratamento na molestia, e dos deveres que se seguem ao termo fatal, dirigem convite a todas as pessoas, cujos nomes lhes poderem occorrer; mas forçoso será que muitos lhes tenham esquecido, e pedindo desculpa, rogam por este meio a assistencia de todos aquelles que desejam honrar a memoria do fallecido.

*

Hoje foram sepultados no cemiterio dos Prazeres os restos mortaes do ex.^mo^ sr. Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro. O seu cadaver estava depositado na egreja de S. Sebastião da Pedreira, aonde se lhe fizeram as honras funebres. O templo estava sumptuosamente adornado. O concurso foi numerosissimo, contando-se entre elle cidadãos de todas classes da sociedade, que pagaram com suas lagrimas o tributo de amisade e respeito pela memoria d'aquelle que em vida a todos amara e respeitara. Dos ministros d'estado effectivos, apenas lá esteve um.

Ás duas horas saiu o cortejo, e no alto de Campolide passou por elle sua magestade el-rei, que teve occasião de presenciar o como são honrados na morte aquelles que na vida teem sabido cumprir os deveres para com o seu rei, e para com os seus concidadãos. Todos os partidos abaixaram as suas bandeiras para deixar passar o que a nenhum d'elles era capaz de deshonrar.

Á Boa Morte o cadaver do illustre finado foi tirado do coche da casa real, que o conduzia, e levado nos braços dos seus amigos até ao cemiterio, sendo revezados por causa da distancia.

Foi acompanhado desde a egreja por um destacamento de lanceiros, e nos Prazeres estava uma brigada de infanteria, composta dos regimentos 7 e 16, e uma bateria de quatro peças de artilheria, que deram as descargas do estylo. Ás quatro horas menos um quarto foi dado á sepultura.

A terra lhe seja leve. [1]

[1] *Revolução de Setembro*, de 21 e 22 de set. 1842.

MEMORIA HISTORICA

Não descrevo as simples recordações de um amigo, historia de affeições e sentimentos, lembrança de saudade e reconhecimento, que é o derradeiro officio da amizade pelos que vão adeante de nós.

Não componho um panegyrico de ostentação para adormecer em suas cadeiras os graves areopagistas de uma academia. Tambem não quero fazer um arrazoado — ou desarrazoado de partido, inchado de phrases banaes, affinado pelo tom das violentas declamações que se applaudem sem se entenderem, que já se tomam por offensa antes de ouvidas.

A vida dos homens publicos é parte da historia do seu paiz. Um capitulo d'essa historia é que eu escrevo, com verdade, sem paixão, e não menos para honrar a memoria de um homem de bem, do que para restituir alguns factos da chronica contemporanea, que, por muito que lhe pertencessem a elle, hoje são legado da posteridade que os reclama.

Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, bacharel formado em Canones pela universidade de Coimbra, Abbade de San Clemente-de Basto, do Conselho da Rainha a Senhora D. Maria II, Deputado da Nação Portugueza, Ministro d'Estado e Guarda-mór da Torre do Tombo, nasceu a 15 de Julho de 1796 na quinta do Ermo, antiga residencia e propriedade de seus antepassados, no logar de San Vicente de Passos, comarca de Guimarães. Foram seus paes José Luiz Lopes de Castro, capitão de Malta, proprietario independente e abastado, e D. Maria Vieira, ambos de boas e respeitaveis familias, e exemplares por seu procedimento e pela boa e liberal educação que deram a seus filhos.

Tendo estudado com proveito todos os elementos de litteratura e das sciencias que se exigem como preparatorios para as aulas maiores, foi o moço Antonio Manuel, no anno de 1814 e aos dezesete para dezoito de sua edade, matricular-se na universidade de Coimbra para seguir o curso juridico.

Já então, na primeira verdura da mocidade, na solta liberdade de estudante, e na largueza de meios com que seus paes lhe acudiam, sobresahia a natural gravidade, o caracter serio e reflectido que depois o distinguiu tanto. Assiduo nos estudos, pontual nas horas, regular no proceder, adquiriu logo a estima dos professores; a franqueza e lealdade de seu natural lhe fez amigos de toda a mocidade com quem vivia.

Destinavam n'o seus paes ao estado ecclesiastico, para o qual sentia invencivel repugnancia pela mesma seriedade de seu caracter, que lhe não deixava tomar de leve resoluções graves e importantes com que, por indiscretos, tantos moços n'aquellas edades levianamente se ligam, para infelicidade sua, desconsolo de seus parentes e prejuizo commum de todos. Mas os caracteres mais firmes, «os d'antes quebrar que torcer» — e ninguem tratou Vieira de Castro que tal caracter lhe não conhecesse — os que nenhuma força dobra, os que mais duros são quanto mais dura é a violencia com que os pretendem domar — são todavia aquelles que mais cedem á brandura dos rogos, ao perdoavel temor de desgostar os seus, de affligir aos que sabem que os amam.

Vieira de Castro cortou por si, por suas inclinações e vontade, immolou-se á de seu pae. Formado em Canones em 10 de Julho de 1819, foi ordenar-se sacerdote e tomar posse da rica abbadia de San Clemente-de-Basto, beneficio que seu pae lhe havia procurado.

Era S. Clemente uma d'aquellas pingues abbadias do norte de Portugal que, na grossura da renda e na dignidade do cargo, pareciam pequenos bispados e quasi davam honras prelaciaes; tinha tres annexas para que nomeava vigarios seus, e percebia em dizimos de oito para dez mil cruzados.

Não havia muito que o novo abbade de S. Clemente gosava de sua dignidade, quando a revolução de 1820 veiu desenvolver e dar rebate nos animos da mocidade portugueza aos principios de liberdade e ás idéas de reforma que muitos cultivavam já em segredo, que todos os de animo generoso presentiam. Entre elles se distinguiu logo o joven abbade, a quem as considerações do mundo, o natural receio das reformas, tudo quanto em nossa natureza é terrenho e baixo

— e todavia prepondera mais — não poderam desviar do caminho que seus principios liberaes e a nobreza de seu caracter lhe dictavam.

Adoptou do coração a causa da liberdade, seguiu-a a todos os riscos; e quando, pela desgraçada reacção de 1823, veiu o estupido triumpho do absolutismo, deveu ao amor e respeito de seus parochianos, não menos que ás incertezas em que andou vacillando o precario governo d'El Rei — e que explicam em grande parte a gabada tolerancia d'aquella, assim como de outras reacções — deveu, digo, o não quinhoar na perseguição e máos tratos que outros menos conspicuos e menos distinctos liberaes por esse reino padeceram.

Restituida a liberdade pelo Senhor D. Pedro IV em 1826, e conseguindo o partido liberal obrigar a má vontade da regencia provisoria a publicar e proclamar a Carta, logo por toda a parte se começaram a extremar os dois partidos até alli menos claramente divididos; e começou tambem a memoravel lucta de dois annos que — digamos por culpa da sorte, para não dizer de quem mais — tinha de terminar tam vergonhosamente na evacuação do Porto pelas forças liberaes.

Mas aquella malfadada resistencia, principiada e acabada no Porto em 1828, fôra applaudida e ajudada por todos os liberaes das provincias do norte. Com elles fizera Vieira de Castro notaveis serviços á causa da liberdade e da Soberana; por onde logo foi perseguido e obrigado a emigrar para Inglaterra.

No emtanto esses emigrados — hoje tam desprezados e mal vistos se o nascimento, a riqueza bem ou mal adquirida, ou a deserção da liberdade por que padeceram (e pela qual tambem não poucos ganharam não pouco) lhes não fazem perdoar o peccado d'aquella importuna *hegyra* — esses emigrados appellavam da fraudulenta sentença do Porto, e não pediam senão campo livre e melhores mantenedores para mais leal combate.

Dois cavalheiros da Terceira com o bravo batalhão 5 de caçadores, commetteram então, fins do anno de 28, a arrojada e quasi louca empresa de resistir sós com aquella pequena ilha a todo o poderio da usurpação. A seus instantes rogos acudiram alguns officiaes emigrados, logo outros, algumas praças dos corpos de voluntarios e do exercito que tinham escapado; e finalmente alli se conservou e desenvolveu depois o germen d'esse exercito libertador que veiu immortalisar-se no cêrco do Porto em 1832.

Aos tam mal reparados, quanto bem defendidos muros d'aquella cidade acudiu tambem Vieira de Castro; e ahi prestou importantes serviços, não só nas commissões delicadas de que foi encarregado e que desempenhou com zelo, inteireza e prudencia, virtudes habituaes suas, mas dando, de palavra e obra, o exemplo da paciencia e perseverança com que só se podiam soffrer, que sós podiam vencer, como por fim venceram, as incriveis difficuldades d'aquella situação.

Alli, onde todos eram soldados, era elle soldado tambem; e foi visto sempre com a sua espingarda ao hombro apresentar-se ao primeiro signal de fogo, prompto a quinhoar nos perigos e nos trabalhos communs.

A generosidade com que, nos fastios e privações do exilio repartira sempre quanto tinha com os mais necessitados, aqui acabou agora de exhaurir todos os seus meios. O fim da campanha, que deixou tanta gente rica, deixou-o a elle pobre e dependente dos seus — dos seus, porque de ninguem mais o foi nunca.

As leis de reforma publicadas nos Açores e no Porto tinham — com boa ou má politica, em justiça ou sem justiça — esbulhado uns para enriquecer a outros. Vieira de Castro foi dos que tudo perderam, e nada ganharam: fôra-se com os dizimos a grossa renda de sua abbadia, não houve outro nenhum logar ou emprego, não recebeu indemnisação, não colheu, como tantos, nos despojos dos vencidos, o torpe quinhão da partilha que assim deshonrou a causa liberal.

Restaurado, em meios do anno de 1833, o governo da Rainha na capital, e liberta, no anno seguinte, a totalidade do reino, foi, entre outras, julgada vaga ou *impedita*, a Sé de Vizeu, pela fuga do seu bispo. Encarregaram a Vieira de Castro a direcção d'aquella diocese. E com tal decencia, com tanta prudencia e bondade, com tanto juizo se houve no exercicio difficil de sua auctoridade, já disputada por uns, já pouco respeitada por outros, que de todos se fez amar e reverenciar, e se levantou com o coração dos povos.

Não confundia elle, em seus rectos, embora largos, principios de liberdade, o direito publico nacional de que era zeloso defensor, com o da Egreja de que era ministro, esclarecido, sim, mas não apostata. Reconhecia como a pastor legitimo do rebanho que ia governar ao fugitivo bispo; e sabendo que elle deixára sua auctoridade apostolica a um sacerdote do bispado, a esse chamou logo para ao pé de si; e por elle fez expedir todas as providencias propriamente ecclesiasticas que era mister darem se, conciliando assim o respeito e auctoridade da sua pessoa, como delegado do governo, com a manutenção do principio canonico que não que-

ria nem podia violar. Foi este um documento de sabedoria que para amigos e contrarios acreditou Vieira de Castro como homem verdadeiramente proprio para as mais altas funcções nos difficeis tempo em que vivemos.

N'esse mesmo anno de 1834 se procedeu a eleições geraes para deputados. Eram as primeiras depois da Restauração; já as disputava com o governo a opposição, recrescente pelo que eram ou se reputavam abusos da longa e larga auctoridade que elle se costumara a exercer em tempo de guerra, e que não queria ou não sabia limitar depois da paz. A opposição era então porém mais um descontentamento, uma separação quanto a modos, quanto a idéas de pessoas e a formas de coisas, do que a hostilidade de principios [illegible]ta e despregada, que depois veiu a constitu[illegible] a opposição era quasi todo o partido liberal menos os ministros, seus immediatos apaniguados, e poucas pessoas mais que, por timoratas ou demasiado prudentes, não diziam o que sentiam, ou não obravam como diziam.

Estas primeiras eleições e estes primeiros eleitos foram pois menos guerreados entre governo e opposição, porque nem um nem outra sabiam bem com certeza para que lado da Camara iria sentar-se a maior parte dos novos deputados.

Vieira de Castro foi eleito pela provincia da Beira Alta, a muito aprazimento da opposição e sem forte repugnancia do governo. Com grande energia de sentimentos e principios, mas prudente e moderado na expressão d'elles, seguiu na Camara a causa da opposição, mas sem offender os ministros ou sem ousarem elles mostrar que se offendiam; até que, já no anno de 1835, a susceptibilidade cada vez mais doentia d'estes tomou em grave injuria a sua livre votação em um d'aquelles pontos verdadeiramente constitucionaes, em que nenhuns respeitos humanos podem fazer mudar um homem de bem. Por inutil e inconsiderado despique, foi privado do cargo que exercia no bispado de Vizeu.

Todas as sympathias foram por elle; e a disputa das eleições geraes, a que, pela dissolução da Camara, se procedeu logo, esteve para ensanguentar a capital da Beira alta pela insistencia com que os povos, gratos á memoria do seu governador do bispado, o defendiam na urna, a elle e aos seus amigos, contra a violenta perseguição do ministerio.

N'esta eleição geral de 1836 foi Vieira de Castro outra vez eleito deputado pela mesma provincia, e concorria á abertura das Côrtes em setembro d'esse anno, quando, no dia 9, ao desembarcar em Lisboa a deputação do norte do reino, pela maior parte opposicionistas, se manifestaram no povo aquelles primeiros symptomas da revolução que n'esssa noite rebentou e não pôde ser contida.

Não é ainda tempo de julgar um facto de tantas magnitude como foi esse de setembro de 1836. Nem é indispensavel fazel-o agora. Vieira de Castro não teve nem podia ter parte n'elle: assim o declarou em publico e solemnemente, ninguem ousou desmentil-o.

A consideração porém de que gosava no partido liberal, a inteireza de seu caracter e principios, acompanhada de não vulgar moderação e prudencia, o fizeram chamar ao ministerio que tomou o difficil encargo de dirigir a revolução. No gabinete de 10 de setembro occupou a pasta dos negocios ecclesiasticos e da justiça.

O mais perigoso e assustador symptoma d'aquella crise era a desconfiança que, por malevolos e interesseiros enredos, se tinha insinuado entre a corôa e o povo. Entre a côrte e o partido popular de certo houve sempre, por certo ha de sempre haver desconfiança; mas entre o principe e a nação, raro é que a haja, se os cortezãos para mais valerem, não calumniam o povo para com o principe; se os demagogos para poderem, não calumniam o principe para com o povo. No governo representativo porém, é mais facil calumniar o povo que o Rei, e é tam facil ao Rei ganhar as affeições do povo e fazer impossiveis os tribunos! Basta querer, quasi que não é preciso saber.

Ministro da Rainha, elevado pela confiança nacional, e fiel a ambos, Vieira de Castro pôz todo o seu generoso peito em desfazer estes enredos; em restabelecer a confiança pela lisura e pela verdade. Nos conselhos da Rainha nunca se esqueceu de que tinha sahido das fileiras populares; nas assembléas da nação nunca se esqueceu de que era conselheiro da corôa. Na côrte, onde a sua presença foi sempre acceite á Soberana, as suas palavras prudentes e medidas, o seu porte modesto sem acanhamento, livre sem demazias, lhe conciliaram em breve o respeito, quando não a affeição, de todos. No conselho, o seu voto foi sempre dado com inteireza, sem lisonja, mais com brandura. No gabinete de seu despacho a imparcialidade, a justiça e o espirito de conciliação presidiram constantemente.

Muitos dos homens que até então haviam estado á frente dos negocios, tinham, com razão ou sem ella, incorrido no odio do povo: o novo ministerio não tratou senão de moderar e apaziguar estas más vontades. Muitos d'esses homens entenderam que deviam combater a causa popular, que elles

só reputavam causa da revolução, demittindo-se dos empregos que occupavam, e até de seus logares na ordem judicial. E o nobre ministro das justiças, sem nenhum receio por essa causa, em cuja razão e justiça firmemente cria, e de cujo triumpho permanente, elle estava, e devia estar certo, quando a não desvairassem e enfraquecessem — como depois fizeram criminosas ambições de algum falso demagogo — sentia comtudo vivamente em seu generoso animo os males que tão inconsiderada resolução ia trazer aos que a tomavam, acreditava na boa fé de alguns, condoia se ainda dos que bem sabia não a terem. A muitos procurou convencer do erro, de muitos guardou longo tempo em sua gaveta os requerimentos em que se demittiam, para lhes dar tempo de reflectir: a alguns salvou por estes meios, a todos penhorou pelo modo com que a respeito de todos se houve.

No entanto, e simultaneamente com esses actos de abjuração politica, se preparava a infructuosa tentativa de Belem, que a população da capital então pôde repellir tam facilmente, porque tinha os meios que, depois, em mais necessaria conjunctura, lhe faltaram: castigo das faltas de uns, consequencia dos erros de outros, resultado da perfidia tambem de outros.

Rebentar a contra-revolução de Belem, ser demittido o ministerio popular, substituir-se-lhe outro de favor aulico ou estrangeiro, proclamar-se a restauração da Carta, alçar se, como um só homem, toda a tremenda massa da população da capital, e desapparecer deante d'ella toda essa obra de capricho e cegueira, como um sonho de que nem os proprios que o sonharam conservam distinctas as imagens fugitivas, tudo isto foi obra de vinte e quatro horas. O ministerio de 10 de Setembro reassumiu o governo; Vieira de Castro conservou a pasta da justiça e ficou interinamente encarregado da de marinha e ultramar.

ANTONIO MANUEL LOPES VIEIRA DE CASTRO

Mas, se pelo lado da côrte a administração se via menos embaraçada e constrangida, maiores difficuldades lhe recresciam pelas, agora justas, desconfianças do partido popular, a quem seus adversarios tinham provocado á peleja que elle não desafiára, para lhe entregar uma victoria tam completa, que o não abusar espontaneamente d'ella é d'aquelles prodigios que tanto exaltam o caracter do povo portuguez, e que tanta honra fazem tambem á generosidade do animo e á sinceridade dos principios do ministerio.

Não menores difficuldades lhe vinham por outro caminho. As fórmas accidentaes da Constituição estavam alteradas, mas não era definido como; algumas das consagradas no codigo de 1822 ficaram incompativeis com as reformas de 1832 e 34; outras da Carta de 26 offendiam os principios de economia que tam justa e necessariamente se requeriam por todos os partidos: de outro lado, essas mesmas reformas da chamada primeira dictadura tinham deixado tanta ruina de instituições antigas a obstruir o paiz de infelizes e descontentes, e a pezar no orçamento com inutil dispendio, tinham de tal modo dissolvido, até á anarchia, os vinculos sociaes, pela desconnexão dos novos institutos; e era tão urgente acudir de prompto a tudo isto, que os ministros, como bons cidadãos, como zelosos da honra do seu proprio partido e sobre tudo como leaes servidores da Rainha, não podiam deixar de lhe aconselhar que tomasse Ella extraordinariamente em sua mão o poder publico que jazia na rua, exposto a que lh'a lançasse o primeiro occupante; e que antes o chefe do Estado excedesse os seus poderes constitucionaes ordinarios, promulgando provisionalmente algumas leis, que o corpo legislativo reconsideraria depois, de que deixasse ir assim o Estado a ponto de não haver nenhuma que o podesse reger e manter.

Eis aqui a origem da que se chamou segunda dictadura, de que Vieira de Castro e seus collegas usaram com a moderação, acerto e prudencia que, disputada então pelo austero escrupulo de alguns de boa fé, calumniada pela suspeitosa severidade de outros, hoje é reconhecida, louvada e abençoada por todos os que não desejam ver esta pobre terra lançada para um dos dois extremos em que sempre a têem jogado — *anarchia de leis sem poder, ou oligarchia de poder sem leis.*

Foram obrigados os ministros, foram violentados por seus adversarios politicos a fazer grandes mudanças no pessoal do serviço; não despacharam um parente ou adherente seu. Fizeram tantas leis, nenhuma que lhes aproveitasse a si ou aos seus *(a)*. Foram forçados a consentir em largas operações de fazenda; e sairam todos do ministerio mais pobres do que tinham entrado. Mandaram proceder a uma eleição geral no reino; não demittiram um só empregado por não votar em sua parcialidade, conservaram, melhoraram muitos que abertamente lhes professavam inimizade politica.

A eleição para as Côrtes Constituintes em 1837 deu a Vieira de Castro entrada na camara pelos circulos eleitoraes de Guimarães, Penafiel, Porto e Vizeu; tomou assento pelo de Guimarães, sua naturalidade.

Aberto o congresso em 18 de janeiro, os ministros se apresentaram com a ingenua e simples narração do que tinha acontecido, e do que elles tinham feito, e se entregaram ao juizo dos representantes do povo.

Muito boa fé, muito sincero zelo, com uma insigne inexperiencia de negocios, eram os caracteres distinctivos da grande maioria d'aquella assembléa. E sobre estas qualidades e defeitos especularam logo os intrigantes — cujo pensamento hoje está descoberto e fóra de toda a duvida — para suscitarem uma opposição imprudente e impolitica, e quasi ingrata, que magoava e offendia os ministros patriotas, e os fez desde logo protestar pelo immediato abandono do seu cargo. A esta resolução se oppozeram muitas vezes os seus amigos verdadeiros, que tambem o eram da justa causa que elles defendiam, a qual só podia perder este caracter santo e augusto quando deixasse de ser a causa nacional, para se amesquinhar á de um partido, para se prostituir a ser causa de pessoas. Obstaram lhe outras vezes rogos superiores; e não poucas, o bom senso da mesma Camara que resistiu longo tempo ás suggestões da parcialidade, conservando-lhes a maioria em todas as questões importantes.

Mas os ministros sentiam-se offendidos e desgostosos: nem a gloriola das pastas, nem interesse algum pessoal os prendia; e apenas uma votação insignificante lhes deu plausivel pretexto constitucional, retiraram-se do poder, contando como triumpho a derrota, e resistindo ás muitas e reiteradas instancias que de toda a parte lhes foram feitas para se conservarem na auctoridade. Vieira de Castro largou o ministerio no dia 27 de Maio, ainda antes da dissolução do gabinete que foi no 1.º de Junho de 1837.

A revolução tinha-se nacionalisado no seu

(*a*) Pelo decreto que cerceou as antigas pensões dos ex-ministros e vedou que se dessem outras, assim como pelo que reduziu os ordenados dos ministros em effectivo serviço, cortaram largamente em seus proprios interesses

ministerio, tinha-se defendido e triumphado de seus inimigos, tinha-se illustrado pelo fomento dado as sciencias, ás artes, á industria, tinha commettido menos excessos, tinha sido mais generosa do que nenhuma revolução de que haja memoria. A causa do povo, que elles tinham recebido desamparada e ameaçada, entregaram-n'a agora aos representantes do povo, não ganha por certo, não livre de inimigos, mas com outro podêr e outra força, com uma clientella immensa, com muitos interesses para a defenderem, com muitas instituições para a radicarem. Deviam sahir contentes; sahiram: a calumnia desarmou se, a inveja quebrou, e a justiça recobrou o seu logar na opinião.

Vindo com os outros dois ex-ministros occupar a sua cadeira de simples deputado no congresso, Vieira de Castro manteve, a par d'elles, a sua posição com a circumspecta dignidade que lhe cumpria. Não combateu as administrações subsequentes, votou sem espirito de partido em todas as questões constitucionaes, e auxiliou franca e lealmente o governo no grande esforço de resistencia que foi necessario fazer para obstar á poderosa reacção que pouco depois rebentou n'esse mesmo anno de 1837.

Serviu ella principalmente de mostrar ao partido opposto quanta era a força do popular; devia tambem desenganar a muitos cegos d'esta mesma parcialidade que nenhum partido morre por mais derrotado que seja, que se purifica na oppressão, revive com mais energia quanto mais o julgam aniquilado.

O desengano porém, que a alguns effectivamente chegára, durou pouco; o pasmoso triumpho de Ruivães, tornou a cegal-os, ou antes a desaffrontar do medo a posthuma coragem de algum d'esses falsos campeões populares que tam exaltados e valentes se mostram combatendo nos Clubs nocturnos, quanto são reflectidos e prudentes a fugir do campo de batalha. D'aqui a fatal crise de 13 de março de 1838. O povo queria obstar á traição, mas não conhecia o traidor; deixava-se instigar por elle, e ia combater não sabia o que... achou-se vendido, já deve saber por quem...

Vieira de Castro fez todos os esforços para pacificar e conciliar os ânimos para evitar o golpe duro e terrivel que a auctoridade publica se viu obrigada a descarregar nos proprios defensores da causa que ella sinceramente defendia e mantinha, mas que de certo se não podia manter assim.

A breve mas fecunda historia do Arsenal está resumida nos dois tam sabidos versos de Horacio. Peccou-se dentro e fóra d'aquelles fataes muros; mas segundo o antigo uso e vêzo, o povo foi quem pagou os delirios dos seus mandões.

Acabada e jurada em fim a Constituição, procedeu se a novas eleições no fim d'esse anno de 38; e o antigo partido da direita da camara de 1835, intitulando-se agora partido Cartista, voltou á arena eleitoral ajudado das sympathias que o nome de D. Pedro e as recordações da familia liberal davam, sem escrupulo nem exame, a quem tam segura e exclusivamente as invocava, que pareciam suas só, suas proprias, suas e de mais ninguem.

Temeu Vieira de Castro, e com razão, o sophisma de idéas que este abuso de palavras estava creando; e viu com magua separarem-se politicamente alguns de seus mais fieis e antigos amigos a quem não pareceu tanto de recear aquelle sophisma e suas futuras contingencias, quanto julgavam para temer as ameaças da anarchia popular que tam audaz se tinha já manifestado. Entendiam elles que o mais avizado e o mais necessario era formar um terceiro partido que mantivesse o equilibrio entre os dois litigantes, e que, oppondo- aos excessos populares, repellisse egualmente as pretenções retrogradas que n'aquelle vago sophisma se denunciavam, mas que, no estado de nullidade a que fôra reduzida a aristocracia, e não apoiadas, como sinceramente acreditavam que o não eram pela côrte, parecia não poderem achar echo nem auxilio no paiz.

Quasi todos esses homens têem hoje assellada a sinceridade de suas intenções. Então não o estava, nem podia estar, e alguns caracteres conspicuos do partido popular duvidaram d'ella: muitos reputaram inexequivel o arbitrio, outros inutil, prejudicial alguns. Por ora os factos somente provaram que se abusou d'elle com insigne má fé e vergonhosa perfidia. O que seria aquelle systema se lealmente, honestamente se persistisse n'elle, não se póde ainda saber. Talvez seja impossivel com os elementos que forçosamente têem de entrar em todas as nossas combinações politicas. Não me atrevo a negal-o hoje; desejar que assim não fosse, ainda o desejo de todo o meu coração...

Vieira de Castro era dos que sentiam a belleza, mas lamentavam a impossibilidade do systema que andou alcunhado de *Ordeiro* e que não foi nem pretendeu nunca ser mais do que a applicação a Portugal do que hoje prevalece em todo o mundo civilisado. Entendia elle que o partido popular, por quem fôra elevado, tinha direitos imprescriptiveis á sua fidelidade, ainda reprovando, como reprovava, e talvez por isso mesmo que reprovava — os excessos que em seu nome se haviam commettido.

Persistiu n'essa opinião que podia ser errada, mas nunca deixar de ser nobre; e, levado pelo circulo eleitoral de Guimarães á camara de 1839, ahi fez urbana mas decidida opposição ao governo, todo composto de amigos seus particulares, e do qual, sem o desejar nem solicitar, e durante a sua ausencia no Porto, recebêra o pouco substancial mas honroso cargo de Guarda mór da Torre-do Tombo.

N'esta mesma legislatura de 1838 a 39 sobresahiu, entre a firmeza de seus principios, o ânimo conciliador que sempre o distinguira: foi um dos que propoz, e mais generosamente sustentou a *memoravel lei* para remover a inhabilidade dos que, no principio da revolução, se tinham demittido de seus logares inamoviveis, e que em regra ordinaria teriam de subir de novo a escala de serviço para poder voltar a elles.

Esta lei, documento insigne da generosidade de um partido, e que ficará eterno monumento de vergonha para outros, foi proposta pela esquerda e centro esquerdo da camara.

Dissolvidas as Côrtes em 25 de Fevereiro de 1840, a ascendente preponderancia da direita da camara, auxiliada dos meios do governo, excluiu da eleição quasi toda a esquerda, e quasi annullou por tanto, virtualmente, o centro. Pela primeira vez, desde a Restauração, Vieira de Castro deixou de entrar no Parlamento; e viveu retirado de todos os negocios publicos, estimado e frequentado de seus numerosos amigos em todos os partidos, até que os espantosos, mas muito esperados, successos de Janeiro de 1842 vieram suscitar todas as suas energias politicas e violental-o — muito violentado, porque o unico desejo e ambição da sua alma era o repouso da vida privada — violental-o, repito, a acudir pelo que entendeu ser obrigação de sua honra, tomando parte activa nas cousas publicas.

A questão da Carta não era, nem fôra nunca para elle, nem para nenhum dos seus amigos politicos, uma questão vital de principios. Pela revolução de 1820 a nação tinha readquirido a sua antiga liberdade: e o não ficar esta perfeitamente formulada na constituição de 1822, não absorveu — nem desculpou sequer — os erros e os crimes commettidos pela reacção de 1823, que a justiça divina tam severamente visitou sobre os desgraçados Principes que n'ella se deixaram envolver. Dias, e muito poucos dias, antes de sua inesperada morte, o Senhor D. João VI estava resolvido a emendar o êrro (nos crimes não tivera parte, e mais que ninguem padeceu por elles!), quando o surprehendeu a mysteriosa enfermidade que desde logo o privou de toda a participação nos negocios. A restituição do roubo que se fizera ao seu povo, não pôde ser obra d'elle; veiu a sêl-o da generosa e avisada politica de seu primogenito que, por ella, segurou a duvidosa e disputada successão de sua Augusta Filha, firmando-a nos interesses de um partido que de certo contava a grande maioria das intelligencias e das energias moraes da nação. Este partido, o partido liberal, o que acceitou, o que defendeu e restituiu a Rainha, nunca recebeu pois a Carta como outorga ou dadiva, senão como restituição da liberdade. N'estes ultimos annos, e depois da revolução de 1836, appareceram theorias posthumas inventadas para fixar a divisão do partido liberal em cartista e não cartista: mas a genuina, a obvia e natural intelligencia nacional foi sempre aquella.

Assim quando a revolução de 9 de setembro — que tambem não surprehendera ninguem, porque, mezes antes, a esperavam todos os partidos — proclamára a revisão do codigo de 1822, a uns pareceu inutil, a outros inconveniente, mas a ninguem de boa fé e desapaixonado podia parecer illegitimo e sacrilego attentado em que depois se quiz arvorar pelos inimigos, não tanto dos principios como das pessoas, e não tanto inimigos das pessoas como despeitosos pela popularidade que as seguia e lhes tinha fugido a elles.

Por outra parte, o partido liberal mais puritano não podia, nem devia em boa razão, achar vicio de origem na constituição de 1826: ella era a mesma constituição de 1822 revista sim pelo Principe, mas acceita pelo povo, e para negar a incompetencia do revisor era tarde, havia prescripção. Mas podia — e só agora podia, depois da pratica e experiencia — declarar a revisão imperfeita, e proclamar a necessidade de outra nova. Isso se fez; não disputo do modo, assevero o facto: e como tal acceitaram a revolução todos os que a acceitaram nas suas consequencias.

O governo representativo estava de certo mal formulado para Portugal no codigo de 1822, tambem o estava bastantemente mal no de 1826, tambem o estaria no de 1838. Não se disputam aqui esses pontos; enuncia-se o que é verdade evidente — que a origem de todos é a mesma.

Não havia pois no animo de um verdadeiro liberal, como era Vieira de Castro, repugnancia de principios á Carta, que elle tanto tinha defendido e pela qual tanto se sacrificára. Mas detestava, como homem leal e honrado, a perfidia e deshonestidade dos meios por que fôra trazida uma reacção sem objecto possivel mais que o interesse de pou-

cos e obscuros intrigantes, especuladores na credulidade de alguns descontentes cujos *impossiveis* desejos lhes prometteram *faceis e promptos*. Vão vendo o futuro, vão se desenganando, se olharem para o passado, devem tremer.

Por muito tempo insistiu Vieira de Castro na tenção de se demittir do pequeno cargo que occupava para se desobrigar d'essa formalidade, a que chamaram reiteração do juramento á Carta. Decidiu porém acquiescer no contrario, pela resolução em que viu os seus amigos de seguirem em tudo o exemplo d'elle; não quiz tomar sobre si a responsabilidade das consequencias que para tanta gente, e para a causa publica ainda, o seu exemplo podia ter.

Começaram os trabalhos eleitoraes no principio do verão, quando elle com tanto gosto e empenho projectava uma digressão por Inglaterra e França, em que razoavelmente esperava descançar o espirito e restabelecer o corpo; mas teve de fazer o sacrificio d'este seu tamanho gosto ás conveniencias politicas, ao alto logar de confiança que no seu partido occupava e que, por suffragio universal, toda a opposição lhe deferia. Muito provavelmente a sua prematura morte se originou d'este sacrificio. A antiga, intima e cordeal amizade de quem escreve estas linhas, a nunca desmentida e fraternal confiança com que sempre o tratou, lhe dão a dolorosa convicção de que o germen da enfermidade a que succumbiu quando se desenvolveu tam aguda e violenta, principalmente se originára das inquietações de espirito e corpo, da inevitavel irritação de sangue e nervos em que forçosamente traz a vida activa politica, sobretudo aos de forte sentir e de coração generoso.

O governo, presidido por um homem que tinha sido objecto da maior deferencia e indulgencia politica de seus contrarios, que nem quando em guerra aberta, com as armas na mão contra elles e contra a lei do Estado, recebera a mais leve injuria ou desattenção, devia ser um exemplar de tolerancia. Quem diria que esse governo havia de ter a cobardia de ir exercer sobre o homem mais generoso, mais conciliador e mais moderado de toda a opposição a sua ignobil e regateira vingança! Pois um de seus primeiros actos foi demittir a Vieira de Castro do cargo de Guarda-mór da Torre do Tombo.

Assim testemunhou o partido vencedor agora a gratidão que lhe devia pelo modo com que o ministro da Justiça de 1836 com elle se houvera quando partido vencido. Commentario eloquente á lei das rehabilitações proposta em 38, ao systema seguido depois das catastrophes de Belem e de Ruivães! E todavia não era, não é de certo o partido Cartista o que de taes vergonhas pode ser accusado: não é esse o que hoje figura e manda.

Sentiram todos, menos elle, commemoraram todos, menos elle, as circumstancias *unicas* d'este monumento historico que nunca mais será esquecido em quanto a immoralidade de seus mandões não acabar de delir os ultimos vestigios do antigo caracter leal, generoso e cavalheiro d'esta nação. Pelo que o acto tinha de ministerial, Vieira de Castro recebeu com satisfação e se honrou d'elle: sentiu-se comtudo é verdade e deve dizer se, sentiu se profundamente de ver tão facilmente apposta áquelle diploma de baixeza ministerial a assignatura de uma Mão Augusta, que tantas vezes beijára com respeito e devoção, e que se dignára dar lhe o raro, mas por elle bem merecido, testemunho de pessoal complacencia e gratidão... Tanto póde a intriga atrevida e villã; tanto mais pode do que a devoção sincera e desinteressada da pura lealdade!

O governo levou as eleições quasi todas de vencida: a opposição ganhou poucos deputados, o partido Cartista ainda menos: pouquissimos dos antigos caracteres parlamentares entraram no salão de San Bento em julho de 1842: — uma immensa maioria de gente da nova facção. Mas entre os poucos, foi Vieira de Castro eleito pelo collegio da Extremadura, onde o tinham mandado, como eleitor seu, as freguezias reunidas do Sacramento e Martyres de Lisboa.

Já o opprimiam os symptomas precursores de uma grave molestia, quando as primeiras e memoraveis discussões da camara fixavam a attenção publica. N'ellas tomou sua parte com a dignidade, concisão e força que sempre caracterisou a sua linguagem, breve mas impressiva, na tribuna.

Ia-se-lhe aggravando o mal, e persistia em ser assiduo na camara, onde com razão julgava que a sua presença era por tantos motivos necessaria. Finalmente nos ultimos dias de Agosto o seu padecimento foi declarado grave e de dar cuidado. Não se póde descrever a consternação dos seus amigos, o disvelo com que lh'a encubriam, os extremos com que foi tratado. Dois dos mais eminentes facultativos da capital lhe assistiram constantemente, muitos foram consultados. A molestia resistiu a todo o engenho da arte e a todos os empenhos da amizade. O pateo da quinta em Campolide, onde, por melhorar de ares, havia um mez tinha ido habitar, estava cheio das equipagens e cavallos dos que iam e vinham constantemente para saber novas de uma saude que interes-

sava a tantos. Nem faltavam as humildes visitas dos que iam a pé, porque em todas as classes e posses havia o mesmo interesse — havia talvez mais no quantioso numero de desgraçados que viviam de sua generosidade e bom coração; numero immenso que só por sua morte se pôde avaliar: tanta era a verdadeira virtude com que sempre encubriu o bem que fazia.

A sua molestia era um typho violento e que se declarou rebelde. Não houve animo para o avisar do perigo, mas conheceu-o elle, e fazendo com admiravel sangue frio as suas disposições testamentarias, pediu os Sacramentos, e nos braços de um sacerdote seu amigo expirou sem grande angustia pelas oito horas da manhã do dia 20 de Setembro d'este anno.

A dôr dos seus amigos foi d'aquellas dôres profundas que não fazem alardo nem escarcéo; mostrou-se d'ella o que não foi possivel occultar. Mas o sentimento publico foi clamoroso e impressivo, foi o de uma consternação por calamidade geral.

Conduzidos os seus restos mortaes, na noite do mesmo dia 20 para a egreja de S. Sebastião da Pedreira por alguns amigos mais particulares, ahi se lhe fez, na manhã seguinte, officio do corpo presente, com a assistencia de todas as pessoas notaveis de todos os partidos, e de um immenso numero de cidadãos de todas as jerarchias. Coches da Casa Real levaram e acompanharam o feretro para o cemiterio dos Prazeres, e alguns corpos de todas as armas da guarnição lhe fizeram as honras derradeiras.

Muito antes porém de chegar o cortejo ás portas do cemiterio, um grande numero de pessoas de todas as classes, em que se contavam ministros da Rainha, deputados, pares do reino e membros dos tribunaes, quizeram dar á memoria do seu amigo o ultimo testemunho de saudade e respeito, tomando em suas mãos aquelles despojos mortaes para os levar ao jazigo. Tirou-se o caixão do coche Real, e, uns revesando os outros, o conduziram assim até o cemiterio.

Jaz em sepultura separada, no extremo para o lado do sul, onde sua inconsolavel familia lhe está mandando levantar um monumento.

No dia 20 de outubro, na egreja do Sacramento celebraram solemnes exequias ao seu Eleitor os cidadãos reunidos d'aquella freguezia com a dos Martyres. Ninguem foi convidado, os jornaes annunciaram a solemnidade e a egreja esteve cheia.

Não coroarei a narração d'estes factos com nenhum epilogo de eloquencia pretenciosa, ou affectadas expressões de sentimento.

Era um homem como sempre houve poucos, como já agora quasi que os não havia n'esta terra. A sua falta é irreparavel, hão-de choral-a todos os partidos.

DEDICAÇÃO DA CAPELLA DOS SRS. MARQUEZES DE VIANNA NO SEU PALACIO DE LISBOA [1]

(1846)

Em meio d'este fervor, d'esta mania de destruição que nos tomou e que ha meio seculo se tem apoderado da Europa, sentimos todos uma ancia, uma necessidade intima de construir alguma coisa. Mas como, mas o quê, mas para quê?

A confusão de todas as idéas, a incerteza de todos os principios, o vago e indeterminado de todas as aspirações fazem impotente o espirito e o braço.

Somos filhos de paes incredulos, mas desejamos crer nós; somos herdeiros e successores dos que demoliram, e queremos edificar nós. Morrem porém os desejos e a vontade, porque nenhum vigor de principios certos os acompanha á nascença. Este intervallo da destruição á construcção, é um repouso inquieto da humanidade que o dedo de Deus suscitou em furor de guerra, que o dedo de Deus guiará um dia á serenidade da paz — que hoje abandonada d'elle, se revolve no meio das ruinas que fez, que não podia deixar de fazer. Ahi está, pasmada do presente, temendo ainda do passado, e anhelando por se pôr a caminho para um futuro que não sabe quando nem qual será.

A seu tempo, no tempo que só Elle sabe contar, ha de dizel-o Deus aos homens. Temos d'isso fé viva; mas tambem crêmos seguramente que primeiro nos quer deixar ver bem claro que não é a razão nem a sciencia humana que, per si sós, podem achar o fim da humanidade. Abriu-nos os olhos para vêr o erro, e combatemol-o; ainda nol-os não abriu para ver a verdade e nos abraçarmos com ella.

Por isso estamos assim, como os escapados do diluvio: o que era, já não é, porque Deus o mandou destruir; o que ha de ser ainda não é, porque Deus o não mandou construir.

Esperemos.

E quando a vontade de Deus se manifestar, construiremos.

No entanto, já vemos que o corvo que sahiu da arca não voltou; e que a pomba descobriu nos cimos das oliveiras os rebentos novos que promettem a paz desejada.

E' a incredulidade velha e corrupta que se afogou em si mesma; e é a fé que promette renascer. Estas são as duas unicas verdades consoladoras que existem hoje na terra. De que a isto, ao menos, chegaram os homens, são geraes, são constantes, são inquestionaveis os symptomas.

E' a fé que ha de reconstruir o mundo.

O que pretendeu a philosophia soberba e não póde, ha de fazel-o a religião humilde que póde.

Da cruz veiu a regeneração moral, e da cruz ha de vir a regeneração material e intellectual do mundo.

Foram estes pensamentos — ou mais exactamente, este era o sentimento intimo d'alma com que ha pouco, em 14 de dezembro d'este memoravel anno de 1846, assistia á mais rara e interessante solemnidade em que ainda tomei parte: — a dedicação de um novo templo.

Era no palacio dos marquezes de Vianna. Todo o brilho da riqueza, toda a elegancia das artes, todo aquelle fino gosto que caracterisa o nobre marquez e as suas esplendidas festas nos rodeava: a primeira sociedade de Lisboa alli estava, assistia o sr. Patriarcha, officiava o sr. Arcebispo de Mytilene: todas as grandezas e todas as attracções alli se reuniam. Mas erguida sobre todas as pompas da egreja e da sociedade estava a cruz do Christo, estava a imagem da Virgem. Symbolos de fé e de esperança alçados sobre todas as incertezas e agitações do seculo!

A invocação da Virgem é a de Nossa Senhora da Bonança; e a capella um voto feito pelos senhores marquezes vendo-se em

[1] Publicado em 1847, n'um opusculo que tem por titulo: «Sermão prégado na dedicação da capella de Nossa Senhora da Bonança, no dia 14 de dezembro de 1846, pelo presbytero Carlos do Cenaculo».

perigo de vida na altura do cabo de Finisterra quando regressavam de França a Portugal em 1843, no dia 30 de outubro.

N'aquelle seu palacio, ao Rato, hoje o mais elegante de Lisboa, mora ha muito com S.as Ex.as a elegancia, a urbanidade e a perfeita grandeza. Seus esplendidos salões amiudadas vezes se abrem a todas as distincções sociaes sem exclusão de partido ou de opinião Nunca se fez melhor uso do poder, da riqueza, da superioridade do nascimento e da posição social; nem se deu melhor documento do muito que valem reunidas, de quanto podem ser populares, e da benefica influencia que são chamadas a exercer em uma epocha difficil como a nossa.

A erecção da elegante capella é um remate digno do palacio e do dono d'elle.

Escrevo aqui o que pensei e senti n'aquella occasião, o que muitas vezes tenho dito: que o não tome o sr. marquez por lisonja: não as sei dizer.

A sua festa foi completa. O sermão — coisa mais rara que nenhuma hoje em Portugal — tinha razão, estylo, elevação de pensamentos, e não lhe faltava uncção christã.

Recordarei sempre com satisfação a manhã do dia 14 de dezembro de 1846.

— — — —

NECROLOGIA

DA EX.ma SR.a

D. HELENA FEO DE SOUSA E MENEZES ARANHA[1]

Janeiro de 1859

Um momento só — e voltaremos ao cansado tumulto d'essa vida afadigada em que nos gastamos. Mas um momento, para deixar cahir estas flores de saudade, e dizer duas palavras de despedida a esse pequeno tumulo onde acabam de sumir-se dezenove annos de graça e de gentileza, um coração de ouro e a mais querida esperança de toda uma familia.

Os fastos de um paiz, que verdadeiramente quer civilisar-se e ennobrecer-se, não teem de gravar sómente em suas tabuas os nomes dos grandes capitães e dos grandes escriptores. Ha illustrações que se não cortam á espada, nem se escrevem á penna. Aquella matrona romana que ficou tão immortal como os maiores homens de Plutarcho — no seu memoravel epitaphio, o que se dizia d'ella? que esteve em casa e que fiou na roca. E' que na vida, e sobretudo na vida feminina, á modesta sombra das paredes domesticas florece abrigada e tranquilla mais gloria, que nos campos de batalha, do que no fôro e na academia.

Gravemos pois aqui, sôbre esta pedra singela, tão molhada das lagrimas maternas, das do esposo, dos irmãos, dos amigos que a adoravam todos, o nome de D. Helena Feo de Souza e Menezes Aranha. Ponhamos ao pé o da inconsolavel mãe D. Maria da Conceição de Lima Feo; o de seu honrado pae, Manuel Bernardo Cotta Falcão Aranha. — Mencionemos o do afflicto marido Luiz Mendes de Vasconcellos. Todos elles dizem a nobreza da familia a que pertenceu; e recordam as poucas, mas sanctas epochas de uma vida simples, que principiou em 22 d'abril de 1829, que se fixou por um casamento de extremosa affeição em 4 de julho de 1846, e terminou com angustiado padecer em 13 de janeiro d'este anno de 49, ás tres e meia da tarde.

[1] Publicado na *Revista Universal Lisbonense*.

Boa e amante de coração, generosa e caritativa por instincto, desde pequenina o seu maior prazer era dar quanto tinha aos pobres. Sob a apparencia da saude e da frescura, começou todavia a padecer desde a edade de 5 annos, mas sem que positivamente se determinasse molestia grave alguma.

Um anno depois de casada acompanhou seu marido á Hollanda, onde viveu dois mezes, estimada e obsequiada de quantos a conheceram. Egual acolhimento encontrou em Bruxellas, onde passou o restante do inverno, de 47 a 48, e de onde voltou a Portugal já gravemente doente.

As inquietas saudades que n'esta ausencia devoravam as entranhas de sua extremosa mãe, eram — parecia — o presentimento do mal que a ameaçava, e que logo se começou a confirmar apenas abraçou tão mudada, tão transtornada a sua filha querida.

Os ares patrios e o afago dos seus mostraram ao principio, querer restaurar a perdida saude da enferma. Porém foi enganosa a promessa, os maiores disvellos nada poderam: em poucos mezes a medicina desesperou.

Apenas se julgou o perigo imminente recorreu se aos remedios espirituaes. O nuncio de S. Santidade, bem visinho e amigo d'aquella estimavel familia, celebrou o augusto sacrificio junto ao quarto da enferma e lhe administrou o Sacramento.

Soffreu resignadamente seus crueis padeceres, passou com animo admiravel por todos estes transes, sem queixumes, sem ancias de espirito, com uma paciencia e conformidade angelica.

Assim chegou aos ultimos instantes da vida. O derradeiro suspiro do anjo, que o recebessem os anjos no céu. E que de lá venham, a Esperança e a Fé consolar as máguas dos seus, dar algum alivio ás inconsolaveis saudades da mãe.

NECROLOGIA

DO SR.

FRANCISCO KRUS

Outubro de 1839

Sabbado vinte e sete de Outubro sahiu, pela ultima vez, da sua elegante residencia, no pateo do Duque, o honrado cavalheiro e distincto negociante d'esta praça, Francisco Krus, patriarchalmente levado nos braços dos numerosos dependentes do seu vasto estabelecimento commercial, que assim testemunharam publicamente o seu respeito e affeição por elle. Acompanhavam-n'o tambem alguns de seus mais intimos amigos. Na vespera, rodeado de sua numerosa descendencia, parentes e amigos que o choravam, fallecêra tranquillamente da morte dos justos. No dia seguinte, as pessoas mais notaveis de todas as classes assistiam ao officio de corpo presente, que se celebrava na Egreja parochial do Sacramento, e acompanhavam depois ao seu jazigo no cemiterio do alto de S. João.

De muitos se diz, mas de poucos é verdade, que a sua morte foi geralmente sentida. N'este caso é bem exacta a asserção; porque é uma e unanime voz publica sobre a austera probidade, a larga intelligencia e a pouco vulgar instrucção do fallecido.

Nascido em Altona, junto a Hamburgo, e allemão de origem, mas subdito dinamarquez deram-lhe seus paes aquella educação vasta e profunda que alli faz tão respeitavel e preponderante a sua classe. Nem lhe faltou o que vulgarmente se chama de ornamento e agrado, porque não era hospede nas amenidades da litteratura, nem estranho á cultura das artes. Cabeça fortemente organisada, vasada no molde severo de que se fazem os mathematicos e os philosophos, no coração vibravam comtudo harmonicamente as cordas que precisa a alma do artista e do poeta. Ninguem resolvia melhor um problema financeiro, nem avaliava meshor um producto da arte ou do genio, nem lentia mais vivamente as grandes bellezas da natureza, que Deus dá a admirar a todos, mas a sentir a mui poucos.

Assim dotado pela natureza e instituido pela educação, se entregou á profissão de seus paes, e começou de mui tenra edade a estudar profundamente, não as vulgares rotinas e costumeiras do commercio, mas o que elle tem de vasto e superior, e que demanda conhecimentos e instrucção não commum.

Em breve adquiriu a reputação que merecia, e viajando por Hollanda, Inglaterra e Hespanha, cujas linguas falava como muitas outras, praticamente se aperfeiçoou no conhecimento da sua profissão, por tal modo, que tendo apenas vinte e tantos annos foi associado a uma respeitavel casa de Londres, e n'essa qualidade foi residir na cidade do Porto. Alli viveu alguns annos, e d'alli passou a vir fundar em Lisboa egual estabelecimento. Algum tempo depois casou com D. Josefa Pacheco Monteiro, de uma distincta famila de Merida, da Provincia da Estremadura. Começava a sorrir-lhe a fortuna, e a produzir o devido fructo a assiduidade e intelligencia dos seus trabalhos em Lisboa, quando a casa de Londres, menos feliz ou menos bem dirigida, suspendeu repentinamente os seus pagamentos. Avisado com tempo, pelo feliz accidente da demora de um paquete, pôde á força de trabalhos, occorrer áquella grande crise, ajudado por seu credito e reputação, já então immensa. Era tal que um grande numero de capitalistas se lhe offereceu logo para o sustentar, pondo á sua disposição sommas consideraveis.

Por esta occasião para satisfazer escrupulosamente á sua honra e dar credito a seu nome, perdeu metade de seus cabedaes, que já eram consideraveis.

Mas não ha duvida que, ainda quando a probidade e a honra não fossem tamanhas virtudes como são, ainda assim se deviam cultivar e adorar por mero interesse; maxima verdadeira para todos, duas vezes ver-

dadeira para o negociante. Desde então não fez senão prosperar o seu credito e proveitos: e em breve se estendeu o gyro de suas transações a toda a Europa. Nenhuma firma mais acreditada e nenhum homem mais respeitado havia em Lisboa. E Lisboa era tambem para elle a terra da sua predilecção, a sua segunda patria. Aqui encontrára valiosos amigos; aqui a estima e a consideração geral o acompanhavam. Este céo, este clima, esta serena tranquillidade da povoação, que nos enfastia a nós de genio mais buliçosos, a elle o encantavam. Falava e escrevia, como a sua, a nossa lingua, com exacção rigorosa e sem o mais leve accento, do mesmo modo que falava o castelhano, o italiano, o inglez, o francez, e o hollandez, passando de uma a outra com admiravel perfeição e sem um equivoco de orthographia ou de pronuncia.

Em tudo assim era, de uma pontualidade extrema. As horas do trabalho, da refeição e do passeio todas tinha contadas.

Tão estimado porém, como foi entre nós, não o era menos nos paizes estrangeiros, e com especialidade no do seu nascimento. O governo de Dinamarca o quiz, por vezes, nomear seu Consul geral aqui; e sempre recusou, porque modesto em exaggeração, todo o cargo e funcção publica lhe repugnava. O mesmo lhe succedeu com a cidade de Hamburgo e mais cidades hanseaticas, ás quaes teve por fim de ceder, acceitando a nomeação, á força de insistencias a que já não era possivel resistir.

Aos sessenta e sete annos de sua edade, cheio de saude, e em todo o vigor de seu espirito, o accommetteu repentinamente uma congestão cerebral, com cuja violencia luctaram em balde os melhores facultativos e a incansavel assistencia de seus filhos, de sua mulher, de seus parentes e amigos mais intimos, que rivalisavam de assiduidade e carinho. Foi tremenda a lucta, durou quarenta e oito dias: tanto se empenhara a arte, e tanto resistia uma constituição poderosa, conservada por longos habitos de regularidade e moderação.

Durante o seu longo padecimento não desamparavam a porta as continuas visitas das mais distinctas pessoas d'esta terra. Sua Magestade El Rei, que o honrava com especial distincção, lhe fez esta ultima de passar a informar-se pessoalmente do estado da sua saude.

Emfim, depois de um verdadeiro martyrio, soffrido com resignação de santo, e fortaleza de philosopho, falleceu na madrugada do dia 27, com todas as demonstrações de fé e piedade christã, que o estado dos seus orgãos lhe permittia dar.

A dôr sincera e profunda dos seus, não é das que se descrevem nem se podem consolar. A herança de um milhão de cruzados que lhes deixa, adquirida com a mais exemplar honestidade, é um motivo mais de sentimento e de pena; porque não terão um momento na vida em que se possam esquecer de que devem quanto são e gosam, a um pae e a um marido que não teve outros pensamentos e cuidados senão o bem de sua familia.

A classe dos negociantes, que em nossos tempos é chamada a maiores destinos e á mais alta importancia na sociedade, que nunca teve, deve tomar por modelo e por exemplar este homem que morreu millionario sem faltar a um dever nem transigir com um escrupulo; que affrontou com intrepidez a sorte adversa, e se moderou com modestia na prosperidade.

Que esta opinião tam justa, tam merecida e tam geral seja a melhor herança de seus filhos; que se orne com ella a sua viuva como do mais brilhante diadema; que seja — e é — um distincto brazão de nobreza para seus netos; e que a saudade de todos os seus seja a maior consolação por tamanha perda.

Por minha parte, faço timbre em manifestar aqui publicamente quanto me honrei sempre com a sua amizade e com as distincções de obsequio e de affecto que lhe devi.

Descance em paz, viva com Deus a sua boa alma; e na lembrança dos homens a sua honrada memoria.

NECROLOGIA

DA EX.ma SR.a

D. MARIA THEREZA MIDOSI E MAZAREM

Setembro de 1850

Desparzam rosas sobre o seu jazigo porque ella era bella d'alma e de corpo! E as palmas da virtude que lh'as ponham tambem ahi, porque as mereceu n'uma vida pura e recatada, repartida toda entre o amor de seus paes que a adoravam, do esposo a quem fez tão feliz, e dos filhos seu maior amor e cuidado.

Trinta annos viveu e trinta annos se lhe passaram n'isto: sobrado tempo a outras para accumular desvarios, e percorrer toda a carreira dos vicios e das leviandades. Para ella foram escassos dias, porque os aproveitou todos assim.

O mundo conheceu-a pouco; os seus, muito, — Deus ainda mais. Elle saberá premial a, consolar tambem os que choram.

Era a filha primogenita do conselheiro Paulo Midosi, e de sua mulher D. Marianna Midosi; chamou-se D. Maria Thereza Midosi e Mazarem, porque casou com o sr. Joaquim Luiz Mazarem, filho do distincto facultativo d'este appellido. Tinha nascido em Lisboa em 14 de agosto de 1819, e em Lisboa falleceu a 13 de setembro d'este anno de 1850.

Todas as qualidades de uma senhora exemplar se davam n'ella: religiosa sem hypocrisia, amavel sem affectação, instruida sem pretensões. Falou, como a sua, as linguas ingleza e franceza, teve uma completa e aproveitada educação; pudéra brilhar como poucas pelos dotes de alma e pelas graças do corpo: escolheu viver para si, entregarse ás modestas occupações do lar domestico.

Domum mansit, lanam fecit.

Brilhou no centro de sua familia porque para mais nada viveu.

Consumiu a a molestia em seus ultimos annos, padeceu muito (!) e veiu por fim a morrer dolorosamente de uma febre typhoide que a sciencia não pôde vencer.

Em premio de tanta abnegação e soffrimento tem hoje de certo a bemaventurança n'uma vida melhor, sem termos e sem dores. E n'esta, ficará perpetuada a sua boa memoria entre quantos a conheceram, e inextinguivel a saudade dos que lhe pertenceram.

Quem escreve estas linhas, andou com ella ao collo — e galantissima creança que então era! Nunca pensou viver para ter de escrevel-as.

Deus reparte a vida e a morte segundo lhe praz. Bemditos os que morrem com elle.

MONUMENTO

AO

DUQUE DE PALMELLA

D. PEDRO DE SOUSA HOLSTEIN [1]

Lisboa — Novembro de 1850

Nenhum nome illustra mais a historia contemporanea de Portugal do que o do Duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein. Desde o congresso de Vienna no principio d'este seculo, até á presidencia da representação nacional n'estes ultimos annos, constantemente o vemos, o respeitado defensor das ideas nobres, generosas e livres, pugnar pela independencia do seu paiz, sustentar os direitos da corôa portugueza e luctar pelo estabelecimento do regimen constitucional entre nós.

Embaixador nas primeiras côrtes da Europa, ministro de Estado nas mais difficeis crises, chefe do partido liberal durante a emigração, junto a D. Pedro no Porto, seu logar tenente em Londres, em Paris, no Algarve e em Lisboa, presidente da regencia da Terceira, e por ultimo á frente da camara dos Pares, jámais desmentiu de seus principios, que uns taxaram de pouco, outros de demasiado progressivos: prova infallivel de que não desviaram nunca da moderação que professava, e que elle tinha pelo mais curto e seguro caminho de chegar ao fim proposto.

Intelligencia transcendente e rara, cultivada por uma alta educação, amenizada por uma instrucção não vulgar, e pelo trato dos primeiros caracteres do seculo, ninguem pezava menos pela sua superioridade, nem fazia perdoar mais facilmente, o que mais custa ao vulgo perdoar — o merecimento pessoal e a constancia da fortuna.

Estas qualidades lhe fizeram muitos amigos; sua illimitada generosidade, muitos clientes, e com o tempo e com os desenganos lhe apagaram muitas inimizades e malquerenças, muitas desconfianças e prevenções que nascem sempre ao redor da grandeza e da felicidade, que a inveja cultiva com disvelo e que só á força de bondade, de indulgencia e de magnanimidade se destroem. Não o consegue nunca o vingativo nem o soberbo por mais que valha e mereça.

Bem claramente o vimos em seu funeral a que toda a população de Lisboa acudiu como em pranto publico, rodeando seu feretro os homens mais eminentes de todos os partidos, mais distinctos pelo saber, poder e haver — as tres inevitaveis aristocracias de todos os tempos.

Foi d'esta quasi unanimidade de sentir n'uma perda que todos choraram por sua, foi d'esta homenagem geral paga na morte do homem bom e do bom cidadão até pelos mesmos que lh'a recusaram em vida — que nasceu a lembrança entre alguns mais intimos amigos do fallecido de promover a erecção de um monumento publico á sua memoria. Reuniram-se para este fim, consultaram dos meios e condições com que deviam fazêl-o; e resolveram dirigir-se, como hoje fazem, á nação portugueza, pedindo-lhe que adopte por seu este pensamento, que sanccione com a sua concorrencia esta proposta, em que tanto ou mais é interessada a sua propria gloria, do que a do filho illustre que assim devem premiar e coroar.

Nós temos sido uma nação de ingratos. Monarchicos sempre, dir-se-hia que nos devora o ciume republicano e que proscrevemos com posthumo ostracismo até a memoria dos que bem nos mereceram. E' tempo de mostrarmos que é infundada a accusação de que nos fazem, e que, pois temos um regimen livre, nos desaffrontâmos da que não era culpa nossa, senão do governo: que cidadãos, como hoje somos de um paiz livre, teriamos dado aos nossos grandes homens o tributo de honra que fomos constrangidos a negar-lhes, quando vassallos de uma terra serva.

Solicitâmos portanto do publico uma subscripção geral para a erecção de uma estatua, que ha-de ser levantada ao Duque de Palmella, D. Pedro.

[1] Encontrado entre os autographos.

A estatua, levantada no largo das Côrtes, será em bronze fundido, collocada em um pedestal de granito; representará o Duque em pé, revestido dos trajos e insignias da alta magistratura civica a que o chamaram seus talentos e serviços nos ultimos annos de sua vida.

A commissão escolhida na reunião preparatoria dos amigos do defuncto Duque de Palmella, D. Pedro, para formular o modo e condições com que deve promover-se a erecção de um monumento nacional á sua memoria, entendeu que naturalmente devia dividir em duas partes distinctas o seu trabalho.

Indica pois, na primeira, o methodo que lhe pareceu mais verdadeiro e proficuo de obter o concurso da grande maioria dos portuguezes que respeitam e honram a memoria do illustre Duque.

E indica, na segunda, a qualidade e forma que julga dever dar ao projectado monumento, para haver de caracterisar, assim as qualidades da pessoa que tem de representar, como o pensamento dos que vão erigil o.

Na primeira parte propõe a commissão:

I. Que se promova em Lisboa a formação de uma associação, para a qual sejam convocados, sem distincção de partidos, todos os cidadãos, que, apreciando as virtudes civicas, e os grandissimos serviços do chorado Duque de Palmella, conhecerem ao mesmo tempo quanta obrigação e necessidade tem um paiz livre e civilisado de honrar a memoria dos seus benemeritos.

II. Que para este fim a reunião preparatoria escreva a todas as pessoas influentes e conhecidas para partilharem estes sentimentos e opiniões: assim na capital como nas provincias.

III. Que a subscripção, para ser accessivel a todas as posses, se não limite a minimo algum, acceitando-se toda a contribuição; mas que o maximo seja limitado á quantia de 5$000 réis.

IV Que se nomeie desde já um thesoureiro geral.

V Que se nomeie tambem uma commissão directora do monumento, para se começarem os trabalhos preparatorios d'elle, quanto antes.

VI. Que esta commissão tenha plenos e inteiros poderes de tratar e resolver quanto cumpra, debaixo das seguintes condições que lhe serão votadas pela reunião.

E passando á segunda parte do parecer, propõe a commissão, resumindo as referidas condições a cinco:

I. Que o monumento que se trata de erigir ao nobre Duque de Palmella, D. Pedro, seja uma estatua de grandeza mais que natural, em bronze fundido.

II. Que esta seja no estylo que chamam senatorio, em pé, indicando em tudo a alta magistratura politica, exercida nos derradeiros annos de sua vida e a que o chamaram seus talentos e serviços.

III. Que o trajo, emblemas e accessorios sejam escolhidos de modo que fiquem bem caracterisadas as funcções e cargos publicos do Duque, sem confundir as epochas e o seculo em que viveu.

IV. Que a estatua assente sobre um pedestal de granito do Porto.

V. Que seja collocada, com o assentimento da auctoridade publica, a quem competir dal-o, ou no largo das Côrtes, ou em qualquer outro logar que melhor convenha para se expor á veneração publica a imagem do grande homem e benemerito cidadão cuja perda deploramos.

Lisboa, em reunião preparatoria da associação, aos... de novembro de 1850. — *Conde de Lavradio — Almeida Garrett — R. da Fonseca Magalhães.*

VIAGENS E IMPRESSÕES

VIAGENS E IMPRESSÕES

DIARIO DA MINHA VIAGEM A INGLATERRA[1]

Junho, 9.— A bordo do paquete inglez «Duque de Kent 2.º» no Tejo

São dez horas da noite. Bateram agora nas grimpas do palacio das Necessidades. No palacio das Côrtes, diria eu ha oito dias! Hoje profanam os frades o recinto das leis e da soberania nacional. — Nação! — Pois somos nós por ventura nação? — Miseraveis! Com que olhos nos verá a Europa, nós que perdemos tão vilmente no espaço de tres dias toda a gloria portugueza adquirida no longo curso de seculos, ganha com tanto sangue, legada com tanta honra e de tempos immemoriaes por bizarros avós a tão indignos, tão degenerados netos! — Ahi se allumia a cidade com fogos de alegria: desgraçado! Que festas são essas com que assim vos regosijaes? — Insensatos! quebraes o silencio da noite com o tanger d'esses sinos, rompeis as trevas da obscuridade com a claridade d'essas lampadas! Para quê? Para mostrar mais clara a vergonha de um povo envilecido?— Não quereis nem que o manto da noite vos encubra os vergões de opprobrio com que vos chagou as costas covardes essa legião de escravos armados, que vos calcam e espesinham?»

....

«Meu pae, minha mãe! Vós estaes tão longe: e nem o adeus da despedida, nem uma benção que me acompanhe no desterro e seja sobre a minha cabeça escudo de providencia aos azares que me aguardam por essas terras estranhas, onde me leva meu destino! Irei sosinho... só... tam só como a andorinha que se perdeu do bando das companheiras quando atravessavam o oceano na quadra de suas emigrações! Nem um amigo para falarmos em nossos passados gostos, para desabafarmos as maguas presentes! — Tudo ahi fica n'esse paiz de escravos e miseria! Amigos, companheiros .. esposa... E a minha esposa, a amada do meu coração, o unico arrimo da minha alma desvalida! A companheira que me associou a Providencia... A Providencia! — Não: que me associou a desgraça para soffrer commigo em meus infortunios! — Infeliz! Em má hora te uniram a meus destinos essa vida innocente e gerada para melhor sorte. Aziago foi esse dia em que a minha mão crestada de triste agoiro apertou sobre o altar a tua mão suspirada. Tu sorriste, innocente creatura! Os teus beiços se abriram ao prazer como botão da rosa vermelha desabrocha com o rocio da aurora, ao bruxolear dos primeiros raios do sol. — Ai! quão mal sorriste n'essa hora que devia ser hora de prantos e dia de lucto e choro! — Malfadada! Os meus passos, que já encetavam a carreira tortuosa do infortunio, te conduziram ao leito, por onde hymeneu apenas passou de fugida, e o deixou ermo e solitario para a habitação da viuvez e da tristeza. — Esses regosijos, essas festas, esses risos de alegria jovial, esses copos que retinem com as saudes e sinceros brindes de amizade, esses cantos, esses brincos, todo esse tumulto de satisfação, e ingenuos prazeres... ai! que é d'elles? — Para onde levou todos esses echos do epithalamio o vento árido que soprou das montanhas da solidão, e em vez dos brandos sons da alegria assovia agora os uivos da dôr que retinem nos cortados ouvidos. — Oh! minha Luiza! eu, o amado

[1] J. B. de Almeida Garrett. *Diario da minha viagem a Inglaterra.*—(Fragmentos manuscriptos) 1823 Birmingham.

do teu coração, fui eu quem derramou em teus dias innocentes as lagrimas de fel que se entornaram da taça onde me deu a beber o destino. — Esse fel, essas amarguras eram só para mim: porque vieste participar de meus males, e tomar quinhão em minhas desventuras? – Luiza, querida Luizinha, eis ahi os prazeres que nos esperavam, são estas as alegrias que nos promettemos? Triste! Um coração cheio de amor foi a dadiva nupcial que te doei, a unica joia que recebeste de um esposo amante e adorado. — Que é d'elle agora? Retalhado ahi fica em pedaços, que m'o arrancaram esses carniceiros, e o dividiram entre si para me devorarem todos a alma, que os detesta. — Consolae-a, oh meus amigos: dizei lhe que o seu esposo, com quanto desgraças o opprimam, não será pelo menos escravo. Esse ferrete de vileza não marcará pelo menos a sua face triste mas honrada. — Oh! meu Larcher! Oh! meu Jervis! Oh! Campos, José Maria! Vós todos entre quem se repartia a minha sincera amizade, companheiros da minha mocidade, socios de meus primeiros annos — adeus! — Juntos entrámos no mundo, unidos gosámos dos primeiros gostos da vida: e agora quando começavamos a firmar os passos no caminho da existencia, agora que declinando o primeiro impeto da juventude começava a razão e a prudencia a nos assegurar no honrado termo de nossos projectos, agora que nos despontava a felicidade verdadeira nos tranquillos prazeres de uma vida socegada e virtuosa... agora é forçoso separar-nos... ah! e até quando?... Talvez só a morte nos ajunte no sepulchro. — Feliz, feliz ainda se a terra de meus paes comer estes ossos quando repousarem na solidão eterna do tumulo!

Junho 10

Graças á providencia bemfaseja! Algumas horas de somno me acalmaram um tanto a agitação do espirito. Sinto que me não péza tanto sobre o peito a oppressão de meus tristes pensamentos. — Ai! quanto ha que não desperto e me acho solitario na triste cama.

. . . .

Que arrastar é este de cadeias? — Virme-hão agrilhoar aqui mesmo? Enganam-se, que ahi vae o Tejo, onde me sepultarei primeiro, do que entregar-me a seus gryphos. —Em que estado está a minha phantasia! São as correntes da ancora, que vão suspender. — Levae, levae ferro, dae-vos pressa, filhos d'Albion, afastae-me d'estas praias impiedosas; vamos ao Tamisa, refrescar-nos do ardor d'este sol do meio dia. Aguas leva este Tejo que não apagam sêde, nem refrigeram calmas: labaredas de escravidão, fanaticas fogueiras andam por essas margens, que lhe aquecem as aguas toldadas, e lh'as enturvam com as cinzas das victimas, e com lagrimas de infelizes. — Ah! que já sôa o apito do mestre. Vamos já mareados. — Adeus, patria! Adeus, Tejo! Adeus. — O dia está escuro e triste, pesado de nuvens, e feio. Parece que me acompanha em meu lucto. Oh! não quero ver este céo, nem estas praias: vou-me ao meu estreito cubiculo. Tudo por ahi dorme, ou jaz prostrado de enjôo. Quem serão os meus companheiros de viagem? Veremos. — Oh! se eu podesse ao menos dormir!

11 de Junho

Quem me diria a mim, embarcadiço velho, que tinha de enjoar ainda! — Força era que assim fosse: tão alquebrado, e debil estava eu. — Sequer libertou-me este choque das crueis dôres que me davam o rheumatismo. – Ganhei mais este bem com as fortunas da minha patria. — De vinte e tres annos cedo é para começar taes padecimentos. — Embora: fossem estes só! – São horas de jantar: veremos quem são os passageiros.

27 de Junho

Terra, terra! — Quem nunca embarcou, escassamente póde imaginar o prazer inexplicavel que este brado excita dentro do coração do viajante afadigado das penurias do mar, e ancioso de repoisar os olhos em menos tristes objectos que a melancolica solidão do mar, e o monotono azul da abobada que o tolda. — Prazer é grande em verdade; mas quão aguado me foi este a mim! Quanto lhe cercearam de gôsto as considerações penosas que o acompanharam! —Terra, mas terra estranha, terra de desterro, e de exilio. Ao pôr o pé n'estas praias, não verei um gesto conhecido, nem ouvirei uma voz que me diga: — «Repousa, viajante, n'esta terra hospedeira.» — Oh! quão differente ha dois annos desembarquei eu nas areias do Tejo e cruzei sua dourada corrente n'um d'aquelles bateis que vogam em continuo giro por suas aguas, e lhe dão visos de uma cidade phantastica edificada para o mercado de um dia sobre os rios da China! Com que prazer avistei aquella columna imperfeita que se ergue do meio d'agua ao pé d'esse cáes a que deu o nome! Lá me esperavam saudosos amigos, e mil abraços que me apertavam de alegria, e um contentamento, e uma satisfação, de que mais propriamente dissera o nosso bardo:

> Melhor é experimental-o, que julgal-o
> Mas julgue-o, etc.

Agora quem verei eu n'essas praias sombrias? O taciturno John Bull com as suas botelhas e com os seus negocios, indifferente a tudo quanto não é d'esse genero, e pensando de muito boa fé que um estrangeiro não é homem porque não é inglez. — Orgulhosos sois (não ha hi negál-o) mas que solida base não tem o vosso orgulho, e que razões a milhares vos não levam quasi por força a desprezar o resto dos viventes, e a vos ter em tam alta conta? — Ricos, triumphantes, senhores do mar, poderosos na terra; livres e cidadãos em vossa ilha, reis e despotas no continente, eis ahi o que ha sido esse povo, e o que agora é mais que nunca, quando nenhum rival em gloria ou liberdade lhe apresenta o degenerado e acobardado continente!...

Eis ahi está clara e visinha a terra. É a ponta ou cabo de *Black-head* cuido eu. Negra é com effeito; e negro é todo este horisonte, todo este céo, tudo isto que vejo. Olha que tão feias nuvens pesam sobre as alturas da terra e se alargam por todo esse firmamento! — Cá temos o nevoeiro *classico* toldando os topes das casas. Viva Albion, e as suas nevoas! Mais puro é este ar com toda a sua humidade que esse outro que se respira no delicioso clima de nossas Hespanhas, apesar de sua clareza e puridade. — Pelo menos é livre este; ninguem m'o coarcta aqui, ninguem m'o inveja, ninguem me vem medir os tragos que me toca a tomar d'elle: nem me aguardam calabouços e fogueiras, se o não fiz e respirei segundo as regras do capricho e louca phantasia d'essas sphinges.

7 horas da noite. — O vento é contrario; mas serve no dobrar d'esta ponta. Ahi estão os castellos de Pendennis e St. Mawes. Não tem nada veneravel, nem de antiga noticia. Falmouth é povoação moderna: tudo aqui é tijolo e taipa, de pouca dura e de fresca data.

9 da noite. — Entrámos: ancora abaixo: ahi vem o escaler da visita. — Bem vindos, homens da terra: ha dezesete dias que não vemos outro vivente. — Feitas as perguntas do estylo, o capitão jurou sobre um Evangelho a verdade de suas respostas. — Que valor se não dá aqui a um juramento! — É válida prova em juizo, e base de innumeraveis decisões. Porque? Porque este povo é honrado e religioso. Quebrar um juramento seria o vilissimo dos crimes ao ultimo cidadão inglez; nas nossas terras o perjurio é a *virtude* habitual dos reis! — Aqui vem outro bote; é o *either* da principal hospedaria, *inn* ou hotel como afrancezadamente elles dizem, que nos vem offerecer os seus serviços. — Não, meu amigo, hoje dormirei ainda a bórdo. — Porém alli no bote está uma physionomia, que não é ingleza, nem nova para mim. — Ou sonho, ou é o deputado Xavier Monteiro. É elle mesmo. — «Tambem aqui, senhor?» — E travámos conversação entretida como é de suppôr entre dois estrangeiros que em tão distante parte se encontram. Tinha chegado dois dias antes no paquete Malborough com o conselheiro Ferreira Borges, o ministro Silva Carvalho, o meu amigo Lessa, e varios outros illustres voluntarios proscriptos. Amanhã verei todos estes amigos, lhes darei as novas que sei, e falaremos na nossa demanda...

28 de junho. Falmouth

Desembarquei em Falmouth, pelas 8 horas da manhã; choviscava um tanto, e o sitio em que puzemos pé em terra não era para dar grande idéa d'ella. Umas tristes escadinhas e um cáes mettido n'um beco são o desembarcadouro. — Não sei que tem todavia, esta idéa de *terra* depois de uma viagem enfadonha, que apesar de todos os desgostos, apesar da má apparencia da povoação, do tristonho do clima, e do pasmado das figuras britannico-saxonias, que me rodeavam ao desembarcar, senti por um momento uma sensação de prazer indefinivel, e inintelligivel para qualquer que o não tenha experimentado.

Fomos direitos ao *Royal hotel*, unico edificio notavel, ou soffrivel, em toda a villa. Para todo e qualquer estrangeiro, venha d'onde vier, a primeira entrada n'um *hotel* ou hospedaria ingleza é de maravilhar. O aceio, a riqueza, o arranjo, o systema de ordem e regularidade que nas mais pequeninas cousas se observa é unico e privativo d'este paiz. Isto tudo aqui anda como um relogio, me disse um dia um portuguez judicioso, falando de Inglaterra: dá-se-lhe corda e elle vae por si. — Nunca vi comparação mais exacta: desde a constituição do estado, desde a grande machina do governo britannico até ao pequenino engenho da economia de um *cottage*, de uma cabana de aldeia, tudo anda certo, regular, direitinho e methodico: tudo *vae por si* como um relogio.

29 de junho. Falmouth

Tomámos logar no coche da mala, e partimos para Londres, ás 2 da tarde, eu e os amigos José Ferreira Borges, Menezes, e Lopes Carneiro. — É fatalidade minha que ainda me não vi livre d'esta praga de servis: aqui vae comnosco no mesmo coche um celebre Ornellas, espia, e ridiculo satélite d'esses infames que governam em Lisboa. Conheci nas ilhas o pae d'este homem, hon-

rado velho, que ali foi perseguido pelo bachá Stockler. Quanto os filhos sáem aos paes!

Estrada de Falmouth a Exeter

Este coche corre com uma rapidez incalculavel; os cocheiros inglezes levam a sua arte á perfeição. Esta raça de cavallos não tem comparação com as afeminadas castas da Andaluzia e Alter, que mais se estimam entre nós. Estes são robustos, possantes, marcham direitamente e sem requebros: quando param, ficam firmes sobre os quatro pés. Os nossos cavallos nunca firmam mais que um pé, e uma mão desencontradamente: não sou entendedor; mas cuido que é vicio n'elles.—Que belleza de campos e de arvoredo! Que lindas e pittorescas situações de casas, *cottages*, e quintas! Todavia é esta a mais feia provincia de Inglaterra. Cornwal é mais formosa por suas minas que por suas lavouras. Com effeito em breve o conhecemos. Desappareceu a...

26 de julho. Estrada de Londres a Gravesend

Dormi esta noite no hotel da *Cabeça do sarraceno*; e ás oito e meia sahi no coche para Gravesend. A estrada é a mesma que leva a Dover; e caminho como é de França, por ventura o mais frequentado de viandantes, coches, etc. A manhã começou brusca e de nevoeiro; mas aclarou depois. Comecei então a descobrir a mais variada e bella perspectiva que ainda meus olhos viram. —A um lado campinas immensas tapisadas de verde, de florestas, de quintas (parques), palacios, *cottages*, campos de lavoura, e jardins de recreio: de outro lado apparecia por entre as arvores um navio de alto bordo com todo o panno largo. As aguas do Thamesis, em que elle vogava, não se descobriam de baixas; mas só se viam os mastros e as antenas pelos intervallos, que deixavam as arvores, que bordam a estrada e as orlas dos campos.—Subimos uma alturasinha, e então descobri em toda a sua largura e ostentação o rio dominador dos mares, esse Tamisa (escrevo indifferentemente Thamesis ou Tamisa) cujas aguas levam a civilisação, o commercio, as leis, a religião (e tambem os vicios) do primeiro povo da terra aos quatro quartos do universo.—Não ha ahi comparar os caudaes e formosura d'este rio com a magestade e belleza do Tejo e suas margens. As d'este são rasas, monotonas e sem mais belleza que a verdura de seus pastos; algumas arvores e casas desparzidas pela planicie. Mas o continuo fluxo e refluxo de navios e embarcações de todos os generos e tamanhos, uns que sobem vento em pôpa, outros que descem bolinando em zig-zagues, outros que sem se lhes dar de ventos ou de marés, navegam com a mesma facilidade com vento ponteiro ou de servir, preia ou baixa-mar, ao som d'agua, ou contra corrente, tudo isto dá ao Thamesis tal animação, vida, grandeza, que bem compensado fica a vista dos serros pittorescos, bosques encantados, e mais bellezas poeticas, de que se arreiam as viçosas margens do meu Tejo.—Conta-se da ponta de Londres a Gravesend ..[1] milhas inglezas; e era pouco mais de meio dia quando já as haviamos corrido.—O coche continuou para Dover; e eu e o meu bahú descemos junto de um *inn*, ou estalagem de pouca monta.—Mal puz pé em terra saltaram sobre a minha bagagem uma cafila de *porters*, e barqueiros que disputavam longamente entre si o meu bahú, e outros appensos, até que eu, depois que os vi parados, lhes disse no meu inglez mal amassado: que uma só das suas carretas de mão levaria tudo, e que não havia mister mais que um. Custou a resolvel-os; mas venceu a minha resolução; e cheguei á outra estalagem, cujo interior deitava uma escadinha para o rio, d'onde embarquei para bórdo da escuna *Fame*, onde tinha tomado passagem para Lisboa...

26 de julho. Viagem para Lisboa

A' tardinha começou a refrescar um tanto o vento, e a alargar um quasi nada; em sorte que levámos ferro e fomos descendo rio abaixo com o favor da maré que ajudava; e assim navegámos até á meia noite, que o vento acalmou de todo, e a maré nos encontrava.

27 de julho

Esta manhã largámos outra vez pela volta das 6 ás 7. O tempo estava bom e temperado; assim que fomos havendo vista de todos os logarejos, e povoações que bordam as margens do rio até que chegámos a..., onde deixado o piloto do rio entrámos mar em fóra no canal da Mancha, ou Britannico, segundo lhe os inglezes chamam.—Passámos perto de Dover, e houvemos vista de seu antiquissimo castello, fundação, querem uns do tempo de Augusto, outros do de Claudio, mas conveem todos que romana.—Henrique VIII o guarneceu de vallas e trincheiras novas e bem fortificado se conserva hoje.—Chave de Inglaterra—lhe chamavam nos seculos ultimos; porém o seguro cadeado que fecha esta ilha bemaven-

[1] Não diz o numero de milhas. São trinta kilome- [illegible]

turada são as suas frotas invenciveis, a cordura dos seus defensores, e mais que tudo o animo independente e o coração fornido de liberdade e patriotismo que alenta seus habitantes desde o poderosissimo dos lords até ao infimo dos artistas e mechanicos de suas aldeias. — Pouco mais andámos n'esta singradura, que tão escasso nos apontou o vento, e tão pouco adeantámos nos bórdos curtos, que a perigosa costa de França nos obrigava a fazer.

28 de julho

Cada vez se chega o vento mais ao sul e sueste. Temos perto a costa de França pelo cahir da tarde. Quasi que se vê o verdejar dos campos. Sinto...

31 de julho. Weimouth

E' forçoso arribar. Estes ventos são geraes; nem dão esperanças de mudar tão cedo. Assim o decidiu o nosso capitão com grande approvação e contentamento de sua mulher, nossa companheira de viagem que deseja ver amigos que aqui tem em Weimouth, d'onde estamos á vista. — Vamos de bordo em bordo ganhando um poucochinho de cada vez. O dia está bello...

2 de agosto

Hoje accordou-me o balanço do navio. Será possivel que já mudasse o vento, e que vamos caminho de Lisboa? — São 8 da manhã. Verei o que é. — Enganei-me: é um violento sul, que obriga a deixar esta enseada: correriamos grande perigo, se aqui ficassemos, diz o capitão. —Vamos pois luctando com mar e vento. Hoje nem se accendeu lume: tão trabalhada e molhada anda a pobre companha. — O céu feio e negro. — Vejâmos se leio um pouco. —E' uma hora da tarde: estâmos a salvo: ancorámos na angra de Portland. — O capitão e outros passageiros foram a terra: eu ficarei só, e á minha vontade com os meus tristes pensamentos...

4 de agosto

Finalmente, eis ahi o vento, que dá visos de querer mudar e de facto mudou. Todos estamos impacientes. Vamos largar: são oito e meia da tarde. — Ahi vamos em pôpa. — 10 da noite: o vento tornou ao que estava; nunca houveramos saido. Paciencia! Aqui temos de andar, luctando com as ondas, quem sabe até quando! Ha votos que tornemos para traz. O capitão resolve ir a Brisham, em Torbay, se o podér tomar.

5 de agosto

Felizmente arribámos a Brisham, ás 8 da noite.

6 de agosto

O tempo está delicioso. Vem entrando no porto uma vela desconhecida n'estes mares. — E' um hiate; e por consequencia portuguez. — Vae passando junto de nós. Oh! que sensações tão diversas me excita a inesperada vista d'essa bandeira aqui n'estas aguas estranhas de um recanto da Inglaterra! D'onde virá, que novas trará do meu paiz suspirado! Talvez algum infeliz como eu navegue n'esse barquinho, demandando estranhas terras; talvez volte n'elle á sua patria, e leve como eu o coração anciado de desejos, e de receios. Porém veiu do lado do sul: não saiu provavelmente de Inglaterra. — Vamos a terra e passaremos por elle que mais dentro fundeou; saberei do seu destino.

7 de agosto

Hontem passámos o dia em terra: Fomos a cavallo dar uma volta ao campo, e estendemos o passeio até Darthmouth, que fica ao lado esquerdo, de outra parte da enseada. Brisham...

9 de agosto

Com effeito o padre Eolo soltou os ôdres: deixámos a nossa Aulide, e sem precisão de sacrificio de nenhuma princeza de sangue.— E o mais é que se os deuses de Homero nos pedissem egual victima, estava bem mal a frota, que o nosso Agamemnon não tem filhas. Só lhe vejo o recurso de dar em sua vez a cara esposa: o que seria grande allivio nosso, e talvez d'elle: tanto a boa Mrs. Triky nos incommoda com as suas exquisitices. Mas tem ella tão pouco geito para Iphigenia! — Outra princeza aqui tinhamos, que de bem vontade eu déra tambem: uma hollandeza velha, e natural da Asia; mas tudo isto é tão feio, que o padre Calchas sem duvida não acceitára nenhuma. Felizmente não carecemos d'isso: o vento vae na vela, e levâmos direita prôa ao nosso destino...

10 de agosto

Estamos na Bahia de Biscaya, e aqui andâmos aos tombos entre França e Hespanha, sem poder avançar para o cabo de Finisterra.

11 de agosto

Continua o mesmo sueste, que tanto nos tem perseguido. — O que me vale é o jornal

de Las Cases, com que vou entretendo o tempo, e o meu inseparavel companheiro—Horacio. Que seria de mim sem estes recursos? Grande fortuna é gostar de ler. — Assim o tenho pensado sempre: não sei se com razão. E esses outros que ahi vão, não os vejo eu mais satisfeitos e entretidos que eu? Todavia elles não lêem. Comem, dormem, e conversam em puerilidades. Puerilidades ou não, mais os divertem, e entreteem do que a mim os meus livros. —Quasi que me lembro de crer que o habito de ler é uma necessidade de mais que se contrae. .

20 de agosto

Estamos defronte do Porto. —Este é o céo da minha patria. Este ar que respiro é o mesmo que respirei no momento que appareci no mundo...

21 de agosto

O vento acalma cada vez mais. Vae largo todo o panno e mareado á pôpa, mas não deitâmos nem duas milhas.

Agosto 22 ás 4 da manhã

....

24 de agosto. Lisboa

Eis-me aqui pois nos calabouços do Limoeiro.

«25 de agosto. A bordo do paquete Duque de Kent II surto no Tejo

Salvé, benigno estandarte de protecção! Salvé, pavilhão Britannico, senhor dos mares, e triumphador nos quatro angulos da terra. Aqui venho abrigar-me outra vez á tua sombra respeitada...

13 de setembro

Outra vez descubro a terra estrangeira, que me foi asylo e segurança. Tu serás a minha patria, venturoso paiz de liberdade. Oh! se eu podesse esquecer o desgraçado torrão, em que nasci—Mas ah! desgraçado, perseguido nelle, não posso todavia esquecer, nem perder a saudade da minha patria.

As 7 da noite ancorámos; e ás 8 desembarcámos em terra, com 18 dias de viagem. Fomos para o mesmo — Royal hotel — onde em junho tinha pousado. Comnosco vieram os nossos companheiros hespanhoes, e os dois francezes. — O ministro portuguez tinha desembarcado antes; e ou se foi a outra pousada, ou n'esta se escondeu de nós. Ainda bem que nos libertou de sua presença odiosa. — Aqui encontrei no caes o meu amigo Vieira, de Londres; e na hospedaria achámos mais dois portuguezes, Lima, e um emigrado da Bahia; um d'aquelles heroicos, mas illudidos negociantes, que tudo perderam por defender a injusta causa da mãe patria; mãe não, porém madrasta, que os abandonou então, e agora os persegue.

14 de setembro

Apesar de ser domingo obtivemos despacharem-nos na alfandega, e no *Allieu-office.* Tanto prevalece n'esta terra de leis, e ordem, sobre os proprios escrupulos religiosos, a commodidade dos individuos, e os deveres da sociedade. Todavia ningue ignora a severa observancia de um domingo entre as communhões protestantes.—Dois dos nossos companheiros hespanhoes, e o doutor francez partiram na malla para Londres. Os outros tres assentaram ir por Plymouth ao mesmo destino: e nós, que levavamos o destino de Birmingham tomámos logar no coche para Exeter. - Escrevemos para Lisboa esta noite, e no outro dia.

15 de setembro

Depois de nos despedirmos dos nossos hespanhoes, não sem saudades, que tão amavel e civil companhia nos haviam feito, partimos ás 8 da manhã. O dia estava bello, e não me arrependi de haver tomado logar de fóra, pela deliciosa vista de campos, aldeias, quintas, fabricas, e minas, que todo o caminho fui gosando; vista, que, supposto me não era nova, me deleitava todavia muitissimo. — Dormimos essa noite em Exeter; e tomei logares para Bath.

16 de setembro

Saidos ás 7 da manhã com um tempo lindissimo, caminhámos parte da manhã pela fertilissima e bella provincia de Devon: e pela volta do meio-dia entrámos por Ilminster na de Somerset.

Somersetshire

Este *shire*, ou condado, segundo alguns traduzem, tem ao N. W. o canal de Bristol, ao N. E. Gloucestershire, a L. Wiltshire, Dorsetshire, ao S. E., e Devonshire ao S. W. Dão-lhe oitenta milhas inglezas em sua maior largura (vinte e seis leguas, e duas milhas portuguezas) e trinta a quarenta de largura, que anda por dez a doze leguas nossas. Milhas quadradas tem mil quinhentas quarenta e nove. Seu clima é macio e pro-

ductivo; o terreno variado, mas rico e viçoso em suas producções. O aspecto geral é agradavel e vistoso, comquanto não chegue ao de Devon, ou Dorset[1]...

Nem os meus conhecimentos botanicos chegavam a tanto, nem eu tinha tempo de classificar, e examinar tanta planta, e em tão disparatados sitios. Taes como aqui os copio, m'os communicou o meu amigo Th. Had., de Birmingham.

15 de setembro

A' noitinha chegámos a Bath e entrámos n'esta tão falada cidade pela descida de um outeirinho, d'onde houvemos vista d'ella toda illuminada com seus lampeões de gaz, cuja brilhante luz lhe dava o ar de uma cidade encantada. — Durante o caminho fizemos conhecimento com um estimavel velho, que acaso ficára ao pé de nós no coche, e que foi durante a jornada o meu *cicerone*. Perguntou-me o meu destino, conhecendo que era estrangeiro; e francamente lhe confessei a minha triste situação. Fez me infinitos offerecimentos e aqui nos despedimos d'elle, deixando-me a sua direcção, e fazendo-me prometter, que lhe escreveria, e se voltasse a Cornwal, sua provincia, o visitaria. É elle *John Roger Esquire em Cornwal* e sua direcção em *Bath n.º 1. St. James parade*.

Bath

Pouco pude ver d'esta celebrada povoação; mas do pouco que vi n'essa noite que ahi passei, e no outro dia de manhã, nada colhi que desmentisse o muito que de sua belleza se conta, e que não achei desmesurado. O *circo*, o *Royal crescent*, o *new crescent*, *Camden place* abundam de magnificos e elegantes edificios modernos, por ventura os melhores e de mais gôsto em Inglaterra. A antiquissima egreja conhecida pelo nome de *Abbey church*, por n'outro tempo ser a de uma abbadia do sexo masculino abunda em monumentos de architectura sepulchral, em que tanto se tem adiantado os inglezes n'estes ultimos annos. Não sou mestre d'arte, mas pareceram-me muito bem os do bispo Montague, coronel Newton, e coronel Champion, mas sobre todos o do coronel Walch.

16 de setembro

Saimos de Bath com principio de mau tempo, que se declarou péssimo e continuou com chuva, e vento, que durou quasi até ao meio da manhã. — Bath está na extremidade do norte de Somerset; de maneira que depois de poucas milhas de estrada entrámos no condado ou provincia de Gloucester. Esta entrada é mui frequentada por ser caminho tambem de Bristol; encontrámos mais de seis coches cheios de gente. — Pela volta da uma da tarde estavamos em Gloucester, cidade pequena, porém capital da provincia.

Gloucester e Gloucestershire

Gloucester é famosa por sua cathedral, uma das mais antigas, e certo das mais notaveis do reino.

16 de setembro

Pela tarde entrámos em Worcestershire, celebre pela salubridade de suas montanhas, ou outeiros, conhecidos pelo nome de *Malvern hills*. O solo é rico e productivo; e não ha tracto de terra na ilha que exceda a fertilidade do valle de Evasham. Seus rios principaes são Severn, Avon, Teme, Stour, e é cortada esta provincia de diversos canaes, que augmentam sua riqueza pelos meios de communicação e interno commercio, que lhe fornecem. Mineraes, fosseis e plantas raras...

16 de setembro

Parámos para jantar seriam 4 para 5 horas da tarde em Worcester, capital do condado, e antiquissima cidade. — A cathedral, de sumptuosa e bellissima architectura gothica, é fundação de 1088. Duvido porém que tal qual existe seja d'essa data. Parece-me um tanto mais moderno que o 11.º seculo o gosto da architectura, e os ornamentos da fachada e torres. A casa do capitulo é famosa por uma pintura de Rubens. Toda a cidade está cheia de antigos monumentos de era romantica, e a qualquer parte que se volte o viandante não vê senão torres, castellos e ruinas cavalheirescas. — A torre de Edgar, ou outeiro do castello, e outros muitos logares, como a *Commandery*, Halt castle, etc., são dignos de observação. A casa da camara (Guild hall) é celebre por suas pinturas. — Aqui ha uma excellente fabrica de louça fina. — Mas de todas as raridades e monumentos de Worcester o mais interessante pelas recordações que excita, é o sepulchro do rei João, o fundador involuntario da liberdade ingleza. Os barões ou corpo aristocratico o obrigaram assignar a Magna carta; e d'aqui teve origem a constituição de Inglaterra. A preponderancia da nobreza obrigou o rei a ceder de governo absoluto, em favor dos privilegios feudaes. — No cor-

[1] Seguem-se duas paginas de nomenclatura dos mineraes e plantas raras do condado, que omittimos por desnecessario.

rer do tempo tão opprimidos se viram seus successores por esta classe privilegiada, que houveram mister chamar em seu soccorro ao que até alli haviam desprezádo. Ligou-se o rei com o povo para resistir á oligarchia dos nobres, e d'esta lucta nasceu o equilibrio da constituição ingleza, tal qual hoje existe com poucas modificações. — Representantes do povo entraram no parlamento, não verdadeiramente do povo, mas das municipalidades. — O que hoje ha popular nas eleições do parlamento, é moderno. Ao principio as eleições todas eram feitas pelas camaras (como antigamente entre nós). O original da Magna charta existe no museu britannico em Londres...

26 de setembro

Caminhámos depois de jantar por uma estrada lindissima, descendo e subindo diversos outeiros de pouca elevação, mas de agradavel vista e pittoresca scena. — Passados os *Malvern hills*, entrámos no condado de Warwick, cujo terreno me pareceu extremamente fertil e cultivado. Pela volta das oito da noite chegámos a Birmingham, que era por então a méta do nosso destino. Aqui dormimos esta noite no Swan hotel: e no outro dia de manha nos veiu buscar o nosso generoso e estimavel amigo A. Hadley, acompanhado de seu pae, a mais insinuante cara de sessenta annos que ainda vi em Inglaterra. Levaram-nos para o campo, onde vivem, coisa de tres milhas da cidade, em uma bella e deliciosa posição, na parochia de Edgbaston.»

27 de setembro. Birmingham, Galerias e officinas de Mr. Thomasson

A primeira coisa que em Birmingham se mostra á curiosidade dos estrangeiros é o vasto, rico e grandioso estabelecimento de Mr. Thomasson proprietario e director de uma das mais importantes fabricas de Inglaterra. Fomos hoje visital-o. Eram 10 da manhã, e os raios embaçados do sol de outomno do norte davam sobre os quatro cavallos que decoram a fachada do edificio. São elles uma imitação dos celebres corseis de Veneza, destinados — segundo a engenhosa observação do mais brilhante dos actuaes escriptores inglezes Lady Morgan — a ornar todos os triumphos dos mais famosos conquistadores. O sol reflectia sobre aquellas massas douradas tão frouxamente como luar de estio sobre a airosa cabeça da estatua equestre de el-rei D. José, em uma d'aquellas noites deliciosas em que o passeio *fashionable* da «*lage*» se enche de animados grupos e festivos *ranchos* a tomar o saudavel fresco de uma noite do meio dia.

Antes de haver examinado o interior do edificio, logo o classico *specimen* de tão famoso *antigo* basta para dar uma idéa do fino gosto de seu dono. — Entrámos ao senhor Thomasson, introduzidos pelo seu amigo e nosso estimavel hospedeiro o sr. Augusto Hadley. — Com tão respeitavel recommendação tudo nos foi franqueado; o mais intimo e secreto das officinas e trabalhos nos foi revelado e franco. — Apenas entrados admirámos logo o aceio, arranjo, boa ordem e elegancia, que distinguem e caracterisam tudo quanto é inglez, desde os palacios do *Westend* em Londres, até á mais pobre *cottage*, da provincia de Cornwal. — A primeira sala ou galeria é occupada por todas as especies de obras de casquinha, cobre dourado, bronze, etc. — Trens de chá, de mesa, tudo quanto orna um festim, tudo quanto serve ás commodidades de um jantar de familia. — Mas no meio d'esta profusão immensa, dedicada ao luxo e commodidades da vida, um objecto attrahe principalmente a attenção, — está destacado de todos os outros, e os olhos se fixam involuntariamente n'elle. Cuidei ler o... livro da *Iliada*. — Aquelle escudo de Achilles, tão famoso, tão celebrado, tão miudamente descripto pelo ancião dos vates; onde Vulcano tinha gravado o relevo do rei ceifador, estendendo o seu sceptro pacifico aos sulcos de suas geiras, — ali está suspendido. Porém mr. Thomasson na sua *versão* do escudo de Achilles, não foi tão fiel, nem tão feliz traductor de Homero como o seu patricio Pope. A versão está no gosto do seculo. A ceifa é uma batalha — as fouces espadas — os ceifeiros soldados, e a mésse de vidas humanas! O sceptro do rei lavrador é o bastão de general de lord Wellington. – Com effeito ao vencedor de Waterloo é consagrado o monumento. A sua materia é cobre; mas tão perfeitamente dourado que o tomareis á prima vista pela rodella de ouro de um dos principes encantados das *Mil e uma noites.* Varios utensilios de particular estructura, e proprio invento de mr. Thomasson estão patentes n'esta sala.

A segunda contém principalmente obras de prata ricamente lavradas e polidas. — Em um gabinete á esquerda, uma curiosa collecção de pequenos bustos, e estatuas dos principaes auctores, e homens celebres de Inglaterra e Escocia, e alguns estrangeiros. Alli se vêem em *miniatura de cobre*, Shakespeare ao pé de Henrique VIII, Milton a par de Carlos II, Pitt junto de Bonaparte!! mais algumas medalhas e relevos imitados do antigo.

Passámos a outra galeria, occupada principalmente por medalhas, e moedas de todas as datas e paizes, imitadas magnificamente em cobre. Algumas tambem orientaes. O imperador *dandy*, o Luiz belfudo, o Nero da Hespanha, e até o nosso beiçudo João todos alli estão cunhados. Que interessante collecção para o estudo de um novo .. Em todas aquellas physionomias está pintada — a legitimidade, e as paternaes entranhas d'estas *delicias do genero humano*...

Pouco interessantes são os outros quartos dedicados a bijouteria e varios outros artefactos de valor sim, mas de pouca importancia para o viajante. — Descemos a um pequeno quarto baixo e lageado, onde está exposta á curiosidade de infinitos visitadores que diariamente frequentam a casa o celebre vaso construido de ferro e cobre pelo modelo do que hoje existe nos jardins do castello de Warwcik, trazido de Napoles por sir William Hamilton.

....

17 de setembro até...

Aqui vivemos hospedeiramente tratados com tal amisade, carinho e delicadeza, que seriamos uns monstros de ingratidão se em toda a parte do mundo, onde nos o destino levar, não pregoarmos as obrigações eternas de que a esta familia respeitavel somos devedores.»

25 de dezembro

Com que tristeza passou para mim este dia! Em Portugal, e especialmente na minha provincia, é o dia de Natal um dia de festa domestica, de alegria e de satisfação no interior das familias. – Eu sem casa nem familia (e a mulher?!) passo pela primeira vez em minha vida o dia de Natal entre extranhos. Meus irmãos, meu pae, e sobre todos a minha querida mãe se me não tem tirado dos olhos. Ao jantar, mais que nunca me apertou a saudade. — Lembraram me os felizes tempos da minha infancia. Tempos de innocencia e de ventura... ah! porque não voltaes?

O Natal é mui insipidamente festejado em Inglaterra. Na egreja mesmo, verdade é que geralmente todos commungam n'este dia; mas não o guardam como o domingo. Todas as curiosidades da festa consistem em tremendos bois, enormes carneiros, tão gordos e carnudos, que é impossivel haver no mundo egual monstruosidade. Estão as lojas onde se vende carne cheias d'estes espectaculos da riqueza e industria publica, e toda a gente vae vêr a *exhibition*. Em Londres e outras partes dão premios de avultado preço aos pastores, e ganadeiros que melhores rezes apresentam no *Christmas*. Tudo quanto é util acha protectores, e promotores: feliz gente, abençoado paiz!

26-30 de dezembro

Todos estes dias teem sido de temporal: chuva e ventania desde que amanhece té á noite, e desde a noite té ao outro dia.

31 de dezembro

Ámanhã começa o anno novo. Deus m'o dê mais venturoso que este. Vae-te em paz, anno de 23, que assaz de perturbações e desgreças cá deixas em teu curso.

1 de janeiro de 1824. O anno novo

Melhorado venha este anno; e veja-o eu findar no socego da minha patria. — Muito devo á terra hospitaleira, onde me abriguei da tempestade de desgraças, que me ameaçavam na minha patria. Mas todavia, com que prazer lhe direi adeus se tão feliz fôr que á terra onde nasci me deixem ir acabar os meus dias. — Que trará comsigo este novo anno? Que projectos de ambição, que novos esforços de tyrannia apparecerão em seu decurso? Que novas oppressões para a raça humana? Teremos mais ainda que soffrer, ou melhorará em seus dias a triste sorte da humanidade? Assim o espero: quando não seja no velho mundo, ao menos em o novo alguns passos se andarão para a felicidade dos homens. — Não creio que a santa alliança consiga nada na America. A energica mensagem do presidente dos Estados-Unidos á assembléa alegrou-me, e me encheu de esperanças. — O Brazil, oh! que paiz abençoado, se o não perderem! Já eu lá estaria, se não receiasse que lhes falte o juizo para bem conservarem o que tão barato lhes custou, e tão caro ha custado a todos os povos. Tenho não sei que presentimento que este anno que entra ha de dar muito de si. Veremos, os que vivermos...

13 de janeiro.-Hagley park

Hontem me convidou o senhor Thomaz Hadley para um passei extenso em que tencionava levar-me a respirar o *ar dos montes*. Occasionou-se isto de me eu queixar das eternas planicies de Inglaterra, e da monotonia enfadonha que d'ahi resulta ao aspecto do paiz. — Aqui onde estamos largamente se estende a chatidão da terra, apesar de ser a mais alta paragem da ilha. — Com poucas milhas de passeio me prometteu que

nos achariamos em um territorio perfeitamente diverso. Acceitei pois o convite; e hoje pela volta das 10, começámos a nossa digressão com uma bella manhã, tempo frio, mas secco, e venturosamente sem a constante e teimosa nevoa, que amantilha os ceus d'este clima. Perto de um quarto de milha nos poz fóra do condado de Warwick onde jaz Birmingham, e entrámos no de Stafford. — O caminho não é dos melhores de Inglaterra, mas o (vento ?) gelado tinha seccado a lama, de sorte que não era grandemente incommodo o passeio. Atravessámos diversas aldeolas e povoações, e com 7 milhas de caminho chegámos a... pequena villa ou povoação famosa por sua feira de gados. — Admirei-me de que alli fossem 7 milhas porque me não sentia nada fatigado. Então me disse o meu estimavel companheiro que era sua tenção levar-me a Hagley para ver o famoso park, e palacio d'este nome: e que até alli me não tinha descoberto o seu intento, por temer que me assustasse a longura do passeio.

Protestei-lhe o summo gosto que tinha n'isso, e fomos continuando o nosso caminho do que me disse não faltavam mais que 3 milhas. — Começámos, apenas saidos da villa, a ver de mais perto os dois celebres montes cuja natural apparencia lhes deu o nome de ... — as duas têtas. Em verdade o appellido é perfeitamente adequado. Parece que a natureza se divertiu em arredondar aquellas fórmas com tanto cuidado e esmero, que não ha peito de virgem em descripção de poeta que apresente dois globos mais perfeitos, mais redondos e bem formados.

A poucos passos houvemos vista de um bem talhado obelisco, situado sobre uma elevação que póde merecer o nome de outeiro á nossa esquerda, e do lado opposto quasi em face dos... *hills*. — Já pertence a Hagley park, me disse o meu amigo. Estamos perto.

Com effeito d'ahi a pouco vimos um copado, e denso pinheiral (não é dos bosques mais communs aqui) e por um lado d'esse bosque, que fórma um angulo do park, entrámos. Pareceu-me entrar n'um mundo novo. Ao bosque de pinheiros succede uma agradavel e pequena planicie, rematada por um lado em varios e pittorescos outeirinhos por outro em uma eminencia maior, todos cobertos de arvores e alcatifados, tanto elles como a campina, pela esmaltada verdura da relva, que em viço e côr não a ha egual fóra de Inglaterra.

Atravessámos com alguma difficuldade uma grotta ou profundo leito de ribeira, que então estava em secco, e subimos a uma altura onde entrámos em uma especie de templosinho em semi-circulo sustentado pela frente em pilares de pedra medianamente elegante. O templosinho em si vale pouco por sua construcção e feitio, mas a posição em que está edificado, e a divindade a quem é dedicado excitam idéas de respeito e movem a sentimentos deliciosos. A pequena capacidade do templo é occupada quasi toda por um comprido banco de madeira que nos foi de summa utilidade para descançarmos e gosar da bella perspectiva que d'ali se gosa. Na parede que forma o semi-circulo está gravada esta inscripção : *I... Tomsom. viro optimo. poetae. eximio. hanc. ædem. quem. vivus. dillexit. post. mortem. consecrat...= Lyttelton.*

Milord Lyttelton, de quem o actual possuidor seu sobrinho herdou esta quinta, foi quem principalmente a formou e pôz no admiravel estado em que hoje se conserva. Foi poeta de bastante consideração, e intimo amigo de Tompson e Pope, que ambos aqui viveram e passaram bellas semanas á regalada meza e *confortável* fogo de *Milord*, com quem Apollo foi mais liberal que o costume.

26 de janeiro. Estrada de Birmingham a Londres

As 7 da manhã sahi no coche de Birmingham para Londres. — As primeiras braças de caminho eram feias e más, porém logo entrámos em uma bella estrada. O tempo frio, mas sereno, picante o vento, mas sem humidade. — Começava mal distincto o crepusculo; como nos fomos avizinhando de Coventry já se esclarecia a arraiada. Que triste é uma aurora n'este paiz e estação! Os roseos dedos que lhe deu Homero, certo que os traz nas luvas com medo ao frio; todas essas perolas, e roxos lyrios, e outras coisas tão bonitas, tudo isso aqui ha mister grande força de imaginação para as poder conceber.
. . . .

O CASTELLO DE DUDLEY

FOLHAS TIRADAS DO ALBUM DE UM EMIGRADO[1]

Amanheceu tam bello hoje este dia como se estivessemos em adeantada primavera; e são 15 de janeiro. O céo está sem o pesado capote das *côres nacionaes*, e os raios do sol reflectem nos innumeraveis e brilhantes espelhos que formou o gêlo severo d'estes dias. Todavia nunca senti tanto frio em minha vida.

Mettemo-nos em um *gig*, eu e o meu amigo A. Had., para irmos visitar as celebres ruinas do castello de Dudley, e mais curiosidades de suas visinhanças. O castello tem, já se sabe, a sua aldeia ao pé. Aldeia lhe chamo eu, mas sua população é muito superior a qualquer das povoações que em Portugal assim nomeamos. Aqui tem o nome generico inglez de *town* que me parece não ter correspondente em portuguez. Cidade e villa são povoações com foral d'essa graduação, e correspondem exactamente ao *cit* e *borough* inglez; mas para *town*, genero d'aquellas especies, não temos palavra.

São dez da manhã, e começamos a rodar. Sahimos de E... pela nova estrada real que proximamente se acabou de concluir, e que serve hoje de principal communicação entre este reino e o de Irlanda. A estrada é magnifica, optimo pavimento, bem escoada de aguas, acabada com a proverbial perfeição ingleza. Toda ella é d'um lado bordada de soberbas casas apalaçadas, com seus jardins á frente, ou de elegantes *cottages*, e nos intervallos, renques d'arvores, campos sempre verdes, ou bem dispostas e cultivadas hortas. Por tam delicioso caminho andámos quasi 8 milhas, encantados (pelo menos eu) da belleza e variedade dos objectos que nos cercavam, e que um depós outros, iamos descobrindo. Seria á volta das onze quando o paiz começou a mudar d'aspecto visivelmente. O esmalte das campinas vae diminuindo de seu viço, a apparencia das casas é já menos elegante, a atmosphera menos pura, até os gestos dos camponezes que encontramos têem não sei quê de mais rude e selvagem. Em breve démos n'um paiz arido, feio, e melancholico como um dia de derradeiro outomno inglez. Campos negros, casas tristes, o chão revolvido e queimado, todos os signaes d'um vulcão visinho. Augmenta esta apparencia o calor do ar, as nuvens do fumo que enlutam o céo, a multiplicidade de clarões sulphureos que se divisam por entre a névoa, o proprio cheiro desagradavel do enxofre, e o semblante pallido dos poucos, rotos e miseraveis habitantes que se encontram. Algumas toezas mais de caminho me deram a razão da mudança: vimos a bocca de uma mina de ferro, e junto d'ella uma fabrica trabalhando com sua possante machina de vápor. D'esta mina, e d'outras, como esta (das quaes algumas são tambem de carvão, e entre todas innumeraveis) provéem os fogos que avistei, o fumo, a desolação do campo, e todos os outros desagradaveis symptomas de uma terra de minas e mineiros. A que privações e miserias se não sujeita a avareza do homem; não satisfeito com as producções, que a superficie da terra com tam pouco trabalho lhe dá, vae romper os seios da mãe generosa para desentranhar esses metaes — esse ferro e esse ouro ambos origens de tantos crimes... Logares communs de moralidade velha! Com uma queixada de burro se commetteu no mundo o primeiro homicidio: o homem não lhe faz mingua coisa alguma para obrar como quem é. Que mal lhe fazem as minas ou os mineraes?

Já perto do castello, já quando claramente avistavamos seus erguidos torreões e altas ameias, que pela maior parte se conservam ainda em pé, atravessámos uma planicie que se extende bastantemente larga desde a falda do monte em que elle está situado. Parámos para observar o extraordinario

[1] Publicado na *Illustração*, jornal universal, no anno de 1845 a 1846.

aspecto que apresenta. Negra toda a vasta campina, e coberta de fezes ou escoria de ferro e sedimentos de carvão: áquem e além pequenas e miseraveis habitações tambem negras e tristes, dispersas irregularmente. Um braço d'agua estagnada e mal cheirosa (parte do canal de Birmingham) atravessa a campina, mas sem murmurio, sem nenhum signal da animação e vida que sempre dá um ribeiro ás margens do prado por onde passa: callado, triste e sem corrente, apenas se ouve o som d'agua quando a ferem os enormes lemes das barcas que vão passando. No momento em que parámos, ia uma carregada com tres altos de carvão; á ré um velho, cego e membrudo barqueiro com todos os ares de Charonte Duas mulheres, cujo aspecto nada tinha de agradavel, iam sentadas ao pé d'elle, sérias e carregadas, mesmo como duas inglezonas puritanas, tinham todo o geito de duas almas recem-chegadas que o barqueiro da Styge passa para o outro lado pelo modico preço de um óbulo. — Este incidente nos fez attentar com outros olhos para a scena deante de nós. O estagnado canal tomou me toda a apparencia de Cocyto, os immensos fogos das fornalhas e engenhos circumstantes me pareceram o inflammado Phlegetonte. A tudo deu a imaginação similhança; e se não fôra um coche a quatro que a toda a brida passou carregado de solidas massas bem viventes, bem animadas de biffe e cerveja — não accordavamos tão cedo do somno que nos entretinha. Ladeámos para deixar passar o coche; e sahindo do nosso inferno que tão depressa alli tinhamos arranjado — tomámos o caminho da aldeia ou villa (talvez honra ou couto) de Dudley, onde entrámos em poucos minutos.

Era justamente meio dia quando parámos á porta da estalagem das *Armas de Dudley*, *(Dudley arms in)*. Um enorme retabulo pintado com todo o rigor e luxo *heraldico*, estava por cima da porta principal da estalagem, e justificava o titulo ou invocação da pousada. Cumprimenteiro, *Mine host* veiu á porta, de bonet na mão, com o sabido cortejo de *Mrs. & Miss Busybody*, todos tres typos classicos d'uma familia de estalajadeiro inglez: elle gordo, córado e risonho, a sua *cara metade* espremida e puntilhosa, com um coruchéo de touca empinado, e soberbo de firifolhos espantosos; a amavel progenie alta, longa, aguda, esguia e curva — anzol verdadeiro — em que triste do peixe que morder!...

Costumo quasi sempre, fiel ás minhas tradições e devoções shakespereanas, entrar em conversação com *Mine host*, galante personagem, curioso e communicativo em Inglaterra mais que em nenhuma parte. Parece que a taciturnidade geral do paiz é como consequencia delegação tacita que dessem aos seus estalajadeiros para linguararem por todos, e fazerem as honras do palratorio aos viajantes e estrangeiros. Mas não me senti agora com animo — talvez me afugentou a rigidez quasi quakeriana que vi pintada na figura da dona da casa, — e a bem *inutil* reserva e *pruderie* de sua asperrima filha. — O caso é que deixei o meu amigo ordenar o jantar, e ir cuidar de negocios seus que ahi tinha no logar; e eu fui dar uma volta por elle.

Dudley é bastante grande; cuido que terá as suas dez mil almas: as ruas são soffriveis, e os edificios mais que medianos. A principal egreja ou parochia é edificio novo, mas construido perfeitamente em todo o rigor da architectura gothica, ou que vulgarmente chamamos gothica.

Pareceu-me excellente em seu genero. Os inglezes têem ultimamente restaurado este gosto de architectura, que tam bello é e tam solemne, e que o servilismo das imitações gregas, o *rococó* das monstruosidade *græco-gallas* dos tres ultimos seculos tinha prescrevido e proscripto.

A architectura gothica com suas agudas arcadas, com suas compridas e estreitas janellas, suas obscuras naves, sua melancholica solemnidade, é mais propria de um templo christão e de suas augustas funcções, do que a elegante, a garrida, e demasiado risonha architectura grega. Os mysterios de Isis, as orgias festivaes de Baccho, as solemnidades de Flora, e as festas de Apollo ou Jupiter ficavam bem entre columnas doricas ou corinthias. Mas os ritos christãos, serios, graves e mais dirigidos ao coração que aos sentidos, dizem melhor com a tristeza sublime d'uma egreja gothica.

Voltei á estalagem a encontrar o meu companheiro, e juntos fomos caminho do castello que está sobre uma altura, eminente á povoação, de que ainda hoje seu dono feudal, o barão de Dudley, é senhor independente e em muitos respeitos quasi suzerano.

Batemos a uma porta ou cancella de ferro que fecha o que foi esplanada do castello. Abriu-nos um dos trabalhadores do barão que ahi móra em uma casinha construida sobre os restos de um dos torreões da cerca exterior. Cuidou que vinhamos em busca dos muito notaveis fosseis, de que ali tem sempre copia junta para vender *aux amateurs*, e de que abundam grandemente as ruinas calcareas que alli se lavram. Apresentou-nos logo o bom do homem várias petrificações extraordinarias na verdade, porque a maior parte são conchas, mariscos e outros productos maritimos, estando aquellas

minas positivamente, no meio, e no mais alto do meio da ilha.

Pareceu-me entre todas mais notavel uma casta de reptil (reptil cuidei eu) cuja apparencia era a de uma pequena rã na parte da cabeça, mas no resto oblongado a modo de cauda de lagarto. Todavia os meus pobres conhecimentos zoologicos me tinham enganado: o animal era um marisco hoje desconhecido a que dão o nome de *Pediculus marinus* (saltão, gafanhoto ou cigarra marinha). Trilobite lhe chama mr. Parkinson, *Dudley locust* (locusta ou gafanhoto de Dudley). — Comprei por uma bagatella dois d'estes animaes em uma curiosa situação. — Quantos mil annos terão decorrido, e os pobres animaes (estatua e monumento do que foram) ainda hoje se conservam na mesma e significativa posição em que os surprehendeu a morte! — Que milhares de annos haverá? Seculos por certo, que já não poucos tem o castello de Dudley edificado sobre o monte em cuja concavidade se acham estes e outros fosseis.

Propoz-nos o vendedor das raridades se queriamos ir ver o sitio em que ellas se acham que é, como disse, por baixo do castello, nas profundas excavações que, para lavrar sua mina de cal, alli se têem feito. Acceitámos; e o bom do mineiro se offereceu para *cicerone*. Caminhámos largo espaço pelo parque que rodeia o castello, e chegámos a um dos boqueirões ou entradas da mina.

Altos e corpulentos alamos assombram a entrada da caverna; sem folha agora, e sem o minimo signal de vegetação, parecem dar-lhe ainda um ar mais romanesco do que porventura quando vegetarem com o verdor da primavera. O boqueirão está exactamente aberto n'um dos lados do monte que naturalmente é quasi talhado a pique. Entra-lhe sufficiente luz para se ver o interior da caverna em oito ou dez passos de internação; mais para dentro a obscuridade é impenetravel. Descêmos por um despenhadeiro ingreme escorregadio, e parámos a observar o extraordinario aspecto d'esta vista subterranea.

Uma abobada immensa e rude, suspensa sobre naturaes pilares, ou porções de pedra que os mineiros foram deixando para sustentar o tecto do subterraneo, a luz do dia que entrava pela fenda da abertura, a immensidão da caverna, o som quebrado dos nossos passos que retiniam lugubremente pela vastidão d'aquellas concavidades, formava tudo uma sensação tão extraordinaria, tão nova e tão fóra da natureza, que me parecia transportado a uma scena de romance, atravessando as entranhas da terra para ir quebrar o encanto de alguma princeza que máos feiticeiros tivesse encarcerado debaixo da guarda de terriveis dragões e magicas serpentes. — Sentimos um som confuso, mas tremendo como de queda de grandes massas na profundidade de um poço. — Todas as abobadas repetiram aquelles sons, e os multiplicaram em echos reflectidos, que, decrescendo pouco a pouco, findaram em um murmurio lamentoso, e não menos aterrador que o primeiro som d'onde provieram. — O nosso guia tinha-nos deixado, não tinhamos quem nos explicasse o extraordinario phenomeno, e o attribuimos a uma porção de aboboda que desabasse sobre algum deposito de agua que alli houvesse. — Mas a mesma bulha se repetiu segunda e terceira vez. Então ouvimos umas vozes confusas e em grande distancia; logo uma luz, que parecia estar longe pelo menos tres quartos de milha. A luz foi-se approximando visivelmente e as vozes ouvindo-se mais distinctas. Não pudemos imaginar o que seria; mas os mesmos sons que haviamos escutado continuavam de vez em quando a retinir, supposto com muito menos força, e em muito menor distancia. A luz approximou-se mais e mais, e de repente desappareceu.

Temos aqui bruxaria (disse eu ao meu companheiro de aventura) alguma coisa extraordinaria pelo menos — O que é extraordinario (me tornou elle) é que o nosso *cicerone* desappareceu sem dizer nada.

Começámos a olhar um para o outro, não com o minimo receio, porque a sahida da caverna estava perto, mas na desconfiança de que nos quizessem pregar algum susto, que é favorito divertimento dos habitantes d'aquelles subterraneos. Porém como estavamos prevenidos, determinámos esperar pelo desfecho da aventura; e como não podiamos andar mais para deante, porque nem luz nem guia tinhamos, parámos a examinar o que era visivel na caverna. — Subito ouvimos uma rustica e simples toada de coisa como de cantiga popular, cantada por diversas vozes que soffrivelmente se harmonizavam. Olhámos admirados um para o outro. As vozes pareciam vir debaixo da terra e de mais profundo ainda que o pavimento onde estavamos.

E' ou não é feitiçaria? disse eu rindo contrafeito, porque todavia tão extraordinarios phenomenos me tinham exaltado um tanto a imaginação e não estava com grande vontade de rir.

Diversas e multiplicadas conjecturas começavamos a fazer, quando repentinamente ouvimos á esquerda a voz do nosso guia que surdiu ao pé de nós como sombra de theatro por alçapão. — Vamos que aqui estão luzes. — Voltámo-nos immediatamente, e então vimos um braço de agua que não tinhamos descoberto, e que entrava mais pelo in-

terior da caverna, correndo por debaixo de abobada menos elevada. O *cicerone* estava dentro de uma barca que nadava na dita agua, e com mais tres homens, armados de candeias e archotes. Então conhecemos as razões de todas as extraordinarias coisas que tinhamos visto, e ouvido. Este canal passa por debaixo do monte, e por um leito ainda mais baixo que o pavimento da caverna onde estavamos. Parte do caminho por onde corre é coberto com uma abobada artificial, mas em diversos intervallos é aberto; e n'um d'esses intervallos mais remotos vimos a luz do bote que se vinha approximando, e que de repente desappareceu quando entrou outra vez debaixo da abobada. Navegou até junto de nós, sem o vermos porque vinha debaixo de nossos pés, e quando aquelles subterraneos navegantes lhes deu na vontade entoar a sua rude canção estavam quasi debaixo de nossos pés. Como o canal é estreito, a barca, que é toda forrada de ferro para resistir aos continuos embates que leva, tocava de vez em quando nos lados do canal, e produzia os sons que ouvimos, e que o echo das abobadas augmentava, e fazia tão temerosos.

O nosso guia, que agora nos explicava tudo isto nol-o tinha previamente occultado, e se escapára sem dizer nada por um trilho occulto, na tenção de nos causar uma *agradavel surpreza*. O que sufficientemente conseguiu, quanto podia esperar-se de dois incredulos como nós eramos em visões e outras bruxarias. Este canal é todo obra d'arte, e serve de meio de conducção a todo o commercio das provincias comarcans. A tanto tem chegado os esforços da industria ingleza, que meras emprezas de particulares negociantes (e sem a minima ajuda do estado) rompem montes, terraplenam valles, cruzam rios uns sobre os outros, e fazem por toda a parte d'aquelle venturoso terrritorio girar o commercio, e circular o verdadeiro sangue do estado pelos mais remotos angulos do paiz.

Grandes riquezas tem dado á Inglaterra o quasi exclusivo trafico das duas Indias, os vantajosos tractados com Portugal, com o Brazil e com outras nações, o commercio espantoso e universal que sustenta, em desmesurado proveito seu, com todos os povos do mundo, desde o mais antigo de todos, a China, até os mais modernos, as republicas da America meridional. Mas o commercio externo pouco extende os seus beneficios alem das grandes cidades mercantes, se ellas são, como Lisboa ou Cadiz, isoladas do resto do paiz por falta de communicações internas e por mingua de industria. Duzias, centenares, ainda milheiros de familias, farão enormes fortunas; mas a totalidade da nação ganhará pouco ou nada com essa fonte de prosperidade que, por falta de conducção, estagna nas reprezas das capitaes, e apodrece suas aguas salutares nos paues do luxo, da dissipação ou da avareza. Factos provam mais que tudo. Em que melhorou o interior de Portugal com o immenso e vantajoso commercio de Lisboa e do Porto durante tres bons seculos? Peiorou talvez com a emigração do agricultor e desamparo da lavoura. Todas as riquezas da India e do Brazil paravam nas fozes do Tejo ou do Douro, sem poder penetrar no interior do reino; e, ou amuavam nas burras de alguns ricaços, ou iam para Hollanda, para Inglaterra enriquecer povos mais mais asisados e industriosos, ainda que menos favorecidos da natureza e da fortuna...

Entrámos na barca de ferro que officiosamente nos trouxera o nosso guia, e começámos a navegar pelo agente das varas dos barqueiros, e alguma vez tambem pelo de seus pés que fincavam d'encontro aos lados do canal e assim a faziam mover rapidamente.

Levavamos archotes accesos, e iamos observando as diversas e pittorescas perspectivas que nos apresentava a caverna. Um dos nossos cicerones caminhava por terra, saltando de precipicio em precipicio com uma ligeireza que nos espantava, inclinando a luz do seu archote para o que lhe parecia mais digno de ser visto: escolha em que raras vezes o enganava sua muita pratica do officio.

Aqui uma arcada immensa que parece a entrada de um templo de architectura saxonia — mais rude e pesada do que a vulgarmente dicta gothica — lá um grupo de enormes pedras que similham ruinas de um convento — alli um precipicio talhado a pique de uma altura que foge a vista de o medir — acolá uma ponte sobre o canal que serve de passagem aos obreiros da mina, e que, olhada de longe, com luzes sobre a amurada, parece realisar um sonho de novella, ou uma imaginação do fidalgo da Mancha na sua visita á caverna de Montesinhos.

Andámos assim obra de uma milha, e fomos desembarcar a um sitio que não distava do logar onde effectivamente andava a excavação. Quizemos ver trabalhar: era hora de descanço, mas obsequiaram-nos dando fogo a uma mina que estava carregada, (assim é que começam os primeiros trabalhos d'esta mineração ou excavação).

Poz se o fogo, deixando rastilho e murrão sufficiente para termos tempo de nos pôr a salvo. Em poucos segundos rebentou a mina — e o effeito de todos aquelles echos, repercutindo e reproduzindo o tremendo som, é impossivel descrever-se.

Tomámos a direcção de outra bocca da espelunca, e emfim volvemos á luz do dia, não sem grande satisfação de respirar o ar livre, e de ver a terra dos vivos.

Parecia-me tão bella a pouca verdura que deixára a neve, tão encantadora e animada a vista de algumas escassas arvores que conservavam a folha! As pequenas casas que viamos ao longe na planicie, tudo me parecia tão animado, tão cheio de vida, de acção, da verdade! O que fez a ausencia de poucas horas!

Suppuz-me n'aquelle instante um dos tantos infelizes que nas minas de Suecia e de Polonia nascem, vivem, e muitos morrem, sem ver a claridade do sol nem a luz creadora do dia. Que magnifico espectaculo não será para elle, se alguma vez chega a vel-o, este universo — trivial para nós — esta maravilha da creação que o habito nos faz já olhar com indifferença? Que objecto de espanto não será para elle ver voltear no azul do firmamento esse globo inflammado que esparge a luz, o calor, a animação por toda a vastidão da terra! Que comparação entre as suas abobodas subterraneas e a immensa abobada celeste, diaphana e brilhante como a saphira! O esmalte dos campos, o crystal das fontes, a folhagem das arvores, a mais singella florinha do prado... que objecto não ha de ser de admiração e de amor para esse habitante de outro mundo, de um mundo creado pela cubiça do homem, de um mundo verdadeira obra de suas mãos!

Imbebido n'estas reflexões subi toda a encosta do monte, e me achei, sem o pensar, ao pé do castello. O meu companheiro de viagem tinha já passado o fosso e estava debaixo da arcada da porta principal. Parei a observar o exterior d'aquellas magnificas e tão bem conservadas ruinas, quando elle, tomando uma attitude de Amadis de Gaula, me bradou: Senhor cavalleiro, que pretendeis d'este castello? Sabei qse aqui está encerrada a muito nobre princeza D. Florimena de Aquitania, a quem perseguem de amores vinte e quatro apaixonados importunos, e que ella jurou de não dar a sua mão senão a quem lhe trouxesse as quarenta e oito orelhas dos referides descortezes e soezes máos cavalleiros... — Sei — respondi eu, entrando de boamente na farça — sei, e por esta boa folha o juro, que S. A. comerá as quarenta e oito orelhas de azeite e vinagre antes que sejam passados tres dias!

Folgámos e descançámos um pouco, e observámos que em verdade o nosso passeio d'aquelle dia tinha sido um perfeito romance. Fôramos soccorrer uma bélla infante ou princeza, ou cousa que o valesse nos subterraneos do seu encanto, e agora vinhamos ao seu castello descançar das fadigas da nossa galante empreza. O peior é que nem pagem á nossa espera, nem donzella para nos acompanhar e nos servir á mesa de um sumptuoso e delicado refresco em pratos de crystal, bandejas de oiro — senão é que nos levar depois tambem a uma deliciosa cama...

Com effeito não me senti com força de imaginação para povoar o castello e seus palacios. Os fossos estavam meio atulhados; e apenas alguma agua de chuva — e essa gelada — enchia as partes do valle em que elle ainda conservava alguma fundura. Um monte de entulho anivelado com o pavimento do castello entupia o valle no sitio onde já fôra a ponte levadiça. Passámo-lo assim e entrámos no espaçoso atrio ou praça d'armas do castello.

A fachada interior do edificio é irregular e de diversas architecturas, mais e menos antigas; mas segundo me pareceu de uma porção mais moderna, não ha ainda um seculo que deixou de ser habitado o palacio.

Todavia nem tectos nem sobrados existiam já, nem portas nem janellas. E posto que o actual possuidor, á boa e louvavel moda ingleza, tem todo o cuidado de fazer reparar e ter mão em tão veneraveis reliquias, todas as paredes interiores faltam, e as outras estão bastante damnificadas.

Pequenas lascas de vidros de côres apenas se divisam em uma janella mais alta. O que está inteiro é a masmorra ou prisão feudal. Admiravel capricho do tempo, que em sua obra de destruição quiz poupar aquelle monumento de barbaridade.

Agora que leio estas linhas — depois de bastantes annos — me estou recordando da impressão que em mim fez aquella severa reliquia do antigo feudalismo, a primeira que vi de perto, que por assim dizer, toquei e palpei. Lembra-me que a memoria saudosa me esteve fazendo comparação d'essas asperezas com as placidas e suaves construcções de nossos monumentos d'essa era — tão patriarchaes, tão pacificos!

Ainda me estavam todas frescas no coração e no pensamento essas imagens e essas idéas, quando, poucos mezes depois escrevia, no VII canto de Camões, aquelle *super flumina Babylonis* do meu primeiro desterro:

> Eu vi sobre as cumiadas das montanhas
> De Albion soberba as torres elevadas,
> Inda feudaes memorias recordando
> Dos Britões semi-barbaros. Errante
> Pela terra estrangeira, peregrino
> Nas solidões do exilio, fui sentar-me
> Na barbacan ruinosa dos castellos,
> A conversar co'as pedras solitarias,
> E a perguntar ás obras da mão do homem
> Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada

Nòs romanticos sonhos, procurava
Aureas ficções realisar dos bardos ..
Triste realidade dissipava
Phantasias de vates. Nem setteira
Me bruxuleava nem oradas córes
De bordado talim. serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora esquiva ao cavalleiro,
Que aventuras correr se vae ao Oriente
E a ganhar do infiel a Terra sancta.

Nada!... Só pelos fossos entupidos
Do desfolhar do Outomno e bronco entulho
Dos muros derrocados, toscas pedras
E immunda terra, á vista afiguravam
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros, inda cobertos de aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram
Por vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castellão soberbo. Nas ameias
Se me antolhavam horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo, certo amigo dos tyrannos
Que regalado o trazem...

Ao pé d'essas janellas recortadas
Em que ainda o tempo conservou vestigios
Dos já pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fetidas masmorras inda inteiras,
Mais duradoiras que os salões dourados;
Como se a edade, que destruiu palacios,
Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a taes vestigios
De atrocidade e crimes — e escrevesse
Ao passar, com a fouce enferrujada
No limiar d'essas portas: Escarmento
A's gerações por vir. — Doia-me alma
Na solidão das ruinas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento
Para os vergeis da patria esvoaçando...

Assim era com effeito: *doia-me* alma, e apertava-se-me o coração. E foi tam viva, tam intensa e profunda esta sensação, que ainda muito tempo depois, as simples reminiscencias d'ella me inspiravam aquelle canto.

Lembra-me, a proposito d'isto, que o melhor commentario para qualquer obra poetica seria a historia das sensações que a inspiraram. Todo o poeta, todo o artista, devia escrever as suas memorias e as das suas composições.

Subimos a torre de menagem, que ainda está mui bem conservada, e descobrimos d'alli uma vista immensa e por extremo variada e bella.

Logo por baixo a notavel villa de Dudley, situada n'uma planicie, e que se nos offerecia aos olhos como a planta-baixa de uma cidade. Á roda a multidão de fogos das minas e fabricas por que tinhamos passado: mais longe os elevados topes da *Malvern hills* e outros montes de consideravel grandeza, e finalmente, no fim da perspectiva e no derradeiro horisonte, as escuras montanhas de Galles, cujas summidades perfeitamente se divisavam.

Ia eu prevenido de que alli perto, na baixa, existiam as ruinas de uma antiga abbadia ou priorado — mosteiro ou convento — cuja situação á borda de um lago era das mais pittorescas do paiz. Procurei-as em vão com os olhos, e perguntando ao cicerone se m'as sabia indicar: — Acolá, acolá em baixo — me disse elle apontando para um edificio grande ao pé de uma pequena lagôa — acolá está o Dudley priory.

— Como! não vejo ruinas algumas, antes um grupo de edificios com toda a apparencia de habitação e conforto.

— É que é uma grande fabrica de vidros agora.

— Ainda bem!

E fez-me tristeza, porque me lembrou o que eram então os nossos conventos e os nossos frades — e porque me deu o coração um baque, adivinhando me que quando nós mandassemos os frades embora, não haviamos de ter juizo para fazer dos conventos fabricas de vidros — nem de outra coisa alguma.

Voltei triste para a nossa estalagem, mas dissipou-se-me a tristeza com a vista e perfume do excellente e substancial jantar que alli achámos.

Discutido o jantar, e meia garrafa do excellente Porto sobre elle, montámos o nosso *gig*, e trotámos largo e rasgado para Ed... por outra estrada mais amena e mais prosaica.

Estavamos fartos — enjoados de poesia.

Chegámos á suave e confortadissima hora do chá a casa dos meus amaveis hospedes.

O chá á noite, no inverno, ao pé do fogão — é em Inglaterra um dos mais serenos gosos que tem a vida. Mas nunca o tinha eu sentido tanto como d'esta vez.

Deitei-me cedo: tinhamos de tornar a madrugar no dia seguinte para mais longa e atrevida excursão — a Hagley-park, tão celebrado de Pope e Thompson.

O INGLEZ[1]

(INCOMPLETO)

I

Estas reflexões... não chegam a ser reflexões, estes pensamentos vagos, soltos, desconnexos talvez — vieram-me o outro dia á noite n'aquella linda representação da Thalia, em que olhos e alma tinham bem mais que fazer do que estar a reparar ou a pensar em tão sublimes objectos.

Estava alli aquella cynosura da galeria... como ter sentidos e espirito para outra coisa? Pois quem, entre todos esses astros, contasse tambem uma estrella fixa d'aquellas que dominam a existencia, que tolhem o alvedrio, que não deixam livre na vida, nem o vêr, nem o pensar, nem o sentir, nem o querer, nem a razão, nem a animação, nem...E elle ha d'essas estrellas? – Ha. – E quem se deixe dominar a esse ponto? — Tambem ha. — Rara phenix de mortal! Tomára conhecel-a. Chama-se?..« — Não seja curiosa, minha senhora ou meu senhor. E deixe-me continuar a serie das minhas observações, distrahidas e preguiçosas observações.

Dizia eu e digo que ter ali olhos para outra coisa que não fosse admirar, pensamento para mais do que para adorar a brilhante e variada constellação que resplandecia em torno do theatro por cima das nossas cabeças — era o que? Era um verdadeiro peccado mortal. Pois fil o eu... e d'elle me confesso, e faço penitencia publica em letra redonda.

Aqui está como foi.

Representava-se o *Falar verdade a mentir*, e ria toda a gente d'aquella caricatura de inglez que tão bem feita foi. Ora porque será isto — disse eu commigo — d'onde vem que nos theatros do continente o inglez é hoje um caracter tam eminentemente comico, tam popular, tam seguro de fazer rir, desde a plateia ás torrinhas, todas as classes da sociedade sem excepção?

Mas um inglez é coisa grave, séria, reflectida... Na forma exterior uma das mais bellas e apuradas raças da familia humana; pelo espirito, não ha nada sublime, grande a que se não eleve... O inglez é bravo, é leal, é emprehendedor – franco e generoso, rico e instruido, bello, valente, nobre... E faz rir!

De que se rirá esta pateta d'esta Europa, o que acha ella n'um inglez para a fazer rir? Porque lá isso rir, ri ella: mas de quê? Não sei.

Apanhei a Europa na sua maior e mais espantosa contradicção.

E senão vejam.

O inglez alarga as calças, enche-se o mundo de varinos e soliotas. Desce elle as cinturas, pomo-nos todos com o fato pelos quadris. Tosquia-se, ficamos todos chamorros. Deixa crescer as guedelhas, não se vê senão nazarenos e sansimonianos por essas ruas. Gosta de cavallos, faz correr cavallos, — de Lisboa a S. Petersburgo todos os rapazes querem ser jocekys e ciganos. O frac e a ponte pensil, o chá preto e os caminhos de ferro, o mackadam e as botas envernizadas o systema constitucional e os colletes brancos, os romanticos e os barcos de vapor, os dandys e as companhias monstros, as tragedias em que se ri e as comedias para chorar, os exchequer billis e os cocheiros de cabelleira branca, tudo nos vem, tudo imitamos, tudo exaggerâmos dos inglezes.

Nós é que somos os macacos, e nós é que nos rimos!...

Se nós lhes vamos buscar os modos, os usos, as invenções uteis e agradaveis, tudo, — se lhes vamos estudar a vida para a imitar, porque razão nos rimos quando elles cá veem?...

E' que — parece-me que achei a solução do problema — o inglez não foi feito senão para Inglaterra.

Vejamos:

Embarquemos ahi no Lady-Mary-Wood, cheguemos a Falmouth, tomemos o Stage, cá estamos em Londres. Desembarcâmos ao pé d'aquelle Coffee-house. Entremos. Santo Deus! que tristeza, que silencio! John Bull,

[1] Publicado na *Illustração*, jornal universal. No anno 1845 a 1846.

gordo, vermelho e taciturno, com o chapéo na cabeça e tres sobrecasacas ás costas — está gravemente sentado deante d'uma enorme perna de boi, sem osso, assada ou cosida, flanqueada de um pote de cerveja e do *Times*. João corta, bebe, lê, mastiga devagar e por intervallos, não fala, não ri, não olha para ninguem. Só de tempo a tempo: — Water! — Sir — Móre beer — Yes sir. Comeu, leu, bebeu, pagou — e foi-se sem dizer, talvez sem ver nem ouvir nem sentir mais nada.

Vistamo-nos, tomemos um coche, vamos a Kensington-gardens. São quatro horas, não chove hoje, coisa rara! — e alli veremos reunidos todo o rank and fashion dos tres reinos. Um immenso numero de equipagens, a qual mais luzida e elegante, espera á entrada dos jardins.

Uma banda militar toca o mais escolhido da Favorita, dos Puritanos, da Lucrecia. Entramos. Quem não pasma do que aqui vê, é estupido.

Que mulheres tam bellas, tam finas, que pureza de sangue! Não ha o bemposto da franceza, nem a graça e desgarre d'aquelle vestir, d'aquelle andar, d'aquelle *estar* inimitavel. Mas ha garbo senhoril, ha frescura, ha pureza de feições, ha esbelto de formas, riqueza de trajos, e um tam perfeito tam completo ar de gentileza! E são tantas, e tantas, e todas assim!... onde guarda esta gente as feias?

E não me venham com as graças francezas, e salero castelhano, e singeleza allemã e... Sabemos isso muito bem.

Mais e melhor que tudo isso é a suavidade angelica, é a incomparavel espiritualidade, a maviosa e quasi melancholica expressão da formosura portugueza.

E' certo, é a phenix de toda a belleza... e rara de encontrar como a sobredita ave que é seu typo.

> Che vi sia ciascun lo dice,
> Ove sia...

Não se pode concluir com o poeta — nessun lo sa; mas, se ha muito quem o saiba, ha pouco que saber.

Em Inglaterra, é exactamente o contrario.

E em tudo isto, n'estes inglezes, n'estas inglezas de Inglaterra, acharam alguma coisa de que se rir? Não.

Pois continuaremos a conversar a este respeito que vale a pena.

II

Continuemos a falar do inglez, e por agora do inglez em Inglaterra, que é uma entidade muito differente do inglez fóra da sua ilha. Estavamos em Londres, e em Kensington-gardens, um dos mais lindos jardins e passeios do mundo. Prosigâmos na nossa viagem de supposição.

E' quasi noite: as brilhantes equipagens desfilam umas após outras. O ginete de puro sangue arabe trota airoso e ligeiro a par da caleche elegante que se balanceia suavemente em suas duplicadas molas. A brisa precursora da noite folga com as plumas dos chapeus, com as blondes dos vestidos d'essas tres damas que vão no briska azul... O cavalleiro do ginete arabe quizera continuar a conversação que se interrompeu com a sahida dos jardins.

Não o ouvem ou não lhe dão attenção?... Quem sabe? — Uma ingleza diz a um homem: «*Come and talk to me.*» Não é «fale commigo»; é «fale para mim». E o homem fala, e ella ouve ou não ouve; dá ou não dá attenção; mas quer que lhe falem. E ai do que não fala! Ou do que não sabe falar! Ai sobretudo, do que não sabe o que diz! Vinte e cinco annos, o uniforme dos guardas, figura de Apollo, trinta mil libras de renda, um nome distincto — ainda melhor um titulo, avós para além da conquista, tudo isso vale em Inglaterra e póde com a mulher ingleza o que vale em toda a parte e o que póde com toda a mulher. Com essas condições querem n'o ainda que seja tolo — faz um marido excellente, faz mais do que isso, um par delicioso em Almanacks. Mas gostar d'elle, a mulher ingleza não gosta.

Sigamos o briska azul.

O briska azul deslisa facil e rapidamente pelas ruas areadas do parque. E' lindo o briska, tam simples, tam leve, tam baixinho!.., Duas lettras gothicas apenas coroadas por um timbre singelo — indicam modestamente que se não querem usar de outros distinctivos de armaria, que ficam para mais pomposos vehiculos, e para mais solemnes occasiões.

Eu disse modestamente: mas não será mais refinada vaidade ainda? E vaidade, e mais refinada com effeito, porém, menos aborrecida, menos paspalhona, de melhor gosto. Deixal-o ser vaidade.

Até n'isto os imita a Europa toda aos inglezes.

Se é bom estylo hoje andar sem fitas na casaca, se fóra da côrte ou de um caso muito grave é raro o pateta que por ahi apparece com o sete estrello no peito, apezar do que tem chovido d'essas coisas n'esses ultimos annos, a quem se deve, d'onde veiu a moda? De Inglaterra.

Riam-se do inglez; fazem favor?

Mas vamos, que nos foge o briska azul

por Oxford-street acima, e perdemos o melhor d'esta viagem, ou historia, ou conto — ou o que quer que isto é.

Lá parou o briska em Portman-Square, uma das elegantes e nitidas plaçuelas que ali têem o nome geral de squares (litteralmente quadrados).

O cavalleiro tambem parou; o lacaio apolvilhado desceu de um pulo da almofada, e retim, tim, tim, tim, tom, tom tom...tom! trovejou com a aldrava da porta, n'aquelle certo e compassado numero de pancadas artisticamente repicadas segundo o regulamento, para designar a qualidade e apparato da pessoa que chega, e a quem se hade já, depressa, já, já abrir a porta.

Outra figura da mesma libré, com a mesma cabeça apolvilhada e a mesma cara rubicunda, abriu e se inclina humildemente com a mão na guedelha.

A mão na guedelha é signal servil — quasi vernaculo — é o salema inglez do creado para o amo quando o amo é fidalgo ou coisa que o valha.

As tres damas entraram: o cavalleiro entrou tambem.

Ora supponhamos — suppor não custa nada — supponhamos, amigo leitor, que nós que fazemos esta viagem de imaginação — para nos referirmos a outras reaes que tenhamos feito — nós levavamos certas cartas de recommendação na nossa carteira; que uma d'ellas era para sir Ralph R... o dono da dita casa de Portman Square, onde parou o briska azul.

Supponhamos que na vespera tinhamos entregado a carta; que recebiamos um convite de jantar para o dia seguinte, que era hoje mesmo — o dia de Kensington Gardens — que vinhamos á hora aprazada; e que justamente, consultado o numero da casa, achavamos ser aquella propria...

Supponhamos: desciamos da modesta *chaise* em que vinhamos, e entravamos atraz das damas e do cavalleiro, declinando submissamente o nosso nome, que logo tinhamos o gosto de ouvir estropear, degenerado de bocca em bocca de lacaio até o não reconhecermos.

Entrámos e cá estamos no *drawing-room*.

E o que é um *drawing-room?* E' uma sala de visitas portugueza? Não. E' o *salon* francez? Não. E' uma sala de companhia, é uma sala de baile, um quarto de estar, um gabinete, uma galeria, um estudo? Não é nada d'isso, e é tudo isso.

Vejamos se eu posso explicar o que é um *drawing room*.

Aqui ha dez annos era impossivel em Portugal, impossivel talvez em França mesmo, traduzir em phrases intelligiveis para um grande numero de pessoas — ainda usando das mais rodeadas periphrases — esta mysteriosa e comprehensiva palavra *drawing-room.* Hoje está toda a Europa tam ingleza da que não desespéro de me fazer entender.

Pois não é uma sala o *drawing-room?* E' sim. Uma sala de visitas como se dizia em Portugal? Não senhor, verdadeiramente e strictamente n'esse sentido já disse que não, nem o salão francez tam pouco.

A sala-de-visitas era e não sei se é, uma coisa formal, fechada, fossil, cheirando e sabendo a mofo e a misuras, com umas cadeiras, uns sophás, umas cortinas, um movel todo intacto como os de Pompeia, extranhando os raios do sol, e tam pouco familiar com a dona da casa como com a sua visita. Respira-se n'ella um ar de *parvenu*... Tenho vontade de a comparar com uma gravata de setim branco...

A lusa verdadeira sala-de-visitas, no meio da Europa d'hoje, parece um d'estes ultimos colletes monarchicos de cincoenta contos de réis, que a gente encontra por ahi ás vezes triumphantemente no meio da fastidiosa e republicana simplicidade do uniforme *piquet-blanc.*

A sala-de-visitas tem o castiçal de prata de rigor, com a virginal vela de cera (a degeneração dos costumes já derrogou até á stearina); tem o viço e primitiva frescura do lychen do escovado tapete: tem o retrato do papá com o habito de Christo (eleve ao *quadrado* da commenda para achar a equação contemporanea) e o retrato da mamã com o pintasilgo no dedo. Tem mais a sala o hermeticamente fechado piano, em torno do qual revoam saudosos os antigos echos da *Joven Lilia abandonada* — abafados pelos da *Casta Diva* — esquecidos pelo final da *Lucrecia* ou por outro que tal final.

Tem sobre a banca do jogo, hoje fechada, mas em que se joga o voltarete nos dias de annos, um formoso mandarim lettrado, oscillando sapientemente com a celestial cabeça; tem alguns *biscuits* da Sévres ou Saxe portugueza — vulgo Caldas. E tambem tem um candieiro que já se accendeu tres vezes, ha quatro annos que veiu da logea de ferragens.

O *drawing-room* inglez não tem esta symetria, esta regularidade classica, systematica e perfeita como uma regra de syntaxe philosophica; não é isto emfim.

Classico tambem, mas de outro typo é o salão francez. A pendula obrigada sobre a chaminé com suas duas sentinellas á vista de vasos de flores (contrafeitas) — seu *guéridon* com pedra em cima, seu virginal apparelho de chá ou caffé...

Mas fiquemos por aqui hoje.

III

Nós vamos devagar, caro leitor; vamos muito devagar, amavel leitora, muito demais hão-de achar. Mas paciencia! Caminhamos seguros e certos, pela vereda da analyse, que é o unico modo de achar a verdade, especialmente em materias tam difficeis e importantes.

Trata-se de conhecer esta existencia unica; este ente tam singular, o inglez; não se pode ir depressa, que o estudo é longo e precisa de ser profundo.

Parámos no *drawing-room*; e porque? Porque antes de dizer, porque para poder dizer o que é um *drawing-room*, era preciso dizer o que elle não é.

Não pensem que me espalho e esqueço por inuteis digressões, não senhor: tendo constante ao meu fim, não perco de vista o meu assumpto. Estas, que ao observador vulgar, parecerão divagações desolutas são na realidade observações transcendentes, que travam e ligam magistralmente com a materia.

Continuemos portanto.

O salão francez puro, como o reconstruiu o imperio sobre as ruinas e com as reliquias do «antigo *régime*», tem pois, segundo eu dizia, a pendula de rigor e os dois vasos de flores contrafeitas sobre a chaminé.

No lar do fogão, e artisticamente collocados em cima das «genetas» de ferro fundido, ardem na branca cinza, graciosamente empilhados os tições graduados e medidos. O espelho alto e largo, tambem assente sobre a chaminé, reflecte tibiamente a luz do carcel vendado com seu *abat jour de phantasia*.

Abat-jour como se ha-de traduzir em portuguez? Bandeira não parece proprio senão do anti-diluviano utensilio de latão de tres bicos, de que apenas se vê já hoje raro exemplar na logea de algum caldeireiro anti-progressista, pendendo tristemente do enferrujado prego, como quem deplora, no eloquente silencio da immobilidade, os perdidos costumes de nossos bons maiores, e as extranhas innovações de seus degenerados netos.

«Tapaluz» talvez não fosse má palavra .. ora vejamos como fica.

E' noite, antes do chá: começou o whist n'aquella mesa, faz-se politica n'ess'outro canto, musica além; aqui ao pé do sophá está o candieiro sobre a banca redonda. Julia copia para a talagassa um elegante desenho de Berlin. O cabaz das lans está ao pé; e Eduardo *faz espirito*... faz?... não sei, mas é como se fizesse —faz, sim senhor, demos que *faz espirito* sobre aquelle ramo que pende, sobre aquella camelia que está ao pé do *forget-me not*.

A camelia é branca, o *forget me-not* é azul... que lindas coisas se não dizem sobre isto —com a graça, com o talento que teem os nossos rapazes! Pois Eduardo diz coisas lindas, e Julia, *entende* as coisas lindas (não ha nada que anime e dê espirito como é ver a gente que o entende!) —Julia distrae-se do bordado, troca as lans... vejam! lá fez um cravo azul-claro e uma rosa verde-mar.

Peço perdão da velhice! Como se uma elegante da epocha derrogasse a ponto de bordar d'essas flores rançosas. Era uma bougainvillea, um hybiscus, uma calceolaria, um cacto mesmo, se quizerem... Mas flores do canteiro da minha avó. Que pequice!

Pois foi uma gardenia —vulgo jasmim do cabo —o que se trocou de branco para azul ou roxo, ou furtacores talvez....

Faz favor de se callar e tirar esse tapaluz do candieiro, sr. Eduardo, que não sei o que faço... troquei as lans.

—O *tapaluz!*... Seria do *tapaluz?*... ou distracção por estar a pensar no que hontem lhe disse aquella pessoa?

—Pessoa! Que pessoa? Não diga semsaborias, e tire o *tapaluz*.

—*Tapaluz* é palavra que.. (tirando o *tapaluz*).

—Diga, diga alguma cousa bonita do *tapaluz*... das que tem sempre para dizer..

—*Tapaluz* .. *tapaluz*... é como quem diz ..

E não disse nada.

Então *tapaluz* não presta talvez.

Pois busquem outra coisa para *abat-jour*... que eu não sei.

Aqui está como se experimenta uma palavra: se as sujeitassem sempre a este processo, talvez não tivessemos algumas tam chochas e tam deslavadas na nossa lingua.

Voltemos ao salão francez.

O *abat jour* representa uma scena do Judeu errante, talvez a panthera devorando Jovial, ou mr. Rodin espreitando pelo buraco na casa dos doidos, ou os cabellos ruivos de mademoiselle de Cardoville, ou os sapatos ferrados em cruz do proprio mysterioso protogonista, que vae ao polo todos os annos, e é a cholera-morbus, e faz bem a toda a gente, menos aos jesuitas, que ha-de dar cabo d'elles, ainda bem!

O carcel está sobre uma banca redonda —*guèridon* —com pedra em cima.

Aos dois lados da chaminé, os *divans*, — nas paredes aguarellas ou gravuras; nas janellas cortinas ligeiras, caprichosamente apanhadas; ao pé do fogo umas cadeiras estofadas sem braços —*chaufeuses* — calculadas

para a enorme roda dos vestidos actuaes. (Propõe-se outra vez as saias esguias, mas eu não creio n'ellas por'ora.) Um forte piano rococó, alguns jornaes da moda, alguns tomos do romance do dia completam a mobilia do quarto.

E' elegante, é bonito: *está-se* alli, pode se alli estar; mas é possivel estar melhor n'outra parte.

No *drawing-room* inglez, não senhor: vê se, sente-se que é impossivel *estar* senão alli, que alli está o coração, a vida, a existencia toda da mulher bella ou interessante, que é a alma da casa. Ausente ou presente vê se toda uma mulher ingleza na sua sala.

A franceza vive no theatro, no *boudoir*, no quarto da cama, no toucador, nas Touilerias, em Tortoni, na *Bourse* mesmo, em Santo Thomaz de Aquino, nos arlequins, em Versailles, na exposição, nas logeas de modas, no instituto, no observatorio, nos sermões do padre Lacordaire e nas leituras de Edgar Quinet... A ingleza vae a tudo isso, ou a coisas que se parecem com tudo isso, mas *vae*, não *vive*—viver, é só no seu *drawing-room*.

Ora nós estamos em casa de sir Ralph, lembrem se. Já sabemos que ha tres senhoras n'esta casa: vamos vel as no seu *drawing room*.

. . . .

CARTA AO DOUTOR ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO

ACERCA DO SEU POEMA HEROE-COMICO A FESTA DO BALDO

Julho 21.

Ill.^mo^ Sr. e amigo.

Tardei em agradecer o mimo com que me distinguiu, porque o queria avaliar bem, primeiro, e não queria escrever expressões banaes das que não merece uma pessoa de seu caracter, e que a mim me custa sempre a dizer ao mais indifferente.

Depois, no meio d'este vortice de absurdos, em que aqui se vive, custava me a conciliar attenção a coisa alguma.

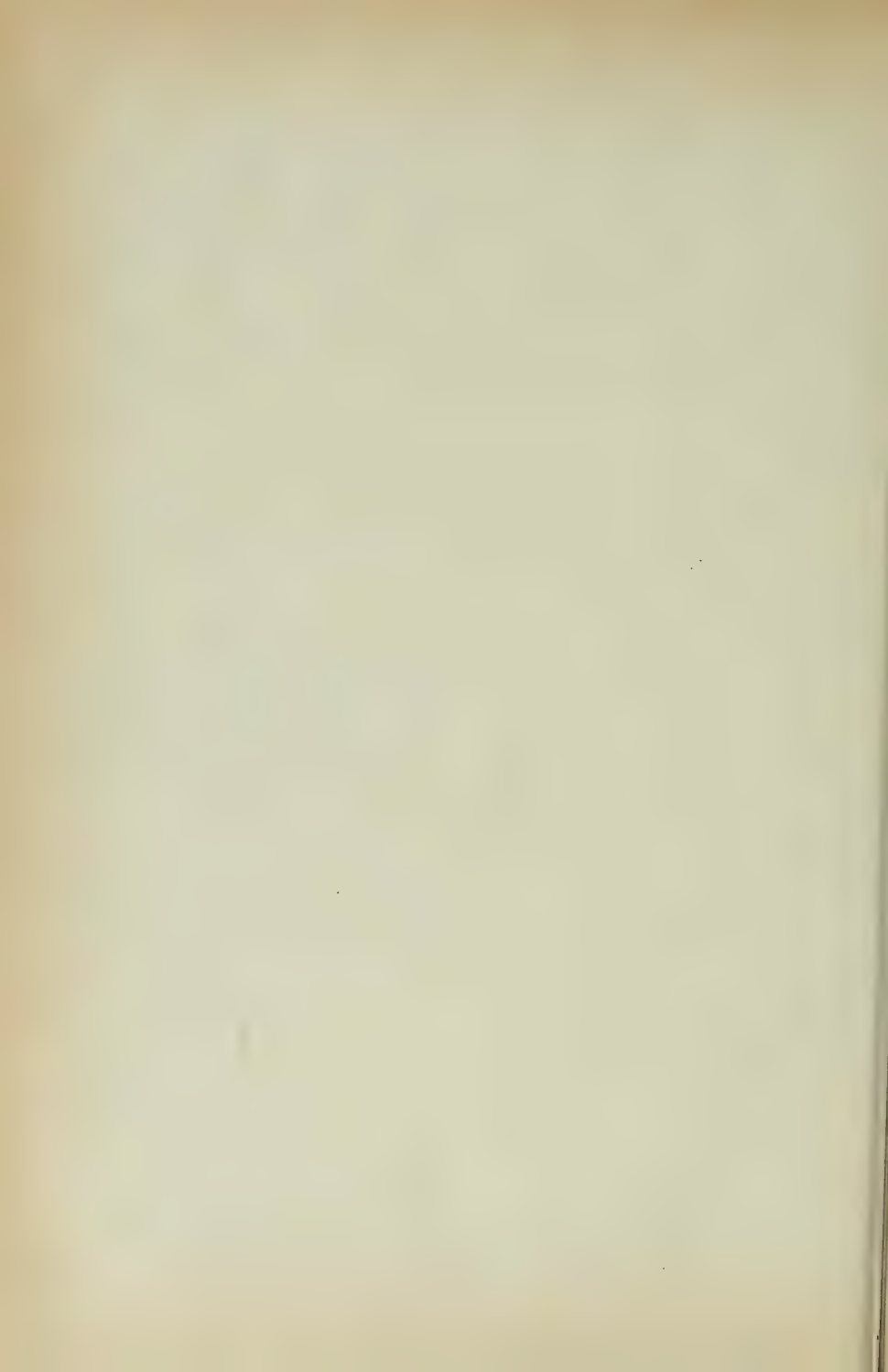
A *Festa de Baldo* porém fez o milagre de me isolar por tal modo das realidades que me cercam, que lhe deu talvez as unicas horas agradaveis d'estes fataes dias que acabam de passar - não acabam, continuam.

Agradeço, pois, por tantos motivos ao auctor da *Festa*, o prazer que me deu; e peço lhe que nos dê muitas vezes o gosto de estar em companhia de pessoas tão amaveis, tão cheias de razão, como o senhor Baldo, e sua palreira, mas boa D. Clara, o senhor Berto, e o proprio Vigario, que no seu genero não deixa tambem de ser excellente.

Todos elles me encantaram por tudo, e mais que tudo porque falam, e falam em portuguez sincero, ornado sem exaggerações, e puro sem os pedantismos que me cançam tanto nos nossos escriptores *a la mode* d'áquem e d'além do Atlantico.

Aqui está o que eu senti na sua *Festa*; e com lh'o dizer chãmente satisfaço ao que me pediu, e dou a mim mesmo verdadeira satisfação, porque sou com a maior estima e constancia

De V. S.^a^
creado e amigo do coração

ALMEIDA GARRETT.

A ORDEM DO BANHO

PUBLICADO NA «ILLUSTRAÇÃO», JORNAL UNIVERSAL. NO ANNO DE 1845 A 1846

Vivemos n'um seculo democratico: é verdade; nunca foram tão odiosas as distincções sociaes, nunca se lhes deu tam pouco valor—mas nunca foram tam procuradas. A classe media que invade tudo, e que está bem longe de deixar subir a plebe até ella, quer todavia elevar-se a si mesma a par da antiga nobreza. Já não é o peão fidalgo — o bourgeois-gentilhomme — que arremeda os ares da côrte; é uma classe, uma geração inteira que invadiu os palacios, que se mandou escrever no livro de ouro pelos reis d'armas de todos os paizes, que mofa do passado que não ouviu o seu nome, e do futuro que o não ha-de conhecer: o presente é seu, porque o domina. Sabe que não vem na historia, nem hade ir á posteridade. Que fez ella, que fizeram seus avós para isso? Mas a sciencia e as lettras, a industria e as artes são suas, sua é a riqueza, seu portanto o presente.

Esses titulos, essas honras, essas decorações de ouropel não valem nada deante dos arcos de ferro da minha burra — diz a classe media: uma tira de papel assignada por mim, gira o mundo com o valor que lhe eu quero dar; eu negociante, eu fabricante, que não sei o nome de meu avô: emquanto esses pergaminhos que têem seculos, que rezam de antepassados duques, principes e marquezes, ninguem dá um cruzado-novo por elles. E dizem a verdade: mas querem o pergaminho, e querem a fita, e querem a cruz, e o titulo, e... se elles podessem comprar a historia tambem!... Moralise o facto quem quizer; eu sómente o estabeleço.

D'aqui o immenso numero de distincções honorificas, a variedade de suas especies, a divisão infinita de seus gráos. Só nas ordens militares, desde o Esporão ao Tosão de oiro, que variegado arco-iris de graduações e de cores!

A democracia invadiu a guarda-roupa do feudalismo, rasgou quantas cabaias lá achou, dividiu-as entre si ás tiras, e foi-se mostrar pelas ruas. D'aqui tambem, do immenso numero de candidatos, a necessidade de reduzir, de supprimir emfim de todo, as antigas fórmas e cerimonial que nos rituaes ecclesiasticos e civis, estavam marcados para essas investiduras.

D. João II ainda fez condes com todo o rigor da lithurgia feudal. Em nossos dias, não ha muitos annos, ainda era preciso ser armado cavalleiro para poder ter o habito de Christo. Hoje, desde San Petersbugo até Lisboa, faz-se tudo com uma folha de papel que se dá ao homem, e o homem fica tudo o que o querem fazer. A consideração publica á parte.

Em Inglaterra a democracia é mais vigorosa, mais illustrada, mais rica do que em nenhum paiz; mas conscia da sua força não pretende assimilar-se ás formas, doirar-se com o esplendor da nobreza; quer mais, quer anniquilal-a. No continente a aristocracia não é temida, em Inglaterra sim. Mas em Inglaterra a aristocracia é forte, rica, instruida, está senhora de toda a força, de todo o poder do Estado; resiste portanto, entrincheirou-se, para resistir, na Egreja, no parlamento, nos tribunaes, no exercito, na marinha.

Por isso em Inglaterra achamos ainda as formas e solemnidades feudaes conservadas com escrupulo, as distincções sociaes mais circumscriptas, o accesso ás dignidades mais difficil.

Alli ainda ninguem é cavalleiro em quanto o Soberano em pessoa, empunhando a espada do estado, lhe não deu no hombro os golpes symbolicos e quasi religiosos que o consagram á honra, ao serviço de Deus, do Rei e da sua dama. Alli ainda se não dá uma commenda n'uma folha de papel, nem uma cruz de ordem militar por uma portaria.

Repito que não moraliso, nem julgo dos factos; digo como elles são.

A nossa estampa representa a rainha Victoria dando a investidura da ordem do Banho, na sala do throno no palacio de S. James. A rainha, sentada no throno, revestida do manto, e ornada com collar e placa da ordem, tendo o principe Alberto á sua direita, e o duque de Cambridge á esquerda, preside o Capitulo da ordem. Os cavalleiros gran-cruzes tomam assento na mesa capitular que está defronte do throno. O postulante conduzido pelos dois grancruzes mais modernos, ajoelha á direita do throno. Rei d'armas Bath apresenta ao principe Alberto a banda e insignia da ordem; este as offerece á Rainha gran-mestra, que as lança ao novo cavalleiro, que

antes fora armado tal pela mesma augusta mão. Os cavalleiros gran-cruzes estão todos com os seus mantos e insignias. A muito honrosa ou muito honrada *(most honorable)* ordem do Banho, pretendem alguns que seja muito antiga. A sua existencia formal e regular data todavia somente de 1725, epocha em que foi restaurada por Jorge I. Walpole, o famoso Sir Robert Walpole, foi o auctor da lembrança e o director da execução. As insignias da ordem são uma cruz de Malta, de ouro, de oito pontas, esmaltada de branco: nos quatro angulos um leão passante; no centro a rosa por Inglaterra, o cardo por Escossia, o trevo por Irlanda, sahindo de um sceptro entre duas coroas imperiaes de ouro. A' roda um circulo encarnado com a lettra ou mote «*Tria juncta in uno*». O manto da ordem é encarnado, forrado de branco. Tambem é encarnada a fita. Ha tres classes de cavalleiros — Grancruzes, commendadores e companheiros. O numero é fixo e muito limitado. Foi ultimamente reformada em 1815. Não costuma dar-se a estrangeiros.

Investidura da Ordem do Banho (Reproducção da gravura que na «Illustração Universal» acompanhava este artigo de Garrett)

MR. SHERIDAN KNOWLES [1]

Lisboa é uma das primeiras capitaes do mundo em grandeza e extensão, já o foi em riqueza e commercio. Collocado no centro do mundo civilisado, entre o mediterraneo, o grande Atlantico, e o mar do norte, o seu porto podia ser o mais frequentado, se muitas causas, que não é para aqui deduzir, não tivessem afugentado do Tejo a navegação estrangeira; e outras, senão as mesmas causas, diminuido tambem a nossa.

Esperemos nos carris de ferro que bem podem restituir, por outro modo, a este 'quasi cume da cabeça' de todo o mundo, — segundo a expressão do nosso poeta, os doirados dias dos galeões da India e do Brazil.

Podem de certo, e com mais solida e perduravel grandeza do que foi a passada. Assim o fatal systema do governo, as funestas decisões da ultima camara, e a insaciavel rapacidade dos nossos argentarios deixassem livre o concurso dos capitalistas da Europa, interessados hoje em nos chamar á communhão geral da civilisação, de que nos excommunga cada vez mais o individualismo mesquinho, corrupto e egoista de meia duzia de homens, que nos fazem o ludibrio, o escarneo, o desprezo da Europa!

Tenho fé comtudo que, apesar dos nossos oppressores, das suas companhias, de suas malvadas leis, e da escravidão em que fomos vendidos para o Egypto da agiotagem, a Providencia nos acudirá. Este innocente povo, este *José das nações*, surgirá do captiveiro á grandeza pela sabedoria e pela constancia na adversidade. A civilisação é tam poderosa e forte que romperá todas estas peas, e nos tirará do carcere: mais dia menos dia, nós tomaremos tambem o logar que nos compete em Israel.

Já o mesmo inimigo que hoje nos persegue — o Privilegio — impediu muito tempo que verdadeiramente participassemos dos grandes beneficios da navegação por vapor, que começou a mudar a face da terra. E apesar de tudo, nós entrámos por fim, devagar e tarde, mas entrámos — em alguma parte d'essa esplendida doação que fez a sciencia á geração presente, e que a industria propagou por toda a parte. Graças a ella, já muitos viajantes frequentam o nosso porto, já Lisboa tem hospedarias e hoteis que não envergonham, já nos communicamos rapida e facilmente com os grandes focos de civilisação, já não somos a *ultima Thule* dos modernos, já a nossa lingua mesma, ainda ha pouco inteiramente ignorada, começa a ser conhecida; e não tardará que, transitavel o paiz, as suas bellezas e commodidades possam ser tam familiares ao artista, ao poeta, ao geologo, como lhe são as da Suissa, da Allemanha e da Italia.

Ultimamente um illustre poeta e distincto litterato inglez, que fôra n'um suave inverno da Madeira, recobrar sua estragada saude, aqui nos fez uma visita que ficará lembrada em Portugal e será falada no mundo.

Mr. Sheridan Knowles, o auctor de *Virginius*, de *Hunch back* e de outras producções dramaticas bem conhecidas, tem residido em Lisboa estas tres semanas, e deu um curso publico de leituras sobre a sua litteratura favorita — a dramatica. As reuniões foram brilhantes e numerosas; principalmente compostas de residentes britannicos, mas não faltaram portuguezes para ajudar a fazer as honras da casa ao estimavel escriptor.

O primeiro curso era de tres leituras; extendeu-se depois a outras tres, pelo instante pedido dos concorrentes; de maneira, que os cultores e affeiçoados da litteratura ingleza, tiveram seis noites de agradavel e proveitoso entretenimento.

Shakespeare, o grande fundador do theatro moderno devia necessariamente ser o ponto de partida das considerações, das observações e doutrina que ouvimos. Schlegel não expoz melhor, com mais enthusiasmo e convicção, as bellezas, a verdade, a philosophia de uma escola poetica, que hoje é quasi universalmente reconhecida e seguida. O genio creador de Shakespeare, a di-

[1] Encontrado entre os autographos; ignoramos se foi publicado.

versidade de seus caracteres, a facilidade e verdade com que o poeta se identifica com os seus personagens a ponto de nos tornar a ficção mais natural do que a realidade, e de modo que bem podemos exclamar com Byron, ao comparar a historia com a sua poesia: *Truth is strange, stranger than fiction!* todo isto nos fez sentir Mr. Sheridan-Knowles na sua primeira leitura. A dicção era fluente e animada, simples ou poetica, segundo cumpria pela variedade dos assumptos. Mas o que sobre tudo admirámos mais, e mais nos satisfez, foi ouvir recitar os bem conhecidos exemplos dos varios auctores que trouxe para comparar as suas theorias — principalmente de Shakespeare.

A segunda leitura foi continuação do mesmo assumpto Nunca ouvimos declamar coisa alguma com tanta perfeição como as duas falas de Cassio e Marco Antonio na «morte de Cesar». Nobreza, verdade, força, tudo o que ha de maravilhoso, de grande, de inimitavel n'aquellas duas falas, sobresahia de um modo que não póde imaginar quem não tenha ouvido Talma — ou Mr. Knowles. Para cá do Rheno não viveu outro homem em nossos dias, a quem o espirito de Melpomene se revelasse assim. Não falo dos absurdos desesperos, dos uivos e berros do drama, no sentido stricto da palavra moderna; falo da tragedia racional.

Mr. Knowles, discipulo e sacerdote de Shakespeare, não reconhece as unidades de Aristoteles: é *protestante* em Litteratura. Muita gente é hoje d'essa egreja; mas poucos acceitaram seus dogmas e disciplina com aquelle espirito de verdade e convicção, ou os sabem prégar com aquella persuasão e eloquencia com que elle o faz.

Na terceira leitura, entre outras materias connexas, veiu a questão das unidades: e com o exemplo de Macbeth, — tragedia admiravel que elle analysou rapida mas profundamente — provou á evidencia, demonstrou com toda a severidade da logica, sem perder das galas da eloquencia, que o verdadeiro drama tragico era impossivel com as pretendidas tres unidades de Aristoteles.

Shakespeare não se explica em tres licções: mas bastariam decerto estas tres licções para mostrar a qualquer que fosse inteiramente hóspede na materia, que sem um longo, profundo e meditado estudo da natureza — de que elle foi o primeiro intérprete — não é possivel fazer coisa alguma digna da arte, n'este mais difficil de todos os generos de litteratura, o dramatico.

Shakespeare já fôra comparado a Euripedes; e com razão. Os ouvidos classicos a quem a proposição escandalisar, que vão ouvir Mr. Sheridan Knowles, e eu lhes prometto que hão de ficar convertidos.

No exame do Theatro Antigo, e principalmente de Euripedes, foi empregada a quarta leitura.

A oratoria deu thema á quinta leitura. O estylo, a declamação, os exemplos de Demosthenes, de Chatam, foram brilhantemente e magistralmente tractados.

Concluiu Mr. Knowles, com uma revista geral dos poetas inglezes contemporaneos. Veio do seculo dezesete e dezoito com Milton e Pope até Southey, Scott, Byron e Campbell. É impossivel recitar com mais graça, calor e animação do que elle recitou as passagens escolhidas d'estes corypheus do parnaso britannico. Considerou-os principalmente no sentido dramatico. Escusado é dizer que nenhum d'elles é grande escriptor de theatro, que alguns absolutamente mostraram ter negação para a scena. Tal foi W. Scott. Mas em toda a verdadeira poesia, assim como em toda a grande eloquencia, entra alguma coisa de drama.

Mr. Knowles concluiu na sexta noite as suas leituras, com um vehemente epilogo de agradecimentos e saudade a todos os que o tinham obsequiado: e sem pronunciar nomes, designou com manifestas allusões aquelles a quem mais se sentia obrigado.

Deve ficar certo o distincto litterato que, nacionaes e extrangeiros, todos conservaremos com muita saudade a memoria da sua visita a esta terra. E dos Portuguezes, especialmente me atrevo a affiançar-lhe que, se a difficuldade de uma lingua tão extranha e difficil como é a ingleza não obstasse ao desejo geral, as suas leituras teriam sido frequentadas por todas as classes de um povo, que é enthusiasta do verdadeiro talento, e que faz timbre em ser hospitaleiro e cortez com os que o visitam para o honrar.

MEMORIAS DE JOÃO CÓRADINHO

. . . .

Mas com todas estas boas prendas e qualidades tinha Joanninha um só defeito que assim mesmo lhe dava quebra, e cujas consequencias n'aquelle sexo são ás vezes peiores que a de todos os outros vicios juntos. Era ella mui desvanecida e vaidosa de si, gostava de louvainhas e lisongerias de moços, não porque lhes désse muito ouvido, ou lhe chegassem ao coração todavia innocente; mas porque isso a confirmava na ideia de sua formosura. Quando lhe rendiam alguma fineza mais clara, Joanninha córava, e córava devéras; porém riam-se os olhos na cara ...o mal porém estava só na cabeça, nem o peito se contaminára ainda. Tinha já 17 annos e era tão innocente e simplesinha como aos 5 ou 6 apenas o são, se tanto, as creanças da cidade. Estremecia-a o pae, adorava-a, nem desde que enviuvára outro cuidado tivera senão a sua Joanninha ou outro prazer ou satisfação que vêl-a, abraçal-a, fazer-lhe as vontadinhas todas, trazêl-a sempre satisfeita e contente. Parte foi isto para que se o bom natural de Joanninha um tanto derramasse. A cegueira do velho Braz não lhe deixava ver este defeito da filha, e em vez de lhe prevenir as consequencias, evitando as occasiões de dar pasto á sua natural vaidade, parece que de vontade lh'as procurava e era para elle sempre bemvindo e certo estava de agradar ao pae quem lhe requebrasse a filha, a lisongeasse, gabasse de formosa e discreta. Todo se babava e applaudia ao que devia reprehender, sem pensar que essas lagrimas de gôsto as podia por seu erro verter de mágua e de vergonha.......

. . . .

Ella continuou a dar-me explicações e a contar-me dos seus amores, segundo depois entendi: porém nada ouvia eu já, que as primeiras palavras me tinham sossobrado. Da altura da felicidade, aonde já me tinha empoleirado, e d'onde armava já projectos e arranjos do futuro, governando o mundo em sêcco, de subito desabei por um despenhadeiro, e fui sem sentidos rolando até ao fundo do abysmo, e só lá, só depois de longo espaço acordei dos meus vãos sonhos, e conheci a minha louca presumpção!

Fiz por compôr o vulto e fazer das fraquezas forças; mas a quéda tinha sido desamparada e grande: não era de me erguer assim direito e são. Sentia-me ferido; e tanto mais me doia o amor proprio quanto mais se tinha desvanecido. Mas dar o meu braço a torcer, era de todos os azares o mais mortificativo e de humilhar: cobrei animo, e com quanto me ficasse n'alma forte despeito e má vontade fingi o melhor que pude boa cara, e boas palavras, concebendo todavia um desejo, por sem duvida injusto, de me despicar do que tão mal indevidamente tomei por affronta e injuria.

Prometti-lhe tudo quanto ella quiz, concertámos o modo de tudo se arranjar, falei muito no seu Jacintho, no bem que tinha escolhido, conversámos d'amores e mais amores, ganhei-lhe assim a vontade de modo que entre nós dois tão lhana e intima ficou a confiança e amisade que nos iamos tratando de manos, e já á despedida que foi ao entrar no povoado obtive sem difficuldade um beijo e um abraco, a que o proximo desapontamento me não deixou tomar todo o gosto mas que emfim era um beijo e abraço de Joanninha. Que melhor podia eu começar a perceber os meus emolumentos de Mercurio em chefe!

Custou me a dormir essa noite, e o pouco que dormi foi tam sonhado que não posso dizer que verdadeiramente repousei. Sonhei com Joanninha, com minhas imaginarias felicidades da vespera; e ainda mal arraiava a manhã, já eu estava á bocca do mesmo pinhal, onde tam loucas esperanças concebêra, sonhando accordado novas e indefinidas loucuras, e forjando vagos planos e projectos sobre mais vagas tenções que nem distinctamente formava. Convinha porém tomar uma resolução, e isso fiz. Aguardei que o pae tivesse ido para as suas lavras, e me approximei da casa de Joanninha: viu-me ella e me fez signal de a ir esperar para uma

sombra d'alamos que ficava por traz da casa e toldava um ribeirinho que ahi corria.

Poucos minutos a esperei, que não tardou em sair. Estava eu sentado debaixo dos alamos e todo coberto com a folhagem da primavera não me podia ella ver; mas eu distinctamente a vi sair de casa e atravessar ligeiramente um extenso campo de trigo que apenas começava a filhar.

Tanta vez tinha eu visto Joaninha, tanta vez a tinha achado formosa e linda, mas tam bella, tam feiticeira nunca meus olhos viram a ella nem a creatura nenhuma das filhas de Eva. Seus lindos e longos cabellos castanhos, estremados sobre a testa, parte se lhe entrançavam sobre a airosa cabeça parte lhe caiam em anneis pelo gentil pescoço. Saia-lhe a camisa branca de neve por um colletinho escarlate debruado de preto que lhe apertava a mais delicada cintura que ainda apertou espartilho, sobresaindo esta mais pelo contraste de uma saia curta e farta de roda de camellão escuro.

Nunca, nunca sonhos de poeta gosaram de tam celeste visão. Seus olhos grandes e rasgados vinham sorrindo de contentamento d'alma. No rosto córado avivava-lhe a frescura da manhã o natural, e o (rico?) colorido. Era um ramalhete de açucenas e rosas sobre quem para o viçar chorou a aurora lagrimas de perolas em fresca manhã de Abril: diria em meu logar um poeta; mas que sonhos de poetas gosáram jamais da beatitude de tam celeste visão?

Chegou ao pé de mim, e a allucinação me tomou que a não visse senão quando sua linda mão me bateu familiarmente no hombro, e me deu os bons dias com uma graça e um sorriso que nunca tiveram labios de mulher, nem quando a senhora mãe Eva deu começo ás funcções de esposa, engodando o pobre marido, e fazendo-lhe engulir o caroço.

Sentou se ao pé de mim (mas não por mim nem para mim), começamos nossa conversa d'amores (amores d'outro, miseravel Corado!) e nunca vi nem ouvi de paixão tam forte e verdadeira como a que ella tinha. Estremecia, quando lhe proferiam o nome de Jacintho, demorava voluptuosamente os labios quando o articulava ella, córava, desmaiava, resplandecia-lhe o rosto de alegria, ou se lhe cobria d'uma nuvem de tristeza segundo os sentimentos de esperança, de receio, de segurança ou de temor, que lhe eu dava ou ella concebia.

Quanto a mim, disfarcei como um jesuita, approvei, lisongeei, arredei e facilitei difficuldades e dei tudo por mui possivel e bem feito, deixando só meus biquitos de duvida para me fazer necessario. Ella saltava de contente, chamou-me seu Joãosinho, seu amigo, seu tudo, e se despediu (d'esta vez sem lh'o eu pedir) com um delicioso beijo.

Eu tinha ido ao moinho velho, e havia realmente falado ao ditoso Jacintho, guapo e galante mancebo que elle era em verdade. Toquei lhe em Joanninha; mas ou fosse deveras ou por affectar indifferença, que é quasi sempre balda de tafues, falou-me d'ella tão desdenhosa e levemente que nem me atrevi a entabolar negociação, nem a dizer uma só palavra mais sobre tal assumpto. A' volta já me esperava á bocca do pinhal a minha constituinte; mas tive o juizo de lhe não contar a verdade, antes o contrario: dizendo que n'ella tinhamos longamente conversado, que elle a achava formosa, que tinha tomado tanto calor e interesse a conversação que não duvidava que já estivesse apaixonado. Porém que a prudencia tinha exigido, assim como tambem a modestia, que me eu não declarasse logo na primeira conferencia; mas que tudo ficára preparado.

Assim continuaram muitos dias nossas conversas; ella falando do seu Jacintho, eu da felicidade que elle gosaria, entretecendo com cada palavra uma flor de lisonja á sua formosura.

. . . .

. . . .

Mais largo, e mais disputado foi este soliloquio; contento-me com dar as forças d'elle por não seccar o leitor. Assentei minha final resolução, e como pouco se me dava de ir parar a este ou áquelle destino, tomei ás cegas o primeiro trilho que vi, e d'ahi a pouco vim dar n'uma estrada que suppuz ser estrada real, e por ella fui caminhando já mais devagar; por mais tranquillo o espirito começava o corpo a sentir cansaço e fome. Ia quasi que a escurecer; entrei a espalhar os olhos a redor para ver se descobria poiso onde descançasse, e onde achasse um canto de pão e uma sêde d'agua. Vi alvejar lá longe á borda da estrada uma casita. Dobrei o passo, mas antes de lá chegar escureceu de todo, e só mui perto d'ella a tornei a descobrir por uma luz que accenderam.

Voltei com o de dentro para fóra quantas algibeiras tinha mas só poude coalhar uns quatro vintens e meio, e duas ou tres moedas (de tres réis) restos de uma de seis que os dias passados tinha acoimado a um pobre padecente por lhe cuidar d'um namorico.

Cheguei me á porta da casita e vi que tinha um alpendre, de baixo do qual estavam sentados um homem e uma mulher, elle de meia edade além, ella talvez alguns annos aquém, porém maltrajados, e peior afigura-

dos, segundo o luar que sahia me mostrava. Não tinham elles traça de animar muito a pedir, mas instava fadiga e fome; e assim com voz mui lastimada e humilde lhe roguei pelo amor de Deus se me davam pousada aquella noite e um boccado de pão para matar a fome que muita tinha. Accudiu a mulher com uma vozeirona desafinada.

— Pousada! A nossa casa não é estalagem: não temos cá onde o recolher.

Feriu-me a barbaridade e o modo secco da desalmada, e voltei-lhe as costas sem replicar para ir seguindo meu caminho; porém apertava-me a sêde, e esperançado que ao menos uma vez d'agua me não negaria, lh'a pedi com muita resignação.

— Sim, filho — me disse o homem. — Deus seja c'o a minha alma que não ha de ir da minha porta uma creatura de Nosso Senhor com fome e sêde. Vae, mulher; vae-lhe buscar alguma cousa.

Entrou ella sem replicar mas com má cara, e segundo entendi já tinham disputado quando eu voltára as costas. O bom do homem assim que a viu sair veio direito a mim e me disse baixinho:

— Olhe, irmãosinho, acolá está aquelle palheiro; coma agora alguma cousa e mate a sua sêde e depois finja que se vae e entre para acolá para aquelle palheiro que esta serva de Deus da minha mulher o não veja que é rabujenta de condição, mas vá e durma que ella não sabe e Nosso Senhor o ajude.

Agradeci-lhe a boa vontade. Tomei umas sardinhas e um boccado de pão que a mulher me trouxe, e fazendo que seguia meu caminho me fui direito ao palheiro sem me a mulher ver porque o bom do marido teve cuidado de a entreter, e tam cansado estava que d'ahi a poucos minutos dormia eu já a somno solto.

Supponho eu que teria dormido as minhas boas cinco ou seis horas quando senti entrar gente no palheiro; accordei com algum sobresalto mas tive-me quedo e callado para ver o que era. Falavam baixo entre si, mas não tam baixo que não ouvisse mui bem quanto diziam. Eram duas as vozes e me pareceram, como de facto depois vi que eram, voz de homem e de mulher.

— Não tens razão, Joaquim, não tens razão nenhuma. Olha o diacho do rapaz. Pois eu havia lá de lhe ir contar nada! Aquelle paz d'alma do meu marido! Nome de Deus! Ainda que elle não soubesse da nossa amizade, bastava pescar elle que andavas disfarçado, e que labutavas no tráfico que nós sabemos, ai! Senhora da Guia que estavamos perdidos; era logo ir pregál-a no bico do juiz; e bem sabes porquanto te ficou da outra vez para te safares que só o excommungado do escrivão abichou nove moedas em cruz. E então a mim, que me esfolára viva o maldito homem. Elle que me tem por uma santa que o nosso amigo P. Frei Domingos lhe está sempre a prégar que mulher como eu, nem que a buscasse c'uma candeia accesa.

— Mas sabes tu que mais que não me cheira muito o teu P. Frei Domingos que já me cá deram meus fumos de que era um forte velhaco. Pois que me ande direitinho cá c'o irmão Joaquim, senão ha-de levar-lh'o diabo a porca da alma como ó P. Luiz da Moita que lá ficou espichado no pinhal e ainda até hoje ninguem soube quem n'o tinha aviado senão eu e tu e mais o diabo que é de segredo.

— Ai credo em cruz, filho, que me fazes emperrear as carnes até á alma! Pois que te fez o pobre Frei Domingos que é um santinho, um servinho do Senhor que tantas vezes te tem valido mais a nós todos, que se não fora elle quem sabe onde tu estarias á vez d'hora que é lá por essas Angolas do Brazil mais por essas Indias de Christo. Aquella noite que vocês, tu mais o José cara suja, e o Antonio da perna gorda, o João das iscas mais o Zé das campainhas, que vocês fostes á Senhora da Luz e trouxestes o saclario c'o a patena, mais o calix da communhão, e até, que isso é que eu não fazia, nem sequer deixastes a alampada do altar que ficaram salvo seja as hostias ás escuras; senão vaes tu ainda atraz accender os cirios do altar, que Deus te ha-de ajudar que não deixastel-as hostias ás escuras. Pois que era o que eu ia dizendo senão fora pol-o P. Frei Domingos que vos escondeu tudo bem agachado, e andou com vocês ás costas pr'a amor do juiz e do papa gallinhas do abbade não sei o que seria.

— Pois está bom, está bom: tambem lh'a elle não foi mal na rasca que levou d'essa feita; mais outras obrinhas miudas que temos feito por causa d'elle que lhe levámos a freira a Odivellas... a andar de noite e alapar de dia que chegámos uns empalamados. E depois pr'a grimpar a riba isso foram cannos!

— Pois que é isso da freira? Olha o ladrão do padre, queimado seja elle mais o habito que elle traz! Brégeiro, que se o pilhára aqui lh'havia d'ir ás ganas do comer...

Zás, tumba, desandou uma roda de cachação e de cacetada qu'interrompeu as imprecações da mulher e lh'as converteu em gemidos. Mas tam basta soava a pancadaria que não dava prazo á lamuria. Cuidei eu á primeira que fosse o marido (pois já tinha colhido ser ella a mulher do alpendre) que

os tivesse apanhado em flagrante; mas logo me desenganei que não porque ouvi a mesma voz d'homem que até alli conversava.

—Hein, hein! que cuidavas, grandissima chichelleira que te não havia de fazer cuspir claro. Olha como te eu apanhei! Querias tirar lh'as ganas do comer ó padre Domingos. Tem ciumes a menina! Assim é que tu me pagas e m'és aguardecida ó que tenho gasto comtigo!

A este lindo recitativo seguiu-se ritornello de páulada com acompanhamento de gritaria e chôro. Receioso estava eu que me chegasse alguma perdida, e o melhor que pude me concheguei e encolhi, entrincheirando sobre tudo a cabeça dentro da palha. Porém a palha esconjurada chocalhou com as minhas remechedellas, o cioso amante suspendeu seus delicados requebros, a bella inconstante seus queixumes, e eu comecei á encommendar-me a todos os santos da côrte do céo, e já via a alma do p.e Luiz da moita passeando no pinhal á minha espera. Tinha eu a cabeça por maneira coberta que impossivel me era além do escuro ver cousa nenhuma, mas o medo me afigurou não sei quantas duzias de facas a luzir no escuro.

Nem um respiro se ouvia, que todos os tres tomavamos o folego e nos escutavamos com ancia e temerosos. Durou pouco este silencio que o pimpão rompeu logo.

—Um milheiro de diabos! Trinta raios me partam se aqui não está o excommundo do frade! Pois guarte, Maria, guarte se o apanho na ratoeira, bem te pódes pôr bem com Deus! D'esta não escapas, meu sacca de carvão.

Senti bater os fechos de uma espingarda ou pistolla, e logo a luz d'um couto de vella aclarou o theatro d'esta tragi-comedia. Um dos actores conhecia eu já; o outro, o que toda a minha attenção occupava, era homem de mediana estatura mas apessoado e forte, de cor terrena, barbas crescidas, olhos negros que lhe fusilavam da cara, entrapado de recozidos remendos e andrajoso, no braço tinha um capote de burel, com seu capuz como o que trazem os cegos, uma pistola na mão, comprida e aguçada faca nos dentes... que a já sentia eu a descozer-me as carnes, tanto aquella vista me tinha atterrado e perdido. Entrou a mulher a esconjurar-se que de tal P.e Frei Domingos não sabia, que ha seculos o não vira nem c'o elle fallára; mas elle sem lhe dar attenção começou de bater com o pau, e de furar pelas médas de palha até que veiu dar commigo, e tam cégo da colera estava que sem reparar em trajo ou feições, d'onde se houvera desenganado logo, me deitou como um carrasco as mãos ao gasganete fazendo trinta juras e imprecações, e puxando por mim para fóra que não sei como alli não dei a alma a Deus, tão cruelmente me esganava o maldito!

—Cá para fóra, cá para fóra, snr. padre: agora veremos...

Por o dizer d'estas palavras já todo eu era visivel, e quando seu engano tão claramente viu, cortou-se-lhe a palavra e lhe veiu logo tam destampada gargalhada, tal fluxo de riso lhe acudiu, que até eu, mais morto do que vivo, assim mesmo me estive quasi a fazer-lhe a segunda.

—Quem diabo és tu e que fazias aqui?—me perguntou depois de rir á sua vontade a extraordinaria figura, alargando-me algum tanto mais as guelas para me deixar responder. Pedi-lhe que me deixasse tornar a mim; e com as suas franjas, córtes e augmentos lhe contei a minha historia. Tornou-lhe o fluxo de riso e riu tambem a mulher, apezar das dôres que ainda devia sentir; e quando acabei me disse o irmão Joaquim:

—Bom, bom, não começaste mal. O rapaz é de esperanças. Máos raios te partam se tu não estás talhado para ser um dos nossos. Queres tu? Olha, não ha vida como a que nós levamos. Divertida, regalada, sem trabalhar, dinheiro não falta, moças, tudo. Arrisca-se a gente, é verdade, passam-se más noites de vez em quando, mas por cabo de contas tudo isto diverte, e vale mais do que trabalhar.

Mal sabia eu o que lhe havia de responder. Pela conversa que tinha ouvido suppunha o ladrão de estrada, e se não fôra meu natural medroso e assustadiço, muito se casava com meu desejo de fazer mal esta profissão. Mas todavia a lembrança da cadeia e da forca sobre maneira me atterrava. Fiquei pensativo algum tempo, e trabalhava por ler na cara do adepto os segredos e mysterios da sociedade.

—Excommungado sejas tu, que não gosto de gente que discorre tanto. Queres ou não queres?

—Querer quero eu; mas é que...

—É o quê dize.

—Se elles agarram um homem que o mettem na cadeia, e d'ahi...

—Cadeia! Pois nós somos cá alguns ladrões, alguns salteadores? Olha para mim, rapaz. Olha para esta cara. Então achas-me com veronica de ladrão?

—Não senhor, não; mas como eu ouvi quando estava acolá nas palhas...

—Ai sim? Olha o diabo! Ouviste-me falar no padre Luiz... bem diz o ditado que as paredes têem ouvidos. Maldita badaladora, que se não fôra o teu badalar...

– Eu não disse nada, Joaquim; foste tu que entraste a contar do caso do padre Luiz por via de dizeres que ó Frei Domingos havias de fazer o mesmo.

—Pois está bom. O mal feito está, vejamos do remedio. Rapaz, queres ser dos nossos?

— Quero sim senhor, mas...

— Não ha cá mas nem meios mas. Sim ou não. Mandou-te aqui o diabo para saberes os meus segredos: agora, tomar parte da carga e andar para deante ou cahir no fojo, e dizer adeus ao mundo. Calar, te has-de tu calar que tenho aqui com que te fazer de segredo.

Cobriram me todo de suor frio estas ultimas palavras, e tão eloquentes as achei que me dei por convencido logo, e sem mais duvidas declarei ao irmão Joaquim que estava prompto e deliberado a entrar na augusta ordem. Mas que ordem era ella não sabia eu bem ao certo. Pouco monta isso; quantos de mais juizo que eu tem tido a patetice de se alistar em sociedades e professarem em ordens sem saberem o que ellas são, nem o que elles fazem.

Disseram me que desde aquelle instante ficava debaixo da protecção da mais nobre corporação de toda a Hespanha e que breve seria admittido a communicar em todas as vantagens que ella a seus membros dava.

A nossa irmã Maria — pois já me supponho com direito ao tratamento fraterno — foi buscar uma bem fornida borracha, acompanhada de bom peixe frito, um pedaço de lombo de porco, azeitonas, e outras vitualhas que o irmão Joaquim metteu no seu alforge, e boas duas horas antes de ser dia seguimos nosso caminho, depois de havermos feito os devidos cumprimentos á veneranda borracha e arranjadas as pazes com a grosseira mas serviçal Maria, que era, segundo depois soube, uma das mais distinctas e veneraveis matronas da ordem.

Pela estrada fomos conversando muito mano a mano, e taes coisas me disse de sua ordem meu companheiro, que já me suppunha ter nascido implicado, por tamanha contava minha boa fortuna de me ter levado áquelle abençoado palheiro. Adeante virá mais a pêllo expor o que fui ouvindo, e porque me não obriguem as circumstancias a repizar, assim como por ser a materia interessante e a suppôr ignorada da maior parte dos leitores a tratarei em separado.

. . . .

. . . .

N'estas conversas iamos entretidos, quando começou a luzir a madrugada, mal se viam ainda os objectos, e reparei que o meu companheiro me poz a mão sobre o hombro, e continuou a andar, assim como quem ia atraz de mim e guiando os seus passos pelos meus. Pouco reparo fiz n'isto ao principio; mas ao cabo de algum tempo maior o comecei a fazer, sobre tudo pela natural observação que quanto mais se ia aclarando o dia, mais elle se apegava e mais parecia que lhe era mister o guiar-se por mim para caminhar.

Não ousava dizer-lhe nada, mas dobrava a curiosidade de conhecer o motivo de tão extranha coisa. Fiz-me desentendido e fui andando, mas de proposito escolhia o peior caminho, sem elle mostrar que o conhecia; metti-me por poças e charcos, cegamente ia atraz de mim; fazia eu zig zags no caminho direito, caminhava pelos meus passos, como se não tivera olhos para ver a estrada. Afoitei-me com estas experiencias primeiras e assentei de apurar o caso: era n'uma descida, estava d'um lado uma ladeira facil e segura, do outro um trilho escabroso e despenhado. De pequeno era eu fragueiro, e por aspero que fosse não havia para mim máo caminho; deitei me a este e fui descendo: elle atraz de mim, e apegado a mim como d'antes. Porém taes eram as topadas, os saltos, os escorregões, que em meia descida o homem desesperou, trava me d'um braço e desanda-me tão desamparada arroxada, que a tomára eu por pancada de cego, se tam bons olhos e tam claros lhe não houvera visto na vespera.

Dei um grito que atroei tudo á roda, caí e rolei por a descida abaixo, rolámos ambos porque o irmão Joaquim tinha por natureza não desaferrar gadanho de d'onde o filára. Eu dando gritos, elle fazendo juras, chegámos breve a baixo, arranhados, esfarrapados, todos uma lastima!

— Com que, rapaz do diabo, este é que é o caminho... para me quebrares a cabeça? Não sabes que eu que não vejo, maldito, e trazes-me de proposito por despenhadeiros abaixo!...

Já ia alevantando o páo: mas fugi-lhe para o lado a tempo.

— Pois vocemecê não viu? Eu não tenho culpa. Vossemecê vê tam bem como eu.

— Tam bem como tu, patife! Não sabes que sou cego da minha vista, que Deus Nosso Senhor nos livre a todos da cegueira da alma e do corpo?!

Entoou estas ultimas palavras em tom tam proprio e natural de lamuria de cego á porta de Lausperenne, que não pude suster uma risada, lembrando-me d'aquelles olhos que vira a fuzilar no palheiro, quando me tinha empalmado, e a derreter-se todos, quando fizeram as pazes, e encarando depois com elle, e vendo-o sem se rir. Mas em vez da paulada que eu esperava e cuja lembrança me fez recolher ao buxo a meta-

de da risada, desabou elle a rir commigo. Risada foi ella que durou muito tempo; mas depois de mais accommodado o impeto me disse elle.

– Pois saberás, meu amigo, que de noite vejo e que de dia sou cego; e assim são todos os nossos irmãos, d'onde nos vem o nome de corujas, com que entre nós nos conhecemos e tratamos. Desde o nosso grão coruja mór — que Deus Nosso Senhor o defenda e ande na sua guarda! — até ao mais novo de nossos irmãos, todos somos assim, por orações da bemaventurada Santa Luzia, que de nós se compadeça, e mais de todos, amen.

— Então estou eu mal para entrar na irmandade, que vejo ainda melhor de dia que de noite.

— Tu, meu filho, por ora serás admittido a irmão servente, que é uma especie de noviciado entre nós, occupação muito honrada e de proveito, e que nós outros chamâmos Bordão da Thereza, e diz o padre Frei João que é uma palavra muito distincta e que vem do grego, d'um santo propheta que se chamava Jeremias, ou Jeresias, uma cousa assim.

— E é o que nós outros cá por fóra chamâmos moço de cego?

— Isso mesmo.

— Porém, vocemecê, sériamente não vê de dia nada, nada?

— Nada, nada. E' cousa já assim permittida que não vemos de dia. Se me eu podesse *abrir comtigo*, tu saberias; mas não posso ainda: cá chegarás, e então conhecerás todos os mysterios.

Calei-me e fingi capacitar-me; porém cá commigo fiquei mal convencido, e a falar a verdade já desgostoso do meu novo emprego Soava-me cá mal esta palavra de moço de cego, e logo formei tenção de andar álerta com elles, e de me safar apenas me cheirasse a esturro.

Continuámos a andar boa parte d'aquelle dia; e pelo meio da tarde houvemos vista — houve-a eu por mim e por meu companheiro — de uma grande terra que me pareceu do tempo dos moiros, toda cheia de torres e conventos e que segundo os signaes que lhe fui dando, e descripção que lhe ia fazendo do que via me disse o irmão Joaquim que era Santarem..................

....

III—PROSA

PARTE III

Politica —Reflexões, folhetos, correspondencia diplomatica.
Discursos parlamentares

O DIA VINTE E QUATRO DE AGOSTO

PELO CIDADÃO J. B. S. L. A. GARRETT

ANNO I — LISBOA — 1821

> Malheur aux peuples, dont les chefs regarderont ces maximes comme séditieuses.
>
> *Polit. nat*, Préf. du vol. I.

AO CONGRESSO NACIONAL

Aos paes da Patria offereço a defeza da causa d'ella. Os verdadeiros portuguezes não carecem das poucas luzes d'este escripto para conhecerem a justiça, com que o heroismo de poucos homens os libertou do jugo de tantos: os sentimentos de liberdade, e valor nasceram com elles. — Os que o não forem por fraqueza e ignorancia, ou se emendarão, lendo o, ou tem o vicio, e o crime arreigados no coração. Estes não são portuguezes. Mas nem só a Portuguezes me dirijo: eu falo á Europa, e ao mundo falo com intrepidez, porque falo a simples verdade.

Tentei provar a legitimidade do dia—vinte e quatro de agosto; — vós declaraes á Nação e em nome d'ella, a mesma legitimidade. Tentei sustentar os direitos da minha patria, a liberdade dos meus concidadãos, e os imprescriptiveis fóros do homem; vós jurastes [1] defendêl-os todos, vós jurastes dar-nos uma constituição liberal, vós jurastes ser homens, ser Portuguezes. Uma perfeita identidade de sentimentos une o meu coração ao dos representantes da Nação. Acceitae pois a offerenda d'elles, e salvae-nos. Salvae-nos, ó Paes da Patria; salvae nos, homens sagrados! Mandae pela estrada da virtude os vossos nomes á posteridade; sêde o terror dos despotas, o flagello dos impios; e sereis o amor dos Portuguezes, e a admiração dos estranhos.

Se o Congresso nacional julgar o meu trabalho de algum preço e utilidade, eu me offereço, com todo o animo e coração, não só a emendal-o no que elle julgar conveniente; mas a traduzil-o n'alguma das linguas estrangeiras que sei. Nenhum trabalho me assusta; apoucado em talentos, em luzes, e em tudo, só tenho um grande bem, immenso, inapreciavel: — um coração portuguez. Este offereço, e d'este disponham os Paes da Patria; assim como da penna, do braço, da lingua, do sangue e da vida de um cidadão, que se julgará feliz, se a der á Patria, que o educou, que o sustenta.

[1] Os nossos deputados juraram solemnemente cumprir o que lhes foi encarregado pelos constituintes. — Dar-nos uma Constituição pelo menos tam liberal como a Hespanhola — é um d'estes deveres e obrigações juradas.

AOS LEITORES

Está diminuido aquelle santo furor, em que nos puzéra o prazer súbito do maior dos bens, depois de longas dores do maior dos males. É mais solido agora, é mais razoado o nosso enthusiasmo. Aos que ousassem atéqui detrahir as nossas idéas, oppor se-lhe um momento, que fariamos nós? Toda a prudencia seria pouca para não lavarmos as aras da Liberdade com o sangue vil, que a tal se atrevesse.

Mas uma tal acção porque era filha do extasi do Patriotismo, deixaria de ser um crime? — Não por certo: a moderação, e o perdão é a primeira das virtudes, não só politicas e sociaes, mas religiosas e christãs.

Qual seria então o nosso partido, senão empregar todos os meios da persuasão para dobrar, para vencer esta alma rebelde? — Eis-ahi o que eu faço mal, por ventura, mal, e sem a dignidade, sem a eloquencia, que tam nobre causa pede. — Desculpae um homem sem experiencia, apoucado em conhecimentos, e opprimido atéqui pela ignorancia, em todos os seus estudos, pelo fanatismo em todos os seus exercicios litterarios, e pelo despotismo em todas as suas acções. Attentae só nos bons desejos, não repareis nos defeitos do auctor, que é (como Séneca) o primeiro a conhecêl-os e confessal-os.

INTRODUCÇÃO

Já temos uma Patria, que nos havia roubado o despotismo: a timidez, a covardia, a ignorancia, que o tinha creado, que se prostrava com vil idolatria ante a obra das suas mãos, acabou. A ultima hora da tyrannia soou; o fanatismo, que occupava a face da terra, desappareceu; o sol da liberdade brilhou no nosso horisonte, e as derradeiras trevas do despotismo foram dissipadas por seus raios, sepultar-se no inferno.

Qual era d'entre nós, que se não podesse chamar opprimido? Qual ha d'entre nós, que se não possa chamar libertado? Qual foi o Portuguez, que não gemeu, que não chorou ao som dos ferros? Qual é o Portuguez que não folgará com a liberdade? Nenhum por certo: os netos de Moniz, de Nun'Alvares, de Gama, de Castro, de Pacheco, são o que sempre foram — Portuguezes.

Escravos hontem, hoje livres; hontem automatos da tyrannia, hoje homens; hontem miseraveis colonos, hoje cidadãos, qual será o vil (não digo bem), qual será o infeliz que não louve, que não bemdiga o braço heroico que nos quebrou os ferros, os labios denodados que ousaram primeiro entoar o doce nome — Liberdade?

Mas se almas ainda ha tam abjectas, se corações tam pusillanimes, tam acanhados espiritos, tam baixos animos, tam envilecidos peitos, tam dspreziveis homens, que esquecidos de que são cidadãos, de que são homens, de que são Portuguezes, ousam duvidar um momento da legitimidade, com que a mais nobre, a mais illustrada porção d'esta cidade clamou por uma constituição politica, reuniu suas forças para fim tam glorioso, e tracta de convocar as Côrtes, e promover assim um governo representativo, segurar a magestade do povo, a liberdade da nação, os direitos do throno, a santidade da religião, e o imperio das leis; se alguns ha d'entre nós tam desgraçados; se alguns, tambem timoratos e duvidosos, receiam e tremem, eis-aqui quando o homem de bem, quando um Portuguez, que o é, deve, accendendo o facho da philosophia e das lettras, fazer servir as suas luzes e illustrar a sua patria, sacrificando-lhe as suas vigilias, mostrar que é cidadão.

Emprehendo pois (e hei de proval-o) demonstrar a legitimidade, com que o conselho militar de 24 de agosto, convocando Senado, Povo e Auctoridades publicas d'esta cidade, erigiu a Junta provisional do Governo supremo, para que, representando a Nação, e a magestade d'ella, convocasse as côrtes para a organisação de uma Constituição politica da Monarchia Portugueza.

E quantos meios tinha eu de provar a minha asserção? Mil se presentam mil acodem á imaginação, que o patriotismo accende, que a verdade allumia, que a razão dirige. Pintar os males que soffriamos, o captiveiro em que jaziamos, o desprezo, a insolencia com que a perfida côrte do Rio de Janeiro — (ignorando o o nosso bom e amado rei) — nos calcava, nos opprimia, nos sangrava, nos roubava, e nos preparava a nossa morte politica? Dizer o atrevimento, a barbaridade com que os mais vis, os mais ambiciosos homens forçavam o nosso Soberano a faltar á fé jurada, á palavra que nos dera de voltar para Portugal? Exprimir ao vivo, fazer patente aos olhos de todos, os meios indirectos com que arruinavam o nosso commercio, destruiam as nossas fabricas, avexavam a nossa agricultura? Enumerar as barbaridades, as ignorancias, a inutilidade, insufficiencia, de um governo de Bachás, que, sem fazer um só bem, tantos males causou á desgraçada patria? Revolver a lousa do opprobrio e da infamia que encerra as respeitosas e venerandas cinzas de Gomes Freire, dos outros martyres da patria e da liberdade? Fazer ver que a mudança de governo (ou antes a restauração do antigo) estava em taes circumstancias a arbitrio da nação? Revolver argumentos, apontar auctoridades de Rousseau, de Mably, de Volney, de Condorcet?

De tudo me valerei, tudo farei por expender e fazer público e claro aos olhos dos Portuguezes; e porei peito em não usar, quanto a materia o permittir, senão da linguagem corrente e chã, deixando a abstracta e scientifica, que só convém ás escolas, e que não tem cabimento em uma obra, que deve ser pública, que é de todos e para todos, e destinada a instruir um Povo Rei nos seus direitos, nas suas obrigações.

I

Liberdade e egualdade dos homens, verdadeiras idéias que a estas palavras se devem ligar

Os homens são eguaes porque são livres; e são livres porque são eguaes; eis aqui um circulo vicioso á primeira vista, mas uma demonstração verdadeira e exacta, para quem a quizer profundar. A natureza que nos doou estes dois preciosos bens, que os ligou intimamente com a nossa essencia, lhes deu uma tal correlação, uma affinidade e união tam reciproca, que um sem outro não podem existir; que um sem outro não podem cabalmente demonstrar-se.

Somos livres, porque os direitos que t-e

mos á existencia, á boa existencia, a prover aos meios d'ella, a aperfeiçoal-a, são communs a todos; em consequencia, não ficando a nenhum homem em particular mais direitos que a outro, é claro que não podem impedir-se uns aos outros no exercicio d'estes direitos: eis aqui no que consiste a liberdade tomada em abstracto.

Somos eguaes: porque não podendo nenhum homem ser impedido por outro no exercicio de seus direitos, sendo estes os mesmos para uns e para outros, e portanto livres, este estado forma o que se diz, e o que é a egualdade.

Eis aqui verdades (no seculo XIX) de simples intuição. Mas deverão ellas — n'este mesmo seculo — applicar-se assim n'este estado de abstracção, e com todo o rigor da idéia, ás instituições, aos estabelecimentos sociaes? Uma experiencia triste e funesta nos adverte que não. O delirio, a effervescencia que ellas produzem, são sempre a origem horrorosa da mais horrorosa anarchia.

Que é pois a liberdade para homens, que não habitam os mattos, que não dormem nas cavernas, que se não sustentam de fructos asperos d'uma terra inculta e selvagem?

Que é a egualdade para homens, que teem leis, que teem forma de nação, que constituem um corpo politico? Respondo a ambas as perguntas. — A liberdade do homem social e cidadão, é o direito que elle tem de exercer todos os direitos que lhe deu a natureza, uma vez que não offenda a tranquillidade publica e suas justas leis, nem perturbe a ordem social *rectamente* constituida. E sua egualdade consiste em ser indistinctamente amparado, protegido e castigado pela lei e por seus executores.

Tal é o homem social, tam differente do natural ou abstracto; pois que, deixando preconceitos, o Direito Natural não é mais que uma abstracção necessaria nas escolas; sendo como é, o homem dotado de uma sociabilidade, ou necessidade de viver com os outros homens, que é clara e patente a todas as luzes, e em cuja prova seria hoje ridiculo gastar duas linhas.

II

Do que se chama uma nação, e da sua magestade

Uma reunião de homens, qualquer que seja o seu numero, qualquer que seja a extensão do seu territorio, que tem leis, que tem forma de governo, eis aqui o que é uma nação. A necessidade de mutuos soccorros une os homens em familias, a mesma necessidade une as familias entre si, forma as cidades, constitue as nações.

A necessidade, a utilidade que todos teem, em que a maneira por que estes soccorros se prestem seja certa, determinada, constante e infallivel, esta necessidade dictou as leis, produziu as formas dos governos, creou os magistrados.

Assim as leis são obra da nação; o governo e os magistrados, os executores d'ellas em nome da nação. E em consequencia, a magestade, isto é, o poder e direito de fazer as leis, de regular os direitos dos cidadãos, de executar aquellas, de obrigar estes a conformar-lhes as suas acções; e todos quantos direitos d'este dimanam e podem provir, quaesquer que sejam os nomes que se lhes dê, qualquer que seja a maneira, as circumstancias por que se façam, — tudo aquillo que nas escolas se chama *direitos magestaticos*, — pertencem á nação, formam o seu patrimonio inalienavel, impreterivel, irrenunciavel. Pretender despojal-a de tam sagrados foros, é commetter um crime de lesa-nação, é inverter a ordem social, é ser despota, é ser tyranno.

III

Do rei e seus poderes

Todos sabem que se uma nação conserva em si toda a amplidão da magestade (embora tenha executores subalternos) esta forma de governo se chama — Democracia, — e um tal povo — Republica —: que se ella erige um magistrado principal que, *debaixo de suas vistas e com seus conselhos*, presida á administração da justiça e seja o executor de suas leis, então se diz uma Monarchia Constitucional, e seu supremo magistrado — Rei ou Monarcha —[1]. Tal é a Inglaterra, a França, a Hespanha, Napoles; e tal foi Portugal, tal o torna a ser.

E' pois, n'uma monarchia constitucional, o rei o supremo magistrado, o executor das vontades da nação. Quaesquer outros direitos geraes que se queiram attribuir-lhe são phantasticos. A força póde dar-lhe por algum tempo o exercicio injusto d'elles; mas a mesma força o despoiará d'elles, para os entregar a seu verdadeiro e legitimo dono — a nação.

[1] E as outras *fórmas?* (dirá algum escholastico), a aristocracia, o governo absoluto? Não o são, direi eu, e dirá commigo todo o homem de bem: estas não são fórmas de governo, mas uma associação barbara, uma cabilda de selvagens, que usurpam o nome de cidadãos e até o de homens. Para dizer melhor: não existem, porque onde quer que uma nação se governar de tal sorte, ella não o será; os seus chamados chefes serão usurpadores, e a ella lhe resta todo o direito de clamar pelos seus fóros, de se regenerar.

IV

Das leis fundamentaes expressas e tacitas, e da tyrannia

A nação que elegeu um dos seus membros para seu chefe, ou determinou *expressamente*, e por formaes e solemnes palavras, os limites do poder que lhes concedia, a maneira porque lhe *aprazia* que as leis se executassem, e o modo por que, — admittida a successão hereditaria — deveria ésta ser regulada; e n'este caso esse povo, essa nação tem um codigo de leis fundamentaes, uma constituição, que só ella, e ninguem mais, tem direito de abolir, derogar ou abrogar: Ou no momento da nomeação do rei ou installação da dynastia, se não declararam formalmente estes limites, estas bases do edificio social. N'este ultimo caso, nem eu direi, nem homem nenhum de senso commum dirá, que uma tal nação não tem direitos fundamentaes. Ella os tem por certo, ainda que tacitos, mas egualmente obrigatorios, deduzidos dos principios geraes, universaes e inalteraveis da sociedade e do bem commum [1]. O rei que os infringir será tam tyranno, tam despota, como o que ousar infringir o direito expresso e claro d'uma nação que tiver previamente formado a sua constituição.

Alem d'estas leis geraes, ou *fundamentalmente* expressas e declaradas por uma constituição, ou *fundamentalmente* intendidas pela tacita deducção das invariaveis regras da sociedade, outras ainda ha que devem sempre entender-se, posto que não sejam tam geraes, que se digam naturalmente existir com a sociedade (se ella não tem constituição) nem se julguem nullas, porque a nação as não declarou, tendo aliás feito o seu codigo politico.

Assim, por exemplo, a monarchia portugueza, que possuia uma constituição nas leis fundamentaes das Côrtes de Lamego, não declarou n'ellas varios direitos da nação e varios limites do poder real; ou (para falar mais exactamente e com mais verdade) não os declarou por aquelles termos que *as sciencias modernas teem adoptado*, que a philosophia e a politica usam hoje, que são muito bem requeridos e necessarios n'um livro classico destinado á publica instrucção: mas que por faltarem ou serem outros, n'um venerando e antiquissimo codigo politico das leis fundamentaes d'uma nação, lhe não diminuem o vigor, a força, o valor, e a qualidade e principio de obrigar, não só os povos mas os soberanos, em tudo o que elles *litteralmente* expressam, e em tudo o que por *analoga*, por *identidade*, por seu *espirito* ou *sentença* se dever e poder sub entender.

Isto posto, se um rei, ou por si ou por seus indignos ministros, infringir, esquecer, abusar ou preterir algum dos artigos d'estas leis fundamentaes, quer tacitas quer expressas, este rei será um tyranno e seus ministros sacrilegos reus do maior dos attentados, d'um crime de lesa nação; seus ministros, seus satellites, seus magistrados, seus conselheiros, seus validos serão *traidores*, infames, indignos do nome, do caracter, dos fóros de cidadão e até de homem.

V

Dos recursos da nação contra a tyrannia do rei ou de seus ministros

O que nas escholas se chama *pacto social*, é o contracto mutuo de ajuda e soccorro que os homens ao juntarem-se em sociedade fazem para sua segurança: a convenção porém que os cidadãos fazem com o rei é egualmente um contracto, egualmente obrigatorio, egualmente sagrado. Por elle se obrigam os cidadãos ao respeito, ao amor e á obediencia; por elle se obriga o principe á protecção, ao amor e a todos os cuidados paternaes; por elle se obriga finalmente a cumprir á risca, a observar exactamente, a não omittir um ponto d'aquellas leis que a vontade da nação expressamente estabeleceu ou tacitamente sub-entendeu.

Cumpridas pois pelo povo as condições d'este contracto, o rei que a ellas falta, falta á fé, ao juramento, á santidade d'elle, e por este impio facto desliga os cidadãos da obrigação em que se tinham constituido. A nação póde reclamar os seus direitos e usar de todos os meios *justos* para se manter e restabelecer na posse d'elles.

Mas quaes são estes meios justos? As sedições, os tumultos, o desenfreamento, a soltura d'uma plebe ignorante e sempre prompta a franquear todos os limites da razão, todas as barreiras da justiça? Não por certo. Uma nação honrada, generosa, nunca os approvará: por virtude, por gloria e por dever hade detestal-os, hade evital-os quanto lhe fôr possivel.

Que fará pois? Gemer, soffrer em silencio, esperar? Até certo tempo, até certo ponto, approvo e louvo. Se o mal está no seu cumulo é fraqueza, é vileza.

Qual será pois o meio mais apto de obviar

[1] Não me conformo aqui, ou não pareço conformar-me com o famoso auctor da *Politica natural*; ouso porém asseverar sobre a d'elle a minha opinião

aos males presentes, prevenir os futuros e evitar os proximos? Fazer o que fizeram os Portuguezes.

Não é o povo em massa, não é a nação em tumulto, sem ordem, sem lei, que deve levantar a voz, bradar pelos fóros. Os inconvenientes, os funestos effeitos d'este meio são patentes ao homem menos versado na historia das nações. Não é pois a nação inteira, mas aquelles de seus membros, que por suas virtudes, por suas lettras, por seu valor e por sua posição na sociedade, poderem, sem perigo d'ella, sem perverter a ordem, acclamar a liberdade, que o devem fazer. O esforço e a constancia devem animar seu braço, excitar sua voz: a prudencia dirigir suas acções, e a politica e a virtude allumiar todas as suas tentativas.

E se isto assim é em geral, que fará quando a nação, conhecendo bem o caracter bom e justo do soberano, sua alma pura e amiga do bem, seu coração amante, sabe ao mesmo tempo que da perfidia, dos embustes e da maldade dos que o cercam, dos que o illudem, lhe vem todos os males, lhe partem todas as desgraças? N'este caso, os homens probos e sãos d'um povo assim opprimido, levantarão a voz e o braço, clamarão aos seus concidadãos, para que saibam distinguir o vicio da virtude e o crime da ignorancia; clamarão ao rei para que elle veja as traições dos que o enganam, os sacrifica ao publico bem, e remedeie, de mãos dadas com a nação, aos males d'ella e aos seus proprios.

VI

Applicam-se todos os principios antecedentes á nossa causa

Se eu provar agora, em primeiro logar, que a nação portugueza, tendo uma constituição antiquissima, tinha sido altamente offendida pelo desprezo e inobservancia da mesma; se eu provar que, alem da anniquilação dos principios constitucionaes, o despotismo ministerial tinha quebrado os seus mais sagrados fóros, que são os que da natureza de todas as sociedades se derivam; se eu provar que estes males estavam no maior auge, a que podiam chegar; teria egualmente provado que o governo de Portugal, até ao dia 24 de agosto de 1820, era tyrannico, despotico e injusto; e que a nação tinha direito de abolir, reclamando os seus fóros, os seus direitos.

Se eu provar, em segundo logar, que os homens verdadeiramente heroicos e cidadãos, que na cidade do Porto, no mesmo eternamente sagrado e memoravel dia — 24 de agosto, — proclamaram a liberdade de Portugal, obraram em tudo segundo as regras da prudencia e da virtude; se eu provar que o conselho militar do mesmo dia, reunido com a camara, e auctoridades d'esta cidade, egualmente obrou com a maior prudencia installando um governo provisorio, que accudisse ás necessidades immediatas, e fizesse convocar as Côrtes, isto é, a representação completa da nação: se eu provar isto, terei exuberantemente justificado o dia 24 de agosto.

VII

A nação portugueza estava altamente offendida pelo desprezo e inobservancia de sua antiquissima constituição

As Côrtes de Lamego, de cuja existencia já não é possivel duvidar, formaram no berço da monarchia portugueza a constituição politica da mesma; e formaram a melhor, que as luzes d'aquelles tempos podiam ensinar. Uma das principaes declarações d'ella, é a da nossa liberdade[1]; e a mais sancta e inviolavel regra estabelecida, e conservada por tantos annos de gloria, é a representação nacional, por meio das Côrtes, necessaria para a imposição dos tributos, promulgação de leis, etc.

Desde os fins do seculo XVII, qual foi o rei portuguez que convocou Côrtes? Porque maneira se ouviu a nação nas mais urgentes, nas mais perigosas, nas mais delicadas circumstancias? Das ruinas, das cinzas d'um governo representativo se elevou o formidavel colosso da tyrannia ministerial. Os Portuguezes, declarados livres nas Côrtes de Lamego e de Lisboa, foram escravos de homens vis, ambiciosos, iniquos, insaciaveis. A segurança publica foi destruida; os direitos de propriedade foram atropellados. Fez-se a guerra, formaram-se pazes, contractos os mais prejudiciaes ao estado, impuzeram-se os mais sanguinarios tributos, as mais avexadoras fintas, consumiu-se a substancia publica em ridiculas pompas, que dictava o orgulho, que santificava o fanatismo: e tudo isto, sem que a nação fosse participante, sem que a nação cooperasse, (ou antes) sem que o mandasse, sem que o approvasse.

E não eram infringidas nossas leis constitucionaes? Não eram tyrannos os que assim as quebravam? E não podiamos nós reclamar nossos direitos, e castigar os infractores d'elles?

[1] Accrescem as declarações das Côrtes de 1640 em Lisboa.

VIII

Os mais sagrados fóros de uma nação, os que se derivam da natureza da sociedade civil estavam indignamente calcados pelo despotismo ministerial

Corramos um véo sobre a indignidade com que nos privaram da nossa representação nacional, esqueçamos um momento esta affronta e examinemos de sangue frio (se é possivel!) como eramos governados.

Já estabeleci, que ainda quando não haja prévias declarações, ainda quando estas sejam imperfeitas, a obrigação da parte do Rei, de promover o bem publico em todos os seus differentes ramos, é sempre a mesma.

O bem commum ou a felicidade de uma nação manifestamente se libra — 1.º nas leis, 2.º na execução d'ellas, 3.º na administração das finanças, 4.º na protecção e introinspecção da religião, 5.º na instrucção publica.

E qual era o estado da nossa legislação? Informe, incoherente, desegual, e incerta de ha muitos annos, em breve chegaria a estado de não haver um só homem que podesse conhecel-a. Avultava muito mais o numero das excepções, que o das regras geraes: os privilegios eram infinitos, as isenções multiplicadas, e em consequencia não havia —*direito*.

Examinemos mais circumstanciadamente. —O nosso codigo civil compunha-se dos quatro primeiros livros das — *Ordenações do reino* — e d'um milhão de leis extravagantes, umas arbitrarias, outras contradictorias, outras ridiculas, e algumas indignas do sagrado nome de Lei. Muitos e muitos dos titulos da Ordenação eram copiados do Digesto e Codigo, e copiados litteralmente, sem as devidas modificações, sem as necessarias applicações a um clima diverso, a costumes distinctos, a diversa forma de governo, a mui dissimilhante religião, a novo systema commercial. Outros muitos eram egualmente transcriptos já do fuéro-juzgo de Hespanha, já do livro dos feudos, já do barbaro, e as mais das vezes ridiculo, direito do Decreto e Decretaes.

Boas determinações, optimas leis encerram as nossas Ordenações; mas o vicio da ordem e do systema, além dos immensos de legislação, é bem conhecido de todo o homem que as conhece.

Que direi das leis chamadas extravagantes? Exceptuadas algumas do Senhor D. José, da Senhora D. Maria, o resto é barbaro e informe: e quando per si o não fossem muitas, o não fossem todas, basta o prodigioso numero a que tem subido, para as tornar um codigo supplementar bem indigno de uma nação culta e lettrada.

Mas entrando mais no fundo da questão, que defeitos não encerra, que lacuna não tem a jurisprudencia patria nos artigos — Morgados, emphyteusis, capellas — por não falar em tantos outros? Que incerteza nas opiniões do fôro, onde as não deve haver, mas onde a falta de lei as faz necessarias? Que vergonha não são os *Romanismos*, as chicanas, as puerilidades do mesmo fôro? Todos o sabem, todos o choram, e ninguem o remediava!

A jurisprudencia criminal... oh! aqui é que o homem honrado, o homem que é homem não póde fitar os olhos sem horror, sem abominação, sem desprezo e sem lagrymas! Que espantosa desproporção entre a pena e o delicto? Que rios de sangue não correm de cada pagina? Não se lêem duas linhas, que o fatal — *morra por ello* — não venha excitar a indignação do homem de bem: os castigos de fogo, as punições das heresias, dos feitiços!... oh! natureza que horrores accumulados!

Mas o que certamente espantará mais, a quem não tiver versado tam enfadonhas materias, é que em todos os longos volumes, de que se compõe o nosso codigo civil e criminal, não ha certamente uma duzia de suas leis, que sejam *plenamente* executadas. A execução da justiça tornou se arbitrária a um tal ponto, que as opiniões dos chamados *doutores* são preferidas ás leis expressas, as romanas ás patrias, a chicana e intriga á razão e senso commum. Os magistrados—meros orgãos da lei — tornaram-se não só interpretes d'ella, mas legisladores; e os subornos se fizeram mais frequentes nos nossos tribunaes que na propria curia de Roma.

IX

Continua-se a mesma materia, administração de finanças

Toda a sociedade tem despezas communs, necessarias absolutamente para a sua existencia.

Todos os membros d'ella, egualmente interessados, devem egualmente concorrer com a sua quota.

Logo que a derrama feita pelos cidadãos, ou não é egual, ou é maior do que as exigencias do estado o exigem, verifica-se um roubo público da parte dos administradores.

Quando a concorrencia dos tributos para as despezas do estado é maior tres ou quatro vezes do que ellas precisam, e apezar d'isso não chegam, e apezar d'isso o crédito

público cresce e a nação se vê cruel e vergonhosamente forçada a mendigar em prestimos a potencias estrangeiras; então o roubo cresce, o crime redobra, e as finanças estão no peior estado de administração imaginavel. Tal ha muitos annos tem sido a nossa sorte.

Os impostos nunca foram eguaes, nunca foram proporcionados ás posses das pessoas, nem á qualidade das coisas. Eu me explico melhor com os funestos e desgraçados exemplos que vou apontar. Nunca foram eguaes, porque tal e tal corporação religiosa era absolutamente isempta de tributos, emquanto o miseravel lavrador que com o suor do seu rosto se sustentava a si e os infinitos ociosos, que aos encarregados da pública auctoridade lhes aprazia sustentar, se achava sobrecarregadissimo. Não era egual, porque o mesmo campo pagava para a sustentação da casa real, debaixo de differentes nomes (Infantado, Casa de Bragança, Casa da Rainha) tres ou quatro differentes impostos; emquanto outro pagaria só um ou dois.

Não eram proporcionados ás posses das pessoas, porque nas sizas (por exemplo) o homem rico e abastado pagava egualmente e da mesma maneira, que o pobre e apoucado.

Não eram proporcionados á qualidade das coisas (e aqui vae o principal vicio na distribuição), porque sendo, como eram, muitos generos de luxo ou absolutamente isemptos ou mui pouco gravados, os de primeira necessidade, de primeiro consumo, os de industria nacional, gemiam com o peso dos tributos: porque as importações das nações estrangeiras, que vinham acanhar nossas fabricas e desanimar nossa industria, eram, pela maior parte, livres de impostos; emquanto as que faziamos, ou nos portos do reino ou nos do Brazil se achavam gravadissimas.

Tal e tam viciosa era a distribuição dos nossos impostos; mas certamente bem tenue era este mal se o compararmos com o da exorbitancia d'elles, com o excesso que vai da somma dos tributos, á das públicas despezas. Longa fôra esta materia; exigiria de si um tractado, exigiria a pausa e o vagar, que as circumstancias actuaes, e a brevidade d'este opusculo não permittem. Mas quanto este excesso era grande, quanto o roubo público era palpavel e exorbitante, todos o sabem, todos o conhecem.

Qual seria pórém o espanto d'um bom ecónomo-politico, a quem, — depois de ter observado receita e despeza, — se dissésse que, apezar de tudo, a nação estava empenhada com os seus e com os estranhos; que as tropas que a libertaram pediam esmola; que os empregados públicos, que tinham honra e limpeza de mãos, curtiam fomes, e que das instituições, todos os edificios públicos ou cahiam a pedaços ou estavam desamparados! Pois este era o nosso estado; pois este era o excesso horroroso, e quasi incrivel, a que tinha chegado o roubo dos ministros e dos seus subalternos.

X

Da protecção e intro-inspecção da religião, da instrucção publica, e da corrupção da moral que d'aqui provinha

A religião (disse Filangieri) é o supplemento ao codigo criminal de uma nação; é o vinculo mais sagrado que une os homens na sociedade, o juiz mais severo, que, sem tribunaes, sem apparato forense, os accusa e castiga, e ao mesmo tempo, com a maior das penas, com o mais cruel dos tormentos — o remorso.

Todos sabem que as obrigações e direitos do principe a respeito da religião e seus ministros, são as que se chamam de *inspecção* e *protecção* — um que evita os males, que a ella ou seus ministros possam provir, outro que prohibe os que os seus ministros possam fazer na sociedade, sob côr e pretexto de religião.

E qual d'estes direitos se exercita ha muitos annos em Portugal? não se protege a religião, porque o escandalo nos costumes de seus ministros cresce cada vez mais; porque attribuindo-se ao Evangelho — que prégou o mais pacifico, o mais indulgente dos homens — maximas intolerantes, se lhe ergueram altares de fogo, se lhe immolaram humanas victimas; porque... Não; eu não mancharei a minha penna com taes horrores! Prouvéra aos céos que até sua lembrança se apagasse da memoria dos homens.

E *inspeccionou-se* acaso sobre os ministros do altar? Tem-se diminuido as extorsões, tem-se feito callar os falsos dogmas, que semeiavam a sizania e a discordia entre os povos, entre as familias? Oh! Religião Santa, oh! presente consolador que o Céo fez ás nossas calamidades! Obra de um Deus, pura como elle, que opprobrios, que calumnias te accumularam! De que horriveis desgraças não tens sido a innocente causa ou antes o pretexto?!

Apar com a religião, a instrucção publica foi desprezada, as lettras menoscabadas, e o homem de talento e o sabio calcado, e apesinhado pelo estupido e ignorante.

A mocidade não tinha mestres, a impos-

tura e o abuso inventavam por esta causa, o mais ridiculo abuso em que póde cahir uma nação; esta foi a educação em paizes estrangeiros. Ignorando a sua lingua, os seus costumes, as suas leis, os seus direitos, a sua historia, a sua religião, um mancebo portuguez, enfronhado em inglez, voltava á sua patria ridiculamente affectado, e não possuindo outro cabedal de instrucção, mais que o de papaguear algumas palavras de um idioma, cujo espirito, cujos idiotismos, cuja indole certamente não entende.

Passarei em silencio a miseravel decadencia da Universidade de Coimbra; a ignorancia de um grande numero de seus mestres, a pedanteria d'elles, o espirito de partido que impede os progressos das sciencias, e mil outras vergonhosas miserias que soffre um tam antigo e respeitavel corpo litterario.

A corrupção dos costumes é o effeito necessario d'estes vicios moraes.

Nenhum homem de bem que tenha vivido em publico, ignora o excesso horrivel, a que tem chegado a devassidão entre nós; os latrocinios, as mortes, a falta de fé no commercio, a impiedade, a irreligião, a deshonestidade, tudo subiu a um auge, que espanta, que horrorisa. O culto exterior cresceu em pompa, mas o interior — sem o qual fica inutil o primeiro — este culto, em espirito e verdade o fundamento da justiça, que se não vê, mas que bem se conhece pelas acções virtuosas que d'elle dimanam, este culto, porque não satisfaz a vaidade dos homens, estava .. tremo, mas não duvido asseveral-o... sim estava quasi extincto.

XI

Consequencia necessaria

De tudo o que tenho exposto, que é innegavel, devemos necessariamente concluir — *que o governo de Portugal até ao dia 24 de agosto era tyrannico, despotico e injusto*: e em consequencia, que a nação portugueza, desligada, pela falta de cumprimento, pelo desprezo das condições de seu contracto, do vinculo, da obrigação, tinha todo o direito de abolir um tal governo, de clamar pela sua liberdade, e restaural-a.

Isto incontrastavelmente estabelecido, que resta a examinar para a justificação do memoravel dia vinte e quatro de agosto?

Duas coisas: primeira se a nação se portou com aquella prudencia, com aquella generosidade, com aquella paz, que são a alma e o penhor da publica felicidade, e que são a caracteristica d'uma boa revolução [1]. Segunda, se o conselho militar, com o senado da camara, assistencia do povo e auctoridades, legitimamente podia eleger e installar a *Junta provisoria do governo supremo do reino* [1].

Manifestada, como alta e publicamente estava a vontade da nação e o seu descontentamento; temido, como todos os dias se temia, um rompimento anarchico,— cuja horrorosa explosão assaz e sobejamente sabemos quantos e quam grandes males traz comsigo —, cumpria, não digo bem, era do dever e obrigação d'aquelles cidadãos que, por suas virtudes, por suas lettras, por *sua posição na sociedade*, podiam salvar a patria das desgraças e oppressão da tyrannia, evitando ao mesmo tempo as calamidades anarchicas, era de seu dever fazêl-o e com toda a legitimidade.

E por quem, no estado actual de Portugal, devia começar o grito da liberdade? Todo o homem de senso commum, todo o homem amigo da paz responderá que pela força armada. Qualquer outra classe do estado, que o intentasse, por mais dirigida, por mais illustrada que fosse, não evitaria os tumultos, não obviaria ás desordens.

Estes argumentos são theoricamente deduzidos, um só — colhido dos factos e experiencia — basta por todos elles.

Que viu a França nos fins do seculo XVIII? Que viu a Inglaterra nos principios d'esse mesmo seculo e fins do antecedente? Que viram mil outras nações em eguaes circumstancias? Desgraças, barbaridades, horrores, com que ainda hoje chóra a natureza, de que ainda se envergonha a humanidade.

Pelo contrario, que viram os nossos honrados visinhos, os Hespanhoes? E que viu Napoles? A tranquillidade, a paz, o socego público: em quanto na massa do estado se operava a maior revolução, uma mudança absoluta de governo, de systema, de tudo. E qual será a razão da differença? Todos a colhem, todos a palpam. A força armada evitou os tumultos, sopeou as desordens, e os altares da Liberdade não foram manchados com o sangue das victimas.

Provado pois que o conselho militar obrou com a maior prudencia, está provado que elle obrou com a maior legitimidade. Respondamos á segunda questão.

Alguns homens, a quem me envergonho de dar este nome, mas a quem certamente nunca darei o de Portuguez, ousaram duvidar da legitimidade com que a Junta do Governo Supremo foi installada. Não porque taes vozes, filhas da ignorancia, do fanatis-

[1] Vide art. V.

[1] Vide — Auto de Vereação extraordinaria de 24 de agosto.

mo e da vileza, mereçam resposta ou attenção, mas porque é do meu dever, provarei o contrário.

Quem deviam ser considerados no estado em que se achava o Systema Nacional (visto que era do bem commum não innovar por ora nada d'elle) — quem deviam — *rebus sic stantibus* — ser considerados os representantes d'aquella parte da nação que se achava livre? O Senado da Camara. Por elle foi *canonicamente firmada a eleição, sem perturbação alguma e a aprazimento reciproco* [1]. Que mais póde faltar para a sua legitimidade? Existentes por ora as differentes classes — de clero, nobreza e povo, de cada uma d'ellas não foram eleitos vogaes?

A não ser assim, como, porque maneira e por quem se faria a Convocação das Côrtes?

Pelo clero? E por sua profissão, por suas leis, e pelas da Sociedade mesmas, apartado de todo o *strepito* das politicas contendas, de pegar em armas, etc. Era por seus preconceitos e interesses (falo em geral) inhibido d'isso mesmo. E que confiança teria a nação n'uma reforma politica e civil, forjada e começada pelo clero? Já lá vão as cruzadas, os seculos de Gregorio VII e Xisto V: — o remedio seria peior que o mal.

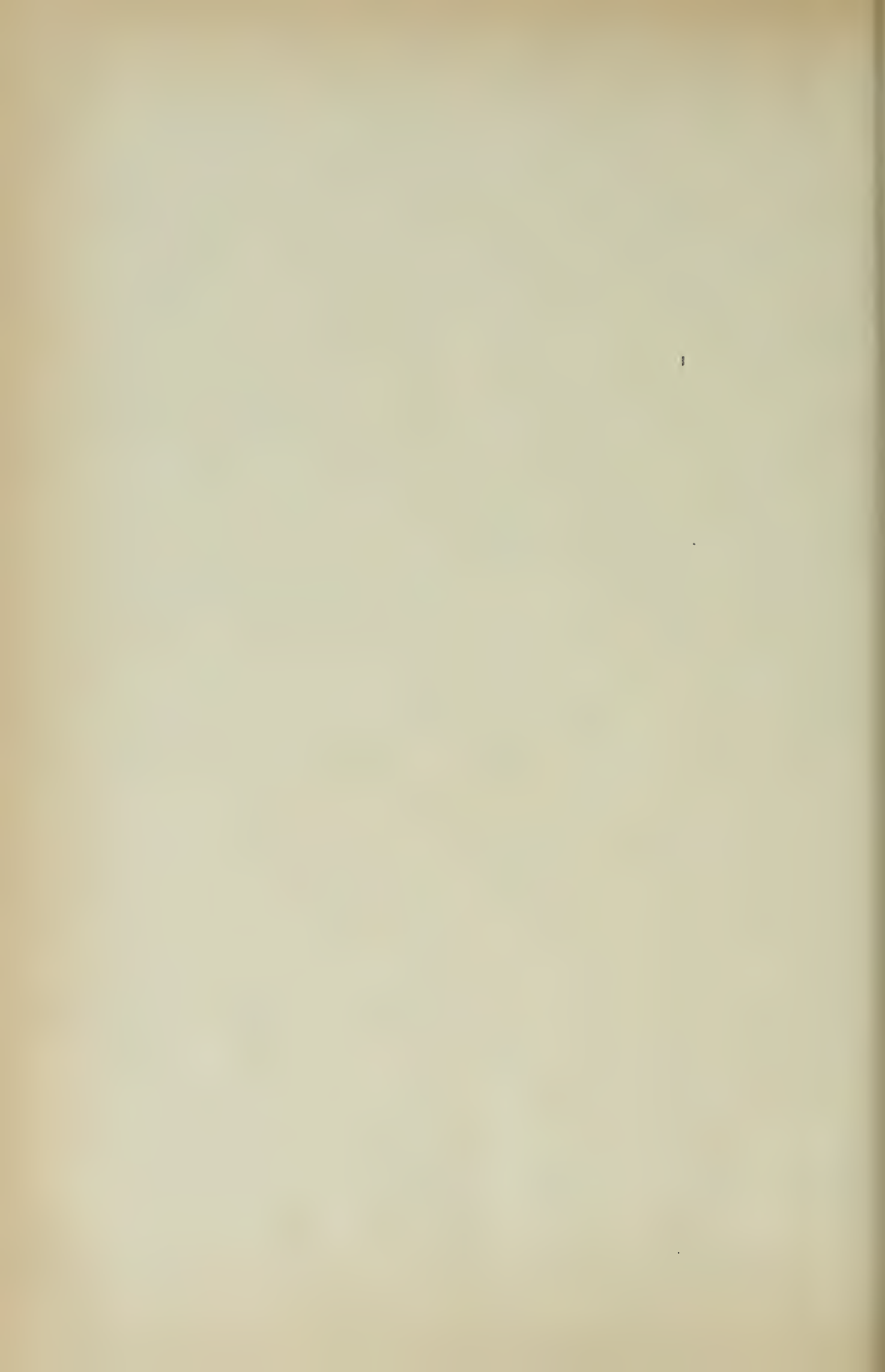
Pela nobreza? Quem sabe os inconvenientes e horrores aristocraticos, conhece o perigo d'este methodo.

Pelo povo? Mais ao longo expendemos já os perigos d'estas insurreições populares, e a historia do mundo os fornece a cada passo e em todas as nações.

Esta exclusão de partes naturalmente nos leva *á força armada*, que justamente e com toda a legitimidade fez e protegeu a feliz revolução do dia vinte e quatro de agosto.

De proposito não explano nenhum d'estes pontos, que tóco e suscito. Nacionaes e estrangeiros, que estiverem de boa fé, de sobejo conhecem a verdade de todas as minhas asserções: para esses sómente escrevo. Para os outros, não ha senão um meio de persuasão; um orador bem conhecido o apontou da cadeira da verdade [1]. «Ou sêde Portuguezes, ou expatriae-vos.»

[1] Auto da Camara geral de 24 de agosto.

[1] O sr. José de Sá, no sermão de acção de graças, prégado no dia 27 de agosto de 1820, na cidade do Porto.

PROTESTO DA ACADEMIA DE COIMBRA

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Snrs. — O Corpo Academico, animado do patriotismo, que o distinguiu sempre, amigo sempre da paz, da ordem, e da verdadeira e legitima liberdade, prompto sempre a dar por ella até á ultima gotta de sangue, o Corpo Academico, que tam alta e decididamente tem manifestado estas ideias, principalmente depois do feliz successo do dia dezesete de novembro: não poude vêr sem mágoa, não poude ouvir sem resentimento, encarar sem odio e execração o boato universal, e (ao que todos cremos) verdadeiro, de que ao Supremo Governo fôsse denunciado, como fautora e propagadora de ideias anti-politicas, como revolucionaria, e anti-patriotica, a escolha da mocidade Portugueza, aquella parte da nação, que mais livre e honradamente pensou sempre, mesmo no tempo, e debaixo do jugo do despotismo; que na recuperação da liberdade menos licenciosa, menos exaltada em systemas politicos se tem mostrado, que mais altamente clamou contra a illegitimidade do dia onze, e que mais público regosijo patenteou no venturoso resultado do dia dezesete. — Esta denuncia (não duvidâmos asseveral-o) não sahiu da nossa classe; almas perversas, hypocritas, envenenadas de maldade, azedas de odio, corruptas de peçonha, aborrecedoras da luz, inimigas declaradas da razão e da verdade, quaes estas são; não, decerto não as ha entre nós: e, se as ha, se um tal monstro vive entre nós, se algum barbaro sectario do feudalismo... nós repetimos, com os nossos companheiros do Porto: «Esse não é Academico; nós o expulsâmos do nosso gremio; nós lhe negâmos o doce e santo nome de irmão; nós o amaldiçoâmos até á hora em que se alistou sob os estandartes de Minerva.» — Esta queixa, que levâmos á presença de V. V. E.Ex.^{as}; esta protestação, que fazemos da nossa fidelidade a V.V. E.Ex.^{as} e a toda a Nação, nós a fazemos com toda a solemnidade; e com toda a instancia pedimos a V.V. E.Ex.^{as} e requeremos por todas as leis da justiça, e da razão, queiram declarar a falsidade de nossos accusadores, e a pureza das nossas intenções; egualmente rogâmos a V.V. E.Ex.^{as} queiram fazer publica esta nossa protestação por via dos periodicos. — Tremam, tremam esses malvados e vis delatores; esses perversos calumniadores: a installação das Côrtes está já bem proxima, e as Universidades de Hespanha nos apontam o exemplo. — Sirvam-se pois V.V. E.Ex.^{as} attender aos nossos rogos, ouvir nossos clamores; uma corporação inteira clama justiça, pede satisfação da mais atroz injuria, que se póde fazer a um Portuguez: V.V. E.Ex.^{as} lh'a devem outorgar, e V.V. E.Ex.^{as} o hão-de fazer, porque não negam, porque não negarão ouvidos á razão e á justiça. Contem V.V. E.Ex.^{as}, conte a Nação toda com os corações, com as vozes, com as pennas, com os braços, e até com as vidas de todos os Academicos.

Coimbra, em 4 de Dezembro de 1820. — *João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett.*

Tinha-se denunciado ao governo supremo, como revolucionario e anti-constitucional o corpo academico [1]. Quem vivesse dois dias em Coimbra, no tempo mesmo do despotismo, manifestamente conheceria o nenhum fundamento e o calumnioso de similhante denuncia. Mas bem o sabiam elles mesmos que tal denuncia deram. O seu fim porém era manchar a fama, perder o conceito dos estudantes, e procurar secundariamente que se fechasse a universidade. Não lhes teve effeito a sua trama odiosa, soube-se tudo, e os estudantes tomaram o partido unico e legitimo de fazerem uma representação ao governo, declarando os seus sentimentos patrioticos, protestando contra a injuria, e pedindo desaggravo da offensa. Irritou-se com esta resolução o odio invete-

[1] Todos esses documentos são transcriptos do n.º 67 do jornal *O Patriota*, Lisboa, 1820, sexta feira 15 de dezembro.

rado das malvadas almas dos accusadores; tentaram despicar-se; e o meio mais seguro mais occulto e caviloso que acharam, foi o pretender privar do voto nas eleições parochiaes os tam aborrecidos academicos. Mas quem acreditará, quem se lembrará mesmo de pensar, se com seus olhos o não visse, se com seus ouvidos o não ouvisse, que esta miseravel gente quiz fazer decidir um tal negocio, em uma sessão da camara de Coimbra? — A camara de Coimbra erigida em tribunal para julgar do mais importante negocio, do mais sagrado direito de mil e quinhentos cidadãos! A camara de Coimbra interpretando, ou antes revogando a constituição hespanhola, hoje nossa em todos os principios liberaes, hoje nossa em toda a extensão no artigo de eleições! A Camara de Coimbra superior á nação portugueza, arbitrando sobre os destinos d'ella! *Risum teneatis, amici?* Pois isto se fez; pois isto de facto succedeu no dia 6 de dezembro. Intrigas, cavillações, subornos, tudo se metteu em batalha, e tudo alcançaria victoria, se immediatamente não constasse a uma grande parte dos academicos a intenção dos camaristas. Foi grande e inexplicavel a sensação que tal nova produziu em todos os animos; por evitar porém qualquer desordem, que justamente se temia, foram deputados quatro bachareis, para saber a verdade do caso; chegaram á camara, e perguntando se era verdade que se tivesse decidido o serem excluidos de votar todos os academicos, e respondendo-se lhes, que sim, sairam, e vieram dar parte da sua commissão. Aqui é que se não póde exprimir a violenta commoção, que o sentimento de tal injuria excitou geralmente. Foi precisa toda a prudencia de alguns, para socegar a mui desculpavel, e quasi justa impetuosidade de tantos. Conseguiu-se porém; e de novo se enviaram quatorze deputados encarregados de protestar na mesma camara contra a incompetencia do tribunal, a illegalidade da decisão, a illegitimidade do decidido, e o absurdo de tudo. Assim o fizeram. Era a este tempo já mui grande o numero dos que á porta da casa do senado aguardavam a resposta. Temeu-se algum barulho; e assentaram, para evital-o, recolher se á casa mais proxima, para ahi deliberarem sobre o que lhes cumpria fazer. Juntaram-se pois em casa do bacharel João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett; e tendo jurado pelo mais terrivel juramento do homem de bem — a palavra de honra — não desamparar, senão com a morte, a santa causa da reintegração de seus fóros, assentaram, primeiro que tudo, para mostrar a sua subordinação e respeito á lei, enviar ao supremo governo um expresso, dando lhe parte de tudo o succedido, e pedindo justiça de tal affronta. Assim se fez, e se remetteu por um proprio a seguinte carta:

— Ill.^mos^ e Ex.^mos^ Srs. — A representação nacional, que pelo espirito da constituição hespanhola, que hoje é nossa (e não só pelo seu espirito, mas pela sua letra), nunca póde ser legitima, senão quando ella é installada pelo voto geral da nação, ou para nos exprimirmos assim, quando as particulas da magestade de todos os individuos se acham reunidas n'aquelles, que estes individuos elegeram. Esta representação intenta fazer-se illegitimamente nas parochias de Coimbra; defraudando mais de mil e quinhentos cidadãos do primeiro dos seus direitos, do voto. A escolha da mocidade portugueza se acha altamente offendida; ella protestou contra a injuria; ella clama contra a offensa; e tendo dado por embargadas e nullas estas eleições, participa a Vossas Excellencias um tal passo; e por todos os principios da razão e da justiça; á face da nação, e perante os céos e a terra, clamam, e pedem a Vossas Excellencias justiça. Aliás, Ex.^mos^ Srs., nós deixaremos de ser estudantes: é muito vil o preço das lettras para pagar os fóros de cidadão. — Coimbra em 6 de dezembro de 1820. Em nome de todos os academicos — *João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett.*» —

Executada esta primeira resolução, deliberaram fazer proclamações a participar a todos este facto, e excital-os á firmeza, e á ordem, na manutenção dos seus direitos. Eram sete horas da tarde, quando se deliberou, era já noite fechada quando, feitas as proclamações, e extrahido o maior numero de copias possivel, sairam todos pelas ruas publicas da cidade, na melhor ordem, no maior socego possivel. Parecia que alguma potencia sobrenatural uniformava em sentimentos, e regulava na harmonia de todas as acções, mais de mil mancebos de todas as quatro partes do mundo. Reinava um perfeito silencio, e apenas se ouvia ás esquinas das ruas a voz dos que proclamavam de espaço a espaço. Assim caminharam á luz de mais de vinte archotes até á casa do Ill.^mo^ vice-reitor, José Pedro da Costa, a quem para maior demonstração do respeito, da ordem, e amor da lei, foram enviados a dar-lhe parte do succedido, e da deliberação, que o corpo escolastico havia tomado, os bachareis Francisco Gomes Brandão Montezuma, e João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. — D'ahi continuaram, na mesma or-

dem e silencio, a discorrer por toda a cidade, e depois de ter jurado de novo pelo mesmo sagrado juramento, antes morrer que desamparar a santa causa da manutenção de seus fóros, affixadas nos logares mais publicos as proclamações (N. 1, 2 e 3), se separaram no mesmo socego e tranquillidade. De muitos sectarios do despotismo e da ignorancia, foram incriminadas estas louvaveis acções, e taxado de rebellião o honrado proceder dos academicos. Os homens de bem e liberaes não viram n'ellas senão o moderado, mas firme enthusiasmo de mancebos verdadeiramente portuguezes. Os mesmos presidentes das juntas parochiaes entrando nos seus deveres, e reconhecendo a verdade e a justiça consultaram (em observação das instrucções e circular do governo) as pessoas doutas, e homens probos da terra, que todos com o Ill.mo vice-reitor, apoiaram o direito dos honrados estudantes. No dia 8, já sabida esta decisão, se affixaram nos mesmos logares publicos varias proclamações (N. 4, 5, 6 e 7) recommendando a ordem e o socego, e chamando á união e á fraternidade, com todos os academicos, os habitantes de Coimbra, que insinuações malfazejas tinham querido desunir, semeando entre elles a discordia. — Esta é, com toda a verdade, a relação exacta de quanto se passou em Coimbra nos dias 6, 7 e 8 de dezembro. Muitas e mui diversas serão as infieis relações que d'este facto se mandarão á capital. Prevenimos porém os Portuguezes, que a Universidade de Coimbra, assim como é talvez o maior fóco das idéas liberaes, e o centro mais firme de amor á constituição, da adherencia ao reino, e do respeito ao supremo governo, assim tambem é um dos fócos, e o maior centro das idéas anti patrioticas, antiliberaes, e perversas em certa classe, que todos conhecemos, e que por vergonha se não nomeia.

N. 1. Academicos. Sois offendidos no mais vivo d'alma: Faz-se-vos a maior, a mais vergonhosa affronta, que se póde fazer a um portuguez. Vós reputados não como filhos da patria, não como cidadãos, sois despidos do seu mais nobre direito, o de eleger vossos representantes. Quê! á parte mais bella da Nação, ás esperanças d'ella nega se-lhe o que se concede ao mais simples mechanico!!! Oh! Nunca! Nunca tão injurioso ferrete maculará vossa honra, e vossos fóros! Antes mil mortes que uma tal affronta!!!

N. 2. Academicos. A vossa honra, a vossa probidade, um dos vossos direitos mais sagrados, se acha offendido o mais escandaloso que é possivel. Vós sois cidadãos portuguezes: este é o vosso domicilio, tanto para o fôro civil como para o ecclesiastico. Aqui são demandados os vossos direitos, e aqui desempenhaes as funcções sacrosantas da religião: e os vossos delictos (se é que alguem aberra da lei, ou vontade geral da Nação) são justamente aqui punidos ou absolvidos: é aqui finalmente onde as leis querem encontrar a porção mais nobre, a mais qualificada, aquella em que esperam achar o asylo da sua defeza, os orgãos de suas determinações, e a que a Nação ha de um dia escolher para a sustentação de seus direitos, da sua liberdade, da sua independencia, da sua felicidade. E apezar d'isto querem privar-nos de votar na escolha de vossos representantes; d'aquelles que hão de decidir das leis fundamentaes, arbitros da vossa existencia civil, e politica, e da dos vossos vindouros: querem n'uma palavra que sejaes escravos, vis aduladores do barbaro e horroroso direito feudal, que negava á maior parte dos constituintes da sociedade o direito sacrosanto do cidadão... É esta a determinação illegal da Camara d'esta cidade!! .. É esta a preposição de corações despotas, d'almas damnadas... É esta a expressão d'aquelles que devendo ser verdadeiros paes, se mostram agora inimigos publicos dos nossos direitos... Academicos! Seja uma só nossa vontade, o nome de irmão seja a nossa divisa: e as nossas vidas a nossa defeza. Nenhuma força nos resistirá. Nós votâmos: somos cidadãos, é quanto basta.

N. 3. Academicos. Basta de soffrer! É muito, ó mocidade portugueza! Os ferros, que se quebraram á Nação, só ficaram nos nossos pulsos. Uma trama odiosa triumphou da justiça e da verdade. Haveis de soffrêl-o? Haveis de levar a sangue frio o nome de escravos, o opprobrio d'elles? E na geral felicidade, na liberdade geral arrastar grilhões, e contentar-vos de gemer? Não: não o fareis. Reja os nossos passos a prudencia; mas se fôr preciso mais que ella, empregue-se tudo. Sejamos livres, embora mortos.

N. 4. Academicos. Estamos reintegrados nos nossos direitos. As medidas que tomámos eram justas, porque eram as unicas. Agora que cessaram as causas deve cessar tudo. Lembrae-vos que a liberdade é a primeira das virtudes, se é regrada pela razão, mas é o maior dos crimes se aberrando d'ella se degenera em licença. Amigos! não confundâmos virtudes com crimes. Não manchemos louros de gloria, e louros tam bem ganhados com nodoas vergonhosas, que só podem fazer o vosso desdouro, vossa ignominia, e vosso opprobrio. — Academicos! Nós somos cidadãos, por este principio é que reclamámos os nossos fóros, e estes fóros

que nos pretendiam roubar são os mesmos que nos anivelam, que nos egualam, que nos identificam com todos os outros constituintes da Nação. — Irmãos, sim; Irmãos somos todos, mas nossos Irmãos são tambem todos os habitantes de Coimbra. — Amor, e fraternidade a todos, respeite-se em cada um d'elles a MAGESTADE DA NAÇÃO. — Se algum escandalo tendes dos publicos funccionarios, ah! não os insulteis, não lhes percaes mesmo o respeito: antes olhae n'elles, e reverenceae as auctoridades constituidas. — ACADEMICOS! Eu fui, sim; fui eu um dos que mais clamei pelos vossos fóros; não me desdigo; á face dos céos e da terra, no meio dos tormentos o confessarei. Nada temo, nem a morte, mas temo, mas receio, mas não quero levar o labéo de insubordinado, de destruidor da ordem: este é peior que a morte. É um crime, é um crime horrivel. E haveis de commettêl-o vós? Ah! não por certo. — Sêde academicos, mas sêde portuguezes; sêde livres, mas sêde honrados; não sejaes escravos, mas sêde homens. Amigos: qualquer desordem, qualquer inversão, qualquer attentado contra a publica tranquillidade, eu protesto contra elle, e commigo protestam todos os que são dignos do nome de academicos.

Coimbra, 8 de dezembro de 1820. — *João Baptista da Silva Leitão.*

N. 5. ACADEMICOS. O nome de liberdade é vão, a idéa d'ella phantastica, se a egualdade a não sustenta, lhe não dá mesmo o ser e a força. Esta egualdade é a fonte unica do bem social. Vós o sabeis muito bem, e vós o praticareis melhor. As eleições de que depende toda a nossa felicidade não podem ser legitimas, se a egualdade se não respeitar; se vós mesmos a não promoverdes. Os habitantes de Coimbra são nossos concidadãos; são nossos irmãos. Nenhum d'elles se possa queixar de nós; nenhum d'elles seja nem levemente offendido por nós. A melhor ordem, o maior socego reine no augusto, solemne, e sacrosanto acto das eleições. Não tenha a maledicencia e o odio nada de que arguir-nos. Um portuguez qualquer, embora exerça officios fabrís, embora indigente, é egual a nós; porque tem os mesmos direitos, porque é egualmente cidadão. Respeitae o, e a todos, e sêde dignos do nome de homens.

Coimbra 8 de dezembro de 1820.

N. 6. O CORPO ACADEMICO AOS HABITANTES DE COIMBRA. Habitantes de Coimbra! Não vos deixeis illudir: nós todos somos irmãos, nós todos somos filhos da mesma patria. Vós sois portuguezes: Nós o somos tambem. Que póde haver que nos desuna! Que póde haver que nos distingua! Nada, amigos. As intenções de todos os academicos, os seus sentimentos são estes, e só estes Mentiu vos quem vos disse o contrario, e quiz semear a discordia entre nós. Oh! não os acrediteis. Unâmo nos todos para o bem commum; unâmo nos todos para a felicidade geral. Na mais perfeita harmonia, na mais doce fraternidade celebremos as eleições dos que hão de assegurar os nossos direitos, e a nossa ventura. Amigos! longe de vós o temor e a desconfiança: Abracemo nos no seio da patria e seja eterno o abraço, e a nossa união, e a nossa felicidade.

Coimbra 8 de dezembro de 1820.

CARTA DE GUIA PARA ELEITORES

EM QUE SE TRATA DA OPINIÃO PÚBLICA, DAS QUALIDADES PARA DEPUTADO
E DO MODO DE AS CONHECER

PUBLICADA POR J. B. DA S. L. DE ALMEIDA-GARRETT

Bacharel formado em leis, e official da secretaria d'estado dos negocios do reino

ADVERTENCIA

Hesitei por muito tempo se devia publicar ésta carta, que particularmente foi escripta por um amigo a outro, e que nem foi destinada em sua origem para a imprensa, nem depois castigada sufficientemente para isso.

Receiava tambem de lhe pôr meu nome, temeroso de que a alguem não viesse a idéa de que eu queria inculcar-me. Puz-lh'o, por que em toda a obra que possa ter algum principio de utilidade, nenhum homem de bem se deve esconder. Em obras de mero divertimento, em versos e coisas taes, embora o faça.

Além d'isso quanto a *inculcar-me*, se eu em minha consciencia me julgasse capaz de representar a nação, e de advogar os seus interêsses, não teria a minima duvida em me offerecer publicamente para seu advogado, como em França e Inglaterra, se faz: e não é nenhuma acção deshonrada essa, nem de vergonha.

Vergonhoso e vil, e de mais criminoso, é andar pedindo furtivamente e ás escondidas, o que valia mais pedir ás claras.

Pois quanto mais nobre é dizer abertamente:—«Concidadãos, elegei me vosso deputado, porque eu sei, posso e prometto defender a vossa causa e os vossos interêsses!»

Não o digo eu porque me não sinto com forças nem physicas, extenuadas por mui compridos annos de injustissima perseguição e exilio, nem moraes, por curtos que são meus conhecimentos para tam ardua empreza.

Se assim não fosse, não recorrêra a subterfugios, nem a insinuações indirectas: mas franca e chãmente me proporia aos meus concidadãos para seu representante.

Meu fim unico é o que sempre tive e terei —a utilidade commum; meu unico movel—o desinteressado amor da ordem legitima, e da causa pública.

Imprimo esta carta porque essas causas a originaram, e esse fim leva. Assim o preencha ella em alguma parte ao menos!

Meu amigo e senhor.—Muito me confunde, com quanto muito me obriga V... em pedir meu parecer sôbre as presentes eleições, e que lhe diga quem são as pessoas que julgo capazes para as distinctas funcções de deputado. Como poderei eu dirigil-o sôbre a importante e difficil escolha que temos de fazer, se eu a mim proprio me não sei guiar; se em tam arriscado ponto desconfio do meu juizo, arreceio da minha consciencia, tremo da approximação d'esse momento critico, que não ousei, nem ouso ainda determinar positivamente minhas idéas para a emissão de meu voto. De todas as difficuldades da administração e governo de um povo, é na minha opinião a maior e a mais agra, a escolha das pessoas; n'essa falham todos os dias os mais espertos, os melhores intencionados: tam facil é o illudiremnos aparencias, tam difficil conceituar dos homens e de seu interior, que entre as nações mais habituadas ao governo representativo, mais affeitas a exercerem as perigossas funcções do eleitorado, todos os dias ha erros fataes, funestissimos enganos. O que será de nós, escravos apenas fôrros, libertos de poucos dias, nados e creados na ignorancia das coisas públicas, e que no exercicio dos direitos civicos forçosamente temos de ir ás palpadellas como cegos que somos, tropeçar muitas vezes, (inda mal, muitas!) e praza a Deus que acertêmos alguma!

Meu amigo, repito que não sei para mim, quanto mais ousarei aconselhal-o a V... ou dar-lhe meu parecer sôbre as pessoas capazes para tam importantissimas funcções. Noite e dia penso n'este objecto; e quanto mais penso maiores difficuldades me sobrevêem, mais duvidas me recrescem, e quando chego a encon-

trar solução a alguma d'ellas, d'essa mesma solução me nasce logo um infinito numero de outras e outras duvidas, com que mais e mais se complica minha indecisão. Mas pois V... quer por força ouvir-me, pelo satisfazer e obrigar farei quanto em mim está, que é expor lhe singelamente as minhas duvidas proprias, communicar-lhe as reflexões que commigo faço; e se d'ahi lhe vier algum bom serviço, muita será minha satisfação em prestar-lh'o. Todavia não pense que sôbre pessoas e nominalmente sobre individuos me affoite eu a dizer uma unica palavra. Nem sei, nem devo, nem quero. Difficil, raramente se pode; nenhum homem de bem deve ou póde querer encarregar sua consciencia com emittir juizos sobre determinadas pessoas, quer sejam favoraveis, quer desfavoraveis. Se érro no primeiro caso, prejudico a causa publica: se no segundo, offendo o mais sagrado e santo dos direitos de um cidadão, a sua reputação e fama.

Será pois a nossa conversa generica: praticaremos de eleições e deputados, mas sem a minima referencia pessoal, sobre o que, já digo, nada sei. E se em minhas reflexões algum acêrto houver, V. fará, do que é geral e indeterminado, a devida applicação ás pessoas; e Deus o ajude n'essa difficil operação, assim como a mim, que a não temo e receio pouco.

A grande auctoridade que geralmente se consulta para a escolha de representantes (e com effeito a maxima e talvez unica é ella) é a opinião pública.

Mas qual é a verdadeira accepção d'esta palavra tantas vezes repetida, e tam poucas bem ajustada? As lições da experiencia (de *amarga* experiencia para nós) devem dar-nos algum esclarecimento; mas quando as consulto, só encontro motivos de desconfiança e de receio. Já isso é um bem. Porém a razão tem regras fixas que devemos seguir. Assim é: mas quam facil é tambem o abusar d'ellas, e desvairar essa triste opinião, *rainha tutelar* do mundo, em cujo nome tem quasi sempre governado a ignorancia, a intriga, ou a má fé quando todos se não juntam em funesto triumvirato, para em nome da *phantastica soberana* regerem não, mas desgovernarem e vexarem seus dominios.

A opinião nasce do espirito publico. E o que é este? Um illustre escriptor coevo definiu. «A parte mais ou menos activa que toma a porção illustrada da população no systema geral de seu governo, e nos actos particulares de sua adiministração».

Exactissima é, a meu ver, esta definição; nada póde haver commum estre este espirito filho da illustração, e a estupidez da massa ignorante tam inhabil para conceituar de um principio, como para lhe calcular ou observar as consequencias. Quando o espirito publico toma favoravel direcção é elle essa confiança patriota que ajuda com todo o seu poder as operações da auctoridade: quando, ao contrario, cede a um impulso fatal, é essa geral apathia que acolhe as mais importantes disposições esse gelado egoismo que as illude, essa resistencia concentrada que as inutiliza e, tarde ou cedo, mas infallivelmente as perde.

O primeiro caso suppõe obediencia voluntaria e satisfação geral; no segundo, facil é ao olho do observador o distinguir uma submissão constrangida, descontentamento progressivo e universal inquietação.

Uma revolução notavel e recente nos offereceu exemplos d'estes dois casos, e bem sensiveis e claros, e que devem servir-nos de lição: cara e violenta foi ella; assim lhe colhamos algum fructo! Poderemos deixar de reconhecer com effeito no principio d'ella, uma explosão verdadeira do espirito publico, n'esse impulso universal que precipitava um povo inteiro, em tam diversas regiões, em tam vasta e separada immensidade, para os principios de discreta e razoada liberdade, para a distribuição de inveterados abusos que lh'a impeciam? E esse mesmo espirito não foi sensivelmente mudando, não veiu a manifestar-se depois em quasi opposto sentido, quando a publica esperança foi illudida, os desejos da nação baldados, e por fatal consequencia de erros constitutivos, de erros e faltas (não direi crimes) de administração, falhos todos os projectos de melhora e felicidade?

Pega-me a penna em objecto tam doloroso, sinto-me como o enfêrmo a quem uma tentação irresistivel leva naturalmente a mão para sôbre a chaga dorida, e é custoso empenho de medico e enfermeiro desvial-o d'esse ruim achaque. Tenhamos mais constancia, e deixemos á natureza, e aos salutares remedios de nosso presente curativo fazer seu effeito, incarnar devagar, sarar lenta, mas cicatrizar perfeitamente a ferida que tam mal encarou; mas que n'essa mesma *comichão* que já sentimos dá signaes de melhora.

Uma cousa muito essencial é bem distinguir o espirito de partido, do publico. Bem difficil seria esse empenho se o espirito de partido tam loucamente se não trahira pelos proprios esforços com que se retorce para illudir com sua fatal similhança. Póde ás vezes a inexperiencia enganar-se com os caracteres que elle sabe imitar com perfida hypocrisia; mas felizmente não se póde elle contrafazer bastante para copiar por muito tempo o seu modelo com rigorosa exacção;

cedo cae nos extravios em que não podem deixar de o precipitar as paixões, seu unico alimento; os olhos que tinha vendado, de presto se descerram; fica só e isolado na opinião, marcado para sempre com o ferrete de justa reprovação. Antes porém de chegar a este resultado inevitavel, não se póde negar que toma com muita destreza os geitos e côres de seu caracter emprestado. Ha todavia uma caracteristica essencial, que é matiz imperceptivel para a multidão, mas facil de discernir ao homem sensato e de boa fé, a qual jamais póde imitar bem, ou conservar, ao menos, tempo sufficiente para prolongar seus prestigios. E' esta, aquella moderação acompanhada de razão, que não só não enfraquece o espiriro publico, mas faz ao contrario patentear mais vantajosamente todas as suas outras qualidades; sendo ao mesmo tempo incompativel com o espirito de partido, que despropositadamente a taxa de duvidosa, a renega e rejeita por arriscada e ambigua. Examinemos dois individuos sustentando na mesma circumstancia, opiniões e principios diametralmente oppostos; não ha (dizem elles) em seu proceder senão o mesmo movel e causa. Mas um d'elles entra nas discussões sem azedume, conserva toda a phleugma da prudencia todo o sangue frio da convicção; se ás deliberações do governo dá a sua approvação imparcial, vê-se que como bom cidadão gosa d'esses mesmos elogios que faz á auctoridade, mas tambem se vê que os sabe suspender no ponto em que elles já não foram senão a expressão deshonrada e deshonradora da baixeza e da adulação; se alguma acção do governo merece censura, faz-lhe sim imparcialmente, mas da maneira que o faz um interessado pela salvação do estado, e não pela ruina das pessoas que o administram. Vêde o outro, quando censura ou quando louva: ou satyriza, insulta, e murmura atrabiliariamente, ou lisonjeia, incensa, adula servilmente; não segundo a acção foi boa ou má, util ou prejudical á causa pública, mas segundo a pessoa que a pratica, é ou não do seu partido,—cliente ou patrono seu —.

Quem não estremará no discorrer d'estes dois homens o espirito público do espirito de partido? quem não verá n'um, a expressão da opinião pública, n'outro, a da privada opinião dos interesses pessoaes?

Até aqui da opinião em geral, e do mais seguro meio de a conhecer. Falemos d'ella no que respeita á nossa materia d'eleições.

A opinião pública, a respeito de homens, é o maior ou menor interêsse que os cidadãos illustrados tomam por certos individuos mais notaveis d'entre elles.

Se este interesse nasce de um bom conceito, filho de acções distinctas, do saber, da virtude; a pessoa em quem recai, diz-se ter a opinião pública a seu favor. Se é excitado pelo rumor de acções indignas, pelo máo desempenho de funcções que exerceu, chama se a isso ter contra si a opinião.

Porém n'esta parte muito mais difficil é ainda o distinguir o espirito público do espirito de partido. E com tudo se pausadamente e de sangue frio examinarmos a expressão d'esse espirito, não é impossivel o estremal-o.

Tracta-se de eleições; um lembra certo homem. «Não (grita outro da companha) nada! é um *discolo*, é um malvado—ou é um exaltado, um impio». — Calumnia (brada o proponente) F... é o nosso homem, é quem nos ha de salvar: se não vai ás côrtes, estamos perdidos». E aqui trava disputa entre os dois, que raras vezes acaba sem seu insulto, menor ou maior, mais ou menos rebuçado, segundo a educação dos disputantes. Porém ha n'esta sociedade quem diz: «Senhores, eu não conheço esse sujeito, desejo comtudo votar em pessoa digna e habil: dê me alguns dados com que eu possa formar o meu conceito sobre elle».

— Essa é boa! um homem como temos muito poucos, um homem de mão cheia.

— Quero crer que assim é: mas apontemе factos. É homem de letras?

— Não senhor. — Negociante? Tambem não. — Magistrado? — Nada. — Lavrador? — Nada d'isso: é um homem bem conhecido em toda a Lisboa, que tem escripto muita carta para esses periodicos, e já em outro tempo foi o açoute do governo.—Basta, senhor, tenho entendido.»

Ora d'esta conversa fui eu testemunha, e eis aqui o que muita gente chama opinião pública! Cautella, meu amigo, cautella com a tal opinião. Quando de um homem se diz: «N... é um excellente pae, que se tem desvelado na educação de seus filhos, que é exacto cumpridor de suas obrigações, a quem se não aponta uma acção deshonrada, etc.»; quando sem *exageração* e sem *gritas* se diz isto de um homem, e a este dito ou não ha quem se opponha, ou quem se opponha de boa fé: que dúvida ha que tem elle a verdadeira opinião de honrado? Quando d'elle mesmo ou de outro se póde dizer: «É homem de saber, porque seus escriptos o provam, etc.» que dúvida ha que tem a opinião de homem de letras?

Porém, meu amigo, este objecto é immenso, e se a tractál-o dou todas as largas que sua vastidão está pedindo, nem espaço, nem tempo me sobrará para tantos outros que o estão reclamando.

Mas falámos já de opinião publica e dos meios de a conhecer, senão exacta, ao menos approximadamente. E' se pois forçosamente a havemos de consultar para a boa escolha de deputados, o que devemos nós buscar n'ella, ou *o que é necessario para ser bom deputado?*

Vejamos se lhe sei responder. Examinemos o que um deputado tem de fazer nas presentes circumstancias.

A constituição de Portugal dada e decretada por Carta da lei de 29 de abril de 1826, funda-se n'estas duas grandes bases:

A liberdade do Povo.
A auctoridade do Rei

D'estes dois pontos maximos e cardeaes se derivam os generosos e sublimes principios que em si contém; e que se podem reduzir a estes:

A impeccabilidade e inviolabilidade do monarcha;
A responsabilidade de seus ministros de todas as gerarchias;
A egualdade deante da lei.

Estes são os *principios* do nosso codigo politico: o resto de seu conteúdo são os *meios* para se fazerem effectivas suas consequencias. Porém d'estes *meios* que a constituição prescreve, uns carecem da devida explicação para se pôrem em pratica, outros de leis supplementares e de *regulamentos*, sem os quaes são inexequiveis. Eis-ahi o que *tem de fazer* o deputado.

É essencial consequencia, da egualdade deante da lei, a egual distribuição dos tributos. Essa é uma das attribuições das Côrtes (§ 8.º art. 15.º da const.), e uma das primeiras que devem preencher. De todos os vicios de nossa antiga administração, nenhum é mais absurdo que o methodo de arrecadação estabelecido; de todos os desmazellos e abusos de que estava inçada, nenhum mais escandaloso que os que n'esta se tinham introduzido e arraigado. Quasi todas as contribuições pesavam sobre o pobre, e não entrava com o rico, avéxavam as classes productoras, quero dizer, o lavrador, o manufactor, etc., e mal tocavam o que só era consumidor.

Isto é quanto á distribuição: que direi quanto á arrecadação propriamente dita?

Esta é a intrincada deveza, em que a mão do arrroteador tem obra longa, difficil, ardua.

Em muitos, em todos os Estados europeus ha abusos e grandes nas despezas publicas, na formação das listas civis; digam o que disserem os estrangeirados. Eu tambem corri essas terras, vi e sei o que por lá ha: mas arrecadação, e lançamento de impostos mais absurdo e escandaloso que em Portugal, não o ha n'este mundo sublunar, nem provavelmente haverá em nenhum dos mundos possiveis.

O amortizamento da divida publica, o exacto pagamento de seus juros é outro cuidado das côrtes; e tal é o estado d'esse ramo, que demanda incessante remedio; sendo uma, das muitas especies que este genero immenso comprehende, a destruição dos abusos que na salutar instituição do Banco se tem introduzido; fazendo-a, mais vantagem de poucos, do que utilidade do todo.

Outra maxima e importante tarefa do corpo legislativo é a lei de responsabilidade dos empregados, exigida pelo art. 108.º e 145.º da Const. Esta lei essencial a todo o governo representativo, e sem a qual, nem as garantias do cidadão são mais do que palavras ôccas e vans, nem a dignidade e santidade da pessoa do Rei toma seu verdadeiro caracter: é, como já disse, um dos pontos cardeaes da constituição. Necessario é que o deputado se possua bem da sua indispensabilidade, que bem se identifique com suas razões e consequencias, e que devidamente a gradue desde o secretatio d'Estado até á derradeira auctoridade subalterna: tendo em vista este grande axioma - *que raras vezes o superior prevarica se no subalterno não encontra a necessaria condescendencia para o ajudar*. E essa fatal condescendencia não achará elle, se uma lei sábia e providente regular bem a responsabilidade dos publicos funccionarios.

Cumpre tambem que estejamos todos,— que estejam particularmente convencidos os deputados, — a quem a lei incumbe a vigilancia na guarda da constituição, de que *antes mesmo da feitura d'essa lei*, a responsabilidade dos funccionarios publicos está já em vigor, pelas formaes e positivas palavras da Carta; e que ao menos *para este caso* não haverá a banal desculpa de que *faltam as leis regulamentares*, ou outra ainda peior, e que é absurda,—de que ha leis que se oppõem á lei fundamental; coarctada ridicula e fatal, e que todavia já vimos dar em tempos *ditos constitucionaes!*

Mas a egualdade deante da lei é o terceiro ponto capital da constituição, e para sua effectividade é essencialmente necessaria. Nem pretendo, nem quero, nem é util, antes funestissimo e injusto, atacar classes: vou ás causas, e das causas vem o erro: os homens são o que as leis os fazem. Com boas leis o magistrado nem póde prevaricar, e se o faz, fal-o *uma vez*, mas não repetirá a prevaricação porque a lei o privará do encargo de que abusou.

Os juizes devem ser poucos, bem pagos,

independentes, e sobretudo *só juizes*. Quero dizer que a cumulação da auctoridade administrativa, e particularmente da fiscal na mesma pessoa que exerce a judiciaria, é a maior monstruosidade do nosso antigo regimen.

O magistrado que deve ser tam sancto como a lei, em nada deve depender do governo; e o governo que deve ser tam activo e vigilante como ella, tambem não deve de maneira alguma estar ligado para a remoção, nomeação e fiscalisação de seus delegados, especialmente nas provincias, onde, por falta d'isso, a acção do governo é hoje tam frouxa, se não é que tantas vezes nulla.

Em summa, é necessario que os juizes de fóra, os corregedores não sejam lançadores e arrecadadores de tributos, delegados de policia, auctoridades municipaes, etc.; mas que para este ramo, que é distincto e tam distincto, antes tam alheio do officio de julgar, haja auctoridades especiaes, homens abonados, intelligentes e dependentes do governo, que só d'elle recebam acção, vida, ser e auctoridade. E pelo contrario para julgar é necessario que haja homens inteiramente exemptos da influencia ministerial, que não conheçam senão a lei, que não temam senão a ella, alheios a todas as paixões, estranhos a todos os interesses. Emquanto estas duas auctoridades estiverem cumuladas, façam os melhoramentos que quizerem, decretem as proprias leis de Platão, ponham em seus logares todos os homens de Plutarcho, nada fazem, nada reformam, nada melhoram e nada conseguem.

Sobre os jurados muito quizera eu dizer, muito tinha eu que dizer; mas deixo isso para especial tratado, que a seu tempo lhe enviarei. Por ora a respeito d'elles e dos juizes de direito contento-me em tocar um ponto essencial e que involve os primarios interesses da sociedade; e é:

Será necessario esperar pelos novos codigos para melhorar a administração da justiça e reformar os abusos do fôro? Ou por outra: com a nossa actual legislação poder-se-ha julgar desde já por jurados em certos casos; poder-se-ha, nos que o não forem, dar publicidade ás causas, evitar as prevaricações dos magistrados, diminuir a chicana dos advogados e procuradores?

Digo que sim; com a nossa actual legislação, mesmo assim imperfeita e confusa, se póde desde já melhorar a justiça. Não digo que fazel-o perfeitamente; mas melhorál-a muito e muito, sim póde. E deve-se: pois se houvermos de esperar pelos codigos, temos que esperar; e se só para então hemos de ver a reforma da justiça, quasi nulla será até então a constituição — a liberdade um nome, e os melhoramentos palavras.

As Côrtes podem desde logo fazer examinar por uma commissão de homens habeis a legislação do processo civil e crime; ver aquillo em que ella se não compadece com a publicidade do fôro, as emendas necessarias para isso; e por uma lei provisoria pôr logo em vigor e força esta grande e essencial condição de um governo legitimo e representativo. E não me argumentem com o estado embaraçado da legislação, com as difficuldades da immensidão, da variedade, da contraposição das leis: por muito máo que esteja o nosso codigo actual e seus supplementos, por immensa e indigesta que seja a molle de nossa legislação, nem póde ser egual, nem peior que a de Inglaterra, onde tudo é publico, onde todas as causas crimes se decidem por jurados, e onde todavia as leis, sobre tudo as civeis, e particularmente as commerciaes, quasi todas são consuetudinarias, de estylo, arestos e julgados.

Mas todos estes bens eram nullos, todos os principios e effeitos da constituição incertos, se não désse ella um *meio*, que é o mais efficaz, e a garantia mais segura de todas suas magnificas promessas: — a liberdade da imprensa. Responsabilidade dos funccionarios, egualdade da lei, independencia de magistrados, tudo seriam chimeras, se aos cidadãos faltasse este grande recurso.

Comtudo, assim como os governantes devem ser responsaveis pelo abuso de suas obrigações, assim tambem os governados pelo abuso de seus direitos.

Este artigo da constituição é na verdade impraticavel sem uma lei regulamentar: e ésta garantia salutar será com effeito funestissima sem um severo, prudente e sensato regimento.

Seja essa lei de ferro para os perturbadores da ordem, de sangue para os calumniadores, terrivel para a immoralidade, mas franca e protectora para a livre reprehensão dos vicios, dos abusos, dos crimes, para a communicação das luzes, etc.

Oh meu amigo, tremo quando considero na difficuldade, na delicadeza de tal lei; na prudencia, no saber, na boa-fé, na moderação que é necessaria a um homem para bem legislar em tal ponto!

E tudo isto devem fazer os deputados, e fazêl-o já e logo. Se o demoram, se espaçam, se perdem o tempo em discussões vagas, ou de menor importancia, mal estamos. O povo não sentirá os bens da constituição. E se depois de dois ou tres annos o povo ainda pergunta *o que é a constituição?*—ai da constituição e do povo!

Ora, eis-aqui, meu amigo, o que *tem de fazer* um deputado. Muito mais tem de fazer; leis que protejam o commercio, que o des-

entravem e libertem; reforma de estudos e educação pública; regulamentos que dêem uma fórma respeitavel e ponham na ordem e attitude que devem ter a segunda e terceira linha do exercito, etc., etc.; mas isto é o urgente, o que já e logo devem fazer.

E á vista d'isto o que é necessario para ser bom deputado?

Agora já a resposta é mais facil.

Amor desinteressado da causa pública.

Amor de liberdade legal, prudente e moderada, mas não timida nem cobarde (que a prudencia não é cobardia).

Religião, mas sem fanatismo: intelligencia, mas sôbre tudo das nossas cousas, e não só de estrangeirices e modernices affectadas.

Lettras mas sem *tretas;* saber bem e util, sem francezias, sem casquilhices de sciencia pedante: saber provado por escriptos, por desempenho de funcções, e não pelo dito de meia duzia de amigos que exclamam na sua roda: *forte homem!*

Honra, probidade e inteireza de caracter sôbre tudo: que sem ella nem patriotismo, nem amor de liberdade, nem Religião, nem sciencia verdadeira póde haver, nem ha.

Portanto, sem éstas qualidades de *élegibilidade*, claro é, quaes devem ser as de *regeição*.

Nada de homens que mudam com as circumstancias.

Nada de exaltados em materia nenhuma: estamos em um systema conciliador, prudente: estamos para curar enfermidades chronicas, e não doenças agudas. Se veem medicos empyricos, matam-nos o doente: mandem gente séria e arrazoada e verão se sara ou não.

Nem ignorantes, nem sabichões que só sabem dos seus livros: mal por mal, antes aquelles que estes.

Militares poucos; negociantes alguns, mas de conhecido crédito e honra; magistrados os que não tiverem feito *casa* nos logares, e estiverem mal com os procuradores; empregados em geral os que não *commerciarem* em seus empregos; ecclesiasticos os prudentes e exemplares; lavradores abastados; fabricantes; em fim productores de toda a especie.

O resto, nada.

O homem que não tem profissão, nem exerce emprego, nada: são membros inuteis do estado, não devem entrar na governação d'elle.

Marcou a lei 400$000 réis de renda para podêr ser eleito deputado; mas é necessario ter presente que esse termo é o minimo, e que em eguaes circumstancias o homem mais rico deve ser preferido, porque é mais independente; e quando essa qualidade se junta a outras, dá-lhe realce e valia maior. Entenda-se porém isto bem—em eguaes circumstancias,—sendo tudo ò mais bom, tam bom como os outros; porque havendo a minima inferioridade, antes mil vezes o pobre sabio, prudente, honrado, que o rico ignorante ou máo.

Nada de *affidalgados*, d'esta gente que se envergonha da classe em que nasceu, e quer ser nobre por força: respeite-se o sangue dos filhos e descendentes dos heroes, dos benemeritos da patria, especialmente quando o merecerem e não degenerarem; mas despreze-se altamente, seja coberto da irrisão publica o peão enfronhado em fidalgote, sempre miseravel sevandija e soberbo ridiculo. D'estes, infinito é o numero, por nossa desgraça; e na nossa provincia (o Minho) parece-me que mais abundante que em nenhuma do reino.

Deus nos livre d'elles; que não vão para lá decretar *excellencias* e discutir de *senhorias*.

Adeus, meu amigo, estou cançado de escrever: a carta sahiu longa, e acaso a achará enfadonha; mas nem pude ser mais breve, nem escrevêl-a melhor. Creio porém que se as nossas eleições forem por este geito, não sahirão mal d'esta vez.

Mas haja bons eleitores, que eu respondo pelos deputados. E a este respeito importantissimo é advertir que o numero dos eleitores de provincia é pouco maior que o dos deputados que a provincia tem de dar, que não é provavel que esses eleitores vão buscar os deputados fóra do seu gremio. Portanto quem vota para eleitor deve lembrar-se que está votando para deputado.

Cautella com as caballas dos inimigos da causa e do Rei, com as intrigas dos falsos liberaes; vigilancia e discernimento; e tudo irá bem.

Deus o auxilie e illustre, e a todos nós, que bem o havemos mister.

Quanto a mim, que n'este caso tenho em geral o interesse e empenho que V. sabe, e todos os poucos que me conhecem, particularmente o tomo na escolha que vai fazer a nossa honrada e heroica cidade, onde me glorio de haver nascido.

Deus guarde V. muitos annos. Lisboa, 9 de septembro de 1826.—De V.—, criado e amigo.—N.

FUNDAÇÃO DE UM DIARIO POLITICO

Serenissima Senhora—Dizem os interessados na sociedade mercantil que se formou para o estabelecimento de um diario politico, litterario e scientifico, a que se deu o nome de *Portuguez* pela rasão de se haverem compromettido os interessados a não consentir que n'este jornal se admittissem outros principios senão os verdadeiros, legitimos e portuguezes, de lealdade ao Rei, fidelidade á sua causa e obediencia a suas leis, que havendo confiado a redacção d'este periodico a pessoas que tinham todos os creditos de luzes e prudencia necessaria, e tendo se pela boa administração feito progredir esta empreza, succede agora que por motivos ignorados dos supplicantes repentinamente se viram privados do censor privativo que V. A. lhes havia concedido e sem o qual é impossivel que possa continuar a publicação do jornal, por quanto a commissão geral da censura rara vez se reune, e quando por acaso o faz é a horas incompativeis com a expedição que demanda uma folha de tanta materia, que deve sair cedo, e que se distribue para mais de duas mil pessoas, tanto na capital como nas provincias. Os supplicantes viramse ao mesmo tempo e subitamente privados do trabalho e cooperação dos redactores que tinham acreditado este diario e o haviam levado ao ponto a que ainda não chegou jornal nenhum em Portugal, por se haver geralmente divulgado que iam ser perseguidos por suas opiniões, e que se permanecessem na redacção d'elle, seriam, quando menos, arrancados a suas familias e desterrados para fóra do reino. Os supplicantes estão para si persuadidos da falsidade d'este rumor porque não descobrem motivo para tal perseguição nem podem capacitar-se que assim fosse calcada e ultrajada a Carta Constitucional sob a maternal regencia de V. A.; mas não foi possivel desvanecer o terror das pessoas que (os supplicantes julgam poder asseverál-o) tantos serviços teem prestado á santa causa d'El-Rei e do povo na redacção d'este jornal, sustentando as opiniões moderadas, não servindo a partidos, fossem quaes fossem, não censurando nunca senão *factos provados e positivos*. Elles insistiram que mui bem sabiam que a perseguição estava eminente e abandonaram a empreza.—Com muita difficuldade poderam os supplicantes achar outras pessoas que quizessem incumbir-se da redacção d'esta folha, e com grande detrimento de seus interesses porque o terror geral (bem que infundado, e originado de certo dos falsos boatos que espalham os inimigos da ordem e socego publico) tem desanimado a todos, e só á custa de grandes sacrificios da parte dos interessados poderam conseguir elles que alguem se incumbisse de redigir este periodico.

Mas, Serenissima Senhora, com a commissão de censura é impossivel absolutamente continuar; os supplicantes estão compromettidos com uma quantidade immensa de subscriptores, tem adeantado e empregado avultadas sommas no estabelecimento de uma officina typographica, em empregos de papel e outras coisas que andam para cima de 30 ou 40 contos de réis: o numero das pessoas interessadas empregadas n'este estabelecimento e que d'elle tiram a sua subsistencia sobe a cima de cem, e todos se acham na maior consternação. Os supplicantes não pedem a V. A. senão justiça e equidade; elles não pedem mais franca ou menos franca censura, pedem uma censura regular. A Carta estabelece a liberdade da imprensa: este é um direito dos portuguezes, e emquanto se não pratica este direito, e elle está suspenso mas não perdido, a censura prévia deve ser prompta e cumprir com as ordens que V. A. sábiamente lhe deu, e providentemente modificou quanto a este diario e depois a outras publicações do mesmo periodo. Portanto humildemente rogam e — P. a V. A. haja por bem, ou mandar nomear um censor privativo segundo a equidade e a razão exigem e a alta munificencia de V. A. concedeu já; mas sendo por qualquer motivo, que os supplicantes não pódem imaginar, necessario que esta empreza se acabe, elles estão promptos a fazer o sacrificio de seus interesses, fadiga e dinheiro, uma vez que assim o exija o interes-

se do estado. — E. R. M. — Como procuradores, *F.* e *F.* [1]

Ex.mo e Rev.mo Snr. — Confiados na justiça de V. Ex.ª não procuramos patrocinio nem empenho algum para apresentar a V. Ex.ª o requerimento junto que pelo ministerio de V. Ex.ª dirigimos.

A justiça da nossa pretensão é tam patente que inteiramente a entregamos á ponderação de V. Ex.ª — Os máos effeitos que póde produzir na opinião agitada a suppressão de uma folha que sempre professou as opiniões mais moderadas podem muito bem ser calculados, e já em parte tem começado a manifestar-se. Nós, Ex.mo Snr., não queremos senão lavar as mãos de todo o mal que se póde originar, e rogamos a V. Ex.ª mui respeitosamente queira dar um momento de reflectida attenção a um negocio que não é de tão pequena importancia como parece:

Por vivamente interessados na honra do governo que nos rege, e mui respeitadores e admiradores de V. Ex.ª, tomámos esta liberdade que a sua bondade desculpará, e nossas boas intenções justificam. — Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa... de abril de 1827. — Ex.mo e Rev.mo Snr. ... (não poz nome) — De V. Ex.ª Humildes creados — *F.* e *F.* [1]

[1] Inedito, annexo á copia do processo do *Portuguez*, existente entre os papeis de Garrett. Este requerimento foi entregue ao ministro do reino, bispo de Vizeu, com o documento que segue.

Ex.mo e Rev.mo Snr. — Os interessados na empreza formada para a redacção do *Portuguez* teem a honra de representar a V. Ex.ª em consequencia da Regia Portaria de 12 do corrente Abril que elles estimariam mais que a designação do censor especial que S. A. Ha por bem conceder-lhes fosse absolutamente feita pelo Governo; mas obedecendo ao que lhes incumbe a dita Regia Portaria lembram a V. Ex.ª que qualquer dos dois censores Regios o Snr. N. e o Snr. N. poderiam talvez sem inconveniente exercer este emprego; e — P. a V. Ex.ª Rev.ma se digne mandar fazer effectiva a nomeação de um ou outro, sendo possivel hoje mesmo, para a expedição do numero de amanhã. — E. R. M. [2]

[1] Inedito, annexo ao processo do *Portuguez*.
[2] Autographos ineditos de Garrett.

PORTUGAL NA BALANÇA DA EUROPA

DO QUE TEM SIDO E DO QUE ORA LHE CONVÉM SER NA NOVA ORDEM DE COISAS DO MUNDO CIVILISADO

Á NAÇÃO PORTUGUEZA

> Quando pois, ó varões athenienses, quando o que vos cumpre haveis de fazer? Quando alguma coisa acontecer? Quando a desgraça vier? E do presente estado de coisas qual deve ser vossa opinião? Eu por mim julgo que para homens livres não ha maior desgraça do que a deshonra que de seus feitos lhe vem. Querereis continuar a andar como vadios pelas praças perguntando uns aos outros: «O que ha de novo?» — E que maior novidade pode haver do que subjugar o Macedonio os Athenienses, e estar dando leis á Grecia? — «Já morreria Philippe?» *(pergunta um)* — «Não *(responde outro)* mas está doente » — Que vos importa a vós isso? Pois, se algum mal lhe acontecer a elle, cedo vos fareis vós mesmos *outro Philippe*, se *d'este modo* cuidaes das coisas; pois nem aquelle, tanto por suas forças cresceu, quanto pela nossa negligencia.
>
> Demosthen., *Philipp. A.*

Quero dirigir e encommendar á minha nação um livro que de puro amor seu foi escripto, para seu desengano e illustração é publicado; e tomei por thema das poucas linhas que para este fim ouso enviar-lhe, as memorandas e eloquentes palavras do maior orador dos antigos tempos, do mais famoso campeão da liberdade, que na tribuna de Athenas fulminava seus terriveis inimigos, e a seus tibios e frouxos amigos com egual poder e energia estimulava.

Nem que hoje e por algum ardente orador portuguez fossem escriptas, estas palavras de Demosthenes seriam mais proprias de nosso estado e calamidades, — da vergonhosa indifferença em que, por desmoralisados e corruptos, os Portuguezes cahiram e não ousam levantar-se.

É sem duvida a servidão o mais insupportavel dos males e o mais abominavel dos flagicios: como nascidos que somos para a liberdade, nossa propria natureza a ella repugna; a existencia se nos torna indifferente, e a morte que a termina lhe deve ser preferivel. Sentença foi esta de outro grande orador da liberdade, Cicero. [1]

E este sentimento era tam profundamente gravado no coração dos Romanos, [1] que ainda depois de extincta a republica se professavam taes principios: os quaes, se a corrupção lhes quebrava toda a efficacia e valor, todavia existiam, e eram, quando menos, veneraveis reliquias do antigo caracter nacional.

D'essa fatal corrupção das sociedades nasce o maior inimigo da liberdade, o indifferentismo. Quando uma nação pervertida e podre chega a cahir n'este estado paralytico, nem ha que esperar para a liberdade nem que receiar para o despotismo... Mas a Providencia que rege este universo, e que para sua eterna ordem equilibrou em todas as partes d'elle os males com os bens, para que, sendo diversas suas relações, resultasse o bem geral da divisão e repartição de uns e outros, — a Providencia permitte que quando n'esse apathico estado lentamente agonisa um povo, appareça, para d'elle o tirar, um agente poderoso que lhe sirva de castigo e de remedio, um tyranno cruel e sanguinario, que é para essa enfermidade moral como os estimulantes fortes para a molestia do physico abatimento.

Esse beneficio da Providencia foi para ti não duvides, ó Nação Portugueza, o flagello da ira de Deus que ha dous annos te consomme: foi D. Miguel que te veiu castigar

[1] Mors servitute anteponenda est: qua nihil est faedius aut miserius: cum ad decus et libertatem nati sumus: quam aut tenere, aut cum libertate mori debemus.

Cicer., *Philipp III.*

Servitus postremum malorum omnium, non modo bello, sed morte etiam repellendum.

Cicer., *Philipp. II.*

[1] Quem Jupiter odit, servum hunc primum facit.

Plaut., *Amphitr.*

de tua criminosa indifferença e cedo te restituirá ao estado de vigor e energia que só póde comportar o alimento são, sólido e nutriente da liberdade.

Mas tomae tento que, extincto esse, vos não creeis vós mesmos outro Miguel. Como o Philippe dos Athenienses, tambem esse não cresceu tanto por *suas proprias forças* quanto pela nossa *negligencia*.

Não vos queixeis da fortuna; que ella muito nos tem favorecido; e mais ella de nós, do que nós de nós proprios temos cuidado. [1]

Ponde os olhos no povo francez, no grande-povo, no povo modelo dos outros povos, e vereis quanto póde a só, desajudada e desarmada força de uma nação que ousa querer, e fortemente sabe querer ser livre. Imitae-a n'essa deliberada e resoluta vontade; imitae-a em seu valor na peleja, em sua constancia quando vencida, na moderação quando vencedora.

Em dous grandes escolhos se perde a liberdade; na tibieza com que se defende, ou na demasia com que d'ella se gosa: evitemos um e outro.

Somos poucos e pequenos; mas nem só para as grandes nações creou Deus a liberdade: antes, mais facil vemos em toda a historia manter-se ella nos menores do que nos maiores Estados.

Expulsareis o abjecto tyranno que ainda é maior nodoa de vossa honra do que flagello de vossa existencia. Expulsal-o-heis: mas outra vez vos repito as palavras de Demosthenes, gravae-as no coração, trazei-as presentes sempre na memoria: — «*Cedo vos fareis vós mesmos outro Philippe se, como até aqui hareis feito, continuardes a cuidar assim de vossas coisas.* [1]

PROLOGO

O ensaio que hoje dou ao publico é obra de longo trabalho, e que desde os fins de 1825 se começou a escrever. Nem por isso é mais perfeita, porque a espaços foi interrompida, muitas vezes abandonada, muitas alterado o plano, outras muitas emfim continuada sem nexo, com reflexões soltas, a miudo incompletas.

De seu começo não foi destinada a ver luz d'imprensa; era um Memorandum politico para conservar no papel o que á memoria ou reflexão acudia, e só para uso ou lembrança do auctor se ia escrevendo. Nos primeiros mezes de 1826, rogado de um meu muito particular e excellente amigo, cujo nome tanto me peza não estampar aqui para credito de obra e satisfação do auctor, — dei para se inserir em uma publicação portugueza que então se fazia em Londres, parte de meu trabalho — o que na presente edição constitue a primeira secção d'elle. [2] Em dous jornaes que de 1826 a 27 se publicaram em Lisboa, O *Portuguez* e O *Chronista*, os quaes muito me glorio de haver fundado, e depois em maxima parte sustentado e dirigido, inserí acaso algumas folhas do meu Memorandum, o menos desfiguradas e descompostas que a fradesca tesoira da censura as deixou. Mais algumas se estamparam depois interpoladamente em outras composições periodicas que em Londres sahiam ha dous annos.

As circumstancias do tempo em que estes extractos de meu Memorandum viram luz publica, as fizeram muita vez apparecer transmudadas do que originalmente eram e se escreviam. Mas ver se-ha quanto sahiu certo quasi tudo o que ahi se dizia, não porque o auctor fosse propheta ou presuma sel-o, mas porque se deu o trabalho de examinar as coisas e conhecer as pessoas, e com a mestra historia na mão, calculou a possibilidade das consequencias.

O fim que ora me proponho em publicar este quadro de factos e observações é pôr bem presente na memoria dos Portuguezes as causas e os effeitos de nossos erros e desgraças, para que no futuro se emendem uns, e se evitem as outras.

Diz-se, — e diz-se por calumniosos inimigos, assim como por loucos amigos — que a nação portugueza não está preparada para a liberdade. Qual é o homem ou o povo que não esteja preparado para o natural estado do homem social e da sociedade? — Mas o governo representativo sem o qual, no presente modo de ser das nações, a liberdade fôra castigo e flagello, que não benção e gôso, — o governo representativo accrescentam, requer educação propria e especial, exige illustração no povo; e nem todos os povos estão n'esse ponto; portanto nem to-

[1] Demosth., *Philipp.* A.

[2] Foi com pouca differença publicado em um numero do *Popular* de 1826.

[1] Demosth., *ibid.*

dos preparados para receber instituições livres. [1]

O argumento é specioso, e como tal a muitos seduz: mas a razão a destroe, e a experiencia o desmente. Quem assim argumenta parece suppor um tempo, uma epoca prévia ao estabelecimento do governo representativo, durante a qual o povo se estivesse educando para elle. Ora n'esse tracto de tempo algum havia ser o governo que esse povo regesse: e claro está que não podia ser o liberal. Era então debaixo do despotismo que o povo se estaria educando para a liberdade? E certo, a verificar-se tal hypothese, seria esse o melhor methodo de consolidar a liberdade das nações, de formar os costumes, de arraigar os habitos constitucionaes. A historia nos deixou um grande exemplo em Lycurgo; e alguns politicos nos querem fazer acreditar que o actual rei de Prussia renova em Berlim o exemplo de Lacedemonia. Ainda porém admittindo este ultimo, quantos ha d'esses exemplos? Em regra, uma nação que recobra a liberdade, por seu proprio impulso, esforço e vontade o faz: que lhe resta para essa preparação tam falada? Os habitos constitucionaes; esses só praticando, se adquirem: quanto ao mais, pelo facto de procurar, desejar e proclamar a liberdade, para ella ficou preparada, e mostrou que a merecia.

Quem preparou Roma para a liberdade? Quem educou para a republica esses lavradores-soldados que só entendiam da charrua e da espada? Qual era a illustração de Fabricio e Cincinnato?

Mas, dizem, esses exemplos nada valem; nós somos gente mui diversa; é erro argumentar para as nações modernas com

Gregos, Romãos e toda a outra gente. [2]

—Supponhamos, demos isso de barato, já que assim o querem, e fôra longo, não difficil, mostrar o contrario. Perguntarei: que tal era a instrucção dos Lombardos, dos Florentinos, dos Pisanos, de todos esses povos que nos seculos de barbaridade e profunda ignorancia, emquanto o papa dava e tirava coroas, a inquisição e S. Domingos assavam herejes e frigiam schismaticos, estabeleceram essas republicas d'Italia, d'onde depois e *fomentadas pela liberdade*, reviveram as artes e as sciencias, nasceu o commercio moderno, [1] que illustraram, enriqueceram, *educaram* o resto da Europa?

Que lettrado era Guilherme Tell, e que illustração achou elle nos Suissos? Os Hollandezes quando formaram sua federação, os Suecos quando organisaram sua antiga constituição, os Inglezes quando expulsaram a primeira vez os Stuarts, tam illustrados, tam *preparados* estavam?

De proposito falei primeiro em geral, para descahir depois no particular do meu presuposto, que é responder ás injustas arguições que a Portuguezes e Hespanhoes se teem feito, de que não estavam *preparados* para o systema que em 1812 e 1820 adoptaram.

Nem citarei as discussões das assembléas legislativas, nem nenhuma de tantas provas que á mão véem, e que exuberantemente mostram o estado de illustração da classe média, unica influente, no actual estado dos povos do Occidente europeu. Respondo unicamente com os principios que do começo deixo postos. Quando fôr preciso destruil-os, haverá só então mister de outra resposta.

E aos que argumentarem ex-post facto: «Se tam preparada estava a Peninsula, se nem de preparação se precisa para estabelecer a liberdade, porque se não manteve ella?»—Pela mesma razão que entre tantos povos que já gosaram a liberdade e de suas bençãos, hoje impera o despotismo. Essa é a sorte da humanidade, luctar incessantemente entre a tyrannia e a liberdade, succumbir aqui, erguer-se acolá: hoje triumpha na Grecia, amanhã cede em Roma. Desde que a historia ou tradição nos conservaram memorias do mundo, não vemos outra coisa por toda a terra. E da liberdade dos povos podemos dizer o que dos costumes escrevia Seneca [2] a Lucilio: «que nunca houve tempo algum em que só fossem bons ou só maus, mas que se podiam comparar ás aguas do mar, que ora cavadas em ondas de tempestade, ora murmurando em bonança, mas sempre agitadas, porque é o *movimento* natureza e qualidade sua.» Assim o espirito de

[1] Algumas vezes se desenvolveu e combateu esta mesma idéa no citado jornal *O Portuguez*: muitas desfigurou a censura o que se escrevia, e muitas outras o supprimiu inteiramente

[2] FERREIRA.

[1] O systema cambial, que é a alma e nervo do commercio moderno, e sem o qual elle se reduziria a mui limitado circulo, foi, segundo a opinião dos melhores auctores, inventado pelos cidadãos das republicas italianas da meia edade. V. Augusto Schieb, auctor moderno allemão nas suas *Die Lehre der Weshselbriefe*. Esta é realmente a opinião que mais fundadas bases apresenta. Os que se arrimam a duas passagens de Cicero a Attico para suppor as lettras-de-cambio já em uso entre Gregos e Romanos, pouco teem que dar por suas razões. Mais valente é o parecer de Savary, Montesquieu, Raynal, Arnold, etc., que attribuem a invenção d'ellas aos Judeus expulsos de França em 640, 1181 e 1316 nos reinados de Dagoberto, Philippe-Augusto e Philippe-Longo; e todavia não offerece tanta probabilidade como aquell'outra opinião.

[2] SENECA., *De instuti. ad Lucil.*

liberdade ora mais violento e geral, ora mais socegado e parcial, mas sempre constante em movimento, lucta contra a tyrannia, porque essa é a natureza sua, a do homem, e a da sociedade para a qual creou Deus o homem.

Vinde do Egypto á Grecia, que é o mais longe d'onde memoria d'homem póde vir, d'ahi a Roma, a Carthago, ás Hespanhas: que vêdes senão lucta de liberdade e despotismo? Cai o imperio romano; segue-se a edade média: desde Veneza até Florença continua a ininterrompida serie de pelejas. Civilisa-se mais a Europa; e eis ahi as Hespanhas, a Hungria, a Suecia, a Inglaterra, a Polonia, a America, a França,— outra vez a Italia, a Hespanha, ultimamente e de novo, ambas as Peninsulas, a Grecia, o Brazil e toda a America meridional, ao cabo a propria Russia clamando por liberdade; emfim a liberdade reconquistada em França, e d'ahi promettendo alagar o mundo. N'uma epocha vencida, na outra vencedora,—ora mais scintillante, ora mais amortecida, mas sempre viva, e n'essa ou n'esta porção da terra faiscando a chamma da liberdade, — continua sempre e sem intersticios a guerra dos opprimidos e oppressores.

N'este *quadro* pois tentei mostrar sensivelmente tam importante verdade, e abrir os olhos portuguezes ao desengano, que até aqui parece que para elles não fôra feito. Tenho que em nenhuma occasião foi mais necessario.

Ou muito me cegam bons desejos, ou alguma utilidade se colherá da leitura d'um escripto em que não ha senão verdade e lizura, sem espirito de seita em opiniões de *coisas*,— ou de partido em juizos de *pessoas.* O leitor imparcial observará que eu só julgo de acções conhecidas, que só aprovo ou reprovo factos: mal ou bem aparada, a minha penna é minha só e do publico; sempre o foi, sel-o-ha sempre: a controversia pessoal ha mister pennas compradas, ou cortadas pela vingança e repassadas no fel de privados odios.

Eu perseguido, por meus inalteraveis principios, quasi desde que me conheço *até agora*, – em carceres e desterros ha oito annos, amargurado na flor da edade por injurias e dissabores que tam precoce a desbotaram, e tam curta duração lhe promettem,— eu cuido que não dou pequeno documento de imparcialidade e abnegação propria — em me abster de toda a vingança, para a qual n'estas paginas tinha amplo logar e opportuna occasião.

PORTUGAL NA BALANÇA DA EUROPA

Nec diu potest quæ multorum malo exercetur stare potentia.

Q. CURT.

INTRODUCÇÃO

Somos chegados a uma crise da Europa, de todo o mundo civilisado; — crise que ha tantos annos se prepara, que tantos symptomas annunciavam proxima; cujos resultados desfarão todos os falsos e forçados antigos equilibrios politicos, e os estabelecerão novos e regulares.

No centro da civilisação do mundo, na illustrada e experimentada França veiu rapida essa crise, pouco perigosa, e quasi por terminada se póde dar.

Porém a victoria da civilisação sôbre os abusos gothicos—do povo sôbre a oligarchia—que para a grande nação franceza foi tam prompta, tam facil de alcançar, tam generosa depois de obtida - não hade nem póde conseguir-se egual em todos os paizes onde já começou ou vai começar a lucta.

Pouco sangue e menos lagrymas, quasi nenhuma dissensão civica custou a reconquista da liberdade aos vencedores de Jemmappes e Marengo. Nós que vamos entrar na lice, nós os outros povos da terra, que havemos, que não podêmos deixar de seguir aquelle grande impulso, difficilmente, erradamente esperariamos tam faceis triumphos. Cumpre-nos, ao contrário, não nos illudir com apparencias, não nos cegar com facilidades. Temos estorvos grandes que remover, obstaculos immensos que superar, grandes e perplexas e quasi inextricaveis difficuldades que deslindar e desembaraçar. Não tremamos deante d'ellas, não recuemos de covardes:—ávante, que já não é decente, nem honrado, nem possivel recuar: ávante—mas não invistamos em carreiras de cego;—arquemos com o inimigo, mas de olhos abertos, de peito a peito. Venceremos, mas não sem trabalho. Havemos de triumphar, mas não sem muito sacrificio.

O grande impulso da França vai comunicar-se electricamente, não a todos os povos opprimidos - inda mal! não a todos - mas a quantos já abriram os olhos para conhecer a magnitude de sua oppressão e a insignificancia de seus oppressores. Muitos são aquelles. Tambem já não são poucos estes: a civilisação cresce a olhos vistos, e os vai augmentando de dia a dia—quasi de hora a hora. Um dos pontos do mundo civilisado que primeiro ha de sentir o impulso, que primeiro o hade reverberar, repercutir e continuar—quem não vê que será a peninsula hispanica? Todos os povos o conhecem; e seus olhos se estendem com anxiedade e esperança para os Pyreneos e para o Tejo. Todos os oligarchas o sabem; e uns já preparam exercitos, (impotentes!) outros (e mais acertados vão) ja armam astucias e enganos para prevenir, ou abafar, ou pelo menos desvairar e tornar inutil esse que elles conhecem hade ser forçoso e inevitavel movimento.

Hespanha e Portugal vão entrar na lice: ninguem o questiona ou duvída. Quando? Hade ser breve. Como? Aqui vai o grande ponto, este é objecto do terror e das esperanças de meio universo.

Se bem entrarmos em batalha, se bem combatermos, o triumpho é certo, infallivel. Se soubermos usar da victoria, teremos longa, feliz e duradoura paz.—Mas se errarmos em uma ou outra coisa, se nos deixarmos seduzir da perfidia estrangeira, atraiçoar da malevolencia doméstica: se nos entregarmos cegos á covardia e inepcia de chefes indignos e deshonrados, se a oligarchia disfarçada vier trajando as roupas da liberdade e nos levar ao degolladouro ignominioso em vez de nos conduzir á peleja e á victoria;—se por outro lado a demagogia desassisada e interesseira (que sempre o é) nos desvairar com seuu phantasmas, e nos arrojar alêm dos limites do possivel e do necessario, podêmos perder a maior parte, talvez tudo o que a justiça de nossa causa,

e a opportunidade das circumstancias, tanto nos promette.

Em tal crise é dever de todo o bom cidadão, de todo o homem verdadeiro amigo de sua patria junctar quanto cabedal de luzes lhe deu Deus, quanto ganhou em estudo e experiencia, e accender seu pequeno pharol para o grande luminar da instrucção do povo.

O povo hade erguer o braço; não o duvidemos; hade pelejar, e hade vencer. Façamos quanto em nós está para que bem o erga, bem peleje, bem vença, e bem saiba usar da victoria.

SECÇÃO PRIMEIRA

Balança da Europa. — O que era Portugal na antiga balança da Europa. — Desequilibrada essa antiga balança pelo actual movimento da civilisação, o que deve ser Portugal na nova ordem de coisas. — Natureza da crise que trouxe a nova ordem de coisas. — Causas d'ésta crise, adeantamento da civilisação. — Deducção rapida dos progressos que fez e estorvos que encontrou a civilisação desde Carlos V e descoberta da America até o primeiro quartel d'este seculo, em que pareceu vencida pelo ephemero triumpho da alliança denominada sancta.

I

Balança da Europa

De todas as quatro partes em que temos dividido o planeta que habitâmos, é por nós contada primeira a nossa Europa; e no estado da civilisação presente (a ser esse o principio de precedencia) facil obterá ella o primeiro logar se com as outras entrar em lide de prerogativas. A última das quatro, por nós descuberta e povoada, deveria seguir-se n'essa ordem, com quanto na puberdade apenas da civilisação—se não é que na infancia em muitos logares e respeitos: tal é o estado de decrepitude das outras duas. Decidindo porêm a questão aristocraticamente, quero dizer, pela ordem historica dos progressos da raça humana, dariamos o primeiro logar á Asia, onde nos põe a religião o berço do primeiro homem, e as tradições todas, e oraes, escriptas—por essa China e Indostan—o de todas as humanas artes e civilisação. D'ahi as recebeu o Egypto; por onde se deveria á Africa o segundo logar. De lá nol-a trouxe a Grecia á nossa Europa, que n'esta ordem seria a terceira. Só nós a levámos á America; [1] e só quarto logar assim lhe compete.

Mas desde que a Grecia por suas luzes, a potencia Romana por ellas e por suas armas pozeram a coroa de preeminencia na cabeça da Europa, n'essa posse tem estado e se conserva. E pelas mesmas razões de sciencia e fôrça a America é a segunda—antes uma continuação ou dilatação da primeira porção do globo.

[1] Não tardará muito porém que esta ultima parte não reclame o primeiro logar, e lh'o não cedamos nós.

Á volta do XVI seculo da nossa era os interêsses reaes ou imaginarios (ou ambas as coisas) dos Estados e dos principes os fizeram convir em certo equilibrio politico a que chamaram os estadistas «Balança da Europa»; o qual, mais ou menos modificado, se conservou ou pretendeu conservar até quasi á epocha em que vamos. [1]

A emancipação da America, a revolução de França e suas consequencias, o engrandecimento da Russia e outras causas menores teem tornado impossivel o antigo eqüilibrio, a que todavia adhere a teima de muitos gabinetes. A actual crise da Europa o vai desmanchar completamente, e substituir-lhe outro mais natural e permanente.

II

O que era Portugal na balança da Europa

N'essa antiga balança Portugal era considerado como um contrapêzo necessario ao equilibrio das tres grandes potencias do Oeste da Europa, França, Inglaterra e Hespanha. A mais interessada era Inglaterra; e d'ahi lhe tem sustentado e garantido sua independencia. Se ésta independencia era real ou nominal, se as condições d'ella eram toleraveis, não é ainda para aqui examinar. Baste-nos dizer porora, que desequilibrada pela nova ordem das coisas essa antiga balança, Portugal sahiu de sua antiga posição no mundo politico; *hade* tomar outra, e *deve* tomar a que mais lhe convier.

[1] Tem-se mudado de nomes em diversas epochas, mas o pensamento é o mesmo.

III

Nova ordem de coisas na Europa

Para julgarmos qual deva ser a posição que a Portugal convenha na nova ordem do mundo politico, para conhecermos o que lhe convem ser e elle póde ser na nova balança da Europa, cumpre examinar a natureza d'essa «nova ordem de coisas.» Para a bem examinar e entender, é preciso entender a crise que a trouxe, em que estamos, e que cedo vai terminar.

IV

Crise actual e causas que a produziram

A civilisação exasperada pela perseguição da oligarchia [1] nos trouxe a crise actual. A civilisação lucta ha muito, tem succumbido muita vez, tem vencido muitas mais, e provavelmente agora vai em sua estrada triumphal. Antes de tudo, e para bem nos entranharmos em nosso assumpto, passemos rapidamente os olhos pela historia de seu progresso, dos obstaculos que lhe tem posto a oligarchia, dos que já vão vencidos, dos que lhe falta vencer ainda.

V

Estado do mundo velho ao descobrir-se a America

O Occidente da Europa começava a civilisar-se pelos fins do XIV seculo. O repouso das guerras do Levante, ou cruzadas, deixava tomar folego aos povos, e cultivar as artes da paz; as artes e as lettras, extinctas no Oriente com o imperio dos Constantinos, fugiam do alfange de Mahometh para o amparo da christandade — refluiam para o Oeste da Europa as reliquias da sciencia — embora já meio-barbara — que em Constantinopla se conservam todavia. As linguagens indistinctas que rudemente se haviam formado das fezes do Latim e Grego com os dialectos dos invasores do Norte e com a algaravia dos conquistadores sarracenos, tomavam consistencia de lingua, e já começavam a regularisar-se. Onde esses mesmos dialectos septemtrionaes prevaleciam mais estremes, tambem ahi se puliam e alinhavam pelo contacto e imitação das antigas linguas do Sul. Accendia a imprensa o grande phanal da illustração. Os costumes adoçavam se; o feudalismo abrandava um tanto de sua crueza pelas concessões que era obrigado a fazer á industria e riqueza das cidades. — A sorte dos povos parecia em geral melhorar-se.

Mas a liberdade, que é a unica e sólida base de toda a felicidade das nações, desfallecia e minguava; porque n'essas eras havia uma civilisação mediana e imperfeita, que amolga os animos, entibia o espirito, e, acobardando os povos, os submette ao jugo da tyrannia — quanto uma civilisação mais completa, que illustra o homem, lhe dá energia para aborrecer o despotismo e força para resistir á oppressão.

Os povos até alli rudos mas valentes, illiteratos mas virtuosos, pobres mas incorruptos, ignoravam as theorias dos direitos do homem, mas sabiam defender os seus: não liam (porque nem esses livros havia, nem lêr elles sabiam) os Grocios e os Puffendorfios, mas detestavam a tyrannia e castigavam os tyrannos. Barbaramente o faziam; barbara, incoherente e imperfeita era sua liberdade: mas era liberdade ao menos! Liberdade que n'essa rudeza se creára, que n'ella e d'ella vivia e se mantinha. Veiu a aurora das lettras, e amaciou os costumes; a das artes, e creou precisões novas, facticias: — mais ligado, mais prêso, o braço do homem affrouxou; o corpo inclinou se para o trabalho; e a cerviz costumada a vergar-se para adquirir, não já só o necessario mas o superfluo tambem, soffreu paciente o jugo que atelli sacudira com nobre independencia.

Tal era o crepusculo da civilisação na Europa. Os papas e imperadores haviam dado cabo da liberdade na Italia; [1] e se em Veneza e Genova, deixaram o nome de republica e o simulacro de liberdade, alevantaram e sustentavam n'ellas a omnipotencia aristocratica sobre a ruina e servidão do povo.

Na Allemanha propriamente dita, a republica federativa [2] das pequenas potencias que a compuuham, succumbiam á dominação da casa d'Austria, antiga, inveterada e constante inimiga de toda a independencia e liberdade.

Nas Hespanhas, os foros de Aragão e Castella ou eram afogados em sangue ou

[1] Oligarchia vem do grego ολιγος *pouco*, e αρχη *poder*, poder de poucos, liga dos poucos contra os muitos. Aristocracia vem de αριστος *optima*, e κρατος *potencia*, — auctoridade dos melhores ou mais illustres do Estado. Quando a aristocracia degenera de sua instituição primitiva, já não é aristocracia mas oligarchia. Para evitar confusão de idéas e principios convem ter presente esta distincção.

[1] Sismondi, *Hist. des republiq. ital.*; e *Italy* by Lady Morgan.

[2] Expressão de Voltaire, *Siècle de Louis XIV*.

cahiam em desuso. [1] Em Portugal diminuia o poder dos nobres, mas augmentava o do rei e do clero. Em ambos os reinos da peninsula iberica se espaçavam, mais e mais, as convocações das côrtes que atélli tinham parte, não só na legislatura, mas na administração e governança da coisa pública. [2]

Em Inglaterra a magna-charta estava quasi reduzida a nome vão, e a casa de Tudor reinava absoluta nos dois reinos: Escocia comia-se de dissensões.—Em França ou as crueldades de um despota como Luiz XI, ou a infrene licença dos vassallos da corôa tyrannisavam á porfia o povo.

VI

Descoberta da Amer ca

E tal era o estado politico e moral da Europa quando Christovam Colon, tentando um caminho novo para as Indias, [3] Cabral seguindo o esteiro do Gama, depararam quasi ao mesmo tempo, e quasi fortuitamente, com o novo hemispherio: sendo assim obra de mero acaso o que tanto havia de influir um dia nos destinos de toda a humanidade.

Após a descoberta veiu a conquista e a colonisação; [4] e com ella entrou no novo mundo essa imperfeita civilisação do velho, e com essa todos seus bons e maus effeitos.

VII

Influencia da descoberta da America nos destinos da Europa

Resolvido está já hoje o grande problema: —«Se a descoberta do novo mundo foi util ou prejudicial ao velho.» Já não ha que disputar entre politicos; a solução de per si mesma se está presentando aos olhos de todos; o que tantos sabios não souberam julgar, decidirá hoje o menos lettrado observador de nossos dias. Descobriu-nos o acaso a America; muito crime nol-a submetteu; perdidas torrentes de ouro que vieram soverter-se em Lisboa e Madrid, [5] e que, sem enriquecer as duas nações conquistadoras, refluiram para mais industriosos paizes, emfim seccaram: vicios, luxo e perdição, que comsigo trouxeram, permanecem todavia; e se olharmos só atéhi, a condição do mundo velho empeiorou com a descoberta e dominação do novo. Mas passaram tres seculos e não passaram em vão: a America, joven, rica, vigorosa vem com seu pêzo immenso desfazer na balança da Europa todos esses *falsos equilibrios* que sustentavam invenções arguciosas, pueris armadilhas, cuja unica força estava na cegueira dos povos — como as miraculosas habilidades do saltimbanco e «escamoteur» de feira, que pela mór parte estão no embahimento ou na simplicidade de seus espectadores.

Qualquer mediano observador conhecerá quanto esta influencia do mundo novo sobre o velho é vantajosa á causa da humanidade —á da liberdade, que é synonima.

VIII

O despotismo triumpha na Europa e vae perseguir na America a liberdade foragida

E já pelos meios do XVI seculo, a liberdade das nações europeas dava o ultimo arranco: triumphára Carlos V e seu sytema. Parecia que a Providencia, que havia retirado sua mão de sobre o velho mundo, permittia que a superficie da terra se alargasse para dar mais vasta praça á tyrannia!... Succedeu porém ás vessas. A liberdade expulsa da Europa, foi acoitar-se na America: [1] ahi jazeu occulta e oppressa tambem; mas entre uma população nova, não roida ainda dos cancros de abastardeadas dynastias, de privilegiadas e parasitas classes, que no antigo hemispherio damnam toda liberdade e empecem toda reforma. Só classes productoras occupavam o solo americano. O despotismo da Europa tremeu quando attentou n'este estado ameaçador de suas colonias... — Que não ha maior terror para despotas, nem melhor presagio de liberdade que o ver um povo trabalhador, activo e proprietario.

«A pobreza é o maior de todos os males» disse Salomão. Esta sentença é verdadeiramente divina e inspirada,—porque a pobreza é a maior inimiga da liberdade. A pobreza de Sparta e Roma não era pobreza: chamar-lh'o foi ignorancia dos primeiros escriptores, e mau habito dos modernos, um verdadeiro abuso de palavras. Aquella era egualdade de riquezas, mas não pobreza: ella foi o

[1] V. *Relator. da commissão de constit.* das côrtes de Cadiz Robertson, *Hist. of the reign. of the Emper. Charles V.* e particularmente o *State of Europe* etc.

[2],[3] Duarte Nunes de Leão, especialmente nas *Chronica de D. Duarte* e *D. Affonso V.*

[4] Robertson's *America*, Raynal, *Histoire des decouvertes et etablissements des Europeens etc.*

[5] Id. ibid.

[1] V. Robertson, Raynal, etc

paladio de sua liberdade. Nem era pobreza a dos Lacedemonios de Lycurgo, nem a dos Romanos de Cincinnato. Esses viviam com pouco, [1] tinham poucos misteres e precisões; dava-lhes para ellas o que tinham: não é isso ser pobre.

Mas os tyrannos da Europa olharam com sobresalto e medo para o estado de suas colonias transatlanticas; tremeram d'essa propria riqueza que os enriquecia, d'essa crescente grandeza com que tanto se engrandeciam elles. Pozeram por obra todas as machinações da politica oppressora para atalhar o progresso das coisas: porém a arte do homem, se ás vezes consegue retardar um tanto a ordem da natureza, jamais chega a impedil-a de todo. Na Europa tinha augmentado a civilisação, mas tambem tinham augmentado os obstaculos d'ella: — porque se de um lado a reforma religiosa, as sciencias, as artes, sobre tudo a imprensa, iam desbastecendo a treva dos antigos erros, — por outro as combinações machiavelicas dos gabinetes, [2] os exercitos permanentes, a espionagem, a censura, a policia entravavam o andamento natural das coisas, e abafavam a labareda d'esse facho que debalde se ateava para o espirito humano. Porém na America, se foi mais lento o progresso da civilisação, tambem achou menos tropeços; se chegou mais quebrado o raio de sua luz, tambem achou menos *refracção*. Tambem lá o movimento das machinações dos gabinetes era menos activo, porque tantos máres e tanto espaço diminuiam a força de seu agente. A má administração do governo despotico achava na Europa muito appoio nas classes parasitas que tanto interesse teem na conservação dos abusos, e que escoram e sustentam a tyrannia para que ella os deixe carcomer o Estado. Na America, cuja população toda era de productores, quem houvera de sustentar o despotismo, e folgar por interessado, em suas exacções? Necessario era recorrer a força estranha, a uma remessa periodica de parasitas da Europa que devorassem a substancia americana, a um tractamento antiphlogistico, (se é licita a expressão) ás baionetas, aos canhões, a toda a plenitude do systema prohibitivo e depressivo. Isto fizeram, e isso os sustentou algum tempo.

[1] Assim diz dos antigos Portuguezes o nosso Duarte Nun., *Chron. de D. Affonso II.*

[2] Nunca a tamanho homem tamanha injustiça se fez. Basta ler os commentarios de Machiavel sobre Tito-Livio para se conhecer que o *Principe* foi escripto debaixo do punhal dos tyrannos da sua patria; e ainda assim quem reflectir n'esse famoso livro verá que elle mais denuncia aos povos as artes dos reis, do que ensina aos reis as de illudir os povos.

IX

A liberdade reage na America contra o despotismo Europeu

Mas a cubiça, a sêde de ouro e mando cegou os oppressores; deram-se elles mesmos pressa para sua ruina: dobraram exacções, apertaram com vexames, não houve limites para suas tyrannias — a America desenganou-se, conheceu suas forças e sacudiu o jugo. Reagiu e venceu a liberdade; e eis ahi a aurora da regeneração do universo que nasce do seu Occidente!

Com razão dizia o *Common sense*, energico escripto dirigido aos bravos Americanos do Norte quando se travava a lucta de sua emancipação: «Em vossos livros sagrados haveis lido a historia do genero humano submergido na geral inundação do globo: uma unica familia sobrevive, e é encarregada pelo Eterno de renovar a terra. *Nós somos essa familia*. O despotismo inundou tudo, e a nós nos incumbe regenerar pela segunda vez o mundo». [1]

X

Influencia da religião na causa da humanidade

Permitta-se-me aqui uma digressão, antes uma pequena dilatação de limites nos mui estreitos que a vastidão da materia me impõe para deduzir em tam rapido esboço. — Quero falar da religião; e peço licença para não correr tam açodado por meu assumpto como geralmente corro, porque o grave do assumpto o requer, e a importancia das considerações o exige.

A religião do Evangelho, da qual disse Rousseau, «que se não fosse divina, merecia sel-o» é a natural protectora dos direitos do homem, declarativa de sua egualdade, funda-se em sua liberdade, préga, aconselha, ordena o amor da ordem e da justiça. Uma religião que declara e professa ser o Creador o unico arbitro e senhor do universo, todos os homens eguaes deante d'elle, que promette amparo ao fraco e desvalido, castigo ao soberbo e oppressor, que declara uma commum origem, uma lei commum, um commum juiz de todos os homens, é a maior e mais certa e mais poderosa base de liberdade que póde entrar na moral pública dos povos. O espirito do Christianismo quebra

[1] V. Raynal, *Breve ensaio sobre a revolução dos Estados Unidos* e o *Common sense* de Thomas Payne, ahi citado.

os ferros dos escravos, consola os opprimidos, conforta os fracos, promette justiça aos aggravados; e a espada de seu Deus vingador está, como a de Damocles, suspensa por um fio sobre a cabeça dos reis, lembrando-lhes a todo o instante que ha leis superiores ás d'elles, leis que egualam os homens na presença do supremo Arbitro de tudo.

Os conselheiros dos despotas, a oligarchia que os rodeia, bem viram onde o espirito de tal religião havia de levar os homens apenas elles tivessem luz bastante para o conhecerem, e entenderem sua verdade e pureza.

Exterminal-a, não podiam: adulteral-a e pervertel-a, foi seu expediente. Então se formou essa funesta liga sacrilegamente chamada do *throno e do altar*, como se o throno alevantado para padrão e tribunal de justiça, o altar erguido á magestade de Deus, podessem jamais prostituir-se para taes fins, sem perder sua augusta natureza. Formou-se a liga; mas foi entre os tyrannos que abusavam e deturpavam o throno, e entre os sacerdotes que profanavam o altar. Invocou-se o nome de Deus para o ultrajar, o Evangelho para o calcar aos pés, a religião para a perverter e destruir. — Os sacerdotes sacrilegos fizeram leis suas, e blasphemaram chamando-as de Deus; os reis as sanccionaram, e invocaram a blasphemia dos sacerdotes para as fazer acreditar divinas e cumprir como taes. A pureza, a simplicidade, a divindade do Evangelho se perdeu entre as maximas infernaes dos sacerdotes blasphemadores; e a religião divina de Jesu Christo se fez instrumento de crimes, capa de vicios, esteio de tyrannias, facho de discordias, flagello de cruellissima perseguição. Os ministros da palavra, que no principio da egreja tanto se tinham aproveitado das luzes e illustração dos povos para os convencer do êrro da idolatria e da vaidade do philosophismo,—agora se declararam os inimigos das luzes, e as apagaram por toda a parte. Fez-se crime até da leitura dos livros santos, chamou-se sacrilegio o proprio estudo da lei de Deus! Ignorancia crassa, estupida, a maior inimiga do Christianismo, incompativel com uma crença que eleva o espirito e exalta o coração, a ignorancia foi feita virtude —virtude primeira e cardial da religião do Redemptor!

Assim a Religião christan, que tanto favorece, que tanto protege a liberdade, que a ensina, que a prega, que a manda guardar, — a religião christan foi feita o maior e mais poderoso auxiliar dos despotas. Escusemos deduzir mais documentos: nomeemos a inquisição, e tudo está dito e provado.

Mas a indole do Christianismo era outra; a pureza de seu espirito foi penetrando a travez das imposturas dos homens: a Providencia, que tolerou tanto sacrilegio, pôz-lhe termo emfim. Os homens começaram a abrir os olhos, e a pretender examinar como era possivel que a *Lei do Creador* fosse o maior flagello da *creatura*. Pouco a pouco se conheceu a verdade: distinguiu-se entre Christo e Barrabas; viu-se que a religião era boa e divina, seus traidores ministros pessimos e infernaes. Então se arvorou o estandarte da reforma—cahiu a máscara á hypocrisia, e com a tyrannia sacerdotal vacillou o despotismo dos reis.

Não é d'este logar examinar, e muito menos decidir, se os reformadores ecclesiasticos foram alêm dos limites devidos, se a reforma podia ou não ser feita sem schisma: o que actualmente me importa observar para o meu objecto é que, assim como pervertido pelos abusos sacerdotaes, o Christianismo serviu os tyrannos contra os povos, assim restituido a seu natural espirito, auxiliou os povos contra os tyrannos. A historia da Allemanha, da Inglaterra, da França no XVI, XVII e principios do XVIII seculo, o tem patente a todos.

Nem o brado da religião foi o menor ou o menos efficaz dos que na America do Norte suscitaram o povo á liberdade, a defendêl-a, a morrer por ella.

Suspendo aqui éstas reflexões; voltarei a ellas no decurso do presente ensaio.

XI

Systema da liberdade americana

Auxiliada da poderosa e benefica influencia do Christianismo, [1] a liberdade triumphou no novo mundo. Sua victoria custou muito sangue mas não deixou remorsos aos triumphadores: não foram elles que provocaram a peleja.

Quebrado o jugo do govêrno oppressor, os Americanos tractaram de se ligar por um pacto que não fosse oneroso para os governados, e segurasse sufficiente fôrça aos governantes. E então resolveram elles o que atélli se julgava insoluvel problema: quero dizer: o methodo de estabelecer permanentemente uma republica em um territorio vasto, e no actual estado de nossos costumes, usos e abusos, de nossa politica, de nossa religião.

A Grecia republicana dera em antigos tempos um vislumbre de exemplo d'esse grande systema: pois, com quanto os diversos Estados gregos não tinham um centro

[1] V. o cit. *Common sense*.

commum de govêrno que lhes désse nervo, e regularisasse a federação roborando-a; todavia em quanto unidos, permaneceram por esse mesmo mal-dado laço, foram quasi invenciveis. [1]

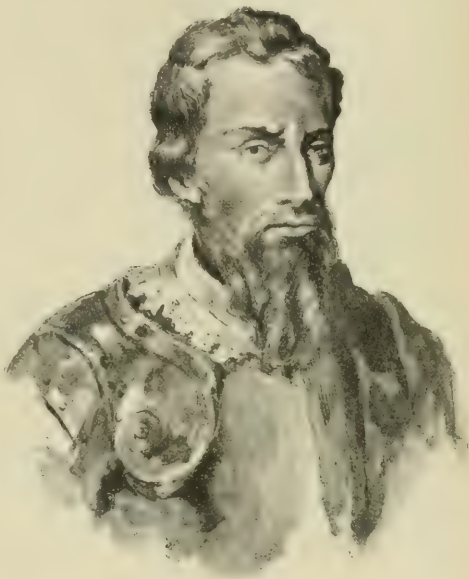
Em posteriores seculos a Suissa e a Lombardia haviam dado novo testimunho e documento da excellencia e valentia do systema federativo. O exemplo da Suissa é bem sabido de todos; não assim o da *Liga Lombarda*, que (no seculo a que Lady Morgan com razão dá o nome de seculo do «merito ignorado») defendeu por tantos annos e com tanto valor o Norte da Italia da usurpação imperial.

Porém todos esses systemas eram defeituosos porque lhes faltava um nexo, um centro, um ponto director, alheio individualmente a cada um dos Estados de per si, e todavia essencialmente necessario á máchina federativa, como o balanço da pendula a um relogio.

A Hollanda certo é que havia começado a melhorar o invento; mas ainda tinha muita imperfeição o systema ahi adoptado: assim elle falhou muitas vezes. Mas os Estados Unidos do septemtrião da America foram os verdadeiros descubridores d'essa «pedra philosophal» das republicas, [2] — essa federação maravilhosa, que, assim como no interior divide o Estado em menores porções, com o que mais facilmente obsta á usurpação de qualquer ambicioso; assim no exterior o apresenta regular e magnífico edificio, cuja fortaleza e formosura é o terror de inimigos, inveja de vizinhos e admiração de todos.

XII

Effeitos da revolução americana no mundo velho. Revolução franceza; suas consequencias geraes

Este grande exemplo para os povos, ésta grande licção para os reis, se para esses foi infructuosa, não o foi para aquell'outros. A Europa, que da America não havia tirado senão ouro, de pouco proveito para uns, inutil para outros, prejudicial a quasi todos, recebeu então o melhor premio de suas descubertas, importou de suas colonias a mais lucrosa mercancia. As classes uteis do velho mundo invejaram a sorte dos seus irmãos do novo; e disseram entre si: «Tambem nós «trabalhâmos, e perdêmos o fructo de nossos «suores; tambem nós produzimos, e nossos «oppressores consommem; tambem nós sus«tentâmos o Estado, e não só não temos «parte em sua administração, mas por elle «somos abandonados, desfavorecidos, avexa«dos, entregues á dominação d'essas classes

PEDRO ALVARES CABRAL

«privilegiadas e inuteis, que nos bebem o «sangue e nos escarnecem, que vivem de «nosso trabalho, e nos desprezam como ra«ça abjecta, nascida para a servidão. Porque «não tomaremos nós o exemplo dos Ameri«canos? Porque não havemos nós de con«quistar tambem a liberdade para sermos «como elles felizes?»

A Europa toda murmurou assim: o descontentamento foi geral, geral a effervescencia; o vulcão immenso da indignação publica resoava tremendamente por toda a parte. — Em alguma havia elle de rebentar primeiro. Foi no centro da Europa, e centro que já então era de sua civilisação.

Veiu em verdade a revolução com terriveis symptomas n'essa França, onde quantos abusos pódem opprimir a humanidade tinham subido de ponto áquelle maximo grau em que já não são supportaveis. Então se mar-

[1] V. Goldsmith's *History of Greece*.

[2] O *une et indivisible* da republica franceza porventura foi o que a perdeu. V. Fantin Desodoards, Mignard, etc.

cou na historia do genero humano uma d'aquellas epochas que só se renovam de longos em longos intervallos, como os phenomenos astronomicos. Grandes, espantosos, formidaveis — diz Lady Morgan — são os resultados do instincto moral do homem, que o leva sempre a buscar o allivio dos males e o augmento dos bens, — fim unico e verdadeiro da sociedade, fim para o qual tudo se dirige, o presente e o porvir, o boi sacrificado a Isis, e a luz analysada por Newton.[1]

O echo da França retiniu dos Alpes ao Quirinal, do Senna ao Rhim e ao Danubio. Lavrou, correu, ateou-se quasi geral a labareda, a que a oppressão e a tyrannia ha tanto seculo estavam amontoando combustiveis. Os amigos dos homens viram amanhecer o dia da regeneração da especie, e cuidaram que a grande hora da agonia dos despotas havia soado...

Inda mal! — o estado da Europa era mui differente do da America, os interesses muitos e desvairados, as classes inuteis poderosas e propagadas, o fanatismo valente ainda. Quantas barreiras, quam grandes difficuldades para superar e vencer! Porém a *acção* era de immesuraveis fôrças: a *reacção* não fez senão irritál-a, e dobrar-lh'as!

Mas essa chamma que mais e mais se ateou com os esforços inuteis dos que a queriam apagar, tanto augmentou de intensidade, que devorou inimigos e amigos, o pôdre e o são da sociedade — consumiu, acabou tudo... Como o braço de Sansão que a si e a seus inimigos se sepulta sob as ruinas do templo, como a mina da cidade sitiada que destroe em sua explosão o sitiante e o cercado.

XIII

Bonaparte. — Emprazamento da liberdade

Na desordem, na desorganisação geral apparece um homem extraordinario, que, levantando seu brado creador no meio d'esses cahos de elementos reluctantes, os compelle á ordem e submette á organisação. A França e o mundo agradecido se prostraram ante elle e o adoraram como ao salvador da especie humana. Mas o applauso universal, mas esses cultos de admiração e agradecimento cegaram o objecto d'elles: viu os homens e as nações curvadas deante de si, e da altura onde estava lhe escorregou o pé para sôbre as cervizes que se lhe inclinavam. A Europa era já escrava de Bonaparte e ainda duvidava de sua servidão: — os povos tinham perdido liberdade, independencia, gloria, honra, — e ainda lhes custava a crer que fosse seu tyranno quem havia sido seu libertador.

XIV

Opposição ingleza. Pitt

Um só povo do antigo mundo se isolou completamente da força electrica da revolução franceza; falemos mais exactamente, da revolução da Europa contra seus tyrannos: a Inglaterra. Foi a eloquencia de Pitt e Burke a que impoz silencio e conteve ao grande numero de fautores e partidistas que essa revolução tinha na Gran-Bretanha? Mas essa eloquencia nunca pôde responder aos descarnados argumentos de Payne e Mackintosh. Seria a fraqueza do partido liberal? Não: foram as muitas liberdades e franquias que na revolução do seculo anterior o povo inglez tinha conquistado, e cuja fruição pacifica o não excitava a novas e arriscadas conquistas. D'essa natural tendencia ao repouso poderam e souberam valer-se os oligarchas, para desvairar o animo do povo inglez e suscitar em sua opinião uma reacção de odio e ciume implacavel, que tam fatal veiu a ser á liberdade do Continente, e que sendo, como foi, poderosa alavanca para deslocar o throno de Bonaparte, foi tambem nas mãos de Castlereagh e seus successores instrumento para se reconstruir o antigo despotismo de todo o Sul e parte do Norte da Europa.

Mas não antecipemos datas. Basta que n'este logar fique apontada a causa da quietação de Inglaterra no meio do bulicio e effervescencia geral: — *Inglaterra já era livre*.

XV

Conquistas de Bonaparte. Seus effeitos moraes

Não defraudemos a gloria militar do maior capitão da terra, de seus grandes generaes, de suas bravas legiões; não presumamos negar o que todo o mundo confessou com terror e submissão; — mas digamos, porque é verdade, que muitas de suas victorias, e mormente as primeiras, as deveu á cooperação efficaz dos povos, que desejavam, que pediam ser conquistados: — tal era a afflicção e descontento em que toda a Europa vivia! Emquanto os pendões tricolores annunciaram liberdade, nunca acharam resistencia nos povos, antes de muitos foram invocados, — de todos seriam bem recebidos. As legiões francezas só foram odiadas e accommettidas da indignação popular, que ao cabo as venceu, depois que seu chefe já *legitima-*

[1] L. Morgan, *Italy*.

do pelos reis, já amigo federado d'elles, como elles enganou, e zombou, das nações em suas promessas.

Mas ao passo que as Aguias francezas discorriam a Europa, já não para levar liberdade como o antigo estandarte do primeiro consul, mas em busca de preza e conquista para suas garras imperiaes, a civilisação vinha com ellas disfarçada e como de contrabando; com ellas penetrou nos mais obscuros recéssos da Europa, até onde mais embrutecidos os povos do despotismo sacerdotal ou real, ou de ambos, quasi se podia dizer apagada a natural luz da razão, e o divino instincto da liberdade morto.

A felicidade da terra esteve nas mãos de Bonaparte... e não devemos a suas armas senão este bem: mas é elle pequeno?

XVI

Reacção dos povos contra Bonaparte

E esse homem, que havia sahido das phalanges do povo, e de quem todos os povos esperavam liberdade, não só perjurou, e atraiçoou a causa que defendera, mas esqueceu na dominação, e na grandeza a origem de sua elevação; esqueceu-se que pelo povo reinava, desprezou o appoio de quem o alevantára, e quiz firmar-se nos abusos e no erro, que já haviam precipitado seus antecessores; chamou as classes inuteis para deredor de seu throno, federou-se com os reis e potentados contra as nações e os povos, retrogadou a civilisação e cuidou anniquilar a liberdade.

Mas a civilisação e a liberdade, que lhe tinham aberto caminho para o throno, e as quaes, de allucinado, imaginou dominar tambem, o puniram de sua ingratidão e perjurio. A França opprimida; a Italia [1] enganada; Veneza vendida; Genova e Piemonte reduzidos a provincias do imperio; a Allemanha trahida; a Polonia sacrificada á ambição do usurpador; as veneraveis cans da antiga Suissa ultrajadas com um protectorato oppressor; a Hespanha insultada com um rei de galhofa e escarneo; Portugal emfim retalhado, e destinado para premio da traição e preço da infidelidade—tudo se lhe rebelou: uma conjuração universal, uma conspiração de opinião pública se formou geral e espontaneamente por toda a Europa.

O pundonor castelhano, a altivez portugueza, que não soffrem jugo alheio, nem por estranha dominação podem ser submettidos,

[1] Segur, *Histoire de Napoleon et de la Grande Armée.*

deram o exemplo, e mostraram ás outras nações [1] que o liberticida e seus exercitos não eram invenciveis. Os povos desenganados desaffrontaram-se, empenharam sangue, vida, fazenda; luctaram até o ultimo folego; cahiram exhaustos e quasi moribundos de tanto excesso e esforço; mas venceram: a liberdade, a civilisação triumpharam, o apostata de sua causa foi debellado e punido.

XVII

Ingratidão dos reis para com os povos

E que haviam feito os reis antes d'essa lucta gloriosa? Que fizeram durante essa grande contenda sem par nem exemplo na historia? Como obraram depois do triumpho? —Ligaram-se, pelejaram contra o soldado de fortuna emquanto elle trajou as roupas da liberdade, e desembainhou a espada em prol da humanidade. Venceu elle, oppoz-se á torrente do seculo, forjou um sceptro, como o d'elles, de ferro e de bronze; e desde esse momento foi idolo e adoração dos reis o que o havia sido dos povos. [2] Solicitaram sua alliança, pagaram-lhe páreas e tributos; receberam assentamento de criados seus, [3] prostituiram-lhe suas filhas!... [4] e até houve d'elles que abdicaram satisfeitos a corôa, com tanto que passasse enferrujada para cabeças tam despoticas como as d'elles, e que não melhorasse a sorte do povo. [5]

Mas o conquistador, que trahira as nações, tambem por fim trahiu os reis: os miseraveis, que haviam vendido os seus povos, não tiveram a quem recorrer ou appellar. Então prisioneiros uns, outros fugitivos, outros reduzidos a exarchas ou hospodares do imperio, [6] sem conhecerem todavia seu êrro, ainda assim não accusavam o oppressor senão pelo que lhes cerceára da auctoridade,

[1] Segur, *Histoire de Napoléon*, etc

[2], [3], [4] e [5] Bonaparte accrescentou ao catalogo *legitimo* das salas de palacio uma de nova especie e estranha denominação, *a sala dos reis*, pois era o unico soberano da Europa que precisava de se prover de ante-camara para seus *criados-reis*: a este ponto tinham chegado as sagradas pessoas cuja soberania e magestade *vem immediatamente de Deus!* Em 3 de Janeiro de 180[illegible] o rei de Baviera deu sua filha (e essa foi a melhor casada) a Eugenio Beauharnais: em 17 de Abril do mesmo anno o principe hereditario de Bade desposou uma parenta de Josephina, adoptada por Napoleão; em Agosto de 1807 a filha do rei de Würtemberg foi casada com Jeronymo Bonaparte que tinha outra mulher viva: em Abril de 1810 Napoleão recebeu a filha do imperador d'Austria estando ainda viva Josephina.—Veja as cartas de Fernando VII a Bonaparte no *Journal de Las Cases.*

[6] Tal era o de Prussia, de cujo reino declarou Napoleão, que a rogos de seu amigo Alexandre consentia por mercê que existisse.

que já não podia ser tam damnosa e aggravante.

Porém quando o povo indignado sacudiu o jugo alheio, e metteu hombros á reconquista da independencia, qual d'elles appareceu á frente d'essas legiões denodadas e generosas? [1] Os que serviam nos paços de seu amo renovaram protestos de submissão; os exarchas juraram de novo vassallagem; [2] os que haviam fugido com seus thesouros mais se esconderam a si e a elles, e nem um ceitil sahiu dos seus cofres para ajudar a causa commum, que vilmente haviam desamparado. [3]

Triumpharam os povos, porque sempre a civilisação e as luzes triumpharão, mais hora menos hora, da oppressão e do engano. Vencido o liberticida em nome da liberdade, persuadidas as nações que só razoada e regrada essa liberdade podia fazer sua ventura, que as discordias civis geravam a anarchia e a anarchia o despotismo; tranquillas e satisfeitas receberam seus antigos reis, confiadas que a experiencia lhes teria mostrado o êrro, a desgraça ensinado a prudencia; e que a gratidão sobre tudo os inclinaria a generosas concessões para com seus defensores. [4] Solemnes promessas e juramentos á face de Deus e dos homens affiançavam tam lisongeira esperança; o synodo dos monarchas o havia decretado; todos julgamos os fins da revolução conseguidos, a verdadeira epocha da felicidade chegada, o imperio da lei [1] consolidado, a razão e a justiça estaveis arbitros e senhores dos destinos dos homens.

E que foi feito d'essas esperanças, como se cumpriram tam obrigatorias promessas?

A França é engodada com um simulacro de liberdade; a Suissa liberta de *direito*, ficou de *facto* mais escrava que d'antes, e sujeita ao triplice protectorato da Austria,

[1] Com exactidão nem de Alexandre se pode dizer que o fez. Marchar na rectaguarda d'um exercito depois da victoria, não é guial-o a ella. Algum tempo professou Alexandre os principios de razoada liberdade, até que o gabinete de Vienna, com receios e terrores, o fez mudar de planos e sentimentos, cuja realisação se levada a effeito, poderia ter dado a paz á Europa, essa paz de que tanto falam os *legitimos*, e que nenhum d'elles sinceramente deseja. Querem, para medrar seus planos, a tranquillidade do sepulchro, a paz do jazigo, aquelle estado de inacção e torpor em que vêem a cahir as nações pela força de inercia politica com que sobre ellas pesa o fatal *statu quo*, mais destruidor da felicidade publica do que o mais barbaro systema de tyrannia. Este favorito systema austriaco prevaleceu no gabinete de S. Petersburgo, e as esperanças que de Alexandre haviam concebido os povos, se desvaneceram.

[2] Fernando escrevia a Bonaparte de Valencey, protestando contra as côrtes e revolucionarios de Hespanha, que queriam tirar a corôa ao rei José para lh'a tornarem a dar a elle. Frederico chegou a mandar suas tropas a combater com as francezas contra as nobres legiões de patriotas que o queriam libertar a elle e á Prussia. Veja o *Journal de Las Cases* e a *Histoire de la Gr. Armée* par Segur.

[3] A côrte de Lisboa levou na sua fugida para o Brazil tudo quanto dos cofres publicos se poude raspar, e que juncto com o particular thesouro do principe, formou a enorme quantia de muitos milhões. D'esse mialheiro, que todos os dias crescia, ninguem mais viu real. Durante toda a guerra da independencia os soccorros que do Brazil vieram foi o limitado producto de uma subscripção, do qual inda assim, dizem que nem *sahira*, nem chegára inteiro.

[4] El rei de Prussia, que foi um dos que mais prometteu, quando rogado, muito tempo depois, por sua palavra e desempenho, respondeu: «*Verdade é que prometti dar Constituição á Prussia, mas quando, não disse eu.*»

No emtanto nenhuma nação europea tem mais precisão de boas instituições nacionaes, que sirvam de nexo a tam desligados elementos politicos, como são os que compõem a Prussia, e que amalgamando-os assim, reforcem e tornem compacto seu edificio social, de maneira que possa resistir ás massas enormes do poder e fôrça que a abraçam por seus angulos, estabelecendo d'esta sorte barreiras e limites artificiaes, onde a natureza foi escassa d'elles.

Esta é doutrina, que não soffre opposição, dos mais abalizados estadistas, e que pela maxima parte é applicavel aos outros Estados germanicos, e que já de alguns tem sido adoptado.

Se fosse do interesse da Italia, e ao resto da Europa convisse seu actual desmembramento em pequenos e insignificantes Estados, esse mesmo systema devera cada um d'elles adoptar. Mas a Italia foi pela natureza formada para baluarte do Meio dia da Europa; e exige o equilibrio politico, a segurança das nações meridionaes, que unida, organisada em um grande e poderoso Estado, como já foi, (e como póde ser) esteja de sentinella á liberdade e independencia do Sul contra a vanguarda da coallição do Norte, a Austria: bem como a Polonia e Curlandia devem, unidas tambem, defender a Europa do colosso asiatico da Russia, que com os seus cossacos, com suas colonias militares, com seus milhões de soldados ameaça todos os dias de devorar o Occidente.

Napoleão foi o maior talento militar de que se lembra a historia: egual se julgou algum tempo seu engenho politico: inda mal que assim não era. Se tamanho estadista houvera sido como foi capitão, tivera, quem tudo poude, alguma coisa feito para a consolidação do *poder meridional*, em que estribava o seu todo. A Italia, a Hespanha e Portugal são os alliados naturaes de França; só ella e elles houveram de defender seu regenerador se elle o tivesse sido. Napoleão obrou a respeito das duas peninsulas o diametralmente opposto de seus interesses: fez irreconciliaveis inimigos onde só fieis alliados lhe convinham; assim atacado por uma, desamparado pela outra, succumbiu ao poder do Norte, que erradamente quiz lisonjear, que mais erradamente depois tentou destruir, e que só devera conter e sopear, não com a força physica das baionetas, mas com a moral da energia e liberdade dos povos, que nunca o houveram de trahir como seus alliados *legitimos*, e seus generaes *legitimados* vilmente fizeram

[1] E essa era a significação que a tam gabada palavra *legitimidade* parecia trazer comsigo; ordem legitima, legal, que excluia toda a arbitrariedade, e reprovava quanto acima da lei, ou contra ella fosse. Hoje que a terminologia da Sancta-Alliança é melhor conhecida dos povos, veremos se se deixam outra vez enganar tam miseravelmente como na fatal epocha da pseudo restauração.

da Prussia e da França; a Italia aquinhoada entre *principinhos* de todos os sexos e tamanhos, depois de tirar a Austria sua porção opima; na Allemanha a Baviera e quasi todos os Estados de segunda e terceira ordem sacrificados á ambição da Austria, da Prussia e até do colosso da Russia: a Hollanda constrangida a sahir do *statu quo* adoptado como base pelas altas potencias (só em quanto lhes conveiu) forçada pela *legitimidade* a receber um rei, que nunca tivera antes da *usurpação*, e as fórmas monarchicas, que só lhe dera o usurpador; a Prussia, a quem tanto e tam solemnemente se prometteu, [1] mais militar que nunca, e mais militarmente governada que nos dias do *liberat despotismo* de Frederico II; a Polonia, a infeliz e heroica Polonia retalhada, como havia sido, entre os tres grandes despotas do Norte, [2] e dotado seu maior quinhão com falsa independencia e fingida liberdade, necessarios instrumentos do despotismo e seguridade do invasor principal [3]; finalmente na Peninsula, a generosa Hespanha atraiçoada e punida pelo seu tyranno por lhe haver salvado a corôa, de que era indigno; o honrado Portugal, roubado, sem commercio, sem industria, sem agricultura, consumido e avexado, reduzido a colonia de suas colonias, governado por uma delegação impotente [4] e estupida, finalmente dado em *bachalio* a um soldado estrangeiro. [5]

[1] Veja a nota 4, de pag. 540.

[2] A Polonia, que a estupidez e crueza dos principes europeus deixou assolar, destruir, e a final devorar da Russia, era a mais forte trincheira da Europa contra a ambição dos Moscovitas. Que a Prussia e Austria n'esse politico assassinio de uma nação consentissem e conviessem, de nenhuma sorte é para admirar, pois levaram quinhão no roubo; mas que as outras potencias o vissem de sangue frio, e se contentassem, como a Inglaterra, de fazer notas protestatorias, é absolutamente inexplicavel. Nem generosidades nem compaixão são virtudes de gabinete, mas o interesse e salvação commum são leis que o mais insensivel diplomata é obrigado a guardar; e essas puniam pela causa da infeliz Polonia. Ou me engano muito, ou a Grecia está na mesma posição e circumstancias, e provavelmente a espera a mesmissima sorte. D'onde resulta, que os politicos do primeiro quartel d'este seculo não são *inferiores* aos do derradeiro do passado.

[3] A illusoria constituição, com que o gabinete de S. Petersburgo enganou os Polacos, os Bourbons enganarão os Francezes.

[4] Impotente para todo o bem, plenissima de atribuições e alçada para todo o mal, tal era a regencia de Portugal.

[5] Lord Beresford voltava em 1820 a Portugal investido pela côrte do Rio com os mesmos poderes, e tam *senhor de baraço e cutello*, como os que envia a Porta a governar com *tres caudas* uma provincia do imperio *eterno*.

XVIII

Treguas na Europa — A lucta progride na America

Tal era o estado do mundo velho no fim da primeira lucta geral entre as luzes e as trevas, a egualdade e os privilegios, a civilisação e a barbarie. Que havia feito no entretanto a America, e qual era a sua posição n'esse tempo? Estas duas porções do globo tam intimamente ligadas por interesses communs, pelos vinculos do sangue, da linguagem, da religião, de tudo quanto prende os homens e as nações, e que, sendo physicamente as mais separadas por sua situação geographica, são de todas as quatro as que moralmente mais unidas estão, necessariamente devem sympathisar, — e influir poderosamente na sorte de uma ou que na outra for influente.

E com effeito vimos o grande acontecimento das provincias septemtrionaes da America immediata e decisivamente reflectir na Europa, e remover dos fundamentos toda a ordem das cousas ha seculos estabelecida. Mas o mundo velho, pelos complicados motivos que já apontei, recuou no caminho da liberdade, e cedeu momentaneamente á poderosa influencia de um só homem: a America, que aguardava impaciente o desfecho de uma contenda que tinha de decidir a sorte do mundo civilisado, apenas a viu succumbir, entrou immediatamente na lice; e como poderoso membro da confederação geral dos opprimidos contra os oppressores, arvorou os pendões da independencia. A liberdade triumphante correu desde o Septemtrião ao Meio dia, e por todo esse vasto continente substituiu á tyrannia do Nero das Hespanhas o imperio das leis e da justiça.[1]

XIX

Brazil

Uma só e interessante porção do continente americano permaneceu no meio d'esta inundação de liberdade, isolada e alheia do movimento geral, como ficaria a torre dos filhos de Noé á volta do segundo diluvio. E assim offereceu este novo Babel, mais confuso, mais desvairado e mais louco, um es-

[1] E' innegavel que a revolução das colonias hespanholas, comquanto motivada pelas geraes e sabidas causas da oppressão, vexames e desgoverno da mãe-patria, teve comtudo por immediata e urgente causa a invasão e usurpação da Peninsula pelos Francezes, como teem mostrado os escriptos publicados sobre a historia d'estes importantes acontecimentos.

pectaculo estranho, incoherente, um novo e mais claro monumento da cegueira van, e estupida presumpção do homem, do que a orgulhosa fabrica da Syria. Mas se para confundir a desmesurada soberba d'aquelles edificadores, foi necessario um dos maiores milagres de que rezam os livros de Moisés, para destruir a obra de est'outros sobeja a ordem natural das coisas, e a tendencia necessaria da civilisação ao *nivelamento* geral; propriedade eminente d'este fluido sublime, a qual (assim como a nenhum a póde tirar o mais esperto hidraulico) tambem o mais habil politico jamais conseguirá destruir-lhe.

XX

Descoberta e colonisação do Brazil

Portugal dominava já n'Africa e Asia quando descobriu o Brazil. Desde as praças fronteiras de Arzila e Trnger até ao Seio persico e mares da China, uma linha de conquistas, que começava em Berberia, rodeiava toda a orla occidental d'Africa, dobrava o Cabo-das-Tormentas, seguia toda a costa oriental, e discorria assim pela Asia —marcava a estrada triumphal dos Portuguezes, e, para d'esta sorte o dizer, a *via militar* de seus galeões, que para áquem das columnas d'Hercules senhoreavam o imperio dos mares. Por maneira que a nova descoberta pouca sensação fez em tal abundancia de conquistas: a especiaria e os diamantes d'Asia, o marfim e ouro d'Africa cegava os olhos do commerciante; a vassallagem de tanta nação florescente, as páreas de tanto rei poderoso deslumbravam o monarcha; tanta victoria o genio militar da nação; e até a conversão de tam ricos potentados satisfazia a religião de uns, a hypocrisia de outros, e o fanatismo de todos. Que podia offerecer o Brazil ao commercio d'aquelles tempos? Algum pau de tinturaria. Que promettia ao espirito de missão e proselytismo? A conversão de algumas cabildas de selvagens ignorantes. Com que podia lisonjear a ambição do principe? Com a desmesurada extensão d'um terreno inculto, bravo, mal povoado. O rei não curou de sua nova acquisição, e do povo os que a não ignoravam a reputaram de nenhum valor. [1]

Todavia com o andar do tempo uns e outros se foram convencendo da importancia do vasto continente que a fortuna lhes deparára. Errado, mas n'aquellas eras necessario, systema de colonisação, [2] atrazou seu augmento e povoação; porém o tempo, a riqueza do terreno, a bondade do clima resistiram á maldade e impericia dos homens, á barbaridade e estupidez das leis: o Brazil descoberto no principio do XVI seculo, era já no XVII objecto da cubiça e inveja de todas as nações maritimas e commerciantes. Então já os galeões do Tejo tinham perdido o sceptro dos mares: a Hollanda livre e independente o havia tomado quasi sem esforços das destallecidas mãos de Portugal sujeito e escravo. As conquistas de Albuquerque, as descobertas de Gama tinham succumbido ao jugo dos audazes republicanos: por pouco esteve que ás de Cabral outro tanto não succedesse. [1] E foi necessario, para que Portugal conhecesse o valor de tam ricos dominios, que lh'o viesse a cubiça estrangeira demonstrar a casa. [2] Desde então começou o Brazil a ser, e a considerar-se, quando não a mais relevante, uma das principaes partes da monarchia. Porém o receio de perdêl-o fez augmentar as vexações á proporção que sua valia augmentava: e assim começou a formar-se aquelle systema oppressor e barbaramente colonial, que aperfeiçoou e regularisou depois o marquez de Pombal; systema que seguiram (com menos juizo sim, porém com mais crueldade) os ministros pygmeus que succederam ao despotismo, e não nos talentos, d'aquelle extraordinario e gigantesco engenho politico; systema que ainda hoje cegamente seguiria, se lh'o deixassem, o gabinete portuguez, que nunca para o presente ou futuro teve olhos, e apenas do passado vê o que de escarmento, experiencia, ou exemplo lhe não póde servir. Mas extraordinarios successos interromperam a rotina ministerial

XXI

Estado do Brazil no principio do seculo decimo nono

De todo o immenso territorio que á ribeira do mar se estende desd'o Amazonas ao La Plata apenas as ourellas maritimas eram salpicadas de povoação, e essa tam mesclada que só a quinta ou sexta parte se podia dizer branca. [3] A raça escrava certo mui longe estava de ser tractada de maneira que não envergonhasse a natureza: mas ainda assim não eram as crueldades dos colonos portuguezes para comparar-se com os hor-

[1] V. Damião de Goes, e *Corographia Brazilica.*
[2] Robertson's *America*, Raynal, etc.

[1] e [2] V. *Castrioto Lusitano* etc.
[3] Suppõe-se pela combinação de todos os computos feitos até 1806, que n'esse anno a população do Brazil não excedia de 800,000 negros e mulatos forros, 1.500,000 escravos, 8 a 900,000 indigenas aldeados; total 3 100,000; sendo apenas a quinta ou sexta parte brancos.

rores verdadeiramente canibaes de inglezes e francezes.

O governo porém era estupido e tyrannico: a auctoridade dos capitães generaes sem limites e sem recursos; a jurisdicção mixta e intrincada dos ouvidores e juizes de fóra faziam a governança do Brazil não só a mais despotica, senão tambem a mais absurda de todas as administrações coloniaes. Nem as proprias relações do Rio e Bahia eram essas mesmas tribunaes independentes; porque presididas pela auctoridade administrativa, [1] eram as leis por que julgavam as portarias do governador, e seus accordams minutados nas secretarias d'elle.

O clero pobre e ignorante influia pouco; as ordens religiosas tambem pouco medradas não preponderavam muito: só o commercio, apezar de todos os barrancos da legislação e abusos de seus executores, tinha importancia e valor. Porém o commercio era exclusivo com Portugal; Lisboa e Porto os mercados do Brazil para as nações da Europa; não lhe consentindo a metropole o minimo trato ou trafico com o resto do universo. Até o ensino e as luzes eram objecto de monopolio, porque no Brazil não havia nem seminarios. nem collegios, nem universidades; e não só o medico, o jurisconsulto, o mathematico, o philosopho, mas até o que se destinava aos mais triviaes conhecimentos e profissões da sociedade as tinha de vir aprender e estudar a Portugal. Todavia, a massa geral d'essa população era boa; só lhes fallecia bom governo para de tam florescentes colonias se desenvolver a mais poderosa nação das terras transatlanticas.

[1] De todos os defeitos e absurdos que compõem o cahos informe e reluctante de nosso systema de governo (fatal systema que para nossas conquistas transplantámos, e que foi uma das graves causas que nol'as fizeram perder) é a mais repugnante e damnosa a *cumulação* da auctoridade administrativa com a judiciaria: e não só os magistrados territoriaes as exercem por estolida economia do governo, senão tambem aos membros dos tribunaes por monopolio se tem deferido. Em Portugal os desembargadores encanam rios, abrem estradas, construem pontes, exploram minas, erigem hospitaes, fornecem exercitos, administram a fazenda publica, e até na capital exercem as funcções municipaes, e fazem posturas para limpeza das ruas e ordem da cidade! As côrtes em 1822 tinham providenciado n'esse desarranjo com o estabelecimento dos presidentes electivos nas camaras, com a instauração dos contadores nas comarcas, e creação dos administradores nas provincias. — Duas cousas mui essenciaes teriam feito muito partidario da causa constitucional; os juizos publicos, e a administração separada da justiça. Uma lei sobre ordem de processo bastava para a primeira, e um regulamento provisorio do governo para a segunda: tres annos que o povo se acostumasse a estes dous bens, que mais immediato, mais sensivelmente lhe chegavam, fariam mais difficil o retrogradal-o ás caducidades do regimen antigo. Nenhum motivo me inspira estas observações além do desejo de que se emendem para o futuro os erros do passado. O piloto, que deu com a nau no baixo conhecido, e que por acaso escapou com vida, não deve envergonharse de marcar na carta o escolho traidor, para que *maior cautella* lhe evite a elle ou a outros, a infelicidade do naufragio.

XXII

O Brazil metropole

E esse era o estado do Brazil quando a casa de Bragança fugitiva de Portugal aportou n'aquelle hemispherio, offerecendo ao novo mundo o novo espectaculo de um monarcha, de uma côrte europea transplantados dos gothicos palacios das regiões feudaes para um solo virgem de aristocracias, e cujos habitantes, ricos e egualados pela commum lei do trabalho, não conheciam mais *excellencias* que as do seu governador ou do seu bispo, nem mais *senhorias* que as do seu ouvidor e juiz de fóra

Subitamente uma nuvem de grandes, de magnates de todas as ordens e jerarchias invadem suas terras, maltratam, roubam, affrontam e fazem sentir aos povos do Brazil todas as *doçuras* e bençãos de um governo *paternal e legitimo.* [1]

Este foi o primeiro effeito que resultou ao Brazil de sua nova posição politica. Pesados e violentos tributos, vexações de toda a ordem e guiza vieram logo. As esperanças dos Brazileiros esvaeceram-se; escravos, opprimidos como d'antes, só tinham mudado de condição em ter mais perto o oppressor. [2] Mas uma causa estranha veiu melhorar a sorte do novo imperio. O gabinete britannico quiz os portos abertos para os navios de sua nação; e o ministerio portuguez forçado, mau grado seu, a fazer bem á classe industrial, consentiu em franquear os portos do Brazil. Assim acabou [3] o monopolio de Portugal, assim os mercados de Lisboa e Porto se mudaram para o Rio, Bahia, Pernambuco e mais cidades maritimas do Brazil. O commercio cresceu florentissimo, e continuou a luctar com mais forças contra a perversidade do governo e de seus

[1] e [2] A historia da chegada da côrte ao Rio de Janeiro, e dos 13 annos que lá se demorou, formaria mais escandalosa e vergonhosa chronica do que os mais repugnantes capitulos de Suetonio e Tacito.

Só no artigo tributos, pagava o Brazil até alli dez vezes menos; quanto aos melhoramentos, o que sahiu a lume foram, em *projecto* os planos de D. Rodrigo, e em *execução* os palacios dos Lobatos e as *operações* do Targini.

[3] O Brazil deixou desde então de ser colonia de Portugal: é escandalosa a má-fé dos Brazileiros que ainda hoje estão repetindo o contrario.

actos, a qual, ainda assim, crescia parallela com o augmento da fortuna pública.

A venalidade e impericia dos ministros, a devassidão da côrte, o augmento, abusos, e pretenções da aristocracia haviam subido ao maximo ponto, e deixaram muito atraz quanto na Europa se conhecia: esse não era só despotismo, mas despotismo oriental, estupido, infame e indecente. Governos taes não quebram (porque nem para isso tem força) os laços sociaes, mas apodrecem-os; o minimo movimento, que de leve toque n'essas massas decompostas, descobrirá a *falsa posição* d'uma sociedade sem mais vinculos que o habito d'elles, sem mais ordem ou união que o longo costume de existir sem ella

XXIII

Revolução do Brazil

N'estas inconsistentes circumstancias do Brazil, o rodeava por toda a parte a conflagração geral do continente americano; em tal crescimento de abusos, de privilegios, de esforços retrogados, a civilisação crescia victoriosa em deredor de seus limites, e destruia todos esses erros e absurdos que lhe entravavam a estrada triumphal. Só o Brazil parecia estacionario e impassivel quando, situado no meio da America, todos os raios do grande circulo americano pareciam dever convergir para elle como para centro. Não! a electricidade já faisca por suas provincias, já estala por suas cidades; aquelle susurro precursor das grandes commoções politicas começa já de sentir-se; os ministros imbecis despertam em fim: declara-se a guerra aos novos Estados; tracta-se de afastar para longe o exemplo, de evitar o contacto. [1] A pacificação da Europa veiu a ponto para ajudar os projectos do ministerio braziliense: a flor dos batalhões portuguezes, aguerridos por tam longa campanha, audazes por tanta victoria, é obrigada a desertar das bandeiras da honra e independencia nacional para ir alistar-se sob o estandarte da invasão illegitima, da usurpação absurda.

Estas briosas phalanges costumadas a vencer, vencem apezar da extranheza do clima e dos inexplicaveis obstaculos que em todo o genero se lhe punham de deante.

A revolução já imminente do Brazil foi espaçada por algum tempo; e os que mais atrevidos levantaram o grito da liberdade em Pernambuco foram victimas d'essa tentativa temporan. As classes parasitas cantaram triumpho, embriagaram se com o cheiro do sacrificio, e adormeceram sobre o perigo, que todavia não tinha cessado. Mais forte, mais valente, mais irritada pela compressão, a revolução existia cheia de vigor e de vida no coração do Brazil: o minimo impulso, o levissimo toque faria rebentar n'um instante todas essas comportas apodrecidas, que empresavam a torrente da civilisação. E esse instante não tardou. As velhas instituições da Europa seguravam ainda por debil fio esta derradeira porção da America: mas a Europa tinha recebido da America o exemplo e impulso da liberdade; justo era que lh'o retribuisse.

[1] Tal foi a verdadeira causa da fatal guerra de Buenos Ayres que tam funesta foi ao commercio portuguez.

XXIV

Europa—Revolução de 1820

Exigia a ordem alternada da reciproca influencia dos dous mundos, que reflectisse agora para o Meio-dia do novo, o grande movimento que de seu Septemtrião tinha vindo abalar o velho.

A vez da Europa é chegada: toca-lhe por seu turno tomar a iniciativa na questão maxima do universo. Civilisação e ignorancia, liberdade e privilegios — nova lucta começa entre elles; e ao antigo hemispherio incumbe começal-a.

A que povo cabe levantar agora o pendão prostrado da justiça das nações? A esse que mais avexado e offendido, mais ultrajado e opprimido fôr. Dêmos um lanço d'olhos pela Europa, e vejamos por esse horisonte politico d'onde mais cresce a cerração da tempestade; onde mais aggravada a humanidade se rebellará mais presto contra seus oppressores.

Os reis tinham vencido; ou antes para os reis tinham vencido os povos. Já mencionei as promessas com que os instigaram á peleja e á victoria, e com que depois fingiram retribuir-lhes; já disse como os cumpriram, —mal, atraiçoadamente, com subterfugios e mentira. Mas de todo o continente europeu as duas peninsulas, italiana e hespanhola, foram de certo as mais ultrajadas, as mais indignamente vilipendiadas: [1] e todavia se olharmos a natureza da offensa e da injustiça, em egual parallelo poremos suas queixas e aggravos; porém, se considerarmos as circumstancias, a qualidade do *offensor*, por sem

[1] As lanças de Poniatowski não combateram pelos reis; e comtudo no fim da guerra ganhou pouco sim, mas não perdeu a Polonia. Portanto os aggravos da Italia e das Hespanhas não podem ser egualados.

duvida que as duas nações da peninsula hispanica centuplicados motivos tinham demais que as provincias e povos da Italia. Ambas haviam entrado na lucta geral, ambas tinham o innato direito de todos os povos a ser felizes, e governados segundo a justiça. Mas *particularmente* Hespanha e Portugal haviam pugnado por si e por seus reis; e se feliz, e bem succedida fôra essa lucta, ao generoso patriotismo da Hespanha se deve, deve-se ás liberaes instituições que adoptou, as quaes esse patriotismo excitaram, o nobre espirito da nacionalidade despertaram, e assim alevantaram o immenso poder da força moral, a que não poderam resistir nem os vencedores de Iena, de Austerlitz e Marengo. [1]

Porém o covarde principe, por quem tanto honrado cidadão combateu, pereceu e venceu ao cabo. Fernando sôlto emfim da ignominiosa e voluntaria prisão pela nobre generosidade de seu povo, apenas pisa o territorio castelhano, e toma nas mãos indignas esse sceptro que em má hora e para mal seu, lhe recobraram os povos, patenteou logo com a mais infame perfidia toda a ingratidão, toda a vileza d'um escravo, que, liberto por mão caridosa dos grilhões que bem mereciam seus crimes, começa o gôso e exercicio da liberdade por insultar e offender a quem lhe alcançou a não merecida carta de alforria.

Fernando devia a liberdade e o throno á constituição de Cadiz: liberto e coroado por ella entra no reino, promette jurál-a e cumpril-a; e o primeiro acto de seu governo é anniquilal-a, punir barbaramente todos seus fautores (fautores de sua dynastia, assim como flor de toda a nação), annullar todas

VASCO DA GAMA

[1] O mais poderoso inimigo de Bonaparte foi a constituição de Cadiz; Wellington o proclamou: e todos os governos a reconheceram e applaudiram na occasião do perigo, e depois todos procuraram sua destruição em 1814 e 1823.

as reformas, destruir todos os melhoramentos, renovar os abusos todos, restabelecer todos os absurdos, incoherencias e funestas instituições da monarchia theocratica dos Philippes.

Em Portugal a fôrça estrangeira, interessada auxiliar, que tam caro nos vendeu nossa phantastica independencia, não tinha deixado respirar a opinião publica, nem permittido ao espirito nacional o desenvolver-se, e manifestar seus verdadeiros sentimentos. Todos os corações voavam para Cadiz e suspiravam de briosa inveja pela fortuna de seus vizinhos [1]; mas a protecção oppressora dos alliados suffocou o generoso impulso da nação, e reteve os Portuguezes no primeiro passo (o mais difficil) da liberdade—fazendo-os crer da Europa rebanho miseravel de escravos semi-barbaros, que só compellidos por elles combateram involuntariamente por liberdade e independencia que não sabiam apreciar, nem gosar mereciam. Assim, posto que virtualmente unidos aos Castelhanos em sentimentos e desejos, tam adeantados como elles na civilisação e nas luzes, não tinham todavia ganho ainda tanto, e por esse lado não perderam tanto com a pseudo-restauração os Portuguezes.

Porém outros padecimentos e affrontas os emparelhavam na miseria e aggravos: porque reduzido, como já disse, a colonia de suas colonias, governado por um despotismo delegado (o peior e mais insupportavel de todos os despotismos), corrupto e impotente; Portugal sem commercio, porque lh'o tolhera e arruinára o gabinete do Rio [2]; sem industria, porque lh'a impeciam; sem agricultura, porque lh'a vedavam; sem administração, porque não é administração o peculato desfaçado e publico, o roubo e a venalidade patente,—descera ao mais abjecto, mais vilipendioso estado, a que jamais se viu baixar nação sem haver perdido sua independencia; comquanto pouco era a independencia de um Estado na maxima parte governado por estrangeiros [3] delegados de um chefe ausente.

Por maneira que bem perplexo se veria o juiz, que louvado para decidir em tal questão houvesse de pronunciar qual das duas nações da peninsula iberica mais aggravada ou mais desgraçada estava. Assim era geral em ambas o descontentamento, commum a indignação, e unanime a effervescencia. Diversas tentativas romperam nos dois reinos; mas, ou por immaturas ou por mal preparadas, só serviram para augmentar o kalendario dos martyres da patria, e preparar os animos dos povos. [1]

[1] E' innegavel esta verdade: o governo arteiro confundiu de proposito os homens honrados que professavam essas opiniões, com os verdadeiros afrancezados; e o povo incauto os estigmatisou indistinctamente a todos com o nome de *jacobinos*.

[2] Nem uma só provisão se fez a beneficio do commercio de Portugal quando se abriram os portos do Brazil a todas as nações

[3] Um inglez commandava o exercito; outro (o ministro residente em Lisboa) era membro nato da regencia do reino.

XXV

Natureza da Revolução de 1820 - Hespanha

Finalmente chegou o vigesimo anno do XIX seculo, assignalado nos fastos da humanidade, e uma das eras da civilisação. Hespanha levantou o brado: o grito da ilha de Leão soou por todas as suas provincias; e quasi sem opposição, sem nenhum dos terriveis accidentes, das inseparaveis calamidades companheiras das revoluções, a constituição de Cadiz foi restabelecida, o congresso convocado, e a grande machina do governo representativo posta em regular andamento. Tam preparada, tam convencida, tam decidida estava a nação! [2]

O novo e inaudito espectaculo de similhante revolução espantou o mundo; e encheu de inveja e desejo as nações, que todas suspiravam por liberdade, e a quem o receio das discordias civis, o terrivel exemplo da França, continha todavia.

Por toda a Europa despontavam symptomas de commoção: não já aquelles annuncios aterradores, formidaveis e espantosos, que na tremenda irrupção do Ethna da revolução franceza annunciavam sua communicação subterranea com o fermento da massa geral europea, e ameaçavam rebentar a cada instante, em cada cidade. Não; os furores demagogicos haviam cessado, os phantasmas platonicos tinham-se desvanecido: a Europa queria liberdade, mas aquella liberdade que suas circumstancias comportavam, que sua localidade, seus costumes, seus abusos, ainda seus arraigados vicios, podiam tolerar. Assim a tendencia dos animos, a inclinação, a attracção geral se manifestava franca, leal e pacificamente, sem terror, sem receio. A revolução dos fins do seculo XVIII fôra uma detonação electrica, que se communicava, crescia, e crescendo destruia e abrazava: a do principio do XIX era uma força magnetica, valente, poderosa sim mas sere-

[1] Em Portugal a de 1817 abafada no sangue e fogueiras do Campo de Santa Anna; em Hespanha a de Porlier, Lacy, Richard, etc.

[2] V. o que no prologo se diz sobre a preparação do povo para a liberdade.

na, que chamava mas não impellia, attrahia mas não scentelhava.

Tenho por exacta esta comparação. A revolução das duas Peninsulas era moderada e pacifica; a liberdade triumphante propoz aos tyrannos condições honrosas; cedeu para que elles cedessem; fez até sacrificio da justiça para que sacrificassem elles a injustiça. Os tyrannos acceitaram com dolo, faltaram á palavra, perjuraram, e valeram se da mansidão da liberdade para a trahirem á falsa fé. Que devem elles esperar quando ella voltar sem propor capitulações, sem dar quartel, e surda ás proposições que lhe fizerem para transigir?

XXVI

Revolução de Portugal, Italia, Grecia

E em verdade parecia que no bello e doce clima do Meio-dia devia nascer este systema indulgente, generoso e tolerante, que até com as fraquezas da humanidade transigia, e baixava como um anjo conciliador no meio dos homens para fazer a uns esquecer as injurias, a outros reparal-as, e unir a todos para a commum felicidade. Que perspectiva para a raça humana! Que esperanças! Liberdade sem sangue, egualdade sem desavenças, religião sem fanatismo, monarchia sem despotismo, nobreza sem oligarchia, governo popular sem demagogos!

Portugal seguiu a Hespanha. Em breve a peninsula italiana acudiu ao reclamo da liberdade meridional. Da opposta ribeira lhe respondeu a Grecia.

Portugal abandonado por seu chefe, e entregue á mercenaria tyrannia de seus desprezíveis bachás, deu então o grande exemplo de uma nação pequena, opprimida, que ouve pela primeira vez a palavra liberdade, que pela primeira vez a gosa, e todavia procede em todos seus actos como um povo maduro no exercicio da soberania, educado no governo representativo, e para quem o difficil costume de reinar e obedecer é já, por muito antigo, habito natural e facil. As duas nações italianas adoptaram a constituição de Cadiz; em Portugal o espirito de independencia, porventura uma certa rivalidade que a vizinhança e antigas injurias excitavam, não quiz sujeitar-se senão a um codigo de sua propria feitura e eminentemente nacional. Mas a base de todos esses codigos era uma, elles proprios eram os mesmos; accidentes ou palavras os distinguiam: era emfim um só o que podemos designar com o nome de — «systema da liberdade meridional».

XXVII

Erro capital do systema politico de 1820

Ainda mal! que para tam generoso systema faltaram homens, ou antes falharam os homens nos meios e modos de sua applicação. Não foi erro d'este ou d'aquelle, como a inveja, a intriga, os partidos cegamente proclamaram; mas erro commum, geral, em que todos peccaram, para que todos concorreram com sua quota de faltas; as quaes todas procederam de uma só e unica origem, «o errado methodo de se estabelecer aquelle systema».

Innocente foi esse erro em muitos, direi na maior parte, porque o engano geral o suppunha o mais acertado meio. Quero falar das revoluções militares, que em verdade foram a unica e valente causa da pouca duração e stabilidade do systema represen tativo nas duas Peninsulas. Certo é que sem o auxilio da força armada era impossivel qualquer revolução no estado d'aquelles paizes. Mas fazer-se do que só devia ser *auxilio*, agente *unico e exclusivo*, eis ahi o grande, o maximo, o capital erro das revoluções peninsulares de 1820. Todos os homens illustrados, todos os cidadãos honrados applaudiram e adoptaram de coração e alma os *principios* (as *fórmas*, nem todos) do systema proclamado: mas a massa geral, o corpo da nação, que nunca se decide sem ver, tocar, palpar por si mesma, — ficou impassivel e pela maior parte indifferente.

Demonstrado é já hoje que a totalidade do povo jamais se interessará, e menos punirá por mudanças politicas que *ella propria* não tenha feito, ou para as quaes, pelo menos, não tenha grandemente concorrido. Nem vale a prompta objecção de que o povo todo concorrêra para essas innovações, pois que elegêra deputados que em seu nome e por procuração sua as estatuiram. Theorias são essas que o povo ignora, abstracções que dos sentidos lhe fogem: e o povo não crê, nem defende senão o qu oca e palpa.

Mas o odio d'essa liga fatal que por zombaria ou blasphemia se intitula da «legitimidade» era certo, seus effeitos imminentes. Os desertos da Russia plantados de baionetas, os castellos feudaes da Allemanha eriçados de canhões, o ciume inglez coalhando os mares de armadas terriveis, a França, [1] envergonhada de suas antigas proezas, anciosa de fazer penitencia e de mostrar a seu

[1] Assim parecia então a França: bem se desaffrontou ella agora de quem a fazia tam malquista e desprezada dos povos.

senhor arrependimento e remorsos; todos os colossos do Norte ameaçavam o Meio-dia. Como lhes ha-de elle resistir? Recorrerá a seus exercitos? Dir lhes-ha: *Vós fizestes a revolução, defendei-a vós?* Porém esses exercitos perderam a disciplina militar, e por esse primeiro acto de *salutar desobediencia* se julgarão auctorizados a commetter quantos mais lhes parecer, dizendo, depois de cada um d'elles: *Salvámos a patria.*

Assim succedeu de facto: porém quando tal não houvera acontecido, quando o soldado houvera conservado a disciplina, quando cada um d'elles se não supozesse na occasião do perigo legislador, executador, julgador, governante absoluto; e não argumentasse do fatal aresto da primeira revolução para o direito permanente de fazer cincoenta outras; como houvera o pequeno poder dos exercitos do Meio dia de resistir ás forças colossaes de todo esse Norte? Exercito por exercito era impossivel, mas que foramos nós gigantes, pygmeus elles.

Logo era certa a ruina da liberdade? — Não, não, homens cégos, não: chamae o povo, interessae-o, fazei por elle e para elle a revolução; elle defenderá a obra de suas mãos. Um povo que não quer ser conquistado jamais o é; um povo que determinadamente quer ser livre sempre o será. Essa *determinada* vontade convinha inspirar e manter no povo; e exactamente n'isso falhou a revolução. Sei eu, e todo o homem de boa fé sabe, que não foi criminosa tenção de todos os que dirigiram os negocios publicos a que os levou a arredar constantemente o povo (segundo fizeram) de tomar parte na revolução; [1] o receio da anarchia, o fatal exemplo da França lhe inspirou terror; e a natureza propria do systema indulgente e neutralisador que se havia proclamado, exigia summa prudencia e melindre n'este ponto. Mas quam longe foi esse melindre, quam vagarosa e timida andou essa prudencia! Os inimigos da liberdade, estrangeiros e domesticos, o perceberam, e cuidaram em aproveitar a tempo de tam fatal descuido e timidez. A massa da população, inerte, impassivel, indifferente, estava á disposição do primeiro que d'ella se quizesse valer dando lhe movimento em qualquer sentido: a revolução não se aproveitou d'ella, fel-o a contra-revolução.

Recapitulemos:

A revolução foi militar; o exercito perdera a disciplina: não se podia contar com elle.

Mas a revolução não podia deixar de ser militar, porque o exercito tinha a força.

Pois devia chamar-se *povo* e *exercito;* fazer a revolução militar e civil; armar immediatamente o povo para que melhor se unissem assim, e mais respeito imposessem a estranhos.

Mas o espirito da revolução era moderado, pacifico e conciliador: se o povo n'ella entrasse quem o podera conter? Pois eis ahi o defeito da revolução. Revoluções pacificas, moderadas, só o governo as póde fazer porque as faz com a força na mão, manda ao povo em seu proprio nome, e não no d'elle; não discute nem propõe, determina e ordena. Mas quando a revolução se faz pelo povo e em seu nome, forçoso é que o povo entre e disponha n'ella; que a machina social se desloque; as instituições velhas se destruam *todas de uma vez,* e que em terreno limpo e desembaraçado se edifiquem de novo novos edificios. [1]

Ora as revoluções de 1820 não só foram quasi puramente militares no seu começo e rompimento, mas até militares se conservavam sempre, (falo de Hespanha e Portugal onde progrediram) porque o governo estribava principalmente no exercito, e, especialmente em Portugal, jamais consentiu que o povo tomasse a minima parte na defeza publica; e só nos ultimos paroxismos do systema consentiu na instituição salutar das guardas nacionaes. D'ahi militarmente proclamada, militarmente sustentada, e militarmente destruida foi a causa do povo, sem ao povo ser permittida sua propria defeza.

Uma de duas: ou o systema era democratico e democraticamente se devia estabelecer; e então foi errada a revolução, porque não interessou *bastante* a massa democratica; ou não o era, e tambem foi errada, porque se interessou *de mais* essa massa com as concessões que lhe fizeram.

Sem, por agora, falar na propriedade ou impropriedade das constituições de Cadiz e Lisboa, direi sómente, que ellas tiveram os mesmos defeitos da revolução que as creára: *de mais* para um systema conciliador e moderado, qual o exigia o estado valetudinario e corrupto, mesclado de classes e partidos das duas Peninsulas; *de menos* para uma reorganisação social, qual a pedia a opinião democratica e o espirito radical das reformas por que se bradava. D'estas contradicções resultou não se conseguir o primeiro effeito das revoluções, que é, como em França dizem *de mettre les hommes à leur*

[1] E accusaram de revolucionario, jacobino e exaltado o systema que, se peccou, foi nos principios, e cujo erro nos meios talvez foi demasiada prudencia ou timidez.

[1] Não precisa porém que a demolição dos edificios velhos esmague os desgraçados que tinham a infelicidade de os habitar.

place: os inimigos da liberdade ficaram nas mesmas posições sociaes; e assim quando houve mister magistrados para punir rebeldes, acharam-se com protectores d'elles; quando se precisou de auctoridades para manter o systema, acharam-se inimigos rebuçados que o minavam; quando se quizeram generaes, appareceram cobardes que temiam a guerra, e traidores que entregaram as armas aos contrarios; quando finalmente se precisaram braços e espadas para defender a patria, surgiram baionetas rebeldes, indisciplinadas, que em vez de marchar contra o inimigo se voltaram contra a nação.

Não se pensa porém que eu faça unicamente consistir a firmeza e stabilidade do systema representativo na instituição das guardas nacionaes, e na parte que por ellas toma o povo no estabelecimento, manutenção e defeza de seus direitos. Essa instituição maravilhosa é necessaria, indispensavel; porém mais necessario, mais indispensavel ainda é que o povo conheça e avalie o que defende. Para isso é preciso illustral-o de *palavra e obra*. De palavra, por via de escriptos prudentes e assisados, de escolas e instrucção. De obra, fazendo-lhe ver e sentir em seus resultados a excellencia do systema adoptado. O effeito do primeiro d'estes meios é lento, e de pouco fructo na geração presente — de incalculavel proveito nas futuras.

O segundo tem immediatos e peremptorios e eficazes resultados: as reformas na administração, os melhoramentos nas estradas, nos meios de circulação das riquezas, a protecção da industria, a liberdade no commercio, a justiça nas leis, nos tribunaes, nos magistrados, o allivio nos tributos (se a revolução os trouxesse) mostrariam ao povo as vantagens do systema proposto, seriam incançaveis e eloquentes apostolos de sua bondade, e o fariam de tal modo querido e amado, que nenhuma traição domestica ou invasão estranha o poderia destruir.

Mas em Portugal (o mesmo succedeu nos outros paizes) a revolução deixou as coisas como as achou, e não mudou senão homens. Se a antiga aristocracia historica pesava sobre a nação, a nova aristocracia da revolução pesava dobrado. O patronato, a concussão, o peculato era o mesmo. Os tribunaes julgavam inquisitoriamente como d'antes. Os tributos pouco se alliviaram, o commercio soffria os mesmos estorvos, a industria as mesmas peas, a agricultura as mesmas oppressões. Com insignificantes excepções, o povo nem era mais livre nem mais feliz. — Como havia elle de pugnar por um systema que nem conhecia nem sentia?

XXVIII

Contrarevolução de 1823

Já Napoles e Piemonte [1] haviam succumbido á intervenção estrangeira: a Austria se havia constituido executora do accordam da Santa-Alliança. Hespanha e Portugal restavam; sua sentença estava lavrada; mas embargado o cumprimento pela maior difficuldade da execução. França, que esse deprecatorio recebêra, se arreceava de seu exercito e não ousava cumprir. Outro gabinete machiavelico ruminava todos os estratagemas de sua politica arteira para combinar o interesse real que tinha na quéda da liberdade peninsular com as formas convencionaes a que a opinião do seu generoso povo, os tractados com Portugal e o receio do engrandecimento da França a obrigavam. Ambos os gabinetes deram as mãos, nenhum declarou guerra, ambos invadiram; um com armas, dinheiro e *escapularios* pelo Bidassoa; outro com dinheiro, promessas, e astucias diplomaticas pelo Tejo. O indifferentismo da massa popular, parte por sua mesma inacção, parte aproveitado com o impulso fanatico que se lhe deu, fez o resto; a traição miliar completou inteiramente a obra: o systema peninsular cahiu, e com elle todas as esperanças da Europa.

A oligarchia carregada com os despojos opimos da liberdade entrou de novo em sua torre de ferro, e do alto das ameias feudaes deu rebate ás classes parasitas desapossadas, aos abusos desherdados, ao fanatismo agrilhoado e á ignorancia desprezada. Todos os monstros da sociedade, que a liberdade aterrára no dia do seu triumpho, accudiram furiosos a insultal-a no ataúde. Reacção terrivel, que immolou milhares de victimas, que sob um governo dito paternal, sob uma auctoridade dita legitima commetteu mais barbaridades e sacrilegios que as mais desenfreadas revoluções demagogicas! Que *legitimo* ousará allegar contra as crueldades da revolução franceza depois dos horrores da contrarevolução hespanhola?

XXIX

Effeitos da contrarevolução na Europa

Mas assim como o movimento revolucionario de 1820 fôra geral em toda a Europa, e abalára com maior ou menor repellão

[1] Ahi menos se interessára ainda o povo, e mais facil fôra portanto a destruição da liberdade.

(ainda onde manifesto não apparecêra) os fundamentos do absolutismo; tambem a reacção d'este foi universal: e com quanto seu mais valente embate veiu de encontro sobre as duas Peninsulas, todavia pela Europa inteira se estendeu. Restringiram-se em França as eleições; estabeleceu-se a septennalidade das camaras com manifesta violação da Carta; supprimiu-se depois a liberdade da imprensa, fizeram-se leis de sacrilegios e indemnisações; [1] todas as prisões de Italia e Allemanha se atulharam de suspeitos e inconfidentes; o phantasma de liberdade, que o autocrata concedêra á Polonia, desappareceu quasi de todo; a commissão, ou antes inquisição, de Mayença dobrou de rigor, augmentou espias, torniquetes e polés; os Jesuitas appareceram por toda a parte desde Madrid até Zurich; e o papa, olhando satisfeito do alto do Vaticano para sobre o velho mundo, cuidou ver se nos dias bemaventurados de Gregorio VII e IX, e desenferrujou os sagrados raios com fulminar anathemas a pedreiros-livres, e excommunhões a carbonarios.

XXX

Effeitos da contrarevolução na America

Outra vez succumbiu a Europa na causa da liberdade; mas não assim a America. Suas republicas meridionaes se iam successivamente organisando e consolidando; e já a potencia europea, que podia desaffrontar-se do jugo da Sancta Alliança, lhe enviava mensagens de paz e amizade. O reconhecimento de sua nobre independencia não estava ainda declarado, mas existia positivamente decretado pelo primeiro Estado commercial e maritimo do globo. Emfim completamente triumphára a liberdade por toda a America, até... até no Brazil.

XXXI

Effeitos da contrarevolução no Brazil

O Brazil recebêra o impulso de Portugal, e conjunctamente com a mãe patria proclamára a liberdade, enviára deputados ao congresso de Lisbôa, espontanea e distinctamente declarára querer conservar-se unido á metrople pelo vinculo de uma constituição livre, egual e popular. E acaso esse estranho phenomenó politico se houvera temporariamente realizado se o herdeiro da coroa não tivesse permanecido na America. Impaciente de cingil-a, impacientes seus apaniguados de lhe aquinhoar as regalias, se cubriram com a capa de independencia, e usurparam o imperio. Os erros das côrtes de Lisboa apressaram esse acontecimento inevitavel.

Dous partidos mui poderosos no Brazil, o republicano e o independente, sustentando este o principe de boa fé, aquelle antevendo na separação de Portugal um passo dado no caminho da democracia, ambos se lhe uniram: e d'um moço inexperto e ambicioso confiou assim o Brazil sua liberdade e independencia. [1]

Erradamente luctou Portugal contra essa independencia; nem devia, nem podia: para seu castigo passou pela vergonha de ver deshonradas as armas portuguezas, entregues ao inimigo as reliquias de sua marinha, e inteiramente anniquilado seu commercio.

Mas emfim já toda a America é independente e livre: nem as fórmas monarchicas conservadas no Brazil impedem o estabelecimento de uma constituição liberal e eminentemente popular: o proprio e unico representante da *legitimidade* n'essas terras democraticas presta homenagem e rendimento ao principio da soberania do povo triumphador além do Atlantico.

Todavia esse estado da America não parecia permanente: essa monarchia encravada entre republicas, por muito e muito que d'ellas se approximasse, por muito que transigisse em principios e actos, mal podia resistir á acção continuada, á força constante de opposição, que de fóra e de dentro a apertava de dia em dia, de hora a hora. Breve se aguardava que essa lucta intestina, e porora solapada, apparecesse clara e manifesta.

Não tardou muito: o novo imperador estava em uma falsa e inconsistente posição. Apertavam ordens de Vienna e solicitações de Lisboa; instava o perigo proprio; pois tambem os partidos, que se lhe haviam unido, começavam a desamparál-o: só um golpe atrevido podia salvar para a legitimidade e para a casa de Bragança o dominio do Brazil por mais algum anno. Esse golpe teve o novel imperador a energia de dál-o. Dissolvida a democratica assemblea, sopeado o partido demagogico, o throno, que já balouçava, se equilibrou um tanto mais.

Murmuraram, deram fortes signaes de descontento; mas era já tarde: o principe havia

[1] Na célebre discussão da camara dos deputados de França ácêrca da lei de sacrilegio, em 13 de Abril de 182?, é digna de que todos a estudassem, a eloquente peroração de Mr. Bertin Devaux.

[1] N'aquella epocha não podia a imparcial justiça designal-o d'outro modo.

sido atrevido, e ésta qualidade só basta as mais das vezes para conter a multidão.

Porêm os murmurios cresceram pelas provincias do vasto imperio, e, de murmurios que eram, engrossaram até declarada rebellião. Já essa lavrava de provincia em provincia, já parecia que a monarchia não podia resistir á opinião republicana. Mas o isolamento das provincias, que mal se communicam, e peior se podem ajudar, deu a victoria ás forças navaes do imperador, que havia tido o bom aviso de n'ellas estribar principalmente.

A Inglaterra, que é legitima ou liberal segundo mais lhe convem, já havia reconhecido as republicas meridionaes da America: todas as outras potencias europeas se tinham opposto, ou pelo menos declarado contra esta decisão diplomatica. E apezar de monarchia, não incorrêra menos o Brazil na excommunhão da Sancta-Alliança por suas liberaes instituições. A resolução do imperador os fez mudar: tomaram-o pelo que elle não era nem podia ser. Inglaterra, a quem tanto serviu a independencia das antigas colonias hespanholas (porque sujeitas á metropole as não poderia dominar politicamente, nem explorar commercialmente) quanto desconvinha a do Brazil, porque unido a Portugal, exarchado seu, facilmente o predominará; a Inglaterra agora muda de plano: toda officiosa e amiga, apparece com sua mediação ominosa para o Brazil, affrontosa para Portugal e para ambos prejudicial.[1] Falou em congraçar as duas nações, mas na realidade estipulou só titulos oucos e palavras vans entre pae e filho: e então appareceu esse ridiculo tractado, vil concordata do despotismo, que aquinhoa e reparte nações como rebanhos, e mercadeja de homens como de rezes em feira.

Eisahi os governos europeus apressados a reconhecer o novo Estado americano, e a accolher seus embaixadores! Com que amizade os festejam!

Mas ah! de quam triste agouro são para a liberdade e independencia americana essas festas e amizades da policia europea!

Esse unico representante da *legitimidade* no novo mundo está por ella destinado a grandes coisas. Já suas guardas se reforçam de batalhões do Norte. Após a guarda e alliança tudesca vem immediatamente a politica tudesca. O Brazil o sentirá primeiro, depois a America toda.

Não... o imperador do Brazil se desenganará em breve: cedo conhecerá que amigos tem n'esses soberanos da Europa que tanto o festejam agora.

Outra vez a perfidia, a estupidez, a ingratidão dos gabinetes da Europa será a salvadora da America... D. Pedro hade ver o precipicio a que a arrojam; e o principe destinado pelos tyrannos europeus para destruidor da liberdade, será — em que lhes pêze — seu propugnador magnanimo.

SECÇÃO SEGUNDA

Estado do mundo civilisado nos fins do primeiro quartel d'este seculo.— Dissolve-se a Santa-Alliança. — Alguns soberanos transigem com os povos. — Os que o não fazem, já não obram com a antiga força da união.—Incruenta victoria da civilisação.

I

Estado do mundo civilisado no segundo quartel do seculo XIX

Tomemos aqui folego. O despotismo, a oligarchia triumpharam mais uma vez na Europa; a liberdade vacilla na America.. Estará perdida a causa dos povos, a causa da civilisação? Não: cegueira dos seus inimigos, covardia de seus fracos amigos o suppõe: enganam-se. Derramemos a vista por essa parte da Europa e America a que damos com justiça o nome de «mundo civilisado». Vejamos se a submissão é perfeita, e duradoura essa paz de sepulcro.

II

França

Lancemo-nos de golpe no coração da Europa.

Ahi está a França; essa França onde já se ganhou a causa da humanidade, onde já se perdeu, onde só ella póde ser perdida ou ganha.

Em parte nenhuma do orbe se guerrearam tam exasperados os partidos, — as facções que d'elles nascem, e que debaixo de todos

[1] V. o que ao deante se diz na secção terceira, cap. IV.

os nomes e pretextos assolaram e devastaram aquelle sanguinoso paiz. Mas Luiz XVIII teve o bom juizo de tomar as coisas no estado em que as achou, e de sujeitar-se ás inevitaveis consequencias da civilisação. Escassa e ambigua foi a sua Carta; mas todos os partidos se reuniram em torno d'ella, não porque inteiramente fundidos, mas porque reconheceram de seu mutuo e commum interesse sustentar essas mesmas concessões que uns julgaram de mais, outros de menos.

Mas o partido liberal sujeitou-se de boa fé, e recebeu a Carta lealmente e com todas as suas condições. Não assim o chamado *ultra* ou jesuitico: renitente sempre, em toda a parte, por todos os meios que póde se rebella diariamente contra o jugo, insoffrivel para elle, das leis e da legitima auctoridade. O estado de illustração do povo francez, a progressiva consolidação dos principios constitucionaes em um paiz rico, forte, vasto, não lhes deixarão obter mais que momentaneos e ephemeros triumphos. O defeito da septennalidade da camara electiva é contrabalançado pela independencia e luzes da hereditaria : [1] a magistratura conservadora dos pares desempenha alli seu alto ministerio protegendo a classe industrial e fazendo communidade de interesses com ella. Os parasitas da côrte fazem guerra surda á nação com jesuitas e congregações ; a nação faz aberta guerra á côrte, instruindo-se, trabalhando, enriquecendo. Mas de vontade a uns, de força a outros, a Carta contém a todos para que se conserve a paz e o equilibrio do Estado. Assim florece o commercio, as artes, a agricultura em um paiz, [2] onde, se as instituições constitucionaes não contivessem os partidos, não haveria mais artes que as da guerra civil, mais commercio que o de sangue humano, nem a terra seria cavada senão para sepulcros e cemiterios. Tal é o poder miraculoso do systema representativo, que mette ordem e felicidade onde mais fermentam os elementos da desordem e desgraça publica !

Mas que se não engane a oligarchia com essa quietação da França, com esse desejo de paz de seus habitantes ! Teem soffrido, soffrem, e soffrerão ainda muito os Francezes por amor da paz e socego de que precisam. Mas tocae-lhes abertamente na Carta, manifeste o governo declaradamente suas ligações com a oligarchia ingleza e austriaca — e a revolução resurgirá como por encantamento. Já pelos imprudentes ameaços da côrte, se comparam os Bourbons com os Stuarts.—E quem foi um dos primeiros que lembrou a comparação ? – Chateaubriand !

[1] Assim pede a justiça que se diga d'aquella camara em 1825-26 e parte de 27.

[2] E' notavel esta confissão expressa no relatorio do ministerio Polignac, sobre o qual se passaram os memoraveis decretos de Julho d'este anno de 1830.

III

Paizes-Baixos

Não menor prodigio está operando o *principio legitimo* do governo representativo n'esse novo reino dos Paizes-baixos, creado á toa pelo capricho dos alliados, sustentado pela sabedoria e virtudes de seu rei e regimen.

Duas nações diversas em costumes, distinctas até em feições, differentes em linguagem, separadas pela natureza de seu solo e precisões, contrarias pela religião, — se reunem apezar de todos esses obstaculos, fraternizam mau grado de todos esses motivos de desavença. Parte educada no governo republicano, parte acostumada a um regimen quasi absoluto; - aquella se submette todavia de gosto ao sceptro protector da monarchia constitucional, esta se habitua com satisfação ás formas representativas; - e adquirem todos os dias ambas a solidez da união, e a força que d'essa resulta. Seu commercio anima, sua industria cresce, e ahi se vai constituindo uma das quantidades politicas da maior importancia, por sua posição no systema europeu. [1]

IV

Inglaterra

Inglaterra, com suas instituições tam imperfeitas e antiquadas, suas leis tam confusas, sua propriedade tam mal dividida, sua população tam matizada de crenças religiosas, suas classes tam separadas por antigos preconceitos, suas colonias immensas, — e muitas pesadas á mãe-patria — a Irlanda cortada de facções, o credito publico e particular abalado; milhões de indigentes a par do maior luxo e riqueza que ainda viu povo nenhum; uma divida espantosa, tributos enormes — e todavia, em vez da miseria, da guerra civil, da fraqueza do governo, que d'essa posição pareciam dever resultar, — florece, prospéra no interior, é temida e respeitada de estranhos, domina o commercio e navegação do universo.

E como se sustenta um edificio que tam ruinoso parece ? — São os vigamentos, é a

[1] Por se desviarem d'esta linha causaram os ministros hollandezes a actual revolução da Belgica.

estructura interna, é o equilibrio da constituição, que por sua força natural o está mantendo: é o *atlante* do systema representativo que em seus hombros carrega com esse *mundo* de difficuldades e incoherencias.

E todavia a antiga grandeza e splendor de Inglaterra diminuem a olhos vistos, sua superioridade sobre os outros povos vai desapparecendo. Porquê? Porque os outros povos andaram, e Inglaterra ficou estacionaria e não vê, não quer ver o caminho que elles fizeram.

Ainda a consideram com respeito, ainda a veneram; mas se a politica illustrada e conciliadora de Mr. Canning for abandonada pelo gabinete de S. James, — o respeito se volverá em odio; lembrarão antigas injurias: — e que povo da Europa as não tem, desde Copenhaguen até Lisboa? [1]

V

Confederação germanica

Quasi todos os Estados que entram na confederação germanica gosam já das bençãos do systema representativo; e quanto o podem ser Estados pequenos e encravados entre grandes potencias, por elles são aventurados. A tal qual independencia de que gosam, dá-lh'a sua fórma de governo.

VI

Prussia

Mas essa independencia é todos os dias ameaçada pelas duas grandes potencias que preponderam na confederação, e que, mais dia menos dia, lhe hão de desmanchar o equilibrio.

Uma d'ellas é a Prussia: e mais tambem essa não tem limites naturaes. Suppriu-os até-gora uma população quasi toda militar, a cabeça e a espada do grande Frederico, os homens da sua eschola, o impulso que um braço forte deixa na machina do Estado, e que dura ainda longo espaço depois de extincto o agente d'esse impulso.

Mas a insufficiencia de taes meios cresce e apparece cada vez mais. A Prussia tem ha muitos annos um bom codigo, um bom systema de administração; seu povo é um dos mais illustrados da Europa: e ou o rei continua a cumprir a palavra dada, [1] e completa o edificio do Estado, que tam boas e solidas bases já tem, — ou seus povos hão de conquistar mais ampla liberdade, — ou na conflagração, que tanto ameaça o Norte como o Sul da Europa, arderá a Prussia com os outros Estados: e sabe Deus, ninguem mais, o que d'ahi se fundirá.

AFFONSO D'A BUQUERQUE

VII

Dinamarca

Quem ignora que o governo da Dinamarca é o unico legitimamente absoluto na Europa? [2] O povo entregou livremente ao rei

[1] V. as falas de Sir James de Mackintosh na sessão de 1 de Junho da camara dos communs, e a de Lord Holland na de 19 do mesmo mez da camara dos pares.

[1] V. *Edinburgh Review* do 2.º ou 3.º quartel de 1820

[2] Se jamais pode ser legitimo um governo absoluto. As duas ideias e as duas palavras envolvem contradicção.

o sceptro despotico: tam avexado e tyrannizado se viu da aristocracia. Que terrivel lição! E o actual soberano não abusa de seu poder: e melhores futuros espera ainda a Dinamarca das promettedoras qualidades do principe real, por quem inda chora a Norwega.

Senhora do Sund, chave do Baltico, e portanto da navegação russa na Europa (emquanto a Russia se não estender até o Mediterraneo —e cedo se estenderá) que importante não é, assim decepada e cerceada como a deixou a vingança ingleza—que importante ainda assim não póde ser na balança da Europa, quando os povos abrirem os olhos, e os seus, não os interesses de certas familias, governarem a terra?

VIII

Suecia

Terra classica das facções politicas, paiz natural das revoluções, a Suecia tranquilla, feliz, é outro documento triumphante do poder immenso das boas instituições, da fortaleza e *aprumo* do governo representativo.

Um rei estranho,—uma nobreza inquieta, e insoffrida de todo o jugo, que já por vezes tem sacudido o real,—uma classe media (nos outros paizes appoio natural do throno) pobre e fraca,—escassas rendas, debeis recursos, poucas fontes de riqueza, —um partido forte ainda pela dynastia expulsa — dynastia não sem virtudes —e todavia as garantias sociaes sustentando o general de Bonaparte, e fazendo a felicidade da nação!

A memoria de Pultava tem a Suecia em continuo medo de seu formidavel vizinho. E contra elle não ha senão um meio de defeza, tanto para a Suecia como para toda a Europa: instituições livres, que reconciliem os povos com os reis, e dêem consistencia e força moral aos Estados. Força physica onde a ha que chegue? Só a moral lhe pode valer.

IX

Russia

A Russia ameaça a Europa com seus milhões de baionetas. Não lhe tenhamos medo se formos livres. E o Czar está certo e seguro d'esses milhões de baionetas? Cedo veremos que não.

A Russia cubiça o imperio de Constantino; e ha de empolgal-o como empolgou o reino de Stanislaw, se o louco ciume de Inglaterra e o cego e inveterado odio de liberdade da Austria não entregarem a guarda do Bosphoro e as torres dos Dardanellos a quem ellas pertencem, os descendentes de Leonidas e Themistocles. Não é já para a Porta defendel-os.

X

Austria

O govêrno russo tem medo á civilisação, o austriaco odio. A Russia hade vir a condescender com a liberdade. A Austria só hade ceder quando a liberdade a anniquilar no dia de sua vingança. Perfidia systematisada, crueldade a sangue frio, hypocrisia constante são os caracteres do conselho aulico.

A fôrça da Austria está só nas artes de seu gabinete: o imperio é composto de elementos repugnantes, que todos tendem a desunir-se, que hão-de vir a desunir-se. E a Providencia mande cedo esse dia para segurança da Europa e desaggravo de seus povos. [1]

XI

Italia

A Italia é toda escrava;—mas escrava que morde os grilhões, que tem fôrça para os quebrar,—que os hade espedaçar ainda. D'ella disse um de seus maiores filhos, um dos maiores homens d'essa era:

> Siam servi si, ma servi ognor frementi.

Este verso de Alfieri diz mais que livros inteiros. A Italia está aquinhoada entre estrangeiros: esse é um de seus maiores aggravos, mas tambem será uma das causas de ella se libertar mais cedo.

Principes francezes ao Meio-dia, principes austriacos por toda a parte, a impotencia papal na antiga cabeça do mundo, -tudo é pequeno e mesquinho no mais grandioso paiz da terra. Em cahindo o primeiro, os outros virão traz elle, um sôbre o outro, como edificios que são sem alicerce, como truncadas columnas de antiga ruina, que sem pedestal nem capitel, o capricho dos despotas cuidou equilibrar em sua omnipotencia.

Mas os povos da Italia já sabem como ellas cahem: e quando voltarem a derrubal-as, hade ser com a união e simultaneidade

[1] Distinga-se entre as virtudes privadas da dynastia e os crimes do governo.

que na derradeira vez lhes faltou e os perdeu.[1]

XII

Grecia

A questão da Grecia importa immediatamente á Russia e Austria que lhe são limitrophes, e á Turquia que n'ella tinha seu mais valente ponto de dominação na Europa.

O Egypto, a Berberia e outras consideraveis porções d'Asia e Africa se desligaram da sujeição da Porta, mas permaneceram na communhão do Islamismo. Foram esses golpes terriveis na potencia othomana: mas alêm de uma sombra de imperio, que sempre ficou, de uma especie de feudo e vassallagem, —a identidade de religião deixou ainda muita fôrça real ao Sultão de Constantinopla, muita e mui poderosa influencia sôbre os paizes separados. O caso da Grecia é mui differente. E' uma religião inimiga, um govêrno de opposta natureza, um systema que naturalmente se liga e faz causa commum com as potencias christans, inimigas naturaes da Porta, as quaes n'uma ou n'outra occasião podem talvez prestar-lhe officios amigos —mas forçadas de circumstancias, nunca por constancia de principios.

Independente a Grecia, toda a fôrça maritima da Turquia acabou. A liberdade postada á porta dos Dardanellos não lhe deixará mais águas para seus baixeis que as do Marnegro—em quanto a Russia lhe permittir navegal-o.

Toda a consideração europea do imperio othomano morre d'esta ferida.

O senhorio da Turquia na Europa era ha muito nominal. De um lado a Russia, do outro a Inglaterra, depois os governadores provinciaes da mesma Porta aquinhoavam entre si o imperio grego.

Quem dominar em Constantinopla ha de dominar o mundo: disse Rousseau. O govêrno de Petersburgo entendeu perfeitamente o philosopho de Genebra. Do alto do Kremlim, a aguia moscovita ensaia todos os dias o voo para o zimborio de Santa-Sophia.

Separar-se pois a Grecia do dominio turco —importa e convem á Russia: constituir-se independente, não. Mas constituir-se á entrada do Bosphoro uma nação independente que por aquelle lado equilibre na balança da Europa o discordante pêso da Russia, cujo alvo é e foi sempre o throno do Oriente; —senhorear-se do Archipelago, estender-se pelo littoral da Morea, ao menos por toda a curva que se descreve rodeando desde Volo a Arta, um povo maritimo, navegante, commercial, que pelo andar do tempo formasse uma poderosa marinha—devia forçosamente ser do interêsse da Austria.

A Austria porém teme ainda mais os principios theoreticos de emancipação grega: o «statu quo» é o seu credo e a sua força. Mas retrogradar a Grecia ao «statu quo» do principe de Metternich só por negociações diplomaticas é impossivel: é preciso fôrça e guerra aberta. Mas a Russia?

Inglaterra faz causa commum com a Austria: onde irá o sceptro dos mares se a Russia metter pé nos do Mediterraneo, e se assenhorear de suas aguas?

Que farão pois?—Oppor-se á Russia?—Quem lhes deu força?—Auxiliar a Grecia?—E o odio e o medo á liberdade?

Eis ahi travados e complicados grandes interesses. E o laço é tal que o não desata senão a espada.[1]

XIII

Hespanha

O governo d'Hespanha n'esta epocha está para o de França como a pratica para a theoria. O que nas Tuilherias se machina, pratica-se no Escurial; faz-se em Madrid o que apenas se deseja em Paris. Este estado não é natural nem póde durar muito. Ou Fernando ha de adoptar a hypocrisia de Luiz XVIII, ou Carlos X hade professar abertamente as doutrinas de Fernando. No primeiro caso, estabelecem-se entre Hespanha e seu rei as mesmas treguas que se teem mantido em França; os dous paizes ficam em provisoria harmonia um com outro. No segundo, quebram-se as treguas em França, exacerba-se a guerra em Hespanha... e quem vencer em Paris vence em Madrid.

XIV

Portugal

Mas antes que se decida se é Fernando que hade pôr a mascara, ou Carlos que a hade depor, ha uma questão preliminar e *prejudicial* que decidir primeiro. O que ha de ser Portugal? Com João VI, velho, enfermo, timido, indeciso, nenhum partido póde contar. A influencia ingleza exige moderação; com moderação não se sae do es-

[1] Estes capitulos foram, com elogio que muito honrou o auctor, traduzidos pelo *Constitutionnel* de Paris; do *Portuguez* de Lisboa

[1] Este capitulo já appareceu impresso em o n.º 5 do *Chronista* de Lisboa em 1827.

tado precario em que a França e Hespanha se acham. João VI reconheceu o Brazil e transigiu com a revolução; prometteu uma Carta a Portugal, e posto que faltou indignamente á sua palavra, não ha certeza de que o medo de um ou de outro partido lh'a não faça cumprir ainda.

Espere-se por sua morte, que não virá longe. E quem lhe succederá no abalado throno? O imperador do Brazil—mas esse conhece o seu seculo e não se ligará talvez com os retroactores d'elle. D. Miguel—mas D. Miguel não póde succeder sem violação dos principios da legitimidade. Mas a legitimidade fez-se para os povos e não para os reis. E' verdade: mas ai dos reis no dia em que assim se desmascararem deante dos povos. [1]

No emtanto Portugal permanece na incerteza, na oscillação, na confusão: os partidos não dormem, observam-se, preparam-se para futura contenda.—E a Hespanha folga com esse estado: e os outros gabinetes não vêem as consequencias d'elle!

XV

America do Norte

Estranha a todas estas convulsões, forte por sua poderosa liga, a republica dos Estados-Unidos da America do Norte olha para as miserias do velho mundo, como do alto do Monte Atlas contemplaria o philosopho o terrivel choque dos elementos e a revolução da tempestade. Não lhe resta senão crescer e enriquecer, aproveitar das faltas alheias, e receber em seu vasto seio as torrentes de população europea que a perseguição e estupidez dos governos cisatlanticos continuamente lança de si.

XVI

Antigas Americas hespanholas

Que exemplar, que espelho para as outras nações do globo! Mas não apprendem n'elle seus visinhos da porta. A embriaguez das facções, a discordia civil, a infrene demagogia devastam esses paizes, que se não libertaram da tyrannia de Fernando senão para soffrer mais crueis tyrannos. Quem tal crêra possivel! o Nero das Hespanhas achou rivaes em perversidade e estupidez.

As calamidades por que teem passado as republicas centraes da America são mais um documento da impossibilidade moral que ha em correr de um extremo a outro em politica. Não se passa de servo a cidadão. Spartaco poderia vencer Roma, mas não podia fazer-se romano.

E que serie de miserias e desgraças se não prepara ainda á malfadada patria de Montezuma e Atabaliba!

[1] V. a nota da primeira secção.

XVII

Brazil

O Brazil adoptou, mau grado seu, as formas monarchicas: queria ser republicano como seus vizinhos. Sel-o-ha ainda talvez. Se o fosse agora, padeceria como elles. [1]

Não tarda que os interesses d'esta joven nação americana se não venham ligar de mais perto, entrelaçar mais com os nossos. Então a contemplaremos de melhor vagar. Deixemos por agora o novo mundo: áquem do Atlantico se preparam grandes acontecimentos; regressemos ao antigo hemispherio.

XVIII

Mudança repentina no estado do mundo civilisado.—Morte de Alexandre e João VI

Tal era o quadro que nos fins do primeiro e principios do segundo quartel d'este seculo, apresentava o mundo civilisado ao observador politico,—quando subitamente o estado das coisas mudou, e a posição dos dois mundos foi alterada. O natural systema da terra segue sua revolução ordinaria; mas o movimento, accelerado por agentes poderosos, dobra de velocidade e se approxima rapido do termo d'onde infallivelmente desandará, como em seu equinoxio, a machina politica do globo.

Nos dois extremos da Europa, ao Oriente e Occidente, dois soberanos notaveis por qualidades extremas descem prematuramente ao jazigo. Poderoso um, respeitado e temido, cujas virtudes exagerou um partido, deprimiu outro, mas reconheceram todos; em cuja vida houve mais gloria que vergonhas, em cujo reinado mais augmento na fortuna publica, mais crescimento viu do que decadencia experimentou a nação a que presidia.

Mal respeitado o outro de estranhos e domesticos, de cujo coração as virtudes, que seus affeiçoados exaltavam, nunca chegaram até melhorar a sorte do povo;—em cuja alma

[1] Ou por ignorancia crassa ou por maldade resoluta grande numero de Brazileiros parecem não conhecer esta verdade.

os pensamentos elevados combatiam com o terror e incerteza em que sua desfortuna o baloiçou toda a vida, — de cujo braço não houve feito para contar, — para cuja memoria ficou de padrão a ruina completa do Estado, e a miseria cabal do povo.

Ambos imperadores. Um deixou por esse nome europeu o appellido oriental e grego-barbaro de seus predecessores; o outro amortalhou-se á borda da sepultura com o vão titulo de um imperio no momento de o perder, — foi saudado Cesar quando lhe rasgavam a purpura!

Um alargou os limites de seus immensos Estados e entendeu (com firmeza ao menos) na governança d'elles.

Outro perdeu a maxima parte dos seus; e do *exarchado* que seus *alliados* lhe deixaram, entregou o governo á revelia das facções.

Sobre a morte de um inda se estende veo mysterioso, inda se não desvaneceu a suspeita de que o sacrificaram os inimigos da monarchia absoluta.

Sobre a morte do outro, asseveram uns o mesmo mysterio, negam outros até á possibilidade: mas se por alguem foi sacrificado, foi pelos fautores do absolutismo.

Aquelle esteve á frente da collisão dos reis, e governou mais de meio universo.

Este, governado por amigos e inimigos, não teve um só dia de rei.

Pela herança de ambos muito sangue se derramou. A um não succedeu seu natural herdeiro: ao outro quem succederá?

Ambos se inclinaram a modificar a monarchia: um retrahiu-se por medo dos povos, outro por medo dos reis.

Alexandre era generoso, nobre e decidido.

D. João VI era bom, compassivo, desperdiçado e irresoluto.

Porém a morte de ambos foi importantissima circumstancia politica, fez crise no estado do mundo, e apressou o desenvolvimento e decisão da grande campanha em que ninguem será neutral, a humanidade toda belligerante, e as bandeiras da civilisação e dos privilegios as unicas arvoradas; pois que os limites dos mares, as barreiras dos montes, a divisão das linguas, a differença dos costumes, a repugnancia das religiões, os odios nacionaes desapparecem com a civilisação entre os povos; e o feudalismo tambem prégará cruzada geral para defender sua ultima cidadella.

XIX

Revolução na Russia

Alexandre tinha um milhão de soldados; e mal fecha os olhos, já o espirito civico, latente n'essas suppostas legiões d'escravos se declara e patenteia. O mais solido despotismo do universo vacilla, o throno mais firme, o appoio e protecção dos outros thronos balouça em sua base minada; o chefe da alliança dos reis ouve emtorno de si o grito da liberdade: a democracia vai atacar em seus paços acastellados o proprio Autocrata de todas as Russias.

Que exemplo para os potentados do universo; que desengano para os teimosos retroactores do seculo! Vêde esse collosso posto de sentinella pela tyrannia nos confins da civilisação e da barbarie, essa barreira immensa alevantada nos limites da Europa para lhe impedir os movimentos naturaes, esse entreposto situado ás portas de Asia para importar o *mais puro* do despotismo do Oriente e o espalhar pelo nosso Occidente, — e cortar a civilisação da Europa que não penetre para além; — essa atalaia do feudalismo postada sobre o monte Caucaso para dar o alarme a todos os privilegios; para aventar o minimo suspiro dos povos opprimidos, e enviar torrentes de barbaros onde quer que a tyrannia excite um murmurio, a civilisação um reclamo, a religião mesma uma supplica.

Vêde-o! suas proprias baionetas o ameaçam: já não confia nem se quer n'ellas. Que será de vós que sois atomos diante de tamanha grandeza, e que de sua sombra vos cubrieis e amparaveis, que n'ella tinheis toda vossa força e esperança!

A revolução da Russia foi o maior triumpho da civilisação. A inefficacia da tentativa nem admira nem lhe diminue a importancia. A revolução lá existe: por mais que se agite, a *setta fatal* lá lhe está no coração do imperio, — *hæret lateri lethalis arundo*.

Maior prova e mais clara do irresistivel poder das luzes, não a deu ainda o mundo. Não foi quasi em dias de nossos paes que esses Moscovitas pugnavam ainda por suas longas barbas contra os ukases do Czar? Não ha ainda entre os obreiros de Hollanda a memoria d'esse mestre Pedro que se não dedignou de apprender os mais communs officios da vida para industriar a um povo que tudo ignorava?

Ha pouco mais d'um seculo essas tribus seminomadas entram em estado de cidade e apprendem a satisfazer as necessidades da vida. Sob Catherina já conhecem os prazeres e os gosos d'ella. Alexandre as introduz na sociedade europea e á participação das bençãos da civilisação. Desde esse momento diminuiu o numero dos vassallos, e augmentou o dos cidadãos na Russia; quero dizer affrouxou a cega obediencia do povo ignorante, e reforçou a vontade de conhecer

e entender a justiça do que se manda, a razão por que se obedece. O espirito indagador da verdade entrou a descubrir abusos, após veiu o desejo de os emendar, logo a vontade de ser governado por leis racionaveis, — em fim o animo de tomar parte na confecção d'ellas para que o sejam.

XX

Natureza da revolução russa

Diz-se que as classes que na Russia clamam por liberdade são as mesmas que nas outras partes da Europa contra ella pugnam. Sei que a opinião vulgar é que o espirito d'aquella revolução differe do das outras; que lá a aristocracia pugna por mais privilegios, e não contra elles. Mas essa opinião vulgar é falsa, e de falsos dados deriva.

Nem eu sei outra definição de aristocracia senão a do eloquente general Foy quando, perguntado na tribuna pelo que ella era, respondeu: Aristocracia são aquelles homens que querem honras sem as merecer, empregos sem para elles serem habeis, que só querem consummir sem produzir, que querem para si o gôso, e o trabalho para os outros, etc.» [1]

Tam aristocrata póde ser o peão como o nobre; e sobejos exemplos todos os dias temos d'essa possibilidade. Nos paizes onde a classe média é numerosa, onde a industria a augmenta, n'ella se encontra diminuido o numero da plebe e augmentado o numero dos que teem interesse pela justiça e que por ella punem: as extremidades sociaes ou não desejam porque a não conhecem, ou folgam com o despotismo porque com elle lucram. Na Russia a classe média está na nobreza, porque d'ella pela maxima parte tira a *industria* suas *recrutas*; a verdadeira aristocracia sai de todas as classes. Nem nos illudam os titulos de principes, a que não corresponde o mesmo vocabulo em nossas linguas do Occidente.

Em summa, a guerra dos povos é aos privilegios exclusivos, incertos, vagos e arbitrarios como a vontade de um só homem de cujo capricho manam: ella é por toda a parte a mesma, unanime. Se entre uma nação esta classe se empenha mais na guerra, entre ess'outra, outra classe; as circumstancias particulares, a particular natureza ou constituição das sociedades produz essa differença, não a natureza da contenda, não o objecto d'ella, não o fim, não a causa. Onde ha oppressão ha revolução, onde a administração se oppõe ao espirito do seculo, á opinião dos povos, — o estado de guerra entre governante e governado existe: onde as classes que possuem e produzem trabalham *só*, as que *só* consommem governam *só*, por horas ou por dias está a peleja aberta entre ellas.

N'esse caso está a Russia, assim como todos os povos onde a illustração cresceu, a nação andou, e o governo ficou estacionario.

Porque não fazem os Turcos revoluções? Porque a nação está em harmonia com os principios do govêrno.

[1] Rectifique, pelas definições da nota 3 da primeira secção, esta phrase do general Foy.

XXI

Guerra de Turquia

Mas alêm d'estes motivos fortes, poderosos, irresistiveis que enlaçam os proprios Moscovitas na cadeia geral da civilisação, a qual de dia em dia, a mais e mais se estreita á roda do despotismo, e ao cabo um'hora virá que o affogue de todo, alêm d'esses, uma causa, *secundária* sim mas poderosa e valente, concorria para augmentar a desharmonia do povo russo e de seu govêrno.

É ella de interessante importancia, e comquanto secundária em relação ao estado moral dos Russos, é primaria e transcendente, na grande causa da Europa, talvez do universo. [1] Já se vê que falo da Grecia, abandonada e perseguida de todos os governos europeus, que infamemente quizeram sacrificar a erradas e inconsistentes politicas a nação mais illustre da terra, que a tantos seculos de glória antiga junta o heroismo e constancia que em sua moderna regeneração equivale, senão é que excede, quanto havia ahi grande em sua historia, quanto maravilhoso em suas tradições.

Esse povo, que tinha desapparecido d'entre as nações, envergonhou-se emfim de sua longa escravidão, quiz liberdade, independencia; conquistou-a, e se reconstituiu nação entre as nações. Acontecimento é este que faz epocha na historia do mundo, cujas consequencias serão importantissimas para toda a Europa. Exultaram geralmente os povos de ambos os hemispherios, e deram não equivocas próvas de seu interêsse, do enthusiasmo que tam sancta causa inspirava a todos aquelles a quem manifestal-o foi livre. A religião consagrou tam generosos sentimentos; mas anathematisou-os a politica do chamado systema depressivo.

[1] E' notavel que assim o confesse o proprio *sesquipedal* e *bombastico* discurso de José Acurcio nas pretendidas côrtes de Lisboa de 1828.

Mas ao successor de Alexandre não restava mais opção no presente, senão transigir com a revolução e ir auxilial-a fóra do imperio, ou ter de luctar braço a braço com ella em casa:—ou arvorar as bandeiras da civilisação nos cerros do Caucaso e passar o Balkão com ella na frente, ou ter de a suffocar nos gelos do Newa. O primeiro arbitrio era proporcionalmente facil, o segundo difficilimo, e de muito incertos resultados: Nicolau adoptou o primeiro, effeituou-o entre as acclamações dos povos, e os murmurios—direi as imprecações—dos gabinetes.

XXII

Dissolução da Santa-Alliança

D'este modo transigiu o novo imperador com a civilisação; e se desligou da funesta, *demobora* alliança dos reis sua fôrça, seu nervo, sua cabeça, seu podêr todo. Como os cortados membros de venenoso reptil, cuja tenaz vitalidade move e salta n'esses fragmentos ainda depois de divididos,—os membros da «alliança» se agitam, se revolvem nas últimas contorsões da agonia: mas seus esforços carecem da «unidade da vida,» da simultaneidade de movimento que tinham quando unidos á cabeça: truncados, teem inda força para se moverem sôbre si, e desinquietar os objectos vizinhos; mas fallece-lhes a força da união que os fazia temidos e temiveis ao longe e ao perto, em toda a parte e ao mesmo tempo.

O espirito da Santa-Alliança existe; a mesma sêde do sangue dos povos, o mesmo rancor á liberdade, o mesmo desprêzo da lei de Deus, o mesmo odio ás leis dos homens o anima; porêm, como todos os espiritos emigrados dos corpos, caminha nas trevas incitando ao mal, mas sem podêr effectivo e real de o fazer por suas proprias mãos.

Seja qual for o futuro proceder do imperador Nicolau, os primeiros annos de seu reinado serão sempre bemditos dos povos. Elle quebrou a zona de ferro que appertava o mundo, e desentravou os passos da civilisação da mais formidavel pea que ainda inventou a diabolica malicia dos oppressores do genero humano.

XXIII

Effeitos d'ésta dissolução

Os effeitos da dissolução da alliança foram visiveis e sensiveis por toda a parte: a illustrada e «condescendente» politica de Mr. Canning prevaleceu no gabinete inglez; a marcha retroactiva do conselho das Tuilherias suspendeu-se—ou pelo menos, se ahi se marchou, foi no mesmo terreno; a astuciosa raposa do Vaticano encolheu-se e cubriu mais a capa da humildade; relaxou se um tanto a guerra do tigre do Escurial; Vienna enrolou suas listas de proscripção;—até nos horisontes americanos alvejaram esperanças de quietação e ordem.

Parecia que um armisticio dos reis com os povos era concluido, e que se iam entabolar negociações de paz; que a oligarchia cançada da lucta, e desenganada da impossibilidade de a sustentar por muito tempo, se resolvia emfim a propor condições e a fazer alguma concessão.

Com que alegria, com que satisfação geral não recebeu o mundo este prospecto de esperanças! Que opportuna occasião para a realeza de se reconciliar com os povos, de se fazer adorar das nações, de anniquilar a demagogia pondo segura mordaça aos oligarchas de toda a especie—que tanto os ha na parte aristocratica como na democratica das nações. O povo é naturalmente monarchico; o instincto social lhe faz amar e querer o centro de regularidade e segurança e fôrça e protecção que a monarchia (o despotismo não) offerece. Nunca o povo se lança,—nunca o mostrou uma vez a historia—nas convulsões democraticas, senão exasperado pela tyrannia. As republicas são filhas dos abusos e excessos monarchicos: nenhuma outra causa tem fôrça ou podêr de as gerar. Desde a Achaia até á Philadelphia, apontem-me na historia sabida do mundo um só exemplo em contrário. [1]

E não me digam que as concessões dos reis os teem perdido muitas vezes; que Luiz XVI, por exemplo, foi victima de sua indulgencia. É falso: Luiz XVI transigiu de fraco, acovardou, e cedeu tudo quanto d'elle exigiram; estava á borda do precipicio e inclinou-se mais sôbre elle. Quando os reis cedem ou transigem d'esse modo, apressam, em vez de a evitar, a hora de sua ruina. A monarchia já tinha cedido á fôrça democratica: quem cedeu foi o monarcha, não ella, que já não existia.

Differente é a sorte do soberano que transige com o seu povo emquanto tem podêr e auctoridade para fazer respeitar e acceitar suas condições. Esse é como um pae de familias no meio de seus filhos, aquinhoando a cada-um com as porções que lhe competem, que

[1] E vice versa, os erros e excessos demagogicos geram o despotismo.

as regula e estabelece conforme a cada qual convem e ao interêsse geral da familia.

Rei que assim obra, em vez de destruir a monarchia, avigora, remoça, dá nova fôrça e vida ao antigo compacto social. [1]

Tal era a generosa e prudente resolução que nos principios do segundo quartel d'este seculo, e depois de dissolvida a infernal alliança denominada sancta, se esperava que tomassem os soberanos. Tudo parecia indical-o, promette lo.

Mas se algum deu curta passada n'esse caminho, foi tal que se não percebeu,—ou de tal modo que breve se retrahiu.

Cedo os veremos recobrar do panico, e retroceder abertamente.

Um joven soberano e de nobre coração e claro entendimento, se exceptuou d'ésta vergonhosa regra. Como o imperador da Russia, o joven imperador do Brazil, apenas foi rei de Portugal, quiz transigir de modo prudente, possivel e decoroso com a revolução, se bem que por differente modo, assim como eram differentes suas circumstancias pessoaes e as de seus Estados.

Demoremo-nos um pouco mais n'ésta parte do quadro: é o nosso mal-azado Portugal; não corramos tam depressa.

SECÇÃO TERCEIRA

Portugal nos fins do primeiro e principios do segundo quartel do XIX seculo.—Sua importancia moral n'esta epocha.—Historia da Carta portugueza, desde que foi promettida em Villa-Franca em Junho de 1823.

I

Importancia de Portugal n'esta epocha, e transcendencia das questões que ahi se agitavam

O quadro que tenho esboçado para offerecer ao leitor portuguez um quasi mappa-mundo politico antigo e moderno, tomei-o em ponto grande, e não esmiucei exacções de circumstancias e particularidades que não tivessem influencia no *grande todo* que era meu objecto. Assim não temos olhado senão a universalidades, — discorrido genericamente.

O exemplo dos melhores escriptores, a ingenita propensão e pendor do animo levavam todavia a demorar a penna pelos limites da nossa terra: como o que examina ou desenha uma carta geographica vae naturalmente de mais vagar com o compasso por onde elle representa seu natural. Agora porém, e n'este ponto de meu trabalho, não é só esse indefinivel e contrastavel instincto, essa inclinação do animo, que me fazem individualisar mais as coisas portuguezas, e consideral as com mais especificada attenção. Aqui é a relevante importancia dos acontecimentos, o transcendente da questão, a magnitude de seus resultados politicos, de sua influencia na causa da humanidade, que me fazem ser prolixo.

Estava reservado ao pequeno Portugal situado no angulo mais occidental da Europa, o dar á Europa e ao universo mundo o espectaculo maior, mais tremendo e mais extraordinario de que ha lembrança, — não direi já na historia, mas nem sequer nas tradições de nenhum povo da terra.

Bastantes revoluções tem visto o mundo, assás fertil de commoções politicas teem sido estes ultimos seculos; assás de crimes e horrores, — de virtudes e heroicidades matisam a historia das nações antigas e modernas. Mas o espectaculo de uma nação immolada, assassinada por defender seu legitimo soberano, perseguida por todos os reis da terra por ser fiel ao seu rei — é exemplo novo e terrivel, cujos resultados funestos, todavia mais o serão aos reis do que aos povos, e virão a ter sobre os destinos da Europa uma influencia tremenda, que a imaginação não pode encarar sem estremecer;— é abysmo em cuja profundidade se perde o pensamento; — é perspectiva por onde os olhos do mais indifferente espectador se alonga em busca de um futuro que, vago e indeterminado, nem por isso aterra e espanta menos.

As circumstancias do sacrificio de Portugal são inteiramente novas; é um documento de perfidia tam unico e singular, que nem a entrega dos Sicilianos ou a de Praga, nenhum dos outros exemplos do perjurio e má fé dos gabinetes lhe é comparavel.

A Europa aterrada e escandalisada ahi vê confundidas todas suas idéas de moral publica e direito recebido: a confiança dos povos cessou, as garantias dos reis foram que-

[1] Quinze annos se mantiveram os Bourbons em França á sombra da Carta de Luiz XVIII; e, o que mais é, com essa mesma sombra amapararam os dous ramos de sua familia que em ambas as Peninsulas até o nome de Carta proscreveram.

bradas. Cahiu de todo a mascara á oligarchia. Os reis, sem vontade uns, sem deliberação outros para remediar este mal, como sua honra e interesses exigiam, preferiam fechar os olhos para o não verem. As revoluções, que minam o coração da Europa, a oligarchia, que affoga com um laço de ferro, se aproveitam d'esta indifferença e impotencia dos reis para puxar cada uma para seu lado. As consequencias hão de espantar o mundo.

Consagremos a este importante assumpto a terceira e quarta secção do presente ensaio.

II

D. João VI promette uma Carta, e quebra a palavra real

D. João VI havia promettido uma constituição aos Portuguezes, solemne, espontaneamente, sem ninguem lh'o pedir ou exigir, sem que o povo tivesse na occasião da promessa voz para tal pedir, — fôrça para tanto exigir.

Maus conselheiros em casa, perfidas intrigas de fóra subjugaram o animo facil e timido do amargurado soberano. O rei retractou deslealmente a promessa, faltou vilmente á sua palavra com pouca gloria para seu nome, sobeja deshonra para os que tal lhe aconselharam, e para longa, incalculavel desgraça de seus subditos, ruina do reino e perdição de sua propria familia. Todas as desgraças que Portugal hoje soffre, todas as que ainda soffrerá provéem d'aquella errada e desleal politica [1]

III

Consequencias d'esta falta de fé

A revolução pois não foi neutralisada como devia ser; continuou portanto quasi seis annos continuos, e deixando apenas durante esse periodo alguns intervallos, não de socego e ordem, mas d'aquelle lethargo mortal em que descahem os enfermos quando a natureza exhausta da agitação da febre violenta, cede e repousa forçadamente; não porque abrandasse o mal, mas porque fallecem as forças para o padecer em toda a violencia d'elle.

IV

Revolução de 30 de Abril

Mas a revolução durava sempre: sentia-se o ranger do edificio social, que a todo o instante ameaçava cahir, e esmagar debaixo de suas ruinas um governo mal aconselhado e um povo infelicissimo. Não tardou um anno que o espirito vertiginoso das facções que se agitavam no coração do paiz, não rebentasse tremendamente. Em 30 d'abril de 1824 o infante D. Miguel apparece á testa d'uma soldadesca desenfreada e rodeado dos mais profligados homens que infectavam a capital, quebra todas as leis e respeitos da natureza e da sociedade, e impõe mãos violentas sobre seu proprio pae e soberano. O desafortunado João VI é feito prisioneiro de seu proprio filho em seu proprio palacio: sua

D. JOÃO VI

morte decretada em pleno conciliabulo apostolico, a que preside, para eterna vergonha da purpura e do sexo, a rainha sua esposa.

O assassinio do marquez de Loulé, camarista do rei, assassinio commettido dentro do mesmo palacio, tinha sido o *coup d'essai* do joven e real assassino, que familiarisado com o crime, e avido de sangue mais illustre, só lhe faltavam, para ser o idolo da facção apostolica, as honras do parricidio!

Tudo estava prompto; proclamações impressas, impressa uma pastoral do patriarcha de Lisboa em que se publicava com affectada e ridicula mágoa a morte do rei, attribuindo-a aos pedreiros livres... emfim não houve *jonglerie* jesuitica que para esta sanguinosa farça não estivesse preparada. A decidida e firme attitude do corpo diploma-

[1] Tanto assim é, que para ter alguma estabilidade o governo de D. João VI careceu de illudir até ao fim o partido constitucional com esperanças de cumprir um dia a *palavra real* de Villa-Franca.

tico [1] fez vacillar o real parricida: o plano suspendeu-se, e algumas hecatombes de victimas, escolhidas entre as mais distinctas pessoas de todas as classes, foram destinadas a supprir o logar da victima real no altar do fanatismo irritado.

Pôde porém o rei fugir do seu palacio occultamente e salvar-se a bordo de uma das naus inglezas surtas no Tejo. A fôrça da opinão e o medo fizeram o resto: o infante cedeu; sua terrivel mãe esbravejou e bramiu, mas foi obrigada a ceder tambem: ella presa, elle banído para longe de Portugal, coberto das maldições de seu pae e seu rei, e das pragas de um povo inteiro, que por um momento esqueceu todas as suas desgraças e padecimentos para se embriagar na alegria que a separação de tal principe lhe causava.

Os representantes de todos os soberanos da Europa foram testemunhas d'estes successos, e actores em algumas das estranhas e nunca vistas scenas que Lisboa apresentou n'aquella memoravel e para sempre horrorosa epocha. Nós invocamos seu testemunho, nós os convidamos a desmentir estas asserções se em a minima circumstancia ellas se apartam da mais estricta exacção historica. [2]

Que o digam esses procuradores de todas as realezas da Europa; que o digam elles se não viram um reino todo ameaçado de sua total destruição, centenares de nobres, de pessoas de todas as distincções presos, lançados nas masmorras pelas proprias mãos de um principe que não duvida exercer as funcções de beleguim, como não duvidaria (nem duvidou) exercer as de carrasco! Que o digam elles se não viram tanto honrado portuguez sem mais crime que o de ser fiel ao rei e não quererem conspirar em sua morte e desthronisação, arrastados entre a soldadesca, insultados e atormentados por ella e pelos esbirros de D. Miguel, conduzidos por fim em tumultuosa caravana de todas as prisões da capital para o logar destinado ao supplicio — antes ao martyrio. Que digam elles se não viram os proprios ministros do rei presos e insultados do mesmo modo: se não viram o miseravel e ancião monarcha com sentinellas á vista no palacio de seus antepassados: sua esposa abominavel gosando antecipadamente de sua disposição ou de sua morte, e dando ordens como se já ella empunhara o sceptro arrancado das mãos do immolado soberano: — seu desnaturado filho animando os soldados, concitando a plebe, mandando fazer fogo sobre o povo leal, entrando nas casas pacificas dos cidadãos para insultar, prender, e espalhar a desolação e o horror em todas as classes, por toda a parte. — Que digam elles se quando por sua nobre resolução o rei foi libertado, seu criminoso filho e esposa presos, se não viram rebentar por toda a parte o enthusiasmo, a alegria, o jubilo, a exultação geral. — Estas scenas estão muito proximas para ser esquecidas: toda a Europa se recorda ainda d'ellas com horror e espanto. — E eis aqui o homem que os soberanos da Europa queriam impôr sobre o desgraçado Portugal, lisongeando a infeliz nação com idéas de conciliação e socêgo! [1] Eis aqui o principe que ousa invocar a opinião do povo portuguez, dizer-se elevado por ella ao throno usurpado! Eis aqui o principe com quem se julga possivel transigir, que ainda acha indulgencia (mais, — protecção) nos gabinetes «illustrados» da Europa *realista* e *legitima*. [2]

V

D. Miguel banido de Portugal. — Suspende-se a revolução

Portugal no emtanto alliviado da odiosa presença do infante D. Miguel, e vendo atravez dos ferros a raiva impotente de sua implacavel mãe, começava a respirar um tanto e a conceber alguns longes de esperança, de paz e melhoramento. A vida do rei porém era o unico e debil nexo que ainda tinha os elementos do Estado para que se não dissolvessem completamente. Mas o Estado estava corrupto, o moral da nação pôdre, os vinculos da religião quebrados, o egoismo geral predominante: tudo ameaçava dissolução proxima.

Era em verdade a vida do rei o unico talisman (lhe chamarei) que miraculosamente prendia os partidos. Temia-se e tremia-se com horror de ver chegar o momento fatal de sua morte, em que as facções desaçaimadas de todo o freio rompessem de novo a guerra aberta da anniquilação, e viessem sobre o sepulcro real disputar-se os restos lacerados e andrajosos de uma purpura ensanguentada, de um senhorio nominal, da posse de um outro sepulcro, mais vasto, mas não menos sepulcro, — o desgraçado Portugal.

[1] Os diplomatas inglez e francez, Thornton e Hyde de Neuville foram pela legitimidade premiados de seus legitimos serviços com a prompta demissão de seus respectivos governos.

[2] V. o opusculo ultimamente publicado por Mr. Hyde de Neuville sobre a questão portugueza.

[1] Protocollos de Vienna e Londres de 1827 e 1828.

[2] V. a nota 1, 2.ª columna de pagina 540.

VI

D. João VI congraçado com seu filho D. Pedro

Durante este tempo a revolução do Brazil, melhor guiada que a da mãe patria, tinha visto um principe generoso e sabio, — que formava o perfeito contraste com seu parricida irmão — pôr-se á frente de seus movimentos, contêl-a, subjugal-a e, para me servir de uma expressão poetica mas n'este caso propria do objecto: bradar aos elementos revolucionarios: «Suspendei-vos, respeitae os limites que vos impuz». — Emquanto o segundo genito do rei João VI deshonrava na Europa monarchica a realeza, desacreditava e offendia a legitimidade; seu primogenito na America republicana salvava essa legitimidade, instaurava a monarchia, e fazia amar a realeza.

Certamente o levára a ambição; mas não ignobil ambição fôra essa: certo foram irregulares seus primeiros passos; mas a muitos o forçaram circumstancias, e erros alheios. Sem duvida pareceu que infectado da lepra do despotismo europeu o joven principe americano se ia oppor á torrente da civilisação. Mas não foi assim: D. Pedro poz-se á frente d'ella para a conter e dirigir, não para a comprimir. Muito lhe deve a realeza; muito mais o povo brazileiro. Duvidam? Lancem os olhos á roda de si; vejam o que vae por seus visinhos. [1]

D. Pedro salvou o Brazil da anarchia, e conservou em sua familia a corôa. D. João VI sanccionou depois quanto seu filho havia feito. É vergonhoso e indecente aquelle tractado: mas sob cujos auspicios foi elle feito? [2]

Segundo os recebidos principios da legitimidade, e conforme suas strictas regras, os actos de 1825 firmaram a independencia do Brazil, e anteciparam a accessão do herdeiro da coroa de D. João VI áquella parte da mesma coroa que elle tinha salvado, que sem elle se teria perdido, cuja existencia, comquanto arriscada, só a elle era devida. Pela parte de João VI este acto não só foi generoso e prudente mas justo: o herdeiro de todos os seus Estados lhe tinha salvado a melhor parte d'elles; o pae agradecido concedeu o gôso immedito d'essa *parte* a quem por sua morte devia herdar o *todo*. Tal é o *pensamento* d'aquelles dous memoraveis diplomas.

Por expressas e formaes palavras diz o soberano *legitimo* de Portugal e do Brazil que elle cede desde já em seu filho primogenito, principe real do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, a immediata e plena soberania do Brazil, que por aquelle acto fica constituido imperio independente. Todo o homem sensato pasmará que fosse d'este acto que se pretendesse tirar o principal argumento da impossibilidade legal de D. Pedro para succeder na coroa de Portugal, que seja do proprio merecimento e serviços feitos á legitimidade pelo herdeiro de João VI, serviços reconhecidos e galardoados por seu pae e soberano, que se pretenda argumentar em favor da usurpação de seu irmão! [1]

[1] V. o que se diz no cap. XVI. sec. seg.

[2] *La Légitimité et le Portugal*, rêveries d'un Portugais. Bruxellas 1829.

[1] Falas do duque de Wellington, Mr. Peel e Lord Aberdeen sobre a questão de Portugal no parlamento inglez.

VII

Accessão de D. Pedro IV á corôa de Portugal

Exhausto porém de fadigas e desgostos o enfêrmo e attribulado rei não promettia longa vida. O momento tam temido de sua morte chegou em fim e veiu inesperado. Morreu João VI; e de tam breve enfermidade, que nem tempo deu para se medir toda a profundez do abysmo em que sua morte ia despenhar os Portuguezes. N'esse instante os olhos todos, e não só de Portugal mas da Europa inteira, se voltaram para a America. Um joven soberano, cuja actividade, energia e grandeza d'alma por todos os partidos era reconhecida, fixou as attenções de todos, attrahiu as esperanças de muitos, e impoz respeito a não poucos. Animados uns, receosos outros, mas anciosos e impacientes todos, permaneceram todavia tranquillos aguardando a deliberação do imperador do Brazil, cujo indisputavel direito á coroa de Portugal ninguem se atrevia ainda então a negar, ou se lembrava se quer de disputar. [2] Poucos dias antes de sua morte e já quando impossibilitado de governar o Estado, João VI havia nomeado um governo provisorio para reger durante sua impossibilidade, e por sua morte se immediatamente se seguisse. [3] D'este governo, presidido pela infante D. Isabel Maria, fazia parte o duque de Cadaval, o conde de Barbacena e alguns outros que depois mais se declararam pela traição e usurpação. E todavia esse mesmo governo reconheceu o legitimo herdeiro da co-

[2] V. *Manifesto dos direitos de S. M. F. a Senhora D. Maria II* etc. Londres 1829.

[3] As palavras ambiguas d'este decreto mostram comtudo qual era a fé e lealdade dos que então rodeavam D. João VI.

roa, o proclamou, em nome d'elle passou os seus actos todos, com sua effigie e em seu nome mandou cunhar moeda, e emfim lhe enviou uma deputação a prestar homenagem em nome da nação e do governo. [1]

Durante cinco mezes que durou este estado de coisas nem uma voz se levantou para suscitar a minima duvida sobre os direitos de D. Pedro VI: sua propria traidora mãe, seu proprio perfido irmão o recooheceram e lhe juraram obediencia como a seu legitimo soberano. Nem na capital nem nas provincias nem em nenhum corpo do exercito houve o minimo signal de reluctancia ou de sublevação; tudo aguardou tranquillo as ordens do soberano legitimo, que todos reconheceram como tal, sobre cujos direitos ninguem pensava que pudesse haver controversia. A exemplo de seu proprio reino, os soberanos das outras nações da Europa reconheceram o novo monarcha que pelo principio hereditario e segundo as mais strictas regras da legitimidade naturalmente succedia a seu pae.

VIII

Outorga da Carta por D. Pedro IV

Mas o joven e generoso soberano, que por sua extraordinaria e gigantesca força de animo tinha firmado uma monarchia no coração de todo um mundo democratico, que desinteressado e grande tinha mais ambição de nome e gloria que de accumular Estados e dominios, apenas soube officialmente o que havia succedido em toda a plenitude da coroa de seus antepassados, assentou de dar ao mundo uma prova brilhante e rara de seu grande coração e da nobreza de sua alma. Perdoar a todos os desvarios politicos, esquecer todas as offensas. ceder parte de sua coroa para fazer a felicidade e estabelecer a independencia de duas nações, [2] pôr-se na altura do seculo, transigir com as necessidades dos povos fechando para sempre a porta das revoluções, e da arbitrariedade que as gera: tal foi o grande e generoso pensamento de D. Pedro VI apenas assumiu a soberania legitima de todos os Estados que formavam a coroa de seus maiores e a sua.

Uma amnistia que até a seu culpado irmão comprehendeu, uma Carta moldada pelas mais prudentes e avisadas da Europa, foram os primeiros actos de soberania que exerceu. Depois de ordenar tudo quanto convinha ao bem-estar e prosperidade futura de sua patria, combinando os interesses da nação com o decoro e estabilidade do throno, D. Pedro IV abdica a coroa de Portugal em favor de sua filha D. Maria da Gloria, que nascida durante a perfeita união de Portugal e Brazil, nascida em dominios portuguezes, era princeza portugueza, e como tal, e na falta de varão, a legitima herdeira do throno de D. João VI, ainda quando fosse possivel provar-se que por impedimento physico ou moral D. Pedro não podia succeder a seu pae. [1]

Não contente de haver perdoado a seu indigno irmão, e para remover todo o pretexto de desasocego e perturbação em Portugal, D. Pedro lhe outorgou com a mão da joven rainha todo o quinhão que razoavelmente podia ceder na herança paterna — o titulo e dignidade real. Tanta generosidade devia confundir os inimigos mais assanhados: mas as gentes da facção apostolica não são homens com quem se transija, com quem se possa tractar de boa-fé e com grandeza d'alma: incapazes de os sentir e avaliar, não sabem nem podem corresponder a procedimentos generosos.

IX

Traição do Governo de Lisboa.—Jura-se a Carta

Chegou a Lisboa a noticia da determinação real; e a primeira perfidia dos que então governavam foi divulgar a falsidade de que D. Pedro IV tinha abdicado em favor de seu irmão. Deixou-se circular e tomar corpo esta noticia para seduzir alguns soldados ignorantes, e tentar a obra da rebellião, que immediatamente foi resolvida nos tenebrosos conciliabulos apostolicos apenas se soube que o soberano legitimo, querendo desempenhar a palavra real de seu pae dada em Villafranca, outorgava uma Carta aos Portuguezes.

O governo dividido em partidos vacillava; a população leal de Lisboa murmurava: os symptomas de rebellião em alguns corpos do exercito aterravam os amigos da ordem; emfim o governo decidiu-se a publicar e cumprir as ordens do soberano em cujo nome regia.

X

Intervenção ingleza

Não vejo porém facil nem prompta aquella junta de traidores a tam penosa obediencia.

[1] V. *Manifesto dos direitos*, etc.

[2] Preambulo do decreto de abdicação condicional de D. Pedro IV em 1826, e de pura abdicação em 1828.

[1] V. *Manifesto*, etc.

Foi necessaria a intervenção estrangeira para que ministros portuguezes consentissem na felicidade de Portugal. Que terrivel documento! Quando ha de elle esquecer em Portugal! Quando ha de o povo portuguez riscar da memoria esta nova injuria de seus oligarchas!

Pela primeira vez desde que estamos sob a tutela ingleza, se exerceu ella sem ser para nosso mal e ruina. [1] O facto é unico e extraordinario; merece explicação.

Inglaterra lucta desde a paz de 1815 com uma divida espantosa, e com quasi impossibilidade de a remir. Para o fazer precisa reformas: mas a omnipotente oligarchia não as tolera: menos tolera a nação o peso dos tributos que a esmagam. O partido racional e moderado propõe transacções: nem essas querem os Ultra-toryes. N'estas circumstancias obtem ascendencia no gabinete britannico um homem de extraordinarios talentos e poder de eloquencia. Sua carreira politica tinha sido obliqua e tergiversadora atelli: mas as circumstancias de Inglaterra — as do mundo tambem — apertavam de hora a hora... Canning decidiu-se: tinha a optar entre a fortuna e a gloria; seu animo nobre escolheu a ultima. Todos os preconceitos, todos os privilegios, todos os abusos domesticos e estranhos, se levantaram contra elle. A grande crise era chegada: o grande genio de Canning bem a viu, bem a conheceu: arrostou com ella, arvorou o estandarte da civilisação — e aos brados d'aquella voz eloquente, a opinião de toda a Europa, de todo o mundo se levanta, se reune em torno do Demosthenes moderno. Mais um momento de constancia, e o incruento triumpho da liberdade ia completar-se. Mas Canning vacillou, hesitou... E no instante que hesitou, sua queda era certa, o addiamento da causa da humanidade infallivel. Sua morte foi prematura, mas a victoria da oligarchia tinha sido anterior a ella; se tivera mais dois mezes de vida, não os vivera no ministerio.

A Carta portugueza viera no principio de sua lucta, quando ainda lhe não fallecera resolução: d'ahi foi protegida ao principio, abandonada depois. [2]

Cedo veremos como a reacção da oligarchia ingleza envolveu em suas proscripções essa mesma Carta que a influencia ingleza sustentára.

[1] Expressões de Sir James Mackintosh na citada sessão do parlamento.

[2] Confissão dos jornaes ministeriaes inglezes.

XI

Conjuração da oligarchia europea contra a Carta portugueza

Mas a formidavel seita europea que desde Petersburgo até Lisboa, desde Roma até Paris, constante, infatigavel, nunca desanimada, persegue os reis e os povos, desvaira uns e outros, empece e damna todo o bem, promove e agíta todo o mal, esta formidavel e abominavel seita não ficou tranquilla. Era terrivel exemplo para a Europa ver um rei amado cordealmente de seu povo, um povo verdadeiramente felicitado por seu rei. Negar abertamente a legitimidade de D. Pedro não era ainda possivel: todos o tinham reconhecido, ninguem tinha suscitado duvidas! Denegar a um rei absoluto o direito de restabelecer as antigas fórmas da monarchia, accomodando-as ao tempo e necessidades da nação, vedavam-n'o os principios consagrados nos congressos de Vienna, Troppau e Laybach, vedava-o a *legitimidade*, que ainda então não era tam *condescendente* como depois se tem mostrado para tudo o que *não é povo*. [1] Restava pois um unico meio: excitar o descontentamento em Portugal, promover a guerra civil, complical-a com a melindrosa posição de Hespanha e França, dar aos negocios particulares de Portugal importancia europea, generalisal-os, complical-os, enredal-os bem com os diversos e encontrados interesses das potencias continentaes, seduzir os gabinetes, illudil-os com falsas relações, e forçar, se possivel fosse, a intervenção estrangeira. [2]

Este foi o primeiro plano da oligarchia e de seus ministros, os apostolicos de Portugal e Hespanha — e tambem de França; plano que depois foi alterado em parte quanto aos meios, mas que substancialmente se conservou sempre o mesmo. Tambem lhes medrou este plano a principio, que já começavam a cantar victoria. A immensa quantidade de Portuguezes que haviam seguido a ordem de coisas estabelecidas desde 1820 a 1823 era um dos instrumentos de que pretendiam servir-se. Estes, suppunham elles que formavam um partido, e que seria facil desvairal-o com projectos loucos. Mas ahi se enganaram puerilmente: tal partido não existe em Portugal. Exceptuando algum homem obscuro e de nenhuma influencia,

[1] Feliz expressão do *Courrier français*.

[2] Relatorios do ministro dos negocios estrangeiros e do conde de Villa Real na camara dos pares em Lisboa na sessão de 1826 a 27.

toda a grande maioria [1] da nação portugueza, desejando o systema representativo monarchico, conhecia os defeitos e inconsistencia do ensaio que se havia feito de 18 o a 1823: [2] uns o conheceram sempre, outros se tinham desenganado pela experiencia: ninguem cahiu no laço mal armado, e as machinações dos inimigos da ordem foram estereis. Ao contrario as pessoas mais distinctas em todas as opiniões [3] por nascimento, por saber, por influencia, por suas riquezas, formaram causa commum, ou antes, abandonaram todo o partido para se reunir em torno do throno e da causa nacional para sempre inseparavel da causa do soberano legitimo.

Desesperados por este espirito de união que geralmente prevalecia, lançaram-se ás mais baixas classes da sociedade, que todavia não estavam menos decididas pela causa legitima, em cuja inexperiencia porém julgavam achar melhor elemento para seus projectos. Foram vistos seus emissarios no meio do povo em occasiões de publico regosijo e concorrencia, excitando-o a desacatar as auctoridades com o pretexto de que eram traidores á causa, e outras sugestões; mas apenas conseguiram fazer soltar alguns brados loucos e incivis de meia duzia de homens obscuros, a quem os mais graves censuraram asperamente, de quem se riram com boa vontade os de pensar mais ligeiro. Por este lado eis ahi o unico fructo de seus trabalhos.

XII

Traição do ministerio da Infante regente

Voltaram-se então a desmoralisar o exercito, cuja pouca disciplina dava azo para isso. E logo em Lisboa, depois em algumas outras terras do reino conseguiram seduzir porções de alguns corpos: mas sem mais resultado que a de os levarem fugidos para Hespanha. E ahi se limitaria a debil e forçada reacção do partido apostolico em Portugal se o ministerio portuguez fosse leal e firme, e da parte de seus alliados houvesse boa-fé. Mas nada d'isso succedeu. Tibieza de acção, e incerteza de principios em casa, e traição de fóra deram corpo á rebellião. Protegidos, municiados em Hespanha os rebeldes entraram em Portugal talando, arrazando tudo; e a destruição que os precedia aterrando os povos, a frouxidão do governo animando os inimigos do rei e os desaffectos ao systema, envolveram quasi duas provincias: e mais teria progredido se a decisão de alguns generaes, que por isso mesmo foram malvistos e quasi perseguidos pelo governo, lhes não pozesse limites, e os não desfizesse completamente. Mas apenas batidos, entravam no territorio hespanhol, ahi achavam reforço de armas, até de officiaes, de tudo; e ei-los que voltavam outra vez por outro lado da raia, fatigando por este modo as tropas leaes e tornando, para assim dizer, eterna esta guerra.

Quando falo do ministerio portuguez d'então, não entendo decerto a totalidade d'elle; porque alguns ministros houve e por alguns intervallos, que foram fieis á causa nacional; porém os membros predominantes do ministerio, uns abertamente foram traidores, outros só por ella faziam o que sem manifesta rebeldia não podiam deixar de fazer. Poucas excepções honradas podemos fazer em um ministerio cujos individuos foram por vezes alterados, sem se alterar com tudo o espirito predominante de traição e perfidia que o animava. [1]

XIII

Auxilio inglez

Não seria difficil mostrar que o auxilio pedido por este ministerio á Gran-Bretanha foi um dos meios que sua traição empregou, para que aterradas com sua chegada as tropas rebeldes se refugiassem e se conservassem em Hespanha esperando a occasião opportuna, e por outro lado o espirito nacional comprimido, como o comprimia e avexava e perseguia o ministerio, se não desenvolvesse, e para o futuro, quando o exercito inglez se retirasse, cahissem os animos em desalento, e ninguem ousasse resistir ao que se preparava ha muito e com effeito veiu a succeder d'ahi a um anno.

Não sei com que tenção se deu o auxilio: com esta foi elle pedido.

O certo é que as tropas auxiliares nada auxiliaram nem precisaram auxiliar; e que quando seu auxilio era verdadeiramente necessario, retiraram-se; e com a influencia moral d'esta retirada fizeram mais do que todos os apostolicos junctos na causa da usurpação e do usurpador.

[1] e [2] Para se contar a maioria d'uma nação é preciso deduzir primeiro as massas inertes e não-pensantes.

[3] Opiniões, e até partidos.

[1] O subrepticio chamamento de Lord Beresford para commandar o exercito, e as indecentes proposições que no conselho de ministros se fizeram, e a intentada relegação do honrado marquez de Valença que não quiz assignar o decreto de sua nomeação, — o posterior manifesto procedimento do bispo de Vizeu e outros ministros—não deixam, ainda mal! duvida alguma d'esta asserção.

XIV

Moderação do partido constitucional

Todavia socegadas as provincias, e expulsas as reliquias dos rebeldes, que em fim se aquartelaram tranquillamente em Hespanha, alguma esperança de repouso começou a haver; e com effeito algum se gosou durante parte do anno de 1827. As camaras tinham sido convocadas, e sua moderação *desesperante* [1] (como lhe chamava um diplomata do Norte) não dava logar ás accusações, que tanto se desejavam, de demagogia e jacobinismo. Consolidava-se, quanto o permittia o ministerio traidor, a causa d'el-rei; e vagarosamente e tergiversando se fazia algum progresso no systema representativo.

Mas as raizes do cancro apostolico de tal modo se enlaçaram no coração do Estado, estendendo se pelos membros influentes do ministerio e de ambas as camaras, que o espirito nacional era comprimido, e nenhuma providencia legislativa ou governativa se tomava para estabelecer o systema constitucional, para o fazer conhecido, e portanto querido das massas não pensantes; muito menos para crear instituições que o garantissem e defendessem.

Na camara dos deputados recrescia todos os dias a tumultuaria confusão de propostas de lei ou inuteis absolutamente, ou de secundária utilidade, ou comparativamente inuteis e absurdas.

As intrigas dos inimigos do systema representativo tinham prevalecido em excluir da camara electiva os homens de verdadeiro saber e verdadeiro amor de liberdade que a nação contava: exceptuados alguns poucos dignos e honrados representantes, a maioria da camara era composta já de loucos e interesseiros demagogos cujo procedimento posterior bem mostrou a natureza de seu liberalismo, —já de mediocres talentos, de perfunctorios e vagos conhecimentos,— ou de homens ambiguos, sem patriotismo, sem virtudes civicas que nem tinham força egual á sua vontade de destruir as instituições que não amavam, nem animo para as fazer progredir se de coração as quizessem. De taes elementos formada a pseudo representação nacional forçosamente havia de ser o que foi: um ajuntamento confuso sem alma nem ordem, onde tudo se propoz, mal se discutiu, e nada se assentou. [2]

[1] Expressão que se attribue ao ministro prussiano.

[2] A lei do sello e a do *cura de caniços* foram as unicas que passaram em ambas as camaras.

Em fatal harmonia com esta repugnante desharmonia estava a camara hereditaria, cujos membros quasi todos aborreciam o systema que os tinha feito, a elles indignos, de abjectos escravos de palacio que eram, magistrados hereditarios e legisladores natos de sua pátria. Funcções tam altas e honrosas, nem as conheciam nem as avaliavam nem as prezavam: como —se a falta de educação lh'o vedava, se o antigo espirito de independencia, que tanto distinguia e characterizava outro tempo a fidalguia portugueza, tinha morrido lentamente com dois seculos de servidão *palacega*, de dependencia e immoralidade politica!

Tanto maior honra para as nobres excepções que d'esta vergonhosa regra fizeram os honrados que em 1828 resistiram ás seducções e terrores da usurpação, e viram no exilio e nas privações resuscitar a antiga fama da nobreza de Portugal.

Infelizmente porém a regra prevalecia em numero e poder ás excepções: e se a camara electiva, por desunida e mal composta, pouco fazia, — a hereditaria, por hostil e adversa ao rei e ao povo, nada fazia nem deixava fazer.

O ministerio podia ter neutralisado parte d'este mal se houvesse tomado seu logar no systema representativo, o logar que naturalmente, que forçosamente lhe compete a elle tomar, para estabelecer o equilibrio dos poderes do Estado. Se o ministerio portuguez tivesse então feito sua obrigação, frequentando as camaras, tomando parte nas discussões, fazendo as propostas necessarias, oppondo se ás inuteis, apoiando as de immediata precisão, sustentando em uma camara o que na outra tivesse feito approvar, fazendo por este modo o nexo legal, necessario entre a parte democratica e a aristocratica da legislatura, e entre a corca, cujos procuradores são os ministros para com a mesma legislatura na monarchia representativa,—a defeituosa composição das duas camaras seria em grande parte remediada e contrabalançada; e apezar d'ella muito bons resultados se poderiam ter tirado. Mas se uma das camaras não sabia querer, se outra não queria o systema representativo, o governo era seu mais cruel, mais traidor e mais desleal inimigo. Que se podia esperar de uma ordem de coisas em que taes elementos se faziam guerra de cahos [1]

[1] Repetidas vezes se rogou, se instou com o ministerio que assistisse ás discussões e tractasse de ligar as desunidas camaras. Os dous jornaes liberaes, o *Portuguez* e o *Chronista* tiveram em resposta uma prisão de tres mezes para seus redactores.

XV

Commoções populares pela perfidia e traição do Governo

N'este estado de coisas occorreu a enfermidade da infante regente; e o ministerio traidor que então pesava sobre o desgraçado Portugal, immediatamente lançou mão d'esta circumstancia para unir suas representações ás dos inimigos internos e externos de D. Pedro, e lhe surprehenderem a nomeação de D. Miguel á regencia. Não tardou que lhe não constasse terem conseguido seu fim. Desde esse momento rasgaram completamente a máscara; começou a perseguição dos liberaes aberta e declarada, a protecção manifesta e sem rebuço aos infantistas. Deu se-lhes liberdade publica de conciliabulos e de imprensa; coarctou-se mais e mais, negou-se completamente aos do partido nacional. [1]

Nos ultimos dias de julho a traição foi tam manifesta, a indignação publica tam exacerbada que rompeu nos tumultos populares, cuja origem e circumstancias tão desfiguradas foram pela calumnia apostolica e pela mentira do governo que os promoveu. A demissão do general Saldanha, com a qual esses tumultos romperam, foi a occasião immediata, mas não a causa d'elles. A traição do ministerio, a conspiração das auctoridades todas haviam ha muito tempo excitado o fermento do odio nacional: aquelle incidente não fez mais do que apressar e dar desafogo ao rompimento. Não houve excessos commettidos por esse tumulto: mas elle mesmo era em si um excesso; não o justificarei. O povo não fez mais do que reclamar contra a manifesta deslealdade do governo, cujas consequencias tam bem presentia, e tam horrorosamente se verificaram. O governo fez quanto poude para levar o povo a perpetrar algum desacato: animaram, fomentaram, instigaram; mas nada conseguiram. Pouco costumado a reagir contra a auctoridade, pouco iniciado nos principios da resistencia legal, o povo bradou mas calou-se logo; fiou-se nas promessas e protestações que lhe fizeram de que se não attentava contra as instituições: outra vez o illudiram, e outra cahiu no embuste.

Este acontecimento regosijou infinitamente a facção apostolica; deu-lhes pretexto para nova e mais declarada perseguição; nada podia vir mais a ponto. Com effeito centenares de pessoas foram presas na capital e por todo o reino; pronunciados bispos, grandes, pessoas de todas as classes e distincções, os que mais tinham desapprovado e reprovado aquelles tumultos, os mesmos que maiores esforços haviam feito para os dissipar.

A imprensa mereceu, e com razão, os primeiros ataques da facção. Contra o expresso direito da Carta, a imprensa gemêra sempre debaixo da estupida censura d'alguns frades, que o governo tivera o cuidado de escolher como proprios carrascos de tal padecente. Mas tanta era a justiça da causa, tanta era em geral a prudencia e moderação dos escriptores, que ás vezes escapavam ás tesoiras censorias um ou outro paragrapho que illustrava o povo, e mettia frouxo clarão pelas trevas com que para o cegar e desvairar o rodeavam. Mas nem esse debil reflexo convinha aos apostolicos, nem esse clamor sumido que escapava acaso por alguma fisga das mordaças da censura evitou a proscripção. Todos os editores e redactores dos jornaes, muitos dos censores foram lançados em masmorras, e decidida assim com um *coup d'état* á Polignac a questão da liberdade da imprensa. [1]

Que mais faltava a D. Miguel? O caminho estava feito, os degraus do throno desembaraçados; era subir e sentar-se.

XVI

Regencia de D. Miguel

Preparados assim os espiritos com o terror da perseguição, apoiado o governo traidor sobre as baionetas estrangeiras, collocadas em todas as provincias auctoridades de connecida adhesão ao absolutismo e ao futuro usurpador, tranquillamente esperaram por elle, engodando a nação com esperanças de paz, e espalhando com arte por todas as vias diplomaticas que só a regencia do infante podia fazer cessar o estado calamitoso de Portugal. [2]

Chegou elle; e no proprio dia de seu desembarque começaram os gritos da rebellião dados pela mais infima canalha que o intendente da policia assoldadava a tanto por dia.

O povo ficou tranquillo, e em seu expressivo silencio reprovava taes escandalos; a

1 Decreto de 18[illegible]7.

1 Se em Portugal houvera liberdade de imprensa e guardas nacionaes desde o estabelecimento da Carta, estaria hoje D. Miguel sentado no throno de Maria II?

2 O governo augmentou de proposito o descontento publico para que os que mais temiam D. Miguel e o aborreciam, vissem com menos horror sua regencia como uma mudança de coisas que parecia impossivel podêr ser para peior.

tropa castigou alguns dos gritadores: mas o governo não dava providencias; as auctoridades dissimulavam; e os tumultos progrediam. Estes ajuntamentos porém eram sómente em tôrno do palacio e nos mesmos atrios d'elle, nenhum d'esses bandidos ousava vir gritar a outras partes da capital; só debaixo da protecção e sob os olhos mesmos do principe se atreviam a commetter seus desacatos. Durante um mez continuaram os alvorotos, que não perturbaram, é verdade, o repouso da cidade, porque o espirito da população era contra elles e contra o motivo d'elles, mas presentavam nas vizinhanças do paço o espectaculo mais indecente que ainda até hoje se viu. Após os gritos vieram os insultos e as vias de facto. Pares do reino, nobres, magistrados, até embaixadores estrangeiros, pessoas de todas as distincções foram insultadas. A turba desenfreada, á face do logar-tenente de D. Pedro IV gritava: «Morra D. Pedro IV, morra a Carta! viva D. Miguel absoluto!» Os criados do paço eram os que mais figuravam e se distinguiam n'estas vozerias e insultos; e o infante abertamente os accolhia com agrado, e os animava com a mais decidida approvação. [1]

XVII

D. Miguel jura a Carta, começa a reger, e a promover a rebellião

Depois de alguns dias de indecisão, o infante prestou em fim em sessão real das duas camaras reunidas o juramento de fidelidade ao rei e á Carta, e de governar o reino conforme a auctoridade delegada por seu augusto irmão. Mas os tumultos do paço continuavam, e antes cresciam: tentaram-se todos os meios de seduzir tropas, mas o espirito d'ellas era excellente; nada foi possivel. Emfim o usurpador se deliberou a começar suas operações. A camara dos deputados sem motivo, nem sequer pretexto, foi dissolvida; começaram as destituições nos chefes dos corpos do exercito e nos magistrados territoriaes das provincias; nos quaes logares todos foram postos rebeldes conhecidos da facção do infante. Tudo assim preparado, ordenou-se por circulares aos corpos municipaes que dirigissem unanimemente representações ao infante pedindo-lhe a abolição da Carta e que se declarasse elle rei absoluto. Estes corpos, que são constituidos por um velho tribunal estabelecido na capital com o nome de «Desembargo do Paço», em cuja formação não entra hoje absolutamente em nada a escolha do povo, erigiram-se em representantes do povo, e se arrogaram auctoridade constitutiva, — ou antes, tomaram a que pelo governo se lhe insinuou que tomassem. Para logo de muitas municipalidades do reino vieram essas representações; até que finalmente a de Lisboa, que nem sequer é composta de habitantes da terra, mas de magistrados (desembargadores) nomeados pelo governo, deu o exemplo de proclamar publicamente rei o infante D. Miguel no meio das gritarias de algumas duzias de homens da mais baixa ralé da capital, sem que a este acto burlesco e infame concorresse nenhum homem respeitavel, nem uma só pessoa de consideração, salvo alguns dos velhos desembar-

MARQUEZ DE POMBAL

[1] Correspondencia de Sir Frederick Lamb nos papeis apresentados ao parlamento pelo ministerio inglez, e insertos no *Manifesto dos direitos de S. M. F.* etc.

gadores que compõem a pretendida municipalidade. [1]

XVIII

Protecção ingleza

No emtanto as machinações estrangeiras tinham preparado fóra o que em casa estava quasi feito. A politica do gabinete inglez, que já em vida de Mr. Canning começára a variar, mudou completamente com sua morte. A oligarchia ingleza, que tão reluctante cedera á vigorosa compressão em que a tinha aquelle ministro habil e illustrado, reagira poderosamente apenas o viu moribundo e veiu como o asno da fabula insultar o leão agonizante. Seus naturaes alliados, a oligarchia franceza, a austriaca, a de todo o mundo lhe deram a mão, e ajuntando os dispersos elementos que na dissolução da Sancta Alliança tinham ficado sem nexo e derramados pela Europa, formaram uma liga ainda formidavel e poderosa, comquanto já sem aquella unidade e nexo que lhe dava a primitiva alliança. Um dos primeiros pontos em que a funesta coallisão conveiu foi a destruição da Carta portugueza. [2] As tropas britannicas, que tinham tido ordem para evacuar Portugal, foram mandadas conservar-se alli para proteger a pessoa de D. Miguel e o sustentar contra os Portuguezes e emquanto elle não dispunha as coisas todas de modo que lhe não restasse duvida do resultado. Apenas pareceu que D. Miguel estava sufficientemente preparado, veiu ordem peremptoria para o embarque dos auxiliares. Em vão representou o embaixador Sir Frederick Lamb as consequencias forçosas de tal precipitação; novas ordens apertaram, — o exercito inglez partiu: e então se desenganou a nação portugueza de qual era a protecção que seus «antigos alliados» lhe haviam promettido. D. Miguel blasonava publicamente d'essa protecção para si, e de que tudo quanto fazia tinha sido previamente concertado entre elle e os gabinetes da Europa. Os factos apoiavam suas asserções; deu-se-lhe credito sem difficuldade nem escrupulo.

Pareceu contradizel-o a decisão do corpo diplomatico quando declarou não poder continuar em suas funcções juncto do usurpador. Mas todos os que viam (e não eram poucos) atravez da mascara diplomatica, conheceram bem claro que este era um vão ceremonial feito para enganar os povos, uma hypocrisia ridicula com que a legitimidade, que se havia suicidado, assistia a seu proprio funeral.

[1] Próvas no *Manifesto* etc.

[2] V. todos os jornaes inglezes e francezes do tempo.

XIX

Fingida convocação de côrtes

Após esta farça veiu outra não menos ridicula; um d'esses anachronismos politicos que mais excitam o desprezo e a indignação pública do que pódem sanccionar coisa alguma séria ou importante.

Quero falar da convocação das pseudo-côrtes que se ajuntaram em Lisboa, e lavraram a onze de Julho de 1828 o famoso assento com que se pretendeu legitimar a usurpação de D. Miguel.

Este monumento de ignorancia, de aleivosia e insolencia serviu depois de fundamento ás argumentações pueris de nacionaes e estrangeiros, que, ignorantes de nossa historia, de nossas leis, de nossos costumes, de nosso caracter, — até de nossa linguagem, juram nas palavras do conciliabulo de Lisboa, e pretenderam fazer acreditar o «manifesto dos cortezãos de Nero e Agrippina» pela voz unanime do povo romano — *Si licet parvis componere magna.* [1]

Conveiu-se pois entre os chefes dos conspiradores, e por conselho de seus protectores estrangeiros, que se convocasse um fingido simulacro das antigas côrtes do reino, afim de illudir com esta apparencia de legalidade as nações estranhas, para as quaes sómente se representou esta comedia; porque dos nacionaes não havia nenhum, por muito ignorante que fosse, que não zombasse de tam ridicula convocação.

Pelo facto mesmo de convocar a este conciliabulo illegitimo, proscripto e abrogado pela Carta e por quem legitimo direito tinha de o fazer, D. Miguel se constituiu rebelde e traidor manifesto. Já não eram procedimentos de uma corporação, de um individuo, já não eram coisas de que elle podesse dizer que tinha sido forçado a fazel-as ou a toleral-as por ceder ao impeto das facções; já não havia hypocrisia para se disfarçar mais: este era um *facto seu*, espontaneo, livre.

Emfim D. Miguel abertamente depoz a mascara, declarou officialmente que já não governava pela auctoridade delegada de seu soberano, mas *jure proprio:* em todos os actos publicos se lhe deu *Magestade;* assignou *Rei* nos diplomas officiaes; e esperando pelo *direito* que lhe havia de vir das deliberações dos Tres-estados, por sua pro-

[1] O campeão inglez de D. Miguel tinha sido, *pelo mesmo preço*, o campeão de D. Pedro IV e da Carta.

pria deliberação se constitue de *facto* na posse da corôa que ha poucos dias jurára, deante de Deus e dos homens, de conservar illesa a seu irmão e sobrinha.

A muito condescendente e muito indulgente legitimidade não pôde com effeito dissimular mais: fosse qual fosse a reluctancia de alguns, os membros do corpo diplomatico cessaram suas funcções (as publicas ao menos), e posto que n'um estylo extremamente moderado, extremamente inadequado a tam escandalosas circumstancias, declararam comtudo que não podiam continuar a exercel-as. D. Miguel e sua gente riram d'esta declaração; e, porque elle o asseverava, porque muita gente sensata o dizia, porque todas as circumstancias antecedentes induziam a crêl-o, — tomou-se isto por uma farça que estava concertado representar para salvar as apparencias, e não offender tam manifestamente a moral pública da Europa.

No emtanto as destituições continuavam, as crueldades e perseguições de toda a especie progrediam; e, apezar do terror que prevalecia geralmente, era tal e tam manifesta a indignação e odio publico contra tal governo e tal principe, que por toda a parte e a todo o momento se esperava que arrebentasse uma reacção, cujos symptomas de dia a dia cresciam e appareciam mais sensiveis. O usurpador ou seu satellite o conheceram e presentiram; e se prepararam com sangue frio de carrascos para comprimir o espirito publico, sobre cuja natureza e inclinação já não podiam illudir-se, com todos os horrores e tormentos de uma perseguição de Nero; — ou se a comprimil-o não chegassem, para se vingar, ao menos com antecipação, de um povo que os repulsava e os detestava, como a seus verdugos que eram.

XX

Reacção nacional contra D. Miguel

Com effeito o soffrimento nacional estava no extremo. A reacção estava feita nos espiritos; faltava uma voz, uma palavra de *santo* para que os povos se levantassem. D. Miguel e o seu throno de um dia iam cahir de golpe. Uma voz que se alçasse, e toda a nação se precipitava em massa sobre esse punhado de miseraveis que nem se sabiam valer do poder que tinham nas mãos, o qual não haviam conquistado mas furtado, que nem o direito nem a força, mas só o roubo e a traição lhe tinham dado. Do Porto, cidade nomeada por sua lealdade ao soberano e amor ao governo representativo, se esperava o primeiro impulso. Entre as provincias do Norte, o Minho, cuja capital é aquella cidade, foi sempre a mais decidida n'esta causa porque é a mais industriosa e cultivada, a mais povoada e a mais rica. Porém ao Sul o pequeno reino do Algarve não dava menos esperanças. De ambos estes lados se esperava todos os dias a salvação, todas as horas e momentos.

Nem o que se esperava tardou muito: todo Portugal se sublevou contra o tyranno: todo Portugal levantou o grito da fidelidade, e altamente bradou e protestou á face da Europa e do mundo contra D. Miguel.

Disse que todo o Portugal se sublevou; e não foi exagerado este meu dizer: porque, exceptuando Lisboa, aonde a fôrça da oppressão não permittia nem um só respiro aos leaes, em todo o resto de Portugal, com mais ou menos fortuna, o protesto solemne da nação foi feito com as armas na mão, contra a rebeldia e traição do usurpador. Os acontecimentos do Porto são os mais conhecidos; mas não foi essa a unica parte do reino que assim procedeu. Na provincia de Traz os-montes, tam conhecida de toda a Europa por fornecer theatro e actores ás sanguinosas farças da rebellião, n'essa mesma provincia a maioria das tropas, muita da nobreza e povo se declarou pelo soberano legitimo; de tam longe como Chaves vieram tres regimentos juntar-se a seus bravos camaradas do Porto: em muitas partes o povo se armou em guerrilhas, que só muito depois das *forcas caudinas* do Porto depozeram as armas. Na provincia do Minho, alem do Porto, a guarnição de Braga e Guimarães, o povo d'esta ultima, de Fafe e d'outras terras consideraveis tomaram as armas. Na provincia da Beira é notorio o generoso procedimento dos habitantes de Coimbra, cujo corpo de commercio, principaes familias, muitos lentes e doutores da universidade se sacrificaram pela ingrata legitimidade: os estudantes da mesma universidade se formaram em um corpo de voluntarios, commandado por um lente d'ella, e fizeram os maiores e mais assignalados serviços até á entrada das raias d'Hespanha. Vinte e tantos religiosos augustinianos, e de outras ordens, fizeram o mesmo só n'aquella cidade. De Vizeu, capital da provincia, ficará sempre memoravel o corpo de voluntarios que alli se formou, e que tam denodada e nobremente se portou sempre: o mesmo, segundo seus meios e circumstancias, succedeu nas outras terras da provincia, sem exceptuar Almeida e sua brava guarnição. [1] No Alem-Tejo, a

[1] Ainda se não explicou a razão por que a juncta do Porto não fez reunir esta guarnição a seu exercito.

cidade de Beja e outras terras menores se levantaram. — Do Algarve é sabida a catastrophe, que suffocou, por uma horrivel perfidia, o enthusiasmo e esforços d'aquelle pequeno reino. E para chegar por ultimo á propria provincia da Estremadura, immediatamente sujeita á acção e oppressão de todos os meios de que se serviu o usurpador, bastará comtudo para mostrar seu espirito o ver que em Santarem, poucas leguas de Lisboa, o governador militar, a guarnição toda e a maioria dos paizanos tomaram armas, e marcharam a reunir-se aos estandartes arvorados no Porto. E não ha uma só pessoa de nenhuma nação ou partido, que residisse em Lisboa nos memoraveis mezes de Maio e Junho de 1828, que não diga, se quizer falar a verdade, a impaciencia e decisão com que a maior e melhor parte da população da capital esperava pela approximação das tropas da juncta, para se declarar, e precipitar do seu throno ephemero o rei de escarneo e galhofa, cuja acclamação e elevação não teve coisa alguma que não fosse ridicula, senão as atrocidades de suas proscripções, e o sangue e as lagrimas de suas victimas. Se a reacção foi mal succedida, se o espirito nacional não poude, apesar de tudo isto, sobrepujar ao espirito de uma facção, que era em si mesma uma diminuta *fracção* do povo portuguez, teve essa infelicidade, além das causas geraes que já apontei, outras que por extremo vergonhosas e aborrecidas de referir, prouvesse a Deus que não fosse a penna portugueza obrigada a escrevel-as. Satisfarei reluctante a essa cruel obrigação... Mas será o mais tarde e o mais breve que podér

XXI

Porque foi mal succedida esta reacção

Infelizmente o que mais necessario era em taes circumstancias, um homem ou homens corajosos e decididos, capazes de se pôr á frente da reacção, e de dirigir massas tam bem dispostas, faltaram. Estas reacções, que não eram filhas de plano combinado, de nenhuma conjuração, mas espontaneas, mas uma explosão natural e não preparada do espirito que animava todas as classes, por isso mesmo foram mal dirigidas e vieram a ser infructuosas. Uma revolução illegitima, tramada no segredo por uma facção conspiradora conta com muitos obstaculos, prevê todas as opposições, e portanto estabelece seu plano, combina tudo; e quando chega a rebentar, todas as difficuldades são previstas e se acham arranjadas. Mas a natural espontanea e não preparada reacção do povo nem tem chefes, nem tem *santo*, rebenta pela fôrça das coisas, vai sem direcção nem methodo; e se um homem de confiança e cabeça não apparece então para dar rumo e direcção ao que naturalmente a não tem, é raro e difficil, quasi impossivel que uma tal reacção não seja destruida pela fôrça combinada e organizada do podêr contra o qual se sublevou.

Tal foi exactamente o caso da reacção legitima do Porto. Povo, exército, nobreza, todos eram animados de um commum desejo, todos tomaram armas para conservar seu juramento e não ser cumplices da traição; mas este movimento nem foi preparado nem combinado: todos se entendiam sem se falar, todos se declaravam sem se prevenir. Appareceu uma massa immensa, formidavel a que parecia impossivel resistir: mas não houve quem a dirigisse, cedeu á fôrça menor porêm mais regular.

N'éstas poucas palavras se encerra a longa historia da tam esperançosa, e tam mal succedida reacção das provincias do Norte de Portugal contra a usurpação de D. Miguel.

XXII

Terror de D. Miguel

Invoquemos o proprio testimunho do usurpador, de sua terrivel mãe, de seus tenebrosos conselheiros: é irrecusavel e «maior de toda a excepção» seu testimunho. Mui clara e explicitamente nol-o dão elles. — Vendo o estado do reino e a opinião da nação que os repulsava e se levantava em massa contra sua tyrannia, D. Miguel e sua facção se julgaram completamente perdidos: os gritadores pagos pela policia cessaram, o palacio esteve guardado por uma fôrça de *gendarmes* capaz de guarnecer uma praça; esquiparam-se navios e se proveram de viveres para longo trajecto; sommas consideraveis de dinheiro e as joias da coroa foram depositadas a bordo d'estes navios: houve conselhos em que se deliberou sôbre o modo da fuga; tudo se preparou para ella. E sem podêr confiar-se na tropa da capital, unica de que podia dispor, e a qual já manifestava não equivocos symptomas de desaffeição, não ousavam oppor á reacção das provincias obstaculo nenhum, e só cuidavam de salvar as suas pessoas. — Se este testemunho de D. Miguel e dos seus não basta para provar o espirito e os votos da nação portugueza, não sei qual baste.

XXIII

Fatal resultado da reacção nacional

Mas a reacção das provincias, que nem teve plano nem chefes nem ordem alguma, havendo ao principio lavrado com uma fôrça de electricidade que aos poucos previdentes dava toda a esperança, começou comtudo a ceder deante dos planos combinados dentro e fóra do reino pela facção apostolica de Hespanha e França, por sua auxiliar e protectora, a oligarchia europea. Tal era porêm o espirito, a alma, a coragem civica das tropas constitucionaes do immenso numero de voluntarios [1] que todos os dias, todas as horas se lhes juntavam, que só a extrêma fraqueza, pueril indecisão e vergonhosa covardia dos chefes da reacção podiam dar a vantagem ás fôrças do usurpador e de seus protectores. A indecisão e timidez dos constitucionaes deu ao tyranno todo o tempo e vagar para reconcentrar suas fôrças, para as dispor, para concertar uma defeza que longo tempo pareceu chimerica; e a final — mais extraordinario e espantoso ainda! — passar da defensiva á offensiva, e ganhar a victoria sem vencer uma batalha. [2]

O exercito leal em todos os recontros bateu sempre as pequenas e desanimadas fôrças do usurpador. Mas sempre triumphante e sempre fugitivo, vencendo sempre e sempre retirando-se, ganhando victorias e perdendo terreno, perdeu emfim o que é tudo e tudo valle, e mais que tudo faz na guerra civil, a fôrça moral e a opinião dos povos; — até que abandonado de seus chefes, um exército forte de consideravel numero de tropas regulares, e de muitos mil voluntarios, cujo valor e decisão e importancia politica equivaliam a dobradas divisões de fôrças regulares, veiu emfim a ser reduzido por uma serie progressiva de erros, de infelicidades, de faltas, de crimes d'esses chefes, a buscar refúgio em Hespanha quando já diminuido e desmantelado.

XXIV

D. Miguel resiste e vence

Com effeito a facção usurpadora, voltando de sua primeira surpreza e terror, começou a aperceber-se da lentidão dos progressos

[1] Quanto podia esta força voluntaria, assás o mostrou a victoria da Terceira, ganha segundo a confissão do proprio general, quasi unicamente por ella.

[2] Por muito tempo se não quiz acreditar nos conselhos de Lisboa, por parecer impossivel, a toma da do Porto.

da reacção, e a ver a esperança de triumpho que de sua falta de direcção lhe luzia. Juntaram algumas tropas, levaram-n'as deante do inimigo, fanatizaram-n'as com hypocrisias fradescas, e com todas as artes apostolicas: todavia não estavam seguros d'ellas; e muitos soldados se passavam para o exército leal. Mas este hesitava, recuava: ganharam ânimo os rebeldes; seus soldados começaram a desconfiar que bem podia ser que fosse a usurpação a que triumphasse; a população dos campos e terras d'onde o exército leal se

D. CARLOTA JOAQUINA

retirava começou tambem a consultar por seus interêsses pessoaes, e pezarosa de ver triumphar a injustiça e a tyrannia, adheriam comtudo á sua causa, porque não queriam ser sacrificados. D. Miguel no entanto e seus conselheiros, que bem viram que nada tinham a contar com o amor do povo e com a opinião, assentaram de levar ao extrêmo o terror e o medo, e tentar este meio que tanto se ligava com sua natural crueldade.

Nove victimas, pela maior parte innocentes, e muitos em edade que pelas leis do reino não podiam soffrer pena ultima, foram pendurados no patibulo, por um facto que realmente era crime, [1] mas do qual nenhum

[1] Cresce a atrocidade quando se pensa que os maiores scelerados são todos os dias absolvidos nos tribunaes portuguezes, e que raro é o anno que em Portugal se vê executar a pena ultima por crime não-politico.

d'elles foi convencido. Encheram-se as masmorras de presos, confiscaram-se bens, repetiram-se em todas as ruas de Lisboa e das terras onde sua auctoridade chegava as scenas da mais cruel perseguição que ainda se viu. As cidades e povoações d'onde se retiravam as tropas leaes foram postas a saque; emfim tudo quanto a tyrannia póde imaginar, se pôz em obra, parte para satisfazer os naturaes sentimentos de D. Miguel e sua execravel mãe, parte como medida de terror e para conter os povos pelo medo, já que por outro modo era impossivel.

XXV

D. Miguel declarado rei

No meio de todas éstas destituições, prisões, proscripções, confiscos, exilios, supplicios, é que se verificou a convenção das chamadas côrtes; com toda esta *liberdade* foram eleitos, se reuniram e deliberaram os pretendidos representantes da nação portugueza no desprezivel conciliabulo tido em Lisboa a 11 de Julho de 1828 para sanccionar a traição, a rebeldia e a usurpação de D. Miguel.

Da nobreza não appareceu n'este conciliabulo nem a décima parte dos que pelo uso e lei antiga tinham direito a assentar-se em côrtes: grande numero, porque não foi convocada, arreceando se os convocadores de suas opiniões e honra; muitos porque voluntariamente se tinham expatriado para fugir á infamia e ao perjurio, —e estes eram os mais distinctos; muitos porque ainda que lhes fallecia coragem para arrostar com as privações do exilio, não tinham despejo bastante para comparecer n'esse acto vergonhoso e ridiculo; muitos emfim porque errantes, foragidos e banidos dentro de seu proprio paiz, não ousariam comparecer no conciliabulo dos traidores ainda quando sua fraqueza de espirito e covardia de coração se pudesse accommodar com a deshonra do acto. [1]

Do mesmo clero, alêm do patriarcha de Lisboa, só tres bispos appareceram. De tam informes elementos composta, com tal illegalidade formada se juntou em Lisboa a assemblea de conspiradores que d'um só voto e de um só golpe roubaram a coroa ao rei e as leis ao povo.

Nem o que as antigas e obsoletas usanças da monarchia prescreviam, [2] nem o que a razão e natural direito mandava, nem o que a decencia publica e uma apparencia de formas legaes parecia dever exigir, nada foi guardado n'este synodo herectico que não tinha das antigas côrtes da nação mais que o arremêdo do nome.

Mas a farça foi representada; e os protectores estrangeiros de D. Miguel tiveram uma palavra (ouca sim, mas que importa á oligarchia o ouco de seus palavrões?) com que impôr aos reis e aos povos, invocando esse phantasma das antigas côrtes portuguezas, que nem elles sabem, nem se incommodam a procurar saber o que sejam. Quanto aos nacionaes, essa impostura de nada serviu, porque em geral os Portuguezes sabem o que aquellas côrtes eram, e n'esse conciliabulo de conspiradores as não viram nem podiam ver: os mesmos fautores de D. Miguel se riram em segredo de sua miseravel *pellotica*.

Ninguem ignora hoje em Portugal que esta farça representada em Lisboa foi composta em Vienna, Paris e Londres; e que o «auctor, ponto e contra-regra» estavam ensinando de fóra o que os comparsas e actores em Portugal representavam! No proprio acto, n'esse vergonhoso assento de onze de Julho quasi que está a prova da origem estrangeira do drama. Como é possivel que Portuguezes mostrassem tam crassa ignorancia de suas coisas, de sua historia, de seus costumes, de suas leis! Inclino me a crer que até o *libello famoso* intitulado assento das côrtes foi composto e fabricado cá fóra, e mandado traduzir em Lisboa por José Acurcio e pelo bispo de Vizeu. E' a unica solução que acho para explicar aquelle enorme congesto de ignorancia, de estupidez e mentiras.

No entanto eis ahi D. Miguel declarado rei, intitulando-se rei; e os ministros dos soberanos legitimos da Europa ainda em Lisboa á espera não se póde saber de quê; pois, não exercendo as funcções publicas de embaixadores, sua só presença n'aquella capital era já um escandalo á Europa. Emfim removeu se este escandalo, e os ministros se retiraram, á excepção do legado do papa que provavelmente um breve de S. Santidade dispensava para poder tomar parte na obra do perjurio e da traição, ou que fiel discipulo de Escobar aproveitou esta occasião de concorrer para a pratica de suas doutrinas; do ministro de Fernando, a quem os Carlistas de Hespanha mostraram bem cedo as vantagens de proteger a usurpação ao pé de casa; do encarregado na America do Norte a quem importam pouco as legitimidades europeas, mas ao qual todavia a moral e a decencia publica parece que deviam prescrever outro procedimento.

[1] Bastava o terror geral para tornar nulla aquella assemblea e todos os seus actos.

[2] Nem do celebrado folheto do visconde de Santarem sobre as antigas côrtes se copiou senão o que era inteiramente absurdo.

Pouco se lhe deu a D. Miguel da retirada d'estes diplomaticos. Bens para confiscar, familias a consternar, sangue que derramar, uma nação inteira á sua disposição para satisfazer a paixão de carnagem e destruição, tal era o delicioso quadro que tinha deante dos olhos, e de que elle e sua digna mãe gosavam com toda a doçura e satisfação proprias de taes almas.

XXVI

Fuga do Porto

O *direito*, qual á condescendente e jesuitica legitimidade bastava, era já por D. Miguel: — oh ridicula subversão de principios! – Faltava o *facto* da absoluta e não disputada posse: deu lh'o a juncta do Porto e seus generaes. Como? Fugindo. — Depois de vencidos? Não; *depois de victoriosos*.

Fique sôbre quem lhe pertence a vergonha, a indelevel mancha da retirada do Porto: dêem seus miseraveis auctores a Portugal e á Europa o espectaculo indecente que ha dois annos estão dando de disputarem e *regatearem* entre si sobre o maior ou menor quinhão de infamia que a cada um compete na commum deshonra. *Escrevinhem* e façam gemer a assalariada imprensa os venaes sycophantas do poder *que é*, do poder *que foi*, do poder que *ha de ser*, e até (misera inepcia de taes almas!) do poder *que póde ser*, para lançarem a uns a partilha de outros, e questionarem assim ao infinito a infinita questão de qual foi mais covarde ou qual menos. Nós que fomos sacrificados, nós Portuguezes que pagámos as penas de seus delirios, e que talvez as pagaremos de suas desuniões e querellas, nós não temos senão uma causa a julgar, um processo a formar, uma sentença a lavrar sobre taes criminosos e taes crimes: Em reverso sentido, o signal da Escriptura sobre suas frentes — *Sygma*, *Tau in frontibus eorum*.

SECÇÃO QUARTA

Suicidio da Legitimidade. — Injustiça e má-fé dos governos da Europa na questão de Portugal. – Influencia que teve, e resultados que hade ter, na causa dos povos contra os tyrannos.

I

Procedimento dos soberanos da Europa a respeito de Portugal

Socegadamente e com apparente indifferença viram os soberanos da Europa a usurpação da corôa portugueza. Mas a indifferença era só apparente, seus internos e mal disfarçados sentimentos foram os do regosijo, da satisfação, do júbilo.

Cegos! Folgou a legitimidade em seu proprio suicidio!

Rasgaram com suas proprias mãos a máscara com que nos enganavam; — e não viram que suas *naturaes* feições ficavam assim expostas aos olhos do mundo!

II

Estado da questão portugueza

Quasi tres annos se agitou a questão de Portugal nas côrtes da Europa; e as sombras de dúvida que o espirito de partido tentou lançar sôbre tam simples questão desappareceram, mais pelas incoherencias e absurdos dos advogados d'esse partido do que pelas contestações da parte contrária.

A mim pareceu-me sempre ridiculo descer á arena para demonstrar que o primogenito d'um soberano era o legitimo herdeiro de sua coroa, ou coroas se elle mais que uma tinha; particularmente quando em vida de seu pae o declarára tal. Ninguem duvidou nunca dos direitos de D. Pedro: os que o disseram, mentiram a seu proprio coração e consciencia, e de má-fé o disseram. [1]

N'este ponto de direito ninguem hesitou, — repito: e as batalhas que sôbre elle se brigaram, foram *sham-fights* para ganhar tempo, e distrahir a attenção dos objectos que a reclamavam toda.

D. Pedro não era extrangeiro por ter aceitado das mãos de seu pae (na Europa legitima não se reconhece outro titulo do imperador do Brazil senão este) [2] por doação *inter vivos*, uma das duas coroas que, ambas, devia herdar *mortis causa*. Se com effeito as leis de Lamego excluissem *todo es-*

[1] V. *Manifesto dos direitos de S. M. F.* etc.
[2] Antes d'esse titulo nenhum soberano o reconheceu.

trangeiro da coroa portugueza [1] — n'este caso não seriam ainda assim applicaveis, porque D. Pedro não era estrangeiro. O que pedia a conveniencia, a justiça e a constituida independencia das duas coroas, era que D. Pedro abdicasse em seu herdeiro portuguez a coroa europea, e que fizesse a bem de Portugal o sacrificio que seu pae fizera a bem do Brazil. Isso fez. D. Maria é portugueza por todas as leis de Portugal civis e politicas, por todas as leis da Europa; e como tal e como soberana de Portugal a reconheceu toda a Europa.

E quem se deixou seduzir d'esse outro argumento de que «a nação não queria senão o usurpador, e repulsava o rei legitimo?» Ahi está uma emigração de muitos mil homens espalhados pela Europa e pelo mundo, lá estão muitos mais presos nos carceres de D. Miguel, para responder a esse argumento, em um paiz onde escassamente se contam tres milhões de habitantes. Lá estão as forcas, os algozes, os assassinatos, as commissões prebostaes do usurpador para documentar essa asserção. E note se que a mesma facção apostolica que unica sustenta D. Miguel no throno, ainda assim não teve fôrça para tirar a coroa a seu legitimo senhor e lh'a pôr na cabeça a elle. [2] — A elle, a D. Miguel se confiou essa coroa; em suas mãos lh'a deu a guardar a indulgente confiança de seu irmão e a mais que indulgente protecção dos gabinetes. Todas as grandes façanhas e proezas de D. Miguel e de sua facção foram pegar n'essa coroa que lhe confiaram, e pôl-a na cabeça. Não conquistou como um usurpador ordinario, roubou o depósito, que lhe deram a guardar.

Os esforços da facção de D. Miguel para lhe dar a coroa tinham sido vãos e nullos em Portugal. Não lhes valeu a aberta protecção de Hespanha, que lhes dava munições quartel, viveres, auxiliares, refúgio e toda a sorte de amparo em suas fronteiras. O exército inglez não deu um só tiro para a destruir: anniquilou-a a fôrça do partido legitimo, que sem questão, por aqui se vê, era o maior e mais poderoso. Presente D. Miguel em Portugal, nem assim a sua facção tinha fôrças para o acclamar. — *Elle é que se acclamou a si.* Protegido agora pelo exercito inglez, demittiu todas as auctoridades civis e militares em que não confiava; e com o govêrno na mão, impossivel ao partido legitimo toda a resistencia, fez elle a revolução, não o povo; elegeu-se elle a si, não a nação a elle. Se a isto se chama o *voto popular*, como disse o duque de Wellington, seria para desejar que um vice rei d'Irlanda, de intelligencia com os O'Connells, lhe désse uma demonstração caseira da bondade e perfeição de seus principios. E mais, a paridade não fôra perfeita: não direi comtudo aqui as razões por quê.

Estes são os dois pontos da questão que se agitaram: hoje os mais zelosos protectores de D. Miguel córariam de se appoiar em nenhum d'elles, porque bem conhecem, e sabem que todo o mundo conhece, que nenhum direito de successão lhe assiste, e que o de eleição, além de repugnante aos principios europeus de hoje, [1] não existiu, e se desmente todos os dias pelo solemne, ainda que tacito, protesto da nação *pretendida-eleitora*, e pelas vinganças e tyrannias do *pretendido-eleito*.

Fechada pois toda a discussão e debate sobre a questão de justiça; a unica que já agora se poderia agitar era a de conveniencia, i. é: —Convinha aos soberanos da Europa que o estado de Portugal permanecesse como se achava?.

Ou a legitimidade se perdia sem remedio, ou era forçoso que aquelle estado de coisas mudasse, que se restaurasse a tranquillidade e a ordem, que se removesse dos olhos do mundo aquelle espectaculo escandaloso que desacreditava a monarchia, e subvertia o principio de legitimidade. Examinemos porque.

III

Que causas tinha e que remedios podia ter o estado de Portugal

E' innegavel e inquestionavel que em Portugal existiam dois partidos. Não darei epithetos a nenhum d'elles; não carregarei sobre um, nem exaltarei o outro; simples e nuamente repito o que todos sabem — que alli existiam dois partidos: um pelo governo legitimo do legitimo successor de João VI, outro pelo usurpador.

Em um paiz onde dois partidos estão em presença, a ponto de luctar e quebrar a ordem publica, não ha senão dois meios de restaurar a tranquillidade: — ou neutralisal-os e amalgamal-os por concessões reciprocas, para que mutuamente se contenham — ou dar ascendente determinado a um sobre o outro, para que este contenha aquelle.

A este axioma ajuntemos outro não menos evidente nem menos *axioma:* — Que todas

[1] Que não excluem. V. *Manifesto dos direitos de S. M. F.* etc.
[2] Id.

[1] O duque d'Orléans foi legitimamente eleito, porque a dynastia anterior a si propria se excluiu da coroa.

as vezes que o primeiro d'esses dois meios fôr possivel, elle deve com preferencia adoptar-se.

E agora perguntarei: já se havia tentado o primeiro meio; i. é, já se procurára amalgamar os dois partidos por concessões reciprocas? E que resultados se obtiveram?

Já se tentara o segundo meio; i. é, já se déra ascendente a um dos partidos sobre o outro?

E que resultou d'essa preferencia?

A estas perguntas simplices responderão simplicissimamente os factos.

IV

Neutralisação dos partidos em Portugal por concessões reciprocas: — resultados que teve

D. Pedro IV, reconhecido em Portugal e por todos os governos da Europa successor legitimo de seu pae D. João VI, foi o primeiro que tentou amalgamar os partidos que existiam em seus Estados europeus.

A Carta não foi outra coisa senão um pacto de concordia celebrado pelo soberano entre os dois partidos. Mas não contente de transigir com os principios politicos d'elles, e de os congraçar por concessões reciprocas, D. Pedro foi mais generoso ainda, e transigiu até com as pretenções pessoaes de seu irmão e de sua facção pelo unico modo que, sem descer de sua dignidade, o podia fazer. Não se contentou com isto o partido de D. Miguel e o apostolico, que é o mesmo; assolaram o paiz com facções, com disturbios, com a guerra civil aberta e declarada, com todos os horrores d'ella. Tomaram, ou pareceram tomar, alarma os gabinetes da Europa, e insistiram por mais amplas concessões para o partido que se não queria accommodar com nenhuma. D. Pedro, que resistira ao principio, cedeu emfim a tanta instancia, e confiou nas promessas de garantia que se lhe fizeram para sua corôa e sua filha. [1] D. Miguel foi por elle nomeado regente de Portugal e seu logar-tenente.

Ainda não bastou esta concessão! — não bastou tiral-o do exilio onde seu pae o mandára — toda a Europa sabe por que crimes — e pôl-o quasi sobre o throno; quiz-se mais e mais se concedeu. A abdicação de D. Pedro, que prudentemente tinha *condição e dia*, se fez *pura e simples* para remover todo o ciume de independencia.

D. MIGUEL

Era possivel conceder mais, — cabia em meios humanos fazer mais esforços e sacrificios para neutralisar e congraçar partidos?

E quaes foram os resultados?

D. Miguel apenas voltado do exilio, D. Miguel que tão solemnes juramentos e promessas havia feito em Vienna e em Londres e em toda a parte, D. Miguel perjurou sem remorso, trahiu seu augusto bemfeitor, e tomou para si a corôa que elle confiara á sua guarda. Nenhuma revolução o elevou ao throno; foi elle que se sentou sobre o throno a cujos degraus estava de guarda como primeiro sentinella e defensor. A facção apos-

[1] V. na prova 20 do *Manifesto* etc. o protocollo de Londres de 12 de Janeiro de 1828, o qual subrepticiamente foi omittido pelos ministros inglezes nos documentos apresentados ao parlamento.

tolica pediu destituições e proscripções e confiscos ao novo rei: e o usurpador lh'os deu. Reagiu por fim o partido legitimo depois de tantos attentados; mas abandonado e ameaçado de toda a Europa, sua reacção nunca podia ser senão um *protesto armado e solemnissimo* da nação contra seus calumniadores estranhos e domesticos. [1] Venceu, nem podia deixar de vencer então, o partido menor porém mais appoiado. Correu muito sangue, dobraram as proscripções, as exacções, os tributos, os confiscos: —mas restaurou-se a ordem e tranquillisou-se o paiz?

Que o digam os carceres, as forcas, e os carrascos de Portugal.

Logo, foi impracticavel amalgamar os dois partidos, e restabelecer a tranquillidade por este primeiro meio.

V

Ascendencia dada a um partido sobre outro; com que resultado

Viu-se a impracticabilidade de restaurar a ordem em Portugal por concessões mutuas. Vejamos o que se obteve do segundo expediente; i. é, o de dar ascendencia completa a um dos partidos.

Inteira e absolutissima foi dada essa ascendencia ao partido de D. Miguel. Fingiram-se umas côrtes, uma assembléa nacional; declararam rei o usurpador; parte de seus actos (como bloqueios etc.) foram reconhecidos por Inglaterra; debaixo de mão se lhe deu por outras potencias toda a protecção que era possivel sem quebrar inteiramente a apparencia de moralidade com que o principio legitimo obstava a uns, ou o da neutralidade a outros.

Por fim largou-se a mascara: as armadas inglezas foram combater pelo usurpador nos mares da Terceira; e as bandeiras que tremularam em Trafalgar e no Nilo, (crêl-o-ha a posteridade!) foram proteger os corsarios de D. Miguel — [2] mais, sahiram a corso por elle!

D. Miguel proscreveu á larga, desde seu proprio soberano até o mais infimo dos subditos que lhe eram fieis; armou seus partidarios, deu-lhes a commetter todos os excessos; não houve emfim meio nenhum que humanamente se possa conceber para acabrunhar, destruir, anniquilar um partido, que D. Miguel não empregasse para acabar com o de seu irmão. Isto não são asserções vagas, são factos de notoriedade europea e de que seus mais zelosos protectores convêem.

Podia ser maior e mais positiva a ascendencia de um partido sobre outro? Podia empregar-se mais decididamente o *segundo meio?*

E que resultado se colheu d'ahi?

As commoções continuaram; a emigração cresceu a um ponto de que não ha exemplo na historia moderna; [1] correu mais sangue das mãos do algoz, as dissensões dos partidos augmentaram todos os dias,—e até no paço e entre os membros da familia real lavrou a revolução, e se empregaram os punhaes byzantinos de que já estava esquecida a nossa Europa.— O reinado da usurpação veiu a ser emfim o que forçosamente havia de ser, um reinado de terror, em que todos tremem mas em que ninguem se aquieta apezar de tremer. De todos os escandalos que em nossos dias as revoluções têem dado ao mundo, ainda nenhum chegou a este.

Não aproveitou pois mais que o primeiro, o segundo meio, de dar ascendencia determinada a um dos partidos sobre outro.

VI

Por que razão falharam estes meios.—Qual restava a empregar para restaurar a ordem em Portugal

Como se havia pois de remover dos olhos da Europa este escandalo que tam damnoso era á legitimidade?

Fizeram-se concessões aos dois partidos; e aquelle para quem mais amplas eram, se não accommodou com ellas. Deu-se a este partido absoluta e completa ascendencia; e nem inda assim se satisfez: abusou horrivelmente, devastou o paiz, e deu ao mundo uma prova irrefragavel de sua incapacidade para a supremacia. A legitimidade transigira e condescendêra com uma indulgencia que seus detractores não duvidaram chamar criminosa, mas que certo foi maior do que ninguem podia esperar d'ella. Seus principios, seus dogmas, seu codigo inteiro cedeu e dobrou covardemente deante dos *factos.* Mas eram já *taes* esses factos, que a condescendencia e o sacrificio podessem continuar sem crime?

Tem-se recorrido a distincções jesuiticas entre facto e direito: mas a politica errada e machiavelica tentará em vão distinguir entre a justiça e a conveniencia. A fatal, a ter-

[1] Mas podia ter ao menos acabado sem deshonra e vilipendio da nação.

[2] V. as cit. falas de Palmerston, Mackintosh, Holland, etc.

[1] Fazendo-se a proporção devida da população de Portugal á dos outros paizes.

rivel experiencia a desenganará sempre. Nem mais fatal, nem mais terrivel desengano levou nunca essa politica do que n'estas transacções de Portugal.

Nada convem senão o que é justo; conveniencia e justiça são a mesma coisa. O que era preciso fazer em Portugal? Seguir strictamente a *justiça*. Que *convinha* adoptar a respeito de Portugal? O que fosse *justo*.

Se direitamente e sem tergiversar se houvera seguido o *justo* (que só é *conveniente*) nos negocios d'aquelle malfadado paiz, nunca a ordem ali fôra alterada, e elle seria hoje exemplo e modelo, que não escandalo, á Europa.

Conveiu-se que D. Pedro era legitimo rei de Portugal. Só D. Pedro e sua legitima successão podiam reinar em Portugal. Não havia com quem transigir n'este artigo. Quando um principio é justo e reconhecido por tal, tergiversar na sua applicação, é desmoralizar os povos, tirar-lhes o prestigio da submissão e respeito, auctorisal-os á revolução. Do desprezo d'este axioma nascem todas as calamidades de Portugal.

Não sabia todo o mundo que D. Miguel era criminoso dos maiores attentados? Quem ignorava na Europa as tentativas parricidas da Bemposta? Não o exilou e amaldiçoou seu pae á face do mundo? — Foi ás escondidas que, perdoado e amnistiado por seu irmão e soberano, lhe agradeceu roubando-lhe a corôa? O assassinato de Salvaterra, os muitos que se teem commettido nas prisões de Lisboa, o que ultimamente se perpetrára em Queluz, o conato de fratricidio — podem ser contestados, disputados, e tal cegueira haverá que se neguem: mas os publicos do caes do Sodré e do Porto não admittem disputa. Qual foi o crime d'essas recentes victimas de D. Miguel? Serem fieis ao rei legitimo. E a Europa legitima, os soberanos da alliança como hão de chamar a este *crime* pretendido, que nome darão a quem os pune por elle?

Reu de lesa legitimidade, reu de crimes imperdoaveis, relapso e reincidente nos mesmos attentados,—com D. Miguel não podia transigir a *justiça*. Podêl-o-hia a *conveniencia?*

VII

Conclusão forçosa e irrecusavel do exposto

Não ha modo de concluir outra coisa d'estes principios, não é possivel estabelecer outra coisa n'estas circumstancias, senão que o unico meio de pacificar Portugal era restabelecer a justiça, i. é, a successão, reconhecida pela Europa, de D. Pedro IV, com a Carta e suas consequencias todas. [1]

VIII

Como se podia restabelecer a legitimidade em Portugal

Devia restabelecer-se a legitimidade em Portugal: ou os soberanos da Europa se desauctoravam a si proprios, decretavam sua ruina e opprobrio, e se punham á mercê das facções — que lhes darão ou tirarão a corôa segundo capricharem. Estabeleceria a diplomacia europea este precedente?—Não parecia provavel: o sacrificio custava; a predilecção era grande... [2]

Mas como?

D. Miguel ou é rei ou reu. A legitimidade não conhece mais distincções. Se era rei, tardaram a reconhecel-o: reconhecessem-n'o; desauctorassem D. Pedro, degradassem e enxovalhassem á face do mundo o maior benemerito da realeza, o *unico* fio que prende a Europa monarchica á America republicana; pagassem assim a quem sustenta e mantem, e faz amar (que é mais) em todo um continente o principio da monarchia.

Fariam!... Mas ha immoralidades que se não podem fazer por muito que se desejem.

Mas se D. Miguel não é rei, é reu: devia ser esbulhado, sem restricção, do que roubou, e punido porque roubou. Prescindindo de todos seus outros crimes, este só era capital e o punha fóra da lei.

Se estes principios não admittiam contestação de *justiça*, não era possivel tão pouco duvidar da *conveniencia* de sua applicação.

Não póde haver transacção entre a lei e o crime, entre o direito e seu offensor. No momento em que tal se fizesse, o vinculo moral dos povos, o prestigio que os continha estava quebrado. Se D. Miguel usurpador illegitimo fosse reconciliado com a legitimidade, a legitimidade seria um termo vão, ouco e desprezivel, não só em Portugal mas em toda a Europa: os que a amavam a aborreceriam, os que a temiam sem a amar, a desprezariam e mofariam d'ella: as revoluções vão renascer, crescer, e não terão fim.

Pelo que respeita particularmente a Portugal, D. Miguel juraria outra vez, para outra vez perjurar,—prometteria para tornar a faltar, fingiria contricção e arrependimento (que pouco lhe custa) para se preparar a

[1] Sem ambas não haveria verdadeira legitimidade, porque uma depende de outra.

[2] Assás publicamente o confessaram os ministros inglezes, e pouco menos claro os de França e das outras potencias.

novos crimes. D'este futuro nem os mais latitudinarios duvidavam, nem seus protectores e amigos: mettam a mão na consciencia e digam se crêem na conversão de seu protegido. Não; ninguem tal cria, ninguem o esperava; e zombavam dos reis e dos povos, mentiam a Deus e á saa consciencia os que fingiam acredital-o.

Ainda hontem, a legitimidade sacrificou um homem grande, mas usurpador: e não sacrifica hoje um usurpador imbecil e carregado de crimes! A mão que prostrou o gigante não *poderia* esmagar o pygmeu? Faz vergonha juntar estes dois nomes:—D. Miguel e Bonaparte!

IX

Quaes seriam os resultados de se empregarem outros meios

Supponhamos um momento que a legitimidade se abaixava, se envilecia e degradava a ponto de transigir com D. Miguel. Só por tres modos o podia fazer:—ou reconhecendo-o rei,—ou fazendo-o participante da corôa com a legitima soberana,—ou reconhecendo-o outra vez regente e obrigando-o a abdicar o titulo real.

No primeiro caso todas as ideias de legitimidade acabavam; mais exactamente, a legitimidade suicidava-se com suas proprias armas: sanccionava-se o principio revolucionario; e o cego odio á liberdade monarchica entregaria os monarchas á discreção da *licença* demagogica. Napoleão seria legitimo imperador dos Francezes, e seu filho com o direito salvo de ir arvorar a tricolor no zimborio das Tuilherias [1] a toda a vez e hora que podesse suscitar seu antigo partido em França. A Irlanda poderia ámanhã fazer um rei para si—ella que o deseja pouco!—O infante D. Carlos tinha direito a desthronisar seu irmão. O gran duque Constantino podia retractar a abdicação, e expulsar seu irmão do imperio. Emfim tudo é licito, justo e legitimo se D. Miguel é rei de Portugal.

Nos dois segundos casos, e em qualquer d'elles, a mudança não era senão de *palavras*; coisas e pessoas ficavam as mesmas. A facção desorganisadora que ha cinco annos subverte Portugal ficaria com o mesmo predominio; as luctas dos partidos recomeçariam de novo; abrir-se-hia outra vez o cahos para tragar esse creação informe, inconsistente e ridicula. Quem garantiria a joven rainha do punhal (e porque não do veneno?) que attentou aos dias de seu avô João VI e de sua tia D. Isabel Maria, e que por muito favor se descarregou nos servidores mais fieis de ambos?—Uma occupação armada, tropas estrangeiras, quaesquer que sejam, além de não chegarem ao paço, não extinguiriam o germe da discordia e da guerra civil, que hade durar tão longamente em Portugal quanto a existencia de D. Miguel n'aquelle paiz. Não podia haver fé nem confiança no governo, nem segurança em nada; a incerteza e inconsistencia do mesmo governo faria tudo incerto; os magistrados, receiosos de se comprometter, não ousariam fazer sua obrigação; a auctoridade publica perderia toda a força; e a revolução, quando fosse contida por meios artificiaes, que nunca podem ser permanentes, a revolução iria fermentando e medrando em segredo, e romperia mais horrivel e espantosa.

Se um só Portuguez de ordinario senso-commum e que de boa-fé esteja em qualquer dos partidos, asseverar o contrario, farei gala e gloria de me desdizer e retractar.

X

Dos perigos da carta

Mas diziam os homens d'Estado que todos estes principios eram muitos verdadeiros, certos todos esses resultados, muito para temer todos esses perigos; porém que destruir um partido para elevar outro, corria eguaes senão maiores riscos, e podia tambem ter muitas e talvez mais funestas consequencias. É certo, continuavam, que o partido de D. Pedro é o legitimo e leal: mas n'esse partido ha demagogos e republicanos que á sombra da Carta subverterão tudo em Portugal, arriscarão a tranquillidade da Peninsula, e, por consequencia, a da Europa.

Não questionarei se ha ou não d'esses demagogos no partido leal portuguez, e quantos serão em numero, postoque seja essa uma accusação que faz rir a todo o mundo, até aos mesmos que a fazem. Mas perguntarei sómente: — Que fizeram esses demagogos durante o regimen da Carta? Que podiam elles fazer restabelecido o governo legitimo?

Desde a morte de D. João VI, e proclamação da Carta, durante um longo periodo de disturbios, commoções, e guerras civis suscitadas pelo partido de D. Miguel, esses demagogos que se dizem existir no partido legitimo, não deram o menor signal de si. Bem se bradou do outro lado por despotismo e inquisição, por sangue e por forcas, sem que elles bradassem por suas demagogias nem pedissem nenhuma cabeça para a

[1] Esse perigo felizmente cessou desde Agosto de 1830.

guilhotina republicana. O intendente da policia, que em Julho de 1827 arranjou, por vendido a D. Miguel, uma commoção pretendida popular, mas só excitada pelos espiões e myrmidões da policia, não conseguiu, inda assim, fazer gritar alguns poucos senão pelo rei legitimo e contra a já premeditada e começada traição das auctoridades: nem um excesso, nem uma violencia, nada mais senão algumas vozes se poderam conseguir dos taes *demagogos:* e isto foi uma vez em dois annos que durou a guerra civil unicamente excitada pela facção de D. Miguel, e sustentada pelas intrigas estrangeiras e debilidade de um governo ameaçado por todo o peso da Europa, inconsistente e traidor.

Eis aqui tudo o que fizeram os taes demagogos em Portugal; vejamos o que elles agitaram em Hespanha. É certo que os espiritos se commoveram n'aquelle reino vizinho com a outorga das instituições portuguezas; é certo que de alguns corpos de seu exercito houve deserções para Portugal. Mas protegeu-a e fomentou-a acaso o governo portuguez? Promoveu-a de algum modo sensivel essa demagogia? Não parou a deserção quasi no momento em que começou? Não foi o procedimento do governo de Portugal antes severo e duro para com os desertores? E todavia não lhe dera Hespanha exemplo e direito a bem diverso proceder? Não acolheu ella, não protegeu, não armou os nossos transfugas, não consentiu que entrassem em nosso territorio armados commettendo hostilidades, que fizessem depositos de nossos prisioneiros no seu? Fez o governo de Portugal, ou sequer tolerou que se lhe fizesse outro tanto? Não. Porquê? Porque o imaginario poder dos demagogos em Portugal era phantastico. Todo o governo legitimo modera e contem uma nação essencialmente leal e naturalmente docil. O unico governo inconsistente e impotente em Portugal é o illegitimo, porque desmoralisa, só com sua existencia, o povo; perde-se e perde-o.

Mas continuemos na «perigosa vizinhança» das instituições portuguezas para Hespanha. Durante o tempo que a Carta se observou tal-qualmente em Portugal e pareceu estabelecer-se, nenhuma commoção houve em toda Hespanha: desde o momento que a facção apostolica começou a predominar em Portugal, as revoluções e a anarchia rebentaram como um vulcão na Catalunha e Navarra: e essas revoluções, foi a facção apostolica que as fez; n'essas ao menos creio que não entrariam os temiveis demagogos de Portugal.

Demagogos ha em Portugal, assim como em Hespanha e por toda a Europa, temiveis e terriveis pela seita que formam — e tarde se arrependerá a tolerancia dos reis que a consente. Esses são os demagogos apostolicos, que tiraram a corôa a D. Pedro para a dar a D. Miguel, e tantas vezes teem tentado fazer o mesmo a Fernando em favor do seu irmão D. Carlos.

D. PEDRO IV

Estabelecido, fosse porque modo fosse, o governo legitimo em Portugal, elle não podia adoptar outro systema de politica senão o diametralmente opposto ao do governo illegitimo que agora opprime a nação. «Diametralmente opposto» não quer dizer que

cahisse nos oppostos excessos; que mudasse pessoas e nomes e conservasse as coisas; que se bradasse por D. Maria II e pela Carta para roubar e assassinar, assim como agora lá se brada por D. Miguel e pela inquisição para assassinar e roubar; que houvesse tumultos, prisões arbitrárias, forcas, carrascos legitimos e constitucionaes, assim como agora os ha rebeldes e absolutistas. Não: isso era impossivel; ainda que se formasse um ministerio de descamizados, elle o não poderia fazer. Portugal não precisava nem pedia nem queria senão paz, nem queria a Carta senão porque só a Carta lhe podia dar e garantir a paz. A Carta até era freio ás vinganças dos partidos. A Carta prohibia os confiscos, as prisões arbitrarias, os juizos de inconfidencia. E os excessos de poder, que são concedidos — antes, pedidos e reclamados — por seu partido ao governo de D. Miguel, não poderiam ser tolerados no governo de D. Maria.

Do reflexo em Hespanha, tanto o podia fazer a Carta portugueza como a Carta franceza: a posição geographica é a mesma. Além de que, os estrangeiros que não residiam longamente entre nós enganam-se muito com Portugal e suas relações com Hespanha.

Só em tres casos será possivel que Portugal se reuna a Hespanha: ou pela coallisão e concorrencia das tres potencias vizinhas, isto é, de Hespanha, França e Inglaterra; ou pela longa permanencia do absolutismo em ambos os paizes ou em um d'elles; ou emfim pela exasperação excitada em Portugal pelo jugo da tyrannia ingleza.

No primeiro caso é evidente que Portugal difficilmente poderá resistir á invasão de Hespanha se um, ou ambos aquelles dois Estados a consentirem e ajudarem. Mas toda a guerra de Portugal contra Hespanha hade sempre ser guerra nacional; e onde a guerra é nacional, qualquer auxilio estrangeiro fará com que uma potencia pequena resista a uma grande.

No segundo e terceiro caso não vejo que humanamente se possa obstar á reunião de Portugal com Hespanha. Se Portugal não tiver instituições suas, firmes e *estabelecidas já*, quando rebentar a revolução d'Hespanha [1] — que hade rebentar, ponham-lhe as remoras que puzerem — indispensavelmente entrará Portugal na conflagração geral das massas revolucionarias. Não sei até onde chegará a lava d'esse terrivel vulcão; mas o resultado certo é que a fusão geral hade confundir tudo quanto vae dos Pyreneos ao Atlantico, e o provavel, que d'ahi brote uma nação nova, a qual já não será Castelhana nem Portugueza, bem como nem Aragoneza nem Catalan, nem nada do que foi, mas um povo formidavel... D'este futuro não se temem sómente os monarchistas puros e exclusivos; temem-n'o muito os homens de todas as opiniões que teem olhos para o ver claro, e coração para lhe sentir todos os perigos.

D'essa explosão electrica só não seria tocado Portugal se o houvessem a tempo *isolado* por um meio proprio e não accessivel a seu influxo. Este *isolador* só podiam ser instituições monarchicas representativas, com uma dynastia querida da nação, com leis, com legitimidade. Fizeram-n'o? Não: soffram as consequencias. A revolução franceza do seculo passado abrazou toda a Europa. Onde é que não pegou esse fogo? Em Inglaterra, que já era liberal. Mataram-se milhões de homens por amor da constituição em todos os paizes do Continente; ninguem se matou em Inglaterra, porque já lá a havia. Inglaterra contente de suas instituições monarchicas, fortes, livres, não quiz saber de innovações perigosas, nem fazer experiencias para melhor: todos os outros paizes, que eram despoticos, não hesitaram a correr o risco... Se elles não tinham que perder!... Um d'estes dois futuros espera Portugal: é escolher.

Mas sobre este ponto, mais devagar e a seu tempo.

XI

Seria possivel estabelecer um governo legitimo em Portugal sem a Carta?

Se as considerações antecedentes não eram bastantes para resolver a questão da Carta, mais algumas havia de outra natureza, porém não menos importantes.

A Carta portugueza não tinha sido arrancada á auctoridade real como a Magna-Charta britannica, ou formada pela força popular como as constituições proscriptas n'estes ultimos cincoenta annos; não fôra tão pouco uma concessão da legitimidade para com um partido poderoso e temido, como a de França. Fôra a Carta portugueza a generosa outorga de um soberano legitimo, longe do minimo contacto e influencia de partido, fóra de toda a suspeita de coacção, que viu as necessidades de seus subditos e lhes proveu com o unico remedio que ellas podiam ter.

Acreditar-se-hia para com os povos e realeza invalidando este acto seu proprio, unico, voluntario, espontaneo?

Não tinha o principio monarchico na Europa inimigos, nem detractores, nem anta-

[1] V. cit. *Rêveries d'un Portugais* etc.

gonistas? Que armas lhes daria se assim se desarmasse?

Os reis sanccionaram no congresso de Vienna que a todo o soberano era livre dar a seus povos as instituições que lhe approuvesse.

Quem tornaria a acreditar na boa-fé dos soberanos se elles agora o negassem?

E quem sustentaria o throno de Maria II, o throno da legitimidade em Portugal? Seria a facção de D Miguel, i. é, a apostolica? E proscripta a Carta, que partido existiria ali senão esse?

XII

Reconhecimento do usurpador por Fernando VII

As considerações de justiça pouco valiam mas algumas de conveniencia impediam os soberanos da Europa de reconhecer D. Miguel, apezar da forte sympathia de alguns governos com o de um principe apostolico e inimigo brutal de todas as instituições livres.

Este pejo, este resto de decôro que continha os gabinetes, não chegava ao de Madrid. O odio ao systema representativo (que todavia só póde e *hade* salvar Hespanha) é tal na camarilha de Fernando, que sobrepuja e vence toda outra consideração. Tal foi o motivo do impudente e escandaloso acto do reconhecimento do usurpador pela côrte de Hespanha. Mas além do odio á Carta, mui poderoso e efficiente n'este caso, do odio pessoal a D. Pedro, não menor, outra causa da protecção que Fernando deu desde o começo aos partidarios da usurpação, e que agora, deposto todo o pejo e decôro, declarou dar ao usurpador, outra causa existe *mais forte ainda*, que é o *arrière pensée* do gabinete de Madrid, o secreto, e não confessado mas sabido motor, de todos os actos do governo hespanhol a respeito de Portugal.

Este ponto fixo e constante na politica de Hespanha é «estender os braços e apertar *em amplexo de morte* aquelle pequeno reino. Ainda antes da reunião de todas as outras coroas da Peninsula sôbre as cabeças de Fernando e Isabel, se tentou por vezes. No tempo d'estes quasi effeituado esteve. Verificou-se no reinado de Philippe II. Insistiu-se n'elle depois de liberto Portugal, durante toda a dynastia austriaca. Voltou-se ao mesmo projecto no principio d'este seculo. Instaurou-se de novo no tractado secreto com Napoleão. Na revolução de 1820 em muitas coisas e occasiões se revelou o mesmo pensamento secreto: o gabinete revolucionario de Madrid professava n'este ponto a mesma fé dos Philippes. — Desde então até hoje a facção castelhana em Portugal gradualmente tem despido a máscara, e abertamente declara, ou pelo menos, já não occulta seus projectos. Era a rainha Carlota irman de Fernando, quem sob o nome de Miguel governava Portugal, e alli estava á frente d'aquella facção. São os Silveiras, que em 1820 proclamaram em Lisboa a constituição d'Hespanha, os que em 1826 proclamaram em Tras-os-montes Fernando VII imperador da Peninsula, e no Alemtejo o infante D. Sebastião (principe hespanhol) rei de Portugal, — são os Silveiras os chefes militares d'ésta facção. São as duas princezas portuguezas casadas em Hespanha as que em Madrid protegem e protegeram sempre os interesses d'este partido anti-nacional.

Que esta é a tenção fixa, o plano constante de Hespanha a respeito de Portugal, ninguem o ignora na Europa. E a melhor estrada de Madrid a Lisboa que á invasão castelhana se póde abrir, é um governo fraco, tyrannico, anti-nacional como o de D. Miguel; o melhor exercito de Fernando é o dos frades, e da degenerada fidalguia portugueza que assim vendem patria e honra para comprarem sua ruina. [1] Que maravilha pois, que a côrte de Madrid, a qual este estado de coisas promoveu com tanta ancia, se désse pressa a reconhecel-o, e sustentál-o abertamente com quanta força tinha e lhe consentiram empregar? O que admira, o que pasma é que os governos cujos interesses n'este ponto são diametralmente oppostos, se descuidassem tanto e lhe dessem tanta larga.

XIII

Reconhecimento do usurpador por Inglaterra

A convenção de 22 de Outubro de 1807 entre Portugal e Inglaterra diz assim: — «His (Britannic) Majesty engages in his name and that of his successors, never to acknowledge as king of Portugal *any other than the heir and legitimate representative* of the royal family of Braganza.» S. Magestade (Britannica) se obriga em seu nome e no de seus successores a não reconhecer nunca como rei de Portugal nenhum outro senão o HERDEIRO E LEGITIMO REPRESENTANTE da real familia de Bragança.

Sem recorrer a nenhum outro documento ou argumento, este só bastava para provar que Inglaterra não podia reconhecer D. Miguel, e que seus tractados a não ligam (segundo a sophistica doutrina do duque de

[1] E são os descendentes dos heroes de 1640!

Wellington e de seus jornaes) a Portugal e ao *chefe do governo portuguez*, seja elle quem fôr, — mas formal e positivamente á casa de Bragança e ao legitimo soberano.

Os ministros inglezes disseram no parlamento e fizeram clamar por seus venaes arautos, as folhas de Londres, que Inglaterra não estava ligada pelo principio da legitimidade que prendia as potencias continentaes; e que portanto podia reconhecer o governo de D. Miguel, assim como havia reconhecido os da America do Sul. Esta asserção é deshonestamente falsa. Se as potencias continentaes estavam ligadas pelo acto geral chamado da Sancta-Alliança, Inglaterra tambem o estava, senão nos principios, em todas as *consequencias* d'elle, porque assim o estipulou, e é claro da celebrada nota de Lord Castlereagh. [1] Mas no caso especial de Portugal, Inglaterra tem uma obrigação *positiva*, que não admitte a controversia das obrigações geraes. Ella obrigou-se a nunca reconhecer outro rei de Portugal senão o legitimo herdeiro e representante da casa de Bragança.

E agora, uma de duas: ou D. Miguel é esse herdeiro, e então já Inglaterra quebrou o tractado reconhecendo D. Pedro, e por sua abdicação D. Maria; ou D. Maria é a legitima herdeira e representante da real familia de Bragança — e Inglaterra não póde reconhecer D. Miguel.

Quando digo que *não póde*, claro está que falo moralmente. O duque de Wellington póde um dia, em algum accesso de loucura, quebrar todos os tractados, deshonrar a sua patria, envilecer o nome de seu amo, assim como póde mandar fazer fogo sobre o povo, ou cercar as camaras do parlamento pela sua nova *gendarmeria*. *Póde*, porque tem o poder na mão: a questão é se é licito, se o parlamento o soffrerá, se a nação ha-de tolerar tal abuso de poder.

Apezar de sua cegueira, tal é a consciencia que os ministros inglezes tinham do vinculo moral que os prendia para nunca reconhecerem o usurpador, que seus constantes esforços foram sempre induzir, seduzir, — direi mais, *forçar* D. Pedro a *transigir* com seu indigno irmão, e absolvel-os por este modo a elles do vinculo que os liga. Esta é a politica confessada *(avouée)* do ministerio inglez; e n'esta confissão está envolvido o reconhecimento de D. Maria, e excommunhão de D. Miguel.

Mas supponhamos que Inglaterra tinha *liberdade*, que não tem, para reconhecer D. Miguel. Devel-o-hia fazer? Convir-lhe-hia?

[1] V. todas as historias novissimas da Inglaterra, e os papeis do tempo.

Uma opinião errada prevalece entre muitos inglezes — «Que Portugal miseravel, pobre, escravo, será mais submisso e fiel alliado da Gran-Bretanha, e mais util a seu commercio e interesses politicos; e que livre e sob um regimen de lei e ordem, lhe não póde offerecer as mesmas vantagens.» — Emquanto Portugal tinha o exclusivo do commercio do Brazil, e era o unico emporio de suas importações todas, a opinião era exacta. Quanto mais nulla fosse a mãe patria, quanto menos industria tivesse, quanto mais precaria fosse sua existencia, quanto menos consumo podesse dar aos generos de suas colonias, quanto menos de seus productos para ellas podesse exportar, mais interessava Inglaterra porque mais do seu mandava aos mercados portuguezes, e mais abarcava todo o proveito d'aquelle exclusivo. — Mas desde que esse estado de coisas cessou, a proposição ficou pelo inverso: Portugal já não importa de Inglaterra para fazer consumir no Brazil.

Agora é preciso que Portugal *produza* e *consumma* para poder ser util ao commercio inglez, e que saia da nullidade politica absoluta para não ser um alliado só de peso sem proveito. Se alguem de boa fé, dentro ou fóra de Inglaterra, se persuadir que as reformas e melhoramentos de que Portugal precisa para este fim, podiam ser feitas pelo governo de D. Miguel, só então me persuadiria que á Inglaterra convinha reconhecer D. Miguel.

Já falei sobre a necessaria consequencia que a anarchia apostolica de Portugal hade ter para a união d'aquelle reino com Hespanha. Tambem seria da conveniencia de Inglaterra esta união? Nunca o pensou, ao menos assim, ministerio nenhum inglez, quer tory quer whig, até o de lord Wellington.

XIV

Reconhecimento do papa

A estas considerações podia juntar muitas outras; mas é longo e repisado tudo o que na materia se póde accrescentar. Todos os Portuguezes sabem de cór estes argumentos, sabe-os a nação ingleza, sabe-os, sente-os o proprio ministerio inglez: é teima de coração e cabeça, o que move estas indecentes transacções a respeito de Portugal. Restava ver se o capricho de tres ou quatro homens de pueril vaidade e feminino capricho haviam de poder mais que a força da justiça, a opinião das nações e o interesse dos reis.

Façamos uma transição abrupta e vio-

lenta,— passemos do primeiro gabinete protestante para o primeiro gabinete catholico.

O papa desejava—e ninguem mais do que elle —reconhecer D. Miguel.

Mas se por um lado as sympathias jesuiticas, o odio ás instituições e o receio d'ellas advogam pela usurpação, é forçoso confessar que Roma não é cega em seu amor ou em seu odio: o despotismo promette muito, suas searas são ferteis para os *colleitores* da Curia: mas até em Roma penetraram os principios da economia politica moderna, até lá está recebido que *muitos poucos* valem mais que *poucos muitos*, especialmente quando estes não são seguros nem promettem longa duração. Já la vae o tempo, até na Peninsula, já lá vae o tempo, (e Roma bem o sabe) em que um soberano e seu povo se contentavam de rogar e pedir, de chorar e lamentar-se porque o papa favorecia e protegia a usurpação. Uma assembléa nacional portugueza legitimamente convocada, não se contentaria hoje de mandar publicar o *Ballatus ovium*, como no tempo da restauração de 1640.[1] As opiniões, que apenas abalaram então a superficie da credulidade velha, haviam de achar hoje larga base: os principios do nosso illustre e nacional theologo, o grande Antonio Pereira de Figueiredo,[2] não foram semente lançada ao vento; em silencio foram germinando, cresceram entre abrolhos e apezar d'elles,—e, se a côrte de Roma se tivesse feito mais odiosa pelo imprudente passo de reconhecer, ou proteger abertamente o usurpador—quando chegasse o momento de se libertar a nação, a Egreja portugueza havia de apparecer n'uma attitude que espantaria a Curia.

O papa em sua infallibilidade ultramontana não tinha certeza de que D. Miguel e sua descendencia haviam de ser pacificos senhores de Porugal,—era imprudencia bem impropria e desnatural da finura romana o reconhecel-o ou ajudal-o abertamente agora.

Não falo dos principios religiosos e moraes, que sós seriam bastantes para decidir o chefe da egreja catholica: se a politica e o interesse não valessem, que poderiam esses outros desvalidos? Falemos em coisa menos sentimental, e que além dos Alpes se reputa mais solida. Se o papa reconhecesse D. Miguel, injuriava mortalmente o soberano de uma grande nação catholica, cuja posição geographica e politica, cujo espirito e tendencia de principios inclinam mais para um schisma do que nunca pendeu a rivalidade grega ou a independencia ingleza. Ignorava acaso a côrte de Roma quantos Photios já por lá se agitam? Quereria suscitar tambem um Henrique VIII? Pois um soberano é mais temivel inimigo que um patriarcha?—Se o mal pegasse no Brazil, o contágio por toda a America do Sul havia de ser rapido. E emquanto já o Mexico se resente da heretica vizinhança dos Estados-unidos do Nor-

CONDE DE BARBACENA

[1] *Portugal Restaurado* do conde de Ericeyra. Este manifesto dos Tres-estados, intitulado *Balidos das egrejas portuguezas ao soberano pastor* foi publicado em 1653.

[2] V. na cit. obra do conde de Ericeyra como D. João IV resoluto a seguir já então a mesma doutrina que depois instaurou a *Tentativa Theologica*, por medo da inquisição veiu a desistir!

te, o fogo ateado no Meio-dia não tardaria a communicar-se com a immensa labareda que vem do Septentrião. — E um mundo *todo inteiro*, um mundo cujos futuros (e proximos) hão de ser de tanta importancia e influencia nos destinos do universo, — será quantidade desprezivel nos calculos da Curia romana?

Que do alto d'esse Vaticano d'onde seus decretos soavam temidos e obedecidos até os ultimos confins do globo lance por elle os olhos o actual chefe da egreja romana, e contemple o que lhe resta de seu antigo poder. — A mais poderosa nação do velho mundo, a Russia ameaçando devoral-o com seu milhão de baionetas schismaticas — Na Allemanha, apenas uma porção pequena o reconhece ainda. — A França... e que promette a França ao poder e auctoridade papal? — A peninsula hispanica, esmagada de miseria, soffre sim a dominação romana (e o que não soffre ella!); mas é solida até ahi na peninsula, tem bases seguras essa auctoridade? Não o creia o papa, — que se hade achar tristemente desenganado. — A Inglaterra... pois essa é seu melhor e mais fiel alliado hoje. Quem tal diria ao papa João! Mas esta alliança é incestuosa e contra natura, não promette duração; e apenas a Gran-Bretanha se libertar do ministerio austriaco que a comprime actualmente, a côrte de Roma perde o seu maior appoio na Europa. — Uma nação christã resuscitou no Oriente; mas (fatal estrella de Roma!) de novo entrada no gremio da christandade, veiu fazer corpo com os inimigos da egreja romana. S. S. póde continuar a nomear bispos de Athenas e arcebispos de Lacedemonia; mas S. Exc.ª Capo d'Istria não paga annatas — e o Panhellenio não recebe bullas.

Assim está o mundo antigo para a auctoridade papal; já falámos da situação do novo. — Em taes circumstancias, não parecia possivel que, por novas imprudencias, Roma quizesse arriscar o pouco que lhe resta da antiga auctoridade e — o que mais vale — dos antigos rendimentos.

Que o intempestivo e precoce reconhecimento de D. Miguel fôra um passo da maior imprudencia e dos mais sérios resultados, assim presentes como futuros, para a Curia romana, era tam simples e evidente, que escusa mais demonstração. Fal-o-hia o papa?

XV

Austria e mais potencias da Europa

Não tractarei especialmente de cada uma das outras potencias europeas; todas estavam ligadas pelos principios da legitimidade, principios que ellas proprias estabeleceram, e cujas derivadas obrigações a si proprias se haviam imposto quando com aquelles principios se ligaram nos congressos de Paris e Vienna.

Os vinculos de sangue que prendem a Austria mereciam particular capitulo; mas assáz é sabido que essas considerações não entram nos calculos do conselho aulico, e que as sympathias e generosos sentimentos do filho do humano Leopoldo vergam deante da ferrea tenacidade e jesuitica impassibilidade do «chanceller da côrte e Estado.»

E quem, moralmente falando, quem tinha na Europa, ou devia ter maior interesse em sustentar intacto o principio da legitimidade, do que o chefe da familia dos Bourbons?

Quem primeiro devia desembainhar a espada em favor de D. Maria II, do que Carlos X? Ninguem. E quem mais aguçava á traição o cutello assassino que havia de sacrificar seus direitos? Esse mesmo Carlos X.

Memoravel e tremendo exemplo da Eterna justiça! — eil-o ahi, esse renegado legitimo, mendigando um asylo na *patria da soberania do povo!...* [1]

Foge a penna por cima dos acontecimentos: não anachronisemos para chegar ao presente que toda a attenção absorve; forcemol-a que é necessario, para o passado.

XVI

Que deviam ter feito os soberanos da Europa na questão de Portugal

Recapitulemos pois as varias reflexões que em tam diffuso assumpto nascem, como de centro commum os infinitos raios de um circulo immenso.

O estado de Portugal era inconsistente com os *principios*, e não menos com os interesses, da Europa e do mundo civilisado. A fusão dos partidos não era practicavel com paridade de concessões. O partido de D. Miguel tinha mostrado sua inhabilidade para a supremacia: inda quando o tolerasse a *justiça*, não podia permittil-o a *conveniencia*. O restabelecimento da legitimidade era o unico arbitrio que restava tomar, e que, salvando os principios impostos pelos reis aos povos, podia salvar a independencia de Portugal, e fazer cessar o estado anarchico d'aquelle paiz. A Carta não só não era perigosa, mas necessaria e indispensavel para este fim. Todo e qualquer outro arbitrio que se to-

[1] Inglaterra com justa razão se póde designar assim, pelo que foi, mais do que pelo que é.

masse era prejudicial aos interesses dos soberanos e de funestas consequencias para elles.

XVII

O que fizeram

Assim era. Mas que resolução tomaram os soberanos? Deixar derramar o sangue innocente, que vertia em torrentes nos cadafalsos de Lisboa e Porto· insultar com desprezo e mofa a joven *rainha legitima* durante seu refugio em Inglaterra; animar secretamente os mais hypocritas, abertamente os mais sinceros, mas proteger *todos* o usurpador sanguinolento; apodar de revolucionarios e demagogos quantos lhe resistiam, e se sacrificavam pela causa da legitima soberana;—*intimar* por fim a D. Pedro que ou transigisse com o infame roubador da coroa de sua filha, ou elles (elles legitimos!) o iam todos reconhecer e sustentar no throno roubado, contra os esforços do povo, e mau grado da nação.

XVIII

Consequencias d'esta perfidia, seus resultados e influencia moral na causa da civilisação

Assim cahira o votado Portugal sob o cutello dos sacrificadores inhumanos e blasphemos. Em quanto as entranhas cannibaes dos oligarchas se regosijam na lenta agonia de sua victima, que importa que soe o balido da innocente — perdido clamor no deserto!

Uma unica esperança restava; e com ella se consolaram os Portuguezes: que o sacrificio de sua patria, immolada pela perfidia dos gabinetes, viria a ser util ás outras nações do globo, que ainda, mais ou menos, todas gemem debaixo da oligarchia, — terrivel genero de planta parasita que se enroscou na arvore da especie humana para lhe chupar o melhor da seiva, a afogar, viver de sua destruição, e triumphar com sua morte.

Talvez permittiu a Providencia que o desgraçado Portugal fosse a *hostia piatoria* immolada pela salvação dos povos. Não, o sangue leal e innocente dos Portuguezes não cahirá inutil na terra, mas bradará vingança e castigo aos céos: e os assassinos das nações pagarão pelo sangue d'Abel.

Pois ha de ser inutil para a Europa, ha de ser perdido para todo o mundo o exemplo de Portugal! Pois cuidam os soberanos, ou seus gabinetes, que os povos não hão de conhecer a verdade, e aprender no escarmento? — Enganam-se: o assassinato de Portugal é o ultimo desengano das nações; elle acabará de as confirmar na necessidade de *aproveitar as occasiões*, e de não confiar nas promessas mais solemnes, nos tratados, nos juramentos de seus naturaes inimigos.

A Europa era sob o jugo de Napoleão, os reis do mundo estavam a seus pés, e os principes da terra lh'os beijavam: tudo se humilhava deante d'elle. — quando uma nação, que por sujeita a Bonaparte só mudára de *senhor*, mas não de *condição* porque ha muito era escrava, uma nação resuscitada á voz da liberdade constitucional, se levanta e dá o primeiro abalo ao throno do despota; abalo que emfim o veiu a prostrar. Esta nação benemerita da Europa, benemerita da realeza e da legitimidade, foi a Hespanha. Quem o ignora? — Como lh'o agradeceu a *legitimidade* e a *realeza?* Com exilios e cadafalsos e fogueiras para seus melhores cidadãos, com a restauração mais violenta e mais pesada da escravidão antiga.

Mas as innovações politicas dos patriotas de 1812 «eram *utopias* de perigosa exageração.» Convenho, e o creio; [1] porém os defeitos da *fórma* eram corrigiveis sem destruir a *coisa*. A *legitimidade* bem o viu e o prometteu; [2] mas faltou, mentiu, quebrou a sua palavra, deshonrou-se, envileceu-se hediondamente. E é notavel observação que entre todas as nações europeas, só ganharam na queda de Bonaparte as que tinham sido instrumentos de sua ambição e tyrannia, só melhoraram da antiga condição as que *não concorreram* para a queda d'elle. Tal é a justiça e a boa fé dos gabinetes! Prometteram-se á Prussia, á Italia, á Sicilia, á Hespanha instituições, para as empenhar na lucta contra a França. Venceram ellas; mas foi a *vencida* que recebeu o premio promettido aos *vencedores*. A França teve instituições livres;—aos outros povos dobrou se o peso, e apertou se a corda da oppressão. E os povos soffreram com paciencia; e a Italia e a Hespanha e Portugal esperaram cinco annos. Faltou-lhes ao cabo o soffrimento, e restauraram uns, adoptaram outros as imperfeitas, e certamente defeituosas, instituições de 1812. Mas quem foi o culpado? Os povos não: elles respeitaram a realeza, apezar de todos os males que até alli lhes tinha causado; e se a não *dotaram* melhor, se não combinaram melhor seu novo pacto, é porque as ou-

[1] e [2] As promessas de Fernando VII em 1814 e 1823, e de João VI em 1823 foram as mesmas e com egual tenção feitas e cumpridas.

tras partes do Estado *não quizeram contractar* de boa-fé e irmãmente. [1]

Mas toda a Europa, todos os soberanos, todos os gabinetes, toda a Santa-Alliança se armou para *punir este crime*. Foram immediatamente destruidas as quatro constituições de Napoles, Piemonte, Hespanha e Portugal, porque estava decretado *que só os reis podiam outorgar instituições, e nunca fazel-as os povos*. O herdeiro da França passou o Bidassoa com esta sentença na bocca e com solemnes promessas de *outorgar* aos povos o que aos povos não era licito *fazer*.[2] Outro tanto, mais solemne, mais especifica, mais explicita e *detalhadamente* prometteu de Villa-Franca o rei de Portugal.

Todas estas promessas de 1823 foram cumpridas como as de 1813 e 1814: foi *palavra de rei* no sentido moderno.

Morreu D. João VI com sua promessa incumprida; succede-lhe seu filho primogenito (successão que ninguem achou, nem se lembrou de achar contenciosa), e o novo rei mais resoluto e mais illustrado resolve-se a cumprir a promessa de seu antecessor, a desempenhar a «palavra real» de seu pae. — Aqui era o rei que *dava*, não era o povo que *fazia*. Que podia dizer a Santa-Alliança, que podia objectar a oligarchia europea? Era *nodum in scirpo quœrere*. Não havia modo de destruir esta instituições *legitimas* senão por meios illegitimos. Paciencia; adoptaram-se. Recorreu-se ao povo, ou antes e com mais exacção, arvorou-se a *canalha* em *povo*. Foi-se buscar ao exilio, antes, ao degredo onde estava expiando os mais horrorosos crimes (incluso o conato de parricidio), um principe abjecto e vil aos olhos de todo o mundo, e o enviaram commandar a canalha do assassinio da nação, na destruição do throno, na profanação do altar — que tudo isso era preciso para destruir a Carta de D. Pedro; mas tudo se adoptou sem remorso — porque a oligarchia europea não conhece remorsos.

Juramentos, tractados, amizades, vinculos de sangue, tudo se sacrificou.— *Pereça tudo, mas pereça uma nação que quer ser livre. Embora se abalem todos os thronos do mundo, mas caia o do* RENEGADO *que ousou libertar seu povo.*

Não é essa a historia da Europa ha doze annos a esta parte? Não é essa a historia da usurpação de D. Miguel, e o *como* e o *quando* e o *porquê* se *fingiu* duvidar da legitimidade de D. Pedro, e abertamente se protegeu seu ingrato e atrocissimo irmão?

Levantam-se exercitos, mantem-se guerras, sustentam-se occupações militares para punir povos que, respeitando e conservando seu legitimo soberano, ousam querer ser felizes modificando a constituição do Estado.— Um principe destroe a constitução do Estado, revoluciona a plebe, desthronisa o rei legitimo, senta-se em seu throno, recorre ao dogma proscripto da soberania do povo, ataca em sua essencia e principios a tão falada *legitimidade* —e a legitimidade e a realeza é que se levantam *em massa* para o proteger! —Quando os povos - cegos! — cuidavam ver um attentado que os soberanos puniriam, ouvem, vêem appellidal-o uma acção heroica que todos se apressam a louvar, a engrandecer e a premiar. Quando a *estupida boa-fé* das nações julgava que os legitimos e santos alliados repelliriam do seu seio e anathematisariam este quebrador de suas leis, este espurio que profanava seu sanctuario —viram acolhel-o como benemerito, e protegel o como filho querido. Que ficam significando agora, depois da usurpação de Portugal, os vocabulos *Legitimidade*, *Realeza*, *Statu-quo* e outros taslimans favoritos da oligarchia? Que ideia importam agora estas palavras de *encanto*, estas *abracadabras* da Santa-Alliança, com que até aqui se impunha aos povos e se continham as nações como debaixo de um feitiço magico?—E' a mesma, a propria legitimidade que as fez ôccas, e vazias de sentido. E' a propria legitimidade que as *desencantou*, e lhes tirou todo o prestigio. E' a mesma legitimidade que as entrega ao escarneo e á irrisão dos povos, e os faz envergonhar de sua teimosa cegueira. A si o impute, de si se queixe a realeza se d'ora em deante os povos, abrindo os olhos, a menoscabarem e desprezarem: foi ella quem se envileceu a seus olhos, foi ella quem dilacerou o veu com que se cubria foi ella quem rasgou a venda que cegava as nações. Desarmou-se e armou-os, poz-se a descoberto, mostrou-lhes o *lado vulneravel*, ensinou-lhes a conhecer o calcanhar de Achilles... A licção não será perdida.

[1] Se a nobreza, em vez de se ligar para destruir o systema de 1820, se tivesse ligado para o melhorar, teria salvado a nação, e a si propria immortalisado.

[2] Com este engano foram suprehendidos alguns gneraes hespanhoes que tiveram a fraqueza de se fiar no principe francez.

SECÇÃO QUINTA

Completo o sacrificio de Portugal, quasi feito o da Grecia, prepara-se o da França. Suicidada a legitimidade, triumpha momentaneamente a oligarchia, e tenta progredir na victoria. Veto russo. Reacção da opinião europea. — Determina a liga oligarchica offerecer batalha campal á civilisação. — O Waterloo dos povos. — Consequencias da victoria de Paris.

I

Ephemero triumpho da liga oligarchica

Sacrificado assim Portugal, vencida n'aquelle recontro a causa da civilisação, tractou a victoriosa oligarchia de se unir mais estreitamente, consolidar seu pacto, e de marchar, entre seus horrorosos hymnos de triumpho, a novas e mais importantes conquistas.

O já dado laço de alliança entre o gabinete das Tuilherias e seus vizinhos se apertou em firme e *cego* (bem cego!) nó: a proscripção geral da liberdade foi unanimemente votada. Tracta-se de executar a sentença.

II

Sacrificado Portugal, restava sacrificar a Grecia, e depois a França

Tres importantes questões se agitavam então na Europa, e chamaram a attenção da *liga*. De um lado e outro se empenhavam n'ellas os dous partidos em que hoje se divide o mundo: era a triplice questão — D. Miguel, o Gran'Turco, e o ministerio Polignac.

Por mui diversas e disparatadas que estas questões pareçam, ellas estavam todavia ligadas em um principio unico, e para assim o dizer *inextricavel*: *principio* que ou havia de triumphar em toda a sua plenitude sobrepujando (por agora) a omnipotencia da civilisação, vencendo (momentaneamente) a causa da humanidade, da religião e da monarchia, e pondo em risco imminente a segurança e tranquillidade do mundo; — ou havia de ser destruido pelo grito da humanidade e pela voz da religião.

Todos sabem que este *principio*, já tão formidavel, hoje tão fraco, hoje agonisante mas luctando em suas horas derradeiras com o extraordinario esfôrço, fôrças e tenacidade que se observam nos ultimos paroxysmos de um affogado, — este *principio* era o d'essa mesma *liga*, o da *oligarchia* europea, que egualmente inimigo da auctoridade real e da felicidade do povo, não quer senão subjugar aquella e infelicitar este, para reinar só e disputado entre o terror e a desconfiança, e sôbre as ruinas e a miseria.

Um rei que apprendêra na eschola da desgraça, que havendo peregrinado longamente no exilio e visto os *costumes e cidades de muitos povos* (na proverbial expressão de Homero) *apprendêra a salvar-se a si e aos seus*, — sobe ao throno herdado, e firma sua restaurada auctoridade nas bases da lei, da justiça e da felicidade do povo. Tal é a historia da Carta franceza. A nação, fatigada de revoluções, recebe com gratidão e abraça sinceramente a nova lei e a antiga dynastia. Mas os jurados inimigos dos reis e dos povos não tardam a metter-se no meio, e a fomentarem entre este rei e este povo a discordia e desunião, na qual só elles podem lograr seus intentos de dominação absoluta. Ora vencidos ora vencedores, assim teem entravado (não cortado nem impedido, que a tanto não chegam) os passos da nação franceza para a consolidação da monarchia legal e representativa, unica fórma de govêrno estavel em uma nação europea e civilisada. Os erros do partido constitucional em França trouxeram a reacção violenta e louca do partido oligarchico, que agora, mas em vão, lucta para segurar o podêr no mais civilisado paiz do globo. Tal é a historia do actual ministerio francez.

Uma nação antiga, e a de mais illustres tradições e mais veneranda historia que habita o velho mundo, saccudiu o insupportavel jugo da tyrannia asiatica. Todos os povos da terra a applaudem e sympathisam com ella; todos os gabinetes cedem deante da fôrça da opinião, e sem vontade de a ajudar, não ousam todavia oppor-se-lhe abertamente. Inglaterra e França parecem emfim ceder á voz da humanidade e da religião, e ir em seu auxilio. Mas ou se arrependem ou temem, ou depõem a máscara. A Russia vê os seus interêsses onde os outros foram tão cegos que não viram os seus; e toma a

empreza que elles abandonaram por mui errados calculos. A oligarchia europea foi enganada, zombada, mofada, *burlada* em seus planos; e a liberdade da Grecia, que podia ser o instrumento da salvação da Europa e o fiel da balança de seu equilibrio, não virá a ser senão mais um pêso na concha d'essa desequilibrada balança em favor da Russia. A Turquia poderá talvez continuar a existir *nominalmente* na Europa, mas *realmente* já expirou para sempre; o Sultão já passou o Bosphoro, já é um rajah da Asia; fique sua côrte ou não *provisoriamente* na Europa, elle já não é da Europa, já d'ella não faz parte, já não é potencia d'ella, já não entra como *entidade* nos seus calculos. — Eis aqui a questão da existencia do Gran'-Turco.

Portugal miseravel e perdido é salvo da destruição por seu legitimo rei: as antigas instituições da monarchia portugueza, restauradas e accommodadas ao seculo e precisões novas, promettem a sua regeneração pelo *unico* modo que uma nação se felicita perfeita e estavelmente, *a cordial união do soberano e do povo*. A oligarchia alevanta-se contra este soberano, desthrona-o, despoja o da corôa, põe-n'a sobre a infame cabeça de um monstro de quem até seus proprios protectores se envergonham. Enganos, fraudes, força aberta, tudo se emprega para impor o novo rei á «reluctante» nação. Mas nada conseguem: o povo portuguez cede, mas não se conforma; vence-o a força, — mas não o convence. O usurpador treme deante de seus escravos: amontoa cadafalsos, e não se acha seguro nem detraz d'elles; abre vallos de sangue entre o throno roubado e a nação, e nem com elles se julga defeso. A liga oligarchica aconselha hypocrisia e moderação; o usurpador responde, que em derribando as forcas, cahe o seu throno, que outro sustentaculo não tem. — Perdem-se em estratagemas e subterfugios: e, bem como a existencia do ministerio jesuitico em França e do Sultão em Constantinopla, — a de D. Miguel em Lisboa, vacilla em sua mal fundada base, ameaçada do odio dos povos, da pessoal malquerença dos reis, e apenas sustida ephemeramente pela cega, pertinaz e enfatuada oligarchia.

E serão distinctas estas tres questões? Não são de certo: os factos estão publicos; a embriaguez do partido oligarchico em seu primeiro triumpho assaz claramente o disse: desde os salões de Londres até ás bodegas dos voluntarios miguelistas em Lisboa, o grito da victoria foi unanime e unisono. Como se enganaram! O Sultão cahiu, o ministerio jesuita vae cahir, e D. Miguel vem após elles. O pygmeu atraz dos gigantes, o boneco de barro atraz dos colossos!

III

Veto da Russia

Como pois! Que espada macedonia cortou o enrevezado laço da *liga?* A espada triumphante de Nicolau.

Dos torreões de Andrianopoli a voz do conquistador pronunciou o tremendo VETO que annullou todos esses projectos: a este brado salvador, a Grecia que já cahia se ergueu, e a potencia ottomana foi precipitada. — Portugal concebeu esperanças, e D. Miguel sentiu vacillar-lhe o throno, — e o ministerio Polignac, que para conseguir seus fins e se sustentar carecia de operar lentamente e ir manso e manso em sua difficil tarefa, viu-se obrigado a arriscar tudo de uma vez; — a liga oligarchica não teve mais remedio senão offerecer batalha campal a seus inimigos. Outro Waterloo se prepara. Mas os povos já conheceram quem perdeu e quem ganhou no *primeiro*: este segundo Waterloo ha-de ser differente.

IV

Consequencias geraes do *veto* russo

Vejamos no entretanto qual foi o resultado do immediato do *veto* moscovita.

As consequencias da guerra da Russia com a Porta, e as da paz *(paz armada)* que a terminou, foram as que haviam previsto todos os homens sensatos, — todos quantos se não cegavam com os falsos calculos de seu orgulho e com a vaidade de seu poder imaginario. A potencia ottomana ficou *nominal e provisoriamente* na Europa; e a Russia, senhora de seus mares, de seus portos, de suas fortalezas, de seu commercio é a verdadeira senhora do imperio de Constantino. E será o Czar ou o Sultão o soberano da Turquia? E quem ficará, em pouco tempo, senhor do commercio e navegação do Mediterraneo? Extendendo se a civilisação para o Oriente, quebrada a barreira da barbarie musulmana, que interrompia a communicação das nações europeas com as asiaticas por via do Mediterraneo, estreito de Suez, mar Vermelho e mais *escalas do Levante*, o commercio do Levante ha-de forçosa, necessariamente recobrar por graus sua antiga importancia. E qual é a *tambem forçosa* consequencia d'este acontecimento inevitavel? A diminuição progressiva do commercio e navegação d'Asia que se faz á roda do cabo de Boa Esperança.

Não sei se é muito aventurar conjecturas,

mas parece-me que merece ser ponderada, ao menos antes de se rejeitar por vaga asserção, a de que — «a descoberta da India «pelo cabo das Tormentas mui provavel «mente se não verificaria tam cedo, se as «partes de Levante (antigo caminho sabido) «não estivessem em poder de povos barba- «ros e inimigos dos Christãos.»

Este insigne feito dos Portuguezes, — dos Portuguezes a quem tanto deve a Europa occidental (e tam bem lh'o tem pago!) deu mortal golpe no commercio do Levante, e na grandeza dos Venezianos e Genovezes, que então o faziam quasi exclusivamente. Ora, uma navegação tam perigosa e longa, como ainda hoje é (mas então muito mais era) a do cabo da Boa Esperança, não podia anniquillar tam depressa o commercio das *escalas* do Levante se, além das razões de distancia e difficuldades de conducção, não houvesse outras mais fortes. Estas são, visivel e sensivelmente, os obstaculos que aquelle commercio encontrava na barbarie ottomana; emquanto o que os Portuguezes faziam pelo mar de que eram senhores (e depois lhes tiraram os seus inimigos Hollandezes e depois os seus *amigos* Inglezes) não encontrava senão os obstaculos da natureza, e nenhum dos homens.

Consideremos mais, que o commercio d'Asia, e até especialmente o da India, trazido pelas chamadas *escalas do Levante*, levava muita vantagem ao do cabo de Boa-Esperança na situação de seus canaes, depositos e emporios. Vasava-se todo aquelle trafico pelo Mediterraneo no coração da Europa; ao passo que est'outro vinha a Lisboa, na extrema ponta do continente europeu, — depois a Amsterdam, — emfim a Londres.

Hoje, removido o obstaculo da barbarie e hostilidade das nações occupantes do mais curto caminho da India, é muito mais facil remover e diminuir obstaculos que no tempo em que os Portuguezes supplantaram os Venezianos (e muito depois ainda) eram invenciveis. Falo das difficuldades da conducção por terra. Quem não concebe hoje que a civilisação, que abre estradas macadamisadas pelos cerros da alta-Escossia, pelos despenhadeiros do principado de Galles, — que franqueia com a *omnipotencia* do vapor as terras, os cannaes, os mares, a despeito dos ventos, de marés, de todas as suppostas antigas leis da natureza — que a civilisação, que todos estes milagres opéra, em se estendendo pelo Levante, *póde e hade* operar eguaes prodigios, facilitando por aquelle caminho mais curto a communicação da Europa com a Asia?

O grande feito de Vasco da Gama hade sempre ser um dos maiores feitos humanos, eterno como a sua *Iliada* e o seu Homero; mas os resultados immediatos d'elle vão passando para nós como os da destruição de Troia para os Gregos do tempo das republicas: — em breve entrará nas epochas heroicas da historia das nações modernas, — brilhante de poetico esplendor, — nullo de consideração politica.

Quando digo *nullo*, falo em relação ao presente objecto. Ahi está um mundo inteiro, ahi estão umas poucas de nações, umas em esperançosa infancia, outras em vigorosa puberdade, que, sem as descobertas dos Portuguezes, não existiram estas, nem soubera mos d'aquelle.

A existencia d'estas novas nações americanas tambem pesa na balança da parte do commercio d'Asia pelo cabo de Boa-Esperança. Esse peso hade demorar o refluxo d'elle para o Mediterraneo; mas não é bastante para o suster. O commercio da America só influe positivamente no da India *propria;* mas o commercio do Levante une com o da India o da Syria, do Egypto, da Persia, etc.; e a serie de permutações (que são a alma de todo o commercio) é mais longa, mais apertada, mais connexa e varia pelo Mediterraneo do que pelos mares da Africa oriental.

E ganha ou perde o mundo, isto é, a causa da humanidade n'esta revolução de coisas? — A resposta é facil: ganha; ganha consideravelmente, extraordinariamente. Perde o commercio inglez, perde a grandeza e supremacia britannica. Mas o que perde, ou antes, quanto não ganha a Europa, com essa perda? — Que bens tem a Inglaterra feito á Europa? Em que ganhamos nós com a sua riqueza e grandeza? Ponham os outros povos os olhos na Sicilia, em Parga, em Copenhaguen, — e finalmente em Portugal, no votado Portugal, no seu mais antigo e fiel alliado; e ahi teem a resposta.

Mas a Russia dominará o mundo (o velho ao menos)? — E que nos faz a nós essa dominação? As nações grandes não hão de nem podem ser dominadas se os soberanos quizerem e souberem alliar-se com os seus mais naturaes alliados, os povos. As pequenas sempre hão de estar em dependencia, maior ou menor, mais ou menos submissa e vergonhosa, segundo o animo, a energia e a honra de seus chefes. E depender por depender, — seja licita a expressão — antes de Roma que de Carthago — antes do general glorioso que do chatim mercador — antes de Scipião que de Annibal.

E não ganhou já a causa da civilização, da humanidade, da religião com os triumphos da Russia? — Que é feito d'esse colosso de barbaridade e despotismo que, com um pé

na Asia outro na Europa, estava de sentinella contra as luzes europeas, contra a liberdade christã que não penetrassem no Oriente,—e de *entreposto* á servidão oriental para a communicar e sustentar na Europa?—Derrubado elle, não veremos libertados tantos povos christãos que gemem errantes, perseguidos, escravos e exilados no meio de sua patria, por toda essa Asia menor, pelo Egypto, pela Syria, pela Mesopotamia? [1] Não está liberta a Grecia? A patria de Leonidas e de Socrates, perseguida do Leopardo britannico, não a salvou a Aguia moscovita? E quem salvou Athenas da sorte de Parga? Nicolau ou Castlereagh?

Pois triumphe e cresça e engrandeça-se embora a Russia. A Europa fará côro em seus hymnos de victoria. Não podem illudir-nos com panicos terrores os seus antagonistas. Diesbitsh não é Attila, os Russos não são Hunnos, e as potencias da Europa não são o imperio romano decadente, alquebrado, minado de vicios, e cahindo de grande e de podre. Ha muita vida, muita força nas nações da Europa; se a Russia mette medo, se as suas victorias e poder devem causar receios, não é aos povos nem aos soberanos, é a seus inimigos, é á oligarchia, ao jesuitismo, á dominação dos poucos contra os interesses dos muitos.

V

Particularmente para Portugal

Se assim pensam todos os povos da Europa, se assim clamam todos os homens sensatos e amigos de seu paiz, desde Copenhaguen até Madrid,—que não diremos nós Portuguezes, nós vendidos, como os de Parga, a mais feroz monstro que Alli Pacha, nós mais deslealmente sacrificados que os bravos Sicilianos, nós que perdemos (por cega confiança) riqueza, patria, soberano, liberdade, independencia, — a propria honra! Nós que para lavarmos a nodoa do nome portuguez, para morrermos sem vergonha ao menos, tivemos de ir conquistar, por entre os canhões dos nossos alliados, um rochedo no meio do Atlantico em que podessemos combater—com forças deseguaes sim—mas longe do protector estrangeiro e perfido que, emquanto armava o nosso inimigo, nos dizia—«Descançae, não vos defendaes, que eu sou por vós, e vos defenderei se fordes *moderados?*»

[1] Este capitulo e o seguinte foram traduzidos pelo jornal inglez *The Star*, com mais que justo louvor e elogio.

Que diremos nós que tudo isto soffremos, que tanto mais soffremos, e que ainda em cima exilados, proscriptos, cobertos do sangue de nossos irmãos, de nossos paes, das lagrimas do orphão, da viuva—entre os gritos da miseria, do clamor da fome, dos ais dos supplicios—ouvimos (peior de todos os tormentos!) o *riso mofador* dos amigos que nos trahiram,—a amarga ironia, o atroz sarcasmo com que nos insultam na miseria, nos cospem no alvitamento em que *elles sós* nos pozeram, – insultando nos de covardes quem nos tirou as armas da mão —de indignos da liberdade quem d'ella nos não deixou usar —de escravos do tyranno, quem nos forçou no throno esse tyranno, quem nol'o impoz com suas armas e astucias — zombando emfim de nossa desgraça quem só e unicamente nos fechou os olhos para que não vissemos o abysmo que nos cavavam — quem n'elle nos despenhou—quem d'elle nos impede que nos ergamos?

E cumpre que nos esqueçamos de tanta affronta, de tanta deslealdade? Quando cumprisse, podemos nós fazel-o?—Lá expiram no patibulo mais victimas da sua boa fé, mais martyres da fidelidade ao soberano e da confiança ingleza... A cidade do Porto vê outra vez derramar o sangue nobre e leal dos subditos que não sabem perjurar, nem quebrar o vinculo da homenagem com a mesma facilidade com que alliados e amigos quebram o dos tractados e allianças. Com esse sangue fresco ainda é que a purpura roubada de D. Miguel lhe havia de ser adjudicada pelo tribunal dos reis?

E desde quando se caminha ao throno *legitimo* pela estrada de Robespierre? E desde quando é o assassinato, o roubo, o parricidio, o perjurio titulo para a realeza? — O irmão de Luiz XVI reconhecer D. Miguel! O successor de Carlos I reconhecer D. Miguel! O irmão do infante D. Carlos alliar-se com D. Miguel!

Fautores e protectores do parricidio e do regicidio, — o monstro da Bemposta, de Salvaterra e de Queluz *hade ser rei*?

Cegos, loucos! o castigo vem perto, e corre presto.

VI

Terror da oligarchia.—Decidem-se a arriscar tudo n'uma batalha

A attitude da Russia aterrou a liga oligarchica; e algum tempo se hesitou nos conselhos de Vienna, de Paris e de Londres [1]

[1] V. *Carta dirigida ao conde d'Arberdeen* por Henrique Gally Knight, 1829.

se cumpria ou não aventurar agora o golpe decisivo. Esperar, ladear — é a politica dos gabinetes; e foi excellente no mediano estado de civilisação de nossos paes. Hoje emquanto os governos consultam, os povos andam, emquanto os oppressores do genero humano concertam os meios de o conter onde elle chegou, a civilisação caminha, e o genero humano adeantou muitas leguas na estrada: é preciso novo plano de compressão; e emquanto esse novo se fórma, quem sabe onde estarão os compressores!

«Não ha tempo que perder: arrisque-se a batalha final e decisiva.» Assim discorreu e decidiu a oligarchia: assim o sanccionou a cegueira dos reis.

VII

Estado da religião, e sua actual influencia. — Da chamada «Philosophia Moderna»

E todavia talvez os reis não fechariam tam obstinadamente olhos e ouvidos á medonha face do perigo, ao tremendo brado da opinião que lh'o annunciava, se alem dos gritos da oligarchia que os traz em cerco, não viesse o clamor sacerdotal ensurdecel-os de todo, e o polluido véo do templo cegal-os de espessa venda.

O exterminio inquisitorial, [1] que os principes catholicos, — quam erradamente e para mal seu! — animaram e auxiliaram com mais poder e empenho desde o meado do XVI seculo, tinha obstado aos progressos da Reforma, principalmente na parte meridional da Europa. Roma embriagou-se com o cheiro do sacrificio; mas o sangue das victimas não bradou em vão ao céo. Roma conservou sua despotica auctoridade no Sul da Europa e da America; não foi esbulhada e desapossada á viva força da reacção religiosa, como havia sido no Norte, mas as bases de seu poder se foram minando e carcomendo e apodrecendo lentamente e surdamente. Um terrivel inimigo lhe nasceu do seio mesmo de seus abusos, cresce, nutre e avigora com elles, mais formidavel que o espirito de seita ou de reforma, de mais assoladoras armas, de mais ambiciosas pretenções, mais irreconciliavel em seu odio, — com quem não póde haver paz nem guerra, porque na guerra a vencerá, na paz a escarnecerá: — é a «philosophia moderna» — o scepticismo ou impiedade philosophica.

Como os venenosos reptis que no fermento da podridão e immundicies se desenvolvem e pullulam, a *impiedade sceptica* de nossas eras nasceu do enxovedo das prevaricações da hierarchia romana. Para demonstração d'esta verdade basta observar quanto maior é o numero dos impios e atheus nos paizes catholicos do que nos protestantes, quantos mais apostolos teve, quantos mais advogados e proselytos tem n'aquellas terras do que n'estas a impiedade philosophica, o atheismo, o deismo, o materialismo, — todas as variedades de crença — ou antes descrença, que pelo mundo se propagaram, crescem e filham ha mais de dous seculos.

Este novo inimigo de Roma não tem decerto a energica e violenta força da Reforma, que do fanatismo lhe vinha: não póde dar, como esta deu, batalhas campaes; não ousa

MARQUEZ DE LOULÉ

[1] Os principios inquisitoriaes não prevaleceram sómente nos paizes em que se estabeleceu o tribunal do santo-officio.

como ella ousou, escalar praças, commetter cidadellas: não; mas corrompe sentinellas, allicia guarnições, entra por toda a parte— não vencendo elle, mas não lhe resistindo ninguem. Sem allegoria nem metaphora, a Reforma do seculo XVI atacava as fórmas e abusos da egreja romana; a philosophia do XVIII e XIX ataca a essencia mesma da egreja, — e a essa propria egreja chama e declara *um abuso*.

Contra tal inimigo só havia um meio de resistencia: desmentir por obra o que elle asseverava de palavra.

Expliquemo'-nos:

A philosophia argumentava dos abusos da egreja, dos crimes dos sacerdotes, dos padecimentos que elles causavam ao genero humano, para provar que o Christianismo era falso, que sua origem não era divina. Viam-se os factos, cria-se a próva, e ninguem se embaraçava com achar o *veio* do sophisma.

Que deviam fazer os ministros da religião?

Reformar-se a si e á egreja, restituir o espirito do Christianismo, fazêl-o o instrumento do bem para que seu divino Auctor o creou, e argumentar assim aos povos da bondade dos effeitos, para a divindade da origem.

Mas se o fizessem, onde iria o pingue e a *grossura* das oblações da terra, que no profanado sanctuario de Roma tanto mais se prezam do que «os puros sacrificios de coração e espirito?»

Roma deitou mão á sua antiga arma da perseguição e do exterminio... Mas — sinistro presagio para a potencia do Vaticano! — até pelos principes andára o contágio: o throno acudiu frouxo ao altar. Roma pediu sangue, e os reis não o quizeram derramar: accendeu fogueiras, e os reis apagaram-lh'as: queria victimas para restaurar o esplendor do altar, mas os reis careciam de soldados para lhes segurarem o throno: e Roma foi obrigada a contentar-se com alguns golpes da tesoira censoria para os livros de seus inimigos, e alguma relegação para os auctores d'elles.

Mas o mal progrediu; e Roma queixou-se amargamente dos reis; e os reis, a quem já não restava opção, e que por seus proprios e pessoaes interesses deviam deliberar-se a fazer causa commum com os povos contra ella, — e restaurar a religião, maugrado de seus ministros, e forçar os sacerdotes a restabelecer a egreja de Christo — os reis vacillaram, temeram de um lado e outro, recearam de se constituir arbitros em uma questão em que só elles o podiam ser, e por ésta fatal indecisão, que a oligarchia fomentou para seus fins privados, chegaram emfim a pontos em que para não ser envolvida na ruina do sacerdocio, a realeza voltou de novo a fazer commnnhão de interesses com elle.

Tal é a historia religiosa da Europa desde o meado do XVI seculo até os fins do XVIII, pouco mais ou menos.

N'esta ultima epocha, e pelas dadas razões, se começou outra vez a formar a desfeita liga do throno e do altar. Bonaparte a teve na mão, essa liga; ia quebrál a. . Não a atou, mas deixou-a inteira. Veiu a oligarchia, vieram os reis com as mãos ensanguentadas de Waterloo, e apertaram o laço começado a dar. Salvou-se a hierarchia romana por mais alguns annos, mas a religião e a egreja foram ameaçadas de toda a parte, e com uma especie de fanatismo philosophico que dobrava de intensidade á proporção que Roma de exigencias, e os soberanos de condescendencias.

Portugal, Hespanha, França, Italia, Allemanha, a propria Inglaterra [1] sentiram palpavelmente todas estas oscillações.

O influxo da religião era nullo nos povos; os sinceros defensores do Christianismo viram seus louvaveis esforços, seus trabalhos perdidos, seus fructos estragados pela ambição e avareza dos sacerdotes, e pela cegueira e timidez dos reis. Ninguem, ha seculos, defendeu o Evangelho como Chateaubriand: que diga elle quem lhe inutilizou suas fadigas. Já o disse: os que mais interessados eram n'ellas. [2]

Assim pervertida por seus ministros, assim transmudada de sua divina origem, a religião vem de novo contra os povos: e os reis enganados pela oligarchia, fanatizados pelo sacerdocio, a si e a ella se vão precipitar no abysmo, accommettendo de frente a civilisação, que nem d'elles nem da religião é inimiga, que só a oligarchia combate, — que nem á realeza, mas nem sequer á aristocracia ou ao sacerdocio faz guerra, porem aos sós abusos sacerdotaes e aristocraticos.

VIII

O Waterloo dos povos

Onde é o campo de batalha? Onde for o centro da civilisação: é em França. Onde estão suas immensas e destemidas phalanges? Ninguem as vê: desarmadas, tranquillas es-

[1] O *Bill* catholico de 1829 tem sido attribuido por muita a gente a perigosos e encubertos fins. Que elle lhes póde dar logar, não padece duvida.

[2] V. as ultimas publicações de Chateaubriand: o *Mémoire à consulter*, e o requerimento á camara dos pares por Montlosier.

peram a provocação de seus inimigos, não só para pelejarem mas até para se armarem. Não accommetterão pois?

Não: mas quando se defenderem hade ser até á completa e cabal anniquilação de seus inimigos.

E seus inimigos — cegos! — que se enganam com essa prudencia, e a tomaram por covardia.

Illudidos d'esta apparencia, os ligados inimigos do genero humano assentaram aventurar a decisiva campanha. França, que é o coração da civilisação, era portanto onde o golpe mortal se devia dar.

Deu-se. Carlos X e seus ministros ousaram tomar o commando das forças oligarchicas e desafiar os povos na pessoa do povo francez.

Generosa e immortal nação, primeira nação da terra, nobre propugnadora dos direitos dos povos, França, tu acceitaste o desafio, vieste á lice, e venceste por ti e por nós.

Deu-se em Paris o Waterloo dos povos. Os dias 27, 28 e 29 de Julho de 1830 decidiram a sorte da guerra: a civilisação triumphante em Paris triumphará desde o Tejo ao Newa, e desde o lago Erie ao rio La Plata. Os hymnos d'esta grande victoria soarão por toda a parte, os *Ios* d'este triumpho eccoarão por toda a terra; suas consequencias serão universaes e geralmente sentidas em todo o mundo.

O nobre exemplo do povo francez, sua generosidade, sua firmeza, sua devoção, sua moderação serão imitados de todas as nações.

Já a Belgica respondeu á voz animadora do grande povo. A Italia não será a derradeira. Nem são insignificantes as demonstrações da Prussia. Toda a Allemanha ferve. O procedimento do governo russo proclama abertamente que até sob os gelos do polo arde a chamma electrica da liberdade. Já precursoras faiscas annunciam a detonação proxima da peninsula iberica. Hespanha chama ás armas; Portugal vae tomal-as.

Toda a differença e duvida é de tempo: mas a Europa vae libertar-se. Venceu-se o *Waterloo dos povos,* e a *Sancta Alliança dos povos* vae formar-se no campo da victoria; assim como a impia liga dos oligarchas se jurou nos plainos da Belgica, a sanctissima liga das nações foi jurada nos muros de Paris. A bandeira tricolor fluctua outra vez no centro da Europa, e chama em torno de si os opprimidos para se unirem contra os oppressores.

Toda a Europa oligarchica ameaça a França: [1] a França não lhe póde resistir senão ligando-se com a Europa liberal. Isto não é necessidade, é força, é imperio das circumstancias. Não precisa *razão*, basta o *instincto* dos povos para o conhecer. Sejam os meios secundarios quaes forem, as apparencias quaes quizerem, esta é a causa verdadeira, estes serão seus effeitos reaes.

[1] Bem cegos serão os Francezes se confiarem nas demonstrações de amizade com que por'ora os embalam. Não confiarão.

IX

O que devem fazer os soberanos. — Da legitimidade

E todavia ainda é tempo para os reis, para alguns d'elles ao menos. Ainda pódem abrir os olhos, e tomar a unica resolução prudente e avisada que lhes resta, — lançar de si a oligarchia, desligar seus proprios interesses dos d'ella, vinculal-os com os do povo. O povo não é inimigo dos reis; o povo europeu ama a monarchia. Vêde-o em França expulsando um rei inimigo, e nem por isso destruindo o throno. Sahiram os Tarquinios da nova Roma; mas a realeza não foi proscripta, nem consules creados em odio ao titulo real. Não se rasgou a purpura manchada; o povo generoso de seu sangue, poupou o do tyranno, e com o seu proprio lavou a purpura real, e a investiu em mais dignos hombros. Vêde o espirito do seculo! vêde a generosidade, a prudencia da liberdade moderna! O que são os Aristogitons e Harmodios, os Brutos e Cassios da antiga historia comparados com os heroes da civilisação moderna!

Não é pois aos reis, e menos á realeza que o povo faz guerra; é á oligarchia e a seus privilegios, e aos inimigos dos reis e dos povos. Separem os reis sua casa da d'elles, unam-se ao povo que os ama e quer,— e a guerra acabou sem sangue.

Seja a *Legitimidade* o que seu nome importa, «um principio fundado na eterna e «natural justiça, principio sancto, inviolavel, «que tanto ligue os povos como os reis:» não seja ella só pretexto de oppressão para o povo, e arma de segurança para seus inimigos, espada de dois gumes na mão de oligarchia, que fere rei e povo se o povo quer ser livre, ou se o rei o quer libertar; e que nem defende um das injustiças do outro; mas se offende ambos quando um ou outro ou ambos querem ser justos: — não seja a legitimidade este vão e ôcco nome que tem sido; e o povo respeitará, amará, defenderá a legitimidade.

Tal como ella se tem mostrado na Europa, assassina em França, traidora na Allemanha, ladra na Italia, carnifice em Hespanha, suicida em Portugal, mentirosa e falta de fé em toda a parte, essa legitimidade é

uma *blasphemia* contra Deus e suas eternas leis que ultraja, um attentado contra a sociedade, e usurpação de suas leis que escarnece, — é um principio de abominação contra o qual se rebellarão os povos todos, e o proscreverão para todo sempre.

Mas ousarão os reis ser justos, quererão elles ser *legitimos*, legitimos sem antiphrase? [1]

Chegámos ao tempo de o ver clara e sensivelmente, de os ouvir sem interprete, de conhecer emfim suas verdadeiras intenções. Os que se pozerem á frente *dos muitos contra os poucos*, serão em verdade reis e chefes legitimos das nações, que os amarão e defenderão. Os que se rodearem *dos poucos* e pelejarem contra os *muitos*, o que serão? O que pódem elles esperar do povo quando o povo triumphar?

E o povo ha-de triumphar.

X

Effeitos em Portugal da victoria de Paris

As consequencias da grande victoria da civilisação, ganha em Paris, serão proporcionalmente mais ou menos promptas e efficazes nos diversos pontos do orbe que estão em circumstancias de as sentir, segundo a variada natureza d'essas mesmas circumstancias. Não precisa demonstração.

O peculiar e singularissimo estado de Portugal, de Portugal onde meia nação está proscripta, exilada ou encarcerada, com uma alliança oppressora e proverbialmente perfida, avexado em casa da tirannia de seu brutal inimigo, atraiçoado fóra da doblez e inepcia de seus falsos amigos e procuradores, Portugal (não é paradoxo) achará mais difficuldades que nenhuma outra nação em se libertar e reconstituir. Prostrar ou expulsar D. Miguel é facil empreza; facil a perfará a nação: mas equilibrar-se direitamente, estavelmente na nova balança da Europa, é, em minha opinião, de tão complicadas e abstrusas difficuldades, que não julgo possivel o solvel-as claramente a nenhum juizo humano.

Não desanimemos porém; é antes ardua do que impossivel a tarefa. Maior será a gloria de Portugal: e em proporção de seu actual vilipendio e deshonra, crescerá a fama e renome dos Portuguezes, quando de novo apparecerem entre as nações da terra, a nação que n'outras eras foram, e que na *nova era* do mundo lhes compete ser.

A seguinte e derradeira secção d'este meu trabalho é, inteira e exclusivamente, votada ao transcendente assumpto.

SECÇÃO SEXTA

Recapitulação. — O que póde e o que deve ser Portugal na nova balança da Europa — Alternativa em que tem de optar: ou independencia com verdadeira liberdade, ou união com Hespanha — Como lhe convém a primeira; como a segunda.—Da união com Hespanha.—Conclusão.

I

Razão de ordem

Chegámos emfim á ultima parte de nossas reflexões, á conclusão final de todas ellas; vamos tirar o importante corollario a que desde o principio tendemos, e para o qual procurei dirigir a attenção dos meus leitores, assim pelas *rectas* como pelas *curvas* em que figurei minha proposição.

Paremos, antes de entrar a porta da grande e final conclusão; façamos breve retrospecto do que vimos e observámos, do que temos inferido de nossas observações.

Considerámos Portugal em si mesmo, no que foi e no que é, vimos o que eram e o que são as potencias que o rodeiam e entram no systema do mundo civilisado, do qual elle faz, posto que pequena, não insignificante nem desprezivel parte. Contemplámos os esforços da oligarchia para reduzir o natural systema do mundo a seu antigo e incoherente estado, os meios despreziveis e repressivos de que se teem servido para criar um *modo de ser* artificial e incongruente, que em si traz o proprio germen de sua destruição, e como o cahos da fábula, vanmente lucta na guerra de inconsistentes elementos.

Temos visto ao mesmo tempo como a civilisação, por sua força d'ordem e natural organisação, tendeu sempre a desmanchar o forçado e falso equilibrio da oligarchia, e

[1] Assim como os poetas por antiphrase dizem *luccus a non lucendo*, os oligarchas dizem *legitimo* o que mais exclue as leis, a sua auctoridade se oppõe, e contra todo o direito é.

apezar de todos os esforços d'ella, o destroe progressivamente, e pouco a pouco lhe substitue o regular systema da natureza, que em vão pretenderam anniquilar as erradas combinações dos gabinetes. A' proporção que os povos se iam illustrando e a civilisação crescendo, vimos ir diminuindo a força da compressão oligarchica; e com a liberdade voltar a ordem natural do mundo.

Portugal até aqui lançado fóra de sua orbita, forçado, para assim dizer, a entrar n'um systema planetario alheio de todas suas naturaes propensões, vae pois entrar n'esse novo equilibrio regular que a civilisação estabelece — ou, mais propriamente, restitue. O como, o quando, as causas, as circumstancias, os effeitos da antiga e desnatural posição politica de Portugal, rapidamente mas com sensivel demonstração, temos visto, tanto em sua propria historia como na das outras nações que para isso influiram ou por isso foram influenciadas.

Naturalmente se faz pois aqui transição para o capital e mais importante objecto do presente ensaio.

Como, á vista do que temos observado, como, pela experiencia que agora temos do que somos, do que fomos, do que temos procurado ser, do que não podémos conseguir, do que não soubemos ser nem conseguir, — deveremos agora tractar de nos constituir nação entre as nações, e entrar no novo systema politico do mundo?

Por outras palavras, e mais conformes com a rubrica d'este ensaio: qual será a qualidade e a quantidade do peso com que Portugal deve entrar na balança da Europa?

II

Unica alternativa em que a Portugal resta optar

Parece-me não carecer de demonstração que o mesmo que Portugal até aqui era, já elle não póde ser. Pouco mais difficil ou longo de provar será que uma só alternativa lhe resta para poder existir em harmonia com o novo principio europeu; mais simplesmente e mais absolutamente, — para *poder existir*. Esta alternativa é egualmente simples e clara: «ou continuar a ser potencia independente mas independente devéras, — ou voltar a ser provincia de Hespanha.»

Escravo não vive; falsamente manumisso, fugirá da casa de seus atraiçoados patronos, e irá trocar a independencia pela liberdade, irá dar seu nome, suas recordações historicas, sua gloria antiga, sua bandeira já triumphante e senhora dos mares, — irá dar tudo, entregar tudo a troco de liberdade; constituir-se-ha filho-familias para gosar na casa alheia essa mesma liberdade que em sua propria casa, e como senhor seu e pae de familias, lhe não deixarem gosar.

Portugal tem um unico fim e objecto, sem o qual estar conseguido, jámais se aquietará por tempo consideravel; é o de SER LIVRE. Em outras nações esta vontade nasce do desejo de melhoramentos, da grande illustração de suas classes, do só poder da civilisação: em Portugal, além d'essas causas, ha a necessidade absoluta, forçosa, invencivel, a que nenhum poder humano ha-de obstar, que os exercitos e as armadas, e os tractados e as convenções dos gabinetes pódem conter algum tempo, mas não poderão estavelmente e firmemente contrastar. Portugal foi rico e poderoso; a má administração o deixou mais pobre e mais fraco do que nenhuma outra potencia da Europa. Emquanto seu poder se extendia aos quatro angulos da terra, — emquanto de todas essas immensas, e que pareciam inexhauriveis, fontes de riqueza lhe vinham torrentes de cabedal, que, se não davam solida nutrição, augmentavam todavia, posto que transitoriamente, suas forças; com ellas suppria a falta da liberdade (com que só uma nação póde ser devéras independente), e substituia os limites naturaes que a natureza lhe não deu, e que judiciosa arte não soube crear d'outro modo mais solido e permanente.

Mas hoje que tudo isso acabou, que Portugal perdeu tudo o que lhe dava e garantia sua ephemera independencia, — ou ha-de com auxilio e accordo de seus alliados, mas principalmente por esforço proprio e deliberação sua, crear novas bases de independencia, novos limites e estrêmas em suas fronteiras tam rasas; ou maugrado de suas affeições e desaffeições, de seu orgulho, aliás nobre, de suas tradições gloriosas, irá unir-se como provincia á mesma potencia cujo mais teimoso e irreconciliavel inimigo foi emquanto Estado independente.

III

União com Hespanha

«Portugal depois da ultima guerra continental (escreveu ha pouco um Portuguez que ninguem accusará de jacobino, posto que só em Francez nos communique suas lucubrações) voltou a pôr-se debaixo da tutella ingleza. Mas será necessario para a continuação d'esta influencia que Portugal seja reduzido á miseria extrema, á completa nullidade!... A influencia de Inglaterra sobre Portugal é inevitavel, affiança-lh'a a natureza

mesma das coisas, os verdadeiros interesses de ambos os Estados, habitos antigos, e effectivas estipulações, que tanto mais duradouras e efficazes são, quanto derivam sua força do permanente e commum interesse. Pretender conservar Portugal em um estado d'atonia e de miseria, de padecimento perpetuo, relegal-o para entre as nações barbaras e estacionarias, fazel-o retroceder cinco seculos de civilisação, forçal-o a apresentar á Europa a imagem viva das atrocidades da meia edade, despidas dos prestigios de grandeza e heroismo que a espaços as encubriam, annullal-o emfim e ultrajal-o para mais seguramente o dominar, — fôra não só barbaridade repugnante, mas, o que peior é, erro grave... Portugal habituado a não gosar de sua independencia nacional, avexado e affrontado pelo jugo, já insupportavel, d'uma potencia estrangeira, veria emfim com menos horror, e talvez como unico meio de salvação, a dominação hespanhola que tanto detestava. A Hespanha sempre de guella aberta para engulir uma preza que incessante persegue, não pouparia intrigas nem seducções para conseguir um resultado que ella seguramente considera como a só indemnisação possivel que lhe resta pela perda de suas colonias, e que a constituiria na primeira linha das grandes potencias europeas. E convirá á Inglaterra reduzir assim Portugal á tremenda alternativa de optar entre dois males, e forçal-o á cruel extremidade de ir, no excesso de seu desespero, sepultar as gloriosas recordações de sua historia e de sua independencia no odioso golpham da dominação hespanhola? Tal seria comtudo o resultado de se renovar o antigo systema politico de Inglaterra para com Portugal.»

Não concordando em toda a extensão nem talvez em toda a accepção dos principios postos por este judicioso escriptor, convenho (e quem não convirá?) nas consequencias todas que d'elles tira. Accrescentarei porém o que talvez só seja rectificação de expressão e não ampliação de idéa. Do logar acima transcripto parece que Portugal só poderá ir unir-se a Hespanha por uma especie de vingança ou resentimento contra a injustiça, tyrannia e insultos de Inglaterra: eu creio e vejo que, abstrahindo d'essa forte causa, Portugal pela força das coisas, quer queira quer não, quer mais ou menos lhe convenha, hade inevitavelmente fazer-se provincia de Hespanha, se fortes, verdadeiras, solidamente constituidas, litteralmente cumpridas, e inteiramente livres instituições não impedirem essa juncção e absorpção, a qual não só a cubiça e interesse hespanhol mas o forçado interesse portuguez hãode fazer de commum accordo e para commum segurança dos dous Estados. [1]

Já mais do que uma vez o obscuro auctor do presente ensaio tem levantado seu baixo clamor contra os projectos loucos e antinacionaes de alguns Portuguezes desvairados que, sem mais reflexão nem condições, pretenderam suscitar e *nacionalisar*, se é licita a repugnante expressão, a idéa da união com Hespanha. Do coração vem meu brado juntar-se ao do escriptor que citei, ao de todos quantos clamarem pela gloriosa independencia portugueza, e se unirem em torno dos estandartes de Ourique para pelejar, e se fôr preciso, morrer por ella. Mas esse pendão hade ser puro como o que hasteou Affonso Henriques, suas côres hão de ser verdadeiras como as que tremularam em Aljubarrota e Montes Claros, não falsas como as do Vimieiro e de Cintra, não manchadas da predominação e mal-rebuçada tyrannia que ha seculos desbotam e enxovalham as antigas Quinas portuguezas.

Reine o Drago lusitano, mas não o sustente a garra traidora do Leopardo sobre um solio, que não é solio e para uma independencia mais envilecida e dependente do que jámais foi tolerada por nação alguma, desde o tempo dos exarchados romanos.

E' pois, indubitavel e inquestionavelmente a ultima alternativa em que a Portugal resta optar, ou independencia verdadeira, isto é, independencia com liberdade, com instituições que a segurem, —ou união com Hespanha.

IV

Condições necessarias para a independencia de Portugal

Sem duvida, todas as inclinações e desejos e vontades dos Portuguezes, de preferencia tendem a escolher a primeira parte da alternativa. Fosse como fosse arranjada a união, por mais vantajosa, e da parte de Hespanha condescendentes, as condições de nossa renuncia á independencia, absolutamente falando, Portugal será o lesado no contracto. A massa do povo, a plebe propriamente dita, as classes menos influentes do Estado pouco perdem, e porventura muito pódem ganhar, na fusão de uma potencia pequena em uma grande, se a fusão for voluntaria, se, não por conquista mas por cessão, o paiz menor abdicar a soberania em

[1] Principalmente se em Portugal se seguir o que o auctor da cit. *Rêveries* propõe em seu novo opusculo d'este anno de 1830, sobre a liberdade d'imprensa etc.

favor do maior. Mas todos quantos por nascimento, por cabedaes, por merito pessoal, sobrepujam em consideração, e se elevaram da massa geral a toda e qualquer especie de preeminencia social, esses perderão tudo com a união, e serão obrigados a entrar na nullidade politica e social de que por seu talento ou valor, ou importancia adquirida ou herdada tinham sahido.

Não se enganem, não se illudam os Portuguezes n'este ponto: pesem bem todos os pros e contras de uma resolução que, apenas tomada, será irrevogavel; ou quando o não seja, só á custa de muito sangue, de um monte de calamidades, que sem horror não é possivel calcular, poderá ser, e talvez nem assim, revogada.

Vejamos pois em primeiro logar, examinemos com o maior cuidado, calculemos todas as possibilidades dos meios que nos restam para conservar nossa preciosa independencia.

Em um só, já vimos se encerram, ou a elle se pódem reduzir todos estes meios: liberdade.

V

Reduzem-se a uma as condições da independencia de Portugal: liberdade. E como se firmará a liberdade em Portugal?

E como estabeleceremos e firmaremos nós verdadeira e segura esta liberdade? Com instituições prudentes e justas.

Quaes hão de ser essas instituições para que justas e prudentes sejam? As que reunirem a conveniencia das fórmas com a solidez e legalidade dos principios. Sem esta combinação nenhumas instituições politicas pódem fazer a felicidade do povo, e sem ella nenhum povo é livre: sem ser livre, nenhum povo póde ser estavel e verdadeiramente independente: nas particulares circumstancias de Portugal nem breve nem provisoriamente o será.

VI

Que instituições convenham a Portugal para lhe garantir liberdade

Instituições politicas que a Portugal convenham hão de pois conter, além da justiça dos principios, que só pódem ser os do direito natural e das leis geraes e absolutas de toda a sociedade, —fórmas adaptadas a suas circumstancias e peculiar construcção, ou *modo de ser* politico.

Não é d'este logar, e para a maior parte dos leitores seria escusado, fazer longa deducção ou demonstração dos principios de direito universal que devem formar a base de livres instituições. Nenhum pacto social póde ser fundado senão na liberdade natural do homem e em sua egualdade legal: nenhum codigo politico póde ser bem formado se não garantir o exercicio d'aquella e a conservação d'esta. Mas o modo por que essa garantia se ha de estabelecer depende das circumstancias de cada paiz: e aqui já o direito sae da regra geral absoluta e entra — não em excepções, mas em modificações, tam necessarias á conservação dos absolutos principios, quanto a constancia d'elles é indispensavel na formação das bases sociaes.

Portugal está na Europa, rodeado de monarchias, monarchia foi desde sua origem, cheio de interesses, de memorias, e se quizerem, até de preconceitos monarchicos.

Não póde ser senão monarchia.

Mas Portugal desde sua origem, isto é, desde a reconquista, fundou interesses, creou estabelecimentos, e se acostumou aos habitos aristocraticos. Portugal não póde deixar de conservar o elemento aristocratico que entra em sua formação.

Mas Portugal, pelas conquistas que fez, pelo commercio que tantos seculos administrou, pelo augmento das riquézas que d'ahi lhe veiu, pelo augmento de illustração que adquiriu, pela fôrça crescente da industria que n'elle existe, — e que agora açaimada de absurdas leis está latente ou mal desenvolvida, mas logo se desenvolveria e desenvolverá apenas a soltem, — tem na classe média, cujo numero, fôrça e podêr cresce, e por todas estas razões crescerá cada dia e cada hora, um elemento democratico, legitimamente democratico, tão importante, tão consideravel e influente, que Portugal não póde deixar de admittir a democracia como base — e a maior base é essa — de suas instituições politicas.

Uma constituição portanto que a Portugal possa convir hade tomar por base principal a democracia de sua maior e mais importante população; hade modificál-a depois com o elemento aristocratico que em sua natureza está arraigado, e ha-de rematar por fim esse edificio com a *coroa*, a qual fórma o vertice da pyramide, perfeito emblema de uma bem constituida e regular monarchia representativa. [1]

Para que se consiga o primeiro d'estes fins é necessario que a representação nacional seja feita pela livre escolha e eleição do povo.

Para o immediato, é necessario que os

[1] V. Delolme, Montesquieu, Blakstone, etc.

interesses aristocraticos da nação tenham representação e auctoridade publica, a qual, limitada pela fôrça democratica, e contrabalançada pelo podêr real, venha a ser, por este modo, principio de harmonia e ordem em vez de instrumento de oppressão que era.

Collocada no fastigio da sociedade, a realeza, necessaria aos habitos do povo, mais necessaria e mais util será ainda á conservação de sua liberdade e egualdade, se o sceptro for equilibrado como fiel da balança do Estado — e não alçado em vara de perseguição e exterminio para que o despotismo o torcera.

VII

As tres constituições portuguezas

Taes são indubitavelmente os principios sôbre os quaes se devem firmar, e as formas com as quaes se devem construir as instituições politicas que, assegurando a liberdade, garantam a independencia de Portugal. Por outras palavras, taes são as condições do primeiro membro da alternativa que a Portugal se offerece.

Examinemos pois; segundo estes principios, ou mais exactamente, appliquemos estas regras a cada um dos tres corpos de direito politico que em Portugal teem regido, isto é, ás tres constituições que entre nós se teem estabelecido; vejamos qual d'ellas se ajusta mais ás regras postas; e será essa a que mais se approxime da desejada perfeição.

VIII

Antiga constituição da monarchia

Disse «as tres Constituições que em Portugal teem regido,» e disse exactamente. Antes da revolução de 1830, Portugal tinha com effeito sua constituição; nem ha Estado que a não tenha. Mas a antiga constituição de Portugal era, de mais a mais, livre e representativa, como a de todos os povos que dos conquistadores do Norte herdámos os principios da monarchia limitada que por todo o Sul e Norueste da Europa geralmente se estabeleceram quasi desde a destruição do imperio romano. Estes principios foram mais d'este ou d'aquelle modo modificados nos diversos paizes em que prevaleceram, segundo a variedade das circumstancias.

Seja ou não apocrypha a lei fundamental escripta, que nas côrtes de Lamego se diz feita pela concorrencia da aristocracia e dos representantes da democracia portugueza, os principios que n'ella se declaram, regeram constantemente entre nós quer fosse tradicionalmente quer não. Os actos, declarações e manifesto das côrtes de 1640 acabaram toda a questão sobre o principio fundamental da monarchia portugueza e predominante em sua constituição. A base representativa ahi é claramente determinada, e a derivação de poder real do principio democratico estabelecida em tão claras e positivas expressões, que não póde restar a minima duvida ou a mais especiosa. Fundada porém em solidos e naturaes principios, a antiga constituição de Portugal peccava na fórma; já porque dispersa em várias leis escriptas, em costumes e usanças tradicionaes, carecia da regularidade e nexo e harmonia, já porque, destituida de garantias e remedios legitimos para os casos de infracção da lei positiva, ou aberração de seu espirito, forçosamente corria o perigo de ser mal conhecida, e esquecida da nação, desprezada portanto e infringida do govêrno.

São hoje tão sabidos em Portugal os principios e regras geraes da antiga constituição da monarchia, teem-se n'estes ultimos tempos revolvido tanto nossos antigos monumentos e historias, para achar factos e precedentes com que documentar e provar estas asserções, que fôra vã pompa de erudição perdida repetir aqui o que anda nos olhos de todos. Basta para o meu objecto enunciar as generalidades que deixo escriptas.

IX

Constituição de 1822

A memoravel revolução de 1820 não fez mais do que proclamar a restauração dos antigos principios da constituição portugueza, que pela ignorancia do povo [1] e usurpação da corôa havia mais de um seculo tinham cahido em total dessuetude e esquecimento.

Tal foi o brado que se alevantou no Porto em 24 d'Agosto d'aquelle anno. Se a maneira por que estes principios depois se combinaram, e as fórmas com os quaes em o novo codigo politico se estabeleceram, não eram as mais proprias e adequadas ás circumstancias, ás necessidades e aos habitos da nação, em nada mancha esse erro a gloria da revolução, nem diminue o credito de prudencia e aviso politico dos primeiros proclamadores. [2]

[1] V. *Manifesto da nação portugueza* publicado em 1820-21.

[2] O posterior procedimento de alguns *renegados* não o destroe tam pouco.

Tomou-se no codigo de 1822 por base da constituição a que real e verdadeiramente o era, foi e é o principio democratico. Mas, por uma reacção, — exagerada certamente, porém desculpavel pelos longos, pesadissimos e ainda tão recentes aggravos que a nação recebera da aristocracia, — absolutamente se eliminou do novo codigo politico o principio aristocratico, cuja modificação era necessaria para equilibrar os elementos democratico e monarchico, de que aquella constituição se compunha. Este erro, cujas causas principaes foram essas, deu logar a que a democracia legal degenerasse em demagogia illegal.

Sem appoio no elemento aristocratico, entregue á mercê da omnipotente democracia, o principio monarchico foi mal dotado, e mal constituido n'aquelle codigo. Sem nenhuma acção sobre a democracia, porque nem veto nem direito de dissolução tinha o rei sobre a camara unica e democratica de que só constava a legislatura, a coroa deixou de ser o fiel da balança do Estado: isolada e desamparada no meio das massas demagogicas, elle não podia, nem proteger a democracia, qual é sua primeira instituição, — nem conter a aristocracia, a qual sem nexo ou interesse algum legal que a prendesse ao Estado, por necessaria reacção promovia a destruição de um systema que por odio a não tinha admittido, e por impotencia e receio a não ousava anniquilar.

D'aqui a incongruencia e impracticabilidade do codigo politico de 1822.

X

Constituição de 1826

A lei de 1826, que, proposta pelo rei e acceita pelo povo, não precisa de ficção alguma juridica para legitimamente se poder dizer de commum accordo feita e constituida pela nação e pelo soberano, além de ser a mais escrupulosamente legal em sua origem, proclamação e estabelecimento, é tambem a mais legitima das tres (e aqui digo *legitima* no verdadeiro sentido e não na irrisoria antiphrase da Santa-Alliança) pela fiel conservação dos absolutos principios do direito natural e social, pela prudente restauração das antigas bases do direito publico portuguez, e finalmente pela acertada combinação d'estes principios, e recta proporção das fórmas que a esses principios fazem estaveis e os organizam para equilibrio, ordem e harmonia da constituição do Estado.

Tomada, como em todas as outras, a base democratica, estabelecido, como sempre, o principio da representação popular, a constituição de 1826 admittiu o elemento aristocratico para modificar e moderar a força democratica, e moderar e amparar o principio monarchico, o qual assim constituido, vem a ter acção affirmativa e negativa, tanto sobre a base geral da constituição, como sobre o elemento que a modifica. E por outro lado, esse mesmo principio monarchico é de ambas as partes contrabalançado e contido pelos proprios elementos que modera e equilibra.

Esta theoria da constituição de 1826 não precisa demonstração para se ver que é exacta. Felizmente todos os bons Portuguezes conhecem e sabem quasi de cór a preciosa lei que os reconstruiu em nação: e facil será a qualquer leitor o convencer-se por seu proprio exame da exacção d'esta doutrina.

XI

Defeitos e omissões da Constituição de 1826

Mas para que o edificio social assente solido sobre suas bases, e esteja regular em suas fórmas, é necessario, além d'isso, que em si tenha as garantias de sua conservação, e os remedios necessarios para seu reparo.

N'este ponto, não só a antiga constituição tradicional escripta de Portugal, e o codigo de 1821, mas tambem a mais perfeita lei de 1826 é defectiva e omissa.

Esses defeitos e omissões precisam ser emendados aquelles e suppridas estas. A mesma lei o auctorisa, e determina o modo por que se deve fazer. Estamos actualmente em proprio tempo de o pensar, e breve teremos a possibilidade de o fazer. Cumpre chamar a attenção publica para os objectos principaes que n'este ponto se devem considerar, fixal-a nos mais proeminentes, e indicar, quanto cada um melhor entende, os meios e modos de o fazer com acerto.

Nenhuma doutrina é tam clara como a que na pratica se mostrou boa; nenhuma regra ha tam infallivel para conhecer erros e defeitos, e o modo de os emendar, como a experiencia alheia e propria, mas sobretudo a propria. Consultemos essa experiencia; seja ella, sejam nossas desgraças que nos allumiem no recto caminho de as evitar.

XII

Camara electiva: dissolução

Disse, e ninguem negará, que a base de toda a constituição representativa, especial-

mente da portugueza, e especialissimamente da portugueza qual a constituiu a Carta de 1826, é o elemento democratico. Entra principalmente este elemento na constituição pela representação popular da camara electiva. É um dos mais prudentes e acertados meios de modificação que a mesma Carta deu á coroa é o direito de dissolução d'aquella camara. Este direito porém, tam necessario, póde ser exercido com abuso e para diverso fim do que o estabeleceu a lei. E a lei é aqui defectiva, porque ao pé do direito de que se póde abusar, não poz o remedio para quando se abusar. É pois uma das primeiras e essenciaes reformas que aquella lei carece, ajuntar lhe esse proprio remedio. Porêm o remedio deve ser constitucional, isto é, deve conter-se dentro dos principios legaes que hade manter e conservar.

Não se póde portanto tirar á coroa o direito de dissolução. Nem se lhe podem pôr condições; pois quem sería juiz d'ellas, que auctoridade ha no Estado que podesse arbitrar entre a coroa e o povo? Não resta senão determinar o modo por que a dissolução deve ser feita, e auctorisar a camaaa electiva á resistencia legal[1] quando esse modo se não observar.

A Carta manda que o rei, dissolvendo a camara dos deputados, faça immediatamente convocar outra que a substitua. Se o rei cumpre inteiramente a lei, a representação nacional não cessa, e a base da constituição é conservada. Mas se elle usa só do direito que a lei lhe dá, e não cumpre a obrigação que a esse direito está annexa, a constituição foi offendida, e sua existencia posta em perigo.

Assim o vimos em 1828 quando o infante D. Miguel, valendo-se da falta de remedio com que a lei fundamental o deixava infringil-a, de facto usou só do direito e desprezou a obrigação.

Não vejo que a este perigo se possa obstar sem correr o risco da anarchia, senão declarando, em supplemento ao defeito da lei, que todas as vezes que o rei dissolve a camara dos deputados sem convocar ao mesmo tempo, e pedirei mais, pelo mesmo decreto outra nova, a dissolução da antiga camara é nulla, os deputados reassumirão suas procurações, e legalmente serão auctorisados a resistir por si, e pela nação que representam, a toda a ordem ou auctoridade que os impedir no exercicio de suas funcções.

[1] Este principio não é novo nem nascido na grande semana, como ironicamente se tem dito, mas tam antigo como a liberdade social e as leis que a regulam.

Lisongeio-me que esta minha indicação não será desprezada dos futuros representantes da nação portugueza; e que a mesma nação, convencida de sua utilidade, antes, de sua absoluta necessidade, reclamará e exigirá a incorporação d'ella na lei fundamental do Estado.

XIII

Camara hereditaria; — sua formação; — independencia; — presidencia d'ella

O elemento aristocratico, que na constituição portugueza entra para necessaria modificação da base democratica, não póde em nossas circumstancias ser estabelecido de differente modo do que a Carta de 1826 o instituiu. Uma segunda camara, uma camara de pares, de senadores, de qualquer nome que mais queiram dar-lhe, só póde ser formada ou pelo modo hereditario, ou pela eleição popular, ou por escolha do rei.

Para mim é evidente que no segundo caso a camara somente seria uma segunda representação da democracia, e de nenhum modo elemento modificativo d'ella; que no último ella sería discordante pêso na balança do Estado do lado da coroa, na qual tamanho direito assim fosse investido. E não hesito portanto em asseverar que por qualquer d'este dois modos o recto equilibrio da constituição fica destruido. Nem vejo que haja outro meio algum racionavel e que mais segure a independencia de uma segunda camara do que a regra hereditaria que constitue os pares leigos, e a quasi-hereditaria que constitue os *natos em virtude de officio*, para os pares ecclesiasticos, ou se necessario se julgar, para quaesquer outros que por seu emprêgo e não por sua pessoa n'aquella camara devam ter assento.

Para aquelles pares que o crime de alta traição não fulminou e cujas casas não formam para tam alta dignidade necessario e independente estabelecimento, é indispensavel que o Estado os dote com sufficiente renda, ou adjudicando-lhe bens nacionaes vagos por qualquer modo, ou dando-lhes desde já, e de juro e herdade, aquelles d'esses bens que em sua casa andam *ás vidas*, para n'ella tam longa e perpetuamente se conservarem vinculados quanto dure a dignidade e officio depar n'essa linha e casa.

Para a escolha dos novos pares cumpre estabelecer regras, que não limitem, mas *condicionem* a prerogativa real.

Outro defeito na lei fundamental ácêrca da mesma camara é attribuir absolutamente ao governo a nomeação do presidente d'ella.

A presidencia do senado hereditario é tamanha e tam alta dignidade, de tam importante e influente auctoridade, que não deve nem póde entregar-se assim á incondicional e absoluta escolha da coroa.

Tambem já tivemos funesta experiencia d'este erro. O rei nomeou d'entre os pares o mais qualificado por titulo, e de maiores pretenções de nascimento: succedeu que este éra inimigo, e atraiçoado inimigo, das mesmas instituições que tam alto o haviam levantado: mas forte com sua nomeação incondicional, conservou a presidencia da camara até que a destruiu; e conservaria perpetuamente se a não destruisse, para eterna confusão e incorrigivel desorganisação do systema que aborrecia, porque o governo não ousava, nem era liquido se podia ousar, demittil o de suas funcções.

N'este ponto, com a experiencia domestica que nos mostrou o defeito, devemos juntar a experiencia alheia que nos ensina o remedio. A presidencia da camara dos pares não deve ser nem propriamente hereditaria em virtude de direito pessoal, nem absolutamente da escolha não qualificada do rei; nem de nenhum outro modo se deve constituir, senão pelo que em Inglaterra e n'outros paizes em que o systema constitucional por longa experiencia está bem conhecido e organisado. Este modo, que menos inconvenientes do que nenhum outro offerece, é o de dar a presidencia da camara hereditaria ao officio e não á pessoa, a um cargo do Estado e não a cidadão algum por mais elevada que seja sua jerarchia ou dignidade. Em Inglaterra é o chanceller mór do reino que em virtude do seu officio preside á camara dos pares. Por este modo *condiciona-se* a nomeação da coroa, por que é o rei que nomeia o chanceller; mas o rei tem de nomear para chanceller um magistrado já qualificado e capaz para as funcções da alta judicatura que exerce nos tribunaes. Além d'isso fica amovivel a pessoa que é incerta, e inamovivel a presidencia que é certa no encargo.

Porque não havemos nós de seguir exemplo que tam bons documentos traz?

XIV

Camaras municipaes. — Administração

O systema de administração, o qual comprehende o municipal, e que, á excepção d'este ramo, a Carta mandou conservar como se acha em quanto por lei não fosse alterado, immediatamente precisa d'essa alteração porque sem ella não podem ser effectivas as outras disposições da Carta, nem exercer-se como devem as attribuições dos diversos poderes constitucionaes.

As camaras municipaes erradamente teem sido consideradas como corpos isolados do resto do systema. [1] Não o são nem o pódem ser. Ellas são a base do systema administrativo, em que a auctoridade da coroa, já limitando, já modificando o principio democratico da eleição popular, se junta com elle, para formar, no interesse da população geral, um corpo organisado que vigie na execução das leis, que as applique em seus pormenores, e faça applicar ás peculiares circumstancias de cada provincia e comarca e concelho, sem comtudo sair da harmonia dos principios universaes que a lei geral estabelece. Os corpos municipaes não devem nem pódem portanto estar em contacto immediato com o governo: as linhas que os unissem seriam mui longas e divergentes, e não poderiam servir de solido nexo. A experiencia egualmente o prova mais que muito E' necessario pois que, dividido o reino em regulares comarcas, em cada uma d'ellas haja um centro municipal e administrativo, que, formado pela eleição dos diversos municipios do mesmo circulo, seja presidido por uma auctoridade administrativa nomeada pela coroa, a qual assim os centralisará entre si, e os communicará por uma só recta e não interrompida nem demasiado longa linha, com o governo, de quem não depende absolutamente, mas com quem deve estar ligado o systema administrativo, e o municipal que é o mesmo.

Não é d'este logar especificar o modo por que em todas suas partes se deve organisar o systema administrativo, e o como a formação das camaras municipaes deve ser feita, para que n'elle entrem regularmente: aqui, bem como em muitos outros pontos, sou forçado por meus limites e objecto principal a tocar apenas por summos capitulos o que merecia aliás mais circumstanciada explicação.

O que vem dito basta porém para se conhecer aonde a necessidade aperta, e o remedio deve ser prompto. A cumulação da auctoridade judiciaria com a administrativa e financial, que é um dos maiores vicios da presente organisação de Portugal, ficará corrigida em se adoptando os propostos e necessarios principios. [2]

[1] A lei das côrtes de 1822, e a proposta na camara de 1826-27 mostram quam pouco e mal se concebe ainda entre nós o systema administrativo.

[2] Tanto no *Portuguez* como no *Chronista* se insistiu repetidas vezes com o governo e com as camaras para que fizessem esta necessaria reforma: as

XV

Garantias da constituição. — Reformas, etc.

Não basta porém que a architectura social seja perfeita, e suas fórmas regulares. É necessario que o povo ame a constituição, e para que a ame, a conheça. É necessario mais, que, amando-a porque a conhece, tenha meios de a defender quando atacada por traição domestica ou invasão estrangeira: e que os interesses individuaes de tal modo fiquem dependentes dos interesses da nação, e com elles ligados, que o povo saiba e sinta que quando a constituição for atacada, cada um dos cidadãos o é. D'este modo a nação toda defenderá até o derradeiro alento suas instituições, e nenhuma força humana as poderá destruir.

Varios meios estabelece a Carta como garantias dos direitos individuaes, e que tambem o são da mesma constituição: mas n'este artigo tambem a lei não é bastante explicita, e precisa declarações que, se não são necessarias á sua *essencia*, são indispensaveis para sua *existencia*.

A liberdade da imprensa é uma d'estas garantias; a publicidade dos processos, e os jurados em ambos os foros, com ella estão connexos. A instituição conservadora das guardas nacionaes ou civicas é egualmente necessaria para conservação e equilibrio da constituição. Onde a coroa tem um exercito que a nação paga, é necessario que a nação tenha um exercito, a quem não pague, porque é da essencia da força civica que ella seja voluntaria, mas do qual possa dispor quando a coroa, abusando de sua auctoridade, voltar contra a nação as baionetas que a nação para sua defeza sustenta.

O recente e glorioso exemplo da França, exemplos nossos, menos [1] brilhantes, sim, mas não menos convincentes, escusam toda a demonstração.

Das reformas e melhoramentos que são necessarios para fazer sentir, e amar e defender pelo povo a constituição, que elle não amará nem conhecerá emquanto seus bens não palpar, são as mais urgentes, a abolição dos tributos barbaros, desproporcionados e injustos, como os dizimos, a maior parte das portagens, e muitos dos direitos de consumo que só affectam as classes trabalhadoras, e bebem o suor do pobre sem dizimar a substancia do rico. Os jurados e a publicidade do fôro, e a liberdade da imprensa introduzirão a justiça nos tribunaes, e forçarão os magistrados á rectidão, ha seculos desconhecida dos povos, e cuja volta elles saberão apreciar como beneficio do systema representativo.

A instrucção publica, os melhoramentos das colonias, a protecção ao commercio, a emancipação da industria, [1] e muitos outros melhoramentos necessarios virão com o tempo, e como necessarias consequencias, que hão de ser, das principaes reformas, e essenciaes garantias, sem as quaes a constituição não existirá senão de nome, a liberdade será nulla, e a independencia nacional, precaria e arriscada, em vez de ser um bem, será o flagello do povo.

camaras porém não entendiam, e o governo nem entendia nem queria.

O relatorio do ministro Martignac á camara dos deputados de França sobre a organisação municipal etc., em 1828, merece ser estudado com a mais cabal e esmerada exposição da materia que me parece haver.

[1] Principalmente o da defeza da Terceira em 1829.

XVI

Liberdade da imprensa

Merecia a liberdade da imprensa particular capitulo. Não tractarei de seu panegyrico, nem de descrever suas utilidades, nem de prégar sua necessidade: quem, entre nós, quem deixa de conhecer tudo isto? Sem liberdade de imprensa, no estado das nações modernas [2], no systema representativo, não ha liberdade de nenhuma especie.

E a emenda ou declaração que mais precisa a Carta é no § 34 do artigo 145 em que deixa ao poder legislativo, e até em certos casos ao governo, o direito de suspender as garantias da constituição.

D'esta regra ha-de forçosamente exceptuar-se a liberdade da imprensa, sobre a qual nenhum poder do Estado deve ter acção alguma positiva ou negativa, senão a auctoridade judiciaria castigando os crimes dos que d'ella abusarem, mas de nenhum modo reprimindo essa liberdade, que nunca pode ser excessiva, nem em si propria conter crime ou abuso; o qual só é do individuo, a quem as leis devem punir, mas nunca da coisa que ellas só devem proteger porque ella as protege.

[1] A emancipação da industria não precisa senão que se execute á risca e desde logo o § 23 do art. 145 da Carta, dando por abrogados, e fazendo de facto cessar todos os regimentos absurdos de fabricas, provedores, privilegios, mesas de officios etc.; e não como em 1820-23, e em 1826-28 se fez, quando o ministerio deshonestamente violava a constituição sustentando leis e magistraturas que ella abolia, e que não precisavam nem haviam de ser substituidas

[2] A imprensa é para as modernas nações representadas, o que os Rostros eram para os antigos comicios.

O exemplo da grande nação, e nossas proprias desgraças nos devem convencer de que sem liberdade de imprensa (e jurados para seus processos) e sem guardas nacionaes (para a defenderem), a liberdade é chimerica; e todas as instituições, por mais livres que sejam, em vez de beneficio, são uma calamidade publica, um laço armado ao patriotismo, um novo instrumento dado á oppressão, um escuro traidor que só cobre os inimigos da liberdade, e a seus amigos só esmaga.

XVII

Segundo membro da alternativa: *união com Hespanha*

Não presumo ter descoberto todos os defeitos de nossa lei fundamental, nem achado todos os remedios que elles precisam. Além de conhecer muitos mais do que aqui enuncio, muitos outros haverá tambem que eu não aventei. Mas parece-me que toquei nos capitaes e essenciaes pontos, e que, estes conseguidos, ou d'elles se derivarão ou por elles se conseguirão os outros.

Assim estabelecida a liberdade, a liberdade será verdadeira e real; com esta condição não ha que hesitar para os Portuguezes na opção da proposta e forçosa alternativa. *Todos daremos o derradeiro sangue pela independencia nacional.*

Mas se a intriga estrangeira ajudada da traição domestica prevalecerem, e nos tirarem a condição sine qua non de nossa inde pendencia, ou *directamente* destruindo a constituição, ou *indirectamente* annullando a em seus effeitos, como até aqui têem conseguido [1]; então reluctantes e forçados, mas deliberadamente resolutos, só nos resta lançar mão do segundo membro da alternativa: *unir-nos para sempre a Hespanha.*

Aqui viria naturalmente o tractar do modo e condições com que a união deve ser feita para que menos pesada e mais vantajosa nos seja. Mas a esperança, a querida esperança, que ainda nutrimos e affagamos, de que não seremos constrangidos a essa extremidade, me arreda a penna do repugnante assumpto.

Praza a Deus que não seja necessario volver a elle!

Mas se o fôr, se a oligarchia nos obrigar a queimar nos altares da liberdade o palladio da independencia nacional, façâmol'o com dignidade e prudencia; nem sacrifiquemos de nossa gloria e nome antigo senão o que exactamente fôr indispensavel para evitar a servidão moderna.

Talvez uma Federação... Mas suspendamos *por ora* todas as reflexões sobre este objecto.

[1] V. nota 1 da columna anterior. Este é o abuso do governo portuguez que a nação mais deve estar prevenida para não tolerar de modo algum. D'aqui vieram quasi todas as nossas desgraças.

CONCLUSÃO

Aqui rematarei meu discurso: aqui fecharei o memorandum politico onde ha cinco annos tenho consignado, como em roteiro de mareante, os canaes e os escolhos que os bordam, os baixios e os phanaes que d'elles avisam. Nem sempre acertaria, mas sempre desejei acertar.

Oxalá que do *sincero* livro alguma utilidade venha a essa patria cujo purissimo amor, e zelo de sua gloria, arde no coração do auctor e no mais intimo o devora!

Oxalá que as honradas cans do antigo Portugal, se já não é possivel remoçal-o, vivam ao menos em honesta e respeitada velhice; nem por impiedade de seus filhos o escarneçam desalmados estrangeiros na segunda infancia da decrepitude, deshonrado dos seus, insultado de estranhos, desamparado de todos!

Praza a Deus que todos, de um impulso, de um accordo, de simultaneo e unido esforço, todos os Portuguezes, sacrificadas opiniões, esquecidos odios, perdoadas injurias, ponhamos peito e mettamos hombros á difficil mas não impossivel tarefa de salvar, de reconstituir a nossa perdida e desconjunctada patria, — de re-equilibrar emfim Portugal na balança da Europa!

CARTA DE M. SCEVOLA

AO FUTURO EDITOR DO PRIMEIRO JORNAL LIBERAL QUE EM PORTUGUEZ SE PUBLICAR

Sr. Editor:

Os Portuguezes são naturalmente soffredores e pacientes: e muito arrochada hade estar a corda com que de mãos e pés os atam seus oppressores, antes que rompam em um só gemido os desgraçados. Um murmurio, uma queixa...nem talvez no cadafalso a soltarão. Vendem-nos resignadas ovelhas! vendem-nos os desleaes pegureiros de quem nos deixâmos governar; vendem-nos, enxotam-nos para a feira a cajado, e a latido, e mordedellas dos seus mastins; e nós vamos, e nem gememos. Se um clamor de queixume, se uma voz de desconfiança acaso surde de entre o paciente rebanho, aqui os clamores de rebeldes, as alcunhas de demagogos...e a nação (o rebanho direi antes) que se resigna e soffre, continúa a caminhar para o seu exicio! Tal é, com as sós differenças de variados nomes e datas, a historia de Portugal quasi desde que a revolução ou restauração (restauração seria?) de 1640 fez da nação portugueza o patrimonio de meia duzia de familias privilegiadas e de seus satellites e parasitos.

Mas não sopremos a poeira dos annos de sobre as vergonhosas paginas de nossa historia de ha dois seculos. Basta a presente infamia e deshonra em que estamos, e que nem dos outros nem de nós proprios podemos esconder. Ha mais de dois annos que uma consideravel porção da nação Portugueza peregrina no desterro, e vaga, como raça proscripta e estigmatisada da maldição de Deus, por quasi todos os paizes da terra — ludibrio dos povos, escarneo dos reis, objecto do geral desprêso. E quem nos trouxe a tanta baixeza e vergonha? Quem nos pôz de proverbio na bocca das gentes como raça envilecida e bastarda, aberração da especie humana, que somos o asco, o enjôo, a deshonra dos nossos semelhantes? Os chefes de quem nos confiamos; a *multifária* aristocracia de todas as especies que por suas artes *veneficas* adormeceu a nação em um somno lethargico, e se lhe pôz sobre o peito como pezadello mortal, que a vexa, a afoga, e a tem no desespero da agonia, sem resolução para accordar, sem forças para se erguer, sem deliberação e energia para acabar ao menos em um derradeiro e nobre arrojo de desesperação.

Fugimos, aos milheiros, da nossa patria, sacrificamos tudo pela ingrata *Realeza*, que a taes chefes nos entregára; viemos curtir no exilio as maguas, as penurias, os desgostos, a fóme... e porque se não ha de dizer a verdade? a *fome* tambem... ou quando a matámos, foi com o pão das lagrimas e da vergonha — foi com as choradas migalhas que dos sobejos de seu lauto banquete, nos lança, como a cães, a arrogante compaixão de nossos oppressores!... E quem diria que nem assim haviamos de escarmentar; que de nossas proprias, de nossas tantas desgraças nada haviamos de aprender? Quem diria que a fatal boa fé, a *teimosa* paciencia dos Portuguezes nem assim se acabaria?

Viemos cobertos de lagrimas, muitos de sangue, todos de opprobrio, viemos padecer e gemer na terra estrangeira; e nem a terra estrangeira nos pôde ser refugio contra a dominação odiosa da aristocracia, por quem perdemos a patria. Sêcca de olhos, e sã de corpo, sem vergonha de suas infamias, nem remorso de seus crimes, atraz de nós veiu a toda a pressa, para que lhe não escapasse uma hora de oppressão, para que nem nas miserias do desterro, aos fadados portuguezes coubesse um dia de liberdade. Por artes, por astucia, por manha, por seducções dos incautos, por compra dos abjectos e venaes, eil-a que se instaura na dominação — e nos domina, maltracta e insulta, e corrompe como d'antes: e nós a soffrer. Que mais ou que menos do que isto nos tem feito os Palmellas, os Guerreiros, os Candidos, os Balbinos, os Franciscos d'Almeida, os Carvalhos, os Magalhães? Esta liga de aristocraticos e parasitos, de privilegiados e privilegiandos, foi, é, e será a nossa perda e ruina, se emfim não accordarmos para nos *libertarmos* e os *punirmos*.

Dois annos nos conduziram no deserto estes falsos prophetas com suas *columnas de fumo;* extraviando-nos por brenhas, despenhando-nos por fragas; colhendo só para si o *maná* do céu, dando-nos a nós o absyntho das gandras — ameaçando-nos todos os dias de quebrar as taboas da lei que a Providencia nos outorgára, se a elles sós não obedecessemos, e mais que a essa mesma lei não respeitassemos — alardeando a cada hora seus falsos serviços, que nunca nos aproveitaram, impedindo e desprezando os nossos para que não aproveitassem. E agora, agora quando por outro visivel favor da Providencia, pelos incontrastaveis progressos da civilisação da Europa, começamos a avistar de longe a *terra da promissão*, quaes são seus esforços agora, qual é seu empenho, aonde tendem suas machinações todas? A arredarnos, a embaraçar-nos, a semear a zizania entre nós, a desacreditar-nos, para ver se, ou nos embrenham outra vez pela esterilidade do deserto, ou nos vendem de novo ao Moabita.

E tudo temos soffrido com paciencia; e exceptuado um ou outro clamor, que logo se abafou, com um silencio e resignação, que a nossos proprios oppressores devia encher de remorsos e vergonha, se de remorsos ou vergonha fosse tal gente capaz. Temos soffrido oppressão, injuria, insulto, escarneo, calumnia — pela falsa idéa que seus mirmidões e sycofantas entre nós fizeram prevalecer de que *era preciso callarmo-nos e ter paciencia para se ganhar a causa da patria.* A nossa paciencia não faltou: mas elles que fizeram? Devoraram esse resto da substancia publica que por acaso appareceu, dividiram-n'o entre si e seus parasitos, e os *ceitiz*, que por muita mercê consentiram a nos arrojar, de vez em quando, foram chorados e mal dados, e dados quando lhes approuve, e dizimados pelas harpias, que elles engordam para nos devorar a nós.

E não bastará já de soffrimento; não nos desenganaremos emfim de que a nossa resignação só serve para os animar a novas prepotencias, e traições, e insultos? Não será tempo emfim de que nos entendamos os Portuguezes, e consultemos por nossa salvação; que nos libertemos d'este jugo de ferro e salvemos, quando menos, a honra? Não será tempo emfim de que se forme aquelle *consensus bonorum omnium,* que faça tremer e fugir estes flagiciosos Catilinas?

Sim: é tempo. Até aos Portuguezes chegará a sua hora. Até nós, nós os mais sujeitos dos escravos da terra, até nós vamos libertar-nos. É forçoso que n'esta hora solemne se diga a verdade, que se denuncie a impostura, e nos conheçamos, e entendamos uns aos outros para que novas perfidias e nova cegueira nos não tornem a submergir na miseria de que o valor do povo francez nos libertou.

E já que se não ergue outra voz em Israel, sôe a minha voz nas tendas de seus filhos. Já que outro propheta se não suscitou d'entre o povo para lhe prégar a palavra da verdade, e do desengano, eu tomarei em minha lingua o *calculo ardente* que a purifique, e soltarei a formidavel palavra Justiça. Meu estylo mal aparado e não affeito a coisas politicas, em que jámais pratiquei, correrá como o *calamo do que escreve veloz*, talvez sem arte, sem a deducção e compostura que a materia pedia: acaso, traçando os vivos sentimentos de um coração devorado de patriotismo, meu estylo perderá no grave e pausado das reflexões, pela poetica effervescencia das imagens. Embora! não o conterei.

Pela primeira vez, e tarde para meus annos, dou desafogo a sentimentos que nasceram com o meu coração, e não envelheceram com o meu corpo, nem morrerão com a minha vida. Pela primeira vez confio dos *immortaes* caracteres da imprensa os pensamentos de minha solidão: tão crús e indigestos virão elles que a meus concidadãos não aprazam? Embora! não os sei elaborar melhor.

Pacifico e obscuro membro da sociedade, tenho vivido até á velhice como estrangeiro no meio da minha patria, calado e apparentemente indifferente em suas oscillações. Calado e resignado, vim deshonrar as tristes cãs no ignominioso desterro para onde todos fugimos cobertos de sangue e de infamia. Calado e resignado tenho visto e soffrido, como os outros, a indecente arrogancia com que no lodo em que nos mergulharam, acinte nos tem calcado a desalmada aristocracia, e seus vis mirmidões. Tenho ouvido seus desprezos, os apupos de seus sycofantas; tem-me retinido nas orelhas, e chegado até os seios d'alma as descompostas risadas de seus parasitos quando nas regaladas mesas de seus Amphitriões zombam dos farrapos que mal nos cobrem, e do pão *negro* da amargura que esmolamos pelas portas, e da pallidez de nossas faces esqualidas de miseria e fome... Santo Deus! Que mais nos resta ver, e ouvir!

E tudo tenho visto e ouvido; e tudo tenho soffrido sem murmurar. Mas nem já cumpre, nem é honesto calar mais. Uma terrivel conjuração de indignos portuguezes se fórma para nos perder, e empecer os esforços do patriotismo e inutilizal-os: de longa mão se preparam para trahir a liberdade, e a patria, e nos entregar manietados nas mãos de nossos inimigos. É preciso denunciar esta cons-

piração, desmascaral-a, arrancar dos hombros infames dos escravos o manto do liberalismo com que se cobrem para nos enganar, mostrar lhes as costas *verberadas* pelo latego de seus amos, e o callo da cerviz costumada ao jugo, e que elles deante de nós entonam como se foram homens livres. E o tempo urge. A liberdade triumphante no Senna, já escala os Pyreneos, e talvez singra para o Tejo... E os parasitos, os venaes escravos da aristocracia começam a ensaiar suas artes para nos enganar, e desunir, e desvairar. A imprensa, a imprensa, que elles odeiam, e de que tremem, é em suas mãos como a espada que vacilla nas mãos do covarde assassino, symbolo da honra- arma do heroismo na mão do valente soldado, instrumento de maleficio nas do espadachim. Já pela imprensa nos propinam seus toxicos e venenos: eil-os desacreditando cidadãos benemeritos, fazendo o sordido panegyrico de seus amos, semeando entre os verdadeiros liberaes a zizania das malquerenças.

E que outra coisa tem feito ha mais de um anno seus corruptos jornaes e insidiosos libellos? Para que fim se congregou essa junta de follicularios arregimentada e assoldadada pelos Palmellas, e Balbinos? E que bem os escolheu a torpe aristocracia para o torpe mester que lhes deram; clerigos devassos, e immoraes, cujo envilecido nome figura nas listas da espionagem de Paris, e de Lisboa; desertores e denunciantes; demagogos sediciosos e ignorantes, um que de sua obscuridade sahira por fingido liberalismo, e a quem a perda *de certos bahus* e o servilismo com que lambeu os tijolos de South-Audley-Street, deram vergonhosa celebridade; outro .. Mas não enxovalharei mais a minha penna em tanta immundicie e torpezas.

Mas impugnam o despotismo. Sim, o despotismo, que os não empregar. Invectivam contra D. Miguel. Porque D. Miguel os não quiz comprar: facil se venderiam a um despota coroado quem tão barato se vendeu a despotas emigrados. Negam? Pois neguem por obra e que se veja. Em vez de calumniar e insultar a seus opprimidos compatriotas, porque não ousam accusar os oppressores? Será por escassez de materia?

Mas não ousam, porque as larguezas da embaixada cessariam, as promessas de futuros empregos seriam retiradas; e aonde iria a gralha expulsa d'entre os pavões?

Miseraveis e enganadores! Pois é D. Miguel porventura a *causa* de nossas desgraças? Não será elle sómente *effeito*, mero effeito, um dos muitos effeitos que produziu a causa que vós defendeis? Foi D. Miguel que assassinou Gomes Freire, que fez o tractado de 1810, que inutilisou a revolução de 1820, que destruiu a liberdade em 1823, que fez quebrar a Palavra Real em 1824, que trahiu o Rei e o povo em 1826? Seria D. Miguel quem da embaixada de Londres e das secretarias de Lisboa intrigou para se dar a Regencia a D. Miguel? Foi D. Miguel que chamou Lord Beresford a Lisboa para lhe entregar o exercito e destruir a Carta? Foi D. Miguel que formou, e que dissolveu a Junta do Porto? Foi D. Miguel que para insultar as veneraveis cãs do general Pizarro, para insultar tantas mil victimas da lealdade e da liberdade, entregou o commando do deposito de Plymouth a um tenente coronel só conhecido no exercito por haver combatido nas fileiras inimigas, por haver trahido tres vezes o soberano e a patria? Seria elle que de Londres ao Imperador enviou uma deputação de imbecis e traidores para tractar os mais importantes negocios do paiz? E quem a todos os emigrados quiz fazer embarcar como carga de escravatura para o Brazil, onde os poucos que se deixaram seduzir encontraram o abrigo que é notorio? Quem desamparou a Madeira e a Ilha Terceira, que só por milagre da Providencia, e por denodo do bravo Cabreira se salvou a ultima, não por nenhum esforço dos egoistas mandões? Seria D. Miguel ou a camarilha de South-Audley-Street, que tudo isto fez?

A posthuma, e mentirosa, e calumniosa representação da Junta do Porto ao Imperador do Brazil, as contas do sr. Balbino, as nunca averiguadas contas de Plymouth, as nomeações dos Renduffes e D. Francisco d'Almeida, as connivencias secretas com o principe de Polignac, a vergonhosa administração e injusta distribuição da fazenda, serão obras de D. Miguel?

E para todas estas infamias se encubrirem e soffrerem, hade-se dar por banal rasão, que os interesses da causa o pedem, que não convem desacreditar e desunir os emigrados? Mas essa immunidade é só para a camarilha, que dá dinheiro, e promette empregos. Esses são sagrados: ai de quem os toca! Ergue-se, e ladra a ensurdecer, a cafila dos scribleros venaes apenas de SS. Ex.as se diga a minima palavra menos reverente: chovem calumnias, vituperios, desaba uma cataracta de insultos, não só sobre quem tal ousou, mas até sobre qualquer suspeito.

Indignos! e que vos fez o general Saldanha para o trazer no continuo remoinho de vossas farpadas linguas? Quantas vezes vós mesmos, que hoje o insultaes, beijastes o pó deante d'elle, e vos ajoelhastes ao idolo que então tinha templos e offerendas?

Peccou não ha duvida em 1823; commetteu triste falta em 1828: mas qual homem é

impeccavel? E não foi elle o unico ministro constitucional (nem vós o ousais negar * entre tantos que nos venderam e trahiram?

Mas a camarilha suspeitou (e não se enganára em suas suspeitas) que o bravo general não estava longe de ir lavar essas maculas no sangue dos inimigos da patria, e no seu proprio.... viu que as esperanças dos bons portuguezes se concentravam todas n'elle, que para elle, como para Salvador, estendiam os braços os que em Portugal ainda gemem, os que pelo desterro peregrinamos, e até os que nas muralhas da forte Angra soffrem impacientes o jugo da mal rebuçada oligarchia: e eil-a que trata de desacreditar, e perder na opinião o unico homem, em torno do qual só se podem reunir os defensores de nossa liberdade.

Miseraveis! como vos cegou o odio proprio e a pitança alheia; vossos ridiculos esforços produzem o contrario effeito. O homem que Magalhães insultam, que Palmellas perseguem—basta-lhe o insulto e a perseguição para o purificar na opinião dos bons Portuguezes.

A opinião dos Portuguezes está formada ha muito: e a experiencia lh'o mostrará a seu tempo, a esses despresiveis servos, e a seus amos... Oh! e terrivelmente, e tremendamente para elles! Londres 4 de outubro de 1830=*M. Scevola.*

* Veja o ultimo libello publicado com titulo de *Desabafo contra alguns publicistas*, etc.

RELATORIO

DO

CODIGO ADMINISTRATIVO DE 1832

Senhor:—A mais bella, e util descoberta moral do seculo passado foi, sem duvida, a differença de administrar, e julgar: a França, que a fez, lhe deveu desde logo a ordem no meio da guerra, e aquella rapidez de recursos de homens e dinheiro, que admiraram a Europa, e mais tarde lhe deveu aquella prosperidade rapida, que foi sentida desde a Paz geral até ao dia de hoje, e aquella ordem, que a tem salvado no meio de convulsões differentes, e a tem feito apparecer melhorando sempre, e ganhando em liberdade, sem perder em força e segurança.

Os antigos presentiram confusamente aquella differença; e as diversas jurisdicções, que attribuiram aos Empregados publicos, são a prova do presentimento, e da confusão ou falta da descoberta.

O predominio das formulas juridicas se tinha manifestado sempre antes d'ella; e em todos os paizes milhares de Leis beneficas, e promulgadas para restabelecer a ordem e a paz das familias, se perverteram nas mãos dos jurisconsultos, ordinariamente avidos de solemnidades, e que nada fazem sem muito tempo, e sem despezas, que anniquilam todas as relações, que devem existir entre os meios e os fins.

Em poucas nações se fixaram os limites das jurisdicções, nem mesmo a respeito das pessoas dos julgadores; e montes de ouro se gastaram, e ainda gastam, para saber a quem pertence a decisão de certo negocio, ou de certa demanda.

Sem tratar precisamente das questões de jurisdicção contenciosa, posso dizer com verdade que entre os Portuguezes nunca foi bem definido, e por isso nunca bem sabido, o que podia fazer um General, e um Juiz; um Ecclesiastico, ou um Capitão mór: attribuições differentes eram dadas indifferentemente, e sobre o mesmo individuo eram accumuladas jurisdicções não só incompatireis, mas destruidoras umas das outras.

Era absurdo que as Camaras dependessem dos Generaes, que os Juizes fossem fornecedores, e que os Ecclesiasticos fossem administradores, e ás vezes Soldados; era absurdo que a Lei exigisse dos magistrados conhecimentos locaes, e ao mesmo tempo os retirasse, quando começavam a adquiril-os; era absurdo que os militares chamassem os julgadores, e os reprehendessem por maus fornecedores; e era absurda tanta cousa, e tanta, que a sua enumeração formaria um livro e não um Relatorio.

N'este cahos achou a Carta o malfadado Reino, e bastava o numero dos que viviam da confusão, da desordem, e da faculdade de abusar invocando as Leis, para ter surgido contra ella a cohorte de seus inimigos, os quaes poderam encobrir ao povo ignorante o mal individual, que presentiram na perda dos seus embustes, para lhe fazerem olhar como o maior dos males ao maior dos bens.

São as Leis, Senhor, que formaram o caracter dominante d'estes homens inimigos de regras geraes, em que o Reino abunda, e não reflectem estes infelizes que a desordem teria acabado tudo, se o ouro, facilmente adquirido, os não tivesse alimentado, e que estando a nação mettida na regra geral de trabalhar para existir, esta regra, ou esta necessidade deve trazer comsigo aquellas, de que fogem, e que são inevitaveis, sem estar na mão do despotismo, nem do Povo, continuar a viver como vivia, sem ordem, sem economia, e sem justiça.

Os hypocritas investidos na posse dos abusos podem, por um tempo, recorrer aos gritos banaes da Religião, e Realeza offendida, que nem as esmolas pelas terras, nem os emprestimos dos capitalistas, nem os confiscos dos ausentes, nem o progressivo empenho, e absoluta negação da fé publica, e de paga aos Empregados, são meios de finança permanentes, nem algum paiz póde existir sem um predominio do bem sobre o mal.

Os principios da Carta não offenderam a

Realeza, porque nasceram d'ella; a Religião nunca foi offendida em alguma Lei, ou Camara; mas o prospecto das inevitaveis reformas, o receio de ser perdida a mascara da hypocrisia fundaram aquelle deploravel grito, que sentem agora a maior parte dos mesmos que o proferiram.

V. M. I. veiu no meio da ephemera victoria collocar-se na frente dos fieis á Realeza, á Religião, e á Patria, e convocando a immensa maioria da Nação, vae acabar aos malvados a epocha de viver á custa da miseria publica, e mostrar aos Portuguezes, que sendo a Carta acompanhada quanto mais cedo de Leis, em harmonia com ella, elles vão a ser extremamente felizes pelo caminho da ordem, e do imperio das Leis.

Por falta d'estas Leis puderam os inimigos do bem retardar sua queda, em quanto V. M. não pesou as causas da reacção, e não tratou de as atacar, entregando-se a um estudo constante dos males, e dos remedios, e V. M. foi caminhar ao desejo de organisar tudo por modos compativeis com as Instituições, e soberanamente ao bem geral.

Mal podiam minhas luzes corresponder aos desejos de V. M., e mal podiam os meus bons desejos secundar os de V. M., apresentando aos olhos da Nação as Leis, que V. M. em razão quer dar lhe; mas tendo reflectido em tantas occasiões perdidas, e pensando que o mal do pouco acerto era individual, em quanto seria geral o bem possivel, atrevi-me a correr o risco de apresentar a V. M. os quadros geraes, que um dia, aperfeiçoados pelos conhecimentos reunidos da Nação, poderão fazer algum bem á minha Patria. Em tudo é bom começar, e se cabe ao tempo e á experiencia o aperfeiçoamento, cabe ao enthusiasmo do amor do bem o principio.

Não posso duvidar que decretos tam vastos, como são os da organisação da Fazenda, o da reforma da justiça, o do estabelecimento da Administração publica, que hoje apresento a V. M., contenham maior somma de imperfeições, do que de acêrtos; e nunca serei obstinado em os defender em suas hypotheses, mas não deixo de entender que será util a sua promulgação e conservação, e que valerá mais corrigil-os, que extinguil-os, cousa que se fôr assim, será o maior premio, que eu jámais poderia obter em paga do meu constante amor da Patria, em que nasci.

Falarei por sua ordem da Fazenda, da Justiça, e da Administração.

Emquanto á reorganisação da Fazenda, todos os principios, a que a experiencia me tem conduzido, se acham no Decreto, que proponho; e os inconvenientes, que remediará são taes, que me atrevo a esperar que será bem acolhido da Nação só por esta consideração.

Não podia continuar o velho e monstruoso Erario; não podia continuar a arrecadação depositada em pessoas de outra orbita, e não conhecidas, nem approvadas pelo Ministerio da Fazenda; não existia definida a obrigação do ministro, nem elle podia encontrar na ausencia da sua particular responsabilidade a força, que é necessaria a tam difficil emprego n'esta epocha de transtorno, e de descredito, e perante um Paiz aonde o corpo Ecclesiastico obsta á producção da materia contribuinte, e aonde o que se póde arrancar ao defecado Reino não chega para satisfazer a tres quintos das convenções; não havia credito, nem garantias de credito, e n'esta grave doença era preciso ao Governo ir á Representação Nacional buscar fiadores da mudança, que lhe é indispensavel; assim está feito o mundo; dos erros passados, e só d'elles, nascem os acertos; as Alfandegas não tinham um centro de unidade, e de intelligencia especial, e cada uma, abandonada a si mesma, fazia o que queria, ou nada; o Conselho da Fazenda, sendo um corpo moral, e não formado de pessoas especiaes d'este officio, não podia supprir, nem suppriu nunca essa falta; e quando projectou de vez em quando de dar providencias, nunca passou de commetter graves erros. O conselho de Fazenda com a cohorte dos Empregados do Erario nunca poderam achar meios de responder sobre os quesitos essenciaes de Fazenda, a quem as formulas juridicas tambem tinham invadido; era longo e raro o recebimento do Erario, e até difficil a entrada; obter conhecimentos era negocio ponderoso. O dinheiro era deslocado de d'onde devia de ser gasto, e transferido sem calculo segundo a necessidade de momento, e nenhuma fiança segurava na origem a fazenda pública: finalmente o facto mesmo da receita e da despeza, era tarde e mal sabido; tudo isto pedia remedio prompto, e n'este facto não póde haver innovação, que não seja vantajosa, e tal era o velho estado. No que proponho haverão mil defeitos, mas cabem no quadro as emendas; no velho era preciso destruir para emendar, e tam irregular era o edificio, que corrigil-o dentro do plano era impossivel. Escuso de falar da despeza comparada com a economia, a que o Decreto conduz: n'isto não pretendo fazer demonstração porque não seria acreditada a comparação, nem mesmo sei achar o termo velho; tal era a desordem!

Quanto á justiça, Portugal era um povo de juizes, jurisdicções e alçadas; e a Relação do Porto chegou a conter trezentos de-

embargadores, e a isto se addicionarmos os officiaes de justiça, e a multiplicidade de recursos, e delongas, incerteza de fóros contenciosos, crescidas despezas, e perdas de tempo, acharemos em resultado que o povo portuguez pagava a esta gente uma contribuição enorme, e procedia similhante estabelecimento da differença, que se fazia de Erario Regio, e da despeza publica, quando esta, e só esta influe na prosperidade ou decadencia das nações. O Erario tinha sempre difficuldade em achar dinheiro, porque as Leis defecavam o povo, e nunca foi achado remedio senão na multiplicidade das causas do mal; o principio de opprimir para governar não morreu com Filippe II, e governou constantemente o Reino.

Na carta foi considerada a opinião publica, e se prometteu jurados para as causas civeis e crimes; e o Decreto que proponho a V. M. é o meio de executar a mesma Carta: não posso lisongear-me que a commissão com todo o seu zelo e boa vontade, tendo conferido commigo, chegasse ao acêrto, mas o tempo irá successivamente corrigindo os erros e ensinando a resolver nas hypotheses não previstas; a pressa de substituir a Carta, e suas leis regulamentares ao systema de tudo quanto tende a oppor-se-lhe, era o predominante principio de todos os membros; é necessario começar, porque depois é mais facil accrescentar, e corrigir.

A economia, que o Decreto funda a par de ordenados miseros, e de maior independencia, e decencia dos juizes, o acabamento das leituras, e a sua substituição, o exterminio dos emolumentos, que arruinavam o melhor caracter primitivo, a alternativa de ser um magistrado cinco vezes parte antes de se fixar na magistratura, a qual necessariamente abatia tudo quanto era elevação moral, e dignidade, parecem-me principios excellentes substituidos a erros de moral, e de legislação, que toda a gente sentia; e nunca vi exemplo de ser verdadeira a maxima de Loke, quando estabelece a necessidade de alterar as leis de cincoenta em cincoenta annos, que tanto peso lhe désse, como a necessidade de alterar o systema dos juizes, e das leis de processo em Portugal; a alteração é necessaria, a substituição póde admittir innumeraveis correcções.

Quanto á administração, a materia, e a fórma são novas para Portugal, e as bases são tomadas na Legislação de França: a administração é a cadeia, que liga todas as partes do corpo social, e fórma d'ellas um todo, fazendo-as referir a elle. A justiça é a inspectora, que impede que os anneis da cadeia se rompam, corrigindo os vicios, e os abusos de todas as divergencias; por isso administrar é a regra geral, julgar é a regra particular.

A necessidade da administração, nasce das relações, e das necessidades sociaes, e a necessidade dos julgadores, nasce das fraquezas, e das molestias do corpo social; a justiça é a consequencia da administração, porque esta representa a união dos interesses sociaes, e a justiça é o meio de reprimir os divergentes, e de os fazer entrar no circulo geral, e na concorrencia do bem commum.

A primeira é a acção da communidade social, a segunda o remedio dos males, que vem atacar o bem publico; todo o individuo por mais independente, são, e bom que seja, entra no dominio da administração, e para cahir no poder da justiça é necessario que exista uma divergencia contraria ás leis, ou pelo menos é necessario que as leis sejam escuras, ou insufficientes, caso que demonstre quanto deve ser o cuidado de corrigir todas as leis, que forem em si mesmas principios de divergencia. N'esta materia importante os principios, que me guiaram, são os seguintes; e peço perdão de que seja tão longa a exposição.

A administração é o governo domestico applicado ao bem commum dos moradores, a intenção primitiva da administração é a de um bom pae de familias consultando os interessados. Sem que este regimen exista na sua pureza natural, não pode existir liberdade civil, nem fortuna publica.

O governo da Communidade, ou Municipalidade interessa a Sociedade, da qual é parte essencial, e o seu regimen, participando do governo politico e da administração geral, tem dois caracteres distinctos.

A Administração é instituida para vigiar em toda a parte as pessoas, e as cousas em suas relações publicas, afim de as fazer concorrer para a utilidade geral. Sendo a Administração o meio de execução directa da vontade publica, e por isso activa, o bem commum é o seu objecto, e o fim de seus cuidados; e a execução das Leis de interesse commum a sua attribuição geral.

As Leis administrativas são complemento da Lei organica fundamental, ou da Carta.

As Leis administrativas são Leis publicas, que prescrevem obrigações a respeito das pessoas como membros da Nação, e a respeito das propriedades como elementos de riqueza publica: a conveniencia geral é o seu elemento, a equidade o seu principio.

A Lei fundamental das garantias das pessoas e das propriedades, em materia de Administração, bem como a da organisação administrativa, é de sua natureza estavel, porque vem da regra constitucional.

As Leis regulamentares, ou os modos de executar as Leis fundamentaes podem ser alterados, mas nunca sem se consultar o interesse commum, que é o espirito da Carta, ao qual devem seguir.

O Cidadão é sempre submisso á acção administrativa.

Nenhum Cidadão tem mais direito do que outro ás vantagens communs; todos gosam as mesmas prerogativas, e supportam os mesmos encargos. Na egualdade commum não ha distincção, que não provenha da differença das faculdades pessoaes, ou dos serviços prestados.

Vir habitar um Paiz é submetter-se a seus regulamentos, e a não fazer cousa, que os contravenha: por isso os Estrangeiros são sujeitos á acção administrativa, e aos regulamentos do Paiz, como os naturaes d'elle; mas o seu direito á protecção geral não se extende ás prerogativas politicas.

Os principios directores da administração tem na Lei o seu motor; tem além d'isso por motor moral as necessidades communs, a equidade e o interesse publico da Sociedade. A Lei dá o impulso geral, e a uniformidade; a moral dirige o impulso e modifica-o.

E' nas leis que o magistrado deve aprender a moral da administração, para as observar rasoavelmente, depois de as conhecer com discernimento, para as executar com boa fé e desinteresse, e para as fazer observar com imparcialidade.

O modo do estabelecimento da administração, sendo medida politica reduzida da organisação da Sociedade, é na sua base constituida pela Carta, a qual abrange a totalidade dos estabelecimentos necessarios á vida politica da Sociedade: e por isso a lei da organisação administrativa não é mais que um desenvolvimento da mesma Carta.

A Legislação geral contempla a Sociedade em suas necessidades, e relações geraes, e não contempla as necessidades, que nascem dos interesses circumscriptos das localidades; de outra fórma a Lei é tyrannica, e o Legislador sem o saber, torna-se oppressor e injusto.

O bem commum exige que os cidadãos regulem por si os interesses locaes, porque são domesticos, e de familia; e o Legislador não póde como elles estar tanto ao alcance do que lhes convém. Se o Governo não vigia este direito, estabelece a divisão, e a escravidão pessoal; se o usurpa, adopta como principio o despotismo.

As funcções deliberativas em materia de interesse local, são signaes de confiança, e por consequencia conferidas pela escolha dos cidadãos, e naturalmente temporarias e revogaveis.

Em administração a auctoridade publica, para a execução das Leis está na deliberação e acção: a deliberação é por isso attribuida a um conselho de cidadãos, e a acção attribuida aos magistrados administrativos.

Os representantes, ou o concelho, e os magistrados municipaes, são essencialmente cidadãos habitantes do logar aonde exercitam as suas funcções, porque o seu governo é local.

Seria contra a natureza dos deveres pessoaes dos magistrados, que o mandatario da municipalidade, ou o seu magistrado, se ausentassem, porque um e outro pertencem ao publico.

A auctoridade administrativa não póde dar ordens senão para fazer executar as Leis segundo o espirito d'ellas; e como a auctoridade se manifesta pelos actos que pratica, e pelos discursos e advertencias, que publica, é responsavel por uns e outros.

Sendo o regimen do bem commum divisivel em suas applicações, cada auctoridade administrativa local é independente das auctoridades de circulo differente; mas nem por isso deixa cada uma de ter direito a concentrar se com as dos outros circulos em tudo quanto fôr relativo ás pessoas e á sociedade geral; por outra fórma haveria desintellingencia nos orgãos do corpo politico, e a falta de harmonia viria paralysar o principio vital da Sociedade civil.

Nenhum empregado póde ser encarregado de corrigir nos outros abusos similhantes aos que elle póde commetter no exercicio do seu emprego.

As magistraturas administrativas são imcompativeis com as judiciarias, e suas funcções não se pódem accumular em caso algum.

O magistrado administrativo não póde impôr ou exigir, por mais especioso que seja o pretexto, contribuição alguma, nem variar o destino, modo, ou pagamento prescripto pela vontade municipal, sem se tornar cumplice de facto publico, concussão, e lesa-nação.

O concelho administrativo póde annullar os actos dos magistrados administrativos; estes não pódem quebrantar as decisões do conselho, salvo por meio de recurso superior; mas pódem reformar os seus proprios actos, quando reconhecerem erro, irregularidade propria, ou quando houver queixa dos cidadãos.

O cidadão póde recorrer do conselho inferior para o superior, e contra a decisão da magistratura municipal para a da magistratura de Provincia.

A auctoridade administrativa é independente da judiciaria; uma d'ellas não póde

sobre-estar na acção d'outra, nem pôr-lhe embaraço, ou limite; cada uma póde reformar seus actos proprios.

As questões de attribuições e competencias de direitos que d'elles provierem, como são litigios para decidir no caso de nascerem da escuridade ou falta de Leis, é o Poder legislativo quem deve prover; no caso de abuso de execução ou ignorancia da intelligencia da Lei, compete ao Governo entender no negocio que, sendo de natureza grave, deve ser levado ao Conselho d'Estado.

As relações administrativas são civis, ou publicas: quando se referem a um interesse pessoal são civis; quando se referem a interesse entre uma pessoa e o bem commum, são publicas.

O nascimento, o casamento, a adopção a separação dos conjuges, a menoridade, a naturalisação, a morte são de ordem publica, porque estabelecem a ordem pessoal e domestica; os actos que legalisam o estado das pessoas na familia, e por consequencia na Sociedade, são de competencia da administração, estabelecida especialmente para formar, e garantir a ordem publica.

Na redacção dos actos do estado civil, o Magistrado administrativo exercita uma jurisdicção passiva.

O casamento interessa a Administração Publica, estabelecendo a ordem nas familias e sendo causa permanente da povoação.

O acto de estado civil das pessoas, e o casamento, depende das instituições sociaes e não das crenças religiosas.

A inscripção, ou matricula civica não constitue o Cidadão em relação administrativa, senão emquanto ao proprio facto da matricula: nas suas consequencias pode ser sempre objecto de litigio.

A naturalisação é um acto pessoal do individuo, a quem se refere, e cuja condição muda.

Os cidadãos devem votar-se indistinctamente á segurança e defensa commum, segundo as regras estabelecidas pelas Leis, emquanto á edade e tempo que ellas determinam, os cidadãos constituem a força publica passiva para a guarda das pessoas, e dos bens nas localidades urbanas e rusticas, e constituem a força publica activa para a defensa da Sociedade, contra os inimigos externos.

O serviço de força publica, passiva e activa é uma contribuição pessoal; cada Cidadão a deve supportar; e só se pode eximir por incapacidade physica, ou por necessidade absoluta de trabalhar a bem de sua familia; casos unicos, que não fazem a Lei rigorosamente geral.

A força publica passiva, para a guarda e segurança das pessoas e dos bens em cada Municipalidade, está nos Cidadãos que têem edade e vigôr para vigiar sobre a segurança commum de cada localidade; pelo direito de Cidadãos, nomea seus Commandantes immediatos, e fica sujeita ás Leis do seu estabelecimento. Comtudo deve prestar-se ás ordens escriptas dos Magistrados administrativos, que tiverem por fim a manutenção da segurança, e tranquillidade publica.

Nos casos de necessidade, a Lei determina, dentro dos limites da edade prescripta, e d'entre os cidadãos de cada divisão territorial, o numero dos homens necessarios para formar a força activa de terra e de mar. O numero indicado supporta a contribuição pessoal para a defeza commum, por espaço de seis annos sómente, quando não houver perigo imminente para a Patria. Quando a defeza commum não chama os cidadãos á formação da força publica activa, os comprehendidos na edade legal devem exercitar-se no manejo das armas, e nas evoluções militares.

Os cidadãos, que se acharem na edade prescripta, são obrigados a matricular-se nas suas respectivas municipalidades; nas matriculas seguir-se-ha a ordem da edade, sendo o primeiro o mais novo, e o ultimo o mais velho.

Os cidadãos que nasceram em certa municipalidade, e se ausentarem d'ella são matriculados por ordem da auctoridade, *ex-officio*, quando não justifiquem que se matricularam na da residencia. Esta regra é applicavel aos que nasceram fóra da municipalidade aonde são domiciliados.

Em caso de chamamento, a lista das matriculas é feita segundo o recenseamento da povoação de cada municipalidade, segundo os actos ou termos do nascimento, e as declarações de ausencia, e de habitação dos cidadãos extranhos a ella; mas se as listas do estado civil do anno dos nascimentos de alguns mancebos presumidos em edade propria para entrar na força publica activa se perderem, a declaração dos cidadãos paes de familias as supprirá.

A lista formada pela auctoridade administrativa é publicada, para que todos saibam d'ella, e para que se desfaçam os erros, que os prejudicam; esta lista é corrigida pelas observações dos cidadãos; e em caso de contestação a Camara julga.

Nas listas não ha distincção entre os mancebos proprios para o serviço militar, e os que o não são; a sorte decide na presença do concelho municipal quaes devem prefazer o numero exigido e côncedido pelas côrtes; mas se é designado pela sorte, algum que deve ser exceptuado, esse algum faz a sua

exposição, dando as suas provas ou testemunhas, e o concelho decide: a extracção das sortes continúa.

O cidadão designado pela sorte não póde libertar-se senão dando homem por si, nos casos, e pela fórma que as Leis determinarem.

Faltar ao dever de formar a força publica passiva e activa, é nota de mau cidadão, e não pagar a contribuição da sua pessoa a favor da defeza da nação, é fazer-se réu de culpa, cuja pena deve supportar. O cidadão que se escapar, é declarado indigno de alguma funcção domestica, ou publica.

A formação da força publica passiva e activa não é simplesmente a cooperação para uma contribuição de pessoa, mas é a combinação de elementos e circumstancias, que não consente uma escrupulosa exactidão, nem uma rigorosa justiça. Esta exactidão, e esta justiça, só estão na obrigação primitiva.

A administração tem direito de requisitar a força publica passiva, e activa, todas as vezes que a necessidade publica o exigir.

A moralidade presumida, segundo actuação dos cidadãos, é a garantia publica da probidade; e por isso será a regra de inscripção na matricula dos jurados.

As attribuições administrativas a respeito da instrucção de primeiras lettras, comprehendem o estabelecimento das escolas, e inspecção d'ellas, as instigações e as recompensas, sem comtudo constranger a liberdade do ensino, cujo exercicio é de direito natural, e cujo methodo é da escolha dos professores a respeito de todas as Sciencias e Artes não exceptuadas por leis de Universidade.

Sendo as leis as garantias da sociedade, e por consequencia da moralidade, segurança e salubridade de seus membros, cumpre que ellas superintendam as profissões, que interessem a moral publica, a segurança, e a saude dos cidadãos; mas devem limitar-se a esta superintendencia para não contradizer aquella liberdade.

Por aquelle direito natural e politico pódem os cidadãos que se dedicam ás Sciencias, e ás Artes, ou aos conhecimentos agronomicos, e industriaes, formar de seu moto proprio Sociedades, ou Academias scientificas de Artes, ou de Economia rural, Industria, e Commercio; occupando-se em commum, dos progressos dos conhecimentos humanos, das Artes, da Agricultura, da Industria, e do Commercio, fundando premios annuaes, e distribuindo recompensas, segundo o fim dos estabelecimentos; entretendo a emulação, propondo programmas, e meios de melhoramento; indicando as cousas que retardam o adeantamento da intelligencia, e da industria, lembrando os recursos, que se pódem obter, espalhando as luzes, e facilitando a sua diffusão; esclarecendo a administração em todas as medidas executivas, necessarias para se conseguir a instrucção, a subsistencia, a saude e a civilisação. Estas sociedades naturalmente livres, e independentes das Leis, quanto ao seu estabelecimento e regulamento pódem admittir cidadãos de outras localidades, e estrangeiros sabios. Os magistrados, que entrarem em taes Sociedades, serão no seio d'ellas cidadãos particulares.

A administração deve proteger egualmente a agricultura e industria: ambas são reciprocamente causas, e effeitos uma da outra.

Commercio é o termo, que designa a collecção dos commerciantes, e os effeitos, que estão em commercio.

Não ha contribuição legitima sobre a Industria e Commercio, senão quando é estabelecida em relação com o genero da Industria, ou Commercio de que se tracta: A Lei deve respeitar a liberdade do cidadão, e as suas relacões com a natureza das cousas.

Os conhecimentos de hygiene são os auxiliares da Administração publica; e auxiliar com meios de conservação e aperfeiçoamento physico e moral da especie humana.

Todo o individuo necessitado tem, humanamente falando, direito aos soccorros communs.

Os soccorros levados a casa, têem por objecto especial remediar um mal presente, ou sejam dados para manter a existencia, ou para restabelecer a saude: tudo isto tem por fim attenuar quanto ao futuro as causas, que multiplicarem similhantes exigencias.

Estes soccorros são meios de acabar os males presentes, sem favorecer a preguiça: elles exigem o mais completo discernimento na Administracão. Conduzir os homens ao amor do trabalho, e a buscar em si mesmos os recursos necessarios, e economisar para quando o tempo e as forças faltam, e as molestias e a velhice opprimem, é o aperfeiçoamento da Administração.

Estes soccorros são temporarios, a gravidade e a maior ou menor prolongação das necessidades, determinam a duração dos ditos soccorros, que podem ser dados em dinheiro, ou em especie.

Cada Municipalidade deve carregar com o peso dos soccorros conferidos dentro do seu territorio.

Para distribuir os soccorros dados pelas casas, serão estabelecidas commissões de tres membros pelo menos. Estas commissões serão renovadas todos os annos, e compostas de paes de familias, e domiciliados, nomea-

dos pelo Conselho municipal; as funcções d'elles serão exercidas gratuitamente. A Commissão deve tomar conhecimento do numero dos pobres com saude, ou sem ella dentro da Municipalidade; deve receber as declarações, as dadivas em especie ou em dinheiro, e distribuil-as, determinando a qualidade e a quantidade; visitando as pessoas que tiverem soccorros arbitrados, e submettendo no fim de cada mez ao conselho municipal um Mappa circumstanciado das sommas e objectos de que tiver disposto, bem como dos que tiver em seu poder, fazendo menção no numero dos pobres, com distincção de sexo, edade, doença ou estado de saude. O Conselho approva ou reprova; corrige, ou ratifica o Mappa, e fornece os meios para que não chegarem os obtidos voluntariamente, ou seja á custa do rendimento commum, ou do das misericordias.

Os expostos e abandonados pertencem á Administração publica da Municipalidade, para os collocar em poder das amas, e para os destinar a officios, ou trabalhos uteis. A Administração estabelece o *quantum* dos pagamentos ás amas, e faz os ajustes com os mestres ou amos. As despezas necessarias ficam a cargo das Camaras.

A Administração tem direito de punir os individuos, que, achando-se em estado de saude não quizerem trabalhar, segundo suas forças e intelligencia: as penas serão fixadas no Conselho segundo as circumstancias, e poderão chegar até ao ponto de trabalhos forçados, mas nenhuma será imposta sem que o individuo, que foge ao trabalho, tenha recebido soccorros uma vez, ou se prove que anda vadiando.

Os vagabundos d'ambos os sexos de fóra da Municipalidade serão remettidos á do seu nascimento, ou obrigados em pena da sua vadiice a trabalhar a meia paga, até que provem que estão habilitados, e que têem tido bom comportamento durante o trabalho de meia paga.

Os hospicios civis são estabelecidos para recolher os velhos com saude, ou valetudinarios de ambos os sexos, que não têem familia, nem meios de vida.

Os hospitaes são destinados para receber e tractar as pessoas de ambos os sexos, que, sendo necessitados, e não tendo familia, são atacados de molestias, de feridas graves, e de enfermidades, que requeiram cuidados de curativo especial.

Os hospicios são asylos para os velhos abandonados. Os hospitaes fóra dos casos raros são soccorros temporarios.

Os hospicios e hospitaes estarão debaixo da direcção e vigia das Camaras Municipaes, administrados por Commissões de Cidadãos domiciliados no Concelho, nomeados segundo as Leis, e compromissos do estabelecimento por um anno; estas Commissões são encarregadas do regimen economico, da admissão e alta dos individuos, da policia, do emprego dos fundos e das doações; dão conta todos os annos ás Camaras, e servem gratuitamente.

Os presos, ou detidos estão debaixo da protecção das Leis, e devem ser tractados com humanidade: a superintendencia que exercita n'elles a auctoridade administrativa é a da auctoridade tutellar, e não a de um inspector severo, e ainda menos a de um despota.

A detenção não traz comsigo mais do que a privação da liberdade com, ou sem communicação no interior da prisão, segundo a ordem ou pena do delicto. De modo nenhum poderá o preso ser privado de ver sua mulher, e seus filhos, exceptuando sómente os criminosos de parricidio, de detenção arbitraria, ou de attentado contra a liberdade da Patria, ou contra a vida do Rei ou Regente.

Sendo as casas de detenção, e as prisões logares de correcção, devem ter por objecto tornar melhores os detidos, e os presos.

A administração, o regimen e a policia das casas de detenção, e das prisões, são confiadas a Cidadãos nomeados de tres em tres mezes, pelas Camaras das terras aonde são estabelecidas, e são superintendidas pela Auctoridade local administrativa. Os cidadãos nomeados dão as ordens necessarias para a nutrição, habitação e segurança dos detidos, bem como para as medidas de salubridade, e emprego de tempo dos detidos: um dos tres visita alternativamente, e por dia, as prisões, ouve as queixas dos presos, e as formadas contra elles, e os julga, salvo o recurso para a Commissão de que faz parte. As funcções da Commissão reduzem se ao melhoramento da sorte physiea e moral dos detidos.

A conta administrativa e moral da direcção das casas de detenção, e das prisões, é dada á Camara, a qual instrue o Concelho da Comarca, d'onde a conta passa para o Prefeito, para chegar ao Governo, e ás Camaras, com as observações competentes.

As instituições são os esteios dos costumes e das Leis; tanto os primeiros como as segundas se auxiliam reciprocamente, de fórma que se não póde dizer que existe harmonia social, senão quando as Leis e os costumes formam um todo no seu estabelecimento e espirito, e quando os Cidadãos fazem de ambas as cousas unidas uma só e unica idéa.

A Administração deve animar, recompensar e honrar os Cidadãos que se distinguem

por suas virtudes, e por seus serviços nas Sciencias, e Artes, e que fazem descobertas, e se tornam benemeritos por suas doutrinas, e pela celebridade de suas escolas. A Administração póde levantar estatuas e monumentos aos Cidadãos do seu Districto, que fazem a gloria da localidade, ou da Patria, e corre com as despezas, que julgue uteis para a instrucção, para a moral e para as Leis.

A confiança entre os cidadãos é a garantia natural da segurança pessoal, da moralidade, da ordem e tranquillidade commum; esta confiança é o espirito da policia que se refere á ordem, á salubridade, e honestidade publica. Essencialmente conservadora e preservadora, a policia mantem o que é bom e acautela o mal possivel. O seu caracter é a vigilancia, e o seu fim a protecção das pessoas e das cousas. Tracta unicamente das acções, e sua auctoridade acaba no ponto em que se tracta de opiniões secretas, e só pode tomar conhecimento das opiniões manifestas, que perturbarem a paz publica. A policia nada tem com o pensamento, tem tudo com a manifestação d'elle; transtornada que seja esta divisão, está arvorada a tyrannia.

Sendo os Regulamentos de Policia os meios de execução das Leis, é força que aquelles não sejam contrarios a estas, bem como não podem atacar os direitos naturaes, e a equidade, mesmo quando as Leis os não tenham explicitamente estabelecido.

Os Cidadãos nomeados todos os mezes pela Magistratura administrativa para cada Freguezia urbana ou para determinado circulo compestre, vigiam debaixo da inspecção das Auctoridades para manter a ordem: as suas funcções são as de fazer gosar das vantagens de uma boa policia aos habitantes, sobre tudo do asseio, da salubridade e da segurança nas estradas e viagens nas ruas, caminhos, logares, e edificios publicos; conservação de monumentos, de obras publicas e construcções particulares: mas a Auctoridade administrativa póde sómente:

1.º—Dar ordens quando se tracta de precauções locaes sobre os objectos confiados á sua vigilancia e attribuições. 2.º—Publicar de novo as Leis e Regulamentos de Policia ou chamar os Cidadãos á sua observancia, informar a justiça dos delictos, que se commetteram, e perseguir os criminosos.

A Administração não vê nas pessoas de outras Religiões ou Seitas mais do que Cidadãos; porque sendo o negocio de crença opinião pessoal, nada tem com o dominio das Leis, nem ɩ as Auctoridades.

Administrativamente falando, a propriedade é publica, ou constitue os bens dos Cidadãos: a propriedade está ligada com a Administração pelo uso, pelos encargos para as despezas publicas, pelos trabalhos publicos, e pelo direito, que tem a Nação de se adjudicar a propriedade particular necessária ao bem publico, indemnisando o Proprietario.

A propriedade publica é, ou geral, isto é, da Nação, ou de certa Provincia, Comarca, ou Conselho.

A propriedade publica da Nação em geral está a cargo do Thesouro publico, para ser conservado ou adquirido: comprehende-se n'ella os Palacios do Rei, e das Côrtes, dos Tribunaes, Universidades, Museus e Monumentos publicos, as grandes estradas, os portos do mar, e as contribuições: a propriedade encerra-se n'isto somente; toda, e qualquer outra propriedade é do dominio particular. A propriedade da Provincia, Comarca ou Conselho está a cargo das respectivas administrações, e comprehende os edificios necessarios para os expedientes administrativos e judiciarios, e todos os objectos de utilidade commum; os caminhos, ruas, praças, fontes publicas, cafés, pontes, mercados, passeios, livrarias publicas, monumentos, hospicios, hospitaes, cemiterios e as contribuições, que formem as rendas das Munucipalidades

Nenhum individuo é proprietario de propriedade comum; proprietaria é a união dos habitantes: ninguem tem posse, todos têem o direito de gosar.

A Superintendencia das propriedades publicas consiste nos actos de conservação dos mesmos; a delegação d'esta superintendencia em certos individuo não enfraquece a responsabilidade administrativa.

A Lei administrativa não considera a propriedade particular como posse, ou transmissão, mas considera-a em suas relações com o uso e emprego de interesse geral: por isso regula elle as modificações dos principios geraes de direito civil, e determina a acção publica a respeito da propriedade particular: estas modificações se referem aos arvoredos, mattas, minas, pedreiras, paúes, casaes, navegação interior, applicação de aguas, producção de industria, pesca e caça.

A excavação de substancias mineraes combustiveis, fusiveis, e bituminosas de terras, e preciosidades de pedreiras de qualquer qualidade que sejam, não tem logar senão depois de aviso dado á Auctoridade administrativa, que para dar o seu consentimento toma os esclarecimentos necessarios com as pessoas entendidas na materia.

Os córtes, sementeiras, replantações, roteios de bosques e mattas não muradas, não são licitos senão com aviso e consentimento da Auctoridade administrativa.

Os Proprietarios dos paúes só os podem seccar pelo modo, e condições impostas pela Auctoridade administrativa: esta pode obrigar a seccar os paúes, se assim fôr do interesse publico.

Os proprietarios confinantes de rios navegaveis são obrigados a soffrer em suas propriedades as modificações, que o interesse commum dictar.

Ninguem se póde dizer proprietario exclusivo das aguas de um rio, ou ribeiro navegavel, ou ribeiro commum; mas todo o proprietario confinante pode, em virtude do direito commum, fazer n'elles represas, e levadas, sem comtudo desviar ou embaraçar a corrente de modo prejudicial ao bem geral, e á navegação, ou engenhos estabelecidos.

Os proprietarios de predios rusticos podem variar á sua vontade a cultura, e fabrico das suas terras, conservar as colheitas, e dispôr dos productos quer seja no Paiz, quer fóra d'elle, sem prejuizo de terceiro.

Ao proprietario é licito escolher a especie, ou ter a quantidade de rebanhos, que julgue conveniente para o fabrico das suas terras, assim como fazer pastar n'elles exclusivamente as suas manadas.

O direito de canadas, e de pastos communs não véda aos proprietarios a liberdade de taparem as suas terras. Emquanto uma terra se acha fechada não está sujeita nem ao direito de canadas, nem ao de pastos communs. O facto de tapar uma terra supplanta o sobredito direito de canadas e pastos communs ou elles sejam fundados em compromissos, ou não, toda a vez que n'estes compromissos, se não inclua a clausula expressa de não serem tapadas terras particulares.

Os Proprietarios, e Rendeiros não domiciliados no Districto, podem metter no rebanho commum, ou fazer guardas em rebanho separado, o numero de cabeças de gado, que bem lhes parecer, segundo a medida territorial determinada pelos Regulamentos, ou usos locaes.

O Proprietario ou Rendeiro pode fazer a sua colheita de qualquer natureza que ella seja com o instrumento, e no tempo, qúe mais lhe convier, comtanto que não cause damno ás propriedades visinhas.

O Proprietario, ou Rendeiro tem direito de destruir ou fazer destruir dentro da sua propriedade toda a especie de caça, que n'ella entrar, ou seja por meio de laços, ou por outro qualquer que não prejudique o fructo da terra, assim como tem o de repellir com armas de fogo a creação, que se derrame pelas searas, conformando-se todavia com o que está ordenado para a conservação da segurança publica. O Proprietario possuidor ou usofructuario póde caçar ou deixar caçar na sua fazenda não fechada, depois de colhidos os fructos; e sempre nos seus lagos, tanques, florestas, e mattas, ou terras separadas das fazendas allicias, por muros ou vallados.

Os Auctores de Escriptos de qualquer genero, os Pintores, os Desenhadores, os Gravadores, os Compositores de musica, disfructam durante a sua vida, o direito exclusivo de vender, e distribuir as suas obras por toda a Nação, ou fóra d'ella, assim como a de ceder a propriedade no todo, ou em parte, com as condições que lhe aprouverem: os seus herdeiros gosam do mesmo direito por espaço de trinta annos depois da morte dos auctores; os cessionarios só gosam d'este direito durante a vida dos auctores.

Para conservar ou apropriar uma *propriedade de industria*, declara-se á Administração se o objecto que se apresenta é de invenção, de aperfeiçoamento, ou sómente de importancia: e deposita-se, debaixo do sello, uma descripção exacta dos principios, meios, ou processos que constituem a invenção, ou a descoberta, os planos, córtes, desenhos, e modelos, que lhe são relativos, a fim de poder confrontar-se a descripção com o requerimento, e se concede o gozo exclusivo pelo tempo pedido. A Auctoridade não affiança de modo algum a propriedade, o merito, ou o bom resultado do invento.

Nenhum Cidadão póde ser constrangido a ceder a sua propriedade, senão a bem da utilidade publica, sendo todavia primeiramente embolsado do valor d'ella.

Os trabalhos publicos são de utilidade commum, destinados de sua natureza a facilitar a vida, e a promover o bem das localidades; só com este fim devem ser emprehendidos taes trabalhos, por que sendo em tal caso forçoso lançar uma finta sobre as rendas dos Cidadãos, fazer obras sem utilidade, seria commetter um roubo contra a propriedadc individual.

Os trabalhos publicos mostram a maior, ou menor civilisação dos Povos: estes trabalhos têem por objecto a utilidade geral da Nação, ou a utilidade de uma divisão territorial, ou sómente a de um terreno.

Trabalhos de utilidade geral são as estradas, ou pontes, os pharoes, os arsenaes maritimos, os palacios das Côrtes, das Universidades, e do Governo, os museus das Sciencias, e Artes, os Monumentos consagrados á memoria dos grandes homens, ou aos successos memoraveis. Trabalho de utilidade parcial, de territorio são as estradas secundarias, os rios, ribeiros, ou edificios para a collocação das magistraturas administrativas e judiciarias, os monumentos de artes, e de-

positos scientificos, e tudo que se torne propriedade local pela execução d'estes trabalhos. Trabalhos de utilidade de districto, são os edificios destinados ao alojamento das Auctoridades administrativas, e judiciarias, os caminhos, ribeiras, e ribeiros, que aproveitam o termo, os mercados, cáes, pontes, casas de detenção, e todos os trabalhos, cujo estabelecimento constitue uma propriedade commum de districto.

Os trabalhos a cargo do Thesouro Publico são ordenados pelas Côrtes; os a cargo da divisão territorial, são-no ou pelo Concelho da Provincia ou pelo da Comarca; e os cargos do Concelho, são no pela Camara. Os estabelecimentos produzidos pelos trabalhos publicos são conservados á custa da Nação, ou das localidades, segundo a Auctoridade que os ordenou.

Os trabalhos publicos são postos a concurso, seja qual fôr a natureza d'elles: o concurso é julgado segundo as ordens do Governo a respeito dos das localidades. Os Architectos, Estatuarios, ou Engenheiros, cujos projectos são adoptados, têem a execução dos trabalhos sob a vigilancia da Auctoridade publica, que mantem o cumprimento das condições dos projectos.

No caso de não bastarem os rendimentos municipaes para a reparação ou abertura dos caminhos do Concelho, os habitantes podem prover a isso com trabalhos pessoaes, mas estes trabalhos só têem logar concorrendo o livre consentimento dos habitantes da localidade. Taes trabalhos comprehendem o serviço por pessoas, por cavallos, e por carros, na rasão dos varões existente em cada familia, e da utilidade que cada um tira d'isso: os trabalhos contam-se por jornaes. São isentos de direitos os individuos, cujo trabalho habitual é indispensavel á existencia de suas familias.

O soffrimento dos trabalhos publicos é um onus temporario de visinhança: contra este onus pode reclamar-se nos casos de perda ou não gôzo em qualquer propriedade.

A propriedade commum proveniente de trabalhos publicos é, quanto á visinhança, submettida ás regras civis, que regem as propriedades particulares confinantes dos rios.

Nenhuma venda, cessão, ou troca da propriedade commum para obras publicas pode ser feita sem uma Lei, ou uma decisão administrativa.

A combinação do valor intrinseco, e do valôr eventual, fixa o valor real, e determina o verdadeiro preço da adquisição.

A arrematação sujeita á vistoria é o meio natural de fazer todas as obras e trabalhos publicos.

A economia publica não tem outros principios que não sejam os da economia domestica; a differença consiste na applicação: a natureza de ambos provém de Leis e phenomenos similhantes, e do bom senso applicado ao emprego das cousas provenientes d'esta mesma ordem.

A obrigação de concorrer para os encargos publicos é um dever sagrado para todos: ninguem se póde d'elle escusar uma vez que por falta de meios a Lei o não isente expressamente.

A obrigação de concorrer para os encargos publicos sujeita a penhora os bens de cada um, porém a penhora terá sómente logar nos rendimentos.

As contribuições resultantes d'esta obrigação são a unica renda da Nação e das Municipalidades, que não possuirem rendas em propriedades: as rendas publicas não pódem ter outra origem, nem outra causa. Todo o cidadão domiciliado por tempo de um anno tem direito ao gozo das rendas do districto.

Sómente as Côrtes e os Concelhos podem estabelecer contribuições pelo modo disposto na Carta constitucional, e nos limites que ella prescreve.

A arbitrariedade na repartição ou lançamento das contribuições é um attentado contra a propriedade, e um delicto contra as pessoas.

A acção administrativa relativamente ás contribuições está, pelo que toca á contribuição local, no seu estabelecimento, reclamação, percepção e penhora.

A contribuição sobre as propriedades materiaes, é lançada na egualdade proporcional da sua renda, deduzidas do producto bruto as despezas de conservação ou de cultura, e sem outra isenção mais que a exigida para o progresso da agricultura, ou para a utilidade geral da communidade.

A contribuição industrial é estabelecida segundo a povoação.

A contribuição pessoal ou maneio, não póde exceder o valor de tres dias de trabalho, segundo o preço local dos salarios.

As despezas administrativas são de Provincia ou parciaes de outro circulo inferior: não podem estar a cargo do Thesouro Publico, por que tem por objecto um interesse local. Estas despezas são fixas emquanto têem por objecto as necessidades ordinarias annuaes da communidade; e variaveis, pelo que respeita ás necessidades, que se não conhecem de antemão. Taes despezas são annuaes.

Quando acontece haver falta de meios para fazer face ás despezas publicas, só póde impor-se uma contribuição supplementar ás

contribuições ordenadas constitucionalmente, e sempre com precedencia da Lei.

Todas, e quaesquer contribuições, que não sejam aquellas, cuja natureza e modo as Leis estabelecem, são usurpações do direito da Soberania, attentados contra o poder Legislativo, e roubos feitos á propriedade.

Em contabilidade tudo é imperativo, pois que as relações são de tal modo dependentes umas das outras, que a menor interrupção destroe a propria natureza d'essas relações. A magistratura administrativa deve dar annualmente uma conta das despezas ao Concelho Municipal, que approva a dita conta, e persegue a Auctoridade no caso de concussão ou de prevaricação. Esta conta faz-se publica.

Não ha outra contabilidade administrativa, por que cada Concelho é uma familia composta de Cidadãos, que se governa de per si em tudo o que é relativo a seus bens, e administração d'elles; conformando-se sempre com as Leis da Nação, que são o vinculo politico de todas as povoações, cujo executor na Provincia é o Prefeito.

Por todos estes motivos proponho a Vossa Magestade Imperial os tres Decretos seguintes, n.os 22, 23, e 24. Ponta-Delgada, 16 de Maio de 1832.

OFFICIO

AO

COMMANDANTE DO CORPO ACADEMICO

Ill.mo Snr.—Accuso a recepção do officio de V. S. em data de 16 de Março proximo passado, no qual, em execução das ordens do Ministerio da Guerra de 9 do mesmo mez, me determina que declare por escripto, se prefiro continuar no exercicio de um emprego civil, para haver n'esse caso de ter baixa no Corpo Academico, a que tenho a honra de pertencer. Se eu estivesse no exercicio de um emprego civil, fosse elle qual fosse, a minha escolha estava feita, e a minha resposta prompta: Emquanto durar a guerra da liberdade e da restauração dos direitos da Rainha, eu não sou, nem quero, nem posso ser senão Voluntario Academico. —O meu caso porém é outro: eu não estou no exercicio d'emprego algum civil. Esta resposta assáz explicita, não será talvez comtudo sobejamente clara; e é do meu dever fazer-me entender bem de V. S. Ha onze annos que sirvo o Estado como Official Ordinario da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, mas ha perto de anno e meio que na qualidade de simples soldado parti para os Açôres a juntar-me ao exercito libertador. O unico favor que então pedi, e obtive do Governo foi o de me permittir que me unisse ao Corpo Academico, ao qual por outros vinculos eu pertencia já quasi desde a infancia. Julgou depois o Governo que o meu serviço era necessario na Repartição dos Negocios de Justiça, para a qual fui chamado por ordem de ... de Maio de 1832, e correspondente do Ministro da Guerra, que me mandou considerar como destacado. Ao partirmos dos Açôres para Portugal nenhuma ordem superior me mandou voltar ao serviço effectivo do corpo; mas como tambem nenhuma ordem me mandava acompanhar ás repartições civis, julguei-me livre para poder acompanhar os meus camaradas, aos quaes voltei: e com elles, como elles, arma ao hombro e mochila ás costas, tive a honra de entrar no Porto, continuando no serviço ordinario do corpo até que, por ordem vocal do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, me foi encarregada a direcção e expediente d'aquelle Ministerio. E replicando eu que era necessaria Portaria em fórma para me dispensar do serviço militar, me foi respondido pelo Ministro da Guerra, que se achava presente, que eu desde os Açôres fôra mandado considerar destacado do corpo; que nenhuma ordem me havia mandado voltar a elle, e que havia sido dobradamente voluntario e de puro zêlo todo o serviço militar que tinha feito. Isto mesmo levei então officialmente ao conhecimento de V. S. Em nenhum d'estes casos me foi mandado optar entre o serviço nas repartições civis e a honra de pertencer ao Corpo Academico. Repito que não teria hesitado um instante na opção; nem duvidaria, como não duvido agora, renunciar, não só ao exercicio de todo e qualquer emprego civil, por de mais alta categoria que fosse, mas ainda a onze annos de bom serviço e a todo o direito a um emprego obtido em concurso público, e sem favor de padrinhos, se fosse necessario conserval-o á custa da honra que eu, pôsto que indigno, prézo mais que nenhuma, a de pertencer ao mais distincto corpo do exercito libertador. Em Setembro do anno passado determinou o Governo mandar-me para um emprego de muita honra e confiança, mas que me afastava indefinidamente do theatro da guerra. E S. M. I. me fez em Pessoa a honra de instar commigo para que acceitasse. Fiz os maiores esforços e dilligencias para ser dispensado; e não o podendo conseguir dos Ministros, recorri a solicitar uma audiencia particular de S. M., na qual o mesmo Augusto Senhor teve emfim a bondade de acceder ás minhas instantes súpplicas para que me permittise o continuar a acompanhal-o na gloriosa empreza em que todos os bons Portuguezes estavamos empenhados, e a partilhar os perigos e trabalhos dos meus camaradas. Jámais me esquecerei d'esta mercê que S. M. I. se di-

gnou fazer-me, e que tanta gente solicitava então no sentido contrario. Em Novembro do mesmo anno fui mandado na qualidade de Official Maior da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, acompanhar o Ministro d'aquella repartição na missão em que, juntamente com o dos Negocios Estrangeiros, foi enviado a Londres. Abracei com gosto esta occasião de vir passar com a minha familia as poucas semanas que devia estar ausente do exercito. Mas S. M. houve por bem desonerar os primeiros encarregados d'aquella missão; e eu não recbi nem ordem nem destino algum, nem meios para voltar, nem meios para subsistir, nem determinações de nenhuma especie. Em vão me dirigi aos Ministros de S. M. tanto no exterior como no Porto: não tive resposta, e se não sou exilado ou proscripto, não sei o que sou. Foi me forçoso vir para este paiz para viver com os parcos subsidios que a caridade franceza dá aos refugiados estrangeiros: pão de esmolas que é sempre amargo, e que agora para todo o Portuguez lhe sabe de mais a mais ao travo da vergonha pelo estar comendo a salvo e no ocio, quando os seus compatriotas suam, sangram e morrem no campo da honra. Se a qualquer deve custar esta vergonha, quanto não deve ella pezar a quem soffre mau grado seu e por acinte alheio! Era necessario deduzir toda esta longa serie de factos para mostrar a V. S. a impossibilidade em que estou de dar uma resposta cathegorica ao seu officio. Á custa dos maiores sacrificios, com incalculavel perda dos meus interesses, e da minha casa, com trinta e tres annos de edade acrescentados por fadigas e dissabôres de todo o genero, pae de familia, homem de letras, costumado á vida sedentaria do estudo, valetudinario com os achaques precoces que essa vida traz comsigo, sobre tudo quando tam atravessada de desgostos, das perseguições, dos vexames, dos desterros, dos carceres, das affrontas que são em Portugal certo quinhão dos homens de letras, e que para mim foi herança que ainda me não falhou quasi desde que me entendo. Com tudo isto, e apezar de tudo isto, fui de muito bom gosto e vontade sentar praça de soldado no exercito libertador. Soldado sou: e essa é a minha unica ambição. Estar de serviço n'uma repartição publica, em que a minha pobre penna póde ser util, ou n'uma guarda com a minha espingarda, ou a uma peça com o meu morrão, tem-me sido até agora indifferente emquanto eu podésse ser o mesmo soldado, o mesmo Voluntario Academico. Direi ainda mais, porque sou liso e despréso bravatas: emquanto decentemente o pudér fazer, prefiro o genero de serviço que mais comportem a minha pouca saude e arruinada constituição. Não recuso nenhum. Mas desde que fôr preciso optar, a minha escolha, repito, está feita: e se vontades déssem azas, em vez de tão longa e fastidiosa resposta eu não daria outra ao officio de V. S., senão apresentar-me ás suas ordens com a minha espingarda ao hombro, e o meu uniforme rico de baeta azul, que preciosamente conservo e guardarei para os dias de maior gala ufano e soberbo com a consciencia de que tenho direito de o vestir, direito de que só um acto arbitrario e de prepotencia me privará, mas nunca me despirei eu voluntariamente. Muito me peza se ainda assim e com tão comprida resposta, não satisfiz ao que V. S me ordena e só me resta pedir perdão que na sua indulgencia espero encontrar.—Deus guarde a V. S.—Paris 14 d'Abril de 1833—Illustrissimo Sr. João Pedro Soares Luna—Tenente Coronel Commandante do Corpo Academico.=O Bacharel *João Baptista Leitão d'Almeida Garrett*, Voluntario Academico.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.—Vou ainda outra vez solicitar de V. Ex.ª o obsequio de uma resposta que me desengane sobre a minha posição.

Devo persuadir-me que por qualquer extraordinario desvio lhe não chegaram as minhas instancias anteriores.

Por Portaria expedida em 21 de Novembro de 1832 fui mandado acompanhar na missão diplomatica de que vinha encarregado o Ministro dos Negocios do Reino, na qualidade de Official Maior d'aquella repartição. Depois houve por bem S. M. I. desonerar o dito Ministro d'aquelle encargo: e eu fiquei em Londres sem destino, sem meios de subsistir, sem meios nem ordem de voltar, sem me ser ao menos intimado o meu Decreto de proscripção, se sou proscripto. Devo confessar a V. Ex.ª que por muito humilde conceito que de mim faça, como por todos os motivos sou obrigado a fazer—não me suppunha ainda assim tão pequeno e abjecto que merecesse do Governo da Rainha, que sempre servi com lealdade e zêlo, um abandono e desprezo tam affrontoso. Obrigou me a fome a vir para este paiz a mendigar da caridade franceza os parcos subsidios que aqui se dão aos refugiados estrangeiros. Deve ser muito grande o meu crime para receber este castigo do Governo da Rainha a Senhora D. Maria II. — Qualquer que seja a resolução de S. M., eu protesto submetter me a ella sem murmurio, mas parece me ter o direito a pedir e a receber uma. — Deus guarde a V. Ex.ª — Paris...
— O Bacharel formado em leis, Voluntario Academico.

CARTA AUTOBIOGRAPHICA

A

JOAQUIM ANTONIO DE AGUIAR

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — Reduzindo a escripto o que já tive a honra de dizer a v. ex.ª sobre a minha reclamação do deposito distrahido pelos srs. officiaes das secretarias d'estado, escolhi este modo menos formal (que v. ex.ª por sua bondade desculpará) pela vergonha que tenho de tratar, em um requerimento publico, negocio que por suas circumstancias tão pouca honra faz á primeira repartição do Estado. Talvez me devesse fazer menos melindroso e delicado a curiosa carta que hontem recebi e que junto em forma de documento [1].

Das duas reclamações que institui, é tão claro o direito, que nem o governo da usurpação m'o disputou nunca. 1.ª Os tres mezes do ordenado de official da secretaria de estado dos negocios do reino vencidos até agosto de 1828, epocha de minha honrosissima demissão, e pela dita secretaria recebidos do erario. Recusa a secretaria pagar-me esta quantia insignificante sob o ridiculo e injuridico pretexto de que o ministro da usurpação distrahira não sei que dinheiros, ou parte d'elles; dos quaes eu devia ser pago. Mas o que tenho eu com essa, ou com quaesquer outras delapidações da mesma ou parecida especie? Além de que se confessa que só parte d'esses dinheiros fôra distrahida; mas que fosse todo; é o deposito da secretaria d'estado, um deposito com sancção e garantia publica, quem me deve os meus ordenados e de quem eu os reclamo. Se o depositario publico, a quem o estado confiou as chaves do cofre, o roubou ou deixou roubar, nem o direito do depositante diminue, nem a obrigação do cofre é menos forte. Não repõe o estado as parcellas roubadas do deposito publico e geral, porque o seu administrador as roubou ou deixou roubar? Onde iria a fé publica e sagrada de similhantes estabelecimentos se taes quartadas se recebessem? — Mas não é do estado nem do seu thesouro que eu reclamo: esse já me pagou; já o official maior da secretaria do reino lhe passou recibo por mim, e para mim depositou no cofre da sua repartição aquella quantia: é do cofre, é da secretaria d'estado que o hei-de haver. Se o depositario ou clavicularios roubaram, ou deixaram roubar, a secretaria d'estado que o vá haver d'elles; a auctoridade publica que lhes preste mão forte, que use de quaesquer meios legaes que mais lhe cumpram; faça os repor e castigar: eu por mim nada tenho nem posso haver d'elles, nenhum direito para isso me assiste.

2.ª Egualmente clara, egualmente uma simples questão de deposito é a outra reclamação que faço do cofre e administração geral das secretarias d'estado e de seus emolumentos reunidos. Desde a data do meu ultimo recibo até á da minha *gloriosa* demissão (desculpe v. ex.ª o adjectivo) deve-me aquelle cofre a minha quota correspondente de todos os elementos, producto de Gazeta, distribuidos entre os officiaes que então eram das secretarias d'estado. — Se os officiaes que então eram, cuja consciencia elastica lhes comportou continuarem a sêl-o, e que muitos ainda hoje o são, tiveram o despejo de dividir entre si os meus despojos, ou (que tanto vale) de não me contar na divisão da massa geral dos emolumentos; se — o que mais escandaloso ainda é — os empregados pelo governo legitimo vieram depois e achando muito dinheiro no cofre, o distribuiram entre si sem lhes importar com os prejuizos de terceiro que até prioridade tinha no direito adquirido, e cuja preferencia seria facilmente julgada em qualquer tribunal ho-

[1] «Ill.^mo^ sr. Garrett.—Recebi ordem da junta administrativa do cofre commum, para entregar a v. s.ª a quantia de treze mil novecentos e trinta réis, importancia dos emolumentos que v. s.ª deixou de perceber nos ultimos tempos em que serviu na secretaria d'estado dos negocios do reino, antes de se estabelecer o governo da usurpação; o que participo a v. s.ª para que se sirva mandar receber a este cofre a dita quantia, ou indicar-me o logar aonde quer que eu lh'a mande.—Acredite que sou com todo o respeito. —De v. s.ª muito attento venerador e obrigadissimo creado.—*Bernardino de Sena*.—Casa do cofre, em 2 de novembro de 1833»

nesto; eu nada tenho nem posso ter, individualmente falando n'esta questão, com os officiaes que foram ou que continuavam a ser, que são ou que serão: não curo d'elles nem de seus nomes, que aliás respeito muito; mas só tenho que fazer com o cofre geral, que é um deposito publico, sanccionado, auctorisado, instituido pelo governo. Se nas anteriores e posteriores distribuições se não contou com esta divida tam antiga e tam sagrada, o cofre e a sua junta que faça repor a quem recebeu de mais; a mim não me toca nem importa fazêl-o. Seu direito salvo lhe fica, mas nem impece, nem diminue nem póde nem sequer demorar o meu, que é maior.

Tanto n'um como n'outro caso, ambos de deposito — ambos de *deposito miseravel* pelas circumstancias — acresce de mais a mais que o depositante foi forçado, não escolheu deposito nem depositario; e foi o depositario quem assim mesmo se constituiu sem me ouvir nem querer ouvir.

Além d'estas rasões singelas, que assm resolvem o caso tanto de primeira intuição, permitta-me v. ex.ª que exponha alguns outros motivos que naturalmente veem da abundancia do coração e da amargura do espirito e que todavia eu direi com a maior moderação que podér; e em verdade me será necessario grande esforço e compressão de todos os sentimentos, e uma paciencia tam calejada como a minha.

Eu fui o unico official da secretaria d'estado que logo e espontaneamente, e mal declarada a usurpação, a quem havia dois annos eu e poucos portuguezes mais faziamos guerra, abandonei o meu emprêgo, e fui em meiados de 1828 apresentar-me em Londres na embaixada portugueza (do que dou por documento o testemunho do sr. conselheiro José Balbino de Barbosa e Araujo então secretario d'aquella embaixada) e alli, primeiro que nenhum outro, e um dos primeiros seis ou sete portuguezes que emigraram, prestei obediencia á junta então installada no Porto para sustentar os direitos da corôa legitima, do que assignei auto em o livro competente. Fui depois mandado partir para o Porto pelo sr. visconde de Itabayana, que então fazia as vezes de embaixador portuguez; e não tendo logar a partida pelos desastrosos acontecimentos que terminaram aquella lucta, fui algum tempo depois mandado por ordem de sua magestade a rainha permanecer em Londres, para seu serviço: o que assim cumpri apezar de minha falta de meios, que jamais, nem com um ceitil, foram acrescentados por nenhum serviço dos que prestei, como a tantos e tam largamente se fez até sem pretexto. Desde então, no meio das privações e até da miseria, não deixei um dia só nem de trabalhar com meus fracos meios na causa commum, nem de me habilitar pelo estudo assiduo, pela leitura, pela frequencia nos estabelecimentos publicos em um paiz em que tanto ha que aprender, e pela publicação emfim de meus humildes ensaios litterarios e scientificos, para ser util á minha patria e ao serviço do estado a que me votára. Apparecendo um raio de esperança de liberdade com a proxima partida de sua magestade imperial para os Açores, immediatamente fiz todas as diligencias para me ser permittido tomar parte na expedição que se preparava contra o usurpador. Sendo acceito pelo marquez (hoje duque) de Palmella o meu offerecimento, por elle me foi logo encarregado o escrever alguns papeis que, tanto fóra como no reino, preparassem os animos para a necessaria cooperação e para o passo que ia dar-se da reassumpção da regencia por sua magestade imperial o senhor duque de Bragança. Fil-o, no meio dos clamores de muitos ambiciosos que depois tam differente clamaram, que hoje tam differente clamam! Mas este serviço, que se me promettêra (sem o eu pedir) de me ser levado em conta como o maior que se podia prestar, teve por unico premio o ser-me negado todo o auxilio dos que tam amplamente se deram então a muitos outros. E eu tive de vender até a roupa com que me cobria, de pedir emprestado, de deixar a minha familia por caridade em casa de um parente quasi tam pobre como eu, para poder ir alistar-me como simples soldado, e como tal embarcar no porão de um navio, segundo v. ex.ª testemunhou, quando tam nobre e honradamente partilhou comnosco os incommodos, as privações, os vexames e humilliações de aquella viagem de que nem quizera recordar-me.

Chamado, depois, nos Açores, do serviço do corpo academico, pelo ministro das justiças, por portaria de 27 de abril de 1831 para tomar parte nos trabalhos legislativos que então occupavam o governo, deixei a minha casa na ilha Terceira, onde ao menos tinha que comer, para ir, do mesmo modo que sempre, isto é sem subsidio, ordenado ou gratificação, para a ilha de S. Miguel onde durante dois mezes trabalhei com a assiduidade de que entre outras muitas foram testemunhas o citado ministro, s. ex.ª o sr. ministro que hoje é da fazenda e justiça, o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Magalhães, e o sr. duque de Palmella. Ahi, sem livros, sem ninguem que me coadjuvasse, sem auxilio algum, fiz eu só a lei da administração que hoje rege estes reinos; trabalho que nos limites que me eram dados, e sobre as ba-

ses (não tomadas por mim muitas) seja-me permittido dizer que ninguem mais poderia então fazer em Portugal por ser aquelle um ramo completamente desconhecido dos nossos mais habeis jurisconsultos, a que eu pela circumstancia fortuita de ter habitado longamente em França, e pela devoção especial que lhe tinha tomado, por muito tempo me tinha entregue.

Sem obter nem a recompensa de um simples agradecimento, voltei para soldado que era, e segundo tambem v. ex.ª pode testemunhar, porque outro tanto fez, com a minha mochila de soldado embarquei para Portugal, e com as armas na mão entrei no Porto no glorioso dia 9 de julho de 1832, percursor de tantos outros. Chamado algum tempo depois para organisar e dirigir a secretaria d'estado dos negocios do reino, cumpri honradamente com o que me foi incumbido, servindo sem pedir nem solicitar diplomas, em que outros andaram tam diligentes, recusando acceitar emolumento algum, por mais insignificante que fosse, e podendo dizer com a cara alta e limpa que seis mezes fui official maior da secretaria de estado dos negocios do reino sem que de um pretendente ou agraciado me viesse um cruzado novo, ou aos ministros de Sua Magestade fosse por palavra ou escripto um pedido meu, nem sequer para me assegurar no logar que nunca pedi, mas ao qual, mais do que ninguem, eu tinha direito.

N'este tempo, em agosto de 1832, e por decreto de 18 d'agosto do mesmo anno, fui nomeado vogal da commissão creada para formar o novo codigo criminal e o do commercio em que tive a honra de ser collega de v. ex.ª, que sobre todos muito prézo; e supposto ninguem faça mais humilde cabedal de seu valor, do que eu faço, não posso deixar de me lembrar, quando me vejo tam humilhado e despojado, de que mereci este conceito do governo de Sua Magestade.

Pouco depois, as difficuldades de execução que o systema administrativo encontrava nos Açores, já pela situação extraordinaria da provincia, já pela impericia ainda mais extraordinaria das auctoridades, determinaram o governo a querer tomar serias medidas sobre ellas, e se lembraram de que eu era a pessoa indicada para a ardua tarefa de as remediar, enviando-me na qualidade de visitador regio, segundo pelo marquez (hoje duque) de Palmella me foi proposto. Recusei quanto pude, porque não me soffria o coração deixar o theatro da guerra, quando as primeiras e mais difficieis crises estavam á mão. Apesar de que por Sua Magestade Imperial em pessoa me foi feita a honra de instar para que acceitasse, apesar de ser tam solicitada então qualquer commissão para fóra do Porto, resisti até á ultima; e não vendo já outro recurso, em audiencia particular que obtive de Sua Magestade Imperial, de tal modo lhe suppliquei para que me fizesse esta primeira e unica mercê que lhe rogava — e a primeira e unica que jámais pedi e obtive de principe algum — que era a de que, ao avêsso do que tantos pediam, me concedesse o não deixar de o acompanhar até ao fim da nobre empreza, que havia intentado, de libertar a patria. Jamais me esquecerei, nem circumstancia alguma me fará ingrato, do favor que então recebi do mesmo augusto Senhor, que se dignou annuir ao meu pedido; e ao qual favor devi a honra de ser testemunha, e tomar o meu humilde quinhão nos perigos e na gloria do memoravel dia 29 de setembro, que não tardou.

Nos ultimos dias de novembro, resolveu o governo mandar uma missão extraordinaria junto ás côrtes de Londres, Paris e Madrid, e por portaria de 19 do mesmo mez se me ordenou acompanhar n'ella ao ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, na qualidade de official maior da mesma repartição. Saimos do Porto atravez dos perigos que só póde imaginar quem os passou; mas poucas semanas depois, sendo dissolvida aquella missão, quando eu esperava poder regressar ao Porto, vi que, apesar de se praticar o contrario com o sr. conselheiro José Balbino de Barbosa e Araujo, encarregado da direcção da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, e que como eu acompanhára seu ministro, eu só não merecia ao governo de Sua Magestade o favor de saber o meu destino. Dirigi-me, em vão, ao que havia sido meu ministro e chefe na missão; em vão durante muito tempo ao novo ministro do reino, até que, emfim, recebi d'este ultimo, a muitos officios meus, a extraordinaria resposta que não desejo nem me cumpre agora commentar, e aqui junto para informação de v. ex.ª

Assim abandonado ao perfeito desamparo, privado de todos os meios de voltar ao Porto, privado de todos os meios de subsistir eu e minha familia, pois que, para me unir ao exercito no anno antecedente, até roupa do meu uso vendêra, doente de espirito e corpo, tive de recorrer á caridade de um amigo para obter com que passar a França a solicitar outra caridade, a do governo de aquelle paiz, que então dava algum parco subsidio aos refugiados portuguezes. Mas até esse ultimo recurso me escapava em meu segundo e novo exilio (exilio novo e de nova e desusada especie!) pois só depois de cinco mezes, e pelo generoso empenho de s. ex.ª o sr. marquez de Rezende, obtive aquella

esmola, que com apparente razão se negava a quem, como eu, parecia então um d'esses miseraveis que só desertaram da tyrannia quando perderam a derradeira esperança ou de a sustentar ou de caber com ella.

Só esta humilhação me faltava; e nem d'essa nem de nenhnma soltei jámais uma queixa, resignado a soffrer tudo e de todos.

No meio de todas estas tribulações e miserias, constando-me que partia de Inglaterra o sr. marquez (hoje duque) de Palmella, com os meios para uma expedição que de facto se tentou depois, e tam gloriosamente se levou a effeito, cuidei ver luzir-me a esperança de regressar a Portugal, e ser admittido a tomar parte em tam nobre empreza. Reiterei por escripto instancias já feitas muitas vezes de viva voz, mas que foram, como as outras, baldadas.

Por fim cessaram os subsidios francezes e aberto o porto de Lisboa para nós, pude achar quem me emprestasse os meios de transporte para voltar a minha casa. Voltei para achar quanto era meu perdido, a casa de meu pae arruinada no Porto, já pelos sequestros que de envolta com os do meu irmão mais velho (que infelizmente seguira as partes da rebellião) ahi soffreram seus bens; já pela perda do officio de sellador mór da alfandega do Porto, que ha quasi seculo fôra havido por minha familia a titulo oneroso; e nos Açôres quasi egualmente perdida a mesma casa pelos emprestimos, contribuições, donativos, aboletamentos, e mil outras vexações que durante cinco annos soffrêra para sustentar a causa da rainha e da carta.

Junte v. ex.ª a tudo isto que eu, formado ha treze annos, ha outros tantos chamado para reger no ministerio do reino a repartição de instrucção publica (sem o que, me não teria sujeitado a perder e sacrificar a minha carreira no triste officio de official da secretaria d'estado), emigrado em 1823 por minha inabalavel adhesão á causa da liberdade, fôra sujeitar-me a exercer em França o mister de caixeiro em uma casa de commercio, preferindo ganhar assim um boccado de pão com o suor do meu rosto, á vergonha de transigir com o despotismo. Acrescente que voltado a Portugal e reintegrado em meu emprego pela outorga magnanima da carta constitucional em 1826, desde logo me puz em campo, e quasi só para a defender contra milhões de inimigos; e se o testemunho concorde de amigos e inimigos é prova bastante, tanto na lisonjeira estima dos bons portuguezes, como na crua perseguição do fatal governo, precursor da tyrannia e da usurpação, como emfim na do mesmo usurpador e no decreto com que tanto me honrou e ennobreceu pelos epithetos com que me demittiu, devo crer que fiz o meu dever como cidadão e como subdito, e que fiz mais e melhor do que a maior parte d'elles.

Digne se v. ex.ª juntar mais a tudo isto, que depois de tres mezes de prisão, escapei por quasi milagre ao certo patibulo que me esperava; digne-se v. ex.ª dar um momento de attenção a tantos e tam longos trabalhos e padecimentos de mais de dez annos; e considere-me depois privado de meios de subsistencia, coberto de dividas, perdido de saude,—e vendo por fim negar-se-me até pelos srs. officiaes da secretaria d'estado o deposito sagrado de uma bagatella que nem o governo da usurpação ousou negar-me abertamente, de que, certo, me não disputou o direito: para satisfazer á qual se achou nos cofres tanto dinheiro que entre o desmesurado numero de fractores que as secretarias d'estado deram a essa divisão nas pessoas dos seus officiaes, se distribuiram só d'aquelle dinheiro, quarenta e tantos mil reis a cada um; vendo por cabo de tudo, e para mais não restar que ver, que se me nega este deposito, a que bem posso chamar *miseravel* no mais stricto sentido de direito, por estes mesmo senhores que, uns continuaram a servir a tyrannia emquanto ella os quiz, outros sempre e sem interrupção outros que só ha dois dias servem o estado, quasi todos mais modernos que eu, nenhum que soffresse os trabalhos que eu soffri, menos ainda que prestasse os serviços que eu gratuitamente tenho prestado á causa da liberdade e da rainha, e ao estado; todos elles cobertos de mercês e honrarias, desfructando, aos pares, pinguissimos empregos, muitos dobrada e mais que dobradamente cumulados,— emquanto eu vivo de umas sopas que me dão por esmola, perdi tudo na causa da rainha, e não recebo um real do seu thesouro!

Junte, pois, repito, v. ex.ª tudo isto, e deixo á sua consciencia julgar da moderação e modestia não só das minhas pretensões, mas até da linguagem em que as exprimo.

D'esta minha carta, a que, de novo digo, não dei por vergonha a fórma de requerimento, vae comprovada com documentos authenticos toda asserção que não é de facto de notoriedade publica e não controversa. V. ex.ª me fará a justiça que lhe parecer; e só lhe rogo o favor de restituir os documentos.

Deus guarde a v. ex.ª Casa em Lisboa em 3 de novembro de 1833.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. Joaquim Antonio d'Aguiar.—De v. ex.ª—C.^do^ m.^to^ v.^or^ e am.º obg.^mo^ —*João Baptista d'Almeida Garrett.*

*
* *

Senhor. — Diz João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, fidalgo cavalleiro da casa real e bacharel formado em leis pela universidade de Coimbra, que para bem de sua justiça se lhe faz necessario que pela secretaria d'estado dos negocios do reino se lhe passe por certidão o teor dos diplomas seguintes: 1.º, do decreto pelo qual, em virtude de um concurso publico a que concorreu, foi o supplicante nomeado official ordinario da secretaria d'estado dos negocios do reino em julho (ou agosto) de 1822; 2.º, do diploma ministerial que o encarregou da direcção da repartiçãp de instrucção publica no mesmo ministerio, e na mesma epocha; 3.º, do decreto pelo qual em rasão dos seus sentimentos e opiniões liberaes, foi demittido em 1823; 4.º do decreto pelo qual foi reintegrado no logar de official ordinario da mesma secretaria d'estado em agosto (ou setembro) de 1826; 5.º, do decreto a que este ultimo se refere na parte em que declara o modo da sua reintegração; 6.º do decreto pelo qual foi demittido pelo governo da usurpação em 1828; 7.º, de qualquer diploma datado desde julho até novembro de 1832, e por esta mesma secretaria d'estado expedido, que faça fé do exercicio que então teve de official maior da referida secretaria; 8.º, da portaria pela qual foi mandado acompanhar na missão extraordinaria, enviada ás côrtes de Londres, Paris e Madrid, o ministro secretario d'estado da referida repartição e na qualidade de official maior d'ella. — Pede a Vossa Magestade Imperial haja por bem mandar que se lhe passem na forma que requer. — E receberá mercê — 8 de janeiro de 1834. — *João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett.*

Senhor. — Diz João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett que em requerimento que fez pela secretaria d'estado dos negocios do reino pediu, entre outras cousas que se lhe passasse por certidão o diploma ou acto ministerial que o encarregou da direcção da repartição d'instrucção publica no mesmo ministerio, em julho ou agosto de 1822, e o de qualquer diploma que fizesse fé de haver exercido desde julho até novembro de 1832 o cargo de official maior da secretaria d'estado dos negocios do reino; e como na certidão que sobre o dito requerimento se lhe passou seja dito que não existe na secretaria d'estado diploma por que conste de nenhum d'estes dois factos, que aliás são de noteriedade publica e constante, e podem ser authenticados por um sem numero de diplomas insertos na parte official dos jornaes do governo e por que o supplicante precisa para bem da sua justiça um documento legal, e que em juizo tenha fé, assim de que exerceu estes dois cargos, como de que foi o primeiro official da secretaria d'estado que voluntariamente abandonou o serviço da usurpação, e um dos primeiros empregados publicos e dos primeiros portuguezes de qualquer classe ou condição que preferiu ir padecer os incommodos da emigração e da miseria do que quebrar o seu juramento de fidelidade ao soberano e á carta constitucional da monarchia, roga e leva de novo por este modo a sua antiga supplica a vossa magestade imperial, para que ás certidões já passadas se juntem as seguintes certidões ou attestados, tudo na melhor fórma que em direito valha, e para haverem de supprir as outras: 1.ª de como o supplicante foi encarregado da direcção da repartição de instrucção publica no ministerio do reino no acto de ser admittido a official ordinario da mesma secretaria em julho ou agosto de 1822, e continuou exercendo gratuitamente as mesmas funcções, sem interrupção, até que renunciou voluntariamente a um e outro emprego em maio de 1823, por ser repugnante á sua consciencia e principios o servir o governo absoluto, qualquer que elle fosse; nem desde essa epocha até á da promulgação da carta constitucional da monarchia, que generosamente restituiu a liberdade, o supplicante requereu a reintegração do seu logar ou qualquer outro, ou mercê alguma; 2.ª, de como o supplicante, estando no serviço effectivo do corpo academico na cidade do Porto, foi chamado pelo ministro, que então era dos negocios do reino o marquez, hoje duque, de Palmella, para a direcção da secretaria d'estado da mesma repartição, em julho de 1832, e continuou a servir o logar d'official maior d'ella até 19 de novembro do mesmo anno, em que, por portaria do referido ministerio, foi mandado acompanhar o seu ministro na missão extraordinaria de que ia incumbido junto ás côrtes de Londres, Paris e Madrid, por decreto de 18 do mesmo mez e anno; 3.ª, de como o supplicante foi com effeito o primeiro official de todas as secretarias d'estado que, renunciando voluntariamente a todo o serviço da usurpação, abandonou sua casa e emprego, e nos ultimos dias de junho de 1828 se apresentou na embaixada portugueza em Londres, e ahi com os primeiros dez ou doze portuguezes emigrados assistiu ao auto (e o assignou), que de commum accôrdo se fez nas casas da mesma embaixada e sob a presidencia do ministro

do Brazil (então agindo como ministro de Portugal) de reconhecimento e obediencia á junta installada no Porto para manter a auctoridade do senhor D. Pedro IV, então rei d'estes reinos, e a carta constitucional; não recebendo elle supplicante, além dos soccorros geraes, que em commum se deram depois a todos os emigrados, ajuda alguma de custo, segundo a muitos outros largamente se deu. E por quanto dos dois primeiros pedidos é constante e notoria a verdade, e sabida por todos os empregados na secretaria d'estado (que a não ousaram contestar nem com os mais futeis, ridiculos ou capciosos pretextos), e porquanto do ultimo pedido pode, officialmente e com plena fé publica, attestar o conselheiro actualmente nas funcções de official maior da mesma secretaria, e n'aquella epocha secretario da embaixada portugueza em Londres. — Pede a Vossa Magestade Imperial haja por bem mandar que se lhe passe como requer.—E receberá mercê.—20 de janeiro de 1834. —*João Baptista d'Almeida Garrett.*

Despacho.—Atteste querendo. Palacio das Necessidades, em 22 de Janeiro de 1834.—(Rubricado)—*Aguiar.*

PLANO DE REFORMA GERAL DOS ESTUDOS

EXTRAHIDO DA «CHRONICA CONSTITUCIONAL DE LISBOA», N.º 77, DE QUARTA FEIRA 2 DE ABRIL DE 1834

MINISTERIO DO REINO. — REFORMA GERAL DOS ESTUDOS

A commissão encarregada por sua magestade imperial o duque de Bragança, regente em nome da rainha, de propor um plano geral de estudos, de educação e ensino público, e de reforma da universidade de Coimbra, e mais academias, escolas e estabelecimentos do reino, tem emfim concluido seus trabalhos. Desde a formação dos primeiros estabelecimentos de educação, propriamente dita, para os infantes abandonados ou desvalidos—desde os primeiros rudimentos do ensino elementar nas escolas primarias até á instrucção profissional das universidades, para tudo se estabeleceram regras, e tudo foi contemplado em um grande quadro, unico, simples, uniforme. Descreveu-se todo o circulo dos conhecimentos humanos, e em seus varios segmentos se marcaram as epochas e termos de progressão para o desenvolvimento das faculdades do homem, segundo seus meios e seus fins.

Este trabalho que ha mais de dez annos occupa as vigilias do vogal secretario da commissão, que por ella teve a satisfação de o ver approvado, foi durante cinco mezes amadurecido por longas revisões, por uma discussão larga e severa, e por uma escrupulosa, reiterada e (póde dizer-se) minuciosa redacção.

Não ficam na consciencia nem sombras de receio de se não haver feito quanto humanamente era possivel para dar a esta mais *difficil* e mais *importante* de todas as reformas o grau de perfeição que cabe em cousas dos homens. O desejo, porém, de consultar ainda mais uma vez a opinião dos sabios e letrados, move a solicitar de novo o auxilio já tantas vezes pedido. Antes, pois, de elevar á real presença o resultado de tam longas tarefas, e para que não fique nenhum escrupulo de haver omittido a menor diligencia, se manda por este modo fazer pública a ordem das materias de que trata o plano geral da reforma dos estudos e educação do reino, para que as pessoas que por zêlo e interesse queiram suggerir alguma lembramço util, o possam fazer com methodo e proveito.

O plano é dividido em quatro titulos, pelo modo seguinte:

Titulo primeiro.
Cap. unico. Da educação e instrucção pública em geral.

Titulo segundo. Da organisação geral dos estabelecimentos de educação.
Cap. I. Dos estabelecimentos de educação em geral.
Cap. II. Dos seminarios nacionaes.
Cap. III. Das casas-pias.
Cap. IV. Dos estabelecimentos de educação especial.
N. B. Comprehende as instituições:
1.º De surdos-mudos e de cegos.
2.º De estrangeiros a quem é devida educação.
3.º De militares e ecclesiasticos.

Titulo terceiro. Da organisação geral dos estabelecimentos de instrucção.
Cap. I. Dos corpos ensinantes.
Cap. II. Da formação das faculdades das sciencias maiores.
Cap. III Da faculdade de theologia e direito canonico.
N. B. Comprehende todos os ramos da sciencia ecclesiastica.
Cap. IV. Da faculdade de direito civil e administrativo.
N. B. Tem por objecto formar juizes, advogados e magistrados administrativos e fiscaes.
Cap. V. Da faculdade de medicina, cirurgia e pharmacia, e de suas delegações ou escolas subsidiarias.
N. B. Ficam assim encorporados em uma só faculdade os tres ramos da arte de curar, não havendo mais distincções entre os habilitados senão as que estabelece o grau aca-

demico obtido segundo o grau de applicação e proficiencia. N'esta faculdade se estabelecem os graus de doutor, bacharel, e de licenciado (o qual ultimo corresponde a *officier de santé*, de França).

Cap. VI. Da faculdade de mathematica.

Cap. VII. Da faculdade de philosophia natural.

Cap. VIII. Da academia polytechnica militar e civil, da escola de construcção civil, pontes e calçadas, da junta de longitudes, e mais institutos annexos ás faculdades de mathematica e philosophia natural.

N. B. Por este modo, e fazendo a academia polytechnica *complementar* das faculdades de mathematica e philosophia, se deu a estas faculdades um *objecto*, um *scopo*, um fim uma applicação social que até agora não tiham, e mais pareciam instituições de *luxo academico*, do que estabelecimentos de utilidade publica e *profissionaes*.

Cap. IX. Da economia e disciplina geral das faculdades.

Cap. X. Dos collegios das artes, e suas classes.

Cap. XI. Da classe de humanidade.

Cap. XII. Da classe de elementos das sciencias physicas e exactas.

Cap. XIII. Da classe de elementos das sciencias moraes.

N. B. D'esta divisão se vê que só a parte *transcendental* das sciencias fica nas universidades para *habilitação profissional*; e que a parte *elementar* e preparatoria é consignada aos estabelecimentos communs, e não *profissionaes*.

Cap. XIV. Da economia e disciplina geral dos collegios das artes.

Cap. XV. Das escolas geraes secundarias.

N. B. Comprehendem o ensino das linguas mais necessarias, e dos rudimentos mais vulgares, e precisos das sciencias, e das letras, e do desenho linear.

Cap. XVI. Das escolas geraes primarias.

N. B. N'estas se manda ensinar, a ler, escrever, grammatica portugueza, a moral christã, e a moral social, (e nas escolas do sexo feminino os lavores proprios d'elle).

Cap. XVII. Dos institutos especiaes.

Cap. XVIII. Das academias de pintura, es cultura e architectura.

Cap. XIX. Do conservatorio de musica e arte dramatica.

Cap. XX. Das escolas de agricultura.

Cap. XXI. Das escolas de commercio.

Cap. XXII. Dos conservatorios das artes uteis, ditas mecanicas.

Cap. XXIII. Do instituto oriental de Lisboa.

Cap. XXIV. Da economia e disciplina geral dos institutos especiaes.

Cap. XXV. Das escolas normaes.

Titulo quarto. Do governo, administração e disciplina de todos os estabelecimentos de educação e instrucção.

Cap. I Do conselho geral de instrucção publica.

N. B. Este conselho deve substituir, com muito maior alçada, a antiga junta da directoria geral dos estudos.

Cap. II. Das delegações de conselho geral de instrucção publica.

N. B. Para uniformar e centralisar a direcção do ensino, extinguem-se todas as inspecções particulares que a experiencia mostrou damnosas, e se estabelece o systema das delegações que partem de um só ponto, e para elle só convergem.

Cap. III. Do governo e administração particular das universidades.

Cap. IV. Do governo e administração particular dos collegios das artes.

Cap. V. Do governo e administração particular dos institutos especias.

Cap. VI. Das congregações academicas e dos claustros plenos.

Cap. VII. Do governo e administração particular dos estabelecimentos de educação.

Cap. VIII. Dos commissarios geraes dos estudos nas provincias.

Cap. IX. Dos visitadores do conselho geral.

Cap. X. Do magisterio nacional.

Cap. XI. Da regencia das cadeiras por substituição, e dos oppositores.

Cap. XII. Do provimento das cadeiras.

Cap. XIII. Da graduação e precedencia dos membros do magisterio nacional.

Cap. XIV. Dos honorarios, gratificações, e jubilações, dos empregados no magisterio nacional.

N. B. Para mais habilitar a profissão de mestre, designa-se como *honorario*, e não como *ordenado* a pensão que lhe dá o estado por seu util exercicio.

Cap. XV. — Das matriculas dos estudantes nas escolas geraes.

Cap. XVI. Das matriculas dos estudantes nos collegios das artes e nos institutos especiaes.

Cap. XVII. Das matriculas dos estudantes nas universidades.

Cap. XVIII. Das regras geraes que se hão de observar nas matriculas.

Cap. XIX. Da frequencia dos estudantes não matriculados.

N. B. Todas as aulas que não são da primeira infancia se mandam abrir liberalmente para todos, de maneira que o cidadão que só deseja *instruir-se*, e não póde, ou não quer habilitar-se, tenha meios de o fazer.

CAP. XX. Dos premios.

Cap. XXI. Dos graus academicos, e dos licenceamentos e habilitações.

Cap. XXII. Das vantagens e preferencias concedidas aos graduados academicos e mais habilitados pelos institutos e escolas do reino.

Cap. XXIII. Da composição dos estabelecimentos de educação e instrucção, e de sua collocação e distribuição pelas cidades, villas, e aldeias do reino.

Cap. XXIV. Da fazenda, e da folha litteraria.

Cap. XXV. Do monte-pio litterario.

Para maior facilidade e regularidade da administração se juntam á (o projecto de) lei as seguintes tabellas:

Tabella A. Demonstrativa dos honorarios, gratificações, jubilações dos membros do magisterio nacional; e dos ordenados dos empregados subalternos em sua administração.

Tabella B. Demonstrativa da graduação e precedencias dos membros do magisterio nacional.

Tabella C. Demonstrativa dos emolumentos que se hão de pagar pelas matriculas, cartas, certidões, e provimentos.

Tabella D. Demonstrativa da formação, collocação, e distribuição dos diversos estabelecimentos de educação e instrucção pelas cidades, villas e aldeias do reino.

Tabella E. Demonstrativa da despeza por orçamento de cada estabelecimento e ramo de ensino.

A estas tabellas se junta um mappa geral comparativo da despeza, *por orçamento em grande*, dos estabelecimentos propostos, com a despeza dos antigos estabelecimentos.

N'este mappa se vê que propondo-se grandes estabelecimentos, bem dotados, com vantagens nunca dadas em Portugal aos mestres, com o ensino público de todas as sciencias, artes, officios, espalhados por todo o reino, e mais ampla e profusamente do que em nenhum paiz da Europa: orçando-se a despeza, com segurança, para muito mais do que ella effectivamente ha de ser, e certamente muito mais do que ella será n'estes ultimos dez annos,—todavia *esta despeza proposta é ainda menor* do que até aqui se fazia com os imperfeitos e absurdos estabelecimentos que havia, e que gastavam ao estado muito mais de meio milhão.

Sala da commissão da reforma geral dos estudos em o 1.º de abril de 1834.—*João Baptista de Almeida Garrett.*

CARTAS A AGOSTINHO JOSÉ FREIRE

Ill.mo e ex.mo sr. — Tendo de partir para o meu destino, vou rogar a v. ex.a um pequeno favor que espero merecer-lhe. V. ex.a bem vê, pelo meu desejo de sair de Portugal n'uma epocha em que toda a carreira das ambições está aberta aqui, que eu só procuro fugir de todas ellas e viver em paz: pois bem facil me fôra escolher bandeira de partido e ser tambem ambicioso. Esta garantia que dou tam segura que só quero na paz do meu gabinente occupar-me de meus estudos e ser util á patria julgo dever merecer alguma coisa ao governo de sua magestade imperial e a v. ex.a

O que peço unicamente é que v. ex.a me dê uma ordem para que á minha passagem por Londres se me pague o tempo vencido desde o meu despacho para eu não ir soffrer privações e longos apuros. Tambem peço uma licença por tres mezes para, depois de ter organisado a minha pequena legação e consulado, ir a França estudar certas coisas práticas e aperfeiçoar os meus longos trabalhos sobre administração publica e de fazenda, de que ha muitos annos me occupo, e com que espero ser de muito grande utilidade á minha patria. V. ex.a lembrar-se-ha que eu fiz na ilha a lei da administração que hoje rege, e que este estudo é portanto um dos meus mais constantes cuidados.

E tam pouco, tanto de tarifa, o que peço, que julgo poder já agradecêl-o a v. ex.a, como sinceramente faço e de todo o C., protestando que com a maior estima e consideração sou — De v. ex.a c.do e am.o antigo e obg.mo — Junho 12, 1834. — *J. B. de Almeida Garrett.*

Ill.mo e ex.mo sr. — No momento em que recebi a regia portaria de 26 do corrente ia embarcar o resto da minha bagagem a bordo do *Royal Tar*, que ha oito dias está a partir para Londres e no qual ha mais de quinze tenho arranjado a minha passagem. Este ultimo facto testemunhará a v. ex.a o ex.mo sr. ministro da fazenda. Permitta-me v. ex.a que acrescente que a commissão da reforma dos estudos de que sua magestade imperial me fez a honra de encarregar-me só foi dissolvida a 19 do corrente, e só hontem pude fechar e ultimar seus livros, que a meu cargo estavam como vogal e secretario d'ella. Tambem pedirei licença para lembrar-lhe que o meu passaporte e mais titulos só a 18 do corrente me foram expedidos.

D'estes simples factos verá v. ex.a que eu tinha prevenido as suas ordens; e peço lhe que acredite que sinceramente as desejo cumprir. Seguram-me que partiremos ámanhã á noite; e assim levarei um dia ou dois adeantados sobre o paquete de 29.

Deus guarde, etc., 26 de junho de 1834. — *João Baptista de Almeida Garrett.*

Ill.mo e ex.mo sr. — Com a unica demora dos poucos dias indispensaveis de ficar em Londres para ter a honra de fazer a minha côrte a sua magestade britannica, segui directamente a Bruxellas. Desde ante-hontem fiquei acreditado para com o governo belga, e hontem fui publicamente recebido por suas magestades, com quem tive a honra de jantar publicamente em côrte. Por aquella occasião, e previamente auctorisado, fiz entrega a sua magestade a Rainha da carta particular de que se havia dignado encarregar-me sua magestade Imperial a senhora duqueza de Bragança, e que, de sua magestade a Rainha dos Belgas, sube depois, continha outra de Sua Magestade fidelissima.

Tanto El-rei como a Rainha expressaram, não só a mim em particular, mas alta e publicamente, sentimentos de verdadeira estima e affeição para com as pessoas de sua magestade fidelissima e de suas magestades imperiaes, e não menos de admiração pelos heroicos feitos de sua magestade imperial o duque de Bragança regente em nome da Rainha, assim como do mais vivo interesse pela causa nacional portugueza.

As extraordinarias attenções e civilidade com que o governo de sua magestade tem sido honrada na pessoa do seu humilde representante, muito superiores certamente ao meu caracter publico e categoria, devem do-

bradamente penhorar o animo de sua magestade imperial o duque Regente, a quem e á nação portugueza são dirigidas. E rogo a v. ex.ª se digne de assim o elevar ao conhecimento do mesmo augusto senhor. E não exagero certamente quando digo a v. ex.ª que o nome de sua magestade imperial é aqui objecto do maior respeito, e para muitos de um quasi religioso enthusiasmo.

Tenho tomado todas as disposições para desempenhar devidamente o principal objecto de minha missão, procurando encaminhar d'aqui algum commercio para os nossos portos, e informando com individualidade e exacção o governo de sua magestade de quanto possa interessar nos.

Um caminho de ferro que já quasi cruza o paiz e deve chegar em breves dias á Prussia, ha de ser de grande importancia para o nosso commercio com o interior da Allemanha, que por Hollanda e Hamburgo se fazia com mais que dobradas despezas, risco e delongas do que por aqui se fará.

Desde já posso assegurar a v. ex.ª que se entrassemos em alguma convenção a respeito de lanificios belgas e vinhos portuguezes (de segunda e terceira qualidade sobretudo) não só se concluiria com facilidade, mas seria levado a consideravel effeito. As producções industriaes d'este paiz excedem desmesuradamente todo seu consummo e extracção interna e externa; faltam-lhe absolutamente mercados. E agora, que quasi se pode dizer elle existe n'uma perfeita isolação commercial com ambos os mundos, era de certo o opportuno momento — talvez a *occasião calva* que não voltará — de fazermos um arranjo commercial com elle. Segundo as instrucções vocaes de v. ex.ª recebidas á minha partida, tenho já sondado o terreno, e quasi posso afiançar que se poderá fazer muito. Lembro porém a v. ex.ª, que apesar das apparencias, póde de um dia para o outro apparecer aberto o Scalda; e então mudará tudo de figura.

Posto que, se não interpretei mal as intenções do governo de sua magestade, a minha missão pouco tem de politica além d'aquella geral e constante intenção conciliadora que nossos mutuos interesses e communhão de principios demandam, é todavia indispensavel que en tenha alguma norma de proceder mais explicita, porquanto a posição do governo da Rainha no actual estado da Europa, e a minha para com os representantes de algumas potencias não é sem difficuldades, nem de causa ordinaria.

O corpo diplomatico n'esta côrte compõe-se de um ministro (enviado extraordinario e ministro plenipotenciario) de Inglaterra; de um encarregado de negocios interino de França (na ausencia do conde de La Tour-Maubourgh, ministro de segunda ordem); um encarregado dos Estados Unidos da America do Norte; um dito de Austria, outro de Prussia. Esperam-se os de Hespanha e Brazil todos os dias. Fiz hoje a minha visita de chegada aos ministros inglez, francez e americano; mas só deixei bilhete com o meu nome, sem qualificação official, aos de Austria e Prussia. O que estou certo merecerá a approvação de sua magestade imperial pois era, creio eu, o unico meio civil de evitar todo compromettimento.

A transcendente importancia europêa da posição d'este paiz faz com que a sua residencia seja, sem questão, ao menos actualmente, a melhor escola diplomatica que existe. V. ex.ª conhece, melhor do que eu, que aqui se cruzam agora os interesses e as pretenções das duas grandes secções politicas em que de facto estava ha muito dividida a Europa, e de *direito*, se é propria a expressão, o ficou agora pelo tratado da quadrupla alliança. No meio e em tôrno d'elles giram os das potencias menores, anciosos, a maior parte, de se chegar a nós. Para qualquer mediocre observador, se sua posição lhe fornece os meios, não póde haver campo de maior ou melhor instrucção. As mesmas grandes côrtes não o podem offerecer nem egual. Demais, o estado de intimidade em que forçosamente se vive n'uma terra menor e de menos distracções, augmenta a vantagem. Estas considerações, sobre muitas outras, me levam a propor a v. ex.ª que me parece da maior utilidade para o serviço que para aqui viessem alguns addidos, não tanto para me auxiliar, como para estudar e habilitar se para maiores desempenhos. A existencia de algum empregado d'essa ordem dará, além d'isso, mais decente apparencia á legação; e se viermos a alguma negociação (como espero) póde ser de summa utilidade, pois lisonjeará, não só o governo (o que menos importante é) mas a opinião do paiz. Como todos os povos novamente independentes, e mais que todos, este que ha seculos perdêra toda a nacionalidade, a nação belga é extremamente ciosa e desconfiada de toda a apparencia de menos-preço e *facilima* de levar, e (se é licita a expressão) de *seduzir* com qualquer ostentação de deferencia e consideração. Este *fraco* (que me parece de aproveitar) os leva a estar sempre comparando o actual proceder das potencias a seu respeito, com o que havia sob a dominação hollandeza. Então tinhamos aqui uma missão grande e rica, hoje é mais pobre de todas. Acredite-me v. ex.ª que está longe de mim a menor consideração pessoal. Simples e frugal em todos

os meus habitos, emigrado durante dez annos, com pouco vivo, e estou satisfeito além dos meus desejos, do que o governo me arbitrou; mas não hesito em asseverar, e a experiencia me justificará, que a nação ha de perder centuplicadamente com a economia que ora se fizer n'estas missões (ainda nas mais pequenas como a minha) cujo principal objecto, segundo entendo, é chamar as relações de povo a povo, de industria a industria. Nem supponha v. ex.ª que eu d'aqui quero tirar motivos para lhe pedir augmentos dos meus ordenados ou categoria. Nada d'isso ambiciono. Vejo porém que é indispensavel ter alguem como addido secretario e ser alguma coisa mais abonada para renda de casa em que decentemente colloque a legação. Tudo isto é insignificante e não vale talvez 500$000 reis. D'este modico pedido verá v. ex.ª que é zêlo unicamente de serviço e utilidade publica o que me move a falar n'um assumpto, aliás desagradavel para mim, e que muito repugna a meus habitos e caracter.

Tambem devo prevenir a v. ex.ª que tenho de crear completamente a legação e todo o estabelecimento consular, porquanto o cavalheiro Lima levou comsigo para Paris, livros, sellos, archivos e tudo. Esta deliberação d'aquelle ministro, que (segundo elle me escreve) assentou sobre julgar elle que, á separação dos dois paizes, a antiga legação do extincto reino dos Paizes Baixos deve ser *continuada* legitimamente na futura legação de Hollanda, e não n'esta, tem sido aqui objecto de estranhas observações. Repetidas vezes sondado sobre o assumpto, com visivel resentimento, tenho-me evadido a toda a resposta explicita: o que vejo que se pretende saber é se esta deliberação do cavalheiro Lima foi tomada por ordem ou de accôrdo, ou com approvação do governo portuguez. Parece, é verdade, que sendo a Belgica a primeira das duas fracções do antigo reino dos Paizes Baixos, que entra em relações comnosco, e que, segundo os Belgas allegam, ainda no momento em que toda a Europa era contra nós, o facto nos auxiliava com homens,

AGOSTINHO JOSÉ FREIRE

meios, e até alguns adeantamentos, devia se n'essa primeira que devesse continuar-se a serie da antiga communicação, e não que estivesse o material e archivos da legação portugueza esperando em paiz estrangeiro que o governo hollandez deixe de ser nosso inimigo (segundo é de todo o coração) e que quando for bom prazer de el rei Guilherme, sejam então levados á Haya, *como* e *se* aquelle soberano se resolver a reconhecer a rainha fidelissima e o governo de sua magestade imperial. Isto interpretam aqui desfeita e menos-preço injusto e ingrato da nossa parte. Eu geralmente tenho dito, no maior *vago* que posso, que ainda não pude occupar-me da legação e de seus archivos, e que sobre isso espero resolução de sua magestade imperial. A qual resolução rógo muito instantemente a v. ex.ª me queira enviar.

Sei n'este momento com certeza, que apesar das tentativas do pretendente hespanhol, a chancellaria austriaca está muito disposta a entrar em relações com o governo de sua magestade catholica. *De la on ira vers vous*, acrescentou o informante, cujo nome em outra occasião direi a v. ex.ª

Deus guarde a v. ex.ª Bruxellas, 30 de Julho de 1834.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. Agostinho José Freire, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros.—*João Baptista de Almeida Garrett.*

....

Neste systema belga, que tomou, como o nosso de 1832, a base franceza, ha todavia combinações taes, e em sua discussão appareceram idéas tam luminosas, que entendo seria de grande proveito e auxilio para as côrtes portuguezas (que forçosamente se hão de occupar de eguaes materias) o ter amplo conhecimento do que aqui se tratou; tanto mais quanto o systema da administração provincial, a propria unidade provincial administrativa é nova, ignorada entre nós, e quasi absolutamente peregrina tambem a idéa de um centro commum dado ás municipalidades, ainda dentro de menores districtos do que a provincia. Se v. ex.ª julgar que vale a pena communicar ao sr. ministro dos negocios do reino esta minha lembrança, com ordem de sua magestade colligirei immediatamente e coordenarei meus apontamentos e observações aqui feitas, e lhes darei o nexo e desenvolvimento necessario para podêrem servir aos trabalhos do governo, se elle quizer, ou offerecer propostas legislativas ás côrtes, ou dar sobre a materia providencias regulamentares. O profundo estudo que n'este assumpto tenho feito, provado pelos *unicos* trabalhos portuguezes que sobre elle existem e que foram a base do decreto de 16 de maio de 1832, e a plena certeza que o governo de sua magestade não póde deixar de ter do meu zêlo e assiduidade, me fazem esperar que elle se dignará acceitar este serviço que offereço.

Não merece menos attenção e estudo a organisação fiscal d'este paiz, cujo systema, formulas e funcções todas estão de certo mais aperfeiçoadas que na mesma França, d'onde vieram. Sobre elle tenho egualmente colligido, e continúo a colligir, documentos e informação. E com ordem, mas sobretudo com *indicações positivas* do governo, enviarei um trabalho regular e seguido.

Não creio: que paiz nenhum civilisado da Europa esteja no caso de fornecer melhores exemplares em todo o genero de administrrção do que este. Situado ao pé da França, d'onde lhe vieram os elementos de toda a sua organisação actual; perto de Inglaterra, e em taes e tam intimas relações com ella que as sympathias francezas se modificam visivelmente em tudo pelo contacto, aliás comarcão da Allemanha, litteralmente da Prussia — typo absoluto e unico em muitos generos de administração —; ha pouco separado de outro notavel povo, a Hollanda; a Belgica é como o centro de um grande e variado circulo de civilisação, cujos raios todos para elle convergem. Assim deve a Belgica á sua excellente administração o ter um exercito no melhor pé de bons 50:000, tres tribunaes de segunda instancia, um de cassação; uma organisação administrativa (propriamente dita) completa; vastos estabelecimentos scientificos, litterarios, de ensino, de educação; uma arrecadação fiscal egualmente completa; tribunaes e inspecções commerciaes; e poder sobre tudo isto applicar vastas sommas para obras publicas, e até para estabelecimentos de mero ornato e quasi luxo nacional.

Todos estes motivos me levaram a fazer, por intervenção de v. ex.ª, aquellas propostas sobre as quaes aguardarei as ordens de Sua Magestade.

Egualmente renovo a v. ex.ª as mais fervorosas instancias e rogos para que se digne auctorisar-me mais positivamente a respeito de alguma convenção commercial, que intimamente estou convencido poderiamos formar com a Belgica, com grande vantagem de nossa industria agricola. Mas agora e já, segundo em meu officio n.º 1 de 30 do passado tive a honra de expor a v. ex.ª, seria o verdadeiro, talvez o unico momento. Um dos grandes escoamentos da industria fabril d'este paiz eram as colonias hollandezas da India, que lhe são ora fechadas. Não seria

possivel offerecermos-lhes nós alguma vantagem nos mercados das nossas colonias de Africa e Asia?

Eis aqui os principaes productos fabris da Belgica: Lanificios desde a primeira até á derradeira sorte, pannos, baetões, baetas, *castorinas*; algodões de côr, estampados, brancos; ferragens; vidros; linhos manufacturados (que são todos os pannos que obteem entre nós a falsa denominação de Hollanda), de Barbante, de Courtray; e que desde o mais fino, chegam até ao que chamamos brim da Russia, mais commodos ainda que elle em preço, e superiores em dura e qualidade.

Tenho tido varias reclamações de officiaes e soldados que voluntariamente ou por inválidos deixaram o serviço da Rainha; e segundo entendi que o devia fazer, as dirigi á commissão de Londres.

Espero ter definitivamente organisado, para o futuro correio, a organisação consular, que submmetterei á approvação de sua magestade imperial.

Deus guarde, etc., Bruxellas 5 de agosto de 1834.—*João Baptista de Almeida Garrett.*

Ill.^me^ e ex.^mo^ sr. —Confiado na benevola intercessão de v. ex.ª, e na esperança de que uma vida, não longa ainda, mas toda inteira votada á causa da minha patria, da sua liberdade e illustração, ha-de merecer alguma contemplação ao governo de sua magestade, vou pedir uma pequena e insignificante mercê, que todavia para mim é grande.

Reduz-se unicamente a que o desconto do pequeno adeantamento que me foi feito em Lisboa se não faça sobre os meus pagamentos futuros como membro do corpo diplomatico, e me seja antes encontrado, de uma vez e na sua totalidade contra a divida de meus ordenados vencidos como official da secretaria d'estado, na emigração e em campanha. Tantos motivos me assistem para pedir e esperar este favor, que ouso confiar não serão desattendidos de v. ex.ª Doze annos (aliás dez) de emigração pela causa da liberdade, uma assidua e provada applicação litteraria, minha vida toda passada ou sob a proscripção ou nos carceres, duas vezes encarcerado, duas privado por longos annos de todo emprêgo, o confisco de meus poucos bens,—uma familia a meu cargo, a saude perdida—e sobretudo o tenuissimo de meus ordenados actuaes, a par de uma despeza que tenho receio v. ex.ª julgue exagerada por mim, mas que de certo o não é, —tudo são rasões que muito confio, tantas e tamanhas como são, hão-de sobejar para tam pequeno pedido. V. ex.ª sabe muito bem que o desconto ordinario é pela quinta parte dos pagamentos; portanto toda a economia do thesouro se reduziria a ser elle embolsado, em cinco annos de pagamentes diplomaticos (que não são *cinco annos naturaes)* da somma de um conto e quinhentos mil réis, i. é, 300$000 cada anno. Ora esta quantia, insignificante para o thesouro, é enorme para mim, que depois de tantas perdas, estou n'um paiz estranho, longe de todos os meus recursos, opprimido ainda das dividas de tam longa emigração e em todo o sentido arruinado. Se v. ex.ª juntar a tudo isto que a fazenda nada perde na transacção, lisonjeio-me que todas as difficuldades serão removidas.

Certo, é um paiz barato a Belgica; mas a côrte é, como todas, carissima; e, apezar da triste villan figura com que sou obrigado a representar o governo de sua magestade por meus estreitos limites, não sei como poderei occorrer ainda ao mais stricto necessario. Não dou de jantar, ando a pé, sou o meu proprio secretario, e em muitas cousas o meu proprio creado: mas posso eu deixar de ter uma casa decente, de acceitar os convites da côrte, e de fazer as mil e uma despezas que absorvem tudo?

Só as correspondencias com os officiaes e soldados que estiveram ao nosso serviço (e de que todos os dias recebo um numero immenso) me fazem um gasto de que v. ex.ª se espantará.

Antigo companheiro de infortunio e honrados padecimentos, v. ex.ª olhará de certo para a minha sorte com equidade, e me fará este favor, que julgo merecer.

Antes de sair de Lisboa consumi em pagar as minhas principaes dividas todos os avanços recebidos: e com viagens, e principio de arranjo de casa e da legação, estou reduzido a viver de credito. Rogo a v. ex.ª com a maior instancia que attenda a tam precaria situação. Desde o mez de fevereiro que data o imperial decreto de minha nomeação, já levo vencidos mais de dois quarteis, e nada recebi ainda.

Entre a nomeação e a partida, o governo sabe muito bem (e sua magestade imperial me fez a honra de acceitar com louvor, e approvação os documentos) de quanto votado foi todo o meu tempo ao serviço publico na organisação das importantes reformas de todos os estabelecimentos de instrucção e educação do reino. Outro menos zeloso teria abandonado (á sombra da nomeação para esta côrte) um trabalho improbo que tarde será avaliado. Eu não quiz evadir-me: e sacrifiquei tudo á utilidade—remota que ella venha a ser—da minha patria, e á satisfa

ção, que por fim tive, de depositar nas augustas mãos do libertador da geração presente um codigo completo de instrucção, o unico meio de assegurar a liberdade da geração futura portugueza.

Se mais não tenho por mim, tenho ao menos, e de certo, provas não communs de zêlo, assiduidade no serviço, e de inabalavel lealdade e devoção pela causa da civilisação da patria, que é da nossa augusta soberana, e do regente e regenerador de Portugal. Ap... *(rôto)* — (se tanto mereço) pelo favor de v. ex.ª estes motivos me valerão a benevolencia de sua magestade imperial e do seu governo.

Deus guarde, etc. Bruxellas em 8 de agosto de 1834.—*João Baptista d'Almeida Garrett.*

A 22 de agosto, ao mesmo ministro:

A minha posição n'esta côrte se torna dia a dia mais difficil pela absoluta falta de instrucção e até de noticias.

Sobre todas as medidas commerciaes, ou que affectam o commercio, sou a miudo perguntado e não sei responder.

Persegue-me uma quantidade de inválidos, munidos de guias passadas por Carbonell, que os auctorisam a haver subsidios de mim; e eu, nem meu nem do estado, tenho um centimo que lhes dar. E quando o tivera, ignoro o que e o como devo fazer.

Rogo muito encarecidamente a v. ex.ª se digne dizer-me quaes são as determinações do governo de Sua Magestade a este ultimo respeito; e, a ser do seu agrado pôr alguns fundos á minha disposição para occorrer a estas reclamações.

Tómo egualmente a liberdade de pôr na presença de v. ex.ª que tendo já vencido sete mezes dos meus ordenados, ainda nada recebi; e começam a crescer sobre mim as dividas e os crédores, com grande mortificação para mim e pouco credito do governo de sua magestade, que tenho a honra de representar.

Já tive a honra de representar a v. ex.ª a absoluta impossibilidade de viver n'este paiz, tendo uma casa, com o pouco que o governo resolveu arbitrar-me: de novo rogo a v. ex.ª se digne dar um momento de attenção á triste e precaria posição em que aqui me vejo a todos os respeitos.

Só as cartas de reclamações, que de toda a parte recebo, montam a uma somma avultada em portes. Parecerá impossivel mas é certissimo que não basto eu só, trabalhando zelosamente, para satisfazer a esta desagradavel e pesada correspondencia; e que fui obrigado a tomar um escripturario, que estou pagando, ou mais exactamente, que está esperando que eu lhe venha a pagar quando tiver com quê.

Estas razões todas me fazem pedir muito instantemente a v. ex.ª se digne nomear-me um addido-secretario, pois me parece mais util que seja um subdito de sua magestade quem utilise do emprego que forçosamente deve ser exercido por alguem, e não cabe em forças humanas que eu só possa com o trabalho.

Reiterando todos os meus pedidos dos officios anteriores, accrescento muito especialmente o de instrucções commerciaes e relativos á navegação, alterações na legislação e regulamentos de portos, na moeda, e outros de que vagamente aqui ouço falar.

Em 2 de setembro ao mesmo ministro:

Já tive a honra de annunciar a v. ex. em meus officios precedentes, e particularmente no de 22 d'agosto pp. n.º 3, que me via perseguido por uma quantidade de soldados estropiados que obtiveram baixa de serviço da Rainha por taes, e que sendo portadores de guias assignadas por Carbonell, n'essas mesmas guias expressamente se lhes recommenda de se presentarem á auctoridade portugueza do domicilio que escolherem para suas reclamações. Não ignora v. ex.ª que estes homens e suas pretenções foram appoiadas pelo governo belga, que o commissario do governo da Rainha em Ostende, Abreu, tomou sobre si occorrer a tam fortes reclamações e que com auctorisação da commissão de Londres, lhes pagou 1 franco por dia para seu sustento, emquanto não recebia decisão do governo de sua magestade.

Este commissario me escreve emfim em 24 do mez passado, dizendo-me que era chegada a resolução definitiva de sua magestade, e remette-me por copia um officio de v. ex.ª ao thesouro publico em data de 12 de julho, e outro do conselheiro do mesmo thesouro, Gomes de Castro, dos quaes deprehendo que o governo de sua magestade decidira prover á subsistencia dos estrangeiros fulano e fulano, mostrando elles authenticamente que se acham inhabilitados para todo o trabalho.

Posto que os officios referidos tratem só de tres nomes, o dito Abreu deu guias a quatro estropiados, segundo me avisou, e além d'esses quatro, já depois se me teem apresentado doze, todos em identicas circumstancias, todos munidos de authenticos documentos e com certidões de juntas de saude que os declaram inhabeis de todo o serviço e trabalho.

A todos estes homens pagava até-qui o dito Abreu em Ostende 1 franco por dia

com os fundos que recebia da commissão de Londres, e a todos elles suspendeu esse pagamento em 25 de agosto ultimo.

Publica pela intimação do dito Abreu, e pelos jornaes, a decisão do governo de sua magestade, munidos de seus papeis, estes homens cairam sobre mim reclamando os soccorros concedidos. As auctoridades belgas recusam dar-lhes todo o auxilio ainda da mais estreita caridade, já porque muitos d'elles são desertores hollandezes e prussianos, já porque persistem em sustentar que seu natural e unico protector é a rainha fidelissima por cuja causa derramaram elles o seu sangue e se impossibilitaram uns de ganhar o pão, outros até de jamais voltarem a seu paiz, onde, como desertores que são, os esperaria a ignominia e o patibulo.

N'estas apertadas circumstancias e perseguido dos clamores d'estes infelizes, das instancias das auctoridades e do brado (pouco decoroso para a nação e governo portuguez) da opinião geral, resolvi a tomar sobre meus hombros a carga que o dito Abreu lançou de si, dizendo que á minha installação em funcções, todas as suas tinham cessado, e que ia partir para Londres. Em logar, porém de 30 francos por mez, como elle pagava, reduzi o subsidio a 25, ao menos que pude. Espero que esta minha resolução forçada (porque outro arbitrio me não restava) terá a approvação de v. ex.ª.

N'esta mesma data officio ao nosso ministro em Londres para requerer da commissão de Londres os meios necessarios de cumprir com o promettido. Muito bem sabe v. ex.ª que eu não tenho fundos alguns do governo, nenhuns meus: de quasi oito mezes que já venci de meus ordenados ainda não recebi nada; não tenho nem para pagar ao padeiro, e vi-me necessitado de recorrer á boa fé d'um banqueiro d'este paiz para poder pagar a bagatella dos subsidios d'estes soldados. Eu confio que a commissão de Londres (ou quem quer que hoje faz suas vezes) acudirá a esta urgente precisão por honra do governo: mas rogo instantemente a v. ex.ª queira fixar positivamente a regra do meu proceder a este respeito.

Os soldados que até agora se me apresentaram, devidamente legalisados são doze, e um cabo; mas sei que ha muitos mais, cujas reclamações espero a toda a hora.

Dois d'estes inválidos são cavalleiros da a. e m. n. ordem da Torre Espada do v. l. e m., e reclamam tambem a sua venera e diploma que lhes foi promettido.

Junta remetto a petição de um d'elles para esse effeito. E julgo do meu dever avisar a v. ex. que todos os *decorados* estrangeiros se queixam amargamente de que as suas decorações foram sómente annunciadas na Gazeta e que, tantas vezes promettidas, nunca se lhes deu venera nem diploma. Sobre tudo isto se fazem commentarios pouco decentes sobre o governo de sua magestade, tanto na boa sociedade como pelo povo.

A ausencia de el-rei e da rainha dos Belgas, que ainda continuam em Flandres, tem suspendido quasi todas as relações officiaes ordinarias. Por este motivo não pude ainda installar os vice-consules nos postos respectivos na falta do exequatur régio.

Renovo as minhas instancias para a remessa da legislação commercial ou que affecta o commercio. Não tenho nem um regulamento consular. Supplico uma decisão sobre os archivos d'esta legação que se acham em Paris. Rogo a v. ex.ª algumas instrucções que me guiem O novo ministro dos negocios estrangeiros tem manifestado o maior desejo de entrarmos em uma convenção commercial. El-rei a deseja muito egualmente, e ponderou elle mesmo que as nossas vastas colonias de Africa podiam ser um grande mercado para a industria belga já acostumada ao tráfico do oriente, e com vantagem immensa das duas nações. Permitta-me v. ex.ª que lhe repita quanto urge decidir alguma coisa a este respeito, pois que a França, toda poderosa aqui, a Inglaterra não menos, e os Estados Unidos da America do Norte nos tomam o passo; e será tarde quando se queira tratar alguma coisa. Espera-se aqui um ministro de Hespanha, cuja missão principal é tambem mercantil, e o do Brazil, que ha tres dias chegou, se occupa, e com proveito, de obter vantagens do mesmo genero.

Dos fabricantes e negociantes belgas recebe amiudadas perguntas sobre as alterações que ultimamente se teem feito nos direitos das alfandegas, dos portos, na moeda e mil outras coisas em Portugal, sobre productos, communicações, etc., etc. — e peja-me e peza-me dizer que nada sei nem posso dizer positiva e officialmente, pois nem de v. ex.ª nem da real junta do commercio recebi ainda uma linha ou um impresso.

Dou pois respostas vagas, evasivas, e procuro animar quanto posso os emprehendedores a tentar alguma coisa para dar impulso ás relações commerciaes que tam importantes podem ser. Mas é necessario, e exige-se por todos, dados e noções positivas que muito peço a v. ex.ª queira mandar fornecer-me.

Por esta occasião rogo tambem a v. ex.ª se digne elevar á augusta presença de sua magestade uma particular súpplica minha em que o meu coração e toda a minha existencia estão empenhados.

Ha algumas semanas que recebi o terrivel

golpe da morte de meu pae, e do total abandono de minha mãe e familia Tendo tentado em vão prover d'aqui mesmo a tantos e tam complicados negocios quantos me incumbem por este penoso acontecimento. Mas dessenganado de que em tal distancia será im possivel, muito humilde mas muito instantemente supplico a sua magestade imperial a graça de tres mezes de licença para ir a Lisboa tratar do arranjo da minha familia.

São aqui tam poucos os negocios, que a minha ausencia em nada póde prejudicar o serviço; e ouso contar sobre uma favoravel decisão a este meu pedido, muito principalmente se v. ex.ª, segundo muito encarecidamente lh'o rogo, se dignar interessar-se por mim. Mas o motivo é tam justo, direi ainda tam santo, que julgo dever estar certo de ser attendido.

O meu deploravel estado de saude não me dá mais força: v. ex.ª me desculpará.

Ill.mo e ex.mo sr. — Recebi hontem, pelo correio de terra, a circular, sob n.º 4, em que v. ex.ª me annuncia haver sua magestade imperial o senhor duque de Bragança, obrigado pela lamentavel e gravissima enfermidade que o affligia, declarado a sua impossibilidade de exercer a regencia, e que em consequencia as côrtes geraes e extraordinarias da nação haviam declarado maior a sua magestade fidelissima a rainha reinante; e que emfim a mesma augusta senhora havia assumido o sceptro e começado a entender na administração de seus reinos.

Immediatamente fiz parte a sua magestade o rei dos belgas d'estes importantes acontecimentos. Profundamente afflicto pelo motivo doloroso que trouxe estes grandes successos, inda me restava todavia até hoje alguma debil esperança de que Portugal não tivesse de chorar tam prompto a deploravel perda de seu augusto e magnanimo libertador. Mas as folhas inglezas, que n'este momento acabo de receber, me tiraram toda a esperança.

Queira v. ex.ª depor aos pés da rainha nossa augusta soberana, o sincero testemunho da minha dor verdadeira, e fazer-me a honra de lhe beijar a mão em meu nome, renovando os protestos da minha firme e provada lealdade.

A lamentada morte de sua magestade imperial, q. e. s. p. descansa, tem sido n'este paiz verdadeiramente sentida como a de um principe generoso e sabio que, havendo dado a liberdade a seus subditos, não poupou sacrificios para lh'a reconquistar depois, restituindo o throno a sua augusta filha, e consolidando mutuamente, e uns pelos outros, os principios que nunca deveram achar-se em opposição, da auctoridade legitima do principe e da justa liberdade dos povos.

Não devo todavia occultar a v. ex.ª que as mudanças na administração, originadas por aquelle fatal acontecimento, foram vistas com a maior satisfação por todos os partidos, em rasão de agoirarem d'ellas mais segura e prompta consolidação de um systema prudente e avisado, que, sem empecer ao progresso interno, nos reconcilie todavia com as potencias estrangeiras, que nos olham ainda com muita desconfiança.

O embaixador de Inglaterra, o ministro de Austria, e o encarregado dos negocios interino de Prussia, que aqui teem estado, conversando commigo sobre este objecto, e que, se me não engano, falaram assim tam explicitamente para que eu o escrevesse a v. ex.ª, todos unanimemente se expressaram no mesmo sentido.

Por minha humilde parte só me resta fazer votos pela constante prosperidade do novo reinado, que é o de uma soberana a quem não só as leis da monarchia, mas os sacrificios do seu povo elevaram a um throno quasi miraculosamente arrancado das garras da usurpação que todos os bons portuguezes combatemos.

Permitta-me v. ex.ª que eu renove por esta occasião a supplica já por vezes feita, e cujo deferimento será a maior mercê que sua magestade póde conceder-me. São tres mezes de licença para ir cuidar dos negocios de minha casa inteiramente abandonada, e de minha mãe viuva e só, que nenhum outro arrimo e protecção tem.

Segundo já tomei a liberdade de ponderar em meu officio do 1.º de outubro, sob n.º 7, a minha ausencia d'esta côrte em nada póde prejudicar o serviço publico, pela quasi completa nullidade dos negocios que aqui possamos ter. Actualmente não ha nem o mais insignificante.

A inquietação moral em que vivo, depois que recebi o fatal golpe da morte de meu pae, pelo estado de minha mãe e familia, tem aggravado antigos padecimentos, e, posto que ha dias experimento alguma melhora, tenho estado perigosamente doente. Por todos estes motivos, rogo instantemente a v. ex.ª se digne levar á presença de sua magestade as minhas instantes supplicas por uma favoravel e prompta decisão do meu pedido.

Em quasi todos os meus passados officios mas sobre todos, nos que vão sob n.os 3, 4 e 1 *reservado*, expuz a v. ex.ª a minha triste e deploravel posição n'esta côrte, que de dia a dia se torna mais afflicta e desesperada, pela absoluta falta de todos os recursos e

pela recrescente despeza a que é forçoso fazer face.

Em meu officio de 3o de julho, n.º 1, julgo ter provado incontestavel e claramente a absoluta impossibilidade de sustentar o decoro de sua magestade e do seu governo que tenho a honra de representar n'esta côrte, com os escassos ordenados que o governo de sua magestade julgou dever arbitrar-me. Certamente faltaram ao governo rectas informações d'esta residencia, que é por extremo cara e dispendiosa. Sem o menor fasto, limitando-me unicamente ao que a stricta decencia exige, habituado por longos annos de emigração á mais severa economia, eu tenho feito quanto humanamente se pôde fazer para balançar a minha despeza com o pouco de que posso dispor. Espero que v. ex.ª me faça a honra de acreditar que falo com a verdade e singeleza que está em meu caracter, e de que dou por penhor uma vida inteira, graças a Deus, irreprehensivel e proba. Mas é impossivel, não ha meio nenhum de se conseguir o proposto.

Pelo officio de 3o de agosto ultimo sob n.º 2, me fez v. ex.ª a honra de me communicar que, apesar do exposto, sua magestade imperial o duque regente não podia comtudo acceder, por emquanto, ao meu pedido, que se limitava ao mais modico e apertado subsidio que eu conscienciosamente supplicava, e era a insignificante somma de 500$000 a 600$000 réis, pagos a titulo de ajuda de custo para renda de casas.

Esta decisão me deixava comtudo alguma esperança; resignei-me a esperar, e limitei-me a solicitar algum pagamento de meus ordenados já vencidos. Estes se elevavam já a nove mezes, e ainda não recebi a mais pequena somma. Por um lado as minhas despezas diarias, por outro os subsidios, que segundo expuz em meu officio n.º 4 era forçoso dar aos veteranos aqui residentes, exgotaram, ha muito, não só os recursos modicos de minhas pequenas rendas, mas até a generosidade dos emprestadores a que me vi forçado a recorrer. O pequeno adeantamento que recebi á minha sahida de Lisboa apenas cobriu as despezas de minha viagem e algumas das dividas que uma emigração de cinco annos (a que eu ajuntei um anno de campanha) me tinham acarretado. Emfim com nove mezes de divida, em uma terra inteiramente estranha, com pesados encargos publicos e particulares, um ordenado já insufficiente, tendo de comprar até os livros, as estantes, os bancos, os sellos para esta legação que não possuia um só papel, v. ex.ª me fará de certo a justiça de crer que não exagero em asseverar que a minha posição é lamentavel. E em meu triste e abandonado estado chego a suppor que talvez, sem o saber, tenha commettido algum crime grave e incorrido no desagrado de sua magestade, que assim julgue dever punir-me. Mas permitta-me v. ex.ª que lhe pondere, que ainda n'esse caso o castigo fôra sobremaneira duro e cruel. Vendo pelas folhas officiaes de Portugal que todos os empregados no reino andam pagos, não só em dia mas adiantados, custa-me a conceber como seja das reaes intenções que um empregado diplomatico, que tem a honra de representar a sua côrte, que proporcionalmente é obrigado a maiores despezas do que nenhum empregado em seu paiz, — que vive longe dos seus, da sua casa, dos seus recursos, esse seja privado de tudo, e inteiramente abandonado Se estas razões teem, geralmente falando, alguma força, peço encarecidamente a v. ex.ª queira applical-as á minha posição especial. Eu, que começo a minha residencia aqui sem meios, que nem sequer pude formar-me um credito no paiz, que não achei um antecessor, um só empregado já estabelecido ou conhecido antes, em uma terra pequena onde tudo se sabe, vivendo estreitamente entre si, mais talvez que em nenhuma côrte, o corpo diplomatico; eu sou inquestionavelmente o mais desgraçado empregado do governo de sua magestade.

Em nome da humanidade, pois, do proprio decoro de sua magestade e do seu governo eu vou de novo e instantemente rogar a v. ex.ª se digne levar á augusta presença de sua magestade a minha cruel posição e obter o remedio que a bondade de sua magestade, e ouso ainda lisonjear-me, o favor e mercê que sempre lhe tenho merecido, não me recusará.

O que peço é bem limitado, e consiste unicamente em que se me mandem pagar os nove mezes já vencidos por inteiro, fazendo-se o desconto dos adiantamentos recebidos em Lisboa, sobre os ordenados, que aliás me são devidos pelo thesouro, de official da secretaria d'estado e que se elevam a bons cinco annos. Este ultimo favor, que a outros empregados se tem feito, já me foi promettido em officio de 3o de agosto, n.º 2.

Renovo tambem as mais vivas instancias por que, do modo que sua magestade houver por mais conveniente, me sejam fornecidos os meios pedidos para os subsidios que aqui se estão dando aos veteranos belgas que deixaram o serviço da rainha por mutilados ou doentes. Tomo a liberdade de reclamar a attenção de v. ex.ª para o meu officio n.º 4, em que largamente expuz este assumpto.

Receioso de fatigar a v. ex.ª não reitero o meu pedido para o augmento do meu insufficiente ordenado; n as são tam fortes e con-

vincentes as rasões que tenho exposto, que ouso esperar que v. ex.ª as contemplará como merecem.

....

1. Recebi hoje, e com o mais vivo pezar, o officio de 26 de setembro do corrente anno, sob n.º 2, em que v. ex. me communica a irreparavel perda que a nação portugueza tam justamente deplora, annunciando que fôra Deus servido levar para sua santa gloria o augustissimo duque de Bragança no dia 24 d'aquelle mez, etc., assim como me determina, de ordem de sua magestade a rainha, que haja de conformar-me por parte d'esta legação com as reaes determinações que mandaram tomar lucto á côrte, aos tribunaes, e aos funccionarios publicos por tempo de seis mezes na forma da pragmatica.

2. Immediatamente cumpri a real ordem, tomando o lucto rigoroso, que bem diz com os verdadeiros sentimentos do meu coração, e não obstante achar-me inteiramente destituido de todos os meios, não poupei todavia despezas para dar todas as demonstrações publicas, em uso n'esta côrte, do meu dó e pezar, e do sentimento da soberana e da nação cujo governo tenho a honra de representar.

Permitta-me v. ex que leve á sua consideração, todavia, que estes esforços para mim tam pesados, vieram accrescentar as minhas difficuldades pecuniarias e augmentar consideravelmente as dividas que em tam curta residencia me tenho visto forçado a contrahir, já pela insufficiencia dos meus ordenados, por um atrazo de quasi nove mezes, isto é de todo o tempo que tenho vencido desde a minha nomeação.

....

1. Antes de hontem veiu aqui ás casas d'esta legação o embaixador de Inglaterra, sir Robert Adair, para me communicar que elle acabava de saber, por via segura, e de uma maneira positiva e indubitavel, que o ex-infante D. Miguel, á hora que elle sir Robert me falava, *devia achar-se desembarcado em Portugal*. Taes foram suas proprias palavras. Fiz algumas diligencias para ver se descobria a origem de uma informação que apresentava um caracter tam positivo: e a amisade que este antigo e illustre diplomata me tem sempre manifestado. a confiança e, direi ainda, uma mui intima ligação que entre nós se tem formado, me fariam obter d'elle o segredo, se, como me assegurou, não tivera dado a sua palavra de honra de o não revelar. E dizendo-lhe eu que ia immediatamente escrever o que elle me dizia ao nosso ministro em Paris, acrescentou que me auctorisava plenamente a usar do seu nome na communicação que ia fazer para Paris, e em qualquer outra que julgasse dever fazer.

2 Resolvi-me a escrever ao ministro de Paris, porque fosse ou não nova para elle a noticia, era comtudo de bastante interesse para se transmittir; e a sua posição e meios o habilitariam melhor para julgar se deveria ou não transmittil-a a v. ex.ª por via extraordinaria. Eu, falto absolutamente de todos os recursos, não pude nem sequer enviar esta communicação a Paris senão pelo correio ordinario.

3. Por esta occasião julgo do meu dever solicitar de novo a attenção de v. ex. sobre o miseravel estado d'esta legação, onde não ha um real para satisfazer aos instantes encargos que sobre ella pesam, segundo por vezes tenho humildemente representado a sua magestade.

4 Por uma conversa que tive hontem com o ministro da Austria, o conde Dietrinhestein, pareceu-me descobrir que a noticia de sir Robert viera de Vienna, e não creio que por elle, mas por um certo principe Luiz de Rohan assás notorio em Paris, e creio que em todo a parte. Este principe, que affecta todos os exteriores de um indifferentismo cynico está comtudo ao corrente de quanto se passa no partido absolutista, tam ligado hoje e unido entre si, como v. ex.ª melhor sabe do que eu, e tam claramente o explicou em uma memoravel occasião. O principe Luiz está ha dias em Bruxellas, e varias vezes me tenho encontrado com elle. Se me não enganam conjecturas, a sua residencia aqui não é estranha ás intrigas do partido-apostolico, absolutista ou como queiram chamar-lhe.

5. Outro ponto, que estes tres dias tenho feito toda a diligencia por averiguar, era saber se o ex-infante se tinha dirigido a Portugal directamente por mar, ou por via de Hespanha. Todas as pessoas que sabem alguma coisa d'este mysterio, falam como se a tentativa do louco principe tivesse tido logar sobre um porto de Portugal. Comquanto me pareça improvavel esta versão, não sei todavia julgar até que ponto ella mereça crédito ou descrédito.

6. Aproveito mais esta occasião para renovar as minhas instantes supplicas a sua magestade a fim de obter a licença que tanto necessito.

....

1. A 15 d'este mez chegaram aqui suas magestades e altezas a rainha dos francezes e as princezas Maria e Clementina. Houve por esta occasião um grande jantar no paço, a que foi convidado todo o corpo diplomatico, exceptuados o ministro do Brazil e eu, por causa do nosso lucto. E' este o commendador Lisboa, que aqui chegou ha algumas semanas com o caracter de encarregado de negocios d'aquelle imperio, e tomou pelo fallecimento de sua magestade imperial o mesmo rigoroso lucto, e se anojou por oito dias. O ministro de Hespanha, o cavalleiro d'Argais, que egualmente tem o caracter de encarregado de negocios, e haverá duas semanas que reside, tem duvidado tomar lucto antes que esta côrte o faça: o que, segundo el-rei mui attenciosamente me enviou dizer pelo ministro dos negocios extrangeiros em pessoa, não terá logar antes da chegada das cartas de gabinete, salvo se antes a côrte de França tomar lucto, porque então o fariam aqui ainda sem esperar por aquellas cartas. Todos os membros do corpo diplomatico, inclusos os proprios agentes das potencias que não estão ainda em relação comnosco, me vieram cumprimentar por esta triste occasião.

2. Tómo de novo a liberdade de elevar á presença de sua magestade as mesmas respeitosas supplicas e considerações que já pelo ministerio a cargo de v. ex.ª tive a honra de submetter á sua decisão em meus officios n.º 1, de 30 de julho, e n.º 3, de 22 de agosto d'este anno, relativamente á indispensavel necessidade de haver aqui n'esta legação um secretario ou addido-secretario. Alem do embaixador de Inglaterra (que eu por engano em meu officio de 30 de julho ultimo, sob n.º 1, designei a v. ex.ª como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario), e do enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de França, ha aqui seis legações, incluindo a de Portugal, cujos chefes todos teem o mesmo caracter que eu, e nem uma d'ellas deixa de ter seu secretario. Permitta-me v. ex.ª que lhe diga, o que é verdade, que esta insignificante economia dá, sobretudo pela singularidade da circumstancia, bem pouco decente apparencia á legação de sua magestade fidelissima n'esta côrte e tem sido o objecto de estranhas observações, não só da parte dos nacionaes d'este paiz, mas dos meus proprios collegas. Confessarei ainda a v. ex.ª que, vexado das perguntas que todos elles me fazem a este respeito, ousei faltar um tanto á verdade, dizendo que todos os dias esperava um secretario. No que rigorosamente não menti porque em officio de 30 de agosto, sob n.º 2, pelo ministerio hoje a cargo de v. ex.ª se me não tirou de todo a esperança de assim se fazer. Não me parece que seja desprezivel a reflexão, que já n'aquelle citado officio n.º 1 tomei a liberdade de fazer, de quanto se poderia aproveitar n'esta escola a educação diplomatica dos que a esta carreira se destinam, pelo importante da posição, pelas continuas relações que se fazem, e pela intimidade, que mais que em nenhuma côrte aqui ha, entre os membros do corpo diplomatico. E d'esta opinião dou uma auctoridade certamente irrecusavel a de sir Robert Adair, illustre decano da diplomacia ingleza, cuja amisade e conversação tenho cultivado assiduamente desde a minha chegada aqui, e cuja confiança me lisonjeio ter merecido, e d'ella recebo diariamente as mais distinctas e penhorantes provas.

Recommendo, com os meus mais instantes rogos, a v. ex.ª, o objecto do meu officio reservado, em data de hoje e sob n.º 15, cuja favoravel resolução espero da bondade e justiça de sua magestade a rainha, muito principalmente se v. ex.ª, como ouso lisonjear-me, me fizer a honra, o favor e tambem a justiça de appoiar o meu peditorio...

...4. — Para fazer face ás despezas da manutenção dos inválidos belgas ao serviço da rainha, me auctorisou o coronel Ramon y Carbonell a sacar sobre elle, por 1:500 francos, o que fiz em data de 14 do corrente mez, segundo com mais individuação aquelle agente terá communicado ao governo de sua magestade pelo ministro respectivo.

— —

....

Quando sua magestade imperial o duque de Bragança q. e. s. g. e., me fez a honra de me nomear encarregado de negocios de sua augusta filha a rainha nossa augusta soberana junto a esta côrte, hesitei longo tempo se acceitaria a mercê que sua magestade se dignava fazer-me, por exigir o governo além da economia publica, que eu exercesse conjuntamente as funcções do consulado geral de Portugal n'este mesmo paiz. A' parte todas as pretenções ambiciosas, que outro qualquer em minhas circumstancias não duvidaria ter, sobretudo comparando-se, como não posso deixar de me comparar, com os outros servidores do estado, certamente eu não podia nem devia em consciencia acceitar um logar inferior em categoria aos que já tinha servido, e em cujo desempenho me houve sempre com zêlo e efficacia, pelo menos, e ouso dizer com algum proveito do serviço publico.

Bacharel formado em leis e com alguma

distincção, fui no mesmo anno da minha formatura, ha doze para treze annos, chamado para a secretaria d'estado dos negocios do reino a dirigir em chefe a reparticção de instrucção publica, e desde logo como official ordinario da mesma secretaria. V. ex.ª não ignora decerto que os logares de official da secretaria d'estado já são reputados de superior graduação aos de encarregados de negocios e secretarios de embaixada, e como taes dados em recompensa de serviços feitos n'estas ultimas qualidades.

Quando em 1832 me fui juntar ás fileiras do exercito libertador, logo nos Açores, por ordem de sua magestade o duque regente (expedida a 27 de abril pela secretaria d'estado dos negocios da justiça) fui incumbido dos mais difficeis e melindrosos trabalhos legislativos, que desempenhei a aprazimento do mesmo augusto senhor, e que hoje regem como lei do reino.

Entrando no Porto como simples soldado da expedição, fui poucos dias depois da nossa entrada incumbido pelo ministro que então era dos negocios do reino, o duque de Palmella, de organisar e dirigir a secretaria d'aquelle ministerio, como official maior d'ella, logar que servi todo o tempo da minha residencia alli.

Pouco depois e por 18 de agosto do mesmo anno, fui egualmente nomeado membro da commissão que sua magestade imperial encarregára do novo codigo criminal.

E a 19 de novembro do dito anno sahi para Londres na missão extraordinaria que alli foi então enviada, e n'uma categoria que, posto que não determinada, nunca podia ser inferior á de secretario de embaixada, segundo era elevada a categoria dos chefes da missão e a transcendencia d'ella e das circumstancias.

Voltando (só alguns mezes depois, a Lisboa, por motivos que fôra longo e mui doloroso para mim recordar) fui-me apresentar ao corpo academico em que estava alistado, mas em cujo serviço não permaneci muito tempo, por que houve sua magestade imperial por bem incumbir-me da mais difficil, penosa e delicada tarefa, qual era a reforma geral da universidade e de todos os estabelecimentos de instrucção e educação do reino, nomeando me por decreto de 2 de novembro de 1833 vogal e secretario da commissão para aquelle fim creada.

Se desempenhei ou não por minha parte a tarefa imposta, dirá um dia a opinião imparcial, pois que os meus trabalhos completos e comprehendendo a mais ampla organisação de estudos que em lingua nenhuma existe, e que tive a honra de depositar nas augustas mãos do regente, nunca poderam ver luz publica, e foram desprezados do governo, oxalá que seja para a utilidade da patria e para melhor serviço e gloria da soberana, segundo me resigno com toda a humildade a suppor. Todavia estes têem sido os meus serviços, e estes os encargos publicos que tenho servido, sempre com zêlo e distincção; e depois d'elles seria repito descer demasiado, o vir para tam longe dos meus e da minha casa para ser um simples consul geral encarregado de negocios junto de um governo da derradeira ordem entre as potencias européas.

Esta minha deslocação seria tanto menos justa quanto no corpo diplomatico portuguez, exceptuados os ministros em França e Hespanha, nenhum empregado ha que antes tivesse servido logar algum, já não digo superior, mas nem sequer egual aos de que tenho sido encarregado. Digne-se v. ex.ª dar um momento de reflexão a esta minha asserção, e verá que ella é exacta e ainda modestamente exposta por mim.

Por alguma attenção e deferencia a estas observações, que já n'aquella epocha de minha nomeação fiz, decidiu o governo de sua magestade acreditar me principalmente como encarregado de negocios junto a este governo (não como consul encarregado de negocios) e incumbir me de exercer ao mesmo tempo as funcções do consulado geral, com boas esperanças de que esta incumbencia seria tam sómente interina.

Chegado aqui, acreditado e recebido na minha qualidade diplomatica, foi-me necessario recorrer á officiosa condescendencia do ministro dos negocios estrangeiros belga para guardar secreta, quanto possivel era, a minha desgraçada agencia consular; ao que elle por decoro tambem da sua propria côrte, se prestou de bom grado. Mas sem esta officiosidade, eu teria tido bem tristes dissabores na minha residencia, e seria tratado dos outros ministros estrangeiros com aquelle menoscabo que só ignora quem não tem vivido n'esta difficil e penosa vida.

Segundo em meu officio de 27 ultimo, sob n.º 6, dei parte a v. ex.ª, estão já nomeados, reconhecidos e em funcções os vice-consules necessarios para prover ás necessidades do commercio, havendo sido demittido por decreto de 13 de junho do anno passado o consul de Antuerpia, João Charro, e implicitamente o vice-consul de Ostende, J. de Vette, além de que ambos absolutamente o foram pelo facto de minha nomeação ao consulado geral.

Assim arranjado e constituido o pequeno corpo consular n'este paiz, já fica inteiramente inutil a minha existencia aqui como consul geral. Para centro de unidade e di-

recção, tanto o pode dar o encarregado de negocios tendo a qualidade de consul geral, como não a tendo. Como consul não tenho, nem venço ordenado algum; e nem eu, nem o estado perdemos, só podemos ganhar com a absoluta extincção d'esta triste commissão.

Se agora, que as nossas relações diplomaticas se vão estender, sua magestade a rainha se dignar tomar em consideração meus longos e penosos serviços e padecimentos que soffri por sua nobre causa, promovendo-me a outro logar cuja categoria me ponha mais a par de tantos que por muito menos mereceram tanto mais; se de outro modo fôr mais do agrado de sua magestade empregar-me em qualquer outra carreira, em qualquer dos casos bem direi a augusta mão da minha soberana, que emfim se digna levantar-me do abatimento em que tam immerecidamente jazo. Se porém a sua magestade approuver que eu seja o unico portuguez que sacrificado, por sua santa causa, não mereça ser promovido na minha carreira; se aqui devo ficar emfim, rogo a v. ex.ª muito encarecidamente que nas novas credenciaes que devo receber pela accessão de sua magestade ao poder supremo, eu seja unicamente acreditado como seu encarregado de negocios, e dando-me a demissão do consulado geral, seja nomeado para estas funcções o actual vice-consul em Antuerpia, Prospero Tewangne, rico banqueiro d'aquella praça, homem probo que honrará o logar, e o servirá com muito gosto sem por isso o haver ordenado. Por este modo se preencherão as indicações economicas do governo, e sua magestade me fará uma mercê pela qual louvarei para sempre o seu nome, e ganhará muito o decoro da sua representação n'este paiz.

Se alguma coisa mereço ao governo por quem todo quanto sou me tenho votado, se a v. ex.ª devo alguma pequena consideração, tudo empenho com a maior instancia para obter este que, insignificante como é a todos os respeitos, eu receberei como insigne favor e honraria.

. . . .

Hontem recebi o despacho de v. ex.ª em data de 2 de outubro corrente, e sob n.º 3, no qual me determina que por todos os modos possiveis desminta a falsa noticia (que pelo ministro francez residente n'essa côrte constou ter-se espalhado n'este paiz) de que o governo de sua magestade a rainha augmentára os direitos de importação das mercadorias estrangeiras; averiguando e informando eu outro sim sobre a origem d'aquella noticia.

Permitta-me v. ex.ª que, antes de responder ao conteúdo do referido despacho, eu recorde o que expuz em meu officio de 2 de setembro ultimo, sob n.º 4. O estado d'esta legação desde aquella data continúa o mesmo. Não chegou ainda nem collecção de legislação, nem sequer a Gazeta official regularmente, pois só por favor do nosso ministro em Londres a recebo ha algumas semanas, e com falta de muitos numeros. De toda a immensa cópia de decretos que, desde a installação da regencia em Angra até á abertura das côrtes geraes, foram quasi diariamente reformando a antiga legislação, apenas tenho as idéas geraes que, por minha instrucção particular e como jurisconsulto que sou, me cumpria adquirir; como agente do governo de sua magestade não conheço uma só d'estas leis.

Minha propria não possuo uma collecção authentica tam pouco; e assim (conforme n'aquelle citado officio n.º 4 expuz) vejo-me, com grande desgosto e até vergonha, na impossibilidade de responder ás questões que os nossos consules e outras muitas pessoas a este respeito me fazem. Ha quatro mezes que deixei Portugal, e exceptuadas as noticias da accessão de sua magestade a Rainha ao pleno exercicio dos seus poderes politicos, e da para sempre chorada morte de sua magestade imperial o duque de Bragança (que me foram communicadas pelas circulares sob n.º 4, 1.ª serie, e 2 da 2.ª serie) nenhuma outra nova sube d'esse paiz senão as que bem desfiguradas andam pelos jornaes que aqui posso ler. E poucos são, porque com uma divida de quasi nove mezes faltam-me até os meios de acudir ás immediatas e indispensaveis precisões da vida. Para dar uma idéa do meu estado, basta dizer que, não havendo já n'esta casa com que pagar á porta as cartas do correio, fui precisado a imaginar um arranjo em virtude do qual me abrissem uma conta para pagar no fim de cada quartel. Mas os quarteis passam sem eu receber a mais pequena somma, e não sei em verdade como hei de fazer.

Repisei esta fastidiosa exposição para mostrar a v. ex.ª os nenhuns meios de que posso dispôr e, em consequencia, a impossibilidade em que estou de fazer os meus deveres. Para ter accesso com os jornaes é necessario fazer algumas despezas, já de assignaturas, já outras. Para desmentir ou dar noticias officiaes é necessario recebêl-as. Apezar das difficuldades em que estou, fiz hontem mesmo subscrever aos dois jornaes de mais pêso que aqui se publicam, *O Independente*, papel moderado, monarchico e semi-official, e o *Correio belga*, papel de opposição demagogica. Peja-me dizer que um

chanceller que aqui tenho para fazer o serviço indispensavel da legação, e a quem não sei ainda como poderei pagar, é que adeantou as pequenas sommas necessarias para estas assignaturas, assim como para do *Moniteur belge*, o jornal official do governo, sem o qual em verdade se não podia passar. Remetto hoje as folhas publicadas, e continuarei em devido tempo.

Fiz proceder ás mais exactas averiguações sobre a falsa noticia do augmento dos direitos; mas ninguem de tal aqui sabe, a não ser alguns boatos dos muitos que os jornaes (e nenhuns tam mentirosos como os belgas) diariamente espalham, e de que ninguem faz caso. Será comtudo, hypotheticamente, desmentida a noticia por todos os modos ao meu alcance. E se ella de facto circulou, tanto se fará que se lhe hade saber a origem. O que posso afiançar é que, se appareceu, não foi acreditada, nem lembra já. Apezar do ignorante em que vivo de tudo o que se passa em Portugal, eu teria tomado sobre mim desmentil-a, se em meu tempo aqui girasse; e para o fazer com fundamentos recorreria aos nossos ministros em Londres ou Paris, sem aguardar para o fazer ordem do governo. Quando menos, segundo era meu dever, teria dado conta a v. ex.ª de como tal noticia aqui se espalhára.

. . . .

1 Em cumprimento das ordens de sua magestade a rainha, que v. ex. me fez a honra de transmittir por despacho de 4 do corrente mez, sob n.º 4, determinando me que comprasse e remettesse com a maior brevidade possivel o codigo ultimamente feito na Belgica, procedi immediatamente, e apesar da certeza que do contrario tinha ás mais escrupulosas investigações sobre o dito supposto codigo, as quaes todavia não serviram senão para me confirmar n'aquella certeza que eu já tinha de que tal codigo não existia.

2. V. ex.ª sabe muito bem que as provincias que hoje compõem o reino da Belgica, diversas entre si em liguagem, costumes, historia, e até na origem de sua população, algumas formavam, até á encorporação franceza no fim do seculo passado, quasi outros tantos estados, e com quasi tantos principes quantas eram suas estreitas divisões. Investidos muitos d'elles em soberanos de outros paizes, modificaram por vezes, com a d'aquelles, a sua legislação pela maior parte *coutumiére* ou *praxista*. O mais perfunctorio conhecimento da historia, assás notavel, dos Paizes Baixos hespanhoes, e depois austriacos, mostrará a verdade d'esta asserção pelo que respeita a Flandres e ao Brabante. Não assim das outras provincias, e principalmente do antigo marquezado de Liége, cuja historia politica e legislativa não foi ainda sufficientemente decifrada.

3. Mas á encorporação com a França todos receberam o direito commum da republica e do imperio; o codigo Napoleão, e toda a legislação franceza, civil, criminal, administrativa e fiscal foi universalmente estabelecida, e recebida como um beneficio. A Hollanda, que egualmente recebêra (e conserva ainda hoje) o direito commum francez não alterou durante a sua dominação na Belgica, senão algumas fórmas e denominações na organisação administrativa, quasi nada se modificou no civil e crime. A revolução e separação da Belgica pouco mais fez. A proposta nova organisação administrativa, que na ultima sessão da legislatura se discutiu, differe pouco da franceza, no essencial, e menos ainda da que estabeleceu em Portugal o decreto de 16 de maio de 1832; e todavia não foi convertida em lei. É comtudo em muitas coisas superior ao nosso direito actual, e estou persuadido que, emendado aquelle decreto de 16 de maio, segundo as idéas d'este projecto, conciliaria as oppostas opiniões que observo dividirem os animos em Portugal a este respeito, e agital-os com tanta acrimonia.

4. Fui prolixo n'esta exposição para mostrar a v. ex.ª quão mal servido foi o governo de sua magestade por quem o informou a este respeito, e quão exactas, posto que succintas, foram as relações que pelo ministerio a cargo hoje de v. ex.ª tive a honra de lhe dirigir, especialmente em meu officio sob n.º 2, de cujo conteudo, bem como de nenhum outro, não recebi até hoje resposta alguma.

5. Nenhum codigo ha pois feito na Belgica, nem de ultimamente nem de ha muitos seculos; e se pode chamar-se *codificação* a reforma proposta da organisação administrativa, essa está ainda em projecto apenas approvada na camara dos representantes a parte municipal (aqui dita communal), e nem ainda começada a discussão sobre a parte provincial.

6. No exemplar que tenho a honra de remetter junto, e que acaba de publicar-se, verá v. ex.ª as pequenas modificações que o direito francez aqui recebeu.

7. Se todavia o governo da rainha desejar mais ampla informação do estado administrativo d'este paiz, redigirei, ordenando-m'o sua magestade, os meus trabalhos de ha muitos annos, trabalhos que (posto que muito contra minha consciencia e humilde opinião alterados) serviram de base ao celebre decreto de 16 de maio, sobre que tanto se

disputa, e (seja-me permittido dizer) tam pouco se entende, porque não já só a prática, mas a theoria mesma da administração, é ignorada completamente entre nós, e não a pode conferir, sem previo, longo e teimoso estudo, a simples nomeação de prefeito, e cuido que nem a eleição de deputado.

8. Durante o tempo que tive a honra de servir a rainha, dirigindo a secretaria d'estado dos negocios do reino, como official maior d'ella, sobejo me convenceram d'esta verdade os factos administrativos; mas nem então me pareceu, nem hoje me parece, senão facilimo de remediar aquelle mal; sem todavia prescrever como inimigo da liberdade do cidadão, a mais benefica, a mais util e sublime das instituições modernas, a que mais e melhor pode proteger e garantir essa liberdade, se rectamente entendida e applicada.

9. Por multiplicadas rasões (entre as quaes até o sentimento da propria dignidade) me deveria abster de tudo quanto não fosse rigorosamente minha obrigação de subdito e empregado, contendo me na humilde esphera que a minha posição me assigna, e não tomando a que talvez será julgada presumpçosa liberdade de offerecer meus pobres serviços onde se não precisam nem querem. O zêlo pela causa da soberana, e o amor que não acabo commigo em que o perca a minha patria, podem todavia mais; e elles me obterão, confio, a indulgencia de v. ex.ª se acaso pequei, por excesso d'aquelle zêlo e amor, intromettendo me a falar do que me não respeita e porventura não cumpre.

Officio de 7 de novembro de 1834.

4.º Reitero tambem as mais pressurosas instancias, solicitando as remessas das condecorações dadas por sua magestade ao governador de Ostende e outras autoridades belgas, a quem vae n'um anno se annunciou a mercê, e que em suas repetidas solicitações me teem representado ignorar em que podessem ter incorrido no desagrado de sua magestade, para que lhes retirasse (assim o cuidam) a graça já feita.

5.º Mais tres soldados belgas ao serviço da rainha, se me apresentaram estes dias, dois dos quaes foram feitos prisioneiros por Bourmont, remettidos para Hespanha, d'onde atravessaram até aqui e veem pedir-me soccorros. Acudi á sua miseria com a maior parcimonia; mas renovo as mais vivas solicitações para que sua magestade se digne ordenar-me *por instrucções positivas*, o que devo fazer em taes casos tam repetidos, como elles são, e que de dia a dia amiudam mais. Para os abandonar não ouso nem certamente o farei, salvo se uma ordem clara e precisa de v. ex.ª me tirar toda a responsabilidade d'este abandono, que será (permitta-me que o diga) mui pouco decoroso para a nação e governo portuguez. Para os soccorrer, faltam me os meios que em vão tenho solicitado. Em qualquer dos casos, todavia, insta, urge forçosamente uma positiva resolução de sua magestade que muito anciosamente lhe supplico.

Officio de .. novembro de 1834.

Officiei immediatamente ao ministro dos negocios estrangeiros, annunciando-lhe haver recebido, para fazer a devida entrega a seu soberano, as cartas de gabinete que sua magestade a rainha lhe dirigia, notificando sua accessão ao exercicio dos poderes magestaticos, e a deplorada morte de seu augusto pae. Pareceu me que a solemnidade e importancia do caso exigia que eu désse ao acto d'esta entrega toda a exterioridade possivel; e assim insisti em o fazer pessoalmente e em audiencia de el-rei. Não tive pequenas difficuldades em o conseguir, o que entendo era devido á honra da corôa de Portugal e á memoria do illustre chefe da augusta casa de Bragança, porque a minha qualidade de ministro de 3.ª classe, e o ciume dos representantes de outras côrtes, que differentemente haviam sido tratados, me punham obstaculos quasi invenciveis. Mas com alguma arte e muito zêlo, tive a satisfação de vencer aquellas difficuldades todas; e hontem me mandou el-rei annunciar pelo ministro competente, que me receberia ámanhã em audiencia particular para lhe entregar as ditas cartas. O ministro de França especialmente (conde de la Tour Maubourgh, enviado extraordinario) foi o que mais me obstou, e cuja influencia, toda poderosa aqui, mais admirou a todos que eu podesse vencer. E' do meu dever levar, por esta occasião, ao conhecimento de v. ex.ª que a expedição pouco regular d'aquellas cartas de gabinete me causou não pequeno dissabor pela impossibillidade de a encobrir ao rei e ao governo. Não vieram copias das cartas, segundo é de rigorosa formalidade: e querendo illudir esta falta, officiou me o ministro pedindo-as, para serem presentes a el-rei. Não respondi, mas fui pessoalmente dar desculpa, allegando o invencivel trabalho que as sessões das côrtes occasionam nas secretarias, etc.; e introduzindo outros assumptos, mudei a conversação, e passou o negocio. São porém tam mexeriqueiros e folgam tanto de lançar o ridiculo sobre tudo os jornaes d'este paiz, que será milagre não descobrirem a falta e sobre ella não fizerem seus commentarios accusando

o governo belga (pois de tudo o accusam) e criticando o nosso.

Officio de 21 de novembro de 1834:

Em communicação de 11 do corrente me avisa o nosso ministro em Londres, que nas listas para os pagamentos diplomaticos, enviadas pelo ministerio a cargo de v. ex.ª eu só venho abonado na quantia de réis 413$193 (quatrocentos e treze mil cento e noventa e tres réis) pelos meus vencimentos até 30 de setembro d'este anno. Por conselho do mesmo ministro, me apresso a reclamar contra este manifesto erro da secretaria d'estado, bem certo que v. ex.ª o mandará corrigir segundo é justiça.

No fim de setembro d'este anno tinha eu vencido dois quarteis e meio (ou seja sete mezes e meio) o que equivale á somma de réis 1:250$000.

Por outro lado não só de sua magestade imperial o duque regente, que santa gloria haja, tive a solemne promessa que o desconto dos adeantamentos recebidos seria feito pela divida em que me está o thesouro de meus antigos ordenados da secretaria d'estado, mas por officio do antecessor de v. ex.ª em data de 30 d'agosto d'este anno se me confirmou esta promessa. Favor aliás insignificante, que a outros empregados foi feito, e que pelas rasões allegadas em meu officio n.º 1 A, reservado, de 8 de agosto ultimo, ninguem merecia já não direi com mais, mas nem com tanta razão como eu.

Aquelle erro da secretaria d'estado, seguramente causado pela affluencia dos negocios e falta de reparo, teria, se passasse, as mais funestas consequencias para mim, que confiado na boa fé do governo e em suas promessas acceitei esta missão abandonando todos os meus recursos e interêsses, e n'essa boa fé tenho contrahido dividas para formar o meu pequeno estabelecimento, dividas que de outro modo não poderei satisfazer agora senão entregando tudo aos meus crédores e abandonando a residencia em que me não seria gossivel permanecer.

A tam penosa alternativa não póde ser de certo a intenção de sua magestade de trazer um servidor seu antigo, fiel, que nunca hesitou em optar entre o dever e o interesse, nem se poupou jámais a sacrificio algum para servir o soberano, a patria, e a liberdade constitucional, resistindo ás seducções dos partidos, ás calumnias, e ás promessas assim como ás affrontas, com que de todos os lados tem sido perseguido.

Animam-me a falar assim da minha propria humilde pessoa, tanto a intima consciencia como a segura confiança que me inspiram as qualidades reconhecidas do ministro a quem falo, cujo amor da justiça é a mais certa garantia para mim que a tenho.

Peço pois a v. ex.ª com a maior instancia o favor de mandar que se corrija quanto antes aquelle erro tam fatal, reformando-se as listas segundo exponho, e sendo eu abonado pelos dois quarteis e meio que me são devidos até 30 de setembro ultimo, isto é, réis 1:250$000, verificando-se o desconto do adeantamento dos tres quarteis que recebi (réis 1:500$000) pela antiga divida do thesouro segundo a promessa real, e mercê já feita.

Bruxellas, 26 de novembro de 1834.

Sexta feira 26 do corrente chegaram a esta côrte o marquez de Ficalho e o visconde de Sá da Bandeira, com os quaes, depois de me informar do objecto da sua alta missão, tive a honra de consultar sobre as medidas que conviria tomar relativamente á passagem por este reino de sua alteza real o principe Augusto de Portugal.

Plenamente auctorisado por aquelles cavalheiros, fiz então o que v. ex.ª verá circumstanciadamente relatado no officio que n'esta mesma data lhes envio a Munich e aqui annexo por copia *A*.

Para maior satisfação de sua magestade, a quem supponho que será agradavel, junto egualmente por extracto sob B os ultimos paragraphos do officio do ministro dos negocios estrangeiros a que me refiro no annexo A. E' impossivel mostrar nem mais empenho nem mais sinceridade do que esta côrte tem mostrado em conciliar a affeição da de Portugal. E ouso lisonjear-me que (segundo m'o testemunha o ministro) por minha humilde parte não tenho feito pouco para estreitar estes vinculos de benevolencia e amisade, que para minha grande satisfação vejo unir os soberanos e os subditos de dois paizes que assim fraternisam em sentimentos e principios.

Creio que v. ex.ª não ignora que sua alteza real o principe Augusto de Portugal, então duque de Leuchtemberg, ha tres para quatro annos esteve quasi eleito rei dos belgas. Esta circumstancia o tornou *até um certo ponto* obnoxio ao rei actual; e n'este caso tratou de a fazer valer a pouca benevolencia do gabinete das Tuillerias (aqui omnipotente) habilmente exercida pelo ministro d'aquella côrte e apoiada pelo de Hespanha; os quaes não deixaram ambos de me procurar bastantes embaraços, que, apesar da minha inexperiencia e mesquinha representação n'esta côrte, tive comtudo a boa fortuna de vencer, auxiliado da pessoal bemquerença

com que me honra el-rei, e da amisade que me tenho sabido conciliar dos ministros, sendo o unico encarregado de negocios que tenho accesso immediato e pessoal ao soberano, e que sou tratado, em attenção para com a rainha, de uma maneira muito superior á minha graduação diplomatica.

Espero que, com permissão de sua alteza real, terei a honra de o acompanhar até Lisboa, usando assim da graça que sua magestade me concedeu; e então terei a honra de depor a seus augustos pés a homenagem dos ardentes e humildes votos que formo por tam auspiciosa alliança, de que tantas venturas esperâmos todos os bons portuguezes.

Sirva-se v. ex.ª levar tudo ao conhecimento de sua magestade a rainha, que, ouso lisonjear-me, se dignará approvar o modo por que procedi, premiando com essa approvação o incansavel zêlo com que sempre me empenho em seu serviço.

Bruxellas, 26 de dezembro de 1834.

Ill.^mos^ e ex.^mos^ srs — Segundo conviemos logo no dia immediato á partida de v. ex.^as^ fiz (confidencialmente) parte a esta côrte da tenção *provavel* que teria sua alteza real o principe Augusto de Portugal de passar pela Belgica na sua viagem para Lisboa. A illimitada confiança com que v. ex.^as^ me fizeram a honra de me auctorisar a tratar este negocio (tam importante e delicado pelas altas personagens a que diz respeito) me fez proceder com redobrada cautela a fim de não comprometter por um lado a dignidade da rainha fidelissima e de seu augusto esposo, nem por outro lado ferir de modo algum a excessiva sensibilidade d'esta côrte, que, como todas as pequenas côrtes, da mais leve causa se assombram. Mas ficou inutil toda a minha cautella, tal foi e tam decidido o empenho com que el-rei se apressou a manifestar seus anciosos desejos de dar os mais publicos testemunhos de sua alta estima e sincera amisade para com a rainha e o principe de Portugal. Por sua ordem veiu logo o ministro dos negocios estrangeiros pessoalmente a esta legação, para me dizer que el-rei esperava que sua alteza real lhe désse occasião de lhe mostrar quanto folgava de o acolher e receber em seus estados e em sua côrte com todas as demonstrações que a sua sincera amisade e a alta categoria de sua alteza real demandavam; e que no dia seguinte me escreveria de officio (pois tal era a vontade de el rei) para consignar de modo mais positivo as suas intenções. Com effeito recebi um officio do ministro em que nas mais penhorantes expressões me communica a vontade e desejos de el rei de fazer a sua alteza real as maiores honras que ainda n'este paiz se fizeram a principe algum sem excepção das testas coroadas. De tal modo que não havendo precedente algum de caso parecido nem depois da independencia da Belgica nem durante a sua união com a Hollanda, el-rei fez procurar uma lei ou decreto do tempo do imperio, e regular por ella as honras que a sua alteza real devem ser feitas, eguaes ás que então se mandaram prestar ao imperador e a sua alteza imperial o principe regente de Italia. Tornou de novo pessoalmente o ministro para me dizer que sua magestade contava com que o principe lhe não negaria o gôsto de o receber em Bruxellas e lhe dar ao menos um jantar em seu palacio, assim como que por esta occasião lhe desejava conferir a gran-cruz de sua ordem. Concluiu emfim pedindo-me que obtivesse quanto antes de sua alteza real o itinerario de sua viagem na Belgica para que el-rei se podesse conformar com elle. Respondi a tudo, como devia, com expressões de gratidão e reconhecimento em nome de sua magestade a rainha e de sua alteza real, guardando-me bem todavia de comprometter por nenhum modo as deliberações do principe. Se me é licito porém offerecer minha humilde opinião, estou plenamente convencido que jágora é moralmente impossivel a sua alteza real, deixar de acceitar obsequios por tal modo offerecidos, sem escandalisar vivamente um soberano amigo e uma nação, que ambos á porfia teem mostrado para comnosco a mais viva sympathia, e que não menos professam um inexplicavel sentimento de veneração pelas recordações de gloria que acompanham o illustre principe que ora vae associar-se á real familia de Bragança. A natureza e circumstancias d'esta communicação são taes que entendi não devia esperar por despachos de v. ex.^as^ e que aliás urgia fazer-lh'a chegar quanto antes. Em consequencia despacho com ella e como correio de gabinete o meu secretario particular Joaquim de Roboredo, interinamente encarregado da secretaria da legação, com ordem de correr a posta e a toda a pressa, suppondo, como devo suppor, que sua alteza real folgará de receber esta communicação e de a ter em vista quando determinar o seu itinerario. Seja porém qual fôr a resolução de sua alteza real, rogo muito instantemente a v. ex.^as^ se sirvam communicar-m'a enviando-me com a possivel brevidade cópia do itinerario que o mesmo augusto senhor houver determinado, tanto para meu governo como para satisfação d'esta côrte. Aproveito anciosamente esta occasião para pedir a v. ex.^as^ o favor de depor aos pés de sua alteza real a homenagem de meus

respeitos, e os sinceros votos de minha fidelidade, que, um dos primeiros subditos portuguezes, eu tenho a satisfação de offertar-lhe. Acceitem v. ex.as as reiteradas protestações da alta consideração e estima com que tenho a honra de ser. De v. ex.as —assignado, *João Baptista de Almeida Garrett.*

....

No dia 7 do corrente, á noite, chegou a Bruxellas o marquez de Ficalho, precedendo de algumas horas a sua alteza real o principe Augusto, segundo por sua ordem me annunciou. Fiz, segundo me fôra pedido, immediatamente parte a el-rei, que sem demora mandou as suas carruagens para a porta d'esta legação, para estarem ás minhas ordens e irem pôr-se á disposição do principe. Acompanhava tambem o general d'Hone, ministro d'estado, primeiro ajudante de campo de sua magestade, com ordem de me acompanhar até onde eu fosse ao encontro de sua alteza real, e ahi o cumprimentar em nome de el-rei. Ás tres horas da madrugada (no dia seguinte 4) parti pois com o dito general para Louvain a encontrar o principe, e ahi o achei e tive a honra de felicital-o pelo fausto motivo de sua vinda. Pedi-lhe então, e obtive, licença para apresentar o general, que introduzido a sua alteza lhe fez um breve discurso, cumprimentando-o em nome de el-rei por sua chegada áquelle paiz. Fez-me sua alteza a honra de me convidar ao seu almoço, e de me encarregar que em seu real nome convidasse tambem ao general d'Hone. Partimos logo depois de almoçar para Bruxellas, com gaande acompanhamento de cavallaria, precedendo a carruagem do principe, depois a minha, e seguindo as do paço e depois as da comitiva de sua alteza real.

Tendo-se sua alteza real dignado acceitar a offerta que lhe fiz da minha pobre casa, que por unica portugueza na terra, por primeira, a que chegava de um subdito da rainha fidelissima, e emfim por sua que era como casa da legação de sua magestade fidelissima, era, apesar de humilde, a mais propria pousada do augusto hospede, para a dita minha casa se dirigiu o cortejo real, e ahi achámos já uma guarda de capitão, tres officiaes de ordens a sua alteza, e a officialidade toda da guarnição com o governador civil e militar da provincia (de Brabante) a cumprimentál-o e recebêl-o, por não ter a rapidez de nossa marcha dado logar a que, segundo as ordens de el-rei, o tivessem feito ás portas da cidade. D'ahi a pouco de ter o principe descansado, veiu a casa real em corpo com todas os officiaes móres e menores d'ella, e tendo á sua frente o mordomo mór *(grand maréchal du palais)* receber as ordens de sua alteza real. Com pequeno intervallo seguiu o ministerio de el-rei em corpo, tendo á sua frente o ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros que em nome de todos dirigiu a sua alteza um breve discurso, ao qual assim como a todos, além da verbal e lisonjeira resposta do principe, respondi por ordem do mesmo augusto senhor, nos termos mais agradecidos e penhorados que sube, em nome da rainha, assegurando-lhes quanto sua magestade fidelissima se recordaria sempre de obsequios em que tanta parte ella tomára.

Á volta das duas horas, e depois de sua alteza real me ter feito a honra de acceitar um segundo almoço, em que mais o festejavam os bons desejos e coração que o hospedavam, do que a qualidade do banquete, fomos a el-rei, que com a rainha e em todo o estado recebeu o principe não só com todas as honras, e que se dão ás testas coroadas, e quaes se não fizeram ainda a soberano algum n'este paiz, mas com verdadeira e sincera affeição, repetindo-me muitas vezes, um e outro d'aquelles soberanos, que bem dissesse á rainha fidelissima quanto elles folgavam de ter tido aquella accasião de lhe dar mostras do alto apreço em que tem, e do empenho com que desejam cultivar sua amisade, e bem assim manifestar á nação portugueza a estima e consideração que lhe professam. Voltámos á legação, onde continuou sua alteza real a permittir-me que lhe apresentasse os presidentes de senado e da camara dos deputados, o embaixador em missão especial de sua magestade britaninca, o ministro do Brazil, e varios outros membros do corpo diplomatico, assim como generaes e outras pessoas de distincção que á porfia solicitavam esta honra.

Ás seis e meia da tarde, e pelo convite de sua magestade, partiu sua alteza real para o paço a jantar com el-rei, tendo eu e toda a comitiva do principe recebido o mesmo honroso convite.

Voltando depois do jantar á legação, e tendo-me el-rei dito em particular o sentimento que tinha de que a demora inesperada em se apromptar a decoração (ou venera) o privasse do gôsto de apresentar elle por sua mão ao principe a gran-cruz de sua ordem, mas que pois tardára, enviaria o ministro dos negocios estrangeiros trazer-lh'a em seu nome, pedi as ordens de sua alteza real para esta presentação que com effeito teve logar, com todas as ceremonias devidas, nas casas da legação, vindo o ministro referido com o official maior da repartição e

acompanhado de numeroso sequito, e com um apropriado discurso offereceu em nome de el-rei aquella gran-cruz, que sua alteza real recebeu e agradeceu com as devidas expressões, que ninguem melhor que elle sabe escolher e empregar.

Tendo-me sua alteza real permittido que tivesse a honra de o acompanhar fazendo parte de sua comitiva, deixei os negocios da legação ao cuidado do ministro residente do Brazil, o commendador Lisboa, encarregado dos negocios d'aquelle imperio, segundo os estylos recebidos.

A' meia noite saímos caminho de Ostende, onde no outro dia pela tarde chegámos sem novidade, recebendo sua alteza real por todo o caminho não só todas as honras devidas, mas as mais sinceras mostras de cordial affeição. De maneira que se póde dizer que a sua auspiciosa passagem pela Belgica foi um continuado triumpho.

Aqui achámos o conselheiro Sarmento, ministro de sua magestade em Londres, o conselheiro Mendinha, e logo chegou o visconde de Itabayana, que todos tiveram a honra de ser recebidos por sua alteza real, e convidados a jantar; assim como o foi lord Adolphus Fitz Cloremi, que por ordem de el-rei de Inglaterra o veiu buscar em um yatch da casa real (de vapor) em o qual na noite do dia 10 para 11 saímos para Londres, e com feliz passagem desembarcámos em Gravesend.

Terminada aqui a parte que meu dever me incumbe de relatar da jornada de sua alteza real, resta-me pedir a v. ex.ª se sirva levar este meu breve relatorio á presença de sua magestade, a quem, n'esta como em todas as occasiões, procurei servir com meu costumado zêlo.

E não exagero de certo, asseverando a v. ex.ª que não foram pequenas nem poucas as difficuldades com que tive a luctar, e que todas superei muito além das minhas esperanças, apesar dos nenhuns meios á minha disposição, dos poderosos adversarios que tive, e direi ainda da minha pouca experiencia, unicamente ajudada do muito zêlo pelo serviço da rainha e honra da nação e governo, que, posto que indigno, tenho a honra de representar.

A necessidade absoluta em que me vi pelas recrescentes despezas, e pousada de sua alteza real, fez com que, de accordo com o marquez de Ficalho, me deliberasse a sacar de novo sobre o nosso agente financeiro em Londres pela quantia de 200 libras esterlinas. Ignoro ainda se esta somma chegará, ou talvez, posto que difficilmente o supponho, sobeje; mas de tudo darei devida conta, logo que volte á residencia e possa organisar o de que agora não sei fazer nem a mais vaga idéa.

Lisonjeia-me que sua magestade se dignará approvar tudo o que tenho feito, e ouso esperar que por sua benignidade lhe aprouverá dar-me algum testemunho de sua real benevolencia, em firmeza pública de que tive a boa fortuna de merecer essa real approvação, que será a unica recompensa que ambiciono.

Ill.mo e ex.mo sr.—Por communicação que me faz o meu secretario particular em Bruxellas, vejo que em despacho de v. ex.ª, n.º 14, de 2 de janeiro, se me declara não ter havido erro nas listas, quando em logar de réis 1:250$000 que eu reclamava, se me manda pagar réis 413$193, porquanto o 1.º, não constava do registro que se me descontariam os adiantamentos recebidos por minha antiga divida do thesouro; 2.º, não teem os agentes diplomaticos direito a seus ordenados senão depois que sáem para seus destinos.

Permitta-me v. ex.ª que em breves palavras lhe mostre quanto estes fundamentos, geralmente exactos, de nenhum modo o são no meu caso e circumstancias especiaes, antes a sua applicação seria injustissima. Desde dezembro de 1833 me fez sua magestade imperial, que s. g. h., a honra de me nomear encarregado de negocios em Bruxellas, e no mez antecedente me tinha feito outra muito maior, incumbindo-me do mais difficil, penoso e delicado trabalho que em Portugal ainda se fez, a reforma geral da universidade, das academias militares e civis, e de todos os estabelecimentos de instrucção e educação do reino. Ancioso de partir para o meu destino, logo que fui despachado para a Belgica, não o fiz por se exigir do meu zêlo que primeiro fosse acabado aquelle grande e importante trabalho, assegurando-se-me que em nenhum sentido eu podia ou devia perder de meus interêsses, pelo desempenho de tam distincta commissão. Fiado n'esta promessa, promessa que não tive por escripto (e agora vejo quanto errei em a não pedir) eu me dei todo quanto sou, e com o zêlo e efficacia de que deu prova o resultado, ao desempenho d'aquelle trabalho, que afinal tive o gosto de vêr approvado pela commissão que sua magestade para isso nomeára e a satisfação de o depor completo, e quanto humanamente podia ser perfeito, aos pés do mesmo augusto senhor, que de viva voz e por portaria do ministerio do reino, se dignou agradecer-m'o.

No emtanto, e por estes motivos, o meu

decreto de encarregado de negocios só em fevereiro seguinte se expediu, e d'esta data é que eu reclamo os vencimentos competentes, porque n'essa (e antes d'ella se podesse) eu teria partido se o serviço publico, e serviço reputado maior e mais importante, m'o não impedissem.

Quanto ao favor que pedi e me foi promettido, de que os adiantamentos recebidos me não fossem descontados pela quinta parte dos futuros ordenados, mas de uma vez encontrados em uma insignificante parte da consideravel divida em que me está o thesouro, eis aqui os meus fundamentos: 1.º, ter-se já feito esse favor a outro empregado diplomatico; 2.º, terem aquelles ditos meus ordenados devidos sido vencidos em grande parte no Porto e nos Açores, e haverem em eguaes circumstancias sido pagos a outros empregados; 3.º, não ter eu nada recebido do tempo que servi de secretario na missão especial que em 1832 foi enviada ás côrtes de Londres, Paris e Madrid, e cujo chefe era o duque de Palmella. Estas considerações já tinham merecido ao antecessor de v. ex.ª que em officio de 30 d'agosto ultimo me annunciasse que se *tratava* de satisfazer ao meu pedido.

Esta exposição é exacta e sincera. Não a fiz tam extensa em meu officio n.º 23 (a que foi resposta o n.º 15 de v. ex.ª) porque eram notorios os factos allegados e os suppunha constantes na secretaria. Estou certo que v. ex.ª não hesitará em attender á minha rasão. Servi e trabalhei fiado na boa fé de promessas que não eram puramente de graça e mercê, mas de equidade, e se é licito dizêl-o, de justiça. E confio muito na de v. ex.ª que não duvidará fazer-me um favor que certamente se convencerá ser tambem justiça.

....

Pelas addições da despeza do correio poderá v. ex.ª julgar quão enorme é o trabalho material d'esta repartição, em que não ha um dia que eu não seja perseguido com cartas de toda a parte (além das visitas pessoaes) de officiaes e soldados que estiveram ao nosso serviço, as de suas viuvas, orphãs e parentes em todo o grau, que uns e outros pedem esmolas, pensões, informações, certidões, e quanto lhes parece. Nem pense v. ex.ª que se limite aos confins da Belgica esta minha fatal correspondencia, e estas terriveis visitas: da Hollanda, da Prussia, da França mesmo, e d'essa Allemanha, tudo vem sobre mim. O ministro do Brazil que, na minha ausencia, fez os bons officios costumados de ministro da côrte parente, protesta ter tido mais que fazer nos tres mezes de minha licença com a nossa legação do que nunca lhe dá a sua em tres annos.

E desde já devo advertir a v. exc.ª que o proximo quartel que vae findar no cabo d'este mez, trará ainda mais trabalho, e tambem mais despeza, pelo que as pensões concedidas por decreto de 17 de fevereiro a varios teem excitado de esperanças, de ciumes, de reclamações. O gasto n'esta legação ha de, por estas circumstancias especiaes, elevar se a muito mais do que aliás era natural, e não poderá ser regulado pelas despezas de qualquer outra legação da mesma categoria, pois, segundo já por vezes tenho exposto a v. ex.ª e aos srs. ministros seus antecessores, se exceptuar as missões de Londres e Paris, em nenhuma outra portugueza na Europa ha a metade do trabalho e negocios que n'esta acodem, e que tanto mais pesam quanto é menor e insignificante sua importancia. E é providencia que não haja aqui d'esses negocios graves, pois todo o tempo se vae irremediavelmente com est'outros a que não é possivel escapar.

Desde o principio d'este anno foi necessario fazer uma despeza que eu até então tinha economisado ao thesouro, qual a de um porteiro: mas os pagamentos que ha a fazer, e a affluencia dos pretendentes de toda a especie, fez tomar, durante a minha ausencia, a resolução de o fazer; resolução que não pude deixar de approvar á minha chegada.

E por esta occasião me permitta v. ex.ª que de novo reitere as minhas instantes supplicas a sua magestade, para que se digne conceder-me alguem que me auxilie n'este trabalho, pois realmente se torna superior ás minhas forças e ás de qualquer homem. Não é a *qualidade*, é a quantidade: acredite v. ex.ª que não ha uma palavra de exageração no que lhe digo; mas a estatistica do trabalho d'esta insignificante secretaria faria estremecer a qualquer dos empregados portuguezes que não podem fazer idéa do que é, não só ouvir e falar a todos, mas ter de ler e responder ás suas cartas.

Nem me parece que a despeza com um addido secretario seria objecção: pois com o mesmo ordenado de um amanuense de 1.ª classe das secretarias d'estado, que são 480$000 réis, poderia um homem só viver decentemente aqui, e porventura, quasi de certo, se pouparia alguma parte d'essa despeza, nas que se fazem na secretaria por eu não poder acudir a tudo, e ter de me confiar em estranhos.

Em summa, não está esta pequena legação na regra geral das suas eguaes, mas em circumstancias tam excepcionaes que (a este respeito) se pode pôr acima de muitas superiores. Eu solemnemente e pela minha pala-

vra protesto a v. ex.ª que antes preferiria que passassem para outras mãos estes *affazeres* de incidente, pois que o trabalho *diplomatico* nenhum é, e facilmente posso eu só com elle, nem preciso de ninguem para isso. Mas o zelo do serviço de sua magestade obriga me a repisar este peditorio.

Os objectos commerciaes e de industria, que são importantissimos, é a que eu quizera dar agora o meu tempo e cuidados principaes: e estou certo, sem a menor duvida, que hei de poder fazer muito serviço e bom, indicando, expondo — e ainda promovendo relações commerciaes muito vantajosas para nós (e especialmente sobre este assumpto escrevo em separado a v. ex.ª); mas sincera e lealmente, não tenho tempo, que todo me absorvem os negocios das partes, e o trabalho do expediente ordinario tam enfadonho quanto de nenhum proveito nem publico nem dos mesmos pretendentes.

Dê v. ex.ª, por quem é, um mumento da sua reflexão ao que lhe exponho; e confio que ha de conhecer quanto é exacto, convencendo se facilmente que de uma tam pequena despeza como a que proponho, *podem*, e, estou seguro, *hão* de resultar vantagens reaes e que bem a valem.

Alem de quê, tambem creio que passados estes dois primeiros annos, e entrada esta legação em causa ordinaria, certamente e sem a menor dúvida, não se precisará aqui de mais que de um encarregado de negocios sem ninguem mais. E talvez ainda, se não foram as attenções e civilidades d'esta côrte para com a nossa, bastaria um consul geral, —que todavia residisse em Antuerpia e não em Bruxellas, onde de nada póde servir. Este último arbitrio offenderia mortalmente o governo e a nação—mas não seria nem mais economico nem melhor que o que tomaram outras potencias tendo um só ministro acreditado n'esta côrte, na de Hollanda e em Hamburgo, com um consul geral para todos os tres estados tambem.

Peço perdão da digressão, que todavia poderá merecer para o futuro alguma attenção ao governo de sua magestade.

. . . .

Por diversas vezes tenho tido a satisfação de levar ao conhecimento de v. ex.ª e dos srs. ministros seus antecessores, para subir ao de sua magestade a rainha nossa augusta soberana, os muitos, repetidos e não equivocos testemunhos de cordial amisade, e sincera affeição que esta côrte e governo continuamente teem dado, tanto para com as pessoas de sua magestade e de sua augusta familia, como para com a nação portugueza em geral. E fólgo de poder afiançar a v. ex.ª que n'isto os soberanos e governo belga não faziam mais do que expressar e representar os sentimentos e voto universal de seus subditos. N'este tam agradavel estado de relações havia circumstancias que, se é licita a expressão, removiam toda a idéa de banalidade do que vulgarmente se chamam—relações *de boa amisade* entre potencias que não teem um immediato e forte interêsse que as una.

Entre estas circumstancias era sem dúvida a primeira as ligações de estima e affecto que a augusta familia de Portugal, quando quasi toda refugiada em Paris, ahi formára com a da rainha actual dos belgas, princeza cujas virtudes, raro merecimento, e transcendente instrucção e talentos, fazem a admiração de quantos teem a fortuna de a conhecer. Segunda, mas não secundaria em influencia, é certamente a bondade e lhaneza de coração de el rei, sua muito verdadeira devoção pela pessoa—e hoje ainda pela memoria de sua magestade imperial que Deus tem em gloria, e seu vivo interêsse pela causa constitucional em que os Portuguezes tanto bem-merecemos da Europa por nossos sacrificios, perseverança e victorias. Em último logar emfim, mas não derradeiro, devo mencionar os estreitos vinculos de gratidão e benevolencia que entre esta nação e a portugueza se formaram pela longa residencia das muitas familias emigradas que aqui acharam aquella franca, generosa e proverbial *hospitalidade flamenga*, de que nenhum outro povo— nem os que mais nossos amigos se disseram sempre—nos deram nem mostra leve nos dias de nossa desgraça e abandono. Nem são pequenas provas d'esta verdade as quantiosas dividas que os nossos aqui contrahiram, das quaes se bem o nosso governo já fez *embolsar* quasi todo o *dinheiro*, não está todavia pago o que valia mais que elle, a generosidade e confiança com que foi prestado. V. ex.ª não ignora que, além d'estes auxilios particulares, os nossos os receberam tambem dos cofres publicos da nação; e tambem saberá de certo que ainda devemos a este governo uma somma não insignificante por equipamentos de soldados que do serviço belga passaram para o da rainha fidelissima. E devo acrescentar, em honra da verdade, que se todos estes obsequios e favores lembravam ao bemfeitor, era só para lhe fazer mais acceito o beneficiado (segundo tanto a miude se vê), mas nunca percebi a menor indicação de que elles lembravam para se lançarem em cara.

Tendo eu pois tido a fortuna de fazer communicações tam agradaveis, dobrado me

peza e amargura hoje o ter de dizer a v. ex.ª que estão mui longe de ser actualmente os mesmos aquelles sentimentos de cordealidade e affecto. E se (o que Deus afaste) a desgraça ou a precisão nos tornasse a pôr em circumstancias de recorrer á sympathia d'esta nação, de quem tanto nos valemos, haviamos de achal-os bem differentes e outros.

De que nos accusam pois, e quaes são as queixas que de nós teem? Accusam-nos de ingratos, e de esquecermos na prosperidade os amigos do tempo do infortunio, que agora despresamos e tratamos de resto, emquanto somos todos deferencias e obsequios para com aquelles que então nos desprezaram e aggravaram. Bagatellas, insignificantes sem duvida, mas a que em toda a parte, como a signaes de convenção, se dá importancia, deram causa a estes queixumes, que tiveram sua origem na côrte, mas que se estenderam pelo paiz, e se *nacionalisaram* estendendo-se. O fundo de tudo é que el-rei se sentiu muito de que em retribuição pelos extraordinarios obsequios que, não só elle (note v. ex.ª) mas a nação belga toda fez a sua alteza real o principe D. Augusto de saudosa memoria, a nossa côrte lhe enviasse a ordem de Christo que tambem não só elle mas todo o mundo aqui sabe quão pouco estimada é hoje dentro e fóra do reino, que nunca se enviou *por si só* a nenhum soberano, que no mesmo grau em que a elle se deu, não só muitas vezes antes, mas n'aquella *mesma occasião* fôra dada a pessoas de condição tam inferior á sua, que em verdade maravilha fôra se uma testa coroada se não offendesse da comparação. Nem a el-rei (que silenciosamente e sem uma palavra recebeu a insignia que lhe entreguei, conversando longamente, e com uma especie de affectação, commigo sobre outros objectos), nem ao ministro ouvi uma palavra que podesse traduzir-se, nem *retorto collo* n'este sentido, mas por vias seguras — e pela voz geral, publica, e de nenhum modo disfarçada, o conheci; nem me posso fazer illusão sobre estas coisas.

Tenho dito quanto me suggeriu o desejo de desfazer uma opinião que no fundo de minha consciencia, permitta-me v. ex.ª que diga, não posso taxar de *injusta*. Disse que a ordem de Christo era a primeira e a mais nobre do reino; a mais antiga porque herdeira e continuadora de toda a gloria de cavallaria do Templo, cujo habito, côres e bens adoptou, não chegando aquella a extinguir-se entre nós, apesar da sentença do summo pontifice, mas convertendo-se n'esta. Disse estas e muitas outras coisas: mas respondeu-se-me: «que em todo o mundo não havia distincção que distinguisse tam pouco; que de Lisboa, do Rio de Janeiro, e até de Roma se espalhava e vulgarisava por toda a parte; e em summa que a não ser para mostrar a pouca conta em que nós tinhamos uma nação que tanto nos ajudára e obsequiára e um soberano que ainda ha pouco dera tam *generosas* provas de sua amisade (*generoso*, alludindo á rivalidade da eleição entre os dois principes) na recepção do esposo da rainha fidelissima, não se podia saber porque motivo fôra tratado o rei dos belgas como nenhum outro soberano de grande ou pequena potencia ainda o fôra pela nossa côrte.

O procedimento da côrte de Madrid veiu fazer ainda, pelo contraste, mais sensivel a supposta injuria. A rainha regente enviou a el-rei Leopoldo (haverá dois mezes) a ordem do Tosão de Oiro, a de Izabel Catholica á rainha, e a *gran-cruz* de Carlos III ao ministro dos negocios estrangeiros. «Comparem, dizem os belgas, o proceder da côrte de Hespanha, que nada nos deve, com a de Portugal, que tam obrigada nos é».

Conhecendo bem o desagradavel e obnoxio mister que faço em transmittir a v. ex.ª communicações d'esta natureza, persuadi-me todavia que era forçoso dever não deixar ignorar ao meu governo coisas que a mim me não parecem insignificantes — pois que se trata de sua honra, de o accusar de mesquinho e ingrato —; e a v. ex.ª fica dar-lhe o peso que julgar ellas merecem. Devo todavia prevenil-o que, pelo receio — bem fundado — de que se venha a saber fóra da secretaria d'estado tudo o que aqui relato, modero e visto muitas expressões que originalmente tiveram outra energia e nudez. Mas tambem repito que toda esta acrimonia da opinião é estranha á côrte e ao governo, que só manifestaram o seu desgosto com um absoluto silencio.

E' certo, porém, que o ministro dos negocios estrangeiros disse ao encarregado de negocios de Hespanha que pesava e pejava muito o ter-me dito quanto folgaria que a rainha fidelissima lhe desse a mesma prova de agradecimento que, por muito menores serviços, déra ao governador Balio e não me lembra que outra auctoridade de Bruges e Ostende, quando elle mais servira os portuguezes do que ninguem, obtendo do governo (belga) como prefeito (governador civil) que então era da Flandres occidental, os soccorros que os livraram da fome. E o secretario geral, ou official maior dos negocios estrangeiros esse a mim directamente me disse que el-rei por obsequiar o ministro lhe dera a commissão de vir trazer ao principe de Portugal (como de facto trouxe e a v. ex.ª o relatei em meu officio de 10 de janeiro ultimo) a gran-cruz da sua ordem, esperando,

elle el-rei, que a rainha fidelissima désse ao seu ministro o *costumado* testemunho de agradecimento. «Mas (accrescenta o official maior) foi o sr. Mendizabal, nós bem o sabemos, quem fez dar as condecorações ás auctoridades de Ostende *et c'est là que* ..» não imagino como acabaria esta phrase: mas confesso a v. ex.ª que a minha posição em Bruxellas, desde que por desgraça minha aqui passou sua alteza real, é bem humiliante e desagradavel.

Se v. ex.ª não conhecesse tam bem o que é o mundo e as frivolidades e pequenezas de seus *maiores* homens, e quanto os mais ridiculos motivos influem e predominam nas coisas mais graves, — eu hesitaria, talvez teria vergonha de lhe dizer que por causa de *umas tristes fitas* não me atrevo nem sei falar a este governo em um objecto que me parece tam importante — que sempre suppuz facil de arranjar — e em que tinha eu gosto e empenho especial, e do qual, quando concluido, estou seguro que v. ex.ª tambem havia, se não já, para o futuro ao menos, derivar grande satisfação. Quero falar do tratado commercial de que mais de uma vez tenho tido a honra de entreter a v. exª, e sobre o qual, em seu officio n.º 2, em data de 29 de dezembro do anno passado, v. ex.ª me auctorisou por ordem da rainha a dar alguns passos preliminares.

Bem sei que se não trataria por ora, nem deve, senão de sondar quaes seriam as intenções do governo a este respeito. Mas para isto mesmo é preciso ser bem acceito, bem accolhido, estar na posição em que eu me achava antes que esta côrte se julgasse offendida da nossa. Certo de ser mal escutado, não ousei falar, e aguardarei novas ordens da rainha, que muito rogo a v. ex.ª o favor de me transmittir.

Mas se é dado a um servidor fiel, só movido pelo zelo da gloria de seu soberano e do interesse da nação que serve, propor um arbitrio que em seu conceito reune á justiça a prudencia e a utilidade ao decoro, eu tomaria a liberdade de lembrar a v. ex.ª que de um modo muito facil e simples sem parecer ceder ou conceder, sem dar a menor idéa de que se quiz transigir n'um ponto que seja, se poderia restabelecer perfeitamente a antiga harmonia; e *ainda mais* que el-rei Leopoldo ficaria tam penhorado, e mais como se a nossa côrte inventasse um novo genero de distincção para o obsequiar a elle. Este meio era que sua magestade a rainha enviasse á rainha dos belgas uma das ordens que se costumam dar a damas — e creio que são as de Santa Izabel e da Conceição — do mesmo modo que fez a côrte de Hespanha e com que el-rei se pagou infinito, e agora muito mais que pelo nascimento de um herdeiro de seu throno e de seu nome, se lhe tornou dobrado cara a augusta esposa que elle e o seu povo estimam á porfia.

Apesar de que esperou *mais*, e que outras côrtes o acostumaram a *mais*, tambem estou seguro que M. de Mulenner se contentará, e pagará muito de uma commenda de qualquer das nossas ordens. Pelo menos *sei com certeza* que el-rei não espera mais nem pretende mais para o seu ministro.

Ignorante dos motivos que sua magestade a rainha pode ter tido para o procedimento que houve com esta côrte, eu em minha humilde opinião ouso julgar digno d'ella e de seu governo este arbitrio que mui respeitosamente proponho.

Em qualquer caso porém espero que justiça será feita aos motivos de minhas instancias e representações, que são os mesmos que sempre actuaram em todas as acções da minha vida, o amor da minha patria e o zêlo pelo seu nome e interesses.

....

Aproveito mais esta occasião para de novo supplicar muito fervorosamente a sua magestade se digne dar-me alguem que me auxilie no recrescente trabalho d'esta legação. Não ha dia que eu não tenha de escrever dez ou doze officios e cartas de avisos, de respostas a reclamações, de negociações pequenas, insignificantes; mas que é forçoso escrever, registrar, sellar, sobrescriptar; e nem ha força nem tempo que para tal chegue.—Accresce demais uma escripturação mercantil, contas de cambios e reducções que as anomalias da moeda do paiz tornam mais enfadonhas e longas do que nenhuma; acresce que é preciso fazer pagamentos, lavrar recibos, chamar e pagar e aturar interpretes, porque as classes baixas d'este paiz não falam senão flamengo, e a maior parte dos soldados que serviram na legião belga são allemães e hollandezes, cuja lingua eu entendo um pouco nos livros; mas de nenhum modo posso interpretar na escripta, e menos falar ou entender quando falada. E emquanto os meus collegas aqui todos teem addidos e secretarios, sem terem, uns ou outros, nada que fazer, a desgraçada legação de Portugal, que per si só dá mais trabalho que as outras todas juntas, não tem senão um miseravel chefe, pobre, mal pago, endividado, fazendo gratuitamente o trabalho do consulado geral, e trabalhando noite e dia, como o menor dos ammanuenses de uma estação infima do estado.

Custa-me e amarga me certamente ser condemnado ao trabalho braçal que inutilisa e

destroe essa tal qual capacidade mental que Deus me deu, e que algum estudo fecundou talvez; mas peza-me, sobretudo, e rogo a v. ex.ª que me creia, porque é verdade, que eu não possa da minha residencia n'este interessante paiz tirar para a minha patria algumas das vantagens que me lisonjeei poder tirar.

Em Portugal ignora-se, e certamente se não tiram vantagens do extraordinario estado de industria fabril, agricola e commercial d'este pequeno reino. Eu vejo e sinto o que se podia fazer, tomára poder occupar me d'isso; e estou certo que o havia de fazer com proveito; mas infelizmente não posso.

Quiz, e comecei a formar um relatorio do systema e fórmas administrativas que aqui rege, e é tam superior ao francez, que nós tomâmos por modelo, quanto o fizeram as combinações e methodos prussianos e indigenas, que áquelle se juntaram para produzir este. Não entrava n'este empenho decerto o amor proprio (que não podia), nem o desejo de recompensas (que nunca serviço ou trabalho meu jámais as mereceu); senão zêlo pelo meu paiz; e não me parecia podel-o applicar melhor no estado actual d'elle.

A tudo tenho renunciado para me condemnar ao serviço material que urge e que é forçoso fazer.

Não pense v. ex.ª que me queixo, ou lastimo; refiro estas circumstancias porque me parece que o serviço de sua magestade ganharia com o se adoptar outro arbitrio; não que eu individualmente tenha que perder ou ganhar na mudança; tam resignado, tam *humildemente* resignado estou a tudo.

....

Julgo dever levar ao conhecimento de sua magestade que no dia 28 do mez passado se me apresentou o conde Vianna com passaporte para si e sua esposa passado pelo nosso ministro em Paris, a fim de que lh'o visasse para Hollanda. O que não julguei poder recusar; e do mesmo modo e pelo mesmo motivo o concedi a João Carlos da Horta Telles Machado para egual destino.

Hoje porém sou informado que não só estes, mas muitos outros portuguezes e hespanhoes por varias vias e modos se teem ido reunir a Amsterdam, onde, com protecção do governo, se occupam de intrigas politicas no interesse do usurpador de Portugal e do pretendente de Hespanha.

Falto de meios e recursos, retirado (e agora mal visto pelo motivos que tenho exposto) n'esta côrte, não posso facilmente saber mais; mas continuarei quanto m'o permittir a penuria em que vivo, e o incessante trabalho em que laboro, a diligenciar quanta informação podér para a fazer chegar a v. ex.ª Em Antuerpia temos um excellente e zeloso vice-consul que de tudo me informaria com exactidão quanto se meditasse em Hollanda; mas não tendo de que dispôr, e receioso de não ser approvado, não ouso auctorisal-o a fazer diligencias algumas, porque haviam de custar despezas.

....

Tenho a honra de accusar recepção de duas circulares de v. ex.ª; na primeira das quaes, sob o n.º 1, e em 27 de maio ultimo, v. ex.ª me communica que sua magestade havendo sido servida mudar o seu ministerio, o nomeára, por decreto d'aquella data, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros; na segunda, sob n.º 2, em data de 30 do mesmo mez, se contém uma exposição dos principios que professa o ministerio e que servem de base á actual administração,

Farei, e já tenho feito quanto posso, o uso que se me ordena, de tam satisfactorias indicações. Por esta occasião todavia devo repetir, para descargo de minha consciencia, o que por muitas vezes tenho exposto aos srs. ministros antecessores de v. ex.ª Situado como eu aqui estou, não tem sua magestade um agente diplomatico mais inutil, nem a nação paga dinheiro que mais deva chorar do que o miseravel e mesquinho ordenado que eu percebo.

Tendo immenso que fazer materialmente, levo os meus dias a copiar e escrever cartas e officios de nenhuma importancia, mas de *volume* e *tempo*. Mal posso ver alguem ou alguma coisa; e se por grande acaso me é livre fazêl-o retem-me a vergonha de apparecer deante dos meus collegas—todos bem pagos e todos conservando a decente apparencia de seus logares,—com a libré da pobreza que sou forçado a trazer. As ideas que da barateza de Bruxellas levaram para Portugal os emigrados que viviam como taes, e muito bem, por pouco fazem crer talvez a v. ex.ª que com cento e tantas libras por trimestre, meu actual ordenado, quer dizer, com menos de 1:000 francos por mez, é possivel viver com alguma decencia n'esta côrte. Eu, apesar do risco de ser reputado pouco verdadeiro, dou comtudo a v. ex.ª a minha solemne palavra de honra que *é impossivel*. Se eu podesse recusar os jantares a que me convidam, os convites de el-rei, os dos meus collegas; se podesse ir a pé a toda a parte, e afastar me totalmente da sociedade, certamente viveria muito bem (porque tenho *pessoalmente* poucas precisões) com o que me arbitraram.

Mas fazendo o assim (como de facto estou fazendo desde que, em premio de meus serviços de quatorze annos, e de todos os sacrificios que fiz pela causa da liberdade do meu paiz e da legitimidade do meu soberano, fui privado do meu pobre ordenado de official da secretaria, emquanto tantos empregados teem dois e tres pingues logares) fazendo-o assim, digo, de que sirvo eu aqui? Desacredito o governo que represento, e em nada lhe presto. Póde o mundo dar mil voltas, que eu as não sei; podem os interesses commerciaes (em minha humilde opinião os primeiros e quasi unicos de que aqui se póde e deve occupar a legação de Portugal) reclamar a minha attenção e cuidado; que nada eu sei ou posso fazer, porque nem tenho *tempo* nem *meios* de ver ninguem. Junte se a tudo isto o desfavor e *quasi malquerença* com que (pelas rasões expostas em meu officio n.º 11) geralmente sou visto, e verá v. ex.ª que não amplifico em dizer que pelo modo actual, a despeza que se faz com esta pobre missão é puro desperdicio. Ninguem póde melhor do que v. ex.ª apreciar a exacção d'estas observações. Ninguem conhece melhor a rigorosa verdade do cálculo que tenho feito e que resumido em poucas e simples expressões é: que com a addição de mais uma bagatella *a qualquer titulo*, sobre os meus vencimentos actuaes, e com um addido para me auxiliar, e deixar tempo para alguma coisa util, d'esta missão se poderia tirar muito proveito; e que a falta d'esta bagatella torna inutil a muito maior despeza que já se faz: a questão pois seria—se vale mais gastar *dez inutilmente*, ou *doze com proveito*. A mim não me parece poder haver duvida na opção. E não sei explicar a repugnancia e difficuldades que tenho achado, senão em erro e falta minha, que não tenho sabido expor a questão de modo que merecesse a attenção e resolvesse a decisão de sua magestade.

Posto que, já de muito, resignado ao desprezo com que sempre teem sido tratados meus pobres serviços, com tanto zêlo e devoção prestados; posto que me tivesse conformado com o permanente e diario espectaculo de ver repartir graças e mercês a todos os que commigo partilharam a honra (e o pêso) não só de permanecer fieis na hora do perigo e da tentação, mas de arriscar a vida, a fortuna e tudo pela causa da rainha, sem que o minimo testemunho de approvação pública da parte do governo, que tam generoso é com todos os mais, chegue até um pobre homem de lettras que não ficou todavia *para traz*, nem se acolheu ao seu gabinete quando foi preciso servir com o corpo: resignado, digo, como estou ha muito, a tudo isto, e a contentar-me com o *testemunho* da minha consciencia, que me não engana na compensação; não pude comtudo deixar de ver um vislumbre de melhor esperança no paragrapho da circular de v. ex.ª, sob n.º 2, em que tam affirmadamente se promette que as graças e empregos serão distribuidos com consideração, como é justo, aos serviços prestados á rainha e á carta.

Não me toca de certo a mim o ser juiz ou avaliador de meus proprios serviços: mas não ha modestia humana, não ha humildade e desinterêsse que se não revolte com a idéa de ver premiar a todos, a muitos que pouco serviram, a muitos que nada serviram, e verse excluido, unico, quasi marcado *com a barra sinistra de bastardia* entre todos os filhos da patria. Se pois eu commetti falta ou crime, que assim me colloque n'uma excepção, *odiosa* para com o governo da minha soberana, por quem tenho dado fortuna, honra e vida, e ao mesmo tempo *deshonrada* e de descredito para com os meus compatriotas e para com os proprios estrangeiros; melhor valeria, e mais justo fôra que por essas faltas ou crimes (que ignoro) eu fosse julgado e castigado. Mas a consciencia me não accusa de nada: e não sei explicar a minha infelicidade senão por azo de pouca fortuna, e por falta de protecção amiga que faça valer a justiça, justiça que, por si só e sem amparo, mal póde ver-se, quanto mais attender-se.

Se pois uma lealdade provada, uma firmeza, com moderação, de principios, uma conducta irreprehensivel, e tanta devoção e zêlo e padecimentos merecerem a v. ex.ª o favor de fazer valer perante sua magestade os meus humildes serviços, confio que elles emfim merecerão algum testemunho público de sua real approvação.

Este favor tomo a liberdade de rogar a v. ex.ª, se julgar que o mereço.

. . . .

N'este momento recebo um officio do nosso vice-consul em Ostende, participando-me a chegada do navio *Mary* com 108 soldados licenciados do exercito portuguez; dos quaes 44, belgas, tiveram permissão do governo para desembarcar: aos outros se não consente. Como nenhuma ordem recebi de sua magestade, ou instrucções sobre o que em tal caso devo fazer, hesito, e receio muito desgosto e desagradaveis procedimentos: o que de certo eu teria prevenido se o governo me tivesse honrado com alguma communicação prévia, ou com suas ordens. Vou fazer todas as diligencias para remediar, se podér, este contratempo. Os homens estão nús,

esfomeados, e (o que peior é) sem papeis nem titulo algum que os legalise.

....

Em 26 do mez passado, e no momento em que escrevia a v. ex.ª o meu officio d'aquella data sob n.º 15, vinha do ministerio dos negocios estrangeiros de ter uma longa e desagradavel conferencia sobre a questão do desembarque dos soldados vindos pelo navio *Mary*. Os fundamentos principaes d'este governo eram que, não sendo subditos seus, não tinham obrigação nenhuma de os receber, nem nós direito algum de lh'os mandar; que as leis do paiz prohibiam a entrada de estrangeiros sem profissão nem meios de subsistencia etc., etc.; que demais o estado em que elles vinham era tal, que a municipalidade de Ostende os não deixaria desembarcar, ainda quando o governo o permittisse. Estes infelizes com effeito chegaram podres de sarna e outros contagios, quasi todos nús, mettido o corpo dentro de saccos por elles furtados ao capitão do navio, porque tudo o mais venderam em Lisboa antes de partir (supponho eu); além d'isso sem titulos ou papeis que os legitimem; dizendo elles mesmos a quem os quer ouvir que pela maior parte sairam das prizões e das galés. Conhecia eu a verdade d'estas circumstancias porque a informação do governo não só coincide com o que disseram os jornaes, mas com os relatorios do nosso consul a mim, e com os do consul inglez a sir Robert Adair: e dando portanto rasão ao governo belga, no fundo da minha consciencia; ou pelo menos ignorando, como ignoro, quaesquer convenções que entre elle e o nosso possam ter sido feitas na occasião do alistamento, e as quaes me dessem logar a estabelecer um caso excepcional (como creio que este é); fiz comtudo todo o empenho por convencer o ministro que devia deixal-os desembarcar, evadindo com quanto subterfugio imaginei as rasões que elle dava e que eu não podia deixar de achar boas. Comtudo eu teria arranjado facilmente este negocio se a minha posição a respeito d'este governo e côrte fosse a mesma que era ha seis mezes. Desanimei com a frieza e persistencia inflexivel que achei, e vindo a casa escrever a v. ex.ª o curto officio de 26 do passado, dirigi-me logo, para guia e conselho, ao meu illustre amigo sir Robert Adair para ver se d'algum modo podia concertar o caso. — Que instrucções tem do seu governo? — foram as primeiras palavras que me disse. Respondi que o negocio parecêra tam corrente e ordinario, que o governo de sua magestade não tinha julgado necessario falar-me d'elle. Mas não o deixei convencido com esta resposta; e o peior é, que este novo facto confirmou a opinião aqui recebida de que eu não mereço do governo de sua magestade a confiança que é necessaria em um agente seu. A final, e depois de muito consultar, propoz o ministro inglez, e eu pareceu-me dever approvar, que mandassemos seguir o navio para Londres, onde, por occasião dos alistamentos que alli se fazem para serviço de sua magestade catholica, se acharia boa saida a estes homens. Em consequencia e de accordo tambem com o governo belga, officiei eu ao nosso consul em Ostende, o governo ás suas auctoridades, e o ministro inglez ao seu consul, para que de commum accôrdo se arranjasse este negocio. Na mesma occasião officiei ao nosso ministro em Londres, participando-lhe o que se havia feito e pedindo-lhe a sua cooperação para se ultimar do melhor modo. Ao dito nosso vice-consul em Ostende auctorisei a fazer as despezas stricta e absolutamente necessarias para prover aquelles miseraveis; e outro sim a fazer um ajuste com o capitão do navio para os transportar a Londres, onde o preço, convindo-lhe, seria pago pelo nosso consul alli, com aviso do referido consul de Ostende ou de Londres. Até ao presente não recebi parte de estar executada esta ordem, mas tenho toda a rasão de crer que o foi ou o está sendo.

No meio das difficuldades em que me vi, não me parece que podia tomar melhor arbitrio — nem melhor nem outro. E fólgo de me persuadir que elle merecerá a approvação de sua magestade.

Talvez v. ex.ª duvidará acreditar que em toda a minha vida ainda não passei por mais desagradavel transacção, nem jámais tive tanta anciedade e trabalho. Do que tudo me darei todavia por bem pago se merecer a approvação que espero.

Do officio de 7 de julho:

Amanhã ha no ministerio dos negocios estrangeiros um jantar diplomatico (de que só eu fui excluido) em obsequio do novo internuncio. Não sei qual será o pretexto da exclusão, que me parece offensiva (não de certo á minha humilde pessoa); mas estou bem seguro que o *motivo* é o geral que longamente expuz em meu officio de 7 de junho proximo passado sob n.º 11, e que já me tem excluido de todos os jantares do paço, que desde a minha chegada tem havido e a que teem sido convidados todos os outros membros do corpo diplomatico.

Comquanto a pobreza — a miseria em que vivo me fazem *pessoalmente* folgar com es-

tas exclusões, receio que ellas sejam desairosas ao soberano que tenho a honra de servir, e ao governo que represento. Inteiramente destituido de todos os meios de as evitar, ou as resentir, nem sequer de as disfarçar e occultar, escondo-me em minha pobre casa e não ouso apparecer em publico.

Não me sendo absolutamente possivel viver decentemente com meu escasso ordenado, nem ainda acrescendo-lhe os sacrificios que estou fazendo, de meu modico patrimonio, no serviço de sua magestade, e tendo além d'isso todas as horas do dia e boa parte da noite occupadas com o serviço braçal da legação, repito que nada me péza, antes muito me convém, não me ver forçado a despezas com que me endivido, e que absorvem os pequenos restos de minha fortuna que, na occupação da ilha Terceira, escaparam ao sacrificio geral por nós feito á causa da liberdade e do throno; sacrificios que de nenhum modo chóro, nem quando agora desprezados, mas que me me impossibilitam de os fazer novos, como eu quizéra.

....

Por esta occasião seja-me de novo permittido e em descargo consciencioso de meu dever, o lembrar a v. ex.ª que as nossas relações commerciaes, que tam extensa e importantes podiam ser (e já o foram, (com este paiz e por via d'elle, com a melhor parte da Allemanha e muito da Suissa, deperecem a olhos vistos por falta de quem d'ellas se occupe. Ou um consul geral, portuguez de nação e *pago*, que resida em Antuerpia; ou um addido secretario n'esta legação que possa encarregar-se do trabalho do consulado geral, e fazer a *correição commercial* e industrial do paiz, instruindo-se a si, e habilitando-se para informar o governo e o commercio portuguez, — um ou outro é um desiderandum indispensavel n'este paiz. Sem elle, em minha humilde opinião, até é nulla e esperdiçada a despeza que aqui fazemos com uma missão – que d'este modo podia fazer muito— e sem estes meios para nada serve.

V. ex.ª desculpará ao meu zelo o repisar tanto sobre este mesmo assumpto, e fará justiça aos sentimentos que me forçam a ser importuno.

---

20 de julho:

Em meu officio, sob n.º 18, de 7 do corrente denunciei a v. ex.ª a chegada aqui de um internuncio da santa sé. Entre todos os agentes diplomaticos, eu fui o unico não visitado por Mgr. Gizzi: elle procurou ao proprio ministro de Hespanha, apesar da interrupção ou quasi interrupção de communicações das suas côrtes. O nosso estado é considerado por Mgr. Gizzi (segundo elle disse ao ministro de França) como perfeita ruptura. Sendo esta, como v. ex.ª sabe, a unica côrte em que actualmente um agente diplomatico de sua magestade póde ter occasião de se encontrar de perto e a miude com o de Roma, pareceu-me que não seria de todo indifferente o proceder e linha de conducta que eu adoptasse: e portanto segui o da maior reserva, ancioso comtudo por receber de v. ex.ª alguma instrucção, se julgar que o objecto o merece.

A influencia de um agente de sua santidade é tal n'este paiz e n'esta côrte, que eu tenho sido excluido de todos os convites, publicos e particulares, por obsequio ao internuncio. Só devo comtudo exceptuar d'esta regra geral o caso de *um* dos jantares no paço, em que, com grande admiração minha e de todos, recebi o convite costumado.

....

De novo peço licença a v. ex.ª para aproveitar mais esta occasião de levar aos pés de sua magestade as minhas instantes supplicas para que me seja concedido alguem que me auxilie n'este incessante trabalho, que me dá o serviço d'esta legação. Seja o nome, a forma, a categoria qual for não me importa a mim; mas alguem que me allivie d'esta cruel fadiga, é justiça e é, seja licito dizel-o, *caridade* para com um empregado que trabalha sem cessar ha treze annos, e cuja vacillante saude lhe não promette senão muito curto praso no termo de uma vida que toda foi sacrificada pela causa da patria e do soberano.

---

9 de agosto.

....

A simples inspecção d'esta lista (conta das despezas da secretaria) mostrará a v. ex.ª mais claro do que nenhuma exposição minha, qual é o enorme e incessante trabalho d'esta legação. A minha saude já muito precaria não póde resistir a estas fadigas que destruiriam um homem robusto. Eu, humilde, mas instantemente imploro de sua magestade, como uma graça, a de me dar quem me auxilie, evitando-me assim a dura necessidade de succumbir a um trabalho com que não posso, ou a resignar com amargura e desconforto o unico refugio que me deixou a perseguição, a ruina da minha casa e da minha familia, e doze annos de sacrificios, de exilio e de padecimentos de todo o genero.

---

18 de agosto.

. . . .

De novo aproveitarei todavia esta occasião para repetir a v. ex.ª que do modo que esta missão está disposta é quasi impossivel preencher nem esta nem talvez nenhuma outra das indicações naturaes de uma legação. Um homem só, desprovido de todos os meios, mal podendo arrastar uma existencia obscura, sem um addido sequer que faça o trabalho diario e immenso da legação, e deixe, quando menos, ao chefe d'ella o tempo de visitar alguem, de formar e conservar algumas relações, é, segundo por vezes tenho elevado á consideração de sua magestade e de seu governo, um phantasma de legação que de nada serve, e comtudo consome uma, posto que minima, parte dos dinheiros publicos. Os interesses commerciaes, do mesmo modo, abandonados a vice consules que nenhum interesse teem em os zelar, e sobre os quaes tambem nenhuma acção posso ter, porque nenhum meio tenho de dar sancção ás ordens vans que lhes dê ou communique — padecem a olhos vistos.

Peja me e peza-me de importunar a v. ex.ª com a recapitulação de todos estes inconvenientes; e custa-me a repisar que a insignificante addição de despeza de um addido-secretario bastaria para os remediar todos. Mas é tam flagrante o mal, que me julgo em consciencia obrigado a solicitar sobre elle a attenção do governo da rainha, ainda com o risco de ser importuno e de incorrer talvez na censura que não mereço de certo.

---

19 de agosto.

. . . .

Resta-me pois responder ao officio primeiro citado, n.º 11, em que v. ex.ª parece arguir-me de formar não fundadas queixas pela supppressão do meu ordenado de official da secretaria d'estado, e pela insufficiencia dos meus actuaes vencimentos. Eu certamente conheço que a secretaria d'estado a que v. ex.ª preside, não teve influencia sobre a injustissima suppressão do meu ordenado de official da secretaria d'estado dos negocios do reino: mas permitta-me v. ex.ª que lhe diga que tambem me parece que poderia exercer outra influencia mais benefica — a de reparar uma injustiça tam clamante como esta é. Nenhuma lei do reino, nenhuma pratica estabelecida, nenhuma rasão de equidade, já não direi *auctorisavam*, mas nem se quer paliavam aquella maneira com que assim fui esbulhado de uma posse por tantos titulos adquirida, conservada legitimamente a custo dos maiores sacrificios, paga com as miserias de seis annos, reconquistada com as armas na mão e o risco da vida — da vida que podia facilmente acabar em um patibulo infame.

Em attenção a tudo isto é que se dignára sua magestade imperial o duque regente, que D. T. em Gl., ordenar em 30 de abril de 1834, que durante a missão n'esta côrte me fosse conservado o ordenado de um logar tam *caramente* ganho e conservado.

Nem a objecção (aliás futil pela pratica contraria ser constante) de cumular dois empregos, é procedente, porque em *realidade* se não verifica pois que são os emolumentos o preço do *trabalho actual* d'aquelles logares; e o ordenado nunca assim foi considerado, pagando-se sempre effectivamente aos doentes, invalidos, *até* a miude aos reconhecidos *incapazes*, e *sempre* aos que são mandados em commissão, como eu.

Se estas rasões em todo o tempo e casos foram reconhecidas incontestaveis, quanto não dobram ellas de força applicadas á minha hypothese especial! Depois de seis annos de emigração, de ter pago, com minha humilde quota de sacrificios, o triumpho da causa da rainha e da carta, e não só em sacrificios negativos, como tantos outros que por esses serviços negativos houveram premios á vista dos quaes é insignificante o que eu reclamo — ; mas em positiva contribuição de minha fazenda nos Açores e no Porto e de serviços do meu corpo em ambos aquelles logares!

Em ultimo, que não derradeiro logar, permitta-me v. ex.ª que accrescente uma reflexão que em verdade me peza ter de fazer, mas á qual, no animo recto e leal sobretudo de v. ex.ª confio que perdoará o que ella póde ter de amargo pelo quanto tem de justa. Ella é bem simples. Em dezembro de 1833 me nomeou sua magestade imperial para esta côrte. A tenuidade do logar me obrigou a recusar, pelo pezo de minha familia e dilacerado da minha fortuna. Em fevereiro seguinte se me prometteu, entre outras que nunca se verificaram, esta compensação da conservação do ordenado da secretaria d'estado; acceitei, e se expediram os diplomas. Mas demorou-se a expedição do que me garantia a *referida* confirmação, e protestei humildemente que me não aventurava a partir sem ella, por me ser impossivel. Verificou-se a dita confirmação em 30 de abril; e então me resolvi a acceitar definitivamente e me preparei a partir, como fiz nos fins de maio. D'aqui v. ex.ª poderá ver que houve eu uma como estipulação com o governo, em cuja fé sagrada puz confiança plena, e com essa certeza desfiz meu estabelecimento, renunciei ás *vantagens certas* da residencia na minha patria, aos recursos da minha

pequena fortuna, aos meus habitos e recursos litterarios, e vim — fiado na palavra do governo — estabelecer-me longe n'um paiz estranho, fazendo-me (o que eu não sou na minha patria) inteiramente *dependente* d'elle.

Dado por mim este passo, contrahidas, n'aquella *boa fé sagrada*, obrigações novas irretrataveis agora, v. ex.ª não poderá na sua justiça deixar de confessar, que o procedimento havido commigo redobra de dureza, e que é necessario todo respeito e submissão com que sempre acatei a auctoridade suprema em cujo nome me foi imposto, para não vêr n'elle senão uma durissima injustiça.

Certo de que tenho, não por minhas reflexões, mas pelos factos que são eloquentissimos, convencido a v. ex.ª da justiça que me assiste n'esta reclamação, só me resta importunal-o sobre o que v. ex.ª me parece querer negar — a sua competencia e do seu ministerio para attender e reparar este aggravo.

Emquanto for do agrado de sua magestade conservar-me no serviço em que estou, é v. ex.ª o meu chefe, e o seu ministerio o canal unico pelo qual posso e devo fazer chegar as minhas supplicas aos pés do throno. Além d'isso, ninguem sabe melhor do que v. ex.ª que sempre foi costume entre nós o dar, pelo ministerio dos negocios estrangeiros, compensações aos empregados de outras repartições que, servindo sob elle, deixavam de perceber por aquell'outras seus antigos vencimentos. Emfim, como meu ministro, a v. ex.ª devo recorrer como ao protector natural dos direitos de seus subalternos, como eu tanto me honro de ser. E seja por qualquer modo que for, ou por auctoridade propria, ou por legitima intervenção, não ha duvida que se v. ex.ª se convencer da injustiça a póde reparar, e que em seu amor pela rectidão e equidade confio que o fará; tanto mais quanto, se me não engano, o proprio decoro, e o sagrado dever da *fé dada* estão por minha parte e manteem a minha reclamação in solidum, para com o governo de sua magestade.

Officio reservado de 30 de setembro de 1835.

Hontem veiu procurar-me o ministro dos negocios estrangeiros M. de Mulenaere (Mullener?), dizendo que tinha uma communicação importante a fazer-me. E depois de alguns preambulos em que parecia embaraçado, disse emfim que vinha da parte e ordem positiva de el-rei dar-me uma explicação sobre me não ter ainda offerecido a commenda de sua ordem, que ha muito destinára dar-me, mas que el-rei lhe ordenára de me vir dizer que o motivo de se ter differido era querer elle ter o gosto de a offerecer a um *enviado de familia* mais depressa que ao encarregado de negocios de Portugal. «Entende-me muito bem, accrescentou o ministro sorrindo, e não ignora que em poucas semanas a sua posição — a nossa mutua posição, será inteiramente outra». Posto que os boatos das gazetas me tivessem um tanto prevenido, não pude deixar de me surprehender com esta confidencia, principalmente pelo receio de deixar conhecer *a verdade*, isto é, que nada sabia, verdade sempre constante em tudo quanto se refere a Portugal e ao governo que tenho a honra de servir. Respondi, pois, com um gesto de intelligencia, sem aventurar uma palavra; e o ministro continuou: «El-rei regressará de Inglaterra á volta do dia 7 ou 8. Sabe que a sua viagem não é estranha aos negocios de sua magestade fidelissima. E o correio que hontem recebi de Vienna me faz esperar que á volta de el-rei o negocio do casamento estará de todo concluido. Creio que se chama o conde de Lavradio a pessoa que el-rei tem tenção de vêr em Inglaterra?» — «Supponho que sim», respondi eu. — «Em Vienna, continuou elle, recebe a approvação geral este casamento. O principe é o mais bello mancebo da Allemanha, e seu pae riquissimo, e o mais habil general de cavallaria ao serviço de Austria. Suppõe-se que elle acompanhará seu filho. Comtudo o pae, que é um homem mui prudente e pausado, não deixa de ter um *como que receio de tanta elevação para seu filho, Il est presque craintif de l'éclat d'une couronne pour son fils* (são as formaes palavras). Comtudo el-rei (Leopoldo) deseja muito esta alliança, e o tem resolvido. Duvido que sem os conselhos de el-rei, seu irmão se resolvesse; porque é de uma natureza timida, e talvez em extremo cautellosa».

Não sabendo em verdade o que responder a uma confidencia tam excessivamente franca e inesperada, embrulhei-me em phrases banaes, com o que o satisfiz. — «El-rei, continuou elle ainda, está, como lhe digo, muito interessado na conclusão d'este negocio, e tam contente e satisfeito que ainda lhe quero fazer outra confidencia mais intima (mais *intima* pelo que pessoalmente lhe respeita a v.) *plus intime á votre égard*, e é que ultimado o contracto, o nosso encarregado de negocios em Lisboa será substituido por um enviado extr. e min. plen. E' uma missão de familia. E além d'isso M. Leruys não está na altura das suas funcções. Sei que d'isso se teem apercebido em Lisboa. E realmente precisamos de outra especie de representante em Portugal. Não sei ainda quem irá; mas por estes dias lhe direi a pessoa que será designada. Faço-lhe os meus cumprimentos porque provavelmente

o não substituirão da sua côrte, e subirá de graduação sem mudar de terra, que é grande inconveniente.» Aqui accrescentou cumprimentos muito lisonjeiros que não saberei copiar, e demonstrações de satisfação com que el-rei, elle ministro e toda a côrte me veriam continuar a residir em Bruxellas. Respondi, como me cumpria a tudo isto, pagando os cumprimentos, e, respondendo, quanto ao objecto principal da conversação, com o mesmo vago de phrases geraes com que tinha começado. Emfim o ministro levantou-se para sair, e já á despedida concluiu: «Emfim, por estes dias, que el-rei chega falareis com elle, provavelmente a esse tempo *on* vous aura déjà autorisé à parler plus clair et á vous entendre avec nous».

Tal foi o mais verbalmente que pude conserval-a, a minha conversa com M. Mulenaere, ou antes a visita em que elle *falou* e eu *ouvi*.

Depois de taes confidencias, que julguei do meu dever relatar fielmente a v. ex.ª, é indispensavel que lhe peça mui encarecidamente o favor de me instruir do que devo fazer, e como em eguaes occorrencias (que se repetirão sem duvida, e a miude) deverei portar-me. Certamente se é da vontade da rainha que eu fique inteiramente estranho, e me declare absolutamente ignorante de uma transacção d'esta ordem, não será então decoroso para o governo de sua magestade, nem tam pouco decente para mim, que me conserve n'esta côrte, onde serei obrigado a confessar que não mereço de nenhum modo a confiança da minha. Fazendo el rei dos Belgas, como faz, o negocio seu; e sendo elle por sua alta categoria e pela deferencia de toda a sua familia, considerado como chefe de uma casa a quem a fortuna e o merito de seus augustos membros promettem os mais illustres destinos, v. ex.ª convirá facilmente que excluir absolutamente de toda a participação de tam alto negocio ao residente do nosso governo n'esta côrte equivale a declaral-o nullo e incapaz da confiança da sua soberana. Protesto, por quanto ha de sagrado, a v. ex.ª, que não entra a minima ambição n'isto que tenho a honra de dizer-lhe e que dissipadas todas as illusões e ventoinhas da edade inexperiente, todos os meus desejos são viver tranquillo o resto dos meus dias, longe de côrtes e palacios para os quaes sou muito sincero, e onde a lealdade chan de meu caracter precisa, para ser acceita, dos talentos que de boamente confesso não ter. Mas a par d'esta abnegação bem verdadeira, bem cordial, ha comtudo um sentimento de que me não posso despir. Em qualquer outra parte nem official nem officiosamente me lembraria de tocar a v. ex.ª em tal assumpto. Collocado por mero acaso n'esta côrte, é forçoso que o faça, e que rogue a v. ex.ª se digne pôr aos pés de sua magestade as minhas mui reverentes supplicas para que seja do seu agrado real tirarme de uma posição tam falsa e insustentavel como é a minha.

Se na pessoa de v. ex.ª, que já um tempo não duvidou honrar-me da sua amisade e confiança, eu não tivera uma garantia de que não é das intenções do governo o conservar-me aqui para me humilhar; se, digo, não confiára n'esta garantia, e na que parece dever dar-me a antiga amisade de quasi todos os srs. ministros que compõem o actual gabinete, e a consideração, que por meus muito serviços, por algumas letras, por um procedimento illibado, e direi ainda virtuoso em toda a minha vida, tenho merecido a todos elles, eu não hesitaria, excellentissimo senhor, em rogar a v. ex.ª quizesse depor aos pés de sua magestade a supplica de me retirar d'este serviço, concedendo-me que fosse acabar os meus dias no meu canto e em paz.

Mas lisonjeio-me que não é das intenções do governo de sua magestade envilecer e abaixar tanto um empregado seu e servidor fiel do estado; e n'esta persuasão rogo a v. ex.ª o favor de me dar algumas instrucções sobre o modo por que em taes circumstancias devo proceder; esperando outro sim que sua magestade me quererá fazer a honra de me auctorisar a participar, no modo que for mais do seu agrado, e na parte comquanto minima em que meu humilde mas zeloso prestimo possa servir á alta transacção de que dependerá a felicidade da patria e que coroará os votos de todos os portuguezes leaes.

Bruxellas 16 de outubro 1835.

Ill.mo e ex.mo sr.—Tómo a liberdade de encommendar á protecção de v. ex.ª, para que m'a não extraviem, a carta junta para meu irmão do Porto e que contém papeis de negocios importantes de familia. O maior favor é mandal-a deitar no correio por um contínuo. E' vergonha recorrer a v. ex.ª para coisa tam insignificante, mas sem a sua protecção sei por experiencia que nem isso se faria.

Receba v. ex.ª com os meus agradecimentos por este favor, os protestos do muito respeito com que tenho a honra de ser—De v. ex.ª—C.do m.to v.or e a. o.—*João Baptista d'Almeida Garrett.*

....

Com a maior difficuldade pego na penna para rogar a v. ex.ª se digne obter de sua magestade o favor de uma licença de um mez para ir a Paris a ver se consultando alli os facultativos posso recobrar-me, ou pelo menos palliar a molestia interior que me consome, e que por maior infelicidade tem até agora sido desconhecida dos professores d'esta terra. Peiorando de dia a dia mais o meu estado, e confiando na benignidade de sua magestade e na indulgencia de v. ex.ª, talvez me decida a ceder emfim ás instancias que todos me fazem, de partir antes que a estação e a molestia não estejam mais adeantadas. Se me vir obrigado a fazêl o conto com a bondade de v. ex.ª para me desculpar. Além de que, se Deus for servido dar-me alguma melhora, em poucas horas poderei voltar ao meu posto.

....

Segundo tive a honra de escrever a v. ex.ª, em 18 do mez passado, sob n.º 31, fui obrigado a antecipar sobre a permissão de sua magestade, e me ausentei por espaço de quinze dias d'esta capital, indo a Paris consultar os facultativos sobre minha perdida saude. Aproveitei para o fazer a occasião da ausencia de suas magestades el-rei e a rainha dos belgas, que n'aquella mesma côrte estão desde meados do mez passado, e não devem voltar antes do fim d'este. Apesar, todavia, de que a occasião era tam facil e larga, e o motivo tam justo e urgente, não quiz fazer mais demora que a que era indispensavel; e desenganado que o meu estado já não era susceptivel de melhora, contentei-me com os palliativos que recebi, e voltei ao meu posto onde ha oito dias me acho, sem melhoras essenciaes, mas seguindo um regimen que me vae sustendo a vida, e sobretudo resignado e conforme, que no meu estado é o que mais importa.

Expuz, enfadonhamente para v. ex.ª todas estas circumstancias insignificantes, para n'ellas dar o motivo e desculpa da demora que tenho posto em responder aos officios e despachos que, á minha volta aqui achei, e que são de n.ºs 23 a 27.

Observarei o que (sob aquelle n.º 23) se me recommenda relativamente ás certidões de obito de individuos estrangeiros ao serviço da rainha. Já tenho convenientemente usado da informação satisfatoria que me dá a circular de 15 de outubro (sob n.º 24) sobre a entrada da nossa divisão auxiliar em Hespanha. Cumprirei o que ordena o despacho de 17 do mesmo mez (sob n.º 25), quanto á assignatura da *Encyclographia medica;* e bem assim tenho comprado, e pela primeira occasião remetterei, o almanak de que trata o despacho n.º 26, de 30 do mesmo mez. E estou cuidando de obter o quadro de organisação dos corpos diplomatico e consular d'este governo, que immediatamente remetterei, segundo a recommendação da circular de 7 de novembro corrente.

Cumpre-me agora dizer a v. ex.ª que somos chegados ao fim d'este anno e que ainda me acho em desembolso de todas as despezas feitas na secretaria d'esta legação, de que já enviei a lista dos primeiros dois quarteis. É verdade que de Carbonell recebi aviso de ter á minha disposição rs. 199$555, importancia de parte da folha do primeiro trimestre mas ao cambio de 57 3/5 que segundo as determinações regias novissimas eu não posso acceitar; e sem mencionar a somma de 40 libras esterlinas addicionaes que me são devidas, a saber 20 libras pelo lucto de sua magestade imperial o duque regente, e 20 pelo de sua alteza real o principe D. Augusto, que ambos Deus tem em gloria.

Esta demora de pagamento das listas junta á do dos ordenados me põe em tal aperto que me obriga a rogar a v. ex.ª se sirva dar providencias para que alguma coisa ao menos seja paga. A minha molestia não me tem permittido nem de organisar ainda a lista do terceiro trimestre, que é tam avultada; e demais para obter os documentos necessarios é necessario pagar, e não sei como poderei fazêl-o.

Muito mais precisava eu estender este officio, mas faltam-me as forças para continuar; e nem ainda sei se as terei para o lançar em cópia e o poder assim enviar pelo correio de hoje. Só, sem uma pessoa que me coadjuve, quando a legação de Paris tem seis addidos, e um secretario e um conselheiro, não ha de certo proporção alguma no trabalho com que mal poderá aqui um homem são, mas não póde de certo um inválido como eu.

Recebo n'este momento o despacho de v. ex.ª sob n.º 28, em data de 7 do corrente; e apresso-me de aproveitar a pequena tregua que me dão hoje meus padecimentos habituaes, para lhe responder.

E, primeiro agradecerei muito sinceramente a v. ex.ª a efficacia com que me fez o favor de obter e enviar a permissão de sua magestade para me ausentar por tres mezes d'esta missão a cuidar de minha saude. Infelizmente receio muito de que venha a precisar aproveitar-me d'esta mercê, o que por agora não faço.

Vejo com um sentimento misturado (v. ex.ª me permitte dizêl o) de satisfação e receio, a certeza que me dá de haver sua magestade decidido conferir-me outra missão diplomatica. Certamente que a minha posição n'esta côrte, tal qual é actualmente é insustentavel, já pela insufficiencia do ordenado, já por se me haver faltado á promessa authenticamente dada de me conservar o meu ordenado da secretaria d'estado, em cuja fé acceitei o logar e para elle vim; já finalmente, porque não é possivel a um homem só bastar ao trabalho improbo do expediente. Mas tambem é certo, por outro lado, que eu contrahi aqui obrigações e fiz despezas na formação do meu estabelecimento, e por fazer honra ao governo que sirvo e represento, taes que o ser transferido para outra côrte a não ser com vantagens que compensem tudo isto, seria a minha ruina completa, seria acabar o que tam bem começou a usurpação, a completa destruição do moderado patrimonio que me legou meu pae, pois que do serviço publico ainda não tirei senão sacrificios, e d'esse não tenho nem sequer que perder. V. ex.ª sabe muito bem que me não resolvi, ha dois annos, a acceitar esta missão, e depois d'isso, ha um anno, a continuar n'ella mau grado dos sacrificios que se me impozeram e dos desgostos e humilhações por que passei; não me resolvi a isso digo, senão na esperança de melhorar, como escala de uma carreira em que poderia subir, que escala para descer não sei que na vida publica désse ainda alguem o raro exemplo de abnegação de acceital-a. N'esta esperança pois fui soffrendo com paciencia e resignação o mal presente; e, quando, ha um mez, vi que a posição d'esta côrte a respeito da nossa ia mudar, e que haveria aqui uma legação de mais elevado grau, não me pareceu demasia o suppor e esperar que quem tinha supportado os incommodos, gosasse agora dos commodos, principalmente quando a consciencia e os testemunhos publicos e constantes de todas as pessoas com quem tenho tratado, já dos soberanos d'este paiz a quem devo tanta mercê, já dos meus collegas, e de toda a côrte emfim, e poderei dizer da melhor parte da nação, me fazem crer que tenho dignamente feito o meu dever como empregado, honra ao meu soberano, e ao governo que represento, e não tenho com meus fracos meios contribuido pouco para acreditar o nome de portuguez de que me prézo. Para conseguir estes fins, tenho feito (o que sempre fiz ha quinze annos que sirvo o estado) o sacrificio da minha pessoa e fazenda, e sem aguardar nem receber galardão. E ninguem melhor do que v. ex.ª, que tantos annos honrou e illustrou o nome portuguez nas côrtes da Europa, póde conhecer que não é com 6:000 cruzados mal pagos que um pobre chefe de legação (por infima que ella seja) póde assim fazer honra ao seu governo. E' claro pois que tenho sacrificado meu pobre patrimonio no serviço da rainha, e com isso e com a mais rigida economia tenho residido anno e meio n'esta côrte, e sem dividas nem calotes, representado dignamente o governo da minha soberana como se d'elle recebêra os meios de o fazer. Se pois em vez de continuar n'esta côrte, mas com a graduação superior que está destinada ao chefe d'esta missão, eu tenho de abandonar o meu estabelecimento e ceder o logar a um successor mais feliz (que não herdará os meus incommodos e desgostos) para ir estabelecer-me de novo em outra côrte, passar e soffrer de novo tudo o que aqui passei e soffri, perder meio por meio em todos os objectos que fui obrigado a comprar, é bem claro que a não ser para ganhar muito em graduação e ordenado, este despacho equivalerá a uma ruina, será uma mercê de castigo, e castigo tam pouco merecido.

Sem dúvida a *letra* do despacho de v. ex.ª, a que respondo, me não devia fazer imaginar todas estas calamidades; mas em primeiro logar pedirei licença a v. ex.ª para lhe dizer que muito antes de receber este seu dito despacho de 7 do corrente, recebêra eu aviso de Lisboa de que *estivesse acautelado* «porque tinha já successor nomeado para «esta missão, a qual era elevada á categoria «de segunda ordem; e que, em tal caso, a «minha pessoa não fôra julgada digna de ser «enviado extraordinario e ministro plenipo«tenciario em uma côrte parente como esta ia ser.» Lembrar-me eu que o nosso actual ministro em Londres para alli foi transferido de uma côrte bem inferior a esta; que a pessoa que actualmente reside na côrte mais parente da nossa nunca servira antes n'esta carreira, e que nem por nascimento nem por fortuna nem por serviços posso reputar meu superior, occorreria a qualquer na minha posição para o fazer duvidar do aviso. Mas eu, costumado, em quinze annos de serviço e sacrificios e de um procedimento em que nem os mais inimigos ousarão pôr sombra de macula, a ser sempre preterido, sempre sacrificado aos que sabem vir no dia depois para aproveitar dos sacrificios da vespera, eu fui forçado a acreditar o aviso amigo que me deram; e tratei logo de começar a tomar as minhas medidas para que não fosse tam completa a minha ruina, e me não ficasse até a honra na destruição que me ameaçava. Deliberei preparar-me para poder voltar ao meu canto e á minha obscuridade de homem

de lei e de homem de lettras independente, visto que me lançavam do serviço público, em que rematava uma carreira de sacrificios com tal premio; mas as difficuldades são taes que seria preciso soffrer annos penurias, e trabalhar annos com muito suor, para restabelecer as perdas que vou soffrer. Permitta-me v. ex.ª que desça a detalhes. Vendi todo o meu estabelecimento e moveis em Portugal, captivei a maior parte de meus modicos rendimentos patrimoniaes; aqui foi necessario (porque é uso da terra que attestará qualquer) alugar uma casa a longo praso; por economia e para poder subvenir ás exigencias do logar, provi-me por junto de muitos artigos indispensaveis, fiz compras e arranjos que abruptamente desfeitos me serão de um prejuizo enorme. Emfim, com uma cega e louca confiança no governo de que me lisonjeava haver bem merecido, não tinha contado com uma terminação tam abrupta como a de que fui ameaçado por meu aviso particular, e de que o despacho de v. ex.ª parece desassombrar me em parte. Mas uma reflexão penosa me deixa todavia em suspenso: as nossa relações diplomaticas não se estenderam ainda; e nenhum dos ministros chefes das quatro unicas legações superiores a esta tem probabilidade de a deixar. Se pois eu tenho successor nomeado (como me asseveram) torna-se incomprehensivel ao meu fraco juizo a maneira de subir de graduação diplomatica, muito mais se subindo esta legação, eu, que a creei e installei, não posso subir com ella. Não é que eu tenha a menor repugnancia a mudar de residencia, comtanto que mude com vantagem, e sem deshonra pública. Para mudar d'esta côrte que é a primeira na sua categoria e ordem para outra inferior, nem isso se compadece com o que v. ex.ª tem a bondade de me communicar, nem creio haver commettido crime, ou sequer falta por leve que seja, que mereça que o governo de sua magestade me dê tam público testemunho de desagrado á face do público em que os que me conhecem duvidarão se me conheciam bem, e os que me não conhecem formarão de mim uma opinião vergonhosa. Em tal caso (que, apesar de todos os meus receios, não devo suppor) eu receberia resignadamente e com humildade um castigo affrontoso e de ignominia que sei não merecer; mas faltaria ao que devo a mim mesmo, e ao que devo ao governo se não preferisse retirar-me á minha pobre casa a viver para trabalhar e ganhar o necessario para satisfazer as dividas e encargos que me trouxe o serviço da rainha. Não direi já a minha lealdade á soberana, mas nem sequer a devoção pela sua causa e pela da liberdade da minha patria em cujas fileiras combati doze annos esfriarão de certo com esse rigor que me parece injusto; antes esforçarei de zêlo e desvélos, e conquistarei sobre a ruina de minha saude alguns annos ainda de vigor para trabalhar com mais affinco na causa por que me votei, e mostrar assim que não merecia o desprezo com que sou aggravado, ou pelo menos a fatalidade que me persegue e que a propria consciencia assim como o testemunho dos que me querem bem me faz crer sobremaneira injusta.

Receio ter enfadado a v. ex.ª com este officio tam longo e tam nú de todo interesse: e só me resta concluir para rectificar qualquer expressão que lhe não sôe exactamente como era intenção de quem a escreveu, asseverando-lhe seja qual for a decisão de sua magestade eu me submetterei sem murmurio ao sacrificio que me for imposto, e que nenhum sacrificio que sua magestade exija d'este seu humilde subdito póde já agora ser egual aos que tam desinteressada e alegremente fiz por sua causa quando a maior parte de seus subditos ou rebelde ou tibia de zêlo mofava da abnegação de todos os que como eu, tudo sacrificaram por uma causa que elles suppunham perdida, e que eu, perdida que fosse, serviria e servirei sempre do mesmo modo.

E assim, se é necessario que eu faça logar a outros mais dignos e capazes, ou que mais mereçam a confiança do governo, então a v. ex.ª pediria, só por ultima mercê, que me não fosse feita affronta pública, e se me désse o praso de alguns mezes para eu arranjar os meus negocios e offerecer a minha demissão, sem apparecer ao publico com o triste labéu de haver incorrido na desgraça da minha soberana.

No seu despacho citado, v. ex.ª me faz esperar que não haverei mister d'este recurso, e que antes receberei em breve um testemunho em contrario. Fundado n'essa certeza que me dá, suspendo as medidas que já começára a tomar para salvar alguma coisa da ruina que suppuz impendente, e aguardarei confiadamente a explicação de um negocio sobre que não quero aventurar conjecturas, e que na justiça de sua magestade, na benevolencia de v. ex.ª e na equidade de todos os srs. membros do gabinete devo esperar que me não póde ser desfavoravel.

....

Tenho a honra de passar ás mãos de v. ex.ª para que se sirva dar-lhes o destino que julgar conveniente, algumas das infinitas reclamações que todos os dias recebo. Estas são as de que não pude desfazer-me com al-

gum sacrificio pecuniario de minha algibeira, segundo a miude faço, e que por sua natureza e pela insistencia dos que as fazem ou apoiam precisam de que o chefe d'esta legação seja auctorisado por sua magestade a dar sobre ellas uma resposta cabal:

A. Officio do barão Evain, ministro da guerra a favor de João Guilherme Servain Rutten.

B. Officio do ministro dos negocios estrangeiros a favor de Domingos Baudoin.

C. Requerimento ou memorial da viuva Seyminck (documentado).

D. Reclamação de José Mariaux e de Antonio Rutten.

E. Reclamação de Pedro Lasseron.

F. Reclamação de Estevão Kevers (documentada).

G. Reclamação da viuva Adéle Duboix, viuva de Luiz José Berrieuse.

Por esta pequena amostra, que não é a decima parte do que todos os dias tenho de ler, e a que é força responder, verá v. ex.ª um pouco do trabalho braçal que ha n'esta pobre legação onde tudo falta.

....

Apresso-me em participar a v. ex.ª que de novo recebi insinuações e quasi aberturas do ministro dos negocios estrangeiros mr. de Mulenaere para um tratado commercial comnosco. Viemos a alguns promenores (sempre como em conversação); e não duvidou dizer-me o ministro que tanto nos direitos de portos, facilidades de navegação, *transito*, e entrepostos se faria tudo quanto fosse possivel fazer de mais amplo; como se diminuiriam aqui os direitos nos tres generos que nós mais podemos importar: vinhos, sal, e fructos verdes e seccos. Estabelecer-se ia por nós egualdade de favor para os pannos de lã, ferragens, carvão de pedra. Se nós quizessemos deitar mais adeante e permittir-lhes entrada em nossas colonias de Africa (no que em minha humilde opinião creio que da parte da Belgica não ha risco para nós, e haveria vantagens para as colonias) mais fariam elles então. Ha um genero de tecidos de rayas que nós vamos buscar á India e para o pé do estreito na Arabia, para vir de volta com elle a Moçambique. Este genero nos forneceriam os teares de Gand costumados a trabalhal-o para Batavia, e nos chegaria a Moçambique e Rios de Senna por ametade do preço. Apesar de que todas estas exposições foram em conversa, e sem que eu manifestasse que havia vontade da nossa parte de entrar em negociação alguma; comtudo (segundo ha tempo me fôra recommendado por officio do antecessor de v. ex.ª sob n.º 14 em data de 29 de dezembro) falei de maneira que désse esperança que estas exposições ou aberturas seriam consideradas. O Brazil acaba de concluir um tratado que ainda se não publicou, mas de que espero poder mandar a v. ex.ª uma copia no correio seguinte. A Prussia tambem trabalha em um tratado commercial com este paiz. Em meu humilde conceito, as maiores vantagens commerciaes que nós poderiamos haver d'este paiz, seriam por uma connexão com elle que nos désse caminho para explorar (exploiter) a riquissima mina do commercio da parte da Allemanha que se não desagua por Hamburgo, e que levando a direcção do Rhin, melhor tomará as estradas de ferro livres e francas da Belgica livre que os canaes cheios de tropeços da Hollanda trapaceira e ciosa.

Se o governo de sua magestade julgar digno de attenção o objecto d'este officio sobre o qual já mais de uma vez tenho tido a honra de escrever a v. ex.ª e aos srs. ministros seus antecessores, rogarei a v. ex.ª se sirva dar-me alguma instrucção mais circumstanciada e ampla do que a que posso tirar do citado despacho de 29 de dezembro ultimo. Além de que, no que levo dito tenho satisfeito ao que aquelle despacho me incumbia.

Esquecia-me acrescentar que o dito ministro me disse que preferia, no caso que o governo de sua magestade fidelissima quizesse fazer alguma coisa, que este negocio se tratasse aqui entre mim e elle, pois que não era da intenção do rei dos Belgas que o seu actual ministro em Lisboa ahi permanecesse muito tempo. Estive quasi respondendo-lhe que tambem me parecia que eu tinha tido a desfortuna de incorrer na desgraça de sua magestade, e que como se tratava de dar mais elevado caracter a esta missão, a minha qualidade de simples homem de lettras não seria provavelmente bastante para ella; e que era provavel que eu fosse mandado para outra côrte mais inferior: o que todavia não acceitaria por meu estado de molestia.

Mas julguei do meu dever fingir-me ignorante da humilhação e desgraça que me está impendente, para que isso não paralysasse de algum modo este negocio, ou as aberturas para elle, no caso que o governo de sua magestade julgue que taes aberturas valem a pena de serem tomadas em consideração.

E posto que eu tenha de passar pelo dissabor de ver vir outra pessoa aproveitar-se do meu trabalho e colher o fructo do que tanto me tem custado a semeiar, estou e muito costumado a fazer abnegação de todos

os meus interesses e (do que ainda custa mais) de todo amor proprio.

Devo acrescentar, como lembrança que não creio desprezivel, que na cidade de Anvers, tinhamos antes da entrada dos francezes, no tempo da revolução, uma casa que aquella municipalidade nos havia dado: a qual casa existe, e cuja posse só foi interrompida por aquelle caso de força maior, e de uma potencia estranha e inimiga: que o direito de Portugal a ella é incontestavel. E que este direito, assim como outro menos incontestavel ainda que temos a uma renda estabelecida por legatarios portuguezes, para compatriotas nossos que aqui se achassem desvalidos, e de que o governo dos Paizes Baixos dispoz, distrahindo-a sem nos ouvir, póde talvez fazer-se valer no acto de tratar com a Belgica, se a isso viermos.

....

Julgo do meu dever communicar a v. ex.ª que hontem á noite o internuncio de Roma annunciou a um seu intimo e privado (que m'o transmittiu em grande confidencia) que em Roma se contava com que o ex-infante D. Miguel faria uma descida em Portugal, a qual seria preparada (e já o estava) em Sardenha com auxilios de Napoles e dinheiros do norte. Ao que não era estranha a Hollanda.

Não posso accrescentar mais particulares; sómente afiançarei a v. ex.ª que é pessoa proba e sensata a que me fez esta communicação.

....

...Satisfeito este primeiro dever, resta me outro de mais agradavel natureza que é o de me felicitar, antes a mim do que a v. ex.ª, de o ver chamado aos conselhos de sua magestade, e a presidir a esta repartição em que tanto me honrarei de servir como seu subdito se continuar a ser do agrado da rainha e da approvação de v. ex.ª que n'ella permaneça.

As minhas esperanças vão ainda mais além, posto que de minha natureza sou pouco esperançoso; e a constante perseguição de que tenho sido sempre victima me tem habituado á resignação. Mas digo que vão ainda mais além as minhas esperanças, porque não só no constante favor e indulgente amisade com que sempre me tem honrado, mas muito mais no seu espirito de inteireza e reconhecido amor de justiça, e professado odio á apadrinhação e clientella que em nossos infelizes tempos tem predominado tudo; n'essas qualidades de v. ex.ª tenho seguro penhor de que emfim merecerão alguma attenção ao governo da minha soberana, uma pobre vida toda votada ao serviço da patria, a combater e padecer pela causa da liberdade do meu paiz, e a forcejar com esses poucos talentos que a natureza me deu, e algum estudo cultivou, por promover a causa da civilisação e das luzes, que é, felizmente, a da rainha tambem.

Pouco presumpçoso e desvanecido de meu natural, tem-me forçado a crer que valerei um pouco mais do que eu mesmo me avalio, a constante perseguição dos inimigos da liberdade, o desprezo dos nescios, as injustiças, insultos e acintosas preterições dos corruptos de toda a especie. Honrando-me muito d'esta perseguição, ella me será demais, eu confio, uma nova garantia para contar com o favor e sobretudo com a justiça de v. ex.ª

....

Antes de hontem 16 do corrente se celebrou solemne *Te Deum* por occasião do anniversario de el-rei a que assistiu a rainha, a côrte, o corpo diplomatico e os tribunaes.

No momento em que ia sair para a egreja me trouxeram um recado de bôcca, por um creado: «que o meu collega, chegado ao hotel havia dois dias, mandava saber se tinha cartas para elle».

Posto que, segundo já tive a honra de escrever a v. ex.ª e ao seu antecessor, eu estava prevenido por um amigo officiosamente de que se me nomeára successor; não podia todavia nunca imaginar que este successor me fosse mandado, sem nem ao menos me avisarem de tal, e se a consciencia me accusasse de alguma cousa, permitta-me v. ex.ª que diga com todo o respeito devido que supporia antes ser um commissario que vinha devassar de meus crimes ou erros. Apesar d'isso, e do modo, pelo *menos* estranho e pouco visto e que differe um tanto do que geralmente se usa na urbanidade e polidez do trato e relações dos empregados diplomaticos entre si, apenas acabaram as ceremonias do dia, fui *em pessoa* á hospedaria indicada, visitar o meu *collega* ou successor, ou o que quer que fosse, que tam nobremente se me annunciava. Achei com effeito, e n'um deploravel estado de saude, que em parte explicava aquelle procedimento *seu*, a D. Luiz da Camara, que me disse achar-se nomeado para me succeder e tomar conta d'esta legação como *ministro residente* n'esta côrte e na de Cobourg. Ao que respondi manifestando (o que era e é verdade sincera e leal) a minha alacridade e ancia de lh'a entregar para logo e no mesmo momento, escrevendo sem demora ao ministro secretario d'estado dos ne-

gocios estrangeiros para pedir dia e hora de apresentar o novo ministro, e instando-o para que fosse aquelle mesmo dia a ser possivel. E então pedi ao meu successor os diplomas e papeis necessarios de que elle devia ser portador, a minha carta de *rappel*, e o officio de v. ex.ª, quero dizer o despacho, que me participasse esta determinação do governo e a minha translação. Posto que não devia fazêl-o, confesso a v. ex.ª que pensei antes, demissão do serviço, á vista do modo por que eu era expulso. Mas, tendo em despacho de 7 de novembro ultimo, sob n.º 28, recebido communicação official de que sua magestade em attenção aos meus serviços havia resolvido confiar-me uma missão de grau superior a esta, corrigi immediatamente aquelle pensamento e esperei pelos papeis que ia entregar-me o meu successor. Não posso, ou antes mais exactamente, não devo expressar a v. ex.ª qual foi a minha admiração, acompanhada de outros muitos sentimentos que não designarei, quando ouvi, em resposta, que nada trazia para mim; nem despachos, nem coisa alguma. Ignorando o que devia fazer ou responder, e declarando-me o dito ministro que não estava com forças, pelo seu estado de saude, nem de escrever uma linha, disse-lhe que não obstante tudo, eu tinha tal ancia e empenho de lhe entregar quanto antes a legação, que faria quanto elle quizesse e quanto fosse possivel.

Mas o caso pareceu-me tam estranho e tam fóra de tudo quanto tenho visto praticar nas varias mudanças e alterações que aqui tem havido em diversas legações, que attribui o meu pasmo e estranheza a pouca pratica minha, pois, pela theoria, não achava nos meus auctores idéa de tal. Resolvi-me, como em casos de dúvida se pratica, a consultar com os meus outros collegas, principalmente com os ministros das potencias mais amigas, e apesar da grande repugnancia que forçosamente qualquer teria em manifestar que é tratado pela sua côrte por tal modo, decidi fazêl-o, pelo receio de não commetter alguma imprudencia ou erro, e antes quiz (segundo toda a vida fiz no serviço da patria e de sua magestade) sacrificar o amor proprio. Todos me disseram que devia ter paciencia e resignar-me e cortar por meu pundonor, mas que sem ordem do governo não devia entregar a legação. Que nenhum acto do governo de sua magestade a mim officialmente conhecido me havia absolvido da responsabilidade em que estava como chefe da legação; e que não havia exemplo de que tal se fizera nunca. E, *formaes palavras*, «vous ne pouvez pas vous présenter «au ministre des affaires étrangères pour «demander audience de congé sans une let«tre de rappel. Ce serait *á vous faire tour«ner en ridicule vous et votre gouverne«ment*».

Não podendo, mau grado meu, deixar de conhecer a justiça e exactidão d'este parecer, resolvi-me a esperar; e esperarei as ordens de sua magestade e de v. ex.ª, que anciosamente fico aguardando. E continuarei a servir emquanto não chegarem, ou que o novo ministro não exija, o de que folgarei muito, absolutamente o tomar entrega da legação; porque n'esse caso, tenho sufficiente desculpa do erro de officio que commetterei, no evitar o escandalo de contestações: mas nunca o farei sem que o dito ministro o exija por *escripto*, de officio, e formalmente. O continuar eu, depois d'este procedimento que não devo qualificar, a servir ainda uma só hora mais na presença de uma côrte onde tenho sido tam honrado, onde tanto tenho feito honrar o nome portuguez e o da soberana, á face dos meus collegas, á face de uma nação inteira que assim me vê affrontado e desprezado pelo meu governo, confesso a v. ex.ª, protesto-lhe sobre minha honra que é o maior sacrificio que em minha vida ainda fiz. Por duas vezes jazi nos carceres do despotismo, duas vezes emigrei e perdi tudo, comi no rancho o pão dos soldados, dormi nos porões dos navios, padeci fomes, sêdes, perigos de vida de toda a especie; mas todos esses sacrificios e padecimentos eram pela causa da liberdade e da soberana, pela causa da illustração e reforma da minha patria. Embora: fil-o de gosto e vontade; não me arrependi nem um instante, nem sequer depois que os vi desprezados, e até nem quando os vi galardoados em outros que os não fizeram. Mas este sacrificio de permanecer aqui exercendo funcções públicas, depois de ser tam público o tratamento que recebo, é maior que todos aquelles; e confessarei que d'elle me hei de arrepender e o hei de chorar toda a vida.

Certamente v. ex.ª sabe melhor do que eu que se costuma dar algum tempo a um ministro ou chefe de legação qualquer para preparar os seus negocios, e até para não parecer que de proposito é intenção do governo maltratal-o. E isto se pratica ainda em casos em que elle é culpado, ou mereceu por seus erros a desapprovação do soberano. A maneira por que eu sou removido d'esta côrte, onde se me apresenta um successor, em taes circumstancias, com mais graduação, e tudo isto antes que se me annuncie que sou removido ou demittido, faria crer a todo o mundo que eu sou réu de atrozes coisas.

Felizmente o sentimento geral e a opinião

que tenho sabido grangear-me me põe acima de suspeitas que seriam aliás bem naturaes: e assim o meu procedimento n'esta côrte e a honra que tenho feito á minha me salva da vergonha de que me cobriria este successo, e salva egualmente o governo de sua magestade da vergonha de haver confiado uma missão diplomatica a um homem capaz de merecer tal tratamento.

Geralmente tem se attribuido este subito acontecimento (que obstinadamente chamam desfeita) á mudança do ministerio; mas eu tenho com tanta sinceridade asseverado o contrario, e o de que estou persuadido, que em fim hão de crer-me. E antes eu passe por mau servidor, do que o governo de sua magestade seja accusado de ingratidão e de outros defeitos, com que (por amisade para commigo que lhes não agradeço) o apodam todos n'este caso.

Continua muito gravemente enfermo na hospedaria o ministro de sua magestade Luiz Maria da Camara: e farei quanto em mim está por lhe prestar meus pobres serviços.

....

Confirmando o que tive a honra de escrever a v. ex.ª, sob n.º 41, em 18 do corrente, tenho a dizer-lhe agora que continua esta legação no mesmo estado de incerteza e provisorio, não tendo eu ainda recebido da secretaria de estado a que v. ex.ª preside communicação ou ordem alguma, e progredindo a enfermidade do meu successor, que, ainda que houvesse chegado a minha carta de *rappel*, não poderia têl-o ainda apresentado ao ministro dos negocios estrangeiros.

Quanto a mim pessoalmente só sei pelo despacho n.º ... que sua magestade tem resolvido confiar-me uma missão de grau superior a esta: pelo que beijo de novo muito agradecido a mão de sua magestade. Mas renovo minhas muito instantes supplicas ao governo que aqui tive a honra de representar, e que honradamente servi, para que attenda ás urgentissimas circumstancias em que me acho. Devem-se-me dois quarteis já decorridos, os luctos de sua magestade imperial e de sua alteza real, as listas de tres quarteis: e eu devo a todo o mundo aqui, e não tenho *litteralmente* um florim para pagar a quem devo. E comtudo empreguei a mais stricta economia, e me privei até a minha pessoa e as da minha familia muitas vezes do absoluto necessario para fazer honra á minha côrte, e para não envergonhar a minha nação. Todos esses sacrificios serão baldados se aos olhos do mundo tenho de passar por um caloteiro. E certamente passarei por tal, serei eu e o governo de sua magestade publicamente envergonhados e affrontados se ao momento de me dar um successor se me não dão tambem os meios de pagar os meus credores, pagando-se me a mim o que me é devido.

Ignoro qual é o destino que sua magestade se dignou dar-me; mas seja elle qual for, ponderarei a v. ex.ª que as percas que vou ter com a destruicão do meu estabelecimento aqui são consideraveis (para mim); que as minhas provisões de inverno me custaram carissimo este anno; que o aluguel da casa que habito estou obrigado a elle até o anno que vem; e que ainda quando eu quizera fazer mais este sacrificio no serviço de sua magestade, ainda assim o não poderia realisar, porque *absolutamente* me faltam os meios da pagar; e ter eu equilibrado a minha despeza com a receita, isto é com o insignificante ordenado que tinha e os meus recursos patrimoniaes que não são largos, é um verdadeiro prodigio que fiz.

O governo acaba de reconhecer quando eram inadequados os meios que me fornecia quando concedeu ao meu successor, solteiro, sem familia e que tem menos encargos que eu, porque já não vem no tempo dos feridos e estropeados, 2:000 cruzados mais do que me deu a mim, apesar de tantas supplicas e instancias, apesar de que, ao momento de acceitar esta missão, eu a acceitei com a condição expressa de se me conservar durante ella o meu ordenado de official de secretaria d'estado, condição que me foi garantida por um acto solemne passado em nome de sua magestade imperial o duque regente e assignado pelo ministro da repartição competente.

....

Segundo tive a honra de participar a v. ex.ª nos meus ultimos officios, continúo ainda encarregando-me d'esta legação, esperando anciosamente e a todos os momentos os papeis necessarios.

Pelo que hoje escreve a v. ex.ª D. Luiz Maria da Camara, verá que entre nós reina a melhor intelligencia; e que ambos convimos que nem elle póde receber nem eu entregar a legação sem que v. ex.ª me dê para este fim as ordens da rainha.

Uma outra difficuldade em que eu não tinha pensado até agora, mas que é de grande monta, é que eu não posso entregar tam pouco a legação, e despir me do caracter que me protege, sem pagar aos crédores meus e do estado; e não posso pagar lhes sem que o estado me dê os meios para isso, pagando-me o que se me deve. Esta divida é de dois quarteis vencidos, £ sterlinas mais

de 300; luctos reaes, dois — 40; listas da secretaria de tres quarteis pouco mais ou menos 200; o que fórma uma totalidade de pouco mais ou menos 500 a 600 libras sterlinas. A esta somma é forçoso juntar a indemnisação costumada pelo meu estabelecimento que assim subitamente, e sem o menor aviso prévio sou obrigado a desfazer. E n'este capitulo entra a renda de casas, que serei obrigado a pagar, pelo menos, até o meado do anno que vem, as provisões de lenha e carvão, que são enormemente caras n'este paiz. Se, depois d'isso tiver execução a promessa e intimação official communicada em despacho de 7 de novembro, de me ser confiada outra missão, tam pouco poderei seguir meu destino sem receber os avanços do costume.

Por tudo isto porém eu esperaria resignadamente se tivera fundos meus de que dispor; mas tudo tenho consumido no serviço de sua magestade; e tendo offerecido e sacrificado tudo pela rainha, ha uma unica coisa que é forçoso exceptuar do sacrificio —a minha honra. Tenho de bom grado perdido a fortuna, exposto muitas vezes a vida, arruinado irreparavelmente a saude; mas da minha honra, permitta-me v. ex.ª que o diga com o mais humilde respeito, nem a rainha póde dispor; nem é de certo de suas magnanimas intenções fazêl-o.

E todavia o tempo urge, e eu passarei por um caloteiro, passarei pelo que não (sou), eu e o governo de sua magestade seremos affrontosamente envergonhados e cobertos de opprobrio, se não tenho os meios para pagar a quem devo. Custa-me dobrado ver deante de mim este prospecto, quando considero os sacrificios de minha fazenda, que tenho feito para me não empenhar, nem envergonhar o logar e a missão que me foi confiada.

Queira v. ex.ª prover de prompto remedio a este mal que urge e o reclama.

. . . .

Tenho a honra de passar ás mãos de v. ex.ª a inclusa lista das despezas da secretaria d'esta legação no último quartel do anno findo, a qual se eleva a florins 833,64, havendo deduzido florins 2,81 de differença de cambio do primeiro quartel d'este mesmo anno, que foi a favor do thesouro. E por evitar as desagradaveis disputas que fui obrigado a ter com Carbonell sobre o cambio e recambio do primeiro dito quartel d'este anno (unico que até agora recebi), reduzi logo a dinheiro sterlino, segundo o cambio corrente de hoje que é de florins 12, 15; e assim é egual aquella somma á de 68 libras sterlinas, 15, shillings e 6 pence.

V. ex.ª notará que não vão documentadas com o devido recibo as sommas na lista marcadas com um * asterisco, porque duas d'ellas as não paguei, não tendo de meu um só florim nem para comprar pão; e da outra (que paga está) não é possivel haver recibo, porque foi despendida em parcellas minimas e paga em longos e distantes periodos.

Continuando doente D. Luiz Maria da Camara, e faltando ainda a ordem que espero de v. ex.ª para eu ter com que pagar o muito que devo, bem como a outra ainda mais necessaria que me auctorise a lhe entregar (segundo anciosamente desejo) esta legação, eu continúo a estar encarregado d'ella. Mas anciosamente peço a v. ex.ª que faça prover de remedio a um estado de coisas que se não póde manter mais tempo. Eu não tenho *litteralmente* um só florim, devo a todo o mundo, e no momento em que me despir do caracter diplomatico que me protege, serei sem piedade lançado n'uma cadeia pelos credores que todavia menos o são meus que do governo de sua magestade, pois, apesar de tudo, eu não devo mais do que pelo thesouro me é devido.

. . . .

Continuando a ausencia de ordens da secretaria d'estado a que v. ex.ª preside, continúo, com muito pesar e sacrificio meu, na impossibilidade de apresentar ao ministro dos negocios estrangeiros o meu successor D. Luiz Maria da Camara, que agora restabelecido o deseja muito, mas não tanto como eu, que não sei expressar a v. ex.ª quanto me peza esta demora.

Tendo aqui chegado no dia 1 do corrente ás nove da noite o conde de Lavradio em companhia de sua alteza o duque Fernando de Saxonia Cobourg Gotha, hoje de commum accôrdo lhe pedimos D. Luiz da Camara e eu conselho para saírmos d'este embaraço de modo que ambos fizessemos nosso dever. E não querendo elle tomar sobre si a responsabilidade de uma resolução, posto que todos tres egualmente só desejâmos que se cumpram as ordens e desejo de sua magestade, então me lembrei de propor, que apesar de falta de ordem, apesar de eu não ter participação alguma que me dê nem sequer conhecimento, já não digo de estar eu desencarregado d'esta missão, mas nem sequer da nomeação do meu successor, eu entregaria immediatamente a legação uma vez que D. Luiz da Camara m'o exigisse *por escripto;* e que como não estava auctorisado por ordem do governo, ou ao menos

pelo conhecimento official da sua nomeação e caracter, a apresental-o ao ministro dos negocios estrangeiros, eu simularia uma grave molestia, por motivo da qual tinha elle D. Luiz da Camara sobejo pretexto para se apresentar directamente e sem intervenção minha ao dito ministro dos negocios estrangeiros, abstendo me eu não só de toda funcção diplomatica d'ahi por deante, mas até de sair do meu quarto, onde me resignava a ficar até chegarem os despachos de v. ex.ª que auctorisassem, *ex post facto*, este passo.

O qual arbitrio parecendo demasiado duro áquelles cavalheiros, propuz eu então que esperassemos a chegada de José de Vasconcellos, que se suppõe não dever tardar além de domingo seguinte, e que então, na falta de ordem (que é de suppor tenha chegado n'aquella epocha) se tomaria aquelle meu proposto arbitrio.

Parecendo bem este arbitrio a todos tres, n'elle se conveiu ficar. E como por este modo se preenche o *espirito* das ordens de sua magestade que são, pelo que se colhe das instrucções que o dito D. Luiz da Camara recebeu e me fez favor de communicar, que elle se ache aqui acreditado á chegada de sua alteza real o principe D. Fernando, entendi que era portanto este arbitrio o mais assisado; e folgo que de bom accôrdo se adoptasse.

Desde que em julho do anno findo cheguei a esta missão, de volta de Lisboa, immediatamente me comecei a occupar da organisação das contas das despezas que por occasião da passagem de sua alteza real o principe D. Augusto de saudosa memoria se haviam feito, e para as quaes me tinham sido abonados dois saques, que fizera sobre Londres, de £ 150 o primeiro e de £ 200 o segundo. Mas como estas despezas haviam sido feitas nas vesperas e ainda no proprio dia de minha partida de Bruxellas, fui, além de outros motivos que para isso tive, obrigado a commetter a direcção de todo este arranjo a uma pessoa da terra que costuma emprehender similhante sorte de coisas, mas que todavia se não quiz sujeitar a fazêl-o (segundo eu queria) por uma somma determinada.

Durou pois desde junho que voltei a Bruxellas até setembro último a discussão d'estas contas, que a final terminei da maneira mais vantajosa que pude para a fazenda, obrigando o emprehendedor a retomar varios objectos mais custosos, que elle não queria, sob pretexto que os tinha feito fazer ou comprado de proposito, e que ficasse eu ou o governo com elles. O qual arbitrio recusei, preferindo antes que os tornasse elle a tomar com grande quebra e desconto.

A falta de meios em que tenho laborado me impediu de pagar muito tempo o saldo d'estas contas, sem o que me não era possivel obter a quitação d'ellas para documentar a minha conta. Emfim a minha longa e perigosa enfermidade, com que luctei até quasi ao fim do anno, me tolheu levar estas contas á presença de v. ex.ª, o que só posso fazer hoje.

D'ellas se colhe que entre florins. 4178:75
producto em £ 350, e entre florins. 7621:00
importancia das despezas ha um
saldo........................ 3442:25

que passo para a conta geral das despezas do anno.

Esta conta geral e corrente do anno findo de 1835, em que principalmente avultam as despezas extraordinarias (além de £ 20 pertencentes ao anno anterior de 1834, e a lista dos pensionarios de sua magestade) apresenta egualmente um saldo a meu favor de florins 4346 (quatro mil trezentos e quarenta e seis) que reduzi logo a libras sterlinas por evitar as desagradaveis discussões e delongas que sobre cambios tenho tido na agencia financeira de Londres, preferindo antes perder, como perco n'esta operação assim feita, que soffrer as demoras que os meus pagamentos teem soffrido em Londres.

Não tenho palavras com que encareça a v. ex.ª a urgencia e apêrto em que estou e pelo qual instantemente lhe rogo me mande satisfazer este saldo de £ 403 e 18 shillings somma que para mim não é insignificante, e que junto á divida de mais de um quartel de meus ordenados em que já estou me põe no maior apêrto.

Tenho a honra de accusar recepção do officio de 9 do corrente em que v. ex.ª me remette cópia do decreto da mesma data, pelo qual houve sua magestade por bem exonerar-me do logar de ministro residente em Copenhague, para que me havia nomeado por decreto de 7 de novembro do anno passado.

Peza-me de que a secretaria d'estado a que v. ex.ª hoje preside nunca se dignasse dar-me conhecimento d'este decreto de 7 de novembro, e me privasse assim da occasião de mostrar a sua magestade, por minha submissa recusa, que eu não era capaz de ser cumplice de um acto offensivo da lei e interêsse público, qual em minha humilde consciencia era aquelle em que a religião da soberana foi illudida, e que muito louvor seja a v. ex.ª e á actual administração por

haver zelosamente aconselhado a sua magestade que o desfizesse como cumpria.

Julgo ter direito a sentir-me de que na redacção do dito decreto que me desonera de um logar que não pedi nem acceitei (e por minha honra juro não acceitaria) não coubesse uma só palavra de menção de alguns serviços que tenho feito, e que mostrasse que não era mera e banal formalidade a promessa de ser empregado no serviço de sua magestade em se offerecendo occasião opportuna.

Este sentimento e queixa formada em toda a humilde resignação a que me tem habituado a consciencia de meu pouco prestimo não póde em nada diminuir o sincero agradecimento com que por esta nova mercê beijo a augusta mão de sua magestade.

Segundo porém já tive a honra de escrever a v. ex.ª quando encarregado da legação n'esta côrte, tudo estou prompto a sacrificar de bom grado, como até aqui tenho feito, a vida, a fazenda, tudo, menos a honra, unica coisa de que nem sua magestade, permitta-se-me humildemente dizêl-o, póde dispor, e sei que não quer nem deseja, em sua alta justiça, fazêl-o.

Mas do modo por que eu fui primeiro substituido no logar em que estava, logo desonerado de outro, e assim subitamente surprehendido no meio dos meus arranjos e disposições, e de obrigações contrahidas, é de eterna justiça que a minha honra seja salva, sendo-me promptamente pago o que se me deve de meus ordenados e despezas, e pela indemnisação das perdas que incorro, em rasão do *modo* da minha remoção e demissão.

Não peço como nos tempos da corrupção e desordem, que me sejam dadas ajudas de custo, e pagas dividas de luxo e sensualidade, como por desgraça se tem feito tanta vez; mas rogo que seja pago o que justamente e equitavelmente (me) é devido para que, satisfazendo os meus crédores, eu possa deixar esta côrte sem vergonha para mim nem para o governo de sua magestade que aqui tive a honra de representar.

O contrario seria uma injustiça, uma crueza que sei bem não é das reaes intenções, e que v. ex.ª tem muita nobreza de animo, não digo para aconselhar, que tal não imagino, mas para tolerar que se leve a effeito, segundo o plano dos homens corruptos e perfidos que anteriormente tinham jurado a minha ruina.

Seguro que v. ex.ª saberá destruir a favor de um homem de bem este plano de iniquidade, de novo lhe rogo a brevidade que tanto urge no meu estado.

OUTRAS CARTAS, OFFICIOS, PARECERES, PROCLAMAÇÕES, ARTIGOS E MAIS PEÇAS POLITICAS

Carta a Ildefonso Leopoldo Bayard

Bruxellas, 28 de janeiro 1836.

Ill.^mo sr.—Muito á pressa, porque aperta a hora do correio, escrevo a v. s.ª para lhe pedir instantemente que ajude pela sua parte a desfazer e *déjouer* o plano de iniquidade de que me quizeram fazer victima removendo-me assim de repente e deixando-me sem meios nem de pagar a quem devo nem de sair d'aqui. Eu não posso satisfazer as minhas obrigações sem se me pagar todos os atrazados, e sem receber os *avanços* do estylo para meu novo destino (que me afiançam prompto) ou então sem ser indemnisado pelas perdas em que incorro por tantas rasões que ha dois mezes estou expondo em meus officios.

Eu sei fazer justiça ao caracter de v. s.ª para conhecer que não podia entrar na machinação que se me urdiu; e conto portanto que ajudará pela sua parte, tam poderosa, a que se remedeie este mal.

Sabe que coisa é ver-se um homem na minha situação, e collega do mesmo officio; conto com a sua sympathia. Eu posso afiançar a v. s.ª que em qualquer situação da vida, se o acaso permittir que um dia esteja em posição de o mostrar, me recordarei eternamente com gratidão d'este serviço que me salvará a honra, e que confessarei dever a v. s.ª.

Desculpe escrever lhe assim tanto á pressa, e sem formalidade; mas o receio de o seccar e lhe roubar tempo me fez preferir, além da escassez do tempo, a fazêl o assim. Mas creia na sincera e devota amisade com que já ha muito o estimo, e agora me confessarei.—De v. s.ª o mais obg.^do am.^o e c.^do —*J. B. d'Almeida Garrett.*

Carta ao Marquez de Loulé

Tenho a honra de accusar recepção do despacho A, de 11 de março ultimo, pelo qual v. ex.ª me participa ter mandado pôr á minha disposição £ 300, 16, 11 (trezentas libras, dezeseis shellings, e onze dinheiros

sterlinos) pelos agentes do governo de sua magestade em Londres a saber: £ 283, 6, 3, para completar as despezas da estada de sua alteza real em Bruxellas, £ 14, 5, 2 por quarteis omittidos nas despezas de secretaria; e £ 3, 5, 6 por differença nas pensões. Mas infelizmente cumpre-me acrescentar que no momento em que, desembaraçado emfim, por este officio, dos terriveis embaraços, angustias e vergonhas que me retinham n'esta côrte, ia sacar por aquella quantia sobre Londres, e preparar-me a partir d'aqui, recebo com data de 30 de março um aviso official, *em fórma de despacho*, do nosso consul em Londres, que me diz ter á minha disposição por ordem do governo os dois quarteis em £ 14, 5, 2, e de £ 3, 5, 6, omittindo toda menção da parcella de £ 283, 6, 3. Hoje mesmo respondo ao dito consul, reclamando contra tal omissão; mas receio que, segundo uma triste experiencia me tem mostrado, a resposta d'elle seja evadindo-se a toda responsabilidade, e accusando o governo de sua magestade, cujas ordens elle protestará que recebeu por aquelle modo, e não pelo modo que a mim me foram communicadas.

A consequencia fatal d'este engano ou não sei como lhe chame, será que aqui ficarei ainda mais *alguns mezes*, sobre tres que tenho estado, exposto á mofa, ao escarneo e aos insultos publicos que de toda a parte chovem sobre mim, recompensa e galardão unico com que prouve ao governo de sua magestade agraciar um servidor fiel e zeloso.

Ha tres mezes que vivo n'este estado e ultimamente, apesar de todos os privilegios diplomaticos, soffri a desfeita de um sequestro em minha mobilia pelo resto da renda das casas da legação, *resto que é devido pelo tempo que já as não occupo*, mas que a imprevista demissão que recebi me obriga a pagar. D'esta desfeita não se deu *(nem dará)* satisfação apesar da reclamação do ministro de sua magestade n'esta côrte, porque a situação em que aqui fiquei, deshonrado pelo meu proprio governo, não é nem póde deixar de ser senão para ser deshonrado por todos.

Reduzido a este estado, resolvo me a vender algum resto de prata e roupa que possuir para pagar as dividas *que não são minhas*, e para não continuar a fazer mais, transportando-me assim para Londres onde espero encontrar quem me empreste os meios de me transportar a Lisboa.

No estado de saude em que estou, depois de passar por uma dolorosa operação em que estive á morte, é provavel que seja obrigado a fazer mais demora em Londres do que desejo; e n'essa supposição e receio rogo a v. ex.ª se sirva mandar-me alli pagar o primeiro trimestre d'este anno, já corrido, e a lista das despezas da legação no mez de janeiro d'este anno. Tambem espero que, segundo a pratica, os dois mezes d'este dito trimestre que não servi, me sejam contados da maneira mais favoravel, que é de toda a equidade, se não justiça me seja arbitrada.

Receio muito que seja necessario nova e bem *explicita* ordem de v. ex.ª para me ser paga a parcella de £ 283, 6, 3 do seu despacho de 11 de março.

Não me é possivel no meu estado de saude, verificar as contas que faz o dito officio, e confrontal-as com as minhas, pondo-as de accordo. O que farei apenas m'o permitta o meu estado.

Illudido até aqui com a esperança que me deviam dar augustas promessas, não me resolvi a tomar destino positivo. Mas estou tal, que não devo esperar mais; e me resolvi a tomar o de voltar á minha patria e á vida obscura que minha insufficiencia e origem plebêa reclamam.

Outra carta a Leopoldo Ildefonso Bayard

Na carta que remetto para o sr. ministro dos negocios estrangeiros, rogo a s. ex.ª o favor de isenção dos direitos de entrada para umas bagatellas que na alfandega me querem taxar. Se a meu respeito se não fizer excepção odiosa, rogo a v. s.ª a promptidão da requisição á fazenda.

Mas tambem lhe rogo outro favor, que não é menor, o de me dizer se acha que não devo esperar ou que não tenho direito a esperar o que reclamo.

Por qualquer d'elles ficarei egualmente obrigado, e sendo como sou—De v. s.ª c.do m.to obr.do—*J. B. de Almeida Garrett.*

Artigo do «Portuguez»

Lisboa, 8 de julho de 1836.

Celebrâmos hoje o quarto anniversario do maior dia que tem a historia moderna portugueza. São hoje *oito de julho*. E a estas horas—que estamos escrevendo no primeiro crepusculo da aurora—alava-se ao tope da fragata *Rainha* o estandarte real de Portugal! A esta hora 7:500 corações generosos batiam de ancia, queriam estalar de impaciencia, porque aguardavam, aguardavam ha muito, o tardio signal de ir beijar aquellas praias que alli estavam sob nossos olhos, quasi a tocarmos-lhes, e que pareciam, com o mar que as afagava, estarem-nos convidando a ir fartar saudades. Saudades de quatro annos para quasi todos, e que para tantos eram quatro annos cansados de des-

gostos e amarguras, das vergonhas do desprêzo, do desconsolo sem esperança, muita vez da penuria, —quantas da fome!

Mas para um d'esses corações a saudade é mais longa. Conhecêl-a-ha elle ainda, essa terra, o primeiro, o mais illustre, o mais nobre, o mais votado d'esses heroes? Heroes eram todos então, que aquelle foi sacrificio que todos peccados remiu, e fez grandes as mais pequenas almas.

Conhece-a sim que nunca se esqueceu da terra de seus paes, e de tão longe que estava, o maior dom que Portugal ainda recebeu, d'elle lhe veiu. Vastos projectos de engrandecimento, a quarta parte do globo a civilisar, uma corôa imperial a equilibrar entre as luctas das facções, ingratidões de povos, calúmnias de reis — quanto ha hi de grande no mundo em prosperidade e em infortunio, tudo tem pesado n'aquelle coração —e não lhe fez esquecer a patria.

Sentimos que nos vae fugindo a penna do caminho pautado para o stylo da ordem de escriptos em que estâmos. Esvoaçâmos para os limites poeticos. Quem lhe ha de poder valer? A culpa é do assumpto não do escriptor. Escarneçam-nos de poeta: paciencia. Quem fará prosa de tanta poesia? Quem, ao contal o, terá o talento de fazer acanhado, chão e chato o mais sublime e poetico feito, a mais alta concepção do seculo? Em taes casos está a epopeia no heroe e não no canto. Quando se inventa, é Homero, não Achilles, que faz a *Iliada*; mas com ser o grande poeta que é, Camões teve pouco que fazer nos *Lusiadas*.

Perdoem-nos pois, se mais não sabemos conter a penna que o objecto attrahe, involuntaria, a alturas que lhe não cumpriam. Não é affectação. Talvez parece exageração e inchamento no escriptor o que não é senão enthusiasmo, ou muito vivo sentimento do assumpto.

D. Pedro IV, que foi o maior principe d'este seculo, e que então o foi maior quando já não era rei nem imperador—ahi está defronte das praias do Mindello, sem mais grandezas que seu coração, sem mais atavios que sua espada, sem mais côrte que os seus voluntarios.

Não é hoje dia que se enxovalhe com nomear quatro ou seis insignificantes que *até alli* queriam fazer *côrte na aldeia*, e que se não douravam já, não se mitravam já, porque haviam medo, pejo não, das circumstancias. D. Pedro trazia um creado unico, e esse, brazileiro, cuja sisudeza, fidelidade e proceder em tudo foi sempre digna de tal amo.

Aqui estava toda a pompa de um imperador e de um rei.

E o chefe d'esta empreza, que de temeraria parece louca, a nada menos vem que a depor um tyranno, dar a liberdade a um paiz inteiro, reclamar um throno para uma rainha de quinze annos—e desafiando 80:000 homens de peleja com 7:500—elles em casa, abastados de munições, senhores da terra—nós pobres, maltrapidos—e proclamando a abolição de quasi todos os tributos que o paiz pagava ha seculos.

E os 80:000 homens combateram—todos —e foram vencidos, e a empreza prosperou, o tyranno caiu, a rainha está sentada em seu throno, e a lei da liberdade proclamou-se — proclamou-se, que para reger são necessarios regimentos e instituições que legisladores ignorantes não souberam fazer, e executores nescios e corruptos tornam ainda mais absurdas, discordes e repugnantes.

Esses defeitos preencherá o tempo e a experiencia. Mas o grande feito está feito. Bemdita seja a memoria do grande principe e de seus companheiros! Honra ás espadas que pelejaram, ás resignações que soffreram, ás perseveranças que não desanimaram!

Estes são os homens de D. Pedro, estes e os muitos mais que depois se lhe uniram. Quem ousará duvidar d'elles! Oh! que diria hoje o magnanimo defensor das linhas do Porto e de Lisboa, se ouvisse meia duzia de homens apropriar se *exclusivamente* o nobre titulo de amigos seus—que tam pouco o eram alguns, que bem mal o mereciam ser muitos! Com que indignação não renegaria elle taes amigos! Os amigos de D. Pedro! quereis conhecêl os! Ahi estão nas barbas brancas d'esses caçadores do V; ahi estão n'esses voluntarios estropiados e mendigos, n'esses officiaes demittidos, preteridos! E sem affectação de democracia militar, ahi estão tambem n'esses generaes, em algum ministro ou outro.

Se o ministerio actual é capaz do despejo de se proclamar composto de amigos de D. Pedro, que o diga—que o faça dizer por seus trombetas.

Com excepção do nobre duque da Terceira, a um por um lhes provaremos que o não foram, que o não são.

Acabem com essa impostura; basta de atroar com essas grandes palavras os ouvidos do povo que já as não crê, e de circumvenir a confiança da soberana, que em breve se desenganará e saberá retirar-lh'a.

Quê! Essa é usurpação que os portuguezes leaes menos toleram. Essa é injuria que os fieis subditos, que os leaes companheiros, que os devotos, comquanto humildes, *amigos* de D. Pedro mais sentimos.

Elles sós os amigos de D. Pedro! Porque? Porque, abusando de seus derradeiros dias, que amarguraram e encurtaram, se co-

briram de honras e mercês, *se despacharam a si proprios* para os primeiros e mais pingues logares do estado?

E não lhes basta isso? E querem ainda *despachar se* com exclusão de todos os mais, para amigos de D. Pedro?

Sejam barões e sejam pares, tenham gran-cruzes e commendas. Pouco nos importam esses titulos; mas d'est'outro lhe embargamos a carta.

E porque se acha acaso na opposição um homem ou outro que não foi amigo de D. Pedro, que teve a infelicidade de o não avaliar, que talvez—somos latitudinarios,—não *merecia* conhecel-o e avalial-o, segue-se, na logica do ministerio, que a opposição se compõe de inimigos de D. Pedro, e que só elles e a sua gente o não são.

Quanto folgamos de individualisar nomes toda a vez que podemos louvar, tanto nos repugna fazêl o quando é forçoso censurar, dobrado quando severamente accusâmos. E aqui e n'este ponto trata-se de grave accusação. Mas nós accusâmos actos, não homens. Isto é, quizeramos increpar só os actos, e deixar os homens. Se todavia nos obrigarem, repetimos, um a um desfiaremos os nomes, e a cada um lhe provaremos com suas palavras e acções, publicas, notorias, irrecusaveis, o que agora enunciâmos.

Mas comprimâmos a indignação que tanta má fé vae sempre revolvendo. Hoje é dia de indulgencia e regosijo: custe o que custar, esqueçâmos affrontas, e fechemos olhos á desgraça.

Cras ingens iterabimus æquor.

Conspiração da «Gazeta» (outro artigo do «Portuguez»)

A *Gazeta* ou *Diario do Governo*, com seu numero de hontem, assustou muita gente por ahi—a nós confessâmos que nos fez rir. Ha certas coisas que se não podem tomar ao serio. Uma conspiração, uma *émeute* para o dia 8! Uma republica do Bastos, por mais que me digam. Pois ainda se recorre a expedientes d'esses! Inda ha homens d'estado que mandem fazer revoluções pela policia, e pelas gazetas? Para quê? para dar materia a devassas, a prisões, a excluir gente das eleições?

Representação do Parlamento á Rainha

Parecer

SENHORA! — A nação portugueza, outorgando-nos os amplos poderes para a revisão e modificações da lei fundamental do estado, sómente nos limitou com estas condições que nos impoz a soberania nacional, que assegurassemos a liberdade legal do povo, as prerogativas do throno constitucional de vossa magestade e que ficasse o novo pacto social em harmonia com as outras monarchias representativas da Europa.

Este mandato da nação, que escrupulosamente havemos começado a cumprir, e que executaremos religiosamente, é calumniado por alguns intrigantes que, tomando o nome de vossa magestade em vão, invocando sacrilegamente as saudosas recordações de seu augusto pae, e nosso libertador, abusaram da boa fé de soldados inexpertos para os incitarem á rebellião. Tal é a fidelidade dos portuguezes que até para a traição é mister leval os com fingimento de lealdade. Bem o sabem os que assim abusam de quanto ha de sagrado e santo para um povo; nem lhes faltam os desenganos recentes de que a nação os conhece já a elles, e suas tenções, pois que até d'entre os mesmos soldados illudidos tantos se desenganaram logo, voltando as costas á traição a que os tinham querido levar. Mas os verdadeiros fins dos auctores da revolta não são os que ella ostenta, e bem certos estão de o não conseguir. O seu unico objecto é provocar os animos do povo e despenhar nos na anarchia, e tomar assim uma vinganca de barbaros contra a nação que os repulsa.

E nossa obrigação, senhora, como portuguezes, e como representantes de Portugal, vir solemnemente declarar deante do throno de vossa magestade e á face da nação, que as côrtes constituintes, fieis ao seu mandato, e com plena confiança no povo que representam, hão de tornar impossiveis as machinações de seus inimigos, hão de sustentar a liberdade no meio da ordem, e conservar intacto o deposito sagrado que lhes confiaram.

Nós esperâmos, senhora, que o governo de vossa magestade, desenvolvendo toda a energia precisa, saberá temperar o rigor saudável das leis com a necessaria prudencia.

A liberdade da patria é immortal; o throno de vossa magestade está seguro em nossos corações; mas cumpre salvar a tranquillidade do paiz de que elle tanto carece, para se recobrar dos males que lhe tem feito padecer os sacrificios que por vossa magestade fez, e de que tam gostoso se applaude para vêl-a sentada no solio de seus maiores, querido penhor da nossa liberdade e da nossa independencia.=*Leonel Tavares Cabral =Julio Gomes da Silva Sanches=Almeida Garrett.*

Proclamação em nome da Rainha

Portuguezes.

A minha vontade é a vontade nacional; os sentimentos da vossa rainha não são nem

podiam ser senão os do povo a que preside.

O voto nacional proclamou a necessidade de formar um novo pacto. A nação, elegendo os seus deputados, confiando lhes a formação d'este novo codigo, claramente manifestou a sua vontade. Essa vontade é a minha. Estou resoluta e firme em a manter.

Os que invocam o meu nome contra a causa nacional abusam indignamente d'elle. Unida ao meu povo pelos estreitos laços da gratidão e do dever, eu saberei sustentar a sua causa como a minha que é. A auctoridade real, apoiada sobre a opinião nacional, é uma força contra a qual se hão de quebar todos os esforços das facções.

Permanecei unidos e firmes em nossa causa commum; e em breve, restabelecida a ordem e a paz, restituiremos á nossa patria os seus antigos dias de esplendor e de fortuna.

Palacio das Necessidades, julho de 1837.

Officio a Sá da Bandeira

Visconde de Sá da Bandeira (falta o ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.). Por officio que em data de 12 do corrente me foi dirigido de ordem de v. ex.^a^, me são pedidos os diplomas pelos quaes eu fôra nomeado addido á embaixada de Londres em abril de 1829, e secretario da missão especial enviada a differentes côrtes; documentos exigidos pelo procurador geral da corôa no seu parecer ácerca da classificação dos diplomaticos para senadores.

A simples data do primeiro diploma que se pede bastaria para mostrar ao procurador geral da corôa que é impossivel haver um diploma *formal* em tal epocha em que não existia governo legitimo portuguez. Uma ordem da rainha expedida pelo marquez de Palmella me mandou addir áquella embaixada de que elle era chefe, e tão legal e legitimo foi esse acto como todos os outros que então se fizeram e de cuja validade nenhum subdito fiel da rainha se atreve a questionar. Não tenho essa ordem porque perdi os meus papeis no cêrco do Porto. Mas posso attestar com o proprio embaixador; ou com os outros empregados d'aquella embaixada, que é verdade o que digo.

Quasi que outro tanto posso dizer do meu serviço diplomatico na missão extraordinaria enviada do Porto em 1832. Por acaso tenho á mão um attestado do duque de Palmella passado para outro fim, e que envio. Lembra-me que se expediu o diploma, de que natureza não me lembra.

O que sei muito bem é que eu estive no serviço diplomatico legal e legitimamente todo o tempo que disse no meu officio ao official maior da repartição a cargo de v. ex.^a^ Sei egualmente que v. ex.^a^ o sabe tam bem como eu; não me admira que o não saiba o procurador geral da corôa, que não soffreu os incommodos, nem presenciou as *irregularidades* da nossa *governação de emigrados*, e que se são diplomas formaes expedidos pelas estações regulares do estado os que elle exige, desde 1828 até 1834, só os que *serviram a usurpação* os podem apresentar.

Contra vontade, e com não pouco enojo, entro n'esta contestação de chicana em que de verdade não comprehendo o que vem fazer o procurador geral da corôa; quando v. ex.^a^ e o official maior de sua secretaria ambos sabem o que eu asseverei tam bem como eu, e melhor do que póde sabêl o aquelle outro empregado. Mas se é seu desejo que eu não seja (como devo ser) incluido em listas da ordem senatoria, póde fazêl-o v. ex.^a^ livremente que eu não reclamarei, pois da minha qualidade senatoria me não hei de aproveitar nunca em nenhum caso e para nenhum effeito. Já fui honrado com a procuração do povo assim na provincia do meu nascimento, como na da minha adopção; desempenhei-a, não fiz d'ella degrau para me elevar, não me manchei em intrigas, nem em miserias pessoaes, e já não tenho de que ter ambição.

Deus guarde a v. ex.^a^ muitos annos.

(Não tem data; deve ser de meiado de junho de 1838.)

MANIFESTO DAS CORTES CONSTITUINTES

Á NAÇÃO PORTUGUEZA

EM 22 DE AGOSTO DE 1837

As Côrtes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza resolveram unanimemente mandar publicar o seguinte manifesto:

Convencidos, por muito longa e dolorosa experiencia, de que as nossas leis fundamentaes careciam de reforma, os Portuguezes reclamaram o antigo, e nunca renunciado direito, dos naturaes d'estes reinos, de haver recursos ás côrtes constituintes da nação.

O nosso principal defeito organico, o mais unanimemente reconhecido, era a viciosa e falsa representação nacional, que por abuso da Carta, se tinha constituido: não era possivel aggravar para ella d'ella propria, nem esperar o remedio do mal, da mesma origem d'elle. A Nação appellou para quem convinha, e para quem devia.

D'este seu antiquissimo direito, tam antigo como a Monarchia, nenhuma Constituição escripta podia privar o Povo Portuguez; que por nenhuma estipulação nos obrigámos, nenhum juramento nos ligou a cedermos d'elle.

Este direito, invocado pelo Povo, foi reconhecido pela Rainha, que d'aquelle principio deriva á Sua Real Corôa, d'onde nós a nossa liberdade. Convocaram-se as Côrtes Constituintes, e com o mesmo direito com que em Lamego nossos Avós declararam que eram livres e se queriam constituir como taes; com o mesmo direito com que em Coimbra alteraram a lei fundamental, e a ordem da Dynastia; com o mesmo direito com que, depois da revolução de 1640, restabeleceram e declararam a antiga Constituição do Estado, e deferiram a Corôa á Serenissima Casa de Bragança; com o mesmo direito com que em 1822 foi reformada essa antiga Constituição, entraram as Côrtes Constituintes de 1837 na revisão e modificações do Pacto Social.

Em todas aquellas epochas gloriosas, as facções disputaram sempre ao Povo, e ás Côrtes suas representantes, o inauferivel direito de que usavam. Hoje succede outro tanto, e por eguaes motivos. Os defeitos e abusos das Constituições antigas davam larga á dominação dos validos, e ao desperdicio da fazenda pública. Como podiam deixar de ser illegaes e tyrannicas na bôcca dos interessados, as Côrtes que taes abusos corrigem, as Côrtes que fazem reformas, as Côrtes que exigem economia?

Fortes com o poder que imprudentemente lhe haviamos deixado, riccos ainda da substancia publica com que durante seculos tinham engrossado, os inimigos do povo,—os mesmos sempre, os mesmos que hoje apparecem em campo contra elle, — poderam vencer-nos em 1823, porque nos acharam desarmados: dissolveram tumultuariamente a Representação Nacional; impozeram mãos violentas em muitos Eleitos do Povo; e annullaram, de puro arbitrio, a Constituição do Estado. Outro tanto tinham feito os Filippes; outro tanto fez depois o ex-Infante D. Miguel. Nenhum desses factos violentos alterou o direito, que permaneceu o mesmo. As Côrtes protestaram solemnemente por elle, e aquelle protesto ficou gravado no coração dos Portuguezes: não esqueceu, não ha de esquecer nunca n'este paiz.

A consciencia remordia aos tyrannos pelo crime commettido: foi um grito d'essa consciencia a traidora proclamação de Villa Franca, que nos promettia outra Constituição livre, a trôco da roubada. Nós ouvimos em silencio a promessa, como quem antevia o cumprimento que ella havia de ter.

Eguaes promessas nos fazem hoje: sabemos já o que ellas valem. As palavras são identicas, os fiadores os mesmos, e de mais a mais experimentados.

O Senhor *D. Pedro IV*, de saudosa memoria, esse Principe Generoso e Magnanimo que duas vezes nos libertou, longa e porfiadamente teve que luctar com esta mesma facção, antes que podesse, não *dar* como falsamente se diz, mas *propor* a sua Carta á acceitação nacional.

Estão ainda muito vivas na memoria dos Portuguezes as intrigas que precederam o

juramento da Carta, as que trouxeram a regencia do usurpador, as que prepararam e consolidaram a usurpação.

Como, e porque as havemos nós de esquecer? Porque alguns dos que então foram, e hoje tornam a declarar-se, inimigos do Povo, estiveram depois em nossas fileiras e combateram a tyrannia? Certamente pelejaram e nos ajudaram a vencer; mas emquanto elles, á custa do nosso sangue, de nossas vidas, de nossa fazenda, ganharam honras e riquezas, nós vemos ainda as nossas casas em ruina, e os nossos campos em baldio. Os ossos de nossos irmãos alvejam ainda insepultos por esses desertos onde foram os arrabaldes de Lisboa e do Porto: e elles insaciaveis de mando e de ouro, já desembainham a espada contra o Povo, porque o povo não quer ser esmagado outra vez.

E' verdade que pelejaram por nós contra a usurpação; mas para inutilisar, por fim, todo o fructo de nossos sacrificios, n'essa deploravel Convenção de Evora-Monte, que restaurou a guerra civil, e entregou de novo á sorte dos combates a questão, já decidida, da liberdade da Peninsula, e as Corôas Constitucionaes de duas jovens e trahidas Rainhas.

Aquella Convenção escandalosa, feita unicamente para proteger os Chefes e principaes culpados, nunca serviu de escudo aos infelizes e allucinados, a quem só devêra amparar. Desde esse momento a Nação Portugueza não pôde mais confiar nos que assim a perdiam e vendiam.

Os Portuguezes são generosos e indulgentes, queriam e querem perdoar e esquecer: então desejavam, assim como hoje desejam, a paz e a reconciliação da Familia Portugueza. Mas para aquelles que nos offerecem guerra, que recusam a mão de irmãos que lhes estendemos, e que entregam ao sacrificio tanta victima innocente de sua ambição desordenada, para com esses a Nação Portugueza não póde ser generosa.

E ainda nos falam em liberdade! Não a queremos por certo, liberdade que de taes mãos nos venha. Sabemos o que ella significa. Longe vá o funesto presente da traição!

A Nação Portugueza tinha acceitado a Carta: nem o nega, nem o desagradece. Acceitou a do mesmo modo e com as mesmas obrigações com que acceitára a Constituição de Lamego, e as reformas constitucionaes de Coimbra e de Lisboa. Nenhum povo ainda estipulou, nem podia estipular, que hade conservar intacta uma Lei, seja qual for, apesar dos vicios que lhe venha a descobrir, dos defeitos que a experiencia lhe mostre, dos abusos a que na pratica der occasião.

Nós jurámos a Carta; mas esse juramento não absolveu de outros mais antigos. Juràmos a Carta, mas não jurámos os flagicios que á sombra d'ella se acoitaram. Pelejámos por ella; mas o sangue que vertemos nem sanctificou os erros que ella continha, nem se derramou pelo titulo e algarismos de sua data, senão pelos bons principios que encerra. A esses ficamos sempre, estamos ainda fieis.

Se as leis de Deus e da natureza são immutaveis, é insultar a razão humana, é blasfemar do Creador o pretender essa qualidade para as leis dos homens.

A legitimidade da Carta não vinha só da proposição Real, que teria sido nulla sem o acceite da Nação. Essa era a mesma legitimidade da *Constituição* de 1822; essa é a mesma legitimidade que hoje auctorisa os trabalhos e a missão das Côrtes Constituintes.

Concidadãos, esta missão alta e difficil estava a ponto de completar-se. Mas aquella falsa representação nacional, que era o primeiro vicio do antigo regimen, por tal modo tinha deixado devastar a fazenda pública, que as Côrtes não acharam nem renda nem credito, mas a metade do Reino empenhado em Londres, a outra metade devida e perdida em casa. Cumpria acudir logo a este mal. E escolher, entre os gravames que nos viamos forçados a impor-vos, os menos pesados, nem era facil, nem prompto de fazer.

Até este mal vos causaram os destruidores de vossa riqueza, que, para amparar as ruinas que deixaram, para ter com que pagar as dividas enormes em que gravaram o Thesouro Publico, foi mister gastar muito tempo, e demorar a conclusão da Lei Fundamental do Estado. E todavia ia completar-se, quando os facciosos, vendo imminente a sua perda na reconciliação dos Portuguezes e no restabelecimento da ordem legal, cega e loucamente romperam n'essas tentativas de revolução, que a sensatez nacional por toda a parte repelle, mas ás quaes a força do ouro e das intrigas poderam immolar algumas victimas.

Forçoso foi suspender os nossos trabalhos constitutivos para salvar o decoro nacional; que não tomasse a rebellião por concessões o que entre cidadãos pacificos se estava estipulando,

Em poucos dias, expulsa a facção para longe, nós repararemos o tempo, que agora se não perde, porque todo o consagramos ao empenho de defender a Liberdade.

Portuguezes, lembremo-nos de que esta não é a guerra de um partido contra outro partido. Se tal fôra, tam criminosos seriamos uns como outros. Da nossa parte é a Nação,

como ella appareceu em agosto de 1820, como ella se mostrou em setembro, e mais decididamente em novembro de 1836, unida, unanime, invencivel. Da parte dos facciosos o que está? Alguns soldados seduzidos. Nem a população de uma aldeia os seguiu ainda; nem um corpo do exercito poderam arrastar ao seu partido.

Elles só teem um meio unico de vencer. É o de lançar a discordia entre nós, despenhando nos na anarchia, para ahi afogarem a liberdade com a oppressão do despotismo. Este é o seu pensamento intimo, que por tantos modos revelam. Estejamos nós precavidos, que a sua victoria é impossivel.

Procedamos como Nação. A desordem é para as facções. Os grandes movimentos nacionaes são gravemente solemnes e ordenados, fortes de sua unidade, invenciveis pela regularidade com que marcham.

A Nação está armada; e as populações de Lisboa e Porto, que triumpharam dos oitenta mil soldados de D. Miguel basta que se mostrem a esse punhado de rebeldes para os dissipar.

Saiâmos pois a campo, que nem combater será preciso. Mas saiâmos com ordem; que não vamos cahir no laço que os inimigos estrangeiros e domesticos nos estão armando. Assim, e para os mesmos fins arrojaram elles a França aos horrores d'aquella espantosa revolução, em que a Liberdade se afogou no mesmo pegão de sangue, d'onde surgiu o despotismo.

Concidadãos, os vossos Representantes merecem a vossa confiança. Descançai o animo: elles velam no deposito sagrado que lhes confiastes. Morreremos, se cumprir, defendendo-o; mas emquanto vivermos, a liberdade dos Portuguezes, as prerogativas do Throno da Sua Rainha, a Monarchia Constitucional e Representativa, qual nol-a entregou o Mandato do Povo, não hade ser tocada por mãos profanas.

Palacio das côrtes, em 22 de agosto de 1837—*Macario de Castro*, Presidente—*Joaquim Velloso da Cruz*, Deputado secretario—*Fernando Maria do Prado Pereira*, Deputado secretario—*Custodio Rebello de Carvalho*, Deputado secretario—*José da Costa Sousa Pinto Basto*, Deputado secretario.

PROPRIEDADE LITTERARIA

Projecto de lei sobre a propriedade litteraria e artistica, apresentado na camara dos deputados, em sessão de 18 de maio de 1839, pelo deputado J. B. de Almeida Garrett.

Senhores!—A constituição da monarchia decidiu para nós uma das questões mais controversas na jurisprudencia moderna, quando reconheceu e garantiu a propriedade litteraria.

Prestámos homenagem á força intellectual, ao poder do espirito, que o governo representativo é obrigado a reconhecer e a honrar, e, consagrando os direitos do pensamento, démos ainda mais vigor á liberdade de o communicar.

A muitos pareceu já, nas leis de alguns paizes chegou a ser declarado que esta não era verdadeira propriedade, porque não entra nas regras do direito commum, porque segundo as leis geraes da propriedade ordinaria não póde ser regida, porque nem a sua posse, nem o seu uso, nem a sua transmissão, nem as acções que a defendem podem ser reguladas como as da outra. E d'aqui pretenderam deduzir que o que nós chamâmos propriedade litteraria não era senão um direito de privilegio dado pela sociedade a favor das lettras que a illustram e a enriquecem.

Certamente que dos tres grandes caracteres juridicos da propriedade commum, a perpetuidade, a inviolabilidade e a transmissibilidade, o primeiro não póde ser mantido n'esta, absolutamente e sem restricção. As leis de Hollanda rigorosamente o fizeram, mas a experiencia obrigou a revogal-as.

O espirito cria o pensamento, cria-o elle só, é só seu. Mas para que esta creação invisivel se fecunde, tome corpo, seja vista, sentida, avaliada, para que d'ella resulte gloria, proveito ao auctor, é necessario que se communique, é preciso que os outros homens concorram: tinha a existencia intellectual; faltava-lhe a existencia physica, existencia que dá a palavra e o escripto, mas que é nulla e como se não fôra, sem os olhos e os ouvidos, e a percepção d'aquelles a quem se communica. Os immortaes *Lusiadas* estavam na alma de Camões e eram já o que são; mas foi mister que se lessem, que se admirassem e estudassem, para adquirirem o valor que teem.

Logo não basta a creação mental para fazer existir a propriedade litteraria, é precisa a concorrencia da sociedade, e d'ahi é manifesto que a propriedade litteraria fica indivisa entre a sociedade e o auctor.

A sociedade exige pois concessões pela

sua cooperação, assim como o auctor as exige d'ella, e por egual motivo. Seja inviolavel, seja transmissivel a propriedade litteraria, mas dentro de um praso determinado, findo o qual o direito do auctor cesse, e o da sociedade comece.

Tal é para uns a theoria d'esta propriedade especial. Outros a assimilham perfeitamente á propriedade commum, applicancando-lhe a doutrina das expropriações por utilidade pública, para o ponto em que a sociedade chama a si, depois de certo periodo, a herança do auctor defuncto.

Seja porém qual fôr a theoria que adoptemos, cumpre em todo o caso afastar toda a idéa de privilegio; reconheçamos o direito que a constituição reconheceu, e deixemos o que só ficará sendo mera questão de nomes, e mais para exercitar o espirito em disputações academicas do que para formar opinião em debates parlamentares.

Mas, senhores, a justa e solemne declaração constitucional ficará perpetuamente inutil e esteril emquanto não tivermos lei que regule direitos aos quaes não são applicaveis as regras do codigo civil, e que as precisam tam especiaes como é especial o seu modo e condições de existir.

No antigo regimen davam-se por mercê de el-rei, privilegios temporarios ou perpetuos que ordinariamente eram expedidos por provisão do desembargo do paço a favor dos auctores, dos impressores, ou de corporações. Findo o privilegio, se era temporario, ou não o havendo, entendia-se que toda a obra impressa entrava no dominio público, e que, vivo ou morto o auctor, com herdeiros ou sem elles, qualquer a podia reimprimir, vender, representar se era obra dramatica, usar d'ella emfim como coisa sua, ou coisa de ninguem que tanto vale. Se o privilegio era perpetuo, ficava enfeudado o vinculo para todas as gerações em detrimento da sociedade e com injúria de seus direitos.

Tal era a nossa lei consuetudinaria, lei iniqua e absurda que a constituição fulminou, e que ora insta substituir por outra que seja digna do seculo e dos principios por que protestâmos querer ser regidos: que não diga o mundo, ou se não confirme o que de nós tem dito já, que destruimos as leis velhas, que não queremos ou não sabemos fazer as novas, e entregâmos o reino á anarchia e o fazemos desesperar da liberdade.

O zêlo pelas letras de que sou humilde cultor, o cuidado pelo credito do systema representativo, que tenho tam caro, não me fez todavia adoecer da molestia do tempo: não vos apresento uma lei improvisada. O projecto que hoje tenho a honra de propor ás côrtes, é fructo de dois annos de meditação e estudo. Colligi, colleccionei a legislação de todos os paizes civilisados, procurei accommodar as suas disposições ás nossas circumstancias, habitos e precisões. E já me parecia têl-o prompto, já, principalmente guiado pela ultima e luminosa lei de Prussia de 11 de junho de 1837, dava por completo o meu trabalho, e me tinha chegado a inscrever para o apresentar, na legislatura passada, quando me fez suspender o annúncio que recebi de França de que o governo d'aquelle paiz ia propor ás camaras um projecto de lei de propriedade litteraria, resultado das laboriosas conferencias de uma commissão que eu tinha visto crear em 1836, e que, sob a presidencia de não menor homem do que o conde Filippe de Ségur, reunira em sabios, litteratos, artistas e jurisconsultos, o que se podia esperar n'uma terra em que o saber é tanto, e tanto se honra a quem sabe.

Todavia só no principio d'este anno, e em sessão de 5 de janeiro, apresentou o ministro de instrucção pública, na camara dos pares, o tam desejado projecto de lei, redigido com a precisão, clareza e methodo que caracterisa as leis d'aquelle paiz, e as fazem modelo de redacção que todos deveramos estudar, e nenhum pejar-se de imital-o.

Sobre elle refundi de novo o meu trabalho, gloriando-me de o seguir em tudo quanto era possivel.

Em toda a parte são pouco antigas as leis que manteem e regulam a propriedade litteraria. A Inglaterra sempre adiante de todos os povos no caminho da legalidade e da civilisação, só em 1710 teve a sua primeira lei sobre esta materia, no estatuto do oitavo anno da rainha Anna.

Seguiu se-lhe a Dinamarca tam zelosa protectora das sciencias, e das lettras, que por lei de 7 de Janeiro de 1741 assegurou sua propriedade.

A assembléa constituinte de França, pela lei de 13-19 de janeiro de 1791, sómente estabeleceu os direitos dos auctores dramaticos. Dois annos depois, o decreto da convenção nacional de 19 de julho de 1793 applicou o principio aos outros todos; e por estas leis quasi se rege ainda hoje em França.

Na Hollanda é a primeira lei a de 8 de dezembro de 1796.

A Belgica, quando pela sua reunião á França recebeu as leis do imperio e da republica, sob aquell'outra lei viveu, até que em 23 de setembro de 1814, por uma resolução real, constituiu direito proprio seu, que d'ahi a tres annos, em 25 de janeiro de 1817, foi por lei generalisado para todo o reino dos Paizes Baixos.

Na Allemanha federal, o acto de Vienna de 8 de junho de 1815 reconheceu (no artigo 18.º) como direito geral para a confederação, o da propriedade litteraria. Confirmou-o e explicou-o a declaração da dieta de 2 de abril de 1835, e finalmente a lei de 9 de novembro de 1837.

Muito antes porém, e em quasi todos os estados d'aquella illustrada e vasta porção da Europa, tinha sido reconhecido e protegido este direito sagrado. Foi-o na Saxonia por decreto de 1775; em Oldenburgo pelo artigo 416.º do codigo; em Nassau pelos decretos de 4 e 5 de março de 1814; em Hanovre pelo de 17 de setembro de 1827; em Reuss pelo decreto de 24 de dezembro de 1827; em Anhalt Koethen pelo de 1829; em Saxonia-Meiningen pelo de 23 de abril de 1829; em Hess pelo decreto de 6 de maio de 1829; na Austria pelo codigo civil do 1.º de junho de 1811. A Prussia, que o fizera desde a primeira publicação do seu codigo (o codigo Frederico) de 1749 e 1751, na reformação do mesmo em 1791, e na sua correcção de 1794 protegeu sempre este direito que por fim, na liberalissima lei de 11 de junho de 1837, estabeleceu de modo, que já agora lhe fica para sempre a honra de ser a primeira potencia do mundo que o fez dignamente, e sobre os verdadeiros principios da eterna justiça, da rasão, e da verdade.

Modelo de verdadeira civilisação, exemplar de justiça, inveja de povos, lição para reis, *ultima terra* talvez que ainda habita a moral e o senso commum, escorraçados de quasi toda a parte, a Prussia do grande Frederico, a patria dos dois Humboldts, de Ancillon, e de tantas illustrações de todos os generos n'este grande exemplo que deu á Europa, n'esta iniciativa que tomou para se pôr á frente da civilisação, exhibiu novo documento da perfeição e superioridade de seu systema, que, reformando, constituindo, organisando sempre e em continuo progresso, quer chegar á liberdade politica pela civil, caminhando ao grande *desiderandum* das nações pela *analyse tranquilla* e certa, em vez da synthese dogmatica, ruidosa, e tam enganadora.

Em Baviera, tambem o codigo penal de 1813 assegurou a propriedade litteraria; fel-o em Wurtemberg o edito de 25 de fevereiro de 1815, e mais efficazmente a lei de 22 de julho de 1835. Baden o consignára em seu codigo civil de 1809, adoptado quasi litteralmente do codigo Napoleão.

Não satisfeitos com as leis que herdaram da mãe patria, os anglo-americanos constituiram direito mais explicito n'este ponto pela lei de 3 de fevereiro de 1831.

Precedêra-os a propria Russia com a lei de 8-20 de janeiro de 1830, inserta no digesto de todas as leis russas de 1833, a mais portentosa collecção d'este seculo.

Na Italia, sei do reino das Duas Sicilias, em cujo codigo de 1818-19 está consignado o principio, na parte IV, liv. 2.º O codigo civil de Sardenha de 20 de junho de 1837, egualmente o sanccionou no artigo 440.

Consta-me vagamente que alguma determinação ha a este respeito, e modernamente tomada, pelos nossos visinhos de Hespanha. Lástima é dizêl-o, mas não sei porque fatalidade está decretado que portuguezes e castelhanos tarde e mal saibamos sempre uns dos outros, e cada vez nos conheçamos menos e peior. Não me foi possivel averiguar o direito por que se rege em Hespanha n'esta materia; mas não ha dúvida que alli tambem foi reconhecido o principio hoje europeu, universal.

Algumas d'estas leis, senhores, são imperfeitas, incompletas; mas por toda a parte se trabalha em as aperfeiçoar, por toda a parte, e por movimento simultaneo, e digno do seculo, se procura assimilhal-as, uniformal-as, estabelecer um direito commum e internacional, que realisando a antiga e bella utopia da universal republica das letras, quebre, ao menos para o pensamento, ao menos para a sciencia, estas portagens do feudalismo litterario, estas alfandegas do espirito, que tanto zelam os guarda-barreiras da ignorancia, fieis ainda ás tradições do despotismo que, alliado natural e interessado da ignorancia, tremia dos resultados que necessariamente traz a livre communicação dos povos, o livre commercio das idéas, a facil permutação dos productos do engenho.

Assegurar por estipulações internacionaes em uma grande alliança litteraria de todos os estados civilisados, a propriedade dos auctores, destruir a piratagem das *contrafeições*, que roubam o suor da industria, o preço da saude, muitas vezes da vida do sabio e do artista — que a miude teem elles pago com a vida, as grandes obras que fazem a gloria de uma nação; — afiançar-lhes, digo, este beneficio pelas mutuas concessões de todos os povos, é um dos actuaes empenhos da Europa: nem já de outra coisa se questiona entre os generosos promotores d'esta grande medida, senão do melhor e mais seguro methodo, porque todos estão conformes na idéa.

A Prussia deu o exemplo na já citada e sempre louvada lei de 11 de junho de 1837; propoz-se a França seguil-o. Nem uma nem outra comtudo fazem ainda o reconhecimento formal dos direitos dos auctores: são contratos de mutua conveniencia os que se

propõem: «Era mais nobre, diz um illustre «escriptor contemporaneo, commentando o «projecto de mr. de Salvandi, era mais no«bre, mais digno da nação franceza, a quem «pertence ordinariamente a iniciativa das re«soluções generosas, proclamar altamente «que a propriedade litteraria é inviolavel, e «que todos os titulos legalmente adquiridos «em paiz estrangeiro, são válidos deante dos «nossos tribunaes».

No projecto que tenho a honra de vos apresentar hoje, e que, aperfeiçoado pela sabedoria da camara, espero que ella tenha a gloria de approvar, eu segui o conselho do jurisconsulto francez. Forçada até aqui por seus estupidos governos a arrastar-se na rectaguarda da civilisação, e a ser o escarneo de todo o seu exercito, a nação portugueza, agora livre e regenerada, deve mover-se com outros brios, e pela voz dos seus representantes fazer conhecer á Europa que tem sido calumniada e que ainda merece, ou que torna a merecer, o posto de honra que nas primeiras campanhas da civilisação lhe pertencia d'antes, quando marchava com os Pedro Nunes, com os Garcias da Horta, com Osorios, com Rezendes, com os Bartholomeus dos Martyres, com os Vieiras, e não ha muito ainda, com os Serras e com os Broteros, na guarda avançada de todas as luzes.

Tam grande exemplo dado por nação tam pequena, iniciativa tam generosa em tamanha questão, tomada por um povo tam calumniado, será summamente benefica para a Europa, cujas grandes potencias se envergonharão de ficar atraz de Portugal pequeno e pobre, mas generoso como sempre foi. Não descobrimos nós o oriente para o commercio do mundo? Não levámos nós a civilisação e o christianismo aos sertões de Africa, não descobrimos, não povoámos nós a metade da America, formando novos imperios, novas nações que um cantinho da peninsula iberica não podia ter a pretensão de governar e ter em tutela — senão emquanto d'ella precisasse a menoridade dos seus educandos? Mas a lingua portugueza, mas a gloria portugueza ficou assim legada a muitos seculos ainda por vir, a muitas nações solidarias hoje de seu nome e de seus creditos. E não tinham, e não podiam ter outra mira os immortaes fundadores da potencia portugueza tam acanhada em seus limites naturaes, tam vasta e immensa na largura de suas emprezas e pensamentos.

N'estas idéas, com este prospecto, e colleccionando, como já disse, as instituições de todos os povos, redigi o meu trabalho.

Dividi-o, apesar de curto e conciso, em seis titulos, para clareza e methodo.

No primeiro titulo se define a propriedade litteraria, já consagrada no artigo 23 da constituição, e se modifica o absoluto d'este principio, limitando-o como é do interesse da sociedade, e segundo o espirito da mesma constituição (artigo citado *in princ.)* a trinta annos contados depois da morte do auctor.

Ampliam-se estas disposições (artigo 7.º) para promover a publicação de nossas antigas chronicas, e monumentos litterarios e artisticos. E (no artigo 9.º) se adopta do direito inglez uma regra de moralidade pública, digna d'aquella grande nação, para destituir de todo o amparo das leis as prostituições do talento, que offendem a honestidade, e que devem, por taes, ser postas em bando e desaforadas.

A' protecção da litteratura dramatica é consagrado o titulo segundo. Attento o estado de tutela, em que infelizmente precisa ainda de conservar-se o nosso theatro, seguiu-se a legislação com que Bonaparte restaurou as scenas francezas, e que mais se compadece com as nossas circumstancias.

Applicam-se no titulo terceiro aquell'outras regras ás artes de desenho, modificando as no que a especialissima natureza de seus productos exige.

O artigo 20.º d'este titulo declara a propriedade dos desenhos dos fabricantes; genero de industria e talento, que o progressivo augmento das nossas fabricas muito requer que seja protegido. Não se trata de novos inventos e descobertas, que lá teem lei propria, mas das creações do desenhista, do gravador, cujos riscos não devem fazer a fortuna senão de quem lh'os pagar, e não ficarem como em baldio commum, que quem quer aproveita sem retribuição.

Na presente lei só era possivel, quanto a este ponto, declarar o principio: as regras de applicação demandam fórmulas particulares que precisam de lei separada, e que se Deus me ajudar com a vida, me comprometto a apresentar brevemente á deliberação da camara.

Distinguem-se no titulo quarto, os dois periodos de usar das producções musicaes, reproduzindo os sons na execução, e os signaes na imprensa ou gravura; e em ambos se afiança aos auctores d'esta grande arte de civilisação a sua bella propriedade,

Occupam o titulo quinto as disposições geraes que excluem o fisco da successão vacante d'estes direitos, que em tal caso cede para o gôso publico; e regulam a forma dos depositos e registos que, por interesse tanto do publico como dos proprietarios, é indispensavel estabelecerem-se.

A classificação das offensas e delictos, e das penas correspondentes n'esta materia,

são objecto do titulo sexto com cujos determinados se dá sancção ao direito constituido. Aqui tambem (artigo 32.º) fica assegurada a regra internacional que protege as sciencias e as artes, e as letras sem distincção de paiz, e que habilitará o governo de sua magestade a abrir novos mercados, e a manter os antigos ás producções dos nossos engenhos, que já começam a ser conhecidos no mundo, e que a lingua portugueza falada hoje n'um bom quinto da terra. quando menos, e uma das linguas commerciaes do globo, vae fazendo respeitar e avaliar pelos que em menor conta nos tinham.

Senhores, a materia é vastissima na sua idéa, breve e facil nas disposições que se pedem. Tratemol-a que o merece e urge. Fizeram nos passar por barbaros; vinguemos a affronta como é da nossa honra; appareçamos no mundo o que somos. Presumem os governos despoticos da protecção com que seus principes amparam as letras: apesar de quanto disse Alfieri, o mundo ainda os crê. ainda achaca de mesquinhos, e chatins com o talento, aos governos livres. Desmintamol-os. Não temos Mecenas que dar ao genio; temos leis que valem mais, que protegem melhor, que não deixam ao acerto do favor o cair a protecção em Horacio —ou em Mevio, segundo variar a aura e revolver a intriga dos palacios. O juizo publico, a opinião não compravel protegerá ao merito desvalido e timido, e despirá das pennas do pavão a gralha soberba e confiada.

Devemos esta lei aos homens de letras, aos sabios: são credores avultados da liberdade. Quebrámos-lhes, sim, as tesouras censorias do desembargo do paço que muita vez lhes mutilavam o mais bello dos seus pensamentos; sim lhes apagámos as fogueiras do Rocio que, outras vezes, lhes devoravam os trabalhos de uma vida inteira, quando não ia tambem a vida no mesmo sacrificio barbaro. E' certo; mas para elles, para essa familia retirada por suas occupações, timida por constituição, acanhada por seus habitos—gente que a vulgaridade horrorisa, em cuja susceptibilidade morbosa os motejos, as grossarias ferem de morte—para elles, digo, nós levantamos um pelourinho, que os aterra e atormenta, na plena liberdade que démos á imprensa, condição de vida para o systema representativo, e que antes soffrêl-a desregrada e doida, do que açaimal-a, que morra e deixe morrer a liberdade. Para nós assim é, com essas condições acceitámos a vida publica, viemos voluntarios a essas lides:—mas para o sabio, senhores,—para esses pobres *velhos-creanças* que no retiro de seu gabinete—(quantas vezes desconfortada trapeira em que falta o pão e a roupa!) vivem na innocencia dos costumes primitivos, e na feliz ignorancia de nossas questões politicas, cenobitas no meio do mundo, oh! para estes o affrontoso pelourinho dos *calumniadores de numero*, dá-lhes trato de polé com que não podem; e a suja esquina das immundicies follicularias é cruz de affronta em que expiram.

O fructo de tam longas vigilias, o cansado producto de tanto dia afadigoso, de tanta noite mal dormida,—o que custou febres a conceber, macerações de alma e corpo a executar, a obra que arruinou uma organisação, que levou a mocidade das faces, a força do corpo, a energia do coração, e que a miude deixou no sangue a eiva de morte que o levará a tumulo prematuro (talvez para ser cuspido de nescios, e espesinhado de ingratos!) o sublimado producto de tam difficeis, e penosas operações—virá o libellista invejoso, o scriblero estupido e presumido chamal o á ferula de sua ignorancia, torcer-lh'o de maus geitos, babar-lh'o de suas nojentas criticas e fazer-lhe amaldiçoar a hora em que se lembrou de honrar a patria e a sciencia.

A intriga morre, o merito fica; a obra immortal não cae ás mãos da ignorancia malevola; bem o sei; mas o pobre auctor custou-lhe talvez a saude ou a vida: os casos nem são raros nem ignorados. Que importa que a posteridade stygmatise os Frerons depois.

O asno da fabula, que topou com a lyra, e a fez resoar com o couce, cuidava que já sabia tocar, e pasmado de como tanto soube, orneará talvez de gosto se a quebrar. Assim rirá bestialmente o folliculario se der cabo da sua victima; embora o apupe depois o mundo, e lhe diga: *asno, quizeste tanger, e quebraste a lyra*.

Nós que nascemos, ou abrimos os olhos sob o imperio d'estas necessidades, nós tomamos em seu justo valor—quasi sempre negativo—o d'estes inconvenientes. Mas não assim o homem antigo, o homem da sciencia e do estudo. Poucos teem a coragem de Pope para se desaffrontar com uma Dunciada; a maior parte móe comsigo a injuria, e succumbe.

Devemos-lhes pois reparação: demos lh'a com esta lei seguremos lhes na rara velhice a que algum chegue, na orphandade, quasi sempre temporã, de seus filhos, na precoce viuvez de suas esposas, algum preço de seus trabalhos, alguma recompensa pelas nobres fadigas que nos trouxeram onde estamos, que nos allumiaram até este logar, em que nossa maior, nossa unica gloria é ter publicado, e sanccionado o que elles conceberam e nos ensinaram.

Por estes motivos todos, proponho o seguinte projecto de lei. Camara dos deputados da nação portugueza, em 18 de maio de 1839.—*J. B. de Almeida Garrett*, deputado pela Terceira.

Carta a Alexandre Herculano sobre o mesmo assumpto

Alto do Salitre, 28 de setembro, 51.

Meu am.º e sr.—Agradeço o obsequio da sua carta que hontem recebi em S. Bento, e que pela letra do sobrescripto conheci que vinha da sua mão. Não lhe sei expressar o sentimento que tenho de me ver tam largamente discordante de sua opinião sobre um assumpto grave como é a propriedade litteraria; e é maior ainda o meu sentimento porque sei que ambas as nossas convicções são profundas e sinceras—e não dão portanto esperança de se approximarem jamais. Póde ser—e sei que é—muito menos sincera a fé de muitos dos que sustentam a minha e aproveitam com ella: mas é certissimo que nos que seguem a sua ha um grandissimo numero de tratantes e traficantes da escravatura branca dos pobres auctores.

Fólgo de que esteja convencido de que a minha opinião, velha, radicada, e tenaz como tem sido, não é nem póde ser movida senão por outras especies de motivos—d'aquelles que sempre e unicamente me movem em tudo:—é o que eu entendo ser o bom e o justo.

Agradeço-lhe as expressões de consideração da sua carta: mereço-lh'as só por uma rasão, e é porque ha muito e sempre lh'as paguei adiantadas—sem favor de minha parte, é certo; mas n'estes tempos justiça mesmo se não faz sem favor. Não direi o mesmo do seu artigo no *Paiz* que sinceramente confesso me feriu, não pelas idéas mas pelo modo sarcastico e pelas insinuações de motivos que o infinito numero de intrigantes e malevolos que nos rodeiam aproveitariam de certo para fomento de calúmnia, seu pasto e regosijo.

Jervis pedia-me que respondesse a tal artigo; eu respondi-lhe que a resposta estava nos meus officios que a secretaria d'estado devêra ter publicado com a convenção, assim como no meu relatorio á camara dos deputados em 1838-39. D'ahi a publicação de alguns dos ditos papeis. N'um d'elles citei o seu nome porque ainda estou convencido que até ha no projecto (hoje decretado) um artigo (ou paragrapho) seu sobre escriptos immoraes ou coisa que o valha. De que ninguem então absolutamente impugnou o principio da propriedade litteraria estou certissimo. E as actas e diarios da camara farão fé.

Meu amigo, a Inglaterra que copiou a minha pobre convenção—a que realmente não sei por que cabe o epitheto de *triste*, o Hanover que tambem já o fez—a Prussia e a Hespanha que o estão fazendo—lhe dirão melhor que eu, quanto é necessario converter em direito internacional as regras que defendem *isto* que eu chamo propriedade litteraria por não separar me da linguagem que todos entendem—a que daria de boamente outro nome se lh'o achasse—embora ella não tenha, como não tem, todos os caracteres que, em stricto apice de direito, deve ter a propriedade commum. Assumpto para brilharem talentos como o seu, e forças dialecticas superiores—mas que me parece, não mudam o estado da questão.

Direi muito mais; hoje estou doente e massado de trabalho. E verdadeiramente não quiz nem queria dizer-lhe senão que agradeço a remessa do exemplar da sua carta que me deixou mais *impenitente* e endurecido do que nunca; mas satisfeito de que os intrigantes que tanto mais poderosos são, quanto lidam com caracteres severos e ingenuos como o seu, o não podessem persuadir de que eu—nem por desforço—era capaz de faltar a um amigo—ainda persuadido de que elle me faltava.

Emquanto não responde *á materia*, esta é a resposta provisoria *á forma*—aliás ainda muito *objeccionavel* em *certos pontos* da sua carta.

Bem sabe que sou seu am.º verdr.º e obg.^{do}=*Almeida Garrett.*

*

(Confidencial.)—Ill.mo e ex.mo sr.—Não encontrando a v. ex.ª nem ao sr. official maior, deixo escripto—á pressa e menos individuado talvez do que cumpria—o que de viva voz queria e precisava dizer em explicação do trabalho que se acha concluido e que deixo a v. ex.ª para que tenha a bondade de o examinar e me dizer se o encontra conforme á mente do governo de sua magestade. Não tendo instrucções, e trabalhando debaixo quasi dos olhos do governo de quem sou plenipotenciario, este será o melhor meio de cumprir com a minha missão cabalmente.

Portanto não assignarei a convenção sem que v. ex.ª me diga que as estipulações que celebrei lhe agradam.

Ellas são as unicas possiveis e efficazes nas respectivas situações dos dois paizes.

Verá v. ex.ª que no artigo 16 estipulei o que nos interessa para a protecção de nossos interesses n'este ponto, que é o comprometter-se a França a nos fazer participantes

no que tratar com outras potencias. E bem avalia v. ex.ª que é nas nossas futuras negociações com o Brazil que isto mais importará.

Esta convenção, além d'isso importa sobretudo á honra do governo de sua magestade e á da nação portugueza.

O pequeno—se algum—sacrificio que possa fazer o commercio de contrabando belga, é insignificante segundo se demonstra do mappa da alfandega que v. ex.ª me communicou.

Aproveito egualmente esta occasião para notar a v. ex.ª que nos plenos poderes que recebi se omittiram—por esquecimento de certo—os titulos de enviado extraordinario, e de chronista mór do reino, de que me não constou ter sido privado. Se assim é, pediria a reforma d'aquelles diplomas. Se porém sua magestade for servida privar-me d'elles com effeito, não é esse para mim motivo de eu não continuar a empregar todo o meu zêlo e esforços n'este ou em qualquer outro serviço da mesma augusta senhora e da nação; pois bem sabe v. ex.ª que toda a minha vida a tenho consagrado a esse serviço e que nunca recebi nem esperei receber o menor galardão.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 20 de março de 1851.—Ill.mo e ex.mo sr. conde do Tojal. - *J. B. de Almeida Garrett.*

*

Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de elevar á augusta presença de sua magestade, pelo ministerio a cargo de v. ex.ª, a convenção que por sua ordem e como plenipotenciario seu, acabo de concluir e assignar com o da republica franceza em 12 do corrente mez de abril.

Lisonjeio-me de que merecerá a approvação de sua magestade a maneira por que em seu augusto nome ficam assim consagrados no direito das gentes os principios de eterna justiça e de alta moralidade que sempre deveram ter protegido a mais indefesa, porém a mais santa de todas as propriedades, a da intelligencia.

Não será pequena honra para Portugal o ser uma das primeiras nações que se associam a este nobre pensamento de assegurar aos sabios e aos artistas de todos os paizes o fructo de seu engenho e de seus lavores, de perseguir a fraude e a piratagem dos ignobeis especuladores que viviam e se enriqueciam á custa do suor e do estudo alheio, e de realisar emfim praticamente a antiga utopia da republica das letras, fazendo do mundo civilisado a patria commum de todos os que o illustram.

Para nós portuguezes a conveniencia d'este tratado é tanto maior, quanto, apesar dos bons desejos por vezes manifestados na nossa legislatura, a fatalidade ordenou sempre que nos deixassemos preceder de todas as outras nações, que hoje teem, sem excepção que eu saiba, suas leis de propriedade litteraria: nós ainda não podemos senão consagral-a em principio.

A Inglaterra desde 1710, a Dinamarca desde 1791, a França desde 1791–93, a Hollanda desde 1796, a Allemanha Federal desde 1815, a Saxonia desde 1773, Nassau desde 1814, o Hannover desde 1829, Reuss desde 1827, Anhalt-Kœthen, Saxonia-Meiningen e Hesse desde 1829, Austria desde 1811, a Prussia desde 1749–51, Baviera desde 1813, Wurtemberg desde 1815, Baden desde 1809, a Russia desde 1830, Napoles desde 1818, os Estados Unidos da America desde 1831, a Sardenha desde 1837, consagraram por leis especiaes insertas depois em seus codigos o direito de propriedade litteraria.

Isto não bastava porém, e era o menos talvez: o grande empenho da Europa culta n'este seculo é (segundo já tive a honra de o dizer na camara dos senhores deputados da nação portugueza em 18 de maio de 1839) assegurar por estipulações internacionaes, em uma grande alliança litteraria de todos os estados civilisados, esta propriedade sagrada, destruir a piratagem das contrafeições que roubam o suor da industria, o preço da saude, e muitas vezes da vida do sabio ou do artista, que a miude pagam com a vida essas grandes obras que fazem a gloria de uma nação.

No artigo 1.º da nossa convenção fica pois declarado e definido o direito que ella vae proteger. O artigo 2.º impõe aos proprietarios a condição *sine qua non* de depositarem, os francezes na bibliotheca publica de Lisboa, e os portuguezes no ministerio do interior em Paris as obras cuja propriedade quizerem assegurar.

Escuso de encarecer a v. ex.ª quanto ganhamos n'esta estipulação. Pelo artigo 3.º é garantido egualmente aos auctores o direito de preferencia sobre qualquer outra pessoa para podêrem elles mesmos traduzir, ou fazer traduzir as suas obras. Esta concessão que á primeira vista parecerá restringir ou entorpecer o livre commercio das idéas, não faz na realidade senão dirigir e segurar melhor os passos do verdadeiro progresso

Além de que é limitado e carregado de obrigações para os auctores, não o admittimos nem na sua applicação ás peças de theatro (artigo 5.º) nem aos jornaes (artigo 6.º).

Respeitando em tudo a posse e os direitos adquiridos posto que mal adquiridos damos tempo e facilidade aos que abusavam em boa fé talvez da indulgencia e antigo descuido das leis, para concluirem os seus negocios.

O artigo 17 protege, como é de justiça, a a parte artistica da industria fabril contra a fraude e a falsificação.

Devo confessar a v. ex.ª que n'este ponto verdadeiramente cedemos a um preconceito vulgar, e ás falsas idéas economicas que ainda escurecem os animos, não garantindo do mesmo modo internacionalmente os desenhos e padrões dos fabricantes.

Certamente é nova e está muito atrazada a nossa industria: mas uma das causas mais poderosas do seu atrazo é o pouco conhecimento das artes do desenho que entre os nossos fabricantes se encontra. Nem será, emquanto elles servilmente copiarem os desenhos francezes, que jamais hão de fazer progressos verdadeiros, e adiantarem-se a ponto de podêrem competir com os outros paizes. Confio em que o tempo os ha de esclarecer melhor sobre os seus proprios interesses, rectificar a opinião publica e habilitar o governo a proceder, como não só é justo mas util.

Se todavia no que temos estipulado ha erros ou defeitos insanaveis, e o que está provado pelo experiencia de tantas nações falhar eutre nós, temos todo o tempo e toda a occasião de o emendar; porque no fim de cinco annos (artigo 15) podemos declarar que não queremos continuar no pactuado e d'ahi a um anno estaremos inteiramente absolvidos de toda a obrigação.

Além de que, por este modo, não vimos a contrahir obrigação alguma por mais de seis annos, ainda durante elles, e mantidos os principios que por esta convenção consagramos, podemos ir melhorando e corrigindo, no modo e na forma, tudo o que a pratica mostrar que o precise.

Peço a v. ex.ª o obsequio de beijar por mim a augusta mão de sua magestade, a quem de novo agradeço a honra que se dignou fazer-me encarregando-me de um trabalho que é de tamanha gloria para o seu reinado, e de tanta satisfação para mim.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 14 de abril de 1851.

(Era para o ministro dos negocios estrangeiros.)

Cartas sobre o mesmo assumpto ao ministro Aluisio Jervis de Atouguia

Ill.mo e ex.mo sr.—Ainda que foi toda officiosa e confidencial a conferencia a que, por ordem de sua magestade, fui chamado, e que teve logar no dia de hoje 28 do corrente na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, como v. ex.ª não assistiu a ella, é do meu dever referir-lhe o que ahi se passou, e prevenir a v. ex.ª das pequenas duvidas que os senhores do conselho d'estado manifestaram mais suscitar para esclarecer-se do que porque realmente encontrassem, na convenção de que fui negociador por parte da rainha fidelissima, verdadeiro motivo para não aconselharem a sua ratificação.

No meu officio de 14 do mez passado, a que inteiramente me refiro, e a cujas reflexões tomo a liberdade de chamar a attenção de v. ex.ª, expuz, com individuação bastante miuda, o assumpto da convenção que assignára em 12 do mesmo mez, sobre a propriedade litteraria, com a republica franceza; a vantagem que nos daria, os nenhuns sacrificios que n'ella faziamos, e a infinita gloria que era para nós associarmos, uma das primeiras nações na Europa, o nosso pequeno, mas illustre nome, a este grande empenho do seculo, de consagrar e proteger pelas leis a mais nobre, e a mais inquestionavel de todas as propriedades, a que se cria pela intelligencia, e pelo espirito immortal do homem.

Na dita conferencia, pois, observei com prazer que estes principios eram quasi unanimemente acceitos e reconhecidos pelos senhores do conselbo que se achavam presentes.

A objecção principal de um dos ditos senhores, de não termos nós lei interna sobre a referida propriedade além de já estar resolvida pelo governo de sua magestade, quando acceitou as abertas da França, nomeou plenipotenciario seu, e ordenou que se tratasse, é realmente sem fundamento, pois tanto importa que a lei inteira se faça depois, como antes, da lei externa. E raro será o tratado que, para se pôr em execução não precise de providencias legislativas que regulem no interior os novos direitos e obrigações que d'elle resultam.

Outra objecção que a algumas pessoas (ainda fóra dos corpos do estado) pareceu fazer impressão, é a da perda que nos proviria de prohibir entre nós a venda e commercio dos livros roubados a seu legitimo proprietario, e impressos em um terceiro paiz. Nomeadamente se dizia que esta convenção ia prejudicar o grande commercio que nós faziamos com a Belgica, e nos constrangia a comprar carissimos aos francezes o que dos Belgas podiamos haver por modicos preços.

Pondo de parte (se tal coisa se póde pôr de parte nem por argumento) a grande rasão da moralidade, e os eternos principios

da justiça; considerando ainda sómente o interesse material, seria sacrificar a um phantasma que não existe senão na imaginação dos que o invocam.

Aqui junto para informação de v. ex.ª o officio e nota extrahido (a meu pedido) da alfandega grande de Lisboa, do qual se vê quanto é insignificante o commercio de livraria d'este paiz com a Belgica. D'aqui se vê que ainda assim o commercio com a França excede no dobro a importancia d'aquelle. E só me peza que estes dados fiscaes não sejam de uma estatistica mais individuada, porque appareceria n'elles documentado officialmente um facto que ninguem ignora todavia; e é que as nossas quasi unicas importações da livraria belga são de maus livros, de romances absurdos, de quanto ha de mais frivolo e de prejudicial na litteratura franceza e contemporanea; pois todos os outros livros, os bons, os uteis, os civilisadores, directamente os havemos de França, e os lemos nas edições legitimas sem prejuizo de seus proprietarios.

As judiciosas, posto que em demasia talvez escrupulosas observações do sr. conselheiro Silva Cabral, versaram sobre alguns d'estes pontos e seus corollarios. Creio que teria a felicidade de o tranquillizar sobre todos; e imagino que nem d'elle, nem de nenhum dos outros senhores (que nenhuma duvida offereceram nenhum d'elles) não poderá vir objecção contra a ratificação da referida convenção.

A final lembro a v. ex.ª que quando alguma expressão da letra do tratado se julgue dever explicar para evitar desintelligencias de futuro, o estylo e remedio costumado é assim se declarar por notas reversaes entre os negociadores; as quaes teem o mesmo effeito e valia como se no corpo da convenção fossem insertas.

Renóvo as minhas protestações sinceras, de que em todo este trabalho não tive outra mira senão o interesse e a gloria do meu paiz, e a do reinado de sua magestade a rainha, cujo augusto nome oxalá que fique ligado a um dos actos mais honrosos e civilisadores que o podem perpetuar na historia.

Quanto a mim já me dou por muito feliz do ter assignado o meu humilde nome n'este grande documento, que mais tarde ou mais cedo ha de ser brevemente a lei da Europa e de todo o mundo civilisado.

E porque se dignou encarregar-me, em seu augusto nome, d'este honroso trabalho, beijo de novamente as reaes mãos de sua magestade.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 28 de maio de 1851.—Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. ministro secretario d'estado dos negocios estrangeiros. = *J. B. de Almeida Garrett.*

Representação á Rainha

Ill.mo e ex.mo sr.—Resolvido unanimemente pelo ministerio propor á ratificação de sua magestade a convenção que conclui com a França, á qual não appareceu outra objecção racionavel senão a falta de lei civil patria que correspondesse ao que internacionalmente fica estipulado: objecção de que os senhores do conselho d'estado cederam, mas que realmente é de valia, tómo a liberdade de dirigir a sua magestade a inclusa representação que v. ex.ª me fará a honra de pôr a seus augustos pés. N'ella, historiando todo o processo da missão de que tenho estado incumbido, concluo pedindo a sua magestade que se digne prover extraordinariamente áquella falta. Posto que este negocio não seja propriamente da repartição de v. ex.ª, comtudo ninguem melhor póde avaliar a sua importancia e urgencia para a testemunhar no conselho de ministros, e na presença de sua magestade.

Previno a v. ex.ª que já me dirigi officialmente sobre este mesmo assumpto ao sr. presidente do conselho; e que tanto o sr. Pestana como os outros senhores não põem dúvida ao que tenho a honra de propor. Unanimes como todos foram em approvar a convenção com a França, conhecerão de certo que é muito mais honroso e digno para nós e para a corôa da rainha, conceder primeiro e reconhecer, por lei e direito patrio estabelecido, os principios que a estipulação internacional vae consagrar.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 29 de junho de 1851.—Ill.mo e ex.mo sr. ministro d'estado dos negocios estrangeiros. = *J. B. de Almeida Garrett.*

*

Senhora! Permitta-me vossa magestade que, ao terminar a missão de que foi servida encarregar-me, eu use, para lh'o agradecer directamente por este modo, do direito que me dá a qualidade de seu ministro plenipotenciario. Escolhendo me para a mais distincta e nobre missão que podia exercer um homem de letras, vossa magestade honrou, na minha humilde pessoa, a todos aquelles que as professam, e a mim me deu o maior e mais apreciado galardão que podia dar-me pelo zêlo com que tenho dedicado toda a minha vida ao serviço de vossa magestade e da nação, e pela diligencia—que me atrevo a dizer incansavel—com que por todos os modos tenho procurado melhorar a sorte dos que se dedicam á profissão

das letras e das artes — profissão que entre nós foi sempre tam desvalida.

Quando retirado de todos os negocios publicos por discordar da politica do ministerio passado, vossa magestade se dignou chamar-me para tratar em seu nome com o plenipotenciario da republica franceza, a fim de garantir por estipulações internacionaes o sagrado direito da propriedade intellectual, eu acceitei gostosamente o encargo, porque não vi n'elle senão a gloria para o meu paiz de se associar a um dos maiores pensamentos da epocha, e a honra para mim de contribuir, como ministro de vossa magestade e em seu augusto nome, para fazer prevalecer e triumphar os principios de justiça, de equidade e de alta rasão politica e social em que se funda aquelle pensamento que a ignorancia obscureceu por tantos seculos, e o orgulho da força material desprezava e escarnecia.

Tam profundas e tam antigas são em mim estas convicções, que, ha doze annos já como deputado da nação eu tinha tido a honra de propor ás côrtes uma lei, que, firmada n'esses principios e elaborada sobre a legislação de todos os paizes civilisados, obteve ser duas vezes approvada pela camara dos senhores deputados, e seria ha muito lei do estado, quando a vossa magestade assim prouvesse, se as intervenientes commoções politicas não tivessem obstado a que ella passasse por todos os tramites constitucionaes.

Foram estes estudos e este trabalho a minha principal guia nas actuaes negociações, —para as quaes vossa magestade fôra servida não me mandar dar outras algumas instrucções senão a de me conformar com a convenção que sobre o mesmo assumpto acabava de concluir-se entre a França e a Sardenha. Uma e outra coisa segui com tanta mais segurança, quanto a reputação liberal e a scientifica do illustre plenipotenciario sardo, o senador Cibrari, é tam geralmente reconhecida e confessada entre os nossos mesmos—e quanto, em referencia ao meu trabalho, os mais conspicuos jurisconsultos da camara, taes como o fallecido conselheiro José Alexandre de Campos, homens de estado e escriptores taes como o fallecido conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira, e Alexandre Herculano de Carvalho a tinham approvado, e aperfeiçoado em muitas partes com as suas luminosas emendas e additamentos.

Tudo pois quanto no tratado estipulei em nome de vossa magestade, foi sujeito a estes principios já consagrados pelo assenso geral da Europa, e entre nós mesmos pelo consenso prévio e unanime de todos os que melhor voto podiam ter no assumpto.

Reconhecidos os principios era forçoso admittir as consequencias. Confessada a propriedade intellectual, era preciso armal-a e protegel-a, assim como a propriedade material é protegida. As provisões fiscaes, as comminações penaes, e todas as defezas com que a sociedade garante a propriedade tinham de se lhe conceder.

No commercio da livraria ha, como em todo o commercio, quem deshonre a sua util e nobre profissão, quem lhe importe pouco com as fadigas e com os padecimentos do productor, e só mira a sacar lucro, seja á custa de quem e de que principios fôr.

A fraude, o roubo, o falso, tudo lhe parece bom e honesto comtanto que produza ganancia. A estes taes a protecção dada á propriedade intellectual parecerá uma atrocidade. E os que irreflectidamente, pelo miseravel engôdo de comprar mais barato o livro roubado, dão fomento e auxilio indirecto áquella immoralidade, capitularão de espoliadora e vexatoria a lei civil ou internacional que os obrigar a comprar o seu a seu dono, e a não sustentar um trafico illicito.

O commercio da livraria teve Elzeviros e Etiennes, e ainda tem Didots; em Portugal mesmo não falta ainda agora quem represente a probidade e intelligencia dos nossos antigos Crasbeeks. Não são esses de certo os que hão de maldizer a lei reparadora das antigas injurias e da velha oppressão do entendimento. Mas não faltará quem blaspheme, porque não falta quem sacrifique tudo ao mais miseravel lucro. Nem faltarão sophistas para advogar essa má causa, porque a safra d'elles é immensa em nossos dias.

Posto que firmemente decidido a affrontar essas iras mesquinhas dos pequenos interesses offendidos, eu não estipularia comtudo definitivamente o artigo 8.º da convenção que os fere, nem os seus inevitaveis corollarios, se primeiro não tivesse verificado pelos mappas officiaes da alfandega quanto é minima a somma das nossas importações que podem ser affectadas.

Assim, obtida da França a concessão tam vantajosa para nós, do artigo 2.º, e a solemne promessa do artigo 16.º, de que podemos tirar tanto proveito, especialmente na America, bem explicado e entendido por notas passadas entre mim e o plenipotenciario francez o que podia parecer duro de mais nas provisões fiscaes e na equiparação da contrafeição ao contrabando—não hesitei em firmar a convenção que ultimamente subiu á augusta presença de vossa magestade.

Apresentada ao conselho de estado pelos seus ministros nos ultimos dias da passada

administração, foi adiado o exame d'aquelle acto para occasião mais opportuna. Sendo porém d'ahi a pouco mudado o gabinete, os novos ministros de vossa magestade trataram logo de lhe dar seguimento.

Assisti, convidado por elles, primeiro a uma conferencia preparatoria do conselho d'estado, depois a uma reunião de conselho de ministros, para dar os esclarecimentos que se pedissem.

Algumas objecções, fundadas principalmente na falta de leis patrias especiaes, que correspondessem ás estipulações internacionaes, creio tel-as completamente desvanecido pela singela exposição das doutrinas em que me fundei, e que por nenhum dos conselheiros d'estado ou dos minisros de vossa magestade foram nem levemente impugnadas.

A exposição dos factos e dados estatisticos, a segurança dada pelas notas explicativas annexas á convenção, acabaram de tirar todas as duvidas aos mais escrupulosos. Assim o declararam todos formalmente.

Confio, pois, que vossa magestade não duvidará ratificar este acto de generosa e justa reparação.

Elle será, porem, incompleto, força é confessal-o, emquanto não houver lei civil que lhe corresponda.

Bem podera vossa magestade prover tambem a esta urgente necessidade, dignando-se usar dos poderes extraordinarios que nas actuaes circumstancias julgou dever assumir.

O seu conselho de ministros achará no projecto de lei a que ainda agora me referi, pelo menos, reunidos todos os elementos para uma lei provisoria que a sabedoria das côrtes aperfeiçoará depois.

Tal como está, tómo a liberdade de repetir que já foi duas vezes discutido e approvado pela camara electiva.

Com estes dois actos—que não seriam a menor gloria de seu reinado—vossa magestade completaria verdadeiramente a sua obra de munificencia real. Assim como são um unico pensamento elles são tambem uma só e a mesma lei: — a declaração dos direitos da intelligencia, da propriedade dos que trabalham no silencio do gabinete, rodeado da penuria e da fome tantas vezes — victimas da sciencia, martyres da civilisação, que não poucas o teem pago com a vida, que pela maior parte sacrificam fortuna, saude, o futuro de seus filhos á gloria das letras do seu paiz e da especie humana, e cuja sacratissima propriedade — já de sua natureza mais restricta que nenhuma outra—adquirida pelo trabalho do cerebro, não póde, não deve ser menos protegida das leis, do que a propriedade que adquiriram os braços, o esforço material do corpo. Seria tyrannica e iniqua a lei que tem odioso privilegio persistisse a conservar.

Agradecendo uma grande mercê, e pedindo outra, beijo submissamente a augusta mão de vossa magestade, que Deus guarde por muitos e dilatados annos. Lisboa, em 29 de junho de 1851.—De vossa magestade o mais humilde subdito—*João Baptista de Almeida Garrett.*

ESTATUTOS DA SOCIEDADE CONSERVADORA DO SYSTEMA MONARCHICO-REPRESENTATIVO EM PORTUGAL

CAUSAS — FINS — ORGANISAÇÃO

Capitulo I — *Causas da formação da sociedade*

Vinte annos de revoluções e reacções, de luctas e odios civis, de transições violentas da servidão para a liberdade, da liberdade para a licença: vinte annos de padecimentos e esperanças, mas de padecimentos quasi sempre inuteis, mas de esperanças quasi sempre mallogradas, são o tributo que a nação portugueza tem pago para a grande obra humanitaria da renovação social, sublime e dolorosa missão do seculo presente. Este tributo, cuja solução, pela maior parte, tem sido em moeda de sangue e lagrimas, devia produzir seu fructo: e se, com effeito, a felicidade pública tivesse resultado de tam largo tirocinio, fôra mau cidadão aquelle, que não abençoasse as procellas, que tinham trazido dias serenos, e se doesse dos males de que nascêra a salvação da republica.

O tributo, todavia, está pago; mas os fructos ainda não se colheram Bem pelo contrário parece ter sido baldada tam protrahida experiencia; e, como ha dez, como ha vinte annos, os nossos horisontes politicos estão prenhes de tempestades, que ameaçam cobril-os indefinidamente.

D'estes dois factos necessariamente resulta, ou que o principio humanitario da renovação social é falso, ou que nós ainda o não comprehendemos, ou não soubemos applicar.

A primeira consequencia é absurda; porque o genero humano nunca se engana no

seu progresso: a idéa dominante de cada seculo é sempre exacta e progressiva relativamente a elle. Resta a segunda consequencia. Esta é a unica possivel, e effectivamente a unica verdadeira.

A maior parte do povo portuguez ainda não comprehendeu o que era a renovação social. A experiencia ensinou muitos; mas para o maximo numero ella tem sido inutil.

E porque? Porque a força de uma intelligencia robusta e a boa fé da virtude e do amor da patria falta sempre ao grande numero em uma nação corrompida e ignorante. Para a experiencia ser util, requer-se, porém, virtude e intelligencia.

A corrupção e a ignorancia é a herança de um povo servo por muitos annos. Portugal está n'esse caso. Não attribuamos á nação uma culpa que não é sua. Mister de bons portuguezes é o trabalhar por salval-a, em vez de a accusar e maldizer.

Os factos, porém, existem, e é preciso expol-os francamente. É o que n'este logar fazemos.

Em 1820 houve uma revolução justissima, porque os seus motivos eram justos; legitima, porque a nação inteira a approvou; mas esta revolução traduziu-se em factos, que representavam uma idéa retrógrada — a democracia —; e as instituições, viciadas por esta idéa velha e corrupta, definharam-se e morreram. Quem destruiu as constituições do sul da Europa em 1823 não foram tanto os gabinetes absolutos, como foi o estarem ellas em contradicção com o pensamento progressivo do seculo. Este pensamento, entendido melhor, gerou a carta. Para a quéda d'esta, força é confessal-o, contribuiu muito a importancia politica, dada a certos homens, que pretendiam enxertar grosseiramente as idéas democraticas de 1822 nas fórmas monarchico-representativas de 1826; veiu, porém, principalmente o mal da aversão que votára ás opiniões liberaes um clero rude, ignorante, senhor dos animos das turbas, e incapaz de medir a distancia enorme que havia entre a carta e o codigo de 22. A reacção de 1823 que não fôra completa, completou-se então. O despotismo, velho e caduco, mais ainda que a democracia, pelejou e venceu. Era o combate de Xerxes e Leonidas; e o pensamento do presente, que começára a surgir, e que nada tinha com os dois principios que luctavam, foi esmagado na lucta.

Chegou o anno de 32. Os cinco antecedentes, passados no meio de atrozes perseguições, tinham feito desapparecer muitos dos democratas de 1820. As prisões e os desterros tinham dado tempo e vagar a outros de conhecerem que a regeneração social da Europa não consistia em instituições democraticas: alguns, e estes eram já bem poucos, atidos ás reminiscencias das escolas, continuaram a ser Aristides, Catões, e Brutos, e nem sequer se lembraram de que sobre as cinzas d'esses varões illustres, cujas idéas eram innegavelmente progressivas na epocha em que elles viveram, pesavam já mais de dois mil annos, e de que as tendencias sociaes das nações modernas deviam distar tanto das tendencias dos povos antigos, quanto distava do nosso modo de existir o modo de existir de gregos e romanos.

Esta geração de intelligencias era, porém, a que passava: após ella vinha uma nova raça, já dominada pelo espirito do seculo: a esta pertenciam todos os entendimentos claros e robustos, desenvolvidos durante as luctas civis de doze annos. Foram elles poucos em numero, mas fortes pela idéa, cujos representantes eram, que operaram a revolução prodigiosa de 33. O principio progressivo apresentou-se, com os seus oito mil soldados, em frente do principio retrógrado, que defendiam oito mil bayonetas. A monarchia representativa atirou a luva á monarchia despotica; e, d'ahi a pouco, esta desfez-se em pó, como podridão que era. O despotismo, para derribar as instituições de 1826, posto que já elevadas pelas idéas de 22, carecêra ainda de as calumniar; carecêra de se ajudar de toda a superstição popular, de toda a corrupção publica, e de travar a braços com a democracia para que ellas desapparecessem no meio de uma grande convulsão nacional. Mas quando essas instituições deram por garantia a legitimidade do principe que combatia por ellas, a devoção dos nobres que o seguiam, a superioridade intellectual de tantos homens illustrados que as tomavam por estandarte, então, dizemos, essas instituições venceram. A nação entrava naturalmente nas vias do verdadeiro progresso.

Erros dos homens que governaram o paiz durante tres annos, e que, tendo tempo e meios para deduzir as consequencias sociaes dos principios da carta não o souberam fazer: ambições dos homens immoraes, que guerreavam os governantes, não por causa dos seus erros, mas porque tinham o poder que elles ambicionavam: a ignorancia de muitos, a corrupção de quasi todos trouxeram a absurda revolução de 36. Proclamou-se o predominio do principio democratico: os chefes da revolta fizeram retrogradar a nação a 1822, e escarneceram dos padecimentos e sacrificios por que ella passára, durante dezeseis annos, para chegar ao porto da paz, da segurança, e da prosperidade.

As intelligencias ergueram-se unanimes, e

protestaram contra esse passo retrógado. A imprensa era já sufficientemente forte para restabelecer o progresso; mas houve a imprudencia de querer vencer com a força das bayonetas um partido que alevantára um pendão do desenfreamento e da licença, pendão que necessariamente haviam de seguir as multidões corruptas e ignorantes. Uma serie de desgraças fizeram sair vãs todas as tentativas, e o principio democratico triumphou temporariamente.

Dizemos temporariamente, porque os seus defensores não perceberam que a democracia pura é um cadaver, uma tradição; e de que não ha victoria que inspire a vida em um sepulchro, ou converta uma tradição em actualidade. A força das idéas foi vergando pouco a pouco á dos factos, e fez, quasi sem ruido, o que não poderam fazer duas tentativas de revolução. De feito, quem não observasse os successos da conveniente distancia; quem não cresse que o pensamento do genero humano é sempre incomparavelmente mais poderoso que a vontade de alguns ou de muitos homens, não se persuadiria de que, depois dos acontecimentos de 36, e ainda mais dos de 37, em 1840, o principio monarchico-constitucional tivesse chegado a ser quasi dominante, e de que, até com elles se abraçassem tantos homens que out'rora pertenceram ao partido democratico, ou absolutista.

É indubitavel que o principio monarchico-representativo, como hoje o entende a Europa, era apenas seguido por mui poucos espiritos no começo das nossas luctas civis: mas elle representava o futuro, e a successão do tempo lhe foi dando, e continuará a dar vulto e força; porque a experiencia, e todas as convicções profundas das maiores capacidades dos diversos paizes civilisados, demonstram que elle é o elemento productivo do grande fim da sociedade civil — paz, segurança, e prosperidade. Póde-se dizer sem receio, que este principio reune por isso á roda de si o maximo numero de intelligencias vigorosas e corações honestos, que a nação conta no seu seio.

Resumindo: Portugal acha-se hoje dividido em tres partidos: o do absolutismo, principio velho e corrupto, que nenhuns esforços humanos salvarão de ser convertido, ainda talvez n'este seculo, em tradição historica: o da democracia, principio decrepito, que, por isso mesmo parece aos entendimentos apoucados estar na infancia, e que apresentado ás multidões como um elemento de progresso, tem servido e póde continuar a servir de graves perturbações e damnos para esta malfadada terra portugueza: o terceiro é o da monarchia constitucional: este partido representa o verdadeiro progresso; é a elle que pertencem as grandes influencias sociaes, quer de intelligencia, quer de riqueza, quer de virtudes civis: é este, portanto, o partido que deve preponderar no paiz: é elle a quem toca desenvolver as consequencias dos grandes principios humanitarios. Para isto ha mister de união: unido será não só forte, mas irresistivel.

Para lhe dar essa união e essa força, se constituiu a sociedade conservadora do systema monarchico representativo em Portugal.

Capitulo II — *Fins da sociedade*

Artigo 1.º A sociedade quer a salvação da patria: quer paz, segurança, e prosperidade para toda a familia portugueza. Cumpre, por isso, que os seus membros sejam homens progressivos, isto é, adictos por uma convicção profunda á monarchia representativa; que sejam honestos, e respeitadores das leis, e da moral publica, ficando, em virtude d'este artigo para sempre immutavel e imprescriptivel, inhabeis para formar parte d'ella os anarchistas, demagogos e absolutistas, bem como todos aquelles, que por publica depravação de caracter, e immoralidade reconhecida devem ser considerados como membros podres d'este corpo politico chamado nação portugueza.

Art. 2.º Consequente com os seus principios, a sociedade combaterá a favor da monarchia representativa, debaixo da bandeira da legalidade, e nunca recorrerá a meios torpes ou violentos, para fazer triumphar uma causa que é santa, porque é a do genero humano.

Art. 3.º A sociedade está convencida de que o paiz carece de uma organisação social; até hoje mais se tem curado de destruir que de edificar: ella é, portanto essencialmente organisadora. Para alcançar este fim principal, ha de forçosamente attender á moralidade, á instrucção e civilisação do povo, ao equilibrio politico, ao cumprimento das leis, e a fazer respeitar todos os direitos consignados na constituição do estado, ou nas leis derivadas d'ella. A sociedade declara, pois, como poderosissimos para alcançar os fins a que se destina, os seguintes meios:

§ 1.º Consagrando todo o respeito devido á religiosidade do povo portuguez, favorecerá com energia as tendencias christãs do paiz, as quaes desgraçadamente teem sido menoscabadas até hoje. Foi o christianismo que educou para a liberdade e para a fraternidade as nações modernas; que revelou ao mundo o que nem os antigos tyrannos, nem os antigos democratas souberam que na terra ninguem nascêra servo. Foi elle que ajuntou

debaixo da benção de Deus os governantes e os governados, os reis e os subditos, e lhes disse: amae-vos, e respeitae-vos, porque sois irmãos. A sociedade não soffrerá a intolerancia; mas saudará a cruz: nossos avós foram livres e felizes, quando se abraçavam com ella. A sociedade trabalhará para que o clero seja instruido, virtuoso e respeitado, e para que o pastor que deve ensinar aos fieis a caridade para com os miseraveis, não seja o primeiro que tenha de estender a mão para acceitar uma esmola, dizendo: eu sou, porventura, o mais desgraçado d'elles. Um clero respeitavel e respeitado influirá mais na moralisação do povo que todas as leis civis tendentes a tam necessario fim.

§ 2.º A sociedade promoverá com solicitude a instrucção publica, e especialmente a popular e primaria. O desleixo em tam importante materia é talvez a maior ignominia dos nossos vinte annos de revoluções.

§ 3.º Concorde com a doutrina expendida, a sociedade proclama o ascendente politico das virtudes e das capacidades.

§ 4.º Para o restabelecimento e conservação do equilibrio politico, a sociedade pugnará para que na reforma da constituição se estabeleça uma segunda camara vitalicia de nomeação real pura, e se crie de novo o conselho d'estado. Por força do mesmo principio promoverá a feitura de uma lei de censo rasoavel; porque entende que as armas destinadas principalmente á protecção dos direitos civis e politicos não devem ser confiadas a proletarios ou vagabundos, que nenhum interesse teem em sustentar a propriedade, cuja conservação é a primeira necessidade social.

§ 5.º Para a boa execução das leis, a sociedade entende egualmente, que o executivo deve ser forte na sua acção; e por isso sustenta que os seus delegados não devem ser sujeitos á influencia de outro poder, salva a responsabilidade legal.

§ 6.º Applicando os mesmos principios á ordem judiciaria, não admitte juizes de facto ou de direito, que não dêem garantias de independencia, de instrucção e responsabilidade.

Art. 4.º A sociedade, porque o seu pensamento intimo é generoso e honesto; porque está forte na sua consciencia, como unidade moral, declara francamente que protegerá com efficacia os seus membros, e fará todas as diligencias para dar consideração aos mais distinctos, áquelles que mais tiverem trabalhado para se haverem de alcançar os fins da sociedade. Estes fins resumem-se em duas palavras: salvação da patria. Os que d'ella bem merecem legitimarão por suas obras a ambição das recompensas. Se algum dia, satisfeita essa ambição, renegassem do seu credo politico de virtude e de progresso, a sociedade que os erguera teria sobeja força para os derribar.

Capitulo III — *Organisação da sociedade*

Artigo 1.º A sociedade compõe-se de um directorio, existente na côrte, de tantas commissões, pelo menos, quantos são os districtos administrativos do reino e ilhas adjacentes, e dos agentes d'essas commissões nos diversos concelhos dos districtos.

Art. 2.º O directorio será composto de um presidente, um vice-presidente, e doze membros directores, o mais moço dos quaes servirá de secretario.

Art. 3.º De tres em tres annos os membros directores serão renovados por metade tirando-se á sorte os nomes d'aquelles cujos logares devem ser providos por nova eleição.

Art. 4.º As commissões serão compostas de sete membros, pelo menos, um presidente, um vice-presidente, um secretario, e os outros vogaes, nunca excedendo na totalidade a treze, alem dos agentes dos conselhos, cujo numero é indeterminado, e que são membros honorarios das commissões, assim como os presidentes e vice-presidentes d'estas o são do directorio.

Art. 5.º No principio de todos os triennios a contar desde o principio de janeiro de 1840, cada commissão elegerá por escrutinio secreto seis membros para a renovação do directorio, e enviará ao secretario d'elle o resultado da sua eleição. Cada commissão representa um voto; e do apuramento dos votos das differentes commissões dependerá a eleição.

Art. 6.º Os presidentes e vice-presidentes das commissões serão nomeados pelo directorio: os secretarios serão escolhidos pelos presidentes.

Art. 7.º As commissões terão em cada concelho, um agente pelo menos.

Art. 8.º São das attribuições do directorio todos os negocios ligados com o objecto e fins d'esta sociedade.

Art. 9.º As suas decisões serão tomadas á pluralidade dos votos dos membros presentes, nos negocios de menos monta; em casos de gravidade, á pluralidade absoluta de todos os membros, para o que serão consultados os ausentes, que não poderem concorrer; porem se houver inconveniente na demora, poder-se ha tomar deliberação, ficando sujeita a ser revogada se depois occorrer alguma opinião em contrario, que melhor pareça ao directorio.

Art. 10.º Todos os quinze dias será re-

mettida aos membros ausentes uma nota das deliberações tomadas.

Art. 11.º Toda a correspondencia é dirigida pelo secretario do directorio.

Art. 12.º Nenhum membro do directorio poderá acceitar emprego eminente do governo, sem consultar a opinião do mesmo directorio, sob pena de perder o seu apoio, e de ser expulso da sociedade, se contrariar a sua decisão.

Art. 13.º O directorio terá nas cidades de Lisboa e Porto um ou mais jornaes, que sejam orgãos das opiniões da sociedade.

Art. 14.º A economia e direcção dos trabalhos do directorio e commissões será regulada pelos presidentes, ou vice presidentes fazendo as suas vezes, salvo o respeito devido ás decisões da maioria.

Art. 15.º As commissões informarão todos os quinze dias o directorio do estado e progresso dos seus trabalhos nos respectivos circulos: proporão tudo o que julgarem mais conducente para o complemento dos fins da sociedade, e a bem da causa publica, particularmente do seu districto, pedindo a cooperação do directorio, a favor d'aquelles individuos, que se tenham tornado benemeritos, e devendo n'este caso as suas recommendações serem assignadas por duas terças partes dos membros effectivos das commissões, alem dos seus presidentes e secretarios.

Art. 16.º A correspondencia designada não inhibe as commissões de recorrerem extraordinariamente, em casos urgentes, ao directorio.

Art. 17.º Incumbe especialmente ás commissões o velar em que as funcções de todos e quaesquer cargos electivos venham a ser sempre exercitados por individuos benemeritos, cujas opiniões estejam em harmonia com os principios da sociedade.

Art. 18.º Tambem lhes incumbe velar na manutenção das leis, e no bom procedimento de todos os empregados na sua execução, promovendo directa, ou indirectamente por intervenção do directorio, a conservação dos bons e expulsão dos maus.

Art. 19.º Quando constar haver chegado algum presidente de commissão ou membro do directorio a algum districto, será convidado pela respecitva commissão, para assistir ás suas reuniões, e o mesmo se praticará com os membros das commissões, apresentando-se qualquer d'elles como encarregado de alguma missão da commissão a que pertence, ou do directorio.

Art. 20.º Ninguem poderá separar-se da sociedade, sem apresentar ao directorio ou commissão respectiva os motivos que para isso tem, a fim de lhe serem dadas todas as satisfações devidas, e se empregarem todos os meios de dissuasão e pacificação que a politica e o interesse da sociedade demandarem; não exceptuando a exclusão de qualquer membro, que recusar dar a satisfação que fôr julgada conveniente, no caso de haver commettido offensa grave contra o queixoso.

Art. 21.º Sendo certo que do bom desempenho dos trabalhos das commissões depende essencialmente o triumpho dos principios da sociedade, o directorio terá como um dos principaes deveres rodear os seus membros da consideração social de que se tornarem acrédores, trabalhando por honral-os e beneficial-os, quanto fôr possivel.

Está conforme. Lisboa, 1 de Janeiro de 1840. — O secretario, A. C.

REPRESENTAÇÃO SOBRE O TERREMOTO DA VILLA DA PRAIA

Senhora. — A camara dos deputados da nação portugueza, interprete fiel dos sentimentos d'este povo generoso, envia respeitosamente á presença de vossa magestade a expressão de sua magoa profunda, pelo calamitoso successo, que destruiu um dos mais nobres padrões da gloria portugueza, e reduziu á miseria e deixou foragidos em sua propria terra tantos milhares de cidadãos.

A Praia da Victoria guardava em si o mais antigo monumento das nossas fortunas e façanhas antigas, e era ella mesmo o monumento de um d'esses recentes prodigios de heroismo, com que tam poucos portuguezes reconquistaram para vossa magestade o throno, e para a nação a liberdade.

Áquella terra sagrada, áquelles povos hoje tam infelizes, a todos os nossos cidadãos que habitam o archipelago dos Açores devemos os portuguezes todos uma grande divida, vossa magestade mais que ninguem: é forçosa esta occasião de solvermos parte d'ella. A gloria de vossa magestade, a honra da nação portugueza estão empenhadas.

A camara vem agradecer a vossa magestade as promptas e energicas providencias, com que para logo se dignou mandar acudir ás primeiras necessidades d'aquelle povo desgraçado; ella vem protestar solemnemente que está prompta a cooperar com o governo de vossa magestade em tudo quanto fôr necessario para se reparar tamanho infortunio.

Senhora, esta calamidade terrivel no principio do seu reinado não ha de ser de ruim agouro. Mais tremenda foi a que enlutou os primeiros annos do governo d'aquelle grande principe, terceiro avô de vossa magestade, e que em vez de o abater, suscitou as energias de seu grande coração.

Assim como á voz do senhor rei D José I, Lisboa surgiu de suas cinzas, e o reino prosperou pela sabedoria das leis e do governo; á voz da rainha D. Maria II a Praia da Victoria ha de levantar-se das ruinas, e o reino ha de levantar-se tambem da prostração, em que jaz, com a sabedoria das leis e com a de um governo justo e verdadeiramente nacional.

Sala da commissão, em 8 de julho de 1841. *J. B. de Almeida Garrett = F. J Coelho = J. E. Abreu Tavares.*

OUTRA REPRESENTAÇÃO Á RAINHA

Senhora! A camara dos deputados da nação portugueza vem respeitosamente protestar a vossa magestade, que ella ha de corresponder á confiança que vossa magestade se dignou expressar-lhe, fazendo todos os esforços para consolidar a carta constitucional da monarchia que vossa magestade houve por bem declarar em vigor pelo seu decreto de 10 de fevereiro d'este anno. Mas a nação reconhece, com vossa magestade, que, desde que o augusto doador da carta acompanhou a sua restauração de tantas leis que inteiramente mudaram toda a antiga face, e toda a antiga organisação da sociedade portugueza, aquelle venerando codigo só podia ser consolidado por avisadas e graves reformas que o accommodassem ao novo estado social. E consolidar hoje, senhora, a primeira e immortal obra do senhor D. Pedro IV, nosso rei, de saudosa memoria, é pôl-a em harmonia com a maior e mais immortal obra do duque de Bragança, nosso libertador. Este foi, em todas as crises, e por qualquer modo que se expressasse, o voto nacional; e a este unico voto sabiamente attendeu vossa magestade quando, por aquelle seu novo acto de real prudencia, se dignou pôr termo ás irregularidades que o provocaram, mandando consultar a nação sobre um facto que precisa legitimado pela intervenção d'ella, e pela revisão das estipulações pactuadas...

...Nós tambem confiâmos, senhora, que as virtudes e luzes do summo pontifice, que em tempos tam difficeis preside á egreja universal, serão penhor de concordia e de paz para a egreja portugueza cujas immunidades e louvaveis costumes, não menos que as prerogativas da sua real corôa, o governo de vossa magestade deve proteger e defender sem perigo da unidade catholica, nem confusão da jurisdicção ecclesiastica...

...O tratado, concluido entre vossa magestade e sua magestade britannica, para a suppressão do tráfico da escravatura é, de ha muito, reclamado pelo voto da nação portugueza, que, mais que nenhuma outra, abomina aquelle commercio infame, que interessa mais que nenhuma na suppressão d'elle, e que mais sincera e efficazmente tem cooperado com o governo britannico para esse fim. A camara folgará de ver que n'esse tratado, assim como no que fixou as nossas relações de commercio e navegação com a Gran Bretanha, o governo de vossa magestade tenha desempenhado as promessas tantas vezes feitas de salvar a independencia da bandeira portugueza e a dignidade da corôa de vossa magestade e os interesses da nação. A camara avaliará, em tempo competente, as razões de interesse e segurança do estado, pelas quaes estes tratados, depois de concluidos, não foram trazidos ao conhecimento das côrtes geraes. O orçamento da receita e despeza publica ha de ser examinado com severa economia e escrupulo. Mas a camara não póde deixar de lamentar já que o ministerio, desprezando o principio fundamental da carta, sem o qual o governo representativo é uma decepção, tenha cobrado e applicado os dinheiros do estado sem auctorisação legal. Concorreremos quanto em nós esteja para a coordenação de um systema de fazenda; mas nenhum sacrificio aproveita, nenhum systema é possivel, quando os seus limites são logo quebrados, as suas regras confundidas e violadas. O governo de vossa magestade póde, á força de assiduidade e desvelo, desenvolver outra vez os importantes recursos das possessões ultramarinas, apesar do calamitoso estado em que se acham. A camara ha de concorrer com as provisões legislativas que forem reclamadas. Mas, áquem e além do mar, o que sobretudo precisam as ainda largas provincias d'esta monarchia que nossos avós estenderam tanto, é de um governo justo e cuidadoso, forte só na lei, timido só no arbitrio, implacavel para as facções quanto indulgente com os partidos e tolerante com as opiniões, economico comsigo, e generoso com o povo, um governo emfim, senhora, que nos governe por vossa magestade e para nós.—*João Baptista de Almeida Garrett.*

EXPOSIÇÃO POLITICA Á RAINHA

Lisboa, 25 de maio de 1846.

No dia de hoje appareceu no *Diario do Governo* o decreto pelo qual sua magestade ha por bem dissolver a camara dos deputados. E' pois este o momento de dar publicidade a um importante acto, em tam grave crise como a que pesa sobre o paiz, sem risco de que a calumnia possa d'elle apoderar-se para o desfigurar, ou de que aos seus auctores se attribuam reprehensiveis intenções.

Tempo virá, e talvez cedo, em que a historia dos actuaes acontecimentos será imparcialmente narrada. Ficará este papel para uma das suas importantes paginas, e desengano dos que injuriaram com ignobeis supposições os seus adversarios politicos.

No dia 19 do corrente, reunidos em assembléa a quasi totalidade dos membros da maioria da camara dos deputados, foi unanimemente resolvida a apresentação a sua magestade de uma breve e respeitosa exposição de principios, em tam delicada conjunctura. Acto continuo foi redigida, approvada e assignada por todos os deputados presentes aquella exposição, sem que uma só opinião contra ella se manifestasse, nem um só individuo duvidasse subscrevel-a.

Alguns dos membros da camara, cujos nomes não figuram n'este documento, achavam-se fóra da capital; outros, por circumstancias independentes da sua vontade, deixaram de concorrer áquella grande conferencia. Os nomes do maior numero d'estes appareceriam entre os dos signatarios, se, annuindo ao desejo por elles posteriormente manifestado, fosse licito accrescentar coisa alguma ao papel depositado nas regias mãos.

Na dia 20 dignou-se sua magestade receber uma grande deputação de quatorze membros, encarregada de submetter-lhe aquella patriotica mensagem. Verificou-se esta recepção antes de haver ministerio algum organisado, antes que pessoa alguma houvesse recebido do throno a nomeação para dirigir os negocios publicos, nos diversos ministerios.

Quaesquer que sejam de futuro as circumstancias, póde afoutamente asseverar-se que os signatarios da exposição a sua magestade permanecem inabalaveis no seu proposito de dar apoio franco e leal a todo o governo que sustente as idéas fundamentaes do seu programma. Representantes de uma opinião politica, representantes de principios, nem consentirão que estes se deprimam ao nivel das questões de homens, nem que um nobre esforço seja por mal intencionados convertido em censuravel acção.

MENSAGEM Á RAINHA

Senhora: Os abaixo assignados, deputados da nação portugueza, consideram dever seu correrem hoje aos pés do throno de vossa magestade, renovando os juramentos de lealdade a vossa magestade, e de fidelidade ao codigo venerando das nossas liberdades.

Aguardam submissos os abaixo assignados, que vossa magestade em sua alta sabedoria ponha um termo á crise, que todos os bons portuguezes lamentam, e que não póde protrahir-se sem anciedade dos animos, e grave perturbação dos interesses nacionaes.

O effeito d'essa terminação, senhora, só será estavel e duradouro, emanando do uso pleno e liberrimo das altas prerogativas da corôa de vossa magestade. — Mantel-as illesas não é só interesse de um trhono, que assenta nos corações de todos os portuguezes, mas tambem o unico penhor do restabelecimento da paz, a unica demonstração de que o regimen representativo não é entre nós um simulacro vão.

Não póde vossa magestade depositar a sua confiança senão em homens dignos de tam eminente honra. O ministerio que a merecer alcançará desde logo a firme e leal cooperação dos abaixo assignados; porque na sua bandeira terá inscripto as bases de toda a nossa organisação, que se cifram nas palavras — *throno* —*carta*—*ordem*—*tolerancia para todas as crenças* — *respeito a todos os direitos*—*exame dos clamores de todos os cidadãos.*

Digne-se pois vossa magestade de acolher benevola a expressão dos sentimentos, que trasbordam em todos os corações, e o offerecimento a qualquer administração que preencha aquellas condições, do apoio dos abaixo assignados no parlamento; do seu sangue e da sua vida, se tanto for necessario, para cimentar o throno constitucional.

Lisboa, 19 de maio de 1846. Bernardo Gorjão Henriques, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Antonio Dias de Azevedo, An-

tonio Felisberto da Silva Cunha, Antonio Homem Monteiro Machado, Antonio Pereira dos Reis, Antonio José da Silva Leão, Antonio Vicente Peixoto, Antonio Xavier Cerveira e Sousa, Arcebispo de Mitylene, Augusto Xavier da Silva, Ayres Augusto Pinto, Barão de Leiria, Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, Bento Cardoso de Gouveia Corte Real, Bispo Eleito de Malaca, Faustino de S. Gualberto Lopes, Fernando da Costa Cardoso Pacheco e Ornellas, Francisco Antonio da Fonseca, Francisco Manuel da Costa, Henrique Manuel Ferreira Botelho, Jacintho Paes de Mattos Falcão, Jeronymo José de Meyrelles Guerra, João Antonio Ribeiro Pessoa, João da Costa Carvalho, João da Costa Xavier, João Ferreira dos Santos Silva, João Rebello da Costa Cabral, João de Sande Magalhães Mexia Salema, João Tavares de Azevedo Lemos, Joaquim José da Costa Simas, Joaquim José Dias Lopes de Vasconcellos, Joaquim José Pereira, de Mello, Joaquim de Queiroz Machado, José Antonio de Almeida, José Antonio de Castro Pereira, José Antonio Ferreira Vianna, José Caldeira Leitão Pinto, José Faria Gomes de Oliveira, José Feliciano de Castilho, José da Fonseca Veiga, José Ignacio de Andrade Nery, José Joaquim de Almeida Moura Coutinho, José Joaquim Lopes de Lima, José Lourenço da Luz, José Manuel Botelho, José Manuel Chrispiniano da Fonseca, D. José Maria Correia de Lacerda, José Maria Ribeiro Vieira de Castro, José Pereira Pinto, José Pinto Saraiva Meyrelles Falcão, José Pinto Tavares Osorio Castello Branco, José Quintino Dias, José Ricardo Pereira de Figueiredo, Luiz de Almeida Menezes e Vasconcellos, Luiz Vicente de Af fonseca, Matheus Antonio Pereira da Silva, Marcos Pinto Soares Vaz Preto, Sebastião de Sá Brandão, Visconde de Tilheiras.

RELATORIO DA LEI ELEITORAL

Senhora! — Foi vossa magestade servida mandar-nos ouvir (sobre?) o mais grave e difficil ponto em que, nas actuaes circumstancias, a vossa magestade incumbe prover.

Ha vinte e seis annos que o systema representativo foi proclamado em Portugal: ha vinte que o augusto pae de vossa magestade nos restituiu a liberdade pela outorga da carta; e ainda não temos uma lei de eleição porque as feitas pelos congressos constituintes de 1821 e de 1837, hoje se não poderiam guardar inteiramente; e muito menos poderiam observar-se os decretos provisorios de 1820, de 1826, de 1834, de 1836 e de 1842.

A mesma suprema razão que em 10 de fevereiro d'esse anno de 1842 pesou na alta sabedoria de vossa magestade, para haver de transpor, em circumstancias difficeis e extra-constitucionaes, alguns dos limites de sua real prerogativa, mandando immediatamente consultar o voto nacional sobre a revisão e reforma do pacto fundamental da monarchia, essa mesma rasão agora pede que vossa magestade, attendendo unicamente aos principios do systema que determinou reformar com o concurso da nação, regule por um acto real o modo de consultar essa vontade e de obter esse concurso, pela sincera e verdadeira expressão d'aquelle voto na mais livre escolha dos representantes da nação.

Este entendemos nós que era o desejo, que era a obrigação, e por consequencia necessaria, o direito e o podêr de vossa magestade, quando se dignou mandar ouvir o nosso parecer. D'este unico principio o derivámos e, fundados n'elle, ousámos cortar por todas as difficuldades, propondo, como no presente projecto propomos a vossa magestade, uma completa e radical reforma do nosso direito eleitoral.

Em presença de tam altas considerações, pomos de parte examinar o merito relativo dos dois methodos de eleição, directo e indirecto. O ultimo pelos abusos e corrupções que n'elle se acoitaram, pelas violencias com que ultimamente se pôz em pratica, fez se odioso, está condemnado entre nós, e não era possivel rehabilital-o na presença da maior revolução que ainda viu o reino. Foi preciso todo o bom senso, toda a admiravel generosidade d'este inclito povo portuguez, para que no seu justo odio a esse methodo, ou bem fatal, ou bem infeliz, se não levantasse, em meio de tamanha commoção, uma unica voz contra o codigo que o estabelecia.

É que nunca foi tenção, nem animo dos portuguezes desacatar a augusta obra de D. Pedro IV. Reformal-a no que se mostrou que havia mister correcção, é e foi sempre o unico empenho dos que verdadeiramente, e sem hypocrisia, respeitam o seu nome saudoso, e adoram a sua boa memoria.

Hoje melhor e mais explicitamente se formula a expressão unanime e espontanea d'este voto geral, porque a experiencia e a reflexão amestram os povos, assim como

ensinam os reis; mas o sentimento foi sempre o mesmo, e os documentos presentes valem mais do que tudo para explicar o passado.

Apezar, portanto, do nosso respeito e obediencia ás menos importantes disposições da carta, emquanto não forem reformadas, não duvidamos, firmados em tam altos principios, e segundo vossa magestade os proclamou no seu providente decreto de 10 de fevereiro de 1842, que tantas vezes foi invocado no parlamento, e pela nação portugueza toda, em tantos, tam solemnes e tam repetidos actos publicos, não duvidamos propôr a vossa magestade que se digne mandar estabelecer o methodo directo para as proximas eleições.

Pela mesma razão propomos que a prova do censo do eleitor seja unicamente deduzida da collecta com que contribue para as despezas do estado, pela sua propriedade ou industria, e nunca por vencimentos em retribuição de nenhum serviço publico.

O censo, porém, não é senão um mero indicio, presumpção de capacidade e independencia, e onde, sem elle, ou apesar d'elle, a capacidade ou a incapacidade podérem provar-se, deve ser desprezada a presumpção.

Tal é o indisputavel motivo por que de um lado estabelecemos algumas inhabilidades e incompatibilidades electivas, e que, por outro lado, dispensámos de toda a prova do censo para a elegibilidade, aquelles cidadãos que pelo desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes e moraes dão abonos superiores as presumpções censiticas.

Feitas estas reformas radicaes na base do systema, reformas cuja theoria a urgencia do tempo nos não permitte que desenvolvamos perante vossa magestade, mas que basta enunciar para se entenderem e approvarem; restava-nos só prover á cura dos vicios e immoralidades que se tinham introduzido no processo do recenseamento e no da eleição, e evitar as violencias e fraudes com que o abuso da força e da auctoridade tinha escandalisado o reino.

Dividir o paiz em pequenos circulos eleitoraes de um só deputado cada um, é na opinião da commissão o mais perfeito; mas confessâmos que não é applicavel o systema senão onde mais geral a instrucção em todas as classes, o facil transito das pessoas e das opiniões, a permutação prompta das coisas e das idéas, o resalvam dos perigos que a intriga, os preconceitos e os manejos facciosos lhe podem trazer.

Adoptamos desde já a divisão por circulos eleitoraes, alguns d'elles menores ainda que os districtos administrativos, e um dia chegará, não tarde, que toquemos a proposta meta da perfeição.

Acautelaram-se n'este projecto as ambulancias de vergonhosa recordação, exige-se prova da collecta, e não prova do pagamento para o censo; ordenam-se as qualificações designadas nos recenseamentos, estabelece-se recurso dos concelhos de districto para os tribunaes judiciaes, arreda-se a força armada para longe da urna, mandam-se apurar os votos em cada dia de eleição, e, finalmente, dão se garantias eguaes á maioria e á minoria dos eleitores, mandando formar de uma e de outra as mesas da eleição.

Todas estas providencias são roboradas e sanccionadas com penas correspondentes para os infractores, afim de que a lei, e unicamente a lei, appareça armada no meio dos cidadãos, no grande dia do juizo nacional, em que todas as outras armas devem depor-se, desapparecer, e não ser vista senão a grande espada da justiça, egualmente independente sobre o governado e o governante.

Não nos lisonjeâmos, senhora, de levar á presença de vossa magestade um regimento perfeito de eleições; temos confiança de que seguimos a verdade, de que fomos fieis, depois da victoria dos nossos principios, ás doutrinas que proclamámos quando soffriamos perseguição e calúmnia.

Dar-nos-hemos por bem pagos se vossa magestade se dignar approvar os principios que propomos, corrigindo, em sua alta sabedoria, o defeito das applicações. A nação abençoará um dia, como plenamente confiâmos, os generosos esforços de vossa magestade, para lhes restituir a paz e a liberdade, e estabelecer devéras o systema representativo que só póde felicital-a.

Deus guarde a vossa magestade como todos havemos mister. Sala da commissão em Lisboa, aos 28 de junho de 1846.—*Rodrigo da Fonseca Magalhães —Joaquim Antonio de Aguiar—Antonio Aluisio Jervis d'Atouguia—Julio Gomes da Silva Sanches—João Baptista de Almeida Garrett—José Maria Grande—José Ignacio Pereira Derramado.*

BRINDE N'UM BANQUETE POLITICO

Senhores. — Muito me regosijo e muito mais me honro de ser aqui hoje o segundo a propor um brinde em tam illustre reunião. Depois de termos saudado a rainha dos portuguezes, o immediato brinde não podia ser senão á nação portugueza. *(Apoiados.)* É o que vou propor-vos.

Mas, senhores, quando o nobre visconde de Sá, o veterano da nossa liberdade *(Apoiados)* vos propoz a saude da rainha de Portugal, quando nós a acceitámos e bebemos com tanto enthusiasmo, além dos sentimentos de estima, de consideração, de amor e de respeito que temos pela augusta pessoa da soberana, da filha do nosso libertador immortal, tinhamos, sim tivemos um pensamento mais transcendente ainda, mais patriotico, se é possivel. Saudando o chefe do estado, o chefe do governo, nós saudámos tambem um governo bom, justo e verdadeiro. *(Muitos apoiados.)* Quando um povo livre saúda o seu soberano, saúda um governo justo *(Muito bem)*, saúda um governo recto, paternal, um governo segundo a lei. É este o pensamento de nós todos; é este o pensamento transcendente da saude que primeiro se propoz.

Mas, senhores, o nosso Camões disse — *Um fraco rei faz fraca a forte gente;* e eu, invertendo o pensamento, direi com a mesma verdade que — Um fraco povo faz fraco o forte rei. — *(Apoiados.)* Um povo servil, um povo indigno da liberdade faz o rei mau e tyranno. *(Apoiados.)* Só de si se devem queixar, como as rãs da fabula, as nações que soffrem reis de pau ou reis serpentes.

Graças á Providencia não é este o caso da nação portugueza; e, digamos com emphase, que raras vezes o tem sido; porque, de entre todas as nações do mundo, nenhuma tem luctado tanto com os seus governos para ser grande, para ser livre, como a nossa; e sempre que fomos infelizes, sempre que nos humilhámos na presença da Europa, sempre que nos degradámos á face do mundo, é porque succumbimos primeiro deante de um mau governo.

Senhores, nós somos poucos no meio do mundo civilisado; e a nossa importancia decresce na proporção em que se estende a civilisação, que ha pouco se continha na pequena Europa, mas que hoje abrange um vasto tracto de terreno n'esta e na America. Somos poucos, somos pequenos; necessidade maior de termos um governo grande, um governo generoso, que faça d'estas poucas cifras uma quantidade grande, collocando-as em posição vantajosa, para que cresçam e se multipliquem assim como a unidade cresce e se multiplica a centenas e a milhares, ainda que não sejam senão zeros que lhe marquem a posição.

Senhores, Portugal civilisou-se, Portugal cresceu, e deu brado na terra sem ter mais gente do que hoje tem. Com menos talvez foi descobrir novos mundos, passar por mares (perdoe-me o dito já trivial, mas sempre grande) nunca d'antes navegados. — Portugal, quando acabar, faz o que poucas nações ainda fizeram: deixa por herdeira da sua lingua e nome, da sua historia e de sua grandeza, uma grande nação, que occupa uma das mais vastas porções do globo.

Muitas nações grandes e populosas terão de morrer sem deixar herdeiro de seu nome, nem legatario de suas obrigações na terra. Mas nós não podêmos morrer; não devemos morrer, emquanto entre nós houver homens como ha pouco se manifestaram; muito menos ainda emquanto entre nós houver mulheres como agora as vimos *(Muitos apoiados)* como essas que ha pouco surgiram no norte de Portugal, renovando todas as glorias que pareciam fabuladas, de Aljubarrota, de Diu e de Chaul.

Senhores, nós acabâmos de presencear uma grande revolução, uma revolução que tem (perdoe-se-me repisál-o) que tem, além de todos os outros caracteres brilhantes, o magnifico, o transcendente caracter de ser verdadeiramente popular, porque começou pelas mulheres. *(Apoiados.)* Quasi que ainda não houve uma revolução verdadeiramente grande, verdadeiramente nacional, que ahi (?... assim?) não começasse; desde a expulsão dos Tarquinios até hoje.

Senhores, os nossos velhos portuguezes foram obrigados a dizer a um rei seu: «E senão, não!» Felizmente nós não precisâmos de vir a esse extremo. Graças a Deus! tinhamos animo para os imitar, mas felicitemo-nos de que não é necessario, de que temos uma rainha que soube conhecer ainda a tempo que os seus inimigos eram os nossos. Felicitemo-nos por tudo isto; felicitemo-nos por ter chegado mansa e pacificamente a este grau eminente de civilisação; felicitemo-nos porque a nossa revolução não tem sido manchada; felicitemo-nos porque o não ha de ser; e reunamo-nos todos para que o não seja e para que esta saude que hoje aqui fazemos seja verdadeiramente á nação portugueza, e não a nenhuma fracção,

não a nenhum partido, mas a todos os portuguezes!

E quando digo isto, não se pense que eu quero um governo tibio, vacillante e cambiante, por não dizer inepto; que siga hoje uma opinião, ámanhã outra, que não tenha principios, nem doutrina. Não, senhores, eu quero um governo forte, resoluto, egual á situação; que adopte sincera e rasgadamente o programma do partido que segue as doutrinas progressivas. E quero que esse partido governe, não em seu beneficio exclusivo, mas em beneficio de todos. Por isso mesmo que é um partido progressista, é que lhe incumbe a natural tutela dos outros, pondo-se á frente das reformas e dos melhoramentos, e formulando leis que elevem o paiz ao grau de civilisação a que deve chegar. Exerça sim a tutela, mas faça que os tutores sejam abençoados pelos pupillos, e não apedrejados; como ha pouco o foi um partido, talvez mais desgraçado que outra coisa.

Bebamos pois a este grande pensamento, que é verdadeiramente grande e nacional: «A' nação portugueza!» *(Prolongados applausos.)*

*

Senhores. — Esta assembléa não se póde dissolver sem darmos os devidos agradecimentos ao nosso presidente, o antigo general da liberdade, o amigo de nós todos, e sobretudo dos principios do justo e verdadeiro governo. Ao nosso presidente! *(Prolongados vivas e applausos).*

PROTESTO CONTRA A PROPOSTA SOBRE A LIBERDADE DE IMPRENSA

Os homens de lettras, auctores e jornalistas abaixo assignados, tendo visto no *Diario do governo* um projecto de lei relativo á imprensa, que se diz ter sido apresentado ás côrtes pelos ministros da coroa, entenderam não lhes ser licito, sem quebra do seu dever, deixar de protestar contra um grande numero de disposições contidas no mesmo projecto, não só revogativas de garantias, positivamente consignadas na actual lei politica do paiz, mas tambem diametralmente oppostas aos principios mais triviaes e incontroversos de direito constitucional e até de direito commum. Abstendo-se de discutir e propugnar os principios incontestaveis, offendidos n'esse monstruoso projecto; os abaixo assignados limitam-se a um protesto simples, mas, quanto n'elles cabe, energico e solemne, contra todas as disposições do dito projecto de lei, em que são postergados os direitos e garantias inalienaveis da liberdade de pensamento, ficando assim seguros de que, se essa liberdade tem de perecer, ao menos os seus nomes não passarão deshonrados á posteridade com a mancha de covardia ou de connivencia em semelhannte attentado.

Lisboa, 18 de fevereiro de 1850.—A. Herculano, J. B. de Almeida Garrett, Antonio da Cunha Sotto Maior, A. P. Lopes de Mendonça, A. Fontes Pereira de Mello, J. M. Latino Coelho, Dr. Thomaz de Carvalho, A. de O. Marreca, José Estevão de Magalhães, I. Gomes de Amorim, Luiz Augusto Rebello da Silva, Antonio de Mello Cesar e Menezes, Antonio Rodrigues Sampaio, Paulo Midosi Junior, Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, Manuel Maria da Silva Bruschy, Antonio de Serpa, Luiz de Almeida e Albuquerque, R. A. de Bulhão Pato, José Vicente Barbosa du Bocage, Leonel Tavares Cabral, Carlos Bento da Silva, Joaquim Julio Pereira de Carvalho, Albino Francisco de Figueiredo, Roberto José da Silva, T. A. Velloso de Horta, Gilberto Antonio Rolla Junior, Francisco Maria de Sousa Brandão, Antonio José de Sousa e Almada, João de Andrade Corvo, Luiz Augusto Palmeirim, A. da Silva Tullio, B. Martins da Silva, José Maria da Ponte e Horta, Ernesto Biester, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, José Maria do Casal Ribeiro, Daniel Augusto da Silva, Augusto José Gonçalves Lima, D. Sancho Manuel de Vilhena e Saldanha, Antonio Joaquim Barjona, José Maria Grande, Francisco da Ponte Horta, Alberto Carlos Cerqueira de Faria, Sebastião Frederico Rodrigues Leal, Pedro de Amorim Vianna, Augusto Freire de Carvalho e Macedo, S. Ribeiro de Sá, Dr. Procoro José de Gouveia, Dr. Antonio Damaso Guerreiro, Dr. A. J. de Figueiredo, Dr. Antonio da Costa Sousa de Macedo, João de Lemos Seixas Castello Branco, Fernando Maria de Almeida Pedroso, José Augusto de Sousa Queiroga, João Palha de Faria Lacerda, Paulo Romeiro da Fonseca, Estevão Xavier da Cunha, Gregorio Nazianzeno do Rego, Francisco José Pereira Palha.

MENSAGEM Á RAINHA

Senhora! As memoraveis palavras que vossa magestade se dignou dirigir ás côrtes geraes e extraordinarias da nação portugueza no dia solemne da sua abertura, foram ouvidas pela camara dos deputados com todo o respeito que sinceramente tributâmos a vossa magestade, e com a entranhavel gratidão que está nos animos d'este povo leal ao ver a sua rainha adherir cordialmente aos votos da nação, e encetar com tanta firmeza e prudencia a grande obra da reforma que foi proclamada.

A camara ha de corresponder á confiança de vossa magestade: o seu maior empenho será mostrar a vossa magestade, e patentear a todo o mundo, que a plenissima liberdade com que foi eleita, que vossa magestade tam sabiamente regulou por seus decretos, tam lealmente executados, não fez senão estreitar ainda mais os vinculos de fidelidade, de amor e dedicação que tam fortemente prendem o povo portuguez á augusta pessoa, á dynastia e ao throno constitucional de vossa magestade.

A camara agradece a vossa magestade a maternal solicitude com que, na ausencia das côrtes, e attento o estado em que se achava o paiz, invocou a suprema lei da salvação publica, e interpoz a sua régia auctoridade, decretando a revisão da lei fundamental do estado n'aquelles artigos que a experiencia tem mostrado ser indispensavel corrigir e aperfeiçoar para melhor garantia da liberdade, da monarchia representativa e dos inalteraveis principios em que a carta a quiz estabelecer e constituir.

A camara dos deputados fará pela sua parte quanto lhe cumpre para que a obra immortal do senhor D. Pedro IV, augusto pae de vossa magestade, fique perfeita e completa com o acto addicional que vossa magestade lhe manda propor. Assim será o codigo da nossa liberdade sellado com dois nomes gloriosos e para sempre abençoados.

A camara espera anciosa por esse dia de regosijo e de solemnidade publica em que tem de vir ao seio da representação nacional prestar juramento á constituição do estado o principe real, herdeiro de tantas virtudes e de tanta gloria, o filho sobre todos muito amado de vossa magestade, que no exemplo paterno e nos desvelos maternaes de vossa magestade a nação confia ha de ter de certo aprendido a ser o estrenuo defensor de seus direitos, o penhor da sua independencia e o digno neto do senhor D. Pedro IV.

Senhora, a urgente necessidade das circumstancias auctorisava sem duvida o governo de vossa magestade a prover á falta de lei eleitoral, e a tomar outras providencias urgentes. A camara ha de examinal-as, assim como as propostas de lei que vossa magestade lhe annuncia, e que ess'outras precisam para seu complemento; e procurará fazer com que seja coherente e efficaz a reforma promettida e encetada, e com especialidade no que respeita á lei eleitoral.

A camara dos deputados viu com o maior prazer o desejo por vossa magestade manifestado de que se organise definitivamente a fazenda publica para que não sejam estereis os sacrificios que é necessario fazer, e para que efficazmente possam promover-se os melhoramentos materiaes e moraes do paiz; ella ha de empenhar todas as suas forças em corresponder á confiança que vossa magestade deposita no seu patriotismo.

Firmado o credito nacional pela economia e pela boa administração, o governo de vossa magestade poderá augmentar e facilitar os meios de communicação que tanto precisâmos; e a camara recebe com a maior satisfação a promessa de uma proposta de lei para se emprehender um caminho de ferro que nos ligue com o resto da Europa: o que seguramente ha de trazer á capital, e ao reino todo, as maiores vantagens e prosperidades.

A camara reconhece que as nossas provincias ultramarinas justamente reclamam a desvelada solicitude das côrtes e do governo de vossa magestade. Ella coadjuvará o governo de vossa magestade em todas as medidas tendentes a melhorar a difficil e variada administração d'aquellas vastas e importantes regiões, e a firmar n'ellas a solida garantia da nossa existencia e independencia nacional.

A camara espera que as negociações por vossa magestade renovadas com a santa sé tenham prompta e definitiva solução, satisfazendo-se ás necessidades da egreja, ao bem espiritual dos povos, e á honra e dignidade da corôa de vossa magestade.

Taes são os votos da camara, que muito se congratula com vossa magestade, pelas provas de amizade e boa harmonia que vossa magestade continua a receber de todas as nações amigas e alliadas. Ella terá a maior satisfação em poder reconhecer que no tratado de commercio com sua magestade imperial o imperador de todas as Russias, e na convenção litteraria com a republica france-

za, se consagraram os principios de justiça e utilidade que são o direito commum das nações.

Para realisar as esperanças da patria, firmando o throno de vossa magestade sobre a liberdade e a prosperidade da nação, o governo de vossa magestade ha de encontrar na camara dos deputados o mais seguro e firme apoio.—Julio Gomes da Silva Sanches, presidente — José Ignacio Pereira Derramado, vice-presidente — Antonio Luiz de Seabra - Carlos Bento da Silva—João de Mello Soares e Vasconcellos — Manuel da Silva Passos—Almeida Garrett, relator.

Cópia de uma carta dirigida ao sr. encarregado de negocios de França em Lisboa, pelo sr. visconde de Almeida Garrett ultimamente ministro dos negocios estrangeiros, em Portugal

Lisboa, 19 de agosto de 1852.

Ill.^mo^ sr. — Ignorando absolutamente o que o sr. ministro dos negocios estrangeiros possa ter escripto a v. s.ª, ou á legação de sua magestade em Paris, sobre as negociações que ultimamente tratei com a França e que motivaram a minha saida do ministerio, julgo do meu dever, resumindo os factos que v. s.ª não ignora, de quasi todos os quaes é testemunha, — e expondo outros que talvez não chegassem ao seu conhecimento, dar-lhe, por minha parte, uma idéa clara, distincta e precisa a este respeito, para que, bem informado por quem n'este caso está acima de toda a suspeita, v. s.ª possa contribuir, como de certo deseja, a afastar qualquer desintelligencia entre dois governos amigos e sinceramente desejosos de estreitar os vinculos de antiga e reciproca benevolencia que prendem as nossas nações. — A convenção de que se tratou, e a que se deu o nome, hoje commum mas talvez um pouco fastoso de TRATADO DE COMMERCIO E NAVEGAÇÃO, não é, como v. s.ª sabe outra coisa mais do que uma collecção de estipulações internacionaes para regular definitivamente: 1.º, os direitos e obrigações dos portuguezes residentes em França e dos francezes em Portugal; 2.º, a reciprocidade dos direitos das duas bandeiras nas entradas, ancoragens e saidas dos portos de ambas as nações; e 3.º, finalmente, os direitos e obrigações mútuas dos nossos agentes consulares em França e dos francezes em Portugal.

Podia fazer-se isto por uma simples troca de notas, como se fez em Paris, em 28 e 29 de julho de 1814 entre o duque de Palmella e o principe de Talleyrand que estabeleceram entre os dois paizes, o principio da reciprocidade agora simplesmente desenvolvido no actual tratado, em que nada se innovou, nada se concedeu além do já concedido, mas sómente se regulou o que estava feito e estipulado. E por isso digo que foi talvez um pouco fastoso o titulo dado ao documento. E porém o que geralmente se tem dado ás convenções perfeitamente eguaes que temos com todas as potencias maritimas e até com algumas que o não são.

A iniciativa porém, cumpre dizêl-o, foi tomada por Portugal, que offereceu á França um projecto de tratado, no ministerio do sr. conde do Tojal.

Pediam-se alli favores especiaes que a França, não quiz ou não pôde conceder e promettiam-se por nossa parte outros que é a minha opinião se não deviam prometter. A França, acceitando a proposta portugueza, modificou-a, respondendo a ella com um contra-projecto que foi apresentado ao meu antecessor o sr. Jervis de Athouguia.

S. ex.ª respondeu que lhe dava toda a consideração e que ia tomar o parecer do gabinete para seguir a negociação. Effectivamente o contra-projecto foi por elle enviado á repartição competente, que, na nossa organisação ministerial, é a da fazenda.

Assim instado, o sr. ministro dos negocios da fazenda mandou ouvir sobre a questão as auctoridades competentes, que eram e são os conselheiros director geral das alfandegas do reino e contribuições indirectas, e o director da alfandega de Lisboa. Deram estes funccionarios o seu parecer; e o sr. ministro da fazenda, conformando-se geralmente com as opiniões e votos de seus naturaes conselheiros, reenviou com elles o contra-projecto ao ministro dos negocios estrangeiros.

Durante este processo, que foi longo e lento, instava a legação de França com o respectivo ministro para que se continuasse uma negociação que era Portugal que havia proposto e começado. Foi n'este intervallo que eu tive a honra de ser chamado aos conselhos de sua magestade e que tomei a direcção do ministerio dos negocios estrangeiros.

Apertado, como o meu antecessor, pelas instancias do ministro de França, apertado (como elle não era, nem podia ser) por considerações de melindre pessoal que tanto podem em animos generosos, indignando-me

de que a demora de um negocio publico fosse ou podesse ser traduzida por effeito de resentimento individual nascido de resultas da minha anterior negociação com a França (a da convenção litteraria de 1851), eu julguei empenhado o meu pundonor, direi ainda, o meu justo orgulho e dignidade pessoal, em dar breve e facil andamento a esta negociação.

Actuado — e não me pejo de dizer que o fui — direi mais que sempre hei de sêl o — por taes motivos, officiei ao sr. ministro da fazenda, instando pela opinião pedida por meu antecessor o sr. Jervis; e foi em consequencia d'estas instancias que emfim vieram do ministerio da fazenda as respostas que já mencionei.

Apenas chegadas ellas, mandei proceder na secretaria aos trabalhos preparatorios da comparação dos dois documentos principaes da negociação — o projecto portuguez inicial e o contra projecto francez. Compulsei e fiz compulsar todos os tratados e convenções similhantes que temos com as outras potencias, que são quasi todas as da Europa e parte das de America; e este trabalho foi conscienciosa e escrupulosamente executado na secretaria a que tive a honra de presidir, pelo seu official maior e por varios outros srs. officiaes e empregados n'ella, muito a meu contento e satisfação, porque me habilitaram a julgar madura e reflectidamente da questão proposta, dos pareceres dos já referidos funccionarios fiscaes; e de todas as conveniencias que eu devia e queria contemplar.

Pela natureza simples e ostensiva da negociação, tudo isto foi feito sem nenhuma reserva ou segredo, preparado, tratado e discutido em plena secretaria, e deplorando eu sómente os poucos meios de publicidade e exame a que podia soccorrer-me por estarem tam deficientemente e tam incongruamente organisadas as nossas estações publicas, que em taes assumptos se não possam ouvir, considerar e contemplar todos os interêsses, o que em pontos d'estes redobra de inconveniencia.

E ainda que a questão unica n'este caso era a de navegação e de portos, sentia todavia e muito a falta de informação e exame.

Feito este trabalho, e feito, ouso dizel-o, o melhor que entre nós póde fazer se: trabalho que foi grande e longo, e do qual assiduamente nos occupámos eu e toda a secretaria, não de leve, não sem o maior escrupulo, e segundo todas regras, avisei o sr. secretario de França, chefe da sua missão na ausencia do ministro conde de Mareschalqui de que eu estava emfim habilitado a continuar as negociações propostas e começadas por meus antecessores.

Fizeram-se as conferencias na secretaria d'estado em presença do sr. official maior que me subministrava os documentos a que era mister recorrer a miudo, e como já disse, ostensivamente, sem a menor reserva, a sabendas de todos os empregados na mesma secretaria, e sem se occultarem de quantos a ella vinham, diplomaticos estrangeiros ou funccionarios portuguezes.

Não levei o negocio a conselho de ministros porque o tinha e tenho ainda hoje por um negocio corrente e simples, que nada tem com a politica ou com a administração geral do paiz, em que não ha a mais minima complicação com as graves questões do estado. Fui ministro seis mezes e nunca pensei em intrometter me nas transacções que eram da competencia dos outros ministerios, nem deixei de pedir o voto do conselho sobre questões minhas, ainda minimas e eguaes ás quaes os meus collegas resolviam per si sós. Esta por sua natureza era do simples expediente dos negocios estrangeiros, por mais que agora a queiram magnificar para lançar sobre mim uma imputação toda graciosa.

Na primeira das ditas conferencias começou se por se fazer leitura dos corpos do projecto e contra projecto, e houve, para assim me expressar, a discussão na generalidade d'elles.

Desde logo declarei ao negociador francez que, tanto no proposto por Portugal como no proposto pela França, eu punha de parte e absolutamente rejeitava tudo quanto directa ou indirectamente, se referisse a favores especiaes em commercio, e muito mais ainda tudo quanto se parecesse com questões politicas de navegação, bandeira, visitas em tempo de paz ou de guerra, e similhantes. As razões de meu proceder são bem obvias, e não precisam explicar-se nem desenvolver-se.

E repugnando esta minha decisão inabalavel ao negociador francez, eu formalmente lhe declarei que as negociações estavam suspensas, e que perpetuamente ficariam quebradas se o tratado proposto se não reduzisse ás simples e communs estipulações que se achavam em todos os nossos outros tratados, com os Estados Unidos, com a Hespanha, com a Russia, com a Sardenha, com a Prussia e com quasi todas as outras potencias do norte.

Com esta positiva declaração, o negociador francez julgou dever referir ao seu governo: ficaram no emtanto suspensas as conferencias.

Sem duvida se convenceu o ministro dos negocios estrangeiros do principe presidente, da solidez, justiça e conveniencia das minhas objecções; pois que resolveu ceder a todas

ellas, segundo officialmente me communicou o sr. Beclard.

Reduzida assim a negociação a estas dimensões, conforme a minha propria e justa exigencia, não podia eu já, sem sophisma, e ainda sem dar suspeita da boa fé que deve ser o timbre de todos os governos, e que é a maior necessidade dos que não são grandes nem materialmente poderosos, eu não podia, digo, espaçar mais a continuação e conclusão d'ella. E, repito, nem julguei dever importunar o conselho e differir mais a negociação sobre um assumpto de tão pouca monta, absolutamente regulamentar, cujos principios estavam já irrevocavelmente estabelecidos, e em que só cumpria consultar, como consultei, as estações especiaes e competentes.

Annui pois ás solicitações do sr. encarregado de França; e como a minha opinião sobre alguns dos pontos a que tinha objectado o sr. conselheiro director da alfandega de Lisboa (e com elle o sr. director geral das alfandegas e contribuições indirectas, e com ambos elles o sr. ministro da fazenda) diversificava um tanto, posto que mais na fórma que no fundo das questões—resolvi não ouvir o sr. Beclard nem discutir com elle senão na presença d'aquelle digno e honrado funccionario.

Enviei o sr. official maior da minha secretaria a pedir-lhe que me auxiliasse com a sua intelligencia e experiencia n'esta negociação. Ao que elle de bom grado se prestou; e em uma larga conferencia discutimos juntos, o sr. Beclard, o sr. conselheiro director da alfandega, o sr. official maior da minha secretaria e eu, minuciosa e detidamente todos os artigos que, directa ou indirectamente, tinham relação com o commercio, navegação, direitos de portos, pharoes, ancoragem e similhantes.

Em summa, discutimos o tratado todo, porque nada mais n'elle ha, como já disse, repito, e v. s.ª sabe, e facilmente saberá qualquer por mais hospede que seja n'estas materias se reflectidamente o ler sem prevenções ridiculas e absurdas.

Concluida assim moralmente a negociação mandei tirar nas duas linguas, franceza e portugueza, as duas cópias do estylo: trabalho em que se empregaram, além do sr. official maior mais quatro ou cinco dos seus subordinados, em plena secretaria, torno a dizer, e sem reserva ou sigillo algum, porque a natureza da negociação não era nem devia ser senão ostensiva.

No progresso d'estas conferencias, que foram tres, várias pessoas me viram e acharam preparando ou discutindo os pontos d'ellas, sem que eu ou ninguem da minha secretaria lhes fizesse d'isso mysterio.

Cumpre tambem referir aqui uma circumstancia que não é indifferente. Nas copias que mandei fazer do tratado ordenei que se deixasse em branco a primeira folha, que devia ser occupada pelo preambulo ou protocollo em que se contêem os nomes, qualificações e titulos dos negociadores.

Tendo-me occupado, como ministro, da negociação, eu não queria todavia assignar como negociador. As razões que tinha para isso eram para mim fortissimas, posto que meramente pessoaes. Não julgo necessario individual-as. E n'esta intenção consultei com o sr. official maior da minha secretaria, e recorrendo a lista dos nossos diplomaticos em disponibilidade aqui residentes, fixei a minha escolha no sr. conselheiro Lobo de Moura que ha pouco negociára um tratado identico com a Sardenha e em quem naturalmente me pareceu que devia delegar n'este caso faculdades para uma similhante negociação.

Encarreguei o mesmo sr. official maior de lhe falar; e depois eu mesmo, no gabinete da secretaria, tive com elle uma conferencia sobre o assumpto. Prestou-se aquelle cavalheiro, como era de esperar; e só havia uma duvida que me não era facil resolver, que era a da sua qualificação official, que devia ser expressada no pleno poder. O sr. Moura tinha sido nomeado ministro plenipotenciario em Londres; mas não chegando a exercer, recusou o governo reconhecer-lhe esta categoria quando o passou á disponibilidade. Pendiam no ministerio as instancias do sr. Moura contra essa decisão que elle achava injusta; e nem eu podia, pendentes ellas, qualifical-o, por um acto official, de ministro plenipotenciario, nem elle queria ser qualificado de simples encarregado de negocios em disponibilidade como estava.

Durou esta indecisão alguns dias; e demorou-se por esse motivo a expedição dos plenos poderes, que eu insistia em não querer que fossem exarados em meu nome.

N'este entretanto resolveu sua magestade dar ao principe presidente da republica franceza um testemunho solemne e gracioso de sua regia consideração, enviando-lhe a gran-cruz da sua mais distincta ordem, a da Torre e Espada. Coube-me a mim por consequencia, referendar a carta de gabinete e enviar a Paris esta graça; bem como, dias antes enviára mais tres gran-cruzes de diversas ordens portuguezas que sua magestade se dignára conceder a alguns altos funccionarios d'aquelle governo. Nada tiveram nem podiam ter estas resoluções com o pretendido e mal denominado tratado. Persistindo o conselheiro Moura na sua recusa, resolvi-me a mandar exarar os plenos poderes em meu nome.

Assim se fez, lavrando-se na secretaria, do mesmo modo ostensivo e sem reserva, o formulario do pleno poder, que, sendo o negociador o ministro d'estado responsavel, não é constitucionalmente mais do que formulario.

No dia destinado para o despacho com sua magestade e prévia conferencia que os ministros costumam ter, uma causa urgente me obrigou a deixar o conselho, que era em casa do sr. ministro da marinha, para chegar mais cedo ao paço. Não expuz aos srs. ministros o objecto do pleno poder que levava lavrado, e não o apresentei, portanto, á real assignatura. Na semana seguinte não me permittindo um leve mas doloroso incommodo rheumatico o comparecer em pessoa, enviei, segundo o estylo, a um de meus collegas, o sr. ministro do reino, a pasta dos negocios estrangeiros, contendo, entre outras coisas, o dito formulario do pleno poder.

Não vi aquelle sr. ministro nem nenhum dos outros senhores n'esse dia; e só muito tarde no dia seguinte recebi a referida pasta em que encontrei por assignar o mencionado pleno poder, sem que de palavra ou por escripto ninguem me explicasse o motivo.

E aqui antes de seguir esta narrativa, observarei a v. s.ª o que muito bem sabe, mas que me interessa a mim dizer, que ha duas especies de negociadores, os quaes, constitucionalmente falando, não podem ser senão:

1.º, o ministro dos negocios estrangeiros, de quem é a primeira responsabilidade; e 2.º, os negociadores, seus delegados, quando elle delega os poderes que exerce por parte e confiança da coroa, pois que o augusto chefe do estado por seus ministros sómente, ou pelos delegados d'estes, póde exercitar todos e quaesquer dos seus sagrados direitos. Tal é a inconcussa e indisputavel doutrina constitucional. O direito está onde está a obrigação e a responsabilidade. Se o ministro dos negocios estrangeiros ou os seus delegados negoceiam mal, o gabinete ou conselho de ministros não deve approvar a negociação, nem submettêl-a sequer ao juizo do conselho d'estado, pelo qual o soberano tem de guiar-se (quer se conforme ou se não conforme a elle) para haver de dar ou negar o seu regio assentimento á negociação.

Hoje (felizmente para mim e para destruir toda a maliciosa interpretação que se possa querer dar ao meu procedimento) depois de promulgado o acto addicional á carta, ainda seguem mais adeante e são mais apertados os tramites constitucionaes; porque, embora approvada pelo ministerio, consultada pelo conselho d'estado e tendo a annuencia da corôa, a negociação ainda ha de ser submettida, em proposta de lei, ás côrtes, ha de ser convertida por uma das camaras em projecto de lei, approvada por ambas, e só depois póde ser sanccionada pelo rei.

Todo o tratado portanto, toda a convenção, sem excepção alguma, ainda depois de concluido e assignado pelo ministro ou por outro qualquer negociador, delegado seu, não é senão a iniciativa do ministro dos negocios estrangeiros e nada mais. Póde ser regeitado em qualquer das cinco instancias differentes e successivas, por que tem de passar: 1.ª, pelo podêr executivo no conselho de ministros composto dos agentes responsaveis e solidarios da corôa; 2.ª, pelo podêr moderador no conselho d'estado, conformando-se a corôa ou não se conformando com o voto do conselho; 3.ª, na camara dos deputados por uma votação negativa; 4.ª, na camara dos pares pelo mesmo modo; 5.ª, no conselho d'estado outra vez pela decisão que a corôa tem plena liberdade de tomar, dando ou negando a régia sancção ao projecto de lei que lhe é enviado pelas côrtes.

O que se segue d'estes sagrados e incontroversos principios constitucionaes, que são a salvaguarda das liberdades e da independencia da nação, é que o ministro dos negocios estrangeiros que, ou por si e por sua propria auctoridade tratou, ou por seu delegado fez tratar e approvou, a negociação, deve retirar-se do gabinete apenas em qualquer d'estas cinco instancias for reprovado o trabalho que elle ou fez ou approvou sob sua responsabilidade.

É por estas óbvias razões que o ministro dos negocios estrangeiros em todos os paizes propõe, acceita, trata, discute, rejeita e modifica toda e qualquer negociação por seu direito proprio, porque sob sua responsabilidade propria o faz. E se para a conclusão se formùla a respeitosa ceremonia do pleno podêr e procuração especial que as justas e necessarias deferencias monarchicas mandam que sejam assignados pelo soberano, comtudo o seu direito para tratar e negociar vem-lhe do principio e da lei constitucional e não d'esse formulario, ceremonioso sómente, que nenhuma responsabilidade lhe impõe.

Aliás, e no presente caso, por exemplo, o sr. conde do Tojal não podia ir propor uma negociação á França sem auctorização especial da corôa, e o fez; o sr. Jervis, meu antecessor, não podia receber o contra-projecto d'aquella proposta nem dar-lhe andamento sem auctorisação especial da corôa, e o fez; eu não podia discutir, nem acceitar, nem rejeitar sem a mesma auctorização especial, e o fiz com pleno direito, e o fazem todos os ministros dos negocios estrangeiros em todos os paizes.

O que *pro forma* se diz nos preambulos ou protocolos de todos os tratados e convenções, não se pratica nunca nem se praticou jámais quando a auctoridade de negociar não é delegada, e é o proprio ministro d'estado o que trata. É uma hypocrisia pharisaica affirmar o contrario. E os que devéras e do coração acatam e respeitam as fórmas monarchicas, crêem sinceramente na sua excellencia, e na vantagem social de as consagrar por uma quasi adoração religiosa, julgariam envilecer-se com uma affectação absurda e impostora se com taes escrupulos quizessem provar o seu zêlo e adhesão.

Forte de minha consciencia, forte das provas não equivocas, constantes e alguma vez difficeis. que sempre déra de minhas convicções e sentimentos, inteiramente descuidado de que a mais accintosa malevolencia as podésse *nem suspeitar*, eu, n'aquelle intervallo mesmo da ida do pleno podêr para a régia assignatura, cedi ás urgentes instancias do sr. Beclard, que não podia demorar-se nem mais um dia em Lisboa, e considerando como devia considerar e ainda considero, que não faltava senão um méro formulario, que pensei já devia estar preenchido áquella hora, appuz, juntamente com o negociador francez, a minha assignatura á negociação ultimada.

Nunca em minha vida pratiquei acto de que tivesse menos escrupulo. Sou juiz ha dezeseis annos, costumado ás formulas *striti juris*, e ás austeridades da letra da lei, nunca fui arguido, nem sequer suspeitado de as preterir no mais minimo. E, graças a Deus, adquiri uma reputação de integridade de que não ousaram jámais duvidar nem os meus mais acerrimos inimigos — que tenho, não sei porquê.

E' uma das maiores ignorancias em que vivo, a da razão por que tenho inimigos.

Se a negociação não estava bem feita, o governo tinha a mais ampla liberdade de a regeitar, e eu só incorria no que para mim não era nem é de grande sacrificio, o sair do ministerio.

Imagine v. s.ª a minha admiração e pasmo, quando no dia seguinte ao do referido despacho, me vi accusado de ter negociado com a França ás escondidas, em grande segredo, sem consultar o voto do conselho, sem poderes para isso, um tratado de commercio ruinoso e fatal para o meu paiz!

Custava-me a crer o que ouvia; e pretendi demonstrar o engano em que se estava. Mas apenas fui ouvido. E quando d'ahi a tres dias consegui, ou me pareceu ter conseguido, convencer os senhores do conselho, de que a minha convicção era e devia ser plena de que ss. ex.as tinham conhecimento perfeito do que tam ostensivamente se tinha estado tratando na minha repartição — appareceu-me então, com todo o aspecto e força quasi de um crime de lesa-magestade, o da falta do formulario do pleno podêr que eu julgava e devia julgar satisfeito quando assignei; mas que de facto nem proposto á real assignatura tinha sido.

D'esta, apparentemente tam forte accusação, cuja SINCERIDADE E LEALDADE não quero apreciar, podia desculpar-me, defender me, muito bem, de mais talvez. Não o fiz nem o quero fazer.

Está por isso nulla a negociação, nulla a assignatura do ministro? Nulla seja e nulla fique. Não quero disputál-o. Contento-me de provar que foi posta em bom direito, e em boa fé por quem não recebeu nem uma carta particular que não communicasse, muitas vezes ainda antes de as ler elle proprio, a quem devia toda a deferencia, respeito e lealdade.

Do augusto chefe do estado não recebi senão favores, distincção e obsequios; e por ultimo a extrema indulgencia com que se dignou conceder-me uma exoneração honrosa depois que o meu procedimento lhe foi apresentado com tam falsas e exageradas côres. Indulgencia que penhora tanto mais a minha lealdade e dedicação, quanto, apreciado e julgado como foi o procedimento do ministro dos negocios estrangeiros, eu não teria para com elle egual indulgencia: solemnemente o declaro.

Alguns jornaes disseram que eu era accusado de doblez e de leviandade, e que devia explicar-me. Não o fiz até agora, porque respeito, mais que tudo, a delicadeza de nossas difficeis circumstancias. Hei de fazel-o quando me parecer que sem inconveniencia publica posso.

Dei a minha demissão como devia; e creio mesmo que se reputou um favor e indulgencia o consentir que eu a désse. Não me queixo nem o deploro. Para os homens como eu, o podêr tem poucas, e pouco duradouras seducções.

Tenho a consciencia, sei a sciencia, ignoro a arte: esta porém é mais precisa que ess'outras; e eu tenho negação para ella.

Negociei dois tratados, um de commercio com os Estados Unidos, que sustentei nas côrtes, outro da convenção litteraria com a França, que sustentei no conselho d'estado, e que ambos foram approvados e ratificados. Estou ha muito mais de um anno negociando com a santa sé os mais difficeis assumptos que tem Portugal na téla diplomatica. Poderia eu ignorar as primeiras e as mais simples regras de uma negociação? Poderia ter o mais simples interesse em faltar a ellas? Ganhava eu ou alguem n'isso? Era ou valia alguma coisa este tratado antes de passar

pelos cinco tramites da actual constituição portugueza — em qualquer dos quaes pode ser regeitado? Enlouqueci eu de todo? Mas se eu enlouqueci, tambem e logo e ao mesmo tempo enlouqueceu o negociador francez para fazermos, de commum e estupido accordo, uma coisa absurda, nulla e de nenhum effeito?

Julgue v. s.ª e julgue qualquer, ainda que prevenido pela mais cega paixão, mas que um momento queira abrir os olhos á verdade e á razão.

Repito, concluindo, que se eu soubéra os termos em que a v. s.ª ou á nossa legação em Paris escreveu sobre este assumpto o sr. ministro dos negocios estrangeiros, não escreveria eu talvez esta carta; deixar-me-ia accusar de doblez, de leviandade, de relaxado descuido, deixaria correr entre os malevolos e os ignorantes estas banaes e tristes increpações, que são boas apenas para atirar ao vulgo, e de que soberanamente me rio. Mas nada sei; e receio portanto que este acontecimento possa ser visto em falsa luz pelo governo francez. A isso desejo obviar, e por isso faço a v. s.ª esta franca, singela e exacta exposição, da qual verá bem claramente que não é nem falta de sympathia pela nação franceza, nem de consideração pelo principe presidente que motivou o proceder do ministerio portuguez. Commigo e só commigo foi a indisposição. Não lhe quero dar outro nome.

Feito o supposto sacrificio da minha demissão, o negocio entrará em causa ordinaria. E creia v. s.ª, creia o seu governo que o actual gabinete, composto de ministros illustrados, prudentes e fomentadores zelosos da civilisação e da justa liberdade, por isso mesmo que um louvavel, posto que infundado, escrupulo os constrangeu a dar por nullo o que se tinha feito em boa fé, só pelo austero respeito a uma mera solemnidade externa, e não indispensavel nem insanavel, por isso mesmo, digo, o illustrado, leal e sincero gabinete portuguez se ha de apressar a reparar a minha falta, e a mostrar ao governo e á nação franceza a sua boa vontade e sympathias.

Aproveito esta occasião para lhe assegurar os sentimentos distinctos com que tenho a honra de ser — De v. s.ª muito attento venerador e creado.—(Assignado) *Visconde de Almeida Garrett.*

P. S. Julgo dever informar a v. s.ª que dei leitura d'esta minha carta aos srs. ministros, e que, rectificando, segundo as observações de ss. ex.ªˢ, algumas das expressões e phrases que primeiro escrevera, e que em segunda leitura lhes mostrei alteradas, esta presente carta se deve considerar como escripta debaixo dos olhos de ss. ex.ªˢ

DISCURSOS PARLAMENTARES

DA FORMAÇÃO DA SEGUNDA CAMARA DAS CORTES

Discursos pronunciados na Camara dos Deputados nas sessões de 9 e 12 de Outubro de 1837

PREFACIO DOS EDITORES DA PRIMEIRA EDIÇAO

Desde que em Portugal se reconheceu a necessidade de uma segunda camara, convicção que não poderam alterar, nem as theorias dos unitarios por um lado, nem por outro os reconhecidos inconvenientes da nossa camara dos pares, tem a opinião geral do reino andado dividida sôbre o modo de a formar.

A uns parece que a escolha da corôa, a outros que a eleição popular é o melhor methodo. E podemos dizer que, se *entraram principios* em nossas ultimas discordias e guerras civis, este havia de ser por fôrça o unico objecto de combate, pois que em *nenhum* dos outros pontos constitucionaes ha nem leve sombra de discrepancia entre os credos politicos das duas secções do partido liberal.

Esta mesma divisão de opiniões appareceu fielmente representada nas côrtes constituintes: tanto, que este quasi foi o só combate de opinião politica em toda a discussão da constituição.

Claro é pois que uma fórma média, e participante de ambas, devia ser a mais conciliadora, a que menos podia ser taxada de obra de facção, e a que, sem disputa nem dúvida, mais convinha a um paiz cansado de luctas civis, e que sôbre tudo quer e precisa de paz.

Entre as pessoas menos illustradas prevalecia já esta opinião: os exemplos do Brazil e de Hespanha inclinavam ainda mais os animos para a transacção: tudo emfim fazia, e devia fazer, esperar que a prudencia do congresso adoptasse a que indubitavelmente era opinião universal dos seus constituintes, pois que todas comprehendia.

Quiz a sorte, e certamente só foi a sorte, que se resolvesse o contrário: e que, em vez da opinião *conciliadora*, triumphasse por *tres votos presentes*, uma das opiniões *exclusivas*.

Estamos convencidos que esta foi uma verdadeira calamidade pública: e que sempre o é e será quando em objectos de tanta monta se não congraçam opiniões que podiam congraçar-se, e se continúa, se perpetúa a guerra das disputas que pudera terminar.

Todo Portugal sabe hoje que no mesmo dia da votação ella se tornou duvidosa pelas reclamações e explicações de alguns dos votantes; e que no dia seguinte se provou, pelas declarações de votos, que não era aquella a decisão da *maioria* das côrtes, embora fosse a da *maioria presente* no memoravel dia 14 de Outubro de 1837.

As côrtes reconsideraram a questão[1]; e supposto entendamos que a poderam ter decidido, e que teriam feito grande serviço ao paiz deixando-a fixada, não podemos deixar de convir (nem o desejamos impugnar) que é verdadeiramente constitucional, e no espirito do governo representativo, a appellação deferida ao povo que resolveram deixar-lhe. Mas com a mesma lealdade diremos, que nem cabe n'esses principios nem na alçada das côrtes limitar, como fizeram, a appellação. O procurador que se não julga sufficientemente auctorisado e *refere* a seus constituintes, não póde coarctar-lhe modos nem termos de resolver sôbre o ponto em que reconheceu não poder elle, mas poderem os que lhe deram procuração.

Estamos persuadidos que d'aqui até lá, a opinião pública do paiz ha de reflectir e fortificar-se. E lisongeamo-nos que, fatigados e desenganados das reacções extremas, viremos ao termo de conciliação que só póde descançar-nos.

N'este intuito, fazemos publicar de novo

[1] Na sessão de 24 de Novembro.

os discursos do sr. deputado pela ilha Terceira, que sem dúvida foi o que mais pugnou pela opinião média, e que mais esforços fez por congraçar as duas extremas. Conseguimos que revesse os seus discursos, e annotasse alguns logares menos obvios, para que ficassem ao alcance de todas as intelligencias. E abstendo-nos de emittir juizo algum sôbre o merito do pensamento ou do stylo d'estas notaveis orações parlamentares, por assim o exigir absolutamente seu auctor, e muito contra vontade nossa, contentam-o nos de chamar sobre ellas a attenção pública. O que tanto mais julgâmos conveniente, quanto a questão que aqui se trata é a que, referida á nação, deve ser julgada por ella no curto intervallo que vae mediar até á convocação das proximas côrtes.

Os Editores.

DISCURSO I

EM SESSAO DE 9 DE OUTUBRO DE 1837

Tres são as diversas posições em que póde collocar-se o homem publico, o homem chamado a pronunciar sobre questões de gravidade e importancia da que hoje tratamos.

A primeira e a mais facil é seguramente a d'aquelle que nem por si a toma; que levado da torrente das opiniões, e cuidando dirigir as turbas, quando não é senão empurrado por ellas, imaginando-se forte só porque se poz do lado da força, vae com o poder que reina, está pela potencia que impera. Esta posição é, como disse, a mais facil, e para certos olhos (ainda bem que não para os meus!) a mais brilhante: os applausos estão em roda d'ella, as recompensas lhe chovem em cima; e coroado ha de ser decerto quem a occupa; que seja das folhas de carvalho do republico tribuno, ou das perolas feudaes do barão aristocratico; a differença está na fórma, a corôa é a mesma, vale e significa poder, ganhou se e deu se pelo mesmo modo.

Quasi tam facil é a segunda posição, *(facil de tomar*, intendo) apparentemente mais nobre, nem sempre mais desinteressada; mas sem duvida mais lisonjeira para o amor proprio de quem a escolheu por sua, é a d'aquelles que apparentando (Deus sabe ás vezes com que animo) integridades de Catão, parecem pleitear justiça com os ceus, praz-lhes a causa vencida, só porque o é, defendem quando está debaixo, só porque o está; e justa ou injusta, é sua sempre a parte dos que se dizem opprimidos. Não é tam independente como talvez parece esta posição, nem lhe faltam vantagens. N'ella se formam muitas vezes reputações que aliás fora impossivel adquirir: tambem lhe sobejam applausos; e lá está, mais longe sim mas não mais incerta, a perspectiva da recompensa, a querida esperança do galardão!

A historia de todas as revoluções nos apresenta, sempre e pelo mesmo modo, forte e numerosamente occupadas estas duas posições. Ambas são as da ambição; para ellas vae, para ellas forçosamente ha de ir a maxima parte dos homens.

Terceira posição ha — difficil, desgraçada e ardua, de poucos seguida, de poucos entendida, calumniada dos muitos; póde se quasi dizer que desprezada de todos. Raros a occupam, raros deixaram ainda de morrer n'ella sós como entraram, abandonados e malquistos. Na peleja nem um voto os anima: os applausos da victoria não os têem, que não ha victoria para elles; na desgraça nem sympathias, porque não dão esperanças; na boa fortuna... onde ha boa fortuna para os justos e inteiros? Está-se-me a formar nos labios, que o não posso reter, o nome dos virtuosos Girondinos, não poupados nem do *posthumo* sarcasmo de um historiador nosso contemporaneo, d'esse *Erasmo politico (a)* que fez o panegyrico da corrupção de Mirabeau! Historiador republicano, estadista monarchico!... O que não diriam estas sós palavras a um povo que as soubesse entender! Mas os povos têem o entendimento difficil e a memoria curta: hão-de-se ir educando á sua custa.

Esta sim, esta ultima de que falo, é a posição do homem inteiro, e independente devéras, do homem que descreveu Horacio, e a quem

Non civium ardor prava jubentium,
Non vultus instantis tyranni
Mente quatit solida.

E *solida* com effeito, e duramente arraigada em suas convicções é mister que esteja a alma do homem que tal posição escolheu, onde nada o conforta, e tudo o desampara. Detestado de inimigos, aos seus proprio mal acceito, não lhe resta senão o testemunho de sua consciencia — que muito é todavia, que é tudo para almas assim temperadas! É a voz

de Deus, é a voz intima e inspirada, que soa mais alto do que soariam os babeis de todas as vozes dos homens reunidas, quando bate no coração do homem honrado, e lhe diz: *fizeste bem*

Por esta posição optei, conhecendo-lhe bem os dezares. E os carceres, os exilios, os degredos, as vexações de toda a especie, as calumnias de toda a parte. que ha dezesete annos me tem custado, não puderam ainda senão rebitar os pregos da cruz com que me abracei voluntario, e em que antes desejo morrer escarnecido e vituperado, do que merecer triumphos, do que ver decretada minha apotheose por *quaesquer* dominadores da terra.

Collocado n'esta posição não hei de nunca ser o homem de ninguem (bem sei), mas hei de sel-o de mim mesmo e da minha consciencia. Bem sei que para mim não ha, não póde haver, nem o favor dos palacios, nem a aura dos comicios. Abnegação que (devo em lealdade dizel-o) para outros seria grande, mas é insignificante de minha parte: o unico estado e profissão que tenho e prezo, nem de uns nem de outros depende; e a ambição que ainda póde algum tanto commigo, não são elles que a satisfazem. O pobre homem de letras tem ao menos esta vantagem. Acceito pois com resignação todas as condições da posição isolada que escolhi; renuncio até ao direito de me queixar, que minha só é a culpa do que eu só, e por minhas mãos, e bem sabendo o que fazia, me preparei. (*b*)

Com este espirito e tenções entro no exame da questão, que hoje tratamos, e que tam facil é em sua these, quanto difficil e complicada a têem feito na hypothese, não os principios, senão as circumstancias, que aqui vem forçosamente metter paixões, interesses, odios e sympathias pessoaes, que tam estranhos deveram ser-lhe. Desejo restituil-a á sua primitiva simplicidade, e vou pôr peito em conseguil-o.

Portugal adoptou o principio da unidade legislativa: principio fóra do qual não ha salvação. A unidade legislativa não significa, por mais strictos que a interpretemos, senão que as leis sómente serão feitas pelos procuradores da nação. O principio está em todas as constituições, assim como estava na constituição de 1822; mas tambem está na constituição de 1822, e nas de todo o mundo, que a lei, depois de votada pelos representantes da nação, seja revista por um corpo mediador e conservador, o qual primeiramente examine e reconsidere a lei antes de ella ser apresentada á sancção do chefe do Estado.

Este corpo, desvairadamente appellidado por diversas constituições, já camara de pares, já senado, já segunda camara, jà estamento de proceres, é em todas o mesmo; na constituição de 1822 chama-se-lhe conselho d'Estado, rebuçada com este nome improprio a idéa, que então se imaginou impopular, de uma segunda camara. As suas funcções porém, e bases de regimento, claramente descobrem a realidade do que é. A elle se mandam apresentar as leis depois de votadas pelos deputados, e se impõe ao rei a *obrigação* de o ouvir e consultar, antes de dar ou negar a sancção. Lá estava pois, com outro nome, na mesma constituição que ora modificamos, esta *viscera indispensavel* do corpo representativo. Quando votámos a segunda camara, não fizemos por tanto mais do que ratificar e approvar o que já era direito escripto. E só ampliámos e liberalisámos uma instituição defeituosa, e organisada a medo, como aquella era.

Pela constituição de 1822 o corpo revisor e examinador das leis deliberava ás portas fechadas, no segredo, e a occultas da opinião, em presença do rei sómente e de seus ministros, sujeito a essa unica influencia; o corpo revisor da constituição de 1837 ha de deliberar a portas abertas, na presença da nação, e longe da influencia immediata e unica e exclusiva dos ministros e do poder (*c*). Votámos pois o que não podiamos deixar de votar; e se o contrario fizessemos, teriamos sido infieis á nossa missão.

Com a mira n'estas funcções que é chamado a exercer, é que devemos portanto escolher o modo de constituir e organisar o corpo revisor e examinador das leis. E chegados, como somos, a este ponto, verdadeiramente intendo que a questão de principios está acabada; todas as que se seguem são de methodo e de fórma. O que nos resta é puramente uma escolha.

Para escolher (e de escolher se trata agora) é mister examinar, um por um, os diversos pontos da escolha, que não vamos atordoados e loucamente rejeitar o melhor, e tomar o que menos presta. Farei por tanto breve resenha de todos, exporei imparcialmente os prós e os contras de cada um, e finalmente direi o a que mais me inclino, porque menos inconvenientes me parece ter e mais vantagens reunir.

Não acho que valha a pena de tanto debate, como tenho visto dar lhe, a questão de se a camara encarregada de rever as leis, depois de votadas pela verdadeira representação nacional, e antes de as apresentar á sancção real, deve ou não ser composta, deve ou não ser considerada como composta de representantes da nação, no sentido restricto, e directamente ou indirectamente por

ella escolhidos. O que sobre tudo devemos querer é que ella funccione bem, e preencha o fim para que é estabelecida. Corpos do Estado tenho eu visto declarar representantes da nação, e não os reconhecer ella por taes; e merecerem outros sua confiança plena, e por ella de facto serem havidos como esses, com quanto o não diga a lei escripta do paiz.

A questão não a creio de grande monta; mas logo a examinarei todavia.

São bem sabidos os tres modos simples de formar um corpo como este de que tratamos: heriditario, electivo, de nomeação regia. Combinações que d'estes se têem feito, augmentam mais dois: de proposição do rei e eleição do povo; de proposição do povo e escolha real.

A eleição directa ou indirecta póde ainda accrescentar uma *variedade* a estas classes e generos.

De todos elles é sem duvida o hereditario o mais antigo, e o que mais natural fica ao systema representativo monarchico; porque alheio ás intrigas eleitoraes, assim como livre da dependencia ministerial, existe por direito proprio, não depende de ninguem, e nenhum corpo collectivo póde mais do que este dar voto recto e imparcial entre os dois contendores, a vontade nacional que legisla, a força nacional que executa. Nada que vir a ganhar de uns, nada tem que perder com outro. Esta será a melhor camara conservadora, a mais constitucional, a mais livre; todos os outros methodos lhe ficam por conseguinte inferiores; mas se tal é a these, como com effeito é, eu portuguez, deputado portuguez, obrigado a applical a á hypothese portugueza, devo lealmente confessar que todas as forças da minha these desapparecem deante dos factos, porque em Portugal não ha, nem vontade nem sufficientes elementos para formar uma camara d'estas. Os poucos, que havia, suicidaram-se em 1828, quando essas sombras da antiga grandeza do reino, essa descendencia degenerada de nossas familias historicas deixou cahir dos hombros rachiticos a capa de arminhos, e cobriu a roupeta de escravo que mais lhe avinha. Foi a sua mortalha, n'ella morreu e jaz enterrada. Nobilissimas excepções houve para gloria de quem as fez, mas de nenhum proveito á sua classe. A camara hereditaria tinha deixado de existir. Restaurada a carta quizeram restaural a tambem; mas que succedeu? Fez-se uma apparencia d'isso, uma comedia em que representaram de pares hereditarios, gentes que nenhuma herança tinham que addir, nenhuma que legar. Eram hereditarios sem haver que herdar ou testar! (*d*) ...(*Apoiado, apoiado.*)

Assim ficou desacreditado este methodo reputado imposssivel, e quasi se póde afiançar que o é. Não tratemos por tanto mais d'elle. Falemos do terceiro, pelo qual a camara é composta de membros escolhidos pelo rei.

Est'outro modo de formar a segunda camara tem por base a ficção do direito publico, geralmente recebida em todos os paizes livres, de que o rei é o grande eleitor nacional. Esta é uma ficção sem duvida; mas bella e sublime, e egual a muitas outras ficções em que todo o nosso direito se funda; é uma ficção egual á que admitte a delegação popular em toda a serie de membros de uma familia para continuação das dynastias; é uma ficção egual á que admitte a delegação da soberania popular dada aos corpos legislativos directamente, aos corpos julgadores indirectamente: que tam integrante parte da soberania é o julgar como o legislar; e por minha parte declaro que tenho mais amor e afferro ao meu *àvo de soberania* que me dá o direito de julgar, do que tenho á outra *fracçãosinha* que me póde caber na repartição termilionesimal da magestade legislativa!

Repito, Srs., que esta é uma ficção tam admittida e tam indispensavel como qualquer das outras muitas que tambem o são: é uma ficção já filha de outra grande ficção, da que admitte a delegação da soberania que não é delegavel, assim como não é renunciavel; que admitte a repartição da soberania que não é repartivel. E por estas asserções citarei um testimunho não suspeito, espero eu, o de J. J. Rousseau, que bem terminantemente protesta e demonstra não ser a soberania nem alienavel nem delegavel. Os fundamentos com que estabelece a primeira impossibilidade são os mesmos que dá para a segunda.. (*e*)

Sim, é uma ficção a delegação da soberania popular, mas tórno a dizel-o, ficção bella e sublime, ficção magnifica e salvadora que todos os povos livres adoptaram, e sem a qual cae por terra todo o systema representativo. E foram esses barbaros do norte, esses nossos avoengos tam apodados de barbaros e ignorantes, contra cujas idéas politicas tanto se tem aqui vociferado, foram esses barbaros os que vieram regenerar a liberdade da Europa com este dogma, e tornal-o possivel e pratico para as grandes nações; porque a soberania, como ella se exercia em Roma, em Sparta, em Athenas, em todas as antigas republicas, não podia ser exercida pelos nossos povos, que não toleram, nem podem tolerar que os habitantes da capital queiram sós dar leis, e ter como vassallos seus os povos das provincias... Bom é

que ninguem se esqueça d'este principio: e nós os deputados das provincias temos obrigação de o recordar...*(Apoiado, apoiado.)* E quem tornou possivel a soberania do povo? Quem? A ficção dos povos do norte, a ficção do feudalismo! Eu admiro esta ficção, adoro-a quasi com o respeito de um mysterio; mas não posso deixar de confessar que é uma ficção. E todavia é mister, é forçoso, é indispensavel admittil-a. E admittida ella, e admittido como parte integrante d'ella, que o rei é o grande eleitor nacional, nenhum inconveniente ha, quanto a direito, que o rei nomeie os membros da camara revisora.

Nem se diga que esta idéa de considerar o chefe do Estado como o grande eleitor nacional, é, segundo já por aqui me parece que ouvi murmurar, uma invenção dos homens dos privilegios, uma chicana do partido retrogrado. Bem tarde que os defensores d'esses principios queiram reconhecer semelhante qualidade no chefe do Estado! Não são os ultramontanos politicos, não são os que derivam todo o poder real do direito divino em linha recta, os que jámais consentirão em principios não só diametralmente oppostos aos seus, mas completamente destruidores d'elles.

O rei absoluto, o monarcha de privilegio, o soberano de direito divino pega no diadema com a mão com que brandiu a espada, e cingindo-o de sua propria auctoridade, diz como Napoleão, quando de sobre o altar mór do Domo de Milão *(f)* tomou por suas mãos a corôa de ferro dos Lombardos e a poz na cabeça:—*Iddio me l'ha datta, guai a chi la tocca!*—

O rei constitucional, o chefe do Estado representativo, o soberano da monarchia livre recebe a coroa da mão do povo; é a lei que lh'a dá, a constituição que lh'a assegura, e a sublime ficção do governo representativo que lh'a continuou em sua dynastia pela inauferivel e perpétua delegação popular.

Não é por tanto ao primeiro, senão ao segundo, que a theoria é applicavel; proscripta e anathematisada pelos absolutistas, vejamos bem os liberaes, que nos principios d'aquelles vamos cahir se a recusarmos.

Mas a camara ou senado revisor, assim formado pela unica eleição da coroa, tem graves inconvenientes. Convenho; e de tam boa fé o reconheço, que pausadamente os quero ponderar. Derivada da auctoridade real, forçoso é que ella propenda mais para os interesses de quem a elegeu do que para os do povo, de quem só indirectamente trouxe sua origem. Tam grave é este inconveniente que, se a questão não tivesse mais lado nenhum por onde ser considerada, bastava elle só para a concluir, e fazer, sem mais exame, rejeitar o methodo por absurdo. Mas não acharemos nós em qualquer outro methodo eguaes ou maiores inconvenientes? A par d'este não estarão tambem algumas vantagens que o contrapesem? Já o veremos.

Excluido o systema hereditario, excluido este tambem, resta o electivo: e no methodo electivo popular não ha, pelo lado opposto, o mesmo inconveniente que n'est'outro encontramos? Ha decerto; e ninguem deixa de o reconhecer. Mas não antecipemos: e fiquem essas ponderações reservadas, a bem da ordem, para quando viermos ao exame do methodo electivo.

Tam pouco repetirei agora a enumeração das vantagens da escolha real, que tam larga e sabiamente tem sido feita por tantos distinctos oradores.

Só direi que, restricta a categorias, limitada por qualificações prudentes e avisadas, a escolha real é mais a escolha da lei do que a do principe; e que o diploma dos senadores assim feitos mais seria passado em virtude da constituição, do que por graça e mercê do rei. E como eu não concebo a escolha real senão por este modo e com estes limites, e como estou persuadido que, se a nossa antiga camara dos pares houvera sido formada com estas restricções *(g)*, outra teria ella sido, e não houvera degenerado em uma instituição obnoxia e desacreditada; não acho na objecção de que eu proprio me encarreguei, pêso sufficiente para rejeitar, só por ella, o methodo de que se trata.

Outro porém ha mais forte e muito mais grave inconveniente, que ainda não foi ponderado n'esta discussão, e que tam importante é, que por elle sómente sou obrigado a rejeitar, como rejeito, o methodo proposto pela maioria da commissão.

Não são os olhos vendados das paixões, e cujo raio todo se refracta pelo *medio* dos partidos, os que podem vêr n'aquelle proposto methodo o terrivel inconveniente que á primeira vista claro lhe hão de achar os que, a nenhuma facção pertencendo, extremos em nenhum partido, naturalmente e sem preconceitos o considerarem.

Graças a Deus que n'este caso me vejo, e lh'o acho!

Nas circumstancias em que estamos; retalhados de facções, vaga e desvairada a opinião pública, incerto o conceito dos homens, vária, e a todos os momentos fluctuante a disposição dos animos, quem ousará, quem, tendo amor á sua terra, que preze a liberdade, que deseje a estabilidade das instituições, quem ousará, digo, entregar ao mero arbitrio de seis ministros a escolha dos homens que hão de representar a prudencia e reflexão nacional? Quem se atreverá a col-

locar nas mãos d'estes seis eleitores privilegiados os destinos e as esperanças da nação? Quando todos fossem tam virtuosos e patriotas como seis homens de Plutarcho, quando n'estes seis portentos de sabedoria e integridade se refundissem os sete sabios da Grecia, como haviam elles, nos tempos calamitosos em que vivemos, evadir-se á influencia omnipotente de qualquer facção que domine? Constituida d'este modo, a camara necessariamente ha de ser vitalicia (condição sem a qual acabaria toda a sua independencia): e então a obra de uma facção, a obra do partido viria a ser imposta ao povo como uma cousa nacional, perpétua, e adornada de falsas vestiduras que a opinião posterior, mais ou menos recta, mas *seguramente contraria*, lhe havia de rasgar depois, ou porque outra facção viesse a predominar, ou porque, restituida a seu natural equilibrio, (o que Deus traga cedo!) a opinião nacional venha a prevalecer sobre todas as opiniões exclusivas e apaixonadas dos partidos.

Seguir-se-ha porém da rejeição d'este methodo, estreme senão extremo, que forçosamente vamos adoptar o seu opposto? Não será livre fugir do pólo que gela senão para o equador que arde? Parece-me que tam imprudente é evitar um grande mal, como evital-o á custa de outro que não é somenos. Ora, se receosos da perigosa subserviencia dos ministros a um partido reinante, formos entregar-nos todos, e sem escrupulo nem reserva, á sorte da urna, não arriscamos nós tudo egualmente? A vertiginosa influencia dos partidos não chegará até alli? Descobriu-se já algum isolador, que ponha a urna fóra do contacto da sua electricidade abrazadora? O que póde chegar até aos degraus do throno, o que tem força para desabrochar as pastas dos ministros, e tirar d'ellas uma carta regia de nomeação de par ou procer ou senador, ou o que mais queiram chamar-lhe, não irá com dobrada força, porque sem nenhum obstaculo, cahir em todo o seu pêso sobre a urna eleitoral? A urna eleitoral que a experiencia tem mostrado sempre, e a experiencia nossa portugueza mais que nenhuma, que em tempos de commoção e effervescencia de partidos é abandonada pela nação, cuja salvaguarda deve ser, e entregue ao sabor e capricho das facções, cujo instrumento se torna! Esta não é asserção gratuita minha, mas infeliz e fatal verdade que nenhum de nós póde recusar, porque todos nós a temos allegado, todos a temos offerecido como argumento em cada um dos muitos dias que ha dez mezes bradamos n'esta casa contra os erros e desvios das administrações passadas. Não se tem aqui dito que durante dois annos fomos dominados por uma facção? Que debaixo d'esse dominio se arruinou a fazenda pública, se deslocou o paiz, se desorganisou o Estado, se corrompeu a moral do cidadão, se confundiram todas as idéas do justo e do injusto? Pois foi pela urna, foi pela sujeição d'ella a um partido que nos vieram todas essas calamidades (*h*).

Nem posso imaginar que sejamos todos tam cegos que reputemos absolutamente impossivel o volver de cousas similhantes. Quanto a mim tenho a infelicidade de ver proximos e inevitaveis futuros muito peiores. Oxalá que me engane!

E voltando a considerar a impossibilidade de obter, por via da eleição sómente, uma camara que preencha os fins da revisora e conservadora, que a esta queremos dar, repetirei o que já aqui foi ponderado. Se a camara dos deputados é a verdadeira representante do movimento e da vontade nacional, como será possivel que, pelo mesmo methodo e elementos com que essa é formada, se forme aquell'outra que representa a reflexão, a prudencia e a consideração nacional? Se os actos da camara primeira, e propriamente popular, precisarem segundo a miudo precisam, de moderação; se entre a acção da vontade que legisla, e da força que executa, isto é se entre o povo e a corôa for mister usar de conciliação, que póde esperar-se, como mediadora, de uma camara que, ou absolutamente seja de origem popular, ou absolutamente de origem real? (*i*).

Notando ao mesmo tempo os defeitos de um e de outro systema, considerados estremes, dou n'isto mesmo irrefragavel documento da imparcialidade com que trato a questão.

Nem quero prevalecer-me da vantagem que n'esta discussão podia ter sobre todos os meus illustres adversarios, quando combatesse o methodo electivo, apresentando o que ninguem como eu aqui posso apresentar, a infeliz experiencia de sete annos, durante os quaes foi ensaiado aquelle methodo em um paiz que habitei dois annos, e que por obrigação estudei. Eu podéra mostrar como, por via d'elle, e sendo mero instrumento nas suas mãos, uma facção invade e predomina tudo, tornando nominal a acção do povo, phantastica a acção real, e concentra os poderes do Estado todos em uma oligarchia mais perigosa para a liberdade do que todas as aristocracias Wandalas, Suevas e Godas com que ainda hoje nos querem metter medo, e que já não existem fóra das chronicas, nem tem outros castellos e torres senão a do Tombo.

A nação mais ciosa de sua urna, mais es-

crupulosa e apegada a seus direitos eleitoraes, os Estados-Unidos da America do Norte, que tanta latitude deram, em uma constituição toda republicana, ao principio do voto popular, ainda assim não quizeram o seu senado eleito pelo mesmo modo, formado dos mesmos elementos da sua camara de representantes.

A eleição indirecta, e a presidencia de senado dada a um dos membros do executivo, juntamente com a acção moderadora do supremo tribunal de justiça, remedeiam, quanto é possivel, a falta da acção da corôa, que alli não póde haver. Mas deu-se remedio, mas poseram-se restricções, mas não se deixou no meio do Estado, desequilibrado e á tôa, um corpo *absorvente* de todas as preponderancias sociaes, sôlto e absoluto, como em um peqneno paiz do Norte da Europa erradamente se fez, como hoje, mais erradamente ainda, se pretende impôr a Portugal contra sua vontade e tendencias todas, contra suas sympathias e habitos e interesses (*k*).

De tudo isto devo concluir, quando menos, que os inconvenientes de nomeação regia são eguaes aos da nomeação popular. E as rasões que tenho para votar contra um dos methodos são as mesmas que me fazem rejeitar o outro.

Que resta porém fazer? O methodo hereditario é impossivel; o de nomeação regia insufficiente; o electivo pecca nos mesmos defeitos. Resta aproveitar as conveniencias d'estes dois ultimos, converter em utilidade os seus proprios defeitos, contrabalançando os de um com os de outro; e já que somos forçados a fazer experiencias, intental-as ao menos com algum reflexo de luz que nos venha da pratica, e com alguma rasoavel esperança de proveito.

A lembrança não é minha, nem como a tal lhe quero e me revejo n'ella; vem de cabeças mais profundas e pensadoras, vem de longas, reflectidas e pesadas experiencias de publicistas conhecidos, varões parlamentares, homens que encaneceram na tribuna e no foro popular, e cujo testimunho e auctoridade deve ter peso para legisladores aprendizes como nós aqui somos todos, nem de confessal-o devemos envergonhar-nos.

Entre as duas opiniões que agitavam a Europa, dos que defendiam o systema electivo, e dos que sustentavam o da escolha real, appareceu em Inglaterra O'Connell, o demagogo O'Connell, o tribuno da Irlanda, e disse: «Tambem eu sou filho da urna e advogado da urna; tudo quanto sou, por ella o sou; mas não me quero fiar só na urna para obter um senado, um corpo mediador que esteja entre a corôa e o povo: tam pouco confiarei á só vontade real a escolha dos homens que hão-de julgar entre ella e a vontade nacional. Mas não quero excluir nem uma nem outra cousa, porque só da combinação de ambas póde nascer o methodo que menos inconvenientes offereça.» E então começou a prevalecer na opinião de muita gente sensata o methodo mixto por elle proposto, e que de seu nome é chamado *o methodo O' Connell.* (*l*)

Tal é o espirito do seculo, e a moderação que distingue e caracterisa a epocha em que vivemos, que esta idéa conciliadora e de paz nasceu no cerebro do maior demagogo da Europa, do homem que ainda soube melhor, desde que ha mundo, agitar as massas populares. Este homem, a quem não fallecem talentos, antes em grande abundancia lh'os repartiu a natureza, a quem não falta lição, antes a tem profunda e vasta, a quem sobejam virtudes no meio de seus defeitos; e que ama sinceramente do coração a gloria do seu paiz, e a liberdade da sua terra: este homem, digo, propoz um methodo de transacção; e admittindo a ficção eleitoral, sem a qual a monarchia representativa fôra um absurdo ridiculo, faz corrigil-a pela modificação do voto popular.—E a sua opinião foi seguida em Inglaterra de todos os reformistas, dos herdeiros das doutrinas de Sydney, dos mais violentos radicaes. Por este methodo tem a coroa, dentro das cathegorias marcadas pela lei, de escolher um *quantum* sufficiente de pares, sobre o qual possa livremente exercer-se a facção electiva do povo.

Eu tenho a persuasão intima, que no estado actual da sociedade na Europa, onde quer que houver monarchia representativa, ha de vir este systema a prevalecer; porque elle é ao mesmo tempo o mais popular e o mais monarchico.

Já em Hespanha o arremedaram; mas os que alli inverteram e *descoraram* o pensamento do grande homem, os que no Brazil o tinham feito antes, fizeram um verdadeiro contrasenso, porque sobre a eleição popular livre, vasia e indeterminada, fazem cahir a acção restrictiva da corôa. O methodo imitado e invertido é conciliador, não ha duvida; de transacção inquestionavelmente, tracta de combinar opiniões diversas, e de dar a cada uma o seu quinhão na composição, para ver se acaba a peleja; mas tem grandissimos inconvenientes, e sem duvida muito mais graves do que o methodo inicial.

Eu porém que entro n'esta questão com a franqueza e lealdade com que, graças a Deus, me prézo de entrar em todas, não me atrevo a expor todos os defeitos que acho no methodo hespanhol e brazileiro; porque podem as côrtes optar por elle, e não o desejo

desacreditar! Mas já me atrevo a dizer sem receio que os inconvenientes achados n'elle ainda não foram achados no outro (*m*).

Note-se particularmente, que logo que na constituição se estabeleçam para os membros da segunda camara categorias differentes das que se requerem para os da primeira (e contra isso ainda não ouvi disputar ninguem), quero dizer, que haja differença na qualificação de edade, de censo, etc., é indispensavelmente necessario um processo estatistico feito pelas provincias antes de se proceder á eleição. — Inquestionavelmente: que, se se contentarem de dizer n'uma lei que podem ser senadores os que tiverem taes circumstancias, sem mandar formar mappas estatisticos das pessoas que estão n'esses casos da lei, as eleições hão de sahir absurdas, e em grande parte nullas. Na Belgica, unico povo europeu que adoptou o methodo electivo absoluto para a formação da segunda camara, procede-se todos os annos a um como cadastro dos elegiveis para o senado, porque todos os annos ha alterações e mutações, e por consequencia é preciso todos os annos rectificar as listas. Isto ha de fazer-se ainda que a differença seja só de edade e propriedade.

Ora feita esta lista, que não é votada por ninguem, em que não entra a acção do poder da corôa nem da opinião popular, nem as paixões de partido nenhum, é ella, e pelo facto, a verdadeira primeira eleição do senado. Sobre esta eleição inicial ou candidatura, deve (segundo o meu methodo) recahir a acção da corôa, escolhendo por cada provincia, das pessoas que n'ella tem propriedade, ou as outras circumstancias da lei, um numero sufficientemente lato, para que sobre elle possa dar-se a acção da eleição popular. A conveniencia, ou antes a maior excellencia d'este methodo sobre qualquer outro, é que o homem uma vez escolhido pela corôa acabou toda a sua dependencia d'ella, e nunca mais teve precisão de se fazer acceito ao poder; d'ahi por deante todo será do povo, de cujo favor só lhe ha de vir a futura dignidade. Demais, a camara assim composta póde ser dissolvida nas mesmas epochas que a outra; póde acabar a sua duração ordinaria ao mesmo tempo que a outra, sem necessidade de recorrer de novo á corôa para nova eleição.

Por este modo a acção do poder real não vinha a ser senão um verdadeiro julgar de preferencia entre aquellas categorias que a lei estabelecera, deixando quasi precipua, e muito mais ampla que pelo outro systema, a liberdade do povo que escolhe.

Pelo contrario, o methodo seguido pelos nossos visinhos hespanhoes, e já d'antes adoptado pelos nossos irmãos brazileiros, methodo em que bem pouco confio, e para o qual vejo com pezar propender muito a grande maioria do congresso, (não pelos principios d'elle, que são bons e conciliadores; mas pela instabilidade de sua fórma que não promette duração) tende inevitavelmente a excitar mais que muito as animosidades de partido, as rivalidades pessoaes. Os que sendo eleitos não forem escolhidos, ficarão inimigos perpetuos do preferido, na sempre cara persuasão de que, merecendo mais, foram desprezados por quem os não valia; ficarão alem d'isso inimigos do principio que os excluiu: e por cada senador que se assentar na camara para defender as instituições, ficarão dous de fóra para as desacreditar. Estou muito inclinado a crer que este methodo ha de produzir grandes e terriveis facções dentro do Estado, facções pessoaes, irreconciliaveis, que hão de apellar para a revolução como todas apellam. Vejo n'elle um perigo de segurança, uma garantia, não de estabilidade, mas de incerteza para as instituições que o adoptarem. Não me estendo mais n'este ponto, porque não quero, segundo notei já, que me fique sobre a consciencia a responsabilidade de ter concorrido para a sua rejeição, se for rejeitado. E tanto escrupulo tenho d'isto, quanto nenhum é o medo ou receio que me acanha nunca em sustentar opiniões de cuja bondade eu esteja seguro, por mais que desagradem a outros. Ainda agora disse, e repito, que se achassem em Portugal os elementos para uma camara hereditaria, era essa a que havia de propor, embora me apodassem de quantas alcunhas impopulares ahi haja. Quem se abalança ao mais, não hesitaria no menos. Mas uma convicção forte e profunda me faz preferir a todos, para a minha patria, o systema da escolha real sanccionada pela nomeação popular. Com a mão no coração declaro que em todos os methodos propostos vejo grandes inconvenientes, e em nenhum vejo garantias que indubitavelmente resalvem esses inconvenientes. Opto por este, porque tem menos que os outros, não que seja isento de defeitos. Que as garantias que alguns oradores têem querido achar na stricta salvação dos principios summos, era preciso provar primeiro, que esses são inquestionavelmente os verdadeiros. E em que livro, em que documentos está a demonstração dos principios que nos dão como infalliveis? Muitos annos o mundo jazeu debaixo do jugo de principios então ditos infalliveis, hoje reconhecidos absurdos; muitos tem de jazer debaixo de outros que depois se mostrem que taes. De mais principios sociaes não sei ao certo senão que o homem tem direito a ser livre,

porque tem direito a ser feliz. Mas qual seja o modo de ser mais livre e mais feliz, nem ainda se assentou, nem o viu ainda ninguem tam claro *(n)*.

O argumento em que mais se fundam os propugnadores d'esses pretendidos principios infalliveis, e que lhes pareceu irresistivel, é o que na realidade é o mais fraco de todos: a omnipotencia da classe média, e a sua illimitada expansão que ha de absorver as outras todas. Mas, Senhores, a classe média não existe sem as extremas; e no instante em que as absorver, deixou ella de ser o que era. Formosa e feliz utopia! Assim fôra realizavel! Que nivelada a posição de todos os membros da sociedade, desapparecessem as classes, e os homens ficassem todos *um* diante do homem, assim como o são diante de Deus!

Longe porém, e quam longe de ser essa a tendencia actual da classe média; é bem differente e bem outra. Não é a sua a dilatação de um fluido que *tende a nivelar-se;* mas a expansão de um gaz que tende *somente a subir*. A sua mira, o seu empenho, os seus esforços; todos são para usurpar o logar das antigas classes privilegiadas. Ai do povo se ella o vier a conseguir, porque a sua tyrannia ha de ser como aquellas foram! Mas ai d'ella tambem se lá chegar, que por seus proprios excessos ha de cahir como aquellas cahiram!

Esta é sem duvida a tendencia da classe média por toda a Europa, tendencia bem sabida e reconhecida. E esta lhe querem accelerar, dobrar-lhe a velocidade! E faz-se isto em nome do povo, e para bem do povo? Incutir-lhe ainda maior força de movimento! O povo ha de ganhar com isto? O que! Será para utilidade sua, d'essa mesma classe média... que ella, e o povo ambos hão de ser victimas da ascensão perigosa! Santo Deus! aonde chegámos de loucura e desvario em nossas theorias! Onde nos não levará ainda o fanatismo dogmatico, se assim vamos desprezando sempre os factos, e a analyse que illustra, para só nos fiarmos na synthese que deslumbra e entrevece! Fraca resposta tem o que eu digo, porque digo só a verdade núa e sincera. Mas bem sei que, ou não me hão de entender, ou fingir que me não entendem; e abusando do natural sentido de minhas palavras lisas, farão d'ellas o que eu não disse, para me responder com o que lhes não quadra.

Bem o sei eu; bem sei que se hão de dizer mais liberaes, e populares... e que os hão de crer! porque o povo ainda não aprendeu, não se desenganou ainda, não conhece o abuso de palavras com que em seu nome e a titulo de sua, se advoga uma causa que não é d'elle. Mas um dia virá, e praza a Deus que não seja tam cedo como eu o cuido, que elle ha de palpar, e sentir duramente a pesada realidade do que hoje lhe figuram tam appetecivel.

Pois que! O que é que tanto se zéla hoje, por que se pugna com tanto fervor? Será pelos interesses do povo, ou pelos da classe média? Será ainda pelos d'essa classe, ou pelos *exclusivos interesses* das summidades d'ella?

Não responderei eu, respondam os factos, as leis que o digam, as instituições de quasi todos os paizes que o mostrem. Fala se do bem do maior numero; mas ao menor numero é que se provê. E os povos da Europa libertos apenas da senhoriagem feudal, ahi têem já outra prompta para os dominar e avexar. E que importa ao povo que trabalha e súa e chora, que o seu trabalho seja devorado pelo duque ou pelo banqueiro; que o seu suor seja bebido pelo marquez ou pelo grande fabricante; que as suas lagrimas sejam escarnecidas pelo barão do alto do seu castello, ou pelo rebatedor de cima da sua burra?

Fábula para nescios é o sonhado nivelamento das classes; e quanto mais livre fôr um Estado, tanto menos possivel será ella de realizar. Na monarchia só o despotismo póde, á força de miseria, approximar se d'isso; que a tyrannia é como a morte; e ahi sim, que se egualam as condições todas: ou tambem na tam gabada e tam infeliz liberdade das republicas, onde, exercidos pelos escravos os misteres duros e ignobeis da sociedade, não vêem a ser, como entre nós, condemnados a elles uma porção consideravel, talvez o maior numero dos cidadãos. Alli para os servos a fadiga, para os cidadãos o gôso. Concebe-se um tanto a egualdade d'este modo... *(o)*.

Mas que egualdade, e que philanthropos os que a podem desejar? Que liberalismo o que a proclame? Egualdade que tem por base e condição forçosa, a servidão hereditaria de muitos homens!

O fio d'esta reflexão leva longe: nem sei onde terminaria se o fôra seguindo; mas basta, d'aqui mesmo do principio, lançar os olhos pelo correr do que ahi se apresenta em prespectiva, para se avaliar quanto será.

Eu paro aqui, e contento-me de considerar por agora que, para ser absolutamente impossivel que a classe média venha jamais a absorver as classes populares, basta reflectir que o *maior numero* dos habitantes de um paiz *ha de sempre* ser condemnado, pelas exigencias da sociedade, aos lavores affadigosos e materiaes que embrutecem e abatem; que o gôso d'esse trabalho *ha de sempre* ser

para o *menor numero*; e que onde não houver escravos, aquelle infeliz maior numero ha de ser de cidadãos.

Eis-aqui, faça o que fizer, o inevitavel fado do povo! E eis-aqui a realidade dos phantasmas com que o illudem!

Sejamos verdadeiros, digamos o que é e cumpre que seja; façamos com que a classe média recrute quanto mais podér das fileiras do infeliz povo para suas privilegiadas cohortes; facilitemos quanto é possivel a passagem; mas não *mintamos*, não vamos embahir de falsas esperanças os desgraçados que podem ter a miseria de nos acreditar: e já que comemos os regalados fructos *nós*, não dêmos de acinte e negaça *aos outros* o desesperado supplicio de Tantalo.

Estas, repito com a mão no peito, e seguro do que digo, estas é que são verdades, pura e lealmente ditas pela mais humilde bocca certamente, mas pela mais sincera que ainda falou portuguez a portuguezes. São duras de ouvir, certo, e mais ousadas de dizer ainda, porque a maior parte dos que aqui estâmos, pertencemos á classe média, porque a maxima parte dos que tomâmos interesse em cousas politicas, d'ella somos e amarganos fazer reflexões d'estas. Iamos nosso caminho com os os olhos nas summidades sociaes que desejamos occupar, e sem olhar para traz, para o povo que nos segue, que nós instigamos, que nos ajuda, e com quem somos liberaes de promessas que não podemos, que não havemos, que ninguem póde nem ha de cumprir-lhe.... Paremos em quanto é tempo, paremos que ainda é tempo. Não sejamos lisongeiros de nossa classe, divinisando-a para a perder de vaidade e orgulho. Agora que ella triumpha e vence, agora que n'ella está o poder e a força, agora é que é nobre, e generoso, e leal e de amigos falar-lhe a verdade. A coragem com que nossos avós a disseram aos reis quando os reis tudo podiam, tenhamo-la nós hoje para a dizer aos povos quando os povos são omnipotentes. Não imitemos as vergonhas dos palacios, nem as baixezas dos cortezãos; que nos não chamem aulicos populares e bobos das turbas, que lisongeamos para merecer, e divertimos para ganhar.

Assim, Senhores, já que pela exclusão forçosa, insanavel impedimento, e inhabilidade do maior numero, a camara dos deputados, a verdadeira camara *dos representantes* (segundo em mais de uma constituição escripta se lhe chama) é patrimonio da classe média, pela necessaria, inevitavel e proficua organisação da urna, não vamos tambem entregar á mesma classe o monopolio da segunda camara. Seria attribuir-nos a gerencia toda dos negocios publicos, declararmo-nos absolutos a nós mesmos, e fazer de nossa feliz e bemquista classe, uma aristocracia odiosa, e mais impopular do que nenhuma que ainda houvesse.

O que hoje quasi é a classe média para o povo, foi ao principio a aristocracia, — um protector, um abrigo, um escudo contra o poder. Foi-lhe mister luctar com os reis; e o povo a ajudou: venceu, e não tardou a abusar da victoria; de protectora e alliada tornou-se senhora, usurpou tudo, invadiu tudo, abusou de tudo. E o ciume dos reis primeiro, a inveja e o odio dos povos depois, fez justiça ao usurpador. Cahiu, como nós havemos de cahir, apedrejada da indignação popular, senão reflectirmos e nos não moderarmos a tempo. E mais facil, e mais prompto, e mais tristemente havemos de cahir. Que a nossa oligarchia ephemera é estatua de pés de barro: aquella tinha alicerces de ferro e sangue que iam até ás entranhas do paiz. E cahiu! E o fanatismo religioso, e os preconceitos antigos, e a memoria dos serviços passados, e o lustre das velhas prosapias, e a gloria e a vaidade nacional, e a historia cheia de seus nomes, e tudo rodeava de prestigios, e de força, e de auctoridade a antiga aristocracia historica. E cahiu, e ella ahi jaz por terra! E quando veiu o dia *grande e amargo*, quando o povo se ergueu, e lhe pediu contas da sua usurpação, ella invocou todos esses prestigios, falou na religião, appellou para a historia. E nada lhe valeu!

Nós se com os nossos abusos trouxermos esse dia, se fizermos a loucura de tornar obnoxia ao povo a nossa classe que elle ainda ama, que invocaremos nós no dia em que nos pedirem contas! Falaremos na historia? Mas nós ainda a não temos. Appellaremos para a gratidão dos serviços prestados? Mas quaes fizémos nós, quaes que a nosso prol não fossem?...

Vozes: Oh! Oh!

O *Orador com mais energia*. Não podemos, digo, appellar para a gratidão dos povos, porque ainda não fizemos nada a favor dos povos. Disse e provo: o povo trabalha e produz, a classe média adquire. Dir-me-hão, que a classe média fornece os officiaes aos exercitos, os juizes aos tribunaes, os legisladores ao senado, os litteratos ás academias. E' isto que dizem?...

Vozes: — Sim, sim.

O *Orador:* — Assim é: e grande serviço temos feito em verdade!! Por cada official que a classe média dá ao exercito, quantos soldados dá o povo? Marchemos contra o inimigo que está sobre as nossas fronteiras. Ahi vão batalhões apoz de batalhões. De que massa sahiram?

Trava a peleja, a fuzilaria adelgaça as fi-

leiras, a metralha varre os quadrados. Quantos morreram de espada na mão, quantos com a espingarda ao hombro? Salde-se a conta, e vejamos de que lado está a obrigação ou o serviço.

Damos Juizes aos tribunaes; mas quem lhes paga! Nós ou o povo? Damos legisladores ao senado. Mas se a rebellião ataca o senado, as bayonetas do povo é que o defendem. E o senado decreta mais tributos, e o povo paga. Que do nosso mais rigorosamente se pôde dizer que de nenhum paiz, ser o povo quem paga os tributos; porque reduzido quasi o erario a viver dos indirectos, sobre o povo vão elles pesar quasi todos.

Damos-lhes livros e doutores. Mas essa não é producção exclusiva da nossa classe: os sabios sahem de todas, e não pertencem a nenhuma. Assim elles fossem menos e melhores!

Disse pois, e nem me pejo nem me temo de o repisar: o povo devia alguma coisa á antiga aristocracia, e cuidava dever-lhe muito mais: a nós nada nos deve e nada reputa dever-nos. O povo sabe que se ha mistér bayonetas, lá lh'as vamos pedir; se é preciso dinheiro que la lh'o vamos buscar; e que por fim de contas os tributos de dinheiro e de sangue sobre elle vão cahir. E se a questão actual é méra questão de algarismos, *se nada mais do que o numero* queremos considerar, se calculam de *quantidade*, e a *qualidade* se despreza; eu desde já appello (que tambem o sei fazer...) para o povo, de uma decisão, que dando á classe média a posse exclusiva do estado, constitue uma classe absoluta e suprema, em perigo e para ruina da liberdade do povo, cujo nome se invoca para a usurpação.

Filho d'esta classe, filho que muito me honro de minha boa e nobre mãe, para mim não quero, nem para ella, a perigosa e fatal investidura com que a pretendem elevar acima dos seus interesses. Para longe essa purpura de vaidade com que a cegam, repassada, como a tunica da fabula, no sangue do centauro para abrazar o infeliz que a vestir.

Em nome do povo, e da liberdade, regeito um e outro dos methodos propostos pela maioria e pela minoria da commissão. Voto pelo methodo mixto, como o propuz, mas não duvidarei adoptar qualquer outro que combine a eleição popular com a intervenção da corôa. *(Debeis appoiados de alguns membros do Congresso.)*

NOTA PRELIMINAR DA PRIMEIRA EDIÇÃO

O discurso antecedente foi apenas e *debilmente apoiado por alguns deputados,* conforme diz a rúbrica do diario das côrtes aqui transcripta fielmente; mas fez no congresso e no público impressão viva e profunda. Considerações transcedentes, e que levam volumes ao philosopho para as desenvolver, quando tractadas oratoriamente, surprehendem mais á primeira vista do que persuadem, arrebatam melhor o espirito do que convencem o entendimento, depois vem a reflexão que as rumina lentamente, e que mais forte convicção traz: mas todas são operações que levam tempo

A notavel peroração d'este discurso, notavel por sua materia, pelas circumstancias do tempo, e porque manifestamente foi improvisada, e provocada por palavras e exclamações que no meio do discurso se dirigiram ao orador, tomou por um caminho certamente novo para ouvidos portuguezes. Talvez este seja o que leve ao verdadeiro ponto de examinar a questão da nossa epocha, questão unica e em que se refundem as outras todas: i. é «se a classe média ha de deixar de sêl-o e tomar a supremacia social que ambiciona».

O orador porém não tractou assim a questão, mas d'est'outro modo «se a classe média deve, e lhe convêm, tomar a supremacia social e absoluta a que a querem chamar».

O segundo discurso, que immediatamente vae depois d'esta nota, póde considerar-se como a explicação e desinvolvimento do primeiro. Com elle foi apresentado o plano de segunda camara reduzido a artigos, e em fórma e estylo de lei. Tudo aqui vai colligido, porque são cousas que reciprocamente se illustram umas ás outras.

Os Editores.

DISCURSO II

EM SESSÃO DE 12 DE OUTUBRO DE 1837

Não é minha tenção responder aos Srs. deputados que impugnaram o meu voto; sómente quero explical-o e desinvolvel-o, porque tanto basta para destruir suas objecções, que todas nasceram de não ser elle entendido, aliás não bem expendido por mim.

Muitos oradores provaram, ou suppozeram ter provado, as excellencias do methodo electivo; muitos provaram, ou suppozeram ter provado, as preeminencias da nomeação real. Outras opiniões appareceram tambem, as quaes justamente poderiamos chamar médias, porque manifestamente tendem a conciliar aquellas duas opiniões extremas.

É minha convicção profunda que, nas circumstancias actuaes do paiz, o melhor methodo para adoptar será o que mais opiniões concilie, e que menos inconvenientes por tanto reúna.

Até aqui quasi que não temos falado senão em theses, e ainda não foram consideradas, como deviam ser, as hypotheses do paiz. Estas foram as que eu mais consultei na coordenação do meu methodo. Hoje o trago formalmente reduzido a artigos, para se entender melhor e mais distinctamente a doutrina que eu desejára fosse consignada na constituição.

Muito me pezará, não por mim, mas por amor da minha terra, se o congresso não tomar em consideração este methodo que proponho, que é differente do methodo hespanhol, e que, em minha opinião, lhe é muito superior. É tam novo como o outro, e assim como elle, não tem por si senão as theorias dos publicistas. Mas por este methodo estão as opiniões do illustre sabio portuguez tantas vezes citado aqui, o Sr. Silvestre Pinheiro; por elle está a opinião de um estadista não suspeito, Mr. O'Connell.

E para mostrar quanto é superior a qualquer outro, basta vêr que reúne o que pelas diversas opiniões é considerado mais vantajoso em seus diversos methodos, as garantias da eleição real e as da popular, a estabilidade de vitalicio, e o movimento de temporario.

Eis aqui o que proponho, em emenda aos artigos 45 a 48 do projecto.

Formação de uma camara de senadores
que ao mesmo tempo é de pura eleição popular
e de nomeação da corôa

Art. 45.º A camara dos senadores é composta de membros nomeados pelo rei, e escolhidos pelo povo.

§ 1.º O rei só poderá nomear senadores d'entre os cidadães apurados nas listas a que préviamente se ha de proceder, na conformidade, e pelo modo que a lei designar.

§ 2.º D'entre os cidadãos assim nomeados serão eleitos do mesmo modo, e pelos mesmos eleitores que tem voto na eleição dos deputados, os senadores que devem servir em cada legislatura.

Art. 46.º A camara dos senadores tem a mesma duração que a camara dos deputados.

Art. 47.º A camara dos senadores será egual a dous terços do numero da camara dos deputados.

Art. 48.º O rei poderá nomear senadores sem numero fixo; mas nunca poderá nomear menos do sextuplo do numero que é necessario para servir em cada legislatura.

Art. 49.º Para qualquer ser apurado nas listas de que trata o § 1.º do artigo 45.º é preciso ter de renda annual dous contos e quatrocentos mil réis, provados pelo recibo da decima, ou de qualquer outro imposto directo, ou por ordenados de empregos inamoviveis, ou por ambas as cousas.

Art. 50.º Não poderá tomar assento na camara dos senadores o que não tiver completado trinta e cinco annos de edade.

Por este modo tem a corôa a regalia de escolher, isto é, de propor o senador; e uma vez nomeado, fica elle independente da corôa, porém dependente do voto do povo. E tanto maior será a liberdade da votação, quanto mais largo for o throno em suas concessões. A combinação do principio democratico com o monarchico é que fórma a verdadeira monarchia representativa, combinação que assim fica mais solida no meu methodo. A nomeação do rei não dá ao nomeado senão o direito de se considerar habilitado a entrar na eleição do senado. O mais é do povo; o povo é o juiz do seu procedimento; o povo póde retirar-lhe sua confiança, ou continual-a com a re-eleição aos que a tiverem merecido. Não fica assim a camara dos senadores com privilegios exclusivos. Pelo meu methodo, dissolvida a camara dos deputados, tambem se dissolve a dos senadores. O que se legislar para os membros da camara dos deputados que acceitam empregos, póde ser applicado aos senadores. A appellação para o povo, que desejo que n'este caso se dê, porque será uma garantia para elle, e uma fiança da indepen-

dencia de seus representantes, póde egualmente dar-se a respeito dos senadores.

O estabelecer-se um censo, por baixo ou alto que seja, uma vez que se não estabeleça a prova do censo, são palavras vãs e nullas, que se illudem todos os dias. Não ha coisa tam facil como dizer: *eu sou senhor d'uma casa de tantos mil cruzados*. Se não estabelecerem o meio de provar essa propriedade, quem quer o póde dizer.

Por mim, se consultasse só o meu desejo e opinião particular, não quereria que os ordenados entrassem em conta para o censo. Mas pouca gente é do meu voto em Portugal: e verdade seja que, levando-se em conta os ordenados de empregos perpetuos, muitos servidores publicos de grande influencia e mérito, militares carregados de serviços, magistrados envelhecidos debaixo da toga poderão assim, apezar da fortuna, vir ennobrecer as cadeiras do senado. Por transigir com estas considerações graves, fiz este artigo 49; e com elle quizera substituir todos os onze de categorias que estão no projecto da commissão, cujo maior inconveniente ha-de ser a discussão d'ellas, aqui dentro. Quando tivermos de comparar os differentes ramos de serviço e suas varias graduações, entramos n'um dedalo de difficuldades, de questões odiosas, que eu estimaria não viessem ás côrtes durante a discussão da lei constitucional. (*Continuou lendo*). Não menos era meu desejo que a edade fôsse de quarenta a quarenta e cinco annos, por muitas razões, até por algumas d'aquellas qne se não dizem: mas estimarei muito que a commissão que examinar o meu projecto, proponha as modificações que mais agradem.

Tenho feito todas as diligencias por expôr claramente este methodo, cujo principal fim é a conciliação das opiniões que estão discordantes. Se o fizermos, a lei constitucional do Estado não sahirá d'aqui votada por uma maioria muito pequena; nem desde logo levará comsigo o descredito da sua votação, que já lhe diminuirá o apoio fóra e dentro do congresso: por quanto, Sr. Presidente, as opiniões lá fóra estão muitissimo divididas, e tam divididas como aqui: ha grande numero de cidadãos persuadidos da conveniencia do methodo electivo, e outro grande numero da conveniencia do methodo contrario. Se o congresso, pois, votar uma opinião média, ha todas as probabilidades de que ella ha-de reunir os votos dos Portuguezes. Peço tambem aos Srs. deputados que bem comparem este methodo com o hespanhol. N'aquelle tem o povo de eleger tres, e a corôa d'estes escolher um. Claro está que dois de cada terno ficam de fóra; e estes são outros tantos inimigos do systema que os exclue, e dos preferidos que os supplantaram. Se a camara dos senadores fôr composta de cincoenta membros, cem ficam sendo os inimigos. Tal não acontecerá no meu systema: o cidadão apontado pela corôa não tem mais do que bem merecer da opinião publica, e esperar que pelos seus actos, mais dia ou menos dia, seja chamado pelo povo á camara dos senadores. Por consequencia em logar de inimigos faremos amigos.

Tem-se dito que a maior garantia que se póde dar ao povo é a temporalidade da camara dos senadores; mas querem dar-lhe duração maior que á dos deputados. Ora pelo meu methodo mais segura fica essa garantia; a urna é mais vezes consultada; quando se dissolver a camara dos deputados, dissolvida é a dos senadores; acabada a legislatura d'aquella, acabará a d'esta tambem.

Finalmente, Senhores, quando mais não valha e mereça, não é isto coisa para ser rejeitada sem exame. Não a desconsiderem por minha, que o não é, senão de maiores engenhos e de mais lidadas experiencias.

Tenho concluido; e se me não illude a boa vontade, satisfeito aos desejos de ser breve e claro. Permitta-se-me terminar agora com duas palavras de resposta a uma arguição infundada e inconsiderada que aqui me foi feita. Eu creio na urna eleitoral do mesmo modo que crêem os Srs. deputados, mas o que não creio é na absoluta impeccabilidade d'ella. Seria acreditar um desproposito; e capaz de qualquer outra coisa serei eu, mas de despropositos, graças a Deus, cuido que não sou. Não disse nunca, tam pouco, que se não devia dar a maior latitude possivel aos interêsses da classe média: esse é o meu desejo, porque lhe pertenço, e tenho muita honra em lhe pertencer. Mas não vejo os seus interêsses onde os illustres deputados querem vêl-os. Contento-me com menos; quizera que ella se contentasse egualmente. Receio, e com fundamento, que no dia do seu triumpho, céga por elle, a minha classe vá apoz d'esses phantasmas com que a illudem, imite os erros da aristocracia, e se perca como ella se perdeu.

NOTAS DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Nota (*a*)

«Virtuosos Girondinos, não poupados nem do *Posthumo* sarcasmo de um historiador contemporaneo, d'esse *Erasmo politico* que fez o panegyrico da corrupção de Mirabeau.»

Todos sabem que Erasmo fez o elogio da loucura; e a expressão de *Erasmo politico* applicada a Mr. Thiers pelo elogio que faz da corrupção de Mirabeau na sua historia da revolução franceza, é talvez indulgente ou comprimenteira de mais: por ventura a pedia a urbanidade da tribuna, já que se tractava de tamanho talento, e não menos poderoso na eloquencia que na historia.

Cumpre só aqui notar que Mr. Thiers foi do *grande movimento*, e como todos os da sua marcha accelerada, parou logo: acaso por que chega cedo de mais, quem anda com pressa de mais. *(Do A.)*

Nota (*b*)

«Renuncío até ao direito de me queixar, que minha só é a culpa do que eu só, e bem sabendo o que fazia, me preparei »

Parece que adivinhava quando proferi estas palavras; ainda o exordio do discurso não acabava de ser pronunciado, já havia muitos escandalizados, apesar da nenhuma applicação pessoal que os vagos dizeres d'elle tinham tido.

Depois de concluido o discurso, ouví muita cousa desagradavel, que escutei com resignação e paciencia, porque d'antemão me tinha prevenido para ficar fiel ao compromettimento de minhas palavras.

Dos dicterios ridiculos dos jornaes honrei-me, em vez de me offender. E a minha pena é que me esquecem as semsaborias que elles dizem contra a gente, e que ás vezes por semsaboronas, têem graça e fazem rir.

Recordo-me de duas calumnias muito galantes com que me brindaram os jornaes de certa epocha; apenas cheguei a Portugal e tomei ostensivamente minha parte pequena na opposição em que sempre estive ao partido que agora se quer chamar da Carta.

Uma era sendo Encarregado de Negocios de Portugal em Bruxellas, me intitulára alli não sei se barão ou conde, ou talvez duque. — Os coitadinhos não sabem (quem lh'o havia de ensinar?) que um agente diplomatico leva na sua credencial os nomes, cargos, honras, titulos e condecorações todas que tem; e que é assim o *unico viajante* ou estrangeiro que *não pode absolutamente* intitular-se nem um ápice mais do que é na sua terra.

A outra calumnia não tem menos graça: era que, não sei porque nem para que, eu fizera contrabando; ignorava tambem a pobre gente, que um chefe de missão em toda a parte tem as alfandegas livres para entrarem e sahirem todas quantas cousas elle declarar serem para seu uso ou serviço. Muito se abusa d'esta regalia pelos que *sabem* e querem e têem ligações com as praças e negociantes. Eu quando emigrado pela liberdade, e que não quiz ser, como outros, pesado a ninguem, fui ser caixeiro de uma casa de commercio, onde só aprendi a trabalhar e ganhar o meu sustento com o suor do meu rosto. Padeci muito, mas não apprendi nada. Tenho muita honra de o haver feito. E oxalá que outros fizessem outro tanto. Mas creio que não *precisam*.

O caso é que se os nossos libellistas não fossem tam ignorantes, inventavam com mais similhança de probabilidade. Mas tambem é certo que não tinham tanta graça.

Ponho esta nota porque o exigem de mim, mas vai contra minha vontade, que entendo inutil fazer caso de calumnias, principalmente das que são ridiculas. Tambem querem que declare que pela administração do Marquez de Saldanha fui promovido, de Encarregado de Negocios que era em Bruxellas, a Ministro de S. M. em Copenhague, com mais dous mil cruzados de ordenado, que eu não quiz acceitar. Declaro, porque é verdade; mas não me convenço de que, valha a pena estar a incommodar o público com os negocios particulares de cada um.

A mim aborrece-me isso tanto, que até rara vez puz o meu nome em tantos opusculos e escrevinhaduras com que por meus peccados, tenho fatigado o público. *(Do A.)*

Nota (*c*)

«Votámos pois o que não podiamos deixar de votar.»

Hade parecer incrivel que no anno de 1837 fosse necessario tudo isto para se auctorisar a instituição de uma segunda camara. Mas tambem não é menos notavel que as côrtes constituintes de 1822, rebuçando a segunda camara, ou camara revisora, debaixo d'este nome de conselho d'Estado, a não quizeram formada por *simples eleição*, mas deram á corôa justa intervenção na escolha dos seus membros. *(Dos Ed.)*

Nota (*d*)

«Eram hereditarios sem haver que herdar ou testar.»

Esta foi sem duvida a causa verdadeira da impossibilidade da Carta *tal qual era*. Foi feita para uma hypothese que já não existia, e a si imputem a impossibilidade os que tam despropositadamente alteraram o modo de existir do paiz. *(Dos Ed.)*

Nota (*e*)

«Os fundamentos com que estabelece a primeira impossibilidade, são os mesmos que dá para a segunda »

Veja o *Contracto social* em que está bem claramente exposto. *(Dos Ed.)*

Nota (*f*)

«De sôbre o altar mór do Domo de Milão tomou por suas mãos a corôa de ferro dos Lombardos.»

N'esta acção memoravel Bonaparte disse todo o pensamento do despotismo: a hypocrisia ficou para a sagração de Paris. *(Do A.)*

Nota (*g*)

«Se a nossa antiga camara dos pares houvera sido formada com estas restricções, outro teria ella sido.»

Talvez que uma boa lei de categorias em 1834 tivesse salvado a camara dos pares. O ministerio d'então e seus adherentes, que a não queriam, deram com isso mais uma enxadada na cova da carta que elles sós abriram— fosse quem fosse o amortalhador. *(Do A.)*

Nota (*h*)

«Pois foi pela urna, foi pela sujeição d'ella a um partido que nos vieram todas essas calamidades.»

Depois da restauração do governo representativo em Portugal, temos tido, em duas epochas differen-

tes, as nossas côrtes compostas de uma camara electiva e outra hereditaria: e se quizermos ser justos, havemos de confessar que a camara de origem popular é a que sempre mostrou maior subserviencia ao podêr. Nem só de nós podêmos dizel-o que os trezentos de Mr. de Villelle são proverbiaes em França. Que diremos das maiorias da camara dos communs em Inglaterra?

Demais, ninguem, por hospede que seja na prática do governo constitucional, póde ignorar que onde a camara dos deputados fôr independente, e zelar a liberdade e a fazenda do povo, não ha *camara alta* que lhe possa resistir: e que, vice versa, onde a camara dos deputados fôr corrupta e servíl, não ha tambem camara de pares ou senadores, *por mais electiva e temporaria que seja*, que possa accudir á liberdade. (*Do A.*)

NOTA (*i*)

«Que póde esperar-se, como mediadora, de uma camara que, ou absolutamente seja de origem popular, ou absolutamente de origem real?»

A theoria mais prevalescente entre todos os publicistas, é que a segunda camara deve estar como arbitro entre a corôa e a representação popular. Se não é justo nem conveniente que os arbitros sejam nomeados por uma só das partes, como o será que o sejam somente pela outra? (*Do A.*)

NOTA (*k*)

«Contra sua vontade e tendencias todas, contra suas sympathias e habitos e interesses.»

Um dos maiores absurdos, mais illiberaes e que repugnam mais a Portugal, é impor-se-lhe como opinião sua o que não é (se o é) senão a opinião de alguns habitantes da capital.

Com justiça e com verdade disse o orador, a este respeito, que não estavamos em Roma ou Sparta, onde o povo das capitaes era o livre e o senhor, e o das provincias escravo.

Não queremos d'essa liberdade; e guardem-n'a os republicanos para si, que de bom grado lh'a renunciamos. (*Dos Ed.*)

NOTA (*l*)

«Methodo mixto...que de seu nome é chamado o methodo O'Connell.»

Tem-se dito que este methodo era excellente, mas só possivel em Inglaterra. Este é um d'aquelles obloquios vulgares que passam de bocca em bocca sem ninguem os examinar, e que por fim usurpam o logar de cousa sabida e provada, sem ninguem o saber nem ter provado. No curto espaço de uma nota, não posso mais que protestar contra a falsidade da asserção; compromettendo-me, se cumprir e aproveitar para alguma cousa, demonstrar cabalmente a plena e perfeita possibilidade d'este methodo em Portugal, unico só que póde restituir-nos a paz e harmonia entre a familia portugueza. (*Do A.*)

NOTA (*m*)

«Os inconvenientes achados n'elle ainda não foram achados no outro.»

Que nós viemos em uma epocha de transição e ensaios, é infelizmente verdade. Mas tambem parece que o devia ser, que depois de feita por outros povos uma experiencia mal succedida e desastrosa, não deviamos nós, por teima de systema, ir recomeçar a mesma experiencia sem nenhuma esperança de bom resultado. Inda mal que a historia serve de tam pouco até para os que a sabem, quanto mais os que tudo ignoram, e de tudo presumem entender. Não ha remedio senão aprendermos á nossa custa, e deixar desenganar os povos a suas expensas. (*Do A.*)

NOTA (*n*)

«Mas qual seja o methodo de ser mais livre ou mais feliz, nem ainda se assentou, nem o viu ainda ninguem tam claro.»

Os judeus matavam quem não se queria circumcidar, os mahometanos quem não abraçava o alcorão, a inquisição a quem não resava em Latim ou não comia toucinho, os fanaticos de Cromwell a quem não cria em suas inspirações, os jacobinos de Paris a quem não professava a republica uma e indivisivel: todos elles achavam *o seu* modo de ser mais livre ou mais feliz, porque todos davam por provados os seus principios. As nossas theorias hoje são as mesmas: valha-nos ao menos que a prática é um tanto mais suave. (*Dos Ed.*)

NOTA (*o*)

«Concebe-se um tanto a egualdade d'este modo.»

Um dos males que affligem os Estados-Unidos da America é a escravatura; mas por seus mais abalisados publicistas está confessado que o dia em que ella acabar, será o derradeiro da republica (*Dos Ed.*)

DISCUSSÃO DA RESPOSTA AO DISCURSO DA COROA

Discurso proferido na Camara dos Deputados na Sessão de 8 de Fevereiro de 1840

A discussão vai larga e degenerada, já principia a cansar a camara, e ha muito que enfastiou a nação. E comtudo, eu espero d'ella um grande fructo, uma utilidade immensa, inapreciavel, com que não só a Camara mas toda a Nação ha de ganhar muito: — a prova indirecta, o testemunho irrefragavel, a convicção unanime de que não era este o modo, de que não era certamente este o estylo de discutir a resposta a um discurso da corôa.

A discussão vai degenerada, digo; porque solemne e gravemente começada sobre o primeiro paragrapho do projecto, e parecendo querer estender-se á amplissima generalidade d'elle, affectando entrar n'esse vasto, importante e immenso assumpto, toda desandou, em viciosissimo circulo, á roda de uma palavra; para se contrahir, por fim, no mais pequeno dos objectos, no mais insignificante, no mais baixo: o das accusações e recriminações pessoaes, o das injurias, dos convicios, dos apodos; palavras que deveriam riscar-se do diccionario, de todas as linguas que têem a honra de ser faladas em um parlamento.

Nada tamanho e tam augusto como este primeiro acto de communhão em sentimentos e vontade, que annualmente se celebra entre o Povo e o Soberano! Esta primeira e solemne consultação em que o chefe da nação por sua bocca, a nação pela de seus representantes, mutuamente se vém saudar ao Fóro da Liberdade, e, postos em commum as suas observações, os seus pensamentos, os seus projectos, os seus meios, pausados accordam no mais seguro e efficaz para se promover a felicidade da republica!

Nada tamanho, Senhores, nada tam sublime! — E nada tam pequeno, nada tam mesquinho, nada tam miseravel, tam indigno d'esta Camara como a maneira por que o estamos celebrando!

Ainda mal! é verdade: é triste verdade que, junto com poucos argumentos, os dicterios, sós, os vituperios sós parecem querer usurpar o logar de todas as reflexões, substituir-se a todas as razões, darem-se por motivos sufficientes de tudo, e negar-se tudo, provar-se tudo com elles! — A que triste campo nos trazem a pelejar!

E todavia, Senhores, eu venho a elle... venho, forçado, violentado, a despeito meu: porque já não basta o silencio do desprezo quando se vê a vaidade presumpçosa interpretál o por confissão ou fraqueza. Venho a esse campo para que me emprazaram obrigado, — não a luctar com as mesmas armas (tenho vergonha, tenho nojo d'ellas!) mas a repellir honesta, leal e cortezmente, mas fortemente os golpes atraiçoados com que quizeram ferir aos meus amigos do centro no que elles e eu temos mais caro e precioso, a nossa lealdade, a nossa constancia politica, a invariabilidade dos nossos principios, a nossa inalteravel e inabalavel adhesão á liberdade constitucional, á monarchia representativa, pela qual uns a fazenda, outros a saude temos sacrificado, não poucos exposto a vida muitas vezes.

E' verdade: todas essas galés de injurias, navegadas de toda a parte do mundo, vieram descarregar se a um imaginario porto Pyreu, onde, sonhando os agradaveis sonhos da loucura ambiciosa e da cobiça phrenetica, nos suppozeram a estes poucos homens do centro que, por poucos, por moderados, por guardadores de todas as fórmas, deviam ter merecido mais alguma d'aquella civilidade e consideração com que a todos acatam, renunciando tantas vezes até a despicar-se das offensas, até a desaffrontar-se dos aggravos com que a todo o instante são provocados.

Seja-me testemunha a camara, receba me a nação o protesto de coacção e violencia com que hoje venho falar, forçado pelos gratuitos calumniadores d'este nosso centro a que tenho a honra de pertencer, a que pertenci sempre, a que sempre heide pertencer, e do qual me não arredarão, nem para um extremo nem para outro, ou injurias impotentes ou affagos hypocritas: — que ambas as coisas têem commigo e com os meus amigos o mesmo poder, a mesma força.

Foi principio d'esta questão uma palavra que tantas repugnancias excita, e com rasão: a palavra é eminentemente *ordeira*. Nós a declaramos tal, nós a professamos e confessamos. A palavra *cooperar*. Palavra *ordeira*, digo, palavra do centro, palavra altamente parlamentar e liberal, tam equidistante do servilismo faccioso que em tudo consente e em todos confia, como do accinte faccioso e desordeiro que a todos suspeita e tudo impugna sem exame. Facciosos, sim; que tam faccioso é o vil que se sujeita a tudo como o anarchista que nada quer. No meio d'estes dois extremos estão os que *cooperam;* n'esse meio estamos nós e queremos estar; porque nós queremos *cooperar* na causa da pa-

tria, e não queremos, nem para nós nem para ninguem, o privilegio absurdo de seus *operarios* exclusivos. É eminentemente *ordeira* esta palavra *cooperar;* n'ella todo está symbolisado o systema da ordem, a doutrina, os principios dos que muito se honram e comprazem n'esse nome de *Ordeiros* com que foram saudados por escarneo! Por mofa nol-o deram; nós recebemol-o como titulo insigne e nos gloriamos n'elle.

Cooperar é a nossa palavra sagrada; nós a defendemos e sustentamos; é o *Verbo* da Doutrina e da *Ordem* que encarnou entre nós e que habitou commosco.

Grande é com effeito o poder d'essas palavras que em si resumem todo um systema, um universo de idéas e pensamentos, o dogma de toda uma crença! Tal é a *Ordem*. Magico chamaram a esse poder; santo lhe chamo eu, divino, omnipotente.

Do nada sahiu este mundo em que vivemos, da immensidão da Sabedoria eterna a ordem que o formou e o rege. O *Fiat* da Omnipotencia foi a ordem que entrou no cahos, que dividiu os elementos, que separou a luz das trevas, o dia da noite, e compoz emfim este bello universo, tam bello na ordem regular para que nos creou a Providencia, como era horroroso e feio antes d'essa ordem, como será espantoso e medonho quando a ordem se quebrar, quando retirada a mão de Sabedoria moderadora, voltar a anarchia dos elementos para destruir o mundo.

Assim a omnipotencia da Liberdade creou o grandioso universo do systema representativo, e o seu *Fiat* foi *Ordem*. Ordem para todos os elementos que reluctavam no cahos da decrepita sociedade que acabou, no cahos da nova sociedade que ainda se não organisou. É tremenda, é sagrada esta palavra *Ordem*. Razão tem para se agitar o cahos, para se intumescerem as trevas, para se exacerbar a discordia terrivel dos elementos; porque, á palavra Ordem, cada um vae occupar o seu logar, só o seu logar natural, separado mas com nexo, unido mas sem confusão, com vida *normal* e regrada, mas sem essa existencia febricitante em que tanto se comprazem as organisações imperfeitas, porque só n'ellas podem ter um arremêdo de vida.

Ordem, Senhores, ordem, repito, é o *Fiat* da Liberdade: a luz vae separar-se das trevas, o mal do bem, a monarchia do despotismo, a egualdade civil da demagogia, a religião do fanatismo; e a Liberdade creadora ha de olhar para a sua obra, e ver que *ella está boa*.

E não ha de ser grande o podêr da ordem! Não ha de elle ser immenso em Portugal, entre este povo que só n'ella espera e confia, quanto as facções esbravejam e blasphemam, só de ouvil-a? Se o povo não tem outras esperanças de vida, se as facções bem sabem que não morrem d'outra morte! Assim, a cada triumpho da ordem, assim a cada applauso da Nação, fervem as maldições dos moribundos impenitentes que estrugem os ares para ver se ainda, no ultimo arranco, pódem confundir a opinião publica e desoppressar o peito do pêso immenso com que ella lh'o carrega.

Não que, em o Povo conhecendo bem a liberdade, em o Povo ouvindo e conhecendo a ordem, ha de ver, ha de conhecer que uma é impossivel sem a outra... e as facções hão de abdicar, e a Nação ha de reinar pelos seus Reis, e fazer leis pela sua Razão.—Que calamidade! Que dia de Juizo!

Depois da destruição de uma grande epocha, sôbre as ruinas de uma monarchia velha, decrepita, incompativel, impossivel, creou-se a monarchia nova, a fórma governamental d'este seculo em que vivemos, graças a Deus!—o *ultimatum* da civilisação moderna.

Mas a antiga civilisação, que se retira, ainda tinha um poderoso exercito; a sua retaguarda de veterenos cansados e velhos, mas não covardes, ainda se encontra com a vanguarda da nossa. N'aquelles só ha já a reminiscencia da antiga disciplina, estes são guerrilhas sem ella; a estrada está coberta dos abatizes do despotismo, das incompletas e improvisadas fabricações da Liberdade Como não ha de ser perpétua, ignobil, desleal e desnaturada a guerra? Quem fará possivel e decisiva a victoria? Quem (e isso mais importa ainda), quem fará possivel a paz depois da victoria? — Quem? A *ordem*. A ordem, que a essas guerrilhas dispersas e indisciplinadas, faceis de ser derrotadas por quaesquer seis granadeiros velhos que sabem obedecer á voz do commando, as enfileira em linhas regulares, as fórma em quadrados impenetraveis em cujos ouriços de baionetas vêem espetar se e despedaçar-se cavallos e cavalleiros; que d'essas turbas, fracas de seu proprio valor individual, faz aquelles exercitos fortes que na guerra da independencia defenderam a nossa e a da Europa, que em nossas ultimas lides de liberdade nos reconquistaram quanta temos: — aquelles exercitos que, se o Imperador D. Pedro, se os verdadeiros liberaes não tivessem ouvido, não tivessem obedecido á palavra *ordem*, nunca se teriam formado, nunca teriam vencido; e Portugal seria ainda hoje um cahos em que a civilisação velha luctaria com a nova; e os amigos da liberdade dispersos, desunidos, n'uma mão a espada para luctar com o ini-

migo commum, n'outra o punhal das discordias civis para se dilacerarem uns aos outros, fracos em a sua fôrça, inermes no meio das armas, seriam tristemente vencidos, anniquilados pelo despotismo, esse cadaver da ordem, esse esqueleto que tem as suas proporções, não as suas fórmas... O esqueleto, disse? Não: a sombra, o phanthasma da ordem: porque morta, consumida deve ella de estar onde póde surgir o despotismo.

Sabe pois já o Povo Portuguez todo o valor da ordem; sabe que a ella deve os seus triumphos, a ella o premio de suas fadigas, a corôa de todas as suas victorias. Ouvil-a é salvar-se, seguil-a é vencer. E por isso fazem tanto alarido as facções para que elle a não oiça, tanto o desatinam para que elle a não siga. Mas o Povo não ha de ser enganado; confio certo que o não hade ser, e por uma razão muito simples; porque já o tem sido muita vez, por que já sabe, com amarga experiencia, em que miserias, em que desgraças vae sepultar-se, em que abysmos se tem precipitado sempre quando, transviado do caminho da ordem, se deixa fascinar de falsos conductores, e segue as despenhadas veredas das facções.

E não confundamos facções com partidos; d'estes não ha senão dous em Portugal que mereçam com verdade esse nome. Um é o da monarchia velha, outro o da monarchia nova. Tudo o mais são divisões imaginarias e de capricho, sem limites naturaes nem principios conhecidos. Aquelles dous partidos respeito eu egualmente, a ambos tenho por sinceros e convencidos do que professam, em ambos ha lealdade e virtudes, em ambos conheço homens de bem, em ambos póde haver illudidos, mas ha de certo muita gente honrada e honesta. A um d'estes dous partidos pertenci sempre desde que abri os olhos da razão; ao outro combati sempre quasi antes que a tivesse, quasi por instincto do coração mais precoce que o raciocinar do entendimento.

Mas, por detraz d'estes dois partidos sinceros e consistentes, ha duas facções mentirosas, inintelligiveis, confusas, embusteiras e calumniadoras, descomposto aggregado de verdadeiros *duendes politicos*, dos sophysmadores de todos os principios, de todos esses *fidalgotes d'aldeia* que, por qualquer titulo, até pelo de bastardia, se querem apparentar com uma das duas nobres familias de partidos que já descrevi—muitos até com ambas. O empenho d'estas duas facções, ás vezes oppostas, ás vezes unidas, é illudir, enganar, confundir, enredar todas as questões que ou entre os dous partidos se levantam, ou se suscitam no seio mesmo de cada um d'elles, fazendo tal alarido de desordem que as questões se não entendam, que os pontos de dúvida se não esclareçam, e que, em vez de se decidirem com o raciocinio os objectos de discordia, a discordia desça ás ruas, arme os braços, e atropelle, em sanguinosas luctas civis, o que nem se conhece a miudo se foi ou devia ser objecto de questão. São como esses phantasmas que projecta na sombra o clarão enganador da lanterna magica; nenhuma realidade têem, mas imitam espantosamente a verdade que desfiguram.

Uma d'estas facções manobra por traz do partido da monarchia antiga; esta é a facção dos hypocritas, dos tartufos que aos leaes Portuguezes da antiga crença pregam que a Liberdade é incompativel com a Monarchia: que a Religião e a Egreja forçosamente hão de vir a ser destruidas em um paiz que se reja por instituições livres; que todos os Constitucionaes são inimigos do Throno e do Altar, que a Liberdade é uma blasphemia, e a egualdade civil a anarchia. E este falso credo finge professar o leigo cubiçoso e o sacerdote immoral, prostrados de dia deante do Altar do Deus de verdade, estirados de noite nas palestras de obscenas crapulas e devassas orgias.

E estes, invocando o Nome de Jesu-Christo, do Filho do Homem que primeiro proclamou a verdadeira liberdade entre os homens; estes, em nome da primeira, da unica Religião que fez um dogma da egualdade da especie humana; estes que não entendem nem querem (não a querem, digo eu!) a monarchia senão para escrava e ministra de suas oligarchias, estes cegam e desvairam o velho partido Realista; estes o fizeram instrumento de crimes e o deshonraram: e mancharam tanto nome illustre, envileceram tanta nobreza, e deturparam tanta página gloriosa de nossa historia; e, especulando sobre os mais nobres sentimentos do antigo coração portuguez, com a Legitimidade conseguiram a usurpação, pela lealdade chegaram á traição, em nome da Realeza instituiram um verdadeiro tribunato, e com seu falso e mentiroso Christianismo iam quasi reduzindo a Egreja Portugueza a uma bestial congregação de atheus, de indifferentistas e de hypocritas.

Esses bem clamam contra a Ordem que os desmascára, bem querem ligar-se com os nossos anarchistas que os ajudam a mentir!

Nem de caracteres menos falsos ou menos ignobeis é formada a outra facção encoberta de traz do partido da Monarchia nova, do nosso partido liberal, constitucional, que do mesmo modo pretende illudir e confundir. Tambem esta, á similhança d'aquell'outra, apenas em suas trevas refracta a luz alterada

de nossos principios em que não crê, cujos raios directos não póde supportar, e precisa quebral-os assim para que a não patentêem van, falsa e nulla de todo bem, como é.

Estes (não os constitucionaes de nenhuma côr, de nenhum matiz de côr) estes são os que tumultuam o povo com as suas prégações anarchicas de que a Realeza é uma instituição absurda e incompativel com a liberdade, de que a Religião de Christo favorece o despotismo, de que as classes do Estado devem estar em guerra umas com as outras, de que o freio das leis é insupportavel e tyrannico, de que as distincções civis se oppõem á egualdade civil, de que a auctoridade pública é necessariamente oppressora e inimiga do Povo, de que para gosar da liberdade é preciso estar em continuo *movimento*, não obedecer senão á propria vontade, usurpar todos os direitos, negar as obrigações todas.

E como não hão de estes taes, como não hão de suas fascinadas victimas proclamar inimigos da liberdade quantos falam em ordem ou querem ordem?

D'estas facções despreziveis e malevolas bem sei que não ha aqui representantes; sinceramente o digo que não conheço dentro d'este recinto quem acceitasse a missão infame e odiosa de representar tam abominaveis facções, de ser procurador de pretenções tam absurdas quanto perniciosas á mesma causa do Povo que todos jurámos defender. Mas receio dos illudidos, dos enganados, dos que, nas melhores e mais rectas intenções, podem ser instrumento de paixões e cubiças alheias que, se as chegarem a conhecer, tanto hão de repugnar á sua cabeça e amargar a seu coração.

Não, Senhores, não: aqui só um dos dois partidos verdadeiros está representado; o da monarchia nova constitucional, a que todos pertencemos sem distincção, e apezar das leves differenças de fórma que cada um possa querer na applicação de principios que a todos nos são communs.

Não tem orgãos aqui o outro partido; não reconheceu ainda esta arena que a todos os luctadores sinceros está patente, este campo de honra que a todo o justador leal está aberto, cujos mantenedores são a Justiça e a Tolerancia, unico juiz a Opinião publica. Que se desenganem, que venham, que appareçam com os seus montantes de Ourique, com suas espadas de Aljubarrota, com seus arcabuzes de Montes Claros! Venham. São Quinas Portuguezas verdadeiras as que tremulam n'esse pendão branco, como as que reluzem em nosso estandarte branco azul. Venham, e lavemos juntos, nas lagrimas do arrependimento, as nodoas de sangue com que as facções nos fizeram manchar uma e outra bandeira. As criminosas são ellas, os remorsos sejam para ellas; os partidos são innocentes: consciencia livre para ambos, paz entre todos, que são Portuguezes e irmãos.

As facções não têem aqui orgão; todos somos de um partido. Mas, quanto não é para se lamentar profuudamente que a tal ponto tenham as facções confundido as coisas mais simplices, sophysmado os principios mais claros, que até aqui cheguem echos de suas desvairadas e irracionaes pretenções— e transmittidos por labios, aliás honestos, que eu supponho verdadeiros mas illudidos, mas que repetem as fatuas aberrações de um cerebro confundido, enredado no labyrintho que á volta de toda a gente de bem formam essas facções perversas para a desorientar e perder!

Illudidos!... Sim, sois illudidos vós todos os que, desejando o bem, fazeis tanto mal; vós que, abdicando a razão que Deus vos deu para guia de vossas acções,—o entendimento, a vontade, as palavras, as opiniões, tudo sujeitaes ao capricho de uma van, de uma falsa e morredoura popularidade; que cerrais os ouvidos á voz da consciencia, quando ella vos brada: *É falso!* e, conhecendo o erro das turbas, sem coração nem piedade, bradais ás turbas: *Têem razão!*

Sim, sois illudidos: e quem n'estes vinte annos de oscillação o não tem sido? Todos o fomos, a todos nos têem enganado as facções; todos, cuidando prégar as nossas doutrinas, temos sido prégadores de falsa lei; todos, cuidando trabalhar em nossa lavoura, todos temos grangeado a fazenda alheia; uns pelo Povo, outros pelo Rei, todos lidando em vão na nossa causa, todos obedecendo, sem o sabermos, aos motores encobertos que nos dirigem, que zombam de nossas fadigas, e se divertem com estes movimentos de manequim em que nós sós nos affadigamos, e elles sós approveitam. *Sic vos non vobis.*

Temos, temos todos, mais ou menos, abraçado a nuvem por Juno; todos nos temos enganado com a *especie do bem*, todos erramos: porque o não confessaremos todos?

Porque as facções não querem, porque as facções nos aturdem os ouvidos, nos azoinam as cabeças, nos espicaçam o coração, nos alvoroçam o amor proprio: e excitando em nós quanto tem de ignobil, de pequeno e de vil a nossa pobre natureza, de seus immundos vapores toldam o fraco lume da Razão divina que em nós está.

É assim, é; porque as facções não querem que se discutam as questões, não querem que nós saibamos o que queremos. Querem nos, a todos, n'este vacuo escuro e de sempiterno horror em que tudo é desordem e confusão, em que ninguem a si mes-

mo se percebe, em que uns bradamos contra os outros sem saber o quê nem porque bradamos, e luctando nas trevas, degladiando-nos na escuridão, por fim nos destruamos uns aos outros, raça fadada de Cadmo—porque só n'essa desordem e açougaria póde caber o momentaneo reinado das facções — só n'esse momento em que não ha governo possivel, de nenhuma fórma, de nenhuma côr, de nenhum principio.

Portanto, venha de que lado vier, seja qual fôr o principio, a ideia politica a que a ordem queira dar consistencia, organisando a sociedade, toda a facção contra ella se alevanta. Nada ha louvavel, nada ha desculpavel em quem uma vez falou em ordem. É a tunica do Centauro que o lambe de chammas, e o devora de angustias. Tenha perdido a mocidade e a saude sobre os livros,—fica ignorante. Desempenhasse honrada e zelosamente os cargos da republica; —é um pecculador, um Verres. Fosse bom pae, bom filho, bom esposo, cidadão util, christão temente a Deus.—A um vão lhe desenterrar os cadaveres dos paes, e com os ossos carcomidos dos seus o apedrejam; a outro, vão lhe devassar nos peccados da sua gente para lh'os lançar á cara como crime e affronta propria.—Perdesse, um a um, na defeza da patria os membros mutilados—resuscitar-lh'os hão de escarneo, e o motejarão por seus gloriosos deffeitos. Sente-se á direita ou á esquerda, tenha sido sempre leal aos seus amigos politicos, e mais ainda aos seus principios politicos; não ha fraternidade de opiniões, não ha vinculos de amizade. Falou em ordem? Morra por ella. Não ha epithetos injuriosos, não ha alcunhas chocarreiras, não ha vituperios que não mereça: é um monstro, é um traidor, um insignificante, um *fidalgote* de aldêa que se quer *aparentar com as familias da côrte.*—Que miseria!

Que miseria na verdade! Quando e como nos quizemos nós apparentar com essas familias *illustres*? E quaes são ellas, e aonde estão ellas, essas familias illustres?

Vae em quatro annos que os mais moços na vida parlamentar aqui estâmos sentados em nosso canto: quando procurámos a vossa alliança politica, homens dos extremos? Seria impugnando sempre vossas erradas doutrinas, seria combatendo sempre os vossos argumentos, denunciando sempre á opinião os vossos sophysmas? Não nos combatestes vós tambem sempre? Não ficámos, nós poucos e mal ouvidos, não ficámos nós vencidos sempre pelos vossos votos? Convencidos dos vossos argumentos, nunca. Em toda a discussão de principios politicos — dos questionaveis se entende—estivemos alguma vez de accôrdo? Deixastes vós, jamais, em todas essas occasiões, de nos accusar, de nos denunciar como sustentadores das mesmas doutrinas que defendemos hoje, que advogámos sempre, que sempre vos foram obnoxias? Mas vós prezai-vos de coherentes porque ainda hoje as impugnais; e a nós porque ainda hoje as defendemos tambem, ousais-nos accusar de versateis e inconsistentes!

E porque? Porque hoje votâmos com a direita? A vós o pergunto, deputados da esquerda: se os nossos principios achassem impugnadores no lado direito da Camara, se alguma vez os têem achado, não votarieis vós, não tendes vós votado com elles?

Pois o mesmo fazemos, o mesmo faremos sempre: a coherencia politica é de principios não de pessoas; esta fé professamos, por este unico voto estamos ligados, aos nossos constituintes o promettemos, de nós o espera a Nação a quem o jurámos.

Onde está, no nosso actual procedimento, onde esteve no que sempre fizemos, a prova d'esse fatuo desejo de nos aparentarmos com vossas *illustres familias*, a quem modestamente déstes brazão e timbre, sem audiencia de rei-d'armas-Portugal, que não teria pouco que dizer na materia? — Nós não; que vos não disputamos a fidalguia, mas só o direito de primogenitura que usurpais fraudulentos; e, com o poeta da Religião e da Liberdade, com esse grande genio que Deus suscitou no meio da França para gloria do Christianismo e para açoite dos tartufos politicos, nós vos perguntamos: «Quando foi que, Esaús da liberdade, nós renunciámos ao nosso quinhão da herança?» D'onde vos vem o direito que vos arrogais — não só de primeiros, mas de filhos unicos?

Illustre familia! E d'onde vos vem a illustração? Dos martyrios da Liberdade? Tambem nós os padecemos. Da gloria que adquiristes para a Nação? Mas por feitos d'armas, não ha secção, não ha fracçãosinha de partido em Portugal que não tenha parte n'elles. Mas por lettras... Oh! ahi nos humilhámos nós deante de todos, até de vós...

Tristissima e de mau gôsto foi essa ironica saudade com que, fingindo que só agora nos separavamos, de nós se despediu um orador da extrema, com quem, ao vêl-o tam saudoso, pareceria que sempre estivemos unidos em sentimentos e doutrinas politicas. Jamais o fomos: bem o sabe elle, nem ousará negál-o, que lhe fôra mister renegar todas essas theorias obsoletas que aqui tem defendido sempre, contra nós que lh'as condemnámos sempre, porque sempre as tivemos e demonstrámos absurdas. Jamais os nossos votos se accordaram com os seus senão nas questões economicas geraes, em

que, reassumindo a sua natural razão, muitas vezes a tem o illustre deputado, e por tal o apoiou o centro. E bem sabe elle que em semelhantes questões se póde contar com os seus votos.

Nós não queremos dominar as votações, mas queremos obstar ás votações cerradas de compadrio. Queremos votar com a esquerda ou com a direita segundo tiver razão uma ou outra. Entendemos fazer assim a nossa obrigação de centro, entendemos desempenhar assim uma impopular mas indispensavel funcção parlamentaria; estamos certos de seguir assim a opinião nacional que, inquestionavel e provadamente — quanto no govêrno representativo póde provar-se — com seus votos tem confirmado ora o procedimento de uma, ora o de outra das duas secções do partido constitucional.

Nós entendemos assim o voto popular; e se elle nos engana (o que não creio), culpae as vossas leis que lhe regularam a expressão.

E sobre quem ousaria o emphatico orador, tam precipitado em liberalisar titulos, sobre quem ousaria elle cuspir o de *bastardos?* Não sei. Bastardos ha de certo na casa da liberdade, bastardos que a deshonram, espurios que a desacreditam. Esses ramos degenerados de uma árvore illustre, esses que a todo o vento de opinião fluctuam, hão de ser de certo os que na factura da Constituição querem um principio, e cavillam depois a sua execução nas leis organicas. Hão de ser de certo os que hoje accusam de liberticida uma lei, e que ámanhã a defendem como paladio de liberdade. Hão de ser talvez os que serviram a tyrannia em quanto ella era poderosa, que depois serviram a demagogia quando a julgaram omnipotente, que hoje querem servir ainda — porque para servirem nasceram — e já nem sabem a quem. Buscae-os esses homens não sei aonde; procurae-os, não sei onde estão... Mas não os haveis de achar no centro.

Bastardos hão de ser da casa da liberdade esses Gracchos ridiculos, esses Publicolas palhaços, que ora se enfeitam da corôa civica nos Comicios, ora das perolas de barão feudal nos palacios. Procurae-os, não sei onde os achareis. Aqui não: não temos cá barões no centro.

E não hão de as facções vociferar quando se fala em ordem, ordem que é razão e justiça, ordem que, sôbre tudo e mais que tudo, é verdade? — Não, que elle era doce invocar o nome de Jesu-Christo para só lhe tosquiar em vez de lhe apascentar o rebanho, e vir, horas mortas, ao altar comer as oblações da enganada piedade. — E a Ordem pulveriza de cinza o pavimento para mostrar no outro dia ao povo as pégadas dos seus embahidores...

Não, que elle era doce invocando o nome do Rei, reinar mais que elle, e governal-o a elle, acclamar absoluto o seu poder por immediato a Dens, e transferil-o todo para uma Camarilha usurpadora.

Não, que elle era mais doce ainda, mais suave que tudo, dominar as turbas com a lisonja; dispor da fôrça bruta, que tanto mais serva e escrava é quanto mais cuida mandar; concentrar em si todos os direitos, monopolizar toda a liberdade para si só; — ter as honras de Catão e o poder de Cesar; almoçar no fóro os rabanos de Fabricio, e banquetear-se á noite nos temulentos palacios de Lucullo!

E a emprazadora da ordem e os importunos dos Doutrinarios a patentear ao Povo estes mysterios Eleusinos, a abrir deante de seus olhos as austeras, as desenganadoras paginas da historia, a mostrar-lhes ahi como dos Gracchos se fazem Catilinas, e dos Marios dictadores, como o tribuno se converte sempre em aulico, o publicola em palaciano, mal as turbas se fatigam de seu reinado nominal, e o Podêr, por sua natural tendencia, ou se concentra no feixe consular, ou na vara dictatoria, ou no diadema imperial, ou no simples bastão do protectorato — em qualquer symbolo da Realeza que se destruiu mentindo, que mentindo se restabelece.

E ha-de-se deixar falar a *Ordem*, e ha de consentir-se que a oiça o Povo! Não: rufem-se-lhe as caixas da anarchia, summam-se esses brados de verdade como se summiram os ultimos clamores de perdão com que a Real Victima da França envergonhava do cadafalso os seus algozes.

E para essa França aponta a ordem a cada instante, e a mostra de exemplo e escarmento ao Povo! E lhe mostra esses declamadores da Constituinte e da Convenção rasgando aos pés de Bonaparte a *Declaração dos direitos do homem*; ajoelhados deante do Papa na ceremonia christan da sagração do novo idolo, com a mesma devoção com que ouviram no *altar da patria* a sacrilega missa de um bispo apostata, com que nas profanadas basilicas, ebrios de vinho e de sangue, entoaram deante da prostituta deusa da Razão seus asquerosos dytirambos ao som da guilhotina reformadora! E o barrete phrygio do Sans-cullote é corôa ducal hoje; e os lictores de Robespierre andam agora na tábua, ou boleam agaloados as seges da casa do primeiro consul; e os mais furiosos niveladores da republica *uma e indivisivel*, desfaçadamente alardeam, deante do logrado povo de Paris, as fardas bordadas de creados do imperador Napoleão!

Mal do povo portuguez se não ouvir e entender ao menos a historia do seu tempo, para aprender nos erros alheios! Mal d'elle se, em estrada tam conhecida e trilhada não vir as pégadas de sangue que os outros povos ahi deixaram!

Em tudo lhe mentem a esta pobre Nação, tudo lhe desfiguram para que ella não entenda. Pois, de que se trata agora? De mudar a constituição, de destruir as leis existentes? Quem tal propoz, quem tal sustentou? O que se tem proposto e nós advogamos, é dar cumprimento e desenvolvimento á Constituição do Estado, com a reforma das leis organicas, não introduzindo leis novas (é falso); não destruindo as antigas (é mais falso ainda); mas procurando emendar aquelles defeitos que a experiencia tem mostrado, e a cujo exame sincero se póde proceder com ordem e tranquillidade, de nenhum modo entre clamores de praça, entre vaias de açougue.

E a nós nos dizem que queremos rasgar as leis! Rasgar as leis nós!...Quando fizemos, quando approvamos quem o fizera? Para deante da Nação Portugueza vos emprazamos, que bem sabe se de nós o deve temer ou de quem.

Mas as facções não argumentam nem discutem, porque nem sabem nem podem discutir; só querem, só podem, unicamente sabem praguejar, insultar, calumniar, blasphemar, *tomando em vão* os santos nomes da Liberdade, do Povo, do Rei e de Deus! E jurar que os Ordeiros são os inimigos de tudo, que a Ordem é o animal do Apocalypse, que mata, que destroe, que devora. E então levantam um grande clamor desatinado e confuso que ensurdece os ouvidos; e suscitam do abysmo uma grande cerração de trevas que obceca os olhos da multidão e que, não lhe deixando ver nada do que é, prepara o entendimento para crer tudo o que não é.

Pois não ouvimos nós aqui um illustre orador do lado esquerdo da Camara, sem fazer justiça a seu proprio coração, abdicando o seu raciocinio natural, soltar, em vez de argumentos que podia e sabia fazer, meros sophismas em phrases redondas e bem soantes? N'esse genero de dizer lhe reconheço inquestionavel e superior talento. *Verba et praeterea nihil* lhe chamou já outro orador que se senta ao meu lado.

Dizem-se aqui, Senhores, proferem-se cathegoricamente e como axiomas, absurdos taes que até são injuriosos para aquelles cuja causa se defende, cujas opiniões se querem sustentar, cujos actos pretendem desculpar-se. Assim dogmaticamente foi dito que o Podêr creado pela Carta tinha sido destruido. — Como, quando, quem destruiu o Podêr creado pela Carta? A revolução de Septembro! E' falso, é calumnioso. Não commetteu esse crime a revolução, teve mais juizo que isso. Se a alguem veiu tal desejo, se n'esses obscuros sotãos, se n'essas escondidas aguas furtadas, onde, pelo testemunho do mesmo orador com quem falo, sabemos que estavam covardemente agachados os anonymos conspiradores, os envergonhados instigadores d'esse acto que nunca ousaram confessar, nem depois que a tolerancia e a adopção nacional, remindo-o da culpa, converteu as suas consequencias em legalidade — se n'esses, (o que eu não creio facilmente) houve tam atroz pensamento, tam impopular, tam anti-portuguez—não ousaram manifestal-o ao Povo. Que seria da revolução se tal fizesse!

A revolução não destruiu o Podêr creado pela Carta, o podêr constitucional do Rei na pessoa e dynastia de sua actual e augusta Representante, e o do Parlamento nacional com duas camaras: confessou-o, confirmou-o, proclamou-o desde o seu primeiro brado; e por isso achou adherentes e defensores, que sem taes protestos, todos sabem em Portugal e fóra d'elle, nunca havia de encontrar...

Aqui foi o orador interrompido pelo Sr. Deputado José Estevam, que disse:—«O podêr creado pela Carta era o Sr. José da Silva Carvalho.» —*O orador continuou, apontando para o deputado que o interrompera:*

Ali está, Senhores, a confissão ingenua de todas as minhas accusações; n'aquellas palavras está o testimunho irrecusavel de que todas as questões aqui são pessoaes, de que tudo se reduz a mesquinhas, a miseraveis considerações de individuos, que os mais graves objectos, que os maiores interesses desappareceram deante d'estas pequenezas! Um homem é o principio! A tres homens que se juntem, chama-se-lhes um partido! Ao simples ministro do principe chamam-lhe um podêr creado pela Constituição!

O Podêr creado pela Carta não se destruiu; mas a sociedade, já desorganizada ou não organizada ainda para o novo podêr, chegou mais perto da dissolução: as pedras do edificio, ainda não cimentadas, e que mal se tinham por sua juxta-posição, cahiram muitas e desconjunctaram-se todas. Quiz aechitectál-as de novo este Codigo administrativo que agora vamos reconsiderar: a experiencia provou que não pôde; quantos a fizeram, o declararam. E agora negam o que já confessaram,— agora falam contra o que escreveram e asignaram; e o Codigo administrativo é a arca santa, é o testamento da alliança em que não é permittido tocar.

Tal é a *materia* dos pretendidos argumentos com que nos combatem. A *fórma* não é somenos. Um dos meus amigos que tem logar no centro, *cortezmente* foi arguido de não entender os livros de Guizot, cujas palavras com a mesma *civilidade* lhe disseram que só textualmente sabia traduzir. E logo o mesmo polido orador, dando-nos, do alto de sua infallibilidade, a interpetração authentica das doutrinas do grande publicista e *ordeiro* francez, resolveu a questão do *censo*, declarando que elle era impossivel em Portugal, porque Mr. Guizot tinha mostrado que as classes sociaes eram diversamente constituidas em França, do que na Inglaterra e nos Estados-Unidos. Não argumentou d'essas differenças para o que devia haver no modo e quota do censo, não para a proporcional differença que a differente constituição das classes portuguezas demanda: não; concluiu que o *censo* era impossivel!

Só o chamar a esta questão a questão do *censo*, é a maior das muitas decepções com que a opinião pública em Portugal anda ludibriada. Por Deus, falemos um dia a verdade. — A questão que se trata é a da *próva do censo.* São coisas mui differentes. A questão do *censo* resolveu a a Constituição, não se póde tratar d'ella. Mas póde, deve e ha de se tratar a da *prova*, porque nol-o manda a Constituição, porque o exige, porque a quebramos, e ao juramento que lhe démos, se a não tratarmos e resolvermos.

Esta famosa e arteiramente complicada questão é todavia clara e simplicissima: reduz-se a saber se ha de estabelecer-se uma *prova* fixa, legal e verdadeira do *censo* que a Constituição marcou, prova egual para todos, e protegedora dos direitos politicos dos cidadãos, — ou se hade ficar como tem estado, inconstitucionalmente entregue ao arbitrio das auctoridades que, segundo a geral confissão de toda a Camara e de todo o reino, por querenças e malquerenças pessoaes, por sympathias e antipathias de partido, por odiosinhos e amizadesinhas, por espirito de bairro e por compadrego, encurtam e estendem, a seu capricho, a medida que têem nas mãos e que não é afferida pelo vero-pêso da lei.

Esta é a sincera verdade: mas porque se não diz? Porque é necessario calumniar os Ordeiros, e clamar que elles querem tirar os direitos ao Povo, que para o excluir da urna propozeram a lei do *censo.*

Nós não propozemos lei nenhuma de *censo;* torno a dizêl-o; a lei está feita na Constituição. Porque se mente pois ao Povo? Porque se lhe não diz: «N'essa constituição que reformámos, que jurastes, e que tanto dizem que amaes, foi feita esta lei: o vago em que alli está expressada tem dado causa a mil fraudes e abusos, que todos (e note-se bem, *todos)* temos reconhecido. E' nossa obrigação e vosso interêsse que lhe fixemos regras claras e positivas.» – Mas isto era falar verdades lisas que não aproveitam; e vale mais dizer: «Os Ordeiros inventaram esta chimera do censo que não serve senão para vos excluir da urna e para a entregar nas mãos do Podêr.» —E' uma falsidade, é uma calúmnia: bem o sabe quem o diz; mas diz-se.

Até com a formação do actual ministerio, e com a questão estrangeira quizeram enredar esta nossa questão da prova do censo. E já nós a tinhamos proposto nas Côrtes Constituintes, e já na passada sessão ordinaria a instaurou de novo a penultima administração, e o Centro forcejou em vão por que se tractasse. E permanentemente devia ella ter sido n'esta Camara desde que se votou a Constituição. Não é nossa culpa se o não foi.

Dizem-se em verdade aqui pasmosas e incriveis coisas! «Esta lei, clamam, esta lei do *censo* vae excluir da urna os proprios defensores da Legitimidade e da Liberdade, que deram o seu sangue por que nós gosassemos d'este direito.» ...Se tal é, Senhores, se tal fosse, voto desde já contra este, contra todos os projectos de um Ministerio tam insolente que tal ousa vir propor a uma Camara de deputados portuguezes. Mas é falso! e quando lá chegarmos a essa questão (se nos deixarem chegar a essa ou outra qualquer de verdadeiro interêsse público) então veremos se uma lei necessaria para realizar a Constituição, sem a qual a Constituição é mentira, a representação nacional um absurdo, póde excluir ninguem da urna. Então veremos se os direitos politicos dos cidadãos de todas as classes podem ser melhor qualificados pela ridicula infallibilidade de uma junta de parochia, de uma camara muitas vezes nem eleita, de um conselho de districto que nem representa nem conhece o districto, mas só a terra em que moram os seus membros que, por *moradores* e não por *sabedores*, a tal conselho são chamados.

De toda a parte têem vindo os sophysmas. Á propria desgraçada Irlanda, á ultima Bretanha se foram buscar; e entrados por contrabando, com offensa das pautas do senso commum, aqui os trouxeram para combater verdades que nós apresentámos francamente, despachadas na alfandega como tracto claro e leal que são. «Vejam a Irlanda, olhem para a Bretanha» — exclamou, vehemente e triumphante, um orador do lado esquerdo: «quem as reduziu a esse misero estado em que se acham? A Ordem. Quem as opprime e avexa? Os Ordeiros.» Póde-se ter o riso com

este modo de argumentos, póde haver algum mais contraproducente, mais para fazer compaixão? Exemplo das calamidades da ordem, a Irlanda! A Irlanda que tem sido victima da desordem, victima de um systema exclusivo e faccioso!—(Tudo quanto é faccioso é exclusivo, tudo quanto é exclusivo é faccioso.) Que contra seus habitos e crenças, contra sua fé e costumes, a quiz sujeitar a uma religião repugnante, a uma politica especulativa e absurda! Perguntem-n'o a O'Connell, perguntem-n'o ao mestre agitador O'Connell, se os primeiros respiros folgados que soltaram, se a primeira aurora de felicidade e liberdade que n'aquella votada ilha appareceu, não foi quando a Ordem, impondo silencio ás facções exclusivas, triumphou no parlamento Britannico, chamando á communhão politica aquelles cidadãos que os facciosos faziam facciosos, como todos os partidos exclusivos fazem.

O mesmo direi da Bretanha, desgraçada e facciosa em quanto os facciosos de Paris lhe queriam impôr uma religião de loucos, uma lei civil de barbaros,—pacificada e obediente logo que, liberto dos facciosos, o govêrno da França lhe levou, com a ordem, o regimen da tolerancia e da razão.

E não seriam os absurdos facciosos os que dilaceraram e atrazaram aquellas duas tam bellas e riccas porções de dous grandes imperios? E não seria a Ordem que as restituiu e chamou á civilisação? A Ordem que desfaz o exclusivo insultante e usurpador das facções, que dá a cada-um o que lhe é devido, que a todos os partidos chama indistinctamente aos cargos, aos empregos, ás honras, á protecção, á liberdade; que os não quer patrimonio de nenhumas familias privilegiadas como d'antes eram, nem de nenhuns partidos como hoje se queriam fazer. E tam mau é para o Povo que as dignidades e funcções públicas, que o gôso exclusivo de todos os direitos andem de juro e herdade n'uma casta ou n'uma classe, como que andem enfeudadas n'um partido ou n'uma seita. Ao Povo convem, a Ordem exige, que os talentos e as virtudes sejam chamadas sem distincção ao serviço do Povo e do Rei; e que, assim como já não póde o Christão velho excluir o Christão novo, nem o fidalgo o peão, tambem não possa um partidario excluir a outro. — Ora os Ordeiros querem annullar esse *veto* usurpador e insupportavel, que a propria familia liberal ia dividindo em tantas fracçõesinhas quantas eram já quasi os seus individuos —e este crime é imperdoavel! É certamente, nos tribunaes facciosos deve sêl-o.

No soffrego e imprecatado desejo de deprimir uns para lisongear outros, excitando a desconfiança e a guerra entre todos, se brada ao Povo que nada deve aos seus capitães, aos que nas fileiras *ordenadas* da Liberdade o têem sempre levado, a elle Povo, a triumphar da usurpação ultimamente, a sustentar a sua independencia nas guerras antigas. Ah Senhores! Na monarchia livre não é necessario o ostracismo. O primeiro logar está sempre occupado pela lei: nem os serviços de Themistocles, nem as virtudes de Aristides mettem medo á nossa republica. Bemdita seja a nova e preciosa fórma da liberdade moderna!

Não é isso o que a nação quer, não são d'essas tredas louvainhas as que lhe affagam os ouvidos: que se desenganem os seus cortezãos. A Nação bem sabe que, se o Povo fez serviços á causa da Liberdade, tambem a classe média os fez, tambem a aristocracia — e tambem o throno. Digam a verdade, digam-n'a toda; que a metade só da verdade é uma mentira inteira. A Nação não distinguiu classes, não as mediu e sôbretudo não *desconfiou*, não abriu devassa de suspeitas, quando se levantou em massa — e essas sim que eram virtuosas massas!—para cahir sôbre o despotismo.

Em torno do estandarte que se hasteou na Terceira, que desembarcou no Mindello, vinha reunir-se o peão com sua nobre espada, o nobre com sua espingarda de soldado razo. Vimos o desembargador sobraçar a béca para carregar o obuz; e curvar o joelho, na linha de frente, o fidalgo mais preoccupado de sua linhagem historica. Taes questões de precedencia ou preferencia, não as admittia então a Nação, porque só queria recuperar a sua liberdade; não as admitte agora, porque só quer gosar da sua liberdade.

Não por falta de diligencias que agora se não façam, não por falta de esforços que então se não fizessem. Bem se agitou, bem se declamou, bem se trabalhou para introduzir em nossas pequenas fileiras o germen de discordia que já então andava por essas cabeças que sempre me obstinei a chamar loucas, quanto ainda hoje me obstino por lhes achar innocentes os corações. Bem trabalharam, repito; mas a Ordem triumphou, e por isso a nação venceu.

Oh! virtuosas massas eram aquellas! Ide agora, ide, lançae-as outra vez nas praias do Mindello, levantadas d'esse azedo fermento com que as levedaes a cada instante, e vereis se têem a mesma virtude. — Hãode têl-a se o perigo voltar, porque n'essa hora os *amasssadores* fogem, o fermento abate, e só fica a substancia compacta e san da lealdade e do valor de um povo generoso. O povo não os crê aos falsos publicolas, e respeita e venera os seus caudilhos verdadeiros. «Ide,

lhes responde elle, ide, dizer aos Suissos que derrubem a estatua de Guilherme-Tell, aos Americanos que despedacem a do seu Washington, aos Romanos que despenhem da rocha Tarpea as dos seus Brutos e Camillos. Ide-lhes prégar que a si sós, e não a seus illustres capitães, devem a liberdade: endoudecei-os se podeis. Nós queremos adorar a espada ferrugenta do Condestavel, queremos prostrar-nos deante dos tumulos de D. João I e de Pedro IV. Queremos por gratidão, queremos por interesse, porque na hora da angústia bem sabemos com quem nos havemos de achar.

Ao menos se estes solecismos politicos não fossem tam escandalosamente mal soantes! Mas, com a ancia de deprimir o merito verdadeiro, de converter o respeito publico em odio, proferem-se coisas que pasmam. Taes ha que até são injuriosas aos proprios que as dizem, e que, se as dissesse outrem, para si as tomariam por affronta imperdoavel e atroz.

Disseram—e como se lhes não engasgou a blasphemia na bocca! disseram! que *eram maiores os serviços feitos á causa da Liberdade pelas auctoridades do usurpador que tinham alguma indulgencia comnosco do que os outros todos, do que os proprio serviços do campo de batalha.*

Estas palavras proferiram-se: é tarde para as negar: gravaram-se-me no meu coração para sempre: registou-as o Povo no seu livro grande, a memoria das gerações que nunca se perde...Ide dizel-o a esses que nos esmolam ás portas porque gastaram quanto tinham para nos soccorrer e defender! Ide dizel-o ás viuvas dos que morreram no campo da honra! Ide dizel-o aos orphãos dos que expiraram no patibulo não menos honroso! Ide, que vol-o agradeçam!

São d'esses desvarios, são desatinos como esses os que, tanto ou mais do que a absurda e impossivel lei das indemnisações, têem endoidecido as gentes, e fomentado a desordem das provincias, especie de anarchia de bairro que trouxe a tyrannia d'aldêa, assim como a grande anarchia dos povos traz a grande tyrannia dos reis. Bem chamou um amigo meu a este estado das nossas comarcas, o *feudalismo dos valentões.* Responderam lhe com banalidades, invectivaram-n'o com affrontosas suspeitas. Eu quero para mim parte do vituperio, porque a mesma expressão adopto, porque faço a mesma asserção. Que lei tinham os antigos senhores feudaes? A de chamar seu a tudo á roda de si, até onde chegava a ponta de sua espada.— Qual é o unico direito que reconhecem esses novos barões feudaes das nossas terras? O de chamar seu a tudo á roda de si até aonde alcançam as boccas de seus arcabuzes, os bicos de suas baionetas: outra differença não vejo entre estes dois feudalismos, senão a da hypocrisia da parte dos modernos: porque os antigos criam piedosamente no seu direito; os nossos sabem, professam e prégam o contrario do que praticam.

Et consules vident! E nós vemos e toleramos, e por corôa de vergonhas, havemos de ir dizer á Rainha, n'essa resposta, que o paiz está tranquillo e feliz.

E porque houve um homem honesto e corajoso que ousou dizer alto a verdade, apedrejam-no das mais ponderosas calumnias. Foi o meu amigo o Sr. Deputado por Beja a quem, por expor, e propor remedio para, o verdadeiro estado de Portugal,—de todos os crimes accusaram, até de convidar os estrangeiros para nos virem conquistar! Sem remorsos, sem consideração por um homem fraco e valetudinario, um lavrador de nenhumas pretenções, modesto, e que não tira o logar a ninguem pelo pouco que na sociedade quer occupar, n'elle personalisaram o Evangelho da Ordem tam aborrecido, vestiram-n'o com a purpura do escarneo, coroaram-n'o dos espinhos da calumnia, empunharam-lhe o sceptro de canna da irrisão, exposeram-n'o em uma varanda de ignominia, e bradaram ás turbas concitadas: «*Ecce homo*» Eis ahi está quem vos quer vender aos estrangeiros!

A affronta não recahiu sobre o affrontado, toda irá para as faces do que n'esta hedionda e sacrilega farça se atreveu a ser Pilatos!...lave embora as mãos em quanta agua tem o mar.

Não tinham esse proposito,—não asseveravam taes coisas,—era um modo de argumentar, uma supposição oratoria...Assim se evadem depois a uma responsabilidade moral que era mais corajoso ao menos ter a desfaçatez de arrostar.

Sabem que é falso o que dizem; para que o dizem? Suspeitam-no? Pois com meras suspeitas se accusa em materia tam grave?— E suspeitam-no como, com que fundamento? Apontae um unico indicio, o mais leve. Temos saudades do despotismo, dizeis. Nós! saudades do despotismo nós! Reparastes bem n'estas caras? Vistes as vossas ao espelho da consciencia, antes de proferir tal?

Para taes accusações, por taes accusadores, o desprêzo é a unica resposta. Julgue Portugal entre nós, julgue sem mais allegação, entre os auctores e os reos, que bem nos conhece a todos.

Que haja quem tenha saudades do despotismo n'esta terra! Não se receia, não se crê senão dos que já foram validos e fautores do despotismo. Aonde esses estão, não sei. — Sei que não estão aqui no centro.

Ah! que se taes saudades nós tivessemos, bem facil nos era fartál-as, e prompto. Ah! que se tal desejassemos, não estariamos aqui ha quatro annos combatendo a anarchia todos os dias; bradariamos tambem com os desordeiros, ajudal-os-iamos em suas loucuras, excital-os-iamos em seus desvarios, porque no fim d'elles, nós sabemos de certo, nós infallivelmente contâmos que está a tyrannia.

E com tudo, liberaes, grandes, generosos, portuguezes verdadeiros, elles! Elles sós; não se passa alvará a mais ninguem. A justiça politica, o espirito essencialmente anti-exclusivo, anti-faccioso da nossa doutrina, nos fez proclamar a necessidade de restituir aos cargos publicos os que, por mera differença de opiniões constitucionaes, os tinham perdido — assim como nos fez desejar ver sahir da urna os nomes honestos e distinctos de todos os partidos. Eram verdadeiros os nossos desejos, eram sinceras as nossas proclamações? Ahi está o acto Real de 4 de Abril aconselhado por um ministerio Ordeiro; ahi estão as listas Ordeiras da passada eleição em que apparecem confundidos os nomes da direita e da esquerda. Ahi está finalmente a lei proposta pelo centro na ultima sessão, só por ella sustentada e por alguns poucos generosos animos da esquerda da Camara! Ahi estão finalmente os actos do ministerio Ordeiro, as suas nomeações, as suas escolhas.

Os grandes crimes d'esse ministerio eram não ser exclusivo; e todavia os exclusivos clamavam para a direita: «Uni-vos a nós, homens da carta, ajudae-nos a esmagar este centro presumpçoso: nós é que somos gente liberal e generosa: tanto que até tinhamos tenção de enviar uma mensagem ao Throno para serdes amnistiados»

Não serão os Ordeiros, não podem ser elles de certo, os que se opponham a tam fraternal união. Especialmente eu aqui posso dar testimunhas de quanto me esforcei o anno passado por que se organizasse um ministerio de fusão, por que a direita e a esquerda conviessem em principios communs de governação, para que assim acabasse ésta guerra sem nome, sem fim, sem glória, que é a nossa desgraça e a nossa vergonha.

Oh! porque não acceitaram o convite! Ainda é tempo: juntem-se para esmagar o centro. Por esse modo, a trôco d'essa reconciliação, o centro folgará de ser anniquilado. Perdoavamos-lhes a morte se fossem capazes de nol'a dar assim. Não era isso melhor e mais facil do que estar a levantar essas calúmnias que nos dão vida, porque todos as conhecem por taes?

Para que é pintar estes Ordeiros, tam poucos e tam fracos, urdindo conspirações gigantescas para terriveis reacções? Já armando forcas, já afiando cutellos! — Será para ter o gôsto de nos darem aquelle caritativo conselho do outro dia: «*Olhai que haveis de ser victimas d'elles!*»...

O orador foi de novo interrompido pelo Sr. José Estevão que disse: «Declarei que lhes haviamos de perdoar.» — *O orador continuou*:

Guardem o seu perdão, que lh'o regeitâmos; não queremos amnistia: n'esse juizo nem allegar queremos, não lhe reconhecemos competencia.

Queremos ser julgados pelo *merecimento dos autos* e no tribunal da Opinião nacional. Subam os feitos da nossa vida, dos nossos escriptos, das nossas falas. Mostre-se um facto, um dito, um gesto que indique o pensamento de querermos appellar para esses meios barbaros de decidir questões politicas.

Os professores do direito público da guilhotina, os que querem illustrar a nação á luz das *lanternas*, os publicistas cannibaes, os jornalistas hotentotes... vejam aonde os acham... no centro bem sabem que não.

Quanto a mim porém, a mim pessoalmente, nenhuma d'estas calumnias me offendeu. Callejei ha muito a paciencia no espicaçar d'essas agulhas ferrugentas: desprézo os que se aviltam a negociar n'esse tráfico negro, que mercadeja de reputações tam desalmadamente como os *liberalissimos* negociantes d'escravos commerceiam dos corpos e almas de seus similhantes. Piratas ambos que a civilização vai castigando, e no bando de cujo imperio os veremos postos em fim, desafforados e proscriptos. Por mim, me não importa o seu

Coaxar de rans em lodaçal immundo.

Os individuos morrem; depois da morte vem a justiça, e começa a immortalidade das famas honradas. Eu não sou materialista religioso nem politico; espero salvar a minha alma em Jesus Christo, e o meu credito na lembrança dos Portuguezes : n'essa esperança certa de resurreição adormeço tranquillo ao som dos uivos infernaes com que presumiam fazer me desesperar n'esta hora que cuidaram de morte.

Mas não é assim das crenças e opiniões politicas; essas não morrem, essas precisam desaggravadas em vida dos que a professam e por isso as vim hoje defender, e aos meus irmãos em doutrina, dos traiçoeiros ataques dos seus inimigos. Por mim, ladrem todas as tres gargantas do cão infernal, que nem me importa açaimal-o de força, nem uma *sopa* lhe hei de deitar para lhe calar um latido.

Como cidadão nunca renunciei um direito, nem me custasse a fazenda, a vida, a patria: tenho o provado nos carceres, no exilio, na miseria...

Como subdito nunca faltei a uma obrigação: e não menos duramente assellei a minha lealdade...

Como portuguez, nem um pensamento leve, momentaneo, — chegou a cruzar-me ainda no cerebro, de que não possa vangloriar-me á face do mundo...

Como funccionario publico, quiz minha boa estrella que ainda não estivesse em logar a que podessem chegar nem as suspeitas da inveja...

Fraco homem de letras sou, não presumo d'ellas; mas nunca prostitui a minha prosa n'uma mentira, os meus versos n'uma lisonja... Falem esses opusculos que a nação portugueza ainda tem a indulgencia de ler.

Fraco soldado fui, o ultimo, o derradeiro d'essa phalange em que tantos morreram para nos immortalizar a todos. Mas nem fiquei * nos *bailes de Paris* ou nos *pasmatorios de Londres*, em quanto os meus compatriotas vinham encerrar-se nos debeis muros do Porto; nem a minha mão, apezar de imbelle e doente, recusou pegar na espingarda de soldado, para ficar nas reservas de França e de Iglaterra, manejando a penna censoria que tudo achava mau quanto se fazia pelos que expunham a sua vida por elles. Cobri-me do vestido grosseiro, nutrime do pão grosseiro do soldado razo, nunca tive outra paga ou outra etapa, fiz como os outros sem ser valentão; e a debil pégada que o meu obscuro pé imprimiu nas praias do Mindelo hade ficar gravada na historia, como a dos bravos cujos heroicos feitos rodeam de uma aureola de gloria os fracos serviços dos seus honrados companheiros que para o commum empenho não deram pouco no que deram, porque era quanto tinham. — Mas aquelles pódem pleitear serviços comnosco, e não o fazem! Quem são esses que vêem a juizo com as suas preferencias? Agradeçam-me que lh'o não diga, que lhes não pergunte *aonde* estavam, que lhes não prove um vergonhoso *alibi*, que de vis accusadores os faça réos mais que infames!

E todavia, Senhores, não é tanta minha professada abnegação que me não doesse, e muito, quando até nas affeições privadas, nas sympathias do coração me quizeram offender, porque innocentemente citei o nome de um meu illustre amigo — bem como podéra citar muitos outros nacionaes e estrangeiros —, para provar que nem era inconstitucional, nem incurial que entrasse em nova administração um membro de outra que as votações parlamentares tivessem obrigado a deixar os negocios.

Acertaram-me com o lado vulneravel, confesso; porque em toda a minha vida pública e privada — digo-o alto e altivo — nunca trahi um amigo, nunca desacatei um amigo, nunca me esqueci de um favor, de um cumprimento, de uma attenção leve e de mera civilidade que uma vez me fizessem. Posso discordar em opiniões dos meus amigos; quero essa liberdade, não a dou por coisa alguma; alterar os meus sentimentos, falar, obrar contra elles, nunca. Têem-m'o feito a mim, não o retribui, não o retribuirei jamais.

Pois doeu-me a insinuação maldosa e má. — E mais bem sei que aquelle meu amigo velho de muitos annos, está bem certo de quem o deseja honrar, e de quem tantas vezes procurou deshonrál-o — de quem n'este mesmo logar, no seio da representação nacional lhe fez atrocissimas accusações, de quem o defendeu d'ellas. De qual seja a gratidão das facções nenhum homem ainda levou mais completo desengano n'este mundo — quando nas ruas de Lisboa a insignia brilhante que em seu peito testimunha dos serviços feitos á patria, da *gratidão* do Throno e da Nação — apenas pôde salvál-o de receber no mesmo peito a *nova condecoração* que lhe iam entalhar...

Mas para que é falar tam solemne e tam devéras? Perdoe-me a Camara pelo tempo que perdi em responder serio a meras ironias de gracejo, picantes apenas pelo sal attico que lhes deu sabor tão fino. *Atticos* motejos certamente, galantes em sua propria mordacidade, por mais que diga essa gente de ruim gôsto e paladar depravado, que nem a douda elegancia do estylo de Alcibiades lhe quer achar, nem sequer a crapulosa mas poetica *felicidade* do genero aristophanico!

Valha-me Deus! Pois não o declarou, desde o principio do seu discurso, o nosso principal accusador? E eu que só agora reparo n'isso! Não declarou elle logo que todos os peccados dos Ordeiros tinham sido commettidos nos deliciosos sonhos do porto Pyreu, onde como doudos nos achou a imaginar venturas, podêr e mando? E sobrou-lhe o juizo, a elle, chegou-lhe a caridade para nos curar.

E' verdade, confessamol-o; estavamos sim no porto Pyreu quando, vendo entrar certas caravellas suspeitas, apesar da bandeira Constitucional-monarchica com que navegavam, não conhecemos, pela mastreação e feitio do casco, as terras d'onde vinham; e só vimos, ao descarregar, que era desordem, anarchia

* Estas palavras de amarga censura foram repetidas pelo orador unicamente porque o sr. José Estevam, de cujo discurso as tomou, as lançára de accusação aos deputados do centro

e ambição o que lhe pejava o cavername.— Descemos curados do porto Pyreu, e sem querer mal ao medico.

Mas não fomos nós os unicos que estivemos no porto Pyreu. Lá estavam sem dúvida os que vendo entrar esses bojudos galeões carregados de urnas e de votos, de actas e de escrutinios, calculando mal a aura popular que lhes infunava as velas, imaginaram que toda aquella carga era sua, correram á alfandega, fizeram os gastos do despacho, e só conheceram a pequena parte que tinham na sociedade quando viram chegar os donos a tomar posse da maior porção da carga.

No porto Pyreu estavam os que suppunham que nenhum podêr era possivel senão o seu n'esta terra; e que a Nação se havia de levantar *em massa virtuosa*, cada vez que o Chefe do Estado ousasse quebrar o que, em sua modestia, como privilegio exclusivo se arrogavam, chamando fosse quem fosse aos conselhos da Corôa, sem ordem ou, pelo menos, sem consentimento de suas altas potencias.

No porto Pyreu estavam, mas com má e perigosa doudice, os que não duvidaram transtornar a ordem pública, fazer correr o sangue pelas ruas para que não entrasse no ministerio um homem fortemente suspeito de Ordeiro a quem declaravam inimigo do Povo e assassino da liberdade — e que d'ahi a pouco chamaram inimigos do Povo e assassinos da liberdade aos que tiveram a menor dúvida sôbre a conveniencia d'esse mesmo ministerio.

No porto Pyreu estavam os que, sem virtudes...ou com ellas, de toda a parte importavam calumnias e injurias que vendiam a retalho, mercadejando da reputação dos homens de bem; e que, na momentanea crença que suas falsidades encontravam no vulgo, imaginavam ter estabelecido perpétua fé que para sempre os fizesse odiosos ao Povo, e só para si ficasse a boa opinião e credito de honrados exclusivos.

No porto Pyreu estavam os que sem serviços...ou com elles imaginaram poder offuscar os de todos os que não fossem de sua parcialidade, e condemnar a perpétuo ostracismo quantos fizessem sombra a suas pretenções vaidosas.

O Povo não cahiu no erro; desenganou-os: d'elle se queixem, não dos Ordeiros que os avisaram sempre, e cujos remedios hygienicos, se a tempo os tomassem, lhes teriam prevenido a fatal molestia de que adoeceram, com que tanto mal fizeram, que tam dolorosa cura precisa.

No porto Pyreu estavam os que sem talentos...ou com elles, declararam ignorantes a quantos se não matricularam em *suas* palestras, imaginando que o Povo havia de estar pela sentença cathegorica de sua infallibilidade scientifica.

O Povo não os acreditou por suas palavras, quiz antes julgar pelas obras do que pelas criticas, e conheceu onde estava o saber e onde estava a ignorancia. Queixem-se do Povo.

Estavam no porto Pyreu os que no seculo decimo-nono, contando com a supposta ignorancia e verdadeira inexperiencia da nação portugueza, mandaram a França vasculhar as tribunas da *Constituinte*, da *Convenção* e dos *Jacobinos*, e carregaram grossos baixeis com os farrapos d'esses discursos tribunicios que hoje sómente não são ridiculos pela recordação das atrocidades que causaram, e que apenas trazem já o echo morto de palavras ôccas e vans, que os povos instruidos e escarmentados conhecem e escarnecem. Viram entrar esses baixeis, imaginaram-se negociantes de grosso trato que iam realizar incalculaveis ganhos; e sómente se desenganaram quando, exposta nas lojas a mercancia tam gabada, o povo não quiz comprar os farrapos. Meia duzia de logrados que fizeram a experiencia, breve se arrependeram da fazenda avariada que tinham cahido em comprar.

No porto Pyreu tinham estado já sonhando engradecimento e fortunas, os que na estatua de ferro da usurpação não viram os pés de barro que a sustinham, e, imaginando que eram seus exclusivamente estes reinos, contra os constitucionaes vociferaram e bradaram, até que, derrubada a estatua, tiveram de descer d'aquelle porto Pyreu: mas sem vergonha o fizeram, porque, logo n'outro idolo egualmente falso, o da anarchia, pozeram as suas esperanças, e subindo de novo ao porto Pyreu, cuidaram que, por gritar mais que nós, por bradar mais alto que todos, a Nação esqueceria os serviços de uns, e o procedimento de outros, e os acreditaria mais liberaes que ninguem.

No porto Pyreu estavam os que, cobrindo as casacas bordadas de barões feudaes com a sotana de tribuno, escondendo debaixo d'ella as decorações aristocraticas, iam fraternisar para os clubs republicanos a certas horas do dia; e n'outras, despida a sotana, iam ás escondidas introduzir-se nos salões Reaes, forrar as paredes do Paço, e desforrar-se, em orgulho e vaidade, das horas da compressão em que tinham sido obrigados a affectar lhanesa e humildade. Como nos tempos de gloria da velha *Rua dos Condes* e do *Salitre*, quando o rei encuberto desabotoava o casacão, e proferindo a solemne pavra *Reconheces-me?* cahia tudo aos pés do rei do theatro, e o theatro com palmas e

bravos; assim succederá a estes quando o povo, em mais vasta plateia, abrindo lhes a sotana de tribunos, vir por baixo as fardas bordadas em todas as costuras, o orgulho de fidalgos novos, a presumpção da gralha com as pennas do pavão. Tambem o theatro hade vir então abaixo, não com palmas, mas com assobios e apupos!

No porto Pyreu estavam os que imaginaram que este honrado Povo portuguez se tinha esquecido de que pela Legitimidade lhe viera a Liberdade, que na fidelidade dos seus Reis tinha a melhor garantia d'ella, e a *unica* da sua independencia; que na religião de Jesu Christo—a só crença que professa a egualdade do homem—tinha o mais seguro amparo e fortaleza de seus direitos. Que assentaram que bastava dizer insultos ao Throno para que o Throno ficasse impopular; que bastava mofar da religião, para que o Povo abjurasse a religião de seus paes!... O Povo zombou d'elles!! O Povo curou-os de sua loucura, desenganando-os, amando a religião, respeitando o Throno e querendo a liberdade com ambos. O Povo foi o seu medico, queixem-se d'elle se podem, mas as receitas ahi estão — e as visitas do medico, ao menos não as pagaram.[1]

[1] NOTA DOS EDITORES DA PRIMEIRA EDIÇÃO — Para não interromper a attenção do leitor, deixámos de marcar, nos logares do costume, os *appoiados*, os *bravos* e continuadas interjeições de applauso e interesse com que este discurso foi recebido por quasi toda a camara. Nas mesmas galerias, em que reinava um respeitoso e attento silencio, não foi possivel conter, algumas vezes, a involuntaria expressão de assentimento e da convicção que entrava por todos os animos.

DISCUSSÃO DA LEI DA DECIMA

Discurso proferido na Camara dos Deputados na Sessão de 15 de Julho de 1841

Introducção

Não reproduzo assim este discurso por triste vaidade de orador, nem pelo appetite — agora baixo e pequeno — de prolongar o castigo de outras vaidades fatuas e grosseiras, que de certo o mereceram quando foi dado, mas que já me não lembram sequer.

Sou obrigado a fazêl-o porque, do appaixonado juizo dos offendidos, que no processo e na sentença me calumniaram, appellei para a opinião; devo instruil-a sinceramente, e só o posso fazer, publicando a integra do meu discurso.

Deixei estampar no Diario da Camara, sem correcção alguma, as notas dos tachygraphos taes quaes as tomaram; e agora com ellas, e com os apontamentos que para o discurso fizera, vou restituil-o: quantos assistiram á sessão de 15 de julho hão de testemunhar que vai fiel e completamente restituido.

E porque sinceramente quero instruir, como disse, a minha appellação, não diminuo na vehemencia do estylo, nem sequer no amargor dos sarcasmos (o que aliás desejára), e muito menos altero n'um só *iota* as proposições * de direito constitucional com que tanto fingiram arripiar-se alguns hypocritas, como se fossem despregadas herezias demagogicas.

Tres foram as principaes accusações que me fizeram: que eu tinha offendido os principios constitucionaes, desacatando a Auctoridade Real; que faltei ás conveniencias parlamentares; e que as phrases vehementes de que usára contra o Ministro, as tinha estudado e calculado a sangue frio, trazendo-as escriptas em um papel que recitei.

A' primeira accusação responde o discurso por si, e ao pé dos logares increpados vão algumas notas explicativas que a má fé dos accusadores faz necessarias, mas que o não eram de certo, sendo tam claro o texto, tam conhecidas e asselladas as doutrinas de quem o pronunciou. Mas vivemos em tempos que basta uma hora de calúmnia para destruir o testemunho constante de muitos annos.

Na parte em que rebate os descommedimentos do Ministro, o discurso é violento, é *catilinario* se quizerem; mas não é indecente como as phrases que o provocaram e que vêem transcriptas no Diario da Camara (sessão do dia 12 de Julho).

No momento em que as ouvi pronunciar tive fôrça sôbre mim para não responder logo, mas emprazei a Camara e o Presidente para ouvirem o desaggravo.

O Presidente foi justo, a Camara tambem; pezou-lhes do desforço, mas reconheceram a provocação.

Meditei, e levei largos apontamentos, sôbre o que tinha de dizer na materia, que era difficil para mim, pouco versado em questões de fazenda. Na parte em que censurei o Sr.

* Estas e outras partes do discurso que o precisam vão explicadas em notas.

Ministro nada preparei. Quem·ler as citadas notas dos tachygraphos impressas no Diario da Camara, facilmente se convencerá de que falo verdade.

Mais duas palavras de explicação.

Resolvi-me a fazer opposição ao actual Gabinete por elle adoptar cegamente todas as propostas absurdas de detalhe da Commissão Externa, vulgarmente chamada *Salvadora*, e desprezar o pensamento capital e verdadeiramente salvador que a mesma commissão adoptára.

Mas procurava primeiro convencer os Ministros do seu êrro, queria fazêl·o tranquillamente na Commissão interna da Camara que ia examinar aquellas proprostas.

Não o quizeram; e eu por todos os motivos devia declarar-me na opposição. Fil-o sem rancor nem acinte. Sou amigo ha muitos annos de um dos Ministros, de nenhum recebi nunca injúria, de todos obsequio. Vi que eram levados pela torrente d'uma reacção cega e desatinada que imaginou podêr fazer d'este reino, dominio exclusivo de meia duzia de pessoas e terra de escravidão para todos os mais. Queria sustêl-os; não posso. Quero contêl·os, tambem pouco posso, mas parece·me que o espirito público ha de ajudar.

Pêza-me pois que o descommedimento de um dos Ministros me obrigasse a ser violento: injusto não fui; sem provocação, e muito forte, nunca usei de uma palavra desabrida desde que falo.

Devo á camara esta justiça, que a sua grande maioria pensa como eu, conhece e lamenta, como eu, este estado de cousas. Não censuro a irresolução que os prende, porque eu mesmo duvido da efficacia do remedio.

Talvez o combater abertamente o mal que não póde vencer·se, seja aggraval-o. Lavo as minhas mãos, que não escolhi; obrigaram·me.

Offendeu-me a proposta destruição do Conservatorio. — É verdade. — Como não havia de offender me a proscripção inutil e manifestamente acintosa de um estabelecimento que eu tinha creado com tanto zêlo e desinterêsse, cujo proveito via crescer todos os dias, e no qual acreditava, e ainda creio que estavam firmados grandes interêsses de civilisação?

Posso dizêl·o hoje com mais confiança e desaffôgo, porque já todos sabem que d'elle me não vinha proveito algum; e se algum amor proprio entrava na questão, era d'aquella especie que não faz vergonha, antes honra.

Para mim foi uma fortuna esta proscripção, porque trouxe o exame da verdade, que se andava calumniando em cochichos e agora se ouve alta.

Para aquella instituição nascente, cuja despeza era uma bagatella (que ainda podia comtudo reduzir se, como eu ha dous annos tinha proposto, e o anno passado provára a Commissão de Instrucção Pública), e que de certo havia de restaurar o nosso theatro, — aliás *creal o*, que nunca o tivemos — para esse foi golpe de morte, de que os proprios algozes, quando lhes passar a furia, se hão-de pejar.

Tenho este sentimento; é o unico; paixão nenhuma tenho já.

Quanto ás cousas públicas, nenhumas considerações pessoaes, nenhuns resentimentos me hão de afastar dos meus principios; se errar na applicação hade ser por culpa de entendimento, nunca por tam baixa vontade.

Quanto a mim pessoalmente, não provoco ninguem; mas hei de defender-me. Conheço a historia do meu tempo, sei me servir d'ella; e heide fazêl·o quando e contra quem for preciso.

*
* *

É tam pasmosa e extranha a historia d'esta discussão, por tam inaudito modo a trouxe aqui o Ministerio, por taes desvios tem sido, não conduzida, que a não conduziram os Ministros nem ninguem, mas empurrada e arrastada á toa, que ella ficará para sempre de monumento unico e admiravel nos fastos do governo representativo.

Talvez, para bem entrar na materia, e assentar com mais justiça o voto de reprovação que venho dar á proposta, e o voto de censura que é necessario dar ao Ministro, eu devesse começar pela narrativa concisa, mas completa, d'esta maravilhosa historia. Por ventura, e de certo outro grande interesse, o da verdade historica, pedia que n'esta occasião e já, perante as testimunhas contestes, recentes os factos, eu deixasse consignada a sua narração authentica e fiel: porque em menos solemne logar, em qualquer outra occasião contada de ninguem será crida e os vindouros hão escarnecer do historiador que lhe transmittir este fabuloso romance parlamentar.

Insta porém o tempo que é forçoso poupar, aperta a urgencia de entrar na questão; e só me reservo o direito, que n'este caso é obrigação tambem, de citar e rectificar, a par de meus argumentos e declarações, os factos mais salientes e mais pasmosos que em sua ordem chronologica quizera antes mas não posso agora deduzir.

Neguei o meu assenso á generalidade do projecto, do mesmo modo e pelas mesmas razões o nego agora a este artigo: e pêza-me fazel·o, porque não é tão systematica, nem

é de certo accintosa a minha opposição. Nego o meu voto pela fórma em que se pede, pela fórma em que se quer dar; estou prompto a concedêl-o em termos razoaveis e justos. A minha opposição é generosa como o motivo d'ella; é leal e nobre como são nobres e leaes as razões que a excitaram, e que assás tem denunciado os Srs. Deputados ministeriaes que me precederam, imaginando talvez lançar-me censura e descredito porque as reputam pequenas: e pequenas devem de ser para quem as não mede senão pela vara afferida do interêsse material. Eu não sou mercador de politica, tenho outras medidas, mas não me admira que as não entendam nem recebam. Resolvi votar contra os Srs. Ministros desde que os vi adoptar em globo e sem distincção todas as propostas da Commissão Externa, algumas das quaes são tam absurdas, tam incoherentes, tam filhas d'um espirito mesquinho de retroacção e obscurantismo, que toda a opposição contra ellas é licita, todos os meios de as desacreditar, isto é, de as fazer conhecer bem, são permittidos e justos. Propostas taes que só por aberração mental podiam sahir de tam conspicua congregação de homens, como são, pela maior parte, os vogaes d'aquella respeitavel Commissão. E não se espantem, não se escandalizem de eu caracterizar de aberração mental a adopção de similhantes projectos: que n'esta mesma expressão presto homenrgem ao alto pensamento, juizo e acerto que presidiu ás regras geraes pela illustre Commissão estabelecidas, regras de que miseravelmente aberrou e abusou quem quer que foi accoitar á sombra de nomes tam distinctos essas mesquinhezas ridiculas de detalhe, tam suspeitas de acinte e de má fé, tam cunhadas do sello da ignorancia das theorias e dos factos, que é um pasmo iuexplicavel.

E' um pasmo ver nomes tam illustres assignando essas propostas de inepto e vergonhoso vandalismo, de mal disfarçada tendencia a uma reacção partidaria que detesta e destroi quando é obra alheia, e que já não contente de calumniar as pessoas de quantos se não submettem cegamente ao jugo insoffrivel de sua vontade caprichosa e exclusiva, até calumniam as cousas.

Eu quero agora e para sempre estabelecer a perpetua distincção que faço entre as *propostas sinceras* da Commissão, e as *hypocritas propostas* que a mesma commissão não teve força para repellir. Faço lhe essa justiça. Foi illudida, abraçou a nuvem por Juno; fizeram-lhe crer que incensava a opinião pública, que satisfazia as suas reclamações. consentindo n'esses *projectivos* estereis, nullos, que denunciam a pequenez do espirito que os concebeu, a alma pouco generosa que os forjou, uma intelligencia de tam acanhado alcance que se persuadiu que podia impôr á nação de economista e reformador com taes economias e taes reformas!

Não posso nem suspeitar de cumplicidade voluntaria a illustre Commissão externa em similhantes desatinos; lamento que não ponderasse mais os motivos, os meios, os fins com que se davam taes alvitres, a indole de quem lh'os dava, por que estou certo que os havia de reprovar, stigmatizar, e indignar-se, como eu ainda espero que ha de fazer a Camara, se lhe derem tempo para reflexão e exame, se lhe derem logar para conhecer que a annuencia cega, surda, muda e passiva que lhe exigem é moralmente inutil para quem a recebe, deshonradora para quem a dá.

Não é acintosa pois nem é esteril tam pouco a minha opposição; porque, em logar do artigo primeiro do projecto da Commissão interna que não posso approvar, em logar do pedido do Govêrno que a mesma Commissão reprovou, que o proprio Ministerio corrido de vergonha abandonou já, offereço, como emenda, a parte co-relativa na proposta da Commissão externa, que, segundo muito bem disse o meu honrado amigo o illustre Deputado por Evora, tem todas as condições necessarias para thema de discussão; e por mais defeitos que n'elle haja, que alguns lhe conheço eu, outros não conhecerei, póde acceitar-se para o emendar a discussão.

A Commissão de Fazenda d'esta Camara, fiel intérprete de nosso voto unanime, rejeitou a insolita e pasmosa auctorisação que o Sr. Ministro da Fazenda ousou pedir-nos, propondo que lhe votassem umas bases que não definia, que se lhe désse um voto de confiança sôbre pontos que não designou, vindo a ficar a seu arbitrio absoluto, se tal votação houvera, chamar bases ou principios da lei ao que elle quizesse, apear de taes e desprezar os que lhe não conviessem.

Honra seja feita á illustre commissão que tal fez; mas perdôe-me ella que não substituiu, como devia, o reprovado arbitrio, propondo em seu logar a emenda que eu offereço.

E qual é a unica objecção que até agora se tem apresentado contra este arbitrio? Que desculpa se dá para o não adoptar, quando se confessa ser o optimo?—O prolongamento da discussão. Santo nome de Deus! Discussões longas aqui, onde todos os dias se cortam na hora e no ponto que se quer! A desculpa realmente mostra que não é sincera a vontade. Se receiam longa discussão promovida pela supposta má fé da minoria, essa tanto póde usar-se, mais póde usar-se dos projectos imperfeitos e incompletos. Não a

acredito nem a confesso, ainda assim; mas quando fosse verdade, tanto podem protelar-se os grandes projectos, como os pequenos. E se o remedio contra essa má fé supposta é o cortarem-se as discussões no ponto em que a Camara, isto é um aceno dos Ministros o resolve, a maioria tem sempre essa arma na mão, póde, sabe e costuma usar d'ella sem misericordia: para que ha de depôl-a agora?

Uma razão mais insta commigo para persistir na emenda. Eu accusei e accuso de versatilidade, de volubilidade, e inconsequencia o systema do Sr. Ministro da Fazenda. A Commissão da Camara acaba de reconhecer e de reforçar a accusação; a Camara a pronunciou. Mas não basta censurar os erros do Ministro, é necessario corrigil-os. O Sr. Ministro da Fazenda tinha reconhecido que este era o unico meio de salvar a nossa Fazenda: mudou de opinião depois, a Camara não deve consentir na mudança, a maioria tem obrigação de permanecer no pensamento Ministerial que adoptou, a que se vinculou, sob pena de incorrer em toda a responsabilidade que o Ministro lhe quer lançar aos hombros, de confirmar todas as accusações que lhe fazem de que fez voto de cega obediencia, não já sómente á vontade, mas aos fluctuantes caprichos do Ministro.

Pois quê, estavam as Côrtes em plena sessão, provendo os negocios publicos, trabalhando no importante exame do Orçamento, e de repente suspendem-se os trabalhos, adiam-se as Côrtes: para que? qual foi o motivo do adiamento? Como se justificou elle perante a opinião pùblica? Que se disse então na presença da Nação e de todo o mundo? Que era necessario organisar um systema completo de providencias para a nossa Fazenda; que se não podia preparar em pleno Senado esse trabalho, que longe do estrepito das discussões, no remanso do gabinete e entre poucos escolhidos se ia fazer o que no tumulto d'estes *inquietos comicios* não podia effectuar-se. Adiaram-se as Côrtes, escolheram-se os Neckers, completou-se o systema: a Nação persuadiu-se que ia ser salva, Portugal foi todo jubilo, gratidão e alegria! — Levanta-se o interdicto, abrem-se as Côrtes, apresenta-se o volumoso *inforciato* de providencias salvadoras. Vamos a approval-o, vamos abraçar-nos com o *Novo Testamento*, com a Lei da Graça que nos vem regenerar... Nada d'isso: um bello dia de manhã o Ministerio muda de opinião, de religião financeira, abjura a lei nova, recanta as suas profissões de fé, tornâmos ao antigo, voltâmos ao Testamento Velho, ao *Thalmud* dos emprestimos, aos livros da *Kaballa* das operações de credito!

Que foi feito de tantos trabalhos, que se fez das luminosas descobertas da Commissão externa? Que é d'aquella fé viva que todos tinhamos, que o Minisierio tinha mais que ninguem, nas decisões do seu apostolado? Para que foi o addiamento da Camara? Que contas ha de elle dar á Nação d'estes tres mezes perdidos no meio de tanta mingua e apertura de tempo?

O Ministerio, que aqui veiu, com esse livro na mão, annunciar-nos que estava descoberta a solução do grande problema, que, entre a vozeria de tantos descontentes, de tantos infelizes que gritam de fome, levantou o seu brado de enthusiasmo e satisfação, o seu *Eureka* de triumpho, o Ministerio vem hoje declarar que volta ao antigo, que é preciso prolongar indefinidamente esse estado de incerteza, de vacuo, de insufficiencia, e de miseria em que temos laborado até agora.

Não é preciso ser iniciado nos reconditos mysterios da finança para saber que d'este estado em que se acha Portugal e a sua Fazenda, só o póde tirar a repartição do tributo directo; e que *ess'outros* remediosinhos empyricos não fazem senão aggravar o mal. N'esta dilacerada tunica o que se remenda hoje não é egual ao que se ha de rasgar ámanhã. A emenda radical era reduzir as despezas ao minimo possivel, melhorar a fiscalisação, lançar esses poucos tributos indirectos que ainda podem impôr-se sem demaziado gravame para os povos; depois d'isto repartir o que falta pelos proprietarios e grandes industriaes.

Pois quê, não pagaram nossos paes duas decimas para sustentar a independencia do reino contra a invasão dos francezes? Pois paguemos nós agora o que a cada um tocar para remir a divida que se contrahiu na conquista da Liberdade: divida que faz todas as nossas difficuldades e penurias; todas, porque para o corrente de nossas despezas, com economia e ordem, temos quanto basta.

Ninguem recusa fazel-o, todos estão promptos a pagar, porque todos conhecem que devem. O que ninguem quer, e com razão, é pagar uma decima que se não sabe o que é, a cujo lançamento preside a injustiça, a fraude e o mais desfaçado patronato; cuja arrecadação ou é abandonada á mais desleixada preguiça quando pelo Governo se faz, ou á mais violenta rapacidade quando a commette aos seus insaciaveis publicanos; uma decima que ha tantos annos não entra para o Erario, que toda vai para os cofres dos especuladores!

Pela repartição do tributo directo, ao contrario tudo ha da entrar no Thesouro; e os povos têem a garantia de pagar mais appro-

ximadamente da justiça, porque cada um dos contribuintes é fiscal interessado e solicito de sua recta distribuição. No lançamento da decima não ha quem reclame senão para ser alliviado, ninguem solicita que se lance mais do que se lançou.

Já disse que não sou financeiro, que não pretendo sêl o; mas basta pôr os olhos na historia dos povos que nos têem precedido em eguaes calamidades, que nos precederam tambem e nos deram o exemplo do remedio.

Mais difficil, mais desesperada era a situação financeira e politica da França quando adoptou este arbitrio, e salvou-se. E nós não havemos de querer salvar-nos, e nós havemos de ficar sempre n'esta miseria, sempre dependentes das Companhias Confianças, dos Bancos, dos contractos do Tabaco, de todas quantas pessoas ou companhias tiverem meia duzia de contos de réis para especular, depois de muito rogadas e como por grande favor, em nossa lamentavel desgraça!

A isto não ha que responder: e a unica excepção dilatoria que se offerece é tam banal e absurda, que não deve receber-se: *Não temos cadastro feito e não póde fazer-se a repartição sem elle.* Se os que adoptaram, em seus apuros, a repartição do tributo directo, esperassem, para o fazer, pela confecção do cadastro, ainda hoje estariam esperando, por que ainda hoje não ha cadastro perfeito nem em França nem em parte alguma.

A operação do cadastro nunca póde fazer se bem senão simultaneamente com a da repartição do tributo. O que póde e deve fazer-se já é uma collecção de regras geraes, de cathegorias que sirvam para guiar as primeiras operações, tirando um termo medio, entre os derradeiros lançamentos da decima com os roes dos ultimos annos de dizimo, para obter approximadamente, e por uma razão composta, os primeiros elementos de equidade: porque justiça, só ha-de vir com o tempo, com as reclamações dos interessados, com os trabalhos das juntas de Districtos, e das Municipalidades que por este systema hão de ser os verdadeiros, gratuitos, mas vigilantes zeladores dos interesses do fisco.

Reflicta a camara tranquillamente, e sem preconceitos n'estas graves ponderações que lhe submetto. Questões d'esta importancia e em casos tam apertados é preciso ter coragem de as ver e expôr como ellas são, encaral-as com valor, e não pensar que se póde illudir a opinião pública, tam illustrada já n'este ponto, com subterfugios miseraveis e ridiculos. Percam a louca esperança de illudir o povo com joguetes de creanças. Com duzentos mil réis de economia no Tribunal do Commercio, com dous agregados da Academia de Bellas artes que se condemnam a morrer de fome, com as crianças do Collegio Militar mandadas summir nas aguas furtadas do Collegio dos Nobres, com a mutilação dos Lyceus, com a extincção do Conservatorio d'Artes e Officios que poupa dez réis, com a proscripção do Conservatorio de Musica que produzirá trinta réis, não é que se satisfaz a opinião publica. Desceram ao reino das sombras esses piedosos Enéas, e julgaram poder calar o Cão das tres fauces com essa mágra sôpa que lhe arrojaram. Assustava os seu tremendo latido, cuidaram enganal-o com isso: enganaram se a si. Os desperdicios, os desarranjos, as injustiças da nossa administração de fazenda que reforçavam e davam corpo ao triple latido do cerbero popular, ficaram e ficarão os mesmos com estes phantasmas de reforma.

Por cada uma de suas tres gargantas saem brados distinctos mas accordes. É a arrecadação injusta, é a distribuição partidaria, é a applicação irregular dos tributos que irrita as fauces, que propelle os uivos assustadores do vigilante guarda. *Aqui foi o Orador interrompido pelo Sr. Presidente, que disse:* Não se póde attribuir mau fim ás intenções de ninguem.

O *Orador continuou*: Não o attribuo á Commissão: estas cousas não podem ser d'ella: são miserias, são baixezas do espirito exclusivo e ignobil de certa gente que tem inveja, e odio de morte a tudo quanto não é d'elles — quanto elles não fazem — E tem de levar a sua vida a invejar e a odiar, por que os desgraçados só têem a ruim prenda de destruir!

O Sr. ministro da Fazenda a nada d'isto attende; e vacillando e variando a todo o instante de systema, exige imperiosamente dos Representantes da Nação, manda com despotica arrogancia a estes seus servos que o sigamos em todas as suas caprichosas mudanças, como quem não está aqui para mais do que para lhe obedecer.

Já pelos distinctos oradores que me precederam tem sido castigada esta insolencia... não digo bem, a demencia de taes expressões, a heretica pravidade de similhantes doutrinas, o tom emphatico e pedagogico com que nos mandou estudar as nossas obrigações. Mas não basta ainda. A representação nacional foi insultada por um homem que nem é membro d'esta Camara *(apoiados)*, que apenas é agente *(a)* de outro poder, e que, por tantas considerações, nos devia tractar de outro modo. É obrigação de todo o Deputado obrigar o Sr. Ministro a entrar nas raias do decoro, a medir as suas expressões, a considerar deante de quem fala, e em no-

me de quem fala, para que se não confunda, na opinião dos povos, o nenhum respeito e consideração que similhante Ministro merece com o que todos devemos á Corôa. Respeito que tanto mais é preciso salvar e conservar quanto seus indignos agentes lh'o perdem mais, faltando ao que lhe devem, e a nós, e a si proprios.

Insisto, sim, que depois que a sanctidade do Parlamento foi insultada, depois que a dignidade dos que aqui se assentam com as procurações dos povos na mão, foi offendida por discursos que na bocca do mais desprezado tribuno, do mais grosseiro demagogo eram mal cabidos — nenhuma voz póde levantar-se n'esta Casa sem que tome por encargo precipuo repellir as subversivas doutrinas, a offensiva linguagem do furioso que tanto ousou.

Que um homem que não seja membro d'esta Camara, que a Constituição tolera *(b)* sentado aqui, mas que é extranho a este corpo, que apenas é agente d'outro poder, e não membro d'elle, porque o poder executivo não está nos Ministros, mas em pessoa mais alta em cujo manto sacratissimo não podem cahir as nodoas d'estas indignidades, que esse homem venha á face da Representação Nacional dizer improperios aos que são membros de um poder independente, reprehendel-os em linguagem de Portaria, como quem reprehende um subalterno, um dependente que faltou a suas obrigeções, tolere o embora a Camara; eu não reclamarei por minha parte o castigo d'esses desvarios. Na vaidade feminina de quem os pratica, n'esse mesmo prurido morboso com que a si proprio se fatiga, se impacienta, se desespera, está todo o castigo que lhe desejo. Com essa vingança, que eu não tomo, amplamente fico satisfeito.

Que, subido ao alto da montanha pelo demonio da soberba, um pobre espirito fraco perca os sentidos, julgue que lhe fala devéras o tentador quando lhe diz *haec omnia tibi dabo*; que possuido d'esse terrivel demonio da soberba, perdida a cabeça n'essa altura que não é para seus fracos nervos, insulte os que lhe são tam superiores *(c)*, não guarde respeitos a ninguem, imagine que todos lhe devem adoração, destempere e blasphemе contra a mais leve resistencia que encontra... esse homem deixál o, elle se precipitará; lá tem dentro de si o malfazejo demonio que o castigue. Exorcisem-no; é o mais que lhe podem fazer.

A vivacidade de meus sentimentos, a religião das lettras em que fui creado dá me ás vezes, já o confessei, momentos de fanatismo quando as vejo maltratadas por leigos insolentes, ou por garraios de ôcca sciencia, que ainda são peores que os leigos, porque são mais atrevidos. Mas se é um Deus que n'esses momentos tem a mão sôbre mim, *não peço ao Senhor, que a retire (d)*, tomára-me sempre debaixo d'ella. Guardo as minhas orações para pedir a Deus que afugente, d'esse desgraçado corpo que está possesso, o demonio da soberba que n'elle fala e desvaria.

Esta linguagem é sarcastica, não duvido qualifical-a. Mas desde a praça de Athenas até á tribuna de Londres, desde Demosthenes até Brougham foi tolerada e admittida quando as provações a justificam.

Menos descupavel é falar cada um de si. Não só as regras de conveniencia geral, os proprios preceitos d'arte limitam apertadamente essa faculdade. Ainda me lembra o dictamen do mestre dos oradores, *de se parce et modeste.* Parco e modesto tenho eu sido, serei sempre de mim; mas com uma vida pública tam innocente *(e)* e devota para com o paiz que me gerou, para com a liberdade que me trouxe ao collo, com vinte annos de duro serviço na causa d'essa mesma liberdade, de trabalhos e sacrificios, de inalteravel constancia em principios, de indomavel firmeza em opiniões, custa a ouvir os homens novos n'esta causa que se deviam honrar de seguir as pizadas dos veteranos da liberdade, empoleirar-se em seu throno de cannas, e cacarejar como o vaidoso marido da gallinha, enamorado de sua plumagem inutil, de sua propria e esteril sufficiencia.

Ha na sociedade moderna uma aristocracia nova e pessoal, que eu respeito sobre todas, e que, d'onde quer que ella venha, onde quer que ella esteja, me levanto para a saudar com respeito, para reconhecer nos que a possuem os optimos, os proceres da república. E' a dos talentos e dos serviços. Queres que te eu respeite, queres que me curve deante de ti, mostra-me o em que tens illustrado a patria com a tua espada, com a tua penna, com as tuas descobertas, com a tua industria. O nobre Duque da Terceira que não viesse da illustre e patriotica stirpe dos Sanchos Manueis, o nosso Fr. Luiz de Sousa que não viesse d'essa outra descendencia, tam nobre segundo as cousas do mundo, para mim seriam sempre os nobilissimos homens que são. Da excellencia de homens taes são testemunhas os contemporaneos emquanto vivem, é diploma a historia depois que morrem. Mas onde ficará nos dias de hoje a vaidade presumpçosa e ridicula de quem sempre estiver a falar na sua gloria, na sua sciencia, nas suas virtudes públicas, quando lhe perguntarem, como eu poderia perguntar agora a algum vaidoso: «A causa da monarchia e da liberdade pre-

cisou do testemunho de seus filhos; quando e aonde appareceste para lh'o dar! Careceu de martyres que assellassem com o seu sangue e os seus sacrificios a verdade que sustentavamos; onde estava o teu zêlo e a tua dedicação? A tyrannia opprimia a patria, a usurpação occupava o throno: toda a alma generosa e livre, todo o que hoje póde ter direito a levantar a cabeça entre nós e a dizer *conhecei me, sou eu*, todos resistiram; e, nos carceres, ou no patibulo, ou no exilio, ganharam o direito de ser nomeados e respeitados por nós. Que te não chegou então a nobre ambição de ganhar legitimamente esses titulos ao nosso respeito que pela intriga e pelo compadresco pretendes usurpar, e cuidaste que tinhas ganho por que te deram um papel vazio de sentido, vazio de verdade que está embargado na chancellaria da opinião publica até que tam demaziadas esperanças se convertam em alguma realidade? Faça Deus que sim.

Este paiz precisa ha muito illustração, este povo precisa que as letras e as sciencias se cultivem n'elle, a industria, as artes precisam esclarecidas, a sua historia precisa escripta e estudada: onde estão os volumes do novo Thiers, as prelecções d'este Guizot, as sublimes inspirações d'este Chateaubriand e Lamartine? Nas tribulações da patria não te encontramos, nem sequer a chorar, quanto mais a combater ao pé de nós; nas tarefas de Minerva não te conhecemos; o teu nome não se liga na republica das letras senão a esses artigos panegyricos em que novo Homero de periodicos, cantas a tua propria Illiada em linguagem mascavada, em que, Xenophonte de ti proprio, escreves a romanesca Cyropedia de teus altos feitos que ninguem viu.

D'onde virá tanto orgulho e tam nojenta vaidade? d'onde virá a audacia de comparar uma vida publica *célebre só em manejos e intrigas eleitoraes,* com a dos veteranos da liberdade que ha vinte annos trabalham, luctam, padecem pela defensão d'esta causa em que só appareceste depois da victoria?

Por mim que estou carregado de peccados para com Deus, cuja mocidade tempestuosa foi cheia de leviandades e miserias de homem, mas cuja vida pública tem sido um constante, perenne e purissimo, embora tenue e fraco, sacrificio pela minha patria, pelo meu Rei, pela liberdade dos meus concidadãos, pela gloria do nome portuguez, pela illustração das letras, pelo augmento das sciencias; acceito a appellação que, n'esta causa de preferencias, se quiz fazer para a opinião pública, acceito o juizo da nação e dos meus pares, mas ha de ser *dos meus pares,* dos que sabem e podem avaliar o que valem serviços, o que custam estudos e trabalhos, e não d'aquelles que, como o meu accusador, nada fizeram, nada padeceram, nada trabalharam, e agora vém á sombra da arvore da Liberdade que nós plantámos, descançados ao abrigo d'este templo que nós levantámos com o trabalho de nossas mãos e o suor do nosso rosto, escarnecer de nossas faltas (que de certo commettemos, e muitas: somos homens), e pavonear-se de sua immaculada virtude que ainda não foi experimentada, que ainda não passou por nenhuma próva, que ainda não esteve sequer em posição de ser mordida pela inveja, de ser aboccanhada pela calumnia. E' preciso mais modestia, é necessario uma confiança menos pueril em quem começa agora a viver para o mundo que não conhece, e que o não conhece a elle.

Espere, aguarde; que cedo ha de perder essa illusão de bemaventurança em que está, e que tanto mais depressa lhe hão de dissipar as realidades da vida quanto mais vaidoso, quanto mais inconsiderado se apresentar deante d'ella.

E' terrivel precalço do systema representativo que os caracteres se gastem depressa, que as armas da calumnia e da inveja não percam um só dos tiros que lhes assestam, que os odios particulares aproveitem os erros privados (que não são justiçaveis do público) para empanar com as maculas mais perdoaveis do homem, o brilho puro e ingenuo da mais immaculada vida de cidadão.

Prepare-se o homem indiscreto, intolerante e vaidoso a quem dirijo esta admoestação, que lhe não hão de tardar nem escassear as próvas do que lhe digo; e então conhecerá, quando o affligirem as calumnias immerecidas, quando o desgostarem as insinuações malignas, quando o aborrecerem os dicterios insulsos, quando o offenderem as interpretações malevolas de seus dictos e feitos mais innocentes, então conhecerá quanta modestia, quanta diffidencia é precisa para encarar face a face com o tremendo juizo da opinião pública, tribunal em que ainda se não pronunciou, desde que ha mundo, sentença recta e imparcial senão depois da morte da pessoa julgada.

Não tema de mim represalias, não sou capaz de as tomar, nunca as tomei de ninguem d'esse modo: e esta é a minha unica vaidade, a unica cousa que em mim conheço de que, por mim, tenho orgulho, que nunca me manchei n'uma calumnia, nem para retaliar aos meus mais violentos inimigos. Mas d'estas generosidades são raras: não ha de encontrar muitas.

Que seja permittido porém, que seja tolerado esse desafôgo immodesto em quem tanto mais o devia reprimir, quanto mais ele-

vada é a posição em que os acasos, *nem sempre acertados*, do jôgo da máchina do Govêrno representativo podem collocar um homem, emquanto esses excessos atacam sómente as nossas pessoas, passe. Mas que as doutrinas, que os principios do Governo representativo sejam insultados por um agente do Podêr, não se póde tolerar, nem deve ficar sem censura aspera, solemne, austera e sem misericordia.

D'onde vem ao ministro o direito de taxar de incoherente quem segue os mesmos principios, embora não queira as mesmas pessoas? D'onde o direito de lançar sôbre a minoria a culpa de sua propria impersistencia e volubilidade interessada? Digo *interessada*, porque no unico motivo de conservar o podêr a todo o custo (não em uma prudente e meditada mudança de opinião) têem origem estas variedades de Protheu que a todo o instante muda de fórma para que o não possam segurar, para que o não obriguem a pronunciar o oraculo, que possa voltar-se contra elle e abysmar o Protheu em suas proprias aguas.

Aonde fica a doutrina da responsabilidade dos Ministros, onde fica o principio da conservação e da quéda dos Gabinetes, segundo as votações parlamentares, da conservação ou da dissolução dos corpos parlamentares, segundo a adopção ou rejeição dos projectos ministeriaes, uma vez admittida esta theoria absurda, pusillanime e que revela uma fraqueza moral, um apêgo miseravel e vergonhoso ao podêr?

Este modo nunca visto de governar no systema representativo, que nos paizes mais adeantados n'esta carreira bastaria para dar tal documento de inhabilidade nos ministros, que nem a Corôa os podesse tolerar, nem o povo respeitál-os; este procedimento, digo, tem só uma vantagem, um merito: é a homenagem prestada á independencia da Camara, é a explicação honesta da conservação d'esta maioria que aliás se não poderia conservar, se o Ministro ousasse ter um pensamento seu, se o seu programma de furta-côres não illudisse ora uns ora outros, de modo que, especulando sôbre a honrada firmeza de principios de cada um, com esta versatilidade não obtivesse a maioria hoje com estes, ámanhã com aquelles votos.

Vinculado um por suas profissões anteriores, prezo outro pelas honestas esperanças de conseguir a approvação de suas idéas, assim tem servido a maioria dos Deputados innocentemente ás interessadas manobras dos que caminham direitos a seu fim pelas tortuosas veredas de uma apparente condescendencia mas verdadeira tenacidade.

E' falaz esta submissão; esta fingida condescendencia com a vontade das maiorias é um meio muito velho e usado de que sempre se serviu a tyrannia incipiente: finge-se governar em nome dos muitos, quando é a vontade de um só que governa. Ainda não houve usurpador de nenhum genero, que esta tactica não seguisse emquanto não póde tirar a mascara; e infelizmente raro é o ajuntamento de homens que chegasse a conhecêl-a, a precatar-se d'ella com tempo.

Eu ainda confio que não ha de succeder assim com esta Camara, que ella não ha de cahir no laço que lhe armam, e que, confundindo em seu proprio engano a quem lh'o prepara, a Camara ha de dar um testemunho público e solemne de que verdadeiramente representa a Nação e não a vontade de um Ministerio versatil que não tem, não quer, nem póde ter outra politica se não a de conservar o podêr: meio caminho andado e confessado para o despotismo.

Espero-o da Camara. Espero-o hoje. Já rejeitou a proposta do Govêrno, metade da nossa obrigação está feita: rejeitemos tambem este projecto, e especialmente este artigo que se discute, e substituamos-lhe o correspondente na proposta da Commissão externa. E tanto desejo eu fazer opposição generosa e leal que, se este systema, que já foi do Govêrno, que nasceu do lado opposto da Camara, que nem é meu, nem da opposição, o quizerem reduzir a regras geraes, claras, perspicuas e positivas, para sobre ellas se dar voto de confiança ao Governo, protesto desde já que o hei de approvar, e que, não obstante a minha desconfiança no Ministro, hei de armal-o d'essa auctoridade que assim ficará menos perigosa.

Oxalá que não houvesse n'esta questão nem centro, nem direita, nem esquerda. Digo o como o sr. Ministro, mas com intenção muito differente. Oxalá que todos puzessemos de parte as nossas opiniões particulares, que todos abandonassemos as nossas questões privadas, para as debatermos depois, e que concorressemos todos juntos agora para uma obra, que inquestionavelmente é de verdadeira salvação para o paiz, que adoptassemos uma providencia verdadeiramente regeneradora. Já se não póde dizer que este Projecto é do Ministerio, porque o abandonou; já se não póde dizer que é da maioria, porque tambem o abandonou; não se póde dizer que é da opposição, porque o não apresentou. Venha pois o desvalido, discuta-se, emende-se e rectifique-se; sejamos breves, laconicos; eu por mim protesto que não hei de protelar a discussão; dou a minha solemne palavra, e não costumo faltar a ella. A Camara ha de concorrer toda para este acto nobre e grande, e ha

de assim rehabilitar-se na opinião qualquer dos lados d'ella, que justa ou injustamente tenha sido censurado; a Camara, por este grande movimento patriotico, dará a toda a Nação Portugueza um testemunho do que póde o verdadeiro amor Nacional, o verdadeiro zêlo pela Causa Pública: demonstraremos assim que não estamos aqui litigando por essa meia duzia de pastas, que não valem nada na presença de tamanho objecto, mas que estamos cooperando para o Bem Público. Na questão assim apresentada não podem haver bancos Ministeriaes, nem da Opposição: se os Ministros querem concorrer para este grande acto Nacional, ainda é tempo; protesto que, apesar de tudo, hei de apoiar com o meu fraco voto todas as suas propostas, que hei de votar com a Esquerda em todos os melhoramentos que offerecer; que hei de votar com a Maioria em todas as emendas uteis que propuzer; que hei de dar o meu fraco appoio a todos os que concorrerem para esta grande obra; e que me hei de desmentir e desdizer, de tudo quanto injustamente possa ter dito a qualquer que assim me convencer e desmentir. Mas não sejamos aqui, instrumentos uns, testemunhas outros do acto mais indigno que se póde commetter perante uma Nação; que é, depois de a ter enganado por tanto tempo com esperanças de uma organisação definitiva, que satisfaça todas as necessidades públicas, que regularise toda a sua fazenda, e a tire do estado miseravel em que está, depois de tudo isto, vir aqui um bello dia de manhã, e dizer: já não serve de nada este Projecto, esta Commissão, esta Salvação; voltemos ao antigo, porque só com elle podemos viver. A Camara, tenho confiança, não ha de dar similhante documento. Os Ministros não se podem oppôr áquelle Projecto, porque a questão não é Ministerial, é muito *Nacional* de mais para o Ministerio. Proponha-se pois, discuta-se ou na integra, ou em bases a que se reduza, e vote-se tudo; hei de votal-o pela minha parte; e estou persuadido que grande numero de Membros d'esta Camara, d'aquelles mesmos que alguma opposição têem feito ao srs. Ministros, hão de abandonar a opposição, e hão de votar por uma verdadeira salvação do Estado. Esta sim, que é a salvação devéras:—o mais é «Salvaterio!»

NOTAS DA PRIMEIRA EDIÇÃO

NOTA *(a)*

Muito se escandalisaram os Srs. Ministros e os seus amigos com esta proposição. Mas tenham paciencia, que é dogma de fé Constitucional-monarchica. Os Ministros são meros agentes do poder executivo: o poder está no Rei. Leia-se todo este paragrapho do discurso e vêr-se-ha como me accusaram, por elle, de faltar ao respeito á Rainha!

NOTA *(b)*

Outra heresia terrivel; dizer eu que o Sr. Ministro da Fazenda, que ainda não está reeleito deputado, era *tolerado* pela Constituição na Camara, mas que era extranho ao corpo dos Deputados da Nação.— Pois é outra verdade inquestionavel. Nas Côrtes constituintes como Deputado, e já antes, em 1826, pela imprensa eu sustentei mais que ninguem, e primeiro que ninguem, em Portugal, que os Ministros deviam tomar parte nas discussões das Camaras ainda que não fossem membros d'ellas — Mas segue-se d'ahi que o que só é agente de outro podêr, quando não é membro d'aquelle perante quem fala, não esteja em mais delicada posição, não deva medir-se mais, ter mais recato? — E' o que disse, e o que sustento.

NOTA *(c)*

Falei impessoalmente, n'este logar, dos que, possuidos do demonio da vaidade e da soberba, insultavam os que lhe eram *superiores*.—Nem sequer para calumniadores servem, tam ridiculos e miseraveis são, os que d'aqui querem tirar que eu fizesse os Ministros da Corôa inferiores ou subalternos dos Deputados. —Serviu talvez a calumnia para onde e para quem a fabricaram: mas agora que *já serviu*, estou certo que seus proprios auctores se riem d'ella.

NOTA *(d)*

Esta phrase, que vae sublinhada, foi do sr. Sr. Ministro da Fazenda contra mim; creio que é feliz e galante porque lhe acharam muita graça; por isso a adoptei.

NOTA *(e)*

Sou o derradeiro, sou o mais infimo dos defensores da Causa da Liberdade: repetidas vezes o tenho confessado, e com sinceridade: mas desde que se levantou o seu estandarte em Portugal, tenho-o seguido sempre. E, confesso tambem, não me posso esquecer d'este serviço tam longo e tam duro, quando vejo pavonear deante de mim os que o não têem. — E' o meu fraco; desculpem-m'o. — Sou pessimo soldado, fraco soldado; tudo o que quizerem; mas estou ha vinte annos ao pé das bandeiras, já me custa a ouvir galrar as recrutas novas, quanto mais os *apresentados*... creio que é o termo mais decente —*apresentados*? Sujeito-o á censura de Sr. Ministro da Fazenda.

Quando tomámos, por dever, a honrosa missão de colligir n'este livro os discursos parlamentares do Sr. Visconde de Almeida Garrett, este—proferido na Camara dos Deputados, em sessão de 15 de julho de

1841—que é para nós um enlevo, que não conhecemos nada mais excellente na eloquencia portugueza, foi tambem um martyrio. Maguava-nos o impreterivel dever de o reimprimir, dever que tam oppostamente brigava com a alta consideração que professamos pelo illustre Estadista que alli, tam eloquente como acremente, é julgado. Pezava-nos que as palavras, de então, do grande Orador ficassem na historia, eternamente acerbas, contra aquelle de quem fôra, posteriormente, respeitador e amigo.

Folgámos pois, quando no *Diario do Governo* de 12 de setembro de 1853, encontrámos o extracto da sessão da Camara dos Pares de 13 de agosto do mesmo anno, em que o Sr. Visconde de Almeida Garrett tam nobremente disse:

«Em 1841, sendo Ministro da Fazenda o meu prezado amigo o Sr. Avila, por occasião de se propôrem varias medidas tendentes a reformar o orçamento do Estado, com algumas das quaes não pude conformar-me, lembra-me que fui eu quem na outra Casa do Parlamento propuz, que se puzesse em execução a contribuição de repartição. D'aqui verá s. ex.ª que estou ligado pelos meus principios e antecedentes, a votar pela sua lei; e que não posso votar por outra. Recordo-me com magua, que foi n'essa occasião, que eu tive a infelicidade de me deixar provocar por algumas palavras inqualificaveis do Ministro, e de proferir eu outras duras e desabridas contra elle: do que muito me peza; e a quem peço hoje publicamente perdão de as haver empregado tão asperas, e desabridas Digo, de todo o coração, que me peza de as ter usado, porque respeito o seu caracter, e sobre tudo a sua conspicua lealdade. (O *Sr. Rodrigo da Fonseca*: — Isso é já tarde.) Não é tarde: mais vale tarde do que nunca. Outros ha que nunca o fazem!—Eu esqueço-me das offensas que recebo, tenho longa memoria para as que tenho a infelicidade de fazer (*muitos appoiados*). Eu não era então, não tinha sido até então, amigo do sr. Avila. Hoje professo sêl-o.»

(*C. G.*)

RELATORIO E PROJECTO DE LEI SOBRE CONVENTOS DE FREIRAS

Apresentado na Camara dos Pares, em Sessão de 21 de Janeiro de 1854

A degeneração dos institutos monasticos trouxe o seu descredito. Desajudados primeiro, perseguidos depois por uma reacção de opinião em muitos pontos exagerada, elles tiveram de accolher se á força unica da auctoridade pública para se manterem. E quando esta, minada e derribada d'ahi a pouco pelos principios, ou mais ainda, pelas demazias da liberdade, succumbiu tambem, cahiram com ella os institutos que só n'ella se apoiavam já.

—Depois a revolução.

É a missão das revoluções destruir; é a lei, é a precisão perpétua e periodica d'estes comêtas do systema social: não edificam, nem criam, nem reformam. Mas a sociedade é immortal, as leis e as condições da sua existencia eternas, e mais tarde ou mais cedo, das ruinas necessarias de uma revolução resurgem os principios indestructiveis, para remodelar o que é essencial á vida de cada sociedade segundo o seu modo de ser.

É essencial á sociedade catholica a instituição de pessoas de um e de outro sexo consagradas ao Culto—e não só ao exterior, porém tambem, e mais ainda, ao Culto do coração e do espirito—as quaes, dedicando a sua existencia toda aos dois grandes preceitos da Religião — o amor de Deus e do proximo — sirvam de conforto e de exemplo aos outros que, não sentindo aquella vocação, não venderam como elles *omnia quæ habent* para seguir Aquelle que tam sábia e prudentemente não deu este conselho a todos, mas sómente aos que aspiram a ser perfeitos.

N'este sentido as instituições monasticas podem dizer-se que, se não são de preceito, são de conselho Divino.

Cabe na alçada do podêr civil proscrevêlas; ninguem lh'o disputa. Mas o que não póde ser é proscrevel-as absolutamente, e ficar todavia catholica a sociedade.

Póde-se ainda questionar se, com a instituição do sacerdocio no Clero secular, está ou não supprida a indicação da vida perfeita para o sexo masculino. Talvez me incline a que sim, póde estar. Mas para o outro sexo não se concebe o preenchimento d'esta necessidade sem as Corporações religiosas.

Todos os maternaes desvelos que a Religião e a sociedade promettem e devem aos que não têem mãe, aos que não têem familia, aos desherdados desde a nascença, aos orphãos pelo vicio e pelo crime, ás victimas da infelicidade, aos sequestrados pelas inevitaveis desegualdades sociaes, todos precisam do sacerdocio feminino para se cumprirem. As antigas rodas e as novas créches, as gafarias, os hospitaes, as albergarias e hospicios de nossos maiores, os asylos da infancia e da mendicidade, as casas-pias e os recolhimentos modernos, tudo o que a piedosa linguagem do Evangelho chama obras de misericordia e a fastosa lingua dos philosophos diz philanthropia, quanto pede a Religião christã e quanto exige o Socialismo, o que reclama aquella em nome de Deus e este em nome dos homens, precisa do ministerio das mulheres para se poder cabalmente praticar.

As freiras são pois tambem uma necessidade social; cuidados mercenarios não podem fazer o que a dedicação religiosa alcança. Por toda a Europa que se discorra, e se compare o estado de quaesquer dois estabelecimentos parallelos, um cuidado por mulheres religiosas, outro pela mais zelosa inspecção official, achar-se-ha pelo testemunho unanime de toda a gente, ainda a suspeita quanto é verdade o que affirmo.

A sociedade precisa pois e deve proteger estes institutos. Mas ella põe, e deve tambem pôr, condições á sua protecção. É a minha opinião, absolutamente falando, que estas condições devem ser genericamente as do ensino e da caridade. Freiras que eduquem, freiras que tratem de hospitaes, que levem ao domicilio do pobre e do enfermo os soccoros publicos e a distribuição do trabalho; conventos em que se asyle a filha sem mãe, a mulher sem marido; freiras emfim que, renunciando por amor de Deus e do proximo ás doçuras da maternidade na familia, se votem e consagaem á *maternidade social:* haja quantas houver, nenhum perigo ou damno causam, immenso proveito dão á sociedade, á liberdade. Só ellas podem realisar, fazer possivel tudo o que ha de bom e de justo nas utopias do Socialismo, tudo o que ha de verdade e de razão nas declamações mais ou menos sinceras dos philosophos e reformistas do nosso seculo.

E' para deplorar que os olhos dos nossos concidadãos se não abrissem ainda bastante sôbre um ponto já hoje tam claro e tam indisputado entre todos os povos a que a civilisação chegou. Paizes que vivem debaixo de todas as fórmas de govêrno, estados em que o culto dominante varia desde o catholicismo até ás mais simples, mais nuas e

quasi apagadas fórmas christans no protestantismo, todos toleram e todos protegem, mais ou menos directamente, estas instituições essencialmente catholicas.

Exceptuado o periodo curto da fébre aguda revolucionaria, em que uma grande nação pareceu querer até declarar guerra ao Ceu para se desafrontar da que lhe fazia toda a terra, debaixo das variadas fórmas de govêrno que ha perto de um seculo está ensaiando, essa grande nação ainda não deixou de proteger, de fomentar, de acarinhar as instituições d'este genero; jamais as considerou hostis, ou perigosas á sua liberdade.

Por fatalidade nossa, não abrimos ainda os olhos para vêr o que se passa nem fóra de nós, nem em nossa casa. Não será occasião ainda de o fazer? Não é para chorar que se perca tanto tempo, que se esperdice tanto cabedal em deixar cahir em ruinas tantos e§tam bellos edificios que levantou a piedade de nossos paes, e delapidar por más, por desleixadas, ou desalmadas administrações tantos bens que lhes dotou a sua generosidade, que são a fazenda dos pobres, o patrimonio dos que não possuem, a dotoção dos que não têem? Devêmos, podêmos nós, em consciencia, em justiça, tolerar isto mais tempo sem incorrer n'uma responsabilidade tremenda de que Deus e os homens nos hão de pedir conta?

Devem pezar sobre a consciencia do partido liberal, que ha um quarto de seculo reina, as justas objurgações que a posteridade forçosamente nos ha-de fazer por esta persistencia de ignavia.

Á roda d'esses pardieiros em que ainda se acoitam algumas velhas decrepitas, tremendo de frio e de fome, e cujo coração deve de ser angelico se, todos os dias, não misturam com suas innocentes rezas, terriveis maldições contra nós. — Á róda d'esses tristes asylos, anda famulenta a agiotagem, como lobo em tôrno do redil, contando as horas, calculando o momento em que ha-de empolgar esse resto de dotação religiosa que, tirado ao fomento espiritual, pouco, pouquissimo, nada póde produzir para o fomento material: assás o sabemos; tristemente, amargamente o temos experimentado. Nem devêmos extranhar que os nossos contrarios, verdadeira ou fingidamente horrorisados, nos bradem que os vasos fundidos sagrados no *Bezerro de oiro* do materialismo que temos adorado, provocaram a maldição, e o castigo que nos tem feito desvairar pelo deserto tantos annos, e nos não deixa vêr, nem de longe, a terra da promissão d'essa mesma felicidade material a que só temos parecido aspirar.

Mas não é assim: os illustres, os zelosos e honrados fundadores da nossa liberdade, que, violentados pela cruel e absurda opposição de facções cegas e fanaticas, tiveram de metter a foice da revolução pela matta brava dos abusos e das instituições viciosas e viciadas, viram com profunda dôr de suas nobres almas que a planta generosa e boa, por desgraça, cahia tambem com as çarças e espinhos ruins em que estava emmaranhada. Mas não deviam, não queriam, não podiam conter, nem sequer moderar os golpes. Tudo se abateu; soltou-se-lhe o fogo, e a *queimada* lavrou a sabor dos ventos. Foi uma calamidade, mas uma calamidade inevitavel. A responsabilidade de quem o fez é nenhuma, porque fez o que devia, porque, se o não fizesse, a causa da liberdade perigava.

Hoje a situação é differente, hoje os que têem a fortuna de lançar mão ao arado, depois de desbravadas e adubadas as terras, têem obrigação de semear boa semente, de plantar boa planta, e de abrigar e amparar os renóvos que rebentaram das antigas arvores fructiferas e sadias, cujas raizes fundas e robustas se não destruiram, antes medraram com os córtes e arroteamentos.

No Reino de Portugal, nas Ilhas adjacentes, nas Colonias, ha um grande número ainda de casas, de officinas, uma somma consideravel de bens pertencentes a institutos religiosos do sexo feminino, que se estão arruinando e destruindo. Nem o Corpo legislativo, nem o Govêrno devem tolerar mais tempo este estado de coisas, nem consentir que esses valores tenham outra applicação que não seja a do verdadeiro, manifesto, inquestionavel proveito público no exercicio da caridade e do ensino.

Proponho, com a certeza de ser acceito e approvado por esta Camara, o seguinte Projecto de Lei.

E' auctorisado o Govêrno a permittir a admissão ao noviciado e profissão em todos os mosteiros e conventos do sexo feminino, cuja instituição tenha actualmente, ou venha a ter por objecto a educação de meninas, a educação e instrucção primaria de crianças de ambos os sexos, ou tratar de hospitaes, asylos, prisões, casas-pias similhantes.

Sala das Sessões da Camara dos Pares, em 21 de Janeiro de 1854.

RELATORIO E BASES PARA A REFORMA ADMINISTRATIVA

Apresentado na Camara dos Pares em Sessão de 21 de Janeiro de 1854

São hoje passados mais de vinte annos que entre nós se formulou completo, e se começou a pôr em execução, o chamado systema administrativo; isto é, uma organisação de Magistraturas Municipaes e centraes independentes da ordem judicial.

O preceito salutar da Carta, que fez da judicatura um dos Podêres do Estado, e por necessaria consequencia declarou os seus membros independentes de qualquer outro Podêr, porque inhabilitou os juizes para administrar, tornou indispensavel esta perpetua separação.

O Augusto Libertador de Portugal, quando se preparava para vir reconquistar para Sua Filha o antigo Throno de seus antepassados, restituindo pela segunda vez aos Portuguezes a liberdade perdida, quiz fazêl-o mais com armas de paz do que pela espada.

E um dos principaes beneficios com que procurou obter esse fim foi o de pôr immediatamente em execução aquelle grande e magnifico preceito, garantia de todos os direitos sociaes: a independencia dos julgadores.

Restava porém administrar: a sociedade não precisa menos da auctoridade economica que regula o seu bem estar, do que o cidadão necessita da auctoridade judicial que o protege e mantem na justa posse de seus direitos.

Era urgente prover desde logo áquella necessidade: e o que primeiro lembrou e se antolhou preferivel aos Conselheiros do Regente foi adoptar de prompto e decretar sem mais preliminares a organisação administrativa franceza.

Todos sabem que, formada para resistir aos impetos desregrados e convulsivos da anarchia, aquella organisação mal póde compadecer-se com o systema representativo. D'esta convicção nasceram as alterações e modificações que lhe fez o Decreto de 31 de maio de 1832. Mas por mais que se fizesse (e eu posso testemunhar, melhor que ninguem em Portugal, com quanta boa fé, com quanto sincero zêlo e amor de liberdade se fez) não era possivel fazer bem, porque o systema francez, como repressivo, como todo de resistencia que é, parte de um principio falso, repugnante á indole social, obnoxio e impopular para todos os paizes de habitos e tradições municipaes, como o nosso essencialmente e caracteristicamente é.

A administração em Portugal, como desde a remota origem d'este povo se affeiçoou com as leis e habitos romanos, com os habitos e instituições da edade média, assenta n'um principio que ninguem por largos seculos se lembrára jamais de revocar em duvida nem de discutir sequer — embora se sophismasse muitas vezes — e é que o povo é quem a si mesmo se administra por magistrados eleitos e delegados seus. Ajunte-se a este principio o que lhe addicionou depois a monarchia, a bem da ordem e da harmonia geral dos interesses publicos, o qual é — que a auctoridade central tem direito e obrigação de velar por que os interêsses das localidades se não choquem e contrariem em prejuizo commum: e temos concentrados n'estes dois, todos os mandamentos da lei de nossa existencia social.

Abusando umas vezes, rectificando outras, assim vemos na nossa historia administrativa a auctoridade delegada pelo podêr central do Estado nos Corregedores, nos Juizes de Fóra e nos Provedores, posta de equilibrio e de fiel de balança á auctoridade delegada pelo povo aos seus vereadores e juizes.

Se é permittida a expressão, direi que a nossa administração pública se creou e fundou pelo methodo natural—o analitico, emquanto o systema imperial francez é todo synthetico.

Portugal, assim como ainda hoje a Inglaterra, a Hollanda, a Belgica, e a melhor parte da Allemanha, paizes todos municipaes, professa e crê que o direito de se administrar a si proprio pertence ao povo; assim como o direito de vedar que a administração popular de uma localidade lése a outra, ou outras, ou ao todo do paiz, pertence á auctoridade central: em melhor e mais certo rigor de expressão constitucional — á corôa, primeiro fiel e primeira garantia de todas as liberdades.

A legislação franceza assenta no principio opposto, que eu não duvido qualificar de falso, de que o direito de administrar pertence á auctoridade central, e que os povos, quando muito, só podem ser ouvidos e consultados sôbre as suas necessidades, desejos e contribuições.

Eis aqui, Senhores, porque, adoptando-se um systema, partindo-se de um principio que não é falso, como eu para mim o tenho, em toda e qualquer fórma de governo, para Portugal é errado, cujos habitos, cujas tradições, cuja historia, cujo amor proprio

mesmo comprime e contraría, e que, demais a mais, é diametralmente opposto e estrepitosamente dissonante ao Governo representativo.

Accresceu a este vicio radical uma funesta circumstancia, que desde a sua origem viciou e contorceu ainda mais até ao absurdo, este novo systema administrativo, a qual não me atrevo a dizer abertamente que é, mas suspeito fortemente que seja, a principal e mais poderosa causa das desordens, anarchias, irregularidades, prepotencias, desperdicios e oppressões de que Portugal tem sido victima n'estes vinte annos de tergiversação, de apalpadelas politicas e governamentaes.

A Carta Constitucional, na superabundancia do seu espirito liberal, por deferencia com o nosso primeiro codigo politico, a Constituição de 1822; por inevitavel reacção contra os abusos que tanto tinham despopularisado a antiga magistratura mixta dos Juizes de Fóra, deu ao Vereador mais votado na eleição a presidencia das Camaras Municipaes.

Os legisladores de 1831, quando nos Açores se viram intalados entre este preceito de que não ousavam desobedecer, e a lei franceza que tinham assentado adoptar, não acharam outro meio de sahir da difficuldade e de conciliar na apparencia, ao menos, uma cousa com outra, senão a creação fatal d'essas magistraturas amphibias, e impotentes para todo o bem, quanto são propensas e poderosas para todo o mal, a que primeiro se chamaram Provedores do Concelho, depois Administradores, e que por todos os modos e methodos se tentou fazer menos obnoxias, sem jámais se conseguir. Nomeação Regia, eleição popular, escolha mixta, apuramento de pautas, todos os meios se experimentaram; por nenhum se conseguiu, nem podia conseguir, fazer adoptar pela acquiescencia e boa vontade do povo esta nova e repugnante excrescencia de auctoridades que, impecendo e entorpecendo a acção municipal, em nada coopera para o bem dos povos; é um cargo e um *onus*, para os administrados, absorve as rendas communs e só é gente da auctoridade central para aquillo em que ella, quando bem intencionada, assim mesmo é forçada a vexar os cidadãos e a contrariar os habitos e intererses das localidades. Não direi nada, quando a auctoridade central somente emprega facciosamente estes instrumentos escolhidos de suas paixões e interesses.

D'aqui e d'estas terriveis origens, nasceram, medraram, e mais ou menos clamorosas têem vivido as dissonancias (confessem que a palavra é modesta e suave) que, por não dizer mais, nos têem atormentado ha tantos annos, que fazem morrer nas barreiras de Lisboa a acção do Govêrno central e evaporar-se nas discussões e arengas vereatorias toda a energia e vitalidade municipal. E' por todos estes desaccordos que as leis, os regimentos, as providencias, todas ficam na lettra morta da Gazeta, e que não ha fomento de obras públicas, de agricultura, de commercio, de instrucção, que passe do papel onde é decretado para as pedras das estradas, para as estacadas dos rios, para as mattas, para as florestas, para a lavoira, para as escolas, para os hospitaes, para as casas de educação, para os templos, para o recto lançamento e suave cobrança das contribuições de dinheiro e de sangue, que as leis se matam em querer fazer menos vexatorias, e os ministros se consomem por querer executar com menos dureza e desperdicio; porque não ha na organisação do paiz a força vivificante da acção, a energia espontanea da cooperação. Ha um machinismo regularmente debuxado no gabinete do inventor, mas falta-lhe a força motriz que não vem senão dos povos. O governo gasta e esfalfa em vão a sua impotencia, pretendendo mover machinas que a sua missão e officio unicamente é regular.

Ririamos de um engenheiro que tal pretendesse na ordem material. Resulta d'aqui, deshonrar-se a auctoridade, desperdiçar os seus meios, despopularisando a Corôa, fazendo odioso o systema constitucional que nada tem com estes erros que proscreve. Seja-me licito dizer n'esta occasião solemne que desde o anno de 1832, em que se decretou a Lei de 31 de Maio, até o de 1842, em que se promulgou o actual Codigo, tenho tomado sempre muito humilde, mas muito zelosa e trabalhosa parte em todas as organisações e reformações administrativas que entre nós se tem legislado; e invocarei o testemunho de todas as pessoas que commigo lidaram n'estes difficeis trabalhos — alguns aqui estão presentes — para affirmar que deplorei sempre o erro em que laboravamos, clamei com quantas poucas forças tinha, a necessidade de rectificar e nacionalizar os principios da nossa administração para poder fazer d'ella uma cousa de verdade, de justiça e de utilidade.

E tambem quero assellar com o meu fraco mas leal testemunho as rectas intenções e os louvaveis escrupulos dos que julgaram menor mal, manter o que estava, e se lisongearam ainda com a enganadora esperança de que poderiam lentamente ir corrigindo o êrro e suavisando o mal.

Enganaram-se, e enganei-me eu tambem em acceder a seus escrupulos e contemporisações.

Quando o mal está na base, na raiz mesma de uma instituição, cada dia que demorâmos estirpál-o, aggravâmos a molestia e consummimos as fôrças sociaes que são necessarias para resistir ao mal e á cura.

O systema francez, repito, é vicioso; e da maneira incompleta e discordante por que o traduzimos, é mais vicioso ainda: as antinomias e dissonancias que obstruem, que desharmonizam isto que hoje chamâmos em Portugal systema administrativo, são mil vezes mais clamantes. Foi fructa esta da qual bem se póde dizer, invertendo o famoso dito do poeta que decerto ficou

Peor tornada no terreno alheio.

Temos uma infinidade de Governadores Civis que não sei se governam bem, mas sei que trabalham muito porque escrevem muito; porque assignam muitos officios, recebem muitos, respondem a muitos outros; mas que nada fazem porque nada podem fazer; porque não são pagos, porque não têem tempo, porque nada podem ver nem ouvir, nem pensar nem prover ás necessidades dos povos que conhecem, e no meio dos quaes, por mais zelosos e intelligentes que sejam, téem de permanecer como estafermos que a auctoridade central alli põe para dissimular a sua impotencia, e fingir que vela pela prosperidade pública. Á similhança do antigo alcaide de um castello velho e desguarnecido que põe nas muralhas desertas vultos de soldados para enganar o inimigo.

Temos Administradores de Concelho que nem administram elles nem deixam administrar as Camaras, que recebem um miseravel estipendio, para obterem o qual é todavia necessario espremer os povos até ao sangue e arruinar a materia collectavel que lá vem a faltar nas contribuições geraes do Estado, e a empobrecer por tal modo os municipios que todos os dias vemos accudirem supplicantes perante o Ministerio do Interior as mais antigas e venerandas Camaras do Reino com o pendão municipal arrastado, com as vestes senatorias rasgadas de dor e de miseria, a supplicar humildemente a sua anniquilação, a pedir aos sultões das eleições o garrote e a corda fatal, porque antes querem ir mendigar justiça d'alli a tres, ou quatro e mais leguas do que perecer de fome!

Temos uma organisação administrativa tam absurda, que é a mesma para o continente e para os archipelagos das nossas ilhas separadas entre si por largos e tempestuosos mares,—que é a mesma para uma Capital como Lisboa, e para uma villazinha de trinta fogos.

Temos o Estado a lançar collectas, e as Camaras a destruir a materia collectavel por sua conta e risco, sem pêzo, e sem medida.

Temos emfim na nossa terra o compendio de quantos absurdos, ou regeitaram ha muito ou nunca admittiram as outras nações do globo.

Torno a dizer, Senhores, são passados mais de vinte annos de experiencias infelizes, de tentativas mallogradas, e seria a maior de todas as vergonhas se nos envergonhassemos agora de confessar que errámos, que errámos muitas vezes, e que tanto mais errámos quanto mais tentámos dissimular o primeiro erro.

Não venha o funesto sophisma do medo do passado impedir-nos de voltar ao que havia de bom e de justo e de livre—que era muito— nas instituições de nossos maiores.

Nem tam pouco eu venho faltar ao respeito á lei do Estado—que, debil trabalhador, ajudei a plantar, fraco soldado gastei a vida a defender—a esta Camara, a mim mesmo e á memoria honrada e gloriosa dos que resuscitaram entre nós a liberdade, propondo-vos que voltemos ás instituições municipaes da edade média, que o feudalismo inquinou em muita parte e em que o despotismo infiltrou depois a sua corrupção.

Não, Srs., não são as Camaras por pauta, não é a Ordenação Philippina, não é o Desembargo da Paço, não são os Juizes de Fóra presidindo ás Camaras o que hoje venho propor-vos: são algumas poucas e simples bases de reforma, e rehabilitação administrativa que venho pedir que se decretem para que, em harmonia e conformidade com ellas, seja revisto e nacionalizado o Codigo Administrativo de 1842, de maneira que a administração publica menos dispendiosa, mais simples, mais efficaz, seja ao mesmo tempo mais liberal, mais portugueza e mais conforme com o systema representativo, sem o qual me não parece que possa viver nenhum povo, mas sei decerto que Portugal de nenhum modo póde existir.

Bases para a reforma administrativa

Divisão e organisação geral

Artigo 1.º O Reino de Portugal e Algarves, divide-se em Provincias;—as Provincias em Comarcas;—as Comarcas em Concelhos;—os Concelhos em Parochias.

Art. 2.º A administração Municipal pertence ás Camaras, que sobre ella deliberam e providenceiam.

Art. 3.º A execução das leis, posturas, regimentos e policia dentro do Municipio é confiada ao Vereador presidente e aos mais Vereadores seus adjuntos.

Art. 4.º O Vereador presidente é escolhido pelo Govêrno d'entre os Vereadores e Conselheiros municipaes, indistinctamente.

Art. 5.º As Camaras Municipaes são compostas de um Vereador Presidente, e de dois, quatro ou seis Vereadores adjuntos, segundo a sua população; e de Conselheiros municipaes, cujo numero é do mesmo modo graduado.

Art. 6.º Ficam extinctas as Administrações de Concelho.

Art. 7.º As Camaras dos Concelhos, que formam uma Comarca, são fiscalisadas e inspeccionadas por um magistrado, que tem o titulo de Provedor da Comarca, a quem ficam pertencendo as attribuições dos antigos Corregedores e Provedores, e algumas das quaes exerciam os Administradores de Concelho.

Art. 8.º Em cada Provincia a administração Central e a superior auctoridade governativa, é exercida pelo Governador Civil.

§ unico. Na Comarca em que está situada a capital da Provincia, o Governador Civil exerce immediatamente as funcções de Provedor d'ella.

Art. 9.º E' prohibida toda a nova suppressão, annexação e erecção de Concelhos: nenhuma poderá ser feita, senão por lei especial e precedendo as formalidades, exames e informações que a lei designar.

Art. 10.º O logar de Provedor é triennal: as Comarcas são graduadas de 1.ª, 2.ª e 3.ª entrança.

Art. 11.º Para ser nomeado Provedor de uma Comarcá de 1.ª entrança, é necessario ter bem servido, pelo espaço de tres annos, o cargo de Delegado judicial.

§ unico. São equiparados a estes, para o mesmo fim, os Bachareis formados em Direito, que por egual tempo tenham bem servido os seguintes cargos:

1.º De Juizes Substitutos ou Juizes Ordinarios, e os Sub-delegados na actual ordem judicial;

2.º De Juizes de Fóra, Juizes de Orphãos, do Crime, Corregedores, Provedores, e Ouvidores da antiga ordem judicial;

3.º De Officiaes Ordinarios, de Amanuenses de 1.ª classe das Secretarias d'Estado, ou das dos antigos Conselhos e Tribunaes do Reino;

4.º De Secretarios Geraes dos Govêrnos do Ultramar;

5.º De Governadores Civis, Secretarios Geraes, Administradores de Concelho, Conselheiros de Districto, Presidentes das Camaras Municipaes.

Art. 12.º Nenhum Provedor será promovido ao logar de segunda entrança, nem de terceira, sem ter completado e dado residencia do logar immediatamente inferior que exerceu.

§ 1.º Para as mesmas nomeações se attenderá aos serviços prestados em logares parallelos, assim administrativos, como judiciaes.

§ 2.º O tempo de serviço prestado nas Ilhas adjacentes, será contado em dôbro para os individuos que n'ellas não tenham naturalidade ou domicilio.

Art. 13.º São consideradas Provincias: o Alto Minho, o Baixo Minho, Traz-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa, Alta Extremadura, Baixa Extremadura, Alemtejo e Algarve.

Art. 14.º Os Governadores Civis são de tres classes:

§ 1.º Pertencem á 1.ª classe: o da Baixa Extremadura (Lisboa), e o do Baixo Minho (Porto), que terão de ordenado 2:000$000 réis.

§ 2.º Pertencem á 2.ª classe: o de Traz-os-Montes, da Beira Alta e do Alemtejo, que terão de ordenado 1:500$000 réis.

§ 3.º Os restantes Governadores, pertencem á 3.ª classe, terão de ordenado 1:000$000 réis.

§ 4.º O Governador Civil de Lisboa, além do seu ordenado, receberá como gratificação 600$000 réis.

Art. 15.º Os Provedores das Comarcas de primeira entrança, terão de ordenado 200$000 réis: os de segunda, 250$000 réis: os de terceira, 350$000 réis.

Art. 16.º Os Secretarios das Provincias, são equiparados a Provedores de 3.ª entrança, e não poderão ser providos n'este logar, senão por accesso, depois de ter servido e dado residencia dos logares subalternos.

§ 1.º O seu ordenado será o correspondente ao dos Provedores de uma Comarca de terceira entrança.

§ 2.º Vencerão além d'isso uma gratificação, que será graduada desde 150$000 até 350$000 réis, segundo as localidades.

Art. 17.º Os logares da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, e da do Conselho d'Estado, são d'aqui em deante reservados, exclusivamente, para os que bem servirem a carreira administrativa, graduando-se os accessos e transferencias por uma escala regular e impreterivel.

Art. 18.º As Juntas e os Conselhos de Districto são formados por Provincias, e tomam essa denominação.

Art. 19.º Nas freguezias é conservada ao Parocho a presidencia de honra na Junta de Parochia.

Art. 20.º O Regedor é escolhido pelo Governador Civil, d'entre os vogaes eleitos da

Junta, sobre proposta da respectiva Camara Municipal.

§ 1.º O Regedor é vogal da Junta e preside em todas as sessões em que se não tractar de negocios do culto.

§ 2.º O Regedor accumula as funcções de Juiz Eleito.

§ 3.º Os Vogaes da Junta são tambem os adjuntos ao Regedor e seus substitutos.

Municipalidade de Lisboa

Art. 21.º A Capital do Reino é dividida em 4 bairros.

Art. 22.º Cada um dos bairros elege 4 cidadãos, dos quaes o Governo escolherá 3: um para Vereador mais velho e os outros 2 para Vereadores adjuntos do bairro.

§ unico. Dos 16 eleitos para Vereadores, e dos Conselheiros municipaes, escolherá o Governo o Vereador Presidente da Camara.

Art. 23.º A Camara em sessão geral delibera e providenceia sobre todos negocios da Municipalidade, posturas e similhantes.

§ 1.º A execução e administração geral do Municipio pertence ao Vereador Presidente: a local e especial de cada bairro, pertence ao Vereador mais velho e seus adjuntos n'elle.

§ 2.º Ficam extinctas as Administrações dos bairros.

Art. 24.º As funcções de policia geral que exerciam os Administradores dos bairros, são confiados a commissarios de policia, aos quaes se dará regimento, que de nenhum modo faça intervir a sua auctoridade na Administração.

Das ilhas adjacentes

Art. 25.º A Provincia composta das Ilhas da Madeira e Porto Santo fórma uma Comarca unica, e o seu Governador Civil funccionará tambem como Provedor.

§ unico. O seu ordenado é de 2.ª classe, mas receberá além d'elle, como gratificação, 400$000 réis.

Art. 26.º O Archipelago dos Açores será dividido em duas Provincias.

§ 1.º Em cada Ilha do Archipelago haverá um Provedor.

§ 2.º Exceptuam se:

1.º As duas em que residem os Governadores Civis;

2.º A de Santa Maria, a do Pico e a do Corvo, que, por sua facil communicação, ficam fazendo Comarca com as mais proximas, a saber: Santa Maria com a Ilha de S. Miguel; a do Pico com a Ilha do Faial, e a do Corvo com a das Flores.

§ 3.º As Comarcas de S. Jorge, da Graciosa, do Faial e Pico, a das Flores e Corvo são desde já consideradas de primeira entrança; mas aos Provedores que n'ellas servirem um triennio e prestarem residencia lhes será contado em dôbro o tempo de serviço, para haverem de ser promovidos ás Comarcas superiores, aos logares de Secretarios Geraes, e aos da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, e ao da do Conselho d'Estado, segundo as circumstancias, e segundo fôr regulado por uma escalla fixa e inalteravel que fará parte do novo codigo.

Disposições geraes

Art. 27.º As Camaras Municipaes não podem impôr nem derramar nenhuns outros impostos ou quotas aos visinhos do Concelho, senão por avos addicionaes ao imposto geral do Estado.

§ unico. Estes avos addicionaes não poderão nunca exceder... (?). Serão lançados simultaneamente com o dito imposto e cobrados por duodecimos, um em cada mez do anno, e no dia 15 prefixo de cada mez.

Art. 28.º O Governo fica auctorisado, ouvido o Conselho d'Estado, sobre informação do respectivo Governador Civil, e Junta da Provincia, a permittir ás Camaras Municipaes, que o solicitarem, o estabelecimento de portagens ou estações fiscaes municipaes, nas quaes se cobre um imposto indirecto de consumo, que será graduado segundo a população e importancia da cidade ou villa em que fôr estabelecido.

§ 1.º As municipalidades que assim forem auctorisadas a estabelecer o referido imposto, poderão haver do seu producto com que supprir as falhas da contribuição tanto directa, tanto geral, como municipal; e bem assim com que alliviar das respectivas quotas os pequenos contribuintes.

§ 2.º São considerados pequenos contribuintes, todos que pagam para menos de... (?).

Art. 29.º Os Recebedores municipaes são nomeados pelas Camaras, e a ellas prestarão fiança, hypotheca ou deposito, segundo mais convenha.

§ 1.º O Vereador presidente e adjunto são responsaveis *in solidum* pelos Recebedores que nomearem, na fórma da Ordenação.

§ 2.º O Recebedor municipal cobra todas as contribuições directas, assim do Estado, como do municipio.

§ 3.º As auctoridades fiscaes do Governo não têem acção sobre os contribuintes, e somente têem a receber das Camaras municipaes a importancia pertencente ao Estado.

Art. 30.º O Governo fará rever e reformar, por uma commissão composta de Pares

do Reino e Deputados, e de que será Presidente o Ministro do Reino, e Secretario um funccionario de reconhecida capacidade, o Codigo Administrativo, em conformidade com estas bases; organisar os mappas que d'elle devem fazer parte, codificar e harmonisar as diversas disposições posteriores e extravagantes que n'elle devem entrar, e fazer os regimentos que tornem exequiveis umas e outras. Tendo principalmente em vista os nossos habitos, costumes e estylos, e restituindo as nossas antigas leis, denominações e formulas em tudo quanto não repugna aos preceitos e ao espirito da Carta Constitucional da Monarchia.

Art. 31.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

Sala das sessões da Camara dos Pares, em 21 de Janeiro de 1854.

DISCUSSÃO DA RESPOSTA AO DISCURSO DA COROA

Sessão da Camara dos Pares em 10 de Fevereiro de 1854

ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO PUBLICA

Hoje mais que nunca tenho de implorar sinceramente ésta Camara para que me conceda toda a sua indulgencia. Estou gravemente enfermo; e ésta desculpa, que tantas vezes tenho pedido ao Parlamento, hoje mais do que nunca a necessito.

Preciso empregar toda a força do meu animo, toda a energia interior do meu espirito para constranger este corpo debil e inhabil a satisfazer o que entendo que é minha obrigação como homem público, e o que pessoalmente é meu dever de honra impreterivel. Não posso, não devo ficar silencioso em tam solemne e momentosa occasião. Direi franca, sincera e lealmente o meu voto sobre o estado do paiz, que é dever nosso examinar agora.

É difficil, nas minhas circumstancias, a um orador que não tem por si mais que as boas intenções —assás provadas embora — é difficil, no meio de tantas paixões, que tam clamorosas se alevantam de toda a parte, no meio do vivo interêsse que suscitam discussões tam renhidas, chamar a attenção publica para considerações como as que desejo fazer, chãs, simples, e em que não entra nenhuma paixão humana. As paixões e o seu reflexo nas cousas publicas são a poesia da politica... Por singular capricho da sorte, coube-me a mim, alcunhado de poeta, desempenhar a tarefa ingrata de falar da proza das cousas, de ter de deixar a outros, que em tudo me excedem, até na carencia d'esse deffeito, o menos pesado encargo, mais popular, e mais vistoso triumpho — de guerrear nas lides interessantes das questões animadas em que os partidos generosamente se empenham pela supremacia politica. Não posso, não é para mim entrar na composição de tamanhas contendas:

Non nostrum inter vos tantas componere lites.

Não sei qual é a impressão que tem feito nos animos dos que presenceiam á larga, a longa e profunda discussão que aqui tem havido. *Larga*, digo, não *esteril*, como alguns impacientes lhes têem chamado — antes proveitosa e util; porque o systema representativo vive e se equilibra n'este antagonismo de opiniões, de sentimentos, e até de pessoas; e precisa, para não cahir na servidão rotineira e muda (que é a sua mais fatal doença e a sua morte) de se mover e se exercitar, dentro do estadio de suas leis e regras, nas inevitaveis e salutares luctas que lhe não gastam, antes robustecem mais as forças e a vida. (*O Sr. Visconde de Fonte Arcada:* Apoiado! É verdade.) Não sei, repito, qual seja essa impressão que tenha feito; e outra será sem duvida em animos mais fortes e superiores ao meu. Em mim a impressão é profundamente triste e dolorosa, desanimadora quasi...

Se a verdade está agora, como sempre, no meio das allegações que de parte a parte se fazem, se na deducção dos factos que de um lado e outro se têem trazido para documentar o allegado, para domonstrar os argumentos, qualquer juiz imparcial — e eu me préso de o ser, e bastantes provas tenho dado de que o sou — buscar o meio termo d'essa mesma verdade, forçosamente ha-de concluir, ou que o systema representativo é absurdo e pestilente em si mesmo, ou que, por falta de homens ou de instituições, por

incapacidade nossa, ou por incapacidade das leis se demonstra impossivel entre nós.

A primeira tristissima conclusão de certo a estão tirando, com mais ou menos boa fé, os adversarios d'este nobilissimo, d'este generosissimo, de todos os systemas de governação. Não a tiro eu por certo, não a tira ésta Camara, não a podemos tirar nenhum de nós, que nada somos, nada podemos ser fóra do principio, pelo qual vivemos e somos. Mas não a tiro eu tambem, e sinceramente o digo com a mais inteira, profunda e completa convicção do meu animo, porque nem creio sequer que a razão humana, desassombrada de preconceitos de qualquer genero, possa recusar evidencia á perfeição comparativa, ás manifestas excellencias da theoria do Governo monarchico representativo. E tenho muitas vezes, no silencio da meditação, e na completa abstracção de todos os respeitos humanos, interrogado a minha consciencia e o meu espirito, fazendo calar todas as affeições, habitos e interêsses, para me satisfazer de que não é porque, desde a infancia quasi, professei estas doutrinas; não é porque d'ellas fui confessor, martyr, soldado, e apostolo... Não é porque ellas são as verdadeiras; é porque este systema, com todos os seus defeitos, que são muitos, muitissimos, com todos os seus inconvenientes, que são graves, gravissimos, é todavia o que tem menos, o que mais se chega á verdade, o que melhor affiança a justiça, o que menos obscurece o eterno e divino typo da Suprema Razão que nos deixou o Auctor de toda a vida, de toda a sociedade, de toda a religião, e de toda a virtude (*apoiados*).

Devemos, pois, acreditar, com muitos philosophos e sectarios modernos, que pertencemos a uma raça degenerada, e incapaz por sua condição e caracter, do systema representativo, cuja belleza e perfeições nos não seja dado senão admirar, mas praticar ou gosar, jámais? Porque pertencemos á familia, á raça romana degenerada, romano celtica, somos nós dotados fatalmente d'essas paixões febrís, d'essa inconstancia vertiginosa, que, dizem elles, separam perpetuamente e sem remedio a nossa raça abastardeada da communhão constitucional, e nos condemnam a ver de longe, a invejar, e sem esperança, a tranquillidade e a ventura dos nossos irmãos da raça saxonia, que ao abrigo de suas naturaes instituições, gosam a paz, a ventura, e a prosperidade, que só para elles deixasse Deus? Não, senhores. Ainda quando fossem verdadeiras essas theorias de raça; ainda quando para cada familia, para cada ramo da especie humana, tivesse destinado a Providencia uma ingenita e invariavel fórma de governo; quando n'esse modo geographico e genealogico de resolver a questão, houvesse mais verdade do que ha, (e não deixo de confessar que alguma existe) ainda assim, corre pelas veias portuguezas muito sangue gôdo, ainda está muito poucos seculos afastada de nossas gerações a generosa origem germanica, não se confundiu ainda tanto, que em nossa propria natureza e constituição não estejam radicados os instinctos, o caracter, e a virtude propria dos povos que Deus predestinou a viver livres, e a governarem-se com sua liberdade, na paz e na sobriedade, sem damnar ou prejudicar aos seus visinhos, nem a si.

Não, Senhores; o defeito não está no systema, que é bello; não está nos homens, que somos como os outros e melhores que muitos outros; o deffeito está nas instituições que são viciosas, nas Leis que são defectivas e incoherentes. Eis aqui a unica, a verdadeira, a desapaixonada explicação do que entre nós se experimenta —porque o facto é, facto espantoso e tremendo, que com o systema representativo é impossivel que nenhum Estado seja peior governado que o nosso (*muitos apoiados*).

E estará o vicio das instituições n'esses principios elementares, n'essas regras fundamentaes, que a Carta consagrou? Não, Senhores: alli está, alli reconhecemos todos. e os nossos proprios adversarios confessam, que está exarada a norma de todo o bom governo; alli os principios immutaveis da mais perfeita, ou da menos imperfeita de todas as fórmas politicas — a monarchia temperada e representativa. O mal está nos corollarios que d'ella temos tirado, nas Leis que para sua execução temos feito. Eu sou o primeiro a confessar-me réo n'esta accusação, a querellar de mim mesmo pelo que tenho contribuido com minha inexperiencia e cego zêlo para muitas d'essas desvairadas provisões, d'essas imitações e traducções estrangeiras com que erradamente, sem methodo, sem nexo, temos feito d'este pobre paiz um campo experimentado de theorias, que, basta serem tantas e tam encontradas, para nenhuma se poder realisar.

Sou eu, sim, somos todos responsaveis; porque não é só o Ministro que assigna, não é só o legislador que propõe, que approva o acto, são todos os que, mais ou menos, por este ou por aquelle modo, o sustentam, e agitam por elle a opinião e a doutrina, os responsaveis moralmente do bem e do mal que se fez. E assim respondo e combato o que n'esta casa já disse com grande emphase o Sr. Ministro da Fazenda —que elle *não tinha nada com o bom ou o mau das Leis e instituições que não eram do tempo de sua administração.*

Ao mesmo Sr. Ministro direi agora que não posso deixar de contradizer a sua asserção, de que a administração pública está muito melhorada entre nós. Direi a S. Ex.ª que se illude, que o illudem, que o não está, infelizmente não; que o unanime consenso de todos os partidos, os constantes e repetidos factos o provam (*repetidos apoiados*).

Accrescentarei mais que nem sequer ha um unico passo dado para esse melhoramento (*apoiados*).

Certamente que a administração de um paiz não é só a municipal, não é só a que está confiada aos Administradores de Concelho, aos Governadores Civis dos districtos. Bem o ponderou o Sr. Ministro. A fazenda, a instrucção pública, a justiça, o culto, as estradas, a industria, a milicia, tudo isso e muito mais comprehende a administração pública do Estado.

E porque a administração pública propriamente dita não esteja organisada perfeitamente, porque o equilibrio das funcções não esteja escrupulosamente distribuido entre os Governadores Civis, as municipalidades e os Administradores dos concelhos, não se segue d'ahi (disse, ou quiz dizer S. Ex.ª) que o Estado não melhorasse na sua geral administração — embora precisem reforma e emenda esses outros defeitos.

Perdôe-me S. Ex.ª que discorde da sua asserção, que lhe mostre quanto se engana. Ninguem disputou, ninguem póde ou sabe disputar este axioma que todos os dias e em toda a parte apparece triumphante: *Sem que a governação do Estado assente sobre uma recta* e *regular administração municipal e provincial, como a pede a indole do paiz, e os seus costumes, as suas tradições, as suas necessidades e circumstancias, nada póde melhorar, prosperar — nada póde existir verdadeiro e solidamente* (*apoiados*).

A mesma repartição que está a cargo de S. Ex.ª, e na qual folgo de reconhecer que o Sr. Ministro tem empregado grande cabedal de zêlo e de talento para a melhorar — não tem, não ha de ter, não póde ter correspondido aos seus esforços, como não correspondeu aos de seus antecessores, como não corresponderá aos que lhe succederem, porque é impossivel! porque o vicio da *administração propriamente dita*, impece tudo, annulla tudo (*apoiados*). E em finanças, ainda mais que em nenhum outro ramo de coisa pública, a sua reforma, a sua organisação, sómente póde ser o resultado da reforma e da organisação de todas as outras repartições

Será preciso demonstrar esta proposição? Desceremos a discutir aqui o que ninguem disputa? Exigirão os Srs. Ministros que lhes prove que, embora se estabeleçam mais e mais auctoridades financeiras, embora apertem as cordas do fisco, embora sejam fieis, probos, intelligentes os exactores, leaes os thesoureiros, embora se imponham repetidos sacrificios aos contribuintes, aos empregados e aos credores do Estado, por mais zêlo, por mais economia, por mais combinações e operações sublimes que se façam no Thesouro, não se póde conseguir senão um allivio momentaneo para uns, uma egualdade falsa para todos: mas que solido e perduravel equilibrio entre a despeza e a renda, não o póde haver sem que todas as administrações, mas especial e essencialmente a que chamamos *administração pública* propriamente esteja organisada?

A administração propriamente dita, não póde em nenhum paiz, e não digo só nos paizes constitucionaes, *em todos*, não póde ser senão a combinação dos esforços espontaneos dos povos com a direcção do governo central.

Sobre esta dupla base repousa toda a administração. Mas a nossa é toda imposta, toda de compressão, toda synthetica. Não se analysam as forças públicas, *decretam se*. Não se examina o que ha e póde haver, para se regular e dirigir pela lei. Não, Senhores; a lei é que *ordena* o que ha e o que ha de haver. A auctoridade pública determina e decide dogmaticamente o que os cidadãos possuem, a instrucção que têem, os filhos que geraram as circumscripções territoriaes a que pertencem, sem lhe importar que a natureza, o clima, as circumstancias pessoaes ou locaes desmintam as suas decisões, ou zombem d'ellas. E' o *ipse dixit* do pedantismo da escola, applicado á administração do Estado.

Os principios do governo representativo exigiram a separação da auctoridade administrativa da judicial Mas exigiram, exigem, podem elles exigir o antagonismo anarchico que entre ellas domina? Póde nenhum paiz governar-se com elle? Entre tantas e tão confusas auctoridades, umas administrativas centraes, outras administrativas municipaes, outras judiciaes, outras fiscaes, outras mixtas, reina a maior confusão, desordem e falta de regimento. O que faz o juiz de direito, annulla e contraría, quanto póde, o administrador do concelho; o que decreta a camara municipal em suas posturas, destroe o juiz e o administrador na execução.

As Administrações dos Concelhos que deviam ser proporcionadas á sua extensão e posses *analyticamente*, repito, e não *synteticamente* decretadas, são tam fastosas, têem um estado maior tam immenso, que é necessario agglomerar populações remotas, sepa-

radas de interesses, oppostas em habitos, por uma grande e desconforme área de paiz, para achar homens e dinheiro, que possam com tam absurdas cargas. Gema quem gemer, perca quem perder, ha de cortar-se a *cabeça á noiva* ou *os pés á mula*, que assim o manda a lei da symetria decretada na sublime theoria que despreza todos os factos.

Ora isto é quando a dita lei é executada de boa fé. O que será quando o espirito de partido, e considerações mui diversas do bem público fazem decretar essas agglomerações? (*apoiados*).

Mas, Senhores, a administração não é um fim, é um meio. Não se administra para administrar. A administração está para a governação como a logica para as sciencias.

Administra-se para obter a segurança pública, a liberdade pessoal, a instrucção, todas as vantagens sociaes.

E falando da segurança pública em primeiro logar, pois seu é; será preciso reflectir agora o que de um lado e de outro da Camara se tem asseverado sôbre seu deploravel e calamitoso estado? Seja qual for o grau de exactidão das diversas asserções que aqui se têem feito, uma coisa está provada e confessada: é que ella está mui longe de preencher os desejos e as necessidades dos povos (*apoiados*)

Administra-se para obter a instrucção e a educação pública. Mas a experiencia prova e confessa, que tem sido preciso crear inspectores de todos os generos e denominações, emquanto que a administração geral e municipal nada inspecciona, nada vê, nada cura e nada fomenta. E d'aqui resulta que, n'esta anarchia de auctoridade e de fiscalisação, as melhores instituições se fazem nullas, falsas, defeituosas, e se deshonram na opinião dos povos.

E a justiça? Em que estado está a justiça, e o que se ha feito ou proprosto para ella melhorar? Que é d'essa veneravel e sancta instituição dos jurados que plantámos em nome da liberdade, que engrandecemos e glorificámos para sua mais segura guarda e garantia? Não a escarnece a opinião, não a detestam os povos, não zombam d'ella os malfeitores, não a praguejam os bons cidadãos? Porque será? Porque ella seja má e defeituosa em si mesma?

Oh! não por certo: a Inglaterra, a França mesmo, a melhor parte do mundo conhecido em ambos os hemispherios, ahi estão para attestar que os homens ainda não inventaram instituição que mais approximasse a justiça humana da celeste. D'onde vem pois este clamor unanime e unisono que em Portugal se levanta, cresce e redobra de dia para dia contra ella? E' porque a sua applicação entre nós foi defeituosa e má. Porque nenhum exame se instituiu ainda para averiguar os erros das leis que a formularam, porque nada se tem tentado para a melhorar.

Não me atrevo, quaesquer que sejam as minhas convicções, não me atrevo a tomar sobre mim o dizer aonde ella pecca, aonde está o vicio. Mas elle existe, e os Srs. Ministros são obrigados a conhecel-o, e a propôr o seu remedio.

O que está é pessimo, insupportavel, intoleravel. Os Juizes queixam-se dos jurados, os jurados dos Juizes, os Administradores de ambos, todos das leis, e o povo de tudo. E todos têem razão. Este é um grave e serio objecto de estudo, de inqueritos, de meditações e de exames para os Srs. Ministros, para o Corpo legislativo, para nós todos. E urge, e aperta, e não ha desculpa nem póde haver indulgencia com o desmazello por que todos somos responsaveis.

Onde estão as commissões de inquerito? Aqui é que as eu queria; aqui é que ellas são necessarias, indicadas e absolutamente precisas.

E sigamos n'este ponto os exemplos das nações que praticam ha muito e com tanto proveito e gloria o systema representativo. Não façamos imprevisos e experiencias novas. Formem-se as inquerições como só podem formar se, interrogando e mandando interrogar todos os que por experiencia podem elucidar o ponto questionado, não pedindo só informações as auctoridades, examinando obscuramente obscuros papeis e documentos. Uma inquerição é um exame patente, é uma *devassa* pública. Eu já vi um dos maiores homens d'este seculo, chamado a depôr á barra de uma commissão de inquerito sobre o ponto questionado dos castigos militares. E o vencedor de Waterloo, o grande general, o illustre homem d'Estado, coberto das grandezas e das dignidades de todos os Monarchas europeus, veiu humildemente depôr deante de uns poucos de commissarios burguezes da camara dos communs, obscuros deante d'elle! E responder a quantos quesitos e perguntas julgaram conveniente fazer lhe.

Uma coisa sei eu porém já, sabe a todo o Portugal, e não precisâmos mais exames e indagações para esclarecer nossa opinião sobre ella; é que o arbitrio que preside, em vez de lei, á nomeação dos Juizes, é uma das principaes causas da má administração da justiça.

Que é feito da necessaria, da promettida classificação das comarcas? Emendar se ha o mal com a creação de mais algumas? Que têem feito os Srs. Ministros, legisladores

e executores, consules e dictadores, para acudir a este mal do arbitrio?

O Sr. Ministro actual não digo que usou, que usa, que usará d'esse arbitrio que a imperfeição, a imprevidencia, e a confusão das leis deixa absurdamente em suas mãos. E' um prodigio se o não faz; e merecem estatuas no capitolio todos os Ministros da Justiça que o não têem feito. Empenhos, affeições, interêsses, tudo circumda e illaquea o Ministro; e é quasi impossivel que alguem o não torça aqui ou alli, mais ou menos, da linha severa do dever.

Um bacharel apenas formado, sem mais condição nem serviço póde ser elevado pela omnipotencia ministerial á primeira delegacia do reino, em quanto que o delegado mais habil, mais zeloso e mais antigo, póde eternamente ficar em delegado da mais infima comarca de uma ilha adjacente—porque assim apraz ao Sr. Ministro, ao Sr. Official da Secretaria que fez o despacho, ao Par ou Deputado que o solicitou, para maior honra e gloria das eleições livres e do suffragio espontaneo.

O mais obnoxio e desmazelado delegado é feito Juiz de direito, emquanto o Juiz antigo, que dera baixa a delegado, lá fica na massa dos Juizes possiveis eternamente...

O Juiz que tem amigos e empenhos valiosos que, *se julga mal, e elege bem*, está certo de ser transferido para a mais pingue comarca do reino, embora seja o mais moderno; emquanto o mais antigo e honesto é degradado para os ultimos confins do continente ou ilhas, se a urna obediente, se os corredores das Camaras, ou os artigos de fundo, ou ainda os folhetins lhe não valerem.

Por que lei, por que regras se passa por accesso da primeira á segunda instancia, das relações ao Supremo Tribunal? Por arbitrio, mero arbitrio, porque as antiguidades não estão definidas, nem—pelo que vejo—hão de estar jámais.

Póde tal arbitrio, tal anarchia produzir bons Juizes, boa administração de Justiça? Onde vae a decantada independencia dos Juizes? Que mais servos do poder os querem? Juntae isto aos miseraveis ordenados, e digam-me se esperam milagres da natureza humana, se contam achar Catões e Aristides em todos os que estão provocando a peccar. Ah! por este caminho deshonesto e immoral por que vamos, por que teimamos em ir—o que será de nós em pouco tempo? Ai de Portugal quando a morte tiver levado esse ultimo resto de antigos magistrados que são a honra e gloria de nosso fôro! Que ha que esperar das novas escolhas que não determina o merito, nem os serviços, e em que só influe a intriga dos partidos, as affeições ou os odios do unico grande eleitor—o omnipotente Ministro da Justiça? Falta a lei? D'isso que me queixo e a isso arguo. E os Srs. Ministros que fizeram tantas, porque não fizeram essa? Soffre esta por ventura comparação de importancia e de urgencia com qualquer das que os illustres dictadores promulgaram? Era tam grave o assumpto que não ousaram legislar sobre elle? Bem. Mas já duas vezes se abriu o Parlamento depois da abdicação legislativa de SS. Ex.as; e nem proposta de lei, nem promessa d'ella sobre tal assumpto appareceu. O que apparece é a alta proclamação dos Srs. Ministros congratulando-se com a patria pela terem salvado, por terem melhorado, aperfeiçoado a sua administracão em todos os ramos!

Os srs. Ministros assumiram, por duas vezes e por longos periodos, o poder legislativo. Em algumas de suas providencias me honro de ter tomado pequena parte, e por todas ellas votei depois: umas porque real e convencidamente as approvei; outras porque achei que seria maior damno público desapproval-as desde já, antes que a experiencia tivesse feito d'ellas justiça; outras emfim, porque não havia tempo nem meios de as avaliar e julgar desde logo. Mas não posso deixar de dizer que infelizmente nenhumas das leis assim feitas foram aos pontos radicaes onde deviam ter ido para melhorar a administração do reino, e para salvar o credito e a honra de systema representativo que tanto o precisa. Sim, precisa hoje mais do que nunca, quando está no banco dos reus, quando por toda a parte se acha accusado por adversarios fortissimos, apaixonados, violentos, e valentes na opinião dos povos, pelos seus erros e excessos commettidos em seu nome, commettidos de má e boa fé, em nome de um systema que nenhuma culpa tem dos maus advogados que não souberam sustentar a sua causa, que a têem perdido em muitas instancias que a perderiam de todo se ella fosse perdivel. Digo sim, a causa dos governos livres tem habeis e poderosos adversarios, juizes cheios de preconceitos, e hoje mais que nunca fortes de nossas fraquezas e faltas, inclinados todos a servirem-se d'ellas para a condemnar. Não dobra este momento supremo, cheio de perigos e de temores para a causa popular, não dobra a necessidade de accudir de prompto com o exame dos males e com o remedio efficaz para elles?

Poucas cousas são tam pedidas, tam necessarias para conciliar os animos dos povos (que por fim hão-de ser os nossos julgadores em ultimo recurso) como é o desenvolvido melhoramento dos institutos de caridade pública. Em nenhuma epocha teve o Go-

verno obrigação tam restricta, dever tam austero de alargar e aperfeiçoar esses innumeraveis estabelecimentos que fundou a piedade de nossos paes, menos illustrada talvez, porém mais sincera e generosa que a nossa philanthropia, que é rica e larga em palavras, pobre e mesquinha em obras.

Vivemos n'um seculo em que ambos os extremos politicos combatem a monarchia representativa com as mesmas armas, chamando ambos em seu auxilio os mesmos alliados; em que o absolutismo appella, do mesmo modo que o socialismo, para as necessidades e para as paixões das classes menos felizes da sociedade, fazendo as mesmas promessas, lavrando os mesmos programmas, e o que mais é, realisando um em muitos pontos ao menos, o que ao outro não é dado fazer. O socialismo entre muitas exigencias injustas, muitas idéas absurdas, contém todavia principios verdadeiros, que ninguem póde reprovar, que nenhuma sociedade bem organisada tem força moral para repellir, sob pena de dissolução.

Deixaremos nós, os homens da monarchia livre, os homens que não comprehendemos a liberdade sem ordem, nem a ordem sem liberdade, deixaremos nós aos fautores do absolutismo o metterem-se entre nós e as justas exigencias populares, condeemnarem-nos de impotentes, de obnoxios, aproveitarem-se da nossa ignavia e desmazelo para attrahir as sympathias pùblicas, e extremando o possivel do impossivel, o justo do injusto, condemnarem nos sem recurso na opinião dos povos? Não será obrigação de quem governa, obrigação urgentissima em taes circumstancias, o ir adiante dos clamores publicos e satisfazel-os? Chamem embora philanthropia, em grego, ao que nossos avós chamavam caridade, em latim: se com essa traducção se satisfazem, concedo-lh'a facilmente; mas alarguem, mas generalisem, mas elevem ao estado que pede a religião a politica e o senso commum os estabelecimentos que já achámos feitos, com os quaes pouco ha a dispender dos dinheiros do Estado, muito a gastar em cuidado, em zêlo e em intelligencia. O governo monarchico representativo, que é o melhor dos governos, tem mais obrigações do que qualquer outro.

Já se não sustenta hoje a monarchia pelos principios dogmaticos por que outrora se sustentava. A disciplina é mais forte hoje do que o dogma. E' legitimo o que é bom e proveitoso; não bom e proveitoso porque é ligitimo.

A sociedade deve esforçar-se em fornecer trabalho ao que precisa trabalhar para viver; a sociedade tem obrigação de sustentar o que envelheceu e se impossibilitou no serviço d'ella. Disse o o Evangelho antes de o dizer o socialismo. O sr. Ministro do Reino começou ha dois annos alguns trabalhos sobre este importantissimo ponto. Por todos os motivos o tenho de louvar pelo que tentou. Assim podesse eu louval-o pelo progresso e execução de providencias, que infeilzmente ficaram estacionarias e esquecidas! Sejam quaes forem os defeitos que tenha a sua lei elementar, e de cuja responsabilidade não fujo, nem quero fugir, pela parte que n'ella pude ter, esses defeitos podem e devem ter emenda, já a deviam ter tido. S. Ex.ª sabe, sabem todos os membros d'esta Camara, e todas as pessoas fóra d'ella, que me têem feito a honra de trabalhar commigo, que nenhum amor proprio official tenho ou tive jámais em minha vida, que acceito com agradecimento todas as correcções a qualquer obra que faça ou intente, que não conheço o peccado da vaidade, e que o da inveja só sei que existe pelo ouvir dizer. Se as paixões contemporaneas me accusarem, sei de certo que a posteridade, quando a haja para o meu pobre nome, ha de fazer-me a ampla justiça. Digo: esses trabalhos necessitam, sem duvida, reforma; porém sobretudo que d'elles se tirem os muitos e gravissimos corollarios, sem os quaes são nullos; e que se vele dia e noite com muito zêlo, sem paixão alguma, sem querenças nem malquerenças politicas pela sua prompta, leal, vigorosa execução. Isto urge, isto é preciso fazer-se *(O Sr. Conde da Taipa* — Apoiado.)

Temos em Portugal uma instituição que nos honra, que tem sido louvada, invejada por todos os povos, que é a melhor instituição que eu conheço, que nasceu com a Monarchia ou antes veiu á luz na sua virilidade e robustez, que a acompanhou por todas as partes do mundo, que a seguiu aos mais remotos confins do globo onde ella foi levar a cruz e a civilisação, o evangelho e o commercio, a liberdade e as suas colonias. Em nenhum paiz da terra ha instituição philantropica superior nem egual; nenhuma nação teve ainda Reis ou Leis que fizessem de eguaes institutos uma condição social tam generica, tam uniforme e por consequencia tam facil de vigiar e fiscalisar. Mas em que estado estão as nossas Misericordias? No peor possivel. Quando ha de chegar a ellas ésta regeneração que tanto prometteu e tam pouco tem cumprido? Não desejo offender aos Srs. Ministros nem a ninguem que abraçasse o seu bello programma. Eu sou um dos que o fiz, que d'elle me não separei, não desejo, não quero separar-me Mas direito tenho ainda, por isso mesmo, a exigir e reclamar o seu cumprimento (*O Sr. Conde da Taipa* — Apoiado).

Em que estado estão as Misericordias? as Misericordias que são a base que, segundo a legislação pelos mesmos Srs. Ministros promulgada, devem ser a base de todo o desenvolvimento da beneficencia publica? Em muitas partes ha commissões administrativas creadas e nomeadas pelo Governo, que substituiram provisoriamente as antigas irmandades, cujos abusos e erros de administração foram julgados necessitar essa tutella; em outras partes estão as mesmas confrarias com o mesmo velho compromisso, com os mesmos abusos, se os havia, com os mesmos vicios, se existiam. E n'este estado se vive ha vinte annos; e em vinte annos ainda não houve algumas horas, alguns dias, alguns annos, se querem, para se examinarem esses vicios, para se corrigirem esses abusos, para se reformar a instituição, para se rehabilitar, na opinião dos povos e do Governo, a melhor, a mais bella e a mais benefica das heranças que a velha Monarchia deixou á nova! A Ordenação do reino, não era efficaz nem sufficiente: convenho. Sêl-o-ha o Codigo administrativo? Em vez dos provedores e dos corregedores das comarcas temos os Conselhos de districto para fiscalisar, dirigir e tomar contas ás Misericordias. Bem sei que está isso nos papeis impressos. Mas como se tomam, como se podem tomar essas contas? Que o digam os factos, que o diga o clamor da opinião em todo o paiz. Estão aquellas instituições, a sua administração, tanto as que o Governo tutella directamente por via das suas commissões administrativas, como as que o Governo deixa ainda administrar por seus naturaes administradores — as confrarias — no estado em que a politica, a sciencia, a opinião, a religião exigem? Será conveniente continuar a desautorar e a deshonral-as por uma tutella que se declara provisoria, mas que dura ha vinte annos, e que nem sempre mostrou nos tutores a ausencia dos defeitos de que foram increpados os tutellados? Exige isso o interesse, o proveito, a moral pública? Desacreditadas pela tutella de mais de vinte annos, essas instituições perderam o respeito e a fé pública; centenares de contos de réis que vinham de todo o orbe portuguez, ainda d'aquellas partes onde já não dominam as Quinas da Monarchia, e que affluiam para as Misericordias do reino, já cá não veem; já ninguem deixa os seus haveres, já ninguem testa de seus cabedaes a favor de instituições deshonradas pela Lei, e que a auctoridade pública directamente declarou viciosas, e indirectamente declara incorrigiveis, porque nem se occupa de as reformar.

Mas dir-me-hão: a tutella foi inevitavel, porque o compromisso era antiquado e absurdo, porque a pratica era tam viciosa que não podia tolerar-se. Eu não sei até que ponto são verdadeiras, não direi agora desde que ponto julgo exaggeradas as accusações feitas ás confrarias das Misericordias: sou, de meu natural, indulgente, e mais que tudo escarmentado para não julgar sem muito exame e sem ouvir uma e outra parte. E que é d'elle esse exame, que é da audiencia dos accusados, e mais que tudo, que é do accordão reformador que obrigou os sentenciados a entrar nos seus deveres, a confraria a rectificar, a alargar, a desinvolver a orbita de suas funcções, a auctoridade pública a vigiar, a acompanhar, a illustrar esse desinvolvimento?

Annulladas e caducas as Misericordias por seus proprios erros, e pelo erro ainda maior de quem as destruiu, e está destruindo sem as emendar, deshonradas na opinião estas antigas, ricas e poderosas confraternidades, em que o povo acreditava, e a que se associava com fé, como a uma companhia de seguros de vida e salvação, seguiu-se o que devia seguir-se, o que estamos vendo todos os dias. Ha cousas que são essenciaes para a vida da sociedade, que são visceras do seu corpo, sem as quaes a existencia é impossivel. Amparar o seu similhante, valer-lhe nas afflicções, na pobreza, na doença, na morte é innato desejo, é natural precisão de todo o homem social: o que será entre portuguezes! Obliterado ou destruido um orgão essencial á vida suppre-o anormalmente a natureza por uma aberração qualquer, ou a vida não póde durar. Assim aconteceu que, em vez das obliteradas Misericordias, surgiram de toda a parte, em todas as classes, por todos os modos, mais ou menos conveniente, associações e confraternidades de todos os nomes, com todos os fins, e debaixo de todas as invocações, para supprirem aquella falta. Estas instituições novas, sem capitaes, sem credito ainda, sem aquelle forte nexo da religião e da crença, teêm a debilidade da infancia, a falta da fôrça pública, o nenhum amparo e protecção da auctoridade. Não quero dizer n'isto que o Governo deva metter-se em tudo, gerir tudo, e annullar com sua tutella forçada as energias sociaes que se reunem para qualquer fim licito e proveitoso. Longe de mim similhante doutrina: a liberdade é a mãe de toda a industria, assim como o de todo o melhoramento verdadeiro e solido. Mas a fiscalisação pertence ao Governo, porque é do interesse geral da sociedade commum.

E como ha-de esta exercer-se com vantagem, como ella é possivel, quando o Governo abandona tudo o que tem, tudo o que a

sociedade já fez, tudo o que as gerações passadas legaram ao seu cuidado; quando elle abdica sua maior fôrça moral, deixando aos novos esforços de uma sociedade desherdada supprir as faltas que o seu desleixo (quasi que diria o seú egoismo philosophico e incredulo) deixou no meio de um povo, para qúem se proclamou a alforria e a liberdade, e que só veiu a achar o desamparo e a impotencia?

Tambem é uma obra de misericordia, assim como é uma obrigação social, o ensino público. Ordenou-o o Evangelho, prometteu-o, e garantiu-o a constituição do Estado; a civilisação, o progresso material mesmo inseparavel, por mais que digam e pensem, do progresso intellectual e moral, exigem imperiosamente que se dilate a sua base, que se rectifiquem os seus principios, e não menos que se regule e fiscalise a sua administração. E salvo o devido respeito, que sinceramente consagro a todos os que exercem a nobre e sagrada profissão do magisterio, com todo o acatamento, gratidão e filial amor, que devo á *alma mater*, que me creou, a nossa veneranda Universidade de Coimbra, da qual, por mais que se diga, e apezar dos defeitos que, em sua instituição, reconheço, não póde negar-se que seja a unica, verdadeira e completa instituição, que temos de ensino superior. (*O Sr. Conde da Taipa*—Apoiado); sou obrigado a dizer que não conheço paiz com pertenções a civilisado, em que a educação e a instrucção pública estejam tam miseravelmente desorganisadas, nem tam mal administradas como a nossa. O transcendental e o elementar das sciencias, a applicação e os rudimentos, o superior, o secundario e o primario do ensino, está tudo de tal modo baralhado, confundido, anarchisado por leis incongruentes, por absurdos regulamentos, por abusivas práticas, por vaidosas rivalidades (que muito produziriam se grangeadas pela emulação em proveito da sciencia, mas são funestas quando é o espitito de partido somente, só o favor de classe que n'ellas especula), está, digo, tal desordem em tudo, que tocou a méta do impossivel moral, excedeu os proprios limites do ridiculo, no absurdo. Gastam-se grandes sommas com superfetações inuteis, com fastosas creações e gloriosos programmas de improvavel realisação; e não se examina, não se aperfeiçôa o que já existe, nem se provê ao que realmente falta.

Emquanto se amontoam cadeiras, aulas, e programmas de ensino superior, e de applicação profissional, lá está morta no papel a mais necessaria de todas as instituições—a da escola normal; que morreu na casa-pia. como orphã que é, victima de suas escrophulas e ophthalmias endemicas, e que provavelmente se exacerbaram nos Chefes, nos Conselhos, e nos Ministros, para não verem, nem sentirem, que, deixando-a morrer *non-nata*, sacrificaram não só o presente, mas todo o futuro da instrucção pública do paiz.

A parte que os municipios, que os districtos, que as provincias devem tomar na sustentação, e na fiscalisação das aulas públicas, e a qual nem póde, nem deve recahir toda sobre a bolsa commum, nem sobre o cuidado commum do Estado, ficou, ficará para regular não sei quando. Não ha uma syllaba de exageração no que digo. Não a ha quando assevero qne a relação de todos os estabelecimentos geraes ou especiaes uns com os outros, egualmente está por determinar. Não a ha em asseverar que, se alguma cousa se tem feito pela parte do ensino que se chama instrucção, nem a mais minima providencia se ha dado a respeito da educação pública. Se exceptuarmos a casa-pia para os orphãos de Lisboa, o collegio da Luz para os alumnos militares, e alguns seminarios incompletos e imperfeitos para a educação do clero, que mal, e apenas subsistem das reliquias escapadas á devoração do fisco, e da piedade dos fieis, não ha em todo o reino e conquistas, outro estabelecimento algum fomentado ou dirigido pelo estado. E os conventos do sexo feminino, que tam vasta base offereciam para se proporcionarem os meios de educação a todas as classes do mesmo sexo, estão cahindo em ruinas, ahi estão apodrecendo para adubo das ferteis lavras da agiotagem.

Poder-se-ha dizer, que ha progresso real e verdadeiro no ensino público de um paiz, quando o seu estado é este, quando o quadro que debuxo é tam ligeiro ainda, e tam desmerecido em côr o deixo ainda, certo, de que o illumina de mais vivas tintas o sentimento e a animadversão pública?

Mas a par das Leis de ensino, que tam revistas precisâmos, ainda mais carecemos, e muito mais da promettida Lei de habilitações, de accessos, de reformas, de aposentadorias e de pensões. Uma é o complemento da outra, ambas se auxiliam e se dão as mãos para o resultado proficuo da moral pública e da boa administração do Estado. Que incentivo ha para os paes mandarem seus filhos ás escolas? Que estimulo ha para aprender, quando a melhor e mais lucrativa parte dos empregos públicos não exige habilitações algumas, e se distribue pelo arbitrio e pelo favor? Como ha-de o empregado nos logares inferioros dedicar-se ao estudo da sua profissão, desempenhar com zêlo as suas funcções, se não é a sua proficiencia, nem a sua capacidade que lhe

hão-de regular o accesso na carreira em que entrou, que hão-de ser contemplados na sua reforma ou aposentadoria, quando os annos ou as enfermidades o impossibilitarem, que hão-de graduar a pensão da sua viuva, os alimentos e educação dos seus orphãos, antes vive na certeza que só o favor pessoal ou o favor de partido lhe podem valer? Devemos confessar que, n'este ponto ao menos, o Governo absoluto era menos arbitrario que nós, nós que, deante da liberdade e das tabuas da Lei que puzemos no altar, estamos sacrilegamente sacrificando ao bezerro de ouro do arbitrio, cegos por nossas paixões e interesses. Não valia a pena de sair do Egypto para isto, de vagar tantos annos pelo deserto e de passar o mar Vermelho de tam sanguinolentas guerras civis.

Nada sei, nem pretendo saber, de guerra nem da sua administração. Fui fraco soldado, fui com os outros onde era obrigação ir. mas nunca entendi, não hei-de intender nunca de suas Leis e regulamentos (*riso*). Creio piedosamente nas grandes reformas economicas, nos melhoramentos que n'esta repartição se dizem feitos. Mas não posso crêr, d'isso entendo eu, que possa haver um bom exercito sem uma boa lei de recrutamento e serviço militar. Esperámol-a em vão da primeira, em vão a esperámos da segunda dictadura, e em vão a temos esperado da iniciativa ministerial na abertura da passada sessão parlamentar e agora n'esta.

Não é esse um tributo que paga o povo, será menos violento, menos pesado o de sangue que o de dinheiro? Tantas considerações sociaes, philanthropicas, e até bucolicas algumas, para a repartição egual e proporcionada do imposto em dinheiro, e nenhuma para a contribuição de sangue! Paga o povo; e só a auctoridade central é que é ouvida sobre o pagamento! Cala-se a Lei, e só falam os executores! (*Apoiados.*)

A auctoridade pública sómente deve fiscalisar, não pagar-se por suas mãos. Não é a auctoridade pública que póde nem deve ir tallar os campos, devastar as familias para trazer manietados e presos em algemas os defensores do seu paiz, nem varrer pelos beccos infectos das cidades a immundicie e as fezes da população para as arregimentar e fazer heroes dos gatunos e gaiatos. E todavia é assim que se recruta, é assim que se fórma a força pública que ha-de defender as nossas liberdades, a nossa independencia, e que ha-de manter a segurança dos cidadãos!

Assim vicioso em si e nos seus immediatos resultados o systema de recrutamento, mais vicioso e monstruoso se torna quando na disciplina militar se pretendem introduzir melhoramentos que a civilisação reclama, que a religião e a humanidade pedem imperiosamente. Invoco o testemunho de todos os membros d'esta Camara, que tam nobremente cingem a espada e só respeitosamente a depõem ás portas d'este grande Conselho nacional. Invoco-o afoitamente; que me digam elles se é possivel temperar os castigos militares, moderal-os, introduzir os elementos da civilisação na disciplina do exercito emquanto o seu recrutamento fôr feito como é? (*Apoiados*).

Ha pontos que basta indical-os; ha verdades tanto de primeira intuição, que é imperdoavel gastar tempo e razões para as demonstrar. A falta da Lei de habilitações e seus corollarios; a falta da lei de recrutamento, se augmentam o arbitrio dos Ministros, tiram a força ao ministerio; e a troco de quatro amigos individuaes que se fazem, do obsequio e favor que se alcança de um partido, perde-se a amizade da nação, aliena-se o favor popular verdadeiro, e fomenta-se uma corrupção moral tam profunda, tam acre, e tam corrosiva, que nem SS. Ex.as que hoje governam, nem os seus successores, sejam quaes forem, hão-de poder curar nem parar em seus effeitos e consequencias inevitaveis, até á dissolução social que nos ameaça, e que, apesar de sua vontade, de suas rectas e puras intenções, os Srs. Ministros estão fomentando e protegendo, não só pelo que fazem, mas muito mais pelo que deixam de fazer.

Receio muito que o seu programma bello e attrahidor não passe de palavras. Permittam-me que lhes diga que ou abraçaram ou nos quizeram fazer abraçar a nuvem por Juno; e que aos olhos dos seus adversarios, que não sou eu, e no juizo da opinião menos imparcial, posto que amiga, apparecem como tendo tido só em vista acalentar com promessas e programmas os clamores públicos, as aspirações de um paiz faminto de justiça e de ordem, sedento de instituições que o elevem á cathegoria e aos gosos das nações civilisadas; e que nada formaram, nada curaram radicalmente e hão-de deixar evaporar em fumo os seus preconisados melhoramentos.

Falarei por fim do mais importante, do mais grave e mais delicado ponto de minhas observações. Tracto do culto público. Não se assuste V. Em.a, que eu sei as conveniencias que preciso guardar, e não ultrapasso jámais os limites da discussão em que a liberdade do raciocinio póde mover-se.

Por mais profundas que sejam as minhas convicções, por mais sentidos que sejam os meus principios, minha dedicação á sagrada

religião de meus paes, sei que este logar é profano, profana a minha lingua e leigo o meu caracter para tractar o que me não compete. A questão que tracto é a que posso e devo tractar aqui — a das relações sociaes do culto com a cidade e com a familia.

A religião é para um paiz o principio e o complemento do ensino; é, segundo a bella phrase, tam cançada já, mas tam bella sempre, e tam verdadeira de um jurisconsulto illustre, o supplemento ao Codigo criminal da nação.

Desconfio muito que os Srs. Ministros não tenham dado a este assumpto toda a gravidade que elle tem. Receio, parece-me, entrever que ha ainda restos dos preconceitos passados, de fanatismo encyclopedico que ainda se agitam no ar, que já não podem entrar nas nossas cabeças, menos nos nossos corações, e que certo não chegam aos de SS. Ex.as; mas que ainda andam agitando-se na atmosphera como a influencia de uma epidemia que abateu, mas não se extinguiu de todo, os quaes atemorisam ainda os agentes e escurecem os olhos do poder para que não veja a verdade ou finja não a ver bem clara. Ha um certo panico, ha um terror, de boa ou má fé sentido ainda, de phantasmas que o vento da civilisação dissipou, que se dissolveram á luz da razão e da illustração do seculo: phantasmas que, se tinham algum podêr sób o regimen absoluto, no actual, seja permittida a expressão, direi que são risiveis. O Governo, forte e seguro com a liberdade, não tem que temer senão da sua propria timidez.

Estes receios, este proceder meticuloso póde matar-nos, e torna infallivel a dissolução social que ha-de matar a liberdade e trazer depois a anarchia, o absolutismo bruto que, por necessidade fatal, ha-de vir supprir com a espada a subversão e a extincção de toda a disciplina civil.

Vejo que desde a instrucção primaria se foge, com o medo de velhos perigos que hoje não ha, de confiar mais nos parochos, de lhes dar mais alguma auctoridade, que precisavam ter na educação da mocidade. Eu não tenho esses medos; e, sem querer entregar absolutamente a instrucção pública ao clero, desejo, e deseja todo o homem que vê o estado do mundo, que juntamente com o primeiro leite da religião, seja dado o primeiro alimento de instrucção aos povos; que a parochia seja a primeira base da educação civil, assim como é o primeiro fóco da doutrina religiosa.

Repito que, entre o entregar todo o ensino público ao clero, e entre o afastal-o absolutamente d'elle, ha um meio termo rasoavel e discreto, que é forçoso seguir, sob pena de semear os dentes de Cadmo para não colher senão guerras fratricidas, e a anniquilação completa da cidade—que ainda não está edificada.

Que lancem SS. Ex.as os olhos por este orbe todo, que vejam o estado da humanidade, que observem esta geração de que fazemos parte e as tendencias da que vem após de nós. Que disciplina social respeitamos, que superioridade de nenhum genero reconhecemos, deante de quem ou de quê inclinamos nós a cabeça? Temos pessoas, temos individualidades distinctas, respeitaveis, sim, mas a sociedade que é d'ella? Que correctivo póde ter este mal, que leis humanas podem remedial-o? Para os que detestam, ou lhes não importa com a liberdade, o remedio indicado é a compressão pela fôrça bruta, são as bayonetas, e com ellas o absolutismo. Para os liberaes verdadeiros, para os que desejam o poder civil forte e constituindo pelas leis e segundo ellas, para os que querem o imperio da razão e da justiça, para esses não ha recurso senão na religião. Nenhuma força humana, nenhum poder creado, nenhuma obra dos homens, póde supprir a sua omnipotencia.

Não é com a magra resurreição de algum seminario, de cujos antigos rendimentos tanto custa a desapossar as garras do fisco, e que mal podem alimentar as esmolas da bulla; não é com esses fracos e timidos esforços (que até deixam suspeitas de insinceridade em quem os dá), não é com isso, nem com vazias profissões de palavras de respeito, que a disciplina social póde restabelecer-se. E nenhum governo é possivel sem ella, e se algumas partes do edificio da cidade se conservam ainda inteiras, já não ha adherencia nas pedras que o formam; permanecem por justa posição, que o menor movimento ha-de arrasar e destruir. Lembrem-se os Srs. Ministros, que já em epochas anteriores á nossa, quando governos de outros principios. que nós combatemos e destruimos, começaram a despresar estes elementos moraes de disciplina, havia ainda outras instituições que, apesar de caducas e carcomidas de vicios e de defeitos, ajudavam comtudo a sustentar o equilibrio da ordem pública. Essas desappareceram; e ainda bem!

E nem do banco dos Ministros, nem de nenhuma parte d'esta casa ou fóra d'ella, se levantará outra voz mais alta que a minha, para bem dizer a proscripção e a destruição que esses institutos viciosos mereciam. Mas destruir não basta: é preciso substituir edificando. Substituir com palavras bonitas, com phrases affeicoadas, não póde ser. (*O Sr. Conde da Taipa e outras vozes:* —Oiçam, oiçam).

Os Srs. Ministros offendem-se, indignam-se de ouvir estas verdades! Não lh'as digo a elles sós, digo-as aos que governaram hontem, e aos que hão-de governar ámanhã, e não as digo criminando nem accusando, digo-as admoestando e advertindo; digo-as aos que governam, aos que influem no Governo, aos governados; digo-as aos partidos e ás pessoas: destruida uma instituição é necessario substituil-a por outra que preencha na economia pública as funcções que bem ou mal eram exercidas por ella.

Eu não quero agora tratar de questões politicas de principios e fórmas de governo. Tenho confiança em mim, que sei e posso fazel-o sem paixão, e dando a cada um o que é seu em meritos e desmeritos; mas não desejo nem quero fazel-o agora: e se por acaso entro nas fronteiras d'essas questões reservadas, é porque o preciso para demonstrar a verdade e a exactidão das reflexões que faço, e que em mim são mais ainda sentimentos do que opiniões. Não digo, não sei dizer se não o que sinto sinceramente (*apoiados*). Falo pois com aquelles que sinceramente entendem que o principio democratico é o unico que póde e deve predominar na governação do Estado. Falo com os de boa fé: os de má fé não os entendo, nem sei gastar palavras com elles. Mas conheço e sinto a necessidade de dizer áquell'outros que laboram para si mesmos em um grande erro. (*O Sr. Conde da Taipa*:—Apoiado).

No momento em que chegassem a conseguir o seu *desideratum* e nivelassem todas as existencias sociaes, n'esse mesmo instante se perdia e confundia o elemento democratico, e o cahos, revolvendo se em si mesmo, brotaria em novas creações que de novo usurpavam o logar das classes destruidas. como succede na organisação do corpo humano, do qual, se fôr possivel subtrahir uma viscera, conservada a vida, anormalmente se hão-de exercer as funcções d'ella por outro modo que não melhora a existencia.

Estas opiniões minhas professadas desde que me entendo, profundamente gravadas na minha alma, não pódem ser novas para os Ministros que sempre m'as ouviram sustentar no Conselho e na tribuna, em toda a parte em que de palavra ou por escripto tem podido chegar a minha debil voz.

E' com estes sentimentos, e á luz d'estes principios, que eu considero e avalio a questão do padroado do Oriente, que a mim me parece muito simples; e me espanta como os grandes estadistas da nossa terra, á vista dos quaes me sinto pigmeu, a julgam tambem embaraçada e difficil. Direi poucas, mas severas e solemnes palavras sobre ella. Dil-as-hei com liberdade e confiança, porque falo deante de uma Camara tam habilitada para me corrigir quando eu propender ao erro, sob um presidente que me não deixará passar os limites que é vedado transpor.

Não sei que ninguem ainda se atrevesse a negar que ao fundador e sustentador de uma egreja pertence por todas as leis canonicas o seu Padroado, seja elle um particular, seja um soberano (*apoiados*).

Não creio que a Santa Sé, que nenhum theologo ou canonista se atreva a negar tal. Mas já disse um illustre orador do centro d'esta Camara, que a par dos direitos andam as correlativas obrigações. Não póde existir outra questão, nem de certo existe entre a Corôa portugueza, que é a reconhecida padroeira das egrejas cathedraes da India, e entre a Curia do Summo Pontifice,—chefe visivel da egreja, e por consequencia mais responsavel ainda que o padroeiro para com seu Divino e Invisivel Chefe — senão a do cumprimento d'essas correlativas e inherentes obrigações do Padroado, que nem elle nem ninguem nos póde disputar.

Sabem muito bem todos os Senhores que têem tractado ou estudado esta questão que toda ella versa a respeito das egrejas que, ou nunca foram, ou agora estão fundadas em territorios não sujeitos ao dominio da Corôa portugueza. Não o sabe porém o público, confunde-se na opinião vulgar esta necessaria distincção. E é indispensavel reduzir o ponto controvertido a seus termos simples e verdadeiros.

Não ha questão alguma senão a respeito das egrejas catholicas existentes em paizes que não obedecem civilmente nem ao Soberano Portuguez, nem a outro Soberano catholico: no momento em que o Soberano de qualquer d'esses paizes entrasse na communhão catholica, passavam todos os direitos do Padroado, e cessavam os do Rei de Portugal. Se aprouvesse á Providencia que ámanhã entrassem no seio da egreja Sua Magestade Britannica, Sua Magestade Neerlandeza e Sua Magestade Celestial o Imperador da China, acabavam quasi todas as questões, porque se investiam n'elles quasi todos os direitos da Corôa fidelissima no padroado da India.

Emquanto isso não acontecer, o Padroado portuguez é inconcusso e indisputavel n'essas terras, tanto pelo direito geral canonico quanto pelas amplissimas e especiaes concessões da Santa Sé, e em muitos pontos pelas estipulações internacionaes em que o Governo portuguez, cedendo a posse e dominio de varios territorios seus na Asia, se reservou nomeadamente o direito de protecção a seus antigos subditos catholicos com o Padroado nas egrejas de sua communhão.

Nenhuma d'estas proposições nega, nem póde negar a Curia romana.

O que eu creio que ha, o que decerto hade haver que embaraça e complica esta questão, aliás simples, são as duvidas, são as pendencias de mais ou menos boa fé suscitadas de parte e outra sobre o cumprimento das obrigações do Padroado. Exageram-se de um lado as faltas que temos tido como padroeiros, negam-se do outro e absolutamente todas essas faltas. E eu creio, eu sei que a verdade está no meio d'isto; e que o modo seguro e infallivel de tractar a questão era dizer lealmente a verdade. A verdade é a melhor politica e a mais facil. Confessar um erro é ganhar credito, é adquirir o direito de negar a calumnia. Dou este conselho, porque para mim o tómo; estou sempre prompto a confessar as minhas faltas. Já o fiz muitas vezes, hei-de fazêl-o sempre com a mesma inteiresa com que nego e despréso arguições injustas (*apoiados*).

A politica toda aqui, toda a arte de negociar se deve reduzir á singela exposição da verdade; e só com ella se póde triumphar de adversarios arteiros que habilmente confundem algumas faltas provadas nossas, mas que nós fatuamente negâmos, com as muitas calumnias que nos assacam, e que por erro nosso ficâmos na impotencia de repellir.

Devemos, sim, dizer a verdade: que algumas das obrigações de padroeiros temos sido impossibilitados, impedidos de o fazer. Devemos sustentar, e não por palavras mas sim com obras, que estamos promptos e habilitados para o fazer agora. E isto não o devemos sómente dizer á alta parte com quem negociamos, mas lealmente e francamente o devemos dizer a esta generosa nação portugueza a quem illudimos e enganamos, falando-lhe só d'aquillo que de nós exigem, sem lhe confessarmos a extensão da divida que deixámos accumular. A metade da verdade, é uma mentira inteira. E os discursos, os escriptos que agitam a opinião, a confundem e a perturbam d'este modo, fazem assim crer verdadeiro o que não é (*apoiados*).

Não, Senhores, não temos cumprido todas as obrigações do Soberano portuguez como padroeiro das egrejas do ultramar; e o primeiro documento que damos de querer reparar as nossas faltas, pelo qual muito me comprazo de louvar os Srs. Ministros, foi a recente creação do Seminario episcopal de Angola e a da secção do ultramar no Seminario patriarchal de Santarem.

E permitta-me o Sr. Ministro da Marinha que aproveite esta occasião, para lhe dizer que não basta ter creado no papel da gazeta aquelle necessario e indispensavel estabelecimento; que ha muitissimas providencias que é preciso dar, e que não sei se estão dadas, antes me inclino a crer que o não estão, para se realisar a sua effectividade. Lá não ha mestres, é preciso mandal-os de cá, fornecer-lhes os meios, segurar-lhes vantagens presentes e futuras, mandar livros, grangear tudo, emfim, porque nada existe, e só assim poderemos dizer que temos fundado um estabelecimento d'esta ordem (*apoiados*). Que se lembre S. Ex.ª tambem, que os Seminarios de Gôa, pobres e mal dirigidos, estão em presença, quasi visinhos, de paredes meias dos Seminarios da propaganda nas possessões inglezas.

Que estes têem excellentes mestres, que são amplamente dotados; que até subditos portuguezes alliciam, para alli serem educados e ordenados gratuitamente, com a só condição de reconhecerem a jurisdição dos Vigarios apostolicos, que nós não queremos, nem devemos reconhecer. E que portanto não basta dizer: «lá temos Seminarios», o que nada significa; é preciso ter n'elles os elementos necessarios; é preciso habilital-os a luctar com os seus rivaes.

Lembre-se S. Ex.ª que em todo o immenso territorio portuguez, cujo litoral se estende desde a bahia de Lourenço Marques até Cabo Delgado, não ha já quasi nem memoria de ter existido um Prelado; que em toda aquella immensa prelazia ha, creio eu, tres clerigos! Poderão SS. Ex.as, poderemos nós, poderá alguem dizer que alli mesmo, onde todos os interesses materiaes e moraes nos estimulam para o contrario, temos cumprido as obrigações do Padroado? E alli, com este desleixo imperdoavel, inexplicavel, alli temos tres propagandas diversas a minar o nosso dominio, e a combater a egreja portugueza, que por nenhum modo resiste nem se defende. Temos os missionarios catholicos, luctando de zêlo com os protestantes no interior da Africa; e temos (o que é peior, e mais perigoso) os missionarios do islamismo, chamando para as brutezas do alcorão, e para fataes sympathias com o nosso poderoso visinho o Sultão de Mascate, aquellas populações mesmas, que os nossos missionarios antigos resgataram da idolatria e da superstição mahometana, que os nossos guerreiros e navegantes submetteram á Corôa porrugueza, e conquistaram para a civilisação.

Ora se nos confins do nosso territorio e chamado por este abandono—que o Chefe da Egreja não póde nem deve ver de olhos enxutos nem de mãos cruzadas—se vier a estabelecer algum Vigario apostolico, se elle chamar a si algumas d'essas ovelhas sem pastor, se der parochos a algumas d'essas egrejas viuvas, se levantar as pedras de alguns

d'esses templos caidos, em cujos altares se acolhem hoje as feras do deserto, quando ahi torne a florescer a christandade, em que direito nos havemos nós fundar para ir dizer a esse vigario e ás suas missões: «Dae cá o Padroado que é nosso?»

Eu sei que por dizer estas cousas, pela verdade com que as exponho, sei as accusações que me esperam, conto com ellas; prometti a mim e á minha consciencia não as temer. Serei apodado de ultramontano, de que estou vendido aos interesses do Papa, de que renego a fé liberal... e não sei se alguma outra villania, propria dos villões que a inventarem.

Digam, que me não importa; digam que fazem rir o mundo illustrado, e chorar os sinceros amigos da liberdade.

Foi tempo, já lá vai, em que essas duas sanctas cousas—religião e liberdade—pareceram estar em antagonismo; hoje marcham unidas. E se de alguma fórma de culto se póde dizer que é mais livre, mais liberal que a outra, sem dúvida que é da catholica. Se é licito comparar a este respeito as varias communhões christãs entre si, a nossa sáe triumphante da comparação. Nós não obedecemos no espiritual aos Soberanos da terra, como as outras communhões christãs: e basta esta differença essencial e caracteristica para convencer os mais receiosos de que a fé catholica é a verdadeira fé liberal.

No presente estado do mundo, na crescente illustração do seculo, que temor póde haver de que se vá sujeitar, como d'antes se dizia, a independencia das nações e a auctoridade das Corôas á sandalia do Bispo de Roma? Bem conhecidas e bem distinctas as raias do poder temporal e do espiritual, o grande temor hoje é que elles se accumulem. A liberdade então é que é difficil (*apoiados*). Emquanto se não juntarem as duas auctoridades, a liberdade não periga, ganha (*apoiados*).

Estas idéas não são populares infelizmente, e expondo-as assim com tanta convicção e clareza bem sei que prégo doutrinas que não têem o favor público, nem desgraçadamente agradam a nenhum partido. Temos ainda muito vivas as lembranças de um passado funesto, doem ainda as cicatrizes mal fechadas das feridas da guerra e da perseguição, em que os sacrificadores e as victimas todos foram levados por idéas falsas e absurdas na questão social da influencia religiosa.

Graças porém a Deus, á illustração, e á liberdade, que o mundo já vê mais claro, e que não tardará a penetrar pelas nossas fronteiras a luz que já illumina o resto da Europa. Já hoje é reconhecido, que só a unidade catholica póde salvar o mundo occidental dos perigos com que o ameaça o Oriente. Vejam a Inglaterra, paiz em que predomina o protestantismo, cuja dynastia é tão zelosa protestante, vejam como a questão da unidade da Egreja ahi é hoje considerada, como a opinião acolheu as exagerações de partido, que a titulo de zêlo protestante, de independencia nacional, intentaram offuscar a razão pública sobre as pretendidas invasões da côrte de Roma. Fingiram temer pela liberdade, pelos direitos da Corôa, propozeram leis de coerção; e aquelle grande paiz, aquella nação, illustrada sobre todas, rejeitou as leis, e riu-se dos simulados terrores dos Ministros.

Não devemos, não podemos pois tractar ésta nossa questão entre o Padroeiro e o Chefe da Egreja, sem attender ao estado do mundo, á illustração do seculo, sem vêr bem aonde actualmente estão os perigos da liberdade, que ameaçam de mui differente parte do que ameaçavam n'outras eras. Lancemos os olhos para o Oriente, e veremos uma nação immensa, um poder que se não póde dizer de todo civilisado, ambicionando o dominio universal, tentar primeiro usurpar a soberania espiritual do globo, e anniquilar toda a fórma de culto, que o não reconhece em seu chefe temporal e absoluto. Que podem, que devem fazer para contrariar e conter essas pretenções, os povos que amam, que não podem viver sem a liberdade, senão fortificar-se nos principios contrarios! E quaes são elles? São os da communhão, os da religião catholica. (*Vozes*: —Muito bem).

Mas não basta dizer que a respeitâmos, que a venerâmos e a queremos. Protestações e palavras de pouco servem sempre, de nada n'este momento supremo e grave. É necessario mostral-o por factos, não deixar dúvidas nem ambiguidades, não dar occasião a intrigantes e mal intencionados, a informadores falsos e exaggerados para nos indispôrem com o centro catholico e obstarem assim a que o Governo portuguez cumpra por sua parte o que devemos á nação e ao mundo. É forçoso, urge reduzil-os ao silencio: com palavras não podemos: tanto as sabem dizer elles como nós; e direi mais, melhor do que nós, porque são mais finos e atilados. São precisas obras! obras (*apoiados*).

Demais, o poder espiritual não se combate com a espada, a força é impotente deante d'elle, a sobranceria popular inutil e mal cabida (*apoiados*). Essas cousas guardam-se para outras questões; reservem-n'as para quando o pundonor nacional fôr atacado (*apoiados*), para aqui não servem. Repito, que sei muito bem não ser popular ainda este modo de ver a questão. Elle o será; porque a razão é esta, o senso commum é este, a verdade é esta só, e a verdade póde mais que

tudo. E no meu sentir, e no meu dizer, já sou acompanhado por muitos (*apoiados*). Perdôem-me que lhes diga que quanto mais pensam adquirir força e adeantar os negocios com essas profissões de independencia e de altaneria mal cabida, mais se enfraquecem a si, mais embaraçam a questão (*apoiados— O Sr. Ministro do Reino olha com attenção para o orador*).

O Orador: – Sinto estar incommodando o Sr. Ministro, talvez magoando-o... (*O Sr. Ministro do Reino*:—Não incommoda). *O orador*:— Ainda bem, pareceu-me ver que S. Ex.ª, torcendo-se e olhando para mim de certo modo, mostrava não gostar do que eu disse. (*O Sr. Conde de Thomar:*—Apoiado).

Mas não tem razão: eu estou ajudando os Srs. Ministros: e convençam-se elles de que estas são as opiniões e os sentimentos da parte sensata da nação portugueza.

Nenhum espirito de inimizade me excita: protesto da minha fé politica e desejo ardentemente que SS. Ex.as a abracem.

Senti, e senti mais por isso mesmo, que o Sr. Ministro das Justiças désse corpo e importancia a esses protestos que se têem publicado n'um só jornal que se imprime n'esta cidade (*apoiados repetidos — O Sr. Aguiar:* —Ora essa!).

O *orador:*—É a minha opinião, hei-de dizel-a. (*O Sr. Ministro das Justiças*:—Peço a palavra.)

O *orador*: — Senti amargamente, repito, que S. Ex.ª désse corpo e importancia a uma cousa a que a não devia dar. Não me parece, nas minhas idéas estreitas e meticulosas—porque n'este ponto sou eu meticuloso— não me parece, digo, que o seu procedimento que sem offensa, julgo pelo menos, imprudente, seja conforme aos principios liberaes das instituições que nos regem, á honra do systema representativo, nem aos principios religiosos que professâmos (*apoiados*).

Houve individuos que julgaram poder e dever protestar de suas doutrinas mais independentes e regalistas em pontos de disciplina ecclesiastica. Houve outros individuos que julgaram dever protestar de seu maior respeito e devoção para com a Sancta Sé. Fizeram-no, entenderam que por isso não podiam nem deviam ser perseguidos; e entenderam muito bem (*apoiados*).

Reconheceram, por esse mesmo facto, que eram cidadãos de um governo livre, e prestaram homenagem ás instituições liberaes. Inda bem! E quando a sua não fosse a religião do Estado, quando a sua communhão não fosse senão a da minoria do paiz, ainda assim estavam no seu direito. O procedimento do Sr. Ministro nem é constitucional nem catholico...

Sr. Presidente, a hora já deu ha muito, e eu estou exhausto de forças absolutamente. Nada disse em comparação com o muito que tinha a dizer. Mas não quero abusar da paciencia da Camara. Termino abruptamente porque mais não posso. E rogo a V. Em.ª que me inscreva de novo, com a certeza de que não usarei da palavra senão quando absolutamente me seja indispensavel.

(*Vozes*:— Muito bem, muito bem!)

DISCUSSÃO DA RESPOSTA AO DISCURSO DA COROA

Sessão da Camara dos Pares em 4 de Março de 1854

ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO PUBLICA E QUESTÃO DO PADROADO

Eu chamo ainda hoje a attenção da Camara e do Govêrno, porque em uma discussão da resposta ao discurso da Corôa em que se têem discutido tam profundamente os seus pontos fundamentaes, e até os actos dos governos passados, eu entendo que é bem cabido e conveniente falar-se ainda ácerca de algumas medidas que façam desapparecer abusos que tanto prejudicam a acção administrativa.

Conheço e lamento, mais do que ninguem, que esta discussão possa ser causa de se não dar andamento a outros negocios publicos; a longura porém dos debates quando se entra em objectos tão vastos, é necessaria e forçada, e a virtude que então mais reclama, que mais exercita, n'este caso, o systema constitucional, é a paciencia. Tenhâmos pois paciencia, e não vamos dar razão aos inimigos do systema.

Observemos, Srs., o que se apresenta actualmente á nossa consideração, direi mais — e julgamento. Apresenta se a accusação de uma administração que passou, que cahiu por uma revolução justa ou injusta. Seria possivel coarctar, limitar por qualquer modo uma discussão d'esta ordem? Quereria a Camara dar de si um documento tam indigno

d'ella? Supponhamos que a Camara, em vez de discutir, tinha seguido o systema contrario, cortando, abafando a discussão; supponhamos que apparecendo pela primeira vez, aqui, o chefe de uma administração gravemente accusada, nós não o deixavamos largamente responder a essa accusação, que figura faria esta Camara?! Pois seja embora accusada de prolongar as discussões e de perder o tempo — que não é perdido —, mas não seja accusada de falta de justiça, de generosidade e de dignidade.

Se algum orador teve a infelicidade de falar de mais, não podendo reprimir as suas paixões, nem moderar os pungentes latejos de amor proprio, isso não é peccado. E a culpa é só d'elle, não da Camara, que o ouviu pacientemente, prestando-lhe um documento de dignidade, de moderação e de imparcial amor de justiça.

E n'estas faltas, n'estes abusos oratorios, quem póde levantar a mão para accusar? Por minha humilde parte, reconhecendo ser o ultimo dos membros d'esta Casa, e com menos meritos para entrar n'ella, zélo todavia o credito da Camara, mais que o meu proprio e felicito a pelo que n'esta occasião tem feito. E por esta natural occasião, vou responder, quasi que por um parenthesis, ao Sr. Ministro do Reino, que pareceu escandalisar-se da minha falta de gratidão para com S. Ex.ª.

Respondo-lhe com a profissão e confissão de meu nenhum merito, serviços e mais partes; e com o reconhecimento de que pelo unico favor de S. Ex.ª e de seus Collegas, fui chamado a tomar assento n'esta Casa. Eu, que se ousasse comparar a minha baixeza com a alteza de tantos e tam sublimes outros meritos, a que SS. Ex.ªª não fizeram senão justiça! Oh! só o pensamento me assusta!

Já se vê que quando se fazem estas confissões, e que são sinceras, não deixam a S. Ex.ª a menor duvida de que não foi justa, antes acerba e cruel a sua indirecta, ainda que urbana, admoestação a este respeito.

E tambem agora me dirijo a S. Ex.ª, como amigo e collega que tem sido meu em differentes occasiões, e appello para a sua consciencia e memoria: elle que diga se algumas das opiniões que tenho sustentado agora, as achou novas; se nas apreciações das cousas públicas, na apreciação do mérito ou desmérito, que eu encontro n'algumas d'ellas, S. Ex.ª me não ouviu sempre a mesma opinião? Se me ouviu no conselho, no gabinete, na tribuna, e até mesmo n'esses fracos escriptos — com que o público tam indulgente tem sido—sustentar outras?

Eu posso errar, tenho mesmo a consciencia de ter errado muitas vezes; mas appello para o testimunho do Sr. Ministro do Reino, assim como para o de todos quantos tenham tratado commigo negocios públicos, e que digam se as minhas opiniões — boas ou más — não têem sido sempre as mesmas.

Sr. Presidente, eu não trago isto para me justificar pessoalmente, e sim para simplesmente tirar uma deducção obvia, que S. Ex.ª, o Sr. Ministro do Reino, ha-de sentir e ha-de por certo sentir a Camara; e é, que expondo hoje as mesmas idéas, que sempre expuz, não me anímo de espirito algum de hostilidade contra S. Ex.ª E posto que eu deva unicamente, não a mim nem aos meus serviços ou qualificações, mas á indulgencia e favor de SS. Ex.ªs o logar que occupo n'esta Casa, não creio que ellas tivessem em vista, collocando-me aqui, deshonrarem-se a si e a mim, pretendendo que eu viesse sustentar opiniões que não fossem as minhas.

O Sr. Ministro do Reino, quando respondeu ao meu fraco discurso, estava persuadido que eu me tinha collocado em uma situação hostil a S. Ex.ª, aliás não me teria respondido assim. S. Ex.ª, que em todos os seus discursos e evoluções parlamentares e politicas, mostra sempre tam suprema habilidade, n'esta occasião não deixou de a manifestar, sophismando, fugindo das questões; ainda mais, alterando o que eu disse, e por fórma tal, que me envergonharia hoje se taes coisas tivera dito.

Sr. Presidente, eu não vim discutir agora o projecto sobre administração pública, que ha dias apresentei; esse projecto está sujeito ao exame de uma commissão, não tratei d'elle, nem o trato agora, porque essas questões são de tal gravidade, que é necessario tratal-as expressamente e com maior pausa. Eu não disse, nem podia dizer, que tamanha barbaridade não sahia da minha bôcca, o que S. Ex.ª me fez dizer relativamente a municipalidades. Eu não comparei as municipalidades presentes com as do antigo regimen, para deduzir que éstas eram preferiveis áquellas.

Disse sim, que havia coisas na administração antiga, que faltam na moderna; que havia coisas antigas que o uso dos séculos, e o dos povos tinha tornado regulares, porisso mesmo que sendo obra de muitos annos, de muitos seculos, tinham amadurecido e emendado os seus vicios: e embora tivessem erros de principios, com o de facto tinham, apezar d'isso, muitas provisões havia no systema antigo, que eu julgo melhores e preferiveis a outras que depois se teem adoptado.

Notei sim, um vicio capital na nossa administração, vicio que é necessario corrigir, e que por certo ha-de corrigir-se, porque a

sociedade tem necessidade de existir. Notei o antagonismo fatal que existe entre a administração da justiça e a administração propriamente dita.

Quando estes podêres se separaram, separação que eu não sei ainda hoje censurar, essa separação trouxe comsigo inconvenientes, como acontece a muitissimas instituições boas, que, corrigindo um mal, trazem ás vezes outros ainda maiores. S. Ex.ª, o Sr. Ministro do Reino, negou-o: — não fez bem. Esse anachronico antagonismo, de que todos se queixam, e que todos reconhecem, e que não sei se alguem já teve a fortuna de lhe descobrir remedio—eu decerto não—esse antagonismo, repito, existe. Não ha dúvida, Sr. Presidente, que os conflictos estabelecem-se ainda nos paizes mais bem administrados, e mais regulares, quando a ordem natural das coisas assim o permitte; — mas é tambem certo que nas leis está estabelecido quem os ha-de julgar. Entre nós, porém, existe inquestionavelmente essa anomalia de que eu falo; appello para o proprio Sr. Ministro das Justiças, e para todos aquelles que têem exercido a administração da justiça, elles que digam se não é verdadeira a existencia d'esta anomalia. E' portanto necessario empregar os meios para a fazer desapparecer, e contêl-a para que se não exceda, porque entre éstas duas administrações, — repito — existe uma tendencia constante para se atropellarem em vez de se ajudarem. Isto não é dos homens, este vicio está na lei, é necessario pois, estabelecer bem a divisão e separação das attribuições das duas auctoridades. Foi este o pedido que eu fiz ao Sr. Ministro do Reino, e a respeito do qual reclamei a sua attenção. E não quero apparentar de innocente, e com uma malicia mal fingida vir ostentar uma placidez que não tenho, não Srs.: com toda a franqueza e lealdade censuro que os Srs. Ministros, durante o tempo em que exerceram os podêres legislativo e executivo, não olhassem para estes assumptos, preferindo tratar outros menos essenciaes, segundo o meu juizo, e que podiam ficar para mais tarde.

Sr. Presidente, entre a parte legislativa das municipalidades, na confecção das suas posturas, e na execução d'ellas, que pertence a outro podêr, ha um antagonismo constante, que embaraça a boa administração da justiça.

Sinto profundamente que, a proposito d'estas minhas considerações, o Sr. Ministro do Reino, confundindo uma reflexão que eu fiz, triste sim, mas que ninguem mais do que eu com ella se entristece, me argua de ter levado o systema representativo ao banco dos reos. Pois sou eu que o levo ao banco dos reos, como S. Ex.ª disse? Pois é a mim que S. Ex.ª faz uma arguição tal? Pois sou eu que ponho o systema representativo no banco dos reos, e que dou a querella contra elle? Eu disse que o systema representativo estava no banco dos reos? Está. Tem máos amigos? Tem. Eu sou um bom, sincero, e leal amigo: e digo isto cheio de mim, porque não é presumpção, é consciencia. E confesso que me parece que S. Ex.ª me não censurou por isso. (O Sr. Ministro do Reino:—Não). Mas o público póde pensal-o assim; e o público, no qual se fazem correr éstas idéas, quando o homem fala a favor das freiras, e sustenta certos principios mais religiosos, acoima-o de ultramontano; — accusa-o de que attenta contra o Systema Representativo — accusa-o de ser homem perdido, — traidor aos seus principios — que deshonra a sua infancia, — e que vem em annos maduros renunciar áquillo a que deve a sua vida!

Oh! Que accusação tam fatal! Se S. Ex.ª pensasse no valor de suas palavras! Mas eu n'este ponto sou grande, é esta a primeira vez que ouso assim qualificar-me, não tendo dúvida em dizer, que me não ferem nem na sombra essas irreflectidas insinuações que sahiram da bocca de S. Ex.ª!

Morreriam os meus fracos argumentos, mas morreram tambem as poderosas respostas de S. Ex.ª!

Eu disse, repito, e confirmo, que a administração da justiça é pessima, mas accusei algum Juiz? — Não. São meus collegas, e honra-me mais este titulo, do que o de outra qualquer instituição a que pertencesse. Eu dou o meu testimunho de que conheço juizes que são os mais honrados e mais intelligentes magistrados que póde ter qualquer paiz do mundo; mas digo que a instituição está viciosa; que o arbitrio ministerial, que está erigido em principio, é preciso cortal-o.

Não disse eu, que se o Sr. Ministro da Justiça fazia, como creio que faz, o seu dever, era necessario levantar-lhe altares, attendendo ao immenso arbitrio, que mal constituidas leis puzeram nas suas mãos? E quê pois! Se S. Ex.ª transferir qualquer juiz d'uma comarca de primeira classe para outra inferior, obriga-o a lei a dar a razão por que o fez? — Não. O Ministro obrou como entendeu, e ninguem lhe pede contas! E chama-se um paiz governado constitucionalmente, aquelle em que isto é tolerado, e confirmado pelas proprias leis, tendo o Poder judicial o titulo de independente! Tenho ou não razão?

Pois não acham SS. Ex.as, que tendo assumido o Poder legislativo, tomando conta

d'elle para remediar os vicios da administração (que não podia ser outra a sua intenção), deveriam ter-se occupado d'isto em vez de tratarem de cousas menores?! E' d'esta falta que eu os argúo; e ainda mais, porque depois que largaram das mãos *generosamente* o Poder legislativo, que n'ellas haviam conservado por tanto tempo, não appareceram ainda perante as Camaras com propostas em que tratassem de corrigir esse systema!... E disse: *ai de Portugal!* E repito: ai de Portugal, quando um certo numero de juizes antigos fôr chamado a retirar-se d'esta scena do mundo! «*E n'esse numero contei-me a mim!*» S. Ex.ª decerto não pensou que eu me quiz pôr entre os modernos. Ha dezoito annos que sirvo como juiz, por pouca edade que tivesse então, já não podia presumir de moço, nem de moderno juiz. Digo pois, que se n'um movimento generoso (porque o é, o que quasi sempre acompanha as grandes alterações de um paiz), se n'um transtorno de ordem de cathegorias, forem chamados a supprir, de repente, cargos em que se requer a maior experiencia, homens mais moços e menos versados, posto que distinctos, se esse movimento generoso, que anima sempre o homem que tem de emprehender tam grande obra, vier encontrar ainda em pé o systema do arbitrio, em que um ministro consciencioso póde fazer nomeações boas, mas póde tambem ser illudido vinte vezes para as fazer pessimas, então, que futuro se prepara para Portugal? Não virá uma judicatura que envergonhe esta Nação? Eis o que eu disse, o que ainda repito, e o que o Sr. Ministro das Justiças não contesta.

Fizeram-se pois grandes melhoramentos; concedo isso, mas não os fizeram nos pontos radicaes.

Appello tambem para os generaes que me ouvem, para me dizerem se é possivel regenerar-se o exercito sem uma lei de recrutamento, ou com a que existe hoje, que é o mesmo que não ter lei?!

Appello ainda para a consciencia do Sr. Ministro da Marinha, reduzindo o systema de economia a não fazer coisa alguma?! Pois n'uma porção de terreno que está quasi todo rodeado de mar, em tres partes do Mundo com colonias importantes, e as mais importantes, será possivel que, adoptando-se simplesmente como methodo de economia — o não fazer nada—, possamos conservar essas possessões, e ter uma marinha sufficiente, ou mesmo indispensavel?!

Digo mais: póde ser economia, essa economia anniquiladora!? S. Ex.ª tem-me ouvido falar n'estas coisas, por muitas vezes fóra da Camara, e sabe que eu julguei sempre estereis as economias, que, entretendo a vida por alguns dias, fazem vir a morte de inanição; é como nas molestias pulmonares em que o remedio de tirar sangue faz com que as afflições minorem, mas a morte infallivel vem mais cedo. Portanto esse systema applicado á Marinha e mesmo ao ultramar, é impraticavel, absolutamente errado, e perdôe-me S. Ex.ª, mas digo-lhe com toda a candura, que se esta administração fôr longa, como eu desejo e espero, se a marinha continuar assim, SS. Ex.ªs hão-de simplesmente dar-lhe o beneficio d'ella morrer nas suas mãos.

Algumas observações teria egualmente que fazer ao Sr. Ministro da Fazenda, se elle estivesse presente; não faltará porém occasião para aqui falarmos sôbre as suas reformas.

Disse o Sr. Ministro do Reino, que é difficil fazer uma boa lei de habilitações, e que ella precisa ser acompanhada das regras para os acessos; mas S. Ex.ª não lhe falta cabedal de conhecimentos proprios, nem de amigos para a conceber e coordenar.

Se me dirijo principalmente ao Sr. Ministra do Reino — não é com a minima intenção de ser mais exigente com S. Ex.ª, do que com os seus collegas; é sim, porque S. Ex.ª, tem a seu cargo ramos de administração que conheço melhor, que zélo mais, porque a minha inclinação é maior para esses, taes como os da educação e os da caridade pública, que aliás estão em pessimo estado, S. Ex.ª me perdoará, e que não lhe têem merecido melhoramento algum importante, grave e digno de mencionar-se! As Misericordias estão por todo o Reino como eu já disse, e para não enfadar a Camara, repetindo as observações que fiz, sómente appello para o conhecimento que têem todos os Srs., de qualquer parte do Reino d'onde venham, e me digam se não clamam ellas mesmas Misericordias, ao Sr. Ministro que as attenda? E vou por esta occasião, com muito gôsto, louvar o Sr. Ministro do Reino, pela feliz escolha que teve na nomeação do meu honrado e illustre amigo o Sr. Marquez de Loulé, para o pôr á testa d'um d'estes estabelecimentos; é o acto pelo qual eu acho que posso louvar a S. Ex.ª n'este ponto, e estimarei ter muitos para louvar.

Espero que sim, como espero que sejam regeneradas como devem, outras instituições do mesmo genero — desconhecidas para tanta gente n'este Paiz, chamadas Mercearias — Instituição de nossos maiores com o fim *quasi* de rezar; mas ninguem, em consciencia, deshonre a memoria de nossos avós porque crearam taes instituições, que se tornaram depois hospitaes de invalidos, ou verdadeiros asylos consagrados á edade incapaz

de qualquer serviço. Hoje todas as leis pedem que esses institutos sejam reformados, e incorporados n'outros, até que tenham meios de subsistirem sobre si.

O instituto agricola que o Sr. Ministro das Obras Publicas fundou, merece os meus louvores, sobretudo se S. Ex.ª tiver n'elle mão certa e constante, para o fazer prosperar, e tirar aquelles resultados que todos esperâmos, e desejâmos. Parecia-me porém, e é opinião de muita gente (não sei se de S. Ex.ª), que a Casa-Pia estava appropriada para isso. As escrophulas, a ophthalmia e muitos outros defeitos e molestias que têem assaltado aquella casa, tudo isso parece que clamava para que fosse alli creado um tal estabelecimento, que iria curar-lhe esses males, dando-lhe condições diversas das que tem. Fazendo que esses mancebos a quem o futuro tam pouco promette, talvez achassem alli remedio aos males physicos que os consomem, tornando-os ao mesmo tempo applicados a uma industria nova e proveitosa para as suas capacidades. Não aconteceu porém assim; sinto-o, mas espero, e confio ainda que os Srs. Ministros hão-de emendar a sua obra e que os illustres professores que compõem estes novos institutos, hão-de crear um outro onde os alumnos possam ser subjeitos ás regras da sua educação, que será n'esse mais formalmente dirigida do que em estabelecimentos avulsos, dispersos, por onde apenas se encontrará algum discipulo.

Ha em Portugal um numero incalculavel de Confrarias e Irmandades que carecem de uma nova organisação, e sobre as quaes deve velar a auctoridade do Governo. Quando digo isto, peço que não confundam, que não invertam as minhas opiniões, porque eu não quero, nem desejo que o Governo tenha sobre ellas uma acção directa, mas sim que o Governo, que tem uma influencia, um poder immenso, faça a devida applicação d'essa influencia e d'esse poder para que essas Corporações, novamente organisadas, concorram para o fim da sua instituição:—qual o da caridade pública. E decerto não posso deixar de acreditar nos bons desejos dos meus concidadãos e tambem das minhas compatriotas, que saberão comprehender o fim da instituição d'essas Corporações, praticando a caridade pública reunidas n'essas associações: especie de socialismo, que eu declaro não posso deixar de professar; e professo-o escancaradamente porque elle ha-de necessariamente trazer muita coisa util á humanidade. Não vejo porém, que o tenham feito já, mas espero que venham a isso; e se os não censuro porque o não têem feito, censural-os-hei, se o não fizerem.

Por estas idéas chego naturalmente a falar sobre um ponto, a respeito do qual não tenho vergonha de dizer francamente a minha opinião, e espero que d'esta vez m'a não invertam, porque é sempre facil interpretar mal as opiniões que se emittem na tribuna, onde uma palavra accentuada de certo modo, ou virgulada de outro, póde apresentar uma idéa differente d'aquella que quer exprimir: —falo da educação primaria.

Sinto amargamente que ésta educação primaria não esteja mais ligada com o ministerio dos Parochos; mas emittindo esta opinião não se entenda que eu quereria a instrucção primaria entregue aos parochos; e oxalá que eu o pudesse querer, e oxalá que os Parochos e o Clero me inspirassem a confiança necessaria para lhes entregar ésta instrucção; porque oxalá que eu tivesse mais confiança n'esta instituição benefica que a religião instituiu e que a sociedade deve sustentar para que a mesma sociedade possa bem existir. Quando faço pois ésta declaração pública, que não é extremamente popular, como póde d'ella deduzir-se, que seja minha opinião que ao clero se entregue a instrucção primaria? E o Sr. Ministro do Reino bem poderia ter-me comprehendido, quando exprimi as minhas idéas a tal respeito,—mesmo pelo conhecimento que tem de minhas opiniões—não devendo talvez aproveitar-se de um ou outro lapso de lingua, em que facilmente cahimos, para apresentar como meus, principios que o não são. Eu, Sr. Presidente, o que desejo e quero, é que a educação primaria *faça parte* da Parochia, que ella pertença áquelle nucleo das primeiras relações da vida social; quero que entre nós se faça o que se faz nos mais paizes; o que se faz até nos paizes protestantes, em que os Parochos são encarregados de dirigir a mocidade nas primeiras relações da vida social; mas d'aqui não se segue que a instrucção primaria seja entregue ao clero. Uma sociedade bem organisada deve estar ligada com o estado de instrucção e moralidade do clero; uma sociedade bem organisada deve estar ligada a esse estado, porque aquelle que dá o pão da doutrina espiritual, não deve ser alheio á administração do pão da doutrina temporal—a instrucção—. E será isto sujeitar a instrucção ao clero? Será isto ultramontanismo? Pois assim como cada parochiano vê na sua Parochia o centro das suas relações da vida social, porque é alli que contrahiu o vinculo que o uniu áquella que ha-de ser a sua companheira durante a vida; porque é alli que elle vê o centro de todas as suas affeições; porque é alli que seus filhos receberam o sacramento do baptismo; porque é alli que elle e a sua familia receberão até ás ultimas bençãos da Egreja, seja

tambem por influencia da Parochia que elle receba o primeiro ensino, as primeiras ideas de educação, e os primeiros conhecimentos da vida social. Será ísto erro de doutrina? Será; mas eu espero continuar n'elle, porque para mim não é erro, porque ninguem me convencerá do contrario.

Agora por ultimo—o Padroado; e tratando d'esta questão sinto não poder, dirigindo-me ao Sr. Ministro do Reino, entoar como desejo sempre hymnos de louvôr, porque não posso deixar de queixar-me da injusta arguição que S. Ex.ª me fez, dirigindo-me uma expressão que foi ouvida por toda ésta Camara, e que eu tenho lido, e todos a terão lido nos jornaes — «que eu viéra aqui *desflorar* ésta questão?!» Oh! Sr. Presidente, pois eu vim aqui *desflorar* ésta questão?! Pois fui eu o primeiro que lhe toquei? E tocando, que disse, que fiz eu para a *desflorar?* Ésta expressão de *desflorar*, sahida da bôcca de S. Ex.ª foi...—(*O Sr. Ministro do Reino*—: creio que não disse blasphemia?...) — Pois que proporções gigantescas apresento eu para poder desflorar esta questão?! Oh! oxalá que eu pudesse correr um véo sôbre ella, e que estivesse na minha mão, que não está, impedir que se não fizesse o que já está feito... Se estivesse na minha mão... eu diria o que Fontenelle dizia a respeito da verdade:— que se a tivesse na mão, fechal-a-ia, para que d'ella lhe não fugisse. Mas já que isto não posso fazer, o que eu desejára, ao menos, era concorrer, quanto em mim coubesse, para a trazer á sua simplicidade; é este o meu desejo, é ésta a minha vontade sincera.

Vamos ao ponto da questão, voltemos ao que eu perguntei,—porque nada asseverei.

A questão do direito do Padroado da Corôa de Portugal versa sôbre as Egrejas que estão fundadas em sitios não sujeitos á nossa jurisdicção civil; unico ponto sôbre que póde haver dúvida, porque sôbre as Egrejas fundadas em terreno, provincia, departamento, ou qualquer sitio que esteja sujeito á jurisdicção do Governo portuguez, não a póde haver. A questão portanto reduz-se a este unico ponto, que o povo portuguez desconhece, porque o não lê nas nossas brochuras nem nos nossos jornaes; porque a questão tem-se a tal ponto embrulhado, que só quasi os da profissão a podem entender;—foi pois para reduzir a questão á simplicidade em que deve ser tratada, que eu disse o seguinte:—não ha direito nem póde haver pretenção da parte da Curia Romana, sôbre a posse do Padroado portuguez, que ella propria reconheceu sempre e reconhece ainda: Padroado garantido pelos canones geraes da Egreja, pelas concessões particulares feitas á Corôa de Portugal, por concessões especiaes e até por contratos solemnes celebrados entre nós e uma outra Potencia. No entanto disse, e não me arrependo de o ter dito:— nós temos o direito do Padroado, mas a esse direito estão annexos deveres e obrigações, e perguntei então — teremos nós cumprido esses deveres? Eis a pergunta que eu fiz.

Sr. Presidente, eu tenho na minha mão um documento solemne e authentico, escripto e assignado por um homem illustre d'esta terra, por um homem dotado de um patriotismo exemplar, e cheio do maior zêlo pelo bem do paiz; por um homem que acabou a sua existencia immolando-se pela Patria, porque foi uma das victimas das nossas desgraçadas guerras civis; e n'esse documento se diz que assim como nós temos direitos ao Padroado que nos pertence, tambem temos deveres que são relativos a esses direitos.

E porque não havemos de dizer, porque não havemos de confessar, porque não havemos de declarar francamente em que consistem esses direitos? Porque não havemos de dizer a verdade, e só a verdade?...Pois o estado em que o nosso paiz tem estado, as circumstancias que se têem dado durante tantos annos, as guerras civis e as suas consequencias, não seriam motivos sufficientes, não seriam razões bastantes para nos desculparmos de não havermos cumprido esses deveres que o direito do Padroado nos impõe? Para que havemos de fugir do ponto da questão, e darmos armas aos nossos inimigos? Diga-se a verdade: — nós não podémos cumprir, pelas razões apresentadas, esses deveres e obrigações do Padroado, e diga-se esta verdade sem mêdo, porque d'esta nossa falta não se segue que a Corôa portugueza perca os direitos de Padroeira. Não, Srs.; não é essa a conclusão, nem eu jámais o diria; e se o dissesse daria aos Srs. Ministros todo o direito de me julgarem pouco respeitador das nossas passadas glorias, alcançadas com tanto custo n'essas partes longinquas, poderiam mesmo accusar-me de fraco, e até de traidor! De traidor, sim, porque seria eu mesmo quem primeiro me accusaria!

Se pois nós tinhamos tantas desculpas com as quaes podiamos attenuar as nossas faltas no cumprimento d'esses deveres, para que é ir exacerbar as opiniões, transtornar o bom andamento dos negocios, e convertermos em espirito de hostilidade e malquerenças para com Portugal, um Poder que, posto estrangeiro, não nos é estranho, e a quem devemos submissão, — a quem devemos submissão, não me pejo de dizer, porque pertenço a um paiz catholico, porque sou catholico, e porque ainda que o não fos-

se, como representante d'este paiz, devia-o declarar submisso a esse Poder. Confessemos, pois, as nossas faltas, confessemos que houve negligencia da nossa parte; mas que essa negligencia cessará desde que mandemos missionarios para essas partes, onde os devemos ter, e cumprindo as obrigações de Padroeiro n'esses paizes, em que o nosso dominio não tem outro titulo além da introducção que alli fizemos da religião catholica: antigas desintelligencias, e diversos erros, perderam parte d'este direito ou dominio; que novos erros não percam a outra parte! Disse-se que eu confundira Moçambique com Gôa! Oh! Até ahi ainda chegam os meus conhecimentos geographicos. Notei, sim, e noto ainda hoje, que o nosso procedimento em Moçambique ha de servir aos nossos contendores, para por elle avaliarem aquelle que diz respeito á India.

O Sr. Ministro dos Negocios do Ultramar decerto já saberá que se acha em Congo um Vigario Apostolico. N'esse paiz, — que desde o seu descobrimento até hoje tem estado n'uma especie de feudalidade de Portugal, e os seus soberanos, comquanto se ornem com todas as insignias reaes, não têem deixado de ser considerados como suzeranos dos Reis de Portugal — n'esse paiz, como havemos de reclamar o direito de Padroeiros, estabelecido alli um Vigario Apostolico? Como havemos reclamar esse direito, não cumprindo as nossas obrigações? E isso por uma d'essas desgraças fataes, que não attribuo a ninguem, e que subsistem pelo estado politico por que temos passado.

Desgraça fatal! porque o nosso Padroado concorreu poderosamente para as immensas riquezas que trouxemos de nossas colonias, como póde concorrer para as que de lá podêmos trazer ainda; porque nenhuma civilisação se introduz n'aquelles povos senão com a bandeira da Religião.—Nenhum commercio, nenhuma força alli se estabelece senão por aquelle meio; porque não ha forças de exercitos que possamos pôr em movimento nas nossas colonias, e que as dominem, se o *missionario descalço*—a não levar pelos principios de persuasão.

Não me leve, V. Em.ª, em conta a profissão d'estas idéas para me absolver de meus peccados, em acto de confissão; porque estas idéas, vejo-as eu, não só pelos meus olhos, mas pelos de muitos homens,—não os Srs. Ministros,— mas homens como Chateaubriand e Lamartine; um republicano, outro monarchista; e se quem professa taes idéas é monarchista ou republicano, eu declaro que as professo, sem comtudo ser aristocrata nem democratico. E porque se chegou a um seculo em que cada um vê melhor as coisas, e que d'ellas se não tiram opiniões politicas, *talvez porque ainda estamos muito atrazados, por falta de fomento e de progresso.*

Nós não temos na India, embora se offendam os Srs. que possam ser naturaes ou tenham relações intimas com aquelles paizes, nós não temos na India clero sufficiente; e aqui directamente me opponho ao Sr. Ministro do Reino. Não temos clero sufficiente para a alta missão de que elle está encarregado. Compare S. Ex.ª o que temos com o que ha, não só nos dominios inglezes, mas nos das outras nações, e verá quanto elle é defficiente. Qualquer que seja a sua capacidade, elle não é egual ao d'essas outras missões, e não me obrigue S. Ex.ª a apresentar as provas do que digo, porque ellas seriam tristes para nós todos. Consulte S. Ex.ª os seus conhecimentos sobre este objecto, e verá que não exagero: e se absolutamente falando, elle é defficiente, o que será na presença de missionarios instruidos, com os quaes têem de sustentar discussões e oppôr resistencias? Eu, sou o primeiro a confessar e a dizer, por honra nossa e por honra mesmo do clero da India, que na parte limitrophe áquella porção de terreno subjeita á jurisdicção ingleza e mais perto das missões, que n'essa parte, nós estamos hoje melhor do que hontem. Convenho n'isso, mas limitam-se ahi as nossas obrigações? Mas a *Oceania*, mas essa *China*, de que ha pouco falei, não é tambem do padroado real portuguez? Nós não estamos pois em bom terreno para contender com adversarios poderosos, emquanto por obras, e não por palavras, não mostrarmos que cumprimos o nosso dever: e dizendo estas verdades não julgue S. Ex.ª que prejudico ou pretendo prejudicar esta questão. Cortada me fosse a lingua, se tivesse similhante intenção. Estou, pelo contrario, ajudando-a, quanto eu sei, e posso. Qual é pois o modo de reforçar os nossos direitos? Qual é pois o modo de entrar n'este negocio? — E' simplicissimo o meio: é fazermos da nossa parte aquillo que nos compete como obrigação, porque então estaremos fortissimos para reclamar o que nos compete por direito.

A França tem o padroado do Levante, e quanto lhe custa? E quantos milhões consome com essa instituição? E tem a França alguma missão lá?— Não: tem o commercio, e altissimos interesses que lhe convem sustentar; e os conventos de ambos os sexos, e as pensões dadas aos Bispos que lá ministram, e muitos outros sacrificios que faz hoje a França imperial, e que fez tambem a França republicana. Do mesmo modo eu entendo que Portugal— sem ser a *rã* da fabu-

la na presença do touro — faça mais sacrificios em favor do Padroado do que aquelles que actualmente faz.

O Sr. Ministro do Reino disse — que não era menos orthodoxo do que eu; não nego, nem disputo, porque não tenho pretenções a sel o, torno a dizer que não pretendo beatificar-me: bom ou máo homem d'estado, e pouco intelligente, estou falando como entende um homem, que tem por dever pugnar pelos interesses da sociedade a que pertence, sem entrar no ramo religioso, que não é doutrina que deva tratar-se aqui.

Não posso concluir como desejava, porque a Camara está cançada de mim e da discussão, e eu não o estou menos — não da Camara —; mas não concluirei sem dizer ao Sr. Ministro da Justiça, que, infelizmente, não pude ficar satisfeito com as suas explicações a respeito d'esta famosa questão do *Protesto*, por má intelligencia minha, porque S. Ex.ª em vez de illucidar pareceu-me confundir.

A questão não é de direito; o Ministerio Público por ordem ou insinuação de S. Ex.ª, ou sem ella, inquestionavelmente, podia querellar contra aquelles que, bem ou mal, julgaram dever apresentar o Protesto: quero dar-lhe toda a latitude. Mas não basta dizer que a lei auctorisava a querella, porque nem tudo que o direito concede, se deve fazer; porque nem tudo que a lei permitte, é conveniente.

S. Ex.ª leu aqui o parecer de um magistrado, o Conselheiro da Corôa, respeitado por todos os partidos; fez-se a esse Conselheiro cargo de tratar a questão da conveniencia pública, quando só o Sr. Ministro e os seus collegas a podiam tratar. Nem o Sr. Procurador Geral da Corôa insinuou ou aconselhou o Sr. Ministro da Justiça a tomar sobre si o odioso da querella; elle apenas apontou as leis. Se o tivera aconselhado, seria um dos mais tristes desenganos da minha vida. Mas creio que não, deixou a questão em suspenso, e os srs. Ministros que tomassem toda a responsabilidade d'este acto.

A leitura, que S. Ex.ª fez, não o releva pois, nem a elle nem aos seus collegas, da responsabilidade de mandar proceder a essa querella.

Um dos Srs. Ministros, não sei qual foi, admirou se de eu fazer esta arguição, mascarando-a de parcialidade politica. Antes de ir adeante, invoco o testimunho de V. Em.ª recordando que em 1838, na presença de um corpo que tinha outras forças, — as Côrtes Constituintes — sendo Ministro um amigo meu, de quem fui, sou e hei de ser sempre amigo, eu argui esse ministerio por mandar tomar uma certa providencia a respeito do que se chamava *Scisma*. Portanto se sou *ultramontano*, não é de agora, já o era na presença das Côrtes Constituintes de 1837, que não tinham nada d'sso. E porque o fui? Porque entendia n'aquella epocha, como ainda entendo hoje, que perseguir homens por opiniões religiosas, quaesquer que ellas sejam, é dar força ás suas doutrinas, é collocar as armas nas mãos d'aquelles, que não desejam outra cousa. Prophetisei que aquellas medidas adoptadas então, só íam dar corpo ao chamado *Scisma*, augmentar o numero dos seus proselytos, e criar graves difficuldades ao governo: assim succedeu. Apreciem os srs. Ministros, que deram n'esta epocha um passo egual áquelle, as fataes consequencias que resultaram d'aquella medida imprudente; quantas concessões tiveram de fazer-se para sanar o mal, quantas difficuldades se lhe seguiram, e que caro pagou Portugal a imprudencia do sr. Ministro de então. E porque? Porque tambem, então, a lei dizia «auctoriso». Não basta pois que a lei auctorise: que ha uma differença entre o que ella manda e aquillo que ella faculta.

As leis preceptivas devem ser executadas com todo o rigor; mas das leis facultativas é necessario usar com muita prudencia. E que fizeram estes homens? Protestaram contra opiniões que lhes pareceram erradas, e desattentas no modo, pelas expressões, a uma auctoridade espiritual, que elles não consideram mais do que nós, mas que suppõem considerar em sua consciencia mais susceptivel. Em uns fosse embora fingida e falsa, esta susceptibilidade, em outros era leal; n'esses, cuja consciencia mais timida se offendera de palavras, de que os nossos ouvidos — ou por relaxados ou obliterados — já não fazem caso: e é este motivo sufficiente, embora a lei faculte, para que se mande processar este acto? E note-se a epocha em que isto se fez.

Acabava de cahir do throno a Soberana, que nós adoravamos; acabava a Nação de cobrir-se de luto geral: acabavam estes mesmos, oppostos a nós em opiniões, sentimentos e paixões politicas, de unir-se a nós para arrastar esses lutos como nós; é esse momento, o que o governo escolhe para lhes attribuir a paixões politicas, o que eu considero opiniões religiosas! Foi alta imprudencia esta perseguição, de que, a esta hora, já os Srs. Ministros se terão arrependido.

O Sr. Ministro do Reino: — Não é perseguição religiosa...

Então que foi?... As intenções de cada um não são objectos processados nos tribunaes. Ou nós renegâmos do systema representativo, pelo qual derramámos tanto sangue, ou vamos dar armas aos nossos adver-

sarios! Similhante doutrina não se sustenta, ella é indigna de Constitucionaes! A intenção com que as coisas são feitas, não póde ser julgada senão no Tribunal de Deus. E eu ignoro qual a intenção que lavrou o Protesto. Seria politica? Não sei.

O Sr. Ministro do Reino: —Injuriaram a Camara dos Srs. Deputados.

Injurias, Sr. Presidente, recebe-as ésta Camara todos os dias; injurias, recebem-n'as todos os Poderes do Estado, quando a sociedade marcha para a sua dissolução. Eu já, por meus peccados, tenho visto bastantes vezes injuriar com as maiores offensas os Soberanos, sem distincção de sexo: tenho visto injuriar a Magistratura, a Camara dos Pares, repito, todos os Corpos do Estado.

Sr. Presidente, eu toda a minha vida tenho professado a liberdade, e por isso não podia hoje deixar desapercebido esse facto injusto e altamente inconveniente á causa pública: que se tornou mais inconveniente ainda, pela occasião em que essa medida foi publicada.

Disse o Sr. Ministro das Justiças, que se querellou só contra o Editor do jornal *A Nação*. Perdôe-me S. Ex.ª, isto não é exacto, e S. Ex.ª disse-o assim porque foi decerto illudido na explicação d'esse facto. A verdade é, que se querellou contra todos os signatarios do Protesto; se depois se mudou de tenção, é esse um facto posterior. O modo pois como foi dada a querella, torna o facto mais atrocissimo.

Declarou S. Ex.ª, que tinha dito no seu despacho — cumpra-se a lei —; pois é d'esse despacho que eu o accuso; — que absurdo, que furor de accusar!

Ha casos, Sr. Presidente, em que a execução deve moderar a lei: ha casos em que o executivo é responsavel pelos effeitos que produz a lei; e este é um d'elles. A consequencia inevitavel de todos estes actos, a consequencia inevitavel d'estas iras politicas, d'este procedimento, ha de ser a estultificação da auctoridade: porque esses signatarios do Protesto, foram accusados de tantas coisas nas peças officiaes, e particularmente em um officio remettido a V. Em.ª, que tanta accusação não terá resultado algum, nem o póde ter: — e oxalá que este seja só o seu resultado, oxalá que essa parte da familia portugueza não se aparte mais do que estava, com o aggravo que recebeu do governo, em parte por culpa sua, e em parte por culpa nossa; e que em logar de se verificar a promettida união de toda esta familia portugueza, não se exacerbem mais as paixões politicas; sendo este, mais um dos resultados da nobre regeneração que felizmente nos rege.

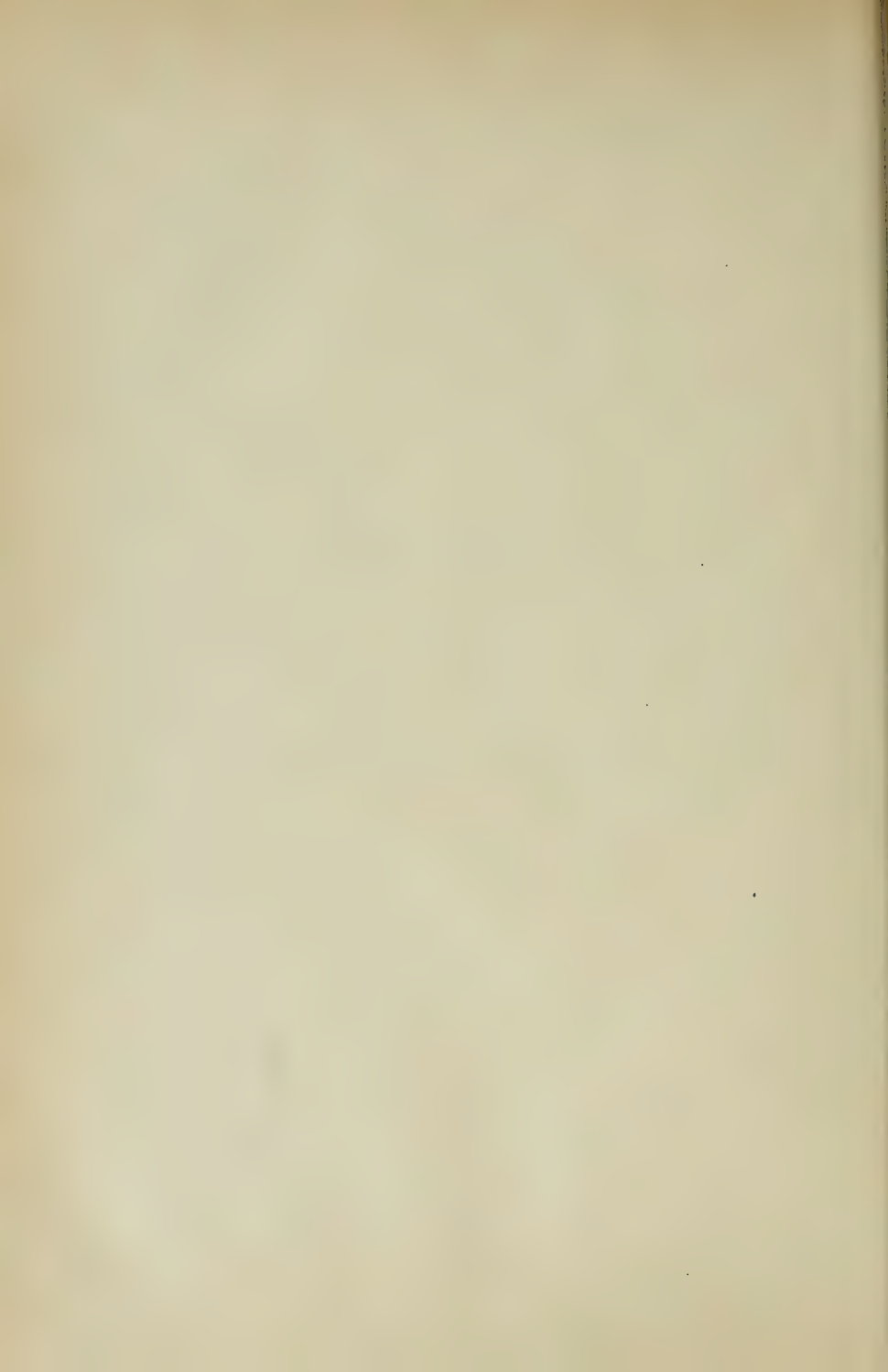
(Muitos apoiados. Vozes: Muito bem.)

Este discurso foi copiado do manuscripto dos tachygraphos, que se acha em nosso podêr. Não foi revisto pelo Orador, e o *Diario do Governo* não contem mais do que o extracto.

C. G.

PROSA

PARTE IV

Cartas de Almeida Garrett

CARTAS

A DUARTE LESSA

Julho 27[1] (1824)

Am.º — Recebi a sua estimadissima ha muito tempo; e não lhe tenho escripto por esperar fazel-o mais ao largo e tambem porque me cumpria falar-lhe em um objecto, que só agora posso.— Aqui é chegado o amigo V.ª a quem tenho demonstrado por obra o que de palavra disse ao snr. — barateza da terra, segurança individual e perfeita liberdade em que se vive, commodos para a vida e mil outras cousas que em verdade deveram ter deliberado muitos a vir para aqui —pois essa terra é realmente devoradora.— O *prègador* é interessado: e que o sou confesso de plano, porque a companhia de portuguezes (mesmo *indignos* do nome) seria para mim sem dúvida de um preço infinito n'uma terra onde com ninguem vivo; mas quanto mais ainda se de amigos etc.!

Agora tratemos um assumpto que é particular meu. Desde que resido no Havre tenho-me constantemente occupado de uma obrita, cuja materia nacional e popular espero lhe desse saida; emquanto ao desempenho, outros dirão, que não eu. — Já tenho subscriptores em Portugal e aqui, desejára obtel-os em Inglaterra: ao snr. agora, e logo a outros amigos vou pedir que se interessem em os diligenciar: e parece me que posso confiar pelo menos em alguns. — A obra é um poema em dez cantos, cujo titulo, e assumpto é—Camões.—Suas aventuras, e suas composições formam o fundo historico; mas os *Lusiadas* principalmente occupam a scena.—A *acção* é a composição dos *Lusiadas*—e por tanto grande parte do meu poema uma analyse poetica do d'elle.—

Já vê que me não faltavam episodios com que guarnecer e enfeitar o quadro. Dei-lhe um tom e um ár de romance para interessar os menos curiosos de letras, e geralmente falando o estylo vae moldado ao de Byron e Scott (ainda não usado nem conhecido em Portugal) mas não servilmente e com *macacaria*, porque *sobretudo* quiz fazer uma obra nacional. Fil-o em dez cantos por similhança com o poema cantado. Por ventura me criticarão a novidade de fazer um poema assumpto de outro: sei que sou o primeiro que me atrevo a isso; mas se me sair bem, não que desmereça das letras porque innovei um genero — Tenho completos os dez cantos todos, mas ha lacunas em alguns que de proposito (quiz) deixar para seguir o fio da concepção, e que só encherei na emenda geral que ha de preceder a impressão. — Vou mandál-o ao am.º Marréco, a quem pelo muito que lhe sou obrigado o dedico — se o elle permittir e acceitar—; mas do snr. e do am.º J.ᵉ Ferr.ª e do grande *camoensista* snr. Machado, espero que o vêjam, que notem com franqueza o que lhes não parecer bem e m'o digam com a mesma franqueza, porque não sou homem que d'isso faça senão obrigar-me, e agradecer.—Se tivera aqui as *Memorias de Cam.ˢ* escriptas por aquelle inglez, cujo nome me não lembro, grande auxilio me seriam, especialmente para as notas e illustrações do poema que ainda não acabei de todo. —Todavia a obra póde entrar na imprensa logo, logo, apenas haja uma subscripção que me assegure a—não perda—e que haja com que supprir as despezas d'ella, o que me não permittem minhas *circumscriptas circumstancias*. Já tomei informações e d'aqui o posso com facilidade fazer em Paris,—d'aqui o poderei depois mandar para todos os portos do Brazil, onde (se o amor proprio me não illude) cuido que terei certa e util venda. Se faço fortuna, e encontro quem me dê a mão — talvez esta cousita me ajude a levantar um tanto da lama. —

Ao snr. e ao amigo M.ᵈᵒ peço o favor de me remetter os meus livros, e com elles (havendo o cuidado de os misturar) os meus papeis—exceptuando d'estes tam sómente o que forem cartas, ou cousa similhante, por-

[1] Não poz anno, mas têm-n'o no sobrescripto os carimbos do correio, e não póde haver dúvida que seja de 1824.

que o mais não tem perigo. Recommendo-lhe muito de fazer tomar na alfandega ahi declaração de ditos livros, porque se voltar com elles (por algum acaso) evito os direitos — que já foram uma vez pagos.—Todos os quinze dias vem navios em direitura de Londres aqui, e assim na primeira occasião não se esqueça de mim. A este e S.ª C.º F.ª B.s e todos dê os meus sinceros cumprimentos pela *indignidade*, que o snr. tambem receba, e creia que do c. sou seu—am.º obg.mo = *J. Bap.ta*

P. S. O agente dos paquebots de Londres aqui é Mr. Symonds Fenchurch St [1].

*

Ao sr. D. L.— Havre, 19 de novembro de 1824. — Meu am.º do C.—Acabo n'este momento de escrever as ultimas linhas de um novo poema (dou-lhe este, por lhe não acertar com outro nome; porém assim sou eu tolo que lhe defenda o titulo) do qual, quer queira quer não absolutamente está decidido que lhe farei preito e homenagem, como áquelle a quem muito estimo.—Sabei, etc. Segue-se o formulario do stylo.

Agora em linguagem cham e corrente.— Lembra-se das nossas conversas de Londres sobre antigualhas portuguezas e o muito que d'ellas se podia aproveitar quem de nossas legendas e velhas historias e tradições fizesse o que tam bem fazem inglezes e allemães, que é vestil-as dos adórnos poéticos, e saccudir-lhes a poeira dos seculos com bem assisada escolha e apropriado modo? Pois desde então (e já de mais tempo me fervia isto na cabeça) não fiz eu senão pensar no geito com que me haveria para armar assim uma cousa que se parecesse, mas que de longe, com tanta cousa boa que por cá ha por estas terras de Christo, e que pelas nossas, de tam ricos que somos, se esperdiçam e andam a monte, por desacerto de letrados e barbarismo de ignorantes.

Acertou de me vir ás mãos um livro portuguez que para mim foi um achado, aqui onde até a *Gazeta de Lisboa*

Credite posteri!!

por ser em portuguez, me dá não sei que prazer de vêl-a, que, de verdade lh'o digo, me envergonho commigo mesmo da minha creancice. Eram as Chronicas de D. Nunes; e apesar de já lidas e relidas me deitei a ellas como esfaimado, e lendo e escrevinhando como é meu achaque, deparei na *Chronica de D. Affonso 3.º* com a relação da conquista do Algarve e ao pé logo em mui concisas palavras a historia da infante D. Branca sua filha.

Que foi senhora do mosteiro de Lorvão, d'onde foi mandada para abbadeça do mosteiro de Holgas de Burgos, que é o mais rico e mais nobre mosteiro de toda a Hespanha... Com esta infante teve amores um cavalleiro ..... do qual pariu um filho .... etc. (D. N.)

Deu-me no gotto esta edificante historia, e como lhe não vi impossibilidade poetica, assentei de a ligar com a da conquista do Algarve e fazer d'ahi poema, romance, ou o que mais queiram chamar-lhe; porque de nomes não disputo eu, e muito menos dos nomes dos meus rapazes.—Ora eis ahi o argumento e origem da obrinha. *D. Branca* é pois historica personagem; e não menos o são D. Paio, mestre de Sanctiago e Aben Afan rei de Silves, cujo reino dilatei eu por todo o Algarve, que por diversos reisinhos e principinhos então andava repartido. Nem me pareceu demasiada licença poetica, principalmente nos nossos dias que maiores as estamos vendo e *em boa prosa*, que não em verso.—Historica é tambem a caçada e fatal combate das Antas, em que ficaram mortos os seis cavalleiros de Sanctiago e o mercador Garcia Rodrigues, defendendo-se até á ultima como homens que eram.—Por ventura haverá hi quem ache este caso ainda mais poetico; mas é pura verdade tal e qual como o conta D. Nunes; e bem o creio eu, porque os nossos mercadores d'aquelle tempo sabiam tanto do còvado como da espada, nem se deixavam insultar de cavalleiros com medo de fanfarronadas, ou calotear de senhores a trôco de cortezias. — Não ha lá princezas mouras no que diz a Chronica; mas metti-lh'as eu que tambem sou chronista em minha casa; e umas por outras, Deus sabe quem mais mente, se poetas ou chronistas: e de taes contos de chronicas dizia um nosso classico moderno:

Sabe Deus o que elle via!

A ida da rainha D. Beatriz a Castella para obtêr do pae a concessão do Algarve egualmente é historica; e em fim, até as bruxarias de Fr. Gil, depois S. Fr. Gil, não são fabulas—pelo menos da minha cabeça.— N'aquelles tempos, vivia, e tam seu devoto foi el-rei D. Affonso, que nos conta o referido historiador, que padecendo muito de gotta nos derradeiros annos da sua vida :

Para mitigar as dôres, andava arrimado ao bordão de San Frei Gil, religioso da Ordem de San Domingos, que foi n'aquelle

[1] O sobescripto diz: «D. Lessa. Esq.e=Care of Mr. Machado, 27 Jud. place new road.=London.» As palavras que indicam a morada e ao cuidado do sr. Machado, estão riscadas, e lê-se por baixo a nova morada de Lessa: 6, Queen's Bulloings—*Brompton.*

tempo, a que el-rei era mui affeiçoado e muito seu devoto por sua santa vida e grande erudição. (D. N.)

Que casta de *erudição* fosse esta de S. Fr. Gil, porque lhe el-rei tanto queria, mui claro nol-o diz Fr. Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos*, onde vem miudamente contadas suas feitiçarias, pacto com o diabo, e mais cousas que servem de fundamento ás que imaginei.

A uma alteração na fidelidade historica fui eu obrigado por não alterar demasiado a mesma historia; e é ella no fazer decidir e acabar a conquista do Algarve na tomada de Silves, onde nunca pelejou D. Affonso III, quando só a de Faro extinguiu de todo o senhorio mahometano n'aquelle reino, e só a ella foi D. Affonso com a armada de estrangeiros que a Lisboa aportára. Quando digo que o fiz para não alterar demasiado a mesma historia, quero dizer segundo as circumstancias estabelecidas no meu poema: porque sendo Aben Afan principal heroe *macho* d'elle, morto (segundo a historia) no cêrco e entrada de Silves, cujo rei era, muito peior seria contra ella, se eu em Faro fosse finalisar a acção do poema, para cujo heroe ella ha muito findára em Silves.

Os amores de D. Branca tambem não são taes e quaes nos meus versos como nas prosas do chronista; mas se ha cousa n'este mundo em que mais valham versos que prosa, certo são amores.—Muito me péza que para as descripções, que são alma e ámago da poesia romantica, tanto me falecessem noticias topographicas: triste falencia da nossa terra, de quem ninguem sabe nada. De mim digo com lisura, que em meu pouco saber mais conheço eu de paizes extranhos e até d'aquelles que nunca vi do que d'essoutros em que fui nado e creado. O poucachinho que pude haver acêrca do Algarve, e me serviu para a descripção do cabo de Sagres e costa visinha, tirei-o de uma pequena memoria ms. que acaso me veiu á mão, e cujo auctor supponho um medico bordalengo ou alemtejano chamado Silva, homem que pelas amostras que d'elle vi em prosa e verso, tanto merecia de ser conhecido quanto o é pouco, ou nada.

A mythologia ou agentes sobrenaturaes de que me servi são estranhos e novos em portuguez; ou, melhor direi, novos e estranhos os acharão, com quanto o não são elles, que esta é nossa legitima e verdadeira mythologia e não a de gregos e romanos que á queima-roupa nos metteram em casa os que aperfeiçoando nossa poesia com as bellezas classicas, lhe tiraram todavia a *originalidade*, o natural, e para o dizer assim, a *nacionalidade* propria sua.—Tomaram os nossos primeiros aos poetas antigos por modêlos, e bem andaram então que nenhum outro, nem tão perfeito exemplar tinham: mas, imitando a delicadeza do stylo, o castigado da phrase, e a elegante simplicidade, que caracterisam as obras primas da antiguidade, não havia mister de copiál-as á risca, e muito menos em cousas que desmentiam de nossos costumes, que eram alheias de nossos habitos, de nenhum valor e significação para a nossa crença, principios, idéas, e até preconceitos e populares superstições. Figuravam bem nos poemas latinos e gregos o seu Jupiter e o seu Apollo, eram divindades que não só todos *conheciam* porém muitos *reconheciam;* cuja natureza, historia, e legenda se ligava com as historias e tradições da nação; eram um symbolo visivel das *abstracções* dos philosophos, uma recordação de memorias antigas ou respeitaveis para a classe illustrada, e um objecto de veneração e respeito para os supersticiosos e ignorantes. Mas para nós que valem, que importam, que significam, e o que recordam essas allegorias de sabios e divindades de ignorantes, chamados Saturno, Vesta, Cybele, etc., etc.? Para os gregos, Jupiter nascera em Creta, Marte em Thracia, Apollo e Diana em Delphos, Baccho em Thebas; muitos d'elles, e muita supposta descendencia d'elles, reinaram ou illustraram suas terras: Minerva fundára Athenas, e ensinára as artes aos seus habitantes; Ceres a agricultura; cada um d'esses deuses lhes estava ligado, por vinculos de sangue ou beneficios. As mesmas Musas habitavam no meio da Grecia, e (assim como todos os numes) os sitios de sua residencia eram os montes, os campos, os rios, as fontes, que a todos eram conhecidos, e a que se ligavam as doces recordações dos brincos da infancia, dos gosos da mocidade, dos recreios da edade madura, e das consolações da velhice. —Para os romanos, Romulo fundador de sua cidade era filho de Marte, Enéas progenitor de sua estirpe, filho de Venus; todos os santos de seu kalendario tinham maior ou menor relação com os objectos da veneração nacional e prejuizos dos povos. E os que depois foram admittidos, pelo augmentar das conquistas, n'esse kalendario (Montesq., *Grand. e dec. dos R. Esp. das LL.* &. Winckelm. ant.) a tinham com os povos conquistados, e depois constituidos porção integrante da republica ou do imperio.—Assim a *Theogonia* de Hesiodo, e as *Metamorphoses* de Ovidio não eram tanto composições do engenho e da poesia, como livros religiosos e monumentos nacionaes.

Porém os povos, que hoje occupâmos o mundo civilisado, e que succedemos a esses

illustradores, e dominadores do globo, temos outra origem, outra religião, outros costumes, outra historia, outros preconceitos, e outras tradições. O que eram os oraculos para os gregos são para nós as feitiçarias, as buena-dichas, as sortes e adivinhos; os agouros dos romanos são as nossas bruxarias; as nymphas, as nayades, as divindades de uns e outros, são os nossos *espiritos,* os nossos *genios*, *fadas*, *mouras encantadas*, etc., etc. Os seus sonhos mysteriosos as nossas visões, suas sibyllas as nossas benzedeiras, e as suas metamorphoses os nossos encantamentos, os seus *superi* e *inferi* os nossos espiritos bons e máos—e assim por diante. Não entra o nome de Deus em nossa mythologia, como na d'elles entrava, porque é muito sublime e grande para nós a idéa do Ente Supremo, nem soffrem nossos principios de religião e de moral que a profanemos em allegorias e ficções, e misturemos com os devaneios da imaginação os respeitaveis theoremas de nossa crença. A imagem de Deus não sae de nossos sanctuarios; e o poeta christão (sejam quaes forem as suas idéas religiosas) não ousaria, nem quando alevantasse o seu stylo até ás grandezas do Creador, mais que entoar em hymnos sua gratidão e respeito, ou a celebrar em canticos a admiração que excitam as maravilhas de suas obras.—Isto digo eu sejam quaes forem as idéas do poeta; porque o mesmo atheu de profissão, que em uma obra polemica se abalançasse a atacar as proprias bases da crença pública, não profanaria, como poeta, esse mesmo Deus, cuja existencia negasse como philosopho; porque as agencias sobrenaturaes de seu poema se tornariam ridiculas, indecentes e absurdas.

Os esforços inuteis que se têem feito para introduzir os dogmas do christianismo na scena poetica têem mostrado a verdade d'esta asserção: nem só Voltaire se achou mal com este expediente, porque antes d'elle peior succedeu ao divino auctor da *Jerusalem.* Voltaire com os dogmas do christianismo viu-se obrigado a lançar mão de allegorias abstractas e áridas para encher o vácuo, que aquelles lhe deixavam no *maravilhoso* do poema: este remendo, tolheu e achacou a *Henriada.* Mas Tasso que por maior poeta que era, e com a vantagem de tratar mais poetico assumpto, já pelas tradições fabulosas que o cercavam, já por sua antiguidade, Tasso que foi direito ás fontes do verdadeiro maravilhoso poetico das nações modernas, que seus compatriotas todavia já tinham descoberto, em peior defeito cahiu ainda, porque misturou a magestade de Deus com as caricaturas das bruxarias, as verdades da religião com as fabulas dos encantamentos.

O moderno systema de *maravilhoso* christão, cuja superioridade pretendeu demonstrar Chateaubriand em theoria, no seu *Genio do Christianismo,* e em pratica nos *Martyres*, difficilmente se póde apoiar nas provas de seu auctor produzidas.—Engenhosissima obra é o *Genio do Christianismo* e meio persuadido me deixou; mas quando praticadas nos *Martyres* vi suas theorias, desandei do começo do conceito. Tirem-lhe d'ahi a mythologia grega e a druidica, o contraste d'ellas com o maravilhoso christão, e verêmos o que fica ás bellezas poeticas d'essa composição em verdade grande, e extraordinaria. Além de que a natureza do assumpto dos *Martyres* assim como a do *Paraiso perdido*, mais comporta aquelle sobrenatural, pois *parte* d'esse mesmo sobrenatural é a acção de um, e *toda* a de outro. Differente é o caso em poemas de outro genero: Camões, que fatalmente errou na *mistura* de seu maravilhoso, quanto peior faria se houvera empregado nos *Lusiadas* o maravilhoso de Milton ou de Chateaubriand?—Digam-n'o os debeis esforços de seus successores portuguezes, desde Mousinho de Quebedo, até o pobre padre José Agostinho; os quaes, por evitar o defeito do grande cantor de Vasco, se envolveram em dédalos de difficuldades, e acabaram vencendo-as mal á força de seccura e fastio de mui prosaicas ficções, e desenxabidissimas creaturas de sua esteril imaginação. — Tornando ao *Paraiso perdido*, que é o mais valente argumento a favor do maravilhoso christão, convenho que mui grandes e mui poeticas bellezas produziu elle no poema de Milton, mas porque toda a acção, todas as suas partes e episodios pertencem a esse mesmo maravilhoso, sendo, como tudo alli é, sobrenatural, extraordinario. Mas quantas acções *cantaveis* ha como aquella? E que exemplo póde fazer o que não é applicavel senão a si mesmo?

Meu am.°, estas reflexões vão-se-me estendendo além do que eu pensei; e de carta vou caindo em dissertação, cousa com que tenho particular antipathia. Para que mais me não tente o diabo, e antes que me tome a mania de dissertar, acabo com estas regrinhas já de sobejo estiradas: assim lhe não cansem ellas a paciencia, e me valha a amisade para desculpa da seccatura.

Ahi vae a minha *Branca;* branquinha e limpinha de gallicismos e elmanismos, e *pimponices* poeticas me parece a mim que ella vae: leia-a para si; e se achar que para mais alguem a deve ler, leia; mas recommendo que seja pessoa que não taramelle; porque se algum dia me desinquietar o démo que atire com ella a vêr mundo, não haja logo dizedores a dar pae á creança. E eu se de feito a mandar, mando-a para a roda,

apesar de ser filha de gente casada, —como o sentimental educador de filhos alheios fez com os seus proprios para maior honra e gloria das eternas inconsequencias dos homens. — Como me prézo de o avaliar não acrescento mais nada.

Quanto á epistola dedicatoria, eil-a aqui; nem sei fazer d'outras; e já lhe disse que quer queira quer não, a minha *Branca* lhe está consagrada pelos mesmos motivos por que ha muito lh'o é a verdadeira amisade do seu = *J.*

P. S. Em o 1.º de janeiro de 1825.

Está esta carta escripta ha mez e meio, e ainda não partiu por esperar pela cópia da obrinha que só agora acabei. Depois d'aquella data recebi por via do amigo Carneiro a sua estimada de 11 de 9.bro p. p., cuja resposta tambem tenho demorado aguardando esta occasião. Agradeço muito e muito as observações judiciosas do seu erudito *castelhano* (hespanhoes tambem nós o sômos, e me prézo eu d'este nome que nos é commum a todos os peninsulares) e já de algumas me aproveitei para emendar o *Camões*. Pobre *Camões!* ainda por lá jaz e jazerá; nem por minha parte o esconjurarei do sepulchro, onde tornou a cahir. — Espero dever-lhe o favor de communicar ao mesmo intelligente censor a *Branca*. Achar-lhe-ha elle uma parte dos defeitos que notou n'aquell'outro pois é afinada no mesmo tom *romantico;* supposto, exactamente falando, não sigo escola nenhuma deixando-me ir por onde me leva a vontade, porque não escrevo para gloria ou renome, senão para divertimento meu. Não recebi ainda livro nenhum; sim os meus papeis: d'esses me faltam uns *romances* populares que me tinha mandado uma senhora de Lisboa; sobre cuja falta escrevi a Machado — ainda sem resposta — veja se m'a póde obtêr, porque muito preço dou áquelles papellinhos. Ao dito amigo não creio que deva occultar a *Branca*. Não sei se elle viu o *Camões*, e accuso-me por ventura de não ter *especificado* o seu nome nas minhas recommendações a esse respeito, mas era precisa (se é que a não fiz) essa *especificação?* Diga-me com franqueza se elle se sentiu d'isso. Outra franqueza desejara eu que tivesse commigo; porém o snr. é tam *caixa*, tam priguiçoso de escrever, e emfim ha tantas rasões para desconfiar do *bicho homem*, que não lhe levo a mal se conhecendo-me pouco, e de pouco, não fala commigo raso e claro. Todavia eu sei que não mereço ser incluido na regra geral; porém o snr. d'onde o sabe? — Dou-lhe, dou-lhe rasão: mas apesar de tudo faço-lhe o pedido, e responderá como entender. Merecer-lhe-hei que me diga *sinceramente* o que pensou M.º — (Marréco?) da offerta que lhe fiz? Julgar-se-ha *comprommettido?* Temerá que sirva de pretexto para lhe eu pedir alguma cousa? Porque me não terá elle respondido, dito sim ou não, e mandado o meu ms.? — Por quanto n'este mundo o interessa, responda-me o que sabe, e o que pensa: a ninguem mais faria eu esta pergunta, sendo, como sou, devéras obrigado a M. — mas não duvido fazel-a ao snr. — Duvidará responder-me? Se me julga digno da sua confiança faça-o *detalhada,* circumstanciada, e *especialisadamente.*

Já saberá por via do am.º Carnr.º que se desarranjou o meu tal quejando estabelecimento; dei parte d'isso a M. pedindo-lhe conselho — não me responde. — Aconselhe-me v. m. (deixemo-nos de tratamentos), aconselhe-me: que devo fazer, que posso? — Ir para Portugal — e se me succede outra? Se ao menos eu podésse entretêr aqui publicando alguma cousita até mais tarde; mas ir já! — Responda-me a tudo isto; tenha paciencia: uma carta comprida: portuguez claro, sem figuras, prosa cham e intelligivel: merece-lh'o o seu amigo, que lhe deseja muito *bons annos*, *entradas d'este*, *sahidas do outro*, etc., etc. E é devéras, e do C. Amigo (sem mais alcunhas) = *J. B.*

Não sei ainda por quem irá esta, e mais o manuscripto; mas pelo correio vão duas linhas, que o dirão. Desculpe a sécca, e as perguntas s.re M.º — Quem tem a infelicidade de ser delicado, e sensivel em certos pontos, é bem infeliz: não é assim [1]?

*

Havre, 7 de Março de 1825

Meu am.º—Depois de lhe ter escripto nos ultimos dias do mez passado umas linhas, cujo theor me não lembra senão confusamente, tal foi a agitação de espirito em que as escrevi, recebo a sua muito presada de 8 do mesmo de que me foi portador o sr. Villar.—Pude miraculosamente arranjar o meu negocio, e por ora não tenho mais que temer dos terriveis receios que me agitaram: apresso-me em communicar-lh'o porque sei que se interessa por mim. Nada pude fazer em Paris, nada: terra de egoistas *nacionaes* e *estrangeiros.* Assim apenas imprimi o C.

[1] O autographo pertence ao sr. Eduardo Lessa, bem como outro exemplar, que parece ser a minuta d'esta com pequenissimas differenças, faltando-lhe o *P. S.* No tom. XXII das *Obras* de Garrett, acha-se, a pag. XXII e seguintes, um fragmento da mesma carta, que tambem differe d'esta em partes. O auctor começou esse documnto a 19 de novembro e terminou-o a 23, no ponto em que começa o *Post scriptum*, como se vê pela data posta no fim do primeiro rascunho. O *P. S.* foi accrescentado em Paris.

parti para o Havre, onde minha mulher tinha ficado; e emfim verêmos...

Agradeço-lhe, assim como ao múito presado amigo sr. M.do o que fazem pelo meu Camões. Deus queira que o pobre diabo não vá pela 2.a vez parar ao hospital. Os exemplares estão promptos a remetter-se, e só falta ordem sua, ou instrucção sobre o modo de o fazer, bem como o numero que deve ir.—Isto mesmo escrevo hoje ao amigo M.co, e talvez de accordo, e juntamente se deva fazer d.a remessa. Responda-me a este artigo apenas possa e queira.—Pasmei, em verdade, do que me diz sobre a sua *carencia* de qualidades para Mecenas; nem pensava eu que uma triste prova de sympathia e amizade merecia *une si amère raillerie*, Não me lembra que nos poucos annos de minha mal agourada vida désse occasião a que alguem crêsse que o *nascimento*, *as riquezas*, *valimento*, *alto engenho*, *heroicidade* (palavras suas) mas sobretudo *as tres primeiras* eram divindades do meu culto, ou santos de minha devoção. Que outrem m'o dissésse, passe: mas que o sr. me fale em *mecenas:* palavrinha com que sempre azoei, grande maravilha me foi. O *desejo de o levar á posteridade* é tambem uma presumpção, e vaidade que não pensava ter; mas parece-me que a maneira por que o offerecimento é feito não merecia tam severa reprehensão.—Os antigos, principalmente gregos, e muitos romanos dirigiam sempre as suas composições aos seus amigos, e antes que Horacio em verso, e Plinio em prosa sevandijassem este costume velho, e honrado, com seus servilismos, Longino, Cicero, Catullo (são os que me lembram n'este momento) e infinitos outros, compunham suas obras como quem se entretinha com seus amigos, e com elles conversava.

Eis aqui o unico genero de *dedicatorias* que conheço que não envergonham; o *melhor uso* que me aconselha de fazer das minhas composições, não sei; mas de certo o não poderei fazer, porque não sei, não quero, e não devo.—O seu am.o do C.=*J. B.* =*P. S.*—As instrucções do am.o M.do sobre o modo de fazer a remessa para o Brasil, nomes das pessoas a quem, numero de ex.a —se broxados, se encadernados—preço que se deve para lá estabelecer—seria mui conveniente de virem quanto antes.—Desculpe-me com o dito am.o de lhe não escrever; e agradeça-lhe quanto lhe devo.

*

Em 8 de Março dito. — Hoje me chega á mão a sua de 26, que em Paris se demorou: abro esta para lh'a accusar. Meu verdadeiro am.o não tenho palavras que escrever para lhe dar resposta. O interesse que lhe mereço, o serviço que me prestou, a boa vontade, o zêlo que acompanhou tudo, são obrigações que se não pagam, e que tambem custam a agradecer.—*Sei avaliar* o que lhe custariam as explicações que por minha causa teve de procurar etc., etc., sei avaliál-o, mas repito que não sei agradecel-o. — Não repare pois se a minha resposta se limita a estas linhas; tomei o seu conselho pelo que respeita ao saque sobre M.co e fiz como m'o disse pontualmente.—Adeus, espero resposta e aviso seu para a remessa dos exemplares do C. [1].

A JOSÉ GOMES MONTEIRO

Ill.mo... — 13, Oxendon S.t Haymarket dia de S. Miguel archangelo! ás 11 da manhan. — Aproveitando-me do offerecimento do seu favor, remetto-lhe uma papeleta de assignatura. Estou com uns *prologomenos* de cattarrhal que foi preciso atalhar a tempo; por isso mando o que devia levar. Desculpe: e vêja se arranja á minha *Adozinda* alguns padrinhos para se baptisar e sair a público. —Acredite-me am.o e Obg.do = *J. B. de Almeida Garrett.*

*

Ill.mo...—Vão 10 exemplares do meu romance, que ficam á sua disposição, assim como o A. e tudo quanto esteja no acanhado poder do seu devéras — M.to Obr.do e am.o = *J. B. da S. L. de Alm.da Garrett.—13*, Oxendon S.t Haymarket 20 de 8.bro

*

Ill.mo e am.o — Camden house — Birmingham — 12 de Dez.o 1828.—D'este deserto, onde me vim encafuar, lhe dirijo esta epistola com fôrça de Evangelho, a pedir-lhe um favor que *actualmente* será para mim muito grande, posto que pequeno seja em si. — Obrigar-me-ha o meu am.o muitissimo entregando a Mr. Greenlaw impressor em High Holborn 36 o importe dos livrinhos de que fez favor de se encarregar. O d.o Mr. Greenlaw lhe apresentará como signal um bilhete meu. Ad.s tenha saude m.ta e m.to de tudo o que lhe deseja o seu—Obr.do am.o Col.a = *J. B. da S. L. de Alm.da Garrett.*

*

Am.o e Sr.—11 Chapel S.t Grosvenor sq.e 1 Maio 1829.—Tenha paciencia com outra empurração, mas não me aturasse a primeira, que é o perigo que tem quem dá o

[1] Sobrescripto: «D. Lessa. Esq.e=Care of Mr. Machado, 25 Jud place new road.—London.» O autographo pertence ao sr. E. Lessa.

pé aos que logo tomam a mão. Mando-lhe um exemplar de um livrito que fiz imprimir agora, que lhe peço acceite como presente do A. — Vão mais dez exemplares do m.^mo^ para o meu am.^o^ vêr se póde passar algum e ajudar-me assim as desp.^s^ da impressão, unica coisa que pertendo tirar d'isto: e m.^to^ é se em livros portuguezes se não chega a perder. —Não se incommode porém com isso; e creia devéras que é seu do C. M.^to^ Obr.^o^ =*J. B. Garrett.*

*

40 South S.^t^ Manchester squ.^e^ 8.^bro^ 7.— 1829.- Ill.^mo^ Sr. — Já que tem o máo gôsto de gostar de versos, ahi lhe mando uma boa dóse capaz de fazer adormecer um Bedlam inteiro. — Se fôr narcotico demais, deite fóra, que se não perde muito. Mando lhe vinte exemplares: tire para si os que quizer; se algum amigo fôr tam boa alma que queira dar a *benta esmola* do schelling por algum dos outros, bom será que ajuda as despezas da impressão; senão, não importa: em último caso servem para guardanapos á mingua de mais pardo papel.

Tenho ha quasi 3 mezes doença em casa, por isso o não vou vêr como desejava. — Mas na primeira aberta que possa lá lhe vou dar uma sécca. — Acredite que sou devéras am.^o^ e cd.^o^ obr.^mo^=*J. B. da S.^a^ L. de Almeida Garrett.*

*

Meu am.^o^ do C. — 20 9.^bro^1829. — Mando-lhe doze exemplares do meu l.^o^=que ficam á sua disposição para fazer o uso que lhe parecer. Não se segue que se passem todos ou que o meu amigo tenha com isso incommodo: estou certo que ha de fazer o que pudér. — Se copiou a lista dos subscriptores, faz me favor de me mandar o original d'ella. A confusão em que estou ha dias e continúo a estar pela necessidade de levar minha mulher para o campo a vêr se se restabelece, não me tem dado logar a ir vêl-o como desejava: um dia cedo lhe vou dar uma sécca muito comprida. — Ad.^s^ Creia que sou devéras e do C. — Seu am.^o^ v.^r^ = *J. B. S. L. de Almeida Garrett.*

*

5.^a^ fr.^a^ 15 Abril 1830. Meu rico am.^o^ do C. — Fui o outro dia á cidade de proposito para lhe pedir um favor; mas não era menor dia que Sexta feira Santa, e eu cuidando-me em Portugal suppuz de *(sic)* do meio dia por deante se achava gente nos escriptorios, etc. O resultado da minha pouca religião *local*, foi não achar ninguem de *(sic)* quem procurava; e, peior do que isso recair na minha esquinencia, que, apezar de menos severa, sempre me incommóda e prende em casa. — Eis aqui o motivo da presente epistola. — O objecto d'ella era pedir-lhe que me mandasse copiar uma lista dos nomes (com seus endereços, *adresses* ou direções — como mais queira) de negociantes e pessoas portuguezas estabelecidas aqui, para o fim de diligenciar eu alguma assignatura mais para o meu *Tratado de Educação*, pois quero entrar com a impressão do segundo volume e desejava alliviar-me do pêso das muitas despezas que ás costas ainda tenho. — *Fique porém isto entre nós.* — Espero que o meu amigo me faça este favor e o mais breve que possa. Se passar por estes sitios e quizer tocar ao ferrôlho, serei mais explicito.

Tenho-lhe dado tanta sécca, e maiores, que espero me perdôe facil esta por pequena.

Ad.^s^ — Aquelle de nós que mais cedo podér, buscará, espero, a occasião que eu muito preciso e desejo de lhe falar. E' o seu devéras am.^o^ v.^ro^ e obr.^do^ = *J. B. S. L. de Almeida Garrett.*

P. S. Seria possivel que o portador, esperando um bocado, trouxesse alguma coisa do pedido?

*

Am.^o^ do C. — Tenho estado muito mais doente, e só hoje posso escrever-lhe que o seu negocio está feito desde o dia immediato ao em que falou n'elle. Mande entregar os livros na legação, dizendo que são meus e para mim. — Não posso mais. — Do C = *G.^tt^*

*

Am.^o^ do C. — Recebi o seu favor. Já escrevi directamente para Paris para virem os livros. Mande-os entregar dizendo que são para mim, seguro que hão de ser recebidos. — Valha-me Deus que não tenho um sacripante que vá buscar o Boiste. Não haverá um balão para lá em que venha? Era particular caridade. — Am.^o^ do C. = *J. B.^ta^*

*

Am.^o^ do C. — Desculpe o papel que não acho outro á mão. O portador vae buscar o Diccionario, e leva 6 *Minimos* para ficarem á sua disposição e fazer o que pudér e quizer d'elles. Lembrou-me que póde apparecer acaso alma caritativa que tire um ou outro das chammas do purgatorio. — Não se esqueça de recommendar para o Porto a *Educação.* — A proposito: porque não ha de assignar ahi 2 ou 3 copias o ricasso Stritt? Faça esse milagre, meu sancto Monteiro, que póde. — Ad.^s^ Até um dia cedo. — Do C. = *J. B.*

P. S. Tenho muito empenho em mandar para a ilha de S. Miguel uma carta que vá debaixo de sobrescripto de pessoa capaz que

a entregue logo. A carta é para um padre: o objecto é negocio pecuniario: não compromette. Aqui ha muito quem negoceie para S. Miguel. Arranja-me esta coisa?

Outro *P. S.* — Meu rico Monteiro. — Póde mandar-me 5 libras? Se poder, faça este favor ao seu amigo, que ha-de pagar; — e sôbretudo agradecer m.to — Mas não tenha com isso o minimo *trouble*.

*

Londres 6 de novembro de 1830. — Am.º do C. — Mande-me, por quem é, sem falta, pelo portador, o seu exemplar de *D. Branca*, que eu instantaneamente careço e prompto restitúo. — A' vista me explicarei; e seja essa vista cedo, assim que o meu amigo podér vir por estas partes. Eu estou agora *sempre* preso em casa. — Am.º obr.º e do C. = *J. Bapt.a*

*

2 de dezembro. 1830. — Am.º do C. — Remetto a *D. Branca*. — Não lhe esqueça a cartinha a José Liberato, como hontem lhe expliquei. Renóvo do C. os meus desejos de uma boa jornada — e que não se esqueça por lá dos amigos.

*

Meu bom amigo — vou-lhe dar uma sécca antes de partir: estou em um appêrto que a minha doença augmentou; mas nem ao Sr. nem a ninguem mais quero ser pesado com emprestimos que eu só em Portugal poderei satisfazer. — O que peço é que me adiante os 2 recibos (que vão duplicados), e os quaes o meu amigo póde deixar em poder do am.º Sr. Guimarães para os mandar receber da Commissão. Não quizera recorrer ao favor dos amigos Vizeu ou Marréco que costumam fazer esta transação a muitos outros, pelo que elles estão de sobrecarregados, como eu sei. Recorro ao meu amigo porque parece que a demora d'esta somma (que são £ 16) por dois mezes o mais, lhe não será demasiado pesada; e a mim é um grande favor porque em verdade me acho em litteral precisão. — Lisongeio-me que teve occasião de conhecer que não sou amigo de abusar, e que tomára não ser pesado aos meus amigos. — Mas agora é tal o appêrto, meu bom amigo, que sou obrigado a fazer a violencia maior ao meu genio, indo importunal-o em tão *awkward* occasião, no proprio momento da sua partida.

Se coubér dentro do possivel, não me desapponte, meu rico amigo, creia que sou verdadeiro e sincero, tanto como sou e sempre serei por obrigação e sympathia seu — amigo inteiro = *J. B. G.*»

Londres 17 de Janeiro de 1831. — Am.º do C. — Ainda que já sabia da chegada dos dous viajantes á *Divinamarca* (segundo dizem nas nossas terras), tive sincero prazer com suas noticias directas: e minha mulher lhe agradece as suas lembranças. — Eu continúo ainda adoentado porém muito melhor: mas com os incómmodos do *poeta* têem medrado os negocios do *Cura*; e observará a primeira vez que lhe apparecer essa alma branca, que ha de vir mais desassombrada e despenada. E comtudo, quanto ao *despêno* final, não sei quando será nem como porque o panno da obra tem dado de si e acho-me, contra a minha espectação, com mais do que para mangas. — O diabo é o Magriço e os seus 12! — Pois, sabe o que me fizeram? Estou já no XXII.º canto (o meu amigo só viu XII d'estes, e os outros dez são novos todos), e ainda agora sairam de Portugal. Mas que ha de ser se o Magriço esteve todo este tempo mettido em Thomar com uns *Pedreiros-livres* ou coisa que o valha, e depois em outras partes com moiras encantadas e outras *necromancias*; e os companheiros pespegados no Porto, onde têem feito coisas nunca vistas. Faz lá ideia o diacho dos rapazes o que revolveram a nossa boa terra! Braz Fogaça, honrado Juiz do povo dos tripeiros, Justa Rodrigues sua mulher, uma sobrinha que Deus lhe deu, — uns basofios de uns fidalgos de Braga, que os do Porto tosaram lindamente — um ratão de um prior de Cedofeita que se metteu na bulha — uma amazona do Minho por nome D. Brites de Britiandos — tudo andou em *Polverosa* com elles. — Mas emfim estou já mais descansado, que os embarquei a toda a pressa (como d'antes faziam os nossos velhos com os rapazes estroinas, que lhes punham uma farda ás costas e os embarcavam para a India) para esta nobre ilha (que a leve o démo!) — e estão a desembarcar por instantes em Plymouth. Até se me não engano, já vi nos jornaes, que havia signal n'aquelle porto de *portuguese man of war off* da barra de Plymouth. — O Magriço vae por essa Castella dentro, mas ainda não tive noticias d'elle. — Com que, meu bom am.º, por este exposé que póde, se julgar conveniente, communicar ao *Cura* na primeira conferencia, — verá que me faltam pelo menos bons V cantos para acabar a obra, e tirar do Purgatorio o *director da consciencia quixotina*. — Mas ou muito me enganam esperanças ou por todo este mez, principios do outro, o homem está no céo, e santo approvado e confirmado como os que o são. Pouco espero, é verdade, que em se pilhando canonisado, o maganão do Cura lhe importe mais com o caritativo poeta que

o despênou, e guarde de criticos e mordedores, a obra que o salvou — mas faça a gente uma obra boa, e deixar ingratos por santos que sejam.

D'esta especie não é de certo o poeta: e espero que assim o creia e tenha sempre.— Abandonando agora allegorias, saiba meu bom am.º que segundo entendo, em vez de vinte cantos que eu suppuz fazer, me sáhem 27 a 30, e que promptos já 22 conto para a semana que vem começar com a impressão para adeantar este trabalho, que assim mesmo ha-de ser longo. Descanço no seu favor, que *endossado* pelo am.º Santos, não augmentou de *valor* e *seguridade*, mas *dobrou* a obrigação do segurado.—Do outro lado escrevo ao am.º Santos [1] e lhe agradeço a sua amizade pelo nosso Magriço—e favor que faz ao A.—A metade do que fez favor de me adeantar, quero dizer, um dos dois mezes de subsidios foi hoje pago: aviso isto para seu governo.—O resto me affiançam, e é provavel que seja breve.—A sua carta para José Lib.º & C.ª foi, como era de esperar, bem recebida e acceita.

Apenas haja alguma coisa impressa do *Magriço*, farei uma encommendinha com ella e a darei ao sr. Maigre para que aproveite qualquer occasião que haja de lh'a mandar sem despeza,—porque sei que fará gosto de ver a *primeira cara*, prima *facies* da coisa. —Adeus. Se ahi chegar Barreto Feio primeiro que aqui, dê-lhe um abraço do seu am.º verdadeiro e obrigado—*J. B.*

*

Londres, 15 de fevereiro, 1831. — Am.º do C.—Só hoje e sómente á pressa posso responder á sua estimadissima de 4 corrente que tenho ha 4 dias. Mas todos elles tenho gemido debaixo de uma cruel calamidade que só agora começa a dar-me um momento de respiro.

Minha pobre mulher teve um máo successo—com que padeceu mais de 4 dias—e emfim teve uma linda e fortissima creança - porém morta!—Não sei explicar-lhe a dôr e afflição que tive—nem se póde.

Felizmente porém, ainda que á custa da vida do filho, a mãe está boa, livre quasi de todo o perigo, e sem algum symptoma de receio.

Imagine á vista d'isto quanto a sua carta, pelo muito que a estimei e avaliei, augmentaria o meu pezar e desgosto!—Havia uma folha do *Magriço* quasi impressa: mas que importava; ainda assim eu o abandonava e ia para a *Divina-marca* com elle que lá se imprimirá mais barato e tam bem, e a differença dá demais para a perca do que está feito. Agora porém tudo está suspenso por outra rasão. Se minha mulher estiver capaz, em um mez ou pouco mais, da viagem—do C. acceito o generoso e sincero convite dos meus amigos sem duvida, sem hesitar um momento—porque me parece que os conheço e me conheço. Senão, será mais uma desgraça minha—e no rol de tantas, paciencia! venha mais essa.—Assim bem vê o meu bom am.º (e os meus am.ºs ambos — que para ambos é esta carta; e eu nem cabeça nem tempo tenho para fazer separação) que só por todo o março poderei ir, se puder. E só accrescento, que *fico contando as horas*. —Mas se eu não puder ir a tempo aviso.— Por ora até segunda ordem fica pois suspensa a impressão do *Dom Magriço*.—Ao poema só falta á volta de canto e meio: veja o que se trabalhou no intervallo.

Mas d'isto, em melhor occasião. Eu com afflicções e despezas e cuidados nem sei o que escrevo, nem o que faço. Entenda-me como podér; e creia-me, o que eu sou, seu do C.=*J. B.*

P. S. Repito que esta carta é para ambos. —A M.me Santos meus respeitos, e os cordeaes agradecimentos de minha mulher. E Ad.s

*

Meu bom am.º do C. — Tenho ha tanto sem resposta a sua muito estimada carta (que veiu sem data) ultima, pela vontade que tinha de lhe annunciar a nossa proxima partida. Infelizmente minha pobre mulher está sempre valetudinaria e não me tenho atrevido á viagem. O outro dia, de irmos a *Lambeth* vêr uma tia que ella cá tem de novo, custou-lhe a visita uma erysipella de estar seis dias de cama. — N'estas circumstancias, meu bom e verdadeiro am.º, acha que deveremos ir-lhe metter em casa dois inválidos (que eu não estou menos cáco) a atormentar o nosso Santos e sua Senhora com estes *pasteis* que ambos sômos? —Minha pobre mulher vae melhor e ganhando força e antes de muitos dias poderiamos talvez deitar-nos a esses mares — mas *candidamente* lhe devo confessar que receio muito que o incómmodo que ahi vamos dar não seja maior do que aquelle que rasoavelmente se póde supportar e eu devo consentir que se dê. — Não tomo pois resolução alguma sem nova resposta sua, que fico aguardando, e a peço sincera e aberta.

Peço lhe que reflicta e faça reflectir o am.º Santos sériamente n'este caso. O meu am.º (que creio que me conhece e os meus habitos actuaes e gôstos—e occupações) faz

[1] José Ribeiro dos Santos, com quem José Gomes Monteiro estava associado em Hamburgo com casa de seccos e molhados.

ideia do sacrificio que eu farei senão fôr — mas é sacrificio que eu de bom grado farei a não ir dar um incómmodo a taes am.os — o qual póde ser breve sim, mas póde ser muito longo — e então imagine o meu desgôsto. — O senhor conhece minha mulher, e bem vê que ella por si e seu genio não é de ser muito pesada — mas uma convalescente sempre o é, e isso é o que me faz vacillar. — Emfim, meu rico am.º — entende-me, espero eu, bem, responda-me do mesmo modo que eu inteira e cegamente me ponho nas suas mãos. — Minha deliberada e certa resolução é de ir, por todo este mez, fóra de Londres — ou para Paris ou para Hamburgo: e os meus am.os são os arbitros constituidos.

Adeus. O am.º Santos que tóme esta por sua inteiramente, porque não posso estar a fazer duas separadas e para não repetirmos quasi a mesma coisa. — Não me aproveitei ainda do favor do seu credito — e faço todos os esforços para me não vêr forçado a fazêl-o. Mas receio que por fim lhe não possa valer e que tenha de abusar mais ainda esta vez da sua amisade.

Recebam os meus bons am.os ambos a sincera e verdadeira expressão de minha agradecida amizade — e não creiam, pelo pouco que n'ella falo, que é menos profundo o sentimento que penetra o coração do seu am.º do C. = *J. Baptista*.

*

Meu verdadeiro am.º do C. — Cuidava eu ser viva resposta á sua estimadissima carta de 6 de Maio, por isso de outro modo o não fiz atégora; mas a occasião de haver portador am.º e fiel, me faz não poder nem dever dispensál-o — ainda que (segundo é muito provavel) esta carta não preceda a minha partida senão de oito dias. — Ha bons vinte dias que estou de bahús promptos, e hoje vae amanhã vae: que apezar dos medos de minha mulher á *cholera-morbus* — já lá estava, se não fossem as inopinadas circumstancias de Portugal que estão em verdadeira e eminente crise. Como terá colhido dos jornaes, a todo o momento se póde esperar uma solução d'este estado de coisas. O proximo paquete deve mostrar claro no futuro: e estou resolvido a esperar por elle: o que me persuado ha de approvar, porque vale em verdade a pena. A não haver porém coisa extraordinaria, sabbado da semana que vem parto a ir abraçál-o.

Segundo lhe avisaria o sr. Guimarães, fui emfim constrangido a receber do dito senhor as dezesseis £ porque me tinha acreditado. Eu não queria mais este sacrificio da sua parte, e longo tempo me lisonjeei com a esperança de que o poderia evitar: mas a doença de minha mulher transtornou todos os meus calculos e economias. Não falo em agradecimentos e gratidões, porque me parecem coisas muito *banaes* para quem sente como eu, e para quem sabe obrigar como o meu am.º Ad.s até logo. — Responda logo a esta, apezar da probabilidade de a eu não receber: mas é possivel que esteja, e isso basta para lh'o pedir e espero que o faça ao seu do C. = *J. B. Garrett*.

P. S. Esta carta é sua e do amigo Santos — a quem nada mais tenho que accrescentar, pois para ambos escrevo, e ambos estão intimamente ligados na minha amisade e sentimentos.

*

Na terça-feira um sujeito vendeu sua mulher em Iong Moor Gate, Bolton, por *3 shellings, 6 dinheiros e uma canada de cerveja*. O comprador foi um homem que era hospede da casa. Na quarta-feira fez-se-lhe a entrega, *conforme o contracto;* e na quinta feira de manhã o pregoeiro público da povoação annunciou que o marido não seria responsavel por dividas que a mulher de futuro contrahisse.

Não se esqueça de escrever a W. Hone sobre a origem d'isto, — ou onde ella se póde achar.

*

Meu bom am.º do C. — Desde a minha carta, que foi por via de Malheiro Junior, não tenho novas directas suas: acaso tenho sabido que tem saude por Guimarães. — Supponho, e com razão, que me não tem escripto por me esperar todos os dias, segundo meu aviso. Mas o extraordinario aspecto que, pouco depois de minha ultima carta, tomaram os negocios de Portugal, é sobeja razão de minha demora e indeliberação. Todos os dias, todas as horas temos estado, e continuâmos a estar esperando vêr terminar este negocio. O meu bom am.º de certo tem sido informado pelos jornaes das não esperadas occurrencias do Brasil e Portugal: nada acrescento portanto. D. Pedro vae em pessoa a Portugal á testa da expedição: e eu estou deliberado a não ser dos que ficam no quartel da saude. Nunca tive, certo, a balda de valentão, mas agora, sem a minima fanfarronada, prefiro muito e muito antes morrer de uma balla do que estar mais tempo emigrado.

Não partirei de certo sem lhe escrever, e provavelmente mais de uma vez: oxalá que não haja tempo de sobejo para isso — oxalá que fosse ámanhan o dia feliz! Mas seja quando fôr, hei-de escrever-lhe, e deixar-lhe em *legado condiccional* o meu Magriço; ou mais exactamente em *tutella testamentaria* lh'o hei-de encarregar, na possibilidade de

minha morte. Mas para então falaremos mais devagar.—Eu tenho andado doente; e o alvoroço e desinquietação do espirito trouxeram me o corpo em anciedade — mas estou melhor, bom, bom agora. Minha mulher manda-lhe muitas saudades, e não se póde consolar da perda do seu *tripp* á Allemanha, e passar alguns dias felizes e socegados no seio d'essa boa familia. Mas tenha paciencia como eu tenho. Adeus meu bom e verdadeiro am.º responda, e dê logo novas suas ao seu do C. = *J. B. Garrett.*

*

15 Marshmont S.t Russel sq.e — Meu bom e verdadeiro am.º do C. — São 6 de Outubro, e tenho ainda sem resposta a sua carta de 11 de Agosto: não lhe dou a banal desculpa de estar muito occupado, apezar de que o tenho estado, porque sempre sobra uma hora para escrever a um am.º—e a um tal am.º—Não foi essa a causa; mas o abatimento de espirito e coração em que me trouxe a fatal intermitencia de nossos negocios que n'este intervallo pareceram mais que estacionarios, que quasi os vi desandar. Felizmente passou esse triste estado de calma podre — e vamos vento em pôpa. Já sabe de certo a esta hora que temos com certeza *navios* e *dinheiro*. Acrescentarei só que D. Pedro, vae, sem dúvida á testa da expedição e que por dias estâmos a partir para a Terceira, d'onde, apenas chegado, ella deve sair. — Sabe tambem os successos de 22 do passado de Lisboa. — Muitos outros documentos do estado efervescente do paiz temos em parciaes revoluções —mallogradas, é verdade! — que têm rebentado no paiz; tudo está preparado, e a victoria é infallivel.

Vamos a elles emfim meu bom am.º que d'esta vez vae. — Eu por aqui vou mandando meus foguetes incendiarios para atiçar o negocio — e por esta occasião mando ao am.º Guimarães o que tem saido de uma papeleta que publico para esse fim. Folgarei que a receba e lhe agrade. Continuarei a fazer entregar áquelle am.º, o que sair para lh'o elle remetter quando e como melhor podér ser. — Não durará porém muito esta publicação, porque poucos dias esperâmos estar por aqui. — Ao dito snr. Guimarães deixarei para lhe serem entregues quando podér ser, os meus rabiscos, de que, se me levar a bréca, fará o que quizer, pois lh'os lego absolutamente n'esse caso. — O *Magriço* não está completo, nem possivel é completal-o. Mas esperemos o melhor: eu estou decidido a não morrer emquanto o não acabar: e bom é ter a gente uma firme resolução. Ha de, não tem dúvida, vêl-o impresso em boa letra redonda. — Apezar de que mal tenho um momento de meu, não sáio sem lhe escrever outra vez; e direi o mais que me lembrar.

Não sei se abuso da amisade que lhe devo em recorrer a ella para me valer agora em meu apêrto n'esta occasião. Eu, sem mais preambulos, tenho a maior precisão de algum dinheiro, e absolutamente não tenho a quem recorrer, senão ao meu am.º A viagem não pago, nem os meus preparativos importam grande coisa; mas tenho minhas pequenas dividas que me prendem e affligem e não ouso figurar de caloteiro. O meu embaraço é de £ 30.

Faça, meu bom am.º, um esforço ultimo a favor de quem tanto lhe é já obrigado, e veja se me vale n'esta derradeira occasião. Protesto que tómo esta divida como a minha mais sagrada, e que será a primeira paga apenas eu chegue a Portugal. Felizmente tenho passado estes quasi 4 annos de amargura sem me vexar com ninguem — porque não chamo vexar-me os favores que lhe tenho devido: desejava mais que tudo sair sem passar por esse dissabôr. E conto que o meu am.º me ha de ajudar se inteiramente lhe não é impossivel. Tenha paciencia: quem lhe mandou metter-se com poetas? — Mas, inda assim; eu não sou *poeta em prosa*, graças a Deus, nem faço transacções de poeta. Acredite-me que se não soubesse que lhe podia e havia de pagar, não lhe pedia um shilling emprestado: havia, quando precisasse, pedir lhe e sem pejo, uma esmola, que o tenho por mais honrado e decente. — Ad.s fico ancioso esperando a sua resposta, e quasi dependendo d'ella minha existencia — porque de certo me não atrevo a sair d'aqui devendo ao boticario, alfaiate, etc., — nem o posso fazer sem pagar ao meu dono da casa.

Minha mulher vae commigo até á Terceira, onde a entrego a minha Mãe, que alli tenho; e vou descansado por essa parte, para Portugal. — Ella me pede muito ser recommendada a M.me Santos, e aos dous am.os — Eu não escrevo agora carta singular ao am.º Santos que d'esta tomará tudo o que aos tres nos é commum em sentimentos de estima e verdadeiro affecto. Hei de porém escrever-lhe em separado antes de minha partida. — Ad.s escreva logo ao seu verdadeiro e do C. = *J. B. Garrett.*

P. S. A direcção das cartas como acima.

*

Am.º do C. — Nem por esquecido nem por outro motivo algum tenho deixado de responder á sua carta, senão porque tenho supposto partir para a nossa tam demorada expedição hoje, ámanhan — e sempre enganosamente. Hontem ainda cuidava eu que

fosse infalivelmente esta semana, — e ainda em vão. Mas como n'aquella supposição tinha tencionado escrever-lhe hoje, não quero mudar de tenção: e hei-de fazêl o. A excepção da demora, tudo vae bem: assim o inculca quanto apparece: mas a demora começa a ser insupportavel.

Mas d'estas coisas não faltará quem o informe. Eu tenho soffrivel saude; o que actualmente é grande fortuna para mim. Não assim minha mulher, a quem sou obrigado, por isso e por falta de conveniente arranjo de viagem, a deixar aqui no campo não longe de Londres com uma tia que felizmente aqui tem. A sua *adresse* será depois da minha partida:

Madame de Almeida Garrett — Care of Messers Roach & Morgan — 9 Liverpool S^t New Broad — S^t London.

Isto é para o senhor e para os amigos particulares, pois que ella não tenciona receber extranhos na minha ausencia. D'este modo, se houver, acaso, alguma coisa para mim, carta, etc., lhe será remettida. — Sinto do coração tel-o incommodado com o favor que na minha ultima lhe pedi: não pense mais n'isso.

Se d'esta me levar a bréca, encommendo-lhe o meu pobre nome se elle a alguem lembrar, que o não deixe passar com algum labéo que mal-affectos lhe ponham.

Eu tenho consciencia e confiança de que sempre fui homem de bem, e que tenho andado honrado e direito n'este mundo. Do mais digam o que quizerem, que pouco se me dá. — Não sei ainda quando partiremos. Se houver espaço, ainda lhe hei de dizer adeus. Em todo o caso escreva-me logo, que é provavel me ache ainda a sua carta.

Zangou-me que não sahisse d'ahi com essa maldita *cholera*, mas felizmente ella tem sido branda por lá. Tome porém cautella: olhe que os descuidos são os que mais matam. Ad.^s e se nos não virmos mais lembre-se de vez em quando do seu verdadeiro am.^o que o abraça de todo o C. = *J. B. de Almeida Garrett.*

P. S. Minha mulher, na possibilidade da minha falta, ha de por si e por meu sogro e meu Pae satisfazer as minhas dividas — que felizmente são poucas.

O segundo mez dos dois que me adeantou, está já pago.

*

Meu am.^o do C. — Paris 12 de Junho de 1833.—Não se espante de receber uma carta minha que não vem do outro mundo, posto que já eu esteja talvez morto na sua lembrança. O que ainda assim, espero que não seja. Depois de toda uma odysséa de trabalhos e viagens, estou em Paris ha tres mezes e sempre com tenções e desejos de lhe escrever para saber novas suas, sempre tam incerto de minha persistencia aqui ou em qualquer parte, que a nada me resolvia. — Tenho casualmente sabido novas suas, posto que indirectas, bem como dos amigos Barreto Feio e Santos; mas quero e desejo sabel-as directas, e por isso lhe escrevo. Segundo as coisas vão, e eu *justissimamente* me acho proscripto pelas duas potencias portuguezas, porque de uma sou inimigo, da outra não sou amigo como ella quer que a gente seja, parece-me provavel que aqui me demore até á decisão da nossa causa, que bem ou mal agora creio que não será longa. —Dirijo-lhe esta por terra mas espero a sua resposta para saber o modo mais conveniente de o fazer.—Sei que foi a Hanover e que se occuparam de Gil Vicente: dê-me noticias d'isso que muito desejo.—Minha mulher se lhe faz lembrar com saudade, assim como deseja ser recommendada a M.^me Santos. — Não vi ninguem seu no Porto porque seu mano estava na quinta; o que senti muito.

Comecei alli um romance em prosa, a que dei o titulo de — *Arco de Sant'Anna* — e cujas scenas principaes se passam na cidade velha que, por estar o meu quartel no Collegio, tive occasião e vagar de estudar.

Se houver umas semanas de socêgo de espirito, é provavel que o acabe. — Desejo muito saber a direcção do nosso amigo Rodrigues; e se póde, dê-m'a, que lhe quero escrever. Se leu *Nôtre Dame de Paris*, de Victor Hugo, é um tanto n'esse genero o meu romance; se o não leu recommendo-lhe que o faça.

Um maldito livro de direito que se me metteu na cabeça escrever, tem-me tirado o tempo e morto a imaginação, por onde nada tenho feito. Mas vêjo proxima a minha segunda conversão á santa religião das musas, pois estou quasi convencido que tudo mais não vale nada n'este mundo, começando pelas sciencias e todo o genero de letras sem excepção. — Basta de sécca, que vae saindo longa esta carta.—Recebeu uma minha ultima de despedida quando parti para as Ilhas, e a qual deixei (creio eu) ao Guimarães? — Responda a isto.

É o seu do C. — amigo verdadeiro = *J. B. d'Almeida Garrett.*

*

Lisboa 17 de junho de 1836. — a do Arco do Bandeira, n.^o 15.— Meu caro Monteirinho. — Muitos parabens de estar feito homem de bem e na lista dos sérios, posto que contra a etiqueta lhe falo no seu casamento com cuja parte não honrou um amigo velho. Tive muita pena que o tempo nos

não deixasse entrar no Porto, a cuja barra passámos eu e seu irmão, que ambos lá íamos desembarcar no *Manchester*. Agora não me deixa a minha saude e negocios de familia que aqui achei, ir ter esse gôsto tam cedo: do que bem me pesa. Ora senhor, vamos ás eleições: e faça-se deputado, e venha para cá, que temos muito que fazer. Mas o que o meu amigo devia fazer tambem era fazer-me eleger por essa nossa terra, que tem sido atégora uma *ingrata* para commigo. Sei que o partido que *come* me será contrário, mas ainda temo mais as intenções e vistas particulares dos *nossos* proprios. Não temo as suas, por isso lhe falo n'isto, porque sei que, promovendo as suas vistas, é capaz de diligenciar as dos amigos. Eu larguei todo emprêgo de fóra para vir fixar-me em Portugal, e dar o meu pobre quinhão de ajuda a este *carro* que tanto lhe custa a andar. O meu amigo sabe os meus principios, opiniões e affeições, não preciso fazer protestos. Por meus interêsses pessoaes, não lhe occultarei tambem que o levo e grande, mas um *só unico* em saír eleito, que é fixar-me definitivamente com os meus, que estou cansado de viajar e de *estranjas*. E tomára acabar estes dias por cá, indo vêr os amigos do Porto, e as nossas gentes e as nossas coisas, escrevinhando coisas nossas, e vivendo uma vida toda portugueza no que me resta a viver. Escreva pois logo logo, e responda a *isto*, que fico ancioso por saber o que *entende* e *espera* a este respeito. — Am.º do C. = *J. B.*

*

Pantheão, 8 de junho de 1837.

Meu am.º velho do C. — Que não terá pensado o meu caro Monteiro d'este longo silencio de um homem tam amigo seu e que tanto o deve ser? — Que se esqueceu, que mudou, que afrouxou na amisade velha e fiel? — Nada d'isso é, meu caro amigo do coração, senão aborrecimento e fastio de todas as coisas d'este mundo, pêco de trabalho zanguento e *desanimado*, e incapacidade d'ahi resultante para tudo.

Ha quasi um anno que ainda antes de creada a benefica instituição de Manuel Passos — o Pantheão — já eu tinha feito aqui (no pateo do Pimenta) em um buraco debaixo quasi da terra, uma especie de lura de coelho, o meu *Pantheon à moi*, onde vivo com quatro livros velhos, — chorando saudades do afogado *Magriço* que não posso restaurar á vida — e cultivando o agradavel nôjo que tenho tomado a quanto se faz, sobretudo na nossa terra de Portugal. — Saí, apesar d'isso, a periodicar sem esperança nenhuma de fazer bem. E não me enganei. — Fiz-me depois palrador de S. Bento, onde cuidei ao principio que algum se poderia fazer. Enganei-me. Mas já me desenganei, e não palro. — A prosa é coisa insignificante, meu amigo; e estou com muita vontade de tornar aos versos. Mas d'onde me ha de vir o ânimo?

Por ora, e *en attendant*, não faço nada: tenho um quintalejo em que me entretenho, cultivando flores; e é hoje a unica coisa a que tenho algum apêgo. — Bem podia, meu Monteirinho, d'essa nossa terra das flores bonitas, mandar-me alguns vasos de primor.

Faça-o, que obriga muito a quem está em posse de lhe dever favores. Escreva, que póde mais que eu; e prometto ser bom correspondente agora — sobretudo se me der flores.

Adeus, que não posso hoje mais. — Am.º velho do C. = *J. Baptista.*

*

Lisboa, 23 de junho, de 1838.

Ora, meu amigo, não posso resistir á vontade que tenho de conversar. Se me não responder ainda d'esta vez, então me callarei. N'esta bemdita noite de S. João que estou a ouvir estalar os busca-pés, a vêr arder a fatidica alcachofra ahi pelas janellas das devotas vizinhas, vêm-me as saudades do meu tempo, com ellas as dos meus amigos velhos. — Que é feito, diga, de si, e porque não ha de dar novas suas á gente? — Esconjura a politica: em bem o fez. Mas não falemos mais em politica, se quizer. Tomára eu não ouvir nunca similhante coisa, se fosse possivel. Mas não é, meu caro Monteiro. Se os loucos e interesseiros fizerem sós a tal damnada coisa de politica, olhe que acaba isto por nos levar a bréca a todos, tanto aos que *se mettem* como aos que se *não mettem* n'ella. Assim, fóra da tenda os Achilles amuados, se não querem os troyanos a espatifar tudo. O meu amigo póde e deve fazer alguma coisa n'estas eleições. A gente conciliadora aqui deseja vêl-o eleito pelo Porto, ao Dias Guimarães, ao Francisco J. Maia e a *gente assim*.

Diga-me sobre isto alguma coisa. O sr. Castro, portador d'esta, lhe explicará as intenções em que estamos. Quanto a mim, sem falsa modestia, nem escrupulo algum, lhe digo que trago *atravessado* na garganta o não ser eleito pela minha terra. Mas não queria ir metter o meu nome de *trambolho* no meio das coisas para empecer o resultado geral, que mais me importa. Mas se se formasse uma lista média, como eu creio que era o mais util (e seguro em resultados) e n'essa lista entrassem o senhor, Dias Guimarães, Maia, Pinto de Magalhães (eu á falta de gente) e outros assím honestos e

fóra das extremidades briguentas, teria n'isso prazer e honra indizivel. Fale-me candidamente n'isto tudo. Eu escrevo ao Maia, e ao Guimarães. Alguem mais (e muitos *alguens mais* creio eu) ajudarão.

Em todo o caso, não se deite de repente de fóra das coisas, e pense antes de responder ao — Seu am.º velho e cr.º — *J. Baptista.*

*

Lisboa, 8 de setembro de 1839.

Meu amigo. — Muitos agradecimentos, que vão tarde, mas vão do coração, pelas informações interessantes que me mandou. As diligencias da Torre do Tombo deram os documentos da pensão, e reforma das provisões, de que se colhe que foi paga. Mas recibo não appareceu, nem outra coisa alguma relativa a Camões, como verá *expressamente* na edição do meu *Camões* que está a saír, e em que publíco tudo textualmente e tambem as diligencias (e seu resultado) das excavações em Santa Anna, das quaes se colhe, creio eu, ainda estarem lá, em seu segundo jazigo (o que arranjou Gonçalo Coutinho) o nosso poeta.

— Compra ou não os dez esboços do Vieira? — Se os não compra, diga, que quero fazêl-os comprar pelo duque de Palmella, e que não vão ao menos para fóra do reino. — Responda a isto. E a traducção do poema dinamarquez?

Oh! é verdade Por quem é mande-me o Romanceiro castelhano que me prometteu, mande-m'o sem falta por via do Lobo, remettido com sobrescripto official — Ao Conservatorio — para não pagar eu muito dinheiro. — Restituirei sem grande demora; mas quero o já, porque preciso preparar a *Adozinda* como primeiro volume, e outras xacaras para segundo volume de uma especie de Romanceiro, meu que entra na minha collecção.

Saberá que o outro dia brilhou o nosso Conservatorio com dezesseis alumnos que fizeram provas públicas e foram premiados (os dezeseis), que examinados foram vinte e tantos: ha alguns optimos em canto — em instrumentos — um *declamatorio* que promette ser excellente actor, e todos soffriveis. Adeus, creia sempre na amisade sincera e do C. do seu am.º velho e certo = *J. Baptista.*

*

Lisboa, 11 de março de 1840.

Meu am.º velho do C. — Sem mais preambulo, que não ha tempo. Cedo escreverei largo, sobre outros pontos em que falo com mais gosto; hoje *pour les affaires*.

Você póde fazer triumphar ahi a minha eleição: eu sou do Porto, dóe-me se me não elegerem os meus patricios porque em verdade mereço-lh'o. Faça isto que hade ter quem o ajude.

Responda, e creia-me seu am.º velho, certo e do C. = *J. Baptista de Almeida Garrett.*

*

Lisboa, 1 de dezembro de 1842.

Meu am.º — Ora acorde d'essa santa priguiça e dê copia de si á gente. Quem tem a fortuna e o bom gosto de se não embaraçar em politicas, não póde ter desculpa de (não?) fazer alguma coisa mais. As presentee letras têm por fim duas — aliás tres coisas essenciaes.

1.ª João Adamson, o nosso inglez tão amigo de letras portuguezas, pede-me um *Gil Vicente*, e eu requeiro que o meu amigo me mande dar um exemplar - porque algum tanto me custaria ter de o comprar; bem sei que abuso da sua bondade, mas o meu amigo Monteiro póde perder mais esses tostões — sobre tantos, bem sei — mas mesmo assim póde melhor perdel os do que eu.

2.ª Dar lhe parte que estão a entrar para a prensa as primeiras folhas de uma collecção de Romances populares, chácaras, soláos, etc., etc., que tenho andado a colligir e a limpar, mas preciso que me mande buscar por ahi algumas mais. Aqui vae a lista das que eu tenho para não mandar d'estas; Isto é de tradição oral; porque do já impresso e disperso pelos livros, tenho mais umas trinta coisas.

A collecção vae pelo modo e stylo das *Reliques* do bispo Percy e do *Minestrelsy of the Scottish border* de S. W. Scott.

Mande vir de Londres, que vale a pena, a ultima edição de Lockart's *Spanish Balads*, que é uma bella e esplendida coisa. Aquillo é que é imprimir. Aqui muito mal se faz tudo.

3.ª Folgaria eu, a possivel ser, de que se apurasse alguma coisa dos *Alfagemes* que ahi deixou o Lobo. Se são caros, faça d'elles como entender e como seus.

Adeus, creia, porque deve, que ou escreva ou não, pensa sempre e todos os dias no seu amigo Monteiro, um amigo velho do C. = *J. Baptista.*

*

Lisboa, 7 de março de 1849.

Am.º do C. — As novas da quinta Amarella chegaram aqui verdes e viçosas como tudo quanto me vem d'essa velha e boa amisade do meu Monteiro, que só um dia não passo que me não lembre d'elle com saudade. — Não sei de que ramas se deve coroar a frente dos geographos poeticos. Todos nós os amantes de Camões lh'a devemos decretar seja ella qual fôr. Tem razão o meu amigo. O *Cosmos* foi *microcosmos* na sua

censura. A botanica poetica não é a de Linneu nem de nenhum herborisante seja ella qual fôr.—O argumento da Ode a Garcia da Orta é triumphante.

Quanto ao Sismondi esse é um grande insignificante.

Viva o meu Monteiro, que os ensinou. Peço-lhe que escreva duas linhas ao Adamson e lhe mande um exemplar da sua bella Carta.

Saudades do coração ao Norton, a quem vou escrever todavia um d'estes proximos dias.

Recebi sim os *Echos da lyra teutonica* e me deram um grande prazer; estava fóra da terra, e fóra de saude, por isso não escrevi logo a agradecer. Depois metteu-se tanta coisa que me passou. – E diga me: recebeu um exemplar da *Necrologia da Duqueza de Palmella* que lhe mandei por via de Isidoro Guedes, um dos Caixas do Tabaco?

Sim, Senhor. O *Arco* está quasi acabado. Mas antes d'isso, quero que me diga alguma coisa sobre o remate d'elle. Lembre-me alguma coisa bem *nossa*, bem do Porto, bem *tripeira*, porque esta obrita é toda das reminiscencias da minha infancia, da minha terra natal. Ajude-me a concluil-a bem assim.

Sabe que *Frei Luiz de Sousa* foi traduzido em allemão pelo conde de Luckner, e em inglez pela celebre Mrs. Northon? — O meu pequeno *Romanceiro* (1.º vol.) tambem o foi em inglez por John Adamson (o do *Camões*). O romance de *Gaia* está tambem em francez e (não mal), não sei por quem.

Adeus, tenha saude e tudo o que merece. Ponha-me aos pés de sua mulher minha senhora. E creia sempre que sou do c. e para sempre seu — am.º do C. = *J. B. de Almeida Garrett.*

*

Lisboa, 28 de maio (1849.)

Meu am.º—O seu empenho pelo sr. Serpa Pinto está feito, não é o melhor que eu desejo e tambem o B. da Luz; mas diz elle que é o que cabia nas possibilidades da sua acanhada auctoridade. Darei a papeleta ao seu mano. Espero que estas linhas o achem já recobrado de saude, meu bom amigo. Que inveja lhe tenho do seu *tour* na nossa provincia do Minho! Parece que tambem eu recobrava saude e juventude se me visse no meio dos carvalhos e castanheiros do nosso querido Minho. Mas para mim é coisa impossivel despegar-me d'esta maldita e árida terra onde se derrete o corpo e alma sem o menor viço de agua ou de flor para refrescar a gente!

Ad.ª meu am.º, mande sempre o seu — am.º velho do C. = *J. Baptista.*

Lisboa 27 de setembro (1849.)

Am.º velho do C. — Na quinta Amarella deve haver muitas flores, e entre ellas, rosas de trepar da côr da quinta e umas pequenitas que não trepam e são da mesma côr amarella, e rosas brancas de musgo, e camelias e canelleiras, etc., etc. De tudo o que podér, vasos, estacas, pés com raiz, etc., etc. mande fazer um caixotinho para ficar um *só volume* no vapor, e mande ao seu amigo que está com a mania recrudescida da jardinagem. Não lhe esqueça um bem fornido e sortido mólho de estacas de craveiro, que é o tempo, algum jasmineiro raro e quaesquer outras plantas proprias para vestir paredes de jardim—exceptúo as bignonias capensis e jasminoides porque as tenho.

Não sei se já lhe disse que M. Fournier, o consul francez aqui, traductor do *Camões* que se publicou em 1841, deseja que lhe diga algumas das muitas coisas que tem estudado sobre os *Lusiadas*, suas edições, seu auctor, etc. O mesmo pedido se faz ao nosso amigo Norton a quem separadamente escreverei; mas não tira de que lhe dê este recado.

Ad.ª am.º, desculpe a sécca e mande sempre o que é seu devéras, do coração e com toda a alma e mil saudades. – Am.º velho e certo — *J. Baptista.*

*

Lisboa, 14 de março (1845.)

Meu am.º—Ahi foi o *Arco de Sant'Anna* para o Porto. E uma das primeiras pessoas —a primeira de certo – a quem desejei mandál-o e recommendál-o foi o meu antigo e provado e obsequioso amigo Monteiro. Mas não sei até que ponto o podia fazer sem o incommodar muito e sobretudo sem causar alguma complicação de genero *politico*.

Desejava comtudo muito offerecer-lhe um exemplar e que me dissesse—muito em segredo—como o acha. Condicionalmente pois, isto é, para o caso que se queira servir d'elle, vae no sobrescripto uma ordem para lh'o entregarem do pequeno deposito que ahi encommendei ao bom José Passos, e que elle poz nas mãos do sr. José Joaquim Gonçalves Basto.

Responda — uma linha ou duas ao menos —ao seu am.º velho do C. sempre, sempre. = *J. Baptista.*

*

(Lisboa?) 26 de setembro de 1843.

Meu am.º — A sua carta era de 10 do passado. Ha portanto mais de um mez que a tenho sem resposta. Vou explicar-lhe porquê.—Entregou-m'a o sr. Moré com 48$000 réis que recebi sem a lêr bem, ou antes, sem a entender bem. Custar-lhe-ha a acre-

ditar que ande tão fóra d'este mundo que só muitos dias depois soubesse que o meu bom e verdadeiro amigo J. G. Monteiro tinha tido comprommettimentos graves e sérios na sua casa. Mas é verdade, verdade pura e sincera. Só então entendi a sua carta, só então entendi a indelicadeza com que eu recebêra o liquido de uns malditos folhetos com que o fôra importunar e que não estavam realisados. — Do instante em que o entendi, faltou-me o ânimo para responder á sua carta. Como eu, que lhe sou já e ha tanto tempo tão obrigado e devedor, lhe preguei esta massada, postoque involuntaria, e em plena ignorancia do que fazia!...

Tenho (estado) afflicto devéras com isto; tenho querido dizer-lh'o todos os dias, e todos os dias me acanhava por não saber como. — Hoje resolvi-me a fazêl-o chã e prosaicamente sem mais voltas. Sobretudo o mais não me tóme tambem por egoista.

Sei que vem a Lisboa; assim m'o asseveraram ao menos. Diga-me se é verdade e quando vem. Isto não custa: põe-se n'um papel, fecha-se, e manda-se deitar no correio.

Adeus, não me tarde aqui: e sobretudo não esteja duas horas em Lisboa sem eu o saber.—Amigo verd.º do C. e para sempre. =*J. B. de Almeida Garrett.*

A MANUEL RODRIGUES DA SILVA

11 de março. 1840

Meu am.º — Para outro dia mais longo cavaco, que hoje é impossivel. A minha eleição é muito duvidosa no continente. Da ilha Terceira póde ser mas chega tarde. É preciso promovêl-a ahi. Faça o que podér, e responda ao seu am.º velho do C. = *J. Baptista.*

*

Lisboa, outubro de 1841.

Meu amigo velho. — Chego de fóra da terra e dizem-me que está cá, e que ámanhã se vae! Pois nem lhe hei de dar um abraço? A que horas embarca ámanhã? Eu estou cansado e estropiado senão ia vêl-o em vez de mandar; mas realmente não posso. Diga como está ao seu — Am.º velho do C. e de véras=*J. Baptista.*—42, rua do Alecrim, terça feira ás onze da noite.

*

Lisboa, 5 de março de 1842.

Meu am.º do C. — Grandes coisas se passaram depois que aqui falámos. Deus as fade bem. Desejo-o sem o esperar, porque desesperei de mim e da nossa terra portugueza. Oxalá que me eu engane.— Mandei a A. M. S. Lobo um exemplar do *Alfageme*, com o seu nome escripto — é lembrança do A., lembrança verdadeira de amisade. Tambem lhe mandei alguns exemplares mais a vêr se os passava para não pagar as despezas de impressão todas, que têem crescido n'esta boa terra com o decrescimento do progresso typographico. -- Tem tempo e vagar, divirta-se a descoser por ahi os altos e os baixos d'esse ensaio de drama popular, que me faz muito obsequio — de véras. Uma das coisas que mata a nossa litteratura é a falta de critica judiciosa e desapaixonada. — Mais uma palavra de politica, e acabou-se. Fólgo com a Carta; creio que me crê: não fólgo no modo como se restituiu nem com (o) uso que d'ella se faz. Sou portanto da opposição, mas ao ministerio. Se lhe disserem o contrario, mentem-lhe. Adeus. — Eu talvez ahi vá cedo vêr meu irmão que o deseja. Se for falaremos mais largo, não politica, mas versos e prosas, coisas agradaveis e uteis. Meus respeitos a M.me Sabe bem quanto sou de véras — am.º velho do C. = *J. B. de Almeida Garrett.*

P. S. — Se podér ajudar a passar alguns exemplares do *Alfageme*, mande-os buscar ao Lobo, a quem, se quizer, póde dar qualquer producto. — Poz-se-lhe aqui a taxa de 480, porque se fizeram poucos exemplares.

*

Lisboa, 18 de maio (1842.)

Meu amigo do C.—Ainda posso mal responder, como vê, á sua de 29 de abril que tanto gôsto me deu. Não creio na sua falta de tempo; o que me parece é que será sobejidão de preguiça. Vença-a, ande, e faça o que lhe pedi.—Vou e preciso muito de ir ao Porto; mas já agora só irei depois de passar esse aborrecido tempo das eleições.— Com o allemão vou devagar; o tempo é pouco e o mestre de favor: duas coisas com que se não anda depressa.

O *Cancioneiro* de Rezende imprime-se, é verdade, em Allemanha por uma sociedade de bibliophilos de varios paizes que têem impresso e imprimirão muitas outras coisas. O que d'aqui se fez foi emprestar para essa edição um bello e completo exemplar da livraria real: e isso fêl-o el-rei, e não fez mais nada senão tomar uma assignatura da sociedade pelo que terá o seu exemplar, e disse.

A um amigo velho diz-se tudo: Aperta-me a maldita Imprensa nacional para lhe pagar a impressão do *Alfageme;* veja se póde liquidar os livrecos e mandar isso para ajuda de me libertar. Tiveram a confiança de me fazer pagar, por uma coisa que está bem longe de ser bem feita, cento e setenta e tantos mil réis... só porque eu fui exigente

em lhe alterar as suas costumeiras rançosas; com o que perdi muito tempo e paciencia. Isto não é terra de gente nem o ha de ser nunca.

Adeus amigo velho do C. — *J. B. de Almeida Garrett.*

*

Lisboa 30 de maio (1842.)

Meu amigo. — Respondo hoje, e não pela minha mão que não posso, á sua amiga carta de 25 do passado. É unicamente desejo segural-o de quanto me penhora a sua affeição e vontade, e que por nenhum modo quereria dar-lhe o mais leve incommodo sobre o ponto em que lhe falei: ponto que aliás, e pessoalmente para mim, é de nenhum interesse e empenho. Deixal-os ir por suas loucuras abaixo, cegos d'essa cegueira que os ha de perder e matar. Eu que lhe hei de fazer?

Aqui vae um livrinho que terei muito gosto se lhe agradar, porque sei quanto o auctor folgará com o seu voto. Principalmente lh'o manda porém em lembrança e testemunho de amisade velha.

Sabe bem que é o seu am.º C. — *J. B. de Almeida Garret.*

A MANUEL RODRIGUES DA SILVA ABREU

Lisboa, 19 de agosto 1839.

Meu caro am.º — Ora seja muito bem apparecido *trinta e dós!* Ha com effeito trinta e dois mil annos que o não vê a gente nem sabe que volta levou. Sim senhor, beijo-lhe as mãos pelo lindo livrinho (que me chegou muito retardado, inda assim) — e que terá a merecida analyse e illustração, quanto eu posso e sei, apenas tenha um instante de meu e ache um periodico que a queira publicar. O peior é não se dizer no livro onde elle se vende. Não recebeu ainda a communicação do nosso Conservatorio nomeando-o seu socio correspondente? Ha muito mais de um mez que lhe foi. Bem vê que me não esqueci nunca de v. s.ª O sr. é que é um ingrato que deixou passar *cinco annos* sem dar copia de si.

Gostei muito do seu *Eliezer*, do estylo portuguez sobretudo, e da coragem resignada do traductor que ousou — como o seu auctor — em tempos de impiedade philosophica, a mais perversa das manias humanas — falar no christianismo, na religião e em suas bellezas e virtudes.

Pois então, ainda hoje, diga-me, ainda agora podem subsistir os motivos, generosos certamente, que o obrigaram a deixar o serviço público? Bem sei que sou *latitudinario*, eu, e que todas as instituições que me salvarem a monarchia e a liberdade, por *minha regra* entendo poder servir o estado com ellas. Mas seguindo ainda a sua doutrina *quæ musas collit severiores*, ainda assim, *completado um facto* que não é nosso, reconhecido esse facto por todos os partidos, excepto o absolutista que não reconhece nada que seja livre, não sei como possam ainda subsistir motivos rasoaveis para não servir a rainha e o reino, que tão mal servidos andam ambos.

Mas basta de prédica ordeira. Eu nem sou patriota, nem cartista; isto é, não pertenço, como creio que sabe, a nenhum dos partidos belligerantes. Antes queria a Carta que isto, mas antes quero isto que a guerra civil. Adeus. Creio que será o *Correio* o jornal que dê conta do seu *Eliezer*, por minha parte. Escreva, dê novas suas a quem lh'o merece porque devéras é am.º v.ro velho e do C. = *J. Baptista de Almeida Garrett.*

*

Lisboa, 19 de setembro.

Meu amigo. — Escrevo estas linhas muito á pressa. Já escrevi e mandei (passa de oito dias) um artigo sobre o *Eliezer* para o *Correio de Lisboa*. Não sei se saiu porque não leio jornaes senão rara vez. Mande-me um requerimento seu pedindo o logar do lyceu de Braga que lhe convem. Já se sabe um requerimento á rainha.

Diga-me: é preciso nomear um delegado da Inspecção geral dos Theatros para Braga: quem convirá? Falam-me n'um Gaspar da Costa Vilhena Coutinho? Eu lembro-me do Alheira? Será bom um ou outro, ou algum outro? Responda-me como amigo, e saiba que é confidencial isto, e que ninguem verá a sua carta. Não póde hoje mais o seu — Am.º velho do C. = *J. B. de Almeida Garrett.*

P. S. Respondo assim á sua de 2 de setembro corrente. Responda ao nosso secretario do Conservatorio. O que lhe fizeram é nomeál-o *socio correspondente*, de que lhe irá *carta formal*. Não seja *creança*.

*

Lisboa, 3 de outubro.

Meu am.º — Para não estar a escrever muitas cartas, vae ao meu amigo só para que trate este negocio da delegação com o amigo Alheira. Ou *elle* ou o *senhor* ou o tal *D. João* ou o *Vilhena*, um d'estes quatro, é necessario que seja. Mas para se nomear é preciso que o meu amigo ou um dos meus amigos *se assegure* primeiro que a *pessoa* escolhida acceita. Portanto diga-me d'ahi estas sós palavras: *Faça nomear N. que elle acceita.*

As obrigações d'este pequeno cargo são censurar as peças que vão á scena, dar licença para se abrirem theatros, ser juiz de paz nas questões dos artistas, etc., etc., promover a arte dramatica, etc. Para o que tem de direito um camarote no theatro, e acção sobre os directores e artistas d'elle. Aqui está tudo. Responda já, que urge.—Am.° do C.—*J. B.*

*

Lisboa 12 de abril, 1842.

Meu caro am.°—Porque tenho eu guardado tão porfiado silencio?—Porque não tinha coisa boa que lhe dizer. — E terei agora? Não, meu amigo. Desagrada-me o estado das cousas e a tendencia dos homens. Sou *pasteleiro* pelo coração e pela cabeça: sentimento e reflexão me fazem desejar e crêr que não seja nacional nem fixo todo o governo exclusivo e intolerante. E então n'este Portugalzinho tão pequeno, do qual todo junto ainda custa a espremer gente para uma só governança: que fará para tantas andainas exclusivas quantas exige o exclusivo e brutal ciume dos partidos? — Eu queria e quero a Carta para que ella fosse, ou seja reagente contra estas immoraes amalgamações das *cotteries*. Mas parece-me que vamos ainda peior. Portugal não é dos setembristas nem dos cartistas, é dos portuguezes: e eu não posso adherir a nenhum partido que se queira fazer Carta privilegiada e declarar porás (?) ou pariás aos outros: é contra a minha religião politica; seria desmentir os meus principios, tantas vezes, e tão solemnemente professados; renegar da minha fé, cuspir na minha honra. Tive-me á barba com os heroes de setembro, luctei com elles por este principio — dizem que não sem gloria— como hei de eu querer quinhoar a responsabilidade moral d'est'outros?—Eis aqui, meu amigo, o *cavaco* que dou a poucos, mas entre os poucos, ao meu Rodrigues, para lhe explicar o porque não me ligo com o actual ministerio. De todos sou amigo, de nenhum tenho queixa; quizeram obsequiar-me; e peza-me por alguns d'elles, e mais que tudo pela bandeira que alçaram, não poder estar n'aquellas fileiras. Não posso.— Sustente-se a Carta; mas seja bandeira de paz e de união e de nacionalidade — não vexilo de discordias, balsão de despiques — bandeirola de vingancinhas mesquinhas de bairro e bairristas.—Falo-lhe com o coração nas mãos porque não quero deixar os meus amigos na menor dúvida das minhas opiuiões e sentimentos. — Ahi, dizem-me — que ha de haver votos opposicionistas para minha eleição: que por influencia do amigo Felgueiras virá gente de Guimarães, pela de Northon gente de Vianna que em mim votará.—Se com estas opiniões leaes e candidas, lhe sirvo para candidato,—concorra por sua parte que sei que póde muito, apesar da sua modestia, que o crêem muitos por isso mesmo que o meu Rodrigues não procura fazer-se acreditar.—Adeus; responda, e sempre e em todo o caso conte com todo o seu — am.° velho do C.=*J. B. de Almeida Garrett.*

*

Lisboa, 8 de fevereiro (1852.)

Meu caro am.° velho do C.—Não sei como póde imaginar que eu podia ter recebido a carta de que me fala e não lhe ter respondido.—Nem o sr. Moniz nem ninguem mais me disse uma palavra sobre o seu negocio de que só agora sei.

Escreva de novo ao seu amigo para que nos entendamos sobre o assumpto do seu requerimento; e creio que lhe posso afiançar que ha de ser despachado como deseja.

Perdôe-me o laconismo d'esta carta. Eu não tenho de meu um momento. Mas comtudo disponha sempre d'este seu—V.° am.° do C.=*J. Baptista.*

*

Lisboa, 26 de Setembro de 1846.

Meu amigo. — Tenho aqui defronte de mim uma carta de 11 de julho de 1842, que começa: =ha n'este mundo um homem por nome Rodrigues, etc.=E eu tenho guardado esta carta quatro annos sem lhe querer responder, porque não queria comprometter o dito Rodrigues com a minha correspondencia. Desde os feitos de dama Maria da Fonte já o não compromettia, mas não tinha eu tempo. Hoje tenho uns pobres minutos, e vou responder-lhe, que bem sabe que os partidos politicos, as circumstancias, etc.. nada influem nas minhas affeições. Vou-lhe pedir que me escreva agora muito, e que disponha de mim sempre e em tudo.

Tambem quero que diligenceie por ahi votos para a minha eleição, porque se trama para eu não ir á camara, e não deve ser, mesmo por honra e proveito dos que tramam.

Adeus. Saude e muitas saudades do seu — Amigo velho do C. =*J. B. de Almeida Garrett.*

A ILDEFONSO LEOPOLDO BAYARD

Ill.^{mo} sr. — Acho-me doente e impossibilitado de sair. E vou rogar a v. s.ª, se o sr. conde não tomou ainda resolução alguma a meu respeito, de ter a bondade de lhe ponderar que as minhas circumstancias me obrigam a importunál-o, pedindo-lhe uma seja qual for, pois a menos favoravel sempre o

será mais do que a incerteza em que estou ha *oito mezes*, e em que não posso viver.

Desculpe v. s.ª esta sécca involuntaria que lhe dou, e veja se me póde obrigar com uma palavra de resposta que fico esperando ancioso, pois ha bem tempo que espero, e parece-me que com uma resignação bem *exemplar*.

Sou com muita estima e consideração — De v.s.ª — Att.º v.ºr e c.do *J. B. de Almeida Garrett*.

AO REDACTOR DO «NACIONAL»

Sr. redactor. — É tão pouco intelligivel o que na sessão de hontem 30 de junho me fizeram dizer os seus tachygraphos, que não posso deixar de lhe pedir o favor de inserir esta carta minha no seu jornal.

Na sessão anterior áquella, eu tinha sustentado, como relator, o parecer da commissão diplomatica, approvando a despeza pedida pelo ministerio dos negocios estrangeiros, para a nossa legação em Londres. Persuadido, como ainda hoje estou, que não era demasiado o pedido para residencia tam cara, e que cumpria sustentar alli aquella missão com decencia, tomei sobre meus hombros o cargo desagradavel e impopular de combater os argumentos de economia pública com que fui guerreado, e que ao ministerio, não a mim, que sou deputado, incumbia supportar.

Era isto, como hontem disse, inverter a *ordem representativa e constitucional*, era um sacrificio que eu nem devia, nem *queria* continuar a fazer.

Razões de melindre e independencia não só me imposibilitavam na sessão de hontem de tomar parte no debate como relator da commissão, mas até exigiam de mim que o combatesse, como fiz, substituindo a verba da commissão por outra que tornava impossivel a verificação de um honroso destino que sua magestade ha muito tempo se dignara dár-me, e que eu *ainda não acceitei*. [1]

Mas não eram sómente razões de melindre: em consciencia estou ainda persuadido que, assim como não podemos deixar de fazer a despeza de uma missão de segunda ordem em Londres, estamos tam perto de Madrid, que alli nos bastaria ter uma de terceira, que custa menos de metade.

Tal foi o meu proceder, e as razões d'elle, que um e outras foram avaliadas por meus illustres collegas; mas que tam desfiguradas apparecem no seu jornal de hoje.

A minha theoria constitucional, e que não receio vêr combatida (com senso commum) é que na discussão do orçamento, o ministro deve sustentar o que pede, porque não deve pedir senão o *stricto indispensavel necessario*, — e o deputado *recusar tudo* o que o ministro não sustentar como indispensavel.

N'esta verdadeira demanda, o ministro representa as necessidades do estado, nós os interesses dos contribuintes. Não que ministros e deputados não devam zelar ambas as coisas: mas a natural e principal missão de um é esta e a de outro aquella. — Sou, sr. redactor, o deputado pela Terceira, *J. B. de Almeida Garrett*.

[1] Referia-se ao cargo de ministro em Madrid.

A MANUEL BERNARDES LOPES FERNANDES.

Amigo Manuel Bernardes.

Tenho a dizer-te que infelizmente se não póde verificar a assignatura para o meu *Parnáso Lusitano*, por alicantina do livreiro de Paris, a quem havia cedido a propriedade d'elle. Recebi de boa fé o dinheiro das subscripções e com a mesma boa fé o restituo Não me envergonho porém de te dizer, depois da longa peregrinação que passei e perdas immensas que tive, que me será penoso fazel-o já. Isto, não obstante, podes quando quizeres mandar com a tua cautela buscal-o a esta tua casa. Em todo e qualquer caso desculparás-o o teu am.º v.do — *J. B. da S.ª d'Alm.da Garrett*.

Rua da Saudade n.º 9 A — 13 de Jan.º 1828.

AO ABB. CASTRO.

2 d'Abril.

Meu caro Abbade.

Mando, entregue á sua protecção intelligente, a minha *Flor da murta*, que está tam modesta agora, que não quer ir só e vae portanto acompanhada de uma *hollandezasita*, que tomou por aia; e de quem quer fazer *pendant*. Mas a hollandeza não chega á marca e precisa accrescentada. Faça este milagre, e creia que obriga muito o que é. de V. E. amigo obg.mo *J. B. S. d'Almeida Garrett*.

A DIOGO BAPTISTA DOS SANTOS CADET

Ill.mo Sr. — Tenho a honra de accusar a recepção do Officio pelo qual em 20 d'abril ultimo V. Ex.ª me participou o favor e dis-

tincta honra com que a Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa se dignou obsequiar-me, e que presarei como um titulo que só mereço pelo muito zêlo que me anima na santa causa da civilisação e das sciencias que V. Ex.ª e seus dignos collegas tam generosamente promovem.

Só ha tres dias recebi a participação referida que me apressei a responder

Deus guarde a V. Ex.ª. — Lisboa, 14 de Maio de 1839 — Ill.mo Sr. Secretario de Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa — *J. B. de Almeida Garrett.*

*

Ill.mo Sr. — Rogo a V. Ex.ª me faça a mercê de agradecer por mim á illustre e benemerita Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa o convite com que me honrou para a sessão solemne anniversaria que a mesma Sociedade celebrou hontem, e a que os meus padecimentos de saude me impediram de assistir, como tanto desejava.

Deus guarde a V. Ex.ª — Lisboa, em 30 de maio de 1842. — Ill.mo Sr. Diogo Baptista dos Santos Cadet, Secretario da S. de S. M. (Falta a assignatura que foi cortada).

AO DR. ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO

Ill.mo Sr. — Respondo tambem hoje á carta que me dirigiu a Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa em data de 20 de março ultimo, sobre a representação que a mesma Sociedade levou á presença de Sua Magestade em 12 do dito mez. E peço a V. Ex.ª que acredite e assevere em meu nome aos seus illustres collegas que, na pequena parte que posso, hei-de promover com o maior empenho, assim dentro como fóra da Camara, as que me parecem tam justas pretenções da mesma Sociedade.

Renovo os protestos de consideração e estima com que tenho a honra de ser — De V. Ex.ª mt.º att.º e Ven. — Ill.mo Sr. Dr. Antonio José de Lima Leitão, Presidente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa. — Casa, em 5 d'abril de 1841. — *J. B. de Almeida Garrett.*

A ALEXANDRE HERCULANO

Cotovia 15 de 7.bro Ill.mo S.r e Am.º

Muito sinceramente obrigado pelo ricco presente dos seus versos. Eu já conhecia a 1.ª e segunda parte da *Harpa*. Gostei muito mais d'esta 3.ª D'estes versos não se faziam por cá; — o grande e sublime pensamento de Deus não o entendiam os nossos poetas: queriam fazer versos de impiedade estupida, e perdiam-se nas somnolentas allegorias da eschola encyclopedica! Cuidei que não sahiamos d'aqui; porque era preciso muita superioridade d'engenho para ousar mostrar o caminho e fazer com que o seguissem. Inda bem que V. S. dedicou o seu bello talento a esta missão generosa e regeneradora! O bem que faz a poesia não se sente logo: ha quasi 30 annos que Mr. de Chateaubriand começou a explorar a preciosa mina do Christianismo; e que poucos o entenderam ainda! Ao principio quasi ninguem. E este seculo de padecimentos e desgraças devia ter quebrado (e quebrou sem duvida) as ultimas cordas da lyra. Quem quizer entoar seus lamentos (o mais que póde fazer o poeta) que tanja a harpa triste do bardo ou do propheta. Açaso o desgarrado alaúde do trovador póde ser ouvido quando fala dos tempos velhos. A harpa é do coração e d'alma. E a sua chegou-me a ambos: tive uma verdadeira consolação de lêr coisas d'aquellas em portuguez.

Não lhe disse logo tudo isto porque queria vêr se achava alguns dos meus opusculos para lhe mandar. Tenho perdido quasi tudo: e só achei estes que vão, e que lhe peço que acceite como lembrança d'um seu verdadeiro admirador. Se eu tivesse saude, havia de refundir quasi tudo que publiquei, e de que pela maior parte não gósto hoje. Mas que lhe hei de eu fazer agora que me sinto acabar e sem gôsto para nada!

Desempenhei a sua commissão para com o meu velho am.º Bispo Conde, que fica muito penhorado ao seu favor.

Acredite que sou devéras e com mt.ª estima e consideração — De V. S.ª Am.º C.do e Obg.º — *J. B. de Almeida Garrett.*

*

Ex.mo Sr. — Os dois irmãos Castilhos, Perini, e eu desejavamos ter com V. Ex.ª uma conferencia sobre objectos dramaticos, que nos parecem de grande interêsse para a arte e para a prosperidade do Conservatorio. Se V. Ex.ª quizer acceder aos nossos desejos, rogo-lhe nos aponte dia e hora em que possamos procurar V. Ex.ª em sua casa para o referido fim. — De V. Ex.ª — Admirador am.º e c. = *A. Herculano.* — Travessa do Pombal, n.º 81.

*

Ill.mos srs. e amigos. — Apresso-me a responder á lisonjeira carta de v. v. sr.as, que só hontem á tarde recebi, sobre o negocio da subvenção do Theatro. Dir-lhes-hei candidamente não só o voto que vou dar ao govêrno, mas os meus mais intimos pensamen-

tos (que ao govêrno não digo) n'este objecto. Sei e avalío os nobres motivos que lhes fazem tomar tanto intêresse na questão, e espero que reconheçam egualmente e apreciem os meus... Como poeta honro-me muito de estar ao pé de v. v s.as, de chamar minha causa á sua causa. Mas v. v. s.as considerarão que este pobre encargo de Inspector me faz quebrar nos brios de poeta, e me fórça a descer a questões materiaes que nos repugnam.

A execução d'esta parte da lei do orçamento sempre me pareceu coisa simples em si mesma, se a podessem despir de considerações pessoaes. Mas estas tambem não são desattendiveis, e por querer considerar tudo, confesso-lhes que tenho (quasi?) endoudecido. Por vezes já estive para dar a demissão d'este logar (a que não me peja de dizer que tenho apêgo) só por não ter de dar voto em tal materia.

A intenção com que se pediu e obteve o subsidio foi a de se formar em Lisboa um Theatro normal, e por consequencia unico. O subsidio já é pequeno, dividil-o é annullál-o.

Aqui estão por um lado razões fortes. Por outro, adjudicar a pensão de um aos dois theatros existentes, tambem não tem inconvenientes menores. Se se dá á empreza mais prosperada, fica peor a condição das que já eram desvalidas. Se aos mais necessitados se dá, póde allegar-se que se fez questão de beneficencia do que só era questão de conveniencia pública, e que o subsidio que devia ser premio pelo já feito, e estimulo para o que se havia de fazer, não servia senão para equilibrar mediocridades e continuál-as.

Ora convenham que ainda é preciso muito favor para classificar em mediocridades os nossos dois theatros actuaes.

A estas considerações intrinsecas juntam-se, no meu ânimo, a de vêr, pelo lado menos avantajado em outros respeitos, pesar o nome de v. s.as, que do outro não ha ninguem! Esta consideração, por minha fé lh'o assevero, não m'a veiu suscitar a sua carta, que a tinha ha muito. Nem cuidem que por falsa modestia me tiro do numero dos que, bem ou mal, podemos rabiscar para o theatro; na rua dos Condes tenho um drama a ensaiar; estou acabando outro que espero me acceitem no Salitre. Mas isto foi esforço, que nem a saude nem o tempo me deixarão repetir tão cedo. Do outro lado não ha ninguem, bem o sabem, que escreva, e ha quem represente melhor.

Que se ha de fazer? Ora o subsidio não póde dar-se sem condições estipuladas e seguras por fiança. Se o contracto se celebra com um theatro, excluindo o outro, faz-se injuria. Se com os dois simultaneamente, o que se hade por tam pouco estipular a favor do outro? Não vejo, feitas estas considerações todas, outro meio justo, decoroso e util, senão pôr a empreza a concurso. Quem mais dramas normaes prometter, melhor moral, mais exacção nos *costumes*, mais verdades nas scenas e decorações, mais segurar o *progressivo* augmento de melhores actores (progressivo, porque menos se póde exigir nos primeiros mezes, e mais se deve ir exigindo para os outros), esse obtenha o subsidio.

Esta é a minha opinião. Se o governo a adoptar, ha de tratar de ser imparcial com as pessoas, exigente nas coisas. Se quizer dar a alguem (não á arte) o subsidio que é só para ella, que o faça por si, que eu não sei fazer d'essas coisas, será sob sua unica responsabilidade. Creio que v. v. s.as ficarão satisfeitos com o meu voto, mas em todo o caso acreditem que desejei tanto acertar que mereço desculpa se o não consegui, e especialmente d'aquelles por quem tenho a consideração e estima com que sou — De v. v. s.as — Amigo e admirador = *J. B. d'Almeida Garrett.* [1]

[1] Garrett recebeu a seguinte resposta:

Ill.mo e ex.mo sr. — Agradecendo a V. Ex.a a franqueza com que nos communica não só a opinião que entende dever dar ao governo sobre o negocio do theatro, mas tambem o seu intimo sentir ácerca d'este objecto, julgâmos da nossa obrigação sermos pelo mesmo modo sinceros. Entendemos que para que os soccorros pecuniarios dados ao Theatro sejam verdadeiramente uteis aos progressos dramaticos, o projecto de V. Ex.a é a ponto. Estipulem-se condições para o futuro, que sem isso nada se fará; todas as de que V. Ex.a se lembra, e, porventura, outra mais. Se o director do Salitre recusasse acceitál-as, nós seriamos os primeiros a entregal-o ao seu peccado, porque o nosso interêsse não é por individuos tanto como pela arte.

Porém diremos sinceramente a V. Ex.a que nos parece ser a questão presente alheia a tudo isso. A somma que se votou para o Theatro portuguez foi para o anno economico de 1837 a 1838, e esta somma é d'elle, é um meio da sua existencia passada, porque está vencida, vencida sem condições, e que por consequencia sem condições lhe deve ser paga. Ponham-se estas para o novo subsidio, que por certo as futuras côrtes não negarão ao Theatro: o que está vencido servirá para se habilitarem os directores dos dois theatros portuguezes para as acceitarem.

Admittâmos, caso negado, que cumpria agora haver um concurso para o governo pagar este dinheiro a seus donos; seria exequivel esse concurso? A carta de V. Ex.a e a nossa propria convicção nos diz que não. Nenhum dos dois directores póde satisfazer as condições principaes e necessarias, nenhuma das companhias é completa; para os caracteres comicos incontestavelmente tem o Salitre melhores actores, para os caracteres medios e tragicos tel-os-ha melhor a rua dos Condes: ó Salitre poderá vir a ter mais abundancia de dramas originaes, a rua dos Condes talvez mais apropriado vestuario e melhor scenario. De que lado estará a vantagem? Não o de-

R. de S. Francisco n.º 40. — 14 de julho.

Meu am.º — Anda o *Recta pronuncia* em arranjos com o C. do Farrobo, futuro emprezario do Theatro portuguez, em arranjos ou negociações sobre seis peças originaes, pelas quaes eu estipularia com elle um tanto por *levantar panno*, um tanto por cada récita, segundo o numero dos actos, etc., etc.

N'esta conta das seis tomará V. S.ª as que podér fornecer, que eu de certo não poderia todas, nem que podesse queria, já que juntos falámos primeiramente ambos como amigos n'este negocio.

Escreva sobre isto, ou falemos quando podér. A dúvida maior é que eu não quero por nenhum interêsse prejudicar aos premios do Conservatorio; e o C. receia ficar com dois encargos. Veremos. Tambem tenho escrupulo pela occasião, pois que se trata nas côrtes de uma votação *tabaquica*. E se ou elle ou eu ou alguem podér suppor que n'este arranjo comprometto o meu voto, nada faço, porque antes de tudo, cara limpa. Adeus, quiz lhe dizer tudo isto, para que saiba que estaremos sempre de accordo. Aos amigos Castilhos, diga d'isto o que entender que deve dizer. Não sei porque não me sinto confiança bastante com elles para falar n'estes azeites e vinagres.

Creia que devéras sou e do c.—Am.º certo =*J. B de Almeida Garrett.*

cidiremos nós, mas o que é indubitavel é que nenhum d'elles poderá preencher sequer as condições capitaes. Com o tempo talvez ambos as possam acceitar e cumprir, mas já é impossivel.

V. Ex.ª convirá talvez comnosco em que d'este concurso inesperado póde vir em vez da salvação, a morte do Theatro portuguez. Suppunhamos que um dos directores é de boa fé, e outro de má. O que fôr de boa fé não se apresentará no concurso, porque sabe que não póde cumprir de salto as condições: dá-se tudo ao outro, e elle fecha o theatro: o outro não cumpre porque não póde, persegue-se necessariamente, porque os contrarios estão a la-mira, e bradarão alto, se não se fizer justiça. O que se segue d'ahi? É que este theatro cahirá tambem, e ficaremos sem nenhum

Se agora a cada um dos directores se entregar o que é seu. d'aqui a quatro ou seis mezes em que se tenha votado novo subsidio, poderão ambos preparar-se para o concurso; se algum o não fizer conte V. Ex.ª que a nossa debil voz se levantará contra elle. Quanto ao governo esteja V. Ex.ª descansado. Se o ministro fôr injusto, lá está a imprensa, não só a dos jornaes que põem em faces humanas ferretes de vinte e quatro horas; mas tambem a que serve para mais duradoura escriptura. Para matar um coelho ainda nós temos força: salvo se lhe não atinarmos com a cabeça, que é onde bate a difficuldade.

Emfim, esperamos que V. Ex.ª antes de se decidir, considere a questão a esta luz, e deixe por falso propheta ao mr. Doux, que publicamente se gaba de que a prestação será para elle, e só para elle. — De V. Ex.ª — Att.os Ven.os e C. = *A. F. de Castilho — A Herculano.*

A FERNANDES COELHO

Ill.mo e ex.mo sr. — A perda recente de dois parentes muito proximos tem feito tal impressão sobre minha já debilitada saude, sinto-me tam exhausto de corpo e de espirito que nada posso fazer.

A morte sobre tudo de meu irmão que ha quatro dias me expirou nos braços — accelerada certamente pelo abandono e injusto tratamento que recebeu do governo e de quem erradamente suppunha merecer alguma coisa por si e por mim — impõe-me novos cuidados e obrigações de familia.

Ha muito, e antes ainda de ser visitado por estas crueis provas, me sentia eu já tam doente que pedi, como unica recompensa de dezesseis annos de serviços extraordinarios, o ser aposentado como a sua magestade aprouvesse. Fui tratado como meu pobre irmão, nem posso ter outro prospecto de futuro senão o d'elle — vêr-me por fim abandonado e lançado á margem. — A pouca força que me resta preciso pois applicál-a toda a cuidar de minha familia a quem me devo primeiro que a ninguem.

Juntam-se a estas considerações outras de não menos pezo. Não sou deputado; nem proposto fui pelos meus amigos politicos, ou que deviam sêl-o, em nenhum circulo do reino, excepto em Lisboa onde a minha adhesão ao governo me fazia obnoxio a ambos os partidos contendores. Tambem mencionarei de passagem que fui riscado, por acto arbitrario e acintoso do governo, da lista senatoria, manifestamente contra lei, emquanto n'ella foram incluidos meros commissarios do governo, de uma categoria transitoria como a sua commissão.

Doente portanto, não podendo defender minhas opiniões na camara, calumniado por servidor do governo com quem não tenho a minima relação ou vinculo, além dos de amisade pessoal e consideração com os srs. ministros, não posso senão prejudicar ao estado e a mim conservando-me na commissão administrativa de que sua magestade se dignou nomear-me vogal por decreto de 3 de agosto ultimo, e rogo a v. ex.ª queira pôr aos pés de sua dita magestade a minha súpplica para haver de ser exonerado da referida commissão.

Deus guarde a v. ex.ª Lisbaa em (13?) de novembro de 1838. — Ill.mo e ex.mo sr. ministro e secretario d'estado dos negocios do reino.

*

Programma do Curso de Leituras Publicas

Ill.mo e ex.mo sr. — Tenho a honra de enviar a v. ex.ª, para que se digne levál-a á

presença de sua magestade, a conta junta na qual, em observancia do decreto de 22 de março do anno corrente, submetto á mesma augusta senhora o Programma de meus trabalhos, como chronista mór do reino, para o anno proximo futuro de 1840.

Rogo a v. ex.ª que se sirva expedir as suas ordens ás estações competentes, na conformidade do artigo 6.° do citado decreto, para que, aproveitando o tempo, que já não é sobejo, eu possa prevenir e preparar tudo o que me é necessario para cumprir a minha obrigação.

Tambem rogo a v. ex.ª, que me auctorise a mim (ordenando ao mesmo tempo a quem compete) a escolher no deposito geral das livrarias, livros de que preciso, e que possa ter commigo, dando recibo em fórma, para obrigação minha, e descargo de quem m'os entregar.

Deus guarde, etc. - Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. ministro e secretario d'estado dos negocios do reino.=*J. B. de Almeida Garrett.*

Conta, ou representação

Senhora. — Cumprindo com o que determina o real decreto de 22 de março do corrente anno, e querendo desempenhar as obrigações do tam honroso quanto pesado cargo para que vossa magestade foi servida nomear-me; na conformidade do artigo 2.° do mesmo decreto, submetto á régia approvação de vossa magestade o Programma de meus trabalhos para o anno futuro de 1840.

Vae escrupulosamente organisado segundo a letra do § unico do citado artigo 2.°, e do artigo 3.° do referido decreto.

Deus Nosso Senhor prospere e dilate os preciosos dias de vossa magestade os muitos annos que todos os portuguezes havemos mister. Em Lisboa aos dez dias do mez de dezembro de 1839. — O chronista mór do reino. =*J. B. de Almeida Garrett.*

Programma do Curso de leituras públicas, que, em desempenho das obrigações de seu cargo, ha de fazer no anno de 1840 o Chronista-mor do reino

O objecto do curso d'este anno será a Historia politica, litteraria, e scientifica de Portugal no seculo XVI.

O curso constará de uma série unica de leituras no termo que comprehende os mezes de abril, maio e junho.

As leituras serão treze, a saber:

Quatro leituras no mez de abril; sendo a I no dia 4; a II no dia 11; a III no dia 18; a IV no dia 25;

Cinco leituras no mez de maio; sendo a V no dia 5 do mez; a VI no dia 9; a VII no dia 16; a VIII no dia 23; a IX no dia 30;

Quatro leituras no mez de junho: sendo a X no dia 6 do mez; a XI no dia 13; a XII no dia 20; a XIII no dia 27.

Nos dias marcados começará a leitura ás oito horas da noite.=O Chronista mór do reino.—*J. B. de Almeida Garrett.*

*

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.—Tenho começado a cumprir as minhas obrigações de Chronista mór do reino. Mais de quinhentas pessoas de todas as classes estão matriculadas, e seguem o meu curso de Historia. Devo crêr que o applauso, e concorrencia pública testemunham de que o faço com algum proveito.

Nenhuma remuneração, nem a mais leve recebo; e nem sequer foi ainda declarada a categoria, ou graduação honorifica d'este meu logar, que já que não tem proveito, parece que devia merecer alguma honra ao governo de sua magestade.

Se me engano, e não mereço com effeito, essa nem outra alguma consideração, rogo muito encarecidamente a v. ex.ª que pelo menos se digne declarar-m'o, pois tira-me da posse que eu não viva no engano de falsas esperanças, que é melhor não conceber do que vêr illudidas, como já estou em posse de me succeder.

Deus Guarde, etc. (abril de 1840.)

A RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

Meu Rodrigo—Quando ha um anno, parte por minha, parte por tua lembrança te encarregaste de propor a sua magestade que se dignasse honrar este meu officio de Chronista mór do reino, declarando-o tambem officio de sua casa, sabes muito bem que não foi nem vaidade nem presumpção de *parvenu* que me suscitou e animou a tal pretensão. Uma intriga injusta e calumniosa que não motivou o mais leve dito ou facto meu, me tinha pintado como desmerecedor da estima e incurso no desagrado de sua magestade el-rei e de sua augusta familia, e por consequencia no da minha augusta soberana, a quem sirvo com tanto zêlo e dedicação ha mais de vinte annos, quasi desde que me entendo. Sua magestade tinha-se dignado asseverar-me por vezes que eu não estava incurso em tal desagrado; e aquella mercê que se pedia não era senão como testemunho público e authentico d'esta benigna asserção particular. Com elle contava eu responder triumphante a tantos inímigos que tenho não sei porquê, porque sabes que tenho feito

muito bem a muita gente e nenhum mal a ninguem.

A RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER

Confidencial. — Meu caro sr. Felner. — Têem-se queixado alguns escrupulosos de que nós não graduamos de nenhum modo no Conservatorio o nosso estylo de tratamentos, etc. — Para que nos não critiquem, fiz estas regrinhas que são o menos *disparatadas* que me parece se podem fazer em tão *vaga e nulla* materia e a que julgo conveniente que nos accommodemos. — De v.ª sr.ª am.º e v.ºr=*J. B. de Almeida Garrett.*

Algumas regras accommodadas á actual posição das coisas para dirigirem o modo dos tratamentos na correspondencia. 1.º A's pessoas que têem ex.ª *de jure*, como ministros d'estado, conselheiros d'estado, grandes do reino, presidentes das Relações, membros do Supremo tribunal, etc., etc. — Ill.mo e Ex.mo Sr. no alto da pagina — Ex.ª no decurso do officio — e no visto Ill.mo e ex.mo Sr. N. pegando o visto com a ultima linha do officio. 2.º A's pessoas a quem por cumprimento e cortezia se dá o tratamento de ex.ª, como administradores geraes ou que o foram e alguns outros, filhos dos grandes do reino, titulos sem grandeza (barões, viscondes), etc. — Ex.mo Sr. no alto da pagina, Ex.ª no decurso do officio — e no visto Sr. N. — e o visto a bons dois dedos de distancia da ultima linha do officio. 3.º A's pessoas que têem s.ª *de jure* como conselheiros (que por outra rasão não tenham ex.ª), aos que (sem a terem) se lhes deu sempre, como officiaes maiores das repartições centraes, como secretarios d'estado, thesouro, directores da alfandega, commendadores, juizes das Relações, moços fidalgos e cavalleiros fidalgos, etc. — Ill.mo Sr. no alto da pagina, — S.ª no decurso do officio — e no visto — Ill.mo Sr. N. ficando o visto a quatro dedos bons de distancia da ultima linha do officio. 4.º A's pessoas a quem por cumprimento se dá s.ª, como officiaes das secretarias d'estado, do thesouro, chefes de repartições secundarias, por exemplo alfandegas de sete casas ou similhantes, cavalleiros das Ordens, juizes menores, etc., etc. — Nada no alto da pagina — S.ª no decurso do officio — e no visto Sr. N. — O visto na extremidade da pagina, seja em que distancia fôr da ultima linha do officio. 5.º Aos que não é costume dar sr.ª nem ex.ª, como artistas, emprezarios de theatros (aliás não distinctos por outras graduações como sendo condecorados, ou musicos da camara, etc., etc.) — nada no alto da pagina, V. M.cê no decurso do officio e no visto como n.º 4.

*

17 de outubro. — Ill.mo e meu caro sr. Felner. — Sinto sinceramente o seu incommodo e apresso-me a dizer-lhe quanto fólgo que aproveite estes dois raros dias de feriado, que sinceramente lhe desejo acrescentados de muita saude, divertimento e fortuna. Pêza-me porém, não menos, não o ter visto ha tantos dias, nem vêr coisa nenhuma das nossas tarefas, seccantes é verdade — e se o saberei eu? — mas indispensaveis, já que mettemos hombros a esta cruz.

Se aquelle seu amigo que com tanta bondade quer estar *fingindo de official* da nossa secretaria póde fazêl-o agora, escreva-lhe duas palavras ou diga-lhe que ámanhã de manhã passe por aqui por esta sua casa, porque ha nicas urgentes e que se não podem demorar, e que até eu mesmo expedirei por minha mão em sabendo onde, como estão e a quem as hei de pedir.

Se assim podér ser, faça-me então favor de mandar pôr nos Caetanos todos os papeis, livros, assentos, quadernos de minutas que lá não estejam, porque em eu sabendo onde estão os papeis todos, estou resolvido a fazer por minha propria mão tudo o que fôr necessario para pôr a repartição em estado de a entregar, como — tambem por saude — preciso fazer quanto antes.

Se o dito sr. não podér ou não quizer, tambem lhe peço que me avise; mas nem por isso deixe de me dar v. s.ª as instrucções e documentos para trabalhar, que a outrem não posso pedir. Como chefe — ou o que quer que sou d'esta pequena commissão ou repartição ou que quer que elle é —, não espero de v. s.ª, e como homem e amigo sei que lhe não mereço que abandone um *encargo commum* para que veiu voluntario e gostoso, — sem me prevenir de nenhum modo com comprommettimento meu, e das coisas, e causando me dissabores que seriam injustificaveis e improprios de v. s.ª

Digo isto, pela amisade com que me tem obsequiado, e porque sinceramente trato sempre, e desconfio que v. s.ª me não paga actualmente no mesmo preço. Se me engano, estimarei muito; mas estimo sobretudo que reflicta que estas coisas de inspector e secretario as tomei sempre como uma *sociedade* de zêlo e empenho commum, e que portanto deve fazer ponto de honra não se dissolver por *desamparação in salutate*, mas com todas as fórmas e lealdade até ao fim (a ser força que o tenha) com que se começa, e sei por mim que sempre continuam; confio que de v. s.ª o mesmo é, porque devo

confiar nas provas dadas de estima e consideração com que tenho sido sempre—De v. s.ª amigo v.or e cr.º=*J. B. d'Almeida Garrett.*

*

26 de novembro.—Não sei, meu rico sr. Felner, que me tenha visto, ou sonhado que viu, fazer alguma cousa *desleal*. Só n'esse caso teria logar a lembrança que me faz no seu bilhete de hontem.

E comtudo não me offendo da dita sua carta, como era natural. Quando quizer saber mais, fale, porque eu é que não posso escrever mais.—De v. s.ª cr.º e am.º obr.º—*J. B. d'Almeida Garrett.*

P. S. Tomára eu que me mandasse aquelle *Angelo*, que tanta falta me faz.

*

Lisboa, 5 de agosto, de 1840.

Estou envergonhado com a sua carta de 22 de junho d'esto anno que aqui tenho defronte de mim a accusar-me de remisso ou descuidado que não sou, mas que devo parecer. Ainda hoje, por dar satisfação de mim, preciso de me valer de mão alheia: tal é o pêso de trabalhos que, sobre muito má saude me tem opprimido.

Fique certo de que tenho tomado todo o interesse no seu negocio, e estimei que os resultados correspondessem aos bons desejos de que me sinto animado a seu respeito.

Até aqui as semsaborias do meu escrevente. Agora a segurança real e sincera de que sou sempre o seu—am.º velho e certo.=*J. B. d'Almeida Garrett.*

A RODRIGUES ABREU

Meu amigo.—Agradeço a lembrança e cuidados de sua carta de 7 do corrente.—Tenho estado bem doente, mas estou melhor de saude, assim o estivesse de trabalho e cuidados.—Falei ao Rodrigo no seu negocio e estou que lhe fará o que deseja.

Commigo e com tudo quanto eu possa conte sempre o meu Rodrigues de quem sou sempre o—am.º velho do C.= *J. Baptista.*

A ANTONIO MARIA DE SOUSA LOBO

Lisboa, 12 de novembro de 1841.

Ill.mo sr. e amigo.—Agradeço-lhe muito a lembrança de me querer dedicar o seu *Emparedado*. Mas veja o que faz, que não fade mal a creança dar-lhe tão máo padrinho. Não que lh'o não mereça eu; porque tenho muito amor ao rapaz. E' a idéa mais tragica, mais dramatica de quantas ahi têem vindo á scena. Bem se lembrará que sempre lh'o disse, e a inveja que lhe tinha. Quem é capaz de ter d'essas idéas, tem o *Drama* na cabeça, tem a poesia da scena no engenho. E isto é o que se não dá nem aprende: as fórmas sim, e as fórmas conhece v. s.ª melhor que ninguem, que só o uso do theatro, e tambem o uso do mundo, o estudo do homem e da sociedade as póde aperfeiçoar. Vive o theatro a maior parte da sua vida d'ellas; mas pouco aproveitam a quem não tem aquell'outro cabedal.

Tomára eu já vêr as irmãs do *Emparedado*; porque sei que o sangue é o mesmo, e que o molde saiu mais perfeito.

Trabalhe, ande; que deve, porque póde. Eu tenho fé no theatro—no Theatro verdadeiramente nacional, para a civilisação d'esta nossa terra.

Muitas vezes tenho pensado e creio, que os *Lusiadas* têem sido melhor cidadella para defender a independencia d'este nosso reininho, do que o forte da Graça, e a torre de S. Julião. Pois para o illustrar hão de fazer tambem mais os dramas nacionaes, que lhe falem do que foi—que o corrijam do que é—que lhe apontem o que póde ser, do que as pregações dos nossos jornaes—ou os nossos palratorios, e *legislatorios* de S. Bento

Andemos com a missão por diante, que é nobre e generosa, e deixemos dar vaias aos tolos, ou mofar os *supercilosos* patetas, que realmente cuidam que são alguma coisa porque os vomitou a baleia da urna n'esta nossa Ninive peccadora, onde nenhuma *conversão* fazem—só se fôr de fundos para maior gloria de suas illustres algibeiras. Acabo aqui porque se acabou o papel; que eu estava com *corda* para dar muita hora

Das que chamam successivas

diz o nosso Sá de Miranda.

Tenha saude e trabalhe, que lh'o desejo e peço eu, que sou de v. s.ª amigo criado=*J. B. d'Almeida Garrett.*

A ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO

Ill.mo sr.—Posso finalmente responder com mais algum assento á carta de 2 do passado com que me honrou a mesa da Sociedade de Sciencias medicas, de que v. s.ª é digno presidente.

A questão de qual seja o mais adequado methodo de reimprimir uma obra antiquissima parece-me dever decidir-se pelo exame das circumstancias da mesma obra. A de que se trata reune á importancia scientifica o in-

teresse litterario e historico: quero dizer, não é somente um tratado de sciencia, é tambem um monumento da historia da arte e da linguagem.

Entendo, portanto: 1.º, que toda a corrupção orthographica ou vicio de pontuação, que póde induzir erro na sciencia como ella era, deve ser corrigido; 2.º, que todos os erros manifestamente typographicos devem egualmente sêl-o, até por honra e credito do insigne auctor cujo nome e gloria com a nova edição vae illustrar-se: que a orthographia e termos antiquados devem religiosamente conservar-se, porque, alterados, tirariam á nova edição o caracter monumental da obra que tanto interesse lhe dá; mas que um glossario breve e simples, ou marginal ou no fim do livro, os deve interpretar e fazer intelligiveis ao commum dos leitores; 4.º, que a idéa de juntar ao texto notas historicas e scientificas enriquecerá muitissimo a edição, sobretudo se: compulsados os auctores da antiguidade cujos erros e falsas informações denunciou o nosso Dioscorides portuguez, se notarem assim os serviços feitos á sciencia; e se, quanto á historia e á philologia, similhantemente se fizerem observar e a differença ou identidade que nos pontos mais notaveis se encontra.

Seria talvez demasiado, por augmentar trabalho, mas não inutil certamente, se notados levemente os progressos das duas sciencias principalmente interessadas n'esta obra, a Botanica propriamente dita e a Materia medica, o leitor comparando o ponto medio em que se acha o nosso auctor entre a sciencia antiga e a sciencia moderna podesse avaliar o que elle adiantou d'aquella e o que contribuiu para se chegar até est'outra.

A estas condições, para assim dizer, intellectuaes, julgo indispensavel accrescentar a material de um *fac-simile*, do rosto, e de uma até duas paginas do corpo da obra, que fielmente representem a primeira edição autographa. Esta illustração monumental que hoje se encontra em todas as reproducções, e obras d'esta ordem, augmentará de certo, o valor da edição e a fará procurar não só dos homens de sciencia e dos litteratos, mas tambem dos meros antiquarios.

Tal é a minha opinião ingenua sobre a maneira de se reimprimir este precioso documento portuguez, infelizmente mais avaliado até aqui dos estrangeiros do que dos nossos proprios, que o iam perdendo, como tantos outros de que apenas alguns conservâmos o nome, e bem poucos a saudade.

Além dos motivos que, segundo anteriormente expuz a v. s.ª, demoraram esta resposta, acresceu outro de maior importancia. Pareceu-me a mim que a Sociedade não levaria a mal que se diligenciasse o obter do governo os meios de se fazer esta edição sem novos sacrificios dos que já tantos fazem pela causa da sciencia e da illustração nacional. E hoje, legitimamente auctorisado, tenho o gosto de annunciar a v. s.ª que o governo de sua magestade está prompto a fazer imprimir á sua custa na imprensa nacional e com toda a nitidez os *Colloquios* do nosso *Garcia da Orta*, fazendo-se a impressão debaixo da direcção da Sociedade e de pessoa ou pessoas que ella para isso designar; entregando-se depois os exemplares á mesma Sociedade e não reservando o governo para si senão o numero que, rasoavelmente e por anterior concordata, se julgar necessario para satisfazer alguma parte das despezas, e para se distribuirem pelas bibliothecas e estabelecimentos publicos do reino. [1]

Se a Sociedade convier n'este arranjo, que promovi com todo o afinco, pelo julgar proveitoso e digno, desde já me offereço com toda a vontade para ajudar com o meu pouco, e na parte que sei e posso, o trabalho litterario que precisa fazer-se, e ainda o proprio da revisão das provas, que tão importante e difficil é.

Queira V. S.ª apresentar á Sociedade esta minha exposição, e transmittir-me quanto antes a resolução que se tomar. Em todo o caso espero que acredite no zêlo e boa vontade com que desejo servil-a e mostrar que sou de todos e especialmente — De V. S.ª — Ill.mo sr. dr. Antonio José de Lima Leitão, presidente da Sociedade de Sciencias medicas de Lisboa, etc., etc., etc. — Casa, em 5 de abril de 1841.

CARTA SOBRE UMA PENDENCIA

Ill.mo sr. redactor do *Diario do Governo* — O modo por que no *Diario* e nos outros jornaes, foi extractado o meu discurso de sexta-feira sobre a prisão de dois senhores deputados, induz em confusão e erro; e desejo muito rectificál-o porque parece que eu quiz fazer grave censura e accusação a um dos mais distinctos officiaes do nosso exercito, que por nenhum modo a merece. Eu não sei, nunca sube facto algum praticado pela guarda municipal de Lisboa que mereça censura, e que portanto do minimo modo reverta em desabono do seu bravo e nobre commandan-

[1] Não se realisou este projecto da edição dos *Colloquios dos Simples*, levado a effeito passado mais de cincoenta annos pelo conde de Ficalho. (*Da revisão*).

te: o actual caso da prisão de dois deputados não póde ser caracterisado ainda emquanto as circumstancias d'elle não forem averiguadas.

Eu disse e repito, que via com magua e indignação que por todos os modos se procurava inspirar aos soldados um espirito de arrogancia, uma idéa de auctoridade que eram verdadeiras sementes de despotismo. Disse e repito, que eu proprio fôra testemunha de factos que indicavam esta funesta e terrivel propensão. Os factos que citei são succedidos, um na quarta, outro na quinta feira da semana passada. Na procissão dos Martyres vi dar uma coronhada de arma em um pobre velho; e na do Corpo de Deus vi á esquina da rua da Magdalena para a dos Fanqueiros atirar uma bayonetada a outro homem desarmado, a qual ia dando em uma creança de 4 a 5 annos que estava ao collo de um homem.

Nenhum d'estes atrozes modos de manter a tranquillidade e a ordem foi praticado pela guarda municipal. Se eu soubesse o contrário havia de dizel-o: mas havia-me de custar muito sempre de dizer a minima coisa de que resultasse censura a um amigo. E eu preso-me de estimar como tal ao digno commandante da guarda municipal, fidalgo que junta ás suas outras qualidades a de uma exemplar moderação no desempenho da sua difficil auctoridade, e a quem eu, de mais a mais, sou ha muitos annos obrigado por muitas provas de estima e consideração.

Resta-me declarar, para que se não tirem d'estas palavras de justiça e de amisade as illações maliciosas do costume, que me não foram de nenhum modo pedidas estas explicações; mas que sou eu, que em justiça e lealdade, e em dever para commigo mesmo, o que as deseja dar.—Saiba que eu sou, etc—*J. B. de Almeida Garrett.*

*

Ill.^mo^ sr. redactor do *Diario do Governo.* —Rogo a v. s.ª o favor de inserir estas linhas na sua folha de ámanhã, lembrando-lhe que n'estes tres dias não haverá outra folha pública em Lisboa, e que, a não serem ámanhã insertas, eu seria condemnado, por todo esse tempo, a um silencio que não quero nem devo guardar sobre a carta inserta no seu numero de hoje, e assignada pelo sr. Joaquim Bento Pereira. — Se tanto é preciso, requeiro-o em nome da lei.

Eu dei explicação das minhas palavras a uma pessoa de quem sou amigo — principalmente porque me *não foi exigida.* Se o fôra não a dava.

O que na referida carta se diz e o que se quer dar a entender, n'este ponto e nos outros todos, *é falso.*

Mas *é falsissimo* sobretudo que um homem de bem *não saiba* ou *não queira* dar *satisfação* de outra natureza.

Eu sei o que basta, quero sendo preciso, e estou prompto a dar satisfação de qualquer natureza que se me peça, e que se julgue dever eu dar.

Sou deveras, etc. —*J. B. de Almeida Garrett.*

Quinta-feira de manhã, 22 de junho de 1843.

A D. JERONYMA DEVILLE

Minha senhora. —Ainda que a afflija a leitura d'esta carta, entendo comtudo lh'a devo escrever. Acabo n'este momento de fazer as ultimas honras funebres aos restos mortaes da minha Adelaide. Foram trasladados com toda a solemnidade, do cemiterio dos Prazeres para o de S. João, aonde com elles e meus dois filhos que juntos lá estavam, ficaram collocados em um monumento de marmore, á esquerda da porta principal, entrando. Lá ficou tambem logar para mim.

E espero e desejo que minha filha saiba, se eu não viver até lh'o poder dizer, que a minha vontade inalteravel e o meu ardente desejo é que as minhas cinzas alli sejam postas ao pé das de meus filhos e da minha Adelaide.

A 26 do mez que vem se ha de dizer na capella do cemiterio uma missa resada a que iremos assistir minha filha e eu. E se algum outro parente dos defuntos que alli estão quizer tambem assistir, nos dará muita consolação.

Sabe, minha senhora, quanto devéras eu sou—at.º e v.^or^ obgd.º=*Almeida Garrett.*— 2 de junho de 1843.

A PEDRO ANTONIO BORGES

Sabbado, 22 de fevereiro (1845).

Ill.^mo^ sr. Borges. —Appresso-me a responder á sua carta que agora me chega; e não é por me desculpar, é para me queixar (para o accusar gravemente do que não esperava do seu juizo) de uma irreflexão e precipitação que não devia ter; e que não convinha a um negocio que, de ligeiro que era á nascença, se tornou serio e importante.—Todavia agradeço-lhe que me dissesse a mim directamente o que na nossa santa e intriguenta terra se costuma dizer por detraz. E este proceder franco seu é que mais me obriga a responder-lhe, e a falar-lhe, como eu costumo sempre e em tudo, rasgada e claramen-

te.—Não é pois o queixar-se e repetir-me um dito que lhe deram por meu, é acreditál-o logo sem mais exame nem reflexão, o de que me eu queixo e de que o accuso — o que devéras e altamente me offendeu.

Se o sr. Borges, vizinho, comparochiano, e consocio na mesma causa politica me tivesse dito, por palavra ou por escripto: *Repetiram-me estas palavras suas: são ellas assim?* Em vez de me offender d'isso, não tinha senão a louvar a sua franqueza. Mas não fez isso: deu por exacto o *dicterio*, e discorreu sobre elle com a mais clamante injustiça.—E aqui está a offensa.

Pois o facto é assim. Veiu uma carta sua; estava eu ainda na cama escrevendo, porque ando doente. É-me muito conhecido o seu appellido *Borges*, mas não todo o nome. Não percebi de quem era a carta. Não quero porém ser descortez com ninguem, e mandei entrar o portador. Conheci então de quem era a carta. Mas primeiro nunca fiz nem sei fazer versos em francez; segundo nunca fiz versos na minha vida em *lingua nenhuma*, versos em louvor de *damas* ou de *heroes* nenhuns, para lisonjear ou engrandecer ninguem. As minhas escrevinhaduras em prosa e verso, por meus peccados, estão impressas. Em me citando uma só coisa que seja feita n'este genero, dar-me-hei por convencido de tudo o que quizerem. Algum amigo muito intimo e familiar, algum namorico de rapaz, e as grandes acções ou grandes meritos é que só me fizeram fazer versos. Veja se eu dediquei nunca sequer cousa minha a algum grande senhor. Para se imprimir então e dar em theatro, a artista, por mais distincto que fosse, e por mais que me enthusiasmasse, nunca o fiz. Veja se descobre alguma coisa d'essas que eu fizesse, e então não me creia. — Fiz uma vez, quando era muito creança, uns versos a madame Catalani, em Londres, e outros outra vez ao pintor Sequeira em Paris, que nenhum d'elles viu nunca: e uns e outros versos eram mais sobre a causa pública da minha patria do que sobre os meritos artisticos d'elles. A meritos de gente viva não fiz nunca louvores porque ha perigo de lisonja, e eu tive sempre presumpção de que me não tratassem de *poeta*. Já hoje eu estou mais domesticado: mas d'antes desconfiava com quem m'o chamava, porque não queria que m'o applicassem no sentido vulgar. Ora pois, quem quer que tenha vivido commigo sabe isto que é pura verdade. E confesso-lhe, estranhei o seu pedido: estranhei-o, como tenho estranhado outros de pessoas que lhe não quero citar para que me não julgue basofio, mas que eu estranhei egualmente, e que *nunca satisfiz*. Não disse tudo isto ao seu emissario porque era uma historia muito comprida: não me pareceu preciso contal-a. Digo-lh'o agora para o convencer de injusto, porque o é e o foi para commigo.

Vamos á historia do camarote na rua dos Condes.—Falou-se em certa phrase no fim da dedicatoria do *Arco de Sant'Anna:* phrase que é um facto historico e que se refere a uma alta *personagem* na ordem do mundo. Vieram versos á Rossi, etc., etc. E eu disse (lembra-me bem) ***ha muito que me não perseguem por versos: já se desenganaram que eu não faço versos a ninguem. Mas hoje é*** (tão) ***notavel o interesse pela Rossi que até a mim me foram pedir versos em francez — e pessoa com quem nenhuma intimidade tenho.*** Quizeram todos os ouvintes saber quem era; e eu ***não o disse.*** Se alguem disser o contrario, mais ou menos do que isto, MENTE como um ***villão ruim*** que é, e sou eu que o digo e mantenho.

Ora já vê que não ha offensa nenhuma ao sr. Borges no que eu disse; e muito grande a mim em me attribuir, e suppôr capaz de dizer, o que acreditou.

Conheço-o por um homem honrado e zeloso na causa pública, estimo-o por isso. Creio que ninguem póde duvidar de que não *cortejo* alturas sociaes, e aprecio só os *valores* sociaes. Mas não tenho tido relações intimas com v. s.ª e d'isto só falei. — Ainda mais uma palavra sobre os versos da Rossi. — Póde-se falar, n'esses versos, alludir ao menos á sua acção generosa a respeito dos emigrados? Se me diz que póde, ***faço-os eu***, não quero que os faça mais ninguem senão eu. No baile dos emigrados (se se dér) querem dar-lhe versos em que se fale na sua acção bonita de os ajudar? ***tambem os faço eu.*** — Versos só á cantora Rossi, pelo seu talento (aliás que eu admiro), não os faço, *estou doente.* —Está claro agora o negocio e a questão? — Para este ultimo caso e modo, é o sr. Borges mais ***que intimo*** commigo, não só para m'os pedir, até para os ***exigir*** de mim. Exige com direito e rasão. — Creio que entenderá agora depois d'esta explicação, e que ha de reconhecer que foi precipitado e injusto.

Conclúo esta carta, já tam longa que me faz pejo ser tam seccante—com duas coisas: 1.ª, que tenho muita pena das expressões ultimas da sua carta de hoje, porque não cuide que *são ellas* que me fazem escrever-lh'a. Não me conhece, não tem tido commigo intimidade bastante, aliás saberia que não faço côrte, *nunca* fiz a nenhum poder, seja qual fôr; 2.ª, que lhe peço para fazer eu os versos á Rossi, quando *se lhe podérem* fazer como eu sómente os sei fazer.

Eu desprézo e detesto, mais talvez que

nenhuma coisa, intrigas. Desfaço-as e gósto de as desfazer com a verdade. Estimo que me désse occasião de desfazer esta.

Conheça que se deixou levar de dicterios; não faça nunca tal, nem commigo, nem com ninguem. Agora mais que nunca assim é preciso. E creia que não ha *nenhum* motivo, senão este, que me obrigasse a protestar-lhe que realmente sou, porque aprecio as suas qualidades—De v. s.ª am.º e v.º c.do = *J. B. d'Almeida Garrett.*

AO DR. MONIZ BARRETO CORTE REAL

Lisboa, 7 de março de 1845.

Ill.mo sr. - Não tenho a satisfação de ser conhecido de v. s.ª, a quem só conheço de reputação, muito honrosa certamente e que me anima a escrever-lhe sobre um assumpto que estou certo lhe não póde ser indifferente, porque os bons portuguezes, seja qual fôr a diversidade de suas opiniões, todos têem pontos communs em que por força os accorda a santa religião da patria, que é de nós todos.

Um governo justo e economico, sem exclusivo de partidos, que entenda que Portugal não é dos cartistas nem dos setembristas, nem dos miguelistas, mas dos portuguezes todos, é inquestionavelmente o unico possivel hoje na nossa terra, que só podem desejar os homens de bem de qualquer partido. Este governo não é o que nós hoje temos no actual ministerio, nem o que sustentam as actuaes côrtes. Felizmente as boas e rectas doutrinas têem feito progresso, e as provincias do continente estão animadas do melhor espirito; as antigas discordias têem-se conciliado, as antigas injurias esquecido, e pela primeira vez estou persuadido a nação portugueza, não de facções, irá á urna. Apesar das fraudes do governo todas as probabilidades são que a opposição nacional ha de vencer em grandissima parte; e talvez muito provavelmente na nossa ilha Terceira se decida a final a grande questão, por que os seus tres deputados determinem a da maioria na futura camara.

Rogar pois a v. s.ª, não por mim, nem para mim, mas por nós e para nós, é o objecto da presente carta; rogar-lhe que empenhe a sua valiosa influencia, sua e dos seus, para que os manejos do ministerio não vençam nem illudam os povos, e que ahi triumphe a causa da opposição nacional.

Eu, certo, me lisonjeio sempre muito quando os patricios da minha patria adoptiva, onde me criei; e que amo tanto ou mais do que aquella em que nasci, onde tenho os ossos de meus paes, e os mais caros dos meus parentes, certo, digo, me lisonjeio sempre muito quando elles me confiam a sua procuração. Mas protesto-lhe que agora sobretudo nem esta nobre ambição me inspira se fôr preciso prescindir do meu nome e da minha candidatura para vencer, não me custa nada o sacrificio. O que desejo é que, em geral, se salve a nação do abysmo a que a levam, e quanto á nossa ilha que ella seja dignamente representada por quem a honre e defenda.

Perdôe-me importunál-o assim: o motivo desculpa-me. Eu quizera falar-lhe nas nossas letras em que v. s.ª é tam distincto e benemerito. Espero fazel-o com mais repouso. E peço que me creia agora—De v. s.ª am.º obrg.º=*J. B. d'Almeida Garrett.*

A JOSÉ MARIO ANTONIO NOGUEIRA

180, Alto do Salitre ao Rato, 10 de novembro.

Ill.mo sr.—Não me incommodou por nenhum modo a pergunta que v. s.ª fez favor de me fazer. A minha pena só é que me eu não possa occupar já com o mesmo gôsto, e vagar que d'antes, das boas letras a que ella se refere. Unico estudo que não cansa, e que faz bem ao coração, illustrando o espirito.

Respondo com toda a singeleza o que sei—isto é, o que sinto. Sá de Miranda acho-lhe outro gosto e sabôr da antiguidade, grande instrucção, philosophia sublime, outro conhecimento do mundo, das grandes relações das coisas, e dos homens, profundo sentir d'alma, elevação de pensamento, e uma rara doçura de melancolia. Horacio, se fôra portuguez e vivera no XVI seculo, não escrevêra melhor que elle as suas Cartas. E a fabula de Psychis, como a conta n'uma das Eglogas—não me lembra qual porque ha annos que não leio versos, é das mais lindas coisas que ha em lingua nenhuma.

Bocage é poeta de outro genero inteiramente. Sublime no enthusiasmo, felicissimo no rythmo e na ryma, não tem nem o saber nem a rasão poetica do outro. Sá de Miranda era poeta de meditação e que se recolhia á sua alma para *commungar* com as suas inspirações. Bocage trasbordava todo na immensa abundancia de seu estro. E' rio que se espraia, grande, tumultuoso, mas não profundo. Mais agua leva o outro mas com menos ruido.

Não digo senão o effeito que a mim me faz um e outro d'estes dois grandes poetas.

Póde ser que me eu engane. Só n'uma coisa sei que não — é em me parecer que não é possivel comparal-os bem, porque são genios e generos mui diversos.

Creio tambem que os habitos de cada um d'elles determinaram mais que tudo esta differença. Sá de Miranda viveu dissipadamente no mundo primeiro, e depois recolheu-se á solidão, já maduro na vida, para poetisar. Bocage balbuciou, como elle nos diz, desde a infancia os seus versos — e com as musas, no tumulto e frequencia das cidades, evaporou a sua existencia — *em lida insana* (palavras suas). — Não será facil caracterisal-os e avalial-os por isto?

Não posso mais, e sinto não poder, por que é sempre gôsto para mim falar d'isto. Peço que me creia de v., etc. = *J. B. de Almeida Garrett.*

A BARTHOLOMEU DOS MARTYRES DIAS E SOUSA

Setembro 25 (1851).

Ex.[mo] camarada e amigo. — O nome do meu afilhado, que pede licença para se vir curar ao continente, por não haver na ilha Graciosa medico nem botica!! — é Antonio Maria de Albuquerque Couto e Brito. — Peço-lhe que me mande a licença (o requerimento está na secretaria); eu respondo do emolumento.

Tambem me interésso pelo requerimento a que se refere o memorial junto, do bacharel Gallão. Peço-lhe que me diga sobre estes dois alguma coisa para eu dar conta de mim.

E por tudo quanto ha livre-me do N. (nuncio) e livre-me dos pretendentes soltando esse infeliz negocio da bulla. Concluido isto, eu estou na certa resolução de (me?) exonerar de um encargo que nem (dá?) honra, nem proveito.

No estado em que os meus predecessores deixaram as negociações, é difficil tirar honra de qualquer conclusão. E por outro lado vou-me desenganando de que o actual ministerio, como todos, em tudo cuida e cuidará muito bem, menos nos seus amigos.

Ad.[s], perdôe este desabafo de antigo camarada, e creia que sou - De v. ex.[a] — am.[o] velho e certo = *Almeida Garrett.*

*

Ex.[mo] amigo. — O portador é aquelle celebre padre Antonio que em certo dia de madrugada mandei com uma carta minha a sua casa para pedir a thesouraria da Encarnação. Ainda o thesoureiro defuncto estava *quente*, porque só havia horas que expirára. Mas o logar já estava dado ao nosso amigo Aguiar, que, como sabe, tem os seus espias á cabeceira dos agonisantes para poder pedir os logares que vagam ainda durante a agonia dos infelizes.

Agora, meu amigo, o padre Antonio, que é um homem capaz e tem meia Lisboa a pedir por elle, podia entrar para beneficiado da Sé, porque ha logar vago.

Accuda-lhe antes que o nosso amigo Aguiar se atravesse, porque aliás o padre Antonio morre com a véla do enterro na mão, e fica permanente esta conspiração de todos os que importunâmos os ministros e os officiaes maiores da justiça a exigir um pequeno beneficio para elle. — Veja na secretaria os documentos d'elle, que são excellentes. E faça isto agora, que obriga muita gente, e especialmente o que é — De v. ex.[a] — um collega obrg.[o] — 6 de novembro = *Almeida Garrett.*

AO REDACTOR DA «REVOLUÇÃO DE SEPTEMBRO»

Lisboa, 6 de julho de 1851.

Sr. redactor da *Revolução de Setembro.* — Não me foi possivel reclamar antes contra uma phrase que appareceu no seu jornal de sexta-feira, 4 do corrente; e que, não obstante ser por extremo absurda, é comtudo muito offensiva da minha honra.

Diz-se alli «que eu estava em uma liga *encoberta* que se *approximou* do ministerio decahido para o *trahir* e *minar*».

A liga que fez cair a ultima administração nunca foi encoberta: todos conhecem bem, um por um, os colligados. Se um só d'elles affirmar que eu concorri jámais ás suas conferencias, ou tomei a minima parte em suas deliberações, ou em seus actos, consinto em partilhar a immensa responsabilidade politica e moral que sobre elles peza.

Quando porém eu julgasse dever ou poder ligar-me a qualquer opposição que se fizesse ao ministerio passado, havia de fazel-o lealmente, generosa e francamente, como sempre fiz com amigos e inimigos, em todos os tempos e circumstancias.

Tinha e tenho as minhas opiniões, que podem ser mais ou menos favoraveis á politica da administração passada. Mas nunca era capaz de me approximar d'ella, como fiz, senão pelas sympathias politicas de amisade, e de reciproca benevolencia. Para a *minar* e a *trahir* não sei se alguem se approximou d'ella. Nunca tal fez, e sobejas provas tem dado, como amigo, e como contrário, de que não é capaz de tal fazer, quem é — De v. etc. = *J. B. d'Almeida Garrett.*

A BERNARDINO MARTINS DA SILVA

Amigo.—Preciso muito falar lhe sobre assumptos que o interessam em extremo. Quanto á minha questão peço, e conto ter, o seu auxilio. Aqui junto um paragrapho preparatorio que muito urge que appareça ámanhã no maior numero de jornaes possivel. Precisou para isso ser variado na fórma para não mostrar connivencia commigo [1].

Faça isso, que é nova e maior prova de amisade.

Quando falarmos lhe direi coisas que o hão de espantar sobre a vilania de certos caracteres que até se degradaram de *cavalheiros* e desceram abaixo do mais vil *galérien* do Banho!

Adeus, ámanhã vou a Lisboa ás tres para as quatro. Quando nos não vejamos de dia, á noite estarei no Rocio.

Não falte por alli.—Am.º certo.=*A. G.*

A MANUEL JOSÉ GONÇALVES

Segunda feira 11 de setembro (1854).

Meu amigo e sr.—Já que quer ter a bondade de me valer n'este fatal apêrto em que me vêjo, pondo alguma ordem n'esta minha mudança de casa, que tanto aggrava os meus padecimentos, faça a caridade completa e inteire-se de todo o gravissimo negocio que estupidamente emprehendi sem forças nem cabeça para o desempenhar; tanto que, se me não accudisse providencialmente o seu obsequio, entregava-me á sorte, e deixava tudo. Eis aqui o estado da questão.

Entremos pela dita casa de Santa Izabel, e pela sua porta principal:

1.º O vestibulo precisa de dois banquinhos ou duas cadeiras—que á vista designaremos. Segue-se uma porta na escada, que ha *seis mezes!* se anda fazendo, e como viu não está feita. Esta porta com dois batentes precisa uma ferragem especial para a porta poder girar. Ajustei a confecção e pintura da porta com o meu armador Gaspar, por 12$000 réis, tendo de levar em cima as iniciaes do meu nome, e o timbre de minhas armas (que eu forneço de fóra parte em metal doirado) a pintura mogno, dois oculos redondos no meio da porta (que eu tambem forneço).

Não a apromptando já Gaspar (ou o seu carpinteiro) temos de a mandar fazer a outro, e Gaspar que leve o que está principiado desde abril, e nunca acabado. O chão de pedra que fica entre a dita porta e a escada é pintado a branco, assim como o alizar, e precisam reparados. A escada pintada a mogno precisa verniz porque é a tempera, e o pintor roubou-me ao verniz. Faltam tres varões de metal para segurar o tapete da escada. O candieiro ou bico de gaz da escada não é do meu gôsto. Quem o collocou foi o Imberton, agente da companhia, e foi com a condição de se mudar se não agradasse. O dito Imberton deve mandar dois ou tres para se escolher, collocar-se o escolhido, e fazer-se de modo que não offenda o estuque. O patim da escada até cima onde chega a pintura, estuques, roda-pés, etc., tudo precisa reparo de pintor, verniz a escada, etc.

2.º Todas as portas do primeiro andar precisam reparo e trabalho de carpinteiro e de pintor. Verniz nas portas e janellas dos tres quartos da frente; a saber: saleta, livraria e sala.

3.º Casa de jantar está prompta, menos portas, janellas e duas boas mãos de verniz, que precisa o sobrado da dita sala, e o do corredor principal que a ella conduz. Cadeiras precisam polidas.

4.º A saleta ou sala de espera leva quatro cadeiras de marroquim que tambem precisam polidas. Tem obrigação o Gaspar de as polir. Leva mais duas bancas de jogo bonitas de mogno, como já tratámos. O tapete posto em termos (que não está) obrigação de Gaspar; e um transparente na janella, que escolheremos.

5.º Livraria — tapete posto em termos — como já dissemos. Relogio proprio—puchador de cordão que diga com as cortinas na campainha. As cortinas estão mal postas, como já observei; os transparentes brancos indignamente postos. Se Gaspar os não põe já em termos e repara o mal feito, mudaremos de armador. Ficam n'este quarto os trastes seguintes:

1.º A banca grande de escrever, que precisa um oleado (que escolheremos); 2.º, a cadeira *abbacial*, que precisa forrada de novo da mesma fazenda das cortinas; 3.º, de um môcho dito dito; 4.º, de uma banca subsidiaria mesmo estylo sebastianista; 5.º, duas cadeiras genovezas, que só precisam limpas.

[1] Eis o artigo a que se refere:

A demissão do sr. Garrett.—Fala-se muito de uma carta escripta pelo illustre ex-ministro, em que plena e triumphantemente se justifica das accusações que lhe foram feitas. Estas accusações, cuja origem foi toda ministerial, precisavam rebatidas, apesar da incredulidade que encontravam por exageradas, e de ser preciso, para as acceitar, o provar-se primeiro que endoudecera completamente o accusado.

Esperâmos ter brevemente uma cópia d'esta carta, que nos dizem dirigida ao sr presidente do conselho de ministros, outros ao sr. Jervis de Athouguia, outros ao ministro da França em Lisboa. Deve ser um documento importante para a historia contemporanea, e principalmente para a historia do ministerio.

Portas, alizares, guarda-pés e paredes, tudo precisa reparo de pintura.

6.º Meu quarto de cama. Tapete posto em termos, que não está (obrigação de Gaspar), papel chamado *perse*, escolhido egual a uma chita que ao mesmo tempo se deve comprar, tudo alegre. A chita é para coberta e armação (mui simples) da cama; e da mesma chita serão forradas duas cadeiras ou tres que destinaremos para serviço do quarto da cama.

A cama é *sebastianista*, e está a concertar em casa do meu amigo e vizinho marceneiro. Tem um colchão de molas que está a concertar em casa do meu colchoeiro ao Calhariz.

A janelllnha da frésta está mui mal feita, e precisa alterada como disse, antes de se pôr o papel. A porta falsa que vae ao retrete tambem precisa arranjada antes de receber o papel, como já dissemos. Os cordões das duas campainhas á direita e esquerda da cama, de côr que diga com a chita da armação da cama.

7.º Sala. Tapete bem posto; portas reparadas, alizares, rodapés, etc., etc. Cortinas brancas bordadas, com um *manteau* de damasco encarnado nas janellas (eu forneço o damasco, que tenho); papel novo que escolheremos; puchadores (ou não sei como se chamam) encarnados nas campainhas. Os trastes, que só á vista podemos designar e que ficam n'esta casa têm de ser reparados, e recobertos alguns, para dizerem com as cortinas. O interior do fogão da sala bronzeado do mesmo modo que está o exterior do fogão da livraria. Sobre a pedra do dito fogão um espelho doirado, cuja moldura deve dizer com as galerias das cortinas das janellas. A sala não leva passadeiras de Hollanda sobre o tapete. Portas, alizares e rodapés repassados de pintura.

Transparentes brancos nas janellas da sala.

Apontamentos geraes:

1.º Tenho varios espelhos que preciso trocar ou vender, os que não servem nas salas. 2.º Um d'elles ha-de ser collocado no primeiro patim, ou no alto do primeiro lanço da escada — que é moda agora. 3.º Ha varios trastes que não servem ou não cabem na casa e que havemos de trocar ou vender. 4.º Ha tres camas de ferro que preciso trocar por outras mais maneiras e simples. 5.º Estou cansado de aturar desde o mez de fevereiro as mangações do meu armador, o sr. Gaspar, que tudo tem feito indignamente; e depois de quatro, seis e sete mezes de espera, e além d'isso é careiro, e r... atrozmente. Mas ha um homem que eu conheço que põe papel, e estofa, e faz todo o serviço de armador, e que se accommoda em preços, o qual se chama *Militão José Ferreira*, e agora pôz loja na rua Nova da Trindade, n.º 24. Dou ordem a este para que se apresente a v. s.ª e, se elle effectivamente se accommodar, será bom aproveital-o. Mas prefiro qualquer que tenha a confiança de v. s.ª 6.º Os cartões para as estantes da livraria estão a fazer (e a concertar alguns) no encadernador da rua Larga de S. Roque, ao pé do segeiro.

Conclúo este longo e seccante cartapacio, declarando que, apesar de minucioso e seccante, estou certo que lhe ha-de faltar muita coisa, que só á vista e conversando se póde explicar. Egualmente desejo que saiba que de antemão approvo tudo o que resolver e determinar, e que todas as contas approvadas e rubricadas por v. s.ª serão promptamente satisfeitas.

Se alguma coisa, qualquer que seja, convier porém pagar logo de contado ou adeantar para qualquer despeza, lhe peço encarecidamente que m'o faça immediatamente saber para se apromptar o dinheiro necessario Receioso de que o não leve a bem, não mando já com esta algum dinheiro que possa ser preciso, na certeza de que não fará commigo ceremonia que lhe não mereço, porque me confesso — De v. s.ª — am.º muito obrigado = *Almeida Garrett*.

P. S. Escrevo n'esta data ao armador Gaspar e ao tal sr. Militão para os pôr de accordo.

*

Lembranças:

1 Relogio — aquelle que escolhemos ou outro que melhor lhe pareça, mas do mesmo genero, para se collocar entre as janellas da livraria, sobre o fogão. 2 Sophá actualmente coberto de chita, que deve ser coberto de seda (damasco?) carmezim egual á outra mobilia da sala. Escrevo sobre a seda ao sr. Pastor. 3 Roldanas novas de coiro para se pôrem nas cadeiras e sophá que actualmente as têm de ferro, e que cortam o tapete e estão muitas d'ellas quebradas e desarranjadas. 4 Filtro de marmore, que se deve mudar para o meio da parede que fica defronte da porta-janella do jardim, e ficar desembaraçada a passagem do corredor para a cozinha. 5 Cartões. — Hoje ficou o sr. Roboredo de ralhar com o livreiro e o fazer aviar a obra immediatamente. 6 Bancas de jogo. E' preciso trocar a banca desirmanada que existe por duas parelhas — que serão collocadas na saleta e com quatro cadeiras de marroquim fazem a unica mobilia da dita saleta. 7 Cama. Ainda me parece que o varão de ferro que deve descer do tecto a uma altura conveniente, é indispensavel pa-

ra não ficar desconformemente alta a armação, e não precisar dobrada fazenda. Mas esta opinião não é absoluta, e deve ser modificada pelas circumstancias. 8 Ganchos de metal no tecto da sala e da livraria que precisam ser limpos agora emquanto ha escadas e trabalhadores em casa: o que depois será de mais trabalho e perigo. 9 Quadro de madeira para a bôca do fogão da sala: o qual quadro hade ser coberto do modo que verbalmente expliquei. Parece-me que este quadro que deve ser ligeiro, porém seguro, deve ser encarregado ao meu vizinho marceneiro.

As ferragens dos cartões devem ser bronzeadas e não amarellas. As estantes maiores forradas do mesmo papel de raiz de que são os cartões das estantes menores. As estantes devem ser numeradas A, B, C, D. — A e B (as duas ao pé das janellas), litteratura, poesia e miscellanea. C e D (as duas ao pé das portas), direito, historia e mais sciencias moraes. Forrar de zinco a borda das mangedoiras nos dois stalles. O trabalho do postigo no quarto da cama parece-me que deve ser obra de marceneiro.

Baixos da casa: Porta de rodar no fundo da escada principal, com dois oculos e com as lettras e timbre. Envernizar a escada; reparar a pintura. Pintar a porta. Janella atamancada no quarto dos creados. Estrado no dito quarto. Pintar o corrimão da escada interior.

Primeiro andar: Portas e janellas, betumar as rachas, reparar a pintura. Envernizar as portas e o sobrado pintado. Isto é geral para todo o andar.

Saleta: Tapete, duas bancas de jogo, quatro cadeiras de marroquim. Transparente pintado, cortinas brancas. Passadeiras de hollanda crúa sobre o tapete, em cruz.

Livraria: Cortinas verdes de lã nas janellas, tapete, passadeiras, cordão na campainha que diga com as cortinas, relogio, cartões para as estantes.

Quarto de cama: Papel e chita irmã, cordões da campainha.

Sala: Papel, cortinas brancas e de damasco encarnado. Espelho para o fogão.

*

Junqueira–27–7^{bro}–54

Meu bom am.^{o} sr. Gonçalves.— Escrevo estas linhas para dar cópia de mim e de minha triste saude, que todavia vae melhorando e para lhe pedir que diga ao nosso Amorim que se lembre do doente com algum volumito de *Viagens* ou coisa que o valha. Aqui mando as comedias que já devorei.

Tambem lhe vou pedir que dê muita somma de açoites nos nossos Apelles para que sarapintem quanto antes o que ha a borrar e envernizar na casa ainda—inclusa a porta *falsa* da escada e a mesma escada, para que o oleo e verniz tenham tempo de evaporar os seus funestos aromas. Barral pretende que é necessario e urgente por estes oito ou doze dias que eu vá convalescer alli. E posto que eu seja de opinião differente, não terei remedio senão sujeitar-me.

Quando um dos dois puder, isto é ou v. s.^{a} ou Amorim, tambem seria bom vermos as amostras de papel *alegre* e *florido* para o meu quarto.

O meu vizinho marceneiro precisa excitado para arranjar a cama.

Confio que estará já posto em termos e arranjado o tapete.

As carruagens, peço muito que as mande limpar e aguar—e é melhor pagar a um homem conveniente, porque os meus dois creados não valem um, e nada sabem fazer — nem querem — em termos.

Nada d'isto digo para estimular o seu zêlo e boa vontade—que sei apreciar e agradecer, mas simplesmente para lhe mostrar e tirar toda a duvida de que por mim nada ordeno nem decido, e que todo me entrego ao seu favor e bondade. E sómente receei que talvez pensasse que a minha molestia espaçasse mais o tempo, mas, segundo a decisão do doutor, encurta-o.

Ad.^{s} meu am.^{o} Se é preciso alguma coisa diga, diga sem escrupulo que tudo o que fôr necessario porei immediatamente á sua disposição, na plena certeza em que estou que só o seu favor e amisade me podem arrancar do labyrinto em que tão inconsideradamente me metti com esta mudança.

Creia que sou com todo o coração—De v. s.^{a}—am.^{o} m.^{to} v.^{or} e obg.^{do} —*Almeida Garrett.*

P. S. E um creado para o meu quarto? E uma creada? Se essas duas raridades apparecessem, v. s. era o meu regenerador devéras.

*

Setembro, 27.

Ill.^{mo} e meu am.^{o} e sr.—Ha uma hora que lhe tinha escripto um seccante e longo cartapacio, quando recebo a sua estimadissima e com ella as amostras do papel. Decididamente e sem hesitar, o melhor e o que escolho é um dos que tem o mesmo desenho de festões de rosas, um de fundo verde, outro côr de canna, mas ambos identicos em tudo o mais.

Mas entre os dois hesito porém, porque minha filha vota pelo fundo verde, e outras senhoras que aqui estão votam pelo fundo côr de canna. Eu voto por ambos, e deixo ao meu amigo o decidir *sur les lieux*,

e vendo o effeito que um e outro faz no quarto pelo que melhor lhe parecer; na certeza que ambos me agradam, e que hei de approvar plenamente a sua preferencia. As duas peças preferidas vão marcadas na extremidade e por traz uma com um asterisco *, outra com dois **.

Deus lhe pague tanto trabalho e sécca que tem tido. Eu, se uma gratidão eterna, verdadeira, sentida, e do c. póde bastar, toda a dou e n'ella dou tudo porque sou— De v. s. — am.º sincero e obg.º—*Almeida Garrett.*

*

Setembro, 11 (outubro?)

Meu am.º e sr. - Estou com saudades suas e do nosso Amorim, que não tem dado cópia de si.

Occorre-me lembrar-lhe que mande que a porta da escada seja pintada na cavallariça, ou ainda na cocheira, como melhor lhe parecer. Diz o meu doutor que o mais importante é extinguir o cheiro das tintas, antes de me mudar para lá, o que aliás insta, e agora principalmente porque estes ares aqui não estão bons, e começam a inficionar-se soffrivelmente.

Outra lembrança de *nica.* O filtro de marmore que está na cópa, observaram-me que estava em máo sitio e que devia ser mudado para defronte da PORTA-JANELLA no meio da parede. Parece-me justa a observação. Veja se alguma coisa é preciso que eu faça. Diga sem ceremonia. E perdôe a sécca, e creia que eternamente sou — De v. s.ª — am.º c.º obg.º—*Almeida Garrett.*

*

Quinta feira 19 (outubro).

Meu am.º e sr. — Aqui estou dando nova força ao dictado de que um mal nunca vem só. Aos transtornos e incommodos de minha prolongada molestia, acresceu agora o adoecer minha filha com um ataque de garganta, que todavia felizmente creio não passará de coisa leve, porque hoje aos tres dias cessou a febre. O gallego immundo, que tive de arvorar em cosinheiro, tambem o tenho de cama ha uns poucos de dias com uma canellada que o bruto despresou e lhe ia apodrecendo uma perna. Assim estou eu doente, a pequena de cama, o gallego de cama, e uma palerma de uma creada, boa mulher porém mui parva, com um velho que ahi se tomou para ajudar a fazer o que é preciso, que é muito, e elles nada fazem. Deixo á sua piedosa contemplação o imaginar as miserias que por aqui vão! Mas basta de chorata, e vamos ao que se póde e deve fazer. O Barral — coitado! a quem devo mil obrigações, foi passar vistoria á casa de Santa Izabel, e declarou que o cheiro de tintas era quasi nada e que só exigia para eu me poder mudar, que os dois fogões estivessem tres dias accêsos antes de eu ir, ardendo sempre. Ora afflicto me vejo com esta sentença. E só v. s. me póde valer, se quizer fazer este novo sacrificio, pondo alli *a pé firme* uma guarda de segurança que vigie o fogo, pois o menor descuido póde causar os damnos e males que escuso enumerar. O fogão da sala é só para lenha; mas esse é o mais perigoso e que se não póde perder de vista um instante pela natureza de sua construcção e pela facilidade com que uma faisca póde saltar, quando menos, ao tapete e causar perdas infinitas. O fogão da livraria é de carvão coke, e menos perigoso; mas tambem necessita cuidado. Emfim, meu am.º tome mais este seccante encargo, e bem fechado tudo, faça accender os dois fogões hoje mesmo, se for possivel, para vêr se no domingo ou segunda posso mudar-me. Se o dia ámanhã o permittir, irei eu lá ámanhã ao meio dia, ou senão irei no sabbado á mesma hora passar a minha revista em fórma. Deus queira que o sr. livreiro tenha feito a sua parte. D. Pedro Moscoso, que faz a caridade de levar esta carta, desejo eu muito que examine a cavalhariça, e já ha dias lá foi para isso; mas achou tudo fechado. Peço-lhe que dê ordem para que lhe seja patente.

Se deparar com um creado de quarto, ou com um cosinheiro *de meias grossuras* (entre 3 e 4 mil réis), tome-me qualquer d'elles ou ambos. Tenha paciencia; não *caisse* em se mostrar tão paciente e bondoso com quem não serve senão para seccar, mas que é do c.—sincero am.º agradecido—*Almeida Garrett.*

P. S. Saudades ao nosso Amorim e que se lembre tambem ás vezes dos *brancos*, não se entregue absolutamente á pretalhada. Régia ou não régia. Com o tempo que faz espero ámanhã um bom dia.

*

Quarta feira 25 de outubro.

Meu bom am.º e sr.—Finalmente na segunda feira, que se hão de contar 30 do corrente mez de outubro, faremos a nossa entrada triumphante no nosso castello novo de Santa Izabel. Não me lembra, meu amigo, coisa urgente que recommendar senão que é preciso um oleado sobre a minha banca grande de escrever no escriptorio, porque sei de certo que apenas chegado terei de funccionar, e estrago logo o polimento da dita. Se se podér achar um oleado que só tenha as côres *verde* e *negra*, será o melhor, e não precisa ter rebordo, mas sómente uma

tira larga do comprimento e largura exacta da mesa com debrum da mesma côr, ou verde ou negro, porque adhere e se segura com as diversas nigromancias que é força estarem sobre uma banca de trabalho.

Minha tenção é mandar de vespera um creado que ponha em ordem a cosinha, compre e arranje o jantar, e chegar eu lá á volta das tres, ou da uma ás duas, sempre antes das tres, que é a hora do meu triste jantar.

Recebi uma cartinha do nosso Amorim, a quem peço que na primeira occasião dê os meus parabens pelos *pretos* e os emboras de escapar ao *shilique* nervoso.

Eu sinto-me um nada melhor; mas tão fraco e tão nervoso que estou um verdadeiro cangalho.

Tal qual fiquei, ainda assim sou todo — De v. s.ª — am.º verd.º e obg.º=*Almeida Garrett.*

A JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA [1]

Abril, 3, 53.—Ill.mo e meu bom amigo.— Por uma infinidade de motivos agradeço a sua carta de hontem e me apresso a responder-lhe.

O Bispo de Angra, que primeiro o fôra de Malaca, D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, tio meu, irmão de meu Pae, nasceu na ilha de Fayal. Era oriundo d'uma familia meia castelhana meia irlandeza—d'aquellas familias catholicas, que pela intolerancia protestante dos inglezes, se estabeleceram em Hespanha; e d'ahi veiu para Portugal com a Rainha D. Marianna, mulher d'el rei D. José.

Meu tio, andando em Coimbra, foi attrahido á vida religiosa pela prégação de uns missionarios de Brancannes, que ali fôram. Professou n'aquelle instituto, foi missionario. Os seus sermões (que alguns possuo) são modelos de eloquencia do pulpito catholico —simples, de sã doutrina, ardente de fé, austero de moral e castissimos da phrase portugueza. Era o intimo amigo de *Almeno* e do P.e Theodoro — a essa pleiade de talentos pertencia. Era poeta: os seus versos são horacianos. A Academia, cujo socio era, devia publicar as reliquias dos seus trabalhos, em prosa e verso, que eu com muito trabalho e diligencia poude salvar de mãos ineptas que destruiram seu valioso espolio.

Foi quem me educou, e ensinou humanidades. Caracter austero e ainda violento. Verdadeiro Bispo e religioso. Tambem lhe devo quasi todo o meu pequeno patrimonio. Morreu Bispo de Angra nos Açores com quasi 90 annos. e em Angra falleceu no seu palacio em 1818-19 (?). Tenho o seu retrato. Colligir tudo o que possa para lhe dar gosto, servir a litteratura portugueza que V. S.ª tanto illustra com o seu *Ensaio* e honra a memoria de um parente, protector meu, que me serviu em muitas cousas de pae.

N'isto e em tudo me achará sempre prompto a servil-o com que possa e valha quem é deveras — De V. S.ª—Coll.ª e am.º obr.do =*Almeida Garrett.*

Tem o seguinte sobrescripto:

Ex.mo Sr. José M. da Costa e Silva, D. Secretario da Camara Municipal de Lisboa, etc.

Almeida Garrett.

[1] Colligida dos Papeis de Meirelles, impresso na obra *Garrett e o Romantismo.*

AO DR. ALBERTO CARLOS CERQUEIRA DE FARIA

Ill.mo Sr. — Agradeço a V. S.ª o obsequio de me mandar aqui o projecto do Programma para os candidatos do nosso districto. Eu estava esperando o ataque de *cholerina*, que me começou na segunda feira em Lisboa, me permittisse logo ir ahi, porque está passado, mas eu ainda debil com effeito.

Aproveito me, pois, d'este favor, para dizer por escripto o que teria desenvolvido melhor de viva voz.

Dou o meu pleno assenso á generalidade do referido projecto, que acho providente e prevideníe, habilmente redigido, e, segundo no relatorio se diz, fiel aos principios que proclamou este grande movimento nacional, que é nosso principal dever interpretar, e consolidando os seus resultados com firmeza e prudencia.

Devo, porém, dizer a v. s.ª com a sinceridade de que faço timbre e de que tenho dado constantes e perigosas provas nas crises mais arriscadas por que temos passado, que me não parece conveniente á santa causa que defendi em cinco annos de constante e inabalavel opposição, o consignar desde já por um programma solemne o principio exarado no artigo 3.º do projecto. [1] Nem me repugna, nem o julgo impraticavel, esse modo de constituir a segunda camara das nossas côrtes; mas nas actuaes circumstancias da Europa e do mundo civilisado, receio que nos singularise de mais. Além d'isso tenho professado na tribuna, consi-

[1] Dizia este artigo 3.º: Que se organisem duas camaras, sendo a dos pares ou senadores de eleição por categorias.

gnado em meus taes quaes escriptos outras opiniões; e firmada esta agora por mim, nada ganhava, perdendo eu por inconsistente e capaz de variar de doutrina, segundo as circumstancias; accusação que nunca mereci, nem espero merecer. Tenho seguido constantemente a regra de não ser mais exigente no dia da victoria do que na vespera da batalha; e persuado-me sinceramente que o partido que seguir esta regra será o que constantemente ha de exercer a supremacia no paiz.

Quasi os mesmos motivos me fazem egualmente desejar que em vez de *abolir* se diga *reformar* (no artigo 17.º) o conselho d'estado e o tribunal de contas, duas visceras essenciaes, em minha opinião, no corpo do estado constitucional, e que, sendo eliminados de direito, são anormalmente substituidos de facto, com prejuizo irremediavel da harmonia da vida pública. [1]

No artigo 18.º, quereria do mesmo modo que a restituição do administrativo municipal e local ás camaras fôsse mais positivamente promettida. [2]

Rasões de delicadeza e de generosidade que v. s.ª, como cavalheiro ha de avaliar, e que a nobreza de ânimo (caracter distinctivo dos nossos portuguezes) de toda a reunião por certo entenderá devidamente, me fazem egualmente impossivel proclamar o conteúdo no artigo 22.º do programma. Justo e santo o principio, como é, dar-se-lhe-hia uma traducção ignobil de vingança em um homem offendido, perseguido e calumniado como eu tenho sido. [3]

Observarei tambem que o previsto no artigo 25.º me parece assegurar-se melhor pelo artigo correspondente no decreto eleitoral d'este anno, em que a pena sanciona o preceito. Demais, tendo a experiencia do que se praticou sob o regimen da Constituição de 38 mostrado como estes preceitos se illudem e sophismam, quando são desacompanhados da sua sancção natural e já experimentada. [4]

Por ultimo, pediria que no programma se additassem dois artigos; um que proclamasse a necessidade da reforma e educação do clero e da sua constituição em geral, outro que manifestasse a unânime opinião do paiz de manter o throno e a dynastia da senhora D. Maria II.

Certo não era necessaria esta declaração se não tivessem occorrido as tentativas absurdas d'estas ultimas semanas, porque o grande movimento nacional bem explicito foi em suas acclamações. Mas depois d'ellas, é decoroso e de dever para a capital do reino dar este documento de adhesão e approvação aos esforços espontaneos e geraes com que a população do paiz por toda a parte tem reprimido e castigado as tentativas dos discolos, reprovadas e estygmatisadas por todos os partidos e nomeadamente pela mais sensata e mais distincta parte do antigo partido realista.

Eis aqui o que eu desejára dizer na reunião dos nossos amigos eleitores de Lisboa, a quem peço que v. s.ª tenha a bondade de apresentar esta minha carta, escripta bem á pressa, e menos desenvolvida do que eu desejava; mas nem o tempo, nem o meu estado de saude me permittem fazel-o melhor.

Peço que acceite os protestos da minha estima verdadeira e amisade certa. — De v. s.ª attento venerador=*J. B. de Almeida Garrett.*—Oeiras, 18 de setembro de 1846.

A FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Lisboa, 5 de outubro de 1845 — Ill.mo sr. Francisco Gomes de Amorim. — Recebo muito retardada a sua carta de 25 de janeiro d'este anno. E confesso-lhe que me enterneceu devéras a pintura dos seus padecimentos. Em quê, porêm, e como poderei eu allivial-os? —Se v. s.ª estivesse aqui ou se para aqui se regressasse, eu faria quanto em minha mão estivesse para melhorar a sorte de um patricio que me parece digno de toda a estima. — Acredite que lhe falo com toda a sinceridade. O estado de molestia em que estou ha bastante tempo, me impede de ser mais extenso como eu quizera ser para o consolar, se é que as minhas letras para isso podem contribuir. Mas realmente não posso mais, e peço-lhe que creia que sou com verdadeira sympathia—De v. s.ª muito attento venerador e creado.=*J. B. de Almeida Garrett.*

[1] O artigo 17.º dizia: Que sejam abolidos o conselho d'estado, e os tribunaes do thesouro, e contas; substituindo-lhes o que fôr indispensavel, com simplicidade e economia.

[2] Artigo 18.º: Que os administradores dos bairros e concelhos, emquanto existirem, sejam escolhidos pelo governo de listas triplices, formadas por eleição popular.

[3] Artigo 22.º: Que se promova que a educação dos principes e todo o serviço da casa real sejam encarregados exclusivamnnte a portuguezes.

[4] Artigo 25.º: Que seja prohibido ao governo nomear para qualquer emprêgo algum membro do corpo legislativo, desde que fôr eleito até que cessem as suas funcções; ou fazer-lhe graça, ou mercê, fóra dos casos que por escala lhe compitam, etc., etc. Quem desejar conhecer todo o programma, encontra-o a pag. 2 da *Revolução de Setembro*, do dia 19 de setembro de 1846, sob o titulo: *Capitulos principaes, que os Deputados do circulo eleitoral de Lisboa devem sustentar nas proximas côrtes».*

Junho 23.

Meu amigo.—Mando-lhe o *Annuaire* da *Revista dos dois Mundos*, de 1852, em que vem mencionado com bastante indulgencia o meu nome e os meus pobres serviços. Não tenho ainda em meu poder os outros trabalhos das *Revistas* franceza e ingleza. Não é meu já o unico exemplar de *Fr. Luiz de Souza* em italiano que aqui tenho. Da traducção allemã tambem só tenho um exemplar que de nada lhe serviria todavia. Vae um exemplar da *Memoria da Duqueza de Palmella*, que é um trabalho historico. Tambem não é meu este exemplar e peço restituição d'elle apenas possa. Mando o discurso chamado do *Porto Pyreu*, o do *Salvaterio*, o da *Formação da segunda Camara legislativa* e as memorias de *Vieira de Castro* e de *Mousinho da Silveira* e o *Camões do Rocio*. A memoria sobre o barão da Ribeira está no jornal do Conservatorio que não tenho, mas que é facil de achar, e que lhe dará qualquer.

Aqui tem já com estes e com os que possue, sobrados elementos para trabalhar.

Faça-o, não seja preguiçoso.—Am.º obr.º —*Almeida Garrett.*

*

6 de agosto.

Meu caro am.º—Veiu-me ter aqui a sua carta antes de hontem e o livro hoje. Amanhã (que é domingo) se poder vir almoçar commigo ás 10, falaremos. Senão, venha quando podér. *As Folhas caidas*, ainda não acabaram de se reimprimir. O *Universo pittoresco* está em Lisboa e o meu creado lh'o dará. O *Camões do Rocio* tenho escrupulo que se reclame a parte, ainda que a maior, que n'elle tive. Ao meu mestre de rhetorica nunca soube outro nome ou appellido senão o de Joaquim Alves. E elle mesmo foi o meu mestre de grego. Já morreu.

Meu pae chamava-se Antonio Bernardo da Silva Garrett, era donatario da terra do Vigario na ilha de S. Miguel e de outras terras, na ilha Terceira, fidalgo da casa real, cavalleiro professo da ordem de Christo, sellador mór da alfandega do Porto, etc., etc. Minha mãe D. Anna Augusta d'Almeida Leitão. Irmãos tive tres. D'estes morreram dois de menor edade e vive um, Alexandre José da Silva de Almeida Garrett, no Porto. Irmã, uma só que foi casada com Francisco de Menezes Lemos e Carvalho da casa da Trofa. Morreu e deixou duas filhas—uma casada com meu sobrinho D. Henrique de Menezes, outra solteira.

Adeus meu amigo.—Seu devéras am.º certo.=*Almeida Garrett.*

Largo do Pateo das Vaccas, junto á Memoria, Ajuda.

24 de outubro de 1851.

... Desculpe não lhe escrever por minha mão, que não posso de cansado.—Aqui vae a ordem para lhe darem em casa dos srs. Bertrands tres exemplares dos dois volumes do *Romanceiro* de que se trata, sendo um dos ditos exemplares para a redacção da *Reforma*, o outro para a da *Regeneração* e o outro para a da *Revolução de Setembro*; e peço que me faça o favor de os fazer entregar com os meus cumprimentos, rogando de minha parte o obsequio de inserir nos annuncios o que vae minutado no incluso papel. Observe meu amigo e tenha muito em vista, para o recommendar, que o principal obsequio consiste em que o annuncio seja impresso em letras grandes da maneira por que foi feito o do *Arco de Sant'Anna* na *Revolução de Setembro* e segundo o estylo dos jornaes francezes, que é abarcando as linhas da composição toda a largura da pagina. Pelos motivos de conveniencia que facilmente comprehenderá, de evitar ciumes, etc., etc., insisto em que é indispensavel que o primeiro jornal em que sáia este annuncio seja a *Revolução de Setembro.* Ella me tem feito sempre este favor nas minhas outras obras, e não seria coherente nem bonito da minha parte dirigir-me agora primeiro a outro jornal.

Por minha parte vou dirigir-me tambem aos outros jornaes das diversas côres pedindo-lhes a inserção do mesmo annuncio. E quando todos o tiverem feito, então v. se occupará de redigir o artigo ou artigos analyticos de que tem a bondade de querer encarregar-se, e para o quê lhe mandarei, em poucos dias os apontamentos que me pediu. (D'aqui por diante escreveu por sua mão). Bem sabe que sou com affeição e estima.—De v. — am.º verdadeiro =*Almeida Garrett.*

P. S. Vae uma carta minha para o Sampaio da *Revolução* para se entregar com os livros juntamente.

*

17 de maio (1853).

Meu am.º—Hontem na rua me deram a sua cartinha, a que foi impossivel responder por ser onde era, e mandei vir o portador hoje. Levanto-me agora da cama por estar com febre, mando o entrar, e vejo que é um gallego que nada sabe sobre o negocio que devo recommendar ao barão da Luz. A sua carta nada diz.

Não possúo nem uma pagina das *Folhas caidas*. Falasse mais cedo. Agora em estando prompta a segunda edição.—De v.—Am.º certo.=*Almeida Garrett.*

Segunda feira, 28 (julho de 1854).

Am.º—Amanhã, 29, terça feira, depois de haver felicitado os povos de Africa, Oceania e Asia, com meus sabios conselhos, tenciono ir ás 3 para 4 da tarde, pedir hospitalidade á sua porta.

Fixo só uma condição que vem a ser a de não vêr, por causa das tentações, mais que uma posta de peixe cozido — seja qual fôr, e uma pequena dóse de vitella assada, agua fria e duas ou tres peras. Quaesquer outras iguarias terá a bondade de as consumir antes da minha apparição.

Adeus até então —Am.º=*Almeida Garrett.*

*

Dirás em casa do sr. Amorim que ámanhã cá os espera sem falta o — Seu am.º — *Almeida Garrett.*

*

Sabbado de tarde (principio de agosto de 1854).

Meu caro am.º—Se pensa com effeito vir por cá alguma vez, venha hoje, porque estou muito triste e precisado de companhia que me não seque. Se hoje não póde, venha ámanhã cedo; e n'esse caso, se não quer vir só, venha com um dos *Vogaes do Supremo Conselho da Inquisição.*

Mas o melhor de tudo é vir hoje. Almoçaremos ámanhã e jantaremos bem. — Seu do c.=*Almeida Garrett.*

*

Forte da Estrella, antigas prisões da Junqueira, de fomentadora memoria pombalina, aos 22 de agosto 1854.

Ill.mo sr.—Dirigindo me a v. s.ª por ser o membro assignado do sanhedrio nos dois documentos que em devido tempo recebi, a todo o mesmo venerando e venerado sanhedrio me dirijo por um illustre Canudo do dito grande orgam.

Já quando verbalmente fui intimado para comparecer de minha pessoa no fausto, fasto e fastoso dia 13 do corrente agosto, a certas horas da noite, tive a honra de responder que era duvidosa a minha possibilidade de cumprir.

Estava no acto de subir ou de me içar ao vehiculo n.º 3, 333, 333, 333 da respeitavel praça de Lisboa para me transportar pelo *caminho de ferro* a Cintra, onde me chamavam negocios de praso fatal e improrogavel, quando fui entregue na madrugada do referido e sempre faustoso dia 13, quando recebi a primeira missiva a que me refiro. Fui obrigado a permanecer na terra das Queijadas até o fim da semana. E achando á minha volta a segunda missiva, não posso, senão hoje, por funestos incommodos, responder.

O que agora faço pedindo ao illustre sanhedrio que tome em sua alta contemplação e justiça (de mouro, por não diser judeu) as rasões allegadas que justificam a minha ausencia no para sempre celebrado e *fomentando* dia 13.

D.ª — O competente e respectivo D.ª — Guarde a vida de todo o sanhedrio pelos muitos e dilatados annos que todos, principalmente os traficantes de certos liquidos sagrados hão mister.

João, humilde associado no illustre sanhedrio.

(Dentro d'este sobrescripto:)

«Para subir á augusta presença do sanhedrio.—Pela mão do seu secretario, vulgó, o sr. F. G. de Amorim, etc., etc., etc.=*Almeida Garrett.*

*

Sexta-feira (sem data).

Muito obrigado do C. pelo seu cuidado e pela lembrança do modo de arranjar correspondencia que aproveito, e de que tomo nota para futuros embaraços. Eu estou melhor, passei soffrivelmente a noite e vou com algum progresso sensivel, mas tão lento que faria rir os fomentadores que tão depressa nos regeneram. Não se esqueça da chave, que está fazendo muita fala. E sempre que tenha um instante para obras de misericordia dê-o a visitar este enfermo, que é—Seu am.º obg.º — *Almeida Garrett.*

*

Sexta feira á tarde (sem data).

Meu am.º—Mando este expresso a Lisboa para lhe intimar:

1.º Que domingo deve jantar aqui em companhia do nosso amigo sr. Gonçalves.

2.º Que avisado elle e rogado a tempo, o meu amigo se disponha a dar-me ámanhã, sabbado, uma *parva quantitá* de jantar, acompanhando-me depois a Belem, onde dormirá, e esperará depois que venha o sr. Gonçalves, para jantarmos.

3.º Que findo o *festim,* incluso o café, poderá cada um fazer o que quizer.

4.º Que isto não admitte addiamentos, nem emendas, porque no domingo sáe minha filha do convento a banhos e tenho de fazer vida séria.

5.º Que seja devidamente prevenido Braguez 2.º, para todos os effeitos necessarios.

Assignado=*Braz Tisana.*

Agora sério. Ámanhã lá o vou buscar ás tres para as quatro, comerei uma colher de arroz com seja o que for e partiremos. E

que no domingo o senhor não póde jantar nem o sr. Gonçalves senão n'esta casa.— Seu am.º=*Almeida Garrett.*

*

Meu bom am.º—Não ha mais tempo nem papel nem forças; estou comtudo melhor, porém extremamente debil. Mil graças pelas comedias, que voltarão breve com uma outra que já cá estava. Dê saudades ao nosso bom Gonçalves, e que persista e afervore na sua caridade. O principal é que concluamos o que é pintura e verniz. E que se livre do indigno G.—Am.º do C.—*Almeida Garrett.*

*

Setembro 27 (1854).

Am.º—Mando o requerimento ou memorial apostilhado.

O *Novion* póde estar prompto no domingo, se o senhor cá vier de manhã cedo na sexta e aqui se demorar até á tarde. Sem isso não posso, nem isso nem nada.

Eu estou melhor, mas ainda muito máo, sobretudo muito fraco. Mas ha signaes de me ir recobrando, dizem os DD (doutores).

Ad.s e saude.—Sou do c.—*Almeida Garrett.*

AO DR. DOMINGOS GARCIA PEREZ

Meu Am.º e Sr.—Peço-lhe que acredite que só o grande incommodo de saude por que tenho sido affectado ha tantos dias me podia impedir de mostrar a V. S.ª o meu profundo agradecimento pelo subido presente com que me mimoseou. Nada n'este mundo me podia ser tam agradavel como a memoria que me recorda os presentes objectos que foram de uso do meu venerando tio e educador.

Creia que esta recordação, que hade durar tanto como a minha vida, se liga d'ora em deante á da sua amizade e attenção, que tanto me penhoram.

Remetto o livro que V. S. mostrou desejar e que vae firmado com o meu nome, conforme pediu. E só me pesa não poder dar a esta offerta outro valor, que ella não tem.

Lembro-lhe que o não dispenso da *campainha* e *hostiario* que me prometteu.

Fique sempre certo que sou e serei de V. S.ª Am.º C.do Obrig.º—*Almeida Garrett.*

A JOSÉ RAMOS COELHO

Pedroiços, 22 de Septembro (1852.)

Ill.mo Sr.—Hoje fui a Lisboa e em minha casa emfim achei o resto dos seus livros, que restituo. Pode mostrar esta carta ao meu amigo o sr. Eduardo de Faria, na qual me comprometto a escrever o prologo promettido aos seus bellos versos. Mas é preciso que á proporção que se forem tirando as folhas, m'as mande. De V. S. M.to att. v.dor e c.do—*Almeida Garrett.*

A EDUARDO DE FARIA

10 de Março (1852.) Ill.mo Sr.—Agradeço muito cordealmente a V. S. o favor do seu bello *Diccionario*, que estimo por seu valor intrinseco e pelo muito maior que lhe dá a maneira por que V. S. me penhorou tanto quando me fez favor em m'o remetter.

Creia que sou, serei sempre com muita antiga amizade e sympathia. De V. S. Am.º certo e obrig.º—*Almeida Garrett.*

*

Lisboa, 24 de Março (1852.)—Este momento em que tanto á pressa lhe respondo, é ainda roubado ás terriveis e... occupações com que realmente não posso.

Pagarei a seu pae e meu amigo o que se lhe dever. Peço-lhe que m'o lembre. E tudo o mais que puder fazer por elle de mil vontades o farei. E' preciso que elle tenha a bondade de apparecer pela Secretaría.

A seu mano buscarei fazel-o passar para a minha Secretaría, e depois em tendo logar farei mais. Sem que não posso.

Sua Magestade não quer nomear addidos honorarios, em razão da alluvião d'elles que se tem feito.— Eu nenhum.—Mas com tempo veremos.

Da Commenda de Christo, em tempo, que não virá longe.

Adeus, que não posso mais. Appareça e falaremos. Seu Am.º verd.º—*Almeida Garrett.*

*

5 de Junho (1852.)

Ill.mo Sr. e Meu Amigo.—Peço-lhe o favor de dizer a seu Pae que hontem lhe mandei pagar o que se achou com effeito que lhe era de estylo e em divida, pelo quartel que lhe não satisfizeram.

Vou pedir-lhe agora um obsequio. O portador, o sr. José Ramos Coelho, é um joven poeta das maiores esperanças e que tem realmente fundo.—Elle quer publicar os seus versos e consultar sobre elles o juizo público.—Eu sei de certo que a opinião não póde ser senão favoravel. Veja-os e fale com o A. e se poder ser-lhe util e auxilial-o, como decerto póde, creia que obriga muito quem é De V. S.ª Am.º verd.º e obrig.do—*Almeida Garrett.*

A EMILIA DAS NEVES

Cotovia, 15 de Março de 1839.

Minha Senhora. — Tenho muita satisfação em lhe poder assegurar que o meu amigo, o sr. conde de Farrobo, deu ordem para que se lavrasse a sua contracta ou escriptura com o honorario de quarenta mil réis por mez, e um beneficio inteiro por anno.

Se me é permittido dar-lhe conselhos, parece-me que deve acceitar a proposta, e dizel-o ao sr. Doux que tem ordem para o fazer.

Acredite, minha senhora, que fui zeloso procurador, e que o serei sempre com muito gosto de todos os artistas que, ao seu bello talento, juntarem a applicação e zelo de que tem feito prova em tão pouco tempo, e que certamente merecem maior recompensa, se o não impedirem as conveniencias theatraes com que é forçoso não arrostar. Sou com muita attenção, minha senhora, seu attento e venerador. —*Almeida Garrett.*

*

Minha amavel e bella poetisa. — Tenho tam segura esperança de que se não esquece de mim nem do muito que a estimo, que lhe vou pedir um favor Faça com que se alugue ao meu criado, portador d'esta, uma das melhores frisas de frente do theatro novo — que ainda não pude ter o gosto de vêr e muito maior prazer de ir admirar a encantadora artista que faz o seu principal attractivo. Bem sabe que sou, e sempre hei de ser seu verdadeiro admirador. — *Almeida Garrett.*

AO DR. JOSÉ ANTONIO FERREIRA DE LIMA

(Confidencial.) 180, Salitre.

Julho, 28

Ill.^mo^ Sr. Coll.ª e am.º — Participo a V. S. que me veiu a mania de me declarar tambem *canudo* do famoso orgam da Opinião pública, emprehendendo um jornal meu, exclusivamente meu, em que todavia hão de collaborar e ser redactores outros amigos.— *O redactor principal*, segundo a lei, não serei eu. — Hoje lhe vae ser apresentado por parte e pela mão do meu amigo, e consocio na empreza do jornal, o sr. Abranches, o requerimento competente para a habilitação do referido jornal, que será bi ou tri-semanal, nunca diario, e que toma por titulo a *Esperança.*

Peço-lhe toda a equidade possivel nas exigencias caucionarias, que, attenta a fórma e periodos do jornal, creio não deverem ser tão fortes como as que se pedem aos jornaes diarios.

Egualmente rogo com instancia a celeridade no despacho.

Em tudo peço e espero o favor e obsequio possivel, e como eu posso pedir e V. S. fazer. Creia-me V. S. o seu devéras e com particular estima, De V. S. Am.º Coll.ª C.^do^ — *Almeida Garrett.*

AO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA [1]

5.ª feira, 1 d'Abril.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.—N'este momento ia escrever a v. ex.ª, para lhe pedir que me fizesse a honra de beijar por mim a mão de SS. MM. desculpando-me de não ir a despacho porque estou bastante incommodado e tomei esta madrugada um remedio. Felizmente não tenho nada que levar á assignatura real.

Depois, irei ás ordens de v. ex.ª e dos collegas, e desde ás 12 estarei no Terreiro do Paço ou n'outro ponto se o determinarem.

Peço tambem a v. ex.ª que me desculpe para com a Sr.ª Condessa de Paiva m.ª Sr.ª pela *trapalhada* do camarote dos Francezes que ainda não sei como se armou. Mas o descuido foi meu e a culpa da *crise.* — De v. ex.ª coll.ª obg.^do^ e amigo certo — *Almeida Garrett.*

*

5 de abril. 10, m.

Ill.^mo^ Ex.^mo^ Sr. Duque. —Mando n'este momento a SS. MM. os interessantes officios que acabo de receber de Madrid.—Se v. ex.ª os quer lêr antes de irem não tem mais que romper as cintas e tornar a mandar lacral-as.

Em todo o caso desejaria muito que v. ex.ª os visse hoje, e como irá decerto ao Paço, rogo-lhe que ahi se não esqueça de os vêr— e a ser possivel de lembrar que voltassem breve á Secretaria.

Bem sabe quanto sou devéras com a mais verdadeira e alta estima e de todo o c. —De v. ex.ª am.º obrg.^do^ —*Almeida Garrett.*

*

Ill.^mo^ Ex.^mo^ Sr. Duque. — Recebi n'este momento os despachos de Madrid, e rogo a v. ex.ª o favôr de me esperar um momento em sua casa porque já vou *com elles* para falar a v. ex.ª—De v. ex.ª am.º obg.^mo^—*Almeida Garrett.*

[1] Devemos ao possuidor d'estas cartas, absolutamente ineditas, o ex.^mo^ sr. Guilherme João Carlos Henriques (Carnota), auctor dos valiosissimos estudos sobre Damião de Goes, o podermos ampliar o Epistolario do incomparavel escriptor. *(Da Empreza Editora.)*

Ex.^{mo} Sr. Duque e meu amigo certo:—Eu vou hoje ao Paço como v. ex.ª sabe por causa dos Quakers do C. do Lavradio e do Rodrigo. Diga-me v. ex.ª: elles não têm caracter publico nem vae o Ministro inglez. Devo eu ir de farda? Custa-me isso; mas se é forçoso claro está que vou. Acuda-me v. ex.ª na minha ignorancia.—De v. ex.ª am.º certo—*Almeida Garrett.*

*

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Duque. — Apresso-me a responder ao bilhete de v. ex.ª, que leio n'este momento, que tenho summo gosto e muita honra em que v. ex.ª e os Srs. Ministros queiram fazer-me o favor de vir a esta sua casa onde os esperarei á hora indicada. —De v. ex.ª muito att.º ven.^{or} creado e am.º obg.^{do} —*Almeida Garrett.*

*

4.ª feira, 28 de maio.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Duque. — Meu sobrinho Thomaz Xavier de Almeida Garrett é filho de meu irmão mais velho Alexandre José da Silva de Almeida Garrett. Não tendo filho varão eu, considero-o como meu filho, e supplico para elle a intervenção de v. ex.ª afim de que S. M. se Digne contemplal-o agraciando-o com uma commenda honoraria da ordem da Conceição.

Elle é já desde algumas gerações Fidalgo da Casa Real; seu pae, que v. ex.ª conhece é um homem de summa probidade, perdeu o grande officio que herdára (ao uso antigo) de Sellador-Mór da Alfandega do Porto; seguiu o partido realista; mas digo com satisfação, que Portugal tem poucos cidadãos mais honestos e amantes da sua Patria, a Religião poucos cultores mais sinceros, e S. M. a Rainha terá n'elle um subdito fidelissimo. Confesso a v. ex.ª que é mais a elle do que ao filho que eu desejo contemplar, porque o merece e porque é conveniente: bem o sabe v. ex.ª Finalmente, sr. Duque, se é preciso empenhar os meus trinta annos de serviço público, de trabalhos e de contínuo zêlo pela causa da Liberdade e do Throno — que jámais receberam o menor galardão — tudo empenho nas suas mãos para obter este favôr, pelo qual, sobre tantos, me confessarei — De v. ex.ª creado obrigadissimo e muito grato—*J. B. de Almeida Garrett.*

A D. MARIA ADELAIDE DE ALMEIDA GARRETT

Novembro 6.

Minha adorada filha da minha alma. — Deves imaginar o prazer e a consolação que tive agora em receber tão cedo noticias tuas e do bem que passaste e que tens agradado ás tuas mestras. Crê, filha, que as infinitas saudades que tenho de ti, que a falta que me faz a tua companhia — e que é um grande sacrificio que faço a Deus e a ti,—só com estas noticias pódem mitigar-se. Tu bem sabes, filha da minha alma, que eu detesto exagerações; digo te a verdade — que é enorme e que só Deus sabe o sacrificio que faço em me separar de ti.

Mas as lagrimas que tenho chorado todas são de esperança e de confiança em Deus e de gratidão por me dar força para cumprir o que em consciencia entendo que era o meu dever.

Está na tua mão que seja curta a nossa separação e proveitosa. Tenho fé em Deus e confiança em ti e no amor que me tens, que assim ha de ser. Applica-te, filha; mas sobretudo fórma a tua alma, e sê boa christã: que é a maior paga que pódes dar a teu pae que bem sabes o que te ama.

É provavel que ainda hoje vá vêr-te. Ha aqui uma grande desordem de mudanças na casa: o costume, bem sabes. Diz se queres alguma coisa, porque tudo quanto quizeres se fará sendo tu boa.

Ganha a affeição de tuas superioras e mestras que são as verdadeiras mães que Deus te deixou. Ama e teme a Deus e vive contente porque fazes feliz a teu pae que te ama.=*J. Baptista.*

*

21 de dezembro.

Dize-me se tens saudades de teu pae que tanto te ama, e que não pensa senão em ti e no momento em que te póde vêr uma senhora completa. Deus te abençôe minha adorada e unica filha e te faça boa e feliz. Não te esqueças nunca minha filha que os máos são sempre infelizes ainda que o não pareçam. Adeus, estuda, teme a Deus, e adora a verdade, que enches teu pae de alegria e de gôsto Além de incommodado bastante, estou a pé porque está doente um dos meus cavallos que sempre me obsequeiam com as suas doenças nas occasiões em que mais preciso d'elles. Saberás que já tenho com effeito a casa nova de Santa Izabel. E quando a arranjar, cuidarei tambem do teu quartinho, que será o melhor da casa, e proprio para uma senhora como tu has de sair d'ahi.

*

1 de fevereiro de 1854.

Estuda e applica-te a cultivar a tua rasão — mas sobretudo a formar o teu coração no temor e amor do seu Creador. Adeus minha filha, as bençãos todas de Deus sobre ti, como lhe pede ardente e quasi unicamente, porque não tenho outro cuidado na vida senão tu, teu pae que te ama de todo o seu coração.=*J Baptista.*

7 de fevereiro.—Eu estou melhor hoje, mas estive bastante incommodado—e nos meus soffrimentos não é o que menos me afflige as muitas saudades que sempre tenho de ti, minha filha do meu coração. Deus me acceite tudo em desconto, e o acrescente em graças e felicidade para ti.......... ....
..... para minha consolação n'esta vida e para que eu possa supportar n'ella todo e qualquer mal com que for da divina vontade experimentar-me.

E será a primeira que visite; se te não vir, não importa, sempre saberei de ti e estarei com Deus onde tu estás.

Adeus minha filha, vae começando a tua aprendizagem de cuidar em teu pae, que muito não póde já por si. Ando tam cansado e aborrecido com creados e officiaes de toda a casta, que nem tenho cabeça para minhas obrigações.

Não te afadigues com este calor, minha filha, que não te appliques demais; eu não te quero para doutora, só desejo que sejas boa, temente a Deus, que tenhas modos de senhora, e que cultives honestamente a intelligencia que Deus te deu.

*

Sabbado 25 de Março

Minha querida Filha.

Levantei-me hoje cedo, com esperança de ir vêr-te, e melhor de saude do que ha muito. Mas era impossivel fazer trabalhar os cavallinhos logo de manhã, depois de uma grande massada que hontem levaram toda a tarde e noite. Dei razão ao cocheiro que m'o representou, e reservei para segunda feira ir vêr-te e ouvir o sermão. E' depois de ámanhã, minha querida filha, terei paciencia para esperar.

Vae a Emilia levar-te esta carta, que me pediu para ir vêr-te. Ella te leva tambem uns rebuçados de diversas fructas, que hontem escolhi em uma loja nova que se abriu. Dize-lhe se precisas de alguma coisa, e como a desejas, para eu t'a levar depois d'ámanhã.

Saberás, minha filha, que a M... se casa para a Paschoa, e que hontem chegou a mãe para assistir ao casamento. Eu, no aperto dos malditos presentes, e para não gastar algum dinheiro, dispuz da tua pulseira que mandei vir de Paris (por me lembrar que não gostas muito d'ella) e a offereci em teu nome e da tua parte á M... mas eu é que respondo pelo seu valor e te prometto outra melhor, escolhida por ti e a teu geito. Minha filha, nada perderás em fazer-me este emprestimo. Disse que a lembrança era tua; estou certo que me approvas.

Adeus, minha adorada filha da minha alma, Deus queira que já estejas inteiramente boa. Tem muito cuidado em ti. Bem sabes que a tua vida e a tua saude é a felicidade de teu pae, que não tem no mundo outra esperança senão tu, e não poderia sobreviver a uma desgraça que te acontecesse.

Roga bem a Deus por ti e por mim, que o precisas tanto em todo o sentido, e Deus N. Senhor te abençôe e te cumule da sua Gloria.

Adeus, minha filha. Teu pae, que te ama de toda a sua alma.—*João Baptista.*

P. S. Recommenda-me a todas essas senhoras com muitos agradecimentos.

*

Sabbado de alleluia.

Minha querida filha da minha alma.—Deus te dê muito boas festas, minha filha e te deite todas as suas bençãos de felicidade que eu desejo e lhe peço. Amanhã te irei vêr e dar de novo e de viva voz estas boas festas que hoje te mando. Esta cartinha leva-t'a o creado da avó, que leva uns papeis para assignar: que assignarás no sitio em que vae uma cruz de lapis nas costas. E assignarás com o teu nome todo *D. Maria Adelaide de Almeida Garrett.* E toma sentido que é na primeira linha e não na segunda que vae riscada. Saberás que a Baroneza me deu na quinta feira á noite uma caixinha de cartão com amendoas para ti: e eu entendi que tu gostarias que eu dispozesse d'ella a favor da tua avó, e assim o fiz. Reservei para ti esse rebuçado que vinha ao de cima para t'o mandar. Assim agradecerás á Baroneza quando a vires como se recebesses as ditas amendoas. Não me disseste se a avó te mandou amendoas ou se esqueceu este anno. Adeus, minha querida filha, tem saude e roga a Deus por teu pae que te adora.—*J. B.*

Dá as boas festas, da minha parte, a essas senhoras todas.

*

Segunda feira.

Minha filha da minha alma.—Deus permitta que continues melhor e que tomes bem cuidado em ti; com esta mudança de tempo, não te ponhas á fresca e recáias. Mando-te esses moranguinhos do Porto: bem poucos porque me não deram mais. Comidos com assucar não te fazem mal. Domingo do Espirito Santo irá o Nuncio administrar o Sacramento da Confirmação. E' o que tu desejavas. E será na egreja e para os de fóra tambem segundo for vontade da senhora superiora. Eu estarei lá antes do meio dia, pois elle vae ao meio dia, e tomarei as ordens do senhor Cardeal á sua chegada. Sua Eminencia é já Cardeal, mas o que se diz *in petto* não está feito em consistorio publico, e por isso se trata ainda por Excellencia. Agora sei, n'este momento, que a avó te mandou umas ginjas e morangos, o que muito estimo, e que comas

isso com assucar para te não fazer mal. Com esta lida de mudanças de creados e de tratar da casa nova junto aos meus afazeres, não tenho continuado com os themas de inglez; mas vou fazel-os breve. Um dia d'estes, talvez ámanhã ou depois, te vou vêr. Hontem casou a Julia, como sabes. Estava muito bem vestida e bonita. Ella manda-te muitas saudades. Foi para Cintra com o seu noivo. Eu continúo melhor, apesar da mudança de tempo. Hei de, no dia em que for vêr-te, arranjar uma casinha para ahi ao pé de ti para passar algumas semanas de verão, perto do convento e assim terei facilidade de te vêr mais a miudo. Adeus minha filha da minha alma. Recommenda-me e faz os meus respeitos a essas senhoras. Deus Nosso Senhor te abençôe como sinceramente lhe pede teu pae que te ama.—*J. Baptista.*

P. S.—Vou vêr no dia do chrisma se te levo lá a Julia, a filha do Julio Pimentel.

*

Janeiro 11.

Minha filha da minha alma.—Ámanhã é o dia de teus annos e lá te irei vêr se Deus quizer, pois estou melhor. Como o teu jantar é tam cedo e não quero que a elle deixes de ter uma lembrança de teu pae e com que brindes as meninas tuas companheiras, ahi te mando essa bandeja. Creio que estás ameaçada de outra para ámanhã, da parte da tua avó. Tambem te mando torrão de Malaga verdadeiro vindo de Hespanha. O de cá não é bom. Aqui tens a tua primeira lição ingleza emendada. Depois manda o segundo thema. Adeus, minha filha querida, recommenda-me a essas senhoras e até amanhã. Deus te abençôe e tenha sempre na sua mão, como lhe pede teu pae que te ama.—*J. Baptista.*

*

Sexta feira 10.

Minha filha querida da minha alma.—Não me deixou ir vêr-te estes dias o grande incommodo que tenho tido; e hoje por fatalidade, que estou muito melhor, não me deixa o comprommettimento que tenho nas côrtes. Creio que só no domingo terei o gosto de vêr-te. Espero que a m.me Baroneza da Luz, que vae hoje a Belem, terá a bondade de se encarregar d'esta cartinha para ti e de trazer a resposta. Se não poder, irá um creado levar-t'a, porque, além de precisar saber de ti, é preciso que assignes o papel incluso: o qual assignarás no sitio onde leva este signal ✕ pondo por extenso *D. Maria Adelaide de Almeida Garrett*, por ser o que está assente nos livros. Á vista te explicarei isto. E assignado assim, tornarás a fechar em sobrescripto a mim e m'o mandarás, pelo portador que leva esta. Adeus, minha filha, até domingo, se Deus quizer. O Senhor te dê saude, felicidade e o seu amor e temor, sem o que nada é possivel. Adeus, minha filha da minha alma, eu te mando a minha benção, e Deus nosso Senhor te dê a sua. Adeus e adeus. Teu pae que te ama.—*João Baptista.*

*

Domingo.

Minha querida filha da minha alma.—Não sei se te lembras de um negocio que tive arranjado com a Baroneza (viscondessa) da Luz sobre o teu aderesse de coraes, (mesmo assim estragado como estava e está) e não sei se sabes o muito empenho que ella tinha e que depois lhe passou. Confesso que fiquei descontente d'isso: e para tomar o despique (unico despique que eu sei e gosto de tomar) estimaria que tu lhe offerecesses agora no dia 30, que é o seu dia, os brincos do aderesse, que é o que ella mais queria. Bem sabes que já te prometti um melhor e mais completo aderesse: assim nada perdes. Mas eu não disponho do que é teu. Faze o que te dér na vontade e escrupulo, pois eu até gosto que n'estas coisas pequenas tenhas vontade propria. Se queres conservar os brincos, tens de escrever outra especie de carta: e guardar-se-hão. Se lh'os queres dar pódes copiar a minha que te mando. Mas faze-o tal e qual com as mesmas distancias que vão marcadas, etc., etc., etc.—Adeus, minha filha. Mando-te isto com antecipação de dias, para que tenhas todo o tempo, assim para resolver muito á tua vontade e liberdade, como para copiares de teu vagar a *minha*, no caso que sirva. Basta que esteja prompta na quarta-feira 29. Adeus, até logo, que te irei vêr antes de ir para o Dáfundo, onde vou jantar. Dize á Brisida se quer alguma coisa para lá. Deus te abençôe, filha, que é o unico desejo do teu pae que tanto te ama.—*J. Baptista.*

P. S.—Não te esqueças hoje que se celebra a festa do Coração de Maria, de que és irmã da sua Archiconfraria e que tens obrigação de te encommendares a ella e de lhe rogares por teu pae e pelos teus.

*

5.ª feira 30.

Bons dias, filha da minha alma, e que estejas boa da tua querida saude, que tivesses mais apetite, e dormisses bem.—Previno-te, filha, que logo ahi hade ir a creada com dois chapéos de palha abertos, escuros—que é o que mais se usa agora, para tu escolheres, e se lhe mandarem pôr fitas e enfeital-o, e por ella me mandarás tambem um vestido —o que melhor te servir para se fazerem por elle os que has de precisar este mez que entra, e servir para regular a altura e

mais arranjos do fato do banho. Ainda que estas cousas não estejam logo como devem ser, depois se emendam facilmente. A mesma creada irá no sabbado ou n'outro dia com teus botins, etc., etc. Emquanto não estiver tudo prompto prefiro que estejas ahi descançada, e menos dias perdes d'essa boa educação que tanto te aproveita. Ainda que espero em Deus que, ficando aqui ao pé, e frequentando todos os dias a mesma santa casa que te abrigou, estarás como se dentro d'ella te conservasses, e com o proveito de saude que tiras dos banhos, nada perderás do immenso aproveitamento moral do teu espirito e sobre tudo do teu coração. Adeus minha filha, até logo de tarde. Hontem fui immediatamente a Lisboa e dei ordem a tudo o que n'estes 15 dias ou tres semanas has de precisar. Para a semana que vem virás a casa.—Mandaste a carta á Viscondessa da Luz? Não póde passar de hoje. —Responde a isto, mas escusas de escrever. Adeus, filha querida. A avó e o sr. João te mandam saudades.—Adeus filha. N. S. te abençôe do céo. Teu pae *J. Baptista.*

*

24 de novembro.

Minha querida filha. Além de incommodado bastante, estou aqui porque está doente um dos meus cavallos, que sempre me obsequeiam com as suas doenças nas occasiões em que mais preciso d'elles. — Pede licença a essas senhoras para contribuires com estes dois perús para o jantar do dia de Natal. Mando te estas bolotas tambem que asseguram ser das melhores do Alemtejo: peço-te que as não comas cruas. —Deus te dê felizes festas e alegres. Eu estou quasi bom do meu pé; mas muito constipado. Apenas possa sair te vou vêr porque tenho muitas e muitas saudades tuas. Não m'as tira a grande consolação de te saber ahi bem e contente; mas sempre as modera e faz supportar. Saberás que já tenho com effeito a casa nova de Santa Izabel. E quando a arranjar, cuidarei tambem do teu quartinho que será o melhor da casa, e proprio para uma senhora como tu has de sair de ahi. Mandei a tua tia a caixa com almofada de setim pelos seus annos que são ámanhã, e a mandei em teu nome. Creio que approvarás.—Adeus minha filha e em todo o caso, no dia 28, vespera do teu Santo irei lá; mas antes ainda irei se Deus quizer. Deus te abençôe minha filha do meu coração e te dê quanto do fundo d'alma lhe pede teu pae que te ama—*J. Baptista.*

*

Domingo 5.

Minha querida filha, não gostei de te vêr o outro dia, e tenho estado triste pensando em que motivo terias de estar de máo humor. E' uma boa qualidade, minha filha, ter imperio sobre si e saber dissimular as contrariedades incessantes da vida. Mas com seus paes e paes extremosos que desejam contentar os filhos em tudo quanto é rasoavel e em que não ha mal, nenhum bom filho deve dissimular d'elles os seus proprios desgostos. Ao contrario, é uma prova de amor e gratidão que satisfaz o coração do pae que é o melhor e mais verdadeiro amigo que nunca havemos de ter no mundo. Occultar, recear, ter medo d'elle é a maior offensa. E eu de cousa alguma me poderia jámais doer tanto de ti se tal cousa praticasses commigo que tantas provas te tenho dado de indulgencia, e de só me custar e perdoar que, seja o que fôr, o occultes de mim.

Nem outra cousa te pódem dizer nem dizem as tuas boas mestras e superioras.— Eu hoje estou alguma cousa incommodado e não posso ir vêr-te, e será um dia d'estes em que espero achar-te mais natural e mais como eu gosto de ver-te.—Deus te abençôe e te faça tam boa e feliz como tanto lhe peço. Teu pae que te ama *J. Baptista.*

*

1 de Fevereiro.

Minha querida filha.—Como estás tu? Estou impaciente com a minha vida que me não deixa ir vêr-te. Destinava fazel-o hoje, e não posso por causa das côrtes. Talvez ámanhã irei, mas não é certo. Não sei se ainda gostas de manteiga fresca. Mandou-me uns pãesinhos d'aquelles do costume o ministro inglez e ahi t'os mando. Mas que os não guardem muito tempo, pois, apezar do frio a manteiga fresca não conserva muito tempo a graça e gosto. Gostei muito da festa do outro dia, e achei a egreja lindissima. Não te esqueças do thema inglez. Dá saudades e cumprimentos meus a essas senhora. E estuda e applica-te a cultivar a tua rasão—mas sobretudo a formar o teu coração no temor e amor de teu creador.

Adeus minha filha.

As benções todas de Deus sobre ti, como lhe pede ardentemente, porque não tenho outro cuidado na vida senão tu, teu pae que te ama de todo o coração *J. Baptista.*

P. S. Data sempre, e assigna, sem grande intervallo com o teu nome de baptismo só quando é para mim ou para parente proximo, a carta. Para os extranhos é que se põe o nome de familia.

*

Março, 14.

Minha adorada filha.—Estou com cuidado se te faria mal vir hontem á grade com a tosse que ainda tinhas. Espero que estarás melhor hoje com este tempo mais sêcco. —

Toma cuidado, filha. Mando essas lamprêas frescas. Pouco poderás comer d'ellas; mas provar não fará grande mal. E' preciso porém fazel-as hoje mesmo de qualquer modo para que se não percam. Dá recados meus a essas senhoras, e dá-me noticias da sr.ª religiosa doente se está melhor, o que eu muito desejo. Tu encommenda-me a Deus filha e o mesmo Deus te abençôe como lhe pede unicamente teu pae muito amigo — *J Baptista. P. S.* — Vão as pastilhas, e uma caixa de ameixas.

*

Bons dias, querida filha. Aqui te mando as pêras do nosso quintal, que são excellentes. Mas não vão maduras senão tres ou quatro. Ainda chegam para o teu jantar. As outras precisam tres ou cinco dias de cama antes de se poderem comer. Vão algodões e riscas de crochet e musicas. Adeus até á tarde. Teu pae que te ama.—*J. B.*

*

Novembro 6.

Minha adorada filha da minha alma.—Deves imaginar o prazer e a consolação que tive agora em receber tam cedo noticias tuas e do bem que passaste e que tens agradado ás tuas mestras. Crê, filha, que as infinitas saudades que tenho de ti, que a falta que me faz a tua companhia,—e que é um grande sacrificio que faço a Deus e a ti,—só com estas noticias pódem mitigar-se. Tu bem sabes, filha da minha alma, que eu detesto exagerações: digo-te a verdade, que é enorme e só Deus sabe o sacrificio que faço em me separar de ti. Mas as lagrimas que tenho chorado, todas são de esperanças e de confiança em Deus e de gratidão, por me dar força para cumprir o que em consciencia entendo que era meu dever. Está na tua mão que seja curta a nossa separação e proveitosa. Tenho fé em Deus e confiança em ti, e no amor que me tens, que assim hade ser. Applica-te, filha; mas sobretudo forma a tua alma e sê boa christã; que é o maior prazer e a melhor paga que podes dar a teu pae que bem sabes o quanto te ama.—E' provavel que ainda hoje vá vêr-te. Ha aqui uma grande desordem de mudanças na casa; o costume, bem sabes. Dize se queres alguma coisa, porque tudo quanto quizeres se fará sendo tu bôa. Ganha a affeição de tuas superioras e mestras, que são as verdadeiras mães que Deus te deixou. Ama e teme a Deus e vive contente, porque fazes falta a teu pae que te ama.—*J. Baptista.*

*

Novembro, 25.

Minha filha.—Hontem recebi muito retardada, uma cartinha tua em inglez, pelo correio, e ante-hontem soube de ti pelo que me escreveste e que trouxe o cocheiro. Tambem hoje tive já noticias tuas que me mandou a Baroneza, da visita que hontem te fez. Vejo que vaes bem: o que me dá infinito prazer e consolação. Farei d'aqui em deante o que lembras, que é escrever-te em portuguez o que tu deves traduzir em inglez. Hoje não o faço ainda, porque estou atrapalhado com negocios e prezo pelos incommodos da convalescença em que, graças a Deus, já entrei pois que ainda não estou bom de todo. Domingo se Deus quizer, irei vêr-te um instante.—Vae o creado levar-te este bilhete, e com elle vão varias coisas, a saber: —a fita de lucto que pediste á Baroneza; um livro de chorographia portugueza que veiu do livreiro; um lençol que faltava da tua cama; uma condessinha com pasteis de Santa Clara, do Porto. Não sei se poderá ir o cabeção de lucto que pediste; mas se não fôr hoje, domingo t'o darei.

Adeus, filha adorada do meu coração; tem saude e vive feliz e tranquilla, por que eu o sou se tu o fores sempre e continuares a merecer a estima d'essas senhoras, a quem me recommenda.—Data sempre a tua carta com o dia do mez e ainda o da semana.—Escusas de pôr (em cartas familiares, se entende) o tratamento de v. ex.ª, porque parece affectação. Estas cartas familiares tambem se devem escrever sem margem. E' moda; mas com certas cousas devemos conformarmo-nos ao uso.—Adeus e adeus até domingo se Deus quizer. Cuida em ti, sê sempre o que eu desejo para teu bem e meu. Adeus, minha filha da minha alma, roga sempre a Deus por teu pae, que te ama do fundo do coração.—*J. Baptista.*

*

Quinta feira, 23.

Minha adorada filha do meu coração.—Escrevi-te hontem em inglez para te fazer lembrar que me deves ha muito uma carta n'aquella lingua. Tem paciencia, filha da minha alma, com a impertinencia de te fazer escrever em inglez: bem sei que é *massada* e te ha de custar; mas é indispensavel. Eu tambem tenho mais gosto de te escrever em portuguez, e o faço mais á minha vontade; e comtudo me constranjo para teu proveito. Hoje, uma senhora que não fala as duas linguas, francez e inglez, não se acha educada.—Estou muito melhor de saude, filha e espero ir vêr-te em breve. Mas o doutor quer-me curar radicalmente e exige o sacrificio penoso de me ter preso aqui, para não recahir.—Mando-te essa condessinha com varias bagatellas, para que vejas que n'esta casa estás sempre presente como se cá estiveras. Vão dois boiões de doce que fez a Emilia da tal abobora d'Africa; algumas pêras

menos duras das que vieram do Porto, o resto são *chuchus*, que vieram da Buraca e limas.—Peço-te que não comas as pêras emquanto não estiverem mais maduras; são pêras de inverno, e tardam a amadurecer.—Adeus, minha filha da minha alma, cuida de estudar e de educar o coração e alma que Deus te deu bons, e que não deves deixar derrancar como fazem tantas que desperdiçam os dons de Deus.—Eu tenho fé n'elle e esperança em ti.—Adeus, abençoada sejas e feliz e boa! Teu pae que te adora—*J. Baptista.*

*

Dezembro 21.

Minha querida filha.—Tinha destinado ir vêr-te hoje, mas quer-me parecer que não posso As cerimonias da côrte d'estes dias, fatigaram-me muito, e atrazaram-me um tanto a cura do meu pé.—Aqui te mando o primeiro thema para os teus exercicios em inglez. Vae marcado n.º 1, e os seguintes serão n.ºs 2, 3, etc. Irá um cada semana. Escreve só duas linhas agora para dizeres se estás boa e se queres alguma cousa. Dize tambem se é a 28, 29 e 30 a festa e lausperenne de S. Francisco de Salles, porque em um dos tres dias ao menos lá quero ir. —Diz-me se tens saudades de teu pae, que tanto te ama, e que não pensa senão em ti, e no momento em que te ha de vêr uma senhora completa. Deus te abençôe, minha adorada e unica filha, e te faça boa e feliz. Não te esqueças nunca, minha filha, que os máos são sempre infelizes, ainda que o não pareçam.—Adeus, estuda, teme a Deus, e adora a verdade, que enches o teu pae de alegria e de gosto.—Teu pae que te ama —*J. Baptista.*

*

Fevereiro 7.

Querida filha da minha alma.—Mil vezes te agradeço e de todo o coração a tua cartinha, que me deu immenso prazer e consolação. Eu estou melhor hoje, mas estive bastante incommodado—e nos meus soffrimentos não é o que menos me afflige as muitas saudades, que sempre tenho de ti, minha filha do meu coração. Deus me acceite tudo em desconto, e o accrescente em graça e felicidade para ti. O meu incommodo é d'aquelles grandes defluxos que tanto me affligem no inverno, mas não é cousa de cuidado, comtudo me obrigam a estar em casa, como sabes. Eu já te teria ido vêr, se absolutamente podésse, filha, e irei apenas possa; não o duvides nunca um só momento. E que me encommendes sempre a Deus em tuas orações e á Santa Virgem tua madrinha, e lhe peças sempre que te faça boa e feliz para minha consolação n'esta vida e para que eu possa supportar n'ella todo e qualquer mal com que for da Divina vontade experimentar-me. Adeus, minha filha da minha alma, dá os meus cumprimentos a essas senhoras, e tu recebe todo o amor e todas as bençãos que Deus por sua misericordia ha de confirmar, porque são de teu amante pae.—*J. Baptista.*

*

Sexta-feira.

Muito bons dias, minha querida filha, e que estejas boa, e que se fosse de todo, o pigarro que me deu muita zanga pelo receio que degenerasse em tosse. Vou para Lisboa, filha, a vêr se te trago os teus vestidos. Faze favor de pedir o obsequio de darem ordem ao jardineiro ou qualquer trabalhador d'ahi a vêr se póde vir aqui uma manhã d'estas cedo arranjar o meu pequeno quintal, que é do tamanho d'uma grade d'essas, mas bem sabes como eu sou que não posso vêl-o porco e desarranjado como está. Adeus, minha filha. Deus te abençôe no céo, como faz em terra teu pae, que te ama do coração *J. B.—P. S.* Vindo a horas de Lisboa, sempre te irei vêr.—Adeus.

*

Junho 8.

Querida filha da minha alma.

Mando saber de ti, porque não posso, nem pude até hoje, com mil negocios, e mando-te essas perinhas que eu colhi pela minha mão no nosso quintal, e são as primeiras que dá: quiz que fosses tu quem as comesse. Quero saber como estás e se não tem voltado a tosse com os frios e chuvas d'estes dias. Dize me a verdade bem certa. Eu creio que irei vêr-te ámanhã ou depois sem falta. E tambem quero ver o estado da minha casa para ao pé de ti *(sic)*. Espero e conto que sentisses um effeito salutar em ti pelo Espirito Santo que recebeste, e que ha de confirmar-te nas boas obras e pensamentos da tua educação christã.—Adeus minha filha da minha alma e do meu coração. Deus te dê tudo quanto te desejo e te cubra das suas bençãos. Dá muitas recommendações minhas a essas senhoras, a quem muito deves e eu tambem E que me recommendes ao Divino Senhor de todos os bons. Deus te abençôe, filha.—Adeus. Teu pae—*J. Baptista.*

*

Terça feira, 11.

Minha querida filha da minha alma e do meu coração.—Hontem não te vi, porque a todo o momento estive á espera do creado que devia trazer os teus vestidos; e a costureira o demorou até tarde sem por fim lh'os

dar, mas elle mesmo os viu quasi feitos, e hoje virão. O preto aqui vae. E eu em pessoa os vou buscar hoje. No fim da tarde t'os levarei. Aqui tens os caramellos, que tambem só hontem á noite chegaram. E que te dêem o mesmo gosto que a mim me dá mandar-t'os, querida filha das minhas entranhas. Acabados esses, te mandarei mais; e ainda bem, que hoje faz já calôr, para lhe achares maior gosto. Não te afadigues com este calôr, minha filha, que não te appliques demais: eu não te quero para doutora; só desejo que sejas bôa, temente a Deus, que tenhas modos de senhora, e que cultives honestamente a intelligencia que Deus te deu. Hoje vou tambem cuidar da musica. Saberás que a Pepa já sahiu do collegio. Hontem tambem estive muito incommodado dos meus nervos; mas estou muito melhor hoje. Dize-me de ti como estás, e o que sentes; eu não tenho outros cuidados no mundo, nem mais pensamentos senão em ti; assim cuida em ti, até por mim, e pelo amor que tens a teu pae, que não póde resistir á idéa de te vêr doente ou incommodada, seja por que fôr. E não estudes demais: torno a dizer-te; nem te cances: passeia, está pela cêrca todo o tempo que t'o permittirem. Meus respeitos a essas senhoras, e tu Deus te cubra de suas bençãos, como lhe pede ardentemente teu pae que tanto te ama. — *J. Baptista.*

4.ª feira de tarde.

Querida filha da minha alma.

Estou hoje um tanto exquisito, que dizem ser effeito das Caldas nos primeiros dias. E hoje é o meu segundo, pelo que tenciono ser prudente, não sahir no fim da tarde, e deitar me muito cedo. Assim não te irei vêr hoje, e ámanhã será. Adeus, minha filha querida: dize se queres alguma cousa Ainda te duram os caramellos, ou queres mais? O teu vestido vem ámanhã. Adeus, minha filha da minha alma e da minha vida. Deus te abençôe. Recommenda-me a essas senhoras. —Teu pae que tanto te ama.—*J. B.*

D. MARIA ADELAIDE DE ALMEIDA GARRETT

*

4.ª feira.

Querida filha.—Hontem de manhã recebi, ainda em Cintra, a tua cartinha, que muito te agradeço. Vinha com pressa para te vêr hontem mesmo. Mas tive de me demorar a jantar para fazer a vontade ao Pastor, na Buraca, e era a festa do Calhariz, por isso já não cheguei aqui a horas. E hoje de proposito não quiz ir de manhã para não causar perturbação nas tuas horas. E como sei que estás bôa, irei ás horas do costume, de tarde. Trouxe-te de Cintra a perna de vitella, a manteiga e as queijadas que te mandei logo de manhã. A vitella é preciso comêl-a já antes que se perca com o calôr que faz.— Agora te mando uns pêcegos que me

encarregou a avó, e um frasquinho de vidro azul que disseram que era presente da pequena da feira do Calhariz, que foi hontem. — Já sei que te confessaste pela festa de Nossa Senhora, o que muito estimo.—Parece-me que a esmola do sermão da Santa não deve ser menos de um soberano. E mais não podemos nós dar, que sômos pobres; mas devemos ser honradamente pobres: o que não é façanha, antes o contrario. Está insupportavel aqui n'esta Junqueira: o que não admira em quem vem de Cintra. Adeus minha querida filha, escusas responder; manda só dizer de bôcca pelo creado, como estás. Deus te abençôe. Teu pae *J. Baptista.*

*

4.ª feira 4.

Filha do meu coração. — Hontem á noite, apenas recebi a tua carta, escrevi esta que te mando hoje pelo cocheiro. Estou com alguma tosse, e bem sabes que não posso brincar com os defluxos, por isso não me atrevo a sair para te ir vêr. Mas fica certa, minha querida filha, que sempre que não vou é porque absolutamente não posso. Adeus. O José cocheiro leva a mezada do convento. A do teu bolsinho sou eu que t'a hei-de levar. E nada perdes n'isso. Adeus, minha filha, encommenda-me a Deus e tem saude, e Elle te abençôe, como lhe rogo de todo o meu coração.—Teu pae, que te ama *J. Baptista.*

P. S. Data sempre as tuas cartas e não ponhas em cima o Ill.^mo e Ex.^mo Sr., que é só bom para extranhos. Muitos usam isso de filhos para paes; mas a mim repugna-me que o uses commigo.

Mando-te papel para que me escrevas; e escusas fazer margem que já se não usa.

*

Sabbado 7.

Minha filha querida. — Ainda hoje não posso ir vêr-te, porque o dr., por cautella, me não deixa sair. Já não tenho tosse nem febre, e posso dizer que estou bom, graças a Deus. Mas são tam teimosas as constipações commigo, que dou razão ao dr. e me sujeito. Mando-te esta cartinha para que não tenhas cuidado, e tambem para o não ter eu sabendo noticias tuas. — Não poude revêr ainda o primeiro thema inglez nem mandar-te o segundo. porque me falta paciencia para tudo.—Adeus, filha querida da minha alma. Deus te abençôe, e te faça feliz para minha consolação. Hoje começam as pinturas da nossa casa nova que vae ficar linda. Apromptа-te de pressa para vir para ella fazer companhia a teu pae, que te ama e te abençôa.—*J. Baptista.*

*

Janeiro 26.

Querida filha da minha alma. — Vae a Emilia vêr-te, que m'o pediu, e por isso deixo para ámanhã a visita que pensei fazer-te hoje. — Aqui te mando a segunda lição de inglez: — E' pequena de proposito, para te não cansar. Estou morto por saber que tal foi a Lôa ou peça do Natal no domingo. Continúa, filha do meu coração, a cuidar assim divertindo-te com essas agradaveis e proveitosas distracções. — Que te não esqueças de tratar a tempo da tua primeira communhão, que já falta pouco para a quaresma.—Dá saudades e cumprimentos meus a essas senhoras. — E recebe tu as de teu pae e as benção de todo o coração. Peço a Deus que continue a velar sobre ti.

Mando-te pela Emilia dois bôlos celestes que me deram. São de Santarem. E eu não os podia comer se soubera que os não provas tu, querida filha da minha alma. —Adeus filha, até ámanhã. Teu pae, que te ama. — *João Baptista.*

*

Segunda feira.

Minha querida filha da minha alma. — Muito obrigado pelo teu cuidado.—Eu estive hontem em caminho para te ir vêr, mas absolutamente não poude chegar até lá com os embaraços que tive pelo caminho.—Esta semana sem falta me mudo para a tua visinhança e então terei a satisfação de te vêr todos os dias e de saber de ti. Os teus vestidos promettem-m'os para ámanhã. Duvido. Mando-te esses fructinhos, parte dos quaes veiu da Buraca.—Adeus filha da minha alma, dá muitos recados a essas senhoras, e Deus te abençôe, filha, como unicamente péde teu pae que te ama de todo o seu coração.—*J. Baptista.*

*

Que dates sempre
as tuas cartas.

Janeiro 3 de 54.

Querida filha de minha alma.—N'este momento recebo a tua cartinha que me deu infinito gosto; e na incerteza de se poderei ir vêr-te ámanhã, te escrevo já, e ou por creado ou pelo correio te mandarei noticias minhas e a lembrança das infinitas saudades que tenho de ti, minha adorada filha.—Agradeço-te e mandarei o thema, que alguns erros traz, não ha duvida, porém muitos menos do que era de esperar no primeiro. Se podér, ámanhã o emendo, e t'o restituo, e juntamente te mandarei o segundo em portuguez para continuares n'este exercicio tam proveitoso. — Eu, se não podér ir ámanhã quarta feira, sem falta vou vêr-te na quinta. —Saberás que estão aqui os primos Menezes (saloios), e que eu dei á minha afilhada aquelle alfinetinho que te deu a sr. Kruss, por não ter outra cousa que lhe dar. No que

tu nada perdes, querida filha, porque t'o pagarei com outro muito melhor quando for tempo.—Que te appliques, minha filha, que estudes, e que sejas sempre boa e temente a Deus. E cuida da tua saude, e dize-me se tiveres qualquer cousa. E toma cautela com estes frios e humidade Eu tenho estado muito constipado, mas estou melhor: e do meu pé doente posso dizer quasi que estou bom de todo.—Se podér ser, fala com o portador, que é o famoso João-Gallego a quem sempre vou aturando — para que elle te veja e me diga que te achou boa. Talvez seja porém o cocheiro; mas a qualquer que seja estimarei que lhe fales.—E não é preciso escreveres muito, bastam duas regras para me dar satisfação e me provar que estás boa.—Deus te cubra de bençãos, filha de minha alma e tenha de sua mão a tua alma e o teu coração. Recommenda-me a essas senhoras. Deus te abençôe filha.—Teu pae, que te ama.—*J. Baptista.*

*

Domingo de junho, 54.

Minha filha adorada de minha alma.—Não posso ir vêr-te hoje: o que amargamente sinto; para te vêr e para saber com exactidão como vae esse excommungado *resto de tosse* que tam teimoso tem sido. Deus queira que me possas dizer *com verdade bem verdade*, que de todo estás livre d'ella.—Aqui te mando 4 soberanos, para d'elles pagares a tua pensão no convento e a despeza com a limpeza da casa. Se não chegar dize que um dia d'estes lá vou levar a differença. — Tambem te mando um bilhete aberto para Antonio Joaquim (o cunhado do Barão) para elle fazer favor de entregar a quem levar os trastes que o anno passado deixei nos *telheiros* da Ajuda. Elle já lá está estabelecido ha tempos e sabe que trastes são. Portanto o mesmo creado do convento que tem ajudado á limpeza, os póde fazer conduzir levando comsigo os homens que forem precisos e collocando os ditos trastes na casa ao pé de ti.

Fragmento de uma carta dirigida á avó de sua filha D. Maria Adelaide de Almeida Garrett

Terça feira de manhã.

Espero que o João não fizesse o que ás vezes lhe succede que é esquecer-se dos meus recados ou não os dar bem certos. Não tenho podido responder ao seu bilhete, porque hoje é o primeiro dia de saude que tenho ha quinze dias: e custou-me muito não poder escrever logo para que não interpretasse mal o meu silencio. Acredite minha senhora, que não ha hoje n'este mundo ninguem a quem eu tenha a amisade sincera e verdadeira que lhe tenho. Desde que perdi as duas pessoas que eu só verdadeiramente amei—a minha Adelaide e minha mãe—quasi no mesmo tempo—o amor á minha querida filha é a unica coisa que me prende á vida. A minha maior, a minha unica felicidade hoje era estar a todas as horas, a todos os momentos com ella,—e vêl-a na companhia de sua avó e de sua tia. Assim me fosse permittido gosar essa felicidade. Mas um encadeado de circumstancias que não está na minha mão desfazer me impedem de fazer o meu gosto e de ter essa unica felicidade a que eu aspiraria.—Quando as vejo no theatro por acaso, que é a unica parte onde tenho essa satisfação, nunca deixam de me vir as lagrimas aos olhos... Creia-me; que é bem desinteressado o que lhe digo; bem o vê.—Nunca!—E ponho-me a imaginar se eu visse alli a minha filha entre as duas, como eu ficaria contente e feliz e como descansaria dos continuos sustos e cuidados em que vivo.—Olhe, minha senhora, ella vae a toda a parte onde eu vou. Casa onde eu receie que a não tratem com carinho e *respeito* (porque eu exijo que seja com *respeito* tambem) deixei-a, abandonei-a por mais festas e convites que me façam. E tenho estreitado as minhas immensas relações a poucas familias de amigos mais intimos só por amor d'isso, porque onde minha filha não vae, não vou eu.—Até algumas pessoas attribuiram isto a coisas politicas: que não é, porque eu ponho de parte a politica nas minhas ligações de amisade e vivo com as pessoas dos mais oppostos partidos; mas onde não sei com certeza que a minha filha será recebida como deve ser, quebro pouco a pouco com a amisade.—Aqui vê que não tenho outro pensamento, nem outro amor, nem outro cuidado.—Acho-lhe rasão no que diz que ella está tanto com criados. Mas que lhe hei-de eu fazer? Dê-me um remedio para isso; estou por tudo o que me indicar, comtanto que isso me não prive de a ter sempre debaixo dos meus immediatos cuidados, porque tenho certeza que a isso devo tel-a viva, e ir-se melhorando a sua tam debil constituição.—Pel as não privar de a verem, não a levei para o Porto. Hoje estimo não o ter feito, porque me desenganei que precisa de mim e de olhar eu sempre por ella, porque coisas que n'outra criança importam pouco, n'esta querida filha são de dar cuidado e precisam atalhadas e attendidas logo. Emfim, minha senhora, é uma criança que eu em consciencia não posso nem devo deixar um dia sem a ter debaixo dos meus olhos.—Ha dois mezes que a vi só uma vez! Paciencia! Entre os muitos crimes por que

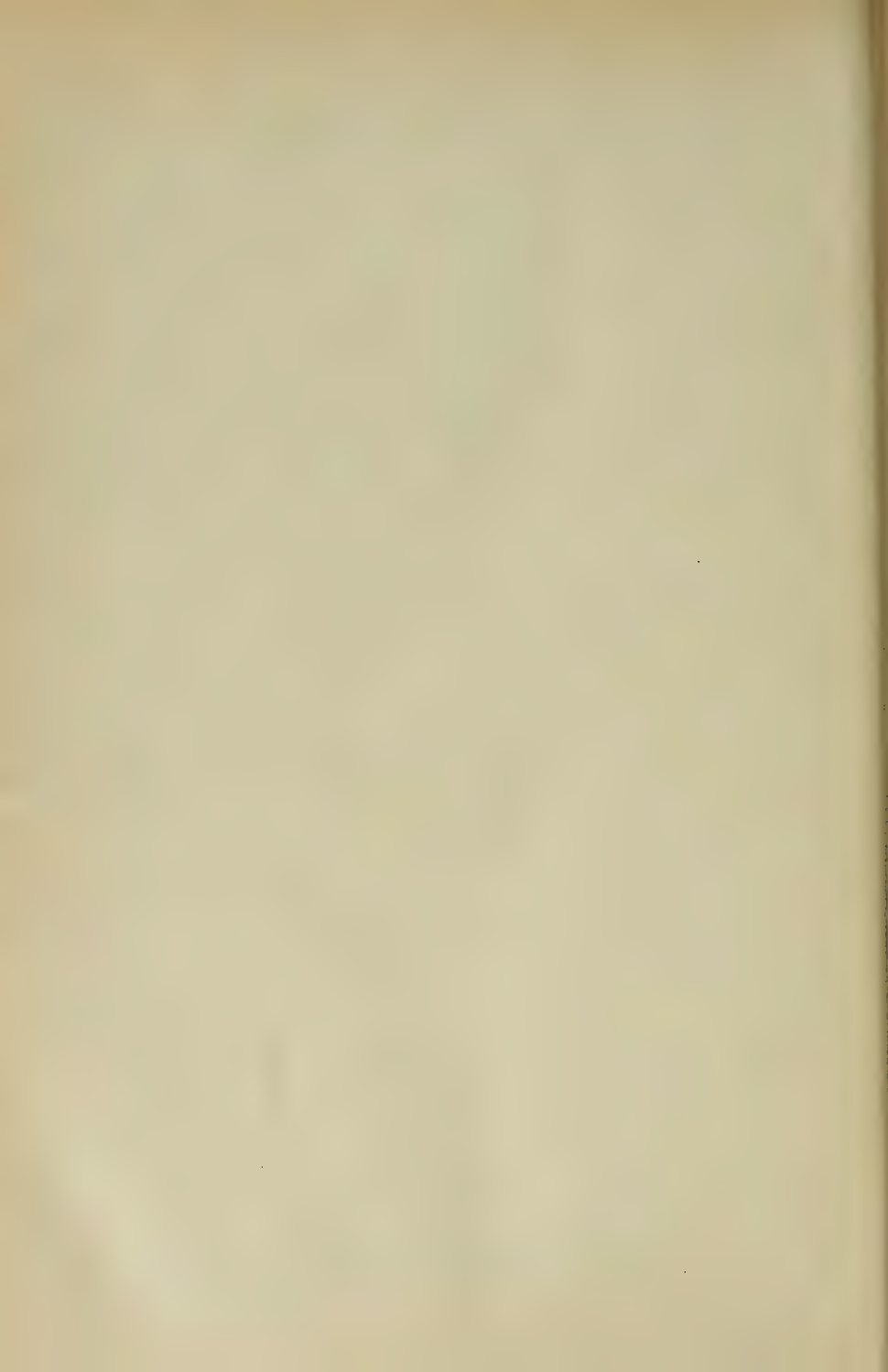
esta gente tem de responder um dia quando Deus quizer, este não é o menor. Mas sem a vêr, eu tenho os olhos n'ella sempre; e n'esta perigosissima doença de que agora escapou, graças a Deus — teve sempre ao pé de si o meu amigo B. de Almeida — que é quem a salvou, depois de Deus.– Mas veja: eu mesmo me privo de a vêr agora que está no resto da convalescença, porque o Barão não dá licença que ella sáia senão a certas horas, de sege e sem parar, e quando o tempo está sereno. – Como ha de ella ir para sua casa, e muito menos ir ao campo, vir de noite, ou quasi, e mil outras coisas? E' impossivel, creia; era matal-a; era sacrificar a um mero gostinho a saude da pobre innocente.—Depois, a sua casa ainda é peior do que a minha em ponto de abrigo, e a minha já é tam má que só por amor d'isso não fico n'ella outro semestre. —Quando o tempo aquecer, se fossem estar uma semana ou coisa assim no campo, estando ella bem restabelecida, deixava-a ir, ainda que muito me custasse; mas isto são castellos no ar. Bem sabe que não vão nunca senão por um dia ou dia e meio, o muito. —Em casa sei que se cumpre á risca o que manda o Barão, e por isso descanço, quanto é possivel descançar, que não é inteiramente; mas emfim, que remedio!— Em eu voltando para casa hei de vêr se vou estar uns dias fóra da terra com ella. Se eu descobrisse uma familia capaz, onde eu pagasse uma pensão e lhe tivesse uma criada (bem entendido que eu pagasse tambem) e onde eu podesse ir todos os dias, talvez me resolvesse a pôl-a lá e poderiam as senhoras ir vêl-a [1]...

TESTAMENTO DE GARRETT

Declaro ter sempre vivido e querer morrer no seio da santa madre egreja catholica apostolica romana. Entrego minha alma a Deus, confio na sua misericordia, e espero a bemaventurança pelos infinitos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo. Por este meu testamento, que faço em meu perfeito juizo e em estado de saude, quero instituir, e com effeito instituo, minha universal herdeira a minha filha unica D. Maria Adelaide de Almeida Garrett. Declaro, como já declarei por escriptura pública e por muitos actos solemnes, que, depois de cinco annos separado de minha mulher, houve esta filha de uma donzella honesta, hoje fallecida, cujo nome occulto por consideração e respeito para com sua memoria, e porque essa unica fraqueza em sua vida recatada e exemplar, terá merecido a esta hora a suprema indulgencia, assim como deve merecer a dos homens. Minha filha D. Maria Adelaide de Almeida Garrett, por mim reconhecida, e com o consentimento unanime de todos os meus parentes, segundo as leis e estylos d'estes reinos, e por carta de legitimação de sua magestade, haverá tudo o que é meu e de que posso dispôr, bens moveis, e de raiz, direitos e acções, e nomeadamente a propriedade de todas as minhas Obras, já impressas ou ainda ineditas, por todos os trinta annos que a lei a garante, depois de minha morte; a qual propriedade não cedi nem cederei a ninguem outro, nem fiz, ou farei sobre ella contracto algum, senão se for pelo tempo de minha vida. A' mesma minha filha unica e legitimada, declaro outrosim pertencer a segunda vida que sua magestade se dignou conceder-me no titulo que unicamente acceitei por esta causa, e por dar assim uma ajuda de dote a minha filha, a quem pouco tenho que deixar de bens materiaes, porque tenho gasto a minha vida e as forças do meu espirito no serviço da nação e do rei, e não pude grangear fortuna propria. Declaro e protesto que tendo muito, e mui instantemente supplicado para que me não obrigassem a acceitar para mim a primeira vida do titulo, e para que esta desde logo se verificasse na dita minha filha, não pude conseguil-o. Confio na bondade e indulgencia da soberana, que não permittirá que sejam visitados na filha innocente os erros e os peccados do pae. Nomeio meus testamenteiros aos srs. D. Pedro Pimentel Brito do Rio, par do reino, e Carlos Krus, negociante d'esta praça. Deixo e nomeio por tutor á dita minha filha, quanto por direito melhor possa, ao sr. Joaquim Larcher, par do reino, e em sua falta ao primeiro testamenteiro nomeado, e em falta d'elle ao segundo. E quando se não entenda caberem em direito estas nomeações, recommendo e peço ao conselho de familia, ou a quem competir, no caso que seja a legislação alterada, que as confirmem e auctorisem ou revalidem. Não me lembra dever nada a ninguem, mas recommendo a minha filha que satisfaça pontualmente quaesquer pequenas dividas que se mostrar não estarem por mim saldadas. Tambem lhe encarrego de interpôr na se-

[1] Interrompem-se aqui as cartas a D. Maria Adelaide de Almeida Garrett por uma deploravel inintelligencia da pessoa que hoje, sem ser parente da familia de Garrett, se acha de posse d'esses documentos litterarios. Quando copiámos as cartas por generosa concessão de Eduardo Costa, herdeiro do Dr. Carlos Guimarães, viuvo da filha de Garrett, fomos surprehendidos com o desgosto do seu fallecimento. e em seguida forçados á entrega dos autographos com que pretendiamos enriquecer a obra do genial Poeta, talvez pelo receio de ir prejudicar o seu valor venal. (*Da Empreza Editora*).

cretaria d'estado dos negocios estrangeiros a quantia de tres moedas de oiro, ou 14$400 réis, que segundo meus assentos particulares vejo terem ficado em meu podêr de quando fui ministro d'aquella repartição, em 1852; e a qual somma tenho um certo pejo de restituir agora, não o tendo feito quando deixei o cargo por ignorar que devia. Deixo o encargo pio de doze missas por minha alma e dos meus. A saber: tres que se dirão na minha freguezia que for á occasião de minha morte; tres na egreja do convento da Madre de Deus, em Lisboa, no altar de Nossa Senhora d'aquella invocação, e que serão applicadas por minha alma, pela da mãe de minha filha, mais tres missas na egreja do convento de Santo Antonio dos Capuchos, da cidade de Angra na ilha Terceira, e não existindo já aquella egreja, no altar do Senhor Jesus, não me lembra de que invocação, mas é a segunda capella do lado do evangelho, e onde meu pae costumava sempre ouvir missa nos ultimos annos de sua vida, na sé de Angra: estas tres missas serão applicadas por alma de meu pae, de minha mãe e de meu tio bispo, e pelas de meus irmãos fallecidos: as ultimas tres missas serão ditas no Porto na freguezia de Santo Ildefonso, em que fui baptisado. Além d'estes encargos, deixo recommendado a minha filha o cumprimento de alguns outros legados, que, se Deus me conceder vida, lhe ficarão explicados, ou em codicillos ou em cartas particulares, que, por me confiar em sua lealdade e amor, terão para ella a mesma obrigação. Encommendando de novo a minha alma ao Deus Todo Poderoso, que me creou, e a minha memoria aos meus concidadãos, que sempre amei e sempre quiz servir, dou por concluido e conclúo assim o meu testamento, que desejo se cumpra como é minha ultima vontade. Feito em Lisboa, aos 9 de junho de 1853.=*João Baptista de Almeida Garrett — Visconde de Almeida Garrett.*

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE GERAL

INDICE GERAL

DAS

OBRAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

SECÇÃO III — PROSA

PARTE I ROMANCES: O ARCO DE SANT'ANNA HELENA — VIAGENS NA MINHA TERRA

O ARCO DE SANT'ANNA

HELENA

VIAGENS NA MINHA TERRA

PARTE II — ESTUDOS PEDAGOGICOS, POLITICOS, LITTERARIOS, MEMORIAS BIOGRAPHICAS —VIAGENS E IMPRESSÕES

TRATADO DE EDUCAÇÃO

BOSQUEJO DA HISTORIA DA POESIA E LINGUA PORTUGUEZA

OUTROS ESCRIPTOS LITTERARIOS

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

VIAGENS E IMPRESSÕES

PARTE III — POLITICA — REFLEXOES E OPUSCULOS — CORRESPONDENCIA DIPLOMATICA — DISCURSOS PARLAMENTARES

PORTUGAL NA BALANÇA DA EUROPA

CORRESPONDENCIA DIPLOMATICA — DISCURSOS PARLAMENTARES

PARTE IV — CARTAS INTIMAS